



# O Novo

COMENTÁRIO

BÍBLICO

ANTIGO

TESTAMENTO

com recursos adicionais

*A Palavra de Deus ao alcance de todos*

*Editores*

Earl D. Radmacher ▪ Ronald B. Allen ▪ H. Wayne House



# O NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO ANTIGO TESTAMENTO

---

com recursos adicionais

---

*A Palavra de Deus ao alcance de todos*

*Editores*

Earl D. Radmacher ▪ Ronald B. Allen ▪ H. Wayne House





REIS BOOK'S DIGITAL

# O NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO ANTIGO TESTAMENTO

---

com recursos adicionais

---

*A Palavra de Deus ao alcance de todos*

Earl D. Radmacher  
*Doutor em Teologia / Editor Geral*

Ronald B. Allen  
*Doutor em Teologia*  
*Editor do AT*

H. Wayne House  
*Doutor em Teologia e Direito*  
*Editor do NT*



Copyright 1999 por Thomas Nelson, Inc.  
Copyright 2009 por Editora Central Gospel

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Título original: *New Illustrated Bible Commentary –  
Spreading the light of God's Word into your life*

Título em português: *O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais  
— A Palavra de Deus ao alcance de todos.*

Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House

Rio de Janeiro: 2010

1472 páginas

ISBN: 978-85-7689-127-7

**1. Bíblia – Comentário bíblico I. Título II.**

**Gerência Editorial**

Jefferson Magno Costa

**Coordenação do projeto**

Patrícia Nunan

**Tradução**

Bruno Destefani

Eduardo M. Oliveira

Hivana Malafaia

Núria Soares

Patrícia Aguiar

Roberto Alves

Simone Campos

Valéria Lamim Delgado

**Cotejamento, pesquisa e revisão**

Andréa Ribeiro

Célia Nascimento

Claudia Lins

Joseane Cabral

Josemar Pinto

Judson Canto

Mike Martinelli

Nilda Nunes

Patrícia Calhau

Patrícia Nunan

Reginaldo de Souza

Rosa Maria Ferreira

Rosana Brandão

Tatiane Souza

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

Joede Bezerra

**Impressão e acabamento**

Prol Gráfica

**1ª edição: janeiro/2010**

Os textos bíblicos utilizados neste comentário foram os da Versão Almeida Revista e Corrigida (ARC). Eventualmente, foram comentados palavras e expressões da Almeida Revista e Atualizada (ARA), da Nova Versão Internacional (NVI), da New King James (NKJ) e outras versões assinaladas, sempre com o fim de ampliar o entendimento dos leitores a respeito de aspectos importantes dos textos originais da Palavra de Deus.

É proibida a reprodução total ou parcial do texto deste livro por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos etc), a não ser em citações breves, com indicação da fonte bibliográfica.

Este comentário está de acordo com as mudanças propostas pelo novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigor a partir de janeiro de 2009.

Editora Central Gospel Ltda  
Estrada do Guerenguê, 1851 - Taquara - Rio de Janeiro - RJ  
Tel. (21) 2187-7000 • [www.editoracentralgospel.com](http://www.editoracentralgospel.com)

---

# COLABORADORES

---

Ronald B. Allen, Th. D.  
Ray Bakke, D. Min., Th. D.  
Calvin Beisner, Th. D.  
Barry J. Beitzel, Ph. D.  
Darrel Lane Bock, Ph. D.  
James Borland, Th. D.  
Dick Chewning, Ph. D.  
Robert B. Chisholm Jr. Th. D.  
Michael G. Cocoris, D.D.  
Ronald Dennis Cole, Th. D.  
Joseph Edward Coleson, Ph. D.  
W. Robert Cook, Th. D.  
Sue Cotten  
Barry C. Davis, Ph. D.  
Darryl DelHoussaye, D. Min.  
Gary Wayne Derickson, Ph. D.  
Joseph C. Dillow, Th. D.  
Duane Arthur Dunham, Th. D.  
David J. Eckman, Ph. D.  
Stanley A. Ellisen, Th. D.  
Arthur L. Farstad, Th. D. (in memoriam)  
Dietrich Gruen, M. Div.  
Pete Hammond, M. Div.  
William Hendricks, M. A., M. S.  
H. Wayne House, Th. D., J. D.  
David M. Howard Jr., Ph. D.

Thomas Ice, Ph. D.  
S. Lewis Johnson Jr., Th. D.  
Sharon Johnson, D. B. A.  
Walter C. Kaiser Jr., Ph. D.  
Deborah Jane Kappas, Th. M.  
J. Cari Laney, Th. D.  
Donald H. Launstein, Th. D.  
Asa Boyd Luter Jr., Ph. D.  
Walter Creighton Marlowe, Ph. D.  
Eugene H. Merrill, Ph. D.  
Bruce M. Metzger, Ph. D.  
Thomas Kem Oberholtzer, Th. D.  
Gregory W. Parsons, Th. D.  
Dorothy Kelley Patterson, D. Min., Th. D.  
Richard D. Patterson, Ph. D.  
Susan Perlman  
Earl D. Radmacher, Th. D.  
Neil Rendall, B. Div.  
Moishe Rosen  
Ray C. Stedman, D. D (in memoriam)  
Clinton Stockwell, Ph. D., Th. D.  
Stanley D. Toussaint, Th. D.  
Willem VanGemeren, Ph. D.  
Bruce K. Waltke, Ph. D., Th. D.  
John F. Walvoord, Th. D., D. D., Litt. D.

# ABREVIATURAS

Livros da Bíblia				Outras abreviaturas	
Antigo Testamento		Novo Testamento			
Gn	Gênesis	Mt	Mateus	a.C.	antes de Cristo
Êx	Êxodo	Mc	Marcos	d.C.	depois de Cristo
Lv	Levítico	Lc	Lucas	c. [circa]	Aproximadamente, por volta de
Nm	Números	Jo	João	comp.	comparar
Dt	<i>Deuterônimo</i>	At	Atos dos Apóstolos	cap.	Capítulo(s)
Js	Josué	Rm	Romanos	ed.	editado, edição, editor
Jz	Juízes	1 Co	1 Coríntios	ex.	exemplo
Rt	Rute	2 Co	2 Coríntios	gr.	grego
1 Sm	1 Samuel	Gl	Gálatas	hb.	hebraico
2 Sm	2 Samuel	Ef	Efébios	ibid.	ibidem, no mesmo lugar
1 Rs	1 Reis	Fp	Filipenses	i.e.	id est, isto é
2 Rs	2 Reis	Cl	Colossenses	lit.	Literal, literalmente
1 Cr	1 Crônicas	1 Ts	1 Tessaioncenses	NT	Novo Testamento
2 Cr	2 Crônicas	2 Ts	2 Tessalonicenses	AT	Antigo Testamento
Ed	Esdras	1 Tm	1 Timóteo	p.	página, páginas
Ne	Neemias	2 Tm	2 Timóteo	trad.	tradução, tradutor, traduzido
Et	Ester	Tt	Tito	vol.	volume
Jó	Jó	Fm	Filemom	v.	versículo, versículos
Sl	Salmos	Hb	Hebreus		
Pv	Provérbios	Tg	Tiago		
Ec	Eclesiastes	1 Pe	1 Pedro		
Ct	Cantares	2 Pe	2 Pedro		
Is	Isaías	1 Jo	1 João		
Jr	Jeremias	2 Jo	2 João		
Lm	Lamentações	3 Jo	3 João		
Ez	Ezequiel	Jd	Judas		
Dn	Daniel	Ap	Apocalipse		
Os	Oséias				
Jl	Joel				
Am	Amós				
Ob	Abadias				
Jn	Jonas				
Mq	Miquéias				
Na	Naum				
Hc	Habacuque				
Sf	Sofonias				
Ag	Ageu				
Zc	Zacarias				
Ml	Malaquias				

---

# UM TIPO DIFERENTE DE COMENTÁRIO BÍBLICO

---

**T**odas as pessoas que leem a Bíblia têm o desejo saber mais sobre o que há nas Escrituras e entendê-la melhor. Diversos tipos de materiais de apoio vêm sendo desenvolvidos para atender a este propósito, embora a maior parte deles seja focada em categorias específicas de informação — *atlas*, mapas para o estudo de rotas; *dicionários*, para a perfeita compreensão das palavras; ou *livros* que tratam de temas específicos da Bíblia. No entanto, para um entendimento global e o estudo geral da Bíblia, a melhor fonte de informação é um comentário bíblico.

Os comentários podem ser de diversos tipos e são encontrados em uma grande variedade de formatos e tamanhos, desde aquele que foi publicado em apenas um volume até o que possui sessenta volumes. Infelizmente, eles também têm um estigma negativo, pelo menos para pessoas não muito esclarecidas. Basta citar a palavra *comentário* para pessoas leigas, e ouvirá algumas o classificarem de *longo*, *áspero*, *chato*, ou *confuso*. Isto porque muitos comentários são escritos e desenvolvidos para estudiosos e especialistas, e cumprem bem o seu objetivo de fornecer informações especializadas, específicas e detalhadas para teólogos e eruditos. Contudo, se você não pertence a este grupo de

elite, os comentários podem deixá-lo um tanto intimidado.

O *Novo Comentário Bíblico AT e NT com recursos adicionais* é diferente dos comentários tradicionais. Isto porque, desde a concepção até a produção final, ele foi projetado e desenvolvido para o público em geral — tanto para pessoas comuns que querem enriquecer seus conhecimentos acerca da Bíblia e da cultura antiga, como para estudantes da Bíblia, professores de escola dominical e líderes que trabalham com estudos bíblicos. A linguagem é clara, direta e acessível, não deixando a desejar em relação a nenhuma outra obra do gênero.

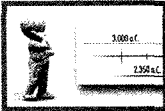


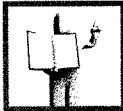





Mais de 50 renomados estudiosos contribuíram para este estudo, que é compacto e completo, com considerações importantes sobre cada versículo bíblico ou grupo de versículos, os personagens principais das narrativas bíblicas, questões e temas que continuam atuais e relevantes até hoje. É um comentário atraente e agradável, com informações extras e mapas, que tornam ainda mais fácil a compreensão dos fatos e das rotas seguidas por homens e mulheres de fé, que foram guiados por Deus rumo ao propósito maior que Ele tinha para a vida de cada um.

Ao longo dos comentários, há vários boxes com informações extras sobre a cronologia de cada livro bíblico, os principais assuntos abordados



em cada livro, a origem e o significado de palavras-chave nos versículos, e artigos classificados

de acordo com os tipos de assuntos abordados. Essas seções seguem a classificação a seguir:

	<p><b>LINHA DO TEMPO</b></p> <p>Esclarece a cronologia de cada livro da Bíblia, permitindo ao leitor perceber cada um em seu contexto histórico.</p>		<p><b>APLICAÇÃO</b></p> <p>São artigos que enfatizam a aplicação dos princípios bíblicos na vida do leitor. Assim, este pode colocar a Palavra de Deus em ação na sua vida.</p>
	<p><b>ESBOÇO</b></p> <p>Contem tópicos com os principais assuntos abordados em cada livro bíblico.</p>		<p><b>ENTENDENDO MELHOR</b></p> <p>São artigos que descrevem como os fatores culturais têm relação com acontecimentos bíblicos. Este tipo de análise dos tópicos permite ao leitor entender um pouco mais sobre mundo bíblico.</p>
	<p><b>EM FOCO</b></p> <p>Contém estudos sobre a origem das palavras que ajudam o leitor a compreender o que as expressões originais, em grego ou hebraico querem realmente dizer.</p>		<p><b>COMPARE</b></p> <p>Nesta seção, são apresentados quadros e tabelas para que o leitor possa reconhecer a relação entre pessoas e eventos de forma rápida e fácil.</p>
	<p><b>VOCÊ SABIA?</b></p> <p>Contém informações úteis e relevantes a respeito de certos aspectos que estão sendo abordados no texto bíblico.</p>		<p><b>PERFIL</b></p> <p>São estudos da personalidade e do caráter dos protagonistas bíblicos, a fim de que o leitor possa percebê-los de forma mais profunda.</p>
	<p><b>APROFUNDE-SE</b></p> <p>Contém informações teológicas e históricas que ajudam o leitor a entender melhor as passagens bíblicas.</p>		

Além de todos esses recursos, antes dos comentários por capítulo e versículo, há uma útil introdução de cada livro da Bíblia, informando sobre a autoria, a possível data em que foi escrito e outros fatos relevantes. Também há mapas, que estão distribuídos ao longo de toda a obra, e *artigos essenciais*, no início desta obra, que oferecem uma rica visão do Antigo e do Novo Testamento, assim como esclarecimentos sobre os principais temas e doutrinas bíblicas.

Ao fim dos comentários do Antigo Testamento, antes de serem iniciados os comentários sobre o Novo Testamento, há um artigo especial que ajudará o leitor a entender melhor os *400 anos do*

*período intertestamentário*. E, no final da obra, existe um apêndice, com duas seções com artigos relevantes sobre a *arqueologia bíblica* e a *história da Igreja*. Por fim, há uma extensa bibliografia, com outras excelentes fontes de consulta, para você aprofundar seus estudos.

Que *O novo comentário bíblico AT e NT, com recursos adicionais*, que é único no mercado, seja útil na vida de cada estudante da Bíblia, permitindo que a fé esteja aliada à verdade e à razão, a fim de que a Palavra de Deus ilumine todo o seu caminho, produzindo vida, saúde e crescimento em todos os sentidos!

---

# SUMÁRIO

---

Índice de artigos . . . . .	xi
Índice dos mapas . . . . .	xviii

## **Artigos essenciais**

---

Um olhar sobre o Antigo Testamento . . . . .	xxi
Temas da Bíblia . . . . .	xxv
A teologia e suas áreas de estudo das doutrinas nas Escrituras . . . . .	xxx
A Trindade na Bíblia . . . . .	xxxv
A doutrina da salvação . . . . .	xxxix
Como chegamos à Bíblia de hoje? . . . . .	xliii

## **Comentário do Antigo Testamento**

---

Gênesis . . . . .	3
Êxodo . . . . .	117
Levítico . . . . .	201
Números . . . . .	261
Deuteronômio . . . . .	307
Josué . . . . .	361
Juízes . . . . .	401
Rute . . . . .	441
1 Samuel . . . . .	451
2 Samuel . . . . .	503
1 Reis . . . . .	553

2 Reis . . . . .	593
1 Crônicas . . . . .	633
2 Crônicas . . . . .	679
Esdras . . . . .	725
Neemias . . . . .	743
Ester . . . . .	767
Jó . . . . .	781
Salmos . . . . .	821
Provérbios . . . . .	947
Eclesiastes . . . . .	989
Cantares de Salomão . . . . .	1007
Isaías . . . . .	1019
Jeremias . . . . .	1111
Lamentações . . . . .	1197
Ezequiel . . . . .	1209
Daniel . . . . .	1273
Oséias . . . . .	1297
Joel . . . . .	1313
Amós . . . . .	1321
Obadias . . . . .	1337
Jonas . . . . .	1343
Miquéias . . . . .	1353
Naum . . . . .	1365
Habacuque . . . . .	1371
Sofonias . . . . .	1379
Ageu . . . . .	1385
Zacarias . . . . .	1391
Malaquias . . . . .	1409

---

# ÍNDICE DE ARTIGOS



## APLICAÇÃO

(Boxes de artigos que enfatizam a aplicação prática dos princípios bíblicos)

O pecado é uma escolha . . . . .	17	Seguindo ao Senhor, mas não de todo o coração . . . . .	706
O trabalho é uma maldição? . . . . .	19	Os princípios de liderança com base em Neemias - Parte I . . . . .	746
De Babel ao Pentecostes: da dispersão para a união . . . . .	36	Os princípios de liderança com base em Neemias - Parte II . . . . .	749
A herança de Sodoma e Gomorra . . . . .	56	Os princípios de liderança com base em Neemias - Parte III . . . . .	752
Matar meu próprio filho? . . . . .	62	Os princípios de liderança com base em Neemias - Parte IV . . . . .	754
Quando menos esperamos... . . . . .	83	Os princípios de liderança com base em Neemias - Parte V . . . . .	758
O pecado pode ser transmitido através das gerações. . . . .	90	A vida eterna . . . . .	798
Autoridade benéfica . . . . .	132	A justiça de Deus . . . . .	807
A mordacidade do sarcasmo . . . . .	141	O pecado da luxúria . . . . .	809
Princípios práticos de liderança . . . . .	161	Deus, o Juiz . . . . .	831
Santifique-o . . . . .	166	Como conhecemos Deus . . . . .	840
A beleza na adoração . . . . .	177	Deus e o pobre . . . . .	854
A glória do Senhor . . . . .	192	Reação ao sofrimento . . . . .	856
Leve o pecado a sério. . . . .	205	À sombra das asas de Deus. . . . .	877
Restituindo . . . . .	212	Olhando para trás. . . . .	913
Um lugar onde há o perdão . . . . .	238	Mostrar o caminho . . . . .	925
Um padrão definitivo . . . . .	244	Buscando o bem de todos . . . . .	928
Deus falou com você!. . . . .	264	Responsabilidade dos pais . . . . .	953
A bênção do Sábado . . . . .	321	Animais e seus direitos . . . . .	961
O Deus que dá a riqueza . . . . .	327	Entre pais e filhos. . . . .	967
A religião do <i>faça-você-mesmo</i> . . . . .	332	Falar à toa . . . . .	972
Tormento e lágrimas em Boquim . . . . .	408	Disciplinando os filhos . . . . .	973
Determinando a vontade de Deus. . . . .	418	A vida debaixo do sol . . . . .	993
Superando um começo difícil. . . . .	425	Quatro vantagens do companheirismo . . . . .	998
O cântico de Ana: louvando ao Senhor . . . . .	457	A velhice alcança todos. . . . .	1006
Quem é <i>chamado</i> ? . . . . .	462	Um vácuo na liderança — Crise pública . . . . .	1027
O desejo por resultados . . . . .	475	Cuidado com os conselhos. . . . .	1038
O penhor da aliança. . . . .	493	A terra arrasada. . . . .	1055
Dando origem a contratospos . . . . .	511	Para que essa pressa? . . . . .	1062
A orientação final de um pai . . . . .	559	Justiça no deserto . . . . .	1064
Tudo do bom e do melhor. . . . .	564	Deus ajuda o jovem em perigo . . . . .	1072
Uma casa de oração para <i>todos os povos da terra</i> . . . . .	570	Os perigos da língua . . . . .	1089
O azeite da viúva . . . . .	600	Adoração e serviço . . . . .	1098
Chamado para prestar contas . . . . .	612	Evangelismo por meio do arrependimento . . . . .	1121
O perigo das relíquias . . . . .	621	Em que direção você está seguindo? . . . . .	1130
O valor do jejum . . . . .	648	Pecado é pecado . . . . .	1135
Mais tremendo que todos os deuses . . . . .	659	Todo mundo faz! . . . . .	1176
Reavivamento nacional. . . . .	692	Palavras de julgamento, Palavras de Esperança . . . . .	1187

O perigo de se ignorar as consequências . . . . .	1200	Cidades de refúgio . . . . .	305
A misericórdia de Deus — nossa única esperança . . . . .	1204	Uma nova cultura . . . . .	330
Satisfação pela ruína dos ímpios! . . . . .	1205	Mentir . . . . .	367
Então vocês saberão! . . . . .	1221	Ai . . . . .	378
A tragédia derradeira . . . . .	1225	Milagres . . . . .	385
Ocultando segredos . . . . .	1231	A ascensão e o governo de Davi . . . . .	455
A reputação divina em jogo . . . . .	1239	O rei de Israel . . . . .	468
Alguém que se colocasse na brecha . . . . .	1243	O gabinete de Davi . . . . .	522
A santidade não fica restrita a um lugar . . . . .	1267	O reino dividido . . . . .	576
Tome a posição certa! . . . . .	1277	O fim da fome . . . . .	577
Nuvem de fé . . . . .	1306	Davi em Hebrom . . . . .	650
Desviado por mentiras . . . . .	1325	Os siros . . . . .	665
Uma nação perde sua consciência . . . . .	1327	O templo de Salomão . . . . .	684
Marcas da verdadeira espiritualidade . . . . .	1362	O Adversário . . . . .	786
Questionar Deus . . . . .	1374	Idolatria do sol e da lua . . . . .	810
Vivendo pela fé . . . . .	1376	A chave para entender os Salmos . . . . .	824
O aviso de Deus . . . . .	1382	Deus sente ódio? . . . . .	829
As prioridades em primeiro lugar . . . . .	1388	Salmos de lamentação . . . . .	837
Lembrar-se do passado, mas encarar o presente . . . . .	1389	Ventos leste, oeste, norte e sul . . . . .	866
Jejum para os emergentes . . . . .	1400	Lições de música . . . . .	872
Adivinhação, uma ilusão perigosa . . . . .	1404	Deuses: demônios ou juízes? . . . . .	894
Deslealdade no casamento . . . . .	1414	Salmos reais . . . . .	904
Roubando a Deus, roubando aos pobres . . . . .	1415	Salmos messiânicos . . . . .	918
		Salmos de Páscoa . . . . .	919
		Pelos rios de Babilônia . . . . .	937
		Que tipo de sabedoria? . . . . .	950
		Instruir a criança . . . . .	980
		O doce aroma do amor . . . . .	1011
		A ira de Deus traz a paz . . . . .	1042
		O propósito das profecias . . . . .	1085
		O Novo Concerto . . . . .	1170
		Dispersão e Reunião . . . . .	1229
		Prestação de contas . . . . .	1236
		Pastores . . . . .	1256
		Medindo o futuro . . . . .	1263
		A Trindade no Antigo Testamento . . . . .	1281
		De volta a Baal . . . . .	1310
		O Dia do Senhor . . . . .	1317
		Por que Nínive se arrependeu . . . . .	1351
		O Rei que está chegando . . . . .	1402
		Sacrifícios sem valor . . . . .	1412



### APROFUNDE-SE

(Boxes com artigos com informações teológicas e históricas)

Temas similares na Bíblia . . . . .	7
O dia de descanso . . . . .	12
Deus como o Criador . . . . .	15
A aliança com Noé . . . . .	31
A aliança abraâmica . . . . .	47
Circuncisão . . . . .	50
Sodoma e Gomorra . . . . .	54
Betel . . . . .	74
As atitudes de Judá . . . . .	93
A vida de muitos . . . . .	115
Os magos e a feitiçaria no Egito . . . . .	135
O Destruidor . . . . .	147
A rota pela terra dos filisteus . . . . .	150
Milagres não ocorrem todo dia . . . . .	154
Processando por danos . . . . .	168
O livro da Aliança . . . . .	174
Orientação por meio de Urim e Tumim . . . . .	182
Purificado pelo fogo . . . . .	221
Sem equivalentes . . . . .	228
Lepra . . . . .	231
Ritos contra os fungos . . . . .	233
Deus faz a diferença! . . . . .	241
Deus se retrai, mas não cede . . . . .	257
Cades . . . . .	282
Por que terremotos? . . . . .	286



### COMPARE

(Quadros e tabelas)

Um novo começo . . . . .	30
Esterilidade . . . . .	52
Os deuses dos cananeus . . . . .	359
Como os livros de Crônicas e de Reis diferem . . . . .	637
As visões de Ezequiel . . . . .	1259
Sonhos e visões em Daniel . . . . .	1278
A mágoa de Oséias e a tristeza de Deus . . . . .	1303

Deuses pagãos adorados na época bíblica . . . . .	1331
Um quadro do evangelho . . . . .	1357
Malaquias: um retrato de indiferença espiritual . . . . .	1413



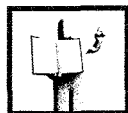
**EM FOCO**

(Boxes de estudo das palavras)

Deus (hb. <i>elohim</i> ) . . . . .	10
Céus (hb. <i>shamayim</i> ) . . . . .	13
Andar (hb. <i>halak</i> ) . . . . .	25
Terra (hb. <i>erets</i> ) . . . . .	37
Acreditar (hb. <i>'aman</i> ) . . . . .	44
Creditar (hb. <i>chashab</i> ) . . . . .	46
Semente (hb. <i>zera'</i> ) . . . . .	64
Sonho (hb. <i>chalom</i> ) . . . . .	90
Faraó (hb. <i>Par'oh</i> ) . . . . .	99
Todo-poderoso (hb. <i>shaddai</i> ) . . . . .	113
Rogar (hb. <i>'atar</i> ) . . . . .	138
Resgatado (hb. <i>ga'al</i> ) . . . . .	155
Livrar (hb. <i>natsal</i> ) . . . . .	160
Santificar (hb. <i>qadash</i> ) . . . . .	163
Senhor, o Soberano (hb. <i>'adonay YHWH</i> ) . . . . .	172
Altar (hb. <i>mizbeach</i> ) . . . . .	179
Lavar-se (hb. <i>rachats</i> ) . . . . .	186
Benevolência (hb. <i>chesed</i> ) . . . . .	193
Tabernáculo (hb. <i>mishkan</i> ) . . . . .	198
Ofertas (hb. <i>qorban</i> ) . . . . .	204
Porção memorial (hb. <i>'azkarah</i> ) . . . . .	207
Sangue (hb. <i>dam</i> ) . . . . .	209
Sacerdote (hb. <i>kohen</i> ) . . . . .	214
Expiar (hb. <i>kaphar</i> ) . . . . .	220
Transgressão (hb. <i>pesha'</i> ) . . . . .	236
Santuário (hb. <i>miqdash</i> ) . . . . .	243
Jubileu (hb. <i>yobel</i> ) . . . . .	258
Ungido (hb. <i>mashach</i> ) . . . . .	272
Sacrifício (hb. <i>zebach</i> ) . . . . .	274
Anciãos (hb. <i>zaqen</i> ) . . . . .	278
Nuvem (hb. <i>'anan</i> ) . . . . .	281
Rebelde (hb. <i>marad</i> ) . . . . .	283
Cetro (hb. <i>shebet</i> ) . . . . .	298
Sábado (hb. <i>shabat</i> ) . . . . .	300
Voto (hb. <i>neder</i> ) . . . . .	301
Vingar (hb. <i>naqam</i> ) . . . . .	302
Jurou (hb. <i>shaba'</i> ) . . . . .	311
Estatutos (hb. <i>choq</i> ) . . . . .	320
Escolhido (hb. <i>bachar</i> ) . . . . .	334
Escrever (hb. <i>Katab</i> ) . . . . .	337
Divórcio (hb. <i>kerithuth</i> ) . . . . .	344
Adoração (hb. <i>shachah</i> ) . . . . .	347
Oferta queimada (hb. <i>'olah</i> ) . . . . .	349
Amaldiçoado (hb. <i>'arar</i> ) . . . . .	353
Meditar (hb. <i>hagah</i> ) . . . . .	365

Pedra (hb. <i>'eben</i> ) . . . . .	371
Leite e mel (hb. <i>chalab vedebash</i> ) . . . . .	373
Buzina (hb. <i>shofar</i> ) . . . . .	377
Herança (hb. <i>nachalah</i> ) . . . . .	389
Repouso (hb. <i>shaqat</i> ) . . . . .	391
Achegar-se (hb. <i>Dabaq</i> ) . . . . .	397
Juiz (hb. <i>Shaphat</i> ) . . . . .	409
Cantar louvores (hb. <i>Zamar</i> ) . . . . .	414
Clã (hb. <i>'eleph</i> ) . . . . .	415
Sinceridade (hb. <i>tamim</i> ) . . . . .	421
Enigma (hb. <i>chidah</i> ) . . . . .	432
Libertação (hb. <i>teshu'ah</i> ) . . . . .	434
Remidor (hb. <i>ga'al</i> ) . . . . .	446
Chifre (hb. <i>qeren</i> ) . . . . .	459
Ouvir (hb. <i>shama'</i> ) . . . . .	461
Rei (hb. <i>melek</i> ) . . . . .	472
Destruir completamente (hb. <i>charam</i> ) . . . . .	478
Dançando (hb. <i>mecholah</i> ) . . . . .	485
Perdoar (hb. <i>nasa'</i> ) . . . . .	495
Perguntou (hb. <i>sha'al</i> ) . . . . .	497
Ímpio (hb. <i>beliya'al</i> ) . . . . .	501
Aliança (hb. <i>berith</i> ) . . . . .	512
Arca (hb. <i>'aron</i> ) . . . . .	536
Conselho (hb. <i>etsah</i> ) . . . . .	539
Jerusalém (hb. <i>yerushalaim</i> ) . . . . .	545
Homens valentes (hb. <i>gibbor</i> ) . . . . .	550
Entendimento (hb. <i>tebunah</i> ) . . . . .	563
Ouro (hb. <i>zahab</i> ) . . . . .	565
Súplica (hb. <i>techinnah</i> ) . . . . .	569
Baal (hb. <i>ba'al</i> ) . . . . .	584
Nome (hb. <i>shem</i> ) . . . . .	586
Queimar incenso (hb. <i>qatar</i> ) . . . . .	592
Rapazes (hb. <i>na'ar</i> ) . . . . .	598
Feitiçaria (hb. <i>kesheph</i> ) . . . . .	608
Prata (hb. <i>keseph</i> ) . . . . .	613
Ira (hb. <i>'aph</i> ) . . . . .	614
Altos (hb. <i>bamah</i> ) . . . . .	615
Pecar (hb. <i>chata'</i> ) . . . . .	622
Imagem de madeira (hb. <i>'asherah</i> ) . . . . .	627
Filhos (hb. <i>ben</i> ) . . . . .	640
Gerações (hb. <i>toledoth</i> ) . . . . .	642
Paz (hb. <i>Shalom</i> ) . . . . .	654
Címbalos (hb. <i>metselth</i> ) . . . . .	656
Ministrar (hb. <i>sharat</i> ) . . . . .	657
Trono (hb. <i>kisse'</i> ) . . . . .	660
Levitas (hb. <i>Levi</i> ) . . . . .	668
Congregação (hb. <i>gahal</i> ) . . . . .	688
Orar (hb. <i>palal</i> ) . . . . .	690
Transgredir (hb. <i>ma'al</i> ) . . . . .	695
Reto (hb. <i>yashar</i> ) . . . . .	702
Purificar (hb. <i>taher</i> ) . . . . .	711
Dízimo (hb. <i>ma'aser</i> ) . . . . .	713
Páscoa (hb. <i>pesach</i> ) . . . . .	721
Judeus (hb. <i>yehudi</i> ) . . . . .	734
Remanescente (hb. <i>sha'ar</i> ) . . . . .	739

Confessar (hb. <i>yadah</i> ) . . . . .	747	Profeta (hb. <i>nabi</i> ') . . . . .	1180
Ardor (hb. <i>charah</i> ) . . . . .	751	Copo (hb. <i>kos</i> ) . . . . .	1191
Terrível (hb. <i>yare</i> ) . . . . .	753	Chorar (hb. <i>bakah</i> ) . . . . .	1199
Jejum (hb. <i>tsum</i> ) . . . . .	774	Renovar (hb. <i>chadash</i> ) . . . . .	1206
Pur (hb. <i>pur</i> ) . . . . .	778	Filho do homem (hb. <i>ben 'adam</i> ) . . . . .	1214
Sincero (hb. <i>tam</i> ) . . . . .	785	Ídolos (hb. <i>gillulim</i> ) . . . . .	1220
Auxiliadores soberbos (hb. <i>rahab</i> ) . . . . .	794	Converter (hb. <i>shub</i> ) . . . . .	1230
Vê-lo-ei (hb. <i>ra'ah</i> ) . . . . .	802	Rebelde (hb. <i>meriy</i> ) . . . . .	1235
Direito ou juízo (hb. <i>mishpat</i> ) . . . . .	812	Lamentação (hb. <i>qiy nah</i> ) . . . . .	1237
Nações (hb. <i>goy</i> ) . . . . .	834	Abominação (hb. <i>shiqquts</i> ) . . . . .	1240
Alegrias (hb. <i>simchah</i> ) . . . . .	838	Atalaia (hb. <i>tsaphah</i> ) . . . . .	1254
Puro (hb. <i>bar</i> ) . . . . .	841	Gogue (hb. <i>gog</i> ) . . . . .	1260
Lembra (hb. <i>zakar</i> ) . . . . .	847	Glória (hb. <i>kaboa</i> ) . . . . .	1265
Esperança (hb. <i>yachaf</i> ) . . . . .	857	Interpretação (ar. <i>peshar</i> ) . . . . .	1282
Obra maravilhosa (hb. <i>pala'</i> ) . . . . .	884	Visão (hb. <i>chazon</i> ) . . . . .	1287
Glorioso (hb. 'or) . . . . .	888	Selado (hb. <i>chatham</i> ) . . . . .	1295
Sol (hb. <i>shemesh</i> ) . . . . .	896	Cair (hb. <i>kashaf</i> ) . . . . .	1304
Verdade (hb. 'emet) . . . . .	897	Prostituir-se (hb. <i>zanah</i> ) . . . . .	1305
Lei (hb. <i>torah</i> ) . . . . .	900	Espírito (hb. <i>ruach</i> ) . . . . .	1318
Salmo (hb. <i>mizmor</i> ) . . . . .	908	Buscai (hb. <i>darash</i> ) . . . . .	1330
Ação de graças (hb. <i>todah</i> ) . . . . .	909	Soberba (hb. <i>zadon</i> ) . . . . .	1339
Alma (hb. <i>nephesh</i> ) . . . . .	911	Deparou (hb. <i>Manah</i> ) . . . . .	1347
Piedade (hb. <i>chanan</i> ) . . . . .	930	Longânimo (hb. 'arek; 'aph) . . . . .	1351
Alegrem-se (hb. <i>ranan</i> ) . . . . .	933	Contenda (hb. <i>rib</i> ) . . . . .	1361
Exaltarei (hb. <i>rum</i> ) . . . . .	940	Compaixão (hb. <i>raham</i> ) . . . . .	1363
Louvar (hb. <i>halal</i> ) . . . . .	945	Zeloso (hb. <i>qanno'</i> ) . . . . .	1368
Tolo (hb. 'ivvelet) . . . . .	963	Imagem (hb. <i>pesel</i> ) . . . . .	1377
Temor (hb. <i>Yir'ah</i> ) . . . . .	975	Manso (hb. 'anav) . . . . .	1381
Vaidade (hb. <i>hebel</i> ) . . . . .	994	Anel de selar (hb. <i>chotham</i> ) . . . . .	1390
Trabalhar (hb. 'amal) . . . . .	999	Anjo (hb. <i>mal'ak</i> ) . . . . .	1397
Amado (hb. <i>dod</i> ) . . . . .	1015	Renovo (hb. <i>tsemach</i> ) . . . . .	1399
Luz (hb. 'or) . . . . .	1026	Fazer prova (hb. <i>bachan</i> ) . . . . .	1416
Serafim (hb. <i>serafim</i> ) . . . . .	1033	Dia (hb. <i>yom</i> ) . . . . .	1417
Exércitos (hb. <i>tseba'ah</i> ) . . . . .	1040		
Bênção (hb. <i>berakah</i> ) . . . . .	1051		
Peso (hb. <i>massa'</i> ) . . . . .	1053		
Servo (hb. 'ebed) . . . . .	1076		
Adivinhos (hb. <i>qasam</i> ) . . . . .	1080		
Ai (hb. <i>hoy</i> ) . . . . .	1083		
Salvação (hb. <i>yeshu'á</i> ) . . . . .	1086		
Possuir (hb. <i>yarash</i> ) . . . . .	1094		
Sinal (hb. 'ot) . . . . .	1095		
Perpetuamente (hb. 'olam) . . . . .	1101		
Justiça (hb. <i>tsedeq</i> ) . . . . .	1102		
Edificar (hb. <i>banah</i> ) . . . . .	1115		
Guia (hb. 'alluph) . . . . .	1119		
Lamentar (hb. 'abal) . . . . .	1122		
Falsa (hb. <i>sheqer</i> ) . . . . .	1132		
Deixar (hb. 'azab) . . . . .	1140		
Curar (hb. <i>rapha'</i> ) . . . . .	1145		
Palavra (hb. <i>dabar</i> ) . . . . .	1150		
Pastor (hb. <i>ra'ah</i> ) . . . . .	1158		
Assobio (hb. <i>sheraqah</i> ) . . . . .	1165		
Plantar (hb. <i>nata'</i> ) . . . . .	1169		
Rejeitar (hb. <i>ma'as</i> ) . . . . .	1174		



## ENTENDENDO MELHOR

(Boxes de artigos que descrevem como os fatores culturais que têm relação com acontecimentos bíblicos)

O Criador não é o sol ou a lua . . . . .	8
O objetivo do registro das descendências . . . . .	24
Olarias . . . . .	35
Os filhos dos senhores com as servas . . . . .	60
Direito de primogenitura . . . . .	69
As tábuas da cidade de Mari . . . . .	73
As mulheres do mundo antigo . . . . .	75
Concubinas . . . . .	76
Os ídolos familiares . . . . .	82
Os horeus do monte Seir . . . . .	88
Os sete anos de escassez do Egito . . . . .	100
O nascimento de Sargão . . . . .	123
Pesado de boca . . . . .	129
Moisés como Deus . . . . .	134

Um desastre ecológico . . . . .	139	Até quando Deus irá agir? . . . . .	1202
A comida da Páscoa e suas origens . . . . .	144	Misericórdia para com os que se arrependem . . . . .	1224
O estilo literário do Oriente . . . . .	149	O caldeirão urbano . . . . .	1245
Escravos e servos . . . . .	167	Sitiados! . . . . .	1252
O Código de Hamurábi . . . . .	170	Os medos e os persas . . . . .	1284
A árvore de acácia . . . . .	175	Corrompida e crua . . . . .	1307
A arca da aliança . . . . .	178	A cidade natal do Rei . . . . .	1360
O vestuário dos sacerdotes sagrados . . . . .	181	Dalém dos rios da Etiópia . . . . .	1383
Vacas, bois e bezerros "divinos" . . . . .	188	As parábolas em Zacarias . . . . .	1395
O que é preciso para servir a Deus? . . . . .	218		
A congregação . . . . .	275		
Ajuda de terceiros . . . . .	288		
Da conquista ao caos . . . . .	404		
Pode algo bom vir de Moabe? . . . . .	444		
O costume da poligamia . . . . .	456		
Poços . . . . .	486		
O ultraje de Abner . . . . .	512		
Sendo lembrado . . . . .	521		
Um sinal de força . . . . .	534		
Briga política interna . . . . .	557		
Cidades de provisão ou cidades-armazéns . . . . .	572		
Uma oportunidade perdida . . . . .	609		
Os primeiros servos do templo . . . . .	646		
Portas e fortalezas . . . . .	663		
Convictos com convicção . . . . .	698		
Sem rei-sacerdote em Judá . . . . .	707		
O livro da Lei do Senhor . . . . .	718		
Novas razões para a realização de um censo . . . . .	731		
As reformas religiosas de Neemias . . . . .	764		
Sobre os filhos de Deus . . . . .	787		
Um oásis decepcionante . . . . .	791		
O lugar dos mortos . . . . .	806		
Fundando a terra . . . . .	814		
A relação do rei com a divindade . . . . .	826		
Onde Deus habita . . . . .	835		
O pastorzinho . . . . .	844		
Cidades muradas . . . . .	850		
Túnel de alegria . . . . .	863		
Bênçãos sobre a África . . . . .	880		
Desprezando os deuses . . . . .	907		
O culto de ancestrais . . . . .	915		
Mesquite e Quedar . . . . .	927		
A visão da morte no Antigo Testamento . . . . .	934		
Louvando com o universo . . . . .	943		
O castigo por roubar . . . . .	955		
A mulher virtuosa . . . . .	987		
Morte e vida . . . . .	1002		
A procissão do rei . . . . .	1014		
Emanuel — Deus é conosco! . . . . .	1036		
A queda de Damasco . . . . .	1049		
Um pacto com a morte . . . . .	1059		
Um demônio fatal . . . . .	1066		
Um segundo Isaías? . . . . .	1074		
Um novo trabalho para um novo mundo . . . . .	1107		
Conhecer Deus . . . . .	1154		



## LINHA DO TEMPO

(Cronologia dos livros da Bíblia)

Cronologia em Gênesis . . . . .	5
Cronologia em Êxodo . . . . .	119
Cronologia em Levítico . . . . .	203
Cronologia em Números . . . . .	263
Cronologia em Deuteronômio . . . . .	309
Cronologia em Josué . . . . .	363
Cronologia em Juizes . . . . .	403
Cronologia em Rute . . . . .	443
Cronologia em 1 Samuel . . . . .	453
Cronologia em 2 Samuel . . . . .	505
Cronologia em 1 Reis . . . . .	555
Cronologia em 2 Reis . . . . .	595
Cronologia em 1 Crônicas . . . . .	635
Cronologia em 2 Crônicas . . . . .	680
Cronologia em Esdras . . . . .	727
Cronologia em Neemias . . . . .	745
Cronologia em Ester . . . . .	769
Cronologia em Jó . . . . .	783
Cronologia em Salmos . . . . .	823
Cronologia em Provérbios . . . . .	949
Cronologia em Eclesiastes . . . . .	991
Cronologia em Cantares . . . . .	1009
Cronologia em Isaías . . . . .	1022
Cronologia em Jeremias . . . . .	1113
O tempo em Lamentações . . . . .	1198
Cronologia em Ezequiel . . . . .	1212
Cronologia em Daniel . . . . .	1275
Cronologia em Oséias . . . . .	1299
Cronologia em Joel . . . . .	1314
Cronologia em Amós . . . . .	1323
Cronologia em Obadias . . . . .	1338
Cronologia em Jonas . . . . .	1345
Cronologia em Miquéias . . . . .	1355
Cronologia em Naum . . . . .	1366
Cronologia em Habacuque . . . . .	1372
Cronologia em Sofonias . . . . .	1380
Cronologia em Ageu . . . . .	1387
Cronologia em Zacarias . . . . .	1393
Cronologia em Malaquias . . . . .	1411



## LOCALIZE-SE

(Boxes com localização geográfica de locais bíblicos)

A primeira grande cidade . . . . .	34
A terra de Gósen . . . . .	121
O Nilo . . . . .	136
As jornadas de Israel . . . . .	303
As cidades dos levitas . . . . .	395
Expectativas frustradas . . . . .	406
Os filisteus . . . . .	428
Guerra civil entre o norte e o sul . . . . .	508
Por que Aimaás superou o cuxita . . . . .	541
O comércio de cedro . . . . .	567
Os heteus . . . . .	604
Monte Moriá . . . . .	685
A rainha de Sabá e o comércio internacional . . . . .	693
Os babilônios . . . . .	722
Anatote, a terra natal de Jeremias . . . . .	1139
A visão de Ezequiel sobre a restauração da terra . . . . .	1270
A cidade de Nínive . . . . .	1346
Trocadilhos geográficos em Miqueias . . . . .	1356



## PERFIL

(Boxes de descrição das grandes personalidades bíblicas)

Ajudar Deus à sua própria maneira . . . . .	79
A casa de Potifar e a tentação de José . . . . .	97
José — um modelo de cristão no ambiente de trabalho . . . . .	101
A história de José . . . . .	107
Aproveitando uma oportunidade . . . . .	110
Observando o progresso de Moisés . . . . .	190
Aprendendo com as fraquezas de Arão . . . . .	223
Uma combinação de orientação divina e humana . . . . .	277
Líderes solícitos . . . . .	412
Um político perspicaz . . . . .	419
O homem que seria o rei . . . . .	420
Dons de Deus sem a bênção divina . . . . .	430
Eli, o líder falho de Siló . . . . .	460
Jônatas transfere o seu direito ao trono . . . . .	484
Um evento divisor de águas . . . . .	490
O amor que se transformou em ódio . . . . .	517
Joabe, um homem que nasceu para guerrear . . . . .	525
Uma vítima inocente . . . . .	527
Um roubo de corações nos portões da justiça . . . . .	535
Uma realeza que se torna um erro . . . . .	542
O presente de um coração entendido . . . . .	561
O rei sábio . . . . .	573
Acabe . . . . .	589
Azarias . . . . .	618
Os heróis de Davi . . . . .	651

Davi: o restante da história . . . . .	655
Os filhos de Asafe . . . . .	671
Salomão — Bem-sucedido, mas insatisfeito . . . . .	682
Ciro, o rei da Pérsia . . . . .	728
A insegurança no mundo de Jó . . . . .	788
Momento de discernimento de Jó . . . . .	818
De rebeldes a cantores de Deus . . . . .	861
Um quebrantamento positivo . . . . .	868
Por que o Salmo 88 é tão triste? . . . . .	899
Ezequias, o preservador de provérbios . . . . .	982
Agur e Lemuel . . . . .	985
Aquele que tinha tudo . . . . .	996
Quem foi a sulamita? . . . . .	1017
O profeta Isaías . . . . .	1030
O rei Ezequias guia Israel . . . . .	1047
O Servo Sofredor . . . . .	1091
A fé de Jeremias . . . . .	1117
Os profetas perseguidos . . . . .	1143
Nabucodonosor, meu servo . . . . .	1161
Os Africanos na Bíblia . . . . .	1181
Os refugiados relutantes . . . . .	1184
A obediência de Ezequiel . . . . .	1213
Respondendo à profecia . . . . .	1288
O amor é uma escolha consciente . . . . .	1302
Jonas: um missionário relutante . . . . .	1348



## VOÇÊ SABIA?

(Boxes com informações úteis)

A cidade de Enoque . . . . .	22
Bronze e ferro . . . . .	23
O Dilúvio visto por outros olhos . . . . .	27
As antigas vinhas . . . . .	32
Os patriarcas . . . . .	38
Temer a Deus . . . . .	57
O valor do ouro . . . . .	65
Sepultamentos em cavernas . . . . .	67
O chefe da família . . . . .	71
As colunas de pedra . . . . .	86
Os negociantes de escravos . . . . .	92
O nome de uma pessoa . . . . .	96
A misericórdia de Deus para com José . . . . .	98
Celeiros de pedra . . . . .	102
A importância da idade . . . . .	104
Registros do governo egípcio . . . . .	111
A bênção de Jacó . . . . .	112
Conservação de cadáveres . . . . .	116
Midiã . . . . .	124
A libertação da opressão . . . . .	127
Os perigos da idolatria . . . . .	131
Linho . . . . .	140
A prata e o ouro . . . . .	142



◆ ————— ◆  
ÍNDICE DE ARTIGOS

O ritmo semanal . . . . .	157	O início de uma longa amizade . . . . .	515
O altar do incenso . . . . .	185	Uma fortaleza invencível? . . . . .	515
Especiarias . . . . .	187	Uma longa e atrasada vitória . . . . .	516
Pedindo por clemência . . . . .	190	Mantendo promessas . . . . .	524
Objetos religiosos proibidos . . . . .	194	O período das guerras . . . . .	526
O Espírito de Deus no local de trabalho . . . . .	196	Tu és este homem! . . . . .	528
O uso do ouro . . . . .	197	Humilhação pública . . . . .	529
O exemplo vem de cima . . . . .	199	Uma causa espiritual para um evento natural . . . . .	547
Impureza . . . . .	211	Hadade, o inimigo de Salomão . . . . .	585
Cerâmica . . . . .	215	O ato de mentorear no Antigo Testamento . . . . .	596
Salvos pela graça ou pelos próprios esforços? . . . . .	239	A dor da separação . . . . .	617
Médiuns e espíritos . . . . .	245	O Senhor avisa Seu povo . . . . .	619
Dê a Deus o seu melhor . . . . .	248	O tratamento especial de Joaquim . . . . .	632
O Ano do Jubileu . . . . .	252	Um julgamento tardio . . . . .	641
Estabelecendo regras . . . . .	255	O ministério dos levitas . . . . .	643
Transferência de autoridade . . . . .	293	Religião oficial? . . . . .	735
O segundo censo . . . . .	299	Pendurado em um madeiro . . . . .	736
Deixar um legado . . . . .	317	A habilidade de um escriba . . . . .	737
Não há outro Deus . . . . .	319	A solução dos dez por cento . . . . .	762
A sedução dos espíritos . . . . .	338	Asdode e suas implicações . . . . .	765
Repartindo o Jordão . . . . .	370	Concubinas . . . . .	772
Povos-problema . . . . .	410	O jumento bravo . . . . .	816
Seguindo o caminho do rei . . . . .	426	A misteriosa notação musical . . . . .	827
Crianças rebeldes . . . . .	467	Coroação do rei . . . . .	849
Um grupo de profetas . . . . .	471	O fracasso das estrelas . . . . .	1044
Uma ordem tola . . . . .	476	Israel, escolhido para servir . . . . .	1077
Uma batalha entre os deuses . . . . .	481	Filhos da rebelião . . . . .	1179
Um sobrevivente chega a Ziclague . . . . .	506	Não há coisa alguma menor! . . . . .	1301

---

# ÍNDICE DOS MAPAS

---

As nações de Gênesis 10 . . . . .	33	Campanhas de Nabucodonosor contra Judá (605—586 a.C.) . . . . .	631
A primeira grande cidade . . . . .	34	A propagação da fama de Salomão . . . . .	683
A jornada de Abraão . . . . .	41	Monte Moriá . . . . .	685
A viagem de Jacó na terra de Canaã . . . . .	80	A rainha de Sabá e o comércio internacional . . . . .	693
A terra de Gósen . . . . .	121	O sistema de águas de Ezequias . . . . .	716
A fuga de Moisés e o retorno ao Egito . . . . .	126	Os babilônios . . . . .	722
O Nilo . . . . .	136	O regresso do exílio . . . . .	729
Monte Sinai, lugar onde Deus deu a Lei a Moisés . . . . .	164	Cidade de Susã (Susa) . . . . .	770
Do deserto para Canaã . . . . .	291	O Império Persa (500 a.C.) . . . . .	771
As jornadas de Israel . . . . .	303	A terra de Uz . . . . .	785
Deus nos dá a Graça . . . . .	326	Lugares mencionados em Cantares de Salomão . . . . .	1013
A Terra Prometida . . . . .	366	A região dos manuscritos do mar Morto . . . . .	1035
Gilgal . . . . .	374	O Império Assírio (650 a.C.) . . . . .	1067
Jericó . . . . .	375	Anatote, a terra natal de Jeremias . . . . .	1139
Gibeão . . . . .	382	A viagem de Jeremias a Jerusalém . . . . .	1185
A divisão da terra entre as 12 tribos . . . . .	392	Império (Medo-)Babilônico (560 a.C.) . . . . .	1194
As cidades dos levitas . . . . .	395	A visão de Ezequiel sobre a restauração da terra . . . . .	1270
Expectativas frustradas . . . . .	406	Controle Ptolomaico na Palestina (270 a.C.) . . . . .	1291
Os Juízes de Israel . . . . .	424	Controle Selêucida na Palestina (190 a.C.) . . . . .	1292
Os filisteus . . . . .	428	Expansão da Palestina sob o controle dos macabeus (166 a.C.) . . . . .	1294
Guerra civil entre o norte e o sul . . . . .	508	Amós — locais castigados por Deus . . . . .	1324
Por que Aimaás superou o cuxita . . . . .	541	Petra . . . . .	1340
O reino davídico . . . . .	551	A cidade de Nínive . . . . .	1346
Distritos Administrativos de Salomão . . . . .	562	Trocadilhos geográficos em Miquéias . . . . .	1356
O comércio de cedro . . . . .	567		
Elias e Eliseu . . . . .	588		
Os heteus . . . . .	604		

---

# **Artigos Essenciais**

---

# UM OLHAR SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO

---

## A CLASSIFICAÇÃO DA BÍBLIA HEBRAICA

---

**O**s leitores cristãos estão familiarizados com a classificação e a ordem do Antigo Testamento nas Bíblias cristãs. As divisões consistem em: Pentateuco, os Livros Históricos, os Livros Poéticos e Sapienciais e, por fim, os Profetas. Os judeus, entretanto, tinham uma estrutura e uma ordem diferentes. As divisões eram a Lei, os Profetas e os Escritos (ver Lc 24.27,44).

---

### A Lei

---

Contém os cinco primeiros livros, cuja autoria é atribuída a Moisés, os quais abordam temas de grande relevância, como a origem do mundo, dos seres humanos e de Israel, o povo da aliança. Deus é apresentado como o Criador do universo, de todos os seres vivos e, especificamente, dos seres humanos, que foram feitos à Sua imagem e semelhança. Moisés ouviu da boca dos hebreus escravizados no Egito o relato acerca da criação, das descendências (Gn 2.4; 5.1; 10.1) e das promessas divinas; relato que eles haviam recebido da tradição oral, transmitida por seus ancestrais; homens de fé [de Sete até Abraão, o pai

de Israel] que tinham aliança com o Deus verdadeiro.

A maior parte do restante do Pentateuco (os outros quatro livros) devem ter sido escritos a partir da própria experiência de Moisés e da revelação divina no Sinai [especialmente a Lei propriamente dita].

---

### Os Profetas

---

Nas Escrituras hebraicas, os livros de Josué, Juízes, Samuel e 1 e 2 Reis são classificados como *Profetas Anteriores*, e os de Isaias, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores, como *Profetas Posteriores*.

A inclusão de tantos livros nesta categoria de *Profetas* se dá porque os hebreus entenderam corretamente a profecia como sendo uma proclamação da verdade de Deus, bem como uma predição. Por isso, a terminologia *Profetas* inclui uma grande porção do texto sagrado, mesmo que algumas partes da seção não tenham uma natureza profética, no sentido de predizer o futuro. Assim, os livros de Samuel e Reis, por exemplo, são chamados proféticos ainda que seu conteúdo seja amplamente histórico.

Os Profetas divulgam a Palavra de Deus ao povo da aliança, abrangendo essencialmente as promessas divinas e o dever das pessoas aliçadas de obedecerem à Lei de Deus revelada por intermédio de Moisés. Além disso, as histórias falam de homens como Elias e Eliseu, da *estrela ascendente de Israel*, Davi, um tipo de Cristo, que Pedro chamou de profeta (At 2.30).

### Os Escritos

As Escrituras eram, às vezes, chamadas genericamente de *Escritos* ou *os Salmos*. Essa parte é composta pelos livros de Salmos, Provérbios, Jó, Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas. De Cantares a Ester, são chamados especificamente de *os Cinco Rolos*. Estas duas partes da Bíblia hebraica contêm a sábia e devocional literatura de Israel, bem como material histórico e profético. Os livros não poéticos que têm uma cronologia relativamente tardia foram estabelecidos entre as Escrituras no cânon hebraico.

## DIVISÃO CONVENCIONAL DOS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO

Tipo de Literatura	Livro
<b>Lei</b> (a base da fé hebraica)	Gênesis (1—11) Gênesis (12—50) Êxodo Levítico Números Deuteronômio
<b>História</b> (o registro do crescimento e do declínio espiritual de Israel)	Josué Juízes Rute 1 Samuel 2 Samuel 1 Reis 2 Reis 1 Crônicas 2 Crônicas Esdras Neemias Ester
<b>Poesia</b> (a apresentação da adoração ao Senhor e da fé individual)	Jô Salmos  Provérbios Eclesiastes Cantares
<b>Profetas</b> (a revelação das bênçãos, dos julgamentos e das promessas do Senhor)	Isaías Jeremias Lamentações Ezequiel Daniel Oséias Joel Amós Obadías Jonas Miquéias Naum Habacuque Sofonias Ageu Zacarias Malaquias

<b>Tema</b>	<b>Autor</b>	<b>Data (aproximada)</b>
Deus começa Sua obra na terra Deus, o Soberano, estabelece Seu plano Deus, o Salvador, liberta Seu povo Deus, o Sagrado, provê a verdadeira adoração Deus disciplina Seu povo com amor Deus, o Rei, ama Seu povo	Moisés (todavia, Deuteronomio 34 pode ter sido escrito por Josué).	1445—1440 a.C.
Deus cumpre a promessa de introduzir Israel na Terra Prometida Deus testa Seu povo Deus retrata Sua redenção Deus escolhe Seu Rei  Deus governa a nação de Israel  Deus preserva Sua semente real  Deus restaura Seu povo Deus reconstrói Sua cidade Deus protege Seu povo	Josué Anônimo Desconhecido Samuel Anônimo Possivelmente Jeremias  Provavelmente Esdras  Esdras Neemias Desconhecido	1405—1390 a.C. 1043—1004 a.C. Incerta 1050—750 a.C. 1050—750 a.C. 590—570 a.C.  430—425 a.C.  457—444 a.C. 457—444 a.C. 464—435 a.C.
Deus testa Seu servo Deus goza da verdadeira adoração  Deus ensina a verdadeira sabedoria Deus revela nossa finitude Deus louva o amor humano	Desconhecido Davi, Asafe, filhos de Corá, Salomão, Moisés  Salomão, Agur, Lemuel Salomão Salomão	Incerta 1410—430 a.C.  950—700 a.C. 935 a.C. 965 a.C.
Deus manifesta Sua grande salvação Deus revela Seu coração Deus chora Deus visiona a esperança Deus preserva Seus servos Deus ama o pecador Deus anuncia Seu dia Deus expõe Seu desgosto Deus julga Seus inimigos Deus ama o mundo Deus é incomparável Deus vinga Seu povo Deus alista as nações Deus protege Seu povo Deus restaura Sua adoração Deus lembra-se Deus envia Seu mensageiro	Isaías Jeremias Jeremias Ezequiel Daniel Oséias Joel Amós Obadías Jonas Miquéias Naum Habacuque Sofonias Ageu Zacarias Malaquias	740—680 a.C. 626—586 a.C. 586—584 a.C. 593—571 a.C. 605—530 a.C. 750—720 a.C. 830 ou 600 a.C. 760 a.C. 586 a.C. 750 a.C. 730 a.C. 620 a.C. 612 a.C. 607 a.C. 520 a.C. 515 a.C. 430 a.C.

**LINHA DO TEMPO NO ANTIGO TESTAMENTO**

<b>História secular</b>	A grande pirâmide é construída em Gizé 2500	Reinado de Hamurabi 1800	Império Hitita 1750—1200
<b>a.C.</b>			
<b>História bíblica</b>	<b>Nasce Abraão</b> 2167	<b>Acontecimentos na vida de Jô</b> 2000—1800	<b>Nasce Moisés</b> 1527
<b>História secular</b>	Hititas conquistam a Babilônia 1525		Morte de Tutancâmon 1352
<b>a.C.</b>			
<b>História bíblica</b>	<b>Êxodo do Egito</b> 1445	<b>Hebreus entram em Canaã</b> 1406	<b>Período dos Juizes</b> 1375—1075
<b>História secular</b>	Tróia é destruída durante a guerra 1183	Primeiros jogos olímpicos 776	Nascimento de Homero 750
<b>a.C.</b>			
<b>História bíblica</b>	<b>Davi torna-se rei</b> 1010	<b>Primeiro templo construído</b> 959	<b>Israel sucumbe a Assíria</b> 722
<b>História secular</b>	Babilônia sucumbe a Pérsia 539	Panteão é construído em Atenas 447—432	Alexandre, o Grande, conquista o Egito 332
<b>a.C.</b>			
<b>História bíblica</b>	<b>Judá sucumbe a Babilônia</b> 586	<b>Exilados retornam a Israel</b> 538	<b>400 anos do período intertestamentário</b>
<b>História secular</b>	Tradução Grega (Septuaginta, LXX) das Escrituras hebraicas 255—150	Judas Macabeu lidera a revolta contra Antíoco IV 166	Romanos conquistam a Britânia 43
<b>a.C.</b>			
<b>História bíblica</b>	<b>Continua o período intertestamentário de 400 anos</b>		<b>Nasce Jesus</b> 5

Todas as datas (a.C.) são aproximadas

---

# TEMAS DA BÍBLIA

---

**A** medida que lemos a Bíblia, notamos que ao longo da narrativa, certos temas essenciais são mencionados repetidas vezes. Diversos destes tópicos essenciais contidos nas Escrituras estão descritos abaixo:

---

## Fidelidade

---

Deus se revela na Bíblia como Aquele em que se pode confiar plenamente. Ele demonstra total integridade em tudo o que revela e promete. Consequentemente, Seu povo deve ter fé absoluta nas promessas divinas que dizem respeito a si (Nm 23.19; Is 55.11). Estudar a fidelidade à vontade de Deus traz à tona a confiança e estabilidade espiritual necessária na caminhada diária de um cristão.

---

## Amor

---

No Antigo Testamento, o verbo *amar* (hb. *ahab*) e as palavras relacionadas abrangem toda extensão de acepções que a palavra possui em português, incluindo o amor a Deus (Êx 20.6; Sl 40.16) e o amor de Deus por Seu povo (Dt 7.13; Os 3.1).

No Antigo Testamento, também é utilizado o termo hebraico *chesed* para se referir especificamente à aliança de amor de Deus para com Seu povo, aludindo à Sua estabilidade e lealdade.

No Novo Testamento, os principais verbos gregos que expressam o conceito de amor são *agapao*, amor como um ato da vontade, e *phileo*, amor como uma resposta a uma pessoa ou objeto. Nos Evangelhos sinóticos [Mateus, Marcos e Lucas], nota-se que a utilização primordial da palavra *amor* é relacionada ao grande mandamento (Mt 22.34-40; Mc 12.28-34; Lc 10.26-28). O amor é uma possibilidade apenas porque aquele que acredita respondeu com fé às ações salvadoras da morte e da ressurreição de Cristo (Rm 5.8; Gl 2.20).

---

## Justiça

---

A justiça faz parte da essência de Deus e é uma extensão de Sua santidade. Deus é mostrado como um verdadeiro Defensor dos pobres e oprimidos (Sl 10.17,18; Jr 9.23,24).

Os Salmos fundamentam a justiça como um atributo do Senhor como o soberano Criador do universo



(Sl 99.1-4). Assim, tal conceito se estende para além da nação de Israel (Sl 9.7-9).

Em virtude da preocupação de Deus com os necessitados e os fracos, espera que haja justiça da parte Seu povo (Dt 10.18,19). Quando as pessoas exercem propriamente a justiça, colocam-se no papel de agentes da vontade de Deus (Is 59.15,16; 2 Cr 9.8-10).

A exigência de Senhor por justiça é tão fundamental que outras respostas tornam-se vazias ou diminutas se forem dadas sem a primeira característica (Am 5.21-24; Mq 6.6-8; Mt 23.23).

Paulo (principalmente em Romanos) usa a linguagem da justiça para descrever a obra de salvação de Deus à medida que expõe a honradez do Senhor.

### Juízo

No Antigo Testamento, Deus aparece frequentemente no papel de *Juiz de toda a terra* (Gn 18.25), ou mais genericamente como o *Deus do juízo* (Ml 2.17).

O juízo não é só a implementação do bem, mas também uma vigorosa ação contra a maldade. O conceito de juízo é poderoso e está intimamente ligado às características divinas da misericórdia, benevolência, honradez e verdade. É por causa deste entendimento que o povo de Deus é chamado a exercer justiça (Is 1.17; Zc 8.16).

O Novo Testamento continua a enfatizar a justiça como um atributo de Deus e o juízo como uma atividade essencial dele (Rm 1.18; Hb 12.23; 1 Pe 1.17; 2.23; Ap 16.5). Seus julgamentos não estão limitados ao futuro, mas já estão sendo executados na era presente (Jo 8.50; Rm 1.18,22,24,26,28; Ap 18.8). Ainda hoje a justiça divina é associada a Cristo, que exerce os juízos do Pai.

### Misericórdia

Da mesma forma que o juízo é enfatizado na Bíblia, também é destacada a misericórdia de

Deus. Por Sua graça, o Senhor concede ajuda e perdão aos pecadores que não merecem nada além de condenação, bem como ajuda àqueles que sofrem por causa do ônus da vida. Deus mostra compaixão por pessoas que desobedeceram a Sua lei (Dn 9.9; 1 Tm 1.13,16), embora tal misericórdia seja concedida seletivamente (Rm 9.14-18). Deus estende a Sua misericórdia para além da punição (Ef 2.4-6), a fim de abranger a bênção da salvação.

Jesus demonstrou misericórdia para com os aflitos quando os curou cegos (Mt 9.27-31; 20.29-34) e leprosos (Lc 17.11-19), libertou cativos por espíritos malignos (Mt 8.16; Mc 5.13) e evangelizou os pobres (Mc 8). Jesus ensinou o que esperava que fosse praticado por Seus seguidores. Da mesma forma que Deus é misericordioso, Ele pretende que também sejamos (Mt 5.7; Tg 1.27).

### Verdade

A ideia hebraica de verdade geralmente está associada à constância, permanência, fidelidade e confiabilidade. Deus, acima de tudo, é verdade, isto é, Ele é real e confiável (Is 65.16; Jr 10.10). Seu povo deve buscar a verdade (Sl 25.5; 51.6; 86.11) e julgar verdadeiramente. Lamenta-se pela falta de verdade (Is 59.14,15; Zc 8.16).

Para os hebreus, a verdade era basicamente moral e relacional, não simplesmente intelectual. Para os gregos, a ênfase da verdade era intelectual, muito mais do que uma questão de confiança e crédito. A narrativa do Novo Testamento aproxima-se de ambos os entendimentos. A palavra *verdade* é encontrada principalmente nos escritos de Paulo, no Evangelho e nas cartas de João.

Esse escritor sagrado enfatizou a ideia de que Deus é verdadeiro (Jo 3.33; 7.28); Cristo revela Deus e, deste modo, exhibe Sua verdade (Jo 8.26,40; 18.37); Cristo é *cheio de graça e verdade* (Jo 1.14,17), Ele é *a verdade* (Jo 1.9; 14.6; 15.1), e Ele enviou o *Espírito da verdade* (Jo 15.26).

Paulo ensinou que a verdade deve ser obedecida (Rm 2.8; Gl 5.7), que isto prova a fé (2 Co 7.14;

11.10) e que o desprezo pela verdade indica malícia e a maldade (1 Co 5.8; Rm 1). O conceito grego de verdade, o correto entendimento, aparece mais claramente nas epístolas pastorais de Paulo. Deve-se conhecer a verdade (1 Tm 4.3; 2 Tm 2.25) e evitar falsas crenças (2 Tm 2.18; 4.4).

### **Santidade**

No hebraico, ser santo significa fundamentalmente estar separado do comum e do profano. Deus é santo, e as pessoas, as coisas e as ações podem ser santas pela associação delas a Deus.

Os livros de Salmos e de Isaías frequentemente se referem a Deus como *o Santo* (Sl 78.41; 89.18; Is 1.4; 5.19; 30.15). Os lugares onde Deus apareceu e era adorado também se tornaram santos (Gn 28.11-22; Êx 3.5). O templo em Jerusalém era o lugar mais santo em Israel porque a presença de Deus lá habitava (1 Rs 8.10,11). Consequentemente, as pessoas e as coisas relacionadas ao santuário eram sagradas (Lv 22; 27). A própria Israel era uma nação santa (Êx 19.4; Lv 19.2; Dt 7.6) porque Deus a separou para Seus propósitos.

No Novo Testamento, os conceitos de santidade encontrados no judaísmo são reafirmados. Deus, o templo e a lei são sagrados. Contudo, com a emergência do cristianismo, a conversão dos

gentios e a destruição do templo em 70 d.C., a ênfase da santidade recai sobre cada cristão como templo do Espírito Santo (1 Co 3.17; 6.19). Deus é chamado de *Pai santo* por Jesus (Jo 17.11). Em Apocalipse, como em Isaías, Deus é louvado no céu pelos anjos, que três vezes aclamam *santo, santo, santo* (Is 6.3; Ap 4.6-10), e na oração do Pai-Nosso é proclamado *santificado seja o teu nome* (Mt 6.9; Lc 11.2).

### **Missões**

Deus sempre usou Seu povo para aclamar solenemente Suas poderosas ações e Sua graça salvadora. A nação de Israel deveria declarar a bondade de Deus aos gentios, a fim de que estes pudessem participar da aliança com Deus. O livro de Isaías é repleto de asserções acerca da salvação dos gentios (Is 11.10; 42.6; 49.6; 60.11).

Foi somente após o advento da Igreja que as boas novas da salvação divina em Cristo foram proclamadas amplamente no mundo. Jesus ordena a Seus discípulos para ir a todo lugar e pregar o evangelho (Mc 16.15). É pela *loucura da pregação* (1 Cr 1.21) que as pessoas conhecem Jesus Cristo e depositam sua fé nele. A Salvação é divina, mas Deus usa os cristãos como testemunhas e instrumentos de salvação, para alcançar os pecadores.

## PRINCIPAIS TEMAS DA BÍBLIA

<b>Categoria</b>	<b>Definição Fundamental</b>
<b>Fidelidade</b>	<p>A fidelidade representa a confiabilidade, a lealdade e a solidez de Deus, particularmente em relação a Seu povo.</p> <p>A fidelidade de Deus, que mantém Sua Palavra, é um tema consistente na Bíblia.</p> <p>A fidelidade também é uma característica que o povo de Deus deve demonstrar em seu relacionamento com Ele.</p>
<b>Amor</b>	<p>Amor é tanto um atributo de Deus, uma parte essencial de Sua natureza.</p> <p>O amor benevolente é outro tema expresso ao longo do Antigo Testamento, fazendo referência à estima leal e ao favor divino em benefício do povo da aliança. No Novo Testamento, os dois principais termos usados para amor aludem à estima indiscutível que Deus tem por Seu Filho e por Seu povo e à afeição que os irmãos e amigos possuem por uns pelos outros.</p>
<b>Justiça</b>	<p>Na Bíblia, a justiça de Deus implica Ele ser honesto no tratamento que dispensa às pessoas. Todas as Suas decisões são justas e verdadeiras.</p> <p>Deus também exige que Seu povo aja justamente em todas as situações da vida (Mq 6.8). As ações de Deus na Bíblia nos fornecem o padrão pelo qual devemos tomar as decisões corretas.</p>
<b>Juízo</b>	<p>Deus é o Juiz do universo. Ele julga de acordo com o padrão da Lei revelada na Bíblia.</p> <p>Juízo pode ser o nome dado ao processo que determina tanto a culpa ou a inocência de alguém, como a punição dada àqueles que sofrem sob a ira divina.</p>
<b>Misericórdia</b>	<p>A misericórdia é observada na compaixão divina diante do sofrimento de alguém e na Sua boa vontade em restabelecer aqueles cujos pecados os separaram dele.</p> <p>Deus soberanamente determina manifestação da Sua misericórdia quando dosa a punição dos pecadores e reintegra-os ao bom relacionamento com Ele.</p> <p>Deus também exhibe Sua misericórdia por meio de atos de Sua providência, tal como quando cura ou resgata alguém do perigo. O Senhor também espera que nós tenhamos misericórdia de nossos irmãos.</p>
<b>Verdade</b>	<p>O conceito bíblico de verdade não implica a conformidade a um padrão externo, mas sim a fidelidade e a confiança em Deus. Estas coisas não são medidas por um padrão externo; o padrão é o próprio Deus.</p>
<b>Santidade</b>	<p>Deus é santo, isto é, separado de Sua criação por Sua própria natureza.</p> <p>Ser santo significa, literalmente, ser destacado ou separado, distinto dos demais e do uso comum, do profano, por Deus e para Ele.</p>
<b>Missões</b>	<p>Deus usa Seu povo para proclamar Sua Palavra àqueles que estão fora da aliança com Ele. Por meio desta proclamação, todos os que o Senhor elegeu para salvação creem nele.</p> <p>Israel deveria proclamar a benevolência divina. Hoje a Igreja é ordenada a ir por todo o mundo, para declarar as boas-novas de salvação em Cristo a todos.</p>

Principais referências do Antigo Testamento	Principais referências do Novo Testamento
<p>Fidelidade é parte do caráter de Deus (Is 49.7). É grande (Lm 3.23). Está edificada na benignidade (Sl 89.2). É incomparável (Sl 89.8). É infalível (Sl 89.33). É infinita (Sl 36.5). É eterna (Sl 119.90).</p>	<p>Fidelidade é parte do caráter de Deus (1 Co 1.9; 1 Ts 5.24). A fidelidade de Deus é infalível (2 Tm 2.13). Assegura o cumprimento das Suas promessas (Hb 10.23) e o perdão dos nossos pecados (1 Jo 1.9). É manifesta aos Seus santos (2Ts 3.3) e torna-os dependentes dele (1 Pe 4.19). É uma característica dos santos (Ef 1.1; Cl 1.2; 1 Tm 1.12; Ap 17.14).</p>
<p>O amor de Deus é descrito e visto como: soberano (Dt 7.8; 10.15); salvífico (Sl 3.17); infalível (Is 49.15,16); infinito (Jr 31.3) e independente de nosso mérito (Dt 7.7; Jó 7.17). É por eleição (Mt 1.2,3), para a redenção (Is 43.3,4; 63.9) e o perdão dos pecados (Is 38.17). Atrai-nos para Ele (Os 11.4). Atrai bênçãos (Dt 7.13).</p>	<p>O amor de Deus é parte de Seu caráter (2 Co 13.11; 1 Jo 4.8). Objeto especial de amor (Jo 15.9; 17.26). Permanecer em amor (Jo 15.10). O amor de Deus é manifesto a favor dos pecadores que perecem (Jo 3.16; Tt 3.4) e de Seus santos (Jo 16.27; 17.23; 2 Ts 2.16); é derramado amplamente no coração destes pelo Espírito Santo (Rm 5.5). Os santos conhecem e acreditam no amor (1 Jo 4.16). Os santos devem permanecer em amor (Jd 1.21).</p>
<p>Justiça é parte do caráter de Deus (Dt 32.4; Is 45.21). Com relação à Sua justiça, Deus é abundante (Jó 37.23); incorruptível (Dt 10.17; 2 Cr 19.7); imparcial (Jr 32.19); infalível (Sl 3.5); invariável (Jó 8.3).</p>	<p>A justiça de Deus não faz acepção de pessoas (Rm 2.11; Cl 3.25; 1 Pe 1.17). É manifesta no perdão dos pecados (1 Jo 1.9) e na redenção do homem (Rm 3.26).</p>
<p>O julgamento vem de Deus (Dt 32.39; Jó 12.23; Am 3.6; Mq 6.9). Deus julga apagando o nome de um indivíduo do Livro da Vida (Dt 29.20), abandonando-o à própria sorte (Os 4.17), amaldiçoando os homens (Mt 2.2) ou com pestilência (Dt 28.21,22; Am 4.10).</p>	<p>Todo julgamento está nas mãos de Jesus Cristo (Jo 5.22); Ele tem a autoridade porque é Filho do homem (Jo 5.27). Os cristãos não devem colocar-se no lugar de Cristo como juizes porque todas as pessoas, um dia, estarão diante do tribunal de Cristo (Rm 14.10).</p>
<p>A misericórdia de Deus é descrita como grande (Is 54.7); certa (Is 55.3); terna (Sl 25.6); nova toda manhã (Lm 3.22,23). É manifesta especialmente no perdão (Sl 51.1). Os cristãos devem cultivar a misericórdia divina (2 Sm 24.14).</p>	<p>A misericórdia de Deus manifesta na missão de Cristo (Lc 1.72,78), na salvação (1 Co 7.25; Tt 3.5) e regeneração do homem (1 Pe 1.3). É praticada como um presente (Rm 12.8) e manifestada nas providências divinas (Fp 2.27). É alcançada por meio da oração (Hb 4.16). Os cristãos devem revestir-se de misericórdia (Cl 3.12)</p>
<p>Deus é um Deus de verdade (Dt 32.4; Sl 31.5). Sua palavra é a verdade (Sl 119.160; Dn 10.21). Ele estima as pessoas fiéis e manifesta-lhes Seu favor (Jr 5.3). Os juízos de Deus se dão de acordo com a Sua verdade (Sl 96.13).</p>	<p>Jesus Cristo é a Verdade (Jo 7.18; 14.6). Ele é cheio de verdade (Jo 1.14). Ele falou a verdade (Jo 8.45). O Espírito Santo é o Espírito da verdade (Jo 14.17), que nos guia a toda a verdade (Jo 16.13).</p>
<p>O caráter de Deus é o padrão (Lv 19.2); é incomparável (Êx 15.11; 1 Sm. 2.2); ordenado (Lv 11.45; 19.2; 20.7). A santidade é necessária para a adoração a Deus (Sl 24.3,4). Devemos evitar quaisquer coisas que ofendam a santidade divina (Lv 21.6).</p>	<p>Devemos produzir o fruto da santidade (Rm 6.22). Somos condicionados por Deus para participar de Sua santidade (Hb 12.10). Fomos chamados por Deus para uma vida santa (1 Ts 4.7).</p>
<p>O rei da Assíria permitiu que o sacerdote judeu ensinasse o caminho de Deus (2 Rs 17.27,28). Israel foi ordenado a proclamar o dia da salvação por toda a terra (1 Cr 16.23,24). O profeta Jonas foi comissionado a proclamar a mensagem de Deus em Nínive (Jo 3.1,2)</p>	<p>O evangelho do Reino deve ser pregado por todo o mundo; então, o fim virá (Mt 24.14). A Igreja foi comissionada a ensinar a verdade de Cristo a todos (Mt 28.19). As pessoas cultivam a fé ouvindo a Palavra pregada (Rm 10.14).</p>

---

# A TEOLOGIA E SUAS ÁREAS DE ESTUDO DAS DOCTRINAS NAS ESCRITURAS

---

## CLASSIFICAÇÃO DA TEOLOGIA

---

**A** teologia foi organizada tendo apenas Deus em mente. Diferentes formas de ordenar os pensamentos resultaram em diversos tipos de teologia; cada uma com seu próprio mérito. A teologia cristã aborda a existência de Deus e a autorrevelação dele na Bíblia. Tais asserções não se estabelecem sem um forte fundamento intelectual. Na verdade, elas compreendem duas grandes categorias de doutrina que se sustentam: a *teologia própria* [ciência que estuda especificamente Deus, Sua existência, natureza, criação, providência, Seus atributos] e a *bibliologia* [ciência da história e composição dos livros bíblicos], que são o ponto de partida e a fundação da verdadeira teologia cristã.

Quanto mais doutrinas são estudadas, mais claros tornam-se os embasamentos teológicos. Assim, elas são pressuposições necessárias se o estudante das Escrituras quiser começar seu estudo corretamente. Como diz o sábio ditado “começar bem é fazer metade do trabalho”.

Uma doutrina é o somatório ou a descrição da verdade encontrada na Bíblia. Teologia é o processo de se chegar àquela doutrina. As principais formas de abordar o estudo teológico são subdivididas em teologia bíblica, a teologia histórica, a teologia sistemática e a teologia prática.

A *teologia bíblica* estuda a Bíblia e o desdobramento da verdade divina ao longo dos livros bíblicos e passagens específicas das Escrituras. Ela reconhece a progressiva revelação de Deus à humanidade. Por esta razão, não tem necessariamente como intenção focar toda a doutrina bíblica, e sim estudar por áreas a doutrina ensinada nas Escrituras. [A partir de estudos exegéticos dos textos bíblicos, por indução, a teologia bíblica parte do específico para o geral.] É levado em conta que os diferentes livros da Bíblia foram originados por circunstâncias e necessidades peculiares. Além disso, muitas vezes a intenção do autor não foi propriamente desenvolver uma doutrina, mas instruir sobre a verdade

necessária, a fim de que se cumprisse o propósito que a ocasião exigia.

A *teologia histórica* [é o ramo da teologia que estuda os mecanismos sócio-históricos e culturais que originaram as ideias, sistemas e afirmações teológicas e] lida com as perspectivas teológicas transmitidas pelos cristãos ao longo dos séculos. Essa abordagem considera o ensino e como este evoluiu ao longo do tempo. Estudar a forma como as Escrituras foram interpretadas ajuda aquele que busca pela verdade a esclarecer suas próprias ideias acerca de muitas doutrinas importantes.

A *teologia sistemática* [é o ramo da teologia que reúne as informações a partir da pesquisa teológica, organizando-as em áreas afins, para explicar as aparentes contradições e, com isso, fornecer um grande sistema explicativo;] é a apresentação organizada de várias doutrinas e a total consideração das teologias bíblica e histórica. As doutrinas são desenvolvidas e articuladas como uma parte ou um subconjunto da estrutura total da teologia sistemática. Isso não significa que a tradição tenha o mesmo peso que a Bíblia no desenvolvimento da doutrina. Em vez disso, ela humildemente respeita o fato de outros pensadores, ao longo do tempo, lutarem com as mesmas verdades bíblicas, auxiliados pela iluminação do mesmo Espírito Santo. As conclusões e os pensamentos do povo de Deus ao longo dos séculos podem contribuir para o presente entendimento das Escrituras. [A teologia sistemática engloba a teologia doutrinal, a dogmática, a filosófica e a apologética.]

A *teologia prática* enfatiza a ligação entre a teologia e as necessidades da vida. Ela mostra a relação entre a doutrina bíblica e a aplicação prática delas, dando atenção à forma como a teologia se relaciona com as questões concernentes à ética e à sociedade, à interação das pessoas e à missão da Igreja.

## CLASSIFICAÇÃO DAS DISCIPLINAS TEOLÓGICAS NAS ESCRITURAS

Classificação	Área(s) de Estudo
<b>Bibliologia</b>	O estudo da Bíblia, no que diz respeito à natureza da revelação, inspiração, inerrância e iluminação.
<b>Teologia própria</b>	O estudo da doutrina de Deus, baseado na revelação dele de si mesmo ao homem.
<b>Cristologia</b>	O estudo da doutrina de Jesus Cristo.
<b>Pneumatologia</b>	O estudo da doutrina do Espírito Santo.
<b>Angeologia</b>	O estudo da doutrina dos anjos.
<b>Antropologia</b>	O estudo da doutrina do homem ou da humanidade.
<b>Hamartiologia</b>	O estudo da doutrina do pecado.
<b>Soteriologia</b>	O estudo da doutrina da salvação.
<b>Eclesiologia</b>	O estudo da doutrina da Igreja.
<b>Escatologia</b>	O estudo da doutrina dos últimos eventos que precederão a volta de Jesus.

<b>Livros-chave</b>	<b>Passagens do AT</b>	<b>Passagens do NT</b>
Deuteronômio, Salmos, Mateus, 1 e 2 Timóteo, 2 Pedro	Dt 6.4-9; 1 Rs 16.1; Sl 19; 111.7,8; 119; Is 40.8; Jr 1.9; 13.1	Mt 5.18; Lc 11.51; Jo 10.34-36; 1 Tm 5.18 (comp. Dt 25.4 e Lc 10.7); 2 Tm 3.15,16; 2 Pe 1.4,20; 3.15,16
Gênesis, Jó, Isaías, João e Romanos	Gn 1.1; Êx 3.14; Dt 6.4; 1 Rs 8.27; Jó 42.1-6; Sl 139.7-12; Is 57.15; 65.1; 66.1; Jr 32.17,27	Jo 4.24; 5.26; 17.3; Rm 1; 9.18; 11.22,33-36; 1 Co 1.20; 1 Tm 1.17; Tg 1.17
Isaías, Miquéias, João, Filipenses, Colossenses, Hebreus	Gn 3.15; Sl 2.7; Is 7.14; 9.6; 53; 61.1,2; Mq 5.2; Zc 9.9	Jo 1.1-18; 14.7-11; Fp 2.6-8; Cl 1.15-19; 2.9; Hb 1.1-8; 2.18; Ap 1.13-18
Gênesis, João, Atos, Romanos e 1 Coríntios	Gn 1.2; 6.3; Jz 14.19; 1 Sm 16.13; Sl 139.7; Is 40.13,14; Ez 2.2; Mq 3.8; Zc 12.10	Lc 1.35; Jo 14—16; At 2.1-4; 13.2,4; Rm 8; 1 Co 6.19; 12—14; 2 Co 13.14; Gl 5.22,23; Ef 1.13; 4.30; 5.18
Gênesis, Jó, Daniel, Zacarias, Mateus, Atos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Hebreus e Apocalipse	Gn 16; 18; 19; 24.7,40; Jó 1.6; 38.7; Sl 103.20; 148.2,5; Is 6.1-3; Dn 9.20-27; Zc 1.9,13,14; 3.1,2; 4.1	Mt 13.41,49; 28.2-5; At 1.10; 5.19; 12.7; 1 Co 13.1; 2 Co 11.14; Hb 1.6,7; 2.2,5; Ap 1.1; 5.2; 7.2; 8.5; 22.16
Gênesis, Salmos, 2 Coríntios	Gn 1.27; 2.20-23; 3.19; 9.6; Sl 8.4,5; 139.14; Is 43.7; Ec 7.29	2 Co 4.16; 5.1,6-8; Ef 5.29; Hb 9.27
Gênesis, Jó, Salmos e Romanos	Gn 2.17; 3.14-24; Jó 14.4; 15.14; Sl 51.4,5; Is 53.6; Hc 1.13	Rm 1.21,28; 3.23; 6.20; 7.20; 2 Co 4.4; Ef 4.18; Tt 1.15; Ap 20.11-15
Gênesis, Salmos, Isaías, João, Romanos, Hebreus	Gn 3.15; 22.12-14; Êx 12.1-13; Lv 1.1-9; Sl 51; Is 53.3-12	Jo 1.29; 3.3-8; Rm 5.12-21; 8.1-4; Ef 2.5,8; Tt 2.11; Hb 1.3; 2.10-18; 5.9; 9.28; Ap 1.5,6; 5.9,10; 12.11
Atos, 1 Coríntios, Efésios	Não revelada como tal no Antigo Testamento (Ef 3.4-6)	Mt 16.18; 18.15-20; Rm 16.5; 1 Co 16.19; Ef 1.22,23; 5.23-32; Fp 2; Cl 4.15; 1 Tm 3; Tt 1.5-9
Gênesis, os profetas maiores e os menores, Mateus, 1 e 2 Tessalonicenses, 2 Pedro e Apocalipse	Gn 12.2; 13.14,15; 15.7; 2 Sm 7.12-16; Ez 20.34-38; Dn 12.13	Mt 24.4-51; 1 Ts 4.13-18; 5.1-3; 2 Ts 2.1-12; 1 Pe 4.7; 2 Pe 3.3-13; Jd 1.6,7; Ap 1.7,8; 4.1-11; 20.4-15; 21.1-8

## **O desenvolvimento da doutrina na Bíblia**

Para compreender o desenvolvimento das doutrinas, é necessário entender dois conceitos: a revelação progressiva de Deus na Bíblia e como a Igreja desenvolveu sua teologia.

*Revelação progressiva* significa que Deus trabalhou durante todo tempo, por intermédio de diferentes pessoas e usando diversos meios, a fim de revelar a Si próprio e Sua verdade na Bíblia. Uma indicação bastante clara disso nas Escrituras está explicitada em Hebreus 1.1-3 e em Pedro 1.10-11. Por causa disso, sempre consideramos as últimas partes das Escrituras como tendo um maior peso em relação à doutrina bíblica, pois elas fornecem uma completa explicação de muitos ensinamentos e princípios. Entretanto, os escritores dos últimos livros que compõem a Bíblia, pressupondo que seus leitores possuísem um conhecimento bem desenvolvido, algumas vezes não expressaram claramente sua interpretação presumida. Nesses casos, as partes anteriores das Escrituras podem dar-nos o completo entendimento de certos aspectos da doutrina.

O *desenvolvimento teológico* da Igreja é necessário por causa da natureza ocasional e não sistemática dos escritos do Novo Testamento. As Escrituras contêm verdades e princípios suficientes para a instituição de uma doutrina bíblica clara e coerente, mas raramente apresentam essas verdades de forma prática e metódica. Por esta razão, especialmente os cristãos da Igreja primitiva contribuíram de forma adequada e necessária para a interpretação e organização das verdades da Bíblia, com suas definições históricas

e intelectuais, levando em conta o contexto em que foram expressas e desenvolvidas.

## **A importância prática da doutrina**

Com a doutrina bíblica, Deus não tem a intenção de poupar o trabalho de nosso intelecto, e sim prover o primeiro degrau de acesso à verdade cujo intuito é impactar e mudar o pensamento, os hábitos e o comportamento de seus destinatários. Há vários textos nas Escrituras que comprovam esse intuito (Rm 12.1; 2 Pe 3.11).

O objetivo tencionado com a Bíblia é o de que o entendimento da verdade motive a aplicação desta. Aprender sempre, mas não chegar ao conhecimento da verdade (2 Tm 3.7) é uma espécie de “curto-circuito” que pode acontecer na mente do cristão, não o levando a um emprego prático da doutrina bíblica.

O escritor de Hebreus (5.11-14) afirmou que a maturidade cristã se dá por meio da prática da verdade bíblica, não apenas pela retenção da informação. E Tiago enfatizou que nós devemos ser *praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes* (Tg 1.22). Entretanto, é um erro inverter a ordem, tentando primeiro fazer a aplicação da verdade e, a partir daí, construir uma doutrina. Sendo assim, o simples emprego da abnegação por parte de um indivíduo não deve, por si só, levar outro a empregar este estilo de vida para si. Paulo, em Romanos 14, ilustra com clareza que a fé e a caridade devem constituir a base dessa convicção no coração dos cristãos. As práticas sem a verdade como fundamento tornam-se um sistema religioso desprovido de poder.



---

# A TRINDADE NA BÍBLIA

---

## O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA DOCTRINA DA TRINDADE

---

**O** termo *trindade* não é encontrado na Bíblia, mas é usado para aludir a um conceito teológico que expressa um claro ensinamento nas Sagradas Escrituras, especialmente no Novo Testamento. O primeiro teólogo da Igreja a usar esse termo foi Teófilo, que se referiu a Deus como *trias*. O grande pai da Igreja latina, Tertuliano, foi o primeiro a desenvolver o conceito de *trínitas*, um único Deus manifesto em três pessoas. Ainda que os pais da Igreja, nos séculos 2 e 3, tenham falado de três pessoas divinas, reconhecendo, entretanto, que há apenas um Deus, foram os Concílios de Nicéia (325 d.C.) e de Constantinopla (381 d.C.) que introduziram o conceito à doutrina bíblica.

---

### A Bíblia ensina expressamente que há apenas um Deus

---

#### *O ensinamento no Antigo Testamento*

A crença em um só Deus no mundo antigo foi singular para Israel. A fé dos israelitas é sintetizada no famoso *Shemá: Ouça, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus é o único Senhor* (Dt 6.4). Por várias vezes, o ensinamento da Lei e os pronunciamentos dos profetas de Deus confirmam esta verdade absoluta.

#### *O ensinamento no Novo Testamento*

A Igreja continuou propagando os ensinamentos do Antigo Testamento, à luz do ensino de Jesus Cristo, de que só há um Deus (1 Cr 8.6; Ef 4.6; 1 Tm 2.5). Esse ensinamento contrastava com o politeísmo que permeava o mundo greco-romano, com sua multidão de deuses, incluindo a adoração ao imperador como uma divindade, durante a segunda metade do século primeiro. À medida que os apóstolos e, um pouco depois, a Igreja começaram a articular o monoteísmo, em oposição ao politeísmo das religiões pagãs, foi necessário explicar como a fé em um só Deus era coerente com a ideia de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram manifestações do mesmo Deus em três pessoas distintas.

---

### As Escrituras ensinam que as três pessoas são um só Deus

---

#### *Uma rápida análise de indicativos da Trindade no Antigo Testamento*

- O uso da palavra *ELOHIM* com verbos no singular

Um termo muito comum para aludir Deus no hebraico é *Elohim*. Este substantivo está no plural. Mas, em muitos textos da Bíblia, encontramos

outros termos no singular para designar Deus, como, por exemplo, *El* ou *Eloah*. Apesar do uso do vocábulo *Elohim*, no plural, a verdadeira fé judaica era substancialmente monoteísta. Assim, quando se fazia referência ao Deus de Israel como *Elohim*, usava-se verbos no singular, indicando que o Deus de Israel é um Ser supremo e único. A forma plural traz à tona a pluralidade da expressão Deus, como foi mais tarde revelado no Novo Testamento. Contudo, como é comum na língua hebraica, o termo *Elohim* pode estar simplesmente no plural majestático [uma espécie de superlativo, que indica a grandeza e o poder de Deus como o Ser todo-poderoso, onisciente, onipresente e eterno].

- *O uso de verbos e de pronomes pessoais no plural*

Em três ocasiões o Antigo Testamento utiliza pronomes pessoais e verbos no plural em relação

a Deus. A primeira ocorrência se dá em Gênesis, na criação do primeiro ser humano: *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança* (Gn 1.26). A segunda, quando Deus decidiu confundir as línguas faladas pelos seres humanos, no episódio da torre de Babel: *Desçamos e confundamos ali sua linguagem* (Gn 11.7). A última referência é no chamado de Isaías para a missão de profeta: *Quem há de ir por nós?* (Is 6.8).

- *O Anjo do Senhor*

Muitas vezes, no Antigo Testamento, há referências ao *Anjo do Senhor* (de *Yahweh*). É bastante evidente, pelo contexto, que tais citações não aludem simplesmente a um anjo comum, mas sim a um representante do próprio Deus. Em algumas situações, o *Anjo do Senhor* é identificado como o próprio Senhor (Gn 16.7-13; 18.1-22); em outras, é diferenciado dele

## ENSINAMENTOS BÍBLICOS SOBRE A TRINDADE

Ensino	Antigo Testamento
<b>A Bíblia ensina que há apenas um Deus.</b>	O credo de Israel, o <i>Shemá</i> , enfatiza a singularidade do único Deus: <i>Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor</i> (Dt 6.4). (Ver também Êx 20.2,3; 3.13-15).
<b>A Bíblia fala de Deus manifesto em três pessoas distintas.</b>	Deus, o Pai, aparece diferenciado do Filho no Salmo 2.7 (ver Sl 68.18; Is 9.6; 61.1-3; Hb 1.1-13). O Espírito Santo também é mostrado como distinto do Pai e do Filho. <i>Deus é identificado como o Pai, em Isaías 63.16; Cristo como o Filho de Deus, em Isaías 9.6; e o Espírito Santo como o Espírito de Deus, em Gênesis 1.1,2.</i> (Ver também Êx 31.3; Jz 15.14; Is 11.2.)
<b>A Bíblia ensina que o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm os mesmos atributos de Deus.</b>	O Pai possui os atributos divinos da eternidade, onipotência, onisciência, onipresença (Sl 90.2; Jr 17.10; 23.24). O Filho tem atributos da divindade, como a eternidade, o poder, a justiça, a sabedoria, o domínio sobre todas as nações (Is 9.6,7; Dn 7.13,14). O Espírito Santo possui os mesmos atributos divinos — onipresença, onipotência e onisciência (Gn 1.2; Sl 139.7; Ne 9.20).
<b>A Bíblia ensina que as três pessoas divinas executam a obra de Deus.</b>	O Pai é apresentado no Antigo Testamento como o Criador (Sl 102.25). Em Gênesis 2.7, é usado o termo <i>Elohim</i> , no plural, para identificar Deus como o Ser supremo e a Sua multiforme graça. Jesus é o <i>Logos</i> , a Sabedoria de Deus pela qual Ele fez o mundo, assim, o Filho é apresentado no Antigo Testamento como o Criador também. O Espírito de Deus é a força criadora que se movia sobre as águas em Gênesis 1.2 (compare com Jó 26.13).

(Gn 19.1-28, especialmente no versículo 24; Zc 1.12,13; Ml 3.1). Essas aparições muito provavelmente são do Cristo pré-encarnado, que é a maior revelação do Pai ao homem (Jo 1.18; Hb 1.1-3). Depois da encarnação do Verbo, as aparições do Anjo do Senhor cessaram, pois Deus se revelou de forma mais plena ao ser humano por intermédio de Jesus Cristo (compare Êx 14.19 com Êx 23.20; 1 Cr 10.4).

### *O explícito ensinamento do Novo Testamento*

- *O ensinamento de Jesus Cristo acerca de Seu relacionamento com o Pai e o Espírito Santo*

Jesus é o Filho de Deus. Ele designou a Si próprio como tal e dirigiu-se a Deus como Pai, indicando assim a profunda e única comunhão entre eles. Jesus também afirmou que Seu relacionamento com Deus é uma parceria desde a eterni-

dade. Jesus fez declarações e realizou milagres que permitiram às pessoas identificarem a semelhança dele com o Pai [em caráter e poder]. A acusação de blasfêmia, feita pelos membros do Sinédrio, foi devido ao fato de Jesus admitir ser o *Filho de Deus* (Lc 22.70). Esses textos bíblicos identificam a pessoa de Cristo como um Ser pré-existente, como Deus; ainda que diferenciado do Pai.

Como Jesus, o Espírito Santo também é uma Pessoa divina. Antes de Cristo deixar a terra para voltar ao céu, para estar com o Pai, Ele prometeu enviar um Consolador similar a Ele próprio, contudo distinto de Sua pessoa. O Filho e o Pai passaram a habitar no coração daqueles que demonstraram fé por meio do Espírito Santo. Jesus, em Sua oração sacerdotal, em João 17, declarou que Deus habitaria no coração dos crentes em Cristo. Ele disse: *Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade* (Jo 17.23).

## **Novo Testamento**

Os apóstolos do Senhor acreditavam em um só Deus (1 Co 8.4-6; 1 Tm 1.17; 2.5,6; Tg 2.19).

O Novo Testamento estabelece, em termos claros, que o *Pai do Senhor Jesus Cristo* é Deus (Jo 1.18; 1 Co 8.6; Fp 2.11; 1 Pe 1.2).

Ninguém contesta esta verdade. Os autores do Novo Testamento, em diversos textos sagrados, identificam Jesus Cristo como Deus, mesmo o Filho sendo distinto do Pai (Jo 1.1,18; 8.58; Rm 9.5; Tt 2.13; 2 Pe 1.1).

O Espírito Santo é identificado com Deus por Pedro (At 5.3,4), mesmo que, no batismo de Jesus e nas bênçãos apostólicas, Ele seja aludido como distinto do Pai e do Filho.

O Pai é divino (Jo 7.28; Rm 2.4; 1 Pe 1.5; Ap 15.4).

O Filho tem a natureza divina (Mt 18.20; Jo 1.2; 2 Co 12.9; Ap 3.7).

O Espírito de Deus é divino (At 1.8; Rm 15.19; 1 Co 2.11; 1 Jo 5.6)

Ao passo que o Pai e o Espírito do Senhor são mais claramente identificados no Antigo Testamento, Jesus é identificado como o Verbo eterno e o Filho Deus no Novo Testamento (Jo 1.1-3; Cl 1.16).

- *O ensinamento dos apóstolos sobre a Trindade*

Deus é chamado de *Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*, bem como de *nosso Pai* (Rm 15.6; 2 Co 11.31; Ef 1.2,3; 3.14; Cl 1.3; Fp 1.2; 1 Pe 1.3; 2 Jo 1.3). Especificamente, o apóstolo João se refere a Jesus

como *Deus* (Jo 1.1,18; 8.58). Em vários trechos, Paulo identifica Jesus com Deus (Rm 9.5; Fl 2.6; Tt 2.13), e o mesmo fez Pedro (2 Pe 1.1), que se refere ao Espírito Santo como Deus (At 5.3,4). O Espírito sempre é citado junto ao Pai e ao Filho (Mt 28.19; 2 Cr 13.14).

---

# A DOCTRINA DA SALVAÇÃO

---

## O SIGNIFICADO DA SALVAÇÃO NA BÍBLIA

---

**N**o Antigo Testamento, o termo *salvação*, frequentemente, diz respeito à libertação da escravidão e à preservação da vida. O principal verbo hebraico traduzido como *salvar* é *yasha*, que tem o sentido de *ajudar, libertar, livrar* e *salvar*, e é utilizado cerca de 205 vezes na Bíblia. Esse verbo ocorre em contextos de livramento de grandes perigos, com risco de morte (Êx 2.17), sendo usado para indicar tanto o afastamento da ameaça de derrota (Js 10.6) como a libertação do jugo opressor (Jz 12.2).

Segundo a Lei mosaica, aquele que ouve o choro de alguém que precisa ser salvo dos maus tratos tem a obrigação de fazer algo para *livrá-lo* (Dt 22.27; 28.29; 2 Sm 14.4). O verbo *yasha* aparece em muitas súplicas em situações de guerra e questões judiciais (Sl 3.7; 20.9; 72.4; 86.2), com a ideia de *preservação* de uma ameaça iminente, ainda que o sofrimento seja merecido (Gn 49.18; 1 Sm 14.45; Is 12.3).

O conceito de *salvação* no Novo Testamento inclui a maioria dos elementos e aspectos aludidos no Antigo Testamento, acrescentando-lhe dimensões espirituais. O termo grego *soteria* compreende tanto a salvação nacional como a pessoal. A nacional

pode ser vislumbrada em Lucas 1.69. A salvação pessoal pode ser vista em Atos 27.34, no episódio do naufrágio de Paulo; em Filipenses 1.19, no livramento de Paulo da prisão. A libertação espiritual é especialmente aludida em Atos 4.12 e em Romanos 10.10. Ela se dá por meio do arrependimento e da fé em Jesus Cristo.

No Novo Testamento, o termo *soteria* e o verbo *sozo* dizem respeito ao poder de Deus de libertar da escravidão do pecado (Fl 2.12). São encontrados nos episódios que falam da futura libertação dos que creem e esperam a volta de Cristo (Rm 13.11; 1 Ts 5.8,9) e da libertação da nação de Israel no segundo advento de Cristo (Lc 1.71; 2 Ts 2.10; Ap 12.10).

---

### Jesus, o Salvador

---

Com as boas-novas do nascimento do Salvador Jesus, dadas pelo anjo Gabriel a Maria, veio a seguinte revelação: *E dará à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados* (Mt 1.21).

O fato de Cristo ter a importante missão de salvar é muito nítido em sua declaração em Marcos 10.45 — *o próprio Filho do Homem não veio para*

ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos —, e em João 12.27— agora, a minha alma está perturbada; e que direi eu? 'Pai, salva-me desta hora; mas para isso vim a esta hora.

Posteriormente, a missão de Jesus como o Salvador do mundo é demonstrada em Sua boa vontade em ir para a cruz, quando poderia ter invocado os poderes celestiais para virem resgatá-lo (Mt 26.53,54). Entretanto, em vez disso, Jesus, de forma voluntária, deu a Sua vida, como está registrado nos quatro Evangelhos. Ironicamente, os líderes religiosos judeus que estavam perto do local da crucificação disseram algo verdadeiro: *Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo* (Mc 15.31). [Contudo, Ele não precisava de salvação. Ele é a salvação.]

### Terminologia referente à salvação espiritual

*Eleição* é o aspecto da salvação que diz respeito à soberania de Deus e ao Seu propósito eterno. Por meio da eleição, Ele escolhe a quem se revelará. Por Sua presciência, Ele sabe quem crerá e será salvo (Mt 22.14; At 13.48; Ef 1.4; 2 Ts 2.13). Entretanto, ninguém é isentado de crer no plano de salvação e de aceitá-lo, obedecendo ao Senhor,

por causa da eleição. Deus *quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade* (1 Tm 2.4). Em Atos 2.21, é dito que *todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*. Quem não aceitar a livre oferta de salvação de Deus não poderá culpar a ninguém, senão a si mesmo, pela perdição e morte eterna.

*Predestinação* na Bíblia não é sinônimo de *eleição* [nem de um destino pré-determinado por Deus, sem a escolha do homem]. Tem uma relação específica com a intenção de Deus em conformar os eleitos, os santos, à imagem de Cristo (Rm 8.29,30).

*Chamado* é usado bíblicamente em dois sentidos. O primeiro alude ao chamado geral do evangelho, que é endereçado a todos os homens (Mt 22.14; Jo 3.16-18; 16.7-11). [Todos foram chamados a crer e a ser salvos.] O segundo significado de *chamado* é a aplicação prática do evangelho à vida daqueles que Deus escolheu, o que resulta em regeneração [e consequentemente em um novo sentido para a vida e uma nova missão] (Jo 6.44; Rm 8.28,30; 1 Cr 1.23,24).

A *lei* é o meio pelo qual Deus revelou Sua vontade ao povo da aliança no Antigo Testamento, visto que Ele estabeleceu Sua aliança pela graça. O Novo Testamento demonstra que o pa-

## A SALVAÇÃO NA BÍBLIA

Categoria	Espécie / Tipo	Quando	De quê
<b>Física</b>	De doenças	Presente	Da doença, que é resultado do pecado
	Da morte	Passado	Davi, da morte física
	Do perigo	Presente	Do ataque dos inimigos do povo de Deus
	Da ira de Deus	Futuro	Do juízo divino que será executado após a segunda vinda de Cristo para buscar a Igreja
<b>Espiritual</b>	Do pecado	Passado	Da penalidade [a morte espiritual]
		Presente	Do poder do pecado
		Futuro	Da imperfeição
	Das falsas doutrinas	Últimos tempos	Da apostasia da fé

pel da lei não é justificar, mas mostrar-nos o que é o pecado (Gl 2.16). *A lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados* (Gl 3.24).

A *regeneração* diz respeito à mudança espiritual pela qual uma pessoa gerada pelo Espírito Santo passa para ter uma nova vida. Esta transformação acaba com a morte espiritual e traz vida espiritual. É uma modificação radical na essência de um indivíduo, que faz com que este tenha comunhão com Deus. O Novo Testamento explicitamente apresenta a doutrina da regeneração (2 Cr 5.17; Ef 2.1; 1 Jo 4.7), ao passo que o Antigo Testamento apenas a deixa implícita. Moisés revelou aos israelitas que o Senhor *circuncidaria o coração* deles e dos seus descendentes para o temerem (Dt 30.6). Isaías falou de *vivificação do espírito dos abatidos e do coração dos contritos* (Is 57.15) [e Jeremias de *outro concerto*, por meio do qual Deus *escreveria* Sua lei no coração do homem (Jr 31.33,34)] — algo que se assemelha ao novo nascimento no Novo Testamento.

A *justificação* aparece pela primeira vez na Bíblia num episódio com Abraão, quando ele acreditou nas promessas que Deus lhe fez e sua fé foi-lhe imputada como justiça (Gn 15.6;

Rm 3.23—4.12; Gl 3.6). Se apenas o cumprimento pessoal da Lei fosse necessário para a justificação do ser humano perante Deus, ninguém seria salvo. No entanto, aqueles que creem no Senhor são justificados pela fé em Cristo, que foi o sacrifício perfeito oferecido a Deus pelo perdão dos pecados e resgate da humanidade. Esse sacrifício trouxe justificação e satisfaz as justas exigências de Deus. Assim, para aquele que confia em Cristo, a fé lhe é imputada como justiça.

*Santificação* é o trabalho de Deus no sentido de gerar no cristão uma nova vida e de conduzi-lo à perfeição perante Ele. Ser santificado é ser afastado de uma vida de pecado e ser separado para um propósito santo. Embora os cristãos sejam santificados completamente em Cristo, eles posicionalmente são santos, enquanto experimentalmente são santificados progressivamente.

*Glorificação* é a conclusão da obra de Deus naquele que creu em Jesus. Pela justificação, Deus declara justo aquele que creu em Seu Filho. Pela santificação, Deus age no cristão para conformá-lo à imagem de Cristo. Pela glorificação, Deus torna o crente perfeito e sem pecados, para uma nova vida no céu (Rm 8.30).

Como	Passagens bíblicas
Pela oração de fé feita pelos líderes da Igreja	Tg 5.14,15
Pela orientação na verdade	Sl 56.13
Pela libertação dos inimigos que Deus concede ao Seu povo	Js 10.6-8; Os 13.10
Pelo arrebatamento da Igreja	1 Ts 1.10
Pela justificação em Cristo	Rm 3. 21—4.12; Gl 3.11-14
Pela santificação	Rm 6. 22; 1 Ts 2.13; 2 Tm 2.21
Pela glorificação	Rm 8.17,18,30; 1 Ts 4.13-18
Dando atenção especial à sã doutrina	1 Tm 4.13-16

---

# COMO CHEGAMOS A BÍBLIA DE HOJE?

---

---

## De que forma a Palavra de Deus foi organizada?

---

### *Antigo Testamento*

Os livros do Antigo Testamento surgiram a partir da Lei revelada por Deus a Moisés e ensinada pelos profetas aos israelitas.

Os autores das Escrituras hebraicas não são apresentados exatamente da mesma maneira que os da nossa Bíblia. Os cinco primeiros livros bíblicos (a *Torá* ou *Pentateuco*) foram escritos quase que inteiramente por Moisés. O restante do Antigo Testamento hebraico é composto pelos Profetas e Escritos; ao passo que, em nossa Bíblia, há as seguintes categorias: os livros históricos, os poéticos e os proféticos. Entre esses livros, estão os escritos de autores como Samuel, Davi [Salmos], Josué, Salomão [Provérbios, Cantares e Eclesiastes], profetas como Isaías, Jeremias, Ezequiel, e um grande número de profetas menos conhecidos, que escreveram livros menores, chamados de Profetas Menores. Cada um desses autores apresenta sua mensagem como a Palavra de Deus revelada por intermédio deles.

### *Novo Testamento*

O Novo Testamento [que não faz parte das Escrituras hebraicas] foi escrito pelos apóstolos de Jesus Cristo e por Seus discípulos, membros da comunidade cristã [do primeiro século]. É composto pelos Evangelhos e pelas cartas que foram redigidas a pessoas em particular, igrejas e grupos de cristãos, a fim de confirmar a verdade das boas-novas, engendrar a crença em Cristo, resolver problemas em igrejas locais, arguir sobre erros doutrinários e corrigi-los. O Apocalipse também faz parte do cânon do Novo Testamento. Nesse livro, são apresentados os planos de Deus para o fim da era presente.

---

## Como as Escrituras atravessaram os tempos?

---

### *Antigo Testamento*

O Antigo Testamento foi escrito aproximadamente entre 1440 a.C. e 400 a.C. A *lei mosaica* [a *Torá*] foi preservada na comunidade hebraica pelos sacerdotes levíticos. Os livros posteriores continuaram a ser confiados a



esses líderes religiosos até a destruição do primeiro templo. [Após o exílio babilônico], a lei foi reapresentada à comunidade judaica por Esdras e ensinada nas sinagogas. Escribas treinados copiavam os textos bíblicos a mão, até o momento em que a prensa surgiu e começou a ser utilizada. As cópias das Escrituras feitas pelos massoretas [antigos escribas judeus] do século 9 d.C. são muito semelhantes aos *Manuscritos do mar Morto*, de mil anos antes [recentemente descobertos em cavernas de Qunran, nas proximidades do mar Morto].

### *Novo Testamento*

Os livros do Novo Testamento foram copiados por pessoas das comunidades cristãs locais e transmitidos de uma para outra ao longo dos anos, antes que a coleção inteira estivesse pronta. Visto que as primeiras cartas foram redigidas em papiro, elas desgastavam-se rápido e exigiam que fossem copiadas regularmente. No início do século 4 d.C., cinquenta reproduções das Escrituras gregas do Antigo e do Novo Testamento foram feitas a mando de Constantino, o primeiro imperador cristão. É provável que o *Codex Vaticanus* e o *Codex Sinaiticus*, os dois dos maiores manuscritos antigos preservados, tenham sido produzidos por ordem dele.

### **O que é o cânon das Escrituras?**

A palavra *cânon* é um termo usado para identificar os escritos dos profetas, dos apóstolos e dos outros escritores sagrados que são reconhecidos como inspirados por Deus e têm autoridade em relação à doutrina bíblica e à vida prática. Um livro não é inspirado porque é declarado canônico, mas justamente o contrário: é canônico porque é considerado inspirado. Por isso, a Igreja apenas reconheceu a canonicidade do Antigo e do Novo Testamento. Ela não determinou ou fez com que se tornassem canônicos. [A validação da Palavra foi feita por Deus.]

### **Como o cânon foi decidido?**

#### *Antigo Testamento*

Os livros aceitos pela comunidade judaica foram compilados durante um período de aproximadamente mil anos. A primeira questão concernente à aceitação de um escrito era se o livro foi redigido por um profeta de Deus. Geralmente, a composição possuía afirmações tais como *assim diz o Senhor* ou *a palavra do Senhor veio a mim*. Em seguida, sinais miraculosos e a precisão no cumprimento daquilo que estava revelado no livro serviram como a confirmação da mensagem profética. Em terceiro, o livro tinha de ter um conteúdo consistente com a revelação de Deus encontrada nos ensinamentos de outros livros canônicos, especialmente aqueles que Deus transmitiu por meio de Moisés [o Pentateuco].

#### *Novo Testamento*

A primeira pergunta para a Igreja responder sobre a inclusão de um livro no cânon aceito pelos cristãos era se o escrito foi redigido pelos apóstolos do Senhor ou por pessoas que estavam sob a orientação direta de um apóstolo, tal como Lucas. Em segundo lugar, o escrito tinha de possuir o poder do Senhor e ter influência efetiva na mudança de vidas. Em terceiro lugar, o escrito deveria ser amplamente aceito pelo povo de Deus. Este último teste remete aos primeiros que receberam o escrito e à transmissão na Igreja.

A determinação do cânon do Novo Testamento ocorreu ao longo de um período de muitos anos, chegando à sua forma final com o Concílio de Cartago, em 397 d.C.

### **Os manuscritos da Bíblia**

#### *Antigo Testamento*

Há dezenas de milhares de fragmentos das Escrituras hebraicas; grande parte data do século 3 a.C. até o século 14 d.C.

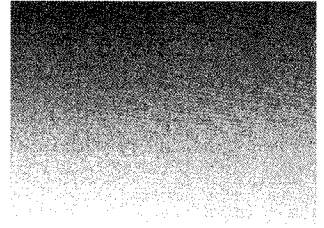
A maior comprovação do Antigo Testamento hebraico foi feita por meio dos *Manuscritos do mar Morto*, cópias exatas em pergaminhos de diversos livros do Antigo Testamento que foram escritos entre o século 3 a. C e o primeiro século d.C.

### *Novo Testamento*

As evidências manuscritas do Novo Testamento são abundantes. Há mais de cinco mil cópias

existentes. Muitas destas com todos os livros do Novo Testamento e com a maior parte deles intacto. Também há várias traduções antigas do Novo Testamento em línguas como o siríaco, o copta e o latim. Essas traduções foram conservadas em um grande número de manuscritos. Nenhuma outra obra produzida na antiguidade sequer se aproxima do Novo Testamento em questões de autenticidade.

# **Antigo Testamento**



O livro de

---

# Gênesis

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**A** afirmativa *no princípio Deus criou os céus e a terra* já foi alvo de muitos debates. Entretanto, sem nenhuma apologia, é assim que Gênesis começa. Um famoso credo histórico também se inicia dessa forma: “Creio em Deus-Pai, Criador do céu e da terra”. Essas palavras são apenas o começo do livro de Gênesis, o prólogo do prólogo. Este livro dos inícios nos fornece mais do que um relato sobre a criação. Nele, também é descrita a origem do pecado, com a queda da humanidade, e o plano de salvação de Deus para todas as pessoas. Gênesis contém relatos sobre a origem de muitas coisas (a criação, o pecado, o julgamento, as línguas, o casamento, a família, as descendências). No capítulo 12, por exemplo, é narrada a origem de Israel, a partir do chamado soberano de Deus para Abrão e Sarai,

um casal de idade avançada, que vivia no Oriente Médio [em Ur dos caldeus].

O livro de Gênesis está dividido em duas partes. A primeira (Gn 1—11) funciona como uma seção introdutória à segunda (Gn 12—50), na qual são apresentados os principais acontecimentos do livro: a obra soberana de Deus na família de Abraão, com o intuito de cumprir um propósito maior a todas as nações. O prólogo (Gn 1—11) contém as chaves que abrem a compreensão deste livro, assim como de toda a Bíblia.

Quatro conceitos importantes apresentados em Gênesis 1—11 são cruciais para o entendimento dos textos bíblicos. O primeiro é que o Deus que entrou na vida de Abrão e Sarai é o único e verdadeiro Deus: *Yahweh*, o Criador e o Salvador do

mundo. O segundo conceito é que todas as pessoas se rebelaram contra Deus, seu benevolente Criador, e contra a boa vontade dele para com elas. A humanidade herdou a condição de *pecadora* por causa da rebeldia de Adão e Eva, no jardim do Éden. O terceiro conceito é que Deus julga e julgará as ações de todas as pessoas. Ao enviar o Dilúvio, o Senhor deixou claro para Noé e para o mundo que a maldade humana é totalmente inaceitável. O Criador não pode deixar que o mal reine livre sobre a Sua obra. Por fim, o quarto conceito é que o pecado continua como uma praga em toda a humanidade, mesmo após o Dilúvio. Apesar da grande enchente, um juízo divino, não ter acabado totalmente com o pecado, Deus, na segunda parte de Gênesis (cap. 12—50), revela que tem um plano para salvar a humanidade.

Os primeiros capítulos de Gênesis nos dão a base para entender a história de Abrão e Sarai (Gn 12—50). O mundo antigo dos patriarcas era habitado por uma grande diversidade de povos, cada um com a sua língua, os seus costumes e valores, as suas crenças. Cada um deles venerava seus próprios deuses.

A história principal de Gênesis — o plano de Deus para abençoar todas as nações/famílias por meio dos descendentes de Abraão — começa no capítulo 12, com o chamado de Deus a Abrão e Sarai (Abraão e Sara) para eles se tornarem os pais de um novo povo, uma nova nação, que se tornaria a ferramenta de Deus para abençoar todas as pessoas. Apesar da idade avançada de Abrão e Sarai e dos precários meios para viajar, Deus escolheu esse casal para começar Seu plano de redenção da humanidade. A descrição em Gênesis das experiências de Abrão e Sarai revela a *irrupção* (uma invasão impetuosa) das bênçãos de Deus na vida deles.

O pilar central das bênçãos de Deus na vida de Abraão era a Sua aliança com ele — a *aliança abraâmica* (Gn 12.1-3; 15.1-21). Deus, o maravilhoso Criador de todo o universo, escolheu por vontade própria fazer promessas perpétuas a Abraão e seus descendentes. As promessas da *aliança abraâmica* são a origem e a base de todas

as promessas e alianças subsequentes na Bíblia. Logo, Gênesis não é meramente o relato sobre o começo de tudo; é também o alicerce para o resto da narrativa bíblica.

O livro de Gênesis provavelmente foi compilado e escrito por Moisés no deserto do Sinai. Evidências bíblicas e não-bíblicas apontam para este fato, como o texto em Atos 15.1, que diz: *Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos*. Ora, a razão para a circuncisão só é mencionada em Gênesis 17. Desta forma, podemos concluir que Moisés pode ser o escritor de Gênesis. Além disso, de forma unânime, tanto a cultura judaica como a cristã concordam com a tradição bíblica de que Moisés foi o responsável por compilar e escrever o Pentateuco (nome dado ao conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia) no deserto do Sinai. Assim, estima-se que Moisés tenha escrito Gênesis por volta do século 14 a.C.

A partir do século 14 d.C., muitos estudiosos negaram que Moisés tivesse escrito o livro de Gênesis. Alguns destes eruditos sugeriram que o Pentateuco, incluindo Gênesis, foi compilado em uma data posterior, talvez no século 6 a.C. De acordo com esta tese, editores anônimos usaram pelo menos quatro documentos para reunir os livros do Pentateuco. Estes quatro documentos foram identificados rastreando nomes de Deus, como *Elohim* e *Yahweh*, ao longo do Pentateuco e a partir de certas variações na fraseologia e na escolha de palavras. Os quatro documentos são: 1) o *Documento J*, que usa *Javé* [de *Yahweh*] para designar Deus; 2) o *Documento E*, que usa *Elohim* para designar Deus; 3) o *Documento P* (de *Priestly*) ou *Sacerdotal*; 4) o *Documento D* [Deuteronomico]. Mais recentemente, esta análise do Pentateuco veio a ser contestada, e nenhum consenso emergiu dos debates dos estudiosos posteriores.

Pela apreciação da estrutura unificada de Gênesis, o trabalho de Moisés na compilação e na escrita do livro pode ser discernido. Certamente, Moisés usou outras fontes literárias para concluir a sua narrativa. Algumas dessas fontes podem ser identificadas, como no caso de Gênesis 5.1 [onde é mencionado o *livro das gerações de Adão*].

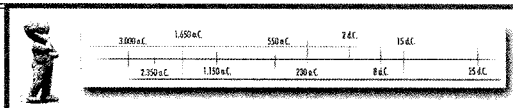
Moisés presumidamente editou antigos documentos, para torná-los perfeitamente compreensíveis a seus leitores; no caso, a segunda geração israelita depois do êxodo. Os profetas posteriores teriam apenas atualizado a linguagem para as gerações seguintes de leitores israelitas.

Contudo, apesar de todas as análises, é bastante claro que Moisés escreveu e compilou Gênesis

para encorajar os primeiros israelitas, enquanto estes se preparavam para entrar em Canaã, a Terra Prometida. O conteúdo de Gênesis deve ter sido especialmente significativo para os israelitas, pois explica por que seus ancestrais foram para o Egito, a razão de a nação ser destinada a outra terra e o motivo de Deus revelar-se tão dramaticamente a eles no deserto.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM GÊNESIS



Impossível datar — A criação, o Dilúvio, a torre de Babel

Ano 2167 a.C. — Nasce Abraão na cidade de Ur dos Caldeus

Ano 2091 a.C. — Abraão é chamado para seguir rumo a Canaã

Ano 2066 a.C. — Isaque nasce de Abraão e Sara

Ano 2006 a.C. — Jacó nasce de Isaque e Rebeca

Ano 1991 a.C. — Abraão morre em Canaã

Ano 1915 a.C. — José nasce de Jacó e Raquel

Ano 1886 a.C. — Isaque morre em Canaã

Ano 1876 a.C. — Jacó e sua família se mudam para o Egito

Ano 1859 a.C. — Jacó morre no Egito

Ano 1805 a.C. — José morre no Egito



## ESBOÇO

## PRÓLOGO

- I. Os relatos da Criação e da queda — 1.1—3.24
  - A. Criação: os sete dias — 1.1—2.3
  - B. Criação: o homem e a mulher — 2.4-25
  - C. A queda da humanidade e o julgamento de Deus sobre Adão e Eva — 3.1-24
- II. A família de Adão e Eva — 4.1—5.32
  - A. Caim e Abel — 4.1-25
  - B. A história da família de Adão e Eva — 5.1-32
- III. O Dilúvio — 6.1—9.29
  - A. Os filhos de Deus e as filhas do homem — 6.1-4
  - B. A escolha de Noé — 6.5-22
  - C. A chegada do Dilúvio — 7.1-24
  - D. O abrandamento das águas — 8.1-22
  - E. O resultado — 9.1-29
- IV. As primeiras nações e a torre de Babel — 10.1—11.32

## SEÇÃO PRINCIPAL

- I. Abrão e Sarai (Abraão e Sara) — 12.1—25.34
  - A. Abrão e Sarai e suas primeiras experiências na terra de Canaã — 12.1—15.21
    - (1) O chamado e a bênção de Deus sobre Abraão (a promessa divina — parte 1) — 12.1-3
    - (2) A jornada de obediência de Abrão a Canaã — 12.4-9
    - (3) A estada de Abrão no Egito — 12.10-20
    - (4) O retorno de Abrão e sua separação de Ló (a promessa de Deus — parte 2) — 13.1-18
    - (5) O resgate de Ló dos reis do leste por Abrão — 14.1-17
    - (6) O encontro de Abrão com Melquisedeque de Salém — 14.18-20
    - (7) Abrão censura o rei de Sodoma — 14.21-24
    - (8) A aliança de Deus com Abrão (a aliança abraâmica, parte 1) — 15.1-21
  - B. Abrão e Sarai desejam um filho — 16.1—22.24
    - (1) O nascimento de Ismael, filho de Abrão e Agar — 16.1-15
    - (2) A renovação da aliança abraâmica (a aliança abraâmica — parte 2) — 17.1-27
    - (3) A renovação da aliança abraâmica (a aliança abraâmica — parte 3) — 18.1-15

- (4) O julgamento de Deus sobre Sodoma e Gomorra — 18.16—19.38
- (5) O erro de Abraão em Gerar — 20.1-18
- (6) O nascimento de Isaque — 21.1-7
- (7) Hagar e Ismael são banidos — 21.8-21
- (8) O acordo de Abraão com Abimeleque — 21.22-34
- (9) Isaque é amarrado (a aliança abraâmica — parte 4) — 22.1-19
- (10) Interposto: a família de Naor (irmão de Abraão) — 22.20-24
- C. Os últimos dias de Abraão e Sara — 23.1—25.34
- II. Isaque e Rebeca — 26.1—27.45
  - A. Isaque e Abimeleque — 26.1-33
    - (1) A relação de Isaque e Abimeleque — 26.1-22
    - (2) Isaque, o herdeiro da aliança abraâmica (a aliança abraâmica — parte 5) — 26.23-25
    - (3) O acordo entre Isaque e Abimeleque — 26.26-33
    - (4) Interposto: as esposas de Esaú — 26.34,35
  - B. A bênção de Isaque dada aos filhos, Jacó e Esaú — 27.1-45
- III. Jacó e Esaú — 27.46—36.43
  - A. Jacó é enviado a Labão — 27.46—28.5
  - B. Esaú casa com a filha de Ismael — 28.6-9
  - C. Deus revela-se a Jacó em Betei — 28.10-22
  - D. A família de Jacó — 29.1—30.24
  - E. Os negócios de Jacó com Labão em Padã-Arã — 30.25—31.55
  - F. A reconciliação de Jacó e Esaú — 32.1—33.20
  - G. Diná e seus irmãos — 34.1-31
  - H. Os últimos dias de Isaque — 35.1-29
    - (1) O retorno de Jacó a Betei — 35.1-8
    - (2) A renovação da aliança abraâmica com Isaque (a aliança abraâmica — parte 6) — 35.9-15
    - (3) A morte e o sepultamento de Raquel — 35.16-20
    - (4) Rúben e Bila — Gênesis 35.21,22
    - (5) Os doze filhos de Jacó — 35.23-26
    - (6) A morte e o sepultamento de Isaque — 35.27-29
  - I. Os registros familiares de Esaú — 36.1-43
- IV. José (com duas intercalações) - 37.1—50.26
  - A. Os sonhos de José e o pesadelo familiar — 37.1-36
  - B. Intercalação 1: Judá e Tamar — 38.1-30
  - C. A humilhação de José no Egito — 39.1—40.23
  - D. A exaltação de José no Egito — 41.1-57
  - E. A reunião de José com sua família — 42.1—47.31
  - F. Intercalação 2: Os últimos dias de Jacó — 48.1—50.14
  - G. Os últimos dias de José — 50.15-26



## APROFUNDE-SE

### TEMAS SIMILARES NA BÍBLIA

Dois temas principais correm paralelos na Bíblia: a criação dos céus e da terra (Gn 1.1) e a criação de um novo céu e uma nova terra (Ap 21.1). Um desses trilhos pelos quais segue a narrativa bíblica é o da *criação*, e o outro é o da *redenção* (ambos relacionados com a *salvação*). É fundamental tê-los em mente ao ler as Escrituras.

A narrativa da criação nos lembra de que:

- Deus fez tudo que existe. Ele é o Senhor e o Criador (Gn 1.31; Cl 1.16,17).
- Deus criou os seres humanos e colocou-os na terra para conservá-la como verdadeiros administradores nomeados por Ele (Gn 1.27,30; Sl 8.6). Foi-lhes dada a tarefa de zelar pela terra onde vivem: preservá-la, protegê-la e usá-la com sabedoria.
- A obra que realizamos todo dia é muito importante para Deus. Somos Seus parceiros, chamados para desempenhar tarefas valiosas (Gn 2.8,15; Ec 9.10; 12.13,14).
- O que acontece aqui e agora, no mundo físico, é considerado por Deus (Jo 5.17; Ef 2.10).

A narrativa da redenção nos lembra de que:

- Deus comprometeu-se em recuperar o mundo arruinado e resgatar os pecadores por meio de Seu Filho, Jesus Cristo (Gn 3.15; Rm 8.19-22).
- Deus não deseja que ninguém fique perdido, mas que todos se arrependam e creiam na obra realizada por Cristo (2 Pe 3.9). Como cristãos, temos o compromisso de difundir o evangelho até os confins da terra (Mc 16.15; At 1.8).
- A salvação influencia tudo que diz respeito a nós: nossos relacionamentos, nosso caráter e nossa conduta (Cl 3.17).
- Nossas atitudes têm peso espiritual e produzem consequências eternas (Mt 25.31-46).

Ignorar qualquer um desses trilhos narrativos é descarrilar do entendimento correto da obra de Deus no mundo, da maneira como Ele é revelado na Bíblia.

## COMENTÁRIO

1.1 — *E no princípio* [hb. *bereshit*] é uma expressão que pode ser parafraseada da seguinte forma: “Aqui está a história da criação dos céus e da terra por Deus”. Já em João 1.1, *no princípio* remonta a um tempo [eterno] que antecede a criação. Mas nenhuma informação é dada sobre o que aconteceu antes dessa época.

É possível que a ascensão, a rebelião e o julgamento de Satanás tenham ocorrido antes desses eventos. No capítulo 3, o adversário já havia sido expulso do céu, pois ele tenta Eva na forma de uma serpente. Em Gênesis 6.1-4, há menção de *filhos de Deus* que se envolvem com *as filhas de homens*; uma possível referência a anjos caídos. Além disso, em Gênesis 3.24, são mencionados querubins; logo, os anjos já existiam [antes da criação da terra e do ser humano – ver Jó 38.4-7].

No capítulo 1 de Gênesis, o foco é na criação do mundo material — *os céus e a terra* — por

Deus, designado pelo termo hebraico *Elohim*, um plural majestático ou de intensidade que, em vez do significado regular de plural (deuses), indica a magnitude divina, acentuando Sua glória e Seu poder como o Deus todo-poderoso. Observe que, mesmo que a palavra *Elohim* seja plural, o verbo *criou* [hb. *bara*] está no singular; e significa [trazer do nada à existência; e] moldar sob nova forma. Este verbo, usado frequentemente na Bíblia, sempre tem Deus como seu sujeito. Isso significa que Ele [criou e] renovou o que estava em um estado caótico, transformou o caos em cosmos, a desordem em ordem, o vazio em abundância. Os *céus e a terra* abrangem *toda a criação*, o universo.

1.2 — A expressão *sem forma e vazia* [hb. *tohu va-bohu*] contém apenas um conceito: o caos. A Terra havia sido reduzida a este estado (Jr 4.23); ela não era da maneira que Deus primeiro a criara (Is 45.18). A palavra *trevas* [hb. *choshet*] é uma potente designação bíblica para o mal e o erro (Jó 3.5; Sl 143.3; Is 8.22; Jo 3.19). *Abismo* [hb. *tehom*]



é um termo que descreve um lugar profundo, em cujo leito muitas vezes é possível encontrar água (Gn 7.11). Todas essas palavras juntas retratam o caos, o desastre e a devastação. E deste cenário de ruína, Deus trouxe à tona uma criação ordenada. O *espírito de Deus se movia* (como uma cegonha que paira sobre seu ninho, ou como uma pomba, conforme é descrito em Mateus 3.16) — um presságio de vida se erguia na escuridão, sobre os sombrios abismos do caos e do vazio.

**1.3** — *Haja Luz*. Estas palavras expressam um tema fundamental na Bíblia: Deus trazendo luz à escuridão (Is 9.1,2). Aqui, Deus produziu a luz física, mas, no Novo Testamento, Deus envia Seu Filho para ser a *Luz do mundo* (Jo 8.12). No final, não haverá mais escuridão (Ap 21.23). O fato é que *disse Deus: Haja luz. E houve luz*. Seu comando causou a realidade.

**1.4** — Examinando a *luz*, Deus declarou que ela é *boa* — uma qualidade poderosa que representa a bênção de Deus.

**1.5** — A nomeação da *luz* como *dia* e das *trevas* como *noite* é um marco da soberania de Deus. Na forma de pensar dos povos do antigo Oriente, dar nomes, conceder nomeações, era um símbolo de poder e domínio. Para eles, os nomes não eram meros rótulos, simples designações, mas descrições exatas [de caráter e de atributos] da coisa ou pessoa. Considerando-se que o sol ainda não havia sido criado (Gn 1.14-19), o significado de *primeiro dia* (literalmente o *dia um*) é ambíguo.

Alguns estudiosos dizem que os *sete dias* equivalem ao período completo da criação [as eras geológicas – Sl 90.4; 2 Pe 3.8]. Outros argumentam que esse período segue um padrão rigoroso, significando exatamente sete dias, com 24 horas de duração cada dia.

**1.6** — *Firmamento*. Na utilização bíblica significa *céus*; literalmente, *abóboda celeste*.

**1.7,8** — *Separou as águas*. A ideia das águas em cima e embaixo do firmamento é algo misterioso. A alusão pode ser simplesmente às águas concentradas no estado líquido, na superfície terrestre, e no estado gasoso, na atmosfera. Contudo, essa divisão das águas é mais um ato soberano de Deus, para estabelecer a ordem no caos.

**1.9** — A junção das águas e a separação da *porção seca* são outras ações de Deus para estabelecer ordem no caos, descrito no versículo 2. Cada ato (de separação, divisão) destituiu a desordem e traz a organização; dá forma ao que, antes, era disforme; cria o cosmos do caos. Cada ato também demonstra o poder e a sabedoria de Deus (Pv 8.22-31).

**1.10** — A nomeação da *terra* neste versículo demonstra que o termo foi usado antecipadamente no versículo 2.

**1.11-13** — As palavras *erva verde, árvores e frutos* são usadas de forma bastante clara; abrangem todas as plantas e árvores frutíferas. A referência às *sementes e suas espécies* indica o fato de que o reino vegetal se reproduzirá. Deus não só



## ENTENDENDO MELHOR

### O CRIADOR NÃO É O SOL OU A LUA

Em Gênesis 1.16, as palavras *sol* e *lua* não foram omitidas por acaso, pois o escritor já estava ciente de que estes dois astros eram considerados proeminentes deuses no Oriente Próximo.

No Egito, o sol estava associado aos deuses Amon-Rá e Aton. Os egípcios acreditavam que Rá havia criado o mundo e que um dos olhos de Rá era o deus-lua Tefnut. Outro deus do panteão egípcio admitido como o criador chamava-se Ptah. Seus dois olhos consistiam no sol e na lua.

Na Mesopotâmia, o deus-sol, Shamash, era reverenciado como o benfeitor dos oprimidos. Os adoradores cananeus conheciam o sol como Shemesh. O surgimento de vários lugares batizados com o nome deste ídolo cananeu (1 Sm 6.12 – Bete-Semes) indica a sua importância para os politeístas. Neste culto, o deus-lua não tinha a mesma importância que o deus-sol.

O autor de Gênesis nos mostra (Gn 1.14-19) que o Criador do mundo está em um plano diferente do da lua ou do sol, sendo estes apenas *maiores* ou *menores* luminares, ou seja, meras criações de Deus. Consequentemente, não devem ser adorados.

criou a vida da planta, mas também fez com que esta tivesse a capacidade de perpetuar-se [num ciclo de vida: semente/broto/árvore/fruto].

**1.14,15** — A criação do sol, da lua e das estrelas é descrita em termos gerais nestes versículos. Nos versículos 16-18, há mais detalhes. Os *luminares* (hb. *me'orot*) na expansão dos céus, no firmamento, são o sol e a lua, corpos celestes que brilham. Eles estabelecem a separação, a diferença, entre o dia e a noite. Algumas pessoas entendem os termos *sinais* e *estações* [em *servam eles de sinais para marcar estações, dias e anos* (v. 14b NVI)] de forma errônea, como dessem base bíblica para a astrologia. Contudo, o termo *sinais* tem relação com as fases da lua e a posição das estrelas [em relação ao sol] no firmamento, que nos ajudam a marcar o tempo, do ponto de vista do observador na Terra. *Sinais* e *estações* formam um par que pode ser entendido como *sinais sazonais*.

**1.16** — Como nos versículos 14 e 15, o termo *luminares* significa *luzeiros*, e pode referir-se tanto ao sol, que emite luz, como à lua, que a reflete.

*Fez também as estrelas.* Esta é uma afirmação notável! No antigo Oriente, outras religiões cultuavam e divinizavam as estrelas. Os vizinhos de Israel veneravam as estrelas e guiavam-se por elas. Mas, na história bíblica da criação, as estrelas são apenas mencionadas como parte da criação. É como se o escritor sagrado, ao falar delas de forma indiferente, dissesse. “Ah, sim, Deus também criou as estrelas”. [Elas são apenas parte da imensa criação de um Criador vivo e todopoderoso, e servem ao propósito que Ele estabeleceu: diferenciar o dia e a noite e as estações do ano]. Essa realidade atesta a grandeza, a soberania e a onipotência de Deus (Sl 29; 93), bem como a mentira e a loucura da astrologia.

**1.17-19** — *E Deus os pôs na expansão dos céus para alumiar a terra.* É interessante notar que o sol e a lua não são novamente nomeados aqui, mesmo que haja referência clara a eles [pelo uso do pronome substantivo *os*]. [O *sol* e a *lua* são objeto direto do verbo *pôr*, cujo sujeito, o agente da ação, é Deus.] O ponto principal nestes versículos indica que Deus está sozinho no controle de Sua criação.

**1.20,21** — O verbo *criou* (hb. *bara*) utilizado no versículo 21 [para assinalar a criação das aves, dos répteis e animais aquáticos] é o mesmo usado no versículo 1 (bem como no versículo 27, que fala da criação do homem). A disposição para se multiplicarem — cada um *conforme as suas espécies* — indica que todos esses seres foram feitos com a capacidade de reprodução (v.12). Deus não só criou as criaturas vivas, uma extensa variedade de espécies, como também deu a elas o poder de proliferarem-se em grande número e ocuparem os mares e o ar.

**1.22,23** — *E Deus os abençoou.* É a primeira vez que esta importante expressão é usada na Bíblia (outras ocorrências: Gn 1.28; 2.3; 12.2,3).

**1.24** — A expressão *alma vivente* foi usada para os animais, mas também pode designar outros seres vivos, inclusive pessoas; depende do contexto. Ela foi empregada para descrever o homem [criado por Deus] em Gênesis 2.7. Os termos *gado*, *répteis* e *bestas feras* — essas três amplas categorias descritas indicam, como nos versículos 11 e 20, que Deus criou todas as coisas vivas.

**1.25** — *Deus viu que isso era bom.* É a sexta vez que esta expressão é usada (Gn 1.4,10,12, 18,21). Tudo o que Deus fez era bom.

**1.26-28** — *E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.* Este é o ápice da criação, o ponto culminante ao qual as passagens anteriores nos levam desde o começo. Do ponto de vista das Escrituras, não há nada mais grandioso do que a criação do homem, único ser que Deus fez à Sua imagem e semelhança, para refletir a Sua glória.

**1.26** — *Façamos o homem.* A sentença é imperativa e enfatiza a majestade daquele que fala. Além disso, o uso do verbo conjugado na primeira pessoa do plural abre caminho para a posterior compreensão da Trindade (Gn 11.7; Mt 28.19). Logo, *façamos* se refere unicamente a Deus, e não aos anjos que estão junto dele, porque o homem foi feito exclusivamente à imagem e semelhança do seu Criador, e não à imagem de outros seres.

Quanto à expressão *à nossa imagem* — o que é a imagem de Deus no homem? A visão tradicional

é que a imagem de Deus no homem é a moral, a ética e a habilidade intelectual que foram dadas a este. Uma visão mais moderna, baseada na gramática hebraica e no conhecimento do antigo Oriente, interpreta essa frase como significando “façamos o homem *como* a nossa imagem” (a preposição hebraica equivalente a *à* nessa frase pode ser traduzida no sentido da conjunção *como*). Nos tempos antigos, um imperador ordenava a colocação de estátuas e bustos dele em pontos remotos do seu império. Estes símbolos declaravam que estas áreas estavam sob seu reinado e poder. De acordo com esta interpretação, Deus colocou a humanidade como símbolo vivo dele próprio na terra, para representar o Seu reino e domínio. Isto se encaixa perfeitamente na ordem que se segue: *E domine [o homem] sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra.*

Já a expressão *conforme a nossa semelhança* chama a atenção por tratar-se de uma figura de linguagem. Se Deus é espírito (Jo 4.24), não pode haver *imagem* e *semelhança* física. Sendo assim, posteriormente, foi proibido ao homem fazer qualquer imagem por causa das claras associações com a idolatria (Êx 20.4-6).



## EM FOCO

### DEUS (HB. ELOHIM)

(Gn 1.1,26; Dt 7.9; Is 45.18)

*Elohim* é o termo padrão hebraico usado para designar *Deus*. Esta palavra está relacionada com outras similares que expressam *divindade*, e é encontrada em quase toda a língua semítica. O sentido básico é provavelmente o *poderoso* ou o *onipotente*.

Na língua hebraica, este termo geralmente ocorre em uma forma chamada de plural de majestade ou plural de intensidade. Em contraste com a forma regular de plural (isto é, *deuses*, como ocorre em 1 Reis 19.2), o plural hebraico significa a *completude da divindade* ou o *absoluto Deus*!

Muitos cristãos consideram que esta forma de plural hebraico aponta para a Trindade. Deus é um só, mas Ele também é três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

*Nós somos feitos à Sua imagem, conforme à Sua semelhança.* Esta é a razão pela qual Deus nos estima tanto. Fomos feitos para refletir Sua majestade na terra. A expressão *domine ele* manifesta o controle do homem como o regente de Deus na terra. Sendo assim, as pessoas devem administrar sábia e prudentemente, como Deus o faria, todas as coisas que Ele fez (os peixes, as aves, o gado; o reino animal, vegetal e mineral).

**1.27** — *E criou Deus o homem.* Esta é a terceira vez que o verbo *criar* é usado em Gênesis 1 (v. 1,21). Aqui, é usado três vezes. A linguagem usada nos versículos 26 e 28 é prosa; neste, é pura poesia. As doze palavras do original hebraico estão distribuídas em três linhas, e possuem ritmo e cadência poética. O termo que designa o primeiro homem, Adão (hb. *'adam*), está associado ao termo que designa a terra vermelha (hb. *'adama*). Aqui, a palavra *homem* é genérica, designa a humanidade como um todo, incluindo o gênero *masculino* e o *feminino*, o que pressupõe os dois sexos [macho e fêmea]. Algumas pessoas pensam que o descobrimento da sexualidade humana de Adão e Eva se deu após eles comerem o fruto proibido no capítulo 3 de Gênesis. Entretanto, as palavras usadas para designar o homem e a mulher indicam que a sexualidade já fazia parte da criação original (5.2). Apesar de a prática errada da sexualidade ser amplamente condenada nas Escrituras (Lv 18), o padrão correto é celebrado (Gn 2.24,25).

Também vale lembrar que, nos versículos 26 a 28, a mulher não é retratada de maneira inferior ao homem na história da criação.

**1.28** — *Deus os abençoou.* Aqui vemos o “sorriso” de Deus; a ternura de Seu prazer (Gn 1.22; 2.3; 9.1; 12.2,3). Deus ficou feliz com a Sua obra (Pv 8.30,31). O verbo *sujeitar* (hb. *kabash*) — em *e Deus lhes disse: [...] enchei a terra, e sujeitai-a* — significa submeter à conquista. Esse termo forte é o mesmo usado para denotar conquistas militares (Zc 9.15) e o modo como Deus lida [com ira] com nossas injustiças (Mq 7.19).

Da mesma forma que, em uma guerra, os militares conquistam um território, assim os humanos são ordenados por Deus em Gênesis a subjugar a terra e controlá-la. Por que essa necessidade

de o ser humano subjugar a terra? Há, pelo menos, quatro possibilidades: 1) o pecado dominaria a terra, e as pessoas teriam de esforçar-se muito para conseguir viver nela (Gn 3.17-19); 2) Satanás desafiaria a vontade de Deus e tornaria tudo mais difícil; 3) a terra, abandonada a si mesma, não resultaria em uma boa coisa. Para que isso não acontecesse, Deus teria planejado que as pessoas a administrassem e controlassem; 4) a beleza da terra, no princípio, estaria restrita ao jardim que Deus plantou (Gn 2.8).

O resto do mundo seria bastante hostil. Qualquer que seja o caso, *sujeitar* não significa destruir nem arruinar, e sim agir como um administrador que tem amplos poderes para controlar tudo o que Deus planejou. Esse comando [para sujeitar e dominar a terra] é dado ao homem e à mulher.

1.29 — Muitos estudiosos sugerem que Adão e Eva eram vegetarianos porque Deus lhes deu toda erva que dá semente e toda árvore em que há fruto de árvore que dá semente [...] para mantimento.

1.30 — E a todo animal da terra [...] em que há alma vivente, toda a erva verde lhes será para mantimento. A implicação aqui é que, talvez, toda vida animal fosse herbívora no início. Entretanto, isso constitui mera especulação. O texto pode referir-se, de forma abreviada, à utilização dos vegetais como parte da cadeia alimentar, pois estes estão na base desta, no modelo divino.

1.31 — Aqui, encontramos o sétimo uso da palavra *bom* na história da criação (Gn 1.4,10,12,18,21,25). Esta palavra é apenas uma das muitas encontradas em múltiplos de sete neste texto.

2.1 — Mesmo que o termo *céus* seja mencionado neste versículo, o foco principal do primeiro capítulo de Gênesis foi a terra [a superfície terrestre]. E, embora a Terra não seja o centro do universo, ela foi o centro do grande trabalho de criação de Deus.

2.2 — Deus não descansou porque Ele estava fatigado, mas sim porque Sua obra foi concluída [com satisfação]. Deus nunca se cansa (Is 40.28,29). O verbo traduzido como *descansou* (hb. *shavat*, cessar as atividades) tem relação com a palavra *Shabat* (hb. *shabat*, descanso), que designa período de descanso semanal [o sétimo dia].

Muitos estudiosos afirmam que o objetivo do *Shabat* é adoração, mas este não é o caso em Gênesis (ver também Êx 20.9-11; Dt 5.12-14). Ao abençoar o sétimo dia e descansar de Sua obra, Deus demonstrou que estava satisfeito com tudo aquilo que havia feito.

2.3 — Deus abençoou os pássaros e os peixes (Gn 1.22), os humanos (Gn 1.28) e agora o *sétimo dia* (o Sábado). Ele o *santificou*; fez com que se tornasse um dia sagrado. Então, desde o começo dos tempos, Deus deu um valor especial a um dia específico da semana.

2.4 — A palavra traduzida aqui como *as origens* [hb. *towladah*], em *as origens dos céus e da terra*, pode ser encontrada em dez passagens significativas de Gênesis (Gn 5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; 25.12,19; 36.1,9; 37.2). O termo também aparece traduzido como *livros das gerações, gerações*, em alusão ao *histórico familiar ou registro de descendências*; e é um marco substancial das diferentes seções do livro de Gênesis.

A expressão *Senhor Deus* é um novo e significativo designativo para Deus. O termo traduzido como *Deus* [hb. *Elohim*] tem o mesmo sentido que vimos em Gênesis 1.1. A palavra traduzida como *Senhor* é *Yahweh* ou *Jehovah* (Êx 3.14,15). O *Deus*, mencionado no capítulo 1 de Gênesis, é o mesmo designado pelo termo *Senhor*, no capítulo 2.

2.5 — A ordem dos eventos na segunda parte da criação é diferente daquela notada na primeira parte (Gn 1.1—2.3). As condições eram bastante diferentes das que nós agora conhecemos e compreendemos. A expressão *não tinha feito chover* antecipa a história do Dilúvio (Gn 6—9). Aqui, é descrito um fenômeno que ainda estava em vias de manifestar-se. Na frase e *não havia homem para lavrar a terra*, o termo hebraico usado para designar o *homem* [hb. *adam*] soa similar ao termo [hb. *adama*] para terra (Gn 1.26; 2.7).

2.6 — O significado preciso para o termo traduzido como *regava* é desconhecido. Obviamente faz referência a alguma maneira de Deus umedecer a terra antes de chover e os ciclos de chuva serem estabelecidos pelo Senhor.

2.7 — O verbo *formou* sugere um artesão moldando sua obra [em barro]. O homem foi



## APROFUNDE-SE

### O DIA DE DESCANSO

Quando Deus descansou no sétimo dia porque estava satisfeito com a obra que tinha feito (Gn 2.2), Ele estava, com isso, transmitindo à humanidade o propósito de que todos tivessem um dia de descanso por semana.

Sem dúvida, o Senhor fez isso por causa de Adão e Eva (e por nós), pois Ele próprio não se cansa e não precisa tirar um dia de folga, como as pessoas necessitam. Então, por que Ele descansou de Seu trabalho, e por que precisamos fazer o mesmo?

O termo *Shabat* significa *cessação* [de atividades]. No sétimo dia, Deus cessou a Sua obra de criação do mundo (Êx 20.8-11). Entretanto, Ele não parou Seu trabalho de sustentação e manutenção da terra (Sl 145.15,16; Cl 1.17).

Essa distinção ajuda a esclarecer o significado do *Shabat*, o dia que Deus reservou (ou santificou) e abençoou. Sua intenção foi que os seres humanos o imitassem, dando uma pausa em seu trabalho semanal — o exercício de sujeição da terra e dominação sobre a criação (Gn 1.28-31) —, um dia a cada semana.

Então, esse dia de descanso é um período em que não se faz nada? Claro que não. Esse dia nos foi dado por uma importante razão: para focarmos em Deus, fornecendo-lhe um precioso tempo de adoração, não só como indivíduos, mas também como Igreja (Is 58.13,14).

Isto, claro, não significa que podemos ignorar o Senhor nos outros seis dias da semana; cada dia pertence a Ele (Rm 14.5-15). Mas, ao separar um dia específico como uma oportunidade especial para um maior contato com Deus, demonstramos nossa dependência dele como o Criador e nossa obediência a Ele como o Senhor.

Isso significa que o *Shabat* — ou, como descrito no Novo Testamento, o dia do Senhor — não é um período em que apenas nos dedicamos às tarefas de casa ou a algum tipo de lazer. Não que estas coisas sejam erradas, mas o sentido principal é [considerarmos-nos] *uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia* (Hb 10.24,25).

Há, certamente, uma preocupação óbvia em relação à forma como devemos tratar o dia dedicado ao Senhor como um *Shabat*. Quanto a isso, é válido lembrar os ensinamentos de Jesus ao declarar que o *dia de descanso* foi estabelecido para o bem das pessoas, e não o contrário (Mc 2.27).

O cumprimento do *Shabat* não precisa tornar-se uma obrigação legalista. Na verdade, algumas situações pedem que às vezes trabalhem no *Shabat*. Assim, se um boi cair num poço num dia de *Shabat*, temos de tirá-lo de lá por misericórdia, evitando sofrimento e danos maiores (Lc 14.5).

Quando Deus descansou no sétimo dia, Sua intenção não era transformar o *Shabat* em uma regra sufocante. O objetivo do *Shabat* é prover a verdadeira liberdade, a liberdade de desfrutar a companhia de Deus, dos amigos e das pessoas amadas.

feito do pó da terra e voltaria ao pó quando morresse fisicamente (Gn 3.19). Embora Deus tenha criado a luz com uma simples palavra (Gn 1.3), Ele [se envolveu pessoalmente na criação do homem], ao modelar o corpo humano no barro, transformou esta matéria-prima em uma coisa nova e, depois, *soprou em seus narizes* [suas narinas - ARA] o *fôlego da vida*.

O sopro divino pode ser o jeito que o narrador encontrou de descrever a infusão do espírito no ser humano, que o dotou de capacidade intelectual, moral, relacional e espiritual. [O fato é que, com tudo isso,] Deus mostrou grande cuidado e preocupação na maneira utilizada para criar o homem.

A expressão traduzida como *alma vivente* do homem é a mesma que foi usada para referir-se à vida animal em Gênesis 1.24. Isto sugere que a vida humana e a animal são parecidas; contudo, o *fôlego de vida* divino [o espírito] fez os seres humanos diferentes de todas as outras criaturas vivas.

2.8 — O termo *Éden* [hb. 'Eden ou 'ednah, delícia, prazer] não é explicado, a não ser que o jardim [hb. gan, área cercada] ficava localizado *da banda do Oriente*, ou seja, a leste, entre os rios Pisom, Giom, Hidéquel e Tigre, mas a posição exata da região não é conhecida.

A *plantação do jardim revela um toque do metucioso cuidado pessoal de Deus*. A imagem

do Deus zeloso e cuidadoso complementa a imagem do Criador forte e superior do capítulo 1.

**2.9** — Ao ser criado, o homem adquire o direito de desfrutar das coisas *agradáveis* [hb. *chamad*] do jardim, algo que algum tempo depois lhe seria vedado por causa do pecado e da cobiça (1 Jo 2.16). O Éden era um jardim extraordinário e farto, com diversas espécies das melhores árvores e plantas. Duas árvores eram realmente especiais no Éden: a *árvore da vida* [hb. 'ets chay] e a *árvore do conhecimento do bem e do mal* [hb. 'ets da'ath towb ra'] (Gn 2.17; 3.24).

**2.10-14** — Este rio e seus quatro braços podem não ser exatamente os mesmos após o Dilúvio (Gn 6—9). A provisão deste grande rio é uma poderosa demonstração do imenso cuidado de Deus por seu jardim. Os nomes *Pisom* [hb. *Piyshown*, aumento] (v. 11), *Giom* [hb. *Giychown*, irrompendo] (v. 13), *Hidéquel* [hb. *Chiddeqel*, rápido] ou *Tigre* [ARA] (v. 14) e *Eufrates* [hb. *P@rath*, frutífero] (v. 14) estão relacionados aos rios que eram conhecidos pelos primeiros leitores do texto bíblico. Os rios conhecidos atualmente teriam uma localização próxima aos originais. Aqui, o leitor cristão de hoje pode fazer uma associação ao rio encontrado na futura visão da nova Jerusalém, onde também há a árvore da vida (Ap. 2.7; 22.14,19).

**2.15** — O *jardim* [hb. *gan*] estava perfeitamente preparado. Ele era o lar do homem e deveria ser lavrado [hb. 'abad, plantio, cultivo] e guarda-

do [hb. *shamar*, custódia, proteção]. Até mesmo o paraíso bíblico precisava de manutenção (Gn 1.26—28)!

**2.16** — Por Sua grande graça, Deus deu permissão ao homem para comer *livremente de toda árvore do jardim*, exceto da *árvore da ciência do bem e do mal* (v. 17). Sendo assim, a restrição era bem pequena. O homem podia comer quase tudo o que quisesse. Aparentemente, a princípio o homem limitou sua dieta aos vegetais. Somente após o Dilúvio há a menção da carne ofertada por Deus como alimento aos homens (Gn 9.3).

**2.17** — A *árvore do conhecimento do bem e do mal* sugere um conhecimento pleno ao associar duas palavras antagônicas [bem e mal] (como vemos em Gênesis 1.1, *céus e terra*, que simbolizam todo o cosmos). Nós pouco sabemos sobre essa árvore. Presumidamente, Deus desejava que o homem adquirisse sabedoria, mas tal conhecimento estava ligado ao relacionamento deste com o seu Criador.

As duas palavras na advertência *certamente morrerás* são bem enfáticas e têm relação com duas implicações do verbo *morrer* [hb. *muwth*, ser levado à morte, morrer prematuramente como penalidade por um crime]. Aqui, a morte da pessoa culpada não parece ser imediata, ela não caiu dura e morta no chão logo após o pecado, mas gradualmente irá morrendo até que, em algum momento, sua vida se extinguirá de forma definitiva. Essa morte é certa; não há escapatória (Hb 9.27).

**2.18** — *Não é bom*. Pela primeira vez uma avaliação negativa aparece em Gênesis. Deus não queria que Adão ficasse só. Então, Ele providenciou *uma adjutora que estivesse como diante dele*; uma pessoa que o *auxiliasse e correspondesse a ele*. Isso indica que a companheira seria verdadeiramente adequada, recíproca e o satisfaria de forma plena. Alguns sustentam que este termo *adjutora* [hb. 'ezer, auxiliadora] é degradante, mas ele simplesmente significa *aquela que ajuda*. De fato, esse termo também é usado, em algumas ocasiões, para descrever o amparo de Deus (Sl 33.20; 115.9,10,11). Logo, não se aplica a alguém secundário ou inferior.



## EM FOCO

### CÉUS (HB. SHAMAYIM)

(Gn 1.1,8,9; 2.1; Sl 2.4)

A palavra hebraica para *céus* pode referir-se tanto ao céu físico, atmosférico (Gn 2.1,4,19), como à morada de Deus (Sl 14.2), o céu espiritual. Esse termo provavelmente é derivado de uma palavra que significa *estar acima, elevado*.

O céu físico atesta a gloriosa posição de Deus e também a genialidade da Criação (Sl 19.1,6). E descrever o céu como a morada de Deus é uma maneira de lembrar Sua enaltecida posição sobre todas as pessoas.

**2.19** — O mesmo verbo *formar* [hb. *yatsar*], em *havendo, pois, o Senhor Deus formado*, usado aqui para a criação dos animais, foi empregado para descrever a criação do homem no versículo 7. Novamente, o verbo sugere um artesão moldando sua obra. Mas aqui, a obra é *todo animal do campo e toda ave dos céus*. Parece que Deus criou cada animal (ou espécie de animais) para que servissem ao homem e para que este os estudasse, classificasse e *ver como este lhes chamaria*. Ao dar a cada animal um nome, Adão exerceu seu direito como governador, representante de Deus na terra (Gn 1.26-28). Logo, Adão era superior a cada criatura criada. Posteriormente, os nomes dados por Adão foram aceitos e propagados. Isso significa que o homem demonstrou certo critério ao nomear cada criatura. Os nomes eram mais do que rótulos; deviam ser termos que descreviam aspectos e atributos desses seres.

**2.20** — Mesmo tendo uma relação tão próxima com seres vivos colocados junto a ele, Adão não encontrou nenhum semelhante que o *auxiliasse* e *lhe correspondesse*. Ele precisava de uma companhia parecida com ele (v. 18); não uma serva ou uma empregada, mas alguém como ele próprio, que possuísse inteligência, personalidade, ética, sensibilidade moral e espiritualidade. Contudo, os únicos seres com os quais Adão convivia eram os animais!

**2.21** — Aqui está descrita a primeira “cirurgia”, e Deus foi o cirurgião. Em Sua bondade, Deus usou o *sono pesado* [hb. *tardemah*] como anestésico. Mais tarde, Deus faria com que Abrão caísse em *profundo sono* (uma espécie de *transe*) quando estava para estabelecer Sua aliança com Abrão [Gn 15.12]. Abrão, em seu “sono”, ainda estava ciente do que se passava; a memória permanecera. A resposta de Adão (Gn 1.23) sugere que ele também tinha certa consciência do que se passava durante seu *sono* sobrenatural.

O uso de uma *costela* [hb. *tsele'*] de Adão por Deus foi bastante apropriado. Ele poderia ter começado com barro e argila, mas ao usar uma *parte interna* de Adão, a identificação deste com sua parceira foi garantida. Como Lutero sabiamente observou, se Deus tivesse retirado um osso

dos dedos do pé, talvez Adão a controlaria; se tivesse usado um osso da cabeça do homem, a companheira provavelmente teria controle sobre ele. Mas, ao usar o osso da costela, Deus propiciou que os dois humanos ficassem em condições de igualdade e respeito mútuo.

**2.22** — O verbo *formar* [hb. *banah*, reconstruir] significa [re]constituir fisicamente. A constituição de um corpo inteiro, a partir de pequena parte, faz sentido hoje no entendimento humano gerado pelo conhecimento das estruturas moleculares e do DNA [bem como do processo de clonagem].

**2.23** — *Esta* [hb. *zo'th*] é *agora* ou *afinal* (ARA) [hb. *pa'am*] significa que *finalmente* o homem achou alguém semelhante a ele.

A declaração exaltada de Adão [referindo-se à mulher como] *ossos dos meus ossos e carne da minha carne* [hb. '*etsem 'etsem, basar basar*] é poética. Ver Eva foi uma experiência surpreendente e divertida, porque ela era o par perfeito dele. Era como se Adão tivesse diante de si um espelho; a mulher, em certo sentido, era alguém igual ao homem, mas, ao mesmo tempo, diferente!

*Chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada*. Ao dar à mulher a designação *ishah*, que vem de *ish*, homem, Adão continuou agindo de acordo com sua prerrogativa de dar nomes aos seres (v. 19). Contudo, o nome que ele deu à mulher era uma espécie de adaptação do dele, porque, para ele, ambos se ajustariam perfeitamente um ao outro.

**2.24** — No casamento, o homem deve *deixar* [hb. '*azab*] a sua família de origem e unir-se à sua esposa. Embora este conceito presuma existência de uma casa distinta da casa dos pais, não significa afastar-se completamente dos laços que o ligam ao clã ao qual pertence; até porque, no período patriarcal, esse tipo de família era bastante comum, próximo e interdependente.

O verbo *apergar-se-á* [hb. *dabaq*] fala de união física e dos aspectos gerais dos laços do matrimônio. No casamento, o homem e a mulher tornam-se *uma só carne*, e não apenas *nós*. *Uma só carne* [hb. '*echad basar*] sugere vínculos físicos, sexuais e emocionais, um relacionamento longo e duradouro. Ainda há duas pessoas, mas, juntas, estas



## APROFUNDE-SE

### DEUS COMO O CRIADOR

Deus criou os céus e a terra (Gn 1.1). Estas palavras mostram uma das principais afirmações bíblicas a respeito do mundo físico: Deus criou tudo que há.

Nos dois primeiros capítulos de Gênesis, há informações sobre a criação que complementam umas às outras (ver SI 104; Pv 8, para informações adicionais).

No capítulo 1, Deus é definido de maneira sublime, grandiosa e impressionante. O termo hebraico usado nessa seção das Escrituras para representar a divindade (*Elohim*) fala da majestade, da soberania e do espetacular poder divino. Apenas com palavras, Deus trouxe todo o universo à existência. Quando terminou, Ele disse que cada parte do mundo que havia criado era boa (Gn 1.31).

No capítulo 2, é apresentado um quadro mais pessoal da criação, com a criação do homem e da mulher, os únicos seres em todo esse processo que refletiam a imagem de Deus. Nessa seção, o nome pessoal de Deus (*Yahweh*, ou *Senhor*) é usado, em vez de Seu título, *Deus*. Isso acontece porque o Senhor modelou pessoalmente Adão do pó da terra, soprou vida nele, e da costela deste formou Eva. Em seguida, as Escrituras descrevem Deus colocando Adão e Eva em um lindo jardim e interagindo com eles.

É claro que esses dois capítulos não foram escritos com termos da ciência moderna. Contudo, tampouco usam o que seria a linguagem da ciência dos tempos antigos. Se a Bíblia tivesse sido escrita com os termos científicos da sua época, seria um pouco mais do que uma relíquia hoje. Se tivesse feito uso dos termos empregados na Idade Média, ela seria um mistério para os seus primeiros leitores, e completamente incompreensível para nós. Se tivesse utilizado a linguagem científica de nossos dias, teria sido ininteligível para as gerações anteriores e, com certeza, uma relíquia nos anos futuros.

Os primeiros capítulos de Gênesis revelam a identidade de Deus como o Criador em uma linguagem que faz sentido para todo tipo de leitor ou ouvinte, em todas as épocas. Esses capítulos falam primeiro a um povo em transformação, no amanhecer da história hebraica. Ao longo dos anos, esses textos também transmitiram seus ensinamentos às pessoas da antiguidade mais remota. Hoje, essas passagens difundem sua mensagem a todos os tipos de indivíduos.

As pessoas modernas, às vezes, questionam o porquê de a mensagem contida nos capítulos 1 e 2 de Gênesis não ser mais precisa. Estes capítulos não visam à precisão científica; o objetivo é deixar bastante clara uma única verdade: *Deus criou os céus e a terra*.

se tornam uma só (Ef 5.31). A expressão *uma só carne* fala mais de uma unicidade (hb. *'ehad*) de vontades, que respeita a devida alteridade de personalidade, não de unidade (hb. *yahid*). O termo *'ehad* é o mesmo usado no famoso *Shema*, o credo de Israel, onde Deus é comumente traduzido como o *único Senhor* (ver Dt 4.4; compare com Ef 5.31).

No Novo Testamento, Jesus se referiu a esse texto (Gn 2.24) como o fundamento da visão bíblica do casamento (Mt 19.5; 1 Co 6.16).

2.25 — O homem e a mulher conheciam apenas o bem e, por causa disso, eles *não se envergonhavam* [hb. *buwsh*] mesmo vivendo nus [hb. *'arowm*, descobertos]. Eles se sentiam extremamente confortáveis com seus corpos, sua sexualidade, seu relacionamento e seu trabalho — nos quais não havia ações más.

O vocabulário dos versículos 24 e 25 sugere que o casal experimentou relações sexuais no jardim como parte dos planos divinos. Em Gênesis 4.1, vemos a associação da relação sexual com a procriação, o que não significa necessariamente que este foi o primeiro contato sexual de Adão e Eva.

3.1-5 — Apesar de a *serpente* aqui não ser identificada como Satanás, é claramente como *tal* no Novo Testamento (Ap 12.9). Neste versículo é expressa a primeira vez que Satanás ludibria a mente e a vontade humanas.

3.1 — A *serpente* surge de repente no paraíso. Esta é a primeira dica de coisas e seres que já existiam além do lugar onde se encontravam Adão e Eva. A serpente simboliza algo tanto sedutor quanto repugnante. Ainda assim, nem Adão nem Eva conseguiram enxergar o perigo encarnado na serpente. A palavra hebraica para



*astuto* [hb. 'aruwm] soa semelhante à palavra hebraica para *nu* [hb. 'arowm], em Gênesis 2.25. Adão e Eva estavam nus em inocência. Assim, em sua ingenuidade e pureza, Eva não demonstrou surpresa quando ouviu a estranha voz da serpente, que era esperta, sagaz e sorradeira, indagando: *É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?* Note que a serpente não se refere a Deus como *Senhor* [hb. *Yahweh*], e sim como *Elohim* [que também pode ser traduzido como deuses].

3.2 — *Do fruto das árvores do jardim comeremos.* Eva repetiu as palavras positivas de Deus (Gn 2.16).

3.3 — Eva sabia que havia uma árvore que estava fora dos limites os quais lhes era permitido chegar. Esta se encontrava no meio do jardim. Quanto à proibição *nem nele tocareis*, alguns intérpretes sugerem que a mulher já estava pecando ao adicionar palavras à Palavra de Deus, uma vez que elas não faziam parte das instruções do Senhor em Gênesis 2.17. Contudo, ainda assim, o primeiro pecado humano não foi ampliar a advertência divina; foi desobedecer à ordem de Deus, comendo o fruto da árvore que Ele proibira. As palavras de Eva demonstravam que ela e Adão conheciam plenamente a ordem de Deus; estavam cientes da instrução que haviam recebido [e, portanto, estariam pecando, caso desobedecessem a ela].

3.4 — Pela primeira vez, vemos a mentira de Satanás, quando ele usa a serpente para dizer a Eva que, se ela e o homem desobedecessem a Deus, *certamente não morreriam*. Mentir foi a postura de Satanás desde o início (Jo 8.44). A serpente negou abertamente a verdade que Deus havia dito. Agindo assim, ela chamou Deus de mentiroso.

3.5 — Usando o argumento de que Deus tinha um motivo oculto [impedir que o ser humano fosse igual a Ele] para ordenar que o homem e a mulher não comessem do fruto proibido, a serpente apelou para a cobiça de Eva, prometendo: *É certo que não morrereis*.

A completude e a sabedoria de Deus eram apenas duas das muitas razões de Sua superioridade

e distinção em relação às Suas criaturas, inclusive o ser humano. A serpente sabia disto, contudo associou todo o conhecimento de Deus à ingestão de um fruto, em uma apelação audaciosa à vaidade de Eva.

3.6 — Note o paralelo com Gênesis 2.9. Esta árvore era como as outras árvores. Era *boa para se comer e atraente aos olhos*. Estas palavras sugerem que esta foi a primeira vez que Eva considerou um motivo para desobedecer à ordem de Deus. Não havia nada na árvore que parecesse venenoso ou prejudicial, e ela ainda era desejável. A questão era: continuar obedecendo ou desobedecer ao comando de Deus. *Eva tomou do seu fruto, e comeu*. Uma vez que ela desobedeceu a Deus, tudo mudou.

Note, entretanto, que Paulo, em Romanos 5.12, fala do pecado como sendo de Adão, e não de Eva. Isto porque ela *deu também a seu marido, e ele comeu com ela*. Adão pecou deliberadamente, sem ter sido ludibriado pela serpente. Ele sequer titubeou ou fez qualquer pergunta, embora soubesse tão bem quanto a mulher que aquele fruto era proibido. Assim, Adão e Eva demonstraram falta de confiança no Senhor, pecaram e infligiram essa marca em todos os seus descendentes. Então, o mundo mudou.

3.6 — Neste versículo, está registrada a trágica história da Queda da humanidade em quatro estágios claramente definidos.

(1) Primeiro, o ser humano é tentado a pecar por meio do que vê (Gn 9.22; Jô 31.1). *Vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos*. O ato de ver algo, em si mesmo, não se constitui pecado, mas pode ser o meio pelo qual nossa cobiça será estimulada, fazendo-nos pecar. [Depois de ver que a árvore era boa e agradável aos olhos, Eva “entendeu” que também era *desejável para dar entendimento*].

(2) O segundo passo em direção ao pecado é alimentar o *desejo* de seguir na direção errada, obtendo para si ilicitamente aquilo que vimos, mesmo que não possa ser nosso. Isso é pecado (Dt 5.21; Mt 5.28; Tg 1.13, 14; 1 Jo 2.15-17).

(3) O terceiro passo de Eva em direção ao pecado foi ter ido além da simples vontade. *Ela*



## APLICAÇÃO

### O PECADO É UMA ESCOLHA

O que a natureza humana tem que a faz sujeita à tentação e vulnerável ao pecado? Adão e Eva foram criados sem pecado e sem a necessidade de pecar. No entanto, algumas características permitiram que o pecado entrasse em suas vidas (Gn 3.6,7). Quais foram essas características?

As Escrituras nos oferecem duas respostas. No caso de Eva, a escolha de acreditar em uma mentira foi a porta de entrada do pecado em sua vida (Gn 3.13; 2 Co 11.3; 1 Tm 2.14). Adão, por sua vez, optou por ignorar a ordem de Deus (Gn 3.17).

Essas duas escolhas — enganar a si mesmo e fazer a vontade própria prevalecer — são dois lados de uma mesma moeda. Ambos atuam como complicadores da realidade, permitindo que o pecado até hoje continue a criar raízes e a gerar seu fruto mortal em nós, até o momento em que Cristo entre em nossa vida e destrua os vínculos com o mal, dando-nos poderes para resistir a ele.

A tentação é o apelo que o pecado faz aos nossos desejos e às nossas necessidades básicas quando precisam ser satisfeitos, usando para isso meios impróprios e perversos. Isso também pode ser definido como engano a si próprio, porque desta forma criamos maneiras de justificar-nos diante da ilusão de satisfação, mesmo sabendo intimamente que a atitude errada será tomada e gerará dor e morte, em vez de prazer e vida para nossa alma.

Por esta razão, as Escrituras frequentemente falam que este tipo de cegueira é exercido como um ato de vontade própria, com o qual optamos pela rebeldia e pela ilusão. Mas, quando Cristo entra em nossa vida, Ele regenera nosso coração e liberta-nos, para fazermos a escolha correta e verdadeira (1 Co 6.9-11; Tg 1.26,27; 1 Jo 3.7-9).

*tomou do seu fruto, e comeu. Fez o que não lhe era permitido; comeu do que lhe fora vedado pelo Senhor. O desejo de comer o fruto proibido foi um pecado tácito; o ato de comê-lo foi um pecado ativo e evidente.*

(4) O quarto passo foi envolver outra pessoa no pecado. *Eva deu também a seu marido, e ele comeu com ela.* Não há tal coisa de pecado particular; todo pecado afeta outro indivíduo. O de Eva envolveu Adão e, conseqüentemente, o de Adão afetou todos os seus descendentes. Toda a humanidade pecou em Adão, ele o transmitiu a toda a raça humana (Rm 5.12). O pecado sempre envolve outros; assim, é multiplicado. Lembra-se do pecado de Acã (Js 7.21) e do de Davi (2 Sm 11.1-5,15,24)?

3.7 — Esta é a pior realidade sobre um habitado enganador: *sua mentira costuma vir misturada com a verdade.* Em certo sentido, a serpente estava certa; o homem e a mulher, após comerem do fruto proibido, conheceriam o bem e o mal (v. 5). Então, *foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus.* De repente, sem que qualquer outra pessoa estivesse por perto, Adão e Eva se sentiram envergonhados (Gn 2.25). A ingenuidade deles havia sido substituída por desconfiança, medo e pensamentos ruins;

então eles se cobriram com folhas de figueira [numa tentativa de livrar-se da vergonha que sentiam].

3.8 — Então, chega o Senhor para um passeio pelo paraíso e uma amistosa conversa. Mas, Adão e Eva, tendo se tornado “sábios” aos seus próprios olhos, esconderam-se por entre as árvores, para evitar que fossem vistos pelo Criador do universo. A perfeita comunhão que tinham com Ele tinha dado lugar a um terrível medo de Deus. *Medo* aqui não é sinônimo de *temor* [que está associado à reverência e à adoração], como o sentimento que Abraão, Moisés, Davi e Salomão experimentaram ao verem-se na presença do Senhor. *Medo* aqui é sinônimo de *pânico*; uma terrível perturbação pela possibilidade de o erro deles ser descoberto.

3.9 — Deus, por Sua grande misericórdia, não os destruiu. Ele os chamou para conversar com eles (v. 10-12). A misericórdia divina vai muito além do que podemos imaginar. Caso contrário, o homem e a mulher teriam sido exterminados imediatamente.

3.10 — [A resposta de Adão à pergunta de Deus *onde estão?* foi:] *Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.* Eles não só não tinham se tornado como Deus, mas também haviam se afastado dele.

3.11 — *E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?* O Senhor levou o interrogatório até o final e fazendo pergunta após pergunta.

3.12 — *A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi.* A primeira coisa que o homem culpado faz para se defender é acusar. Adão acusou sua mulher de induzi-lo a comer o fruto proibido e ainda culpou Deus por tê-la criado e dado a ele como companheira. (Em contrapartida, veja a resposta de Davi a Natã em 2 Samuel 12.13. Em outras palavras, Davi diz: “Eu pequei contra o Senhor. Eu sou o culpado, e mais ninguém”.)

3.13 — [Quando Deus interroga Eva, ela, seguindo a linha de defesa de Adão, alega:] *A serpente me enganou, e eu comi.* Esta afirmação é verdadeira.

3.14 — *Então, o SENHOR Deus disse à serpente.* O Senhor primeiro sentenciou a serpente. Isso não significa que Deus tenha desculpado a mulher, porque esta foi enganada, mas que Ele proferiu a maldição mais árdua sobre Satanás disfarçado de serpente. [O Senhor disse: *Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida.*] Aqui é usada uma linguagem poética que dá à sentença ares de solenidade. A palavra traduzida como *maldita* [hb. ‘*arar*’] é usada somente para amaldiçoar a serpente e a terra (v. 17). A mulher e o homem encarariam outra nova e dura realidade, mas eles não seriam amaldiçoados. (Deus já os tinha abençoado em Gênesis 1.28). O texto indica que a serpente se tornaria uma criatura que rastejaria sobre o próprio ventre e comeria pó para o resto de sua vida. Essa afirmação nos faz concluir que a serpente tinha outra forma física e outros hábitos.

Esse versículo também sugere que os efeitos da Queda foram além dos experimentados pela serpente e pelos seres humanos. Estenderam-se à terra e ao reino animal, que começou a sofrer por causa da maldição edênica (ver Jr 12.4; Rm 8.20).

3.15 — *E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a*

*cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.* A inimizade [hb. ‘*eybah*, ódio] aqui aludida entre a mulher e a serpente não se limita às cobras; tem a ver com o inimigo de nossa alma, Satanás — daí a expressão *entre a tua semente* [a da serpente] e *a sua semente* [a da mulher]. A linguagem parece ambígua, mas ainda assim contém a promessa de um descendente da mulher que esmagaria a cabeça da serpente.

O termo *semente* [hb. *zera’*] é extremamente importante. Pode ser traduzido como *descendente* ou *prole*. A palavra pode ser tomada no sentido de um indivíduo (Gl 3.15) ou de um grupo de pessoas. Isso significa, entre outras coisas, que Eva viveria ao menos por algum tempo e que teria filhos. Contudo, a *semente da mulher* a que Deus se refere especificamente aqui é o prometido e vindouro Messias [que seria gerado pelo Espírito Santo em uma virgem (Os 7.14; Lc 1.28-35)].

Nesse versículo vemos que haveria luta entre duas descendências: a do Messias e a da serpente. [Em João 8.37-47, Jesus também faz menção à discórdia entre os filhos do diabo e os filhos de Abraão, o pai da fé, a quem fora prometido um Descendente em quem seriam benditas todas as famílias da terra (Gn 12.3).]

Gênesis 3.15 é chamado por alguns teólogos de *proto evangelho*, porque neste texto, mesmo de forma indireta, Deus promete o vindouro Salvador, o nosso Senhor Jesus Cristo, que destituiria Satanás de seu poder e desfaria sua má obra, assim como um homem ao esmagar a cabeça de uma serpente debaixo de seus pés. O Senhor estava mostrando misericórdia mesmo quando Ele julgava (Gn 4.15).

Contudo, em sua tentativa de não se ver esmagada pelos pés do prometido descendente da mulher, a serpente ia ferir o calcanhar deste. Seria um ferimento grave, mas algo secundário se comparado ao ferimento que a serpente sofreria na cabeça — que simboliza a derrota total de Satanás e de sua descendência pelo Messias.

Ao ser crucificado e morrer, Jesus foi ferido em Seu “calcanhar”, em Sua humanidade. Ele sofreu uma terrível, mas temporária injúria (Jo 12—31; Cl 2.15). Contudo, foi fiel ao Pai até o fim,

ressuscitou em glória e derrotou nosso inimigo. Desde então, Satanás foi oficialmente derrotado por Aquele que é o primogênito da nova criação; um prenúncio da vitória que todos os cristãos terão (Rm 16.20).

3.16 — *Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos.* Essas palavras significam que a mulher sentiria muitas dores na gestação e no parto (Gn 1.2; 4.12; 9.2; Sl 9.2). Assim, o prazer da mulher em conceber e dar à luz um filho seria um pouco ofuscado pela dor.

Já a palavra traduzida como *desejo* (hb. *teshûgâ*), em e o teu desejo será para o teu marido, e ele te

*dominará*, também implica o *intento de usurpar ou controlar*, como em Gênesis 4.7. Nós podemos parafrasear as últimas duas linhas deste versículo assim: “você agora terá a tendência de dominar o seu marido, e ele possuirá a inclinação de agir como um tirano com você”. A batalha dos sexos havia começado. Cada um lutaria pelo controle, e nenhum dos dois seria plenamente capaz de cuidar de forma altruísta do interesse do outro (Fp 2.3,4). O antídoto para isto está na restauração do amor e do respeito mútuo, bem como da dignidade do homem e da mulher, por intermédio de Jesus Cristo (Ef 5.21-33).



## APLICAÇÃO

### O TRABALHO É UMA MALDIÇÃO?

Qual foi a maldição que Deus pôs na criação (Gn 3.17-19)? Um dos mais resistentes mitos da cultura Ocidental é que Deus impôs o trabalho como uma punição ao pecado de Adão e Eva. Por causa disso, algumas pessoas veem o trabalho como uma coisa ruim. A Bíblia não sustenta essa ideia:

- *Deus é um trabalhador.* O fato de que Deus trabalha nos mostra que tal atividade não é ruim, pois todos nós sabemos que o Senhor não faz o mal. Pelo contrário, o trabalho é um contínuo exercício divino (Jo 5.17).
- *Deus criou as pessoas à Sua imagem para que elas pudessem ser Suas colaboradoras.* Ele lhes deu a habilidade e a autoridade para administrar Sua criação.
- *Deus estabeleceu o trabalho antes da Queda.* Em Gênesis 1 e 2, é registrada a criação do mundo por Deus. Estes capítulos nos mostram que Ele colocou o homem no jardim para cultivá-lo e mantê-lo (Gn 2.15). Essa tarefa foi dada ao homem antes de o pecado entrar no mundo e antes de Deus proferir a maldição sobre a terra (Gn 3). Obviamente, o trabalho não pode ser o resultado da Queda, considerando que Adão e Eva já tinham este encargo antes dela.
- *Deus recomendou o trabalho mesmo depois da Queda.* Se o trabalho em si fosse ruim, o Senhor nunca encorajaria as pessoas a fazê-lo. Mas, Ele nos encarrega de trabalhar. Por exemplo, Ele disse a Noé e aos filhos deste a mesma coisa que disse a Adão e Eva: que teriam domínio sobre a terra (Gn 9.1-7). No Novo Testamento, os cristãos são ordenados a trabalhar (Cl 3.23; 1 Ts 4.11).
- *O trabalho não foi amaldiçoado na Queda.* Uma leitura cuidadosa de Gênesis 3.17-19 nos mostra que a terra ficou amaldiçoada por causa do pecado de Adão, e não o trabalho. O texto é claro: *Maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida* (v. 17).

Observe as três maneiras como a maldição da terra afetou o trabalho:

- 1) o trabalho consistia em uma atividade extremamente prazerosa, mas se tornaria sacrificante. As pessoas se sentiriam sobrecarregadas, e algumas até mesmo chegariam a odiá-lo.
- 2) *Espinhos e ervas daninhas* dificultariam os esforços dos indivíduos quando estes lavrassem a terra. Em outras palavras, a terra não cooperaria tanto como antes.
- 3) As pessoas teriam de *suar* para conseguir finalizar suas tarefas. O trabalho, a partir da Queda, demandaria muito mais esforço e energia.

Muitas pessoas sentem na pele o quanto as atividades diárias podem ser penosas. Muitas vezes, o trabalho é sinônimo de estresses e pressões, riscos, tarefas fatigantes, políticas hierárquicas, aborrecimentos esmagadores, rotinas que não acabam, desapontamentos, baques quando menos se espera, catástrofes, frustrações, competição desleal, fraudes, decepção, injustiças. No entanto, as atividades, em si, não são ruins. Pelo contrário, elas promovem o desenvolvimento intelectual do homem, além de darem um sentido à sua existência. Sendo assim, muito longe de chamá-lo de maldição, a Bíblia chama o trabalho e seus frutos de um dom de Deus (Ec 3.13; 5.18,19).

3.17-19 — Adão teve a sua parcela de culpa, mesmo que ele a tenha negado (v. 12). *Maldita é a terra por causa de ti*. Apesar da maldição não ter recaído diretamente sobre o homem, e sim sobre a terra, esta causaria muitos problemas a ele, produzindo *espinhos e cardos*. Agora, a vida do homem seria marcada pelo trabalho pesado. Ele comeria o pão com o esforço próprio, representado pelo *suor do rosto*. E, após tanta labuta, cansa e enfado, viria a velhice e a morte.

O fato de Deus fazer referência apenas aqui a *espinhos e cardos* significa que, antes da Queda, a terra não estava coberta por plantas tóxicas, e o trabalho era algo mais prazeroso (Gn 2.15).

Quanto à sentença *porquanto és pó e em pó te tornarás*, a morte agora faria parte da realidade do ser humano. Só com o advento de Cristo, seria dada ao homem a possibilidade de vida eterna (Rm 5.12-14). A advertência de Deus tinha sido clara. Ele estabeleceu que, se Adão e Eva desobedecessem a Ele, certamente morreriam (Gn 2.17). Após a Queda, eles teriam de preocupar-se com o processo de envelhecimento e de deterioração física e moral (Gn 5.5; 6.3).

Apesar de alguns estudiosos terem concluído que as palavras dessa seção funcionaram como uma aliança de Deus com Adão, não é citado o termo hebraico para aliança (*berit*), e o conteúdo apresentado aparenta não ter o mesmo peso das outras alianças divinas com os homens.

3.20 — O nome *Eva* (hb. *hawwâ*) está relacionado com o significado do verbo *viver*. Assim, *Eva* é a *mãe de todos os viventes*, de toda a humanidade, assim como Adão é o pai. Esta era a segunda designação de Adão para ela. A primeira foi *ishah*, termo traduzido como *varoa* [ARC] ou *mulher* [ARA], ou seja, a representante feminina da espécie humana, que dá sentido e complementa a masculinidade dele (Gn 2.23).

3.21 — *E fez o SENHOR Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e os vestiu*. Esta é a primeira vez que é mencionada na bíblia a matança de animais para o uso humano. O derramamento de sangue destes animais foi, de certa forma, precursor do sistema de sacrifício de inúmeros animais, conforme a Lei revelada no Sinai a Moisés. E

todos os sacrifícios que aparecem no Antigo Testamento já apontavam para o fato de que um dia haveria o maior sacrifício de todos: a morte vicária de Jesus, para o perdão de todos os nossos pecados e a nossa libertação do jugo de Satanás.

3.22 — *Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal*. Pelo seu ato de rebeldia, o homem e a mulher agora dividiam algo com Deus: o conhecimento sobre o bem e o mal. Contudo, eles se fizeram culpados para com o Senhor por causa de sua desobediência. Assim, o conhecimento de Adão e Eva do bem e do mal não os fez sábios, mas tolos. O fruto da *árvore da vida* interrompia o envelhecimento e a morte. Comer desta árvore implicava *viver para sempre*. Mas Deus não podia permitir que eles vivessem para sempre em rebeldia e pecado. Por isso, vedou-lhes o acesso à *árvore da vida*. Contudo, um dia esta árvore será plantada de novo para a cura de todas as nações (Ap 22.2).

3.23 — O homem tinha sido criado por Deus, sendo colocado dentro do jardim do Éden (Gn 2.5-8, 15), com a tarefa de lavrá-lo e protegê-lo. Após pecar, o homem é mandado embora de lá e enviado a cultivar o solo do qual fora tirado (Gn 2.5; 3.17-19).

3.24 — Esta é a primeira referência aos seres angelicais designados como *querubins*. Ao que tudo indica, a criação dos anjos, incluindo aqueles que se rebelaram contra Deus (Gn 6.1-4), precedeu a criação descrita nos capítulos 1 e 2 de Gênesis.

Os querubins, de acordo com a descrição do profeta Isaías (37.16), são seres espirituais, como os anjos, que assistem na presença de Deus, podendo manifestar-se aos homens por ordem divina (ver 2 Sm 22.11; 1 Rs 6.27; Ez 1.5-28; 9.3; 10.2,4,7,14). Eles são uma espécie de guardiões sagrados (Ez 28.14).

Adão e Eva foram proibidos por Deus de entrar no Éden. Para assegurar isto, o Senhor pôs dois querubins *ao oriente do jardim* e uma *espada flamejante* ao redor. Não havia nenhuma forma de o homem e a mulher entrarem lá novamente sem a permissão de Deus. Mas o fato de a *árvore da vida* continuar ali, guardada por querubins e uma espada flamejante, suscita um fio de esperança.

Uma vez que foi conservada, em vez de ser arrancada pelas raízes e destruída, um dia seus frutos poderiam ser comidos de novo? Sim. Apesar de Adão e Eva não serem mais bem-vindos ali, o Senhor deixou-lhes a esperança de que um dia o paraíso seria reconquistado por seu prometido descendente. Assim, um dia, por intermédio de Cristo, nós teremos acesso àquela árvore novamente (Ap 22.2).

4.1 — *E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu.* O verbo *conhecer* (hb. *yada*) aqui é usado eufemisticamente como sinônimo de ter relações sexuais. Normalmente, descreve uma relação íntima que envolve ardor, paixão, posse e reciprocidade. Aqui, a relação sexual de Adão e Eva resultou na concepção de um filho. Mas, ao que tudo indica, esta não teria sido a primeira união sexual do casal.

O primeiro filho de Adão e Eva foi Caim [hb. *qayin*, que deu origem ao termo *queneus*, ferreiros], cujo nome é relacionado ao significado da palavra *artesão* ou *algo produzido*, mas também soa como a tradução da palavra hebraica que significa *adquirido, possuído*. [Talvez, por isto, Eva tenha declarado: *Alcancei do SENHOR um varão.*] Algumas vezes, um nome é uma alusão clara a algum fato ou situação (como, por exemplo, Ismael [hb. *Yishma'el*, Deus ouvirá] em Gênesis 16.11); outras vezes é baseado em um trocadilho com uma palavra que é similar ao nome, ou contém uma ideia mais abstrata.

4.2 — A motivação do nome *Abel* (hb. *Hebel*, sopro, *vapor*) é incerta. Talvez, ele tenha recebido esse nome apenas depois que foi morto por Caim (v.8); após seus pais, com tristeza, constatarem a brevidade da vida do segundo filho, cuja vida acabara tão rapidamente como um sopro. Abel era pastor de ovelhas. Caim, um agricultor. As duas ocupações eram igualmente importantes. Elas refletem meramente uma diferença de interesses entre os dois irmãos, não o caráter ou a importância deles. Contudo, a história de Caim e Abel abre o tema da competição entre irmãos (ver também Esaú e Jacó, em Gênesis 25.26).

4.3,4 — Em Gênesis, não é explicado por que começa a prática do sacrifício com o objetivo de

adoração a Deus. Talvez os primeiros leitores deste texto entendessem bem essa questão, pois haviam sido instruídos por Deus por intermédio de Moisés. Mas alguns estudiosos afirmam que a oferta de Caim não foi bem aceita quanto a de Abel porque não envolvia o derramamento de sangue; algo que Deus exigia para o perdão dos pecados (Hb 9.22). Mas, nenhuma palavra no capítulo 4 indica que Caim e Abel chegaram-se a Deus naquele momento para pedir o perdão por pecados cometidos. As ofertas deles foram voluntários atos de adoração. Além disso, pelo antigo sistema de sacrifícios de Israel, Deus abençoava tanto as ofertas de cereais como o sacrifício de animais (Lv 6.14-23). Por isso, os agricultores apresentavam uma porção de sua produção, e os pastores, amostras de seu rebanho. Contudo, talvez o sacrifício de Caim tenha sido inferior porque a motivação deste não era boa, e a de Abel sim. [O fato é que, por algum motivo que não é aludido no texto, Deus atentou para a oferta de Abel, e não para a de Caim, e isto o deixou irado, levando-o a matar o irmão por inveja.]

4.4 — *E atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta.* O sacrifício de Abel foi o melhor que ele tinha a oferecer, *dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura*. Não há palavras similares para descrever o sacrifício de Caim. Isso indica que Caim ofereceu ao Senhor uma parte qualquer de sua produção, enquanto Abel apresentou a melhor parte das primícias. Consequentemente, Deus *atentou* [hb. *sh'ah*, atentar, olhar, agradar-se] primeiro para o ofertante, e depois para o objeto do sacrifício (Sl 40.6-8). Logo, a oferta de Abel era qualitativamente melhor do que a de Caim, por causa da fé de Abel no Senhor (Hb 11.4).

4.5 — *Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o seu semblante.* Havia alguma coisa deficiente na atitude de Caim, a qual se refletiu em sua oferta. Ele, em lugar de sentir-se quebrantado e grato ao Senhor, ficou muito furioso e tomado pelo ciúme (v.8).

4.6,7 — As palavras graciosas do Senhor eram para que Caim pudesse fazer a coisa certa! Ele não precisava ficar com ódio. O pecado estava batendo

à porta do coração de Caim, à espreita para poder entrar e atacá-lo como um leão. Mas ele devia resistir ao mal; então seria bem aceito também.

**4.8** — Caim cometeu um assassinato premeditado. Foi uma ação rápida, bem planejada e sem precedentes. Jesus falou deste acontecimento horrível como um fato histórico e vil, semelhante ao que foi cometido contra outros profetas que Deus enviou à nação de Israel e ao que seria cometido contra Ele próprio (Mt 23.35).

**4.9** — *Onde está Abel, teu irmão?* Estas palavras do Senhor enfatizam o horror do assassinato de um familiar. Todavia, todo assassinato é um crime contra a família, já que todos estamos relacionados a Adão, nosso progenitor.

**4.10** — *A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra.* O sangue de Abel estava clamando a Deus por vingança até que o sangue daquele que é mais inocente que Abel fosse derramado para o perdão da humanidade (Hb 12.24). Por sua morte [cruel pelas mãos do irmão], Abel tipifica o Salvador, Jesus.

**4.11,12** — Caim é o terceiro a ser amaldiçoado por Deus; a primeira foi a serpente (Gn 3.14) e a segunda, a terra (Gn 3.17). [Note que a punição dele está associada à maldição da terra, a qual, antes, cooperava com o trabalho dele, dando o seu fruto e trazendo-lhe alegria, mas, doravante, apenas lhe lembraria o seu pecado, fazendo com que ele se sentisse fugitivo e errante.]

**4.13** — *É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo* [ARA]. Aqui o termo traduzido como *castigo* [hb. 'avon, punição] fala da consequência natural da perversidade: a culpa. Geralmente a punição ocorre em retribuição ao pecado (Êx 20.5).

**4.14** — Caim expressou pesar somente pela punição que recebeu, e não pelo crime terrível que cometeu. Não há nenhuma nota de arrependimento a respeito de sua ação. Caim disse: *Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e errante na terra, e será que todo aquele que me achar me matará.* Muitas pessoas especulam que *todo aquele* a que Caim se refere seriam seus irmãos e suas irmãs já nascidos, mas não mencionados, ou aqueles que ainda es-

tavam por nascer. Esta ideia é baseada em Gênesis 5.4, onde é dito que Adão *gerou filhos e filhas*. Alguns, sem nenhuma base bíblica, especulam que Deus teria criado outras pessoas fora do jardim do Éden, mas não há nas Escrituras nenhuma indicação disto. Logo, faz sentido concluir que Caim tinha medo de seus irmãos e irmãs.

**4.15** — É notável observar a misericórdia que o Senhor teve pela vida de Caim. Apesar deste ter assassinado o próprio irmão, o Senhor não o matou nem permitiu que o fizessem. O Senhor o protegeu, colocando nele uma *marca*, a fim de que não fosse morto pelos outros. Mesmo em Sua ira, Deus demonstra a misericórdia. [Provavelmente, o Senhor queria dar tempo a Caim para que este se conscientizasse de seu pecado e se arrependesse.]

**4.16** — *A terra de Node* remete ao termo nômade (v. 12,14). A questão aqui é mais teológica do que geográfica. Estar à parte da presença do Senhor é tornar-se um nômade, um errante, que anda sem rumo na terra.

**4.17** — Caim provavelmente encontrou uma esposa entre as suas irmãs (v. 14). O nome *Enoque* [hb. *Chanowk*] significa *dedicado*. O filho de Caim recebeu o mesmo nome do descendente de Sete que *andava com Deus* (Gn 5.21-24). Caim fundou uma cidade e deu a ela o nome de seu filho. A população rapidamente aumentou.

**4.18** — Aqui, seis gerações, de Caim a Lameque, são mencionadas. Este versículo indica uma



### VOCÊ SABIA?

#### A CIDADE DE ENOQUE

A cidade de Enoque é a primeira cidade mencionada na Bíblia. Sua localização é desconhecida. Foi fundada por Caim (Gn 4.17), um exilado da terra de Node (que quer dizer *vago, indelinido*) que a nomeou após o nascimento de seu filho Enoque (que significa *dedicado* ou *iniciado*).

Enoque era provavelmente um povoado pequeno. Talvez até fosse apenas um assentamento de várias famílias, no entanto foi chamado de *cidade*, o que implica uma organização com moradias permanentes em um espaço fechado, diferente das tendas dos pastores nômades. É possivelmente o berço do nascimento da civilização, das ocupações específicas e das artes (Gn 4.20-22).

rápida expansão populacional. Note que na lista de nomes de cada um desses filhos de Caim não há o nome das respectivas esposas deles. Isto porque, no antigo Oriente, onde a Bíblia foi escrita, os descendentes sempre considerados eram os filhos [raramente as filhas ou esposas são mencionadas]. Por isso é comum vermos nas genealogias na Bíblia o nome dos pais, e não das mães.

**4.19-21** — Aqui, é contada a história de Lameque, o mais conhecido dos descendentes de Caim, e não do Lameque filho de Matusalém (Gn 5.28-31). O Lameque filho de Caim representa a habilidade e a força, bem como a arrogância e o sentimento de vingança. Ele tinha *duas esposas*. Isto sugere um atentado deliberado por parte de Lameque de subverter o padrão de união estabelecido por Deus, que prevê o casamento entre um homem e uma mulher (Gn 2.24; leia as palavras de Jesus a respeito em Mateus 19.4-6). O nome de uma esposa era *Ada*, o da outra, *Zilá*. Raramente nesta listagem os nomes das esposas são mencionados, como aqui.

**4.20,21** — Jabel é citado como o pai daqueles que moram em tendas e criam rebanhos. Jabel, seu irmão, é descrito como o homem que foi o pai de todos que tocam harpa e flauta.

**4.22** — *Tubalcaim, mestre de toda obra de cobre e de ferro*. Alguns alegam que o *ferro* ainda não era conhecido no tempo de Tubalcaim; logo, este versículo seria apenas uma alusão a Tubalcaim como o homem que ensinou a outros a arte de manipular os metais. Os futuros ferreiros veriam Tubalcaim como o “pai” dessa arte. *Naamá* [hb. *Na'amah*, encanto] era sua irmã. Ainda mais rara do que a menção dos nomes das mães é a menção dos nomes das filhas e irmãs.

**4.23,24** — *Eu matei um varão, por me ferir, e um jovem, por me pisar. Porque sete vezes Caim será vingado; mas Lameque, setenta vezes sete*. Aqui se vê uma declaração rimada, presunçosa e ofensiva, que traduz o violento espírito de Lameque, que confessa ter matado um homem que o feriu e um jovem apenas por tê-lo pisado. A vaidade de Lameque indica que ele seguiu o pior padrão de seu ancestral Caim. Em sua perversa ostentação de valentia, Lameque insulta Deus afirmando que



## VOCÊ SABIA?

### BRONZE E FERRO

O verdadeiro bronze (Gn 4.22 nvi) é uma liga de cobre e estanho. O ferro é um elemento que, em seu estado puro, é maleável. Por isso, não foi utilizado na fabricação de ferramentas e armas até que pudesse ser combinado, de forma segura, com o carbono, resultando em aço. O ferro ainda era raro no tempo do faraó Tutancâmon (1336—1327 a.C.). Uma adaga foi descoberta em seu túmulo.

se Caim seria vingado sete vezes, ele mesmo se vingaria *setenta vezes sete*, caso alguém ousasse atacá-lo. Este é outro exemplo (apesar da conotação perversa) do uso dos números para impressionar (Nm 1.46).

**4.25** — *E tornou Adão a conhecer a sua mulher*. Esta expressão, *conhecer a sua mulher*, remete às palavras de abertura desta seção (Gn 4.1) e traz a sua conclusão. Após o longo e triste comentário sobre Caim e seus descendentes, retornamos a Adão e Eva e à sua nova prole. Com a morte de Abel (v. 8) e a expulsão de Caim (v. 11,12), Adão e Eva não tinham mais filhos para perpetuar a linhagem que cumpriria a promessa do Redentor; eis a importância do nascimento de Sete [hb. *Sheth*], cujo nome está relacionado ao verbo hebraico que significa *ocupar o lugar* ou *compensar*. Ele foi apontado como aquele que assumiu o lugar do justo Abel nos planos de Deus.

**4.26** — O nascimento de Enos [hb. *'Enowsh*], filho de Sete, significava que a linhagem deste continuaria, bem como que a promessa do Senhor (Gn 3.15) não seria esquecida. *Então, começou-se a invocar o nome do Senhor*. Essas palavras só podem significar que apenas agora as pessoas começaram a orar a Deus. Assim, o verbo *invocar* [hb. *qara'*] significa clamar, fazer proclamação em voz alta. Este é o início das pregações e dos testemunhos em nome do Senhor (ver Gn 12.8).

**5.1-32** — Este capítulo faz menção ao histórico familiar que conecta Adão a Noé. Nós não sabemos quanto tempo há neste processo. O sentido deste capítulo é esclarecer a ligação entre os descendentes de Adão, Sete e Noé, e não estabelecer uma cronologia.



**5.1** — A expressão *livro das gerações* é encontrada em dez passagens significantes em Gênesis (Gn 2.4). A genealogia de Adão é o pilar principal da construção de Gênesis. *No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez. A imagem Dei na humanidade (Gn 1.26-28)* continua depois da Queda (Gn 3, compare com Gn 9.6, após o Dilúvio).

**5.2** — *Macho e fêmea os criou*. Na criação original da humanidade, há dois sexos complementares: o masculino e o feminino, como é estabelecido claramente em Gênesis 1.26-28.

**5.3** — *E Adão viveu cento e trinta anos*. A vida longa das pessoas nestes primeiros capítulos de Gênesis leva a uma considerável especulação. Alguns sugerem que estas idades eram possíveis por causa das tremendas diferenças de clima e de ambiente antes do Dilúvio (cap. 6—9). Outros sugerem que a longevidade das pessoas é uma maneira de expressar a importância destas no mundo antigo. *E [Adão] gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem. Semelhança e imagem são os mesmos termos, em ordem inversa, usados para definir a humanidade criada por Deus em Gênesis 1.26.*

**5.4** — *E gerou [Adão] filhos e filhas*. Nossos antepassados geraram um grande número de filhos e filhas. Presumimos que houve casamento entre estes, é claro. Os problemas associados com o incesto, citados em Levítico 18, provavelmente ainda não aconteciam na época.

**5.5** — *E foram todos os dias que Adão viveu novecentos e trinta anos; e morreu*. Quando Deus fez Adão e Eva, a expectativa era de que estes vivessem para sempre. Houve uma profunda tristeza na morte de Adão, coisa que remeteu à sua condição de mortal e à nossa também. *E morreu* é o comentário feito após a morte de cada um dos dez nomes na lista deste capítulo, exceto um, Enoque (v. 24). A sentença de Deus para o homem pós-Queda é cumprida com a morte de Adão e cada um dos seus descendentes (Gn 3.19; 6.3). A morte entrou no mundo por meio de um homem, passando a todas as outras pessoas (Rm 5.12; 1 Co 15.22).

**5.6-20** — As listas genealógicas nestes versículos seguem o seguinte padrão: (1) *E viveu fulano x anos, e gerou beltrano*; (2) *E viveu fulano, depois que gerou beltrano, x anos, e gerou filhos e filhas*; (3) *e foram todos os dias de fulano x anos, e*



## ENTENDENDO MELHOR

### O OBJETIVO DO REGISTRO DAS DESCENDÊNCIAS

Os registros das descendências aparecem muitas vezes na Bíblia. Alguns leitores podem sentir-se tentados a pular a leitura destas passagens como se elas fossem irrelevantes, mas fazer isso é um grande erro. As genealogias servem a inúmeros e importantes propósitos.

Várias delas falam a respeito dos ancestrais de personagens relevantes na narrativa bíblica (Gn 5.1). Outras mostram a conexão entre as pessoas e as nações do mundo (Gn 10.1). Algumas revelam o soberano plano de Deus em ação ao longo das gerações (Rt 4.18-22).

De forma geral, há dois tipos de genealogia: a linear e a segmentada. A genealogia linear traça a história dos indivíduos até chegar a um determinado objetivo, a uma pessoa ou a uma situação. Por exemplo, o extenso registro das descendências em 1 Crônicas 1—9 enfatiza a linhagem real de Davi, entre outras coisas. Já as genealogias segmentadas nos indicam como os vários grupos sociais se relacionam. Assim, temos o exemplo de Gênesis 25.1-4, que fornece os nomes dos filhos de Abraão com Quetura. Acredita-se que eles sejam os ancestrais de algumas tribos árabes.

Os registros de descendências na Bíblia contribuem para mostrar que a fé em Deus não é apenas uma experiência subjetiva, mas sim uma realidade objetiva e histórica, baseada em fatos.

A crença pode estar enraizada na história, a qual persegue sempre um objetivo. Por outro lado, as genealogias nos ajudam a lembrar que a fé genuína envolve os seres humanos que estão conectados pelo sangue e pela cultura. A história é transmitida dos pais para os filhos, geração após geração, até que se possa compreender toda a história dos tempos de Deus.

morreu. Veja também o registro da descendência de Sem (Gn 11.10-26). Estas listas estão incompletas (compare com a genealogia em Mateus 1.1-17). Elas servem meramente para indicar as figuras mais importantes em um extenso período de tempo. Foram transmitidas oralmente, com intuito de serem memorizadas, pois fazem menção de certas figuras centrais, assegurando *conexão* entre os grandes períodos e os nomes dos pais e seus descendentes. Sendo assim, quando é dito que A gerou B, este pode não ser o descendente direto daquele, mas sim um descendente importante e mais remoto. O padrão bíblico está de acordo com os padrões do antigo Oriente, que é o padrão de muitas tribos atualmente.

**5.21-24** — O nome mais fascinante nesta lista é o de *Enoque*. A frase *e andou Enoque com Deus* (v. 22,24) exprime uma vida de comunhão com o Senhor e obediência a Ele (como também experimentou Noé, Gn 6.8). Esta passagem remete à experiência de Adão e Eva, que viveram em uma proximidade grandiosa com o Senhor, antes da Queda (Gn 3.8).

*E não se viu mais* [Enoque], *porquanto Deus para si o tomou*. Isso não significa que Enoque deixou de existir, mas que ele foi tomado, transladado, arrebatado por Deus para junto de Si. Apenas Enoque e Elias (2 Rs 2.11) tiveram essa experiência. A de Enoque, que ocorreu primeiro, foi um testemunho de sua profunda fé em Deus (Hb 11.5,6) e deixou uma forte lembrança, no começo da história bíblica, de que há vida na presença de Deus após a morte para as pessoas que andam com o Senhor. O que Enoque experimentou é o que cada pessoa que está com Deus poderá experimentar quando Cristo se manifestar novamente, dando-nos vida eterna junto ao Pai.

**5.25-27** — *E viveu Metusalém cento e oitenta e sete anos e gerou a Lameque*. Matusalém é citado como o homem que viveu mais do que qualquer outra pessoa mencionada em Gênesis: 969 anos.

**5.28-31** — A coisa mais importante pela qual Lameque é lembrado é seu descendente Noé, cujo significado do nome é o único comentado pelo narrador deste capítulo [*este nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por*



## EM FOCO

## ANDAR (HB. HALAK)

(Gn 5.24; 6.9; Dt 13.4; Sl 128.1; Mq 6.8)

O sentido básico da palavra em hebraico traduzida aqui como *andaré* *irou* *viajar*. Este termo é usado algumas vezes no Antigo Testamento para indicar o simples ato de deslocamento (Gn 13.17; 2 Sm 11.2).

Em Gênesis 6.9 e outras passagens, essa palavra possui a conotação de um estilo de vida habitual ou de um constante relacionamento com Deus. Desta forma, a expressão *andava com Deus* descreve o relacionamento próximo de Noé, Enoque e de outras pessoas de fé com Deus; elas viviam em obediência às Suas ordens. Em todo o texto das Escrituras, homens são chamados a *andar com Deus* diariamente, aceitando-o completamente (Gl 5.16; 1 Jo 2.6).

*causa da terra que o SENHOR amaldiçoou*]. A palavra Noé [hb. *Noach*, repouso] vem de um verbo que significa *descansar*, e está associado a *alívio*. O nascimento de Noé, para seu progenitor, significava uma inversão de curso para a humanidade.

**5.32** — Os filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé, figuram na história do Dilúvio (cap. 6—9).

**6.1** — O termo *filhas* significa claramente as crianças do sexo feminino de pais humanos. As filhas eram as mulheres.

**6.1-4** — Esta é uma das passagens mais debatidas do Antigo Testamento. Há três principais interpretações para ela: (1) *Os filhos de Deus* seriam os descendentes de Sete, e *as filhas dos homens*, a pecaminosa descendência de Caim; o casamento entre pessoas dessas duas linhagens teria levado *os filhos de Deus* à apostasia, à desonra e ao pecado [atraindo o juízo divino, representado pelo Dilúvio]. (2) *Os filhos de Deus* seriam os poderosos reis da antiguidade que praticavam poligamia, tomando *para si mulheres de todas as que escolheram* — o que incitava outras práticas perversas. (3) *Os filhos de Deus* seriam anjos caídos que teriam coabitado com *as filhas dos homens*, produzindo *gigantes*, seres humano-divinos [conforme vemos nas mitologias]. Qualquer que seja a interpretação é importante notar que esses versículos são uma espécie de prólogo da história

do Dilúvio, chamando a atenção para a descrição geral da maldade, mencionada no versículo 5.

A terceira interpretação, a de que os *filhos de Deus* poderiam ser os anjos caídos, é a visão de muitos estudiosos judeus. Mas há duas objeções principais a ela: (1) anjos não se casam (Mt 22.30); (2) a ideia [de seres divino-humanos] é incompatível com o pensamento bíblico. Ainda assim, sabemos que há *anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação* (Jd 1.6). Deus não os perdoou. Ele os *entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juízo* (2 Pe 2.4). Sendo seres espirituais [com capacidade de transfigurar-se e de possuir corpos], pode ser que os anjos caídos tenham assumido a forma humana e casado com *as filhas dos homens* — o que significou uma ruptura tão grande na ordem estabelecida pelo Senhor que provocou o julgamento do mundo por Ele por meio do Dilúvio.

6.2 — A expressão *filhos de Deus* aparece em oposição à expressão *filhas dos homens*, estabelecendo a diferença entre estes dois grupos. Em outros textos bíblicos, *filhos de Deus* significa claramente *anjos*, como em Jó 1.6, quando *os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, [e] veio também Satanás entre eles*, para uma audiência com Sua Majestade. Em Gênesis 6.2, contudo, parece improvável que os *filhos de Deus* sejam os anjos caídos, tendo em vista que estes seres angelicais só poderiam ser considerados filhos de Deus enquanto fossem obedientes ao Senhor (Gn 3.24).

As Escrituras falam da existência dos bons anjos do Senhor, bem como de Satanás e seus anjos. Tendo em vista o papel de tentador em Gênesis 3, Lúcifer já tinha caído e estava sob o juízo de Deus (ver Is 14.12-15; Ez 28.12-18). Satã disfarçou-se de serpente para destilar seu veneno contra Deus e desempenhar seu trabalho como o *pai da mentira* (Jo 8.44). Em Gênesis 6.2, de acordo com algumas interpretações, alguns anjos que acompanharam Satã em sua rebelião (Jd 1.6) assumiram formas humanas e, agindo com luxúria, seduziram as filhas dos homens e perverteram a humanidade. Em resposta, Deus reservou para esses anjos um julgamento especial (Jd 1.6; 2 Pe 2.4), e purificou a terra de tanta maldade com o Dilúvio.

6.3 — Esta é a segunda referência ao Espírito de Deus em Gênesis. A primeira (Gn 1.2) está ligada à criação e à ordenação do caos; a segunda (Gn 6.3), à destruição. Os especialistas não estão bem certos sobre o que significa o verbo hebraico [*diywn* ou *duwn*] traduzido como *contender*. Este verbo só é encontrado aqui. Já o termo *homem* é usado para assinalar a condição mortal da humanidade (Gn 3.19; 5.5). Quanto à frase *seus dias serão cento e vinte anos*, alguns estudiosos da Bíblia acham que se trata da redução do período de vida humana para 120 anos. Tendo em vista que alguns patriarcas tenham vivido mais e atualmente os padrões de longevidade sejam inferiores a 120 anos, alguns interpretam que a sentença na verdade significa que Deus estenderia um período de graça de 120 anos antes de despejar a Sua ira (por meio do Dilúvio).

6.4 — A palavra hebraica *nefilins* [*naphiyil* ou *naphil*], traduzida como *gigantes*, vem do verbo hebraico *naphal*, que significa *cair* ou ser lançado ao chão. [Sendo assim, o termo poderia ser uma alusão aos poderosos dominadores da época, caídos da graça divina, ou aos anjos caídos.] Seja qual for o sentido, este versículo aparenta explicar esta memória comum da humanidade, visto que muitas culturas antigas tinham lendas sobre gigantes, titãs e semideuses.

6.5,6 — *Arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração*. Em outras palavras, a maldade, a degeneração humana *entristeceu* o coração do Criador [a ponto de Ele pensar em destruir a humanidade]. A linguagem neste versículo é a que os teólogos chamam de *antropopática* [antropo=homem; phatos=sufrimento, paixão], pois Deus é descrito com sentimentos humanos (como em Gn 1.31). [Pelo uso dos verbos hebraicos traduzidos como *arrependeu-se* (*nacham*, sofrer pesar, lamentar-se) e *pesou-lhe* (*atsab*, estar magoado)] é assinalado o sofrimento do Senhor, que havia desejado o bem da humanidade, mas foi esmagadoramente decepcionado. [Contudo, Deus não se arrepende como um ser humano o faz, veja Nm 23.19].

6.7 — *Destruirei, de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até ao animal, até*



## VOCE SABIA?

### O DILÚVIO VISTO POR OUTROS OLHOS

A destruição do mundo por meio de uma grande enchente (o Dilúvio) é contada em muitas culturas de formas diferentes. Várias dessas histórias, aparentemente, têm sua origem na passagem bíblica (Gn 6.5—9.29). Entretanto, no antigo Oriente há muitos textos antigos que aludem a uma poderosa inundação; nada mais são do que várias versões de um mesmo acontecimento.

As mais primitivas histórias da cheia na Mesopotâmia são encontradas por escrito em linguagem suméria, que compreende os primórdios da literatura (terceiro milênio a.C.). Dois dos mais famosos relatos são a epopeia de Gilgamesh e o épico de Atrahasis.

*ao réptil e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito.* A ruína da humanidade se estendeu a todas as criaturas vivas que Deus pôs na terra.

**6.8** — *Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor.* Em Noé ter achado favor ante Deus residiu a esperança de toda a história humana subsequente. Afinal, a esperança de recomeço não foi apenas para um homem e sua família que não participaram da maldade de seus dias, mas também para Deus com relação à humanidade.

A palavra *graça* em hebraico [*chen*] vem de um radical [*chanan*] que significa *desviar* ou *parar* [daí a ideia de desviar a ira, ser misericordioso, mostrar favor, benevolência]. Graça é o condescendente e imerecido favor de uma pessoa superior para com uma inferior. Esta é a primeira ocorrência do termo *graça* nas Escrituras, estando frequentemente associado à redenção (Jr 31.2; Zc 12.10). Os seres humanos e os animais seriam destruídos, mas Deus pouparia alguns deles [os quais dariam origem a uma nova linhagem].

**6.9-13** — *Noé era varão justo e reto em suas gerações e, como Enoque, Noé andava com Deus.* O termo *justo* [hb. *tsaddiyq*, ser justificado] diz respeito a um bom relacionamento de Noé com Deus. E o termo *reto* [hb. *tamiym*] assinala que Noé também era *íntegro* — o que conduz à ideia de maturidade e completude. Já a expressão *em suas gerações* assinala que Noé viveu desta maneira entre seus contemporâneos, que eram tão perversos que Deus teve de destruí-los.

**6.10** — *Sem, Cam e Jafé.* Estes três filhos de Noé, mencionados primeiro em Gênesis 5.32, irão formar a árvore genealógica das nações após o

Dilúvio. [De acordo com algumas tradições, os descendentes de Jafé, após o Dilúvio, habitaram nas áreas costeiras do Mediterrâneo, espalhando-se para o norte até a Europa e partes da Ásia; Sem é o progenitor dos povos semitas; Cam, o dos fenícios e das várias nações que povoaram a costa marítima da Palestina; daí a teoria das três raças como originárias desses três sobreviventes do Dilúvio].

**6.11** — O verbo hebraico [*shachath*] traduzido como *corrompido* traz a ideia de algo que está arruinado, destruído ou deteriorado. Pessoas pecadoras estavam levando à ruína o mundo que pertencia ao Deus amado (Sl 24.1).

**6.12** — *E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra.* Algo similar é dito no Salmo 14.2,3. A expressão *toda carne* aqui se refere a toda a humanidade.

**6.13** — A mensagem de Deus para Noé foi clara e severa: *O fim de toda carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra.* Mas o fiel leitor da Bíblia também fica impressionado com a graça do Criador do universo, que, não devendo nada ao homem, depositou sua confiança em Noé. O período de 120 anos de graça de Deus agora estava completo. A destruição pelo Dilúvio viria.

**6.14** — A palavra *arca* (hb. *tebah*) significa caixa, cesto ou embarcação de madeira. Há uma palavra egípcia semelhante a este termo; significa *baú* ou *caixão*. A mesma palavra é usada para descrever o *cesto* no qual o bebê Moisés foi colocado pela mãe no Nilo (Êx 2.3). Quando pensamos na arca de Noé, geralmente visualizamos um

grande barco ou navio, com proa e popa. Contudo, vale lembrar que um navio é desenhado para se mover sobre as águas conforme a conveniência do comandante, e a arca foi construída apenas para flutuar nas águas.

A palavra traduzida como *gofér*, em *tábuas de gofer* [*ets gopher*], foi meramente transliterada do hebraico, porque o tipo de madeira usado na confecção da arca não é conhecido hoje.

Noé foi orientado por Deus a fazer *compartimentos* [hb. *qen*, cavidades, ninhos] na arca e a usar *betume* [hb. *kopher*], uma espécie de piche, para selá-la contra vazamentos. Não se sabe ao certo qual era esse agente selador. Não sabemos onde Noé morou na época pré-diluviana, mas não há nada indicando que fosse perto do mar. Ainda assim, ele construiu a maior arca flutuante que já havia sido vista.

**6.15** — A arca tinha cerca de 135 metros de comprimento, 22,5 metros de largura e 13,5 metros de altura (NVI).

**6.16** — A janela era uma abertura [hb. *tsohar*] de cerca de 45 centímetros (NVI) na parte superior. Havia necessidade de circulação de ar, bem como de proteção da arca das correntes de água. Isso demandava um bom conhecimento de engenharia e embarcações. Esta abertura podia ser coberta (ver Gn 8.6).

**6.17** — *Eis que eu trago um dilúvio de águas sobre a terra.* O texto em hebraico dá uma grande ênfase em Deus como o agente que enviou o Dilúvio.

**6.18-21** — *Mas contigo estabelecerei o meu pacto.* Em contraste com a punição anunciada no versículo anterior, o Senhor, em Sua misericórdia, estabelece uma aliança com Noé. Esta é a primeira vez que a palavra *bariyth*, traduzida como *pacto* ou *aliança*, é usada na Bíblia. Alguns estudiosos acreditam que o conceito já está latente em Gênesis 3.15, mas a palavra até então não tinha sido usada. Os detalhes desta aliança foram dados após o Dilúvio (Gn 9.9). Aqui, em meio ao julgamento, o Senhor informou tudo o que Noé precisava fazer (Sl 40.1; 113.6) e estabeleceu um compromisso com ele. Para conservar a vida, Deus prometeu preservar a família de Noé e dois exemplares de cada espécie animal.

**6.22** — A total obediência de Noé é similar à de Abraão (Gn 12.4; 22.3). Deus falou para Noé construir uma arca, mas este nunca tinha sequer visto uma. Apesar disso, em total fé e confiança no Senhor, com quem ele andava, Noé, *conforme tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez.* Não é de se admirar que esse feito de Noé seja comentado em Hebreus 11.7 (NVI): *Pela fé Noé, quando avisado a respeito das coisas que ainda não se viam, movido pelo santo temor, construiu uma arca para salvar a sua família. Por meio da fé ele condenou o mundo e tornou-se herdeiro da justiça que é segundo a fé.*

**7.1** — *Depois, disse o Senhor a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca, porque te hei visto justo diante de mim nesta geração.* A iniciativa aqui novamente foi do Senhor, assim como foi no caso de Abrão (Gn 12.1).

**7.2,3** — *De todo animal limpo tomarás para ti sete e sete: o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois: o macho e sua fêmea.* A ordem de Deus para Noé levar com ele na arca sete casais de cada espécie de *animal limpo* é um detalhe novo (Gn 6.19). Estes animais poderiam ser usados para alimentação ou sacrifício quando as águas baixassem e eles saíssem da arca (Gn 8.20-22).

**7.4** — *Farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites.* O número *quarenta* é bastante significativo, pois representa a plenitude de um tempo especial, um ciclo (ver Gn 7.12; Nm 32.13; 1 Rs 19.8; Mt 4.2).

**7.5** — *E fez Noé conforme tudo o que o Senhor lhe ordenara.* Novamente, Noé obedeceu plenamente a Deus.

**7.6** — *E era Noé da idade de seiscentos anos, quando o dilúvio das águas veio sobre a terra.* Esta é a segunda vez que é mencionada a idade de Noé. Ele tinha 500 anos quando se tornou pai (Gn 5.32).

**7.7-9** — Chegara, finalmente, o tempo de a família e os animais entrarem na arca. Os eventos descritos nestes versículos são a síntese de um grande e extenso trabalho. A escolha dos animais que seriam levados na arca foi obra de Deus, mas coube a Noé e a seus filhos acomodá-los na arca e cuidar deles.

7.10 — *Passados sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio.* O número sete segue o padrão dos números simbólicos que começou em Gênesis 2.3 (Gn 4.24).

7.11,12 — O detalhe narrado aqui é memorável: *aos dezessete dias do mês*, o juízo finalmente chegou! *Todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram.* As águas dos oceanos se elevaram, e as águas dos céus caíram, ambas contribuíram para uma grande inundação durante quarenta dias e quarenta noites (Gn 7.4).

7.13-16 — A família de Noé e os animais entraram na arca. *E os que entraram, macho e fêmea de toda carne entraram, como Deus lhe tinha ordenado.* Aqui, podemos concluir que animais vieram a Noé; foram atraídos por Deus para a arca. *E o Senhor a fechou por fora.* Este ato [de fechar a porta da arca por fora] é um símbolo de conclusão, segurança e resgate divino.

7.17-24 — Por quatro vezes nesta passagem, é dito que as águas *prevaleceram* (v. 18-20,24). O verbo *prevalecer* [hb. *gabar*] significa *predominar ou vencer*, que suscita a ideia de vigor, força, pessoas poderosas.

7.19,20 — As águas subiram até quase sete metros acima das montanhas. A questão da linguagem hiperbólica é naturalmente levantada aqui, mas, ainda assim, estas palavras sugerem que as águas cobriram toda a terra.

7.21,22 — *Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em seus narizes, tudo o que havia no seco, morreu.* Com exceção da família de Noé e dos animais que estavam na arca, todas as criaturas que viviam na terra morreram com o Dilúvio.

7.23,24 — *Desde o homem até ao animal.* As pessoas e os animais morreram; todos os seres vivos foram exterminados da terra. Apenas Noé e os que estavam com ele na arca conseguiram escapar do terrível extermínio dos perversos que habitavam o mundo. Jesus afirmou que o final dos tempos seria similar ao que sucedeu nos *dias de Noé* (Mt 24.37,38; Lc 17.26,27). Pedro também usou o Dilúvio para aludir ao juízo final (1 Pe 3.20; 2 Pe 2.5; 3.5,6).

8.1,2 — *E lembrou-se Deus de Noé.* Deus, em Sua infinda misericórdia, *lembrou-se* [hb. *zakar*

de Noé. O Senhor amou as pessoas com quem Ele fez alianças e mostrou Sua fidelidade a elas.

8.3 — *E, ao cabo de cento e cinquenta dias, as águas minguaram.* Note a simetria do tempo. O período de tempo em que as águas prevaleceram sobre a terra (Gn 7.24) foi o mesmo para elas retrocederem.

8.5 — *E foram as águas indo e minguando até ao décimo mês; no décimo mês, no primeiro dia do mês.* O aumento do volume das águas foi tão grande que as montanhas tinham ficado submersas (Gn 7.19,20).

8.6 — *E aconteceu que, ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela da arca que tinha feito.* Novamente, observe a simetria de tempo. As chuvas *prevaleceram* por quarenta dias (Gn 7.12). Depois de os topos das montanhas aparecerem, passaram-se quarenta dias até que Noé abrisse a janela.

8.7 — *E soltou um corvo que saiu, indo e voltando, até que as águas se secaram de sobre a terra.* O voo do corvo foi observado da arca. O pássaro ficou sobrevoando a área para tentar pousar sobre terra seca.

8.8,9 — Outro pássaro mais delicado do que o corvo, uma pomba, também foi solto por Noé. Este também não encontrou um lugar onde pudesse pousar os pés.

8.10,11 — *A folha de oliveira* no bico da pomba é um poderoso símbolo de paz e restauração.

8.12 — A pomba foi solta novamente por Noé, mas dessa vez não voltou mais à arca. Isso provou a Noé que as águas haviam baixado, e a terra havia se tornado de novo um ambiente habitável.

8.13,14 — Depois de um ano completo, as águas retornaram ao seu lugar (Gn 7.11). Como no início (Gn 1.9-13), Deus novamente colocou as águas em seu devido lugar. *A terra estava seca.* O Dilúvio começou quando Noé completou 600 anos, 1 mês e dezessete dias (Gn 7.11) e terminou quando Noé completou 601 anos, dois meses e 27 dias (Gn 8.14).

8.15 — O fato de o Senhor falar com Noé é outro marco da grande graça dele para com Noé e mostra o quanto o estimava (Gn 7.1). [Compare com as palavras de Deus ditas a Abrão, Gn 12.1.]



## COMPARE

## Um novo começo

Ao salvar Noé e sua família do Dilúvio, Deus deu à humanidade uma nova chance, um recomeço. Note as similaridades entre a Criação e a história de Noé:

	O início com Adão e Eva	O reinício com Noé e sua família
<b>Ação de Deus</b>	Deus criou Adão e Eva do pó (Gn 2.7).	Deus salvou Noé e sua família da destruição (Gn 7.23).
<b>Provisão de Deus</b>	Deus criou o jardim e deu os vegetais a Adão e Eva, para que comessem (Gn 1.29-31; 2.8).	Deus preservou as espécies de animais com Noé, dando-as a Noé e à sua família para alimentação (Gn 6.17-22).
<b>Bênção de Deus</b>	Adão e Eva seriam férteis e se multiplicariam; dominariam sobre todas as coisas vivas (Gn 1.28).	Noé e sua família seriam férteis e se multiplicariam; todos os animais da terra temeriam diante deles (Gn 9.1,2).
<b>Aliança divina</b>	Deus prometeu suscitar um descendente de Adão, da semente da mulher, que destituiria o poder da serpente, resgatando a humanidade do pecado (Gn 3.15).	Deus prometeu nunca mais destruir a terra com um dilúvio. O Senhor disse que sempre a abençoaria com as estações do ano (Gn 8.21,22; 9.11).
<b>Proibição divina</b>	Não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.17).	Não derramar sangue de nenhuma pessoa (Gn 9.5,6).
<b>Aviso de Deus</b>	Aqueles que comessem morreriam (Gn 2.17).	Deus pediria contas a todo aquele que derramasse sangue (Gn 9.5).
<b>Avaliação divina</b>	Tudo que foi criado é bom (Gn 1.31).	O coração da humanidade é mau (Gn 8.21).

8.16-19 – Da mesma forma que Deus chamou Noé e sua família para entrar na arca (Gn 7.1), agora, no momento em que todo perigo já havia passado, Ele graciosamente os convidou para sair dela.

8.20 — *E edificou Noé um altar ao Senhor.* É a primeira menção de sacrifício de adoração desde os dias de Caim e Abel (Gn 4.3-5). Assim, entende-se que esta prática foi perpetuada pela linhagem das pessoas de fé (Gn 5), em uma devoção jubilosa e magnífica ao Senhor. Noé ofereceu em holocausto animais e aves puras preservadas na arca (Gn 7.2).

8.21 — *E o Senhor cheirou o suave cheiro.* Por causa destas palavras — *suave cheiro* — podemos compreender que os sacrifícios eram aceitáveis e agradáveis a Deus (Gn 4.3; Lv 1.9). O Senhor recebeu as ofertas de Noé como um ato de adoração a Ele (Nm 15.3). *E disse o Senhor em seu coração: Não tomarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem [...] nem tomarei mais a ferir todo vivente,*

*como fiz.* A terrível devastação da terra causada pelo Dilúvio nunca mais se repetiria. Isto era uma boa notícia; a má era que Deus sabia que a condição do ser humano não havia mudado: *a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice.* Esta foi o mesmo motivo que no passado levou Deus a enviar o Dilúvio (Gn 6.5). Contudo, Deus agora promete que este juízo esmagador não se repetiria; não até o julgamento final (2 Pe 2.5).

8.22 — *Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite não cessarão.* As palavras neste versículo estão dispostas em forma de poema, o que lhes dá um efeito poderoso (Gn 12.1-3). Poderiam facilmente se tornar uma melodia de fé; a resposta do povo de Deus à promessa que Ele fez (Gn 8.21). Mais tarde, na história de Israel, os profetas recordariam a grande promessa feita a Noé (Is 54.9,10).

9.1 — *E abençoou Deus a Noé e a seus filhos e disse-lhes: frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra.* A bênção de Deus à família de Noé estabeleceu



## APROFUNDE-SE

### A ALIANÇA COM NOÉ

O arco-íris, que aparece depois de uma tempestade, é um lembrete ao homem da misericórdia divina, a compaixão do Senhor para com todas as pessoas. Mais do que isso, é um sinal da aliança de Deus, do Seu compromisso com a humanidade de nunca mais destruir a terra com uma enchente.

Deus iniciou Sua aliança sob as piores circunstâncias — a terra estava *cheia de violência* (Gn 6.11,13). Mesmo que a inclinação da humanidade para o mal incomodasse terrivelmente Deus, Ele favoreceu uma pessoa, Noé, e determinou que salvaria este homem e sua família da catástrofe iminente e estabeleceria a Sua aliança com ele.

Apesar de Noé estar cercado por todo tipo de violência e maldade, ele andava com Deus (Gn 6.9) e procurava obedecer-lhe em tudo. A simples obediência de Noé é registrada cinco vezes nesta passagem (Gn 6.22; 7.5,9,16; 8.17,18).

Então, o Senhor chamou o obediente homem para construir uma arca. Com este grande barco, Deus salvou Noé das águas devastadoras do Dilúvio. Com o mal e todos os pecadores varridos da face da terra, Noé e sua família puderam começar de novo (veja 1 Pe 3.21 para conhecer a analogia do batismo com o Dilúvio).

Deus não só lhes deu a oportunidade de um recomeço, como também fez uma promessa incondicional por meio de uma aliança: Ele não destruiria a terra novamente com um dilúvio, não importando quão perversos os descendentes de Noé se tornassem no futuro.

De fato, o Senhor prometeu que até o final dos tempos haveria as estações do ano para o plantio e a colheita, o dia e a noite. Deus unilateralmente prometeu preservar a terra, a fim de conservar também a vida humana, mesmo que os homens se rebelassem contra Ele, o seu Criador.

Hoje, todos nós — descendentes dos filhos de Noé — devemos lembrar-nos da misericórdia de Deus para conosco quando virmos no céu aquele lindo arco-íris.

um novo começo para a humanidade. O verbo *abençoou* expressa a ideia de prazer, da ternura da satisfação de Deus (Gn 1.22,28; 2.3; 12.2,3).

*Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra.* Esta foi a ordem de Deus desde o início. Desta forma, as promessas que o Senhor havia feito a Adão e Eva (Gn 1.26-28) eram agora reafirmadas a Noé, o “novo Adão”. Entre outras coisas, o repovoamento da terra pela família de Noé significava que a sociedade começava de novo, mas agora a história estava dividida em duas eras: a pré-Dilúvio, e a pós-Dilúvio.

**9.2** — *E será o vosso temor e o vosso pavor sobre todo animal da terra e sobre toda ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar na vossa mão são entregues.* A bênção de Deus aqui é muito maior do que a primeira (Gn 1.28,29), pois agora os animais e os pássaros teriam um temor natural dos seres humanos e estariam sob o controle das pessoas.

**9.3-5** — Três novas realidades marcam o período pós-diluviano: (1) a carne poderia ser comida com os vegetais; (2) o sangue não poderia ser

ingerido com a comida; e (3) aquele que derramasse sangue teria de prestar contas de tal ato.

**9.3** — Tendo em vista esta ordem divina, presume-se que até aquele momento os homens e as mulheres alimentavam-se apenas de vegetais.

**9.4** — *A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis.* Podemos saber mais sobre esta restrição lendo Levítico 17.11,12. O sangue representa a vida do animal. Logo, poderia ser derramado em sacrifícios, pois toda a vida pertence ao Senhor.

**9.5** — *E certamente requererei o vosso sangue.* Mais sagrada do que a vida dos animais é a vida de uma pessoa. Os animais poderiam ser mortos para a alimentação, mas nenhum assassinato seria tolerado pelo Senhor.

**9.6,7** — *Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem.* Estas palavras poéticas foram ditas com intuito de causar impacto e notabilidade. A *imagem de Deus* (Gn 1.26,27; 5.1) ainda está no homem. O pecado não a destruiu completamente. Deus dá mais valor ao ser



humano do que a qualquer outra criatura viva, porque o ser humano possui a imagem de Deus.

**9.8-10** — Esta é a segunda ocorrência deste importante conceito de *aliança*. Deus prometeu que Ele estabeleceria Sua aliança com Noé, e aqui Ele realiza esta grande obra (ver Gn 15.8; compare com Gn 3.15). Esta aliança assegura a vida dos animais de todas as espécies.

**9.11** — *Nunca mais* haverá outra enchente como a descrita nos capítulos 6—8.

**9.12-15** — *O arco-íris* é um sinal da promessa de Deus de nunca mais haver Dilúvio sobre a terra e a constante lembrança de Suas palavras. Mais tarde, Abrão (Abraão) pediria ao Senhor um sinal da aliança que Deus fez com ele.

**9.16,17** — *E estará o arco nas nuvens, e eu o verei, para me lembrar do concerto eterno*. Isso tem um significado precioso: não só as pessoas olhariam para o arco-íris e se lembrariam da promessa de Deus; Ele também o faria.

**9.18,19** — Os filhos de Noé já haviam sido mencionados antes (Gn 5.32; 6.10; 7.13), mas a menção novamente deles aqui reforça a sobrevivência da humanidade após o Dilúvio e estabelece a etapa seguinte. Cam é apontado como *o pai de Canaã*. Essa identificação foi particularmente importante para os primeiros leitores de Gênesis: os israelitas que estavam por entrar em Canaã (Dt 1.1). Mas esta informação também prepara o leitor para a vergonhosa história que está para ser apresentada nos versículos seguintes (Gn 9.20-23).

**9.20,21** — A cultura da *vinha* era padrão no cenário da agricultura na antiga Israel. Aqui é citada por causa da embriaguez de Noé.

**9.22** — *E viu Cam, o pai de Canaã, a nudez de seu pai e fê-lo saber a ambos seus irmãos, fora*. Aqui não fica claro se a grande ofensa de Cam foi ter visto a *nudez* de seu pai. Os versículos a seguir, especialmente o 23, sugerem que Cam tenha feito galhofa ao ver seu pai nu, e essa notícia chegou aos ouvidos de Noé depois que ele voltou a si.

**9.23** — Sem e Jafé, ao contrário de Cam, esforçaram-se para honrar seu pai, cobrindo-lhe a nudez, para não expô-lo; eles se recusaram a sequer olhar para a nudez do pai.

**9.24,25** — Os três filhos de Noé haviam sido abençoados com o pai (Gn 9.1). Mas, quando soube do mau proceder de Cam, Noé amaldiçoou este e seus descendentes (Gn 10.6). Alguns acreditam que este versículo justifique a escravidão dos africanos (que, como se supõe, foram os descendentes de Canaã), mas esta é uma interpretação duvidosa, visto que os povos cananitas eram os descendentes diretos de Canaã, que estava sob a maldição de seu pai. Assim, quando os hebreus [descendentes de Sem] estavam às margens do rio Jordão para entrar na terra de Canaã (Dt 1.1), foram encorajados por esta realidade, que lhes prometia a vitória sobre os cananitas.

**9.26,27** — *Sem* é abençoado com a hegemonia sobre seus irmãos, mas *Jafé* também é abençoado. Héber e Abrão eram descendentes de Sem (Gn 11.10-30), desta maneira a bênção de Sem era uma bênção que alcançaria seus descendentes, os israelitas (Gn 12.1-3). Novamente, o recurso poético que é usado nestes versículos lhes acrescenta poder e notabilidade. Da mesma forma que Noé abençoou seus filhos antes de sua morte, posteriormente Jacó também abençoaria seus filhos antes de morrer (Gn 49).

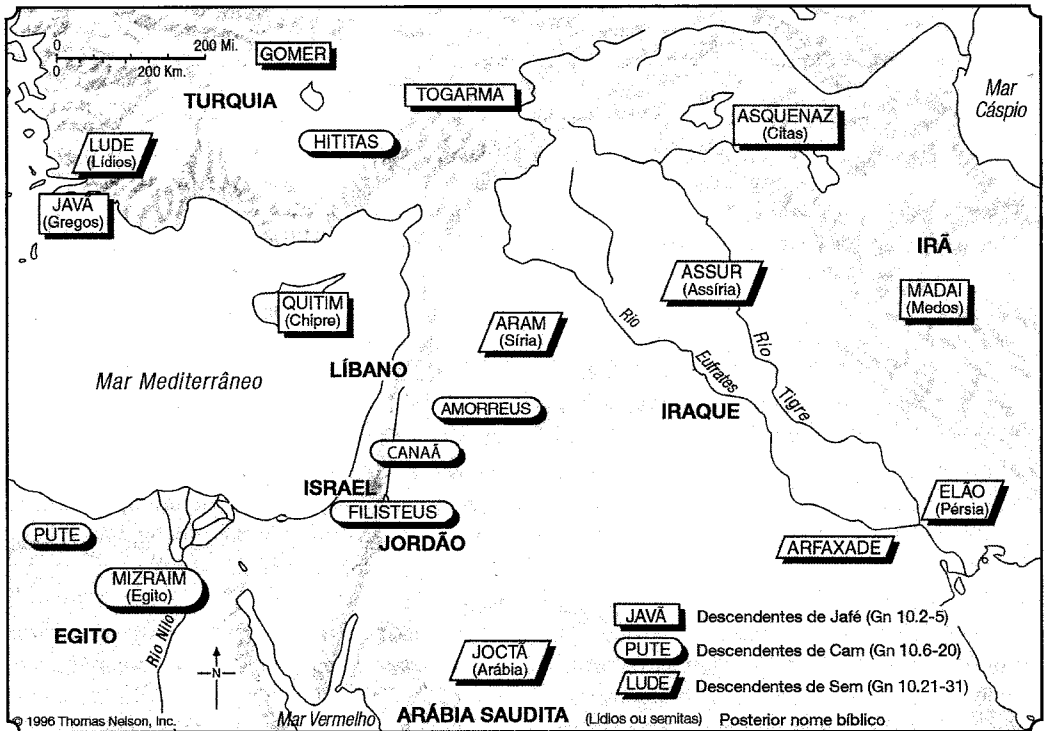
**9.28,29** — A morte de Noé foi o fim de uma era. Somente ele e sua família viveram em dois mundos diferentes: uma terra antes do Dilúvio e depois deste. A longa vida de Noé (950 anos) deu-lhe oportunidade de transmitir a seus muitos descendentes a dramática história que havia vivido com a sua família. Pessoas de diferentes culturas e muitos lugares do mundo conhecem histórias de uma grande enchente no passado. Os



### VOCÊ SABIA?

#### AS ANTIGAS VINHAS

Para que sejam férteis, as vinhas demandam um considerável cuidado. Quando as uvas são espremidas para extração do suco, os organismos que vivem na casca da fruta têm contato com o sumo. Estes organismos multiplicam-se e fazem com que o suco fermente e torne-se vinho (Gn 9.20,21). Se a fermentação é muito longa, este suco converte-se em vinagre. Os antigos agricultores precisavam saber balancear muito bem esses dois fatores.



As nações de Gênesis 10

detalhes de cada uma podem ser diferentes, mas o tema central é único e permanece.

**10.1—11.32** — Nestes capítulos, aprendemos que todas as pessoas da terra são descendentes da família de Noé, mas ainda permanecem alguns mistérios, pois há menção de nomes de indivíduos junto a nomes de povos e cidades, e o ponto de vista narrativo data de anos mais tarde, quando Israel tinha Canaã como seu território. Sendo assim, mesmo que haja referência geral à humanidade, a perspectiva global é omitida. Por último, os capítulos não nos dão uma clara compreensão de tempo; há uma distância de muitos anos entre os fatos narrados.

**10.1** — O registro das *gerações* ou *genealogias* (hb. *tôledôt*) é encontrado em dez passagens significantes em Gênesis (Gn 2.4). Os nomes dos filhos de Noé foram citados pela primeira vez em Gênesis 5.32 (outras ocorrências: Gn 6.10; 7.13; 9.18).

**10.2-4** — A lista de nomes dos filhos de Jafé é mais curta do que a lista com os nomes dos filhos

dos irmãos dele. Entre os descendentes de Jafé aparece *Javã* (v. 2,4), um antigo nome para o povo grego. É possível que muitos dos descendentes dele tenham migrado para a Europa.

**10.5** — As migrações dos povos para diferentes territórios provavelmente se deram após o fato narrado em Gênesis 11.1-9 (a queda da torre de Babel).

**10.6** — Os quatro filhos de *Cam* foram *Cuxe*, *Mizraim*, *Fute* e *Canaã*. *Cuxe* é o antigo nome da Etiópia; *Mizraim* é o antigo nome do Egito. Os nomes dos filhos de *Cuxe* são citados nos versículos 7 a 12; os de *Mizraim* nos versículos 13 e 14, e os de *Canaã* nos versículos 15 a 19. Este trecho não cita os nomes dos filhos de *Fute*.

**10.7-11** — Entre os filhos de *Cuxe*, está *Ninrode* (v. 9-12), que é descrito como um *poteroso caçador diante da face do Senhor* (v. 9). *E o princípio do seu reino foi Babel, e Ereque, e Acade, e Calné, na terra de Sinar. Desta mesma terra saiu ele à Assíria e edificou a Nínive, e Reobote-Ir, e Cala.* O profeta Miquéias mais



## LOCALIZE-SE

### A PRIMEIRA GRANDE CIDADE

*Ereque* é a forma bíblica de *Uruk*, uma cidade suméria situada perto do rio Eufrates na antiga Mesopotâmia. Embora Ereque seja citada somente em Gênesis 10.10 e Esdras 4.9, sua importância histórica excede o pequeno número de citações bíblicas. Essa cidade teve um grande papel no desenvolvimento urbano e foi um dos maiores centros religiosos do mundo.

A primeira evidência de arquitetura pública e as origens da escrita vêm de Ereque. Seus projetos de construção já incluíam o conhecido zigurato (estruturas construídas em degraus retrocedentes).

Mais tarde, por volta do século 4 a.C., a população de Ereque começou a expandir sua cultura e tornou-se controladora das mais importantes rotas de comércio e das regiões econômicas adjacentes.

tarde descreveria a região da Assíria, que sofreria julgamento de Deus, como a *terra de Nimrode* (Mq 5.6). De *Acade* (hb. 'akkad) viria o nome da língua falada na antiga Babilônia e Assíria [o acádio].

**10.12-15** — Os nomes dos descendentes de *Canaã* (Gn 9.22) deram origem aos povos que se estabeleceram na região da grande Canaã. Alguns [os filisteus, jebuseus, amorreus, gírgaseus, heveus, fereseus] ainda habitavam a região nos tempos de Abraão. Lugares como Sodoma e suas cidades aliadas (v. 19) foram mais tarde destruídos pelo fogo que desceu do céu (Gn 19).

**10.16-20** — Nestes versículos são citados nomes de povos e cidades. É uma espécie de prólogo da história da torre de Babel (Gn 11.1-9).

**10.21-24** — Aqui é listada a linhagem de Sem. *Éber* [ARC] ou *Héber* [ARA] é o nome que deu origem ao termo *hebreu*, usado pela primeira vez por Abraão em Gênesis 14.13. Tal designação é patronímica, pois deriva do nome de um patriarca. Éber foi mencionado antes de todos os outros por causa de sua importância para o povo hebreu. Ele era filho de *Salá* (v. 24). Abraão é o pai da nação hebraica (Gn 12.1-3), mas Abraão descende de Héber, e este de Sem. Os outros nomes associados a Sem são: *Elão*, *Assur* e *Arão*, as maiores famílias no Antigo Testamento. Estes outros povos, incluindo Israel, tornaram-se conhecidos como *semitas*, uma palavra derivada de *Sem*.

**10.25-31** — Para alguns, a *repartição* da terra mencionada aqui pode ser uma referência à grande separação das placas tectônicas [que deu origem aos continentes, como conhecemos hoje], embora seja sabido que tal movimento foi bastante

gradual. Não obstante, a divisão da terra que ocorreu foi o principal fator que afetou os padrões de migração dos antigos povos.

**10.32** — Embora não tenham sido listados os nomes de cada um dos clãs, apenas *das famílias dos filhos de Noé, segundo as suas gerações, em suas nações*, os esclarecimentos nos versículos que antecedem este são importantes no que concerne à variedade de povos na terra, uma vez que todos foram descendentes de Noé. As diferenciações entre eles são meramente resultado de circunstâncias posteriores.

**11.1-9** — Com a famosa história da confusão de línguas na torre de Babel, o prólogo da Bíblia chega ao fim. É necessário que a pessoa, ao ler Gênesis 12, saiba que *Yahweh*, o Deus que falou com Abrão (Abraão), é o Criador contra o qual a humanidade se rebelou, que Ele impôs julgamentos de variados tipos às pessoas, incluindo o Dilúvio e a confusão de línguas, e que tornou a humanidade bastante diversa e complexa.

No próximo capítulo, o leitor toma consciência das ações da graça de Deus na vida de um homem e uma mulher, Abrão e Sarai, cujo prometido descendente estenderia as bênçãos do Senhor a todas as pessoas, em todos os lugares.

A confusão das línguas em Babel (Gn 11.1-9) é também a história do início das diversidades raciais, étnicas, culturais e familiares. Por meio do *filho prometido* a Abraão e do Cordeiro que o Senhor proferia para si (Gênesis 12.3; 22.15-18), as pessoas da terra poderiam tornar-se o povo de Deus, e todas as línguas viriam a louvar o Messias (Ap 5.8-14).

**11.1** — *E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala.* Esta passagem diz respeito ao tempo que veio logo após o Dilúvio; uma época anterior à dispersão dos clãs (compare com Gn 10.5,20,31,32).

**11.2** — *A terra de Sinar*, uma região da antiga Babilônia, fica na Mesopotâmia (Gn 10.10). Está localizada em uma parte do atual Iraque. Tradicionalmente, os estudiosos apontam a região como o local onde ficava o jardim do Éden.

**11.3** — O uso dos tijolos na construção de edificações já era um procedimento comum nesse período. A utilização de enormes pedras, pesando várias toneladas, veio mais tarde. As imensas construções de tempos posteriores, que usavam blocos, eram tão bem-feitas e encaixavam-se tão perfeitamente que dispensavam o uso de argamassa.

**11.4** — *E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus.* Pode ser que essa *torre cujo cume toque nos céus* seja um modo de resgatar a lembrança que as pessoas tinham das montanhas do Oriente, onde outrora viveram e adoraram seus deuses nas alturas. Elas haviam migrado para as planícies [de Sinar] e queriam ficar famosas como os *nefilins* (os gigantes ou homens poderosos) eram antes do Dilúvio. [É isso que vemos em: *E façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra*]. Motivadas pelo orgulho e pela arrogância, essas pessoas pretendiam, com a edificação da torre, fazer com que seus nomes ficassem famosos; temiam ser dispersas,

pelas circunstâncias ou pelo Senhor, e não alcançar a grandiosidade de sua ambição.

**11.5** — *Então, desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam.* Esse é um modo de falar da onisciência de Deus (Gn 18.21).

**11.6** — Aqui vemos que o Senhor se mostra preocupado com a potencialidade da humanidade de tornar-se tão perversa quanto era antes do Dilúvio. Deus tomaria providências para que isto não acontecesse.

**11.7** — *Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.* O uso do verbo no plural aqui é similar ao que vemos em Gênesis 1.26-28. O plural majestático enfatiza a magnitude daquele que fala. As variedades de língua, cultura, valores e clãs começaram neste ponto. Se não fosse pela arrogância dos homens, essa divisão não seria necessária. Um dia, os povos de todas as culturas e línguas vão unir-se para celebrar a graça manifesta pelo Filho de Deus, elevando, juntos, suas vozes para adorar o Cordeiro (Ap 5.8-14).

**11.8** — *Assim, o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra.* Há três grandes julgamentos de pecados cometidos pela humanidade na primeira parte de Gênesis (Gn 1—11). O primeiro é a expulsão do Éden (Gn 3); o segundo é o Dilúvio (Gn 6—9), e o terceiro é a dispersão das pessoas de Babel (Lc 1.51).

**11.9** — Há um trocadilho com o nome *Babel* que nenhuma pessoa que soubesse os idiomas



## ENTENDENDO MELHOR

### OLARIAS

O tijolo (Gn 11.3), feito de barro ou de uma mistura de terra e palha (que ficava com a consistência parecida com a do barro), foi um dos primeiros materiais utilizados para a construção no mundo antigo.

Havia, provavelmente, dois métodos de fabricação do tijolo. A maneira mais fácil consistia em colocar a mistura de terra (ou barro) dentro de um molde e deixá-la secar ao sol. Possivelmente, os hebreus usaram este método no Egito (Êx 5.7) e mais tarde na Terra Prometida (2 Sm 12.31; Jr 43.9).

Os babilônios, cujos ancestrais provavelmente construíram a torre de Babel (Gn 11.4), usavam uma tecnologia mais avançada: assavam seus tijolos em fornos, para fazer com que ficassem mais resistentes e tivessem uma durabilidade maior. Eles também os faziam maiores, com quase 80 cm<sup>2</sup>, e com a superfície mais plana, para que pudessem suportar mais peso do que um tijolo comum.



## APLICAÇÃO

### DE BABEL AO PENTECOSTES: DA DISPERSÃO PARA A UNIÃO

A confusão das línguas em Babel foi um momento ímpar na história. Este episódio introduziu as barreiras geográficas e linguísticas que permanecem até os dias atuais. Entretanto, quando Deus desfez a unida comunidade em Babel, Ele estava trabalhando em cima de Seus propósitos eternos.

O Senhor sabia que todas aquelas pessoas estavam reunidas por uma causa pecaminosa, que contrariava a Sua vontade e não o honrava (Gn 11.6). Sendo assim, Ele miraculosamente rompeu a comunicação que havia entre os indivíduos envolvidos naquela construção, num ato de graça. Deus evitou o comprometimento da humanidade com a rebeldia e a consequente autodestruição.

Muitos séculos depois, o mesmo Deus que dispersou pessoas em Babel começou a unir pessoas novamente. No dia de Pentecoste, Seu Espírito começou a criar uma nova comunidade em Jesus Cristo (Atos 2.1-13). O Senhor até mesmo quebrou as barreiras linguísticas naquele dia — um milagre que se equiparou ao de criar línguas diferentes em Babel.

Desde o começo da história, Deus tem trabalhado para salvar as pessoas do pecado. Ele ainda usa os princípios da dispersão e da união para fazer isso. Somente após o Pentecoste, as pessoas que o Senhor “dispersa” estão munidas com a Sua mensagem de graça e o poder de Seu Espírito. Ele as está ajudando a ultrapassar as barreiras que impedem que o mundo o conheça verdadeiramente.

antigos ignoraria. Isso porque o termo vem de uma raiz primitiva [*balal*] que significa *confundir*. Em hebraico, a palavra *badal* soa similar ao nome da cidade, *babel*. A principal cidade do antigo paganismo (a Babilônia) é meramente um lugar de confusão, porque ali o Senhor confundiu as línguas. Assim, Babel e Babilônia servem como um símbolo na Bíblia para atividades direcionadas contra Deus pelas nações do mundo (Ap 17).

**11.10** — Listas de genealogias são encontradas em dez significantes passagens no livro de Gênesis (vide 2.4). Os judeus descendem de Sem. Consequentemente, as passagens que se seguem dão ênfase a este filho de Noé e à sua família.

**11.10-25** — O padrão neste rol de descendentes é similar ao encontrado no capítulo 5. Mas, aqui, apenas os três primeiros elementos são fornecidos. (1) Aos “x” anos; (2) “A” gerou “B”; (3) “A” viveu “x” anos. Assim como acontece no capítulo 5, a lista deixa de fora alguns nomes, focando-se apenas nos principais personagens na linha de descendência desde Noé até Abraão. Sendo assim, “B” pode ser um descendente remoto, e não o filho que foi gerado literalmente por “A” (Gn 5.20). Portanto, a genealogia mostra que Abraão era um descendente de Noé por meio de Sem, assim como Noé era um descendente de Adão por meio de Sete.

Note que apesar de as pessoas listadas no capítulo 11 terem tido uma vida bastante longa, elas não viveram tanto quanto as pessoas listadas no capítulo 5. Na verdade, o período de vida foi encurtando progressivamente. Sem viveu 600 anos (v. 10,11), Naor 148 anos (v. 24,25). Note também que não é mencionado quanto tempo decorreu desde Sem até Abraão (v. 26,30). Esse período provavelmente foi de algumas centenas de anos, mas não se sabe precisar exatamente de quantos anos se trata.

Nas escavações em Ebla, no norte da Síria, foram descobertos textos que datam de aproximadamente 2.500 a.C. e textos da Suméria, a primeira cultura literária no antigo Oriente, que datam de 3.500 a.C. Estes textos falam de uma grande enchente muitas gerações antes daquela. Supõe-se que a data de nascimento de Abraão seja por volta de 2150 a.C.

**11.26** — Neste versículo chegamos finalmente à descendência de Terá e ao nascimento de Abrão, Naor e Harã. Anos mais tarde, Abrão teria seu nome modificado para Abraão (Gn 17.5) e seria o pai de Isaque (Gn 21.1-5) e o progenitor do povo hebreu, do qual seria suscitado o prometido Messias, Jesus.

**11.27** — O termo *gerações* é encontrado em dez significantes passagens em Gênesis (vide 2.4).

Abrão, Naor e Harã, os três filhos de Terá, teriam o dever de continuar a sua descendência (Gn 11.31). Harã gerou Ló. Abrão gerou Isaque, vindo a figurar de forma proeminente em passagens futuras (Gn 12.4,5; 13.1-13).

11.28 — A precoce morte de Harã deixou ao seu filho o encargo de perpetuar seu legado familiar. Por muitas gerações, estudiosos acreditaram que Ur dos caldeus fosse a famosa Ur, localizada próximo ao antigo delta no Golfo Pérsico, onde os rios Tigre e Eufrates se encontram. Recentemente, alguns estudiosos decifram tábua de Ebla que falam de uma Ur situada ao norte da Síria e sugerem que esta é a cidade onde viveu e morreu Harã.

11.29 — O nome da esposa de Abrão, *Sarai*, significa *princesa*, o que pode remeter à origem nobre dela. *Sara*, como ela é mais tarde chamada por Deus, em Gênesis 17.15, tem o mesmo significado. Já o significado do nome *Milca* [hb. *Milkah*], rainha, está relacionado ao verbo hebraico *malak*, cujo sentido é *reinar*. Milca era filha de Harã. Evidentemente Naor se casou com a sua sobrinha. Sarai era meia-irmã de Abrão. Milca mais tarde deu à luz Betuel, e este se tornou o pai de Rebeca, a noiva de Isaque (Gn 24.14). Embora o pai e o irmão de Rebeca tivessem conhecimento sobre *Yahweh*, em Josué 24.2 é revelado que esta família outrora prestava cultos a outros deuses.

11.30 — O triste fato de Sarai ser *estéril* frustrou-a, mas, por outro lado, mostrou-se uma oportunidade para Deus agir miraculosamente na vida dela.

11.31,32 — A épica mudança de Abrão para Canaã inicia-se no capítulo 12, após este receber uma ordem do Senhor para deixar sua terra e dirigir-se a uma outra, nova, que ainda lhe seria mostrada. Mas a viagem começou com Terá ou com Abrão? Aqui, parece que, por motivação própria, Terá decidiu mudar-se de Ur para Canaã. Ele começou a peregrinação com alguns membros de sua família. Entretanto, quando chegaram a Harã, Terá morreu. Este foi o primeiro passo da jornada de Abrão e Sarai rumo à Terra Prometida.

Não devemos acusar Abrão de ter cometido pecado, como às vezes se faz, por ele ter se muda-



## EM FOCO

## TERRA (HB. 'ERETS)

(Gn 1.1,10; 4.16; 12.1; 13.10; Dt 34.2; Sl 98.3)

Esta palavra, comum no Antigo Testamento, possui muitas nuances de significado, incluindo: *terra* em contraste com o *céu* (Gn 1.1); *terra firme*, em oposição ao mar (Gn 1.10); *terra* como um terreno ou uma área geográfica (Gn 4.16); a terra como território de uma nação soberana (Gn 13.10,12); *terra* como sinônimo das pessoas que vivem nela (Sl 98.3; 100.1).

Na essência, toda a terra pertence a Deus, pois Ele é seu Criador (Sl 24.1). Sendo assim, quando Deus prometeu aos israelitas a *terra* de Canaã, ela lhes foi dada porque pertencia a Ele. Por ser um elemento importante da promessa pela aliança de Deus com os israelitas (Gn 12.1), isso se tornou uma característica de identificação deste povo — as *peças da terra* (Gn 13.15; 15.7).

do para Harã, quando Deus ordenou que ele fosse para Canaã. Abrão é apresentado como um dos grandes heróis da fé, e não como uma pessoa que obedeceu apenas parcialmente a Deus. O Senhor já estava executando Seu plano com a mudança da família de Abrão de Ur até Harã. Após a morte de Terá, Deus é ainda mais claro quanto à mudança de Abrão de Harã para Canaã (Gn 12.1-4). E Abrão se torna o pai da fé, o pai de todos nós que cremos em Deus (Rm 4.16).

12.1—15.21 — Esta passagem bíblica começa com o chamado de Abrão e Sarai (Abraão e Sara) para se tornarem os pais de um novo povo por meio do qual Deus abençoaria todas as famílias da terra.

12.1 — O nome *Yahweh*, traduzido como *Senhor*, não é explicado até Êxodo 3.14,15. Mas os leitores de Gênesis devem saber que aquele Deus que falou com Abrão é o mesmo *Yahweh* que criou todas as coisas (Gn 2.4) e que mais tarde formaria a nação de Israel.

Para um mundo que acreditava em muitos deuses, o nome do verdadeiro Deus vivo era bastante significativo. Assim, essa passagem começa com a revelação da palavra de Deus, a graça que irrompe de *Yahweh*, com a qual Ele soberanamente começa a agir na vida das pessoas necessitadas.

Gênesis 1.3 registra Deus pronunciando as seguintes palavras: *Haja luz*. Gênesis 12.1 mostra *Yahweh* falando a Abrão com palavras de grande graça (compare com Gn 7.1; 8.15, as palavras de *Yahweh* para Noé). João 1.1 fala da encarnação do Verbo. Em toda a Bíblia a mensagem é a mesma: é *Yahweh*, o Senhor, que chega até as pessoas, revela-se e estende a Sua grande graça.

*Ora o Senhor disse...* Deus fala. Ele fez uma promessa a Abrão em Ur (Gn 11.31). Agora, em Gênesis 12.1, quando o pai de Abrão estava morto e enterrado em Harã, Abrão foi chamado por Deus [para sair do meio de sua parentela e ir para o lugar que Ele lhe mostraria]. Abrão obedeceu, agindo em função dessas palavras do Senhor.

O nome *Abrão* [hb. *ʾAbram*] significa *pai exaltado*. Mais tarde, seu nome seria mudado para *Abraão* [hb. *ʾAbraham*], cujo significado é *pai de uma multidão*.

A ordem de Deus para Abrão foi: *Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai*. Os versículos de 1 a 3 deste capítulo são poéticos, o que lhes confere uma maior notabilidade, sentido de solenidade e importância (ver Gn 14.19,20; 16.11,12; 25.23). Foram feitas três exigências a Abrão que demandaram grande obediência de Abrão e de Sarai. A *terra* representava a região onde ele cresceu e morava [os hábitos e costumes do seu povo]; a *parentela*, o seu clã [sua identidade familiar]; e a *casa de seu pai*, os laços afetivos mais estreitos e sua responsabilidade de liderança, pois, após a morte de Terá, Abrão se tornou o líder do grupo familiar. Sendo assim, as ordens de Deus para este eram bastante difíceis, porque exigiam que Abrão deixasse sua terra, seu clã e sua família em um mundo onde tais coisas simplesmente não eram feitas dessa maneira. Na época, apenas as pessoas assoladas pela pobreza ou os exilados perambulavam de um lado para outro; somente os desterrados e os fugitivos abandonavam seu lugar de origem e vagueavam pelo mundo. Mas as palavras de Senhor para Abrão insistiam em que ele deixasse tudo e fosse para um lugar que Deus não mostraria até que Abrão lá chegasse.

**12.2,3** — Há sete grandes elementos na promessa de Deus a Abrão nestes versículos. O primeiro

elemento e o sétimo são os mais significantes do grupo. O número sete, mais uma vez, sugere completude e perfeição, como em Gênesis 2.2,3. Esta célebre passagem é um prólogo para o conjunto de passagens que juntas formam a *aliança abraâmica* (Gn 15.1-21), a irrevogável promessa de Deus.

- (1) *E far-te-ei uma grande nação*. O Senhor ordenou a Abrão que deixasse sua casa e sua família, prometendo suscitar dele uma *grande nação* (Gn 18.18). Estes descendentes de Abrão se tornariam o povo de Deus. Ele os nomearia como Seus representantes para ser luz para as outras nações (Dt 26.19).
- (2) *E abençoar-te-ei*. Deus prometeu *abençoar* Abrão. A bênção de Deus é o Seu “sorriso”, a ternura de Sua satisfação (Gn 1.22,28; 2.3; 9.1). A promessa do Senhor em dar a Sua bênção pessoal a Abrão e Sarai incluía os benefícios de uma vida longa e saudável (Gn 15.15; 24.1), bem como prosperidade e importância (Gn 13.2).
- (3) *E engrandecerei o teu nome*. Ter um nome vivo na memória das pessoas muito depois de sua existência física era realmente uma honra suprema (Gn 6.4). Aqueles que trouxeram vergonha seriam esquecidos (Gn 11.4). Mas o nome *Abraão* é um dos mais honrados na história.



## VOCE SABIA?

### OS PATRIARCAS

Em Gênesis 12—50, é narrada a história dos patriarcas de Israel. Os eventos que envolveram os três primeiros patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12—38), acontecem principalmente em Canaã, embora Abraão provenha da região da Mesopotâmia (Ur e Harã). Já a história do patriarca José (Gn 33—50) se dá basicamente no Egito.

*Patriarca* refere-se ao fundador ou líder de uma tribo, família ou de um clã. Os israelitas tiveram na base de sua ancestralidade um homem, o *patriarca Abraão* (Hb 7.4; Is 51.2), e eles reclamaram Canaã baseados na aliança divina com o primeiro dos três patriarcas a ter a posse da terra (Dt 1.8). Consequentemente, a expressão *os patriarcas* é usada como referência aos doze filhos de Jacó (Atos 7.8,9). As datas exatas do período em que viveram não puderam ser estabelecidas.

(4) *E tu serás uma bênção.* A promessa é igualmente uma ordem. Isto é, Abrão estava sob desígnio divino para se tornar uma bênção para os outros. E assim ele honraria o que lhe foi dado toda vez que falasse sobre o Deus vivo diante dos povos e nações (v. 8).

(5) *E abençoarei os que te abençoarem.* Os elementos cinco e seis estão relacionados entre si; juntos eles formam uma parêntese de versos.

(6) *E amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.* Deus abençoaria aqueles que abençoassem Abrão e seus descendentes, e amaldiçoaria aqueles que amaldiçoassem Abrão.

(7) *E em ti serão benditas todas as famílias da terra.* A final e mais significativa das promessas do Senhor a Abrão e aos descendentes deste foi que todos os povos da terra seriam abençoados por meio dos que descendiam de Abrão.

**12.4** — Assim, partiu Abrão, como o Senhor lhe tinha dito. Tendo a magnífica promessa de Deus como única motivação, Abrão partiu. Ele obedeceu ao Senhor (Gn 17.23; 22.3). Em sua obediência, Abrão comportou-se da mesma forma que Noé se comportara: demonstrando uma genuína fé e honradez (Gn 6.22; 7.5).

*E foi Ló com ele.* Ló partiu com o tio. Algumas pessoas acham que Abrão desobedeceu a Deus no momento em que levou seu sobrinho com ele em sua jornada. Entretanto, esses versículos sugerem que foi Ló quem tomou esta decisão de ir com Abrão.

*E era Abrão da idade de setenta e cinco anos, quando saiu de Harã.* Na Bíblia, raramente é mencionada a idade das pessoas quando algum evento ocorre, mas com Abrão isso ocorre diversas vezes. Como veremos, isso comprova a poderosa obra de Deus na vida desse homem cuja idade já era bastante avançada quando foi chamado pelo Senhor.

**12.5** — Esta é a primeira menção na Bíblia de *Canaã* como a terra. A região era habitada por pessoas que estavam envolvidas com idolatrias (Gn 15.16). Deus prometeu esta terra a Abrão e Sara e a seus descendentes.

**12.6** — *E passou Abrão por aquela terra.* O verbo *passar* aqui se assemelha à palavra *'ibriy* [pessoa de além de], hebreu (Gn 14.13). Aqui, o

hebreu Abrão estava *passando por* aquela terra, atravessando o seu destino.

*Até ao lugar de Siquém.* Essa cidade é antiga; ficava na parte central de Canaã. Mais tarde, sob a liderança de Josué, as pessoas comemorariam ali a aliança com Deus (Js 24.1).

*Até ao carvalho de Moré.* Essa antiga e grande árvore de carvalho serviria como um permanente marco para as futuras gerações (Gn 13.18; 18.1; 23.17). O termo *Moré* significa *professor*. Está relacionado à palavra *torah*, que significa *instrução*. Aqui Abrão começa simbolicamente a tomar posse da terra que, um dia, seria o território do grande Mestre, Jesus, e de Sua instrução.

*E estavam, então, os cananeus na terra.* A terra já estava ocupada pelos cananeus (Gn 13.7), mas Deus havia prometido que a entregaria aos descendentes de Abraão.

**12.7** — *E apareceu o Senhor a Abrão.* Esta foi a primeira vez que Deus *apareceu* (uma possível *teofania*, manifestação divina visível) a Abrão na terra de Canaã, mas certamente não foi a última (Gn 13.14-17).

*E disse: À tua semente darei esta terra.* A terra de Canaã era um presente aos descendentes de Abrão. Toda a terra pertence a Deus (Sl 24.1). Ele pode fazer o que quiser. As pessoas de Canaã perderam o direito de ocupar tal lugar devido à sua terrível perversidade (Gn 15.16). Sendo assim, Deus declarou que *aquela terra* se tornaria a terra de Israel (Gn 15.18-21; 17.6-8).

Esse versículo faz parte da *aliança abraâmica* (Gn 15.1-21). Abraão mencionou o episódio a seu servo muitos anos depois (Gn 24.7).

**12.8** — *Moveu-se [Abraão] dali para a montanha à banda do oriente de Betel e armou a sua tenda, tendo Betel ao ocidente e Ai ao oriente, e edificou ali um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor.* Mais tarde, no tempo de Jacó, Betel teria um importante papel na história (Gn 28.10-22). *Ai* significa *ruína*. O termo sugere as ruínas de uma antiga cidade. Abrão respondeu à aparição de Deus edificando um *altar* dedicado ao Senhor e invocando o Seu nome (ver Gn 4.26; 21.33; 26.25). Provavelmente, essa *invocação* do nome do Senhor não era uma oração pessoal, mas um



clamor ou uma proclamação pública. Abrão, de certa forma, estava falando a outros a respeito do Senhor e sendo uma bênção para todas as nações, como Ele lhe ordenara (Gn 12.22).

**12.9** — *Depois, caminhou Abrão dali, seguindo ainda para a banda do Sul.* Abrão caminhou em direção ao Neguebe, em hebraico *Negeb*, caverna (Gn 13.1; 24.62). A população de Canaã, que já estava estabelecida no lugar com seus rebanhos, impediu que Abrão achasse um local para pastoreio. Ele continuou em direção ao sul, até que conseguisse encontrar um espaço para seu grupo.

**12.10** — *Alguns tempo depois da chegada de Abrão a Canaã, a fome forçou-o a deixar a terra.* A miséria pode estabelecer-se em um lugar por forças da natureza ou por causa de guerras que interrompem a lavoura e a criação de animais (Gn 26.1; Rt 1.1). *E desceu Abrão ao Egito, para peregrinar ali.* As Escrituras não nos dizem se Abrão queria sair de lá ou não, apenas que teve de fazê-lo por causa da fome.

**12.11** — *E aconteceu que, chegando ele para entrar no Egito, disse a Sarai, sua mulher: Ora, bem sei que és mulher formosa à vista.* Raramente na Bíblia vemos menção da aparência física de uma pessoa. Só por motivos especiais, como no caso da descrição de José, em Gênesis 39.6, e a de Davi, em 1 Samuel 16.12. A referência à beleza de Sarai pode ser comparada à descrição da aparência física de Rebeca (Gn 24.16) e de Raquel (Gn 29.17). A beleza física de Sarai era notável dada sua idade avançada (cerca de 65 anos). Sarai era aproximadamente dez anos mais nova que Abrão (Gn 12.4; 17.17).

**12.12** — *O ponto principal aqui é que Abrão e seu séquito não poderiam entrar no Egito secretamente.* Eles eram muitos, carregando posses e rebanhos. Os egípcios provavelmente os notariam, e Abrão sabia que a beleza de Sarai também não passaria despercebida.

**12.13,14** — *Dize, peço-te, que és minha irmã.* Sarai, de fato, era a meia-irmã de Abrão, filha do mesmo pai, mas não da mesma mãe (Gn 20.12).

**12.15** — *Elogia-lo.* Uma forma de elogio (muito parecido com Salmos 113.1) à de Faraó: estratégia de Abrão para tentar escapar.

**12.16** — *Por causa de Sarai, Abrão foi beneficiado pelo faraó. Abrão recebeu ovelhas, e vacas, e jumentos, e servos, e servas, e jumentas, e camelos.* Em contrapartida, correu o risco de perder sua esposa. Alguns estudiosos críticos costumavam usar o argumento de que os camelos ainda não eram domesticados naquela época; eles consideravam o uso do termo *camelos* um erro. Entretanto, hoje é sabido que os camelos já tinham sido domesticados naquele tempo, embora os domados fossem bastante raros. Eles representavam uma grande riqueza. Ter camelos naquele período era como possuir caras limusines hoje em dia.

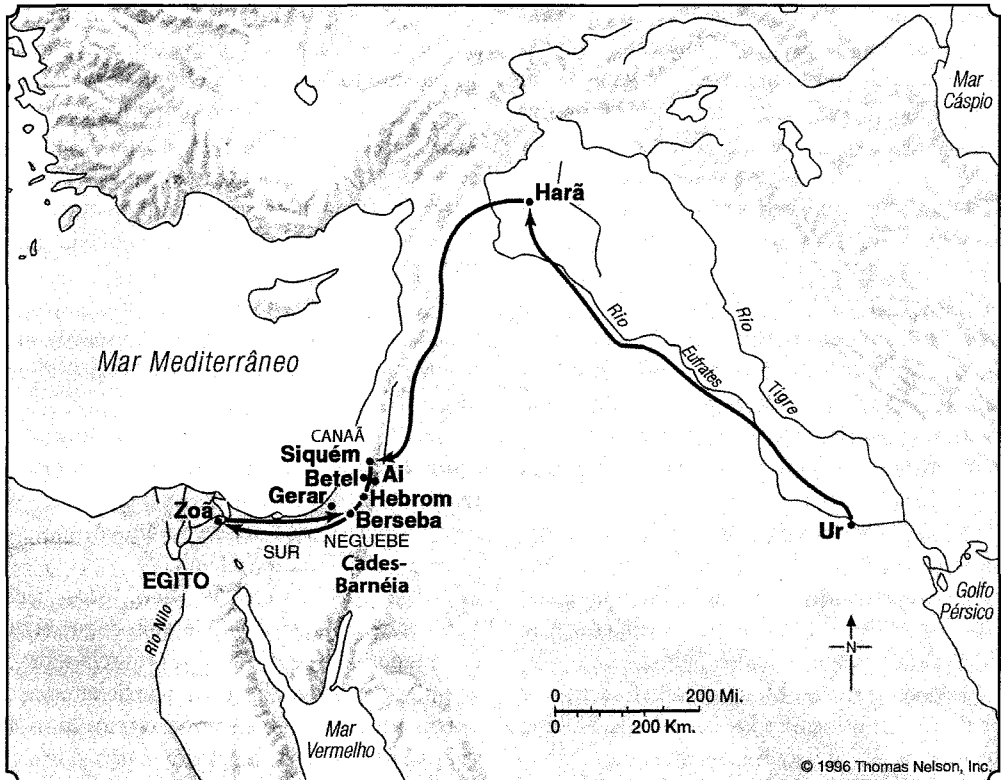
**12.17** — *Feriu, porém, o Senhor a Faraó com grandes pragas e a sua casa, por causa de Sarai, mulher de Abrão.* Esta é a primeira manifestação do cumprimento da promessa feita por Deus a Abraão de amaldiçoar os que o amaldiçoassem e de abençoar os que o abençoassem (Gn 12.2,3).

**12.18-20** — *Em sua indignação, o faraó dispensou Abrão e Sarai. Deus protegeu o casal por causa do seu importante papel na história da salvação.*

**13.1,2** — *Abrão e Sarai retornaram do Egito pelo sul (Gn 12.9; 24.62), o Neguebe, uma região onde eles poderiam ter morado com a sua considerável riqueza de animais, prata e ouro.* De lá, viajaram para Betel, o lugar onde Deus havia feito a Sua aparição. Novamente, Abrão invocou o nome do Senhor.

**13.3-7** — *Ló acompanhava Abrão em sua jornada. Também tinha rebanhos, gado e tendas.* Era próspero. A posse de tantos bens fez surgir uma desavença entre os pastores dos rebanhos de Ló e os dos rebanhos de Abrão. *E os cananeus e os ferezeus habitavam, então, na terra.* Como em Gênesis 12.6, a questão aqui é que a terra já estava ocupada. Abrão e Ló não chegaram a uma região despovoada. Eles tiveram de competir por um pedaço de terra vazio para acomodar suas posses e seu rebanho, que crescia rapidamente.

**13.8,9** — *Abrão agiu com benevolência, evitando brigar com seu sobrinho e os pastores deste.* Deu a Ló a oportunidade de fazer uma escolha. Ao fazer isso, Abrão não só demonstrou o despendimento quanto aos bens, como também



A jornada de Abraão

a confiança de que Deus continuaria provendo tudo a ele.

13.10-12 — Ló era ganancioso. Ele preferiu a campina verde e bem regada do Jordão, perto do mar Morto. Próximas dali ficavam as pecaminosas cidades de Sodoma e Gomorra, antes de serem destruídas pelo juízo divino (Gn 18—19). Os primeiros leitores ficariam perplexos ao saber da quantidade abundante de água que a região outrora desfrutou. *Era como o jardim do Senhor*. Esta exuberante comparação relembra as condições do Éden (Gn 2.10). Em uma região árida, a abundância de água evoca a imagem do paraíso. A pequena cidade de Zoar mais tarde figuraria na vida de Ló (Gn 19.22).

13.13 — A escolha de Ló da área aparentemente mais favorável levou-o até um território que era habitado pelo pior grupo de cananeus: as perversas e infames pessoas de Sodoma (Gn

18—19). Ao resto da população de Canaã foram dados 400 anos até que sua idolatria e maldade demandassem julgamento (Gn 15. 16). A Sodoma e a Gomorra, não.

13.14-17 — Esta seção é parte do conjunto de passagens que preparam o terreno para a *aliança abraâmica* (Gn 15.1-21). Esta seção se edifica em Gênesis 12.1—3.7, a passagem na qual Deus faz Sua primeira grande promessa a Abrão.

13.14 — O Senhor reafirmou a promessa a Abrão após a falta de fé demonstrada por este no Egito (Gn 12.10-20) e após a separação de Ló.

13.15-17 — *Toda esta terra que vês te hei de dar a ti e à tua semente, para sempre*. Nenhuma parte da terra de Canaã ficou de fora da promessa de Deus a Abrão e à sua descendência, designada pela palavra *semente* (hb. *zerá*). Algumas vezes este termo pode referir-se aos muitos descendentes, e outras vezes a apenas um indivíduo. A

promessa era de uma terra e de uma semente *para sempre* (Gn 22.18; Gl 3.16). Deus também prometeu: *E farei a tua semente como o pó da terra*. Aqui há uma hipérbole para descrever a numerosa, incontável, descendência [física e espiritual] de Abrão (ver Gn 15.5; 22.17). O percurso de Abrão a Canaã é um ato simbólico de tomada de posse. Abraão por si mesmo não tomaria posse da terra (Hb 11.13-16), apenas seus descendentes (Gn 12.7; 15.17-21).

13.18 — Hebron se tornou um dos principais lugares de pouso de Abrão em Canaã (Gn 23.2). Ele ainda estava vivendo em uma tenda, e não em cidades. Abrão também continuava a construir altares para adorar ao Deus vivo (Gn 12.7,8; 13.4).

14.1,2 — Muitos estudiosos não sustentam mais que seja possível que Anrafel, rei de Sinar, tenha sido o famoso Hammurabi, da Babilônia.

14.3 — O vale de Sidim provavelmente está submerso sob as águas do mar Morto.

14.4 — Os reis da Mesopotâmia forçaram os reis das cidades localizadas no vale de Sidim a pagar tributos. Por isso, houve uma guerra.

14.5-9 — O ataque punitivo da coalizão estrangeira demorou pelo menos um ano para ser organizado. Deve ter sido formidável, dada a lista de cidades que eles conquistaram enquanto abriam caminho para o encontro com os reis rebeldes.

14.10 — *E o vale de Sidim estava cheio de poços de betume*. O termo em hebraico traduzido como *poços* é 'er; aparece duas vezes no texto original, significando que os poços de betume estavam por todo o lugar.

14.11,12 — Como Ló vivia na cidade de Sodoma, ele também foi capturado. A cidade onde Ló vivia foi descrita como o lugar onde viviam pessoas perversas e pecadoras contra o Senhor (Gn 13.11-13). Esta descrição prepara o terreno para os acontecimentos dos caps. 18 e 19.

14.13 — Aqui encontramos o primeiro uso do termo *hebreus* na Bíblia, o qual é derivado do nome Éber, mencionado entre os descendentes de Noé que deram origem às nações (Gn 10). A palavra *hebreus* está relacionada ao sentido do verbo *atravessar* ou *passar por* (hb. 'abar). Talvez

o objetivo seja lembrar-nos de que Abrão *atravesou* ou *transpôs* algo para obedecer à ordem divina. Abrão mudou-se para Hebron, próximo aos carvalhos de Manre (Gn 13.18,24).

14.14,15 — O fato de Abrão reunir 318 homens para lutar, dentre todos os nascidos em sua casa, é uma indicação da grande prosperidade e honra que o Senhor havia concedido a ele (Gn 12.2,3).

14.16 — O ataque de Abrão foi um sucesso completo. Ele conseguiu recuperar todos os pertences roubados pela coalizão da Mesopotâmia e resgatar o seu sobrinho Ló.

14.17 — Quando Abrão retornou de seu bem-sucedido ataque aos aliados da Mesopotâmia, dois reis foram ao seu encontro: um era o rei de Sodoma, e o outro era o rei de Salém. Abrão falou primeiro com o rei de Salém.

14.18 — *Melquisedeque* [hb. *Malkiy-Tsedeq*] significa *meu Rei é justiça*. Melquisedeque era um contemporâneo de Abrão, que prestava adoração ao único Deus vivo. Ele era rei de Salém, um dos nomes antigos de Jerusalém. O termo *Salém* [hb. *shalem*] vem da raiz da palavra *shalon*, que significa paz.

Melquisedeque ofereceu pão e vinho a Abrão. Mesmo que estes fossem gêneros alimentícios muito comuns nos tempos antigos, o uso deles aqui teve um significado diferente: foram utilizados para celebrar a libertação de Abrão e de suas tropas por Deus.

14.19 — *Abençoou-o e disse: Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra*. Melquisedeque foi o primeiro homem a abençoar Abrão. Ele veio sob a provisão especial da promessa da bênção de Deus (Gn 12.3). As palavras de bênção de Melquisedeque — *Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo* — estão dispostas em forma de poesia para transmitir um sentido maior de poder e efetividade.

A expressão *Deus Altíssimo* confere uma ênfase especial à bênção do Senhor a Abrão. O termo *Altíssimo* expressa o poder de Deus sobre as nações, como Criador e Senhor (Pv 8.22). Esse aspecto é reforçado pela declaração *Possuidor dos céus e da terra*.

A grande surpresa a respeito de Melquisedeque é que ele apareceu de repente. Não há menção alguma de parentes ou fatos anteriores que mostrasse sua ligação com o Senhor. Essa misteriosa qualidade de Melquisedeque permitiu ao escritor de Hebreus compará-lo ao Filho de Deus, Jesus Cristo (Hb 5—9; Sl 110.4).

**14.20** — *E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos.* Quando bendizemos Deus, nós o reconhecemos como a Fonte de nossas bênçãos (Sl 103.1,2). Melquisedeque declarou a verdadeira origem da vitória de Abrão: Deus lhe tinha entregue.

E [Abrão] *deu-lhe o dízimo de tudo.* Aqui encontramos a primeira menção do *dízimo* na Bíblia (Dt 14.22). O ato de Abrão indicava que ele acreditava que Melquisedeque tinha um verdadeiro elo com o Deus vivo. Ao entregar o dízimo de tudo quanto possuía ao rei de Salém, sacerdote do Altíssimo, era como se Abrão o tivesse entregue ao Senhor.

**14.21** — *E o rei de Sodoma disse a Abrão: Dá-me a mim as almas e a fazenda toma para ti.* Enquanto louvava a Deus com o rei de Salém, Abrão parece ter ignorado o *rei de Sodoma* (v. 17). Aqui, este se dirige a Abrão, pedindo-lhe pessoas em troca de bens.

**14.22** — *Abrão, porém, disse ao rei de Sodoma: Levantei minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra.* Abrão levantou as mãos como sinal de juramento. Em outras passagens isto tem sentido de desafio. Abrão identificou *Yahweh* como o *Deus Altíssimo*. Esta é uma expressão bastante clara de que ele e Melquisedeque adoravam ao verdadeiro Deus, Criador do céu e da terra.

**14.23** — *E juro que, desde um fio até à correia dum sapato, não tomarei coisa alguma de tudo o que é teu; para que não digas: Eu enriqueci a Abrão.* Com estas palavras Abrão repreendeu fortemente Sodoma e seu rei (Gn 13.12,13). Abrão se pôs em uma posição contrária àquela tomada por seu sobrinho, que havia se mudado para a cidade perversa (Gn 14.12).

**14.24** — *Aner, Escol e Manre* pertenciam ao grupo de aliados de Abrão (v. 13). [Tinham ido à

guerra]. Não estavam incluídos na decisão pessoal de Abrão [de não tomar nada do que foi despojado para si]. O termo *Manre* também é o nome de um lugar que está associado a Hebron (Gn 18.1; 23.17).

**15.1-21** — Esta passagem é um dos textos que apresentam a *aliança abraâmica* (ver Gn 17. 1-22; 18.1-15; 22.15-18; 26.23,24; 35.9-15; compare com Gn 12.1-3,7; 13.14-17).

**15.1** — A expressão *depois destas coisas* indica decorrência de tempo, transição (Gn 22.1). O que se segue é um acontecimento novo na vida de Abrão: *veio a Palavra do Senhor a Abrão em visão.* O escritor do livro de Hebreus nos lembra que Deus fala *muitas vezes e de várias maneiras* (Hb 1.1). O uso de uma visão é apenas um dos meios pelos quais Deus interage com os Seus servos. Esta foi a terceira aparição do Senhor a Abrão desde a chegada deste a Canaã. (A primeira foi em Gênesis 12. 7, e a segunda em Gênesis 13.14-17; 17.) Deus disse: *Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão.* A melhor coisa que uma pessoa pode ter em toda a vida é um relacionamento pessoal com Deus.

**15.2** — A expressão *Senhor Jeová* é uma tradução das palavras hebraicas *YHWH Adonai*, usadas para se referir a Deus; significa o mesmo que *Yahweh*. Abrão e Sarai não tinham filhos (Gn 11.29,30). Mais tarde, saberemos que Abrão teve seis filhos com uma concubina chamada Quetura (Gn 25.1-6). A relação dele com Quetura provavelmente aconteceu depois dos acontecimentos deste capítulo. De acordo com o costume da época, o homem que não tinha filhos adotava alguém, possivelmente um escravo, para se tornar seu principal herdeiro. Se mais tarde este homem viesse a ter um filho natural, este tomaria o lugar daquele que foi adotado como principal herdeiro. Leis similares faziam parte dos códigos legais do extremo Oriente, incluindo o famoso Código de Hammurabi, da Babilônia. Aqui, lemos sobre o *damasceno Eliézer*, que poderia ter tido a honra de ser o herdeiro de Abrão e Sarai, já que o casal não tinha um filho natural até então. Alguns estudiosos cogitam a possibilidade de *Eliézer* ter sido o servo que, mais tarde, buscou a esposa para Isaque (Gn 22.5; 24.2).

15.3 — A palavra *semente* aqui é usada em lugar de *filho*. Também pode ser traduzida como *descendentes*. (Outras ocorrências: Gn 3.15; 15.5,13,18).

15.4 — *Aquele que de ti será gerado, esse será o teu herdeiro*. Eliézer não era o filho natural de Abrão; então, Deus promete que Abrão geraria um filho, mesmo tendo idade avançada.

15.5 — *Então, [Deus] o levou fora e disse: Olha, agora, para os céus e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua semente*. Apenas o Criador pode contar as estrelas (Sl 147.4; Is 40.26). Assim, esse pronunciamento significava apenas que os descendentes de Abrão seriam inúmeros (Gn 22.17; compare com Gn 13.16). O termo traduzido como *descendência* é a mesma palavra hebraica usada para *semente*. É uma alusão ao Messias por vir (Nm 24.7; Is 6.13).

15.6 — *E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça*. Quando Deus fez a promessa, Abrão creu no Senhor. O verbo *creu* vem da raiz hebraica *ʾaman*, que significa *ser estabelecido* ou *confirmado*. No momento em que Deus fez a promessa, Abrão creu, obedecendo às condições (Gn 12.4; 22.3). Nada marcou mais a vida de Abrão e Sarai do que sua *crença em Deus* (Hb 11.8-19). Essa crença é justamente a fé no único Deus vivo

e verdadeiro que salva e justifica o pecador (Jo 12.11). Crer foi imputado como um ato de justiça a Abrão. Algumas pessoas pensam que na época veterotestamentária os indivíduos eram salvos pelas suas boas obras, e não por sua fé, mas esta é uma ideia errônea. Abrão não foi salvo por causa da sua vida justa, mas por acreditar em Deus e ser declarado justo por Ele. A única obra válida é a obra que Deus realiza em nós por meio da nossa fé nele (Jo 6.28,29).

15.7 — *Disse-lhe mais: Eu sou o SENHOR, que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te a ti esta terra, para a herdares*. Esta é uma autêntica declaração do Senhor. Sua graça permite que uma pessoa seja transportada de uma condição espiritual para outra melhor e viva pela fé (Cl 1.13). (Sobre *Ur*, ver Gn 11.28,31.)

15.8 — *E disse ele: Senhor Jeová, como saberei que hei de herdá-la?* Estas palavras indicam que Abrão estava pedindo ao Senhor um sinal de Sua promessa, e não que Abrão estava incrédulo.

15.9,10 — Abrão tinha apenas de preparar o sacrifício e levá-lo a Deus. O Senhor daria o sinal (v. 17). Isso enfatiza a natureza unilateral e incondicional da aliança.

15.11 — Abrão se preocupou em não deixar que o sacrifício servisse de alimento aos abutres, a fim de que ele pudesse ver o grande sinal do Senhor. Assim, durante o resto do dia, Abrão ficou enxotando as *aves* predatórias, enquanto esperava o sinal divino.

15.12 — *E, pondo-se o sol, um profundo sono caiu sobre Abrão*. Caiu sobre ele um *profundo sono* semelhante ao *sono* de Adão (Gn 2.21). Todavia, Abrão ainda tinha consciência dos acontecimentos à sua volta. Seu estado de transe permitiu que ele se lembrasse destes momentos pelo resto de sua vida. *E eis que grande espanto e grande escuridão caíram sobre ele*. Temor é um tipo de reação comum ante a indescritível santidade do Senhor (Sl 113.4-6; Is 6.3; 40.25). Abrão estava para experimentar a presença de Deus. [Contudo, é possível que as aves de rapina, as densas trevas e o grande espanto também tipifiquem os ataques espirituais que a descendência de Abrão experimentaria, conforme é revelado pelo Senhor no



## EM FOCO

### ACREDITAR (HB. 'AMAN)

(Gn 15.6; Êx 4.31; 2 Cr 20.20; Sl 116.10)

O termo hebraico traduzido como *acreditar* é derivado de uma raiz que significa *estabelecer* ou *confirmar*. A palavra *amém*, usada para expressar aprovação, tem origem na mesma raiz (Ne 5.13; Sl 41.13).

A crença é uma das ideias mais importantes na Bíblia, porque uma pessoa deve *acreditar* em Deus a fim de que seja salva do pecado. Por esta razão, o Novo Testamento enfatiza o fato de Abraão ter acreditado (Hb 11.8-12).

Toda vez que é dito na Bíblia, seja no Antigo ou no Novo Testamento, que uma pessoa *acreditou no Senhor* significa que a pessoa tomou a decisão de instituir a verdadeira Palavra de Deus em sua vida e comprometeu-se a fazer o que Ele ordenasse.

versículo seguinte, bem como a *noite escura da alma*, antes de ser salva por Deus.]

15.13 — *Então, disse a Abrão: Saibas, decerto, que peregrina será a tua semente em terra que não é sua; e servi-los-á e afligi-la-ão quatrocentos anos. A expressão saiba que tem a mesma ênfase da palavra que Deus dirige a Caim, advertindo-o do perigo (Gn 2.17). Peregrinos são aqueles que residem temporariamente em uma terra estranha. Abrão era um peregrino [hb. ger ou geyr] em Canaã, e seus descendentes peregrinariam em outra terra, o Egito. Sem dúvida, o fato de sua descendência ser escrava e afligida por 400 anos impressionou Abrão, mas deve ter impressionado muito mais os primeiros leitores de Gênesis, pois eles eram justamente a geração que experimentara isso (Êx 12.40-42).*

15.14 — *Mas também eu julgarei a gente à qual servirão, e depois sairão com grande fazenda. Deus cumpriu a Sua promessa. Ele enviou dez pragas que destruíram o Egito (Êx 7—11). Os israelitas saíram do cativeiro com muitas riquezas despojadas dos egípcios (Êx 12.31-36).*

15.15 — *E tu irás a teus pais em paz. Esta é uma maneira eufemística de falar de morte. A expressão também pode indicar a promessa de vida após a morte (Gn 25.8; 35.29; 49.33; 1 Sm 12.23).*

15.16 — *E a quarta geração tornará para cá. [Tendo em vista que não foi exatamente a quarta geração de israelitas que vivenciou o êxodo do Egito] A expressão quarta geração pode ter sido usada aqui para aludir a quatro séculos [400 anos], tendo em vista que as pessoas nos dias de Abrão ainda viviam muito [cerca de 100 anos].*

*A medida da injustiça dos amorreus não está ainda cheia. De certo modo, o Senhor estava retardando Seu juízo sobre os povos de Canaã (Gn 12.5). Ele esperaria até que as ações pecaminosas atingissem um nível crítico. A palavra traduzida como injustiça (hb. 'avôwn) também pode significar culpa. A ordem de Deus para que a terra fosse tirada dos cananeus (Dt 20) só seria dada quando estivesse completa a medida de maldade dos amorreus [hb. 'emoriy, aquele que fala orgulhosa e soberbamente].*

15.17 — *O sono profundo recaiu sobre Abrão quando o sol se pôs (v. 12). Agora, em meio a uma densa escuridão, ele viu uma luz sobrenatural, um forno de fumaça e uma tocha de fogo — símbolos da glória e da presença do Senhor. Fumaça e fogo, acompanhados de nuvens e escuridão, geralmente precedem os juízos divinos (ver Êx 19.16-20; Sl 97.2-6; Is 6.1-5; Jl 2.2,3; Sf 1.14-16). Sendo assim, a visão do forno de fumaça e da tocha de fogo pode indicar o iminente julgamento de Canaã, bem como a ratificação da promessa de Deus a Abrão, uma vez que a presença do Senhor passou por aquelas metades do sacrifício. Este ato possui implicações profundas. Em antigos acordos solenes, ambos os aliados deveriam passar pelo “corredor” entre os pedaços ensanguentados dos animais sacrificados. Esta simbologia deixava evidente uma ideia para eles: “eu ficarei assim caso não cumpra a minha parte no acordo”. Entretanto, Abrão não andou sobre este caminho de sangue. Apenas Deus percorreu tal via, representado pela fumaça e pelo fogo. Isso significava que a promessa de Deus a Abrão, a aliança abraâmica, foi feita especificamente pelo Senhor e que seu cumprimento era certíssimo, pois dependia dele (Gn 22.15-18)!*

15.18 — *Abrão creu no Senhor (v.6), e isso lhe foi creditado como justiça. A crença dele no Senhor continua inspirando-nos fé hoje (Rm 4.22-25). Naquele mesmo dia, fez o Senhor um concerto com Abrão. A significativa palavra concerto [hb. bariyt, aliança] é acompanhada da promessa de Deus. E o acordo entre Deus e Abrão é entre um ser infinitamente superior e um inferior a ele; diferente do que ocorre em Gênesis 21.27, onde o pacto é entre iguais (Abraão e Abimeleque), assim como em Gênesis 26.28 (onde o acordo se dá entre Isaque e outro Abimeleque).*

Quanto à palavra *semente*, de novo é usada para aludir aos descendentes de Abrão, podendo referir-se a um único indivíduo ou a um povo. Os judeus que descenderiam de Abrão cumpririam a promessa como *semente* (no sentido coletivo) de Abrão. E Jesus Cristo, como *Semente* (no sentido individual e único), representava o cumprimento



## EM FOCO

## CREDITAR (HB. CHASHAB)

(Gn 15.6; Êx 26.1; Is 33.8)

Este é um verbo complexo e tem duas vertentes distintas de significado. A primeira está, de certo modo, associada aos números: *calcular* (Lv 25.27; Pv 17.28), *estimar* (Is 53.3), *imputar* (2 Sm 19.19) e *contar* (Lv 27.18,23). A segunda vertente inclui o elemento do planejamento. Sendo assim, o verbo assume o significado de *pensar* (1 Sm 1.13), *intentar* (Et 8.3), *projetar artisticamente* (Êx 26.1; 35.35) ou *considerar* (Is 33.8).

A expressão usada em Gênesis 15.6 tem a mesma conotação de quando é usada no sentido comercial. A fé de Abrão lhe foi creditada por causa de sua honradez, isto é, computada ou registrada como uma espécie de depósito em favor de Abrão.

Paulo também utilizou essa linguagem de crédito e débito em sua explicação da justificação pela fé.

mais exato dessa promessa (Gl 3.16). Um dia, o Salvador e Seu povo, juntos, representarão o cumprimento por completo da promessa (Mc 5.2-5).

Note também que a promessa é: *À tua semente tenho dado esta terra*. O termo-chave para esta passagem é *esta terra*. Como já foi dito, a promessa de Deus a Abraão incluía uma terra e descendentes por meio do prometido Filho, a *Semente da mulher* (Gn 3.15; Is 6.13). A promessa incluía uma terra da qual manavam leite e mel, Canaã (que viria a tornar-se de Israel), conforme anunciado pela primeira vez em Gênesis 12.7. Novamente, aqui e em textos posteriores, é dada grande ênfase a esta promessa que é repetida e renovada (ver Gn 17.6-8).

Algumas vezes, Deus permitiu que muitos israelitas fossem exilados de sua terra, mas Ele nunca revogou Sua promessa perpétua a Abrão (Gn 17.8), a qual seria cumprida em sua plenitude quando Jesus Cristo se manifestasse ao mundo (Is 9.1-7).

A extensão de terra ia desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates. Este rio do Egito pode ser o Nilo ou o rio que é chamado hoje de *Wadi el' Arish*, um riacho na fronteira entre o Egito e Israel. Quanto ao rio Eufrates, é especificamente o braço setentrional do Eufrates na Síria.

**15.19-21** — *E o queneu, e o quenexeu, e o cadmoneu, e o heteu, e o ferezeu, e os refaïns, e o amorreu, e o cananeu, e o gírgaseu, e o jebuseu*. Esta lista das nações serve a dois objetivos: (1) definir os limites da terra; e (2) impressionar o leitor, pois

não menos do que dez nações seriam suplantadas pela nação israelita. Os primeiros ouvintes destas boas novas devem ter ficado grandemente encorajados!

**15.20** — A maior parte dos *heteus* viveu na Ásia Menor (atualmente Turquia), mas havia alguns em Canaã na época (Gn 23). Os *refaïns* eram um povo que possuía uma grande e incommon estatura. Eles foram chamados de *gigantes* em 2 Samuel 21.15-22 (ver também Nm 13.33; Dt 2.11; 3.11,13).

**15.21** — O termo *cananeu* pode ser usado como uma ideia ampla, incluindo todos os grupos de pessoas que viviam em Canaã (Gn 12.6), ou em sentido mais restrito, como aqui, para indicar um povo em particular (Gn 10.15-20).

**16.1** — *Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe gerava filhos*. Um dos temas principais em Gênesis é a busca por descendentes, especialmente filhos homens. Esta questão já aparece em Gênesis 4.1, com o nascimento de Caim [quando Eva declara: *Alcançei do Senhor um varão*]. Na vida de Abrão e Sarai, este assunto chama muito atenção (Gn 11.29,30; 12.1-3; 15.1-4; Gn 17; 18; 21), pois, no mundo antigo, a infertilidade causava uma enorme angústia e vergonha, especialmente à mulher (Gn 25.21). Naquela época, a mulher era sempre a culpada [mesmo que a estéril não fosse ela]. Assim, quando ela não conseguia gerar filhos, seu marido podia divorciar-se e casar com outra. A manobra desesperada de Sarai para ter um filho por meio de Agar seguia os padrões da época [que

considerava como legítimos filhos do casal os filhos das escravas com seus senhores].

**16.2** — *E disse Sarai a Abrão: Eis que o SENHOR me tem impedido de gerar; entra, pois, à minha serva; porventura, terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai.* A esposa de Abrão sabia que a concepção era um dom de Deus (Gn 4.1). Por isso, ela afirmou que o Senhor a havia impedido de gerar e expressou grande tristeza. Algum tempo antes, seu marido se queixara com Deus por não ter filhos (Gn 15.2). Então, Sarai propôs: *Entra, pois, à minha serva.* Na cultura do antigo Oriente Médio, este tipo de atitude era socialmente aceitável. As pessoas próximas a Abrão não o considerariam um indivíduo imoral. O objetivo da proposta de Sarai era claro: *porventura, terei filhos dela.*

Na mente de Sarai, Agar, sua escrava, era apenas um meio de ela, a esposa legítima de Abrão, dar-lhe um filho. No dia do nascimento, a mulher sem filhos se despia e ficava próxima à mãe que estava dando à luz. Quando a criança vinha ao mundo, esta era colocada sobre o ventre da mulher despida. O ritual indicava que a criança nascera em interesse daquela que não podia ter seus próprios filhos.

**16.3** — *Assim, tomou Sarai, mulher de Abrão, a Agar, egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido, ao fim de dez anos que Abrão habitara na terra de Canaã.* Sarai e Abrão recru-

taram a serva Agar após apenas dez anos de espera para que a promessa do Senhor se cumprisse. Neste ponto, Abrão teria aproximadamente 85 anos de idade e Sarai 75 (Gn 12.4; 17.17).

**16.4** — *E ele entrou a Agar, e ela concebeu; e, vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos.* Sarai pagou um alto preço emocional ao fazer aquilo que a sua cultura lhe permitia. Usar uma *mãe substituta* poderia ser conveniente e aceitável na sociedade da época, mas a aversão e o desprezo da arrogante e jovem mulher foram muito dolorosos para Sarai. Quando viu o orgulho de sua serva, Sarai se sentiu humilhada.

**16.5** — *Então, disse Sarai a Abrão: Meu agravo seja sobre ti [...] O Senhor julgue entre mim e ti.* Isto é o limite mais próximo a que se pode chegar da maldição. Estas palavras vieram do completo desespero de Sarai.

**16.6** — *E disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva está na tua mão; faze-lhe o que bom é aos teus olhos. E afligiu-a Sarai, e ela fugiu de sua face.* A frustração de Sarai fez com que Abrão tratasse Agar com bastante aspereza. Nem ela nem Abrão se comportaram bem durante os dias estressantes. A Bíblia geralmente mostra seus melhores personagens em seus piores momentos.

**16.7** — *E o Anjo do Senhor a achou junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Sur.* A maravilhosa expressão *Anjo do Senhor* é usada para aludir ao relacionamento pessoal de



## APROFUNDE-SE

### A ALIANÇA ABRAÂMICA

Deus apareceu na vida de um casal de idade avançada e sem filhos, Abrão e Sarai, e disse-lhes palavras de grande peso: *E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei* (Gn 12.2). Essa benevolente promessa era incondicional. Deus multiplicaria os descendentes de Abrão e daria a ele a terra de Canaã (Gn 13.14-17).

O Senhor formalizou a Sua promessa a Abrão da mesma forma como se selava um acordo nos tempos antigos, mas este, em vez de dar-se entre partes iguais, foi oficializado entre um ser superior e um servo. No final, Deus jurou por si mesmo que realizaria o que havia prometido (Gn 22.15-18). A Sua palavra é irrevogável. Contudo, com as Suas promessas incondicionais, Deus também fez exigências. Ele ordenou que Abrão e Sarai saíssem de sua terra, deixando sua família para trás, a fim de rumarem a uma nova terra (Gn 12.1). Ele determinou que eles fossem uma bênção para as outras pessoas (Gn 12.2). O Senhor também disse a Abrão que andasse segundo a Sua vontade, fosse íntegro (Gn 17.1) e circuncidasse todos os indivíduos do sexo masculino de seu povo, o que indicava a aliança divina (Gn 17.10).

Apesar de as promessas de Deus serem incondicionais, o recebimento das bênçãos de Deus por Abrão estava condicionado à sua fidelidade e obediência aos comandos do Senhor. Abrão passou no teste — ele creu e obedeceu (Gn 15.6; 22.1-18).



Deus com Seu povo. O termo *anjo* [hb. *mal'ak*] significa *mensageiro* [ou representante]. Ele estava *junto a uma fonte d'água no deserto*. O detalhe é bastante apropriado para a experiência de Agar. Lá estava ela, viva e carregando uma criança no ventre, sem lugar para ir e nenhum futuro. Agar era uma pessoa perdida que vagueava sem esperança até o Anjo apontar-lhe aquela fonte no deserto [como nós, antes de termos um encontro com Cristo e termos a nossa sede espiritual saciada].

**16.8,9** — De acordo com esta passagem, o *Anjo do Senhor* falou diretamente com Agar (v. 9,10,11), perguntando-lhe: *De onde vens e para onde vais?* O Senhor fez estas perguntas não porque não tinha o conhecimento a respeito, mas para dar a Agar a oportunidade de expressar-se [e reconhecer sua real situação].

**16.10** — A promessa de Deus de multiplicar os descendentes de Agar é similar àquela que o Senhor fez a Abrão (Gn 15.5; 17.20; 22.15-18). A promessa foi feita para encorajar aquela mulher, e mais tarde Deus a renovaria a Agar (Gn 17.20).

**16.11** — *Disse-lhe também o Anjo do Senhor: Eis que concebeste, e terás um filho, e chamarás o seu nome Ismael, porquanto o Senhor ouviu a tua aflição.* O nome *Ismael* [hb. *Yishma'e'l*] tem como sufixo a palavra *El*, Deus, e significa *Deus ouvirá*.

**16.12** — *E ele será homem bravo; e a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará diante da face de todos os seus irmãos.* Esta é uma espécie de bênção mesclada, parecida com a bênção que Isaque liberou sobre Esaú. [No texto original em hebraico a palavra traduzida pela expressão *homem bravo* é *pereh*, que significa *jumento selvagem* (ARA)]. Isso indica que Ismael e seus descendentes seriam fortes, arredios e indomáveis. *E a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele.* Os descendentes de Ismael estariam sempre envolvidos em guerras. Todavia, resistiriam.

De fato, cumpriram-se as palavras do Senhor a respeito dos descendentes de Ismael, os povos árabes que habitam o Oriente Médio hoje. Poucos povos citados no Antigo Testamento sobreviveram até os dias atuais. As dez nações citadas em

Gênesis 15.19-21 não existem mais. Contudo, dois povos resistem: os judeus, descendentes de Isaque, e os árabes, descendentes de Ismael (Gn 17.19-22).

**16.13-16** — Apesar da origem egípcia de Agar, ela, evidentemente, tinha fé no Deus de Abrão e Sarai. Como uma pessoa que teve uma experiência pessoal com o Senhor e foi agraciada por Ele, Agar o chamou de *o Deus da vista* [ARC] ou *o Deus que me vê* [NVI]. As palavras *não olhei eu também para aquele que me vê?* indicam o grande encanto dela pela manifestação da graça de Deus e o sentimento de humildade na Sua presença gloriosa.

Após a morte de Abraão, Isaque, o filho da promessa, viveu junto ao poço em *Laai-Roi* [ARC] ou *Beer-Laai-Roi* [ARA], que significa poço daquele que vive e me vê, a oeste de Cades, no sul de Israel (ver Gn 25.11).

**17.1-22** — Este trecho é parte do conjunto de passagens que formam a *aliança abraâmica* (veja a lista em Gn 15.1-21), com a irrevogável promessa de Deus.

**17.1** — *Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos.* Pela perspectiva de Abrão, Deus esperou um longo tempo para cumprir a Sua promessa. Abrão tinha 75 anos quando chegou a Canaã (Gn 12.4). Aos 86 anos, ele se tornou o pai de Ismael (Gn 16.16). A partir daí, mais 13 anos se passaram sem que o prometido filho com Sarai fosse gerado (Gn 12.1-3; 15.3,5,13,18).

Aqui, foi a quarta vez que o Senhor apareceu a Abrão. (A primeira vez é descrita em Gênesis 12.7; a segunda, em Gênesis 13.14-17; a terceira, no capítulo 15; e a quinta será descrita no capítulo 18). O Senhor se revela a Abrão como o *Deus Todo-poderoso*, o *El-Shadday*. É assim que Ele se revela pela primeira vez (Gn 28.3; Êx 3.14,15; 6.2,3). [A palavra *Shadday* é uma abreviatura da frase *Shomer daltot Israel*, que significa *Guardião das portas de Israel*. Isso significa, entre outras coisas que o *El-Shadday* é Deus todo-poderoso, o Guardião e Protetor de Seu povo.]

Deus exorta Abrão: *Anda em minha presença e sê perfeito.* Assim como Enoque andara com Deus (Gn 5.21-24), agora Abrão estava sendo ordenado

a andar com o Senhor e a ter o mesmo caráter irretocável. Abrão deveria conduzir sua vida como um exemplo de amor, justiça e fidelidade. Isso implica ser íntegro, reto e incorruptível.

**17.2,3** — *E porei o meu concerto entre mim e ti e te multiplicarei grandíssimamente.* Esta é a segunda vez que a palavra *concerto* aparece no texto bíblico associada ao relacionamento de Deus com Abrão (Gn 15.18). Antes de o Senhor instituir a Sua aliança com Abrão, Ele já lhe havia feito Sua maravilhosa promessa (Gn 12.1-3,7,13,14-17). O verbo traduzido como *porei* [ARC] ou *farei* [ARA], no texto original em hebraico [*nathan*], não está no tempo futuro. Isto porque a aliança já havia sido estabelecida. Deus estava apenas confirmando Suas palavras a Abrão (v. 4). Era como se o Senhor dissesse: “Abrão, estou ratificando o meu concerto com você”. A promessa *multiplicarei grandíssimamente* aparece aqui de uma forma um pouco diferente da usual (Gn 16.10), o que confere a esta afirmação um tom bastante enfático.

**17.4** — *Quanto a mim, eis o meu concerto contigo é, e serás o pai de uma multidão de nações.* Os principais descendentes de Abrão são os israelitas, o povo que é o protagonista da história bíblica do Antigo Testamento e do qual descende Jesus, o Messias. Mas Abrão também é o pai de outras nações: dos árabes, por intermédio de Ismael (Gn 16) e de outros povos, descendentes dos filhos que Abraão teve com Quetura, sua concubina após a morte de Sara (Gn 25.1-6) [além, é claro, de todos os filhos na fé, de inúmeras tribos, línguas e nações, que, como ele, creram no Deus Altíssimo e andaram em suas pegadas].

**17.5,6** — *E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto.* Esta mudança de nome é bastante significativa. *Abrão* significa *pai excelso* [hb. *Avram*, pai de Aram], enquanto *Abraão* quer dizer *pai de nações* [hb. *Abraham*, de *av hamon goyim*, pai de todos os povos] — uma alusão direta à sua nova condição e missão. O novo nome, inequivocamente, reflete o relacionamento pessoal de Abrão com o Deus vivo; relacionamento que o levou a crer num único Deus e a desprezar os ídolos (1 Ts 1.9).

**17.7** — *E estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti.* Novamente, vemos aqui a repetição da *aliança abraâmica* (Gn 12.1-3), que é a base das alianças que Deus estabelece com Isaque, Jacó e os demais descendentes de Abraão.

*Concerto perpétuo* significa que a aliança duraria perpetuamente; que para sempre Ele seria o Deus de Abraão. Com estas notáveis palavras, *para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti*, Deus assinala como seria Seu relacionamento com os descendentes de Abraão (ver 2 Sm 7.14; Is 52.11; Ez 37.26,27; 2 Co 6.14—7.1). Isto também seria celebrado mais tarde por Israel, com o famoso *Shemá* [*Ouwe, ó Israel*], (Dt 6.4; Sl 100.3), uma espécie de credo judeu.

**17.8,9** — A promessa de Deus a Abraão claramente incluía descendentes, o povo judeu, e a *terra das peregrinações* do patriarca e de sua semente, Canaã. *Semente e terra* estão conectados na linguagem da aliança (cap. 15). Mesmo que Deus tenha permitido que muitos israelitas fossem exilados de sua terra natal, Ele lhes prometeu Canaã em *eterna possessão*. Note que a palavra *perpétua* é usada por Deus para definir tanto a durabilidade da aliança (v. 7) como da posse da terra.

**17.10,11** — Circuncidar significa *cortar ao redor*. A circuncisão é uma pequena cirurgia para remover o prepúcio do órgão sexual masculino.

**17.12** — *O filho de oito dias, pois, será circuncidado.* Qualquer menino com oito dias de nascido já tem um sistema imunológico forte o suficiente para ser circuncidado, e é novo o bastante para não se lembrar da dor.

**17.13** — A circuncisão [que representa o pacto com Deus] estendia-se aos escravos e estrangeiros na comunidade de Israel. Sendo assim, era um sinal distintivo de todos os homens que pertenciam a este povo [por causa da aliança com o Senhor].

**17.14** — Há duplo sentido na palavra *incircunciso*. Qualquer homem que não tivesse removido seu prepúcio seria extirpado da comunidade israelita. Algumas pessoas acreditam que esta



## APROFUNDE-SE

### CIRCUNCISÃO

O ritual da circuncisão (Gn 17.10) tornou-se um poderoso símbolo da aliança de Deus com Abraão e sua descendência.

Tecnicamente falando, a circuncisão ocorre quando, por meio cirúrgico, o prepúcio do órgão sexual masculino é removido. Esse procedimento foi amplamente realizado nos tempos antigos, inclusive na cultura egípcia e na dos cananeus. Estes, porém, praticavam tal rito somente no começo da puberdade dos meninos, marcando a iniciação da vida adulta.

Diferentemente, os hebreus circuncidavam as crianças pequenas para eternizar o símbolo de sua responsabilidade em servir a Deus, pois eles faziam parte de um povo especial e sagrado morando no mundo pagão.

Deus instruiu Abraão a circuncidar cada criança do sexo masculino de seu povo, incluindo os servos (Gn 17.11), o que demonstrava simbolicamente a aliança entre o Senhor e os escolhidos por Ele.

Cada indivíduo não-circuncidado deveria ser eliminado do povo de Abraão e era considerado uma pessoa que quebrara sua parte aliança (Gn 17.14). Aos oito dias de nascido, o menino tinha de ser circuncidado (Gn 17.12), e, nessa hora, um nome deveria ser dado a ele (Lc 1.59, 2.21). No início da história dos hebreus, o ritual era realizado pelo pai, mas, por fim, passou a ser feito por outra pessoa, um tipo de especialista.

O povo hebreu tinha muito orgulho da circuncisão. Na verdade, ela se tornou o símbolo de uma superioridade espiritual e pública. Tal marca acabou nutrindo nos hebreus um espírito de exclusivismo, em vez do sentimento de compaixão para com outras nações, como era a intenção do Senhor.

Os gentios chegaram a ser tachados de *incircuncisos*, um termo desrespeitoso que indicava que os não-judeus eram pessoas totalmente excluídas do círculo de amor de Deus.

Por fim, os termos *circuncidado* e *incircunciso* também se tornaram pontos de discórdia trazidos à tona muitos anos depois, no começo da Igreja.

parte das Escrituras se refere apenas a um sinal externo da aliança com Deus, mas lendo Deuterônimo 10.12-20 compreendemos que a preocupação de Deus era maior: com a circuncisão do coração. O pacto externo era um símbolo do comprometimento real com Deus; uma realidade interior. Assim o apóstolo Paulo também interpretou, falando da conversão genuína (Rm 2.25-29).

**17.15** — *Disse Deus mais a Abraão: a Sarai, tua mulher, não chamarás mais pelo nome de Sarai, mas Sara será o seu nome. Tanto Sarai como Sara significam princesa. [Mas, segundo alguns exegetas, Sarai significa minha princesa, ou seja, princesa só de Abraão, enquanto Sara significa princesa das nações].* Aqui Deus atribui um novo significado ao nome dela para, assim como no caso de Abrão (v. 4,5), assinalar o relacionamento pessoal dela com Ele e a nova condição dela como esposa do pai de nações.

**17.16** — *Porque eu a hei de abençoar e te hei de dar a ti dela um filho; e a abençoarei, e será mãe das nações; reis de povos sairão dela.* A bênção de Deus

para Sara era semelhante à de Abraão (Gn 12.1-3). Um resumo da linguagem usada com Abraão nos versículos 6 a 8 é usado aqui com Sara. O escritor de Hebreus também celebrou a fidelidade de Sara para com o Senhor (Hb 11.11).

**17.17** — *Então, caiu Abraão sobre o seu rosto, e riu-se.* O riso de Abraão é inesperado e chocante, mas completamente compreensível. Por 24 anos, ele ouviu a mesma promessa e acreditou que, um dia, ele seria pai, e seu filho daria origem a uma nação grandiosa, o povo de Deus. Abraão tentou por meios próprios ter um herdeiro (Gn 15; 16), mas Deus lhe assegurou que seu herdeiro não seria um servo adotado como filho (Gn 15.4), tampouco um filho ilegítimo, com uma escrava egípcia (Gn 16.11,12). Então, agora, faltando pouco para ele completar 100 anos (Gn 17.1), Abraão atingira seu limite. Mesmo que Sara pudesse conceber uma criança, quando o bebê nascesse ela teria 90 anos, e Abraão 100! Ao encarar as coisas por este prisma, Abraão pode ter tido a impressão de que era tudo uma “brincadeira” de

Deus. Então, riu [e disse consigo mesmo: *A um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara na idade de noventa anos?*].

**17.18** — *Disse Abraão a Deus: Tomara que viva Ismael diante de teu rosto!* O argumento de Abraão demonstra seu amor por Ismael e seu desejo de que as bênçãos da aliança se estendessem a este de um modo tangível.

**17.19** — *E disse Deus: Na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque.* O nome Isaque significa “Risada”.

**17.20** — Deus já havia abençoado Ismael antes de seu nascimento (Gn 16.11,12); agora, Ele renova e amplia a sua bênção, dizendo: *eis aqui o tenho abençoado, e fá-lo-ei frutificar, e fá-lo-ei multiplicar grandissimamente; doze príncipes gerará, e dele farei uma grande nação.* Da mesma forma que Isaque seria em sua descendência 12 príncipes, os cabeças das 12 tribos de Israel, a semente de Ismael também geraria 12 príncipes, os quais dariam origem a uma grande nação (Gn 25.12-18).

**17.21** — *O meu concerto, porém, estabelecerei com Isaque, o qual Sara te dará neste tempo determinado, no ano seguinte.* A promessa de Deus era plena. O pai e a mãe da criança já tinham sido escolhidos, esta já tinha sido nomeada, e o tempo do nascimento definido.

**17.22** — *E acabou de falar com ele e subiu Deus de Abraão.* Às vezes, vemos sobre Deus descendo dos céus (Gn 11.5). Aqui, é enfatizado o retorno dele para lá. Tal linguagem é indicativa da santidade, da transcendência e da maravilhosa divindade do Senhor (Sl 113.4-6).

**17.23-27** — Novamente, vemos Abraão obedecendo plenamente à ordem do Senhor (Gn 12.4; 23.3). No dia em que ele recebeu o comando divino, fez exatamente o que lhe foi ordenado. Todos os homens que conviviam com Abrão, desde os recém-nascidos até os mais velhos, foram circuncidados.

**18.1-15** — Deus reafirmou a Sua aliança com Abraão, confirmando Sua promessa a Sara. Esta passagem também forma o conjunto de textos que fazem parte da *aliança abraâmica* (ver Gn 15.1-21)

**18.1** — *Depois, apareceu-lhe o Senhor nos carvalhais de Manre.* Esta é a quinta vez que o Senhor

aparece a Abraão desde que ele chegou a Canaã. (1) A primeira aparição foi no altar que Abrão edificou em Siquém, quando este entrou em Canaã pela primeira vez (Gn 12.7). (2) A segunda vez se deu logo assim que Abrão e Ló se separaram, após voltarem do Egito para Canaã (Gn 13.14-17). (3) A terceira vez aconteceu após Abrão heroicamente resgatar Ló das mãos dos reis que tinham invadido a Mesopotâmia, com o subsequente encontro com Melquisedeque (Gn 15.1-21). (4) A quarta sucedeu 13 anos após o nascimento de Ismael, quando o Senhor renovou Sua aliança com Abraão e instituiu o rito da circuncisão (Gn 17.1-22).

Manre foi um dos aliados de Abrão em sua batalha contra os reis que invadiram a Mesopotâmia (Gn 14.13). O local chamado de *Manre* provavelmente estava associado ao nome daquela pessoa. A região veio a ser conhecida como Hebrom (Gn 13.18; 23.17).

*Estando ele [Abraão] assentado à porta da tenda, quando tinha aquecido o dia.* O deserto, ao sul do Neguebe (Gn 12.9), era muito quente no verão, chegando à temperatura de 43 graus Celsius. As pessoas geralmente realizavam os trabalhos pesados no começo da manhã ou no fim da tarde. [Por isso, quando o Senhor apareceu a Abraão junto aos carvalhais de Manre, Abraão estava assentado à porta da tenda.]

**18.2,3** — No versículo 1, é dito que o Senhor apareceu a Abraão. No versículo 2, são mencionados *três homens*. No versículo 13, fica claro que um desses três homens era o Senhor. Quem eram, então, os outros dois? Provavelmente, anjos que o assistiam. Todos os três visitantes pareciam humanos, mas havia um que se destacava como líder (Gn 19.1). As palavras de Abraão para este — *Meu Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não pases de teu servo* — indicam o respeito de Abraão pelo ilustre visitante. Talvez o patriarca suspeitasse da identidade dele, mas ele não teria certeza até que compreendesse por completo a razão daquela visita. O escritor de Hebreus comentou essa passagem, para encorajar a hospitalidade para com os estrangeiros: *Não vos esqueçais da*

hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos (Hb 13.2).

**18.4-8** — Abraão fez o possível para receber bem os visitantes. Ofereceu-lhes água, abrigo e refeição. Quando estes demonstraram que se demorariam e aceitaram a hospitalidade do anfitrião, *Abraão apressou-se*, a fim de providenciar o necessário. A rapidez de seus movimentos era uma coisa notável, considerando sua idade avançada e o fato daquela ser a hora mais quente do dia.

**18.7** — A escolha do melhor novilho para oferecer uma *vitela tenra e boa* aos seus hóspedes indica que Abraão era um bom anfitrião. Nos tempos bíblicos, ninguém podia preparar um novilho, fazer o corte, separar uns bifes e guardar o resto no congelador. Quando se abatia um animal desse tipo para o consumo, o destino da carne era, geralmente, um banquete (Lc 15.23); logo, o animal deveria ser consumido por inteiro, senão ficava impróprio para o consumo (Pv 9.1-4). Abraão

e Sara são descritos aqui preparando um delicioso banquete para seus convidados divinos.

**18.8** — *E tomou manteiga e leite e a vitela que tinha preparado e pôs tudo diante deles*. Por causa da má interpretação dessa passagem na Torá, o povo judeu mais tarde determinou que era pecado comer produtos derivados do leite com carne. Estranhamente, esta se tornou uma das ideias mais profundas embutidas no judaísmo pós-bíblico. Todavia, ela é baseada em uma interpretação errônea da Bíblia.

Os textos em questão proíbem o cozimento de um cabrito no leite de sua própria mãe (Êx 23.19; 34.26; Dt 14.21) — uma prática odiosa que os cananeus realizavam para agradar a seus deuses. Ao que tudo indica, eles colocavam, ainda vivo, o primeiro filhote de uma vaca, cabra ou ovelha para cozer num tacho com leite da própria mãe do animal, com a esperança de que esta tivesse muitas crias nos próximos anos.



## COMPARE

### ESTERILIDADE

Sara riu quando lhe veio à mente o pensamento de que poderia conceber um filho tendo ela idade tão avançada (Gn 18.11,12). Contudo, ela provavelmente posicionou-se desta forma por causa da dor que o fato lhe causava, e não por causa da incredulidade.

No mundo antigo em que Sara vivia, ser estéril era considerado uma maldição (Gn 16.2; 20.17,18; Lc 1.25). Não poder ter filhos, nos tempos antigos, era motivo suficiente para o marido pedir o divórcio.

Muitas mulheres na Bíblia ilustram o rol das personagens que não podiam ter filhos. É interessante notar que cada uma das mulheres estéreis relacionadas abaixo deu à luz em ocasiões posteriores.

<b>Sara</b> (Gn 16.1,2; 18.11, 12; 21.6,7)	Usou sua serva Agar para gerar um filho de Abraão, mas depois a rejeitou com a criança, chamada de Ismael. Com idade bastante avançada, Sara deu à luz Isaque, trocando o choro e a dor pelo riso e o contentamento.
<b>Rebeca</b> (Gn 25.21)	Visto que não podia ter filhos, seu marido, Isaque, orou ao Senhor, para que Ele intervisse em favor dela. Assim, Rebeca deu à luz gêmeos, Esaú e Jacó.
<b>Raquel</b> (Gn 29.31—30.24)	Levada pelo desespero, ela usou Bila, sua serva, para dar filhos a Jacó e competir com Léia. Finalmente, Raquel deu à luz José, e posteriormente Benjamim, cujo nascimento causou a morte dela.
<b>A esposa de Manóá</b> (Jz 13)	Um anjo do Senhor lhe disse que ela conceberia um filho, e este seria um nazireu. Deu à luz Sansão, um juiz de Israel.
<b>Ana</b> (1 Sm 1—2)	Orou desesperadamente por um filho e jurou que dedicaria a criança ao Senhor. Deu à luz Samuel, profeta e juiz de Israel.
<b>Isabel</b> (Lc 1.5-25,56,57)	Engravidou depois que foi prometido ao seu marido, Zacarias, um filho que seria grande aos olhos do Senhor. Deu à luz João Batista.

Contudo, esses textos (Êx 23.19; 34.26; Dt 14.21) não tinham nada a ver com dieta alimentar. Eles regulavam a prática do sacrifício. Por isto, o banquete que Abraão e Sara serviram aos três misteriosos convidados incluiu leite e carne, e estes foram servidos juntos. Nenhuma proibição relativa à mistura destes dois gêneros alimentícios está implícita aqui neste versículo e em qualquer outro texto bíblico.

**18.9** — *E disseram-lhe: Onde está Sara, tua mulher?* Apesar de a promessa de Deus ter sido feita a Abrão (Gn 17), Sara estava nos planos do Senhor, tomando parte no milagre por meio do qual o Senhor cumpriria Sua palavra empenhada a Abraão.

**18.10** — *Sara, tua mulher, terá um filho.* A notificação aqui é muito importante, porque o casal já havia tentado, por conta própria, fazer com que se cumprisse a promessa de Deus no passado (Gn 15;16).

**18.11** — *E eram Abraão e Sara já velhos e adiantados em idade; já a Sara havia cessado o costume das mulheres.* O texto utiliza três expressões para descrever a idade avançada de Abraão e Sara, com um destaque especial para o fato de que o ciclo menstrual dela já havia cessado.

**18.12** — *Assim, pois, riu-se Sara consigo.* Ela agiu da mesma forma que Abrão, na ocasião anterior (Gn 17.17). Sara conhecia as limitações de seu corpo, mas seria surpreendida em pouco tempo por Aquele para quem não há impossível, e riria de alegria ante o cumprimento da promessa do Senhor.

**18.13** — Nesta parte do texto, em que um dos convidados indaga Abraão — *Por que se riu Sara, dizendo: Na verdade, gerarei eu ainda, havendo já envelhecido?* —, fica bastante claro que o Senhor se fazia presente. Aliás, essa é uma das passagens mais maravilhosas da Bíblia. Sara era uma mulher de fé. Como seu marido, ela acreditou por anos na promessa divina, e agora sua fé estava chegando a um ponto derradeiro. Só Deus sabia exatamente o motivo da risada dela.

**18.14** — *Haveria coisa alguma difícil ao SENHOR?* Em outras palavras, é dito que não há nada que o Senhor não possa fazer. A palavra

traduzida como *coisa difícil*, em hebraico, é *pale'*, cujo sentido é *obra maravilhosa*. Curiosamente, uma das designações para o vindouro Messias é *Maravilhoso Conselheiro* (Is 9.6).

*Ao tempo determinado, tornarei a ti por este tempo da vida, e Sara terá um filho.* Aqui, fica claro que o Senhor já havia determinado o tempo para o nascimento de Isaque (Gn 17.21; Ec 3.9-11) [bem como para o nascimento do Messias].

A expressão *por este tempo da vida* é uma referência ao período de gestação [nove meses].

**18.15** — Com medo de ter ofendido os ilustres visitantes, Sara negou que tivesse rido. Por Sua grande misericórdia, Deus não tomou o riso de Sara como ofensa nem a puniu. Agiu com ela da mesma forma que agira com Abraão em situação semelhante (Gn 17.17). Contudo, Ele expôs a mentira de Sara. Ela havia rido. Deveria assumir isso. Afinal, em breve Sara sorriria novamente, mas de alegria, e não por sentir-se inapta para ter o sonhado e esperado filho (Gn 21.1-7).

**18.16** — Em Gênesis 19.1, dois desses varões que visitavam Abraão são chamados de *anjos*. É dito que eles *olharam para a banda de Sodoma*. Este versículo situa o leitor quanto ao julgamento de Deus das cidades de Sodoma e Gomorra. *E Abraão ia com eles, acompanhando-os.* A hospitalidade de Abraão lhe deu a oportunidade de conversar mais com o Deus vivo.

**18.17,18** — *E disse o Senhor.* Note que esta expressão é similar à que vemos em Gênesis 18.1,2,13,16; 19.1. Assim, chegamos à conclusão de que dois dos visitantes eram anjos, mas o terceiro era uma manifestação em carne [teofania] do Deus vivo! Ele disse: *Ocultarei eu a Abraão o que faço, visto que Abraão certamente virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra?* (v. 17,18). A linguagem que o Senhor usa nesta passagem nos permite conhecer Seus pensamentos, como se Ele fosse um homem refletindo a respeito do fato de que Abraão tinha certo interesse na cidade de Sodoma, porque Ló morava lá (Gn 14.12; 19.1).

**18.19** — A linguagem utilizada nesse versículo nos revela a motivação do Senhor de fazer com que Suas palavras acerca de Abraão se cumpram

(Gn 22.12): *Porque eu o tenho conhecido que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, para agirem com justiça e juízo.* A ideia de retidão é reforçada por duas palavras afins: *justiça e juízo* — que são a essência do caráter divino (ver Sl 89.14; 97.2; 103.6).

**18.20** — *O clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito.* O padrão moral de Sodoma e Gomorra indica a moral reinante no mundo. Os ultrajantes pecados cometidos nestas cidades tornaram-se uma afronta à santidade de Deus, exigindo um ato de justiça (Gn 19.4-8).

**18.21** — *Descerei agora e verei se, com efeito, têm praticado segundo este clamor que é vindo até mim; e, se não, sabê-lo-ei.* A onisciência de Deus (a Sua capacidade de saber tudo o que acontece) intensifica Sua maravilhosa sabedoria. Não há nada que o Senhor não saiba; entretanto, isso não significa que Ele não possa “descer” para ver pessoalmente o que está acontecendo na terra (Sl. 113. 4 – 6).

**18.22** — *Abraão ficou ainda em pé diante da face do Senhor.* Abraão permaneceria na presença do Senhor como um intercessor que roga pela salvação dos outros.

**18.23** — Aqui se inicia uma conversa entre Abraão e Deus, que se estende como uma dramáti-

ca teodiceia, com uma justificação das decisões divinas. A grande preocupação de Abraão era com o seu sobrinho Ló e a família deste (Gn 14.12; 19.1).

**18.24** — *Se, porventura, houver cinquenta justos na cidade.* Aqui Abraão apela para a misericórdia divina, mencionando um número razoavelmente pequeno de habitantes — o que indica que a proporção de justos era ínfima em relação à esmagadora maioria de perversos que viviam em Sodoma.

**18.25** — *Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio.* Há na tradição judaica uma expressão relativa ao Senhor baseada em um forte sentido de fé e de confiança de que Ele é genuinamente bom: *Porque o Senhor é bom, e eterna, a sua misericórdia; e a sua verdade estende-se de geração a geração* (Sl 100.5). Quando a famosa pergunta — *não faria justiça o Juiz de toda a terra?* — é transformada em uma declaração afirmativa, torna-se a base da fé na justiça de Deus (ver 1 Jo 1.9). Aqui está implícita a ideia de que o *Juiz de toda a terra* certamente tomaria a decisão certa!

**18.26** — *Então, disse o Senhor: Se eu em Sodoma achar cinquenta justos dentro da cidade, pouparei todo o lugar por amor deles.* Este é um marco da extraordinária graça do Senhor.

**18.27-33** — Abraão estava determinado a chegar a um acordo, mas ele sabia que argumentar



## APROFUNDE-SE

### SODOMA E GOMORRA

- Eram duas das cinco cidades da campina do Jordão (Gn 13.12), localizadas na planície ao sul do mar Morto, em uma área tão fértil que fora comparada com o Éden (Gn 13.10).
- Sodoma significa *lugar da cal* [o significado deste nome deriva do vale de Sidim, que quer dizer *sal*], e Gomorra significa *submersão* [os nomes falam das planícies de sal e das covas de betume que ficavam próximas ao mar Morto, onde se situavam estas duas cidades].
- Eram cidades notórias na Bíblia e no mundo todo por causa de sua perversidade e de sua rebeldia contra Deus (veja 2 Pe 2.6).
- A campina do Jordão, onde se situavam estas duas cidades, foi o local escolhido por Ló, sobrinho de Abraão, para morar e criar o seu rebanho (Gn 13.11).
- Foram julgadas por Deus por causa de uma série de pecados, incluindo a falta de cuidado com os pobres e necessitados, apesar da ostentação de uma incrível riqueza (Ez 16.49), e por sua imoralidade sexual (Jd 7).
- Foram destruídas por uma chuva de fogo e enxofre que caiu do céu (Gn 19.24,25). A região continua infértil, mesmo que outrora tenha sido *toda bem regada* (Gn 13.10).
- Essa região é frequentemente atingida por terremotos e outros acidentes geológicos. Em locais próximos às reservas de sal, betume e enxofre são abundantes.

com Deus poderia ser interpretado como um atrevimento, visto que ele era *pó e cinza*. Então, respeitosa e passo a passo, Abraão foi intercedendo por um número dos *justos* cada vez menor que poderiam ser encontrados na cidade. De 45 justos, restaram apenas *dez*. Talvez Abraão tivesse a esperança de que houvesse ao menos dez pessoas justas na cidade, mas infelizmente estava errado (Gn 19).

19.1 — O fato de Ló estar assentado à porta da cidade indica que ele era próspero, pois o portão de entrada da cidade era o lugar onde as pessoas mais velhas se encontravam para fazer negócios (Rt 4.1). A vida de Ló estava tão enraizada naquela comunidade que ele havia se tornado um ancião que participava da administração local. O fato de Ló *incliná-lo com o rosto à terra* indica reverência, humildade e respeito pelos visitantes (Gn 18.2) — daí ser um ato comumente praticado na adoração a Deus (Gn 22.5; 24.26). Os anjos apareceram em forma humana (Gn 18.2), e Ló os saudou como homens.

19.2 — *E disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de vosso servo; e passai nela a noite, e lavai os vossos pés* Meus senhor é uma saudação respeitosa, usada para visitantes especiais. A generosa oferta de hospitalidade de Ló [à moda oriental] foi provavelmente motivada por sua gentileza para com eles, bem como por seu conhecimento de que aquela cidade poderia representar certo perigo para recém-chegados.

19.3 — *E porfiou com eles muito, e vieram com ele e entraram em sua casa; e fez-lhes banquete e cozeu bolos sem levedura, e comeram.* Esta passagem indica que houve um generoso banquete.

19.4 — Os homens de Sodoma eram homossexuais e mostraram-se bastante perversos e agressivos; estavam determinados a violentar os viajantes. Dadas estas circunstâncias, Ló mostrou grande coragem ao convidar os visitantes para ficarem em sua casa, sob sua proteção.

19.5 — O verbo em hebraico [hb. *yada'*] que corresponde a *conhecer* é comumente usado para descrever uma relação sexual entre um homem e uma mulher (Gn 4.1). Mas aqui foi usado para descrever uma forma pervertida de sexo, o

homossexualismo (ver Rm 1.18-32, especialmente os v. 26,27). A origem do termo *sodomita* [para descrever o homossexual ativo] vem desta passagem.

19.6-8 — A réplica de Ló foi severa. Ele tinha convidado os visitantes para pernoitar em sua casa com a finalidade de protegê-los; agora havia o perigo de vê-los sofrer abusos por uma multidão imoral e violenta. O desespero de Ló o levou a arriscar a vida de suas filhas para poupar os estrangeiros do ataque. Aqui, entendemos por que as acusações contra essa cidade chegaram aos ouvidos do Senhor (Gn 18.20,21).

19.9,10 — *Sai daí.* A multidão enlouquecida agora havia se voltado contra Ló, a quem chamava de estrangeiro, mesmo tendo ele ascendido a uma função proeminente na cidade.

19.11 — Aqueles que já eram moralmente cegos foram, então, submetidos a uma *cegueira* física pelos anjos. (Leia a respeito de um acontecimento similar em 2 Rs 6.18.) A confusão e o pânico gerados pela cegueira repentina daqueles homens pervertidos pouparam Ló e sua família do ataque impiedoso.

19.12 — Os convidados haviam, então, completado a sua constatação e estavam a ponto de desferir o juízo de Deus sobre a cidade. Cheios da misericórdia divina, os anjos apontaram uma saída para Ló e sua família. Simplesmente não havia na cidade o número suficiente de pessoas justas para que ela pudesse ser poupada (Gn 13;18.24-33).

19.13-15 — *Levantai-vos; sai deste lugar, porque o SENHOR há de destruir a cidade* (v. 14). *Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas que aqui estão, para que não pereças na injustiça desta cidade* (v. 15). No contexto desses versículos *levantai-vos* e *levanta-te* significa *apressem-se; saiam antes que seja tarde*.

19.16 — Ló, *porém, demorava-se*. Isto significa que Ló hesitou. Devia estar sentindo-se confuso com a destruição por vir. Ele e sua família precisaram ser tomados pela mão e conduzidos para fora de casa pelos anjos. O verbo hebraico traduzido como *pegaram* pela mão tem o sentido de *pressionar, agarrar*. Por que fizeram isto? Porque o Senhor [é] *misericordioso*. Este é o objetivo





## APLICAÇÃO

### A HERANÇA DE SODOMA E GOMORRA

Ao longo da Bíblia e em incontáveis obras baseadas nas Escrituras, Sodoma, Gomorra e outras cidades da campina (Gn 13.12) figuram como símbolos do julgamento divino por causa da perversidade humana. O que outrora havia sido uma região abundantemente irrigada e uma área fértil é hoje estéril, repleta de fossas de alcatrão, montes de betume e pântano.

Estas malogradas cidades nos fazem lembrar que a maldade das pessoas não passará impune. Elas também nos mostram que Deus não julga apenas o pecado de forma individual, como aconteceu com a esposa de Ló (Gn 19.26), mas sentencia cidades inteiras e seus arredores.

Entretanto, essa história não tem apenas aspectos negativos. Após o final trágico de Sodoma e Gomorra, Deus *se lembrou de Abraão* (Gn 19.29). Quando recordamos o exemplo do justo patriarca, muitas lições desta passagem podem ser aprendidas:

- *Orar faz a diferença.* Abraão nos mostra que é válido orar pelos justos que viviam nas cidades, da mesma forma como ele fez (Gn 18.22-33). Nem sempre temos condições de ir até um local para ajudar as pessoas, mas ainda assim podemos interceder por elas junto a Deus. Abraão suplicou pelo lugar como um todo, e não por um indivíduo específico. Ele pediu pela cidade inteira, acreditando que nada era impossível para o Senhor (Gn 18.14). Mais do que isso, ele orou pela justiça naquele local, assim como pela paz e salvação para aquele povo. O exemplo desse patriarca nos desafia com grandes questionamentos: estamos orando pelas cidades hoje? Caso a resposta seja positiva, o que pedimos a Deus: para salvá-las ou para julgá-las?
- *As pessoas fazem a diferença.* Dez pessoas justas morando em Sodoma poderiam tê-la salvado da destuição. Em outras palavras, a presença de um grupo de indivíduos agindo como o sal da terra e a luz do mundo pode preservar lugares onde o mal habita livremente. Mesmo dominada pela perversidade, Deus teria poupado Sodoma se nela tivessem sido encontradas pelo menos dez pessoas íntegras. Ele poupou Zoar, por causa de apenas um homem íntegro – Ló (Gn 19.16-22; 2 Pe 2.6,7). Como povo de Deus, estamos vivendo de forma justa nos lugares onde Ele nos designou para estarmos?
- *Deus é soberano.* A decisão dele de destruir quatro cidades da campina do Jordão, mas preservar a quinta, Zoar, mostra que Ele está sempre no controle. Deus não quer destruir as cidades nem sua população (2 Pe 3.9); porém, Ele pode e o fará, quando necessário. Ele decide quando, onde, e como se dará o julgamento. Por outro lado, o Senhor pode resgatar as pessoas dos lugares perversos se assim for a Sua vontade. Surgem então muitas perguntas: confiamos na soberania de Deus e a respeitamos? Vivemos com a perspectiva de que Ele sempre está no controle? Agimos perante Ele e a sociedade como pessoas justas e íntegras?
- *A soberba antecede a queda.* Sodoma não foi destruída apenas por causa de sua perversidade sexual (Gn 19.1-17; Jd 7), mas por sua soberba e falta de cuidado com os pobres e os necessitados (Ez 16.48-50). Este exemplo nos inquirir a respeito de algo de suma importância: o que estamos fazendo com os recursos que Deus pôs sob o nosso controle?
- *Fugir da cidade não evita o pecado; ao contrário, espalha-o por outros lugares.* O comportamento de Ló e, principalmente, de suas filhas, após escaparem da campina, demonstra que o pecado não estava confinado àquela área. Eles levaram a imoralidade de Sodoma a regiões distantes (Gn 19.19-22,30-36). Também estamos fugindo da cidade a fim de escapar de seus problemas e males? É possível que Deus queira que fiquemos e vivamos de acordo com a Sua justiça?

principal da história: revelar a bondade de Deus e Sua graciosa salvação. Ele poderia ter destruído a cidade de Sodoma sem revelar nada a Abraão ou a Ló (Gn 18.17). Mas, por causa da Sua misericórdia (hb. *chemlah*, compaixão, do verbo *chamal*, poupar, ter piedade), Seus anjos agarraram Ló e sua família pela mão e forçaram-nos a sair da cidade em segurança.

**19.17-19** — Há alguma coisa de lastimável nas palavras de Ló: *não posso escapar no monte, pois que tenho medo que me apanhe este mal, e eu morra*. Considerando que o mal estava sendo destruído e

ele sendo salvo, ainda se preocupava quanto ao lugar que os anjos lhe haviam apontado como seguro! Ló era bastante instável. [No fundo, queria ir para uma outra cidade, por isto apontou Zoar]. A única razão de Ló estar sendo salvo era o amor de Deus por seu tio, Abraão (v. 27,28).

**19.20,21** — Apesar da gravidade da situação, Ló continuava negociando. Ele não conseguia ver-se como um andarilho nas montanhas. Assim, até mesmo uma cidade pequena era preferível.

**19.22** — A palavra *Zoar* [hb. *Tso'ar*] significa *insignificante, pequena*. [Era uma das cinco cidades

associadas a Sodoma e a Gomorra, estando destinadas à destruição. Mas foi poupada a pedido de Ló, porque ali ele queria refugiar-se.]

**19.23-26** — *Saiu o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar.* No versículo 23, um destaque especial é dado ao tempo [amanhecia quando Ló chegou a Zoar; portanto, a fuga dele se dera de madrugada]. [No versículo 24, é dito que o Senhor fez chover enxofre e fogo do céu sobre as cidades impenitentes.] A chuva de fogo e enxofre pode ser explicada de formas diferentes. É provável que Deus tenha usado uma erupção vulcânica ou algum tipo de desastre natural similar. Também é possível que a destruição dessas cidades tenha sido um acontecimento além das ocorrências naturais [como a queda de um cometa, por exemplo]. O milagre, portanto, reside na perfeita sincronia entre a fuga de Ló e sua família e o juízo divino. (Leia em Êxodo 14 sobre uma situação parecida.)

**19.26** — A ordem era bastante clara: ninguém podia olhar para trás (v. 17). A esposa de Ló desobedeceu, voltando seu olhar para a destruição. Isto indica que ela estava relutante em sair de Sodoma. Então, foi convertida em uma *estátua de sal*. Sua morte foi imediata. Nada mais restou dela, exceto um amontoado mineral. Jesus fez referência a essa mulher ao ensinar sobre a destruição que assolará a terra nos últimos dias. Ele advertiu: *Lembrai-vos da mulher de Ló* (Lc 17.32).

**19.27,28** — Na *manhã* seguinte à da destruição das cidades, Abraão olhou de longe, e viu os vestígios da destruição. Quando ele viu a fumaça, constatou que não havia sequer dez pessoas justas na cidade (Gn 18.22).

**19.29** — Grande parte da graça que o Senhor concedeu a Ló foi porque *Deus se lembrou de Abraão e tirou Ló do meio da destruição, derribando aquelas*

*cidades em que Ló habitara.* Ló sofria com a perversidade que assolava a cidade (2 Pe 2.7,8), mas permanecia ali. Se não fosse por Abraão, Ló teria morrido com os outros habitantes de Sodoma.

**19.30** — Ló implorou aos anjos que lhe concedessem ir para Zoar (v. 18-22), e este pedido foi atendido. Mas, em face da devastação de todas as cidades da planície, Ló também não se sentiu seguro neste povoado; então, partiu para as montanhas próximas, e foi viver em uma caverna.

**19.31,32** — As filhas de Ló agora conspiravam juntas. O objetivo era deixar o pai bêbado o bastante para que ele pudesse ter relações sexuais com elas, para conservar a semente, a linhagem dele. O desespero delas era real. Seus futuros maridos haviam morrido, e não havia ninguém mais com quem elas pudessem casar. A mãe delas também estava morta. Então, elas consideravam difícil o pai casar-se novamente e ter outros filhos. Na mente delas, estavam condenadas a morrer sem filhos, e não haveria ninguém mais para carregar o nome da família. Para a cultura da época, isto era um prejuízo esmagador. Então, cometeram o ato incestuoso, que teve consequências desastrosas.

**19.33-35** — *E não sentiu ele quando ela se deitou.* Esta frase é repetida duas vezes neste trecho para proteger Ló. Esta não era uma atitude incestuosa deliberada da parte dele. As suas filhas, sozinhas, eram as responsáveis pelo que havia acontecido.

**19.36-39** — O vergonhoso ato de incesto levou ao nascimento de duas crianças, cujos descendentes mais tarde trariam grandes problemas para Israel: Moabe [de quem descendem os moabitas] e Ben-Ami [de quem descendem os amonitas].

**20.1** — A meia verdade dita por Abraão a respeito de Sara na cidade de Gerar seria mais



## VOCÊ SABIA?

### TEMER A DEUS

É muito interessante notar que no Antigo Testamento não há a palavra *religião*. Mas, as expressões *temer a Deus* e *temer ao Senhor* chegam bem perto do que hoje entendemos por religião. Estes termos representam um estilo de vida no qual as pessoas compreendem e respeitam um Deus poderoso, sábio e justo, e que as torna responsáveis pelo seu próprio comportamento.

tarde repetida por seu filho Isaque (Gn 26), o que demonstra, neste caso, que o filho saiu ao pai. A história aqui contada se dá como uma repetição dos erros cometidos por Abraão no Egito (Gn 12.10-20).

**20.2** — Sara era *meia-irmã* de Abraão (v. 12). *Abimeleque... tomou a Sara*. Por causa desta atitude, Sara foi posta no harém do rei, mas não se deitou com ele. Devido à idade avançada da esposa de Abraão, é bastante provável que esta tenha sido desejada mais por sua riqueza do que por sua aparência física.

**20.3** — Abimeleque era, presumivelmente, um rei pagão. Apesar disso, Deus o avisou do grande erro que ele estava para cometer: *Ela está casada com marido*. O texto em hebraico se refere a Sara e Abraão em um nível de igualdade e dignidade. Os dois são descritos como nobres, literalmente *uma nobre esposa de um homem nobre*. Este episódio é outro exemplo do cuidado do Senhor para com o Seu povo (Gn 31.24; Nm 22.12,20).

**20.4,5** — *Senhor, mataráis também uma nação justa?* Abimeleque não havia tocado em Sara e, com certeza, também não queria pagar por um pecado que não cometera. Ele usou o argumento de que suas ações, até o momento, eram inocentes e de que se basearam no que lhe disseram Abraão e Sara.

**20.6** — Esta passagem enfatiza que Abimeleque estava falando com Deus em *sonho*. A resposta do Senhor ao rei era mais uma manifestação de Sua graça. Deus também revelou que não havia permitido que Abimeleque tocasse Sara.

**20.7** — Este é o primeiro uso da palavra *profeta* na Bíblia. O termo indica que aquele que é nomeado como tal cultiva um profundo relacionamento com Deus; isto é mais do que a habilidade de falar com Ele. Este relacionamento de Abraão com o Senhor foi o que fez com que Deus ordenasse ao rei que devolvesse Sara ao marido.

**20.8-10** — A gravidade da situação deve ter tocado o rei de forma tão profunda que seu medo rapidamente se disseminou por sua família e seus servos. Abimeleque chamou Abraão para fazer uma pergunta: *Que nos fizeste?* A resposta deveria ser conclusiva, mas, antes de obtê-la, outro

questionamento foi feito pelo rei: *Em que pequei contra ti?* Neste, o verbo usado é *pecar* (hb. *hata'*), que se encaixa perfeitamente com o substantivo seguinte, tamanho *pecado* (o substantivo em hebraico possui a mesma raiz que o verbo). A última pergunta do rei a Abraão pode ser parafraseada como “o que você tinha em mente quando fez isso?”

**20.11-13** — Abraão deu ao rei duas razões para suas atitudes. A primeira era baseada na suposição de que ele, Abraão, estava em um território hostil, isto é, ninguém naquele lugar era temente a Deus; portanto, não haveria equidade diante do povo. Um rei poderia fazer o que quisesse e, desta forma, tomar Sara e usá-la para subjugar o marido e obter suas propriedades. A segunda justificativa recaía sobre o fato de que Sara era realmente sua *irmã*. Os casamentos na família de Terá aconteciam dentro do próprio clã. Em uma sociedade patriarcal, as uniões de parentes próximos eram consideradas um meio de preservação da linhagem. Além disso, Abraão e Sara concordaram, de forma clara, que ela usaria, em qualquer lugar que fossem, o argumento de ser sua irmã (v. 13). Mais tarde, a Lei proibiria o casamento entre duas pessoas com vínculos familiares tão próximos.

**20.14-16** — Abimeleque efetuou um notável pagamento em moedas de prata a Abraão, a fim de compensar a ofensa feita a Sara. As palavras *teu irmão* tiveram uma conotação sarcástica. O termo hebraico traduzido como *advertida* pode assumir o significado de *inocentada*, neste caso. O verbo inocentar também é usado em terminologia legal, para dar fim a um processo criminal.

**20.17** — *E orou Abraão a Deus*. Esta situação, a princípio, desfavorável, terminou com uma atitude misericordiosa, com Abraão orando a Deus por Abimeleque. Desta forma, o povo de Gerar aprendeu sobre o Senhor, assim como acontecera no Egito alguns anos antes (Gn 12.10-20).

**20.18** — *O Senhor havia tomado estêreis todas as mulheres da casa de Abimeleque*. Três coisas são indicadas por estas palavras. Primeiro, a estada de Abraão e Sara em Gerar foi prolongada até que a identidade de Sara fosse revelada. Provavelmente alguns meses se passaram até que as pessoas

percebessem que as mulheres já não engravidavam normalmente. Isso significa que Sara viveu no harém do rei por vários meses. Segundo, o Senhor atingiu os filisteus de uma maneira que estes dificilmente resistiriam, pois o anseio pela procriação era implacável no mundo antigo, como várias passagens nos mostram enfaticamente. Terceiro, Deus, por Sua graça, protegeu Sara e Abraão. Este capítulo termina com uma ironia: por causa do desejo divino de proteger Sara, o Todopoderoso tornou todas as mulheres da casa de Abimeleque inférteis. Ele tornaria Sara fértil e lhe daria um filho numa época em que ela já estivesse idosa para conceber naturalmente (Gn 21.1,2).

**21.1** — O Senhor visitou a Sara. A Bíblia enfatiza que o Senhor permitiu a concepção, pois os filhos são um presente dele (Sl 127.3). Neste caso, o verbo *visitar* foi uma excelente escolha, porque significa que o Senhor esteve pessoalmente com Seu povo. Ele fez a Sara *como tinha falado*: estes dois termos expressam exatamente o momento do cumprimento da promessa feita a Abraão (Gn 17.21) e Sara (Gn 18.14).

**21.2** — Aparentemente, Sara concebeu durante o período em que ela e Abraão estavam morando em Gerar (Gn 20.1;21.22). Observe o contraste. Deus tornou inférteis as mulheres da família de Abimeleque (Gn 20.18), e agora tornou Sara fértil. Sara *deu um filho a Abraão na sua velhice*. Este é o grande acontecimento que a Bíblia celebra em outras passagens (Gn 25.19; Hb 11.11). O escritor de Hebreus diz que Abraão já era *amortecido* (Hb 11.12). Que milagre extraordinário! Deus fez acontecer tudo a Abraão (Gn 17.21) e Sara (Gn 18.14) no *tempo determinado*.

**21.3** — *Isaque* [hb. *Yitschaq*] significa *Ele ri*. Outrora Abraão riu diante da impossibilidade de ter um filho em sua idade (Gn 17.17). Sara riu pelo mesmo motivo (Gn 18.12). Agora, com o nascimento da criança, o riso é motivado pela felicidade. Sara tem um bom motivo para rir (v. 5,6)!

**21.4** — *E Abraão circuncidou o seu filho Isaque*. O padrão de obediência de Abraão em relação ao Senhor continuava inalterado (Gn 12.4;17.23;22.3). O sinal da aliança no filho gerado pela promessa era muito importante (Gn 17.9-14).

**21.5** — *Da idade de cem anos*. [Compare com Gn 12.4;16.16;17.1.] O curioso é que Abraão estava com a idade que ele julgou impossível para um homem ter um filho (Gn 17.17).

**21.6** — *E disse Sara: Deus me tem feito riso; e todo aquele que o ouvir se rirá comigo*. Dentre os significados dos vários nomes na Bíblia, poucos são tão maravilhosos quanto o de Isaque. As palavras de Sara indicam que o riso dela e de outras pessoas estaria relacionado ao nascimento desse filho prometido.

**21.7** — *Quem diria a Abraão que Sara daria de mamar a filhos*. Extraordinariamente, essa mulher, aos 90 anos (Gn 17.17), possuía seios cheios de leite, e seus braços estavam fortes embalando um filho. Na teologia bíblica, o nascimento de Isaque indica a promessa vindoura de um milagre ainda maior: Jesus Cristo.

**21.8** — *E cresceu o menino e foi desmamado*. Na época, uma criança era amamentada até aproximadamente três anos de idade. O período imediatamente posterior a esta fase deveria ser marcado por uma celebração, *uma festa*. Como pais satisfeitos, Abraão e Sara se alegravam a cada novo passo na vida de seu filho. Imagine a aflição desses pais ante a ordem divina para sacrificar Isaque (Gn 22).

**21.9** — O verbo hebraico para *zombar, caçoar* [*tsachaq*] está relacionado ao nome *Isaque* (Gn 21.3,5). Aqui é apontado o lado ruim de uma maravilhosa brincadeira. O jovem Ismael, com aproximadamente 17 anos de idade, estava zombando da alegria de Sara e de Abraão com seu filho pequeno.

**21.10** — O melhor momento de Sara fora o nascimento de seu filho, mas o período aqui foi um dos piores para ela. É compreensível que a matriarca achasse o escárnio de Ismael nocivo, da mesma forma que o comportamento de Agar no passado (Gn 16.5). Contudo, mesmo na cultura da época, o ato de Ismael era passível de repreensão. Se ele fosse uma pessoa comum poderia ser banido do meio do povo. Mas, quando uma serva dava à luz um filho do marido de sua senhora, a criada e seu filho não poderiam ser escorraçados, mesmo que o homem tivesse outros



## ENTENDENDO MELHOR

### OS FILHOS DOS SENHORES COM AS SERVAS

Os antigos contratos de casamento obrigavam as esposas a terem filhos. Alguns documentos datados de meados do segundo milênio a.C., que foram descobertos na cidade de Nuzi, diziam que, se a esposa não pudesse dar um filho homem ao marido, ela própria deveria providenciar para que este engravidasse uma serva, cuja criança seria filho deles. O recém-nascido era considerado filho da esposa, o que significava que a mulher infértil havia cumprido com suas obrigações matrimoniais. A partir desta informação, conseguimos compreender as palavras de Sarai: *Eis que o SENHOR me tem impedido de gerar; entra, pois, à minha serva; porventura, terei filhos dela* (Gn 16.2).

A relutância de Abraão em mandar Agar e Ismael embora (Gn 21.9-11) reflete outro aspecto das tábuas de Nuzi. As servas que davam filhos aos seus senhores não podiam ser mandadas embora; ao contrário, deviam ser tratadas bem. Assim, foi preciso Abraão ouvir a voz de Deus (Gn 21.12) para que pudesse acatar a decisão de Sara e mandar embora Agar e seu filho.

filhos de seu casamento. Isso explica em parte a relutância de Abraão em fazer o que Sara exigiu (v. 11). Além disso, ele também amava *seu filho* Ismael (Gn 16.15; 17.18).

**21.11,12** — *Porém Deus disse a Abraão:* [...] *Em tudo o que Sara te diz, ouve a sua voz.* Esta é a sexta vez que Abraão recebe uma ordem direta do Senhor desde que chegara à terra de Canaã. Abraão precisava dar ouvidos a Deus, mandando Agar e seu filho embora de sua casa. A aliança divina se concretizaria por meio de Isaque. A Ismael estava destinada outra promessa (v. 13; compare com Gn 16.10-12). Mas nada do que Deus havia prometido, no que se refere ao filho de Agar, tomaria o lugar de Sua promessa a Isaque.

**21.13,14** — Este momento deve ter sido extremamente difícil para Abraão. Ele não tinha a mínima ideia de que, numa outra *manhã*, sua vida seria ainda pior (Gn 22.3). *Pão e um odre de água* eram provisões escassas. Foi isso que Abraão deu a Agar e a Ismael antes de despedi-los. Anos antes, Agar já passara pela mesma situação quando ainda estava grávida de Ismael (Gn 16.6). Eles foram para o *deserto de Berseba* (v. 31). Neste período, o local servia ao pastoreio de ovelhas e cabras. Tempos depois, uma cidade seria construída ali. Isaque redescobriria água nesta região (Gn 26.33).

**21.15** — Não demorou muito para acabarem as provisões dadas aos dois refugiados.

**21.16** — Apesar de ter revelado um espírito maldoso em relação a Sara algumas vezes, Agar

amava seu filho. O pensamento de que o perderia para o calor do deserto era insuportável para ela.

**21.17** — *E ouviu Deus.* Que maravilhosas palavras eram essas! Não há dor que o Senhor não veja ou não ouça (Is 40.27,28; Hb 2.10,18; 4.15). Deus estava perto para resgatar o contrito. O rapaz não morreria.

**21.18** — Deus renovou a Sua promessa a Agar e Ismael. Este se tornaria uma *grande nação* (Gn 16.10-12).

**21.19** — Agar estava tão tomada pela tristeza que era incapaz de ver a provisão de água bem à sua frente. Então, Deus *lhe abriu os olhos*. De maneira apropriada, a promessa do Senhor se renovou diante de um poço (Gn 16.7,14). Nas passagens do Antigo Testamento, uma fonte ou um manancial simbolizam salvação e livramento (Is 12.3; Jr 2.13).

**21.20** — A promessa de Deus foi realizada na vida de Ismael. Ele se tornou um *flecheiro*, isto é, aprendeu a caçar.

**21.21** — Agar fez questão de que Ismael se casasse com uma egípcia, uma mulher descendente do povo dela, assim como, posteriormente, o servo de Abraão procurou uma esposa para Isaque dentre os parentes deste.

**21.22** — Ao que tudo indica, Abraão e Sara continuavam morando na região de Gerar (Gn 20.15). *Ficol* era o comandante do exército de Abimeleque [hb. *Abiyemek*, que significa *filho de Meleque* ou *meu pai é rei*]. Talvez este seja um nome hereditário ou um título [como *farão*].

Assim, futuramente Isaque também tem um encontro com Abimeleque (Gn 26.8,26). As palavras *Deus é contigo*, ditas por Abimeleque e Ficol, explicam o desejo destes de estabelecer um pacto com Abraão.

**21.23,24** — *Jura-me aqui por Deus*. Esse tipo de juramento era uma obrigação que unia duas partes (Gn 22.16). Deus seria a testemunha do ato e agiria contra quem tentasse quebrar o acordo. O termo *beneficência* (hb. *hesed*), por vezes traduzido como *amor leal*, é de extrema relevância, sendo muito usado nos Salmos para se referir ao caráter de Deus (Sl 100.5). Neste versículo, podemos observar seu contexto próprio no estabelecimento de uma aliança. O vocábulo caracteriza um pacto de lealdade (Gn 24.12).

**21.25,26** — Revela-se aqui a existência de uma disputa entre Abimeleque e Abraão por causa de um poço. Para aqueles que criavam ovelhas e cabras, os poços e fontes d'água eram motivo de uma enorme competição. *Abimeleque* prontamente tomou a questão para si com o intuito de resolvê-la.

**21.27** — Este é o primeiro uso da palavra *concerto* (ou *aliança*) para definir um acordo entre duas partes (Gn 15.18), similar a um contrato de negócios nos dias atuais. Em Gênesis 26.28, há um pacto deste tipo entre Abimeleque e Isaque; e, em Gênesis 31.43-55, há um acordo entre Jacó e Labão.

**21.28-31** — Abraão tornou a ocasião mais memorável ao separar *sete cordeiras* de seu rebanho para Abimeleque. A pronúncia do número *sete* em hebraico é parecida com a pronúncia do verbo *jurar* (v. 24). Assim, Berseba se tornaria o *poço do juramento* ou o *poço dos sete*. Na próxima geração, o rito se repetiria com um sentido similar sendo dado ao local (Gn 26.33).

**21.32,33** — O *bosque* [ARC] ou a *tamargueira* (NVI) marcaria por muito tempo o local deste importante tratado. Ali, Abraão *invocou o nome do Senhor*. Como em Gênesis 12.8, Abraão não apenas orou ao Senhor. Ele fez uma proclamação em nome de Deus, falando a todos a respeito do Todo-poderoso, o Deus eterno, o Pai da eternidade, o qual não apenas vive para sempre, como também vai ao encontro das necessidades de Seu povo em todo o tempo.

**21.34** — Apesar de toda a terra de Canaã ter sido prometida a Abraão e aos seus descendentes (Gn 12.7; 15.18-21), ele próprio passou a vida morando nela por meio de acordos com outros povos locais (Hb 11.13-16).

**22.1-19** — Sem sombra de dúvida, esta narrativa é uma das mais memoráveis e chocantes em toda a Bíblia. Além disso, é um dos melhores textos que versam sobre a lealdade do Senhor à Sua aliança e ao Seu servo Abraão. Essa história também revela a notável fé de Abraão, Sara e Isaque e aponta para o futuro sacrifício do Filho de Deus, Jesus.

**22.1** — A expressão *depois destas coisas* assinala que uma nova história está para começar (Gn 15.1). No texto original, junto ao termo *Deus* está o artigo definido *o*, o Deus. Este é um modo de indicar que a *divindade genuína*, o *verdadeiro Deus*, estava fazendo este pedido. Originalmente, este artigo também ocorre em Gênesis 41.32, duas vezes.

Esta é a sétima vez que Deus se revela pessoalmente a Abraão desde que ele pisou em Canaã. *Deus pôs Abraão à prova* [NVI], a fim de que este mostrasse seu verdadeiro caráter. O verbo *pôr à prova* ou *tentar* não tem a conotação de planejar uma armadilha para magoar ou destruir Abraão e sua fé, mas sim de purificá-lo e permitir que ele demonstrasse seu caráter. O pedido *não nos deixes cair em tentação* (NVI) ou *não nos induzas à tentação* (ARC), em Mateus 6.13, indica a mesma ideia.

**22.2** — *Único filho*. Abraão tinha um filho com Agar (Gn 16) e, mais tarde, veremos que ele teve cinco com Quetura (Gn 25), mas Isaque era o filho da promessa. (A mesma ideia se encontra na descrição de Jesus como *Filho unigênito* de Deus, em Jo 1.18). Na realidade, o termo grego *monogenes*, unigênito, é usado na menção a Isaque, em Hebreus 11.17. O ponto principal aqui não é se Abraão tinha outros filhos; o importante é que Isaque era o filho gerado e nascido sob a promessa divina. Todavia, esta não era a única razão pela qual Deus queria pôr à prova a fé de Abraão. O rapaz enviado ao sacrifício era Isaque, o filho que trouxe o *riso* de Deus a Abraão e Sara (Gn 21.12; compare com Mt 3.17).



## APLICAÇÃO

### MATAR MEU PRÓPRIO FILHO?

Parece realmente inacreditável que Deus tenha ordenado o seguinte a Abraão: *Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi* (Gn 22.2). Que tipo de Deus faria isso? Que tipo de Deus testaria a fé de um homem dando uma ordem tão severa?

Aquele foi um teste bastante rigoroso para a fé de Abraão. Talvez muitos de nós falhássemos em uma prova como a do pai de Isaque. Provavelmente também pensaríamos que Deus estivesse sendo cruel e insensível. Mas Abraão confiou no Senhor. Mesmo que o sacrifício de Isaque parecesse ir contra a promessa de Deus, Abraão acreditou fielmente que, apesar de tudo, o Senhor ainda lhe mostraria uma maneira de cumprir a promessa que Ele havia feito, mesmo que para isso Ele tivesse de levantar Isaque dos mortos (Rm 4.17).

A ordem dada ao patriarca também foi uma lição categórica de que tudo na vida pertence a Deus e vem dele (Gn 2.7; Jó 27.3; 33.4). Neste sentido, devemos entender que a vida é apenas um empréstimo a nós, tanto aos pais como aos filhos. Deus pode pedi-la de volta quando bem entender.

A respeito disso, as instruções para matar Isaque foram similares ao difícil período que Abrão e Sarai enfrentaram enquanto esperavam pelo nascimento de seu filho (Gn 18.1-15; 21.1-7). A vida deles e a de qualquer criança que viessem a ter estavam nas mãos de Deus.

Para que não haja nenhum mal-entendido: Deus abomina o sacrifício humano, como muitas passagens do Antigo Testamento deixam bem claro (Lv 18.21; 20.2; Dt 12.31; Sl 106.35-38; Ez 20.30,31). Então, quando Abraão estava a ponto de matar seu filho, Deus o fez parar e proveu um animal para ser sacrificado no lugar de Isaque. Isso provou a Abraão que a sua fé estava direcionada corretamente: o Senhor em quem ele confiava era o Deus da misericórdia.

Ele também é o Deus da sabedoria. Algumas vezes, Ele nos faz pedidos que parecem estranhos. Mas se, como Abraão, acreditarmos e obedecermos, o Senhor responderá à nossa fé com a Sua bondade e a Sua integridade.

O nome *Moriá* [hb. *Moriyah*] significa escolhido por Javé. O sacrifício era um *holocausto*. A ordem não era Abraão pegar seu filho, feri-lo e depois cuidar dele, a fim de que recobrasse a saúde. Abraão deveria seguir todos os procedimentos necessários para esse tipo de sacrifício, que consistia em queimar o animal (ou a pessoa) inteiramente em oferta a Deus. O impacto desta exigência em Abraão e Sara deve ter sido enorme. Essa imagem dolorosa nos remete ao que o Senhor fez com relação ao Seu único Filho, enviando-o como sacrifício por nós.

**22.3,4** — Não consta nada na Bíblia a respeito dos pensamentos de Abraão ou de Sara. O que lemos é a passagem que descreve a total obediência a Deus (Gn 12.4; 17.23; compare com a obediência inquestionável de Noé em Gn 6.22; 7.5). As tarefas difíceis e penosas geralmente eram executadas de manhã por causa do intenso calor do meio-dia nessa região (Gn 18.1).

**22.5** — Se os servos de Abraão o tivessem acompanhado até o local do sacrifício, talvez

tentariam removê-lo de sua penosa tarefa. Abraão lhes ordenou que ficassem com o jumento, enquanto ele e Isaque subiriam para *adorar* ao Senhor. Abraão prometeu: *Tornaremos a vós*. No texto em hebraico, essas palavras são mais impressionantes do que na tradução. Os verbos usados [hb. *yalak*, iremos; *shachah*, adoraremos; *shuwb*, retornaremos (da morte)] mostram uma grande determinação por parte daquele que fala (Gn 12.2). É como se dissessem: “Estamos decididos a ir, determinados a adorar, e com certeza voltaremos”.

Há três possibilidades para explicar essas palavras de Abraão: (1) ele estava mentindo para os servos, a fim de ganhar tempo; (2) ele estava tão desiludido que não raciocinava mais quando falava; (3) ele realmente acreditava que voltaria com o seu filho. [De acordo com Hebreus 11.17-19, essa é a teoria mais correta.] Abraão ouvira, muitas vezes, a promessa de Deus de formar uma nação a partir de Isaque (Gn 12.1-3,7; 13.14-17; 15.1-21; 17.1-22; 18.1-15), e ele ainda acreditava nesta promessa. O patriarca pode ter concluído

que, mesmo que tivesse de sacrificar seu filho, Deus o ressuscitaria (Hb 11.17-19). Somente dessa maneira pôde seguir em frente com a difícil tarefa que Deus lhe designara.

22.6 — Como Jesus na *via crucis*, o filho de Abraão carregava nos ombros a madeira a ser usada em seu sacrifício. O instrumento para suscitar o *fogo* e o *cutelo* provavelmente estavam em uma espécie de vasilha de barro. Esse tipo de faca especial (o cutelo) era usado em sacrifícios de adoração.

22.7 — *Meu pai... onde está o cordeiro para o holocausto?* Isaque ainda não sabia o que Abraão pretendia fazer.

22.8 — *Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto.* A colocação das palavras nessa ordem, conforme consta na ARC, tem um sentido mais enfático do que *Deus mesmo há de prover*, na NVI. Já a expressão *caminharam ambos juntos* aparece novamente no versículo 19.

22.9,10 — O lugar que Deus escolheu, Moriá, é bastante significativo (v. 2-4,14). Após edificar um altar, Abraão *amarrrou a Isaque* sobre o local. Os estudiosos judeus chamam esta passagem de *Akedá de Yitschac* [amarração de Isaque]. Neste momento, Isaque já sabia que *ele* seria a oferta entregue em sacrifício. Certamente, o jovem poderia ter fugido de seu pai, que este era bem velho. Mas, assim como o Salvador, num dia ainda mais obscuro (Jo 10.17,18), Isaque concordou em fazer a vontade de seu pai (Mc 14.36).

22.11,12 — *O Anjo do Senhor.* Esta é uma das formas como Deus se apresenta (Gn 16.7; compare com 24.7;48.16). No último momento, Deus bradou dos céus a *Abraão*. Ele o chamou pelo nome duas vezes e disse: *Não estendas a tua mão sobre o moço e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus e não me negastes teu filho, o teu único.* Abraão estava a ponto de sacrificar seu filho quando Deus liberou essas palavras e o impediu. Deus já sabia como este acontecimento terminaria. Contudo, ao usar essas palavras, o Senhor mostrou que estava ao lado de Seu servo Abraão, passando por cada momento com ele e aplaudindo a sua confiança nele (Gn 18.19). O uso da expressão *temes a Deus* significa que Abraão tinha

fé em Deus respeito por Ele; essa é a ideia principal sobre o temor na Bíblia (Êx 20.20; Pv 1.7).

22.13 — Com toda a atenção voltada para a sua difícil tarefa, Abraão não percebeu, de imediato, um *carneiro* atrás dele preso pelos chifres. De uma maneira sobrenatural, suas palavras sobre a provisão divina para o holocausto se tornaram realidade (v. 8).

22.14 — A maravilhosa frase *o Senhor proverá* deriva das palavras de fé de Abraão a Isaque no versículo 8. [Compare com o nome que Agar deu ao Senhor em Gn 16.13.] Da mesma forma que Deus proveu um carneiro para o sacrifício no lugar do filho de Abraão, um dia Ele entregaria Seu próprio filho em sacrifício em nosso lugar! Moriá fica no lado oriental de Jerusalém, onde, tempos depois, o templo seria erguido. Perto dali, o Salvador seria morto.

22.15-18 — Esta é mais uma das passagens que descrevem a *aliança abraâmica* (veja a lista completa em Gn 15.1-21), com a promessa de Deus de suscitar uma nação a partir de Isaque.

22.16 — *Por mim mesmo, jurei* (hb. *shaba* '); *juro por mim mesmo*, ou *comprometo-me com minha obrigação*. Quando um homem faz um juramento, este é considerado imutável (Gn 25.33). Porém, quando Deus o faz, Sua eternidade garante o cumprimento de Sua palavra.

22.17 — *Deveras te abençoarei e grandissimamente multiplicarei a tua semente.* No texto em hebraico, há a duplicação dos verbos *abençoar* e *multiplicar* (algo que soaria como *ao abençoar, Eu abençoarei e, ao multiplicar, Eu multiplicarei*). Este recurso é usado na língua original quando a intenção é enfatizar a certeza absoluta de uma ação. O mesmo ocorre com a comparação da semente de Abraão com *as estrelas dos céus* e *a areia que está na praia do mar*. O uso dessa alegoria por Deus (Gn 15.5;13.16) deve ter preenchido Abraão.

*E a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos.* Nas antigas cidades cercadas por muralhas, a estrutura que protegia a *porta* de entrada era o mais importante. Controlar o portão era controlar a cidade. Mais adiante, a bênção dada a Rebeca por sua família conteria palavras com essa mesma conotação (Gn 24.60).





## EM FOCO

## SEMENTE (HB. ZERA)

(Gn 3.15;13.15;15.3;22.18;28.13; Sl 89.4)

A palavra hebraica traduzida como *semente* pode significar, literalmente, uma semente plantada na terra (Gn 1.11,12) ou, simbolicamente, a prole ou a descendência de uma pessoa (Gn 13.15). A palavra pode fazer referência a um grande grupo de pessoas, tal como os descendentes de Abraão ou a nação de Israel, ou a somente um indivíduo.

Em algumas partes de Gênesis, o termo se refere especificamente ao Messias, como na promessa de Deus em que a *semente* da mulher derrotaria a serpente (Gn 3.15; Nm 24.7; Is 6.13; Gl 3.16). Como tal, este termo assume grande importância na Bíblia: seria por meio da semente de Abraão, coletivamente representado por Israel e especificamente representado por Cristo, que Deus levaria a salvação a todas as pessoas.

**22.18** — Algumas vezes, o termo *semente* se refere a um grande número de descendentes (Gn 13.16); outras, a apenas um (como aqui e em Gl 3.16). Neste versículo encontramos um sublime jogo de palavras: a semente era Isaque e, por conseguinte, a nação israelita. Mas, a *semente* também era Jesus Cristo.

**22.19** — Como Abraão havia falado aos seus servos, ele *tornou* com Isaque, e todos foram *juntos* (v. 8) para *Berseba*.

**22.20-24** — A família de Naor foi citada pela primeira vez em Gênesis 11.29. É tocante observar que havia correspondência entre as duas famílias. Mas, esta menção também leva a *Rebeca*, que figurará de modo significativo na história a seguir. Esta pequena citação, aliada a outras que fazem parte da narrativa sobre as famílias, ajudamos a compreender as descendências e a Bíblia como um todo.

**23.1** — Os 127 anos de Sara permitiram que ela visse o seu filho Isaque chegar à idade adulta.

**23.2** — *Quiriate-Arba* significa *vila de Arba*, ou *vila dos quatro* (Js 14.15). Durante um período, Abraão viveu perto de *Hebrom*, junto aos antigos carvalhais (Gn 13.18; 18.1; 23.17). Nesta ocasião, Canaã era particularmente cruel para Abraão.

Nada da terra pertencia a ele. Abraão teve de negociar água e pastoreio (Gn 21.22-34), pois os cananeus ainda tinham a posse da terra.

**23.3** — Os hititas habitavam a região de Anatólia (atual Turquia), mas havia alguns enclaves hititas (dos *filhos de Hete*) em Canaã (Gn 15.20). Aparentemente, Hebrom era um desses territórios. Foi com esse povo que Abraão negociou a compra de um lugar para sepultar a sua amada esposa Sara.

**23.4,5** — *Estrangeiro e peregrino sou*. Abraão era um *estrangeiro* naquela terra. Suas palavras estabeleciam essa condição e também lhe proporcionavam uma posição adequada para negociar com os habitantes.

**23.6** — A resposta dos filhos de Hete foi muito gentil. A expressão *príncipe de Deus* remete a *Elohim*, em Gênesis 1.1. Em um ato de benevolência, os hititas permitiram que Abraão usasse a *sepultura* que escolhesse.

**23.7-11** — *Então, se levantou Abraão e inclinouse*. A postura de Abraão seguia o costume da época (v. 12). Ele não pretendia enterrar Sara em uma sepultura emprestada. O patriarca desejava ter um lugar que pertencesse à sua família após a morte dele. Suas palavras pedindo aos hititas que intercedessem junto a *Efrom* indicam que Abraão queria adquirir uma propriedade: a *cova de Macpela*. *Efrom* atendeu generosamente ao pedido de Abraão e cedeu-lhe a cova e o campo próximo a ela.

**23.12,13** — *O preço do campo o darei*. Abraão não estava interessado no campo, mas, como esse era o lugar onde ficava a caverna, e *Efrom* o incluiu nas negociações, Abraão anunciou sua intenção de comprar a área. (Talvez ele tenha pensado que um presente dado tão facilmente lhe poderia ser tomado com a mesma facilidade mais tarde.) Em todo caso, o preço que Abraão mencionou não era o dinheiro em espécie, como o conhecemos hoje. As moedas só seriam inventadas por volta de 650 a.C. Abraão estava oferecendo siclos de prata [um siclo equivalia a 12 gramas de prata].

**23.14,15** — O diálogo que acontece neste capítulo é maravilhoso, pois descreve o processo de compra e venda de uma propriedade naquele tempo. *Efrom* disse o preço da terra, mas em

seguida deu a entender que isso não tinha muita importância (*que é isto entre mim e ti?*).

**23.16** — *Abraão pesou a Efrom a prata.* O patriarca poderia ter recebido a propriedade sem nenhum custo, mas, a partir do momento em que pagou a quantia estipulada, não poderia haver nenhuma questão pendente em relação à posse da área numa data posterior.

**23.17** — Abraão obteve a posse não só da *cova* e do *campo*, mas também do *arvoredo* dessa região. Isso significa que ele tinha a responsabilidade de preservar a vegetação. Tudo foi oficializado de acordo com a forma legal da época. A leitura desse registro é fascinante, mas é imprescindível destacar que a única terra que Abraão realmente possuiu foi a do sepulcro de sua esposa.

**23.18-20** — *Sepultou Abraão a Sara.* Anos depois, Abraão seria sepultado na mesma cova (Gn 25.10).

**24.1-67** — Este capítulo relata como o servo mais velho na casa de Abraão encontrou uma esposa para Isaque. O texto é marcado por um estilo prolongado de narrativa, com a riqueza de detalhes típica dos contadores de história da tradição hebraica. Acima de tudo, registra a bondosa orientação do Senhor em relação ao Seu povo.

**24.1** — *O Senhor havia abençoado a Abraão em tudo.* Este é o cumprimento da promessa, revelada inicialmente em Gênesis 12.2,3.

**24.2** — Alguns estudiosos acreditam que o servo mencionado aqui é Eliézer (Gn 15.2), por causa de sua posição de destaque em relação aos outros servos de Abraão.

**24.3** — *Jurar pelo Senhor* indica quão extraordinária era esta questão para Abraão. Ele não queria tomar para Isaque mulher dentre *as filhas dos cananeus*. Não por racismo, mas por motivos religiosos, pois o povo cananeu adorava falsos deuses, como Baal e Aserá (Gn 15.16; compare com Dt 7.3).

**24.4-7** — *Deus dos céus.* Esta expressão usada para se referir a Deus é extremamente rica e demonstra não só a grande fé do patriarca Abraão, como também a fé de seu servo. Abraão repetiu um importante tópico da aliança de Deus com ele: sua *semente* (descendência) herdaria aquela terra (Gn 15.1-21). Deus haveria de enviar *Seu Anjo*

adiante de seu servo, a fim de assegurar sucesso na missão. *O Anjo do Senhor* é uma maneira de aludir à presença dele (Gn 16.7; 22.11; 48.16).

**24.8-10** — A posse de *camelos* nos tempos bíblicos era um sinal de extraordinária riqueza. A palavra *Mesopotâmia* significa *entre dois rios*. Esta região se localiza ao norte da Síria, além do rio Eufrates (compare com a localização da terra natal de Balaão, em Nm 22.5;23.7). Já *a cidade de Naor* é conhecida como Harã (Gn 11.31).

**24.11** — Tradicionalmente, as mulheres se dirigiam às fontes para buscar água nas primeiras horas da manhã ou à tardinha, pois o calor intenso tornava essa árdua tarefa ainda mais penosa.

**24.12-14** — *Senhor, Deus de meu senhor Abraão.* Esta expressão não significa que o servo não acreditasse no Deus vivo. Ao contrário, era *por causa* de sua fé que ele orava desta maneira. O servo estava clamando a Deus baseado na aliança do Todo-poderoso com Abraão, o que pode ser observado no apelo à *beneficência* do Senhor (Seu pacto de lealdade, Gn 21.23). Nos Salmos, essa é a principal palavra que descreve a *bondade* de Deus (Sl 100.5).

**24.16-18** — Comentários a respeito da beleza física de uma mulher são raros na Bíblia (veja a descrição de Sarai, em Gn 12.11; de Raquel, em Gn 29.17; e de José em Gn 39.6. Compare com 1 Sm 16.12). Sua castidade foi notada. A palavra traduzida como *donzela* não remete a um termo preciso. Por causa disso, há o esclarecimento: *a quem varão não havia conhecido*.

**24.19** — *Tirarei também água para os teus camelos.* Este gesto estava muito além dos deveres sociais de Rebecá; e este foi o sinal que o servo havia pedido ao Senhor.



### VOCÊ SABIA?

#### O VALOR DO OURO

O ouro pode ser achado na natureza em sua forma pura ou misturado com prata ou cobre. É fácil de ser trabalhado e não se corrói. Ele vem sendo usado como uma medida de valor desde os tempos mais remotos e é um símbolo peregrino de riqueza e poder (Gn 24.22).

**24.20-22** — A jovem deve ter se perguntado o que estava acontecendo com ela para receber presentes tão valiosos, tais como um pendente e duas pulseiras de ouro, coisas que normalmente não são oferecidas por um estranho.

**24.23** — *De quem és filha?* Na época, a identidade de uma mulher solteira estava estreitamente relacionada à identidade de seu pai (Rt 2.5), e a identidade de uma mulher casada à de seu marido. Após declarar sua progenitura (v. 24;22.20-23), Rebeca respondeu que havia bastante espaço para alojá-los em sua casa (v. 25).

**24.24-26** — O servo de Abraão reconheceu a abundante graça de Deus e *inclinou-se aquele varão, e adorou ao Senhor*. Ele se inclinou ao chão, o que significa que adorou a Deus (Gn 19.1;22.5). Não é de se admirar que Abraão houvesse depositado grande confiança neste servo, que temia ao Senhor (v. 1-9).

**24.27** — *Bendito seja o Senhor*. Ao usar estas e as palavras seguintes, o servo de Abraão orou verdadeira e publicamente ao Senhor, como será visto mais adiante no livro de Salmos (Sl 105.1,2). Os substantivos *beneficência e verdade*, juntos, indicam a total e permanente lealdade de Deus. A declaração do servo — *o Senhor me guiou no caminho* — demonstra que ele tinha percepção de que Deus não guiava uma pessoa que não sabia o que estava fazendo, mas alguém que já estava realizando a Sua vontade.

**24.28,29** — Quando lemos esses versículos, a tendência é lembrarmos de Labão por causa de sua relação com Jacó (capítulos 29–31). Contudo, aqui ele é retratado como um gentil servo do Senhor, oferecendo a sua hospitalidade ao servo de Abraão (v. 31).

**24.30-49** — *Não comerei, até que tenha dito as minhas palavras*. Este discurso mostra o entusiasmo do servo. O Senhor tinha operado de maneira sobrenatural, e o servo queria adiar o momento de comer para contar a sua história extraordinária à família de Rebeca. Assim, ele relatou comovido tudo o que se passara, não se esquecendo de detalhes acerca de fatos e tempo.

**24.50,51** — *Então, responderam Labão e Betuel e disseram: Do Senhor procedeu este negócio; não*

*podemos falar-te mal ou bem*. Diante desta resposta e das primeiras palavras de Labão ao servo de Abraão (v. 31), podemos concluir que a família de Betuel e Labão também adorava ao Deus vivo (Gn 11.27—12.4; Js 24.2). O irmão e o pai da jovem reconheceram ali a obra do Senhor e responderam imediatamente: *Eis que Rebeca está diante da tua face*.

**24.52** — Antes de fazer qualquer outra coisa, o servo de Abraão *inclinou-se* até o chão para adorar a Deus, declarando publicamente seu agradecimento pela provisão divina (v. 26).

**24.53-57** — De acordo com a tradição do Oriente, utilizando parte das posses de Abraão, o servo deu presentes valiosos e joias de ouro a Rebeca, bem como à família dela tempos depois. Novamente, o pai, Betuel, não é mencionado.

**24.58** — Até este momento, nada é dito a respeito dos desejos de Rebeca, mas a palavra *irei* demonstra a vontade dela.

**24.59** — Não foi fácil para a família deixar a amada irmã e filha seguir com o servo de Abraão. Este foi um ato de coragem e fé no Senhor.

**24.60** — *Abençoaram Rebeca*. Segundo o costume do antigo Oriente Médio, a família dava uma bênção formal ao matrimônio (Rt 4.11,12). As palavras ditas a Rebeca não expressavam apenas um sentimento ou um rito qualquer, mas representavam uma oração para que Deus abençoasse a sua vida: *Sejas tu em milhares de milhares*. Estas duas expressões poéticas ecoam a promessa de Deus para Abraão e Sara (Gn 17.15,16). O termo traduzido como *milhares* significa *inumerável, incontável*. Também pode ser um trocadilho com o nome Rebeca, pois a pronúncia deste soa em hebraico como tal. À semelhança da promessa de Deus a Abraão (Gn 22.17), a posse da *porta* da cidade de um inimigo indica a dominação sobre este.

**24.61-63** — Ao deixarem a cidade, Rebeca e suas servas devem ter atraído um séquito de pessoas que as acompanhava até a saída de Harã. Enquanto isso, Isaque tinha voltado de Laai-Roi (Gn 24.62; 16.13,14).

**24.62** — *A terra do Sul* aqui é o Neguebe (Gn 12.9;13.1).



## VOCÊ SABIA?

### SEPULTAMENTOS EM CAVERNAS

As cavernas não são lugares muito comuns para sepultamentos, mas sim para refúgio (Gn 19.30; Js 10.16; 1 Sm 22.1; 24.1-3; 1 Rs 19.13) ou armazenagem. Em determinadas épocas, os cadáveres eram enterrados no chão das casas, porém a maioria dos túmulos era cavada nas rochas úmidas de calcário das colinas palestinas ou na terra.

Os locais de sepultamento eram usados pelas famílias por muitas gerações. A negociação de Abraão para que a caverna de Macpela servisse como túmulo para ele e sua família deu início a uma tradição que foi continuada pelos seus descendentes (Gn 25.9,10; 49.29-33; 50.13).

**24.63,64** — O significado preciso do termo traduzido como *orar* é incerto. Talvez seja *caminhar em algum local com o intuito de pensar*.

**24.65** — De acordo com a tradição do Oriente Médio, usar um véu era um comportamento apropriado para uma jovem mulher solteira que estava prestes a ficar na companhia de um homem.

**24.66** — Levando em consideração a prévia e exaltada narrativa do servo à família de Rebeca a respeito de sua missão, podemos imaginar a conversa entusiasmada que este teve com Isaque.

**24.67** — Isaque levou Rebeca para a *tenda* da mãe dele, o que era um ato público, e ela *foi-lhe por mulher*, e [ele] *amou-a*. Raramente lemos na Bíblia a respeito do amor romântico ou conjugal. Mas, o Cântico dos Cânticos fala sobre este tema. A tristeza de Isaque por causa da morte de sua mãe agora era substituída pela alegria do casamento com amor. Esta história é adorável, um retrato da boa providência de Deus para o Seu povo.

**25.1** — A expressão hebraica traduzida como *tomou outra* pode ser interpretada como *uniu-se*. Quetura não foi a segunda esposa oficial de Abraão, e sim a concubina (v. 6; 1 Cr 1.32). Da mesma forma que uma esposa (mas não-oficial), Quetura provavelmente ficou com Abraão até que ele morresse. Seus filhos tiveram uma condição similar à de Ismael, o filho de Abraão com Agar (cap. 16), mas sem a bênção divina concedida àquele (Gn 16.10-16).

**25.2** — *Midiã* foi o pai dos midianitas, os quais compraram José dos irmãos deste (Gn 36.35; 37.28,36).

**25.3-5** — Por ser o herdeiro legal de Abraão, Isaque recebeu tudo o que seu pai possuía. Além disso, também obteve a bênção de Deus (v. 11; 26.2-5).

**25.6** — As *concubinas* eram Agar e Quetura. Com o intuito de proteger a herança de Isaque, Abraão, antes de morrer, deu presentes a seus outros filhos e mandou-os embora.

**25.7** — Cumprindo o que havia prometido, Deus deu longevidade a Abraão.

**25.8** — *Foi congregado ao seu povo*. Esta expressão indica que o patriarca, após a morte, passou a desfrutar da vida eterna com Deus (Gn 15.15; 35.29; 49.33).

**25.9** — Abraão havia comprado a *cova de Macpela* para sepultar sua esposa, Sara (cap. 23).

**25.10,11** — *Deus abençoou* Isaque porque Ele havia estabelecido uma aliança perpétua com o filho de Abraão (Gn 17.19; Hb 11.17). Os termos *Laai-Roi* significam *poço daquele que vive e me vê*. Neste poço, um anjo do Senhor tinha aparecido para Agar (Gn 16.7-14).

**25.12-18** — *As gerações de Ismael*. Esta passagem distingue a linhagem de Ismael, resultado da promessa feita ao filho de Agar (Gn 16.10-15), da linhagem de Isaque (iniciada no v. 19), alvo da gloriosa promessa de Deus (veja Gn 2.4 sobre outros registros de descendências em Gênesis).

**25.16** — Deus cumpriu Sua promessa a Abraão (Gn 17.20). De acordo com o texto da NVI, *os doze filhos de Ismael se tornaram os líderes de suas tribos*. Segundo a versão ARC, eles se tornaram *doze príncipes*. Assim como os israelitas foram divididos em 12 tribos (Gn 49), os *povoados*

e *acampamentos* (NVI), ou *vilas e castelos* (ARC), dos ismaelitas receberam os seus nomes. Isto se deve ao fato de eles terem vivido como nômades.

**25.17** — A menção à morte de Ismael, após uma longa vida, é de extrema importância para a narrativa. A história é contada em torno de Isaque, mas isso não quer dizer que Ismael devesse ser esquecido.

**25.18** — Os descendentes de Ismael viveram em um extenso território, que incluía a península Arábica e a terra deserta entre Canaã e a Mesopotâmia.

**25.19** — Há dez importantes registros de descendência em Gênesis (veja Gn 2.4). Este é um deles.

**25.20** — A passagem sobre o casamento de Isaque com Rebeca está registrada no capítulo 24.

**25.21** — O verbo hebraico traduzido nesta passagem como *orou* (*atar*) é usado de forma esporádica na Bíblia; indica que Isaque pediu insistentemente em prol de sua esposa. (Para exemplos de orações veementes, veja Êxodo 8.30, 2 Samuel 21.14 e 24.25.) Isaque teve de esperar 20 anos para que suas orações fossem atendidas (v. 20,26). A esposa dele era *estéril*. Como Sara e Raquel (Gn 16.1;29.31), Rebeca também era estéril. Depois de um período de infertilidade, o Senhor permitiu a concepção de cada criança da linhagem da promessa.

Na época, a impossibilidade de uma mulher gerar filhos era considerada um problema exclusivamente feminino. Com certeza, não havia conhecimentos de genética para constatar distúrbios funcionais no homem. E uma mulher infértil era vista como desafortunada pelo marido e pela sociedade (1 Sm 1.6).

No Código de Hamurabi, a esterilidade era uma razão legítima para o divórcio, e uma mulher divorciada por causa disso não voltava a casar-se. Seu destino era lastimável.

O recorrente estado de infertilidade na família à qual Deus prometeu descendentes serve como um lembrete, transmitido de geração em geração, de que os filhos que aquelas mulheres tiveram somente foram concebidos por causa da intervenção do Senhor, *que ouviu as suas orações*. Os filhos

nascidos desta forma eram considerados presentes gratiosos de Deus.

**25.22** — Duas nações *lutavam* dentro de Rebeca. Sua gravidez foi muito difícil. Rebeca orou ao Senhor, perguntando o motivo de estar se sentindo mal, e foi informada de que as duas crianças competiam em seu ventre.

**25.23** — O Senhor falou diretamente a Rebeca (Gn 16.8-11). A expressão *duas nações*, em Gênesis, é recorrente nas passagens que falam de dois irmãos, como a dos filhos de Eva (Gn 4), dos filhos de Tamar e Judá (Gn 38.27-30) e dos de José (Gn 48). No antigo Oriente Próximo, o filho nascido primeiro tinha preeminência. Mas, desta vez, Deus escolheu abençoar o *menor* (ARC) ou *mais novo* (NVI). [Compare com 1 Sm 16.]

**25.24** — O nascimento de *gêmeos* era considerado uma bênção especial.

**25.25** — A pronúncia do nome *Esau* é semelhante à da palavra em hebraico que significa *peludo*.

**25.26** — O irmão mais novo agarrou o calcanhar do irmão mais velho no nascimento. A palavra no hebraico que significa *calcanhar* possui a pronúncia parecida com a do nome *Jacó*, que pode significar *aquele que agarra o calcanhar* (de outra pessoa) ou *Ele* (o Senhor) *está em seu calcanhar* (é seu Protetor). Pouco tempo depois, Esau insultaria Jacó por causa da associação negativa do nome deste (Gn 27.36). Por fim, Deus daria um novo nome a Jacó: Israel (Gn 32.28).

**25.27-34** — Um estudo das narrativas patriarcais indica que houve dois aspectos proeminentes associados aos direitos de primogenitura: a liderança da família e a herança da promessa.

**25.27** — Esau era *perito na caça, varão do campo*; Jacó *varão simples, habitando em tendas*. As personalidades contrastantes e os diferentes interesses dos dois irmãos lembram as disparidades entre Caim e Abel (Gn 4.2).

**25.28** — *Amava Isaque a Esau*. A história a seguir ilustra essa predileção.

**25.29,30** — A cor vermelha da pele e dos cabelos de Esau aqui é relacionada ao seu enorme desejo por comida de coloração avermelhada. A partir deste momento, Esau foi chamado de *Edom*,

que significa *vermelho*. Mais tarde, essa peculiaridade estaria ligada à terra vermelha em que ele habitaria (Gn 36.8). [Também pode aludir ao fato de que ele era um homem natural, enquanto Jacó, um homem espiritual (ver 1 Co 15).]

**25.31,32** — Esaú, por causa de sua condição de primogênito, tinha o direito de receber a porção dobrada das posses da família. Além disso, ele também herdaria de Isaque o privilégio da eterna aliança com Deus (Gn 12.1-3).

**25.33** — *Jura-me hoje*. O juramento formal, mesmo sem testemunhas, foi considerado uma obrigação contraída por ambas as partes.

**25.34** — O verbo hebraico traduzido como *desprezar* implica um absoluto desdém (Nm 15.31; 2 Sm 12.9; Mt 1.6). Esaú rejeitou a promessa de Deus aos descendentes de Isaque. Tempos depois, Esaú se arrependeu de suas ações, mas não conseguiria reverter a situação (Gn 27.38; Hb 12.17).

**26.1** — Uma grande fome ocorrera *nos dias de Abraão*, acarretando sua mudança para o Egito (Gn 12.10-20). Pouco tempo depois, Abraão enfrentou um infortúnio em Gerar envolvendo Abimeleque (Gn 20); uma história que surpreendentemente se repetiu, de certa forma, na vida de seu filho na atual narrativa.

Os *filisteus* passaram a ocupar a região costeira de Canaã após a sua derrota para os egípcios por

volta de 1200 a.C. Os egípcios os chamavam de *povos do mar*. Os filisteus provavelmente integravam os povos gregos que migraram para o leste (1 Sm 4.1; 2 Sm 5.17).

**26.2** — O Senhor apareceu a Isaque pela primeira vez. É interessante notar que Ele já havia falado com Rebeca (Gn 25.22,23). Mesmo que as condições do Egito fossem favoráveis, o Senhor proibiu Isaque de ir até lá, como fez seu pai durante a fome que assolou o lugar onde morava (Gn 12.10).

**26.3** — O Senhor cumpriu Sua promessa a Abraão quanto a Isaque (Gn 17.19). Ele estabeleceu Sua aliança eterna com Isaque da mesma forma que fizera com Abraão.

**26.4,5** — Deus prometeu fazer com que os descendentes de Isaque fossem tão numerosos quanto as estrelas do céu, por causa de Sua aliança com Abraão (Gn 22.17). O Senhor prometeu abençoar todo o mundo, *todas as nações*, por meio dos descendentes de Abraão (Gn 12.3; 22.18; 28.14).

**26.6** — A região de Gerar era mais apropriada à agricultura do que as áridas terras de Neguebe.

**26.7** — Rebeca era uma parenta muito próxima (Gn 22.20-23), mas não era *irmã* de Isaque. A mentira dele foi mais grave do que a de Abraão (Gn 20.2,12).

**26.8** — Nesta época, uma janela não era um caixilho de madeira ou metal preenchido com



## ENTENDENDO MELHOR

### DIREITO DE PRIMOGENITURA

Quando Jacó pediu a Esaú que este lhe vendesse seu direito de primogenitura (Gn 25.31), ele pretendia obter uma posição em que tivesse vantagens legais e espirituais.

Nos tempos bíblicos, o filho que nascia primeiro gozava de uma posição privilegiada (por isso o termo *direito de primogenitura*). O primogênito adquiria o direito de receber o dobro dos bens da herança de seu pai (Dt 21.17), e também recebia uma bênção especial antes do falecimento deste. Após a morte do patriarca, o primogênito se tornava o chefe da família, carregava o nome desta e agia como sacerdote do clã.

O direito de herança do primogênito era protegido por lei. O pai, por livre e espontânea vontade, não poderia conceder os direitos ao filho mais novo (Dt 21.15-17). Entretanto, o primogênito poderia perder, vender ou ter seus direitos suprimidos. Rúben, o primeiro filho de Jacó, perdeu a sua posição privilegiada porque praticou incesto com a concubina de seu pai (Gn 35.22; 1 Cr 5.1,2). Do mesmo modo, Esaú vendeu seus direitos por um *guisado de lentilhas* (Gn 25.29-34); *um manjar* (Hb 12.16).

Ao fazer isso, Esaú cometeu um pecado grave. Como se já não bastasse o fato de ter o primogênito de Isaque desperdiçado sua herança em troca de um simples prato de comida, pior ainda ocorreu quando ele dispensou a bênção de Deus — mesmo sabendo que o Senhor prometera fazer de Abraão uma grande nação (Gn 22.15-18). Assim, Esaú se tornou um exemplo para que as pessoas não desperdicem aquilo que vem de Deus. Nada é mais importante.

vidro; era apenas uma abertura na parede para a ventilação, ou uma abertura na treliça no topo da construção. Isaque foi visto *brincando* com Rebeca. O jogo de palavras utilizado em hebraico para definir esta situação pode ser interpretado como *um carinho íntimo*, e o nome *Isaque, Ele ri*, faz eco com o fato de ele estar *rindo*, divertindo-se com sua esposa, Rebeca.

**26.9,10** — Com a pergunta *que é isto que nos fizeste?* um sentimento de ofensa moral foi demonstrado pelo rei dos filisteus. De forma irônica, Abimeleque se tornou o protetor de Isaque e Rebeca.

**26.11-13** — A obra especial de Deus na vida de Abraão foi realizada também na de seu filho. Deus o *abençoava* tanto que Isaque se tornou *riquíssimo* (NVI), ou *mui grande* (ARC), e assim despertou a inveja de seus vizinhos filisteus.

**26.14,15** — Abraão fez um acordo com Abimeleque para obter o direito de exploração dos poços (Gn 21.22-34). No entanto, a hostilidade contra Isaque fez com que os filisteus entulhassem os velhos poços.

**26.16,17** — Apesar de Isaque ter se mudado da área onde habitava, ele não deixou a região de Gerar.

**26.18,19** — Por causa dos direitos de Isaque no tocante à extração da água, seus servos cavaram novamente os poços, que receberam os mesmos nomes que tinham nos tempos de seu pai.

**26.20** — O nome *Eseque* deriva do significado do verbo *contender* e é usado na Bíblia somente aqui.

**26.21** — *Sitna* significa *hostilidade* e tem relação com o termo hebraico usado para Satanás.

**26.22,23** — Isaque saiu de Gerar assim que a fome e a disputa pela água acabaram. Ele retornou para *Berseba*, onde viveu na sua juventude (Gn 22.19).

**26.24** — *O Deus de Abraão, teu pai*. Deus sempre é fiel. Ele prometeu ao filho a mesma coisa que prometera ao pai. Esta passagem reafirma a *aliança abraâmica* (leia Gn 15.1-21).

**26.25** — Isaque repetiu o gesto de seu pai (Gn 12.8). Ele construiu *um altar e invocou o nome do Senhor*. Nesse altar, Isaque não só orou ao Senhor,

como também confirmou a presença do Deus vivo nessa terra especial (Gn 12.8; 21.33).

**26.26** — *E Abimeleque veio a ele de Gerar*. O rei dos filisteus foi até Isaque para pôr um fim à hostilidade entre seu povo e a família de Isaque. Esta atitude se deu por conta do reconhecimento da bênção divina sobre o filho de Abraão (v. 28,29). *Ausate e Ficol* acompanhavam Abimeleque e testemunhariam o acordo deste com Isaque.

**26.27,28** — *O Senhor é contigo*. Deus abençoou a família de Abraão porque esta o seguiu. Assim, a extraordinária bênção do Senhor sobre Seu povo atrairia outros para si (Gn 12.2,3). O *acordo* entre Isaque e Abimeleque ligava formalmente os dois lados. Neste caso, a aliança aconteceu entre duas partes iguais (para ler sobre alianças similares, veja Gn 21.2-34 e 31.43-55). A aliança entre Deus e Abraão se deu de forma diferente, pois foi entre o Rei dos reis e Seu servo (Gn 15.18).

**26.29,30** — *Então, lhes fez um banquete, e comeram e beberam*. Ao comerem e beberem juntos um novo tipo de relacionamento entre Isaque e Abimeleque é estabelecido e celebra-se o acordo.

**26.31** — *E despediram-se dele, em paz*. O termo hebraico para *paz* (*shalom*) indica que as coisas ficaram bem, “como deveriam ficar”, entre as duas partes aliadas.

**26.32** — *E anunciaram-lhe acerca do negócio do poço, que tinham cavado, e disseram-lhe: Temos achado água*. Este era um poço novo ou um poço antigo reaberto na mesma localidade (Gn 21.30,31). A descoberta de água foi considerada uma bênção de Deus por causa das atitudes de Isaque.

**26.33** — *E chamou-o Seba*. Este nome é um jogo de palavras com termos em hebraico que significam *jurar* (v. 31) e *sete*. *Berseba* pode significar tanto *poço do juramento* quanto *poço dos sete*.

**26.34,35** — *Sendo Esaú da idade de quarenta anos, tomou por mulher a Judite, filha de Beerí, heteu, e a Basemate, filha de Elom, heteu*. O nome *Judite* está relacionado com a palavra que significa *louvar*, similar ao nome *Judá*. Essa mulher não é mencionada entre as esposas de Esaú no capítulo 36. Talvez o casamento não tenha durado.

Além disso, Esaú se casou com uma filha de Hete (hitita), que acreditava em vários deuses, mas Isaque e Rebeca queriam que ele tomasse por esposa uma mulher que adorasse o Deus vivo (Gn 27.46;28.8;36.1-8). *Basemate*, o nome da outra esposa também hitita, quer dizer *perfumada*.

**27.1-3** — *Isaque envelheceu*. Apesar de velho, Isaque ainda viveu muitos anos (Gn 35.27-29), e a idade avançada não impediu que ele continuasse agindo com cautela. *Seus olhos se escureceram*. A visão debilitada de Isaque permitiu que Jacó e Rebeca o enganassem (v. 11-29). [Para saber mais sobre outras bênçãos relacionadas à visão de Isaque, veja Gn 48.8-22.] Normalmente, um pai daria a bênção principal ao primogênito, neste caso Esaú (Gn 25.29-34). Mas Deus operou de forma contrária às expectativas culturais e ao favoritismo de Isaque (Gn 37.4). O Senhor já havia abençoado o mais novo, Jacó.

**27.4** — Isaque desejava celebrar a sua bênção a Esaú comendo um *guisado saboroso* (Gn 27.30).

A expressão *minha alma* — em *para que minha alma te abençoe, antes que morra* — substitui o pronome *eu*. É provável que o anseio do pai de *abençoar* Esaú tenha feito com que Isaque ignorasse, por certo tempo, o acordo entre seus dois filhos, segundo o qual Esaú vendeu o direito à primogenitura a Jacó, seu irmão mais novo (Gn 25.29-34). Porém, as palavras de Esaú a seu pai no versículo 36 — *abençoa-me também a mim, meu pai* — sugerem que o patriarca soube posteriormente do ocorrido. Talvez Isaque desejasse que a perda dos direitos de primogênito de seu filho fosse abrandada pelo poder das palavras de uma grande bênção. Mas, como se pode observar no versículo em análise, Jacó ficou com a primogenitura e com a principal bênção paterna.

**27.5** — A mãe agiu com o intuito de favorecer um dos filhos, neste caso, Jacó. A falta de comunicação e de concordância entre os pais é um dos fatores que contribuem para o que chamamos hoje de *família disfuncional*.

**27.6,7** — *Falou Rebeca a Jacó, seu filho*. Rebeca tinha dois filhos, mas o pronome usado aqui (*seu*) indica a relação especial dela com Jacó.



## VOCÊ SABIA?

### O CHEFE DA FAMÍLIA

Primogenitura é o costume social de conceder ao primeiro filho nascido o direito natural de suceder ao pai como chefe supremo da família (Gn 27.32). Da mesma forma que um príncipe herda o direito de tornar-se rei, a primogenitura não é baseada em mérito ou talento, mas apenas na condição de um filho ter nascido primeiro. Na Bíblia, são narradas várias disputas entre primogênitos e filhos mais novos.

**27.8-10** — *Filho meu, ouve a minha voz naquilo que eu te mando*. Rebeca queria evitar que a bênção que seu marido planejava dar a Esaú fosse recebida por este. Aqui, Rebeca parece manipuladora e desonesta, mesmo sabendo que seu filho mais novo, Jacó, teria precedência sobre o mais velho, pois Deus já falara a ela sobre isso (Gn 25.23).

**27.11,12** — Jacó queria saber como ele se faria passar pelo irmão, pois Esaú era *cabeludo* desde que nascera (Gn 25.25). Ao dizer *me apalpará o meu pai, e serei, a seus olhos, enganador*, Jacó demonstra que temia ser descoberto pelo pai; no entanto, não menciona em momento algum que a sua atitude era errada.

**27.13-20** — *E Jacó disse a seu pai: Eu sou Esaú, teu primogênito*. Jacó mentiu para receber a bênção principal (espiritual) invocada por Isaque. Isso indica o quão longe Jacó era capaz de ir para atingir seus objetivos.

**27.21-27** — *Ora, chega-te e beija-me, filho meu*. Isaque teve de apalpar Jacó (v. 21,22), ouvi-lo (v. 22), questioná-lo (v. 24), beijá-lo e cheirá-lo (v. 26,27) para confirmar sua identidade e, finalmente, acreditar nas mentiras que o filho contava. Para cada uma das mentiras que Jacó falava, era preciso outra para encobrir a anterior e conferir veracidade ao discurso.

**27.27-29** — Ironicamente, Isaque começou a sua bênção descrevendo o cheiro rústico das vestimentas de seu filho, sinal de que Jacó conseguira enganá-lo trajando as roupas de Esaú.

*Sirvam-te povos, e nações se encurvem a ti*. Isaque predisse que os descendentes de Jacó obteriam supremacia sobre todos os povos. Jesus,



como o Rei dos reis e descendente de Jacó, cumpriu essa predição (1 Tm 6.14-16).

*Sê senhor de teus irmãos.* O termo em hebraico *gebîr*, traduzido como *senhor* (também aparece no v. 37), está relacionado ao significado da palavra *herói* (Js 1.2; Is 9.6) e descreve aquele que é valente e corajoso.

Quando mencionou *de teus irmãos*, Isaque tinha a intenção de que Jacó se curvasse diante de Esaú. Mas, por causa do engano, Isaque abençoou Jacó em vez de Esaú.

Inconscientemente, o patriarca o fez usando as palavras pronunciadas pelo Senhor a Abrão (Gn 12.3), *malditos sejam os que te amaldiçoarem, e benditos sejam os que te abençoarem*. Como resultado dessa bênção, Jacó se tornou o herdeiro da aliança eterna entre os descendentes de Abraão e o Senhor.

**27.30-32** — *E disse-lhe Isaque, seu pai: Quem és tu? E ele disse: Eu sou teu filho, o teu primogênito, Esaú.* Certamente Isaque reconheceu a voz de seu filho mais novo.

**27.33** — Profundamente abalado, Isaque se deu conta de que fora enganado por Jacó. Mesmo assim, disse a Esaú que Jacó *também seria bendito*, visto que, na cultura daquela época, os compromissos estabelecidos e as palavras pronunciadas não podiam ser revogados, como acontece hoje. A bênção de Isaque era muito poderosa, pois estava respaldada na promessa do Senhor (v. 27-29). Por isso, não poderia ser retirada.

**27.34** — *Esaú, ouvindo as palavras de seu pai, bradou com grande e mui amargo brado e disse a seu pai: Abençoa-me também a mim, meu pai.* São visíveis o sofrimento intenso e o desespero de Esaú. Por ser o filho amado de Isaque, certamente este o abençoaria também. Contudo, a bênção principal fora dispensada a Jacó.

**27.35** — Jacó apropriou-se da bênção destinada a Esaú, utilizando meios ardilosos. Neste diálogo entre Esaú e seu pai, este descobre o engodo e conta ao filho como isso aconteceu, dizendo: *veio o teu irmão com sutileza e tomou a tua bênção.* Em Gênesis 29.25, constatamos que, tempos depois, Jacó estaria sujeito aos mesmos sentimentos que Esaú ao ser enganado por seu tio Labão.

**27.36-38** — *Então, disse ele [Esaú]: Não foi o seu nome justamente chamado Jacó?* Neste momento, Esaú alude ao significado do nome Jacó, *aquele que agarra o calcanhar*, para insinuar que este, mais uma vez, teria feito jus ao nome que recebera, tomando a bênção do verdadeiro primogênito. Esaú provavelmente esperava superar a perda do seu direito à primogenitura (Gn 25.29-34) por meio da bênção poderosa de Isaque. Mas, usando de astúcia, Jacó conseguiu obter também a bênção que Esaú receberia de seu pai, que era irrevogável (v. 37). Totalmente angustiado, Esaú insistiu com Isaque para este o abençoar, repetindo nos versículos 36 e 38 a seguinte pergunta: *tens uma só bênção, meu pai?*

**27.39** — A bênção proferida a Esaú teve muito menos intensidade do que a proferida a Jacó (para ler acerca da bênção reservada a Ismael, veja Gn 16.11,12).

**27.40** — A bênção a Esaú afirmava que ele serviria a seu irmão. Contudo, por fim, ele se libertaria desse jugo.

**27.41** — Os sentimentos de Esaú agora eram transparentes. Ele passou a odiar seu irmão. Assim, pensou num plano para matar Jacó, fato que se assemelha à passagem do assassinato de um irmão pelo outro em Gênesis 4.

**27.42-45** — Aparentemente, Esaú revelou sua decisão perversa a alguém. De novo, Rebeca interferiu em favor de seu filho preferido, Jacó, ordenando a este que fosse para a casa de *Labão*, tio dele, em *Harã* (cap. 24). Anos antes, em sua cidade, Labão servira de anfitrião ao servo de Abraão (Gn 24.29). Inicialmente, a intenção da matriarca era enviar seu filho por um curto período de tempo. Contudo, *alguns dias* se converteram em 20 anos (Gn 31.38,41).

*Por que seria eu desfilhada também de vós ambos num mesmo dia?* A preocupação de Rebeca era ficar sem ambos os filhos se Esaú matasse Jacó: este morreria, e aquele, como Caim, seria exilado de seu povo. Infelizmente, ela morreu antes do retorno de Jacó (Gn 31.18; 35.27-29).

**27.46** — *Se Jacó tomar mulher das filhas de Hete.* Rebeca falou com Isaque a respeito da viagem de Jacó, reforçando sua preocupação com a

escolha da futura esposa de seu filho mais novo. O casal já sentira o pesar do casamento de Esaú com as mulheres hititas (Gn 26.34,35). Além disso, Isaque encontrara Rebeca em Harã, o que significa que nesse lugar Jacó também poderia encontrar uma esposa que adorasse o Senhor, e não outros deuses.

**28.1** — Isaque concordou com sua esposa, Rebeca, que um casamento entre Jacó e uma mulher cananeia idólatra não seria bom, pois esta levaria seus deuses falsos para a casa dos herdeiros da promessa divina.

**28.2** — *Padã-Arã* é uma região localizada ao norte de Arã (Síria), perto do rio Eufrates.

**28.3** — *Deus Todo-poderoso*. Esta expressão, do hebraico *El Shaddai*, é usada quando Deus escuta as orações ou fala com Abraão, Isaque e Jacó (Gn 35.11). Tempos depois, Deus se apresentaria a Moisés usando o mesmo nome (Êx 6.3).

**28.4** — Isaque deu formalmente a *bênção* a seu filho Jacó, a mesma que no passado Deus dera a Abraão (Gn 12.1-3). Ele abençoou o filho e sua *semente*. O termo hebraico traduzido como *semente* (ou descendência) pode referir-se a uma só pessoa (Gn 3.15) ou a uma nação. A mesma palavra é usada na passagem que designa o Messias vindouro, Jesus Cristo (Nm 24.7; Is 6.13).

**28.6-9** — Esaú quis redimir-se aos olhos do pai por ter casado com mulheres hititas. Cumprindo o que era o desejo de Isaque e acreditando que com isso se enquadraria nos padrões que o patriarca estabelecera para Jacó (v. 1), Esaú se

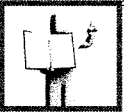
casou com *Maalate, filha de Ismael*, que é a mesma mulher que Basemate, citada em Gênesis 36.3. Infelizmente, Esaú não conseguiria retomar o que perdera, pois, como foi dito, a bênção era irrevogável.

**28.10,11** — O uso da palavra *pedra* para descrever o travesseiro é incerto. Talvez ela estivesse apenas perto da cabeça de Jacó, e não sob esta.

**28.12** — *E [Jacó] sonhou*. O modo como aconteceram as revelações de Deus nas histórias patriarcais varia. Esta é a primeira vez que o Senhor se revela por meio do sonho.

**28.13** — *Eu sou o Senhor [...] esta terra em que estás deitado ta darei a ti e à tua semente*. Deus se identificou como o Deus de Abraão e de Isaque. Mais tarde, Ele também seria identificado como o Deus de Jacó (Êx 3.15). Em sua bênção, Isaque tinha dito que Jacó herdaria essa terra (v. 3,4). Agora, o próprio Deus estava prometendo isso ao filho de Isaque.

**28.14** — O Senhor confirmou a bênção que Isaque dera a Jacó a respeito de seus descendentes (v. 3,4); era a bênção de Abraão: *Em ti e na tua semente serão benditas todas as famílias da terra*. Toda vez que a aliança abraâmica era renovada, Deus repetia a promessa a fim de mostrar Sua misericórdia a todos os povos mediante os descendentes de Abraão (Gn 12.3;22.18;26.4). O termo *semente* faz referência aos filhos de Jacó, aos descendentes dele, à nação de Israel, bem como Àquele que viria para reconciliar a humanidade com Deus (como em Gn 3.15; Is 6.13).



## ENTENDENDO MELHOR

### AS TÁBUAS DA CIDADE DE MARI

Não se sabe ao certo quando os patriarcas nasceram. As estimativas da época em que viveram Abraão, Isaque e Jacó datam de 2.100 até 1.800 a.C. Estas datas nos indicam que o período patriarcal foi anterior ou simultâneo ao período da escrita das tábuas de Mari, cuja origem, segundo dados arqueológicos, situa-se entre 1.813 e 1.760 a.C.

Mari era uma cidade importante, localizada entre a Babilônia e o mar Mediterrâneo, às margens do rio Eufrates. Inserida nas rotas das caravanas, tornou-se rica por causa do comércio de mercadorias, e, mesmo que isso não seja mencionado na Bíblia, é conhecida historicamente por causa da grande quantidade de documentos arqueológicos descobertos naquela área. Mais de 20 mil tábuas de argila foram encontradas durante a escavação do local.

As tábuas de Mari mencionam muitas vezes as cidades de Naor e Harã. Abraão (Gn 11.31) e Jacó (Gn 27.43; 28.10) viveram em Harã, e o servo de Abraão viajou até Naor (Gn 24.10). Parte da informação que é descrita nas tábuas de Mari em relação aos antigos aspectos culturais é conhecida publicamente por causa dos patriarcas.



## APROFUNDE-SE

### BETEL

- Uma cidade da Palestina localizada a 20 km ao norte de Jerusalém.
- Conhecida originalmente pelo nome de Luz, foi renomeada por Jacó e chamada de Betel, *casa de Deus* (Gn 28.19). Mais tarde, seria ridicularizada pelos profetas (Jr 48.13), especialmente por Oséias, que a chamou de Bete-Aven, *casa de ídolos ou de prostituição* (Os 4.15; 5.8; 10.5).
- Ficava próxima ao lugar onde Abraão construiu um altar dedicado à aliança com Deus (Gn 12.8; 13.3).
- Foi o local onde Jacó ergueu uma pedra como coluna demarcando a área em que tivera o sonho com os anjos subindo e descendo uma escada (Gn 28.10-22).
- Região onde permaneceu a arca da aliança no período dos juízes (Jz 20.26,27).
- O lugar onde o rei Jeroboão de Israel estabeleceu por vontade própria um sistema de adoração. Ele mandou fazer altares e bezerros de ouro e pôs um deles em Betel (1 Rs 12.28-33; 13.1-32; 2 Rs 10.29).
- Região onde Josias queimou e destruiu os santuários e ídolos pagãos (2 Rs 23.15).
- Foi repovoada após o exílio na Babilônia (Ed 2.28; Ne 7.32).
- Não é mencionada no Novo Testamento.
- O lugar é hoje a vila de Beitin.
- Não confundir com a Betel do território de Simeão (1 Sm 30.27), que pode ser o mesmo que Betul (Js 19.4) ou Betuel (1 Cr 4.30).

**28.15** — *E eis que estou contigo.* Exatamente no momento em que Jacó estava sozinho, exilado, fugindo da ira de seu irmão, Deus usou de misericórdia, reafirmando Suas promessas. O Senhor prometeu estar com ele. Deus não escolheu Jacó por mérito, mas sim por graça, e isso se aplica a todos os alcançados pela salvação. O Senhor também viu nele um homem que cresceria em fé e em caráter. Um dia o filho mais novo de Isaque deixaria de ser Jacó, *aquele que vence* (Gn 28.3-6), e se tornaria Israel, *Deus persevera!* (Gn 32.28).

**28.16** — *O Senhor está neste lugar, e eu não o sabia.* Deus toma a iniciativa de procurar-nos e confrontar-nos.

**28.17** — O temor a Deus é parecido com o medo. A diferença é que o *temor a Deus* remete à admiração, adoração e ao respeito às Suas leis (Gn 22.12; Êx 20.20; Pv 1.7). No caso de Jacó, medo e temor se misturaram. Então ele se deu conta: *Este não é outro lugar senão a Casa de Deus; e esta é a porta dos céus.* Jacó temeu e tremeu porque Deus manifestou-se a ele ali, no exato lugar onde ele estava dormindo!

**28.18** — *Então, levantou-se Jacó pela manhã, de madrugada, e tomou a pedra que tinha posto por sua cabeceira, e a pôs por coluna, e derramou azeite em cima dela.* Para comemorar o grande acontecimento, Jacó tomou a pedra como coluna e a ungiu, a fim de consagrá-la a Deus. Um tempo

depois, ele se referiria ao Senhor como *a Pedra de Israel* (Gn 49.24). [Leia sobre a consagração do tabernáculo por Moisés em Levítico 8.10-12.]

**28.19** — *E chamou o nome daquele lugar Betel,* que significa *casa de Deus*. O Senhor também aparecera a Abraão perto desse local (Gn 12.7,8).

**28.20** — *E Jacó fez um voto.* Apesar de ter feito um voto com Deus, algo que geralmente se fundamenta nos anseios do homem, Jacó o baseou nas promessas do Senhor a ele.

**28.21,22** — *De tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo.* Jacó prometeu a Deus que daria a décima parte de suas posses a Ele. Não se sabe por qual motivo essa porcentagem foi estipulada. Seu avô, Abraão, dera a mesma porção a Melquisedeque, o rei de Salém, que adorava o Deus altíssimo. Posteriormente, a Lei mosaica estabeleceu que o dízimo deveria ser entregue a Deus (Dt 14.22).

**29.1** — *Os filhos do Oriente* não eram cananeus.

**29.2-4** — Os pastores naturalmente utilizavam o *poço*. Jacó conheceu Raquel diante de um poço, da mesma forma que o servo de Abraão encontrou a esposa de Isaque num poço. Talvez até o local fosse o mesmo. Em razão de Deus ter feito com que muitos eventos importantes ocorressem junto a poços, eles se tornaram símbolo do cuidado e da bênção de Deus (Gn 16.14; 21.19,30; 26.32; Is 12.3; Jo 4.1-26).

29.5 — O termo *filho* é usado aqui num sentido amplo. Na verdade, *Naor* era o avô de *Labão* (Gn 22.20-23), e o pai deste era *Betuel* (Gn 24.15,50).

29.6-8 — *Está ele bem?* Ao perguntar sobre *Labão*, no idioma original, *Jacó* emprega o termo *shalom*, utilizado na narrativa bíblica de um modo peculiar. Quanto ao nome *Raquel*, é uma palavra carinhosa que significa *ovelha meiga*. Ela era filha do irmão da mãe de *Jacó*, ou seja, sua prima.

29.9,10 — *Estando ele* [*Jacó*] *ainda falando com eles* [os pastores]. Enquanto *Jacó* conversava com os pastores de *Labão*, a aproximação de *Raquel* se deu como um reflexo da chegada de *Rebeca* ao poço há muitos anos (Gn 24.15-20). Mais uma vez, a sincronia de Deus foi perfeita (leia sobre *Boaz* e *Rute* em Rt 2.3).

29.11 — *E Jacó beijou a Raquel*. Sem dúvida alguma, o filho mais novo de *Isaque* ouvira muitas vezes a história do momento em que sua mãe conheceu o servo de *Abraão* junto ao poço. *Jacó* sabia que o encontro deles havia sido providenciado por Deus.

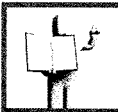
29.12-15 — *Porque tu és meu irmão, hás de servir-me de graça? Declara-me qual será o teu salário*. Neste momento, a história tomou um novo rumo. *Labão* se tornou um mercador de ovelhas, um bom parceiro para *Jacó*, *aquele que vence*.

29.16 — *Léia* era a irmã mais velha de *Raquel*. Seu nome significava *bezerra selvagem* e provavelmente era um termo valoroso.

29.17 — A expressão que descreve os olhos de *Léia*, *olhos tenros*, transmite a ideia de meiguice ou fragilidade no olhar. Quanto a *Raquel*, sua caracterização é similar à de *Sarai* (Gn 12.11) e à de *Rebeca* (Gn 24.16): *bonita e atraente* (NVI) ou *de formoso semblante e formosa à vista* [ARC].

29.18,19 — *Jacó amava a Raquel*. Este é um exemplo bíblico raro de amor à primeira vista. [Para ler sobre outro, veja o que ocorreu entre os pais de *Jacó*, em Gênesis 24.67.] Com o intuito de casar-se com *Raquel*, *Jacó* prestou serviços ao pai da jovem por sete longos anos, o que demonstra a grande apreciação do rapaz pela moça.

29.20,21 — *E* [os sete anos] *foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava*.



## ENTENDENDO MELHOR

### AS MULHERES DO MUNDO ANTIGO

As memórias de *Léia* e *Raquel* estão entre os escritos e as histórias que sobreviveram do mundo antigo. Aproximando-nos o máximo deste universo primitivo, podemos dizer que muitas culturas viam as mulheres como uma propriedade. Além disso, os homens que escreviam a literatura daquele período tinham a tendência de negligenciar a presença e a importância do sexo feminino.

Na contramão deste cenário, a Bíblia inclui as mulheres e mostra-nos o seu papel às vezes de liderança, bem como suas contribuições e seus sentimentos, não enfocando apenas os pecados e os fracassos. Acima de tudo, as Escrituras nos fornecem relatos justos tanto de homens como de mulheres do mundo antigo.

Esta é uma expressão extraordinária de amor romântico na Bíblia.

29.22 — *Então Labão reuniu todo o povo daquele lugar e deu uma festa* (NVI). O termo hebraico traduzido como *festa* indica que houve fartura de comida e bebida, como se pode observar na versão Almeida Revista e Corrigida, em que é empregado o vocábulo *banquete*.

29.23 — *E aconteceu, à tarde, que tomou Léia, sua filha, e trouxe-lha. E* [*Jacó*] *entrou a ela*. Uma festa realizada publicamente para celebrar o casamento fez com que a união entre *Jacó* e *Léia* se tornasse oficial.

29.24,25 — *E aconteceu pela manhã ver que era Léia*. Somente pela manhã *Jacó* reconheceu quem realmente havia se deitado com ele. Deve ter sido inacreditável para o esposo e um enorme pesar para *Léia*. Este acontecimento também causou uma dor profunda em *Raquel*. O golpe sujo de *Labão* não só demonstrou desprezo da parte deste por *Jacó*, como também ressaltou seu desinteresse pelos sentimentos de suas duas filhas. Toda essa situação evidencia que naquela época as mulheres não tinham poder e nem direito de opinião diante dessas circunstâncias. Perante esse evento deplorável, *Jacó* expressa ao sogro toda a sua revolta, perguntando: *Não te tenho servido por Raquel? Por que, pois, me enganaste?* A palavra traduzida do hebraico como *enganar* quer dizer agir traiçoeiramente ou *trair* (1 Sm 19.17). *Jacó*,

que outrora enganara o irmão, agora também havia sido enganado por Labão (Gn 27.35).

**29.26** — *Não se faz assim no nosso lugar, que a menor se dê antes da primogênita.* Segundo a NVI, Labão respondeu [a Jacó]: “Aqui não é costume entregar em casamento a filha mais nova antes da mais velha”. Nota-se claramente que Labão utilizou como justificativa para seu ato fraudulento a tradição ou a cultura da região onde vivia. Contudo, não se sabe ao certo se o costume era esse.

**29.27** — *Cumpra a semana desta; então te daremos também a outra, pelo serviço que ainda outros sete anos servires comigo.* Labão enganou Jacó a fim de conseguir mais sete anos de trabalho do genro. [Para saber outras informações a respeito dos acordos de Labão envolvendo seu rebanho, leia Gn 31.7,41.] No entanto, Jacó amava tanto Raquel que acabou concordando com essa proposta (v. 28).

**29.28,29** — Da mesma forma que Zilpa em relação a Léia (v. 24), Bila mais tarde geraria um filho de Jacó, com o consentimento de Raquel, por causa da esterilidade desta (Gn 30.3-8).

**29.30,31** — *Vendo, pois, o SENHOR que Léia era aborrecida, abriu a sua madre; porém Raquel era estéril. Aborrecida* (v. 33) quer dizer *desprezada*, termo empregado na NVI. O Senhor, por Sua graça, fez com que Léia tivesse um filho porque ela era rejeitada pelo marido. No antigo Oriente Médio, a cultura valorizava somente a mulher que podia ter filhos, especialmente meninos. Embora Raquel fosse a esposa amada por Jacó, ela era estéril. Raquel desejava a capacidade que Léia tinha

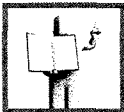
de engravidar, enquanto Léia almejava o amor que Jacó dava a Raquel.

**29.32** — Léia orou ao Senhor para que Ele lhe desse um filho. Talvez ela tenha bradado entusiasmada “aqui está o filho!” quando Rúben nasceu, pois é exatamente isso que o nome dele significa. A fé de Léia em *Yahweh* é atestada em seu reconhecimento de que o Senhor olhara por sua necessidade e encontrara uma forma de recompensá-la.

Este acontecimento nos lembra a história de Ana (1 Sm 1) e o grande exemplo do amor leal de *Yahweh* no Salmo 113.9. Porém, há outros aspectos a serem destacados além do exemplo isolado da concepção de um filho. Desde o nascimento de Caim (Gn 4.1), podem ser observadas inúmeras passagens do Antigo Testamento que relatam a persistência dos casais quanto à preservação da linhagem. Léia e Raquel se enquadram neste padrão, da mesma maneira que, antes delas, Sara e Rebeca. Por fim, essa busca pela perpetuação da descendência leva ao nascimento do Salvador (Mt 1.18-25), realizando-se assim o cumprimento da promessa original de Deus a Eva: dela viria a Semente que triunfaria sobre o inimigo (Gn 3.15).

**29.33** — O nome *Simeão* celebra o fato de que Deus ouviu as súplicas de Léia novamente. Ele atendeu às orações da filha mais velha de Labão porque observava seu trágico relacionamento com o marido.

**29.34** — Tempos depois, Deus escolheria a tribo de Levi para que dela se originassem os sacerdotes do tabernáculo. Assim, o nome *Levi* quer dizer *ligado a Deus*.



## ENTENDENDO MELHOR

### CONCUBINAS

Léia e Raquel, as esposas de Jacó, usaram suas servas na disputa pessoal que travaram para dar filhos ao patriarca (Gn 30.3-13). Desta forma, as duas criadas, Zilpa e Bila, tornaram-se esposas ilegítimas, ou concubinas de Jacó.

A prática da união sexual com servas, uma forma de poligamia, era aceita na primitiva sociedade do Oriente Médio. Geralmente, a concubina era uma escrava com quem o líder da família tinha liberdade para manter relações sexuais. Ela não possuía a mesma posição social que uma esposa legítima, mas também não podia ser vendida caso o dono perdesse o interesse. Entretanto, os direitos dessas mulheres variavam de cultura para cultura.

Uma das principais justificativas para se manter uma concubina era o fato de que ela poderia gerar um filho (caso a esposa fosse estéril), e este, na falta de outro filho, tornava-se o principal herdeiro.

**29.35** — *Judá*, o último dos quatro filhos de Léia e Jacó, recebeu um nome que está relacionado (ou possui a pronúncia muito parecida) com a palavra mais usada na Bíblia para *louvor ao Senhor* (*yadâ*). Este verbo é traduzido como *agradecer*, mas seu significado mais apropriado é *agradecer publicamente* (Sl 118.1). Neste versículo, Léia e Jacó (Gn 49.8) vinculam o nome *Judá* ao louvor a *Yahweh*. Os quatro nomes dos filhos de Léia expressam a busca dessa mulher pelo amor de seu marido. Porém, em cada caso, não é concedida a Léia a grande bênção almejada.

Podemos observar também que o escritor de Gênesis não é um filólogo moderno — aquele que estuda a língua, a literatura e todos os fenômenos culturais de um povo — que transmite em cada nome os significados precisos das palavras em seu contexto histórico e desenvolvimento linguístico. Alguns desses nomes apenas soam como os vocábulos com os quais estão relacionados (*Zebulom*, em Gn 30.20). Outros são baseados em múltiplos trocadilhos (*José*, em Gn 30.24). Contudo, há aqueles a que se imprime a conotação que corresponde exatamente ao seu significado.

**30.1** — A declaração de Raquel: *Dá-me filhos, senão morro* remete a amargos sentimentos de inveja e ciúme. A *inveja* normalmente pressupõe também um acentuado sentimento de ciúme (Gn 37.11), que leva a pessoa a agir com raiva em relação à outra (Nm 25.11; 1 Rs 19.10; Zc 8.2). A inveja de Raquel nos lembra a inveja que Sarai sentiu de Agar por esta poder gerar filhos, e ela não (Gn 16).

**30.2** — *Então, se acendeu a ira de Jacó contra Raquel*. Algumas vezes, costumamos definir o estado de alguém muito furioso como “vermelho de raiva”. Em meio à confusão familiar, que estava crescendo por causa das acusações mútuas, é fascinante a palavra hebraica usada para *raiva*, que poderia ser traduzida literalmente como *o nariz de Jacó queimou*. O rosto barbado do homem semita adulto deixava mais visível o nariz ruborizado, de onde se originou esta expressão.

*Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?* A fúria de Jacó contra sua esposa enciumada revelou-se uma transferência de culpa.

Era como se Jacó dissesse: não me culpe; culpe Deus! De forma diferente de nós, o Senhor é muito paciente e compassivo (Sl 103.8; Mq 7.18). Pode-se também usar a expressão hebraica *longo de nariz*, o que significa que é extremamente difícil fazer com que Deus fique furioso.

**30.3-5** — O desespero de Raquel fez com que ela desse sua serva *Bila* a Jacó, para que um filho fosse gerado, sendo considerado dela. [É isso que, no hebraico, significa *ter um filho sobre os joelhos de alguém*]. Esta era uma prática socialmente aceita no antigo Oriente Médio e era uma forma de a esposa proteger seu casamento contra a infertilidade. Um homem podia pedir o divórcio se sua mulher não pudesse dar-lhe filhos.

**30.6** — Ao nomear seu filho de *Dã*, uma palavra hebraica que significa *juiz*, Raquel agradecia a Deus por ter ouvido suas súplicas e respondido a elas, fazendo-lhe justiça.

**30.7,8** — O nome do segundo filho da serva de Raquel, *Naftali*, o qual também foi gerado por uma mãe substituta, significa *minha luta*. Desta forma, Raquel reforçou a veemência de sua batalha ao competir com a irmã.

**30.9-13** — Léia estava muito feliz por causa de sua numerosa prole, e deu a seu filho o nome de Aser.

**30.14** — *As mandrágoras* são um tipo especial de erva que as pessoas do antigo Oriente Médio usavam para favorecer a concepção. Seu aroma é tido como afrodisíaco (Ct 7.13). A descoberta das mandrágoras por Rúben levou a uma nova disputa entre Léia e Raquel. Por fim, em troca da erva, Raquel “alugou” Jacó para Léia por uma noite, e Léia *deitou-se* com ele.

**30.15-18** — O significado de *Issacar* ainda está sendo discutido. Em geral, o termo é interpretado como *alugar*. Assim, *Issacar* talvez queira dizer *aquele que foi alugado*, pois ele só foi concebido por causa do acordo entre Léia e Raquel. Em contrapartida, Léia novamente louvou ao Senhor porque Ele mais uma vez a recompensou dando-lhe um filho.

**30.19,20** — A palavra *dotado* (aquele que possui bens) no hebraico soa mais ou menos como *Zebulom*. O nome deriva do significado da

expressão *ser exaltado*. Desta forma, *Zebulom* quer dizer *o exaltado*.

**30.21** — O nome *Diná* está relacionado à palavra hebraica que significa *juízo*.

**30.22** — Deus finalmente permitiu que Raquel tenha um filho. Os três verbos usados aqui — *lembrar-se, ouvir e abrir* (sua madre) — enfatizam que a concepção é um presente do Senhor.

**30.23** — *E ela concebeu, e teve um filho, e disse: Tirou-me Deus a minha vergonha*. Na sociedade em que Raquel vivia, uma esposa sem filhos era menosprezada.

**30.24** — Ao dar um filho a Raquel, Deus retirou a humilhação e a vergonha que pesavam sobre ela e deu-lhe contentamento. O nome que Raquel deu ao filho, José, é um jogo de palavras que soa em hebraico como a junção de dois termos: *Ele* [Yahweh] *acrescenta* [assim como também retira].

**30.25** — Com o nascimento de José, filho de sua esposa amada, Jacó estava pronto para retornar ao [seu] lugar de origem. Ele sempre quis regressar a Canaã (Gn 27.43,44). De fato, Deus havia prometido a ele que o levaria de volta à sua terra natal (Gn 28.4,15).

**30.26** — Considerando que, por ocasião da hospedagem de Jacó na casa de Labão, apenas as filhas deste são mencionadas, talvez Labão ainda não tivesse filhos homens naquela época [ou eles fossem pequenos] (Gn 29.16). Por essa razão, Jacó teria assumido a administração dos bens do sogro. O Código de Hamurabi atesta tal situação como uma prática comum no antigo Oriente Médio. Assim, Jacó e sua família eram considerados parte do clã de Labão e herdeiros deste (v. 43). Contudo, com o tempo, os filhos de Labão [tendo nascido e crescido] ameaçaram a posição privilegiada de Jacó na família (Gn 31.1). Assim, neste versículo, Jacó pede a Labão que o deixe partir.

**30.27** — Deus prometera abençoar as outras pessoas por meio dos descendentes de Abraão (Gn 12.2,3). Nesta passagem, Labão reconhece que o Senhor *abençoou* por amor de Jacó. Mais adiante, Deus abençoaria uma família egípcia por intermédio de José (Gn 39.5).

**30.28** — *Disse mais* [Labão]: *Determina-me o teu salário, que to darei*. Estas palavras não devem

ter soado muito bem para Jacó, dada a sua experiência anterior em tratar de negócios com Labão (Gn 29.15-30;31.7).

**30.29,30** — Jacó confirma a bênção: *O Senhor te tem abençoado por meu trabalho*. Labão (v. 27) e Jacó reconhecem que Deus foi o responsável pela prosperidade e pelo aumento do rebanho.

**30.31,32** — Possivelmente, Labão propôs que o salário de Jacó fosse os animais salpicados, malhados ou morenos, porque estes animais estavam em menor número do que os demais; assim, mais uma vez Labão levaria vantagem no acordo.

**30.33** — *Assim, testificará por mim a minha justiça no dia de amanhã, quando vieres e o meu salário estiver diante de tua face; tudo o que não for salpicado e malhado entre as cabras e moreno entre os cordeiros ser-me-á por furto*. Com estas palavras, Jacó assegurou a sua fidedignidade e selou o acordo.

**30.34** — *Então, disse Labão: Tomara que seja conforme a tua palavra*. O negócio estava fechado.

**30.35,36** — *Três dias de caminho* representava uma distância de aproximadamente 100 km. Essa era a distância que separava os rebanhos de Jacó e de Labão. Desta forma, eles não corriam o risco de os animais se misturarem. Jacó continuou a cuidar dos rebanhos de Labão.

**30.37-40** — Jacó colocou *varas verdes de álamo, e de aveleira, e de castanheiro*, descascadas, junto aos bebedouros para ver se os animais do rebanho nasciam listrados, salpicados e malhados (v. 27; compare com Gn 31.5,9,10). De fato, Deus abençoou Jacó como havia prometido (Gn 28.13-15). Jacó adicionou os animais salpicados, malhados e listrados ao seu rebanho, conforme o acordo que fizera com Labão.

**30.41-43** — As varas eram um símbolo do desejo de Jacó de que Deus o abençoasse fazendo com que os animais do rebanho de Labão concebessem crias salpicadas, listradas e malhadas. Deus revelou em um sonho que faria tudo aquilo (Gn 31.10), e Jacó se tornou um homem muito rico (v. 43).

**31.1** — Com inveja da prosperidade de Jacó, os filhos de Labão o acusaram de ser desonesto.

**31.2** — *Viu também Jacó o rosto de Labão, e eis que não era para com ele como dantes.* Jacó percebeu que o sogro já não era mais o mesmo com ele.

**31.3-6** — Deus repetiu as promessas que fizera a Jacó em Betel. Ele disse a Jacó que estaria com ele quando este retornasse à casa de seus parentes. Esta promessa — *eu serei contigo* — está relacionada ao nome de Deus, *Yahweh* (Êx 3.12,14). Os versículos 11-13 descrevem esta revelação.

**31.7** — Jacó lembrou aos filhos de Labão: *vosso pai me enganou e mudou o salário dez vezes; porém Deus não lhe permitiu que me fizesse mal.* Labão estava fazendo Jacó de tolo. Ele sempre mudava o salário, de acordo com sua conveniência. Deus, porém, favorecia Jacó a cada mudança, não permitindo que este fosse lesado pelo sogro (compare com Gn 29.29).

**31.8** — Labão fazia e desfazia os acordos à medida que olhava os tipos de animais que nasciam. Mas, a cada novo trato, Deus aumentava o rebanho de Jacó.

**31.9-11** — O Anjo de Deus equivale ao Anjo da genuína divindade. Deus se revelou a Jacó em sonho (Gn 28.13-17;32.22-30). Deus chamou Jacó pelo nome, que significa *Ele* [o Senhor] *vence*. No passado, Jacó alcançou aquilo que almejava [a bênção de Isaque] enganando o pai, fingindo ser Esaú. Contudo, Jacó conseguiu uma

grande prosperidade porque Deus abençoou o trabalho honesto dele. O Senhor venceu! Mesmo que o nome *Jacó* seja mudado para Israel em Gênesis 32.28, ele continuará a ser um termo que indica a obra de Deus na vida do filho de Isaque (Gn 46.2; Sl 114.7).

**31.12,13** — O Senhor se identificou como o mesmo Deus que se revelara a Jacó em Betel (Gn 28.10-19).

**31.14** — Raquel e Léia concordaram que era adequado deixar a casa de seu pai, apesar das amarras culturais que, em outra situação, fariam com que elas continuassem integrando o clã de Labão (Gn 30.26).

**31.15** — Ambas as filhas se ressentiam da maneira como o pai as *vendera* (Gn 29.15). Além disso, elas tinham plena certeza de que tudo o que Deus havia tirado de Labão pertencia a elas por direito.

**31.16-19** — Tendo em vista que Raquel furtou imagens de ídolos do pai, a família de Labão, embora cresse no Deus de Abraão, era politeísta (admitia muitos deuses). Naquela cultura, a posse dos ídolos do clã assegurava à pessoa direitos como herdeiro principal. Raquel provavelmente não roubou tais imagens a fim de adorar tais ídolos, mas sim para assegurar para Jacó [ou José] os direitos como principal herdeiro de Labão. No



## PERFIL

### AJUDAR DEUS À SUA PRÓPRIA MANEIRA

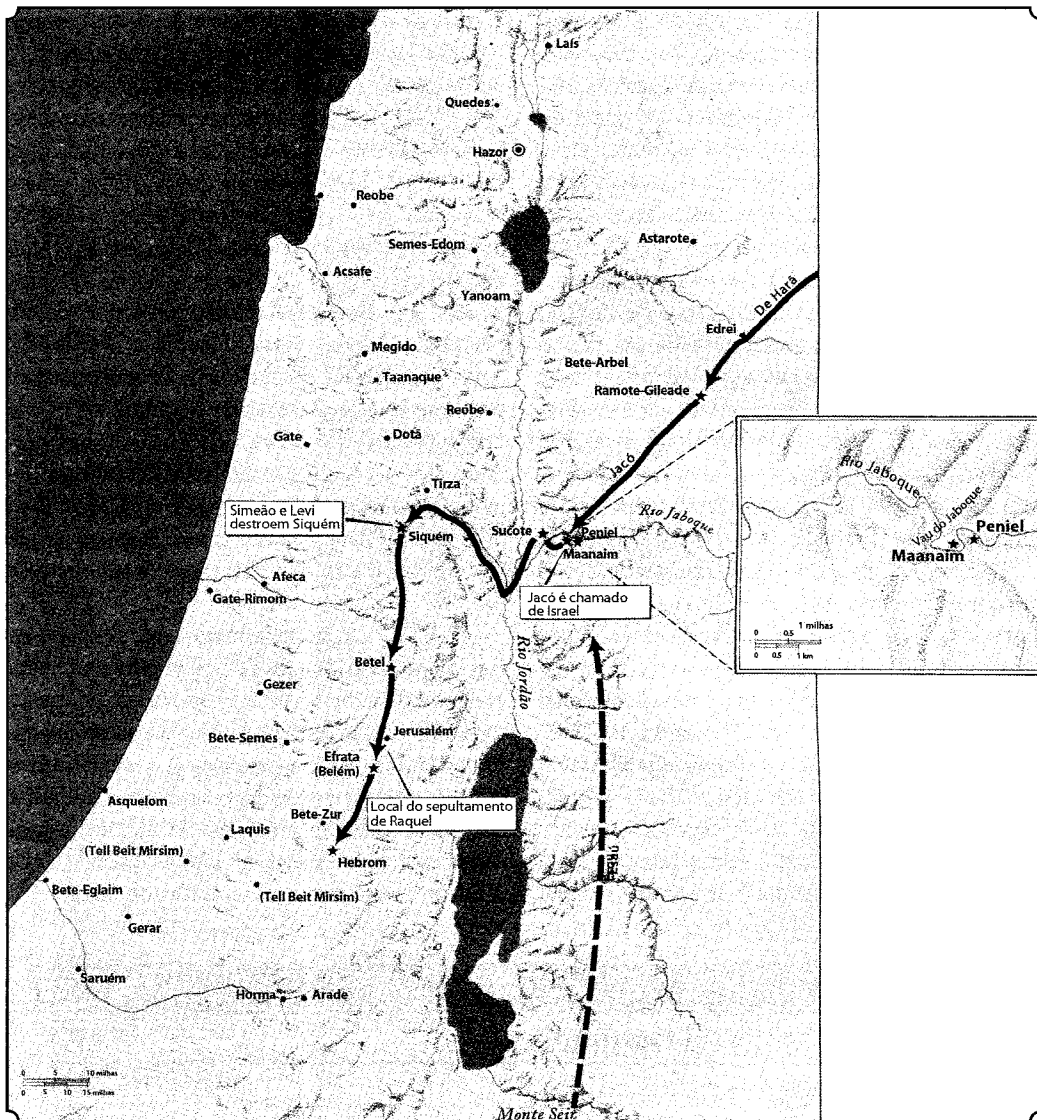
Podemos ver claramente, mediante a experiência com Labão, que Jacó tinha a tendência de encontrar a sua própria maneira de "ajudar" Deus a resolver problemas difíceis.

Labão foi um sogro bastante difícil de lidar. Ele sempre encontrava novos meios de enganar o seu genro — podemos lembrarnos do dia em que ele trocou uma filha pela outra no casamento (Gn 29.14-30), ou de quando manipulou os negócios da família (Gn 30.25-36).

Jacó respondia às afrontas de Labão como um homem reto e de princípios, até que, por fim, Deus disse a Jacó que retornasse à sua terra natal com a promessa de que durante todo o percurso o Senhor estaria com ele (Gn 31.3). Mas, em vez de confiar em Deus e conversar às claras com Labão, para ir embora em paz, Jacó reclamou com as suas esposas, resolveu fugir em segredo (Gn 31.17-21). Perseguido e alcançado por Labão, Jacó tentou justificar-se, mas depois falou de toda a sua raiva e do seu ressentimento em relação a ele (Gn 31.36-42).

Grande parte de toda essa confusão poderia ter sido evitada se Jacó simplesmente tivesse confiado em Deus e agido conforme a promessa de ter o Senhor ao seu lado. Mas, em vez disso, ele complicou ainda mais a sua já conturbada família, ao desabafar com as filhas de Labão, que se voltaram contra o pai, enganando-o e sendo desleais com este (Gn 31.4-16).





A viagem de Jacó na terra de Canaã

entanto, a bênção de Deus era mais importante para Jacó do que qualquer privilégio decorrente do fato de ele ser considerado herdeiro de Labão.

31.20,21 — Neste contexto, quando o nome de um rio não é mencionado, geralmente é o Eufrates. Jacó estava prestes a repetir a viagem que fizeram o seu avô e a sua avó anos antes. Como Abrão e Sarai (Gn 12.1-4), ele também rumava para Canaã.

31.22-25 — *Veio, porém, Deus.* Que expressão maravilhosa! O homem faz o que é capaz de fazer. Deus, porém, estando sempre no controle de tudo, pode intervir a qualquer momento, e realizar o impossível. Como é dito popularmente, “o homem põe, mas Deus dispõe”. Isso quer dizer que o ser humano planeja, mas Deus intervém, e responde segundo a Sua vontade.

O termo descritivo para Labão, o *arameu* (v. 24), é interessante. A palavra *arameu* (ou sírio) lembra-nos de que, embora Labão, suas filhas e Jacó formassem uma família, Labão não fazia parte da linhagem de Abraão nem da aliança divina.

*Veio, porém, Deus a Labão, o arameu, em sonhos.* De tempos em tempos, Deus avisava a algumas pessoas que não prejudicassem Seu povo. (Leia sobre o sonho de Abimeleque em Gênesis 20.3,6 e sobre o encontro de Deus com Balaão em Gênesis 22.12,20.)

**31.26,27** — Labão acusou Jacó de ter partido subitamente e ter raptado Léia e Raquel como se fossem *prisioneiras* (NVI). Tudo o que Labão falava era blefe, e Jacó sabia disso.

**31.28** — Quando Labão disse que Jacó agiu *loucamente*, conferiu às suas palavras um tom de ameaça, o que novamente nos mostra duplicidade na fala do sogro de Jacó.

**31.29** — Labão revelou: *O Deus de vosso pai me falou ontem à noite, dizendo: Guarda-te, que não fales a Jacó nem bem nem mal.* Foi a advertência divina que refreou a raiva de Labão.

**31.30** — A principal acusação de Labão contra Jacó foi a de que este havia roubado os ídolos. Labão precisava dessas imagens para proteger a herança de seus filhos.

**31.31,32** — Jacó explicou que havia deixado a casa em silêncio por causa do medo de que Labão não permitisse que ele fosse embora com a sua família, e não porque havia roubado algo.

**31.33** — Labão, certo de que Jacó roubara seus ídolos, começou a procurá-los na *tenda* deste. Por último, entrou na tenda de *Raquel*. Podemos observar que cada pessoa tinha a sua própria tenda, uma prova de que Jacó era muito rico.

**31.34,35** — Raquel escondeu os ídolos dentro da sela do camelo e sentou-se em cima dela enquanto seu pai fazia a busca pela tenda. Labão não pôde pedir a Raquel que se levantasse porque os homens deveriam respeitar uma mulher que estivesse no período menstrual.

**31.36** — *Então, irou-se Jacó e contendeu com Labão. E respondeu Jacó e disse a Labão: Qual é a minha transgressão? Qual é o meu pecado, que tão furiosamente me tens perseguido.* Jacó, indignado,

declarou a sua raiva por causa das atitudes de Labão. A palavra traduzida como *transgressão* (hb. *pesha* ' ) significa *ultrapassar limites*. Já o termo *pecado* (hb. *hatta* 't) quer dizer *errar um alvo* (como acontece às vezes com um arqueiro). Estas palavras são mais usadas para ações contra Deus do que contra homens.

**31.37** — *Põe-no aqui diante dos meus irmãos e teus irmãos; e que julguem entre nós ambos.* Jacó também era influente. Labão foi humilhado diante de seus servos. Sua atitude em interceptar Jacó e acusá-lo tinha de ser contida.

**31.38** — Jacó, por causa de suas duas esposas, serviu a Labão por 14 anos (Gn 29.15-30). Depois disso, ele trabalhou por mais seis anos apascentando os rebanhos do sogro (v. 41), os quais *nunca abortaram*. Aqui Jacó fala de suas habilidades ao lidar com os animais de Labão. Isso por causa da bênção de Deus.

**31.39-41** — Jacó sempre foi honesto com Labão. Por isso, não achava justo que o sogro o acusasse de qualquer delito. Além disso, Jacó fez menção às mudanças de salário que Labão determinava para ele.

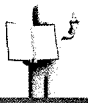
**31.42** — *O Temor de Isaque:* esse modo de referir-se ao Senhor alude ao fato de que Isaque temia a Deus, de forma respeitosa (Sl 119.120).

*Deus atendeu à minha aflição e ao trabalho das minhas mãos e repreendeu-te ontem à noite.* Talvez Jacó já soubesse que Deus tinha falado com Labão em sonho, antes de este declarar.

**31.43** — Labão considerava os filhos de Jacó uma extensão de sua própria família, da qual ele se via como o patriarca.

**31.44** — *O concerto* feito nessa situação era um trato entre duas partes iguais. A palavra *testemunho* se refere a uma lembrança permanente de um pacto importante ou a um depoimento que poderia ser usado em um tribunal.

**31.45,46** — Jacó, pela segunda vez, usou uma pedra como *coluna*, ou seja, como um memorial. Em Betel, no caminho para Harã, ele o fizera para marcar o lugar onde Deus havia falado com ele (Gn 28.18). Pouco tempo depois, o patriarca erigiria outra coluna em Betel (Gn 35.14). Além do pilar, Jacó e seus irmãos construíram um



## ENTENDENDO MELHOR

### Os ÍDOLOS FAMILIARES

Uma das passagens mais curiosas em relação aos patriarcas é o roubo dos ídolos de Labão por sua filha Raquel (Gn 31.19). A história é peculiar por causa da insistência de Labão em recuperar os deuses roubados (Gn 31.33-35), os quais não foram mencionados nem antes e nem após tal acontecimento.

As imagens provavelmente eram feitas de argila, assim como todos os outros deuses pagãos que foram encontrados em escavações, e tinham pouco valor monetário.

O texto ainda apresenta outros enigmas, como o fato de ambos os homens, Jacó e Labão, requisitarem a posse das duas mulheres (Léia e Raquel), dos filhos e dos rebanhos (Gn 31.43). A solução destas questões pode estar nas tábuas de Nuzi, indícios arqueológicos encontrados e que datam do segundo milênio antes de Cristo. Estas inscrições dizem que os ídolos de Labão eram usados como símbolos da liderança na família. Isso explica o porquê de Raquel tê-los roubado. Talvez ela quisesse transferir a posição de líder para Jacó. Isso também nos mostra a razão da insistência de Labão em tomá-los de volta para si.

*monte de pedras* (v. 51 NVI). Para selar o acordo, os homens realizaram uma refeição ao lado desse monte (Gn 26.30). Nesta ocasião, Jacó e Labão *comeram* partes dos animais que foram sacrificados para selar o trato.

**31.47,48** — Labão chamou o monte de pedras de *Jegar-Saaduta*, uma expressão em aramaico. Jacó, porém, nomeou o lugar de *Galeede*, uma palavra hebraica. [Tanto *Jegar-Saaduta* como *Galeede* significam *monte de pedras do testemunho*.] Isto é absolutamente extraordinário. A expressão que Labão usou é a única em aramaico no livro de Gênesis. Além disso, mesmo sendo uma situação bastante séria, podemos considerar no mínimo curioso o fato de dois homens que estão concordando darem nomes diferentes ao lugar e aos símbolos do acordo (uma *coluna* [v. 45], e um *montão* [v. 48]). Eles estavam mesmo em condições de concordar em alguma coisa?

**31.49** — *Mispa* significa *torre de vigia* e relaciona-se com a palavra hebraica que quer dizer *observar*. Deus mantinha Seus olhos fixos nos homens, para fazer com que eles honrassem o acordo.

**31.50** — É difícil entender o que se passava na mente de Labão. Neste versículo, ele parece mostrar muita preocupação com o bem-estar de suas filhas. Em outros momentos, ele demonstra não se importar nem um pouco com elas [quer apenas usá-las para beneficiar-se]. Aqui não parece diferente. Labão evoca *Deus* como *testemunha* do acordo selado com Jacó. Este é o ponto

crucial do versículo. Eles, por si só, não poderiam vigiar um ao outro, mas o Senhor estaria observando ambos.

**31.51,52** — O *montão* e a *coluna* (v. 45-48) eram lembretes do pacto entre Jacó e Labão. Nenhum dos dois poderia ultrapassar esses marcos e atravessar para o lado oposto com o objetivo de *prejudicar* o outro.

**31.53** — As palavras do juramento de Labão indicam que Abraão, Naor e Terá adoravam o *Deus de Abraão*. Provavelmente, a família acreditava no Senhor como o único Deus que estava acima de todas as outras coisas, o que configura a prática do monoteísmo. (Contudo, leia a passagem indicando que Terá também era politeísta em Js 24.1-3.)

**31.54,55** — *E sacrificou Jacó um sacrifício na montanha*. Em Gênesis, este é o único registro de Jacó oferecendo um sacrifício em adoração (compare com Gn 12.7,8; 22.13). *E convidou seus irmãos para comerem pão; e comeram pão e passaram a noite na montanha*. O ato de fazer uma refeição juntos selava um acordo (Gn 26.30).

**32.1** — *E foi também Jacó o seu caminho, e encontraram-no os anjos de Deus*. Em uma magnífica demonstração de proteção, Deus permitiu que Jacó visse que ele não estava viajando sozinho (2 Rs 6.17).

**32.2** — Jacó descobriu que o exército de Deus acampava ao redor de sua família. *Maanaim* [hb. *Machanayim*, de *machaneh*], *dois acampamentos militares* ou *dois exércitos*.

32.3-5 — Jacó enviou mensageiros a seu irmão, Esaú, para dizer a este que, por 20 anos, vivera com Labão, e para lhe pedir que fosse benevolente, isto é, gracioso.

32.6 — Jacó teve medo de que o encontro com o irmão representasse uma ameaça à sua família, particularmente quando soube que Esaú estava a caminho na companhia de 400 homens.

32.7 — Neste versículo, o termo hebraico para *temer, yare'*, indica apreensão e terror (Gn 31.42). Assim, Jacó dividiu sua família em dois grupos, pois, se um deles fosse atacado por Esaú, o outro teria chances de salvar-se.

32.8-11 — Jacó orou a Deus para que Ele o livrasse do ódio de seu irmão. O termo hebraico para *pai* indica tanto o genitor como um ancestral remoto. A menção a Isaque e a Abraão aponta que Jacó rogou ao Deus que falara com seus pais. Jacó lembrou ao Senhor as promessas que este lhe fizera. Ele também confessou a sua humildade diante da misericórdia divina quando usou as palavras *menor sou eu que todas as beneficências e que toda a fidelidade que tiveste com teu servo* (v. 10). Depois, pediu a Deus que o livrasse das mãos de seu irmão. Ele não orou de uma forma geral, mas foi bem específico, dando nome àquilo que o preocupava: Esaú! Finalmente, Jacó concluiu

suas orações rogando novamente ao Senhor e relembrando Sua promessa. Do mesmo modo, os cristãos de hoje podem fundamentar suas orações no caráter de Deus e nas promessas do Senhor contidas na Bíblia.

32.12-21 — Jacó havia orado com fé. Agora, ele agia pela fé. Ele separou para Esaú muitos presentes. Ao dá-los em três momentos diferentes, Jacó esperava que a raiva no coração de Esaú gradualmente se atenuasse.

32.22-24 — Jacó lutou durante toda a sua vida. No ventre de sua mãe, ele competiu com seu irmão (Gn 25.26). Depois disso, teve muitos conflitos com Labão (Gn 31). Antes mesmo de encontrar-se com Esaú novamente, teve que defender a sua vida. Jacó, que outrora havia agarrado o calcanhar de seu irmão, agora batalhava com *um varão, até que a alva subia*. Algumas pessoas acreditam que o homem que lutou com Jacó foi Jesus Cristo pré-encarnado. Outras creem que quem disputou com Jacó foi o Anjo do Senhor (Gn 21.17;31.11). Em todo caso, Jacó lutou com Deus (v. 28-30), e, por causa de Sua grande misericórdia, Jacó sobreviveu.

32.25,26 — *E vendo que não prevalecia contra ele. O varão não pôde vencer Jacó na luta, mesmo tendo a capacidade de derrotá-lo facilmente. O*



## APLICAÇÃO

### QUANDO MENOS ESPERAMOS...

Algumas vezes Deus age em nossa vida quando menos esperamos, e, em muitas ocasiões, recebemos muito mais do que merecemos.

Quando Jacó recebeu a notícia de que Esaú estava aproximando-se (Gn 32.6), ficou apavorado. Quem vinha ao seu encontro era justamente o seu irmão gêmeo — aquele que ele enganara com a ajuda da mãe para obter a bênção do pai (Gn 27.1-29) —, acompanhado de 400 homens. Jacó pensou no pior. Ele orou a Deus por Sua misericórdia e Seu livramento (Gn 32.9-12) e enviou a Esaú parte de suas posses, para que pudesse ser bem recebido (Gn 32.13-23).

Todavia, para grande surpresa de Jacó, Esaú se aproximou, beijou-o e chorou (Gn 33.4). Este tipo de bênção se deu de maneira completamente inesperada. Isso desarmou Jacó, e, em resposta, o patriarca somente pôde insistir para que o irmão ficasse com os presentes que ele enviara, talvez como uma forma de recompensa por causa da herança perdida (Gn 33.8-11).

Como ocorreu com Jacó, também somos surpreendidos com a graça e o perdão quando menos esperamos, ou quando sequer merecemos. Ao dar ao mundo a salvação por meio de Jesus Cristo, Deus concedeu um favor desmerecido ao ser humano, que, na verdade, merece condenação (Rm 3.23-25; 5.15-17; Tg 4.1-6).

Jacó insistiu em recompensar seu irmão, e Esaú, depois de certa resistência, aceitou o presente. Contudo, nunca conseguimos recompensar Deus pelo que Ele fez por nós. Entretanto, podemos aceitar a Sua oferta de amor e expressar nossa gratidão demonstrando o mesmo tipo de sentimento pelas pessoas, como o Senhor nos ensinou.

verbo hebraico traduzido como *tocou* (*naga*´) denota um toque especial de Deus, como quando Ele toca a terra (Am 9.5) ou o coração humano (1 Sm 10.26). Aqui, o toque de Deus causou dor (ver Js 9.19; 2 Sm 14.10). Mas, em meio à dor, Jacó não deixou o homem ir embora antes que este o abençoasse.

**32.27,28** — A manifestação divina na vida de Jacó confirma as promessas que foram feitas a Abraão (Gn 28.13-15). Agora, após uma longa noite lutando com o *varão* misterioso, Jacó recebeu um novo nome. O nome *Israel* significa *príncipe com Deus*, e carrega a ideia de luta e persistência, como indica o jogo de palavras nessa passagem.

**32.29** — Jacó pergunta o *nome* do homem, uma vez que Jacó já havia dito o seu. O homem não revela como se chama. Contudo, Jacó se refere a ele, em Gênesis 49.24, como o *Valente de Jacó* (ARC), ou o *Poderoso Deus de Jacó* (NVI). O Senhor um dia revelaria Seu nome a Moisés (Êx 3.14,15).

**32.30,31** — A experiência de Jacó com Deus visivelmente o transformou. Ele *manquejava da sua coxa*. Este sinal físico apontava para o impacto espiritual na vida de Jacó que teve aquele encontro no vau do Jaboque.

**32.32** — *Até o dia de hoje*. Em Gênesis, essa expressão remete ao tempo dos primeiros leitores da Bíblia. A regra judaica de não comer a parte na juntura da coxa [quadril] onde está localizado este nervo permanece na cultura moderna do judaísmo.

**33.1** — Tudo o que Jacó sabia era que Esaú estava se aproximando com 400 homens para destruir a sua família.

**33.2** — *E pôs as servas e seus filhos na frente, e a Léia e a seus filhos, atrás; porém a Raquel e José, os derradeiros*. Jacó estabeleceu um padrão e alinhou a sua família de forma a protegê-la. Ele colocou a sua esposa favorita, Raquel, e seu filho predileto por último, a fim de assegurar que, ao menos, eles fossem poupados.

**33.3** — Jacó *inclinou-se à terra sete vezes*. Essa atitude representa humildade e é sinal de contrição.

**33.4-9** — Esaú não demonstrou nenhum sinal de vingança; ao contrário, deu as boas-vindas a Jacó com grande alegria. O acontecimento se transformou em uma grande reunião de família (ver Gn 45.15).

**33.10** — Jacó disse a Esaú: *tenho visto o teu rosto, como se tivesse visto o rosto de Deus*. Jacó insistiu para que o irmão ficasse com os presentes como se fossem ofertas a Deus. Agindo assim, ele repetiu o gesto de Abraão ao presentear Melquisedeque (Gn 14.20) e, de fato, cumpriu seu voto a Deus (Gn 28.22).

**33.11** — No passado, Jacó fez tudo o que pôde para tomar a bênção de Esaú (Gn 25.29-34; 27.1-45). Nesta passagem, Jacó já havia se tornado um homem sábio e quis compartilhar a bênção de Deus com o irmão. Ele pretendia restaurar o relacionamento que fora destruído anos antes.

**33.12-16** — Após a reconciliação, os dois irmãos conversaram sobre a melhor maneira de completar a viagem e chegar ao destino. Jacó, aparentemente, não queria ficar devendo nenhum favor a Esaú, por isso recusou os que ele lhe ofereceu. Também não havia nenhum tipo de aliança entre os dois. Talvez isso signifique que, mesmo que não houvesse hostilidade de um para com o outro, eles ainda não eram companheiros.

**33.17** — Jacó parou a viagem e construiu abrigos temporários ao leste do Jordão, talvez em *Deir 'Alla*, a 1,5 km ao norte do rio Jaboque.

**33.18** — Jacó percorreu o caminho que seus avós já haviam feito até Canaã, passando por *Siquém* (Gn 12.6). Ele não morou na cidade, pois era um povoado devotado a deuses pagãos. Em vez disso, preferiu ficar fora dos muros dela, em tendas.

**33.19** — Assim como seu avô negociara terras para o sepultamento de sua avó Sara (cap. 23), Jacó comprou uma *parte do campo*. Mesmo com a promessa de Deus de conceder toda a terra à família de Abraão (Gn 12.7), esta ainda tinha de ser comprada por quem precisasse utilizá-la para um determinado fim.

**33.20** — *Jacó*, agora chamado de *Israel*, construiu um altar para adorar a Deus, da mesma forma que fizera seu avô (Gn 12.7). O nome que

ele deu ao altar, *El Elohe Israel* [Deus, o Deus de Israel, ou poderoso é o Deus de Israel] refletia a sua fé madura no Senhor. O Deus dos pais de Jacó era o seu Deus, pois Ele havia cumprido a Sua promessa e o protegido (Gn 28.13-15).

**34.1** — Aparentemente, Diná era a única filha de Léia (Gn 30.21). Era natural que ela procurasse pela companhia de outras moças.

**34.2-3** — *Siquém* viu Diná, e a forçou a ter relações sexuais com ele. O verbo traduzido como *tomou-a* (ARC), ou *violentou* (NVI), é o mesmo usado, na língua original, para descrever o estupro de Tamar por Amnom (2 Sm 13.12,14). Apesar do que fez, Siquém *amou* Diná. A expressão *falou afetuosamente à moça* significa que ele falou ao coração dela, com ternura.

**34.3,4** — O apelo de Siquém ao seu pai indica que os casamentos eram, segundo o costume, arranjados pelos progenitores.

**34.5** — Quando Jacó ouviu a respeito do acontecido, provavelmente foi tomado de fúria. O termo *contaminar* (ARC), ou *desonrar* (NVI), significa *tornar impuro*.

**34.6-10** — Hamor, o pai de Siquém, apresenta uma posição aparentemente razoável. O problema é que, caso este tipo de casamento misto acontecesse, haveria a perda da singularidade do povo do Senhor, tendo em vista que a promessa de Deus e a adoração ao verdadeiro Deus eram conceitos desconhecidos para Hamor.

**34.11,12** — *Ache eu graça a vossos olhos e darei o que me disserdes. Aumentai muito sobre mim o dote e a dádiva, e darei o que me disserdes; dai-me somente a moça por mulher.* Siquém apelou para uma ingênua expressão de amor.

**34.13** — Os filhos de Jacó responderam *enganosamente*. A proposta dos irmãos de Diná era maliciosa e enganosa (no texto em hebraico usa-se a palavra *mirmâ*, a mesma usada por Esaú para descrever as atitudes de Jacó em Gn 27.35).

**34.14-17** — Neste versículo, os filhos de Jacó usam o símbolo de sua fé e aliança com Deus — a circuncisão (Gn 17.9-14) — para debilitar os siquenitas.

**34.18** — Siquém provou o seu amor por Diná ao submeter-se à circuncisão em idade adulta.

**34.19** — Em hebraico, o verbo *agradava* utilizado neste versículo é o mesmo usado para descrever o agrado de Deus por Seu povo no Salmo 147.10,11.

**34.20-29** — Provavelmente, os outros filhos de Jacó se uniram a Simeão e a Levi para atacar a cidade. Eles deixaram que a ira, justa por causa do pecado, promovesse uma injusta e imperdoável vingança (Ef 4.26).

**34.30,31** — Jacó repreendeu seus filhos por causa do terrível comportamento deles (posto em prática em nome do Senhor). Em vez de fazerem com que a família abençoasse outras nações (Gn 12.3), eles incitaram o ódio de seus vizinhos. Jacó disse que eles o haviam turbado, fazendo com que os israelitas *cheirassem mal* entre os moradores da terra. Infelizmente, os filhos de Jacó não se arrependeram. Em vez disso, protestaram contra a repreensão do pai [justificando sua vil atitude como um ato para lavar a honra de Diná].

**35.1** — *Deus*, pela quinta vez, visitou Jacó (Gn 28.10-16; 31.3,11-13; 32.1,22-30; Gn 35.9-15). Após o episódio em Siquém (Gn 34), Deus disse a Jacó que fosse para *Betel*, o lugar onde houve a Sua primeira aparição para ele (Gn 28.10-19). Novamente, Jacó se colocaria a caminho utilizando a rota de seu avô Abraão (Gn 12.8). Esta é a primeira vez na Bíblia em que Deus ordena que seja edificado *um altar* para Ele. Abraão também ergueu um altar, mas, pelo que se sabe, nenhum comando divino lhe foi transmitido para tal (Gn 12.7,8).

**35.2** — A ordem expressa dada a Jacó incluía ele se livrar dos ídolos de Labão que Raquel roubara (Gn 31.22-35), assim como de todo e qualquer ídolo que estivesse entre os servos. Esses *deuses estranhos* eram divindades cultuadas por outras pessoas, e não por Jacó. O Deus de Jacó é o único e verdadeiro Deus. O Senhor conclamou Jacó e sua família: *Purificai-vos e mudai as vossas vestes*. A família de Jacó estava sendo preparada para encontrar-se com o Deus vivo e santo. Todos os membros deveriam purificar-se. Mais adiante, os israelitas também se purificariam de forma similar aos pés do monte Sinai (Êx 19), bem como em outras situações e em outros lugares.

**35.3** — Jacó afirmou a sua intenção de obedecer aos comandos divinos: *Subamos a Betel; e ali farei um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia e que foi comigo no caminho que tenho andado*. Jacó relembrou a constante proteção de Deus (Gn 32) e o cumprimento de Suas promessas (Gn 28.13-15), e viu nisso uma razão para obedecer e a adorar ao Senhor.

**35.4** — A entrega das *arrecadas* [ARC], *brincos* (NVI) e dos *deuses estranhos* indica que tais objetos representavam uma forma de idolatria. Em duas passagens, os brincos são relacionados à adoração de ídolos (Jz 8.22-28; Os 2.13). Em outros trechos, são simples joias usadas como ornamento (Êx 32.2,3;35.22; Pv 25.12). A grande árvore (NVI) aqui citada é um vegetal que tem vida longa, tal como um *carvalho* [ARC]. Por causa da longevidade da árvore, os povos antigos usavam o local onde estava plantada para comemorar acontecimentos importantes ou para demarcar os lugares de adoração (Os 4.13).

**35.5** — *Deus* protegeu a família de Jacó em sua peregrinação. O termo hebraico traduzido como *terror de Deus* está relacionado ao significado da expressão *estar abalado* ou *atemorizado* (veja outros exemplos do uso desta palavra no contexto do julgamento divino em Is 7.8; 30.31).

**35.6** — *Assim, chegou Jacó a Luz, que está na terra de Canaã (esta é Betel)*. A mudança do nome da cidade de Luz para Betel é explicada em Gênesis 28.19 (ver Js 18.13; Jz 1.23).

**35.7** — *El-Betel* [*Deus de Betel*]. Nomear o altar contribuiu para a adoração solene conduzida naquele lugar (Gn 22.14).

**35.8** — *Débora* era a ama de Rebeca (Gn 24.59). Débora já havia morrido há algum tempo, mas somente neste ponto a família fez as honras de sua morte e sepultou-a em Betel.

**35.9** — *Deus* renovou Sua aliança perpétua com Jacó. Esta é a oitava passagem relativa à *aliança abraâmica* (veja Gn 15.1-21).

**35.10** — Deus reafirmou a troca de nome de Jacó e as Suas promessas a ele. Agora, Jacó seria chamado de Israel. Note que, em Gênesis, ora é usado o nome Jacó, ora Israel, referindo-se à mesma pessoa (v. 14,20-22;46.2).

**35.11,12** — Esta é a terceira vez que o nome *Deus todo-poderoso* (hb. *El Shaddai*) é usado (Gn 17.1;28.3; compare com Êx 6.3). Deus usou Seu grandioso nome para atestar o que faria com relação a Jacó. [Ele o tornaria fecundo e multiplicaria sua semente.] Esta era uma das promessas feitas a Abraão. É um dos termos da aliança que foi lembrado aqui para demonstrar que era Jacó, e não Esaú, o verdadeiro herdeiro das promessas divinas (Gn 27.26-29;28.3,4). Deus daria a Jacó a *nação* e *terra* que prometera a Abraão (Gn 12.2,7) e reafirmou na aliança formal (Gn 15.18-21).

**35.13** — *E Deus se retirou dele, elevando-se do lugar onde lhe falara*. O Deus vivo reafirmou a Sua vontade e depois retornou à Sua morada. Esta é uma das raras expressões na Bíblia que descrevem a ascensão do Senhor aos céus (At 1.9).

**35.14** — Esta foi a segunda coluna de pedras que Jacó ergueu para honrar a revelação de Deus em Betel (Gn 28.18). Tempos depois, Jacó se referiria a Deus como a *Pedra de Israel* (Gn 49.24). A *libação* foi a oferta com a qual Jacó consagrou o pilar derramando sobre ele vinho e azeite.



### VOCE SABIA?

#### AS COLUNAS DE PEDRA

As colunas de pedra são os mais antigos tipos de monumento (Gn 35.14). Há mais de três mil pilares de pedra em Carnac, na França, que datam de 2.000 a.C. Quando não há nenhuma inscrição no pilar, é quase impossível determinar o seu significado. As pirâmides e os obeliscos do Egito são, de fato, colunas mais elaboradas.

**35.15,16** — *Efrata* é outro nome para a região das cercanias de Belém (Gn 35.19;48.7; compare com Rt 1.3; Mq 5.2). Um dia, o Rei da glória nasceria próximo ao local onde nasceu Benjamim (Mt 2.1).

**35.17,18** — O sofrimento e o medo de que seu segundo filho nascesse morto se tornaram um símbolo para todas as mães que temem pela vida de seus filhos (Jr 31.15; Mt 2.18). O nome que Jacó deu ao seu filho — *Benjamim* (que significa

*filho do meu poder* ou *da minha destra*) — indica que ele tinha um lugar especial na família.

35.18 — A expressão *ao sair-lhe a alma* não quer dizer que a alma era considerada uma entidade separada do corpo e que possuía uma existência própria, mas apenas que a vida se esvaíra, ou seja, que Raquel morreu.

35.19 — Raquel foi a única matriarca, da família de Abraão, que não foi sepultada na caverna de Macpela (Gn 23.19,20).

35.20 — Jacó ergueu pilares para marcar a obra de Deus em sua vida (Gn 28.18;35.14) e seu acordo com Labão (Gn 31.45). Neste versículo, vemos que ele também erigiu uma coluna para marcar o local onde sua amada esposa foi enterrada.

35.21 — *Migdal-Éder* significa *torre do rebanho*. Esta expressão é mencionada apenas aqui e talvez em Miquéias 4.8.

35.22-26 — *Rúben*, o primeiro filho de Jacó com Léia, provavelmente se aproveitava do privilégio de ser o primogênito. Talvez ele tenha se sentido menosprezado quando seu irmão mais novo, Benjamim, foi chamado pelo pai de *o filho de seu poder*. Ao deitar-se com a concubina de Jacó, Rúben quis afirmar que era ele quem sucederia ao pai. Ironicamente, foi por causa dessa atitude que ele perdeu a bênção que almejava (Gn 49.3,4).

35.27,28 — Depois de mais de 20 anos ausente, Jacó finalmente visitou *seu pai*. Rebeca provavelmente já havia morrido, visto que seu nome não é mencionado. *Manre* aqui é identificada como Hebrom, local onde Isaque viveu a sua juventude ao lado do pai, Abraão (Gn 13.18).

35.29 — A expressão *sendo reunido aos seus antepassados* pode também sugerir a crença de vida após a morte (Gn 15.15; 25.8; 49.33; 2 Sm 12.23). Os filhos de Isaque, Esaú e Jacó, que outrora foram rivais e agora restabeleceram um bom relacionamento, uniram-se para sepultar Isaque junto aos pais dele na caverna de Macpela (Gn 49.31). Léia e Jacó também seriam sepultados ali (Gn 49.29-33; 50.12,13).

36.1 — O termo hebraico traduzido como *gerações* significa *genealogia* (ver Gn 2.4). Ao

nascer, Esaú tinha a pele e os cabelos vermelhos (Gn 25.25). Por isso, foi chamado de *Edom*, que quer dizer *vermelho*.

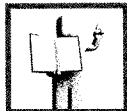
36.2,3 — Esaú escolheu suas esposas dentre as *filhas de Canaã*. Sendo assim, sua família não era diferente das demais famílias daquele lugar. Rebeca e Isaque se preocupavam por causa das esposas de Esaú (Gn 26.34,35; 28.6-9). Será que elas o levariam a abandonar o Senhor, o Deus vivo? Uma das esposas de Esaú era *Ada*, [em hebraico *ornamento*]. O pai dela era *Elom*, nome cujo significado é *terebinto* [espécie de erva aromática]. A outra esposa de Esaú era *Oolibama*. Seu nome significa *minha tenda é um lugar elevado*, filha de *Aná* [em hebraico *Cante*]. O nome da terceira esposa era *Basemate*, que significa *perfumada*.

Pode parecer que há certa confusão com os nomes das esposas de Esaú em Gênesis. As companheiras do filho mais velho de Jacó, citadas alguns capítulos antes, são: *Judite*, filha de Beerí, o hitita (Gn 26.34), *Basemate*, a filha de Elom, o hitita (Gn 26.34), e *Maalate*, filha de Ismael e irmã de Nebaiote (Gn 28.9). Já em Gênesis 36.2, as mulheres deles são nomeadas como *Ada*, filha de Elom, o hitita; *Oolibama* (ou *Aolibama*), filha de Aná e filha (ou neta) de Zibeão, o heveu; e *Basemate*, a filha de Ismael e irmã de Nebaiote. A confusão entre os nomes das esposas de Esaú e as esposas dos filhos de Jacó pode ter ocorrido por causa de erros de escrita ao longo dos séculos. Algumas versões bíblicas procuraram corrigir a grafia dos nomes para mostrar coerência. Mas também é possível que duas das esposas de Esaú tivessem dois nomes, e que quatro, não três, tenham sido as mulheres de Esaú. A confusão dos nomes pode ser resolvida da seguinte maneira:

(1) *Judite*, a filha de Beerí (Gn 26.34), pode não ter sobrevivido, ou talvez tenha deixado de ser esposa de Esaú. Ela não está incluída na lista das esposas no capítulo 36.

(2) *Basemate*, a filha de Elom, o hitita (Gn 26.34), é a mesma pessoa que *Ada*, a filha de Elom, o hitita (Gn 36.2); ao que tudo indica, esta esposa de Esaú era conhecida por ambos os nomes. Contudo, ela é diferente de *Basemate*, a filha de Ismael (número 4, abaixo).





## ENTENDENDO MELHOR

### OS HOREUS DO MONTE SEIR

Em uma época bastante primitiva, Seir e Edom podem ter sido duas regiões geograficamente separadas. Seir era montanhosa e Edom fazia parte do planalto da Jordânia. Por fim, Seir se tornou parte da região edomita, e os nomes Seir e Edom passaram a ser usados com o mesmo significado.

Os dois povos, os horeus e os edomitas, viviam em uma área conhecida como Seir e Edom. A genealogia dos horeus, em Gênesis 36.20-30, difere da genealogia dos edomitas, em Gênesis 36.9-19. Aparentemente, os horeus viviam das atividades pastoris, e os edomitas eram fundamentalmente agricultores. Na Bíblia, os horeus são descritos como habitantes do monte Seir, até que foram desalojados pelos edomitas (Gn 14.6; Dt 2.12).

Quando, no século 19, os estudiosos descobriram um povo chamado de os hurritas, eles estabeleceram uma conexão com os horeus bíblicos. Contudo, os hurritas possuíam força política e cultural no norte da Síria e na área do rio Tigre. Assim, os territórios que ocupavam, as regiões do norte, não correspondem à área onde residiam os horeus, que estavam associados ao monte Seir.

Deste modo, os horeus não devem ser confundidos com os edomitas ou com os hurritas. Tudo o que pode ser determinado hoje acerca daqueles é que foram os primeiros habitantes de Seir.

(3) *Oolibama* (ou *Aolibama*), a filha de Aná e filha (ou neta) de Zibeão, o heveu, só é mencionada no capítulo 36.

4 – *Maalate*, filha de Ismael e irmã de Nebaiote (Gn 28.9), é a mesma pessoa que *Basemate*, a filha de Ismael e irmã de Nebaiote (Gn 36.2). Aparentemente, também era conhecida por ambos os nomes.

Sendo assim, a confusão acerca dos nomes é menor do que aparenta. Da mesma forma, atualmente encontramos certos nomes que parecem recorrentes nas famílias, não apenas entre os filhos, mas também entre os cônjuges destes e seus familiares. Então, diferenciamos as pessoas ao chamá-las de “Zé” e “Zezinho” ou “Ana morena” e “Ana loura”.

**36.4-8** — Neste trecho, Gênesis descreve o crescimento da família de Esaú e de suas posses. Ele se mudou para os *montes de Seir* (NVI). Por causa da ocupação da família de Esaú, esta região seria chamada mais tarde de Edom, a terra *vermelha* (v. 43). A separação de Esaú e Jacó é similar à de Abraão e Ló (Gn 13.6-13).

**36.6-8** — A separação entre os dois irmãos provavelmente ocorreu durante a época em que Jacó obteve o direito de primogenitura (Gn 25.29-34) e a bênção que Isaque havia destinado a Esaú (Gn 27.18-29), um pouco antes de Jacó ter sido mandado para Harã (Gn 28.5). Quando

Jacó retornou a Canaã, Esaú já estava morando no *monte Seir* (Gn 32.3), a sudeste do mar Morto.

**36.9-19** — Estes versículos fazem um paralelo com os versículos 1-8. Ambos são um registro da descendência de Esaú; embora estes se constituam uma lista um pouco maior. Os versículos 15-19 ampliam ainda mais a mesma listagem. A genealogia de Jacó é mais cuidadosamente explicada. Quando esses dados são agrupados, temos a seguinte genealogia: os filhos de Esaú, nascidos antes da saída de Canaã, são Elifaz, filho de Ada (Gn 36.4), Reuel, filho de *Basemate* (Gn 36.4), e Jeús, Jalão e Corá, filhos de *Oolibama* (Gn 36.5). Os filhos de Elifaz (filho de Esaú e Ada) são Temã, Omar, Zefê, Gaetã, Quenaz (Gn 36.11) e *Amaleque*, cuja mãe é a concubina *Timna*. Os filhos de Reuel (filho de Esaú e *Basemate*) são Naate, Zerá, Samá e Mizá (Gn 36.13). Não é citado o nome de nenhum filho dos filhos de Esaú e *Oolibama* (Gn 36.14).

**36.12** — O filho de *Timna*, *Amaleque*, deu origem a um povo que mais tarde causaria problemas aos israelitas (Nm 14.39-45).

**36.20-30** — O povo de *Seir*, os horeus [hb. *choriy*, habitantes das cavernas], tinha relações muito próximas com a família de Esaú. Estas histórias familiares são repetidas em 1 Crônicas 1.38-42.

**36.31-39** — A lista aqui segue a dos príncipes de *Edom* (v. 15-19). Os oito nomes listados

não apresentam relação entre si. Isso indica que eles eram escolhidos por razões alheias à descendência real.

**36.40-43** — Os príncipes citados aqui provavelmente sucederam os reis listados nos versículos 31-39. Os versículos trazem alguns dos nomes dos antepassados deles (v. 1-14). Os edomitas eram descendentes de Esaú. Mesmo que este não tenha sido o herdeiro da eterna aliança de Deus com a família de Abraão, o Senhor abençoou a descendência de Esaú, que também se tornou uma grande nação.

Os leitores atuais podem se perguntar qual a razão de um capítulo como este estar registrado na Bíblia. Por que todos estes detalhes de nomes e príncipes? Para muitas pessoas em várias partes do mundo, mesmo atualmente, estes dados são fascinantes e valiosos. Em algumas culturas, é muito valorizada a genealogia de uma pessoa. Essa foi, provavelmente, a realidade de muitos povos do período bíblico. Assim, tais listas demonstravam uma série de valores:

(1) a conexão com o passado que a descendência de Esaú trazia em seu rol de nomes. Desta forma, uma pessoa poderia ser bem conceituada pelo fato de possuir nobre linhagem;

(2) o sentido histórico que estes nomes produzem. Qualquer leitor pode olhar estas listas e compreender, mesmo de forma superficial, que os antepassados davam grande importância aos laços familiares ao longo da história;

(3) o orgulho e a satisfação por causa da memorização desses detalhes. Em todas as culturas há aqueles indivíduos que são (ou dizem ser) capazes de traçar a linha de descendência dos seus ancestrais ao longo dos séculos;

(4) a promessa pela qual Esaú também foi agraciado pelo Senhor. Esta foi mantida (Gn 27.39,40).

**37.1—50.26** — Esta última grande passagem de Gênesis é considerada por muitos como uma das melhores narrativas literárias do mundo antigo. Poucos personagens no Antigo Testamento são apresentados com tanta clareza quanto José, e somente algumas histórias no Antigo Testamento são descritas com tantas minúcias e de manei-

ra tão interessante quanto esta. Talvez apenas as narrativas acerca de Moisés e Davi contenham mais informações do que o relato sobre José. A história deste filho de Jacó começa em um ambiente de prosperidade na família, depois narra um extenso período de adversidade e desintegração desta, até que, em um dado momento, há a restauração e a reunião do núcleo familiar, o que resulta em um cenário bastante próspero, como o que havia no início da passagem.

**37.1** — *E Jacó habitou na terra das peregrinações de seu pai.* Após deixar Labão, Jacó, a princípio, estabeleceu-se em Siquém (Gn 33.18-20). Depois disso, atendendo ao comando do Senhor, ele seguiu rumo a Betel (Gn 35.1-15), onde a aliança divina foi renovada. Jacó, então, percorreu novamente o caminho rumo ao sul para Efrata (mais tarde chamada de Belém, em Gn 35.16-20), lugar onde Raquel morreu ao dar à luz Benjamim. Por fim, Jacó foi para Hebrom (Quiriate-Arba), onde sepultou o seu pai (Gn 35.27-29). No capítulo 37, há continuidade da história de Jacó em Hebrom (v. 14). A palavra em hebraico *gúr*, traduzida como *peregrinações* também pode significar *estrangeiro* ou *forasteiro*. O Senhor prometera que aquela terra pertenceria à família de Abraão (Gn 12.7). Até a terceira geração, a promessa ainda não havia se cumprido. Jacó e sua família ainda habitaram como estrangeiros naquele local.

**37.2** — *As gerações de Jacó.* Esta é a décima vez que a palavra hebraica para *descendência* ou *genealogia* é usada em Gênesis (veja Gn 2.4). José foi o primeiro filho de Raquel, a esposa preferida de Jacó (Gn 30.22-24).

Aqui, José é apresentado com *dezessete anos*. Esta é uma das poucas vezes em que a Bíblia registra a idade de uma pessoa em um dado acontecimento (Gn 12.4). Geralmente, as Escrituras apontam o tempo de vida de uma pessoa.

José estava com os filhos de Bila e de Zilpa. *Bila* foi serva de Raquel que teve dois filhos com Jacó, Dã e Naftali (Gn 30.4-8), e *Zilpa*, a criada de Léia que deu à luz dois filhos de Jacó, Gade e Aser (Gn 30.9-11).

José levava a Jacó a *má fama deles*. Provavelmente José não estava mentindo a respeito de



## EM FOCO

## SONHO (HB. CHALOM)

(Gn 37.5;40.5;41.7; Jl 2.28)

O verbo *chalom* significa *sonhar*. As pessoas do mundo antigo entendiam um sonho ou uma visão como *enxergar durante o sono*, o que se percebia também como um estado especial de consciência. Geralmente, os sonhos eram identificados como revelações divinas. Muitas vezes, estes sonhos ou visões estavam codificados em uma linguagem simbólica e precisavam de interpretação. Aqueles que podiam compreendê-los tinham grande poder no mundo antigo (Gn 41.37-40; Dn 2.46-48).

José teve esse tipo de sonho e também tinha o dom de entender os próprios sonhos e os de outras pessoas, mas ele só era capaz de entender os símbolos em tais revelações porque Deus o capacitara para esta tarefa (Gn 40.8;41.16).

seus irmãos, pois sempre demonstrou bastante integridade (Gn 39). Talvez ele apenas relatava a negligência por parte dos filhos de Bila e Zilpa. Mas, qualquer que tenha sido a sua intenção, seus irmãos naturalmente se ofenderam.

37.3 — *E Israel...* O nome *Israel* foi dado a Jacó após a sua luta com o Senhor (Gn 32.22-32). Ele

é usado de forma intercalada com o nome Jacó (Gn 35.21,22;43.6).

*Amava a José mais do que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice.* Além de ser um filho da velhice de Jacó, o favoritismo de Jacó por seu filho José também pode ser explicado por causa do grande amor que ele nutriu pela mãe do menino (Gn 29.30).

*E fez-lhe uma túnica de várias cores.* A expressão hebraica (*ketonet passím*) pode referir-se apenas a um artigo de vestuário com mangas longas. O importante é que o manto era diferente na cor ou no formato e provavelmente bastante valioso.

37.4 — O modo como Jacó tratava José despertou um sentimento negativo nos outros filhos que não recebiam o mesmo tratamento.

37.5 — Em seu entusiasmo juvenil, José contou à família um sonho que tivera. Embora o sonho tenha sido profético, fez com que seus irmãos o odiassem *ainda mais*.

37.6 — José até pode ser acusado de contar o sonho de forma propositada. Contudo, é mais provável que ele não tivesse a mínima noção de como as suas palavras seriam recebidas. A sua opulência fez com que ele mostrasse inadequadamente a superioridade sobre seus irmãos.



## APLICAÇÃO

## O PECADO PODE SER TRANSMITIDO ATRAVÉS DAS GERAÇÕES

Em geral, as pessoas pensam que os pecados cometidos por elas machucam só a si próprias. Por exemplo, como a inveja de alguém pode afetar outra pessoa? Este não seria apenas um problema entre aquele que cometeu o pecado e o Senhor?

Contudo, os pecados referentes ao caráter podem afligir todas as pessoas com quem temos contato, especialmente aquelas que mais amamos: nossa família.

Foi isso o que aconteceu com as três gerações da família de Isaque. Sua esposa, Rebeca, estava determinada a ganhar a bênção do patriarca para o seu filho favorito, Jacó, mesmo que isso significasse ter de enganar o marido (Gn 25.28; 27.5-29). Assim, ela fez com que Jacó também enganasse o pai (Gn 27.35,36).

Anos mais tarde, Raquel, a segunda esposa de Jacó, ficou frustrada quando a sua irmã e rival, Léia, deu quatro filhos ao seu marido, mesmo sabendo que ele a amava mais do que a Léia (Gn 29.34—30. 2). O fruto da má-fé de Rebeca para com Jacó e da amarga inveja de Raquel foi colhido na terceira geração da família, quando os irmãos de José começaram a invejá-lo (Gn 37.11). Eles o venderam para ser escravo e depois disso enganaram o pai ao dizer que o irmão havia morrido (Gn 37.23-35).

Como eles aprenderam a cultivar tal sentimento de inveja e a tratar o próprio pai como um tolo, iludindo-o? Obviamente, os irmãos estavam seguindo os passos de seus antepassados, mesmo que inconscientemente.

O pecado pode passar de geração em geração, não apenas pelo que foi dito, mas também pelo que foi vivido. As atitudes, muitas vezes, não precisam ser ensinadas; elas são imitadas.

37.7 — O sonho de José mostrou a proeminência que ele teria em sua família. Na sociedade em que viviam José e seus irmãos, o primogênito era o filho mais importante (Gn 35.23). O sonho de José não só insultou seus irmãos mais velhos, como também violou um costume.

37.8 — *Tu, pois, deveras reinarás sobre nós?* Os irmãos entenderam imediatamente o significado do sonho de José. O que eles não poderiam imaginar é que o sonho se tornaria realidade e que todos os seus elementos se cumpriram literalmente.

37.9 — José podia ter usado um pouco mais de tato e prudência quando viu a resposta da sua família a respeito de seus sonhos. Contudo, ele narrou seu segundo sonho, que pareceu mais perturbador ainda, pois, de acordo com José, até mesmo o sol e a lua — supostamente seu pai e sua mãe (embora esta já tivesse falecido, de acordo com Gn 35.16-20) — iam curvar-se diante dele. As onze estrelas seriam os seus irmãos.

37.10,11 — Neste trecho, até mesmo o pai se sentiu insultado por causa da atitude de José. Ele podia ter contado a respeito de seu sonho com mais cuidado. Resultado: *Seus irmãos, pois, o invejavam; seu pai, porém, guardava este negócio no seu coração.* Apesar de a princípio ter interpretado as palavras de seu filho como uma afronta, Jacó considerou que os sonhos de José eram um claro anúncio de Deus (compare com Lc 2.19).

37.12 — Os irmãos de José foram para Siquém, norte de Hebrom (Gn 35.27-29), provavelmente a fim de encontrar novos pastos para seus rebanhos. *Siquém* ainda figura de forma importante na narrativa de Gênesis. Abrão ergueu seu primeiro altar para Deus nesse lugar (Gn 12.6;33.18).

37.13 — Jacó disse a José: *Vem e enviar-te-ei a eles.* A história do jovem José sendo mandado por seu pai para se unir aos seus irmãos é de certa forma similar à narrativa de Davi, que foi enviado por seu pai para ir até o local onde seus irmãos estavam acampados (1 Sm 17.17-19).

37.14-16 — *Vai, agora, e vê se se vão bem teus irmãos* (ARA). A palavra hebraica usada no texto original é *shalom*, frequentemente traduzida como *paz*, mas que significa *bem* (em todos os aspectos); *estado de perfeição e completude*.

*E traze-me resposta.* José já havia transmitido ao pai notícias ruins a respeito dos irmãos em outra ocasião; então, desta vez, ele é convocado a vigiá-los, mas não seria bem recebido pelos mesmos.

37.17 — *Foram-se daqui, porque ouvi-lhes dizer: Vamos a Dota.* O varão anônimo podia ter ajudado José. Coisas assim consideramos como providência divina. Ele era a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa para socorrer José. Entretanto, da maneira como acontece, a jornada logo termina em desastre. Isso nos leva a pensar que, mesmo quando Deus está olhando por nós, não há garantias de que tudo corra da forma como desejamos.

*Dotã* está localizado a aproximadamente 16 km ao norte de Siquém, próximo ao monte Gilboa.

37.18 — *E viram-no de longe.* A túnica diferente de José permitiu que os irmãos reconhecessem-no à distância (v. 3,23,31). *Conspiraram contra ele, para o matarem.* O ódio e a inveja os levaram a planejar o assassinato de José (v. 4,5,8,11).

37.19,20 — *E disseram uns aos outros: Eis lá vem o sonhador-mor.* A palavra hebraica correspondente expressa desprezo e significa literalmente *mestre dos sonhos*. Os irmãos temiam que os sonhos de José pudessem de fato virar realidade. Matando-o, eles evitariam que tal fato ocorresse.

37.21 — *Rúben*, que era o primogênito e o principal herdeiro de Jacó, teria mais a perder do que os outros se os sonhos de José se concretizassem (Gn 35.23). Apesar disso, Rúben interferiu no plano, para que poupassem a vida de José. Esta atitude contrasta com a sua ação pecaminosa anterior (Gn 35.22).

37.22 — *Não derrameis sangue.* Rúben quis poupar a vida de José. Então, convenceu seus irmãos a jogar José em um poço. Em um poço sem água, José só conseguiria sobreviver alguns dias. Contudo, Rúben planejava resgatá-lo na hora certa. O primogênito de Jacó foi provavelmente motivado pelo amor ao seu pai e pelo desejo de facilitar o relacionamento estremeado com este por causa de seu abuso com Bila (Gn 35.22; Gn 49.4). Depois que Rúben convenceu seus irmãos a não matarem José, ele partiu (v. 29).

**37.23** — Ao arrancar a túnica de José, os irmãos deixam claro que aquela vestimenta distintiva lhes causava ódio. Assim, eles não queriam que José permanecesse com ela nem na hora de sua morte.

**37.24** — A *cova vazia* e *sem água* significa que os irmãos o deixaram lá para morrer. Uma pessoa pode viver um período considerável sem comida, mas consegue sobreviver apenas alguns dias sem água.

**37.25** — A frieza dos irmãos em relação a José pode ser observada quando lemos que, depois do atentado contra a vida deste, eles se *assentaram a comer pão*. Nem mesmo Caim se sentou para fazer uma refeição após matar Abel (Gn 4.1-9).

Os *israelitas* eram comerciantes que viajavam de uma parte a outra. O termo se refere aos descendentes de Ismael, o filho de Abraão (Gn 16.11-16; 17.18-27; 25.12-18; 28.9; 36.3) é equivalente ao termo *midianita* (v. 28).

*Gileade* é uma região montanhosa na Jordânia (Gn 31.21), famosa por suas especiarias (Jr 8.22; 46.11). Apenas as pessoas ricas possuíam camelos, que já eram domesticados nesse tempo.

**37.26** — *Que proveito haverá em que matemos a nosso irmão e escondamos a sua morte?* A princípio os irmãos planejaram matar José, mas depois pensaram em uma maneira de afastá-lo da família e tornar o crime rentável.

**37.27,28** — *Passando, pois, os mercadores midianitas, tiraram, e alçaram a José da cova, e venderam José por vinte moedas de prata aos ismaelitas, os quais levaram José ao Egito.* Midiã era o filho de Abraão e sua concubina Quetura (Gn 25.2,4; 36.35). Os

termos *midianitas* e *israelitas* são frequentemente usados com o mesmo sentido (v. 25), provavelmente indicando uma união entre os dois povos. Ambos se referem aos árabes comerciantes que viajavam de uma parte a outra.

Talvez *vinte moedas de prata* fosse o valor de um escravo naquele tempo. Por outro lado, os midianitas podem ter pago um valor menor do que a média, pois eles sabiam que alguma coisa não estava de acordo com os padrões de negociação de servos. [Conforme uma lei israelita posterior, o valor *padrão* pago por um escravo era 30 moedas de prata ou 30 siclos (ver Êx 21.32).]

Em Gênesis 42.21, é revelado que José implorou para que seus irmãos não o vendessem, mas eles não lhe deram ouvidos. Ele nunca se livraria da escravidão egípcia, se não fosse pelo Senhor.

Esta passagem é posteriormente honrada em um Salmo (105.17), e é traçado um paralelo entre este ato desprezível e o valor pago a Judas por trair o Salvador (Mt 27.3-10; compare com Zc 11.12).

**37.29** — Rúben retorna, não encontra José e rasga as próprias vestes, expressando grande pesar. *Rasgar as vestes* era uma demonstração comum de profunda consternação. A dor de Rúben era um sentimento genuíno de aflição em relação ao seu irmão mais novo misturado ao medo de que ele, como irmão mais velho, fosse culpado pelo acontecido.

**37.30-35** — Levar a túnica coberta de sangue ao pai foi uma tentativa de enganá-lo. As vestimentas de José eram a “prova” de sua morte (ver Êx 22.13). Assim, os irmãos esperavam que Jacó confirmasse a morte de José publicamente, deixando-os livres de qualquer responsabilidade.

**37.31,32** — Os irmãos de José usaram a túnica, o símbolo da posição privilegiada do irmão, como um terrível emblema de sua suposta morte. A vestimenta do irmão vendido era diferente porque tinha mangas longas e era colorida.

**37.33** — *Certamente foi despedaçado José.* O verbo em hebraico significa *ser totalmente destruído*. O fato de só a túnica ter sido encontrada indicaria a dilaceração total do corpo de José?

**37.34** — *Então, Jacó rasgou as suas vestes, e pôs pano de saco sobre os seus lombos, e lamentou a seu*



### VOCE SABIA?

#### OS NEGOCIANTES DE ESCRAVOS

É irônico que José tenha sido vendido para um grupo de midianitas (Gn 37.28), pois estes eram parentes distantes de José e seus irmãos pela linhagem de Abraão e da concubina Quetura (Gn 25.1,2).

Os midianitas viviam como nômades numa região desértica ao sudeste de Canaã, ao longo da costa norte do mar Vermelho. Eles eram frequentemente ligados aos ismaelitas (Gn 37.27,28; Jz 7.25; 8.24), com quem aparentemente dividiam a comercialização de escravos enviados ao Egito.

filho muitos dias. Assim como Rúben, Jacó rasgou as suas vestes para expressar sua tristeza. [Mas também vestiu pano de saco, vestimenta usada durante os dias de luto e humilhação a Deus.]

**37.35** — *E levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas, para o consolarem; [Jacó] recusou, porém, ser consolado.* Gênesis (34) nomeia apenas uma das filhas de Jacó, Diná. Aqui, porém, a existência de outras é aludida.

*E disse: Na verdade, com choro hei de descer ao meu filho até à sepultura.* A palavra traduzida como *sepultura* é *sheol*, que significa *profundezas, reino dos mortos*. A suposta morte de José só contribuiu para que o pai o amasse ainda mais e focasse a perda irreparável, em vez de voltar-se para o resto da família. Os irmãos não se beneficiaram com esta situação, mesmo sem a presença de José.

**37.36** — *Potifar [Potiptyphar, pertencente ao sol]* é um nome egípcio. Ele era um *cariyc*, um oficial, eunuco, capitão da guarda do rei. Talvez fosse o encarregado de guardar o palácio ou o harém. Em todo caso, Potifar era uma pessoa que possuía um cargo importante na corte real egípcia.

**38.1-30** — Embora algumas pessoas considerem a história de Judá e Tamar uma intromissão desnecessária na passagem a respeito da vida de José, ela se encaixa perfeitamente no fluxo narrativo. Primeiro, o texto nos fornece um atordoante contraste entre a moral de Judá e a de José. Depois, a história de Judá ilustra a posterior desintegração da família de Jacó. Os filhos de Jacó venderam José, e agora Judá se casa com uma

mulher de Canaã e tem relações sexuais aparentemente com uma “prostituta” cananita (na verdade, a viúva de um de seus filhos; v. 11-16). Se este processo continuasse, a família de Jacó, a família da promessa, se tornaria como o povo de Canaã. O fato de a linhagem do Messias vir da linhagem de Judá é um claro sinal da graça e da misericórdia de Deus (Gn 49.10; Mt 1.2,3). Sendo assim, é difícil não dar importância às questões narradas neste capítulo, pois elas estão relacionadas com os propósitos de Deus no plano da salvação. O assunto do capítulo não é muito agradável, mas seu objetivo é didático, e o resgate revela-se salvador; demonstra que o Senhor virá da família de Judá e de Tamar!

**38.1** — A família de Jacó estava dissolvendo-se aos poucos. Primeiro, Simeão e Levi se deixaram levar pela sede de vingança em Siquém (Gn 34). Depois, Rúben, o primogênito, teve relações sexuais com Bila, concubina do pai (Gn 35.22). Posteriormente, os irmãos de José o venderam para ser escravo (Gn 37). Agora, Judá, o quarto filho de Léia, deixou a família da promessa, em que fora criado, para se unir aos amigos cananeus.

*E aconteceu, no mesmo tempo, que Judá desceu de entre seus irmãos e entrou na casa de um varão de Adulão, cujo nome era Hira.* Este vivia em Adulão — lugar montanhoso à noroeste de Hebrom; mais tarde, seria um refúgio de Davi (1 Sm 22.1). Durante o período de dissociação de sua família, Judá considerou o cananeu Hira como um amigo e confidente (v. 12,20).



## APROFUNDE-SE

### AS ATITUDES DE JUDÁ

Mesmo que as atitudes de Judá tenham sido bastante perversas ao longo da maioria dos acontecimentos de Gênesis 38, ele conviveu, por meio destas situações, com os povos daquela terra.

Judá recebeu influências ruins durante grande parte da história, mas no final ele influenciou positivamente as pessoas. Deus usou a permanência do filho de Jacó entre os cananeus para colocar aqueles homens e aquelas mulheres em contato com sua família da fé.

A tempo, o povo de Israel aprendeu a celebrar o fato de que entre as mães israelitas havia uma mulher cananeia de grande coragem (Rt 4.12,18-22). Na verdade, a Bíblia não nos deixa esquecer disso, pois vem a tornar-se a base da genealogia de Jesus, o Messias (Mt 1.3). Ele viria para ser o Salvador não só do povo judeu, mas das nações que descenderiam deste povo e também dos outros povos. Desta forma e de muitas outras, Deus revela Seu coração, para que as pessoas o conheçam.

38.2 — Judá tomou por mulher Sua, *filha de um varão cananeu*. Como se já não bastasse Judá ficar amigo de um cananeu, ele ainda tomou uma mulher de mesma naturalidade como esposa.

38.3-5 — Em uma sucessão rápida, três filhos nasceram da união entre Judá e a filha de Sua: Er [hb. 'Er, acordado], Onã [hb. 'Owanan, forte] e Sela [hb. Shelah, uma petição]. Quando este terceiro filho nasceu, Judá permaneceu em *Quezibe* que ficava a cerca de 5 km à sudeste de Adulão.

38.6 — Judá se unira a uma mulher de Canaã e teve com ela filhos. Agora, já crescido, seu filho primogênito, Er, também se casa com uma cananita, Tamar. Dessa forma, Judá permite que sua família se misture com os cananeus. *Tamar* significa *palmeira*, indicando uma beleza terna e esguia.

38.7 — O Senhor não julgou a mulher de Canaã, Tamar. Em vez disso, julgou Er, o filho primogênito de Judá, *que era mau aos olhos do Senhor*.

38.8 — No antigo Oriente, se um homem morresse sem deixar um filho como herdeiro, era uma perda incalculável. A memória de uma pessoa só podia ser preservada por meio de seus descendentes. De forma a manter a linhagem familiar e o nome do falecido, um irmão ou outro parente próximo deveria casar-se com a viúva e gerar um filho, que continuaria a descendência. Isso é chamado de *lei do levirato*. [De acordo com essa lei, quando um israelita morresse sem ter um filho homem, o irmão ou o parente mais próximo deveria casar com a viúva e suscitar nela um filho; o primogênito dessa união era considerado o filho e herdeiro do primeiro marido.] O costume se tornou parte da lei mosaica (Dt 25.5-10; Rt 4.1-12).

38.9 — Por causa de seu egoísmo e de uma atitude perversa em relação a seu falecido irmão, Onã [ao ter relações sexuais com Tamar], derramava fora seu sêmem, não deixando que a viúva de Er concebesse uma criança. Ele temia que o nascido perpetuasse o nome de seu irmão, e não o seu próprio. [Daí em português o termo *onanismo* ser sinônimo de masturbação, uma prática condenável à luz da Palavra de Deus.]

38.10 — *E o que fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou*. O Senhor julgou Onã, assim como Ele julgara Er (v. 7).

38.11 — Em vez de assumir que a morte de seus dois filhos aconteceu devido à própria perversidade destes, Judá culpou a inocente Tamar. Ele temia perder seu último filho também. Então, Judá usou um pretexto insincero ao prometer que ela se casaria com seu último filho quando este tivesse a idade certa. Presume-se que Judá tinha esperanças de que Tamar, por fim, casasse com outra pessoa que não fosse da família dele.

38.12 — Com a morte da esposa de Judá, apenas o filho mais novo lhe restou. A menos que Judá se casasse novamente, sua posteridade dependia somente de Selá. Então, Judá subiu aos *tosquiadores*, para ficar com seu amigo Hira. Aqui, contata-se que amizade entre Hira e Judá durou muito tempo. A época da tosa não era só um período de trabalho, mas também um tempo de celebração (2 Sm 13.23,24). *Timna* fica na região montanhosa de Judá (Js 15.10,57).

38.13 — Este versículo sugere que Judá perdeu o contato com a sua nora Tamar após a morte de Onã. Não teria sido o sogro quem falara com Tamar a respeito da intenção de não casá-la com o filho mais novo dele.

38.14,15 — O período de luto já havia passado. Tamar continuou a usar as suas roupas de viúva na esperança de casar com Selá, mas percebeu finalmente que isso não aconteceria. Então, ela se cobriu com um véu para não ser reconhecida por Judá e fez-se passar por uma prostituta cultural. Seu ato desesperado foi motivado por um senso de justiça, pois Judá quebrara a promessa de casá-la com Selá. Além disso, ela não havia feito nada para se tornar uma viúva esquecida. As mortes de seus maridos não foram sua culpa.

O termo usado aqui para *prostituta* (hb. *zônâ*) é o utilizado de modo geral nos textos bíblicos em hebraico. Entretanto, seu significado é esclarecido no versículo 21, em que a palavra específica para *prostituta cultural* [hb. *qedeshâ*] é usada (veja v. 21). Uma prostituta comum não disfarçava seu rosto com véu; ao contrário, fazia tudo que podia para se tornar mais atraente e sedutora (compare com a cena de sedução em Pv 7). Entretanto, uma prostituta cultural escondia o rosto de seu "cliente" como um meio de manter o mito de que o

enlace sexual entre eles era um ato espiritual, e não meramente físico. A prostituta cultural era considerada um instrumento da deusa Aserá, e deitar-se com ela era um rito de adoração na cultura de Canaã. Judá tinha muita familiaridade com estes conceitos, como se pode observar em suas ações.

**38.16** — Prostituta cultural ou não, ainda havia um preço a ser pago.

**38.17** — A promessa de Judá de dar-lhe um cabrito, em circunstâncias normais, seria suficiente como pagamento. Contudo, Tamar insistiu para que ele lhe desse alguma coisa como *penhor*.

**38.18** — O *selo*, o *lenço* e o *cajado* eram meios de identificação na antiguidade. O *selo* era um anel ou sinete, usado para selar, que era esculpido em pedra, metal ou marfim, e ficava pendurado no pescoço de quem o usasse. Para confirmar um trato ou uma negociação, os antigos costumavam pressionar o selo na argila úmida. Fazendo uma transposição para os dias de hoje, era como se Judá tivesse usado um cartão de crédito. [a palavra traduzida como lenço, provavelmente era um cordão, onde o selo era pendurado]. O *cajado* de Judá também era marcado de maneira distintiva.

Tamar engravidou de Judá, como planejara. Agindo assim, ela confirmou que não era uma prostituta cultural, pois esta, quando engravidava, normalmente usava algum método abortivo para permanecer como uma suposta representante humana da “deusa virgem”.

Por mais inaceitável que pareça o estratagema de Tamar, na concepção de um filho de Judá, podemos observar Deus agindo por meio de situações que aparentemente não são adequadas para revelar a Sua bondade. O fato de Deus agir ocasionalmente mediante circunstâncias impróprias produzidas pelo homem não é um desculpa para perpetuar uma vida de pecados, mas sim um motivo para celebrar a Sua misericórdia. A vontade de Deus será feita apesar das atitudes dos pecadores que tentam arruinar a obra divina.

**38.19** — Tamar começou a usar as suas vestimentas indicando luto, pois elas deixavam claro a todas as pessoas da comunidade que Judá quebrara a promessa que lhe fizera, e não ela.

**38.20** — Quando Hira foi fazer o pagamento que Judá prometera (v. 17), Tamar já havia desaparecido.

**38.21** — *Prostituta cultural* é uma expressão que significa literalmente *mulher sagrada* e refere-se à prostituição religiosa. Tais mulheres exerciam as práticas sexuais como parte do culto pagão local.

O termo utilizado em hebraico para a *mulher sagrada* é *qedeshâ*, e o significado básico da expressão *ser sagrado* (hb. *qadash*) não é *pureza*, como muitos imaginam, mas *separação*, ou seja, *reservado para uma função especial*. Assim, o que fazia com que os cananeus diferenciassem uma prostituta comum de uma prostituta cultural era o fato de as últimas estarem *separadas* para propósitos religiosos. De forma similar, em Israel, objetos comuns poderiam ser abençoados por sacerdotes e *separados* para a sagrada adoração a Deus. Assim, pessoas comuns são diferenciadas das *santas*, pois estas adoram a Deus em espírito e em verdade e estão separadas para uso do Senhor.

Na Bíblia, é dito que Deus é santo (Is 6.3). Assim, além de ser puro e justo, também é destacada Sua distinção em relação a todas as coisas criadas por Ele e pelo homem (inclusive os deuses pagãos, que são invenções da mente humana). Em outras palavras, Deus transcende; é superior, distinto, único e absoluto. Sua misericórdia está em todo lugar e pode ser observada em tudo que Ele criou, mas Ele próprio não deve ser confundido com a Sua criação, pois Sua glória excede a tudo, até os céus (Sl 113.5).

**38.22-24** — Após aproximadamente três meses, a gravidez de Tamar já era evidente. Judá percebeu nesta situação uma oportunidade de livrar-se dela; então, ele ordenou que a nora fosse levada para fora da cidade e queimada. A lei de Moisés menciona essa punição para certas prostitutas (Lv 21.9). Mas, nesta ocasião, Judá não estava usando a lei de Deus para promover a justiça. Ele queria simplesmente acabar com a mulher que acreditava ter destruído a sua família.

**38.24** — A imediata reação de Judá nos faz lembrar de Davi perante o julgamento do Senhor em 2 Samuel 12.5.



**38.25** — A identificação de Judá como o culpado pela gravidez de Tamar guarda uma semelhança impressionante com a identificação de Davi também como o culpado no episódio com o profeta Natã (2 Sm 12.7).

**38.26** — *Mais justa é ela do que eu.* Judá, um dos herdeiros da eterna aliança com o Deus vivo, foi humilhado por uma mulher. Para o próprio bem, ele confessou seus pecados.

**38.27** — O nascimento de *gêmeos* era uma bênção especial do Senhor. Esta passagem dá continuidade ao tema bíblico de competição entre os irmãos (capítulos 4 e 25—28).

**38.28** — Não havia como cometer erros a respeito de quem nascera antes. A parteira amarrava um fio vermelho no braço do menino, para se certificar de que todos saberiam qual deles veio ao mundo primeiro.



### VOCÊ SABIA?

#### O NOME DE UMA PESSOA

O significado do nome de Perez, que era um dos filhos de Judá, adveio das circunstâncias de seu nascimento. Na Bíblia, os nomes são geralmente conectados com os fatos que envolvem as pessoas que estão sendo nomeadas. Perez, por exemplo, está relacionado à palavra hebraica traduzida como *abertura*. Os antigos acreditavam que o nome de alguém abria as portas ou dava poder àquela pessoa.

**38.29** — O outro bebê encontrou uma brecha para sair quando o primeiro recolheu a mão. Apesar de seu irmão ter posto a mão para fora antes dele, Perez foi o primeiro a nascer. Ele se tornou aquele que está na linhagem de Davi e, por fim, de Jesus (Rt 4.18; Mt 1.3).

**38.30** — Perez e Zerá estabeleceram suas famílias na casa de Judá (1 Cr 2.3-8). Selá também teve uma descendência (Nm 26.19-22). Tamar se tornou um membro da família da promessa, mesmo sendo uma mulher cananeia (Rt 4.12). Mateus menciona Tamar na linhagem do Messias. Ela se tornaria uma heroína da fé, apesar de suas origens e da natureza de suas ações (Mt 1.3).

**39.1** — *José foi levado ao Egito.* Este versículo reintroduz a história de José em Gênesis 37.36,

que fora interrompida pela narrativa de Judá e Tamar (Gn 38). Os primeiros leitores de Gênesis foram as pessoas da segunda geração após a saída do Egito sob o comando de Moisés. Esta passagem lhes explica por que seus pais foram escravos egípcios.

Os irmãos de José talvez pensassem que ele seria vendido como um servo comum para fazer trabalhos pesados de construção. As edificações antigas requeriam muito esforço do operário e sempre se davam sob condições opressivas e cansativas. Isso fazia com que a vida de um homem jovem e trabalhador fosse encurtada. Contudo, por causa da misericórdia divina, José fora vendido a um rico e importante oficial real.

**39.2** — *O Senhor estava com José.* Esta expressão-chave desta passagem é repetida nos versículos 21 e 23. Esta manifestação divina indica que Deus olhava por ele, protegia-o e abençoava-o.

**39.3** — Potifar via a prosperidade como decorrência da presença de José, e reconheceu que isso acontecia porque *o Senhor estava com ele*. Talvez José também causasse algum tipo de influência no estado espiritual de seu senhor.

**39.4** — José se tornou um exemplo de administrador fiel, ilustrando o ensinamento de que aquele que é fiel no pouco será posto sobre o muito (Mt 25.21; 1 Co 4.2).

**39.5** — *O Senhor abençoou a casa do egípcio por amor a José.* Deus ordenou a Abraão e seus descendentes que fossem uma bênção para todos (Gn 12.2,3). Aqui, José, que foi enviado para outra terra por causa do ódio de seus irmãos, levou a bênção ao lar do oficial egípcio. E o que é melhor: Potifar sabia que toda bênção vinha do Senhor.

**39.6** — *Tudo o que tinha.* A confiança de Potifar em José era tamanha que tudo ficava a cargo do filho de Jacó, exceto o cardápio do oficial (v. 23).

*E José era formoso de aparência e formoso à vista.* Raramente as características físicas de alguém são mencionadas na Bíblia, como ocorre no caso de Sara, Rebeca, Raquel, José e Davi (Gn 12.11; 24.16, 29.17; 1 Sm 16.12).

**39.7** — A mulher do senhor egípcio começou a cobiçar José. Talvez ela estivesse entediada ou ociosa. Por outro lado, o termo hebraico *sarís*,


**PERFIL**
**A CASA DE POTIFAR E A TENTACÃO DE JOSÉ**

As atividades de José na casa de Potifar exigiam que, dia após dia (Gn 38.10), ele passasse pelo cômodo que era usado para dormir durante a noite. A construção provavelmente possuía uma entrada frontal, aposentos sociais ou quartos de dormir e uma despensa na parte de trás.

Neste cenário, com a esposa de seu senhor sempre por perto, muitas vezes deitada na cama de seus aposentos, presumivelmente vestindo-se de maneira atraente e insinuando-se de forma constante e crescente, a pressão sobre o jovem José deve ter atingido um grau quase insuportável.

Se José usasse um raciocínio estritamente humano, ele poderia ter chegado à conclusão de que as coisas jamais melhorariam para ele, pois era um escravo em uma terra estrangeira. Assim, na condição de jovem homem com muitos hormônios atizados e de escravo com uma visão realista de poucas perspectivas para a sua categoria de serviçal, ele poderia ter cedido aos apelos daquela mulher, mesmo ciente de que os prazeres da situação durariam pouco tempo. Contudo, ele não se deixou tentar. Compare com o cenário de sedução em Provérbios 7, em que alguém, um tolo, foi persuadido e caiu em tentação.

traduzido como *oficial* no versículo 1, pode significar *eunuco*, que normalmente era um homem castrado. Se Potifar fosse realmente um eunuco, isso poderia explicar a atitude de sua esposa. [Mas a interpretação mais aceita é que ele era apenas um marido ausente e desatento.]

**39.8** — *Porém ele recusou.* José exemplificou o mais alto padrão moral. A frase *o Senhor estava com ele* (v. 2,21,23), usada de forma recorrente, ajuda a explicar a bondade e a integridade de José. A presença poderosa de Deus em sua vida o ajudou a resistir às tentações.

**39.9,10** — *Pecaria eu contra Deus?* José não só permaneceu fiel aos seus princípios éticos, como também disse à mulher, que provavelmente tinha a crença em deuses egípcios, coisas a respeito da justiça e da integridade do único e verdadeiro Deus!

**39.11** — Neste versículo, observa-se que a mulher de Potifar aproveitou um momento em que José estava sozinho para assediá-lo.

**39.12,13** — Um escravo provavelmente usava poucas roupas por causa do clima quente do Egito. Ela agarrou José e, durante esse momento de assédio e recusa, ele escapou, deixando sua *veste* nas mãos dela.

**39.14-18** — A mulher de Potifar ofendeu a dignidade de José na frente dos outros empregados. O termo *hebreu* só é usado quatro vezes em Gênesis (14.13; 39.17; 41.12). Neste versículo, é utilizado para expressar discriminação racial.

Essa ideia é reforçada pelo uso do verbo *escarnecer* ou *insultar* (ARA e NVI), que indica ódio e desprezo de uma raça. Os egípcios hamitas desprezavam os povos semitas de Canaã (Gn 43.32).

Os escravos egípcios tinham, provavelmente, inveja da prosperidade de José. Por causa disso, a esposa de Potifar encontrou servos prontos a ouvir e acreditar em suas mentiras. Dessa forma, claro, ela não foi desmentida por nenhum deles. Contudo, a acusação de violência sexual naquela época era tão séria quanto é hoje. O atentado sexual a uma esposa de oficial por um escravo estrangeiro era um ultraje gravíssimo. A pena do réu podia ser a morte.

**39.19** — Era compreensível e previsível que Potifar ficasse *irado*.

**39.20** — Potifar tinha uma função importante como oficial real (Gn 39.1), e José, na condição de seu servo, havia se tornado um membro da família. Talvez, por causa disso, o filho de Jacó foi mandado para uma *prisão* especial. [Ou talvez Potifar, conhecendo bem o mau caráter da esposa, para não desonrá-la mais, tenha enviado José para a cadeia, em vez de para a morte]

**39.20** — Surpreendentemente, Potifar não fez com que José fosse condenado à morte nem o assassinou com suas próprias mãos. É possível que José, durante o tempo que passou na casa de seu senhor, tenha impressionado Potifar de tal forma que o oficial não acreditara totalmente na história que sua esposa lhe contou. É possível que

Potifar tenha jogado José na prisão real, sobre a qual tinha o comando (Gn 39.1; 40.3; 41.9-11), a fim de poupar a vida dele. Em todo caso, José acabou preso por uma coisa que se recusou a fazer.

**39.21** — O Senhor continuou ao lado de José mesmo na prisão (Sl 139.7-12). Neste caso, a misericórdia de Deus pode ser representada por Sua benignidade (Sl 13.5). No cárcere egípcio, José experimentou o amor e a fidelidade do Senhor. Deus cumpriu Sua promessa ao permanecer ao lado de Seu povo — ainda que em difíceis circunstâncias (para relembrar as promessas de Deus aos descendentes de Abraão, leia Gn 12.1-3; 50.24). O *carcereiro* era o encarregado sob as ordens do *capitão da guarda* (Gn 40.3), a saber, Potifar (Gn 39.1).

**39.22** — O carcereiro soube, coisa que Potifar já sabia, que o que animava e sustentava José era a presença de *Yahweh*. Assim, o *carcereiro-mor entregou na mão de José todos os presos que estavam na casa do cárcere; e ele fazia tudo o que se fazia ali*. A integridade e a eficiência de José atestavam a todos sobre quem era o verdadeiro Deus, mesmo ele estando no cárcere (da mesma forma que Paulo e outros apóstolos fariam tempos depois).

**39.23** — Por causa das bênçãos de Deus, tudo que José fazia prosperava (Sl 1.1-3).

**40.1,2** — Chefe dos *copeiros* e chefe dos *padeiros* do rei eram dois cargos muito importantes na corte. Aqui é dito apenas que eles *pecaram* contra o faraó. A natureza das ofensas deles não é explicada.

**40.3** — A referência à *casa do cárcere* indica que havia duas áreas para onde eram levados os prisioneiros naquela situação. Uma era uma

cadeia propriamente dita, e a outra era um tipo de prisão domiciliar ou cadeia especial, com prisioneiros menos perigosos.

**40.4** — Por ser o encarregado dos presos, José também *serviu* aos dois prisioneiros reais, que estavam encarcerados e cumpriam pena por causa das acusações contra eles.

**40.5** — Esses não eram sonhos comuns. Eles continham símbolos que necessitavam de uma explicação.

**40.6** — *E veio José a eles* porque isso fazia parte de suas tarefas como encarregado da prisão.

**40.7,8** — A afirmação de José de que a *interpretação dos sonhos é de Deus* foi uma declaração bastante objetiva. Ao fazer isso, ele não só anunciou a sua fé, como também agiu por meio desta. José tivera o mesmo tipo de sonho quando mais novo e certamente entendera o significado [embora ainda não tivesse experimentado o cumprimento].

**40.9-13** — As palavras de José para o chefe dos copeiros, *vai exaltá-lo* (segundo a NVI; na tradução literal é algo como *levantará a tua cabeça*, conforme consta na ARC), formam um jogo de palavras. Neste caso, elas expressam o restabelecimento da honra do copeiro, mas, no versículo 19, remetem à morte do padeiro.

**40.13,14** — José pediu ao copeiro que este se *lembrasse* dele. Assim, seu caso poderia ser revisito, e talvez ele fosse liberto da falsa acusação que lhe imputaram.

*Rogo-te que uses comigo de compaixão*. O termo *compaixão* também significa *amor leal*. José manifestava a esperança de que o copeiro lhe fizesse um favor por causa da interpretação positiva do sonho deste.



## VOCÊ SABIA?

### A MISERICÓRDIA DE DEUS PARA COM JOSÉ

A misericórdia (*chesed*) que Deus demonstrou ter para com José (Gn 39.21) envolveu a Sua fidelidade a Abraão, Isaque e Jacó. Deus fez promessas a esses patriarcas (Gn 12.1-3; 15.13,14; 28.3,4,13-15), e, cumprindo todas, Ele esteve ao lado de José e protegeu-o durante a sua provação na prisão.

Por muitas vezes, o Senhor demonstrou compaixão libertando Seu povo de muitos problemas. Por exemplo, Ele tirou Ló de Sodoma antes de destruir a cidade (Gn 19.19), e também manifestou a Sua misericórdia para com os israelitas ao guiá-los para fora do Egito (Êx 15.13).

**40.15** — José tinha bons motivos para buscar a sua libertação, pois em duas situações diferentes ele foi punido sem ter culpa: ao ser vendido por seus irmãos como escravo e ao ser acusado pela esposa de Potifar. Presumivelmente, o chefe dos copeiros reconhecia a injusta condição de José, pois ele próprio também havia sido incriminado de forma injusta e maltratado.

**40.16,17** — Talvez o sentimento de culpa do *chefe dos padeiros* tenha feito com que ele não fosse o primeiro a falar dos sonhos. Pode ser que, depois da interpretação favorável do sonho do copeiro, o padeiro tenha sentido que aquela era a hora certa de contar a José o seu sonho. Ambos os homens consideraram as interpretações de José como verdadeiras. Nos sonhos dos dois serviçais do rei havia o número três.

**40.18** — A *interpretação* do sonho do padeiro era terrível. Em três dias ele seria executado.

**40.19** — A frase *levantará a tua cabeça* aparece em ambas as interpretações de José. Contudo, a primeira indica exaltação, e a segunda, execução. Essa ideia é mais evidente no texto em hebraico (v. 13). Ao pé da letra, as palavras de José para o padeiro eram “o faraó levantará a sua cabeça de você”. Não seriam as iguarias que as aves comeriam (v. 17), e sim o corpo do padeiro. O homem sequer teria um enterro. Em vez disso, seria pendurado e deixado à mercê dos abutres. Obviamente, não havia nenhum motivo para que José pedisse ao padeiro que se lembrasse dele (v. 14,15).

**40.20-22** — Apenas neste momento somos informados de que o terceiro dia após a interpretação dos sonhos era o aniversário do faraó. O jogo de palavras dos versículos 13 e 19 atinge seu auge aqui, quando as *cabeças são levantadas*. Faraó tirou os dois prisioneiros da prisão domiciliar e levou-os para o local do banquete, onde todos os conselheiros podiam vê-los. O chefe dos copeiros teve a sua antiga posição restaurada (v. 21), e o outro foi enforcado (v. 22). É possível que tenha havido uma ameaça à vida do faraó envolvendo o envenenamento da comida. Presumivelmente, a investigação acerca disso levantou dois suspeitos: o chefe dos copeiros, que servia diretamente ao faraó, e o chefe dos padeiros, que preparava os pães. A responsabilidade foi devidamente apurada, e o verdadeiro culpado executado, retornando o copeiro à posição de prestígio. Faraó executou suas ações na frente de todos os seus servos, a fim de que isso fosse considerado um aviso e promovesse uma melhor serventia. O rei egípcio recompensaria aqueles que prestassem um bom serviço, mas executaria todos os que tivessem a intenção de fazer mal a ele.

**40.23** — O copeiro *não se lembrou* de José. A alegria por sua soltura e o restabelecimento em seu cargo fizeram com que ele apagasse completamente de sua memória os terríveis dias em que estivera preso. Então, José continuou na prisão. E Deus continuou com ele.

**41.1-57** — Este capítulo descreve a virada na vida de José. Ele ascendeu de um calabouço para



## EM FOCO

### FARAÓ (HB. *PAR'OH*)

(Gn 41.1; Êx 1.11)

O título *faraó* vem da palavra egípcia *pr'ó*, que significa a *grande casa*. Originalmente, o termo *faraó* não era uma designação para o rei do Egito, mas uma referência ao seu palácio. Os antigos egípcios acreditavam que *faraó* era a representação viva do deus Hórus na religião, identificada com o culto ao deus-sol, e este era simbolizado pelo falcão.

As pragas contra os egípcios que antecederam o êxodo israelita daquela terra foram grandiosas em sua natureza, uma espécie de batalha pessoal de Deus contra os falsos deuses do Egito (Êx 12.12; 15.11).

A décima praga, que resultou na morte dos primogênitos entre os egípcios (incluindo o primeiro filho do faraó), foi o julgamento divino acerca da pretensão de divindade do faraó (Êx 12.29,30; 18.11,12).

a sala do trono egípcio. Deus desenhou as circunstâncias para que, por meio de José, Ele suprisse as necessidades de uma nação durante a fome que viria e reuniu novamente a família de Jacó.

**41.1-8** — Os dois sonhos do faraó haviam sido providenciados por Deus. Os sonhos em Gênesis 40.5 ocorreram a fim de que José posteriormente fosse reconhecido como um bom intérprete e fosse chamado para interpretar os sonhos do faraó, que cooperariam para que os dois sonhos que Deus concedeu a José também se tornassem realidade (Gn 37.5-9).

**41.1** — Da mesma forma que seus servos, faraó teve um *sonho* incomum, enxergando que neste havia um grande significado. O *rio* citado aqui é o Nilo, uma fonte de vida no Egito.

**41.2** — No antigo modo semita de pensar, o número sete tinha uma importância especial. Talvez esse significado esteja relacionado com os sete dias da criação (cap. 1).

**41.3,4** — *Feias e magras*. O segundo grupo de vacas contrasta de forma gritante com o primeiro. Elas *comiam as formosas e gordas*. A cena rapidamente se transforma em um pesadelo à medida que as vacas esqueléticas devoram as gordas e saudáveis.

**41.5-7** — O segundo sonho era muito semelhante ao primeiro, mas desta vez os elementos principais não eram as vacas, e sim as espigas. O número *sete* se destacava novamente.

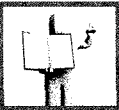
**41.8** — O termo hebraico traduzido como *adivinhadores* [hb. *chartom*] tem relação com a palavra que significa *buril* [hb. *cheret*], um instrumento com ponta de aço feita para gravar inscrições em metal, pedra etc. Assim, os adivinhadores estão associados de certa forma à escrita e ao conhecimento, mas de maneira mística. Contudo, aqui, como em outras passagens (Êx 8.18,19), o poder deles se mostrou ineficiente. Os *sábios* (hb. *hakam*; termo usado também para o homem *sábio* de Israel em Pv 1.5) eram uma classe de eruditos que viviam nas cortes no antigo Oriente Médio. Encarregavam-se das religiões pagãs ou simplesmente observavam e interpretavam os acontecimentos do cotidiano.

*E Faraó contou-lhes os seus sonhos, mas ninguém havia que os interpretasse a Faraó.* Um fato similar aparece em Daniel 2.1-13.

**41.9** — A palavra hebraica *hata'im* é geralmente traduzida como *pecados*. Finalmente o copeiro se lembrou de sua estada na prisão e do jovem prisioneiro hebreu que interpretara seu sonho, dando-se conta de que estava em falta para com ele (Gn 40.9-15).

**41.10-12** — Nos versículos 10 e 12, a expressão *capitão da guarda* se refere a Potifar (Gn 39.1,19,20).

**41.13,14** — José era o encarregado da prisão (Gn 39.22,23). Os homens egípcios não só barbeavam o rosto como também rapavam todos os pelos do corpo. Geralmente usavam peruca. Os



## ENTENDENDO MELHOR

### OS SETE ANOS DE ESCASSEZ DO EGITO

O registro dos sete anos de fome do Egito (Gn 41.27) aparenta ter um paralelo na literatura egípcia. Um texto conhecido como *a tradição dos sete anos escassos no Egito* é atribuído ao faraó Djoser, da Terceira Dinastia do Antigo Império Egípcio (século 2650 a.C.).

A narrativa desta história egípcia, como é conhecida hoje, originou-se de escribas durante o reinado de Ptolomeu V (204 — 180 a.C.). Mesmo que estes escritos sejam posteriores à passagem bíblica, é possível que tenham sido copiados de um registro anterior.

O texto reconta a carta que Djoser escreveu a seu "supervisor" em Elefantina, lugar localizado ao sul do Egito, lamentando que o "Nilo não subiu durante o [seu] reinado por um período de sete anos". Conseqüentemente, os grãos eram escassos, os frutos secaram, e "cada homem roubou o seu companheiro". Então, Imhotep, o renomado vizir ou ministro chefe de Djoser, contou-lhe a respeito do deus Khum, que residia no nascedouro do Nilo, isto é, Elefantina. O faraó Djoser teve então um sonho, no qual o deus lhe disse que em breve o Nilo iria "fluir para [ele]".

oficiais egípcios menosprezavam os cananeus, que eram peludos, inclusive os hebreus (Gn 43.32). Como servo de Potifar, José provavelmente adotou o visual e a maneira de se vestir dos egípcios. Mas, na prisão, ele não mantinha essa aparência.

**41.15** — O faraó estava perturbado. Ele ansiava que alguém pudesse interpretar corretamente seu sonho.

**41.16** — *Isso não está em mim; Deus dará resposta de paz a Faraó.* Há uma grande ênfase na ação de Deus. José evidenciou o poder do Deus vivo na corte pagã do faraó. Ele não tinha a intenção de levar o crédito pela interpretação dos

sonhos ou de usar a sua inocência para pleitear a liberdade. Assim, José asseverou que Deus daria a resposta de paz ao faraó. Isso indica que José já sabia que o sonho continha boas notícias para o faraó.

**41.17-24** — O faraó repetiu a narrativa do sonho, que fora contada aos adivinhadores e aos sábios (Gn 41.1-8). Contudo, um detalhe novo é fornecido aqui (v. 21): as sete vacas feias não apresentaram uma aparência melhor após devorarem as sete vacas boas (v. 30).

**41.25** — Conduzido pelo Espírito de Deus, José revelou ao faraó que os dois sonhos tinham o mesmo significado (Gn 22.15) e que Deus revelara ao



## PERFIL

### JOSÉ – UM MODELO DE CRISTÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO

As pessoas que hoje trabalham em diversos ramos e empresas podem questionar-se algumas vezes como a sua fé se aplica em um ambiente comercial. Quando isso acontece, é bastante esclarecedor estudar a vida de José. Ele e Daniel (Dn 1.6) são dois dos melhores modelos nas Escrituras de honra a Deus em um ambiente secular.

Considere as seguintes circunstâncias: José foi retirado à força do seio de sua família e introduzido em uma cultura que adorava os deuses pagãos. Aparentemente, ele era o único dentre aquele povo que adorava o verdadeiro Deus. Assim, não havia ninguém ali com a mesma crença e os mesmos valores em que José estava alicerçado, e ele também não podia contar com um amigo para receber aconselhamento baseado na fé no Deus vivo quando era preciso tomar decisões importantes. Seu chefe, o faraó, era considerado um deus pelo povo egípcio. Do mesmo modo, a esposa de José era uma mulher egípcia, e o sogro dele um sacerdote do deus-sol. Como José conseguiu manter a sua fé vivendo em um ambiente como esse? Abaixo podemos identificar algumas atitudes que o ajudaram:

- *Ele manteve a sua integridade.* José resistiu firmemente às tentações sexuais da esposa de Potifar (Gn 39.7-10). Ele tinha consciência de que ceder aos apelos daquela mulher seria uma ofensa moral ao seu superior e, muito pior, a Deus. José permaneceu firme aos seus princípios, pois ele sabia qual era a postura correta a manter, apesar das consequências.
- *Ele continuou fazendo o melhor que podia, mesmo quando a situação não estava a seu favor.* Ao ser jogado injustamente em uma prisão, José poderia ter facilmente se tornado amargo com o Senhor e começado a questionar os acontecimentos, indagando a Deus: "Por que isso?" Mas, em vez de tomar esse tipo de atitude, ele continuou inabalável, seguindo os propósitos que o Senhor lhe havia designado — exercer a autoridade, mesmo no cárcere (Gn 39.22,23).
- *Ele executou a tarefa que lhe foi designada em confiança.* Promovido a braço direito do faraó, José foi fiel à responsabilidade de seu cargo. Ele, sabiamente, planejou o que deveria ser feito durante a fome e administrou a economia egípcia de forma que pudesse salvar muitas vidas (Gn 41.46-49,53-57). José soube em seu íntimo que este trabalho era justamente o que Deus gostaria que ele fizesse.
- *Ele usou seu poder e sua influência com compaixão.* Sendo o segundo homem no comando do Egito, estando somente sob as ordens do faraó, José poderia ter usado a sua posição para se vingar das pessoas que lhe fizeram mal, tais como seus irmãos, os mercadores de escravos e a esposa de Potifar. Mas, o registro bíblico mostra atitudes opostas a esse tipo de posição: ele usou seu incrível poder para proporcionar a harmonia e a reconciliação (Gn 45.3-15;50.20).

Deus fez uso da fidelidade de José para preservar a descendência de Jacó (Israel), a fim de cumprir a promessa feita a Abraão (Gn 45.5-8). Da mesma forma, o Senhor tem a intenção de usar as pessoas de fé dos dias de hoje, as que ocupam todos os tipos de cargo, para fazer com que os Seus propósitos se cumpram. Assim, é crucial que também honremos a Deus por meio das atividades que desempenhamos. Como José, precisamos ser aqueles sobre quem não haja dúvidas; devemos ser aqueles em quem está o Espírito de Deus.

faraó. Novamente, José citou e enalteceu o Deus vivo em uma corte pagã (Gn 39.3). Deus havia concedido os sonhos ao faraó e capacitado José a compreendê-los. Por fim, Deus deixou claro que estava e sempre estaria no comando de todas as coisas [bem como que deseja relacionar-se pessoalmente com cada ser humano].

**41.26-28** — A repetição da frase *o que Deus há de fazer, mostrou-o a Faraó* visa enfatizar a ideia de que todas as coisas estão submetidas a Deus (v. 32). O Senhor colocou José no Egito durante o período crítico para que Ele pudesse abençoar todas as nações por meio de um hebreu. Então, a bênção do verdadeiro Deus vivo se tornaria conhecida por todo o mundo antigo, pois Ele prometera abençoar todas as nações usando o povo de Israel para isso (Gn 12.2).

**41.29,30** — A fome seria tão severa que as pessoas não se lembrariam dos anos em que havia fartura.

**41.31,32** — José enfatizou a existência e o poder do verdadeiro Deus. Ele deixou bem claro que estava falando de um só Deus, e não de deuses falsos que eram adorados na corte egípcia ou até mesmo do próprio faraó, que também era considerado como um deus pelos seus súditos (Gn 22.1; 42.18).

**41.33** — A expressão *um varão inteligente e sábio* significa um homem extraordinariamente sábio.

**41.34** — Guardar um quinto da colheita pode parecer muito. Entretanto, a grande quantidade armazenada durante o período de prosperidade permitiria que houvesse menos preocupações se algo eventualmente se estragasse, representaria um ganho extra pela comercialização do excedente e ainda deixaria reservas de grãos para o plantio após os sete anos de fome.

**41.35** — Essa grande reserva alimentar representaria uma ampliação do reinado e da autoridade do faraó, durante a seca.

**41.36-38** — *Acharíamos um varão como este, em quem haja o Espírito de Deus?* Aqui o faraó reconhece que José era extraordinariamente sábio e, mais precisamente, testemunha o poder de Deus na vida de José.



## VOCÊ SABIA?

### CELEIROS DE PEDRA

Os egípcios mantinham enormes celeiros de pedra, principalmente para os grãos (Gn 41.48). Isso os deixava protegidos contra a fome e ajudava a estabilizar os preços dos produtos. Os celeiros eram frequentemente ligados aos templos. O administrador era considerado um ser divino, e o grupo encarregado do manejo e da distribuição dos produtos era o mais importante no governo fundamentalmente religioso do Egito.

**41.39,40** — *Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo; somente no trono eu serei maior do que tu.* Como José era muito criterioso e sábio, ele foi designado para administrar todas as riquezas egípcias. Foi dado a José um enorme poder. Apenas o faraó estava acima dele.

**41.41** — O livro de Gênesis começa com a história da Queda de nossos primeiros pais no paraíso e termina com a exaltação de um escravo hebreu dos calabouços escuros a um lugar de destaque, ao lado do trono de um rei. Na ascensão de José, há uma simbologia de esperança para todos que acreditam no Deus todo-poderoso. Um dia, todas essas pessoas que forem fiéis ao Senhor também serão elevadas dos sombrios cárceres e de terríveis condições às posições de prestígio e glória em Cristo (Sl 113.7-9; Ef 1).

**41.42** — Com o anel real, as ordens de José teriam a mesma autoridade que a palavra do faraó (Êt 3.10; 8.2). O anel possuía a assinatura do rei, usada nos hieróglifos egípcios (Gn 38.18). José poderia usar o anel para marcar a argila ou a cera, autenticando decretos e documentos reais. Agora que José estava usando *vestes de linho fino* e um *colar de ouro*. Ele deve ter sentido que aquele mundo escuro dos calabouços ficou realmente no passado.

**41.43** — O povo egípcio deveria curvar-se em sinal de respeito e reverência a José devido ao seu cargo, não de adoração.

**41.44** — *Sem ti ninguém levantará a sua mão ou o seu pé em toda a terra do Egito. A mão e o pé indicavam o enorme poder que o faraó concedeu a José.*

**41.45** — O faraó honrou José dando-lhe um nome egípcio *Zafenate-Panéia* [*Tsophnath Pa'neach* ou *pah-nay-akh*] que significa *tesouro do lugar glorioso* ou *do Deus que vive e fala*. Mesmo que em alguns contextos este nome se refira a um deus egípcio, neste caso ele alude ao verdadeiro Deus de José. Ainda que José estivesse no Egito, seu nome apontava para a realidade de seu Deus.

*E deu-lhe por mulher a Azenate*. Este nome egípcio [*Acanath*] significa *pertencente à deusa Neith* [ou Nate]. Era ela filha de *Potifera*, nome que significa *aquele que Rá deu*. A cidade de Om ficava ao norte do Egito e era conhecida por sua adoração a Rá (o deus Sol). Contudo, José e os filhos de Azenate eram adoradores do Senhor, não de Rá. Apesar de José ter casado com a filha de um sacerdote pagão, ele educou seus filhos para adorarem ao Deus vivo. Provavelmente, sua mulher também se tornou uma adoradora do Senhor.

**41.46** — Treze anos se passaram desde que José fora vendido por seus irmãos (Gn 37.2). [Agora, ele estava com 30 anos, uma idade bastante simbólica para os hebreus, pois assinala a maturidade para o exercício de um ministério específico, especialmente o sacerdócio — ver Nm 4.30,35,39; 2 Sm 5.4; Lc 2.23].

**41.47** — Exatamente como Deus revelara, houve sete anos de abundância.

**41.48,49** — O trabalho era enorme, pois havia muitos grãos. José tinha de ser um sábio administrador. Para o desempenho desta tarefa, as habilidades que ele adquiriu na casa de Potifar e na prisão real devem ter sido muito úteis. No final, Deus fez com que José fosse bem-sucedido em todas as suas atividades (v. 52;39.23).

**41.50-53** — Os dois filhos de Azenate dão continuidade ao tema dos dois irmãos em Gênesis (Ismael e Isaque, em Gn 16 e 21; Esaú e Jacó, em Gn 25.19-28; Perez e Zerá, em Gn 38.27-30).

**41.54,55** — Os anos ruins vieram logo após a fartura. O faraó consentira que José administrasse a crise. Ele confiava plenamente na liderança de José.

**41.56,57** — Primeiro, José enriqueceu ainda mais o tesouro do faraó vendendo os grãos aos

egípcios. Depois, *todas as terras* [nações] *vinham ao Egito* para comprar alimento. Pessoas de toda parte foram comprar o trigo de José. Da mesma forma que José havia testemunhado às pessoas que o cercavam a respeito do verdadeiro Deus, agora ele podia testemunhar a todos os povos.

**42.1** — Nesta época, Judá tinha retornado para Jacó (cap. 38).

**42.2-4** — Jacó continuava a manter um favorito, Benjamim (Gn 37.3). No entanto, não há menção de ciúmes entre os outros irmãos, como ocorrera em relação a José (Gn 37.8).

**42.5,6** — Deus fez com que se cumprissem os sonhos que José teve aos dezessete anos de idade (Gn 37.5-11). Finalmente, os irmãos se curvaram diante do governador do Egito.

**42.7,8** — Aqueles que estavam diante de José eram os mesmos que o venderam como escravo 20 anos antes. Não eram pessoas comuns, eram seus irmãos. Eles estavam ali, curvando-se diante dele, exatamente como no sonho! A vida de José agora era completamente diferente. Na verdade, ele nomeou seu primeiro filho como *Manassés*, em homenagem ao seu esquecimento das dolorosas memórias provocadas por seus irmãos e outros que injustamente o fizeram sofrer. O que teria se passado na cabeça de José no momento em que ele reconheceu seus irmãos? Sem dúvida alguma, um misto de surpresa, dor e raiva. José pode ter se mostrado *estranho e falado asperamente* com eles, a fim de não denunciar as próprias emoções.

**42.9-12** — José lembrou-se dos sonhos que tivera e liberou suas emoções contidas. Ele acusou seus irmãos de algo que sabia que eles não eram: *espias*. Dessa forma, José pretendia saber se seus irmãos tinham mudado para melhor. Eles trairiam uns aos outros ao serem colocados sob pressão?

**42.13** — Ao ouvir notícias sobre o seu irmão mais novo, Benjamim, José deve ter tido uma grande dificuldade de esconder seus sentimentos, ainda mais quando eles se referiram a José como *um que já não existia*. Estas palavras provavelmente foram insuportáveis para José. Embora seus irmãos pensassem que José estava morto, ele estava ali, bem defronte de seus olhos.



**42.14,15** — Por duas vezes, José acusou seus irmãos de serem *espias*. Eles devem ter ficado com muito medo. Estavam diante do homem que tinha poder de um rei. Com apenas uma palavra deste homem, eles poderiam ser executados.

**42.16,17** — José ordenou que Benjamim, seu irmão, fosse levado até lá. Este estava aos cuidados do pai, Jacó (v. 4). Também mandou prender os irmãos por três dias.

**42.18-20** — Nesta passagem, José solta os irmãos para enviá-los a Jacó, a fim de trazer Benjamim até ele. José também dá uma pista aos irmãos de que ele era um hebreu, quando disse *eu temo a Deus* (Gn 41.32). Apesar de estar há mais de 20 anos no Egito, José não havia perdido a sua fé no verdadeiro Deus.

**42.21** — Os irmãos de José se deram conta de que estavam sendo punidos pelo Senhor pelo que haviam feito a José muitos anos atrás. Lembra-ram-se da *angústia de sua alma, quando [lhes] rogava*. Em Gênesis 37.18-28, não é mencionado este detalhe.

**42.22** — *Rúben respondeu-lhes, dizendo: Não vo-lo dizia eu, dizendo: Não pequeis contra o moço? Mas não ouvistes; e, vedes aqui, o seu sangue também é requerido*. Somente Rúben tentou salvar José naquele terrível dia (Gn 37.22). Seu plano de resgatar o irmão foi frustrado quando os outros decidiram vendê-lo aos negociantes midianitas, em vez de abandoná-lo no poço para que ele morresse. Aqui, de acordo com Rúben, os irmãos estavam sendo punidos pela morte de José.

**42.23** — José falava aos irmãos na língua dos egípcios, e um intérprete traduzia a conversa. Os

irmãos não suspeitavam de que o oficial egípcio diante deles pudesse entender o que diziam em seu idioma nativo.

**42.24** — *E retirou-se deles e chorou*. Neste ponto, as emoções de José fogem ao seu controle. *Depois, tornou a eles, falou-lhes, tomou a Simeão dentre eles e amarrou-o perante os seus olhos*. Já que Rúben, o filho primogênito, foi o seu principal defensor, José escolheu Simeão como refém, pois este era o segundo irmão mais velho (Gn 35.23-26).

**42.25-27** — A atitude de José aqui é ao mesmo tempo benevolente e perturbadora. A devolução dos valores permitiria que os irmãos voltassem algum tempo depois para outra compra. Por outro lado, eles poderiam ser acusados de roubo. O termo *dinheiro*, usado em algumas traduções, refere-se às peças de prata. A cunhagem das moedas ainda não tinha sido inventada.

**42.28** — A descoberta de parte do dinheiro na bagagem assustou os irmãos (mas veja o v. 35). Eles acusaram Deus pelo que havia acontecido.

**42.29-34** — Os irmãos relataram fielmente ao pai, Jacó, tudo o que lhes acontecera.

**42.35** — A descoberta dos valores na bagagem de um dos irmãos (v. 27,28) poderia ser explicada como um engano. Contudo, agora eles perceberam que o dinheiro de cada um estava em sua respectiva bolsa.

**42.36** — A aflição de Jacó aumentou. Um dos filhos estava morto, o outro na prisão, e um terceiro poderia ser ameaçado por um oficial egípcio.

**42.37** — Rúben novamente tomou a liderança e assumiu os riscos. Ele tentou dar uma garantia ao seu pai de que retornaria com Benjamim são e salvo. A drástica promessa que Rúben fez, dando seus filhos como garantia, é uma tentativa de mostrar quão determinado ele estava. Apesar de tudo, algumas vezes tais atitudes resultaram em desastres nos tempos bíblicos (leia a história da filha de Jefté, em Jz 11.29-40). Nestes casos, o melhor é seguir as instruções de Jesus acerca dos juramentos, em Mateus 5.33-37.

**42.38** — Jacó estava decidido. Ele já tinha perdido filhos o suficiente e não queria arriscar a vida de Benjamim, seu favorito. Ele confessou a seus filhos que a morte de José, acrescida à



### VOGÊ SABIA?

#### A IMPORTÂNCIA DA IDADE

José dispôs seus irmãos assentados à mesa de acordo com as suas idades (Gn 43.33). Os direitos de herança estavam inflexivelmente ligados à ordem de nascimento dos filhos. Na sociedade em geral, a idade era considerada um fator que conferia à pessoa uma posição de respeito. Via-se a *desobediência aos pais ou aos irmãos mais velhos como uma ofensa muito grave, e, em certos casos, poderia ser punida severamente*.

possibilidade de perder Benjamim, levaria-no a uma depressão profunda, que causaria a sua morte prematura.

**43.1-6** — *Por que me fizestes tal mal?* Jacó culpou seus filhos por terem dito ao oficial egípcio que havia mais um irmão. Eles alegaram que apenas responderam às perguntas que lhes foram feitas (v. 7).

**43.7,8** — Judá prometeu ao pai que protegeria o irmão, apresentando um comportamento [protetor] completamente diferente do que teve nos episódios com José e com Tamar. Judá tinha a intenção de manter seu irmão seguro e preocupava-se com o bem-estar de seu pai.

**43.9** — O verbo hebraico *'arab*, traduzido como *serei fiador* tem relação com o substantivo *garantia*, que aparece em Gênesis 38.17,18. O verbo *chatã*, traduzido como *serei culpado*, deriva de um verbo geralmente traduzido como *pecar* (Gn 40.1;41.9).

**43.10,11** — *Tomai do mais precioso desta terra em vossos sacos e levai ao varão um presente: um pouco de bálsamo, um pouco de mel, especiarias, mirra, terebinto e amêndoas.* Como a terra estava enfrentando um período de fome, as *especiarias* e os outros produtos que os filhos de Jacó deveriam levar para oferecer ao oficial egípcio provavelmente eram de colheitas antigas. O gênero alimentício de que mais precisavam era os grãos; daí a troca.

**43.12-14** — *E Deus Todo-poderoso vos dê misericórdia diante do varão, para que deixe vir convosco vosso outro irmão, e Benjamim; e eu, se for desfilhado, desfilhado ficarei.* Esta é a quarta vez em Gênesis que o Senhor é chamado de *El Shaddai*, o Deus todo-poderoso (Gn 17.1; 28.3; 35.11). Ele concederia misericórdia aos filhos de Jacó diante do oficial egípcio. Caso contrário, mais uma vez Jacó ficaria desfilhado.

A palavra hebraica aqui traduzida como *misericórdia* é *racham* [e não *checed*]. Denota uma manifestação do amor de Deus pelo Seu povo, que está entranhado no coração de um pai, vem do ventre, do útero. Pode indicar a afeição maternal de Deus pelo Seu povo. Esta afeição é a base no Antigo Testamento. (É compatível com as palavras de Paulo *entranhas de misericórdia*, em Cl 3.12.)

O velho Jacó ainda não sabia que Deus, por causa de Sua grande e maternal afeição por ele, já tinha planejado a reunião de toda a sua família, incluindo o filho que ele presumia estar morto.

**43.15-18** — Os irmãos devem ter ficado surpresos. Da última vez, foram tratados como espíões e criminosos (Gn 42.9-14). Agora José os convidava para ir até a sua casa e almoçar com ele.

**43.19-23** — O administrador teve uma reação inesperada. Ele não os acusou de furto e convidou-os para entrar na casa com uma bênção de paz: *Paz seja convosco, não temais; o vosso Deus, e o Deus de vosso pai, vos tem dado um tesouro nos vossos sacos; o vosso dinheiro me chegou a mim.* Surpreendentemente, José expressou a sua fé no Deus de Jacó, embora tenha omitido a verdade ao afirmar *o vosso dinheiro me chegou a mim.*

**43.24** — Eles lavaram os pés porque usavam sandálias abertas percorrendo caminhos empoeirados.

**43.25,26** — Pela segunda vez (Gn 42.6), os irmãos de José se *curvaram* perante este, exatamente como lhe foi revelado nos sonhos que tivera.

**43.27-29** — *Benjamim* não tomou parte na conspiração contra José anos antes. O relacionamento entre José e seu irmão mais novo deve ter sido estreito, visto que José ficou emocionado ao ver Benjamim (v. 30).

**43.30-32** — A princípio, José manteve a sua identidade egípcia. Assim, seguiu o costume do povo com o qual agora vivia e fez a sua refeição em uma mesa separada da mesa dos hebreus, visto que, para os egípcios comer com hebreus era *abominação*. Este termo, no original, indica algo impuro que provoca uma repulsa muito forte; algo que pode causar uma enfermidade física (Gn 46.34). Talvez os egípcios também sentissem aversão pelos hebreus, principalmente pelo corpo destes, coberto de pelos.

**43.33,34** — Os irmãos de José devem ter ficado surpresos e confusos por terem sido dispostos à mesa de acordo com suas idades.

**44.1-5** — José continuou a testar o caráter de seus irmãos, ordenando ao servo que estava sobre a sua casa que colocasse o *dinheiro* nas bagagens deles e o *coço de prata* na bagagem de Benjamim.

**44.6-12** — Em resposta às acusações do servo, os irmãos de José insistiram em sua inocência e prometeram entregar aquele que estivesse com o copo de prata. Após a busca na bagagem de todos os homens, o copo foi encontrado na bagagem de Benjamim.

**44.13** — Em uma atitude verdadeiramente desesperada por causa da situação difícil em que se encontravam, os irmãos de José *rasgaram suas vestes*. Eles não podiam deixar que Benjamim morresse! Ironicamente, alguns anos antes os mesmos irmãos conspiravam para matar José. Mas, naquela época, em vez de rasgarem as suas próprias vestes por causa da desgraça, eles romperam as vestimentas de José, a fim de encobrir o que haviam feito.

**44.14** — Apesar de Rúben ser o irmão mais velho, quem tomou a frente nessa questão foi Judá (Gn 46.28).

**44.15** — Neste versículo, a menção do “poder de adivinhar” indica a prática egípcia de consultar a vontade dos deuses, observando um líquido em uma taça especial. Benjamim supostamente não roubara qualquer taça, mas um copo muito importante naquela cultura. Sua atitude acarretaria graves consequências. As palavras *não sabeis vós que tal homem como eu bem adivinha?* não afirmam que José praticava a adivinhação. Ele apenas queria que seus irmãos pensassem isso.

**44.16** — *Então, disse Judá: Que diremos a meu senhor? Que falaremos? E como nos justificaremos? Achou Deus a iniquidade de teus servos.* O pesar de Judá era genuíno. Ele não deu nenhuma desculpa. Apenas afirmou que aquilo acontecera porque Deus os julgou culpados pela forma como trataram José. Então apresentou a si e aos irmãos como escravos do “governador egípcio”.

**44.17** — José exigiu que apenas o irmão mais novo se tornasse seu escravo. Os demais podiam voltar em paz para a casa de seu pai. A ordem que expressara, indicando rompimento dos laços entre irmãos, era um teste. Eles deixariam Benjamim no Egito para se tornar um escravo, da mesma forma como fizeram com José? Para os irmãos, a ordem de José deve ter sido especialmente dolorosa. Não haveria paz na família de

Jacó se o caçula fosse realmente deixado naquela terra para servir de escravo.

**44.18-29** — Toda aquela situação criada por José provocou uma reação singular em Judá. Ele mudara suas atitudes completamente. Estava agindo diferente daquele período em que ignorou os sentimentos dos membros de sua família, a família da promessa (Gn 38).

**44.30-34** — Judá explicou a José o sofrimento profundo que se abateria sobre seu pai caso perdesse Benjamim. Desta forma, ele se ofereceu para ocupar o lugar do irmão mais novo. Em vez de mostrar indiferença, como fez no passado (Gn 38), Judá ofereceu a sua própria vida pela de Benjamim.

**45.1** — *José não podia mais se conter.* Suas emoções reprimidas atingiram o limite. Seus sentimentos eram como diques a ponto de romper-se. Não havia mais como manter o controle emocional.

**45.2** — José chorou tão alto que seu pranto pôde ser ouvido por todo o palácio do faraó (Gn 46.29)!

**45.3** — *Eu sou José.* Ele deve ter pronunciado essas palavras em hebraico, e não na língua dos egípcios (Gn 42.23). Ainda assim, os irmãos não conseguiram acreditar no que acabavam de ouvir. Eles venderam José como um escravo; pensavam que a esta altura ele estaria morto. Como tal revelação poderia ser verdade? O senhor egípcio que tinha a vida deles nas mãos era o irmão que fora vendido!

**45.4** — José se deu conta de que sua aparência física, seus modos egípcios, sua alta posição na corte e seu poder sobre o povo faziam com que aquela fosse uma verdade difícil de ser acreditada. Por isso, pediu a seus irmãos que chegassem mais perto para que pudessem reconhecer a sua voz e a sua face. José se identificou como aquele que *havia sido vendido*. O medo os afligiu novamente. José se vingaria deles?

**45.5-7** — José usou a bondade para acalmar o coração de seus irmãos. Disse: *Para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face.* Para José, o Senhor se aproveitara das ações perversas e das atitudes abomináveis dos homens para preservar não só a família de Jacó, como também a vida de


**PERFIL**
**A HISTÓRIA DE JOSÉ**

A extraordinária história da ascensão de José ao poder no Egito não é apenas outro conto do garoto pobre que ficou rico. Fundamentalmente, a narrativa é sobre como o Senhor criou uma nação de uma família transtornada.

A família de Jacó era contaminada pela inveja e pelo ciúme. Raquel invejava Léia, e Léia invejava Raquel (Gn 30.1). Os filhos de Léia herdaram o ressentimento materno. Eles invejaram tanto José que o venderam como escravo (Gn 37.28). Pode ser até mesmo que Rúben tenha abusado de Bila por causa de seu ciúme em relação a Benjamim. Assim, a família desintegrou-se.

Depois de José ter sido vendido como escravo, Judá deixou a família, juntou-se aos cananeus e casou-se com uma mulher de Canaã (Gn 38.1-3). Simeão seguiu os passos do irmão e também tomou por esposa uma cananeia (Gn 46.10). Com todo esse sentimento de inveja e dissociação, a família de Jacó — o clã da eterna promessa divina (Gn 12.1-3) — estava tornando-se muito parecida com a comunidade pagã que vivia bem ao lado dela.

Entretanto, o Senhor não deixou que os problemas desta família impedissem Seus bons propósitos. Ele prometera formar uma grande nação desta família, uma nação que espalharia Suas bênçãos em toda a terra (Gn 12.1-3). A família de Jacó estava dividida, mas Deus delineou os acontecimentos para que ela viesse a unir-se novamente.

Mediante uma série de eventos memoráveis, Deus elevou José da posição de escravo e prisioneiro a administrador de toda a terra do Egito, a braço direito do faraó. O Senhor transformou o perverso plano dos irmãos de José em algo extremamente bom (Gn 37.19-28; 50.20).

Como o encarregado de elaborar o plano de sobrevivência do Egito durante os anos de fome, José estava numa posição em que poderia salvar a vida de muitas pessoas no mundo antigo. Com seu novo nome, Zafenate-Panéia, e sua maravilhosa história, José pôde testemunhar ao povo a respeito do poder e da bondade do Deus vivo (Gn 41.45).

Contudo, os planos divinos não acabaram por aqui. Deus usou a fome rigorosa para reunir a família de Israel. Quando os irmãos de José o reconheceram, eles não somente expressaram arrependimento pelo mal que causaram no passado (Gn 42.21; 45.5), como também demonstraram uma grande lealdade ao irmão mais novo, Benjamim.

Judá, aquele que havia deixado a família anos antes (Gn 38.1), implorou pela vida de Benjamim, mesmo que isso lhe custasse sua própria liberdade (Gn 44.18-34). A reunião da família e a escassez de alimentos durante a fome fizeram com que Jacó se mudasse para as cercanias do Egito, para a terra de Gósen.

Deus usou as atitudes malignas dos egípcios — principalmente o ódio por pastores — para isolar a família naquele local (Gn 43.32; 46.34). Longe do povo egípcio, o Senhor pôde fazer com que o clã se dedicasse tranquilamente à adoração e à obediência.

Em todos os excepcionais acontecimentos da história de José, Deus permaneceu fiel à promessa feita a Abraão (Gn 12.1-3). Ele criou uma grande nação usando a inveja humana, a dissociação da família e a segregação racial (Gn 50.20).

muitas pessoas no mundo antigo. *Yahweh* trabalhou por meio dos atos detestáveis dos irmãos de José, a fim de fazer com que Sua grandiosa obra fosse conhecida. Este padrão pode ser encontrado ao longo das Escrituras e da história. Tudo isso chega ao ápice com a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, cuja importância é indicada por Pedro em seu sermão no Pentecostes, quando a Igreja é instituída por Deus. Desacreditando os oficiais judeus e os perversos soldados romanos em sua conspiração para levar Jesus à morte, Pedro revelou que tudo foi feito por *propósito determinado e pré-conhecimento de Deus* (At 2.23

NVI). Da mesma maneira, as ações bárbaras dos irmãos de José prepararam o cenário para a grande obra de libertação do Deus vivo (Gn 50.20).

45.8 — José falou novamente que Deus atingiu Seus objetivos mediante as ações malignas de seus irmãos. A expressão *pai de faraó* indica que José era um conselheiro do rei, assim como um pai que aconselha seu filho.

45.9,10 — José explicou a seus irmãos que estes deveriam viver no Egito durante o período de fome. Este era o plano de Deus, pois Ele dissera a Abraão que seus descendentes viveriam em uma terra estrangeira (Gn 15.13-16).

**45.11** — *E ali te sustentarei.* Com a família morando perto, José poderia garantir-lhe a sobrevivência durante os difíceis anos de fome.

**45.12,13** — José, mais uma vez, teve que convencer os irmãos de que era realmente o primogênito de Jacó com Raquel.

**45.14** — *Benjamim* era o único irmão de José filho de seu pai e sua mãe. Finalmente, eles estavam reunidos.

**45.15-20** — Este é outro indício da grande estima que o faraó tinha por José. A notícia da reunião de toda a família do homem que era seu braço direito foi recebida com muita alegria pelo faraó e por seus oficiais. Com sua atitude, o rei do Egito superou qualquer expectativa de José.

**45.18,19** — José trabalhava para preservar a nação egípcia da destruição; logo, o faraó providenciou o *melhor* para o seu servo.

**45.20,21** — José enviou seus irmãos de volta à terra de seu pai com o consentimento do faraó e muitas provisões e presentes.

**45.22** — *Benjamim*, o irmão que na situação anterior parecia estar exposto ao risco maior (Gn 44), agora recebeu a maior das considerações.

**45.23-28** — Quando os irmãos disseram ao pai as fabulosas notícias acerca de José, Jacó ficou atordado. Mas, seu espírito reviveu, ele viu os presentes e, então, acreditou em seus filhos. *E disse Israel: Basta; ainda vive meu filho José; eu irei e o verei antes que eu morra.* Essas são palavras de triunfo. Jacó, de fato, poderia rever seu filho preferido, aquele que pensara por muitos anos estar morto.

**46.1** — A viagem de Jacó para o Egito iniciou um período de permanência de 400 anos dos israelitas longe de Canaã. Jacó entrou no Egito, onde reuniria todos os filhos, incluindo José. Quatrocentos anos depois os descendentes do patriarca deixariam o Egito como uma grande nação. Jacó rumou ao lugar que fora tão importante para seu avô, Abraão (Gn 21.22-34), e seu pai, Isaque (Gn 26.26-33). No passado, Jacó deixara a sua família em *Berseba*, indo para Harã (Gn 28.10). Agora, voltava a *Berseba*, onde *ofereceu sacrifícios*. Jacó adorou a Deus. Ele consagrou a sua família ao Senhor antes de deixar a Terra Prometida.

**46.2** — Deus apareceu a Israel pela sétima vez (Gn 35.1,9). O fato de os nomes Jacó e Israel serem usados como sinônimos indica que a conotação negativa do nome Jacó não existia mais (Gn 31.11; 32.28; 35.10). Agora, *Jacó* significava *o Senhor vence*.

**46.3** — *Eu sou Deus, o Deus de teu pai.* A auto-identificação de Deus é um pouco diferente aqui do que nas vezes anteriores. Ao adicionar as palavras *o Deus de teu pai*, o Senhor se identifica como o mesmo Deus no qual Isaque creu, o mesmo que dera a grande bênção a este. O Senhor proibiu que Isaque fosse ao Egito anos antes (Gn 26.2), e o pai de Isaque, Abraão, tivera uma experiência desagradável naquela terra (Gn 12.10-20). Apesar dos presentes de José e de suas palavras, Jacó temia o que poderia acontecer-lhe no Egito. Então, o Senhor o apazigua, dizendo: *não temas descer ao Egito, porque eu te farei ali uma grande nação*.

**46.4** — *E descerei contigo ao Egito.* Deus prometeu estar com o Seu povo, mesmo em uma terra estrangeira.

*José porá a sua mão sobre os teus olhos.* A vida de Jacó estava próxima ao fim. Contudo, Deus prometeu a ele que, em seu leito de morte, seu amado filho, aquele que ele pensou que havia morrido, estaria com ele.

**46.5-7** — É um estilo comum na prosa hebraica anunciar um acontecimento importante e, em seguida, descrevê-lo como tendo acontecido. Isso acrescenta ao texto solenidade e nobreza. Toda a família e suas posses estavam em território egípcio agora.

**46.8-27** — *Estes são os nomes dos filhos de Israel.* A listagem com os nomes dos membros da família de Jacó não é apenas um notável documento histórico, mas também uma fonte de orgulho. Desta família se originaria a nação de Israel, o povo de Deus que viria a tomar a posse definitiva da Terra Prometida, conforme a promessa divina (Gn 15.13-21). A ordem em que aparecem os nomes dos filhos de Jacó é estabelecida de acordo com os nomes das mães (como em Gn 35.23-26; a ordem de nascimento dos filhos é dada em Gn 29.31—30.24; 35.16-22).

**46.8-15** — Os primeiros são os filhos de Léia: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom, além dos respectivos filhos deles.

**46.8** — A expressão que identifica Rúben, o *primogênito de Jacó*, que deveria ser um motivo de orgulho, tornou-se um marco de tristeza. Rúben perdeu seus direitos de primogênito por causa de seu pecado com Bila (Gn 35.22; 49.3,4).

**46.9,10** — O casamento com mulheres cananeias não era comum na família de Jacó. Apenas Simeão e Judá tiveram esposas da terra de Canaã (a esposa de José era egípcia).

**46.11** — Os filhos de Levi, *Gérson, Coate e Merari*, tornaram-se os pais das tribos levíticas (Êx 6.16-19). Os filhos de Coate, em particular, iniciaram a classe sacerdotal, da qual descendiram Arão e Moisés (Êx 6.20-25).

**46.12-14** — A história da família de Judá, incluindo os filhos mortos, Er e Onã, é encontrada no capítulo 38. Selá foi seu único filho de Judá com uma esposa cananeia que sobreviveu. Os outros dois, Perez e Zerá, são filhos de Judá com Tamar.

**46.15** — A triste história de Diná é contada no capítulo 34.

**46.16-26** — O total de pessoas é 66, mas, quando Jacó, José e os dois filhos deste são acrescentados à lista, este número sobe para setenta. [Na Septuaginta consta *setenta e cinco*. Veja Êx 1.5 e At 7.14.] Na listagem não estão incluídos os nomes das esposas dos filhos de Jacó. Os antigos israelitas consideravam o número setenta como um sinal da bênção especial de Deus sobre eles. Por meio da família de Jacó, Deus formaria *uma grande nação* (Êx 1.1-7).

**46.27,28** — Jacó tratava Judá como o líder entre os irmãos (Gn 44.18). Contudo, a ordem natural de liderança na cultura antiga privilegiava o primogênito. No caso da família de Jacó, Rúben (Gn 46.8).

**46.29** — José, o grande líder do Egito, foi a Gósen, o lugar onde sua família estava assentada, para encontrá-la.

**46.30** — A reunião de toda a família, incluindo o seu filho José, foi o acontecimento que coroou a longa vida de Jacó. O patriarca ainda viveria por mais 17 anos (Gn 47.28).

**46.31-34** — Estes versículos mostram a habilidade de liderança de José. Ele conseguiu atingir seus objetivos mantendo de forma autêntica uma genuína atitude de autoridade para com seus irmãos, sendo sábio ao fazer sugestões e tendo o profundo conhecimento dos costumes do povo.

Os egípcios desprezavam os *pastores de ovelhas* (Gn 43.32). Aqui vemos que esse é o motivo de considerarem os hebreus uma *abominação*. Deus usou o preconceito dos egípcios como uma forma de preservar a identidade étnica e espiritual de Seu povo. Na família de Jacó já havia casamentos interraciais com os cananeus (cap. 38), contudo, se os hebreus dessem continuidade a esta prática, corriam o risco de perder a identidade como o povo de Deus.

**46.34** — Este versículo finaliza inapropriadamente o capítulo, pois a seção se estende até Gênesis 47.12. Há muitos capítulos em Gênesis que não são divididos da melhor forma para a perfeita narrativa (Gn 2.1,4; 27.46; 29.31; 30.25). Nota-se que o lugar mais apropriado para terminar o capítulo 46 seria em Gênesis 47.12. O capítulo 47 poderia começar no versículo 13.

**47.1-6** — O plano de José funcionou. O faraó permitiu que a família de seu servo morasse em Gósen (Gn 46.31), pois o povo egípcio desprezava os *pastores* (Gn 46.31-34).

**47.6** — Gósen era uma área no delta do Nilo, bem irrigada e perfeitamente apropriada para o pastoreio exercido pela família de Jacó.

**47.7-10** — A apresentação do pai de José ao faraó deve ter sido uma ocasião importante. Surpreendentemente, Jacó o abençoou (v. 7,10). Era o rei do Egito, em seu papel de anfitrião, que normalmente pronunciaria a bênção sobre o patriarca, por causa de sua grande admiração por José. Mas, em vez disso, foi o visitante que abençoou o anfitrião em nome do Deus vivo! Assim, Jacó obedecia ao comando divino para que os descendentes de Abraão *fossem uma bênção* (Gn 12.2):

**47.8-10** — A pergunta do faraó indica que a longevidade da família patriarcal era algo verdadeiramente excepcional, mesmo para aquele período. Jacó respondeu à pergunta com humildade e honestidade. O patriarca viveu anos muito

difíceis e *maus*. O longo tempo de rivalidade com seu irmão, Esaú, e a luta ferrenha com o sogro, Labão, marcaram as primeiras décadas de sua vida. Após esse período, Jacó experimentou a dor e a tristeza de ter supostamente perdido seu filho preferido. Jacó, então com 130 anos, viveria menos que Abraão (175 anos; Gn 25.7) e Isaque (180 anos; Gn 35.28), mas ainda assim só morreu aos 147, no Egito (Gn 47.28).

47.11 — Com a ajuda do faraó, José conseguiu um ótimo lugar para instalar sua família.

47.12 — Como o homem encarregado da distribuição de alimento durante a fome, José garantiu que sua família fosse plenamente suprida.

47.13 — A fome era severa, mesmo no Egito.

47.14 — A prata era a moeda utilizada na época. Os egípcios detinham os estoques de alimento; logo, a riqueza e o poder daquela nação cresceram imensamente. O povo dava aos administradores, em troca dos mantimentos, tudo o que possuía: a prata, o gado e as propriedades. Canaã também continuava a sofrer as consequências da escassez.

47.15-19 — Quando a população ficou sem moeda de troca (a prata), começou a levar aos administradores seus rebanhos (v. 17), para comprar comida. A partir do momento em que não havia mais animais, os homens começaram a ceder suas terras. Desta forma, toda a riqueza dos povos vizinhos ao Egito foi transferida para os domínios do faraó.

47.20 — O rei do Egito se tornou, então, o dono de toda a terra. Isso, por fim, levaria ao abuso de poder. (Para ler sobre a exploração dos israelitas, veja o livro de Êxodo.)

47.21 — A mudança das pessoas de suas terras para as *idades* foi um acontecimento que influenciou significativamente as relações políticas e sociais do antigo Egito.

47.22 — O tratamento preferencial dado por José aos *sacerdotes* das religiões pagãs daquela nação pode ser, para nós, a mais problemática questão em sua administração do Egito. Sem dúvida, isso pode ter acontecido em virtude de algum tipo de influência poderosa que os sacerdotes



## PERFIL

### APROVEITANDO UMA OPORTUNIDADE

Algumas vezes Deus coloca oportunidades em nossa vida de forma que possamos progredir em nosso trabalho e alcançar a prosperidade. Isso foi o que aconteceu com Jacó e seus filhos quando emigraram para o Egito. Eles desejavam, principalmente, escapar da fome em Canaã, mas provavelmente também estavam buscando uma mudança. Assim, acabaram por transferir-se para outro local, basicamente a pedido de José. Mas, tão logo chegaram, as circunstâncias criaram uma oportunidade única.

José deparou-se com um problema: como apresentar sua família, há muito tempo distante, ao faraó? O rei do Egito tinha uma grande consideração pelo filho de Jacó, mas como ele reagiria quando soubesse que o patriarca e seus descendentes eram pastores de ovelhas? Essa atividade era uma *abominação* para os egípcios (Gn 46.34) e servia apenas para os escravos.

É possível imaginar a dimensão desta repulsa ao lembrar que, quando os irmãos de José retornaram em sua segunda jornada ao Egito, levando Benjamim com eles, foram obrigados a comer separados dos egípcios (Gn 43.32). Visivelmente, hebreus e pastores eram sinônimos na mente do povo do Egito.

José transformou suas inúmeras dificuldades em uma oportunidade. Ele instruiu seus irmãos a afirmarem corajosamente suas habilidades, em vez de menosprezarem suas ocupações. Ele sabia que o faraó jamais mudaria de opinião a respeito dos pastores, mas provavelmente o rei permitiria que a família vivesse dignamente em um local mais afastado.

E foi exatamente assim que o plano de Deus funcionou (Gn 47.1-6). Além disso, o respeito do faraó por José fez com que o rei pedisse que a família de Jacó supervisionasse o seu próprio rebanho. Ele continuava a detestar os pastores, mas, quando a questão era o cuidado com seus animais, o faraó claramente preferia que estes fossem tratados pelos parentes de alguém em quem muito confiava.

A designação foi ao encontro da habilidade e da experiência dos irmãos. Como muitos imigrantes no mundo hoje, eles tinham a vontade e a capacidade de fazer um trabalho que os nativos do país em que se encontravam achavam inaceitável. Como resultado, eles prosperaram naquela terra (Gn 47.27; Êx 1.7).

exerciam no palácio. Não obstante, esta atitude parece ser uma estranha concessão de José, um homem de Deus, à idolatria. O fato de que os sacerdotes estavam sob um sistema de sustento regular do faraó pode simplesmente ter deixado José de mãos atadas acerca das reformas que ele gostaria que fossem feitas.

**47.23-26** — Com a terra em poder do rei, José impôs um sistema de taxas ao povo. O faraó forneceria as sementes para o plantio, mas um quinto de toda a colheita seria recolhido aos cofres reais. Esta se tornou uma prática padrão no Egito (v. 26). As pessoas responderam com gratidão, porque José salvara a vida delas.



### VOCE SABIA?

#### REGISTROS DO GOVERNO EGÍPCIO

O estado egípcio supervisionava agentes capazes de construir pirâmides e templos, que demandavam centenas de trabalhadores e décadas de esforço. Registros minuciosos foram mantidos acerca de mercadorias e de despesas com alimentação e bebidas para os trabalhadores (Gn 47.24). Os pães eram alimentos muito consumidos.

**47.27** — A família de Jacó não teve de vender as suas posses a fim de comprar alimento. Visto que José controlava todos os suprimentos, ele deu aos seus tudo o que precisavam.

**47.28** — Mesmo que Jacó, após o reencontro com seu filho José, considerasse a possibilidade de morrer (Gn 45.28;46.30), Deus ainda lhe deu um bom número de anos para que este desfrutasse dias melhores com a sua família.

**47.29-31** — Jacó ainda tinha algumas coisas para acertar antes de sua partida final. Primeiro, ele quis que José promettesse sepultá-lo em Canaã. Depois, quis abençoar cada um dos filhos de José (Gn 48; 49).

**47.29-31** — *Chegando-se, pois, o tempo da morte de Israel, chamou a José, seu filho, e disse-lhe: [...] Que ponhas a tua mão debaixo da minha coxa.* Esta ação indica uma ação solene de compromisso. (Para verificar o mesmo pacto entre Abraão e seu servo, leia Gn 24.2).

*E usa comigo de beneficência e verdade.* Esta expressão significa demonstre para comigo a máxima lealdade em suas palavras e ações. Podemos dizer que Jacó queria que José fosse fiel assim como Deus foi fiel às Suas promessas.

Então, Jacó pediu: *Não me enterres no Egito.* Jacó pediu para ser enterrado em Canaã, na terra prometida aos seus descendentes. Com isso, demonstrou a sua fé vigorosa nas promessas divinas.

**48.1,2** — José sabia que o fim da vida de Jacó estava aproximando-se (Gn 47.29). No entanto, a notícia que recebeu dizia que seu pai estava *enfermo*. Este capítulo continua o tema em Gênesis da competição entre os *dois irmãos*. [Para conferir a história de Caim e Abel, leia o capítulo 4; de Esaú e Jacó, os capítulos 25—28; de Perez e Zera, o capítulo 38.27-30.] Frequentemente, na história dos patriarcas hebreus, o mais novo assume o lugar do mais velho. Deus realiza Sua obra de maneira diferente da comum e do esperado desfecho dos acontecimentos.

**48.3,4** — *Deus Todo-poderoso.* Esta é a quinta vez que o nome *El Shaddai* aparece em Gênesis (Gn 17.1; 28.3; 35.11; 43.14; 49.25). *Luz* é o antigo nome de Betel. Jacó lembrou as aparições de Deus a ele (Gn 28.10-15,19; 35.6-13) e as promessas divinas para a sua família.

**48.5-7** — Os dois filhos de José eram Manassés e Efraim (Gn 41.50-52). Jacó inverteu o direito dos netos. Ele também disse que os filhos de José eram tão seus quanto *Rúben e Simeão*, os mais velhos (Gn 29.32,33). Por causa das ultrajantes atitudes de Rúben (Gn 35.22) e de Simeão (Gn 34.25), ambos perderam seus benefícios. Levi também participou do ultraje de Simeão (Gn 34.25). Desta forma, os direitos e os privilégios do primogênito foram passados diretamente a outros dois filhos: Judá (Gn 49.8-12) e José (Gn 49.22-26). Rúben, na condição de primeiro filho nascido, poderia ter recebido a porção em dobro da herança de seu pai. Contudo, Jacó deu este benefício a José (v. 22), o primogênito dele com Raquel. Agora, os filhos de José também foram contados, junto com seus tios, como os fundadores da tribo de Israel.



48.7 — Aqui o velho Jacó lembrou o grande amor da sua vida, Raquel, que morreu ao dar à luz seu filho Benjamim.

48.8-11 — *Eu não cuidara ver o teu rosto.* Novamente Jacó se lembra do seu pesar por ter passado vários anos pensando que José estivesse morto, e expressa grande alegria ao vê-lo com vida tempos depois (Gn 46.29). E agora o patriarca podia ver, além do filho querido, os netos, os filhos de José!

48.12-14 — José apresentou seus filhos ao pai em um ato de humildade e respeito. Ele os dispôs de forma que a mão direita de Jacó pudesse pousar sobre a cabeça do mais velho, e a mão esquerda sobre a do mais novo. Mas, deliberadamente, Jacó inverteu as mãos, estendendo a mão direita sobre o filho mais novo.

48.15 — Em sua bênção, Jacó reafirmou sua grande fé no Deus vivo. Apesar das atitudes que tomara em sua juventude, a crença de Jacó havia amadurecido. O patriarca usou o artigo definido junto com a palavra *Deus* para enfatizar a genuína divindade (como em Gn 6.2; 22.1; 27.28; 31.11; 46.3). Ele identificou Deus como aquele a quem Abraão e Isaque serviram.

48.16 — *O Anjo* é uma forma abreviada de referir-se ao *Anjo do Senhor* (Gn 16.7; 22.11; 24.7). Jacó queria que os dois filhos de José herdassem a bênção que o Senhor dera a Abraão, Isaque, e a si próprio.

48.17,18 — José percebeu que a mão direita do pai pousava sobre a cabeça do filho mais novo e quis movê-la, a fim de que ficasse sobre a cabeça

do primogênito. Contudo, apesar da pouca visão, Jacó estava ciente do que fazia. Mais uma vez, em Gênesis, Deus contrariou a ordem esperada das coisas. O mais velho serviria ao mais novo, da mesma forma que Jacó fora exaltado em lugar de seu irmão (Gn 27.1—28.9).

48.19,20 — Ao abençoar *Efraim e a Manassés*, Jacó citou primeiro o filho mais novo de José. Daí em diante, os dois ficaram conhecidos nessa ordem.

48.21 — Jacó prometeu a José que este retornaria à terra de Canaã. A promessa foi cumprida após a morte de José (Gn 50.24-26).

48.22 — Ao abençoar os dois filhos de José, com seus próprios filhos, Jacó deu a José o dobro da porção que dera aos irmãos deste, dizendo: *eu te tenho dado a ti um pedaço de terra mais que a teus irmãos, o qual tomei com a minha espada e com o meu arco da mão dos amorreus.* Esta promessa seria cumprida quando os israelitas retornassem a Canaã para tomar posse da terra que Deus lhes deu (Gn 15.12-21).

49.1 — *Ajuntai-vos, e anunciar-vos-ei o que vos há de acontecer nos derradeiros dias.* Esta frase é uma alusão ao futuro glorioso de seus descendentes.

49.2 — *Ouvi* é uma introdução formal às palavras que viriam a seguir.

49.3,4 — Jacó começou a bênção com palavras afetuosas para Rúben, o seu primogênito. Contudo, terminou repreendendo-o por causa de sua atitude presunçosa com Bila (Gn 35.22). Ao subir à cama do pai, Rúben tentou consolidar seus direitos de primogênito, mas, na verdade, gerou o efeito contrário.

49.5-7 — Simeão e Levi estavam ligados por causa da feroz e cruel vingança contra Siquém e seu povo (cap. 34). Mesmo que o filho de Siquém tenha violentado a irmã deles, a revanche que praticaram ultrapassou os limites tolerados. Além disso, eles ultrajaram o sagrado rito da circuncisão. Por causa de suas atitudes, Jacó os descreveu como *instrumentos de violência*. A fúria dos irmãos foi sanguinária e violenta, e não um ato de justiça para honrar Deus (v. 6,7). Em razão disso, eles seriam dispersos em Israel. Tempos depois, as terras de Simeão foram distribuídas no extenso



## VOCÊ SABIA?

### A BÊNÇÃO DE JACÓ

O último grande acontecimento na vida do velho Jacó foi a bênção profética que deu a cada um dos seus doze filhos. O destino da nação estava nas mãos de seus descendentes. Algumas vezes a previsão era boa; outras, nem tanto.

Em Gênesis 49, podemos ler sobre estas revelações dotadas de poder divino que o patriarca ofereceu a cada filho. A forma poética destas palavras as fez memoráveis, penetrantes e poderosas. Esses foram oráculos de Deus, tanto quanto as profecias de Isaías e Jeremias.

território da tribo de Judá (Js 19.1-9), e as de Levi, em cidades por toda a terra (Js 21).

**49.8** — *Judá [...] te louvarão.* Aqui há um trocadilho com o significado do nome Judá, *louvor ao Senhor*. O louvor de Jacó a Judá só não é superado por seu louvor a José (v. 22-26; Gn 48). Judá obteve a liderança de seus doze irmãos quando Jacó despojou Rúben, Simeão e Levi. As atitudes de Judá demonstrando a renúncia da própria liberdade em favor do irmão Benjamim foram exemplares (Gn 44.18-34), particularmente após os lamentáveis episódios descritos no capítulo 38.

**49.9** — *O leão é um antigo símbolo real.* Ele aparece na profecia de Balaão (Nm 23.24).

**49.10** — *O cetro é um bastão ornamentado ou um cajado que simbolizava a autoridade real. O legislador é aquele que estabelece as leis.* Com essas palavras, Jacó predisse que a linhagem real ascenderia dos descendentes de Judá.

Já o significado do termo *Siló* não é muito claro; é aceito como *aquele a quem ele pertence*. Logo, aqui pode significar que *até que chegue aquele a quem toda a autoridade real pertence* [Jesus], a tribo de Judá sempre terá um legislador em sua linhagem (Is 9.1-6). Silo é uma alusão ao Messias vindouro.

**49.11,12** — A cena retratada nestes versículos descreve a luta que o Messias travará para estabelecer Seu reino (Sl 2 e 110; Ap 19.11-21). O *vinho* simboliza o *sangue*. A cor de Seus *olhos* e a de Seus *dentes* representam vitalidade e vitória.

A linguagem desse trecho expressa mistério e surpresa acerca daquele que virá: *Siló*.

**49.13** — A precedência é dada a *Zebulom* sobre seu irmão Issacar. Sua herança será a costa norte que forma fronteira com a Fenícia (compare com Js 18.10-16).

**49.14** — As palavras de Jacó para Issacar são o presságio de uma pesada escravização seguindo-se uma época de abundância (Is 9.1). Para ler sobre as terras de Issacar, compare com Josué 19.17-23.

**49.15,16** — *Dã julgará o seu povo.* O nome *Dã* está relacionado ao significado da palavra *julgar*.

**49.17,18** — *Dã seria como uma serpente junto ao caminho.* Provavelmente isso significa que os descendentes dele seriam sagazes [ou abandonariam a fé no Senhor]. Contudo, poderiam esperar a *salvação* vinda de Deus.

**49.19** — *Quanto a Gade, uma tropa o acometerá, mas ele a acometerá por fim.* Apesar de a tribo de Gade enfrentar a miséria no futuro, a vitória final é prometida.

**49.20** — As poucas palavras para Aser foram alegres e de bênção: *o seu pão será abundante e ele dará delícias reais.*

**49.21** — *Naftali é uma cervas solta; ele dá palavras formosas.* Novamente, as breves palavras prometem esperança e alegria.

**49.22** — Apenas as promessas feitas a Judá (v. 8-12) se aproximam do louvor que Jacó proferiu a José. (Para saber acerca da exaltação da família de José, leia o capítulo 48.)

**49.23** — *Os flecheiros que o flecharam* representam a experiência pessoal de José nas mãos de seus irmãos e, em seguida, dos egípcios (cap. 37, 39 e 40).

**49.24** — Jacó descreveu o conseqüente triunfo de José. O filho não apenas teve firmeza de caráter, o que é representado pelo forte *arco* que ele susteve, como também foi fortalecido *pela mão do Poderoso de Jacó* (NVI). Este é o primeiro dos cinco títulos que Jacó usou para se referir a Deus enquanto abençoava José (v. 24,25). A palavra traduzida como *Poderoso* também pode ser encontrada no Salmo 132.2,5 e em Isaías 1.24; 49.26; 60.16. Em todas estas passagens, é empregada



## EM FOCO

### TODO-PODEROSO (HB. SHADDAI)

(Gn 17.1; 28.3; 35.11; 43.14; 48.3; 49.25; Jó 37.23)

O nome divino em hebraico é *'El Shaddai*. *El* significa Deus, e é provável que *Shaddai* tenha relação com a palavra *Acádia*, que quer dizer *montanha*, ou com o termo hebraico para *poderoso*. Deus é como a *montanha*. Ele é poderoso, grandioso, intimidador e constante. Exatamente como uma montanha, Ele oferece proteção contra elementos naturais e contra o mal (Sl 91.1,2). Além disso, *El Shaddai* pode significar *Divindade majestosa* ou *o Deus que provê o meu refúgio*.

como um nome para Deus. Talvez este seja o nome especial de Jacó para Deus a partir de sua luta com o varão (Gn 32.22-30). Usar este termo peculiar para o Senhor em sua bênção mostra a grande afeição que o pai tinha por seu filho José.

Depois disso, Jacó chama o Senhor de *Pastor*. Esta definição provavelmente possuía um significado importante em uma família de pastores. Deus pastoreia e toma conta da família de Jacó como um pastor faz com o seu rebanho. Deus é o *bom Pastor*, aquele que cuida de Seu rebanho (Sl 23; Jo 10).

Até mesmo o faraó, que desprezava os pastores (Gn 46.28—47.6), foi esculpido em estátuas com um cajado de pastor, símbolo do seu benevolente cuidado para com a nação.

O terceiro título usado por Jacó para louvar o Senhor foi a *Pedra de Israel*. Em algumas ocasiões em que Deus falou com ele, Jacó (ou Israel) erigiu pilares de pedra para celebrar o acontecimento (Gn 28.18). Deus havia se tornado para o patriarca a *Pedra de Israel*, que simboliza firmeza e fidelidade [bem como a Rocha da salvação; o Refúgio e Fortaleza de Seu povo].

**49.25** — O quarto termo que Jacó usou para Deus na bênção a José foi *Deus de teu pai*. Um pouco antes, Jacó definiu o Senhor como o Deus de Abraão e Isaque (Gn 48.15). Aqui, ele expressou sua fé genuína no Deus que o abençoara.

Por fim, o patriarca chamou Deus de *Todo-poderoso*. Esta é a sexta e última vez que *El Shaddai* é usado em Gênesis.

O nome de Deus é associado a Abraão (Gn 17.1), Isaque (Gn 28.3), Jacó (Gn 28.3; 35.11; 43.14; 48.3) e José (aqui). Em Êxodo, Deus diz Seu nome a Moisés (Êx 6.3). Desta forma, usando cinco títulos para o Senhor, Jacó louvou a Deus por Suas inúmeras manifestações e bênçãos dadas a seu filho.

**49.26** — A bênção de José terminou com palavras de grande entusiasmo. Ele havia sido *separado de seus irmãos*. O termo hebraico para separado é *nazîr*; o mesmo que designa os nazireus (Nm 6.1-21). José e, posteriormente, os nazireus foram separados a fim de servir aos sagrados propósitos de Deus.

**49.27** — A imagem do *lobo que despedaça* parece ameaçadora (Jz 20.21-25). Aqui simboliza a força dessa tribo, que a ajudaria a sobrepujar e despedaçar seus inimigos, possuindo sua herança.

**49.28** — As bênçãos de Jacó foram profecias acerca de cada uma das tribos de Israel. Algumas parecem obscuras, mas as bênçãos de Judá (v. 8-12) e José (v. 22-26) são claros prenúncios de Deus a respeito de seus destinos (compare com a bênção de Moisés aos israelitas, em Dt 33). São alusões ao Messias.

**49.29** — Jacó pediu aos filhos que não o sepultassem no Egito. Certamente, Jacó sabia que muitos dos seus descendentes seriam enterrados no Egito durante os 400 anos de permanência naquela terra (Gn 15.13-16). Contudo, Deus havia prometido que ele retornaria à Terra Prometida (Gn 46.4). Seu filho José jurou sepultá-lo em Canaã (Gn 47.29-31). Agora, no momento de sua morte, Jacó quis que os filhos reafirmassem que a promessa seria cumprida.

**49.30-33** — Jacó identificou o lugar, a *cova no campo de Macpela*, como o local onde seu pai, mãe, avô e avó foram sepultados. Abraão negociou esta região para que pudesse sepultar sua esposa Sara (cap. 23). Ali, Jacó seria *reunido aos seus antepassados* (NVI). Esta expressão faz referência à morte (Gn 15.15; 25.8; 35.29), mas também pode aludir à imortalidade (2 Sm 12.23).

**50.1** — José expressou um amor genuíno e intenso por seu pai (Gn 45.1-3; 46.29).

**50.2** — José ordenou que seu pai fosse embalsamado (hb. *hanat*, refere-se a *especiarias*), a fim de que pudesse ser sepultado em Canaã. Tempos depois, o próprio José também seria embalsamado (v. 26).

**50.2,3** — O embalsamento teve sua origem no Egito. Os órgãos vitais eram removidos e colocados em recipientes para serem sepultados com a múmia. As cavidades do corpo eram preenchidas com sal, soda cáustica (carbonato de sódio), substâncias aromatizantes e resina, para que este secasse e fosse preservado. A cabeça, o troco e os membros eram fortemente enrolados com muitas camadas de tecido de linho.



## APROFUNDE-SE

### A VIDA DE MUITOS

Quem são os *multos* cujas vidas foram preservadas, de acordo com a afirmação de José em Gênesis 50.20? Certamente, aí está incluída a família de Jacó, que tinha aproximadamente 70 membros (Gn 46.27; Êx 1.5).

O cargo de José no Egito o capacitou para que pudesse salvar sua família da fome (Gn 45.5-8). Contudo, muitas outras pessoas, além da família de José, foram beneficiadas pela posição que este ocupava no Egito.

Deus usou o homem que era o braço direito do faraó para evitar que os egípcios e seu próprio rei fossem mortos por causa da falta de comida (Gn 41.53-55). Na verdade, o grande resultado do sábio planejamento e da administração de José foi o fato de as pessoas de todas as partes do mundo poderem encontrar — no Egito — o alimento de que precisavam para se manter vivas em uma época na qual não havia nada para comer (Gn 41.56,57).

Contudo, a bondade do Senhor, estabelecida aqui por meio de José, não para por aí. Durante a fome, os israelitas encontraram um meio de sobrevivência no Egito, e, conseqüentemente, conseguiram manter-se vivos e tornar-se uma grande nação (Êx 1.7). Este era o cumprimento da promessa de Deus a Abraão (Gn 12.2; 15.5). Assim, foi pelo povo de Israel que Deus enviou Jesus a este mundo, e por intermédio de Cristo a salvação foi possível para cada pessoa e nação (Gn 12.3; Jo 3.17; Rm 3.21-26,29).

Por essa perspectiva, podemos perceber que a *vida de muitos* excede, sobremaneira, todos aqueles que José tinha em vista diretamente. Na verdade, os cristãos de hoje estão entre os *multos* que foram beneficiados pelos bons propósitos em forma de ações executados pelo filho de Jacó. Isto indica que o Antigo Testamento não faz referência apenas à ligação de Deus com os israelitas, mas engloba os planos divinos para atingir todo o mundo por meio deles.

O propósito do Senhor sempre foi *salvar* tantas pessoas quantas fossem possíveis e estabelecer com elas um relacionamento genuíno e correto.

A posição de uma pessoa na sociedade determinava os rituais de sepultamento e os dias de luta.

**50.4-9** — José pediu o consentimento do faraó para que deixasse o Egito, a fim de sepultar o corpo de seu pai em Canaã. A expressão *a casa de faraó* ou *a corte do faraó* (NVI) indica que nem mesmo José tinha acesso direto ao rei do Egito.

**50.10,11** — Na *eira do espinhal*, perto do Jordão, a delegação egípcia que acompanhava José permaneceu durante sete dias. Esta era a entrada da Terra Prometida. Os cananeus ficaram tão impressionados com a cerimônia de luto solene que nomearam o lugar em homenagem aos pranteadores.

**50.12-15** — Os irmãos de José novamente temeram a ira daquele que fora vendido anos antes como escravo. E se a bondade de José para com eles tivesse sido demonstrada somente para agradar a seu pai? Agora, com a morte de Jacó, José tentaria se vingar? Realmente eles não conheciam o coração do irmão!

**50.16,17** — A mensagem que os irmãos enviaram a José pode ter sido sincera e verdadeira

ou uma reação ao medo que sentiam diante do “braço direito” do rei do Egito. Eles se referem ao mal que fizeram a José. (Para verificar o uso das mesmas palavras de Jacó para Labão, veja Gn 31.36.) Então, *José chorou*. Ele aceitou a mensagem como uma confissão sincera de seus irmãos [mas também pode ter ficado triste de novamente terem pensado mal dele].

**50.18-21** — José falou abertamente de como via os acontecimentos de sua vida (Gn 45.4-8). Deus transformara as atitudes perversas daqueles homens em uma obra extraordinariamente boa. José não apenas teve a oportunidade de salvar muitas vidas no mundo antigo, como também testemunhou o poder e a benevolência do Deus vivo. O Senhor fez com que Sua boa obra fosse realizada a despeito dos planos maléficis das pessoas. Até os piores acontecimentos podem ser usados pela divina Providência para que sejam convertidos em bem. O maior e mais impressionante exemplo que temos disso é a morte de Jesus. O mal (a Queda) trouxe o melhor de Deus: Jesus Cristo. A experiência de José com seus irmãos foi uma demonstração em escala menor das ações

divinas de salvação em Jesus, o Messias. Aqui, a descrição de José aponta para a vida do Salvador. Então, com palavras de grande alento, ele confortou seus irmãos e dispersou deles o medo.

**50.22** — Deus abençoou José com uma vida longa de 110 anos, assim como abençoara Abraão com os 175 (Gn 25.7). Isaque, com 180 (Gn 35.28) e Jacó, com 147 anos (Gn 47.28).

**50.23** — A menção aos filhos de Efraim antes dos filhos de Manassés é uma indicação do cumprimento da bênção de Jacó. O filho mais novo de José foi elevado perante seu irmão mais velho (Gn 48.8-22).

**50.24** — *Certamente, vos visitará Deus.* Em seu leito de morte, José expressou sua fé inabalável nas promessas de Deus. Ele assegurou a seus irmãos que o Senhor continuaria a obra na família deles. A Seu tempo (Gn 15.12-16), Deus cumpriria a promessa de dar a terra de Canaã aos descendentes de Abraão (Gn 12.7; 26.3; 35.12; 46.4).

*A Abraão, a Isaque e a Jacó:* esta expressão é a forma padrão de fazer referência à aliança de Deus com a família de Abrão (Gn 48.15; 49.25; Êx 2.24; 3.16). A citação dos três nomes reafirma a certeza da promessa e do comprometimento do Senhor em cumpri-la.

**50.25** — José sepultou seu pai em Canaã (Gn 50.7-14). Agora ele fez com que seus irmãos jurassem que levariam os restos mortais dele à Terra Prometida quando toda a nação de Israel retornasse a Canaã. No juramento, José expressou sua completa fé no fato de que Deus manteria a promessa de dar a terra de Canaã aos israelitas (Hb 11.22). Muitos anos mais tarde, Moisés sustentaria o juramento dos filhos de Israel ao levar os ossos de José junto com o povo ao deserto (Êx 13.19). Por fim, Josué enterraria os restos mortais de José em Siquém, após a conquista de Canaã (Js 24.32).

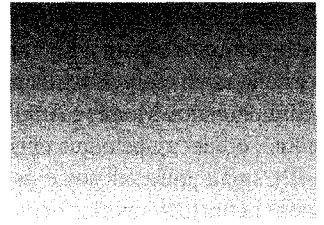
**50.26** — José foi *embalsamado*, como Jacó (v. 1-3) e todos os membros do governo egípcio.



### VOCÊ SABIA?

#### CONSERVAÇÃO DE CADÁVERES

Os conceitos egípcios relativos à vida após a morte mostram a razão da preservação do corpo morto contra a decomposição (Gn 50.26). Visto que o clima do Egito é muito quente, esse povo foi capaz de conservar os cadáveres secando-os completamente. Eles obtiveram este resultado ao enterrar os corpos em natrão, que é o carbonato hidratado de sódio natural.



O livro de

# Êxodo

## INTRODUÇÃO

**O** livro de Êxodo descreve o principal acontecimento histórico para os israelitas: sua libertação da escravidão no Egito. Além de ser o Criador de todo universo e Aquele que estabeleceu uma aliança com a família de Abraão, Deus, em Êxodo, emerge como o Libertador e Salvador dos israelitas. Ele os livrou da escravidão egípcia e, neste processo, moldou-os na qualidade de nação, como prometera a Abraão em Gênesis 12.1-3. Da mesma forma que uma criança, Israel “nasceu” como nação no êxodo, cresceu e desenvolveu-se no deserto, e atingiu a fase adulta na Terra Prometida. O livro registra a origem deste povo e pode ser considerado a carta patente fundamental de Israel.

Moisés, o principal personagem no livro, participou de um drama épico

que retratou confrontos inesquecíveis com um inflexível faraó, uma fuga no último minuto e uma alegre celebração. Ao longo de toda esta obra dramática, Deus demonstrou Seu poder e Sua santidade por meio de sinais miraculosos e maravilhas. Por fim, por intermédio de Moisés no monte Sinai, o Senhor ensinou ao Seu povo como se tornar um reino de sacerdotes e uma nação santa dedicada a servir-lhe e adorá-lo (Êx 19.6).

O livro de Êxodo tem duas partes principais. A primeira, escrita como uma narrativa de prosa épica (capítulos 1 a 18), apresenta Deus como o Salvador e o Provedor de Seu povo. O Senhor salvou o pequeno Moisés da morte nas águas do Nilo e, depois, concedeu a ele a melhor educação no mundo antigo: na corte do faraó. Neste ambiente real e mais tarde no

deserto midianita, Deus moldou Moisés como um instrumento dele para a libertação de Seu povo, os israelitas, da escravidão. Depois, na hora certa, o Senhor enviou Moisés e Arão para enfrentarem o faraó, o líder egípcio que oprimia os israelitas.

Os sinais miraculosos e as pragas enviadas neste encontro dramático demonstraram o poder de Deus sobre os pseudodeuses do Egito, especialmente o faraó, que era considerado uma divindade encarnada. Visto que o faraó tentou destruir o filho primogênito de Deus (o povo de Israel, Êx 4.22,23), o Senhor, na décima praga, aniquilou todos os primogênitos egípcios. Contudo, Deus poupou, ou salvou, os primogênitos dos israelitas porque estes faziam parte de Seu povo e obedeceram às Suas instruções acerca da Páscoa (Êx 12). Com a décima praga, o Senhor salvou Seu povo da escravidão. No mar Vermelho, Deus novamente os salvou, desta vez do poderoso exército egípcio (Êx 12.31-42; 13.17; 14.21-23; 15.21). Assim, o povo escravizado ficou livre! Deus é o Salvador!

Deus não apenas libertou os escravos, como também proveu as necessidades deles. Quando os israelitas deixaram o Egito, o Senhor dispôs os egípcios de forma que eles deram aos israelitas tudo o que estes queriam (Êx 12.36). Depois, no deserto, Ele transformou a água amarga em doce (Êx 15.22-27), deu-lhes maná e codornizes (alimento) dos céus (Êx 16) e fez a água jorrar de uma rocha (Êx 17.1-7). Contudo, mesmo com tais provisões divinas, os israelitas murmuraram e reclamaram. Eles mal tinham terminado de entoar os louvores e adorar ao Senhor (Êx 15.1-21) quando começaram a queixar-se a Moisés (Êx 15.24). Quando estes homens começariam a confiar em Deus como seu Provedor?

A segunda parte do livro de Êxodo contém uma série de leis e instruções detalhadas. Mas tais leis não pertencem à esfera comum. Elas revelam o caráter de Deus como o Legislador e os Seus atributos santos. Esta seção registra as benevolentes leis divinas no contexto de uma aliança com os israelitas. A palavra hebraica traduzida como *lei* sempre tem um sentido positivo: *instrução*. A Lei é como um dedo em riste, apontando

a direção que uma pessoa deve tomar na vida. Nos Dez Mandamentos (Êx 20.1-17), Deus misericordiosamente apontou o dedo mostrando a direção ao Seu povo, o caminho da vida. Mas a instrução benevolente era apenas parte dos planos divinos para os israelitas. Seu intuito maior foi estabelecer um relacionamento com estes, baseado em um pacto formal (Êx 20).

Êxodo termina com instruções referentes à construção do tabernáculo como um lugar de habitação de Deus e dos serviços que ali deveriam ser prestados. Muitas destas explicações apontam para a pessoa e a obra do Senhor Jesus Cristo. Os esclarecimentos e o encontro dos israelitas com Deus no monte Sinai lhes ensinaram que o Senhor é perfeito e sagrado; e que só é possível entronizar a presença do Pai se seguirmos as ordens que Ele próprio determina.

No final de Êxodo, vemos como os israelitas terminaram a construção do tabernáculo (Êx 39.33) e que a glória do Senhor veio enchê-lo (Êx 40.34). Deus salvou o Seu povo, supriu as necessidades dele, fez um pacto com ele e ensinou-lhe como viver. Por fim, Ele viveu junto aos israelitas (Êx 25.8; 29.45). Tudo estava pronto, ao que parecia, para a jornada à Terra Prometida.

Tradicionalmente, os estudiosos cristãos e judeus concordam que Moisés compilou e escreveu Êxodo, bem como os outros quatro livros do Pentateuco (de Gênesis a Deuteronômio). Com exceção do resumo histórico no primeiro capítulo e da descrição genealógica do capítulo 6 de Êxodo, Moisés participou de todos os acontecimentos descritos neste livro ou testemunhou-os. Além disso, diferente de Gênesis, o texto de Êxodo menciona os escritos de Moisés (Êx 17.14; 24.4; 34.27).

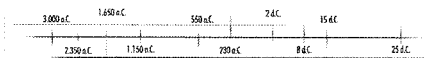
Os ensinamentos que Moisés recebeu na corte do faraó (Êx 2.10; At 7.22) provavelmente prepararam-no para a maravilhosa tarefa da escrita. Entretanto, pode ser que ele não tenha escrito cada palavra do livro de Êxodo. Por exemplo, a citação da descendência em Êxodo 6.14-27 aparentemente foi uma posterior adição textual ao livro. Mas ainda assim, é bastante razoável identificar Moisés como o autor de Êxodo.

Algumas pessoas observaram que não seria próprio para um autor usar a terceira pessoa (Moisés ou ele) quando este se referisse a si próprio. O mais usual seria utilizar a primeira pessoa (eu) em uma narrativa na qual o autor está tão intimamente envolvido. Contudo, nas culturas antigas, o uso da terceira pessoa pelo narrador era algo bastante costumeiro.

Moisés provavelmente escreveu as suas memórias — o que se tornou o Pentateuco — enquanto ele estava andando pelo deserto com os israelitas. Ele redigiu os primeiros textos de Êxodo com a total e plena confiança de que participaria da bênção de Israel na Terra Prometida. Somente muito depois (Nm 20.1-13), Moisés perdeu a oportunidade de entrar na terra.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM ÊXODO



Ano 1915 a.C. — Nasce José. Jacó e Raquel são seus pais

Ano 1898 a.C. — José é vendido como escravo

Ano 1876 a.C. — Jacó e sua família mudam-se para o Egito

Ano 1730 a.C. — Os israelitas são escravizados no Egito

Ano 1527 a.C. — Nasce Moisés

Ano 1446 a.C. — Moisés lidera os israelitas para fora do Egito

Ano 1445 a.C. — A Lei é revelada no monte Sinai

Ano 1406 a.C. — Acabam-se os 40 anos de peregrinação de Israel no deserto





**ESBOÇO**

- I. A preparação para a libertação de Israel — 1.1—12.36
- A. A preparação de Moisés para a libertação de Israel — 1.1—4.31
- (1) O sofrimento dos israelitas no Egito — 1.1-22
  - (2) O nascimento e os primeiros anos de Moisés — 2.1-22
  - (3) A primeira revelação de Deus a Moisés — 2.23—3.22
  - (4) Moisés reluta a primeira vez — 4.1-31
- B. O confronto de Moisés com o faraó — 5.1—7.7
- (1) O primeiro encontro de Moisés com o faraó — 5.1-19
  - (2) As consequências do primeiro encontro — 5.20—6.13
  - (3) Parênteses: a genealogia de Moisés, Arão e Miriã — 6.14-27
  - (4) Arão é indicado para falar por Moisés — 6.28—7.7
- C. Deus concede poderes a Moisés para que ele negocie com o faraó — 7.8—12.36
- (1) O segundo encontro de Moisés com o faraó — 7.8-13
  - (2) A primeira praga: as águas do Egito transformadas em sangue — 7.14-25
  - (3) A segunda praga: rãs — 8.1-15
  - (4) A terceira praga: piolhos — 8.16-19
  - (5) A quarta praga: moscas — 8.20-32
  - (6) A quinta praga: morte dos rebanhos — 9.1-7
  - (7) A sexta praga: feridas purulentas — 9.8-12
  - (8) A sétima praga: granizo — 9.13-35
  - (9) A oitava praga: gafanhotos — 10.1-20
  - (10) A nona praga: trevas — 10.21-29
  - (11) O anúncio da décima praga: a morte dos primogênitos do Egito — 11.1-10
  - (12) A Páscoa é instituída — 12.1-28
  - (13) A décima praga é lançada — 12.29,30
  - (14) O começo do êxodo — 12.31-36
- II. A jornada de Israel ao monte Sinai — 12.37—18.27
- A. Os estágios iniciais da jornada — 12.37-51
- B. Instituições fundamentais para Israel e uma direção inesperada — 13.1-22
- C. O grande acontecimento: a travessia do mar Vermelho — 14.1—15.21
- (1) A crise no mar Vermelho — 14.1-14
  - (2) O livramento no mar Vermelho — 14.15-31
  - (3) O louvor a Deus por Sua grande libertação — 15.1-21
- D. A jornada do mar Vermelho ao monte Sinai — 15.22—18.27
- (1) As águas amargas de Mara e o oásis em Elim — 15.22-27
  - (2) A provisão miraculosa do alimento — 16.1-36
  - (3) Água da rocha em Refidim — 17.1-7
  - (4) A vitória sobre os amalequitas — 17.8-16
  - (5) O encontro de Jetro com Moisés — 18.1-27
- III. A revelação do Senhor em Sua montanha sagrada, o monte Sinai — 19.1—40.38
- A. Os Dez Mandamentos no monte Sinai — 19.1—20.21
- B. Várias leis para o povo — 20.22—23.33
- C. O Senhor estabelece a aliança com Seu povo — 24.1-18
- D. O projeto do tabernáculo do Senhor — 25.1—31.18
- E. O pecado de Israel ao adorar o bezerro de ouro — 32.1-35
- F. A renovação da aliança entre o Senhor e Seu povo — 33.1—34.35
- G. A construção do tabernáculo e a presença da glória de Deus — 35.1—40.38

## COMENTÁRIO

**1.1-22** — Nesse trecho é narrado o sofrimento do povo de Israel no Egito. Êxodo continua do ponto em que Gênesis termina, mas com uma diferença significativa: depois de 400 anos, a família de Jacó ainda estava no Egito, mas Êxodo narra o momento em que eles já estavam submetidos à servidão, apesar da evidente bênção do Senhor na vida deles.

**1.1** — *Israel* é o nome dado a Jacó pelo Senhor. Os 12 filhos dele se tornaram os fundadores das 12 tribos da nação de Israel.

**1.2-4** — Os filhos são listados de acordo com as mães e as suas idades: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom são filhos de Léia. Benjamim é o filho de Raquel. Dã e Naftali são os filhos de Bila, a serva de Raquel. Gade e Aser são filhos de Zilpa, a serva de Léia (para saber mais sobre o nascimento de cada um dos filhos de Jacó, leia Gn 29.31-35; 30.5-8,10-13,18-20; 35.16-20).

**1.5,6** — *Setenta pessoas*. Veja o comentário em Gênesis 46.1-27. José não foi incluído entre os 70 familiares de Jacó que foram para o Egito. Isto porque José e sua família (a mulher e os dois filhos) já estavam lá.

**1.7** — O extraordinário crescimento da família da promessa no Egito é um grande milagre e uma prova contundente da bênção de Deus. O Senhor transformou uma pequena família de 12 filhos e uma filha [talvez houvesse outras filhas] em uma nação que conquistaria Canaã. Este versículo utiliza várias expressões, uma após a outra, que enfatizam a incrível multiplicação da família de Israel e a mão de Deus nesta maravilha.

**1.8-10** — Um novo rei, que não conhecia José, assumiu o trono egípcio. A posição privilegiada que José possuía na administração do antigo faraó, a aptidão natural do jovem israelita que determinou ações que salvaram os egípcios da fome e a habilidade dele que fez com que o tesouro do rei fosse enriquecido foram esquecidas. Este novo faraó provavelmente não reinou imediatamente após a morte do antigo, que ajudou o filho de Jacó. Este faraó, descrito em Êxodo, pode ter sido um dos reis hicsos, que descendiam de invasores estrangeiros. Etnicamente, eles eram uma minoria no Egito. Estes reis provavelmente perceberam o número crescente de hebreus como uma ameaça ao seu reinado e ao controle sobre o Egito.

*Eis que o povo dos filhos de Israel é muito e mais poderoso do que nós*. Esta declaração aponta para



### LOCALIZE-SE

#### A TERRA DE GÓSEN

O local (Êx 1.7) onde os hebreus viveram durante os anos passados no Egito foi a terra de Gósen (que significa *morro de terra*, Gn 47.27). Acredita-se que ficava a nordeste do delta do Nilo, mas provavelmente a terra não era irrigada pelo rio ou seus afluentes. Por esta razão, Gósen era mais propícia para o pastoreio de animais do que para a agricultura. Assim, o local foi dado a Jacó e à sua família em razão de possuírem muitos rebanhos, durante o tempo em que José era poderoso no Egito (Êx 46.28-34).

No tempo de Êxodo, entretanto, José e seus feitos foram esquecidos, e os israelitas se tornaram escravos no Egito (Êx 1.8-11). Durante este período, a terra de Gósen deve ter funcionado como um gueto hebreu, abrigando os trabalhadores enquanto eles construíam as cidades-celeiro de Pitom e Ramessés, ambas localizadas em Gósen. Mais tarde, porém, essa terra serviu como lugar de proteção para o povo de Deus enquanto as pragas assolavam o Egito.



o fato de que Israel estava em maior número e era mais poderoso do que os egípcios podiam tolerar. O Egito temia as consequências de uma guerra na qual Israel se aliasse com seus inimigos.

*Eia, usemos sabiamente para com ele, para que não se multiplique.* Na NVI, em vez de *usemos sabiamente*, consta *temos de agir com astúcia*. Mas, no texto original em hebraico, o verbo *hakam* está na forma *hitpael*, significando *ser sábio*, em um sentido negativo, mau, conspiratório. Em outras passagens, o mesmo verbo é utilizado para aludir à sabedoria divina e virtuosa (como no livro de Provérbios).

**1.11** — Por causa da misericórdia de Deus, os israelitas foram livres a maior parte dos anos em que estiveram no Egito. Assim, eles aumentaram extraordinariamente em número durante este período. Mas essa liberdade terminou quando faraó estabeleceu sobre eles *maiores de tributos* (hb. *sarê*).

*Pitom e Ramessés.* Estas cidades-celeiro são mencionadas de acordo com os nomes pelos quais ficaram conhecidas em tempos posteriores. O faraó Ramsés (cujo nome presumivelmente está relacionado ao nome da última cidade) não estava ainda no poder.

**1.12** — Deus multiplicou Seu povo no tempo de opressão. O medo dos egípcios em relação ao povo de Israel foi baseado em um juízo errôneo e na aversão. O termo *enfadavam* (em algumas traduções *temer*) significa *sentir repugnância* (Nm 21.4).

**1.13,14** — Quanto mais os egípcios oprimiam os israelitas, mais eles cresciam. Assim, *lhes fizeram amargar a vida*. Mais tarde, Deus instruiria os israelitas a comer algo amargo com a refeição da Páscoa, a fim de que eles se lembrassem da amargura de quando estavam submetidos à escravidão no Egito (Êx 12). *Com dura servidão*. O termo traduzido como *dura* (hb. *perek*) significa *asperidade* ou *severidade*. A cada tarefa que os egípcios submetiam os hebreus, faziam com que a dificuldade de concluí-la fosse extremamente penosa. Os egípcios esperavam que o espírito divino dos israelitas fosse destruído com a escravidão abusiva.

**1.15** — *E o rei do Egito falou às parteiras das hebréias*. O rei do Egito mencionado aqui provavelmente não é o mesmo rei hicso citado nos

versículos de 8 a 14. Este governante, talvez Tutmósis I ou Tutmés I (1539—1514 a.C.), reinava no Egito quando Moisés nasceu (Êx 2.1-10). Possivelmente, as parteiras das hebréias eram hebréias ou egípcias que receberam nomes hebraicos honrados. Provavelmente, as duas mulheres citadas aqui lideravam um grupo de parteiras. Contudo, uma coisa é certa: elas conheciam o Deus vivo (v. 17,21). Seus nomes, Sifrá (a bonita) e Puá (a esplêndida), são mencionados nesta passagem porque eram pessoas tementes a Deus e com uma corajosa fé, ao passo que os nomes dos faraós — os homens importantes daquela época — são omitidos.

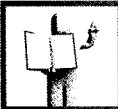
**1.16** — A prática comum dessa época era usar um *assento* que ajudava as mulheres a darem à luz. O faraó ordenou que as parteiras matassem os meninos nascidos, porque temia que o crescente número de homens hebreus pudesse tornar-se um exército e, assim, uma ameaça ao reinado.

**1.17,18** — O termo hebraico para *temeram* (*yare*) é a palavra usada comumente para piedade, obediência e a verdadeira adoração a Deus (Gn 22.12; Êx 20.20). Esta não é a mesma expressão usada em Êxodo 1.12, que indica sentir repugnância, utilizada para descrever o sentimento egípcio em relação ao crescimento dos hebreus. As parteiras não obedeceram ao perverso comando do monarca humano, mesmo diante da possibilidade de colocar a vida delas em risco, pois desejavam louvar a Deus.

**1.19** — Estas palavras evasivas não são uma desculpa qualquer; elas representam uma maravilhosa compreensão da bênção divina concedida às israelitas.

**1.20,21** — *Deus fez bem às parteiras*. Deus abençoou as parteiras, porque elas o *temeram*. A expressão do versículo 17 é repetida com sentido enfático. *Ele concedeu-lhes que tivessem sua própria família* (NVI). Comumente, os clãs eram estabelecidos para os homens. Deus permitiu que tais mulheres possuíssem suas próprias famílias (Gn 18.19), porque elas eram fiéis a Ele.

**1.22** — O faraó não pôde contar com a ajuda das parteiras. Assim, ordenou ao povo egípcio que lançasse ao rio Nilo todos os bebês do sexo masculino.



## ENTENDENDO MELHOR

### O NASCIMENTO DE SARGÃO

A passagem bíblica do nascimento de Moisés (Êx 2.1-10) assemelha-se com um tema conhecido no antigo folclore do Oriente Próximo: o abandono e o resgate de um filho ainda pequeno e sua ascensão a uma posição de real importância. Uma das mais famosas destas lendas é o nascimento de Sargão de Acádia, um monarca da Mesopotâmia central, por volta de 2350 a.C.

De acordo com a história, encontrada em registros do século 8 a.C., Sargon era filho de uma alta sacerdotisa e de pai desconhecido. Seu nascimento foi mantido em segredo, e sua mãe o colocou em uma cesta por entre as plantas de junco, onde ele foi encontrado por uma pessoa que estava buscando água. Sargão cresceu sob os cuidados da deusa do amor e da guerra, Ishtar, cujo amor é considerado como um símbolo do direito de Sargão ao trono.

**2.1** — O pai e a mãe de Moisés eram da tribo de Levi. Mais tarde, Deus escolheria esta família para ser a família sacerdotal para Israel.

**2.2-4** — *E a mulher concebeu, e teve um filho.* Como o versículo 4 mostra, este não era o primeiro filho do casal da tribo de Levi. A irmã mais velha de Moisés chamava-se Miriã. Arão era três anos mais velho do que o menino nascido (Êx 7.7).

*E, vendo que ele era formoso.* A palavra traduzida como *formoso*, em hebraico *tôb*, é um termo comum e pode ser entendido como *bom*. Tal observação é normalmente feita pelas mães amorosas ao ver seu bebê pela primeira vez.

*Escondeu-o três meses.* Após o nascimento, a mulher escondeu seu filho das autoridades, que tinham permissão para jogá-lo no rio. Todavia, após *três meses*, não foi mais possível que ela mantivesse a criança consigo (Êx 1.22).

*Não podendo, porém, mais escondê-lo, tomou uma arca de juncos e a betumou com betume e pez; e, pondo nela o menino, a pôs nos juncos à borda do rio.* Assim como a arca construída por Noé foi o meio pelo qual a família se salvou do Dilúvio (Gn 7.1), esta *arca de juncos* (um cesto) seria o meio pelo qual aquele bebê escaparia do destino imposto pelo rei do Egito. A mãe tinha esperanças de que alguém o encontrasse e o adotasse. Ela mandou que a irmã, Miriã, observasse o que aconteceria.

**2.5** — *A filha do faraó era provavelmente uma de suas muitas filhas.* Mesmo que os egípcios tivessem o costume de banhar-se regularmente, o banho no Nilo era um ritual de imersão em águas que se acreditava ser sagradas.

**2.6** — O bebê era um dos filhos dos hebreus. Um menino hebreu era circuncidado no oitavo dia de nascido. Embora a circuncisão também fosse praticada pelos egípcios, esta não era feita em crianças. Ao desenrolar as vestes do menino, a mulher provavelmente percebeu a sua *marca especial*.

**2.7** — A filha do faraó não estava preparada para cuidar de uma criança. Visto que era um bebê hebreu, quem seria melhor para tratar dele do que uma ama daquele povo?

**2.8** — *E foi-se a moça.* O termo hebraico traduzido como *moça* indica que a irmã era uma jovem mulher em idade para o casamento. A mesma palavra é traduzida como *virgem* em Isaías 7.14. Miriã era, provavelmente, uma menina na adolescência.

**2.9** — Deus não apenas protegeu a criança da morte no rio por intermédio da filha do faraó (Êx 1.22), como também proveu um salário para que a mãe cuidasse de seu próprio filho por meio do tesouro do rei do Egito!

**2.10** — Após um prolongado período de cuidados com a criança, a mãe levou o menino já crescido para a filha do faraó, que o adotou. Provavelmente, o nome *Moisés* está relacionado à raiz egípcia *ms*, que significa *nasceu* ou *nascido*, e é comumente encontrada em nomes desta origem. Por exemplo, *Tutmosis* significa *o bom Tut nasceu*. A filha do faraó explica o significado do nome Moisés: *Porque das águas o tenho tirado*. Em hebraico, *Moisés* (*mosheh*) quer dizer *aquele que é retirado*. Dessa maneira, o nome de Moisés pode fazer alusão ao Deus vivo, que é o verdadeiro



## VOCE SABIA?

### MIDIÃ

Nas fronteiras do império egípcio, na região da Palestina e na árida península do Sinai, vivia um grupo muito diverso de pessoas chamado *midianitas*. Eles apareceram por volta do século 13 a.C. e eram conhecidos por serem negociantes (Gn 37.36) e ferreiros. Sua religião é pouco conhecida, mas algumas evidências indicam que eles adoravam em santuários dentro de tendas no deserto. O tabernáculo que Moisés foi instruído a construir (Êx 26) pode ter relação com as práticas midianitas. Afinal, o sogro de Moisés era um sacerdote de Midiã (Êx 2.16,18).

Libertador, e também ao próprio Moisés, que seria o instrumento de libertação dos israelitas no mar Vermelho (Gn 14; 15). Aquele que foi retirado do rio, que os inimigos queriam afogar no Nilo (Êx 1.22), seria a pessoa que faria com que a nação israelita passasse pelas águas.

2.11 — Os anos em que Moisés viveu na corte do faraó não são detalhados nas Escrituras. Mas Estêvão, no Novo Testamento, apresentou uma fascinante e apurada tradição: *Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em suas palavras e obras (At 7.22)*. A educação que Moisés recebeu foi a melhor que existia naqueles tempos. Ele provavelmente aprendeu três línguas: egípcia, acádica e hebraica. Assim, quando Moisés, posteriormente, foi até o faraó pedir liberdade para os israelitas (Gn 7; 14), ele não era uma pessoa estranha para a família real.

*Sendo Moisés já grande, saiu a seus irmãos e atentou nas suas cargas*. Com aproximadamente 40 anos, Moisés deparou-se com uma situação nada agradável: ele viu o tratamento que os hebreus recebiam dos egípcios. Moisés percebeu que, enquanto sua vida era abastada, seus irmãos sofriam abusos extremos.

2.12-14 — Apesar de sua posição e de seus privilégios, Moisés se deu conta de que não havia meios formais para que ele pudesse impedir as injúrias que os *exatores* praticavam contra os hebreus. Movido por um senso de justiça, Moisés matou temerariamente o capataz egípcio.

2.15 — Faraó ordenaria que Moisés fosse morto, porque este cometera um crime capital. Então ele partiu, indo habitar em Midiã, região próxima à península do Sinai e dos desertos árabes, onde os seminômades midianitas viviam

(para saber a origem abraâmica dos midianitas, leia Gn 25.1,2). *E assentou-se junto a um poço*. Como nas histórias dos ascendentes de Israel em Gênesis (Gn 16.7-13; 21.22-34; 24.10-14; 29.4-12; 30.37-43), um poço também desempenhou um papel importante na história de Moisés.

2.16 — Assim como Melquisedeque, o sacerdote de Salém ou Jerusalém (Gn 14.18-20), Jetro, o *sacerdote de Midiã*, também parece ser um estrangeiro que adorava ao verdadeiro Deus vivo. Suas filhas iam até o poço, visto que, no mundo antigo, buscar água era uma típica tarefa feminina (Gn 24).

2.17 — Provavelmente, os pastores já haviam agido grosseiramente com elas. Mulheres solteiras e sem irmãos ficavam desprotegidas no antigo Oriente. *Moisés, porém, levantou-se e foi em auxílio delas*. Mais uma vez, Moisés mostrou seu senso de justiça (v. 11-13). O fato de ele as ter ajudado deve ter sido para elas uma ação surpreendente e generosa (compare com Jacó ajudando Raquel em Gn 29.9,10).

O verbo hebraico *yasha'*, traduzido como *defendeu*, significa *ajudar, salvar, abrir espaço para*. É o principal verbo no Antigo Testamento para indicar *salvação*. Os rudes pastores chegaram a Midiã e tomaram conta de toda a área do poço, fazendo com que as mulheres não tivessem oportunidade de conseguir água. Entretanto, Moisés abriu espaço para as moças, agindo como o salvador delas.

2.18,19 — *Reuel* também é chamado *Jetro* (Êx 4.18). Suas filhas contaram a ele que haviam sido auxiliadas por um egípcio. O modo de vestir, a aparência e a forma como Moisés falava deve ter dado tal impressão.

2.20,21 — *E Moisés consentiu em morar com aquele homem; e ele deu a Moisés sua filha Zípora.* Para uma pessoa que fugia dos poderosos domínios do faraó, a oferta de casa, proteção e uma nova vida deve ter sido bastante atraente. Moisés chegou como um estrangeiro. Ele não tinha nada a oferecer e, ainda assim, foi bem recebido e tornou-se parte do clã de Reuel (Êx 4.18). O nome *Zípora* quer dizer *pássaro*.

2.22 — *Gérson significa um estranho lá.* Moisés saiu do Egito duas vezes. Ele e os israelitas eram estrangeiros no Egito (Gn 15.13). Agora, Moisés teve de sair da terra dos egípcios e estabelecer-se em outro local. Ele seria estrangeiro pelo resto de sua vida.

2.22—3.22 — Nesta passagem, encontramos a primeira revelação de Deus a Seu servo Moisés. Esta manifestação da pessoa e do nome divinos é dada em quatro partes: 1) o estabelecimento das necessidades do povo (Êx 2.23-25); 2) o encontro com Moisés na sarça ardente (Êx 3.1-12); 3) a revelação do nome divino (Êx 3.13-15); 4) a incumbência que Deus deu a Moisés (Êx 3.16-22).

2.23-25 — *Morrendo o rei do Egito.* A morte do faraó (provavelmente Tutmosis III, que morreu por volta de 1447 a.C.) significava que Moisés poderia retornar ao Egito. Com o falecimento do rei, as autoridades egípcias encerravam todas as acusações pendentes, mesmo em casos de crime capital (Êx 4.19).

A situação do povo israelita havia chegado a um nível absurdo durante o período da ausência de Moisés. Quatro diferentes palavras hebraicas — traduzidas como *suspiro*, *clamar*, *gemido* e *lamento* — são originalmente usadas para descrever a queixa dos israelitas em Êxodo 6.5. Correspondendo a estes quatro termos de súplica, outros quatro maravilhosos verbos são usados para descrever a resposta de Deus a Seu povo: *ouve*, *lembrou*, *atentou* e *conheceu*. De fato, estas quatro palavras fazem uma introdução ao significado do nome Dele: *Yahweh*. Podemos usá-las atualmente, mas, para eles, representavam a maneira pela qual Deus os viu e respondeu-lhes. Ele ouve, Ele lembra, Ele vê e Ele conhece. Cada um desses verbos usados em separado, e juntos, expressa a ciência

divina dos problemas de Israel, uma efetiva participação do Senhor em suas lamentações, bem como a garantia de que Ele os libertaria (Êx 6.5).

3.1 — Deus agora daria outro “rebanho” para Moisés cuidar: o povo de Israel. Assim como Jacó fez parte da família de Labão quando se casou com suas filhas Léia e Raquel (Gn 29), Moisés, por 40 anos (o ciclo de uma geração), integrou-se à família de *Jetro*, cujo nome significa *sua fartura* [isto é, a fatura do Senhor]. A palavra *Jetro* (em hebraico *hotenô*) está relacionada ao termo árabe que quer dizer *aquele que circuncida*, o que nos ajuda a entender o difícil fragmento de texto em Êxodo 4.24-26.

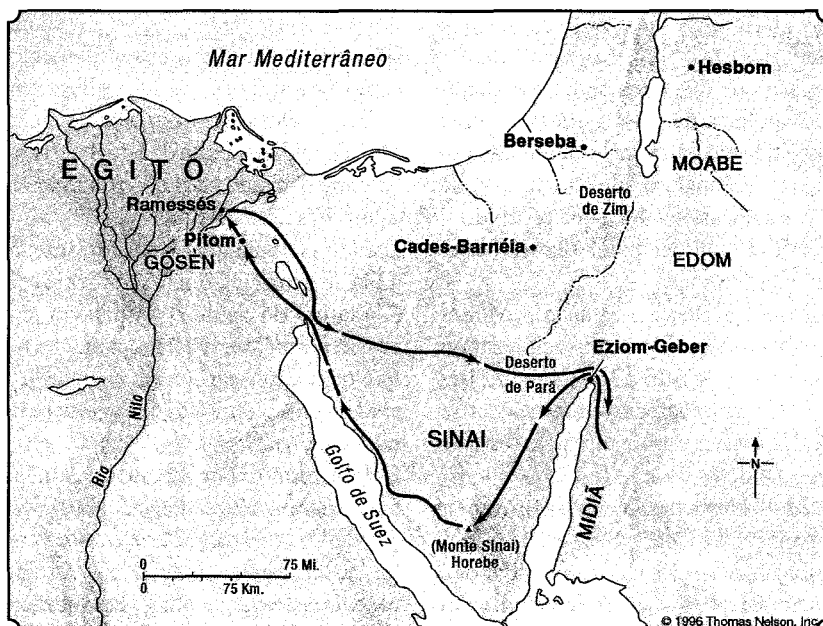
Já o termo *Horebe*, outro nome para monte Sinai, significa *lugar desolado*. Por causa da aparição de Deus na montanha (neste versículo e em Êx 19.20), este local deserto se tornaria sagrado, o *monte de Deus* (Êx 4.27). Frequentemente, esta área é identificada como *Jebel el-Musa*, uma montanha no sul da Península do Sinai.

3.2 — *E apareceu-lhe o Anjo do Senhor.* Esta é a primeira ocorrência em Êxodo desta expressão (Êx 14.19; 23.20,23; 32.34; 33.2; compare com Gn 22.11,15). A sarça em chamas representava um extraordinário sinal, principalmente porque o arbusto não era consumido pelo fogo.

3.3-5 — O lugar se tornou sagrado; foi separado e diferenciado por causa da presença divina. Para mais detalhes sobre a vívida lembrança de Moisés desta experiência com Deus no final de sua vida, leia Deuteronômio 33.16.

3.4,5 — O dramático encontro de Moisés com o Deus vivo é um momento inesquecível na história bíblica. O Senhor o chama pelo nome, o que faz lembrar o chamado de Deus a Abraão no momento em que este estava para sacrificar seu próprio filho (Gn 22.11). A resposta de Moisés foi exatamente igual à de Abraão (Gn 22.1,11).

3.6 — Deus identificou-se como o *Deus de teu pai* — Aquele adorado por Abraão, Isaque e Jacó (v. 15). Ao mencionar estes nomes, o Senhor garantia a Moisés que Sua aliança com os patriarcas de Israel permanecia em vigor. Moisés cobriu o rosto, o qual havia se escondido por causa do medo (Êx 2.12,14). Agora ele escondia seu rosto



#### *A fuga de Moisés e o retorno ao Egito*

*Depois de matar um egípcio, Moisés fugiu pelo Sinai e estabeleceu-se em Midiã, onde se casou com Zipora. Deus falou com Moisés em Horebe, no local em que havia uma sarça em chamas. Após este encontro, Moisés voltou ao Egito para ajudar os israelitas.*

da presença de Yahweh. Até o final de sua grandiosa vida, Moisés refletiria sobre esta experiência. Ao pronunciar sua bênção sobre a tribo de José, ele incluiria estas palavras: *E com a benevolência daquele que habitava na sarça* (Dt 33.16).

3.7 — Três dos quatro verbos mencionados em Êxodo 2.24,25 são repetidos: *ver, ouvir e conhecer*. Esta é a primeira declaração enfática. Este versículo conecta a introdução de Êxodo ao enredo deste capítulo.

3.8-10 — *Portanto, desci para livrá-lo da mão dos egípcios. A expressão desci para livrá-lo fala da graciosa intervenção divina na terra* (Sl 40.1). Deus estava totalmente ciente dos problemas de Seu povo e agora Ele interviria nesta situação.

*E para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel. A terra boa e larga de Canaã era a grande promessa do Senhor para Seu povo* (Gn 12.7; 15.12-21; Êx 6.8). *Dela mana leite e mel*. Canaã daria todo o sustento necessário ao povo. Algumas partes seriam destinadas à criação de rebanhos, e outras à

agricultura. Sob a bênção de Deus, leite e mel jorrariam à vontade.

*Ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do ferezeu, e do heveu, e do jebuseu.* Esta menção dos povos faz-nos lembrar de três coisas: 1) a terra era um lugar de verdade com pessoas reais morando lá; 2) para aqueles que lá estavam, a hora do juízo cumprir-se aproximava-se. A perversidade dos cananitas chegara ao limite final, e o julgamento divino recairia sobre eles (Gn 15.16); 3) mesmo que a terra fosse um presente de Deus, ela não estava deserta. Ela teria de ser tomada de seus atuais habitantes. Isso só poderia ser feito com o poder de Deus.

3.11—4.17 — As objeções de Moisés em servir como porta-voz de Deus eram, por fim, questões a respeito de Deus. 1) Ele estaria com ele? (Êx 3.11,12); 2) como Ele é? (Êx 3.13-25); 3) Tem poder suficiente? (Êx 4.1-9); 4) Deus poderia fazer com que Moisés tivesse habilidade suficiente? (Êx 4.10-17). Deus respondeu a todas estas perguntas.

3.12 — Deus prometeu estar com Moisés. O Senhor desceu para resgatar Seu povo (v. 8) e prometeu estar presente. Isto aponta para a futura encarnação do Verbo divino. Jesus desceria do céu; viria ao mundo para nos libertar de nossos pecados e estar conosco. O Senhor deu a Moisés um *sinal*, a prova final de que sua experiência ali na sarça era uma divina manifestação, e não uma ilusão. Aqui, o sinal era um lembrete: *quando houveres tirado este povo do Egito, servireis a Deus neste monte*. Todavia, a palavra *sinal* também pode significar um milagre de Deus, uma maravilha que demonstra Seu poder e Sua presença (Êx 7.3).

3.13 — A mente de Moisés estava maravilhada, mas borbulhando de dúvidas. Por isso, perguntou o nome de Deus. O pedido requeria um marco de autoridade. Moisés estava ausente do Egito há 40 anos e, mesmo em seus anos de juventude, esteve afastado de seu povo. Provavelmente, ele se perguntava como seria levado a sério. Assim, Moisés precisava de algo que desse credibilidade à sua mensagem, um *nome* que garantisse que a mensagem seria recebida propriamente.

3.14 — *Eu sou o que sou*. Aquele que falou a Moisés declarou ser o Eterno, o Criador e soberano Senhor. Somente o Criador de todas as coisas poderia nomear-se de *Eu sou*, no sentido absoluto. Todas as outras criaturas estão em débito com Ele por causa de sua limitada natureza. Além de dizer quem é, Deus declarou a Sua relação com o povo de Israel. O tempo futuro do verbo hebraico relacionado ao nome de Deus foi usado no versículo 12: O *Eu Sou* estará com o Seu povo. Assim, Deus afirmou Sua aliança com o

povo de Israel usando Seu nome. Muitos se referem ao *Eu Sou* como o nome pactual de Deus.

3.15 — *Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais...* O termo traduzido como *Senhor* representa o nome hebraico *Yahweh*. A palavra que significa *Eu Sou*, usada no versículo 14, é muito similar. As traduções para o português frequentemente usam *Senhor* com a inicial maiúscula [ou todas as letras] quando representam o nome de *Yahweh*. Neste versículo, Deus não só declarou a Sua existência absoluta, como também manifestou o relacionamento com Seu povo. Não se tratava apenas de Sua pura e simples existência, ou mesmo do fato de Ele ser eterno. Acima de tudo, Ele revela que estará com Seu povo. Este é o Seu nome que manifesta graça, relacionamento, aliança e condescendentes maravilhas. Ele não é uma nova divindade, e sim o mesmo que fez uma aliança eterna com os patriarcas — Abraão, Isaque e Jacó — e foi adorado por eles (v. 6). Todavia, Ele tem um nome. É *Yahweh*.

A última parte do texto contém uma parêntese de versos: *Este é meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração*. Como em outras passagens importantes do Antigo Testamento (Gn 22.11-18), a repetição e a reafirmação são usadas em sentido enfático. Assim, elas indicam a suprema importância do nome divino que é eterno e perpetua-se de *geração em geração*.

3.16,17 — As instruções foram agora dadas a Moisés para que ele pudesse ouvir novamente qual era a sua parte no plano divino (v. 8-10).

3.18 — *E dir-lhe-eis*. Moisés foi instruído com precisão sobre o que falar a faraó. Deus não disse



## VOCE SABIA?

### A LIBERTAÇÃO DA OPRESSÃO

Deus é um Deus de justiça. Desta forma, Ele sabe quando as pessoas são injustiçadas e oprimidas por governantes, empregadores e outros que têm o poder nas mãos. Assim como no juízo final, nós podemos confiar que Ele restaurará coisas erradas do mundo, se não nesta vida, na vida que está por vir. A história de Êxodo é a narrativa do que Deus fez quando Ele ouviu o povo escolhido, Israel, clamando por justiça e libertação (Êx 3.1-10).

A questão da libertação do necessitado e do oprimido é abordada em centenas de passagens bíblicas. Muitas dessas passagens nos lembram que tais pessoas devem receber justiça e transformação, não apenas misericórdia ou alívio.



para ele usar seus próprios argumentos, mas apenas para servir de porta-voz divino.

**3.18** — *Deixa-nos ir a caminho de três dias para o deserto.* Aparentemente, a expressão *a caminho de três dias* é um modo de falar oriental; e o pedido um argumento pequeno para um fim maior. O primeiro pedido seria para que pudessem retirar-se para uma jornada de três dias, a fim de adorar ao Deus vivo. Visto que este pedido não seria concedido (v. 19), é certo que a solicitação para todos serem libertos também não seria. O fato de que os israelitas tinham de ir a outro local para oferecer sacrifícios ao Senhor poderia ter sido uma repreensão tácita à terra do Egito. A maldade dos egípcios poluiu a terra e a tornou imprópria para adoração a Deus. Os israelitas precisavam de um solo neutro para louvar ao Senhor em pureza.

**3.19** — *Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir, nem ainda por uma mão forte.* As palavras hebraicas *eu sei que* são bastante fortes. Podem ser traduzidas como: “mas, quanto a mim, eu sei que o rei do Egito não dará a permissão para ir”. O raciocínio de muitos acerca deste versículo é importante. Ele fala do conhecimento de Deus no sentido de que Ele já sabia previamente como as coisas aconteceriam, embora não determinasse como as coisas aconteceriam. Veja a nota em Êxodo 4.21, para a interpretação e o desenvolvimento deste tema. A *mão forte* aludida é a mão do Senhor. Deus foi Aquele que forçou faraó a libertar os israelitas (Êx 3.20; 6.1).

**3.20** — *Porque eu estenderei a minha mão e ferirei ao Egito.* A *mão* misericordiosa de Deus estendida a favor dos israelitas e a de ira contra os egípcios são um tema constante em Êxodo. (Para saber mais sobre o *braço forte de Deus*, leia Êx 6.6; sobre a *mão direita de Deus*, leia Êx 15.6,12).

*Com todas as minhas maravilhas que farei no meio dele.* As *maravilhas* são as dez pragas narradas nos capítulos 7 a 12. A palavra *maravilhas* em hebraico (*niphla'ot*) se refere às coisas que somente Deus pode fazer; coisas para inspirar reverência em Seus adoradores e medo em Seus inimigos.

**3.21,22** — Deus humilharia tanto o líder do povo egípcio que as pessoas comuns daquela terra se colocariam favoravelmente à disposição

de Israel. Os israelitas, que até então tinham sido escravizados no Egito, não sairiam de lá de mãos vazias. Eles despojariam os egípcios meramente pedindo pelos bens preciosos (leia Êx 11.2; 12.35,36). Mais tarde, os filhos de Israel dariam muitos desses objetos valiosos a Deus como oferta para o tabernáculo (Êx 35). Assim, Deus enriqueceria a população escrava, para que esta pudesse começar uma nova vida e ofertar parte dessa riqueza a Ele em agradecimento.

**4.1** — Assustado com a grandiosidade da tarefa, Moisés, de forma meramente humana, começou a pensar nos problemas que teria de enfrentar.

**4.2-5** — Deus fez com que a *vara* de Moisés — que era provavelmente um longo cajado de madeira com o bordão de pastor em uma das pontas — se transformasse em uma serpente, para assegurar-lhe Seu poder e Sua presença durante a missão a ele confiada.

**4.6,7** — Novamente Deus demonstrou a Moisés Seu poder ao fazer com que a mão deste ficasse leprosa. Depois, curou-a. O termo *lepra* na Bíblia designa uma série de doenças de pele [não apenas a hanseníase].

**4.8,9** — O terceiro sinal de que Deus havia enviado Moisés ao faraó para que este libertasse os hebreus da escravidão egípcia seria a transformação das águas do Nilo em *sangue*. Na verdade, esse sinal se constituiu a primeira praga que o Senhor enviou sobre o Egito (Êx 7.14-25).

**4.10-12** — Em Sua grande paciência, Deus lembrou a Moisés que foi Ele que criou a sua *boca*, quem dotou o ser humano com a capacidade da fala e projetou a personalidade de cada indivíduo de acordo com a Sua sabedoria. Depois, o Senhor prometeu ensinar-lhe precisamente tudo o que deveria *falar*.

**4.13,14** — Neste momento, Moisés pôde vislumbrar um pouco da ira de Deus (leia as palavras de Moisés em Sl 90.11). Apesar de Moisés ainda não saber, o Senhor já havia provido assistência para ele. Deus estava enviando Arão para se encontrar com Moisés (v. 27).

**4.15,16** — *E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus.* Da mesma forma que Moisés era um profeta, um

porta-voz, de Deus, Arão seria um profeta de Moisés (Êx 7.1). O profeta tinha apenas uma tarefa: repassar precisamente a mensagem daquele que o enviou. Moisés seria “Deus” para Arão, porque o representaria para o irmão. Arão seria *boca* para Moisés; falaria o que o irmão tinha a dizer: exatamente como o Senhor revelara a Moisés.

**4.17,18** — Moisés precisava da permissão de seu sogro, Jetro, para deixar o local onde vivia (para um acontecimento similar envolvendo Jacó, leia Gn 31). Moisés se tornara um membro oficial do clã de Jetro (Êx 2.16-22; 3.1). A bênção deste, *vai em paz*, era natural.

**4.19** — As palavras *disse também o Senhor a Moisés* não são uma nova manifestação divina, e sim uma referência às revelações de *Yahweh* a Moisés (Êx 3; 4). Esta expressão pode ser traduzida como “tinha dito” (Êx 6.28; 12.1).

**4.20** — Moisés levou *seus filhos*. Gérson, o primogênito de Moisés, é citado em Êxodo 2.22. O nome do segundo filho não é mencionado até Êxodo 18.4, após a libertação de Israel. Era *Eliezer*, cujo nome significa *meu Deus é auxílio*. Moisés também levou consigo o cajado que o Senhor usou para demonstrar Seu poder a ele (v. 2-5,17).

**4.21** — Na passagem seguinte, o *faraó*, provavelmente Amenófis II (1447—1421 a.C.), não era somente o rei do Egito, mas um símbolo para todos aqueles que resistem a Deus, todos os inimigos do Senhor.

*Eu endurecerei o seu coração*. Alguns interpretam esta passagem como um indicativo de que Deus confirmaria o que o faraó já estava determinado a fazer. Nas cinco primeiras pragas, o *endurecimento do coração* é atribuído ao faraó (Êx

7.13,22; 8.15,19,32; 9.7). Então, na sexta, Deus endureceu mais ainda o coração do rei do Egito (Êx 9.12). Outros insistem que o Senhor determinou a resposta negativa de faraó muito antes que este endurecesse seu coração. Estes intérpretes apontam este versículo e Êxodo 9.16 ao afirmar que Deus o manteve de pé com o propósito de mostrar-lhe o Seu poder.

**4.22,23** — A nação de Israel é o *primogênito* de Deus e, naturalmente, Ele é o Seu pai. No decorrer do tempo, outros — todos aqueles que acreditariam no filho do Senhor — tornar-se-iam filhos de Deus (Jo 1.12). O Senhor também tem uma filha: Sião, uma expressão carinhosa para Jerusalém (Sl 87). Contudo, a nação de Israel é o Seu primeiro filho. Conseqüentemente, o Senhor declararia todos os primogênitos israelitas como Seus, porque Ele os salvou da décima praga: a morte de todos os primogênitos dos egípcios (Nm 3.13).

**4.24** — *E aconteceu no caminho, numa estalagem, que o Senhor o encontrou e o quis matar*. A *estalagem* era um tipo rústico de hospedaria que ficava no caminho de volta de Moisés para o Egito. Ali, o *Senhor o encontrou e o quis matar*. O significado preciso desta passagem é obscuro. Um dos filhos de Moisés não era circuncidado, apesar da instrução que Deus dera. Talvez Moisés tivesse deixado de circuncidar um de seus filhos a fim de agradar à esposa, que era midianita (os midianitas só praticavam a circuncisão em homens antes do casamento, e não em crianças pequenas). A negligência de Moisés era um crime que merecia a morte, especialmente para um futuro líder do povo de Deus. Por esta razão, o *Senhor o encontrou ou apareceu a Moisés e o quis matar*. (Para



## ENTENDENDO MELHOR

### PESADO DE BOCA

Dentre suas objeções em falar com o faraó, estava a de que Moisés considerava a si próprio como *um homem não eloquente e pesado de língua* (Êx 4.10). Sua dificuldade de oratória não é a única encontrada na literatura do antigo Oriente Próximo.

Enmerkar, o rei sumério de Uruk, pertencente à mesma dinastia do famoso Gilgamesh, é o personagem principal em *Enmerkar e o Senhor de Aratta*, um escrito épico sumério, que data aproximadamente do fim do terceiro milênio a.C. Em uma rápida passagem, um mensageiro é incapaz de compreender a mensagem que Enmerkar quer que ele transmita. Como Moisés, Enmerkar não tinha facilidade para falar, expresso nesse épico como *pesado de boca*.

mais detalhes acerca do uso do mesmo verbo hebraico, com sentido diferente, leia v. 27).

**4.25,26** — *Então, Zípora tomou uma pedra aguda, e circuncidou o prepúcio de seu filho, e o lançou a seus pés.* Naquele tempo, a circuncisão era feita com facas de pedra afiada, e não de bronze, por causa de associações com antigas tradições que podem ser anteriores à circuncisão israelita (Gn 17). Muitos povos vizinhos dos israelitas praticavam a circuncisão, mas nenhum deles a fazia em crianças, somente Israel.

*E disse [ela]: Certamente me és um esposo sanguinário.* Zípora disse isto possivelmente porque ficou com raiva de não poder seguir o costume midianita de só circuncidar seu filho na idade adulta, próximo ao casamento.

**4.26** — Deus encontrou Moisés (v. 24). Depois, *desviou-se dele.*

**4.27,28** — O encontro destes dois irmãos, após 40 anos, deve ter sido bastante emocionante. O verbo hebraico traduzido como *encontrou-o* dá a ideia de um encontro pessoal e emocionante, com um abraço apertado. Foi muito adequado o fato de os dois terem se encontrado no monte de Deus (Êx 3.1). Posteriormente, neste mesmo lugar, ambos ministrariam juntos.

**4.29-31** — Quando Moisés e Arão chegaram ao Egito, reuniram todos os anciãos. Arão fez o papel de porta-voz de Moisés (v. 14-16). Não ficou muito claro se foi Arão ou Moisés quem fez os *sinais* diante do povo. Mas, a resposta das pessoas foi bastante receptiva. Elas acreditaram em Deus e adoraram Aquele que mandou os sinais e os mensageiros. O Senhor finalmente *visitava* os filhos de Israel! Aqui, a visita de Deus implicou libertação (como em Rt 1.6). Em outras passagens, o verbo hebraico *paqad* [visitar] implica *ira* e *castigo* (Is 10.12).

**5.1** — Deus encorajou Moisés e Arão a aproximarem-se do poderoso tirano do Egito, usando palavras fortes e ousadas em nome do Senhor: *Deixa ir o meu povo.* Esta exigência aparece várias vezes (Êx 7.16; 8.1,20,21; 9.1,13; 10.3,4), embora Deus tenha avisado Moisés e Arão sobre o que esperar do faraó (Êx 3.19; 4.21-23). Estava nos planos do Senhor que o faraó não concordasse com as exigências expressas pelos homens.

**5.2** — *Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir Israel.* Mais tarde, estas palavras arrogantes perseguiriam faraó (Êx 12.31,32). Na verdade, ele atribuiria grandeza a Deus e infâmia a si próprio e a seu povo (Êx 9.27). Mas antes disso acontecer, o rei do Egito acreditava ser ele próprio um deus. Ele certamente não sentia nenhuma necessidade de conhecer Aquele sobre quem Moisés e Arão lhe falavam. Triste para o faraó, pois ele nunca teria um encontro com o verdadeiro Deus vivo. Por esta razão, sua resposta foi: *tampouco deixarei ir Israel*, exatamente como o Senhor havia dito (Êx 3.19; 4.21-23). Note que o faraó ainda não tinha endurecido mais o seu coração (isto foi declarado em Êx 7.13). No próximo encontro, o rei do Egito endureceria seu coração firmemente. O primeiro encontro de Moisés com o faraó revela o problema principal deste que faria com que ele endurecesse o coração: *não conheço o Senhor.*

**5.3** — As primeiras palavras de Moisés e Arão [na verdade uma petição] (v. 1) foram substituídas por uma exigência: *deixa-nos agora [...] para que ofereçamos sacrifícios ao Senhor e ele não venha sobre nós com pestilência ou com espada.* Os israelitas tinham de obedecer a seu Deus.

**5.4-9** — Para punir o atrevimento de Moisés e Arão, o faraó impôs cargas extras ainda mais severas aos trabalhadores hebreus, que precisariam, agora, ir buscar a *palha* para reforçar os tijolos que estavam fazendo. Eles teriam de ajuntar a palha nas horas em que não estivessem trabalhando. Até então, os egípcios forneciam o material para eles. Faraó usou uma desculpa conveniente: os hebreus tinham tempo ocioso, por isto estavam pensando em ir ao deserto para adorar o seu Deus.

**5.10-19** — *Então, satram os exatores do povo, e seus oficiais, e falaram ao povo* (v. 10). Os *oficiais*, em hebraico *shoterim*, eram oficiais subordinados. Em algumas versões bíblicas, em vez de *exatores* e *seus oficiais*, consta *feitores* e *capatazes* [NVI].

*Pelo que se foram os oficiais dos filhos de Israel e clamaram a Faraó, dizendo: Por que fazes assim a teus servos?* (v. 15) Os oficiais hebreus dos grupos de trabalho compreensivelmente se manifestaram

a respeito das novas regras das tarefas. Faraó repetiu a desculpa que dera no versículo 8: *Vós sois ociosos; vós sois ociosos; por isso, dizeis: Vamos, sacrificuemos ao Senhor* (v. 17). E ordenou que continuassem a cobrar dos escravos a mesma quantidade de tijolos. Os maioraes hebreus ficaram em uma situação delicada.

**5.20,21** — *Os oficiais dos filhos de Israel* despejaram seu ódio em Moisés e Arão. Certamente suas palavras — *o Senhor atente sobre vós e julgue isso, porquanto fizestes o nosso cheiro repelente diante de Faraó* — eram penosas. Eles acharam que a conversa que Moisés e Arão tiveram com o faraó não serviu para nada, além de atrair a ira do faraó.

**5.22—6.1** — Bastante perturbado com as consequências de seu primeiro encontro com faraó, Moisés se queixa com o Senhor.

**5.22** — *Senhor! Por que fizeste mal a este povo? Por que me enviaste?* Mesmo sendo impróprias, estas palavras são frequentes na experiência do povo de Deus. As pessoas geralmente pensam que, após elas exercerem a sua fé no Senhor, sua vida será marcada apenas por bênçãos. Quando os problemas chegam, elas inevitavelmente reclamam com o Senhor: “Deus, por quê?” Claramente há uma impropriedade nessas palavras de Moisés. Se Deus é o Senhor, Seus meios não deveriam ser questionados por Seus servos. As duras acusações dos *oficiais* hebreus o perturbaram profundamente, o que impulsionou Moisés a reclamar com Deus: *Por que me enviaste?* Este questionamento faz referência à relutância inicial de Moisés de ser o agente de libertação do Senhor (Êx 4.10-17).

**5.23** — *Porque, desde que entrei a Faraó para falar em teu nome, ele maltratou a este povo...* Aparentemente Moisés esperava que faraó mudasse logo de ideia assim que ouvisse o porta-voz de Deus falar em nome de *Yahweh* (Êx 3.14,15; 5.1). Todavia, Moisés esqueceu que Deus avisou que o rei do Egito faria o oposto (Êx 3.19; 4.21).

**6.1** — A resposta do Senhor, *agora verás o que hei de fazer a Faraó*, foi para encorajar Moisés. Nada havia acontecido até o momento porque Deus ainda não começara a agir.

*Porque, por mão poderosa, os deixará ir; sim, por mão poderosa, os lançará de sua terra.* A expressão

*mão poderosa* aqui parece confrontar o poder humano do faraó, que tinha muitos sob suas mãos, com o poder supremo de Deus, que tinha todos, inclusive o rei do Egito, sob Suas potentes mãos (ver Êx 3.19,20; 6.6; 15.6,12). Assim, o sentido principal do versículo pode ser colocado desta forma: “por causa de minha mão poderosa, faraó deixará o povo ir; em razão da minha mão poderosa, faraó os expulsará da terra dele”.

**6.2-9** — Aqui está o propósito de *Yahweh* revelado em Êxodo. Fazia parte dos planos do Senhor que a inútil e desencorajadora experiência de Moisés em seu primeiro encontro com faraó (Êx 5.1-9) servisse para que esta essencial declaração das intenções de Deus fosse registrada em Êxodo. Esta passagem é tão importante que alguns teólogos acreditam que ela seja o coração do Pentateuco. O Deus vivo explica Seu intuito quanto ao povo de Israel [revelar-se como o Deus único e fiel com quem Abraão, Isaque e Jacó se aliançaram; o Senhor todo-poderoso, Rei soberano, que os livraria da escravidão e lhes daria a Terra Prometida como herança] .



## VOCE SABIA?

### OS PERIGOS DA IDOLATRIA

A promessa de Deus de dar a terra de Canaã aos descendentes de Abraão (Êx 6.4) implicava eles despejarem os cananeus, várias tribos que descendiam do neto de Noé, Canaã (Gn 10.15-20). Eles tinham sido vizinhos de Abraão e ainda viviam naquela terra na época de Êxodo. Entretanto, nos anos que intermediaram estas épocas, a idolatria e o comportamento imoral desse grupo de pessoas cresceu tanto que Deus já estava pronto para julgá-lo.

**6.2** — Ao explicar Seu propósito para Israel, Deus encorajou Moisés após sua desalentadora conversa com faraó (Êx 5.1-9). Esta parte se edifica solidamente na revelação de Deus na sarça ardente (Êx 2.23—3.22). As palavras *Eu sou o Senhor* começam e finalizam esta seção (Êx 6.2,8). O *Senhor* é o nome de Deus, *Yahweh*.

**6.3** — Os patriarcas conheceram o Senhor como o *Deus todo-poderoso*. Não que eles nunca tivessem ouvido o nome *Yahweh*, mas não



## APLICAÇÃO

### AUTORIDADE BENÉFICA

A autoridade pode ser usada de forma a trazer liberdade às pessoas, e não apenas limitação.

Às vezes, é considerada apenas a ação de dizer aos outros o que podem ou não fazer e mantê-los na linha. Entretanto, as instruções de Deus a Moisés (Êx 6.13) nos lembram que a autoridade pode trazer libertação quando aplicada sabiamente sob o direcionamento divino.

Por exemplo, um juiz pode usar a sua autoridade para libertar uma pessoa inocente da cadeia. Um diretor de escola pode usar seu poder para obter mais recursos, a fim de que os professores façam uso destes no ensino eficaz. Um gerente pode fazer uso de sua posição para recompensar o desempenho de um trabalhador e encorajar a criatividade e a excelência. Desta forma, a autoridade pode ser afirmativa e incentivadora, e não controladora e punitiva.

Paulo exerceu grande autoridade no início da Igreja. Contudo, ele reconheceu que o poder lhe foi dado para deixar as pessoas de pé, e não para intimidá-las (1 Co 13.10).

conheceram Deus de uma forma íntima. Os patriarcas estavam cientes do grande trato com o Altíssimo e experimentaram a bondade dele de muitas formas. Contudo, não tiveram uma revelação divina da maneira como foi apresentada a Moisés e ao povo israelita desse tempo.

**6.4** — *Estabeleci o meu concerto com eles.* Deus faz referência à *aliança abraâmica* celebrada em Gênesis (Gn 12.1-3,7; 15.12-21; 17; 22.15-18). *Para dar-lhes a terra de Canaã, a terra de suas peregrinações, na qual foram peregrinos.* Os primeiros pais de Israel peregrinaram pela terra de Canaã sem nunca possuírem mais do que locais de pasto, poços e sepulcros (Gn 23; Hb 11.8-10). Eles viveram como *estrangeiros*, sem a cidadania em sua própria terra.

**6.5** — *E também tenho ouvido o gemido dos filhos de Israel.* Este versículo remete ao clamor dos israelitas em Êxodo 2.23-25. Com esta maravilhosa apresentação de si mesmo, o Senhor agora estava pronto para realizar Seu plano concernente a Israel (v. 6-8).

**6.6-8** — Esses versículos expressam quatro aspectos do plano de Deus para Israel: (1) Ele libertaria os israelitas do Egito. Isto era mais do que a cessação dos trabalhos escravos; era o início do processo de salvação que Ele revelaria à nação israelita e que culminaria no perdão, na libertação dos pecados e na redenção da alma (Êx 14.31). (2) Ele faria deles Seu povo, uma nação de crentes. (3) Ele seria o Deus dos

israelitas; teria um relacionamento pessoal com Seu povo. (4) Ele levaria o povo israelita a Canaã, a Terra Prometida.

**6.9** — Apesar das poderosas palavras de Deus a Moisés, o povo ainda não acreditava no que este falava. O cruel sofrimento pelo qual os israelitas estavam passando os dominava completamente. Mas, por fim, eles acreditariam! Só precisavam experimentar a presença real do Deus vivo (Êx 14.31).

**6.10,11** — O Senhor ratificou Seu prévio comando a Moisés (Êx 4.22,23). A recusa arrogante do faraó não era o fim da história, mas o começo.

**6.12** — Moisés se queixou, usando o argumento de que, se seu próprio povo não lhe dera ouvidos, como *faraó* o faria? Mais uma vez, Moisés lembrou o Senhor da sua pouca habilidade como orador (Êx 4.10), alegando: *eu sou incircunciso de lábios.*

**6.13** — A resposta do Senhor a Moisés consistiu na repetição da ordem inicial. A obediência integral a este *mandamento* não era algo que podia ser negociado, mas uma coisa que deveria ser cumprida.

Após a descrição da genealogia nos versículos 14 a 27, a história continua no versículo 28. Lá, ficamos sabendo que havia mais interação entre Moisés e o Senhor dos que estes versículos sugerem.

**6.14-27** — O registro da história da família de Moisés, Arão e Miriã interrompe rapidamente a narrativa. Contudo, este não é apenas um texto com fins de registro público, mas algo para

se celebrar! Todos os sacerdotes de Israel viriam desta família.

**6.14-16** — Rúben foi o primogênito de Jacó com a sua esposa Léia (Gn 29.32; 35.23; 49.3,4). Seus filhos também estão listados em Gênesis 46.9 e Números 26.5-11.

Simeão foi o segundo filho do patriarca Jacó com Léia (Gn 29.33; 35.23; 49.5-7). Seus descendentes diretos são mencionados em Gênesis 46.10 e Números 26.12-14. Jemuel, em algumas listagens, é nomeado como Nemuel (Nm 26.12). Saul, descendente de Simeão, era *filho de uma cananéia*. Este fator também é notado em Gênesis 4.10. É um registro nefasto, o que sugere que o problema da associação com as pessoas cananeias fez com que Deus não levasse diretamente a nação de Israel do Egito para Canaã, onde tal prática não poderia continuar (ver Gn 38).

Levi foi o terceiro filho de Jacó com Léia (Gn 29.34; 35.23; 49.5-7). Seus filhos também são mencionados em Gênesis 46.11 e Números 26.57-62 (1 Cr 6.1-30). Apesar de sua propensão para o pecado junto com o irmão Simeão na vingança do estupro de sua irmã Diná (Gn 34; 49.5-7), Levi viveu uma longa vida — 137 anos.

Com base em Êxodo 6.17-27, fica claro que o propósito desta passagem é descrever a história da família de Moisés, Arão e Miriã, e não a descendência de cada uma das três tribos. A menção do histórico familiar de Rúben e Simeão, aqui, aparenta ser simplesmente uma “cortesia”, baseada na precedência destes entre os filhos de Jacó.

**6.17-19** — Cada um dos três filhos de Levi deu origem a várias famílias (1 Cr 6.1-30) que desempenhariam papéis importantes na adoração a Deus. Todos os verdadeiros sacerdotes e levitas viriam delas.

**6.20** — Os versículos acima levaram à menção de *Anrão*, um descendente de Levi, de quem Moisés e seus irmãos eram filhos. De acordo genealogias similares (Nm 26.57-59; 1 Cr 6.1-3), Anrão, o filho de Coate, era um neto de Levi.

*Joquebede*, sua esposa, era também sua tia, filha de Levi. Mais tarde, a Lei proibiria os casamentos entre parentes tão próximos (Lv 18). Todavia, nas

famílias mais antigas de Israel, deve ter havido este tipo de enlace consanguíneo.

*Ela gerou-lhe a Arão e a Moisés*. A linguagem utilizada na Bíblia permite que um ancestral distante seja ligado a um descendente não direto, dando a ideia de que foi “imediatamente sucedido”. Sendo assim, em outras palavras, Joquebede “gerou-lhe a família que resultou, posteriormente, no nascimento de Moisés”.

Os reais nomes da mãe, do pai e dos irmãos de Moisés não são citados. Quando o profeta nasceu, muitas gerações já haviam passado desde que Anrão, o neto de Levi, e Joquebede, a filha de Levi, tinham se unido. Na verdade, a família dos descendentes de Anrão multiplicou-se em milhares (Nm 3.27,28).

De certa forma, é surpreendente para o leitor moderno perceber que a linguagem é utilizada desta maneira. Para o antigo semita, às vezes, era mais importante preservar o nome dos ancestrais relevantes do que o nome das pessoas mais próximas, incluindo a citação dos próprios pais.

A descendência de Moisés e seus irmãos foi certificada como sendo da família de Levi. Este era um ponto importante, pois Arão se tornaria o pai dos sacerdotes da nação. Veja os comentários acerca das genealogias em Gênesis 5 e 10, onde se encontram também citações desta lacuna de gerações.

A ordem dos filhos é dada aqui: Arão é três anos mais velho que Moisés (Êx 7.7). Miriã não é mencionada neste versículo, pois a maioria das listas de descendentes em Israel citava apenas os filhos homens. Contudo, os leitores da Torá nunca a esquecerão, assim como nós também não podemos fazê-lo (Mq 6.4). Junto com seus celebrados irmãos, ela foi o presente de *Yahweh* para Israel.

**6.21-23** — *Isar*, o segundo filho de Coate (v. 18), e *Uziel*, o terceiro, também fundaram famílias importantes. Dentre os nomes que são mencionados está o de *Corá*, o sacerdote que posteriormente lideraria uma rebelião contra Moisés (Nm 16). Os filhos de Corá (v. 24) sobreviveram ao seu julgamento (Nm 26.11) e tornaram-se uma famosa família de músicos, cujos louvores se tornariam parte dos cantos dos templos por gerações (Sl 84; 85; 87).

*Eliseba* era o nome da mulher de Arão. O nome dela em hebraico [ '*Eliysheba* ] significa *Deus é um juramento*, ou *é por Deus que alguém jura*. Em grego, corresponde ao nome *Isabel* (Lc 1.5). O pai de Eliseba era *Aminadabe* (hb. '*Ammiy-nadab*, que significa *meu parente* [o Senhor] *é nobre*) que vinha de uma conhecida família da tribo de Judá (Nm 1.7; 2.3; 7.12,17; 10.14), a qual, mais tarde, figurou na linhagem de Davi, e consequentemente na do Messias (Rt 4.19,20; 1 Cr 2.10).

Os filhos *Nadabe* e *Abiú* se tornaram conhecidos em Israel por usarem seu ofício sacerdotal para propósitos malignos (Lv 10.1-7; Nm 3.2-4). Já *Eleazar* e *Itamar* eram sacerdotes fiéis.

**6.24** — *E os filhos de Corá: Assir, e Elcana, e Abiasafe; estas são as famílias dos coraitas.* Os filhos de Corá também eram levitas. Estavam envolvidos especialmente com o louvor.

**6.25** — *Finéias*, filho de Eleazar, foi um homem que Deus usou poderosamente durante um dos momentos mais sombrios da jornada espiritual de Israel (ver Nm 25).

**6.26,27** — *Estes são Arão e Moisés.* O estilo de expressão de toda esta passagem (v. 14-27) aparenta vir de um período diferente do tempo de Moisés e Arão. Este é um exemplo de trecho que pode ter sido adicionado ao livro de Êxodo em um período posterior. Como foi mencionado na introdução, não se fazia necessária nenhuma discussão sobre a autoria do livro. É preciso, entretanto, ter em mente que o livro por inteiro e todas as suas passagens são autênticos, oficiais e inspirados. Escribas posteriores podem ter sentido que era muito necessário inserir o histórico familiar de Moisés e Arão como um parêntese na linha

narrativa, para que os leitores pudessem ficar cientes da ligação que Moisés e Arão tinham com o povo de Israel. A repetição da expressão *estes são Arão e Moisés*, com inversão dos nomes, não apenas identifica estes homens, como também celebra a sua memória.

**6.28-30** — Estes versículos repetem o conteúdo de Êxodo 6.10-13. A expressão *o Senhor falou* poderia ser traduzida como "o Senhor tinha falado" (Êx 4.19; 12.1). É provável que este conteúdo (Êx 6.14-27) exigisse uma recapitulação. Já a frase *eu sou incircunciso de lábios* quer dizer *não tenho facilidade para falar* (veja Êx 6.12).

**7.1,2** — Estes versículos repetem a questão principal abordada em Êxodo 4.10-17. Repetição variada faz parte do estilo narrativo hebraico para mostrar ênfase. Quanto ao significado da frase *eis que te tenho posto por Deus*, conclui-se que, da mesma forma que Moisés era o profeta de Deus, Arão era o profeta de Moisés. O irmão falaria por Moisés, tornando-se um porta-voz daquele que o enviou.

**7.3,4** — *Endurecerei o coração de Faraó.* Constatava nos planos de Deus o fato de que o faraó seria resistente e inflexível [quanto a deixar Israel partir livre] (ver Êx 4.21). Assim, o endurecimento do coração do faraó prepararia o terreno para que o Senhor se manifestasse a Seu povo e o libertasse por meio de poderosos *sinais* e *maravilhas*.

O *sinai*, em hebraico *'ot* (Êx 4.8,9; 8.23) pode ser usado como um lembrete ou um símbolo (como em Êxodo 3.12,13). Entretanto, aqui tem o significado de *garantia* ou *atestado* da presença divina. Já a palavra *maravilha* (hb. *mophet*) fala, similarmente, de uma manifestação especial do poder de



## ENTENDENDO MELHOR

### MOISÉS COMO DEUS

A afirmação do Senhor a Moisés, *Eis que te tenho posto por Deus sobre Faraó* (Êx 7.1), pode parecer um tanto enigmática para o leitor moderno. Mas devemos estar plenamente cientes de que os reis do Egito eram considerados deuses e suas palavras eram encaradas como pronunciamentos divinos. Assim, eles exerciam influência absoluta sobre o povo.

Moisés foi criado na corte de faraó (Êx 2.8-10). Desta forma, ele tinha a plena consciência de que o rei sequer consideraria ouvir as palavras de um ser humano comum. Assim, a afirmação do Senhor era a garantia do que lhe foi confiado. Deus faria com que o monarca percebesse que estava tratando com alguém que merecia ser ouvido.

Deus. Estes dois termos — *maravilha* e *sinal* — dispostos lado a lado indicam *obras tremendas e irrefutáveis*. Deus demonstraria Seu grande poder e validaria a mensagem comunicada pelos Seus representantes, Moisés e Arão, com tais obras.

O uso dos pronomes possessivos (minha, meus, meu) faz com que a declaração divina seja uma irrupção mais poderosa.

**7.13** — Muitas vezes o *coração do faraó se endureceu*, o que indica que ele permanecia insensível e impassível diante da demonstração do poder de Deus (Êx 7.14,22,23; 8.15,19,32; 9.7,12,34,35; 10.1,20,27; 11.10; 14.4,5,8). É isto se deu como o *Senhor tinha dito* — da forma que Deus planejara desde o começo (Êx 3.19; 4.21; 7.3,4). O rei do Egito era teimoso (Êx 5.1-9), mas também era prisioneiro do efetivo trabalho do Espírito de Deus (ver Isaías 6.10, em relação ao povo de Judá).

**7.14** — Em outros trechos (Êx 4.21; 7.13,22; 8.19), o termo *endurecido* é traduzido da palavra (hb. *hazaq*) que significa *fortalecer-se*, com a ideia de ser *obstinado*. Aqui, o verbo hebraico *kabed* passa o conceito de ser *pesado, firme, insensível, inflexível*. Veja a nota em Êxodo 4.21.

**7.15** — Algumas das pragas foram anunciadas a faraó antecipadamente; outras vieram sem nenhum tipo de aviso. Aquelas informadas foram: a primeira (Êx 7.14-18), a segunda (Êx 8.1-4), a quarta (Êx 8.20-23), a quinta (Êx 9.1-5), a sétima (Êx 9.13-19), a oitava (Êx 10.1-6) e a décima (Êx 11.4-8). A terceira (Êx 8.16,17), a sexta (Êx 9.8-10) e a nona (Êx 10.21-23) não foram prevenidas. Agora, observe o padrão: duas são anunciadas e, em seguida, vem uma sem qualquer tipo de aviso. Sistemáticamente, isso acontece três vezes culminando na última, a pior praga [a morte dos primogênitos egípcios].

O Senhor orienta: *Vai pela manhã a Faraó; eis que ele sairá às águas; põe-te em frente dele na praia do rio*. O faraó não foi até o rio para se banhar, mas para receber poder. O banho do faraó no Nilo era um sagrado ritual egípcio conectado com a sua suposta divindade.

*E tomarás em tua mão a vara que se tornou em cobra*. A vara é chamada de *a vara de Deus* (Êx 4.20) e *a vara de Arão* (Êx 7.9).

**7.16** — O Senhor, o Deus dos hebreus. Uma identificação similar do Senhor é usada no



## APROFUNDE-SE

### OS MAGOS E A FEITIÇARIA NO EGITO

Em todo o antigo Oriente Próximo, os magos eram membros importantes das cortes reais. A feitiçaria era o meio pelo qual criam que o poder podia ser transferido dos deuses para os seres humanos. Tais homens eram pessoas muito bem educadas e letradas e sabiam todos os encantamentos e as fórmulas mágicas que eram precisos para fazer com que os deuses ou demônios honrassem os pedidos humanos. Este serviço era necessário para que se pudesse compreender a vontade dos deuses, desfazer maldições ou criar catástrofes para atingir os inimigos.

A feitiçaria do Egito é uma das mais conhecidas de todas as tradições antigas. Isto se deve, em parte, ao fato de que as outras civilizações ficavam muito impressionadas com estes costumes, mas, acima de tudo, porque a riqueza de seus textos sobre magia permaneceu e deu ao mundo um excepcional entendimento de seus encantos, amuletos, símbolos secretos, de suas formas geométricas, dos padrões acrósticos e nomes de pessoas famosas.

Em Êxodo, Moisés, ao comandar as dez pragas, é visto da mesma maneira que os feitiçeiros pelos egípcios no contexto cultural. Com exceção de que, por meio dos milagres, Moisés revelava o poder de seu Deus.

Quando os magos do Egito transformaram varas em cobras, água em sangue ou invocaram rãs do Nilo, eles acreditaram que era o poder de seus deuses agindo por intermédio deles.

Os magos de faraó não ficaram muito impressionados com Moisés e seu Deus uma vez que podiam fazer algumas coisas semelhantes por meio de sua arte mágica. Mas, a partir do momento em que eles não conseguiram mais “reproduzir” os milagres divinos, fazendo surgir piolhos, os egípcios expressaram admiração por Moisés e disseram: *Isto é o dedo de Deus* (Êx 8.19), que se transformou em uma atual expressão mágica egípcia. Desta forma, eles aprenderam que o Deus de Moisés era bem maior que os seus pseudodeuses.



primeiro e desastroso encontro de Moisés com faraó (Êx 5.1,3). Desta vez, o rei do Egito veria uma amostra do poder divino, e não apenas ouviria falar de Seu nome (Êx 2.23—3.15; 6.2-8; 9.1). *Deixa ir o meu povo, para que me sirva no deserto.* O verbo *servir* (hb. *ʿābad*) aqui passa a ideia de adoração sagrada (Êx 8.20; 9.1,13). Há uma crítica implícita ao Egito, pois sua forma de prestar culto e de idolatria a vários deuses eram impróprias (Êx 3.18; 8.26,27).

**7.17,18** — As águas do Egito podem ter-se transformado literalmente em *sangue*. Entretanto, os elementos da passagem sugerem outra possibilidade:

1) as nove primeiras pragas formam um conjunto. Cada uma delas é um evento natural que ocorreu de forma miraculosa, em quantidade ou tempo. A transformação das águas em sangue não é um acontecimento natural;

2) as pragas tornavam-se mais e mais severas à medida que se iam sucedendo até atingir o ápice na décima. A transformação da água em sangue estaria assim fora deste padrão;

3) A palavra hebraica traduzida como *sangue* pode fazer referência à cor vermelha, como em Joel 2.31.

Pode ser que Deus tenha causado chuvas torrenciais para inundar e poluir as nascentes do

Nilo, criando então a primeira praga no tempo exato. A terra vermelha e as algas podem ter feito com que as águas do rio ficassem com a coloração avermelhada, imprópria para beber e com pouco oxigênio para os peixes.

**7.19** — *As águas do Egito* vinham do Nilo e de sua cheia anual. A praga afetou todo o sistema de irrigação e distribuição de água da nação, até mesmo os reservatórios de madeira e pedra, que armazenavam quantidades extras de água para o consumo.

**7.20,21** — Moisés e Arão obedeceram aos comandos de Deus e invocaram a praga ferindo as águas com a *vara* (Êx 4.1-8,20; 7.9; 8.5,16; 9.23; 10.13,22; 14.16; 17.5,9). Mais tarde, os israelitas celebrariam este grande acontecimento em um salmo (Sl 78.44; 105.29,30).

**7.22** — *Os magos [...] com seus encantamentos.* Talvez os feiticeiros do faraó fossem capazes de colorir a água de reservatórios, em um esforço para reproduzir o sinal dado pelo Senhor ao ferir o rio Nilo (Êx 7.11). Mas as tentativas dos magos eram medíocres. E mesmo com esta demonstração do poder de Deus, *o coração de faraó se endureceu [...] como o Senhor tinha dito* (Êx 3.19; 4.21; 7.3,13,14).

**7.23-25** — O faraó mostrou o seu total desdém à demonstração do poder de Deus no Nilo



## LOCALIZE-SE

### O NILO

Como diz a famosa frase: "o Egito é um presente do Nilo". Consequentemente, não é surpresa que a primeira praga que recaiu sobre os egípcios tenha sido a transformação do rio da vida em sangue (Êx 7.20).

Sem o Nilo, o Egito não seria nada além de um grande deserto. O Nilo não só garante irrigação às plantações do país, como também ao solo onde é feito o plantio. O Nilo é rico em peixes e — nos tempos antigos — era a principal via de transporte, permitia que o papiro crescesse à sua margem e fosse usado como material para a escrita. Os ciclos de cheias e vazantes do rio serviam até mesmo para marcar as estações.

A característica mais impressionante em relação ao Nilo é a sua cheia anual. Durante a primavera e o início do verão, as chuvas fortes e o derretimento de neve no sul, onde o rio se origina, criam um substancial aumento do nível da água que desce o rio. Os egípcios monitoravam cuidadosamente os estágios da cheia, usando uma estrutura que aferia o nível de água, o famoso nilômetro. Controlando o fluxo excedente por um sistema de canais, diques e estruturas de irrigação, os agricultores que habitavam nas proximidades das margens do Nilo podiam manter vivas as suas plantações em uma área naturalmente seca, onde a chuva era incerta — exceto no final do inverno.

O Senhor transformou o Nilo em sangue para dizer a faraó que este estava lidando com um Deus muito mais poderoso que o rei supunham e que Ele era inigualável.

quando *deu-lhes as costas e voltou para o palácio* (NVI). Ele também revelou ser indiferente ao sofrimento de seu povo.

**8.1,2** — As *rãs*, que normalmente eram consideradas um sinal de vida, renovação e felicidade, agora se tornariam pragas.

**8.3-5** — A vara de Arão (Êx 7.19) não era um cajado mágico, mas sim um poderoso símbolo do poder de Deus na mão de Seu servo (Êx 4.1-8,20; 7.9,20; 8.16; 9.23; 10.13,22; 14.16; 17.5,9). Não está muito claro nesta passagem, mas é bastante provável que, com base nas palavras em Êxodo 8.22; 9.4,26; 10.23; 11.7, os hebreus tenham sido poupados dos efeitos desta praga na *terra do Egito*. Apenas a poluição do Nilo (Êx 7.14-25) teria afetado diretamente o povo hebreu.

**8.6,7** — *Os magos [...] com os seus encantamentos*. Novamente, não sabemos como e em que quantidade os *magos* (Êx 7.11) produziram as *rãs*. Mas, ao fazer isso, acabaram por contribuir com a situação.

**8.8** — Note que faraó não falou a seus magos para libertarem a terra das *rãs*. Ele mandou chamar Moisés e Arão para rogar ao Senhor (traduzido como *orar* no versículo 9) a seu favor.

**8.9** — *E Moisés disse a Faraó: Tu tenhas glórias*. Moisés aceitou o pedido do faraó e até deixou que este escolhesse quando ele deveria orar para libertá-lo das *rãs*. Desta forma, o rei do Egito não poderia dizer depois que foi apenas uma coincidência e que os anfíbios começaram a sumir sozinhos.

**8.10,11** — Na Bíblia, especialmente nos livros proféticos, muitas vezes é dito que *ninguém há como o Senhor*. Aqui, o Deus vivo estava sendo diferenciado dos falsos deuses do Egito (Êx 9.14; 15.11; Is 40.25). O fato de Deus ser incomparável (Êx 9.14; 15.11; Is 40.25) é um dos principais ensinamentos dos profetas do Antigo Testamento. No mundo antigo, em que era comum os povos cultuarem inúmeras divindades, o Deus vivo, *Yahweh*, não podia ser comparado a nenhuma delas, porque Ele próprio é diferente de tudo que está em Sua criação (Sl 113.4-6). Para a questão *quem é como o Senhor?*, a resposta é: Ninguém! (Mq 7.18).

**8.12** — *Clamou ao Senhor*. O verbo hebraico traduzido como *clamar* aponta para uma necessi-

dade urgente do suplicante e sugere que, por Sua boa vontade, Deus responde a esse pedido (Êx 22.27; Sl 40.1). O mesmo tipo de oração fez com que o Senhor resgatasse Seu povo (Êx 2.23; 14.10,15; 15.25; 17.4; 22.23,27).

**8.13,14** — Havia muitas *rãs mortas nos pátios e nos campos*. A natureza miraculosa desta praga está no perfeito ajuste de tempo e na magnitude da invasão. Deus não as mandara sem planejamento. Ele fez com que as *rãs* aparecessem aos milhões de uma forma sobrenatural no momento exato, e também fez com que elas morressem na hora certa (Êx 8.30,31; 9.33; 10.18,19).

**8.15** — O comportamento do faraó seguia um padrão. Durante os dias difíceis, o rei do Egito prometia qualquer coisa. Contudo, tão logo vinha o alívio, ele endurecia seu coração e não fazia o que havia assegurado (Êx 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14).

**8.16,17** — A praga dos *pioelhos* foi a primeira a não ser anunciada antecipadamente ao faraó. *Toda a terra do Egito*. Também não está claro nesta passagem, mas, provavelmente, com base em Êxodo 8.22; 9.4,26; 10.23; 11.7, os hebreus não sofreram os efeitos dessa praga. *Todo o pó da terra do Egito transformou-se em pioelho* (NVI) é uma hipérbole que indica um problema sem precedentes envolvendo minúsculos insetos multiplicados em um número incontável.

**8.18** — *Os magos fizeram também assim com os seus encantamentos para produzirem pioelhos, mas não puderam*. Desta vez, os magos falharam. Talvez o fato de não ter havido anúncio prévio não lhes tenha dado tempo de prepararem-se.

**8.19** — É realmente notório que os magos do faraó tenham atribuído toda a desgraça ao *dedo de Deus*. Mas, que opções eles tinham? A própria competência dos feiticeiros estava em jogo. Ainda assim, as suas palavras não causaram nenhum impacto no faraó (Êx 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14).

**8.20-22** — A pressão sobre o faraó foi intensificada com esta praga. Pela primeira vez (leia Êx 9.4,26; 10.23; 11.7), Deus prometeu separar a *terra de Gósen*, a fim de proteger Seu povo das pragas egípcias. As moscas invadiriam todos os



## EM FOCO

ROGAR (HB. *ÁTAR*)

(Êx 8.8,9,29,30; 9.28; 10.17,18)

Este verbo hebraico traduzido como *rogar* em Êxodo 8.8 (em algumas traduções aparece como *clamar*) é uma das palavras bíblicas para *orar*. O termo descreve uma súplica veemente a Deus e tem o sentido básico de *pedir* (Gn 25.21; Is 19.22).

Erguer as mãos perante o Senhor no Antigo Testamento é um gesto comum que está associado à oração (Êx 9.29). Este gesto estabelece a receptividade daquele que pede e sua própria necessidade. Com as mãos vazias, sem nada a oferecer além de si mesmo, os oradores esperam que Deus preencha suas mãos com bênçãos. Por esta razão, Deus avisou aos que o adoram que, ao clamarem, estendam mãos que não trazem ofertas impuras ou indolentes.

lugares, exceto o local onde estavam os hebreus. Assim, o Senhor faria com que Seu objetivo fosse compreendido por todas as pessoas do Egito. De certa forma, essa separação é o aspecto mais notável das pragas, especialmente na última (Êx 11.7; 12).

**8.23** — Na promessa  *porei separação entre o meu povo e o teu povo*, está implícita a ideia de estabelecer um resgate, mas o significado não está claro neste contexto. A tradução *separação* decorre do fato de ter sido usado como documento original a Septuaginta (LXX) e a Vulgata, versões que visam a uma melhor interpretação (e seguem o significado do verbo-chave em Êxodo 8.22).

**8.24** — Não há a menção da vara de Moisés nesta passagem (compare com Êx 7.20). Talvez a vara tenha sido erguida por Moisés ou Arão, mas a ênfase aqui é na ação do Senhor. Como Ele avisara, as moscas trouxeram destruição. A palavra *corrompida* pode ser usada tanto para aludir a uma corrupção moral (Gn 6.12) como para indicar ruína física, como no caso deste versículo.

**8.25** — A resposta do faraó foi de uma submissão parcial somente. *Nesta terra* indica que o rei do Egito não permitiu que eles saíssem do país.

**8.26** — Quando Moisés utilizou a forte terminologia *abominação dos egípcios* (Dt 17.1; 18.12; 22.5), ponderou e percebeu que os sacrifícios iam contra a ética e a cultura dos egípcios (Gn 43.32; 46.34). Os sacrifícios de animais em Israel incluíam as ovelhas, que eram detestáveis para os egípcios. A raiva que geraria nos egípcios poderia fazer com que eles apedrejassem os hebreus até a morte.

**8.27** — *Deixa-nos ir caminho de três dias ao deserto*. Aqui há reiteração do pedido em Êxodo 3.18. Para mais detalhes, ver o comentário sobre esse trecho.

**8.28** — Faraó até estava disposto a considerar o pedido, mas com uma restrição e uma condição: *somente que indo, não vades longe; orai também por mim*.

**8.29** — Moisés prometeu orar para que os enxames de moscas deixassem o povo egípcio, mas pediu a faraó que, desta vez, mantivesse a sua palavra: *somente que Faraó não mais me engane, não deixando ir a este povo para sacrificar ao Senhor*. (Veja também Êx 7.22; 8.15,19.)

**8.30-32** — Assim que o Senhor retirou os enxames de moscas, o faraó obstinou-se novamente contra Moisés, Israel e Deus, endurecendo seu coração (Êx 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14).

**9.1,2** — *Assim diz o Senhor, o Deus dos hebreus*. Deus se identificou vigorosamente como o *Deus dos hebreus*, exatamente como Ele falou que teria de ser (Êx 3.18). Na primeira vez em que Moisés falou ao faraó em nome de Deus, foi repellido (Êx 5.1-9). Nas ocasiões posteriores, Deus revelou ao rei do Egito o poder de Seu nome (Êx 6.2-8; 7.16).

**9.3** — Uma *pestilência gravíssima* recairia sobre os rebanhos egípcios e arruinaria a economia, bem como o suprimento militar daquela nação.

**9.4** — *E o Senhor fará separação*. O mesmo verbo *separar* é usado em Êxodo 8.22 (Êx 11.7). Dos hebreus, nenhum animal morreria. Os milagres do Senhor nas primeiras nove pragas acontecem no tempo exato, com a intensidade necessária, e afetam somente pessoas, animais e bens

egípcios. O rebanho destes morreria, enquanto o dos hebreus continuaria a viver.

**9.5** — *E o Senhor assinalou certo tempo [...] amanhã...* Exatamente como foi dito, a praga começou no prazo determinado. O tempo exato do início das pragas, assim como o momento em que cessaram, foi um detalhe importante que assinalou o controle total e o poder de Deus para fazer acontecer tudo o que predisse, no tempo determinado por Ele.

**9.6,7** — *E o Senhor fez esta coisa no dia seguinte.* Com a quarta praga (Êx 8.24), o Senhor fez acontecer o que prometera. O faraó enviou homens para confirmar que os animais dos hebreus haviam sido poupados desta catástrofe. Mesmo assim, *o coração do rei do Egito se endureceu* (Êx 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14).

**9.8** — *Então, disse o Senhor a Moisés e a Arão.* Esta é a segunda praga que se abateu sobre o povo egípcio sem nenhum tipo de aviso prévio (Êx 7.15). *Tomai os punhos cheios da cinza do forno, e Moisés a espalhe para o céu diante dos olhos de Faraó.* O ato simbólico de Moisés de espalhar cinzas *diante dos olhos do faraó* indicaria que a deflagração da sarna e as úlceras produzidas não eram mera coincidência. De fato, a praga seria enviada pelo Senhor.

**9.9,10** — Não está claro no texto se os hebreus foram poupados da praga das úlceras — como aconteceram nas pragas anteriores —, mas é bastante razoável pensar que sim (Êx 8.22; 9.4,26; 10.23; 11.7). Exatamente como na quarta praga (Êx 8.24) e na quinta (Êx 9.6), não há menção do uso da vara de Moisés em relação à praga das úlceras (Êx 7.20).

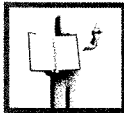
**9.11** — A referência aos *magos* (Êx 7.11) neste versículo é quase cômica. Eles eram tão “poderosos”, mas mesmo assim ficaram com o corpo coberto de feridas.

**9.12** — *Endureceu o coração do Faraó.* Veja o comentário em Êxodo 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14.

**9.13,14** — A frase *sobre o teu coração* sugere uma intensidade crescente nas pragas (capítulos 11 e 12), as quais tinham um objetivo claro: *para que saibas que não há outro como eu em toda a terra.* Deus está além de toda e qualquer comparação (Êx 8.10). Ele é diferente de todos os supostos deuses do Egito, os quais estavam agora sob Seu ataque pessoal.

**9.15** — *Porque agora tenho estendido a mão, para te ferir a ti e ao teu povo com pestilência e para que sejas destruído da terra.* O Senhor aponta para o fato de que Ele já poderia ter destruído o obstinado faraó desde o começo, mas deu-lhe tempo para ele se arrepender e evitar a destruição.

**9.16** — *Mas deveras para isto te mantive, para mostrar o meu poder em ti e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.* O Senhor usou a obstinação do faraó (Êx 4.21) para: (1) demonstrar o Seu poder e (2) fazer com que Seu nome fosse proclamado em toda a terra (Êx 10.2; Rm 9.17,18). O rei do Egito não era apenas um perverso ditador que controlava uma nação poderosa. Ele era um homem maligno, impiedoso, injusto que ousou contrariar Deus e autoproclamar-se um deus. O julgamento do Senhor sobre ele era uma resposta apropriada para desmascarar esta fraude.



## ENTENDENDO MELHOR

### UM DESASTRE ECOLÓGICO

A infestação das rãs (Êx 8.1-5) e as outras nove pragas criaram um pesadelo ecológico no Egito. O Nilo e seus afluentes, a atmosfera naquela região, a fauna e a flora do local e outros ecossistemas foram arruinados pelas catástrofes que assolaram aquela terra.

Contudo, não deve haver nenhum tipo de mal-entendido. A responsabilidade por estes desastres naturais é do próprio faraó, e não de Deus. Todavia, como Criador, Deus sabia exatamente de que forma deixar de cabeça para baixo o complexo e delicado equilíbrio do meio ambiente egípcio. As pragas foram demonstrações impressionantes e incontestáveis de Seu poder. O fato de os israelitas terem sido poupados de toda essa destruição mostrou que o Senhor tinha controle absoluto das forças da natureza.



### VOCÊ SABIA?

#### LINHO

O linho (Êx 9.31) é uma planta herbácea da qual se extraem as longas fibras com as quais o tecido é feito. Espelta é uma variedade do trigo que pode ser cultivado em solos menos férteis. O trigo e a cevada são cultivados no Egito desde 5000 a.C. e na Palestina desde aproximadamente 8000 a.C. Todo o cultivo no Egito dependia das águas do Nilo.

**9.17** — A frase *tu ainda te levantas contra meu povo* alude à soberba do faraó. Aqui, o governante egípcio estava agindo de maneira similar ao rei de Tiro (Ez 28.1-10) e a Satanás, a quem o rei de Tiro foi igualado (Ez 28.11-19).

**9.18** — *Eis que amanhã, por este tempo.* Um grande ponto na narrativa das dez pragas é sua inserção e cessação no tempo certo (Êx 7.20; 9.5).

**9.19-21** — Deus estava julgando faraó, mas isso não quer dizer que Ele fosse impiedoso. O Senhor poderia ter destruído o rei do Egito e os egípcios desde o primeiro momento (v. 15), porém, Ele não o fez. Deus também poderia ter enviado cada uma das pragas sem qualquer tipo de aviso; entretanto, na maioria dos casos, Ele notificou o futuro acontecimento às pessoas (Êx 7.16). Antecipando a catástrofe iminente, Ele permitiu aos egípcios que recolhessem seus *rebanhos*, a fim de poupá-los da destruição. Até mesmo alguns membros da corte egípcia agora temiam o Senhor.

**9.22-25** — A linguagem neste trecho é detalhada, repetida e completamente amedrontadora. Ouvimos, de tempos em tempos, histórias a respeito de chuvas de granizo com pedras do tamanho de bolas de tênis que caíam do céu. Pelo que é dito aqui, nunca houve uma chuva tão terrível como a descrita neste trecho. A vara usada aqui é a mesma que foi mencionada pela primeira vez em Êxodo 4.1-8 (Êx 4.20; 7.9; 8.5,16; 10.13,22; 14.16; 17.5,9). A *saraiva*, aludida nesta passagem, era os raios (Lv 10.2; 1 Rs 18.38; Sl 78.48).

**9.26** — A exclusão da *terra de Gósen* das pragas fazia parte do milagre (Êx 8.22; 11.7).

**9.27,28** — A resposta do faraó foi mais flexível, após ele constatar os estragos da terrível tempestade enviada por Deus. Para um homem com tamanho orgulho, dizer *esta vez pequei* foi

uma impressionante admissão. Da mesma forma que deve ter sido custoso ele confessar que, diferente dele, o *Senhor é justo*. Compare esta resposta àquela que ele deu a Moisés em Êxodo 5.2. Mas, infelizmente, este reconhecimento não levaria o faraó a mudar de atitude. Ele até reconheceria isto novamente (Êx 10.16,17), apenas para ver-se livre de mais uma praga.

**9.29** — *Estenderei as mãos ao Senhor.* Isto é um gesto de oração (Sl 134.2) ligado aqui a um pedido (Êx 9.28; 8.8). O objetivo era claro: para que o faraó reconhecesse *que a terra é do Senhor* (Sl 24.1).

**9.30** — *Sei que ainda não temereis.* Moisés enxerga além da superficialidade do faraó. O arrependimento deste não era sincero.

**9.31,32** — Como em Canaã (Rt 1.22; 2.23), a *cevada* era a primeira das plantações a ser colhida no final da primavera. O *trigo* seria colhido no verão. Por causa deste versículo, o tempo de duração das pragas pode ser estimado em aproximadamente um ano (Êx 7.19).

**9.33-35** — Foi preciso uma intervenção divina para que a praga começasse e também para que cessasse (Êx 8.10-14,30,31; 10.18,19). Infelizmente, a resignação (v. 27) do faraó durou pouco tempo. Ele, novamente, endureceu seu coração (Êx 9.34; 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14).

**10.1** — A praga de gafanhotos viria precedida de um aviso. Assim, Deus ordenou a Moisés que fosse até o faraó (Êx 7.15), mas advertiu Seu servo: *tenho agravado o seu coração [tornei obstinado seu coração (NVI)]*. Dois verbos são usados em Êxodo para descrever o divino endurecimento do coração de faraó: *endurecer* (Êx 4.21; 7.3), com o sentido de tornar duro, resistente, e *agravar* (Êx 10.1), significando tornar obstinado, insensível.

**10.2** — *Para que contes aos ouvidos de teus filhos e dos filhos de teus filhos.* A história da



## APLICAÇÃO

### A MORDACIDADE DO SARCASMO

Nada é pior para uma pessoa do que ser vítima do sarcasmo de alguém que exerce autoridade. Às vezes, apenas o fato de criar coragem para se aproximar de um líder poderoso já é difícil demais, imagine então se esta pessoa responde com escárnio e ironia. Até mesmo o mais bravo dos homens pode perder a confiança.

Faraó respondeu com sarcasmo a Moisés e Arão quando estes foram avisá-lo da praga dos gafanhotos (Êx 10.10). Não há nenhuma indicação clara de que os profetas se abateram com o escárnio do monarca. Mas, observando os temores de Moisés antes de voltarem novamente ao Egito, talvez ele e seu irmão não tivessem ficado exatamente contentes quando deixaram a presença do rei egípcio.

Há pelo menos três maneiras de lidar com o sarcasmo mordaz, especialmente quando a ironia atinge a fé de alguém:

1 – *Saber exatamente quem é Deus e por que Ele o enviou.* Se as pessoas não têm plena confiança no Senhor, não é preciso muita coisa para destruir a sua fé. Da mesma forma, se elas não conhecem os propósitos divinos, é muito fácil que um comentário sarcástico faça com que esqueçam sua missão e os motivos desta.

2 – *Conhecer a si próprio,* seus pontos fortes e suas fraquezas. O que de pior alguém poderia falar para você ou sobre você? A que tipo de comentário você é mais sensível ou vulnerável?

3 – *Conhecer seu inimigo.* O que seu oponente ganharia fazendo com que você se desviasse do seu rumo, ou perderia se você prevalecesse? E o mais importante: você sabe quem realmente é seu inimigo?

Mesmo que Moisés e Arão tenham sido um pouco afetados pelas palavras de faraó nesta passagem, eles não deixaram que isso atingisse o objetivo final da grande missão para a qual foram chamados por Deus.

libertação de Israel por Deus seria passada de geração em geração.

*As coisas que fiz no Egito e meus sinais que tenho feito entre eles.* O significado dos verbos hebraicos traduzidos como *fiz* e *tenho feito* é *jogar com* ou *brincar com*. O Senhor estava dizendo: “Estou apenas jogando com faraó”. Já a palavra *sinais* faz alusão ao poder de Deus, à revelação de si mesmo por meio de manifestações do Seu poder (Êx 10.1; 7.9; 9.16).

10.3 — *Se ainda recusas humilhar-te.* O orgulho do faraó seria destruído. Ele acreditava ser um deus e exibia-se como se fosse um. No entanto, Deus costuma humilhar os que são altivos e agraciar os que são humildes (Sl 18.27; 147.6; Is 57.15-21; 1 Pe 5.5).

10.4 — Como em cada uma das nove primeiras pragas, o Senhor usou Sua própria criação — aqui *gafanhotos*, que causam destruição às lavouras — para levar a devastação ao Egito.

10.5-7 — Na pergunta dos servos do faraó — *até quando este [Moisés] nos há de ser por laço?* — o termo *laço* (hb. *môqesh*), um tipo de armadilha para pássaros (Am 3.5), é usado para

aludir a Moisés como um agente de destruição para os egípcios.

*Ainda não sabes que o Egito está destruído?* Os conselheiros do faraó admitiram a ruína do Egito, cientes do cumprimento da promessa divina de que os egípcios teriam conhecimento da supremacia de Deus sobre faraó (Êx 7.5; 8.19; 9.20; 12.33).

10.8,9 — No momento em que o faraó começou a questionar a saída dos israelitas para prestar culto a Deus, pode-se notar que ele não estava muito disposto a libertar o povo. A pergunta *quais são os que hão de ir?* era ilógica. Desde o início, Moisés pediu que toda a população de hebreus fosse com ele; agora, reafirmava o que havia pedido.

10.10,11 — Faraó, relutantemente, deu permissão de saída aos homens. Mas, ao manter sob custódia as mulheres, as crianças, os rebanhos e os bens dos hebreus, o rei do Egito tinha a garantia de que os homens voltariam.

10.12-15 — Visto que faraó continuava obstinado, o Senhor fez com que aparecessem os *gafanhotos* que comeram *toda a erva da terra*. Esta é uma hipérbole, uma forma de expressar que o

acontecimento foi um desastre sem precedentes na história do Egito. Não está claro nesta passagem, mas é provável que (baseado em Êx 8.22; 9.24,26; 10.23; 11.7) os hebreus tenham sido poupados do efeito desta praga.

**10.16-18** — Faraó confessou — *pequei* —, e Moisés suplicou ao Senhor a favor do rei do Egito, pois este não podia deter a praga que se abatia sobre ele, tampouco seus magos. O texto é bem claro ao atribuir o alívio ao Senhor e não a Moisés. Deus era o vencedor.

**10.19** — *Um vento ocidental fortíssimo*. Assim como no caso das rãs (Êx 8.10-14) e da chuva de granizo (Êx 9.33), o faraó pôde ver o poder de Deus agir por meio das forças da natureza. Verdadeiramente, o controle de tudo pertence ao Senhor (Êx 9.29; Sl 24.1).

**10.20** — *O Senhor, porém, endureceu o coração de Faraó*. Veja Êxodo 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14.

**10.21-23** — A nona praga abateu-se sobre o Egito sem qualquer tipo de aviso anterior. As trevas eram tão espessas (v. 22) que davam a sensação de que podiam ser apalçadas. Essa praga golpeou em cheio o coração da religião egípcia, que adorava o sol, representado pelos deuses Rá, Amon, Aton e Hórus (disco solar alado). Rá significava para o povo egípcio o que *Yahweh* representava para os israelitas. Era visto como o grande ser supremo que sustentava a vida. Mas as trevas enviadas pelo verdadeiro Deus sobrepujaram o poder daquele suposto deus, envergonhando seus adoradores.

**10.22-26** — Com base em outras passagens (Êx 4.1-8,20; 7.9,20; 8.5,16; 9.23; 14.16; 17.5,9), o trecho *Moisés estendeu a sua mão para o céu* sugere que o profeta podia estar com a vara, símbolo da autoridade outorgada a ele por Deus, em mãos, ao invocar a nona praga, visto que o faraó continuava a opor-se ao Senhor.

No original hebraico, os termos traduzidos como *trevas espessas* são expressos por duas palavras: *trevas* [hb. *choshek*] é uma palavra que é usada denotativamente para designar escuridão, obscuridade, em oposição à luz; *espessas* [hb. *aphelah*] significa escuridão, trevas, calamidade, impiedade; alude a uma *profunda escuridão* também espiritual (Jó 3.6; 10.21,22; Sl 91.6; Is 29.18).

Esta catástrofe deve ter atingido ferrenhamente os egípcios. Eles adoravam vários deuses, mas nenhum era tão adorado como o sol. Até mesmo um simples eclipse solar teria causado impacto sobre eles, porém, desta vez, houve três dias de escuridão total. Isso era um ataque frontal aos seus deuses (Êx 12.12), ao faraó e seu suposto controle da natureza e a todos os serviçais do rei — que se revelaram inúteis em se tratando de poderes sobrenaturais.

*Não viu um ao outro, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias*. As pessoas devem ter ficado aterrorizadas.

**10.27** — *O Senhor, porém, endureceu o coração de Faraó*. Para mais detalhes sobre esse endurecimento, veja os comentários de Êxodo 3.19; 4.21; 5.2; 7.3,13,14.

**10.28,29** — Não há a possibilidade de qualquer engano quanto à ameaça do faraó — *Vai-te de mim e guarda-te que não mais vejas o meu rosto; porque, no dia em que vires o meu rosto, morrerás* — e à resposta de Moisés — *Bem disseste; eu nunca mais verei o teu rosto*. É possível que Êxodo 11.4-8 seja a continuação desse mesmo diálogo, intercalado pela revelação divina em Êxodo 11.1. Isto explicaria a *grande ira* de Moisés em relação ao rei do Egito, em Êxodo 11.8.

**11.1,2** — *Ainda uma praga trarei sobre o Faraó e sobre o Egito; depois, vos deixará ir daqui; e, quando vos deixar ir totalmente, a toda a pressa vos lançará daqui*. Neste ponto, a série de catástrofes atinge seu auge, e o faraó ficaria satisfeito de livrar-se dos israelitas.

*Fala agora aos ouvidos do povo, que cada varão peça ao seu vizinho, e cada mulher à sua vizinha,*



### VOCÊ SABIA?

#### A PRATA E O OURO

Muito antes das moedas serem cunhadas e usadas nas relações comerciais (em aproximadamente 625 a.C.), a prata e o ouro eram usados como uma forma de acumular riquezas. Antigas pulseiras egípcias e outros itens de joalheria modelados nestes materiais eram grossos e pesados. Um colar sepultado junto com Psusennes I, por volta de 991 a.C. (recuperado em 1940), pesava mais de 19 kg.

vasos de prata e vasos de ouro. Deus anunciou isso desde o começo (Êx 3.21,22; leia o comentário em Êxodo 12.35,36 para ver o resultado).

**11.3** — *E o Senhor deu graça ao povo aos olhos dos egípcios; também o varão Moisés era mui grande na terra do Egito, aos olhos dos servos de Faraó e aos olhos do povo.* Outro notável ingrediente de Êxodo foi a *graça* (hb. *hen*) — também traduzido como *favor* — que Deus suscitou nos egípcios em relação ao povo hebreu e seu líder. Depois de tudo o que aconteceu, era de esperar-se justamente o oposto. Mas, surpreendentemente, até os conselheiros do faraó admiravam (e temiam) Moisés. Isto é uma ironia que faz parte da grande vitória (Êx 15.3) de Deus sobre Seu inimigo, o rei do Egito, criatura que representava o mal, o pecado, a descrença e até mesmo Satanás.

**11.4** — *Disse mais Moisés.* O texto aqui é de certa forma ambíguo, e pode suscitar a dúvida: Moisés se dirigia a quem? No versículo 8, é dito que ele deixou a presença de faraó com *grande ira*. É possível que Êxodo 11.4-8 faça parte da última audiência de Moisés com o faraó (Êx 10.27-29), que tenha sido adiado até o capítulo 11, a fim de torná-lo ainda mais memorável. Seguindo esta interpretação, entende-se que a última praga (a décima) é anunciada a faraó como um aviso prévio e solene (Êx 7.15).

*Assim o Senhor tem dito: À meia-noite eu sairei.* O Senhor era o poder por trás das dez pragas. Mas em nenhuma das nove pragas anteriores Ele se envolveu tão pessoalmente como na décima. E a analogia com o evangelho é inevitável. Quando Deus planejou a salvação da humanidade, não foi uma coisa que Ele delegou a outro agente, mensageiro ou anjo. Este foi um trabalho dele próprio e demandou a encarnação de Seu Unigênito, que se tornou homem. Assim, na libertação de Israel do Egito, a redenção não foi repassada a um ser humano. É como se, de fato, o Senhor dissesse: “a obra de libertação e redenção é minha, e não de uma pessoa”.

**11.5** — *E todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que se assenta com ele sobre o seu trono, até ao primogênito da serva que está detrás da mó...* O uso de *desde o...*

*até*, incluindo primogênitos de classes sociais tão distintas [quanto a do faraó e a do escravo], indica a totalidade (veja também Êx 12.29). Significa que nenhum dos egípcios escaparia da catástrofe premeditada.

**11.6** — *E haverá grande clamor em toda a terra do Egito, qual nunca houve semelhante e nunca haverá.* O prognóstico de um grande clamor demonstra a intensidade da tragédia. Faraó foi avisado desse fato (Êx 4.22,23).

**11.7** — Em algumas das nove pragas anteriores, o texto bíblico diz claramente que Deus protegeu Seu povo das catástrofes (Êx 8.22; 9.4,26; 10.23). Aqui também encontramos a enfática promessa de que *contra todos os filhos de Israel nem ainda um cão moverá a sua língua*; nada aconteceria a nenhum israelita; eles não sofreriam com a décima praga. Deus advertiu que faria a distinção entre Egito e Israel (Êx 8.22; 9.4). A instituição da Páscoa (cap. 12) acentuaria essa grande diferenciação. O Senhor, por Sua misericórdia, protegeria Seu povo quando desferisse Seu juízo sobre aqueles que se opunham a Ele.

**11.8** — Moisés repetiu a profecia divina: os servos de faraó honrariam o porta-voz de Deus e suplicariam por misericórdia. Isso certamente era uma afronta ao rei egípcio, assim como o fato de Moisés sair da presença do faraó *em ardor de ira* (provavelmente após proferir seu discurso iniciado em Êxodo 10.28,29).

**11.9,10** — Como em cada uma das outras pragas, Deus previu que o faraó não ouviria os avisos e as instruções divinas. Contudo, por causa da obstinação do rei egípcio o grandioso poder de Deus seria manifesto a todos.

**12.1** — *E falou o Senhor.* Essa revelação de *Yahweh* ocorreu antes dos acontecimentos dos capítulos 10 e 11. Frequentemente, lemos as revelações divinas em Êxodo, mas é importante compreender que tais palavras transmitem um enorme sentido da graça condescendente de Deus. Que maravilha é o fato de Deus falar com um homem! Também é imperativo entender que Moisés e Arão não instituíram festas, tradições e rituais em Israel por conta própria, e sim de acordo com a revelação divina. Consequentemente,



toda vez que se fala das *leis mosaicas*, deve-se ter a clara ideia de que estas são as Leis de *Yahweh*, reveladas por intermédio de Seu agente Moisés, um homem de Deus.

**12.2** — *Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano.* Este primeiro mês no calendário sagrado hebraico, chamado de *Abibe* em Êxodo 13.4, também é conhecido como *Nissan* [hb. *primeiros frutos*] e corresponde aproximadamente aos meses de março/abril em nosso calendário [quando se inicia a primavera no hemisfério norte]. Assim como o nascimento de Jesus, para nós, cristãos, assinala a divisão das eras em duas [antes e depois de Cristo], para os hebreus, a Páscoa assinalou uma nova era a partir da saída deles do Egito. (Para os judeus, há dois calendários [um sagrado, e outro civil]. *Abibe*, ou *nissan*, é o primeiro mês do calendário sagrado, e o sétimo no calendário civil, e *Tishrei* ou *Tishri* [hb. *início; iniciar*] é o primeiro mês no calendário civil, e o sétimo no calendário sagrado; corresponde aos meses de setembro/outubro em nosso calendário, quando começa o outono no hemisfério norte. Neste mês é comemorado o ano novo, *Hosh Hashaná* [cabeça do ano], logo seguido do *Yom Kipur* [Dia da Expição].)

**12.3** — De acordo com as instruções divinas, cada família israelita deveria separar um cordeiro no décimo dia do mês, mas esperar até o décimo quarto para sacrificá-lo (v. 6). Isso, talvez, para

que pudesse haver tempo de resolver qualquer problema relacionado às condições do animal para o santo sacrifício. A palavra *cordeiro* pode fazer referência a um carneiro ou a um cabrito novo (v. 5). A festa da Páscoa envolveu toda a família de todos os israelitas.

**12.4** — Qualquer família muito pequena para comer um cordeiro inteiro deveria juntar-se a outra. Ninguém deveria ser excluído da refeição sagrada.

**12.5** — O sacrifício não era uma maneira de livrar-se dos animais indesejáveis. Apenas os melhores cordeiros, os perfeitos e sem *mácula*, eram adequados.

*Um macho de um ano.* Deus queria que o sacrifício de cordeiros da Páscoa tipificasse e anunciasse profeticamente a vindoura morte do Salvador, Jesus Cristo (1 Co 5.7) [o *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (Jo 1.29)].

*Cordeiro, ou cabrito.* Geralmente, o sacrifício era de um cordeiro, mas, neste episódio, foi permitida a utilização de cabritos novos também.

**12.6,7** — Cada família tinha de separar um cordeiro ou um cabrito no décimo dia do mês, mas deveria esperar até o décimo quarto dia para sacrificá-lo (v. 13). O sangue do animal novo devia ser passado nas *ombreiras* e na *verga* das portas. Este era o sinal exigido por Deus para salvar os hebreus da morte física. E o sangue de Cristo é a provisão de Deus para a salvação da morte espiritual.



## ENTENDENDO MELHOR

### A COMIDA DA PÁSCOA E SUAS ORIGENS

Alguns elementos dos ritos de Páscoa originaram-se em antigas cerimônias que celebravam o novo ano da agricultura. Estes elementos incluem sacrifícios que eram partilhados por toda a comunidade, a ingestão dos produtos da nova colheita, ou de ervas amargas, ou pão sem fermento. Provavelmente, nestas ocasiões, os antigos também inseriam rituais de agradecimento por não terem morrido na entressafra e por um novo começo.

Por intermédio de Moisés, Deus mostrou um novo significado para as refeições israelitas. Até os dias de hoje, a Páscoa judaica é diferente da Páscoa cristã, pois a ceia pascoal preparada e consumida pelas famílias judaicas é feita de acordo com as indicações em Êxodo 12.

Durante a celebração, a história da *Pessah* [passagem] é contada, não apenas como algo que aconteceu há muito tempo, mas como algo que está acontecendo agora, quando Deus leva à liberdade e salvação cada pessoa que partilha da refeição pascal. Assim, a festa também estabelece a nova identidade dos participantes, daqueles que se tornaram o povo de Deus, que fez tudo isso por nós. E, antecipando a vinda do Messias do Senhor, a tradição judaica reservou um lugar à mesa para Elias, o profeta que "vem este ano" proclamar a chegada do Messias.

12.8 — Nos versículos 15 a 20 de Êxodo 12, as instruções acerca dos *pães asmos*, sem fermento, são ampliadas. Veja 1 Coríntios 5.8, para a explicação de Paulo sobre a verdade e a sinceridade simbolizadas pelos pães sem fermento. As *ervas amargas* lembravam as pessoas do dissabor da escravidão. O famoso rabino Gamaliel, o mestre de Saulo (At 22.3), que se tornou o apóstolo Paulo (At 13.9), é lembrado na leitura da *Hagadá* (hb. *narração*), na noite do *Pessah* (Páscoa), por suas palavras: “todos que comerem corretamente a refeição de Páscoa devem comer o cordeiro acompanhado do pão sem fermento e das ervas amargas”. [A *Hagadá* é um ritual litúrgico na Páscoa judaica, que inclui a leitura do texto sobre a libertação dos judeus da escravidão egípcia às gerações atuais/futuras, orações, cânticos e a leitura de provérbios judaicos que acompanham esta festividade]. O próprio Paulo mais tarde faria uma analogia do pão sem fermento com a pureza espiritual que deve ser mantida pelos cristãos à mesa do Senhor, na Ceia (1 Co 5.8).

12.9 — *Assado ao fogo*. A maneira de preparar a carne é enfatizada aqui, assim como o consumo total dela. Desta forma, nenhum dos ossos do animal seria quebrado na preparação (Nm 9.12).

12.10 — *E nada dele deixareis*. Esta não era uma refeição comum em que se podia deixar sobras. Era uma refeição de uma festa sagrada.

12.11 — Os israelitas deviam ficar prontos e em alerta para marchar [para fora do Egito] ao comando do Senhor. Comumente, eles não usavam sandálias (ou sapatos) em casa. O cajado ficava geralmente perto da porta, mas não nesta noite. Os hebreus tinham de estar com ele nas mãos, prontos para sair.

*Esta é a Páscoa do Senhor*. (Veja o comentário no versículo 13 sobre o significado de *Páscoa*). As instruções para esta noite não eram para o conforto dos israelitas. Eles deviam estar preparados para uma rápida e miraculosa libertação.

Nos tempos de Jesus, os judeus consumiam vagarosamente a refeição, reclinados em almofadas, dispostas em torno de pequenas mesas de três pernas, a romana *triclinium* (Jo 13.23). A primeira refeição de Páscoa foi comida apressadamente,

em pé, mas as refeições pascais posteriores puderam ser feitas com calma, pois a libertação do Egito já havia acontecido.

12.12 — *Passarei* (v. 23). Esse verbo hebraico [do qual deriva a palavra *Páscoa*] faz referência a um movimento linear, como o de cruzar um rio (Gn 31.21), cruzar uma fronteira (Nm 20.23), ou um território (Nm 21.17). Abraão usou esta palavra para descrever a sua jornada a Canaã (Gn 12.6). Este significado também está relacionado ao termo *hebreu* (Êx 1.15,16; 2.6), que indica *aquele que veio do outro lado*. Aqui a palavra *Pessah* [passagem] é usada nefastamente, aludindo à jornada na qual o Senhor destruiria os primogênitos em toda a terra do Egito. Isto já havia sido avisado desde o início (Êx 4.21-23); Moisés, pessoalmente, informou ao faraó (Êx 11.4-8).

*Passarei... ferirei... Eu sou o Senhor*. Esta passagem enfatiza que o próprio Deus faria tudo isso, e não um anjo ou qualquer outro tipo de representante dele.

12.13 — O termo *senal* pode indicar um lembrete, uma lembrança ou um símbolo, como significa aqui (Êx 3.12), ou um milagre que aponta o poder divino (Êx 7.3). A expressão traduzida como *passarei por cima* (hb. *pessah; pacach*), no versículo 12, indica o significado original da *Páscoa* (v. 11), que é justamente o de *passagem*, no sentido de *poupar* ou *pular* as casas dos hebreus (v. 23,27). O verbo original só é usado nestes três versículos e em Isaías 31.5. Este julgamento seria executado pessoalmente pelo Deus vivo.

*Passarei... quando eu ferir a terra do Egito*. Como no versículo 12, aqui o Senhor enfatiza que as ações seriam comandadas por Ele, e mais ninguém (leia v. 29).

12.14 — *E este dia vos será por memória*. Dali em diante, este dia seria um *memorial* [hb. *zikrown*]. Esta palavra é similar àquela usada para descrever Deus em Êxodo 3.15: *este é meu nome eternamente, e assim serei lembrado* [hb. *zeker*, memória, memorial] *de geração em geração*.

*E celebrá-lo-eis por festa ao Senhor*. Alguns dos deveres religiosos são lúgubres e pedem jejum. A Páscoa, entretanto, é uma festa, uma celebração.

Nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. O termo traduzido como *perpétuo* [hb. 'owlam, ou 'olam, longa duração, eternamente] aqui também foi usado para adjetivar o nome de Deus (Êx 3.15); literalmente, significa *em memória eterna*, no sentido do tempo que não se acaba (Sl 90.2).

**12.15,16** — *Sete dias comereis pães asmos.* A Páscoa estava relacionada diretamente à festa dos pães sem fermento (v. 17; Êx 23.15; Lv 23.4-8).

*Qualquer que comer pão levedado [...] aquela alma será cortada de Israel.* O termo *cortado* [hb. karath, cortar fora, arrancar, eliminar] significa que tal pessoa seria eliminada [morta ou banida] do povo de Deus (Gn 17.14).

*E, ao primeiro dia, haverá santa convocação.* O termo *convocação* aqui quer dizer *conclamar para reunião*. Nos dias da convocação sagrada, o único trabalho permitido seria a preparação dos alimentos.

**12.17-24** — Nos versículos 17 a 20, informações contidas nos versículos 15 e 16 são repetidas, outras adicionadas. O mesmo ocorre nos versículos 21 a 24, que repetem as principais ideias sobre a Páscoa (dos v. 1-14), acrescentando-lhes ensinamentos.

**12.25-28** — Para garantir que essa festa não seria esquecida, nestes versículos são incluídas instruções sobre como uma geração deveria transmitir os ensinamentos à próxima.

*Quando entrardes na terra que o Senhor vos dará, como tem dito, guardareis este culto* (v. 25). A esperança de entrar na Terra Prometida era uma parte essencial da história da libertação.

*Quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este vosso?* (v. 26) Essas palavras constam numa importante passagem da *Hagadá* da Páscoa. Aqui, questionamentos sobre a origem da festa são sugeridos às crianças, mas as respostas também já foram preparadas para que sejam transmitidas a estas.

*Então, direis: Este é o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios e livrou as nossas casas...* A linguagem neste trecho é compatível com a dos versículos 12 e 13. O Senhor pessoalmente poupou (*passou sobre*) as casas dos israelitas, e também Ele próprio feriu as casas dos egípcios (v. 29).

*...Então, o povo inclinou-se e adorou.* Esta é a segunda vez que tais palavras são usadas a respeito dos israelitas em Êxodo.

*E foram os filhos de Israel e fizeram...* Os israelitas não só adoraram a Deus, mas também acreditaram em Suas palavras e obedeceram-lhe.

**12.29** — Moisés, no início de sua missão, foi informado acerca da morte dos *primogênitos* egípcios (Êx 4.22,23). Depois disso, ele anunciou este fato diretamente a faraó (Êx 11.4-8). Deus considerava a nação de Israel como o Seu primogênito. Contra o ataque a Seu povo, o Senhor destruiu o primeiro filho de faraó (v. 12,13,23,27).

*Desde o primogênito de Faraó [...] até ao primogênito do cativo.* Todos os primogênitos egípcios, de todas as classes sociais, seriam mortos.

*E todos os primogênitos dos animais.* Além da destruição de todos os filhos mais velhos dos egípcios [que atingiria em cheio o coração dos egípcios], a morte das primeiras crias dos rebanhos os atingiria economicamente. Estas mortes também eram um ataque aos seus ídolos adorados como deuses (v. 12).

**12.30** — A frase *havia grande clamor no Egito* revela o alto preço que o povo egípcio pagou por ter escravizado os israelitas. Nenhuma *casa* egípcia escapou do massacre dos primogênitos, *porque não havia casa em que não houvesse um morto*.

**12.31** — *Chamou [o Faraó] a Moisés e a Arão: Levantai-vos, sai do meio do meu povo.* Com base nas palavras de Moisés em Êxodo 10.29, é provável que esta mensagem tenha sido transmitida por um mensageiro do faraó, que estava de luto e entristecido pela morte de seu primogênito.

**12.32** — *Levai também convosco vossas ovelhas e vossas vacas.* Por fim, faraó se rendeu (Êx 10.9,26). Suas palavras, acompanhadas da expressão *abençoi-me também a mim*, demonstram o quebrantamento do seu coração. A morte de todos os primogênitos deve ter estilhaçado o coração dos egípcios.

**12.33** — *Os egípcios apertavam ao povo [hebreu] para que se apressasse em sair, porque talvez temessem morrer caso os israelitas não fossem embora logo.* Um escrito posterior celebra a



## APROFUNDE-SE

### O DESTRUIDOR

O termo *o destruidor* em Êxodo 12.23 (um particípio hebraico de *shahat*, no modo *Hiphil*) aparentemente sugere que o agente de destruição é alguém que não o Senhor (mas compare com Êx 12.12,13).

Então, quem ou o que é o destruidor? Se o aniquilamento dos primogênitos do Egito seria feito por nenhum outro, senão o Senhor (v. 12,13), o próprio Deus não seria o destruidor que atingiria as casas dos hebreus (v. 23)? Três possibilidades são apresentadas:

- 1) uma corrente crítica diz que diferentes "fontes" foram usadas na compilação deste capítulo ou que os textos simplesmente discordam entre si. Para aqueles que acreditam na coerência das Escrituras, esta não é uma solução adequada;
- 2) o uso do termo *o destruidor* pode ser visto como uma forma de falar de Deus, mas guardando uma certa distância. Talvez seja possível que esta obra do divino julgamento fosse tão ofensiva que um termo substituto precisou ser utilizado. A ideia principal continuaria sendo a do extermínio a ser realizado pelo Senhor. Este é um conceito plausível, similar à explicação dada para o uso da expressão *o Anjo do Senhor* (Êx 23.20);
- 3) o termo *o destruidor* refere-se, de fato, a um agente do Senhor. Entretanto, para manter a consistência com os ensinamentos dos versículos 12 e 13, o agente não pode ser outro além do próprio Deus.

Ao que tudo indica, apenas com a revelação do Novo Testamento este enigma pode ser solucionado. O *Destruidor* (o termo aqui precisa ser escrito com letra maiúscula) aparenta ser outra referência a Jesus pré-encarnado. (Esta também é, acredita-se, a melhor solução para o significado do termo *o Anjo de Yahweh*; Êx 23.20.) Certamente, muitas pessoas terão arrepios ao ouvir a ideia de Jesus sendo relacionado a um título sombrio. Entretanto, estas mesmas pessoas também se arrepiam com a descrição do Salvador em Apocalipse 19.11-21. (Talvez a reação seja a mesma na imagem da passagem do Anjo do Senhor empunhando uma espada parado em frente ao infame Balaão; Nm 22.31). Contudo, as passagens bíblicas não devem ser dispostas nas categorias "com arrepio" ou "sem arrepio"! Há muitas e variadas descrições do Rei-Salvador na Bíblia. Aqui está uma muitas vezes omitida: *o Destruidor*.

miraculosa libertação da escravidão: O Egito alegrou-se quando eles saíram, porque o seu temor caíra sobre eles (Sl 105.38).

**12.34** — *E o povo tomou a sua massa, antes que levedasse.* Isto explica [em parte] o porquê do pão não fermentado nos versículos 15 a 20. Os israelitas, ao saírem apressados, não tiveram tempo suficiente de deixar o pão fermentar. Desde esse dia, então, o pão sem fermento os lembraria do dia em que tiveram de sair apressadamente do Egito.

**12.35** — *Pediram aos egípcios.* Este era o plano de Deus desde o início (Êx 3.21,22; 11.2,3). Os escravos agora estavam sendo pagos por anos de trabalho opressor. Faraó não era mais respeitado por seu povo. Aqueles que sofreram as dez pragas respeitavam então a nação de Deus, que humilhou o seu rei.

**12.36** — *E o Senhor deu graça ao povo em os olhos dos egípcios, e estes emprestavam-lhes, e eles despojavam os egípcios.* Escravos libertos não saíam

da casa de seu antigo senhor levando as riquezas da família consigo. Entretanto, isso foi o que aconteceu com Israel ao deixar o Egito, por causa da graça e providência divinas.

**12.37** — *Assim, partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote...* A expressão *os filhos de Israel* faz referência aos herdeiros da promessa de Deus a Abraão, Isaque e Jacó. O Senhor deu o nome *Israel* a Jacó (Gn 32.22-32). A referência a Ramessés provavelmente está relacionada à cidade-celeiro, mencionada em Êxodo 1.11, talvez Tell el-Daba, na região Delta Leste. *Sucote* é provavelmente Tell el-Maskhuta, um pouco mais ao leste.

*Coisa de seiscentos mil de pé, somente de varões, sem contar os meninos.* O número *seiscentos mil* faz alusão aos homens, sem contar as mulheres e crianças, que, se fossem somadas, chegariam a cerca de três milhões de pessoas. A conta real não se dá até Números 1. Assim, esse número não pode ser considerado um testemunho independente da

quantidade de homens em idade de combate em Israel no tempo do êxodo do Egito, visto que é derivado de um censo posterior (Nm 1.46).

**12.38** — *A mistura de gente* (incluía os egípcios e provavelmente outros grupos étnicos) que se uniu com os hebreus tinha seus próprios motivos para ir embora do Egito. Algumas dessas pessoas causariam problemas mais tarde, porque as coisas não seriam tranquilas, da maneira que esperavam (Nm 11.4). Passado algum tempo, a mudança desta vasta população foi complicada por seus grandes rebanhos, pois estes precisavam dar leite, carne e couro, bem como servir de sacrifício para o Senhor.

**12.39** — *Cozeram bolos asmos da massa que levaram do Egito, porque não se tinha levedado*. Os hebreus prepararam *bolos asmos* (pães sem fermento) em obediência à ordem de Deus (v. 1-20). *Porquanto foram lançados do Egito; e não se puderam deter, nem prepararam comida*. O simbolismo nesta expressão tem a ver com a pressa de sua saída, e não (como alguns supõem) com o fato de que havia algo maligno no fermento. Se o fermento fosse impróprio, Israel teria sido proibido de comer pão fermentado a qualquer hora. [No Novo Testamento, o fermento passou a ser usado como um símbolo do pecado; mais precisamente do orgulho, que faz com que o homem se torne arrogante, com um ego inflado, à semelhança da massa levedada.]

**12.40,41** — *Quatrocentos e trinta anos*. Se o êxodo começou por volta de 1446 a.C., a chegada de Jacó ao Egito deve ter se dado por volta de 1876 a.C.

**12.42** — A saída de Israel do Egito deveria ser guardada em *vigília* (NVI). A Páscoa tem sido meticulosamente passada em vigília pelos judeus desde esta época. De forma geral, os cristãos também comemoram a Páscoa quando celebram a Ceia do Senhor, um memorial ordenado por Ele durante a última Páscoa que celebrou com Seus discípulos, dando a ela um novo significado. Ao relembra-rem os atos salvíficos de Jesus pela celebração da Santa Ceia, os cristãos também podem agradecer a Deus pela libertação dos israelitas no tempo do êxodo, que possibilitou a revelação de Deus à humanidade pela antiga e pela nova aliança.

**12.43-51** — As regras acerca da celebração da Páscoa poderiam ter sido mencionadas em outra hora, mas estão incluídas aqui por causa da descrição da primeira Páscoa, narrada no início do capítulo.

**12.43** — *Nenhum filho de estrangeiro*. A festa da Páscoa foi designada para aqueles que tinham fé no Deus vivo [e experimentaram a libertação pelas mãos dele]. Convidar outros para participar da refeição sagrada poderia fazer com que o povo perdesse aos poucos a compreensão da natureza espiritual desse memorial. Logo, esta exclusão não tinha por objetivo manter os estrangeiros longe do Senhor (leia os próximos versículos).

**12.44,45** — Um *servo* que tivesse fé em Deus e fosse circuncidado poderia participar da festa sagrada (Gn 17.12). Contudo, as pessoas que não compartilhavam a mesma crença de Israel eram excluídas (v. 45). [Afinal, elas não participariam das mesmas experiências espirituais.]

**12.46** — *Numa casa*. A primeira Páscoa foi celebrada em casas separadas (v. 1-13), e cada uma delas estava marcada pelo sangue do cordeiro pascal. *Não levarás daquela carne [...] nem dela quebrareis osso*. O fato de os hebreus não fragmentarem os ossos do animal sacrificado apontava para a morte de Jesus, pois [de acordo com a Lei e as profecias] nenhum dos ossos do Salvador seria quebrado, mesmo Ele sofrendo uma morte terrível na cruz (Sl 34.20; Jo 19.33,36).

**12.47** — *Toda a congregação de Israel*. Isto limitou o ingresso de estranhos e fixou a participação de todos aqueles que faziam parte da comunidade.

**12.48** — *Porém, se algum estrangeiro se hospedar contigo e quiser celebrar a Páscoa ao Senhor, seja-lhe circuncidado todo macho, e, então, chegará a celebrá-la*. O termo *estrangeiro* (hb. *ger*) citado neste versículo é diferente do *estrangeiro* que aparece no versículo 43 (hb. *nekar*). Ambos falam de forasteiros, mas a expressão do versículo 43 algumas vezes recebe uma conotação negativa (por exemplo, esta palavra em hebraico é usada para definir *deuses estranhos*, em Gn 35.2,3; Js 24.20,23). Não seria realmente uma coisa fácil para um peregrino participar de uma refeição de Páscoa, levando-se em consideração que ele teria de ser *circuncidado!*

Este rito demandava muita fé no Senhor e a determinação de dividir as responsabilidades e as promessas de Israel.

*E será como o natural da terra.* Estas palavras antecipam a fixação de Israel em Canaã. Mas elas também antecipam a ideia do renascimento. Na avaliação de Deus, uma pessoa de nascimento estrangeiro que compartilha a fé em Israel se torna tão israelita quanto um nativo (hb. *'ezrah*) — veja Levítico 17.15; 18.26; 19.34; 24.16,22. Isto é, o crente que nasceu estrangeiro se torna um *nascido em Sião*. (O Salmo 87 desenvolve mais profundamente este tema). Aqui está uma base bíblica para os ensinamentos do Novo Testamento a respeito da filiação divina por adoção, mediante a fé em Cristo, que permite ao cristão entrar em aliança com o Senhor, receber o Espírito Santo e ser gerado de novo, para uma nova vida de comunhão com seu Criador e obediência às Suas leis (Jo 3.3-21).

**12.49,50** — *Uma mesma lei* corresponde ao termo hebraico *tôrâ*, que basicamente significa *ensinamentos, instruções, mandamentos e estatutos*.

**12.51** — A palavra *exércitos* faz referência à multidão de Israel, não necessariamente a homens alistados para lutar.

**13.1-22** — Antes da dramática história da passagem pelo mar Vermelho, há um registro dos institutos fundamentais dados a Israel pelo Senhor. São eles: (1) a consagração dos primogênitos (v. 1,2); (2) a festa dos *pães asmos* (v. 3-10); e (3) a lei acerca dos primogênitos (v. 11-16). A

isto é seguido o comando do Senhor aos israelitas para rumar em uma direção imprevista (v. 17-22).

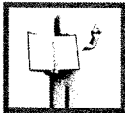
**13.1** — *Falou o Senhor a Moisés*. Deus falava com o profeta frequentemente, e a sua relação próxima com o Senhor era especial (Êx 33.11; Nm 12.8).

**13.2** — O termo traduzido como *santifica* significa *consagrar-se, tornar-se santo*. Deus disse: *Santifica-me todo primogênito, o que abrir toda madre entre os filhos de Israel, de homens e de animais; porque meu é*. A explicação do ritual de consagração do primeiro filho do sexo masculino ao Senhor é feita mais tarde, nos versículos 11 a 16.

**13.3** — *Lembrai-vos deste mesmo dia*. Veja comentário em Êxodo 12.41,42,51.

**13.4** — *No mês de abibe*. Veja comentário sobre este primeiro mês em Êxodo 12.2.

**13.5-7** — *E acontecerá que, quando o Senhor te houver metido na terra dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos heveus, e dos jebuseus...* Várias nações ocupavam a terra de Canaã na época em que Deus prometeu dá-la em herança a Israel. Aqui, alguns povos são listados, mas há variações nestas listas. A relação mais completa está em Gênesis 15.18-21, onde dez nações são mencionadas. Nas listas em Êxodo, três, cinco ou seis povos são citados, e quase nunca na mesma ordem (Êx 3.8,17; 23.23,28; 33.2; 34.11). Aqui, os ferezeus não são mencionados. Estas diferenças indicam que o objetivo principal não é o catálogo completo dos povos, e sim a lembrança de que a terra de Canaã estava ocupada e de que seus



## ENTENDENDO MELHOR

### O ESTILO LITERÁRIO DO ORIENTE

A repetição textual da explicação da festa dos pães sem fermento em Êxodo 12.14-20 e 13.3-10 é um estilo literário usado ocasionalmente no Antigo Testamento.

Ao apresentar as leis de Israel, o estilo hebraico é "episódico". Acha-se um pedacinho aqui, outro ali. Em um livro "mais ocidental", o conteúdo sobre um tema em particular é geralmente reunido e agrupado, excluindo-se todas as repetições. Em um "livro oriental", a exemplo da Bíblia, há uma diferença das características de escrita e estética narrativa.

Além disso, apesar de o conteúdo de Êxodo ter sido escrito (Êx 24.4), muitas pessoas não tinham acesso ao material grafado. Entretanto, com o objetivo de compreensão comum, o livro, pouco acessível em sua forma textual, era sempre lido e repassado em voz alta. Essa é uma das características que tornam a literatura oral repetitiva, pois ajuda a fixar as ideias na mente dos ouvintes.



## APROFUNDE-SE

### A ROTA PELA TERRA DOS FILISTEUS

Havia três antigas rotas entre a Ásia e o Egito. Uma partia de Elate, perto de Eziom-Geber (1 Rs 9.26), e atravessava a península do Sinai até uma área de Suez, ao redor da cidade de On (Heliópolis).

Outro caminho estendia-se desde perto de Berseba, em Neguebe, até a área de Suez. O terceiro itinerário, o mais usado, especialmente pelos exércitos egípcios, era a *rota pela terra dos filisteus* (Êx 13.17 NVI).

No Egito, esta travessia era chamada de *caminho de Hórus*. Uma rota costeira que saía do Egito pelo nordeste percorria toda a extensão norte da península do Sinai e a costa de Canaã. Visto que a terra perto do mar Mediterrâneo era pantanosa, quem percorria a rota não tinha a visão do mar, pois esta ficava a alguns quilômetros em direção ao interior.

O nome bíblico *a rota da terra dos filisteus* alude à área costeira onde os filisteus viviam e pela qual o caminho de Hórus passava. Tempos mais tarde, quando os filisteus não eram mais um povo característico, a rota passou a ser chamada simplesmente de *o caminho do mar* (Is 9.1).

habitantes teriam de ser removidos à força para que a promessa divina se concretizasse.

**13.8** — Mesmo as futuras gerações de israelitas que não fizeram parte do êxodo deveriam dizer: *isto é pelo que o Senhor me tem feito, quando eu saí do Egito*. Todos os hebreus compartilhariam a libertação divina por causa de seus efeitos duradouros e da promessa de Deus de bem permanente.

**13.9-11** — *E te será por sinal sobre tua mão e por lembrança entre teus olhos; para que a lei do Senhor esteja em tua boca; porquanto, com mão forte, o Senhor te tirou do Egito*. Um mandamento similar é encontrado em Deuteronômio 6.8. Por isso, os judeus ortodoxos usam duas caixinhas de couro presas a uma tira de couro [hb. *tefilin*; port. *filactérios*], com quatro trechos da Torá [Êx 13.1-10, 11-16; Dt 6.4-9; 11.13-21], sobre a testa e as mãos durante as orações. Isto lhes serve como memorial. Com ou sem tal sinal físico, o símbolo representa uma realidade interna: as instruções de Deus deveriam tornar-se a regra principal da vida de um indivíduo que tivesse aliança com Ele.

**13.12** — *Apartarás para o Senhor tudo o que abrir a madre [...] os machos serão do Senhor*. O verbo utilizado aqui, *apartarás*, ajuda a explicar o significado de consagrar no versículo 2. A ideia é tratar com distinção, distinguir como especial. O termo *machos* qualifica todos os primogênitos.

**13.13,14** — O primogênito macho do jumento era resgatado com um cordeiro. Não era permitido que um jumento fosse oferecido em sacrifício

ao Senhor. Similarmente, os israelitas deveriam resgatar seus primeiros filhos. Eles não poderiam nunca matá-los em sacrifício humano. Desta forma, os israelitas eram dramaticamente lembrados das coisas que o Senhor fez para que eles pudessem ser libertos da escravidão. O Senhor poupou os primogênitos dos israelitas, mas matou os primogênitos egípcios — humanos e animais — para dar a Seu povo a libertação. Mais tarde, o Senhor ordenaria que os levitas fossem separados para Ele no lugar dos primogênitos dos israelitas (Nm 3.40-51).

**13.15** — Esta era uma dura lembrança a Israel do custo de sua redenção. Mais tarde, a estratégia foi mudada pelo Senhor ao tomar os levitas para si em lugar dos primogênitos (Nm 3.40-51).

**13.16** — *Esse sinal* era uma lembrança, um memorial, um símbolo da grande libertação operada pelo Senhor em favor de Seu povo (veja Êx 13.9; compare com Dt 6.8).

**13.17** — Se o povo de Israel tivesse ido diretamente para Canaã, ele teria andado rumo ao norte, ao longo da planície costeira mais tarde conhecida como a *terra dos filisteus*. Havia alguns indivíduos deste povo vivendo em Canaã desde os tempos mais remotos, mas a principal invasão, com a consequente colonização da terra, não se deu antes dos meados do século 12 a.C. O uso do nome *Canaã* é similar à utilização posterior dos nomes pelos quais as cidades-celeiro em que Israel trabalhou no Egito foram chamadas (Êx 1.11).

Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e tornem ao Egito. Os egípcios tinham fortalecido a rota costeira, a fim de proteger o território. O povo hebreu possivelmente seria forçado a entrar em uma batalha com os egípcios (ou filisteus) antes de estarem preparados.

13.18 — *Rodear o povo pelo caminho do deserto, perto do mar vermelho.* O texto é bastante claro quando diz que o povo hebreu não deveria ir direto a Canaã. Por conta disso, muitas rotas alternativas foram propostas para explicar a direção que os israelitas tomaram. O caminho tradicional diz que eles se moveram na direção sul, ao longo da costa oeste da península do Sinai, até que atingissem o monte Sinai, na longínqua região centro-sul da península. A sugestão de proximidade com o mar Vermelho vem da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, completada aproximadamente em 150 a.C. A expressão hebraica traduzida como *mar Vermelho* equivale a *mar dos juncos* [que dava à água uma coloração vermelha], um local próximo à antiga extensão setentrional do mar Vermelho. Muitos acreditam que o *mar de juncos* era um dos lagos pantanosos da região.

13.19 — A história do último desejo de José é encontrada em Gênesis 50.22-26. É tão maravilhoso ver que, após mais de 400 anos, um pedido feito no leito de morte, e que demandava grande fé no Deus vivo, estava sendo satisfeito!

13.20 — Não sabemos a localização de *Sucote, Etã* e alguns outros antigos lugares de acampamento de Israel (para Sucote, leia Êx 12.37).

13.21,22 — A presença de Deus junto a Seu povo se manifestava de maneira espetacular em forma de uma *coluna de nuvens* e de uma *coluna de fogo* (Êx 14.19,20,24; 40.38; Nm 9.21). Deus esteve com Seu povo durante toda a experiência do êxodo. Por estes e outros maravilhosos sinais, Ele se fez inesquecível! Deus é Espírito (Jo 4.24), e a onipresença é um dos Seus atributos. O Senhor fez com que Sua presença fosse vista e sentida dentre as pessoas que saíram do Egito. Se todos concentrassem suas atenções na divina presença, não teriam motivos para temer.

14.1—15.21 — A travessia do *mar Vermelho* (ou *mar de juncos*), o ápice da saída do Egito, é

narrada em prosa em uma passagem (cap. 14) e em poesia em outra, como um cântico de louvor a Deus (cap. 15).

14.2 — As áreas que correspondem a *Pi-Hairote, Migdol* e *Baal-Zefom* são desconhecidas hoje em dia.

*Pi-Hairote* pode ser a tradução de um nome egípcio, talvez *morada de Hator* [no panteão egípcio, a deusa protetora das mulheres, a divindade dos céus, do amor, da alegria, do vinho, da dança e da fertilidade; era uma das mais veneradas do Egito antigo], ou algo similar.

*Migdol* quer dizer *torre*, e provavelmente faz alusão a uma característica topográfica.

*Baal-Zefom* significa *Baal do norte*, uma palavra que sugere que as crenças dos cananeus se estenderam a essa região.

Deus disse aos israelitas para acamparem à beira-mar, para que Ele pudesse, mais tarde, libertá-los milagrosamente.

14.3 — Os egípcios notaram a rota de escape de Israel e perceberam a mudança de direção (v. 2). Assim, concluíram que os israelitas estavam *embaraçados na terra* (ou *vagando confusos*, de acordo com a NVI). Esta era uma estratégia, claro, orquestrada pelo próprio Deus.

14.4,5 — *E eu endurecerei o coração de Faraó.* Acerca desse assunto, veja Êxodo 3.19;4.21;5.2; 7.3,13,14;14.8. Mais um golpe foi desferido contra o rei do Egito. O significado da expressão *serei glorificado* é importante. A primeira vez que Moisés e Arão se aproximaram de faraó (Êx 5.1-9), este tratou com desprezo a Deus e aos dois homens. Com a derrota final do monarca, o nome do Senhor (isto é, *Yahweh*) e Sua associação com o povo de Israel seriam conhecidos e honrados em toda a terra.

14.6,7 — *E tomou [...] todos os carros do Egito.* Ao comando de faraó, os oficiais perseguiram os israelitas. *Seiscentos carros escolhidos* eram uma força enorme. Os carros de guerra nos tempos antigos exerciam uma larga vantagem sobre os soldados a pé.

14.8 — O Senhor endureceu o coração de Faraó, como Ele prometera em Êxodo 14.4.

14.9-11 — Não podemos culpar as pessoas por *temerem*. O medo em si não é um pecado.



Entretanto, o comentário sarcástico dirigido a Moisés (e, conseqüentemente, ao Senhor) de que *não havia sepulcros no Egito* demonstrava pouca fé. Esta é apenas a primeira de uma série de reclamações que o povo proferiu contra Moisés. Uma após a outra, suas queixas foram crescendo em hostilidade (Êx 16.2,3;17.2,3).

**14.12** — A declaração *deixa-nos, que sirvamos aos egípcios?* reporta-nos à réplica de Israel a Moisés e Arão após sua primeira e infeliz conversa com faraó (Êx 5.21).

**14.13** — *Não temais* é uma grande afirmação de fé de Moisés.

**14.13,14** — Apesar das ásperas palavras dos homens, Moisés não se revoltou contra o povo que o acusava. Em vez disso, ele encorajou os israelitas com a promessa de ver o *livramento do Senhor*. A palavra no hebraico para *livramento*, *yeshû'á*, vem de um termo que tem a ver com *cômodo* ou *espaço*. As pessoas estavam sob grande pressão, sem saída e espremidas entre as águas e o exército de faraó. O livramento aliviaria a pressão de uma maneira comovente. Esta salvação viria do Senhor, e Ele seria louvado por causa disso (Êx 14.30;15.2).

**14.15** — A ordem dada aos israelitas era: *marchem*; eles não deveriam retroceder nem desistir.

**14.16-18** — A *vara* de Moisés é o mesmo célebre cajado por meio do qual Deus operou milagres (Êx 4.20); o mesmo que Moisés e Arão usaram para evocar muitas das pragas contra os egípcios (Êx 4.1-8;7.9,20;8.5,16;9.23;10.13,22;17.5,9). O poder de Deus seria manifesto de uma maneira tremenda. Os israelitas provavelmente pensavam que o mar seria um obstáculo intransponível. A divisão do mar Vermelho, por obediência à ordem de Deus dada a Moisés, *estende a tua mão*, seria uma demonstração inesquecível de que as forças da natureza em toda a criação estavam definitivamente sob o comando divino (Sl 93).

**14.19** — Neste versículo, observa-se que o *Anjo de Deus* e a *coluna de nuvem* agiram para proteger e guiar os israelitas (Êx 23.20,23;33.9-11). O termo *Anjo de Deus* é outra expressão para *anjo do Senhor*. A coluna é, posteriormente, associada ao próprio Senhor (Êx 33.9-11).

**14.20** — A *coluna de nuvem* atuava de duas maneiras diferentes: *era escuridão* para os egípcios, não permitindo que caminhassem e se aproximassem dos hebreus; e funcionava como uma barreira protetora para os israelitas. *Toda a noite* Deus confundiu os egípcios e fez com que os israelitas passassem por entre o mar.

**14.21** — *Moisés estendeu a sua mão* [...] e o *Senhor fez retirar o mar*. O Senhor ordenou a Moisés que estendesse seu cajado (v. 16). Este não era uma varinha de condão. O poder emanava do próprio Senhor, e não do objeto. Uma das forças da natureza que Deus usou para separar as águas foi um forte vento oriental. Assim, imaginamos um vento extraordinariamente impetuoso, com foco direcionado, abrindo um corredor e formando duas paredes de água.

**14.22** — O efeito do vento foi tão forte que o leito do mar secou totalmente. Foi um ato de fé da parte de Israel atravessar *pelo meio do mar em seco*. Os hebreus poderiam ter-se recusado a cruzá-lo e, assim, não seriam livrados do exército egípcio.

**14.23** — *Os egípcios seguiram-nos*. Os assustados e confusos egípcios perseguiram os israelitas até mesmo no caminho que se abriu entre o mar Vermelho.

**14.24** — O Senhor esperou até que chegasse a hora certa. Assim, Ele fez com que acontecesse um alvoroço entre os egípcios no fim da madrugada, enquanto ainda estava escuro.

**14.25-27** — Sem as rodas, os carros de guerra ficaram tão imprestáveis que não representavam mais uma ameaça. Diante desse quadro desesperador, os egípcios disseram: *o Senhor por eles peleja contra os egípcios*. Esta era a confissão que Deus esperava. As notícias se espalharam vastamente e de forma rápida. O Senhor lutava pelos israelitas (v. 4,17,18).

**14.28,29** — Todos os soldados egípcios e os cavalos que entraram na parte seca do mar não sobreviveram quando as águas voltaram ao seu lugar. A derrota foi completa. Não há dúvida de que alguns guerreiros egípcios não entraram no corredor de água e sobreviveram. E foram justamente estes homens que espalharam as notícias a respeito do Senhor, o Guerreiro de Israel.

14.30 — A forma verbal *salvou*, neste versículo, traduz uma maravilhosa imagem de libertação expressa em hebraico pela palavra *yasha*. Agora, os israelitas tinham “espaço para respirar”.

14.31 — A *grande mão* significa a *grande obra*, isto é, Deus realizou, e Moisés foi apenas um instrumento (Êx 15.16). Este apoteótico versículo fala do genuíno sentimento dos israelitas no fim de sua experiência de libertação divina e no começo de sua jornada de fé. Quando lemos *temeu o povo ao Senhor* e as palavras que se seguem, compreendemos que Israel confiou em Deus e também renasceu como povo. Os hebreus creram no Senhor (a mesma expressão é usada para descrever a fé libertadora de Abraão em Gênesis 15.6; leia o comentário de Paulo em Romanos 4).

Também foi muito importante o fato de que as pessoas confiaram no servo de Deus, Moisés. No começo dessa miraculosa provação, elas não tinham acreditado no profeta (Êx 6.9). O povo foi transformado espiritualmente à medida que foi libertado fisicamente. Logo, não causa surpresa sua entoação de um cântico (cap. 15).

15.1-19 — Esta passagem contém o primeiro cântico de maior extensão na Bíblia. É um cântico de libertação. Outras seções poéticas em Gênesis (1.27; 3.14-16, 17-19; 4.23, 24) são muito curtas para serem chamadas de salmos. Moisés compôs este cântico, e sua elaboração gramatical, estrutural e vocabular comprovam sua origem antiga (leia Dt 32 e Sl 90 para conhecer outros dois salmos compostos por Moisés).

15.1 — *Moisés e os filhos de Israel* louvaram juntos como uma congregação, não apenas como nação. E eles entoaram o *cântico ao Senhor*. O Deus vivo era seu principal ouvinte.

A expressão *sumamente se exaltou* é uma construção enfática, que expressa o magnífico contentamento por causa da grande vitória de Deus (Êx 18.8).

O *cavalo e o seu cavaleiro* também podem ser entendidos como o *cavalo e o seu carro de batalha*.

O verbo traduzido do hebraico como *lançou* é uma expressão rara e vívida. Ele transmite a ideia de Deus atingindo e derrubando os membros do exército egípcio na água um por um.

15.2 — A *minha força e o meu cântico* são um par de palavras pouco usual. Algumas pessoas pensam que o termo traduzido como *cântico* significa *poder, fortaleza* ou algo similar. Entretanto, a ideia como é expressa é maravilhosa: Deus é *minha canção vigorosa*. Portanto, uma pessoa de fé considera o onipotente Deus vivo como uma razão para louvar!

Na sentença *ele me foi por salvação*, o verbo *salvar* e os substantivos relacionados com ele remetem ao sentido de *cômodo ou espaço* (Êx 14.13). Com o aterrorizante mar defronte aos israelitas e os egípcios atrás, perseguindo-os, o povo de Deus ficou encurralado. Contudo, o Senhor o surpreendeu com Sua libertação.

As palavras da primeira metade deste versículo são citadas no Salmo 118.14 e em Isaías 12.2. Há muitos vocábulos para expressar o louvor na Bíblia. Mas o verbo hebraico em *o exaltarei* (*nawâ*) é único e quer dizer *conferir beleza a Deus*. Por meio do fruto de seus lábios (Hb 13.15), pessoas de todas as idades podem conferir beleza. Àquele que criou tudo que é belo.

A expressão *Deus de meu pai* indica que os israelitas adoravam o mesmo Deus que Abraão, seu pai, adorava, em quem acreditava e a quem obedecia. Hoje, os cristãos são parte da linhagem de Abraão, porque também creem no mesmo Senhor, obedecem-lhe e adoram-no (Gl 3.6,7). Muitos crentes fiéis nos precederam.

15.3-5 — Chamar Deus de *varão de guerra* é bastante apropriado neste contexto. A batalha foi vencida, e a exaltação pertence ao Vitorioso. A declaração *Senhor é o seu nome* aponta que o nome de Deus na Bíblia, *Yahweh*, é muito importante (Êx 3.14,15). Outros supostos deuses tinham nomes secretos que eram revelados somente ao restrito grupo de sacerdotes. Ao saber o nome oculto dos deuses, o feiticeiro possuía um suposto “acesso especial” a eles. Mas o Deus vivo fez com que todos conhecessem Seu nome e soubessem que a salvação é encontrada apenas nele.

15.6 — Ao longo da narrativa de Êxodo foi enfatizada a poderosa mão direita de Deus estendida (v. 12,16). Esta é uma maneira de descrever a potente e ativa presença divina entre os



## APROFUNDE-SE

### MILAGRES NÃO OCORREM TODO DIA

A divisão do mar Vermelho (Êx 14.21) é um dos mais conhecidos exemplos de milagres bíblicos. Estas maravilhas são na verdade extraordinárias intervenções de Deus na ordem natural das coisas, a fim de que se cumpram os propósitos divinos e seja dada glória ao Seu nome.

Pode-se supor que cada ato do Senhor é um milagre, e, de uma perspectiva humana, isto é verdade. Deus, na maioria das vezes, concede poderes regulares à natureza para operar exatamente de acordo com Seus princípios e Suas leis, finalidade com a qual Ele originalmente a criou. Assim, por exemplo, o curso normal do mar Vermelho era que suas águas obedecessem às leis da gravidade e continuassem unidas.

Contudo, a Bíblia revela, de tempos em tempos, que Deus soberanamente dá ordens superiores às leis naturais e faz com que as coisas funcionem além do esperado normalmente. Estes milagres também são chamados de *sinais*, *maravilhas* ou *atos poderosos*. No mar Vermelho, Deus fez com que as águas desobedecessem temporariamente aos princípios naturais de curso e gravidade, para que os filhos de Israel pudessem atravessar em chão seco.

israelitas. Deus não libertou Israel *de longe*; Ele *desceu* para agir junto a Seu povo (Êx 3.8).

**15.7,8** — Moisés usou figuras de linguagem para ilustrar o grandioso sentimento do momento. O vigoroso vento que fez as águas se dividirem em duas partes e formarem um corredor (Êx 14.21) é descrito na poesia como o *sopro dos teus narizes*.

**15.9-12** — A arrogância do exército perseguidor incitando a luta com o Deus vivo é descrita no versículo 9. Contudo, no versículo 11, a expressão de incomparabilidade no questionamento *quem é como tu entre os deuses?* demonstra que os inimigos jamais seriam capazes de vencer o Senhor contando com seus deuses, pois só *Yahweh* é o Todo-poderoso. Essa expressão aparece muitas vezes na Bíblia para descrever o verdadeiro Deus.

Em um mundo onde havia muitos supostos deuses, o Senhor era único. Ele, sozinho, é Deus. Ele não é apenas melhor do que os outros deuses; não há outros deuses. Nenhuma pessoa, nenhum deus ou objeto pode ser comparado com o verdadeiro Deus vivo (Sl 96.4,5; Is 40.25,26; Mq 7.18). Quanto ao uso do termo *terrível*, este significa que Deus inspirou maravilhas, adoração e obediência nos israelitas.

**15.13** — A palavra *beneficência* é melhor interpretada se substituída por *amor leal*, o amor fiel de Deus por Seu povo (Sl 13.5). A forma verbal *salvaste* vem de uma palavra do hebraico que tem relação com os direitos de proteção da família.

Deus protegeu Sua família, os israelitas. Ele os conduziu à *habitação da sua santidade*, ou seja, à terra que estava dando a Seu povo para o contentamento deste (v. 17).

**15.14,15** — A notícia da libertação de Israel do Egito correu por toda a terra (Js 2.9). O resgate poderoso de Deus não era para ser mantido em segredo. Todas as outras nações do mundo deveriam ficar em alerta: o Senhor lutou por Israel, e este povo estava a caminho de Canaã! A finalidade de tais palavras era reforçar a sensação de segurança dos israelitas, mas, em vez disso, as histórias subsequentes nos mostram a covardia do povo. Eles tiveram dificuldades para confiar em seu próprio Deus (Nm 13;14).

**15.16** — *Espanto e pavor* é um par de palavras que se configura num único enfático pensamento — *um receio esmagador*. A expressão *teu braço* pode ser usada da mesma forma que *mão direita* (v. 6,12). O verbo *adquiriste* (*comprar, obter*) também pode significar *criar* (Gn 14.19).

**15.17** — *Tu os introduzirás e os plantarás no monte*. Este versículo fala da esperança do futuro próximo, a conquista da terra de Canaã (logo seria a terra de Israel), assim como da confiança em um futuro mais distante, a construção do templo.

**15.18** — *O Senhor reinará eterna e perpetuamente*. Por fim, a libertação de Israel aponta para o reinado vindouro do Deus vivo na terra sobre o Seu povo resgatado.



## EM FOCO

## RESGATADO (HB. GA'ÁL)

(Êx 15.13; Rt 4.4; Is 43.14)

O sentido básico do verbo hebraico traduzido como *resgatar* é proteger os direitos de família ou libertar. A palavra faz alusão à responsabilidade de um parente próximo em comprar de volta a terra da família que foi vendida por causa de débitos (Lv 25.25).

A mesma palavra hebraica é usada para descrever a bondade de Boaz em relação a Rute. Boaz não só resgatou a propriedade familiar, como também salvou Rute da pobreza (Rt 4.3-10). A benevolência e a boa vontade em salvar Rute são uma ilustração da bondade divina. Os israelitas tornaram-se a *família de Deus* (Êx 4.22; 13.2). Deus, assim, assumiu livremente a responsabilidade de resgatá-los, de pagar o preço para livrá-los da escravidão.

O Senhor foi o redentor de Israel assim como Isaías proclamou (Is 43.14), mas Ele também foi o Redentor pessoal de Jó e Davi (Jó 19.25; Sl 19.14).

Nós também temos um redentor, Jesus, que teve de pagar o preço — Sua morte na cruz — para nos libertar de nossos pecados (Gl 4.5; Tt 2.14).

**15.19,20** — Nesta passagem, *Miriã*, a irmã de Moisés, é mencionada pelo nome pela primeira vez. É bastante provável que ela seja aquela citada na história do nascimento do profeta no capítulo 2. Ela é chamada de profetisa. Embora não haja registros de mulheres servindo como sacerdotisas na antiga Israel, estas de fato exerceram o papel de profetisas (Débora, Jz 4.4; a esposa de Isafas, Is 8.3; Hulda, 2 Rs 22.14).

Como uma profetisa (Mq 6.4), *Miriã* falou oficialmente em nome de Deus. Entretanto, nem ela nem seu irmão Arão tiveram semelhante aproximação com o Senhor como teve Moisés (Nm 12). Este trecho também descreve a primeira adoração israelita após sua libertação no mar Vermelho. As mulheres lideraram essa exaltação com tamborins e dança, algo que mais tarde será celebrado no livro de Salmos (Sl 68.25).

**15.21** — O verbo *respondia* pode ser traduzido como *cantava*. As palavras do versículo 21 são as mesmas que aparecem no início do cântico de Moisés (15.1). A ordem das ações aparenta ser: Moisés foi o autor do cântico (v. 1); *Miriã* liderou os cantos, ou talvez ela tenha atuado como entoadora da antífona [versículo que precede o salmo] no coro. A celebração incluiu música, instrumentos, dança e grande exaltação ao Deus vivo.

**15.22** — Agar foi encontrada pelo anjo do Senhor perto de uma fonte a caminho de Sur (Gn 16.7; 20.1; 25.18). A falta de água nesta região

faria com que a fé dos israelitas no Deus vivo, Aquele que os resgatou milagrosamente, fosse posta à prova inúmeras vezes (cap. 17).

**15.23,24** — O verbo *murmurar* nesta passagem não apresenta um sentido tão duro quanto o verbo usado em Êxodo 17.2, mas também expressa insatisfação. A recente libertação do povo dos exércitos egípcios faz com que essa queixa pareça volúvel e um verdadeiro teste da misericórdia de Deus. Muitas vezes, agimos como os israelitas, mudando do louvor à reclamação facilmente.

**15.25** — O uso do *lenho* (arbusto) para purificar a água fez com que este milagre se tornasse fácil de perceber.

**15.26** — *Nenhuma das enfermidades*. Da mesma forma que Deus transformou as águas amargas de Mara, Ele prometeu não lançar nenhuma doença sobre os israelitas (Êx 23.25). A expressão descritiva *Eu sou o Senhor, que te sara* comprova a misericórdia e o poder divino. Isso continua sendo uma grande verdade: a cura vem do Senhor.

**15.27** — *Elim* significa *lugar das árvores*. As fontes de água e as palmeiras desse lugar eram uma agradável acolhida da secura do deserto. Muitas vezes a Bíblia compara poços e fontes à salvação, e palmeiras às bênçãos (Sl 1). *Elim* é provavelmente Wadi Garandel, próximo à tradicional localização do monte Sinai.

**16.1** — O exato lugar do *deserto de Sim* é incerto. A posição descrita, entre *Elim* e o Sinai,



Mara foi um reservatório de água ou um poço localizado no deserto de Sur (Êx 15.23,25; Nm 33.8,9). Seu nome significa amargo, indicando que suas águas não eram próprias para o consumo. O poço foi a primeira parada dos israelitas após cruzar o mar Vermelho e o local onde Deus satisfiz miraculosamente a sede dos israelitas ao transformar as águas amargas em boas. Este foi um teste de fé do povo, e assim o Senhor fez uma aliança com eles (Êx 15.25,26). Mara hoje é associado ao moderno Ain Hawarah, na península do Sinai.

depende da localização do monte Sinai. O termo *mês segundo* indica que se passou um mês após a saída do Egito (compare com Êx 12.2,18,40).

**16.2** — *Toda a congregação*. Esta expressão indica que houve uma inconformidade geral, mas não que não houvesse exceção. O verbo *murmurou* usado neste versículo é o mesmo utilizado em Êxodo 15.24 e 16.7. A questão principal neste texto é a impaciência dos israelitas.

**16.3** — *Quem dera que nós morrêssemos por mão do Senhor*. Como os israelitas puderam dar voz a esta ultrajante queixa? Tudo o que Deus fez por Israel usando a Sua destra teve como finalidade misericórdia e libertação. Essa reclamação era a respeito de comida (para um lamento similar acerca de água, leia Êx 15.22-26). Depois do grande resgate dos israelitas realizado por Deus e do abastecimento de água para o povo, eles ainda não conseguiam enxergar que a provisão de alimento seria um ato pequeno para o grande Deus?

**16.4** — A resposta de Deus para a queixa do povo foi uma promessa de pão do céu (*maná*, v. 15). O Senhor pessoalmente supriria a necessidade de alimento dos hebreus. Entretanto, o recebimento desta bênção maravilhosa foi impedido pela atitude dos israelitas. O que poderia ter sido uma alegre descoberta se tornou uma manifestação amarga. Neste sentido, a porção necessária diz respeito à quantidade diária de *maná* (v. 5). A sentença *para que eu veja se anda em minha lei ou não* significa *testar o que alguém realmente é* (Êx 15.25;20.20), e não *fazer com que alguém falhe*.

**16.5** — Conseguir o dobro do que recolheram no sexto dia permitiria o descanso do *Shabat* (v. 25).

**16.6,7** — *Sabereis*. O povo experimentaria o poder de Deus de uma nova forma (v. 12). Além disso, os israelitas teriam um renovado sentido da presença divina, como indica a afirmação *vereis a glória do Senhor*, e uma posterior prova da Sua misericórdia.

**16.8,9** — *Chegai-vos para diante do Senhor*. A ideia é relativa. Eles não chegariam tão perto (Êx 19.21).

**16.10,11** — Deus é Espírito (Jo 4.24). Assim, Ele varia as formas nas quais se apresenta. A *glória do Senhor* é uma das grandes teofanias (aparições de Deus) registradas em Êxodo. Deus apareceu pela primeira vez para Moisés em uma sarça flamejante (cap. 3). Não sabemos ao certo o que as pessoas viram na nuvem, mas o sinal certamente *faz com que elas ficassem cientes da majestade de Deus e de Sua onipotente presença* (Sl 97.2-5).

**16.12** — Deus prometeu uma ampla provisão de *carne e pão* para Israel. O Senhor forneceu a comida para que os israelitas não tivessem dúvida alguma a respeito de que Ele estava ao lado de Seu povo e *também zelava por este, como nos informa o verbo sabereis*.

**16.13** — Deus proveu carne por meio de um acontecimento natural, pela migração de codornizes para a região. Esta era a benevolente provisão divina. As codornizes vieram na hora certa e em grande número. Em uma ocasião posterior, as aves chegariam com um julgamento (Nm 11.31-35).



## VOCÊ SABIA?

### O RITMO SEMANAL

Os sete dias da semana, com seu ritmo de seis dias de trabalho e um dia de descanso (Êx 16.30), são mostrados em Gênesis 1 e Êxodo 20. Os antigos assírios e os egípcios dividiam o tempo em períodos de dez dias, enquanto os sumérios utilizavam a divisão de sete dias. O número identificado de planetas era sete, mas esta não era necessariamente a razão para a duração da semana.

**16.14,15** — *Uma coisa miúda.* Há várias tentativas de explicar o maná como uma substância de ocorrência natural que ainda possa ser encontrada no deserto. Alguns o identificam como um inseto ou uma seiva de planta. A construção frasal destes versículos dá a ideia de tal semelhança. Mas, a descrição do maná em dois trechos (v. 14,31) é realmente necessária, porque ele *não* era uma substância de ocorrência natural (leia a exposição em Nm 11.1-15).

A pergunta dos israelitas, *que é isto?*, deu origem ao nome do pão misterioso, *maná* (v. 31), pois esse questionamento é exatamente o significado dessa palavra no hebraico. O maná podia ser pilado e transformado em pão, por isso a afirmação de Moisés *este é o pão*. Ademais, era algo especial, um presente de Deus, como se verifica na declaração *o Senhor vos deu*.

**16.16** — Haveria maná suficiente para cada pessoa. Desta forma, ninguém precisaria recolher mais do que o necessário. A medida hebraica de um gômer é usada somente neste capítulo da Bíblia. Corresponde a aproximadamente 2 litros. O versículo 36 explica que isso era um décimo da efa.

**16.17-19** — A dependência diária dos israelitas para com o maná era um ato de fé, por isso foi dada a instrução: *ninguém deixe dele para amanhã*. As pessoas não precisariam recolher mais do que a quantidade necessária para o consumo diário, porque haveria mais maná no dia seguinte. Não fazer isso era mostrar-se em dúvida quanto à provisão divina.

**16.20** — A palavra traduzida do hebraico como *cheirava mal* é uma forma do termo *ba'ash*,

também usado pelos oficiais israelitas para descrever como o povo hebreu se sentiu quando Moisés e Arão foram falar pela primeira vez com faraó: *fizestes o nosso cheiro repelente diante de Faraó*, ou, em outra versão, *“Vocês atraíram o ódio do faraó”* (Êx 5.21 NVI). A declaração *indignou-se Moisés contra eles* mostra que o líder de Israel se irritou em mais uma das várias ocasiões em que o povo não seguiu as instruções do Senhor!

**16.21** — O maná não recolhido *derretia-se* durante o dia.

**16.22-26** — Talvez a característica mais surpreendente do maná fosse relativa ao *Shabat*. No sexto dia da semana, as pessoas deveriam recolher, para cada indivíduo, uma quantidade suficiente para dois dias. Em qualquer outro dia, o maná guardado estragava imediatamente e criava bicho. Entretanto, no *Shabat*, o maná armazenado do dia anterior continuava fresco como se tivesse acabado de ser preparado.

Este é o argumento mais forte e convincente de que esse “pão” não era uma substância de ocorrência natural. As características do maná, como o período de colheita e armazenamento, expresso com as palavras *seis dias* [...] *sábado*, reforçavam a recordação da importância do *Shabat* na vida do povo de Israel (Êx 20.8-11).

**16.27-31** — Alguns dos israelitas não respeitaram ou não compreenderam as instruções de Moisés e saíram no sábado para recolher o maná. A indignação do Senhor com o povo, demonstrada na expressão interrogativa *até quando*, ocorreu em virtude de o Seu comando ter sido bastante claro, mas, ainda assim, ignorado por algumas pessoas.

**16.31** — *Semente de coentro* [...] *mel*. Aparentemente o maná era muito saboroso e também muito nutritivo. Este foi o alimento principal dos israelitas durante toda uma geração.

**16.32,33** — Um vaso com maná seria para as futuras gerações como uma lembrança da miraculosa obra feita por Deus durante o período em que Israel esteve no deserto. De fato, esse recipiente de maná era um milagre contínuo, visto que a substância apodrecia rapidamente e enchiasse de bichos caso fosse armazenada mais do que um dia (v. 20). Contudo, o vaso com pão dos céus

posto *diante do Senhor* seria conservado durante séculos sem estragar.

**16.34-36** — *Quarenta anos*. O término da jornada no deserto é antecipado antes que os acontecimentos intermediários sejam registrados.

**17.1** — *Refidim* pode estar localizado em Wadi Refayid, no sudoeste do Sinai (Êx 17.8; 19.2; Nm 33.14, 15). Como *não havia ali água*, a demanda desse elemento para as pessoas e seus rebanhos deve ter sido um problema imenso, não importando sabermos a quantidade exata de israelitas (Êx 12.37).

**17.2** — Não deveria haver nenhum pecado em pedir água. Entretanto, o povo *contendeu* (hb. *rib*) com Moisés. Este verbo é comumente usado nos livros dos profetas para descrever uma disputa judicial (Mq 6.2). No versículo em questão indica uma reclamação irritante. Moisés julgou ser este um desafio à fiel misericórdia de Deus e uma prova de descrença em Sua provisão. Essa não foi a primeira vez que o povo se queixou com Moisés (Êx 14.11, 12; 16.2, 3). Infelizmente, também não seria a última.

**17.3** — *Por que [...] para nos matares?* A grave questão acerca da água levou as pessoas a acusarem Moisés de ter uma motivação ultrajante. Por fim, seus ataques miravam Deus.

**17.4** — *Clamou Moisés ao Senhor*. Visto que as palavras do povo se baseavam em acusações maliciosas, as palavras de Moisés foram pronunciadas como um pedido de ajuda. Deus não condena aquele que ora por socorro (Êx 2.23, 24; no hebraico, o mesmo verbo, *sa àq*, é frequentemente encontrado nos Salmos de lamento, como o Salmo 142.1).

**17.5** — A participação de *alguns dos anciãos* mostra que nem todas as pessoas estavam fazendo as fortes e maliciosas acusações descritas nos versículos 2 e 3. A vara de Moisés, neste caso, é a mesma concedida por Deus (Êx 17.9; 4.20) que Moisés e Arão usaram durante as pragas do Egito (Êx 7.9, 20; 8.5, 16; 9.23; 10.13, 22) e com a qual o profeta iniciou a divisão das águas (Êx 14.16).

**17.6** — A envolvente presença divina desceu no alto da rocha de uma forma única. Tempos depois, Paulo diria que essa rocha era Cristo (1 Co 10.4; compare com Dt 32.30, 31, 37). Um



*Refidim foi um acampamento israelita no deserto de Sim, aos pés do monte Horebe. Seu nome significa refrescos, mesmo não havendo lá água para ser consumida pelas pessoas. Entretanto, Deus miraculosamente fez com que Moisés batesse sua vara na rocha e saciasse a sede do povo. O lugar recebeu o nome de Massá (provação ou teste) e Meribá (rebelião, luta ou disputa), por causa da descrença dos israelitas (Êx 17.7). Refidim também foi a área do ataque dos amalequitas (Êx 17.8-16). Durante a batalha, Moisés ergueu os braços segurando sua vara para assegurar a vitória. Arão e Hur ajudaram a manter os braços do profeta levantados durante todo o dia. Moisés construiu um altar no lugar para comemorar a vitória.*

pouco antes, Moisés foi ordenado a estender a mão sobre o mar, e este se dividiu (Êx 14.21); na situação em análise, ele deveria bater na rocha, em pleno deserto, para que água brotasse dela. A batida na rocha ilustrou a morte vindoura do Salvador. A água para saciar a sede das pessoas veio de uma rocha que foi golpeada. Um dia, a água viva que satisfaria a segura espiritual da humanidade viria com a morte de Jesus, nossa Rocha.

O texto diz que *Moisés assim o fez*. Embora esteja implícito nessa declaração, não é contado de forma clara que a água jorrou abundantemente e as pessoas puderam bebê-la e dá-la aos seus rebanhos. É possível, contudo, que a água que saiu da rocha tenha se tornado uma fonte constante.

**17.7** — *Massá e Meribá*. Se as pessoas não tivessem se comportado tão mal, Deus teria provido a água em um contexto de bênção, e, assim, os nomes dos lugares possivelmente seriam

positivos. Infelizmente, as denominações fazem referência à rebeldia e à disputa que lá ocorreram (leia Nm 20.13,24 para verificar o uso desses nomes novamente).

A nosso ver, ficamos admirados de como a pergunta *está o Senhor no meio de nós, ou não?* pode ter sido feita! O povo testemunhou o poder de Deus nas dez pragas, no êxodo, na travessia do mar Vermelho e na provisão de maná. Todos os dias, os israelitas viam a nuvem e a coluna de fogo que representavam Sua presença. No entanto, se tivéssemos feito parte daquela multidão, provavelmente teríamos sido tão impacientes e questionadores quanto os hebreus.

**17.8** — O povo de Amaleque era formado pelos descendentes de Esaú, os edomitas (Gn 36.1,12). Não houve qualquer tipo de provocação para que esse ataque ocorresse. Os israelitas — e o Senhor — consideraram essa ofensiva como extremamente abominável (v. 14-16).

**17.9** — Esta é a primeira menção a *Josué*, o homem que mais tarde sucederia Moisés. Este escolhera Josué para ser seu ajudante pessoal (Êx 24.13;32.17;33.11). Quanto à *vara de Deus*, é a segunda vez que esta maravilhosa expressão é usada (Êx 4.20) e é sua última citação em Êxodo (Nm 20.8,9).

**17.10** — *Josué* liderou a batalha. Esta experiência o ajudaria bastante, mais tarde, em Canaã. Deus capacitou Moisés para trabalhar em Sua obra. Agora Ele estava treinando Josué para suceder o profeta. Neste versículo é feita a primeira menção da relação de *Hur* com Moisés e Arão (Êx 24.14). Ele não deve ser confundido com o avô de Bezalel (Êx 31.2;35.30;38.22).

**17.11** — Moisés manteve suas mãos erguidas (segurando a vara de Deus, v. 9) não como forma de magia, mas como uma demonstração de que a vitória de Israel estava nas mãos do Senhor.

**17.12** — Moisés não era um homem jovem, mas até mesmo um rapaz se cansaria de sustentar as mãos levantadas por muito tempo. Assim, seus auxiliares o ajudaram a manter as mãos erguidas. Apenas dessa forma Israel prevaleceria. Somente com a intervenção do poder de Deus o povo venceria a batalha.

**17.13** — *Josué desfez*. Os exércitos de Israel lutaram — como todos os exércitos na verdade fazem — usando as técnicas costumeiras de combate. Contudo, a vitória só foi garantida por causa do poder de Deus, que intercedeu em favor de Seu povo.

**17.14** — *Escreve isto*. Algumas pessoas alegam que os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, o Pentateuco, foram escritos muito tempo depois da morte de Moisés. Outras defendem a ideia de que Moisés escreveu algumas pequenas partes, como aquela a que este versículo aparenta aludir (Êx 24.4). Contudo, é bastante razoável afirmar que o profeta escreveu algumas passagens dos cinco primeiros livros sob o claro comando divino, como este versículo indica, e as outras partes mais tarde, registrando a história completa do relacionamento de Deus com os israelitas (Êx 34.27,28).

A palavra *memória* (hb. *zikkarôn*) é usada para a *Páscoa* em Êxodo 12.14. O vocábulo *livro* (hb. *sepher*) faz referência a um rolo. Os livros encadernados só foram desenvolvidos muitos séculos depois da época de Moisés. Além de receber a ordem de escrever o que estava sendo dito por Deus, o profeta ouviu a seguinte instrução: *relata-o*. O anúncio público de uma revelação do Senhor transmitiu a ideia de que aquilo realmente aconteceria [os amalequitas seriam esquecidos].

O futuro papel de Josué como sucessor de Moisés faria com que ele fosse uma testemunha importante dessa revelação divina. Moisés reiterou o comando de Deus — *que eu totalmente hei de riscar* — à segunda geração (Dt 25.19). A falha de Saul ao completar essa terrível tarefa levou-o a ser rejeitado por Deus (1 Sm 15). Por fim, o rei Davi concluiu o julgamento do Senhor sobre os amalequitas (2 Sm 1.1).

**17.15** — Moisés construiu e nomeou um altar, exatamente como fizeram Abraão e Isaque (Gn 8.20;12.7;26.25;33.20;35.1). A designação do nome conferiu uma importância especial à edificação, assinalando uma característica de Deus associada à adoração. O *Senhor é minha bandeira* (hb. *Yahweh nissî; nissî* significa *mastro* ou *estandarte*) foi o nome do altar, não um nome para Deus. Essa declaração não indicava um sentimento





## EM FOCO

## LIVRAR (HB. NATSAL)

(Êx 3.8; Jz 6.9; 1 Sm 10.18)

Este verbo pode significar tanto *tirar, saquear* como *arrebatar, salvar*. Esta palavra é frequentemente usada para descrever o trabalho de Deus no livramento (Êx 3.8) ou resgate (Êx 6.6) dos israelitas da escravidão. Algumas vezes significa a libertação do povo de Deus do pecado e da culpa (Sl 51.14). Entretanto, em Êxodo 18.8, a palavra é uma declaração da supremacia divina sobre o panteão de divindades egípcias. O Senhor é tão poderoso que pôde *arrebatar* a nação inteira de Israel do cativeiro no Egito (Êx 18.10). Este foi apenas o começo da repetida libertação dos israelitas dos inimigos (Js 11.6; Jz 3.9). O Senhor foi seu libertador, e os salmistas proclamaram tal fato com grande alegria (Sl 18.12; 144.2).

suave. Ao contrário, esse marco era um símbolo inexorável do extermínio dos amalequitas.

**17.16** — A expressão traduzida do hebraico como *jurou o Senhor* é algo não muito claro, mas aparentemente significa *certamente há uma mão no trono do Senhor*. Na estrutura frasal dessa expressão, o Criador é ilustrado como se estivesse sentado em Seu trono enquanto levanta Sua mão em um juramento solene. É algo terrível para os perversos cair nas mãos justas e corretas do Juiz do universo.

**18.1** — Deus queria que a libertação de Israel da escravidão egípcia fosse um feito conhecido em todo o mundo (Êx 15.14,15). As notícias do resgate divino dos israelitas chegaram à remota residência de Jetro, o sacerdote de Midiã. [Para saber mais sobre Jetro, leia Êx 2.18;3.1;4.18.]

**18.2** — Depois da chocante história da circuncisão do filho de Zípora, a narrativa de Êxodo não a mencionou mais até este versículo (Êx 2.16-21; 4.24-26). Provavelmente, Moisés enviara Zípora de volta à casa do pai dela após o acontecimento traumático. Agora ela visitava Moisés com Jetro. Entretanto, após esta passagem, a esposa do profeta não é mais citada na Bíblia. Posteriormente, Moisés se casa com outra mulher (Nm 12.1).

**18.3** — Os dois filhos de Zípora ficam com Moisés e tornam-se parte das tribos de Israel. Contudo, a posterior história da família de Gérson envolveria um terrível escândalo (Jz 18.30).

**18.4** — *Eliézer* significa *meu Deus é socorro* ou talvez *meu Deus é poder*. Embora o nascimento e a nomeação de Gérson tenham sido mencionados anteriormente na narrativa (Êx 2.22), é somente

neste ponto na vida do segundo filho (depois do êxodo) — relativamente tarde — que seu nome é citado. Além disso, o nome é relacionado diretamente ao êxodo: *me livrou da espada de Faraó*. Visto que a nomeação de um menino era feita na época da circuncisão, a demora no relato deste filho e sua associação com a conclusão do êxodo fornecem mais provas ao significado que demos à obscura história em Êxodo 4.24-26.

Considerando que o segundo filho não fora circuncidado no oitavo dia de vida, Moisés, o pai, estava correndo risco de perder sua própria vida por causa dessa quebra da aliança. Os acontecimentos acerca da circuncisão do jovem foram tão fortes que o momento — geralmente alegre — da nomeação de um filho não foi vivenciado. Zípora, ao que tudo indica, retornou à casa de seu pai após tudo isso, levando seus dois filhos com ela. Então, no momento em que Moisés viu seu segundo filho novamente, ele deu a este um nome que representava a obra redentora de Deus.

**18.5,6** — A linguagem utilizada nestes versículos indica formalidade. Moisés foi adotado pela família de Jetro quando vagava como um homem sem rumo. Seu casamento trouxe algumas obrigações perpétuas. Ele pediu a permissão do pai de sua esposa para retornar ao seu povo, obedecendo ao chamado divino (Êx 4.18). A múltipla repetição do termo *sogro* nesta passagem (v. 1,2,5-8,12,14,15,17,24,27) indica que este era mais do que um título familiar. Jetro tinha verdadeira autoridade sobre Moisés.

**18.7** — *Inclinou-se, e beijou-o*. Os antigos hábitos do Oriente Médio de curvar-se e beijar não

representavam atos de adoração, mas sinais de respeito e lembretes da obrigação entre duas pessoas. É estranho que a narrativa não mencione o encontro do profeta com sua mulher. *Trocaram saudações* (NVI), ou *perguntaram um ao outro como estavam* (ARC) é uma tradução da palavra *shalom*, que, no hebraico, significa *paz*.

**18.9,10** — Quando Jetro *alegrou-se* (*hadad*, um verbo raro em hebraico), ele fez mais do que simplesmente resplandecer felicidade. Seu contentamento veio da ciência do verdadeiro Deus

vivo. O sacerdote provavelmente sabia alguma coisa a respeito do Senhor, mas agora o louvava com palavras e da mesma maneira que um genuíno crente.

**18.11** — As palavras de Jetro, *agora sei que o Senhor é maior*, indicam que outrora ele considerou o Senhor como um dos muitos outros deuses, ou talvez o principal dentre estes. Neste versículo, o sogro do profeta declara uma fé plena em Deus como uma divindade suprema. Quanto ao uso do verbo *ensoberbeceram* (hb. *zid*, *vanagloriar-se*,



## APLICAÇÃO

### PRINCÍPIOS PRÁTICOS DE LIDERANÇA

A liderança se tornou uma questão bastante popular nos dias de hoje, e por uma boa razão. Todo esforço em prol da efetividade contribui amplamente para o funcionamento da boa liderança.

A Bíblia oferece muitos princípios e modelos para ajudar os líderes a servir seu povo de forma mais efetiva. Obviamente, as Escrituras não foram redigidas como um manual de gerência administrativa, e as pessoas têm de ter bastante cuidado com a má interpretação e a má aplicação do texto bíblico. Não obstante, um grande número de passagens tem relação direta com fundamentos de liderança. A conversa de Moisés com Jetro (Êx 18.13-23) é uma das mais importantes. Vários princípios podem ser percebidos dos conselhos do sogro:

- **Moisés, um homem que foi dotado de grande autoridade, respeitou a autoridade de Jetro** (Êx 18.7,24). Provavelmente teria sido mais simples, e talvez mais natural, que o profeta tivesse uma atitude defensiva e protegesse seus interesses quando o sogro ofereceu seus conselhos. Mas, em vez disso, Moisés mostrou grande respeito, ouviu e respondeu cordialmente aos conselhos do pai de sua esposa.
- **A autoridade pode tornar-se intoxicante** (Êx 18.14,15). Aparentemente, Moisés sabia pouco a respeito de delegação de poderes. Isto pode explicar o motivo de este estar sobrecarregado. Mas, quando Jetro perguntou a Moisés por que somente ele se assentava para julgar, o profeta respondeu: *É porque este povo vem a mim para consultar a Deus*. Será que esta declaração refletia um inebriante fascínio de estar no comando? Felizmente, Moisés parecia ansioso por delegar parte de seu controle centralizado.
- **A autoridade deve ser investida prudentemente em outras pessoas** (Êx 18.21). Jetro não sugeriu que Moisés preenchesse meramente os vários cargos de líder com parentes e amigos íntimos, como muitos fazem. Em vez disso, o sogro descreveu as qualificações das tarefas baseadas em provas de caráter. Ao fazer isso, Jetro fez com que fosse lembrado que a delegação é um privilégio, não um direito. Um líder tem de levar em consideração as esperadas qualidades e as habilidades dos nomeados.
- **A autoridade é um recurso a ser investido em outras pessoas** (Êx 18.22-23). Ao delegar poderes aos subordinados, Moisés faria com que as pessoas progredissem em maior grau como comunidade, muito mais do que se ele retivesse e centralizasse o controle. Geralmente, pensa-se que a autoridade é posição que deve ser preservada. Na verdade, a autoridade é um recurso que deve ser usado conscientemente para dar poderes aos de confiança, a fim de que possam agir de forma efetiva.
- **A liderança efetiva aumenta a saúde e a longevidade de uma organização e a satisfação de seu pessoal** (Êx 18.22,23). Moisés provavelmente prolongou a sua própria vida e garantiu o progresso da nação ao apontar ajudantes capacitados. Nenhuma organização tem uma sobrevida muito longa se apenas pouquíssimos de seus colaboradores estão envolvidos em grandes tarefas. Ao dar a cada membro uma real participação no processo e nos resultados atingidos, os líderes poderão contar com muito mais olhos, ouvidos, mentes e mãos para dividir e manejar as decisões complexas.

Outros princípios de liderança podem ser extraídos da vida de Neemias. E também devemos enfatizar aqui que todos os tipos de liderança da Bíblia começam com humildade (Lc 22.24-27; Jo 13.2-17).

*agir presunçosamente*), este é encontrado somente em Êxodo 21.14; leia Neemias 9.10,16,29 para ver um importante emprego deste verbo.

**18.12** — A oferta em *holocausto* foi totalmente consumida. Os sacrifícios representavam ofertas com interesses em comum. Os servos do Senhor e os sacerdotes de Midiã comeram juntos, dividindo uma mesma fé no verdadeiro Deus. Esta passagem nos remete àquela em que Abraão celebrou o Senhor com Melquisedeque (Gn 14.18-20).

**18.13** — Neste texto, *julgar* significa *proferir decisões*.

**18.14,15** — A importante conversa entre o profeta e seu sogro mostra um lado bastante humano de Moisés. Ele era motivado por um desejo de fazer tudo de forma correta, mas suas atividades consumiam muito tempo e energia para serem realizadas por apenas um homem. Jetro notou isso naquele dia (v. 17,18).

**18.16** — A expressão *vem a mim* (hb. *yarâ*, no tema *hiphil*, *fazer saber, dirigir*) é uma forma da palavra da qual o substantivo *Torá* (*lei*, hb. *tôrâ*) é derivado. O versículo sugere que as leis do Senhor eram gerais, na concepção original, e, posteriormente, aplicadas caso a caso. Sem dúvida alguma, muitas das regras específicas no livro de Êxodo são o resultado deste processo: a aplicação dos princípios gerais em situações determinadas (Êx 21.1).

**18.17-24** — Há, algumas vezes, a ideia de que os servos do Senhor só aceitam as palavras vindas de outras pessoas de fé. Entretanto, muitos indivíduos que não possuem a mesma crença no verdadeiro Deus vivo têm experiência e entendimento de questões importantes. O sábio é aquele que é capaz de ouvir e aprender coisas boas, não importando sua religião.

**18.18,19** — Jetro deu seu grande conselho no contexto de sua nova fé em Deus, mas este foi baseado na experiência e na sabedoria que obteve durante sua vida.

**18.20-22** — Moisés seria encarregado de cuidar das questões mais importantes concernentes às instruções de Deus, e os outros homens de sua confiança lidariam com casos mais comuns. Jetro listou apenas cinco qualidades necessárias aos que

auxiliariam Moisés. Sua listagem possui semelhanças com as qualificações dos bispos e diáconos da Igreja no Novo Testamento (1 Tm 3.1-13).

1) Eles, primeiro, deveriam ser homens capacitados, possuindo força, eficiência e prosperidade (Gn 47.6; Rt 3.11; Pv 12.4;31.10);

2) Tais indivíduos deveriam ser tementes a Deus e mostrar misericórdia, reverência, humildade e pronta obediência (Gn 22.12);

3) Esses homens também deveriam ser dignos de confiança e agir conforme o caráter de Deus (Êx 34.6);

4) Os ajudantes de Moisés deveriam ser inimigos dos ganhos desonestos, para que não pudessem ser subornados;

5) E, ao serem ordenados, deveriam ser líderes. Em outras palavras, cada homem seria responsável por outros.

**18.23** — *Deus to mandar*. Quaisquer decisões tinham de acontecer conforme a vontade de Deus e ser abençoadas por Ele. Se Moisés seguisse as instruções de Jetro, o povo o procuraria *em paz*. Na verdade, toda essa organização serviria para o bem-estar geral de Israel.

**18.24-27** — Podemos ver claramente o caráter de Moisés neste trecho. Ele aceitou de bom grado, ou seja, *deu ouvidos* ao conselho e decidiu melhorar a maneira como estava fazendo as coisas. Isso também é um sinal de sua habilidade de liderança e de sua falta de soberba (Nm 12).

O registro de que Jetro voltou para sua terra não é uma conclusão moral, mas apenas uma declaração de sua viagem. Ao retornar para sua casa, Jetro disseminaria todo o conhecimento vivenciado acerca do verdadeiro Deus. Faria isso em uma época em que os israelitas conservavam tal entendimento entre seu povo. Jetro, o sacerdote de Midiã, tornou-se Jetro, o ministro do Senhor.

**19.1,2** — A chegada da comunidade de Israel ao monte Sinai foi o importante acontecimento que moldaria a história subsequente. O narrador (Moisés) ficou tremendamente impressionado com a sincronia de tempo do Senhor (Êx 12.41,51). Provavelmente, *mesmo dia* indica exatamente dois meses após o êxodo, o décimo quarto dia do *terceiro mês* (Êx 12.2,18;13.4;16.1).

A primeira vez que Moisés se encontrou com Deus foi diante de um monte. Naquela época, o Senhor prometeu que israelitas adorariam a Deus nesse lugar (Êx 3.12). Esta promessa divina estava para ser cumprida.

**19.3** — *E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte.* O profeta era o único que tinha acesso pessoal ao Senhor (Êx 33.9-11; Nm 12). Moisés era o intermediário entre Deus e o povo.

**19.4** — A expressão poética *sobre asas de águia* é uma maravilhosa forma de descrever a libertação dos israelitas da escravidão egípcia. O Senhor resgatara Seu povo do cativo e levava-o até Ele. Esse tipo de linguagem não apenas representa a salvação de Israel dos egípcios, como também retrata nossa salvação do pecado.

**19.5-8** — Pela primeira vez em Êxodo, o termo *concerto* (hb. *berít*) é usado para descrever o acordo solene entre o Senhor e os israelitas no monte Sinai, algumas vezes chamado de aliança mosaica (Êx 24.1-8; 31.12-18; 34.27,28). Em passagens anteriores no livro de Êxodo, esse termo foi usado para a aliança abraâmica (Êx 2.24; 6.3-5). A mesma palavra é utilizada em referências aos tratados que ligavam Israel a outras nações (Êx 23.32; 34.12,15).

**19.9** — Deus planejou revelar uma parte de Seu esplendor a um povo que estava despreparado para uma revelação completa. Assim, Ele apareceu em uma *nuvem espessa*. Um grande estudioso chama este fenômeno de “Sua elusiva presença”, indicando que a santidade de Deus requer Seu caráter quando se trata da revelação de Suas maravilhas ao povo.

**19.10,11** — As pessoas seriam instruídas de forma que estivessem preparadas para a visita do Deus vivo. Elas deveriam ser *santificadas*, isto é, passar por ritos de purificação para que ficassem cerimonialmente prontas para o encontro.

**19.12** — Deus ordenou a Moisés que estabelecesse limites para o povo. Ninguém poderia chegar perto de onde o Todo-poderoso e o profeta estavam, mantendo assim certa distância. No primeiro encontro de Deus com Moisés, junto à sarça em chamas, o Senhor determinou que ele tirasse suas sandálias (Êx 3.5). No caso em análise, as pessoas sequer se aproximariam.

**19.13** — *Não viverá.* A ameaça de morte demonstrava a seriedade do que estava para acontecer. Como deve ter sido antecipar com terror e maravilha o tão próximo encontro com o Deus vivo? Quando a *buzina*, que era um chifre de carneiro (como em Js 6.4), soasse longamente, o povo poderia subir o monte.

**19.14,15** — As relações sexuais também estavam proibidas durante os três dias, pois tornariam a cerimônia impura.

**19.16,17** — A aparição do Senhor foi um espetacular acontecimento envolvendo trovões, relâmpagos e a espessa nuvem. O deus cananeu Baal estava associado a estes elementos na época. Seus seguidores achavam que ele era o senhor da tempestade. Assim, nuvens, trovões e raios eram frequentemente associados a tal divindade.

Entretanto, Israel aprendeu que seu Senhor era o Deus vivo. Ele próprio se envolveu em uma espessa nuvem, enviou relâmpagos e trovoadas, iluminou a terra e encheu os céus com Suas



## EM FOCO

### SANTIFICAR (HB. *QADASH*)

(Êx 13.2; 19.10; 29.44)

Este verbo hebraico significa *tornar sagrado, declarar a distinção ou separar*. A palavra pode fazer referência à oferta de um objeto ou pessoa a Deus. Ao libertar os israelitas da escravidão egípcia, Deus fez com que toda a nação de Israel se diferenciasse. Por meio de Seus poderosos atos de resgate, o Senhor demonstrou que os israelitas eram Seu povo, e Ele era seu Deus (Êx 6.7). Ao fazer com que as pessoas lavassem suas vestes próximo ao monte Sinai, o Senhor tornou claro que elas estavam sendo separadas para si (Êx 19.10). Assim como os israelitas, os cristãos também foram libertos da escravidão e do pecado. Este resgate nos separou: fomos dedicados ao nosso Salvador e a Seus propósitos. Fomos chamados a ser Seu povo santo (1 Pe 1.15,16; 2.9).

maravilhas. Surpreendentemente, uma trombeta ressoou, mas não era ninguém no acampamento de Israel; era algo celestial (compare com Is 27.13; 1 Co 15.52; 1 Ts 4.16). Os israelitas nunca tinham ouvido semelhante som. Não é de espantar-se que tremeram de medo (Êx 20.18,19).

**19.18** — Mesmo que saibamos que Deus é onipresente, o uso da expressão *o Senhor descera* nos dá uma perfeita noção de Sua graça misericordiosa. O onipotente Criador veio a terra para encontrar os israelitas. Sua presença despertou um esmagador sentimento de medo. A fumaça era um invólucro para a glória de Deus, e o fogo junto à fumaça também lembrava o povo de Seu grande esplendor.

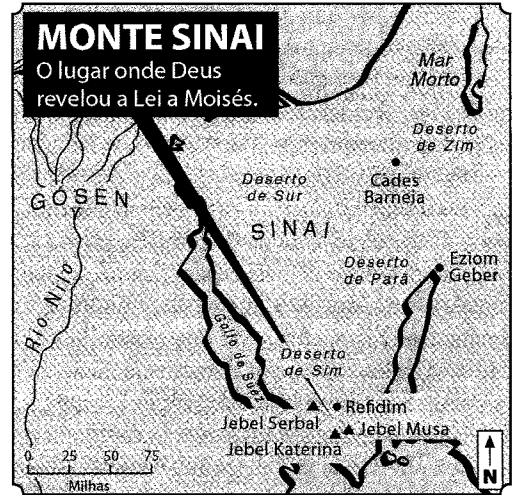
**19.19-25** — *O somido da buzina* (v. 19) não era apenas uma simples distração. Tudo fazia parte da investida que aflorava todos os sentidos — a sobrecarga espetacular de sons e imagens. Apesar da contínua e cada vez maior demonstração da glória divina, Moisés se aproximou de Deus, mesmo que todas as outras pessoas estivessem retrocedendo diante de tal acontecimento.

**20.1-17** — Esta passagem obedece ao padrão dos tratados que aconteciam no antigo Oriente Médio firmados entre um monarca e seus vassalhos. O grande Rei apresentou aos Seus servos, os israelitas, os deveres e as obrigações da aliança que estabeleceu com estes.

**20.1** — As palavras a seguir são conhecidas como as leis de Moisés. Contudo, Moisés foi meramente um profeta relutante, um porta-voz das palavras celestiais. Esta Lei, na verdade, é a Lei de Deus, por isso a declaração *falou Deus*.

**20.2** — *Eu sou o Senhor, teu Deus*. Primeiro, o grande Rei se identificou ao dizer o próprio nome (Êx 3.14,15). Então, Deus lembrou aos israelitas a graciosa ação em seu favor (capítulos 12 a 15), por meio da afirmação *que te tirei da terra do Egito*. Nos antigos tratados, um monarca descrevia a história das relações entre seu reino e aqueles com quem estava tratando. Neste pacto entre o Senhor e os israelitas, Deus relatou a execução da grande libertação que tirou o povo do cruel cativo.

**20.3** — *Não terás outros deuses*. O Senhor não deveria ser visto por Israel como um deus qualquer



*Monte Sinai, lugar onde Deus deu a Lei a Moisés*

O encontro entre Deus e Moisés no monte Sinai (Êx 19.20) gerou um profundo impacto no mundo. Seus efeitos ainda podem ser notados nos dias de hoje. Entretanto, o local exato no monte Sinai onde se deu este acontecimento não é conhecido. Até onde sabemos, o lugar nunca se tornou um santuário religioso atraindo devotos em peregrinação.

Monte Sinai é o mesmo que monte Horebe (Êx 3.1), onde Deus falou com Moisés em uma sarça em chamas e o enviou para liderar a saída de Israel do Egito (Êx 3.2-10). Horebe faz referência a toda extensão de uma montanha ou serra, e Sinai indica um vértice dessa cordilheira. Geralmente, a Bíblia usa o nome Sinai para indicar o local exato no qual Israel encontrou Deus (Êx 19.11), e utiliza o nome Horebe para aludir aos acontecimentos que lá ocorreram (Dt 1.6).

Sugere-se que alguns picos na península do Sinai correspondam ao bíblico monte Sinai: Jebel Musa (nomeado após de Moisés, com cerca de 2.255 m), que possui uma parte plana e poderia ter servido como a base do acampamento dos hebreus; Jebel Serbal (com cerca de 2.027 m) e Jebel Katerina (com cerca de 2.565 m).

entre todos os outros, e nem como o melhor deles. Ele era e é o único Deus vivo. Ele, e somente Ele, deveria ser adorado, obedecido e louvado pelos israelitas. Muitos estudiosos consideram o conceito de monoteísmo uma conquista de Israel, tal como a arte é uma realização original dos gregos, e o direito, uma façanha dos romanos.

Tais eruditos acreditam que o verdadeiro monoteísmo (a crença em um único Deus) não fora totalmente estabelecido até a época de Amós (séc. 8 a.C.). Entretanto, o testemunho da Bíblia apresenta uma visão diferente desse conceito crítico. A história bíblica apresenta a crença em

um único Deus desde o começo da história de Israel como uma nação. O primeiro mandamento é uma comprovação disso. E tal fato não foi uma realização de Israel. Este povo foi apenas o receptor das revelações divinas.

**20.4** — *Não farás para ti imagem de escultura.* As pessoas no mundo antigo costumavam esculpir ou moldar imagens de muitos ídolos. O povo de Israel foi proibido de fazer tal coisa desde o início. Os israelitas não podiam produzir nada que diminuísse ou prejudicasse a exclusiva adoração ao Deus vivo. Entretanto, a proibição da criação de imagens não era uma determinação contra os outros tipos de arte.

**20.5** — O comando *não te encurvarás a elas* mostra que não é aceita nenhuma forma de adoração a outro deus. Deus é um Deus zeloso (hb. 'el ganna'), isto é, que zela pela verdade de que Ele é o único Deus e tem ciúme de seus rivais. O verbo traduzido do hebraico como *visito* significa *venho em um ato de misericórdia* (Rt 1.6) ou *venho para trazer o divino julgamento* (que é o sentido aqui). Essa visitação se estenderia até à *terceira e quarta gerações*. Logo, a idolatria traria o castigo que afetaria os descendentes dos idólatras.

**20.6** — *A misericórdia* do Senhor (hb. *hesed, amor leal*) se estenderia a um número muito maior de gerações das pessoas íntegras. O contraste dos termos *terceira e quarta* (v. 5) com *milhares* demonstra que a misericórdia de Deus é maior do que Sua ira. Os efeitos da idoneidade se prolongariam mais do que as consequências da perversidade. O par de palavras *amam e obedecem* é também encontrado nos ensinamentos de Jesus (Jo 14.15).

**20.7** — O terceiro mandamento diz respeito à santidade do nome divino (Êx 3.14,15). A revelação do nome de Deus, *Yahweh*, transmite um risco. Se este for usado a esmo entre as pessoas, há a probabilidade de que não seja preferido no contexto da reverência. O uso do nome de Deus *em vão* (hb. *shaw* ' ) envolve: 1) torná-lo trivial e insignificante; 2) possibilitar sua utilização em ofertas de propósitos malignos. Ao entoá-lo dessa maneira, viola-se seu caráter e sua finalidade (esta era uma das formas como os

sacerdotes de falsas religiões usavam os nomes de seus falsos deuses); 3) *utilizá-lo imprudentemente* na adoração.

**20.8-11** — O quarto mandamento, *lembra-te do dia do sábado*, era o símbolo especial da aliança com Israel no monte Sinai (Êx 31.12-18). Com este mandamento, Deus diferiu os israelitas de seus vizinhos. Outros povos possuíam seus próprios padrões de trabalho e ociosidade, mas Israel foi instruído a reservar um dia entre sete.

A palavra *Shabat* (sábado) significa *descanso*. O dia foi santificado e, nessa ocasião, todo tipo de tarefa deveria cessar. O *Shabat* era especificamente o sétimo dia, sábado. Seu padrão foi originado no dia de descanso do Senhor, o sétimo dia, após os seis dias anteriores de criação. Durante o *Shabat*, os israelitas adoravam a Deus e relembravam sua libertação da escravidão egípcia (Dt 5.15). Até mesmo os estrangeiros que moravam entre eles deveriam cumprir o *Shabat*.

**20.12** — Antes da descoberta dos antigos padrões de tratados e de sua relação com os Dez Mandamentos, muitas pessoas achavam que as duas tábuas talhadas de pedra (Êx 34.1) eram divididas de tal forma que em um dos lados estivessem as leis relativas a Deus e no outro aquelas relativas às pessoas. Usando esta lógica, o quinto mandamento, descrito neste versículo, começaria na segunda tábua. Entretanto, seguindo nosso entendimento acerca de tratados primitivos, é provável que cada uma das tábuas contivesse todos os Dez Mandamentos.

No mundo antigo, uma cópia do tratado era colocada no templo principal de cada uma das partes. No caso em questão, ambas as partes foram mantidas juntas perante Deus e o povo no Santo dos santos. Em relação ao mandamento *honra a teu pai e a tua mãe*, o termo *honrar* significa *tratar com importância*. É o oposto do *em vão* (v. 7). O cuidado com os pais era um elemento básico da responsabilidade em sociedade e da divina misericórdia para com Israel. Neste versículo, tal princípio está ligado diretamente a como a pessoa viveria na terra. Os indivíduos infiéis a Deus que desrespeitavam seus pais não teriam vida longa na Terra Prometida.

**20.13** — O sexto, o sétimo, o oitavo e o nono mandamentos foram moldados para construir uma sociedade coesa na antiga Israel. Cada um foi baseado nos valores que Deus pôs sobre os seres humanos (sua vida, seus relacionamentos, sua propriedade e sua reputação). Todos esses parâmetros foram reafirmados no Novo Testamento.

O sexto mandamento, *não matará*s, não proibiu todos os tipos de execução. A própria Lei permitia que fosse tirada a vida como punição por alguns crimes (Êx 21.15-17,23), assim como no caso de guerra (Êx 17.8-16). O assassinato intencional de outra pessoa (fora a legítima concessão de pena de morte ou a guerra) violava flagrantemente a santidade da vida. Isso incluía as mortes praticadas por oficiais de estado (leia a história de Nabote em 1 Rs 21).

A primeira execução registrada na Bíblia foi o assassinato de Abel por Caim (Gn 4.8-14). Entretanto, a morte de Jesus, baseada em falsas acusações e julgamento ilegal, foi a mais terrível execução de todos os tempos.

**20.14** — O sétimo mandamento é relativo ao adultério. Deus considerava a santidade do matrimônio como uma responsabilidade sagrada similar à santidade da vida (v. 13), pois o relacionamento no contexto conjugal é um símbolo de fidelidade.

**20.15** — O oitavo mandamento proíbe o roubo, protegendo o direito de propriedade.

**20.16** — O nono mandamento proíbe levantar *falso testemunho*. Neste sentido, protege a reputação das pessoas contra a calúnia. Ele também estabelece uma base concreta para o antigo sistema israelita de justiça. De acordo com as antigas leis de Israel, uma pessoa era considerada culpada ou inocente com base na declaração de uma testemunha fidedigna (Dt 17.6). O falso testemunho arruinava gradativamente a justiça.

**20.17** — *Cobiçar* (hb. *hamad*) significa *possuir enorme desejo por*. Cobiçar não era apenas apreciar algo à distância, e sim possuir uma vontade incontrolável, excessiva e egoísta de apoderar-se do bem de outrem. O décimo mandamento aborda uma disposição interior: o pecado também



## APLICAÇÃO

### SANTIFIQUE-O

Qual foi a intenção do Senhor para o Shabat (*sábado* ou *dia da cessação*, literalmente falando)? O quarto mandamento é bastante claro e direto: santifique-o (Êx 20.8). Mas, o que realmente quer dizer *santificar*?

O trecho anterior aos Dez Mandamentos (Êx 20.2) fornece uma dica. Todas as dez leis baseiam-se no relacionamento próximo de Deus com Seu povo:

- Ele é o Senhor soberano dos israelitas.
- Ele é o Deus poderoso dos israelitas.
- Ele é o Libertador dos israelitas.
- Ele é o Salvador dos israelitas.
- Os israelitas são Seus filhos.

Se as pessoas que têm Deus no coração focarem seu grande relacionamento com o Senhor e o valorizarem, certamente exibirão o tipo de comportamento requerido nos Dez Mandamentos. Por exemplo, reservar-se-ia naturalmente um dia da semana, o *dia da cessação*, a fim de imitar intencionalmente o que seu Senhor fez no sétimo dia da criação.

Deus *descansou* ou interrompeu Sua obra criativa no sétimo dia. Ele não parou de sustentar, manter e remir o mundo, mas o Senhor, de fato, parou de criá-lo, modelá-lo e formá-lo. E isto é o que Ele pede para que as pessoas façam: guardar um dia para o Senhor, a fim de fazer tudo o que Ele gosta e deseja. Tudo, exceto a rotina de trabalhos que normalmente é executada nos outros seis dias da semana.

Os cristãos hoje têm liberdade para se comportar, agir ou pensar na melhor maneira de satisfazer as intenções de Deus em relação ao sábado (Rm 14.5-13). Entretanto, o espírito de "santificar o sábado" ainda significa honrar ao Senhor, focar nas necessidades dos outros e não em suas próprias, adotar a solidariedade, a unidade e a preocupação pelo próximo.

ocorre no pensamento. Isso demonstra que Deus queria que os israelitas não só evitassem praticar as ações malignas previamente estabelecidas em sua mente, como também descartassem todos os pensamentos perversos que levavam às atitudes de cobiça.

**20.18-20** — A resposta de Moisés neste trecho estabelece um dos mais importantes conceitos contidos nos primeiros cinco livros da Bíblia. Note o intercâmbio entre as expressões *não temais* e *temor de Deus*. O profeta disse ao povo que parasse de temer; Deus não faria mal a ninguém. Ainda assim, os israelitas continuavam a ter medo do Senhor (Êx 19.16; 20.18,19).

Deus não queria que Seu povo vivesse aterrorizado, como se Ele fosse uma força irracional, incontrolável e violenta, pronta para agredir pessoas inocentes sem nenhuma razão. Entretanto, o Senhor também desejava que os israelitas respeitassem os riscos óbvios do pecado intencional. Neste sentido, um medo apropriado do Senhor faria com que o povo se tornasse prudente, cauteloso, reverente, obediente e adorador. Assim, os hebreus evitariam pecar.

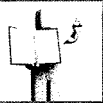
**20.21** — Deus permaneceu na espessa nuvem — um símbolo de Sua elusiva presença (Sl 97.2). Somente Moisés podia aproximar-se.

**20.22-24** — O povo de Israel foi proibido de fazer qualquer tipo de altar mais elaborado do

que um *altar de terra*, o qual seria usado apenas até a escolha do lugar único de adoração a Deus (mais tarde, em Jerusalém, conforme Dt 12). [Leia Êxodo 24.4 para ver a descrição do exemplo de altar construído por Moisés no monte Sinai, e 1 Reis 18.31,32 para ver a descrição do altar feito por Elias no monte Carmelo.] A edificação desse altar tinha por objetivo rememorar o nome do Senhor, como se verifica na sentença *fizer celebrar a memória do meu nome*, ou seja, *onde quer que Eu faça lembrar o meu nome*.

**20.25,26** — O termo *tua nudex* foi empregado porque a adoração aos deuses de Canaã envolvia atos de perversão sexual. Nada obsceno ou indecente era permitido na adoração ao Deus vivo e santo.

**21.1** — A palavra traduzida como *estatutos* neste versículo (hb. *mishpatim*) é um dos muitos termos do hebraico que descrevem a Lei (a Torá). Essa palavra define a resposta de Deus em relação a uma ação específica, algo como uma intimação de juiz. As leis que aparecem nesta seção são decisões acerca de casos peculiares entre o povo de Israel. Frequentemente as pessoas levavam questões críticas e difíceis a Moisés (cap. 18). Quando o profeta precisava tomar uma decisão a respeito de algum problema e não estava bem certo desta, Ele consultava o Senhor.



## ENTENDENDO MELHOR

### ESCRAVOS E SERVOS

A escravidão (Êx 21.2) existiu (e ainda existe) em diversas culturas e em muitas épocas da história. Os hebreus foram escravos no Egito, e a posse de servos e vassalos, mesmo na Terra Prometida, era uma coisa comum entre eles.

As leis acerca da escravidão não a condenavam propriamente, mas impunham limites aos seus piores aspectos. E havia algumas peculiaridades. Por exemplo, a lei dizia que um indivíduo que se tornava escravo para honrar suas dívidas deveria ser libertado no sétimo ano de serviço (Êx 21.2). Entretanto, não havia uma norma para liberar as mulheres da serventia. Por quê? Uma das razões baseia-se no fato de que a serva frequentemente tornava-se a concubina de seu senhor (Gn 30.9) e, além disso, era muito improvável que a vassala encontrasse um homem que desejasse casar-se com ela depois de liberta. Uma mulher que não se casava encontrava grandes dificuldades de sobreviver por si própria, pois a cultura da época não aceitava que ninguém, nem homem nem mulher, vivesse como uma pessoa solteira. Assim, a lei provavelmente *garantia* de que uma escrava permanecesse eternamente com o seu senhor.

Séculos depois, cristãos na igreja primitiva depararam-se com os problemas criados pelo conflito entre sua fé e a instituição da escravidão. Para estudar a respeito de como um patrão de fé tinha de lidar com as implicações de um escravo tornar-se um irmão em Cristo, leia Filemom.



As sentenças que Moisés proferiu são conhecidas hoje como *jurisprudência* ou *lei casuística*. Elas diferiam dos Dez Mandamentos (Êx 20.1-17), conhecidos como *lei apodíctica*. Estes são preceitos gerais que não se baseiam em casos particulares. Acredita-se que entre as nações do mundo antigo apenas Israel possuía as leis casuísticas e apodícticas. O objetivo de todas as normas era a imposição de limites ao comportamento humano.

**21.2** — *Se comprares um servo hebreu*. Dívidas ou outros problemas forçavam uma pessoa a ser vendida como escravo. Mas o que deveria ser feito se o vassalo fosse um hebreu? Neste caso, Moisés estabeleceu uma lei que determinava que o período de escravidão não excederia seis anos, e, no sétimo ano, o servo seria liberto. A servidão perpétua para os israelitas foi proibida.

**21.2-5** — Seguiram-se outras regras: (1) se um escravo tivesse casado antes de sua servidão, quando liberto, sairia com sua esposa; (2) se ele casasse durante o período de servidão, quando posto em liberdade, não levaria sua mulher e seus filhos, que, neste caso, pertenceriam ao senhor deles.

**21.6** — Se o servo, no tempo de ser liberto, não quisesse deixar sua família para trás, era permitido que se comprometesse com a servidão perpétua. Então, ele seria levado perante os juizes e teria a oportunidade de declarar suas intenções. Consequentemente, permaneceria sujeito para sempre, e isso seria indicado em seu corpo por

uma marca física feita por seu senhor, traduzida na instrução *furará a orelha*.

Esta expressão no inglês — *piece his ear* —, também encontrada no Salmo 40.6, na versão *New King James*, não foi traduzida desta forma para o português, pois também significa *abrir os ouvidos*, no sentido de ouvir melhor e obedecer à voz do Senhor, e não é uma referência à escravidão voluntária.

**21.7-11** — As mulheres também enfrentavam a dureza da escravidão. Nos tempos antigos, uma família poderia encontrar-se em tal estado de desespero que vendia a *filha* como *serva*.

A Lei servia para proteger a noiva que era comprada. Se ela não agradasse ao senhor que a escolheu, ele deveria permitir que ela fosse resgatada, isto é, sua liberdade seria adquirida por outra pessoa. De forma alguma, a mulher poderia ser vendida a um *povo estranho*.

Se ela fosse comprada para servir de esposa para o filho de um senhor, teria de ser tratada como uma filha. Caso ele escolhesse uma segunda mulher, não poderia privar a primeira de seus direitos. Seus *mantimentos*, suas *vestes* e seus direitos matrimoniais permaneceriam. Um marido que se recusasse a suprir todas essas necessidades deveria deixar a esposa ir embora sem qualquer ônus para a família dela.

**21.12** — Este versículo se baseia nas situações em que a pena de morte podia ser aplicada. Na



## APROFUNDE-SE

### PROCESSANDO POR DANOS

A Lei foi elaborada para uma sociedade agrícola. Assim, encontramos normas acerca de chifradas de bois e cisternas abertas (Êx 21.28-36). Todavia, os princípios relativos à preservação da vida humana, à segurança e às restituições por injúria pessoal transportam-se para qualquer sociedade e ambiente de trabalho.

Por exemplo, Deus deu bastante importância aos cuidados preventivos com a saúde (Lv 13.1-59) e também às questões da segurança no local de trabalho e da comunidade. Quando um dano ocorria, a parte ofendida tinha direito a um montante como restituição. Tudo isto era compatível com o nível do prejuízo. E a Lei também estabeleceu penas nos casos de injúria a outro ser humano, em um nível que se aproximava da perda sofrida pela vítima (Êx 21.23-24; Lv 24.17-22).

Além disso, nada nas Escrituras sugere que as pessoas ofendidas deveriam lucrar por causa das perdas sofridas. Nós também não encontramos nada a respeito de estragos causados pela dor, pelo sofrimento, medo, estresses psicológicos ou qualquer tipo de condição emocional. Fariamos bem, guardando as devidas diferenças, em considerar atentamente a essência dos preceitos do AT a respeito de propriedade e casos de injúria. Eles nos mostram o espírito com o qual devemos requerer restituições.

antiga Israel, assim como em nossos dias, sempre há em todos os casos algumas circunstâncias que podem pesar a favor ou contra a execução. Complica-se ainda mais a questão quando percebemos que no mundo antigo era costume da família ofendida retribuir a ofensa. Quem sofria a injúria ou a morte de um familiar tinha o direito de causar o mesmo dano ao ofensor. Estas leis foram estabelecidas para impor limites a tal penalidade.

**21.13** — A expressão *Deus o fez encontrar nas suas mãos* indica que a morte foi acidental. Uma pessoa que causava esse tipo de dano poderia escapar da punição ao fugir para outro lugar (Nm 35.9-34).

**21.14,15** — *Se alguém se ensoberbecer contra o seu próximo, matando-o com engano.* Neste versículo, a palavra *zîd*, traduzida do hebraico, significa *ensoberbecer* ou *agir de forma presunçosa*. Recorra ao comentário do capítulo 18, versículo 11, para ver o outro uso desse verbo em Êxodo. Atos deliberados de assassinato, incluindo a hedionda execução de pai ou mãe, eram punidos com a morte.

**21.16** — Sequestro era um crime capital (que resulta em pena de morte).

**21.17** — *Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe.* A quebra do quinto mandamento — *honra a teu pai e a tua mãe* (Êx 20.12) — dessa forma severa também era uma ofensa que gerava a execução.

**21.18,19** — A Lei permitia que a vítima de uma briga fosse compensada pelo tempo perdido e pelo tratamento da injúria. Assim como ocorreu com outras leis parecidas, é provável que um caso específico tenha gerado originalmente esta sentença.

**21.20,21** — Estas leis visavam, de certa forma, ao resguardo acerca do abuso dos escravos. Elas não endossavam a prática da escravidão.

**21.22,23** — Os defensores do aborto algumas vezes citaram este versículo para sustentar a ideia de que uma vida no útero é algo menor do que uma vida fora dele. Independente da maneira como foi traduzida, esta passagem não contém absolutamente nada que apoie exceções à prática do aborto, como se vê hoje em dia.

A sentença *forem causa de que aborte, porém se não houver morte* é o mesmo que *dar à luz prematuramente*. Logo, o subsequente dano poderia ser

um mal ao bebê (ou talvez à mãe e à criança). Se a mulher não morresse do ferimento, o ofensor se responsabilizaria pela perda da criança. Caso a mãe morresse — *mas, se houver morte* —, a penalidade seria *vida por vida*.

**21.23-25** — Neste segmento textual encontramos a mais conhecida frase da *lex talionis* (lei de talião). Muitas culturas antigas permitiam que a punição excedesse a ofensa. Em Israel, uma sentença correspondia à natureza da injúria. A ideia hoje não é mais *olho por olho, dente por dente*.

**21.26,27** — Neste caso, o verbo *ferir* (hb. *nagaph*) significa *causar uma injúria* (em Êx 12.23,29, inclui-se a ideia de fatalidade inevitável). Um senhor que infligisse danos a seus escravos pagaria com a liberdade destes.

**21.28-32** — Um boi que causasse a morte humana deveria ser destruído, mas seu proprietário não sofreria maiores punições. Se, entretanto, o animal tivesse um histórico de moléstia às pessoas, provocando uma morte subsequente, seu dono também deveria ser morto. Havia, contudo, a possibilidade de que um pagamento fosse imposto ao proprietário, e, neste caso, sua vida seria poupada.

*Trinta siclos de prata* era uma quantia relativamente alta naquela época, visto que um siclo correspondia a aproximadamente 12 gramas do metal. No mundo antigo, um escravo não tinha os mesmos direitos que uma pessoa livre. Assim, a Lei visava impor limites a um senhor, a fim de que não praticasse atos abusivos.

**21.33,34** — Quando uma *cova* ou cisterna aberta causava a morte de um animal, o dono podia requerer uma restituição, pois os animais eram o sustento de uma família.

**21.35,36** — Neste versículo, a Lei deu origem à expressão em inglês *it depends on whose ox was gored*, que em português é algo como *depende de qual boi foi chifrado*. Acredita-se que este foi mais um caso levado a julgamento para que pudesse ser criada uma lei e proferida uma sentença. A perda de um animal acarretava um sério prejuízo financeiro.

**22.1-4** — Assim como o roubo nos EUA, no século 19, era muitas vezes punido com o



## ENTENDENDO MELHOR

### O CÓDIGO DE HAMURÁBI

O rei babilônico Hamurábi (1792-1750 a.C.) é muito conhecido por seu código de leis, o Código de Hamurábi, que contém 282 normas e muitos paralelos com as Escrituras. Algumas das leis, entretanto, sequer foram citadas nos casos da corte babilônica, e o Código ignora muitos temas. Hamurábi não criou estas leis. Ao que tudo indica, elas são uma reunião de tradições diversas.

O formato do Código mostra algumas similaridades com as leis de Êxodo, Levítico e Deuteronômio. Por exemplo, ambos os Códigos, de Hamurábi e da Aliança, este último encontrado em Êxodo 20.22—23.33, carregam uma série de preceitos estabelecidos com o formato "se... então". Esta estrutura, ou estilo, é frequentemente chamada de lei casuística, visto que descreve casos ou situações específicas.

As semelhanças entre os dois códigos são mais uma evidência de que houve uma grande disseminação das tradições legais no segundo milênio a.C.

enforcamento (pois havia uma grande perda sofrida pela vítima), a subtração de um boi ou uma ovelha também acarretava pesadas penalidades. Geralmente, a indenização era maior do que o valor do próprio animal.

Se um ladrão entrasse em uma casa durante o dia e fosse morto, ou seja, *se o sol houver saído sobre ele*, aquele que o matou teria feito uso indevido da força (*lex talionis*, Êx 21.23-25). O correto seria levar o ladrão aos juízes para que ressarcisse a perda da pessoa lesada. Caso o ladrão não pudesse pagar pela perda, o que é chamado na Bíblia de *restituição*, seria vendido como escravo.

**22.5-13** — A restituição também era imposta quando alguém permitia que seu rebanho pastasse em um campo que não fosse o próprio (v. 5); quando um indivíduo causasse um incêndio que prejudicasse as plantas e a colheita de outrem (v. 6); quando posses e mercadorias fossem deixadas aos cuidados de terceiros e estas desaparecessem em circunstâncias suspeitas (v. 7,8). Como nas leis anteriores, acreditamos que cada uma dessas sentenças foi o resultado de casos específicos de queixas levadas até Moisés para que este profetizasse uma resposta vinda de Deus.

**22.10-13** — Em alguns casos de má administração, um juramento diante do Senhor era aceito como testemunho de inocência. Em outras situações, requeria-se uma restituição, a menos que se provasse que a perda se dera em circunstâncias que fugiam ao controle do responsável pela segurança do animal.

**22.14,15** — O empréstimo também tinha as suas consequências, da mesma forma que acontece hoje em dia. Entretanto, se algo fosse perdido ou danificado na presença do dono do bem, não haveria a necessidade de restituição.

**22.16,17** — Deitar-se com uma mulher virgem sem o compromisso do casamento era considerado uma afronta grave. Logo, o homem deveria pagar o preço de seu dote e casar-se com ela (com a permissão do pai). Esta penalidade visava desencorajar o comportamento negligente dos rapazes.

**22.18-21** — A Bíblia não registra nenhuma execução de feiticeiros, mas relata as mortais consequências da falsa adoração (Êx 32; Nm 25).

**22.22-24** — Uma preocupação em particular foi expressa a respeito das viúvas e dos órfãos, pois eram pessoas desamparadas. Assim, aqueles que poderiam vir a ser seus potenciais molestadores precisavam ficar cientes de que não sairiam impunes, pois Deus estava do lado mais fraco.

A afirmação *eles clamaram a mim* e a consequência desse clamor demonstram o quão importantes para o Senhor eram os oprimidos. [Veja comentário em Êxodo 8.2.] Isso é corroborado pela declaração *minha ira se acenderá*. Ninguém em perfeito juízo provocaria a ira divina. A destruição do ofensor colocaria a sua própria família em igual condição de desamparo. A questão que envolve o modo de tratar as viúvas e os órfãos se configura um tema importante da moralidade pública e privada no pensamento bíblico.

**22.25-27** — Deus também teve uma preocupação especial com os pobres de Israel. Estes não deveriam ficar sujeitos às práticas abusivas dos agiotas e tampouco ter as posses de que necessitavam para sobreviver confiscadas como garantia. Concluindo este versículo, o Senhor declara por que é certo e apropriado para aquele em desgraça clamar por Ele. Deus diz: *sou misericordioso*, antecipando a grande revelação de Seu caráter compassivo a Moisés em Êxodo 34.6,7.

**22.28** — *Os juízes não amaldiçoarás*. A mesma honra dada a Deus, o soberano Rei, tinha de ser devida aos Seus representantes. Então, blasfemar contra um juiz ou um príncipe, proferindo maldição, representava um desrespeito à autoridade divina.

**22.29,30** — A oferta dos primeiros frutos e a apresentação dos primogênitos ao Senhor deveriam ser feitas prontamente. Os filhos tinham de ser consagrados a Deus (Êx 13.11-16) no oitavo dia. Este ato lembrava os israelitas de que tudo o que eles possuíam era um presente do Senhor.

**22.31** — A ordem *ser-me-eis homens santos* demonstra que Israel foi separada pelo Senhor das outras nações, considerada povo de Deus (Êx 19.5,6). Em virtude disso, foi-lhe exigido *não comereis carne despedaçada no campo*. Provavelmente, tal alimento não podia ser consumido porque todo o sangue ainda não tinha se esvaído da carne. A ingestão de sangue tornava a pessoa impura (Lv 7.24-27).

**23.1** — *Testemunha falsa*. Notícias maliciosas são condenadas nas Escrituras (Tg 3.1-12).

**23.2** — *Não seguirás a multidão*. O indivíduo não deveria ser influenciado pela maioria para praticar o mal e atos de injustiça.

**23.3** — *Nem ao pobre favorecerás*. Deus dá assistência ao pobre (Êx 22.25-27), mas Ele não invalida Sua justiça por causa disso. Neste versículo, o Senhor antecipa o fato de que alguns usariam a pobreza como uma desculpa para a prática de atividades gananciosas e, até mesmo, criminosas.

**23.4,5** — O inimigo, neste contexto, seria outro hebreu.

**23.6-8** — *Também presente* [suborno] *não tomarás*. A verdadeira justiça não pode ser comprada.

**23.9-12** — Além do sábado (*Shabat*) semanal (Êx 20.8-11; 31.12-18), Israel deveria reservar um Ano Sabático (descanso da terra por um ano após seis de cultivo) após sua chegada na Terra Prometida (Lv 25.1-7). Deixar a terra *descansar* permitia que o pobre comesse qualquer coisa que crescesse por si só durante o ano sem cultivo. Isso também ajudava a terra a renovar-se, a fim de que gerasse uma melhor e maior produção nos anos subsequentes. Obviamente, as vinhas e os olivais continuariam a produzir, mas os donos não colhiam os seus frutos. O ano de descanso também era um ato de fé, pois os israelitas deveriam confiar em Deus para suprir as suas necessidades.

**23.13-19** — Neste trecho estão instruções a respeito das três festas anuais. O povo de Deus recebeu um grande número de esclarecimentos que ordenaria sua vida quando entrasse na Terra Prometida. Entre os mais importantes, estava a exigência de apresentar-se perante o Senhor três vezes por ano. Esta ordenança era similar à obrigação dos escravos de apresentar-se diante de seus senhores a cada ano, de acordo com os tratados da época.

**23.16** — A sega dos primeiros frutos era chamada de a Festa das Semanas (Êx 34.22), e a Festa da Colheita era conhecida como Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-36).

**23.17** — De acordo com a Nova Versão Internacional, são usados juntos neste versículo dois nomes para Deus: *Adonai*, traduzido como *Senhor*, e *Yahweh*, traduzido como *Soberano*. A expressão *Senhor, o Soberano* enfatiza a soberania de Deus.

**23.18,19** — *Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe*. Esta é uma ordem (Êx 34.26; Dt 14.21) que proibia os israelitas de imitarem os cruéis sacrifícios de seus vizinhos pagãos.

**23.20-23** — *Eis que eu envio*. Esta expressão pode ser traduzida como *estou prestes a enviar*. Ela conota expectativa acerca da ação iminente. No versículo 23, o termo *um anjo* (v. 20) é descrito como *meu anjo*, que equivale a *o anjo do Senhor*. A palavra traduzida do hebraico como *anjo* (*ma'lak*) pode indicar o ser sobrenatural ou um mensageiro humano (o nome do profeta Malaquias quer dizer *meu mensageiro*). Compare com Êxodo 3.2; 14.19; 32.34; 33.2.



## EM FOCO

## SENHOR, O SOBERANO (HB. 'ADONAY YHWH)

(Êx 23.17; Gn 24.7)

Esta rara descrição de Deus une o nome *'adonay*, que significa *Senhor* ou *Mestre*, com o nome pessoal de Deus, *Yahweh*. O título *Senhor* indica o poder ilimitado de Deus e Sua autoridade, exatamente como aquele que um suserano exerce sobre seus vassallos. Por outro lado, o nome pessoal de Deus, *Yahweh*, mostra Sua misericórdia e Seu justo caráter. *Yahweh* é escrito com quatro consoantes em hebraico. Os judeus não pronunciam seu nome sagrado e, no lugar, substituem por *'adonay* toda vez que o termo aparece nas Escrituras. Seu significado exato e sua pronúncia são desconhecidos. Muito provavelmente o nome *Yahweh* é derivado do verbo hebraico *ser* e quer dizer "Eu sou o que sou" (Êx 3.14).

A declaração *para que te guarde neste caminho e te leve ao lugar que te tenho aparelhado* aponta o objetivo do anjo enviado pelo Senhor, que guiaria os israelitas e lhes daria proteção exatamente como a coluna de nuvem fez (Êx 13.21,22; 14.19,20,24; 16.10; 19.9,16; 24.15-18; 33.9-11; 34.5; 40.34-38). Esta representou, no deserto, a presença de Deus. Neste sentido, talvez a afirmação *o meu nome está nele* seja a maior identificação do anjo com o Senhor, além da intercalação das expressões *sua voz* e *o que eu disser*.

**23.24** — Os deuses de Canaã, incluindo Baal e suas companheiras Anat e Aserá, deveriam ser completamente destruídos. As *estátuas*, símbolos da evidente sexualidade do culto cananeu, também teriam de ser demolidas.

**23.25** — *Servireis*. Esta forma do verbo *servir* significa *adorar*, bem como *obedecer* (Êx 3.12). O alimento e a água, necessários à vida, estariam a cargo de *Yahweh*, e não dos supostos deuses da fertilidade da religião cananeia. O povo de Israel não tinha razões para procurar falsos deuses (v. 24). O verdadeiro Deus supriria suas necessidades.

**23.26** — *Não haverá alguma que aborte, nem estéril na tua terra*. As promessas de Deus de fazer os israelitas férteis lembravam ao povo que este não precisava de nenhum ritual de fertilidade, o que era muito comum em Canaã.

**23.27** — *Terror* (hb. *'êmâ*) é uma das muitas palavras usadas na Bíblia para se referir a *medo*, mas não é a mais comum delas. Veja seu uso em Gênesis 15.12, como um dos vocábulos que descrevem a experiência de Abraão e a promessa de *Yahweh*. Esse termo pode ser empregado em um

sentido geral, e, em Êxodo 15.16, uniu-se a outra palavra de semântica similar (*espanto*). Entretanto, é possível que neste versículo a expressão queira dizer algo mais (v. 28). É quase como se o termo fosse personificado. Nós propomos que o vocábulo impactante (*terror*) seja lido como *minha ira* neste contexto.

**23.28** — No original em hebraico o termo *vespões* está no singular, *a vespa*, embora o substantivo possa ser traduzido no plural, como neste caso. Quanto à forma verbal *enviarei*, esta é a terceira vez que ela é usada nesta passagem (v. 20,27) tendo *Yahweh* como o sujeito. Observe o esquema a seguir:

- 1) *Eis que eu envio um [meu] anjo diante de ti...* (v. 20).
- 2) *Enviarei o meu terror diante de ti...* (v. 27).
- 3) *Também enviarei vespões diante de ti...* (v. 28).

É possível que, no primeiro exemplo, o anjo seja uma referência direta ao Salvador pré-encarnado (v. 20), mas o segundo e o terceiro termos são simplesmente ideias mais gerais e abstratas. A estrutura da passagem, entretanto, leva-nos a explorar a ideia de que ambas, *ira* e *vespa*, são palavras que também expressam maneiras pelas quais o Anjo operará em favor do povo de Deus. Ele, que é conforto e proteção a Israel (*meu Anjo*), é igualmente uma manifestação da ira de Deus (*meu terror*) contra a perversidade dos cananeus, cujas maldades agora estão completas (compare com Gn 15.16). Por isso, os habitantes de Canaã estão prestes a sentir a ferroada aplicada pelo anjo (*a vespa*).

*Yahweh* prometeu que julgaria os perversos (Gn 15.14). Não é possível que o *terror*, no versículo 27, seja a personificação da justa indignação divina contra os maus? Em caso afirmativo, também não é possível que esta seja, até aqui, uma desconhecida ilustração profética de Cristo? Sabemos que um dia o Salvador virá como o Juiz vingador (Ap 19.11-21; compare com Sl 2 e 110). No versículo em análise, como a ira de Deus, Ele é apresentado estando prestes a julgar os cananeus.

Da mesma forma, é possível que Ele também seja a *vespa*. Visto que não há nenhum registro de Deus usando insetos de qualquer tipo na conquista de Canaã, como Ele fez nas dez pragas do Egito (capítulos 7 a 10), concluímos que o termo *vespões* pode ser usado no versículo 28 como uma metáfora para o poder de Deus (Dt 7.20; Js 24.12).

Além disso, também é possível que *vespões*, no versículo 28, e *terror*, no versículo 27, sejam usados de forma similar a *meu Anjo*, no versículo 23, para falar da aparição pré-encarnada de Jesus. Da mesma forma que a vespa fere as pessoas com sua picada dolorida, o Senhor luta em favor de Seu povo levando a terrível ferroada aos inimigos de Israel.

Este é o uso proposto dos termos *terror* e *vespões*. É possível que neste contexto sejam palavras que descrevam a obra de Cristo antes de Sua encarnação. Esta proposta é semelhante à sugestão em Êxodo 12.23, na qual o *destruidor* também seria um termo que faz referência ao Salvador em atos de divino julgamento.

**23.29-31** — *Num só ano os não lançarei*. Esta é a primeira descrição dos planos de Deus para a conquista gradual de Canaã. O Senhor não expulsaria de uma só vez os inimigos dos israelitas. Em vez disso, pouco a pouco, Ele estenderia os *termos* da terra que Seu povo herdaria, os quais estão de acordo com aqueles mencionados na promessa feita a Abraão (Gn 15.18-21). Nos tempos bíblicos, esses limites nunca foram totalmente alcançados.

**23.32,33** — A palavra *concerto*, nesta passagem, refere-se a um acordo unificado que reconhece os direitos de cada parte. Israel foi proibida de selar esse tipo de acordo com seus vizinhos,

a fim de que não fosse corrompida pelos perversos costumes deles e não servisse a *seus deuses*, principalmente a Baal e a outros deuses da fertilidade.

**24.1,2** — A expressão *se chegará ao Senhor* fala da graça de Deus e de Sua santidade. As pessoas só podiam aproximar-se dele de acordo com Suas ordenanças. Por causa de Sua maravilhosa graça, o profeta foi chamado para se achegar a Ele. Contudo, apenas Moisés poderia fazer isso. Arão e seus filhos Nadabe e Abiú, com mais 70 anciãos, tiveram permissão para subir ao Senhor, mas somente poderiam inclinar-se de longe. A posterior morte de Nadabe e Abiú (Lv 10.1,2) foi trágica, considerando o seu grande privilégio diante do Altíssimo.

No tocante aos anciãos, o número *setenta* é citado pela primeira vez e faz referência à quantidade de líderes capazes mencionados na conversa de Moisés e Jetro (Êx 18.24-27;24.9; Nm 11.16,24,25). O comando dado a todos, exceto a Moisés, foi *inclinai-vos de longe*. Nesta passagem, *inclinai-vos* significa literalmente *curvar-se para a terra*, num gesto de adoração a Deus.

**24.3** — *Palavras [...] estatutos*. Este é um trecho em que percebemos claramente duas das várias formas nas quais a Palavra do Senhor chegou a Moisés (Êx 13.1).

**24.4** — *Moisés escreveu*. Alguns estudiosos do Pentateuco acreditam que os líderes de Israel idealizaram ou exageraram a vida de Moisés com heroicas proposições de unificar a nação, e que as leis e as histórias encontradas em Êxodo foram escritas muitos séculos após sua morte. Entretanto, as Escrituras atestam que o profeta de fato redigiu as ordens e instruções que ouvira do Senhor (Êx 17.14;34.27,28; Nm 33.2).

Além disso, Moisés edificou um altar e *doze monumentos*, que neste versículo não devem ser confundidos com os pilares dos deuses cananeus (Êx 23.24). Portanto, as *doze tribos* de Israel, ou seja, toda a nação seria representada em adoração.

**24.5** — *Jovens dos filhos de Israel* ofereceram sacrifícios porque o sacerdócio ainda não havia sido estabelecido.



## APROFUNDE-SE

### O LIVRO DA ALIANÇA

O livro da Aliança inclui vários estatutos (ou julgamentos) para o povo de Israel (para o termo *estatuto*, leia Êx 21.1). Novamente, percebemos a má divisão de capítulos. O capítulo novo deveria começar em Êxodo 20.22.

Estes três capítulos (Êx 21—23) apresentam vários estatutos e instruções a respeito dos seguintes tópicos:

- 1) as instruções relativas ao altar do Senhor (Êx 20.22-26);
- 2) normas a respeito dos servos e dos escravos (Êx 21.1-11);
- 3) preceitos acerca de ações violentas (Êx 21.12-27);
- 4) instruções que fazem alusão aos animais (Êx 21.28-36);
- 5) instruções a respeito de propriedade (Êx 22.1-15);
- 6) uma variedade de normas acerca de comportamento pessoal (Êx 22.16-31);
- 7) instruções relativas à justiça equilibrada (Êx 23.1-9);
- 8) normas que falam do sábado (Êx 23.10-13). Após todos esses preceitos, há dois conceitos anexos:
- 9) as instruções acerca das três festas anuais (Êx 23.14-19); e 10) a promessa do Anjo de Yahweh e a conquista da terra (Êx 23.20-33).

Algumas vezes esta seção é chamada de "o Livro da Aliança" (Êx 24.7,8). Alega-se, frequentemente, que estas passagens são os mais antigos códigos de lei na Bíblia. Quando estudiosos estabelecem tal asserção, baseiam o seu conceito na ideia de que as leis na Bíblia aumentaram gradativamente e não se chegou a sua completude até aproximadamente mil anos após a época em que Moisés viveu. Contudo, seria melhor descrevê-lo como uma coleção de estatutos diversos que Moisés organizou para as pessoas no princípio de sua experiência no monte Sinai. Com o passar do tempo na vida do profeta, ele teria adicionado outras seções ao livro de Êxodo, algumas das quais ele acrescentou a estas prévias passagens mencionadas no parágrafo anterior.

**24.5** — *Holocaustos* eram ofertas queimadas por inteiro nos altares (Lv 1), e *sacrifícios pacíficos* eram ofertas de comunhão perante o Senhor (Lv 3).

**24.6** — O derramamento de sangue sobre o altar deve ter sido uma cerimônia intimidadora e inspiradora. O sangue do sacrifício do Antigo Testamento prenunciou a morte do Salvador, Jesus Cristo. O sacrifício de bois e cabras era um sistema imperfeito que seria substituído pela crucificação do Filho unigênito de Deus (Êx 12.7; Rm 3.23-26; Hb 10.4,10).

**24.7** — O livro do concerto provavelmente continha as instruções e as sentenças de Êxodo 20.22—23.33 que foram registradas por Moisés (v. 3,4). Embora o livro (mais precisamente, o rolo) existisse em sua forma escrita, este era lido para as pessoas. Os documentos escritos não estavam amplamente disponíveis para todos, e a literatura ficava restrita a poucos. Assim, a Lei era disseminada oralmente. Quanto à obediência a ela, pela segunda vez (v. 3) o povo fez um pronunciamento solene a respeito disso, como se verifica na declaração *faremos e obedeceremos*.

**24.8** — A aspersão do sangue sobre o povo fixou a aliança entre Israel e Deus. Da mesma forma que as casas dos israelitas ficaram "sob o sangue" na época da passagem no Egito (cap. 12), agora, as próprias pessoas estavam sob o sangue da aliança do Senhor. Isto se assemelha ao nosso relacionamento com Ele, tornado possível pelo sangue do Cordeiro de Deus (1 Pe 1.2).

**24.9-11** — As pessoas citadas no versículo 1 deste capítulo *viram o Deus de Israel*. A menção de *seus pés* e de *sua mão* indica que elas avistaram uma manifestação do Senhor em um tipo de forma humana. Talvez esta fosse a aparência de Jesus antes de Sua encarnação (Êx 23.20). A falta de detalhes nos lembra que qualquer tentativa de descrever a glória divina é, de certa forma, insuficiente.

O trecho *ele não estendeu a sua mão sobre os escolhidos dos filhos de Israel* se refere aos anciãos dos versículos 1 e 9 e, provavelmente, sugere que o Senhor de fato pôs Sua mão sobre Moisés (v. 12-18). A repetição da afirmação *viram a Deus* dá ênfase ao acontecimento.

Após verem a Deus, os escolhidos *comeram e beberam*. A refeição festiva da aliança provavelmente incluía a carne dos sacrifícios pacíficos, o pão e o vinho. Esta era uma grande celebração da presença do Deus vivo. Constituía também um relance profético da Ceia do Senhor Jesus com Seus discípulos, na qual Ele transformou os antigos símbolos de libertação do Egito (pão e vinho) em novas representações de Sua iminente morte e ressurreição (Mt 26.17-30).

**24.12** — O comando *sobe a mim* demonstra que apenas Moisés pôde chegar perto de Deus naquela hora. Hoje, todos nós somos chamados a ter uma viva comunhão com Ele por intermédio de Jesus (Hb 4.14-16).

Neste versículo também é feita a primeira menção às *tábuas de pedra*, nas quais o Senhor escreveu Sua *lei* e os *mandamentos*. A maioria das pessoas imagina que os primeiros quatro mandamentos (que falam sobre o relacionamento pessoal de um homem com Deus) foram escritos de um lado das tábuas e os outros seis (relativos à responsabilidade de um indivíduo perante sua família e sua comunidade), do outro lado. Entretanto, é mais provável que os Dez Mandamentos tenham sido escritos em cada uma das tábuas de pedra.

Os tratados do Oriente Médio eram feitos em duplicata. Colocava-se cada uma das cópias no respectivo templo das partes envolvidas no acordo. Assim, os deuses de ambos os povos testemunhavam a aliança. Contudo, no caso dos Dez Mandamentos, possivelmente ambas as cópias foram dispostas perante o único Deus vivo. O objetivo de Deus ao fornecê-las a Moisés era instruir o povo, ideia transmitida pela forma

verbal *ensinares*, a qual, neste texto, é a origem do substantivo traduzido como *lei* (hb. *tôrâ*).

**24.13,14** — Neste trecho, o vocábulo *servidor* (hb. *misharet*) é geralmente traduzido como *ministro*. Josué foi a primeira pessoa mencionada durante a batalha de Israel com os amalequitas (Êx 17.9-14; 32.17; 33.11).

No discurso de Moisés, o plural usado com o pronome *nos* na instrução *esperai-nos aqui* sugere que Josué acompanhou Moisés até pelo menos parte do caminho de subida do monte Sinai. Talvez Josué tenha ajudado o profeta durante a vigorosa ascensão à montanha, mas não tenha recebido permissão para se aproximar da presença de Deus junto com seu líder (v. 15,18). Josué não estava com o povo durante esse período, mas podia ouvir o barulho dos israelitas, por causa da corrompida adoração ao bezerro de ouro. Mais tarde, Josué comunicou ao profeta o alarmante ruído que escutava. Quanto à menção a *Hur*, veja Êxodo 17.10.

**24.15,16** — Moisés testemunhou o aparecimento do Senhor no meio de uma nuvem (Êx 19.9), a qual é intimamente associada à glória de Deus, como em Êxodo 33.9. Após seis dias no monte, Moisés foi chamado pelo Todo-poderoso. É possível que o sétimo dia de espera fosse também o sétimo dia da semana, o sábado (*Shabat*). Nesta passagem, o emprego da palavra *glória* (hb. *kabôd*) faz referência à relevância, importância e influência do Altíssimo (Êx 16.7,10; 33.18,22; 40.34,35).

**24.17,18** — A expressão *aos olhos dos filhos de Israel* indica que, novamente, o que eles viram não nos é descrito. Tudo o que o povo pôde enxergar foi um *fogo consumidor*. Moisés já havia



## ENTENDENDO MELHOR

### A ÁRVORE DE ACÁCIA

A madeira da acácia, com a qual a arca da aliança e o tabernáculo foram construídos (Êx 25.10; 36.20), tinha uma cor marrom-alaranjada, com características de pouca granulação e repelência de insetos. Muitas espécies de acácia cresciam na península do Sinai, assim como na parte sul do Canadá e no Egito. A grande e espinhosa árvore possuía cascas ásperas, tronco e galhos retorcidos e produzia longas vagens com sementes dentro. Ela dava cachos arredondados e perfumados de flores amarelas. Um lugar a nordeste do mar Morto, onde Israel acampou antes de entrar em Canaã, era aparentemente tão repleto de árvores de acácia que foi nomeado como *Acacia Grove* [bosque das acácias] (Js 2.1).



presenciado algo parecido ao deparar-se com a sarça em chamas (Êx 3.2). Logo, podia reconhecer que isso simbolizava a manifestação de Deus. Apesar de as Escrituras nos informarem que o profeta ficou no monte *quarenta dias e quarenta noites*, o significado desse período não é especificado. Entretanto, se atentarmos para a reação das pessoas (Êx 32.1), talvez possamos concluir que a ausência de Moisés se deu por um longo período.

**25.1,2** — *Que me tragam [...] voluntariamente.* Deus não precisa de presentes de Seu povo, mas Ele os recebia como parte de uma verdadeira adoração. Contudo, nesta passagem, o Senhor pediu aos israelitas ofertas específicas e voluntárias. Isto porque Ele almejava presentes dados livremente e de bom grado, não sob coação. Além disso, o Senhor descreveu a natureza da oferta para que Moisés pudesse cumprir o plano que Ele estava prestes a revelar.

**25.3-7** — A lista fornecida pelo Senhor a Moisés continha itens e materiais de grande valor, entre eles o *cobre*, comumente usado nesse período. A larga utilização do ferro só aconteceria séculos depois. Tais presentes deveriam ser dados a Deus pelo povo para expressar seu desejo de adorá-lo em espírito e em verdade.

**25.8** — *Santuário* significa *lugar santo* (hb. *migdash*). Assim como o solo se tornou sagrado por causa da presença divina na sarça em chamas (Êx 3.5), o santuário também seria sagrado (*migdash* está relacionado com a palavra que no hebraico significa *ser sagrado, qadash*) por causa da presença de Deus protegendo a estrutura e os seus símbolos e habitando no meio deles.

O Senhor, cuja verdadeira morada é o céu, queria que fosse erguido um lugar que representasse Sua santidade entre os israelitas. Assim, o templo é uma notável condescendência da graça de Deus. Ele, que habita genuinamente as alturas celestes, almejou a criação de uma estrutura que servisse de centro simbólico de Sua presença entre os hebreus. Neste sentido, a forma verbal *habitarei* está associada ao verbo no hebraico do qual deriva a palavra *shekinah*, que indica o esplendor, a glória e a presença de Deus residindo entre Seu povo.

**25.9** — O *modelo* sugere que há uma realidade no céu com a qual o tabernáculo terreno deveria assemelhar-se (Êx 25.40; 26.30; 27.8; At 7.44; Hb 8.5).

**25.10** — O mais importante símbolo religioso associado ao tabernáculo era a arca ou caixa sagrada. Em contraste com a idolatria dos vizinhos de Israel, o santuário do Deus vivo não possuía semelhança com o templo deles ou ídolos de qualquer tipo (Êx 20.2-6). A arca, cuidadosamente moldada e majestosamente decorada, guardava o documento que confirmava o relacionamento de Deus com a nação — as duas tábuas de pedra dos Dez Mandamentos — e outros símbolos da misericórdia divina para com ela.

A *madeira de cetim* (traduzida como *acácia* na NVI) era durável e resistente ao desgaste e aos insetos, o que a tornava o material apropriado para a construção da arca. No tocante às dimensões desta, o côvado era uma medida que correspondia ao comprimento entre o cotovelo e o dedo médio de um homem. A gradação pode variar; entretanto, a estimativa mais aceita para a medida de um côvado é 45 cm. Assim, a arca tinha aproximadamente um metro e dez centímetros de comprimento, 70 cm de largura e 70 de altura.

**25.11-15** — O ouro deve ter feito com que a arca ficasse resplandecente e muito valiosa. Além de ter sido usado para revesti-la por dentro e por fora, esse metal também foi empregado na confecção de uma coroa posta ao redor dela, adornando-a. As argolas de ouro com as varas permitiam que a arca fosse transportada. Ela não poderia ser tocada (2 Sm 6).

**25.16** — O *Testemunho* era as duas tábuas de pedra com os Dez Mandamentos.

**25.17** — *Propiciatório* é uma tradução conhecida para um substantivo no hebraico (*kapporet*) derivado do verbo que significa *congraciar, cobrir* ou *conciliar*. O substantivo significa *o local para expiação*. O propiciatório era a tampa da arca e também a base na qual os querubins deveriam ser postos. Na antiga aliança, era o lugar da expiação dos pecados, que proporcionava ao povo paz com Deus. Ele significava, para os antigos israelitas, o mesmo que a cruz para os cristãos.



## APLICAÇÃO

### A BELEZA NA ADORAÇÃO

Todos os elementos moldados especialmente para o santuário e seus detalhes (Êx 25) indicam o grande amor de Deus pela beleza, pelo projeto e pela graciosidade. Nós, algumas vezes, imaginamos que Deus gosta de modéstia. Este raramente é o caso. O amor de Deus pelas coisas belas, pela destreza humana, pelo design e pelas artes é exibido ao longo de Sua criação e é refletido maravilhosamente nos elementos moldados das mobílias que Ele ordenara Israel a fabricar, a fim de que pudesse adorá-lo.

A igreja frequentemente luta com a questão da beleza nos lugares de adoração. Alguns argumentam que, visto que os cristãos são o templo de Deus hoje, os lugares de adoração deveriam ser austeros, sem ornamentação e simples. Outros levantam a bandeira de que grandes gastos nos lugares de adoração servem apenas ao próprio interesse e não levam em consideração que há um grande número de pessoas com sérias e crescentes necessidades no mundo.

Entretanto, pelas descrições bíblicas do tabernáculo e do posterior templo, outros cristãos consideram que os modelos de beleza, de habilidade e de arte levam alegria ao homem e a Deus. Como a mulher que derramou um extraordinário unguento nos pés do Salvador como um presente de seu amor por Ele (Lc 7.37-50), muitos cristãos acreditam que adoráveis símbolos de divina adoração nos lugares onde a igreja se concentra são legítimas expressões de amor por Deus.

**25.18-20** — *Dois querubins*. As únicas imagens permitidas por Deus foram essas duas belas representações artísticas de seres misteriosos e angelicais. O querubim (hb. *kerub*) provavelmente era uma criatura que tinha corpo de leão, rosto de homem e asas de um grande pássaro. Outras culturas antigas tinham modelos similares. Exemplos de querubins adornados também foram bordados na tapeçaria das cortinas do tabernáculo (Êx 26.1). Suas asas se estendiam para cima, cobrindo e sombreando a tampa. Suas faces tinham o olhar voltado para baixo, fixo na misericórdia do propiciatório.

**25.21,22** — O Senhor prometeu a Moisés que se encontraria com ele em cima do propiciatório. A palavra usada para falar desse encontro é *virei*, que carrega um significado específico: *encontrar-se em um lugar determinado*. O Senhor também encontraria Moisés na tenda da congregação (Êx 29.42,43;30.36). Algumas pessoas defendem a ideia de que o propiciatório e os querubins se arranjavam de modo a formar uma espécie de trono para o Senhor, com as asas dos anjos estendidas produzindo um extraordinário assento para Ele, ou talvez uma espécie de escabelo (1 Cr 28.2).

**25.23** — A mesa era usada para dispor os 12 pães na presença do Senhor. Ela possuía aproximadamente 90 cm de comprimento, 45 de largura e 70 de altura.

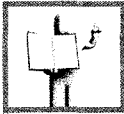
**25.24,25** — Da mesma forma que a arca, a mesa deveria ser coberta com ouro e possuir uma moldura de ouro decorativa (v. 11). A borda era um elemento embelezador e também impedia que os objetos em cima da mesa fossem desarrumados.

**25.26-28** — A mesa deveria ter argolas e varas para que pudesse ser propriamente transportada. As varas protegiam o objeto sagrado de ser tocado por mãos humanas.

**25.29** — *Ouro puro*. Todos os utensílios feitos com este magnífico material eram majestosamente moldados para representar fisicamente a santidade, para mostrar que Israel era um povo consagrado a Deus.

**25.30** — *Os pães da proposição* são descritos com maiores detalhes em Levítico 24.5-9. Os 12 pães, que representavam as 12 tribos de Israel, ficavam dispostos em duas fileiras com seis pães cada uma. Isso era chamado de *os pães da proposição* (hb. *lehem panîm*, literalmente *pão da face*), porque eram colocados de forma que estivessem sempre simbolicamente diante da “face” de Deus.

**25.31** — Talvez o mais notável ornamento do tabernáculo fosse o *menorah*, um castiçal de ouro. A iluminação naquela época era comumente feita em tigelas de barro cozidas no forno que continham azeite de oliva. Uma extremidade com um sulco ou uma prega segurava o pavio. Sete



## ENTENDENDO MELHOR

### A ARCA DA ALIANÇA

A arca (Êx 25.10-22), comumente conhecida como a arca da aliança, foi a mais sagrada mobília de todas que estavam no tabernáculo. A caixa media aproximadamente 1,10 m de comprimento, 70 cm de largura e 70 cm de altura. Ela guardava três itens de valor imensurável: uma cópia das tábuas de pedra onde estavam escritos os Dez Mandamentos (Êx 25.16,21), um pote de ouro de maná trazido da jornada no deserto (Êx 16.32-34) e a vara de Arão que brotou (Nm 17.1-11).

Durante o posterior período dos juizes, os israelitas sofreram uma grande derrota espiritual, política e militar quando eles insanamente levaram a arca para a batalha, lugar onde esta foi capturada pelo inimigo (1 Sm 5.1).

lâmpadas, modeladas com muito cuidado e precisão, ficavam dispostas nesse magnífico castiçal. O capítulo 37 (v. 17-24) nos conta como os artesãos fizeram essa peça. A expressão *um castiçal* indica que todos os elementos do castiçal deveriam ser fixados em uma sólida peça de ouro, o que demandava habilidade e conhecimento dos artesãos. Este foi um grande trabalho artístico.

**25.32** — Uma das sete lâmpadas deveria ser colocada no meio, flanqueada por três braços de cada lado. Este se tornou o modelo básico do *menorah* no judaísmo posterior. O simbolismo do número *sete* remete à passagem da criação em Gênesis e representa a completude.

**25.33-36** — Os *copos*, as *canas* e as *maçãs* produziam um impressionante efeito de decoração. A lâmpada iluminava o interior do lugar santo, mas era também um trabalho de arte por si só, mostrando o prazer de Deus em obras artísticas.

**25.37** — *Alumiar defronte*. Os pavios estavam todos no mesmo lado do castiçal, a fim de que a luz fosse vertida principalmente em uma direção. Eles permaneceriam acesos mesmo quando nenhum sacerdote estivesse presente.

**25.38** — Os utensílios usados na manutenção das lâmpadas também eram feitos de ouro.

**25.39** — Um talento pesava aproximadamente 35 quilos. É muito difícil estimar o valor monetário do castiçal, visto que não havia moeda corrente ou dinheiro em circulação naquela época. Só podemos dizer que era altamente valioso e primorosamente belo.

**25.40** — Moisés não recebeu apenas instruções sobre como fazer todos estes utensílios. Ele atendeu, no Sinai, para o *modelo* segundo o qual os

objetos deveriam ser criados (Êx 25.9;26.30;27.8; At 7.44; Hb 8.5).

**26.1** — A palavra *tabernáculo* em português vem do latim *tabernaculum* e significa *tenda*. Em hebraico (*mishkan*), o vocábulo quer dizer, literalmente, *lugar de habitação*. Algumas vezes, faz referência somente a uma tenda. Em outras passagens, alude a uma tenda cercada por um pátio. A mesma palavra no hebraico é usada posteriormente para o santuário em Siló (Sl 78.60) e para os santuários de adoração em Jerusalém antes e depois de o templo ser construído (Sl 26.8;46.4;74.7).

Em Êxodo, a descrição do tabernáculo começa com o interior, de acordo com o “ponto de vista de Deus”, por assim dizer, e depois fala do exterior. Dessa forma, as dez cortinas são citadas primeiro. Estas dez peças são divididas em duas partes. As cortinas internas foram feitas com tecidos delicados de cores vibrantes e com modelagem divina. Tudo isso estava fora do alcance de vista do público.

**26.1** — Estas cortinas formavam o forro do teto.

**26.2,3** — Cada uma das peças de tecido tinha 12,6 m de comprimento e 80 cm de largura. As cortinas eram agrupadas em dez seções, a fim de que pudessem ser movidas com maior facilidade.

**26.4-6** — Cada detalhe acerca das cortinas foi especificado, incluindo as direções nas quais seriam feitas as laçadas e os colchetes. Assim, as peças de tecido se uniam de forma a modelar uma tenda.

**26.7** — *Cortinas de pêlos de cabras*. O grosseiro tecido das cortinas de fora protegeria o delicado tecido das de dentro. Os pelos de cabra formavam

um tecido rico de cor preta, altamente valioso no mundo antigo. As cortinas exteriores, *onze cortinas*, deveriam ser maiores do que as interiores, para que pudessem cobrir toda a extensão das últimas (v. 1,2). A cortina externa sobressalente foi usada para cobrir a parte da frente da tenda (v. 9).

**26.8** — A dimensão aproximada para cada cortina externa era 13,5 m de comprimento e 1,8 m de largura. Isso permitiria uma sobra de um côvado em cada lado (v. 12,13).

**26.9-25** — Há duas opiniões básicas acerca da visualização desta seção. Uma ilustra a moldura como uma sólida estrutura de madeira que seria usada para suportar o considerável peso dos tecidos suspensos acima da armação de madeira. Contudo, a outra afirma que uma estrutura sólida de madeira taparia completamente os tecidos, particularmente as peças interiores de linho fino, que, ao que tudo indica, seriam moldadas para serem exibidas, *louvando, assim, ao Senhor*. Desta forma, a segunda opinião é a preferencial. A moldura era parecida com uma estrutura de treliça, por meio da qual a cobertura de tecido interior ficava claramente visível.

**26.16-19** — As armações seriam feitas para poder ser montadas e desmontadas de forma prática, uma grande característica da tenda portátil. Da mesma forma que foi registrada a modelagem dos tecidos, as instruções precisas a respeito de armações, encaixes e bases foram dadas.

Cada armação teria 4,5 m de comprimento por 70 cm de largura. Vinte armações ficariam do lado

norte, 20 do lado sul e seis do lado ocidental. Vigas nos vértices estabilizariam a estrutura. As *bases de prata* eram valiosas, bonitas e, acima de tudo, funcionais. Elas seriam confeccionadas com a prata doada como pagamento da redenção dos homens com idade acima de 20 anos (Êx 38.25-28).

**26.20-30** — As *barras* seriam colocadas nos ângulos retos das tábuas perpendiculares (v. 15-25), para estabilizar a estrutura das treliças. Em cada um dos três lados do tabernáculo (norte, sul e oeste), *cinco barras* seriam adicionadas para fortalecer a estrutura e torná-la rígida, e no meio das tábuas seria posta a *barra do meio*. O considerável peso dos tecidos e a perspectiva de condições climáticas rigorosas faziam com que a estrutura precisasse de reforço adicional.

**26.29** — A madeira de cetim usada para fazer as tábuas e as barras também foi revestida com ouro. Esse revestimento adicionou peso extra à estrutura, mas também aumentou sua beleza e seu valor intrínseco.

**26.30** — *Conforme o modelo*. Novamente, Moisés é lembrado do modelo apresentado a ele (Êx 25.9,40;27.8; At 7.44; Hb 8.5).

**26.31-35** — O véu separava o lugar santo do santíssimo (veja o registro deste véu em Êx 36.35,36). Somente a arca ficaria no santíssimo.

**26.31-33** — Talvez o mais bonito e complexo de todos os tecidos do tabernáculo fosse o véu (hb. *paroket*; compare com o v. 36). Este deveria ficar pendurado nos ganchos de ouro em quatro colunas do tabernáculo, dividindo o aposento em



## EM FOCO

### ALTAR (HB. MIZBEACH)

(Êx 27.1; 30.1)

Esta palavra ilustra um *lugar de sacrifício* e é derivada do verbo que significa *abater em sacrifício* (Êx 20.24; Dt 16.2). Os altares eram o lugar dos sacrifícios de adoração (Gn 8.20) e podiam ser feitos de terra (Êx 20.24), pedras (Js 8.31; Jz 13.19) e até mesmo de bronze (Êx 38.1-7).

O ritual de sacrifício de animais ao Senhor era fundamental na adoração hebraica no templo (Lv 1.5). Entretanto, ao longo das Escrituras, o Senhor declarou que um coração íntegro, justo e humilde que fosse submetido a Ele era mais importante do que levar um presente sacrificatório ao altar (Sl 51.17; Pv 21.3; Mt 5.23,24).

Os sacrifícios no altar do templo eram um sinal de que Deus havia perdoado os pecados israelitas. Este sinal apontava para o derradeiro sacrifício: o de Seu Filho na cruz pelos pecados da humanidade (Hb 9.11-15; 13.10-13).

dois cômodos separados. O maior espaço seria chamado de *lugar santo*, e o menor de *santíssimo*. No hebraico, esta palavra também pode ser chamada de *o mais santo dos lugares* ou *o Santo dos santos* (compare com Hb 9.2,3, que utiliza o termo *o Santo dos Santos*).

**26.34,35** — A arca com o seu propiciatório era o único objeto que ficaria no santíssimo. O castiçal e a mesa deveriam ficar no lugar santo. Cada objeto era intencionalmente disposto para refletir um modelo, uma ordem e um projeto transmitidos por Moisés (v. 30).

**26.36,37** — No hebraico, a palavra *masak* é usada para descrever a cortina da entrada da tenda (Êx 27.16;35.17;38.18;39.40;40.8,33). Algumas vezes, essa palavra é usada para se referir ao véu que separava o lugar santo do santíssimo (Êx 35.12;39.34;40.21; compare com o termo *véu* em Êx 26.31).

Essa separação era feita com fios multicoloridos e acabamento artístico. Era pendurada em cinco colunas de madeira de cetim, revestidas de ouro, e ainda havia cinco bases de cobre. A cortina que permitia a entrada no tabernáculo não poderia ser levantada por qualquer vento. O acesso ao interior da tenda era altamente restrito por esta pesada e ornamentada barreira. Isso lembra ao cristão que o maravilhoso acesso ao Deus vivo se deu porque Cristo completou Sua obra (Hb 4.16).

**27.1** — O altar tinha aproximadamente 2,25 m de largura e 1,35 m de altura, pois a medida aceita como padrão para o côvado é 45 cm.

**27.2** — As pontas eram saliências em cada canto do altar quadrado. Elas podem ter sido usadas para segurar o animal a ser sacrificado no altar. As pontas também foram ungidas com sangue (Êx 29.12).

**27.3-7** — Vários utensílios foram feitos de cobre, incluindo o *crivo*, que ficava suspenso a meia altura do altar. O crivo permitia que as cinzas desprendessem e caíssem.

**27.8** — O altar oco permitia que as cinzas caíssem em seu centro. É possível que o altar fosse parcialmente preenchido com terra para protegê-lo do intenso calor do fogo do holocausto.

**27.9-18** — O pátio do tabernáculo separava as cerimônias de adoração das áreas comuns. Este era disposto de forma a evitar que as pessoas e os animais desgarrados vagassem dentro do santuário. Entrar na tenda só podia ser um ato deliberado. A construção do pátio é descrita em Êxodo 38.9-20.

**27.16** — A entrada foi ornamentada com uma cortina (Êx 26.36) de 9 m de comprimento. Provavelmente era muito bonita, como o véu dentro do tabernáculo.

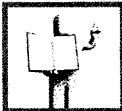
**27.17-19** — *Utensílios*. Numerosas ferramentas e utensílios eram usados apenas no tabernáculo. Instrumentos comuns não poderiam ser empregados nas tarefas sagradas. Usavam-se faixas de prata para que cordas segurassem os pilares de sustentação no pátio. Tudo foi moldado visando à portabilidade.

**27.20** — O combustível para o candeieiro, o *azeite puro de oliveiras batido* (Lv 24.1-4), queimava e produzia um pouco de fumaça. Sua pureza era um indicativo do padrão que Deus demandava para todos os sacrifícios oferecidos a Ele.

**27.21** — *As lâmpadas em ordem*. As lâmpadas não podiam apagar-se. A instrução era um decreto perpétuo entre os israelitas, geração após geração. Os sacerdotes também deveriam queimar o incenso aromático no altar do incenso (Êx 30.7,8).

**28.1** — *Arão e seus filhos*. A primeira menção a Arão se dá quando ele reencontra o irmão Moisés, após o exílio de 40 anos do profeta em Midiã (Êx 4.14,27-31). A descendência de sua família e uma grande experiência são mencionadas em Êxodo 6.14—7.7.

No versículo em questão, a natureza do verdadeiro sacerdócio é comentada pela expressão *do meio dos filhos de Israel*. Como o sacerdote tinha de ser um autêntico representante do povo, ele também deveria pertencer ao povo (Hb 5.1). Para que o Senhor Jesus se tornasse nosso Sumo Sacerdote, foi necessário primeiro que Ele se tornasse membro da nação que representaria. Assim, a encarnação era uma necessidade não apenas para Sua vida humana, Sua morte e Sua ressurreição, mas também para o ministério sacerdotal para aqueles que herdarem a vida eterna (livro de Hebreus).



## ENTENDENDO MELHOR

### O VESTUÁRIO DOS SACERDOTES SAGRADOS

O vestuário dos sacerdotes (Êx 28.2-4) representava sua função como mediadores entre Deus e o povo. Por cima de suas peças de roupa comum, o sumo sacerdote usava um éfode, um tipo de manto ou colete de duas peças bastante ornamentado. Ele também usava um peitoral de decisões no qual eram fixadas pedras preciosas esculpidas com os nomes das 12 tribos de Israel (Êx 28.15-30). No bolso do peitoral, na direção acima do coração do sumo sacerdote, estavam o Urim e o Tumim (Êx 28.30), um meio pelo qual Deus comunicava Sua vontade às pessoas.

Os sacerdotes prestavam serviços para o bem do povo, mas seu principal foco era servir ao Senhor, como se verifica na sentença *para me administrarem o ofício sacerdotal*. Assim como os anjos são espíritos que se dedicam a Deus, os sacerdotes são os israelitas escolhidos pelo Senhor para se consagrar a Ele.

**28.2** — As *vestes santas* se tornavam santas por sua consagração no culto a Deus, da mesma forma que acontecia com a mobília e os utensílios do tabernáculo. É provável que as magníficas vestes dos sacerdotes representassem o conceito da justiça imputada perante o Senhor (Zc 3.1-5), *para glória e ornamento*.

**28.3** — *Sábios de coração*. Esta é a primeira descrição da destreza humana que moldaria os itens para a adoração no tabernáculo (em Êx 35.25, a mesma expressão é usada para definir as mulheres habilidosas que fizeram a tecelagem). Essas pessoas possuíam uma habilidade que lhes fora concedida pelo Senhor. Além disso, Deus adicionou a essa capacidade um dom especial do Espírito para auxiliar em Sua obra, por isso a especificação *a quem eu tenha enchido do espírito de sabedoria*. O estudo dos *dons do Espírito* (Rm 12.3-8; 1 Co 12.1-11) pode começar com esse registro dos artesãos guiados espiritualmente.

**28.4** — As vestimentas sacerdotais foram especificadas: um *éfode* (v. 5-14), um *peitoral* (v. 15-30), um *manto* (v. 31-35), uma *túnica* (v. 39), uma *mítra* (v. 36-38) e um *cinto* (v. 39). Outras vestes foram feitas para os filhos de Arão (v. 40-43).

**28.5-14** — O *éfode* (uma transliteração do hebraico da palavra *ephod*) tem sido descrito de forma variada. Algumas vezes se encontra a referência a um manto sem mangas; outras vezes, a um

colete feito de linho fino de cores vibrantes. Suas duas partes cobriam o peito e as costas, com costuras nos ombros e uma faixa na cintura. Os ombros eram ornados com belas pedras memoriais.

**28.5,6** — Há muitas ideias a respeito do possível significado para o uso das diversas cores. É difícil, entretanto, descobrir no texto das Escrituras os valores simbólicos. Aparentemente, a melhor aproximação que se faz desse significado é, simplesmente, que o uso de cores vibrantes foi resultado de uma bela e extraordinária ornamentação. Como o texto diz, foi uma *obra esmerada*.

**28.7-12** — As duas pedras sardônicas, talhadas com os nomes das tribos de Israel, eram presas em engastes de ouro. Elas simbolizavam o trabalho intercessor de um sacerdote. Ele deveria representar o povo perante Deus. Os nomes das tribos estavam literalmente escritos em seus ombros, de forma que o sacerdote pudesse levar seus nomes como um memorial diante de Deus.

**28.13,14** — O uso do ouro acentuava a beleza e o valor do ornamento. Todo tipo de enfeite nas vestes de um sacerdote falava da maravilha de sua aproximação com o Deus vivo. Imagine como nossas vestimentas serão no céu, quando veremos o Senhor!

**28.15** — O peitoral era uma pequena bolsa que ficava pendurada abaixo do pescoço do sacerdote. Era decorado com 12 pedras, uma para cada tribo de Israel. Nele ficavam o Urim e o Tumim (v. 30). Esse assessorio era usado pelo sacerdote em julgamentos solicitados, isto é, quando ele necessitava de uma decisão vinda do Senhor acerca de uma questão que fora apresentada para sua apreciação. O peitoral era feito dos mesmos tecidos que o éfode, no qual deveria ser devidamente amarrado.

**28.16** — *Quadrado*. O peitoral media um palmo de comprimento e um palmo de largura. O palmo é verificado com a mão estendida, fazendo-se a medição do polegar até o dedo mínimo.

**28.17-28** — *Quatro ordens de pedras* preciosas e semipreciosas seriam fixadas ao peitoral. Essas 12 pedras levariam os nomes das 12 tribos de Israel, outro símbolo da representação sacerdotal do povo perante Deus. Nem todas as pedras podem ser precisamente identificadas hoje.

**28.29** — *Sobre o seu coração* é uma tocante expressão que lembrava o sacerdote de sua solene responsabilidade. Ele representava a nação perante o Deus vivo. Qualquer dedicação menor merecia o divino julgamento (veja o triste destino de Nadabe e Abiú, filhos de Arão, em Lv 10.1,2).

**28.30** — O *peitoral* continha as misteriosas pedras chamadas de *Urim* e *Tumim*. Estas palavras, transliteradas do hebraico, significam *luzes* e *perfeições* (ambas no sentido superlativo e plural). Juntos, seus nomes significam *perfeito conhecimento*, ou uma ideia similar. Não se sabe como Arão e seus sucessores fizeram uso dessas pedras (e se, de fato, eram pedras). Só sabemos que Deus instruiu seus sacerdotes de muitas maneiras.

É possível que esses elementos minerais garantissem ao sacerdote que Deus revelaria Sua verdadeira ordem para ele. Entretanto, a expressão *to consult with the Urim and the Thummim* (consultar com o Urim e o Tumim), na versão em inglês New King James, pode indicar a apresentação de uma questão perante o Senhor com o Urim e o Tumim no peitoral, o que seria um sinal de que o sacerdote esperava confiantemente que o Senhor resolvesse o caso (compare com Lv 8.8; Nm 27.21; Dt 33.8; 1 Sm 28.6; Ed 2.63; Ne 7.65).

**28.31,32** — O manto era uma vestimenta longa e esvoaçante feita de fios de tecido azul. Foi, provavelmente, uma peça de roupa sem costura. Uma abertura para a cabeça é mencionada, mas nenhuma para os braços. Talvez houvesse cortes para estes.

**28.33-35** — As romãs em volta da borda eram decorativas. Os sinos tiniam à medida que o sacerdote se movia nos lugares santos. Esse som provavelmente assegurava às pessoas do lado de fora que um sacerdote estava intercedendo em favor delas.

**28.36-38** — A *mitra* do sumo sacerdote era feita de linho branco, na qual havia fixada uma



## APROFUNDE-SE

### ORIENTAÇÃO POR MEIO DE URIM E TUMIM

Urim e Tumim (que significam respectivamente *luzes* e *perfeições*) tinham como propósito ser um meio de orientação divina para Israel. Elas consistiam em pedras ou gemas fixadas ou carregadas dentro do peitoral usado pelo sumo sacerdote quando este se consultava com Deus. Por esta razão, o peitoral é comumente chamado de peitoral do julgamento ou das decisões.

Entretanto, mesmo que saibamos que este sistema decisório de fato existia, ninguém consegue saber ao certo como funcionava. Urim e Tumim são mencionadas apenas três vezes no Pentateuco (Lv 8.8; Nm 27.21; Dt 33.8), uma vez durante a antiga monarquia (1 Sm 28.6) e duas vezes após o exílio babilônico (Ed 2.63; Ne 7.65). Por outro lado, não há nenhuma indicação de que a nação as usara para tomar decisões.

Desta forma, há uma grande especulação sobre como Urim e Tumim davam os veredictos. Alguns acreditam que as pedras eram jogadas como dados. Outros defendem que as gemas eram entalhadas com símbolos que significavam sim e não, verdadeiro ou falso.

O historiador judeu Josefo (37-100 d.C?) acreditava que Urim e Tumim tinham a ver com a resplandecência das pedras preciosas no peitoral. Outros escritores defendiam que as letras dos nomes das 12 tribos de Israel entalhados nas pedras salientavam-se ou brilhavam em uma sucessão ordenada, soletrando assim a resposta de Deus. Outra teoria é que, ao olhar para o brilho das pedras, o sumo sacerdote entrava em uma espécie de transe, período no qual o Senhor falava com ele.

Estas teorias são apenas conjecturas. Contudo, é fácil perceber que nos tempos antigos grande parte das Escrituras ainda não tinha sido escrita e reunida. Assim, havia a grande necessidade de receber algum tipo de orientação divina. Hoje temos acesso à revelação completa de Deus por escrito e, conseqüentemente, não há motivos para o uso de recursos como Urim e Tumim.

lâmina de ouro onde estavam gravadas as palavras: *Santidade ao Senhor*. A lâmina ficava na altura da testa do sacerdote. O significado da expressão *leve a iniquidade das coisas santas* parece indicar que as sagradas ofertas do povo seriam aceitas somente quando apresentadas pelas mediações do sacerdote consagrado. Essas palavras antecipavam a obra do Salvador, que carregou nossos pecados em Seu próprio corpo (1 Pe 2.24).

28.39 — O registro da completude destes itens está em Êxodo 39.27-29.

28.40,41 — *E vestirás [...] e os ungirás, e os consagrarás*. Os ritos de consagração dos sacerdotes para executarem seu ofício são detalhados de forma completa em Êxodo 29 e 40.13-15, e em Levítico de 8 a 10.

28.42 — A instrução para usar *calções* de linho visava proteger a nudez dos sacerdotes. Visto que a sexualidade fazia parte da adoração praticada pelos vizinhos de Israel, esse procedimento era uma manifestação da contracultura do povo de Deus.

28.43 — *Para que não levem iniquidade e morram*. É difícil compreender o nível de responsabilidade que os sacerdotes tinham, na medida em que ministravam em nome do Deus vivo. Eles tinham de servir ao Senhor com o coração puro, representar o povo sem enganá-lo, e adorar sem desviar-se dos Dez Mandamentos. Falhar era sinônimo de julgamento e morte. Infelizmente, sacerdotes morreram porque fracassaram em mostrar o devido respeito pela santidade de Deus (Lv 10.1,2; 1 Sm 4.17; 2 Sm 6.7).

29.1-46 — Este capítulo é destinado às instruções para a consagração de Arão e seus filhos ao sacerdócio.

29.1 — A palavra traduzida do hebraico como *santificar* descreve ações que tornariam os sacerdotes diferentes, santos, e os separariam para o propósito divino: serem pessoas que se aproximam do Senhor para executarem Sua obra. A instrução de apresentar animais *sem mácula* nos lembra que o sacrifício não era uma oportunidade de livrar-se de um animal doente ou que não servia mais. A oferta dos melhores animais era um ato de fé e expressava agradecimento e confiança nas provisões do Senhor. Inocente, o Salvador Jesus

representou o sacrifício perfeito por nossos pecados, pois Ele não possuía culpa alguma.

29.2 — *Pão asmo*. Como aconteceu na Páscoa (veja Êx 12.8), o uso do fermento também foi proibido nesta cerimônia. Entretanto, sua utilização era permitida nas refeições rotineiras.

29.3,4 — *E os lavarás com água*. O banho era um luxo raro no deserto do Sinai, e o dos sacerdotes simbolizava a necessidade de estarem totalmente limpos perante o Senhor.

29.5-7 — A instrução para a mistura do *azeite da unção* é dada em Êxodo 30.22-33. A orientação *derramarás sobre a sua cabeça* foi transmitida a Moisés porque esse era um generoso gesto, celebrado tempos depois por um salmista (Sl 133.2). Assim como os sacerdotes eram ungidos para o ofício sagrado, o Messias (muitas vezes chamado de *Ungido*) também seria ungido para a grande obra de sacrifício ao Deus vivo.

29.8,9 — Os filhos deveriam ser vestidos após o pai. O verbo traduzido como *sagrarás* significa literalmente *preencher a mão de alguém*. A ideia parece ser de autorização. Um rei segurava seu cetro como uma indicação de poder político, assim como a mão de um sacerdote era preenchida com poder espiritual.

29.10,11 — O sacrifício do novilho aconteceria apenas após os sacerdotes colocarem suas mãos sobre a cabeça do animal. Este gesto indicava que o animal fora designado como seu substituto, recebendo sobre si os pecados dos sacerdotes. Para matar o novilho, os sacerdotes cortavam uma artéria no pescoço do animal, o que causava uma morte instantânea.

29.12 — *Sangue*. A aplicação do sangue nas pontas do altar pode ter sido realizada para tornar a exibição do sangue mais proeminente (Êx 12.7). Toda essa operação não se dava em uma área coberta. O sacrifício de um grande animal, ao ar livre, debaixo de sol forte e com moscas voando ao redor, era uma tarefa formidável. O restante do sangue era derramado *à base do altar*.

29.13,14 — *Sacrifício por pecado*. A queima da gordura, das vísceras, do fígado e dos rins produzia um odor acre. Entretanto, o pecado estava sendo consumido. Por isso, esses ritos



são descritos como *cheiro suave* ao Senhor (v. 18). O resto do animal era queimado fora do arraial, pois tais partes não eram agradáveis ao Senhor (para mais informações a respeito da oferta pelo pecado, leia Lv 4).

**29.15-18** — *Holocausto* é a tradução do termo em hebraico que pode ser compreendido como *aquele que sobe* (em fumaça). Arão e seus filhos precisavam oferecer sacrifícios por si próprios, assim como por seus companheiros israelitas (Hb 5.1-4). Entretanto, nenhum sacrifício foi necessário pelo Salvador, Jesus. Ele veio à terra como um sacerdote sem pecados.

A oferta queimada ao Senhor produzia um *cheiro suave*, expressão usada em tom irônico, pois o odor da carne queimada, da pele, dos pelos e das entranhas certamente era fétido e ativo. Contudo, por causa do benefício produzido por esse cheiro (o perdão dos pecados), o Senhor o mencionou como uma oferta de aroma agradável (veja Nm 7).

**29.19-28** — Um dos mais obscuros ritos no livro de Êxodo é o uso do *carneiro das consagrações*. A expressão no hebraico significa o *cordeiro do preenchimento*, isto é, o carneiro resulta no preenchimento das mãos dos sacerdotes em sua divina tarefa (v. 9). Muitas partes desta passagem continuam, de certa forma, um mistério para nós. Contudo, compreendemos que os sacerdotes preparavam cuidadosamente esse tipo de sacrifício para adoração ao Deus santo.

**29.19** — O termo *outro carneiro* se refere ao segundo dos dois carneiros mencionados no versículo 1 (compare com o primeiro carneiro, v. 15-18).

**29.20,21** — Espargir o sangue nos sacerdotes significa que eles estavam inteiramente *sob o sangue* que reparava o pecado (Êx 12.7). É possível que o ato de aspergi-lo na orelha represente a audição da Palavra de Deus, e, no polegar da mão direita, o cumprimento da vontade do Senhor. Já a unção do dedo do pé direito pode significar a jornada e a caminhada junto a *Yahweh*. Não só os homens deveriam ser aspergidos com sangue e azeite da unção, mas também suas vestes. Desta forma, as belas roupas dos sacerdotes

seriam consagradas ou santificadas. A morte de um animal apontava para a posterior morte de Cristo (Hb 10.1-14).

**29.22-24** — Uma *oferta com movimento* deveria ser feita com a gordura do carneiro e com o pão asmo (descrito no v. 2). Os elementos tinham de ser erguidos e depois movidos para trás e para frente diante do altar. A oferta deixava claro que tudo acontecia em prol do Senhor, mas recebiam-se muitas bênçãos como presentes de Deus. [Para mais informações acerca das ofertas movidas, leia Lv 7.30;10.14.]

**29.25** — Após esse ato simbólico (v. 22-24), a gordura e os pães asmos eram queimados como holocaustos (v. 18). Isso também é chamado de oferta queimada.

**29.26** — O *peito do carneiro* era movido diante do altar do Senhor como gesto simbólico de dar e receber, e depois era usado pelos sacerdotes para o consumo, representando assim um presente do Senhor.

**29.27** — Uma *oferta de movimento* e uma *oferta alçada* são termos gerais que representam diferentes tipos de sacrifícios. As expressões são usadas neste versículo como partes da oferta de comunhão (Lv 7.29-34). Mas elas também são empregadas para se referir à oferta especial de grãos (Nm 15.19-21) e ao dzímo (Nm 18.24-29).

**29.27,28** — A palavra traduzida como *oferta alçada* (hb. *terûmâ*) significa *algo que se ergueu* (diante do Senhor). Outro significado é *contribuição*.

**29.29-34** — Os sacerdotes deveriam comer a carne do *carneiro das consagrações* (v. 19-28) em uma refeição de celebração junto com o pão (v. 2,23) que não fora queimado. Uma pessoa de fora não podia consumir esses alimentos, nem mesmo as sobras. Tudo que não fosse comido na cerimônia tinha de ser queimado.

**29.35-39** — Os ritos de consagração (v. 9) duravam sete dias. A repetição desses atos, dia após dia, enfatizava o quão necessárias eram a santidade e a fidelidade na adoração.

**29.40,41** — A *décima parte de um efa* corresponde a aproximadamente um litro para secos (NVI); a *quarta parte de um him*, a uma medida



## VOCÊ SABIA?

### O ALTAR DO INCENSO

O altar do incenso (Êx 30.1-10) estava localizado dentro da tenda da congregação no tabernáculo (Êx 40.26.27). Era muito menor do que o altar dos holocaustos, que ficava depois da principal entrada do pátio (Êx 27.1-8). Os sacerdotes acendiam incensos de aromas agradáveis neste altar todos os dias.

entre 3 e 6 litros. As ofertas deveriam ser apresentadas de manhã e ao entardecer. Esta oferta provavelmente tinha um aroma mais agradável do que a oferta queimada do versículo 18, por causa da adição de vinho e azeite.

**29.42,43** — Nesta passagem, os propósitos do tabernáculo e de suas ofertas são reiterados. Era nesse local que Deus encontrava Seu povo, falava com ele e manifestava Sua glória.

**29.44** — *Santificarei*. A mesma ideia, de separar pessoas para servir a Deus com ofícios específicos, é apresentada no versículo 9 com a expressão idiomática do hebraico *preencher a mão*, traduzida no vocábulo *sagrarás*.

**29.45** — As palavras *lhes serei por Deus* nos remetem ao propósito de *Yahweh* em Sua obra redentora e Sua gloriosa aliança com Israel (Êx 6.1-8).

**29.46** — *Eu sou o Senhor, seu Deus*. Usando Seu nome pessoal, Deus declarou aos israelitas que Ele era o *seu* Deus. Ele os libertara e resgatara, a fim de que pudessem tornar-se o Seu povo, e o Senhor, *seu* Deus (Êx 15.2).

**30.1,2** — Este altar menor era um lugar usado para acender o incenso de aroma agradável. Assim como a arca da aliança (Êx 25.10), a mesa dos pães da proposição (Êx 25.23) e o altar de holocaustos (Êx 27.1), este altar era feito de madeira de cetim (Êx 25.10). Ele media 45 cm de cada lado e 90 cm de altura.

**30.3** — Como o altar maior, o menor também era revestido com ouro. Os cantos eram uma cópia decorativa daqueles que estavam no altar de holocausto (Êx 27.2).

**30.4,5** — Argolas e varais eram usados para carregar o altar, sinalizando mais uma vez o grande

respeito que era preciso ter ao fazer o transporte das mobílias sagradas.

**30.6** — O altar ficava no lugar santo, perto do véu que separava esse cômodo do santíssimo. A menção à *arca do Testemunho* nos faz lembrar da mobília mais importante do tabernáculo.

**30.7,8** — Arão foi ordenado a queimar incenso aromático a cada manhã e à tarde, com o acender das lâmpadas (Êx 27.20,21). Surge, então, a pergunta: por que era o sumo sacerdote a pessoa encarregada de cuidar desses ritos simples? Acender o incenso era, de fato, um privilégio, pois a prática de tal ato ficava restrita àqueles que tinham permissão para se aproximar de Deus.

Quanto ao período em que essa tarefa deveria ser desempenhada, a expressão do hebraico traduzida como *à tarde* pode ser entendida como *entre duas manhãs*. Posteriormente, os rabinos, algumas vezes, definiriam crepúsculo como o ponto em que a luz natural não era mais suficiente para distinguir uma linha preta de uma branca.

**30.9** — *Estranho* significa *nenhum outro tipo* de incenso, isto é, não santificado. Nenhuma oferta diferente da especificada podia ser colocada nesse altar.

**30.10,11** — O comando *fará expiação* significa *cobrirá, fará propiciação*. Arão teria de cumprir esse rito *uma vez no ano*, o qual recebeu o nome de o Dia da Expição. Esse evento é especificado em Levítico 16.

A consagração de objetos como essa consistia em uma cerimônia de purificação para fazer com que estes se tornassem santos perante o Senhor. Visto que o homem é pecador, todos os utensílios que entravam em contato com ele ficavam contaminados. Uma vez por ano, tudo o que os seres humanos tocaram no tabernáculo tinha de ser cerimonialmente limpo.

Esse procedimento era *santíssimo ao* Senhor. A palavra traduzida como *santíssimo* significa literalmente *Santo dos santos* e é a mesma expressão do hebraico usada em Êxodo 26.34. Nos versículos em análise, a fraseologia não faz referência ao santíssimo, mas à suprema santidade dos artigos de adoração perante o Senhor (v. 29).



## EM FOCO

## LAVAR-SE (HB. RACHATS)

(Êx 2.5; 30.18; Pv 30.12)

Na Bíblia, o ato de lavar-se ou banhar-se tem uma importante associação cultural e religiosa. O antigo costume de lavar os pés de um convidado era um ato de hospitalidade que durou até o período do NT (Gn 18.4; Jo 13.5). A lavagem ritualística consistia em um passo fundamental da purificação dos sacerdotes em atuação no tabernáculo (Êx 40.12). Lavar com água simbolizava uma limpeza espiritual, a preparação necessária para entrar na presença do Senhor (Sl 26.6; 73.13). Os profetas do AT continuaram a usar este rito de lavagem e aplicaram-no simbolicamente ao ato de arrependimento (Is 1.16; Ez 16.4). No Novo Testamento, Paulo descreve a redenção em Cristo como *lavagem da regeneração e renovação* (Tt 3.5).

**30.12.13** — Este texto é obscuro quanto à sua conotação: se é uma ordem que está sendo dada ou se é uma concessão. Não fica claro se os israelitas tinham de ser recenseados, e assim fazer o que se segue, ou se podiam ser recenseados e assim teriam de fazer o que foi dito. O termo *resgate* (hb. *kopher*) está relacionado às palavras *expição* e *propiciação* (Êx 10; 29.36,37). A ideia é pagar o preço pela vida de um indivíduo. Os hebreus deveriam ficar cientes de que sua vida vinha de Deus e era governada por Ele. Por isso, era necessário que o povo oferecesse uma oferta em dinheiro, equivalente a *metade de um siclo*, isto é, seis gramas de prata (Êx 21.32; 38.26).

**30.14-17** — Cada homem deveria contribuir com metade de um siclo para o resgate. A quantia não era baseada no merecimento ou na riqueza dos indivíduos. O recolhimento auxiliou os levitas a manterem o tabernáculo.

**30.18** — *Pia de cobre com a sua base*. O formato da pia não é especificado, mas observa-se claramente que possuía duas partes: a pia em si e sua base. As mulheres proveram os espelhos de bronze que eram a matéria-prima para a pia (Êx 38.8).

**30.19-21** — *Lavarão as suas mãos e os seus pés*. A constante limpeza das mãos e dos pés dos sacerdotes é compreensível. Entretanto, os pés ficavam sujos muito rápido, porque eles usavam sandálias. A lavagem contínua representava a necessidade de estar limpo do pecado regularmente. A seriedade da manutenção da santidade dos sacerdotes perante Deus (Êx 28.43) é enfatizada na expressão *para que não morram*.

**30.22-25** — Os sacerdotes usavam o azeite em cerimônias para unção (Êx 29.7). A preciosa e rica mistura desse elemento com as demais especiarias deve ter tido um aroma maravilhoso e inesquecível. Esse azeite em especial foi declarado sagrado, porque seu uso era destinado apenas aos ritos religiosos especificados pela Lei (v. 32,33). O perfumista, assim como os artesãos que trabalhavam com madeira, tecido e metal, era um homem altamente habilidoso (v. 35).

**30.26-29** — Tudo o que era ligado à adoração a Deus deveria ser ungido com os azeites especiais. Desta forma, as criações dos artesãos se tornavam santas e separadas para o uso especial no culto ao Senhor.

**30.30** — A unção iniciava os sacerdotes no privilégio de servir a Deus.

**30.31-33** — O *azeite da santa unção* era reservado exclusivamente para a consagração do tabernáculo e de toda a sua mobília. Qualquer outro uso desse elemento resultaria em uma sentença divina, como *será extirpado dos seus povos*, ou seja, *será morto* (Gn 17.14).

**30.34-38** — Como no caso do azeite da unção (v. 22-25), as instruções para a fabricação do incenso também foram precisas. O resultado da mistura era um artigo generoso, caro e precioso.

**30.36** — *Diante do Testemunho*. Uma porção do incenso aromático deveria ser levada até o santíssimo como um símbolo sagrado para o povo perante o Senhor.

**30.37,38** — O incenso não poderia ser feito para uso pessoal nem utilizado com outro propósito senão aquele que Deus instruíra. A afirmação

*santo será para o Senhor* era uma lembrança sucinta da importância da separação das coisas santas para a adoração a Deus.

**31.1-11** — A importância do tabernáculo e de sua mobília era tanta que o Senhor soberanamente preparou artesãos habilidosos para realizar a tarefa de construção, e estes foram instruídos detalhadamente por Moisés. Tudo deveria ser feito de acordo com o plano que Deus mostrou ao profeta no monte (Êx 26.30).

**31.2** — *Chamado por nome.* O Senhor agora designou especificamente o homem que seria o principal artesão do tabernáculo. O nome *Bezalel* (hb. *besal'el*) significa *na sombra de Deus*. Hur, o avô de Bezalel, não deve ser confundido com o companheiro mais conhecido de Arão e Moisés (Êx 17.10;24.14).

**31.3-5** — *E o enchi do Espírito de Deus.* Esta maravilhosa expressão indica a obra do Espírito Santo nos tempos do Antigo Testamento. Temos familiaridade com a frase *ficar cheio do Espírito Santo*, que se revelou pelos discípulos no Pentecostes (At 2) e trouxe à existência a nova comunidade de fé, a Igreja. Entretanto, sempre negligenciamos a obra do Espírito entre os israelitas. Passagens como esta nos ajudam a ver a continuidade do trabalho de Deus entre Seu povo ao longo das gerações.

Neste caso, o Espírito concedeu poderes e dons únicos às pessoas encarregadas de moldar e construir o tabernáculo, beneficiando o santo e maravilhoso Deus. A ocorrência sequencial das palavras *sabedoria, entendimento, ciência e invenções* é similar à dotação em sete vezes do Espírito ao Rei

vindouro (Is 11.2). Esse acúmulo de termos aparece no trecho em análise para destacar aos leitores a extrema importância da inclinação artística do tabernáculo, que demandou pessoas muito capacitadas e habilidosas investidas de poder único pelo Espírito Santo para o desempenho de suas tarefas.

**31.6** — O nome do principal assistente de Bezalel, *Aoliabe*, significa *tenda do Pai* (hb. *'oholi'ab*). Ele descreve aquele que vive próximo a Deus, o Pai de Seu povo (Êx 35.34;36.1,2;38.23), ao qual se aplica a declaração *tenho dado sabedoria ao coração*. Na verdade, era o *espírito da sabedoria* falado em Êxodo 28.3 ou o *Espírito de Deus, na sabedoria* em Êxodo 31.3. Tal conhecimento era o dom divino que capacitava os artesãos para realizar suas santas tarefas.

**31.7-11** — Todas as instruções específicas a respeito dos elementos que comporiam o tabernáculo foram transmitidas para que os dois homens e seus muitos subordinados pudessem segui-las.

O fato maravilhoso a contemplar é que eles tinham de executar essas tarefas não só se baseando em seu próprio talento (o dom dado por Deus), mas também na presença do Espírito de Deus trabalhando neles. Assim, o Espírito de Deus (v. 3) se preocupa com a vida das pessoas perante o Senhor e com os objetos separados para a adoração ao Deus vivo. Portanto, os artesãos (Êx 35.25) foram revestidos de poder pelo Espírito Santo para produzir as peças instruídas pelo Senhor.

**31.12-18** — Esta é uma passagem importante em Êxodo, pois foca na aliança de *Yahweh* com Israel no monte Sinai (Êx 19.5,6;24.1-8;34.27,28). A grande contribuição destes versículos é esclarecer o papel do sábado (*Shabat*) como um símbolo especial do concerto.

**31.13,14** — A expressão *meus sábados* nos lembra que a separação do sábado para cultuar o Senhor foi uma ideia dele, e não uma invenção humana. Portanto, esses dias deviam ser mantidos em honra a Deus (Is 1.10-15), como *um sinal*, um lembrete, um memorial ou símbolo da aliança entre o Altíssimo e Seu povo perante as gerações vindouras.



## VOCE SABIA?

### ESPECIARIAS

As especiarias ou essências (Êx 30.34) foram produtos muito importantes para as negociações e o comércio. Elas eram importadas da Arábia e de lugares muito longe, como a Índia, que poderia ser alcançada pelo mar, partindo do Egito. Muitas especiarias eram derivadas de plantas, como a goma e a resina. A ônica era extraída de um molusco que vivia no mar Vermelho. Sua difícil procedência aumentava o seu valor.

O Sábado reservado para adorar o Todo-poderoso distinguia Israel de seus vizinhos pagãos, conceito este reforçado pela frase: *para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica*. A finalidade do *Shabat* não era o descanso recreativo, mas sim a adoração a Deus. Aqueles que desconsideravam esse dia especial abriam caminho para a sua própria destruição, conforme a sentença *será extirpado*.

**31.15-17** — Nesta passagem o sábado é declarado como um sinal perpétuo entre o Senhor e Israel. A ideia da separação desse dia pode ser encontrada no padrão utilizado na criação: *seis dias de trabalho e um dia de descanso*.

**31.18** — *Quando acabou de falar*. Este versículo dramático lembra o leitor de que toda a seção, que começa em Êxodo 25.1, é um relato do divino encontro que Moisés viveu no monte (Êx 24.18;25.1). Quando o profeta retornou para o povo, ele escreveu o que ouvira e vira. O Espírito de Deus o guiou para se lembrar dos maravilhosos e complexos detalhes, das ideias e dos conceitos da sagrada adoração.

As duas tábuas de pedra, objetos similares aos usados nos antigos tratados, continham os Dez Mandamentos em cada uma delas. Ambas deveriam ser mantidas juntas perante o Senhor em Seu santo tabernáculo. A pedra enfatizava a pétreia Palavra de Deus. O *dedo de Deus* é um forte antropomorfismo (a atribuição de forma ou caráter humano a Deus) que sublinhava a divina origem da Lei.

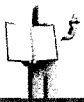
Estudiosos de religião debatem há muito tempo acerca das ideias religiosas de Israel e de sua

inigualável contribuição à civilização, colocando esse povo no mesmo patamar dos gregos, que desenvolveram a filosofia, e dos romanos, que mostraram uma genial organização e a grande construção de um império. Entretanto, essas comparações não vão ao encontro do objetivo das Escrituras. A Bíblia não fala de um povo genial, mas sim do dedo de Deus. Os Dez Mandamentos não foram um produto do ser humano, mas uma revelação do Senhor.

**32.1-35** — A história da adoração dos israelitas ao bezerro de ouro revela a falta de fé do povo e a infinita misericórdia de Deus. Mesmo que os hebreus tivessem quebrado em tão pouco tempo a promessa de obedecer-lhe, o Senhor perdoaria seus pecados.

**32.1** — A infame história começa em um nível completamente humano. A prolongada ausência de Moisés (Êx 24.18), expressa na sentença *vento o povo que Moisés tardava em descer do monte*, e o ambiente fisicamente hostil no qual ele desaparecera (Êx 24.9-17) levaram o povo a pensar o que poderia ter acontecido com o profeta para que não tivesse retornado. Apesar de os hebreus serem os remidos de Israel (Êx 12;14.31), eles buscaram outros deuses, pois estavam preenchidos por um sentimento de desencorajamento.

O mais chocante se dá quando descobrimos o papel que Arão teve nessa situação. Aparentemente, ele também não tinha mais esperanças de que seu irmão voltasse. Moisés sumiu por 40 dias. Sendo assim, concluímos que as pessoas começaram a perder a paciência antes desse período e a pedir



## ENTENDENDO MELHOR

### VACAS, BOIS E BEZERROS "DIVINOS"

A história de Arão produzindo o bezerro de ouro (Êx 32.1-4) e Jeroboão fabricando os bezerros dourados para seus novos templos em Betei e Dã (1 Rs 12.28-31) são similares. Por exemplo, ambos os homens quebraram os mandamentos divinos pouco depois de Deus tê-los dado.

Mas, por que eles fizeram bezerros? Os bois eram imagens comuns para os deuses naquela época. No Egito, a popular deusa Hathor era representada com várias características de uma vaca, como seus chifres e orelhas. Divindades masculinas em outras culturas, tais como a Síria-Palestina e a Babilônica, eram frequentemente ilustradas com partes dos bois, geralmente os chifres. Os deuses cananeus El e Baal estavam associados com o touro nos textos ugaríticos.

Se o bezerro de ouro representasse um deus cananeu, tal adoração seria uma ostensiva rejeição ao Deus de Israel.

não pelo verdadeiro Deus, mas por outros deuses, o que se verifica no clamor *faze-nos deuses*. A produção dos ídolos deve ter levado certo tempo.

A inquietação e a revolta dos israelitas é traduzida na expressão *este Moisés*, um modo sarcástico, mordaz e degradante de falar. O que se pode concluir disso? Seria possível que toda a comunidade tivesse se voltado contra o profeta? Ou então que os desconfiados e os descrentes, que estavam no meio do povo, aproveitaram-se da situação para espalhar o mal? Também devemos considerar a possibilidade de uma hostilidade espiritual — forças invisíveis e desconhecidas disseminaram a perversidade entre o povo de Deus. Estêvão faz alusão a esse evento quando fala: *em seu coração, se tornaram ao Egito* (At 7.39,40).

**32.2,3** — Os *pendentes de ouro* faziam parte do tesouro trazido do Egito e deveriam ser usados para a construção do tabernáculo (Êx 35.20-29).

**32.4** — O *bezerro de fundição* era um abominável símbolo de adoração. A vaca e o boi eram adorados no Egito, e o boi era uma forma corpórea conhecida do deus Baal em Canaã. A declaração *estes são teus deuses* sugere que a adoração ao Senhor tinha sido misturada com os símbolos de Baal e de outros deuses da fertilidade.

Assim, Arão se fez líder para que os hebreus violassem os três primeiros mandamentos: eles se curvaram a outro deus além do Senhor, fizeram uma imagem para cultuar e usaram o nome de Deus em uma falsa adoração (v. 5). Deus dissera repetidamente que Ele, e somente Ele, libertou os israelitas do Egito (Êx 20.1,2;29.45,46), um acontecimento que *todos testemunharam*.

**32.5** — *Festa ao Senhor*. A apostasia nos cega para o fato de que rejeitamos Deus.

**32.6** — A adoração expressa neste texto envolvia sacrifícios provavelmente combinados com atos sexuais profanos. As palavras *levantaram-se a folgar* sugerem essa ideia. [Veja Êx 34.12-16 para saber mais detalhes a respeito de tais práticas cananeias, que Israel foi proibida de seguir.]

**32.7,8** — O Senhor alertou Moisés sobre o pecado que Israel estava cometendo. No hebraico, o termo *shahat*, que nesta passagem se refere à expressão *se tem desviado do caminho*, significa

*desvirtuar* ou *arruinar*. Foi usado também para descrever a ruína da humanidade que provocou o dilúvio (Gn 6.12).

**32.9** — *Povo obstinado*. Esta é a primeira ocorrência dessa triste expressão, que alude à teimosia do povo em recusar-se a seguir os caminhos de Deus (Êx 33.3,5;34.9; Dt 9.6,13;10.16).

**32.10** — As palavras de Deus neste momento se tornaram aterradoras. Ele ameaçou destruir toda a nação e começar de uma nova maneira com Moisés (Nm 14.11,12). A declaração fez com que o profeta intercedesse a favor do povo pela misericórdia divina (v. 11-13).

**32.11-13** — Moisés usou três principais argumentos para, em sua intercessão, abrandar a ira do Senhor. (1) A libertação dos israelitas do Egito foi obra do Senhor. Como Ele poderia abandoná-los agora? (2) Os egípcios ouviriam a sentença sobre os hebreus e chegariam à conclusão de que, no final, o Egito triunfou. (3) A aliança fora estabelecida muito antes do juramento divino. Como Deus poderia revogar Sua promessa agora? Podemos ver claramente a humildade do profeta, sua compaixão pelo povo e seu zelo pela glória e honra do Senhor.

**32.14** — *Então, o Senhor arrependeu-se*. Neste versículo está um maravilhoso exemplo da interação entre uma intercessão com fé e o propósito do Senhor. Deus tinha a intenção de poupar Israel. Contudo, Ele incluiu Moisés no processo ao fazer com que ele orasse pela consequência justa e correta. O Senhor usa nossas orações combinadas com Suas próprias determinações para fazer com que Sua vontade seja feita.

**32.15,16** — *As duas tábuas do Testemunho* são as tábuas da aliança ou as tábuas dos Dez Mandamentos (Êx 31.18).

**32.17** — Josué acompanhou o profeta até, pelo menos, certa parte da jornada ao monte Sinai (Êx 24.13,14). Ao que tudo indica, enquanto Moisés estava sozinho com Deus, Josué permaneceu por perto. De onde estava, ele foi a primeira pessoa a ouvir a adoração ao bezerro de ouro, e transmitiu a alarmante informação a Moisés.

**32.18** — A resposta de Moisés às palavras de Josué se dá em um poema de três versos. Neste,



## PERFIL

### OBSERVANDO O PROGRESSO DE MOISÉS

É maravilhoso que Deus tenha proporcionado o desenvolvimento da grande nação por meio da obra de Moisés e seus descendentes (Êx 32.10). Fracassos e erros sempre estiveram presentes em sua vida. Na verdade, eles fariam parte dela até que o profeta morresse. Talvez Deus estivesse meramente testando Seu servo para poder descobrir que tipo de homem ele de fato era.

Cristãos que almejam o desenvolvimento espiritual e o crescimento pessoal podem beneficiar-se do estudo da vida de Moisés. Ele não começou como um gigante na fé e também não terminou sua carreira em um esplendor de glória. Não obstante, Deus honrou a busca deste homem ao longo da vida por misericórdia. O registro de sua vida mostra um caminho como aqueles para os quais todos os fiéis são chamados (Ef 4.15; Cl 1.10; 2 Pe 3.18).

o termo *alarido*, que aparece três vezes, também é traduzido como *canto* (NVI) e *som* (NVI), e soa muito semelhante à palavra traduzida como *canções*. Moisés sabia que o som das canções só poderia significar problema. Visto que ele não deixara nenhuma instrução acerca da adoração a Deus, o povo se sentiu inclinado a adorar outros deuses. O interessante, entretanto, é que o termo *canções* estava associado, no pensamento de Moisés, à adoração.

**32.19,20** — Em sua grande ira, Moisés jogou as tábuas no chão. Este gesto, altamente simbólico, indicava que a Lei tinha sido quebrada pelas ações do povo. Depois, o profeta destruiu o bezerro, até virar pó, e, por fim, fez os filhos de Israel beberem seus resíduos misturados à água.

**32.21-24** — Moisés se dirigiu a Arão querendo saber como a situação chegara ao ponto em que estava. A medíocre resposta do sacerdote nos faz lembrar a sofrível justificativa de Adão a Deus em Gênesis 3.12. Arão lançou a culpa sobre o povo, em vez de admitir sua própria cumplicidade nesse terrível pecado.

**32.25** — Apesar do retorno de Moisés, algumas pessoas permaneceram despidas para a vergonha, talvez se deixando levar pelo cego comportamento de adoração a Baal (Nm 25).

**32.26** — *Quem é do Senhor*. Os primeiros a responderem ao chamado de Moisés foram os homens da tribo de Levi, um ato que os aproximou ainda mais do culto ao Senhor.

**32.27,28** — Moisés mandou os levitas matarem todos aqueles que estavam comprometidos com o mal (provavelmente com a degeneração

sexual, conforme Nm 25). Era bastante doloroso para um levita matar seu *irmão*, seu *amigo*, seu *próximo*. Mas os perversos, mesmo sendo pessoas próximas ou parentes dos sacerdotes, tinham de ser executados, a fim de que todo o arraial não sofresse com o julgamento divino.

**32.29** — *Consagrai [...] ao Senhor*. Todo o povo tinha de voltar-se completamente para o Deus vivo, a fim de que Ele o recebesse novamente e o abençoasse.

**32.30,31** — O terrível pecado do povo tinha de ser expiado. Moisés esperava fazer a propiciação pelo mal que as pessoas haviam cometido.

**32.32,33** — *Riscarei eu do meu livro*. Este é o momento mais tocante na liderança de Moisés sobre os israelitas. Como Paulo, muitos séculos depois, ele pediu para ser amaldiçoado, pois assim talvez pudesse levar a salvação a seu povo (Rm 9.3). A oferta de Moisés não pôde ser aceita. Mas, seu gesto abnegado também nos remete ao sacrifício de Jesus, pois Deus o aprovou como a expiação de todos os pecados de cada geração da



## VOCÊ SABIA?

### PEDINDO POR CLEMÊNCIA

O incidente com o bezerro de ouro fez com que os israelitas estivessem muito perto de serem consumidos pela ira de Deus. Apenas a sincera intervenção de Moisés impediu o julgamento (Êx 32.31-35). Este é um dos inúmeros exemplos contidos nas Escrituras que mostram quanto importante é que os pecados sejam levados diante do Senhor, a fim de que se rogue por Sua misericórdia e clemência.

humanidade (Mc 10.45). Nesta passagem, *meu livro* é o Livro da Vida (Sl 87.6; Ap 3.5).

**32.34** — Deus promete que Seu Anjo (Êx 23.20-23) continuaria a conduzir o povo, mas, junto a essa declaração, está uma solene ameaça de punição: o Senhor visitaria nos israelitas o pecado deles. A expressão que informa quando isso ocorreria, *no dia da minha visitação*, pode fazer referência ao Dia do Senhor, proclamado tempos depois pelos profetas (Jl 2; Sf 1).

**32.35** — Não está muito claro se o Senhor feriu o povo depois da oração de Moisés ou se esta passagem faz referência ao julgamento que Deus já havia enviado sobre as pessoas (v. 26-28). É possível que aluda a ambas as punições do Senhor: por este pecado em particular e pelas pragas posteriores que recairiam sobre os israelitas no deserto à medida que eles continuassem a desobedecer a Deus.

**33.1—34.35** — Após toda a situação descrita no capítulo 32, Deus, em Sua infinita misericórdia, renova a aliança feita com os israelitas. Na Bíblia em hebraico, o ponto principal não é exibir a ira de Deus, como muitas vezes se supõe, mas a misericórdia do Senhor, que ilumina a escuridão da desobediência das pessoas, e Sua graça, que supera o desespero causado pelas dúvidas de Seu povo.

**33.1** — Ao dizer a palavra de ordem *vai*, o Senhor estava comunicando a Moisés que o tempo de rumar a Canaã havia chegado. [Para mais informações sobre a aliança de Deus com Abraão e Isaque, mencionada pela forma verbal *jurei*, leia Gênesis 12.7;15.13-21;22.15-18.]

**33.2** — A expressão *lançarei fora* traduz uma linguagem similar à usada em Êxodo 23.28 para se referir aos vespões.

**33.3,4** — Deus anunciou que não iria com o povo porque este era muito *obstinado*. Assim, a promessa de chegar a Canaã foi obscurecida pelo afastamento do povo da presença de Deus. A ordem de seguir em frente sem a companhia do Senhor foi uma declaração que nenhum israelita queria ouvir, expressa nesta passagem como *má notícia*.

**33.5,6** — A sentença *se um momento eu subir no meio de ti* sugere que a ameaça de julgamento

ainda era real. Neste sentido, Deus ordenou aos filhos de Israel que tirassem seus atavios, pois estes estavam associados à idolatria do bezerro de ouro (Êx 32.2,3). Sua retirada era um símbolo de arrependimento genuíno e renovação.

**33.7** — *E tomou Moisés a tenda [...] e chamou-lhe a tenda da congregação*. Moisés mudou sua tenda para o lado de fora do acampamento, um gesto que simbolizava a retirada do Senhor do meio de Seu povo. O profeta a chamou *tenda da congregação* ou *tenda do encontro* (NVI), onde ele se encontrava com o Deus vivo. Todo aquele que buscasse ao Senhor, isto é, a pessoa que precisasse de uma decisão divina, consultaria o profeta em sua tenda afastada do centro do arraial.

**33.8** — *Todo o povo se levantava, e cada um ficava em pé*. Em contraste com a perversidade anterior, o povo agora respondia reverentemente ao Deus vivo. Somente o profeta podia aproximar-se do Senhor, mas aqueles que estavam por perto podiam retribuir à distância com respeito e adoração.

**33.9** — *A coluna de nuvem* é a mesma que guiou os israelitas para fora do Egito (Êx 13.21,22; 24.15,16). Ela *descia, punha-se* à porta da tenda, e o Senhor *falava* com Moisés. Os verbos em destaque indicam uma personificação da coluna.

**33.10** — *Vendo todo o povo [...] inclinavam-se*. As pessoas não podiam aproximar-se de Deus da mesma forma que Moisés fazia. O profeta falou com o Senhor como uma pessoa normal faz com um amigo. À distância, o povo observava a coluna e reconhecia a presença divina. Os israelitas o adoravam inclinando-se em direção ao solo. Este versículo é bastante cuidadoso ao dizer que as pessoas mantinham certa distância. Somente Moisés se aproximava da coluna, que era a presença de Deus.

**33.11** — *E falava o Senhor*. A correlação entre a coluna e o Senhor agora é inconfundível. Neste versículo, pelo termo *seu servidor*, podemos vislumbrar novamente (Êx 17.9;24.13;32.17) o importante homem de Deus que Josué se tornaria como o sucessor de Moisés. A palavra traduzida como *servidor* nesse contexto não quer dizer *escravo*, mas um auxiliar, um ministro, aquele que faz o serviço espiritual.





## APLICAÇÃO

### A GLÓRIA DO SENHOR

Deus permitiu que Moisés experimentasse um pouco de Sua glória (Êx 33.12-23). O termo hebraico comumente traduzido como *glória* (*kabod*) significa *peso*, *importância* ou *influência* e não tem a conotação de algo leve e efêmero como a *glória* que usamos na linguagem do dia-a-dia. A palavra é algumas vezes aplicada às pessoas, indicando seu mérito, ou aos objetos, quando funcionam perfeitamente.

Nas Escrituras, entretanto, glória é frequentemente usada para descrever a presença e o poder de Deus (Dt 5.24). Algumas vezes ocorre como um sinônimo da palavra hebraica *qodesh*, indicando santidade. Em outras ocasiões é associada com o fogo, como quando Ele se revelou no Sinai (Êx 24.16,17), ou com nuvem ou fumaça, na passagem em que o tabernáculo foi consagrado (Êx 40.34), ou quando Isaías teve sua visão (Is 6.3,4).

Nestes casos, a temível realidade de Deus está sendo enfatizada. Comparada a isto, a humanidade é nada mais do que uma pequena nuvem ou um punhado de grama. É neste contexto que a determinação de Deus de dividir Sua glória conosco se torna mais espantosa. No lugar de nossa fragilidade, Ele nos oferece Sua realidade (Jo 1.14,32,34; Rm 9.23; 2 Cr 4.17).

**33.12-33** — Moisés ora por uma experiência maior com *Yahweh*. Esta passagem se divide em duas seções: (1) Moisés pede a presença de *Yahweh* junto a Seu povo e a si mesmo (v. 12-17). (2) Moisés solicita um incomum encontro com o Deus vivo como um marco de Seu relacionamento especial com ele (v. 18-23).

**33.12** — A mensagem que o Senhor deu a Moisés e a Seu povo, registrada no início do capítulo (v. 1-3), perturbou o profeta. Assim, ele pede a Deus que garanta a Sua presença na aventura de fé que todos estavam experimentando. *Quem há de enviar* foi uma forma indireta de solicitar a companhia do Senhor durante o trajeto.

**33.13** — As palavras *o teu caminho* fazem referência, neste contexto, à presença do Senhor entre os israelitas. Usando o termo *teu povo*, Moisés lembrava a promessa de Deus de fazer Israel o Seu povo (Êx 6.1-8). É provável que esse argumento tivesse o intuito de obter a compaixão divina para os hebreus.

**33.14-16** — Em hebraico, *minha presença* significa literalmente *minha face*. Esta extraordinária promessa da presença de Deus entre Seu povo foi por fim cumprida em Jesus, Deus feito homem. O Senhor estaria com os israelitas para fazê-los descansar, ou seja, para lhes dar Canaã, onde a conquista terminaria e tudo poderia ser desfrutado pelos israelitas. Moisés ainda ousou dizer que a presença do Senhor entre Seu povo era a única condição aceitável para continuarem avançando.

Apenas a presença de Deus demonstraria aos povos vizinhos que a libertação do Egito fora mesmo uma obra misericordiosa de Deus.

**33.17** — A graça de Deus vinha acompanhada pelo zelo de Moisés para com as coisas divinas e pelo íntimo conhecimento que o profeta tinha de *Yahweh*, representado na expressão *e te conheço por nome*.

**33.18** — A palavra *glória* transmite uma ideia de peso importante e significativa (Êx 16.7,10;24.16,17;40.34,35). Neste versículo, espantosamente, Moisés pede uma sensação ainda maior da presença divina do que qualquer outra pessoa já tenha experimentado.

**33.19** — Surpreendentemente, o Senhor respondeu de forma positiva. Neste sentido, o termo *minha bondade* se refere às maravilhas de Deus, aos Seus atributos, ao Seu mérito essencial e à Sua majestade. Tudo isso seria demonstrado a Moisés e aos israelitas, pois o *nome do Senhor*, ou seja, a expressão de Sua pessoa, de quem Ele é, seria apregoado.

Portanto, pode-se concluir que a soberania divina é superior aos ajustes do Senhor para com as pessoas, o que se verifica na declaração *tereí misericórdia de quem eu tiver misericórdia*. Deus pode fazer o que Ele quiser. Contudo, em Sua infinita misericórdia, Ele respondeu ao apelo de Moisés. Que grande presente é este: o Criador do universo cedendo ternamente ao audacioso pedido de Seu servo (Sl 40.1).

**33.20** — *Não poderás ver a minha face.* Não podemos sequer começar a descrever o que Moisés experimentou neste dramático encontro. Deus é Espírito (Jo 4.24). Qualquer contato com o Deus vivo requer que Ele entre em nossa finita esfera de espaço e tempo. O que quer que Moisés tenha experimentado foi apenas uma ínfima parte de uma coisa infinitamente majestosa! A linguagem humana é simplesmente muito limitada para expressar os mistérios que esses versículos apresentam. Quanto ao termo *minha face*, este foi anteriormente traduzido como *minha presença* (v. 14).

**33.21** — Este lugar é comumente interpretado como uma fenda na pedra que forma o monte Sinai. Quão adequado foi Moisés estar em uma rocha na presença de Deus, pois de fato o Senhor era sua Rocha (Dt 32.4).

**33.22,23** — O uso das palavras *mão, costas e face* é um antropomorfismo, uma maneira de descrever Deus, que é Espírito, em termos comuns relacionados ao homem. O objetivo destes versículos é bastante claro. Moisés veria algo maravilhoso, mas não tão grandioso quanto a face de Deus, pois isso tiraria sua vida. Esta grande revelação é descrita em Êxodo 34.5-9.

**34.1** — A ordem para lavrar *duas tábuas de pedra* é uma demonstração da grande misericórdia divina. Apesar da situação provocada pelo povo no momento em que Deus estava instruindo Moisés a respeito da adoração e do tabernáculo, o Senhor deu aos israelitas uma nova oportunidade. Mais uma vez, Ele os orientaria acerca do caminho idôneo.

**34.2** — A misericórdia de *Yahweh* é vista em sua aquiescência ao pedido de Moisés por uma experiência ainda mais próxima do que a que o profeta tinha com o Deus vivo.

**34.3,4** — Como na preparação do povo no capítulo 19, o aviso para ninguém subir ao monte com o profeta foi feito com o propósito de proteger os desatentos ou os curiosos que morreriam caso pisassem no solo sagrado.

**34.5** — Como no capítulo 19, este versículo descreve uma epifania: a aparição do Senhor em uma grande descida ao encontro do ser humano. Como nas outras vezes (Êx 33.9-11), o povo viu a nuvem, a qual Moisés sabia que era o símbolo visível do Deus vivo perante ele. O Senhor proclamou Seu nome a Moisés, expressando Seu caráter, Suas maravilhas e Sua misericórdia.

**34.6** — O verbo traduzido do hebraico como *passar* ('abar, cruzar) é o mesmo verbo que descreve a jornada de Abraão por Canaã (Gn 12.6). Provavelmente o nome *Abraão* é derivado desse verbo. Neste versículo o termo fala do "movimento" do Senhor perante Moisés. À medida que o Senhor passava por Moisés, Ele proclamava o sentido de Seu nome *Yahweh* (Êx 3.14,15), revelando Seu gracioso caráter de uma forma inesquecível.

De fato, este texto é a base para a compreensão do caráter de Deus. As palavras *misericordioso e piedoso* transmitem a ideia de um Deus predominantemente gracioso. A expressão *tardio em iras*, de acordo com o conceito no idioma hebraico, significa que Deus demora a enfurecer-se. Em outras palavras, diríamos que Ele é paciente.



## EM FOCO

### BENEVOLÊNCIA (HB. *CHESED*)

(Êx 15.13; 20.6; 34.6)

Quando Deus se revela a Moisés no monte Sinai, Ele se define como benevolente. Esta é uma das mais importantes palavras que traduzem o caráter divino (Sl 13.5). É geralmente traduzida como misericórdia (Êx 20.6; Sl 6.4), e, às vezes, como beneficência (Sl 17.7). O sentido básico da palavra é *amor leal* ou *amor firme, imutável*. O termo faz referência à lealdade e fidelidade de Deus à Sua aliança. Este amor é muito similar ao amor marital, um sentimento que é compulsório por causa do contrato de casamento, mas ainda assim profundo e voluntário.

As atitudes de Oséias em relação à sua mulher infiel são uma tocante ilustração do *amor fiel de Deus* pelo povo de Israel (Os 1.1-3; 2.19; 3.1-5). No NT, esta característica de Deus é descrita como Sua graça (em grego *charis*; Jo 1.17).

No tocante à Sua *beneficência*, o termo no hebraico correspondente a este vocábulo significa *amor leal*. Como última característica do Senhor mencionada neste trecho, a *verdade* encontra como equivalente o termo que transmite a ideia de fidelidade, autenticidade e constância. Quando o Evangelho de João apresenta Jesus como a *Palavra*, há a celebração do fato de que Ele é *cheio de graça e de verdade* (Jo 1.14,17). Desta forma, João ecoa as palavras desta passagem. Seguindo o apóstolo, ver Jesus é ver o Pai (Jo 1.18).

**34.7,8** — *Milhares [...] terceira e quarta geração*. Esta expressão nos lembra das palavras de Êxodo 20.5,6, mas a ordem aqui é trocada com finalidade enfática. O fato é que Deus prefere mostrar Sua *beneficência* a revelar Sua ira. Contudo, Sua ira também é real (Êx 32.34,35; Sl 90.11).

**34.9** — O clamor expresso na sentença *vá agora o Senhor no meio de nós* indica que Moisés ainda estava pedindo pela reversão do julgamento que Deus anunciou em Êxodo 33.1-3. O Senhor respondeu a essas requerentes palavras restaurando a aliança com Israel (v. 10-28).

**34.10,11** — Com a declaração *faço um concerto*, o versículo 10 introduz a renovação da aliança. A mensagem é completada nos versículos 27 e 28. Concomitante ao anúncio do concerto está a promessa de que o povo veria *maravilhas* (hb. *nôra'*, de *yare'*, verbo que significa *temer*), isto é, a conquista de Canaã. A extrema recusa de Israel em obedecer ao comando divino e conquistar a terra (Nm 13;14) deve ser vista à luz dessa extraordinária promessa (Dt 4.32-40).

**34.12** — *Não façam concerto com os moradores da terra aonde háis de entrar*. Israel foi proibido de fazer acordos com os povos vizinhos. Em vez disso, os israelitas teriam de destruir aquelas nações, a fim de que não fossem arruinados pelas perversas ideias e pela falsa religião dos cananeus. Os próximos versículos (v. 13-16) repetem algumas das características principais da aliança de Deus com Seu povo. Estes são os comandos que Israel abandonaria tão rapidamente.

**34.13** — *Altars* (Êx 23.24) e *estátuas* eram símbolos que focavam a sexualidade. As últimas eram representações de Aserá, a deusa da



## VOCÊ SABIA?

### OBJETOS RELIGIOSOS PROIBIDOS

Altars, colunas sagradas e imagens de madeira ou metal aparecem continuamente na Bíblia como um grupo de objetos religiosos proibidos (Êx 34.13). Todos os três citados anteriormente eram comuns nas religiões da Síria-Palestina, onde estava Canaã. Desta forma, permitir que tais coisas fossem mantidas quebraria o mandamento de não ter outros deuses (Êx 20.3). Adicionar práticas religiosas pagãs à adoração de Deus representava um perigo contínuo. Os altars eram permitidos ao povo de Israel apenas quando devotados a Deus e restritos a certas ordens e lugares.

fertilidade dos cananeus (conhecida pelos gregos como Astarote).

**34.14** — A expressão *diante de outro deus* é uma reiteração do segundo mandamento (Êx 20.3).

**34.15** — Infelizmente, é provável que a expressão *não se prostituam* não tenha sido apenas uma figura de linguagem. A infidelidade ao Senhor era frequentemente manifestada em ritos sexuais que envolviam a prostituição cultual (de homens e mulheres), o ato de uma suposta união com Baal, Aserá e outras divindades pagãs. No alerta presente neste versículo, Deus adverte o povo do perigo da influência cananeia, chamando a atenção de Israel com a proibição *nem comas dos seus sacrifícios*. Este ato alude à festa do amor que precedia à orgia, similar ao episódio com o bezerro de ouro (Êx 32.5,6,19,25).

**34.16** — *Tomes mulheres das suas filhas para os seus filhos*. A proibição de Deus acerca do casamento entre Seu povo e os demais não era uma questão de preconceito. A influência das práticas religiosas imorais por aqueles que não seguiam ao Senhor era sutil, persuasiva e contínua. Uma união desse tipo consistia no caminho mais rápido para a corrupção, a falsa religiosidade e o comportamento torpe.

**34.17** — Israel já tinha, de fato, pago o preço por fabricar deuses de metal.

**34.18** — O termo *Festa dos Pães Asmos* remete às instruções de Êxodo 12.15-20;23.15.

**34.19,20** — A lei do primogênito pode ser encontrada em Êxodo 13.2;22.29,30.

**34.21** — O estatuto do sábado é repetido em Êxodo 20.8-11;31.12-18.

**34.22-24** — As instruções concernentes às três festas anuais são comentadas em Êxodo 23.14-17. A fiel participação nessas celebrações estava ligada à promessa de Deus no versículo 24, que tinha por finalidade preservar as pessoas na terra.

**34.25-27** — No texto em hebraico, a estrutura gramatical usada para expressar o comando *escreve estas palavras* dá uma conotação de ordem oficial (veja o comentário em Êx 17.14;24.4). Tal expressão pode ser parafraseada como: “Escreva!”, isto é, “Faça *você!*” Este é o concerto de *Yahweh* com Israel no monte Sinai (algumas vezes chamado de aliança mosaica; veja os comentários em Êx 19.5,6;24.1-8;31.12-18;34.10). O escrito de Moisés nestes versículos é um notável atestado da verdade bíblica.

**34.28** — O período de *quarenta dias e quarenta noites* se equiparou à anterior jornada no Sinai (Êx 24.18). Durante esse tempo em que Moisés esteve com Deus, *não comeu pão, nem bebeu água*. Um indivíduo pode sobreviver sem comida por algumas semanas, mas ninguém sobrevive sem água por mais de quatro ou cinco dias. Moisés não bebeu nenhum tipo de líquido por 40 dias. Logo, sua sobrevivência foi um milagre do Senhor.

É possível que o profeta tenha estado em uma “esfera” celestial durante esse longo período? Não sabemos. Somente temos certeza de que o Senhor manteve Seu servo vivo de alguma forma! Então, *Ele escreveu [...] os dez mandamentos*, que eram novamente equivalentes às palavras do acordo. O Escritor foi o próprio Senhor (Êx 31.18; 32.15,16; 34.1,4).

**34.29-35** — *Seu rosto resplandecia*. Uma das mais maravilhosas descrições bíblicas é a de que a face de Moisés brilhava. Sua proximidade à presença do Senhor transformou sua aparência (2 Co 3.7-18).

**34.30** — As pessoas tiveram medo de aproximar-se de Moisés. Com tudo o que elas haviam visto e ouvido, tinham suas razões para estarem cautelosas.

**34.31,32** — Moisés procurou acalmar o medo das pessoas e transmitir os mandamentos que o Senhor o havia mandado proclamar.

**34.33-35** — O véu que Moisés usou ocultava sua face resplandecente. Esse brilho sobrenatural era realçado em cada subsequente encontro com o Senhor. Paulo ensinou que Moisés usou o véu por causa do resplendor de seu rosto, um sinal de glória imperfeita (2 Co 3.7,13).

**35.1—40.38** — Estes capítulos contêm pouco conteúdo novo. Eles repetem as instruções acerca da construção do tabernáculo, de sua mobília e da confecção das vestimentas dos sacerdotes para que pudessem prestar culto ao Senhor. Há um sentido de celebração nesta narrativa. A importância do tabernáculo e de tudo que estava ligado a ele é enfatizada com a repetição das orientações.

**35.1-3** — O principal ensinamento acerca do sábado (*Shabat*) está no quarto mandamento (Êx 20.8-11), e este conceito é expandido em Êxodo 31.12-18. Nesta passagem, há uma nova repetição da instrução com finalidade enfática (Êx 34.21). A expressão *acendereis fogo* se refere a um ato considerado uma quebra do mandamento [pois, neste caso, alguns procedimentos que exigiam essa atividade, como cozinhar, rompiam o descanso]. Para alguns judeus hoje, uma fonte de luz acesa no *Shabat* é equivalente a acender o fogo.

**35.4-9** — Esta passagem é baseada nas instruções de Êxodo 25.1-8. Nela podemos observar Moisés fazendo exatamente o que Deus lhe ordenou quando o profeta estava no monte do Senhor.

**35.10-19** — A expressão *sábios de coração* aponta que o chamado agora recaía sobre os artesãos que construiriam os móveis para o tabernáculo e teceriam as vestimentas dos sacerdotes. Todos os detalhes aparecem nos capítulos 25 a 31.

**35.20-29** — As ofertas para o tabernáculo talvez sejam as mais impressionantes doações feitas pelo povo de Deus! Afinal, foram motivadas pela inspiração do coração e pela boa vontade do espírito daqueles que cederam seus pertences. Homens e mulheres doaram. Mesmo em um período patriarcal, dominado pelos homens, as mulheres participaram ativamente na obra de Deus. Todas as pessoas se apresentaram com presentes suntuosos, variados e em grande quantidade, a ponto de Moisés ordenar que elas parassem de mandar coisas (Êx 36.2-7).

**35.25-30** — Os artesãos, na maioria das vezes, eram mencionados no masculino (Êx 28.3), mas neste texto foram especificamente citadas *mulheres sábias de coração* como sendo as artesãs.

**35.31-33** — *E o Espírito de Deus o encheu*. Veja a passagem paralela em Êxodo 31.3. Compare com os comentários em Êxodo 28.3. O dom especial que o Espírito Santo derramou sobre esses artesãos provou a importância da beleza estética que o Senhor vinculou ao tabernáculo. As preparações para a construção do tabernáculo e do posterior templo prefiguraram a encarnação do Salvador, pois foi no tabernáculo, no templo e na encarnação que os “céus desceram”, que Deus chegou perto de Seu povo de uma maneira salvadora e íntima.

**35.34,35** — A habilidade de ensinar é similar ao dom de ensinar mencionado por Paulo (Rm 12.7). O mesmo Espírito que trabalhava no povo de Deus no período do Antigo Testamento é o que trabalha no Novo Testamento.

**36.1-7** — Que problema! Houve outra época na história em que o povo de Deus teve de ser contido por oferecer doações em absurda quantidade? O padrão de semear com generosidade (2 Co 9.7) não encontra melhor fundamento do que nestes versículos.

**36.8** — *Sábio de coração* é uma maravilhosa caracterização encontrada em Êxodo 35.30—36.4 (Êx 28.3;31.6;35.10,25). Deus demandava uma modelagem cuidadosa, detalhada e artística. A obra produzida foi de altíssima qualidade.

**36.9-19** — Neste trecho lemos a respeito da produção das cortinas (v. 14). (Veja Êx 26.7-14 para verificar as instruções divinas acerca de seu formato.)

**36.20-30** — Exposição acerca das estruturas do tabernáculo. (Veja Êx 26.15-25 para ler sobre suas armações.)

**36.31-34** — Descrição da construção das barras de madeira do tabernáculo. (Veja Êx 26.26-30 para conferir as informações anteriores.)

**36.35,36** — A descrição do véu que separava o lugar santo do santíssimo. (Veja Êx 26.31-35 para conhecer as instruções de Deus acerca de sua modelagem.)

**36.37,38** — A descrição da entrada da tenda do tabernáculo. (Veja Êx 26.36,37 para obter mais informações.)

**37.1-9** — Esta passagem descreve como Bezalel (Êx 31.2) construiu a arca sagrada, incluindo o propiciatório e os querubins, seguindo o padrão que o Senhor deu a Moisés no monte (Êx 25.10-22). A narrativa segue a passagem anterior em cada particularidade. O único detalhe não repetido aqui é a instrução de colocar o Testemunho na arca e o propiciatório fechando-a (Êx 25.21). Esse trecho pode ser lido novamente em Êxodo 40.20.

**37.10-16** — Trata da construção da mesa dos pães da proposição. Esta passagem corresponde, em todos os detalhes, às instruções dadas a Moisés pelo Senhor em Êxodo 25.23-30. O único aspecto do texto anterior não repetido aqui é a



## VOCÊ SABIA?

### O ESPÍRITO DE DEUS NO LOCAL DE TRABALHO

O Espírito Santo de Deus esteve ativamente envolvido com os trabalhadores quando estes construíam o tabernáculo (Êx 35.31—36.1). O Espírito era a fonte de muitas habilidades e destrezas requeridas para a construção e modelagem do tabernáculo — o talento de manuseio dos metais, de ourivesaria, de lapidação das pedras, de carpintaria, de entalhamento, de tecelagem, entre outros. Observe algumas das características destes trabalhadores guiados pelo Espírito divino:

- Eles eram homens e mulheres (Êx 35.20-22,25).
- Em seu coração havia *inspiração e boa-vontade* (Êx 35.5,21,22,26), o que significava que estavam sempre motivados para fazer suas tarefas.
- Eles eram habilidosos e capacitados por Deus para executar todas as suas designações (Êx 35.5,22,29; 36.3-7).
- Eles utilizavam plenamente suas habilidades, assim como suas posses, a fim de cumprir as propostas divinas (Êx 35.5,22,29; 36.3-7), o que indica que estes homens e mulheres trabalhavam duro e eram leais.
- O acabamento final dos artigos nos mostra que a excelência era a marca registrada de seu trabalho.

orientação de colocar os pães da proposição em cima da mesa (Êx 40.4,22,23).

**37.17-29** — Este segmento detalha a criação do castiçal de ouro. Novamente, esta passagem corresponde exatamente às instruções dadas a Moisés em Êxodo 25.31-40. O trecho anterior contém orientações para acender as lâmpadas, tarefa que Moisés executou quando tudo foi terminado (Êx 40.4,25).

**38.1-7** — Estes versículos abordam a construção do altar dos holocaustos. As instruções anteriores são encontradas em Êxodo 27.1-19. Os detalhes da seção antecedente são apresentados novamente para demonstrar que o Senhor comandou tudo o que foi feito. Ao longo dessas seções, o sujeito que pratica a ação é Bezalel (Êx 37.1; compare com Êx 35.30-34), que trabalhava de acordo com as orientações que o Senhor transmitiu a Moisés. Bezalel era o coordenador e provavelmente tinha uma equipe de artesãos trabalhando sob a sua supervisão (Êx 36.8).

**38.8** — A feitura da pia de cobre. (Para as instruções correspondentes, leia Êx 30.17-21.)

**38.9-23** — A construção do pátio do tabernáculo. (Para as explicações antecedentes, leia Êx 27.9-19.)

**38.24** — O peso de todo o ouro usado nas obras era de uma tonelada. Em hebraico, 29 talentos e 730 siclos. O talento equivalia a 35 quilos, e o siclo, a 12 gramas de prata.

**38.25** — A quantidade de *prata* era simplesmente enorme, superior a 3,5 toneladas.

**38.26** — A quantidade de prata doada para a construção do tabernáculo recolhida de cada um dos homens acima de 20 anos, num total de 603.550 indivíduos, foi estipulada em um beca

(meio siclo) por cabeça. Esse número de pessoas corresponde a outras estimativas da comunidade do êxodo (Nm 1). Ele pode ser literal, mas alguns sustentam que é bastante grande para o tempo e os acontecimentos de Êxodo.

**38.27,28** — Uma enorme quantidade de prata foi usada na fabricação dos elementos mais básicos do tabernáculo e de sua mobília. Embora o tabernáculo fosse uma tenda, não era um templo provisório, mas sim um santuário glorioso que simbolizava a presença do Deus vivo no meio de Seu povo.

**38.29-31** — O peso do cobre era aproximadamente 2,5 toneladas.

**39.1** — Este versículo é uma declaração resumida que confirma a conclusão das vestimentas dos sacerdotes descritas pela primeira vez em Êxodo 28.1-4.

**39.2-7** — Esta passagem detalha a confecção do éfode de Arão, de acordo com as claras instruções dadas a Moisés em Êxodo 28.5-14.

**39.8-21** — Neste trecho lemos a respeito do peitoral, feito de acordo com as informações dadas em Êxodo 28.15-30. O único detalhe não repetido é a colocação do Urim e do Tumim na peça (Êx 28.30). Isto é relatado em Levítico 8.8.

**39.22-26** — A confecção do manto do colete sacerdotal é descrita seguindo os comandos divinos transmitidos a Moisés em Êxodo 28.31-35.

**39.27-29** — A produção das túnicas, da mitra e do cinto seguiu as instruções dadas em Êxodo 28.29. Os *calções* eram feitos para que fosse mantido o recato dos sacerdotes enquanto ministravam no lugar santo (veja a orientação em Êx 28.42).

**39.30,31** — A fabricação da coroa de santidade que era afixada na mitra do sumo sacerdote seguiu, de forma precisa, os comandos que o Senhor deu a Moisés (Êx 28.36-38).

**39.32-43** — Estes versículos listam todas as tarefas que Deus ordenou ao povo por intermédio de Moisés. O trabalho foi concluído. Uma atmosfera de celebração permeia esta passagem. Pode-se sentir a sensação de orgulho por causa da finalização da obra e de respeito por todos os objetos sagrados.



### VOCÊ SABIA?

#### O USO DO OURO

O ouro é o mais maleável e dúctil dos metais. Pode ser cortado em lâminas muito finas (Êx 39.3), de menor espessura até que uma folha de papel. Assim, é possível que seja facilmente moldado em diferentes formatos e não se corrói. Essas características ajudam a aumentar o seu valor.



## EM FOCO

TABERNÁCULO (HB. *MISHKAN*)

(Êx 25.9; 26.1; 40.2)

A palavra *tabernáculo* significa lugar de morada e está relacionada ao significado dos verbos *residir*, *instalar-se* e *viver entre* (Êx 29.45; Gn 14.13). Em Êxodo, o tabernáculo é um local temporário de residência — uma tenda (Ct 1.8). A tenda de Deus, o tabernáculo, funcionou como uma lição objetiva acerca da santidade do Senhor e como um símbolo de Sua divina presença entre Seu povo (Êx 33.7-11). Era um sinal indicativo de que Ele queria viver entre Seu povo e estabelecer uma relação íntima com este (Êx 5.8,9). A máxima exteriorização deste desejo reside no fato de que Jesus Cristo, que era o próprio Deus, tornou-se um homem. Como o filho de Deus, Jesus viveu entre nós, caminhou conosco e revelou Deus, o Pai, para nós (Jo 1.14-18). Por isto Seu nome é Emanuel, que significa “Deus conosco” (Mt 1.23).

**39.42** — *Conforme tudo o que o Senhor ordenara*. A constante ênfase ao longo desses capítulos era para que Israel construísse o tabernáculo e toda a sua mobília de acordo com o comando divino. Esses projetos só fariam sentido na adoração santa a Deus se fossem feitos exatamente como Ele ordenara.

**39.43** — As palavras *viii, pois*, Moisés sugerem que o profeta conduzira a inspeção final. Ele estava satisfeito, porque tudo foi produzido de acordo com o padrão revelado no monte. Então, Moisés abençoou os israelitas, um gesto magnânimo de aprovação ao trabalho concluído.

**40.1,2** — O *primeiro mês* era o mês de abibe, também chamado de nissan (Êx 12.2;13.4). O tabernáculo foi concluído nove meses depois da chegada do povo ao monte Sinai (Êx 19.1) e duas semanas antes da segunda celebração da Páscoa (v. 17).

**40.3-8** — Agora Deus instruíra Moisés acerca da disposição da mobília no tabernáculo, incluindo a arca, a mesa para os pães da proposição, o altar para o incenso, o altar para os holocaustos, a pia, o pátio e sua cortina. As lâmpadas deviam ser acesas, e a água colocada na pia. Veja a lista da mobília no capítulo 25.

**40.9-11** — Após a disposição de toda a mobília, o Senhor instruiu Moisés a ungir tudo que estava no tabernáculo, a fim de que se tornasse santo (separado para o Senhor). Para a unção, Moisés certamente usou o azeite misturado com as especiarias (Êx 30.22-33). A ordem de Deus ao profeta, e o *santificarás com todos os seus móveis*,

e *será santo*, em hebraico, é um superlativo (*qodesh qodashîm*), que significa literalmente *Santo dos santos*.

**40.12-15** — A instrução seguinte para Moisés foi preparar os sacerdotes para o santo ofício. Estes versículos remetem aos extensivos comandos do capítulo 29. Os sacerdotes tinham de estar limpos antes de colocarem as *vestes santas* (veja a descrição em Êx 28.1-4). Além disso, o profeta, agindo como representante de Deus, deveria ungi-los da mesma forma que fizera anteriormente com a mobília. No serviço sacerdotal, a família de Arão teria perpetuidade, e essa afirmação aparece no capítulo 28, versículo 1.

**40.16-19** — Moisés, escrupulosamente, obedeceu a cada detalhe das ordens divinas (Êx 7.10). Visto que o bem-estar de Israel dependia da obediência de seus líderes, a fidelidade do profeta permitiu que incontáveis bênçãos recaíssem sobre o povo de Deus. A repetição da declaração *conforme tudo o que o Senhor lhe ordenou* enfatiza a precisa obediência de Moisés a Deus.

**40.20,21** — O *Testemunho* é as tábuas de pedra contendo os Dez Mandamentos (Êx 25.16). Quanto ao propiciatório e à sua localização, mencionados na sentença *pôs o propiciatório sobre a arca*, veja a descrição em Êxodo 25.17-22.

**40.22,23** — Sobre a mesa e os pães da proposição, veja Êxodo 25.23-30.

**40.24,25** — Sobre o *castiçal* e as *lâmpadas*, veja Êxodo 25.31-40;27.20,21.

**40.26,27** — No tocante ao *altar de ouro*, veja Êxodo 30.1-10, e, ao *incenso*, Êxodo 30.34-38.

40.28 — Acerca da *coberta*, veja Êxodo 26.36,37.

40.29 — Para saber mais detalhes sobre o *altar do holocausto*, veja Êxodo 27.1-8.

40.30-32 — Sobre a *pia*, veja Êxodo 30.17-21.

40.33 — Sobre o *pátio*, veja Êxodo 27.9-19.

40.34 — Ao final da construção de tudo o que fora instruído, a *glória* de Deus encheu o tabernáculo (Êx 19.20;34.5). Quando o Senhor se manifestou ao povo no acontecimento descrito em Êxodo 19.20, os israelitas ficaram atemorizados. Contudo, na aproximação narrada aqui, em forma de *nuvem*, os hebreus ficaram enlevados. Não foi esta uma descida para julgar, mas para demonstrar misericórdia.

A glória do Senhor que encheu o tabernáculo revelou Sua presença, Sua importância para os israelitas e Sua maravilhosa inspiração de respeito e reverência. As palavras de João 1.1-18 são bastante apropriadas para se recordar aqui. Na encarnação de Cristo, a glória de Deus foi manifestada, não em uma tenda, mas em Seu Filho Jesus.

40.35 — Embora Moisés estivesse intimamente envolvido com a construção e preparação do tabernáculo, sua conclusão indicava que a glória do Senhor estaria presente, e até mesmo o profeta

não poderia entrar na tenda, pois a *nuvem ficava sobre ela*. O termo *nuvem*, como observado anteriormente, fala de uma manifestação do Deus vivo no meio do Seu povo (Jo 1.14).

Ao longo desta seção, encontramos dois atributos de Deus: um é a Sua abundante graça e terna misericórdia. O Rei da glória estava no meio de Seu povo! Outro é a Sua indescritível santidade. O Senhor preencheu toda a tenda com Sua glória, e ninguém podia aproximar-se.

40.36,37 — A glória do Senhor, que agora estava entre Seu povo em forma de *nuvem*, também guiava os passos dos israelitas (Êx 13.21,22; Nm 9.15-23). A manifestação de Sua glória é às vezes chamada de *Shekinah* ou *glória do Shekinah*, termo oriundo do verbo hebraico *residir*.

40.38 — É maravilhoso perceber que o livro de Êxodo termina com a imagem do gracioso Deus dando proteção e orientação a Seu povo, por meio da *nuvem* e do *fogo*. Os cristãos de hoje enfatizam a presença do Espírito Santo em sua vida (At 2). Entretanto, Deus também estava presente na vida das pessoas antes de Jesus vir ao mundo. Um israelita fiel e seguidor de Deus podia ver o tabernáculo e perceber que o Senhor estava lá em esplendor e poder. E com Ele, as pessoas seguiram rumo a Canaã, a Terra Prometida.

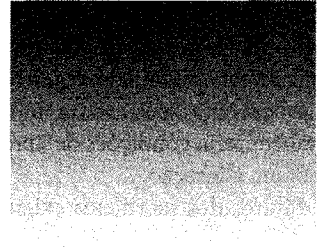


## VOCE SABIA?

### O EXEMPLO VEM DE CIMA

Moisés deu um excelente exemplo às pessoas que eram sua mão-de-obra ao desempenhar o próprio trabalho *conforme tudo o que o Senhor tinha ordenado*. Este tipo de atitude serviu de modelo para todos ao seu redor e colheu resultados imensuráveis. O grupo que coordenava e todos os trabalhadores sob suas ordens executaram as tarefas exatamente como o Senhor desejava (Êx 35.30-35; 36.1; 39.1-43).





O livro de

---

# Levítico

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**A** preocupação de Deus com Seu povo e Seu desejo de comunhão com os israelitas se tornam muito mais claros a todos aqueles que leem cuidadosamente o livro de Levítico. Cada preceito detalhado e registrado em Levítico é uma revelação *de* Deus por intermédio de Moisés *ao* Seu povo. Por meio dessas leis, Deus pessoalmente instruiu os israelitas sobre como viver perante Ele.

Os leitores cristãos, algumas vezes, sentem-se um pouco confusos com todas as regras acerca dos vários tipos de sacrifícios, com o que é puro ou impuro, e não conseguem definir muito bem quem eram as pessoas qualificadas para se tornarem sacerdotes, dentre outras normas. Entretanto, quando estes detalhes são analisados no contexto da vontade de Deus de ter comunhão com os israelitas e de

habitar entre eles, a lei aparentemente morta ganha vida.

O nome deste livro é derivado da tribo de Levi, pois dela vieram os sacerdotes de Israel. Levítico trata de muitas atividades dos sacerdotes. Ele fornece extensas instruções relativas ao sistema de sacrifícios, por meio das quais se realizava a purificação moral e cerimonial.

Contudo, o livro não é meramente um manual para sacerdotes, pois foi dirigido a todo o povo de Israel com pelo menos dois propósitos: (1) que as pessoas soubessem seus privilégios e suas responsabilidades perante Deus e dessem valor a eles; e (2) que os sacerdotes não usassem seu poder desmedidamente e oprimissem o povo por causa do monopólio do conhecimento acerca da aproximação de Deus.

O objetivo principal de Levítico era mostrar aos israelitas como eles poderiam viver em santidade moral e ritual. Desde que o povo mantivesse tal estado, Deus estaria no meio dele, e este também teria condições de aproximar-se do Senhor em adoração.

Muitos dos sacrifícios exigidos descritos em Levítico tinham por objetivo a expiação dos pecados. Por outro lado, os sacrifícios voluntários proporcionavam ao povo a comunhão e a celebração com Deus, com as famílias e com todos os membros da sociedade.

As instruções em Levítico não foram transmitidas aos israelitas a fim de ajudá-los a alcançar a própria salvação, pois esta não poderia ser adquirida assim, pois é sempre um dom de Deus concedido aos homens graciosamente mediante a fé. Tais estatutos foram fornecidos a uma nação resgatada com o propósito de que seus membros pudessem ter plena consciência de como manter a comunhão com Deus.

A consciência das diferenças entre o puro e o impuro e das várias leis para uma vida santa promoveram o bem-estar dos israelitas e marcaram-nos como o povo separado por Deus. O testemunho de Israel da santidade divina e seu evidente contentamento, resultado de uma vida santa perante Deus, demonstraram claramente a seus vizinhos o poder e o cuidado do Senhor com Seu povo.

Uma declaração, que pode ser encontrada pela primeira vez em Levítico 11.44 e muitas vezes depois, expressa perfeitamente o propósito de Deus para o povo: *sereis santos, porque eu sou santo*.

A santidade deve ser mantida perante Deus, e tal condição só pode ser atingida por meio de uma adequada expiação. Assim, todos os conceitos, os sacrifícios, e todas as regras ilustram, de muitas maneiras, a pessoa e a obra de nosso Salvador e Senhor, Jesus Cristo.

Cristãos modernos podem aprender muito com Levítico. A santidade de Deus, a necessidade de uma vida santa, o preço da expiação e do perdão, o privilégio e a responsabilidade de apresentar somente o nosso melhor a Deus e a generosidade

divina, que capacita as pessoas a também serem generosas, são apenas algumas das lições.

Levítico revela ainda a santidade de Deus e o amor dele por Seu povo de maneiras não encontradas em nenhum outro livro da Bíblia. Por fim, Levítico chama o povo de Deus, de todas as épocas, à grande aventura de conduzir sua vida de acordo com os santos propósitos divinos.

A tradição judaica e a cristã consideram Moisés o autor de Levítico. Após libertar Israel do Egito, Deus estabeleceu uma aliança com o povo por meio desse profeta, no monte Sinai. Quando o Senhor fez o pacto com os israelitas, Ele os transformou de um grupo de escravos refugiados em uma nação.

Levítico registra grande parte dessa aliança. Se Moisés ou um escriba, agindo como seu ajudante, escreveu a revelação quando Deus a manifestou, Levítico foi redigido um pouco depois de 1440 a.C. ou de 1290 a.C., dependendo da data fixada para o Êxodo.

Teólogos do final do século 19 contestaram a tradicional data estipulada para Levítico e sua autoria. De acordo com o conceito defendido por estas pessoas, que ainda é muito influente hoje, Levítico foi escrito muito depois, durante o período pós-exílio, o que se deu em aproximadamente 530 a.C.

Durante o século passado, entretanto, nosso conhecimento de história, línguas, cultura e religiões do antigo Oriente Médio, inclusive de Israel, avançou grandemente. Muitas das premissas nas quais está baseada a data posterior de Levítico mostraram-se incertas.

Embora não encontremos passagens no próprio livro de Levítico que afirmem a autoria de Moisés, vinte dos vinte e sete capítulos começam dizendo *e o Senhor falou a Moisés*, ou variações dessa mesma declaração. A expressão também ocorre em quatorze outros lugares do livro. Isto significa que esta foi a palavra de Deus transmitida ao povo por meio do profeta no monte Sinai.

Assim como no resto do Pentateuco, posteriores edições podem ter ocorrido. O material pode

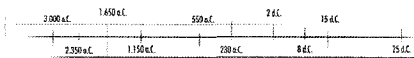
ter sido organizado por outra pessoa, que não Moisés, embora o profeta fosse certamente mais capacitado para fazer arranjos do que qualquer outro.

O ponto principal é que Levítico é o que mostra ser: uma série de revelações de Deus sobre como Seu povo deveria aproximar-se dele mediante os sacrifícios e honrá-lo com uma vida santa.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM LEVÍTICO

- 1730 a.C. — Os israelitas são escravizados no Egito
- 1527 a.C. — Nasce Moisés
- 1446 a.C. — Os israelitas escapam do Egito
- 1445 a.C. — Deus dá as leis de Levítico
- 1406 a.C. — Os quarenta anos vagando pelo deserto terminam
- 1405 a.C. — A conquista de Canaã começa



## ESBOÇO

- I. O sistema de sacrifícios — 1.1—7.38
  - A. O holocausto — 1.1-17
  - B. A oferta de cereal — 2.1-16
  - C. A oferta de comunhão — 3.1-17
  - D. A oferta pelo pecado — 4.1—5.13
  - E. A oferta pela culpa ou transgressão — 5.14—6. 7
  - F. Instruções acerca das ofertas — 6.8—7.38
- II. A ordenação dos sacerdotes — 8.1—10.20
  - A. A ordenação de Arão como sumo sacerdote e de seus filhos como sacerdotes — 8.1-36
  - B. Os primeiros sacrifícios dos sacerdotes recém-ordenados — 9.1-24
  - C. O pecado de Nadabe e Abiú e os consequentes regulamentos para os sacerdotes — 10.1-20
- III. Leis acerca das coisas puras e impuras — 11.1—15.33
  - A. Os animais puros e impuros — 11.1-47
  - B. Purificação após o parto — 12.1-8
  - C. A impureza por causa das doenças e a impureza nos tecidos — 13.1-59
  - D. A purificação das doenças de pele e das casas — 14.1-57
  - E. As impurezas do homem e da mulher — 15.1-33
- IV. O Dia da Expição: a purificação da impureza moral — 16.1-34
- V. O Código de Santidade: leis para uma vida santa — 17.1—26.46
  - A. O abatimento de animais para o consumo — 17.1-16
  - B. Pureza nas relações sexuais e nas várias situações da vida — 18.1—19.37
  - C. Punições para o pecado — 20.1-27
  - D. A pureza e a completude na vida dos sacerdotes e os animais do sacrifício — 21.1—22.33
  - E. As sete convocações santas — 23.1-44
  - F. O azeite puro e o pão sagrado — 24.1-9
  - G. Punição por causa da blasfêmia — 24.10-23
  - H. O Ano Sabático, o Ano do Jubileu e a redenção — 25.1-55
  - I. Bênçãos para a obediência e maldições para a desobediência — 26.1-46
- VI. Apêndice: o resgate do que pertence ao Senhor — 27.1-34

## COMENTÁRIO

1.1 — O e conecta Levítico com Êxodo. As últimas partes de Êxodo descrevem a construção do tabernáculo, a modelagem das vestes sacerdotais e a vindoura glória que habitaria a tenda. Agora, Moisés seria divinamente instruído acerca de como os israelitas deveriam aproximar-se do Senhor em Seu tabernáculo terreno, construída em Sua honra. Por isso, *chamou o Senhor a Moisés e falou com ele*.

Este “chamado” é repetido inúmeras vezes em Levítico. O último versículo do último capítulo do livro, 27.34, expõe novamente o tema: *estas são os mandamentos que o Senhor [Yahweh] ordenou a Moisés*. Apenas duas pequenas passagens, 8.4–10.20 e 24.10–23, mostram variações deste padrão, mas até mesmo ambas incluem orientações de Deus acerca das situações apresentadas. Consequentemente, desde o primeiro versículo até o último, o livro de Levítico declara sua origem divina. Quase todas as palavras do livro são expressas como palavras de Deus, as quais Moisés transmitiu ao povo (Êx 4.12).

O profeta não criou essas instruções. Elas foram comunicadas *por meio dele* ao povo, mas vieram *de Deus* (Dt 34.10). O Senhor as entregou

a Moisés na *tenda da congregação*, que era o centro da adoração pública de Israel naquela época. Contudo, o plano de construção do tabernáculo fora revelado em Êxodo 25–30, e sua edificação descrita em Êxodo 36–39. Séculos mais tarde, seria construído o templo de Salomão em Jerusalém.

1.2 — A designação *filhos de Israel* se refere aos *israelitas*. Agora que Deus estabelecera uma aliança com eles, tornaram-se um povo, não mais apenas um bando de ex-escravos (Êx 6.2–8).

Em muitas ocasiões em que Deus falou com Moisés (Lv 1.1), Ele orientou o profeta a repassar instruções a todo o povo. Mesmo quando a palavra se destinava apenas a Arão, ou somente aos sacerdotes, era anunciada publicamente. O objetivo deste procedimento era demonstrar que os sacerdotes, apesar do conhecimento que possuíam acerca dos ritos de adoração e da autoridade que Deus lhes concedia, também estavam sujeitos à Lei.

Qualquer pessoa informada poderia avaliá-los, verificar se estavam realizando as cerimônias de forma correta ou se estavam tirando vantagem de sua situação para enriquecer ilicitamente, apropriando-se das coisas às quais tinham acesso. Além disso, alguém que possuísse conhecimento de todo o processo não poderia ser intimidado com ameaças, como a ira de Deus ou a esconjurção, caso não fizesse exatamente o que o sacerdote ordenava.

A história registra muitos casos de abusos praticados pelas classes sacerdotais, visto que estas detinham as instruções relativas às cerimônias e usavam-nas para oprimir e explorar as pessoas. Os deveres e os privilégios dos sacerdotes em outras culturas no antigo Oriente Próximo eram praticamente segredos de Estado, transmitidos apenas às linhas sucessórias das classes sacerdotais. Era por causa dessas circunstâncias ocultas que os sacerdotes ou outras pessoas ligadas a tal situação conseguiam manter seu poder. Israel foi diferente, pois seu Deus era distinto de todos os outros deuses.

Quando o Senhor ordenou a Moisés que transmitisse Suas orientações ao povo, Ele generalizou Seu público-alvo usando o termo *algum de vós*



### EM FOCO

#### OFERTAS (HB. QORBAN)

(Lv 1.2;2.1; Ez 20.28)

Esta palavra hebraica é derivada do verbo que significa *levar até perto*, e quer dizer literalmente *aquilo que alguém leva até perto de Deus*. O fato de que os israelitas tiveram a oportunidade de apresentar suas ofertas ao Senhor revela a misericórdia dele. Mesmo que eles fossem pecadores e rebeldes, Deus instituiu um sistema de sacrifícios no qual as pessoas tinham a oportunidade de retratar-se perante Ele.

A morte de Jesus na cruz foi a oferta definitiva, aquela que findou a necessidade dos outros sacrifícios. Mediante o oferecimento de Sua vida sem pecados, todos nós fomos, de uma vez por todas, reconciliados com Deus (Hb 10.10–18). Uma atitude apropriada em resposta à morte de Jesus por nós é oferecermos nossa vida como sacrifício vivo a Deus (Rm 12.1).

(hb. *dm*; compare com *adam, homem*), que inclui as mulheres. É provável que esses vocábulos também façam referência àqueles que não são descendentes de Abraão, pois qualquer pessoa com fé em Deus pode adorá-lo com Seu povo (Nm 15.14,16,29).

1.3 — O *holocausto* (hb. *ola, ascensão*) era o único sacrifício inteiramente consumido no altar. Ele prenunciava o sacrifício completo e perfeito de Jesus. Também continha a ideia de que o fiel adorador não deveria fazer nenhuma restrição quando se tratasse do Senhor: tudo de si seria dado no relacionamento entre ele e Deus. Isso incluía a oferta do melhor animal do rebanho, ou seja, do *macho sem mancha*.

O uso de animais machos nos sacrifícios não ameaçava a extinção dos rebanhos israelitas, pois apenas um macho era suficiente para fecundar cinco fêmeas e, assim, dar continuidade à criação. Contudo, o macho sem defeito tinha grande valor para os criadores, pois o animal gerava crias boas e saudáveis e também era uma potencial fonte de lã e carne, ou dinheiro, caso fosse vendido. Assim,

oferecer esse tipo de animal no altar era um verdadeiro sacrifício. Este princípio ainda é válido: as pessoas devem oferecer o que têm de melhor ao Senhor como um símbolo de que estão oferecendo tudo o que possuem.

O povo de Deus precisava, também, ofertar de sua *própria vontade*. O genuíno sacrifício ao Senhor deveria ser realizado com contentamento — não poderia haver meia-obediência.

O local adequado para a prática desse ato era à *porta da tenda da congregação*, pois os pecados deveriam ser expiados antes que o indivíduo pudesse ficar diante do Senhor. Deus estava em todo lugar, mas Sua presença era sentida de uma maneira extraordinária no lugar da adoração santa, por isso o sacrifício era oferecido *perante o Senhor*.

1.4 — Cada adorador levava a própria oferta e punha sua *mão* sobre a *cabeça* do animal. Ninguém podia enviar outra pessoa em seu lugar para oferecer sacrifícios por seus pecados. Da mesma forma, nenhum indivíduo hoje pode fazer com que outrem aceite em seu lugar a propiciação que Jesus Cristo efetivou no Calvário.



## APLICAÇÃO

### LEVE O PECADO A SÉRIO

Os antigos israelitas levavam o pecado muito mais a sério do que as pessoas hoje. Observe os tipos de impacto decorrentes da execução de todas as instruções dadas para oferecer os sacrifícios em holocausto (Lv 1.3-5):

- *O impacto psicológico.* Um hebreu no tempo de Moisés precisava matar o animal de sua oferta. Tinha que colocar suas mãos sobre a cabeça deste e cortar a garganta dele, sentindo assim a vida do sacrifício se esvair em suas mãos. Além disso, devia conscientizar-se de que tal ser vivo estava simbolicamente morrendo em seu lugar.
- *O impacto financeiro.* A oferta exigida para o holocausto era um bezerro, que devia ser o melhor de todos. Com certeza, o ofertante possuía outros animais para o consumo e o comércio. Mesmo assim, nenhum criador gosta de perder parte do rebanho, principalmente um bezerro, que é tão valioso. Dessa forma, o sacrifício requeria perdas financeiras, uma lembrança tangível da punição pelo pecado. Até aqueles que não tinham condições de ofertar um bezerro deviam ofertar de acordo com suas posses (Lv 1.10,14;5,7,8).
- *O impacto social.* À medida que o ofertante matava seu animal, tinha a companhia de outros adoradores sacrificando suas ofertas. Então, ao ouvir os gritos de agonia dos bezerras, das ovelhas e dos pássaros, ele percebia que todas as pessoas à sua volta — seus parentes, vizinhos e, até mesmo, seus líderes — também eram pecadores que precisavam do perdão divino.
- *O impacto espiritual.* Além de tudo isso, o sistema sacrificatório fazia o ofertante perceber que o pecado estava entre ele e Deus, e a pena para este é a morte. O pecador também se lembrava da misericórdia divina e de como o Senhor tinha aceitado a morte de um animal em vez da sua.

Resumindo: o sacrifício regular de animais tornava difícil considerar o pecado como uma coisa sem importância. Nós também devemos lembrar-nos de que a substituição definitiva das mortes dos animais se deve, sobretudo, ao corpo e ao sangue de Jesus Cristo.

Esta ideia-chave de expiação (do verbo hebraico *kaphar*, que significa *limpar, remir*) traduz-se, neste versículo, como *expiar*. A vida do animal sacrificado, em troca da vida do pecador, expiava os pecados do penitente, afastando assim a ira de Deus.

**1.5-9** — Esta passagem detalha os procedimentos empregados quando o animal a ser sacrificado era um bezerro. O adorador e os sacerdotes tinham várias tarefas. O adorador matava o animal; os sacerdotes ofereciam o sangue e espargiam-no sobre o altar. O adorador tirava a pele do sacrifício e cortava-o em pedaços; os sacerdotes arrumavam a lenha, acendiam o fogo e colocavam as partes da oferta sob o fogo do altar. O adorador lavava as vísceras e as pernas do animal; os sacerdotes queimavam todo o sacrifício.

A verdadeira adoração é ativa. O adorador não pode ser um observador passivo. Uma das definições de *adoração* na Bíblia em hebraico é semelhante ao significado do verbo *servir* (hb. *'abad*). Assim, era bastante apropriado que os procedimentos relativos à adoração bíblica consistissem em ações de grande envolvimento e esforço.

**1.5-8** — Arão era o irmão mais velho de Moisés e aquele que Deus designara para ser o sumo sacerdote em Israel (Êx 28.1). Seus filhos eram Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Arão e seus descendentes seriam os sacerdotes do tabernáculo, daí a referência no texto aos *filhos de Arão, os sacerdotes*. [Para saber detalhes acerca da morte de Nadabe e Abiú, veja o capítulo 10.]

Uma das tarefas que eles deveriam desempenhar seria espargir o *sangue à roda sobre o altar*. Considerado o condutor da vida, o sangue era o elemento mais importante do sacrifício. Espalhado no altar, ele substituíra a morte do adorador em pecado.

**1.9** — As Escrituras não retratam em nenhum lugar Deus comendo as ofertas levadas até Ele, como se acredita que os deuses pagãos faziam. Quando os sacrifícios eram feitos com fé e por vontade própria (v. 3), eram aceitos pelo Senhor como *cheiro suave*. O mesmo é válido para a morte de Jesus. Deus enviou à terra Seu Unigênito

como sacrifício perfeito, trazendo-nos a salvação. Neste sentido, Isaías disse: *ao Senhor agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar* (Is 53.10).

**1.10-13** — O procedimento de queima de uma oferta era o mesmo quando o animal era um cordeiro ou um cabrito (Êx 12.5).

**1.14-17** — Enquanto os israelitas mais ricos ofereciam bezerras, a maioria da população ofertava cordeiros ou cabritos. Os mais pobres podiam usar uma *rolinha* ou um *pombinho*. Todos os sacrifícios exigiam participação ativa do adorador. A pessoa que levava as aves deveria ajudar a prepará-las para o altar. As diferentes ofertas eram aceitas por Deus sem discriminação ou favoritismo. O nível econômico não era uma medida de aceitação perante Deus (Tg 2.1-9).

**2.1-16** — Este capítulo define os procedimentos para a oferta de manjares e diz o que era ou não aceito. As ofertas de animais vivos enfatizavam o aspecto da substituição na adoração sacrificial de Israel: a vida do animal era trocada pela vida do ofertante.

A oferta de manjares dizia respeito à dependência de Israel em relação a Deus para sua sobrevivência. O pão era, tanto antes como agora, o sustento da vida. Apresentar uma oferta do alimento diário mais importante indicava agradecimento a Deus pela provisão. Também expressava a confiança do povo em que o Senhor continuaria a providenciá-la.

**2.1** — *Alguma pessoa* (hb. *nephesh*, geralmente traduzido como *alma*) é um termo inclusivo que enfatiza que o homem e a mulher, israelitas nativos ou convertidos, poderiam levar a Deus uma oferta (Lv 1.2). Esta consistia na melhor farinha, *flor de farinha*, feita de grãos de qualidade superior e livre de impurezas. Ela era própria para a mesa do rei (1 Rs 4.22; Ez 16.13) e servia aos mais honrados visitantes (Gn 18.6). Como no sacrifício dos animais, a oferta deveria ser o melhor que o adorador possuísse.

O azeite de oliva, um produto importante na Terra Prometida, era fundamental na dieta das pessoas e era um símbolo proeminente de bênção e prosperidade, não apenas em Israel, mas em toda a área do Mediterrâneo.



## EM FOCO

## PORÇÃO MEMORIAL (HB. 'AZKARAH)

(Lv 2.2,9,16; Nm 5.26)

Uma porção memorial da oferta de cereal era uma parte pequena queimada no altar representando toda a oferta. O que sobrava era um presente para o sacerdote, para auxiliá-lo em seu ministério.

A expressão *porção memorial* (נמי) está relacionada ao verbo hebraico *zakar*, que significa *lembrar*. Isto demonstra que o adorador se recordava do caráter gracioso e da generosidade de Deus, principalmente de como o Senhor se havia lembrado dele e o abençoado.

O *incenso*, de um tipo especial e caro de especiaria, provinha do sul da Arábia e do leste da África. Sua fragrância e seu valor engrandeciam a oferta. Visto que era um artigo de luxo, o incenso deveria ser comprado com dinheiro. Ao incluir o incenso nesta oferta, a prosperidade do israelita se tornava parte do que ele ou ela oferecia a Deus.

2.2 — O punhado da oferta queimado no altar incluía *toda o seu incenso*. Isso ajudava a fazer com que ela fosse de *cheiro suave ao Senhor*. [O incenso simboliza as orações dos santos que sobem até o trono de Deus (Ap 5.8; 8.3,4).]

2.3 — Grande parte do alimento diário dos sacerdotes derivava das ofertas de manjares, por isso foi dito que o excedente seria *de Arão e de seus filhos, coisa santíssima*. Somente os sacerdotes consagrados podiam comer as ofertas e apenas no tabernáculo (Lv 6.16). O que é santo deve ser usado em um lugar santo, por pessoas santas e de maneira santa.

2.4-7 — Estes versículos listam três tipos de ofertas de manjares *cozidas*: (1) *cozidas no forno*, (2) *cozidas na caçoula*, isto é, num utensílio de louça ou metal, e (3) *da sertã*, ou seja, cozidas numa panela. Todas deveriam ser preparadas com a mais fina farinha e misturadas com o *azeite*. Visto que a maioria dessas ofertas era consumida pelos sacerdotes, o incenso era deixado de fora, pois se espalharia nos pães e bolos se cozido dentro destes.

2.8-10 — A apresentação das ofertas cozidas, feita pelos sacerdotes no altar, era essencialmente a mesma para as ofertas não cozidas.

2.9 — O termo *memorial* (hb. 'azkaratah, derivado do verbo *zakar*, que quer dizer *lembrar*) aparece três vezes nas descrições das ofertas de

manjares (Lv 2.2,9,16). Isso demonstra que o adorador se recordava do caráter gracioso e da generosidade de Deus, principalmente de como o Senhor se havia lembrado dele e o abençoado.

2.10,11 — A proibição de preparar com fermento os alimentos que eram queimados no altar pode ter sido baseada no mesmo princípio que não permitia a ingestão do sangue dos animais. Do mesmo modo que o sangue é a vida dos animais, o fermento contribui para que os alimentos derivados dos vegetais cresçam.

2.12 — Uma oferta distinta das *primícias* da colheita é descrita posteriormente (Lv 23.9-21).

2.13 — O *sal do concerto do teu Deus* era usado em toda oferta de manjares (o sal como símbolo da aliança também era conhecido entre os gregos e os árabes). Cada oferta consistia na lembrança do concerto que Deus fez com Israel no monte Sinai e das obrigações e privilégios do adorador quanto a permanecer fiel ao Senhor e à Sua aliança. É provável que Jesus tivesse em mente a aliança quando disse a Seus seguidores: *vós sois o sal da terra* (Mt 5.13).

2.14-16 — Esta *oferta de manjares* era preparada e oferecida no altar da mesma forma que as comentadas anteriormente. Assim como estas tinham de ser preparadas com a melhor farinha, a oferta descrita nestes versículos deveria proceder da primeira colheita de grãos, isto é, das *primícias*. Sendo assim, observamos a reafirmação do princípio de que apenas o melhor dentre as posses de uma pessoa era bom o bastante para ser oferecido a Deus.

3.1-7 — Após o pecado ser expiado pela oferta de holocausto, era adequado fazer um *sacrifício*

*pacífico*. Ao término deste, a carne era devolvida ao adorador e à sua família, a fim de ser consumida como uma refeição festiva.

Pássaros não estavam entre os animais listados para esse tipo de sacrifício porque não tinham carne suficiente para ser ingerida em uma refeição. Da mesma forma, a oferta especial dos pobres para o sacrifício em holocausto não era necessária neste caso, visto que esta era uma oferta voluntária.

Os procedimentos para o sacrifício pacífico eram os mesmos, quer o animal fosse boi, quer fosse cordeiro ou cabrito. Contudo, o capítulo repassa as normas para cada um deles separadamente. Dessa forma, as mesmas instruções são repetidas três vezes, com pequenas variações.

3.1 — O termo *sacrifício pacífico* tem origem na palavra usada no hebraico para paz (*shalôm*), que significa *inteireza, totalidade, completude, sanidade, saúde*. Quando uma pessoa possuía isto, em todas as suas dimensões, ela possuía paz.

As ocasiões em que eram entregues os sacrifícios pacíficos eram momentos de celebração, conversas, cantos e alegria pela salvação, que é o grande dom de Deus (Lv 7.11-21).

Paulo descreveu Jesus Cristo como a nossa perfeita oferta de paz (Cl 1.20). Diferente do sacrifício em holocausto, o animal do sacrifício pacífico podia ser *macho ou fêmea*. Mas, este também não deveria apresentar *mancha*, pois era oferecido *diante do Senhor*.

3.2 — Como ocorria no sacrifício em holocausto, o ofertante também desempenhava um papel ativo na cerimônia (v. 8,13). Ele levava o animal, punha *sua mão* sobre a *cabeça* deste e degolava-o. Depois, os filhos de Arão *esparciam o sangue sobre o altar*. O sangue, representando a vida, era o primeiro sacrifício a Deus.

3.3,4 — A *gordura, ambos os rins* e o *redenho que está sobre o fígado* (v. 9,10,14,15) pertenciam especificamente a Deus. A gordura era a parte mais valiosa da carne. Os rins eram vistos como a base das emoções. O fígado era o principal órgão utilizado para a previsão do futuro nas culturas pagãs que viviam próximas a Israel (Ez 21.21). Tal atividade era estritamente proibida aos israelitas (Dt 18.10).

Essas porções, queimadas no altar, eram oferecidas a Deus como as melhores partes do sacrifício animal. Além disso, a oferta do redenho do fígado demonstrava que a confiança acerca do futuro estava depositada em Deus, e não em divindades pagãs. Queimar o fígado, ou apenas parte dele, indicava que este não poderia ser usado para adivinhação do futuro.

3.5,6 — O sacrifício pacífico normalmente se dava após o sacrifício em holocausto, que era inteiramente consumido no altar, por isso o uso da expressão *em cima do holocausto*.

Estando reconciliado com Deus por causa do holocausto, o adorador ficava em uma posição de associação com o Senhor e, posteriormente, com sua família, pois compartilhava com esta a celebração do sacrifício pacífico, após o arrependimento e a reconciliação.

3.7 — *Oferecê-lo-á perante o Senhor* não é uma redundância, mas um lembrete sobre o Cordeiro de Deus e sobre o fato de que todas as ofertas eram apresentadas diante do Senhor (Lv 1.3).

3.8,9 — *A cauda toda, a qual tirará do espinhaço*. A cauda grossa de um tipo de carneiro palestino consistia basicamente em gordura e podia pesar mais de sete quilos. Isso explica sua especial menção nas regras de oferta de gordura do carneiro.

3.10,11 — Quando o versículo 11 fala de *manjar* não significa que Deus desejava o sacrifício, precisava dele ou comia-o, como se acreditava que as divindades pagãs faziam.

3.12-15 — Nas regras para a oferta da *cabra*, a palavra *macho* ou *fêmea* não é mencionada, como se fez nas passagens que falam do gado e do cordeiro. Fora isso, todo o procedimento para o sacrifício da cabra é o mesmo descrito para o do carneiro.

3.16 — *Toda a gordura será do Senhor* é um lembrete de que nossas ofertas ao Senhor devem vir sempre do melhor que possuímos.

3.17 — Algumas regras da Lei proferida por Moisés só podiam ser observadas na terra que Deus estava dando aos israelitas. Entretanto, essa proibição de comer gordura e sangue se aplicava em qualquer lugar em que um israelita morasse, pois era *estatuto perpétuo* [...] *em todas as vossas habitações*. Não havia exceções.



Os procedimentos sacrificais sempre enfatizavam o conceito *apenas o melhor para Deus*. Da mesma forma que funcionava na antiga Israel, também funciona hoje. Apenas nosso melhor é bom o suficiente para oferecer a Deus.

A proibição da ingestão de *sangue* é explicada em Levítico 17.11-14. É válido lembrar que ela foi feita a Noé também (Gn 9.4). A proibição aqui, em Levítico 3.17, para o povo hebreu, fazia parte dos planos de Deus em torná-lo distinto das outras nações.

**4.1-5.13** — Estas são as ofertas para purificação do pecado não intencional. Não só a purificação do pecador é abordada aqui, mas também a do tabernáculo por causa da contaminação do pecado do povo. A oferta pelo pecado, ou pela purificação, era prescrita de acordo com a posição da(s) pessoa(s) que cometia(m) a ofensa.

O pecado do sumo sacerdote, ou de toda a congregação, gerava uma “contaminação” mais profunda, o que requeria uma reparação mais severa. O mesmo ocorria com um líder que pecava, em relação ao pecado de um cidadão comum. Assim, o “remédio” era mais radical.

O mesmo princípio é aplicado hoje: quanto mais proeminente e influente é o pecador, mais profundo e intenso é o processo de reparação por causa do pecado.

**4.1,2** — *Pecar por erro*. Esta expressão se refere ao pecado que acontecia sem que o pecador se desse conta de que estava ofendendo a santidade

de Deus e contaminando Sua habitação na terra. Ele pode ser comparado a uma roupa que é suja sem que a pessoa que a usa perceba. Para ser usada novamente, a roupa (e o tabernáculo) deveria ser limpa.

**4.3** — Visto que o sacerdote representava o povo perante Deus, por isso era *ungido*, seu pecado trazia *culpa sobre o povo*. Até que a ofensa fosse reparada, o sacerdote não podia posicionar-se perante Deus. Desta forma, o mais importante intermediário entre o povo e Deus era mantido afastado. Um novilho era o animal mais caro exigido em ofertas pelo pecado, o que refletia a importância da posição do sacerdote.

**4.4,5** — Os procedimentos empregados para a oferta dos diferentes animais eram similares, com pequenas, porém importantes, variações (v. 14,15,22-24,27-29,33). Independente de ser oferecido o *novilho* pelo *sacerdote ungido* ou por *toda a congregação*, o *bode* pelo *líder* ou a *cabra* por uma *pessoa comum*, o adorador levava o animal, punha a mão sobre a cabeça deste e matava-o. Essas ações enfatizavam que as ofertas expiavam os pecados do ofertante.

O rito mais elaborado era o do sangue pelo sacerdote ungido. O próprio o executava, pois não havia nenhuma pessoa com cargo mais alto para representá-lo diante de Deus. Visto que apenas o sumo sacerdote tinha permissão para entrar no santíssimo, ele era o único com pecado que maculava o local.



## EM FOCO

### SANGUE (HB. DAM)

(Lv 3.2; 4.5; Êx 12.13; Is 1.11)

Esta palavra está relacionada ao termo hebraico *’adam*, que significa *vermelho* (Gn 25.30), e faz referência ao sangue de animais (Êx 23.18) ou ao sangue de seres humanos (Gn 4.10). Nas Escrituras, o sangue pode ser um sinônimo para morte (Jz 9.24) ou até mesmo para assassinatos (Jr 19.4).

A palavra *sangue* também alude à culpa de uma pessoa, como na expressão *o seu sangue é sobre ele*, isto é, ele é responsável por sua própria culpa (Lv 20.9). O Antigo Testamento iguala *vida* e *sangue* (Gn 9.4; Dt 12.23), o que claramente ilustra a santidade da vida humana (Gn 9.6).

De acordo com o Novo Testamento, *sem derramamento de sangue não há remissão* dos pecados (Hb 9.22). Assim, a ênfase no sangue dos sacrifícios do Antigo Testamento apontava para o sangue de Cristo, que seria derramado em nosso favor (Rm 5.9; 1 Co 11.25,26).

4.6 — O sacerdote tinha de espargir o sangue perante o Senhor *sete vezes* porque o número sete simboliza a completude na Bíblia, baseada nos sete dias da Criação, em Gênesis 1 e 2. Somente assim o processo de purificação seria integral. Além disso, esse procedimento deveria ser realizado diante do *véu do santuário*, uma pesada cortina de linho que separava o santíssimo do resto do tabernáculo (Êx 26.31). Espargir o *sangue* diante do *véu*, ou sobre ele, purificava o santíssimo.

4.7 — O *altar do incenso* ficava no lugar santo (Êx 30.1-6). O incenso, não o sacrifício animal, era queimado no altar. Esta era uma parte do tabernáculo que também precisava de purificação — por meio da aspersão do sangue — por causa da contaminação dos pecados do sacerdote.

4.8-10 — As instruções acerca da *gordura* eram as mesmas que as da gordura do sacrifício pacífico.

4.11,12 — Queimar *toda aquele novilho* garantia que o sacerdote não tiraria vantagem, de forma alguma, de seu próprio pecado ou da expiação deste. Levá-lo para fora do acampamento era outra forma de simbolizar a seriedade da contaminação do tabernáculo causada pelo pecado do sumo sacerdote.

4.12 — Até mesmo as *cinzas* do altar eram necessárias para a propiciação adequada do pecado. Desta forma, o *solo fora do arraial*, onde estas eram *lançadas*, era considerado *um lugar limpo*.

4.13 — Este versículo trata do pecado *oculto* de *toda a congregação*, ou seja, do pecado cometido pelo povo de Israel sem que ninguém estivesse consciente disso ou sem que o responsável soubesse que era pecado.

4.14-21 — Uma vez que toda a congregação tinha pecado, incluindo os sacerdotes e o sumo sacerdote, sua contaminação atingia o recôndito mais íntimo do tabernáculo, como acontecia com o pecado do sumo sacerdote. Assim, o rito era o mesmo, incluindo a aspersão do sangue do sacrifício *diante do véu* e a sua colocação sobre as *pontas do altar*.

4.15 — Os *anciãos* (ou autoridades) representavam toda a congregação ao pôr suas mãos sobre a *cabeça do novilho*.

4.16-22 — O *príncipe*, literalmente o *elevado* (hb. *nasi'*), era aquele que exercia autoridade sobre um povo (juiz ou rei) ou sobre um grupo (tal como os chefes e os representantes de todas as tribos).

4.23,24 — O *bode* era o animal indicado para a propiciação do líder. Visto que este era uma autoridade civil, e não religiosa, seu pecado contaminava menos o santuário do que a ofensa dos sacerdotes e de toda a congregação.

4.25 — O *altar do holocausto* ficava numa área afastada do santuário. Desta forma, a contaminação causada pelo pecado de um líder não penetrava no lugar santo nem no santíssimo (onde estava a arca da aliança), como se dava com a ofensa praticada pelo sacerdote e pela congregação.


4.26 — Neste caso, não havia sido o sacerdote quem cometera o pecado. Assim, ele estava apto a realizar os procedimentos feitos com a carne do animal sacrificado que o líder levava.

4.27-35 — *Qualquer outra pessoa do povo da terra é o mesmo que aquele que não possuía autoridade religiosa, civil ou militar*.

5.1 — Qualquer um que visse ou soubesse de algum pecado, isto é, que *fosse testemunha*, deveria contá-lo. Independente de a informação ter sido presenciada ou ouvida, se o indivíduo não a relatasse, tornava-se culpado e devia executar a oferta pelo pecado. O pecado não era *saber* do fato, e sim *ocultá-lo*.

5.2 — Este versículo registra a consequência do contato com *alguma coisa imunda*. Como exemplos de coisas imundas são citados: (1) *corpo morto de besta-fera imunda* — animal selvagem de grande porte; (2) *corpo morto de animal imundo* — animal doméstico; (3) *corpo morto de réptil imundo* — animais selvagens de pequeno porte, incluindo répteis, pequenos mamíferos e insetos. [A diferença entre animais limpos e imundos é cuidadosamente definida no capítulo 11.]

*Ainda que lhe fosse oculto* o ato, ou seja, mesmo que a pessoa, a princípio, não notasse que havia tocado a carcaça do animal morto, ou só se lembrasse disso depois que o fizera, seria considerada imunda e culpada. Neste caso, a oferta pelo pecado devia ser levada ao sacerdote.



VOCÊ SABIA?

IMPUREZA

A impureza é tratada em Levítico como uma coisa adquirida. Estar impuro, neste sentido, significa ser excluído da participação normal em atos religiosos. Por exemplo, uma pessoa poderia ficar impura ao tocar um cadáver (Lv 5.2), mas esta não era uma atitude imoral ou pecadora. A oferta era o meio pelo qual tal impureza era removida.

5.3 — Tocar nos fluidos corporais, na *imundícia dum homem*, era o que, principalmente, fazia uma pessoa se tornar imunda (cap. 15). O contato com um cadáver também era incluído, assim como o toque nos resíduos de outrem. Os antigos israelitas não sabiam nada sobre microbiologia, mas Deus, que sabe tudo, deu-lhes leis que preveniam as doenças e distinguiam-nos dos outros povos.

5.4 — Também seria tido como culpado aquele que, *temerariamente*, tomado por grande emoção ou sem medir as consequências, *jurasse para fazer mal ou para fazer bem*. Se o indivíduo fizesse um voto com intenção boa ou má, ainda que impensado ou imprudente, precisaria lançar mão da oferta pelo pecado.

Certamente uma pessoa sabia quando estava prometendo algo, mas pode ser que não tivesse ciência do real cumprimento do prometido ou das implicações de sua palavra, como indicado pela sentença *e lhe for oculto*. O indivíduo também podia esquecer-se do que jurara ou não ter condições de executá-lo. No entanto, quando ele *o soubesse depois*, teria de levar perante o Senhor a oferta que expiaria seu pecado.

O voto irrefletido de Jefté pode ser considerado sob esta ótica (Jz 11). Jefté deveria ter pensado em seu juramento desta maneira e confessado sua tolice, em vez de agir causando um mal ainda maior, mantendo uma promessa que nunca devia ter sido feita.

Não se deve falhar ao executar um voto feito ao Deus vivo. Tampouco é uma atitude sábia persistir em um juramento quando sua essência é pecadora desde o início.

5.5 — A expressão *numa destas coisas* remete a todas as situações descritas nos versículos 1-4. Este era um lembrete de que tais pecados deveriam ser levados a sério. Todos eles precisavam de expiação. No entanto, antes disso, o adorador tinha de reconhecer o pecado, *confessá-lo* e arrepende-se, visto que as cerimônias de sacrifício não tinham efeito automático.

5.6 — *E a sua expiação trará ao Senhor, pelo seu pecado que pecou*. A seção em que consta este versículo ainda enfoca as ofertas de purificação por pecado não intencional. Logo, a oferta de que trata o texto não é a mesma descrita mais adiante.

5.7 — Se não tivesse recursos para oferecer *uma fêmea de gado miúdo, uma cordeira ou uma cabrinha* (v. 6), *se a mão [do adorador] não alcançasse* o valor a ser pago por esses animais, ele poderia oferecer *duas rolas ou dois pombinhos* ao Senhor. Uma parte da oferta pelo pecado era queimada no altar, e a outra parte não. Assim, o adorador que levasse rolinhas ou pombinhos teria de levar dois pássaros, para completar essas etapas.

5.8-10 — Um dos pássaros da oferta pelo pecado era sacrificado para que seu sangue fosse espargido *sobre a parede do altar*. O outro era queimado, como se fazia com a gordura e os órgãos vitais dos animais maiores.

5.11-13 — A oferta pelo pecado visava à expiação da ofensa cometida de forma impensada. Visto que todas as pessoas pecam inadvertidamente, ou por acidente ou por omissão, uma provisão especial era aceita daqueles que não tinham recursos nem mesmo para oferecer as duas aves.

5.11 — A oferta daqueles que não tinham condições sequer de levar rolinhas ou pombinhos era *a décima parte de um efa de flor de farinha*, que corresponde a aproximadamente 2,2 litros. [O efa era uma medida de capacidade para secos. Segundo as estimativas, um efa varia entre 20 e 40 litros.] *Azeite e incenso* não eram usados nesse caso, pois serviam às ofertas de manjares. Esta era uma oferta de purificação. Sendo assim, a farinha utilizada também deveria ser pura.

5.12,13 — Parte da oferta era queimada no altar, da mesma forma que as partes dos animais.

O que sobrava pertencia aos sacerdotes, exatamente como o que restava dos animais usados nos sacrifícios (exceto nas ofertas de holocausto) que os cidadãos comuns levavam.

**5.14-6.7** — Estas passagens abordam as ofertas pela culpa, ou ofertas de reparação, por se ter pecado violando algo consagrado ao Senhor. Tais ofensas podem ser relativas ao santuário, às coisas sagradas contidas nele, a um dos mandamentos ou a outra pessoa. No texto em hebraico, esta seção faz parte do capítulo 5.

**5.15** — A expressão *cometer uma transgressão* se refere à responsabilidade direta de um pecador por suas ações e ao sentimento subjetivo de culpa vivido por ele. Neste caso, o pecado dizia respeito à violação das *coisas sagradas do Senhor*, ou seja, de qualquer coisa separada do uso comum e consagrada a Deus: o tabernáculo, sua mobília e seus utensílios, o alimento sacrificial reservado aos sacerdotes, os sacrifícios ou outra oferta fornecida ao santuário.

A oferta pela expiação da culpa, que sanava a ofensa e limpava a consciência do pecador, era *um carneiro sem mancha do rebanho* avaliado por Moisés em siclos de prata, *segundo o siclo do santuário*. O siclo do santuário era um pouco mais pesado do que o siclo usado em transações comuns. Este equivalia a 12 gramas de prata; aquele, a 12,5 gramas.

**5.16** — Na Bíblia há um princípio que diz que quando alguém faz mal a outro ser humano ou a Deus, torna-se responsável por reparar a injúria. No tocante ao objeto dedicado ao Senhor que fosse profanado, Deus ordenou que o transgressor *o restituísse e acrescentasse o seu quinto*. Era como uma multa, que devia ser paga além do carneiro e da restituição completa. A restituição e um quinto do valor do bem eram quitados antes, como uma prova do genuíno arrependimento do ofensor. Depois, o sacerdote sacrificava o carneiro, para expiação.

**5.17** — *Ainda que o não soubesse... será ela culpada e levará a sua iniquidade*. A ignorância quanto ao pecado não fazia com que a ofensa fosse menos prejudicial. O ofensor ainda assim era culpado e carregava a responsabilidade por sua iniquidade. Este também poderia permanecer angustiado, afligindo sua consciência, pois o povo frequentemente experimentava o medo de ter cometido uma ofensa involuntária contra Deus, Seu santuário ou Suas coisas sagradas, embora não soubesse ao certo a natureza dela.

**5.18** — Em tal situação, a oferta de um carneiro (sem a restituição ou a multa, caso o valor do que fora injuriado não pudesse ser determinado) proporcionava a expiação pela ofensa cometida sem intenção, *seu erro em que errou sem saber*. Este não era um pecado consciente. Contudo, o



## APLICAÇÃO

### RESTITUINDO

Alguns legisladores modernos, educadores e outras pessoas que trabalham com o comportamento humano frequentemente baseiam-se na ideia de que as pessoas são essencialmente boas.

Em Levítico, Deus mostra uma visão mais realista. Então, em vez de perdoar as ofensas, o que, conforme a visão atual, seria o resultado de uma má-criação, e propor uma melhor educação com finalidade de prevenção, Ele instituiu um sistema de sacrifícios por causa do pecado praticado pelo ofensor e o pagamento de restituição à parte ofendida (Lv 6.1-7).

É fácil perceber por que tais leis eram necessárias. Israel era uma nação refugiada peregrinando pelo deserto. Todos os dias as pessoas se deparavam com recursos limitados. Assim, os israelitas poderiam achar mais fácil praticar roubos e fraudes. As tentações eram muitas, e, mais cedo ou mais tarde, o povo sucumbiria.

Para tratar deste problema, Deus chamou o pecado de *pecado* e transmitiu orientações ao povo para que houvesse o perdão e a restituição. *Se alguém enganasse outra pessoa em uma negociação, era exigido que o perpetrador sacrificasse um carneiro e pagasse pela perda com um acréscimo de 20%.*

O conceito por trás da restituição era de que cada pessoa tinha que amar seu vizinho como amava a si própria (Lv 19.18). Séculos mais tarde, os cristãos transpuseram este princípio-guia para as questões morais e sociais (Mt 5.43,44;19.19).

ofensor precisava seriamente ser remido, mesmo que não soubesse as circunstâncias em que praticara o ato.

5.19 — A ênfase na ignorância quanto ao pecado cometido por uma pessoa e a difícil ciência desta foi correspondida neste versículo pela declaração de que sua oferta fora aceita: *certainmente se fez culpada ao Senhor*. Ela foi perdoada e sua consciência já podia acalmar-se.

Isaías (53.10) usou o verbo hebraico *’asham* [assinalando a oferta expiatória do pecado] para assegurar ao crente que Aquele que viria faria a expiação por todos os pecados, até mesmo por aqueles que o ofensor não soubesse que havia cometido e não tivesse meios de saber. Além disso, a expressão deste versículo no hebraico é quase o oposto da empregada nas versões comumente utilizadas.

Uma consciência culpada não precisa atormentar o cristão hoje, pois a expiação já foi feita [pelo sangue de Jesus].

6.1-7 — Esta seção aborda a *oferta pela culpa*, ou *oferta de reparação*, e como ela se aplica à injúria causada a outras pessoas.

6.2,3 — Nestes versículos foram listadas as ofensas às pessoas. Entretanto, também se *transgredia contra o Senhor*, porque o ofensor usava o nome de Deus em vão em seu juramento de inocência feito diante das autoridades. Entre os casos em que alguém lesou seu próximo, são elencados os seguintes:

(1) *negar ao seu próximo o que se lhe deu em guarda*: dizer que o bem de uma pessoa foi perdido, roubado ou destruído quando, na verdade, o indivíduo o mantinha consigo.

(2) *negar ao seu próximo o que depôs na sua mão*: visto que não havia bancos, as pessoas deixavam seus objetos de valor com os vizinhos ou outros quando precisavam ausentar-se. Logo, não devolver esses bens ao proprietário tornava o transgressor culpado e acarretava a restituição dos mesmos.

(3) *roubar*: reter algo que lhe foi entregue como penhor, como garantia do pagamento futuro de uma obrigação.

(4) *negar com falso juramento*: em todos esses casos, a pessoa traía a confiança de seu próximo,

subtraindo ou retendo ilegalmente o bem e depois mentindo sob juramento.

Considerando que, quando as duas partes eram confrontadas, a palavra de uma ficava contra a palavra da outra, o indivíduo lesado tinha poucos recursos para defesa.

6.4 — Quanto às consequências das situações comentadas anteriormente, este versículo afirma que a pessoa *pecou e ficou culpada*, pois de fato cometera uma injúria. De forma subjetiva, ela ficava com peso na consciência. Visto que o juramento perante as autoridades colocaria o ofensor fora do alcance da punição, apenas a sua consciência poderia levá-lo diante da justiça. Neste caso, quando um indivíduo prejudicava outro ao subtrair ou reter seus bens, tinha de *restituir* o que roubara, antes de qualquer outra coisa. Zaqueu reconheceu o princípio da restituição quando encontrou Jesus (Lc 19.8).

6.5,6 — Como acontecia com o pecado em relação às coisas sagradas (Lv 5.16), a restituição e mais *um quinto* de multa eram provas de genuíno arrependimento. Assim, o ofensor poderia levar o carneiro para a oferta pela culpa e ser perdoado do pecado cometido contra Deus, jurando falsamente em Seu nome. Jesus preservou este princípio para aquele que, diante do altar, lembrou-se de uma ofensa cometida contra seu irmão (Mt 5.23,24).

6.7-9 — *Arão e seus filhos*, os sacerdotes, eram responsáveis pela correta preparação e apresentação de todas as ofertas. Esta oferta de holocausto era feita à noite e ficava no altar até de manhã, pois o fogo não deveria apagar-se. A chama provavelmente era alimentada com madeira durante a madrugada, para se manter acesa. Pela manhã a oferta era renovada (v. 12), e o fogo mantido aceso durante todo o dia para uma sucessão de ofertas de holocaustos de várias pessoas (cap. 1), para as ofertas de manjares queimadas no altar (cap. 2) e para a gordura dos sacrifícios pacíficos (cap. 3), as ofertas pelo pecado (Lv 4.1—5.13), e para as ofertas pela culpa (Lv 5.14—6.7).

6.10 — *Veste de linho... calças de linho*. As vestes sagradas dos sacerdotes eram usadas somente no tabernáculo (Lv 16.4; Êx 28.40-43). As



## EM FOCO

## SACERDOTE (HB. KOHEN)

(Lv 1.5;6.6;27.21; 2 Cr 35.2)

O sacerdócio não era uma atividade exclusiva dos israelitas. Dos egípcios aos filisteus, todas as nações do antigo Oriente Médio possuíam uma classe sacerdotal.

No monte Sinai, Deus consagrou Arão e seus descendentes como sacerdotes (Êx 28.1). Eles eram os representantes do povo perante Deus e ofereciam sacrifícios e pedidos a favor dos israelitas. Além disso, esses indivíduos instruíam as pessoas a respeito do caráter de Deus e de seus deveres religiosos (Dt 33.8-10).

O Novo Testamento descreve Jesus como nosso sumo sacerdote (Hb 5.10). Por Sua morte na cruz, o sacerdócio formal foi abolido (Hb 10.11,12). Em seu lugar, todos os cristãos se tornaram sacerdotes — não aqueles que oferecem sacrifícios, mas os que oram, adoram a Deus e testemunham a respeito de Jesus para as outras pessoas (Hb 13.15,16; 1 Pe 2.5,9; Ap 1.5,6).

calças eram a roupa que usavam por baixo para cobrir suas partes íntimas enquanto faziam seu trabalho. Este recato comunicava aos israelitas que a sexualidade humana não podia influenciar a adoração a Deus. A ideia de sexualidade fazia parte da adoração a Baal, e continuamente tentava os israelitas. Os sacerdotes desta divindade faziam uso de gestos e atos obscenos na adoração pagã ao pervertido ídolo.

**6.11** — As vestimentas de linho eram usadas apenas dentro do tabernáculo. Os sacerdotes não as usavam para levar as cinzas para *fora do arraial*.

**6.12,13** — Por cinco vezes nesta seção os sacerdotes são instruídos a não deixar o fogo se apagar: *o fogo [...] não se apagará*. Há, pelo menos, três razões para isto: (1) o fogo original do altar vinha de Deus (Lv 9.24); (2) a chama perpétua significava a eterna adoração a Deus; e (3) o fogo que nunca se apagava simbolizava a necessidade contínua de expiação e reconciliação com Deus, o que era o propósito das ofertas.

Como as cinzas eram retiradas do altar a cada manhã, a chama provavelmente estava em seu ponto mais baixo neste momento. Depois, era renovada com *lenha*. Então, o holocausto era arrumado sobre o fogo, seguido das outras ofertas durante o dia.

**6.14-18** — *Todo varão entre os filhos de Arão comerá da oferta de manjares*. Isto incluía todos os sacerdotes, bem como os descendentes de Arão que não foram qualificados para o sacerdócio por

alguma razão (Lv 21.16-23). Ademais, essa ordem era *estatuto perpétuo*, isto é, um mandamento que teria de ser obedecido *por toda a eternidade* ou por todo o tempo enquanto os sacrifícios fossem oferecidos. No entanto, apenas aqueles que foram feitos santos, consagrados a Deus, podiam tocar ou usar as porções sacrificiais reservadas, como afirmava o estatuto: *tudo o que tocar nelas será santo*.

**6.19-23** — Esta era a oferta diária de manjares dos sacerdotes. Por isso, não estava inclusa nas instruções dos sacrifícios da congregação.

**6.20,21** — O texto *esta é a oferta de Arão e de seus filhos, que oferecerão ao Senhor no dia em que aquele for ungido* indica o sacrifício que o sumo sacerdote tinha de oferecer pessoalmente duas vezes por dia enquanto cumpria seu ofício. Ele consistia na *décima parte de um efa de flor de farinha*, aproximadamente 2,2 litros (para secos), sendo metade dele oferecido de manhã e metade à tarde. A ideia do compromisso matutino e vespertino é antiga. Este é um grande privilégio, disponível a todo cristão pelo sumo sacerdócio de Cristo.

**6.22** — A passagem *também o sacerdote, que de entre seus filhos for ungido em seu lugar* aborda a sucessão do sacerdote por um de seus filhos. No caso de Arão, seu filho Eleazar foi o primeiro que o substituiu no ofício de sumo sacerdote (Nm 20.25-28).

Essa continuidade se fazia necessária porque a oferta de *manjares* e a oferta em holocausto tinham de ser oferecidas diariamente (houve algumas interrupções, particularmente durante o

exílio). Isso ocorreu até a destruição do templo em 70 d.C. Visto que eram *estatuto perpétuo*, mesmo nos períodos de pior apostasia de Judá, as evidências sugerem que as ofertas diárias continuaram, embora muitas vezes pelas razões erradas e inadequadas (Is 1.10-17; Jr 7.8-15; Mq 6.6-8).

**6.23** — Os sacerdotes podiam comer a maior parte das ofertas de manjares levadas pelo povo (Lv 2.3,10). Quando foi dito que *toda a oferta do sacerdote totalmente será queimada; não se comerá*, o conceito era de que ninguém deveria beneficiar-se de uma oferta feita por si próprio.

**6.24-30** — Estes versículos contêm instruções aos sacerdotes acerca das ofertas pelo pecado ou pela purificação (Lv 4.1—5.13).

**6.27** — O *sangue* da oferta pelo pecado servia para a expiação daquele que levava a oferta; como tal, era sagrado e tinha um propósito específico e santo. O sangue só podia ser lavado da *veste no lugar santo*.

**6.28,29** — A quebra do *vaso de barro*, usado como uma espécie de panela, contrasta sobremaneira com a limpeza do *vaso de cobre*. Nenhuma razão é dada para a diferença entre os procedimentos. Contudo, um possível motivo para tal é que as reentrâncias do barro permitem que se alojem resíduos do que fora cozido, e, mesmo lavando e esfregando, essas ínfimas sobras não podiam ser removidas completamente.

Os antigos não sabiam nada a respeito de microbiologia, mas Deus sabe de todas as coisas! As sobras não grudavam no vaso de cobre e podiam ser totalmente removidas deste. O que era sagra-

do não podia ser profanado. Quebrando o vaso de barro, como fora instruído nestes versículos, evitava-se a profanação da oferta pelo pecado, que era sagrada (v. 25,29).

**6.30** — O sangue da oferta pelo pecado do sacerdote e de todo o povo era levado à *tenda da congregação* (Lv 4.5-7,16-18), pois ninguém podia beneficiar-se de uma oferta feita para expiação de seu próprio pecado. Assim, os sacerdotes eram proibidos de comer a carne dessa oferta.

**7.1,2** — A frase *no lugar onde degolam o holocausto* se refere à porta da tenda da congregação, perante o Senhor (Lv 1.3).

**7.3,4** — A queima da *gordura* era feita da mesma forma que a queima do sacrifício pacífico (Lv 3.9-11). A gordura era considerada a melhor parte da carne. Sendo assim, não podia ser comida pelo adorador ou pelo sacerdote. Em vez disso, tinha de ser oferecida ao Senhor. O melhor é sempre a medida do que devemos oferecer a Deus.

**7.5-7** — A sentença *do sacerdote que houver feito propiciação com ela* alude ao sacerdote que estava exercendo sua função no momento. Visto que muitos israelitas levavam as ofertas pelo pecado e pela culpa, os sacerdotes desempenhavam suas tarefas em turnos (oferecendo o sacrifício pelos hebreus) e recebiam proporções iguais aos sacrifícios feitos.

**7.8** — O *couro* era a única parte da oferta de holocausto que não era queimada (Lv 1.6). O sacerdote que executava o sacrifício o recebia como se fosse parte de um salário.

**7.9** — Cada oferta de manjares entregue pelos israelitas, assada ou cozida, pertencia ao próprio sacerdote que a oferecia, da mesma forma que acontecia com a carne do animal dado como oferta pelo pecado ou pela culpa.

**7.10** — Ao contrário do que ocorria com a oferta anterior, cada oferta amassada com ou sem azeite pertencia *a todos os filhos de Arão*. Nenhum sacerdote era privado de receber a sua parte de forma justa nos sacrifícios levados pela comunidade. Consagravam-se os sacerdotes para que servissem a Deus, mas o bem-estar destes e de suas famílias dependia dos mantimentos recebidos dos sacrifícios. Este princípio continua válido:



### VOCE SABIA?

#### CERÂMICA

A cerâmica era um produto comum nos tempos antigos. Os objetos feitos de barro eram cozidos, a fim de que ficassem sólidos e firmes. Determinava-se a sua qualidade pelo tipo de argila, pela temperatura do cozimento e pela uniformidade e regulação do fogo. O processo de cozer exigia experiência e habilidade. Ainda assim, toda esta operação não era muito custosa, e, mesmo nos tempos antigos, fazia-se parte da cerâmica para ser usada apenas uma vez e depois descartada.

nenhuma pessoa chamada para servir o povo de Deus deve ser impedida de ter uma vida digna.

**7.11-21** — Nestes trechos estão instruções aos sacerdotes a respeito dos sacrifícios pacíficos (citados em Lv 3), dos quais três tipos eram realizados: (1) de agradecimento: uma confissão da dependência da graça e da misericórdia divina feita pelo homem, e um louvor ao Deus vivo (v. 12); (2) de cumprimento de um voto (v. 16) e (3) de vontade própria, ou voluntária (v. 16). O animal sacrificado nesse tipo de oferta podia ser um macho ou uma fêmea do gado, do cordeiro ou do cabrito.

**7.12,13** — Estes versículos tratam do sacrifício pacífico oferecido com o *sacrifício de louvores* (hb. *tôdâ*). Este era uma declaração a todo o povo da bondade de Deus e de Suas ações; aparece com frequência no livro dos Salmos. Um sacrifício pacífico em agradecimento exigia três tipos de *bolos asmos* e um *pão levedado* como oferta.

**7.14** — A *oferta alçada* era uma espécie de “presente” ou uma contribuição para o sacerdote no exercício de suas funções (Êx 29.26-28; Lv 7.29-34). Apresentava-se a oferta diante do Senhor como um reconhecimento de que era Ele quem dava todas as bênçãos e os benefícios.

**7.15** — Quando o adorador levava sua oferta pacífica de gratidão ao tabernáculo, demonstrava sua confiança na provisão divina para o dia seguinte. Ele não se preocupava em estocar comida para outro dia. Por isso, a carne do animal dado como oferta tinha de ser ingerida *no dia do seu oferecimento*. A generosidade para com a obra de Deus é apropriada quando se trata de festejar e alegrar-se na presença do Senhor.

**7.16,17** — *Será comida... no dia seguinte* (NVI): A oferta pacífica que era cumprimento de um *voto* e a *voluntária* eram menos solenes do que a de gratidão (ou de reconhecimento). Sendo assim, as sobras desses tipos de ofertas podiam ser comidas no dia seguinte sem pôr em risco a pureza do tabernáculo.

**7.18** — O adorador perdia todo o benefício de seu sacrifício caso comesse as sobras deste no terceiro dia, *não sendo aceito* por Deus. Isto se dava também com aquele que as ingerisse, o qual *levaria a sua iniquidade*, mesmo não tendo sido o

portador da oferta. Essa punição era aplicada porque Deus considerava o ato *coisa abominável*.

Segundo a NVI, três dias após o sacrifício a *carne estará estragada*. Tal fato podia ser comprovado em dois sentidos: no físico (alimentos perecíveis não refrigerados apodrecem rápido) e no espiritual (a carne contaminava o que era santo).

**7.19** — A *carne que tocar alguma coisa imunda não se comerá*, pois um objeto imundo contamina um que está limpo. Um princípio similar se aplica na esterilização dos instrumentos médicos. Encostar um instrumento esterilizado em outro que não está limpo faz com que o primeiro se contamine.

**7.20,21** — Se uma pessoa tocasse *alguma coisa imunda*, seria retirada da congregação, ou seja, *extirpada dos seus povos*. [Os capítulos 11—15 e 22 detalham os vários tipos de imundice que contaminavam as pessoas e as coisas.] Isso podia significar morte, banimento ou a extinção dos privilégios de cidadão (adoração, herança, entre outros. Veja Gn 17.14). Esta preocupação em aproximar-se da presença de Deus num estado ritual de pureza é refletida nas instruções de Paulo a respeito da reverência e do autoexame do cristão ao participar da Ceia do Senhor (1 Co 11.27-29).

**7.22,23** — A *gordura* era considerada a melhor parte do animal sacrificado. Sendo assim, pertencia a Deus.

**7.24** — A *gordura do animal sacrificado* podia ser usada *para toda obra*, isto é, para amaciar o couro, servir de combustível, ou para qualquer outro propósito, senão para comer.

**7.25-29** — As partes do sacrifício pacífico que pertenciam a Deus incluíam a gordura, que era queimada no altar (v. 31), o peito e a coxa, que eram dados aos sacerdotes (v. 30-34).

**7.30** — Um adorador não podia delegar a terceiros sua adoração, seu agradecimento ou seu louvor. Ele tinha de levar sua oferta ao altar *com suas próprias mãos*, pois é impossível adorar por meio de um representante. Como o *peito* era uma das melhores partes da carne que se podia comer, era entregue ao sacerdote como uma *oferta movida* ou elevada — erguida pelo adorador na presença de Deus e dos sacerdotes —, simbolizando a dedicação de todo o sacrifício a Deus.



7.31 — O *peito* (a oferta elevada) era de Arão e seus filhos, ou seja, pertencia a todos os sacerdotes.

7.32,33 — A espádua direita (parte da frente) do animal sacrificado pertencia ao sacerdote que fazia a cerimônia do sacrifício. Assim, o sacerdote no exercício de suas funções recebia a porção da coxa (*oferta alçada*), e todos os outros sacerdotes recebiam a parte do peito (oferta movida).

7.34-36 — Para que ninguém invejasse a porção de carne dos animais sacrificados dada aos sacerdotes, Deus lembrou a todos que essa porção pertencia originalmente a Ele, o que é indicado pela afirmação *tomei dos filhos de Israel*. O Senhor deu tais provisões perpetuamente aos sacerdotes e a suas famílias. Aqueles que dedicavam sua vida ao culto a Deus mereciam o apoio do povo.

7.37,38 — Estes versículos são uma lista resumida das ofertas dos capítulos 1—7, com o lembrete de que estes sacrifícios foram instruídos pelo próprio Deus no monte Sinai. Tudo o que o Senhor ordenou também fez com que se tornasse possível, detalhando os procedimentos concernentes à maneira adequada de levar as ofertas diante dele. Deus não deixou Seu povo se perguntando ou imaginando como poderia aproximar-se dele ou louvá-lo. Todas essas ofertas prenunciavam, de uma forma ou de outra, o sacrifício de Cristo.

8.1–10.20 — A primeira das duas partes da narrativa em Levítico. Esta descreve o princípio do sacerdócio de Israel. A ordenação de Arão e seus filhos (cap. 8) foi seguida da primeira oferta de sacrifício do irmão de Moisés (cap. 9). O capítulo 10 foca nas mortes de Nadabe e Abiú e em suas consequências.

8.1,2 — Arão liderou Israel no episódio de idolatria do bezerro de ouro. Contudo, Deus lhe deu uma segunda chance ao permitir que fosse ordenado seu sumo sacerdote. O ministério de Arão afetaria todos os israelitas, pois expiaria os pecados deles e os levaria a uma comunhão com Deus.

As vestes de sumo sacerdote que Arão usou foram prescritas pelo Senhor a Moisés em Êxodo 28.1-39. O *azeite da unção*, que o profeta derramou no tabernáculo e sobre Arão, para santificá-

los, era feito de mirra, canela, cana, cássia e azeite de oliva (Êx 30.23-25).

8.3 — A ordenação dos sacerdotes era tão importante que *toda a congregação* devia testemunhá-la.

8.4,5 — Isto é o que o Senhor ordenou ou expressões similares são encontradas nove vezes neste capítulo (v. 4,5,9,13,17,21,29,34,36). Era muito importante que as instruções de Deus acerca da adoração fossem realizadas meticulosamente. A adoração malfeita, descuidada, ou irrefletida não honrava a Deus.

8.6 — Na posição de profeta de Deus e líder dos israelitas (Dt 18.15-18;34.1-12), Moisés era a única pessoa qualificada para ordenar Arão e os filhos deste a sacerdotes, por isso *os fez chegar e os lavou com água*, o que simbolizava a purificação moral. Antes de o profeta conferir as ordens a eles, Arão e seus descendentes não eram sacerdotes e não podiam conduzir a adoração do povo de Israel. O ministério profético de Moisés tinha precedência sobre o ministério sacerdotal de Arão.

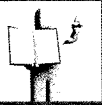
8.7 — O *éfode* era uma magnífica veste feita de linho fino, fios de ouro e fios de tecido azul, roxo e vermelho usada por cima das outras vestimentas (Êx 28.5,6).

8.8 — O *Urim e o Tumim* eram objetos sagrados usados para consultar a vontade de Deus. Não se sabe nada sobre sua aparência e o modo como eram empregados. Possivelmente, o sumo sacerdote fazia perguntas e as respostas vinham por meio de tais objetos, de maneira que indicassem *sim* ou *não*.

8.9 — A *lâmina de ouro* também era conhecida como a *coroa da santidade* do sumo sacerdote. Nela estava gravado *Santidade ao Senhor* (Êx 28.36).

8.10-12 — A unção do tabernáculo, de toda a sua mobília e de Arão como sumo sacerdote retirou-os do trabalho comum e consagrou-os. Desta forma, foram separados, santificados e adequados para servir a Deus. A unção de Arão iniciou a consagração de Israel para um culto especial e para formar o povo de Deus, que, nos dias de hoje, corresponde à Igreja.

8.11 — Visto que o *altar* era a peça principal do tabernáculo para a expiação dos pecados,



## ENTENDENDO MELHOR

### O QUE É PRECISO PARA SERVIR A DEUS?

Os futuros sacerdotes tinham que ser treinados conforme as instruções detalhadas na lei para executar as cerimônias. Contudo, o texto explica que não eram necessárias nenhuma habilidade especial nem a sorte de ter nascido na tribo de Levi para se tornar um homem apto a servir a Deus como um sacerdote.

Um indivíduo era adequado para a tarefa apenas quando seus pecados tivessem sido perdoados. Por exemplo, Moisés preparou Arão e seus filhos (Lv 8.2,3) reunindo-os em frente ao tabernáculo e iniciando seus ministérios com sacrifícios para propiciação de suas ofensas (Lv 8.14-36). Muitas qualidades podem ser exigidas para exercer um ministério hoje. Porém, a principal ainda é a purificação dos pecados.

aspergir sete vezes o óleo de unção sobre ele representava a consagração completa do santuário e de todas as coisas e utensílios contidos neste.

**8.12** — Os sumos sacerdotes de Israel, começando aqui com Arão, foram ungidos, assim como os reis de Israel (1 Sm 10.1; 16.13) e alguns dos profetas (1 Rs 19.16). Jesus reúne as qualidades de Sumo Sacerdote, Rei e Profeta. Além disso, Ele é o *Ungido*. É isto que significa *Messias* (em hebraico) e *Cristo* (em grego).

**8.13** — Mesmo que os *filhos de Arão* também tenham sido separados e ordenados sacerdotes, eles não foram ungidos. Apenas o sumo sacerdote foi.

**8.14-29** — Nestes versículos são narradas as três ofertas de Moisés por Arão e seus filhos. A primeira foi a *oferta pelo pecado* ou pela purificação (v. 14-17), a segunda foi a *oferta de holocausto* (v. 18-21) e a terceira (v. 22-29) seguiu basicamente o rito da *oferta de paz*. Estas foram as primeiras ofertas [previstas na lei mosaica].

Assim, algumas das cerimônias relativas à consagração do altar e de Arão e seus filhos não fizeram parte dos ritos “comuns” de sacrifícios determinados em Levítico 1—7. Como Arão e seus filhos ainda não eram de fato sacerdotes, coube ao próprio Moisés realizar as atribuições sacerdotais.

**8.15-21** — As ações de Moisés foram um pouco diferentes das que normalmente eram executadas quando se oferecia a oferta pelo pecado descrita no capítulo 4. O propósito é bastante claro quando observamos a purificação e a consagração do altar no versículo 15. Os sacerdotes, o altar e tudo que estava associado com o sistema sacrificial deveria ser puro e consagrado a

Deus. De outra forma, os sacrifícios não expiariam os pecados de Israel.

**8.22-29** — A maneira como se deu o sacrifício do carneiro com o pão asmo se assemelhou ao rito do sacrifício pacífico descrito em Levítico 3.1-5 e ao da oferta de manjares registrado em Levítico 2.4-6. Contudo, esta cerimônia foi um pouco diferente porque este era o *carneiro da consagração* sacerdotal de Arão e seus filhos.

**8.23,24** — A razão da aplicação do sangue do sacrifício na *orelha*, no *polegar da mão* e no *polegar do pé* de Arão não é clara. Tais partes são as extremidades do corpo de uma pessoa, de cima a baixo, e o rito possivelmente representou a cobertura total dos pecados do futuro sacerdote pelo sangue sacrificial. O sangue da oferta também foi colocado *sobre as pontas do altar em redor* (v. 15), simbolizando uma conexão entre o altar e as pessoas que ministrariam perante este.

**8.25,26** — Normalmente, a *espádua direita* era a porção individual das ofertas de paz do sacerdote em exercício (Lv 7.32). Neste caso, foi uma oferta de consagração por todos os sacerdotes. Por isso, foi queimada no altar.

**8.27-29** — Deus recebeu a *espádua direita* queimada no altar, e Moisés, o peito. Visto que estas duas partes pertenceriam aos sacerdotes (Lv 7.31,32), o arranjo descrito nestes versículos pode simbolizar Deus e Moisés agindo em conjunto, no papel de sacerdotes, para consagrar Arão e seus filhos ao sacerdócio de Israel. Tal fato sustenta a ideia de que aqueles já consagrados (os santos) devem ser as pessoas que consagram os que se tornarão santos.



## EM FOCO

## EXPIAR (HB. KAPHAR)

(Lv 1.4;9.7;14.18; 2 Sm 21. 3)

Há vários sentidos na utilização deste verbo, que variam de *remir*, *apaziguar* até *resgatar*. Este termo pode referir-se à penitência por um crime ou falta, mas nas Escrituras é comumente usado para exprimir o pagamento dos pecados.

As várias ofertas no sistema sacrificial judaico são descritas como formas de *expição*. A ideia principal é que elas obteriam o favor de Deus, e Ele removeria a ofensa do adorador.

O sacrifício era apresentado a fim de substituir a morte do ofensor. O sacrifício de um animal propiciava o pecado do ofertante e apaziguava a ira divina. Da mesma forma que os cordeiros foram oferecidos para expiar a ofensa dos israelitas, a vida de Jesus foi ofertada a fim de impedir que a nossa vida fosse tirada. Sua morte afastou a cólera de Deus e reparou nossos pecados (Rm 3.25).

tinha dado ao sacerdote uma segunda chance. Este, de fato, é o Deus da segunda chance para qualquer pessoa que responda a Ele com fé.

**9.9-11** — Arão não espargiu o sangue diante do véu do santuário (Lv 4.6). O *altar* neste caso é o altar da oferta de holocausto, e não o altar do incenso (Lv 4.7). Esta variação do padrão normal da oferta pelo pecado do sumo sacerdote se deu porque provavelmente Arão não havia cometido nenhum pecado que contaminasse o interior do santuário. Para observar as regras acerca da gordura, da carne e do couro do bezerro, veja Levítico 4.8-12.

**9.12-14** — Não houve nenhuma variação do procedimento geral para a oferta de holocausto. Assim, o registro da execução deste sacrifício aparece menos detalhado do que nas regras que o estabelecem (Lv 1.10-13). O próprio Arão sacrificou o animal (Lv 9.2), visto que esta era uma oferta beneficiando a si próprio e não ao povo.

**9.15-17** — O *bode*, no contexto da *expição do pecado*, aludia ao Dia da Expição (Lv 16.5), pois a oferta normal pelo pecado de toda a congregação exigia um novilho (Lv 4.14).

**9.18-21** — O *sacrifício pacífico* pelo povo concluiu as quatro ofertas. Arão sacrificou um novilho, um bezerro e um carneiro por si próprio. Pelo povo, ele ofertou um bode, um bezerro, um cordeiro, um boi, um carneiro e a oferta de manjares. Em seu primeiro dia como sumo sacerdote divino, Arão ofertou todos os sacrifícios, exceto um. O fato de Deus ter mandado o fogo para consumir

tais ofertas indica a aceitação de todos os sacrifícios que Ele ordenara que levassem perante si. Estes deveriam ser levados ao Senhor com o espírito de arrependimento e confiança, exatamente como Ele instruiu.

**9.22** — A última tarefa dos sacerdotes era abençoar o povo. Quando Deus deu a bênção sacerdotal, Ele disse aos sacerdotes que pusessem o Seu nome sobre os *filhos de Israel* e os abençoassem (Nm 6.27).

O objetivo dos sacrifícios dos sacerdotes era purificá-los para que pudessem abençoar as pessoas (Dt 10.8). O propósito das ofertas do povo era torná-lo puro a fim de que pudesse receber a bênção de Deus e, conseqüentemente, ser uma bênção para as outras nações (Gn 12.3;22.18).

Após o sacrifício e a bênção, Arão *desceu do altar*. Isso porque o altar das ofertas de holocausto tinha 5 côvados de largura e 3 côvados de altura (dois metros e vinte e cinco de largura e um metro e trinta e cinco de altura). Os sacerdotes subiam uma rampa para utilizá-lo.

**9.23** — Moisés, Arão e seus filhos estavam no pátio em frente ao altar do holocausto. O profeta e seu irmão entraram na *tenda da congregação*, onde ficavam o altar do incenso, a mesa dos pães da proposição e o castiçal puro (o *menorah*). Quando saíram, *abençoaram o povo*. Esta foi a segunda vez naquele mesmo dia que Israel foi abençoado.

O fato de Moisés e Arão poderem abençoar o povo após se encontrarem com Deus indicava que o Senhor estava satisfeito com os sacrifícios

inaugurais que Arão oferecera em seu favor e em favor dos israelitas. Por fim, cumpriu-se o que Deus havia prometido por meio de Moisés (v. 4,6): *a glória do Senhor apareceu a todo o povo.*

**9.24** — Os sacrifícios não foram consumidos pelo fogo ateadado por Arão, e sim pelo *fogo* [que *saiu de diante do Senhor*. Esta é a primeira das cinco vezes que o Antigo Testamento registra o fogo do Senhor como um sinal de que o sacrifício foi aceito (Jz 6.21; 1 Rs 18.38; 1 Cr 21.26; 2 Cr 7.1). Visto que o fogo desse altar não podia apagar-se, todos os sacrifícios de Israel deste dia em diante seriam consumidos pelas chamas originadas em Deus.

No Novo Testamento, o fogo vindo do Senhor simbolizou o derramamento do Espírito Santo sobre os cristãos no Cenáculo no dia de Pentecostes (At 2.3). Esta chama indicava, como as anteriores, a aprovação de Deus acerca da adoração e da consagração de Seu povo, e Seu compromisso de habitar entre este.

Todo o povo *jubilou* ao ver as chamas consumindo o *holocausto e a gordura sobre o altar*. O verbo *ranan*, no hebraico, geralmente traz a conotação de um ressoante brado de alegria e júbilo, e não de medo e terror. Os israelitas entenderam que o fogo de Deus sobre o altar significava a Sua presença entre eles. A aceitação de seus sacrifícios indicava seu próprio acolhimento, e

assim puderam receber a presença divina entre eles com contentamento, e não com medo.

Desta forma também acontece hoje. A culpa faz com que as pessoas se apavorem com a presença do Senhor. O perdão de Deus mediante o sacrifício perfeito de Cristo no Calvário permite que os cristãos residam na presença do Senhor sem nenhum tipo de medo ou culpa.

Além de jubilar, o povo *caiu sobre as suas faces*. Esta resposta à glória da presença do Senhor foi chamada de medo por gerações anteriores. Hoje, chamamos de reverência. O padrão dos sacrifícios dos israelitas estabeleceu um modelo de aproximação de Deus nos dias atuais. O pecado deve ser confessado, depois o indivíduo deve arrepender-se e expiá-lo. Quando o Senhor aceitou o sacrifício, Ele também aceitou aquele que o ofereceu em Sua presença.

**10.1** — *Nadabe e Abiú* eram os filhos mais velhos de Arão. Eles acompanharam Moisés, junto com Arão e os setenta líderes, na subida ao monte Sinai e viram Deus (Êx 24.1,9-11). Os irmãos também participaram, em companhia do pai, dos primeiros sacrifícios registrados no capítulo 9 de Levítico. Até então, obedeceram a Deus, e Ele aceitou tudo o que tinha sido feito naquele dia.

Contudo, posteriormente, Nadabe e Abiú desonraram a santidade divina de alguma forma,



## APROFUNDE-SE

### PURIFICADO PELO FOGO

Quando Israel começou a oferecer sacrifícios seguindo as instruções de Deus, Sua presença foi revelada por meio do fogo, que consumiu o primeiro holocausto (Lv 9.24). Não foi surpreendente o fato de as pessoas se prostrarem em adoração. Elas tiveram respeito pelas chamas que indicavam a presença Daquela a quem serviam. Em toda a Bíblia o fogo significa as coisas que devem ser respeitadas, começando por Deus:

- Moisés descreveu o Senhor como *um fogo que consome, um Deus zeloso* (Dt 4.24).
- A libertação divina de Davi foi descrita com imagens de fogo (Sl 18.8-14).
- Deus apareceu para Ezequiel em uma nuvem de fogo (Ez 1.4).
- Maiasias disse que Deus agiria como um fogo purificador no dia de Sua Vinda (Mt 3.2).
- João Batista afirmou que Jesus batizaria as pessoas com o Espírito Santo e fogo (Mt 3.11; At. 2.3,4).
- A avaliação final do Senhor a respeito dos cristãos será feita pelo fogo (1 Co 3.3-15).
- O apóstolo João teve uma visão na qual os olhos de Deus eram como chamas de fogo (Ap 1.14).

Pedro nos lembra de que nossas provações e nossas tribulações são *testes de fogo*, que ajudam a purificar nossa fé e torná-la genuína, como o ouro puro (1 Pe 1.6,7; 4.12,13).

porém o autor de Levítico não explica em detalhes o acontecido. Ele apenas diz que os dois levaram *fogo estranho perante a face do Senhor*. Neste sentido, duas ideias podem ser concebidas aqui.

Levítico 16.12 indica que, pelo menos para o Dia da Expição, o incenso deveria ser queimado com as brasas do altar do holocausto. Se isto também era válido para outras ocasiões, *estranho* pode sugerir que os dois sacerdotes não usaram o fogo do altar, e sim de uma fonte ilícita.

A segunda ideia vem do fato de que *estranho* é um termo usado normalmente para estrangeiros, incluindo os *estranhos* deuses pagãos. Arão (o pai de Nadabe e Abiú) moldou um estranho deus, o bezerro de ouro (Êx 32.4). É possível que eles estivessem seguindo o exemplo de seu genitor incorporando a adoração de um deus pagão neste caso, no exato momento em que Israel estava começando a adoração a *Yahweh* de acordo com as normas que Ele indicara.

A expressão *o que lhes não ordenara* contrasta com a plena obediência aos comandos divinos registrados nos capítulos 8 e 9 de Levítico. Qualquer que tenha sido a situação, a atitude dos irmãos foi claramente desobediente, e eles sabiam disso.

10.2 — O *fogo* [que saía] *de diante do Senhor* era uma forma de punição. Em Levítico 9.24, dois versículos antes, vimos que o fogo vinha do Senhor em aceitação a Israel e à sua adoração. O que é uma bênção quando se trata do resultado de atitudes fiéis pode ser mortal se provocado pela desobediência.

Esse fogo *consumiu* Nadabe e Abiú, ou seja, matou-os. Seus primos os puxaram pelas túnicas e levaram-nos para serem sepultados fora do acampamento (v. 5). A morte deles foi o resultado de uma ação que não condizia com os procedimentos ordenados pelo Senhor. Deus é zeloso, e não gosta que as pessoas sejam infiéis a Ele.

10.3 — *Serei santificado naqueles que se cheguem a mim*. Neste contexto, Deus se referia a Arão e seus filhos. Aqueles que estavam mais próximos do Senhor — os que ministravam a Ele e ensinavam às pessoas — tinham a grande responsabilidade de serem cuidadosos com as coisas

e os ritos santos. Tiago enfatiza este princípio em sua carta (Tg 3.1).

Ao dizer *serei glorificado diante de todo o povo*, Deus nos forneceu um ótimo conceito para medirmos nossa adoração a Ele. Tudo o que não glorifica Deus não faz parte da verdadeira adoração e não deve ser incluído em nossa vida.

Em vez de replicar as palavras do Senhor ditas por Moisés, *Arão calou-se*. Apesar de o sumo sacerdote estar sofrendo com a súbita morte de seus dois filhos, Arão reconheceu que a atitude deles foi um ato de rebeldia contra Deus. Se tal posicionamento não tivesse sido punido com a morte instantânea, teria se espalhado e corrompido a sagrada adoração de Israel.

O luto de Arão pode ter sido intensificado pela lembrança de sua própria desobediência aos princípios divinos, no dia em que este moldou o bezerro de ouro (Êx 32), coisa certamente testemunhada pelos seus filhos.

10.4 — *Tirai vossos irmãos de diante do santuário*. Apesar de os sacerdotes serem proibidos de ter contato com cadáveres, o corpo de um irmão era uma exceção a esta regra (Lv 21.1-4). No hebraico, a palavra para *irmãos* também inclui os primos, como acontece aqui. Assim, Moisés chamou os primos de Arão para levar os mortos, Nadabe e Abiú, para *fora do arraial*. Sua família apenas começara a executar seus deveres sacerdotais e a desobediência já tinha causado duas mortes.

10.5 — *Levaram-nos... como Moisés tinha dito*. Isso significa que o padrão de obediência, interrompido por Nadabe e Abiú, foi restabelecido.

10.6,7 — Arão e seus outros filhos foram proibidos de guardar luto pelas mortes porque eles precisavam permanecer em um estado de pureza. Da mesma forma, não podiam fechar os olhos para o pecado de Nadabe e Abiú, pois assim seriam também destruídos, e o povo ficaria sem sacerdotes para interceder por ele junto a Deus. Entretanto, todas as outras pessoas podiam chorar por aqueles que o Senhor destruiu.

10.6 — *Não descobrireis as vossas cabeças, nem rasgareis vossas vestes*. Estes eram os sinais comuns de luto (Ez 24.16,17).

**10.7,8** — *E falou o Senhor a Arão.* Esta é a única vez em Levítico que Deus fala com Arão sozinho.

**10.9-11** — O autor não diz se a embriaguez contribuiu para o pecado dos irmãos. Mas, este fator certamente influiria em casos futuros, se os sacerdotes bebessem enquanto executassem seus deveres, coisa que atrairia sobre eles a mesma punição que foi infligida a Nadabe e Abiú. Exercer o ministério perante o altar e ensinar aos israelitas todos os decretos exigiam o pensamento claro e a memória perfeita. O álcool não podia de forma alguma prejudicar o exercício santo dos sacerdotes.

**10.10** — *Fazer diferença entre o santo e o profano.* Esta distinção foi o objeto das instruções anteriores acerca dos sacrifícios e de seu implemento inicial (capítulos 1—9). Neste sentido, o *imundo* e o *limpo* serão apresentados e ensinados nas próximas instruções acerca de animais, doenças, fluidos corporais etc. (capítulos 11—15).

**10.11-13** — Na época do Antigo Testamento, os sacerdotes eram os principais responsáveis por

*ensinar aos filhos de Israel todos os estatutos* [de Deus]. Os pais, por sua vez, eram as pessoas encarregadas de ensinar aos seus filhos (Dt 6.6-9,20-25). Além de serem designados para transmitir as instruções divinas ao povo, Arão e seus filhos teriam de comer a oferta de manjares *no lugar santo*, ou seja, dentro do tabernáculo. [Para as instruções a respeito das *ofertas de manjares*, veja Levítico 2.10.]

**10.12-15** — Moisés tomou cuidado ao repasar as instruções divinas (acerca das porções dos sacerdotes vindas das ofertas), para que estas fossem conduzidas de forma a evitar outra tragédia parecida com a que acontecera. Quando um novo comando era dado, a sua primeira execução tinha uma grande importância simbólica. Os sacrifícios foram oferecidos, e Moisés queria ter a certeza de que os sacerdotes tinham comido as porções que lhes eram destinadas.

**10.14** — *Lugar limpo* era um local que não havia sido poluído por (ou cerimonialmente limpo de) todos os tipos de impureza descritos nos



## PERFIL

### APRENDENDO COM AS FRAQUEZAS DE ARÃO

Arão teve razão ao sustentar certas opiniões. Ele percebeu que o mau comportamento de seus filhos levantou questões sérias a respeito de sua adequação ao ministério (Lv 10.19). Deste modo, Arão nos dá algumas lições valiosas acerca do fato de que as boas pessoas têm fraquezas, falhas, defeitos e um lado obscuro e pecaminoso.

Arão era uma pessoa valorosa. Era bastante articulado, qualidade que fez com que Deus o chamasse para ajudar seu irmão, Moisés, na tarefa de libertar Israel do Egito (Êx 4.14).

Arão e seus filhos também foram apontados por Deus para serem os sacerdotes de Israel, guiando as pessoas na adoração ao Senhor (Lv 28.1-4). Contudo, algumas passagens bíblicas mostram que o irmão de Moisés teve que enfrentar situações que resultaram em sérios problemas em várias ocasiões:

- Mesmo que ele estivesse ciente do amor zeloso e santo de Deus, entregou-se à vontade dos israelitas no Sinai e liderou-os na idolatria pagã (Êx 32.1-4). Em seguida, Arão evitou responsabilizar-se pelo espantoso descuido em sua liderança (Lv 32.21-25).
- Arão uniu-se a sua irmã, Miriã, no discurso contra Moisés por causa do casamento inter-racial do profeta com uma mulher etíope. Deus os julgou tão duramente que Arão rogou por perdão (Nm 12.1-16).
- Apesar de o texto bíblico não comentar explicitamente como Arão era na qualidade de pai, os contínuos incidentes envolvendo seus quatro filhos levantaram sérias questões acerca de sua efetividade como um líder familiar (Lv 10.1-3,16-20).

Ninguém pode evitar por completo as falhas e o pecado. Felizmente, Deus não nos faz Seus filhos baseando-se em nossa habilidade de não cometer o pecado, mas na forma como Cristo vivenciou a questão.

Quando os "grandes" cujas trajetórias encontramos na Bíblia não corresponderam à graça de Deus, ainda assim puderam achar perdão e remissão dos pecados por meio do arrependimento. Arão é um bom exemplo.

capítulos 11—15. Esta área não ficava especificamente perto do tabernáculo, onde algumas das porções dos sacerdotes tinham de ser comidas, mas presumivelmente era a moradia do sacerdote ou outro lugar puro na parte interna do acampamento (antes de eles chegarem à Terra Prometida) ou dentro da terra (após lá chegarem).

Quanto ao comando *comereis [...] tu e tuas filhas*, o direito das mulheres de comer as porções das ofertas nas famílias dos sacerdotes é descrito de forma mais completa em Levítico 22.10-13. Para informações acerca das *ofertas movidas e alçadas*, veja Levítico 7.32,33.

**10.15** — Moisés reassegurou ao seu irmão que Deus iria permitir que Arão continuasse servindo como sumo sacerdote, apesar do pecado e da morte de seus dois filhos.

**10.16** — Moisés era a pessoa responsável por cuidar para que o pecado de Nadabe e Abiú não fizesse com que outras punições recaíssem sobre Israel. No entanto, quando o profeta buscou o bode da expiação, este *já era queimado* por Eleazar e Itamar. A carne da oferta pelo pecado, se não fosse pelo próprio sacerdote ou por todo o povo, não deveria ser completamente queimada. Apenas sua gordura tinha de ser consumida pelo fogo (Lv 4.26,31,35).

*Moisés indignou-se grandemente*, pois muita coisa já tinha dado errado. Os cultos de adoração estavam sendo conduzidos inadequadamente. O que mais Deus poderia fazer por causa deste outro erro?

**10.17,18** — Os sacerdotes deveriam comer a carne (exceto a gordura) de qualquer oferta pelo pecado cujo sangue não tivesse sido [levado] *para dentro do santuário* — isto é, de toda oferta que não tinha por objetivo expiar seus próprios pecados (Lv 4.5-7,16-18). Em vez de fazer isso, Eleazar e Itamar queimaram todo o bode da oferta pelo pecado.

**10.19** — Moisés falou com Eleazar e Itamar, talvez por respeito a seu irmão mais velho, uma vez que este também deveria ter comido a carne da oferta pelo pecado. Mas Arão respondeu, assumindo a responsabilidade por sua família, como era o costume na sociedade patriarcal de Israel.

Ao dizer *tais coisas me sucederam*, Arão estava referindo-se às mortes de seus dois filhos mais velhos. Ele não comeu a oferta pela expiação do pecado porque temia as coisas que Deus podia fazer. O irmão de Moisés não estava sendo rebelde, como foram seus filhos no caso da queima do incenso. Arão estava usando o argumento de que, em circunstâncias como a que ele enfrentou aquele dia, Deus preferiria que o sacerdote errasse por precaução do que por presunção. A resposta de Arão a Moisés mostra que a interpretação da Lei não tinha apenas um lado.

**10.20** — E Moisés, ouvindo isto, *Arão foi aceito aos seus olhos*. A revolta nasce de um coração que não está corretamente direcionado a Deus. Moisés reconheceu que a falha de Arão não foi rebeldia, que seu argumento tinha consistência, e Arão foi perdoado. A primeira grande crise na instituição da adoração de Israel tinha passado.

**11.1-47** — Alguns animais eram admitidos para alimentação (limpos), mas outros não apropriados para o consumo (imundos). Várias explicações desta divisão foram propostas, contudo a maioria não consegue esclarecer completamente tal questão.

O entendimento popular diz respeito à higiene e saúde. Animais imundos eram proibidos como alimento porque carregavam doenças (como por exemplo a carne de porco, triquinose; a lebre e os coelhos, tularemia), ou porque muitos deles comiam carcaças putrefatas, o que podia transmitir outras moléstias aos seres humanos.

Isso é verdade, mas tal constatação faz parte das modernas descobertas da medicina. Se a higiene e a saúde fossem a razão para a proibição do consumo de certos animais, seria mais fácil Deus dizer que a carne de porco precisava ser bem cozida, o que previne a infecção humana por *trichinella* (causadora da triquinose). É o mais importante, alguns dos animais não permitidos para a ingestão não transmitiam necessariamente doenças, e outros, considerados limpos, transmitiam. Talvez a prevenção das moléstias tivesse sido um fator importante na declaração de certos animais como imundos, mas não poderia ser a principal razão para considerar tal coisa.

Outra explicação diz que alguns animais eram usados nos sacrifícios pagãos dos povos que cercavam Israel, e isso os tornava imundos. Entretanto, tal motivo teria exigido que o carneiro e, acima de tudo, o boi – muito importantes nas religiões egípcias e cananeia – fossem declarados imundos, o que não aconteceu.

Alguns estudiosos dizem que o limpo e o imundo foram distinções arbitrárias que Deus usou para testar a fidelidade e a obediência de Israel. Entretanto, o povo tinha muitas outras oportunidades de demonstrar a fé e a obediência, da mesma forma que os fiéis modernos têm.

Outros consideram que os animais limpos representavam as pessoas corretas e de fé, e os imundos retratavam os indivíduos perversos e infiéis. Tal aproximação alegórica não tem nenhum fundamento, pois está limitada à imaginação de quem a exprimiu, e por isso não deve ser levada em consideração.

Uma melhor explicação é a de que os animais limpos foram determinados como tal porque suas características estavam associadas com a vida e a ordem na antiga cultura de Israel. Os imundos ligavam-se, pelos costumes antigos, com a morte e a desordem por causa de seus hábitos em seu *habitat* natural.

A pureza ritual (limpeza), a santidade, a vida e a ordem eram conceitos associados. A impureza ritual (imundície), os hábitos leigos e profanos, a morte e a desordem formavam ideias agregadas. Esta aproximação transmite unidade a toda a seção no que diz respeito à distinção de limpo e imundo (capítulos 11—15).

**11.1** — *E falou o Senhor a Moisés e a Arão.* Sendo agora Arão um sumo sacerdote, ele era responsável pelo ensinamento e pela ministração da Lei. Deus falou com Arão e Moisés juntos quando deu estas informações adicionais (Lv 10.10,11).

**11.2** — *De todos os animais que há sobre a terra.* Esta expressão distingue os animais terrestres dos marinhos e das aves. Um agrupamento similar da vida animal é encontrado na passagem sobre a Criação (Gn 1.20-31).

**11.3** — *Tudo o que [...] remói,* isto é, os que remoem os alimentos que voltam do estômago

para a boca, como as vacas, as ovelhas, os bodes, os veados e os antílopes. Os ruminantes comem apenas plantas, a maior parte das vezes capim e grãos. Nenhum animal que come carne ruma. Os animais que eram admitidos para alimentação não são mencionados pelo nome (como é feito em Dt 14.4,5).

O gado, os carneiros, as ovelhas e os bodes eram os animais mais consumidos pelos antigos israelitas. Eles comiam muito menos carne do que nós, geralmente só em ocasiões especiais, tais como as celebrações sacrificais ou em honra aos convidados acomodados em suas casas.

**11.4-7** — Muitas espécies são especificamente citadas como imundas porque possuíam uma das características dos animais limpos, mas não as duas. Ter um traço e não o outro não era o bastante para se considerar um animal como limpo. Mesmo que pareça que somente o fato de se conhecer esta regra tornaria tudo bastante claro, Deus, em Sua graça, deu-lhes exemplos e até mesmo uma base racional. Assim, ninguém precisava preocupar-se com dúvidas acerca da alimentação ou se quebrara ou não a Lei. O fiel de hoje, que busca evitar o pecado manifesto, encontra a mesma graciosidade divina.

**11.4** — O camelo era um animal consumido pelos vizinhos de Israel, que o consideravam uma iguaria. Entretanto, não seria uma importante fonte de carne para o povo, mesmo se seu consumo fosse permitido, pois ele nunca foi abundante em Israel ou fundamental para a economia israelita como era para as demais nações. Na verdade, o camelo tem uma divisão no casco, mas sua sola ou planta do pé é tão grossa que é como se não houvesse nenhuma separação.

**11.5** — Este tipo de coelho vive em grupos entre as pedras (Pv 30.26). Embora às vezes seja chamado de texugo das rochas, não é um texugo. Ele tem o mesmo tamanho que um coelho normal. Tais coelhos aparentam ruminar constantemente fora de suas tocas, quando se banham ao sol.

**11.6** — A lebre não é um animal que ruma, embora aparente fazê-lo constantemente. Ela não tem casco.



11.7 — O porco é o mais conhecido dos animais imundos e continua a ser evitado pelos judeus e muçulmanos. Sua carne foi muito consumida pelos vizinhos de Israel nos períodos do Antigo e do Novo Testamento. Todas as razões para qualificar um animal como imundo se enquadram para o porco:

(1) a carne do porco inadequadamente cozida pode transmitir muitas doenças aos seres humanos; (2) porcos eram sacrificados em adoração a divindades pagãs; (3) a carne do porco é saborosa; assim, recusá-la era um teste de fidelidade e obediência a Deus.

11.8 — No caso dos animais *imundos*, o ato de comer a sua carne ou tocar suas carcaças mortas fazia com que o israelita também ficasse imundo. Entretanto, pôr a mão ou encostar no animal vivo não convertia o indivíduo nesta situação. Desta forma, um israelita podia criar ou usar um jumento ou camelo como um animal de carga sem tornar-se imundo.

11.9 — Das criaturas que viviam no mar e nos rios, os israelitas podiam comer as que tinham *barbatanas e escamas*. A maioria dos peixes se encaixava nesta descrição. Ostras, mexilhões, caranguejos, lagostas e enguias eram imundos. *Nos mares e nos rios* indica que estas instruções serviam tanto para as águas salgadas quanto para as doces.

11.10-12 — A fraseologia é cuidadosa, deliberada e repetitiva, a fim de eliminar qualquer possibilidade de achar exceções, em outro lugar, às regras estipuladas. Além disso, ao dizer que tais animais não deveriam ser ingeridos, o Senhor os classificou como *abominação*. Este é um termo de conotação mais forte do que *imundo*. A palavra implica não apenas evitar o que não é limpo, mas repudiá-lo feroz e ativamente.

*Barbatanas e escamas* são características “apropriadas” para os seres marinhos. Os peixes que as

possuíam eram limpos. As criaturas aquáticas que apresentavam uma mistura de categorias – o que sugere desordem – não eram somente consideradas imundas; elas eram uma abominação. Há bons motivos concernentes à saúde para se evitar a ingestão de algumas dessas criaturas, porém estes não eram a razão principal para a classificação de tais animais como imundos.

11.13-19 — A listagem aqui apresentada difere das outras duas anteriores, pois não estabelece critérios de diferenciação dos animais ditos imundos. Assim, são listadas as aves que representavam as abominações. Seguindo este raciocínio, entendemos que os outros pássaros eram limpos e podiam ser comidos.

Os pássaros aqui citados foram proibidos provavelmente porque consistiam em aves de rapina ou naqueles que se alimentavam de cadáveres putrefatos. Muitos deles também habitavam as áreas desérticas ou ruínas. A associação com a morte e a desordem fez com que fossem classificados como imundos, da mesma forma que aconteceu com os mamíferos que se alimentam de carne.

Muitos nomes nesta lista não são específicos, e alguns termos não se referem a um único animal, mas a várias espécies similares, tais como

os falcões e os abutres, ou o gavião, ou a família dos corvos. Outras espécies não puderam ser identificadas hoje com absoluta certeza, e muitas sugestões conflitantes foram feitas.

A consequência desta falta de precisão na nomeação das aves foi considerar todas as espécies similares como sendo proibidas. Este foi, de fato, o propósito da lista, e desta forma nenhuma ave de rapina ou aquelas que se alimentavam de carcaça seriam comidas em Israel.

A expressão *segundo a sua espécie* é repetida quatro vezes e sugere que muitos dos nomes citados fazem referência à sua própria espécie e a

---

*Deus, em Sua graça, deu-lhes  
exemplos e até mesmo uma  
base racional. Assim, ninguém  
precisava preocupar-se com a  
alimentação ou com dívidas  
quanto a ter violado ou não a lei.  
O cristão de hoje, que busca evitar  
a manifestação do pecado, encontra  
a mesma graciosidade divina.*

---

espécies similares, que talvez nem fossem reconhecidas como diferentes naquela época, quando não havia a classificação científica tão importante para os seres humanos hoje em dia.

**11.19** — A *poupa* é um pássaro migratório. Esta ave, no inverno, voa para a África tropical, e no verão migra para Israel e para lugares mais ao norte. O *morcego*, obviamente, não é um pássaro. Entretanto, na era pré-científica, foi agrupado com os pássaros porque possuía asas e podia voar.

**11.20** — Este versículo fala das pequenas criaturas (como os insetos), e *todo réptil que voa, que anda sobre quatro pés* é uma expressão idiomática que dá a ideia de voar e mover-se sobre o chão, como os invertebrados fazem com as suas seis pernas. Muitos insetos gostam da imundície e da sujeira e comem refugo. Sua associação com a morte, a impureza e a desordem fez com que fossem considerados imundos.

**11.21** — Insetos com *pernas sobre os seus pés, para saltar com elas sobre a terra* eram liberados para o consumo. Os gafanhotos possuem as pernas posteriores grandes, fortes e articuladas, o que permite que eles saltem. Tais insetos não vivem no lixo e não consomem restos. Eles comem apenas plantas.

**11.22,23** — No texto original apenas o último nome é certo (o gafanhoto). Os outros são tipos diferentes de gafanhotos. A primeira e a segunda denominações só ocorrem aqui no Antigo Testamento. *Diversos tipos* indica a possibilidade de haver espécies similares, como foi explicado em Levítico 11.13-19.

**11.24** — A expressão *por estes* faz referência aos insetos voadores do versículo anterior, ou provavelmente a todos os animais imundos citados até agora. O simples toque em um cadáver fazia com que a pessoa ficasse imunda *até à tarde*, quando o novo dia começava para os israelitas.

**11.25** — Se uma pessoa *levasse* ou tocasse um *cadáver*, ou parte dele, a impureza deste indivíduo era maior. Desta forma, a limpeza tinha de ser mais completa.

**11.26** — A palavra *cadáver* não está no texto em hebraico, mas é claro que há esse sentido aqui. Um animal considerado imundo que estivesse

vivo, tal como um jumento ou um camelo, não podia fazer com que a pessoa se contaminasse com a sua impureza apenas tocando-o. Caso contrário, os indivíduos ficariam imundos todo tempo.

**11.27,28** — Todos os animais que *andam sobre as suas patas* eram imundos porque não tinham o casco fendido. Exatamente como descrito anteriormente, tocar as carcaças de tais criaturas fazia com que a pessoa ficasse imunda, e carregar o *cadáver* tornava o indivíduo ainda mais imundo, o que exigia uma purificação mais profunda.

**11.29,30** — Outro grupo de animais é apresentado aqui. Muitas destas criaturas podiam ser encontradas nas cercanias ou dentro das habitações humanas. Por serem imundas, era muito importante saber como lidar com elas e com os objetos e utensílios que porventura tocassem. Eram as pequenas criaturas que se *arrastam sobre a terra*. Esta expressão não alude apenas ao grande número em que se encontravam, mas também à agilidade de movimentos. O grupo incluía pequenos roedores em geral, tais como os ratos, a doninha e a toupeira, bem como alguns tipos de lagartos.

**11.31** — *Estando eles mortos* significa literalmente *quando morrem* ou *em sua morte*. Havia maior possibilidade de um agricultor israelita matar um destes animais durante o dia do que qualquer outro citado neste capítulo. Era importante lembrar às pessoas que, quando matassem estas pestes, ficariam imundas *até à tarde*.

**11.32-38** — Estas são as regras para os utensílios domésticos tocados pelos cadáveres dos animais pequenos e imundos. Isto acontecia quando as criaturas caíam sobre os objetos ou dentro deles. Novamente, a boa higiene era um importante objetivo destas instruções, mas o propósito principal era evitar as coisas associadas com a morte e a desordem. Um corpo, a menos que fosse de um animal limpo e preparado para a alimentação, sempre contaminava qualquer um ou qualquer coisa que tivesse contato com ele.

**11.32** — Utensílios valiosos de madeira, veste, pele ou saco, ou qualquer material usado para confeccionar objetos deveriam ser *metidos na água*. Não fica muito claro no texto se eles deveriam ser lavados ou postos de molho *até à tarde*.

Mas, à tarde, no início do novo dia judaico, eles estariam *limpos*.

**11.33** — *E todo vaso de barro... e o vaso quebráveis*. A cerâmica era abundante, barata e facilmente reposta. Utilizavam-se também vasilhas feitas de argila para a preparação dos alimentos. Novamente, um resultado higiênico era alcançado ao evitar-se o imundo.

**11.34** — O conteúdo de qualquer recipiente *imundo* também se tornava imundo.

**11.35** — Os fogões e os fornos eram feitos de barro e também deveriam ser *quebrados*.

**11.36** — Era bastante difícil esvaziar uma fonte ou uma cisterna. Apenas a pessoa que removesse o *cadáver* do animal de dentro da água ficaria imunda, provavelmente até à tarde.

**11.37,38** — Uma *semente* a ser plantada não ficava imunda.

**11.39,40** — A expressão *se morrer algum dos animais* se refere aos animais que morriam de causas naturais, e não àqueles que eram mortos

para a alimentação. O *cadáver* fazia com que a pessoa que o tocasse ficasse imunda porque o sangue dele não fora drenado. Comer dessa carne ou carregar esse corpo era considerado pior do que apenas tocá-lo, e isso requeria uma purificação maior – lavar as vestes e esperar até à tarde.

Comer a carne sem esvaír seu sangue aparentemente não era uma ofensa tão séria quanto comer ou beber o sangue em si (Lv 7.26,27). Carregar a carcaça pode ter sido inevitável em muitas situações – transportar o animal para enterrá-lo, por exemplo. A impureza não era uma questão moral, pelo menos não a maneira como uma pessoa se tornava imunda.

**11.41-43** — *O que anda sobre o ventre e tem mais pés* são novas descrições. Essas criaturas não foram mencionadas nas proibições anteriores.

**11.44** — *Eu sou o Senhor, vosso Deus*. O termo *Senhor* corresponde no original a *Yahweh*, o nome pelo qual Deus se revelou a Moisés (Êx 3.14,15; 6.2,3). Logo, *vós vos santificareis e sereis santos*,



## APROFUNDE-SE

### SEM EQUIVALENTES

As pessoas tendem a fazer um esforço considerável para conseguir ser exatamente como os indivíduos que as rodeiam. No entanto, Deus desafia Seu povo a ser diferente de todo o mundo.

No Antigo Testamento, o Senhor instruiu Israel a não se colocar no mesmo padrão das nações circunvizinhas. Por isso, Ele chamou os israelitas para se consagrarem (separarem-se dos outros) e serem santos, pois Ele, o Senhor Deus, é santo (Lv 11.44,45).

Uma das principais maneiras pelas quais Israel se diferenciava era no modo como adorava ao Senhor. A adoração nas culturas ao redor da nação de Deus incluía diversos rituais que Israel não seguia. Estas práticas proibidas eram baseadas em valores profanos ou fundamentadas em uma deficiente visão de Deus, de nação ou de criação. Dentre os ritos desses povos pagãos estavam:

- Adivinhação e feitiçaria.
- Danças alucinadas e caóticas.
- Automutilação.
- Prostituição cultual.
- Rituais sexuais com orgias.
- Sacrifícios humanos.
- Oferendas para os mortos.

Contrastando com estas práticas, a adoração em Israel era realizada de acordo com a santidade do Senhor e definia a nação como o povo de Deus. Não havia motivo para competir com outras nações, culturas ou religiões.

Os dizeres que estão em Levítico 26.12, no final do manual de Israel para fins de adoração e ritos, são: *e andarei no meio de vós e eu vos serei por Deus, e vós me sereis por povo*. Esta promessa tornou-se um lema para Israel (Os 1.9,10;2.23; Jr 31.33; Ez 36.28). Tempos depois, a Igreja também começaria a definir-se como pertencendo a Deus primeiro e, principalmente, assumindo a responsabilidade do viver e da adoração santos (1 Pe 1.13-16;2.9,10).

*porque eu sou santo* era uma ordem vinda diretamente do Todo-poderoso, e o princípio fundamental do chamado código de santidade dos capítulos 17—26.

Ser santo quer dizer *estar separado*. Deus é santo como o transcendente Criador, que está acima da criação e separado dela. Estar separado *para* Deus é mais importante do que estar separado *das* outras coisas. Visto que nós, como povo de Deus, estamos separados para Ele, ficamos cada vez mais parecidos com Sua imagem, a fim de que nos tornemos as pessoas que Ele tinha a intenção de que fôssemos quando criou o primeiro homem e a primeira mulher, conforme Sua imagem (Gn 1.26,27). A santidade no povo de Deus envolve graça, retidão, integridade, paz e misericórdia, pois estas são as características daquele que nos resgatou e a quem servimos.

**11.45** — Deus reafirma Sua identidade com objetivo enfático. Depois, Ele fala do magnífico compromisso com os israelitas. Seu propósito ao fazê-los *subir da terra do Egito* foi para que se tornasse seu Deus. O povo deveria ser santo porque a natureza do Senhor é santa.

**11.46,47** — Essa declaração resume o conteúdo e o objetivo do capítulo ao listar, novamente, os quatro principais grupos de animais: *para fazer diferença entre o imundo e o limpo*. Estas eram normas tanto para os sacerdotes quanto para o povo. Os sacerdotes tinham a responsabilidade de ensiná-las aos israelitas.

**12.1,2** — O filho não fazia com que a mãe ficasse *imunda*. Deus ordenou e abençoou a gravidez desde o começo, antes mesmo do pecado no jardim do Éden (Gn 1.28). Entretanto, o sangue e os fluidos do parto faziam com que a genitora ficasse ritualmente imunda por certo período, da mesma forma que outras substâncias corporais contaminavam as pessoas (cap. 15).

Tal estado não era necessariamente um julgamento ou uma punição à moral daquela que deu à luz. Os *sete dias* de imundice relativos ao nascimento de um filho homem correspondiam ao mesmo intervalo de tempo da impureza do período menstrual da mulher (Lv 15.19-24).

**12.3** — Pesquisas médicas recentes concluíram que o *oitavo dia* de nascido é o melhor dia para fazer a circuncisão. Antes desta data o sangue do recém-nascido não coagula tão bem, e, após, a sensibilidade à dor se torna muito maior. A circuncisão também era praticada por povos como os amonitas, moabitas e edomitas. Entretanto, para o povo de Israel simbolizava a aliança de Deus com Abraão (Gn 17.9-14). O fato de este símbolo envolver o órgão reprodutivo masculino era um lembrete de que Deus prometeu a Abraão muitos descendentes.

**12.4** — O oitavo dia também marcava o fim da impureza materna com relação às atividades diárias e aos objetos comuns. A mulher não mais os contaminaria ao tocá-los. Mas a impureza pessoal continuaria por mais *trinta e três dias*. Tal período corresponde ao resguardo. Após sete dias, a maior parte das secreções já cessou, mas alguns sinais sutis ainda podem perdurar por até seis semanas.

A expressão *no sangue da sua purificação* nos lembra disso. O sangue é o condutor da vida no corpo e o agente de limpeza do pecado, tanto no sistema de sacrifícios do Antigo Testamento quanto no sacrifício de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, o sangue pode ser uma fonte de contaminação e morte em algumas situações, e também se não for usado de maneira apropriada.

**12.5** — O nascimento de uma *menina* dobrava o período de impureza ritual. Entretanto, nenhuma razão é dada para isso.

**12.6** — Os sacrifícios exigidos eram os mesmos para um filho ou uma filha, mostrando que Deus colocava em patamares iguais ambos os sexos, e pretendia que Seu povo fizesse o mesmo.

O *holocausto* (cap. 1) e a *oferta pelo pecado* (cap. 4) eram duas das cinco ofertas regulares que os israelitas tinham sido instruídos a levar perante Deus. Após o nascimento de uma criança, tais sacrifícios ficavam a cargo da mãe, apesar de o pai normalmente acompanhá-la (Lc 2.22-24).

O fato de a mãe ter de oferecer os sacrifícios por ela mesma nos mostra que as mulheres eram bastante participativas na adoração de Israel. Vale lembrar que os animais levados para expiação do pecado, um *pombinho* ou *uma rola*, eram as

ofertas de menor custo. Os pobres podiam levar tais aves quando não tinham condições de ofertar um cordeiro (Lv 5.7).

**12.7** — Neste versículo, a repetição da expressão *varão ou fêmea* enfatiza o mesmo grau de importância de ambos os sexos.

**12.8** — A sentença *se a sua mão não alcançar assaz para um cordeiro* significa literalmente *se ela não tiver o suficiente em suas mãos para ofertar um cordeiro*. Comprar um animal para oferecer em sacrifício era, provavelmente, tão comum quanto criar um para o mesmo fim.

Dois pontos enfatizados por este trecho são: (1) as pessoas pobres não eram *excluídas* da participação nos sacrifícios do povo em razão da sua falta de recursos, e (2) os desprovidos não eram *dispensados* da ativa participação por causa de sua pobreza.

Maria, após o nascimento de Jesus e os dias para sua purificação, foi ao templo em Jerusalém seguindo essas normas (Lc 2.22-24). Sua oferta foi duas aves. José e Maria eram muito pobres, e os magos não os tinham visitado ainda, levando os valiosos presentes para o Rei que acabara de nascer.

**13.1,2** — Uma *inchação*, uma *pústula* ou uma *empola branca* muitas vezes eram consideradas um sinal de doença não muito sério, que desapareceria em poucos dias e não apresentava motivo de preocupação. Se tal condição permanecesse e evoluísse para lepra, exigiria atenção especial. Qualquer chaga podia ou não ser uma séria moléstia. Assim, o sacerdote deveria examinar a parte da pele afetada.

No hebraico, a palavra *tsara'at* (traduzida como *lepra* aqui) pode fazer alusão a qualquer problema sério na pele ou no couro cabeludo. Discussões rabínicas relacionaram tal termo a aproximadamente setenta e duas doenças. Embora a lepra “original” (hanseníase) esteja inclusa nesta lista, a moléstia é foco de vigoroso debate, pois seus principais sintomas não estão de acordo com os diagnósticos prescritos neste capítulo.

O doente [seria] *levado a Arão ou a um de seus filhos* para ser examinado por eles. O resultado da avaliação dos sacerdotes podia resultar no banimento do enfermo do arraial ou na declaração de

impureza. Assim, a tendência natural das pessoas era evitar procurar os homens de Deus quando havia algum problema desse tipo.

Entretanto, a impureza ritual representava uma séria questão para todo o povo. Era muito importante diagnosticar a doença de pele imediatamente, para que todo o acampamento não ficasse imundo. Se os indivíduos com suspeita de alguma moléstia não fossem consultar-se com os sacerdotes por iniciativa própria, sua família e os líderes da tribo eram os responsáveis por fazê-lo.

**13.3-44** — Sete casos de doenças acometendo a pele, o couro cabeludo e os cabelos estão em vista aqui. As ocorrências básicas são dadas com o seu diagnóstico, seguidas de variações deste. Vários princípios gerais emergem neste ponto:

(1) Frequentemente, um segundo (e mesmo um terceiro) exame era exigido após sete e quatorze dias, para que fosse feita a diagnose.

(2) Se a moléstia não se espalhasse, não se intensificasse, ou se a coloração voltasse ao normal, a pessoa estava *limpa*.

(3) Caso a doença tomasse outras partes do corpo, ficasse mais intensa, inflamasse ou aparecesse uma coloração diferente da normal, era considerada *lepra* (Lv 13.3), e, conseqüentemente, o indivíduo estava *imundo*.

(4) Durante o período dos exames, o paciente ficava isolado ou de quarentena, medida que visava à proteção do povo no caso de a pessoa estar realmente infectada.

**13.3** — Os sacerdotes davam os diagnósticos. Contudo, nada é dito a respeito do tratamento da doença. O propósito desta passagem não é a cura das moléstias, mas a imundice ritual. O objetivo era que os israelitas, e particularmente o tabernáculo, não ficassem imundos.

**13.4-6** — *E lavarás as suas vestes*. A higiene pessoal era um importante fator para prevenir e evitar que as doenças infecciosas se espalhassem, mesmo aquelas que não faziam com que a pessoa ficasse imunda.

**13.7-11** — *Não o encerrará* significa *não o porá em isolamento ou em quarentena*. Apesar de estas medidas terem por objetivo proteger o povo até que um diagnóstico pudesse ser feito, no caso em



## APROFUNDE-SE

### LEPRA

A lepra (Lv 13.12) era uma das doenças mais temidas do mundo antigo. Os leprosos sofriam de um vagaroso e incurável processo em que a moléstia acometia a pele, e as pessoas acreditavam que era altamente contagiosa. Como resultado, qualquer um que apresentava sintomas da doença era julgado como leproso — mesmo que tais indícios fossem causados por outra condição — e, assim, o indivíduo era banido da convivência em sociedade.

A verdadeira lepra é causada por um bacilo que afeta os nervos e a pele, gerando manchas de coloração mais clara, erupções cutâneas e inflamação da pele. O problema mais sério, entretanto, é a perda da sensibilidade. Sem a habilidade de sentir, os leprosos feriam seu tecido sem se darem conta, o que levava a outras infecções. Também havia deformidades, a perda muscular e a eventual paralisia. Felizmente, a medicina moderna descobriu a cura e praticamente eliminou a doença.

A lei é bastante detalhada em suas instruções acerca do reconhecimento da moléstia e da quarentena da pessoa com lepra. Os sacerdotes eram os responsáveis pelo diagnóstico da doença, pelos procedimentos com o paciente e pelas ações sanitárias que visavam proteger o resto da comunidade. A lei exigia que um leproso fosse isolado da sociedade (Lv 13.45,46). As pessoas infectadas tinham de usar vestimentas de luto, andar descabeladas, manter a barba coberta e gritar "imundo! Imundo!", para que as outras soubessem e pudessem evitá-las. Qualquer contato maculava o indivíduo tocado pelo doente.

Algumas vezes os leprosos eram miraculosamente curados, como no caso de Moisés (Êx 4.7), sua irmã Miriã (Nm 12.10) e Naamã (2 Rs 5.1,10). Jesus também curou leprosos como um sinal para defender Seu ministério. Em uma ocasião, Ele curou dez doentes com lepra, mas apenas um retornou para agradecer (Lc 17.11-15).

análise o paciente já fora diagnosticado como imundo, portanto deveria viver fora do acampamento dos israelitas (v. 46).

**13.12-15** — Neste caso, *carne viva* é a pele ulcerada, com chagas. A carne é coberta pela pele. Se esta estiver deteriorada, comida ou corroida, significa que a moléstia pode ser vista e a doença é séria e perigosa. Este indivíduo era considerado *imundo*.

**13.16-44** — Algumas das doenças eram curadas espontaneamente ou com tratamento. Após um reexame, o sacerdote declarava o paciente como *limpo*.

**13.45,46** — *As vestes do leproso serão rasgadas... a sua cabeça será descoberta*. Tais atitudes eram próprias do luto, mas cabiam nesta situação porque a doença simbolizava a deterioração e a morte. O contato da pessoa enferma com o povo e a oportunidade de ela adorar no santuário também morriam.

Os indivíduos infectados por moléstias tinham de gritar *imundo, imundo!* para avisar da sua doença às outras pessoas. Os limpos se tornariam imundos caso entrassem em contato com enfermos.

A condição expressa na frase *todos os dias em que a praga estiver nele* mostra que nem toda

doença era incurável. Algumas pessoas recobravam a saúde e, após novo exame do sacerdote, eram autorizadas a voltar à sociedade israelita, podendo novamente prestar adoração no santuário.

A ordem *habitará só [...] fora do arraial* assegurava que o resto do povo e o santuário não se tornassem imundos. Assim, as pessoas também ficavam protegidas da propagação incontrolável da moléstia. As doenças graves de pele se tornaram uma metáfora para o pecado. Como elas, o pecado é grave, muitas vezes difícil de diagnosticar e incurável sem a intervenção divina. O pecado isola suas vítimas de Deus, de sua adoração e da comunidade de fé.

**13.47-59** — Estas são as regras acerca das impurezas nos tecidos e no couro. O mofo é agrupado com as moléstias humanas e identificado pelo mesmo termo em hebraico (*tsara'at*; Lv 13.2), pois também leva impurezas para as superfícies e tende a espalhar-se, decompor e destruir os objetos, exatamente como as doenças de pele fazem com as pessoas que afligem.

**13.47** — O termo *praga de lepra* incluía qualquer tipo de mofo, bolor ou fungo que crescia nas roupas.

13.48 — *Fio urdido* é uma expressão complexa e provavelmente indica a contaminação na trama da veste, embora não necessariamente em seu comprimento e em sua largura.

13.49-58 — O procedimento para diagnosticar problemas com os tecidos era similar àquele que se fazia com as doenças de pele do ser humano. Um período de sete dias de quarentena e um segundo exame eram requeridos. Vestes infectadas tinham de ser queimadas. Se a praga não se espalhasse, a peça podia ser recuperada.

13.56-59 — O fato de uma peça de tecido ser considerada digna de ser recuperada, mesmo depois de ter sido cortada, indica quão valioso o tecido era no mundo antigo. Exigia-se muito tempo e grande trabalho para produzir a peça, e esta não podia ser jogada fora tão facilmente.

14.1-32 — Esta seção detalha o rito para a purificação de um leproso.

14.2 — O sacerdote era o responsável pelo diagnóstico da impureza. Assim, também era necessário que este ministrasse os sacrifícios e as outras cerimônias que marcavam, e celebravam, o retorno da pessoa banida ao convívio com a sociedade.

14.3 — Mesmo que a pessoa estivesse curada, esta continuava imunda e não podia voltar ao acampamento até que os ritos necessários tivessem sido executados (v. 8). Isto não contradiz as instruções de levar o doente ao sacerdote, pois este [saía] *fora do arraial* e, então, o indivíduo era levado até ele. A sentença *se a praga da lepra do leproso for sarada* indica que essas cerimônias não tinham o objetivo de curar. Elas visavam à confirmação da doença e à celebração do restabelecimento da saúde, à purificação do paciente curado e à sua readmissão no meio do povo e na adoração.

14.4 — O *pau de cedro* era usado provavelmente por causa de sua durabilidade e resistência à deterioração, simbolizando a cura do paciente do definhamento que ameaçou sua vida. O *carmesim* era uma tinta vermelha obtida de um inseto. Na cerimônia de purificação, usava-se um pano ou uma corda com essa coloração para simbolizar o sangue, o agente no sistema sacrificial que representava a vitória sobre o pecado e a morte. Quanto ao *hissopo*, era uma erva aromática

usada para condimentar alimentos, perfumar, e para fins medicinais.

14.5 — O termo *águas vivas* é literalmente *água corrente*. Esta água se originava de uma nascente ou de um córrego, em oposição à que provinha de uma cisterna, vasilha ou de um tanque. A água parada simbolizava o potencial de morte, e a água corrente, a vida. No procedimento em questão, o sangue do pássaro escorria para dentro da água que estava no *vaso de barro*.

14.6,7 — É provável que os ramos do *hissopo* fossem amarrados ao *pau de cedro* com o pano *carmesim*. Com isto em uma das mãos e a *ave viva* na outra, o sacerdote mergulhava tudo no *sangue* misturado à água que estava no vaso de barro e, depois, aspergia o conteúdo sobre a cabeça daquele que seria *purificado*. Este procedimento deveria ser executado *sete vezes*.

A ave morta representava a doença que foi curada. A aspersão começava o processo do rito de limpeza, permitindo assim a readmissão da pessoa na sociedade e na adoração. Após ter sido imersa no sangue da ave morta, a *ave viva* era solta *sobre a face do campo*. Esta atitude simbolicamente levava embora do acampamento e do tabernáculo a imundice do indivíduo que estava retornando ao convívio social.

14.8,9 — Duas lavagens das vestes e do corpo, duas rapagens dos pelos do corpo e sete dias fora da tenda completavam o rito de limpeza. Isso certamente servia a propósitos higiênicos e removia resíduos que poderiam transmitir a doença contagiosa aos outros. A rapagem era um procedimento muito drástico no antigo Israel (2 Sm 10.4,5). O crescimento dos pelos provavelmente garantia a todas as pessoas que o paciente foi, de fato, curado.

14.10-12 — O *oitavo dia* era o dia da circuncisão dos meninos recém-nascidos. O simbolismo de um recomeço, quase como se tivesse nascido novamente para a comunidade de fé, continuava. No momento da entrega da oferta de manjares, deveriam ser levados pelo indivíduo, entre outros elementos, *três dízimas de flor de farinha* (aproximadamente 6,6 litros para secos) e *um logue de azeite* (aproximadamente 300 ml).

14.13 — Estas ofertas eram levadas à porta do tabernáculo (Lv 1.3;4.4,14). O local onde se matava o cordeiro era chamado de *lugar santo*. Consequentemente, isto ocorria depois da entrada, no pátio do tabernáculo, e não do lado de fora.

14.14-18 — Esses ritos são similares aos procedimentos executados por Moisés na consagração de Arão e seus filhos como sacerdotes (Lv 8.23). Várias partes do corpo eram unguidas com sangue e azeite, simbolizando o reverso da situação do indivíduo perante Deus: de imundo e banido a limpo e reintegrado à sociedade.

14.19,20 — Com estas três ofertas e a oferta pela culpa ou transgressão (v. 12), o indivíduo levava os sacrifícios exigidos, procedimentos impossíveis de executar durante o tempo de imundice.

14.21-32 — As regras de Deus para Israel mostravam uma preocupação especial concernente aos pobres. Em relação às ofertas, o pobre israelita precisava levar um *cordeiro* para a *oferta pela culpa*. Entretanto, para a oferta pelo pecado e para o holocausto, era autorizado que ele oferecesse *rolinhas e pombinhos*. Além disso, reduzia-se

a oferta de flor de farinha de três dízimas para *uma* da melhor farinha. O procedimento para o restabelecimento de um indivíduo desprovido financeiramente à sociedade consistia basicamente no mesmo exigido para os outros israelitas.

14.33-53 — Aqui encontramos as regras acerca da praga da lepra nas casas. Assim como os seres humanos e os tecidos, a casa deveria ser examinada pelos sacerdotes. Se os indícios estivessem presentes em uma residência, a casa era posta em quarentena por uma semana, exatamente igual às pessoas e às vestimentas.

Da mesma forma efetuada com as peças de tecido, uma tentativa de reparar a casa era feita, consertando apenas a porção infectada. Se a praga reaparecesse, a casa era destruída. As moradias dos israelitas eram construídas com tijolos de barro sobre uma fundação de pedra. Faziam-se os rebocos das paredes com cal. O crescimento das pragas sobre o reboco, ou por entre este, era possível, mas não muito comum. Quando acontecia e espalhava-se rapidamente, causava sérios problemas aos moradores da casa.



## APROFUNDE-SE

### RITOS CONTRA OS FUNGOS

Nas leis de Israel estavam incluídas regras que falavam da *praga da lepra na casa* (Lv 14.33-53). A palavra hebraica traduzida como a *praga da lepra* pode aludir a vários tipos de infestações. Quando o termo é usado para descrever a deterioração das peças de tecido (Lv 13.47) e das casas, provavelmente faz referência ao estrago causado pelos fungos, bolores, mofo e outros organismos decompositores e parasitas.

Qualquer habitação em Israel onde se encontravam vestígios de fungos era posta em quarentena (Lv 14.36-38). A estrutura tinha que ser descontaminada fisicamente e ritualmente, o que fazia com que certas pedras fossem removidas, substituídas ou cobertas novamente com argamassa (Lv 14.40-42). Se as providências tomadas dessem resultado, o sacerdote declarava a casa limpa e executava um rito de purificação (Lv 14.48-53).

Este rito mosaico de limpeza pode ser comparado a dois textos mesopotâmicos. Um é uma citação de uma série de presságios babilônicos, que prescreve um ritual para os deuses Ea e Ishum. Outro rito é mencionado em uma carta para Esarhaddon, o rei da Assíria (680 – 669 a.C.).

A previsão fala: *se há fungos dentro da moradia de um homem, na parte externa da parede norte, o dono da casa morrerá e esta será espalhada*. Para evitar o pior, o proprietário era instruído a recolher o fungo (de uma forma específica), queimá-lo com uma tocha e colocar barro e gesso (mineral gipsita) ao redor. O indivíduo deveria então recitar um encantamento para Ea (o deus da sabedoria) e sacrificar uma ovelha para o deus Ishum. Água santa então era aspergida na pessoa enquanto declamava-se outra feitiçaria.

A carta para Esarhaddon confirma a existência de uma oração e de um rito para dois tipos de fungos que apareceram no interior do pátio do templo de Nabu. O autor da carta estabelece que um “técnico”, isto é, um sacerdote, executaria o ritual adequado várias vezes na manhã seguinte.



14.34-44 — A afirmação *na terra de Canaã, que vos hei de dar por possessão* faz referência à terra que Deus prometeu que entregaria aos descendentes de Abraão (Gn 15.18-21; Dt 6.10,11;8.7-9). Ela também seria atingida pela *praga da lepra*. Este termo é o mesmo usado no hebraico em Levítico 13.2, indicando sérios problemas de pele que podiam atingir o homem. Todos esses eram processos malignos infecciosos e contaminadores, tanto na pele humana quanto nas peças de tecido ou nas casas.

14.45,46 — Se todos os esforços feitos para salvar a casa falhassem, esta era destruída e seus restos retirados do local, a fim de que as outras moradias não fossem contaminadas.

14.47 — *Se deitar* significa *dormir durante a noite na casa*.

14.48-53 — O procedimento para a limpeza das impurezas da casa era o mesmo usado para uma pessoa.

14.54-57 — A declaração destes versículos conclui a seção de Levítico 13.1—14.57. São citadas novamente as características comuns das contaminações, seja em pessoas, em tecidos ou nas paredes das casas. A impureza exigia ações de limpeza. Se aquela não pudesse ser removida, o que estivesse contaminado deveria ser retirado do meio do povo de Deus.

A impureza ainda hoje requer atitudes por parte das pessoas. Entretanto, Deus providenciou um remédio infinitamente forte para combater a falta de pureza humana: o sangue de Cristo, que purifica desde o início e continua a purificar sempre.

15.1,2 — *Qualquer homem que tiver fluxo de sua carne*. Estes versículos se referem apenas aos homens, pois as regras acerca dos fluidos corporais das mulheres começam no versículo 19. Como *fluxo* podemos considerar qualquer líquido anormal expelido do *corpo* humano, da *carne*, termo usado aqui como um eufemismo para órgão sexual.

15.3 — No hebraico, o verbo traduzido como *vazar* é usado somente neste versículo. O substantivo (*fluxo*) dá a ideia de uma substância densa e viscosa, e a frase *sua carne estanca o seu*

*fluxo* pode ser mais bem traduzida como *quando seu corpo faz com que o fluxo pare*.

Se o trato urinário fosse completamente bloqueado, a impureza não seria a preocupação, mas sim a vida e a morte. O indivíduo morreria em um dia. Este versículo provavelmente indica que, mesmo que o fluxo anormal parasse temporariamente, o homem ainda seria considerado imundo. Era necessário esperar sete dias até que o indivíduo pudesse considerar-se limpo e puro (v. 13).

15.4-12 — Um homem que apresentasse fluxo era considerado imundo, como também toda pessoa que tivesse contato com ele, com suas secreções ou com qualquer objeto que este havia tocado. Exigia-se que o indivíduo contaminado se banhasse e lavasse suas roupas, ficando imundo *até à tarde*.

Quer Israel tenha entendido os princípios higiênicos, quer não, estas ações de limpeza garantiam uma saúde melhor ao reduzir a transmissão de doenças. Seu objetivo principal era, no entanto, ensinar ao povo que Deus é santo e requer pessoas santas diante de si. As doenças e as impurezas tendem a ir ao encontro da desordem, da deterioração e da morte, coisas que se opõem à santidade, à plenitude e à saúde. A intenção de Deus era de que as pessoas gozassem de todas as características relativas à vida.

15.12 — *E o vaso de barro em que tocar o que tem o fluxo será quebrado; porém todo vaso de madeira será lavado com água*. Estas instruções tinham o propósito de prevenir a propagação de doenças por meio da comida e dos utensílios.

15.13 — *Sete dias* era tempo suficiente para garantir que o fluxo parara.

15.14,15 — *Duas rolas ou dois pombinhos* eram as ofertas menos custosas permitidas. O nível de imundice causado pelos fluxos genitais era menor do que o causado pelas doenças de pele. Estes sacrifícios expiariam qualquer pecado que o indivíduo cometesse enquanto estivesse imundo e impedido de entrar no tabernáculo.

15.16,17 — Estas passagens dizem respeito à ejaculação de sêmen fora da relação sexual, que é o assunto do versículo 18.

15.18 — Um homem e uma mulher estavam envolvidos na relação sexual. Ambos deviam banhar-se após o ato e ficariam *imundos* até à tarde. Gênesis 1 e 2 mostram a relação sexual como parte dos planos de Deus desde o início. A impureza e a exigência do banho após o intercuro carnal não tornavam o ato pecado. O banho promovia a limpeza e a saúde. Mas, a maior preocupação acerca desta regra era a pureza ritual.

A relação sexual impedia a entrada no tabernáculo até à tarde. Então, obviamente, o intercuro carnal era proibido na área do santuário. Ao contrário dos procedimentos do povo de Deus, os cananeus tinham relações sexuais dentro de seus templos, para lembrar Baal, o deus da tempestade, de “fecundar” a terra, trazendo chuvas e, assim, garantindo a fertilidade das plantações, dos rebanhos e das famílias.

A remoção do sexo de dentro dos santuários por Deus, mediante esta regra, tinha a intenção de impedir que Israel confundisse a adoração de Baal com a adoração de *Yahweh*.

15.19-24 — Esta passagem estabelece as regras acerca do período menstrual da mulher. Sua impureza ritual durava sete dias. Da mesma forma como se passava com o homem quando estava imundo por causa do fluxo, qualquer pessoa ou objeto que tivesse contato com a mulher nesta época também se contaminava, isto é, ficava imundo.

15.24 — Esta regra não proibia o intercuro carnal durante a menstruação. Entretanto, veja Levítico 18.19 e 20.18. O homem ficava ritualmente imundo por sete dias, o mesmo período de tempo que a mulher. Não se exigia nenhum sacrifício. A menstruação não era considerada pecaminosa.

15.25-27 — Se a mulher apresentasse um fluxo de sangue em qualquer época fora do seu período menstrual normal, ou se sua menstruação durasse mais do que o usual, sua imundice continuava por todo o tempo que durasse a irregularidade e contaminava tudo e todos que ela tocasse. Este foi o caso da mulher que tocou a orla das vestes de Jesus secretamente (Lc 8.43-48).

15.28-30 — Ao fim de seu fluxo anormal de sangue, a obrigação da mulher era a mesma que

a do homem. Esta é outra indicação de sua posição diante de Deus, de seus direitos e deveres santos e igualitários, ao oferecer sacrifícios em seu interesse no tabernáculo. Ela deveria levar a menor e menos custosa oferta para expiar os pecados que cometera durante o seu período de imundice, quando não podia entrar no tabernáculo.

15.31-33 — A higiene e a saúde eram as consequências das regras estabelecidas neste capítulo, mas não seu foco. O propósito primordial era manter o *tabernáculo* limpo, a fim de que Israel tivesse um lugar santo para a expiação do pecado e para o privilégio do encontro com Deus.

16.1-34 — Este capítulo a respeito do Dia da Expição figura no centro de Levítico e no centro do Pentateuco. O Dia da Expição marcava a mais importante e a mais abrangente aproximação de Deus de todo ano feita por Israel. Os rabinos o chamam de *o dia* ou *o grande dia*. Uma importante parte da Mishná [primeira grande redação escrita da tradição oral judaica] é dedicada a ele, e o Dia da Expição continua sendo o dia mais sagrado da fé judaica. Lucas chamou a data de *o jejum* (At 27.9). Muito do seu simbolismo remete à morte propiciatória de Cristo.

16.1 — Os dois filhos de Arão morreram porque ofereceram fogo estranho a Deus, literalmente, *aproximaram-se do Senhor*. Para que Arão chegasse *diante do Senhor*, a fim de ser o intermediário entre Israel e Deus, ele teria de saber como fazê-lo de forma apropriada, para não sofrer o mesmo trágico destino que seus filhos.

Esta informação conecta-se ao capítulo 10 e continua a narrativa deste. Os capítulos 11—15 se interpõem entre as narrativas, não por razões cronológicas, mas por motivos teológicos. A descrição das impurezas físicas das pessoas, que impediam o acesso destas ao tabernáculo até que estivessem devidamente purificadas, funcionou como exemplos de ensinamentos objetivos, pois tal estado necessitava de propiciação no Dia da Expição.

16.2,3 — A ordem de Deus para *não entrar no santuário em todo o tempo, para dentro do véu* alude à atitude arrogante tomada pelos filhos do sacerdote ao se aproximarem do Senhor para oferecer uma oferta não autorizada (Lv 10.1). O santíssimo,

o compartimento mais recôndito do tabernáculo, era separado de um cômodo maior (o lugar santo) por um véu de linho fino trançado de fios de tecido azul, roxo e vermelho (Êx 26.31 NVI). A sentença *para que não morra* demonstra que a aproximação descuidada da presença de Deus podia ser fatal.

**16.4,5** — As vestes mencionadas nestes trechos não são os acessórios e o manto descritos em Êxodo 28. Essas são vestimentas simples de linho que os sacerdotes usavam ao cumprir seu dever no altar. Neste dia, o sumo sacerdote deveria adornar-se com simplicidade e humildade. Ele oferecia a expiação por si próprio primeiro, depois por sua família e, então, por todo o Israel.

**16.6,7** — Após oferecer o sacrifício pelo seu próprio pecado, o sacerdote estava apto a ofertar os sacrifícios expiatórios pelas pessoas. O autor de Hebreus dá grande ênfase a este ponto ao examinar o sacerdócio superior de Jesus (Hb 7.26-28; 9.11-28; 10.19-22).

**16.8-10** — *Para ser bode emissário* quer dizer, literalmente, *para Azazel* [como na NVI]. O significado do termo é vigorosamente debatido. Alguns o consideram um substantivo abstrato que significa *para a remoção completa*. Outros o veem como o nome de um lugar, ou a designação de um deserto do demônio.

Se a terceira posição estiver correta, é importante ressaltar que este bode não era sacrificado para Satanás. Enviar o animal para o deserto significava que os pecados das pessoas eram levados para longe destas e de volta à sua origem maligna, onde nunca mais poderiam fazer-lhes mal.

**16.11-14** — Apenas neste dia do ano o sumo sacerdote entrava no Santo dos santos. Ele levava um recipiente com o sangue do novilho (de sua própria oferta pelo pecado) junto com o incensário cheio de brasas do altar e dois punhados de *incenso aromático moído*. Não fica claro se o sacerdote colocava o incenso no incensário antes ou depois de entrar no Santo dos santos. Mas, era o aroma do incenso queimando que o protegia (compare com Nm 16.46-50).

**16.12** — *Moído* quer dizer *finamente moído*, em pó.

**16.13,14** — *Para a banda do oriente* era o mesmo que aos pés de *Yahweh*, no lugar onde se acreditava que *Yahweh* estaria assentado em Seu trono de misericórdia, representado pela tampa do propiciatório, em direção ao oriente.

**16.15-19** — *Degolará o bode da oferta pela expiação, que será para o povo*. As instruções que envolviam este sacrifício deixavam claro que os pecados das pessoas tinham um efeito maculador sobre o tabernáculo. Se não fossem removidas, as ofensas poderiam causar ineficácia no ministério em relação à propiciação dos pecados.

**16.17** — Mesmo que em outros dias qualquer sacerdote pudesse entrar na *tenda da congregação*, nesta data específica apenas o sumo sacerdote (Arão) estava autorizado a transpor a área sagrada, incluindo o lugar santo e o santíssimo.

**16.18,19** — Este *altar* pode ser o altar do incenso, localizado no lugar santo, ou o altar dos sacrifícios, no pátio externo do tabernáculo. Ambos possuíam pontas. Visto que nenhuma outra móvel é mencionada, pode ser que a propiciação



## EM FOCO

### TRANSGRESSÃO (HB. PESHA')

(Lv 16.10,21; Sl 32.1,5)

Esta palavra hebraica é derivada do verbo *pasha'*, que pode significar *revoltar* (2 Rs 8.20), *ofender* (Pv 18.19) ou *transgredir*, no sentido de ultrapassar um limite (Jr 3.13). O termo faz referência às violações da lei de Deus como foi revelada a Moisés. Em outras palavras, alguém que transpõe as delimitações que Deus estabeleceu. Embora rebelar-se contra Deus fosse um erro grave, o Senhor ainda assim deu condições de retratação às *transgressões* de Israel no Dia da Expição (Lv 16.15-19). Os sacerdotes podiam expiar os pecados dos israelitas, reconciliando assim a nação com o Senhor. Como na antiga Israel, nós nos rebelamos contra Deus. Na verdade, foram as nossas *transgressões* que feriram Jesus (Is 53.5,8; 1 Pe 2.24).

pelo Santo dos santos abrangesse todos os móveis que ficavam dentro do santuário, e a propiciação pelo altar do sacrifício incluísse todas as coisas da parte externa do tabernáculo.

**16.20** — Arão executou todos esses procedimentos longe das vistas do povo.

**16.21** — Enviar o bode para o deserto era uma cerimônia pública. Todos podiam ver Arão simbolicamente colocando todas as *iniquidades*, as *transgressões* e os *pecados* contra Deus sobre a cabeça do bode, que os levava para fora do acampamento, para longe das pessoas e do Senhor. O *homem designado* para conduzir o animal era um indivíduo que estava preparado e aguardava para cumprir sua tarefa.

**16.22** — *Levará sobre si todas as iniquidades* foi o princípio que deu origem à expressão *bode expiatório*. O animal não era culpado dos pecados que carregava, mas era enviado para longe, permitindo que os ofensores se sentissem perdoados por suas ofensas. Quando Jesus carregou os pecados da humanidade, e morreu fora da cidade (fora do acampamento), Ele cumpriu a cerimônia do Dia da Expição. Cristo não foi apenas o perfeito sumo sacerdote; Ele também foi o sacrifício perfeito.

**16.23-28** — Estando o tabernáculo limpo das culpas acumuladas do povo, Arão podia sacrificar uma oferta em holocausto por si próprio e uma pelo povo da forma como foi prescrito em Levítico 1.

**16.25,26** — Arão queimou a *gordura da oferta pela expiação do pecado* como fora instruído em Levítico 4.11,12.

**16.29-34** — Este segmento é um resumo dos ritos do Dia da Expição. Três vezes a expressão *estatuto perpétuo* aparece (v. 29,31,34). Este era o dia mais importante do ano para Israel, e seus ritos não deveriam ser descontinuados até chegar o grande Dia, completando todas as provisões.

A palavra traduzida do hebraico como *perpétuo* significa *até o fim da era*. A morte de Cristo, o sacrifício efetivo e permanente — contrastando com os sacrifícios do Dia da Expição, que tinham de ser repetidos todos os anos —, trouxe o fim de uma era e o início de outra. Sendo assim, hoje seria apropriado nós, cristãos, vermos esse dia como um dia de recordação da propiciação feita por Cristo.

**16.29,30** — O Dia da Expição ocorria no *sétimo mês, aos dez do mês*, o que corresponde ao período entre meados de setembro e meados de outubro. Nesse dia, o povo deveria [afligir] a [sua] *alma*, isto é, fazer um autoexame com o objetivo de arrepender-se das atitudes erradas e buscar o perdão de Deus. Realizar apenas os processos de sacrifícios sem o genuíno arrependimento era inútil.

**16.31** — *Um sábado de descanso* indica que era uma data mais sagrada e guardada com maior rigor do que o sábado normal, o *Shabat*.

**16.32,33** — A ordem *para administrar o sacerdócio no lugar de seu pai* enfatiza que este dia devia ser cumprido por todas as gerações futuras de Israel.

**16.34** — *E fez Arão como o Senhor ordenara a Moisés*. Isso indica que Arão, em seu papel de sumo sacerdote, executou tudo o que Deus instruíra acerca deste importante dia.

**17.1-26.46** — Esta seção, composta, em sua maior parte, de leis que regiam o viver ético e moral do israelita, é geralmente chamada de código de santidade. A primeira metade do livro de Levítico descreve todos os sacrifícios, ressalta a importância da pureza ritual e os procedimentos necessários para obtê-la, e demonstra o significado e as cerimônias do Dia da Expição (como se tornar e permanecer puro e perdoado).

A segunda metade, que analisamos neste momento, fornece as instruções sobre como as pessoas puras e que tiveram seus pecados expiados deviam viver.

**17.1-7** — Por causa da forma como estas regras começam, algumas pessoas entenderam que todo animal morto devia ser levado ao tabernáculo, mesmo que a intenção de seu dono fosse usá-lo como alimento, e não como sacrifício. Contudo, a linguagem utilizada e as razões dadas indicam que estas regras incluem apenas os animais destinados ou usados para o sacrifício. Eles tinham de ser levados até a porta do tabernáculo de acordo com a prévia instrução sacrificial.

Tal procedimento tinha a intenção de prevenir dois abusos: (1) matar um animal para uso próprio, dizendo palavras sagradas, e imaginar que

tivesse oferecido um legítimo sacrifício para Yahweh e (2) oferecer um sacrifício a uma divindade pagã, a um demônio.

17.3 — A expressão *qualquer homem da casa de Israel* demonstra que não havia exceções: todos que degolassem determinados animais teriam de levá-los à tenda da congregação como sacrifício. Apenas os bois, os cordeiros e as cabras são listados como animais sacrificiais. Os que tinham defeito e não ameaçavam a saúde humana eram abatidos por causa de sua carne, mas não podiam ser aceitos para os sacrifícios.

17.4 — *A tal homem será imputado o sangue.* Esta expressão geralmente se referia ao assassinato de um ser humano. Entretanto, o sangue do sacrifício era o único meio de expiar o pecado; profanar esta provisão de Deus significava uma ofensa grave.

17.5 — A expressão *e os ofereçam* significa *os quais eles podem oferecer*. O sacrifício em campo aberto foi proibido.

17.6,7 — *Demônios* eram as divindades pagãs em forma de bode, como os sátiros. Acreditava-se que tais ídolos habitavam o deserto. Provavelmente, Israel teve contato com a adoração aos sátiros quando o povo se estabeleceu em Gósen (Gn 47.1-6). A expressão *após os quais eles se prostituem* indica essa adoração de Israel a outros deuses e a posição do Senhor em relação a essa adoração. O adultério era um pecado muito grave; renunciar à fé no Senhor era ainda mais grave. A apostasia fere Deus profundamente.

Outra pista que indica que as instruções não falavam do abate do animal para o consumo, e sim

dos animais do sacrifício é *estatuto perpétuo*. Quando a adoração de Israel foi centralizada em Jerusalém, algumas famílias moravam há mais de 160 quilômetros do templo. Era praticamente impossível que tais indivíduos percorressem toda essa distância cada vez que matavam um animal para consumir. Contudo, as pessoas podiam viajar a Jerusalém para oferecer uma oferta em sacrifício.

17.8,9 — Estas instruções se estendiam aos *estrangeiros* que peregrinavam entre o povo de Israel.

17.10 — Comer o *sangue* era proibido, e o termo *algum sangue* indica que a proibição se estendia ao sangue em qualquer forma, incluindo aquele não esvaído do animal quando era abatido.

17.11,12 — O versículo 11 explica o princípio fundamental do uso do sangue para expiação: a *alma* dos seres humanos e dos animais *está no sangue*. Se a criatura perde o seu sangue, também perde a sua alma (ou vida). Contudo, a afirmação *vo-lo tenho dado* enfatiza que o sangue em si não tem nenhum poder intrínseco para fazer propiciação pelo pecado; essa propriedade é dada pelo Senhor.

Deus apontou o sangue como o elemento que possui tal poder porque ele representa a vida em um ser vivo. A vida de alguém só pode receber a expiação com o sacrifício de outra vida. O autor de Hebreus ressaltou a natureza temporária dos sacrifícios e da utilização do sangue dos animais. Eles exigiam renovação constante. Entretanto, o sacrifício único de Jesus possui efeito eterno (Hb 9.12-14,25-28).



## APLICAÇÃO

### UM LUGAR ONDE HÁ O PERDÃO

Para os hebreus, havia apenas um lugar onde podiam adorar a Deus oferecendo sacrifícios — o tabernáculo (Lv 17.8,9). Isso não quer dizer que não se podia louvar ao Senhor em outros locais. Contudo, para fazer a expiação do pecado, a pessoa tinha de ir até o altar onde um sacerdote oferecia o sacrifício de acordo com as instruções rigorosamente detalhadas na lei.

Os cristãos de hoje são bem-aventurados. Nosso sumo sacerdote, Jesus Cristo, ofereceu-se em sacrifício pelos nossos pecados e por todas as pessoas quando morreu na cruz (Hb 10.11-14). Consequentemente, podemos receber o perdão a qualquer hora, em qualquer lugar. Não necessitamos ir a um local específico para tal propósito ou realizar algum tipo de cerimônia. Precisamos apenas nos aproximar de Deus mediante Cristo com o coração aberto e verdadeiro e confessar nossas ofensas (Hb 10.19-22).

17.13,14 — Animais selvagens e a maior parte dos pássaros não eram qualificados para o sacrifício, mesmo que fossem puros. Seu sangue esvaído e coberto com terra confirmava o princípio divino de que este era o sustento da vida e o instrumento que efetivava a expiação. O sangue devia ser tratado de forma reverenciosa.

17.13 — A expressão *que se come* faz referência aos animais puros, de acordo com as regulamentações do capítulo 11, e o *cobrirá com pó* indica um sepultamento simbólico.

17.14,15 — A razão para a imundice neste contexto era o contato com a carcaça que ainda tinha sangue que não podia ser drenado. A Lei proibiu o consumo de qualquer animal que tivesse morrido de causas naturais (Dt 14.21). Neste caso, a pessoa se tornava ritualmente *imunda* até à tarde, o que era o mais brando nível de imundice.

17.16 — O mais brando nível de imundice se tornaria *iniquidade* se a limpeza exigida não fosse executada.

18.1,2 — O Senhor se revela no nome divino *Yahweh* [o grande Eu Sou, aquele que era, que é e que sempre será], nome pelo qual Deus se manifestou a Moisés em Êxodo 6.2,3. Ao usar este nome, Deus mostrou Sua boa vontade, baseada na devoção dos israelitas, em revelar-se a eles, redimi-los e, ser seu Deus.

18.3 — O povo de Israel vivera no *Egito* por muito tempo e fora dominado por este. *Canaã* era a terra que Deus daria aos israelitas, mas nela a nação de Israel seria tentada a imitar os cananeus física, cultural e religiosamente.

18.4,5 — *Juízos e estatutos* são as ordens, as leis e os atos de natureza permanente. O termo *juízos* (*mishpatim*) se refere às decisões judiciais que envolviam situações não abarcadas pelas ordenanças. Mediante os estatutos e os juízos de Deus, Israel guiaria sua vida, ou seja, [viveria] *por eles*.

Deus deu a Lei a Seu povo como um estilo de vida em todos os seus segmentos – físico, moral, espiritual e relacional. Entretanto, como Paulo observou, quando a Lei era violada, tornava-se a causa da morte (Rm 7.10-12). Neste ponto, uma grande reparação, maior do que a Lei, seria necessária. O remédio estava em Cristo.

18.6-18 — As leis de Israel contra o incesto eram mais completas e mais avançadas do que quaisquer outras no mundo antigo. As consequências genéticas do cruzamento consanguíneo são causas práticas do estabelecimento de tal proibição. Mas estas não são as razões enfatizadas na lista de uniões proibidas. O estímulo à obediência da Lei reside na sua implicação positiva de manter-se fiel a *Yahweh* e evitar as armadilhas das práticas pagãs dos vizinhos de Israel.

18.6 — A proibição *nenhum homem se chegará a qualquer parenta da sua carne* inclui casos de incesto entre pai e filha e entre irmão e irmã (não meia-irmã), mesmo que estes estejam ausentes da lista que se seguirá. Todos os casos que aparecem na listagem são baseados nas relações parentais ou no casamento. Quanto à expressão *descobrir a nudez* de alguém, seu significado é *ter relações sexuais* com essa pessoa.

18.7 — O termo a *nudez de teu pai* não indica uma atitude homossexual. Em vez disso, destaca



## VOCE SABIA?

### SALVOS PELA GRAÇA OU PELOS PRÓPRIOS ESFORÇOS?

Deus prometeu que quem obedecesse aos Seus decretos e às Suas ordenanças *viveria por eles* (Lv 18.5; compare com Gl 3.10-12). Entretanto, a pergunta que permanece é: o que significa exatamente o termo *viver*?

O contexto faz com que um ponto seja indubitável — Deus estava falando de salvação eterna. Mais precisamente, Ele mostrou a qualidade de vida que teriam aqueles que honrassem Suas instruções. Deus desejava que Seu povo vivesse em santidade, diferindo dos egípcios, cujos costumes e regulamentos eram considerados pelo Senhor como *abomináveis* (Lv 18.3,30). A respeito da vida eterna, as Escrituras deixam claro que a salvação não depende dos esforços humanos. É sempre um dom gracioso de Deus (Rm 10.12,13; Ef 2.8,9).

que o incesto praticado com a esposa do pai (a mãe) simbolicamente também descobre a nudez do pai, porque os casados tornavam-se uma só carne depois do matrimônio.

**18.8** — *A mulher de teu pai* pode fazer referência à cônjuge do pai após a morte ou o divórcio da mãe, ou a uma esposa ou concubina que não era a mãe do indivíduo em questão.

**18.9,10** — *Tua irmã* alude à meia-irmã, visto que ela é definida como *a filha de teu pai* ou *de tua mãe, e em casa ou fora da casa* se refere aos casos em que o pai mantinha múltiplas famílias ou concubinas. Pode também remeter às meias-irmãs ilegítimas.

**18.11,12** — Nestes textos, *gerada de teu pai* é um termo legal, e não biológico, usado para indicar a adoção. Legalmente, esta filha é considerada irmã (e não meia-irmã).

**18.13-17** — A expressão *a nudez de uma mulher e de sua filha* provavelmente remete a uma viúva que vivia com a filha e o genro. Em *não tomarás a filha de sua filha*, *tomar* é um verbo diferente; geralmente significa *casar*, em um contexto como o do versículo 17. Talvez casar com a neta de uma mulher após ter relações sexuais com aquela não representasse tecnicamente um incesto, mas era próximo o bastante para ser rotulado de *maldade* e ser inaceitável.

**18.18** — *E não tomarás uma mulher com sua irmã, para afligi-la*. Um exemplo dos problemas que esta situação podia causar estava na família de Jacó, que se casou com as irmãs Léia e Raquel. Jacó, obviamente, não violou essa restrição, visto que tal norma ainda não tinha sido estabelecida.

**18.19** — *A separação da sua imundícia* faz referência ao período menstrual. O intercuro carnal durante esta época era proibido porque a mulher estava ritualmente imunda, e a relação sexual também faria com que o homem se contaminasse.

**18.21** — *E da tua semente não darás* significa *os teus filhos não entregará*s. Este costume conecta esta proibição ao resto da seção acerca do mau tratamento da “semente” de um indivíduo. Como é sabido a respeito do culto à divindade cananeia Moloque, seus seguidores sacrificavam os próprios filhos para lhe ofertarem.

No final do período monárquico, tal prática era executada num lugar chamado altos de Tofete, no vale do filho de Hinom, na parte oeste de Jerusalém (Jr 7.31). Obviamente esta prática era abominável a *Yahweh*. Ezequiel 16 ilustra essas crianças sacrificadas a Moloque como os filhos e as filhas de Deus mortos pela sua própria mãe.

**18.22** — A homossexualidade é rotulada aqui como uma *abominação*, algo repugnante a Deus, tanto ritualmente como moralmente. Ritualmente, era em parte detestável porque era praticada na religião cananeia, a qual Deus instruiu Israel a não seguir.

**18.23** — Rotulava-se a relação sexual com os animais como *confusão*, algo que não fazia parte da ordem natural. Tal prática também era exercida por algumas religiões seguidas pelos vizinhos de Israel.

**18.24-30** — A terra tinha se tornado tão *contaminada* pelas práticas perversas dos cananeus que ela os vomitou. Por esta razão, Deus disponibilizaria a área para assentar Israel. Os israelitas, entretanto, precisavam ser cuidadosos e viver como o povo santo do Senhor, pois, caso contrário, também seriam vomitados.

**19.1-37** — Estas leis acerca da santidade do povo de Deus apenas aparentam ser diversas e desorganizadas. Contudo, elas refletem três temas principais: (1) fidelidade e amor a *Yahweh*; (2) fidelidade e amor nos relacionamentos pessoais; e (3) honestidade e justiça nos juízos, nos negócios e nas transações comerciais.

Apesar de estas instruções, juntas, representarem diversas áreas do cotidiano, todos os aspectos da vida devem ser vividos com santidade diante de Deus. É importante também notar que tais regras têm uma conexão profunda com os Dez Mandamentos (Êx 20.3-17). Algumas estão diretamente ligadas, outras nem tanto, mas todas se baseiam nos mandamentos divinos.

**19.1-3** — *Temerá* significa *respeitará e obedecerá*. Sob circunstâncias normais, os filhos mais novos devem obedecer a seus pais. Os filhos adultos devem respeitar seus genitores e preocupar-se com o bem-estar destes.

Outra ordem que o Senhor transmitiu aos hebreus foi *guardará os meus sábados*. O sábado semanal era o reconhecimento de que nada dependia somente dos esforços dos israelitas, e sim da majestade de Deus e de Sua graça. Esse dia foi dado pelo Senhor ao Seu povo para a adoração, o descanso e o restabelecimento, a edificação do relacionamento com a família e a reconquista ou o fortalecimento de uma perspectiva eterna (Mc 2.23—3.5).

**19.4,5** — O *sacrifício pacífico* era oferecido por espontânea vontade. Exatamente como os israelitas, quando nós temos paz — ou plenitude — em Deus mediante a oferta de paz de Cristo (Cl 1.19,20), podemos oferecer tudo o que somos, tudo o que temos e tudo o que fazemos.

**19.6-10** — Olhar pelos pobres e pelos estrangeiros que não podiam ser proprietários de terra era uma prioridade na antiga sociedade israelita. Não colher até as extremidades da lavoura, deixando os cereais caídos para os necessitados, era uma maneira efetiva de alimentar aqueles que não tinham posses. *Eu sou o Senhor, vosso Deus* indica que a generosidade do povo de Deus estava ligada à generosidade do Senhor para com os israelitas.

**19.11-13** — *A paga do jornaleiro não ficará contigo até à manhã*. O trabalho precisava ser pago no mesmo dia, para que o trabalhador pudesse providenciar alimentos para si e para sua família. Retê-lo com a finalidade de beneficiar aquele que deveria efetuar o pagamento ou criar uma situação que dificultasse seu recebimento era proibido.

**19.14** — Aproveitar-se daqueles que possuíam limitações físicas era proibido, fosse com o intuito de lucro, de ofensa, de zombaria ou de escárnio. Na verdade, isso não era apenas proibido, mas também perigoso, pois Deus era o defensor deles.

**19.15** — Em um julgamento, não era permitido dar tratamento especial ao pobre, tampouco aos poderosos.

**19.16** — O *mexeriqueiro* não era apenas um fofoqueiro, mas um caluniador, aquele que almejava destruir a reputação de outrem. Em relação ao mandamento *não te porás contra o sangue do teu próximo*, muitos casos podem ser incluídos aqui. No contexto do julgamento, citado nesta seção, possivelmente estava em maior evidência o falso juramento, que ocasionaria a morte do acusado, ou o testemunho que exoneraria o réu.



## APROFUNDE-SE

### DEUS FAZ A DIFERENÇA!

As instruções de Deus sempre deixam transparecer o Seu caráter. Os inúmeros comandos em Levítico 19 estão relacionados à santidade porque, como afirmou o Todo-poderoso, *eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo* (Lv 19.2). Seguem abaixo diversas normas que o Santo Deus decretou ao Seu povo:

- Respeitar os pais (Lv 19.3).
- Guardar os sábados (Lv 19.3,30).
- Renunciar à idolatria (Lv 19.4).
- Preocupar-se com os necessitados (Lv 19.10).
- Fazer negócios com honestidade e integridade (Lv 19.11,12,35,36).
- Proteger os deficientes físicos (Lv 19.14).
- Possuir um discurso justo e verdadeiro (Lv 19.16).
- Amar o próximo como a si mesmo (Lv 19.18).
- Ficar cinco anos sem colher frutas para alimento (Lv 19.25).
- Tornar o luto digno (Lv 19.28).
- Não utilizar encantamentos ou bruxaria (Lv 19.31).
- Respeitar os mais velhos (Lv 19.32).
- Amar os estrangeiros (Lv 19.34).
- Cumprir integralmente a lei (Lv 19.37).

Note atentamente a única razão dada para o cumprimento de todas as regras anteriores: *Eu sou o SENHOR, vosso Deus!*



19.17 — *Não aborrecerás a teu irmão no teu coração.* Jesus mencionou este princípio no Sermão do Monte (Mt 5.21-24). Uma maneira de evitar que o ódio se instaurasse no coração era enfrentar a situação. A forma ideal para resolvê-la era o confronto face a face, [repreendendo] o *próximo*. Entretanto, isso envolvia levar o problema às autoridades, a fim de solucioná-lo legalmente, e não tentar resolvê-lo com as próprias mãos ou permitir que a chaga crescesse no coração do ofendido.

19.18 — *A vingança* pertence a Deus (Dt 32.35), não só porque a vingança humana é carregada de violência, mas porque a de Deus é completamente justa. Por isso, os israelitas não poderiam *vingar-se nem [guardar] ira*, o que significa não deixar que o ressentimento ficasse vivo dentro deles, pois isso quase sempre acarreta vingança. O correto a fazer seria [amar] o *próximo como a si mesmos*. Jesus declarou este como um dos dois mandamentos que, se mantidos, fariam com que a Lei se cumprisse plenamente (Mt 22.37-40).

19.19 — Neste caso, santidade significa pureza em três importantes áreas: (1) no cruzamento de animais, (2) na agricultura e (3) na vida doméstica. Este princípio também reflete o respeito à criação da maneira como Deus a fez.

19.20 — A concubina, uma mulher de posição social inferior e de poucos direitos, talvez não tivesse a liberdade de expressar-se diante de um homem que se aproximava sexualmente dela. Desta forma, ela era inocente. O homem que se deitasse com uma escrava prometida a outro homem nessas condições escapava da morte, mas permanecia culpado perante Deus.

A expiação, *serão açoitados*, era necessária para que houvesse o perdão. O dono da serva provavelmente recebia a compensação, visto que este versículo enfatiza que ela ainda não fora resgatada nem libertada.

19.21-25 — O motivo mais comum sugerido para esta regra era que as árvores novas precisavam preservar sua vitalidade, e não a utilizar toda na frutificação. Neste caso, o agricultor provavelmente podava todas as flores nos primeiros três anos.

A colheita do quarto ano era, então, como se fosse a oferta dos primeiros frutos (Lv 2.14). A partir do quinto ano, a safra pertencia ao proprietário das terras — após os primeiros frutos de cada ano de colheita terem sido ofertados a Deus. A fidelidade no cumprimento desta instrução era recompensada com o aumento da produção de frutos do quinto ano em diante, o que é expresso pela sentença *para que vos faça crescer a sua novidade*.

19.26 — Agourar e adivinhar indicam falta de confiança em que Deus proverá o melhor futuro. O Senhor, e não o diabo ou outro tipo de força espiritual, é o Todo-poderoso e direciona os acontecimentos vindouros.

19.27 — Usar barba era um padrão entre os homens israelitas. Rapar a cabeça ou os pelos do corpo significava luto.

19.28 — O corpo humano foi moldado pelo Senhor e tinha o propósito de ser completo e bonito. Desfigurar o corpo desonrava Deus, a cuja imagem o ser humano foi criado. Golpear a própria carne *pelos mortos* ou tatuá-la (talvez, pintá-la) tinha um significado religioso entre os vizinhos pagãos de Israel. Entre o povo de Deus, tais práticas eram sinais de rebeldia contra o Senhor.

19.29 — Os pais exerciam controle absoluto sobre suas filhas na sociedade patriarcal israelita. Para um homem que tinha dívidas e que se deparrava com a possível perda da terra, a possibilidade de arrendar sua filha como prostituta parecia uma opção atrativa. Contudo, as relações sexuais eram sagradas. Forçar uma filha a violar a santidade a maculava contra sua vontade.

19.30 — Um lembrete muito valioso. A repetição dele indica seu grau de importância.

19.31 — A menção aos *adivinhadores* e aos *encantadores* nesta passagem é diferente da que consta no versículo 26. Entretanto, ambos os textos envolvem a consulta aos espíritos dos mortos. Todo e qualquer contato com estes ou outros seres sobrenaturais foi estritamente proibido em Israel. Tais rituais demonstravam a falta de fé e a rebeldia contra Deus.

19.32 — Levantar-se diante dos anciãos era outra maneira de mostrar reverência e submissão ao Senhor.

**19.33,34** — O bom tratamento ao estrangeiro peregrino na terra ou ao estrangeiro residente nela foi baseado no generoso modo como Deus tratou os israelitas quando estes foram estrangeiros no Egito. Tudo o que o Senhor fizera a Seu povo deveria ser feito aos outros.

Este ainda é um princípio que deve ser seguido pelas pessoas. Os israelitas são instruídos no versículo 18 a amar a seu próximo como a si mesmos. O versículo 34 expande tal conceito e inclui os estrangeiros. Jesus nos mostra a ilustração definitiva desta regra na parábola do bom samaritano (Lc 10.30-36).

**19.35-37** — *Injustiça no juízo* indica a falta de virtude nas transações legais (v. 11, 12, 15-18), a desonestidade nos ajustes comerciais. Todas as medidas deveriam ser justas, como por exemplo o *him*, que corresponde a aproximadamente quatro litros. Mais uma vez o fato de o Senhor ter libertado os israelitas do Egito é citado como a razão de acreditarem que Ele suprirá todas as necessidades. Deus tratou os hebreus generosamente, e eles deveriam seguir o exemplo divino em seus negócios.



### EM FOCO

#### SANTUÁRIO (HB. MIQDASH)

(Lv 19.30; Êx 15.17; 25.8)

Este substantivo significa *lugar sagrado*, ou seja, uma área separada e dedicada ao Senhor. Foi o local onde Deus escolheu encontrar os israelitas. Nele, os sacerdotes expiavam os pecados do povo e este oferecia sua adoração e seu louvor. O santuário também servia de habitação do Senhor, por isso os sacerdotes eram proibidos de maculá-lo, não utilizando suas dependências se estivessem ritualmente impuros (Lv 21.12).

Além disso, os israelitas tinham que respeitar a habitação divina aproximando-se dela com o coração arrependido e a determinação de louvar o seu Criador. Da mesma forma que Moisés respeitou a terra onde Deus se fez presente (Êx 3.5), o povo israelita deveria honrar o templo que o Senhor mandou construir para encontrá-lo.

cometidas. Cada pecado mencionado em Levítico 20 já havia sido citado, principalmente nos capítulos 18 e 19. As leis destes dois últimos capítulos são, em sua maioria, apodícticas, isto é, comandos e proibições absolutos demonstrados na forma de princípios eternos.

As leis do capítulo 20 são, em sua maior parte, casuísticas, ou seja, apresentadas na forma de casos específicos atreladas às penalidades adequadas. Em muitas situações apresentadas neste capítulo, a punição era a morte, por serem ofensas muito sérias. Em três dos casos, o modo de execução é prescrito. No primeiro e no último (v. 2,27), por apedrejamento; no outro (v. 14), pelo fogo. Os pecados se relacionavam com a prática da adoração pagã e com as relações sexuais ilícitas, que geralmente eram encontradas na religião cananeia.

**20.2-5** — Todos os indivíduos que moravam na terra, fossem eles cidadãos ou *estrangeiros*, deveriam abster-se das práticas religiosas que maculavam o santuário de Deus e profanavam Seu *santo nome*. A execução por pedradas, ao que tudo indica, era a forma como Deus se colocava contra o ofensor. Entretanto, se os responsáveis não executassem a sentença sobre a pessoa culpada, o próprio Deus a realizaria, extirpando-a do meio do povo.

Deus fez uma aliança com Israel no Sinai. Qualquer traição israelita (adorando outros deuses) desta aliança sagrada era considerada prostituição, como indica a classificação dada pelo Senhor a tais pessoas: *todos os que se prostituem*.

**20.6-8** — *Eu sou o Senhor que vos santifica* quer dizer *Aquele que separa os israelitas para si*. Na separação para Deus havia dois aspectos: aquele no qual o adorador era o responsável por sua própria separação e o aspecto no qual o próprio Deus assumia o encargo. Sendo responsável, o adorador aceitava os dons de Deus e concordava em renunciar a toda submissão a outras divindades. Deus, por Sua vez, dava a Lei, para mostrar ao fiel como viver separado *para Ele e de todos os outros deuses*.

**20.1-27** — Neste segmento textual são relatadas as penas apropriadas para as ofensas

**20.9** — *Aquele que [amaldiçoava] a seu pai ou a sua mãe não honrava a Deus* (Lv 19.3; Êx

20.12). A afirmação *o seu sangue é sobre ele* significa que a punição era a morte. Esta declaração também assegurava aos executores que eles não eram os culpados por derramar o sangue dos ofensores. Isso é muito importante, visto que não havia um sistema de justiça “profissional” naquele tempo, na antiga Israel. Todas as funções prescritas na Lei eram realizadas pelos cidadãos comuns.

**20.10-16** — As penalidades para as uniões sexuais ilícitas são agrupadas neste capítulo juntamente com a adoração a outros deuses. Isso se dá, em parte, porque a adoração cananeia envolvia numerosas aberrações sexuais, tais como as praticadas na magia e na feitiçaria. Esses ritos tinham o objetivo de influenciar os deuses e fazer com que eles abençoassem a terra com fertilidade.

Todos esses pecados sexuais tinham a morte como punição, e isso foi dito explicitamente. A execução para a conduta errônea no sexo pode parecer cruel aos ouvidos modernos, especialmente porque muitos não acreditam que há tal ofensa na relação carnal.

Esses pecados, entretanto, não eram meramente sexuais em sua natureza. Em muitos casos, as injúrias praticadas representavam uma rebeldia contra Deus e também tinham relação com a adoração cananeia aos deuses da fertilidade, principalmente a Baal e seus companheiros. Na maioria das vezes o comportamento sexual errado resultava na ruptura de uma ou mais famílias, representando uma ofensa gravíssima.

**20.10,11** — Tanto o *adúltero* como a *adúltera* cometiam o pecado por livre e espontânea vontade. Por isso, ambos eram punidos.

**20.12** — A *confusão* é literalmente a *corrupção, a depravação, a degeneração* e, neste caso, a alteração da ordem natural.

**20.13,14** — *Tomar uma mulher e a sua mãe* significa *ter relações sexuais com elas*, como se fosse uma relação comum. Talvez a punição para tal ato, *a ele e a elas queimarão com fogo*, fosse executada após o apedrejamento, para que não houvesse sepultamento, cerimônia que era muito importante para os antigos. Não ser enterrado significava fazer com que a vida após a morte se tornasse impossível para o indivíduo.

**20.15-17** — Nestes dois casos a pena de morte é prescrita pela expressão *certamente morrerá*.

**20.18** — A situação expressa em *quando um homem se deitar com uma mulher que tem a sua enfermidade [...] e ela descobrir a fonte de seu sangue* se refere à relação sexual no período menstrual (Lv 15.19-24;18.19). Durante a menstruação, as influências poderosas do sangue e do sexo eram unidas. Tal descuido casual demonstrava desrespeito a Deus como o Criador, assim como a negligência do papel do homem na procriação.

**20.19,20** — *Sem filhos morrerão* talvez não pareça uma penalidade muito cruel, mas, no mundo antigo, em que a continuidade da linhagem era algo extremamente importante, representava uma grande degradação. Esta era ainda maior em uma situação extraconjugal, como está explícito pela expressão *se deitar com*, pois a não-continuidade da descendência arruinava as duas famílias. O homem não teria herdeiros e a mulher perderia sua condição de esposa honrada.

**20.21** — *Tomar a mulher de seu irmão*. Se um homem morresse sem filhos antes de seu pai e da



## APLICAÇÃO

### UM PADRÃO DEFINITIVO

“Acredite no que quiser”, ou “você tem suas crenças, e eu as minhas”. Frases desse tipo revelam que o mais assustador a respeito dos pontos de vista modernos é que aqueles que acreditam nestes conceitos se tornam “definidores” da verdade e da realidade. Assim, não deixam espaço para uma verdade objetiva e absoluta. E, se não há uma verdade plena pronunciada por uma Fonte acima de nós, então somos deuses ou não há nenhum tipo de precisão e verdade. Assim, não temos nada que nos una ou defina como devemos tratar uns aos outros. Deus não deixou Israel em tal pântano filosófico. Ele determinou claramente as verdades morais e espirituais e instruiu Seu povo a sempre buscar a verdade nele (Deus), e não em outras fontes (Lv 20.6-8).

divisão dos bens da família, o irmão do falecido se casava com a viúva. O primogênito de tal união era considerado o herdeiro do que morreu. Se não fosse esta a situação, era terminantemente proibido que o irmão vivo se casasse com a mulher daquele que estava morto.

Caso acontecesse, pareceria que o vivo queria tomar para si a condição de seu irmão falecido. A sentença *sem filhos ficarão* aponta que, se o homem [que tomasse a mulher de seu irmão] já tivesse um herdeiro, nenhum outro iria substituí-lo. O casamento não geraria nenhum descendente.

**20.22,23** — *Não andeis nos estatutos da gente que eu lanço fora de diante da vossa face.* Deus assumiu toda a responsabilidade pelo julgamento e pela sentença do perverso povo de Canaã, e Ele usaria Israel como Seu instrumento para cumpri-la.

**20.24-26** — A expressão *terra que mana leite e mel* transmite o potencial agrário da terra. As flores cresceriam natural e abundantemente e alimentariam de néctar as abelhas, o que daria origem ao mel, e o pasto de excelente qualidade dos rebanhos faria com que os animais saudáveis produzissem leite.

Deus enfatiza que separou Israel dos povos. Por isso, os israelitas se distinguiram do povo que iriam desapossar da terra, os cananeus. O Deus de Israel era diferente das divindades cananeias. Os hebreus deveriam então agir de forma distinta, com altos padrões de obediência e moralidade, a fim de demonstrar sua posição especial ao mundo.

**20.27** — Este versículo não está fora do lugar. Faz-se necessário entender a organização dos

termos cruzados do capítulo, pois este é um recurso de estilo literário frequente e importante, usado na Bíblia em hebraico, em que se misturam e repetem-se as construções normais.

**21.1-24** — Neste capítulo estão descritas as normas para os sacerdotes acerca do luto, do casamento e da adequação ao sacerdócio.

**21.1** — O contato com uma pessoa morta tornava a outra impura. Visto que os sacerdotes ministravam perante o altar do Senhor, as situações em que eles podiam ter contato com as coisas impuras eram bastante restritas. Caso não estivessem puros, não poderiam exercer seus deveres sacerdotais, daí o comando divino *o sacerdote não se contaminará*.

Isso contrastava fortemente com os costumes do mundo antigo, pois os mortos eram muitas vezes considerados sagrados e, até mesmo, venerados. Na revelação de Deus a Israel, ficou claro que a morte era a grande maculadora, a enorme deturpação dos propósitos divinos para a raça humana. A morte não poderia ser sagrada, e os mortos só poderiam ser resgatados da impureza desta por meio da ressurreição, mas este era um assunto sobre o qual Israel recebeu poucas informações neste primeiro período de sua história.

**21.2,3** — A única exceção para os sacerdotes com relação à morte era se esta acometesse um de seus parentes próximos. Pelos familiares, eles poderiam guardar o luto — mas não o pagão. A esposa, provavelmente, estava incluída no termo *parente mais chegado*. A *irmã virgem* ainda pertencia à família do pai do sacerdote, e a casada, à família do marido dela. O sacerdote não poderia executar os ritos de luto pela irmã que tinha marido.

**21.4,5** — Estes eram os costumes pagãos de luto. Toda a nação de Israel foi proibida de praticá-los (Lv 19.27,28). Naturalmente, os sacerdotes foram os primeiros a descartá-los.

**21.6** — O pão pertencia a Deus porque era oferecido em Seu altar. Não há nenhuma indicação de que o Senhor precisasse desse alimento ou que o comia. O pão apenas pertencia a Ele. Os sacerdotes e suas famílias recebiam o alimento como uma parte do suprimento divino (Lv 6.14—7.36).



## VOCE SABIA?

### MÉDIUNS E ESPÍRITAS

O médium espírita, ou vidente, eram pessoas que alegavam que, por meio do contato com os mortos ou com outros tipos de espírito, vindos do reino dos mortos, podiam revelar coisas a respeito de alguém e prever acontecimentos futuros (Lv 20.27). Esta prática comum de contato com esses seres aparece de forma variada e utiliza vários métodos, tanto nos tempos antigos como nos atuais. A Bíblia considera tais práticas abomináveis, e *proíbe-as* expressamente (veja Dt 18.11; Is 8.19; Ap 21.8.15).

21.7 — Um sacerdote podia casar-se com uma viúva, mas qualquer outra mulher que já tivera relações sexuais com homens era proibida a ele. O casamento de um sacerdote simbolizava seu relacionamento especial e santo com Deus.

21.8,9 — A prostituição, considerada o máximo da promiscuidade, era o oposto da santidade, considerada o máximo da fidelidade. A filha do sacerdote deveria refletir a santidade de seu pai perante Deus, especialmente num tempo em que tudo o que um membro da família fazia repercutia em toda a descendência.

21.10-12 — Não era permitido ao sumo sacerdote se tornar ritualmente impuro, nem mesmo quando da morte de seu pai e de sua mãe. Ele também não poderia exibir nenhum sinal de luto. Seus deveres no santuário não deveriam ser interrompidos. Por causa de sua elevada posição em relação a Deus, os sacerdotes, algumas vezes, pagavam um alto preço em relação à sua vida pessoal.

21.13-15 — O padrão a ser considerado para escolher uma esposa para o sumo sacerdote era mais elevado do que o exigido para um sacerdote comum. O sumo sacerdote só poderia desposar uma *virgem dos seus povos*, provavelmente a filha de outro sacerdote ou uma mulher israelita. Sua semente tinha de ser pura.

Ao casar-se com uma mulher sem nenhuma experiência sexual, o sumo sacerdote garantia que sua prole era realmente fruto de seu casamento. Outra interpretação plausível talvez seja que o sumo sacerdote não macularia sua semente ao deitar-se com qualquer mulher. É possível que esses dois conceitos se complementem.

21.16-23 — Nestes versículos está descrita a proibição do exercício sacerdotal por aqueles que eram fisicamente defeituosos. Nos serviços executados no santuário, a completude física representava um modelo ritual e moral de inteireza e perfeição. Os animais levados ao sacrifício não podiam ter defeitos.

Da mesma forma deviam ser os sacerdotes que os ofereciam no altar. Esta regra não quer dizer que um sacerdote deficiente físico era uma coisa imoral, apenas que este não servia como exemplo e modelo do que o sacerdote

representava. Assim, os deficientes não eram adequados ao sacerdócio.

21.18-20 — A maior parte das condições descritas nestes textos eram permanentes. Uma pessoa que tivesse uma dessas características não podia exercer o sacerdócio. Contudo algumas, como o pé ou a mão quebrada, ou uma ferida na pele, eram passíveis de melhora com o tempo. O sacerdote que viesse a sofrer com uma dessas enfermidades não poderia cumprir com suas obrigações enquanto não estivesse limpo.

21.20,21 — Nem o *eczema* e nem a *ferida* estão incluídos na lista das coisas que tornavam o homem comum impuro (Lv 13.1-46). Exatamente como acontecia com o luto e com a escolha das esposas, os sacerdotes também tinham de manter um padrão físico e de comportamento superior ao das pessoas comuns, pois exerciam uma função pública que ilustrava o modelo de santidade exigido por Deus.

Isso não se dava porque o Senhor possuía dois critérios diferentes, um para os “religiosos” e outro para os “não-religiosos”. É importante perceber que os sacerdotes desempenhavam uma função pública em relação ao físico, o exemplo externo de santidade para Deus, que se unia às suas características interiores, conjunto que, sob a orientação divina, afetava e transformava a comunidade ao seu redor.

21.22 — O *pão do seu Deus... poderá comer*. Isso significa que uma deficiência física não era um defeito moral. A pessoa afligida em seu corpo podia consumir o alimento ofertado no altar pelos sacerdotes. Não lhe era negado o suprimento divino, e o indivíduo também não era forçado a deixar o santuário.

21.23 — A expressão *os meus santuários* provavelmente faz referência às duas divisões do tabernáculo: (1) o lugar santo, onde se encontrava o altar do incenso, e (2) o santíssimo, onde estava a arca da aliança. Isso quer dizer que a pessoa com defeito físico tinha acesso ao pátio externo que cercava o tabernáculo, contanto que não chegasse muito perto do *altar* do holocausto, que ficava nesta área.

21.24 — As instruções não eram repassadas secretamente aos sacerdotes, e sim publicamente.

Cada israelita devia saber o que Deus esperava dele (ou dela) e o que exigia dos sacerdotes.

**22.1,2** — *Dize a Arão e a seus filhos que se apartem das coisas santas.* Quando os sacerdotes estavam ritualmente impuros, eles não deviam aproximar-se das ofertas que os israelitas levavam ao tabernáculo em consagração a Deus. A finalidade dessa proibição está expressa na sentença *para que não profanem o nome da minha santidade.* Se um sacerdote ritualmente impuro ofertasse um sacrifício, este não teria valor.

**22.3** — A expressão *todo homem, que entre as vossas gerações* transmite uma ideia bastante abrangente, tanto em gerações quanto em tempo, a respeito daquele que se aproximasse das coisas santas quando estivesse imundo. Se este assim o fizesse, seria *extirpado*. Isso não significa que o indivíduo seria executado ou banido, mas sim permanentemente excluído do privilégio de cumprir as funções sacerdotais.

**22.4** — As instruções acerca da *lepra* são fornecidas em Levítico 13.1-46 e 14.1-32, e as regras concernentes ao *fluxo* são encontradas em Levítico 15.1-18.

**22.5,6** — Os animais limpos e os imundos são listados no capítulo 11.

**22.7** — *Porque este é o seu pão.* Os sacrifícios levados pelos israelitas representavam a maior parte dos suprimentos diários dos sacerdotes.

**22.8,9** — Os israelitas comuns podiam comer esta carne (Lv 17.15,16). Contudo, exigia-se dos sacerdotes um padrão diferente.

**22.10** — Três grupos de pessoas não tinham acesso à carne das ofertas: (1) o *estranho*, que poderia ser um estrangeiro ou um israelita que não pertencesse à descendência de Arão; (2) *aquele que habitava como um hóspede* junto ao sacerdote e (3) o *jornaleiro* (empregado), que não era um membro do clã sacerdotal.

**22.11** — Os escravos, quer fossem comprados ou nascidos no clã, podiam consumir o alimento consagrado. Estes, sim, faziam parte da classe sacerdotal.

**22.12** — A filha de um sacerdote se tornava um membro da família do marido quando se casava. Se o esposo não fosse também um

sacerdote, ela perdia seu direito de comer o alimento sagrado.

**22.13** — *Mas nenhum estranho comerá dele.* Uma repetição da regra anteriormente citada. Isso marca o fechamento das proibições e dá especial ênfase a esta.

**22.14-17** — A restituição da coisa santa e mais um quinto do valor dela era a penalidade para uma pessoa que, por engano, a comesse. Contudo, em Levítico 5.14-16, a punição era o sacrifício de um carneiro mais a restituição acrescida de um quinto.

Ambos os contextos aludem àqueles que consumiram o alimento consagrado sem intenção. A maior pena (Lv 5.14-16) se aplicava provavelmente ao israelita que não podia, de forma alguma, comer tal alimento. A menor (Lv 22.14-16) era imposta ao sacerdote que normalmente consumia a oferta sagrada, mas em uma ocasião em que estava ritualmente impuro.

**22.18** — Os *estrangeiros* residentes em Israel podiam adorar a Deus junto com os israelitas. Se aceitassem o Deus dos israelitas como seu Senhor, eles também eram aceitos no santuário divino sob as mesmas condições dos hebreus.

**22.19-21** — *Sem mancha... nenhuma coisa em que haja defeito.* Este padrão foi mencionado mais tarde pelo profeta Malaquias quando algumas pessoas começaram a levar animais defeituosos para o sacrifício no altar de Deus (Ml 1.7-14). Não podemos ofertar a Deus nada que não seja o melhor.

**22.22,23** — A proibição de animais defeituosos para o sacrifício se assemelha à proibição de sacerdotes deficientes físicos perante o altar do Senhor (Lv 21.17-23).

**22.23** — Uma exceção é feita para a *oferta voluntária*, visto que esta não era exigida e não cumpria um voto.

**22.24,25** — Os animais *cortados* (castrados) não eram aceitos para o sacrifício. Além disso, os animais adequados para a oferta deveriam ter sido criados pelos israelitas que adoravam a Deus, e não pelos estrangeiros que veneravam uma multidão de deuses pagãos, daí o uso da expressão *da mão do estrangeiro*. Isso também acabava com a



### VOCE SABIA?

#### DÊ A DEUS O SEU MELHOR

Quando se tratava de sacrifícios, ofertas e cumprimento de votos, Deus exigia que os israelitas levassem até Ele seus melhores animais e posses. Nada defeituoso era permitido (Lv 22.20-23). Isto acontecia porque Deus é santo e perfeito. Ele merece o melhor de tudo o que Seu povo tinha a oferecer. Afinal, tudo o que os israelitas tinham pertencia ao Senhor de qualquer forma (compare com Dt 8.18; 1 Cr 29.14,15).

tentação do israelita de comprar um animal inferior de um estrangeiro a fim de economizar recursos e evitar o sacrifício de um animal de seu próprio rebanho.

**22.26,27** — Nestes versículos, o dia oitavo faz uma analogia com o tempo de realização da circuncisão no bebê. Esta regra era primordialmente compassiva. A mãe não deveria ser privada de sua nova cria nos primeiros dias após o nascimento do filhote, período em que seus instintos maternos e seu leite estavam no nível mais alto.

**22.28-30** — Não tirar a vida de uma mãe e sua cria no mesmo dia pode ter tido um objetivo humanitário. Contudo, a preocupação econômica deve ser igualmente levada em consideração. Um homem que possuísse um rebanho pequeno e oferecesse dois animais no mesmo dia talvez estivesse agindo como um tolo e esbanjador, e não como uma pessoa zelosa. Não faremos nenhum favor a Deus se oferecermos todo o nosso sustento a Seu templo e depois precisarmos da caridade dos outros para conseguir sobreviver.

**22.31-33** — Todos esses elementos já foram mencionados, mas não juntos. A pessoa de Deus, Seu nome, Sua ação na santificação do povo e o resgate da escravidão no Egito formaram a base da adoração israelita.

**23.1-44** — Aqui estão expressas as convocações de Israel, chamadas de *santas convocações*, e muitas delas requeriam sacrifícios especiais além dos já adotados regularmente. Todas essas reuniões tinham propósito religioso, obviamente. Algumas consistiam em festividades por causa da colheita agrícola, tendo como foco os sucessivos estágios

do período de safra. Nestas ocasiões se agradecia a generosidade de Deus para com o povo.

Outras celebrações estavam associadas aos acontecimentos históricos da nação. Esses festejos, assim, tinham um caráter duplo: de agradecimento pela bondade divina e por Seus poderosos atos de interferência histórica a favor do povo. Juntas, as santas convocações abrangiam os aspectos religiosos e agrícolas da vida de uma nação, recordavam sua trajetória e marcavam o começo dos calendários religioso e civil.

Isso enfatizava que Deus (e tudo o que se relacionava a Ele) não podia ser separado das atividades diárias. As celebrações eram diferentes em seus motivos, mas todas tinham o propósito comum de unir a nação, fazê-la refletir e regozijar-se com a benevolência divina.

Cada narrativa que dá instruções para uma reunião sagrada inclui: (1) o nome ou a definição da ocasião; (2) a época de sua celebração (o fundamental) e (3) algumas indicações gerais, normalmente pequenas e com poucos detalhes, de como o acontecimento devia ser celebrado.

**23.1** — *Falou o Senhor a Moisés*. As instruções acerca de cada convocação são transmitidas neste capítulo de acordo com a introdução habitual em Levítico. A explicação para cada uma das celebrações pode ser lida em separado, embora seja necessário lembrar que foram todas ordenadas por Deus.

**23.2** — *Fala aos filhos de Israel*. As instruções acerca das festividades eram para todas as pessoas, e não apenas para os sacerdotes. De acordo com a expressão *as solenidades do Senhor*, os festejos eram convocações especificamente para os dias sagrados. Neste sentido, *do Senhor quer dizer ordenadas pelo, consagradas ao ou em honra ao Senhor*.

Portanto, as *santas convocações* consistiam em reuniões sagradas em que todas as pessoas eram chamadas a reunir-se nas datas transmitidas pelos sacerdotes. A Festa dos Asmos e a Festa dos Tabernáculos duravam sete e oito dias, respectivamente. No primeiro e no último dia de cada uma havia reuniões sagradas. Os dias entre os citados anteriormente faziam parte das celebrações, embora não houvesse uma reunião especial nestas datas.

**23.3,4** — *Seis dias obra se fará.* Talvez o dia de descanso seja tão importante para o bem-estar dos seres humanos quanto os seis dias de trabalho. O trabalho foi estabelecido para o homem no jardim do Éden e é uma das maneiras pelas quais a humanidade pode exibir a imagem de Deus. É importante lembrar que, mesmo depois da Queda, o trabalho continuou sendo um dom divino.

O sétimo dia, de descanso, e os outros feriados nos são dados para nosso restabelecimento e para que possamos ter comunhão mais íntima com Deus e com Seu povo. O *sábado do descanso* pode ser expresso novamente como o *sábado que é tudo o que um sábado deve ser* — um dia de descanso e de adoração solene e jubilosa a Deus. A natureza universal do sábado é enfatizada na expressão *em todas as vossas habitações*, ou seja, esta data não era para ser celebrada apenas no santuário, e sim em todas as casas e em todas as tribos.

**23.5** — *No mês primeiro, aos catorze do mês.* Esta data corresponde ao período entre meados de março e meados de abril. A Páscoa mencionada neste versículo é o êxodo de Israel da terra do Egito (Êx 12.1-28).

**23.6-9** — *A Festa dos Asmos* (pães sem fermento) se dava imediatamente após a Páscoa, começando *aos quinze dias* do Nissan [primeiro mês do calendário judaico religioso]. Algum tempo depois, na história de Israel, este e outros festivais envolveriam peregrinação a um santuário principal, primeiro em Siló e posteriormente em Jerusalém. Esta festividade marcava o começo da colheita da cevada, a safra do primeiro cereal importante do ano. Na prática, a Páscoa e a Festa dos Asmos eram observadas juntas como um festival de oito dias.

Nas instruções de Êxodo 12.1-28, essas festas são tratadas como apenas uma celebração. No primeiro dia de sua realização, *nenhuma obra servil* era permitida. Esta consistia no trabalho que podia deixar de ser realizado por um dia ou dois sem problema algum. Tarefas de emergência e fundamentais podiam ser feitas, como por exemplo ordenhar um animal. Quanto à *oferta queimada* que deveria ser oferecida ao Senhor por sete dias, veja suas instruções em Números 28.16-25.

**23.10** — *Um molho das primícias da vossa sega* era uma parte da primeira colheita de cereais, que pertencia a Deus como oferta especial, reconhecendo que a safra foi uma provisão divina. Paulo chamou Cristo de *as primícias dos que dormem* — o primeiro dos mortos a ser ressuscitado (1 Co 15.20).

**23.11,12** — *Mover o feixe* consistia em erguer a oferta perante Deus. Especula-se que este sábado poderia ser o primeiro ou o último dia da Festa dos Asmos, o sábado — o sétimo dia — durante a semana da Festa ou o sábado — o sétimo dia — após a Festa. Se fosse um dos últimos dois, o dia seguinte ao sábado seria o primeiro dia da semana. Considerar o simbolismo com Cristo ressuscitando no primeiro dia da semana, o dia das primícias, faz com que as últimas alternativas sejam bastante atraentes. Contudo, também há uma forte evidência de que este sábado era o primeiro dia da Festa.

**23.13** — *Duas dízimas de flor de farinha* consistiam no dobro da quantidade da oferta de manjares oferecida pela manhã e pela tarde no holocausto diário (Êx 29.40). Êxodo 29.38-42 especifica uma *libação* para acompanhar as ofertas regulares da manhã e da tarde. O vinho era o terceiro principal produto produzido na terra, junto com os cereais e o azeite.

**23.14** — Um israelita não podia comer o cereal da nova colheita até que levasse a oferta das primícias ao santuário. O *trigo tostado* era o alimento preferido daqueles que trabalhavam na colheita. Ele era tostado no fogo e consumido quando esfriava (Rt 2.14).

**23.15-21** — Estes versículos abordam a Festa das Semanas (ou de Pentecostes). Embora não seja nomeada aqui, esta celebração é chamada de Festa das Semanas em Êxodo 34.22. Recebeu este nome por causa da contagem de *sete sábados* (sete semanas) após a *oferta movida* das primícias durante a Festa dos Asmos. A celebração cristã de Pentecostes é fixada cinquenta dias após a Páscoa, na qual Jesus se tornou o cordeiro pascal.

**23.17** — O termo *primícias* faz referência ao trigo da primeira colheita. A data da Festa das Semanas era próxima ao final da colheita do trigo na Palestina. Para o preparo desses pães de primícias,



os grãos que eram separados no começo da colheita ou os primeiros grãos da nova colheita eram qualificados como os primeiros frutos.

**23.18-21** — *Para o sacerdote.* O cereal e a carne das ofertas sacrificiais representavam uma grande parte do suprimento divino para os sacerdotes e suas famílias (Lv 7.1-14,31-36).

**23.22** — Os israelitas tinham de ser generosos ao deixar parte de sua colheita para os necessitados porque Deus deu a abundância da safra a eles (Lv 19.9,10). As uvas não são mencionadas aqui porque a Festa das Semanas vinha antes da colheita do fruto.

**23.23-25** — A Festa das Trombetas era o primeiro dos festivais de outono, marcando o Ano Novo de acordo com o calendário civil (o ano religioso começava na primavera).

**23.24** — *No mês sétimo, ao primeiro do mês.* Este período corresponde a meados de setembro. Nele, Israel lembrava (tinha memória de jubilação) a benevolência divina, expressa pela aliança de Deus com o povo, e pedia ao Senhor que continuasse a recordá-la. A *santa convocação* era uma ocasião solene, alegre e premente no antigo Israel.

**23.25** — *Oferta queimada.* Os animais e os cereais para esta oferta são listados em Números 29.2-5.

**23.26-32** — Uma descrição completa do Dia da Expição é dada em Levítico 16.

**23.27** — *O Dia da Expição.* Em Levítico 16 o dia não é nomeado com este termo. A expressão quer dizer literalmente *o Dia das Expições*, isto é, o dia que estava acima de todos os outros dias, quando a propiciação completa era feita por todo o povo de Israel.

**23.28** — *Nenhuma obra fareis.* No Dia da Expição, a tarefa mais importante era feita pelo sumo sacerdote no santíssimo. Considerava-se a realização de qualquer outro tipo de trabalho como sacrilégio.

**23.29,30** — *Eu destruirei.* O próprio Deus observaria o cumprimento de Suas instruções, e o transgressor do dia mais sagrado seria eliminado.

**23.31,32** — Do versículo 27 ao 32, a ordem para os israelitas *afligirem* suas *almas* aparece três vezes, indicando a importância do cumprimento

dos deveres deste dia. *Aos nove do mês, à tarde, duma tarde a outra tarde* é o único texto nas instruções de Levítico em que o tempo inicial do cumprimento de uma prática é citado.

**23.33-36** — A Festa dos Tabernáculos era o festival de colheita de outono em agradecimento a Deus pelo sucesso das plantações de frutos, dentre os quais os mais importantes eram a uva e a oliveira (azeitona). A celebração também tinha fundamentos históricos, pois lembrava os israelitas de sua morada temporária em tendas por quarenta anos no deserto. Além disso, era uma forma de agradecer a Deus por tê-los mantido vivos durante esta época e por levá-los a salvo até a terra que vieram a ocupar, quando iniciaram as celebrações deste festival.

**23.36** — *Uma santa convocação* finalizava o último dos oito dias da jubilosa celebração.

**23.37,38** — *Além de todas as vossas ofertas voluntárias que dareis ao Senhor.* Nestes versículos há um aviso sutil que alertava para o fato de não se levar uma oferta para uma festividade especial e depois tentar usá-la novamente como uma das ofertas normais relatadas nos capítulos 1—7. Deus é imensamente generoso com o Seu povo, e este, por sua vez, deve corresponder em suas ofertas.

**23.39,40** — *Tomareis para vós ramos de formosas árvores.* Na celebração da Festa dos Tabernáculos hoje, as pessoas usam a cidra, uma fruta parecida com o limão, só que um pouco maior. Especula-se que as árvores espessas sejam as murtas.

**23.41,42** — *As tendas* eram feitas dos ramos das árvores.

**23.43** — *Morar em tendas* durante sete dias lembraria os israelitas da benevolência divina ao mantê-los vivos durante o tempo difícil de peregrinação no deserto. A Festa dos Tabernáculos era uma celebração da colheita e um agradecimento pela proteção de Deus ao povo.

**23.44** — Moisés obedeceu a Deus e declarou aos israelitas aquilo que o Senhor tinha para lhes transmitir.

**24.1-4** — *O azeite de oliveira puro* alimentava as lâmpadas do castiçal que ficava dentro do tabernáculo. O combustível para o castiçal era extraído ao se prensar as olivas dentro de um

pilão com as mãos, um processo que produzia o melhor e mais fino azeite de oliva, por isso o uso do termo *azeite de oliveira batido*.

O *véu do testemunho* separava o lugar santo do santíssimo. Arão e seus filhos eram os responsáveis por manter as lâmpadas acesas (Êx 27.21) *desde a tarde até à manhã*. Esta expressão de tempo indica que havia um cuidado com as lâmpadas somente duas vezes por dia, e não durante toda a noite.

24.5-9 — Os *doze bolos cozidos* eram dedicados cada um às tribos de Israel e postos em *duas fileiras*, sobre as quais se colocaria *incenso puro*. O incenso não era despejado nos bolos, porque os sacerdotes tinham de comê-los. Quando os bolos eram substituídos, queimava-se o incenso como *oferta memorial, uma oferta queimada ao Senhor*. Cada sábado, novos pães eram colocados no lugar daqueles que já estavam lá há uma semana.

O pão seria comido por Arão e seus filhos no *lugar santo*. Veja em Levítico 7.1-14,31-36 as instruções acerca dos alimentos consumidos pelos sacerdotes. Jesus fez alusão à luz do *menorah* e aos pães da proposição quando chamou a si próprio de *luz do mundo* (Jo 8.12) e de *pão da vida* (Jo 6.35).

O pão da proposição consumido pelos sacerdotes prenunciou o pão comido na Ceia do Senhor pelos cristãos. Davi, mesmo que não tenha sido um sacerdote, comeu o pão da proposição quando estava fugindo de Saul (1 Sm 21.1-6). Em uma conversa com seus oponentes, Jesus aprovou a atitude de Davi (Lc 6.1-5). A Lei permitia que se abrissem algumas exceções quando era preciso suprir necessidades humanas vitais.

24.10-12 — Era proibido blasfemar o nome do Senhor (Êx 22.28). O objetivo neste caso foi mostrar que a lei de Israel se aplicava àqueles que não tinham o sangue israelita. Note o cuidado no registro do fato de que o pai do ofensor era egípcio, assim como na menção do nome da mãe, do pai dela e de sua tribo.

24.13,14 — O pecador seria levado para *fora do arraial*, como um indicativo de que ele seria liquidado e a sua morte não macularia a área onde habitava o povo de Israel. A ação de pôr *as mãos sobre a cabeça* do transgressor seria executada

pelos pessoas que ouviram as palavras de blasfêmia, e funcionaria como um sinal de que os pecados do filho da israelita eram de responsabilidade dele.

24.15 — O termo *seu Deus* se refere ao Criador. Qualquer um que o amaldiçoasse carregaria a responsabilidade pelo *pecado* e seria executado. Se um israelita adorasse uma divindade pagã, estaria sujeito à pena de morte pelas mesmas razões. Os estrangeiros podiam adorar o Deus de Israel, mas, se não o fizessem, não era permitido que adorassem seus próprios deuses entre o povo (Lv 17.8,9).

Se uma pessoa amaldiçoasse seu próprio deus diante de Israel, isso não envolvia o povo. Neste caso, ela levaria *sobre si o seu pecado*, o que quer dizer “se o deus dela quiser puni-la, deixe-a”. É claro que os israelitas fiéis ao Senhor entendiam que outros deuses não existiam; por isso, não podiam punir ninguém que os amaldiçoasse.

24.16 — Blasfemar o *nome do Senhor* era como rebelião, pois Deus resgatara os israelitas do Egito e fizera uma aliança com eles no Sinai. A rebelião, mesmo contra os governos humanos, tinha como punição a pena de morte. As leis de Israel se aplicavam tanto aos estrangeiros como aos israelitas, o que é indicado pela sentença *assim o estrangeiro como o natural*.

24.17-22 — Nestes versículos, o verbo *matar* alude a um homicídio, uma morte humana não accidental. Entretanto, no caso da execução de um animal, a penalidade aplicada, a restituição em igual valor ao seu dono, antecipa e nega a alegação de que a vida de um animal requer a vida humana como punição. Por ajuste e repetição, esta passagem veementemente ensina que os animais não são iguais aos seres humanos.

24.19,20 — *Olho por olho*. Esta lei também pode ser encontrada em Êxodo 21.23-25. Seu objetivo não era *exigir* que a parte prejudicada infligisse a punição física *equivalente* àquele que a tinha injuriado, mas *proibi-la* de causar um mal *maior*.

24.21,22 — Uma razão para estas leis, que aparentemente não se relacionam entre si, constarem nestes versículos de Levítico era antecipar a questão acerca de outros regulamentos e verificar

se elas também se aplicariam aos que não eram israelitas. A resposta é sim, elas se aplicariam aos estrangeiros.

24.23 — Se esta passagem que encerra a narrativa estivesse faltando, os leitores sentiriam que a história teria ficado incompleta.

25.1 — Deus fez a aliança com Israel no *monte Sinai*. Assim, o que se segue fazia parte da aliança e devia ser observado, a fim de que fosse mantida a fé em Deus.

25.2 — A expressão *na terra que eu vos dou* é um lembrete de que a terra pertence a Deus. Os israelitas viveriam nela por causa da graça do Senhor e sob a orientação divina. Todas as leis do Ano Sabático e do Jubileu foram baseadas nestas promessas. Se Israel seguisse as instruções divinas enquanto ocupasse a terra, Deus abençoaria o povo abundantemente.

As ordenanças visavam à restauração da ordem social, que ficou estremecida com o passar do tempo. Caso essa ordem não fosse restabelecida, os ricos continuariam a ficar mais ricos e os pobres não teriam a oportunidade de escapar da pobreza.

Quanto ao dia reservado para adorar a Deus, *um sábado ao Senhor* é a mesma expressão usada para o sábado semanal (Lv 23.3). As pessoas descansavam uma vez por semana do trabalho que realizavam; a terra deveria descansar de sua função um a cada seis dias. O princípio que diz que a terra precisa de cessação de suas tarefas vem sendo redescoberto nos dias atuais e é praticado de várias formas pelos fazendeiros de muitos países.

Os profetas acusaram Israel de muitas violações a esse fundamento. O autor de 2 Crônicas explicou que a única razão para os setenta anos de exílio babilônico foi a necessidade de a terra desfrutar todos os anos sabáticos que não foram cumpridos porque Judá os ignorou (2 Cr 36.21). Foi exatamente isso que Deus prenunciou em Levítico 26.34,35, na lista de maldições por causa da desobediência.

25.3-7 — *Não segarás*. Segar e recolher com fins de armazenamento e venda não eram atividades permitidas no Ano Sabático. Entretanto, aceitava-se a sega para suprir as necessidades

diárias. Visto que o propósito dessas leis era promover a igualdade social em Israel, qualquer um, independente da posição que ocupasse na sociedade, estava autorizado a pegar o que crescesse e onde crescesse.

Até mesmo os animais selvagens são mencionados aqui, para enfatizar que Deus supriria as necessidades de qualquer criatura. É claro que a provisão principal de Israel durante essa época era a grande safra produzida pelo povo um ano antes do Ano Sabático (v. 21,22).

25.8-17 — Estas passagens tratam da instituição do Ano do Jubileu. Após sete ciclos dos anos sabáticos, o quinquagésimo ano seria o Ano do Jubileu. O sétimo mês era o começo do ano civil. Seu décimo dia, o Dia da Expição, era a data em que as pessoas se libertavam do pecado e da culpa. Apropriadamente, no ano de número cinquenta deveria ser apregoada *liberdade na terra a todos os seus moradores*; seria a libertação de todas as dívidas, da escravidão, e o final da separação do herdeiro da terra que ele havia herdado.



### VOCÊ SABIA?

#### O ANO DO JUBILEU

O Ano do Jubileu israelita (Lv 25.9) acontecia a cada cinquenta anos. Era como um Ano Sabático (Lv 25.3-7), com a exceção de que o Ano do Jubileu também tinha o propósito de devolver as propriedades e as terras aos donos originais e os servos às suas famílias (Lv 25.10). Isso significava que duas vezes a cada século a economia de Israel era de certa forma nivelada, embora a renda não fosse redistribuída. Os objetivos eram que nenhuma terra que pertencesse às famílias ficasse permanentemente nas mãos dos credores, e que nenhuma pessoa estivesse definitivamente dedicada à servidão.

Conservando-se o conceito de que Deus era o dono da terra, nenhum israelita deveria vender a terra que lhe fora designada como herança. Se uma pessoa passasse por extremas dificuldades e fosse forçada, de fato, a arrendar sua terra para um credor, tal situação só se sustentaria até o Ano do Jubileu, quando todos os débitos seriam perdoados.

A “venda” (o arrendamento de longo prazo) da terra era negociada de acordo com a quantidade de anos que faltavam para o Jubileu. Caso faltassem muitos anos, o preço subia; do contrário, o valor era menor. Esta norma objetivava permitir que cada família israelita tivesse a possibilidade de recomeçar sua vida de geração em geração, apesar do que acontecera no passado.

Deste modo, alguns anos de seguidas safras ruins não destruiriam o clã para sempre. Nem mesmo a negligência e a falta de moral do patriarca da família levariam seus descendentes à ruína por mais de uma geração. Infelizmente, esta sábia provisão, planejada para dar esperança aos indivíduos e estabilidade social à nação, foi raramente, se foi, cumprida.

**25.9,10** — *Apragoareis liberdade* significa que todos os débitos seriam cancelados. Os israelitas que tiveram de vender-se à escravidão poderiam finalmente obter a liberdade, e toda terra seria revertida aos donos originais. A mesma expressão ocorre em Isaías 61.1, na passagem que Jesus leu na sinagoga em Nazaré, no começo de Seu ministério na terra. A missão de Cristo aqui seria anunciar a liberdade àqueles que perderam a sua herança e tornaram-se servos do Maligno.

**25.11,12** — O quinquagésimo ano ou *Jubileu* era, em sua essência, um Ano Sabático (v. 2-7). Cumprir o Ano do Jubileu significava deixar a terra descansar por dois anos seguidos.

**25.13-17** — Não oprimir um irmão israelita era uma maneira de mostrar *temor*, ou reverência e respeito, a Deus.

**25.18,19** — Se aqueles que habitavam na terra de Deus seguissem Suas instruções, viveriam em segurança nela, livres da escassez e das ameaças externas.

**25.18-22** — Em vez de esperar pelas perguntas óbvias do povo acerca das provisões para o ano em que a colheita estaria proibida, o próprio Deus as suscitou e respondeu-lhes.

**25.21,22** — *Eu mandarei a minha bênção sobre vós*. Se os israelitas obedecessem às instruções divinas e deixassem a terra descansar, poderiam ter certeza de que a própria terra supriria todas as suas necessidades. Três anos estavam envolvidos

nesse processo. No sétimo ano nenhuma plantação ou colheita com finalidade de armazenamento ou venda podia ser efetuada. As plantações do oitavo ano não podiam ser colhidas e consumidas até que o nono ano começasse.

**25.23,24** — O princípio que comandava todas estas leis era o de que a terra não pertencia a Israel, mas sim a Deus. Ao afirmar *vós sois estrangeiros e peregrinos*, o Senhor enfatizou que os israelitas habitariam uma terra que não era deles. Do mesmo modo, o cristão fiel vive na terra como um estrangeiro e hóspede, esperando por uma cidade *da qual o artifice e construtor é Deus* (Hb 11.10).

**25.25-28** — Cada pedaço de terra das famílias era a fonte de seu sustento e de seus alimentos. Ser desapossado da área que cultivava, na maioria dos casos, significava tornar-se servo e dependente de outro clã. Muitas pessoas trabalhavam duro para evitar que isso acontecesse, mas as doenças, a safra ruim, ou outros infortúnios poderiam levar um homem a contrair débitos até o ponto em que fosse forçado a vender (arrendar) sua terra. Neste caso, três opções poderiam ser consideradas:

(1) Um *parente* próximo poderia resgatar (comprar) a terra do cidadão em dificuldades que foi vendida a outrem (v. 25). Com a renda, o proprietário teria condições de liquidar a dívida com seus credores. A terra continuaria pertencendo ao clã, a família pobre permaneceria em sua propriedade e, por fim, o parente seria reembolsado.

Este parente era o homem com o grau de parentesco mais próximo ao endividado. Se essa pessoa não pudesse quitar a dívida, esta ia passando a outros indivíduos na linha de parentesco até que alguém pudesse fazê-lo. Este é o cenário de Rute 4, quando Boaz intercedeu como o resgatador e comprou o pedaço de terra de Noemi.

(2) Um homem poderia não ter ninguém que servisse de resgatador para sua terra. Neste caso, se fosse capaz de em pouco tempo economizar o bastante para comprá-la de volta, deveria fazê-lo. O preço de resgate seria estipulado de acordo com a quantidade de anos que faltasse para o próximo Ano do Jubileu, e a quantia adequada retornaria ao comprador (v. 26,27).

(3) Não sendo possível realizar as opções acima, o homem deveria esperar até o Ano do Jubileu para readquirir a terra que ganhara como herança (v. 28). Entretanto, mesmo nessa situação extrema, havia a esperança de que a família pudesse retomar a sua propriedade livre de débitos e, assim, recomeçar.

A lei de redenção e a do Ano do Jubileu são símbolos claros do que Jesus fez na cruz pela humanidade. Tudo o que nosso primeiro pai e nossa primeira mãe perderam no Éden, nós, sozinhos, não conseguiríamos de forma alguma reaver. Jesus Cristo, nosso Irmão mais velho, fez o resgate por nós. Fomos despojados de nossa herança, mas, no Ano do Jubileu, receberemos o consentimento para regressar.

Esta é parte da tensão *já-mas-ainda-não* do Reino de Deus. O caminho foi aberto até aqui nesta terra, mas sua completa realização ainda não aconteceu. Por isso mantemos a esperança, da mesma forma que as antigas famílias israelitas esperavam e ansiavam pelo Ano do Jubileu.

**25.29,30** — O termo *cidade murada* faz referência às maiores cidades dentre as outras da terra. Essas tinham uma grande diversidade econômica, bem superior à dos povoados sem muros. A sobrevivência de um indivíduo não dependia da posse de uma casa na cidade. Assim, o tempo limite para se resgatar tal propriedade era de um ano. Esse tipo de casa podia ser comprado e vendido sem considerar o Ano do Jubileu.

**25.31** — Um povoado sem muros na antiga Israel era algo muito pequeno, considerando os padrões atuais. Muitos só tinham como habitantes umas poucas famílias. A principal atividade econômica era a agricultura, exercida nos limites da aldeia. Para as pessoas que viviam nessas condições, perder a casa em que moravam representava um extremo desastre. Assim, as *casas das aldeias* foram incluídas nas leis de redenção do Jubileu.

**25.32-34** — As casas dos levitas também eram protegidas pelas leis de redenção e do Jubileu (v. 25-28), pois tais moradas representavam sua única posse.

**25.35-38** — Cobrar juros sobre um empréstimo feito a um israelita pobre — *teu irmão* — apenas

retardaria o progresso financeiro dele. Esta lei provavelmente não proibia a cobrança de juros sobre empréstimos comerciais, que era outro nível de atividade econômica, a qual não ameaçava a sobrevivência do próximo.

Algumas pessoas podem ter caído na tentação de recusar-se a fazer o empréstimo ao pobre cidadão israelita, preferindo emprestar aos não israelitas a fim de receber os juros. Isso explica a instrução *sustentá-lo-ás como estrangeiro e peregrino*. Misericórdia e generosidade deveriam ser motivações maiores do que o ganho financeiro. Este princípio continua válido nos dias de hoje.

**25.37** — Talvez neste texto se faça referência às sementes para o plantio, bem como ao *manjar* para o consumo.

**25.38** — A motivação para ser generoso com o pobre deveria vir da gratidão de uma pessoa a Deus, por causa da também generosidade divina ao tirar Israel do Egito e dar-lhe a terra de Canaã, e por Sua aliança para ser seu Deus. Porque servia a um Deus nobre e de extrema grandeza, o povo tinha condições de executar atos de igual esplendor.

**25.39-55** — Este segmento textual descreve a forma de tratamento e a redenção dos escravos. Por mais de cem anos, o mundo esteve praticamente livre da escravidão do tipo em que um ser humano tinha a posse de outro. Qualquer menção à escravidão naturalmente levanta sérias questões.

As leis levíticas falam não só da verdadeira servidão, como também de casos específicos de pessoas tão endividadas que não conseguiam levantar dinheiro para quitar as dívidas. Desta forma, o indivíduo ficava compelido a pagar a seu credor com trabalho. Vários princípios são demonstrados aqui:

(1) um israelita não deveria ser considerado ou tratado como um bem permanente. Tal indivíduo e seus filhos não poderiam ser herdados;

(2) o trabalhador não poderia ser humilhado ou receber tratamento de escravidão (este tipo de atitude é desencorajado em outra parte);

(3) um parente poderia resgatá-lo, ou o próprio poderia fazê-lo, caso fosse possível;

(4) se não fosse resgatado previamente, o servo seria liberto no Ano do Jubileu;

(5) estas regras se aplicavam caso ele estivesse ligado a um companheiro israelita, a um estrangeiro residente ou a um peregrino.

Tais normas possuíam os mesmos fundamentos da redenção e do Jubileu para a terra. Todo israelita pertencia a Deus, era servo do Senhor. Considerando-se esta condição, os hebreus não podiam tornar-se propriedade de outro homem, independente de este ser um conterrâneo israelita ou um estrangeiro. A reverência a Deus era o que norteava a forma de tratamento para com qualquer pessoa que estivesse sob o poder de outrem.

**25.44-47** — Os *escravos* estrangeiros podiam ser comprados, vendidos e herdados como qualquer outro bem. Isso não significa que Deus aprova a escravidão. Ele fez leis para tornar a prática mais branda naquele tempo.

**25.48-55** — Apesar de a regra do resgate por um parente não ser obrigatória, a progressão natural ia do parente próximo até o mais distante. Um irmão, se pudesse, seria aquele que *resgataria, a priori*, o indivíduo. Se nenhum irmão pudesse fazê-lo, um tio e um primo seriam os próximos, respectivamente.

**26.1-46** — Bênção para a obediência e maldição para a desobediência eram dois elementos importantes do tipo de tratado do antigo Oriente Próximo, depois do qual a aliança de Deus com Israel no Sinai foi estabelecida. As bênçãos eram demonstradas em uma lista, seguidas de outra lista de punições que condenavam a rebeldia e a desobediência de Israel. A lista das maldições era tipicamente longa, seguindo o padrão adotado na época.

**26.1** — *Estátuas* eram pilares feitos de pedra ou madeira que representavam deuses e deusas pagãos. Não consistiam numa imagem, mas num símbolo. Juntos, os quatro termos usados neste versículo abarcam todas as possibilidades de imagens pagãs. Neste sentido, a declaração *eu sou o Senhor* defronta os israelitas com a escolha que deveriam fazer quanto a quem prestariam obediência: amariam o Deus vivo ou os ídolos?

**26.2-13** — Esta seção utiliza o formato *se... então*. O versículo 3 consiste na parte *se*, ou seja, nas condições sob as quais as bênçãos de Deus seriam derramadas sobre a terra e sobre o povo.

**26.4,5** — Três tipos de bênçãos atingiriam a vida dos israelitas. O primeiro correspondia à provisão alimentar. Deus prometeu os recursos para abundantes suprimentos de alimento, incluindo a chuva quando fosse necessária. Prova disso é a sentença *a debulha se vos chegará à vindima, e a vindima se chegará à sementeira*.

A colheita dos grãos terminava entre o início e o meio de junho. A da uva começava cerca de dois meses depois. Necessitar de dois meses para debulhar os grãos indicava uma grande colheita. A sementeira não ocorria antes que as primeiras chuvas umedecessem o solo o bastante para poder ser arado, o que acontecia geralmente do meio de outubro em diante. Uma colheita de dois meses da uva era uma grande safra.

Além do suprimento alimentício, é mencionada a segurança, segundo a afirmação *habitareis seguros na vossa terra*, indicando a próxima área em que a bênção divina agraciaria Israel.

**26.6-10** — O segundo tipo de bênção correspondia à proteção. Deus prometeu segurança ou *paz* na terra. Nem os animais nem os seres humanos que estivessem contra Israel sobreviveriam. Os ursos e os leões, criaturas que representavam perigo para os seres humanos, seriam neutralizados. Qualquer inimigo do povo que tentasse atacar Israel seria expulso facilmente, até mesmo em proporções numericamente desiguais.

**26.10** — *Tirareis fora o velho*. Israel não terminaria de comer a colheita antiga antes que a nova fosse provida.



## VOCE SABIA?

### ESTABELECENDO REGRAS

Deus definiu claramente as recompensas para a obediência (Lv 26.3-13) e as punições para a rebeldia (Lv 26.39). Ele também prometeu lembrar-se de Seu povo quando este se arrependia (Lv 26.40-45). Ao fazer isso, Deus moldou dois importantes princípios para o efetivo uso da autoridade: (1) os líderes precisam estabelecer e comunicar de forma clara o que esperam que os outros façam e também o que não podem fazer; (2) os líderes devem apresentar sem rodeios as consequências geradas caso se cumpram ou não as regras.

**26.11-13** — O terceiro tipo de bênção sobre a vida dos israelitas seria o auxílio de Deus em todas as situações por meio de Sua presença. O Senhor poria o Seu *tabernáculo no meio* do povo. Além disso, Ele andaria constantemente entre os israelitas, zelando pelo bem-estar deles, ajudando-os e protegendo-os. A aliança pela qual Deus se atrelou a Israel e Israel a Ele é reafirmada: *e eu vos serei por Deus, e vós me sereis por povo*. Os profetas que viriam lembrariam frequentemente Israel dessa aliança, ao chamar a nação de volta à fidelidade a Deus.

**26.14-39** — Estas eram as maldições que atingiriam Israel por causa de sua infidelidade a Deus e à aliança com Ele. Elas têm muitos pontos de contato com as bênçãos, pois consistem exatamente no oposto destas. Por exemplo, se Israel permanecesse fiel, cem israelitas perseguiriam dez mil de seus inimigos na batalha e prevaleceriam (v. 8); mas, caso o povo se rebelasse contra o Senhor, fugiria de pavor ao som de uma folha levada pelo vento quando estivesse na terra de seus inimigos (v. 36). As maldições estão divididas em cinco seções.

**26.14,15** — Exatamente como acontece com as bênçãos, as maldições também são apresentadas em um formato *se... então*. Estes dois versículos integram a parte do *se*, as condições sob as quais Deus levaria a desgraça aos israelitas, numa tentativa de voltarem o coração novamente para Ele. Os *mandamentos, estatutos, juízos* e o *concerto* formam a Lei que Deus transmitiu a Moisés no Sinai, e o pacto que Israel contraiu com o Senhor lá.

**26.16,17** — Pavor, várias doenças e fome, causados por derrotas militares, seriam as primeiras tentativas de Deus de chamar o Seu povo de volta para Ele.

**26.18-20** — Estas maldições seriam executadas se as anteriores falhassem em sua tentativa de chamar a atenção de Israel. Isso foi caracterizado como um castigo *sete vezes* maior.

A chuva era essencial para a agricultura na antiga Israel. O calor do verão secava o solo. Se as primeiras chuvas do inverno não caíssem e umedecessem a terra, nenhuma ferramenta utilizada pelos antigos israelitas conseguiria ará-la

para que fosse feito o plantio. Obviamente, sem as chuvas, as plantas não sobreviveriam e as sementes não germinariam, daí a declaração *os vossos céus sejam como ferro e a vossa terra, como cobre*.

**26.21,22** — Se a aridez não fizesse com que os israelitas voltassem a si e ouvissem Deus, o Senhor os castigaria *sete vezes* mais mandando *feras do campo*. Numa época em que a população era muito menor em quantidade do que é hoje, um grande aumento do número de predadores representava uma séria ameaça às pessoas e a seus animais domésticos.

**26.23-26** — Caso Israel não se arrependesse após o envio dos animais selvagens, Deus multiplicaria a punição outras *sete vezes* com a guerra, que resultaria em pragas e fome.

Quando os inimigos invadiam a terra nos tempos antigos, as pessoas que viviam em vilarejos sem muros procuravam refúgio nas cidades muradas, causando uma superlotação, por isso a sentença *ajuntados estareis nas vossas cidades*. Assim, caso a cidade ficasse sitiada por um longo tempo, as precárias condições sanitárias levariam à *peste*, a epidemias de doenças contagiosas e mortais.

Outra consequência de um prolongado período de sítio era a fome. O suprimento de farinha compartilhado entre *dez mulheres* seria tão pouco que elas assariam tudo junto *num forno*. O pão seria pesado para garantir que fosse distribuído igualmente, e o povo não ficaria satisfeito.

**26.27-39** — Se a cidade sitiada não fizesse com que os israelitas se arrependessem, a guerra continuaria *sete vezes* mais severa, como punição divina. O canibalismo, a completa devastação da terra e o exílio em terras estrangeiras — a extinção da nação — seriam o resultado final.

**26.29** — Uma maior desobediência resultaria no canibalismo. Isso aconteceu séculos depois durante o sítio de Samaria, e mais tarde durante o cerco babilônico a Jerusalém (2 Rs 6.28,29; Lm 2.20;4.10).

**26.30-32** — Os *altos* e as *imagens do sol* eram provavelmente colunas dedicadas ao deus-sol e a outros deuses pagãos. Violá-los com carcaças humanas os tornaria permanentemente inadequados para a adoração. Há uma ironia

escarnecedora no trato dos corpos sendo jogados sobre o cadáver dos deuses.

**26.33-35** — *E vos espalharei entre as nações.* Esta ameaça foi cumprida no exílio babilônico de 587—536 a.C.

**26.36,37** — *Quanto aos que de vós ficarem.* Os sobreviventes não desfrutariam do alívio e da paz de espírito após escapar dos desastres. Eles continuariam com medo, mesmo que ninguém os estivesse perseguindo.

**26.38,39** — Ser exiladas em terras estrangeiras não significava que as pessoas estavam fora do raio de ação de Deus. Elas se derreteriam (v. 39), talvez até desejando não terem escapado da morte rápida que alcançou os outros.

**26.40-45** — Esta é uma promessa do Senhor de não abandonar Israel para sempre. O objetivo de Deus ao lançar sobre Seu povo todos esses desastres não era destruir Israel, mas levá-lo ao arrependimento e recolocá-lo na terra.

**26.41,42** — O concerto de Deus com os patriarcas tinha precedência sobre a aliança do Sinai (Gl 3.15-18). Mesmo quando Israel a violava, Deus honrava a promessa patriarcal.

**26.43-45** — Por fim, prevalecem o caráter de Deus, Sua graça, Sua misericórdia, Seu amor e

Sua libertação. Por estes, Deus *se lembraria do concerto*. Ele não destruiria totalmente os israelitas. Deus se lembra e redime porque Deus é Deus.

**26.46** — Este versículo resume e confirma a autoridade de Levítico, porque sua fonte é o Senhor.

**27.1-34** — Este capítulo comenta os votos e os resgates. As pessoas fazem votos ao Senhor por muitas razões. A maioria são promessas de dar algo a Deus, tanto um bem como um serviço. Em qualquer situação, pode haver ou não uma razão válida para que o voto não deva (ou não possa) ser mantido como foi declarado. Assim, o resgate do que fora prometido se torna possível, e talvez necessário.

Este capítulo pode parecer estranhamente localizado. Ele fala de resgate, e, como acontece em todo o livro de Levítico, diz respeito à vivência santa das pessoas. Assim, o autor considerou que este assunto se adequaria à conclusão do livro.

O voto é a palavra falada. Tiago disse que qualquer pessoa que pudesse controlar sua língua teria o controle de todo o corpo (Tg 3.2). O exame cuidadoso dos votos e de suas próprias disposições ajuda as pessoas a manter o viver santo do resgatado constantemente à vista.



## APROFUNDE-SE

### DEUS SE RETRAI, MAS NÃO CEDE

Israel por muitas vezes quebrou os mandamentos de Deus. Por exemplo, uma ou duas gerações depois de ter entrado na Terra Prometida, o povo adorou ídolos (Jz 2.10-13). Durante a sua história, os israelitas não mantiveram os anos sabáticos e jubileus (Jr 34.12-16) e repetidamente desonraram o santuário divino e seus utensílios (1 Sm 4.3,11;13.7-13). Estas eram violações diretas da aliança com Deus (Lv 26.1,2). Israel também desrespeitou quase todas as outras regras dadas por Ele.

Em todo caso, Deus respondeu a estas atitudes com firmes correções, exatamente como Ele anunciara (Lv 26.14-39; compare com Jz 2.14,15; Jr 34.17-22; 1 Sm 7.2;13.14). Por fim, Ele consentiu que os estrangeiros levassem Seu povo para o exílio (2 Cr 36.17-21). Todavia, no relacionamento do Senhor com Seu povo obstinado e rebelde sempre esteve inclusa uma brecha para o perdão, se os hebreus verdadeiramente se arrependessem:

- Deus se lembraria de Sua aliança com os patriarcas de Israel, Jacó e Abraão (Lv 26.42,45).
- Deus se lembraria da Terra Prometida (Lv 26.42).
- Ele não expulsaria definitivamente Seu povo nem o *abominaria* (Lv 26.44).
- O Senhor não destruiria totalmente os israelitas nem quebraria Sua aliança com eles (Lv 26.44).
- Ele continuaria sendo o Deus deles (Lv 26.44,45).

Deus mostra que um líder deve sempre ser fiel diante de seguidores desobedientes, mesmo ao corrigi-los. Ao seguir Seu exemplo, os líderes exercitam a disciplina de forma a ajudar as pessoas, em vez de destruí-las. Eles podem até retrair-se sob a pressão da desobediência, mas nunca devem ceder.



**27.1-8** — Apesar de todas as pessoas poderem dedicar-se e dedicar seus filhos (1 Sm 1.11,22) ao Senhor, apenas os levitas tinham o consentimento de servir a Deus como sacerdotes. Por esta razão, os indivíduos consagrados para o culto a Deus deveriam ser resgatados.

O fator principal ao determinar o valor do resgate estava relacionado à força física. A um homem era atribuída uma quantia maior do que a uma mulher, porque ele podia fazer trabalhos mais pesados. A idade também era um determinante. Ao resgatar por certo preço a pessoa dedicada ao santuário, o israelita pagava o valor da oferta pela qual fez o voto.

**27.8** — Uma pessoa poderia dedicar a si mesma como oferta a Deus e ir resgatar o voto — visto que ela própria não poderia servir no santuário —, apenas para que o sacerdote constatasse que ela era *mais pobre do que a avaliação* dele. Naquele tempo, 50 siclos (v. 3) de prata representavam aproximadamente as economias de quatro anos [cerca de 600 gramas de prata (NVI)]. Neste caso, o sacerdote estabelecia um valor *conforme o que [alcançasse] a mão do que fez o voto*.

**27.9,10** — Votos imprudentes e irrefletidos eram desencorajados. Se alguém fizesse o voto ou levasse o animal puro para o sacrifício e depois se arrependesse da decisão, o animal não poderia ser substituído.

**27.11-13** — Os animais imundos não podiam ser sacrificados. Por essa razão o sacerdote estabelecia um valor para cada animal desse tipo levado ao santuário como oferta, e o templo recebia esse valor.

**27.14,15** — Os sacerdotes também estabeleciam um valor para a casa dada como cumprimento de um voto. Obviamente, estes servos de Deus deveriam ter conhecimento dos muitos tipos de transações comerciais. Uma casa em uma cidade murada poderia ser dedicada a Deus se não fizesse parte da herança que teria de ficar na família perpetuamente (Lv 25.29,30).

**27.16-25** — A terra poderia ser consagrada ao Senhor. Se fizesse parte da herança da família, seria resgatada antes do Jubileu. O preço exigido por uma parte dela, um *gômer* [medida de



## EM FOCO

### JUBILEU (HB. YOBEL)

(Lv 25.10; 27.17; Êx 19.13)

A palavra significa literalmente *carneiro* ou *chifre de carneiro* (Js 6.5), e, em um caso específico, é interpretada como *trombeta* (Êx 19.13). O termo está associado ao Ano do Jubileu em Levítico (25.10) e em Números (36.4). O quinquagésimo ano era o *ano jubilar* para os hebreus, definido pelo som da trombeta (Lv 25.9). Durante este ano, os israelitas desfrutavam de liberdade e independência: libertavam-se os escravos, cancelavam-se os débitos, dava-se descansa à terra e resgatavam-se as propriedades familiares (Lv 25.10-17). O fato de Jesus ter citado Isaias 48.8,9 indica que Ele equiparou Seu ministério terreno aos princípios do Ano do Jubileu (Lc 4.18,19).

capacidade para secos equivalente a 200 a 400 litros] *de semente de cevada* para plantar, era 50 siclos de prata.

Durante os 49 anos do período entre Jubileus, o preço para resgatar a parcela do campo correspondia a aproximadamente um siclo por ano [cada siclo corresponde a cerca de 12 gramas de prata], o custo anual das sementes. Um indivíduo era encorajado a resgatar a terra o mais rápido que pudesse, a fim de que a família não ficasse desprovida de seu sustento.

Os sacerdotes e os levitas não teriam tido tempo de trabalhar na terra dedicada ao santuário. Aparentemente, a pessoa que a consagrou continuava trabalhando nela, talvez pagando o *gômer* de semente de cevada cada ano para resgatá-la, embora o texto não mencione tal ajuste. Consagrar a terra ao santuário, e então vendê-la (arrendá-la) a outra pessoa até o Jubileu seguinte, provavelmente indicava uma tentativa de obter algum lucro do que foi consagrado. Isso resultava na perda do direito de resgatá-la no Ano do Jubileu.

**27.22-25** — A terra consagrada que não fazia parte da herança da família, mas que tinha sido comprada de outra pessoa, era resgatável antes do Jubileu sob os mesmos termos da terra que pertencia à herança da família. Entretanto, se não fosse resgatada, era revertida ao dono original no Ano do Jubileu.

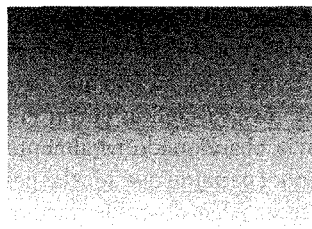
27.26,27 — As primeiras crias dos animais não podiam ser consagradas a Deus, visto que já pertenciam a Ele (Êx 13.2). Uma pessoa não poderia cumprir um voto com a primeira cria dos animais, esperando receber crédito duplo de Deus por um único sacrifício. Animais puros não podiam ser resgatados; tinham de ser sacrificados. Animais impuros não podiam ser sacrificados, e tinham de ser resgatados com dinheiro.

27.28,29 — Consagrar um bem a Deus era um ato mais valioso do que dedicá-lo. Nada que fosse consagrado poderia ser resgatado. *Toda coisa consagrada do homem certamente* [morreria]. Nenhum cidadão comum possuía o poder de consagrar-se ou consagrar outra pessoa para a destruição.

27.30,31 — Para uma pessoa que vivia distante do santuário, era mais fácil resgatar os dízimos de sua colheita do que levá-los ao santuário.

27.32,33 — Os dízimos do rebanho eram contados e inspecionados quando passavam *debaixo da vara* do pastor. Cada ano, os animais nascidos eram computados dessa forma. Todo décimo animal fazia parte do dízimo que pertencia a Deus. Não era permitido que o dono ordenasse os animais de tal forma que o décimo fosse um animal pequeno, fraco ou doente, tampouco poderia substituir um ruim por um melhor.

27.34 — Embora essas regras tenham sido estabelecidas para um povo antigo, com outra cultura, e não se adequem ao cristão moderno em muitos detalhes, o livro de Levítico tem muito a ensinar ao seguidor de Cristo. O viver santo deve ser nosso objetivo principal, porque fomos resgatados pelo sangue de Cristo, que é infinitamente mais precioso do que o sangue de qualquer animal sacrificial.



O livro de

---

# Números

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Números descreve os acontecimentos que se passaram imediatamente antes de os israelitas entrarem na Terra Prometida. De forma bastante parecida aos dias tensos que antecedem uma batalha ou as eleições presidenciais, os eventos ocorridos aqui revelam o desassossego e a impaciência israelita, mas também a antecipação das ações divinas. Os israelitas cometeram graves erros durante este período crucial, e o Senhor os disciplinou. Assim, por meio de Sua disciplina e de Sua instrução, Deus capacitou Seu povo não só a adorá-lo, como também a confiar nele e aguardar a vitória final.

As longas listas e os muitos nomes em Números desencorajam uma grande quantidade de leitores. Entretanto, esses dados devem ser vistos como os antigos israelitas os viam. As

listagens eram as chamadas finais antes da batalha. Elas incitavam o louvor a Deus por Sua fidelidade aos israelitas. Ele os tinha protegido e multiplicado mesmo em meio à aridez do deserto.

O livro de Números é dividido em duas partes principais. Cada uma delas começa com um censo. O primeiro deles (capítulos 1 a 4) enumera os homens que pertenciam à primeira geração de hebreus que tinham deixado o Egito e que podiam servir ao exército. Esta contagem e a marcha triunfal que seguia para a Terra Prometida logo se transformaram em um desastre. A geração inicial de israelitas não confiou em Deus e não lhe agradeceu por Sua provisão. Em vez disso, duvidou do Senhor, acusou-o e rebelou-se contra Seus benevolentes mandamentos. Tudo isso demandou

disciplina: esta geração não herdaria a Terra Prometida, porque ela havia sido infiel.

Entretanto, mesmo que Deus não tivesse deixado esses israelitas entrar em Canaã, Ele não havia abandonado totalmente o Seu povo. O Senhor permitiu que aquelas pessoas vivessem no deserto. Além disso, Ele graciosamente as instruiu acerca de seu caminho e de como preparar seus filhos para habitar a terra. A infiel primeira geração não alterou os propósitos divinos, nem desencorajou o Senhor de cumprir Suas promessas. Um dia, os descendentes daquele povo que foi liberto do Egito, a segunda geração, obedeceria a Deus e conquistaria a Terra Prometida.

Após 40 anos vagando no deserto, o segundo censo (cap. 26) enumerou os homens da segunda geração que podiam servir ao exército. Finalmente, eles estavam preparados para fazer o que seus pais falharam em executar. Mas, acentuando a narrativa dos capítulos 26 a 36, estava a desagradável pergunta: a segunda geração teria sucesso, ou repetiria os erros de seus pais? O livro termina com uma expectativa positiva. A segunda geração teria êxito. O povo de Deus receberia o cumprimento da promessa da terra de Canaã, finalmente!

O livro de Números é o quarto dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, o Pentateuco. O termo *Números* vem de uma denominação que os tradutores da Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento, concluída por volta de 150 a.C.) deram ao livro, um nome que faz referência às duas proeminentes listas de censo contidas nele.

Até o século 19, estudiosos judeus e cristãos concordavam unanimemente que Moisés escrevera todo o Pentateuco. Educado pelos egípcios, ele certamente tinha erudição suficiente para compor os cinco livros, além do fato de ser o personagem principal de Êxodo até Deuteronômio.

Entretanto, muitos estudiosos dos séculos 19 e 20 colocaram em dúvida o fato de que Moisés

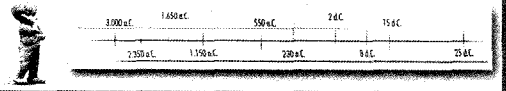
redigira os primeiros cinco livros do Antigo Testamento. Eles sugeriram que estes livros, incluindo Gênesis, teriam sido compilados em uma data posterior. De acordo com esta análise, editores anônimos teriam usado pelo menos quatro documentos para reunir o Pentateuco. Estes quatro documentos foram identificados de acordo com os nomes divinos repetidos neles, tais como *Elohim* e *Yahweh*, e seguindo também certas variações na fraseologia e na escolha da palavra. Os quatro documentos foram chamados de *documento J*, aquele que usa *Javé* para definir *Deus*; o *documento E*, que usa *Elohim* para *Deus*; o *documento P* ou *sacerdotal (Priestly)*; e o *documento D*, o *documento deuteronômico*. Mais recentemente, esta análise do Pentateuco veio a ser contestada, e nenhum consenso real emergiu desses novos debates.

Por outro lado, muitos autores evangélicos têm sustentado que Moisés foi o autor e o compilador do Pentateuco. Dada a longa permanência dos israelitas no deserto, Moisés certamente teve tempo suficiente para compilar o material e escrever os livros. Entretanto, ele pode ter supervisionado algumas adições aos livros, e certamente editores posteriores anexaram outros dados. Por exemplo, a notável história de Balaão (capítulos 22 a 24) pode ter sido escrita por outra pessoa que não Moisés, pois este não participou e tampouco foi espectador de tais acontecimentos.

Ao mesmo tempo, há muitos indícios positivos em Números de que Moisés de fato compôs a narrativa principal. Por exemplo, o versículo 2 do capítulo 33 fala especificamente do itinerário. Da mesma forma, Números 3.40 certamente sugere que Moisés registrou o número e os nomes dos primogênitos de Israel. Além disso, o constante refrão *falou mais o Senhor a Moisés*, encontrado em quase todo começo dos capítulos mais importantes do livro, atesta não só a sua origem divina, como também o fundamental papel de Moisés em comunicar e transmitir as instruções divinas aos israelitas.

**LINHA DO TEMPO**

**CRONOLOGIA EM NÚMEROS**



Ano 1527 a.C. — Nasce Moisés

Ano 1487 a.C. — Moisés sai do Egito para Midiã

Ano 1446 a.C. — Os israelitas atravessam o mar Vermelho

Ano 1445 a.C. — A Lei é dada no monte Sinai

Ano 1445—1405 a.C. — Acontecimentos de Números

Ano 1405 a.C. — Israel entra na Terra Prometida



**ESBOÇO**

I. A primeira geração no deserto — 1.1—25.18

A. A marcha triunfal — 1.1—10.36

(1) A separação do povo em preparação para a marcha — 1.1—10.10

a. O censo da primeira geração — 1.1—4.49

b. Ritos de purificação — 5.1—10.10

(2) O começo da marcha — 10.11-36

B. A rebeldia e o julgamento do povo — 11.1—25.18

(1) O ciclo de rebeldia e a expiação do pecado do povo — 11.1—20.29

(2) O auge da rebeldia e a esperança — 21.1—25.18

II. A marcha da segunda geração à Terra Prometida — 26.1—36.13

A. O censo da segunda geração — 26.1-65

B. As mulheres com direito à terra como herança — 27.1-11

C. O sucessor de Moisés — 27.12-23

D. Ofertas, festivais e os votos para a nova geração — 28.1—30.16

E. A guerra contra os midianitas — 31.1-54

F. O assentamento das tribos na Transjordânia — 32.1-42

G. Palavras de advertência e encorajamento — 33.1-56

H. Uma antecipação da Terra Prometida — 34.1—36.13

## COMENTÁRIO

1.1 — A expressão *falou mais o Senhor a Moisés* marca o tom deste livro. As revelações de Deus a Seu servo Moisés são mencionadas mais de 150 vezes (e de mais de 20 maneiras diferentes) em Números.

*No deserto do Sinai.* Esta era a área geográfica de Números, um ambiente que serve como uma poderosa metáfora espiritual. Os israelitas não viviam pura e simplesmente no deserto. Na verdade, eles, como uma nação, estavam viajando espiritualmente por uma terra árida. Deus já os havia libertado da escravidão, mas ainda não os havia levado à Terra Prometida. Assim, os israelitas tinham de enfrentar sofrimentos físicos e privações no lugar árido onde estavam perambulando, para testar a sua fé (Nm 21.4-9).

O local especial da manifestação divina era a *tenda da congregação*, também chamado de *tabernáculo do Testemunho* (Nm 1.50,53).

A referência de tempo, *no primeiro dia do segundo mês no segundo ano*, é feita a partir do acontecimento fundamental da história de Israel: a libertação do povo da escravidão no Egito.

O êxodo constituiu o nascimento da nação de Israel e representava para os israelitas do Antigo Testamento o que a morte e a ressurreição de Jesus representam hoje para os cristãos. O segundo mês corresponde aproximadamente a abril, uma época que mais tarde seria conhecida em Canaã como o mês das colheitas gerais entre as primícias e o Pentecostes. O censo de Números é, de certo modo, “a colheita de Deus” das pessoas. Os acontecimentos de Números se passaram em um período de 38 anos, provavelmente na segunda metade do século 15 a.C.

1.2,3 — O propósito do censo era ser um alistamento militar. Este não tinha um objetivo social, político ou econômico. Em vez disso, o recenseamento ajudaria Israel a preparar seus exércitos para a guerra e conquistar a terra de Canaã. Por esta razão, eram contados os indivíduos do sexo masculino, fisicamente capazes, e que tinham de 20 anos para cima. Exatamente como Deus prometeu a Abraão há muito tempo (Gn 15.16-21), Ele agora estava preparando os israelitas para ocupar Canaã. O Senhor começa a realizar o processo de entrega da Terra Prometida ao povo. Além disso, o censo demonstrou



### APLICAÇÃO

#### DEUS FALOU COM VOCÊ!

Imagine-se ouvindo a voz de Deus! Moisés a ouvia (Nm 1.1). As Escrituras nos dão poucas informações de como era essa experiência, mas a Bíblia de fato diz que o Senhor falou com o profeta *face a face, como qualquer fala com o seu amigo* (Êx 33.11). Aqueles que desejam ouvir a voz do Senhor devem saber que Ele fala por meio de Sua Palavra.

A Bíblia é a Palavra de Deus. Embora os livros bíblicos tenham sido escritos por seres humanos, são a Palavra do Senhor. Nos cinco primeiros livros da Bíblia, Moisés afirma várias vezes que está apresentando as palavras que Deus lhe ordenou que escrevesse (Êx 24.4). Da mesma forma, o escritor declara que a Lei lhe foi revelada por Deus (Êx 25.1; Lv 1.1; Nm 1.1; Dt 1.6). Na verdade, a expressão *Falou o Senhor a Moisés* é repetida 33 vezes somente em Levítico. Além disso, o Novo Testamento também afirma que as instruções que Moisés recebeu vieram de Deus:

- Jesus usou as palavras *Deus lhe falou* quando citou o acontecimento da sarça ardente (Mc 12.26).
- Jesus e os fariseus reconheciam a Lei como dada por Deus (Mt 19.4-7; Jo 9.29).
- Estêvão citou o que Moisés escrevera como palavras de Deus (At 7.6).
- Pedro disse que Moisés e os outros profetas *falaram inspirados pelo Espírito Santo* (2 Pe 1.21; compare com Hb 1.1).

Deus claramente falou com Moisés, mas Ele também se dirigiu a nós, por meio de Sua Palavra escrita, a Bíblia. Os judeus e os cristãos, ao longo dos séculos, preservaram a mensagem divina desde o momento que ela foi revelada. Muitos passaram toda a sua vida e direcionaram seu trabalho para que os ensinamentos divinos chegassem a nós nos dias de hoje. A Bíblia já foi banida, queimada, e, algumas vezes ridicularizada, mas ainda assim sua verdade permanece inalterável. Ela continua a ser o teste da ortodoxia para todos aqueles que se dizem *de Deus* ou que afirmam *andar* nos caminhos dele.

aos israelitas a fidelidade divina no cumprimento de outra promessa que fizera a Abraão: a multiplicação de seus descendentes (Gn 12.2; 15.5; 17.4-6; 22.17). (Leia o capítulo 26, para o segundo censo.)

**1.4** — Um homem de cada tribo ajudaria Moisés e Arão na imensa tarefa de contabilizar a nação. A participação destas pessoas garantiria que a contagem feita fosse imparcial e correta.

**1.5-15** — *Os nomes dos homens que estavam convosco.* Nesta listagem há certa pungência. Ela deveria ter sido uma lista de pessoas heroicas, pois os indivíduos que figuram nela seriam os líderes das tribos imortalizados na história da conquista de Canaã. Por causa das atitudes de descrença da nação em Cades (capítulos 13 e 14), estes homens e todos aqueles contados com eles pereceriam no deserto. Muitos destes nomes são compostos de termos que fazem referência a Deus. Chamamos tais denominações de *teofóricas*, pois aludem à fé na presença e na provisão de Deus na vida de Seu povo: *Elizur* (meu Deus é uma rocha), filho de *Sedeur* (*Shaddai* é a chama), chefe de Rúben (v. 5); *Selumiel* (minha paz é Deus), filho de *Zurisdai* (minha rocha é *Shaddai*), chefe de Simeão (v. 6); *Naassom* (significado não conhecido), filho de *Aminadabe* (meu parente [Deus] é nobre), chefe de Judá (v. 7); *Natanael* (Deus concedeu), filho de *Zuar* (aquele pequeno), chefe de Issacar (v. 8); *Eliabe* (meu Deus é Pai), filho de *Helom* (como uma muralha), chefe de Zebulom (v. 9); *Elisama* (meu Deus ouviu), filho de *Amiúde* (meu parente [Deus] é majestoso), chefe de Efraim (v. 10); *Gamaliel* (recompensa de Deus), filho de *Pedazur* (a Rocha [Deus] resgatou), chefe de Manassés (v. 10); *Abidã* (meu Pai [Deus] é o Juiz), filho de *Gideoni* ([Deus é] meu lenhador), chefe de Benjamim (v. 11); *Aiezzer* (meu irmão [Deus] é ajuda), filho de *Amisadai* (meu parente [Deus] é *Shaddai*), chefe de Dã (v. 12); *Pagiel* (encontrado por Deus), filho de *Ocrã* (preocupado), chefe de Aser (v. 13); *Eliasafe* (Deus somou), filho de *Deuel* (conheça Deus), chefe de Gade (v. 14); *Aira* (meu irmão [Deus] é castástrofe — talvez uma expressão de aviso aos inimigos), filho de *Enã* (olhar), chefe de Naftali (v. 15).

**1.16-18** — Os homens convocados dentro da comunidade foram escolhidos por causa de suas posições de liderança. A palavra *líderes* em hebraico é *nasi*´.

**1.19** — *Como o Senhor ordenara a Moisés.* Esta expressão mostra que o tom dos capítulos 1 a 10 é de submissão por parte de Moisés e do povo às revelações da vontade de Deus. À medida que o Senhor ordenava, Moisés e os israelitas respondiam prontamente.

**1.20-43** — *Os filhos de Rúben [...] e as suas gerações.* Cada um dos 12 miniparágrafos dos versículos 20 a 43 segue o mesmo padrão desta expressão. Primeiro, cita o nome da tribo; depois as particularidades de sua família; em seguida, a estipulação de que os homens contados eram fisicamente capazes e tinham de 20 anos para cima, o nome da tribo de novo, e, finalizando, o número contabilizado deste clã. As únicas variações deste padrão estão nos versículos 32 a 35, nos quais é explicado que Efraim e Manassés são os filhos de José (como no v. 10). Esta observação relembra ao leitor de que José teve sua partilha em dobro dentre as tribos de Israel. Seus dois filhos receberam dotes iguais aos dos tios com relação à posteridade israelita. (Veja Nm 1.47-50, para a tribo de Levi.) Todo este trecho bíblico tem uma aura de celebração envolvendo-o. Os detalhes podem parecer repetitivos e tediosos para nós, mas estes provocariam a emoção nas respectivas unidades tribais: “Esta é nossa família! Aqui estão todos os seus membros dentre os milhares de Israel”.

**1.44-46** — O número total dos homens fisicamente capazes (que tinham pelo menos 20 anos de idade) era 603.550. Somando-se à quantidade de mulheres, crianças, velhos e incapazes que não foram contabilizados neste censo, havia uma população total de aproximadamente dois a cinco milhões de pessoas.

**1.47,48** — Os levitas não foram incluídos no censo. A tribo de Levi era sagrada e pertencia exclusivamente a Deus (o capítulo 3 registra as famílias, os números e os deveres dos levitas). Para que pudesse manter as 12 tribos separadas, mesmo porque os levitas não foram contados com

as outras, a tribo de José recebeu dois dotes, um para cada filho, Efraim e Manassés (Nm 1.10,32-35). Assim, a tribo de José ficou com uma porção em dobro (Gn 49.22-26).

**1.49,50** — O *tabernáculo do Testemunho* também é chamado de *tenda da congregação* no versículo 1 e de *tabernáculo* no versículo 51. O próprio termo *tabernáculo* designa uma tenda de natureza portátil e temporária. Ele era um santuário móvel, especialmente moldado para a adoração a Deus por pessoas que estavam em marcha no deserto. *Testemunho* aponta para o significado de aliança da tenda. Dentro do templo estavam os símbolos da presença de Deus no meio do Seu povo, Seus sinais de contínuo relacionamento com os israelitas.

**1.51-53** — O termo *estranho* do versículo 51 não faz referência a uma pessoa não israelita, mas sim a um indivíduo não levita (Êx 12.43). A punição de morte mencionada neste mesmo versículo é reiterada em Números 3.10,38 e 18.7, e foi imposta em Números 16.31-33 (1 Sm 6.9). Assim, percebe-se que a presença de Deus acarretava bênção ou juízo ao acampamento. Eram abençoados aqueles que tinham temor e respeito pelo Altíssimo e por Suas leis. Em contrapartida, eram penalizados aqueles que não honravam a divina presença.

**1.54** — *Assim fizeram os filhos de Israel*. Esta expressão revela o ambiente de obediência que reinou na primeira parte de Números. Desta forma, surpreendemo-nos quando vemos a posterior rebelião do povo no capítulo 11.

**2.1,2** — O capítulo 2 começa exatamente como a maioria dos capítulos em Números, com o registro da revelação de Deus a Moisés. A expressão *debaixo da sua bandeira* ratifica que este é um capítulo de estabelecimento de ordem e designação. Ele fala sobre a alegria de conhecer o lugar de sua tribo no acampamento após orientações do Deus vivo. Posteriores princípios judaicos sugeriram que cada tribo tinha em sua bandeira as cores que correspondiam às 12 pedras fixadas no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.15-21). Além disso, cada tríade de tribos possuía sua própria insígnia. Os modelos, ou motivos, destes

emblemas não são conhecidos por nós hoje em dia. Mais tarde, os conceitos judaicos indicaram que o padrão da tríade liderada pela família de Judá tinha a figura de um leão, a de Rúben, um homem, a de Efraim, um boi, e a de Dã, a figura de uma águia. (Veja as quatro criaturas vivas descritas em Ezequiel 1.10, e compare com Apocalipse 4.7.)

É difícil comprovar historicamente estes princípios religiosos. Além disso, enquanto hoje pensamos apenas no primor e na ordem do trabalho de Deus na criação (Gn 1; Pv 8.22-31; Sl 104) e em Sua obra nos vindouros novo céu e nova terra (Ap 21; 22), o capítulo 2 de Números apresenta a noção de beleza e de método na formação de Seu povo israelita, um conceito similar à beleza da Igreja como o Corpo de Cristo (Ef 2.19-22). O próprio Deus dispôs cada tribo em um lugar específico em volta do tabernáculo. A identidade de um indivíduo não era apenas derivada de sua tribo, mas também de seu lugar em relação ao tabernáculo. Esta é uma ilustração dada pelo Antigo Testamento da morada de Deus no meio de Seu povo. A beleza e a ordem deste capítulo apontam, por fim, para o primor de estar na presença do elevado Rei.

A expressão *ao redor* (ARC) ou *a certa distância* (NVI) é uma tradução do termo hebraico *minneged*. Ninguém ousava chegar muito perto do tabernáculo, a fim de que a santidade divina pudesse ser respeitada (Is 6.1-5). Em contrapartida, as pessoas podiam chegar bem perto de Jesus. Isso não quer dizer que Jesus era menos santo, mas que Ele tinha de aproximar-se o suficiente de nós para nos salvar.

**2.3-9** — As três tribos *da banda do Oriente* tinham o lugar de honra. As antigas pessoas de Israel não eram navegantes. Na verdade, elas “voltaram suas costas para o mar”, então a palavra *costas* pode significar *leste* ou *o mar*. O *leste* era o lugar onde o sol se punha. Por outro lado, as pessoas do oeste ficavam voltadas para o nascer do sol, uma ilustração de promessa e poder (Sl 19.4-6).

Na linha de marcha, Judá, com as suas tribos aliadas Issacar e Zebulom, foram assentadas



primeiro. Os nomes dos líderes de cada tribo e a contagem dos homens que serviram ao exército são os mesmos do capítulo 1.

**2.10-16** — Posicionadas ao lado sul, estavam a tribo de Rúben e suas aliadas, Simeão e Gade. Elas foram assentadas em segundo lugar, depois de sitiadas as três tribos aliadas em que Judá era a líder. O total de homens que serviram ao exército nestas três tribos era 151.450.

**2.14-16** — Há uma conhecida dificuldade textual no versículo 14 no que concerne ao nome *Deuel*. O texto hebraico traz o nome *Reuel* neste versículo e *Deuel* em Números 1.14. As letras hebraicas *d* e *r* poderiam ser facilmente confundidas pelos escribas por causa de sua similaridade de forma em certos estágios da formação dos símbolos escritos do alfabeto (um problema parecido é encontrado em Gn 10.4, em que o nome *Dodanim* é grafado *Rodanim* no Pentateuco Samaritano e em 1 Cr 1.7.) Muitos outros manuscritos hebraicos e suas traduções grafam *Deuel* em Números 2.14, o que presumimos que seja a grafia que tem precedência.

**2.17** — *Partirá a tenda da congregação com o exército dos levitas no meio*. Consentia-se que apenas as pessoas consagradas se deslocassem com a *tenda da congregação*, neste caso os levitas. Na linha de marcha, o tabernáculo ficava na posição central, um símbolo não só da proteção de Israel, como também da presença de Deus entre o Seu povo.

**2.18-24** — Posicionadas ao lado oeste estavam a tribo de Efraim e suas tribos aliadas, Massés e Benjamim. Na linha de marcha, elas foram o terceiro grupo a mudar para seus acampamentos. O total dos homens que serviram ao exército dessas três tribos foi 108.100.

**2.25-31** — A tribo de Dã e suas tribos aliadas, Aser e Naftali, foram posicionadas ao norte. Na linha de marcha, foram o último grupo a mudar para seus acampamentos. O total dos homens que serviram ao exército dessas três tribos foi 157.600.

**2.32-34** — Estes versículos resumem o grandioso capítulo 2. Os quatro grupos de três tribos contabilizaram o mesmo total que a soma das 12

unidades individuais: 603.550 (Nm 1.46). Há uma consistência planejada no uso destes números. O capítulo 2 apresenta uma ilustração quase idealizada das tribos de Israel como se estivessem preparadas para sua marcha triunfal até a Terra Prometida. A grande tristeza de sua subsequente rebelião é um aviso para todos nós.

**3.1** — O foco do capítulo 3 é nos sacerdotes e nas famílias da tribo de Levi.

**3.2-4** — Quando lemos *Nadabe, o primogênito*, deve ser no sentido de pesar paternal. O herdeiro de Arão tornou-se um grande desapontamento. Com seu irmão Abiú, Nadabe ofereceu fogo profano perante o Senhor, uma ofensa que lhes custou a vida (Lv 10.1,2). Dois dos filhos de Arão continuaram vivos. Eleazar e Itamar exerciam o ministério sacerdotal diante de Deus. Entretanto, a supervisão de seu pai era ainda mais necessária do que antes, em virtude dos erros que cometeram os falecidos irmãos mais velhos.

As palavras de Números 2.2, *ao redor* (ARC) ou *a certa distância* (NVI), tornam-se mais pungentes no contexto da punição recebida por Nadabe e Abiú. Se os sacerdotes, aqueles que tinham permissão para estar em lugares sagrados, estavam sujeitos a uma punição extrema por causa da aproximação inadequada, o que aconteceria então com um intruso comum?

**3.5-10** — Por duas vezes, o narrador distinguiu a tribo de Levi das outras tribos. Aqui, são dadas aos levitas as suas responsabilidades no cuidado com o tabernáculo. Os levitas, contudo, não eram sacerdotes. Apenas Arão e seus filhos poderiam exercer tal papel. Os levitas, que cuidavam do serviço relativo às coisas sagradas no tabernáculo, aproximavam-se da presença divina. Mas os sacerdotes, que ministravam dentro do tabernáculo, chegavam ainda mais perto. Entretanto, apenas o sumo sacerdote, aquele cujo ministério servia de base para a confiança da comunidade, adentrava o lugar santíssimo, onde a presença divina residia. Deus é Santo. Apenas o sumo sacerdote, separado da comunidade para este propósito sagrado, tinha o consentimento de aproximar-se de Deus, a fim de interceder pelas pessoas perante o Senhor. Entretanto, nos dias de hoje

todos os cristãos podem ter acesso à presença divina em iguais condições. A morte de Jesus rasgou o véu que nos separava do Altíssimo, expiou todos os nossos pecados e nos fez santos às vistas de Deus.

**3.11-13** — A expressão *E eu* indica o envolvimento direto de Deus na redenção. Quando Deus remia e salvava Seu povo, tudo era feito por Ele mesmo (Êx 12.29; 13.3,17,21; 14.19,30,31). Da mesma forma, o Senhor escolheu os levitas para formarem uma tribo especial que zelava por Sua presença, e esta também foi uma tarefa pessoal divina. Ele não delegou este trabalho a nenhum ser humano. Mais tarde Deus escolheria Jesus para ser o mais perfeito sumo sacerdote a favor de todos aqueles que acreditam nele (Sl 110.4; Hb 6.20—8.6).

*Todo primogênito meu é.* Quando Deus passou pelas casas das famílias hebraicas que haviam obedecido a suas instruções na Páscoa e poupou da morte os primogênitos (Êx 12.29-51), Ele declarou que os filhos primogênitos dos hebreus — e também a primeira cria dos animais — pertenciam a Ele (Êx 13.1,2). Agora, os primogênitos precisavam ser resgatados. Uma troca foi realizada. Deus fez de toda a tribo de Levi Sua propriedade especial, em vez do filho primogênito de cada família (Nm 3.40-51).

*Eu sou o SENHOR.* Esta expressão enfatiza a autoridade de Deus e a importância de Suas palavras.

**3.14-20** — As três tribos dos levitas eram Gérson, Coate e Merari. Os levitas foram distinguidos das outras tribos — as não sacerdotais — de várias formas: (1) eles foram contados à parte daqueles contabilizados para a guerra; (2) foram indicados como ministros na adoração a Deus, em vez de como soldados do exército divino; (3) receberam certas restrições na condução de sua vida; (4) representaram o presente dos primogênitos de cada família ao Senhor (Nm 3.40-51); (5) viveram em cidades no meio das várias tribos, em vez de morarem com os outros em uma única região (Nm 35.1-8).

**3.21-37** — Na listagem de determinação dos lugares das tribos ao redor do santuário, há uma

ordenação que vai da tribo mais favorecida, Judá, até as menos favorecidas (Nm 2.3-31). Na lista com os lugares das famílias levitas, a disposição é diferente, de oeste para leste. A tribo dos levitas que ficou encarregada das tarefas mais importantes foi a família de Coate, ao sul. As tribos de Gérson e Merari receberam a incumbência das tarefas subsidiárias. Os sacerdotes ficavam no lado leste e ocupavam as posições de liderança. A ordem era: Gérson, a oeste; Coate, ao sul; Merari, ao norte, e Moisés, Arão e seus filhos, a leste.

**3.22-26** — A tribo de Gérson cuidava e tratava dos elementos do tabernáculo. Os contados do sexo masculino acima de um mês de idade totalizavam 7.500.

*As cortinas do pátio.* Esta expressão faz referência a três cortinas ou coberturas no tabernáculo — a primeira na entrada do pátio da *tenda da congregação*; a segunda ficava localizada na entrada da tenda (Nm 3.31; 4.25); e a terceira separava o lugar santo do lugar santíssimo (Nm 4.5).

**3.27-32** — As tarefas da família de Coate ficaram concentradas no cuidado dos móveis e utensílios sagrados do tabernáculo. Eleazar, o filho de Arão, supervisionava o trabalho como chefe dos encarregados, pois a mobília sagrada só podia ser manuseada de formas específicas. Os anramitas pertenciam aos clãs coatitas e eram da família de Moisés, Arão e Miriã (Êx 6.20). Os contados do sexo masculino acima de um mês de idade totalizavam 8.600.

**3.33-37** — As tarefas da família de Merari ficaram concentradas nos elementos estruturais [tábuas, varais, colunas, bases, estacas, cordas] do tabernáculo e em seus utensílios. Nesta tribo, os contados do sexo masculino acima de um mês de idade totalizavam 6.200.

**3.38,39** — O leste, área em que ficavam Moisés, Arão e seus filhos, indicava a posição mais favorável. A responsabilidade destes era proteger o tabernáculo contra qualquer tipo de aproximação não apropriada. O número total de levitas foi 22 mil.

**3.40-42** — Os primogênitos das famílias de Êxodo pertenciam ao Senhor, porque Deus os havia salvado. A primeira cria dos animais dos

israelitas também era oferecida como sacrifício ao Senhor. Entretanto, os primeiros filhos dos israelitas *não* deveriam ser mortos (como foram os primogênitos dos egípcios, Êx 13). Os primogênitos israelitas foram resgatados pela dedicação dos levitas ao serviço do Senhor. Agora, estando eles no deserto no segundo ano de sua libertação, a troca dos primogênitos pelos levitas foi de fato realizada. A expressão *em lugar de* enfatiza fortemente essa substituição dos primeiros filhos israelitas pelos levitas. Esta antiga troca nos lembra da substituição dos pecadores por Jesus. Todos merecíamos a morte por causa de nossas ofensas, mas Cristo morreu em uma cruz em nosso lugar.

**3.43-48** — O número total dos primogênitos, 22.273, aparenta ser pequeno para uma população de, no mínimo, dois milhões de pessoas. Algumas pessoas sustentam que esta quantidade estava relacionada ao número de primogênitos israelitas na primeira Páscoa.

O pagamento dos cinco siclos [corresponde a 60 gramas de prata, NVI] representava muito mais uma lição aos israelitas a respeito da importância das pessoas do que um ato de substituição para aqueles envolvidos. Cada resgate individual tinha de ser pago. O pagamento dos siclos a Arão e seus filhos era adequado. Da mesma forma que os levitas foram dados pelo Senhor, a fim de auxiliar Arão em seus deveres no santo tabernáculo, o resgate também era dado a Arão para favorecer a mesma santa tarefa.

**3.49-51** — O valor de resgate de cada primogênito que excedia o número de levitas era cinco siclos. Multiplicando, portanto, os 273 primogênitos excedentes (v. 47) por cinco obteremos os 1.365 siclos obtidos por Moisés. Desta forma, cada primogênito foi considerado nos planos de Deus para a redenção.

**4.1,2** — O livro de Números transcorre de uma maneira ordenada e planejada, seguindo o padrão do pensamento hebreu, que vai do geral ao específico, do inteiro até as partes. A numeração das tribos no capítulo 1 segue a ordem dos acampamentos no capítulo 2. A explicação geral dos deveres sacerdotais e das famílias levíticas e a questão do resgate dos primogênitos são os temas

gerais do capítulo 3. Agora, no capítulo 4, são especificadas as funções das tribos levíticas. O fato de Coate ter precedido Gérson, que era provavelmente o irmão mais velho (veja a ordem em Nm 3.17), mostrava uma das marcas recorrentes da soberania de Deus: elevar os irmãos mais novos sobre os mais velhos (veja Abel e Caim, Isaque e Ismael, Jacó e Esaú, José e seus irmãos, Davi e seus irmãos, entre outros). O censo retratado neste capítulo foi diferente daquele no capítulo 3. Aqui, o recenseamento enumera aqueles com idades entre 30 e 50 anos, as pessoas que tinham capacidade de servir a Deus cuidando das coisas santas do tabernáculo.

**4.3** — De acordo com Números 8.4, os levitas deveriam ter 35 anos de idade, o que contradiz os 30 anos mencionados aqui. O trabalho dos levitas e dos sacerdotes, a quem os primeiros serviam, era complexo e exigente. É possível que nos cinco anos de idade a mais mencionados em Números 8.24 esteja incluído um período de aprendizagem que preparava os servos do Senhor para lidar com as tarefas que teriam de executar.

**4.4** — O cuidado e a preservação das coisas santíssimas foram dados aos coatitas (Nm 3.29-31). Os detalhes são citados nos versículos 4 a 20. Os coatitas não podiam tocar nos itens sagrados nem olhar casualmente para eles, senão morriam. A palavra *Sagrado* significa *separado, afastado, distinto*. Logo, a expressão *coisas santíssimas* faz referência aos itens e utensílios que foram separados do uso comum e destinados ao culto a Deus. Ao mesmo tempo, descrever Deus como *sagrado*, ou *santo*, faz alusão à Sua transcendência, ao fato de que Ele é inteiramente separado de Sua criação. Ele não está atrelado às coisas criadas, e tampouco pode ser confundido com estas.

**4.5-20** — Este trecho bíblico apresenta uma complexa amostra do serviço, no qual ordem e estrutura são elementos importantes. As cores, texturas e camadas são aspectos estéticos. O cuidado com os detalhes é planejado. A hierarquia e a responsabilidade de uma pessoa são bem posicionadas, e a seriedade dos propósitos é inevitável. Acima de tudo, é impressionante a quantidade e o volume das coisas materiais que faziam

parte dos cultos de adoração no antigo Israel. Todo este sistema não era obsoleto, mas altamente sofisticado; não era simples, mas de grande complexidade. Tais deveres devem ter ocupado os servos, mas não de forma comum.

**4.6** — Os vários materiais usados no tabernáculo e seus móveis podem ter tido significados simbólicos para os antigos que não chegaram até nossos dias. Diante de nossos conceitos atuais, percebemos que os materiais eram valiosos e preciosos.

**4.7-13** — As cores — incluindo o azul, o vermelho e o roxo — tiveram importantes papéis na adoração israelita.

**4.14,15** — A forma de transportar as coisas sagradas do tabernáculo consistia em carregá-las a pé, segurando-as pelas barras de apoio. A triste história de Uzá, que tentou tocar na arca de Deus quando esta estava sendo carregada em um carro (2 Sm 6.6,7), é uma clara lembrança da importância da obediência total aos mandamentos e às leis de Deus.

**4.16-20** — Os sacerdotes, a exemplo de Eleazar, exerciam funções que só podiam ser executadas por eles. Qualquer outra pessoa que tentasse fazê-las seria morta. Isto era um presente maravilhoso, e também um aviso. Por um lado, Deus misericordiosamente permitia que os sacerdotes se aproximassem dele e o servissem. Por outro, se os sacerdotes fossem infiéis, ninguém poderia servir de substituto para eles. Os israelitas deveriam chegar perto de Deus da maneira como o Senhor orientou.

**4.21-28** — Usando uma maneira de expressar parecida com a utilizada nas descrições das responsabilidades coatitas (v. 4-15), os gersonitas receberam seus deveres de forma mais detalhada do que a encontrada em Números 3.21-26. Eles eram os responsáveis pelas cortinas e por várias partes do sistema de adoração no tabernáculo. Permitia-se que estes homens tocassem nas coisas sagradas com as quais lidavam, mas não poderiam ser descuidados em seu trabalho. Itamar, o outro filho de Arão, foi nomeado o líder.

**4.29-33** — As tarefas de Merari, mencionadas em Números 3.33-37, são reiteradas aqui. Os

meraritas cuidavam das armações, dos travessões, das colunas e das bases do tabernáculo. Não havia trabalho relativo ao cuidado e à manutenção do santuário que não fosse importante. Cada merarita recebia a designação dos itens que deveria carregar. Itamar também ficou com a responsabilidade de supervisionar o trabalho de Merari, assim como o de Gérson.

**4.34-39** — *Conforme o mandado do Senhor.* Esta expressão confirma a aceitação de Moisés às ordens divinas.

Os números de cada família levítica podem ser observados de duas formas. Visto que estes números são menores do que os apresentados no capítulo 1, é possível que eles sejam arredondados para mais próximo de dez. Uma quantidade de levitas de cerca de 8.500 [2.750 dos coatitas (v. 36) + 2.630 dos gersonitas (v. 40) + 3.200 dos meraritas (v. 44) somam 8.580 (v. 44)] parece bastante adequada para uma população de 250 mil pessoas. Também é possível que estes números (como no caso dos números do censo tribal do capítulo 1) tenham sido multiplicados por 10, sendo o número total 858. Assim, a maior parte dos levitas seria consideravelmente ocupada.

**5.1—10.10** — Os temas principais deste trecho bíblico são a manutenção da pureza no acampamento e as preparações para a triunfal entrada dos israelitas na terra de Canaã. Em Números 10.11, eles começam a marcha no prazo previsto.

**5.1-4** — *Para que não contaminem os seus arraiais.* Esta expressão vem ratificar que a pureza ritual era um símbolo externo de uma realidade interna. A principal preocupação de Deus era a pureza do coração de um indivíduo (Dt 10.12-20), e não apenas os problemas de pele. Os sinais evidentes de doença e deterioração eram o ensejo para executar as regras de pureza no acampamento. Ao obedecerem a estes regulamentos, os israelitas poderiam manter o arraial livre das moléstias e aprender a respeito da pureza moral, bem como da física. O contato com o cadáver estava incluso por causa do visível processo de decomposição (Nm 6.6). Entretanto, a questão principal nessas restrições não era a doença, mas o fato da presença de Deus no acampamento. Sendo Ele santo,

as pessoas tinham de manter sua pureza e santidade em respeito à santidade divina.

Jesus teve contato direto com todos aqueles que estavam excluídos do convívio social. Ele curou e trouxe de volta à comunidade aqueles que sofriam com lepra (Mt 8.1-4; Lc 5.12-16; 17.11-19) e hemorragias (Lc 8.43-48). Ele chegou a tocar num morto, e ressuscitá-lo (Lc 8.54). Em cada um desses casos, havia o perigo do próprio Jesus tornar-se “impuro” cerimonialmente, mas, por Seu toque curador, o impuro foi purificado; o enfermo, curado; o morto, ressuscitado. Esses eram os sinais claros do cumprimento de Seu ministério profético (Is 61.1,2).

**5.5-10** — Este trecho vai dos sinais físicos de impureza (v. 1-4) até aqueles que não são menos severos, mas piores de detectar-se. Para manter o acampamento puro e santo, nenhuma pessoa poderia maltratar a outra.

**5.7-10** — *Confessará o pecado que fez; então, restituirá pela sua culpa.* Como em Levítico 6.1-7, esta expressão mostra que não era suficiente a mera confissão de uma atitude errada. O indivíduo tinha de fazer a restituição por completo e acrescentar um quinto ao valor do dano (Lv 22.14; 27.11-13,31). Tais regras enfatizam a responsabilidade imposta por Deus, ao deixar que as pessoas cuidassem umas das outras. Se aquele que foi prejudicado não estivesse mais vivo e também não tivesse nenhum *resgatador* [parente, na NVI] para receber por ele, então o débito deveria ser pago ao sacerdote. A palavra *resgatador* é uma tradução hebraica de *gô'el* (Rt 3.3), que geralmente ilustra o guardião dos direitos da família.

**5.11-31** — A infidelidade era outra atitude que contaminava o acampamento. Dois fatores devem ser levados em consideração neste texto sobre a mulher: (1) uma esposa era considerada posse de seu marido. Assim, sua infidelidade era uma ofensa contra o homem (a palavra hebraica para *marido* é *ba'al*, que quer dizer *senhor*); (2) a paternidade é mais difícil de determinar do que a maternidade. Consequentemente, havia uma grande cobrança e obrigação de que a mulher deveria ser fiel ao seu marido, a fim de que linhagem pudesse ser mantida. Este texto pode ser

encarado como um julgamento excepcional e severo sobre a esposa infiel. Entretanto, há um entendimento de que esta lei melhorava a áspera realidade para uma mulher naquele tempo. O divórcio poderia ser requerido por um homem no mundo antigo simplesmente pela mera suspeita de infidelidade da esposa. Sem os limites impostos por regras como esta, havia a possibilidade de a mulher até mesmo ser executada pelo marido ciumento, apenas por causa da desconfiança de uma traição. A partir do momento em que o homem obedecia à lei, concretizava-se uma oportunidade para que a esposa provasse sua inocência e não precisasse encarar um marido colérico.

**5.12-15** — Determinar a impureza em relações conjugais (quando esta não era detectada no instante em que aconteceu o ato) era mais difícil do que notar as doenças de pele, mas consistia em algo similar. Deus estava no acampamento (v. 3). Assim, a questão deveria ser resolvida pelo sacerdote na presença do Senhor.

**5.16-18** — *A água amarga que traz maldição.* Esta expressão não faz alusão a nenhuma poção mágica, tampouco havia um ingrediente secreto na água. O acréscimo de terra do chão do tabernáculo à água sagrada contida num recipiente e o registro das maldições em um documento (v. 23) consistiam em sinais de uma realidade espiritual. A água santa e o pó do lugar sagrado simbolizavam que Deus era Aquele que determinava a inocência ou a culpa da mulher que estava perante o sacerdote.

**5.19-21** — *Descair sua coxa e inchar o ventre.* Esta expressão fala simbolicamente de aborto (de uma criança extraconjugal) caso a mulher estivesse grávida, e da consequente inaptidão para uma subsequente concepção (v. 28). No mundo bíblico, considerava-se sob maldição a esposa que não conseguisse gerar um filho. Neste caso, isso seria uma verdade completa.

**5.22** — A palavra *amém* vem do termo hebraico *'amen* e, como uma explicação, tem o sentido de *assim seja*. Neste versículo, o vocábulo indica a total concordância da mulher adúltera aos termos do ritual de maldição, a aceitação de que o julgamento recaísse sobre ela.



## EM FOCO

## UNGIDO (HB. MASHACH)

(Nm 7.1; Êx 30.26)

*Ungir* significava *cobrir com* ou *aplicar* azeite sobre uma pessoa ou uma coisa. Tal ritual indicava que o indivíduo ou o objeto foi separado para servir a Deus em propósitos especiais. Reis, sacerdotes e profetas foram ungidos antes de iniciarem suas atividades (Lv 8.12; 16.32; 2 Sm 2.4; 5.3; 1 Rs 19.15,16). Durante o êxodo, muitas coisas sagradas foram ungidas, incluindo o próprio tabernáculo. Em Números 7.1, vemos que o azeite sagrado era feito de uma extraordinária e cara combinação de óleo e especiarias. Este produto peculiar simbolizou a importância da consagração do tabernáculo e de sua mobília a Deus.

**5.23-31** — A importância do ritual demonstrava que a infidelidade conjugal era considerada uma questão extremamente séria em Israel. Entretanto, a responsabilidade de tal coisa era praticamente toda da mulher, provavelmente por causa do poder que esta possuía de conceber uma criança ilegítima. Mas, a chance de provar inocência concedida por esta lei consistia em um meio de limitar acusações injustas sobre a esposa fiel.

**6.1-8** — Não confundir *nazareno* (aquele que nasceu em Nazaré; Mt 2.23) com *nazireu* (o indivíduo que fazia um voto especial a Deus por um período de devoção extraordinária a Ele). Comumente, este voto público dava-se por um determinado tempo (v. 13). Havia três restrições: (1) abstinência total a tudo relacionado com o vinho e as uvas; (2) a proibição de cortar seu cabelo; e (3) a vedação à aproximação de um cadáver. Ao fazer tudo isso, o nazireu separava-se e consagrava-se ao Senhor. Depois do voto cumprido, o nazireu poderia voltar a viver sua vida normal (v. 20).

**6.3,4** — *Vinho e de bebida forte*. O termo hebraico traduzido como *bebida* (*shekar*) nesta expressão é hoje entendido como *bebida forte* [fermentada, alcoólica], *vinho* (Pv 31.6). O vinho é feito com a fermentação da uva. Os nazireus, durante o período do voto, abstinham-se do consumo de bebidas fermentadas como um símbolo de sua devoção especial a Deus. A ordem de abster-se do consumo de vinho e de bebidas fortes fazia parte da ação voluntária para o cumprimento do voto especial ao Senhor, e não de um julgamento acerca da natureza do vinho em si.

**6.5,6** — *Não passará navalha*. Depois de certo tempo, o nazireu ostentava um incomum cabelo

comprido, o que simbolizava seu voto especial em devoção ao Senhor (Jz 16.17). É mais difícil compreender como esta regra se aplicava à mulher que fazia voto de nazireado, tendo em vista que ela talvez já possuísse madeixas mais longas do que as dos homens. Talvez ela, além de não cortar o cabelo, não cuidasse dele para assinalar seu voto especial de devoção ao Senhor.

**6.7** — A proibição acerca do contato com o cadáver é veementemente enfatizada, mesmo que ocorresse a morte inesperada do pai, da mãe, do irmão ou da irmã. Neste caso, o nazireu não poderia sequer cumprir os procedimentos normais relativos ao parente falecido, pois esta era a natureza do voto nazireu de separação a Deus.

**6.8,9** — O conceito da proibição do contato com o defunto era tão importante que a Lei previu também o inesperado contato com o corpo daquele que morreu subitamente e providenciou uma penalidade para esta situação. Neste caso, o cabelo do nazireu deveria ser rapado e uma oferta apresentada. Assim, as provisões do voto continuariam, com o acréscimo do tempo inadvertidamente perdido.

**6.10-13** — Um voto tão sério quanto o voto de nazireado exigia que se fizesse não só um processo por sua iniciação, mas também um ritual solene para seu término. O foco era no cabelo, o símbolo visível do voto temporário. Assim, além da apresentação do sacrifício exigido (v. 14-17), o homem ou a mulher que completavam o voto deveriam rapar a cabeça e queimar o cabelo junto com a oferta de paz (v. 18).

**6.14-21** — O resumo nesta passagem não apenas acresce detalhes, mas também serve para

solenizar a natureza do voto de nazireado. Não há nenhuma indicação no Novo Testamento de que Jesus tenha feito esse voto. Entretanto, é possível que João Batista, que presumivelmente praticou a abstinência, fosse um nazireu desde o nascimento.

**6.22,23** — *Abençoareis*. Esta famosa expressão de bênção arcaica é um favor divino a todas as pessoas. Ela sucede o trecho bíblico que descreve a consagração especial da vida do homem ou da mulher que fazia o voto de nazireado. A bênção de Deus sobre as pessoas não era concedida por causa dos extraordinários atos de devoção delas. Em vez disso, Deus livremente abençoava Seu povo como um símbolo de Sua notável graça e misericórdia.

**6.24** — A palavra *abençoe* é o termo operante neste versículo. É uma palavra geral que indica o desejo divino de levar o bem e a importância ao Seu povo, de fazer com que a vida fosse cheia de sentido e que seu relacionamento com Ele se tornasse extraordinário. Da mesma forma que Deus se aproximou de Abrão e Sarai com Sua bênção (Gn 12.1-3), Ele agora alcançava toda a nação israelita. Há aqueles que provavelmente pensam que a intenção de Deus no Antigo Testamento era fazer com que a vida das pessoas fosse muito difícil, e que apenas no Novo Testamento Deus demonstraria a Sua graça. Tais entendimentos se dissolvem quando nos deparamos com versículos como este.

**6.25** — A ideia da expressão *faça resplandecer o seu rosto sobre ti* indica o prazer da presença de Deus, de uma íntima experiência que é semelhante àquela experimentada por Moisés quando ele falou com o Senhor no monte Sinai (Êx 34.29-35). O povo como um todo sentiria a gloriosa presença de Deus em sua vida.

**6.26** — A expressão *sobre ti levante o seu rosto* passa a ideia do sorriso de Deus. Quando uma pessoa participava de uma audiência na antiga corte do Oriente Médio, o monarca sequer olhava na direção do indivíduo em questão. Ou melhor, o soberano até poderia fitar o requerente, mas sempre com uma expressão de ira. Que agradável seria, entretanto, se o superior olhasse com satisfação para aquele que se aproximava de seu

trono. Assim, era uma coisa maravilhosa poder constatar que o monarca que lhes sorria era ninguém menos que o Rei dos reis, o Senhor dos senhores. E Ele ainda lhes dava a Sua paz!

**6.27** — Talvez o elemento mais impressionante deste versículo seja a conclusão. Deus tinha a intenção de colocar Seu nome sobre o povo. Eles carregariam a bênção de Seu nome como uma marca espiritual, um símbolo que identificava a relação peculiar dos israelitas com o próprio Deus.

**7.1** — *No dia em que Moisés acabou*. Esta expressão coloca os acontecimentos deste capítulo antes do recenseamento dos capítulos 1 a 4. O tabernáculo foi finalizado no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano (Êx 40.2). O censo começou no primeiro dia do segundo mês daquele ano (Nm 1.1). Moisés ungiu e consagrou o tabernáculo, sua mobília, o altar e seus utensílios.

**7.2-9** — Os *carros cobertos* eram bastante apropriados para o transporte dos elementos que compunham o tabernáculo. Os carros foram distribuídos conforme sua utilização: dois para os filhos de Gérson, usados para o transporte das cortinas (Nm 4.24-28), e quatro para os filhos de Merari, para que carregassem as pesadas armazéns e os elementos de suporte (Nm 4.29-33). Nenhum carro foi dado aos coaitas, e estes tiveram de conduzir as coisas mais sagradas usando as varas sobre seus ombros (Nm 4.1-20).

**7.10** — Cada um dos líderes das 12 tribos levou uma oferta especial para colocar no altar do Senhor.

**7.11-83** — Os versículos em que Deus dá as orientações a cada tribo seguem o mesmo modelo, com exceção do dia da apresentação, do nome do líder e do nome da tribo. Esta passagem foi moldada para ser lida em voz alta, de forma vargasosa e imponente. À medida que cada líder tribal e seu clã eram mencionados, os membros da tribo em questão gozavam um prazer especial. Cada um dos integrantes possivelmente sentia e pensava algo como: “Estas são as nossas ofertas, e este é o nosso momento de dá-las ao Senhor”. O capítulo 7 apresenta um cenário de esplendor, pompa, cerimônia e ritual.



## EM FOCO

## SACRIFÍCIO (HB. ZEBACH)

(Nm 7.17; Êx 10.25; Sf 1.7)

A palavra hebraica *sacrifício* deriva de um verbo que significa *abater a fim de ofertar*. De acordo com a Lei de Moisés, um sacerdote deveria oferecer sacrifícios em favor de um adorador, queimando-os no altar (Êx 20.24). As ofertas tanto poderiam ser de cereal (as primícias de colheita) como de animais. Os tipos de animais que eram permitidos em sacrifícios no tabernáculo (e mais tarde no templo) foram especificados pela Lei. Porém, qualquer um deles deveria ser o melhor em qualidade, não possuindo defeitos (Lv 22.21). Os sacrifícios de animais que aconteciam em cumprimento à Lei tinham uma função principal: a remissão ou a expiação dos pecados (Hb 9.22). Assim, a ofensa de um indivíduo transferia-se simbolicamente para o animal sacrificado, que exercia o papel de substituto na propiciação. Era necessário que os sacrifícios fossem repetidos todos os anos porque tais ritos só cobriam temporariamente os pecados (Hb 10.4). Por fim, todos os sacrifícios do Antigo Testamento apontavam para um sacrifício-mor que aconteceria posteriormente: o de Cristo, que foi, por si só, o sacrifício autossuficiente e final.

**7.84-88** — A expressão *esta é a consagração do altar* alude às 12 ofertas que foram totalizadas e enumeradas, o que demonstrava novamente o sentido de ordem e controle no livro de Números.

**7.89** — Mais impressionante do que as ofertas e sua totalização é este último versículo do capítulo. Quando tudo estava feito, Moisés ouviu a voz de Deus vinda do interior do santuário. Isso simbolizava a aprovação divina. As ofertas tribais foram recebidas com satisfação.

**8.1-4** — As sete lâmpadas devem ter sido objetos primordiais, fruto do melhor trabalho executado pelos artesãos. Mas a colocação destas foi tão importante quanto a destreza profissional em elaborá-las.

**8.5-19** — Este trecho bíblico foca na consagração dos levitas, a fim de torná-los adequados para a execução de suas tarefas especiais a serviço da adoração santa do Senhor. Os levitas pertenciam a Deus, pois foram trocados pelos primogênitos de Israel, os quais foram poupados por Deus durante as dez pragas do Egito (Nm 3.40,41; 8.16-19).

**8.7-9** — Rapar todo o corpo de um levita representava, de certo modo, um símbolo físico de retorno à inocência. Este ato de devoção iniciou os levitas a serviço do Senhor. Além de rapar todo o corpo, os levitas também foram aspergidos com a água da purificação, e suas roupas, lavadas.

**8.10-12** — *Porão as suas mãos sobre os levitas*. Este antigo símbolo de dedicação: (1) mostrou,

com gestos físicos, os que estavam sendo oferecidos a Deus; (2) expressou identificação entre o povo e os levitas, sobre os quais as mãos foram impostas, e entre os levitas e os novilhos, quando aqueles colocaram suas mãos sobre a cabeça destes; e (3) demandou a sanção divina deste ato público. Arão então apresentou os levitas ao Senhor, e talvez ele tenha balançado suas mãos para frente e para trás, como se os levitas estivessem sendo movidos perante o Senhor. Então, aqueles sobre os quais as mãos foram impostas impuseram suas próprias mãos sobre a cabeça dos novilhos como um símbolo de identificação.

**8.13-16** — As palavras hebraicas *me são dados* consistem em uma duplicação enfática: *dedicados, dedicados*. A história do êxodo — neste caso, a Páscoa — sempre foi a base para a teologia do Antigo Testamento, pois este acontecimento salvador moldou a nação de Israel.

**8.17-19** — Ao desempenharem seu serviço no tabernáculo, os levitas funcionavam como mediadores entre o povo e Deus [uma vez que lidavam com os objetos de culto ao Senhor, que também eram símbolos da presença dele, e ofereciam expiação pelo povo]. O objetivo do ofício dos levitas e da expiação era claro: *para que não haja praga entre os filhos de Israel*. Aqui, a misericórdia de Deus complementava a Sua santidade, e esta não tolerava uma aproximação imprópria. Mas, em Sua bondade, Ele mesmo providenciou uma salvaguarda, que eram os levitas. Eles



avisavam os outros para não chegar muito perto e os instruíam sobre como se aproximar do Deus vivo de maneira adequada.

**8.20-26** — Este parágrafo conclusivo serve de resumo para todo o conteúdo do capítulo, bem como de relatório a respeito das ações dos sacerdotes e da obediência do povo à Palavra do Senhor. Durante os primeiros dez capítulos, há um padrão regular: (1) o anúncio da Palavra do Senhor; (2) os detalhes desta Palavra; e (3) a informação da aceitação e submissão. Pela lógica de tal padrão, somos condicionados a esperar que a obediência siga regularmente os comandos divinos à medida que as pessoas tracem seu caminho rumo à triunfal conquista da Terra Prometida.

**8.24-26** — *De vinte e cinco anos para cima.* Este dado parece estar em discordância com o limite de 30 anos estabelecido em Números 4.3. Esta diferença não é explicada abertamente, mas é possível que os cinco anos em questão servissem como um tipo de aprendizado. Mais tarde na história de Israel, Davi reduziu a idade dos levitas para 20 anos (1 Cr 23.24,27).

**9.1** — A expressão *o primeiro mês do segundo ano* indica que o conteúdo deste capítulo precede a ordem de recenseamento em Números 1.1. Com o tabernáculo pronto, o acampamento ritualmente purificado, os levitas limpos e em seus postos, os símbolos da presença divina no acampamento israelita e mais uma celebração de Páscoa, tudo estava pronto para a triunfal marcha do exército de cidadãos de Deus rumo à Terra Prometida.

**9.2-5** — Quando a primeira Páscoa foi celebrada no Egito, a ordem foi que se comemorasse a data por todas as gerações de israelitas (Êx 12.14). Agora, chegara a hora de comemorar novamente a Páscoa, aos pés do monte Sinai, antes que as pessoas iniciassem sua marcha rumo a Canaã.

**9.6-10** — Por causa da mácula contraída por terem tocado em um cadáver (Nm 5.2), havia algumas pessoas que não puderam celebrar a Páscoa naquele dia. Tais indivíduos foram ansiosamente perguntar a Moisés o que deveriam fazer. Deus tinha a intenção de que a data fosse celebrada por todo o Seu povo. O motivo que levou à impureza ritual não deveria impedir uma pessoa de gozar daquela noite. Tampouco a celebração poderia passar em branco. Desta forma, o ritualmente impuro celebraria a Páscoa um mês depois.

**9.11** — A determinação do consumo das ervas amargas indica que aqueles que comemorariam a Páscoa um mês depois celebrá-la-iam em todos os detalhes. Eles não deveriam realizar a cerimônia de forma diferente, mas sim executá-la plenamente, comendo o cordeiro, o pão sem fermento e as ervas amargas.

**9.12** — A refeição pascoal não era um banquete comum. O alimento celebrava a grande ação libertadora de Deus na história de Israel. A refeição deveria ser consumida com uma atenção especial ao cordeiro, do qual nenhum osso poderia ser quebrado. É importante lembrar que, quando o Salvador foi crucificado como nosso Cordeiro pascoal, nenhum de Seus ossos foi quebrado



## ENTENDENDO MELHOR

### A CONGREGAÇÃO

A *congregação* que Moisés deveria convocar ao tocar as trombetas de prata (Nm 10.2,3) consistia de toda a população de Israel, o povo escolhido de Deus. Frequentemente, este grupo também era chamado de *a assembleia* (hb. *edah* ou *qahal*), em especial quando estava reunido em uma data (por exemplo, no Sábado ou em outras festividades) e um lugar determinados (tal como a tenda da congregação, Nm 10.3), a fim de que se cumprissem propósitos religiosos.

Séculos mais tarde, quando a sinagoga foi mencionada (Mc 1.21), o grupo que se reunia lá foi nomeado como *a assembleia*. Os gregos também descreveram as reuniões de cidadãos da mesma forma (*assembleia*, em grego *ekklesia*).

Quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, a palavra hebraica para *assembleia* foi vertida como *ekklesia*, um termo que os primeiros cristãos adotaram. Por fim, *ekklesia* foi traduzida para o português como *eclésia*, que significa uma *organização cristã*, a *Igreja*.

(Jo 19.36), um cumprimento da profecia neste versículo (Êx 12.46; Sl 34.20).

**9.13** — Algumas pessoas simplesmente se recusavam a comemorar a Páscoa, não por causa de razões maiores, mas apenas por ingratidão e insolência. Tais indivíduos seriam eliminados do meio do povo e sofreriam as consequências de seu pecado.

**9.14** — Todos aqueles que viviam entre o povo hebreu poderiam ser incluídos nas celebrações da Páscoa, mas primeiro deveriam ser circuncidados (Êx 12.48). Este era um rito que se aplicava tanto ao cidadão israelita como ao estrangeiro. Quando um estranho ouvia as histórias das poderosas e misericordiosas ações divinas, era natural que ele perguntasse aos israelitas sobre como também poderia participar da bênção a Israel.

**9.15-23** — A nuvem (Êx 13.21) representava um notável símbolo da ativa presença de Deus junto ao Seu povo, pois o cobria com proteção, guiava-o na direção certa e aproximava-se como fogo durante a noite para dar conforto na escuridão. Os últimos versículos deste trecho bíblico fazem um resumo das ações da nuvem e do fogo durante a estada de Israel no deserto.

**9.23** — A nuvem e o fogo eram manifestações da vontade e direção de Deus. Quando a nuvem se levantava, eles partiam. Quando esta ficava sobre o tabernáculo, o povo acampava. Não havia nada de previsível nos movimentos que a nuvem realizava. Tudo dependia da soberania de Deus. As pessoas percebiam a glória e a vontade do Senhor nas ações da nuvem.

**10.1,2** — As duas trombetas de prata eram diferentes das trombetas de chifre de carneiro (Lv 25.9; Sl 81.3). Feitos de prata batida, estes instrumentos eram compridos e tinham uma boca ostentosa, como as posteriores trombetas medievais europeias. Visto que não possuíam pistões, eram tocadas como um clarim. O padrão consistia do seguinte: a nuvem começava a mover-se, as trombetas soavam, e as pessoas levantavam o acampamento e deslocavam-se conforme a ordenação dos toques. Quando a arca, o símbolo da divina presença, era movida, Moisés recitava as palavras do cântico do triunfo (v. 35).

**10.3,4** — O número de trombetas que soavam e os tipos de notas que emitiam eram sinais para os vários grupos que estavam no acampamento, bem como para as pessoas em geral. Por isso, o uso da expressão: *quando tocar uma só* — um toque específico para os príncipes e cabeças das tribos se reunirem.

**10.5-8** — Mesmo quando as trombetas soavam, não deveria haver uma desorganizada correria do povo. O tom que rege este trecho bíblico é o da disciplina e da ordem. Deus é o Deus da ordem, e isto se refletia nas atribuições dos israelitas no acampamento (1 Co 14.40; Ef 4).

**10.9** — As trombetas funcionavam como um sinal para convocar o povo para reuniões e, posteriormente, para o exército reunir-se a fim de sair à peleja. O som desses instrumentos convocava os israelitas para a guerra. Além de exercer a função de sinal de alerta em certas ocasiões, o toque da trombeta se tornou um símbolo da convocação de Deus e um lembrete de que o Senhor dos Exércitos estava entre os israelitas.

**10.10** — As trombetas também eram tocadas no contexto de adoração, especialmente nas datas festivas e nas celebrações do começo do mês.

A expressão *Eu sou o Senhor, vosso Deus* indica que o que está por vir é precedido de uma revelação da vontade do Senhor. Além disso, essas palavras servem como uma bênção sobre o povo no início de sua marcha.

**10.11** — Finalmente, o tempo certo chegou para que os israelitas se pusessem a postos, a fim de iniciar a jornada triunfal para a qual Deus os preparara há algum tempo. Quando a nuvem se ergueu de cima do tabernáculo, o povo levantou acampamento e partiu. A nuvem era o símbolo da presença de Deus, de Sua proteção e orientação. Sendo assim, o povo poderia marchar sem medo rumo ao desconhecido.

**10.12,13** — Este versículo é uma espécie de resumo do início da marcha.

O *deserto de Parã* fica localizado ao nordeste da península do Sinai, ao sul de Neguebe, a área deserta abaixo de Judá, mas não foi de fato alcançado pelos israelitas até Números 12.16. Parã representava uma boa localidade para realizar uma das



## PERFIL

## UMA COMBINAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DIVINA E HUMANA

A forma como Moisés guiou Israel pelo deserto serve como um modelo instrutivo para os cristãos que buscam por orientação no complexo mundo de hoje. Por um lado, o profeta convidou um parente, Hobabe, para servir de guia (Nm 10.29-31). Por outro, ele continuou a seguir a impetuosa nuvem da presença de Deus (Nm 10.34; 9.15-23). Moisés usou uma combinação de orientação divina e humana para liderar Israel até a Terra Prometida.

A nuvem ígnea, as tábuas de pedra, a Lei e outros tipos de comunicação vindos de Deus representavam os meios mais importantes de orientação. Entretanto, para muitas, se não para a maioria, das decisões cotidianas o julgamento humano e a sabedoria — tal como o conhecimento de Hobabe do deserto, foram necessários. A aparição de Hobabe neste ponto é bastante interessante. Um pouco antes, o sogro de Moisés o aconselhara na questão dos líderes que poderiam auxiliá-lo no julgamento/orientação do povo (Êx 18.17-23). E agora, Moisés fez um forte apelo a Hobabe para que este fosse “os olhos” [o guia] do povo (Nm 10.31). O profeta sabia qual era o valor dos recursos humanos.

Na verdade, o texto não diz se Hobabe cedeu aos insistentes apelos de Moisés. Pode ser que Hobabe tenha retornado à sua terra natal e ao seu povo como era a sua intenção inicial (Nm 10.30). Mesmo que ele tenha voltado, a combinação da liderança divina e humana permaneceu, pois Moisés, Arão, Miriã e os líderes mencionados anteriormente continuaram a tomar decisões. Isso não anula absolutamente nada da liderança divina. Em vez disso, tal fato demonstra que Deus usava várias formas para guiar o Seu povo. Nós, que buscamos por orientação nos dias de hoje, precisamos prestar atenção à revelação celestial — particularmente na Bíblia, a Palavra de Deus escrita —, mas também necessitamos recrutar, ouvir e seguir aqueles a quem Deus apresentou com o discernimento e a liderança.

paradas, pois estava longe das cidades fortificadas que ficavam na direção do Egito, no oeste.

**10.14-28** — Este trecho bíblico, como muitos outros em Números, transmite um sentido de esplendor, de drama e de esquema ordenado. A passagem em questão foi feita para ser lida em voz alta, como uma narrativa da fidelidade de Deus para com todo o Seu povo, e a resposta deste acerca de Sua orientação. A repetição do nome de cada tribo (capítulos 1 e 7) deve ter soado como uma declaração eloquente naquele tempo. Esperava-se que esses nomes fossem celebrados eternamente como os líderes da primeira geração de israelitas que levaram suas tribos até Canaã. Entretanto, por causa dos acontecimentos que se seguem (capítulos 11 a 14), tais nomes carregam certa tristeza. Os líderes não chegaram ao seu destino, a Terra Prometida. Em vez disso, foram enterrados no deserto.

**10.29-32** — *Reuel* (identificado também como *Jetro*) é mencionado em Êxodo 2.18-21 como o sacerdote de Midiã que ajudou Moisés, e concedeu a este sua filha Zípora para servir-lhe de esposa. Moisés convidou Hobabe, filho de Reuel, para se juntar a Israel em sua jornada triunfal. A princípio, Hobabe declinou do convite.

Entretanto, por causa da insistência de Moisés, o filho de Reuel continuou com os israelitas (Jz 1.16), servindo de guia do povo no deserto. Neste exemplo de evangelismo no Antigo Testamento, Hobabe juntou-se ao destino de Israel exatamente como Rute, a moabita, faria mais tarde (Rt 2). Associar-se a Israel não era apenas uma questão de mudança de moradia, mas envolvia uma transformação radical da vida e do objetivo de um indivíduo, pois este deveria focar-se dali em diante no Deus vivo.

**10.33,34** — *Assim partiram do monte*. Estas resumidas palavras representam toda a graça e toda a misericórdia. À medida que as lemos, esperamos plenamente que toda a jornada se dê com similar orientação e aprovação divina até que a vitória seja completamente atingida.

**10.35,36** — *Levanta-te, Senhor e volta, ó Senhor* são as palavras de um cântico triunfal. Não são um *mantra*, mas uma ode poética sobre a presença de Deus entre Seu povo e uma oração, para que Sua presença seja efetiva na vida das pessoas.

A expressão *muitos milhares* equivale a *uma grande quantidade de pessoas*.

**11.1-3** — Depois de apenas três dias da viagem que se seguiu à libertação do Egito, os israelitas

reclamaram com Moisés (e, conseqüentemente, com o Senhor) por causa da falta de água (Êx 15.22-24). Aqui, novamente após uma jornada de três dias, queixaram-se por razões não mencionadas. Mas sabemos que no versículo 1, a expressão *queixando-se o povo* não assinala algo construtivo. A queixa demonstrava a infidelidade e consistia em um ato de rebeldia que demandava o juízo divino. Apesar das murmurações do povo, o Senhor permanecia misericordioso bem no auge de Sua ira. Tanto que o *fogo do Senhor* só atingiu as extremidades do acampamento, o que aparentemente demonstrava apenas um aviso do Altíssimo para que Seu povo rebelde se arrependesse.

11.4 — A palavra *vulgo* indica a presença de estrangeiros que escaparam da escravidão e da pobreza no Egito, mas não eram israelitas (Êx 12.38). Esses indivíduos encorajavam a comum e contínua queixa do povo no deserto. É de certa forma esperado que aqueles que não compartilhavam a fé de Israel em Deus fizessem com que cada desconforto fosse uma desculpa para formar uma rebelião contra o Senhor e o líder escolhido por Ele, Moisés.

11.5,6 — O tom das palavras que usaram para falar *este maná* foi de desprezo (uma atitude que refletiria seu auge anos mais tarde; Nm 21.5). Os alimentos no Egito eram abundantes e variados, mesmo para os pobres e os escravos. Os israelitas consideravam o maná diário como algo monótono, uma comida que causava *secura à alma*.

11.7-9 — A mensagem que estes versículos passam é bastante clara: a provisão de maná era algo que as gerações posteriores não entenderiam sem uma explicação adequada. A aparição diária deste alimento, com uma porção dupla no dia anterior ao Sábado (*Shabat*), é claramente miraculosa. Um pote de maná foi mantido na arca da aliança por gerações (Êx 16.33). Deus proveu maná durante a estada de 40 anos do povo no deserto. Então, o alimento parou de aparecer da mesma maneira misteriosa como começou (Êx 16.35). Posteriormente, Jesus descreveu a si próprio como o *Pão da vida*, melhor do que o maná do deserto (Jo 6.48-58).

11.10,11 — Neste caso, o fato de a ira do Senhor *parecer mal aos olhos de Moisés* fez com que ele pedisse ajuda, tendo o propósito de conseguir lidar com as queixas das pessoas e com suas muitas necessidades (v. 12-15). Em outro momento, o descontentamento de Moisés o levaria ao próprio pecado e lhe custaria a oportunidade de entrar na terra de Canaã (Nm 20.1-13).

11.12-15 — A expressão *concebi eu, porventura, todo este povo?* nos permite fazer a seguinte analogia: Deus era a “mãe” dos israelitas, e Moisés, a sua “ama-de-leite”. O povo agia como uma criança chorosa que não se sentia satisfeita. Usando uma linguagem retórica, Moisés pede ao Senhor para matá-lo (1 Rs 19.4), em vez de forçá-lo a continuar nesta pesada situação de guiar um povo murmurador.



## EM FOCO

### ANCIÃOS (HB. ZAQEN)

(Nm 11.24; Êx 24.1; Js 24.1)

A palavra *ancião* significa *idoso* (Gn 18.12,13; em algumas traduções o termo aparece traduzido como *líder*). No Antigo Testamento, o vocábulo faz referência tanto à pessoa idosa (Gn 44.20; Jó 42.17) como ao indivíduo maduro, dotado de autoridade na comunidade israelita (Êx 3.16; Js 8.33).

Os anciãos exerciam o papel de juízes (Êx 18.12), conselheiros (Ez 7.26) e oficiais da lei em Israel (Dt 19.12; Rt 4.2). Seus deveres eram executados às portas da cidade (Lm 5.14) e sua posição era considerada de grande honra (Pv 31.23; Is 9.15). Em certo período da história de Israel, os anciãos possuíam muita influência na escolha do rei de Israel (1 Sm 30.26; 2 Sm 17.4) e no estabelecimento da correta adoração a Deus (1 Rs 8.1). Além de ter certa idade (a tradição hebraica institui que um ancião era aquele homem que tinha pelo menos 50 anos), o *ancião* deveria demonstrar sua maturidade temendo a Deus, sendo fiel e honesto (Nm 18.21).

**11.16,17** — O pedido feito por Moisés resultou na reunião de 70 homens que o ajudariam na administração do acampamento. Agora, além dos líderes das tribos, Moisés tinha mais 70 auxiliares. Presumivelmente, eles compuseram um corpo de assistentes administrativos que ajudava Moisés a julgar as causas dos israelitas e a reduzir os atritos. Estes líderes tinham o Espírito de Deus sobre eles (v. 25).

**11.18-20** — A queixa das pessoas deixou o Senhor tão irritado que Ele determinou que o povo tivesse uma superabundância de carne. Os israelitas estavam rejeitando o maná, descrevendo-o como algo enfadonho (v. 6). Deus lhes daria tanta carne que isto se tornaria uma maldição para eles, e também os faria perceber o grande presente que era o maná. A questão principal aqui não era a carne ou o maná, mas que as pessoas servissem a Deus como seu Deus. Rejeitar a provisão era, em sua essência, rejeitar o Provedor.

**11.21-24** — A ideia da abundância de carne no deserto era uma coisa que até mesmo Moisés queria ver, e se perguntava como o Senhor poderia providenciar tanta comida para tantas pessoas. A resposta de Deus para Moisés foi: *seria, pois, encurtada a mão do Senhor?*, o que representa um desafio para todas as pessoas de fé. Simplesmente não há nenhum limite para o poder de Deus. Jesus alimentando as multidões no Novo Testamento é exemplo da contínua capacidade divina de providenciar comida para os milhares (Mt 14.13-21; 15.32-39).

**11.25** — *Quando o Espírito repousou sobre eles* [os anciãos], profetizaram (At 2). Este ato conferiu um dom especial aos 70 líderes que auxiliariam Moisés na condução do povo. O fato de os anciãos profetizarem quando o Espírito de Deus repousou sobre eles era uma prova da presença divina entre eles. Algo semelhante aconteceu séculos mais tarde, quando, no Dia de Pentecostes, ocorreu o derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus que estavam reunidos no cenáculo, aguardando o cumprimento da promessa feita por Ele (At 2.6-12). Sendo assim, este acontecimento no Antigo Testamento era um indício de algo maior e mais pleno que aconteceria

futuramente e que marcou os homens possuídos pelo Espírito de Deus. Também devemos notar neste versículo a associação de *Yahweh* com a nuvem de Sua presença (Nm 10.11).

**11.25-30** — Por motivos que não estão mencionados, dois homens, chamados Eldade e Meldade, não se juntaram aos outros na tenda da congregação (v. 16). Não obstante, o Espírito de Deus veio sobre eles no acampamento. Quando chegou a notícia de que esses homens estavam profetizando, Josué teve receio de que a possível influência deles sobre o povo pudesse prejudicar a autoridade de Moisés. Este, contudo, respondeu que desejava que todo o povo de Deus ficasse cheio de Seu Espírito.

**11.31-33** — Cumprindo a Sua promessa (v. 18-20), o Senhor providenciou carne enviando codornizes. Ele enviou um vento forte que trouxe um grande número de aves, e as fez cair por todo o acampamento, a uma altura de 2 côvados [equivalente a 90 cm, na NVI]. As pessoas entraram em um frenesi incontrolável, recolhendo e matando todas as codornizes que conseguiam, durante aquela noite e todo o dia seguinte.

**11.34** — *Quibrote-Hataavá* (túmulo da ânsia) foi um vasto cemitério de pessoas ingratas que pereceram devido a uma praga que o Senhor enviou por causa do pecado dos israelitas.

**11.35** — *Hazerote (cercados)* foi a parada que permitiu que o povo tivesse um descanso de sua jornada e dos juízos.

**12.1** — A ordem da menção dos nomes de Miriã e Arão indica que a irmã fora a pessoa que instigou o ataque contra Moisés. Observe também que a punição principal recaiu sobre Miriã (v. 10). Criticar a mulher etíope com quem Moisés se casou aparentemente foi uma mera desculpa para atacar o líder israelita. Miriã e Arão podem ter criado esta divergência por causa de Zípora, a primeira esposa de Moisés (Êx 2.21) [que, a esta altura, pode ter morrido ou abandonado Moisés], ou simplesmente por não aprovar a escolha de Moisés quanto à sua segunda mulher. Em todo caso, a verdadeira questão que envolveu Miriã e Arão foi o fato de Moisés ser o principal líder e possuir um relacionamento especial com Deus.

12.2 — A profetisa Miriã (Êx 15.20) possuía uma posição de destaque no acampamento. Arão, indivíduo por intermédio de quem Deus também falava e que ministrava em nome do Senhor na posição de sacerdote (Nm 2.1; 3.1; 4.1), certamente estava em um nível mais privilegiado do que sua irmã. Apesar disso tudo, nem Miriã nem Arão desfrutavam da mesma proximidade que Moisés tinha em relação a Deus. Este versículo diz: *Falou o Senhor somente a Moisés*, fato que deve ter atormentado os dois irmãos. Só que o Senhor ouvira a reclamação e tomara uma atitude a respeito do que escutara.

12.3 — Algumas pessoas usam o argumento de que um homem *mui manso* [expressão traduzida em algumas versões como *humilde*] dificilmente escreveria sobre suas incomparáveis qualidades. Outras defendem que um homem humilde, mas que escrevia por meio da inspiração divina, falaria sim de sua própria modéstia. Além disso, ainda há os que sugerem que este versículo origina-se de um período posterior e é um comentário inserido para dar uma visão mais ampla da questão problemática diante de Moisés. Outra possibilidade é de que a palavra hebraica *ʿanaw*, traduzida como *humilde*, pode significar *miserável* neste contexto. Os acontecimentos descritos no capítulo 11 devem ter causado muito sofrimento a Moisés. Este versículo então representaria o total e completo sentimento de ruína que se apoderara de Moisés a partir do momento em que ele sentiu a deslealdade de seus irmãos.

12.4,5 — Subitamente o Senhor falou a Moisés, Arão e Miriã, e desceu drasticamente em uma coluna de nuvem. Esta teofania (manifestação de Deus) foi ameaçadora. A linguagem utilizada para *o Senhor desceu* é muito mais física do que a usada comumente. Deus desceu, ficou entre eles, e depois chamou Miriã e Arão.

12.6-8 — A forma de escrita deste trecho bíblico é poética, fazendo com que o pronunciamento do Senhor ficasse mais claro e notável. A linguagem utilizada estabelece que Deus estava no comando. Ele falava com quem queria e da maneira que escolhia. Deus é Espírito (Jo 4.24). A forma de expressar sobre a *face* [NVI] é uma

concessão à maneira como pensamos a respeito de um ser humano. Assim, *face a face* alude à mais íntima comunhão que Deus teve com Moisés.

12.9,10 — O fato de Miriã ter ficado leprosa indica que ela foi a pessoa que instigou o ataque contra Moisés (v. 1). Isso fez com que ela ficasse impura (Nm 5.1-4). A lepra descrita na Bíblia pode aludir a várias doenças sérias de pele; aqui, a lepra é um símbolo do pecado.

12.11 — As palavras de Arão declarando a culpa — *sobre nós este pecado, que fizemos loucamente* — de seu mau comportamento e das atitudes de sua irmã são tocantes e também representam um sinal de consideração à liderança do irmão.

12.12-14 — O apelo de Moisés a Deus a favor de sua irmã foi respondido por Deus com ríspidas palavras que aludiam a uma humilhação pública. Não nos é revelado o que fazia com que um pai cuspi-se no rosto de um filho, mas era provavelmente algo bastante vergonhoso. Este acontecimento não foi uma coisa trivial, mas a graça de Deus mostrou-se abundante mais uma vez.

12.15 — O adiamento de sete dias na partida do acampamento por causa do isolamento de Miriã indica a grande consideração que Moisés e o povo tinham por ela. É triste constatar que, como no caso de Eva, a atitude pela qual Miriã é mais lembrada não seja uma coisa boa, e sim um pecado. Todavia, os escritores bíblicos continuaram a estimá-la bastante (Mq 6.4).

12.16 — O deserto de Parã foi o destino do povo desde que este saiu do monte Sinai (Nm 10.12). Tristemente, o comportamento dos israelitas mudou durante esta rota. O povo queixou-se e rebelou-se contra Deus e Moisés.

13.1-3 — De acordo com Deuteronômio 1.21-23, o envio de espias foi ideia do povo. Os israelitas provavelmente pediram a Moisés que mandasse observadores até a Terra Prometida, a fim de descobrir a melhor maneira de conquistá-la. Ele foi então instruído por Deus a proceder conforme o plano. A localização em que se encontravam no deserto de Parã, ao sudeste de Canaã, era ideal para que os espias, e depois o exército de Israel, fizessem uma invasão pelo norte.



## EM FOCO

## NUVEM (HB. ANAN)

(Nm 11.25; 12.5; Êx 24.16; Dt 31.15)

A palavra do Antigo Testamento para *nuvem* é derivada de um verbo que significa *cobrir* ou *bloquear como um obstáculo* (Gn 9.14). No Antigo Testamento, as nuvens geralmente estavam associadas às aparições de Deus (Êx 16.10; 1 Rs 8.10,11). Na verdade, o Senhor manifestou Sua presença e guiou os israelitas pelo Sinai com uma nuvem (Nm 9.15-23). Algumas vezes, no Antigo Testamento, Deus é descrito como Aquele que "cavalga" sobre as nuvens (Sl 68.4; 104.3; Is 19.1).

Na antiga Palestina, essa era uma comum descrição do poder de Baal sobre os ventos e a chuva. Entretanto, com tais palavras, os salmistas e os profetas proclamaram que apenas Deus tinha o verdadeiro controle sobre esses elementos. Outras passagens do Antigo Testamento usam nuvens como símbolos do julgamento divino associados ao *Dia do Senhor* (Jl 2.2; Sl 1.15).

**13.4-15** — A lista dos nomes dos homens de cada tribo não era uma cópia das listagens anteriores (cap. 1). Presumivelmente, consideravam-se esses indivíduos não apenas como os líderes de suas unidades tribais, mas também como homens que eram física e espiritualmente capazes de grandes feitos.

**13.16** — A troca do nome de *Oséias* por *Josué* indicava uma grande estima por parte de Moisés. Da mesma forma que Deus frequentemente mudava o nome das pessoas com quem tinha um relacionamento especial, assim fez Moisés com aquele que, por fim, tornar-se-ia seu sucessor como líder de Israel. Este era um ato de adoção ritual. *Oséias* significa *salvação*, e *Josué* quer dizer *o Senhor salvará*. Josué e Jesus são duas formas semelhantes do mesmo nome.

**13.17-20** — As instruções de Moisés para os espias foram amplas, porém precisas. Os homens deveriam examinar a terra, determinar o que poderiam fazer em relação a esta, observar as coisas relativas à produção agrícola e se havia florestas em torno. Feito isso, precisavam trazer alguns frutos da terra, pois era a época da primeira colheita de uvas. Após mais de um ano no deserto, desde a época do êxodo, o mero sinal de frutos frescos da terra indicaria que a Palavra de Deus é verdadeira e que Sua promessa estava prestes a ser cumprida. O fato de os espias terem trazido uvas é bastante relevante, tanto que *Escol* (*cacho*) é o símbolo judeu para a alegria e é usado frequentemente na decoração de lugares onde ocorrem eventos jubilosos. Também não é coin-

cidência que o Ministério do Turismo de Israel ostente como símbolo dois homens carregando um grande cacho de uvas.

**13.21-25** — Embora os espias tenham ido em direção ao norte até a região da Síria, perto da entrada de Hamate, poucos detalhes são registrados acerca da jornada destes homens. É dada ênfase a Hebrom, onde viviam os descendentes de *Anaque* (v. 28), e ao vale de Escol, lugar em que um enorme cacho de uvas foi descoberto.

**13.26** — Os espias retornaram a Moisés e a toda a comunidade de Israel em Cades, no deserto de Parã, e o relatório que expuseram revelou uma terrível surpresa [a força de seus habitantes, a fortificação de sua cidade e o tamanho imenso dos descendentes de Anaque em Hebrom (v. 22)].

O nome *Cades* está associado à palavra hebraica *kadosh*, que significa *sagrado*. Se a história tivesse tido outro desfecho, este nome estaria ligado a uma lembrança positiva. Teria sido naquele lugar que eles se santificariam para o início de suas operações de conquista da terra.

**13.27** — Dar a Seu povo uma terra que *mana leite e mel*, em cumprimento à Sua promessa (Nm 14.8; 16.13,14; Êx 3.8,17; 13.5; 33.3; Lv 20.24; Dt 6.3; 11.9; 26.9,15; 27.3; 31.20), expressa a bondade de Deus e a grandiosidade da Sua redenção. A palavra *leite* provavelmente faz referência ao leite de cabra [comum devido ao numeroso rebanho de cabras na região]. Já o *mel* era abundante porque havia muitas abelhas nos campos e plantações cananitas. Em suma, a expressão *terra que mana leite e mel* passava a ideia de algo que

traria satisfação das necessidades e sensação de plenitude aos israelitas. Canaã era uma boa terra, e o desfrute desta seria uma bênção para os fiéis a Deus.

**13.28** — Os espias enviados a Canaã logo destacaram os problemas que esta possuía — a força de seus habitantes, a fortificação de sua cidade e o tamanho imenso dos descendentes de Anaque em Hebrom (v. 22). Ao que tudo indica, esta era uma comunidade que tinha uma estatura hereditária lendária no antigo Oriente Médio.

**13.29** — Os espias listaram os amalequitas e os outros povos para sustentar o argumento de que a terra não estava vazia (Gn 15.18-21). Deus não prometeu um território nunca habitado, mas sim um lugar que estaria habitado por aqueles que cometeram iniquidades, e por isso mesmo eles seriam desapossados.

**13.30** — Apenas Josué e Calebe posicionaram-se contra a corrente de perspectivas negativas dos outros dez espias. Os dois desejavam o iminente ataque israelita, com base na grande fé que depositavam em Deus, que lutaria ao lado de Seu povo (Nm 10.35,36), assegurando-lhe a vitória de acordo com o que prometera.

**13.31-33** — Os outros dez espias mantiveram suas perspectivas negativas, baseadas num medo

exacerbado, e não necessariamente na realidade. Assim, descreveram a terra como má. E o relatório pessimista deles desencorajou o povo a crer em Deus, o Doador da terra. Tal linguagem infame não poderia ser tolerada (Nm 14.36,37).

**14.1** — Após o difamador relatório dos espias, o povo temeu e começou a chorar em alta voz. Isso aconteceu não apenas por causa da atitude ofensiva dos espias, mas especialmente pela frustração de um sonho. Os israelitas sentiram como se tivessem cometido um erro ao sair do Egito.

**14.2-4** — Naquela noite de murmuração, as pessoas começaram a conspirar em desespero. Elas se queixavam contra Moisés e Arão. Os israelitas consideraram a possibilidade de que teria sido melhor morrer no deserto ou no Egito. Então, concordaram em escolher um líder que os levaria de volta à terra dos egípcios. Entretanto, o que fizeram de pior foi maldizer a Deus ao falar que Ele os fizera ir a um lugar onde morreriam com suas esposas e filhos.

**14.5-10** — A resposta de Moisés, Arão, Josué e Calebe contrastou notavelmente com o tolo terror que tomou conta do povo. Eles também choravam, mas por causa dos pecados das pessoas contra Deus e Sua misericórdia. Os dois fiéis observadores, Calebe e Josué, transmitiram um



## APROFUNDE-SE

### CADES

- Um lugar a nordeste do Sinai onde provavelmente havia um poço, ou uma fonte, e um assentamento. Estava localizado entre o deserto de Zim e o deserto de Parã, a aproximadamente 72 km do sudoeste de Hebrom e a 80 km de Berseba.
- Também chamada de Cades-Barnéia (Nm 32.8; Dt 1.2).
- Conhecida como En-Mispate (*fonte do julgamento*) nos dias de Abraão, quando os reis guerrearam.
- Acampamento do qual Moisés enviou os 12 espias para observar Canaã (Nm 13.3,26), e o lugar onde se deu a recusa do povo de marchar e conquistar a terra.
- Local onde aconteceu a rebelião de Corá contra Moisés (Nm 16.1-3).
- Área em que foi enterrada a irmã de Moisés, Miriã (Nm 20.1).
- O lugar onde Moisés desonrou Deus ao bater com sua vara na rocha para produzir água. Ele deveria ter falado com a rocha, como ordenara o Senhor. Assim, as águas foram chamadas de *águas de Meribá* (*disputa ou luta*, em Cades, Dt 32.51; compare com Nm 20.1-13; 27.14).
- O marco da fronteira sul com Edom (Nm 34.3,4), cujo rei se recusou a deixar os israelitas atravessarem para conseguirem chegar à Terra Prometida (Nm 20.14-21).



bom relatório da terra no contexto da grande fé que possuíam no Senhor. Eles sabiam que o fiel Deus vivo lhes daria a terra. Esses homens disseram que, se o *Senhor* se agradasse deles, Ele os faria entrar naquela terra. Essas palavras de encorajamento foram seguidas por palavras que transmitiam um vigoroso aviso. Agir como as pessoas haviam agido indicava uma atitude de rebelião e covardia. O povo não estava confiando em Deus.

As palavras de Josué e Calebe — *tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor e não temais o povo desta terra, porquanto são eles nosso pão* — eram uma maneira positiva de falar da vitória visualizada por eles, linguagem oposta àquela usada pelos outros dez espias (Nm 13.33).



EM FOCO

REBELDE (HB. MARAD)

(Nm 14.9; Js 22.18,19; Dn 9.5)

A palavra traduzida como *rebelle* quer dizer *revoltoso* ou *desobediente flagrante de uma autoridade*. Deus considerava a rebeldia uma questão muito séria. Ele não tolera quando Seu povo rejeita Suas palavras. No Antigo Testamento, a rebelião é comparada aos terríveis pecados de feitiçaria (1 Sm 15.23).

Israel, que presenciou a bondade de Deus em sua libertação do Egito, frequentemente se rebelou contra o Criador, apesar dos inúmeros avisos divinos para que não fizessem isso (Dt 1.26,43; 9.23,24). Aquele que se revolta contra o Senhor se distancia de Seus preceitos e recusa-se a acatar Suas ordenanças (Dn 9.5,6).

As Escrituras nos dão muitos exemplos de rebeldia e ilustram suas consequências — os castigos divinos (Is 1.20). Tudo isso deve servir como aviso aos fiéis.

A expressão *retirou-se deles* [dos cananitas] o *amparo* aponta para a paciência de Deus, que, por 400 anos, tolerou a maldade dos habitantes de Canaã. Agora, a perversidade desse povo tinha atingido seu nível máximo; a promessa que Deus havia feito a Abraão estava prestes a ser cumprida (Gn 15.16).

14.10 — As valentes palavras dos espias corajosos tiveram duas consequências: 1) o povo cogitou apedrejar Josué e Calebe; 2) a glória de

Deus apareceu subitamente, com o objetivo de salvar a vida de Seus servos fiéis.

14.11,12 — Exatamente como fariam os líderes de Israel nos tempos de Jesus, o povo rejeitou os sinais miraculosos de Deus. Por isso, Ele desprezou totalmente a nação. Os israelitas haviam claramente duvidado do Senhor e dos sinais que Ele lhes dera. O Senhor novamente consideraria a hipótese de destruir os israelitas.

14.13-19 — Em Gênesis 22, está registrada a provação da fé de Abraão; em Números 14, o teste de Moisés. Este poderia ter aceitado a sugestão do Senhor de exterminar os israelitas rebeldes e suscitar outro povo descendente de Moisés. Mas, em vez disso, este intercedeu pelos israelitas, alegando que esse drástico juízo comprometeria a reputação do Senhor, pois as outras nações poderiam dizer que Ele tirou Israel do Egito apenas para a destruição; para matar esse povo no deserto. Moisés apelou também para a grande misericórdia de Deus (Êx 14.18; 34.6,7), clamando a Ele que perdoasse a iniquidade do povo.

14.20-25 — O dramático apelo que Moisés fez a Deus foi atendido. O Senhor prometeu: *Conforme a tua palavra, lhe perdoei*. Contudo, Ele não deixou de repreender os que ignoraram as muitas evidências da presença divina e dos sinais de que Ele os protegia, guiava e provia-lhes o sustento. Eles duvidaram dele e desobedeceram-lhe dez vezes.

Pode ser que a expressão *dez vezes* seja um número redondo que exprima a completa rejeição do povo. Este significado simbólico é outra forma de utilização dos números neste livro. No entanto, também é possível enumerar os dez casos de murmuração e desobediência por parte dos israelitas: (1) diante do mar Vermelho, quando parecia que o exército de faraó iria destruí-los (Êx 14.10-12); (2) em Mara, quando se depararam com águas amargas (Êx 15.22-24); (3) no deserto do Sinai, quando tiveram fome (Êx 19.1-3); (4) no deserto de Sim, quando não prestaram atenção ao que Moisés dissera acerca do armazenamento de maná até o dia seguinte (Êx 16.19,20); (5) no deserto de Sim, quando eles não consideraram o aviso acerca do recolhimento de maná no sétimo dia (Êx 16.27-30);

(6) em Refidim, quando se queixaram por causa da água (Êx 17.1-4); (7) no monte Sinai, quando Arão autorizou o grupo rebelde a confeccionar o bezerro de ouro (Êx 32.1-35); (8) em Taberá, quando os israelitas reclamaram do Senhor (Nm 11.1-3); (9) em Quibrote-Hataavá, quando foram dominados pela murmuração e pela gula (Nm 11.4-34); (10) em Cades, no deserto de Parã, quando se recusaram a aceitar a boa perspectiva transmitida por Josué e Calebe e desejaram voltar ao Egito.

A punição de Deus consistiu em não permitir que toda aquela geração de pessoas rebeldes e incrédulas entrasse na Terra Prometida. Todos os israelitas, exceto Josué e Calebe, estavam incluídos neste julgamento.

A despeito do juízo, o amor e a bondade do Senhor podem ser vislumbrados pelas medidas que Ele tomou ao perdoar os rebeldes, permitir que vivessem (ainda que no deserto) e ordenar que os israelitas não passassem pela região onde habitavam os amalequitas, para não serem exterminados pela guerra.

Além disso, ao anunciar que atendera a petição de Moisés, Deus assinalou algo tremendo: *a glória do Senhor encherá toda a terra*. Jesus foi a manifestação máxima da glória e do caráter de Deus (Jo 1.14). E, um dia, na era vindoura, quando Ele voltar a terra e estivermos para sempre com Ele, vamos vê-lo como Ele de fato é; em glória e poder. [Essa glória é tão grande e tremenda que supera a luminosidade do sol. Atente para a descrição da Nova Jerusalém em Apocalipse 21.23-25: *E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. E as nações andarão à sua luz, e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra [...] ali não haverá noite.*]

**14.26-38** — Neste trecho bíblico, vemos mais detalhes sobre a resposta de Deus à petição de Moisés (v. 13-19). Esta declaração contém alguns elementos novos. Em primeiro lugar, os únicos que sobreviveriam à peregrinação de 40 anos pelo deserto e entrariam na Terra Prometida seriam os jovens de 20 anos para baixo. Os 40 dias em que os espias tiveram a oportunidade de investigar a

Terra Prometida, por causa da incredulidade que demonstraram em relação à promessa do Senhor, corresponderiam a 40 anos de peregrinação daquela geração pelo deserto.

Por fim, uma distinção foi feita entre os dez espias e Josué e Calebe: apenas estes permaneceriam vivos após 40 anos e entrariam em Canaã. Quando observamos a preservação da vida dos que creram e permaneceram fiéis a Deus e o trágico destino dos desobedientes incrédulos, podemos perceber o senso de justiça do Senhor e Sua misericórdia.

**14.39-45** — Aqui, há o registro da tentativa de invasão da terra feita pelos rebeldes à Palavra do Senhor. Esse grupo, mesmo admitindo seu pecado, demonstrou não acreditar no julgamento divino que recairia sobre ele e não aceitá-lo. Apesar do aviso de Moisés, dizendo que o Senhor não estaria com eles, os mesmos decidiram partir para a batalha. O resultado, naturalmente, foi desastroso. O grupo de desobedientes se deparou com os amalequitas e os cananeus, e estes últimos o derrotaram e o perseguiram até Hormá. Apenas essa derrota desoladora e infeliz poderia convencer os rebeldes de que tudo o que o Senhor fala se cumpre. O nome *Hormá* significa *destruição completa*.

**15.1,2** — Neste ponto, o foco de Números muda para a nova geração, aquela que entraria na terra. As palavras do Senhor, *quando entrardes na terra*, podem parecer inadequadas depois dos acontecimentos narrados nos capítulos 13 e 14. Entretanto, Deus não rejeitara por completo os israelitas. A segunda geração de israelitas, de fato, entraria na terra que seus pais recusaram. Assim, o capítulo 15, que se concentra nas ofertas e nos sacrifícios, não só instrui as pessoas acerca da adoração a Deus, como também é um sinal da continuidade da promessa divina: *o povo iria, por fim, entrar em Canaã*.

**15.3-16** — Este trecho bíblico apresenta instruções sobre ofertas especiais (a palavra hebraica usada é *lepalle*’, oferta especial; ela deriva do verbo *pale*’, que significa *ser especial, extraordinário, maravilhoso*. É um verbo usado quando há a referência à própria pessoa e à obra de Deus).

Estas ofertas deveriam ser apresentadas ao Senhor pelo povo quando este entrasse em Canaã. Alguns estudiosos dizem que este capítulo é um suplemento dos ensinamentos sobre os sacrifícios descritos em Levítico 1 a 7.

**15.4** — A oferta de manjares era tão importante no antigo sistema sacrificial de Israel quanto era o oferecimento dos animais. Por causa disso, os israelitas foram orientados a ofertar um manjar feito com flor de farinha, ou seja, com a melhor farinha [NVI]. Esta expressão é uma tradução do termo hebraico *solet*, que significa o melhor e mais suntuoso tipo de coisa que existia. A mistura de certa quantidade dessa farinha especial com azeite indica que apenas o melhor poderia ser usado na adoração a Deus.

**15.5-12** — O vinho era utilizado nas ofertas queimadas (v. 7,10) como um acompanhamento dos holocaustos (ofertas de animais, um bode ou cordeiro, totalmente queimados). Ao derramar vinho sobre o altar, o adorador oferecia algo de grande valor. Exatamente como acontecia com a maioria das outras ofertas, isso representava a autoprivação do adorador perante Deus. [É possível que o vinho, tendo em vista sua coloração avermelhada e a quantidade que era derramada em oferta, significasse o sangue, ou seja, a vida do adorador, ofertada a Deus. A terça parte de um him podia corresponder a uma quantidade entre um e três litros. O him era uma medida para líquidos que correspondia a cerca de 3 a 6 litros.]

**15.13-16** — As palavras *todo o natural* aparentemente apontam para uma época posterior à experiência no deserto, quando os israelitas já haviam entrado em Canaã. Como na celebração da Páscoa, a apresentação dessas ofertas deveria ser feita da mesma forma pelo adorador, ele sendo um israelita ou um estrangeiro.

**15.17-21** — A oferta alçada também é conhecida como oferta movida. Bem no começo da colheita, o trabalhador deveria reconhecer que sua produção fora um presente de Deus. Ao separar os primeiros grãos e frutos colhidos, ou o primeiro bolo feito com os primeiros grãos da estação, o adorador reconhecia Deus como o Doador de todas as bênçãos e mostrava-se grato a Ele.

**15.22-29** — Alguns sacrifícios eram oferecidos pela nação como um todo, pois sempre havia a possibilidade de ocorrer um pecado não intencional ou desconhecido pela comunidade. Tais ofensas podiam ser cometidas por todo o povo (v. 24-26) ou por um único indivíduo (v. 27,28).

**15.30,31** — A expressão hebraica traduzida como *à mão levantada* significa atitude desafiadora [NVI]. Tal ação exibia um intencional desdém pela vontade e pela obra de Deus. Era como se uma pessoa olhasse Deus nos olhos e lhe mostrasse os punhos cerrados (numa atitude de desafio).

**15.32-36** — É bastante provável que esse episódio ilustre o ensinamento nos versículos 30 e 31. Aquele que fosse flagrado apanhando lenha no Sábado visivelmente quebraria o mandamento que ordena a guarda do Sábado como dia santificado ao Senhor (Êx 20.8-11). Esta pessoa foi levada a Moisés para ser julgada.

**15.37-41** — O uso de franjas (hb. *sisit*) nas extremidades da roupa era um bonito e significativo símbolo, que ostentava importância. As franjas eram ornamentos, com função de lembrete, que ajudavam o usuário a manter o foco nos mandamentos de Deus.

A expressão *não seguireis após o vosso coração* fala claramente da natureza pecaminosa do ser humano. A tendência ao pecado sempre está presente, como observou o salmista (Sl 119.11). O adultério espiritual se dá quando alguém é infiel a Deus. Todos nós precisamos de lembretes para que possamos manter nosso pensamento na direção certa: em Deus.

**15.41** — Quando o Criador afirmou *Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para vos ser por Deus; eu sou o Senhor, vosso Deus*, Ele se identificou como Aquele que libertou os israelitas da escravidão no Egito, ensinou-lhes Seus mandamentos e declarou que tinha um relacionamento especial com eles, que era Seu único Deus. Logo, os israelitas tinham todas as razões para obedecer às instruções do seu Deus e Salvador.

**16.1** — Uma rebelião contra Moisés foi liderada por Corá, um coatita (1 Cr 6.22). Corá e seus aliados insurgiram-se contra Moisés e Arão da

mesma forma que Miriã e Arão fizeram um tempo antes (cap. 12). Corá, Datã e Abirão não estavam satisfeitos com a função que Deus lhes dera no serviço do tabernáculo. Então, decidiram reclamar o sacerdócio (v. 10). Desta forma, os homens também se colocaram contra Arão, além de estarem contra Moisés.

**16.2,3** — Corá e os 250 líderes usaram os argumentos de que toda a nação era santificada ao Senhor (Êx 6.7) e que Moisés e Arão tomaram presunçosamente para si as posições de liderança. A base dos argumentos de Corá e do grupo que estava com ele era que Deus não os tinha elevado suficientemente.

**16.4-8** — A resposta de Moisés foi complexa. Primeiro, ele se submeteu à vontade de Deus, como podemos observar em sua atitude de humilhação, levando o rosto a terra. Depois, Moisés propôs uma solução baseada na expectativa de uma pública manifestação da vontade do Senhor. Ele instruiu cada um dos dissidentes a levar um incensário, um vaso de metal usado para queimar incenso, e colocar o produto dentro deste recipiente como um sinal de aproximação de Deus. Então, esperariam pela decisão divina. Por fim, Moisés jogou suas próprias palavras contra eles, pois, anteriormente, os revoltosos haviam dito a

Moisés e a Arão que ambos tinham passado dos limites, como vemos no versículo 3 deste capítulo: *vos elevais sobre a congregação do Senhor?* Em seguida, porém, Moisés foi quem disse que eles extrapolaram: *baste-vos* (v. 7), que no texto original tem o sentido de “você se acha muito importante”. As palavras usadas nestes dois versículos são exatamente as mesmas no texto em hebraico.

**16.9-11** — Os homens que buscavam uma posição mais alta na escala divina estavam, na verdade, desprezando o lugar no qual Deus os colocou. A resposta de Moisés foi condescendente e sarcástica: *Pouco para vós é?* Os rebeldes deviam ter percebido quão maravilhoso foi Deus ao dar-lhes a vida servil em Sua obra. Estes indivíduos não se diferenciavam daqueles que reclamavam das bênçãos que Deus proveu.

**16.12-17** — Datã e Abirão, os dois aliados de Corá, foram tão arrogantes que sequer ficaram frente a frente com Moisés. Eles denegriram as atitudes de Moisés, alegando que este agia como um príncipe. Os dois beiraram o absurdo quando acusaram Moisés de mandá-los para bem longe da terra onde mana leite e mel. Provavelmente, culpavam Moisés por causa do recuo no plano de conquistar a terra depois da rebelião em Cades (capítulos 13 e 14). Além disso, lançaram brutais



## APROFUNDE-SE

### POR QUE TERREMOTOS?

Deus de fato usou um terremoto para punir Corá e seus aliados (Nm 16.31,32)? O texto não diz claramente, mas o fenômeno descrito assemelha-se a um terremoto. Sem dúvida, a geologia da Palestina é predisposta a abalos sísmicos. Na verdade, nos dias de hoje, aproximadamente 200 a 300 tremores de terra por dia são registrados em Israel, a maioria deles imperceptível.

Modernos estudos geológicos nos mostram o porquê. O vale do rio Jordão e o mar Morto ficam em cima de uma falha geológica norte-sul, que faz parte de um maciço sistema transcontinental conhecido como o *Grande vale do Rift* (ou a *grande fenda africana*). As duas falhas paralelas que compõem este *rift* (fenda) provavelmente originam a superposição das duas importantes placas tectônicas da terra. Inúmeras falhas secundárias espalham-se de leste a oeste desde a fração palestina desta falha. Como resultado dessas características, o Oriente Médio sofre com vários terremotos, que já acontecem há séculos, alguns dos quais altamente catastróficos. Abalos sísmicos são mencionados na Bíblia:

- Na época de Saul, durante a campanha contra os filisteus (1 Sm 14.15).
- No monte Horebe, onde Elias se escondeu (1 Rs 19.11).
- No tempo do rei Uzias (Am 1.1; Zc 14.5).
- Na crucificação de Jesus (Mt 27.51).
- Em Filipos, quando Paulo e Silas estavam na prisão (At 16.26).

palavras acusatórias a Moisés: *você pensa que pode cegar os olhos destes homens?* [NVI] Nada na história do êxodo nos leva a pensar que Moisés fez algo deste tipo.

**16.18,19** — No dia seguinte, cada homem acendeu seu incenso no incensário. Corá fez questão de reunir todos os seus seguidores para que testemunhassem os acontecimentos. A expressão *Então, a glória do Senhor apareceu* representa uma sombria lembrança das palavras em Números 12.5, pois um similar julgamento estava para recair sobre eles.

**16.20-22** — O anúncio do julgamento começa com um aviso de Deus a Moisés e Arão. Eles deveriam afastar-se para que o Senhor pudesse destruir toda a congregação. Os verdadeiros líderes que haviam sido atacados injustamente intervieram a favor do povo, pedindo a Deus que poupasse os israelitas, mesmo que Ele tivesse de julgar os culpados.

A expressão *Deus dos espíritos de toda carne* (v. 22) mostra a abrangente Lei de Deus. Ele era soberano sobre tudo e todos.

**16.23-27** — Deus exigiu que as pessoas se afastassem das tendas dos rebeldes, e todos se retiraram. Corá, Datã e Abirão ficaram isolados em suas moradias junto com suas famílias. Aparentemente, os outros 250 rebeldes abandonaram Corá, e agora este estava ao lado de Datã e Abirão, em uma espécie de solidariedade pecaminosa.

**16.28-30** — Moisés pediu um sinal de Deus porque não queria que as outras pessoas pensassem que o que estava para acontecer era mera coincidência. Na verdade, Moisés solicitou do Senhor *alguma coisa nova*. Esta expressão *alguma coisa nova* (hb. *beri'á*, um termo relacionado ao verbo *bara'*, *criar*, como em Gênesis 1.1) alude a um novo fenômeno, uma coisa que representasse inconfundivelmente a obra de Deus.

**16.31-35** — Em resposta à súplica de Moisés, o julgamento de Deus foi súbito, dramático e memorável. Ele fez com que a terra engolisse os rebeldes vivos. As palavras *abriu a sua boca e os tragou* indicam uma ação repentina, como um buraco aberto na estrada por uma forte tempestade. Datã e Abirão morreram com suas famílias.

Entretanto, o clã de Corá foi poupado (Nm 26.11). Na verdade, os descendentes de Corá contribuíram em um considerável número de salmos (Sl 42). Este é outro exemplo da manifestação da misericórdia de Deus, mesmo quando Ele pune os rebeldes. O julgamento foi tão súbito que as outras pessoas se afastaram com medo, pensando que também pudessem ter o mesmo destino. Os 250 que congregaram com os três homens foram destruídos pelo fogo do Senhor.

**16.36-40** — Uma coisa surpreendente neste capítulo foi o fato dos incensários usados pelos rebeldes servirem para serem novamente utilizados. Esses objetos foram apresentados ao Senhor e eram, assim, sagrados, apesar da perversidade daqueles que os ofertaram. Os incensários foram reunidos, martelados e transformados em um revestimento para o altar. Daquele dia em diante, todo mundo que visse o altar também veria a sua cobertura. Isso serviria como um aviso para que as pessoas não se aproximassem de maneira inadequada. Apenas os verdadeiros sacerdotes da linhagem de Arão possuíam tal privilégio.

**16.41-45** — *Toda a congregação de Israel murmurou*. Inacreditavelmente, as pessoas acusaram Moisés e Arão de terem sido aqueles que causaram a morte dos líderes populares, *o povo do Senhor*. Ao fazerem tal acusação, elas declaravam abertamente que reconheciam Corá e os outros como líderes dos rebeldes. A afeição da população por Corá e seus associados fez com que ela não enxergasse a realidade: que Deus concedeu os papéis de liderança a Moisés e Arão e que o julgamento que recaiu sobre os rebeldes fora executado pelo Senhor. Novamente, houve uma súbita aparição da glória de Deus — um símbolo de julgamento posterior. Mais uma vez, o Senhor ameaçou destruir a congregação, e, de novo, Moisés e Arão prostraram-se, intercedendo pela população pecadora.

**16.46-50** — A ordem de Moisés para que Arão pegasse o incensário é bastante adequada para este capítulo. Arão e seus filhos foram escolhidos por Deus para que servissem como sacerdotes. Apenas eles poderiam ministrar no altar do Senhor. Arão apressadamente correu para

realizar a tarefa sagrada de expiação pela comunidade pecadora, porque uma praga já tinha recaído sobre ela. A ilustração deste sacerdote correndo para salvar as pessoas que o acusaram é memorável. As palavras do versículo 48 são muito dramáticas. Arão se pôs entre os mortos e os vivos, a fim de parar a praga — um tipo do Salvador, que também assumiria tal posição na brecha entre a vida e a morte.

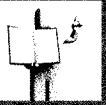
**17.1-5** — A rebeldia de Corá e suas consequências (cap. 16) fizeram com que nascesse a incerteza entre o povo acerca da nomeação de Arão e seus filhos como os verdadeiros sacerdotes de Deus. A escolha da vara de Arão tinha como objetivo eliminar, por outro sinal divino, a contínua queixa das pessoas contra Moisés e Arão. Uma vara para cada líder tribal com a inscrição do nome de cada um deles foi apresentada. Assim, as 12 varas foram colocadas no lugar santíssimo. Deus mostraria por meio de um sinal a Sua escolha do líder sacerdotal. O sinal seria o florescimento da vara do líder selecionado — a vida que brotaria de um cajado morto.

**17.6,7** — O texto foca no cajado de Arão e em sua proeminência sobre os outros doze. O irmão de Moisés estava perto do fim de sua vida. Ele e sua esposa, Eliseba, tiveram quatro filhos.

Dois deles, Nadabe e Abiú, morreram por causa da inadequada aproximação a Deus (Nm 3.2-4). Os outros dois, Eleazar e Itamar, sobreviveram. Mesmo com a morte próxima de Arão, não deveria haver nenhum questionamento acerca de qual família fora divinamente ordenada para continuar o legado sacerdotal.

**17.8,9** — Quando as varas foram examinadas no dia seguinte, o cajado de Arão não só tinha brotado, como também produzido botões, flores e amêndoas maduras. Isso foi a completa justificação de Arão como sacerdote de Deus. As outras varas continuavam as mesmas varas mortas. Entretanto, o cajado de Arão exibiu tal florescimento de vida que todo o processo de desenvolvimento de amêndoas ocorreu em apenas uma noite — e essa maravilha aconteceu a partir de uma vara morta. Moisés mostrou e devolveu os cajados a todos os representantes tribais, que os aceitaram de volta. Isso foi um símbolo de aceitação da vontade de Deus.

**17.10,11** — As tábuas de pedra da Lei (Êx 25.16) e o pote de maná ficavam dentro da arca da aliança como um símbolo do permanente testemunho da misericórdia de Deus por Seu povo (Êx 16.34). Agora, também faria parte deste conjunto a vara de Arão, que brotou e produziu



## ENTENDENDO MELHOR

### AJUDA DE TERCEIROS

Quando um relacionamento não vai bem, o que pode ser feito? Ajuda bastante se uma terceira pessoa, alguém que tenha bastante discernimento e conhecimento, participar na mediação das decisões. Essa era justamente a função dos sacerdotes no antigo Israel. Ao fazer com que a vara de Arão brotasse, Deus deixou muito claro que Ele queria que Arão exercesse esse papel (Nm 17.10,11).

O relacionamento de Deus com Israel por muitas vezes ficou estremeado por causa da rebeldia e do descumprimento dos mandamentos por parte dos israelitas. Algumas vezes, as ofensas eram tão graves que o Senhor punia imediatamente os ofensores (Nm 14.40-45; 15.32-36; 16.31-35). Entretanto, Deus muitas vezes ouviu a intercessão de Moisés e Arão a favor do povo (Nm 16.22,46-48).

Depois de Corá ter sido afastado, a situação continuou a deteriorar-se (Nm 16.41). Ao que tudo indica, as pessoas já haviam se esquecido daquele que Deus elegera como líder e constituíra sacerdote. Assim, o Senhor providenciou uma estratégia para tornar novamente claro e evidente que apenas alguns indivíduos — os filhos de Arão — tinham autorização para servir como intermediários, ou sacerdotes, entre Ele e a nação rebelde (Nm 17.1-11).

O Senhor Jesus Cristo é o Mediador entre Deus e o pecador. Apenas aquele que confia na obra propiciatória de Cristo a seu favor tem acesso direto a Deus (Hb 10.19-25). Jesus tornou-se nosso sumo sacerdote (Hb 8.1-6; 9.11-15), o Advogado definitivo que goza de plenos poderes para interceder por todos nós pelo perdão dos nossos pecados e das nossas rebeldias (1 Jo 2.1).

amêndoas maduras. Visto que a arca estava no lugar santíssimo, apenas Deus olharia para este cajado. Conseqüentemente, o cajado de Arão era também um sinal da misericórdia divina. Ele escolhera os levitas para ministrar perante Ele. Mas, não haveria nenhum outro, além de Deus, que veria os itens sagrados.

17.12,13 — *Então, falaram os filhos de Israel a Moisés, dizendo: Eis aqui, nós expiramos, perecemos.* Vemos nesta expressão que finalmente os israelitas perceberam que Deus revelou Sua vontade por meio das miraculosas ações que aconteceram entre eles. Ninguém, exceto aquele que Deus permitiu, poderia aproximar-se do Senhor no Lugar Santo. Qualquer um que tentasse chegar perto sem prestar atenção às claras instruções que Deus transmitira certamente morreria. O fato de Deus consentir que algumas pessoas se aproximassem demonstrava a misericórdia divina. Na verdade, o sumo sacerdote, aquele que tinha a permissão de chegar mais perto de Deus, fora instruído pelo Senhor para que pudesse expiar os pecados das outras pessoas. Por intermédio de Cristo e de Sua morte expiatória, o mesmo Deus misericordioso proveu uma maneira perfeita de dar-nos Seu perdão. Tendo Cristo como nosso eterno Sumo sacerdote, conseguimos a aproximação com Deus, e não precisamos mais temer a morte (Hb 4.14-16).

18.1 — Os capítulos 18 e 19 falam sobre os deveres dos sacerdotes e dos levitas, questões que naturalmente fluem da defesa do verdadeiro sacerdócio, expressa no capítulo 17, e da crise a respeito deste, no capítulo 16.

A expressão *levareis sobre vós a iniquidade* fala da formidável tarefa que se exigia dos sacerdotes de Deus. O termo *iniquidade* (hb. *awon*) tem relação com todo tipo de pecado, culpa e responsabilidade por uma ofensa. Se o povo não tivesse tido um intercessor junto ao Senhor, certamente teria morrido por causa das ofensas cometidas. Os sacerdotes exerciam a função de intercessores, mediadores entre Deus e o homem. Conseqüentemente, todo trabalho sacerdotal apontava para a futura obra de Jesus, nosso Sumo sacerdote.

18.2-4 — Os levitas eram os servos dos sacerdotes, mas possuíam limitações quanto ao que

podiam ou não fazer. Isso foi o que incomodou Corá (cap. 16). Ele era um levita que desejava a função de sacerdote.

18.5-7 — Somente os sacerdotes podiam realizar os deveres concernentes ao santuário e ao altar. O termo *estranho* — em *e o estranho que se chegar morrerá* (v. 7) — não fazia referência ao estrangeiro, mas a qualquer pessoa não autorizada a aproximar-se dos locais e objetos sagrados. Quando aquele que não tinha permissão se aproximava dos lugares santos, ele recebia uma punição. Nesse contexto, sempre há o sentido do sacerdote se colocando entre os vivos e os mortos, entre a graça e a misericórdia, entre o pecado e o perdão. Isso faz com que o leitor cristão pense no Salvador.

18.8-20 — Os sacerdotes obtinham seu sustento pelo seu trabalho para Deus (Lv 6.14—7.36). As ofertas que não eram queimadas no altar, mesmo que feitas para o Senhor, convertiam-se em alimento para os sacerdotes.

Vamos entender melhor a expressão pronunciada pelo Senhor a Arão: *Eu sou a tua parte*. Os sacerdotes não herdavam propriamente a terra. Eles tampouco viviam o dia-a-dia de cultivo desta, porque Deus provia seu sustento por meio das ofertas das pessoas. Conseqüentemente, os sacerdotes possuíam uma relação especial com Deus, que representava a herança sacerdotal deles. Exatamente como os sacerdotes, os cristãos de hoje não têm a promessa de herança neste mundo. Apesar disso, há, para os fiéis, a promessa de um legado no Reino futuro (Rm 8.17).

18.21-24 — Os levitas também eram os beneficiários dos serviços realizados para Deus. Como os sacerdotes, eles também não herdavam a terra, mas tinham suas necessidades supridas por causa do trabalho feito para Deus. Por isso, recebiam os *dízimos dos filhos de Israel*.

18.25-32 — Os levitas que viviam dos dízimos do povo tinham a obrigação de fazer ofertas a Deus, neste caso, um décimo do dízimo. Aqueles que viviam do dízimo também deveriam dá-lo, pois assim mostrariam a Deus seu agradecimento por aquilo que receberam. Em todo o seu trabalho, os levitas deveriam lembrar-se do sentido de

santidade. Como servos do Senhor, como o povo, estavam sob a misericórdia e a justiça de Deus, e poderiam ser castigados caso se comportassem de maneira imprópria.

**19.1,2** — A expressão *este é o estatuto da lei* é de certa forma difícil de entender e inesperada. É possível que haja um problema textual com a palavra *lei* neste versículo. O assunto principal nesta passagem bíblica é o sacrifício da novilha vermelha. A interpretação do texto hebraico mais aceito das palavras que compõem o versículo 2 é: “esta é uma ordenança da novilha” (trocando *hapara* por *hatora*, um possível erro do copista). A novilha vermelha deveria ser sacrificada em um ritual especial fora do acampamento. Todas as coisas concernentes a este ritual eram inco-muns. Geralmente, o animal sacrificado era macho; esta era fêmea. A menção à cor também não era comum. A cor não foi especificada para nenhum outro animal a ser sacrificado.

**19.3** — A nomeação de Eleazar e Itamar foi uma consequência lógica do teste de verdadeiro sacerdócio da família de Arão no capítulo 17. Antes de seu pai morrer, Eleazar teve de iniciar suas atividades na proeminente função de sacerdote perante a congregação, a fim de garantir uma transição de liderança sacerdotal tranquila. Comumente, os animais eram sacrificados em cima ou perto do altar. Neste caso, o animal seria morto fora do acampamento.

**19.4-8** — A queima total do animal era algo incomum, principalmente se este fosse carbonizado longe do altar. Itens simbólicos associados com a limpeza — madeira de cedro, hissopo e lã vermelha — eram então lançados ao fogo. Queimava-se tudo até virar cinza. Celebrar este ritual fazia com que o sacerdote e aqueles que o ajudaram ficassem impuros, tendo estes de tomar um banho e lavar suas roupas após o holocausto.

**19.9,10** — As cinzas da novilha eram usadas em rituais sacrificais. Colocavam-se os resíduos na água e usava-se a mistura resultante em certos ritos de purificação. Aqui esse tipo de *expição* é um símbolo visível do trabalho interior de Deus na purificação completa de uma pessoa ou de um objeto do pecado.

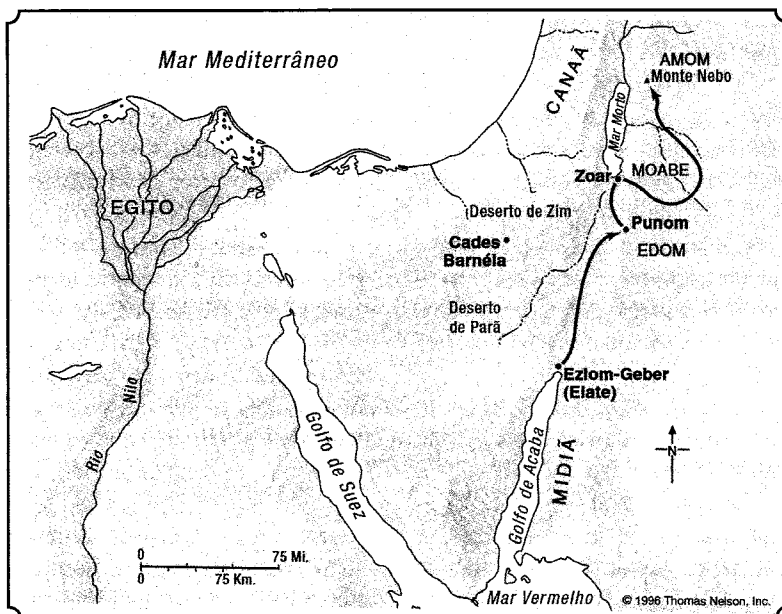
**19.11-13** — As cinzas e a água tinham um sentido especial para aquele que tocava um cadáver humano. Novamente, a aspersão da água da purificação representava mais do que a limpeza física; significava uma submissão à purificação espiritual. Provavelmente, o contato com um corpo morto estava sujeito a esta forte sanção no antigo Israel devido ao que a morte representava: o resultado final de uma ofensa. A morte entrou no mundo por causa do pecado (Rm 5.12). A cessação da vida, então, é um terrível lembrete dos efeitos do pecado. Tocar em um corpo morto era fazer com que uma pessoa se tornasse cerimonialmente impura no que concerne à participação no ritual de adoração a Deus.

**19.14-19** — Várias formas de morte e de impureza são listadas nestes versículos. Este trecho bíblico pode ter sido a resposta para as questões práticas feitas pelas pessoas. Por exemplo, se um homem morresse em uma tenda, os israelitas certamente precisariam saber o que fazer e qual era a extensão de sua impureza, e o que aconteceria se o indivíduo tocasse o cadáver de um homem no campo ou na sepultura.

**19.20-22** — Aquele que não se purificava rejeitava a graça de Deus e, conseqüentemente, ficava sujeito à Sua ira. Estas questões eram tão sérias que aquele que aspergia a água da purificação em outrem também ficava impuro. Não se estabeleceram tais rituais para que a vida das pessoas ficasse mais difícil. Eles foram instituídos para instruir, graciosamente, os israelitas acerca da natureza da verdadeira santidade.

**20.1** — A expressão de tempo usada, *no mês primeiro*, não faz menção ao ano. Provavelmente este era o quadragésimo ano, o período final da jornada no deserto. O capítulo começa com a morte de Miriã, termina com o falecimento de Arão (v. 22-29), e registra a maior falha de Moisés (v. 1-13) e a oposição de Edom à passagem de Israel por seu território (v. 14-21). São registros tristes. Nestes trechos há a ideia geral de que as mortes de Miriã e Arão, da forma como foram registradas aqui, foram atos de misericórdia. O Senhor permitiu que os irmãos de Moisés tivessem





#### Do deserto para Canaã

*A tentativa, 40 anos antes, de sair de Cades-Barnéia pelo norte rumo a Canaã foi repelida. Desta vez, Moisés queria ir para o leste, passando por Edom, e para o norte, atravessando Moabe em direção a Canaã. Entretanto, os hebreus foram barrados de fazer a travessia por ambos os territórios, apesar de seu parentesco com os povos. Assim, Moisés foi para o sul por Elate, depois para o norte e leste, contornando Edom e Moabe. No norte do ribeirão do Arnom, eles derrotaram os amorreus e posicionaram-se para cruzar o Jordão pelo lado leste, a fim de entrar em Canaã.*

uma vida longa o bastante, mas só até que a primeira geração fosse substituída pela segunda.

**20.2-7** — As palavras *não havia água* transmitem a ideia de um *déjà vu*, isto é, não era uma novidade. Não ter água para beber foi o motivo da primeira crise que os israelitas tiveram em sua jornada após a saída do Egito (Êx 17). Aqui, no quadragésimo ano depois do êxodo, o mesmo problema ressurgia, fazendo com que as pessoas revelassem semelhantes atitudes de ingratidão e raiva.

**20.8,9** — Moisés tinha de pegar seu cajado, mas deveria apenas falar à rocha. Uma geração antes, Deus foi igualmente específico. Naquele tempo, Moisés fora instruído a ferir a rocha (Êx 17.6). Da primeira vez, Moisés executou tudo exatamente como o Senhor tinha especificado; da segunda, não. Algumas pessoas tentam explicar o que essas diferenças nas ordens querem dizer. Entretanto, como o texto não especifica isso

nem aqui nem em outro lugar, o melhor é apenas observar os fatos no âmbito apresentado: a mensagem que fora transmitida e a desobediência de Moisés. Deus é zeloso com Sua Palavra. Não devemos agir de forma diferente da que o Senhor instruiu, mas obedecer aos Seus comandos pronta e integralmente (Ap 22.18,19).

**20.10** — As palavras de Moisés são chocantes: *Ouvi agora, rebeldes*. Elas não deixam de expressar a verdade, mas carregam a conotação de quem sentia que a situação já estava passando dos limites, de alguém cuja paciência chegara a um ponto derradeiro.

**20.11** — Em seu furor, Moisés não falou com a rocha, como Deus ordenara. Em vez disso, levantou seu cajado e bateu duas vezes na pedra. Quando Moisés desobedeceu a Deus, ele destruiu tudo o que vinha pregando por mais de 40 anos. Deus não demonstrou raiva, mas Moisés se deixou

dominar por uma cólera deliberada e injusta. Em sua fúria, Moisés perdeu o direito de entrar na Terra Prometida. Que perda incalculável por causa de apenas um momento de desobediência! Entretanto, se virmos por outro ângulo, Moisés não só atingira a rocha, mas também atingira Deus. De uma forma que não compreendemos, aquela rocha era o símbolo da divina presença; a água jorrava tão abundantemente que representava um marco em Sua graça. A rocha representava o milagre da vida brotando e dessedentando o sedento; um tipo de Cristo (1 Co 10.4).

20.12 — O julgamento de Deus é proferido com extrema severidade, dada a natureza da ofensa de Moisés. Este é acusado do pecado de não confiar em Deus e de não honrar Sua santidade perante o povo. *Não honrar a santidade* quer dizer *não considerar o sagrado*. O Senhor entendeu que a atitude de Moisés demonstrara falta de respeito e de reverência por Sua santa Pessoa. As instruções do Senhor não foram acatadas. Moisés, que por muito tempo se preocupou com a reputação de Deus (Nm 14.13-9), menosprezou-o, porque não seguiu exatamente o que o Senhor lhe ordenara bem às vistas de toda a congregação. Arão também foi acusado e sentenciado pelo Senhor. Para ambos os irmãos, a pena foi juntar-se à marcha da morte da primeira geração. Nenhum dos dois entraria em Canaã.

20.13 — Meribá, ou *rebelião*, é o nome dado ao lugar onde Moisés pecou. Este é o mesmo nome dado ao local em que houve a primeira crise de água, 40 anos antes (Êx 17.7).

20.14-21 — Moisés usou diplomacia em seu apelo ao rei de Edom e fez referência à obra salvadora de Deus quando libertou o povo de Israel do Egito. Ele também fez o que a princípio é um pedido razoável: *deixa-nos, pois, passar pela tua terra*. Quando Edom se recusou a dar passagem, Moisés refutou com um pedido ainda mais gentil e assegurou aos edomitas que os israelitas não tinham a intenção de conquistar aquele território. Porém, a solicitação foi recusada com uma demonstração de força.

20.22-29 — Possivelmente, o monte Hor é o Jebel Madurá, um monte que fica a aproximada-

mente 24 km a nordeste de Cades, na fronteira noroeste de Edom. O monte está bem no meio da rota de Cades até Moabe. Foi naquele monte que a triste notícia a respeito da morte de Arão chegou. Eleazar recebeu os deveres do sacerdócio de Arão. Logo, o corpo de Moisés seria deixado em outro monte, e Josué, como o líder da nova geração, juntar-se-ia a Eleazar. Os 30 dias de luto por Arão indicavam a grande estima que lhe dedicavam o povo e seu irmão.

21.1-3 — A primeira das vitórias dos guerreiros israelitas contra os cananeus veio durante um ataque feito pelo rei de Arade, cidade esta que estava localizada em Neguebe, a aproximadamente 32 km ao sul de Hebrom. Entretanto, é possível que a palavra *Arade* aqui mencionada faça referência a uma região um pouco mais ao sul, pois não há nenhum sinal de uma Arade deste período. Não é uma coisa incomum que os nomes dos lugares bíblicos “fltuem” de um lugar para outro com o passar dos séculos. O texto enfatiza que quem atacou foram os cananeus, e que tal atitude não fora provocada. Israel fez um voto de *herem*, consagração para a destruição, caso *Yahweh* lhe entregasse a vitória. Os israelitas lutaram corajosamente, e Deus lutou por eles. Os israelitas triunfaram sobre o exército de Arade e destruíram suas cidades. A vitória era o começo da gloriosa marcha até a Terra Prometida. Mas, como esperado, mesmo esta reviravolta não aconteceria sem problemas.

O nome *Horma* baseia-se na palavra *herem*, que é algo completamente destruído. É possível que o termo *Horma*, em Números 14.45, tenha sido fundamentado neste trecho. Isto é, a região da prévia derrota de Israel somente recebe este nome de forma adequada neste contexto. Para a conveniência do leitor, o nome foi inserido na história anterior.

21.4,5 — A longa jornada contornando a terra de Edom foi necessária, porque o rei desta cidade proibiu que Moisés e os israelitas atravessassem seu território (Nm 20.14-21). Após o resplendor da primeira vitória (Nm 21.1-3), esta rota foi particularmente desagradável para os israelitas. Mais uma vez, começaram a reclamar de

Moisés e de Deus. Novamente protestaram (Nm 11.6) contra a provisão de maná, chamando-a de *pão vil*. Como o salmista mais tarde observou: *quantas vezes o provocaram no deserto e o ofenderam na solidão* (Sl 78.40). Demonstrando desprezo *pelo trigo dos céus* [*pão dos céus*, na NVI] (Sl 78.23,24), o povo israelita estava na verdade rejeitando Deus, que foi quem lhe deu o alimento miraculoso.

**21.6** — A disciplina de Deus para as pessoas veio por meio de serpentes venenosas, que as morderam. O veneno dessas serpentes causou febres e mortes agonizantes às pessoas. E lembre-se de que naquela época não havia soro antiofídico.

**21.7-9** — A dor causada pelas picadas venenosas fez com que as pessoas se arrependessem e rogassem a Moisés para que este intercedesse a favor delas. Deus instruiu Moisés para que fizesse uma imagem de uma serpente de bronze e colocasse-a em um poste. Quem tivesse sido mordido e olhasse para aquele símbolo viveria.

Jesus fez referência a esta atordoante imagem em Sua conversa com Nicodemos (Jo 3.14,15), fazendo uma analogia com a forma de execução que Ele sofreria, ao ser erguido numa cruz. Para os judeus, a crucificação era o sinal de uma maldição. Portanto, assim como os israelitas tiveram de olhar a repugnante imagem alçada de uma serpente para serem salvos, temos de olhar para a imagem de Jesus em uma cruz, a fim de que possamos ser remidos de nossos pecados. Desta

forma, Jesus usou a passagem de uma vergonhosa rebeldia de Israel para explicar o significado de Sua morte vicária e salvífica.

Sendo assim, nessa passagem, temos a convergência de um símbolo duplo do Salvador: (1) o pão é a figura de Jesus como o *pão dos céus*. Ele é a Palavra, a adequada nutrição do povo; (2) a serpente é a ilustração de Cristo, que se tornou pecado por nós, quando foi pregado naquela terrível cruz. Sua maldição nos trouxe bênção; Sua morte nos trouxe vida.

**21.10-13** — Os israelitas contornaram a região de Edom e entraram no território de Moabe, que estava a leste de Jericó. O lugar se tornou a nova parada, antes da conquista da terra.

**21.14,15** — O *livro das Guerras do Senhor* faz referência a uma anterior coleção de cânticos e escritos conhecidos hoje somente por causa de sua citação. O fato de Números falar sobre um diferente manuscrito hebraico mostra que o povo hebreu possuía outra forma de literatura além das Escrituras. O nome desse cântico é difícil de traduzir para os dias de hoje. As palavras *Vaebe em Sufá* identificam coisas que são desconhecidas.

**21.16-20** — A palavra *beer* significa *poço*. Finalmente, as pessoas chegaram a um lugar onde puderam cavar um poço e achar água boa. Deus graciosamente o proveu e deu-lhes uma amostra da Terra Prometida, local que logo habitariam. A poesia dos versículos 17 e 18 poderia ser chamada



## VOCÊ SABIA?

### TRANSFERÊNCIA DE AUTORIDADE

A transferência de autoridade é sempre uma tarefa delicada. A troca de líderes pode representar uma grande tensão para uma organização à medida que as antigas alianças e as forças políticas deparam-se com novas ideias e coligações que, consequentemente, determinarão e moldarão o futuro.

A morte de Arão (Nm 20.22-29) foi um acontecimento importante em Israel. Ele não foi apenas o sumo sacerdote da nação, mas também o primeiro eleito por Deus. Ademais, Arão foi o principal porta-voz de Moisés (Êx 4.16; 7.1), além de ser seu irmão. O sucessor de Arão foi seu terceiro filho, Eleazar. Nadabe e Abiú, os filhos mais velhos do sumo sacerdote, foram consumidos pela ira de Deus após oferecerem o *fogo estranho* perante o Senhor (Lv 10.1-3). Assim, Eleazar era, de certo modo, a terceira opção para ocupar a posição de sumo sacerdote.

Apesar de todos os fatores já citados, dentre outros, a transição de Arão para Eleazar foi bastante suave. Talvez porque tenha sido o próprio Deus que supervisionara a transferência de autoridade. A Bíblia descreve várias outras transições, mas nem todas tão tranquilas quanto esta.

de *O cântico do poço*. Manatá, Naaliel, Bamote e o topo de Pisga não são lugares conhecidos por nós hoje. Estes locais foram apenas áreas de parada do povo ao longo da rota que levava à Terra Prometida.

**21.21-26** — A derrota de Seom, o rei dos amorreus, começou com a negativa do pedido para atravessar sua terra, fato parecido com a rejeição do rei de Edom (Nm 20.14-21). Mas, no caso de Edom, Deus não permitiu que Israel se engajasse em uma guerra para atingir seus objetivos. O território de Edom era protegido pelo Senhor por causa de uma antiga aliança (Gn 36; Dt 2.4,5). Todavia, nenhuma proteção similar foi concedida aos amorreus. Estes estavam entre os povos que Israel tinha autorização para destruir (Êx 33.2; 34.11). Seom não só rejeitou o pedido de Israel, como também se armou para a guerra contra os israelitas em Jaza. O povo de Deus derrotou Seom. Esta foi a primeira de suas vitórias a leste do rio Jordão. Israel conquistou todas as cidades que pertenciam aos amorreus. Tudo isso fazia parte dos planos de Deus: Seu povo viveria nas cidades de seus inimigos derrotados (Dt 2.26-37).

**21.27-32** — O cântico de vitória nestes versículos provavelmente também veio do *livro das Guerras* (v. 14). De qualquer forma, esta passagem é notável por causa do uso das letras de antigos cânticos de vitória. Aqui, encontramos novamente uma canção de menosprezo, que celebra o triunfo de Israel sobre um exército.

A expressão *pele que dizem os que falam em provérbios* não se refere a ditos sábios, como no livro dos Provérbios, mas sim aos dizeres de afronta, observados em todo este capítulo. O cântico começa com uma récita das prévias vitórias dos amorreus sobre o povo de Moabe e seu deus Camos. Após derrotar Seom e os amorreus, Israel se tornou uma grande ameaça a Moabe (Nm 22.3). Os versículos 31 e 32 fazem referência a outras invasões de Israel na terra dos amorreus.

**21.33-35** — A derrota de Ogue, rei de Basã, aconteceu imediatamente após a vitória sobre os amorreus. Os israelitas conseguiram o controle de toda a terra a leste do rio Jordão e a norte do rio Arnom. Estas prévias vitórias faziam parte da

santa guerra de Deus e foram celebradas por Israel como parte de sua tradição de adoração (Dt 3.1-11; Sl 135.8-12; 136.17-22). Deus, justa e fielmente, cumpriu Sua promessa a Abraão (Gn 15.7-21) de que um dia o pecado dos amorreus seria julgado e os descendentes de Seu servo habitariam em Canaã.

**22.1** — *Nas campinas de Moabe*. Com estas palavras chegamos ao fim das viagens de Israel descritas no livro de Números. No livro de Josué, toda a série de acontecimentos da jornada e a conquista da terra são resumidas.

A expressão *para além do Jordão, perto de Jericó* [NVI] faz referência à área que foi conquistada até então, o território em que seriam assentadas duas tribos e meia (cap. 32). Entretanto, a parte principal da terra ficava a oeste do rio Jordão. A primeira cidade naquele lugar que os israelitas precisariam conquistar era a mais antiga cidade murada do mundo, a velha Jericó.

**22.2-4** — Notavelmente, os capítulos 22 a 24 levam o leitor para fora do acampamento de Israel, a um território hostil. Estes capítulos focam em Balaque, o rei de Moabe, e Balaão, o vidente que Balaque contratou para amaldiçoar espiritualmente Israel. Moabe ainda não estava enfrentando os exércitos ameaçadores de Israel. Todavia, Balaque sabia que seu inimigo, Seom de Hesbom, fora derrotado pelos israelitas (Nm 21.21-32), e ele tinha razões para temer que seu reino fosse o próximo a enfrentar Israel. Deus proibiu Seu povo de atacar Moabe (Dt 2.1-9), mas o rei ou não sabia, ou não acreditava nisso. Ele e os habitantes de Moabe estavam com muito medo e temiam os israelitas. Balaque acreditava que não poderia enfrentar Israel no campo de batalha e vencer. Então, ele decidiu usar outra estratégia: enfrentá-los não militar, mas espiritualmente. Os anciões de Midiã, com quem Balaque se consultou, eram os líderes de um povo nômade, e os dois povos provavelmente tinham um acordo mútuo de proteção.

**22.5** — Balaque procurou um profeta pagão que pudesse engajar-se na batalha espiritual contra Israel, amaldiçoando os israelitas. Na mente de Balaque e Moabe, apenas assim ficariam

protegidos contra Israel. Os moabitas acreditavam que as bênçãos e as maldições dos “deuses” deles podiam ser manipuladas por “agentes” habilidosos; indivíduos que presumivelmente negociavam com os deuses. Naquela época, o mais famoso desses agentes era Balaão, um vidente da Mesopotâmia.

Em 1967, uma descoberta das inscrições das profecias de Balaão do século 8 a.C. foi feita na Jordânia. Esta descoberta, que se deu onde ficava a antiga Moabe, é uma impressionante evidência do renome deste profeta, mesmo centenas de anos após sua morte. Mas, o Balaão das Escrituras é altamente repreensível. Na Bíblia, ele se torna um paradigma do mal, bastante próximo de uma figura satânica (Nm 31.8,16; Dt 23.4,5; Js 13.22; 24.9,10; Ne 13.2; Mq 6.5; 2 Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.14).

Balaão era um *baru*, um vidente especializado em adivinhação por meio de entranhas de animais. Ele examinava o fígado de um animal abatido ritualmente para descobrir, conforme o tipo e as marcas que continha, a vontade dos deuses. Tais profetas também observavam os movimentos dos animais e dos pássaros vivos, a fim de apurar certos sinais [agouros] enviados pelas divindades. As pessoas acreditavam que estes indivíduos pudessem, de alguma forma misteriosa, influenciar o comportamento dos deuses por meio de inúmeros ritos.

Se Balaão conseguisse exercer influência sobre o “deus” de Israel (como Balaque supunha), então ele também poderia reverter a bênção do Senhor em maldição, e destruir Israel. Entretanto, o profeta pagão se tornou sem querer o agente de algumas das mais sublimes profecias sobre o glorioso futuro de Israel (cap. 23; 24). Balaão continuou como um inimigo de Israel e procurou derrotá-lo, mas morreu no acampamento dos midianitas (cap. 31), os inimigos de Israel na guerra santa de conquista de Canaã.

**22.6-8** — A conhecida reputação de Balaão, aquela em que todos acreditavam, de que ele era capaz de influenciar os deuses, está explícita na frase: *porque eu sei que quem tu abençoares será abençoado e a quem tu amaldiçoares será amaldiço-*

*ado*. Por trás disso tudo estava, é claro, a irrevogável realidade da bênção de Deus sobre Israel e Sua maldição sobre todos aqueles que tentassem prejudicar Seu povo (Gn 12.2,3).

À luz da teologia bíblica, a história de Balaão é um teste da aliança abraâmica (Gn 12.1-3; 15). Visto que a experiência de Israel no deserto fora tão dissoluta, com repetidas queixas e rebeliões do povo e até mesmo dos líderes deste, surge a pergunta: Israel ainda estava sob a bênção divina? Por trás da história do paganismo e da feitiçaria, entretanto, está a questão teológica de maior importância para o futuro do povo de Deus. No versículo 8, Balaão fala do Senhor como se fosse íntimo dele. Pelo fato de o contratado de Balaque ser internacionalmente conhecido como um vidente, é possível que Balaão tenha ouvido com atenção narrativas contadas por emissários de Moabe e Midiã e aprendido o nome do Deus de Israel. Na verdade, a história da libertação de Israel do Egito por Deus foi provavelmente amplamente divulgada por todo o Oriente Médio (Dt 2.25).

**22.9-14** — O primeiro encontro dos servos de Moabe e Midiã com Balaão terminou fracassado. Deus misericordiosamente instruiu Balaão, em uma visita que se deu provavelmente sob a forma de visão noturna, para que este não fosse com os homens amaldiçoar Israel, porque o povo era abençoado. Visto que Israel estava sob a bênção de Deus, qualquer tentativa de amaldiçoar a nação seria um ataque à palavra de Deus e traria desgraça para aquele que o fizesse (Gn 12.3).

**22.15-21** — O segundo encontro dos emissários de Moabe e Midiã com Balaão aparentemente reverteu as coisas. Os enviados eram pessoas nobres e levaram grandes presentes, subornos e promessas. Mais uma vez, Balaão falou de Deus de uma maneira familiar: *o mandado do Senhor, meu Deus*. Esta não era uma confissão de fé em Deus. Na verdade, era uma manipulação esperta da parte de Balaão, uma alegação falsa e pretensiosa. Ele queria ser visto como mediador entre o Deus de Israel e os emissários de Balaque, da mesma forma que era identificado como profeta de muitos outros deuses. O jogo duplo de Balaão pode ser observado na forma como o Senhor falou

com ele pela segunda vez, alterando as claras ordens que lhe dera a primeira vez (v. 12). Se Balaão fosse um verdadeiro profeta, as palavras de Deus no versículo 12 não teriam sido modificadas. Mas, por causa de sua ganância (2 Pe 2.15; Jd 11), Balaão recebeu uma “nova” palavra de Deus.

**22.22-30** — *E a ira de Deus acendeu-se, porque ele [Balaão] se ia.* Isto aconteceu porque Balaão pretendia fazer o que Balaque o contratou para executar, ou seja, amaldiçoar Israel. Deus não poderia ficar irado com a sua ida, mesmo porque foi Ele próprio que autorizou a partida (v. 20). Entretanto, Deus dera ordens claras a Balaão para fazer apenas o que Ele lhe dissesse (v. 20). Aparentemente, Balaão planejava dizer o que lhe fosse mais rentável em termos financeiros.

Balaão tinha a fama de conseguir interpretar a vontade dos deuses por meio da “leitura” das vísceras dos animais. Todavia, nesta situação (*viu, pois a jumenta o Anjo do Senhor*; v. 23), o vidente estava cego na presença do verdadeiro Deus. Foi o animal que percebeu a genuína vontade de Deus, desviando-se do anjo que bloqueava o caminho.

Neste trecho bíblico, podemos ler as surpreendentes palavras: *o Senhor abriu a boca da jumenta*. Embora esta frase tenha sido objeto de considerável escárnio, apresenta um enorme desafio àqueles que possuem fé bíblica. Qualquer um que tenha uma visão adequada de Deus não questiona o conceito em que a habilidade divina concede a um animal a capacidade momentânea de imitar a fala humana. Afinal, o que é isso comparado à encarnação? A única questão a respeito dos milagres na Bíblia é a sua importância. Isto é, o que significa quando Deus faz esse tipo de coisa?

Como C. S. Lewis argumentou, cada milagre nas Escrituras deve ser comparado ao grande milagre de Deus, a encarnação de Cristo. Se podemos acreditar que o Filho de Deus veio a terra como um homem, morreu e ressuscitou, qual a dificuldade em aceitar o fato de que um homem ouvira palavras saídas da boca de um animal? Se a encarnação e ressurreição de Cristo são reais, então a fala de todos os animais, parte da criação divina, não é nada! Sendo assim, não devemos

dar mais valor a este milagre do que a própria Bíblia dá. A jumenta não pregou nem transmitiu a Palavra de Deus. Balaão é que deveria fazê-lo. Tudo o que a jumenta fez foi indagar por que estava sendo punida por Balaão: *Que te fiz eu?* (v. 28) A coisa mais divertida é que Balaão respondeu sem nenhuma surpresa. E durante todo o tempo, há o pressentimento da presença do *Anjo de Yahweh* (poderia ser Cristo?) com Sua espada empunhada para estripar a rota pagã. A expressão *o Anjo do Senhor* indica a presença de Deus (Gn 22.11,15). O Senhor era o adversário de Balaão.

**22.31-35** — *Então, o Senhor abriu os olhos a Balaão.* A expressão mostra que o vidente era cego e finalmente pôde enxergar a majestade daquele que a jumenta já havia visto durante o percurso. Agora, Balaão ficou de joelhos. Seu pecado era desejar amaldiçoar aqueles a quem Deus abençoara. De maneira bastante impactante, o Anjo de Senhor instruiu Balaão a falar somente aquilo que Deus dissesse a ele.

**22.36-40** — A frase de Balaão — *a palavra que Deus puser na minha boca, esta falarei* — deve ter sido enigmática para Balaque (Nm 23.11,25; 24.10,25). Os sacrifícios do versículo 40 não foram para Deus, obviamente. Tais ritos se destinaram aos ídolos pagãos. A parte que Balaque enviou a Balaão incluía o fígado, órgão que o falso profeta usava em suas adivinhações (Nm 24.1).

**22.41** — *Os altos de Baal* foram escolhidos por causa da vista que possuíam. Tais lugares eram locais de adoração pagã.

**23.1-6** — A utilização dos sete altares e a oferta de um novilho e de um carneiro em cada um deles fazia parte dos rituais pagãos. Posteriormente, Deus, em Sua misericórdia, deu a Balaão uma mensagem verdadeira para transmitir. A expressão *o Senhor pôs a palavra na boca de Balaão* é o mesmo tipo de linguagem usado para os verdadeiros profetas (Jr 1.9). Deus usou o pagão paraabençoar o Seu povo.

**23.7-10** — O primeiro oráculo de Balaão abriu caminho para os outros. Eram sete oráculos ao todo. Cada um foi iniciado com a expressão *então, alçou a sua parábola e disse* (Nm 23.7,18; 24.3,15,20,21,23). A palavra traduzida como

*oráculo* pode ser entendida como *provérbio*. Neste caso, significa *discursos proféticos*. No primeiro oráculo, Balaão descreveu o propósito para o qual foi chamado, isto é, amaldiçoar Israel. Entretanto, ele não pôde fazer isso, porque Deus não permitira. Do lugar da idolatria pagã (Nm 22.41), ele observou Israel à distância e viu que era um povo diferente dos povos de outras nações.

A expressão *quem contará o pó de Jacó* indica a tentativa de estimar a quantidade de pessoas por adivinhação. O número de israelitas era tão grande que Balaão não pôde contá-los.

As palavras *meu fim* foram uma referência ao destino de Balaão. Ele não dividiria a vida gloriosa com Israel no céu.

23.11,12 — A reação de Balaque foi de choque e horror. Ele levava Balaão para amaldiçoar Israel, mas, em vez disso, Balaão o abençoou amplamente.

23.13-17 — Balaque tolamente pensou que a mudança para outro lugar influenciaria Deus, fazendo com que Ele permitisse que uma maldição fosse lançada sobre Seu povo. A linguagem utilizada em *encontrando-se o Senhor com Balaão* indica que este ainda estava tentando lançar a maldição. Talvez ele estivesse procurando por uma força maior que pudesse passar por cima do poder de Deus, do poder que abençoara Israel. Mas isso não aconteceria. Novamente, as palavras de Balaão vieram do único Deus vivo.

23.18-24 — O segundo oráculo foi dirigido a Balaque, um ouvinte que teve de escutar coisas contra sua vontade. Balaão expôs uma extraordinária verdade a respeito do Deus de Israel: Ele não mudaria; Ele não mentia. Deus abençoara Israel, e Balaão era impotente diante desse fato, pois este não tinha poderes para trocar a bênção por uma maldição. Deus vira muitos exemplos de perversidade em Seu povo durante os anos no deserto. Todavia, simplesmente não havia qualquer tipo de feitiçaria ou magia que Balaão viesse a usar que pudesse destruir a bênção divina. Nós, que vivemos em Cristo, podemos ser estimulados por estas palavras hoje. Deus não pode mentir, tampouco pode negar a promessa de vida a Seu povo (Rm 8.31-39).

23.25-30 — Ao pronunciar *nem totalmente o amaldiçoarás, nem totalmente o abençoarás*, Balaque insinuou: “eu pago para você ficar calado”. Mas ele novamente pensou que tudo o que era preciso era apenas um lugar melhor.

24.1,2 — A expressão *bem parecia aos olhos do Senhor que abençoasse a Israel* revela que Deus estava determinado a abençoar Seu povo. As palavras *veio sobre ele o Espírito de Deus* fazem referência ao poder concedido a Balaão para comunicar a mensagem e a orientação divina. Dramaticamente, Deus controlou o profeta pagão e falou claramente por intermédio de uma pessoa que era sua inimiga, tamanho o poder de Deus.

24.3-9 — O terceiro oráculo é marcado por uma longa introdução que fala das poderosas coisas que aconteciam ao profeta pagão. O cerne do terceiro oráculo é uma bênção às tribos de Israel, pois elas estavam prestes a entrar em Canaã. Suas tendas ocupavam os devidos lugares, mas logo tomariam posse da terra em grande prosperidade. Deus encheria seu líder de poder para destruir todos os inimigos.

Israel é ilustrado como um leão, porque tinha de ser tratado com cuidado. Finalmente no versículo 9, Balaão citou Gênesis 12.3, onde o Senhor prometera que aqueles que abençoassem Israel seriam abençoados, mas os que amaldiçoassem a nação também seriam amaldiçoados.

24.10-14 — No rescaldo do terceiro oráculo, Balaque tentou impedir Balaão de abençoar o povo de Israel, mas ele não podia ser detido.

24.15-19 — O quarto oráculo possui a maior introdução, que se constrói a partir da parte inicial do terceiro (v. 3,4).

*Vê-lo-ei, mas não agora [...] uma estrela procederá de Jacó*. Esta linguagem poética claramente faz referência ao Messias. Balaão teve um vislumbre da vinda do Messias, o Senhor Jesus Cristo! Ele, o Rei vindouro, podia ser avistado de longe e era como uma estrela, radiante e bonita; era como um cetro, majestoso e poderoso; e também era a garantia de vitória sobre Seus inimigos, incluindo Moabe — a nação que contratou Balaão para amaldiçoar Israel!

Todos os povos que se opuseram a Israel e à obra de Deus receberam a maldição que, para si próprios, desajuizadamente chamaram. Entre eles, estava Edom, que rejeitou o pedido de Moisés de permitir uma travessia segura a Israel (Nm 20.14-21). Aquele que saiu de Jacó, o Messias, seria o vitorioso sobre todos os Seus inimigos (Sl 2; 110; Ap 19.11-21).

**24.20** — O quinto oráculo é curto, e chega sem nenhuma pausa. É uma maldição sobre Amaleque, a primeira entre as nações a lutar com Israel durante a estadia no deserto, e a primeira a ser derrotada (Êx 17.8-16). Seu fim chegaria.



### EM FOCO

### CETRO (HB. SHEBET)

(Nm 24.17; Gn 49.28; Lv 27.32)

A palavra pode variar de sentido dependendo do contexto. Os diversos significados podem incluir *tribo* (Gn 49.28), *cajado* (1 Cr 11.23 NVI) e *vara* (Sl 23.4). Pelo fato de os reis quase sempre segurarem um cetro, este se tornou o símbolo da monarquia, especialmente do reinado do Messias: Ele governaria o povo de Deus (Nm 24.17; Gn 49.10; 1 Co 15.24-28).

Mesmo quando o vocábulo hebraico faz referência a *cajado*, o termo simboliza a preocupação e o cuidado de um pastor com seu rebanho, o mesmo tipo de atenção que o Senhor dispensa ao Seu povo (Mq 7.14). Quando a palavra é traduzida como *vara*, significa julgamento (Sl 2.9).

**24.21,22** — Os queneus eram uma tribo midianita (Nm 10.29; Jz 1.16). Este oráculo faz um jogo de palavras com o termo *queneu* e um vocábulo similar em hebraico que significa *ninho*. A palavra *Assur* é Assíria aqui.

**24.23-25** — No último oráculo, a identificação das nações é difícil, mas o sentido geral é bastante claro: uma nação se voltaria contra a outra, apenas para atrair para si a própria destruição.

A palavra hebraica traduzida como *Quitim* foi usada mais tarde em referência a Roma (Dn 11.30).

**25.1,2** — *Sitim* é outro nome para uma área de parada na Transjordânia, do outro lado de Jericó. A partir daqui, o foco de Números retorna para

o acampamento de Israel. Ao final da longa jornada pelo deserto, os israelitas tiveram seu primeiro encontro com a religião idólatra de Canaã.

A expressão *as filhas dos moabitas* é a conexão entre este capítulo e os capítulos 22, 23 e 24. O que os homens de Moabe não puderam executar, as mulheres moabitas foram capazes de fazer. Elas envolveram os homens israelitas em imoralidades sexuais e idolatria. Por causa disso, Deus puniu os israelitas.

Em Números 31.16, ficamos sabendo que o principal instigador destes lamentáveis relacionamentos foi ninguém menos do que Balaão. Ele não pôde amaldiçoar, mas ensinou como os israelitas se tornariam malditos.

**25.3** — Balaão estava no topo de *Baal-Peor*, lugar de adoração pagã (Nm 23.28), quando pronunciou seu último conjunto de oráculos. Infelizmente, é bastante apropriado que a destruição próxima do povo de Israel estivesse associada à degradação sexual e às práticas de idolatria neste lugar.

**25.4,5** — A ira do Senhor flamejou novamente contra Seu povo errante. Esta não era só mais uma época de desacordo entre Deus e os israelitas, mas um sério problema que tinha de ser enfrentado. As pessoas foram seduzidas a cultuarem Baal. Só que Israel havia sido enviado justamente para eliminar a adoração a este deus pagão em Canaã.

**25.6-9** — Todo tipo de idolatria e degradação sexual está incluído nestes versículos, embora a linguagem usada seja de certa forma reservada. Pode ser que o narrador tivesse poupado os leitores de ser tão enérgico e direto, porque os acontecimentos foram realmente desagradáveis. Esse mesmo tipo de expressão restrita é encontrado em Gênesis 6.1-4.

Zinri (v. 14), um homem hebreu, envolveu-se com uma mulher midianita chamada *Cosbi* (v. 15), que provavelmente era uma sacerdotisa de Baal. Embora a natureza da ofensa não esteja clara no texto, pode ser que as atitudes pecaminosas do casal tenham sido realizadas à entrada da tenda da congregação, às vistas de toda a comunidade de Israel. Finéias, o filho de Eleazar, zeloso pela honra de Deus, matou Zinri e Cosbi



com uma lança, acabando assim com a praga que se originou por causa desse tipo de ofensa.

**25.10-15** — *Zelou o meu zelo no meio deles.* Esta resposta de Deus é um elogio a Finéias. A palavra hebraica traduzida como *zelo* também pode ser entendida como *cioso*. Finéias não desejava que o acampamento israelita fosse maculado com a imoralidade ligada à adoração a Baal. Deus honrou Finéias por seu zelo, dizendo: *eis que lhe dou o meu concerto de paz.*

**25.16-18** — Deus instruiu Moisés a iniciar uma guerra santa contra os midianitas em retaliação à batalha secular e imoral que aquela nação travou contra Israel. A guerra começou em pouco tempo, mas não é reportada até o capítulo 31. A repetição dos nomes e dos lugares da derrocada no versículo 18 serve para imortalizar o acontecimento.

**26.1** — *Depois daquela praga.* Estas palavras são uma transição em Números. A praga representou o fim da primeira geração. Sob a graça de Deus, os israelitas agora estavam prontos para um recomeço. Eles herdariam a Terra Prometida.

**26.2-4** — As palavras *contai o povo* nos lembram do início do livro de Números (1.2). Este é um recomeço; um novo censo. A quantidade se equipara favoravelmente aos números da primeira geração. Apesar de todas as pessoas que morreram no deserto, o total da população não foi notadamente diferente. Novamente, este foi um sinal da bênção de Deus sobre os israelitas.

**26.5-50** — Este capítulo foca especialmente as tribos, com uma considerável atenção dispensada aos agrupamentos familiares e às pessoas importantes. É bastante apropriado que este

censo seja mais completo do que o apresentado no capítulo 1. Estas seriam as pessoas que de fato entrariam na Terra Prometida.

**26.51** — Os totais das 12 tribos são muito similares nas duas listas de recenseamento. Rúben diminuiu de 46.500 para 43.730; Simeão diminuiu de 59.300 para 22.200; Gade diminuiu de 45.650 para 40.500; Judá aumentou de 74.600 para 76.500; Issacar aumentou de 54.400 para 64.300; Zebulom aumentou de 57.400 para 60.500; Manassés aumentou de 32.200 para 52.700; Efraim diminuiu de 40.500 para 32.500; Benjamim aumentou de 35.400 para 45.600; Dã aumentou de 62.700 para 64.400; Naftali diminuiu de 53.400 para 45.400. O total diminuiu um pouco, de 603.550 para 601.730.

**26.52-56** — A terra de Canaã era a herança do povo do Senhor. Era o presente dele aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó, dado por causa de Seu amor. Dois princípios seriam usados ao dividir a terra: as maiores tribos receberiam as maiores áreas, mas as determinações dos locais exatos seriam feitas por sorteio.

**26.57-62** — A quantidade de levitas segue a das outras tribos, exatamente como no primeiro censo. Neste caso, mais nomes e famílias são citados, pois esta era a lista que seria usada uma vez que as pessoas estivessem assentadas na terra. O número total de levitas homens cresceu para 23 mil, quantidade que se aproxima dos 22 mil do primeiro censo (Nm 3.39).

**26.63-65** — As pessoas contabilizadas no segundo recenseamento não eram as mesmas que foram contadas no primeiro censo. Daqueles que



## VOCÊ SABIA?

### O SEGUNDO CENSO

Da mesma forma que a jornada de Israel no deserto começou com um censo (Nm 1.2-9), também terminou com um (Nm 26.2). Como no anterior, o segundo recenseamento contou apenas os homens em idade de servir ao exército e funcionou como uma convocação militar. Esta segunda contagem foi necessária porque quatro décadas se passaram desde a primeira. Durante tal período, uma geração inteira de homens morreu: todos aqueles que tinham 20 anos ou mais na época do incidente em Cades-Barnéia. Os únicos sobreviventes, além de Moisés, foram Josué e Calebe (Nm 14.29,30; 26.64,65). Este foi o segundo censo registrado em números, mas de fato o terceiro de Israel de que nós temos notícia. As Escrituras nos falam de sete importantes recenseamentos.

sobreviveram, apenas Calebe e Josué tinham acima de 20 anos na época da rebelião em Cades (capítulos 13 e 14).

**27.1-5** — As cinco irmãs, filhas de Zelofeade, aproximaram-se de Moisés para requerer sua herança na terra. O pai das mulheres morrera no deserto, assim como toda a sua geração. Visto que Zelofeade não deixara filhos homens, não haveria nenhuma parte de terra para seu clã. Usando a memória de seu pai, as filhas pediram a Moisés uma propriedade entre os parentes de seu pai. Ao fazer isso, elas romperam com os costumes daquela época. No antigo Israel, as mulheres não herdavam a terra. Entretanto, a situação delas era especial. Por causa disso, Moisés levou a questão ao Senhor. Este acontecimento nos transmite a ideia de como a Lei funcionava em Israel. As decisões eram tomadas de acordo com a necessidade e o pedido. Se a resolução fosse difícil, os líderes levavam a questão para apreciação do Senhor.

**27.6-11** — A decisão tomada por Deus foi favorável às mulheres. Elas herdariam a terra de seu pai. O caso abriria um precedente para outras famílias que se encontravam na mesma situação e ia além disso, pois a terra do homem morto sem ter deixado filhos podia ser transferida para o parente mais próximo vivo. Isso representou uma significativa mudança nos costumes da época. (Veja o capítulo 36, para as complicações que surgiram por causa dessa questão.)

**27.12-14** — A hora do início da conquista estava próxima, o que significava que a vida de Moisés também estava perto do fim. Embora Deus não fosse permitir que o profeta entrasse na terra, Ele consentiria, por causa de Sua graça, que Moisés visse a terra de longe.

**27.15-17** — *Ponha um homem sobre esta congregação.* Esta expressão revela a preocupação de Moisés com o bem-estar da congregação, e não com o seu próprio. Quem lideraria Israel depois de sua morte?

**27.18-23** — Aparentemente, havia dois candidatos a substituto de Moisés: Calebe e Josué, os dois espias que honraram o Senhor quando toda a nação se opôs às Suas instruções (cap. 4). A escolha de Deus foi Josué. Uma das qualificações

para o trabalho era a presença do Espírito Santo, um marco semelhante à qualidade de liderança espiritual no Novo Testamento (At 6.3). O Senhor instruiu Moisés a apresentar Josué à congregação, a fim de que não houvesse nenhuma briga pelo poder após a sua morte. Além disso, Moisés começaria a delegar as tarefas ao seu substituto para que a transição começasse enquanto Moisés ainda estivesse vivo. Moisés impôs suas mãos sobre Josué, um símbolo de transferência de poder. Ele investiu Josué de autoridade para que pudesse comandar Israel (At 13.1-3).

**28.1-6** — O livro de Números insere frequentemente vários dados no fluxo da narrativa. Dentre estas inserções de informação, estão os trechos sobre os sacrifícios nos capítulos 28 e 29, a exemplo de: *do meu manjar para as minhas ofertas queimadas.* Os capítulos seguintes focam a natureza das ofertas que Deus exigia regular e sazonalmente.

**28.7,8** — Neste caso, a *libação* [oferta derramada, na NVI] geralmente era o vinho, que é feito da uva fermentada. Era usado na adoração a Deus e deveria ser aspergido no altar conforme as especificações divinas.

**28.9,10** — As ofertas do Sábado eram oferecidas além do holocausto diário e da *libação* [oferta derramada, na NVI].

**28.11-15** — As ofertas dos *princípios dos vossos meses* eram apresentadas além das ofertas diárias e semanais.



**EM FOCO**

**SÁBADO (HB. SHABAT)**

(Nm 28.9; Êx 20.8; Lv 19.3; 23.3; Dt 5.12; Jr 17.22)

O termo *sábado* deriva de um verbo que significa *cessar* ou *descansar* (Gn 2.3; Êx 31.17). O sábado, ou *Shabat*, é o sétimo dia no calendário hebraico (Êx 16.26; 20.10). Deus fixou esse dia como um período de descanso, porque Ele criou todas as coisas em seis dias e descansou no sétimo (Êx 20.11). O princípio do Sábado não se espelhava apenas na obra de criação, pois também foi estabelecido com o objetivo de ser uma data para o homem relembrar Deus, especialmente Sua aliança com Israel (Êx 31.12-18). Além de ser aplicado a este dia da semana, o conceito sabbático de descanso também era aplicado a terra a cada sete anos.



## EM FOCO

## VOTO (HB. NEDER)

(Nm 6.2,5; 21.2; 30.2; 1 Sm 1.11; Na 1.15)

Um *voto* é um compromisso voluntário que se faz com Deus com o objetivo de executar algo que lhe seja agradável ou de abster-se de certas práticas, a fim de demonstrar devoção. Um exemplo claro no Antigo Testamento é o voto de nazireado (Nm 6.1-21).

As Escrituras advertem aos fiéis acerca dos votos imprudentes, visto que todos os compromissos são feitos diante de Deus, o Juiz correto e santo (Ec 5.4). A razão para o alerta é porque cada voto feito ao Senhor é uma obrigação e deve ser cumprida.

A palavra hebraica *neder* também pode fazer referência a uma oferta de agradecimento (Dt 12.6), e os salmistas frequentemente afirmam que o pagamento dos votos é um ato de louvar a Deus (Sl 66.13; 116.14).

**28.16-25** — A celebração da Páscoa (Nm 9.1-14) incluía sacrifícios especiais no altar. No primeiro e no sétimo dia deste período, nenhum trabalho era realizado. Toda esta época era marcada pelo consumo de pão asmo.

**28.26-31** — A *Festa das Semanas* acontecia 50 dias após a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos.

**29.1-6** — A celebração da *Festa das Trombetas* incluía o toque de chifres de carneiro (o que contrasta com as trombetas de prata em Números 10.2). Mais tarde, este festival seria identificado com o festival do ano novo.

**29.7-11** — O Dia da Expição, ou *Yom Kippur*, era considerado o dia mais sagrado de todos. Levítico 16 descreve esta data como um dia mais de abstenção do que de celebração; de solenidade mais do que de regozijo.

**29.12-38** — A celebração da Festa dos Tabernáculos, ou *Sucote*, era complexa. Havia uma ordem a ser seguida por um período de oito dias, e o oitavo tinha sua própria cerimônia. Como no capítulo 7, cada um dos miniparágrafos que instruem sobre os dias de celebração faz uso da repetição deliberada, a fim de evocar toda formalidade e solenidade ritual de tais ocasiões.

**29.39,40** — Estes versículos concluem o resumo dos sacrifícios dos capítulos 28 e 29. Os sacrifícios e as ofertas listados nestes dois capítulos são o mínimo que as pessoas deveriam apresentar ao Senhor durante o ano.

**30.1,2** — O ponto-chave é claro: aquele que faz o voto tem a obrigação de manter a sua palavra. Votos que são feitos ao Senhor devem ser cumpridos (Dt 23.21-23; Ec 5.1-7).

**30.3-5** — Na cultura israelita, uma jovem mulher solteira ficava sob a tutela de seu pai. Se ela fizesse um voto, este, ao ser conhecido pelo pai da moça, poderia ser cumprido ou não, dependendo da vontade paterna. Por esta razão, o pai poderia anular o voto. Se ele não o fizesse, isso significava que o voto estava válido, incluindo qualquer complicação em decorrência da promessa.

**30.6-8** — O cumprimento do voto feito por uma mulher antes de casar-se passa a ser uma determinação do marido. Assim, o esposo poderia anular a promessa feita por sua cônjuge antes do matrimônio, ou seja, antes de ela estar sob sua tutela. Neste caso, Deus a livraria do voto dela. Caso o marido soubesse da promessa e não dissesse nada, então o voto continuaria válido, incluindo qualquer problema em decorrência deste. Fazendo uma comparação com os versículos 10 a 15 deste capítulo, os versículos 6 a 8 sugerem que a mulher aqui citada é recém-casada.

**30.9** — O voto de uma viúva ou de uma mulher divorciada era válido, porque não estava atrelado à tutela do pai nem do marido.

**30.10-15** — No caso de uma mulher que fizesse um voto ao Senhor depois do casamento, o marido poderia anulá-lo. Porém, seu silêncio em relação ao compromisso o validaria. Muitas destas situações podem ter sido arbitradas da mesma maneira que o caso envolvendo as filhas de Zelfeade (Nm 27), isto é, baseando-se em situações específicas levadas perante Deus para a proclamação de uma sentença.

**30.16** — Este versículo fala sobre a autoridade de Deus e as decisões que Ele transmitiu a Moisés

a respeito dos votos feitos pelas mulheres na antiga cultura de Israel.

**31.1,2** — O capítulo 31 alude ao 25: a derrocada por causa do pecado de Israel em *Baal-Peor* e o papel que tiveram os midianitas na orquestração das ofensas.

**31.3-6** — Os preparativos para a batalha incluíram a separação de mil homens de cada tribo, um meio de assegurar a participação de todo o povo na guerra. Finéias, a figura heroica que deteve a praga com sua corajosa atitude (Nm 25.7,8), era o comandante das tropas. Como sacerdote, ele liderou os exércitos de Israel com objetos do santuário e trombetas para o toque de guerra.



### EM FOCO

### VINGAR (HB. NAQAM)

(Nm 31.2; 1 Sm 24.12; Is 1.24)

O verbo hebraico traduzido como *vingar* pode assumir uma conotação negativa ou positiva. Por um lado, os israelitas foram proibidos de vingar-se, porque se considerava que tal atitude serviria apenas ao íntimo do indivíduo que a praticasse (Lv 19.18). Entretanto, as Escrituras falam da correta busca da justiça, da virtude e da defesa da majestade divina. Deus declarou que apenas Ele poderia executar vingança: *minha é a vingança* (Dt 32.35). Todavia, Ele sempre usa pessoas, como em Números 31.2, para executar Seu juízo.

**31.7-11** — A vitória estava assegurada, devido à bênção de Deus aos exércitos de Israel. Os israelitas mataram todos os homens e os reis, e tomaram as mulheres e as crianças como prisioneiros.

**31.12-24** — Quando os vitoriosos chegaram de volta ao acampamento, não receberam louvores, mas sim indignação por parte de Moisés, que disse: *Deixastes viver todas as mulheres?* O líder de Israel ficou irado porque as mulheres midianitas prevaricaram contra o Senhor no passado. Foram elas que levaram Israel a pecar, pois seguiram os conselhos de Balaão. Este falso profeta já havia sido assassinado, juntamente com os reis e as pessoas importantes do povo (v. 8). Agora, as mulheres e seus filhos homens também deveriam ser mortos. Apenas as moças jovens, ainda virgens, poderiam ser mantidas vivas, pois eram

inocentes dos pecados sexuais de suas mães. Visto que esta era uma guerra santa, os soldados e suas posses precisavam passar por extraordinários ritos de purificação. Tais rituais de limpeza exigiam o uso do fogo e da água.

**31.25-47** — Aqui, o trecho bíblico detalha o balanço das posses que foram tomadas dos midianitas. A quantidade é bastante grande, o que indica uma grande vitória. A divisão do despojo entre aqueles que foram à guerra e aqueles que não foram estabelece um modelo para futuras batalhas. A porção destinada ao Senhor também se tornou padrão.

**31.48-54** — Enquanto o registro da destruição do povo de Midiã é penoso, o relatório dos oficiais de Israel de que não estava faltando ninguém é de causar admiração. Nenhum dos soldados israelitas foi perdido na batalha. Em louvor e gratidão a Deus, os oficiais fizeram uma oferta especial, que Moisés levou para dentro do tabernáculo como um memorial. A quantidade dos despojos também era extraordinária: 200 kg de ouro (16.750 siclos).

**32.1-5** — As tribos de Rúben e Gade queriam as terras a leste do Jordão, as quais Israel tomou de Seom e Ogue (cap. 21). Os rebanhos de Rúben e Gade eram numerosos, e as pessoas desses clãs acreditavam que a área conquistada a leste do Jordão seria adequada para elas. Assim, foram até Moisés a fim de requerer tal local como sua herança tribal.

**32.6-15** — A resposta inicial do profeta à requisição da área foi de descrédito e desencorajamento. Aparentemente, ele estava preocupado com a possibilidade dessas tribos esquivarem-se de seu dever de ajudar os outros clãs a conquistarem o território a oeste do Jordão. Moisés tinha medo de que elas se desligassem da batalha antes que esta estivesse totalmente terminada. O encontro com esses homens deu ao profeta a oportunidade de relatar detalhadamente a história de seus antecessores e o que fizeram depois de subirem ao vale de Escol, e usar essa narrativa como um aviso para eles.

**32.16-19** — Os homens de Rúben e Gade tentaram assegurar a Moisés que de forma alguma



## LOCALIZE-SE

### AS JORNADAS DE ISRAEL

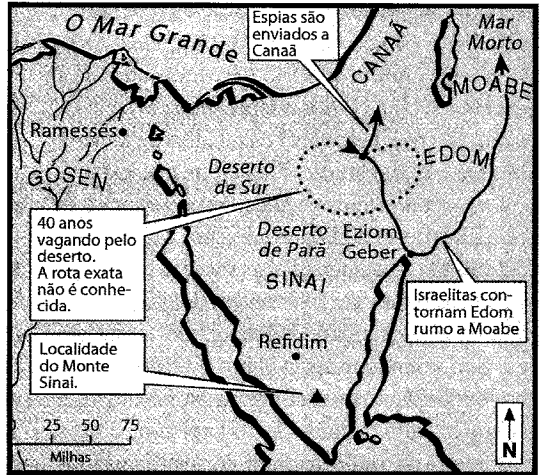
Ninguém sabe ao certo a rota precisa que Israel tomou do Egito para Canaã (Nm 33.). Entretanto, não foi uma via direta.

Depois que os israelitas deixaram o Egito, eles viajaram rumo ao sul até o monte Sinai, onde receberam a Lei. Após isso, finalmente se puseram na direção norte, a Cades (Nm 13.26), de onde enviaram espias para observar a Terra Prometida. Naquele local, perderam a fé nas promessas do Senhor, e, como consequência, passaram os anos seguintes peregrinando no deserto, até que toda a geração infiel morresse ali (Nm 14.34,35).

O termo *peregrinando* é errôneo, pois a multidão foi guiada por Deus, que deu a Seu povo uma nuvem que deveria ser seguida durante o dia, e uma coluna de fogo, para ser acompanhada à noite (Êx 13.21,22).

O próximo trecho importante na jornada foi a tentativa de atravessar Edom (Nm 20.14-21). Todavia, o rei de Edom recusou conceder passagem aos israelitas. Assim, o povo hebreu foi obrigado a pegar uma rota que contornava o lugar, a fim de viajar na direção norte da Transjordânia, leste de Canaã. Foi dessa área que a conquista da terra por fim começou.

A lista em Números 33 inclui muitos locais pelos quais os israelitas passaram. Entretanto, alguns não foram identificados pelos arqueólogos modernos.



estavam se desligando da batalha. Eles simplesmente queriam deixar em segurança suas mulheres e famílias enquanto estivessem fora, pois estariam com o exército de Israel até que toda a Terra Prometida fosse conquistada. Sua promessa de fidelidade ao exército israelita é expressa por palavras incisivas: *Não voltaremos*. Os homens somente voltariam para suas mulheres quando cada tribo tivesse recebido sua herança.

**32.20-27** — Moisés e os homens de Rúben e Gade negociaram. O plano era que os soldados destas tribos se juntassem ao exército durante todo o período de conquista. Entretanto, os líderes desejavam um tempo para poder prover habitações para sua família e currais para seus rebanhos. Sua concisa promessa de fidelidade enquanto durasse a batalha, mesmo que tivessem de ficar separados e muito longe de sua família, é expressa por palavras sólidas (Nm 32.18). Para o povo judeu, viver na terra era considerado um *mitzvah*, um ato sagrado.

**32.28-32** — Finalmente um acordo é selado entre Moisés e os líderes de Rúben e Gade. Se os homens fizessem as coisas conforme estavam prometendo, se lutassem junto aos outros até que a conquista estivesse completa, eles certamente poderiam viver no local que escolheram — a terra a leste do Jordão. Caso contrário, estariam pecando contra o Senhor e não escapariam da ofensa cometida.

**32.33-42** — É somente no final da narrativa que ficamos sabendo que metade da tribo de Manassés também estava junto a Rúben e Gade em sua proposta. Moisés concordou com o plano dos homens e liderou-os na distribuição da terra a leste do Jordão. Locais conquistados são listados, louvando-se a Deus pela vitória. Ao poder renomeá-los, demonstrou-se como Deus conduziu Seu povo à Terra Prometida e capacitou-o para construir e estruturar novamente cidades e vilas.

**33.1** — O capítulo 33 registra a jornada do povo de Israel desde Ramessés, no Egito (v. 3),

até as campinas de Moabe (v. 49). Este capítulo é marcado por algumas dificuldades. A maioria dos lugares citados não é conhecida hoje. Isto se dá porque a maior parte deles não eram cidades, mas meros acampamentos no deserto do Sinai.

**33.2** — *Escreveu Moisés*. Estas notáveis palavras indicam que o próprio Moisés escreveu a passagem a seguir. Curiosamente, usando estudos e resoluções prévias contra o trabalho de autoria de Moisés, alguns estudiosos rejeitam esta expressão, e não a consideram válida. Esta postura que duvida da autoria do Pentateuco por Moisés está tão enraizada para alguns que, mesmo quando o texto diz que o profeta o escrevera, isso é negado! O fato de muitos lugares mencionados neste capítulo não serem conhecidos por nós, ou não estarem em nenhuma outra passagem na Bíblia, é uma marca da antiguidade do capítulo, e uma garantia de sua autenticidade. Enquanto alguns cristãos tendem a considerar que Moisés exercia a profissão de pastor, os judeus defendem que o profeta foi um professor ou um escriba.

**33.3-5** — Ramessés é geralmente conectada com Tânis (Gn 47.11; Êx 1.11). Há certa simetria estrutural na listagem dos nomes de lugares neste capítulo. Em essência, esta lista de locais é um cântico de louvor à fidelidade de Deus. Em cada passo e em cada acampamento, Deus conduziu os israelitas triunfantemente à Terra Prometida. Significativamente, há 40 lugares mencionados entre Ramessés e as campinas de Moabe. Algumas das localidades registradas aqui (incluindo muitas outras dos versículos 5-18) são também citadas em Êxodo e Números; outras são relatadas somente nesta passagem (incluindo a maioria listada nos versículos 19-29). Além disso, algumas das áreas mencionadas em Êxodo e Números não são registradas neste trecho bíblico (incluindo Taberá, em Números 11.3).

**33.6-37** — Sucote, Etã e Pi-Hairote ficavam a oeste do mar dos Juncos. O resto dos lugares ficava no deserto do Sinai.

**33.38-49** — *Monte Hor*. Com a menção deste lugar, um breve memorial é feito em homenagem a Arão, o sumo sacerdote, que morreu no último ano da jornada israelita no deserto. A jornada de

Ramessés até o monte Hor completou os 40 anos do ciclo de peregrinação após a saída do povo de Israel do Egito rumo à Terra Prometida.

**33.50-56** — Na área de parada anterior à invasão da Terra Prometida, Deus deu a Moisés instruções para o povo conquistar Canaã. Israel deveria exterminar os cananeus e tomar posse de sua terra. Há mais de 400 anos, desde o tempo da aliança divina com Abraão em Gênesis 15.17-21, o Senhor avisou que este tempo chegaria e Ele puniria a perversidade dos cananeus. Este povo, por causa de seus contínuos atos pecaminosos, não desfrutaria do direito de viver na terra de Canaã. Deus, o verdadeiro dono da terra, passou o direito de posse para Israel. Então, Suas palavras têm a conotação de uma transferência legal: *porquanto vos tenho dado esta terra, para possuí-la*. A área deveria ser dividida por sorteio, com as maiores partes indo para as maiores tribos, como já foi descrito em Números 26.52-56.

**33.55,56** — As ordens de Deus para que os israelitas erradicassem os cananeus da terra eram consequentes expressões de Sua misericórdia para com Israel: *Mas, se não lançardes fora os moradores da terra de diante de vós, então, os que deixardes ficar vos serão por espinhos...* Se os cananeus idólatras fossem autorizados a viver entre o povo de Deus, eles se tornariam uma constante fonte de problemas para os israelitas, como farpas nos olhos e espinhos nas costas. Na verdade, se o povo perverso ficasse, os israelitas se tornariam como ele. O resultado seria a necessária expulsão de Israel da terra. Tristemente, a experiência de Israel na terra levou a este desfecho. Este capítulo serve como uma conclusão emocional e lógica de Números. A citação dos lugares e dos encarregados pela conquista dá ao leitor um sentido de encerramento desta fase da existência de Israel, bem como uma antecipação do futuro. Os últimos três capítulos servem de apêndices.

**34.1-12** — O capítulo 34 é uma amostra detalhada da grandeza da terra que Deus estava para conceder ao Seu povo (Nm 33.53). As informações desta passagem são baseadas em um profundo conhecimento de todos os recantos da terra, algo que Moisés provavelmente não possuía por



## APROFUNDE-SE

### CIDADES DE REFÚGIO

No antigo Oriente Médio, o costume era que, se uma vida fosse tirada, mesmo que por acidente, esta tinha de ser vingada por um membro da família da vítima. Em resposta a tal prática, Deus ordenou que seis cidades levíticas, a serem escolhidas na terra, servissem de cidades de refúgio. Uma pessoa culpada de um homicídio não intencional poderia escapar da vingança do parente da vítima refugiando-se nessas cidades (Js 20). Não importaria onde esse indivíduo morasse, sempre haveria um lugar seguro a uma distância razoável, pois todos esses povoados seriam alocados estrategicamente por toda a terra — três a leste do Jordão, e três a oeste.

O termo hebraico traduzido como *refúgio* ou *asilo* designa um lugar de escape do *vingador*, que era o homem que protegia os direitos da família, aquele que tomava as atitudes corretas (o vocábulo hebraico para *vingador* é o mesmo utilizado para se referir a Boaz, traduzido como *parente remidor* em Rt 2.1).

A busca por refúgio não era uma atitude pessoal exercida por um cidadão. Algumas regras determinavam se a proteção era aplicável a uma situação específica, e os julgamentos aconteceriam para cada caso (Nm 35.22-25). As normas para a busca de refúgio nas cidades apropriadas para tal fim foram estabelecidas considerando-se alguns detalhes:

- (1) o homicídio deveria ter acontecido de forma acidental e não premeditada (Nm 35.16-21);
- (2) a pessoa tinha de partir imediatamente para a cidade de refúgio, e só ficava a salvo do *vingador* quando estivesse dentro da vila;
- (3) o indivíduo não estaria em segurança se decidisse sair da cidade de refúgio. Basicamente, a execução não intencional de alguém tinha como pena a prisão virtual em uma cidade murada (Nm 35.26-28);
- (4) a limitação à perseguição do ofensor tinha como base a morte do sumo sacerdote. Quando este morria, o *vingador* não podia mais seguir o assassino, para executá-lo. O refugiado estava livre para voltar para casa (Nm 35.25,28);
- (5) a lei do asilo protegia tanto o estrangeiro, como o cidadão (Nm 35.15);
- (6) o ofensor não tinha direito de pagar um resgate, em vez de partir para ou estar na cidade de refúgio. Caso isso acontecesse, uma pessoa pobre ficaria em grande desvantagem (Nm 53.31).

Por meio de todos esses regulamentos específicos, Deus demonstrou Sua graciosa preocupação pelo inocente. Ele proveu um lugar para que o homem culpado pudesse encontrar misericórdia e segurança da brutal prática primitiva de vingar-se das mortes dos familiares.

completo. Estes dados, entretanto, podem ter sido transmitidos em parte pelos espias (cap. 13) e por Calebe e Josué, que possivelmente auxiliaram Moisés nesta lista.

**34.13-15** — A expressão *dar às nove tribos e à meia tribo* é um lembrete de que as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés já tinham sido assentadas a leste do Jordão (Nm 32.33). A terra de Canaã seria propriamente habitada pelas nove tribos restantes e pela outra metade da tribo de Manassés.

**34.16-29** — A listagem dos nomes dos homens serve a vários propósitos: (1) dar autenticidade ao registro; (2) imortalizar esses indivíduos na história de Israel; (3) ser utilizada como ajuste legal para que a transferência da terra para as tribos fosse feita em ordem.

**34.29** — As palavras *estes são aqueles* transmitem o sentido de que a segunda geração era agora reconhecida oficialmente como a substituta da primeira, aquela que se rebelou.

**35.1-8** — Os levitas foram separados do resto da população para que pudessem desempenhar um serviço santo a Deus (Nm 1.47-53). Eles não receberiam a herança da terra como as outras tribos (Nm 18.24). Apesar disso, os levitas precisariam de um lugar para morar e para criar seus rebanhos. A decisão do Senhor era que essa comunidade especial fosse distribuída ao longo da terra em 48 cidades. Assim, os levitas seriam espalhados entre o povo como um símbolo do serviço sagrado a Deus (Js 20; 21).

**35.9-29** — Seis cidades levíticas ficariam estrategicamente localizadas na terra — três na

Transjordânia, e três em Canaã — como cidades de refúgio, ou cidades-asilo, para onde as pessoas que mataram alguém sem intenção poderiam fugir e escapar de uma vingança sangrenta. Josué 20 descreve os lugares que foram escolhidos para este propósito.

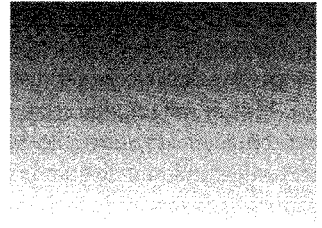
A palavra *refúgio*, ou *asilo* (hb. *ha-miqlat*), faz referência a um local onde há a possibilidade daquele que matou alguém escapar de um *vingador* (hb. *gô 'el*). O *vingador* é o protetor dos direitos da família. A mesma palavra é usada em hebraico para *parente* em Rute 2.1 (Lv 25.48). O *vingador* é mais do que o *retificador*, aquele que faz as coisas certas. Novamente, vemos o exemplo de uma regra que está altamente inserida na cultura da época, exatamente como a dos votos feitos pelas mulheres no capítulo 30.

**35.30-34** — Os indivíduos não deveriam confundir o homicídio não intencional com o assassinato premeditado. Aquele que cometera um crime doloso [intencional] não podia fugir para uma cidade-refúgio. Seu crime seria punido com a morte.

**36.1-4** — O capítulo 36 apresenta o caso dos parentes de Zelofoade, que estavam preocupados com possíveis complicações a respeito da decisão de permitir que as filhas do falecido herdassem a posse da parte da terra do pai (cap. 27). Se as mulheres se casassem com homens que não pertencessem à sua tribo e à sua família, então a herança delas seria tirada da herança dos antepassados e acrescentada à herança da tribo com a qual se uniram.

**36.5-16** — Moisés decidiu que as preocupações da família eram legítimas. Ele não passou por cima da decisão anterior que permitia que as filhas de Zelofoade herdassem a porção que iria para seu pai, mas instituiu que o casamento dessas mulheres deveria manter a integridade tribal da terra herdada: *contanto que se casem na família da tribo de seu pai*. Neste trecho bíblico, observamos como uma jurisprudência funcionava no antigo Israel. Casos específicos que não estavam muito claros na legislação geral eram levados até Moisés para que uma decisão fosse proferida. O profeta buscava a Palavra de Deus acerca da situação e assim pronunciava uma sentença.





O livro de

---

# Deuteronômio

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**C**om toda a nação de Israel posicionada à entrada de Canaã, Moisés aproveitou a última oportunidade de preparar o povo para sua nova vida na Terra Prometida. Visto que o profeta não entraria na terra com os israelitas, ele queria garantir que toda a nação não esquecesse a aliança com Deus. A cuidadosa recapitulação das leis de Deus por Moisés está registrada no livro de Deuteronômio.

As narrativas neste livro dizem respeito aos acontecimentos históricos pelos quais Israel passou até então, incluindo o êxodo do Egito, a revelação de Deus no monte Sinai, as respostas rebeldes de Israel à bondade de Deus e a proteção constante do Senhor ao Seu povo. Todavia, há alguns acontecimentos centrais a que o livro faz menção em particular.

A idolatria em Baal-Peor foi uma dessas situações importantes (Nm 25).

Lá, Israel experimentou uma atração pela adoração a Baal, o que atormentaria sua existência por séculos.

Em Deuteronômio, Moisés se dirigiu às pessoas que haviam sobrevivido à praga que o Senhor lançara como punição aos pecados do povo (Dt 4.3). À luz dessa experiência, o profeta pediu a esta nova geração que fosse fiel às leis divinas. Ele, por muitas vezes, usou a palavra *hoje*, a fim de enfatizar que a nova geração deveria ter um novo recomeço (Dt 1.10,39; 4.4,40; 5.1,3; 6.6; 7.11). Os israelitas não poderiam espelhar-se em seu passado rebelde.

Moisés concluiu seus aconselhamentos com a descrição da cerimônia de renovação da aliança, que aconteceria entre o monte Ebal e o monte Gerizim. Ele instruiu os levitas a recitarem, no topo desértico de Ebal, as maldições àqueles que rejeitassem as leis de Deus.

Nas exuberantes colinas de Gerizim, ricas bênçãos aos que obedecessem aos mandamentos divinos deveriam ser proferidas. Com tais instruções, Moisés antecipou a renovação da aliança que aconteceria do outro lado do rio Jordão. Lá, as pessoas desfrutariam do grande momento em que a aliança seria renovada mais uma vez, mas agora como os verdadeiros habitantes da Terra Prometida (Dt 11.29,30;27.1-8,12,13; Js 8.30-35). Após descrever a futura renovação da aliança, o próprio Moisés chamou as pessoas para renovarem seu compromisso com Deus (Dt 30.11-20).

Por fim, a expectativa da morte iminente de Moisés explica por que ele entregou o livro ao povo como uma declaração efetiva da Lei de Deus. O Senhor o instruíra a deixar as palavras da Lei como um testemunho para Israel. Em resposta, Moisés escreveu todas as ordenanças, fez com que os sacerdotes as mantivessem em local seguro e pediu-lhes que lessem a palavra de Deus a cada sete anos. Dessa forma, Moisés não só preparou a nova geração para a vindoura conquista da terra, mas também quis fazer com que todas as gerações seguintes tomassem ciência das leis divinas (Dt 31.9-13).

A ênfase de Moisés sobre a aliança ao longo de Deuteronômio é notável. Ele atestou a importância dela ao lembrar insistentemente à nova geração de israelitas a obediência a suas disposições (Dt 30.11-20).

Na verdade, Deuteronômio como um todo reflete o padrão dos tratados entre um senhor e um servo no antigo Oriente Médio. Os conceitos típicos de tais acordos, com suas seções similares e correspondentes em Deuteronômio, são como se seguem:

- 1 – Um preâmbulo ou introdução (Dt 1.1-5).
- 2 – Uma revisão do relacionamento passado entre as partes aliadas, Deus e Israel (Dt 1.6—4.49).
- 3 – Estipulações básicas que garantem a fidelidade à aliança (Dt 5.1—26.19).
- 4 – Sanções em forma de bênçãos ou maldições (Dt 27.1—30.20).
- 5 – Testemunhas do acordo (Dt 32.1).
- 6 – A provisão para que o acordo fosse devidamente registrado e tornado conhecido (Dt 31.1—34.12).

Embora tais similaridades existam, o livro de Deuteronômio não segue exatamente a típica estrutura de um tratado, mas podemos concluir que o quinto livro de Moisés observa o padrão básico de um acordo antigo.

Moisés transmitiu a seus leitores a importância da aliança não apenas com seus repetidos aconselhamentos, mas também com a organização do livro em si. Com os avisos do profeta e o renovado compromisso do povo com a aliança de Deus, as pessoas finalmente estariam preparadas para entrar na Terra Prometida.

O título em português do quinto livro do Pentateuco é derivado da Septuaginta, a antiga tradução grega do Antigo Testamento, que interpreta as palavras *uma cópia da lei* (NVI), em Deuteronômio 17.18, como *a segunda lei*. O nome *Deuteronômio* quer dizer *a segunda lei*. O termo é de certa forma errôneo, porque Deuteronômio não contém uma segunda lei. Entretanto, o livro explica a Lei de Deus que foi revelada no monte Sinai a uma segunda geração de israelitas.

Ao longo dos séculos, os judeus e os cristãos defenderam que Moisés escrevera Deuteronômio. Mas, durante os últimos 200 anos, alguns questionaram esta posição, argumentando que a teologia nesse livro é muito avançada para os primitivos israelitas nessa arcaica fase de sua história.

Entretanto, outros estudiosos confirmam que Moisés compilara Deuteronômio e escrevera a maior parte dele. Tais eruditos alegam que a autoria mosaica é sustentada pela consistente teologia de aliança no livro, pelas asserções de autoria mosaica e pelo testemunho dos escritores do Novo Testamento.

Deuteronômio é basicamente o último desejo de Moisés. Por causa disso, ele chama os israelitas a permanecerem fiéis à aliança, lembrando-os de seu passado histórico e apontando um futuro de bênçãos ou maldições na terra de Canaã, dependendo da fé e da obediência deles aos termos da aliança.

Os discursos de Moisés (Dt 31.24), o cântico de Moisés (Dt 31.30—32.43) e a bênção de Moisés às tribos (Dt 33.1-29) constituem basicamente o livro de Deuteronômio. Além disso, talvez outro autor tenha sido guiado pelo

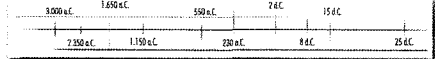
Espírito de Deus para acrescentar ao livro a passagem da morte do profeta e o tributo ao seu legado (Dt 34.1-12).

Algumas pessoas defendem que o próprio Moisés teria escrito as seções de sua morte e

sucessão, pois as teria previsto pela inspiração divina. Tal acontecimento é perfeitamente possível, mas não é um fato indispensável para aqueles que defendem sua autoria do Pentateuco como um todo.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM DEUTERONÔMIO



Ano 1446 a.C. — Moisés e o povo israelita atravessam o mar Vermelho

Ano 1445 a.C. — Deus entrega a Lei no monte Sinai

Ano 1446—1406 a.C. — Israel vaga no deserto

Ano 1406 a.C. — Moisés transmite aos hebreus a Lei em Deuteronômio

Ano 1405 a.C. — Moisés morre; inicia-se a conquista de Canaã

Ano 1405—1380 a.C. — Josué lidera os israelitas



## ESBOÇO

- I. Prólogo — 1.1-5
- II. Revisão da história de Israel — 1.6—4.43
  - A. As promessas de Deus e a necessidade de liderança — 1.6-18
  - B. A rebelião de Israel em Cades-Barnéia — 1.19-46
  - C. A jornada de Israel na Transjordânia — 2.1-25
  - D. A vitória de Israel sobre Seom e Ogue — 2.26—3.11
  - E. A divisão do território conquistado na Transjordânia — 3.12-22
  - F. A escolha de Josué para liderar Israel na terra — 3.23-29
  - G. A convocação a Israel para viver como um povo sábio — 4.1-43
- III. A Lei, as promessas e a aliança de Deus ao povo — 4.44—11.32
  - A. Prólogo histórico — 4.44-49
  - B. A aliança do Senhor — 5.1-5
  - C. Os Dez Mandamentos — 5.6-22
  - D. Moisés, o mediador da antiga aliança — 5.23-31
  - E. O desafio para amar a Deus — 5.32—6.25
  - F. Instruções relativas à conquista da terra — 7.1-26
  - G. Deus, a única fonte de bênçãos — 8.1-20
  - H. A história e o futuro de Israel — 9.1—10.11
  - I. O desafio para buscar a Deus — 10.12—11.32
- IV. O desenvolvimento da comunidade da aliança — 12.1—26.19
  - A. A adoração a Deus — 12.1—16.17
  - B. A administração da justiça e a pureza na adoração — 16.18—17.13
  - C. A liderança do povo e a revelação de Deus — 17.14—18.22
  - D. A administração da justiça e as normas concernentes às batalhas — 19.1—21.14
  - E. Os indivíduos e a comunidade — 21.15—25.19
  - F. Uma prévia da vida em Canaã — 26.1-15
  - G. As exortações finais de Moisés — 26.16-19
- V. A renovação da aliança — 27.1—30.20
  - A. A renovação da aliança em Canaã sob a liderança de Josué — 27.1-26
  - B. O discurso de Moisés a Israel — 28.1—29.1
  - C. Recapitulação dos feitos de Deus e instruções para a aplicação das leis — 29.2-29
  - D. A escolha da vida ou da morte, da bênção ou da maldição — 30.1-20
- VI. Os últimos atos de Moisés — 31.1—33.29
  - A. A transmissão da autoridade a Josué — 31.1-8
  - B. A leitura da Lei pelos sacerdotes — 31.9-13
  - C. A manifestação de Deus a Moisés e Josué — 31.14-23
  - D. A colocação das tábuas da Lei ao lado da arca da aliança — 31.24-29
  - E. A canção de Moisés — 31.10—32.47
  - F. A bênção de Moisés às tribos de Israel — 32.48—33.29
- VII. Epílogo: a morte de Moisés, a sucessão de Josué e o legado de Moisés — 34.1-12

## COMENTÁRIO

**1.1-5** — Estes primeiros versículos conectam Deuteronômio com Números (Nm 36.13) e ilustram o cenário inicial desta narrativa.

**1.1** — *Estas são as palavras que Moisés falou a todo o Israel.* A maior parte do livro de Deuteronômio consiste na explicação de Moisés acerca da Lei de Deus e em seus conselhos ao povo para que a siga. A referência a Moisés e a *todo o Israel* é repetida no versículo final (Dt 34.12). *Dalém do Jordão:* significa literalmente *do outro lado do Jordão*. Esta era a parte leste do Jordão, ou seja, Moisés e o povo estavam do outro lado a partir da perspectiva da terra de Canaã (Dt 3.8,20,25; 4.41;11.30). A planície em que se encontravam é provavelmente a região norte de Moabe.

**1.2** — *Onze jornadas [na NVI, onze dias] há desde Horebe, caminho da montanha de Seir, até Cades-Barnéia.* Este percurso, que Israel completaria em pouco menos de duas semanas, levou quarenta anos para ser concluído por causa da descrença e da desobediência do povo (Nm 13;14). O ponto de partida da viagem, *Horebe*, é outro nome para monte Sinai (Dt 4.10,15; Êx 3.1), onde o Senhor revelou Sua glória, Sua Lei, e fez uma aliança com Israel. O ponto de chegada, *Cades-Barnéia*, um oásis no Neguebe, situado a 80 km de Berseba, destacou-se na história da marcha pelo deserto (Nm 13;14).

**1.3** — *No ano quadragésimo.* Na antiga Israel, as datas eram mencionadas tendo sempre como referência o êxodo. Desta forma, passaram-se quarenta anos após a saída do Egito. Israel levou, provavelmente, um ano na travessia até *Cades-Barnéia*, partindo do monte *Horebe*, e mais um ano para chegar a *Cades-Barnéia*. Os trinta e oito anos restantes foram gastos vagando no deserto como resultado da desobediência da nação a Deus. O *mês undécimo* corresponde aproximadamente a janeiro/fevereiro. Nesta data, *Moisés falou aos filhos de Israel, conforme tudo o que o Senhor lhe mandara acerca deles*, ou seja, o Todo-poderoso entregou Sua Lei (Torá) aos israelitas por intermédio de Moisés.

**1.4** — *Depois que feriu a Seom, rei dos amorreus, que habitava em Hesbom, e a Ogue, rei de Basã, que*

*habitava em Astarote, em Edrei.* Essas vitórias sob o comando de Moisés (Dt 2.26-37;21.21-35) propiciaram a conquista da terra pelo leste. Elas representaram uma amostra do triunfo que Deus daria aos israelitas sob a liderança de Josué. O povo considerou o bom êxito inicial um fator de grande importância na história da redenção (Dt 2.26-36;3.1-11;4.46-49; Js 2.10;9.10;12.2-6; 13.10-12; Sl 135.11;136.19,20).

**1.5** — A palavra traduzida do hebraico como *lei (tôrâ)* significa basicamente *instrução*. Neste versículo, refere-se ao gracioso ensinamento de Deus aos israelitas a fim de que pudessem estabelecer a forma e o rumo correto para suas vidas (Dt 6.1-3; Sl 19). O livro de Deuteronômio é a exposição e a aplicação da Lei de Deus revelada no monte Sinai.

**1.6—4.43** — Esta seção é uma recapitulação da história de Israel, é um prólogo histórico comum nos tratados do Oriente Próximo. As promessas de Deus aos patriarcas, o cumprimento destas e a obstinada resistência de Israel em relação ao Senhor são o foco deste segmento.

**1.6-18** — Estes versículos tratam das promessas de Deus e da necessidade que o povo tinha de liderança. Deus prometeu a Abraão que Seu povo viveria na terra de Canaã e receberia a Sua bênção (Gn 15.13-21). Tudo isso estava para acontecer (v. 6-8). Entretanto, Israel cresceu em número e precisava de pessoas que liderassem a nação (v. 9-18).

**1.6** — *O Senhor, nosso Deus, nos falou em Horebe.* Esta é uma referência à revelação no monte Sinai que enfatiza o emissor da mensagem: o Senhor. Moisés lembrou aos israelitas que Deus mostrou Sua glória, fez uma aliança com eles e assegurou-lhes Sua presença.

**1.7,8** — *Voltai-vos e parti.* Esta ordem divina alude à partida do povo de Israel rumo à Terra Prometida. A promessa de Deus era grandiosa, exatamente como a quantidade de pessoas. Ao dizer *eis aqui esta terra, eu a dei diante de vós*, Moisés enfatizou a fidelidade do Senhor quanto ao cumprimento de Suas promessas. A Terra Prometida se estendia do Neguebe, o *Sul* (Gn 12.9), até o *rio Eufrates* (Gn 15.18-21). Deus a prometera a Abraão, Isaque e Jacó há muito tempo (Gn 15.18-

21;26.2-4;35.10-12), como se depreende da afirmação *jurou a vossos pais*. O verbo *jurou* (hb. *shabá`*, na forma verbal Nifal — passivo simples) possui a pronúncia similar à do número *sete* (hb. *shebá`*). O significado primordial do verbo pode ser entendido como *comprometer-se completamente*, isto é, *sete* vezes. Quão maravilhoso é perceber que o Senhor soberano se comprometeu inteiramente com Seu povo no tocante a suprir suas necessidades (Hb 6.13-18). [Compare com a citação do juramento de *Yahweh* em Dt 1.35.]

1.9 — *Eu sozinho não poderei levar-vos*. Moisés sentiu que não poderia administrar sozinho todos os aspectos relativos à liderança do povo porque a quantidade de pessoas era enorme (Êx 18.13-26).

1.10,11 — *O Senhor, Deus de vossos pais*. Deus não era o Senhor somente dos patriarcas, mas também dos descendentes destes. Essa linguagem indica que os israelitas dessa geração continuavam vivos porque Deus não *foi* o Deus do passado, mas *Ele era* seu Deus nesse momento! Ao expressar seu desejo ao povo, *e vos abençoe*, Moisés rogou para que as promessas de Deus fossem cumpridas conforme Ele prometera. E continuou: *vos aumente, como sois, ainda mil vezes mais*. O Senhor abençoou abundantemente Israel, considerando a quantidade de pessoas (Êx 1.1-7). Sua bênção no passado seria a medida de Sua bênção no futuro.

1.12,13 — *Tomai-vos homens sábios, inteligentes e experimentados*. As qualidades dos líderes deveriam refletir os atributos de Deus. *Sabedoria* alude à habilidade de apaziguar as situações mes-

mo quando há grandes divergências. *Inteligência* remete à capacidade de confrontar a realidade olhando pela perspectiva divina e lidando de forma justa com todas as partes em uma disputa. *Experiência* é o conhecimento adquirido ao longo da vida observando as pessoas e fazendo as escolhas corretas sempre com base na Palavra de Deus.

1.14-16 — *Bom é fazer a palavra que tens falado*. A concordância com as instruções divinas é verdadeiramente uma *boa* atitude! Vários homens foram encarregados das tarefas administrativas, judiciais e militares para criar uma unidade entre o povo. Alguns deles também se tornaram *juizes*.

1.17,18 — *Ouvireis assim o pequeno como o grande*. Deus exigia justiça absoluta, independente do povo a que o réu pertencesse e de sua posição social. No versículo 18, as orientações terminam com a sentença *vos ordenei todas as coisas que haveis de fazer*. Portanto, nota-se que as instruções de Deus eram abrangentes, pois englobavam todos os aspectos da vida.

1.19 — *Caminhamos por todo aquele grande e tremendo deserto*. Aqui, os adjetivos *grande* e *tremendo* foram usados para transmitir a ideia da imensidão cruel e árida do deserto durante a jornada dos israelitas.

1.20 — Os *amorreus* eram um dos povos que os israelitas encontraram em seu caminho rumo à Terra Prometida. O termo *amorreus* é usado geralmente para designar os cananeus, particularmente aqueles que viviam nas regiões montanhosas (Nm 13.29).



## EM FOCO

## JUROU (HB. SHABÁ`)

(Dt 1.8; Gn 24.7; Êx 13.5; 1 Sm 20.3; Sl 95.11)

Em hebraico, o verbo traduzido como *jurar* está relacionado à palavra utilizada para o número sete. Na verdade, o verbo significa *comprometer-se completamente*, isto é, "sete vezes".

Nos tempos antigos, os juramentos eram considerados sagrados. Os indivíduos que juravam a Deus ou a outras pessoas gozavam de grande confiabilidade, pois prometiam ser fiéis à sua palavra independente das circunstâncias, não importando as consequências.

O Antigo Testamento aponta Deus fazendo um juramento (Gn 24.7; Êx 13.5). O Senhor não era obrigado a jurar; tampouco o fez a fim de garantir a obediência à própria palavra. Entretanto, Ele fez um juramento para assegurar Seu povo de que Suas promessas eram absolutamente confiáveis.

1.21 — *Não temas e não te assustes.* Mesmo que muitas vezes o futuro parecesse incerto, Moisés estimulava os israelitas a sempre terem fé em Deus porque Ele supriria todas as necessidades do povo (Dt 1.29;3.22;20.1,3;31.6,8).

1.22,23 — *De cada tribo um homem.* A sugestão de enviar espias à terra que o Senhor dera aos israelitas veio do próprio povo, mas somente foi posta em prática porque o Senhor estava de acordo com tal iniciativa (Nm 13.2).

1.24,25 — *O vale de Escol* era uma região próxima a Hebrom (Nm 13.23). Esse lugar é muito lembrado por causa do imenso cacho de uvas que os espias encontraram lá.

1.26 — *Porém vós não quisestes subir, mas fostes rebeldes ao mandado do Senhor, vosso Deus.* A segunda geração após o êxodo não esteve diretamente envolvida nessa rebelião, mas, na condição de descendente da primeira geração rebelde, compartilhou a culpa pela desobediência de seus pais (Sl 78.5-8). Por outro lado, esses israelitas se tornaram os herdeiros da promessa de Deus no lugar daqueles que desobedeceram às orientações divinas.

1.27 — *Porquanto o Senhor nos aborrece e nos tirou da terra do Egito para nos entregar nas mãos dos amorreus, para destruir-nos.* Os rebeldes se recusaram a reconhecer a clara expressão divina do amor salvador concedido a eles. A primeira geração de israelitas não confiou naquele que a salvara da escravidão e supriria suas necessidades em diversas ocasiões. Em vez disso, acusou Deus de aborrecê-la [na NVI, odiá-la].

1.28 — *Os enaquins* [NVI; na ARC, *filhos dos gigantes*] foram um antigo povo conhecido por sua estatura elevada (Nm 13.28).

1.29,30 — *O Senhor, vosso Deus, que vai adiante de vós, por vós pelejará.* O Senhor lutaria por Seu povo e lhe daria a vitória. Para alcançá-la, Moisés incentivava os israelitas lembrando o que Deus fizera no Egito para libertá-los. Ao que tudo indica, Moisés trouxe à memória o triunfo sobre os egípcios no mar Vermelho (Êx 14.1—15.19).

1.31 — *Como também no deserto, onde viste que o Senhor, teu Deus, nele te levou, como um homem leva seu filho.* Deus se preocupava com Seu povo

e amava-o como um pai faz com sua prole (Êx 19.4). Pela aliança abraâmica, os israelitas se tornaram filhos do Senhor (Is 63.16;64.8,9). Apesar de a imagem paternal ser bastante conhecida naquela época, raramente Deus era de fato chamado de Pai.

1.32 — *Mas nem por isso crestes no Senhor.* Esta é uma declaração objetiva de que o povo não vivia pela fé, apesar de tudo o que Deus fizera por ele. A linguagem utilizada indica certa decepção da parte do Senhor por causa da ingratidão e desobediência daqueles por quem Ele demonstrava Sua graça e Seu amor.

1.33 — *Que foi adiante de vós por todo o caminho, para vos achar o lugar onde vos deveríeis acampar.* O Senhor sempre esteve à frente, indicando o próximo passo que os israelitas deveriam dar, pois Ele próprio os liderava. Para simbolizar Sua presença no meio do povo, uma nuvem permanecia sobre o santíssimo. Toda vez que a nuvem se movia, Israel tinha de segui-la, ou seja, seguir o Senhor (Nm 10.33-36).

1.34,35 — *Nenhum dos homens desta maligna geração verá esta boa terra que jurei dar a vossos pais.* Por causa da rebeldia demonstrada, Deus impediu que as pessoas com vinte anos ou mais naquela época entrassem na Terra Prometida (Nm 14.29).

1.36 — *Salvo Calebe, porquanto perseverou em seguir ao Senhor.* Calebe foi fiel a Deus (Nm 13.30—14.28). De acordo com a NVI, ele *seguiu o Senhor de todo o coração*, isto é, não deixou sua fé ser abalada. Assim, Deus permitiu que o filho de Jefoné entrasse na terra e recebesse o território de Hebrom como sua propriedade familiar (Js 15.13).

1.37 — *Também o Senhor se indignou contra mim.* Moisés, o líder do povo, também foi alvo da indignação de Deus. Ele não teria mais permissão para entrar na terra porque desobedeceu à ordem do Senhor ao bater com seu cajado na rocha, em Meribá (Nm 20.10-13).

1.38 — *A liderança dos israelitas foi concedida a Josué* porque ele confiava em Deus (Nm 13.30—14.28). Antes de morrer, Moisés aconselhou seu substituto, encorajou-o e transferiu-lhe a autoridade necessária para comandar o povo em direção à Terra Prometida.

**1.39** — *E vossos meninos, de que dissestes: Por presa serão; e vossos filhos, que hoje nem bem nem mal sabem, ali entrarão, e a eles a darei, e eles a possuirão.* A mais ultrajante das reclamações de Israel contra Deus era que Ele queria que seus filhos morressem (Nm 14.31). Entretanto, o Senhor demonstrou Seu amor e Sua fidelidade ao povo quando protegeu aqueles que tinham menos de vinte anos, a fim de que pudessem herdar a terra. Naquela época, as pessoas muito jovens eram consideradas completamente imaturas (Is 7.15), daí serem vistas por seus responsáveis como presas fáceis para os inimigos. Mas, ao proferir que apenas os *meninos* poderiam futuramente tomar posse da terra, Deus mostrou novamente Sua compaixão (Nm 14.18).

**1.40** — *Pelo caminho do mar Vermelho.* Talvez este fosse o caminho em direção a Elate pelo mar Vermelho (Golfo de Ácaba).

**1.41** — *Ao declarar pecamos contra o Senhor,* os israelitas mostraram pesar, mas não o verdadeiro arrependimento. Além disso, a ousadia expressa na sentença *nós subiremos e pelejaremos* expõe a confiança deles em si mesmos. Logo, observa-se que continuavam ignorando as ordens de Deus.

**1.42,43** — *Não subais, nem pelejeis, pois não estou no meio de vós.* O Senhor não protegeria os israelitas. Portanto, a vitória seria impossível. Contudo, pela afirmação *falando-vos eu, não ouvistes [...]* e *vos ensobrecestes*, fica claro que o povo teve uma atitude arrogante e autossuficiente, pois não se submeteu ao Senhor.

**1.44-46** — *E perseguiram-vos, como fazem as abelhas, e vos derrotaram desde Seir até Horma.* A expressão *como fazem as abelhas* transmite a ideia de perseguição ferrenha por uma multidão de inimigos ameaçadores (Êx 23.28; Sl 118.12; Is 7.18). *Horma*, local em que os israelitas perderam a batalha, significa *destruição* e provavelmente faz referência a um lugar ao sul do território montanhoso dos amorreus, perto de Cades-Barnéia, que um tempo depois foi chamado por esse nome. *Chorando perante o Senhor*, o povo externou lágrimas de pesar, não de arrependimento.

**2.1-25** — Estes trechos abordam a jornada de Israel na Transjordânia. É difícil estabelecer o

itinerário preciso, por isso surgiram várias correntes que tentam explicá-lo. De acordo com alguns estudiosos, as passagens bíblicas registram diferentes migrações e projetam os fatos em apenas uma narrativa, com detalhes que dificultam a reconstrução do que realmente aconteceu. Não há um consenso sequer entre os que defendem a corrente conservadora. Alguns dizem que os israelitas retornaram de Cades para Elate pelo mar Vermelho por uma rota direta e de lá trilharam o caminho do deserto de Edom, ao redor de Edom e Moabe. Outros apontam uma jornada ao longo do deserto de Zim até Punom, em Arabá, de onde Israel se dirigiu rumo ao norte para cruzar Edom ou desceu um pouco mais ao sul até Ezim-Geber antes de virar ao norte.

**2.1-3** — *Então, o Senhor me falou, dizendo.* Podemos observar que de Gênesis a Deuteronômio Moisés registrou de modo preciso as palavras que Deus lhe falara.

**2.4** — *Os filhos de Esaú,* ou seja, os descendentes de Esaú são os edomitas (Gn 36.1-8).

**2.5** — *A Esaú tenho dado a montanha de Seir por herança.* Deus estendeu Sua bênção aos edomitas quando lhes deu terra, exatamente como Ele estava para fazer com Israel em relação à Terra Prometida. Todas as terras pertenciam ao Senhor, bem como o direito de cedê-las e tomá-las de volta.

**2.6,7** — Os israelitas não podiam conseguir água ou comida guerreando, implorando ou roubando. Deus exigiu que o povo pagasse em *dinheiro* as despesas de sua jornada ao longo de Edom. Entretanto, o termo em destaque não se refere a moedas cunhadas, mas sim a peças de prata.

**2.8** — *Desde o caminho da planície de Elate e de Ezim-Geber.* Este trecho se refere a um desvio do caminho do mar Vermelho, onde essas cidades se localizavam. O deserto de Moabe ficava na área leste de Moabe.

**2.9-11** — Os moabitas se relacionavam aos israelitas por meio de *Ló* (Gn 19.37). Os descendentes do sobrinho de Abraão receberam como herança do Senhor o território de *Ar*, outro nome para a região de Moabe. Apesar de Deus ter concedido terras a Edom e Moabe, a concessão

principal foi a Israel (Deus também forneceu a provisão ao povo de Amom, como no v. 19).

**2.12,13** — O *ribeiro de Zerede* estava localizado a leste do mar Morto na fronteira entre Edom e Moabe.

**2.14** — *Toda aquela geração dos homens de guerra*. Embora a geração que se rebelou em Cadés estivesse na idade apropriada para guerrear, ela não lutou contra os inimigos. Em vez disso, pelejou contra Deus usando palavras amargas.

**2.15-19** — Deus salvou Seu povo por Sua mão (Êx 15.6). Infelizmente, também por Sua mão se deu o julgamento sobre os israelitas. A palavra *mão* indica o envolvimento pessoal de Deus nas situações de livramento e punição, em especial nestas últimas, como mostra a sentença *até os haver consumido*. Neste caso, o Senhor age como um fogo consumidor (Hb 12.29), pelo qual toda a geração sucumbiu (Jz 5).

**2.20** — Os *zanzumins* eram um povo que vivia no território dos amonitas; talvez sejam os mesmos que os uzuzins (Gn 14.5).

**2.21-23** — Os *aveus* viviam em aldeias até Gaza (cidade filisteia na costa do Mediterrâneo), entre o Jordão e a costa do Mediterrâneo. Contudo, foram destruídos pelos *caftorins*, um grupo derivado de algumas tribos que viajou pelo mar até a costa de Canaã e a do Egito. É provável que *Caftor* seja o mesmo que Creta (Gn 10.14).

**2.24** — O *ribeiro do Arnom*, local que os israelitas deveriam atravessar para chegar a *Hesbom* e possuir o território governado por Seom, situava-se na tradicional fronteira entre Moabe e Amom.

**2.25** — Os poderosos feitos de Deus a favor de Israel infundiriam *terror e temor* em todas as nações (Êx 15.14-16; Js 2.9). A libertação de Israel do Egito e os posteriores atos de proteção divina ficariam conhecidos por toda parte. Na hora da conquista, o medo que os povos sentiriam amenizaria o nervosismo dos israelitas. Mas, sobretudo, Deus seria glorificado pela disseminação do conhecimento de Suas obras (Dt 4.6).

**2.26-29** — O *deserto de Quedemote* estava localizado no território de Seom, em sua fronteira leste, a leste do mar Morto. Desde o deserto

até Seom, mensageiros israelitas foram enviados *com palavras de paz*, isto é, Israel tentou negociar uma travessia pacífica (v. 27-29).

**2.30** — *Seom* foi responsabilizado pela proibição da passagem de Israel pela terra dele. No entanto, isso ocorreu porque *o Senhor endurecera o seu espírito e fizera obstinado o seu coração*. Deus tem soberania sobre o coração humano (veja Êx 3.19,21 para ler sobre a dureza do coração do faraó). Isso é um grande mistério, pois nunca poderemos entender a obra do Senhor no homem espiritual e a soberania divina quanto à vontade humana. Por meio de tudo isso, Deus estava executando Seu plano de redenção.

**2.31,32** — *Jaza* localizava-se ao norte de Quedemote (Is 15.4).

**2.33** — *E o Senhor, nosso Deus, no-lo deu diante de nós*. Deus deu a vitória a Israel, mas os israelitas tiveram de lutar corajosamente.

**2.34,35** — Pela lei do banimento, cada ser vivo, tanto humano como animal, deveria ser completamente destruído (Dt 7.1,2;20.17), pois sua morte se tornava sacrifício oferecido ao Senhor, como se fosse um holocausto. Exceções podiam ser abertas, mas apenas quando o Senhor permitia. No caso em questão, o banimento incluiu soldados e civis, homens e mulheres, adultos e crianças. Deus usou o povo de Israel para punir os cananeus por causa de sua contínua perversidade ao longo de várias gerações. Além disso, a aniquilação deles foi necessária para evitar que suas práticas malignas influenciassem Israel. Os rebanhos foram poupados por se tratar de animais irracionais, ou seja, criaturas que não eram moralmente corruptas. Mais tarde, serviriam de alimento e de sacrifício a Deus. Alguns objetos também foram tomados como despojo da terra de Seom. Todavia, nas batalhas subsequentes, o povo de Deus se arruinou porque não destruiu todos os cananeus.

**2.36,37** — *Aroer* era uma cidade na margem norte do ribeiro de Arnom, na fronteira entre o território de Seom e o reino moabita. *Gileade* ficava ao norte da fronteira de Seom, e *Jaboque* era o rio que Jacó cruzou em seu caminho de volta para Canaã (Gn 32.22).



**3.1-3** — *Basã* era a região a leste do mar da Galiléia, e o reino de *Ogue*, localizado nesse território, provavelmente se estendia do sul do rio Jarmuque até Gileade. Essa passagem que relata a vitória de Israel sobre *Ogue* é parecida com a que narra o triunfo sobre *Seom* (Dt 2.26-37), mas em proporção menor.

**3.4-7** — Estes versículos registram que os israelitas tomaram *todas as suas cidades* [de *Ogue*]; *sessenta cidades, toda a borda da terra de Argobe e o reino de Ogue, em Basã*. *Argobe* é uma região não identificada de *Basã*. Embora essa passagem relate que o povo de Israel tomou *todas as cidades*, o texto em hebraico correspondente a ela é ambíguo. Existe um entendimento de que nem todas as sessenta cidades eram fortalezas, e algumas que são chamadas de *cidades*, na narrativa original, eram *aldeias*. Outra interpretação alega que o número *sessenta* se refere às cidades fortificadas, inclusive às aldeias. A afirmação *e destruimo-las* remete à lei do banimento (hb. *herem*), abordada no comentário de Deuteronômio 2.34,35. No entanto, as razões pelas quais essa lei era seguida nunca serão totalmente compreendidas por nós.

**3.8** — Os territórios de *Seom* e de *Ogue* se estendiam do rio *Arnom* até o monte *Hermom* (Dt 2.24—3.7). Este é a cordilheira ao norte entre *Canaã* e o *Líbano*.

**3.9-13** — Os *sidônios* eram os fenícios, e *Salca* era uma cidade localizada na fronteira leste de *Basã*. O comentário a respeito de *Ogue*, rei de *Basã*, descreve *seu leito* como sendo de ferro. O termo *leito* também pode ser entendido como *sarcófago*, isto é, um túmulo de pedra, o qual ficava em *Rabá*, na área ocupada hoje pela capital da *Jordânia*, *Amã*. O comprimento dele, *nove côvados* [aproximadamente quatro metros], e a largura, *quatro côvados* [um metro e oitenta centímetros], seguiam a medida padrão do côvado, cerca de 45 cm.

**3.14** — *Jair* conquistou toda a região aqui descrita (Nm 32.41). Contudo, essa área não

—♦—  
*Este é um grande mistério,  
como nós podemos nunca  
compreender a relação entre  
a responsabilidade humana  
e a soberania divina*  
—♦—

abarcou o território dos *gesuritas*, povo que vivia ao leste do mar da Galiléia e ao sul do monte *Hermom*, nem dos *maacatitas*, descendentes de *Naor*, irmão de *Abraão* (Gn 22.24), que viviam ao norte dos *gesuritas*.

**3.15-17** — A parte mais ao norte de Gileade foi dada a *Maquir* (Nm 32.39), filho de *Manassés* (Gn 50.23). A área ao sul foi concedida a *Rúben* e a *Gade*, incluindo *Quinerete*, outro nome para *mar da Galiléia*.

**3.18,19** — O Senhor... *vos deu esta terra*. O texto enfatiza a todo momento que a terra era um presente de Deus (Dt 1.39). Contudo, somente os *homens valentes* podiam avançar para possuí-la, pois as mulheres, as crianças e o gado não deveriam ser colocados em perigo durante a conquista. Além disso, a batalha tinha de ser travada por guerreiros sob o comando de Deus (Êx 15.3).

**3.20,21** — *Josué*, na condição de espia enviado (Nm 13;14), possuía uma grande vantagem. Junto com *Calebe*, ele viu a terra e analisou-a. Assim, adquiriu conhecimento e pôde usá-lo para que fosse elaborada uma estratégia militar. *Josué* também testemunhou as vitórias que o Senhor deu ao povo a leste do *Jordão*. Estas experiências o encorajaram quando liderou os israelitas do outro lado do rio.

**3.22** — O Senhor, *vosso Deus, é o que pejeja por vós*. Deus é o Senhor dos exércitos, que luta por Seu povo fiel e livra-o dos inimigos (Êx 15.3).

**3.23** — *Moisés pediu graça* (hb. *hanan*, *suplicar por um favor*) a Deus. Mas, Deus se recusou a atendê-lo, não por causa da falta de fé do profeta, mas porque *Moisés* desobedecera ao Senhor e não o tratara como santo (Nm 20.12).

**3.24** — Senhor JEOVÁ. Em hebraico, esta expressão une a palavra *Senhor* ou *Mestre* e o nome pessoal de Deus, *Yahweh*. Ademais, indica a profundidade do relacionamento de *Moisés* com o Senhor (Dt 9.26). Podemos observar que, com a pergunta *que deus há nos céus e na terra, que possa fazer segundo as tuas obras e segundo a tua*

*fortaleza?*, Moisés começou sua súplica exaltando o poder e a santidade do Senhor (Êx 15.11). Deus é incomparável; não há ninguém como Ele (Is 40.25,26).

**3.25** — *Rogo-te que me deixes passar.* O verbo *deixar* é carregado de energia e expressa a mais profunda emoção do profeta. Moisés não pediu que Josué fosse destituído da função de líder da nação. Ele simplesmente suplicou para atravessar e *ver* a terra que Deus prometera a Seu povo (Dt 4.21), não porque o solo, a terra, a topografia, o relevo ou a geografia fossem mágicos, mas porque essa terra era o presente de Deus para os que permaneceram fiéis a Ele. Um dia seria a *terra sagrada*, quando o Rei da justiça lá reinasse!

**3.26-28** — *Indignou-se muito.* O Senhor respondeu à súplica de Moisés com ira e irritação. No hebraico, há um jogo de palavras entre a expressão que o profeta usou para fazer o pedido a Deus, *me deixes passar* (v. 25), e a declaração *indignou-se* (v. 26). Ambos os verbos são soletrados da mesma forma (*'abar*). Todavia, enquanto na primeira expressão o verbo provém de uma raiz geralmente utilizada, na segunda ele se origina de uma raiz incomum e significa *enfurecer-se* (compare com Sl 78.21,59,62). Um sinal da ira de Deus é a palavra *basta*, usada pelo Senhor quando ordenou a Moisés que não falasse mais sobre esse assunto. Entretanto, Deus demonstrou Sua misericórdia ao profeta quando permitiu que ele observasse a terra à distância (Dt 34.1-3). Moisés não deveria lamentar nem ter pena de si próprio, mas sim *esforçar e confortar* Josué para desempenhar sua nova função de líder dos israelitas.

**3.29** — *Bete-Peor* era um lugar dedicado a Baal-Peor (Nm 25.3,5) e serviu de cenário para o primeiro encontro desastroso de Israel com a adoração a Baal, centrada no sexo (Dt 4.3).

**4.1** — O conselho a Israel para *ouvir* os estatutos do Senhor incluía um encorajamento à obediência (Dt 5.1;6.3,4;9.1;20.3;27.9). A finalidade de o povo ouvir e cumprir os mandamentos divinos, *para que vivais*, contrasta com o fato de que Moisés morreria, ou seja, não entraria na terra (v. 22). Todavia, os israelitas conseguiram compreender que o presente de Deus, Sua Lei, fora

moldado para o bem deles. Obedecendo à Lei, certamente experimentaríamos uma vida vitoriosa.

**4.2** — *Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela.* Os israelitas deveriam aprender a viver por meio da palavra de Deus sem tentar corrompê-la ou justificar sua desobediência deturpando os ensinamentos divinos (Ap 22.18,19).

**4.3,4** — Quanto a *Baal-Peor*, veja Deuteronômio 3.29. Para ressaltar a importância de obedecer às ordenanças do Senhor, Moisés lembrou os israelitas de que *a todo homem que seguiu a Baal-Peor o Senhor, teu Deus, consumiu do meio de ti*. Esta afirmação se referiu à praga que dizimou 24 mil pessoas nesse lugar (Nm 25.9). A lembrança desse evento também objetivava rememorar ao povo quão terrível era o julgamento divino.

**4.5-8** — Todos que vissem pelos estatutos de Deus dariam testemunho dele e atrairiam os outros ao Senhor, Aquele que concederia cada bênção.

**4.5** — Moisés não concebia as palavras ditas ao povo, apenas as recebia de Deus e transmitia (compare com 2 Pe 1.20,21). Prova disso é a sentença *como me mandou o Senhor*, usada por Moisés ao longo de Deuteronômio para lembrar que o Senhor era a fonte de suas mensagens.

**4.6-8** — *Esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos.* Ao viver em obediência a Deus, Israel se tornaria uma força contracultural por causa de seu estilo de vida, de seu governo e da organização do povo (Rm 12.2). As bênçãos de Deus sobre Israel fariam com que todas as nações buscassem a ciência que norteava seu viver. Visto que o Senhor estaria tão próximo e prometeu responder às orações dos israelitas, estes poderiam chegar-se a Ele com todo tipo de petição. Contudo, relacionar-se de maneira tão íntima com Deus significava que Seu povo deveria viver *para* Ele, exatamente como revelado na aliança estabelecida no Sinai, seguindo *estatutos e juízos justos*.

**4.9-14** — Em *Horebe*, *Yahweh* demonstrou Sua maravilhosa glória a todos os israelitas, fez uma aliança com eles e entregou-lhes a Lei por intermédio de Moisés.



## VOÇÊ SABIA?

### DEIXAR UM LEGADO

Alguns israelitas que receberam as instruções de Moisés nas campinas de Moabe eram crianças ou adolescentes no monte Sinai quatro décadas antes. Agora eles tinham a responsabilidade de transmitir a seus filhos e netos tudo o que viram, ouviram e experimentaram anos atrás e na ocasião presente (Dt 4.9,10). Somente dessa forma a fé seria propagada de geração em geração. Exatamente como aconteceu há milênios, os pais e avós de hoje devem educar os mais jovens acerca dos ensinamentos divinos.

**4.9** — Dizendo *tão-somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma*, Moisés advertiu o povo a respeito do pecado da soberba. Se os israelitas testemunharam a libertação e os livramentos divinos, a revelação do Senhor acerca de Sua Lei e a instituição de Sua graciosa aliança, eles teriam de viver segundo as instruções contidas nesse concerto, transmitindo a seus filhos as *coisas que seus olhos [tinham] visto*. Além de testemunhar os feitos de Deus, o povo deveria zelar para que essas coisas não se apartassem do seu *coração*. Este termo alude ao âmago do ser, à fonte que direciona os pensamentos, as atitudes e os discursos do ser humano (Mt 12.34; 15.18,19).

**4.10** — *E os farei ouvir as minhas palavras*. Essas palavras de Deus eram os Dez Mandamentos (v. 13).

**4.11** — A manifestação da presença de Deus geralmente é descrita acompanhada de *fogo e escuridão* (Êx 19.18). O fogo alude à santidade, à majestade e à transcendência divina, mas também ao julgamento de Deus sobre a perversidade (v. 24). A escuridão faz referência ao impedimento imposto a nós de aproximarmos-nos da natureza santa do Senhor, a qual não permite que Ele conviva com o pecado, às nossas transgressões e à possibilidade do julgamento iminente. Um grande estudioso diz que essa linguagem remete à “elusiva [imprecisa] presença” de *Yahweh*. O fato de a presença de Deus ser percebida por nós é um sinal de Sua condescendente graça, e de Ele ser reconhecido por Seus feitos no passado é uma

lembrança da comunhão entre o Todo-poderoso e Suas criaturas.

**4.12** — *Além da voz, não vistes semelhança nenhuma*. O Senhor revelou Sua glória aos israelitas, mas eles não puderam ver nenhuma imagem além da escuridão e do fogo. Entretanto, ouviram a voz de Deus (v. 15). Este versículo nos lembra que Deus é espírito (Jo 4.24).

**4.13** — A obediência aos comandos de Deus era uma expressão de lealdade e amor àquele que estabeleceu o *concerto* com Israel mediante os Dez Mandamentos, revelados e impressos em duas tábuas de pedra (Êx 31.18). Uma ideia antiga, popularizada em obras de arte, é a de que uma parte dos mandamentos foi grafada na primeira tábua (talvez aqueles que tinham relação com os deveres do povo para com Deus) e a outra, os mandamentos restantes (relativos aos deveres do homem para com seu próximo), foi escrita na segunda tábua.

**4.14** — *O Senhor me ordenou que vos ensinasse*. Moisés entregou a revelação de Deus ao povo. Na condição de “instrutor” dos israelitas, ele aplicou a Lei (Êx 20.19).

**4.15-24** — A fé no Senhor excluía qualquer tipo de idolatria a outros deuses (compare com Dt 12.1-4), conforme a revelação no monte Horebe. Visto que Deus não se manifestou por imagens ou outra forma de representação material de si mesmo, Ele rejeitou todo tipo de adoração que fizesse uso de objetos para reproduzir o que é divino. O Senhor em si deveria ser adorado, e não Suas obras ou coisas criadas pelo homem.

**4.15,16** — Não havia nenhuma maneira de descrever ou esculpir a presença de Deus no Sinai (Êx 20.18), pois Israel não viu a forma “física” do Senhor. Assim, o povo não poderia elaborar qualquer representação material dela. Embora o ser humano tenha sido criado à imagem e semelhança de Deus, não há *figura de macho ou de fêmea*, isto é, objeto confeccionado pelo homem que consiga reproduzir Deus (Gn 1.26,27).

**4.17-19** — *Figura de algum animal[...] o sol, e a lua, e as estrelas*. Os animais e os corpos celestes foram criados por Deus (Gn 1.20-25). Por serem criações, e não o Criador, não poderiam de forma

alguma ser adorados nem servir de representação de Deus (Gn 1.14-19; Sl 19.1).

**4.20** — Este versículo revela uma espécie de “slogan da redenção”: o *Senhor vos tomou e vos tirou do forno de ferro do Egito*. Deus escolheu Israel para ser o Seu povo e estabeleceu uma aliança com ele. Por isso, libertou-o da escravidão egípcia, período aludido nesta passagem pela expressão *forno de ferro* (Is 48.10; Jr 11.4). O resultado do êxodo e do cumprimento da Lei seria um *povo hereditário*, visto que a nação de Israel pertencia a Deus e, por isso, teria um glorioso futuro ao Seu lado.

**4.21,22** — *Eu morrerei*. Quão difíceis devem ter sido essas palavras para Moisés! O profeta teve de encorajar o povo a entrar na terra, enquanto a ele mesmo isso não foi permitido.

**4.23,24** — O *Senhor, teu Deus, é um fogo que consome*. O Criador goza de total liberdade para destruir os desobedientes e rebeldes. Israel testemunhara a justa ira do Senhor durante a jornada no deserto, assim como a veria em Canaã (Hb 12.29). Deus não apenas punia, como também era zeloso (hb. *ganna*, também traduzido como *ciumento*) quanto à santidade. Tanto em Sua ira como em Seu amor, Deus permanece santo. Nesta passagem, a ênfase na ira divina deve ser balanceada com Sua infinita misericórdia (Dt 4.31).

**4.25-31** — Deus julga severamente os idólatras, mas sempre tem compaixão daqueles que o buscam. Moisés antecipou o futuro, o período em que aquela geração se distanciaria do Senhor. Ela seria julgada e exilada da terra. Entretanto, mesmo no exílio, o povo deveria voltar-se para Deus, pois Ele é cheio de graça e compaixão. Esse ensinamento é a base da proclamação profética do povo remanescente e do ensinamento apostólico da graça de Deus para a nação decadente de Israel (Rm 9—11).

**4.25** — *Quando, pois, gerardes filhos e filhos de filhos [...] e vos corromperdes*. Esta é uma referência à futura rebelião, quando a geração vindoura desobedeceria a Deus.

**4.26** — *Tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra*. Esta afirmação indica que toda a criação serviria de testemunha para Deus contra a

rebelião e a obstinação do povo (Dt 30.19; Is 1.2). Além disso, por causa de sua perversidade, os israelitas [pereceriam] *depressa* e [seriam] *de todo destruídos*, visto que as maldições da aliança recairiam sobre eles (Sl 1.6). O Senhor os disciplinaria e os exilaria da terra.

**4.27** — O *Senhor vos espalhará entre os povos*. Esta é uma profecia sobre os exílios que aconteceriam em 722 e 586 a.C. ·

**4.28,29** — Moisés advertiu acerca da idolatria, assegurando a impotência dos ídolos, que *não vêem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram* (Sl 115.6; Is 40.19,20; 41.7,22-24). Esses “deuses” não eram deuses menores que o Senhor. Eles simplesmente não existiam. Estavam mortos. Assim, deixar de adorar o Deus vivo e passar a prestar culto a deuses falsos e inexistentes era, na verdade, trocar a vida pela morte (1 Ts 1.9,10). Entretanto, buscar o verdadeiro Deus, e apenas Ele, trazia vida para um indivíduo. Muitas vezes ouvimos as pessoas dizerem que apenas por meio do Novo Testamento pode-se alcançar uma verdade interior e que no Antigo Testamento tudo é aparente e simbólico. Declarações como *buscáras ao Senhor, teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma* desfazem esse errôneo conceito.

**4.30** — A sentença *e todas estas coisas te alcançarem* faz referência às maldições da aliança, que atingiriam o povo *no fim de dias*, ou seja, em dias futuros. Todavia, a expressão *no fim de dias* também foi empregada pelos profetas como a designação de um novo tempo, caracterizado pelas bênçãos de Deus: a era do Messias. Após o período de angústia, os israelitas [se virariam] *para o Senhor*, e, quando isso acontecesse, Deus abençoaria a nação.

**4.31** — *Deus misericordioso*: o futuro do povo de Deus dependia de Seu amor. A ênfase na misericórdia divina (hb. *rahûm*, termo relacionado com a palavra usada para *útero*, no hebraico, sugerindo aqui *amor materno* e *profunda compaixão*) é necessária para amenizar o realce que Moisés conferiu à ira de Deus (v. 24). O Senhor tinha total liberdade para dispersar Seu povo. Entretanto, após disciplinar os israelitas, Ele os reuniria



## VOCÊ SABIA?

### NÃO HÁ OUTRO DEUS

A afirmação de que o Senhor é o único Deus, de que *nenhum outro há, senão ele* (Dt 4.35), foi uma importante declaração, pois devemos considerar o lugar de onde os hebreus saíram, os locais pelos quais passaram e a terra que estavam para habitar.

Os egípcios, os moabitas, os edomitas e os cananeus — moradores das áreas anteriormente citadas — adoravam inúmeros deuses. Nesse contexto, o monoteísmo israelita era singular (Dt 32.39). Nos dias de hoje, a crença em um só Deus também lida com a ideia popular de que todas as religiões têm essencialmente a mesma base e o cristianismo não tem direito de alegar exclusividade.

e lhes mostraria Sua generosidade; não os desampararia nem os destruiria. Deus era e permanece fiel às Suas promessas. Logo, não se esquecerá do concerto que jurou a teus pais, o que significa que a aliança com os antepassados de Israel era a garantia do cumprimento de Suas promessas (Gn 17.6-8; 22.16,17; Êx 3.15-17).

**4.32-40** — As palavras reveladas de *Yahweh* eram uma expressão singular de Seu comprometimento com a aliança. Mais uma vez, Moisés falou de modo notável acerca da excelência da revelação divina. *Yahweh* foi mostrado como um Deus incomparável (Dt 3.24; Is 40.25,26), porque os ídolos pagãos jamais poderiam revelar aos seus seguidores uma mensagem como essa. Além disso, a libertação de Israel da servidão no Egito e a preservação desse povo para testemunhar o cumprimento das promessas comprovam a unicidade do Senhor.

**4.32-34** — O Criador de toda a terra é o mesmo Deus que falou aos israelitas no monte Sinai. *Com provas, com sinais, e com milagres, e com peleja, e com mão forte, e com braço estendido, e com grandes espantos*, Ele demonstrou Seu poder no Egito e usou-o para salvar Israel.

**4.35** — *Nenhum outro há, senão ele*. Moisés enfatiza a afirmação de que o Deus vivo é o único Deus que existe (Dt 4.39; 5.7; 6.4; 32.39).

**4.36** — A revelação de Deus aos israelitas foi feita na intenção de *ensinar-lhes* e guiá-los para seguirem o caminho da verdade (compare com 2 Tm 3.16,17).

**4.37** — *Porquanto amava teus pais, e escolhera a sua semente depois deles*. Essas palavras ditas por Moisés indicam a grandiosidade de Deus em relação à escolha de Israel e também definem o

conceito de presciência divina, registrado no Novo Testamento (Rm 8.29). O amor de Deus pelos patriarcas continua. Sendo assim, o verbo *amar* pode ser traduzido no tempo presente: *porquanto ama teus pais*.

**4.38** — *Gentes maiores e mais poderosas do que tu*. As Escrituras têm duas formas diferentes de considerar o tamanho da nação de Israel no tempo do êxodo: seu crescimento miraculoso durante a permanência no Egito (Êx 1.7,9,10) e seu pequeno número de pessoas quando comparada a outras nações que a cercavam. Neste sentido, Deus merece toda a glória pelas conquistas de Israel.

**4.39** — *Só o Senhor é Deus em cima no céu e embaixo na terra*. Visto que Deus é o Criador, o Senhor da história, o Mestre, aquele que amava Seu povo, Israel deveria obedecer apenas a Ele. Este é um assunto fundamental em Deuteronômio e nos livros dos profetas. A incomparabilidade de *Yahweh* é também o fator que norteava a fé de Israel, o *Shemá Israel* [as duas primeiras palavras da seção da Torá que constitui a profissão de fé central do monoteísmo judaico, *Ouwe Israel*, conforme consta em Dt 6.4].

**4.40** — *E guardarás os seus estatutos e os seus mandamentos, que te ordeno hoje, para que bem te vá a ti e a teus filhos depois de ti*. O conceito fundamental da Torá de que Deus derramaria Suas bênçãos sobre Seu povo se este observasse a Lei é maravilhoso. Essas bênçãos se estenderiam aos filhos porque os pais eram os responsáveis pelo bem-estar deles. Neste sentido, ninguém tem mais a oferecer a seus descendentes do que aquele que acredita no Deus vivo. A promessa da bênção na terra era condicional, pois requeria

obediência aos estatutos divinos (Dt 5.29;6.24; 14.23; 19.9; 28.29,33).

**4.41-43** — As regras acerca das cidades para onde um homicida poderia ser exilado são mais bem explicadas em Deuteronômio 19.1-13. A narrativa a respeito da divisão da terra (Dt 3.12-20) é retomada com a designação de três cidades de refúgio na Transjordânia (Nm 35.9-28; Js 20): *Ramote*, entre os rios Jarmuque e Jaboque, em Gileade, *Bezer* e *Golã*, cujas localizações são indeterminadas.

**4.44-11.32** — Esta seção delinea a Lei, as promessas e a aliança de Deus com Seu povo. Nela, Moisés explica não só a natureza da Lei, como também os estatutos e os juízos relacionados a ela.

**4.44-49** — Estes versículos funcionam como um prólogo histórico, fazendo a transição entre o repasse da história de Israel (Dt 1.6—4.43) e a revelação de Deus (Dt 5.1—11.32). Novamente, observamos um começo de capítulo fora do lugar, pois esses textos deveriam abrir o capítulo 5.

**4.44** — A lei faz referência às ordenanças detalhadas nos capítulos 5—26. Lei significa, fundamentalmente, *instrução*. Deus aponta o caminho da retidão para aqueles com os quais fez a aliança.

**4.45** — *Estes são[...] os estatutos*. A Lei aqui citada é a mesma entregue à geração anterior no monte Sinai. Logo, Deuteronômio é a perpetuação da Lei para aqueles que ocupariam a Terra Prometida.

**4.46-49** — *Na terra de Seom[...] como também a terra de Ogue*. Israel recentemente conquistara as terras do lado leste do Jordão e agora estava preparando-se para atravessar o rio e entrar em Canaã.

**5.1-5** — Estes versículos falam sobre a aliança de Deus, à qual Ele foi fiel, mantendo-a para a presente geração, a quem Moisés direcionava este comunicado: os herdeiros da promessa. O fato de o Senhor falar com Seu povo é um sinal de Sua graça. Sendo assim, o Pentateuco deve ser visto como uma das grandes demonstrações da misericórdia de Deus, não de Sua ira. Houve uma época em que aqueles que ensinavam o conteúdo bíblico retratavam a imposição da Lei como uma punição de Deus porque o povo rejeitara Sua graça. No entanto, a Lei é justamente uma manifestação dessa graça.

**5.2** — *O Senhor, nosso Deus, fez conosco concerto, em Horebe*. Pelo concerto estabelecido entre Deus e o povo por intermédio de Moisés, a graça e as promessas do Senhor foram ministradas aos israelitas. Assim, Deus consagrou a nação de Israel a Ele, revelando as maldições e as bênçãos resultantes do cumprimento ou não da aliança. Como a Lei provinha do Senhor, não é apropriado referir-se a ela como *lei mosaica*.

**5.3,4** — *Não foi com nossos pais que fez o Senhor este concerto, senão conosco, todos os que hoje aqui estamos vivos*. Esta passagem enfatiza a posição privilegiada da presente geração, que estava preparando-se para entrar em Canaã. Quando Deus



## EM FOCO

### ESTATUTOS (HB. *CHOQ*)

(Dt 5.1; Êx 18.16)

Há uma variedade de significados relacionados a este termo no Antigo Testamento, como: uma *fração* de comida (Gn 47.22); o *termo* do mar (Pv 8.29); a *porção* dos sacrifícios para os sacerdotes (Lv 10.13). Esta palavra é derivada de um verbo que significa *decretar* ou *registrar* (Pv 8.15; Is 10.1; 49.16). O vocábulo geralmente faz referência a comandos, a decretos civis, a disposições legais e a leis rituais ordenados por alguém que possua autoridade para tal, seja pelo homem (Mq 6.16), seja pelo próprio Deus (Dt 6.1).

A Lei de Moisés incluía os comandos (*miswah*), os juízos (*mispat*) e os estatutos (*hoq*) (Dt 4.1-2). A Israel foi confiada a obediência às instruções do Senhor, e a nação prometeu executá-las fielmente (Dt 26.16,17). De acordo com elas, os israelitas também seriam punidos pelo Altíssimo quando lhes desobedecessem (Am 2.4; Ez 11.12; Mt 3.7).

se aliçou com Seu povo, Ele o fez *face a face*, o que indica intimidade. Percebe-se, então, que Moisés pretendia o tempo todo ressaltar esse relacionamento especial que os israelitas tinham com o Deus vivo.

5.5 — A afirmação *eu estava em pé entre o Senhor e vós* reflete o papel de mediador da aliança que o profeta exerceu no passado (Êx 20.18-21).

5.6-22 — Os Dez Mandamentos (Dt 4.13) resumem a vontade de Deus para Seu povo, ensinando as pessoas a amá-lo e a amar seu próximo como a si mesmas. Estas Dez Palavras (como são conhecidos no hebraico) formam o sumário dos elementos fundamentais da Torá. Tais ordenanças chegaram a nós em duas versões: uma apresentada no monte Sinai (Êx 20.3-17) e outra exposta um pouco antes da morte de Moisés (Dt 5.6-21). As diferenças entre elas devem ser explicadas de acordo com o novo tempo que seria vivido por Israel, que estava prestes a entrar na Terra Prometida. Posteriormente, Jesus confirmou a validade da lei moral (Mt 5.17,18; Mc 12.31), pois o poder desta na administração da nova aliança reside nos ensinamentos de Cristo, em Sua interpretação e na forma como Ele aplicou a Lei.

5.6 — *Eu sou o Senhor, teu Deus*. Como no padrão dos tratados hititas, estas palavras exprimem a identificação de uma das partes da aliança. Em vez de uma grandiosa lista de títulos e descrições, os elementos básicos são estabelecidos em apenas algumas palavras. Ele é o Deus vivo que age graciosamente a favor de Seu povo. O Senhor tem o direito, como redentor dos israelitas, de falar com eles proferindo Suas Dez Palavras.

5.7 — *Não terás outros deuses diante de mim*. Muitas culturas do antigo Oriente Médio assimilaram outros deuses em suas crenças, transformando e usando esses ídolos de acordo com seus próprios propósitos. Entretanto, os israelitas eram singulares: eles serviam a apenas um Deus, e este não permitia a adoração a nenhum outro.

5.8-10 — Mesmo quando uma *imagem* exercia o papel de símbolo da divindade, esta levava os adoradores a afastar-se da verdadeira adoração ao Deus vivo. Como o único Senhor, Ele não admitia que Seu povo se curvasse diante de outros

deuses. Caso isso ocorresse, Deus disciplinaria o pecador [visitando] *a maldade dos pais sobre os filhos, até à terceira e quarta geração*. Da mesma forma que Deus abençoaria muitas gerações por manterem uma verdadeira adoração, Ele também as puniria por atitudes infieis. Contudo, a expressão *faço misericórdia em milhares* faz referência a inúmeras e sucessivas gerações, o que demonstra um contraste com a terceira e quarta gerações que seriam castigadas. Essa comparação apresenta a medida da misericórdia de Deus. Sua graça se expande infinitamente mais do que Sua ira.

5.11 — *Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão*. Este mandamento faz referência ao abuso, ao mau uso, à blasfêmia, à execração e à manipulação do nome de Deus. Talvez por isso os antigos israelitas desenvolveram o hábito de não pronunciar em voz alta o nome sagrado do Senhor. Deus se agrada daqueles que amam e respeitam Seu nome.

5.12-15 — Estes versículos contêm a ordenança de [guardar] *o sábado, para o santificar*, tornando-o um dia separado para os propósitos de Deus, *como ordenou o Senhor no monte Sinai (Êx 20.8-11)*. Por ser um dia pertencente ao Senhor, *não* [poderia ser feita] *nenhuma obra nele*, ou seja, os israelitas tinham de descansar do trabalho e celebrar as bênçãos de Deus. Além disso, os servos, as servas, os animais e os estrangeiros



## APLICAÇÃO

### A BÊNÇÃO DO SÁBADO

O mandamento de guardar o dia de sábado (Dt 5.12) não significava que os outros dias da semana e as atividades realizadas nestes não eram sagrados. O Sábado (*Shabat*) servia para relembrar Israel de que o ser humano depende de Deus, pois os homens possuem a forte tendência de se autoexaltar e engrandecer seus feitos, transformando-se em deuses.

Nos termos de hoje, podemos dizer que nossos interesses muitas vezes viram desejos compulsivos. A fixação do Sábado (*Shabat*) reforçava a ideia de que deveria haver um dia de descanso e adoração ao Senhor no ciclo semanal, a fim de que o foco no Todo-poderoso não se canalizasse para as ambições humanas e a satisfação de suas metas.

também deveriam descansar, pois esse era um modo de Israel [lembrar] *que [foi] servo na terra do Egito* e que Deus o libertou do passado de opressões. Os cristãos atuais se diferenciam em relação a este mandamento. O *Shabat* (sábado) era sábado, o sétimo dia da semana. Os cristãos geralmente adoram a Deus no domingo, o primeiro dia da semana, porque foi num domingo que Jesus ressuscitou. Mesmo assim, seguem o princípio do mandamento. Eles descansam do trabalho e dedicam esse tempo ao Senhor, louvando-o por Suas bênçãos e relembrando todas as Suas obras redentoras registradas na Bíblia.

**5.16** — *Honra a teu pai e a tua mãe.* O respeito pelos pais fortaleceria as famílias. No tocante aos que serviam a Deus, estes ensinariam a seus filhos o caminho da verdade, e a aliança do povo com o Senhor, pautada no serviço e na adoração a Deus, permaneceria intacta. Os benefícios da honra aos pais se concretizariam numa vida longa e bem-sucedida.

**5.17** — O assassinato premeditado era a ocupação deste mandamento. [Para saber sobre ordenanças concernentes a outras formas de homicídio, veja os capítulos 19—21.] O fundamento do respeito à vida reside no fato de Deus ter criado o ser humano à Sua imagem (Gn 9.6).

**5.18** — O *adultério* representava a traição não apenas a um compromisso, mas a um relacionamento. Qualquer um que tratasse o casamento de forma desrespeitosa também estaria tratando sua relação com Deus assim.

**5.19** — *Não furtarás.* Neste versículo, o “furto” pode ser considerado de várias formas: destituição ilegítima de propriedade, sequestro, manipulação de bens alheios a fim de obter vantagens pessoais, entre outras.

**5.20** — *E não dirás falso testemunho contra o teu próximo.* Isso incluía qualquer depoimento falso que incriminasse alguém ou declaração que afetasse de forma negativa a reputação de outra pessoa, como por exemplo a fofoca, a difamação e a calúnia.

**5.21** — *Não cobiçarás.* Este é o único mandamento com uma proibição expressa referente às emoções e motivações interiores que resultam em atitudes. Desejar o que pertence a outrem

representa a busca pela satisfação de um interesse pessoal que pode causar danos a terceiros. Tal comportamento é o oposto da preocupação com o bem-estar do próximo. A Lei pode ser resumida pelo primeiro e pelo último mandamento: amar Deus e as pessoas genuinamente (Mc 12.28-31).

**5.22** — *E as escreveu em duas tábuas de pedra.* Nas duas tábuas de pedra estavam duas cópias completas da Lei. Geralmente, eram feitas duas reproduções dos acordos realizados no antigo Oriente Próximo. Dos dois contratantes, cada um ficava com uma das duas cópias, pois estas serviam como uma espécie de testemunho do pacto. Entretanto, no caso dos Dez Mandamentos, ambas as cópias foram colocadas perante Deus. O Senhor não apenas fez um concerto com os israelitas atuando como uma das partes, mas também foi testemunha da aliança.

**5.23-31** — Por causa de sua natureza rebelde e pecadora, os israelitas temiam a santa presença de Deus e estavam despreparados para encará-lo. Por isso, pediram a Moisés que servisse de portavoz perante o Senhor, e Deus aprovou o pedido. O profeta se tornou o mediador da aliança entre Deus e o povo. Ele não apenas comunicou aos israelitas a conduta santa que deveriam adotar, mas também suplicou ao Senhor que lhes mostrasse Sua misericórdia.

**5.24** — *O Senhor, nosso Deus, nos fez ver a sua glória e a sua grandeza.* Esta passagem demonstra admiração e respeito notáveis pela presença de Deus. Isso era uma grande glória!

**5.25,26** — *Por que morreríamos? [...] quem há, de toda a carne, que ouviu a voz do Deus vivente?* Os israelitas precisavam temer. O povo deveria compreender que o Deus vivo era poderoso, grandioso, e demandava perfeição. Assim, na condição natural de pecadores, os israelitas reconheceriam que necessitavam da misericórdia divina.

**5.27,28** — *Tudo o que te disser o Senhor, nosso Deus, e o ouviremos e o faremos.* A revelação que provocava no povo admiração e respeito a Deus incitou os israelitas a expressar sua obediência voluntária aos comandos divinos. Entretanto, a perseverança deles em cumprir sua promessa seria testada.



**5.29-31** — O povo ficou impressionado com o que viu e ouviu, mas seu *coração* não havia mudado.

**5.32—6.25** — Moisés transmitiu ao povo a mensagem desafiadora do amor a Deus como a fonte de toda a bondade, no presente e no futuro. Deus é bom e fiel, mas Ele esperava que Seu povo cumprisse os mandamentos. Visto que o futuro dos hebreus também dependia da fidelidade de cada geração, a unidade familiar era de vital importância. A família dedicada ao Senhor é uma instituição criada por Deus, na qual a instrução e a obediência às coisas sagradas são fundamentais.

**5.32,33** — *Andareis em todo o caminho que vos manda o Senhor.* Dentre todas as nações, Deus escolheu Israel para ser instruída por Sua Lei. Mas, a prova da distinção desse povo seria a resposta dele à revelação de Deus. Se os israelitas fizessem exatamente o que o Senhor ordenara, desfrutariam as bênçãos divinas, conforme expressa o texto *para que vivais, e bem vos suceda, e prolongueis os dias na terra que haveis de possuir.* Essas promessas, aliadas ao quinto mandamento, *honra a teu pai e a tua mãe, como o Senhor, teu Deus, te ordenou,* aplicavam-se a todas as ordenanças.

**6.1-9** — O temor a Deus começa com uma expressão de amor a Ele. Na verdade, o amor e o temor a Deus são respostas inter-relacionadas às maravilhas de Seu ser.

**6.1** — Os *mandamentos* fazem referência à instrução de amar a Deus (v. 5), e Moisés era o instrumento usado pelo Senhor para transmitir Suas ordenanças a Israel (Dt 5.22,23), como afirma a passagem *estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o Senhor, vosso Deus, para se vos ensinar.* Portanto, não era a lei de Moisés, mas sim a Lei de Deus.

**6.2** — O *temor* a Deus inclui a apreensão por causa de Sua santidade e magnificência, o amor a Ele e a submissão à Sua vontade. Inicialmente, pode envolver o medo. Todavia, esse sentimento leva à sensação de admiração, ao comprometimento com a adoração e ao deleite em conhecer Deus. O Todo-poderoso esperava que Seu povo seguisse Seus caminhos por sucessivas gerações, visto que prometeraabençoar geração após geração

(Gn 17.7,8) *todos os dias da sua vida.* O Senhor presenteou Israel com bênçãos sobre a terra como um benefício da aliança (Dt 4.40; 5.29; 6.24; 14.23; 18.5; 30.15), porém elas estavam condicionadas à lealdade. O propósito de Sua Lei foi levar a plenitude de vida às pessoas mediante Sua graça (Dt 4.1). A desobediência acarretaria a perda do direito à terra e aos privilégios do concerto (Dt 4.26; 30.15-19; Sl 1.6; 112.10). Desta forma, Deus ensinou aos hebreus que Ele é a vida e que rejeitá-lo é escolher a morte (Dt 30.20; Jo 3.16-20).

**6.3** — *Para que bem te suceda.* Deus instruiu Seu povo para que ele tivesse uma vida longa e plena, cheia de sentido e paz, na gloriosa presença divina. Isso ocorreria *na terra que mana leite e mel,* ou seja, numa terra abastada e abençoada (Dt 11.9; 26.9,15; 27.3; 31.20), infinitamente melhor do que o Egito, para onde os hebreus queriam retornar (Nm 16.12-14).

**6.4** — Este versículo é o celebrado *Shemá*, a confissão fundamental de fé do judaísmo (Mt 22.37,38; Mc 12.29,30; Lc 10.27), que começa com a palavra *Ouwe* (hb. *shema* ), um comando para que as pessoas respondam propriamente a Deus. O povo deveria ouvir e obedecer, pois o Senhor o escolheu, e não o contrário. Deus salvou Israel da escravidão no Egito, guiou-a através do deserto e forneceu-lhe instrução. Além disso, estava prestes a dar-lhe a terra. Logo, podemos concluir que Deus estabelecera um relacionamento íntimo com Seu povo, daí este se referir a Ele como *o Senhor, nosso Deus.* O Senhor é único, e esse termo significa *somente o Senhor.* Só há um Deus.

**6.5,6** — Moisés aconselhou repetidamente os israelitas a responderem ao amor de Deus com devoção. Neste contexto, a palavra traduzida como *amor* pode também significar *fazer a escolha por.* Deus ordenou a Seu povo que o escolhesse com toda a sua alma, e assim negasse as outras supostas divindades.

**6.7** — *E as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te.* A revelação de Deus seria uma coisa tão importante para uma família dedicada ao Senhor que os mais velhos poderiam

falar naturalmente do Criador enquanto estivessem desempenhando outras atividades.

**6.8,9** — *Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testei-ras entre os teus olhos.* Nos anos posteriores, os judeus interpretaram literalmente essas instruções. Eles orientaram os homens a usarem os filactérios<sup>1</sup> quando orassem (Mt 23.5). Em todo caso, a ideia era as leis de Deus estarem na mente e na mão das pessoas o tempo todo (compare com Êx 13.9,16; Pv 3.3;6.21). Havia também o ensinamento *e as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas*. Isso porque, no costume judaico, é comum fixar uma pequena caixa, chamada *mezuzá*, nos batentes das portas. Dentro dela é colocado um pequeno rolo em que está escrito o texto de Deuteronômio 6.4-9; 11.13-21, e o nome de Deus *Shaddai*.

**6.10-25** — As bênçãos de Deus apontam para o Doador de toda boa dádiva, e o temor a Ele se expressa na gratidão e no contentamento. Por esse motivo, Moisés advertiu ao povo de Israel que não fosse ingrato e não desenvolvesse um estilo de vida independente do Senhor. A instrução acerca do êxodo era um antídoto contra a autossuficiência porque ensinava cada geração a enxergar o que Deus fizera no passado.

**6.10-12** — Moisés aconselhou o povo a não se esquecer de que suas posses eram presentes de Deus. O Senhor não só salvou os ancestrais dos hebreus da escravidão, mas também lhes deu uma boa terra. Os israelitas precisavam louvar continuamente a Deus e agradecer-lhe por Sua misericórdia a favor deles.

**6.13-15** — *Não seguireis outros deuses.* O Senhor exigiu exclusividade quanto ao culto. Fora a gratidão, o povo deveria comprometer-se com Ele voluntariamente. Ademais, os hebreus teriam de jurar somente *pelo Seu nome*, visto que o fato de Deus o ter revelado garantia aos israelitas Sua bondade para com eles. Deus queria que, quando as pessoas precisassem de abrigo e sustento, pro-

curassem somente por Ele. Jesus citou esse texto quando Satanás o tentou (Mt 4.10).

**6.16-19** — Deus eventualmente põe Seus filhos à prova, mas estes nunca devem prová-lo ou *tentá-lo* com rebeldia e ofensas (Mt 4.7; Lc 4.12). [Para ler a respeito do incidente em Massá, veja Êx 17.1-7.] O caminho que a nova geração deveria seguir era [fazer] *o que é reto e bom aos olhos do Senhor*. Neste sentido, Moisés aludiu à lição aprendida no passado e aconselhou os israelitas a serem fiéis a Deus (Dt 4.1,5;5.29;6.1). Para tal, seria necessário [lançar] *fora a todos os seus inimigos*, pois só assim o paganismo de Canaã não influenciaria os hebreus.

**6.20-24** — *Quando teu filho te perguntar... então dirás.* Moisés ordenou os israelitas a instruírem seus descendentes acerca do significado de todos os mandamentos. Da mesma forma, os cristãos devem certificar-se de que seus filhos conhecem e compreendem os princípios divinos. A resposta aos filhos dos hebreus teria como base quatro componentes: (1) *éramos servos de Faraó, no Egito*; (2) *o Senhor fez sinais grandes e penosas maravilhas no Egito[...] e dali nos tirou*; (3) *para nos levar e nos dar a terra que jurara a nossos pais* e (4) *o Senhor nos ordenou que fizéssemos todos estes estatutos*. Obviamente, a redenção e os privilégios pertenciam ao Senhor, mas a responsabilidade, a Seus filhos. Os rabinos interpretam esta passagem de uma forma maravilhosa. Eles entendem que, apesar de a geração presente e a vindoura não terem participado da libertação do Egito, ambas deveriam considerar como se a tivessem vivido. A cada geração, todo hebreu fiel ao Senhor precisaria sentir como se ele próprio fosse, de fato, o agraciado com a misericórdia divina.

**6.25** — Moisés não ofereceu ao povo uma justiça pessoal mediante o cumprimento da Lei. A *justiça* é resultado do relacionamento com Deus. O Senhor o inicia e Seus filhos correspondem a ele como uma expressão de amor.

**7.1-26** — Moisés fala sobre a conquista da terra e desafia o povo a ser o agente responsável pela execução do julgamento divino relativo às sete nações de Canaã. Israel não possuía mérito por ter sido abençoada, ao passo que Canaã fora

<sup>1</sup> Pequenas caixas de couro, quadrangulares, contendo pergaminhos com passagens das Escrituras. Os judeus atavam uma na cabeça e uma no braço esquerdo durante a oração da manhã.

amaldiçoada. Tudo o que Israel recebeu e ainda receberia se deu por causa do amor e da graça de Deus. O Senhor estaria presente, junto ao Seu povo, na conquista da terra. Ele ansiava que os israelitas agissem de forma ativa na erradicação de cada traço das religiões pagãs e não se adaptassem ao paganismo. Além disso, queria que a nação esperasse pacientemente que Ele lhe desse, pouco a pouco, a concessão da terra.

7.1 — Os *heteus* se originavam da Ásia menor (Gn 23.10). Os *girgaseus* eram um povo desconhecido mencionado também em Gênesis 10.16 e em 1 Crônicas 1.14. Os *amorreus* eram os nativos de Canaã assentados nas montanhas. Os *cananeus* eram naturais de Canaã e habitavam as terras costeiras. Os *ferzeus* eram os nativos que viviam nas colinas. Os *heveus* eram procedentes de Canaã e moravam ao sul das montanhas do Líbano, e os *jebuseus* (talvez descendentes dos heteus) também eram naturais da terra, estabelecidos perto do local que mais tarde se tornaria Jerusalém.

7.2 — *Concerto* significa qualquer acordo com as nações cananeias que poderia arruinar a aliança de Deus com Israel.

7.3,4 — O casamento entre israelitas e cananeus com certeza tentaria o povo de Deus a adotar a cultura de Canaã. Isso ameaçaria a missão de Israel de ser uma força contracultural. Os hebreus não poderiam “misturar-se”. Do mesmo modo, a Igreja é chamada para demonstrar o amor de Deus ao mundo, como uma ovelha no meio dos lobos (Mt 10.6; Rm 12.2; Fp 2.14-16; 1 Pe 2.9).

7.5 — *Derrubareis os seus altares, quebrareis as suas estátuas*. A ordem era destruir os locais de idolatria e quebrar as estátuas e objetos consagrados a outros deuses, para que os israelitas não se contaminassem com esse tipo de adoração e com os rituais pagãos (Dt 12.2; 16.21,22).

7.6-16 — Israel não foi abençoada pelo Senhor porque fez algo para merecer isso; os cristãos de hoje tampouco o fizeram. Se há alguém que sempre se questiona a respeito do motivo pelo qual Deus escolheu Israel, essa pessoa deve primeiro responder satisfatoriamente por que ela mesma foi escolhida pelo Senhor.

7.7 — Os israelitas não tinham motivo para se ensoberbecer, pois eram o menor dos povos. Todos os privilégios e posses de que gozavam se deviam à graça de Deus.

7.8 — Os escritores bíblicos transmitem uma maravilhosa ilustração de Deus como o grande Senhor salvando o povo com *mão forte* e resgatando-o da casa da servidão.

7.9,10 — *O Senhor, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos*. Ao longo do tempo, Deus permaneceu leal à aliança feita com Abraão, Isaque e Jacó. Ele é um Deus fiel (Êx 20.6; Hb 13.5), e quem realmente o ama sempre encontra uma maneira de fazer a Sua vontade. Mas, por ser um Deus de justiça, Ele fará perecer aqueles que o desprezam e agem com perversidade.

7.11,12 — Moisés expõe claramente a responsabilidade humana e a soberania divina. A resposta, positiva ou negativa, do povo de Deus está relacionada com a forma de cumprimento das promessas (Is 48.18,19).

7.13-16 — *Te fará multiplicar, e abençoará o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o teu cereal, e o teu mosto, e o teu azeite, e a criação das tuas vacas, e o rebanho do teu gado miúdo*. As bênçãos de Deus incluíam a qualidade de vida, com a garantia de filhos, saúde, fartura de alimento e paz.

7.16 — A principal responsabilidade dos israelitas era *consumir* (destruir) os cananeus, por causa de sua perversidade e da péssima influência deles sobre a terra (Dt 2.34).

7.17-19 — *Não deixes de te lembrar do que o Senhor, teu Deus, fez*. Os feitos de Deus para salvar Seu povo no passado demonstraram Sua natureza e Seu poder. Sendo assim, os israelitas deveriam lembrar todos os detalhes de Sua obra redentora para que pudessem confrontar o momento presente à luz da eternidade do Senhor.

7.20,21 — O termo *vespões* (Êx 23.28; Js 24.12) faz referência a uma atitude severa de Deus, como por exemplo uma tempestade violenta ou uma praga de insetos. Há também a possibilidade de aludir às operações militares executadas por outros exércitos para enfraquecer os cananeus antes

de os israelitas chegarem. Visto que o *Deus grande e terrível* fez as nações temerem, por que Seu próprio povo deveria ficar atemorizado (Êx 15.14; Js 2.10,11)? Deus estava *no meio* dele!

7.22 — *Lançará fora estas nações, pouco a pouco.* A conquista da terra se daria de duas maneiras: a princípio seria rápida e abrangente, liderada por Josué, e, posteriormente, seria gradual, área por área, cidade por cidade. O plano de Deus não era que a Terra Prometida fosse entregue nas mãos de Israel de uma só vez. Na verdade, restaria uma grande parte desse território para ser tomada após Josué (Js 13.1-6).

7.23-26 — *Não meterás, pois, abominação em tua casa.* O destino dos cananeus (Dt 2.34) poderia recair sobre Israel, se este não adotasse uma postura íntegra e firme e evitasse qualquer contato com os deuses das cidades conquistadas. O mal não era um fator inerente ao objeto material, tampouco essas coisas eram mágicas. Contudo, o aspecto ruim residia nos pensamentos malignos que tais apetrechos e simbolismos poderiam causar na mente de um indivíduo. Por esta razão, Davi falou: *não porei coisa má diante dos meus olhos* (Sl 101.3).

8.1-20 — Somente *Yahweh* era a fonte de todas as bênçãos, tanto no deserto como na Terra Prometida. Neste sentido, Moisés aconselha os israelitas a lembrar-se do que Deus fizera por eles, no Egito e no deserto, e a permanecer gratos por causa do cumprimento da promessa. Assim, não se esqueceriam do Senhor nem o abandonariam.

8.1 — *Para que vivais.* Neste contexto, o verbo *vivais* possui o mesmo significado de *salvar a vossa alma* em Tiago 1.21 e 5.20.

8.2 — *E te lembrarás.* Neste momento, o Senhor estimula os israelitas a lembrarem que Ele os havia guiado no deserto durante *quarenta anos*, para *humilhá- [los], tentá- [los]* (pô-los à prova), e *para saber o que estava no seu coração*, ensinando-os a confiar nele. Ao fazer isso, Deus não só os

encoraja a serem retos e fiéis a Ele, como também os prepara para enfrentarem as novas provações que viriam. A resposta dos hebreus a estas determinaria as reais intenções do povo.

8.3 — Deus supriu Seu povo com alimento no deserto (Êx 16), mas mostrou-lhe que *o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor.* Jesus afirmou esta verdade usando as mesmas palavras para resistir a Satanás (Mt 4.4; Lc 4.1-4). Isso significa que os seres humanos têm uma natureza espiritual que só pode ser satisfeita quando se buscam os nutrientes contidos na Palavra de Deus.

8.4 — Além de providenciar maná e água, o Senhor conservou as roupas e as sandálias do povo no deserto por quarenta anos!

8.5,6 — *E guarda os mandamentos do Senhor.* Os ensinamentos de Deus são atemporais, portanto válidos inclusive para os dias de hoje (Hb 12.5-11).

8.7-9 — A terra tinha todas as coisas necessárias para o sustento da vida e para o desenvolvimento de uma economia: água, tipo de solo

apropriado para plantações diversas e metal para a fabricação de utensílios (Dt 11.8-12). As várias nascentes contrastavam com o Nilo, o único manancial disponível para os que viviam no Egito (Dt 11.10). As inúmeras espécies de plantas surpreenderiam os israelitas, recém-saídos de uma longa jornada numa terra árida.

8.10-14 — *Louvarás ao Senhor.* A resposta perfeita à expressão *tiveres comido e fores farto*, ou seja, à plenitude, é o *agradecimento* e a *adoração*. Neste sentido, vale ressaltar o costume judeu de agradecer *após* certas refeições festivas. A importância de louvar a Deus pela abundância reside no fato de que, se as pessoas não o fizessem, se esqueceriam do Senhor, se tornariam soberbas e gananciosas, correndo o risco até mesmo de negar que Deus lhes deu todas as provisões necessárias (v. 17). Em pleno gozo das bênçãos, o povo poderia começar a achar que não precisaria de mais

---

*O poder de Deus é diferente  
da manipulação humana,  
do poder político, da competição  
e de outras artimanhas.  
Deus nos dá a Graça.*

---

nada e que era autossuficiente, por isso foi feita a advertência *se não eleve o teu coração*.

**8.14-16** — *Teu Deus, que te tirou da terra do Egito[...] que te guiou[...] e tirou água para ti da rocha[...] que no deserto te sustentou*. Estas quatro alusões históricas relembram: (1) a libertação do Egito, (2) a presença de Deus no deserto, (3) a provisão de água e (4) a provisão de maná. Mediante a experiência no Egito e no deserto, o Senhor levou Seus filhos a tomarem decisões que evidenciariam sua verdadeira natureza, daí a necessidade de *humilhá-[los] e prová-[los]*. Ao aplicar testes realmente difíceis, Deus foi um excelente Mestre, porque tinha como objetivo um bom futuro para Seu povo: *para, no teu fim, te fazer bem*.

**8.17** — Moisés avisou os hebreus de que prosperidade e *poder* geralmente levam a uma autoexaltação e à rejeição de Deus.

**8.18** — O poder concedido por Deus não tem relação alguma com a manipulação humana, o domínio político, a competição e todas as outras formas de se obter vantagens e estar na dianteira. Ele é a *graça*.

**8.19,20** — A sentença divina para o povo no caso de este se inclinar a outros deuses era perecer como as nações que os israelitas foram incumbidos de extirpar.

**9.1-3** — *Ouve, ó Israel*. Moisés chamou a atenção dos hebreus para considerarem a futura ocupação da terra como um presente da divina graça, e não como o resultado de qualquer ação executada por eles mesmos. O futuro somente se abriria para os israelitas se eles aprendessem com o passado. Essa sabedoria que vem do alto teria de começar com uma confissão sobre a dependência do Senhor.

**9.4-6** — *O Senhor me trouxe a esta terra para a possuir*. As razões para a conquista da Terra Prometida eram a extinção da imoralidade praticada por seus habitantes e o cumprimento das promessas que Deus fizera a Abraão, Isaque e Jacó (Gn 15.18-21). Logo, conclui-se que Canaã não era uma recompensa para os israelitas pelo mérito de algo que tivessem feito. Ao contrário, desde a primeira geração do êxodo se mostraram um *povo obstinado*, rebelde. Em virtude disso, a história de Israel é permeada de insatisfações, murmurações e desobediência. Sendo assim, Moisés objetivava fazer com que a nação não esquecesse o seu desmerecimento perante Deus nem pensasse que era sobremodo digna das divinas e graciosas bênçãos (v. 7-14).

**9.7-29** — Moisés recordou o passado de desobediência e rebeldia dos hebreus, a fim de que



## APLICAÇÃO

### O DEUS QUE DÁ A RIQUEZA

Hoje, há dois conceitos que se opõem no que concerne à conexão entre Deus e a riqueza. Um é que a prosperidade e o dinheiro são inerentes ao mal e, portanto, o Senhor se opõe a eles. O outro é que Deus está apenas aguardando para dispensar riqueza sobre aqueles que satisfaçam certas condições que Ele impõe.

Moisés aconselhou os israelitas e disse que Deus era o que lhes dava força para adquirirem poder (Dt 8.18). Esta declaração ajuda a esclarecer ambos os mal-entendidos.

Por um lado, a afirmação mostra que a conseqüente riqueza é um presente de Deus. Desta forma, o dinheiro não pode ser um mal; caso contrário, Deus não o proveria às pessoas (compare com Tg 1.17). Várias passagens bíblicas reforçam o fato de que, independente do que alguém possua, este indivíduo deve sempre agradecer a Deus por suas posses (1 Sm 3.7; Os 2.8).

Por outro, a declaração de Moisés aponta que Deus não é um "papai Noel" celestial. Hoje em dia, ninguém pode reivindicar esse texto de Deuteronômio como uma promessa direta do Senhor. Essas palavras foram ditas a Israel porque, como o trecho claramente estabelece, a nação estava comprometida numa aliança com Deus. Nos termos desse concerto se incluía a bênção especial sobre o povo (mas não necessariamente sobre cada indivíduo da nação), se este cumprisse a Lei (Lv 26.3-5).

Moisés tinha a preocupação de que, em face da abundância, os israelitas esquecessem a fonte de sua prosperidade. Para as pessoas que atualmente vivem fora da realidade da aliança que Deus estabeleceu com a antiga nação de Israel, as palavras de Moisés simplesmente indicam a verdade universal que diz que tudo o que temos vem, fundamentalmente, de Deus.

eles não fossem tentados a acreditar que mereciam a terra e toda a bondade de Deus.

**9.7,8** — Além de rememorar a graça de Deus, os israelitas deveriam *lembrar* quão vulneráveis eram em relação à apostasia (Dt 1.6—3.29). *Rebeldes* e teimosos, eles continuavam a testar o Senhor (v. 27).

**9.9** — Um ser humano não consegue sobreviver se passar mais de três ou quatro dias sem beber *água*. Deus, de maneira sobrenatural, conservou a vida de Moisés durante quarenta dias nesse estado.

**9.10-13** — *O Senhor me deu[...] escritas com o dedo de Deus*. O Senhor iniciou a aliança com Seu povo e deu a Moisés Suas leis. Com o consentimento divino, o profeta ensinou as ordenanças aos israelitas.

**9.14-19** — *Deixa-me que os destrua*. A ameaça de destruição era real, ainda que sempre permanesse como uma possibilidade iminente.

**9.19-21** — *O Senhor me ouviu*. A oração de Moisés consta nos versículos 26 a 29. À semelhança dele, Daniel intercedeu por Jerusalém (Dn 9.3-23).

**9.22,23** — Veja Números 11 e 13.

**9.24-29** — Moisés levou a sério o julgamento do Senhor. Todavia, ele não se resignou com a justiça divina, mas sim apelou para a fidelidade, a misericórdia e a honra de Deus. Ele lembrou o Senhor da(s): (1) libertação dos israelitas da escravidão; (2) Suas promessas; (3) Sua reputação perante as nações; (4) escolha de Israel.

**10.1-11** — Estes versículos tratam da renovação da aliança. As novas tábuas da Lei simbolizavam a promessa de Deus de estar presente, junto ao Seu povo, mesmo sabendo que os israelitas tinham um coração obstinado (Dt 5.29).

**10.1** — *Naquele mesmo tempo*. Depois da oração (Dt 9.25-29).

**10.2** — *Escreverei*. A condescendência de Deus é quase inacreditável. Ele escreveu a Lei nas tábuas pela segunda vez, mesmo depois de o primeiro par de tábuas ter sido quebrado.

**10.3** — *A acácia* [ou *cetim*, na ARC] ainda pode ser encontrada na península do Sinai, mas em um número muito menor do que quando os israelitas passaram por lá.

**10.4,5** — *Escreveu o Senhor[...] conforme a primeira escritura*. O Senhor não adicionou tampouco retirou mandamentos, mas manteve-os conforme a primeira escritura.

**10.6-11** — *Separou a tribo de Levi*. As responsabilidades dos levitas incluíam: (1) o cuidado com a arca (Nm 3); (2) o serviço relativo às ofertas, à adoração, aos ensinamentos e às questões legais (Dt 18.1-8) e (3) a bênção a Israel (Nm 6.22-27). É provável que, até este momento em que Moisés falava ao povo, os levitas continuassem exercendo essas funções, de acordo com a expressão *até ao dia de hoje*.

**10.12—11.32** — Moisés convoca Israel a buscar *Yahweh*, amá-lo e manter Sua aliança, a fim de abrandar Seu julgamento. Esta bela e comovedora passagem possui quatro chamados: (1) amar *Yahweh*, a fonte de todo bem, completamente (Dt 10.12-22); (2) lembrar o que *Yahweh* fez no julgamento do Egito e dos rebeldes israelitas (Dt 11.1-7); (3) praticar a Lei de Deus e receber Suas bênçãos (Dt 11.8-25) e (4) lembrar que Deus é absoluto na concessão das bênçãos e na determinação das maldições (Dt 11.26-32).

**10.13-15** — *Os céus e os céus dos céus*. Moisés mencionou que o firmamento e todo o universo pertencem a Deus para conscientizar os israelitas de que Ele é absoluto e soberano quanto ao que decide e aos que escolhe, por isso *o Senhor tomou prazer em teus pais para os amar; e a vós, semente deles, escolheu*. Isso significa que o Criador, gracioso e soberanamente, relacionou-se com Abraão e seus descendentes.

**10.16** — *Circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração*. A circuncisão era a demonstração física da aliança; a fé e o arrependimento, a *espiritual*. Visto que o sistema de adoração cananeu abarcava orgias sexuais, a marca no corpo do homem hebreu que o distinguiu dos outros homens era um importante lembrete de que ele não deveria participar dos rituais pagãos. Entretanto, a circuncisão tinha de ser feita não só externa, como também internamente. Marcar o corpo como um sinal de consagração ao Senhor não significava nada se o indivíduo não marcasse também o

coração. A aliança ministrada por Moisés exigia uma mudança espiritual (Dt 30.6).

**10.17,18** — Moisés proclama que o Deus de Israel é o *Deus dos deuses*, o Senhor soberano, o grande e justo Rei. A resposta mais adequada a este Deus é o temor, o amor e o serviço, pois Ele usa Seu poder para exercer a justiça, especialmente em favor daqueles que não possuem aliados poderosos, como o *órfão*, a *viúva* e o *estrangeiro* (Dt 1.16;24.17-22). Deus, mediante a graça, supre as necessidades de todos, *dando-lhes pão e veste*, como fez com Israel no deserto (Dt 8.3,4).

**10.19** — A provisão abundante de Deus para suprir as necessidades dos israelitas deveria motivá-los a amar o *estrangeiro* que estivesse entre eles. Amar e sustentar os menos favorecidos era um preceito essencial quando se seguia o exemplo divino.

**10.20** — *Ao Senhor, teu Deus, temerás; a ele servirás, e a ele te chegarás*. A fé verdadeira se expressa no temor, na submissão e no profundo comprometimento com Deus.

**10.21** — *Ele é o teu louvor*. Refletir acerca do Criador-Redentor, aquele cujo amor, cuja justiça e cujo poder se estenderam a nações que não estavam incluídas na aliança, leva à adoração, ao amor e à obediência.

**10.22** — *E, agora, o Senhor, teu Deus, te pôs como as estrelas dos céus*. Deus cumpriu Sua promessa a Abraão (Gn 15.5,6).

**11.1-7** — Moisés definiu os poderosos feitos de Deus a fim de encorajar seus ouvintes a responder às revelações do Senhor. Atitudes e palavras andam juntas, assim como obediência e amor.

**11.6,7** — *Datã e Abirão* se rebelaram contra o sacerdócio de Arão e foram mortos (Nm 16).

**11.8-25** — Este é um chamado para praticar a Lei do Senhor e receber Suas bênçãos. Moisés aconselha as pessoas a obedecerem ao Senhor porque Ele lhes dará uma terra infinitamente melhor do que a do Egito. O profeta recomenda que os israelitas amem Deus porque Ele provê tudo o que necessitam.

**11.9-12** — *A terra que entras a possuir não é como a terra do Egito[...] terra de que o Senhor, teu*

*Deus, tem cuidado*. A agricultura do Egito dependia da cheia anual do rio Nilo para irrigação do solo (Dt 8.7-9). Contudo, a terra que Deus daria aos hebreus era cuidada por Ele. O Senhor soberanamente controlava as estações e as chuvas a fim de suprir Seu povo (v. 14,15).

**11.13-17** — *Então, darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia*. A *chuva temporã* estimulava a germinação das sementes e um novo cultivo. A *serôdia* fazia com que a plantação chegasse à maturidade. Deus favoreceria a colheita do cereal, do mosto e do azeite. Contudo, para que não experimentassem *a ira do Senhor*, os israelitas teriam de ser fiéis às instruções divinas e não se deixar influenciar pela idolatria. Deus é graça e amor, mas também é justo e age com firmeza quando provocado por pessoas arrogantes. Logo, assim como enviaria a chuva e abençoaria a terra, o Senhor poderia [fechar] *os céus*, ou seja, *conter a chuva*, como fez com Acabe (1 Rs 17.1;18.1).

**11.18-25** — Esta é uma admoestação para os hebreus guardarem a Palavra de Deus no coração e a ensinarem aos seus filhos.

**11.26-32** — Moisés convoca o povo para obedecer a Deus em amor porque Ele é a fonte da vida (bênção) e da morte (maldição).

**11.26-28** — O contrário da bênção é a *maldição*. Da mesma forma que as bênçãos divinas proporcionam vida, as maldições a levam embora, fazendo com que as pessoas adoeçam, sofram e morram (1 Co 11.30; Tg 1.13-15).

**11.29-32** — Para ler outras passagens que falam sobre o *monte Gerizim* e o *monte Ebal*, veja Josué 8.30-35.

**12.1—26.19** — Um relacionamento íntimo entre o Senhor e os israelitas baseado na aliança era a preocupação da Lei de Deus (os estatutos e os juízos). A Lei foi a revelação divina a Israel, por meio da qual o grande Rei ensinou Seu povo a desenvolver uma contracultura, ou seja, uma posição contrária à autossuficiência da humanidade.

**12.1—16.17** — Esta seção trata da adoração a Deus e dos procedimentos para os israelitas serem considerados um povo santo. O diferencial de Israel deveria ser sua obediência absoluta a um só Deus, e isso se expressaria em sua adoração,



## APROFUNDE-SE

### UMA NOVA CULTURA

Israel se encontrava no limiar de um importante acontecimento. Os israelitas não estavam apenas se organizando para entrar na Terra Prometida e estabelecer a conquista sobre seus habitantes, mas preparando-se também para constituir uma nova cultura. O foco desta estaria no Deus vivo. Cada aspecto referente a ela refletiria a natureza divina.

Os mandamentos de Deus deram aos israelitas uma expressão concreta de como o Senhor desejava que as pessoas vivessem. *Em suma, o Criador queria que os indivíduos amassem e adorassem somente Ele. Ao guardar várias leis inerentes à pureza e conservar-se ritualmente puros, os hebreus demonstravam o comprometimento com o Senhor. A ideia era que a pureza exterior refletisse a interior.*

Considerando a perfeição de Deus, Ele desejava que Seu povo resistisse às práticas imorais das nações vizinhas. Entretanto, não queria que os israelitas apenas resistissem ao mal, mas que também espelhassem Sua natureza de amor e compaixão, ajudando os estrangeiros, as viúvas, os órfãos e os pobres. Seguindo as vastas instruções divinas, os hebreus teriam condições de estabelecer sua sociedade sobre as justas leis do Deus vivo.

Muitos aspectos da cultura dos filhos de Israel eram distintos no mundo antigo, como a proibição do consumo da carne de porco. *Diferenças exteriores desse tipo eram sinais de que os israelitas foram separados para os santos propósitos de Deus. Entretanto, a diferenciação mais proeminente era a fidelidade de Israel a um só Deus.*

Toda a sociedade israelita — seu sistema legal, sua estrutura econômica, sua vida familiar e sua ética pessoal e social — refletia essa obediência. Enquanto as nações que cercavam Israel adoravam uma grande variedade de deuses em muitos santuários espalhados por diversos lugares, o povo de Deus (de forma ideal) adorava o único Senhor num local específico, que Ele escolheu. Na Terra Prometida, Deus planejava abençoar abundantemente os hebreus. Por sua vez, Ele desejava que Seu povo vivesse de forma responsável, segundo uma cultura sem qualquer precedente.

em seu sistema legal e econômico, em sua vida social, pessoal, familiar, e na ética que permeia as relações públicas.

**12.1-31** — Um lugar para centralizar a adoração ajudaria os hebreus a manter sua fé inabalável. Moisés enfatizou que Deus desejava que Seu povo direcionasse o foco para o local escolhido por Ele e resistisse à atratividade dos inúmeros santuários pagãos e de suas formas de adoração. Em Canaã, Israel receberia muitos benefícios do Senhor. Por isso, Ele esperava que o povo vivesse de forma responsável e conscienciosa.

**12.1** — *Estes são os estatutos e os juízos que tereis cuidado em fazer na terra que vos deu o Senhor [...] para a possuídes.* Deus estava prestes a entregar a terra aos israelitas. Entretanto, para o povo ocupá-la e desfrutá-la (capítulos 28 e 29), o Senhor lhe impôs uma condição: obediência aos Seus mandamentos.

**12.2** — *Sobre as altas montanhas.* Os cananeus construíram seus templos em lugares altos crendo que seus deuses habitavam palácios nas montanhas. Esses santuários eram considerados portais

entre o céu e a terra. Além disso, o povo de Canaã adorava os ídolos *debaixo de toda árvore verde*, porque supunha que isso proporcionava sucesso e prosperidade.

**12.3,4** — *As estátuas* eram monumentos que representavam o poder da fertilidade dedicados aos deuses. Algumas foram encontradas por arqueólogos em escavações feitas em Gezer e Hazor. Além de quebrar as estátuas, os hebreus foram ordenados a queimar os *bosques*, que consistiam em estacas de madeira ou árvores dedicadas à deusa Aserá. A adoração ao verdadeiro Deus com rituais pagãos ou qualquer vestígio de paganismo violava os Dez Mandamentos (Dt 5.8-10).

**12.5** — Neste versículo, a forma verbal *buscareis* transmite a ideia de que o lugar que o Senhor, vosso Deus, escolher (Sl 132.13,14) deveria ser objeto de desejo e dedicação dos israelitas (Sl 122.9). Deus abençoou o povo com Sua presença no tabernáculo, no deserto, posteriormente em Siló, no templo em Jerusalém, e, por fim, mediante Jesus Cristo (Jo 2.18-22). A presença do Senhor beneficiava todos, sem qualquer



acepção, por isso o uso da expressão *de todas as vossas tribos*. Esse local de adoração deveria receber o nome de Deus, pois seria propriedade dele, bem como *Sua habitação*. Neste sentido, concluímos que Deus graciosamente estabeleceu Sua morada entre Seu povo.

**12.6** — No hebraico, a palavra *zebah*, traduzida como *sacrifícios*, sempre designa a oferta de um animal. Geralmente o termo é usado para descrever o sacrifício oferecido ao Senhor, mas consumido pelo povo. A *oferta alçada* era uma oferta comum, a qual o sacerdote erguia como um presente ao Senhor (Êx 29.27,28; Lv 7.34). Enquanto o sacerdote cumpria seu dever (Lv 7.14,32,34), o adorador e sua família consumiam o resto da oferta. As ofertas realizadas por causa de um voto eram entregues ao Senhor como o cumprimento de algo que o adorador tratara com Deus (Lv 7.16,17; 22.21; Nm 6.21; 15.3-16; 30.11). As *ofertas voluntárias* eram efetuadas por livre e espontânea vontade (Dt 23.23; Êx 35.27-29; 36.3; Lv 7.16; Ez 46.12).

**12.7** — *E ali comereis perante o Senhor, vosso Deus*. As ofertas comuns deveriam ser consumidas e desfrutadas por aqueles que as ofereceram. Por amor a estes, Deus os favoreceu dando-lhes descendentes, rebanhos e colheitas abundantes. Sua bênção lhes proporcionou força, prosperidade e alegria, o que se verifica na afirmação *e vos alegrareis em tudo em que poreis a vossa mão [...] no que te abençoar o Senhor*.

**12.8** — *Cada qual tudo o que bem parece aos seus olhos*. No deserto, os israelitas não se uniram para buscar a Deus, apresentando-se como Seu povo. Em vez disso, mostraram-se um amontoado de crentes que seguia o que achava conveniente. Por isso, Moisés recomendou que os hebreus da nova geração se arrependessem e retornassem para o caminho do Senhor.

**12.9,10** — Moisés visionou um futuro estado de descanso para os israelitas. O repouso significava que o povo de Deus desfrutaria Suas bênçãos e viveria em união, livre do medo da espada (Sl 133; Jr 31.2; Hb 4.8-11).

**12.11** — O foco e a garantia do repouso prometido eram encontrados na morada de Deus no

meio de Seu povo. De maneira semelhante àquela época, há um lugar hoje onde o Senhor habita junto à Igreja: na congregação (Hb 10.24,25).

**12.12-14** — *E vos alegrareis perante o Senhor, vosso Deus, vós, e vossos filhos, e vossas filhas, e vossos servos, e vossas servas, e o levita*. A palavra traduzida do hebraico como *alegrareis* (*smah*) denota uma imensa satisfação do povo com as boas dádivas de Deus. O Senhor deu a Lei a todos os israelitas – homens e mulheres, escravos e libertos, levitas e tribos proprietárias de terras – visando ao seu bem e ao seu gozo.

**12.15** — *Degolarás e comerás carne segundo a bênção do Senhor*. O abate e o consumo de animais era permitido em qualquer lugar onde os israelitas estivessem assentados. Apesar de muitos animais, como o *corço* e o *veado*, não serem adequados para o sacrifício ao Senhor, eles podiam servir de alimento.

**12.16** — A proibição quanto a comer ou beber o *sangue* de animais sob qualquer aspecto era uma restrição importante. O sangue representava a vida. Por esta razão, os israelitas deveriam mostrar respeito a esse fluido vital (Gn 9.4; Lv 17.11).

**12.17,18** — *Nas tuas portas*. Alguns aspectos da adoração a Deus estabelecidos para a celebração do povo não deveriam ser realizados em casa, individualmente. Por isso, Deus designaria um lugar onde Ele poderia ser adorado por todos. De forma bastante parecida, o Novo Testamento enfatiza a congregação como o local onde o Corpo de Cristo se reúne para adorar o Senhor. Essas proibições no tocante à adoração particular foram fixadas para que houvesse uma alegria recíproca entre Deus e Seu povo.

**12.19** — *O levita não recebia nenhuma herança, por isso devia do povo para se alimentar*.

**12.20-27** — *Dilatar os teus termos*. Moisés enfatizou a grandeza das bênçãos de Deus sobre o povo ao afirmar de modo categórico que os israelitas teriam seus territórios expandidos. A terra se tornaria tão extensa que, para muitas pessoas, viagens frequentes ao local estabelecido para a adoração seriam impossíveis. Neste caso, a carne seria apreciada em casa, de acordo com os procedimentos determinados por Deus.



## APLICAÇÃO

### A RELIGIÃO DO FAÇA-VOCÊ-MESMO

Num mundo no qual o lema geralmente é "faça você mesmo", as pessoas muitas vezes desenvolvem um sistema próprio de crenças e práticas. Para alguns, isso indica uma "escolha a dedo", uma abordagem "pegar ou largar" do cristianismo estabelecido. Para outros, denota o surgimento de conceitos incommuns acerca de Deus e modos de vida excêntricos. Em ambos os casos, a autoridade final se torna individual à medida que uma pessoa assume a prerrogativa de ignorar qualquer exigência ou disciplina que ache muito limitadora ou imponente.

De certa forma, uma atitude similar caracterizou os israelitas enquanto se preparavam para entrar na Terra Prometida. Aparentemente, eles estavam fazendo qualquer coisa que parecesse certa segundo o seu ponto de vista no que se refere à observância religiosa (Dt 12.8). Não que estivessem necessariamente virando as costas para Deus, mas a falta de um local de adoração permanentemente estabelecido talvez tenha provocado certo grau de frouxidão em relação às instruções cerimoniais da Lei.

Moisés os advertiu a fim de que essa atitude cessasse uma vez que entrassem na terra e Deus designasse um lugar para adoração (Dt 12.13,14). Os israelitas deveriam seguir as detalhadas orientações da Lei acerca dos sacrifícios, dos dias santos, dos dízimos e das ofertas, e dos outros elementos que faziam parte da vida religiosa.

Isso também é uma verdade para os cristãos de hoje? Para responder a esta questão, é importante notar que as instruções contidas no Novo Testamento e as descrições acerca da adoração não são tão detalhadas quanto aquelas dadas a Israel no tempo de Moisés. Parece haver uma concessão maior de liberdade aos indivíduos e às suas congregações. Entretanto, isso não significa que exista a abordagem religiosa do faça-você-mesmo.

As Escrituras nos fornecem um conjunto objetivo de verdades a serem vivenciadas e comportamentos a serem adotados. Talvez haja uma ampliação de limites por causa de aplicações culturais, étnicas e geográficas, mas todos aqueles que creem cometem pecado quando transgridem os claros ensinamentos bíblicos. Seja qual for a maneira como adoramos a Deus, Ele sempre nos chama para o fazer *em espírito e em verdade* (Jo 4.23).

**12.28** — Para que bem te suceda a ti e a teus filhos. O Senhor prometera Suas bênçãos não só aos que atentassem para Suas instruções, mas também às gerações destes (Gn 1.27,28;9.1,7;17.19). Mesmo que os israelitas não tenham obtido a salvação por meio da obediência, eles foram alvos da graça de Deus por causa de Sua misericórdia. O Senhor os escolheu para ser Seu povo.

**12.29-31** — O Senhor expulsaria da Terra Prometida as nações cananeias e a tentação que representavam, mas os israelitas seriam os responsáveis por não imitar as práticas pagãs (Rm 12.2; Fp 2.14-16).

**12.29,30** — Quando o Senhor, teu Deus, desarraigou. Deus era o responsável pela conquista, mas os israelitas eram os agentes encarregados de executá-la (v. 2). Contudo, era necessário que, antes de possuir a terra, eles ouvissem a advertência de Moisés. O imperativo *guarda-te* demonstra que o Senhor conhecia a fundo os hebreus e sabia que provavelmente eles se desviariam de Seus caminhos e seguiriam os deuses pagãos, o que, infelizmente, aconteceu.

**12.31** — Deus execrava as práticas cananeias e não queria que Seus filhos fossem seduzidos por elas (Lv 18.21;20.2-5). Isso pode ser observado pelo uso do termo *abominável* (hb. *tô bâ*), que indica asco e aversão a tudo o que se referia a tais ritos. A sentença *até seus filhos e suas filhas queimaram com fogo* descreve uma das piores cerimônias realizadas pelos cananeus, aos quais os israelitas se uniram posteriormente (2 Rs 21.1-9; 2 Cr 28.1-4).

**12.32—13.18** — Este segmento textual apresenta os comandos que guardam a revelação especial de Deus.

**12.32** — Nada lhe acrescentarás nem diminuirás. Isto quer dizer que a Palavra de Deus não está sujeita a caprichos, apreciações ou devaneios do homem.

**13.1-5** — Estes versículos expõem o perigo dos falsos profetas. O povo de Deus deveria ficar alerta porque eles proclamariam ser os verdadeiros enviados do Senhor. Além disso, os israelitas teriam de discernir a intenção da mensagem e verificar o cumprimento das palavras proféticas,

para que descobrissem se tratava-se de um verdadeiro profeta (Dt 18.21,22). No Novo Testamento também há avisos quanto a esses enganadores (1 Jo 4.1; compare com At 20.28-31).

**13.1,2** — *Profeta ou sonhador*. A profecia e o sonho eram duas formas legítimas de revelação divina. O cumprimento de uma profecia, de um sinal ou de um prodígio geralmente validavam toda a mensagem do profeta (Dt 18.22). No entanto, se um prodígio acompanhasse a mensagem mas o profeta incitasse as pessoas a afastar-se do Deus vivo, dizendo *vamos após outros deuses, que não conhecestes, e sirvamo-los*, este era um falso profeta. Assim como os israelitas, os cristãos de hoje precisam distinguir os pseudoensinamentos (At 20.28-31; Gl 1.8; 1 Jo 4.1).

**13.3,4** — A revelação de Deus por intermédio de Moisés seria o parâmetro para avaliar qualquer sinal ou mensagem. Quando a mensagem se afastasse da prévia revelação divina, Israel teria de discernir o falso ensinamento, *porque quanto o Senhor, vosso Deus, vos prova*. Assim como o Senhor provara Israel no deserto, Ele continuaria a testar os hebreus para ver se de fato acreditavam nele (Dt 8.2), *para saber se amais o Senhor, vosso Deus, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma*. A verdadeira fé é a entrega de todo o nosso ser a Deus.

**13.5** — A falsa profecia era considerada uma ofensa séria a Deus; logo, a punição era rigorosa: *a morte*. Era melhor executar um falso profeta do que deixá-lo escapar do julgamento e corromper o povo. *Assim, tirarás o mal do meio de ti*. Disciplina, punição e prova eram os meios usados por Deus para manter Seu povo puro. À medida que resistiam aos testes, os hebreus conseguiam opor-se mais facilmente aos malfeitores.

**13.6-11** — Neste trecho é comentado o perigo da pressão dos familiares. Quando um parente próximo tentasse influenciar um israelita para desviá-lo da adoração a Deus, este deveria agir com responsabilidade, não ceder e levar o corruptor a julgamento público, ainda que isso significasse a execução do ofensor.

**13.6-8** — *Quando te incitar teu irmão*. No Novo Testamento, Jesus falou de perversidades

que colocariam irmão contra irmão (Mt 10.21). Ele também disse que não veio apenas para a paz. Sendo assim, o cristão deve amar Jesus mais do que a própria família, ainda que isso signifique distanciar-se dos entes queridos. Do contrário, quando houver dissensão nesse meio, a tendência será os parentes afastarem o indivíduo de Cristo, desviando-o do caminho da verdade (Mt 10.34-39).

**13.9,10** — *A tua mão será a primeira contra ele*. O parente que recebesse proposta ofensiva lideraria a execução daquele que tivesse sugerido a prática idólatra, *pois te procurou apartar do Senhor*. Usando palavras inesquecíveis, Jesus enfatizou a severidade de tal ofensa dizendo *que melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar* (Mt 18.6,7).

**13.11-13** — O termo traduzido como *filhos de Belial* denota pessoas perversas e depravadas que se opuseram à vontade e à obra de Deus.

**13.14** — *Inquirirás, e informar-te-ás, e com diligência perguntarás*. Uma investigação adequada antes de um julgamento público garantiria justiça para todos.

**13.15,16** — *Ferirás ao fio da espada os moradores daquela cidade*. Os habitantes da cidade, que eram os responsáveis por deixar o mal se espalhar, se tornariam o objeto da punição. Eles não eram melhores do que os imorais cananeus, que estavam sob o presente julgamento divino (Dt 7.2;12.2,3).

**13.17,18** — *Te faça misericórdia[...] para guardares todos os seus mandamentos*. O severo julgamento do mal era um ato de obediência. Deus exigia a pior punição para os malfeitores, a fim de que as práticas imorais não se espalhassem pela terra. Assim, os israelitas poderiam consagrar-se totalmente a Ele, e o Senhor habitaria no meio de Seu povo e o abençoaria. O pecado interrompia esse relacionamento com Deus, que é santo.

**14.1** — *Filhos sois do Senhor*. A motivação para o comportamento diferenciado e a ética de Israel residia na relação especial que essa nação mantinha com o Senhor (Dt 1.31;8.5). Por isso, os israelitas não poderiam realizar os rituais de luto pagãos, que encorajavam agressões físicas, como *golpes* no próprio corpo e *calva* entre os olhos. Tais práticas eram uma forma de magia pela qual as

peças buscavam exercitar o controle sobre seu bem-estar e sobre os deuses (1 Rs 18.28).

**14.2** — Como povo *santo ao Senhor*, os israelitas foram separados para Ele, distinguidos das outras nações e escolhidos para praticar a vontade divina na terra, conforme a afirmação *te escolheu [...] para lhe seres o seu povo próprio* (compare com 1 Pe 2.9). A palavra traduzida do hebraico como *santo* (*qdôsh*) significa *ser separado* ou *ser distinto*.

**14.3** — *Nenhuma abominação comereis*. As regras acerca da dieta separaram Israel das outras nações (Lv 11). É provável que Deus tenha proibido o consumo de certos animais a fim de diferenciar as práticas dos israelitas das práticas dos povos vizinhos, pois este sinal físico simbolizava a santidade de Israel. O Senhor geralmente se referia aos procedimentos pagãos como *abominação*, palavra que indica uma forte repugnância, por isso ordenou aos hebreus que se afastassem deles.

**14.4-11** — Os animais próprios para o consumo eram os que removem e têm as unhas fendidas. Caso não tivessem nenhuma dessas duas características, ou tivessem apenas uma delas, seriam proibidos como alimento (Lv 11).

**14.12-18** — As aves impuras eram principalmente as predadoras e as que se alimentavam de carniça, pois estavam associadas à carne morta e putrefata e muitas vezes eram portadoras de doenças.

**14.19** — *Todo réptil que voa*. Esta expressão se refere aos insetos que não podiam ser consumidos.

**14.20** — *Comereis*. O uso deste verbo com sentido afirmativo demonstra que algumas das leis de Deus proibiam, enquanto outras permitiam.

**14.21** — *Não cozerás o cabrito com o leite da sua mãe*. Ao contrário dos cananeus, que cozinhavam os cabritos vivos no leite de suas mães como um sacrifício aos deuses da fertilidade, os israelitas deveriam praticar uma forma mais humana de sacrifício animal. Israel era diferente de seus vizinhos, e isto é ser *santo*.

**14.22—15.18** — Esta seção apresenta expressões concretas de preocupação com o necessitado.

**14.22-29** — As leis do dízimo abrangiam todos os produtos agrícolas. Ao dar o dízimo ao Senhor (a décima parte de tudo o que era colhido), os israelitas reconheciam que a terra pertencia a Deus e que usufruíam seus benefícios apenas por causa da bênção divina. O dízimo deveria ser desfrutado na presença do Senhor, a não ser que o indivíduo tivesse de percorrer uma longa distância para chegar ao local escolhido por Deus. Nesse caso, o dízimo podia ser trocado por prata e usado para comprar comida e bebida em Jerusalém.

**14.25-27** — O termo *dinheiro* faz referência ao peso de prata, pois as moedas não foram cunhadas até o período persa.

**14.28,29** — *Ao fim de três anos* o dízimo era retirado da nova safra de produtos e utilizado para saciar o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva. Compadecendo-se dos necessitados, o doador seria abençoado por Deus.

**15.1** — *Ao fim dos sete anos*, farás remissão. Deus orientou Seu povo a respeitar períodos específicos necessários para uma vida santa e agradável ao Senhor: após seis dias de trabalho, o sétimo era de repouso; depois de seis anos de servidão, no sétimo se concedia a liberdade ao



## EM FOCO

### ESCOLHIDO (HB. *BACHAR*)

(Dt 7.6,7; 14.2; Ne 9.7; Is 14.1; Ag 2.23)

A palavra traduzida do hebraico como *escolhido* sugere a decisão tomada após uma apuração criteriosa. No Antigo Testamento o vocábulo é usado para descrever a cuidadosa ação de *selecionar* ou *aceitar*. Algumas vezes, utiliza-se o termo para designar a escolha de um objeto (1 Sm 17.40) ou a escolha entre o bem e o mal (Is 7.15,16).

No Antigo Testamento quem escolhia geralmente era Deus. O Senhor elegeu Abraão (Ne 9.7), a nação de Israel (Dt 4.37) e, por fim, a família de Davi (2 Sm 6.21). Ele designou essas pessoas para que a Sua vontade, a salvação do mundo, fosse feita por meio delas (Is 49.6). Tal seleção foi fundamentada em Seu amor (Dt 4.37).

**pobre**; após seis anos de cultivo, o sétimo era de descanso da terra (Êx 23.10,11; Lv 25.1-7). As **dívidas** (NVI) eram canceladas, como descrito nos **versículos 2-6**, ou, conforme a ARC, a remissão era feita. Tudo isso mostra um tratamento humano das pessoas acerca das relações comerciais.

**15.2,3** — *Este, pois, é o modo da remissão: que todo credor, que emprestou ao seu próximo uma coisa, o quite.* O devedor não tinha condições de pagar no sétimo ano porque os campos não podiam ser cultivados (Lv 25.1-7). Se os credores exigissem o pagamento, o pobre afundaria ainda mais em seus débitos. Nisto, Deus também mostrou Seu cuidado e Sua preocupação com o menos favorecido.

**15.4,5** — *Para que entre ti não haja pobre.* Deus prometeu abençoar cada indivíduo de Seu povo. No entanto, havia uma condição para que isso ocorresse aos israelitas: *se somente ouvires diligentemente a voz do Senhor, teu Deus, para cuidares em fazer todos estes mandamentos que hoje te ordeno.*

**15.6** — *Emprestarás[...] não tomarás empréstimos.* A bênção de Deus seria abundante. A riqueza e a proeminência de Israel dentre as nações cresceriam. Por isso, o Senhor afirmou que os israelitas dominariam *sobre muitas nações*. Em vez de sujeitar-se a outros povos, a posição que Israel ocuparia entre eles seria a de líder (Is 55.4,5). Isso ocorreu durante o reinado de Salomão.

**15.7,8** — *Não endurecerás o teu coração... a teu irmão que for pobre.* A atitude das pessoas em relação aos pobres deveria ser um reflexo da gratidão delas para com Deus por causa das bênçãos que Ele lhes dera.

**15.9,10** — *Aquele que emprestava sabia exatamente as consequências de um empréstimo quando se aproximava o sétimo ano, no qual todos os débitos eram cancelados.* Mesmo que o credor não fosse beneficiar-se do empréstimo, ele era encorajado a emprestar para aqueles que precisavam.

**15.11** — *Nunca cessará o pobre do meio da terra.* Esta é uma declaração realista comparada ao ideal expresso no versículo 4 (Mt 26.11).

**15.12,13** — Quando um homem pobre perdia a sua propriedade, ele podia vender-se para o trabalho por seis anos. Contudo, no sétimo

ano, [seria despedido] forro. Este era o ano de cancelamento dos débitos e libertação do devedor (Êx 21.2).

**15.14** — *Liberalmente o fornecerás do teu rebanho, e da tua eira, e do teu lagar.* O escravo-devedor era o instrumento pelo qual Deus abençoava o patrão. Quando alforriado, deveria receber um emolumento. Desta forma, o dono reconhecia o trabalho do servo e a soberania de Deus.

**15.15-18** — *E lembrar-te-ás de que foste servo.* A graça de Deus manifesta na libertação dos israelitas da escravidão egípcia era um modelo que todas as pessoas deveriam seguir, especialmente quando se tratava dos pobres. Somente quando o povo de Israel lembrava sua miséria no Egito agradecia a Deus por sua prosperidade. Ajudando os necessitados, os israelitas se tornavam aptos a desfrutar das bênçãos divinas.

**15.19—16.17** — Este segmento trata da regulamentação acerca dos primogênitos dos animais e das três peregrinações que ocorriam todo ano. Nele Moisés explica como Israel deveria diferir das nações vizinhas em suas celebrações. Estas eram lembretes do que Deus fizera por Seu povo no passado e oportunidades para continuar ensinando às crianças a história da redenção. É provável e natural que os jovens fizessem perguntas como “por que precisamos fazer isso?” Assim, os pais teriam a maravilhosa chance de discorrer sobre a obra e a bondade de Deus em favor deles.

**15.20-23** — *Havendo nele algum defeito.* Deus esperava o melhor dos israelitas. Ele era seu Rei, seu Pai e seu Deus (Ml 1.8). Oferecer em sacrifício ao Senhor aquilo que possuía de melhor era uma atitude de fé do povo. O indivíduo tinha de acreditar que Deus abençoaria seu rebanho, mesmo quando deste eram retirados os melhores animais.

**16.1-17** — Nestes versículos é abordada a necessidade das três peregrinações anuais: a Páscoa e a Festa dos Asmos (v. 1-8), a Festa das Semanas (v. 9-12) e a Festa dos Tabernáculos (v. 13-15). [Leia Êx 23.14-19; 34.18-26; Lv 23.4-44; Nm 28.16—29.40.]

**16.1-5** — A Páscoa era celebrada no 14º dia (Êx 12.18) do primeiro mês, chamado *abibe* ou

Nissan, período que corresponde aos meses de março/abril. [Leia Êx 12.1-28; 13.1-16; Lv 23.5-8; Nm 28.16-25.]

**16.6,7** — O sacrifício era realizado à tarde em comemoração ao êxodo, que ocorreu no mesmo período do dia (Êx 12.29).

**16.8-12** — O último dia da Festa dos Asmos era marcado por uma solenidade dedicada ao Senhor que reunia Seu povo. No tocante à celebração posterior a esta, a Festa das Semanas, a contagem das sete semanas que a antecediam se iniciava desde que a foice [começasse] na seara, no segundo dia da Páscoa.

**16.13-15** — A Festa dos Tabernáculos era realizada no final da colheita (Êx 23.16; 34.22). Durante a peregrinação até o local onde ocorreria a solenidade, o povo de Deus se unia para celebrar a bondade divina e relembrar que seus antepassados viveram em tendas (tabernáculos ou cabanas) durante a jornada no deserto. Hoje em dia esse festival é conhecido como Sucote, nome derivado da palavra no hebraico traduzida como *tendas*. A festa durava sete dias, com uma cerimônia de encerramento no oitavo (Lv 23.36).

**16.14,15** — *E na tua festa te alegrarás*. Às vezes as pessoas entendem hoje a adoração israelita como excessivamente delineada por detalhes, ritos e regulamentos, e imaginam que naquela época era uma experiência entediante. Entretanto, os adoradores sinceros desfrutavam das instruções minuciosas e apreciavam os símbolos e as cerimônias que os lembravam das encantadoras características divinas. Desta forma, a adoração no mundo antigo era uma festividade, como ocorre atualmente.

**16.16,17** — Estes versículos resumem os regulamentos relativos às três peregrinações anuais ao lugar escolhido por Deus para a adoração (Êx 23.17; 34.23).

**16.18—17.13** — Neste segmento textual são abordadas a administração da justiça, a posição contrária do povo de Deus em relação à cultura pagã e a revelação divina. Como fios condutores que unem direta e indiretamente cada versículo, podem ser destacados os seguintes: (1) a justiça, (2) a liderança e (3) a adoração a Deus.

**16.18** — *Juízes e oficiais porás em todas as tuas portas*. As áreas próximas aos portões das antigas cidades eram o centro da vida social e os locais onde se fixavam os juízes, para que julguem o povo com juízo de justiça. Isso era necessário porque o Senhor ama a justiça e abomina a acepção de pessoas.

**16.19** — A justiça é o atributo que consiste em lidar honestamente com as pessoas. No tocante à justiça divina, os juízes das cidades tinham de refletir a justa natureza de Deus (Dt 32.4). Logo, não deveriam conduzir o processo sob um ponto de vista discriminatório em relação ao acusado, tampouco baseados em falsos testemunhos ou rumores. Além disso, deveria ser rechaçada a prática do suborno, ou seja, o recebimento de qualquer presente em troca do favorecimento daquele que o oferece, desnivelando, assim, a balança da justiça (Êx 23.8).

**16.20** — *A justiça, somente a justiça seguirás*: em hebraico, o termo é *sedeq sedeq*, repetido duas vezes para enfatizar sua importância. Isso significa que os israelitas deveriam imitar Deus amando o que é justo e verdadeiro. A intenção do Senhor com todas as Suas instruções era o bem do Seu povo, expresso na sentença para que vivas e possuas em herança a terra que te dará o Senhor, teu Deus.

**16.21,22** — Os cananeus usavam certas árvores e imagens de madeira como representações de deuses da fertilidade. A palavra traduzida como *estátua* é o nome hebraico para a deusa cananeia da fertilidade, Aserá.

**17.1** — Em Israel o sacrifício nunca poderia ser usado como um meio de livrar-se daquilo que era indesejado ou desnecessário. Ele era uma demonstração de fé daquele que deu o seu melhor a Deus crendo que o Senhor adequaria e tornaria abundante tudo o que restou, satisfazendo as necessidades do adorador.

**17.2,3** — O verbo em hebraico traduzido como *traspasar* (‘abar) é usado em outras passagens indicando a travessia de uma fronteira ou de um rio. Neste texto é empregado com o sentido de *ultrapassar* os limites que Deus estabelecera para Seu povo. Aquele que servia a outros deuses transpunha o que fora instituído pelo primeiro mandamento.

**17.4-6** — *Bem o inquirirás.* Uma investigação, e não um rumor, determinava a veracidade de uma acusação de idolatria. O culpado era condenado à morte somente após a culpa ter sido comprovada por *duas ou três testemunhas* (compare com Mt 18.16; 2 Co 13.1; 1 Tm 5.19; Hb 10.28). O primeiro mandamento não excluía nenhum dos sexos. Tanto o *homem* como a *mulher* podiam ser executados por causa desse crime contra Deus.

**17.7** — *A mão das testemunhas será primeiro contra ele.* As testemunhas participavam da execução do culpado porque eram responsáveis pela condenação do indivíduo. As palavras de Jesus sobre atirar a *primeira pedra* fazem referência a essa prática (Jo 8.7).

**17.8** — *Quando alguma coisa te for dificultosa em juízo... te levantarás e subirás ao lugar que escolher o Senhor.* A expressão *coisa dificultosa* se refere aos casos de execução ou assassinato, isto é, homicídio intencional ou acidental. Esses casos mais complexos eram enviados a uma corte superior.

**17.9-11** — Os *sacerdotes* de Israel eram os descendentes da família de Arão, e os levitas, os da tribo de Levi, os quais serviam no tabernáculo.

**17.12** — *O homem, pois, que se houver soberbamente.* Este homem é aquele que conhece as instruções sacerdotais, mas ignora-as.

**17.13** — *Ouvir Deus é reconhecê-lo, responder-lhe e obedecer-lhe* (Dt 6.4). *Temer a Deus é reverenciá-lo e adorá-lo* (Dt 6.2). A ideia contida neste versículo é a *reverência conscienciosa* (Dt 13.11; 19.20; 21.21).

**17.14—18.22** — Esta seção aborda as instruções de Deus sobre liderança. Nas várias leis, Moisés pontua o lugar dos líderes, dos juízes, dos sacerdotes levitas, dos reis e dos profetas no povo com o qual o Senhor estabeleceu a aliança. Ele prevê potenciais problemas quanto à submissão dos israelitas a Deus. A Lei fornece uma estrutura social ampla na qual Israel poderia desenvolver-se sob a liderança divina.

**17.14** — As regras que seguem antecipam o pedido que os israelitas fariam: *um rei*. No tempo de Moisés, a nação de Israel era privilegiada por ser diferente das outras nações, pois tinha Deus como seu Rei (Êx 15.18; Nm 23.21). Quando os problemas emergiram durante o período dos juízes, alguns tentaram estabelecer uma realeza (Jz 9.1-6).

Gideão recusou tal oferta (Jz 8.23). Com o reinado de Saul, Deus finalmente atendeu à requisição de Israel (1 Sm 8.4-9). Embora o governo de Saul tenha resultado em desastre, o Senhor escolheu Davi, ungiu-o e prometeu-lhe um reinado duradouro (2 Sm 7.16; Sl 89.3,4).

**17.15-17** — Estas normas impunham limites ao poder e à suntuosidade do futuro rei. Ele não seria dependente das armas nem das riquezas. O monarca seria aconselhado a não fazer alianças políticas que expusessem Israel à adoração pagã. Em vez disso, seria recomendado que ele guiasse a nação na obediência às leis de Deus.

**17.18** — *Escreverá para si um traslado desta lei num livro.* Esta ordem indica que o verdadeiro rei de Israel estaria sujeito às instruções de Deus. Ele



## EM FOCO

### ESCREVER (HB. *KATAB*)

(Dt 6.9; 11.20; 17.18; 27.8)

Este verbo significa literalmente *esculpir* ou *talhar*. Diferentes tipos de escrita são mencionados no Antigo Testamento. Tábuas de pedra receberam as inscrições do próprio Deus (Êx 34.1), pergaminhos foram escritos (Jr 36.2), monumentos de pedra e madeira geralmente tinham dizeres talhados em suas superfícies (Js 8.32; Ez 37.20), e até mesmo metais e pedras preciosas possuíam gravações (Êx 28.11; 39.30).

A escrita era um meio de preservar a memória dos acontecimentos históricos (Et 6.2; 10.2) e fixar a autoridade do discurso humano (2 Sm 11.14,15), além de sugerir continuidade. Ademais, o fato de Moisés ter sido instruído para escrever as palavras de Deus indica que tais escritos eram permanentes e inalteráveis (Êx 17.14; 34.27). Os escritos desse profeta e dos demais seriam lembretes perpétuos da revelação divina aos reis de Israel (como em Dt 17.18) e a todo o povo de Deus ao longo dos séculos.

não deveria ser um tirano, mas um monarca que reinaria de acordo com a vontade revelada do Senhor.

**17.19,20** — *Para que aprenda a temer ao Senhor.* Este era o objetivo a ser alcançado por meio do livro com a Lei de Deus. Somente se o rei respeitasse e obedecesse ao Senhor as pessoas seguiriam o seu exemplo. Caso o monarca fosse ímpio, o declínio do povo rumo às práticas perversas seria acelerado.

Ao ler e cumprir as leis de Deus, o rei seria lembrado de que deveria ser um homem do povo, humilde, *para que o seu coração não se* [levantasse] *sobre os seus irmãos.* Ele não era diferente de ninguém, exceto de Deus, que o escolheu para guiar a nação em justiça.

**18.1** — Uma porção das *ofertas queimadas do Senhor* era tomada pelos sacerdotes para seu sustento.

**18.2-4** — Diferente das outras tribos, os levitas não receberiam *herança* na terra de Canaã. Eles deveriam considerar Deus como seu legado. Em outras palavras, os levitas possuíam o relacionamento íntimo com o Senhor, que era melhor do que qualquer concessão de propriedade (obviamente, eles gozaram dos benefícios da terra que cercava as vilas levitas, de acordo com o versículo 8).

**18.5** — *Para que assista a servir.* Os sacerdotes eram os servos de Deus que faziam a mediação entre Ele e o povo (Dt 10.8;21.5).

**18.6** — *Quando vier um levita[...] com todo o desejo da sua alma.* Esta sentença se refere a uma verdadeira consagração. Isso indica que provavelmente houve pessoas da tribo de Levi que não mereciam ministrar perante o Senhor, pois apenas sua linhagem não as qualificava.

**18.7** — Servir em nome de *Yahweh* era experimentar mais da completude do Senhor, de Sua proximidade, de Sua graça, e estar ciente de Sua santidade.

**18.8** — *Igual porção comerão.* Os sacerdotes e os levitas, que serviam perante Deus, eram honrados por esse nobre trabalho.

**18.9-14** — Estes versículos advertem acerca das pseudorrevelações originárias da magia e da



## VOCE SABIA?

### A SEDUÇÃO DOS ESPÍRITOS

Diz-se frequentemente que a “curiosidade matou o gato”. Uma curiosidade pela qual não vale a pena arriscar a vida é aquela relativa ao mistério da magia e do mundo dos espíritos. A Lei de Deus falou claramente acerca da atração pela adivinhação, feitiçaria, pelos médiuns, oráculos, e pelas “profecias”. Ela chamou tudo isso de *abominação* (Dt 18.9-12).

mântica, tentativas de prever o futuro consultando um *adivinhador, um prognosticador, um agoureiro, um feitiçeiro, um espírito adivinhante, um mágico* ou *os mortos*. Tais práticas foram consideradas abomináveis não só porque tentavam “orientar” as pessoas de forma contrária à revelação de Deus, mas também porque encorajavam um estilo de vida independente, que ignorava o Senhor. O mais conhecido mântico do mundo antigo foi Balaão (Nm 22—25;31).

**18.10,11** — Alguns costumes pagãos antigos exigiam que um *filho* ou uma *filha* fosse oferecido em sacrifício a fim de que se soubesse a respeito do futuro ou se conseguisse uma benesse da suposta divindade. Além da Sua própria revelação, Deus proibiu qualquer forma de ciência do futuro, como por exemplo [consultar] *os mortos*. A tentativa de Saul de buscar orientação longe da Palavra de Deus resultou em julgamento divino sobre ele (1 Sm 28).

**18.12** — Para o Senhor, as práticas pagãs eram *abominações*, porque se baseavam na tentativa de desviar as pessoas de Sua revelação. O Senhor não é um deus entre os outros; Ele é o Deus único.

**18.13** — *Perfeito serás, como o Senhor, teu Deus.* Esta foi uma ordem para que os filhos de Deus vivessem com integridade e na dependência apenas dele. A inculpabilidade caracterizou a vida de Abraão (Gn 17.1) e ainda é o padrão para os cristãos de hoje (Ef 1.4;5.27).

**18.14** — Israel deveria ser distinta de todas as outras *nações*; um povo santo, não apenas no que diz respeito à alimentação e a outros aspectos materiais, mas também em sua fé no Senhor.



**18.15-22** — De acordo com estes versículos, o Senhor prometeu a Israel que enviaria outro profeta como Moisés. Isso se aplicava a todos os verdadeiros profetas que eram os porta-vozes de Deus.

Os profetas se caracterizavam por sete qualidades: (1) israelitas; (2) chamados por Deus; (3) capacitados pelo Espírito Santo; (4) porta-vozes de Deus; (5) autorizados a falar em nome do Senhor; (6) bons pastores para o povo e (7) confirmados por sinais.

No tocante a esta profecia — *o Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis* —, Jesus Cristo foi o seu verdadeiro cumprimento. Jesus, como Moisés, foi mediador entre Deus e o homem (v. 16,17; Hb 9.15;12.24). Entretanto, Cristo era diferente por ser o Filho de Deus (Jo 1.21,25,45;5.46;6.1;7.40; At 3.22,23;7.37). Quando Moisés morreu, havia a esperança de aparecer novamente alguém como ele, até mesmo maior do que ele (Dt 34.9-12).

**18.15** — Todos os verdadeiros profetas que surgiram entre os hebreus foram chamados pelo Senhor. Ninguém podia tornar-se um profeta genuíno por desejo ou vontade própria.

**18.16-22** — *E tal palavra se não cumprir.* O teste de um verdadeiro profeta era o cumprimento de suas palavras. Entretanto, havia um tipo de profecia anunciada que talvez não acontecesse: a do julgamento divino, que poderia ser afastada por causa do arrependimento humano em resposta à proclamação da mesma. Jonas e Miquéias passaram por essa experiência.

**19.1—21.14** — Esta seção trata da aplicação da justiça e das regras de guerra. Deus ensina Seu povo a mostrar justiça em todas as situações, seja na vida privada, seja na social.

**19.1** — Deuteronômio foi escrito antes da conquista de Canaã, a bênção de Deus prometida ao Seu povo. As cidades da terra se tornariam propriedade de Israel. Portanto, os israelitas não deveriam destruí-las na conquista, mas exterminar as pessoas que lá viviam, travando uma guerra no campo de batalha. Apenas Jericó e Hazor seriam queimadas. A queima de Ai foi uma consequência do pecado de seus habitantes.

**19.2** — Três cidades de refúgio seriam selecionadas em Canaã e adicionadas às três que ficavam a leste do Jordão.

**19.3,4** — As cidades de refúgio eram áreas habitacionais entre as tribos. Qualquer indivíduo, de qualquer tribo, poderia fugir para o local que estivesse mais próximo dele. A utilização de um desses territórios era restrita aos homicidas que tivessem cometido o crime de maneira não intencional.

**19.5** — *Aquele que entrar com o seu próximo no bosque, para cortar lenha, e, pondo força na sua mão com o machado para cortar a árvore, o ferro saltar do cabo e ferir o seu próximo, e morrer.* Exemplo de uma situação que poderia levar a um homicídio culposo.

**19.6,7** — *O vingador do sangue.* Provavelmente este indivíduo era o parente do falecido encarregado pelos líderes da cidade de executar a justiça. No hebraico, o termo *vingador*, algumas vezes traduzido como *parente redentor*, significa *protetor dos direitos da família*. Era quem zelava pela família, tanto no que diz respeito à redenção de propriedades ou de pessoas quanto à obtenção de vingança. A glória de Israel estava no fato de que seu Vingador e Parente Redentor era o próprio Deus (Is 41.14).

**19.8,9** — *Dilatar os teus termos.* Esta expressão indica que Deus colocou diante de Seu povo não só a imediata conquista de Canaã, mas também a expansão de seu território além das fronteiras iniciais (Dt 12.20).

**19.10** — O derramamento de *sangue inocente* gerava consequências para a terra. Como no caso de Abel, cujo sangue clamava pelo Senhor desde a terra (Gn 4.10), uma nação de assassinos seria submetida ao julgamento divino.

**19.11,12** — Para uma pessoa culpada de um homicídio premeditado, não havia uma alternativa do refúgio em uma das cidades destinadas para tal. O indivíduo deveria ser entregue ao *vingador do sangue*.

**19.13** — A sentença *para que bem te suceda* indica que a preocupação de Deus era com o bem de Seu povo.

**19.14** — Mudar o *marco* era muito mais do que apenas ultrapassar a fronteira com a terra do

próximo. Era enganar uma família com relação à herança que lhe fora dada por Deus.

**19.15** — Exigir duas ou três testemunhas para confirmar um pecado ou uma iniquidade cometida era uma salvaguarda contra as perigosas mentiras que podiam ser ditas por um indivíduo.

**19.16,17** — A perspectiva de uma testemunha falsa era assustadora, principalmente se fosse uma questão que envolvesse a palavra de um contra a do outro. Por isso, as testemunhas deveriam apresentar-se perante o Senhor, no tabernáculo, o lugar da “suprema corte”, onde o Deus de toda verdade revelaria o mentiroso (Dt 17.8-13).

**19.18-21** — *Vida por vida [...] pé por pé.* A lei de retribuição estabeleceu o princípio de que a punição deveria estar em pé de igualdade com o crime (Êx 21.23-25; Lv 24.17-20). Quanto maior o crime, mais dura a pena.

**20.1-9** — As dispensas indicam a compaixão de Deus pelas pessoas cuja mente estava em outro lugar (na casa, na vinha, na esposa) ou cujo coração não estava com Ele (temor). Este é o princípio da compreensão.

**20.1-3** — A presença do Senhor é muito maior do que a vantagem militar do inimigo, com todos os seus cavalos e carros (Sl 20.7). Deus, o Senhor dos exércitos, lutaria por Seu povo (Êx 15.3).

**20.4** — O uso do nome pelo qual Deus se revelou ao povo quando estabeleceu com este a aliança, o Senhor (*Yahweh*), junto com a expressão relacional *vosso Deus*, teve o intuito de produzir nos israelitas confiança e certeza da vitória.

**20.5** — O dono de uma casa nova que não a consagrou era dispensado dos deveres de uma batalha. Esse ato do proprietário não consistia numa cerimônia formal, mas na ação de ocupar a casa.

**20.6** — A pessoa que cultivava vinhas era dispensada da batalha. Como são necessários aproximadamente cinco anos para que uma vinha comece a produzir, permitia-se que um homem que esperara tanto tempo para a primeira colheita de sua plantação a supervisionasse até a produção das uvas.

**20.7** — Desposar era comprometer-se com o casamento. Significava muito mais do que o noivado de hoje. O homem que estava desposado,

mas ainda não havia recebido sua esposa, era dispensado da batalha. Tal dispensa também se aplicava aos recém-casados (Dt 24.5).

**20.8,9** — As características *medroso e de coração tímido* se referiam ao homem receoso e que não confiava em Deus (v. 3), o qual era dispensado da batalha. Considerando que a batalha era do Senhor, o número de guerreiros não se fazia tão importante como a crença dos israelitas de que Deus estaria lutando por eles.

**20.10-15** — Estes versículos transmitem orientações acerca de cidades longínquas que detalham os procedimentos quanto à negociação, subjugação, guerra e aos despojos.

**20.10,11** — A instrução *apregoar-lhe-ás a paz* especificava que os habitantes das cidades conquistadas se renderiam, abririam a cidade e aceitariam quaisquer condições que fossem impostas, o que também se verifica pela afirmação *e te servirá*. Isso significa que as pessoas da cidade se tornariam cidadãos de segunda classe, de quem os israelitas poderiam cobrar impostos e a quem poderiam atribuir a prestação de uma série de serviços.

**20.12** — *Se ela não fizer paz contigo.* Esta possibilidade demonstra que algumas cidades recusariam os termos da oferta de paz dos hebreus e se levantariam em guerra, como fez Siom.

**20.13,14** — As represálias por causa da recusa da paz eram severas. *Todo varão que houver nela passará ao fio da espada.* Os guerreiros da cidade deveriam ser exterminados, pois representariam uma ameaça enquanto empunhassem armas. As mulheres e as crianças teriam de ser poupadas, embora se tornassem propriedade dos vitoriosos.

**20.15,16** — As regras do despojo (v. 13,14) se aplicavam apenas às cidades longínquas. Regulamentos diferentes eram usados para as cidades da Terra Prometida (v. 17,18). Os israelitas deveriam destruir o povo de Canaã como parte do julgamento divino sobre as pessoas imorais. Os indivíduos das cidades destas nações praticavam abomináveis perversões religiosas e sociais por séculos. Deus lhes dera o tempo de arrependimento. Como isso não ocorreu, o julgamento havia chegado.

**20.17,18** — *Destruí-las-ás totalmente.* O texto em hebraico utiliza duas formas do mesmo verbo para enfatizar a completa destruição dos cananeus. Esta não era apenas uma guerra simbólica. Toda a população cananeia deveria ser destruída.

**20.18** — *Para que vos não ensinem a fazer conforme todas as suas abominações.* A principal preocupação do Senhor era o bem-estar de Seu povo. A população cananeia na terra podia ser comparada a um tumor mortal que se espalha pelo corpo. Se o tumor fosse removido, o corpo poderia sobreviver. Isso aconteceria com os cananeus. Se eles fossem exterminados de Canaã, os israelitas prosperariam na terra em obediência ao Senhor. Caso contrário, as perversas práticas cananeias se espalhariam devagar entre os hebreus.

**20.19,20** — *O arvoredo,* parte da criação de Deus, servia para alimentação, para fazer sombra e para fornecer matéria-prima. Num longo período de cerco à cidade, os exércitos de Israel não deveriam cortar as árvores e destruir a terra. Apenas árvores que não davam frutos poderiam ser usadas para a construção de instrumentos úteis ao sítio.

**21.1,2** — A morte pode ter sido ocasionada pelo homicídio acidental ou intencional. Como nos dias atuais, a questão da jurisdição era importante nos casos de crimes desse tipo, daí o uso da instrução *medirão o espaço até às cidades que estiverem em redor do morto.*

**21.3,4** — *Tomarão uma bezerra.* As pessoas da cidade mais próxima do morto eram as responsáveis pela iniciação do rito que estabelecia a inocência do povo pelo assassinato.

**21.5-7** — Os anciãos da cidade carregavam a responsabilidade pelo crime, mesmo não sendo pessoalmente culpados. Era seu dever buscar a propiciação pelo assassinato.

**21.8** — Degolar a bezerra não provia a expiação. Era uma alegoria do crime horrendo. O próprio Deus perdoava graciosamente.

**21.9** — Matar uma pessoa *inocente* era uma ofensa extremamente séria na antiga Israel. A menos que o crime fosse esclarecido ou o rito realizado, não haveria o verdadeiro sossego para o povo.

**21.10-14** — Escolher uma esposa dentre os prisioneiros era uma prática comum em todo o mundo. Entretanto, em Israel, Deus regulava tal ação, operando um princípio de dignidade humana.

**21.10,11** — Presumivelmente, os inimigos pertenciam às cidades longínquas (Dt 20.13-15), visto que os israelitas podiam fazer *prisioneiros*. Contudo, quanto aos adversários que habitavam a Terra Prometida, Deus ordenou sua total destruição.

**21.12** — *Ela rapará a cabeça.* Este ritual tinha como objetivo dar tempo à mulher para se ajustar à nova cultura e ao luto forçado por causa da separação de sua família. Era também um símbolo de limpeza, pois ela estava sendo preparada para se tornar membro de uma nova comunidade.

**21.13** — Considerando que as distintas vestes da mulher poderiam ter associação com as práticas idólatras de sua antiga família, tais vestimentas eram despojadas dela. A mulher estava prestes a fazer parte da comunidade da aliança divina. Assim, não era permitido que ela mantivesse consigo qualquer coisa que pudesse exercer a tentação da adoração a falsos deuses sobre os israelitas. Após essas precauções, a mulher prisioneira adquiria a mesma condição de qualquer outra mulher casada em Israel.

**21.14** — *E será que, se te não contentares dela.* A razão para isso não está definida. Talvez acontecesse quando o homem fosse rejeitado na relação marital ou a mulher não tivesse se convertido à verdadeira adoração ao Senhor. Há também a possibilidade de que ela não tivesse a capacidade de ter filhos. Em qualquer caso, o homem tinha a permissão de divorciar-se ou deixá-la ir. Como a mulher fora desonrada ao ser tirada de sua nação e envolvida em um casamento compulsório, conforme a sentença *pois a tens humilhado*, ela deveria ser tratada com dignidade no caso de qualquer incompatibilidade marital.

**21.15—25.19** — Nestas instruções, Moisés resume e demonstra o lugar do indivíduo na relação com a comunidade. O homem era o responsável pela preservação da pureza, da justiça, e da compaixão do povo.

**21.15** — *Duas mulheres*. A poligamia era uma prática comum nas culturas do antigo Oriente Médio e foi presumida na Lei de Moisés. Em alguns casos, o estado de polígamo era uma necessidade na antiga Israel (Dt 25.5-10).

**21.16** — Um pai deveria mostrar consideração pelo filho *primogênito*, não importando seus sentimentos em relação à mãe da criança.

**21.17** — Os costumes do antigo Oriente Médio estabeleciam o tratamento preferencial aos primogênitos. A *dobrada porção* era um sinal da bênção paterna. Entre os filhos de Jacó, foi José que recebera a dobrada porção (Gn 48.8-22; 49.22-26). Rúben perdeu seu direito de filho mais velho por causa de seu comportamento desonroso (Gn 49.3,4).

**21.18** — O filho *contumaz e rebelde* não era o jovem normalmente difícil, mas aquele que teve um comportamento imoral por um longo período de tempo.

**21.19** — *Seu pai e sua mãe*. Os pais eram os responsáveis por seus filhos perante a comunidade, e os *anciãos* eram os encarregados de julgar as atitudes do povo como um todo.

**21.20** — *E dirão aos anciãos*. Os pais apresentavam aos anciãos a acusação contra o filho, embora o comportamento deste fosse indiscutivelmente sabido por todos. A expressão *um comilão e beberrão*, usada para definir o rapaz, quer dizer *aquele que não presta*.

**21.21** — Todos os homens da cidade dividiam a responsabilidade na execução do jovem rebelde. A pena de morte pode parecer muito dura para o leitor moderno. Entretanto, o povo não poderia consentir que o transgressor espalhasse suas práticas imorais, visto que era o povo santo de Deus.

**21.22,23** — *Pendurares num madeiro*. A pessoa culpada não era pendurada pelo pescoço. Não se praticava esta forma de execução na antiga Israel. Na verdade, pendurar significava a empalcação do corpo para que o público o visse, após a morte por apedrejamento. Todo mundo saberia que aquele indivíduo fora culpado pela sociedade. A exposição do cadáver estava limitada a um dia. Este dia lembrava o povo do julgamento divino dos pecadores.

**22.1-4** — O amor era demonstrado no cuidado com a propriedade do vizinho e na disponibilização de ajuda.

**22.1** — *Não te esconderás deles*. Os israelitas não poderiam ignorar os problemas ou o infortúnio de seus vizinhos. Cada indivíduo era responsável por demonstrar honestidade no meio do povo (compare com Gl 6.2).

**22.2,3** — *Para que fiquem contigo*. A responsabilidade do povo incluía o cuidado com as posses perdidas, fossem animais ou objetos. Logo, a ordem *não te poderás esconder* significa que aquele que encontrasse os bens perdidos de seu próximo não poderia ignorá-los ou dar as costas para a situação.

**22.4** — Prestar assistência era uma demonstração concreta da vida em aliança. A expressão traduzida como *sem falta* é enfática no original.

**22.5** — Usar roupas do outro sexo era proibido por Deus em Israel. No antigo Oriente Médio, vestir os trajes que pertenciam ao sexo oposto era uma prática de magia que tinha por objetivo levar o mal às pessoas. Por exemplo, um homem travestido renunciava que os soldados do exército inimigo seriam tão fracos quanto uma mulher.

**22.6,7** — Os *ovos* ou os filhotes de pássaros de um *ninho* poderiam servir de alimento. Entretanto, a mãe tinha de ser liberta porque ela perpetuava a espécie.

**22.8** — O *parapeito* era uma barreira erguida em um telhado a fim de evitar que as pessoas pisassem em falso e caíssem. O *telhado* de uma casa israelita naquele tempo era usado da mesma forma que qualquer outro cômodo, principalmente durante a estação quente.

**22.9-12** — É provável que estes regulamentos tenham sido baseados nos mesmos princípios das restrições alimentares. Os israelitas deveriam ser diferentes de seus vizinhos em todos os aspectos da vida, a fim de exibir sua distinção ao Deus vivo, honrando-o.

**22.13** — O verbo *aborrecer* indica uma aversão posterior à consumação do casamento, caso o marido descobrisse que sua esposa não era virgem.

**22.14** — *E lhe imputar coisas escandalosas*. Esta expressão faz referência a uma acusação pública.

Nos tempos antigos, a virgindade era altamente considerada. A incontestável legitimidade de um filho tinha um papel fundamental na antiga sociedade e na herança dos direitos dele. A atitude de José quando soube da gravidez de Maria pode ser explicada por estas leis (Mt 1.18-25). Por causa de seu amor por Maria, ele não quis fazer uma acusação pública. Ao mesmo tempo, José não estava preparado para se casar com uma mulher que ele pensava ser imoral.

22.15-17 — O pai e a mãe poderiam defender a filha e preservar seu nome.

22.18,19 — Se a denúncia fosse falsa, o homem seria punido. Não era permitido que o marido fizesse acusações levianas contra sua esposa. Compare com a penalidade registrada no versículo 29.

22.20,21 — Se a mulher não fosse virgem, seria punida pela sua imoralidade à porta da casa de seu pai, ou seja, os pais partilhariam da punição da filha. Eles seriam publicamente aviltados porque não a dissuadiram das atitudes errôneas.

22.22 — O homem e a mulher deveriam morrer (Lv 18.20;20.10).

22.23,24 — *Trareis ambos*. Entendia-se que ambas as partes eram culpadas neste caso. Em uma situação como esta, a mulher poderia ter gritado por socorro, uma vez que estava na cidade. Sendo assim, ambos seriam apedrejados até a morte à porta da cidade, local onde aconteciam os procedimentos legais e as execuções.

22.25-27 — *Não tem culpa de morte*. Entendia-se que a mulher era inocente em virtude do local isolado onde se encontrava, pois não podia pedir socorro.

22.28,29 — Esta lei advertia os jovens homens de que eles eram os responsáveis por suas atitudes. Uma moça virgem não estava disponível a alguém só porque não era comprometida.

22.30 — A expressão *descobrirá a orelha de seu pai* é um eufemismo usado para se referir a relações sexuais (Lv 18.8). Este foi o pecado de Rúben, que dormiu com a mãe de seus irmãos (Gn 35.22).

23.1 — *Castrado* era aquele que teve seus órgãos sexuais removidos. Este procedimento era realizado nos homens encarregados de tomar conta dos haréns, com o intuito de evitar que eles

tivessem relações sexuais com as mulheres. Também era uma prática religiosa pagã. Contudo, proibia-se a mutilação genital em Israel.

Os homens castrados não entrariam na congregação do Senhor, isto é, não se uniriam às pessoas com quem Deus estabelecera uma aliança e a quem fizera Suas promessas. Em Deuteronômio, a palavra *congregação* geralmente faz referência àqueles reunidos perante o Sinai (Dt 5.22;9.10;18.16). Excluir esses indivíduos da congregação significava proibir sua participação em todos os ritos religiosos.

23.2 — É provável que o termo *bastardo* faça referência aos descendentes de uma ilícita união com uma prostituta cultural (v. 17,18). Tanto os bastardos como a sua *décima geração* não entrariam na congregação do Senhor. Talvez *décima geração* signifique *para sempre*.

23.3-5 — Os amonitas e os moabitas se mostraram hostis aos hebreus e contrataram Balaão para amaldiçoar os israelitas. No entanto, a lealdade de Deus ao Seu povo impediu que Balaão fosse ouvido. Em vez disso, o Senhor transformou a maldição em bênção. Nestes versículos, fica claro que Deus excluiu esses povos da participação na comunidade de fé e na adoração a Ele (Nm 22—24).

23.6,7 — *Não lhes procurarás nem paz*. Foi proibido aos israelitas fazer qualquer tipo de acordo com as outras nações. Moabe e Amom foram inimigos persistentes de Israel.

23.8 — *Os filhos que lhes nascerem na terceira geração*. Enquanto os habitantes de Moabe e Amom foram excluídos da congregação de Israel, os filhos de Edom e do Egito tiveram uma oportunidade de unir-se aos verdadeiros adoradores do Deus vivo. A provisão para os egípcios pode ter sido em razão de sua inicial bondade para com a família de Jacó, quando permitiram que o clã se mudasse para Gósen (Gn 47). A provisão para os edomitas foi baseada nos laços estreitos que possuíam com os israelitas. Eles eram descendentes do irmão de Jacó, Esaú.

23.9-11 — *A coisa má* era uma causa para a impureza individual e comunitária. Os soldados tinham de manter a pureza, pois o Senhor estava

em seu acampamento. No entanto, *por algum acidente de noite*, alguém poderia contaminar-se. É provável que essa expressão faça referência à poluição noturna (Lv 15.16) ou à micção involuntária. Mesmo exigindo altos padrões de pureza, Deus forneceu um modo de a pessoa impura se tornar pura. O indivíduo podia sair do acampamento, lavar-se e retornar ao pôr-do-sol.

**23.12,13** — Cavar latrinas fazia parte da vida militar. Esta atenção dada à limpeza não só promovia a pureza ritual, como também a higiene adequada, o que prevenia que possíveis doenças se espalhassem pelo acampamento.

**23.14** — O Senhor, teu Deus, anda no meio do teu arraial. O Deus santo estaria presente, junto aos soldados de Israel, durante todo o tempo em que estivessem guerreando. Não seria aceitável que Seus guerreiros tolerassem condições de vida insalubres no acampamento.

**23.15,16** — Provavelmente, o servo que entrou no território de Israel vindo de outra região.

**23.17** — No hebraico, a palavra traduzida neste versículo como *rameira* (*qedsha*) tem relação com a palavra que significa *santo* ou *separado* (*qdash*). A prostituta cultural era considerada pelos cananeus como “reservada” para a adoração dos deuses e deusas da fertilidade. Nos rituais religiosos de fertilidade de Canaã, os homens se deitavam com essas mulheres.

Os cananeus acreditavam que por meio deste rito a fertilidade abundaria em suas famílias, em suas plantações, e aumentaria o número de seus rebanhos. Esse desprezível sistema

de adoração foi, evidentemente, um dos motivos pelos quais Deus impôs o severo julgamento sobre esse povo. Quanto ao *sodomita*, era o homem que se prostituía pelo mesmo motivo que a prostituta cultural.

**23.18** — Neste versículo, *rameira* (hb. *zônâ*) descreve a prostituta comum, e *cão*, o homem que também fazia da prostituição uma ocupação cotidiana.

**23.19,20** — *A teu irmão não emprestarás à usura* (com juros). Os juros no antigo Oriente Médio eram extremamente altos. Tomar um empréstimo, inevitavelmente, levava a um grande débito e, em alguns casos, à escravidão do devedor (Êx 22.25-27; Lv 25.36). A expressão *a teu irmão* faz referência a um compatriota israelita.

**23.21,22** — O voto era o comprometimento que demonstrava, de uma forma específica, o amor de um indivíduo pelo Senhor. Embora fosse voluntário, aquele que o fizesse era obrigado a cumpri-lo. Deus esperava que o povo mantivesse sua palavra (compare com Mt 5.37). Considerava-se o não cumprimento de um voto como *pecado* (Ec 5.4-6). Entretanto, fazer um voto era uma atitude espontânea e não necessária para o desenvolvimento da comunhão com Deus.

**23.23-25** — Permitia-se que um viajante comesse *uvas* ou *espigas* quando passasse por uma plantação, mas colher ou estocar a comida para consumi-la mais tarde era expressamente proibido. Quando Jesus e Seus discípulos pegaram cereal nos campos abertos, eles estavam seguindo a prática comum admitida por este regulamento.



## EM FOCO

### DIVÓRCIO (HB. KERITHUTH)

(Dt 24.1,3; Is 50.1; Jr 3.8)

Este termo legal remete à *certidão do divórcio* e está relacionado ao verbo *karat*, que significa *derrubar* ou *romper*. O Antigo Testamento ensina que Deus abomina o divórcio porque este rompe com a unidade do relacionamento conjugal e com a aliança entre o homem e a mulher (Mt 2.14-16).

Jesus aponta que Deus permitiu o divórcio nos tempos do Antigo Testamento apenas por causa da dureza do coração das pessoas (Mt 19.8). As regras concernentes ao divórcio no Antigo Testamento protegiam a mulher divorciada. Permitia-se que ela voltasse para a família com dignidade ou procurasse outro casamento legal, em vez de recorrer à escravidão ou à prostituição como meio de sustento.

Entretanto, os fariseus os provocaram porque apanharam espigas em um sábado (Mc 2.23-28).

**24.1-4** — Esta situação envolve o retorno de uma divorciada ao primeiro marido, após o casamento com um segundo homem.

**24.1,2** — *Coisa feia*. A natureza do problema não é especificada, embora estivesse bastante clara no contexto original. É provável que fosse algo relacionado a um problema físico, tal como a inaptidão para conceber filhos. Neste caso, o marido poderia conceder o *escrito de repúdio* à sua esposa, o qual era um documento legal que provia direitos ao divorciado (Lv 21.7,14;22.13; Nm 30.9; Mt 19.3-9). Tal certificado permitia que a mulher se casasse novamente.

**24.3,4** — *Contaminada*. Retornar ao primeiro marido após um segundo casamento provavelmente colocava a mulher na mesma posição de uma esposa infiel.

**24.5,6** — Uma *mó* era uma pedra usada para triturar o cereal e transformá-lo em farinha. A combinação de duas mós constituía um instrumento familiar que gerava a provisão diária de alimento. O princípio é claro: uma família não poderia ser privada de suprir suas necessidades do dia-a-dia.

**24.7-9** — *Lepra* alude a uma grande variedade de doenças de pele infecciosas. A enfermidade conhecida hoje como lepra, a hanseníase, é diferente das moléstias citadas neste texto.

**24.10-13** — O *penhor* era uma garantia de que o débito seria quitado. Considerando que esta situação envolvia o pobre na comunidade da aliança, os regulamentos protegiam a privacidade do devedor (v. 10,11) e a capacidade de prover o sustento para sua família (v. 12,13).

**24.14,15** — A lei permitiam que os donos de propriedades e os trabalhadores recebessem o devido lucro de suas posses e de seu trabalho. Ao mesmo tempo, tanto os proprietários quanto os empregados deveriam evitar qualquer atitude gananciosa que impedisse a obtenção da provisão razoável por parte das pessoas necessitadas de suas comunidades.

Por exemplo, o pobre precisava receber o pagamento diário de seu salário, a fim de suprir suas

carências cotidianas. Ter condições de efetuar o pagamento da remuneração e não fazê-lo era um *pecado* contra o Senhor.

**24.14-22** — As instruções que dizem respeito aos *estrangeiros, órfãos e viúvas* representam os três casos clássicos de desfavorecidos naquela época. Cada uma destas categorias necessitava de um defensor. A pessoa honesta deveria considerar-se um instrumento de Deus usado para proteger os necessitados.

**24.16,17** — Ezequiel aplicou este princípio à comunidade do exílio (Ez 18.4).

**24.18-22** — Estes versículos aconselham os israelitas a lembrar-se de quando foram escravos no Egito (v. 22). Da mesma forma que Deus mostrara compaixão por eles quando estavam oprimidos (Dt 15.15), os hebreus deveriam demonstrar piedade por aqueles que agora estavam em desvantagem; o melhor interesse de alguém reside na preocupação com as necessidades do próximo.

**25.1-3** — Provavelmente era usada uma vara para o açoitamento (Êx 21.20). Leis judaicas posteriores restringiram os *quarenta açoites* para quarenta menos um (2 Co 11.24), a fim de garantir que as autoridades permanecessem nos limites fixados. O ofensor ainda era um irmão cuja dignidade deveria ser preservada perante o povo, daí a preocupação de o número de açoites não ser desrespeitado, para que, conforme consta no versículo 3, *teu irmão não fique envilecido*.

**25.4** — *Não atarás a boca ao boi*. Amordaçar o animal impedia que este comesse enquanto trabalhava. Esta lei encorajava a bondade e a consideração pelos animais. Tempos depois, o apóstolo Paulo a usou como uma analogia ao princípio do suporte aos ministros do evangelho (1 Co 9.9,10; 1 Tm 5.17,18).

**25.5-10** — Esta lei assegurava a perpetuidade do nome e da propriedade da família. Este é um exemplo de um costume do Oriente Próximo que foi adaptado para Israel e incorporado nas divinas instruções para esta nação.

**25.5** — Os antigos temiam não possuir herdeiros que carregassem o nome da família. Além disso, uma viúva que não tivesse filhos para zelar por ela se transformava rapidamente em uma

pedinte. Tomar a viúva de um irmão como uma segunda esposa a protegeria e preservaria o nome, a memória e os interesses do irmão falecido. Este seria considerado o pai do primogênito da união da viúva com o cunhado. Essa prática é conhecida como *casamento levirato*, derivado do termo em latim que significa *cunhado*.

25.6 — O irmão morto seria reconhecido como o pai “oficial” da criança. A preservação do nome familiar era de extrema importância na antiga Israel. Em última análise, a continuidade da linhagem fazia parte da grande e arqueada esperança Messiânica que costura seus caminhos através de todos os aspectos da história de Israel.

25.7-10 — Por motivos pessoais, um *homem* poderia decidir não cumprir com tais obrigações (Gn 38.8-10). Legalmente, o cunhado era compelido a manter vivo o nome da família. Sua recusa, expressa no discurso *não quer fazer para comigo o dever de cunhado*, não era apenas um assunto privado, mas uma questão de interesse nacional. Por causa da insistência em fazer prevalecer sua vontade sobre os direitos da viúva, ele receberia uma abjeção pública.

25.8 — A acusação da viúva tinha de ser validada pelos *anciãos* da cidade.

25.9,10 — *Descalçar o sapato do pé* de alguém era um sinal de perda dos direitos na comunidade. Talvez também representasse a cessação da prerrogativa de andar em sua própria terra (Rt 4.7). *Cuspir no rosto* de um indivíduo era um ato ousado e público de menosprezo. Tal aviltção perante o povo desencorajava os homens de esquivar-se de seus deveres como cunhados. Uma vez que o irmão vivo se recusasse a manter o nome do falecido, ele corria o risco de perder a memória de seu próprio nome na sociedade.

25.11-14 — Estas recomendações quanto à honestidade nas práticas comerciais eram necessárias porque um comerciante poderia enganar o consumidor usando diferentes tipos de *peso*, conforme os atos de compra e venda, modificando a gradação das medidas a seu favor (Am 8.5).

25.15 — Os termos *inteiro* e *justo* fazem referência ao peso correto.

25.16 — O oposto de *inteiro* e *justo* é *injustiça*.

25.17,18 — Israel deveria contar a história do que *Amaleque* fizera, e nunca se esquecer disso (Êx 17.8-16; Nm 14.39-45), pois ele *não temeu a Deus*, isto é, não teve consideração pelo caráter especial do povo de Deus.

25.19 — *Apagarás a memória de Amaleque*. Os amalequitas, na verdade, sofreriam o banimento que Deus instauraria sobre o povo de Canaã (Lv 27.29; Js 6.17,18).

26.1 — *Quando entrares na terra*. O autor de Deuteronômio sempre antecipa o presente de Deus, Canaã, aos israelitas (Dt 19.1).

26.2 — Os israelitas deveriam oferecer a Deus *as primícias de todos os frutos da terra*, que provavelmente estariam maduros, mesmo que sempre houvesse a possibilidade de que o resto da plantação não chegasse a amadurecer ou ser colhido por causa de circunstâncias imprevistas. Ao oferecer a primeira colheita ao Senhor, o povo expressava sua confiança na provisão divina e sua gratidão pelas bênçãos.

26.3 — *E virás ao sacerdote*. Durante os anos em que os hebreus viveram no Egito, quaisquer que fossem suas plantações, não estavam em um solo que lhes pertencia. O período em que estiveram no deserto, ficaram distantes da terra fértil, propícia para o crescimento dos vegetais. Entretanto, na terra que Deus planejava dar aos israelitas, hortas, pomares e vinhas cresceriam para o seu desfrute. Deus os abençoaria abundantemente, e eles deveriam expressar sua gratidão.

26.4 — Mesmo antes de o templo ser construído, havia sempre um *altar* para sacrifícios.

26.5-8 — Estas palavras se tornaram parte do Hagadá [texto contendo a leitura da história da libertação do povo de Israel do Egito, lido no Sêder de Pessach, jantar cerimonial judaico em que se recordava o êxodo]. Sua recitação moldava a maravilhosa celebração da grande libertação dos israelitas do Egito por Deus, não menos esplendorosa do que a confissão de fé cristã.

26.5 — *Siro* (arameu) é uma referência a Jacó, pois a moradia de seus antepassados se localizava em Arã [geralmente traduzido pelo termo *Síria*; Gn 24.1-10]. A família de Jacó sofreu com a fome que assolou Canaã, o que talvez



indique o termo *miserável*, mas sobreviveu porque *desceu ao Egito* (Gn 46.3-7). Nessa terra, *peregrinou com pouca gente*, pois havia apenas setenta membros na família do patriarca quando esse episódio ocorreu (Gn 46.8-27; Êx 1.1-5). O aumento populacional que Deus realizou durante o tempo em que os hebreus permaneceram no Egito é descrito como *nação grande, poderosa e numerosa* (Êx 1.5,7).

**26.6,7** — O Senhor ouviu a nossa voz. A resposta de Deus ao Seu povo foi uma das grandes manifestações de Sua graça, Sua misericórdia e Seu cuidado (Êx 2.23-25). Ele se preocupava o bastante para ouvir o clamor dos israelitas.

**26.11,12** — *E o estrangeiro*. Quando as pessoas de outros povos se juntaram a Israel na terra, elas foram instruídas na adoração a Deus.

**26.13,14** — *E dirás perante o Senhor*. Como no caso das primícias (v. 1-11), a ação acompanhada da declaração aberta reforçava o significado e o propósito da oferta. Contudo, o adorador deveria reconhecer que nada fora retido ou usado por razões egoístas, como declara a expressão *disso não*.

**26.15** — *Olha desde a tua santa habitação*. As pessoas direcionam suas orações para os céus, embora saibam que, ao mesmo tempo, Deus está em todo lugar (Is 66.1,2).

**26.16-19** — Estes versículos transmitem o conselho final de Moisés e concluem os escritos legais de Deuteronômio (Dt 12.1—26.19), nos quais o profeta desenvolveu e aplicou as leis do *livro do concerto* [na ARA, *livro da aliança*] a uma nova situação, pois Israel estava para entrar na Terra Prometida. Estas passagens também preveem adequadamente a próxima seção, com seu foco na renovação da aliança (Dt 27.1—30.20).

**26.16** — A necessidade imperiosa de obedecer aos mandamentos de Deus pode ser encontrada ao longo de todo o livro de Deuteronômio. *Guardar os estatutos e juízos divinos* ou *fazer a vontade do Senhor* não eram os parâmetros pelos quais uma pessoa era vista como justa perante Deus. Em vez disso, tais ações correspondiam a uma resposta amorosa à graciosa aliança divina. As expressões *com todo o teu coração* e *com toda a tua alma* também são comuns em Deuteronômio, um comando para que o indivíduo respondesse plenamente a Deus.

**26.17** — A primeira geração declarou sua lealdade a Deus no monte Sinai (Êx 24.7). Na cerimônia de renovação da aliança descrita neste versículo, a nova geração confirmou seu comprometimento com o Senhor. Confessar que Ele era seu Deus implicava a obrigação de viver pela Sua revelação.

**26.18** — No hebraico, a palavra para *povo seu próprio* expressa um grande deleite e prazer do Senhor em Seu povo. Os israelitas eram como uma joia especial para Deus, um ornamento que



## EM FOCO

### ADORAÇÃO (HB. SHACHAH)

(Dt 26.10; Gn 23.7;37.7; Lv 26.1)

No hebraico, a palavra mais comum para *adoração* significa *fazer com que alguém se prostre*. Nos tempos antigos, uma pessoa se prostrava diante de outra que possuísse uma condição superior. Os indivíduos se curvavam ante um rei para expressar a completa submissão à sua regra.

Os irmãos de José reconheceram o significado cultural de *inclinar-se* quando reagiram tão veementemente ao sonho dele (Gn 37.5-8). Curvar-se diante de José significava submissão à sua autoridade. Seguindo o exemplo do antigo povo de fé, a verdadeira adoração cristã deve indicar mais do que o amor a Deus; ela também deve expressar a obediência à Sua vontade.

**26.8** — As expressões *com mão forte*, e *com braço estendido* celebram o envolvimento direto do Senhor na libertação dos israelitas da escravidão. Já as palavras usadas repetidamente para descrever as ações miraculosas de Deus durante o Êxodo (Dt 4.34;34.11,12) são *e com grande espanto*, e *com sinais*, e *com milagres*. Deus, com Sua própria mão, demonstrou Seu poder aos egípcios e resgatou os israelitas.

**26.9,10** — *Eu trouxe as primícias dos frutos*. O adorador deveria dizer em alto e bom som que estava fazendo exatamente como Deus ordenara. Esse ato acrescentava solenidade e dignidade à oferta.

Ele considerava muito valioso. O termo em destaque denota um povo eleito, separado pelo Senhor para si próprio, comprometido com Deus e com Sua revelação, e exaltado entre as nações (Êx 19.5; Ml 3.17).

**26.19** — A proximidade do Senhor de Seu povo indicava a separação de Israel das outras nações. A sentença *para louvor, e para fama, e para glória* demonstra que o futuro dos israelitas estava nas mãos de Deus. Ele prometera conceder-lhes honra (compare com Gn 12.2,3; Is 60; Rm 8.18,19). De forma muito parecida, o Senhor exaltou Sua Igreja, separou para si o Corpo de Cristo e considerou-o santo (1 Pe 2.9).

**27.1-26** — A renovação da aliança em Canaã aconteceria sob o comando de Josué.

**27.1** — Os *anciãos* de Israel se juntaram a Moisés neste ponto. Esta declaração conjunta demonstrava a solidez da revelação de Deus por intermédio de Moisés, mesmo depois da morte do profeta.

**27.2,3** — As *pedras grandes* eram memoriais nos quais as leis de Deus deveriam ser escritas (v. 8). Essas rochas tinham de ser pintadas com cal, conforme o comando *e as caiarás*, para que os escritos fossem nitidamente vistos sobre o fundo branco.

**27.4** — O monte *Ebal* ficava ao norte do monte Gerizim (v. 12,13). Entre os dois estava a cidade de Siquém (Gn 12.6,7; 33.18-20). Esta e os dois montes se situavam no centro da terra de Canaã.

**27.5** — O Senhor deu aos israelitas instruções específicas sobre como poderiam aproximar-se dele. Trabalhar com *ferro* não era uma habilidade tão característica de Israel quanto era de outros povos do Oriente Médio. Por isso, o Senhor rejeitou um altar trabalhado e impressionante e preferiu um *altar de pedras*, ou seja, de rochas brutas, que não foram talhadas. Talvez um altar muito elaborado desviasse a atenção dos adoradores de Deus (Êx 20.25).

**27.6-10** — O termo *pedras inteiras* faz referência às rochas que não foram desbastadas.

**27.11-14** — Durante a cerimônia de renovação da aliança com a segunda geração de Israel, o Senhor usou a topografia da terra para causar um dramático efeito visual.

Por causa de suas condições topográficas e climáticas, o *monte Ebal* normalmente é uma montanha árida, enquanto o *monte Gerizim* é geralmente encoberto por vegetação. Logo, o monte Ebal era o lugar perfeito para que fossem declaradas as maldições, e o Gerizim, adequado para a proclamação das bênçãos.

A associação do lugar com a palavra produziria um resultado inesquecível. Além disso, os dois montes eram bastante próximos, então poderiam servir como um anfiteatro natural para a declamação das maldições e das bênçãos pelos levitas.

**27.15,16** — A primeira maldição dizia respeito à idolatria. A *imagem de escultura ou de fundição* desrespeitava o primeiro ou o segundo mandamento, ou ambos (Dt 5.7-9).

*Amém* era uma expressão de aprovação ou submissão à palavra de Deus. Este vocábulo, derivado de uma raiz no hebraico que significa *ser estabelecido*, provavelmente se difundiu em todas as línguas em que o evangelho se instituiu.

Podemos observar que o povo de Israel dizia *amém* para cada uma das doze maldições (e, quem sabe, para as doze subsequentes bênçãos). Isso estabelece um padrão bíblico de utilização do termo *amém* em nossa adoração coletiva. Algumas vezes, notamos as pessoas proferindo essa palavra levemente, mas o uso bíblico indica uma declaração formal de concordância com o Deus vivo.

**27.17** — A terceira maldição se referia à justiça e à ganância. *Arrancar o termo do próximo*, isto é, mudar o marco divisório da propriedade de outrem com o intuito de expandir os limites do próprio terreno aumentava a posse de um indivíduo à custa de outro (Dt 19.14).

**27.18** — A quarta maldição exigia tratamento humanitário para as pessoas com deficiência. O pressuposto subjacente era de que apenas um indivíduo que abrigasse em si grande crueldade e nenhum amor a Deus tiraria vantagem de um *cego*.

**27.19** — A quinta maldição tratava da compaixão pelos necessitados, no caso o *estrangeiro*, o *órfão* e a *viúva*, os quais não tinham recursos legais e sociais para se defender.



## EM FOCO

## OFERTA QUEIMADA (HB. 'OLAH)

(Dt 12.6;27.6)

No hebraico, este termo significa *holocausto*, uma oferta que é completamente consumida pelo fogo. Ao queimar o melhor do que se pode oferecer a Deus no altar, os israelitas expressavam sua consagração e gratidão ao Senhor, aquele que supria todas as suas necessidades.

Muitos tipos de holocausto eram oferecidos: de gado (Lv 1.3-5), de ovelhas e cabras (Lv 1.10), e de aves (Lv 1.14). Se a oferta queimada fosse apresentada como uma oferta pelo pecado, o adorador deveria colocar sua mão sobre a cabeça do animal para demonstrar a transferência da ofensa para a presa. Então, o animal era abatido pelo sacerdote. Este recolhia o sangue da vítima e apresentava-o ao Senhor aspergindo o líquido no altar. Partes do sacrifício eram então colocadas no lugar apropriado e completamente queimadas.

Esses ritos foram necessários até o momento em que Cristo ofereceu a si próprio como o sacrifício perfeito e definitivo pelos pecados da humanidade.

**27.20-23** — Da sexta à nona maldição era abordada a imoralidade sexual. Intercursos carnavais com animais (bestialidade) e o incesto foram estritamente proibidos (Êx 22.19; Lv 18.23; 20.15,16).

**27.24,25** — A décima e a décima primeira maldições remetiam à justiça quando acontecia um homicídio, inclusive *em oculto*. Neste caso, o assassino poderia ter escapado da descoberta do crime, mas Deus com certeza vira seu ato. Além desse tipo de assassinato, foi comentado o *suborno para matar a alguma pessoa inocente*. Sendo assim, tanto o matador contratado quanto aquele que o contratara eram culpados.

**27.26** — Englobavam-se na décima segunda maldição as anteriores. A maldição recaía sobre todos aqueles que não cumprissem qualquer instrução da *Lei* de Deus. O Senhor esperava não só a submissão total, mas também o amor a Ele. Paulo citou este versículo para enfatizar a impossibilidade de bênção apenas pela prática da *Lei* (Gl 3.10). O ideal era persistir em todas as coisas escritas no livro da lei.

**28.1-9** — Estas passagens enfatizam repetidamente a responsabilidade que os israelitas tinham de obedecer, embora Israel não tivesse obtido a salvação por meio da obediência. Deus já havia escolhido salvar os israelitas da escravidão e torná-los Seu povo. Ele prometera ser seu Deus e dar-lhes Canaã.

Mas, Deus impôs uma condição para que os hebreus recebessem todas as ricas bênçãos na terra (Is 48.17-19): *se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos*. Caso os israelitas satisfizessem esta condição, o Senhor, Deus deles, os exaltaria.

As bênçãos divinas viriam sobre eles e os alcançariam. Elas seriam a fonte do contentamento das pessoas (Sl 23.6). O vigor do Senhor se expressaria em todos os domínios da vida: na cidade e no campo (v. 3), na descendência do homem e dos animais (v. 4), na preparação da comida (v. 5) e nas viagens (v. 6). Além disso, o Senhor lhes garantia vitória sobre os inimigos (v. 7) e celeiros fartos (v. 8).

**28.10,11** — *Terão temor de ti*. As nações veriam a presença de Deus e Suas bênçãos sobre Seu povo e temeriam por causa da grandeza do Senhor. Isso está expresso na sentença *e todos os povos da terra verão que és chamado pelo nome do Senhor*. Neste caso, o nome *Yahweh* é usado para Deus, o que indica a relação singular do Senhor com os israelitas. Ele lhes revelou Seu glorioso nome.

**28.12** — Deus daria aos israelitas Seu bom tesouro que havia guardado para eles. O povo receberia as bênçãos do Senhor exclusivamente por causa de Sua graça, entre as quais estava a *chuva*.

Os cananeus acreditavam que Baal era aquele que ofertava o orvalho e a chuva (1 Rs 17.1). Entretanto, Deus assegurou a Israel que Ele

controlava os céus e faria com que suas terras fossem fecundas (Sl 104.3,13). Além disso, a bênção de Deus sobre Seu povo seria tão vigorosa que esta nação se tornaria a líder de todas as outras, afirmação que se configura na declaração *emprestarás a muitas gentes, porém tu não tomarás emprestado*.

**28.13** — A expressão *porá por cabeça e não por cauda* indica que Israel seria elevada a um lugar de honra entre as nações.

**28.14** — *Não te desviarás [...] nem para a direita nem para a esquerda*. Visto que somente Deus era a fonte da bênção, os israelitas teriam de segui-lo em busca da felicidade. Eles não poderiam olhar para outra direção senão para o alto.

**28.15-19** — *Se não deres ouvidos à voz do Senhor*. O cumprimento das promessas de Deus de plenitude de bênçãos dependia da obediência de Seu povo. Suas maldições eram punições certas para a desobediência.

**28.20** — *O Senhor mandará sobre ti a maldição, a turbção e a perdição*. A maldição divina levaria o povo ao desespero, pois afetaria todas as atividades humanas e as resumiria a nada (Sl 112.10), como indica a afirmação *em tudo que puseres a tua mão*. A fertilidade que acompanharia as abundantes bênçãos de Deus desapareceria.

**28.21,22** — O termo *pestilência* se refere às devastações das pragas e às doenças contagiosas. As enfermidades não são facilmente identificadas, mas têm em comum a febre ou a inflamação de órgãos do corpo (*tísica, quentura* etc).

**28.23,24** — *Bronze e ferro* representam a severidade da ira de Deus na recusa da chuva a Seu povo (Lv 26.19).

**28.25,26** — *O teu cadáver*. A ideia dos pássaros comendo a carne dos mortos era particularmente repugnante nos tempos antigos. A ausência de um sepultamento adequado se configurava como uma total desconsideração com aquele que morreu (1 Sm 31.11-13).

**28.27,28** — *As úlceras do Egito*, doenças que Deus infligiu aos egípcios por intermédio de Moisés (Êx 9.10), agora poderiam recair sobre os israelitas por sua desobediência. Mas, se os hebreus obedecessem às leis do Senhor, Ele os livraria de tal infortúnio (Êx 15.26).

Além disso, Deus puniria o povo com *hemorróidas* (1 Sm 5.6,12) e com *sarna*. Esta doença de pele não só causava aflição, como também fazia com que a pessoa ficasse impura e imprópria para a adoração a Deus (Nm 5.1-4). O Todo-poderoso também feriria Israel *com loucura e com pasmo do coração*. Talvez estes sintomas indicassem o estado avançado de um doente com sífilis.

**28.29-34** — *Desposar-te-ás com uma mulher... edificarás uma casa... plantarás uma vinha*. Os importantes acontecimentos da vida não poderiam ser desfrutados por causa de desastres e guerras. Da mesma forma, as posses (*teu boi*) e os filhos dos israelitas seriam retirados deles, e não haveria poder para recuperar o que fosse perdido.

**28.35** — A expressão *úlceras malignas* faz referência às doenças de pele semelhantes às que experimentou Jó (Jó 2.7).

**28.37-43** — As maldições que recairiam sobre os israelitas pela desobediência eram inversamente proporcionais às bênçãos que eles receberiam caso ouvissem a voz de Deus. Quanto à repugnância aos hebreus apontada nas expressões *por pasmo, por ditado e por fábula*, compare-a com a honra prometida no versículo 13. Trace um paralelo da maldição *tu mui baixo descerás* com a promessa do versículo 13, em que o povo de Israel seria exaltado. Neste caso, ele também poderia ser rebaixado.

**28.44-47** — Os desastres seriam um  *sinal* para lembrar ao povo sua desobediência. A resposta esperada dos israelitas, relativa à bondade de Deus, era servir *ao Senhor com alegria, pela abundância de tudo*. A ausência dessa resposta acarretaria a ira divina.

**28.48** — *Jugo de ferro* é um termo que denota servidão e escravidão.

**28.49-51** — Nestes versículos, a *nação inimiga* é comparada a uma águia, que mergulha para atacar violentamente sua presa (Jr 48.40; Os 8.1). O inimigo não mostraria compaixão pelas pessoas; não atentaria *para o rosto do velho, nem se [apiedaria] do moço*.

**28.52-57** — *No cerco e no aperto*. Moisés advertiu antecipadamente o povo das terríveis aflições dos sítios (2 Rs 6.24-31; Lm 2.20;4.10). Os horrores do cerco, da fome e da privação

fariam com que as pessoas se comportassem de maneira que, em outra situação, sequer poderiam imaginar. Um exemplo disso é a sentença *comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas*. Nada pode ser comparado ao horror de uma mãe se alimentando de seus próprios filhos.

28.58 — As palavras traduzidas do hebraico como *glorioso e terrível* significam, juntas, *irresistivelmente pavoroso*. O nome do Senhor inspirava admiração e medo porque Ele demonstrara em inúmeras ocasiões o Seu poder, como no Egito e no deserto. A expressão *o Senhor, teu Deus* reuniu a comoção majestosa de Deus e o Seu cuidado pessoal com o povo.

28.59-68 — Os versículos seguintes são um resumo de todas as maldições decorrentes da desobediência de Israel. Muitas são inversões das bênçãos dos versículos 1-14. Outras são pragas das quais os israelitas foram poupados durante o êxodo (v. 60,61). A trágica reversão do divino plano libertador de Israel é apresentada na declaração *e o Senhor te fará voltar ao Egito*. Deus resgatara os hebreus da servidão, mas também poderia mandá-los de volta aos egípcios em sujeição.

29.1 — A sentença traduzida do hebraico como *estas são as palavras do concerto* pode ser interpretada como uma conclusão dos capítulos anteriores ou como uma introdução aos capítulos 29—32. No entanto, ela não se refere às palavras ditas por Moisés em Horebe, mas às instruções transmitidas pelo profeta ao povo *na terra de Moabe*. Esta expressão é uma referência ao início de Deuteronômio (1.1-5).

29.2-8 — Mais uma vez, Moisés recapitulou a história dos misericordiosos feitos de Deus em prol do povo de Israel. Para uma leitura mais completa da narrativa, veja Deuteronômio 1.30;2.32—3.6;4.34;5.1;7.18,19;8.2-4;11.2-7.

29.2-5 — Os termos *grandes provas* e *grandes maravilhas* fazem referência aos atos miraculosos de Deus no Egito, no deserto e na terra a leste do Jordão. Moisés frisou que o Senhor sustentou os israelitas até mesmo nos menores quesitos, como no zelo para que suas *vestes* e seus *sapatos* não envelhecessem.

29.6 — Embora o povo não tenha comido *pão* no deserto, Deus supriu suas necessidades com maná, o pão dos céus.

29.7,8 — A aquisição da área a leste do Jordão (Dt 2.26—3.22) foi o início glorioso da conquista na terra. Entretanto, ainda havia uma glória vindoura maior: a tomada do território a oeste do rio.

29.9-13 — O povo da aliança incluía os adultos, as crianças e os estrangeiros que se juntaram aos israelitas, bem como aqueles que estavam para nascer. O propósito central desse concerto era um relacionamento íntimo entre as duas partes — Deus e os hebreus, expresso em *ele te seja a ti por Deus*.

29.14,15 — *E não somente convosco*. A aliança de *Yahweh* com Israel não se daria apenas com aquela geração, mas com todos os seus descendentes ao longo do tempo. Deste modo, as promessas do Senhor para Seu povo permanecem até os dias de hoje, e durarão até o momento em que o Reino do Deus vivo se estabelecer na terra.

29.16-29 — Neste segmento textual, Moisés adverte Israel da apostasia, da autoconfiança e do julgamento divino de toda injustiça.

29.16,17 — *Porque vós sabeis*. Moisés lembra os israelitas de que as práticas pagãs são detestáveis.

29.18 — Cada indivíduo, tanto homem como mulher, tinha a responsabilidade perante o povo de zelar pelo relacionamento com Deus. Considerando que os israelitas estavam unidos pela aliança com o próprio *Yahweh*, todas as pessoas tinham de segui-lo. Neste sentido, a tolerância com a idolatria e as práticas pagãs sempre corromperia Israel e, conseqüentemente, seu concerto com o Senhor, fixando raiz que dava *fel* e *absinto*.

29.19 — *Se abençoe no seu coração*. A pessoa absorvida em si mesma, que seguisse suas próprias convicções, se consideraria merecedora das bênçãos do Senhor. Já a pessoa íntegra viveria pela graça de Deus e obedeceria agradecida aos comandos dele.

29.20,21 — *E o Senhor apagará seu nome de debaixo do céu*. Ter a memória de seu nome esquecida perante o povo e o Senhor era considerado para um indivíduo um terrível destino na antiga cultura do Oriente Médio. Quando Deus

registrava e relembra os nomes dos israelitas era como uma gloriosa esperança para eles.

**29.22,23** — Os juízos de Deus sobre a desobediente nação de Israel seriam um sinal de Sua santidade para a futura *geração* e para outras nações. Toda a terra dos hebreus *abrasada com enxofre e sal* refletiria um cenário que faria lembrar o julgamento de Deus sobre Sodoma e Gomorra (Gn 19.24-29), quando também foram destruídas *Admá e Zeboim* (Gn 10.19; 14.2,8; Os 11.8).

**29.24-27** — A lição dos israelitas infiéis seria conhecida entre as nações, da mesma forma que a libertação do Egito deveria ser notória entre os povos (Dt 2.25). As nações teriam de aprender acerca da graça de Deus pelo exemplo de Israel. Seria uma vergonha se, em vez disso, elas tomassem conhecimento da ira do Senhor sobre os hebreus!

**29.28** — A expressão *neste dia* faz referência ao dia do julgamento de Deus sobre Seu povo.

**29.29** — A expressão *as coisas encobertas* alude ao futuro, bem como à maneira pela qual as maldições chegariam. A vontade de Deus fora *revelada* na Lei. Se as atitudes das pessoas estivessem de acordo com as revelações, elas receberiam uma grande bênção. Ignorar os comandos divinos expressos seria tolice. De forma semelhante, o cristão possui a vontade de Deus manifesta na Bíblia. Não atender a ela e preocupar-se com as coisas que o Senhor manteve ocultas é pura insensatez.

**30.1-20** — Esta seção aborda a escolha da vida ou da morte, da bênção ou da maldição, de Deus ou de si mesmo. Em seu último discurso, Moisés advertiu o povo com perspectivas proféticas acerca da natureza de Israel (rebeldia), da compaixão de Deus e de Sua nova atitude graciosa, bem como da responsabilidade da nação.

**30.1** — A afirmação *sobrevindo-te todas estas coisas* faz referência às bênçãos e maldições detalhadas no capítulo 28, sobretudo às últimas. Deus permitiu que Moisés visse o futuro de apostasia de Israel e a dispersão das pessoas por entre as nações provocada por Ele. Essas palavras devem ter perturbado terrivelmente os israelitas porque foram ditas na véspera da conquista da Terra Prometida.

**30.2-6** — Moisés não só previu o futuro de apostasia e o *cativoiro* de Israel, como também o arrependimento do povo e o *retorno* à terra (ver Esdras). Estes versículos também demonstram a expectativa quanto ao cumprimento das palavras do Senhor no porvir.

**30.6** — *Circuncidará o teu coração*. O próprio Deus agiria no coração das pessoas a fim de que elas o amassem (Dt 10.16). O Senhor estenderia os benefícios de suas ações à semente de Seu povo. Ele criaria uma comunidade de fé que o adoraria de geração em geração.

O Altíssimo sempre teve a intenção de que os israelitas lhe respondessem com toda a essência de seu ser, ou seja, *com todo o coração e com toda a alma*. Símbolos externos, como a circuncisão, tinham o objetivo de representar marcas impressas divinamente no interior do homem.

**30.7** — Deus não abandonou o princípio da retribuição e punição das nações (e dos indivíduos), baseado no tratamento que estas dispensavam ao povo da aliança (compare com Gn 12.3; 2 Ts 1.5-10). Ele revidaria as atitudes dos *inimigos* de Israel.

**30.8,9** — O Antigo Testamento tende a focar na desobediência do povo de Deus à Sua revelação. Contudo, houve períodos em que a nação de Israel demonstrou fidelidade ao Senhor. Além disso, sempre existiram aqueles que foram tementes a Ele.

**30.10** — Este *livro da lei* é o livro de Deuterônimo (Dt 31.24,26). A bênção de Deus chegaria para aqueles que obedecessem a tudo o que estivesse escrito nele.

**30.11-14** — No hebraico, *encoberto* significa, literalmente, *por demais maravilhoso para vós* [algumas versões, como a NVI, traduziram esse termo como *difícil*]. Moisés lembrou aos israelitas que a obediência a Deus não era uma questão complicada, não exigia um esforço sobre-humano, porque Ele tinha revelado a Lei aos israelitas (Rm 10.6-10). Esta não se encontrava *nos céus, tampouco dalém do mar*, o que se verifica pela expressão *mui perto de ti*.

Quando a Lei de Deus era interiorizada pela obra do Espírito Santo, o crente amava as instruções

divinas e procurava carregá-las consigo (Sl 119.97-104). Aquele que cria devia obedecer-lhes como um sinal do amor a Deus, e não como uma forma de ganhar a afeição dele ou o Seu perdão.

**30.15-17** — Moisés incitou os hebreus a determinarem o caminho pelo qual seguiriam. Um conduzia à *vida* (Sl 1.6; Jo 14.6), porque as bênçãos de Deus repousavam nele (Sl 23.6). O outro, à *morte* e ao *mal*, porque nele residiam as maldições. De forma parecida, Jesus, em Seu ministério, estimulou as pessoas a estabelecerem qual direção tomariam (Mt 7.13,14).

**30.18** — A ênfase no termo *hoje* é notável nesta passagem. Moisés estabeleceu neste texto o padrão para a pregação da palavra de Deus. As respostas a Ele não deveriam ser postergadas. Pressupor que mais tarde haveria um momento específico para responder ao Senhor era um pensamento perigoso.

**30.19** — *Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas*. Toda a criação testemunhara as instruções de Moisés, a incitação feita aos israelitas para que amassem e obedecessem a Deus, e a resposta desse povo (Dt 32.1). A escolha da geração presente determinaria a direção das futuras gerações, por isso a orientação *escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente*.

**30.20** — Se as pessoas amassem Deus, elas encontrariam a verdadeira *vida*, porque Ele é a fonte de toda existência. Ao rejeitar o Senhor e Seus caminhos, os israelitas escolheriam, por omissão, a trajetória da morte.

O povo estava em vias de entrar na *terra* que lhe fora prometida há muito tempo. Antes que os hebreus cruzassem o Jordão e iniciassem a luta santa da conquista, eles precisavam estar cientes das implicações desse ato e do que se fazia necessário não só para entrar na terra, mas para lá permanecer e receber as bênçãos duradouras.

**31.1-3** — Mais uma vez, Moisés falou, entretido, da recusa de Deus em deixá-lo entrar na Terra Prometida (Dt 1.37,38;3.23-29). Mesmo assim, ele encorajou os israelitas e garantiu que o próprio Senhor iria protegê-los e lutar por eles. Em vez de Moisés, quem lideraria o povo na batalha seria Josué.

**31.4-6** — Deus era o Comandante Supremo das forças de Israel, o Senhor dos exércitos. Por isso, Ele não deixaria nem desampararia Seu povo. Moisés lembrou os israelitas de que Deus prometera estar ao lado deles, abençoá-los e lutar por eles (Js 1.5; 1 Rs 8.57). Josué usou o mesmo tipo de linguagem que Moisés para assegurar às pessoas a continuidade da presença do Senhor e da Sua graciosa liderança (Js 1.6,7,9). Jesus fez essa promessa à Sua Igreja (Mt 28.20).

**31.7,8** — Com palavras de encorajamento e incitação, Moisés transferiu publicamente sua autoridade a Josué (Dt 1.38;31.14,23;32.44;34.9) e concedeu-lhe a promessa dada a Israel (v. 6): *o Senhor, pois, é aquele que vai adiante de ti*.

**31.9** — *E Moisés escreveu esta lei, e a deu aos sacerdotes*. De acordo com as práticas do antigo Oriente Médio acerca de tratados internacionais, Moisés cuidou da futura leitura da Lei e das instruções contidas nela. Suas tábuas foram guardadas na *arca do concerto*, a qual foi chamada assim porque era o lugar apropriado para abrigar as leis concernentes à aliança do Senhor com Seu povo.

**31.10-13** — *Lerás esta lei*. De forma específica, os sacerdotes receberam a responsabilidade de ler a Lei e instruir as pessoas (Ne 8.1-6; Ml 2.4-9). Todos deveriam ouvir a Palavra de Deus — *homens, e mulheres, e meninos, e os estrangeiros*.



## EM FOCO

### AMALDIÇOADO (HB. 'ARAR)

(Dt 27.15;28.16; Jr 17.5)

A palavra significa literalmente *amarrar com uma maldição*. A maldição é o oposto da bênção. O ato de amaldiçoar é o desejo de (ou o pedido para) que um infortúnio ou um mal recaia sobre uma pessoa ou um objeto. Deus amaldiçoou a serpente e a terra após o pecado de Adão e Eva (Gn 3.14,17). Jeremias, em desespero, lançou uma maldição sobre o homem que trouxera as notícias de seu nascimento (Jr 20.14,15).

A seriedade da aliança de Deus com Seu povo é ilustrada pela ameaça de maldição sobre todo aquele que violasse o concerto (Dt 28.60,61). No Novo Testamento, Paulo ensinou que Jesus Cristo se fez *maldição* por nós, pois assim poderíamos livrar-nos das maldições da Lei (Gl 3.13).

**31.14** — As palavras *os teus dias são chegados* devem ter causado abatimento em Moisés. Ele estava pronto para morrer, mas seu coração desejava ardentemente ver a Terra Prometida. Após fazer essa declaração ao profeta, Deus lhe ordenou que chamasse Josué e se pusessem na tenda da congregação. A finalidade desse ato é apontada na sentença *para que eu lhe dê ordem*. As palavras do Senhor a Josué são registradas no versículo 23 (compare com Nm 27.18-23).

**31.15** — *A coluna de nuvem* foi o símbolo da presença de Deus durante a jornada dos israelitas no deserto (Êx 13.21,22).

**31.16** — A expressão *eis que dormirás com teus pais* sugere que o corpo de Moisés seria sepultado e, depois que a carne estivesse decomposta, os ossos seriam colocados junto aos restos mortais de seus ancestrais. Assim, o indivíduo permaneceria com “seus pais”. Entretanto, a expressão também pode fazer referência ao estado intermediário da alma entre a morte e a ressurreição.

Quanto ao povo, o Senhor antecipou sua futura rebeldia, apostasia, e o rompimento da *aliança* estabelecida com Ele. A expressão *e se prostituirá* fala do adultério espiritual e das atitudes imorais envolvendo o sexo que eram praticadas na adoração aos deuses cananeus Baal e Aserá (Dt 12.1-5).

**31.17,18** — *Desampará-lo-ei*. Quando o pior acontecesse, a ira de Deus seria despertada como fora descrita nos capítulos 28 e 29. O motivo principal para o julgamento do Senhor sobre Seu povo seria a sua contínua idolatria, conforme a expressão *por se haver tornado a outros deuses*. Os israelitas abandonariam a graça divina e abraçariam com prazer as malditas práticas religiosas dos cananeus.

**31.19-21** — *Este cântico* é a canção de Moisés registrada em Deuteronômio 31.30—32.43. Deus ordenou ao profeta e a Josué que o ensinassem aos israelitas.

**31.22** — *Moisés escreveu [...] ensinou aos filhos de Israel*. Estas palavras antecipam o versículo 30. A autoria do Salmo 90 também é atribuída a Moisés.

**31.23** — *Esforça-te e anima-te*. Deus encorajou Josué com as mesmas palavras que Moisés usou

para encorajar o povo (v. 6). Além disso, o Senhor assegurou ao novo líder de Israel Sua presença durante a conquista (Js 1.5; Ag 2.4), dizendo: *e eu serei contigo*.

**31.24,25** — *Acabando Moisés de escrever as palavras*. Estas palavras continuam o que fora exposto no versículo 9. Aqueles que negam que Moisés escreveu a Torá o fazem mediante versículos como este (v. 9,22).

**31.26-28** — Como dito anteriormente, o *livro da lei* é o livro de Deuteronômio. Ele seria um testemunho contra Israel quando a nação virasse as costas para o Deus vivo a fim de adorar outros deuses. Assim, um livro que originalmente transmitira instruções de amor ao Seu povo, infelizmente, se transformaria numa evidência de Sua ira.

**31.29,30** — *Porque eu sei que*. Não está claro se as palavras de Moisés foram baseadas em sua própria experiência com o povo ou se foram uma revelação vinda de Deus. Talvez ambas as possibilidades simultaneamente.

**32.1** — *Ó céus[...] ouça a terra*. De forma similar, Isaías invocou os céus e a terra como testemunhas (Is 1.2).

**32.2** — Esta canção é uma expressão de sabedoria, *a minha doutrina* (Pv 1.5;4.2;9.9). As quatro analogias que se referem a ela — *chuva, orvalho, chuvisco e gotas de água* — transmitem a refrescante e revigorante natureza da instrução.

**32.3** — *Dai grandeza a nosso Deus*. A verdadeira sabedoria e a obediência sempre instigam o louvor a Deus (Sl 145.3;150.2).

**32.4** — Diferente da ineficácia dos deuses pagãos (v. 37), Deus dá a vida, a estabilidade e a felicidade ao povo (v. 15,18,30,31). A vida abundante que Ele concede é baseada em Sua obra *perfeita*. Como uma *Rocha* firme que permanece inabalável diante das águas furiosas de um mar revoltado, o Senhor e Sua obra continuam sólidos perante o caos produzido pelas vidas em pecado.

O Todo-poderoso é a fundação segura de toda *verdade* num mundo decadente. Além disso, Ele nunca deixará as mentiras corromperem a justiça (Sf 3.5). Ao contrário, como um juiz *justo e reto*, protegerá os oprimidos.



No momento anterior à entrada dos israelitas na Terra Prometida para que a nova nação fosse estabelecida, Moisés enalteceu Deus, que é o alicerce perfeito para qualquer sociedade.

**32.5** — *Geração perversa e torcida é.* Moisés contrastou os israelitas com seu Deus fiel. Comparados ao Deus perfeito, eles eram corruptos, maculados e enganadores (v. 20).

**32.6** — Os antigos israelitas sabiam que Deus era seu Pai (Is 63.16;64.8), mas raramente confessavam esta grande verdade. Logo, essas palavras são excepcionais e impressionantes porque, ao mesmo tempo em que expressam a relação próxima dos filhos de Israel com o Senhor, castigam-nos por abandonar seu Pai. Deus os escolheu, amou, e cuidou deles. *Yahweh* os libertou do Egito e estabeleceu-os como nação ao dar-lhes instruções detalhadas.

**32.7** — *Lembra-te[...] ele te informará.* Neste versículo, a canção usa a linguagem da sábia literatura para exortar os israelitas a buscar os caminhos do Senhor. As Escrituras enfatizam repetidamente que a sabedoria é baseada no Deus de toda verdade.

**32.8,9** — *Altíssimo.* Esta designação para o Senhor pautada em Sua supremacia é singular em Deuteronômio. Ele é soberano sobre todas as nações, até mesmo sobre os termos dos povos. Mesmo sendo da vontade de Deus que todas as nações existissem, Ele favoreceu Israel com Sua graça, Suas promessas e Sua aliança, pois *a porção do Senhor é o seu povo.*

**32.10** — A expressão *na terra do deserto* é uma referência poética ao Egito. Deus deu ao povo de Israel Sua revelação e Suas leis, isto é, *instruiu-o*, com o objetivo de liderá-lo em verdade. Ademais, *guardou-o como a menina do seu olho.* Este é um símbolo de um tenro amor cuidadoso por uma coisa preciosa que tem necessidade de proteção.

**32.11** — *A águia* é uma ave de rapina encontrada geralmente em regiões desérticas. Na canção, o modo como ela cuida de seus filhotes é comparado às ações de Deus para com Israel. Ele não só protegeu o Seu povo, como também supriu todas as suas necessidades, incentivou-o, zelou por ele e guiou-o à Terra Prometida (Êx 19.4). Ao

realizar esses feitos, o Senhor provou ser um Pai amoroso para os israelitas (v. 6).

**32.12** — *Só o Senhor... não havia com ele deus estranho.* Deuteronômio é um grande documento contra a idolatria e o paganismo. Neste sentido, observamos que, na verdade, os israelitas não tinham razão para abandonar o Deus da graça e do amor que havia suprido todas as suas necessidades.

**32.13,14** — *Ele o fez cavalgar sobre as alturas da terra.* O Senhor tinha grandes planos para Seu povo (Is 48.17-19). Deus supriu os israelitas com plantações, boa comida, azeite de oliva e até mesmo laticínios na Terra Prometida, de acordo com as expressões *comer as novidades do campo, chupar mel e azeite.* Em suma, o Altíssimo proporcionou tudo aquilo que as pessoas não tiveram no deserto. A *gordura da flor do trigo* e o *vinho puro*, símbolos da misericórdia de Deus, também foram concedidos a Israel.

**32.15,16** — *Jesurum*, nome poético de Israel, significa *íntegro*. Esta parte da canção estabelece um contraste entre o que Israel deveria ter sido e o que se tornou. Visto que o povo recebeu a revelação de Deus e Sua Lei, ele tinha a obrigação de ser íntegro (v. 4). Entretanto, os israelitas engordaram e tornaram-se rebeldes.

Mesmo prosperando por causa das bênçãos divinas, os hebreus rejeitaram não só a fonte de toda a graça, mas também a própria salvação, como afirma a sentença *desprezou a Rocha da sua salvação.* Em vez de seguir as instruções de Deus, os israelitas abraçaram os *deuses estranhos*, que não tinham feito nada por Israel (v. 12).

**32.17** — Raramente são encontradas no Antigo Testamento referências a *diabos* e a poderes demoníacos (Sl 106.37; Am 2.1). Embora as Escrituras deixem claro que os falsos deuses não existiam como tal, esta passagem identifica o poder por trás dos deuses estranhos: os demônios.

**32.18,19** — *Que te gerou* literalmente significa *fez com que existisse.* Este é um dos vários textos em que Deus é retratado com termos que assemelham Sua função à de uma mãe, que nutre e dá a vida (compare com Is 66.13).

**32.20,21** — *Verei qual será o seu fim*. Mesmo que Israel rejeitasse Deus, Ele seria paciente com Seus filhos rebeldes.

**32.22,23** — A expressão *mais profundo do inferno* combina a palavra *Sheol* (que pode ser traduzida por *sepultura, profundezas, pó ou morte*) com o termo *profundo*, sugerindo que há gradações na condenação eterna, assim como pode haver gradações na glória (*o terceiro céu*, 2 Co 12.2).

**32.24** — *Fome[...] carbúnculo[...] peste amarga*. Ao invés de abençoar o povo que escolheu, Deus o amaldiçoaria a fim de discipliná-lo. Pelo uso dos termos *dentes de feras, com ardente peçonha de serpentes do pó*, pode-se observar que a criação se voltaria contra as pessoas.

**32.25,26** — *Jovem... homem de cãs*. O emparelhamento de vocábulos opostos no versículo 25 indica que o julgamento de Deus seria abrangente. Ele afetaria toda a sociedade. Estruturas similares a esta em Joel 2.28,29 falam do amplo alcance das bênçãos do Senhor.

**32.27** — *Se eu não receara*. Deus não destruiria completamente Seu povo para que as nações arrogantes e independentes não se vangloriassem de sua valentia e destreza.

**32.28** — Este versículo antevê o julgamento divino de Israel e Judá nos dias de Isaías (Is 1.3;6.9,10).

**32.29,30** — Geralmente, a palavra *fim* é entendida como um *futuro glorioso*. Nestas passagens, esse vocábulo fala de um “futuro ruinoso” para os rebeldes israelitas, que não possuíam entendimento sobre Deus. A afirmação *se a sua Rocha os não vendera* indica que a proteção do Senhor sobre Seu povo era tão certa que a conquista deste pelos inimigos só poderia acontecer se o Todo-poderoso entregasse os israelitas aos oponentes.

**32.31-33** — As nações inimigas eram como as pessoas de *Sodoma* e *Gomorra* – cruéis, imorais e tiranas.

**32.34-36** — *Não está isso encerrado comigo, selado nos meus tesouros?* Este questionamento denota que os planos definitivos e os propósitos de Deus são secretos. Além disso, do Senhor é a *vingança*. Ele *fará justiça ao seu povo*, pois apenas

Deus, que é completamente justo, pode julgar e corrigir todas as coisas erradas que foram cometidas (Rm 12.19; Hb 10.30).

Haverá um momento específico para a vingança do Senhor, quando Ele *se arrependerá pelos seus servos*. Um dia, Ele distinguirá entre os justos e os perversos (Mt 3.16). Ele tratará amavelmente aqueles que restaram porque o amaram e seguiram. Esta é a base de todas as mensagens proféticas acerca dos remanescentes de Israel.

**32.37,38** — *Onde estão os seus deuses?* A canção menospreza aqueles que decidiram seguir falsos deuses. Eles abandonaram a Rocha da verdade por uma *rocha* que não era sequer uma pequena pedra. Quando a gordura era queimada e o vinho entornado nos altares dos falsos deuses, acreditava-se que estes comiam e bebiam tais ofertas. Contudo, esses ídolos sequer existiam, por isso nunca *comeram* nem *beberam* o ofertado.

**32.39** — *Que eu, eu o sou*. Esta é uma gloriosa afirmação da incomparabilidade de Deus (Sl 113.4-6). Deus sozinho controla todas as coisas. Por ser totalmente livre para fazer o que quiser, apenas Ele pode amaldiçoar ou abençoar, ferir ou curar, matar ou dar vida.

**32.40-42** — *Levantarei a minha mão aos céus*. Deus jurou a si mesmo que vingaria Seu povo (Gn 22.16; Hb 6.13-18). Ele tornaria certo tudo o que estivesse errado.

**32.43-45** — *Jubilai, ó nações, com o seu povo*. Deus, nessa canção dada a Moisés, convidou todas as nações para se unirem em adoração, para louvá-lo por prometer restaurar a justiça.

**32.46** — *Lei*, neste versículo, pode remeter à canção de Moisés ou a Deuteronômio como um todo (compare com Dt 31.26).

**32.47** — *Prolongareis os dias na terra*. A intenção das instruções de Deus era mostrar aos israelitas o caminho que levava à plenitude da vida e às ricas bênçãos.

**32.48—33.29** — Como Moisés estava próximo de sua morte, o idoso profeta deixou uma bênção para as tribos de Israel, permeada de um testemunho sobre a realeza de Deus. A bênção foi particularmente estendida a Levi e a José. A tribo de Judá ganhou proeminência mais tarde,

após a de José (Efraim e Manassés) ter, no período dos juízes, falhado com Deus. Então, o Senhor escolheu Judá e rejeitou José (Sl 78.67,68).

**32.48,49** — O monte Nebo era perto de Hesbom, localizado a aproximadamente 16 km a leste da extremidade norte do mar Morto.

**32.50-52** — *Porquanto prevaricastes contra mim.* Moisés não obedeceu completamente às instruções de Deus em Cades. Por causa disso, não poderia entrar na Terra Prometida (Dt 1.37; 3.23-26; 4.21,22; 31.2; Nm 20.10-13). Mesmo assim, o Senhor graciosamente permitiria que ele visse a terra.

**33.1** — Moisés deve ser lembrado por sua fidelidade e não por sua falha (Hb 3.1-6). As Escrituras o descrevem como um servo de Deus (Nm 12.6-8), um amigo de Deus (Êx 33.11) e um *homem de Deus*.

**33.2** — *Veio[...] subiu[...] resplandeceu.* Estes verbos lembram os israelitas da revelação inspiradora e atemorizadora de Deus em toda a Sua glória. O Senhor desceu até Israel, firmou com o povo uma aliança e entregou-lhe Sua Lei no monte Sinai.

Poeticamente, Moisés faz referência a *Seir e Parã*, localizados a nordeste do monte Sinai, para transmitir a ideia de que a manifestação da presença de Deus aconteceu ao longo de toda a jornada no deserto (Jz 5.4,5). No momento da entrega da Lei aos hebreus, seres angelicais, caracterizados como *dez milhares de santos*, estavam presentes (compare com At 7.53; Gl 3.19; Hb 2.2).

**33.3** — Neste caso, *santos* pode fazer referência aos filhos de Israel. Também é possível que as palavras que começam na segunda linha do versículo 3 e terminam no versículo 5 sejam a resposta ao discurso de abertura de Moisés. Se assim for, os israelitas confessam que os seres angelicais estavam assistindo Moisés enquanto ele recebia a Lei de Deus e instruía o povo naquela revelação. Isso explica a referência ao profeta e o uso do pronome no plural (*nos deu*, v. 4).

**33.4,5** — *Herança.* O que fez Israel uma nação singular foi sua acolhida da Lei de Deus intermediada por Moisés. O Senhor escolhera apenas Israel para receber Suas instruções. Somente Ele

era o Rei de Seu povo. Ao mesmo tempo, como o Criador, detinha o controle sobre tudo o que havia feito.

**33.6** — *Viva Rúben[...] seus homens sejam numerosos.* Moisés previu que os filhos de Rúben teriam um futuro, mas não glorioso. Assentados a leste do mar Morto, os rubenitas, conseqüentemente, se isolariam das outras tribos (Jz 5.15,16).

**33.7** — Moisés orou para que o Senhor estivesse com Judá nas batalhas, concedesse a força necessária à tribo, o que está expresso na sentença *suas mãos lhe bastem*, e lhe desse a vitória.

**33.8,9** — Moisés orou para que a orientação divina repousasse sobre a tribo de Levi, responsável por emitir os juízos nos julgamentos. Para tal, ela fazia uso do *urim* e do *tumim* (Êx 28.30), instrumentos apontados por Deus para auxiliar o sumo sacerdote na decisão quanto à inocência ou culpa de um indivíduo.

Observa-se, portanto, que os levitas foram separados das outras tribos para servir no tabernáculo. Isso porque amavam a Deus, o que é expresso pelo termo *teu amado*. Em Massá, eles passaram no teste de acreditar no poder do Senhor para cuidar de Seu povo (Dt 6.16; 9.22), enquanto as outras tribos foram reprovadas. Moisés elogiou os levitas por sua fidelidade à *palavra* e ao *concerto* de Deus.

**33.10,11** — *Ensinaram.* Os levitas foram encarregados de instruir os hebreus e mantiveram-se leais ao Senhor (v. 9). Agora, deveriam ajudar Israel a entender como guiar sua vida pela revelação de Deus. Desta forma, os levitas continuariam o ministério de Moisés. Além da tarefa de transmitir a Palavra ao povo, eram responsáveis pelas atividades que envolviam a adoração a Deus no tabernáculo, o que se verifica pela afirmação *levaram incenso ao teu nariz e o holocausto sobre o teu altar* (Êx 30.7).

**33.12-16** — Da mesma forma que era o filho amado de Jacó, Benjamim era o *amado do Senhor* (Gn 44.20). Por isso, não só sua tribo receberia de Deus paz e *segurança*, como também o próprio Benjamim seria guardado pelo Senhor, segundo afirma a declaração *o Senhor o protegerá, e ele morará entre os seus ombros*.

**33.17,18** — *Ele tem a glória do primogênito do seu boi, e as suas pontas são pontas de unicórnio.* Deus daria a Efraim e Manassés coragem na batalha e vitória na guerra. Como bois, essas tribos feririam os inimigos e os empurrariam para longe. As expressões *dez milhares de Efraim* e *os milhares de Manassés* demonstram que Moisés exaltou Efraim sobre Manassés, atitude que se manteve de acordo com a bênção dada por Jacó ao filho mais novo de José (Gn 48.8-20).

**33.19** — A tribo de Zebulom seria estabelecida perto dos mares, os quais, junto às suas costas, eram os lugares designados por Deus para a prosperidade dessa tribo.

**33.20,21** — Moisés comparou o papel militar de Gade ao poder de uma leoa faminta e previu que esta tribo prontamente se juntaria às outras na conquista de Canaã (Js 22.1-6).

**33.22** — *Leãozinho* pode fazer referência ao pequeno tamanho da tribo de Dã. Ainda que a terra herdada por Dã estivesse próxima a Judá pelas planícies costeiras, a tribo não teria condições de mantê-la por causa da hostilidade dos filisteus. Consequentemente, os danitas um dia migrariam para a região de *Basã*, ao sul do monte Hermom (Jz 18).

**33.23** — As palavras de Moisés sobre Naftali indicam que a tribo gozaria abundantemente as bênçãos de Deus. Ela herdaria a terra a oeste e ao sul do mar da Galiléia.

**33.24,25** — A instrução *banhe em azeite o seu pé* é uma imagem da rica bênção de Deus sobre Aser (Sl 133.2). Além da unção do Senhor, o *ferro e o metal* [seriam] o *calçado* de Aser, ou seja, esta tribo possuiria fortalezas poderosas (para saber mais sobre a bênção de Jacó, leia Gn 49.20). Por motivos que desconhecemos, não há bênção para a tribo de Simeão, como sustenta o texto (mas compare a bênção de Jacó a Simeão, em Gn 49.5-7). Simeão, ao que parece, foi absorvido pela tribo de Judá no tempo dos reis de Israel.

**33.26,27** — No hebraico, a frase negativa *não há outro* é uma forma de expressar algo que é indiscutível — o *Deus de Jesurum sozinho ajudará*. Como um general, o Senhor *cavalga sobre os céus e sobre as altas nuvens*, constantemente à espreita

para defender Seu povo contra ataques. O Senhor dos exércitos sempre provê proteção porque Ele é eterno. Deus é a nossa *habitação*, nosso refúgio, com quem podemos contar nos momentos de aflição (Sl 90.1;91.9). O Todo-poderoso que libertou Israel com Seu braço forte sempre estará com Seu povo em amor e em poder, sustentando-o com Seus *braços eternos*.

**33.28** — *Israel, pois, habitará só e seguro.* Moisés confirmou a veracidade da promessa que Deus fez ao povo por meio de Balaão, o profeta pagão (Nm 23.9).

**33.29** — *Quem é como tu?* Esta pergunta é, na verdade, uma declaração: *não há povo como Israel*, pois Deus, a fonte de toda proteção, lutaria as batalhas de Seu povo, representadas nesta passagem pelos elementos *escudo e espada*. O Senhor demoliria com Seus próprios pés, isto é, [pisaria] *sobre as suas alturas*, as áreas de adoração idólatra, os lugares pagãos que corrompiam as nações (Mq 1.3).

**34.1** — *Moabe* foi onde Moisés declarou a Lei aos israelitas (Dt 1.5) e conduziu-os na cerimônia de renovação da aliança (Dt 29.1-28), e *Jericó* foi a primeira cidade conquistada em Canaã. Embora ainda estivesse em Moabe, Deus *mostrou* a Moisés de perto toda a Terra Prometida. Infelizmente seus pés não poderiam andar sobre o território que seus olhos contemplavam! *Dã* era a área abaixo do monte Hermom, conquistado pela tribo tempos depois (Jz 18).

**34.2** — A expressão *toda a terra de Judá* se refere às altas terras a oeste de Jericó e do mar Morto. O *mar último* é o Mediterrâneo.

**34.3,4** — O *Sul* faz referência a Neguebe, o árido distrito sul de Judá. *Campina* é a região em torno do mar Morto, do vale de Jericó até Zoar, a cidade no sul da planície de onde Ló saiu com suas filhas (Gn 19.22). Deus prometera (*jurei*) esse território a Abraão há muito tempo (Gn 15.18-21;17.1-8; Êx 33.1).

**34.5** — Moisés perdurou como o *servo* fiel de Deus. Um servo de Deus é aquele que possui um relacionamento íntimo com o Senhor, pautado na confiança, como o fizeram Abraão (Gn 26.24) e Davi (2 Sm 7.5).

34.6,7 — *Ninguém tem sabido até hoje a sua sepultura.* Deus se encarregou do funeral de Moisés. Caso o túmulo do profeta fosse conhecido, as pessoas provavelmente fariam dele um santuário e lá começariam rituais de adoração. Moisés morreu por vontade de Deus, e não por alguma enfermidade associada à idade (Dt 31.2), tanto que *seus olhos nunca se escureceram, nem perdeu ele o seu vigor.*

34.8 — *Trinta dias* era o período normal de luto. Ainda que Moisés tenha sido sepultado sozinho, ele não foi esquecido por seu povo.

34.9 — *Josué* era reconhecido por sua sabedoria, uma vez que obedeceu ao chamado do Senhor para sua vida.

34.10-12 — *Profeta algum como Moisés.* Mesmo Josué tendo sido tão importante como foi, ele não deve ser confundido com Aquele que viria a cumprir a promessa de Deus de um profeta que teria um prestígio maior do que o de Moisés (Dt 18.15), o qual estabelecera uma intimidade excepcional com o Senhor, a ponto de tratar com Ele *face a face* (Êx 33.11; Nm 12).

Como Moisés, Jesus de Nazaré demonstrou *sinais* e realizou *maravilhas* quando começou Seu ministério na terra (Mt 4.23-25; Jo 5.46). As miraculosas obras que *operou Moisés* eram feitos divinos efetuados pelas mãos do profeta. Com estas cativantes palavras de testemunho da importância de Moisés como o servo de Deus, Deuteronômio chega ao seu grandioso final.



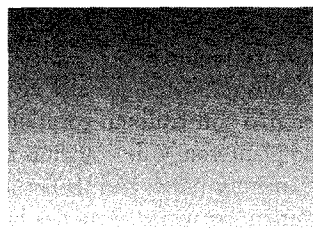
## COMPARE

### OS DEUSES DOS CANANEUS

O Senhor declarou *eu o sou, e mais nenhum deus comigo* (Dt 32.39), uma alegação feita repetidas vezes ao longo das Escrituras (Êx 8.10; Dt 4.35; 6.4; Mc 12.32). Contudo, os hebreus eram os únicos entre os povos do mundo antigo que preservavam a crença em um só Deus (com certos descuidos). Praticamente todas as outras nações acreditavam em vários deuses.

Os cananeus, os quais Israel expulsaria da terra, adoravam mais de setenta divindades. Observe no quadro abaixo os principais deuses:

<b>El</b>	Deus supremo, mas que permanecia num plano de fundo. Conferia poder e autoridade a deuses inferiores.
<b>Baal</b>	O nome significa <i>mestre, possuidor ou marido</i> . Um ídolo cultuado pelos povos cananitas e suméricos como deus da natureza, geralmente chamado de Adad, o deus da tempestade. Entretanto, também é um nome para outros deuses locais, como Baal-Berite ( <i>senhor da aliança</i> , Jz 8.33) e Baal-Peor (Nm 25.3).
<b>Dagom</b>	Um ídolo cultuado pelos filisteus (1 Sm 5; Jz 16.21-24).
<b>Aserá</b>	Esposa de El (e algumas vezes de Baal) e mãe de outros deuses. A deusa do mar. Normalmente era a divindade predileta das mulheres (provavelmente de Jezabel, 1 Rs 18.19), representada por um pilar de madeira ou poste sagrado (1 Rs 15.13).
<b>Astarte ou Astarote</b>	Uma divindade do panteão fenício, cultuada pelos sumérios, acádios, fenícios e cananitas como a deusa da lua, da sexualidade e da fertilidade. Foi, muitas vezes, adorada pelos hebreus (Jz 2.13; 1 Sm 7.3,4; 1 Rs 11.5).
<b>Anat</b>	A amante de Baal. A deusa da guerra, do amor e da fertilidade. Talvez seja a <i>rainha dos céus</i> , a quem os judeus ofereceram incenso nos tempos de Jeremias (Jr 7.18).



O livro de

# Josué

## INTRODUÇÃO

**O** livro de Josué descreve a conquista israelita de Canaã desde a invasão inicial, atravessando o rio Jordão, até a divisão final da terra.

Como a maioria das histórias militares, o livro de Josué foca em seu comandante, ainda que nesta guerra singular o Comandante tenha sido o próprio Deus (Js 5.15). O livro enfatiza repetidamente que a vitória dos israelitas se deu em razão da intervenção divina (capítulos 10 e 11). A extraordinária vitória sobre Jericó demonstrou isso de forma dramática (cap. 6). Agora, Deus decisivamente agiu conforme as promessas que fez a Abraão: Ele estava dando a terra de Canaã ao Seu povo. Logo, o livro de Josué descreve um Deus que cumpre fielmente Suas promessas.

Os acontecimentos em Josué ocorreram em um intervalo de tempo de

menos de uma década, 40 anos após o êxodo, provavelmente por volta de 1406 a.C.

Calebe relata que (Js 14.7-10) havia 45 anos que ele fora mandado a Cades-Barnéia para espionar a terra (Nm 13). Considerando que os israelitas passaram 38 anos vagando no deserto (Dt 2.14), da época em que eles atravessaram o rio Jordão até a data da declaração de Calebe, houve um intervalo de sete anos. A maioria dos acontecimentos do livro provavelmente ocorreu neste período.

Muitos estudiosos sugerem que a conquista de Canaã se deu entre 1250 e 1150 a.C., porque há evidências arqueológicas da destruição de cidades cananeias nesta época. Entretanto, existem alguns problemas nesta concepção, sendo o mais expressivo o fato de que os israelitas destruíram

apenas três cidades — Jericó, Ai e Hazor — durante a conquista.

Deus prometeu que eles viveriam em cidades que não construíram, gozariam de campos que não plantaram e de colheitas de frutos que não cultivaram (Dt 6.10,11). Portanto, os israelitas lutaram, na maior parte das batalhas, em áreas que ficavam fora das cidades. A generalizada destruição das cidades cananeias, cujos vestígios foram encontrados pelos arqueólogos, pode datar do tempo dos Juízes. Durante este período, Deus permitiu que muitas invasões estrangeiras devastassem os campos e as cidades, a fim de disciplinar Seu povo rebelde.

Algumas narrativas em Josué geralmente passam a impressão de que a conquista dos israelitas prevaleceu sobre os cananeus com uso de uma força superior, infligindo aos habitantes uma série de derrotas absolutas. O capítulo 10 é um exemplo disso.

Entretanto, o livro de Josué como um todo não descreve Israel ganhando um ataque frontal ofensivo por meio de uma força superior. Em vez disso, sob o comando divino, Israel usou diversos meios para derrotar seus inimigos, tais como emboscadas e táticas de desvio de atenção. Além disso, Josué 16.10 e Juízes 1 sugerem que a vitória dos israelitas sobre Canaã foi incompleta. Ainda havia cananeus morando lá. Todavia, Deus deu a maior parte da terra para os israelitas após uma série de batalhas dramáticas em um período de tempo relativamente curto. Deus foi fiel às Suas promessas.

Os dois temas mais proeminentes em Josué são: a posse da terra e a aliança. Deus, por diversas vezes, prometeu a terra de Canaã a Abraão (Gn 12.7; 13.14,15,17; 15.18-21; 17.8; 22.17), a Isaque (Gn 26.3,4), a Jacó (Gn 28.4,13; 35.12) e às gerações sucessoras (Gn 48.4-22; 50.24). O livro de Josué enfatiza que a conquista de Canaã foi o cumprimento direto dessa promessa. O Senhor estava lutando pelos israelitas e dando-lhes a terra nesta operação. Visto que Deus demonstrava Sua fidelidade a Israel, Ele esperava que o povo fosse fiel à aliança que tinha com Ele. A posse da terra estava baseada

na submissão dos israelitas à Lei (Js 23.9-13, 15,16; Dt 4.1,25-27,40; 6.17,18). Na verdade, o livro de Josué retrata a posse completa da terra como resultado da obediência de Josué à Lei e aos comandos de Deus (Js 10.40; 11.20,23; 23.9-13).

A conquista da terra permitiu que Israel experimentasse o *repouso* de Deus, o qual Ele prometera aos israelitas desde o início (Js 1.13,15; 11.23; 14.15; 21.44; 22.4; 23.1). *E o Senhor lhes deu repouso em redor, conforme tudo quanto jurara a seus pais* (Js 21.44). O autor de Hebreus compara este conceito de repouso do Antigo Testamento com a entrada no repouso de Cristo, isto é, em Seu Reino de paz (Hb 3; 4).

Além de enfatizar a importância da fidelidade à aliança (Js 1.7,8; 22.5; 23.6,16; 24.15), Josué registra duas cerimônias dedicadas à renovação desta. A primeira aconteceu no monte Ebal. Lá, Josué construiu um altar para o Senhor, ofereceu sacrifícios e leu a Lei de Moisés (Js 8.30-35). A segunda foi em Siquém (cap. 24), onde ele escreveu as palavras da renovação da aliança no *livro da Lei de Deus* e erigiu uma grande pedra como testemunha e memorial do acordo (Js 24.25-27). Ambas as cerimônias incutiram na mente e no coração dos israelitas a responsabilidade de seguir apenas a Deus e obedecer às Suas instruções. Ao final da conquista, Israel tinha um novo desafio diante de si. Visto que a intensidade da batalha acabara, os israelitas deveriam demonstrar sua fidelidade a Deus inclusive nas atividades corriqueiras da vida cotidiana.

Este livro é nomeado *Josué* em razão de este homem figurar de forma proeminente na narrativa como o sucessor de Moisés e o líder de Israel durante a conquista de Canaã. De forma bastante apropriada, o nome *Josué* em hebraico significa *o Senhor salva* ou *o Senhor pode salvar*.

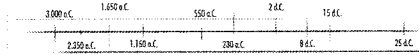
O livro de Josué não expõe quem o escreveu. O próprio Josué, sem dúvida alguma, registrou partes do livro, visto que no versículo 26 do capítulo 24 declara: *e Josué escreveu estas palavras no livro da Lei de Deus*. Entretanto, não se sabe o quanto do restante do livro ele redigiu. Quanto à data da composição, Josué 6.25 registra que

Raabe estava morando em Israel. Isso pode indicar que seções do livro (se não todo ele) foram escritas pouco depois dos acontecimentos regis-

trados. Mas também pode significar que os descendentes de Raabe ainda estavam vivendo em Israel na época das Escrituras.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM JOSUÉ



Ano 1446—1406 a.C. — 40 anos de peregrinação pelo deserto

Ano 1405 a.C. — Josué torna-se o sucessor de Moisés

Ano 1405 a.C. — Os israelitas atravessam o rio Jordão rumo a Canaã

Ano 1405—1400 a.C. — Jericó e outras cidades são tomadas

Ano 1398 a.C. — A terra de Canaã é dividida entre as tribos

Ano 1380 a.C. — Josué morre

Ano 1375—1075 a.C. — Juízes orientam Israel

Ano 1050 a.C. — Saul se torna rei de Israel



## ESBOÇO

- I. A conquista da terra — 1.1—12.24
  - A. Preparativos para a entrada em Canaã — 1.1-18
  - B. Dois espias em Jericó — 2.1-24
  - C. A travessia do Jordão — 3.1—5.1
  - D. Preparações rituais — 5.2-15
  - E. A conquista de Jericó — 6.1-27
  - F. A desobediência ao mandato divino e a conquista de Ai — 7.1—8.29
  - G. Confirmações da aliança — 8.30-35
  - H. O pacto gibeonita — 9.1-27
  - I. As campanhas norte e sul — 10.1—11.23
    - 1. Vitória sobre a coalizão do sul — 10.1-27
    - 2. Término da campanha do sul — 10.16-23
    - 3. Vitória sobre a coalizão do norte — 11.1-15
    - 4. Término da campanha do norte — 11.16-23
  - J. A lista dos reis e das terras conquistadas — 12.1-24
    - 1. Os reis e as terras a leste do Jordão — 12.1-6
    - 2. Os reis e as terras a oeste do Jordão — 12.7-24
- II. A divisão da terra — 13.1—21.45
  - A. A ordem para distribuir a terra — 13.1-7
  - B. A terra a leste do Jordão — 13.8-33
  - C. A distribuição a oeste do Jordão — 14.1—19.51
    - 1. Introdução — 14.1-5
    - 2. A herança de Calebe — 14.6-15
    - 3. A herança de Judá — 15.1-63
    - 4. A herança de José — 16.1—17.18
    - 5. A herança das outras tribos — 18.1—19.51
  - D. As cidades de refúgio e as cidades dos levitas — 20.1—21.45
- III. Despedidas — 22.1—24.33
  - A. Josué despede-se das tribos a leste do Jordão — 22.1-34
  - B. Josué despede-se pela primeira vez de todo o Israel — 23.1-16
  - C. Josué despede-se pela segunda vez de todo o Israel — 24.1-28
    - 1. Introdução e revisão do passado — 24.1-13
    - 2. Confirmações da aliança — 24.14-28
  - D. Conclusão: registros fúnebres — 24.29-33



## COMENTÁRIO

**1.1** – Josué começa onde Deuteronômio acaba, após a morte de Moisés. Este é a figura central da narrativa que se inicia em Êxodo e vai até Deuteronômio. Ele é chamado de *servo do Senhor*, um título que lhe fora dado pela primeira vez no fim de sua vida (Dt 34.5). Em Josué, Moisés é designado desta forma 15 vezes. Nas Escrituras hebraicas, tal designação é uma qualificação especial concedida apenas a Moisés, Josué (Js 24.29; Jz 2.8), Davi (Sl 18.1; 36.1) e ao Messias (Is 42.19).

*Josué, filho de Num.* Identificar alguém acrescentando o nome do pai era o equivalente hebraico ao uso do sobrenome. Josué foi o auxiliar de Moisés (Êx 24.13; Nm 11.28). A palavra hebraica usada para *auxiliar* [NVI] geralmente faz referência ao culto de adoração, mas também pode significar o serviço a um indivíduo, como acontece aqui (veja 1 Rs 19.21, para o assistente de Elias). Josué não é identificado como o *servo do Senhor* neste momento, porque provavelmente ele ainda não tinha exercido completamente o cargo de substituto de Moisés para guiar o povo até Canaã. Josué precisava aprender mais sobre suas funções, o que pode ser conferido em Deuteronômio 34.9b: *E Josué, filho de Num, foi cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés tinha posto sobre ele as suas mãos; assim, os filhos de Israel lhe deram ouvidos e fizeram como o Senhor ordenara a Moisés.*

**1.2-9** – O discurso de Deus encorajando Josué é alentador e tenro, e garantia Seu cuidado, Sua proteção e Sua presença, além de estimular a obediência à Sua lei. Aquelas palavras do Senhor para Josué serviam como motivação e mostravam a graça de Deus para com Seu servo, algo que continua válido nos dias de hoje. É impossível alcançarmos o verdadeiro sucesso se estivermos distantes da vontade de Deus.

**1.2** – *Terra que eu dou aos filhos de Israel.* Esta expressão fazia referência a Canaã, uma terra que havia sido prometida primeiro a Abraão, centenas de anos antes (Gn 12.7; 13.14,15,17; 15.18-21; 17.8; 22.17). Mesmo que Deus tenha permitido que os descendentes de Abraão se tornassem escravos em um domínio estrangeiro (Gn 15.13),

Ele, todavia, prometeu trazê-los de volta à sua própria terra (Gn 15.16). Esta promessa foi repetida muitas vezes (Êx 6.4,8; Dt 1.6-8; 4.38,40; 5.31; 7.13; 8.1-10; 9.4-6; 11.8-12,17; 26.1,9; 32.49,52; 34.4).

**1.3** – *Vo-lo tenho dado.* Este trecho faz referência a toda a nação de Israel. Algumas vezes (como no v. 2), a terra é retratada como ainda estando no processo de ser concedida a Israel (*Eu estou para dar aos israelitas* - NVI). Em outras partes da Bíblia, como aqui, ela é descrita como se já tivesse sido dada ao povo. Esta maneira de falar reflete a ideia de que Israel possuía antecipadamente o título de propriedade da terra, mesmo que o povo ainda não tivesse de fato tomado posse do local. Esta também é a linguagem usada por Gênesis 15.18. *Como eu disse a Moisés:* Deus mantém a Sua promessa.

**1.4** – Esta descrição da terra dá um panorama de suas extremidades sul e norte, e da fronteira a oeste. O limite a leste não é mencionado, provavelmente porque se estendia até onde Josué estava, nas planícies de Moabe, a leste do rio Jordão. A terra de Canaã aqui é designada por um de seus proeminentes grupos étnicos, os heteus (Dt 7.1). Um grande reino heteu na Ásia Menor (moderna Turquia), datando de 1800—1200 a.C., foi identificado. A relação entre os heteus de Canaã e os da Ásia Menor não é clara. O *grande mar* é o mar Mediterrâneo.

**1.5** – A grande promessa de Deus a Moisés, ao dizer: *assim serei contigo* (Êx 3.12), é agora feita a Josué (Js 1.9; 3.7). Que animador deve ter sido para Josué o fato de que Deus estaria com ele da mesma forma que esteve com Moisés! Josué esteve presente durante as muitas demonstrações da presença de Deus na vida de Moisés e, desta forma, ele sabia quão importante era esta promessa de que o Senhor estaria sempre presente.

**1.6** – *A ordem esforça-te e tem bom ânimo* serviria para o encorajamento de Josué, e Deus repetiu estas palavras três vezes (v. 6,7,9). O povo, mais tarde, respondeu a Josué fazendo exatamente a mesma declaração (v. 18). A mesma expressão também foi usada por Davi, tempos depois, para estimular seu filho Salomão (1 Cr 22.13; 28.20).

*Farás a este povo herdar.* Esta expressão é o primeiro registro dos atuais deveres de Josué, da cessão da terra a Israel em nome de Deus.

**1.7 – Esforça-te e tem mui bom ânimo.** Estas instruções a Josué não remetem absolutamente às questões militares. Isso pode parecer surpreendente, dada a situação de batalhas se aproximando. Entretanto, o sucesso dependia mais do estado espiritual e do nível de obediência a Deus de Josué do que de qualquer estratégia militar. A comunhão com o Senhor é muito mais poderosa do que qualquer conhecimento de guerra.

*A lei que meu servo Moisés te ordenou.* Ao ler esta expressão subentende-se que a Lei foi dada por Moisés a Israel. Entretanto, alguns estudiosos argumentam que as ordenanças encontradas no Pentateuco vieram de uma época muito posterior. Mas esta passagem, juntamente com outras (Js 8.31-35; Dt 31.24-26), estabelece que Moisés de fato dera a Lei a Israel.

O termo traduzido como *bem-sucedido* [NVI] significa muito mais do que o mero sucesso financeiro. A expressão inclui o bem-estar espiritual.

**1.8,9 –** A palavra *meditar* (*medita*, no texto) significa muito mais do que uma contemplação. A ideia aqui é a de que um indivíduo deve refletir sobre a Palavra de Deus de uma forma profunda, considerando suas verdades de forma pessoal e aplicando-as à sua vida (Sl 1.2,3).

**1.10 –** Os *príncipes do povo* eram oficiais que ajudavam na organização dos afazeres de Israel. O faraó egípcio designou alguns oficiais parecidos para predominar sobre Israel (Êx 5.14,15).

**1.11 – Provede-vos de comida.** Esta expressão mostra que o Senhor proveria o alimento necessário para os próximos dias, visto que os israelitas estavam se preparando para atravessar o Jordão.

O trecho *dentro de três dias* revela que os filhos de Israel separaram um período prévio para se organizar antes de entrar em Canaã. O mesmo tempo de três dias foi gasto pelos espias que ficaram escondidos nas colinas fora de Jericó ao serem enviados tempos antes por Moisés para sondarem como era a Terra Prometida (este fato foi mencionado em Js 2.16,22). Depois que os espias voltaram, os israelitas esperaram outros três dias para cruzar o Jordão (Js 3.2).

**1.12-15 –** Josué lembrou às duas tribos e meia que estavam assentadas a leste do Jordão que elas prometeram lutar com o resto dos israelitas pela terra do outro lado do rio, ou seja, por Canaã. Nos versículos 13-15, Josué cita praticamente as mesmas palavras que Moisés pronunciou a estas tribos quando este falou sobre a conquista da Terra Prometida (compare Js 1.13-15 com Dt 3.18-20). Houve apenas uma mudança no discurso, ao analisar o versículo 14 deste capítulo, pois, em Deuterônimo, Moisés fala em *idades*, enquanto aqui Josué fala em *banda do Jordão*. Isto serve para destacar o especial interesse de Josué na terra.

Apesar de estas tribos obterem o direito de tomar posse da terra a leste do Jordão, elas deveriam manter a aliança solidária com seus irmãos e lutar para conquistá-la (Nm 32.1-42; Dt 2.26—3.20). E podemos inferir desta passagem que as tribos mantiveram sua promessa. Por causa da fidelidade



## EM FOCO

### MEDITAR (HB. HAGAH)

(Js 1.8; Sl 1.2; 77.12)

O verbo hebraico correspondente a meditar possuiu uma grande variedade de significados no Antigo Testamento. Por exemplo, pode aludir ao rugido de um animal (Is 31.4), ao gemido de uma pessoa aflita (Is 59.11), bem como ao ato de falar (Jó 27.4), balbuciar (Is 59.3), planejar uma fraude (Sl 38.12), estudar (Pv 15.28) e meditar (Sl 1.2). O vocábulo hebraico *hagah* está relacionado a um termo que significa pensar profundamente.

No contexto de Josué 1.8, Deus ordenou a Josué que se lembrasse de Sua Lei quando falasse consigo mesmo; quando meditasse sobre algo. Todas as pessoas de fé aliançadas com Deus devem meditar sobre a Lei divina (Js 1.8) e Suas obras (Sl 143.5).

das tribos em cumprir esta promessa, elas são abençoadas por Josué, no final deste livro (Js 22.1-9). A história recontada em Josué 22.10-34 ilustra a boa-fé das tribos com relação a esta questão.

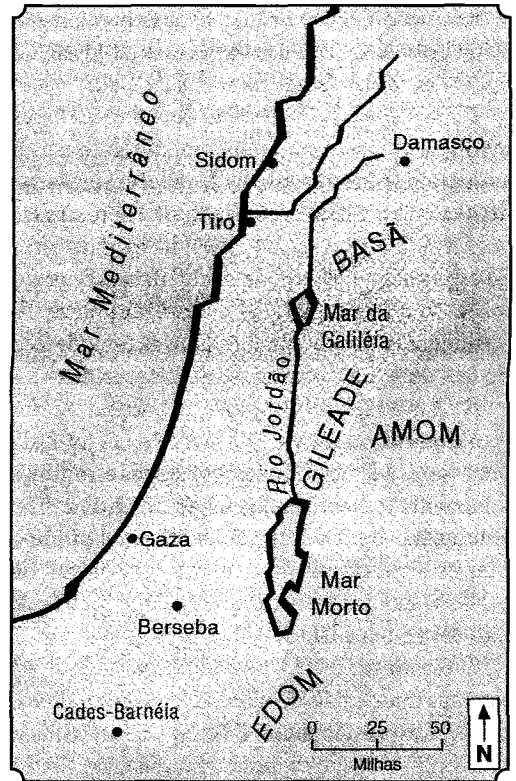
**1.13-15** – A promessa de *descanso* ecoa em Números 32.20-22 e em Deuteronômio 3.18-20. Leia a respeito das promessas de descanso em Êxodo 33.14 e Deuteronômio 12.9,10. Este repouso era o presente de Deus para Israel. Em Josué, significa basicamente o descanso dos conflitos contra os inimigos. Outras passagens em Josué fazem menção a Israel ou à terra que tem repouso (Js 11.23; 14.15; 21.44; 22.4; 23.1).

**1.14,15** – A palavra hebraica que corresponde a *armados* está relacionada aos números cinco e 50. É possível que signifique estarem alinhados na formação de batalha em grupos de cinquenta.

*Todos os valentes e valorosos.* Esta expressão faz referência à elite do exército. Josué escolheu 30 mil destes homens para prepararem uma emboscada contra Ai (Js 8.3) e também os levou à batalha em Gilgal (Js 10.7). Grupos de 400 homens poderosos (1 Sm 22.2), e mais tarde de 600 (Js 27.2), também acompanharam Davi. Um pouco depois, lemos que um grupo de elite de 30 ou mais eram guerreiros especiais de Davi (2 Sm 23.8-39).

**1.16-18** – O povo respondeu a Josué de forma calorosa, entusiasmada, refletindo os elementos de esforço e ânimo que Deus colocara a cargo de Josué nos versículos 1 a 9. Compare o versículo 5 com o 17, e note também a quarta ocorrência da exortação: *esforça-te e tem bom ânimo* (v. 6,7,9). O comprometimento de obediência e lealdade a Josué certamente deve ter encorajado grandemente o novo líder.

**1.16** – O texto não fala claramente quais pessoas responderam a Josué, se foram os oficiais do povo (v. 10) ou as tribos a leste do Jordão (v. 12). Ao que tudo indica, analisando os versículos 10 e 12, as palavras de Josué aos oficiais no versículo 11 e a declaração às tribos nos versículos 13 a 15 fazem parte de um mesmo evento. A resposta nos versículos 16 a 18 é provavelmente destinada a toda a nação de Israel. Desta forma, todo o povo confirmou a liderança de Josué no início de seu exercício em tal cargo.



#### A Terra Prometida

*De seu acampamento em Moabe, os israelitas se prepararam para entrar na terra que o SENHOR lhes deu para que a possuissem (Js 1.11). Esta foi a terra que Deus prometeu conceder aos descendentes de Abraão (Gn 13.14-17). Os limites dela foram cuidadosamente definidos por Moisés (Nm 34.1-12). Agora, sob a liderança de Josué, o povo deveria partir e tomar posse de Canaã.*

**1.17,18** – *Senhor, teu Deus, seja contigo.* Estas palavras dos israelitas mostraram a aceitação do povo em ter Josué como novo líder. O povo usou os mesmos termos que o próprio Deus pronunciou quando prometeu estar com o substituto de Moisés.

**2.1-7** – Josué enviou dois espias para explorar a terra, especialmente Jericó. Eles se dirigiram para um local onde teriam fácil acesso, a casa de uma prostituta (v. 1). As notícias correram e chegaram até o rei local. Este, então, mandou homens para tirar os espias da casa (v. 2,3). Entretanto, Raabe protegeu os enviados de Josué despistando os servos do rei (v. 4-7).

2.1 – *Sitim* era um lugar a leste do rio Jordão onde os israelitas ficaram acampados por algum tempo (Nm 25.1). Na versão em inglês, a tradução literal é *Prado das Acácias*. Este ficava, provavelmente, a uma distância considerável do Jordão, porque se levava alguns dias para chegar lá.

*Raabe* era uma prostituta cananeia, entretanto sua história é uma das mais inspiradoras da Bíblia. As suas ações de cuidado para com os espias israelitas no território inimigo demonstraram uma fé no Deus de Israel que é louvada no Novo Testamento (Hb 11.31; Tg 2.25). O termo traduzido como *prostituta* (hb. *zônâ*) é uma palavra que designa a prostituta comum, e não a cultural (*qedshâ*). É possível que Raabe tenha se transformado em uma prostituta por causa da morte de seu marido e das necessidades de sua família pobre (Js 6.23 não menciona o marido). Em todo caso, de toda a população, apenas ela chegou até

o Deus vivo, e Ele a salvou (Js 6.25). O nome *Raabe*, aqui, não deve ser confundido com o vocábulo *Raabe* que designa um dragão (um monstro marinho), ocasionalmente usado como um termo aviltante para *Egito*.

2.2,3 – *Deu-se notícia ao rei de Jericó*. Apesar de ser uma missão secreta (v. 1), esta expressão mostra que a notícia da chegada dos espias espalhou-se rapidamente. O rei de Jericó governava um reino pequeno, o qual incluía a cidade e os arredores desta. Como acontecia frequentemente no mundo antigo, seu *reino* era, na verdade, uma cidade-estado. Compare com a referência a *Jabim, o rei de Hazor*, em Josué 11.1.

2.4-6 – Raabe fez o que pôde a fim de salvar os homens enviados por Josué, inclusive mentiu para os homens que estavam procurando os espias israelitas, mas isso não constitui um aval à mentira. As Escrituras condenam claramente o ato de mentir (Lv 19.11; Pv 12.22).



## APROFUNDE-SE

### MENTIR

A Bíblia condena claramente a mentira. As Escrituras a proíbem, os profetas a condenam e o povo de Deus deve evitá-la (Êx 20.16; Jr 9.4-9; Zc 8.16; Ef 4.5). Por trás disso tudo, está o próprio Deus, que nunca mente (Nm 23.19).

No entanto, o que dizer de Raabe? Ela mentiu para proteger os espias israelitas que foram até Jericó com o objetivo de espreitar a cidade. Essa história de bravura exhibe a imagem dessa mulher de uma forma bastante positiva. Josué louvou os esforços dela, e o AT e NT enaltecem e honram Raabe por ter tomado tal atitude (Js 6.22-25; Hb 11.31; Tg 2.25). Suas atitudes fizeram com que ela se tornasse parte do povo de Deus, colocando-a, por fim, na linhagem de ancestrais de Davi e Jesus.

A mentira de Raabe ajudou os israelitas na conquista de Canaã, uma tarefa que Deus ordenou e abençoou. Esse episódio significaria que a mentira pode, algumas vezes, ser aceitável diante das circunstâncias? Não! Mas, no caso de Raabe, seu pecado provavelmente foi perdoado por causa de uma razão maior: a preservação da vida dos espias. Aqueles que defendem esta posição acreditam que algumas ofensas são maiores do que outras, e que, em certas ocasiões, um indivíduo tem de escolher entre determinadas opções. Assim, ela fez a coisa certa ao ocultar os israelitas e despistar os soldados de Jericó, porque era mais importante salvar a vida dos espias do que dizer aos perseguidores onde os israelitas estavam.

De qualquer modo, precisamos ser muito cuidadosos ao fazer a distinção entre a fé de Raabe e a maneira como ela a expressou. Na Bíblia, essa mulher é louvada por causa de sua fé em Deus, e não por ter mentido. As atitudes de Raabe provaram que ela acreditava plenamente que Deus entregaria Jericó (e toda Canaã) aos israelitas, por isto ela arriscou a própria vida ocultando os espias em sua casa e negando-se a entregá-los aos seus confeterrâneos. Embora tenha mentido, ela fez o melhor que podia fazer naquela situação.

Além disso, embora a Bíblia esclareça que Raabe, antes de sua conversão, era uma prostituta, isto não é motivo para considerarmos esse comentário um atenuante para a imoralidade. Raabe, como a maioria de nós, um dia teve uma vida de pecados, mas por acreditar em Deus um dia teve uma oportunidade de salvação e agarrou-se a ela, empenhando-se em honrar ao Senhor e ao Seu povo. Ela foi uma grande heroína da fé, que surgiu de um lugar totalmente inesperado. E sua fé foi honrada não apenas quando ela foi salva da morte pelo que fez por Israel, mas também quando seu nome foi citado na genealogia de Jesus (Rt 4.18-22; Mt 1.5).

**2.5** – Todas as grandes cidades em Canaã eram muradas e tinham uma grande porta para proteção. Escavações em Jericó revelaram fortes muros de diferentes períodos da existência da cidade.

**2.6** – Como a maioria das casas, a de Raabe possuía um telhado plano. Ela escondeu os homens neste local, onde colocava as canas [*talos*, na NVI] do linho para secagem. O linho é a mais antiga fibra têxtil conhecida. Era usado para produzir tecidos para o vestuário.

**2.7,8** – O rio Jordão tinha aproximadamente 30 m de largura e de 1,5 a 3,6 m de profundidade perto de Jericó. Não havia pontes, e *vaus* rasos eram usados para atravessá-lo.

**2.9-11** – A fé de Raabe é visível nas palavras que aparecem nestes versículos. Ela é um bom exemplo de estrangeiro (a) que responde ao Deus de Israel, e está incluída com outras mulheres — Tamar, Rute e Bate-Seba — na genealogia de Jesus em Mateus. Elas eram estrangeiras, mas se tornaram parte de Israel. Isso reflete a inclusão tencionada na aliança abraâmica (Gn 12.2,3).

**2.9,10** – Raabe usa o nome pessoal de Deus, *Yahweh*, traduzido aqui como *Senhor*. Isto indica que ela veio a ter fé no Deus vivo (v. 11). Deus, benevolentemente, abriu o coração e a mente de uma prostituta estrangeira para que esta o aceitasse como Senhor.

Os cananeus tinham ouvido a respeito da derrota de mais de 60 cidades fortificadas a oeste do rio Jordão. Por isso, Raabe disse: *Bem sei que o Senhor vos deu esta terra, e que o pavor de vós caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desmaiados diante de vós*. Deus já havia, de forma dramática, libertado os israelitas de várias maneiras, e essas informações espalharam-se por entre as nações. Tanto que Raabe menciona dois resgates miraculosos: a travessia do mar Vermelho e as vitórias sobre os reis do lado leste do Jordão, Seom e Ogue (Js 2.10; Êx 14; Nm 21.21-35).

**2.11** – Raabe faz uma grande afirmação de fé no Senhor ao dizer: *é Deus em cima nos céus e embaixo na terra*. Assim ela declarou a soberania de Deus nos céus e na terra de uma forma que faz lembrar a linguagem utilizada nos Salmos (Sl 113.5,6) e é parecida com a confissão

de Melquisedeque a Abraão (Gn 14.19,20). E o fato de que não-israelitas vieram a ter fé em Deus indica que a grande misericórdia divina chegava a todas as nações.

*Todos perderam a coragem* [NVI]. Esta expressão indica que o fôlego dos cananeus tinha acabado. As pessoas de Jericó se acovardaram e seu coração desmaiou de medo por causa dos israelitas.

**2.12-14** – Raabe pediu que os espias jurassem que ela e sua família seriam salvas se os ajudasse. Mesmo que jurar em nome de Deus fosse uma coisa muito séria, os enviados de Josué concordaram com o pedido dela (v. 14,17,20).

**2.15** – A expressão hebraica traduzida como *sua casa estava sobre o muro da cidade* sugere que a morada de Raabe estava *entre* os muros da cidade e não *no topo* destes. Esta expressão pode ser interpretada como *sua casa estava nos muros dobrados*. Isso alude a um tipo defensivo de construção de paredes encontrado em muitas cidades da época. Os muros eram erguidos paralelos e conectados por paredes cruzadas entre eles. Os espaços que resultavam desse tipo de construção podiam ser usados como depósito ou alojamento. A família de Raabe provavelmente morava em uma residência desse tipo. Uma moradia no muro era uma casa humilde, o lugar exato para uma prostituta... e para a graça de Deus.

**2.16,17** – *Ide-vos ao monte*. As únicas montanhas perto de Jericó para onde poderiam ir estavam a oeste. Esta é a direção oposta à rota que os perseguidores tomaram, pois estes foram para o leste, descendo o Jordão (v. 7).

**2.18-21** – Os espias deram a Raabe um cordão de fio de escarlata [vermelho vivo] para pendurar na janela como um símbolo do acordo que fizeram. Sendo assim, o exército de Israel identificaria a casa dela e pouparia todos em seu interior. Aliás, a cor do cordão é indiscutivelmente importante, pois representa a cor do sangue da expiação (Êx 12.7,13), além de aludir à história de Tamar, quando o fio vermelho foi amarrado ao pulso do primeiro filho (Gn 38.28,30). Ambas as mulheres, Raabe e Tamar, foram ancestrais não-israelitas de Jesus (Mt 1.3,5).

2.22,23 – Um dia para os antigos israelitas poderia significar qualquer período do dia. Assim, a expressão *três dias* poderia fazer referência a algum turno de cada um dos três dias.

2.24 – *Certamente, o Senhor tem dado toda esta terra nas nossas mãos, pois até todos os moradores estão desmaiados diante de nós.* Com estas palavras, os espias repetiram a Josué exatamente o que Raabe lhes havia dito (v. 9).

3.1 – A localização de *Sitim* é incerta hoje, mas este foi o lugar onde Israel acampou por algum tempo depois de chegar às planícies de Moabe, na extremidade norte do mar Morto (Nm 22.1; 25.1). Era lá que Israel estava quando Balaão chegou com a intenção de amaldiçoar o povo (Nm 22—24) e aonde muitos israelitas foram com a intenção de procurar prostitutas dentre as mulheres moabitas (Nm 25.1-3). No dia seguinte ao que os espias retornaram de Jericó, Josué liderou o povo deste lugar até o Jordão.

3.2 – *Ao fim de três dias*, ou seja, após o retorno dos espias de Jericó, os oficiais passaram pelo meio do acampamento com as instruções da travessia, as quais (v. 3) eram diferentes daquelas dadas em Josué 1.11. O período de três dias mencionado anteriormente em Josué 1.11 (e em Js 2.22) iniciou quando os espias chegaram a Jericó. Após esses dois períodos de três dias, os israelitas cruzaram o Jordão no dia seguinte, isto é, no sétimo dia depois que as atividades narradas começaram (Js 3.5). Imediatamente após este intervalo de sete dias, houve a circuncisão dos homens israelitas no capítulo 5. Tal fato é seguido então por um período de sete dias de marcha ao redor de Jericó.

3.3 – O capítulo 3 enfatiza a importância da arca do concerto, mencionando-a mais de 11 vezes. Os sacerdotes eram os responsáveis por carregá-la (v. 3), de acordo com as leis dadas por Moisés (Dt 10.8; 31.9). Eles deveriam transportar a arca segurando nas barras e não podiam tocá-la (Êx 25.12,13; 37.3-5; Nm 4.4-15). A arca simbolizava a presença de Deus. Todos precisavam ter o cuidado de manter uma distância segura do objeto (Js 3.4). O capítulo faz referência à arca de inúmeras maneiras, mas usa comumente a expressão *a arca do concerto*. O sacerdócio era restrito

aos levitas em geral, e, mais especificamente, aos descendentes de Arão (Nm 25.7-13; Dt 18.1,5). Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Mais tarde, Zadoque, que descendia de Arão por meio de seu terceiro filho, Eleazar (1 Cr 6.1-8,50-53), destacou-se como um sacerdote proeminente. Desde essa época em diante, os descendentes de Zadoque tornaram-se os responsáveis pelo serviço e culto no templo (Ez 44.15-31).

3.4 – A palavra hebraica correspondente a *contudo* é enfática e pode ser traduzida como *certifique-se de que*. Isso destaca a ordem de manter certa distância da arca.

*Dois mil côvados* correspondem a aproximadamente 900 m.

*Para que saibais*. Estas palavras mostram que os acontecimentos miraculosos são uma fonte da ênfase nos capítulos 3 e 4, e que seu valor em fazer com que as pessoas tomem conhecimento deles é importante (compare com o v. 7).

3.5,6 – O livro de Josué dá ênfase à ideia de santidade, por isso Josué disse ao povo: *santificai-vos*. O significado fundamental de *santidade* (hb. *qadash*) é *separação* das coisas que são impuras e comuns.

O termo *maravilhas* é a tradução da palavra hebraica *niphlaô't*, que hoje corresponde ao que chamamos de *milagres*. Estas poderosas ações de Deus impressionaram o povo e incitaram os israelitas a louvá-lo (Sl 9.1; 96.3). No capítulo 3, Deus realiza o milagre de parar as águas do Jordão (v. 14-17).

3.7,8 – Com as palavras *começarei a engrandecer-te*, Deus reafirma a posição de Josué como o sucessor de Moisés (Js 1.5,9).

A expressão *para que saibam* mostra que Deus efetuou os milagres não apenas para acarretar acontecimentos específicos, mas para revelar a si próprio ao povo.

3.9 – Aqui, Josué serve como um profeta de Deus, apesar de nunca ter sido especificamente chamado como tal, pois ele esteve perante o povo como um porta-voz do Senhor.

3.10,11 – Os eventos miraculosos que se seguem não só fazem com que os israelitas atravessassem

o Jordão, mas também atestam o fato de que o Deus vivo estava com eles (Js 4.24). Estas maravilhosas ações comprovam a gloriosa presença de Deus entre Seu povo; o próprio Deus trabalhando em favor dos israelitas.

O versículo 10 menciona sete grupos de pessoas. Vejamos alguns deles: o termo *cananeus*, algumas vezes, denota qualquer um que vivesse em Canaã, independente da identidade étnica (Gn 36.2,3; Jz 5.19). Neste caso, porém, os cananeus eram provavelmente as pessoas que viviam perto do mar (Js 5.1), que mais tarde ficariam conhecidos como os *fenícios*. Quanto aos *ferezeus*, sabemos pouco sobre eles. Ao que tudo indica, estes indivíduos habitavam as áreas florestais da Palestina central (Gn 13.7). Os *amorreus* eram, de certa forma, um sinônimo para cananeus em uma utilização mais ampla (Gn 15.16; Jz 1.34,35). Por vezes, o primeiro termo fez referência aos indivíduos que moravam nas cidades da área montanhosa central de Canaã (Nm 13.29; Dt 1.7), e, em outras ocasiões, aludiu aos reinos a leste do Jordão (Js 13.10,21). Neste versículo, porém, *amorreus* designa os habitantes da parte montanhosa central. Já os jebuseus eram os que viviam em Jerusalém (Js 15.8; 18.28).



### VOCE SABIA?

#### REPARTINDO O JORDÃO

O milagre das águas do rio Jordão serem abertas, a fim de o povo de Deus passar a pés enxutos e entrar em Canaã (Js 3.14-17), lembra o milagre da abertura do mar Vermelho (Êx 14.21-31). Tal fato também aconteceu para reafirmar Josué como o sucessor de Moisés. Séculos mais tarde, um acontecimento similar confirmaria Eliseu como o sucessor do profeta Elias (2 Rs 2.14).

**3.12** – No texto em hebraico há a ênfase de que deveria ser apenas um indivíduo de cada tribo para compor o grupo de *doze homens*. Ou seja, um homem de cada tribo foi selecionado.

**3.13** – Aqui, a referência à *arca* faz um paralelo com a expressão no versículo 11. A menção ao *Senhor, o Senhor de toda a terra*, utiliza tanto Seu nome como Seu título. Da mesma forma que

*Baal* era a designação para o deus mais importante dos cananeus, o *Senhor (Yahweh)* é o nome pessoal de Deus. Este foi o mesmo nome que Deus revelou a Moisés na sarça flamejante (Êx 3.13-15; 6.2,3). O termo traduzido como *Senhor* significa *Mestre* e alude à condição de Deus como soberano do universo.

**3.14** – Em hebraico, lê-se neste trecho *a arca, o concerto*.

**3.15** – A afirmação parentética *o Jordão transbordava* é importante porque se faz compreender que um grande milagre estava envolvido nas ações. Deus não estancou meramente o rio durante um período de seca, mas, em vez disso, ele deteve as águas do Jordão quando este se encontrava na cheia.

*Todos os dias da sega*. Esta expressão faz referência à primeira colheita do verão. Nesta época, o rio ainda transbordava por causa do derretimento da neve e das chuvas. Os israelitas atravessaram no décimo dia do primeiro mês (Js 4.19), o que corresponde a março/abril.

**3.16** – *Ada* era uma cidade que ficava a aproximadamente 29 km ao norte de Jericó, perto de onde os rios Jordão e Jaboque convergem. O Jordão flui entre as altas falésias calcárias perto de Jericó. Algumas vezes, partes destas escarpas desmoronam dentro do rio fazendo com que as águas recuem. Deus pode ter miraculosamente providenciado que um deslizamento ocorresse no exato momento em que os israelitas precisaram atravessar o rio.

*O mar das Campinas [mar da Arabá, na NVI]* é o mar Morto, no qual o Jordão deságua pelo norte. As campinas eram a região do vale do Jordão, que se estende desde o mar da Galiléia, ao norte, até o mar Morto, ao sul. O mar Morto é um dos lugares mais baixos da terra, ficando a cerca de 400 m abaixo do nível do mar. A expressão *mar Salgado* é adicionada ao termo porque o mar não possui um ponto de escape. A água se exaure pela evaporação. A concentração de sal e de outros minerais é tão grande que nada consegue viver na água.

**3.17** – Um sinônimo para o termo *seco* é encontrado em Josué 4.22, bem como em Êxodo

14.16,22,29, em que se faz referência à terra seca do fundo do mar Vermelho. Esta travessia do Jordão foi similar à transposição do mar Vermelho. O milagre aconteceu de forma tão efetiva em ambos os casos que os israelitas cruzaram as águas pisando em chão seco, e não na lama ou em lugares rasos.

4.1-9 – Esta passagem bíblica é demarcada pelas referências aos sacerdotes que carregavam a arca e que ficaram parados no meio do Jordão até que a travessia fosse finalizada (Js 3.17; 4.10). Ela introduz a importante ideia de fazer e observar os memoriais do que Deus fizera.

4.1-3 – As doze pedras (uma pedra por tribo) marcariam o lugar onde Deus realizou Seu maravilhoso milagre de parar as águas do rio Jordão, a fim de que os israelitas pudessem atravessá-lo. As pedras lembrariam os israelitas do grande acontecimento e serviriam como motivo de início de conversa, à medida que seus filhos perguntassem o que simbolizavam (v. 6,21).

4.4-6 – O termo hebraico correspondente a *sinal* (*’ôt*) pode significar *milagre* (Êx 7.3), mas aqui indica um marco, memorial. A mesma ideia é encontrada em Êxodo 12.13,14 e 13.8,9, onde há instruções para a celebração da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos. Tais festividades eram sinais para os israelitas e seus filhos de que Deus miraculosamente os libertara do Egito.

*Quando vossos filhos no futuro perguntarem, dizendo: Que vos significam estas pedras?* Este trecho bíblico mostra que as pedras, inevitavelmente,

fariam com que os mais jovens perguntassem acerca dos memoriais, da mesma forma que aconteceria com as celebrações da Páscoa e dos Pães Asmos. Tais questionamentos abririam espaço para a instrução (Êx 12.26,27; 13.8). Um importante princípio é revelado aqui. Além da recordação das divinas obras benevolentes de Deus em nossa vida, também se faz necessário que este conhecimento seja transmitido aos nossos filhos (Dt 6.20-24).

4.7 – *Memorial*. A mesma palavra (hb. *zikkaron*), junto com o termo *sinal*, é encontrada na conexão com a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos (Êx 12.14; 13.9).

4.8 – *Fizeram, pois, os filhos de Israel*. Esta frase comprova que uma característica padrão das narrativas hebraicas é a repetição. Este versículo repete quase textualmente as instruções dadas no versículo 5. Longe de ser um traço prosaico do estilo narrativo primitivo, tais repetições representam um sofisticado artifício literário. De forma frequente, este recurso mostra que as instruções, geralmente as de Deus ou de Seus representantes, foram realizadas de forma cirúrgica, isto é, literalmente. O padrão é que um personagem na história dê as instruções e o narrador confirme, usando as mesmas palavras que os comandos executados. A frase *como o Senhor dissera a Josué* sanciona a obediência dos israelitas ainda mais profundamente. Este dispositivo literário é usado para enfatizar a importância da submissão às palavras de Deus.



**EM FOCO**

**PEDRA (HB. ’EBEN)**

(Gn 35.14; Js 4.2; 1 Rs 5.17; 2 Rs 12.12)

As pedras que compunham naturalmente a paisagem do antigo Oriente Médio foram usadas de várias formas. Elas serviram como material para a edificação de casas, de muros de cidades e fortalezas (1 Rs 5.17; 2 Rs 12.12) e de pilares sagrados (Gn 35.14) e altares (Dt 27.5).

Algumas vezes, as pedras eram empilhadas com o objetivo de servir como um memorial, marcando o lugar da divina revelação (Gn 28.18,22) ou um importante acontecimento na vida de um indivíduo (Gn 31.46) ou uma nação (Gn 4.6).

A pedra era comumente usada como a fundação de uma estrutura. Por causa disso, o próprio Deus foi chamado de *Pedra de Israel* (Gn 49.24). Entretanto, Isaías também descreveu o Senhor como *pedra de tropeço* para aqueles que o rejeitam (Is 8.14). Estas mesmas imagens são evocadas para aludir a Jesus Cristo (Is 28.16; 1 Pe 2.4-8).



4.9 – É possível que tenha havido duas pilhas de pedras memoriais, uma erguida pelo povo nos bancos do rio Jordão (v. 8) e uma levantada por Josué no meio do rio (v. 9), a qual seria visível com o nível de água baixo. Entretanto, o texto hebraico da primeira parte do versículo 9 (*Levantou Josué também doze pedras*) sugere que a atividade descrita aqui aconteceu mais cedo, e poderia ser melhor traduzido como *levantara Josué também doze pedras*. Assim, deduzimos que ele ergueu as pedras no Jordão antes de o povo cruzá-lo, e, então, após a travessia, as pessoas teriam levado as pedras para fora do rio (v. 5,8) e as teriam erigido na outra banda do Jordão. É por isso que o versículo 8 estabelece que as pessoas pegaram as pedras do meio do Jordão, pois sugere que estas foram as pedras que Josué ergueu lá (v. 9).

4.10-14 – Este trecho bíblico começa e termina fazendo referências a Moisés. Mostra como este profeta estava relacionado a Josué e ratifica a condição merecida do seu sucessor como novo líder. A ênfase dos versículos é sobre a importância da obediência de todos às palavras de Deus e aos líderes de Israel.

4.10 – *Apressou-se o povo e passou*. Esta expressão serve como um lembrete, considerando que as referências bíblicas de Josué 3.17 e 4.1 já haviam estabelecido que a travessia fora terminada. O propósito é olhar para trás e refletir sobre a obediência do povo.

4.11 – Os sacerdotes que estavam parados no solo seco no meio do rio (Js 3.17) finalmente puderam atravessá-lo com a arca. Isso prefigura a passagem mais detalhada acerca da saída dos sacerdotes da água no versículo 18.

4.12 – Os homens das tribos da Transjordânia fizeram exatamente *como Moisés lhes tinha dito*, isto é, agiram em obediência direta às instruções que Moisés dera quando Israel ainda estava nas planícies de Moabe (Nm 32.20-22; Dt 3.18-20).

4.13 – O número total de guerreiros de Rúben, Gade e metade de Manassés foi 40 mil, muito inferior ao listado em Números 26, onde se afirma que só os rubenitas somavam 43.730 pessoas (Nm 26.7). Explica-se: os 40 mil mencionados em Josué 4.13 representavam, provavelmente, uma

porção dos guerreiros das três tribos. Já em Números 26, englobavam-se as mulheres, as crianças e os idosos.

A referência a Jericó antevê os acontecimentos dramáticos que se seguem no capítulo 6. Jericó estava a 9 km a oeste do Jordão e a 16 km a noroeste da extremidade norte do mar Morto. Ficava próximo a uma grande fonte de água doce, a cerca de 250 m abaixo do nível do mar.

4.14,15 – *Naquele dia, o Senhor engrandeceu a Josué*. Mais uma vez, Deus reafirmou o lugar de Josué como sucessor de Moisés (Js 1.5,17; 3.7). Neste contexto, as palavras *temeram-no* do versículo 14 indicam respeito, reverência ou admiração, e não medo. Os israelitas obedeceram a Josué da mesma maneira que fizeram com Moisés.

4.16,17 – A palavra hebraica correspondente a *Testemunho* também pode significar *lembrete*, e é usada em Êxodo 31.18 para fazer referência às tábuas nas quais os Dez Mandamentos foram escritos, *as duas tábuas do Testemunho*. Entretanto, menciona-se as *tábuas do concerto* em Deuteronômio 9.11. Isso mostra que *testemunho* e *concerto* são ideias intimamente relacionadas. Logo, a arca é chamada de *arca do Testemunho* porque continha as duas tábuas de pedra nas quais estavam registrados os Dez Mandamentos (Êx 40.20; Dt 10.1-5).

4.18 – Este versículo é o espelho de Josué 3.15. Isso conclui claramente o episódio miraculoso, e mostra as forças da natureza voltando ao seu curso natural. Também nos lembra do caráter maravilhoso do milagre divino da cessação das águas.

4.19 – A travessia do Jordão se deu *no dia dez do mês primeiro*, isto é, no mês de Nissán (Abibe), o que corresponde a março/abril. Este era um dia importante porque coincidia com o dia em que se separava o cordeiro (Êx 12.3). Isso prefigura a observância da Páscoa em Josué 5.10, no décimo quarto dia do mês, quando o animal era, de fato, sacrificado (Êx 12.6,18).

A localização de Gilgal é incerta. O lugar ficava em algum ponto a leste de Jericó, no vale do Jordão. Em Gilgal, os israelitas celebraram vários cerimoniais religiosos, incluindo a circuncisão e



## EM FOCO

## LEITE E MEL (HB. CHALAB VEDEBASH)

(Js 5.6)

Esta expressão é frequentemente usada no Antigo Testamento para descrever Canaã, uma terra onde manam leite e mel (Êx 3.8; Lv 20.24; Nm 14.8; Dt 6.3). Esses substantivos aludem à fertilidade da terra (Nm 13.23-27), uma vez que o território era favorável para a criação de vacas, que produziriam leite em abundância, e possuía uma grande variedade de plantas, onde as abelhas buscariam o pólen e o néctar para fabricar o mel.

A expressão *leite e mel* também representa os dois diferentes estilos de vida que Canaã poderia proporcionar: o dos nômades, que viviam do pastoreio (simbolizado pelo leite), e o dos sedentários, que viviam da agricultura/apicultura (simbolizado pelo mel).

a Páscoa (cap. 5). Lá também foram erguidos um santuário e um altar para Deus (Js 9.23,27).

4.20 – As pedras que os israelitas trouxeram do rio Jordão foram erguidas permanentemente em Gilgal.

4.21-24 – As 12 pedras eram um memorial para o povo e para seus filhos, conforme foi estabelecido anteriormente (v. 6,7). A travessia do Jordão apresenta muitas semelhanças com a travessia do mar Vermelho. O texto deixa isso claro em Josué 4.23.

O milagre foi realizado com um propósito maior do que a mera transposição do rio Jordão pelos israelitas. Também foi um sinal do poder de Deus para todas as pessoas. Daí a expressão: *para que todos os povos da terra conheçam*. Na verdade, os habitantes de Jericó já haviam ouvido falar de quão grande era o Deus de Israel (Js 2.10,11).

5.1 – A divina secagem das águas do rio Jordão fez com que os habitantes de Canaã temessem grandemente a nação de Israel. Reações de medo ou oposição foram comuns quando Israel entrou na terra (Js 9.1-4; 10.1,2; 11.1-5). A linguagem usada aqui relembra, em especial, os mesmos pensamentos expressos por Raabe um pouco antes (Js 2.10,11). Este versículo configura a transição entre a travessia do Jordão, nos capítulos 3 e 4, e os adversários que seriam encontrados nos capítulos posteriores (6 a 12).

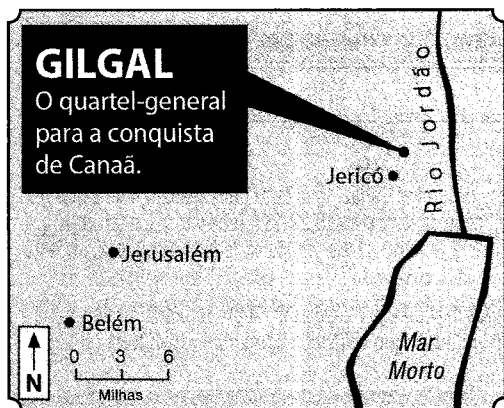
Até que [nós] passamos. Na maioria das traduções e edições antigas deste trecho, lê-se *eles* em vez de *nós*. Isto inclui os primitivos manuscritos hebraicos existentes de Josué (de Qumran), as

antigas traduções em aramaico e grego, e as notações marginais dos primeiros escribas judeus, os massoretas.

5.2-5 – A *pederneira* [ARA] é uma pedra encontrada em abundância nas terras bíblicas e sabe-se hoje que ela foi utilizada em quase todos os períodos da história antiga. Muitas *facas de pederneira* [*de pedra*, na ARC e NVI], usadas para a circuncisão, foram encontradas em escavações. A pederneira foi gradualmente sendo substituída por metais, tais como o cobre, o bronze e o ferro. Apenas em dois lugares do Antigo Testamento a palavra hebraica que corresponde à *pederneira* é encontrada: aqui e em Êxodo 4.26, ambas as ocorrências ligadas à circuncisão.

*E foi esta a causa por que Josué os circuncidou.* Neste trecho bíblico, vemos que todos os filhos de Israel foram circuncidados, porque os homens da geração que deixou o Egito em Êxodo já haviam feito tal prática, mas morreram no deserto. Com isso, o ato da circuncisão foi negligenciado. Havia, então, a necessidade de que a circuncisão fosse realizada novamente, desta vez com a nova geração de Israel. Isto era um sinal do pacto de aliança eterna de fidelidade entre Deus e o patriarca Abraão e sua descendência (no caso, Israel) que precisava ser resgatado e firmado entre o Senhor e os filhos de Israel, além de ser uma ordenança àqueles que fossem participar da celebração da Páscoa.

5.6,7 – Deus negaria os benefícios da aliança (Gn 12.1-3; 15.18-21; 17.1-8) aos indivíduos que não lhe obedecessem. Qualquer um que não



*Gilgal era um lugar que estava possivelmente localizado a 1,6 km a nordeste de Jericó, e foi o primeiro local em que Israel acampou depois de atravessar o Jordão (Js 4.19). O nome significa círculo de pedras ou revolvido, e ambos os termos adiquam-se a importantes eventos que aconteceram lá: a edificação de um monumento de pedras tiradas do Jordão (Js 4.20) e a circuncisão dos hebreus incircuncisos, situação em que foi revolvido o opróbrio do Egito (Js 5.8.9). A área foi usada por Israel como uma base das operações militares durante a conquista de Canaã.*

fosse circuncidado deveria ser excluído da apreciação das bênçãos do povo de Deus (Gn 17.14). As promessas de Deus aos descendentes de Abraão seriam cumpridas em favor da nação como um todo, mas isso não quer dizer que qualquer pessoa participaria das bênçãos automaticamente: exigia-se fé e obediência. Esta verdade é enfatizada em Josué 5.7 com a declaração de que Deus pôs a seus filhos outra geração para substituir aquela que Ele mandara perecer no deserto. O lugar que o Senhor prometeu a Israel não era desértico, mas sim uma terra que mana leite e mel, uma área fértil e pronta para suprir todas as necessidades dos israelitas. Deus descrevera a terra desta forma para Moisés décadas antes (Êx 3.8); a expressão aparece 15 vezes no Pentateuco.

5.8,9 – *Gilgal* está relacionado à palavra hebraica *galal*, que significa *rolar*. O nome, portanto, era um lembrete adequado de que o opróbrio do Egito estava agora sendo *revolvido*. Esta infâmia era aquela que tinha sido colocada sobre Israel pelo Egito (a humilhação do Egito), da mesma maneira que o opróbrio de Moabe (Is 51.7; Ez 16.57) é a vergonha colocada sobre Israel por Moabe.

5.10 – Os israelitas celebraram a Páscoa *no dia catorze do mês*, quatro dias após terem cruzado o rio Jordão (Js 4.19), *à tarde*. O povo de Israel manteve, meticulosamente, as instruções acerca da Páscoa (Êx 12.6).

5.11,12 – A celebração da Páscoa marcava uma importante transformação na vida de Israel. Imediatamente após tal fato, os israelitas começaram a viver da terra que eles estavam para obter a posse. A miraculosa provisão de maná no deserto parou.

5.13 – Acredita-se que o *homem* a que se refere este versículo se tratava do próprio Deus, ou talvez de Cristo. Muitos especialistas conectam a aparição deste homem aqui, o comandante do exército de Israel, com o Anjo do Senhor citado em outros momentos. A pergunta de Josué *és tu dos nossos?* reflete a natural preocupação humana com as batalhas iminentes e com o fato de ele poder ou não contar com este *homem*.

5.14 – O *homem* não respondeu à pergunta de Josué, mas se identificou. Ele era o *príncipe do exército do Senhor*. Isso fez com que Josué mostrasse uma humilde adoração. Em vez de qualquer outra pergunta acerca da lealdade do indivíduo, Josué indagou de que forma poderia servir aos propósitos daquele *homem* ao dizer: *que diz meu Senhor ao seu servo?* O livro de Jó termina de uma maneira similar. Deus tampouco respondeu às perguntas de Jó. Na passagem citada anteriormente, bem como na de Jó, era o encontro com Deus o que mais importava (Jó 42.5,6). As perguntas foram silenciadas, e a humilde adoração, evocada.

5.15 – A ordem dada a Josué de descalçar os sapatos dos pés é praticamente idêntica àquela dada a Moisés na sarça flamejante (Êx 3.5). Isso reforça o tema abordado no livro de Josué acerca da substituição de Moisés no papel de líder de Israel. Josué defronta-se com o Deus vivo, exatamente como aconteceu com Moisés (Êx 33.9-11). João 1.18 sugere vigorosamente que tais acontecimentos consistiam de aparições do Salvador, Jesus, pré-encarnado, e não de Deus, o Pai, que não pode ser visto (Jo 6.46).

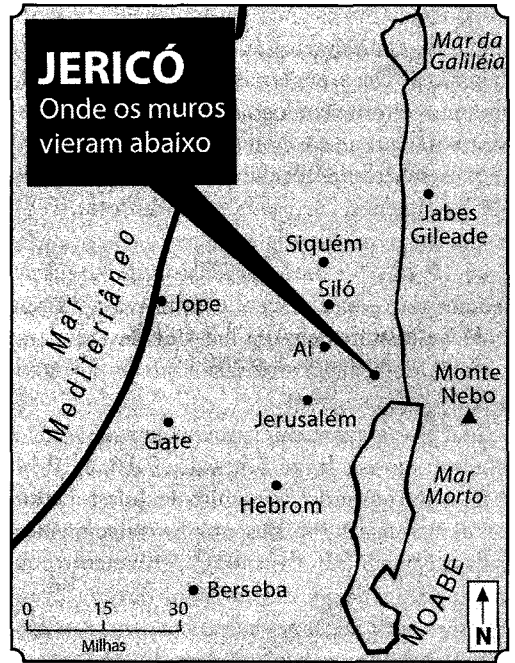
6.1–8.29 – A conquista das primeiras duas cidades é descrita em ricos detalhes, contrastando

com o restante das vitórias, que são contadas brevemente e de maneira sistemática nos capítulos 10 e 11. Jericó era o portão para Canaã a partir do leste, sendo uma forte e poderosa cidade próxima à travessia do Jordão. O colapso de Jericó, por uma miraculosa intervenção de Deus, consistiu no dramático primeiro passo na tomada da terra (cap. 6). Uma parte crucial da conquista de Jericó deu-se quando os israelitas foram instruídos a destruir tudo o que havia na cidade, exceto Raabe e sua família. Entretanto, um homem, Acã, foi desobediente e, por causa disso, toda a nação sofreu a derrota no próximo encontro em Ai. Os líderes de Israel foram forçados a descobrir e lidar com este pecado (cap. 7). Depois disso, os israelitas tomaram Ai com sucesso (cap. 8).

**6.1,2** – A expressão *tenho dado* comunica que algo já havia acontecido, enfatizando o papel de Deus nas vitórias de Israel (Js 2.24).

**6.3** – Jericó media menos de 800 m de circunferência, cerca de 3 hectares [1 hectare equivale a aproximadamente um campo de futebol], portanto a marcha cercando a cidade foi completada rapidamente. A expressão *homens de guerra* (também encontrada em Js 5.4,6 e 10.24) é, essencialmente, um sinônimo de *valentes e valorosos* (v. 2). Ela é usada por várias vezes no Pentateuco para aludir aos homens adultos que saíram do Egito, mas não foram autorizados a entrar na Terra Prometida (Nm 31.28,49; Dt 2.14,16). Agora, uma nova geração de guerreiros, pronta para lutar as batalhas do Senhor, foi designada por tal termo.

**6.4** – O número *sete* figura, de forma proeminente, nesta passagem: sete sacerdotes, sete buzinas, sete dias e sete cercos ao longo da cidade. *Sete* é um numeral importante nas Escrituras, começando com os sete dias da criação. É um número que indica a completude. Sua utilização neste trecho ajuda a demonstrar que a conquista de Jericó fez parte de um maior exercício espiritual que santificou o povo e a terra para Deus. Outro lembrete do significado espiritual do acontecimento é a presença da *arca* com o povo. (Veja o capítulo 3, para a importância da arca na travessia do rio Jordão.)



*Jericó foi uma das cidades mais antigas da Palestina, localizada na margem oeste do rio Jordão, a quase 16 km ao norte do mar Morto. Lugar de uma primavera perene, Jericó atraiu muitos povos desde os tempos pré-históricos e foi a primeira cidade cananéia tomada pelos israelitas depois que estes cruzaram o Jordão (Js 6.1-21). Esteve praticamente abandonada até a época do rei Acabe, quando Hiel, o betelita, reconstruiu a cidade à custa de seus dois filhos, cumprindo a maldição de Josué (Js 6.26; 1 Rs 16.34).*

**6.5** – Os termos *chifre de carneiro* e *buzina* fazem referência ao mesmo tipo de instrumento. Tais expressões aludem a um chifre que é capaz de produzir apenas algumas notas. O objeto era usado principalmente como um sinal. Aqui, ele sinalizou a presença de Deus e anunciou o iminente destino de Jericó. O chifre é o instrumento mais comum mencionado no Antigo Testamento.

**6.6,7** – As instruções de Josué, neste trecho, reproduzem os comandos de Deus transmitidos a ele nos versículos 2 a 5. A repetição enfatiza a importância da cerimônia solene da marcha rodeando a cidade.

**6.8,9** – Os *armados* é outra expressão militar e significa homens equipados para a guerra, enfatizando a força à medida que se preparavam para a batalha. A palavra *retaguarda* é rara,

encontrada apenas nos versículos 9 e 13 deste capítulo, em Números 10.25 e, figurativamente falando de Deus, em Isaías 52.12. O contingente de guerreiros atribuídos à arca é, de fato, impressionante: primeiro, homens armados (v. 7,9), depois, sacerdotes tocando trombetas, em seguida, a arca em si carregada por sacerdotes (v. 8), e, por fim, a retaguarda (v. 9).

**6.10,11** – *Fez a arca do Senhor rodear a cidade.* Vemos neste trecho que a narrativa continua colocando a arca em um lugar de destaque. As pessoas também circundaram a cidade, entretanto o foco era na arca.

**6.12** – A expressão *levantou de madrugada* é encontrada em Josué 3.1; 6.15; 7.16; 8.10,14, bem como em vários versículos em Juízes. *Levantar de madrugada* (hb. *shakam*) está relacionado à palavra *ombro* (hb. *shekem*). O pensamento aqui alude ao fato de que um indivíduo deveria levantar-se cedo, colocar no ombro sua carga e, então, sair. Isso indica um bom início de dia. Neste caso, a tarefa em mãos não consumiria muito tempo, mas possuía tal importância espiritual que Josué, em seu afã, quis garantir um pronto começo.

**6.13-16** – *Ao sétimo dia*, os israelitas marcharam circundando a cidade *sete vezes*, o que simbolizava a completude da tarefa.

**6.17,18** – A importante palavra hebraica traduzida como *anátema* ocorre nestes dois versículos três vezes. Este vocábulo indica que a cidade de Jericó, junto com seus habitantes e tudo mais que estivesse lá, deveria ser destruída como uma oferta ao Senhor. Esta ideia aparece em especial no livro de Josué. Tal conceito está relacionado com a guerra; as coisas eram oferecidas ao Senhor sendo totalmente destruídas. Entretanto, isso não se limitava a Jericó; poderia acontecer a qualquer lugar, em relação a objetos opulentos (Js 7.1,11), a pessoas (Js 10.28,35,39,40; 11.11,20), e a cidades inteiras (Js 8.26; 10.1,37; 11.12,21). Esta prática, mesmo que citada grandemente no Antigo Testamento, não era comum nas demais culturas. Deus desejava que Israel se mantivesse imaculado, a fim de que refletisse Sua santidade. Nesta circunstância em particular, era de vital importância que os israelitas não fossem tentados

pelos práticas de adoração pagã dos cananeus. A ordem de Deus para que os israelitas dedicassem a cidade de Jericó a Ele era similar ao Seu comando de ofertar as primícias da colheita. Caso Israel desobedecesse a este comando, os efeitos seriam desastrosos (cap. 7).

A palavra *turveis* prefigura os problemas que Acã ocasionaria à comunidade (Js 7.16-24).

**6.19** – A palavra traduzida como *consagrados* quer dizer *santos*. Para que assim fossem, os valiosos materiais não deveriam ser destruídos, mas sim separados para o Senhor. A palavra *tesouro* também é usada para as riquezas no templo de Salomão (1 Rs 7.51). Entretanto, não foi mencionado nenhum templo na época de Josué. Assim, a natureza exata e a localização deste tesouro são desconhecidas. O *tesouro da casa do Senhor* só é citado no versículo 24. É possível que esteja associado à casa de Deus em Gilgal citada em Josué 9.23.

**6.20** – Com a grande explosão das trombetas e o forte grito do povo, Deus miraculosamente entregou Jericó nas mãos dos israelitas: o *muro caiu abaixo* (desmoronou). A passagem da tomada de Jericó nos versículos 8 a 20 está relacionada a um estilo que constrói vagarosamente o clímax. Este primeiro grande obstáculo à posse da terra por Israel caiu apenas com o grito das pessoas. O fato de que foi completamente destruído em apenas um momento ilustra a total superioridade, sem necessidade de esforço, de Deus sobre os oponentes de Seu povo.

**6.21-23** – Os dois *espias* que visitaram Raabe foram até sua casa e resgataram a prostituta e toda a família dela. Estes dois homens fizeram tal trabalho para que não houvesse erros acerca de quem deveriam remir. Notoriamente, Raabe, que foi salva da destruição total, tornou-se um membro da linhagem familiar de Jesus (Rt 4.18-22; Mt 1.5).

**6.24,25** – *Habitou no meio de Israel até ao dia de hoje.* Estas palavras podem indicar que esta parte do livro de Josué, senão todo o livro, foi escrita durante o tempo de vida de Raabe. A razão pela qual o autor incluiu tal expressão foi autenticar sua narrativa. As pessoas poderiam ir e ver Raabe

lá morando, caso não acreditassem na história. Isso também representa uma verdade no caso do altar de pedra em Josué 4.9, e na passagem das pedras que cobriam a caverna onde os reis cananeus foram enterrados (Js 10.27). Estas eram evidências tangíveis de que as pessoas poderiam confirmar o que acontecera. Tais acontecimentos não consistiam de histórias inventadas pela imaginação, a fim de dar a Israel um passado glorioso (mas fictício). Todos eram fatos reais, e as testemunhas dos eventos ainda estavam vivas.

**6.26** – A expressão *Josué os esconjurou* literalmente significa fez com que eles jurassem. Já a palavra *maldito* é uma das expressões comuns correspondentes a *praguejar*. O oposto é *abençoar*. Josué amaldiçoou qualquer tentativa de reconstrução de Jericó. A cidade foi esporadicamente ocupada depois disso (Js 18.21; Jz 3.13; 2 Sm 10.5), mas nunca mais como anteriormente. A maldição de Josué cumpriu-se drasticamente muitos séculos depois quando Hiel, de Betel, lançou seus alicerces e instalou suas portas a um grande custo pessoal (1 Rs 16.34). A linguagem usada na passagem de 1 Reis ecoa consistentemente esta passagem.

**6.27** – Como resultado da primeira drástica conquista de Canaã, ficou evidente que *o Senhor* estava ao lado de Josué, e as notícias acerca deste fato espalharam-se por lugares remotos e de forma ampla.

**7.1** – Este versículo é uma transição entre a história da conquista de Jericó e a derrota em Ai. Esta narrativa é estabelecida no capítulo seguinte (especialmente nos v. 20,21).

A expressão *prevaricaram os filhos de Israel no anátema* significa cometeram uma violação desleal.

Os nomes de *Acã* e de seus ancestrais encontrados neste versículo podem ser novamente observados em 1 Crônicas 2.6,7. Normalmente, toda vez que a *ira do Senhor* se acendia contra Israel, Ele alçava um adversário contra a nação para ameaçá-la e derrotá-la. Aqui, Deus usou o pequeno exército de Ai. A ira do Senhor não diminuiu até que *Acã* e sua família fossem punidos (Js 7.26).

**7.2,3** – *Ai, que está junto a Bete-Áven, da banda do oriente de Betel*. Isto é, *Ai* era uma pequena cidade a oeste de Jericó. Seu nome significa *ruína* e alguns inquirem se é possível que o nome aqui tenha alguma influência na interpretação propriamente dita do texto.

A palavra hebraica para *espias* (Js 2.1) e *espia* (no versículo 2 como *espiai*) está relacionada ao termo correspondente a *pés*. Os espias examinaram a área indo até lá a pé.

**7.4** – A força de Israel de *três mil homens* era um pequeno contingente comparado ao total que tinha disponível. De acordo com Josué 4.13, o número de guerreiros somente do lado leste do Jordão era 40 mil homens.

**7.5** – Israel sofreu *trinta e seis* baixas antes de bater em retirada. Embora de menor porte, esta foi a primeira derrota do povo na terra, e também foi uma grande surpresa, especialmente após os acontecimentos inspiradores do cerco a Jericó.

*Na descida*. Este termo é para ressaltar a topografia da parte a oeste de Jericó que aumenta acentuadamente para fora do vale do Jordão. Ao



## EM FOCO

### BUZINA (HB. SHOFAR)

(Js 6.4,5,20; Êx 19.16; Lv 25.9)

O termo *shofar* designava o chifre de um animal (normalmente carneiro ou cabra) usado como uma espécie de buzina (Js 6.6; Jz 7.8). A palavra também pode fazer referência a uma trombeta (Nm 10.2-10; 1 Cr 15.28; 2 Cr 15.14). O *shofar* era um instrumento sinalizador do estado de guerra (Jz 3.27), usado para convocar as pessoas para reuniões e festas religiosas, como o Dia da Expição (Lv 25.9; 2 Sm 6.5; Jl 2.1). O som do *shofar* anunciou a descida de Deus ao monte Sinai para revelar Sua Lei (Êx 19.20). O Antigo e o Novo Testamentos mencionam uma trombeta anunciando o Dia do Senhor, quando Ele virá em julgamento (Sl 1.16; Mt 24.31).



## APROFUNDE-SE

### Ai

- Uma cidade cananea provavelmente localizada a leste de Betei (Gn 12.8), próxima a Bete-Áven (Js 7.2) e ao norte de Micmás (Is 10.28).
- O nome significa *escombros* ou *ruína*.
- Próxima de onde Abraão montou sua tenda antes da viagem ao Egito (Gn 12.8).
- Era, possivelmente, uma cidade pequena na época da conquista, e, sendo assim, os espias de Josué acharam que não seria problema para Israel (Js 7.3). Depois de uma derrota humilhante por causa do pecado de Acã, 30 mil homens enganaram os guerreiros de Ai em uma emboscada e tomaram a cidade, tendo incendiado suas estruturas e enforcado seu rei (Js 8.28,29).
- Provavelmente, mais tarde, foi o lugar habitado pelos efraimitas (1 Cr 7.28).
- Tomada após o exílio babilônico pelos benjamitas (Ne 11.31).
- O local exato continua sendo objeto de controvérsia.

que tudo indica, os homens de Ai perseguiram os israelitas na direção leste, para baixo das colinas íngremes, em direção a Jericó, de onde eles haviam saído.

*O coração do povo se derreteu.* Em uma virada irônica, as próprias palavras que Raabe usara para descrever o temor dos habitantes de Jericó em face dos israelitas (Js 2.11) são agora utilizadas para o medo destes em relação aos minúsculos homens de Ai. Os efeitos do pecado são geralmente muito desmoralizantes.

**7.6** – *Rasgou as suas vestes e se prostrou em terra [...] deitaram pó sobre as suas cabeças.* As ações de luto demonstradas neste trecho são muito mais drásticas do que as do típico costume de luto do mundo moderno. Entretanto, eram reações normais em Israel e no antigo Oriente Médio. Outros hábitos lúgubres em Israel incluíam o choro (Sl 6.6), batidas no peito (Is 32.12), levantar as mãos (Ed 9.5; Sl 141.2), deitar-se ou sentar-se em silêncio (Jz 20.26; 2 Sm 3.35), vestir pano de saco (Gn 37.34), salpicar sobre o corpo cinzas, pó ou terra (2 Sm 15.32). Entretanto, os israelitas estavam estritamente proibidos de praticar os ritos de luto pagãos, tais como cortar o corpo ou rapar a barba (Lv 19.28; Dt 14.1; Jr 16.6).

**7.7,8** – Nas palavras amargas de Josué ecoaram várias reclamações feitas pelos israelitas no deserto (Êx 16.3; 17.3; Nm 11.4-6; 14.2,3; 20.3-5). A certeza do passado sempre seria preferível

às dificuldades do presente e à incerteza do futuro. O desejo de Josué de permanecer *dalém* (a leste) *do Jordão* demonstrava sua memória seletiva, visto que tal condição apresentava seus próprios problemas. Na verdade, houve tempos em que os israelitas desejaram retornar à escravidão egípcia (Nm 11.4-6).

**7.9** – Apesar da “miopia” de Josué no versículo 7, aqui ele mostrou que estava ciente da questão maior em jogo: a reputação do *grande nome* de Deus.

**7.10-15** – A resposta de Deus a Josué e o luto dos líderes reforçaram a importância da santidade. Israel — e não apenas Acã — pecou, e Deus não toleraria esse tipo de coisa. Esta passagem também mostra que o Senhor possuía padrões consistentes para Israel e para os cananeus. Ele ordenou que Israel exterminasse os cananeus por causa de seu pecado. Ele não poderia, então, permitir que o povo se adaptasse à corrupção, mesmo que esta viesse apenas de um homem, especialmente quando as instruções acerca da infração eram tão claras (Js 7.11; Dt 7.26).

**7.11** – Este versículo destaca a severidade da ofensa de Acã, atribuída neste trecho à nação de Israel, referindo-se ao pecado de várias formas: (1) *Israel pecou*, (2) *transgrediram* o concerto do Senhor, (3) *tomaram do anátema*, (4) *furtaram*, (5) *mentiram* e (6) *puseram as coisas debaixo da sua bagagem*. O rápido e ininterrupto acúmulo desses verbos acentua

a severidade da ação, considerando que o pecado deles consistiu de, essencialmente, um ato.

O hebraico tem várias palavras para pecado. Dentre elas, destaco *pecar*, que neste versículo quer dizer errar o alvo de um padrão estabelecido por Deus. Já *transgredir* significa passar dos limites instituídos pelo Senhor.

A palavra *concerto* alude aos diversos tratos do Senhor com Seu povo em épocas diferentes. Neste versículo, as referências específicas aparentam ser a porção do concerto que diz respeito à aniquilação dos cananeus (Dt 20.10-20).

**7.12** – O fato de que Deus declararia os israelitas como *merecedores da sua destruição* [NVI], como Jericó foi por causa de seu pecado, era uma declaração muito séria. Significava que o Senhor não estaria mais com a nação até que o pecado fosse removido do acampamento. Deus prometera, especificamente, que estaria com Seu povo (Js 1.5,9). Esta ameaça de retirada da Sua presença enfatiza mais uma vez os padrões absolutos de Deus e Sua exigência de santidade.

**7.13,14** – A relação entre obediência e bênção, e desobediência e maldição, é bem ilustrada aqui. Israel não teria mais futuros sucessos até que o pecado fosse descoberto.

**7.15,16** – A palavra hebraica traduzida como *anátema* denota um flagrante e insensato desrespeito à vontade de Deus. O texto não fala qual motivo levou à desconfiança de que o culpado estaria na tribo de Judá.

**7.17-19** – *Glória ao Senhor, faze a confissão e declara-me*. Estas três ações ordenadas por Josué são características de um acontecimento. Ao afirmar seu pecado a Josué, Acã o estava confessando a Deus, e, por meio de sua confissão, ele glorificava a Deus. Nós também desonramos o Senhor quando escondemos nossas ofensas dele, mas o honramos quando as confessamos.

**7.20,21** – *Uma boa capa babilônica* literalmente quer dizer uma bonita veste de Sinear, terra mencionada em Gênesis 11.2 como o lugar onde os homens construíram a torre de Babel.

*Duzentos siclos de prata*. O siclo era a unidade básica de medida para a prata, e correspondia a aproximadamente 12 gramas. Logo, 200 siclos de

prata equivaliam a 2,4 kg. O ouro que Acã pegou pesava 50 siclos, ou quase 600 gramas.

As atitudes de Acã, além de violarem as instruções de Deus, também eram uma violação ao décimo mandamento (Êx 20.17). Acã tentou, sem sucesso, esconder seu pecado de Deus, de quem absolutamente nada pode ser *escondido* (Sl 139.7-12).

**7.22-24** – Acã foi levado para ser apedrejado, não apenas com os itens que havia furtado, mas também com *tudo quanto tinha* e com toda a sua família. Esta era uma punição severa, mas ilustra a firme insistência divina na santidade. O pecado de Acã infectou todo o povo de Israel (Js 7.1). Livrar a nação da mancha de sua ofensa exigia a aniquilação de tudo com o que Acã tivera contato íntimo. Ironicamente para Acã, Deus permitiu que os israelitas pegassem os despojos na próxima vitória, na segunda batalha contra Ai (Js 8.2). A ganância de Acã foi a sua derrocada.

**7.25,26** – A palavra *Acor* significa literalmente *problema*.

**8.1-29** – A vitória sobre Ai foi a primeira vitória verdadeiramente militar de Israel na terra. Deus não estava mais irado com a nação, visto que a expiação do pecado fora feita, e a tarefa agora era continuar com a conquista. Assim, Ele deu a cidade de Ai nas mãos dos israelitas, que a conquistaram por meio de uma elaborada emboscada.

**8.1** – As palavras *não temas e não te espantes* são o eco daquelas que Deus usou para encorajar Josué no versículo 9 do capítulo 1 deste livro. Os pecados de Acã quebraram a relação especial que Deus havia estabelecido com Seu povo, e, então, Deus reiterou Seu encorajamento a Josué. Essas palavras reforçam a declaração de Josué 7.26, de que Deus perdoara Israel, de que *Ele se afastou do fogo de sua ira* [NVI].

O termo mais comum para *gente de guerra* é homens de guerra (Js 5.4,6). Ao que tudo indica, esta expressão enfatiza a unidade de toda a nação na batalha, mesmo que, provavelmente, apenas os homens de fato lutassem.

*Que te tenho dado*. Esta expressão mostra que a conquista da cidade era certa, porque esta era a vontade de Deus.



8.2 – Ao contrário das instruções dadas sobre Jericó (Js 6.17-19), desta vez permitiu-se que os israelitas pegassem e guardassem para si os despojos da guerra. Se Acã tivesse sido menos ganancioso, ele também poderia ter participado deste momento. Entretanto, os israelitas ainda tinham o dever de exterminar os habitantes de Ai.

8.3-13 – Em face da guerra, este trecho bíblico, ao que parece, descreve duas forças de emboscada enviadas em dois diferentes dias (v. 3-9 e 10-13; especialmente v. 3,12). Entretanto, isso não está de acordo com as instruções de Deus no versículo 2 e apresenta a particular dificuldade de ter-se uma primeira força de emboscada de 30 mil homens (v. 3), sendo obrigados a passar duas noites e um dia escondendo-se perto de Ai sem serem notados pelos moradores locais (v. 3,9,13). Note também que toda a população do lugar, de acordo com o versículo 25, era de apenas 12 mil pessoas. É bastante provável que tenha havido apenas uma força de emboscada. Nesse caso, a melhor maneira de entender a passagem é ver os versículos 11 a 13 como um parêntese à parte, que recapitula os acontecimentos já descritos nos versículos 3 a 9. Desta forma, a sequência de acontecimentos seria como se segue: Josué seleciona um grupo de cinco mil homens para a emboscada a oeste de Ai, conforme *Yahweh* instruiu (v. 2-4,12,13). Depois, envia-os para o local (v. 9), e fica junto com a força militar (*gente de guerra*) com o objetivo de ficarem posicionados ao norte da cidade (v. 11). O próprio Josué passa a noite com estes homens (v. 9,13). Ele e o povo partem para Ai na manhã seguinte (v. 10).

8.4-6 – Um grupo seleta de homens deveria pôr emboscadas *por detrás da cidade*, isto é, a oeste. O grupo principal ficaria posicionado ao norte da cidade (v. 12,13).

8.7 – *O Senhor, vosso Deus, vo-la dará na vossa mão*. Neste trecho bíblico, como em todas as partes dos livros históricos, as vitórias militares são atribuídas a Deus. Israel dependia completamente do Senhor para obter o sucesso na batalha.

8.8 – Após a desobediência no capítulo 7, a obediência estrita era importante neste momento.

Josué urgiu os israelitas que obedecessem aos comandos de Deus, e o povo concordou (v. 2,8,27).

8.9-13 – Os *cinco mil homens* formavam a força de emboscada posicionada a oeste da cidade (v. 3,12). O maior contingente de guerreiros ficou ao norte. Ao que tudo indica, Josué passou a noite com o povo, do outro lado do vale que os separava de Ai (v. 11), mas durante a noite ele saiu de lá e foi ao vale, preparando-se para os eventos do dia (v. 13).

8.14,15 – *Pelo caminho do deserto*. Esta expressão pode meramente indicar que os homens de Ai fugiram desordenadamente em direção ao deserto. A mesma expressão é encontrada novamente em um contexto similar, em que a coalizão de israelitas preparou uma emboscada para os benjamitas em Gibeá (Jz 20.42). Além disso, a expressão ocorre em outro trecho, Êxodo 13.18, referindo-se à rota que Israel tomou do Egito ao longo do deserto.

8.16,17 – *Betel* é uma importante cidade na Bíblia. Possui uma história que remete aos tempos patriarcais, pois lá Abraão ofereceu sacrifício ao Senhor (Gn 13.3) e Jacó teve um sonho vindo de Deus (Gn 28.10-22). Betel ficava perto de Ai pelo oeste (Js 7.2), embora o lugar exato seja alvo de discussões. Os habitantes de Betel saíram de sua cidade, a fim de ajudar os homens de Ai. Considerando que a emboscada israelita estava entre Betel e Ai, os moradores de Betel podem ter se sentido ameaçados pelos guerreiros de Deus. Ou, talvez Ai fosse um posto avançado da cidade maior, Betel (Js 7.3), e um ataque a Ai era entendido como um ataque a Betel. O texto não registra a destruição de Betel, embora seu rei esteja listado dentre aqueles derrotados por Josué (Js 12.16). Pode ser que, na conquista de Ai, Betel também tenha sido conquistada e não se fez necessária nenhuma referência adicional.

8.18 – Deus disse a Josué para estender a lança em direção à cidade, a fim de começar o ataque. Evidentemente, este sinal foi transmitido de alguma forma para aqueles que estavam em posição de emboscada (v. 19).

8.19 – Dentre todas as cidades que Israel derrotou, houve apenas três registros de locais

incendiados: Jericó (Js 6.24), Ai (Js 8.19) e Hazor (Js 11.11). O povo de Israel deveria viver e desfrutar das cidades da terra. A maioria das batalhas travadas pelos israelitas dava-se nos campos. Eles geralmente não destruíam as cidades.

**8.20-23** – Os israelitas deveriam tratar o rei de Ai exatamente como trataram o rei de Jericó (v. 2). O capítulo 6 não especifica o que eles fizeram com o rei de Jericó, mas podemos deduzir, por causa de Josué 8.29, que o mataram e expuseram seu corpo de uma forma humilhante.

**8.24-26** – *Josué não retirou a sua mão.* Esta expressão mostra que Josué manteve seu braço altivo, empunhando a lança, até que a derrota de Ai estivesse completa. A lança erguida era mais do que um sinal do começo da batalha, era também um símbolo da presença e do auxílio de Deus na luta (v. 1). Esse episódio tem um paralelo muito próximo com a narrativa de Êxodo 17.8-16, em que os israelitas lutaram contra os amalequitas e Moisés ergueu suas mãos segurando a *vara de Deus* (Êx 17.9). Nesta passagem, os braços alçados de Moisés representavam a presença de Deus, pois a batalha ficava a favor de Israel quando os braços de Moisés estavam levantados, e contra o povo de Deus no momento em que o profeta se cansava e abaixava as mãos. A repetição deste fato com Josué mostra mais uma vez que este era o merecido sucessor de Moisés (Js 1.1,5; 24.29). Perceba que Josué era o líder militar quando Moisés ergueu suas mãos, e agora ele estava na posição de seu antigo guia enquanto os outros continuavam a batalha.

**8.27** – Deus tinha deixado claro que os israelitas poderiam tomar os despojos da cidade e seus animais (v. 2), mas nada além disso. A expressão *conforme a palavra do Senhor* indica que eles executaram Suas instruções, incluindo o tratamento aplicado ao rei de Ai (v. 29).

**8.28** – A palavra *montão* faz referência a um monte de ruínas. Antigas cidades eram geralmente construídas sobre os pontos mais altos da terra, perto de fontes de água, e, quando um povoado era destruído, erguia-se uma nova cidade no mesmo lugar, em cima dos escombros compactados e assentados da antiga cidade. Assim, ao

longo do tempo, cidades foram construídas no topo de amontoados extensos e comprimidos de ruínas. Ai não foi reconstruída. Desta forma, permaneceu como um monte de destroços. A palavra hebraica (*tel*) para *monte* é encontrada apenas em alguns lugares na Bíblia (Js 8.28; Dt 13.16; 11.13; Jr 30.18; 49.2), e tais lugares são nomeados nas Escrituras como *Tel-Melá* e *Tel-Harsa* (Ed 2.59) ou *Tel-Abibe* (Ez 3.15). O equivalente árabe da palavra *tel* é usado hoje como parte dos nomes de muitos lugares em Israel. A palavra *Ai*, propriamente, quer dizer *ruína*, assim o julgamento implícito em seu nome torna-se agora explícito neste jogo de palavras.

**8.29** – Conforme Deus havia ordenado (v. 27), Josué executou o rei de Ai e expôs seu corpo em um madeiro (veja uma ação similar em Js 10.26). Entretanto, o corpo foi retirado de lá ao pôr-do-sol, de acordo com a ordenança em Deuteronômio que dizia que o cadáver não poderia ser exposto durante a noite. Nestes textos, *enforçar* quer dizer expor o corpo atravessado por uma estaca afiada de madeira como um símbolo de vergonha e horror, e não pendurá-lo pelo pescoço.

O destino do rei neste versículo foi igual ao de Acã, em Josué 7.26. Deus não beneficiava Seu próprio povo quando ele desobedecia de modo insolente. O Senhor muito menos favorecia os perversos cananeus. Por causa de seu pecado, Acã foi expulso de Israel e tratado como um legítimo cananeu.

*Um grande montão de pedras.* Uma palavra hebraica diferente do versículo 28, mas que corresponde a *monte*, é usada nesta expressão, e a conexão entre elas é clara; possuem o mesmo sentido.

**8.30-35** – A vitória em Jericó, a derrota e o subsequente sucesso em Ai representavam importantes acontecimentos de tomada da terra. Vitórias posteriores, mesmo que tivessem sido tão dramáticas quanto as anteriores, receberam menos atenção individual na narrativa (capítulos 10 e 11).

**8.30** – *Monte Ebal* é mencionado apenas aqui e em Deuteronômio 11.29 e 27.4,13. O monte Ebal e o monte Gerizim, este localizado diretamente ao sul do primeiro, foram os lugares usados para a proclamação das bênçãos e das maldições

quando os israelitas chegaram a Canaã. Mais especificamente, o Ebal foi o local onde se proclamaram as maldições (Dt 11.29). Neste versículo, indica o lugar da edificação de um altar. Ebal e Gerizim são dois importantes picos na parte central de Canaã flanqueando uma passagem leste-oeste ao longo do território montanhoso centro-norte. Quase toda a Terra Prometida pode ser vista do topo do monte Ebal.

**8.31** – *Como Moisés, servo do Senhor, ordenou.* Esta expressão é outro exemplo explícito do cumprimento das palavras de Deus. Os israelitas desobedeceram de tal forma que desta vez quiseram se certificar de que fariam tudo certo. (Veja também Dt 27.2-10, para obediência aos mandamentos do Senhor.)

Um altar de pedras inteiras faz referência às pedras brutas (Dt 27.4), conforme as instruções anteriores de Deus acerca da construção dos altares (Êx 20.25). As pedras brutas contrastavam com as pedras trabalhadas encontradas em muitos altares cananeus. Isto era um lembrete de que, mesmo em cerimoniais tais como as ofertas de sacrifícios, os israelitas eram diferentes ou distintos de seus vizinhos.

Os holocaustos consistiam em sacrifícios nos quais os animais eram consumidos totalmente pelo fogo (Js 7.1-10; Êx 29.18; Lv 1.1-17). Designavam-se *sacrifícios pacíficos* as ofertas em que porções dos animais sacrificados deveriam ser alegremente consumidas por aqueles que as apresentaram (Js 7.11-21; Lv 3.1-17).

**8.32** – Josué escreveu, em público, uma cópia da lei nas pedras, o que estava em consonância com as instruções dadas a quem fosse rei e registradas em Deuteronômio 17.18. Mesmo que Josué não fosse um rei, várias indicações no livro mostram-no em uma posição de majestade, agindo com a autoridade de um rei e da forma que se esperava que um monarca agisse (Js 1.5-9; Dt 17.14-20).

**8.33** – Aqui, a palavra hebraica para estrangeiros poderia, mais precisamente, ser traduzida como estrangeiro residente. O vocábulo faz referência àqueles estranhos que viviam como habitantes permanentes dentre Israel. Estes indivíduos diferenciavam-se dos forasteiros que

tinham um contato aleatório com o povo de Deus, tais como viajantes e negociantes, os quais possuíam poucos direitos dentre Israel (Êx 12.43; Lv 22.10,25). Os estrangeiros residentes desfrutavam de certas prerrogativas, mesmo que não fossem israelitas de nascença. Permitia-se que eles apanhassem as uvas dos campos (Lv 19.10; 23.22), e os israelitas eram insistentemente instruídos a dar atenção especial a tais indivíduos, e também aos pobres, às viúvas e aos órfãos (Êx 22.21; 23.9; Dt 10.17-22; 23.7). Isto é parte da mensagem missionária do Antigo Testamento: Israel deveria tratar os estrangeiros que viviam em suas fronteiras de forma que eles desejassem um relacionamento com o Deus dos israelitas. Esse conceito é válido para os cristãos de hoje, bem como sua aplicação nas relações com amigos, vizinhos e companheiros de trabalho. Os cristãos devem conduzir a vida de maneira que esta possa mostrar seu Deus para todas as pessoas (Mt 5.16). Neste versículo, vemos os estrangeiros junto com os israelitas na cerimônia de renovação da aliança.



Gibeão era uma importante cidade cananeia localizada a cerca de 10 km a noroeste de Jerusalém. Seu nome significa pertencente a uma montanha. Em conluio com outras três cidades – Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim –, Gibeão usou uma estratégia enganosa para fazer um acordo com os israelitas (Js 9.3-27), por meio da qual os gibeonitas foram forçados a trabalhar em tarefas servis.

8.34,35 – Esta foi a primeira leitura pública do *livro da Lei*, de tudo o que Moisés ordenara, após a morte deste profeta.

9.1,2 – Os reis cananeus uniram-se para se opor a Israel. Entretanto, o texto não diz se tal coalizão de fato lutou contra o povo de Deus, pois desaparece de cena após o versículo 2. Seis grupos étnicos de Canaã, frequentemente mencionados juntos (Js 3.10), são listados aqui. Por outro lado, Deus disse a Israel para destruir tais nações. Ele não queria que Seu povo se tornasse aliado de tais pessoas sob nenhuma circunstância (Êx 23.28-33; Dt 7.1-5; 20.16-18).

9.3 – *Gibeão* estava relativamente perto de Ai e a cerca de 10 km a noroeste de Jerusalém. O local é conhecido principalmente pela astúcia de seus habitantes descrita neste capítulo.

9.4-6 – Os gibeonitas simularam que haviam percorrido uma grande distância, como se tivessem vindo de uma *terra distante*. Sabiam que Israel podia fazer tratos com cidades que ficavam muito longe dele (Êx 34.11,12; Dt 20.10-18). Assim, caso a declaração feita pelos indivíduos de Gibeão no versículo 6 fosse verdadeira, o acordo que os israelitas fizeram com eles seria autorizado.

Um *concerto* era um trato legal. O fraseado literal em hebraico quer dizer cortar um pacto, o que pode aludir ao antigo costume de sacrificar um animal para ratificar o acordo (Gn 15.10).

9.7 – As pessoas de Gibeão eram chamadas de *heveus* e estavam entre os povos que deveriam ser destruídos (Êx 34.11; Dt 20.17). Israel não deveria ter feito um trato com elas. Este versículo mostra que inicialmente os filhos de Israel suspeitaram dos gibeonitas.

9.8 – Em outras palavras, a expressão *quem sois vós e donde vindes?* quer dizer literalmente *de onde vocês estão vindo?* Uma minuciosa interpretação das palavras dos gibeonitas no versículo 6 e das de Josué no versículo 8 revela as diferenças de percepção da situação. Os gibeonitas declararam que vieram de uma terra distante, e a forma como expressaram isso fez com que ficasse claro que, na mente deles, já haviam chegado ao seu destino, isto é, chegaram de uma terra distante. Quando Josué os interroga, o jeito com que se exprime

deixa transparente que ele acredita que os viajantes estavam meramente passando por ali. Podemos parafrasear suas palavras como: “De onde vocês estão vindo que passaram por aqui?” A astúcia dos gibeonitas estava funcionando: seu único (e secreto) destino era o acampamento israelita, mas Josué acreditou que eles estavam apenas de passagem rumo a outro lugar.

9.9,10 – A fama das vitórias dos israelitas havia chegado aos ouvidos dos gibeonitas, da mesma forma que também circulou anteriormente entre os habitantes de Jericó (Js 2.9,10).

9.11-14 – Os israelitas tomaram da *provisão* dos gibeonitas a fim de examiná-la e confirmar as palavras dos indivíduos de Gibeão. Significativamente, os israelitas *não pediram conselho à boca do Senhor*, contrariando as explícitas instruções divinas a Josué (Nm 27.21). A confirmação da alegação dos gibeonitas se deu puramente por conta e iniciativa dos israelitas. O erro por parte de Israel não foi tão grave porque os israelitas foram enganados, mas o fato é que eles não consultaram o Senhor. De forma parecida, muitos cristãos encontram-se em dificuldades ou em circunstâncias desastrosas porque apressam-se em tomar uma decisão sem consultar adequadamente o Senhor, Suas Escrituras e Seu povo em busca de orientação.

9.15 – *E Josué fez paz com eles [gibeonitas] e fez um concerto com eles*. O ajuste feito mencionado neste versículo tem muito em comum com os antigos tratados típicos do Oriente Médio. O grupo subordinado faz um acordo com a parte que tem mais poder, a fim de obter proteção. Sua natureza vinculante (v. 18) forma a base para as ações tomadas em Números 10.1,2, quando os gibeonitas encontravam-se ameaçados por uma coalizão cananea e apelaram para a ajuda dos israelitas.

9.16-21 – A fraude é descoberta, e os gibeonitas são confrontados. Apesar da artimanha dos indivíduos de Gibeão, Israel foi, no entanto, vinculado pelo juramento. A seriedade da questão é enfatizada nos versículos 18 a 21. Contudo, a congregação ficou furiosa com seus líderes por terem feito tal coisa, mas estes estavam com suas mãos atadas por causa da palavra no acordo feito

com os gibeonitas. Tudo isso é estabelecido de forma explícita e em detalhes que se repetem.

**9.17-19** – *Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim* são todas cidades perto de Gibeão. As duas primeiras ficavam nas terras da tribo de Benjamim (Js 18.25,26), e a terceira localizava-se em sua fronteira (Js 18.14,15).

**9.20-23** – O ato de jurar ou fazer uma promessa era uma questão solene (as palavras hebraicas que correspondem a *prometer* e a *juramento* originam-se da mesma raiz, *shaba* ‘). Por isso, os príncipes prometeram dar vida aos gibeonitas pelo *juramento que já lhes temos jurado*. Prestar um juramento consistia em ser fiel à palavra dada, não quebrar a promessa feita, para que se cumprisse o que fora prometido. De tempos em tempos, até mesmo Deus jura por si mesmo e por Sua santidade (Gn 22.16-18; Sl 89.35; Jr 44.26). Jurar em falso era um pecado grave (Ez 17.16-21; Zc 5.3,4; Ml 3.5). Por causa da natureza sagrada e inquebrável de um juramento, este pacto que os israelitas fizeram com os gibeonitas não poderia ser revogado, mesmo que tenha sido realizado sob falsos fundamentos.

**9.24-26** – As notícias que chegaram até os gibeonitas acerca dos israelitas (v. 3) os assustaram de tal forma que eles tramaram toda a farsa. As palavras que usam — *foi anunciado aos teus servos* — carregam o testemunho dos grandes eventos de Êxodo, que não foram esquecidos mesmo depois de passados 40 anos dos acontecimentos (Dt 1—3).

**9.27** – A expressão *no lugar que escolhesse* é particularmente importante neste versículo. Ela indica que os gibeonitas deveriam servir apenas em lugares sancionados de adoração israelita e não naqueles cananeus. Até que o templo de Jerusalém fosse construído, tais centros incluíam Siló (Js 18.1) e Gibeão (1 Cr 16.39).

A expressão *até o dia de hoje* (também encontrada em Js 4.9; 5.9; 7.26; 8.29) mostra que os gibeonitas continuaram tal serviço por certo tempo, embora o fato não seja especificamente mencionado novamente no Antigo Testamento. Podemos observar que, por causa do engano deste pacto, as pessoas foram levadas a aproximar-se

da verdadeira adoração do Deus vivo, que é capaz de transformar as piores situações em algo bom. Sem dúvida alguma, muitos gibeonitas que viveram esta experiência vieram a ter fé em Deus e tornaram-se Seus adoradores.

**10.1—11.23** – Este trecho bíblico relata as passagens da conquista de Israel sobre as partes norte e sul de Canaã, após o povo ter ganhado uma base na área central daquela região. Muitos paralelos impressionantes podem ser observados entre os capítulos 10 e 11: ambos iniciam com passagens que falam da coalizão dos reis que se opunham à invasão israelita (Js 10.1-27; 11.1-9); ambos mencionam a ajuda de Deus no rechaço aos ataques (o cap. 10 mais do que o cap. 11, mas podemos observar o fato em Js 11.8); ambos começam com descrições de batalhas decisivas (Js 10.1-15; 11.1-9), e são seguidos pela narrativa de atividades militares adicionais relativas ao que se passou (Js 10.16-27; 11.10-15). Cada um dos capítulos mostra um instigador principal da coalizão. No capítulo 10, é Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, e no capítulo 11, é Jabim, rei de Hazor. Os dois capítulos terminam com um resumo da consolidação do poder em cada uma das áreas (Js 10.28-43; 11.16-23).

**10.1-4** – Mais uma vez, a reputação e as notícias acerca das vitórias israelitas se espalharam por entre os cananeus, gerando temor no coração destes. Ao contrário de Raabe, que se voltou para o Deus de Israel em fé, e dos gibeonitas, que fizeram (por meios astutos) um acordo com os israelitas, esta coalizão decidiu resistir ao poder de Israel.

**10.1,2** – Análises políticas e militares levaram os cinco reis cananeus a concluir que, se uma *cidade grande* como Gibeão teve de fazer um acordo de paz com os aparentemente invencíveis israelitas, a única opção que tinham era juntar-se e atacar (v. 5). Ai era uma cidade forte, fato para o qual Israel fechou seus olhos quando o povo tinha se tornado muito confiante em si próprio (Js 7.3).

**10.3-5** – O termo *amorreu* provavelmente faz referência aos habitantes da região montanhosa central da Palestina, embora apenas *Jerusalém* e *Hebrom* estivessem de fato na área das colinas.

Os acontecimentos em Ai marcaram com temor o coração dos monarcas, especialmente agora que Gibeão, uma cidade proeminente, tinha feito um pacto com Israel (cap. 9). Este acordo preocupou o rei de Jerusalém, que logo promoveu uma coalizão com quatro dos reis vizinhos contra Gibeão. Tratava-se da primeira tentativa séria de resistência em Canaã.

10.6,7 – Gilgal e Jericó estavam localizadas no profundo vale do Jordão. Quando soube da coalizão contra Gibeão, Josué teve de subir até a área das colinas na parte central de Canaã para poder ajudar os gibeonitas.

10.8 – Veja Josué 1.5,9 para palavras similares de *encorajamento*.

10.9 – Considerando o fato de que homens de Josué tiveram de *marchar desde Gilgal* [NVI] e depois atacar, pode-se concluir que eles tinham grande vigor. A marcha noturna dos guerreiros

abrangeu um percurso de aproximadamente 32 Km de subida em terreno íngreme, carregando apetrechos e sob o estresse de saber da iminente batalha que enfrentariam.

10.10,11 – Estes dois versículos resumem a vitória, mas são os versículos 11 a 13 que fornecem os detalhes. Não foi a presença de Josué e seus guerreiros que garantiu a vitória a Gibeão (v. 7), mas a intervenção divina: *O Senhor os conturbou*.

*Bete-horom* era uma região montanhosa dividida em dois lugares: parte superior e inferior, um era cerca de 250 m mais alto do que o outro. Estava localizada aproximadamente 6 km a noroeste de Gibeão.

*Azeca* era uma cidade sobre as colinas ao sudoeste de Gibeão, a certa distância. Já a localização de *Maquedá* não é conhecida, mas presume-se que ficava em algum lugar perto de Azeca.



## APROFUNDE-SE

### MILAGRES

Abra a Bíblia em qualquer lugar, e você logo achará a menção de um milagre que apenas Deus poderia realizar. As histórias da intervenção divina na natureza ocorrem ao longo de toda a Bíblia, embora frequentemente com poucos detalhes, a ponto de o leitor muitas vezes ficar se perguntando o que exatamente aconteceu.

A passagem da vitória de Israel sobre os cinco reis amorreus é um perfeito exemplo. Em Josué 10.13, é contado que, em resposta à oração de Josué, *o sol se deteve, e a lua parou*. Este acontecimento miraculoso teve um papel fundamental na vitória de Israel naquele dia. Mesmo aceitando esse fato como um milagre, coisa que a narrativa certamente nos leva a fazer, algumas questões ainda permanecem sem respostas. Sabemos que o sol não gira em torno da terra, então não foi o sol que parou. À vista disso, o que realmente aconteceu? E como esse evento ajudou Israel?

Algumas pessoas dizem que o texto indica que Deus cessou a rotação da Terra. A expressão *o sol se deteve* significa que a posição desse astro no céu não foi alterada, sugerindo que ele permaneceu imóvel. Considerando que a posição do sol é determinada pela rotação da Terra, esta deve ter parado. Esta interrupção de movimento de rotação garantiu aos israelitas a luz do dia de que precisavam para finalizar a perseguição a seus inimigos e não deixá-los escapar.

Outros estudiosos sugerem que Deus causou uma incomum refração de luz na atmosfera terrestre, fazendo com que o sol ficasse visível por um prolongado período de tempo. O sol *aparentemente* parou, mas sem que houvesse qualquer mudança variável na rotação da Terra. Novamente, esta ocorrência pode ter dado tempo aos israelitas de terminar a tomada da cidade.

Outras pessoas reinterpretem o milagre. O verbo traduzido como *parou* nos versículos 12 e 13 também poder ser traduzido como *impedir, cessar*. Desta forma, os estudiosos sugerem que Josué pediu a Deus que impedisse o sol de *brilhar*, e não que se detivesse no céu. A longa noite de marcha, a grande colina e o pesado equipamento de batalha deixaram as tropas cansadas. Josué solicitou que Deus fizesse com que o sol parasse de incidir sobre os guerreiros antes que a exaustão os abatesse. Josué teria clamado por um dia ameno, e não por um dia mais longo.

É claro que não sabemos exatamente o que aconteceu. O que podemos afirmar com exatidão é que Deus interferiu no curso normal da natureza no momento certo, a fim de fazer com que os israelitas vencessem seus inimigos. Como o escritor de Josué aponta, a maior maravilha não está na ocorrência do milagre propriamente dito, mas no fato de que Deus *atendeu a um homem* (Js 10.14 NVI).

O aniquilamento do inimigo amorceou-se deus em Gibeão, e os israelitas puderam perseguir as tropas cananeias por essas três cidades mencionadas: Bete-Horom, Azeca e Maqedá.

**10.12-15** – Esta segunda parte que descreve a batalha é introduzida por uma palavra hebraica correspondente a *Então* ('az), revelando que uma importante ação se deu ao mesmo tempo em que (e não subsequente a) aquela dos versículos 6 a 11. Isso significa que de alguma forma a tempestade de granizo do versículo 11 e o fenômeno dos versículos 12 e 13 descrevem a mesma coisa ou (mais provável) que aconteceram simultaneamente como parte do mesmo milagre. A ênfase do autor acontece no versículo 14. Ele não admira tanto o acontecimento do milagre do versículo 13, mas sim o fato de que Deus ouviu e respondeu à voz de um homem (v. 14), que estava intercedendo miraculosamente por Israel (v. 12). Os dois milagres a favor de Israel que antecederam esta luta — a cessação das águas e a vitória sobre Jericó — tinham sido iniciativas de Deus. Desta vez, Ele agiu em resposta ao pedido de um homem. Novamente, o acontecimento destaca a importância de Josué no livro e realça a fidelidade do Senhor ao Seu povo.

**10.12** – *Aos olhos dos israelitas*, Josué ordenou que o sol e a lua se detivessem em Gibeão até que eles tivessem completado sua missão. As palavras deste versículo formam uma seção com duas partes de poesia justapostas, e as palavras no versículo 13 comentam o trecho anterior desdobrando-se em três versos.

**10.13** – O *Livro de Jasar* (2 Sm 1.18) confirma o que o livro de Josué registra aqui. Esse livro não faz parte da Bíblia e nenhuma parte dele chegou aos dias de hoje.

**10.14** – A expressão *o Senhor pelejava* é o auge deste fato narrado. O autor de Josué maravilha-se (talvez fazendo uma citação do *Livro de Jasar*), não porque havia acontecido um milagre, mas porque Deus ouvira a voz de um homem e lutou a favor de Israel de forma grandiosa. Esta é a prova cabal de que uma pessoa pode receber a atenção do Senhor nas orações.

**10.15-18** – O versículo 15 é idêntico ao 43 e, ao que tudo indica, está fora da ordem cronoló-

gica. Afinal, o versículo 16 diz que Josué continuou a perseguir os reis até a caverna de Maqedá. Então, ainda não havia retornado com as tropas de Israel para Gilgal, como afirma o versículo 15. Alguns estudiosos veem o versículo 15 como uma duplicação do autor do livro, visto que os finais contidos nos versículos 14 e 42 são muito similares. Embora isto seja possível, a explicação mais plausível seria que o versículo 15 possivelmente é uma citação do Livro de Jasar, que omite o conteúdo dos versículos 16 a 42, a narrativa que acontece entre a passagem do milagre do sol e da lua e o retorno de Josué.

**10.19** – A expressão *vo-los deu na vossa mão* novamente mostra que Josué deu o crédito a Deus pela vitória dos israelitas. Enquanto alguns guerreiros israelitas ficaram vigiando a entrada da caverna de Maqedá, os demais foram à caça do inimigo. Os que ficaram em vigilância não podiam deixar que os fugitivos tentassem adentrar *nas suas cidades*, que eram fortificadas. Entretanto, alguns deles conseguiram refugiar-se em algum povoado fortificado, o que não representou perigo para Israel.

**10.20,21** – O extermínio de cananeus foi grande, mas alguns conseguiram fugir, o que pode explicar a razão de, posteriormente, Josué ainda encontrar alguns inimigos nestas cidades fortificadas (v. 31-37).

A expressão *ninguém que movesse a sua língua* significa literalmente *abrir a boca*. Neste caso, quer dizer *criticar* ou *caluniar*.

**10.22-24** – Josué ordenou aos capitães: *ponde os vossos pés sobre os pescoços destes reis*. Trata-se de uma clara declaração de vitória, de um ato simbólico em que os israelitas demonstravam o poder que tinham para subjugar seus inimigos por ter Deus como o guerreiro de Israel. (Veja Sl 110.1, para a ordem do Senhor: *ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés*, e 1 Co 15.25-27, para conferir o relato em que Deus coloca os inimigos de Jesus *debaixo de seus pés* [Sl 8.6].) Antigos relevos esculpidos mostram os reis assírios fazendo isso com seus inimigos derrotados.

**10.25** – *Esforçai-vos e animai-vos*. Josué repetiu as mesmas palavras de encorajamento dadas por

Deus a ele (Js 1.6,9; 10.8), para encorajar os israelitas. Naquele momento, Josué tinha a autoridade para exortar o povo de Israel.

**10.26,27** – Após ferir e matar os cinco reis amorreus, Josué exibiu os cadáveres esfacelados em árvores da mesma forma que fez anteriormente com o rei de Ai (Js 8.29). Entretanto, assim como da outra vez, os corpos foram retirados do madeiro antes do pôr-do-sol, conforme legislação mosaica (Js 8.29).

**10.28-43** – Após a elaborada narrativa sobre a batalha contra os reis amorreus (Js 10.1-27), a Bíblia registra um resumo da guerra dos israelitas na parte sul de Canaã. Os reis e os povos de sete cidades sulistas são mencionados em uma série de passagens similares. Os israelitas tinham entrado em Canaã por sua parte central, em Jericó. Subsequentemente, suas operações militares começaram pelo centro, voltando em seguida para o sul (cap. 10) e depois para o norte (cap. 11). O fato de que exatamente sete cidades são listadas sugere que este talvez possa ser um resumo da passagem, descrevendo a destruição de cidades representativas. Apenas simples detalhes acerca das destruições são fornecidos, e as sucessivas narrativas contêm muitas expressões repetidas. Três das cidades (Láquis, Eglon e Hebrom) são aquelas cujos reis já haviam se oposto aos israelitas (v. 3). Apesar de este trecho bíblico (v. 28-43) falar sobre a rápida aniquilação das pessoas ao longo daquela região, o trabalho dos israelitas ainda não estava acabado.

**10.28,29** – A primeira cidade mencionada é aquela para a qual a coalizão fugira, *Maquedá* (v. 10,16). Os cinco reis haviam fugido para lá e esconderam-se em uma caverna.

**10.30-32** – Aqui e nos versículos 32 e 42, somos lembrados de que o *Senhor* era o guerreiro de Israel.

**10.33-39** – O relato sobre a conquista de Gezer é mencionado apenas com o objetivo de ressaltar a vitória completa de Israel sobre Láquis, afinal, alguns guerreiros daquela cidade haviam saído em defesa de Láquis. Tanto os soldados desta cidade como daquela foram aniquilados. De acordo com Josué 16.10, os cananeus ainda (ou novamente) estavam vivendo em Gezer algum tempo depois.

**10.40** – Este versículo apresenta a primeira conclusão dos relatos que começaram em Josué 9.1,2. Aqui vemos que Josué conseguiu a vitória sobre todos os que viviam na região montanhosa (o mesmo que *montanhas* em Js 9.1), no sul, nas campinas e nas descidas das águas. A palavra que corresponde a *sul* é *Neguebe*, fazendo referência ao deserto na parte sul da terra. As *descidas das águas* são tanto as encostas ocidentais que levam às campinas perto do mar Mediterrâneo como as encostas íngremes que descem para o mar Morto a leste da área montanhosa central. Em suma, as vitórias dos israelitas abrangeram as porções centro-sul da terra de Canaã, mas não incluíram a parte costeira (Js 13.2-6).

**10.41-43** – Nem *Cades-Barnéia* tampouco *Gaza* haviam sido mencionadas em Josué até então. A inclusão destas duas localidades aqui marca os limites austrais [do sul] da terra conquistada. Gaza era uma cidade filisteia, terra a ser conquistada em Josué 13.3. Já *Gósen até Gibeão* marca os limites sul e norte da conquista. Gósen aqui não é o território no nordeste do delta do Nilo onde os israelitas habitaram antes (Gn 45.10; 46.28; Êx 8.22; 9.26), mas sim a cidade na área montanhosa no sul de Canaã mencionada em Josué 11.16; 15.51.

**11.1-23** – Após a vitória sobre a coalizão que foi organizada no sul contra os israelitas, agora o povo de Israel se depara com a hostil coalizão norte, a qual também derrotaria (v. 1-15).

**11.1** – *Hazor* era uma cidade grande e estratégica na parte norte de Israel. Ela é chamada de *a cabeça de todos esses reinos* (v. 10).

**11.2** – A descrição geográfica aqui nomeia as áreas em vez das cidades. *Quínerete* é outro nome para mar da Galiléia. Houve também uma cidade chamada *Quínerete* no lado noroeste do mar (Js 19.35). *Nafote-Dor* [ou planaltos de Dor], *da banda do mar*, era um porto marítimo no Mediterrâneo e não havia montanhas por perto. Alguns estudiosos chamam a região de dunas de Dor.

**11.3** – A inclusão dos *jebuseus*, os habitantes de Jerusalém, é surpreendente, porque Jerusalém ficava no sul de Jericó. Evidentemente, os cananeus temiam tanto a ameaça israelita que procuraram ajuda por toda parte e em lugares distantes.



*Hermom* estava no extremo norte, o ponto mais alto do norte da Palestina. *Mispa* foi o nome de muitas cidades na história de Israel, incluindo uma perto de Láquis (Js 15.38), uma em Benjamim, no sul (Js 18.26), e outra em Gileade, leste do Jordão (Jz 10.17).

11.4 – Os *caballos*, neste trecho, eram usados para puxar os *carros*, que acompanhavam a infantaria e transportavam um condutor com um arco ou suprimimento de lanças. Os exércitos cananeus não usavam guerreiros montados. As tropas cananeias vinham bem armadas para enfrentar os israelitas, mas nada disso fazia efeito. Deus ainda assim os derrotava (v. 6-9). Somente nas batalhas de Jericó e Ai, os israelitas deram início ao combate. Aqui, bem como em outros combates descritos em Josué, foi o inimigo — geralmente fortemente equipado e em grande número — que atacou os israelitas.

O Senhor limitou o tamanho do exército israelita para que ele não confiasse apenas em seu poder bélico. O mesmo aconteceu em Deuterônimo 17.14-29 quando o Senhor ordenou a um rei que não adquirisse muitos cavalos (Dt 17.16). Assim, ele não dependeria de sua força militar, mas sim de Deus.

11.5 – O local exato das *águas de Merom* é desconhecido. Antigos estudiosos identificaram o lugar como o lago Hule, que ficava situado ao norte do mar da Galiléia, mas que foi drenado nos tempos modernos. Entretanto, muitos estudiosos atuais acreditam que o lugar mais preciso estaria em algum ponto entre o mar da Galiléia e a costa Mediterrânea.

11.6,7 – Deus prometera entregar os inimigos de Israel em suas mãos *amanhã a esta mesma hora*. Isso é especialmente significativo à luz dos impressionantes números dos inimigos de Israel. Estas foram as mesmas palavras usadas muitos anos depois por Eliseu para predizer a fuga de Samaria de um cerco imposto pelos sírios (2 Rs 7.1). Em ambos os casos, as promessas de Deus concretizaram-se.

11.8 – A *grande Sidom* era uma cidade fenícia na costa do Mediterrâneo, e *Misrefote-Maim* ficava ao sul desta. A derrota dos cananeus descrita

aqui os mostra fugindo para todas as direções, em um total alvoroço.

11.9 – *Como o Senhor lhe dissera*. Esta expressão mostra que Josué era cuidadoso, a fim de executar exatamente o que lhe fora instruído (v. 6).

11.10 – *Hazor, dantes, era a cabeça de todos os reinos*. Esta foi provavelmente a razão pela qual Josué atingiu primeiro Hazor e o motivo pelo qual o texto detalha sua destruição. A escavação de Hazor mostrou várias destruições correspondentes ao período final da Idade do Bronze, uma de aproximadamente 1400 a.C., que poderia ser facilmente atribuída a Josué.

11.11-13 – Jericó e Ai foram as duas outras únicas cidades a serem incendiadas. A maioria delas foi tomada sem ser destruída, pois os exércitos eram derrotados nos campos de batalha. Desta forma, grande parte das estruturas pôde ser utilizada por Israel sem precisar de reconstrução.

11.14,15 – Aqui, como aconteceu em Ai, permitiu-se que os israelitas pegassem todos os despojos das cidades (Js 8.2,27). O tratamento que o povo dispensou aos habitantes era padrão para todos os cananeus: *nada do que fôlego tinha deixaram com vida* (Js 6.21; 8.22; 10.28,30,32,33,35, 37,39,40; 11.8,11,12). Esta completa aniquilação da população representou um grande problema para alguns indivíduos, pois estes achavam que Josué estava mostrando uma sede de sangue injustificada. Entretanto, Deus havia explicado a Moisés por que Israel deveria executar tal destruição em Canaã (Dt 7.2-11; 20.16-18): os cananeus estavam sendo julgados por causa de sua perversidade.

11.16,17 – Estes versículos sintetizam a batalha realizada ao norte bem como toda a conquista de Israel narrada neste livro (capítulos 9 a 11). O versículo 16 menciona muitos dos territórios já citados em Josué 10.40,41. O limite sul da conquista é dado aqui. O *monte Calvo* [*Halaque*, na NVI] fica perto de Cades-Barnéia (Js 10.41), e Seir é a área montanhosa de Edom, a sudeste do mar Morto. *Baal-Gade* e *monte de Hermom* [*monte Hermom*, na NVI] são o limite norte da conquista. Baal-Gade estava no vale do Líbano, a noroeste do monte de Hermom.

**11.18-20** – Aqueles cujo coração foi endurecido por Deus não eram pessoas de boa índole, mas sim indivíduos que haviam se comprometido com a maldade (Sl 14.1-3; Rm 3.10-18), como aconteceu com faraó (Rm 9.14-24).

**11.21,22** – A destruição dos *anaquins* [enaquins, NVI], gigantes que habitavam a região montanhosa da Terra Prometida, foi especialmente significativa. Nem mesmo a gigantesca estatura e a habilidade de guerra destes guerreiros foram empecilhos para o poder de *Yahweh*. A derrota deles finalmente garantiu ao povo de Israel a posse da Terra Prometida. É importante lembrar que, muitos anos antes, o fato de saber que a terra onde mana leite e mel era habitada por esses gigantes fez com que os israelitas se rebelassem contra os comandos de Deus (Nm 13.22,28,32,33). Entretanto, a geração atual de Israel aprendeu a confiar no Senhor independente dos obstáculos que aparecessem.

**11.23** – Este versículo é um trecho de transição, que sintetiza o que passou (as conquistas) e mostra, antecipadamente, a conquista da prometida herança. A expressão *a terra repousou da guerra* encerra a primeira parte deste livro. Antes de entrar na segunda parte do livro, que fala sobre como o território da Terra Prometida foi distribuído entre as tribos de Israel, o capítulo 12 apresenta a lista dos reis cananeus derrotados.

A ideia de descanso para todo o povo é encontrada em passagens como Deuteronômio 12.10 e 25.19, e refletida em sùmulas de Josué 21.44 e 23.1.

**12.1-6** – As anteriores conquistas israelitas a leste do Jordão são mencionadas aqui: suas vitórias sobre Seom, o rei de Hesbom, e Ogue, rei de Basã. Israel os derrotou sob a liderança de Moisés e tomou posse de sua terra naquela época (Nm 21.21-35). A detalhada descrição do território que eles governavam torna ainda mais impressionante a vitória que Israel conseguiu. O versículo 6 confirma que tal fato deu a posse da terra como herança a duas tribos e meia, que se estabeleceram lá.

**12.6,7** – A linguagem utilizada por estes versículos mostra claramente que Josué sucedeu Moisés em suas várias tarefas, tanto que ambos

são descritos da mesma maneira. Primeiro, como conquistadores: *Josué e os filhos de Israel* (v. 7) segue *Moisés [...]* e *os filhos de Israel* (v. 6). Depois, como concessores de terra: *Josué a deus* (v. 7) da mesma forma que *Moisés [...]* *deu* (v. 6).

**12.7-24** – A primeira parte do livro de Josué está agora completa. Os israelitas destruíram seus inimigos com a ajuda de Deus e conquistaram finalmente a Terra Prometida. A partir deste trecho bíblico, a terra é dividida e o povo de Israel é assentado no território, muitos anos após a primeira promessa ser feita aos seus ancestrais.

**13.1—21.45** – A segunda metade do livro de Josué é focada na distribuição da terra. Com seu ritmo mais vagaroso e uma relativa ausência de ação, esta parte do livro contrasta com a enérgica primeira parte. A ênfase principal está em *Yahweh*, o Deus de Israel, como o grande possuidor e concessor da terra.

**13.1-12** – Apesar da retratação da vitória completa nos capítulos 10 e 11, Deus disse a Josué que *ainda muitíssima terra ficou para possuir*. Isto inclui os territórios dos filisteus e seus vizinhos ao sul, as terras costeiras fenícias ao norte, e o norte, os territórios montanhosos do Líbano. As famosas cinco cidades dos filisteus são mencionadas



## EM FOCO

### HERANÇA (HB. NACHALAH)

(Js 13.7; Dt 4.20; Sl 16.5; 94.14)

A palavra *herança*, que significa *posse ou propriedade*, está ligada às promessas de Deus, particularmente àquelas envolvendo a Terra Prometida (Gn 13.14-17). Quando este termo é usado em relação à Terra Prometida não contém uma mera referência àquilo que a pessoa deseja para seus filhos. Em vez disso, Deus, o Proprietário do mundo inteiro, deu garantia a Seu povo de uma específica parcela de terra. Ele fixou os limites desse local e prometeu entregá-lo aos israelitas.

Entretanto, o conceito de herança de Israel transcende a simples associação com a terra. Davi e Jeremias afirmaram que o próprio Deus é a herança real de Seu povo (Sl 16.5; Jr 10.16). O povo de Deus pode achar completude e alegria em seu relacionamento com Ele. Nada que este mundo pode oferecer como herança se compara ao próprio Deus (1 Pe 1.4).

(Gaza, Asdode, Asquelom [Ascalom, NVI], Gate e E Crom). Um aviso de que o território deles restou para ser conquistado já aparece em Josué 11.22, onde são feitas referências a Gaza, Gate e Asdode. Contudo, Josué estava muito velho para comandar as batalhas restantes pela terra. O próprio Deus expulsaria os habitantes remanescentes. Josué tinha meramente de dividir a terra em nove porções e meia para as tribos a oeste do Jordão.

**13.2,3** – A palavra *príncipes* aqui é a tradução de um termo filisteu, e não hebraico. É o único vocábulo claramente filisteu registrado na Bíblia. Está relacionado com a palavra grega que significa *tirano*.

**13.13** – Este versículo mostra que a abrangente ilustração da conquista nos capítulos 10 e 11 possui outro lado, e que Israel não expulsara alguns povos (os gesuritas e os maacatitas). Tais indivíduos permaneceriam (como uma presença contaminadora) entre Israel por muitos anos.

**13.14-21** – À tribo de Levi não deu herança. Este é um conceito importante do livro de Josué. Aqui, diretrizes anteriores acerca da herança levítica foram obedecidas (Nm 18.20-24; Dt 10.8,9; 18.1-5). Originalmente, a tribo de Levi foi sentenciada a não receber terra por seu comportamento violento (Gn 49.5-7), mas, em seguida, os levitas remiram-se (Êx 32.25-28) e tiveram uma bênção prometida (Dt 33.8-11). Dos 12 filhos originais de Jacó, a herança de José foi dividida entre seus dois filhos, Efraim e Manassés. Isso contabilizaria 13 tribos, mas Levi foi excluído da herança da terra, o que manteve o número de 12 tribos (Js 14.3,4). Os levitas possuíam cidades nos territórios de cada tribo (Js 21.1-42). Em vez de uma herança de terra, os sacrifícios seriam a privilegiada herança dos filhos de Levi.

**13.22** – Balaão foi o áugure pagão contratado por Balaque, o rei de Moabe, para amaldiçoar os israelitas no deserto (Nm 22—24). Balaão descobriu que só podia falar o que Deus dizia para ele, mas pecou ao incitar as mulheres moabitas a seduzirem os homens israelitas (Nm 25.1-9; 31.16). Por isso, os filhos de Israel mataram a fio de espada a Balaão. Este registro da morte de Balaão ecoa o anúncio encontrado em Números 31.8. A história

de como Deus transformou o desejo de Balaão de amaldiçoar Israel em uma bênção é celebrada em várias passagens (Js 24.9,10; Dt 23.4,5; Ne 13.2; Mq 6.5).

**13.23-32** – Grandes cidades cananeias, tais como Jericó, eram tipicamente protegidas por muros. Entretanto, ao redor delas havia muitos povoados menores. Assim, as *cidades e as suas aldeias* formavam pequenas cidades-estado, o que era típico de Canaã naquela época. As vilas eram assentamentos permanentes desprovidos de muros, povoados agrícolas periféricos.

**13.33** – Este versículo reitera a informação acerca da não inclusão da terra na herança de Levi (v. 14). Neste trecho, entretanto, diz-se que a herança é o próprio Deus e não os sacrifícios. Por causa de sua posição singular, o relacionamento de Levi com Deus seria especial.

**14.1-5** – Esta introdução sobre a distribuição da terra enfatiza os levitas, que foram mencionados anteriormente (Js 13.33). Este prefácio também destaca Deus como sendo aquele que concede a terra a Israel, e faz isso ao mencionar Seus comandos a Moisés e citar Eleazar, o sacerdote assistente na distribuição da terra. Tal fato mostra que a herança da terra era uma questão religiosa e não apenas uma negociação de propriedades.

**14.2-5** – A função de Deus como o conessor da terra também é enfatizada pela menção do sorteio. Deus havia ordenado que se fizesse um sorteio para determinar a herança de Israel (Nm 26.55). Contudo, dizer que a herança seria decidida pela *sorte* não significava que a decisão seria ao acaso, pois o próprio Deus determinaria quem ficaria com qual pedaço de terra (Js 18.6,8,10; Pv 16.33). O sorteio também é mencionado em Josué 15.1; 16.1; 17.1.

**14.6** – Calebe é descrito aqui e em outras passagens como o *quenezeu* (Js 14.14; Nm 32.12). Os quenezeus formavam um grupo não israelita que descendeu de Esaú por intermédio de Que naz (Gn 15.19; 36.11,15,42). Ao que tudo indica, alguns desse grupo associaram-se a Judá em uma época anterior (Nm 13.6). Alguns acreditam que Calebe, um dos homens mais fiéis a

Deus em sua época, pertencera a uma geração de família não israelita.

**14.7-9** – Estes versículos repassam os acontecimentos registrados em Números 13 e 14. A promessa da herança de Calebe mencionada no versículo 9 faz referência às palavras de Deus em Números 14.24.

**14.10,11** – De acordo com o versículo 7, Calebe tinha 40 anos quando foi enviado a Canaã como espia. Passaram-se 45 anos desde então. Considerando que [dos 85 anos de Calebe] 40 anos foram gastos no deserto, a conquista da Terra Prometida durou cinco anos.

**14.12** – Foram os gigantes *anaquins* que colocaram medo em dez dos espias israelitas 45 anos antes, desencadeando a rebeldia de Israel contra Deus (Nm 13). Calebe não os temia agora e tampouco os temera antes, mesmo que ele estivesse consideravelmente velho. Como ele disse: *Porventura, o Senhor será comigo!* Esta declaração expressa certeza.

**14.13** – Abençoar as pessoas em nome do Senhor expressa o desejo de que elas experimentem o melhor de Deus (Gn 27.27-29; 47.10; 49.1-28; Jz 5.24; Ne 11.2). É mais do que uma vontade, pois a bênção em nome do Senhor faz uso do poder e dos recursos de Deus. Na Bíblia, as bênçãos incluem os filhos (Gn 1.28; 28.3), a terra (Gn 26.3; 28.4), a prosperidade (Gn 28.12-14) e a boa reputação perante os outros (Gn 12.3; 22.18). Quando se diz às pessoas para bendizer ao Senhor, significa que é para elas o *adorarem*,

atribuindo o mérito a Ele (Sl 104.1) e identificando-o com a fonte de seu bem (Sl 103.1,2).

**14.14** – A total devoção de Calebe a Deus não foi colocada em questão, mesmo no deserto: ele *foi inteiramente fiel ao Senhor* (v. 8). Como consequência, Calebe recebeu a terra que pedira. Na Bíblia, as pessoas são algumas vezes recompensadas em vida pela fidelidade a Deus, mas nem sempre (Hb 11.32-40). A bênção final do cristão virá na eternidade. Aqueles que colocam sua esperança nessa promessa não perderão nada, não importa o quanto sofram nessa vida.

**14.15** – *Quiriate-Arba* era o antigo nome da cidade de Hebrom (Gn 23.2). Significa cidade de Arba. Arba foi o maior dos anaquins e é mencionado apenas aqui e em Josué 15.13 e 21.11.

*E a terra repousou da guerra.* Esta afirmação reflete Josué 11.23, que conclui a passagem bíblica que fala sobre as batalhas do norte e do sul.

**15.1-12** – Os limites de Judá ao sul de Canaã são agora descritos em detalhes. Isso consolida a importância da herança e o local exato que cada tribo recebeu.

**15.13-19** – Esta segunda passagem acerca da herança de Calebe (Js 14.6-15) explica como ele também tomou Debir, outra cidade originalmente conquistada por Josué (Js 10.38,39), mas que evidentemente voltara para as mãos dos cananeus. Este trecho bíblico traça um paralelo bastante próximo ao de Juízes 1.12-15.

**15.20-63** – As cidades que Judá herdou somavam mais de 100 e incluíam os povoados anexos.



**EM FOCO**

**REPOUSO (HB. *SHAQAT*)**

(Js 14.15)

Esta palavra hebraica traduzida como *repouso* significa *estar em paz*. O termo implica a libertação da ansiedade e do conflito. Deus prometera aos israelitas descanso na Terra Prometida (Êx 33.14; Dt 3.1-20; 12.9,10). Para eles, que viviam como nômades, isso significava o fim das peregrinações e lutas.

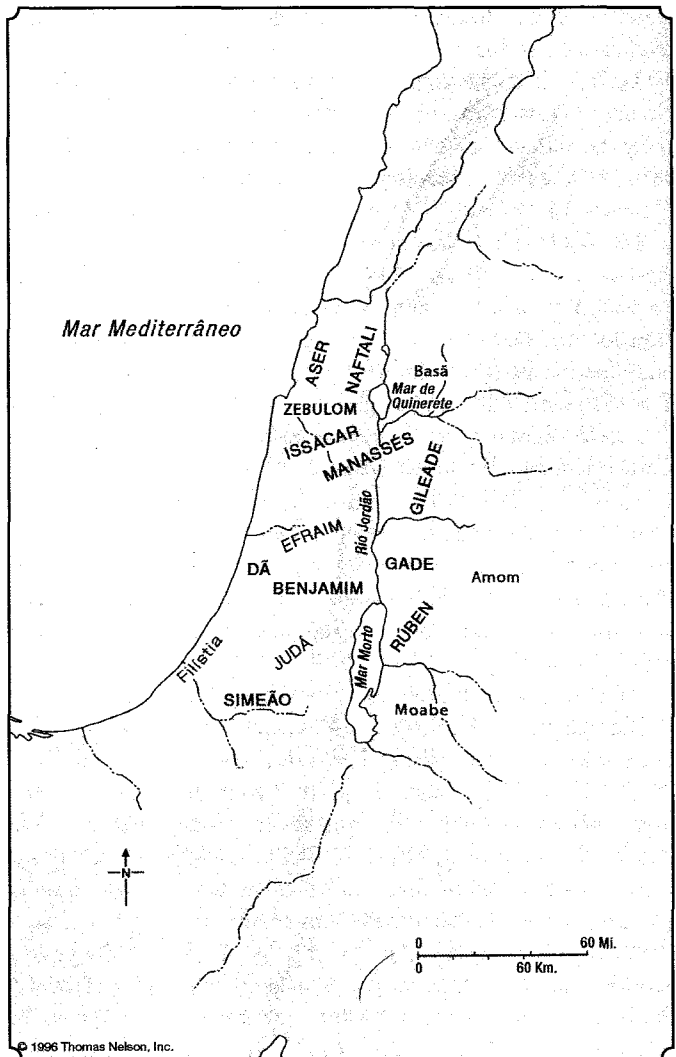
No livro de Josué, a ideia de *repouso* está relacionada especificamente ao fim dos conflitos e das hostilidades entre Israel e seus vizinhos. Deus prometera a Seu povo um lugar em que este ficasse assentado. Receber o *descanso* dependia da completa obediência ao mandato divino de expulsar os cananeus (Js 11.23; 14.15).

O Novo Testamento também usa o conceito de *repouso*. Neste caso, o céu oferecerá aos cristãos o descanso da morte, da dor, do pecado e de quaisquer outras lutas terrenas (Hb 4.1; Ap 21.4).

A lista apresenta quatro partes: (1) cidades no sul (v. 21-32); (2) cidades nas terras baixas (v. 33-47); (3) cidades na região montanhosa (v. 48-60); e (4) cidades no deserto próximo ao mar Morto (v. 61,62).

15.63 – Os jebuseus, que habitavam Jerusalém antes de os israelitas chegarem, teimosamente permaneceram em sua terra porque a tribo de Judá não cumpriu sua obrigação de destruí-los completamente. Deus não queria que Israel instituisse a paz com os habitantes daquela terra, pois desejava que os israelitas os expulsassem e os destruíssem (Nm 33.52-55; Dt 7.1-5; 20.16-18). Juízes 1.21 repete este versículo quase que textualmente, exceto pelo fato de estabelecer que foi Benjamim (e não Judá) que falhou em expulsar os jebuseus. Isso aconteceu porque Jerusalém estava no meio da fronteira entre Benjamim e Judá. No princípio, Jerusalém não pertencia estritamente a nenhuma das tribos. A tribo de Judá conquistou Jerusalém posteriormente (Jz 1.8), mas Benjamim não expulsou os jebuseus de sua parte de terra conquistada (Jz 1.21). Ao que tudo indica, Judá tomou as colinas não fortificadas do sudoeste, ao passo que Benjamim falhou na tomada da cidade murada na montanha do leste. Os detalhes não estão inteiramente claros, mas afirma-se que os jebuseus e os israelitas viveram juntos (Js 15.63; Jz 1.21). A cidade pertenceu efetivamente aos jebuseus até o tempo de Davi (2 Sm 5.5-10). Na verdade, em Juízes 19.11,12, o levita da área montanhosa de Efraim chamou Jebus (Jerusalém) de *cidade estranha*.

16.1-4 – Um só sorteio determinaria a herança das tribos de José — Efraim e Manassés. O fato de estas duas tribos receberem juntas apenas



A divisão da terra entre as 12 tribos.

um quinhão fez com que elas reclamassem mais tarde (Js 17.14-18).

16.5-9 – As cidades que se separaram para as tribos de Efraim estavam no meio da herança dos filhos de Manassés. Esta informação é ratificada em Josué 17.9. A razão deste acontecimento não está clara, mas pode ser que seu fundamento esteja na grande bênção estendida a Efraim por Jacó (Gn 48). Manassés também herdou cidades dos territórios de outras tribos — Issacar e Aser (Js 17.11).

**16.10** – *E não expeliram os cananeus*. Esta expressão é uma prévia das muitas declarações acerca das conquistas incompletas em Juízes 1.

*Serviam-nos*. Esta expressão revela que a condição dos cananeus em Gezer era, de certa forma, similar à dos gibeonitas (Js 9.27), exceto pelo fato de que não houve nenhum acordo aqui. Desta forma, a posição de tais cananeus era inferior.

**17.1,2** – O primogênito de Manassés, Maquir (Gn 50.23; Nm 26.29), já havia recebido uma porção separada, Gileade e Basã [porção de Manassés a leste do Jordão (Js 13.29-31)]. O restante da porção de Manassés estava a oeste do Jordão (v. 2-13).

**17.3-13** – Aqui Josué executa fielmente os comandos de Deus para Moisés no que concerne à herança de Zelofeade, que não teve filhos (Nm 26.33; 27.1-11). Josué certificou-se de que as filhas de Zelofeade recebessem sua herança como fora prometido. Esta breve narrativa enfatiza mais uma vez a maneira como Deus mantém Suas promessas, um tema constante ao longo do livro de Josué. A fé das filhas de Zelofeade na requisição da terra remete à de Calebe, que também reclamou sua parte baseando-se na promessa de Deus (Js 14.6-15).

**17.14-18** – O exposto neste trecho volta à queixa das duas tribos de José acerca do fato de que juntas receberam apenas um quinhão. Josué as encoraja a tomar a terra na área montanhosa, apesar do temor dos cananeus que lá habitavam (Js 17.15,17,18; Nm 13.28-33). Este episódio mostra um claro contraste com a boa vontade de Calebe em empenhar-se pela tomada de sua terra (Js 14.6-15). Isso também nos lembra das inúmeras terras que ainda restavam para ser conquistadas (Js 13.1).

**18.1,2** – Até este ponto, o acampamento central de Israel na terra tinha sido em Gilgal, perto de Jericó, onde o povo celebrou várias cerimônias religiosas (Js 4.19,20; 5.2-12; 9.6). Agora, toda a congregação mudou-se para Siló, que ficava a cerca de 24 Km a noroeste de Jericó, onde armou a *tenda da congregação* [tenda do encontro, NVI]. O local seria um importante centro religioso israelita por centenas de anos (Js 19.51; 21.2; Jz 18.31;

21.12; 1 Sm 1.9) até a tomada de Jerusalém nos dias de Davi. A arca era mantida lá (1 Sm 3.3), e foi levada para a batalha contra os filisteus, que a tomaram quando Samuel era juiz (1 Sm 4). Logo depois disso, Siló foi destruído (Sl 78.60; Jr 7.14). Esta é a primeira de duas referências ao tabernáculo neste livro; a outra citação acontece em Josué 19.51. O tabernáculo era uma tenda elaborada e portátil que serviu como a casa de Deus quando os israelitas estavam no deserto. Dentro do santuário ficavam a arca da aliança e os objetos sagrados. O tabernáculo foi construído com estruturas de madeira e coberto por camadas de rico tecido (Êx 26). Os nomes *tabernáculo* e *tenda da congregação* geralmente significam a mesma coisa (tabernáculo). Em Êxodo 33.7, também há o registro sobre a *tenda da congregação*, mas nesta ocasião ela possuía uma função diferente. Esta foi usada por Moisés para atividades fora do acampamento, onde ele e o povo poderiam consultar-se com Deus. Era algo temporário montado durante os dias em que o povo estava no deserto, e não foi usado posteriormente na história de Israel.

**18.3,4** – *Até quando sereis negligentes*. A repreensão de Josué às sete tribos mostra que não foi suficiente derrotar os habitantes da terra. Eles também deveriam tomar posse desta. Os israelitas derrotaram facilmente os cananeus (capítulos 9 a 11), mas eles não deram prontamente prosseguimento às suas vitórias ocupando toda a terra. A morosidade desobedecia às instruções de Deus (Js 13.1) e mostrava a falta de fé nas promessas do Senhor.

**18.5-28** – Neste trecho bíblico começa a repartição da terra em sete partes, que é descrita até Josué 19.51.

**19.1-46** – *Simeão* não recebeu uma herança independente. Em vez disso, herdou terras dispersas no território de Judá. Seu pai Jacó previra tal coisa (Gn 49.5-7). Mais tarde, Simeão e Judá agiram em conjunto (Jz 1.3). Em 1 Crônicas 4.24-27, Simeão é descrita como uma tribo muito menor do que Judá.

**19.47,48** – A conquista de Lesém por Dã é contada também em Juízes 18, capítulo este que fornece maiores detalhes (neste trecho a cidade

é chamada de *Laís*). Os danitas foram forçados a sair de seu território no sul (Jz 1.34) e migrar para o norte (Jz 18.27-31), onde capturaram Lesém e mudaram seu nome para Dã.

**19.49,50** – A repartição da terra termina, apropriadamente, com *Josué* recebendo sua herança em Efraim. A Bíblia não registra a ordenança que garante a Josué esta herança em particular, embora a promessa para Calebe e Josué em Números 14.30 de fato garantisse uma herança da terra a ambos os fiéis espias. Mas no versículo 50 deste capítulo, notamos que a posse daquela parte da terra foi feita *segundo o dito do Senhor*.

**19.51** – Esta é uma declaração que sumaria as informações acerca dos assentamentos de cada tribo, refletindo elementos presentes em Josué 14.1; 17.4; 18.6,10. É um resumo bastante adequado de todo o assunto abordado nos capítulos 13 a 19. A citação de *Eleazar, o sacerdote, e Josué, filho de Num e os cabeças dos pais das famílias*, bem como a menção do tabernáculo em *Siló*, dão um ar de importância e solenidade. Toda a distribuição da terra aconteceu sob os olhos de Deus, de forma honesta e ordenada. A terra pertencia ao Senhor, e Ele pretendia concedê-la. Agora, Ele havia cumprido Sua promessa.

**20.1-9** – As cidades de refúgio seriam provenientes das cidades levíticas, em cumprimento à legislação mosaica de Números 35.9-28 (Dt 4.41-43; 19.1-10). Estes lugares foram estabelecidos para fornecer abrigo àqueles que haviam matado alguém sem intenção, podendo aguardar em segurança o julgamento.

**20.1-6** – A expressão *por erro e não com intento* quer dizer literalmente acidental e sem ter o propósito. As leis de Deus permitiam brechas por razões justas, da mesma forma que os modernos códigos penais distinguem hoje os assassinatos culposos e os dolosos.

A palavra traduzida como *vingador* (hb. *go'el*), em *vingador do sangue*, é traduzida como *remidor* [resgatador] em Rute 3.13; 4.1. O significado básico da palavra é protetor dos direitos da família. Números 35 cita as exigências e as limitações do vingador do sangue, mas não dá permissão para a vingança. Deus claramente reservou esta

tarefa para si mesmo (Dt 32.35; Is 34.8; Rm 12.19). A provisão divina das cidades de refúgio impunha limite às ações pessoais de vingança.

**20.7-9** – As cidades de refúgio eram distribuídas de forma que ninguém demorasse mais de um dia de viagem até elas, de qualquer parte da terra de Israel. Golã, Ramote e Bezer ficavam do lado leste do rio Jordão, e Quedes, Siquém e Quiriarte-Arba (Hebrom) localizavam-se do lado oeste. Apesar de sua importância aqui e no Pentateuco, as cidades de refúgio como tal não são mais mencionadas na Bíblia.

**21.1-42** – Quarenta e oito cidades foram designadas como aquelas nas quais os levitas poderiam viver e apascentar o rebanho em suas imediações. Tais cidades continuariam sendo propriedade de outras tribos, mas os levitas teriam direitos de habitação e apascentamento, visto que eles não possuíam outras porções de terra (Js 13.14,33; 14.3; 18.7). Na condição de instrutores da Lei (Dt 33.10; 2 Cr 17.7-9; 35.3; Ml 2.6-9), os levitas teriam melhores condições de ensinar se eles vivessem espalhados pela terra.

**21.1-3** – Os levitas foram até Josué para requerer sua justa parte do território, na qual estavam incluídas cidades ao longo da área que Deus havia prometido (Nm 35.1-8). Os *arrabaldes* eram as terras que cercavam cada cidade.

**21.4-8** – Aqui as cidades levíticas são determinadas pela sorte. A palavra *sorte* aparece cinco vezes nestes versículos, mas este era o método direto utilizado por Deus para escolher as cidades. Deus estava no controle de cada aspecto do processo de herança.

**21.4,9-42** – A ramificação sacerdotal dos coaitas, descendentes de Arão, recebeu 13 cidades de Judá, Simeão e Benjamim. Além disso, os sacerdotes araônicos ficaram estrategicamente localizados para servir no templo e no território que permaneceu nas mãos dos descendentes de Judá ao longo dos anos e após o exílio babilônico. Algumas das cidades não estavam de fato em posse de Israel naquela época (por exemplo, Gezer), e outras, aparentemente, nunca estiveram sob controle de Israel em qualquer tempo (por exemplo, as cidades filisteias de Elteque e Gibetom).



**LOCALIZE-SE**

**AS CIDADES DOS LEVITAS**

Atualmente, em algumas nações ocidentais, as instituições religiosas gozam de certos privilégios, tais como a isenção de impostos sobre as propriedades pertencentes à Igreja e vantagens tributárias para os clérigos. Os levitas, na antiga Israel, desfrutavam de benefícios ainda maiores. Um dos principais era a utilização de 48 cidades que são denominadas *cidades dos levitas* (Js 21.1-3).

Diferente das outras 11 tribos, a tribo de Levi não recebeu como herança Canaã. Em vez disso, Deus designou a si mesmo como a *parte* dos levitas (Nm 18.20-24). Entretanto, o Senhor considerava os filhos de Levi como um *presente* dele para Seu povo, uma vez que os levitas desempenhavam as tarefas de adoração e sacrifício pelo povo (Nm 18.5,6). Deus ordenou que cada tribo separasse um número proporcional de cidades e de terras de pastagem ao redor destas para o uso levítico (Js 35.1-8).

**Direitos e privilégios**

É provável que os levitas não fossem os únicos a viver nas cidades levíticas, mas eles tinham vantagens em relação a outros cidadãos. Por exemplo, permitia-se que os levitas pastoreassem seu rebanho perto de suas cidades. Do mesmo modo, muito de seu sustento vinha dos dízimos coletados do povo a cada três anos (Dt 26.12-15).

Além disso, a Lei Mosaica protegia os levitas da perda da terra (Lv 25.32-34) e garantia-lhes um direito ilimitado de redenção, diferente das outras tribos. Mesmo assim, eles continuavam dependentes das comunidades para o sustento e a proteção.

Os levitas eram responsáveis pelo que faziam e deveriam prestar contas aos moradores locais.

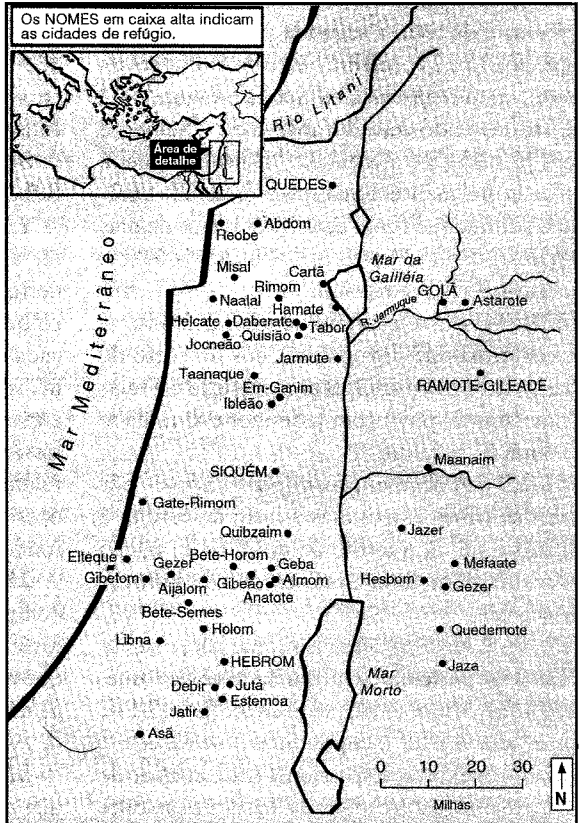
**Estrategicamente localizadas**

A localização das cidades dos levitas, que geralmente ficavam nas fronteiras entre as cidades ocupadas pelas tribos, e não no centro, tinha o objetivo de distribuir os levitas ao longo do território. As cidades eram:

- *Estações missionárias de ensino.* Os levitas possuíam o ministério especial da instrução entre as tribos (Dt 33.8-10; 2 Cr 35.3-6). Suas cidades não deveriam ser lugares para santuários, mas sim bases nas quais os levitas pudessem fazer com que todas as cidades e tribos conhecessem e seguissem a Lei.
- *Centros de justiça e influência política.* O ensinamento levita englobava mais do que apenas o conhecimento religioso. Ele também tinha importância nos âmbitos civil e político, como fica claro nas reformas do rei Josafá. Este enviou os levitas com oficiais do governo para ensinar a Lei ao povo, a fim de que a paz pudesse prevalecer sobre a rebeldia (2 Cr 17.1-10).

Uma das funções mais importantes atribuídas às cidades dos levitas era o seu funcionamento como *cidades de refúgio* (Nm 35.11). Localizadas estrategicamente com o propósito de acessibilidade, elas proviam proteção no caso de vingança contra alguém acusado de assassinato até que os anciãos da cidade pudessem decidir a questão e proferir o julgamento. Isso colocava os levitas em contato direto com os assuntos da justiça.

Como resultado de todas essas responsabilidades e influências, algumas das cidades dos levitas tornaram-se importantes centros da vida civil e religiosa israelita, especialmente Gibeão, Betei e Gilgal.





Estes nomes podem simplesmente refletir as áreas vigentes nos dias de Josué. Muito da terra ficou para ser tomado mesmo depois de ter sido distribuída (Js 13.1; 15.63; 16.10; 17.12,13).

**21.43-45** – A gloriosa conclusão destes dois capítulos e de toda a segunda parte deste livro (capítulos 13 a 21) celebra o fato de que as coisas aconteceram *conforme* Deus havia prometido. O que vinha sendo dito durante todo o tempo é agora plenamente afirmado: o Deus de Israel é um Deus que mantém Suas promessas. Ele cumpriu o acordo que fizera com Moisés e os demais patriarcas, dando a posse de Canaã aos israelitas e garantindo-lhes o *repouso*.

**22.1-34** – Este capítulo contém demonstrações calorosas de devoção a Deus da parte de todas as tribos. A principal preocupação é o relacionamento do povo com o Senhor e a unidade da adoração israelita.

**22.2,3** – A obediência a Moisés e a Josué por parte das tribos assentadas a leste do Jordão é elogiada aqui. A questão da unidade da nação foi levantada no início, mas essas tribos provaram ser fiéis.

**22.4** – A ideia do descanso como um presente de Deus faz parte da estrutura do livro de Josué. O repouso fora prometido pelo Senhor (Js 1.13,15), e, mais uma vez, Ele cumpriu Suas promessas.

**22.5** – A exortação passional *tende cuidado de guardar com diligência* captura a alma deste capítulo. As palavras refletem o chamado de fidelidade em Deuteronômio 4.29; 6.5; 10.12,13; 11.13. Os verbos nestes versículos propiciam uma completa ilustração do que uma relação adequada com Deus inclui: amar o Senhor, andar em todos os Seus caminhos, guardar os Seus mandamentos, chegar-se a Ele, e servi-lo. Esta é a essência do *primeiro e grande mandamento*, amar a Deus plenamente (Dt 6.5; Mt 22.37). Amar Deus é muito mais do que uma afirmação ou um sentimento; é obediência, lealdade e culto a Ele acima de qualquer coisa.

**22.6-9** – *Josué os abençoou*. A bênção retratada nesta expressão envolve muitas riquezas dos despojos da terra (v. 7).

**22.10-20** – Surge a crise que testou a unidade de Israel.

**22.11** – Este versículo não revela por que este altar foi construído depois que a crise se desencadeou (v. 21-29).

**22.12** – Deus instruíra Israel a não oferecer holocaustos ou sacrifícios em qualquer outro lugar, senão no tabernáculo (Lv 17.8,9), e a não adorar a outros deuses (Dt 13.12-15). A punição para a violação de ambas as leis era a morte. Por causa disso, *ajuntou-se toda a congregação dos filhos de Israel em Siló, para saírem contra eles* (filhos de Rúben, Gade e Manassés) *em exército*.

**22.13,14** – Tudo foi feito rigidamente conforme as regras. Primeiro, as nove tribos e meia a oeste do Jordão agiram em perfeita unidade, escolhendo cuidadosamente um representante de cada uma. Depois, elas enviaram o sacerdote Finéias para liderar a delegação, refletindo a preocupação de que a verdadeira adoração e o ritual fossem mantidos. Tudo o que estava acontecendo lembrava a tragédia em Baal-Peor (Nm 25), ocasião em que drásticas ações tiveram de ser tomadas para a cessação da praga (v. 17).

**22.15,16** – Sabemos quão séria Finéias e seus companheiros consideravam tal ofensa — se fosse mesmo uma ofensa —, por causa do termo que ele usa para descrevê-la: *transgressão*. Esta é a mesma palavra hebraica utilizada para o pecado de Acã no versículo 20 (Js 7.1).

**22.17** – A *iniquidade de Peor* incluía o fato de que os israelitas adoraram aos deuses moabitas e praticaram atos imorais com as mulheres de Moabe. As tribos a oeste do Jordão tiveram medo de que isso pudesse acontecer novamente. A expressão *até ao dia de hoje não estamos purificados* sugere que Israel nunca se livrou completamente de tal pecado, que a idolatria e a atração pelo sistema religioso pagão vizinho sempre rodearam o povo, algumas vezes, inclusive, envolvendo-o efetivamente.

**22.18-20** – Se as tribos a leste do Jordão estivessem de fato pecando, toda a nação sentiria suas consequências, exatamente como aconteceu com Acã (Js 22.20; 7.1).

**22.21-29** – As tribos da Transjordânia responderam incisivamente que eram inocentes de qualquer ato rebelde ou falta de fé. Este trecho

bíblico as mostra isentas de malícia. Elas não tiveram a intenção de usar o altar de sacrifícios para Deus em si, ou para os outros deuses. Em vez disso, o altar tinha o propósito de funcionar como um memorial ou testemunho para seus filhos, e a preocupação das tribos foi a mesma daquelas que viviam no lado oeste do Jordão: que a unidade de Israel fosse mantida.

22.22 – A repetição de *o Deus dos deuses* revela uma profunda emoção na resposta das tribos a leste do Jordão. Em um estado de espírito agitado, suas palavras foram proferidas de uma forma um tanto desajeitada, embora fossem completamente sinceras. Elas reafirmaram sua inocência e tentaram convencer seus companheiros contrários de tal.

22.23-25 – As tribos do leste do Jordão ficaram com medo de que a distância geográfica pudesse isolá-las e, com o passar do tempo, fizesse com que os israelitas do outro lado do Jordão as rejeitassem. Assim, elas construíram um altar, a fim de evitar que a prévia unidade existente se perdesse.

22.26-29 – *Vede o modelo [réplica, NVI] do altar do Senhor que fizeram para nossos pais.* Note nesta expressão que as tribos do leste escolheram cuidadosamente suas palavras. O termo *modelo* mostra claramente que elas nunca tiveram a intenção de que este altar fosse um substituto do verdadeiro altar de adoração no tabernáculo. Na verdade, o propósito da construção era servir como um *testemunho*. A mesma palavra hebraica é usada em outros trechos para indicar o padrão do tabernáculo transmitido a Moisés (Êx 25.9,40) e os planos da construção do templo que Davi deu a Salomão (1 Cr 28.11).

22.30-34 – As tribos do leste defenderam-se prontamente e neutralizaram a crise, deixando os representantes do povo satisfeitos. A resposta dos enviados se dá em apenas um versículo, um súbito fim para a crise que foi descrita em 20 versículos precedentes (v. 10-29). As tribos do oeste aceitaram as palavras das tribos do leste acerca desta questão, e o altar permaneceu.

22.34 – No auge deste capítulo encontramos a afirmação de que o altar era um *testemunho* de que *o Senhor é Deus*. Antes, o capítulo afirmara que o altar serviria apenas de testemunho (v. 27,28), mas não falou do quê. Usando esta mesma retórica, Jesus disse aos Seus discípulos que as pessoas saberiam que eles eram Seus discípulos ao verem o amor de um pelo outro. Isto é, o amor deles direcionaria o povo para Deus (Jo 13.35).

23.1-16 – Este discurso relembra os últimos proferidos por Jacó (Gn 49), Moisés (Dt 32; 33) e Davi (2 Sm 23.1-7). Nele, Josué sintetiza todos os assuntos principais abordados ao longo do livro e ressalta apaixonadamente que Israel deveria permanecer no amor a Deus, na obediência à Sua Lei, e não poderia se contaminar com as práticas religiosas de nenhum dos seus vizinhos. E ele promete que *Yahweh* estará com Israel nas ações (ainda não terminadas) de expulsão dos inimigos.

23.1,2 – Estes dois versículos refletem claramente Josué 13.1 (com sua referência à *idade* avançada de Josué) e Josué 21.44 (com sua referência ao *repouso*). Alguns estudiosos acreditam que a expressão *muitos dias* engloba o período em que o povo entrou na Terra Prometida relatado desde o começo do livro (quando Deus já havia



## EM FOCO

### ACHEGAR-SE (HB. *DABAQ*)

(Js 22.5; 23.8; 2 Rs 18.5,6; Is 41.7)

A palavra hebraica traduzida como *achegar-se* significa *apegar-se fortemente*. Vocábulos hebraicos relacionados ao termo denotam *solda* e *cola*. O mesmo termo hebraico é usado para descrever a intimidade entre o marido e a mulher (Gn 2.24) e a lealdade de Rute a Noemi (Rt 1.14). Quando somos instruídos a *achegar-nos* a Deus nas Escrituras (Js 23.8) quer dizer que devemos permanecer fiéis a Ele, não importando quais sejam as circunstâncias. Em outras palavras, nossa devoção ao Senhor precisa ser mais forte do que nossa lealdade a qualquer outra pessoa.

começado a dar descanso a Israel, Js 14.15 e 21.44). Entretanto, é mais provável que o repouso faça referência à completude do processo. Se isso aconteceu no fim da vida de Josué (ele morreu aos 110 anos de idade, Js 24.29) e se ele tinha uma idade aproximada à de Calebe quando a terra foi distribuída (85 anos), então seus discursos de despedida aconteceram 25 anos após os principais acontecimentos do livro.

**23.3-5** – A expressão *vosso Deus, é o que pelejou por vós* é um lembrete de que a Terra Prometida pertencia a Deus e Ele a concedeu a Israel, mesmo tendo de lutar em favor dos israelitas (Js 1.3; 8.7; 10.14,19,42).

**23.6** – *Esforçai-vos*. Novamente, Josué usou as mesmas palavras que ouvira de Deus anos antes, quando o Senhor o comissionou para esta missão de guiar o povo até a Terra Prometida (Js 1.7-9). (Veja também os conselhos de Josué às tribos do leste em Js 22.5.)

**23.7-9** – O fato de que *ninguém ficou de pé* diante das tribos de Israel foi o cumprimento da promessa de Deus feita em Josué 1.5.

**23.10** – *Um só homem dentre vós perseguirá a mil*. Estas palavras são similares às promessas feitas em Levítico 26.7,8. O poder que o povo de Deus possuía sobre seus inimigos era tão grande que só poderia ser miraculoso.

**23.11** – A exortação para *amar ao Senhor, vosso Deus* vem de Deuteronomio 6.5.

**23.12** – A palavra traduzida do hebraico como *achegardes* é a mesma traduzida como *achegareis* no versículo 8. Observamos assim que o mesmo termo é usado em diferentes circunstâncias, produzindo um contraste gritante. Deus desejava que Seu povo se apegasse a Ele, e não aos cananeus, os quais estavam expulsando. Isso exigia, dentre outras coisas, que os israelitas não se casassem com estrangeiros descrentes, sob circunstância alguma (Êx 34.11-16; Dt 7.1-4). Anos depois, Salomão ignorou tal ordenança e provou quão destrutivo o pecado do casamento entre povos poderia ser (1 Rs 3.1; 11.1-8; 2 Co 6.14).

**23.13,14** – *Laço, e rede*. Para mais informações sobre estas expressões, veja Êx 23.33; Nm 33.55; Dt 7.16.

*Nem uma só palavra caiu* é uma forte afirmação da fidelidade de Deus, um dos temas principais do livro.

**23.15,16** – Josué havia exortado o povo a observar a Lei do Senhor, senão Israel pereceria sobre *a boa terra* que Deus lhe tinha concedido. Isto de fato aconteceu com Israel em sua posterior história. Este aviso teve seu cumprimento mais drástico quando Judá foi levado para o cativeiro babilônico por causa de suas repetidas rebeldias contra Deus (2 Rs 25). Entretanto, a rebeldia de Israel teve início pouco tempo depois da exortação, durante o período dos juízes, quando o povo começou a praticar exatamente tudo aquilo de que fora advertido não fazer (Jz 2.16-23; 3.1-6).

**24.1-13** – Este trecho bíblico recapitula a benevolente provisão de Deus para com Seu povo.

Os versículos 1 e 2 indicam a natureza mais formal deste capítulo, visto que os líderes *se apresentaram diante de Deus* para ouvir o discurso de Josué, introduzido pela tradicional fórmula poética: *Assim diz o Senhor, o Deus de Israel*.

**24.1** – *Siquém* é um lugar com uma antiga tradição de importância religiosa e de formação de alianças em Israel, e que remete aos dias de Abraão (Js 8.30-35; Gn 12.6; 33.18-20; 34.1-31; 37.12-17; Dt 11.26-32; 27.1-26; Jz 9.31-57). Escavações arqueológicas descobriram uma série de templos, santuários e pedras cerimoniais erguidas de quase todos os períodos de sua existência.

**24.2-4** – A princípio, os ancestrais de Israel não adoraram ao Deus vivo. Até que o Senhor o tivesse chamado, Abraão e seus parentes serviram a outros deuses (Gn 31.1-4,19,34,35), foram meros ídólatras. O Senhor elegeu Abraão e Sara para constituírem Seu povo especial por razões só conhecidas por Ele. De forma parecida, não é porque possuímos algo maravilhoso dentro de nós que Ele se achega até nosso ser, mas sim por causa de Seu amor, Sua soberania e de Sua benevolente vontade.

**24.5-9** – A recapitulação de Deus de Suas benevolentes ações em favor de Seu povo (v. 2-5) incluía a geração de Josué. Deus não apenas se fez conhecido em tempos passados, mas também trabalhou poderosa e benevolentemente para o povo

dos dias de Josué. Os cristãos de hoje fazem parte de uma longa linhagem de pessoas de fé (Hb 11).

24.10 – Para a história completa sobre Balaão, veja Números 22—24.

24.11,12 – Deus usou *vespões* para auxiliar Israel no cumprimento da promessa de Êxodo 23.28. O *vespão* pode ser: (1) um simbolismo do faraó do Egito, cujos emblemas eram a abelha e a vespa; (2) uma alegoria do terror e do pânico de Deus dentre os cananeus (Js 2.9-11,24; 5.1; 6.27; Êx 15.14-16) ou (3) vespões de verdade. Qualquer que seja o caso, o fato é que Deus lutou por Israel. As vitórias vinham do Senhor e não dependiam do poder militar que Israel possuía nas mãos.

A expressão *ambos os reis* faz referência a Seom e Ogue, os quais foram derrotados por Israel no deserto (Nm 21.21-35).

A *espada* e o *arco* são mencionados em conexão com a primeira tomada de Siquém por Jacó (Gn 48.22).

24.13 – A expressão *eu vos dei a terra em que não trabalhastes* confirma o cumprimento das promessas transmitidas por Moisés em Deuteronômio 6.10,11. A terra era o benevolente presente de Deus para Seu povo.

24.14-28 – Após tudo que o Senhor fez em prol de Israel, que vai de livramentos e provisões à concessão de uma terra fértil, a melhor forma de retribuir a benevolente conduta de *Yahweh* era renunciar a todos os outros deuses e seguir a Deus. O próprio exemplo de Josué em ser fiel ao Criador ajudaria o povo a compreender isso. A resposta do povo após ser lembrado por Josué do cumprimento das promessas do Senhor sobre aquela nação foi a do compromisso, mesmo depois de o líder de Israel tê-lo avisado das consequências de tal comprometimento. Os israelitas ratificaram a aliança com Deus e foram para as suas propriedades.

24.14,15 – As palavras de Josué nestes versículos contêm um raro apelo para que Israel escolhesse entre Deus e os muitos falsos substitutos. Caso o povo não optasse por Deus, escolheria entre os deuses que seus ancestrais serviram ou os *deuses dos amorreus* (isto é, os cananeus). É

claro que tal apelo é retórico. Da perspectiva do Senhor havia apenas uma opção. Com suas palavras famosas, Josué depôs, de forma clara e inequívoca, a favor de Deus. Assim, ele exibiu as perfeitas ações de um líder, estando disposto a seguir em frente e comprometer-se com a verdade apesar das inclinações do povo. O enfático exemplo de Josué, sem dúvida, encorajou muitos a seguirem as afirmações dos versículos 16 a 18.

24.16-18 – Em resposta à declaração de Josué, o povo reconheceu seu débito com o Senhor por causa de todas as benesses recebidas por Ele. Este era um ponto crucial. Somente a partir do momento em que os israelitas se lembrassem do que Deus fizera por eles, inclinar-se-iam a servi-lo. Moisés dissera isso muitos anos antes (Dt 8.11-17).

24.19-21 – Logo após Josué aconselhar os israelitas a servirem a Deus (v. 14), ele declarou: *não podereis servir ao Senhor, porquanto é Deus santo, é Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados*. O uso desta expressão exagerada destaca a gravidade da obrigação com a qual as pessoas estavam se comprometendo. A fé delas não poderia ser pequena e superficial. A história subsequente mostra que as atitudes de Israel eram insatisfatórias nesta questão. O convite de Josué também vale para os cristãos. Embora a salvação seja o dom gratuito de Deus àqueles que reconhecem o sacrifício de Jesus, seguir a Cristo verdadeiramente não é uma tarefa fácil (Js 16.24; Jo 1.12; 1 Co 15.1-5).

24.22-27 – *Josué e o povo* selaram a aliança de servir a Deus quando escreveram as palavras no *livro da Lei de Deus* e no momento em que erigiram uma *grande pedra* debaixo do carvalho, a mesma árvore que Jacó encontrou quando veio a Siquém. Esta árvore ficava perto do *santuário* do Senhor, o qual, provavelmente, não era uma construção regular ou um templo, mas um lugar sagrado criado em Siquém ao levar o tabernáculo para lá. A referência às pessoas apresentando-se *diante de Deus* (v. 1) pode indicar que o tabernáculo estava lá. A pedra debaixo do carvalho funcionava como um lembrete legal ou testemunho de que a aliança fora assumida pelas pessoas. Agora, a pedra e o povo eram ambos as testemunhas. Isso reflete a

função do altar construído pelas tribos que estavam assentadas a leste do Jordão, que também era um testemunho (Js 22.34). Uma grande pedra erguida, que data da época final da idade do Bronze (isto é, mais ou menos a época em que se passa essa história), foi encontrada em Siquém, e pode ser a pedra aqui mencionada.

**24.28** – Quando Josué dispensou os israelitas, *cada um foi para sua herdade* [propriedade, NVI]. Isto fecha adequadamente a segunda parte deste livro.

**24.29-33** – Os três funerais indicam o fim de eras: Josué e Eleazar, respectivamente o líder e o sacerdote do povo, eram as últimas conexões diretas com o Egito. José representava a distante ligação com o Egito e com as promessas dos patriarcas.

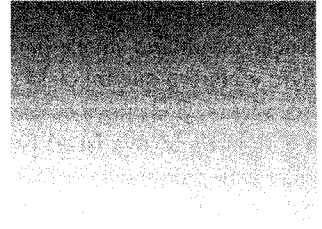
**24.29** – A primeira referência a Josué como o *servo do Senhor* mostra visivelmente o quanto Josué prosperou na missão que herdou de Moisés.

Agora, o livro fecha um círculo completo, pois, quando rememoramos Josué 1.1, vemos Moisés como servo do Senhor e Josué na condição de mero assistente.

**24.30,31** – Josué foi sepultado em sua própria terra, na cidade que ele pedira e construía, Timnate-Sera (Js 19.50). As antigas versões gregas possuem uma prolongada e fascinante adição no versículo 30, que estabelece que Josué teria sido colocado no túmulo junto às facas de pederneira com as quais ele havia circuncidado os egípcios anos antes, e que estariam lá até os dias de hoje.

**24.32** – Esta breve passagem acerca da transferência do corpo de José, do Egito para Canaã, registra o cumprimento das palavras de José proferidas centenas de anos antes (Gn 50.24,25).

**24.33** – Eleazar, o sumo sacerdote, participou de forma proeminente na distribuição da herança. Aqui, ele também recebe um funeral adequado em sua própria terra.



O livro de

---

# Juízes

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Juízes é uma narrativa histórica que contrasta a fidelidade de Deus com a apostasia de Israel. Apesar dos constantes abandonos de seu povo, o Senhor provê libertadores — os juízes — sucessivas vezes. Ele não faz isso de forma irrefletida ou maquinal, tampouco é manipulado pelas súplicas de auxílio feitas por Israel (Jz 3.9,15; 4.3; 6.6; 10.10). O Senhor não poupou Israel das consequências de suas ações, como mostraram os constantes problemas com opressores estrangeiros. Deus libertaria Israel da opressão por causa de Suas promessas a Abraão e aos descendentes deste. Ele lembrou Seu voto de conceder a terra de Canaã a Israel. Assim, a preservação do povo do Senhor não foi atribuída à bondade ou ao mérito das pessoas, tampouco à boa vontade delas no arrependimento.

Em vez disso, provendo fortes líderes para resgatar os israelitas, Deus demonstrou compaixão e piedade aos teimosos israelitas, que o afligiam continuamente (Jz 2.16,18). Na verdade, o grande herói de Juízes é o próprio Senhor, que, sozinho, permanece fiel apesar das quedas de seu povo — e até mesmo dos juízes.

Este livro foi escrito para evidenciar as consequências da desobediência a Deus e a necessidade de convocar o rei justo que lideraria o povo do Senhor. Em contraste com a forma serena na qual o livro de Josué termina, mostrando Israel em harmonia com as instruções divinas, Juízes revela que o povo começou a transgredir as leis de Deus já no tempo de Josué, e tal rebeldia tornou-se mais séria — e mais aviltada — com o tempo. O texto de Juízes 2.16-23 estabelece que

o padrão cíclico do pecado, da escravidão e da salvação dominaria aquele período. Entretanto, o livro esclarece que tal ciclo tinha uma espiral descendente. Cada nova eclosão de desobediência e idolatria levava Israel para mais longe de Deus e mais próximo do pecado e da miséria. No fim do livro, fica claro que Israel violara sua aliança com Deus de quase todas as formas possíveis e imagináveis.

O propósito da mensagem é sustentado pela estrutura do livro em si. Após um meticoloso exame dos capítulos 17 a 21, chega-se à conclusão de que eles estão fora de sequência em relação aos anteriores. Pistas no texto dão suporte à teoria de que os eventos descritos nos capítulos finais aconteceram, na verdade, anteriormente no período dos juízes. Por exemplo, vemos a iminente ação unânime da convocação tribal de Israel, que se une com sucesso, a fim de tomar atitudes punitivas contra Benjamim no capítulo 20. Essa liga de tribos estava claramente em atividade durante a época de Fineias e nos dias de Josué (Js 22.9-34). Nesses capítulos, os filisteus não são mencionados como uma ameaça militar. As campanhas militares descritas nos capítulos 20 e 21 teriam sido diferentes nos tempos posteriores, quando os filisteus dominavam grande extensão do território de Israel. Além disso, Betel e Mispa são designadas lugares de grande importância religiosa (Jz 20.1,18,31; 21.1) em vez de Siló, a qual era um centro religioso mais proeminente no período filisteu (1 Sm 1.3,9; 3.21; 4.4).

A disposição da narrativa, mesmo que não estritamente cronológica, reforça o tema de que o período dos juízes estava a um passo do declínio.

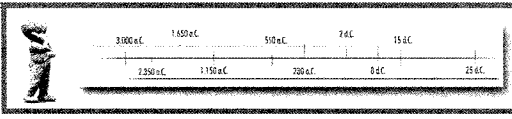
Os sórdidos acontecimentos nos últimos capítulos, mesmo que tenham, possivelmente, acontecido em uma fase anterior do período, são propositalmente colocados no fim do livro como um adequado epitáfio de um tempo degenerado.

O autor desta coleção de escritos históricos acerca dos juízes, que regeram Israel durante muitos séculos, nunca foi identificado. Tampouco há qualquer pista ao longo das Escrituras. Mais tarde, a tradição judaica atribuiu sua autoria a Samuel. Isso é um tanto provável, mas não há maneira de saber ao certo.

O livro foi escrito, certamente, após os últimos acontecimentos registrados nele (por volta de 1050 a.C.). A referência em Juízes 18.30, *até que o povo foi para o exílio* (NVI), alude, provavelmente, ao exílio babilônico (séc. 7 a.C.). Isso sugere que uma versão posterior do livro pode ter sido compilada durante o exílio ou depois. Entretanto, a referência aos jebuseus que moravam em Israel *até ao dia de hoje* (Jz 1. 21) indica que essa parte fora escrita antes da tomada de Jerusalém por Davi, em aproximadamente 1000 a.C. Aparentemente, os jebuseus que sobreviveram à batalha teriam saído voluntariamente ou foram expulsos. Mas, umas poucas referências indicam que alguns deles permaneceram em Jerusalém após a conquista de Davi (2 Sm 24.16), então, este não é um argumento conclusivo. Caso o livro de Juízes tenha sido escrito mais tarde, no séc. 21 a.C., então, torna-se mais plausível sugerir que Samuel tenha feito a maior parte ou todos os registros. No entanto, assim como a questão da autoria, a data aproximada da composição de Juízes permanece coberta de incerteza.

**LINHA DO TEMPO**

**CRONOLOGIA EM JUÍZES**



Ano 1405—1400 a.C. — A conquista de Canaã

Ano 1398 a.C. — Canaã é dividida entre as tribos

Ano 1380 a.C. — Morre Josué

Ano 1370 a.C. — Otniel é juiz de Israel

Ano 1310 a.C. — Eúde é juiz de Israel

Ano 1230 a.C. — Débora triunfa sobre Sísera

Ano 1190 a.C. — Gideão lidera os israelitas

Ano 1100 a.C. — Sansão luta com os filisteus

Ano 1050 a.C. — Saul é ungido rei de Israel



**ESBOÇO**

I. Prólogo: a tardia conquista de Canaã — 1.1—2.5

A. Avanço e recuo no sul — 1.1-21

B. Avanço e recuo no norte — 1.22-36

C. O castigo do Anjo do Senhor a Israel — 2.1-5

II. Israel sob a influência dos juízes — 2.6—16.31

A. A introdução do período — 2.6—3.6

B. Os primeiros juízes — 3.7-31

1. Otniel derrota Cusã-Risataim — 3.7-11

2. Eúde derrota Moabe — 3.12-30

3. Sangar mata os filisteus — 3.31

C. Débora e Baraque triunfam em Canaã — 4.1—5.31

1. A vitória no norte e a morte de Sísera — 4.1-24

2. O hino de vitória de Débora e Baraque — 5.1-31

D. Gideão e os midianitas — 6.1—8.32

1. A contínua apostasia de Israel — 6.1-10

2. O chamado de Gideão — 6.11-40

3. A vitória de Gideão sobre os midianitas — 7.1—8.3

4. Gideão persegue os reis de Midiã — 8.4-28

5. Os filhos de Gideão — 8.29-32

E. O reinado violento de Abimeleque — 8.33—9.57

1. Abimeleque chega ao poder — 9.1-6

2. A fábula de Jotão — 9.7-21

3. A destruição de Siquém — 9.22-55

4. Conclusão — 9.56,57

F. Juízes menores: Tola e Jair — 10.1-5

G. Jefte subjuga os amonitas — 10.6—12.7

1. A apostasia de Israel e o chamado de Jefte — 10.6—11.3

2. A incumbência de Jefte — 11.4-11

3. A discussão diplomática com Amom — 11.12-28

4. A vitória e o voto tolo de Jefte — 11.29-40

5. Jefte e Efraim — 12.1-7

H. Outros juízes menores: Ibsã, Elom e Abdom — 12.1-7

I. Sansão e os filisteus — 13.1—16.31

1. A visita do Anjo do Senhor a Manoá e sua esposa — 13.1-25

2. As façanhas de Sansão contra os filisteus — 14.1—15.20

3. A captura de Sansão e seu último triunfo — 16.1-31

III. Epílogo: discórdia entre as tribos — 17.1—21.25

A. A idolatria de Mica e Dã conquista Laís — 17.1—21.25

B. O levita, a concubina e a guerra contra Benjamim — 19.1—21.25



## COMENTÁRIO

1.1—2.5 — A passagem introdutória de Juízes mostra a continuidade da atividade militar (Jz 1.1-26), o que indica que as tomadas das cidades não foram concluídas durante a época de Josué. O livro, então, detalha explicitamente as conquistas incompletas de várias tribos (Jz 1.27-36). Fica evidente o fato de que Israel desobedecera às instruções de Deus em relação à posse da terra em Juízes 2.1-5, pois o Anjo do Senhor faz tal crítica.

Contrastando imensamente com a ilustração pacífica e unificada de Israel no final do livro de Josué, o colapso da sociedade israelita já é evidente. Em Juízes 1, a conquista estava, de certa forma, incompleta (Jz 1.21; do verso 27 ao 36, encontramos detalhes das terras que várias tribos deixaram de tomar). Isso se opõe à figura da conquista em Josué, especialmente em Josué 10. Por exemplo, Josué 10.40 estabelece que: *Assim, feriu Josué toda aquela terra, as montanhas, e o sul, e as campinas, e as descidas das águas, e todos os seus reis; nada deixou de resto; mas tudo o que tinha fôlego destruiu, como ordenara o Senhor, Deus de Israel.* O contraste, entretanto, não está apenas em Josué 10 e Juízes 1. Mesmo no livro de Josué, vemos indicações de que a posse não fora completa. Isso fica particularmente claro em Josué 11.22; 13.2-6; 15.63; 16.10 e 17.12,13, textos que falam sobre as pessoas da terra que sobreviveram e não foram expulsas. Também em oposição à ilustração em Josué 10 acerca da rápida limpeza,

a passagem de Josué 11.18 declara que, *por muitos dias, Josué fez guerra contra todos esses reis.*

1.1-21 — O livro de Juízes começa com o registro das conquistas na parte sul da Palestina. A tribo de Judá assumiu a liderança e aliou-se a Simeão nas campanhas contra os cananeus, os quais não tinham sido expulsos de seus respectivos territórios. Eles lutaram em uma série de batalhas bem-sucedidas, “subindo” contra Bezeque e Jerusalém, “descendo” contra Hebrom, Debir e Zefate, e concluindo com uma invasão no território filisteu. Eles tiveram vários sucessos contra os cananeus, e suas vitórias (Jz 1.4 -18,20) compensavam seus fracassos (Jz 1.19,21).

1.1 — *E sucedeu, depois da morte de Josué.* Juízes começa como o livro de Josué, fazendo referência à morte dos líderes anteriores — Moisés (Js 1.1) e Josué (Jz 1.1). Entretanto, nenhum homem foi encarregado de liderar Israel após a morte de Josué. Contudo, designou-se a tribo de Judá para comandar a luta contra os cananeus (Jz 1.1-4). A escolha de Judá era o primeiro aviso de que a predição feita por Jacó para a tribo (Gn 49.8-12) aconteceria. A profecia iria realizar-se com o estabelecimento da monarquia sob o comando de Davi, que pertencia à tribo de Judá, e seus descendentes.

1.2 — *Judá subirá.* A liderança de Judá fora antecipada já na bênção de Jacó, na qual ele prometeu que reis surgiriam da linhagem desta tribo (Gn 49.8-12).

1.3 — A história une Simeão e Judá. Ambos descenderam da mesma mãe (Gn 29.33,35), e



### ENTENDENDO MELHOR

#### DA CONQUISTA AO CAOS

O período seguinte a uma grande vitória nacional pode ser uma época de intensa vulnerabilidade. Quando as pessoas conseguem ultrapassar grandes obstáculos, sobreviver a ameaças graves ou derrotar perigosos inimigos, elas tendem a baixar a guarda e relaxar. Isso as coloca diante de um enorme risco, não apenas de ataque externo, mas também de decadência interna.

Esta foi a experiência pela qual Israel passou durante o período dos juízes. Os israelitas, tendo alcançado vitórias militares sob a liderança de Josué, sucumbiram, em seguida, à anarquia civil e moral após a morte de seu líder. A raiz de seus problemas era a desobediência crônica à Lei e os repetidos afastamentos do Senhor.

Juízes é uma leitura inquietante, porque mostra uma nação em declínio moral e espiritual. Este período vem sendo chamado de Época Sombria de Israel.

Simeão herdou terras no território de Judá (Js 19.1,9). A aliança dessas duas tribos era natural.

**1.4,5** — *Os cananeus e os ferezeus* (leia Js 3.10). Bezeque, a área da batalha entre os israelitas e os cananeus, é desconhecida. Muitos estudiosos acreditam que o combate aconteceu próximo a Khirbet Bezqa, a cerca de 5km a nordeste de Gezer, a noroeste de Jerusalém. Entretanto, a passagem de 1 Samuel 11.8-11 menciona uma cidade chamada Bezeque, a nordeste de Siquém, no território de Manassés, onde Saul fez o censo das pessoas. Considerando que Judá estava liderando uma campanha em favor de todo Israel (Jz 1.1,2), uma batalha no território de Manassés é bastante provável. Mais tarde, Judá conduziu operações militares em seu próprio território (Jz 1.8-19).

**1.6,7** — *Adoni-Bezeque*. O nome deste rei significa *Senhor de Bezeque*.

*E lhe cortaram os dedos polegares das mãos e dos pés*. Isso impediria que Adoni-Bezeque pudesse engajar-se em batalhas novamente, visto que os polegares são necessários para empunhar uma espada, e os dedões dos pés servem para correr. A prática da mutilação em inimigos derrotados, registrada em documentos antigos encontrados na Mesopotâmia e na Grécia, foi exercida pelo próprio Adoni-Bezeque. Como consequência de suas ofensas, entretanto, Adoni-Bezeque morreu.

**1.8,9** — Após a batalha em Bezeque, Judá levou as operações militares contra os cananeus para *Jerusalém*, as *montanhas*, a parte sul e as *planícies*. Jerusalém foi tomada e queimada, mas não povoada. O versículo 21 estabelece que Benjamim não expulsou os jebuseus da cidade. (Para mais informações acerca desta diferença na passagem, leia Josué 15.63.) A conquista completa e o povoamento de Jerusalém não foram feitos até o tempo de Davi (2 Sm 5.6-10).

**1.10-15** — A tomada de Hebrom e Debir aparece como uma nova conquista, mas essas vitórias já haviam sido contadas em Josué 15. Esta passagem é, provavelmente, uma referência aos triunfos anteriores (ou, talvez, o texto bíblico em que Josué antecipa os sucessos vindouros). O trecho de narrativa do versículo 11 ao 15 é uma repetição quase textual de Josué 15.15-19, e é a

terceira passagem da herança de Calebe (a outra seção é encontrada em Josué 14.6-15).

**1.10** — O nome *Hebrom* significa *confederação*. Esta cidade chamava-se anteriormente Quiriarte-Arba (literalmente Cidade de Quatro). Arba também era o nome de um líder dos anaquins (Js 14.15). Presume-se que, por causa desses nomes, Hebrom fora originalmente uma aliança entre quatro cidades. Ela, que ficava aproximadamente a 32 km a sudoeste de Jerusalém, foi o lugar onde Abraão assentou-se e construiu um altar (Gn 13.18).

*E feriram a Sesai, e a Aimã, e a Talmai*. Calebe expulsou estes três homens de Hebrom (Jz 1.20; Js 15.14).

**1.11** — *Debir* foi a cidade seguinte tomada pelos israelitas. Seu nome anterior, Quiriarte-Sefer, significa Cidade do Livro. O local era, possivelmente, um centro administrativo onde se mantinham os registros. Entretanto, na área arqueológica moderna, Tell Beit Mirsim, não se achou nenhuma grande biblioteca nem documentos. Todavia, os arqueólogos descobriram uma cidade grandemente fortificada, a qual fora destruída por volta de 1200 a.C.

**1.12,13** — O oferecimento da filha de Calebe em casamento como prêmio é similar à exigência de cem prepúcios filisteus feita por Saul a Davi como preço pela sua filha Mical (1 Sm 18.25).

**1.14,15** — Como dote, a filha de Calebe pediu fontes de água em acréscimo a terra que ele lhe tinha dado. A propriedade sem fontes de água doce era quase inútil. Este, sim, era um pedido bastante astuto.

**1.16,17** — As referências ao sul (isto é, Negebe) nos versículos 9 e 15 ligam-se aos descendentes do queneu — o sogro de Moisés, Jetro (Êx 3.1). Essa conexão familiar havia estabelecido relações amistosas entre os israelitas e os queneus, que eram os midianitas, no deserto (Nm 10.29-32). Seu acordo harmonioso com Judá cumpre as palavras de Moisés em Números 10.29.

*A cidade das Palmeiras* é uma referência a Jericó (Dt 34.3; 2 Cr 28.15), abrigada para baixo do vale do Jordão, a nordeste de Jerusalém.

**1.18** — *Gaza, Asquelom e E Crom* eram as três principais cidades do reino filisteu (as outras duas



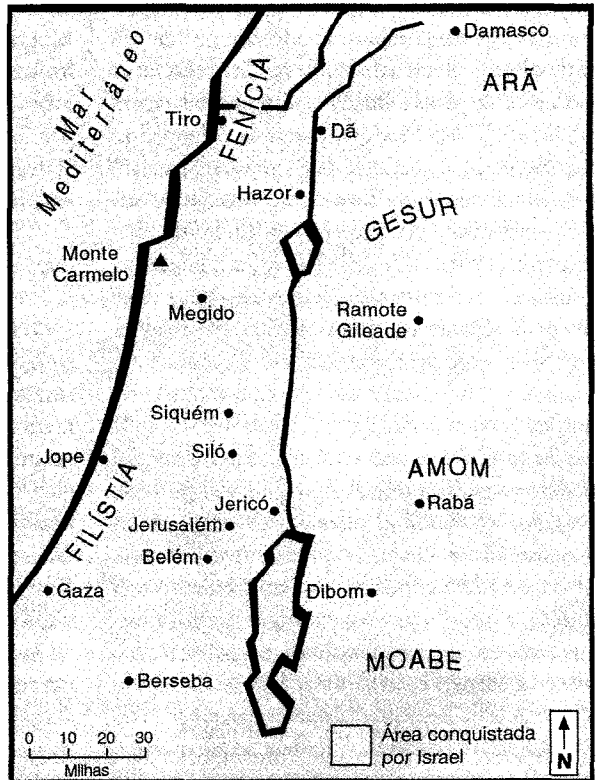
## LOCALIZE-SE

## EXPECTATIVAS FRUSTRADAS

Os israelitas saíram do Egito com grande esperança e iniciaram uma jornada que os levaria a uma terra onde manavam o leite e o mel (Êx 13.3-5). A primeira tentativa de aproximação de Canaã não foi bem-sucedida (Nm 13; 14), mas uma nova geração, sob a liderança de Josué, finalmente, atravessou o Jordão para tomar posse da terra (Js 1.11).

Entretanto, até o fim da vida de Josué, muitas áreas de Canaã continuavam não conquistadas, e vários habitantes cananeus e amorreus, os quais Israel deveria ter expulsado, permaneciam nas cidades (Jz 1.27-36). Tal falha significava que o povo ainda passaria por gerações de desassossego civil, político e espiritual (Jz 2.11-23).

Essa situação durou até que Deus alçou Davi como o rei unificador. A partir de então, a extensão das fronteiras de Israel começaram a se adequar às expectativas originais estabelecidas por Deus (Nm 34.1-12).



eram Asdote e Gate — Js 13.2,3). Israel não podia dominá-las por muito tempo. No tempo de Sansão, todas as três estavam novamente nas mãos dos filisteus (Jz 14.19; 16.1; 1 Sm 5.10).

**1.19,20** — *Porém não expeliu os moradores do vale.* Considerando que as três cidades filisteias, mencionadas no verso 18, localizavam-se no vale, este versículo, provavelmente, indica que os israelitas não tiveram sucesso além dessas três cidades e, talvez, até mesmo signifique que eles perderam o controle muito rápido. *Carros de ferro.* Eram bastante úteis nas superfícies costeiras, mas não nas áreas montanhosas de Canaã. Assim, os israelitas, que não possuíam tais carros, tiveram mais sucesso nas batalhas contra os habitantes das *montanhas*.

**1.21** — *Porém os filhos de Benjamim não expuliram os jebuseus.* Este versículo repete quase que textualmente o trecho de Josué 15.63, exceto pelo fato de que, em Josué 15, a tribo de Judá é responsabilizada por não expulsar os jebuseus de Jerusalém. Observe também que, em Juízes 1.8, é dito que Judá tomou Jerusalém (em contradição com Js 15.63) [Isso provavelmente se deve ao fato de Josué e Juízes focarem momentos históricos diferentes de Israel. Considere que, em algumas Bíblias, o título dado ao capítulo 1 de Juízes é *Novas conquistas pelas tribos*.]

**1.22-36** — Contrastando com os sucessos no sul (Jz 1.1-21), os judeus sofreram derrotas no norte. Inicialmente, eles se apossaram de Betel (anteriormente chamada Luz), uma importante

cidade no território de Efraim (Jz 1.22-26), mas avançaram pouco depois disso. Seis tribos — Manassés, Efraim, Zebulom, Aser, Naftali e Dã — fracassaram na expulsão dos cananeus de seus territórios.

**1.22** — *A casa de José* era Efraim e Manassés (Gn 48.5,6; Dt 33.17), que dividiram a herança de seu pai. Eles são as duas próximas tribos mencionadas nesta passagem em Juízes (Jz 1.27,29). Betel significa *a casa de Deus*. Era um local que possuía uma honrada história, começando com o primeiro sacrifício de Abraão a Deus (Gn 13.3,4) e a revelação de Deus a Jacó (Gn 31.13). Josué tomou a cidade (Js 12.16), talvez, como parte da conquista de Ai (Js 8.17).

**1.23-25** — *Luz* significa *engano* ou *perversão*, mas Jacó mudou o nome do local para Betel, depois de seu encontro com Deus naquele lugar.

**1.26** — *Terra dos heteus* [hititas, na NVI]. Arqueólogos escavaram um grande reino heteu na Ásia Menor (atual Turquia), que data de aproximadamente 1800 a 1200 a.C. Entretanto, a relação entre os heteus de Canaã e os desta descoberta é incerta.

**1.27** — *Nem Manassés expeliu*. Neste verso, tem início um longo registro de desobediência que começou quando os israelitas falharam na expulsão dos cananeus (Js 10.28-43). Tal fracasso resultou em muito pesar nos anos seguintes. Além da tribo de Manassés, as de Benjamim (Jz 1.21), Efraim (Jz 1.29), Zebulom (Jz 1.30), Aser (Jz 1.31), Naftali (Jz 1.33) e Dã (Jz 1.34) também não fizeram o que Deus havia ordenado. Vemos, no capítulo 2 — e, na verdade, ao longo de todo o livro —, os efeitos que isso gerou na vida de Israel: as pessoas se voltaram para os deuses cananeus e abandonaram o Senhor. Além disso, *quiseram os cananeus habitar na mesma terra* e confiaram em seus próprios recursos (Jz 1.19), a fim de intimidar os israelitas. Contudo, todas as dificuldades poderiam ter sido afastadas caso os filhos de Israel tivessem exercitado sua fé de forma completa.

**1.28-33** — *Fez dos cananeus tributários*. Esta expressão significa que eles forçaram seus prisioneiros a trabalhar como servos involuntários sem receber coisa alguma. Davi, Salomão e outros reis

continuaram essa prática (2 Sm 20.24). Os israelitas escravizaram os cananeus em muitas áreas (Jz 1.30,33,35; Js 16.10; Js 17.13).

**1.34-36** — Os *amorreus* eram povos cananeus que viviam nas montanhas centrais do território de Canaã. Eles bloquearam a entrada de Dã nesta região. Conseqüentemente, os filhos de Dã foram forçados a migrar para a parte norte (Jz 18.1; Js 19.47). (Para mais informações sobre os amorreus, leia Josué 3.10.)

**2.1** — O *Anjo do Senhor* aparece como o representante de Deus na terra, falando ao povo com autoridade acerca da desobediência da aliança. Tal Anjo surge várias vezes em outras passagens em Juízes (Jz 2.1,4; 5.23; 6.11-22; 13.3-21). Em cada caso, o Anjo faz uma súbita aparição como o mensageiro do Altíssimo. Em todas as situações, *Yahweh* e seu Anjo aparentam estar estreitamente identificados um com o outro, como em Juízes 6, quando o Anjo se alterna com o próprio *Yahweh* na conversa com Gideão, e em Juízes 13, capítulo no qual, na percepção de Manoá, no momento em que viram o Anjo, ele e a mulher viram o próprio Deus.

*Gilgal* foi o lugar onde Israel acampou pela primeira vez a oeste do Jordão (Js 4.19). *Boquim* localizava-se, possivelmente, perto de Betel.

*Do Egito vos fiz subir* (cf. Êx 23.20-23). O Anjo remetia-se a toda nação.

**2.2-5** — *Não fareis concerto*. As instruções de Deus de não fazer acordo com as nações pagãs e destruir seus altares são encontradas em Êxodo 23.32 e 34.13, bem como em Deuteronômio 12.3. Neste contexto, Juízes 2.1,2 contêm uma série de comandos dados por Deus a Israel sob a liderança de Moisés. Entretanto, a desobediência do povo significava que as nações cananeias seriam como uma armadilha para os israelitas, exatamente como o Senhor havia avisado (Êx 23.33; Nm 33.55; Js 23.13). Um exemplo de ritual pagão que enredou Israel é dado em Juízes 8.27.

**2.6—3.6** — Esta seção constitui uma segunda introdução ao livro depois do prólogo em Juízes 1.1—2.5. Ela ilustra os conflitos políticos e espirituais do período e trabalha em cima do colapso moral apresentado no capítulo 1. O

recorrente padrão, mostrado em Juízes 2.16-23, deve-se muito à desobediência crônica encontrada no capítulo 1. Cada vez que a nação era negligente, era mais oprimida por seus inimigos. A seção final (Jz 3.1-6) enfatiza os propósitos de Deus no teste a Israel (Jz 2.22; 3.1,4).

**2.6-10** — O autor identifica a morte de Josué como o ponto inicial da instalação dos problemas. Esta passagem reflete estreitamente Josué 24.28-30, até mesmo palavra por palavra em alguns lugares, o que indica que o parágrafo adequado, quebrado aqui, deveria estar entre os versículos 5 e 6. A morte de Josué é mencionada no verso 8, embora, de acordo com Juízes 1.1, esta já teria acontecido. A construção gramatical em Juízes 1.1 é bastante comum, e fica claro que os acontecimentos do capítulo 1 são eventos que se seguiram à morte de Josué. Provavelmente, a referência a este acontecimento em Juízes 1.1 é adequada, e a passagem seguinte foi inserida pelo autor fora da sequência. É como se fosse um *flashback* que conduz à segunda mais importante seção do livro (Jz 2.6—3.6). Sua semelhança com Josué 24.28-30 tem o propósito de ligar a era deste líder com a da próxima geração.

**2.10** — *Outra geração após eles se levantou, que não conhecia o Senhor.* O clima pacífico que caracterizou o fim do livro de Josué deu lugar a um futuro nefasto. A expressão *não conhecia o Senhor*

significava que as pessoas, deliberadamente, recusaram-se a reconhecer a autoridade divina. Elas não eram apenas ignorantes, mas também descrentes.

**2.11,12** — *Então, fizeram os filhos de Israel o que parecia mal aos olhos do Senhor.* Esta é uma declaração também encontrada em Juízes 3.7,12; 4.1; 6.1; 10.6; 13.1 e em 1 e 2 Reis. Israel dispersar-se-ia frequentemente do Senhor. Apenas a compaixão divina e a liderança de uns poucos homens e mulheres devotos poupariam a nação da corrupção completa.

Sobre a expressão *serviram aos baalins*, leia o comentário em Juízes 3.7.

**2.13** — Este versículo é quase idêntico à segunda metade de Juízes 3.7. *Astarote* (Astarte) era uma deusa da fertilidade, do amor e da guerra associada estreitamente a Baal (Jz 10.6; 1 Sm 7.4; 12.10). Ela não é muito mencionada nos textos cananeus, mas aparece sob o nome de Ishtar nos manuscritos mesopotâmicos, os quais fazem menção aos santuários locais desta disseminada cultura (Jz 3.7).

**2.14** — *A ira do Senhor se acendeu.* Quando a ira de Deus queimava contra os israelitas, seu padrão de julgamento era entregá-los nas mãos dos inimigos.

**2.15** — *Como o Senhor tinha dito.* Faz referência às promessas do Senhor de entregar Israel nas mãos de seus adversários, caso a nação o abandonasse (Dt 28.25; Js 23.13).



## APLICAÇÃO

### TORMENTO E LÁGRIMAS EM BOQUIM

Deus ordenou que os israelitas expulsassem os cananeus, tomando suas cidades, destruindo seus ídolos e altares e recusando-se a fazer qualquer tipo de acordo com eles (Jz 2.2). Ao que tudo indica, os cidadãos de Boquim não cumpriram essas instruções (Jz 2.2). Não sabemos as circunstâncias exatas, mas as ofensas foram sérias o bastante para que o Anjo do Senhor subisse de Gilgal até aquela vila, que ficava perto de Betei, e fizesse queixas contra ela (Jz 2.1).

O tempo do sermão foi importante. Os dias da conquista de Israel a Canaã estavam chegando a um desfecho final, mas muitas localidades ainda permaneciam nas mãos ou sob a influência dos cananeus (Jz 1.27-35). A vida de Josué estava no fim (Jz 2.8), e uma nova geração subia ao poder (Jz 2.10). Assim, as falhas espirituais em Boquim representavam uma questão importante, pois estabeleceram um perigoso precedente de idolatria que persistiu daquele dia em diante (Jz 2.3), como mostra o livro de Juízes. Aparentemente, o povo de Boquim arrependeu-se de seu erro e, chorando na presença de Josué, ofereceu um sacrifício para expiar seus pecados (Jz 2.5,6). Contudo, o padrão do adultério espiritual fora estabelecido.

O povo de Deus não pode adorar deuses a seu bel-prazer. Como Israel, os cristãos, hoje, precisam ter cuidado com a sua vizinhança, a fim de preservar a sua fé genuína. Eles não podem permitir que nada os distraia da inabalável lealdade ao Senhor, a fim de que não atraiam involuntariamente para si tormentos e um legado de lágrimas.

**2.16** — *E levantou o Senhor juízes.* Normalmente, os juízes de Israel não julgavam, não ouviam as reclamações nem tomavam decisões legais (exceto Débora — Jz 4.4,5). Contudo, eram líderes políticos que libertavam Israel da ameaça ou opressão estrangeira. Não obstante, a mensagem transmitida é a de que Deus, e somente Ele, é o verdadeiro Juiz de seu povo (Jz 11.27), concede bênção e dá punições.

Seis dos juízes (Sangar, Tola, Jair, Ibsã, Elom e Abdom) são conhecidos como juízes menores por causa dos poucos detalhes registrados sobre eles nesta narrativa. Os juízes maiores — Otniel [Otniel, na NVI], Eúde, Débora, Gideão, Jefté e Sansão — são diferenciados por sua coragem militar ou seus feitos heróicos. Muitos estudiosos sugeriram que estes resgataram Israel de seus inimigos, enquanto aqueles trabalharam na corte como magistrados. Entretanto, esse conceito está equivocado. Por exemplo, dois juízes menores, Sangar (Jz 3.31) e Tola (Jz 10.1,2), foram claramente heróis militares. Débora, uma juíza maior, era uma líder de guerra, mas também resolvia disputas entre os israelitas.

**2.17** — *Antes, se prostituíram.* Esta é uma forte e familiar metáfora usada para descrever a traição de Israel em relação a Deus. Ezequiel [Ez 23.3] e Oseias [Os 1.2], em particular, usaram esta comparação para descrever a infidelidade israelita.

**2.18** — O verbo hebraico [*nacham*] traduzido por *se arrependia* é traduzido em outros contextos no sentido de apiedar-se (1 Sm 15.29; Jn 3.10). Aqui, a ideia é a de que Deus mudou seu curso

(isto é, teve misericórdia) por causa de Sua paixão pelos israelitas sofredores (Jz 10.16).

**2.19** — A expressão *seus pais* faz referência à geração precedente, enquanto no verso 17, *pais* alude à época de Josué.

**2.20** — *Este povo [esta nação, na NTLH].* Os escritores hebraicos raramente usavam a palavra *nação* para fazer alusão a Israel. A expressão, neste contexto, possui uma conotação desdenhosa. Geralmente, o termo (hb. *gôy*) é utilizado para designar os vizinhos de Israel, enquanto Israel em si é chamado de *o povo*. A escolha pelo substantivo *nação* reflete a distância entre Deus e os israelitas.

**2.21-23** — *Tampouco desapossarei mais [...]* nenhuma das nações. Isso cumpria uma promessa que Deus fizera aos israelitas por intermédio de Josué (Jz 2.15,23).

**3.1-6** — Esta passagem conclusiva demonstra que Deus pretendia pôr Israel à prova (Jz 2.22; 3.1,4). O resultado final de ser aprovado no teste (cf. 2 Tm 2.15) é a recompensa de seu reino (2 Tm 2.12; Tg 1.12). Tudo agora é preparado para as passagens dos juízes que libertariam Israel.

**3.1,2** — *Para por elas provar a Israel.* Na verdade, este processo era uma prova de fogo. A ideia de um teste implica dificuldade e adversidade. Em outros contextos, a mesma palavra faz menção aos testes de Abraão (Gn 22.1) e Ezequias (2 Cr 32.31). Nesta passagem, Deus pôs Israel à prova para refiná-lo.

**3.3** — *Cinco príncipes dos filisteus.* Leia Josué 13.3. *Sidônios.* Sidom era uma cidade portuária a



## EM FOCO

### JUIZ (HB. SHAPHAT)

(Jz 2.16; 15.20; 1 Sm 7.15)

A palavra hebraica correspondente a *juiz* significa *libertar* ou *regular*. Os juízes de Israel tinham uma ampla esfera de responsabilidades. Como seus análogos modernos, os juízes do Antigo Testamento podiam decidir controvérsias e proferir veredictos (Êx 18.16). Além disso, também se envolviam na execução do julgamento, defendendo os justos (Sl 26.1) e destruindo os perversos (Êx 7.3). Muitos dos juízes foram líderes militares apontados pelo Senhor, os quais, apossados pelo Espírito de Deus (Jz 6.34,15.14), lutaram contra os opressores de Israel e libertaram o povo. Mais tarde, o rei de Israel exerceu a função de um juiz nacional (1 Sm 8.5). No final, o Juiz perfeito de Israel é Deus. Só Ele é capaz julgar, sem falhar, os perversos e libertar os justos (Is 11.4).

norooeste de Israel, onde, hoje, está o Líbano. Este povo fazia parte da ampla cultura cananeia e adorava muitos deuses. Pouco é sabido acerca dos *heveus*. Pela descrição geográfica neste versículo, eles, aparentemente, moravam na parte norte da Palestina (Js 9.7). As *montanhas do Líbano* estavam além dos limites ao norte de Israel. Evidentemente, nações hostis cercavam Israel por todos os lados.

**3.4-6** — *Cananeus*: para os vários povos citados neste versículo, leia Josué 3.10.

**3.7—16.31** — A parte principal do livro de Juízes discorre sobre 12 pessoas, as quais Deus apontou para libertar Israel das várias crises.

**3.7-11** — O primeiro juiz foi *Otniel*, que libertou Israel de *Cusã-Risataim*, rei da Mesopotâmia. Os versículos 7 e 8 repetem muito do conteúdo de Juízes 2.11-14. Por causa do pecado dos israelitas, Deus permitiu que eles ficassem nas mãos dos estrangeiros durante oito anos.

**3.7** — *Aos baalins e a Astarote*. O plural é usado, originalmente, para os dois deuses, porque cada um era adorado de diferentes formas em várias comunidades locais. Em Números 25.5, a adoração a Baal-Peor é mencionada. Nomes de lugares, tais como monte de Baal-Hermom (Jz 3.3), Baal-Gade (Js 11.17), Baal-Hazor (2 Sm 13.23) e Baal-Hamom (Ct 8.11), ocorrem com certa frequência. Baal-Berite (o *Baal possuidor de um pacto*) era outra manifestação desse ídolo que foi adorado pelos israelitas (Jz 8.33). (Para saber sobre *Astarote*, outra deusa cananeia, leia Juízes 2.13.)

**3.8** — *Cusã-Risataim* estava muito mais longe do que os outros inimigos de Israel. É notável que *Otniel*, vindo de Judá, uma região distante ao sul, tivesse sido escolhido para liderar esta campanha. O nome *Cusã-Risataim* significa *Cusã de Perversidade Dobrada*. Este pode não ter sido seu nome real, mas, sim, uma designação dada pelo autor de Juízes para ridicularizá-lo. Note que o termo é encontrado quatro vezes em dois versículos (8 e 10), o que pode sustentar a ideia de que o escritor estava zombando do rei.

**3.9,10** — *Otniel* foi o herói que tomou a cidade de Quiriate-Sefer (Jz 1.13; Js 15.17). Ele vinha

de Judá e era um parente próximo, o cunhado de Calebe. O Espírito do Senhor veio sobre ele, e assim *Otniel* prevaleceu sobre *Cusã-Risataim*.

**3.11** — *A terra sossegou quarenta anos*. Esta é a primeira das diversas referências aos períodos de 40 ou 80 anos de paz do livro de Juízes (Jz 3.30; 5.31; 8.28).

**3.12-30** — O segundo juiz foi *Eúde*, que libertou Israel de *Eglom*, rei de Moabe. Os versículos 12-14 nos fornecem as informações anteriores, começando com a apostasia do povo e a consequente conquista de *Eglom*, a qual durou 18 anos (o versículo 14 alude ao 8). A história da morte de *Eglom* é clara e horripilante, retratando a violência e o caos desse período da história de Israel. Contudo, também é uma obra-prima literária, tecendo habilmente detalhes em uma indiscutível narrativa.

**3.12** — Moabe era um planalto a sudoeste do mar Morto. Foi habitado por pastores nômades e agricultores em pequenos assentamentos agrários, mas não tinha grandes cidades. O ancestral dos moabitas foi o filho que nasceu do relacionamento incestuoso entre *Ló* e sua filha mais velha (Gn 19.37). Portanto, os moabitas e os israelitas eram parentes distantes. A Bíblia frequentemente menciona os conflitos entre os dois povos, exceto o livro de Rute, o qual relata acontecimentos concernentes a um tempo de relações estáveis entre Moabe e Israel. Os moabitas adoravam *Quemos* [*Camoesh*, *Camos*, ou *Moloque*; deus da mitologia suméria e acácia] e sua irmã *Ishtar*, bem como a *Baal*, seu consorte. O nome *Ishtar* pode aparecer traduzido nas Bíblias em português como *Astarote* ou *Astarte*.



## VOCE SABIA?

### POVOS-PROBLEMA

Os israelitas dividiram a Terra Prometida com nações inimigas que viviam em constante conflito (Jz 3.1-4). Israel deveria ter expulsado esses grupos no momento em que tomou posse de Canaã (Dt 7). Contudo, por várias razões, muitos cananeus permaneceram. Durante o período dos juízes, Deus usou estas nações para desafiar Seu povo, puni-lo por violar Suas leis e voltá-lo novamente para Ele.

**3.13-18** — A cidade das *Palmeiras* era Jericó (Jz 1.16). Foi a única cidade tomada por Eglom que se tem registro, embora ele tenha subjugado os israelitas por 18 anos (Jz 3.14). É notável a referência a Jericó visto que ela tinha sido completamente destruída por Josué. Entretanto, os israelitas podem ter reconstruído o lugar por causa de sua abundância de água doce e localização estratégica, vantagens que Eglom, certamente, notou.

**3.19** — A palavra hebraica para *imagens* [*paciyil*] é usada, muitas vezes, em referência aos ídolos feitos de madeira, pedra ou metal (Dt 7.5,25; Is 10.10; Os 11.2). As imagens foram claramente importantes neste trecho — e proeminentes o bastante para servirem como divisas —, visto que elas aparecem novamente no versículo 26, figurando na passagem da fuga de Eúde após o assassinato de Eglom. *Gilgal* foi o local do primeiro acampamento israelita em Canaã e um importante centro religioso (Js 4.19).

**3.20-23** — *Cenáculo fresco*. Nas cidades antigas, o ambiente mais fresco em uma casa era o telhado (compare com o quarto no andar de cima que a mulher sunamita e seu marido fizeram para o profeta Eliseu — 2 Rs 4.10).

**3.24,25** — *E saiu-lhe o excremento*. Trata-se de uma forma de dizer que o rei defecou (1 Sm 24.3).

**3.26** — *Seirá* só é mencionado na Bíblia, e sua localização é incerta.

**3.17-30** — A *buzina* descrita no versículo 27 é um chifre de carneiro, que só podia emitir sons rústicos e servia para alertar as pessoas (Js 6.5).

**3.31** — *Sangar* é somente citado aqui e em Juízes 5.6. Esta passagem curta não se encaixa ao padrão normalmente associado ao aparecimento dos juízes. Neste trecho, não há a habitual introdução de apostasia e pecado. Cronologicamente, este versículo pode estar fora de lugar, pois o capítulo seguinte começa com a morte de Eúde, o juiz anterior. Além disso, Sangar libertou Israel, mas não o julgou. Até mesmo o nome Sangar não é hebraico, contudo, ele era filho de Anate, um claro nome semítico. Isso pode indicar que ele vinha da cidade de Bete-Anate na Galileia. Entretanto, é mais provável que Anate seja derivado do nome da deusa guerreira cananeia. Se for

esse o caso, é bastante irônico, então, que Deus tenha usado um guerreiro estrangeiro para libertar Israel.

**4.1—5.31** — A quarta juíza foi Débora, cujos sucessos — juntamente com Baraque — formaram a primeira passagem longa do livro dos Juízes. Singularmente nesta seção, está o hino poético de vitória (cap. 5), que se segue à narrativa da vitória de Israel.

**4.1-3** — Este novo capítulo segue o padrão do livro de Juízes ao ressoar os acontecimentos do capítulo 3. Novamente, o povo pecou e sofreu opressão, e, desta vez, os cananeus reinaram por 20 anos.

**4.2,3** — *Jabim, rei de Canaã, que reinava em Hazor*. Anos antes, Josué derrotara um rei de Hazor chamado Jabim (Js 11.1-15). É possível que Jabim fosse um título e não um nome próprio, assemelhando-se ao uso da designação Abimeleque entre os filisteus (Gn 20.2; 26.1) ou Ben-Hadade entre os reis de Damasco. O nome Jabim foi encontrado em um texto de Mari, uma área arqueológica no rio Eufrates. O cenário de pequenos reinos rivais, proeminente nos dias de Josué, ainda prevalecia no período dos juízes (Js 2.2). Contudo, Jabim era visivelmente mais poderoso do que a maioria. Hazor, tendo sido destruída anteriormente (Js 11.11), foi reconstruída. O local do quartel-general de Sísera, *Harosete-Hagoim*, é desconhecido, mas a subsequente batalha aconteceu na parte norte de Israel, em torno do *monte de Tabor* (Jz 4.6) e do *ribeiro de Quisom* (Jz 4.7).

**4.4-10** — A campanha das tribos israelitas começou com a apresentação de Débora. Este episódio também demonstrou a ampla cooperação entre as tribos. Em resposta à ameaça do norte, Débora, que morava ao sul de Efraim, perto do território de Judá (Jz 4.5), ordenou que os israelitas mandassem tropas contra Sísera. Pelo menos seis tribos contribuíram enviando soldados: Nafali, Zebulom, Efraim, Benjamim, a parte oeste de Manassés (Maquir) e Issacar (Jz 4.6; 5.14,15).

**4.4** — *Débora* é uma das cinco mulheres chamadas de profetisas no Antigo Testamento. As outras são Miriã (Êx 15.20), Hulda (2 Rs 22.14; 2 Cr 34.22), a mulher de Isaías (Is 8.3) e Noadias,



uma falsa profetisa (Ne 6.14). Débora também julgava em Israel (Jz 4.4,5), decidindo casos embaixo de uma palmeira [*tamareira*, na NVI], o que demonstra as dimensões judiciais de seu juizado.

**4.5** — *Ramá e Betel* localizavam-se na parte sul da terra, perto de Judá. Ramá ficava no território de Benjamim (Js 18.25), e Betel estava perto da fronteira entre Benjamim e Efraim (Js 8.17; 18.13).

**4.6,7** — Débora convocou Baraque de *Quedes*, em *Naftali*, um assentamento a sudoeste do mar da Galileia. Os soldados deveriam ajuntar-se no monte de Tabor, onde os territórios de Issacar, Naftali e Zebulom encontravam-se (Jz 4.6). A batalha travada feita ao longo do *ribeiro de Quisom*, que flui a noroeste na direção do mar Mediterrâneo, ao sul do monte de Tabor.

**4.8-10** — *Baraque* hesitou quanto à liderança dos israelitas na batalha. Sua falta de coragem forçou Débora a ir com ele, e, em consequência disso, a glória pela vitória foi para uma mulher. Neste ponto, naturalmente, presumimos que Débora fora esta mulher, contudo, descobrimos, mais tarde, que Jael, mulher de um queneu, matou o notório Sísera (Jz 4.17-22). Ambas as mulheres foram heroínas em um tempo no qual a liderança de Israel estava praticamente arruinada. Na verdade, Débora é mostrada como a melhor dentre todos os juízes do livro. Ela é designada profetisa (Jz 4.4), e muitos buscavam por suas decisões (Jz 4.5). Por essa razão, é chamada de *mãe em Israel* (Jz 5.7). Débora, provavelmente,

está entre os *chefes* de Israel (Jz 5.2), por ter instruído Baraque na estratégia da batalha (Jz 4.9,14). Ela também foi uma proeminente autora da canção de vitória (Jz 5.1) e deu seu nome para um lugar em Israel, as palmeiras de Débora (Jz 4.5).

**4.11-16** — Os detalhes da vitória são contados neste trecho. O versículo 11 antecipa a narrativa dos versículos 17-22 ao apresentar Héber, o marido de Jael, que vivia perto de *Quedes* e possuía uma relação distante com os israelitas. A ênfase dos versículos 12-16 está no poder de Deus e em sua obra.

**4.12-16** — A parte mais importante do impressionante exército de Sísera eram os *novecientos carros de ferro*. Eles consistiam de armas de guerra rápidas e manobráveis. Entretanto, os carros, aparentemente, perderam-se nas águas do ribeiro de Quisom (Jz 5.19-22).

**4.17-24** — Os detalhes da morte de Sísera são contados de maneira lenta e irradiados de suspense, forma que também caracterizou a narrativa do assassinato de Eglom (Jz 3.12-30). A conclusão da história é que o próprio Deus venceu Jabim.

**5.1-31** — Este capítulo contém a canção da vitória de Débora e Baraque. O hino louva a Deus pelo triunfo sobre os cananeus e carrega o cunho do hebraico arcaico. Suas límpidas descrições dos acontecimentos transmitem a sensação de que foram transmitidas por testemunhas: Débora e Baraque. O cântico relembra a canção de vitória de Moisés e Miriã em Êxodo 15.



## PERFIL

### LÍDERES SOLÍCITOS

Enquanto é fácil achar pessoas que querem estar no comando, é difícil encontrar indivíduos de caráter, habilidosos, que estejam dispostos a cumprir todas as responsabilidades inerentes ao papel de liderança. Israel deparou-se com uma crise crônica de chefia durante a época dos juízes, quando *cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos* (Jz 21.25). Poucos indivíduos de boa vontade e capazes de oferecer orientação moral e espiritual puderam ser achados.

*Talvez tenha sido por isso que Débora, em sua canção de louvor composta após a vitória de Israel sobre Jabim, celebrou os líderes voluntários seguidos voluntariamente pelo povo (Jz 5.2,9).* Aparentemente, as pessoas ansiavam por seguir de boa vontade, se conseguissem achar alguém que realmente as liderasse, em vez de déspotas como Abimeleque, que só pretendiam dominar.

Débora e Baraque foram bons exemplos de líderes solícitos na liderança. A sua prontidão para Deus e a integridade perante os cidadãos eram profundamente inspiradoras, tanto que até as pessoas comuns, como Jael, a mulher do queneu, foram encorajadas a utilizar o que quer que estivesse à mão para abater o inimigo (Jz 4.17-22; 5.24-27).

5.1 — *E cantou Débora e Baraque...* [Embora o sujeito dessa frase seja composto (Débora e Baraque), na versão ARC]. O verbo *cantar* está no singular, talvez para indicar que apenas Débora tenha cantado ou referir-se à proeminência dela, como profetisa, sobre Baraque (Jz 4.8,9).

5.2-9 — A introdução do hino é realçada por apelos de adoração no início e no final — *lowwai ao Senhor* (Jz 5.2,9). O versículo 3 também contém um chamado de adoração similar encontrado em muitos salmos.

5.2,3 — *Os chefes se puseram à frente*. Esta expressão literalmente significa *aqueles que têm os cabelos compridos e que os deixaram soltos*. O significado exato não é sabido ao certo, mas, talvez, indique que madeixas soltas ou cabelos esvoaçantes eram sinais de grande força ou liderança.

*O povo se ofereceu voluntariamente*. Trata-se da satisfeita cooperação dos israelitas. O termo em hebraico [*nadab*] tem relação com a expressão *oferta voluntária* (Lv 7.16; 22.23). O espírito de comprometimento por vontade própria aqui se assemelha a Êxodo 36, quando o povo se prontificou a dar seus pertences para a construção do tabernáculo de tal forma que Moisés teve de dizer aos israelitas que parassem de ofertar, ou a Esdras 1, onde um contexto semelhante é encontrado. Observe também as igrejas da Macedônia do Novo Testamento, que, de livre e boa vontade, deram generosamente de sua pobreza (2 Co 8.1-4).

5.4,5 — Uma rápida revisão histórica, agora, segue ao chamado de adoração dos versos 2 e 3. Estes versículos fazem referência à marcha do Senhor de Seir e Edom, e mais especificamente, aludem à transferência da “residência” divina do deserto (monte Sinai) para Canaã, ao longo da terra de Edom. Isso corresponde ao deslocamento do povo de Deus da parte norte do Sinai (Cades) até Canaã (Nm 10.12; 20.22).

5.6-8 — Outra revisão histórica se segue à primeira, detalhando o estado desolador da situação, até que Débora emergiu como a libertadora (Jz 5.6,7). Israel tinha até escolhido novos deuses, o que resultou no julgamento divino (Jz 5.8; 10.14).

5.7-9 — A expressão *mãe em Israel* ocorre duas vezes no AT: neste trecho e em 2 Samuel 20.19. Este título é dado a Débora como símbolo de honra, respeito e proeminência.

5.10-18 — Esta seção começa novamente com chamados à adoração nos versículos 10-12. O versículo 13 descreve a batalha em termos gerais. Os versículos 14, 15 e 18 louvam as tribos que acataram o chamado de Débora. Dez, das 12 tribos, são mencionadas aqui; cinco tribos e meia de forma favorável, porque elas responderam à convocação de Débora e Baraque. Quatro tribos e meia são criticadas pelo fato de não se terem juntado aos seus conterrâneos: Rúben (Jz 5.15,16), Gade, a metade leste de Manassés (Gileade), Dã e Aser (Jz 5.17). Judá e Simeão não são citadas no cântico nem no capítulo 4.

5.10-13 — Este versículo evoca todas as classes da sociedade para transmitirem o testemunho das poderosas ações divinas, desde as classes governantes, aquelas que cavalgam *sobre jumentas brancas*, até as classes mais baixas, as que andam *pelo caminho*.

5.14-16 — Maquir, um notável guerreiro (Js 17.1), é identificado neste contexto como a parte oeste de Manassés, em cujo território a batalha ocorreu. Em outros lugares, Maquir é identificado como a parte leste de Manassés (Js 13.30,31).

5.17,18 — A referência a Dã como se *detendo em navios*, provavelmente, reflete a localização de sua herança original, que ficava ao longo da planície costeira centro-sul, por onde os israelitas teriam acesso ao mar (Js 19.40-46). Mais tarde, os danitas foram forçados a sair de seu território, migrando para o norte (Jz 1.34; 18.1; Js 19.47). Por isso, alguns estudiosos associam os danitas aos danunianos, um povo do mar que invadiu o leste mediterrâneo pouco depois de 1200 a.C. Entretanto, a Bíblia estabelece claramente a existência da tribo de Dã muitos anos antes (Gn 30.6; 49.16-18).

5.19-23 — A vitória propriamente dita é descrita neste trecho em termos claros, e uma maldição é proferida sobre Meroz, outro local desconhecido (Jz 5.23). As próprias *estrelas* lutaram contra Sísera (Jz 5.20), uma clara metáfora da intervenção divina. A passagem de Juízes 4.15



## EM FOCO

## CANTAR LOUVORES (HB. ZAMAR)

(Jz 5.3; 2 Sm 22.50; 1 Cr 16.9; Sl 47.6,7; 147.1)

Esta palavra hebraica, geralmente, faz referência ao cântico que exalta a Deus e, em algumas ocasiões, é acompanhado de instrumentos musicais (Sl 98.5; 149.3). Nas Escrituras, este louvor é frequentemente remetido ao Senhor e é uma expressão de gratidão por algo que Ele fez pelo adorador (Sl 9.11; 105.2) ou por Sua misericórdia e justiça (Sl 101.1). Esta palavra é bastante usada como uma convocação para que o povo de Deus o louve (Jz 5.3; Is 12.5). A palavra *salmo* é derivada da tradução grega deste termo hebraico.

declara: *E o SENHOR derrotou a Sísera, e todos os seus carros, e todo o seu exército a fio de espada, diante de Baraque.* O bater frenético dos cascos dos cavalos, *pelo galopar, o galopar dos seus valentes*, indica o caos causado pelas águas do ribeiro de Quisom (Jz 5.21,22; Jz 4.7).

**5.24-30** — O poema, agora, contrasta as duas mulheres que serviram Sísera: *Jael*, que o matou (Jz 5.24-27), e sua mãe, a qual ansiava por seu retorno (Jz 5.28-30). A mãe de Sísera aparece pela primeira vez. Em sua vã espera, ela e suas acompanhantes iludem-se enquanto sonham imaginando as glórias que ele estaria recebendo.

**5.25-27** — O poema fala de Sísera encurvando-se e caindo, estirado entre os pés de *Jael*, pois recebeu dela um golpe que lhe rachou a cabeça. A passagem declara que Sísera já estava deitado quando ela o atingiu (Jz 4.21). O poema usa uma linguagem viva e emotiva, que se repete várias vezes, a fim de valorizar a questão. A morte de Sísera foi, provavelmente, muito sangrenta, algo que o trecho de narrativa não torna explícito.

**5.28-30** — O objetivo da patética história da mãe de Sísera não é gerar simpatia por ela, mas, sim, lembrar-nos do esplêndido feito de *Jael*. A mãe de Sísera esperava que seu filho enchesse seu povo de grandes despojos. Mas, em vez disso, ele caiu morto nos pés de *Jael*. Lemos três vezes no AT acerca de mulheres que olham pela janela: a mãe de Sísera, a filha de Saul, *Mical* (2 Sm 6.16), e *Jezebel* (2 Rs 9.30). As três se opuseram à vontade de Deus e sofreram as consequências.

**5.31** — O hino termina com o louvor ao Senhor, como muitos salmos fazem. Este versículo fala de outro período de 40 anos de descanso (cf. Jz 3.11).

**6.1-8,32** — O quinto juiz foi *Gideão*, que lutou duas vezes com os midianitas, primeiro sob as instruções divinas e, depois, por iniciativa própria. A história de *Gideão* é a segunda principal passagem no livro dos Juízes. Nesta narrativa — juntamente com a subsequente tragédia de *Abimeleque* que se segue no capítulo 9 —, podemos observar, de forma não previamente evidente, a contínua deterioração do estado espiritual de Israel. Primeiro, Deus censurou Israel quando o povo clamou por Ele (Jz 6.7-10). Depois, o próprio juiz contribuiu para o declínio espiritual (Jz 8.24-27). Então, as tribos de Israel lutaram entre si pela primeira vez (Jz 8.16,17; 9.23-54), antes de uma discórdia ainda pior mais tarde (Jz 12.1-6; 20.1-48). Apesar da contínua intervenção divina e dos lampejos de retidão de *Gideão*, Israel corroe-se espiritualmente e politicamente.

**6.1-10** — O padrão da contínua apostasia é resumido: Israel pecou, foi oprimido pelos estrangeiros e, então, clamou pela libertação divina. Entretanto, em vez de mandar automaticamente um juiz-redentor, como aconteceu das vezes anteriores, Deus enviou, desta vez, um profeta que condenou Israel. Deus iria, de fato, libertar Israel por intermédio de *Gideão*, mas ficou claro que o Senhor não responderia mecanicamente a todo e qualquer apelo de Israel, apesar das circunstâncias.

**6.1** — *Midiã* estava localizada na península arábica, a sudeste de Israel e a leste da península do Sinai. Os midianitas eram descendentes de *Abraão* por intermédio de sua esposa, *Quetura* (Gn 25.1,2). Assim, eles tinham uma relação distante com os israelitas. Os midianitas levaram

José de seus irmãos (Gn 37.25-36), acolheram Moisés no deserto (Êx 2.15-21) e contrataram Balaão para amaldiçoar Israel (Nm 22.7). De modo geral, Israel colocava Midiã entre seus inimigos. Nesta passagem, os midianitas ameaçavam Israel, causavam incêndios, saqueavam e deixavam muitos com fome (Jz 6.4,5).

**6.2** — *As covas [...] as cavernas.* As cavernas não eram usadas como habitações permanentes no tempo do AT. O fato de que os israelitas foram forçados a abandonar suas casas e a viver em cavernas indica o grande desespero em que se encontravam.

**6.3,4** — *Os amalequitas* eram um povo nômade que vivia no deserto do Sinai e no Neguebe, o deserto ao sul de Israel. Eles descendiam de Esaú (Gn 36.12) e, no contexto destes versículos, juntaram-se aos midianitas contra Israel.

*Os do Oriente.* Eram nômades não especificados, que também pilharam Israel. Estes ocidentais são mencionados em muitos contextos proféticos (Is 11.14; Jr 49.28; Ez 25.4).

**6.5-7** — *Vinham como gafanhotos.* As pragas de gafanhotos eram — e ainda são — uma ocorrência bastante comum no Oriente Médio. Na época do profeta Joel, tal ataque foi profetizado como uma punição sobre a terra (Jl 1.4,15-17; 2.1-11).

**6.8-10** — *Enviou o Senhor* um profeta. Este servo do Altíssimo lembrou aos israelitas a fidelidade de Deus e de como as pessoas, apesar disso, tinham-no rejeitado.

**6.11-40** — O chamado de Gideão é a peça central do capítulo 6. A passagem começa com o aparecimento do Anjo do Senhor a Gideão (Jz 6.11-24), seguida pela narrativa da destruição de

um altar de Baal (v. 25-35). Após este episódio, observamos a fé titubeante de Gideão (v. 36-40). Em meio a tudo isso, ele mostrou ambivalência com relação a ter sido chamado para libertar Israel, tanto quanto Moisés o fora.

**6.11,12** — *O terebinto palestino* [*carvalho*, na ARC e NVI] é uma grande árvore com tronco espesso e ramos pesados, algumas vezes, confundida com o carvalho. Ele pode crescer até uma altura de 8m. Figura nas histórias de Abraão, que armou sua tenda perto dos *carvalhais de Manre* (Gn 13.18; 18.1), e de Jacó, que escondeu um tesouro embaixo de uma dessas árvores (Gn 35.4).

A localização exata de *Ofra* não é conhecida, mas era uma cidade em algum ponto do território de Manassés. Não é a cidade de Benjamim, que possui o mesmo nome (Js 18.23; 1 Sm 13.17).

Sobre o termo *abiezrita*, leia o comentário sobre Juízes 6.24.

*Lagar* era uma espécie de tanque em formato circular ou quadrado, escavado em uma rocha, no qual as uvas eram amassadas (Is 16.10; Jr 48.33). O trigo era separado nas eiras, para que o vento pudesse levar o joio no processo de joeiramento (2 Sm 24.18). O fato de Gideão ter sido forçado a malhar o trigo escondido em um lagar — apesar de ter acesso à eira (Jz 6.37) — mostra novamente a situação desesperadora em que os israelitas se encontravam.

**6.13,14** — *Senhor meu.* Esta era uma forma educada de tratamento, mas o SENHOR é o nome pessoal de Deus (*Yehovah*), cujo significado completo foi revelado a Moisés no monte Sinai (Êx 3.13-16). A palavra hebraica para *maravilhas* [*pala'*] faz referência a milagres (Êx 3.20; Js 3.5).



## EM FOCO

### CLĀ (HB. 'ELEPH)

(Jz 6.15; 1 Sm 10.19)

Este termo possui vários significados diferentes em hebraico. Pode representar o número 1.000 (Nm 35.4; 1 Cr 18.4) ou indicar uma *tribo* ou um *clã* (Jz 6.15; 1 Sm 10.19). Algumas vezes designa uma região ou distrito (1 Sm 23.23). Essa ambiguidade tem feito surgir opiniões divergentes acerca do número de pessoas envolvidas em certos acontecimentos do Antigo Testamento. Discute-se, muitas vezes, se os números citados são literalmente milhares ou simples unidades compostas de uma quantidade não especificada de indivíduos (Nm 1; Js 7.3-5).

**6.15** — *Eu, o menor na casa de meu pai.* A objeção de Gideão assemelha-se às palavras ditas por Moisés (Êx 3.11) e Jeremias (Jr 1.6).

**6.16** — *Eu hei de ser contigo.* Esta era a grande promessa da presença divina, que Ele dera anteriormente a Moisés e a Josué (Êx 3.12; Js 1.5,9). Tais palavras deveriam ter encorajado Gideão vigorosamente, mas ele, ainda assim, demonstrava dúvidas (Jz 6.17,36-40). Frequentemente, julgamos de pronto aqueles que duvidam de Deus, mesmo quando tiveram uma prova, em primeira mão, de Suas ações poderosas. Contudo, também falhamos muitas vezes em demonstrar confiança total. Deus realizou sua vontade apesar da fraqueza de Gideão, e Ele pode fazer a mesma coisa conosco.

**6.17,18** — A fé que Gideão possuía precisava de um apoio, por isso, ele pediu um *sinal* para Deus. Aqui, como em outros trechos, Gideão não respondeu prontamente a Deus (Jz 6.39,40).

**6.19-21** — *Um efa de farinha.* Efa é uma medida de capacidade para secos que vai de 20 a 40 litros.

**6.22,23** — *Então, viu Gideão.* Quando o Anjo do Senhor desapareceu, Gideão percebeu (literalmente, *viu*) quem ele era e temeu por sua vida. Esta reação de medo, aparentemente, tem origem no conhecimento de que morre qualquer um que olhe para Deus. Em Êxodo 33.20, ao falar com Moisés, Deus diz: *Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá.* O contexto de Êxodo 33.18-23 indica que era a completeza da glória de Deus que Moisés não poderia ver, visto que o profeta falou com Ele, conheceu-o “face a face” (Êx 33.11; Nm 12.8; Dt 34.10) e, até mesmo, viu a forma do próprio Deus (Nm 12.8). Contudo, o medo de Gideão era uma resposta adequada para aqueles que se viram na presença do Anjo de Deus. Esta também foi a reação de Manoá quando o Anjo o visitou (Jz 13.21,22).

**6.24** — *Até ao dia de hoje.* Esta expressão, bastante comum nos livros de Josué e Juízes (Jz 1.21,26; 15.19; Js 4.9; 5.9; 6.25; 7.26), confere autenticidade à passagem. É a maneira de o autor de declarar às gerações posteriores que elas poderiam comprovar a história indo até o local e vendo o altar por si próprias.

Os *abiezritas* eram os descendentes de José por intermédio do seu filho Manassés. Eles faziam parte da tribo de Manassés que estava assentada a oeste do rio Jordão (Nm 26.30 [Jezer]; Js 17.1,2).

**6.25-35** — O primeiro teste de Gideão foi despedaçar os santuários locais de Baal e Aserá, e substituí-los por um altar para Deus. Gideão obedeceu, mas seu temor fez com que ele realizasse a tarefa durante a noite (Jz 6.27). Seus testes militares vindouros são prefigurados neste texto (Jz 6.33-35). A batalha liderada por ele aconteceria nas terras altas centrais, na parte norte de Israel (Ofra, a cidade-natal de Gideão, ficava no vale Jezreel, a sudoeste do mar da Galiléia).

**6.25** — A palavra *bosque*, utilizada na versão ARC, corresponde a *poste sagrado* (NVI) e *poste-ídolo* (ARA) e refere-se a Aserá, a deusa cananeia. Postes sagrados de madeira eram erigidos nos lugares onde se adorava essa divindade. O amplo culto a ela é comprovado em Juízes 3.7 e em outros contextos (1 Rs 15.13; 18.19).

O *segundo boi* não é um segundo animal, mas uma expressão que Deus usa para especificar claramente a Gideão qual boi deveria ser sacrificado. A necessidade de especificação destaca a contínua relutância de Gideão (Jz 6.17).

**6.26,27** — *Com a lenha que cortares.* Esta expressão significa literalmente *com o poste de madeira de Aserá* (cf. Jz 6.28,30). Gideão, apropriadamente, deveria ofertar o sacrifício utilizando no holocausto a madeira do ídolo destruído.

**6.28** — A expressão *de madrugada* ocorre em Juízes 6.28,38; 7.1; 9.33; 19.5,8,9; 21.4.

**6.29-31** — *Contendereis vós por Baal?* A pergunta de Joás era retórica. Ele se recusou a entregar seu filho para a morte, argumentando que Baal deveria ter sido capaz de defender-se caso fosse mesmo um deus. Outros exemplos de questões retóricas em Juízes são encontrados nos seguintes capítulos e versículos: 9.2,28; 11.25; 18.3; 20.28.

**6.32-34** — Gideão passou a ser chamado de *Jerubaal* [provavelmente, dado por seu pai, Joás, veja NTLH], para zombar daqueles que confiavam no deus pagão, tendo em vista que este nome significa *Baal contenda contra ele* e reflete o que foi dito no versículo 31. Assim, Gideão tornou-se

um memorial vivo da impotência de Baal. O trecho de 2 Samuel 11.21 faz referência a Gideão como *Jerubesete* [a terminação da palavra foi substituída por *besete*, que significa *vergonha*]. Mudanças como esta também ocorrem com outros termos que incorporam o nome Baal, como *Esbaal*, que quer dizer *homem de Baal* (1 Cr 8.33; 9.39), pelo nome *Isbosete*, o qual significa *homem de vergonha* (2 Sm 2.8), e *Meribe-Baal*, que indica *Baal contende* (1 Cr 8.34; 9.40) pelo termo *Mefibosete*, que significa *expressão de vergonha* (2 Sm 9.6). Portanto, qualquer alusão negativa a Baal no texto bíblico é uma tentativa de condenar a adoração ao ídolo.

**6.35** — Gideão enviou mensageiros para os territórios de quatro tribos do norte, adjacentes umas às outras: Manassés, Aser, Zebulom e Naftali.

**6.36-40** — Antes da batalha, Gideão pediu sinais para “testar” a orientação divina mais uma vez.

**6.39** — *Rogo-te que só esta vez faça a prova*. A palavra traduzida como *prova* é a mesma usada quando Deus testou Israel (Jz 2.22; 3.1). O desejo de Gideão de testar os sinais divinos poderia ter sido uma violação da lei que proibia as pessoas de colocarem o Altíssimo à prova (Dt 6.16 — a palavra *tentar* é o mesmo termo hebraico traduzido como *prova* [*nacah*] neste contexto). O próprio Gideão estava ciente de que fazia uma coisa pouco sábia, senão ofensiva, visto que pediu que Deus não acendesse Sua ira contra ele.

**6.40** — Apesar da falta de fé de Gideão, *Deus assim o fez naquela noite*, isto é, atendeu aos pedidos de Gideão. Muitas pessoas fiam-se no exemplo de Gideão como uma maneira de buscar orientação do Senhor, pedindo uma confirmação de Deus. Em algumas ocasiões, Deus escolhe responder a tais pedidos, como no caso de Gideão. Não obstante, este já sabia da vontade de Deus para sua vida (Jz 6.14-16,36). Seus pedidos apenas tornaram evidente a sua fé fraca. Isaías deu o exemplo de uma resposta adequada à nítida revelação divina: *Eis-me aqui, envia-me a mim* (Is 6.8). Assim também fizeram os discípulos, que deixaram imediatamente suas redes e seguiram a Jesus (Mc 1.18-20).

**7.1—8.3** — Deus figura de forma proeminente na vitória de Gideão sobre os midianitas, especialmente a incrível história dos 300 homens que subjugaram seus inimigos numericamente superiores. As garantias de Deus que Gideão recebeu antes do encontro foram, neste momento, reforçadas por um sonho (Jz 7.9-15). A batalha propriamente dita não teve nenhum combate expressivo, pois o próprio Deus proveu a vitória (Jz 7.16-25). Os israelitas sopraram os chifres, quebraram jarras e gritaram, fazendo com que os inimigos matassem uns aos outros na confusão. Os sobreviventes fugiram cruzando o Jordão com os israelitas em seu encalço.

**7.1,2** — *A fim de que Israel se não glorie contra mim*. Desde o começo, Deus deixou bem claro que a glória da vitória deveria ser dele. Isso torna ainda mais inacreditável o pedido israelita para que Gideão reinasse sobre eles, por tê-los livrado *da mão dos midianitas* (Jz 8.22,23).

**7.3** — Quando Gideão permitiu que aqueles covardes e medrosos fossem embora, dois terços dos homens partiram, restando apenas dez mil. A Lei mosaica aceitava algumas exceções militares para várias classes de pessoas, incluindo aquelas que tinham acabado de construir uma casa, plantaram uma vinha há pouco, estavam comprometidas com o casamento e as que eram medrosas (Dt 20.5-8).

**7.4-9** — Gideão dispensou mais soldados de seu exército empregando uma forma de seleção um tanto estranha, a saber, pela maneira como seus homens bebiam água de um riacho. Alguns estudiosos sugeriram que os indivíduos que não ficaram de joelhos mantiveram um estado mais elevado de prontidão militar, pois beberam água levando-a com as mãos à boca. Entretanto, isso pode ser uma interpretação que vai muito além do que está escrito na passagem, pois o texto não indica qualquer razão para a escolha feita por Gideão. A referência à forma *como as lambe o cão* pode até mesmo ser depreciativa, visto que os cachorros eram criaturas desprezadas no mundo antigo (1 Sm 17.43; 2 Rs 8.13; Mt 7.6). Considerando dessa maneira, o papel de Deus na vitória torna-se ainda mais evidente, pois os 300 homens que



## APLICAÇÃO

### DETERMINANDO A VONTADE DE DEUS

O exemplo de Gideão é comumente citado como um modelo de tomada de decisão devota. Antes de agir, o homem ponderou cuidadosamente se o Senhor queria que ele organizasse um exército e atacasse os midianitas. Por duas vezes, colocou a lâ na eira (uma touceira) para se certificar das intenções divinas (Jz 6.36-40). Fundamentando-se nesta passagem, algumas pessoas defendem que, antes de os cristãos tomarem decisões importantes, as quais gerarão grandes consequências, eles devem buscar uma confirmação do Senhor e procurar por sinais tangíveis que indiquem a vontade de Deus com segurança.

Essa é uma forma apropriada de conhecer a vontade de Deus? Para responder a essa pergunta, é importante notar que esta é a única vez na Bíblia em que Deus revelou Sua vontade por meio de uma confirmação. Também é válido observar a extrema hesitação, a dúvida e o medo de Gideão. Deus já lhe havia dito o que fazer por intermédio do Anjo do Senhor (Jz 6.11-16). Na verdade, o Anjo deu a Gideão o sinal de confirmação (Jz 6.17-22). À luz de tais fatos, a busca por uma ratificação, aparentemente, demonstra mais falta de fé do que o zelo de se certificar da vontade de Deus. Felizmente, o Senhor foi paciente com ele e garantiu que seu pedido recebesse a confirmação. Entretanto, o uso desta é, ao que tudo indica, a exceção e não a regra. Sendo assim, não serve como o melhor padrão pelo qual podemos pedir a orientação divina.

Há uma forma mais segura? Claro! Deus nos disse, de maneira clara e objetiva, o que Ele quer ao longo de toda Bíblia. Por exemplo, os Dez Mandamentos dão instruções francas para guiarmos nosso comportamento em diversas áreas. Da mesma forma, a primeira carta aos Tessalonicenses fala nitidamente *esta é a vontade de Deus* (1 Ts 4.3) no que diz respeito à sexualidade. Assim, no que concerne às tomadas de decisão na vida, o Senhor nos chama à lucidez, ao pensamento que seja fundamentado em nosso relacionamento com Ele e em nossa obediência aos seus valores, os quais são mencionados claramente nas Escrituras.

Deus nos fez pessoas que sabem discernir e analisar, e devem assumir a responsabilidade de traçar o caminho na vida de acordo com os planos e propósitos gerais dele. O Altíssimo nos chama a aprender tudo o que podemos acerca das situações, dos relacionamentos, das responsabilidades ou das oportunidades que temos, pesar tudo isso à luz de Seus preceitos e princípios, e, somente depois, agir. Assim, conforme agimos, podemos reconfortar-nos no fato de que Ele está operando a nosso favor. *Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade* (Fp 2.13).

restaram não possuíam nem o senso comum de beber água de um modo normal. O comentário de Deus no versículo 7 parece reforçar essa hipótese.

**7.10,11** — Ironicamente, o próprio Gideão estava com medo, mas ele não tinha sido dispensado para voltar para casa com os outros homens (Jz 7.3).

**7.12** — Este versículo menciona a força dos inimigos de Israel, incluindo seus números intimidadores e seus incontáveis camelos (Jz 6.3-5).

**7.13** — *Caíram*, neste contexto, quer dizer *foram derrubadas*. A palavra também é usada em Gênesis para descrever a espada que *andava ao redor*, guardando o caminho para a árvore da vida (Gn 3.24) e a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.25,29). Aqui, o *pão* abateu o acampamento midianita.

**7.14,15** — A *espada de Gideão* é a chave para a interpretação do sonho. Esta narrativa, vinda da boca de um dos inimigos de Israel, deu a con-

firmação de que Gideão precisava, considerando seu temor anterior (Jz 7.10). Consequentemente, ele *adorou* a Deus por ter sido tão paciente com sua fé titubeante (Jz 7.15).

**7.16-18** — As *buzinas* de chifre de carneiro foram usadas como um sinal de chamada (Jz 3.27; Js 6.5).

**7.19** — *Ao princípio da vigília da meia-noite*. Segundo a tradição judaica, o dia era dividido em três vigílias; cada uma com quatro horas aproximadamente [A primeira, o *princípio das vigílias* (Lm 2.19), ia do pôr-do-sol às dez horas da noite; a segunda, a *vigília média* ou *da meia-noite* (Jz 7.19), ia das dez da noite às duas da madrugada; e a terceira, a *vigília da manhã* (1 Sm 11.11), ia das duas da madrugada ao nascer do sol]. Isso situa a hora do ataque de Gideão aos midianitas por volta das dez horas da noite.

**7.20-22** — *Espada do SENHOR e de Gideão*. Neste trecho, a versão completa do grito de

guerra é dada. Uma interpretação mais literal da expressão hebraica é *À espada, pelo Senhor e por Gideão!* [NVI].

**7.23** — As mesmas tribos mencionadas em Juízes 6.35, agora, perseguiam os midianitas, com exceção da tribo de Zebulom, que não é citada. Efraim também se juntou ao grupo perseguidor (Jz 7.24).

**7.24,25** — *As águas.* Provavelmente, esta expressão faz menção aos pequenos afluentes que despejavam suas águas no rio Jordão. Cercando tais lugares, eles conseguiriam fechar as rotas de escape dos inimigos.

*Dalém do Jordão* é a parte leste do Jordão, onde os israelitas pegaram seus oponentes (Js 13.32; 18.7).

**8.1-3** — Os homens de Efraim reclamaram com Gideão por terem sido convocados tardiamente (Jz 8.1). A resposta lisonjeira de Gideão gerou um efeito apaziguador naqueles indivíduos.

**8.4-28** — Após a vitória de Gideão houve uma segunda campanha militar, a qual contrastou drasticamente com a primeira. Ele perseguiu os dois reis midianitas até os pegar e matar. Gideão também puniu as cidades de Sucote e Peniel. Nesta passagem, não há indicação do envolvimento de Deus, como aconteceu anteriormente. Em vez disso, Gideão mostrou satisfazer uma necessidade pessoal (Jz 8.18,19).

**8.5-10** — *Sucote* localizava-se a leste do Jordão, perto do rio Jaboque. *Zeba e Salmuna* são

nomes pouco lisonjeiros que significam, respectivamente, *Vítima* e *Proteção Recusada*. Tais designações, talvez, fossem trocadilhos com os nomes verdadeiros dos reis, o que, possivelmente, foi feito com Cusã-Risataim (Jz 3.8). Entretanto, o autor de Juízes pode ter tido mais comiseração por estes dois reis, visto que Gideão não é evidenciado neste capítulo.

**8.11,12** — A agressividade de Gideão contrasta nitidamente com a precaução e o medo evidentes no capítulo 6.

**8.13,14** — *Descreveu os príncipes de Sucote.* A literatura nas civilizações primitivas estava, a princípio, limitada à elite instruída, como acontecia na Mesopotâmia e no Egito. Seus sistemas de escrita eram complexos e apenas uma ínfima parte da população sabia ler e escrever. Entretanto, a disseminação dos sistemas alfabéticos simplificou bastante as tarefas de leitura e escrita. Centenas de fragmentos de louça encontrados ao longo da Palestina possuem inscrições simples, indicando que certo grau de alfabetização fez-se acessível nos dias de Gideão. Assim, o jovem que Gideão encontrou no caminho escreveu para ele os nomes dos 77 líderes.

**8.15-17** — As ações de Gideão neste trecho cumprem as ameaças dos versos 7 e 9.

**8.18** — Os assassinatos aos quais Gideão se refere não aparecem em nenhum outro lugar do texto. A resposta dos dois reis foi lisonjeira: *Qual tu, tais eram eles.* Eles compararam Gideão ao filho



## PERFIL

### UM POLÍTICO PERSPICAZ

Por mais que Gideão tenha sentido medo anteriormente na batalha contra os midianitas, ele exibiu instintos políticos aguçados quando teve de lidar com os homens de Efraim. Sua alusão aos restos depois de uma colheita de qualidade (Jz 8.2) foi feita para abrandar o ressentimento efraimita de não ter sido chamado para a batalha principal, mas somente para a operação de limpeza (Jz 7.24 — 8.1).

A respiga era uma exigência da Lei israelita e fazia com que os donos de terra deixassem uma porção de suas colheitas nos campos ou nas vinhas em favor dos pobres. Após os agricultores finalizarem seu trabalho, permitia-se que os necessitados fossem até as plantações e videiras e recolhessem o que tinha sobrado (Lv 19.9,10).

Assim, Gideão louvou os homens de Efraim dizendo que as respigas, ou as sobras, de suas vinhas eram superiores às primícias de seu próprio clã, Abiezer. Isso era um grande elogio, considerando que o vale de Jezreel, onde os abiezritas viviam, era uma das regiões de vinhas mais produtivas de todo Israel.



de um rei. Apesar de sua recusa do reinado, Gideão não estava imune à vaidade encorajada pela realeza. Ao dar o nome de Abimeleque a um de seus filhos, o qual significa *meu pai é rei* (Jz 8.31), ele pode ter sucumbido à tentação de exaltar a si próprio como um rei para Israel.

**8.19-21** — *Qual o homem, tal a sua valentia.* Isso era um desafio à coragem de Gideão, e ele respondeu à provocação matando, com as próprias mãos, os dois reis.

*Luetas [ornamentos, na ARA]* foram encontradas em muitos lugares na Palestina, mas são mencionadas novamente apenas mais uma vez na Bíblia (Is 3.18).

**8.22** — Imediatamente após a execução dos dois reis, os homens de Gideão pediram que este dominasse — reinasse — sobre eles. Tal pedido, mesmo que compreensível sob uma perspectiva humana (Jz 8.18), não repercutia o reconhecimento de que foi Deus, e não Gideão, quem havia libertado o povo.

**8.23** — A resposta de Gideão foi teologicamente correta: *O Senhor sobre vós dominará.* A ordem das palavras no texto em hebraico [Yehovah *marshal*] deixa claro que o reinado de Deus era exclusivo. Pode-se fazer a paráfrase da seguinte forma: “É o Senhor, e ninguém mais, quem deverá reinar sobre vocês”. Essa frase ostenta, de forma ampla, a sugestão de que o Senhor não pretendia que Israel tivesse um rei, pois Ele seria seu único Rei. Entretanto, Deus prometera a Abraão e seus descendentes que haveria reis em sua descendência (Gn 17.6,16; 35.11; 49.10).

Quando as pessoas de Israel pediram que Gideão reinasse por causa de seu sucesso militar, ele só poderia recusar a solicitação, visto que a motivação popular tinha falhas e limitações. A verdadeira função de um rei era a de levar as pessoas a Deus. O rei também deixaria as questões de guerra para o Senhor. Esse foi o erro crítico do povo quando pediu por um governante no tempo de Samuel: *E o nosso rei nos julgará, e sairá adiante de nós, e fará as nossas guerras* (1 Sm 8.20). Eles queriam um rei para fazer o que os juízes tinham realizado: liderá-los nas batalhas. Contudo, no período dos juízes, houve muitos erros.

**8.24-28** — Apesar da resposta teologicamente correta de Gideão no versículo 23, este trecho mostra que ele não foi cuidadoso ao liderar Israel na verdadeira adoração ao Senhor; pois, ao fazer um *éfode*, ele encorajou a idolatria. O peso total das ofertas trazidas para a confecção do manto sacerdotal — *mil e setecentos siclos de ouro* — era impressionante. Assumindo que a unidade de medida era o siclo (esta unidade não foi especificada no texto em hebraico), o peso total equivalia a 20kg e meio (um siclo correspondia a aproximadamente 11,5g).

O *éfode* original era uma veste cerimonial ornamentada, usada pelo sumo sacerdote (Êx 28; 39). Alguns estudiosos acreditam que o *éfode* feito por Gideão assemelhava-se a um ídolo, mas não há informações claras indicando tal fato. Ao colocar o *éfode* em sua própria cidade, Gideão talvez estivesse “brincando” de juiz, pois, em ponto nenhum do texto, lemos que Gideão “julgou” Israel, enquanto encontramos tais referências



## PERFIL

### O HOMEM QUE SERIA O REI

Após Gideão derrotar os midianitas, o povo de Israel queria consagrá-lo rei, mas ele recusou o título (Jz 8.22,23). Seu filho, Abimeleque, não foi tão humilde. Mesmo ao preço de ter de assassinar brutalmente os seus 70 meio-irmãos, ele conseguiu tornar-se rei em Siquém.

A glória de Abimeleque foi tão limitada em extensão quanto em duração. Sua influência nunca ultrapassou mais do que 16km, mesmo tendo sido dito que ele reinou sobre Israel (Jz 9.22). E, após três anos, Abimeleque foi expulso de Siquém por causa de problemas com as mesmas pessoas que o tinham auxiliado a chegar ao poder (Jz 9.42-52). No final, depois de ter sido rejeitado pela família de Gideão, pela de sua mãe e pelos cidadãos de seu reino, ele morreu vergonhosamente. Como já era previsto, ele fez um último pedido: a fim de preservar a pouca reputação que ainda lhe restava, forçou um de seus homens a atravessar a espada em seu corpo (Jz 9.53,54).

com relação a outros juízes. Depois de Gideão, outro homem também fez um éfode, gerando resultados igualmente obscuros (Jz 17. 5).

*E foi por tropeço.* Essa frase lembra o comentário introdutório do narrador em Juízes 2.3.

**8.29-32** — Esta seção de transição nos fala não somente da morte de Gideão, mas também introduz seu legado fatal: o filho, Abimeleque, cuja história violenta é contada no capítulo 9.

**8.31,32** — Embora Gideão tivesse 70 filhos (Jz 8.30), apenas Abimeleque, que significa *meu Pai é rei*, é mencionado pelo nome neste trecho. Alguns estudiosos defendem que Gideão tornou-se rei de fato, não por título, mas na prática, pois ele deu um nome real ao seu filho e agiu como o líder do povo (Jz 8.24-27).

**8.33-35** — *Baal-Berite* quer dizer o *Baal possuidor de um pacto*, um contraste irônico à aliança do Deus de Israel, Aquele a quem os israelitas deveriam adorar. Este deus também foi chamado de *Berite* (Jz 9.46) [ou *El-Berite*, na versão ARA].

**9.1-57** — O violento desejo de Abimeleque por poder é o tema do capítulo 9. As sementes de sua ofensa foram lançadas na persistente infidelidade de Israel a Deus, o que levou a outra rejeição do Senhor (Jz 8.22,24-27,33-35).

**9.1-6** — Abimeleque matou seus próprios irmãos, a fim de fortalecer seus objetivos de liderança. Ele começou indo a Siquém, onde, ironicamente, Israel tinha reafirmado a aliança anos antes (Js 24), ganhou a confiança dos habitantes de Siquém (Jz 9.2) e contratou homens para assassinar seus irmãos — mas um não foi morto. Abimeleque foi feito rei em Siquém (Jz 9.6).

**9.4,5** — A casa de Baal-Berite era um santuário pagão, um claro sinal da contínua apostasia de Israel (Jz 8.33).

*Homens ociosos e levianos.* O caráter de Abimeleque pode, com certeza, ser julgado pelas pessoas com quem ele andava. O mesmo se aplica a Jefté (Jz 11.3).

**9.6** — Tristemente, a coroação aconteceu junto ao *carvalho alto*, onde Jacó enterrou os deuses estrangeiros muitos anos antes (Gn 35.4). Lá, também, Josué comemorou sua aliança com Deus (Js 24.26).



## EM FOCO

### SINCERIDADE (HB. TAMIM)

(Jz 9.16,19; Gn 6.9; Dt 18.13)

Esta palavra quer dizer *sem mácula, inculpável ou perfeito*. O Senhor exigia que as ofertas feitas a Ele fossem sem defeito (Lv 22.21; Nm 6.14). O termo também pode ser usado para descrever um povo (2 Sm 22.24; Sl 11.80) ou o curso perfeito de uma ação (Pv 11.20; 28.18). A Bíblia descreve Noé desta maneira (Gn 6.9), embora ele não fosse completamente sem mácula (vide Gn 9.21). Na declaração de Sua aliança a Abraão, o Senhor exigiu que Seu servo fosse íntegro (Gn 17.1). Em seu discurso de despedida, Moisés encarregou o povo de Israel de ser inculpável (Dt 18.13). Muitos anos depois, Josué procedeu da mesma forma e aconselhou o povo a servir ao Senhor em sinceridade e em verdade (Js 24.14).

**9.7-21** — Jotão, o único irmão que escapou com vida, condenou a traição de Abimeleque publicamente, contando uma fábula (história na qual certas criaturas assumem características humanas). Nela, as nobres árvores da floresta rejeitam o chamado para se tornarem líderes reais, algo que, finalmente, é conferido ao inferior espinheiro (Jz 9.8-15). A fábula acusa os habitantes de Siquém de terem escolhido o desprezível Abimeleque como rei. No entanto, a história não é uma acusação aos reis em geral (Jz 8.23).

**9.20,21** — *Saia fogo.* Jotão deu um aviso para as pessoas de Siquém: o fogo iria devorá-las caso não agissem adequadamente. A ameaça se cumpriu quando as chamas consumiram um grande número de habitantes de Siquém, e Abimeleque foi abatido por uma mulher do mesmo lugar (Jz 9.49,54).

**9.22-55** — Rapidamente, a harmonia entre Abimeleque e os habitantes de Siquém desapareceu. Abimeleque, que contava com as pessoas locais para continuar no poder, naquele momento, tinha-se tornado alvo da atitude traçoeira do povo (Jz 9.22-25). Esta discórdia transformou-se em uma conspiração sob a liderança de Gaal, filho de Ebede (Jz 9.26-33). O rei reprimiu qualquer possível revolta e atacou o povo de Siquém neste processo (Jz 9.34-45). Além disso, também queimou

a fortaleza da cidade e sua torre (Jz 9.46-49). O próprio Abimeleque teve um fim terrível em uma localidade próxima, Tebes (Jz 9.50-55).

**9.22** — A raiz hebraica para *dominado* [suwr], neste contexto, é uma cujo substantivo, geralmente, é traduzido como *príncipe* ou *comandante*. Ela é indiscutivelmente importante, tanto que o narrador não usa a palavra comum para *reinar*, que fora usada em Juízes 8.22,23, ou para *dominar*. O desprezível Abimeleque, que fora feito rei pelo povo (Jz 9.6), só poderia reinar, na verdade, como um comandante secundário e não como um verdadeiro rei.

**9.23-27** — A expressão *um mau espírito* [hb. ruwach ra'] pode ser traduzida literalmente como *um espírito maligno*. A única outra pessoa nas Escrituras cuja aflição foi descrita com as mesmas palavras é Saul (1 Sm 16.14,15,16,23; 18.10; 19.9). Neste trecho, o espírito causa dissensão entre Abimeleque e os moradores de Siquém.

Alguns estudiosos acreditam que Deus tenha mandado um demônio para atormentar Saul, bem como afligir Abimeleque e os habitantes da cidade. Entretanto, isso vai contra nosso entendimento da natureza de Deus. Uma explicação plausível é a de que o Senhor foi o responsável pela desavença entre os dois lados, porque ambas as partes tinham pecado (Jz 9.1-6) e mereciam julgamento.

É válido lembrar que espíritos malignos afligiram os dois primeiros reis de Israel, os quais eram indignos candidatos para a tarefa. Abimeleque fez-se rei por meio de ações desleais e exerceu a autoridade de forma abjeta quando estava no poder. Saul, igualmente, chegou ao poder por causa dos imprudentes desejos do povo de Israel e demonstrou rapidamente sua impropriedade para o cargo, apesar de sua clara unção. Na verdade, Davi foi aquele que mostrou o padrão para os futuros governantes de Israel. Ele é o primeiro rei que prestou atenção à sabedoria divina e foi favorecido pela presença especial do Espírito de Deus desde o dia em que foi ungido em diante (1 Sm 16.13).

**9.28-36** — *Gaal* faz uma série de perguntas desdenhosas e retóricas sobre Abimeleque.

**9.37,38** — *Caminho do carvalho* (leia Jz 6.11 para saber mais sobre árvores como marcos).

*Onde está agora a tua boca.* Esta foi a pergunta provocativa de Zebul para Gaal, fazendo uso do escárnio, a fim de que ele sustentasse as orgulhosas palavras que havia proferido anteriormente (Jz 9.28).

**9.39-43** — É interessante notar que Abimeleque dividiu sua força *em três bandos* [três companhias — NVI] para atacar Siquém, talvez imitando o sucesso de seu pai com os *três esquadrões* (Jz 7.16).

**9.44,45** — Espalhar *sal* sobre a cidade de Siquém tinha o objetivo de torná-la infrutífera, um deserto inabitável. Veja a associação do sal e da esterilidade em Jeremias 17.6.

**9.46,47** — A palavra hebraica para *fortaleza* [tseriyach] usada aqui é rara e pode significar *cômodo fortificado* ou algo como *compartimento subterrâneo*. O termo ocorre novamente no versículo 49 (*fortaleza*) e em 1 Samuel 13.6 (*covas*).

*Casa do deus Berite.* Em hebraico, a expressão é escrita *El-Berite* ['el Beriyth]. *El* pode ser traduzido como *deus*, mas também é o nome de uma divindade cananeia bastante conhecida — o pai de Baal. O *deus Berite* significa *El-Berite*, o *Baal-Berite* citado em Juízes 8.33.

**9.48-52** — A localização do *monte de Salmom* é incerta. Alguns estudiosos fazem sua correlação com o monte Ebal, a noroeste de Siquém. Outros o identificam com o monte Gerizim, também próximo a Siquém. O monte Salmom, coberto de neve, citado em Salmo 68.14, aparentemente é um lugar diferente.

**9.53** — *Um pedaço de uma mó.* Os moinhos usados para triturar os grãos possuíam comumente duas grandes mós [pedras em forma de círculo]. A que ficava em cima movia-se de um lado para o outro ou rodava sobre a que ficava embaixo, e os grãos eram moídos entre as duas mós. Uma pedra de moinho racharia facilmente o crânio de Abimeleque, como afirma este versículo.

**9.54,55** — *Mata-me.* Ser morto por uma mulher era uma desgraça para um guerreiro.

**9.56,57** — A chave para entender o destino de Abimeleque pode ser encontrada nos comentários dos versículos 23, 24, 56 e 57 deste capítulo. Ele não era um verdadeiro rei e havia estabelecido seu domínio por meio da morte. Deus

interveio na sorte de Abimeleque, retribuindo suas ações malignas contra seus irmãos. Note que o pecado dele foram os assassinatos (v. 56), e não sua consagração como rei. A fábula de Jotão provou ser profética: o fogo que consumiu os cedros (Jz 9.15,20) queimaria Siquém e Abimeleque morreria (Jz 9.49,53).

**10.1,2** — Tola foi o sexto juiz, o segundo dos juízes menores (Sangar foi o primeiro). Ele surgiu para *livrar* Israel, talvez, uma ação necessária após o reinado de Abimeleque. Esta breve passagem reflete a época de Débora de muitas formas (Jz 4.4,5; 5.7).

**10.3-5** — Jair foi o sétimo juiz, o terceiro menor, e julgou a Israel por 22 anos. Ele tinha algumas riquezas (Jz 10.4) e viveu em Gileade, a leste do Jordão, no mesmo lugar que o próximo juiz, Jefté (Jz 11.1). O grande número de filhos de Jair traça um acentuado contraste com a ausência de filhos homens de Jefté no próximo capítulo e em Juízes 12.8-10.

**10.4,5** — *Trinta jumentos [...] trinta cidades*. A palavra hebraica 'ayir usada para *jumentos* assemelha-se ao vocábulo 'ayar usado para cidades.

**10.6—12.7** — *Jefté* foi o oitavo juiz. Como as histórias de Débora e Gideão, sua narrativa é relativamente detalhada. Jefté libertou Israel da opressão amonita, mas sofreu uma tragédia pessoal nesse processo.

**10.6-18** — Uma comprida introdução precede a história de Jefté. Estes versículos falam novamente de apostasia e da firme misericórdia de Deus. Um novo assunto é enfatizado neste contexto acerca da confissão e do arrependimento de Israel (Jz 10.10,15,16).

**10.6** — *E aos deuses da Síria, e aos deuses de Sidom, e aos deuses de Moabe, e aos deuses dos filhos de Amom, e aos deuses dos filisteus*. Isso demonstra a extensão da idolatria de Israel. O povo não só adorava aos principais deuses cananeus (Baal, Aserá, Astarote), como também absorveu as religiões de outros grupos. A lista mais extensa aqui indica a profundidade do declínio dos israelitas. As listagens anteriores no livro mencionavam Baal, Astarote e Aserá (Jz 2.13; 3.7). No entanto, sete deuses são citados neste trecho, um número

simbólico que estabelece um contraponto com sete nações mencionadas nos versos 11 e 12.

**10.7-10** — *Em mão dos filisteus e em mão dos filhos de Amom*. Eram os principais inimigos dos israelitas na época. Os dois próximos juízes maiores — Jefté e Sansão — foram instrumentos de Deus contra estes dois grupos: Jefté contra os amonitas e Sansão contra os filisteus.

**10.11,12** — Nestes dois versículos, encontramos sete povos dos quais o Senhor já tinha libertado os israelitas: os *egípcios* (Deus salvou dramaticamente Israel da opressão egípcia — Êx 14; 15); os *amorreus* (o Altíssimo resgatou seu povo de Seom e Ogue, reis dos amorreus — Js 2.10); os *filhos de Amom* (os amonitas fizeram parte de uma coalizão sob a liderança de Eglom, a qual Eúde conseguiu derrotar — Jz 3.13); os *filisteus* (Sangar vencera os filisteus — Jz 3.31); os *sidônios* (não há registro de um triunfo anterior, mas este povo estava entre os opressores de Israel — Jz 3.3 — e, provavelmente, fez parte da aliança cananeia mencionada em Jz 4.2); os *amalequitas* (eles já se tinham colocado contra os israelitas no tempo dos juízes — Jz 3.13; 6.3 — e sua inimizade com Israel era antiga — Êx 17.8-16. Deus dera assistência em ambos os casos). Os *maonitas* aparecem mais tarde como adversários na história de Israel (2 Cr 20.1; 26.7, *meunitas*), mas não são mencionados antes. É possível que sejam os midianitas, uma nação derrotada por Gideão (cap. 7,8). A lista de sete não mencionava a exaustão, visto que nem os moabitas nem os cananeus são mencionados. O simbólico número sete, o qual representa a completude, é, provavelmente, o elemento mais importante neste contexto, especialmente quando observamos os sete grupos de deuses citados no versículo 6.

**10.13,14** — *Aos deuses que escolhestes* é uma resposta de confrontação. Os israelitas “escolheram novos deuses” na época de Débora (Jz 5.8). Quando Israel clamou por Deus, Ele os lembrou novamente de seus caminhos infiéis. Outros exemplos em Juízes incluem a acusação do Anjo (Jz 2.1-5) e a mensagem do profeta (Jz 6.7-10).

**10.15-18** — Deus não é somente um Deus de grande justiça, mas também de misericórdia,

como a frase *se angustiou a sua alma por causa da desgraça de Israel* nos lembra. Apesar do constante pecado e da apostasia, o Senhor continuava a amar os israelitas e compartilhava de sua miséria, tanto quanto os pais se sensibilizam com o sofrimento de seus filhos.

11.1-3 — *Jefté*, assim como *Jair* (Jz 10.3), era de Gileade. Foi um homem *valente e valoroso*, mas era filho ilegítimo, o que fez com que seus meio-irmãos o expulsassem da casa de seu pai. Da mesma forma que fizera *Abimeleque* (Jz 9.4), ele também se aproximou de *homens levianos* (Jz 11.3), que não trouxeram um bom augúrio para seu futuro. O território de *Gileade* ficava na parte norte da Transjordânia (Js 17.1,3,5). Os *gileaditas* descendiam de um homem chamado *Gileade* (Nm 26.29,30; 27.1; 36.1), como era o caso do próprio *Jefté*. Nesta passagem e em *Josué 17.1,3*, o termo alude tanto a uma pessoa como ao lugar.

Sobre a expressão *valente e valoroso*, leia o comentário em *Josué 1.14*.

*Terra de Tobe*. Provavelmente, é uma área a leste de Gileade. Ironicamente, o termo significa *bom*, uma qualidade que, frequentemente, faltava a *Jefté*.

11.1,2 — O território de *Gileade* ficava na parte norte da Transjordânia (Js 17.1,3; Jz 5.17). As pessoas dessa região descendiam de um homem chamado *Gileade* (Nm 26.29,30; 27.1; 36.1). O próprio *Jefté* era filho de um indivíduo chamado *Gileade*. Nesta passagem e em *Josué 17.1,3*, o termo alude tanto a uma região quanto a uma pessoa.



### Os Juizes de Israel

Na *livro de Juizes*, há uma lista com o nome de 12 juizes que exerceram essa função em Israel ao longo de três séculos. (*Baraque* serviu como um líder militar sob o comando de *Débora*, e não foi tecnicamente um juiz). Enquanto alguns deles figuraram de forma proeminente na narrativa, outros foram personagens secundários, mencionados brevemente sem qualquer referência geográfica ou familiar. Na era dos juizes, nenhuma tribo ou região aparentemente prevaleceu quanto à formação de tais líderes. Deus chamou e capacitou as pessoas necessárias de toda a terra para comandar Israel durante este período turbulento.

11.3 — *Tobe*, talvez, ficasse a leste de Gileade. O vocábulo quer dizer *bom*, e a bondade era uma virtude que, indiscutivelmente, faltava a *Jefté*.

11.4-7 — Após as negociações e a orientação de Deus, Jefté foi encarregado para ser o líder e o comandante de Israel.

*Depois de alguns dias.* Neste ponto, retorna-se à narrativa interrompida em Juízes 10.17,18 (Jz 11.1-3).

*Vem e sê-nos por cabeça.* Neste contexto, vemos um líder ser comissionado pelo povo para liderar Israel. Deus participa pouco desse processo, a não ser para confirmar a escolha (Jz 11.10). Isso é outro sinal de deterioração espiritual. O *cabeça* [ou comandante] era aquele que exercia a função de um juiz, mas é importante notar que a palavra *juiz* não é usada aqui, considerando que Deus era o único que alçava os juízes.

11.8,9 — *Venhas conosco, e combatas.* Esta expressão é quase a mesma usada pelos israelitas quando pediram a Samuel um rei em 1 Samuel 8.20: *E o nosso rei nos julgará, e sairá adiante de nós, e fará as nossas guerras.* Em ambos os casos, mesmo Deus dando a permissão para isso, o pedido foi inadequado.

11.10 — *O Senhor será testemunha* [hb. *shama'*]. Literalmente quer dizer *o Senhor estará ouvindo*. Esta não é a palavra hebraica comum para *testemunha* [*uwd*] usada nas cerimônias de formação de aliança (Dt 30.19; Js 24.22), mas o sentido é o mesmo. Deus é chamado para ser a testemunha da concordância do ajuste (1 Sm 20.12).

11.11 — O povo pôs Jefté por *cabeça e príncipe*, porque ele exigiu, de forma oportuna, ser o *cabeça*

como preço pela ajuda que daria aos israelitas como comandante. E, no final, tornou-se ambos.

As *palavras* de Jefté *perante o Senhor* são uma estranha mistura de fé e tolice. Mesmo que Jefté tivesse reconhecido Deus neste contexto e mais adiante (Jz 11.21,23,27,30,31; 12.3), seus interesses pessoais e sua leviandade atropelaram sua fé. O livro de Hebreus traz uma visão mais positiva de Jefté do que o de Juízes: Gideão, Baraque, Sansão, Jefté e outros são listados como exemplos daqueles que *pela fé, venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões* (cf. Hb 11.32,33). Indiscutivelmente, eles demonstraram a fé a qual permitiu que Deus subjugasse reinos por intermédio destes homens. Contudo, o livro de Juízes revela, de forma bastante clara, algumas de suas pouco admiráveis características.

11.12-28 — Esta longa passagem trata das negociações diplomáticas entre Jefté e os amonitas: uma ampla e impressionante conversa de Jefté com o rei de Amom, estabelecida por intermédio de mensageiros. Neste diálogo, Jefté responde às acusações feitas contra Israel. Os dons verbais do *cabeça* de Israel são facilmente perceptíveis neste trecho. Além disso, é interessante notar que o nome Jefté [*Yiphtach*] significa *ele abre*.

*Tomou a minha terra.* Os amonitas alegavam que Israel tomara seu território, e, em relação a isso, Jefté respondeu com uma cuidadosa réplica. Ele declarou que o *SENHOR*, o próprio Deus de



## APLICAÇÃO

### SUPERANDO UM COMEÇO DIFÍCIL

As sociedades possuem a tendência de colocar poucas expectativas e, algumas vezes, até uma evidente hostilidade em relação às crianças nascidas fora do contexto do casamento. Este foi o caso de Jefté (Jz 11.1).

Jefté, fruto do relacionamento de seu pai com uma prostituta, não foi apenas excluído, mas também expulso de uma família mais *respeitável* (Jz 11.2). Jefté voltou-se, então, para uma vida de criminalidade (Jz 11.3), fato não muito agradável, embora ele e seu bando tivessem, provavelmente, incomodado mais os amonitas do que os israelitas.

A ironia na vida de Jefté ocorreu quando os israelitas se depararam com Amom. Na ocasião, os líderes de sua terra natal foram procurar Jefté para fazer com que este os libertasse. O gileaditas não ofereceram desculpas; eles meramente apelaram por ajuda. Jefté concordou em auxiliá-los após negociar suas condições (Jz 11.9-11), e Deus lhe deu a vitória (Jz 11.33).

A vida de Jefté ilustra o fato de que o Senhor pode passar por cima de qualquer acontecimento e usar as circunstâncias para *cumprir Seus propósitos*.

Israel, havia desapossado os povos (Jz 11.21,23,24), e Israel não era um agressor, mas um mero receptor da generosidade do Senhor. Os amonitas tinham gerado infortúnios sobre si mesmos quando obstruíram o avanço de Israel em direção à Terra Prometida. Israel não tomaria a terra amonita, visto que Deus ordenou expressamente que eles não o fizessem (Dt 2.19). Posteriormente, Seom, o rei dos amorreus, conquistou o território dos amonitas (Nm 21.26) e, em seguida, Israel tomou a terra de Seom (Nm 21.25). Assim, os amonitas foram afetados indiretamente com a expansão de Israel. Além disso, os amonitas nunca reivindicaram de fato a área, que estava verdadeiramente na posse dos amorreus (Jz 11.19-22). O perímetro da terra dos amorreus, no versículo 22, é precisamente o que os amonitas reclamavam como deles no versículo 13 (o texto de Nm 21.24 também refuta a exigência amonita). Ademais, Israel ocupava a área em questão por, pelo menos, 300 anos, tempo suficiente para que eles já tivessem tentado reconquistá-la (Jz 11.26). Jefté terminou seu discurso com um apelo para que Deus julgasse as exigências adversárias (Jz 11.27).

**11.13-17** — A revisão do passado neste e nos versículos seguintes relembra os acontecimentos no deserto descritos em Números 20.14-21.

**11.18-24** — *Que Quemos* [Camos, na NVI], *teu deus, desapossasse de diante de ti*. Este era um irônico golpe na divindade dos amonitas. Jefté queria dizer que o Deus de Israel dera a Seu povo um amplo território, enquanto Quemos, o deus dos amoneus, não fizera nada por eles. A referência a Quemos, como um deus amonita, é inesperada, visto que, em outras partes, o deus amonita é nomeado de Moloque (1 Rs 11.7) ou Milcom (1 Rs 11.5,33; 2 Rs 23.13). Quemos é normalmente

associado aos moabitas (1 Rs 11.7,33). Entretanto, Amom e Moabe estavam lado a lado e compartilhavam uma herança comum: ambas as nações descendiam de Ló (Gn 19.37,38). Os dois povos são, geralmente, mencionados juntos (Jz 3.12,13; 11.15; Dt 2.18,19; 23.3-5). É possível que tais nações dividissem conceitos culturais e religiosos, incluindo a adoração a Quemos.

**11.25,26** — *Trezentos anos*. Este pode ser um período aproximado, mas, ainda assim, mostra uma importante pista para determinar a data do Êxodo e o conhecimento do tempo que durou o período dos juízes.

**11.27,28** — *O Senhor, que é juiz*. Este é o único lugar em Juízes no qual um indivíduo sozinho é chamado de juiz. De forma significativa, ele é Deus, que fundamentalmente foi — e é — a Fonte de toda justiça. Ele possui o direito de julgar cada homem e cada mulher. É a divina autoridade e sempre julga com justiça, enquanto também é amoroso, piedoso e perfeito.

**11.29-40** — O conflito com os amonitas terminou com a vitória de Jefté, auxiliado pelo Espírito do Senhor (v. 29,32,33). Contudo, a narrativa centra-se no seu imprudente voto (v. 30,31,34-40). Pensando que podia induzir Deus a ajudá-lo, Jefté prometeu sacrificar ao Senhor a primeira pessoa que fosse ao encontro dele quando estivesse retornando vitorioso para casa (v. 30,31). Seu voto impensado demonstrou claramente a falta de fé de Jefté, uma vez que ele acreditava que Deus só interviria em favor dele e de seu interesse (v. 9,27) por causa do sacrifício que lhe ofereceria. Mas note que o Espírito do Senhor veio sobre Jefté bem antes de ele fazer tal promessa (v. 29), sendo esta desnecessária. O trágico resultado do voto de Jefté foi o sacrifício de sua única filha.



## VOCE SABIA?

### SEGUINDO O CAMINHO DO REI

Preparando-se para lutar com os amonitas, Jefté viajou da parte norte do território de Manassés, em Gileade sul, a Mispa de Gileade (Jz 11.29). Mispa era provavelmente a cidade levita de Ramote-Gileade, um importante centro comercial. Estava localizada em um caminho movimentado, chamado de caminho de Basã, que era a extensão norte da principal rota norte-sul conhecida como o caminho do rei ou *estrada real* (Nm 20.17).

11.31-34 — Alguns estudiosos interpretam o voto de Jefté, *aquilo (ou aquele) que, saindo da porta de minha casa*, como uma clara intenção de oferecer um sacrifício humano. Sua surpresa, então, não foi o fato de ter de oferecer alguém, mas, sim, ter de oferecer, infelizmente, a própria filha. A expressão *me sair ao encontro* parece fazer alusão mais apropriadamente a um ser humano do que a um animal, e é difícil enxergar, neste contexto, que Jefté tentaria persuadir Deus com a oferta do sacrifício comum de um animal. Sem sombra de dúvida, Jefté sabia que o sacrifício humano fora estritamente proibido em Israel (Lv 18.21; 20.2; Dt 12.31; 18.10; Jr 19. 5; Ez 20.30,31; 23.37,39), mas sua tolice e falta de fé o impulsionaram a fazer um voto levianos a fim de tentar manipular o Senhor (Jz 11.39).

11.35 — A expressão *abri a minha boca* literalmente quer dizer *eu dei a minha palavra*. À luz de seu eloquente discurso para o rei dos amonitas (Jz 11.15-27), é irônico constatar que Jefté abriu a boca, mais uma vez, para fazer tal voto. Mas, ele realmente precisava cumprir esta promessa? De forma geral, a resposta seria sim. Os votos eram feitos apenas para Deus e tinham a conotação de promessas solenes, as quais precisavam ser cumpridas. As pessoas não eram forçadas a se comprometerem com um voto, porém, uma vez feito o juramento, o compromisso deveria ser honrado (Dt 23.21-23; Sl 15.4; Ec 5.4,5). Entretanto, Jefté prometeu algo pecaminoso na própria origem, se a intenção tivesse sido mesmo a de oferecer um sacrifício humano, no sentido literal.

11.36-40 — Aqueles que acreditam que Jefté pretendia sacrificar um ser humano devem também refletir se ele executou seu voto. O texto não fala explicitamente se Jefté matou sua filha, apenas que ele *cumpriu nela o seu voto que tinha feito*. O versículo continua e diz que a filha *não conheceu varão*. Algumas pessoas acreditam que a menina foi “sacrificada”, tendo a vida dedicada à virgindade perpétua. Vários argumentos podem ter origem nesta interpretação.

Primeiro, o sacrifício humano era contrário à Lei de Moisés (Lv 18.21; 20.2-5; Dt 12.31; 18.10). Até os perversos reinados de Acaz e Manassés,

séculos mais tarde (2 Rs 16.3; 21.6), não houve registro na Bíblia de sacrifício humano em Israel. Segundo, o grande respeito que Jefté tinha por Deus, certamente, iria impedi-lo de fazer uma oferta desse nível de perversidade. Terceiro, o fato de Jefté ter permitido que sua filha chorasse pela virgindade (Jz 11.37,38) por dois meses se encaixa à explicação da virgindade eterna mais do que a do sacrifício humano. Quarto, a indicação de que a filha *não conheceu varão* também parece ser um detalhe que sustenta a ideia do celibato. Quinto, a Bíblia apresenta evidências de que esse serviço devocional para as mulheres, de fato, existia no santuário central (Êx 38.8; 1 Sm 2.22; Lc 2.36,37). Na antiga sociedade israelita, o pai tinha o poder de proibir as filhas de se casarem. Sexto, a conjunção *e* na declaração principal de Jefté, no versículo 31, de que *aquilo que, saindo da porta da minha casa, isso será do SENHOR, e o oferecerei* pode ser traduzida como *ou*. Assim, se fosse uma pessoa que saísse da casa, ele iria dedicá-la ao Senhor, ou, se fosse um animal, Jefté iria oferecê-lo em holocausto.

12.1-7 — O episódio final, no qual a tribo de Efraim estava enraivecida porque foi deixada para trás na batalha, é similar ao incidente em que a mesma tribo criticou Gideão (Jz 8.1-3). Entretanto, no primeiro acontecimento, Gideão apaziguou Efraim, enquanto que, no segundo, Jefté não agiu da mesma forma, e uma guerra civil começou. Os filhos de Efraim foram derrotados, e a tribo não desempenhou um papel importante na subsequente história de Israel.

12.2-4 — *Fugitivos sois de Efraim*. Este é o insulto que deflagrou a guerra civil. A ofensa pode ter suas raízes na divisão da tribo em um grupo do leste e um do oeste (Jz 5.17; Js 1.12-15). Apesar da ênfase no livro de Josué acerca da unidade de todas as tribos (Js 1.12-15; 22.1-34), a realidade no período dos juízes era drasticamente diferente. Como em tantos outros quesitos, a vida das tribos também deteriorou neste.

12.5 — *Os vauis do Jordão* eram pontos de travessia de grande valor militar e estratégico. Anteriormente, os israelitas, sob a liderança de Eúde, tomaram os lugares de passagem e os usaram





## LOCALIZE-SE

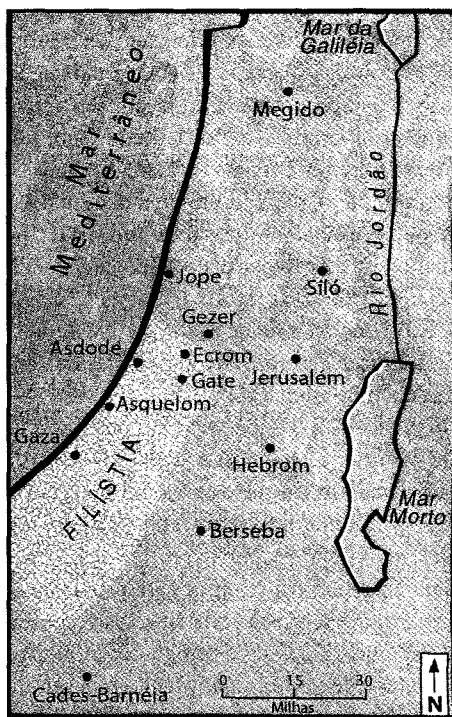
### Os FILISTEUS

O conflito entre os israelitas e os filisteus que precedeu o nascimento de Sansão (Jz 13.1) foi um dos muitos que aconteceram envolvendo os dois povos ao longo da história bíblica. Provavelmente, nenhum outro grupo incomodou tanto os israelitas quanto seus vizinhos da costa Mediterrânea sul-oeste, uma terra conhecida como Filístia.

É difícil de dizer com certeza em qual lugar os filisteus se originaram. Eles foram os descendentes de Cam, filho de Noé, por intermédio de seu filho Mizraim e seus descendentes, os casluítas (Gn 10.13,14). O nome *filisteus* foi usado pelo Faraó Ramsés III para designar um dos povos do mar, uma coalizão de invasores, repelida em uma batalha naval por volta de 1188 a.C.

A Bíblia comumente associa os filisteus à terra de Cafitor, isto é Creta, e aos seus habitantes, os cafitóritas (1 Cr 1.12; Jr 47.4; Am 9.7). Isso é compatível com a concepção de que, enquanto os gregos se mudaram para a área do Egeu, por volta de 1500 a.C.; os filisteus e os outros povos do mar migraram para o sul e para o leste. Alguns deles, conseqüentemente, assentaram-se na parte sudoeste da costa de Canaã. Aparentemente, esta migração ocorreu em dois turnos. Um antigo rei filisteu, Abimeleque de Gerar, foi conhecido por Abraão e Isaque (Gn 20; 21; 26). No tempo do Êxodo, um segundo grupo de pessoas chegou e estabeleceu as cinco principais cidades-estado que constituíram Filístia: Ecrôm, Asdode, Gate, Asquelom e Gaza.

Possuindo armas de ferro, as quais era superiores ao armamento dos israelitas, os filisteus foram deixados em território israelita após a conquista da terra sob a liderança de Josué. Na verdade, Deus usou os ataques para disciplinar Seu povo e fazer com que este voltasse para a aliança (Jz 3.1-3). Entretanto, as investidas tinham vida curta. No tempo de Eli, o juiz, os israelitas tolaemente carregaram a arca da aliança para a batalha, e os filisteus a capturaram (1 Sm 4). A arca foi, por fim, recuperada, mas a ameaça filisteia continuou por séculos até a queda de Jerusalém em 586 a.C.



contra os moabitas (Jz 3.28,29). Sob a liderança de Gideão, eles se apoderaram das águas do Jordão, outro nome dado para o mesmo lugar (Jz 7.24).

**12.6,7** — *Chibolete* [...] *sibolete*. O teste inventado pelos gileaditas para surpreender os efraimitas é o exemplo mais famoso na Bíblia em relação às diferenças linguísticas entre as tribos [hoje, a palavra *xilobete*, conforme informa o Dicionário Houaiss, indica *um sinal ou senha de identificação*]. Os gileaditas escolheram esta palavra porque seu fonema inicial era pronunciado com som do *ch* por um dos lados e, com som do *s*, pelo outro.

**12.8-10** — *Ibsã*, o nono juiz de Israel, permitiu que seus 30 filhos e suas 30 filhas se casassem com

estrangeiros (Jz 12.9). É interessante notar que o juiz que antecedeu e o que se seguiu a Jefté, que não tinha filhos homens, tiveram ambos 30 filhos.

**12.11,12** — *Elom* foi o décimo juiz.

**12.13-15** — *Abdom* foi o décimo primeiro juiz, e como *Jair* e *Ibsã*, teve muitos filhos. Ele também possuía riquezas.

**13.1 — 16.31** — *Sansão*, o último dos juizes, viveu no começo do século 11 a.C. e foi diferente dos outros líderes por várias razões. Ele não comandou um exército, mas lutou sozinho contra os filisteus. Embora seja mencionado em Hebreus 11.32 na lista dos juizes que executaram grandes tarefas mediante a fé, o livro dos Juizes pinta um

quadro obscuro deste homem que violou vários dos Dez Mandamentos e também seu voto de nazireu (Jz 13.5). A história de Sansão finaliza a passagem dos juízes, e sua diferente narrativa de heroísmo e seu fracasso moral assemelham-se aos problemas de Israel nesta época. Embora achemos exemplos de obediência e humildade em sua vida (Jz 15.18; 16.28,30), a maior parte dela foi um encadeamento de aventuras negligentes, com nenhuma preocupação real em seguir o Senhor.

**13.1-25** — A história de Sansão começa tipicamente com as declarações acerca das condições pecaminosas de Israel, mas o restante do capítulo 13 continua com uma longa introdução da vida do último dos juízes, detalhando o encontro entre os pais de Sansão e o Anjo do Senhor, que anuncia o nascimento da criança e sua missão. O Anjo enfatiza a exigência do voto de nazireu, o qual Sansão deveria seguir para o resto da vida. A impressão é a de que o narrador queria certificar-se de que o leitor entendesse que a vida e as realizações de Sansão estavam sob a proteção, orientação e provisão divinas.

**13.1,2** — *Zorá* localizava-se no sopé das montanhas a oeste de Jerusalém, perto do território filisteu, nas terras que separavam a planície filisteia da área montanhosa de Judá. Manoá, pai de Sansão, era da tribo de Dã, em cujo território *Zorá* estava (Js 19.41). O lugar também é mencionado na herança de Judá (Js 15.33), indicando que *Zorá* ficava junto à fronteira entre as tribos.

**13.3** — O *Anjo do Senhor* fez uma aparição sobrenatural, descrita aqui como *terribilíssima* (Jz 13.6). A esposa de Manoá reconheceu-o como *um homem de Deus* (v. 6). Entretanto, seu caráter essencial, personificado em seu Nome, não deveria ser revelado a eles (Jz 13.6,17,18). Isso pode indicar que o Anjo era o próprio Deus (Êx 3.14,15) ou seu representante divino (Jz 2.1).

**13.4,5** — O Anjo declarou que o filho da mulher deveria ser um *nazireu* de nascença para o resto da vida. A regulamentação acerca desse voto é encontrada em Números 6.1-21. Qualquer homem ou mulher poderia fazer a promessa de separação a Deus. O voto era voluntário (Nm 6.2), tinha duração limitada (Nm 6.5,8,13,20) e incluía

mais três exigências: (1) abstinência de vinho, bebidas fermentadas e fruta da videira; (2) não cortar o cabelo e (3) não ter contato com mortos (Nm 6.3-8). O nazireu que ficasse impuro teria de passar por elaborados rituais de limpeza (Nm 6.9-21). Observe que tanto Sansão quanto sua mãe deveriam seguir o regulamento (Jz 13.4,5,7).

O serviço nazireu de Sansão foi notável por causa de três fatores. Primeiro, ele não fez o voto voluntariamente. Este foi exigido antes de seu nascimento (Jz 13.5,7). Segundo, seu voto deveria ser para toda a vida, e não temporário (Jz 13.5,7). Terceiro, ele quebrou cada uma das exigências: sua cabeça foi rapada (Jz 16.17,19), teve associação com a morte (Jz 14.6-9; 15.15) e bebeu em sua festa de casamento (Jz 14.10-20). A palavra hebraica para *banquete* [*mishteh*] em Juízes 14.10 está relacionada ao termo que significa *bebida* e alude a uma grande boda com bebidas. O anúncio de que ele começaria a *livrar a Israel da mão dos filisteus* era uma notícia bem-vinda. Os filisteus haviam sido um incômodo para Israel por muitos anos. O sucesso de Sansão, no entanto, provaria ser temporário, visto que os filisteus permaneceram como adversários dos israelitas durante a época de Samuel, Saul e Davi (1 Sm).

**13.6-13** — O termo *homem de Deus* foi usado para os profetas em outras partes do AT, incluindo Moisés (Dt 33.1; Js 14.6), um profeta anônimo que falou com Eli a respeito de seus filhos (1 Sm 9.6-10), Samuel (1 Sm 9.6-10), Elias (1 Rs 17.18,24), Eliseu (cerca de 35 vezes), dentre outros. A princípio, a mãe de Sansão pensou que estivesse falando com um profeta, mas o aparecimento impressionante a convenceu de outra coisa. Durante todo esse episódio, o homem de Deus *não disse o seu nome* (Jz 13.16-18).

**13.14,15** — As exigências para o voto de nazireu de Sansão foram, de certa forma, incomuns (Jz 13.5). A mãe da criança também deveria cumprir um rigoroso ritual (Jz 13.4).

**13.16** — Um comentário do narrador neste versículo nos diz mais do que os personagens da história sabiam (Jz 14.4; 16.21).

**13.17,18** — É *maravilhoso*. O termo usado aqui está relacionado com a palavra hebraica



## PERFIL

### DONS DE DEUS SEM A BÊNÇÃO DIVINA

O livro de Hebreus cita Sansão como um herói da fé (Hb 11.32), uma honra que, aparentemente, conflita com sua imagem em Juízes. Por exemplo, ele foi conhecido por seu envolvimento com Dalila, fato que causou sua ruína. Além disso, na condição de nazireu, ele era obrigado a se afastar do contato com os mortos, abster-se do álcool e dos frutos da vinha e não usar nenhuma lâmina em sua cabeça. Sansão violou claramente a primeira instrução (Jz 14.8,9,19; 15.8,15), da mesma forma que infringiu a segunda e acabou também transgredindo a terceira (Jz 16.13-17).

Entretanto, essas falhas devem ser observadas na perspectiva da pouca e terrível moral reinante e das tendências espirituais da época de Sansão (Jz 13.1; 21.25). Ele, de fato, agiu com fé no momento de sua morte, orando a Deus para que lhe desse forças para derrubar o templo sobre seus inimigos (Jz 16.28-30). Dessa forma, Sansão não apenas destruiu o santuário de Dagom, mas matou mais filisteus do que nunca, muitos dos quais faziam parte da classe dominante.

Sansão também demonstrou que é possível vivenciar os dons e o poder de Deus sem a Sua bênção. O Senhor concede habilidades às pessoas, a fim de que elas cumpram Seus propósitos, mas isso não garante, de forma alguma, que elas buscarão conhecê-lo ou seguir Seus caminhos. Balaão, por exemplo, foi capacitado por Deus para abençoar Israel, mesmo tendo uma vida espiritual falida. Da mesma forma, Deus pôde, até mesmo, falar por meio da jumenta de Balaão (Nm 22.28), mas isso dificilmente possibilitou que o animal desfrutasse da presença divina.

Sansão é um lembrete sério de que uma grande habilidade não é a mesma coisa que uma grande fé. Como Paulo demonstrou, uma pessoa pode falar *as línguas dos homens e dos anjos* (1 Co 13.1), mas, ainda assim, ter uma vida vazia de amor.

[pala'] para designar *maravilhas* (Jz 6.13). O nome do Anjo era muito sublime para ser compreendido, por isso, Ele não o revelou aos pais de Sansão. Imediatamente após isso, *agiu o Anjo maravilhosamente*, subindo aos céus na chama (Jz 13.19,20).

**13.19-22** — Quando *Manoá* descobriu que o homem era o *Anjo do Senhor*, temeu pela sua vida e pela de sua esposa, porque eles haviam visto Deus. Gideão expressou um temor semelhante quando reconheceu o Anjo do Senhor (Jz 6.22).

**13.23,24** — O nome Sansão está relacionado à palavra hebraica *Shimshon*, a qual significa *como o sol*, embora a narrativa não faça nenhum comentário a respeito disso. A escolha do nome pode ter sido influenciada pelo fato de ter havido uma cidade chamada Bete-Semes perto de Zorá, a terra natal de Sansão, ou talvez tivesse relação com o deus-sol, Shamash. O *Senhor o abençoou* é um dos poucos comentários do narrador na trajetória de Sansão. Na maior parte da narrativa, o autor relata os acontecimentos sem qualquer esclarecimento, deixando apenas que os detalhes falem por si próprios.

**13.25** — *E o Espírito do Senhor o começou a impelir*. A palavra hebraica [pa'am] traduzida como *impelir* também pode significar *mover*. O

Espírito do Senhor estava estimulando Sansão a desempenhar a tarefa que Deus queria que ele fizesse (Jz 14.4). O verbo neste contexto é diferente do que aparece em Juízes 14.6, que é traduzido como *apossar*.

**14.1 — 16.31** — Os feitos reais de Sansão dividem-se em duas partes (Jz 14.1 — 15.20 e 16.1-31), cada uma atingindo seu auge com a destruição em massa dos filisteus. Na primeira parte, o Espírito de Deus *se apossou* dele três vezes. É importante notar que isso não acontece no capítulo 16, quando Sansão agia mais por conta própria e não muito em benefício do Senhor. Encontramos dez feitos específicos de força e heroísmo: (1) o abatimento do leão (Jz 14.5-9); (2) a matança dos 30 filisteus (14.19); (3) a queima dos campos (15.4-6); (4) outra matança de filisteus (15.7,8); (5) a fuga das cordas e a matança de mil filisteus (15.14-17); (6) o incidente do portão de Gaza (16.3); (7) o rompimento das tiras de couro (16.9); (8) o escape das novas cordas (16.12); (9) a fuga das lançadeiras (16.14); (10) a destruição dos três mil filisteus (16.28-30).

**14.1 — 15.20** — Os episódios, nesta primeira seção, concentram-se no casamento de Sansão com uma mulher filisteia e no ciclo de ofensa e

retaliação que o cerca. O matrimônio com estrangeiros era proibido para os israelitas (Êx 34.16; Dt 7.3). A exigência de Sansão por tal esposa afrontava a tradição na qual os pais arrumavam o casamento (Jz 14.2,3). Apesar da desobediência de Sansão e sua vida negligente, Deus pretendia usá-lo para atender aos seus propósitos contra os filisteus (Jz 14.4), que dominavam Israel naquele tempo. Era o Senhor (e não outro) que, no final das contas, deveria reinar sobre Israel.

**14.1** — *Timna* era uma cidade na fronteira noroeste de Judá (Js 15.10) e fazia parte do território da tribo de Dã (Js 19.43). No tempo de Sansão, a cidade estava ocupada pelos filisteus. A saga desse juiz de Israel desdobra-se nas planícies costeiras onde os filisteus viviam, nas terras baixas e nos sopés das montanhas perto de Jerusalém.

**14.2** — Os casamentos com estrangeiros eram contra a Lei.

**14.3** — Os filisteus eram vizinhos dos israelitas, mas estiveram quase sempre em guerra contra eles. Os estrangeiros não praticavam a cerimônia de circuncisão. Ser incircunciso aparece várias vezes nas Escrituras como uma causa para o desdém e o menosprezo (Jz 15.18; 1 Sm 14.6; 17.26,36; 18.25; 31.4; 2 Sm 1.20; 1 Cr 10.4).

*Ela agrada aos meus olhos.* Esta expressão é, literalmente, *ela é adequada a meu ver*. Tais palavras são geralmente usadas para descrever uma pessoa ou uma ação que satisfaz os olhos de Deus (Dt 6.18; 12.25). A declaração de Sansão revelou sua atitude egoísta. Em vez de procurar servir ao Senhor, ele buscou agradar a si mesmo. O comentário dele neste contexto prenuncia o sumário do autor para todo esse período em Juízes 17.6; 18.1; 19.1 e 21.25.

**14.4** — O narrador adiciona a informação de que os pais de Sansão *não sabiam que isto vinha do Senhor*. Deus poderia usar o desejo provocador de Sansão como uma forma de derrotar os filisteus e prover o alívio para seu povo. (Para saber mais sobre as cinco maiores cidades dos filisteus e seus governantes, leia Josué 13.3.)

**14.5-20** — Em sua festa de casamento, Sansão desafiou seus 30 acompanhantes com um enigma. O mistério foi baseado em seu surpreendente

feito de ter abatido um leão com as próprias mãos. Os convidados não puderam responder ao desafio, pedindo assim ajuda à esposa de Sansão, e esta revelou a resposta para os homens. Enfurecido, Sansão matou 30 filisteus em Asquelom [*Ascalom*, na NVI] para obter as vestes de que precisava para pagar a promessa a seus companheiros. Entretanto, durante sua ausência, sua esposa foi dada ao seu amigo.

**14.6,7** — *O Espírito do Senhor se apossou dele.* No Antigo Testamento, há 39 referências ao *Espírito do Senhor* ou ao *Espírito de Deus*, bem como várias outras citações, tais como *seu Espírito* ou *o Espírito dele* ou *o Espírito*. O AT fala inúmeras vezes do Espírito de Deus apossando-se dos indivíduos, em geral, para capacitá-los na realização de um grande feito em que se exige força. Outros juízes receberam esse poder: Otniel (Jz 3.10), Gideão (Jz 6.34) e Jefté (Jz 11.29). Contudo, o Espírito habilitou outras pessoas para a importante tarefa de proferir a Palavra de Deus (Gn 41.38; Nm 24.2; 1 Sm 10.6,10; 19.20,23; 2 Sm 23.2). Provavelmente, a mais importante manifestação do Espírito no AT foi a presença espiritual contínua. O trecho de 1 Samuel 16.13 estabelece que o Espírito viveu com Davi daquele dia em diante, e isso é confirmado pela declaração de Davi no Salmo 51.11: *Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo*. Este tipo de presença contínua do Espírito é algo que o Novo Testamento enfatiza.

**14.8,9** — Tocar o leão morto violou o voto de nazireu de Sansão (Jz 13.5).

**14.10,11** — A palavra *banquete* denota uma festa em que há bebida, outra violação do voto de nazireu de Sansão (Jz 13.5).

**14.12,13** — A expressão hebraica *eu vos darei um enigma a adivinhar* é lida no original literalmente como *eu vos darei um enigma a adivinhar o enigma*, usando a repetição com o objetivo de ganhar a atenção do leitor. A palavra hebraica *cadiyn* [traduzida como *camisas*, na versão ARA; *vestes de linho*, na NVI, e *lençóis*, na ARC] não é o termo comumente usado para roupas, e aparece três vezes na Bíblia: neste contexto e em outros dois trechos. Em Provérbios 31.24 e Isaías 3.23,

o vocábulo faz referência ao linho fino usado ou vendido pelas mulheres. A oferta de Sansão era extravagante, dado o valor de tais produtos. A palavra hebraica *chaliyphah* para referir-se a *muldas* de vestes é usada em Gênesis 45.22 e 2 Reis 5.22, fazendo alusão a presentes de valor.

**14.14** — Este é o melhor exemplo de enigma nas Escrituras. O vocábulo hebraico *chiydah*, que significa *enigma*, ocorre 22 vezes na Bíblia, 11 delas em Juízes, capítulo 14. A rainha de Seba propôs enigmas a Salomão (1 Rs 10.1), e Daniel tinha habilidade na interpretação de *sonhos*, explicação de *enigmas*, e solução de *dúvidas* (Dn 5.12).

**14.15** — *Ao sétimo dia*. Algumas traduções apresentam *ao quarto dia*, dentre elas, destacamos a NVI. A diferença é de apenas uma letra na palavra em hebraico, e a troca pode ter facilmente ocorrido à medida que os escribas copiavam os manuscritos antigos. Em tese, *quarto* encaixa-se melhor ao contexto, porque, no versículo 14, são mencionados três dias de adivinhações infrutíferas.

**14.16,17** — A esposa de Sansão implorou-lhe por *sete dias* para conhecer o segredo do enigma, pois estava ciente da ameaça feita pelos jovens homens.

**14.18** — A palavra hebraica *charcah* para referir-se a *sol* neste contexto não é a usada comumente. Talvez, o termo menos comum fora escolhido a fim de evitar a *confusão* com o nome de Sansão, que se assemelha ao vocábulo usual para *sol* (Jz 13.24). A declaração de Sansão expressa sua indignação, pois os homens não foram honestos com ele ao perguntarem a solução do mistério para sua esposa.

**14.19** — *Asquelom* era uma das cinco principais cidades dos filisteus.

**14.20** — *Ao seu companheiro, que o acompanhava*. A palavra hebraica *merea'* significa *amigo*. O mesmo homem é citado em Juízes 15.2.

**15.1-20** — Como Sansão não conseguiu encontrar a esposa, ele revidou incendiando os campos filisteus e usou 300 raposas para tal (Jz 15.1-5). Em resposta, os filisteus queimaram sua esposa e seu sogro até a morte. Então, Sansão matou mais filisteus (Jz 15.6-8). O ciclo de retaliação continuou, e os filisteus foram para Judá



## EM FOCO

### ENIGMA (HB. CHIDAH)

(Jz 14.12,19; Pv 1.6; Hc 2.6)

O significado principal desta palavra é *dizer enigmático*. Na história de Sansão, o enigma é usado em uma disputa de juízos. O livro de Provérbios atribui os dizeres enigmáticos aos sábios (Pv 1.6). Quando a rainha de Sabá testou a inteligência de Salomão, suas perguntas foram descritas utilizando este mesmo termo hebraico (1 Rs 10.1; 2 Cr 9.1). Na confrontação do Senhor com Miriã e Arão, Deus descreve a si mesmo como *falando em figuras* (o mesmo termo hebraico) com profetas, mas *boca a boca* com Moisés (Nm 12.6-8). Talvez, Paulo tivesse este último conceito em mente quando advertiu os coríntios que, mesmo alguém com capacidade de entender todos os mistérios, não significaria nada se esta pessoa não possuísse o amor de Deus (1 Co 13.2).

(Jz 15.9,10). Os homens de Judá, não querendo envolver-se no que consideravam uma disputa pessoal, entregaram Sansão aos filisteus (Jz 15.11-13). A primeira seção termina com o Espírito do Senhor apossando-se de Sansão e capacitando-o para se livrar das amarras e matar mil filisteus (Jz 15.14-17). Depois disso, Sansão rogou a Deus pela primeira vez, e o Senhor atendeu ao seu pedido, dando-lhe água para beber (Jz 15.18,19).

**15.1-3** — *A sega do trigo* dava-se no final de maio e começo de junho. A colheita do trigo estava associada ao segundo dos três grandes festivais em Israel, a Festa das Semanas, também conhecida como Pentecostes (Lv 23.15-22; Dt 16.9-19). Sansão foi visitar sua esposa com um cabrito, levado como presente. Tamar também recebeu tal regalo por ter tido relações sexuais com Judá (Gn 38.17).

**15.4** — *As trezentas raposas* provavelmente eram chacais. Os dois animais são similares, e a mesma palavra hebraica [*shu'al*] é usada para ambos. As raposas são animais solitários, enquanto os chacais andam em bandos e uma grande quantidade deles poderia ser capturada facilmente.

**15.5** — *E assim abrasou os molhos com a sega do trigo*. Os molhos são fardos de trigo empilhados juntos nos campos. Os chacais de Sansão queimaram plantações inteiras de cereal, vinhas e oliveiras.

Tal dano, naturalmente, afrontou os filisteus. De acordo com a Lei, qualquer um que pusesse fogo nas plantações alheias teria de pagar a restituição (Êx 22.6). Em outra época, Absalão colocou fogo nas plantações de Joabe, a fim de chamar sua atenção e conseguir uma audiência com o rei. Joabe, então, reagiu com raiva (2 Sm 14.28-32).

**15.6** — *Subiram os filisteus e queimaram a ela e a seu pai.* Os filisteus consideraram a esposa e o sogro de Sansão culpados pelo feito e mataram os dois. Sansão e sua mulher tinham escapado anteriormente da morte, pois ela dera a resposta do enigma aos companheiros de Sansão (Jz 14.15).

**15.7,8** — O sentido exato da expressão *perna juntamente com coxa* é obscuro. As palavras anteriores — *feriu-os com grande ferimento* —, talvez, aproximem-nos do sentido real, sugerindo que Sansão não apenas os matou, mas também os desmembrou. Pode ser que a expressão *perna e coxa* tenha-se originado na arte da luta, em que a força bruta como a de Sansão era de grande valia. A rocha de *Etã* é desconhecida, mas o fato é que Sansão obviamente achou um lugar seguro para se esconder. Provavelmente, esse lugar era uma caverna que possuía um acesso estreito através de uma fissura por entre os rochedos perto de Zorá.

**15.9** — *Lei* significa *queixada* [mandíbula], nome que o lugar recebeu após Sansão ter matado mil filisteus com o osso maxilar de um jumento (Jz 15.15,17).

**15.10-13** — *Duas cordas novas.* As cordas eram feitas de couro, pelos ou fibras de plantas. Fabricava-se uma amarra bastante comum com fibra do linho (Js 2.6). A referência, no capítulo 14, às cordas que *se tornaram como fios de linho que estão queimados* indica que este foi o material usado. Sendo novas, as cordas eram suficientemente resistentes.

**15.14,15** — Uma queixada fresca era resistente, dura e muito difícil de quebrar.

**15.16-18** — *Dois montões.* Este é um jogo de palavras da língua original, visto que o vocábulo hebraico para *montes* assemelha-se com o termo para *jumentos*. Uma expressão similar a usada aqui é encontrada em Êx 8.14, onde se

menciona que as rãs da segunda praga foram empilhadas em montes.

**15.19,20** — A *Fonte do que clama* [En-Hacoré, na NVI] é a designação que faz referência ao chamado de Sansão pelo Senhor no versículo 18 (*clamar* quer dizer literalmente *chamar pelo*, e é a mesma palavra usada para o nome neste contexto).

**16.1-31** — O capítulo 16 apresenta a conclusão das histórias de Sansão. A relação de Sansão com mais duas mulheres filisteias é detalhado nesta passagem. Os versículos 1-3 falam de uma noite com uma prostituta em Gaza, e, em seguida, outra demonstração de força. Os versículos 4-22 registram seu tolo envolvimento com Dalila, que o levou à ruína. Contudo, a narrativa termina com a destruição dos filisteus em seu templo pagão executada por Sansão.

**16.1** — *Gaza* é uma das cinco principais cidades filisteias que ficava a cerca de 5 km da costa do Mediterrâneo.

*Uma mulher prostituta* [*ishshah*]. Três palavras hebraicas são comumente usadas para prostitutas. Uma é *ishshah* [neste versículo]; a outra é *qadesh*. Ambas são usadas para aludir à prostituição cultual praticada pelos sacerdotes e sacerdotisas que tinham relações sexuais como forma de culto aos deuses pagãos (1 Rs 14.24; Os 4.14). O outro termo alude à meretriz comum [*zanah*], tal qual aquela com quem Sansão teve relações neste trecho.

**16.2** — *À porta lê-se originalmente na porta.* Os portões do começo da Idade do Ferro tinham a altura de, pelo menos, dois pavimentos, com postos de vigia em cada lado de uma abertura estreita. Os filisteus esperaram em recuos do portão, na esperança de pegar Sansão em uma armadilha. Ele, evidentemente, passou despercebido enquanto os filisteus aguardavam em seus postos.

**16.3** — Considerando o tamanho das portas das cidades, o feito de Sansão foi surpreendente. Hebrom ficava a 65km a leste de Gaza, e a ida de Sansão ao topo de uma colina que fica defronte a Hebrom deve ter tomado grande parte de um dia.

**16.4-22** — A passagem da ruína de Sansão mostra Dalila cooperando com os líderes dos filisteus que queriam capturá-lo. Após três



## EM FOCO

## LIBERTAÇÃO (HB. TESHU'AH)

(Jz 15.18; 1 Sm 19.5; 2 Rs 13.17; Pv 21.31)

O significado fundamental deste termo é *vitória* ou *segurança*. Nas Escrituras, o livramento é quase sempre creditado a Deus, que é frequentemente louvado pelos salmistas por Seus feitos miraculosos (Sl 51.14,15; 71.14,15). Em toda parte, o povo de Deus é lembrado que a libertação não é encontrada em cavalos (Sl 33.17) ou na capacidade das pessoas (Sl 108.12; 146.3). A salvação só é achada no Senhor (Lm 3.26; Jr 3.23). Chegará o dia em que Deus proverá a salvação eterna para Seu povo (Is 45.17). Colocar nossa esperança no Senhor e no Dia da justiça final nunca é inapropriado, pois Ele proverá a libertação para as pessoas.

tentativas mal-sucedidas, ela conseguiu convencer Sansão a revelar a fonte de sua força: os longos cabelos. Quando ele quebrou a última estipulação do voto nazireu, deixando que lhe cortassem o cabelo, o Senhor o deixou (Jz 16.20), e ele foi capturado.

**16.4** — *Dalila* foi a terceira mulher filisteia com quem Sansão se envolveu (Jz 14.1; 16.1).

**16.5,6** — *Mil e cem moedas de prata*. Esta era uma grande quantia de dinheiro. A mesma quantidade seria paga para fazer dois ídolos (Jz 17.2). Multiplicar-se-ia o valor por cinco (cada um dos homens ofereceu a mesma soma). O total da recompensa, provavelmente, pesaria mais de 60kg.

**16.7,8** — O primeiro teste da força de Sansão foi quebrar as sete *vergas de vimes frescos* feitas de couro. As tiras novas do tecido animal eram mais fortes do que as antigas. Sansão mostrava desprezo por seus adversários, que desejavam capturá-lo rapidamente.

**16.9-11** — No segundo teste, Sansão brincou com os filisteus, sugerindo que eles usassem *cordas novas*, algo que já provara ser ineficiente em um episódio anterior (Jz 15.13).

**16.12,13** — O terceiro teste, que envolvia os *liços* [fios do tear] *da teia*, chegou mais perto de revelar o segredo de Sansão, já que seu cabelo estava envolvido. O liço que segurava o cabelo dele era, provavelmente, vertical, sustentado por dois pilares que estavam firmemente ancorados no chão. Este foi teste de força mais difícil de Sansão, mas ele também obteve êxito facilmente.

**16.14,15** — *E ela as fixou*. Sansão foi preso com um instrumento doméstico, exatamente

como Jael, um pouco antes, *pregou* Sísera na terra com uma estaca de tenda (Jz 4.21). Neste momento, Sansão teve condições de se libertar, mas, como Sísera, acabaria sendo vitimado pela trama de uma mulher.

**16.16** — *Dalila importunava* Sansão todos os dias, exatamente como sua ex-esposa fizera anteriormente (Jz 14.17). A tolice de Sansão impediu-o de aprender a lição por meio de sua primeira experiência.

**16.17,18** — Uma *navalha* no tempo de Sansão era algo parecido com uma faca de bronze, com o cabo de madeira ou osso.

Sobre a expressão *nazireu de Deus*, leia comentário em Juízes 13.5.

*Que já lhe descobrira todo o seu coração*. Dalila sabia que Sansão estava finalmente falando a verdade. Esta referência contrasta com aquela do versículo 15, em que o coração de Sansão não estava com Dalila.

**16.19-22** — *Ele não sabia*. Este é outro comentário feito pelo narrador. Para esclarecimentos similares, leia Juízes 13.16 e 14.4.

*O SENHOR se tinha retirado dele*. Veja Juízes 14.6. Eles prenderam as mãos ou os pés de Sansão com duas cadeias de bronze e forçaram-no a fazer a moedura, girando o moinho. As mós maiores e movidas por animais só seriam utilizadas muitos séculos mais tarde. A tarefa de moer era executada tipicamente por mulheres (Jz 9.9). Assim, tal serviço aumentou a humilhação de Sansão.

**16.23-31** — A história de Sansão termina com uma medida de justiça. Os filisteus e seus deuses foram destituídos de seu poder nas mãos

de Deus. Os cabelos de Sansão tinham começado a crescer de novo (Jz 16.22), e sua segunda oração ao Senhor — a primeira foi em Juízes 15.18 — resultou em um grande massacre dos seus inimigos, cerca de três mil pessoas, mais do que ele havia matado em sua vida inteira. Seu clamor a Deus era, de certa forma, ambíguo, no entanto, pareceu ser mais sincero que o primeiro, mas seu motivo — vingança por causa da cegueira — era menos do que exemplar. Sansão foi enterrado com seu pai, após seus 20 anos de julgamento em Israel (Jz 15.20).

A vida de Sansão é, em suma, uma história sobre a fé em Deus apesar da fraqueza humana. A mão do Senhor pode ser vista em toda a narrativa — no poder de Sansão mediante o Espírito de Deus e no desejo confesso de Deus de subjugar os filisteus (Jz 14.2). Também pode ser visto em sua última batalha entre o Deus verdadeiro e o deus dos filisteus — Dagom. Quando os filisteus capturaram Sansão, eles atribuíram essa façanha ao seu deus e comemoraram sua vitória (Jz 16.23,24). Porém, sabemos que foi o Senhor quem permitiu tal acontecimento (Jz 16.20) e ganhou o triunfo final contra Dagom e os governantes filisteus (Jz 16.27,30).

**16.23-25** — *Dagom*, conhecido dessa forma por causa das inscrições da Síria e Mesopotâmia, era o principal deus filisteu. Templos dedicados a ele foram desenterrados em Ugarit, ao norte da Síria, nos séculos que antecederam Sansão, e na cidade de Mari, no rio Eufrates, na Síria, datado no século 18 a.C. Um templo para Dagom foi construído em Beth Shan no norte de Israel, nos dias de Saul (1 Sm 31.9,10; 1 Cr. 10.10), e foi em um outro templo semelhante que os filisteus guardaram a Arca de Deus por um tempo (1 Sm 5.1-7). Acreditava-se que Dagom era um deus peixe, mas as escavações modernas mostraram que ele era um deus de grãos. De fato, uma das palavras em hebreu para grão é *dagom*.

*Nosso deus nos entregou.* O hino filisteu de triunfo nos faz lembrar a linguagem encontrada nos Salmos.

**16.26-27** — *As colunas em que se sustém a casa.* Numerosos templos daquela época com os pilares

de sustentação descritos aqui foram escavados. Muitos foram construídos em volta de um grande pátio. O telhado, sustentado por colunas, era onde os espectadores se ajuntavam. Uma multidão apertando-se para ver o espetáculo de Sansão causaria considerável pressão na estrutura da construção.

**16.28-30** — Sansão demonstrou fé no clamor a Deus e acreditou que Ele iria ajudá-lo. Isso é coerente com o louvor a Sansão em Hebreus 11.32, ainda que a súplica de Sansão tenha sido basicamente movida por um desejo de vingança contra os filisteus.

**16.31** — A história de Juízes é concluída com comentários finais do editor. Sansão, o último juiz, foi exaltado pelo Espírito de Deus tanto quanto o primeiro. Apesar das diversas falhas desses juízes, o Senhor exaltou Israel e provocou a queda de outras nações. Pelos locais em que os juízes moravam e onde a maioria de suas ações ocorreu, pode-se detectar um raio de ação [divina] em torno de todo Israel. Por exemplo, Otomiel, o primeiro juiz, era de Judá, ao sul; e Sansão, o último, era de Dan, ao norte, embora seu raio de ação tenha sido no sul. E, apesar dos esparsos exemplos dos juízes, Deus trabalhou para conduzir Israel e proteger Seu nome e Sua reputação.

**17.1—21.25** — O livro de Juízes termina com dois apêndices, o primeiro nos capítulos 17 e 18, e o segundo nos capítulos 19, 20 e 21. Eles parecem não estarem relacionados nem ao material que os antecede nem entre si. Por exemplo, estes capítulos não descrevem o padrão cíclico do pecado, da servidão e salvação visto nos primeiros capítulos de Juízes. Enquanto do capítulo 2 ao 16 são descritas as ameaças externas a Israel, estes últimos mostram uma queda interna na adoração de Israel e na unidade.

Além disso, os eventos parecem ter acontecido antes no período dos Juízes. Atente que Fineias, neto de Arão, que figurou em eventos anteriores (Nm 25.6-15; 31.6; Js 22.30,31), ainda exercia a função antes da Arca, na época dos eventos do capítulo 19 ao 21 (Jz 20.28). O episódio inteiro da migração dos danitas (cap. 18), logicamente, enquadra-se na sucessão de eventos



descritos em Juízes 1.34, durante a qual os amonitas forçaram os danitas a saírem de seu território. Sua procura por uma nova terra, provavelmente, teria ocorrido logo depois disso, não três ou mais séculos após. No entanto, estes capítulos podem ter sido escritos independentemente daqueles iniciais do livro. Ainda assim, existe certa lógica em colocá-los no final do livro. Para um, a estrutura realça o tema da desintegração de Israel. Os últimos enfatizam que *cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos* (Jz 17.6; 21.25). O tom geral dos últimos capítulos é satírico e subentendido. As muitas violações das leis mosaicas recebem apenas comentários mínimos. Contudo, uma nota comedida de desdém pelo comportamento inadequado de Israel é evidente em várias ocasiões.

**17.1—18.31** — O primeiro dos apêndices se refere a um homem chamado *Mica* que criou um altar particular. Exploradores danitas prenderam o sacerdote de Mica e roubaram as estátuas dos deuses que estavam no altar, desencadeando a destruição de Laís.

**17.1-3** — Estas *mil e cem moedas [siclos, na ARA] de prata* nos fazem recordar a recompensa que os governantes filisteus deram a Dalila. Mica, um homem da região de Efraim, havia roubado mil e cem siclos de prata de sua mãe, mas, depois, ele lhos devolveu. Pode-se entender que ela havia destinado essa quantia ao Senhor, mas os retornou a Mica para que ele fizesse *uma imagem de escultura*, a qual poderia ser de madeira ou pedra.

*Escultura [pecel]* é a mesma palavra hebraica usada nos Dez Mandamentos: *Não farás para ti imagem de escultura* (Êx 20.4). Uma imagem era feita a partir de um molde (2 Rs 17.16). A mãe de Mica aprovou sua atitude, pedindo que aquelas esculturas fossem oferecidas ao Senhor. Hoje, a tentação de misturar elementos de verdadeira adoração a Deus a práticas inaceitáveis para Ele permanece entre nós, embora, de forma diferente.

**17.4,5** — *Casa de deuses*. Literalmente, *a casa de Deus*. Esta foi uma perversão contra o verdadeiro santuário, onde toda a adoração deveria acontecer. Na época, a *casa de Deus* era em Siló (Jz 18.31). Mica também fez um *éfode* (Jz 8.27) e vários ídolos domésticos. A palavra *ídolos* é a

mesma usada em Gênesis 31.19, na história do roubo de Raquel dos ídolos domésticos de Labão. Tais ídolos foram condenados em 1 Samuel 15.23. Mica, mais tarde, violou a Lei indicando o próprio filho como seu sacerdote particular. Mica pecou porque seu filho não tinha a descendência de Arão (como todo sacerdote deveria ter) nem mesmo era um levita (Êx 28.1; 40.12-15; Nm 16.39,40; 17.8).

**17.6-8** — *O que parecia direito aos seus olhos*. Este mesmo comentário ecoou no último versículo do livro (Jz 21.25). O autor sugere que os tempos eram tão ruins, que as pessoas faziam tudo o que queriam e não o que era certo aos olhos de Deus (Jz 14.3). Podemos concluir que um rei que concentrasse as atenções de Israel no Senhor teria evitado uma enorme ocorrência de pecados e opressão durante o tempo dos juízes.

**17.9** — *O levita de Belém de Judá* era alguém estranho naquela cidade. Levitas não tinham uma herança de terra permanente, mas possuíam acomodação garantida em 48 cidades, espalhadas por todo o território das outras tribos (Js 21), porém, Belém não era uma dessas localidades. Tal levita procurava um lugar para se estabelecer e ficou muito feliz em aceitar a oferta de Mica (Jz 17.10,11).

**17.10-13** — *Sê-me por pai e sacerdote*. Ser chamado de pai era um título de honra (veja a referência à Débora como *mãe de Israel* em Juízes 5.7). Mica queria o jovem levita para ser seu sacerdote, porque o passado sacerdotal do rapaz daria legitimidade ao seu serviço. Mica julgou que isso traria a si o favor de Deus (Jz 17.13). No passado, os profetas eram, às vezes, chamados de pais (2 Rs 6.21; 8.9; 13.14).

**18.1** — Os *danitas* estavam em busca de um lugar para se estabelecer, porque não tinham obtido êxito em se alojarem no território deles (compare seu estabelecimento, em Josué 19.41-47, e seu fracasso, em Juízes 1.34,35).

**18.2** — Os danitas decidiram *a espiar e rastejar a terra*, lembrando os 12 espias que se infiltraram em Canaã nos dias de Moisés (Nm 13) e os dois espias que Josué enviou a Jericó (Js 2). A palavra em hebraico para o verbo *espionar* [ragal]

está relacionada com a palavra pé, a qual indica que os espias foram silenciosamente a pé, explorando o que eles viam pela frente.

18.3 — Pelo texto bíblico, provavelmente, os espias danitas seguiram fazendo perguntas rápidas. Outros trechos no livro de Juízes mostram um tipo de abordagem similar (Jz 6.31).

18.4-7 — Para os danitas, a cidade de Laís pareceu um lugar atraente, por isso, decidiram tomá-la (Jz 18.7-10), sendo, então, renomeada para Dã (Js 19.47).

Conforme o costume dos sidônios, quieto e confiado. A palavra em hebraico para quieto [*shaqat*] é a mesma para descrever a paz que cobria a terra periodicamente (Jz 3.11). No entanto, o termo também pode significar inesperadamente ou sem suspeitas.

18.8-14 — Seiscentos homens significavam ou uma pequena parte do exército danita ou um remanescente que sobrevivera às batalhas recentes na época. Compare este número com os 62.700 soldados danitas, em Números 1.38,39, e os 64.400, em Números 26.42,43.

18.15-20 — Em vez de condenar a idolatria de Mica, os danitas tomaram as estátuas dos deuses para si e, depois, fizeram do levita de Mica o sacerdote da sua tribo.

18.19,20 — A proposta dos danitas ao levita de Mica — ser para eles *por pai e sacerdote* — foi a mesma feita anteriormente por Mica (Jz 17.10). Porém, a oferta deles pareceu mais atraente, porque permitiria ao sacerdote exercer tal função para uma tribo inteira. O fato de o levita ter aceitado esta grande “oportunidade”, a qual lhe daria prestígio, indica o quanto as condições se tornaram depreciativas. Até mesmo os levitas estavam vendendo falsos serviços espirituais pela melhor oferta.

18.21-29 — Quando os danitas fugiram com o sacerdote de Mica e os objetos roubados, eles colocaram os pertences adiante deles, e os guerreiros seguiam na retaguarda, com a intenção de protegê-los da perseguição. O poder dos danitas foi muito superior ao de Mica e seus vizinhos, que voltaram atrás e não tentaram reaver os objetos levados. Os danitas chegaram a Laís, impiedosa-

mente destruindo e queimando-a, e conseguiram estabelecer-se ali. Renomearam a cidade, a qual passou a se chamar Dã.

18.30 — O sacerdote dos danitas e seus descendentes serviram à tribo por muitos anos. Esta nota, escrita muito depois dos eventos do livro, é uma lembrança sutil da apostasia que se seguiu em Dã. Jeroboão estabeleceria altares idólatras em Dã e em Betel (1 Rs 12).

18.31 — A imagem de Mica permaneceu enquanto a casa de Deus estava em Siló. Por isso, esses eventos aconteceram algum tempo antes, cerca de 1050 a.C., quando Siló foi destruída (Sl 78.60; Jr 7.12; 26.6).

19.1—21.25 — O trecho conclusivo do livro de Juízes, aparentemente, não está relacionado a qualquer história anterior. Refere-se ao brutal estupro e assassinato de uma concubina e aos eventos sangrentos que se seguiram. A história se assemelha ao assalto à casa de Ló em Sodoma (Gn 19). A ligação que existe com o episódio de Juízes 17 e 18 é a figura do levita. Na primeira história, um levita de Belém viajou para a região montanhosa de Efraim, enquanto que, na segunda, um levita de Efraim viajou a Belém.

19.1,2 — Uma concubina era uma serva considerada integrante da família, geralmente, escolhida para parir. Vários dos patriarcas tiveram filhos com concubinas: Abraão com Agar (Gn 16); Jacó com Bila e Zilpa (Gn 30.4-13).

19.3-9 — Obrigado por um costume, o levita ficou na casa da concubina de seu pai por cinco dias. Códigos rígidos de hospitalidade ainda prevalecem em muitas culturas das tribos do Oriente Médio.

19.10,11 — *Jebus (que é Jerusalém)*. Naquele tempo, Jerusalém estava nas mãos dos jebuseus e era chamada de cidade estranha [*cidade estrangeira*, na NVI] (v. 12). (Para saber mais a respeito dela e sua história, leia Josué 15.63.)

19.12-14 — *Gibeá* ficava a, aproximadamente, 6km a oeste de Jerusalém. Porque era em Benjamim, o levita achou que seria um lugar mais seguro para passar a noite — uma conclusão fatal.

19.15-17 — *A praça da cidade* era uma área pública que ficava após a entrada, perto do portão

da cidade. Um viajante poderia ter a expectativa de receber um convite para passar a noite, mas nenhum habitante de Gibeá o fez.

*Um ancião.* O levita recebeu a bondade de outro forasteiro, um homem velho que passava por Gibeá. Como o levita, ele também era da região montanhosa de Efraim.

**19.18-21** — Embora o levita tivesse consigo tudo aquilo de que precisava, até mais do que suficiente, não houve quem o recebesse, pois os moradores de Gibeá eram frios. No entanto, o ancião ofereceu hospedagem ao levita e sua comitiva.

**19.22-26** — As boas-vindas oferecidas por Gibeá não foram hospitaleiras. Era uma hospitalidade de Sodoma (Gn 19), uma afronta para o levita e, especialmente, para sua concubina. Os homens de Gibeá exigiram ter relações com o convidado do idoso, mas este lhes ofereceu a concubina do levita. Eles abusaram dela até que ela estivesse quase morta. Este trecho nitidamente relembra Gênesis 19.4-9. Realmente, o autor pode ter relatado esta história para fazer uma comparação com Sodoma, como se quisesse dizer: “A situação está tão ruim agora como estava na época de Sodoma e Gomorra”.

**19.22** — A expressão *homens daquela cidade* (*homens que eram filhos de Belial*) descreve pessoas perversas e indignas. O nome Belial designa Satanás, como é usado em 2 Coríntios 6.15.

*Para que o conheçamos* quer dizer que os homens de Gibeá queriam ter relações homossexuais com o levita. A mesma expressão é encontrada em Gênesis 19.5, texto no qual os homens de Sodoma queriam abusar dos visitantes hospedados na casa de Ló.

**19.27-30** — A reação indiferente do levita ao assassinato de sua concubina é seguida por uma atitude terrível: depois de levar seu corpo dali, ele o cortou em 12 partes e enviou cada uma delas a cada tribo. Tal gesto foi praticamente um chamado para a guerra; Saul fez o mesmo com bois (1 Sm 11.7).

**19.30** — A expressão *nunca tal se fez* é ambígua, pois não se pode deduzir se as pessoas ficaram horrorizadas ao descobrirem o esquartejamento do corpo ou por saberem sobre o estupro e o assassinato cruel.

**20.1-48** — A decisão de unir-se contra Benjamim (Jz 20.1-11) foi tomada em uma assembleia com todo o povo de Israel, realizada em Mispa. Os filhos de Benjamim, que, aparentemente, não estavam na assembleia (Jz 20.3), responderam a essa decisão juntando-se aos homens de Gibeá para a batalha (Jz 20.12-17). Depois de resistir a dois ataques, Benjamim foi cercada, e suas cidades foram dizimadas. A decadência espiritual de Israel resultou na destruição de seu

próprio povo com uma vingança uma vez reservada aos povos pagãos.

**20.1** — *Desde Dã até Berseba* é uma expressão comumente usada para se referir a todo o território de Israel, de norte a sul (1 Sm 3.20; 2 Sm 24.2; 1 Rs 4.25).

**20.2-8** — A *congregação*, normalmente, significa a congregação de Israel reunida para um evento religioso (1 Cr 28.8) ou uma campanha militar (Nm 22.4; 1 Sm 17.47).

**20.9-14** — As tribos concordaram em enviar um décimo de seus homens (v. 10), escolhendo-os *por sorte*. O papel de Deus não é mencionado aqui. Para o crédito deles, as tribos israelitas *ajuntaram-se [...] como um só homem*, uma qualidade notadamente ausente até este ponto no livro de Juízes.

**20.15** — A força dos *vinte e seis mil homens* dos filhos de Benjamim era consideravelmente menor do que o exército de Israel de 400 mil (Jz 20.17).

**20.16,17** — Os filhos de Benjamim contavam com *setecentos homens escolhidos, canhotos*, uma vantagem porque seus ataques viriam de um ângulo inesperado. Ironicamente, o nome Benjamim significa Filho da Mão Direita.

**20.18-20** — *Judá subirá primeiro*. O livro começa e termina com Judá em seu papel importante

---

*Podemos concluir que um rei, o qual concentrasse as atenções de Israel no Senhor, teria evitado uma enorme ocorrência de pecados e opressão durante o tempo dos juízes.*

---

(Jz 1.1,2). Isso não foi por acaso, uma vez que o final do livro aponta em direção à monarquia, cuja verdadeira expressão seria sair de Judá.

**20.21,22** — A aliança de Israel sofreu uma derrota inicial, da mesma forma ocorrida quando os homens de Ai derrotaram Israel alguns anos antes (Js 7).

**20.23-25** — *Subi contra ele*. O Senhor graciosamente respondeu aos filhos de Israel duas vezes quando eles clamaram por Ele (Jz 20.18).

**20.26,27** — Os filhos de Israel sofreram uma derrota, desta vez ainda maior (v. 25). Esse resultado os levou a jejuarem e sacrificarem em Betel, algo raramente feito na época.

Betel significa *Casa de Deus* e era uma cidade de Benjamim que havia tido uma grande importância religiosa, porque foi onde Jacó encontrou-se com Deus.

**20.28-30** — *Fineias* foi aquele que fez cessar a praga em Peor (Nm 25.6-11). O fato de ele ainda estar vivo mostra que a organização do livro de Juízes não é rigidamente cronológica. Provavelmente, o autor colocou este ocorrido no final do livro para dar ainda mais ênfase à deterioração espiritual da nação.

**20.31,32** — Talvez, *os caminhos* [ou *as estradas*, na ARA] fossem feitos de pedra e cascalho. A palavra em hebraico [*mecillah*] significa *caminho elevado*, ou seja, uma estrada acima do nível do solo (Is 49.11).

**20.33,34** — *Baal-Tamar*: esta é a única referência a este lugar, cuja localização é desconhecida. Seu nome significa *Baal* (senhor) *das palmeiras*.

**20.35-37** — O Senhor derrotou Benjamim como punição pelos crimes hediondos cometidos em Gibeá (Jz 19) e por promover a ruptura da união de Israel, algo que Deus valorizava.

**20.38-46** — A destruição de Gibeá e a resultante queda dos filhos de Benjamim são quase uma reprodução exata da emboscada de Ai (Js 8.17-22).

**20.47,48** — *Seiscentos homens* de Benjamim que sobreviveram à queda seriam os remanescentes que continuariam o nome da tribo (Jz 21.12-23).

**21.1-25** — Após a devastadora derrota de Benjamim, os remanescentes filhos de Israel fo-

ram acometidos de remorso, porque Benjamim quase foi completamente dizimada (Jz 21.1-7). Então, o capítulo 21 relata as medidas que eles tomaram para a sobrevivência da tribo, embora os meios que escolheram fossem questionáveis e inclusive brutais.

**21.1-4** — Os detalhes de um juramento em Mispa aparecem pela primeira vez. Foi presumivelmente feito quando o povo se reuniu em Mispa antes de atacar Benjamim.

**21.5-7** — *Um juramento muito sério* feito pelos filhos de Israel serviu como justificativa para a punição de Jabes-Gileade e para prover esposas para os filhos de Benjamim. Toda tribo deveria atentar para o chamado do levita, uma vez que ele havia enviado o corpo da concubina por todo o território de Israel (Jz 19.29).

**21.8** — *Jabes-Gileade* era uma cidade localizada a leste do rio Jordão.

**21.9-11** — A palavra *destruireis* é encontrada numerosas vezes no livro de Josué em relação à conquista dos cananeus. Porém, não há indícios de que Deus tenha apoiado o banho de sangue em Jabes-Gileade.

**21.12-14** — *Quatrocentas moças virgens* foram capturadas para se tornarem esposas dos 600 sobreviventes de Benjamim (Jz 20.47). Ainda assim, quatrocentas não eram suficientes, e os filhos de Israel mandaram que os benjamitas pegassem mais jovens em Siló (Jz 21.19-22).

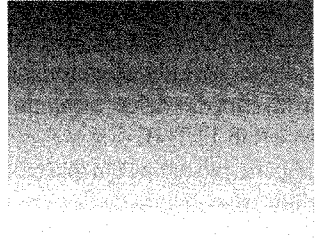
**21.15-18** — *Abertura*, neste contexto, significa *ruptura* e, normalmente, refere-se à manifestação da ira do Senhor (2 Sm 6.8).

**21.19** — Alguns estudiosos acreditam que a solenidade anual do Senhor em Siló era a Páscoa dos judeus, celebrada na primavera, devido às danças associadas a essa cerimônia (Jz 21.21,23). Eles se referiram à dança de Miriã e das filhas de Israel após cruzarem o mar Vermelho como uma evidência dessa prática (Êx 15.20). Porém, tal celebração era, provavelmente, a Festa dos Tabernáculos, comemorada no outono, uma vez que as vinhas são mencionadas (Jz 21.21,22). A colheita das uvas acontecia no início do outono. Talvez, este fosse o mesmo evento que levava os pais de Samuel para Siló todos os anos (1 Sm 1.3).

**21.20-23** — Aos filhos de Benjamim foi permitido tomar mulheres de Siló o suficiente para suprir cada homem com uma esposa. Nenhuma justificativa é dada, exceto para as supostas necessidades dos filhos de Benjamim. Para contornar o juramento feito, os filhos de Israel permitiram que os filhos de Benjamim capturassem as jovens mulheres. Dessa forma, eles não poderiam ser responsabilizados por darem noivas para os 600, o que eles juraram em Mísipa que jamais fariam (Jz 21.1).

**21.21-24** — *Cada um para a sua herança*. Essa expressão é semelhante a encontrada no final do livro de Josué (24.28). No entanto, o comentário final (Jz 21.25) indica que aqueles tempos foram ainda piores do que os relatados nos dias de Josué.

**21.25** — O livro termina com um comentário semelhante aos mencionados em Juízes 17.6; 18.1 e 19.1. É como se o autor estivesse cansado e se recusasse a nomear o estado das coisas ou quisesse dizer: “As coisas são ruins, mas vão melhorar sob a ordenança de um rei”.



O livro de

# Rute

## INTRODUÇÃO

**O** livro de Rute é uma linda história de amor, lealdade e redenção. É uma obra-prima que conta a história da salvação de Rute, a moabita. Ela, por meio de seu relacionamento com sua sogra, Noemi, aprendeu sobre o Deus vivo e tornou-se seguidora fiel dele. Ao abandonar sua parentela e sua terra, a jovem moabita demonstrou amor por sua sogra viúva e fé no Deus de Israel. A confiança de Rute foi muito bem depositada em Deus, pois Ele não somente supriu as necessidades dela, mas também a colocou no caminho de uma família de judeus que a abençoaria com um lar.

A história de Rute aconteceu durante o período dos juízes, quando houve um extremo declínio espiritual e moral em Israel (1380—1050 a.C.). Essa bela história de amor contrasta totalmente com a depravação perversa

daquela época sombria, conferindo-lhe um raro brilho de esperança.

A história reflete a vida simples em uma pequena cidade rural em Israel, nas redondezas de Belém. Detalhes sobre os elementos culturais — como a descrição da sega da cevada (Rt 1.22), a menção ao local de debulha, a eira (Rt 3.6), e as transações comerciais e legais às portas da cidade (Rt 4.1) — adicionam credibilidade à narrativa. É possível que esta tenha circulado inicialmente em Belém por intermédio de Noemi e suas amigas. Posteriormente, o autor do livro de Rute teria acrescentado ao texto toques femininos, com o intuito de agraciar a história.

Esse livro enfatiza um tema muito abrangente da Bíblia: o desejo de Deus de que todos, e não apenas os israelitas, creiam nele e sejam salvos.

Esse era o plano do Senhor desde o princípio. Ele tinha feito uma aliança com Abraão e seus descendentes para abençoar todas as nações da terra por intermédio deles, atraindo para Si todos os povos (Gn 12.1-3).

Ao mesmo tempo em que mostra esse tema tão significativo, o livro de Rute traz algumas contribuições peculiares. Uma delas é a importante ideia do *amor leal*. A palavra traduzida do hebraico como *benevolência* (Rt 1.8) significa *amor leal* ou *aliança de amor*. Este é um amor genuíno que nos permite cumprir as promessas. Quando o termo se refere a Deus, remete à Sua fidelidade às Suas promessas.

Embora Rute fosse uma estrangeira e não estivesse familiarizada com a Lei de Deus, ela demonstrou esse tipo de amor e fidelidade a Noemi, deixando a sua cidade-natal para ficar ao lado desta em um tempo de necessidade. Boaz também mostrou a mesma qualidade nobre protegendo e provendo um lar para Rute, a viúva de um dos seus parentes. Entretanto, estas histórias ilustram, sobretudo, como o próprio Deus demonstrou Seu grande amor. Ele recompensou Sua seguidora por sua confiança e lealdade a Ele, dando-lhe um lugar de honra na comunidade de fé. Ele a abençoou com uma criança que se tornaria o ancestral do rei Davi e, posteriormente, do prometido Messias.

O livro de Rute enfatiza a redenção. A mão providencial de Deus que redimiu Rute e Noemi da miséria [que culminaria na morte] é evidente. Ele interveio nas circunstâncias, para que Rute e Boaz se encontrassem e prontamente levantou Boaz para assumir as responsabilidades como *redimidor* (Rt 3.12). O parente-resgatador era o “defensor” dos direitos da família. Era um parente próximo que tinha recursos financeiros para ajudar algum membro da família assolado pela pobreza, tomando providências para salvá-lo da escravidão e da venda de terras dos seus ancestrais.

Na história de Rute, Boaz resgatou uma propriedade que Noemi estava prestes a vender e assumiu outra responsabilidade do parente-resgatador: a obrigação de prover um herdeiro do marido falecido de Rute, Malom.

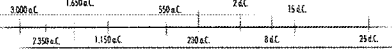
Morrer sem um herdeiro era considerado uma tragédia no antigo Oriente Médio. Para corrigir essa situação, normalmente o irmão solteiro do homem falecido deveria casar-se com a viúva deste e gerar uma criança que seria considerada a herdeira do falecido. Isso era chamado de *levirato*. Boaz prontamente assumiu essa responsabilidade, embora não fosse o parente mais próximo (Rt 3.12,13). Assim, ele comprou a terra de Noemi, casou-se com Rute e gerou Obede. Com o nascimento deste, foi dada continuidade ao nome da família de Noemi. Por meio de todas essas ações, Boaz representou e exemplificou o amor e a compaixão de Jesus, que é o nosso Redentor, que *nos redimiu da maldição da Lei* (Gl 3.13).

Geralmente, Samuel é identificado como o autor do livro de Rute. Porém, alguns rabinos atribuem a autoria a Noemi. Contudo, se as referências a Davi em Rute (4.17, 22) são uma parte integral do livro original, e não um apêndice posterior, então o texto não foi escrito por nenhum dos dois, uma vez que ambos morreram antes de Davi ser coroado rei.

Algumas evidências no livro de Rute indicam que o mesmo foi escrito durante o reinado de Davi ou o de Salomão. A primeira evidência é a menção da genealogia de Davi (Rt 4.18-22). A segunda é que o primeiro versículo do livro sugere que este foi escrito após a época dos juízes. A terceira é o fato de o narrador ter de explicar costumes antigos aos leitores (Rt 4.7), o que indica que o livro não foi escrito no tempo dos eventos narrados. Tudo isso pode sugerir que o livro remonta ao reinado de Salomão, considerado a época áurea da literatura hebraica.

## LINHA DO TEMPO

## CRONOLOGIA EM RUTE



Ano 1446—1406 a.C. — Os filhos de Israel peregrinam no deserto

Ano 1405—1400 a.C. — A conquista de Canaã

Ano 1380—1050 a.C. — O tempo dos juízes e dos eventos do livro de Rute

Ano 1050 a.C. — Saul se torna o rei de Israel

Ano 1010 a.C. — Davi começa a reinar em Hebrom

Ano 1003 a.C. — Davi reina sobre Israel

Ano 970 a.C. — Davi morre e Salomão se torna rei



## ESBOÇO

- I. Estadia na terra de Moabe —1.1-22  
 A. Tragédia em Moabe —1.1-5  
 B. Amizade e fé em Moabe —1.6-22

- II. O primeiro encontro de Rute com Boaz —2.1-23  
 A. A apresentação de Boaz —2.1-3  
 B. Boaz descobre Rute —2.4-13  
 C. Boaz se preocupa com Rute —2.14-23

III. Rute e Boaz na eira —3.1-18

- A. A decisão corajosa de Rute e Noemi —3.1-7  
 B. A responsabilidade deleitosa de Boaz —3.8-18

IV. Boaz resgata Rute —4.1-22

- A. A recusa do parente a resgatar —4.1-6  
 B. A escolha de Boaz para resgatar —4.7-12  
 C. A recompensa da redenção —4.13-22

## COMENTÁRIO

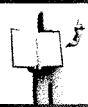
1.1 — *Nos dias em que julgavam os juízes.* Os eventos no livro de Rute aconteceram antes do estabelecimento da monarquia de Israel. Os juízes eram servos de Deus que estabeleceram o ensino da Sua Lei e a retidão durante um tempo de degeneração política, moral e espiritual. A história de Rute brilha como um holofote em uma era de escuridão na história de Israel. Moabe estava localizada a leste do mar Morto. Os moabitas descendiam de Ló, devido à sua relação incestuosa com sua filha mais velha (Gn 19.30-37). A fome em Israel se estendia até Belém, embora seu nome signifique *casa do pão*.

1.2,3 — Devido à fome, *Elimeleque*, cujo nome significa *Deus é rei*, viajou para Moabe com sua

esposa e seus dois filhos. Os nomes de sua esposa e de seus filhos também carregavam significado. *Noemi* significa *agradável, doce*. Ela se tornou amarga quando a tragédia abateu sua família, mas sua amargura foi revertida (cap. 4). Os nomes dos dois filhos, *Malom* e *Quiliom*, significam *doentio* e *fracassado*, respectivamente. A morte prematura desses dois filhos em Moabe mostrou que seus nomes eram apropriados (Rt 1.2,5). *Efrata* era um outro nome para a região de Belém (Gn 48.7; Mq 5.2).

1.4,5 — O nome moabita *Orfa* pode significar *peçoço*, um termo referente à beleza física naquela cultura. O nome moabita *Rute* conota *amizade*. Embora a Lei de Moisés não proibisse os homens de Israel de casarem-se com mulheres moabitas, excluía os moabitas da congregação de Israel por dez gerações (Dt 23.1-4).





## ENTENDENDO MELHOR

### PODE ALGO BOM VIR DE MOABE?

O nome *Moabe* (Rt 1.1) relembra dois incidentes desagradáveis: o nascimento de Moabe e o problema que seus descendentes causaram a Israel durante sua difícil jornada até a Terra Prometida.

Moabe nasceu logo depois da destruição de Sodoma e Gomorra. Ló fugiu de Sodoma com a sua família e trouxe o pecado da cidade consigo. Sua esposa desobedeceu às ordens de Deus, e foi transformada em uma estátua de sal (Gn 19.26). As filhas de Ló planejaram embriagar o pai para que ele lhes desse filhos. Uma das filhas deu à luz Moabe, a outra, Amom (Gn 19.30-38). Com o tempo, seus descendentes cresceram e tornaram-se nações rivais que contendem com Israel até hoje. Uma das mais graves ofensas que Moabe cometeu ocorreu durante a peregrinação de Israel no deserto. O rei de Moabe tentou pagar Balaão, o vidente, para amaldiçoar os filhos de Israel. Porém, em vez disso, Balaão acabou abençoando-os (Nm 22—24). Mas o vidente inventou um plano para conduzir os filhos de Deus à idolatria, enviando-lhes mulheres moabitas que os seduzissem. O plano deu certo, resultando na morte de 24 mil pessoas, pois a Lei proibía que um moabita ou um amonita se tornasse membro da comunidade de Israel (Dt 23.3).

Mas a questão levantada na abertura do livro de Rute — *Pode algo bom vir de Moabe?* — é um sonoro *sim*. De Moabe veio Rute; de Rute, Obede; de Obede, Jessé e Davi (Rt 4.18-22); e por intermédio de Davi veio Jesus Cristo (Mt 1.1,5,6).

**1.6,7** — O Senhor. Esta é a primeira menção do nome de Deus na história. O próprio Deus está no centro do livro. Este versículo ilustra a misericórdia dele, que sustentou até mesmo Seu povo desobediente com comida. Ele visitou Seu povo tanto para abençoá-lo quanto para discipliná-lo (Êx 20.5,6).

**1.8** — A palavra *hesed*, traduzida do hebraico como *benevolência*, é frequentemente usada para descrever Deus e significa *amor leal*. Essa palavra expressa a lealdade de Deus, Sua aliança e Seu amor pelo Seu povo. Neste versículo, Noemi declarou a esperança de que o pacto de amor do Senhor fosse estendido às suas noras, que estavam fora da terra de Israel e não eram judias.

**1.9** — O conceito de *descanso* mencionado aqui se refere à segurança encontrada no casamento. Noemi reconheceu nos versículos 8 e 9 que é o Senhor que intervém na vida de Seu povo para trazer-lhe bênçãos. Sua providência é destacada em todo o livro de Rute.

**1.10-13** — As noras de Noemi insistiram em retornar com ela. Em resposta, Noemi ressaltou que não poderia prover maridos para elas e expressou preocupação com a felicidade delas. Seu amor por elas foi demonstrado pelo uso de palavras pessoais, como *minhas filhas* ou *filhas minhas*, nos versículos 11 e 13, respectivamente.

**1.13** — Noemi estava amarga (hb. *marar*), porque perdera seu marido e seus filhos e atribuíra essas circunstâncias à disciplina de Deus.

**1.14** — Neste versículo, as respostas de Orfa e Rute são um contraste. Orfa fez o esperado e retornou para casa. Ainda assim, Rute fez o inesperado, e ficou com sua pobre sogra. Mesmo que compreensível, a atitude de Orfa significou que ela havia abandonado o Deus de Israel. Por outro lado, a atitude de Rute a trouxe para dentro da linhagem do Messias (4.18-22).

**1.15** — Noemi tentou mais uma vez convencer Rute a voltar para Moabe. A palavra usada para *deuses* (hb. *elohim*) se refere aos deuses de Moabe. Aqui somos lembrados de que ir para Israel era também ir para o único Senhor; permanecer fora de Israel era ficar longe da aliança de Deus com Seu povo.

**1.16,17** — Em uma resposta linda e poética, carregada de emoção, Rute descreve sua determinação em ficar com Noemi. Sua afirmação de que o Deus de Noemi seria o seu Deus é especialmente contundente, porque é uma afirmação de fé no Senhor, o Deus de Israel. O fato de Rute usar o nome divino *Yahweh*, que é traduzido como o *Senhor*, em um juramento indica o seu comprometimento com o Deus vivo. Ela estava escolhendo apegar-se não apenas a Noemi, sua terra e seu povo, mas também ao seu Deus. Na verdade, ela

estava abandonando tudo que havia conhecido para seguir ao único e verdadeiro Deus. Ela estava seguindo os passos de Abraão, que abandonou sua terra e sua parentela natal em resposta a uma ordem de Deus.

1.18-20 — *Noemi*, temporariamente, esqueceu-se do comprometimento leal e corajoso de Rute ou o ignorou. Ela queria que seu nome refletisse a amargura que sentia devido às circunstâncias por que estava passando e, por isso, autoneomeou-se *Mara*, que significa *amarga*.

1.21 — Os conceitos de fartura e escassez aparecem aqui. Noemi partiu para Moabe completa: com um marido e dois filhos. Mas agora retornava a Belém *vazia*. A única família que possuía era Rute. Sua pergunta emocionada é um exemplo de paralelismo no idioma hebraico, um artifício que reforça e dá ênfase à sua emoção. Noemi estava completamente desesperada com o agir do Senhor em sua vida. Isso torna ainda mais marcante a escolha de Rute de não apenas ficar com sua sogra, mas também seguir o seu Deus.

1.22 — O tema do retorno é muito importante neste versículo. O verbo *voltar* também foi utilizado para se referir a Rute — o que não seria comum por parte do narrador, uma vez que não há qualquer indicação de que Rute havia estado em Israel antes.

*Rute, a moabita*. Como a história explica, Deus estendeu Sua proteção a Rute, mesmo ela sendo uma estranha. Rute e Noemi chegaram a Belém no *princípio da sega da cevada*. A cevada era o primeiro grão a amadurecer e este deveria ser o período da safra. O fato de haver um período de safra indica que a fome em Israel já havia cessado (Rt 1.1,6).

2.1 — *Boaz* era ligado ao marido de Noemi, *Elimeleque*. Isso sugere uma possível solução para a difícil situação na qual Rute e Noemi se encontravam. O status de uma viúva no antigo Oriente Médio era o pior possível; em épocas de graves problemas, sua situação era intolerável. Era por isso que Deus ordenava que Seu povo cuidasse da viúva e do órfão (Dt 24.19-22). Como um parente, Boaz poderia tomar a frente para defender os direitos dessas duas mulheres. Ele foi descrito como *um senhor de muitos bens*, uma pessoa de

caráter nobre e de alta reputação no meio da comunidade. O nome *Boaz* provavelmente significa *força rápida*.

2.2 — A Lei de Moisés permitia que os pobres coletassem as sobras dos grãos nos campos dos fazendeiros (Lv 23.22).

2.3-6 — Embora Rute não tenha ido intencionalmente ao campo de Boaz, o Senhor, providencialmente, guiou os seus passos.

2.7 — As gavelas se referem aos fardos de grãos. Rute não foi prepotente aqui, pois gentilmente pediu um favor, quando poderia ter reclamado um direito. Por ser estrangeira, suas chances de poder colher as sobras nos campos de Judá poderiam ter sido extremamente limitadas.

2.8,9 — *Boaz* demonstrava extraordinária preocupação com a proteção e a provisão de Rute, pensando, inclusive, na sua necessidade de água durante o dia quente.

2.10 — Rute estava impressionada com a demonstração de zelo que vinha recebendo de Boaz, especialmente por ser estrangeira. Nos dias obscuros da época dos juízes, muitos em Israel não estariam tratando outras famílias de Israel com tanta justiça, muito menos as pessoas que fossem de outros lugares. Perceba o ato de extrema submissão de Rute ao inclinar-se, rosto em terra, diante de Boaz.

2.11,12 — Boaz explicou ter favorecido Rute porque ela demonstrou um amor leal por Noemi. Ele a abençoou, pedindo a Deus que ela fosse *ricamente recompensada* (NVI) por sua notável lealdade. Boaz expressou a ideia da proteção de Deus dizendo que Rute veio buscar refúgio *debaixo* de Suas *asas*.

2.13 — Rute chama a si mesma de *serva* de Boaz; não mais se refere a si como uma estrangeira, como fez no versículo 10.

2.14-16 — Boaz, repetidamente, por meio de suas atitudes, demonstrou a compaixão de Deus em relação à moabita. Extrapolando a Lei, Boaz não apenas permitiu que Rute colhesse grãos na terra dele, mas também a supriu abundantemente com grãos extras. Aqui, podemos ver como a Lei funcionava na vida do povo temente a Deus — ela era como um guia para uma vida reta.

**2.17-19** — A quantidade de cevada que Rute colheu chegou a mais de meio alqueire, mais do que normalmente seria esperado em um dia de labuta. A generosidade de Boaz e o trabalho da moabita produziram esse suprimento substancial. Boaz exibiu a maior forma de caridade, ao dar mais cevada a Rute em segredo, para que ela não se constrangesse.

**2.20-23** — Noemi louvou o Senhor por Sua benevolência, Seu amor leal. Ele não havia abandonado ela nem Rute; ao contrário, havia provido fielmente as suas necessidades. Após total desespero, Noemi depositou mais uma vez a sua confiança em Deus. A palavra *remidor* (hb. *go'el*), usada normalmente em referência a Deus, é introduzida aqui na história e repetida muitas vezes, a fim de o leitor assimilar bem o conceito.

**3.1** — Mais uma vez, Noemi fala sobre *um descanso* (já mencionado em Rute 1.9), relativo ao matrimônio, à sua nora. Noemi estava determinada a ajudar Rute a conseguir esse descanso.

**3.2** — A *eira* era um local onde os grãos eram espalhados no chão, e os animais pisavam sobre eles, a fim de a palha separar-se dos grãos. Depois, essa mistura era lançada ao ar, para que o vento espalhasse as cascas. Boaz talvez passasse a noite na eira, a fim de evitar que os grãos fossem roubados.

**3.3** — As vestes que Noemi aconselha Rute a vestir provavelmente eram um tipo de túnica ou capa que Rute usava à noite para se manter aquecida. A expressão *comer e beber* alude à festividade que acompanhava o final da colheita.

**3.4** — *E descobrir-lhe-ás os pés*. Rute deveria descobrir os pés de Boaz e deitar-se bem perto deles. Esse era um ato de submissão, para cobrar de Boaz a decisão de ser ou não o resgatador de Rute e da herança de seu finado marido.

**3.5,6** — Na obediência total de Rute a Noemi estava implícita a confiança de Rute em sua sogra.

**3.7,8** — Rute aproximou-se de Boaz de *mansinho*, ou seja, secretamente, para que ninguém a visse. Ter feito isso à noite também foi um modo de proteger Boaz de um constrangimento, caso ele decidisse não exercer seu compromisso como um parente próximo.

**3.9** — *Estende, pois, tua aba sobre a tua serva*. Aqui, embora a *aba* correspondesse à capa de Boaz, tem o mesmo sentido de *asa* em Rute 2.12 — *Deus de Israel, sob cujas asas te vieste abrigar*. Ambas as palavras aludem à proteção e segurança. A frase *porque tu és o remidor* comprova que Rute estava buscando a proteção de Boaz. Isso equivale a um pedido de casamento. Uma vez que o marido dela havia morrido sem deixar-lhe um filho, era responsabilidade de um parente próximo do falecido casar-se com a viúva e prover um herdeiro para este.

**3.10,11** — Boaz entendeu que Rute estava fazendo uma proposta de casamento e elogiou-a por não procurar homens mais jovens para se casar. Ele sabia que a iniciativa de Rute era devido à lei do levirato, que permitia ao parente falecido ter um herdeiro, o qual asseguraria a posse das terras e outros bens para sua família (Dt 25.5-10). Por isso, no antigo Oriente Médio, não ter um herdeiro era considerado uma tragédia para



## EM FOCO

### REMIDOR (HB. GA'AL)

(Rt 2.20; 3.12; 4.1,6; Is 60.16)

Esta palavra se refere a um parente que atuava como protetor que garantia os direitos da família. Ele poderia ser solicitado para realizar uma série de atribuições: (1) comprar de volta a propriedade que a família teve de vender; (2) prover um herdeiro para um irmão ou parente falecido, casando com a viúva deste e tendo um filho com ela; (3) comprar de volta um membro da família que tivesse sido vendido como escravo devido à pobreza; e (4) vingar um parente assassinado.

As Escrituras chamam Deus de o *Redentor* ou o *parente próximo* de Israel (Is 60.16), e Jesus, o *Redentor de todos os que nele crêem, cordeiro imaculado e incontaminado* (1 Pe 1.18,19).

a família. A *beneficência* peculiar da qual Boaz fala se refere ao amor leal de Rute por Noemi, ao escolher permanecer ao lado desta, mesmo enfrentando a pobreza.

A expressão *mulher virtuosa* é o maior elogio de Boaz a Rute. Ele a reconhece como uma mulher de Deus.

3.12 — O suspense na narrativa aumenta quando Boaz anuncia que existe *um remidor mais chegado do que* ele. Este teria a chance de assumir primeiro a responsabilidade de resgatar Rute.

3.13 — Boaz queria assumir a responsabilidade como remidor de Rute e Noemi imediatamente. Então, pediu a Rute que *ficasse* com ele, pois assim ela não ficaria exposta a qualquer perigo ao voltar para sua casa no meio da noite. A declaração *vive o Senhor* reforça a resolução de Boaz de assumir a responsabilidade por Rute.

3.14 — *Antes que pudesse um conhecer o outro*. Rute partiu pela manhã, bem cedo, para evitar que alguém a reconhecesse. Boaz, provavelmente, não queria que ninguém interpretasse mal a estada dela ali.

3.15 — Mais uma vez, Boaz demonstrou amor leal ou benevolência, ao ofertar a Noemi e Rute seis medidas de grãos de cevada.

*E ele mediu seis medidas de cevada e lhas pôs em cima*. Boaz, provavelmente, ajudou a pegar a cevada e colocá-la num saco, a fim de que Rute pudesse levá-la para Noemi, em casa.

3.16 — Estas palavras são, provavelmente, um comentário sobre a felicidade de uma mulher cuja vida estava prestes a ser modificada radicalmente.

3.17 — O tema escassez e abundância é repetido aqui (ver Rt 1.21).

3.18 — Noemi estava confiante que Boaz resolveria o caso naquele mesmo dia. Ele tinha demonstrado repetidas vezes que era um homem reto e compassivo, pois continuava provendo às duas mulheres.

4.1,2 — Negócios comerciais e legais tipicamente aconteciam às *portas* da cidade. Então, era natural Boaz falar com o outro *remidor* mais próximo naquele local, na presença dos anciãos da comunidade, para fins de julgamento público.

4.3,5,9 — Uma das atribuições do *remidor* era resgatar as propriedades que tivessem sido vendidas da família devido à pobreza. O verbo *vendeu* aqui poderia ter sido melhor traduzido como *prestes a vender*. O versículo 5 indica que a suposta venda estaria ainda por acontecer, e o versículo 9 declara que Boaz comprou a terra de Noemi. Portanto, devemos concluir que, provavelmente, Noemi estava prestes a vender as terras de Elimeleque. O uso desse tempo verbal em hebraico descreve uma ação em processo de conclusão. Em Jeremias, fica subentendido que os membros da família tinham o direito de comprar as terras de seus parentes antes de elas serem vendidas a alguém de fora da família (Jr 32.6-12). Esta, provavelmente, é a situação descrita aqui.

4.4 — Boaz ofereceu a terra que fora de Elimeleque ao parente mais próximo primeiro. Este homem, inicialmente, concordou em comprá-la. A Lei garantia que a terra ficasse dentro da família, mesmo que tivesse de ser vendida temporariamente, devido à pobreza. O vendedor ou um parente mais próximo poderia resgatá-la depois. Se nenhuma dessas alternativas fossem cabíveis, a terra seria devolvida à família de origem no Ano do Jubileu. As terras não eram vendidas permanentemente, porque, em última instância, pertenciam a Deus (Lv 25.23).

4.5 — A frase *para suscitar o nome do falecido sobre a sua herdade* deixa claro que o parente mais próximo precisava, além de resgatar a terra, assumir Rute como sua esposa, em obediência à lei do levirato, para prover um herdeiro ao parente falecido. Aqui, o parente falecido era Malom, marido de Rute (Rt 4.10). Gerar um filho de Malom asseguraria a linhagem deste e de Elimeleque, o patriarca da família.

4.6 — Quando o remidor descobriu que teria de casar com Rute, recusou o seu *direito de remissão*, porque sua *própria herdade* poderia ser arruinada. Aparentemente, ele não queria a dupla responsabilidade de comprar a terra e sustentar Rute e Noemi. Inclusive, não queria que as suas terras fossem herdadas pelo filho de Rute e não pelos membros da sua própria família.

4.7,8 — O ato de descalçar o *sapato* e dá-lo ao seu próximo selava uma transação comercial no antigo Israel (Dt 25.8-10). Atualmente, isso corresponderia à assinatura de um contrato. Ao descalçar e entregar seu sapato a outrem, o remidor estava, simbolicamente, abdicando de seu direito sobre a terra e de seu dever de suscitar um herdeiro para o falecido.

4.9 — *Sois, hoje, testemunhas de que tomei tudo quanto foi de Elimeleque, e de Quiliom, e de Malom da mão de Noemi. As testemunhas que estavam às portas da cidade tiveram uma participação significativa na validação da transação. Quiliom e Malom, os filhos de Elimeleque, teriam sido os herdeiros das terras do seu pai, se não tivessem morrido. No entanto, como isto ocorreu, a terra foi comprada da mão de Noemi, a viúva de Elimeleque.*

4.10 — Além de resgatar as terras, Boaz resgata Rute, ao tomá-la como sua esposa. Ao contrário do que aconteceu com as terras, Rute não foi comprada por dinheiro. Boaz, voluntariamente, escolheu ser o seu redentor. Ele era um parente de Elimeleque e tinha condições financeiras para assumir as responsabilidades de um resgate.

Neste versículo, um detalhe que fora omitido no capítulo 1 é acrescido: o fato de Rute ter sido esposa de Malom.

4.11 — *O povo que estava à porta e os anciãos confirmaram o procedimento legal de negociação com a seguinte resposta: somos testemunhas. Então a multidão deu a Rute uma notável bênção, pedindo ao Senhor que fizesse dela o mesmo que fez a Raquel e a Léia [tornou-as férteis e mulheres sábias], que edificaram a casa de Israel (Gn 35.23-26). Embora Rute fosse uma moabita, foi total e calorosamente aceita pelos filhos de Israel. A Lei de Moisés exigia a exclusão dos moabitas da congregação de Israel por dez gerações (Dt 1.4). Nesse caso excepcional, vemos um bonito exemplo do espírito da Lei sendo mantido. Tanto o amor leal de Rute como o de Deus são demonstrados nessa história. Rute, lealmente, amou Noemi, deixando sua terra natal e servindo à sua sogra mesmo na pior das circunstâncias. Em retribuição, Deus recompensou Rute estendendo o Seu amor leal a ela também. Ele deu a essa estrangeira*

um homem fiel e digno como marido, aceitou-a como uma de Suas filhas e deu a ela um filho que seria um ancestral do rei Davi e, por conseguinte, de Jesus (Rt 4.13,22).

4.12 — O livro de Rute está repleto de alusões ao Pentateuco. Aqui, o nome de Tamar se refere à outra história em que o espírito da Lei é aludido (Gn 38). Certamente, o comportamento de Tamar normalmente não seria aprovado. Ela estava desesperada porque os irmãos do seu marido não queriam assumir a responsabilidade para com ela, mas, no final, Judá a considerou mais reta do que ele mesmo (Gn 38.26). Mesmo na situação deplorável em que Tamar se encontrava, o Deus de misericórdia a abençoou com um filho, e esse filho, Perez, foi um ancestral do rei Davi (Rt 4.18).

Mais uma mulher teve uma experiência extremamente parecida com a de Rute: Raabe, a mãe de Boaz (Mt 1.5). Como Rute: Raabe era uma mulher gentia. Ainda assim, Deus estendeu Seu amor leal a ela, devido à sua fé nele, e o nome dela consta na linhagem messiânica.

4.13 — O Senhor concedeu a Rute o dom da maternidade. Filhos são *herança do Senhor*. Ele os conhece quando ainda são *substância informe* no útero da mãe (Sl 139.13).

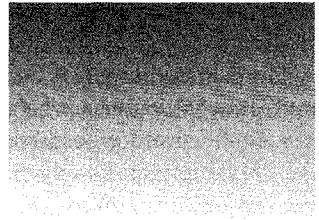
4.14,15 — Aqui o remidor, cujo nome seria afamado em Israel, não é Boaz, mas o descendente de Rute [uma possível alusão ao Messias]. As mulheres louvaram o Senhor por Sua provisão a Noemi. Elas abençoaram o menino, pedindo a Deus que sua fama se espalhasse por todo o Israel e que ele confortasse Noemi e provesse sustento a ela em sua velhice. Com o nascimento dessa criança, a escassez de Noemi foi substituída por abundância. Filhos são considerados uma grande recompensa, então, o fato de as mulheres declararem que Rute era melhor para Noemi do que *sete filhos* foi um grande elogio a Rute.

4.16,17 — O tema da abundância continua predominando, pois *as vizinhas* declararam que uma criança havia nascido para provisão e alegria de Noemi. O nome da criança era *Obede*, que significa *aquele que serve*. O autor desse livro finalmente revela como Rute se tornou parte da linhagem real de Davi e, portanto, da linhagem

messiânica (Mt 1.5). Sua inclusão nessa genealogia representa outra bela ilustração do amor fiel (hb. *hesed*) de *Yahweh* e Seu comprometimento em incluir os gentios na Sua aliança.

4.18-22 — A história é concluída com a alusão à genealogia de Davi, começando por Perez, o filho de Judá e Tamar. Essa genealogia pode ter sido adicionada ao livro muito depois de o registro original ter sido concluído; porém, provavelmente,

o livro, como um todo, foi composto em uma data posterior aos eventos descritos. A genealogia de Davi não é apenas um apêndice; é um elemento essencial que demonstra o propósito do autor e o propósito do Senhor na linhagem do rei Davi e do Messias. A história do resgate de uma mulher estrangeira aponta para a grande redenção que seria feita por Jesus de todos que nele creem.



O livro de

---

# 1 Samuel

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** primeiro livro de Samuel reconta o rápido crescimento do poder e da influência do rei Saul, bem como a sua subsequente e trágica queda. Nesse sentido, o livro segue o enredo de uma clássica tragédia grega, tal como a peça de Arthur Miller *A Morte do Caixeiro Viajante*.

A boa aparência de Saul, sua altura e seu porte físico, bem como seu sucesso na guerra, fizeram dele uma óbvia escolha para ser o primeiro rei de Israel. No entanto, o autor de 1 Samuel põe em evidência o erro trágico de Saul: sua desobediência às ordens de Deus (1 Sm 13.7-12; 15.10-26). Por causa disso, *o Senhor* o rejeitou. Abandonado por Deus, Saul rapidamente perdeu a coragem, invejou o sucesso de Davi e, finalmente, perdeu a cabeça. Das cinzas dessa tragédia, Deus levantou um outro rei, Davi, que viria

a obedecer as diretrizes do único e verdadeiro Rei, o Deus de Israel.

Esse livro, 1 Samuel, foi adequadamente chamado assim por causa da principal personagem das narrativas anteriores, o homem de Deus que ungiu os dois primeiros reis de Israel: Saul e Davi. Originalmente, 1 e 2 Samuel eram um livro só: *o Livro de Samuel*, nas Escrituras hebraicas. Quando estas foram traduzidas para o grego (a versão Septuaginta), por volta do ano 150 a.C., os livros de Samuel e Reis foram agrupados para completar a história da monarquia hebraica. Essa unidade das Escrituras era dividida em quatro partes: primeiro, segundo, terceiro e quarto reinados. Os livros de Samuel e Reis foram separados novamente mais tarde, mas as divisões da tradução grega persistiram. Com isso, temos em

nossas versões modernas os livros de 1 e 2 Samuel e de 1 e 2 Reis.

No início do livro de 1 Samuel, a nação de Israel se encontrava em um baixo nível espiritual. Até mesmo o sacerdócio estava corrompido (1 Sm 2.12-17). Para piorar ainda mais a situação, os israelitas que eram juízes em Berseba também eram desonestos (1 Sm 8.2,3). Com o mau exemplo de tão perversos líderes, o povo passou a demonstrar desdém pelas Escrituras e recusou-se a dar ouvidos ao profeta Samuel (1 Sm 8.19).

No entanto, mesmo em meio a toda aquela corrupção e apostasia, existia um remanescente israelita que adorava a Deus com toda fé (1 Sm 1.3). O local de adoração em Israel neste tempo ficava em Siló, onde o tabernáculo foi levantado (1 Sm 1.3; Js 18.1). Porém, mesmo o conteúdo do tabernáculo foi tocado nesses tempos tumultuosos e maus. A arca de Deus foi capturada pelos filisteus (1 Sm 4.11) e, depois de ser levada e permanecer nas cidades dos filisteus durante sete meses (1 Sm 5.1—6.16), retornou a Bete-Semes (1 Sm 6.19), sendo mantida em Quiriate-Jearim (1 Sm 7.1) até que Davi a trouxesse para Jerusalém (2 Sm 6.1-17).

Durante esse tempo, os israelitas passaram a ficar insatisfeitos com o governo abusivo dos juízes (1 Sm 8.3). Os israelitas queriam as glórias de uma monarquia como as que viam nas nações vizinhas. Então, Deus lhes permitiu ter um rei igual ao das outras nações: o bonito e alto rei Saul (1 Sm 10.1). Embora ele parecesse estar bem preparado para liderar a nação, seu reinado acabou tragicamente porque Saul ignorou a Palavra do Senhor. Assim, boa parte da ação narrada em 1 Samuel está associada à queda, ao reinado e à vida tumultuosa de Saul, em contraste com a rápida ascensão do jovem e fiel Davi.

Durante esse primeiro período da monarquia de Israel (1050—970 a.C.), os grandes impérios do Oriente Médio estavam em um estado de fraqueza. Os povos escravos da Ásia Menor tinham se tornado insignificantes. A Assíria estava em declínio, e o Egito estava enfraquecido pelos conflitos internos. Os filisteus constituíam a maior ameaça contra Israel durante esse período.

A habilidade que eles possuíam para lidar com o ferro deu-lhes uma decisiva vantagem militar e econômica sobre Israel. Apesar disso, a ameaça dos filisteus teve um impacto positivo na situação política de Israel, pois levou o exército desta nação a unir-se sob a liderança dos seus primeiros reis, Saul e Davi.

O propósito de 1 Samuel é prover um relato oficial da ascensão da monarquia durante o tempo de Samuel, bem como do desenvolvimento dela sob o reinado de Saul e Davi. O livro, particularmente, foca a ascensão de Davi durante esse período. Na verdade, a segunda metade do livro e a primeira metade de 2 Samuel resultam em uma justificativa para a ascensão de Davi ao trono.

As semelhanças dessas partes dos livros de 1 e 2 Samuel com a obra *Apologia de Hattusilis*, um texto do século 13 a.C., são notáveis. Nesse documento antigo, um rei hitita esboçou as razões para legitimar as suas regras. Tal justificativa era de especial relevância no caso de um rei — como Davi — que fundou uma nova dinastia. A defesa da dinastia de Hattusilis incluía os seguintes elementos:

- 1) Uma descrição detalhada das desqualificações do líder anterior (compare com 1 Sm 15.1—35).
- 2) Uma história extensa de eventos que levaram à ascensão do novo rei (compare com 1 Sm 16.1—2 Sm 5.17).
- 3) Uma defesa das habilidades do novo rei para governar, evidenciada por grandes feitos militares (compare com 1 Sm 17.1—58).
- 4) Um registro das anistias políticas dadas pelo novo rei, em contraste com a atitude de usurpadores que frequentemente assassinavam o rei anterior (compare com 1 Sm 24.1-10; 26.1-9).
- 5) Um registro do interesse do novo rei pela religião (compare com 2 Sm 6.1-19; 7.1-29).
- 6) Uma conclusão que inclui um resumo do reinado do novo rei e aponta para a bênção divina pela obediência à Sua Lei, evidenciada pela expansão do seu reinado e o estabelecimento da paz com as nações vizinhas (compare com 2 Sm 8.1-18).



As semelhanças entre a obra *Apologia de Hattusilis* e os textos em 1 Samuel 15.1 e 2 Samuel 8.18 ilustram claramente como essas partes de 1 e 2 Samuel servem como uma justificativa para o advento do reinado de Davi. Parte dessa justificativa está no evidente e inegável fato de que o próprio Deus escolheu Davi para ocupar o trono (1 Sm 16.1-13). A princípio, o filho de Jessé foi uma escolha surpreendente, pois ele pertencia a uma família de camponeses. Porém, sua notável fé no Senhor o fez destacar-se de seus companheiros israelitas e de Saul (1 Sm 17.1-51). Deus moldou o caráter de Davi enquanto ele fugia da ira infundada de Saul. Nesse período de tribulação, Davi aprendeu a confiar em Deus e em Seus livramentos. Ainda que Davi cometesse erros, ele sempre se voltava para Deus, pedindo misericórdia. Por essa razão, foi chamado de *homem segundo o coração de Deus* (1 Sm 13.14).

A tradição judaica sugere que Samuel foi o autor da primeira parte do livro (capítulos 1—24), e que o profeta Natã e o vidente Gade foram os

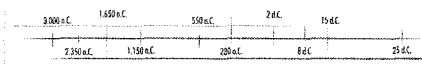
autores do restante, incluindo 2 Samuel. Outro editor, mais tarde, pode ter reunido as memórias de Samuel, Natã, Gade e outros, e, sob a orientação do Espírito Santo, unificado o maravilhoso livro que temos hoje.

Alguns críticos estimaram que o livro foi escrito em meados do século 6 a.C., data muito posterior ao tempo de Samuel e de Natã (1100—1010 a.C.). É óbvio que, pelo menos algumas partes, foram escritas após a morte de Samuel (1 Sm 25.1; 28.3), e, talvez, até mesmo após a divisão do reino (1 Sm 27.6). Porém, não há referências à queda de Samaria na invasão assíria (722 a.C.), sendo razoável presumir que o livro já estava redigido no final do século 8 a.C. O autor deste século usou documentos que datavam de antes do reinado de Davi, ou pouco tempo depois (1025—900 a.C.). O fato de terem sido incluídas narrativas de testemunhas oculares e de alguns aspectos linguísticos serem muito antigos indica que partes do livro foram escritas em período anterior ao século 8.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM 1 SAMUEL

- Ano 1350—50 a.C. — Juízes comandam Israel
- Ano 1200 a.C. — Os filisteus ocupam a costa do Mediterrâneo
- Ano 1100—1010 a.C. — Carreira profética de Samuel
- Ano 1050 a.C. — Saul se torna o rei de Israel
- Ano 1018 a.C. — Samuel unge Davi rei
- Ano 1010 a.C. — Davi começa a reinar em Hebrom
- Ano 1003 a.C. — O reinado de Davi é reconhecido por todo o Israel
- Ano 970 a.C. — Davi morre, e Salomão assume o trono





## ESBOÇO

- I. O ministério do profeta Samuel — 1.1—7.17
- O nascimento de Samuel — 1.1—2.11
  - Samuel e os filhos de Eli — 2.12-36
  - O início do ministério profético de Samuel — 3.1-21
  - A guerra dos filisteus em Ateca e a perda da arca do Senhor — 4.1—7.2
  - A vitória de Israel sobre os filisteus sob o ministério de Samuel — 7.3-17
- II. O reinado de Saul como o primeiro rei de Israel — 8.1—15.35
- Israel exige um rei — 8.1-22
  - Saul é ungido e apresentado publicamente por Samuel — 9.1—10.27
  - A vitória de Israel sobre os amonitas — 11.1-15
  - O discurso de despedida de Samuel — 12.1-25
  - Deus rejeita Saul — 13.1—15.35
- III. Davi é escolhido para suceder Saul como rei — 16.1—31.13
- A unção e o ingresso de Davi no serviço real — 16.1-23
  - A vitória de Davi sobre Golias — 17.1-58
  - A relação de Davi com os membros da família real — 18.1—20.42
  - Davi como um fugitivo — 21.1—31.13
    - A fuga de Davi para Nobe, Gate e Moabe — 21.1—22.5
    - A punição de Saúl contra os sacerdotes de Nobe — 22.6-23
    - O resgate de Davi da cidade de Queila — 23.1-14
    - A perseguição de Saul a Davi no deserto de Maom e em En-Gedi — 23.15—24.22
    - A morte de Samuel e o casamento de Davi — 25.1-44
    - A perseguição de Saul a Davi no deserto de Zife — 26.1-25
    - A fuga de Davi para a terra dos filisteus — 27.1—28.2
    - A preparação para a batalha de Gilboa — 28.3—29.11
    - O resgate dos habitantes de Ziclague por Davi — 30.1-31
    - A morte de Saul — 31.1-13

## COMENTÁRIO

**1.1—7.17** — Os primeiros sete capítulos apresentam o homem de Deus, Samuel, tido por muitos como a maior figura do Antigo Testamento, desde Moisés. Samuel é um personagem singular no antigo Israel, no qual ele teve três papéis distintos, ou responsabilidades oficiais, como líder. Ele nasceu em uma família de levitas e, por isso, serviu como sacerdote em Israel (1 Sm 10.8). Ele também foi reconhecido como o último juiz de Israel e lidava com decisões e disputas judiciais (1 Sm 7.6, 15; 12.11). E, além disso, foi o primeiro de uma série de grandes profetas levantados após Moisés (1 Sm 3.20).

**1.1,2** — *Ramataim-Zofim* era outro nome de *Ramá* (1 Sm 1.19), um vilarejo localizado uns oito quilômetros ao norte de Jerusalém.

A expressão *da montanha de Efraim* se refere a uma região montanhosa ocupada inicialmente por uma tribo de Efraim.

*Elcana*, cujo nome hebreu significa *Deus criou*, era um levita (1 Cr 6.26,34). Ele é tratado como

um efraimita, pelo fato de ter morado no território de Efraim.

**1.3** — *De ano em ano*. A Lei exigia que os israelitas participassem de três festividades por ano em Jerusalém [a Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos] (Êx 34.23; Dt 16.16).

A expressão *Senhor dos Exércitos* é um título militar, que se refere a Deus como Aquele que comanda os exércitos angelicais dos céus (1 Rs 22.19; Lc 2.13; Ap 19.14) e os exércitos de Israel (1 Sm 17.45).

A cidade de *Siló*, localizada cerca de 32 quilômetros ao norte de Jerusalém, era o centro religioso da nação naquela época e o local do tabernáculo (Js 18.1).

*Eli*, *Hofni* e *Finéias* trabalhavam como sacerdotes em Siló, oficializando os sacrifícios apresentados no tabernáculo. *Eli* pode significar *Deus é grande*. *Hofni* significa *girino*. E o nome *Finéias* pode ser originário de uma palavra egípcia que significa *o negro*.

**1.4,5** — *A parte excelente* era destinada a compensar Ana pelo fato de ela não ter filhos e também



## APROFUNDE-SE

### A ASCENSÃO E O GOVERNO DE DAVI

O primeiro e o segundo livros de Samuel eram, originalmente, um único livro que descrevia a transição entre o período dos juízes e o da monarquia. Primeiro Samuel fala da ascensão de Davi ao trono, e Segundo Samuel trata do reinado de Davi.

A demanda por um rei era baseada no colapso crônico moral e espiritual que ocorreu sob o governo dos juízes. Quando o primeiro livro de Samuel começa, Israel está novamente à mercê de uma liderança ineficaz. Por fim, o caos se instala quando a arca da aliança é capturada pelos filisteus. Deus, em Sua infinita graça, recupera a arca para o Seu povo e levanta Samuel como juiz.

No entanto, à medida que Samuel envelhece, acende-se um debate a favor e contra uma monarquia. Seus filhos não eram dignos de suceder-lhe, e parecia não haver outra liderança em vista. Consequentemente, as pessoas insistiam em ter um rei, e Deus, finalmente, atendeu-lhes o pedido. Ainda assim, as Escrituras afirmam que esse pedido foi uma *grande maldade* e uma recusa ao direito de o Senhor reinar sobre Seu povo (1 Sm 8.7; 10.19; 12.12, 17-20).

O problema não era que Israel não precisava de um rei, mas que os israelitas não estavam dispostos a servir ao rei que já tinham — o Senhor. Como, então, seguiriam um rei humano, que tinha defeitos e falhas? Mas Deus já estava trabalhando para lhes conceder um rei de Sua própria escolha. Ele permitiu que Saul fosse ungido e reinasse temporariamente, mas Seus planos incluíam Davi. O primeiro livro de Samuel conta a história de como Deus estabeleceu Davi no trono apesar dos esforços de Saul contra isso.

O segundo livro de Samuel continua com a narrativa do reinado de Davi. A princípio, ele era rei apenas em Judá, onde reinou por sete anos e meio. Durante grande parte desse período, Davi lutou contra os sucessores de Saul, até que finalmente conseguiu o controle de todo o Israel.

para demonstrar o amor de Elcana por ela. O SENHOR lhe tinha cerrado a madre. Deus é Aquele que provê a maternidade (Gn 33.5; Os 12.3).

**1.6** — A expressão *sua competidora* se refere à Penina, a outra esposa de Elcana, que aproveitava toda e qualquer ocasião para ostentar o fato de ter filhos, enquanto Ana era estéril.

**1.7** — *Subia à Casa do Senhor*. A Lei ordenava que os homens de Israel se apresentassem diante do SENHOR em três ocasiões festivas. Muitos levavam suas famílias na viagem, mas eles não eram obrigados a fazer isso. Esse versículo mostra a devoção de Ana ao SENHOR pelo fato de ela também ir a Siló para adorar a Deus. Ela *chorava e não comia*. As constantes zombarias de Penina levaram Ana à depressão.

**1.8** — Enquanto Penina provocava Ana, Elcana procurava encorajar esta. Ele lhe disse que o seu amor por ela era uma bênção maior do que a de ter *dex filhos*.

**1.9,10** — *Comeram e beberam*. A adoração a Deus não envolvia apenas o sacrifício de animais, mas também fartos banquetes de carne e vinho. Eli, o sumo sacerdote e juiz de Israel (1 Sm 4.18),

era da família de Itamar, o quarto filho de Arão (1 Rs 2.27; 1 Cr 24.1,3). O último sumo sacerdote mencionado antes dele foi Finéias, o filho de Eleazar. Não se sabe a razão, ou como o posto de sumo sacerdote passou da casa de Eleazar para a de Itamar.

*Um pilar do templo do SENHOR* se refere à entrada do local de adoração, onde as pessoas se aproximavam de Eli para obter aconselhamento em questões judiciais.

O termo hebraico *hêkal* é usado em toda a Bíblia para templo, ou palácio, e, portanto, sugere que a estrutura em Siló não era mais apenas uma tenda, mas uma estrutura semipermanente, que precedeu o grande templo construído em Jerusalém por Salomão.

**1.11** — Dentro do contexto da sua oração, Ana fez um voto a Deus. Ela prometeu que, se Deus lhe desse um filho, a criança seria dedicada a Ele. Os levitas costumavam trabalhar dos 25 aos 50 anos (Nm 4.3; 8.24-26). Ana dedicou seu filho à obra de Deus enquanto ele vivesse. (A Bíblia fala apenas de outra pessoa a serviço de Deus por toda a vida, o juiz Sansão — Jz 13—16.)

As palavras sobre a sua cabeça não passará na valha se referem à lei do nazireado. O voto do nazireado envolvia um período de tempo determinado (normalmente não mais do que algumas semanas ou meses), durante o qual havia o comprometimento de a pessoa se abster completamente do vinho, de cortar o cabelo e de tocar qualquer corpo morto. Ana prometeu que seu filho seria um nazireu por toda a vida.

**1.12-14** — *Eli fez atenção à sua boca* de certa distância. Ele a viu falando, mas não conseguiu entender o que Ana estava dizendo. Devido ao longo tempo que ela passou orando, Eli presumiu que a mulher de Elcana havia bebido muito vinho.

**1.15** — *Bebida forte* é um termo antigo que traduz a palavra hebraica *shekar*, que significa bebida fermentada, alcoólica.

A frase *derramado a minha alma perante o SENHOR* contém excelente descrição de uma oração fervorosa (Sl 62.8; Fp 4.6; 1 Pe 5.7).

**1.16** — Em hebraico, *filha de Belial* significa alguém cujo caráter é mau. Posteriormente, a palavra *Belial* foi usada para designar Satanás (2 Co 6.15).

**1.17,18** — *Vai em paz*. A mudança no semblante de Ana indica que ela experimentou a paz de Deus (Fp 4.6,7), enquanto esperava pela resposta à sua oração.

**1.19** — A frase *Elcana conheceu a Ana* significa que ele teve relações sexuais com a esposa (Gn

4.1). E o verbo *lembrou* — em *O Senhor se lembrou dela* — indica que Deus começou a intervir em favor de Ana, para responder à sua oração.

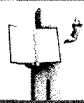
**1.20,21** — O nascimento do filho de Ana é parte de uma longa história de homens e mulheres de Deus que oraram por uma criança como um presente divino (Gn 12.1-3). Quando Ana teve o filho, ela o chamou *Samuel*, que significa *ouvido por Deus*. Ela explicou que o chamou assim porque o tinha *pedido ao SENHOR*. Há um jogo de palavras nesse versículo, pois o nome *Samuel* soa como as palavras em hebraico *pedido a Deus* (1 Sm 1.28).

**1.22** — *Quando o menino for desmamado*. As crianças hebreias eram normalmente desmamadas por volta dos dois ou três anos de idade.

**1.23** — De acordo com a Lei, Elcana poderia ter declarado o voto de Ana uma promessa imprudente e tê-la proibido de realizá-lo (Nm 30.10-15). O fato de ele não ter feito isso demonstra o seu amor e estima por ela.

**1.24,25** — *Três bezerros*. A Lei de Deus exigia que uma oferta em holocausto fosse dada por ocasião do cumprimento de um voto especial (Nm 15.3, 8). Dois dos bezerros provavelmente serviam como um presente a Eli, e o terceiro seria sacrificado.

*Um efa de farinha e um odre de vinho*. Um *efa* correspondia a algo em torno de 20 a 40 litros (NVI). Um *odre de vinho* era uma oferta de bebida.



## ENTENDENDO MELHOR

### O COSTUME DA POLIGAMIA

A poligamia era um costume social aceito por todo o antigo Oriente Médio. Também era uma prática comum entre os antigos israelitas. Embora possa parecer que a poligamia se desvia da concepção original de Deus para o casamento (como ilustrado em Gn 2.24), a prática era permitida segundo a Lei de Deus, particularmente nos casos de primeiro casamento sem filhos ou em casamentos leviratos (Dt 25.5-10).

No antigo Israel, a ausência de filhos era considerada uma tragédia na família, por várias razões. Numa cultura agrária, filhos eram necessários para ajudar no trabalho do dia-a-dia. Sem eles, o nome da família não seria preservado, e, sem um herdeiro, uma família não poderia manter o seu espaço na tribo. Finalmente, uma mulher sem filhos jamais seria a mãe ou a ancestral do prometido Messias (Gn 3.15).

Elcana provavelmente tomou uma segunda esposa, Penina, por uma razão que era legítima no mundo antigo: sua esposa Ana era estéril. Naquele tempo, a responsabilidade por não haver crianças era atribuída à mulher. A esterilidade era, frequentemente, a causa de divórcios.

Embora a poligamia fosse um costume aceito, a Lei de Deus estabelecia regras contra o casamento com muitas mulheres (Dt 17.17). Além disso, as Escrituras registram os resultados trágicos da poligamia: famílias turbulentas e divididas.

**1.26,27** — Ana deu um testemunho do que Deus havia feito por ela. Ao contar aos outros, ela exaltou a Deus e o louvou pela graça que Ele lhe concedeu.

**1.28** — Ao *SENHOR eu o entreguei*. O verbo hebraico traduzido como *entreguei* dá a ideia de uma completa entrega da criança a Deus. *Ele adorou*: a palavra em hebraico para adorar significa *abaixar*. Essa é a resposta humilde de pessoas agradecidas que reconhecem a majestade de Deus.

**2.1-11** — Em seu *cântico de louvor ao SENHOR*, Ana se regozijou e louvou a *Yahweh*, por atender a oração dela. Esta cena contrasta com a de sua visita anterior a Siló (1 Sm 1.9-15). As palavras de louvor de Ana podem ter sido cantadas como um testemunho pessoal na congregação de adoradores, no tabernáculo.

Essa passagem é escrita no mesmo estilo poético de outros cânticos (salmos) na Bíblia; as metáforas e outras figuras de linguagem são frequentemente semelhantes. A soberania de Deus e o Seu governo providencial em todos os aspectos da vida constituem o tema básico desse

cântico, que é uma afirmação poderosa da profunda fé dessa mulher no Deus vivo.

Ana reconheceu a salvação de Deus (1 Sm 2.1), Sua santidade (1 Sm 2.2), Sua sabedoria (1 Sm 2.3), Sua graça (1 Sm 2.8) e Seu julgamento (1 Sm 2.10). Nós devemos incluir Ana entre os grandes “salmistas” do antigo Israel, assim como Maria, no Novo Testamento (Lc 1.46-55). Na verdade, esse *cântico de Ana* foi reutilizado duas vezes na poesia bíblica: como base no lindo Salmo 113; e, depois, no *cântico de Maria*, em Lucas 1.

**2.1** — Ana começa seu louvor regozijando-se em Deus por Ele lhe haver concedido um filho: *O meu coração exulta no Senhor; o meu poder está exaltado*. Ela estava com a cabeça erguida, consciente de seu fortalecimento por Deus. O senso de força de Ana estava no Ser todo-poderoso que havia respondido à sua oração.

**2.2** — *Não há santo como é o SENHOR*. Aquele que é santo (hb. *qadôsh*) é marcado, separado e retirado do uso comum. *Santo* é o contrário de *profano* e *comum*. A imagem de uma rocha, quando aplicada a Deus, fala da Sua eternidade, estabilidade e confiabilidade (Dt 32.4; 2 Sm 22.2,3).



## APLICAÇÃO

### O CÂNTICO DE ANA: LOUVANDO AO SENHOR

Atualmente muitas pessoas debatem o potencial e os limites de um grande governo. Neste sentido, o primeiro e o segundo livros de Samuel abordam o assunto de um modo interessante, pois oferecem um relato da transição de Israel desde o governo dos juízes até a monarquia de Jerusalém.

Governada pelos juízes, a nação passou por períodos saudáveis política e espiritualmente. Mas, na maior parte do tempo, o povo se afastou de Deus (Jz 21.25). Será que os israelitas se sairiam melhor se governados por reis?

O cântico de Ana (1 Sm 2.1-10) responde a essa pergunta no início do livro: não importava quem governava Israel, se juízes ou reis, o Senhor era o verdadeiro Rei (1 Sm 2.3,10). Dele vinha a salvação (1 Sm 2.1), e Seu cuidado era constante para com os estrangeiros e os pobres — pessoas que estavam no pó e no esterco (1 Sm 2.4-9).

- O restante de 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis apontam para estas verdades:
- Quando o povo exigiu um rei (1 Sm 8.4,5), o Senhor disse que o porquê disso era os israelitas o rejeitarem como Rei (1 Sm 8.7).
- Quando a nação enfrentou algumas crises, não foi o rei que a livrou dessas situações, e sim o Senhor (1 Sm 11.13;17.46; 2 Sm 5.22-25).

Não foi Saul, o preferido do povo, quem firmemente estabeleceu a monarquia, e sim Davi, o oitavo e mais jovem filho de Jessé, um pastor de ovelhas em Belém (1 Sm 16.7,9-13;18.23; 2 Sm 7.12-16).

O cântico de Ana vem ao encontro de nossa extrema confiança em governos de qualquer tipo, pois todo governo é estabelecido por Deus (Rm 13.1-7). O certo seria que todo governo primasse pela justiça para todos. Mas, no fim, a fé das pessoas não pode concentrar-se num poder centralizado no homem, e sim no poder da justiça, misericórdia e salvação de Deus.

2.3 — Ana se referiu à altivez não apenas de Penina, e sim à de todos os que se ensoberbeciam. Porque o *Deus da sabedoria* conhece todas as coisas. Ele vai avaliar o nosso desempenho e as nossas promessas.

2.4,5 — Ana mencionou três coisas — poder militar, riqueza e o nascimento de filhos — como exemplo de circunstâncias que Deus muda, humilhando o soberbo, e exaltando o abatido. Maria fez a mesma menção em seu cântico (Lc 1.46-55).

2.6 — A palavra *sepultura* (hb. *she'ól*) se refere ao lugar dos mortos, onde tanto o justo como o ímpio era colocado (Gn 37.35). A soberania do Deus que traz a morte também é capaz de fazer subir da sepultura. Esse versículo pode referir-se ao poder de Deus de ressuscitar os mortos (Sl 16.10; Dn 12.2).

2.7,8 — *Levanta o pobre do pó e, desde o esterco, exalta o necessitado*. Estes termos, *pó* e *esterco*, descrevem a degradante composição dos monturos localizados fora das portas da cidade, onde as pessoas jogavam os seus despejos, incluindo as cinzas dos fogões (à lenha). Era nesse local que mendigos e leprosos se sentavam e pediam esmolas. Ana usou essa imagem para indicar a mais profunda degradação. Deus assiste àqueles que estão nas piores circunstâncias (Sl 113.7-9).

Já a expressão *os alicerces da terra* é poética. Uma vez que os *alicerces* que sustentam a terra pertencem a Deus, toda a criação está estável e segura sob os cuidado dele.

2.9,10 — Em harmonia com o modelo de sabedoria da literatura antiga, Ana contrasta o justo e o ímpio. O SENHOR não permitiria que seus santos caíssem, mas os que contendem com o SENHOR enfrentariam calamidades. A palavra hebraica para *ungido* significa *Messias*. Essa frase aponta para o último rei, diante do qual todo o joelho deverá dobrar-se (Fp 2.10). Ana viu o trabalho de Deus, garantindo a ela um filho, como outro passo para o cumprimento da Sua promessa às mães de Israel, de que Ele iria, um dia, prover o Messias através delas.

2.11,12 — *Eram, porém, os filhos de Eli filhos de Belial*. A expressão *filhos de Belial* aqui significa

pessoas más, de nenhum valor (1 Sm 30.22). [Os filhos de Eli, apesar de terem acesso à Lei e servirem no tabernáculo] *Não conheciam o SENHOR*. Eles não possuíam qualquer conhecimento (hb. *yada'*) íntimo e pessoal de Deus. Os sacerdotes eram os mestres da Lei de Deus e os que ofereciam os sacrifícios do povo a Deus. Como era trágico para eles saber tanto a respeito das coisas de Deus e, ainda assim, não conhecê-lo pessoalmente.

2.13-15 — A parte que cabia, por direito, aos sacerdotes era o *peito* e a *coxa* direita do animal (Lv 7.34). Os filhos de Eli pecavam pelo fato de pegarem qualquer parte que quisessem e por exigirem a carne imediatamente, antes que a parte consagrada a Deus, a *gordura*, tivesse sido queimada no altar (Lv 3.3,5). [Isso demonstra o total desrespeito que tinham por Deus e o caráter corrupto deles.]

2.16 — *E, dizendo-lhe o homem*. Nesse caso, o ofertante conhecia as Escrituras e a importância de uma obediência superior à daqueles sacerdotes.

2.17 — *Porquanto os homens desprezavam a oferta do Senhor*. Os filhos de Eli desonravam a Deus no cumprimento de suas obrigações sacerdotais com a irreverência e o desrespeito. Aqueles que regularmente ministram com o sagrado correm, às vezes, o grave risco de lidar de modo descuidado e presunçoso com as obras sagradas confiadas a eles.

2.18 — O *éfode de linho* era uma longa túnica sem mangas, que era usada por sacerdotes quando estes estavam ministrando no altar (1 Sm 2.28; 22.18; Êx 28.6-14). Ocasionalmente, também era usada por outras pessoas durante celebrações religiosas, como Davi (2 Sm 6.14), e aqui por Samuel.

2.19 — *A túnica pequena* feita por Ana é diferente da mencionada no versículo 18. Era, provavelmente, uma túnica longa como aquelas usadas por pessoas de posto e *status* especiais. O fato de Ana ter feito tal túnica demonstra o amor que ela nutria pelo filho, o qual só poderia visitar em raras ocasiões.

2.20 — *Em lugar do filho que devolveu ao Senhor* (ARA). O verbo *devolver* aqui indica a completa dedicação da criança ao Senhor (1 Sm 1.28).



## EM FOCO

## CHIFRE (HB. QEREN)

(1 Sm 2.10; Dt 33.17; Sl 132.17; 2 Sm 22.3)

Esta palavra se refere ao chifre de um animal ou às presas de um elefante (Gn 22.13; Ez 27.15). Os chifres de animais eram utilizados como instrumentos musicais (Js 6.5) e como frascos para guardar o azeite da unção usado pelos profetas (1 Sm 16.1,13; 1 Reis 1.39). Esse objeto simbolizava poder, força (1 Reis 22.11; Mq 4.13); consequentemente, os que o possuíam prevaleciam sobre os demais, por serem poderosos.

Isso significa que o Senhor exaltava a força dos justos e extinguiu a dos pecadores (Sl 75.10; 92.10; Zc 1.21). Os ímpios foram aconselhados a não exaltar seu próprio poder, a não levantar a frente (Sl 75.4,5). Davi, em 2 Samuel 22.3, fala de Deus como a força de sua salvação, o título que Zacarias profeticamente deu a Jesus (Lc 1.69).

**2.21** — *Visitou.* Deus veio a Ana para lhe garantir o seu pedido, assim como fizera com Sara (Gn 21.1). O verbo *visitar* (hb. *paqad*) alude à graça condescendente de Deus. Ele se aproxima de Seu povo para atender às suas necessidades (Rt 1.8). Em outras circunstâncias, a visita de Deus pode ter como propósito o julgamento (Os 1.4).

**2.22** — *Eli já muito velho e ouvia tudo quanto seus filhos faziam.* A alegria dos pais idosos está na evidência de Deus na vida de seus filhos. Poucas dores são maiores na idade avançada do que reconhecer que um filho está levando uma vida espiritual arruinada.

**2.23,24** — *Não, filhos meus, porque não é boa fama esta que ouço.* Os protestos de Eli parecem fracos em vista da magnitude dos pecados de seus filhos.

**2.25** — A conjunção adversativa *mas* aqui aponta para as severas consequências dos pecados cometidos pelos filhos de Eli.

**2.26** — *Samuel ia crescendo e fazia-se agradável [...] para com o SENHOR como também para com os homens.* Compare a descrição da infância de Samuel com a de Jesus (Lc 2.52). O contraste entre Samuel e os filhos de Eli é inevitável.

**2.27,28** — O *homem de Deus* era um profeta não identificado ou um porta-voz do Senhor.

*Teu pai* é uma referência a Arão, irmão de Moisés e Miriam, sacerdote escolhido por Deus, o primeiro da casa sacerdotal de Israel (Êx 4.14-16; Nm 3.1-4).

**2.29** — Eli tinha avisado aos seus filhos sobre o julgamento de Deus (v. 25), entretanto, jamais os advertira severamente pelos seus pecados (1 Sm 3.13). Ao negligenciar sua obrigação como pai, Eli estava, na verdade, favorecendo seus filhos em detrimento de Deus; *e honras a teus filhos mais do que a mim.*

**2.30** — *Tinha dito [...] andariam diante de mim perpetuamente.* Como descendentes, a família de Eli se beneficiou da promessa que Deus fizera a Arão e a seus filhos de que eles seriam sacerdotes para sempre (Êx 29.9).

*Porém, agora, diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa.* Eli representa outro exemplo de homem de Deus nas Escrituras que não alcançou êxito na tarefa de ser pai.

**2.31-34** — *Eis que vêm dias em que cortarei o teu braço e o braço da casa de teu pai.* O homem de Deus profetizou a destruição da família de sacerdotes de Eli. O juízo foi parcialmente cumprido no massacre em Nobe (1 Sm 22.11-19), e totalmente concretizado quando a herança sacerdotal foi transferida para a família de Zadoque no reinado de Salomão (1 Rs 2.26,27,35).

**2.34** — As mortes de *Hofni e Finéias* validariam a mensagem do profeta (1 Sm 4.17).

**2.35** — O *sacerdote fiel* se refere a Zadoque, que era fiel a Deus e à linhagem de Davi e Salomão (1 Rs 1.7,8; 2.26,27,35). A promessa, *eu lhe edificarei uma casa firme*, significa garantir uma longa linhagem de sucessores fiéis.

*Meu ungido.* A casa de Zadoque continuaria a servir os reis ungidos por Deus perpetuamente, até a chegada daquele que viria [o Messias].

O termo *sempre* aqui pode significar prolongamento no decorrer da história humana. Os filhos de Zadoque vão servir no templo messiânico durante o Milênio (Ez 44.15; 48.11).

**2.36** — *Virá a inclinar-se diante dele, por uma moeda de prata e por um bocado de pão.* O empobrecimento profetizado aqui, provavelmente, concretizou-se quando Abiatar, descendente de



## PERFIL

### ELI, O LÍDER FALHO DE SILÓ

Eli foi sacerdote e juiz de Israel por 40 anos (1 Sm 4.18). Não foi fácil exercer a liderança naquele período. Israel não tinha governo centralizado, e *cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos* (Jz 21.25), inclusive os filhos de Eli — Hofni e Finéias. Eles cometiam abusos no sistema de sacrifícios e praticavam imoralidades com mulheres no tabernáculo (1 Sm 2.12-17,22).

Eli estava em uma posição que lhe permitiria acabar com esses abusos, mas não o fez. Ele foi incapaz de repreender seus filhos ou retirá-los do sacerdócio. Logo, Eli e seus descendentes foram alvos do julgamento severo de Deus (1 Sm 2.27-36). Porém, uma luz de esperança emergiu da casa do sacerdote — o menino Samuel, que, ao contrário dos filhos ímpios de Eli, seguiu o Senhor e cresceu para ser um dos maiores juízes de Israel (1 Sm 2.17,18;3.1,19,20).

Eli, foi destituído do sacerdócio, no reinado de Salomão (1 Rs 2.27).

**3.1-18** — O SENHOR chamou a Samuel, e disse ele. Depois de Moisés, o maior dos profetas de Yahweh (Nm 12), existiram muitos profetas verdadeiros do Deus vivo (um é indicado na expressão *um homem de Deus*, em 1 Sm 2.27). Samuel, entretanto, foi o primeiro de uma série de profetas nomeados e consagrados, formalmente apontados por Deus, para falar a sua Palavra ao povo de Israel. A primeira parte do capítulo 3 registra o seu chamado para o ministério profético.

**3.1** — *E o jovem Samuel servia ao SENHOR.* A palavra traduzida como *jovem* significa *juventude*. Ela foi usada para se referir a Davi quando ele derrubou Golias (1 Sm 17.33).

*Não havia visão manifesta.* Samuel foi levantado em um tempo de extrema limitação da atividade profética, provavelmente porque havia poucos israelitas fiéis que dariam ouvidos à Palavra de Deus (Jz 21.25).

**3.2** — *Deitado no seu lugar.* Eli, aparentemente, estava acomodado na sala do tabernáculo, onde existiam cômodos para os sacerdotes que serviam ao santuário.

**3.3** — *A lâmpada de Deus* era o suporte de ouro que ficava localizado no lugar sagrado do tabernáculo (Êx 27.20,21; Lv 24.2-4). O fato de a lâmpada ainda não ter sido apagada indica que o chamado de Samuel aconteceu pouco antes da madrugada. O texto em hebraico poderia ser traduzido como *Samuel estava deitado no Templo de Yahweh*, indicando que ele dormia como um servo, perto da arca do Senhor.

**3.4-8** — Por três vezes, Samuel confundiu a voz do Senhor com a voz de Eli. Samuel já havia ajudado Eli, servindo no tabernáculo, mas ele *ainda não conhecia o SENHOR* de forma íntima e pessoal. Ele ainda não tinha ouvido a voz de Deus nem recebido a *palavra do SENHOR* por divina revelação.

**3.9** — *E há de ser que, se te chamar, dirás: Fala, SENHOR.* Eli finalmente entendeu que Deus estava falando com Samuel e orientou o jovem sobre como proceder.

**3.10** — *Veio o SENHOR e ali esteve.* Essa declaração reflete a verdadeira consciência de Samuel da presença de Deus. Tal episódio parece ter sido um caso de teofania, uma aparição visível de Deus, como o registrado em Gênesis 12.7.

*Fala [...] ouve.* Samuel expressou sua prontidão para receber a revelação de Deus. *Ouvir* (hb. *shama*) significa *escutar com interesse* e pode ser traduzido como *obedecer*. Samuel estava ouvindo a voz do Senhor e estava determinado a obedecê-la.

**3.11** — *Vou eu a fazer uma coisa.* Deus é soberano sobre juízo e calamidade (Ec 7.13,14; Is 45.7).

**3.12** — *Começá-lo-ei e acabá-lo-ei.* O juízo estabelecido pelo Senhor se estenderia desde a morte dos filhos de Eli e continuaria até que toda a profecia proferida pelo homem de Deus (1 Sm 2.27-36) fosse concretizada.

**3.13** — *Eu já lhe fiz saber.* A mensagem havia sido entregue por meio do anônimo *homem de Deus* (1 Sm 2.27-36).

*Julgarei.* Nenhum descendente de Eli serviria como sacerdote.





## EM FOCO

## OUVIR (HB. SHAMA')

(1 Sm 3.10; 17.28; Gn 3.10; Êx 2.15; Is 6.9)

O verbo em hebraico traduzido como *ouvir* também significa *escutar* ou *obedecer*. Por ser importante no Antigo Testamento, aparece mais de 1.100 vezes. Isso implica que o ouvinte dava total atenção a quem estava falando. Em alguns casos, o verbo denota mais do que ouvir, indicando obediência ao que está sendo dito.

Abraão foi abençoado não só por ouvir a voz de Deus, mas também por obedecer-lhe (Gn 22.18). Em 1 Samuel 3.10, o profeta ouviu a voz do Todo-poderoso e mostrou-se obediente. Este jovem é um exemplo daqueles que o Senhor se regozija em usar — aqueles que estão sempre prontos a receber e seguir a Sua Palavra.

*Fazendo-se os seus filhos execráveis.* Os filhos de Eli deveriam ter sido sacerdotes estimados do Senhor, mas transformaram tal privilégio em maldição para as próprias vidas.

*Não os repreendeu.* Aqui constatamos o fracasso de Eli como pai. A palavra traduzida como *repreendeu* ocorre somente nesse ponto no texto hebraico. Sugere uma repreensão que corrige as coisas.

**3.14** — *Nunca jamais será expiada.* Eli e seus filhos foram culpados do pecado de presunção (Nm 15.30,31). Por tal pecado, não haveria qualquer sacrifício expiatório.

**3.15,16** — A expressão *portas da Casa do SENHOR* se refere à entrada da sala do tabernáculo. Depois que o povo se estabeleceu em Canaã, o tabernáculo foi erguido em Siló, e uma parede com portas substituiu as cortinas que antes rodeavam o santuário. *Visão.* O termo aqui se aplica à mensagem dada a Samuel, uma vez que ela veio por meio de revelação divina.

**3.17** — *Assim Deus te faça e outro tanto é* uma palavra de maldição. Eli estava, na verdade, dizendo *Que Deus faça algo terrível, ou ainda pior, se você não me disser a verdade.*

**3.18** — *Faça o que bem parecer aos seus olhos.* Eli se submeteu a Deus e aceitou o Seu juízo. Mesmo com todas as suas falhas como pai, ele permaneceu fiel ao Altíssimo.

**3.19** — *E o SENHOR era com ele.* Essa era a chave do sucesso de Samuel como profeta (Mt 28.20). Deus permaneceu com ele.

*E nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra.* Todas as profecias que Deus entregou por meio de Samuel foram cumpridas.

**3.20** — A extensão *desde Dã até Berseba* denota todo o território de Israel, abrangendo desde o seu extremo norte até o mais extremo sul (Jz 20.1). O termo *profeta* (hb. *nab'i*) significa *porta-voz* e se refere àquele que fala por outro (Êx 7.1,2).

**3.21** — *E continuou o SENHOR a aparecer em Siló.* A ideia aqui é que o Senhor estava no meio do Seu povo, tanto para receber a sua adoração como para falar por meio do seu profeta. O chamado de Samuel a Siló proveu as bases para um ministério profético contínuo. O versículo fala de dois meios de revelação divina: visões e discursos (falas).

**4.1** — *E Israel saiu ao encontro, à peleja, aos filisteus.* Os filisteus, conhecidos nos textos egípcios como *povos do mar*, eram indo-europeus que haviam imigrado das ilhas Aegean e Ásia Menor para o leste da região da costa do Mediterrâneo, no século 12 a.C. Imigrações haviam acontecido antes, pois Abraão e Isaque tiveram contato com os filisteus no século 20 a.C. Com uma invasão agressiva e as cidades fortalezas Asquelom, Asdode, Ecron, Gate e Gaza, os filisteus estabeleceram um forte contato político e militar com o sul da costa palestina. Com as suas armas de ferro, os filisteus se tornaram uma ameaça significativa para a segurança de Israel. A peleja mencionada aqui aconteceu entre Ebenézer e Afeque.

O nome *Ebenézer* [traduzido como *até aqui nos ajudou o Senhor*] significa *pedra de ajuda* e ficava a uma distância pequena de Afeque. Afeque, situada a cerca de 20 Km (NVI) ao norte de Jope, foi uma cidade estrategicamente construída no limite norte do território filisteu (1 Sm 29.1).

Em episódio posterior, registrado em 1 Samuel 7.12, o termo *Ebenézer* também é mencionado, mas ali se refere a um memorial erigido pela vitória de Israel contra os filisteus.

4.2 — A locução *no campo* se refere ao local plano e devastado, onde os filisteus podiam utilizar as suas carruagens com grande vantagem (1 Sm 13.5).

4.3 — O termo *povo* se refere aos homens que lutaram à frente do exército de Israel. O termo *anciãos* se refere aos líderes das famílias que forma-

vam a liderança na política e no exército de Israel antes da criação da monarquia. A fim de preparar-se para a próxima batalha contra os filisteus, os israelitas levaram a *arca do concerto do SENHOR* do tabernáculo de *Siló* para o campo de batalha. Era costume dos guerreiros antigos levarem os símbolos de seus deuses para a batalha a fim de que estes lhes entregassem os seus inimigos (2 Sm 5.21; 1 Cr 14.12). Aparentemente, a intenção de Israel era a mesma. Eles falharam em reconhecer que Deus estaria com eles, mesmo estando a arca em *Siló*.



## APLICAÇÃO

### QUEM É CHAMADO?

Apenas alguns são *chamados* por Deus (1 Sm 3.20)? Essa questão tende a ser confusa hoje em dia. Algumas pessoas consideram suas tarefas do dia-a-dia como se fossem o seu chamado: "Eu sou John, um químico", ou "Eu sou Jane, vendedora de imóveis". Outras acreditam que os ministérios de pastor e de missionário são verdadeiros *chamados*. Classificarmos a nós mesmos desta forma significa subestimarmos-nos, segundo o que a Bíblia define como *chamado*.

#### Uma tarefa estabelecida por Deus

O líder da Reforma, Martinho Lutero, usava uma expressão que ajuda a corrigir as definições insuficientes de *chamado*. Ele dizia que a trajetória de vida de uma pessoa é "uma tarefa estabelecida por Deus". Independente das ações que praticemos — trabalhar, divertir-se, descansar, comer, dormir ou adorar —, temos de honrar a Deus, pois Ele é o Senhor de tudo. Do ponto de vista bíblico, o *chamado* engloba todas as responsabilidades concernentes aos que servem a Deus com sua vida.

- Todo cristão é chamado para pertencer ao Senhor. Paulo afirmou aos cristãos em Roma que tanto ele quanto eles tinham o mesmo chamado (Rm 1.1,6). Do mesmo modo, o apóstolo escreveu para os fiéis em Éfeso que, assim como existe um só Espírito e um só Corpo (isto é, a Igreja), *também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação* (Ef 4.4).
- Cada cristão é chamado de filho de Deus. Por Seu amor, o Pai nos comprou para fazermos parte de Sua família (1 Jo 3.1), mediante a fé em Cristo Jesus.
- Todo cristão é chamado para aceitar a obra de Deus em seu benefício. Embora sejamos pecadores e mereçamos o julgamento, a morte de Cristo nos *justificou*, capacitando-nos para ficarmos diante de um Deus santo e receber Sua salvação e Sua graça (Rm 8.28-30; 2 Tm 1.9). Por isso, temos todos os motivos para vivermos eternamente gratos (1 Ts 2.13).
- Todo cristão é chamado para ser como Jesus. Viver a vida para a qual Deus nos chamou envolve mudanças que nos capacitam a assumirmos o caráter de Cristo. Isto significa resistir à tentação de afastar-se dele, embora outros possam encorajar-nos a fazê-lo (Gl 1.6-9). Esse processo implica rejeitarmos o mal e perseguirmos o bem, lutando para manter a nossa fé (1 Tm 6.11,12).

Assim como Jesus é santo, também devemos desenvolver a santidade em tudo o que fazemos (1 Pe 1.15;3.9). À medida que buscamos possuir o caráter de Cristo, podemos ter a certeza de que Deus nos está ajudando e preparando-nos para o que há de melhor (Fp 2.12,13; 2 Pe 1.3-10).

- Todo cristão é chamado para servir a Deus e a outras pessoas. Cristo nos chamou para si mesmo a fim de vivermos pela fé, de modo que sejamos dignos dele (Ef 4.1-4). Temos o privilégio de declarar o poder do evangelho por meio do que fazemos e falamos (1 Pe 2.9,10,21).
- Todo cristão é chamado para se tornar um cidadão do novo céu e da nova terra. Uma vida com Jesus leva o cristão à glorificação, a ser exaltado para permanecer com Cristo para sempre, puro e santo (1 Pe 5.10; 2 Pe 3.10,11). No grande dia, celebraremos o encontro final de Cristo com Seus discípulos (Ap 19.9,10). Nossa obediência ao Senhor imediatamente confirma este último chamado (Mt 5.19).

*Para que nos livre da mão de nossos inimigos.* Parecia que os israelitas viam a arca de maneira supersticiosa, acreditando que o poder divino estava nela, e não em Deus.

**4.4** — *Que habita entre os querubins.* Querubins são anjos geralmente considerados guardiões da santidade de Deus (Gn 3.24; Êx 25.22; 2 Sm 6.2; 2 Rs 19.15; Sl 80.1; 99.1; Is 37.16; Ez 10.9). Quando se revelou a Moisés, Deus estava entre os dois querubins posicionados um em frente ao outro no propiciatório (tampa) que cobria a arca do SENHOR (Êx 25.22; Nm 7.89).

**4.5-7** — *A terra estremeceu.* A presença da arca deu aos israelitas um falso senso de vitória. Deus veio ao arraial. O grito de júbilo dos israelitas ao verem a arca atemorizou os filisteus, que relacionavam a arca a algum tipo de ídolo.

**4.8-10** — *Grandiosos deuses.* Os filisteus eram politeístas e presumiam que os israelitas também o fossem. Os filisteus tinham ouvido acerca do que Deus fizera por Seu povo no tempo do êxodo (Dt 2.25).

**4.11** — *E foi tomada a arca de Deus.* A perda da arca, o símbolo da presença de Deus no meio de Seu povo, foi uma grande tragédia para Israel — ainda pior do que a perda da própria vida (v. 10). A arca, provavelmente, nunca mais retornou a Siló. O SENHOR destruiu Siló por causa da perversidade de seu povo (Jr 7.12). Escavações arqueológicas indicam que a cidade foi destruída por volta de 1050 a. C., talvez pelos filisteus. As mortes dos filhos de Eli, Hofni e Finéias, marcaram o primeiro passo no juízo de Deus sobre a casa de Eli (1 Sm 2.34).

**4.12** — *Vestes rotas e terra sobre a cabeça* eram sinais tradicionais de luto (Js 7.6).

**4.13-17** — *Assentado numa cadeira.* Eli estava sentado perto do portão da cidade (v. 18), ansiosamente, esperando notícias a respeito da batalha.

**4.18-19** — A perda da arca foi uma notícia catastrófica. Em resposta à tragédia, Eli caiu da cadeira e morreu — outro sinal do juízo de Deus sobre a casa de Eli (1 Sm 2.33-36).

**4.20** — Como Raquel (Gn 35.16-20), a esposa de Finéias morreu no parto. As palavras

*tiveste um filho* foram faladas para confortá-la enquanto ela morria.

**4.21** — *Foi-se a glória de Israel...* Provavelmente, essa fala tenha sido proferida pela parteira que assistiu o parto do neto de Eli. O nome Icabô, que significa *sem glória* (hb. *î-kabod*), refletiu as circunstâncias de Israel. A perda da arca significou a ausência da glória de Deus em Israel.

**4.22** — *De Israel a glória é levada presa.* A explicação do nome Icabô é repetida, enfatizando o que a mulher do ímpio Finéias sentiu como a maior das tragédias, a perda da arca. Esse, verdadeiramente, foi um dia de humilhação para sempre ser lembrado em Israel.

**5.1—7.2** — Esses capítulos registram as peregrinações da arca e seu retorno final a Israel. O capítulo 5 apresenta uma história maravilhosa, ainda que cruel, da destruição causada aos filisteus, porquanto a arca esteve em poder deles. Embora pensassem que seriam beneficiados pelo fato de a arca estar sob o domínio deles, os filisteus tiveram de aprender uma dura lição. A arca do SENHOR não era uma caixa mágica para ser usada como um amuleto da sorte. Era uma representação do Deus vivo, e ele não permitiria que Sua arca fosse associada, em hipótese alguma, às adorações pagãs e aos templos dos filisteus.

**5.1** — *Asdode*, uma das cinco principais cidades dos filisteus, estava situada a cerca de três milhas (4,8 Km) do mar Mediterrâneo e a aproximadamente 22 milhas (35,4 Km) ao sul de Jope. (Uma milha terrestre corresponde a 1,609344 Km ou 1.479,5 m, de acordo com o Sistema Imperial de Medidas.)

**5.2** — *Dagom* era o principal deus dos filisteus, a quem era atribuído o controle do tempo e da fertilidade da terra. Esse deus parece ser uma adaptação do deus cananeu Baal, citado na literatura antiga como *Filho de Dagom*. A Filístia era uma importante região produtora de grãos, e os filisteus acreditavam que a adoração a Dagom lhes garantiria uma boa colheita.

**5.3,4** — *Eis que Dagom jazia caído com o rosto em terra.* Por duas vezes, a estátua de Dagom caiu prostrada diante da arca, como se estivesse adorando ao Deus de Israel. Na segunda vez, a cabe-

ça e as mãos da estátua se quebraram. Tal episódio foi registrado para demonstrar a estultícia de adorar a um deus impotente.

**5.5** — *Nenhum de todos [...] pisam o limiar de Dagom.* A destruição da estátua de Dagom resultou no tolo costume de não se pisar no *limiar* do templo de Dagom (Sf 1.9). A partir disso, pisar no limiar (soleira) do templo representaria grande desrespeito para com a cabeça e as mãos de Dagom (1 Sm 5.4).

**5.6,7** — A palavra hebraica traduzida por *hemorroidas* (*'ophel*) significa *inchaço* e pode referir-se a qualquer tipo de tumor, inchaço ou furúnculo.

**5.8,9** — *Príncipes* (hb. *saren*) se refere aos governantes das cinco cidades da Filístia (1 Sm 6.4). Para se livrarem da praga associada à presença da *arca do SENHOR*, os príncipes a enviaram para Gate, uma de suas cidades.

**5.10** — Então, a arca foi enviada à cidade de Ecrom, localizada cerca de seis milhas (9,6 Km) de Gate. *Para nos matarem.* Tendo ouvido a respeito da praga associada à arca, os moradores de Ecrom não estavam nada entusiasmados em receber em sua cidade o símbolo sagrado dos israelitas.

**5.11** — A expressão *mortal vexação* (hb. *mehûmat-mawet, tumulto de morte*) é particularmente cruel. Mais uma vez, o juízo de Deus seguiu a *arca do SENHOR*.

**5.12** — *O clamor da cidade subia até ao céu.* A expressão hebraica traduzida por *clamor* significa *gritos por socorro* (Êx 2.23).

**6.1,2** — Os *adivinhadores* diziam poder prever o futuro e determinar a vontade dos deuses observando presságios revelados, por exemplo, no padrão do voo dos pássaros ou no fígado de um animal sacrificado.

**6.3** — *A arca [...] não a envieis vazia.* Os *sacerdotes* e os *adivinhadores* (v. 2) alertaram quanto a não devolverem a arca vazia. Eles aconselharam os líderes filisteus a apresentarem uma oferta para abrandar o Deus de Israel a fim de que a praga fosse retirada. No entendimento deles, o Deus de Israel era mais um deus, dentre muitos, que ganhara algum tipo de disputa contra o deus filisteu Dagom.

*Enviareis uma oferta para a expiação da culpa.* A oferta era para compensar o fato de terem desrespeitado ao Deus de Israel ao capturarem a arca.

**6.4** — A oferta de ouro era moldada na forma das *hemorroidas* e dos *ratos* que perturbavam o povo.

*O número dos príncipes dos filisteus.* As ofertas correspondiam ao número de cidades filisteias e seus respectivos príncipes ou reis.

**6.5** — *Dai glória ao Deus de Israel.* Ao devolver a arca com as ofertas, os filisteus reconheceram que era Deus quem os afligira com as hemorroidas. Tal reconhecimento aumentaria a gloriosa reputação do *Deus de Israel* entre as nações.

**6.6** — Os sacerdotes e os adivinhadores filisteus lembraram a experiência vivida pelos *egípcios* e por *Faraó*, que *endureceram os seus corações* contra Deus no episódio do êxodo. A história da salvação dos israelitas promovida por Deus também era conhecida fora do arraial israelita (Dt 4). As palavras dos sacerdotes e dos adivinhadores orientavam quanto à devolução da arca antes que uma calamidade ainda maior assolasse os filisteus.

**6.7** — O uso de *um carro novo* e vacas sobre as quais nunca havia subido o jugo foi designado para mostrar a reverência dos filisteus ao Deus dos israelitas.

*E levai os seus bezerros de após elas para casa.* A tendência natural das vacas seria voltar para casa com os seus bezerros. Esse era um teste para saber se Deus era o responsável pelas pragas.

**6.8,9** — *Para que se vá.* Aonde a vaca fosse seria arbítrio de Deus. *Se subir pelo caminho.* Se as duas vacas deixassem seus bezerros, seria um claro sinal para os filisteus de que a praga das hemorroidas tinha sido juízo do Deus de Israel.

*Bete-Semes*, uma cidade Levita (Js 21.16), ficava perto da fronteira da Filístia, cerca de oito milhas (12,8 Km) a leste de Ecrom. O nome *Bete-Semes* significa *casa do Sol*. É provável que essa antiga cidade cananea tenha ficado conhecida por seu templo ao deus sol.

**6.10-12** — *Diretamente pelo caminho.* Literalmente em hebraico *ao longo de um caminho*, indicando que as vacas não se desviaram para nenhum lado da estrada.

*Andando e berrando* era o apelo das vacas pelos bezeros. As vacas haviam sido atraídas por um estranho poder que as fizeram seguir em direção contrária àquela que naturalmente seguiriam. Tal episódio causou inegável impressão nos fazendeiros filisteus conhecedores do forte instinto maternal das vacas.

**6.13** — *Sega do trigo*. Trigo plantado no outono e colhido na primavera.

**6.14** — *E ofereceram as vacas ao SENHOR, em holocausto*. Embora Deuteronômio 12.4-14 exigisse que os sacrifícios fossem oferecidos apenas no santuário central, parecia que essa lei não teria sido aplicada em vista da recente destruição de Siló. Uma vez que Bete-Semes era uma cidade de levitas (Js 21.16), haveria sacerdotes disponíveis para oficializar o sacrifício.

**6.15** — *E os levitas desceram a arca do SENHOR*. A lei mosaica estipulava que somente os levitas poderiam transportar a arca, e, mesmo assim, não poderiam tocá-la diretamente (Nm 4.5,15).

*Holocaustos [...] sacrifícios*. Esses se somaram àqueles mencionados no versículo 14.

**6.16** — Os *príncipes* ou líderes dos filisteus seguiram a arca a distância para ver o que aconteceria a ela.

**6.17** — Embora não haja qualquer indicação que a arca tenha estado em Gaza e Asquelom, ou Ascalom (NVI), essas cidades aparentemente caíram sob a mesma praga das outras cidades filisteias. Por isso, elas contribuíram com a oferta para expiação da culpa (1 Sm 6. 3).

*Asquelom*, localizada na costa do Mediterrâneo, a cerca de dez milhas (16,09 Km) ao sul de Asdode, é uma das maiores, mais antigas e mais importantes cidades da Terra Santa (apenas Jericó é considerada mais velha na antiga Canaã). Arqueólogos encontraram evidências de ocupação humana no local que data do antigo período Neolítico (7500—4000 a.C.). A cidade media cerca de 160 acres.

*Gaza*, outra cidade costeira mediterrânea, estava localizada cerca de 12 milhas (19,3 Km) ao sul de Asquelom. Tinha importância comercial, pois era a última parada da via Maris, ou estrada costeira, antes de entrar no deserto do

Sinai. Sansão, uma vez, carregou o portão da cidade para o topo de um monte perto de Hebrom (Jz 16.1-3); e foi em Gaza que ele terminou a sua vida, derrubando os pilares do templo filisteu (Jz 16.21-31).

**6.18** — *Abel* aqui não está relacionado ao nome do filho de Adão e Eva (Gn 4.2). Esse termo pode ser o nome do local onde se situa a grande pedra, *sobre a qual puseram a arca do Senhor*.

**6.19** — O Senhor trouxe juízo a certos *homens de Bete-Semes* que foram punidos pelo pecado da arrogância, *porquanto olharam para dentro da arca do Senhor*. Eles demonstraram falta de reverência pelas coisas sagradas de Deus e violaram explicitamente a lei de Moisés (Nm 4.20).

**6.20** — *Quem poderia estar em pé*. Uma vez santo, Deus requer que aqueles que ministram ou o servem sejam separados de tudo aquilo contrário ao Seu santo caráter. As pessoas responderam com terror e frustração. Elas sabiam dos castigos que a arca do SENHOR havia levado aos filisteus. Agora os homens de Bete-Semes acreditavam que seriam os próximos.

**6.21** — O povo de Bete-Semes estava tão perturbado pela tragédia que exigiu que os habitantes de *Quiriate-Jearim* removessem a arca da cidade dele. Quiriate-Jearim ficava cerca de 15 Km ao nordeste de Bete-Semes.

**7.1** — *Eleazar*, cujo nome significa *Deus é provisão* ou *Deus é poder*, foi consagrado (literalmente *separado*) para cuidar da arca. Certamente Eleazar era membro da família de sacerdotes, uma vez que recebeu consentimento para tal ministério.

**7.2** — *Que chegaram até vinte anos*. Muito provavelmente, passaram-se 20 anos até Samuel organizar a congregação de Mispa (v. 5). A arca permaneceu em Quiriate-Jearim por cerca de 100 anos. Ela foi levada para lá logo após a batalha de Afeque, cerca de 1104 a.C., e permaneceu lá até que Davi a trouxe para Jerusalém em seu primeiro ano de governo sobre Israel, por volta de 1003 a.C. (2 Sm 5.5; 6.1-18).

**7.3** — *Se com todo o vosso coração vos converterdes ao SENHOR*. Arrependimento de pecados e expressão de lealdade ao Senhor eram

pré-requisitos para a restauração da bênção divina (Dt 30.1-10; 2 Cr 7.14).

A expressão *deuses estranhos* é um termo genérico para os ídolos de Canaã.

*Astarotes* era o plural do nome das deusas da fertilidade, sexualidade e guerra. Os rituais ligados à adoração a ela, normalmente, envolviam prostituição sagrada. Rituais sexuais nos templos cananeus eram designados a garantir que os deuses tornassem a terra fértil.

*E preparai o vosso coração ao SENHOR, e servi a ele só.* Não era apenas para eles se afastarem dos deuses falsos, mas também para voluntariamente se voltarem ao Deus vivo (1 Ts 1.9). O ensino constante da Torá (Dt 6.4) é que *Yahweh* é diferente dos deuses de todas as nações. Ele não é apenas mais um deles ou meramente um melhor do que eles. Ele, e somente ele, é o Deus vivo; ele, e somente ele, é para ser adorado pelo Seu povo. Ele não tem rivais, não tem sócios e não tolera nenhum tipo de compromisso com outros deuses.

**7.4** — *Os baalins.* Em esculturas antigas, Baal está esculpido com um capacete de chifre. Em uma mão ele segurava uma clava ou pau; na outra, um facho de relâmpago ou uma lança com folhas. Em algumas esculturas, ele ficava de pé sobre um touro. O plural *baalins* e *Astarotes* se refere ou às muitas imagens desses deuses ou às várias formas nas quais eles eram adorados.

**7.5** — *Congregai todo o Israel.* Samuel juntou o povo para um encontro de oração em *Mispa*, cerca de 12 Km (NVI) ao norte de Jerusalém. A cidade foi a capital de Judá após a queda de Jerusalém (2 Rs 25.22-25).

*E orarei.* Samuel, assim como sua mãe, (1 Sm 1.10-16; 2.1-10), repetidamente, demonstrava o compromisso de orar (1 Sm 8.6; 12.19, 23; Sl 99.6; Jr 15.1).

**7.6** — *Derramaram.* O derramamento de água era um símbolo de arrependimento (Sl 62.8; Lm 2.19).

*E julgava Samuel.* Samuel atuou como o principal juiz, tomando decisões e resolvendo disputas.

**7.7** — *Ouvindo os filhos de Israel, temeram por causa dos filisteus.* O encontro dos israelitas em Mispa chamou a atenção dos filisteus quanto a

um possível confronto. O que fez com que imediatamente eles iniciassem um ataque: *subiram os maiores dos filisteus contra Israel.*

**7.8** — *Não cesses de clamar ao SENHOR.* Os israelitas não queriam entrar em uma batalha, a menos que Samuel estivesse orando pela vitória. Ao contrário do confronto em Afeque (cap. 4), os israelitas não estavam mais dependendo da arca como amuleto mágico. Agora, eles dependiam única e exclusivamente do poder de Deus por meio da oração.

**7.9,10** — *Um cordeiro que ainda mamava.* De acordo com o texto de Levítico 22.27, nenhum animal poderia ser sacrificado até que tivesse, pelo menos, oito dias de idade.

**7.11** — *Bete-Car* não é mencionada em nenhum lugar nas Escrituras, deve ter sido um lugar de terreno alto acima do território filisteu.

**7.12,13** — Para comemorar a vitória e o reconhecimento da intervenção do Senhor, Samuel estabeleceu uma pedra memorial no campo de batalha e a chamou de *Ebenézer*, que significa *pedra de ajuda* (NVI). Samuel seguiu a prática de Josué de comemorar as vitórias de Deus por Seu povo com marcos de pedra (Js 4). A vitória em Ebenézer foi tão decisiva que os filisteus não fizeram mais ataques contra os israelitas durante todo o período em que Samuel foi juiz.

**7.14** — *Ecrom e Gate* eram cidades filisteias próximas a Israel (1 Sm 5.8,10). O assentamento feito próximo às fronteiras de onde os israelitas foram forçados a sair agora poderia ser retomado.

O termo *amorreus* pode referir-se aos habitantes originais de Canaã (Gn 15.16), ou aos moradores das montanhas ao sul de Canaã (Nm 13.29; Js 10.5).

**7.15-17** — Esse trecho resume o ministério de Samuel de maneira bastante positiva. É um relato necessário e importante porque o próximo trecho vai descrever a busca de Israel por um rei aos moldes dos reis das outras nações daquela época (cap. 8). O narrador quer que o leitor saiba que tal busca não se deu em virtude de nenhuma falha na pessoa ou no ministério de Samuel.

**7.16** — Somando às suas atribuições religiosas de profeta, Samuel também era um juiz

itinerante. *Betel, A Casa de Deus*, foi onde Jacó teve seu famoso sonho (Gn 28.10-22). *Gilgal* foi onde os israelitas acamparam primeiro, depois de atravessarem o rio Jordão para conquistar Canaã (Js 4.19, 20). Ficava cerca de 1,6 Km de Jericó.

7.17 — *Ramá* ficava cerca de oito Km (NVI), ao norte de Jerusalém.

8.1-15.35 — O segundo trecho principal de 1 Samuel traz um novo personagem, Saul, e uma nova instituição, a monarquia de Israel. Enquanto Saul atuava como o primeiro rei e líder militar, Samuel continuava a servir como líder espiritual da nação (1 Sm 12.19-28).

8.1-22 — O capítulo 8 serve como transição entre os anos dos juízes e a instituição da monarquia. O capítulo registra a demanda de Israel por um rei a fim de que pudesse ser como *todas as nações* (1 Sm 8.5,20). Sua busca por um rei foi um senso de rejeição a *Yahweh* como o único líder sobre Israel. Mas esse acontecimento também serviu para Deus realizar a sua vontade quanto à escolha de Davi, o rei que serviria de protótipo do Rei Vindouro, O Senhor Jesus.

8.1 — *Constituiu a seus filhos por juízes*. Foi extremamente incomum o fato de Samuel apontar seus próprios filhos para ajudar na tarefa de julgar o povo. Os juízes eram individualmente apontados por Deus.

8.2 — O nome *Joel* significa *o Senhor é Deus*. O nome *Abias* significa *meu pai é o Senhor*. *Berseba* ficava localizada no extremo sul de Israel (1 Sm 3.20), a cerca de 71 Km de Jerusalém. Foi ali que Abraão e Isaque cavaram poços e estabeleceram alianças com Abimeleque, rei dos filisteus (Gn 21.22-34; 26.1-33).

8.3,4 — Alguém poderia perguntar se Samuel, assim como Eli, não dava atenção adequada a sua família (ver notas em 1 Sm 2.22,23,29). Os padrões e as expectativas de Deus para os juízes estão em Deuteronômio 16.18-20. Eles não deveriam distorcer a justiça ou aceitar subornos. Os filhos de Samuel perderam-se moralmente e desonraram a Deus. Eles se valiam do ofício e da autoridade que tinham para obter ganhos pessoais e praticar injustiças. É espantoso que os filhos de Samuel fossem tão ímpios quanto os filhos de Eli, visto que a ascensão de Samuel estava relacionada, em grande parte, à impiedade dos filhos de Eli.

8.5 — *Constituí-nos, pois, agora, um rei sobre nós*. Dois fatos contribuíram para o pedido dos anciões por um rei: (1) a corrupção dos filhos de Samuel, e (2) o desejo deles de seguir um padrão vivido *por todas as nações*.

8.6 — Não há nada de errado com o conceito de monarquia. Deus proveu em Sua Lei que fosse apontado um rei para o Seu povo (Dt 17.14,15). Ainda assim, *essa palavra pareceu mal aos olhos de Samuel* porque ele sentiu que a demanda por um rei indicava certa rejeição a sua própria liderança. Samuel levou o assunto a Deus em oração.

8.7,8 — *A mim me tem rejeitado*. O erro dos anciões de Israel estava na falha de não reconhecerem Deus como o verdadeiro rei deles (1 Sm 12.12). *Assim também te fez a ti*. O Senhor fez um paralelo entre o esquecimento dos Seus atos de graça e a falta de apreço do povo por Samuel.

8.9,10 — *E falou Samuel todas as palavras do SENHOR ao povo*. Samuel foi chamado para avisar aos israelitas que um rei não resolveria todos os problemas deles. Na verdade, a existência de um rei lhes poderia criar muitas dificuldades.



## VOCÊ SABIA?

### CRIANÇAS REBELDES

As Escrituras instruem os pais a criarem seus filhos nos caminhos do Senhor (Pv 22.6; Ef 6.4), mas isso não fornece garantias quanto ao que as crianças vão tornar-se. Às vezes, pais que prezam pela integridade veem seus filhos rejeitarem Deus por completo. Este foi o caso de Samuel (1 Sm 8.2,3). Ninguém sabe o quão diferente as coisas teriam se tornado se Samuel tivesse confrontado seus filhos e, como uma última tentativa, levado cada um deles perante os anciões. O legado de sua família é um intenso desafio aos pais e aos filhos de hoje.

A palavra *costume* (hb. *mishpat*) significa *julgamento* ou *justiça* e refere-se ao *direito* ou à *prerrogativa* que o rei iria impor. O rei de Israel reinará com poder absoluto e arbitrário.

**8.11-17** — Primeiro, um rei tomaria os filhos dos israelitas para lavrar a sua lavoura, segar a sua sega e preparar a guerra. *Para que corram adiante dos seus carros* é uma referência ao carro oficial do rei. Corredores serviriam de mensageiros, anunciando a chegada do rei. Segundo, um rei tomaria as jovens mulheres para trabalhar no palácio e servir à sua corte. Terceiro, um rei poderia cobrar impostos sobre a produção de alimentos do povo. Ele poderia ficar com o melhor da produção. *Dizimarará*. O resultado dessas ofertas seria usado para pagar os salários dos empregados e servos do rei. Quarto, um rei poderia apropriar-se dos servos dos israelitas e dos *seus melhores jovens e jumentos*. Cidadãos seriam forçados a trabalhar a serviço do rei tanto quanto os escravos. E, quinto, o rei tomaria a liberdade pessoal do povo.

**8.18,19** — *Clamareis [...] não vos ouvirá*. Uma vez que os israelitas, deliberadamente, estavam

escolhendo o seu próprio caminho, eles não poderiam esperar que Deus os livrasse dos problemas resultantes dessa escolha.

**8.20** — *E fará as nossas guerras*. Os israelitas estavam procurando por uma liderança humana no campo de batalha, ao invés de reconhecerem que Deus iria guiá-los à vitória (Êx 15.3).

**8.21,22** — *Ouvindo, pois, Samuel [...] as falou perante os ouvidos do SENHOR*. Samuel atuou como mediador entre o povo e Deus.

**9.1—10.27** — Esse trecho registra o começo da monarquia e como Saul foi ungido em particular por Samuel e então apresentado publicamente perante Israel.

**9.1** — O pai de Saul, *Quis*, era da tribo de *Benjamim*. O termo *um varão alentado em força* sugere que ele era uma espécie de senhor feudal — rico dono de terras e líder em tempos de guerra. O mesmo termo é usado para Boaz (Rt 2.1).

**9.2** — O nome *Saul* significa *aquele que foi perdido*. O jovem surpreendia tanto no quesito estatura — *desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo* — como no quesito aparência — *tão*



## APROFUNDE-SE

### O REI DE ISRAEL

Foi a vontade de Deus que Israel tivesse um rei? Certamente, pois Ele indicou em inúmeras profecias que um reinado fazia parte dos Seus planos para essa nação (Gn 49.10; Nm 24.17; Dt 17.14-20).

Embora um rei para eles não fosse uma escolha errada em si, os israelitas estavam exigindo isso de maneira equivocada. O povo claramente expôs seus motivos para querer um rei. Primeiro, os hebreus queriam seguir as práticas das nações vizinhas (1 Sm 8.5). Segundo, eles queriam um rei para liderá-los nas batalhas (1 Sm 8.20). Ambas as razões apontavam para a rejeição a Deus como seu Rei (1 Sm 8.7).

O Senhor demonstrou em inúmeras ocasiões que Ele pelejaria as batalhas de Israel. Desde a miraculosa queda das muralhas de Jericó (Js 6.20) até a fuga do exército dos midianitas de Gideão (Jz 7.19-22), Deus livrou o Seu povo inúmeras vezes dos seus inimigos. Por que os israelitas precisariam de um rei agora para liderá-los nas batalhas?

Além disso, Deus deu ao povo a Sua Palavra, os profetas e os juizes para guiá-lo. Mas a trágica história dos juizes demonstra que o povo de Deus ignorou a Sua orientação e aderiu às práticas de seus vizinhos (Jz 3.7). Mais uma vez, os hebreus estavam seguindo seus vizinhos, em vez de seguir o Deus vivo e a Palavra que Ele tinha dado a eles. Embora Samuel tenha claramente lhes falado sobre o alerta de Deus, eles teimaram e preferiram a sua própria vontade em detrimento da vontade do Senhor.

Por fim, Deus permitiu que os israelitas tivessem o que queriam. O Senhor lhes deu um rei como aqueles vistos nas outras nações. O alto e belo Saul teria sido a escolha perfeita para um rei. Mas, mediante o reinado trágico de Saul, Deus ensinou aos israelitas que eles precisavam de um rei que não fosse igual aos reis das outras nações.

Eles precisavam de um rei que obedecesse à Palavra de Deus, em vez de seguir a sua própria vontade; um rei que confiasse no Senhor, e não em si mesmo. À sombra dos erros de Saul, Deus treinou o jovem Davi para andar nos Seus caminhos de maneira que ele pudesse finalmente liderar a nação em retidão.



belo [...] não havia outro homem mais belo do que ele. Saul era agraciado com o que parecia ser um grande potencial para a liderança e o serviço. Ele trazia em si as características esperadas em um rei como os reis de todas as nações (1 Sm 8.5).

9.3 — A história pgressa de Saul é admirável em muitos aspectos. Apesar de sua formidável aparência e personalidade, ele é enviado em uma simples jornada por seu pai, como qualquer outro filho. Mais tarde, o autor usa o motivo da viagem para desenvolver um dos temas deste livro. Saul saiu à procura de jumentas, totalmente alheio ao fato de que seria encontrado (como o significado de seu nome sugere, no v. 2) para uma glória muito maior.

9.4 — A procura pelas jumentas de seu pai levou Saul para o norte de sua casa em Gibeá (1 Sm 10.26), ao longo das montanhas de Efraim. Efraim era a herança tribal do filho de José (Gn 41.50-52), diretamente ao norte de Benjamim (Js 16).

9.5 — *E se aflija por causa de nós.* Essas palavras falam de uma pessoa responsável e sensível às necessidades das outras. As palavras também falam bem a respeito de Quis, pai de Saul. A história de Saul é um clássico exemplo de uma tragédia no seu sentido literal. Como nas histórias de um grande rei grego, Saul era dono de belíssima aparência, grandes habilidades e notáveis características que o levaram ao alto poder em sua nação, entretanto, mais tarde, devido a falhas interiores, declinou e transformou-se em um grande fracasso.

9.6 — *Nesta cidade refere-se a Ramá,* cidade onde Samuel passou a morar após a destruição de Siló (1 Sm 1.1; 8.4). O termo *homem de Deus* se refere a alguém que foi reconhecido pelo seu ministério profético (1 Rs 12.22; 13.1; 2 Rs 23.17).

9.7 — *E presente nenhum temos que levar ao homem de Deus; que temos?* Saul ficou preocupado, pois ele não tinha nenhum presente para oferecer a Samuel por ter-lhe ajudado a encontrar as jumentas perdidas. Ele reconhecia o princípio da remuneração por serviços prestados (1 Co 9.5-14). Nesse pequeno relato é possível identificar qualidades formidáveis em Saul. E, quando todas

elas são colocadas juntas, é inevitável não admirar-se; fato que, certamente, produz ainda mais espanto o seu pesaroso e trágico fim! É possível observar também que muitas das qualidades admiráveis de seu filho Jônatas (1 Sm 18.20) e, talvez, de sua filha Mical (1 Sm 18.19) foram transmitidas em casa e sob a orientação de Saul. Seria ele um bom exemplo de pai registrado na Bíblia?

9.8 — O servo de Saul, inesperadamente, achou consigo *um quarto de um siclo de prata*, ou três gramas de prata (NVI), o qual serviria para compensar o profeta adequadamente. Um siclo equivalia a 12 gramas (NVI).

9.9,10 — Esse versículo é uma nota explicativa de um costume antigo para os leitores israelitas. *Vidente* (hb. *ra'a*, ver) refere-se àquele que é capaz de ver aquilo que está oculto aos olhos das pessoas comuns. *Profetas* (hb. *naba*, profetizar) refere-se àquele que fala por Deus (Êx 7.1).

9.11 — *Subindo ele pela subida da cidade.* A cidade é Ramá.

9.11-15 — O *alto* (hb. *bamâ*) era um lugar de adoração que ficava localizado no alto de uma colina ou uma plataforma artificial em um templo. Os cananeus eram conhecidos por construir os seus locais de adoração em lugares altos (Nm 33.52; Dt 12.2-5). Israelitas devotos parecem ter se valido do mesmo recurso legitimamente após a destruição de Siló e antes da construção do templo de Salomão (1 Rs 3.2). Infelizmente, o mau uso de tais lugares altos para adorar falsos deuses acabou por minar a adoração a Deus e contribuiu para o aparecimento da idolatria em Israel (1 Rs 11.7; 12.26-33).

9.16,17 — *O qual ungrás por capitão sobre o meu povo de Israel.* Parece importante que Saul seja referido aqui como capitão (hb. *nagid*, também traduzido como *príncipe, governador* ou *líder*), e não como rei (hb. *melek*). O trono, na verdade, pertencia à linhagem de Judá (Gn 49.9, 10).

9.18 — Pedir a Samuel o endereço para a casa do *vidente* na entrada da cidade foi o passo final para a notável sequência de eventos que Deus, soberanamente, organizou para permitir que Saul fosse ungido.

**9.19** — A declaração e tudo quanto está no teu coração não parece referir-se ao assunto das jumentas, pois Samuel imediatamente assegurou a Saul que os animais já haviam sido encontrados. Talvez Saul estivesse pensando nos problemas dos filisteus.

**9.20** — *Todo o desejo de Israel.* Samuel, provavelmente, tinha em mente a honra e os privilégios que viriam a Saul e a sua família por meio da monarquia.

**9.21** — *Da menor das tribos de Israel.* Benjamim era a segunda menor tribo no primeiro censo depois que os israelitas saíram do Egito (Nm 1.36,37). A tribo foi reduzida a 600 homens de guerra durante o castigo de Benjamim pela atrocidade cometida em Gibeá (Jz 19.20).

*A menor de todas as famílias.* Essas palavras contêm certo sentido de autodepreciação, sobretudo, tendo-se em vista a descrição feita acerca do pai de Saul (veja nota 9.1).

**9.22** — *Samuel tomou a Saul e ao seu moço e os levou à câmara.* A câmara era onde as pessoas mais importantes sentavam para as cerimônias de sacrifício no lugar alto.

**9.23** — *Disse Samuel ao cozinheiro: Dá cá a porção que te dei.* Samuel havia sido instruído por Deus a estar preparado para esse encontro tão especial.

**9.24** — *Levantou, pois, o cozinheiro a espádua [...] e pô-la diante de Saul.* Dar a Saul a espádua tinha por objetivo honrá-lo na presença dos outros convidados (Gn 43.34).

**9.25,26** — *Chamou Samuel a Saul ao eirado.* As casas na antiga Israel normalmente tinham um telhado plano (eirado) que poderia ser usado para secar linho ou como lugar para descansar. Parece que Saul havia passado aquela noite no telhado (v. 26).

**9.27** — *Dize ao moço que passe adiante de nós.* O processo de unção de Saul seria particular. Depois, ele seria publicamente instituído como rei perante toda a nação de Israel (1 Sm 10.17-27).

**10.1** — Uma nova e melhor quebra de capítulo poderia ocorrer a partir de 1 Samuel 9.27. O uso de azeite no processo da unção tem raízes antigas. Finalmente, todas as unções genuínas

para cargos especiais e oficiais apontam para o verdadeiramente Ungido, o Messias, Jesus.

*E o beijou.* Os povos do antigo e atual Oriente Médio, frequentemente, cumprimentam uns aos outros com um beijo na face. Aqui o beijo pode ter sido um sinal de genuína afeição.

*Te não tem ungado o SENHOR?* Havia dois tipos de unção no período bíblico. Uma cerimônia de unção envolvia derramar óleo sobre a cabeça ou o corpo da pessoa a ser honrada (Sl 133.2). Uma unção oficial usava o mesmo processo, mas significava uma consagração ou separação para os serviços religiosos (Êx 29.7; 30.25; Lv 8.12). A unção de um líder era, na verdade, um ato religioso. Por isso, Davi tinha tamanha consideração e respeito por Saul, recusando-se a levantar a mão contra o ungado do Senhor (1 Sm 24.6).

*Sua herdade.* A terra de Israel era o presente de Deus para o Seu povo, mas ela retornaria para o controle direto de Deus se as pessoas provassem não serem dignas de administrá-la corretamente (Dt 27-30).

**10.2** — *Sepulcro de Raquel.* Raquel morreu dando à luz Benjamim em uma viagem de Betel a Belém, e foi enterrada ao longo do caminho (Gn 35.16-20).

*Termo de Benjamim.* Raquel foi enterrada perto de Belém, que fica em Judá (Gn 35.16-20). Talvez, o local de seu sepultamento tenha sido muito próximo da fronteira entre Benjamim e Judá.

*Zelza* é mencionada apenas aqui e deve referir-se a uma cidade, então próxima ao sepulcro de Raquel.

**10.3** — *E chegares ao carvalho de Tabor.* A designação *carvalho*, às vezes traduzida por outros nomes, refere-se a uma árvore forte, nativa do território de Israel. *Tabor* é uma aparente referência ao monte de Tabor, no vale de Jezreel, onde essas árvores tinham muita importância.

**10.4** — *E te darão dois pães.* O fato de os estranhos oferecerem a Saul dois pães foi um sinal memorável. O pão era reservado para a adoração ao Senhor. A oferta de pães a Saul substituiu um ato sagrado.

**10.5** — *Então, virás ao outeiro de Deus.* A palavra hebraica traduzida por *outeiro* (hb. *gib'á*)



## VOCÊ SABIA?

### UM GRUPO DE PROFETAS

Os profetas aparecem como um grupo de pessoas religiosas e alegres morando juntas (1 Sm 10.5). Neste contexto, o verbo *profetizarão* era uma forma reconhecida de um comportamento anormal, como um transe. Na tradição grega, os oráculos dos deuses também não eram feitos de uma forma normal. De acordo com Heraditus, os oráculos eram ambíguos, como se fossem charadas.

provavelmente se refere a Gibeá, cidade natal de Saul (1 Sm 11.4). Gibeá de Deus era talvez o nome completo da cidade, devido a sua proximidade a um local significativamente *alto* (v. 13).

*Guarnição dos filisteus.* Os filisteus que, naquela época, dominavam a terra estabeleceram um posto militar avançado na cidade natal de Saul.

Um rancho de profetas pode se referir aos membros da escola de profetas, provavelmente instituída por Samuel com o propósito de preparar jovens homens para o ministério profético.

**10.6-8** — O Espírito do SENHOR se refere ao mesmo Espírito Santo que veio sobre Otoniel, Gideão, Jefté e Sansão (Jz 3.10; 6.34; 11.29; 13.25; 14.6,19; 15.14). A expressão *te mudarás em outro homem* pode significar uma regeneração espiritual ou um memorável avanço no crescimento espiritual.

**10.9** — Deus lhe mudou o coração em outro. Em hebraico, literalmente: Deus trocou o coração por um outro coração. Existe um debate quanto ao fato de essa expressão se referir: (1) ao trabalho do Espírito de Deus, que preparou Saul para o reinado, ou (2) ao ato da regeneração espiritual de Saul. Pode parecer que as atitudes e o comportamento subsequentes de Saul não refletem uma genuína vida espiritual. Ainda assim, Saul parece ter lutado contra o pecado e ter desejado adorar a Deus (1 Sm 14.34, 35; 15.24-34).

**10.10** — O Espírito de Deus se apoderou dele. Deus trabalhou por meio de Seu Espírito na vida de Saul de modo que ele se tornou capaz de exercer um dom profético. Essa não foi uma vocação para Saul, e sim uma oportunidade.

**10.11** — Como resultado do trabalho poderoso do Espírito Santo em Saul, o povo perguntou: *Está também Saul entre os profetas?* Alguns interpretam tal indagação como uma demonstração de ignorância quanto à diferença entre o ministério dos profetas e o dom de profecia. A pergunta simplesmente expressa surpresa ante a repentina mudança de caráter de Saul.

**10.12-16** — *Pois quem é o pai deles?* A pergunta alude ao fato de que os pais dos profetas talvez não fossem pessoas importantes ou renomadas em Israel. [Diferente dos sacerdotes] Os profetas não obtinham seus dons por questões de hereditariedade, mas pela vontade e pelo chamado de Deus.

**10.17,18** — Mispa foi o lugar onde os israelitas se juntaram por um período de avivamento espiritual antes da vitória sobre os filisteus (1 Sm 7.5).

**10.19** — *Tendes rejeitado hoje a vosso Deus.* Samuel reiterou a sua admoestação anterior (1 Sm 8-10-18), alertando o povo sobre a sua atitude — que era, na realidade, uma rejeição ao reinado de Deus.

Clãs eram unidades familiares menores que as tribos.

**10.20,21** — A escolha de Saul como o primeiro monarca foi feita por sorteio, o que se constituía um modo de determinar a vontade de Deus a perguntas cujas respostas seriam *sim* ou *não*. Os sorteios eram feitos como em jogos de dados. O princípio que norteava o uso de sorteios era a ativa confiança do controle divino.

**10.22,23** — *Se escondeu entre a bagagem.* Tal resposta pode refletir a modéstia de Saul, ou, talvez, a sua hesitação e dúvida em assumir a posição de líder nacional.

**10.24** — A expressão *a quem o SENHOR tem elegido* reflete a soberania de Deus no aspecto da Sua vontade permissiva. Embora os israelitas tenham decidido ter um rei, foi o Senhor quem selecionou Saul.

**10.25** — *O direito do reino.* Samuel ensinou ao povo o que esperar de um rei, possivelmente revisando sua instrução dada em 1 Samuel 8.11-18 e a Lei de Deus sobre o reinado em Deuteronômio 17.14-20.



## EM FOCO

## REI (HB. MELEK)

(1 Sm 10.24; Dt 17.14)

O termo *rei* pode referir-se a um governador insignificante de uma cidade pequena (Js 10.3) ou ao monarca de um vasto império (Et 1.1-5). A jurisdição de um reino antigo incluía o sistema militar (1 Sm 8.20), o econômico (1 Rs 10.26-29), a diplomacia internacional (1 Rs 5.1-11) e o sistema legislativo (2 Sm 8.15).

O rei também agia como um líder espiritual (2 Rs 23.1-24), embora os reis de Israel fossem proibidos de algumas atividades sacerdotais (1 Sm 13.9-14). A Bíblia apresenta Davi como um exemplo do rei reto que colocou no seu coração servir fielmente a Deus (At 13.22). A promessa do Senhor de dar ao que venceu Golias um reino eterno (2 Sm 7.16) foi realizada em Jesus Cristo, cuja ancestralidade humana veio da família real de Davi (Lc 2.4).

**10.26** — *E foi também Saul para sua casa, a Gibeá.* Localizada a apenas cerca de 4,5 Km ao norte de Jerusalém, Gibeá serviu como a primeira capital da monarquia de Israel.

**10.27** — *Os filhos de Belial* questionaram a liderança militar de Saul e recusaram-se a reconhecê-lo e a honrá-lo com os presentes normalmente oferecidos a um rei. Mas Saul *se fez como surdo* para não agravar a situação.

**11.1-15** — Esse trecho explica que a oposição inicial contra Saul (1 Sm 10.27) foi superada à medida em que ele se revelava um competente líder militar.

**11.1** — *Naás*, cujo nome significa *serpente*, era o comandante dos amonitas, descendentes de Ló, que ocupavam as redondezas do deserto a leste do território de Gade e Manassés (Gn 19.38).

*Jabes-Gileade* é a cidade israelita de Jabes, localizada na região de Gileade, ao leste do Jordão.

*Gileade* parece ser um termo usado de forma um tanto vaga nas Escrituras, sendo aplicado para se referir às regiões entre o mar da Galileia e o mar Morto, sempre ao leste do rio Jordão.

**11.2** — *Que a todos vos arranque o olho direito.* A condição de rendição exigida por Naás foi não somente cruel e humilhante, mas aniquiladora, pois tornaria os guerreiros israelitas incapazes de lutar.

**11.3,4** — *Os anciãos de Jabes lhe disseram: Deixa-nos por sete dias.* Os anciãos de Jabes-Gileade pediram *sete dias*, nos quais procurariam ajuda antes de sair em batalha. Naás concordou com o propósito, uma vez que, aparentemente,

não estava preparado para tomar a cidade à força e queria evitar um longo e sacrificado cerco.

**11.5** — *Saul vinha dos campos, atrás dos bois.* Embora Saul tivesse sido apontado como rei, ele não assumiu a autoridade do comando de uma vez. Saul continuou cuidando do campo até que pudesse atender às expectativas de Israel como um rei, livrando os israelitas de seus inimigos (1 Sm 8.20).

**11.6** — *O Espírito de Deus se apoderou de Saul.* O Espírito Santo deu poder a Saul para livrar os cidadãos de Jabes.

**11.7** — *E tomou um par de bois, e cortou-os em pedaços, e os enviou.* Um par de bois era normalmente atado junto para o trabalho. O chamado de Saul para a guerra foi acompanhado de uma ameaça. A distribuição dos pedaços dos bois por todo o Israel é um remanescente da cruel história registrada em Juízes 19.27—20.1.

O *temor do SENHOR* começa com um maravilhoso entendimento de quem Deus é (Pv 2.5) e termina com uma resposta adequada tanto para o bem como para o mal (Pv 16.6).

**11.8** — *Bezeque* ficava a cerca de 19 Km ao norte de Siquém, a oeste de Jabes-Gileade, do outro lado do rio Jordão. A distinção feita entre *Israel* e *Judá* no número de homens (1 Sm 15.4; 17.52) pode indicar que este livro tenha sido escrito ou editado após a divisão da monarquia ocorrida em 930 a. C.

**11.9** — *Em aquecendo o sol.* O sol se torna quente antes do meio-dia.

**11.10** — *Amanhã, sairemos a vós; então, nos fareis conforme tudo o que parece bem aos vossos olhos.*

A mensagem a Naás pode ter tido como objetivo dar aos amonitas um falso senso de segurança.

**11.11** — Saul dividiu as suas forças de ataque em três companhias, de modo que fosse possível atacar ao mesmo tempo e de diferentes direções (Js 7.16). *Pela vigília da manhã*. Os israelitas dividiram a noite em três vigílias: das nove às doze, das doze às três e das três às seis da manhã (Êx 14. 24-27; Jz 7.19; Lm 2.9). O ataque de Saul provavelmente aconteceu de madrugada, antes de os amonitas se armarem para a batalha.

**11.12** — *Quem é aquele que dizia que Saul não reinaria sobre nós?* A vitória de Saul sobre os amonitas trouxe a ele o apoio do povo e a aliança com Israel. Alguns foram mais enfáticos e sugeriram morte àqueles que haviam questionado a liderança de Saul (1 Sm 10.27).

**11.13** — *Tem feito o SENHOR um livramento em Israel*. Saul reconheceu que a vitória sobre os amonitas poderia ser atribuída somente a Deus e recusou a sugestão de seus apoiadores extremistas.

**11.14,15** — O capítulo 12 registra o adeus de Samuel a Gilgal, uma vez tendo renunciado a liderança das doze tribos em favor de Saul. Eis um momento amargo e doce para Samuel, que revela ao leitor o coração altruísta desse homem de Deus. É notório que as características de liderança, descritas na Bíblia, atuam com esperança e dúvida, triunfo e frustrações, aceitação e desafios da vontade divina.

**12.1-25** — O capítulo 12 registra a despedida de Samuel de Gilgal, quando ele entregou a liderança política das doze tribos a Saul. Este é um momento amargo de Samuel. O leitor é informado sobre os conflitos internos e relutância desse homem de Deus; algo comum a vários protagonistas da Bíblia. Muitos deles lutaram com a esperança e a dúvida, com o triunfo e a frustração, com a aceitação e o desafio ante a vontade divina.

**12.1,2** — *Vai diante de vós*. Saul estava liderando Israel e atendendo às necessidades da nação. Samuel fez alusão às duas razões citadas pelos anciões de Israel na sua demanda por um rei: (1) a idade avançada de Samuel e (2) o comportamento dos filhos dele, os quais demonstraram

improbidade para os importantes ofícios públicos de sacerdote e juiz (1 Sm 8.5).

**12.3-5** — Samuel alicerçou seu ofício em Israel e sua própria integridade.

*Perante o SENHOR e perante o seu ungido*. Samuel perguntou se alguém queria acusá-lo diante de Deus e do ungido do Senhor. Os israelitas inocentaram Samuel de qualquer improbidade ou injustiça na função de suas tarefas. Os registros passados de Samuel foram estabelecidos para inspirar confiança em sua presente exortação.

**12.6,7** — A declaração *todas as justiças* se refere aos benefícios que Deus havia concedido ao Seu povo. Esses atos testificavam a retidão de Deus em abençoar o Seu povo realizando as promessas da Sua aliança.

**12.8** — *Havendo entrado Jacó no Egito, vossos pais clamaram ao SENHOR, e o SENHOR enviou a Moisés e Arão, que tiraram a vossos pais do Egito*. Samuel sintetizou a descida da família de Jacó ao Egito (Gn 46), a opressão do Egito (Êx 2—15) e a conquista de Canaã (Js 1—12).

**12.9** — *Esqueceram-se do SENHOR, seu Deus*. Samuel contou sobre a apostasia da nação e a subsequente disciplina divina.

*Sísera* foi um líder cananeu (Jz 4.2-22).

*Moabe*. Os moabitas eram descendentes da relação incestuosa de Ló e sua filha mais velha (Gn 19.30-37). A opressão moabita é registrada em Juízes 3.12-30.

**12.10** — *Clamaram ao SENHOR e disseram: Pecamos*. Após um período de opressão, os israelitas se arrependeram e clamaram ao Senhor por livramento. *Baalins* e *astarotes* eram deidades de fertilidade (1 Sm 7.3,4).

**12.11** — *Jerubaal*, também conhecido como Gideão, livrou Israel dos midianitas (Jz 6—8). Jefté venceu os amonitas (Jz 11).

**12.12** — *Naás, rei dos filhos de Amom, vinha contra vós*. A ameaça de Naás certamente foi sentida muito antes do ataque ameaçador de Jabes-Gileade (1 Sm 11.1-3) e, de certo, foi um fator a mais para o pedido de Israel por um rei (1 Sm 8.20).

**12.13,14** — *Se temerdes ao SENHOR* não é meramente uma atitude religiosa, mas uma séria e

obediente resposta à revelação do caráter santo de Deus.

**12.15,16** — As consequências de desobedecer a aliança com Deus estão listadas em Deuteronômio 28.15-68.

**12.17,18** — A estação para a sega do trigo em Israel era nos meses de maio e junho. *E o SENHOR deu trovões e chuva naquele dia.* A terra de Israel recebia a sua chuva durante a estação do inverno. Se a chuva do inverno caísse durante a sega de trigo seria muito incomum. O milagre tinha como objetivo convencer o povo de seu grande pecado em exigir um rei. O milagre também serviu para aumentar o respeito de Israel por Deus e por Samuel.

**12.19,20** — *Não temais.* Com tais palavras, Samuel queria dizer: *Não temais a pena de morte por causa da desobediência.*

**12.21** — O termo *vaidades* se refere aos falsos deuses e ídolos (Is 44.9-20).

**12.22** — *Por causa do seu grande nome.* Nos tempos antigos, o nome sustentava o caráter. O nome de Deus fala da reputação e dos atributos dele. Abandonar o povo seria inconsistente com a reputação de fidelidade de Deus (Êx 34.6; Dt 31.6; Js 1.5; Hb 13.5).

**12.23,24** — *Longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós.* Samuel assegurou ao povo que ele não se esqueceria de *orar* por eles. Para o profeta, a ausência de oração era uma falta, um pecado. Na realidade, a vida de Samuel ilustra a importância que ele dedicava à oração (1 Sm 7.5; 1 Ts 5.17; Tg 5.16). Embora ele estivesse deixando as suas atribuições de juiz em Israel, Samuel prometeu *ensinar* o povo.

**12.25** — A advertência *perereis* antecipa o julgamento final executado por Deus de aprisionamento e expulsão do território (Dt 28.41,63,64).

**13.1-23** — Uma das razões pelas quais os israelitas queriam um rei dizia respeito à provisão de uma liderança militar (1 Sm 8.20). A maior ameaça à segurança dos israelitas nos dias de Saul era os filisteus, um forte e poderoso povo militar que governava a planície costeira e tinha estabelecido vários postos militares na região das montanhas. O capítulo 13 narra a preparação para o primeiro encontro de Saul com os filisteus.

**13.1** — *Um ano [...] e o segundo ano.* Esse versículo é uma nota cronológica, registrando a data do encontro com os filisteus, relativa ao período de Saul como rei. Uma vez que o relato de Atos 13.21 revela que Saul reinou sobre Israel por 40 anos, esses dois anos devem referir-se a um período do governo até determinado evento — provavelmente, o encontro de Saul com os filisteus descrito nesse capítulo.

**13.2** — *Saul escolheu para si três mil homens de Israel.* Embora Saul tivesse levantado uma milícia formada por cidadãos para resgatar Jabes-Gileade (1 Sm 11.7-9), aqui ele selecionou e treinou um exército regular para dar suporte.

*Micmás* ficava a cerca de 10,3 Km ao norte de Jerusalém. *Gibeá de Benjamim* ficava cerca de 6 Km ao sul de Micmás.

**13.3** — Enquanto Saul estava em Micmás, seu filho Jônatas atacou a guarnição dos filisteus em *Gibeá*, cerca de 1,5 Km a sudoeste de Micmás. Os dois lugares são separados por um profundo vale.

A *trombeta* era um chifre de um carneiro usado para dar sinal e convocar os militares.

A palavra *hebreus* se refere aos israelitas. O nome pode estar ligado ao nome Éber, ancestral de Abraão (Gn 10.24), ou pode estar relacionado ao verbo em hebraico que significa *atravessar*, uma vez que Abraão *atravessou* para a terra de Canaã.

**13.4** — *Saul feriu a guarnição.* Ou Jônatas estava agindo sob as ordens de Saul, ou Saul levou os créditos pela vitória de seu filho. Saul retirou seu exército para Gilgal mantendo as instruções que Samuel dera a ele por ocasião da sua unção (1 Sm 10.8).

**13.5** — *Bete-Áven* ficava cerca de 800 metros a oeste de Micmás.

**13.6** — *O povo se escondeu pelas cavernas.* O calcário presente nas montanhas da região forma muitas cavernas naturais que poderiam ser usadas como esconderijos em tempos de ataque.

**13.7** — A localização *a terra de Gade e Gileade* se refere à região sul e norte do rio Jaboque, que desemboca no Jordão ao leste. Gilgal, localizado a nordeste de Jericó, no vale do Jordão, foi o local apontado como sendo o do encontro entre Samuel e Saul (1 Sm 8).



## APLICAÇÃO

### O DESEJO POR RESULTADOS

Saul perdeu o reino por causa do seu desejo por resultados. Ele queria tanto derrotar os filisteus que ofereceu um holocausto, que não era sua atribuição (1 Sm 13.8-14). Saul estava determinado a fazer as coisas da sua maneira e de acordo com o seu tempo, que não é o tempo de Deus.

Então Deus encontrou um *homem segundo o seu coração* (1 Sm 13.14), um homem que daria resultados, mas que os conseguiria seguindo os planos divinos.

Na verdade, obter resultados não é a principal meta de um líder. Sua tarefa primordial é criar um clima propício para que os outros façam as coisas acontecerem e alcancem seus objetivos.

A atmosfera criada possui uma variedade de dimensões: tecnológica (orientada pela tarefa em si), comportamental (orientada pelos relacionamentos), política (orientada pelo poder) e espiritual (orientada por Deus). Se um líder se concentra em sua tarefa imediata em detrimento das outras dimensões, o resultado pode ocorrer a curto prazo, mas com perdas a longo prazo.

**13.8,9** — *E esperou sete dias* se refere à instrução dada por Samuel a Saul após a sua unção (1 Sm 10.8). Samuel havia orientado Saul a esperar sete dias em Gilgal, até que ele viesse para oferecer sacrifícios. Preocupado que o povo pudesse perder sua coragem e começasse a se espalhar, Saul assumiu as prerrogativas sacerdotais e ofereceu o holocausto ele mesmo (veja Lv 1). Agindo assim, Saul desobedeceu tragicamente tanto a Lei de Moisés como as instruções do profeta de Deus.

**13.10-12** — *Acabando ele de oferecer o holocausto*. O atraso de Samuel pode ter sido um teste para a obediência de Saul. Saul citou quatro justificativas para a sua desobediência: (1) os soldados estavam se dispersando, (2) Samuel não veio como havia prometido, (3) os filisteus estavam juntando forças em Micmás e (4) havia o perigo iminente de um ataque.

**13.13** — *Agiste nesciamente e não guardaste o mandamento*. Saul foi severamente repreendido por Samuel. A palavra hebraica para o advérbio *nesciamente* aqui faz um contrastante jogo de palavras com a empregada pelo autor bíblico para referir-se a Davi, posteriormente (1 Sm 18.5,30). Embora assemelha-se com a palavra usada para descrever a atitude de Davi, *prudentemente*, significa justamente o oposto. Com esse brilhante e sutil jogo de palavras, as índoles opostas dos dois principais personagens do livro são vividamente demonstradas. Saul agiu feito um tolo enquanto

Davi demonstrou sabedoria além de sua idade e experiência. O pecado principal de Saul foi falhar em cumprir o *mandamento* que Deus lhe tinha dado por meio de Samuel (1 Sm 10.8).

**13.14** — *Não subsistirá o teu reino*. Embora Saul não tenha sido deposto do trono, seus descendentes não continuariam com a sua dinastia. *Um homem segundo o seu coração* é a descrição que Deus faz de Davi, um homem com muitas falhas, mas cujo espírito era sensível à vontade de Deus.

**13.15,16** — O exército de Saul havia sido reduzido de três mil homens para apenas *uns seiscentos varões*.

**13.17** — Os filisteus enviaram os seus destruidores para molestar os israelitas na esperança de enfraquecer a resposta destes ou de forçá-los a um confronto decisivo. *Ofra* estava localizada cerca de 10,4 Km ao norte de Micmás.

**13.18** — As torres gêmeas de Bete-Horom estavam localizadas a oeste de Gibeá, cerca de 3 Km de distância, em uma cordilheira, guardando a entrada para o país das montanhas da planície costeira.

**13.19** — *Nem um ferreiro se achava*. Os cananeus e filisteus aprenderam a arte de forjar o ferro com os hititas. Por conta disso, embora não fossem numerosos, os filisteus eram capazes de dominar Israel. Ao final do reinado de Davi, os israelitas também já haviam dominado a técnica de lidar com o ferro (Cr 22.3).

**13.20** — O verbo traduzido aqui por *amolara* também pode ser traduzido por *forjar*. A *relha* é a parte de metal do arado que penetra e abre os sulcos do solo. A *enxada* é como um machado, mas com lâminas, em vez de pontas. É utilizada para cavar e quebrar o solo que não pode ser alcançado com um arado.

**13.21** — O termo *aguilhadas* se refere às pontas afiadas das varas usadas para direcionar o gado. Os israelitas não tinham os recursos nem para forjar os instrumentos de ferro usados na agricultura, muito menos ainda para forjar materiais para a guerra.

**13.22** — Dentre as armas disponíveis aos soldados israelitas incluíam-se fundas, arcos, flechas e muitos instrumentos feitos de bronze.

**13.23** — O caminho para Micmás era um profundo desfiladeiro que separava Micmás de Gibeá.

**14.1-47** — Esse capítulo conta a história da vitória de Israel sobre os filisteus e a precipitada promessa de Saul, que quase provocou a morte de seu próprio filho. O capítulo também ilustra a contínua falta de sabedoria e discrição de Saul em sua liderança.

**14.1** — *Porém não o fez saber a seu pai*. Saul teria pensado que o plano de Jônatas era arriscado.

**14.2** — *Gibeá*, berço de Saul, estava localizada cerca de 4,5 Km a sudoeste de onde Jônatas estava acampado com a guarnição dos filisteus que ele havia tomado (1 Sm 13.3,16). *Migrom* ficava localizada próximo a Gibeá.

**14.3-5** — A genealogia de *Aias*, o sumo sacerdote e descendente de *Eli*, é dada completamente. O seu nome significa *meu irmão é o Senhor*.

**14.6-8** — O termo *incircuncisos* era uma designação israelita para os gentios, que não partilhavam da marca característica do povo de Deus da velha aliança (Gn 17.10-14).

**14.9-13** — O assalto de Jônatas e *seu pajem de armas* em Micmás foi um ato de fé, e não uma tola e irresponsável aventura. A resposta dos filisteus foi interpretada como um sinal de que Deus estava à frente daquela empreitada e, portanto, garantiria a eles a vitória. As palavras de provocação dos filisteus se transformaram em

um desafio para que os israelitas demonstrassem a fé que tinham em Deus.

**14.14** — *Sucedeu esta primeira derrota, em que Jônatas e o seu escudeiro mataram perto de vinte homens, em cerca de meia jebra de terra*. A medida *meia jebra de terra* (ARC/ARA) corresponde a uma área de mais ou menos mil e duzentos metros quadrados (NTLH). No texto em hebraico se lê *meio yoke de terra*. Um *yoke* de terra correspondia a uma área em que um par de bois poderia arar em um dia.

**14.15,16** — A derrota da guarnição inimiga em Micmás deixou os filisteus em estado de pânico. A declaração *e houve tremor no arraial* pode referir-se a um real tremor de terra, somado ao pânico e à confusão dos filisteus, ou, ainda, pode ser apenas uma maneira usada pelo autor para dizer que os filisteus estavam tremendo de medo.

**14.17** — *Contai e vede quem é que saiu dentre nós*. Saul teve que checar suas tropas para se dar conta de que seu próprio filho não estava presente.

**14.18,19** — *Traze aqui a arca de Deus*. De acordo com 1 Samuel 7.2, a arca, nessa época, estava em Quiriate-Jearim. Não há qualquer menção de ela ter sido tocada antes de ser levada para Jerusalém por Davi. Na Septuaginta, em vez de *arca*, lemos *éfode*, e isso pode ser o que significava. O *Urim* e o *Tumim*, mantidos no *peitoral do sumo sacerdote*, eram usados para consultar a vontade de Deus (Êx 28.30; Nm 27.21; 1 Sm 23.9-12).



## VOGÊ SABIA?

### UMA ORDEM TOLA

Algumas situações, como a guerra, exigem uma liderança inflexível, que estabelece grandes demandas para as pessoas. Na guerra de Saul contra os filisteus, ele ordenou à sua tropa que se abstinhasse de comida até que os soldados vencessem completamente os inimigos (1 Sm 14.24). Aparentemente, Saul pretendia que o comando fosse um nobre desafio para os seus homens. Afinal, por que eles deveriam relaxar e usufruir de uma grande refeição quando os seus inimigos de longa data, os filisteus, continuavam em combate? No entanto, a ordem era verdadeiramente tola, pois privava-os da energia necessária para combater na luta.



Além disso, Aías (v. 3) estava presente e vestia o *éfone*, ou *colete sacerdotal* (NVI).

*Retira a tua mão.* Uma perturbação no campo dos filisteus distraiu Saul de sua consulta com o sacerdote (Aías), e ele cancelou as perguntas.

**14.20** — *A espada de um era contra o outro.* Havia tamanha confusão no campo dos filisteus que era difícil distinguir um amigo de um inimigo.

**14.21** — Os *hebreus* que estavam com os filisteus eram desertores e mercenários.

**14.22,23** — A expressão *montanhas de Efraim* se refere à região montanhosa ocupada pela tribo de Efraim, exatamente ao norte do território de Benjamim.

**14.24** — *Maldito o homem.* Saul, tolamente, ordenou que nenhum de seus soldados comesse até que ele tivesse se *vingado* de seus *inimigos*. Diferentemente de Jônatas, Saul não via a batalha sob o ponto de vista do Senhor (v. 12).

**14.25,26** — As abelhas haviam produzido tanto mel que transbordava das colmeias nas árvores e caía na *superfície do campo*.

**14.27** — Devido a sua ausência (v. 1-17), Jônatas não sabia do juramento de seu pai. Ele fez o que qualquer soldado sensato faria e se serviu de um pouco de mel enquanto perseguiu os filisteus.

**14.28-30** — Jônatas reconheceu a tolice daquela imposição arbitrária feita aos soldados por seu pai. Saul é marcado por agir impensadamente, sem considerar as consequências — outra falha inaceitável em se tratando de um líder.

**14.31** — *Aijalom* estava localizada no limite da planície costeira dos filisteus, cerca de 27 Km a oeste de Micmás.

**14.32** — *E o povo os comeu com sangue.* Os soldados israelitas começaram a comer os animais capturados dos filisteus sem deixar escorrer o sangue primeiro, o que era uma violação da Lei de Deus (Lv 17.10-14).

**14.33,34** — *Revolvei-me hoje uma grande pedra.* Saul percebeu a gravidade da ofensa a Deus e ordenou que se fizesse uma mesa de pedra para cortar os animais e deixar que o sangue escorresse deles adequadamente.

**14.35** — *Edificou Saul um altar ao SENHOR* para agradecer a Deus por sua vitória sobre os filisteus.

**14.36-38** — *Cheguemo-nos aqui a Deus.* Saul estava ansioso por aniquilar os filisteus, mas decidiu chegar-se a Deus para pedir conselho. O silêncio de Deus foi tomado como uma evidência do pecado que havia sido cometido no campo.

**14.39-45** — *Certamente morrerá.* Esse foi o segundo juramento tolo de Saul (v. 24).

**14.46** — *Saul deixou de seguir os filisteus, e os filisteus se foram ao seu lugar.* Como resultado da vitória de Israel sobre os filisteus, estes deixaram a região da montanha e retornaram aos seus acampamentos na planície costeira.

**14.47** — *Moabe e Amom*, descendentes de Ló (Gn 19.30-38), ocupavam as regiões do leste do Jordão e do mar Morto. *Edom*, descendentes de Esaú (Gn 36.8), ocupavam a região sudeste do mar Morto. *Zobá* era um reino arameu no vale de Beca. Os *filisteus* ocupavam a planície costeira à leste da região da montanha.

**14.48** — A vitória sobre os *amalequitas*, homens de tribos nômades do deserto, que viveram no sul das montanhas, é registrada em 1 Samuel 15.1-9.

**14.49** — Em 1 Samuel 31.2 e em 1 Crônicas 8.33, os nomes dos quatro filhos de Saul são dados como Jônatas, Abinadabe, Malquisua e Esbaal (Is-Bosete em 2 Sm 2.8). *Isvi* é provavelmente um segundo nome para Abinadabe.

**14.50,51** — *Ainoã* significa *meu irmão é agradável*.

**14.52** — *Os agregava a si.* Saul arregimentava os jovens fortes e bravos para o seu exército.

**15.1-35** — A guerra de Israel contra os amalequitas (1 Sm 14.48) é recontada em detalhes porque causou a ruptura entre Samuel e Saul e a subsequente rejeição ao reinado de Saul. O capítulo 15 é importante porque prepara o caminho para Davi ascender ao trono e revela a desqualificação de Saul para o reinado.

**15.1** — *Enviou-me o SENHOR.* Samuel se referiu à sua participação na unção de Saul como rei, para adicionar peso e autoridade ao comando que estava prestes a dar.

**15.2** — Os amalequitas eram um povo nômade que vivia na região de Neguebe, a terra seca ao sul de Judá (Nm 13.29).



## EM FOCO

## DESTRUIR COMPLETAMENTE (HB. CHARAM)

(1 Sm 15.9; Êx 22.20; Dt 13.15; Js 6.18)

No mundo antigo, qualquer objeto sagrado ou profanado era impróprio para o uso comum. O verbo *destruir*, no hebraico, significa *manter separadas* as coisas inapropriadas, normalmente por causa da contaminação associada à idolatria. De acordo com Deuteronômio 13.12-15, Israel destruiria qualquer pessoa ou coisa impura o suficiente para ser considerada profana. A violação deste comando custou a Acã sua vida (Js 7), e a Saul, o seu trono (1 Sm 15.9-11).

Paulo nos lembra de que somos todos pecadores; consequentemente, somos impuros e merecemos a destruição. Entretanto, Deus, em Sua infinita misericórdia, escolhe salvar aqueles que o reconhecem como o único Senhor e creem no sacrifício de Jesus.

**15.3** — A expressão *destrói totalmente tudo* significa, literalmente, *condenar*, semelhante ao juízo imposto a Jericó na época de sua conquista (Js 6.17,18). O fato de nada poder ser retirado dos despojos reflete o juízo de Deus sobre os pecados dos amalequitas (Dt 7.2-6; 12.2, 3; 20.16-18). Esse julgamento severo, porém, veio do comando de um Deus justo e santo. Um Deus santo não deixa pecado sem punição.

**15.4** — *Homens de Judá*. No início do período de monarquia, ainda unificada, as distinções entre as tribos do norte de Israel e as tribos do sul começaram a ser notadas (1 Sm 11.8).

**15.5** — Os amalequitas eram um povo nômade. O termo *cidade* deve se referir ao seu acampamento principal.

**15.6** — Os *queneus*, que tinham sido fortemente associados aos israelitas desde o casamento de Moisés com a filha de Hobabe, um queneu (Jz 1.16; 4.11), vinham de uma descendência nômade dos midianitas (Nm 10.29).

**15.7** — A denominação *Havilá* se refere à região do nordeste da Arábia. *Sur* ficava na parte oeste da península do Sinai na fronteira com o Egito. A campanha contra os amalequitas cobria um extenso território.

**15.8** — *E tomou vivo a Agague, rei dos amalequitas*. Essa foi uma violação direta ao comando de Deus (v. 3). Saul condenou todo o restante da população, mas poupou a vida do rei.

**15.9-11** — Ao poupar a vida de Agague e tomar o melhor dos espólios, Saul estava seguindo os seus próprios desejos, em vez de servir como

agente do juízo de Deus. Talvez ele quisesse ganhar prestígio, trazendo para casa os espólios dos amalequitas.

**15.12** — *Carmelo*, localizada a cerca de 12 Km (NVI), ao sul de Hebrom, deveria estar na rota para casa de Saul. A *coluna* que Saul levantou foi provavelmente feita para comemorar a vitória sobre os amalequitas. Saul, então, retornou a Gilgal, onde os israelitas tinham se aliado, antes da guerra, contra os filisteus (1 Sm 13.8-15).

**15.13** — *Bendito sejas tu* era uma forma de saudação antiga (Gn 24.31). Note que as palavras de Saul, *executei a palavra do SENHOR*, são exatamente o oposto das palavras e da avaliação de Deus (v. 11).

**15.14** — *Que balido?* As palavras são quase bem-humoradas, não fosse a situação tão séria.

**15.15-19** — Quando confrontado por Samuel, Saul se desculpou por sua desobediência e culpou o povo. Ele também procurou justificar-se poupando *ao melhor das ovelhas e das vacas*, sugerindo que pretendia oferecê-las em sacrifício.

**15.20,21** — *Dei ouvidos à voz do SENHOR*. Mesmo Samuel tendo dado a Saul uma nova chance de corrigir as coisas com Deus, ele persistia em afirmar a sua inocência.

**15.22** — *O obedecer é melhor do que o sacrificar*. Samuel enfatizou que a sinceridade e a obediência eram pré-requisitos para uma adoração que agradava a Deus. Há aqueles que usam este e outros versículos para argumentar que Deus nunca pretendeu que a adoração em forma de sacrifícios fosse usada para honrá-lo. Porém, tais versículos

não anulam a adoração feita dessa forma; eles apontam para o cerne da questão: a importância da integridade de coração daquele que vem adorar o Deus vivo.

**15.23** — As ações independentes e rebeldes de Saul foram não somente uma negação da autoridade de Deus como um reconhecimento do poder sobrenatural de Satanás por meio da *feitiçaria*. Feitiçaria (hb. *qesem*) era condenada pela Lei (Lv 19.26,31; Dt 18.9-14) e punida com a morte (Êx 22.18). A desobediência ostensiva de Saul foi essencialmente um ato de idolatria porque elevava a sua vontade acima da vontade de Deus. *Ele também te rejeitou a ti*. Saul não conseguiu entender que ele não era um líder soberano e independente como os outros monarcas. Em vez disso, era um agente e um representante do Rei Divino. A rejeição de Saul à Palavra de Deus resultou na rejeição de Saul como representante real de Deus.

**15.24,25** — *Pequei*. Em resposta à repreensão de Samuel, Saul confessou seu pecado e explicou: *Temí o povo e dei ouvidos à sua voz*. Saul conduziu o povo atendendo aos desejos do povo.

**15.26,27** — *Não tornarei contigo; porquanto rejeitaste a palavra do SENHOR, já te rejeitou o SENHOR, para que não sejas rei sobre Israel*. As palavras de Samuel devem ter sido muito dolorosas para Saul. O rei havia desobedecido a Deus, e, de uma vez por todas, não haveria mais oportunidade para ele.

**15.28** — O rasgo accidental da orla do manto de Samuel (v. 27), ocasionado por Saul, quando o profeta se virava para sair, serviu como sinal de que Deus havia *rasgado* o reino de Israel. Incidente semelhante está registrado em 1 Reis 11.30. O *teu próximo* que iria receber o reino era Davi (1 Sm 16.11-13).

**15.29** — *A Força de Israel*. Essa forma de se referir a Deus ocorre somente nessa passagem. A expressão também pode significar *a Glória de Israel*. *Não mente nem se arrepende*. A decisão de Deus de rejeitar Saul foi irrevogável.

**15.30,31** — *Pequei; honra-me, porém, agora diante dos anciãos do meu povo e diante de Israel; e volta comigo, para que adore o SENHOR*. O pedido de Saul por perdão e o desejo de adorar a Deus sugere

que, apesar de suas falhas, ele era sincero e acreditava em Deus. Samuel pode ter discernido que a confissão de Saul no versículo 30 foi mais sincera do que a registrada anteriormente (v. 24).

**15.32,33** — *Trazei-me aqui Agague*. Samuel determinou que faria o que Saul não tinha feito. Ele executou Agague para obedecer à ordem clara de Deus (v. 3). O verbo traduzido *despedaçou* pode ser simplesmente traduzido como *executou*. *Perante o SENHOR*. A execução foi uma expressão do juízo divino.

**15.34,35** — *E nunca mais viu Samuel a Saul*. O verbo *ver* aqui significa *dar atenção* ou *considerar com interesse*. O ponto importante é que Deus já não mais considerava Saul um rei, e da mesma maneira pensava Samuel.

**16.1—31.13** — A próxima parte do texto registra a ascensão de Davi ao trono. Davi era conhecido como o homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13.14). A sua fé era tão exemplar que séculos depois, Deus se agradava em ser chamado *o Deus de Davi* (2 Rs 20.5; Is 38.5). Davi contribuiu para a adoração do Senhor planejando a construção do templo (2 Cr 28.11 — 29.2) e escrevendo muitos salmos (2 Sm 23.1).

**16.1** — *Enche o teu vaso de azeite*. O chifre de um animal também servia como recipiente para colocar o óleo ungido. Jessé, o belemita, era o filho (ou descendente) de Obede, filho de Rute e Boaz (Rt 4.21,22). Ele é identificado por sua cidade natal, Belém, localizada cerca de oito Km (NVI), ao sul de Jerusalém, na rota da caravana de Jerusalém, via Hebrom, para o Egito. O nome *Belém* significa *casa do pão*, talvez indicando que era o centro dos grãos da região. Também é possível que esse nome tenha sido uma modificação israelita de um nome cananeu dado à cidade anteriormente, uma vez dedicado a Lamu, uma antiga deidade da guerra dos cananeus. Se foi assim, o contraste é maravilhoso! O futuro Príncipe da Paz (Is 9.6; Mq 5.2) nasceria em uma cidade originariamente dedicada a um templo para o deus da guerra! *Me tenho provido um rei*. Deus deixou claro para Samuel que esse rei seria uma escolha dele.

**16.2,3** — A preocupação de Samuel com a sua vida não era infundada tendo-se em vista

a degeneração espiritual e o estado perturbador de Saul (1 Sm 18.11). Um cordeiro é um filho de carneiro. *Dize: Vim para sacrificar.* Deus não instruiu Samuel para mentir, e sim providenciou uma legítima oportunidade para Samuel visitar Jessé e sua família. Fazendo o processo de unção em Belém, enquanto oficializava o sacrifício, Samuel evitaria levantar suspeitas em Saul.

**16.4** — Como a visita de Samuel foi inesperada, os anciões da cidade pensaram se ele tinha ido ali a fim de executar algum juízo (1 Sm 7.15,16).

**16.5** — A palavra hebraica para *paz* (hb. *shalom*) significa *coisas como elas devem ser*. A palavra *santificar* significa *separar* por meio de lavagens e purificações cerimoniais (Êx 19.10,14,22). *E santificou ele a Jessé e os seus filhos.* Aparentemente, Samuel supervisionou a purificação do pai e dos filhos.

**16.6,7** — *Eliabe* significa *meu Deus é pai*. *E disse.* Samuel estava provavelmente dizendo para si mesmo. *A aparência* e *a estatura* do filho mais velho de Jessé, Eliabe, recomendava-o para a liderança. Mas as mesmas características foram exatamente aquelas que recomendaram Saul (1 Sm 9.2). Em vez de olhar para a aparência, Deus olhou para o *coração*. Portanto, Deus deu a Samuel uma nova perspectiva. O estado do coração de um homem era muito mais significativo do que a sua habilidade natural e a sua aparência física.

**16.8,9** — O nome *Abinadabe* significa *meu pai é nobre*. *Samá* pode vir do verbo *ouvir*. A apresentação dos filhos de Jessé começou com o mais velho, de maneira tipicamente patriarcal. Presumiu-se que o primogênito receberia um posto maior do que os demais irmãos. Mais uma vez, o modo de Deus agir era surpreendentemente inverso às expectativas humanas.

**16.10** — Embora não esteja claro nesse versículo se o número sete está em adição aos três já apresentados ou se os três estão inclusos no total sete, a passagem de 1 Samuel 17.12 esclarece que Jessé havia apresentado sete, dos seus oito filhos, ao profeta.

**16.11** — *Acabaram-se os jovens?* Após olhar para os sete filhos de Jessé, Samuel perguntou se

alguém havia sido deixado de fora. De fato, o *menor* estava do lado de fora, no campo, cuidando do gado de seu pai. *Apascenta as ovelhas.* Naqueles tempos, os líderes, tanto no aspecto espiritual como no humano, eram frequentemente comparados a pastores de ovelhas (Ez 34). O famoso rei babilônico Hamurabi descreveu-se a si mesmo como pastor do seu povo. O fato de Davi estar cuidando das ovelhas naquele exato momento, em particular, era como um prenúncio divino de sua indicação como o rei de Israel. *Não nos assentaremos em roda da mesa.* A ideia é a de que Samuel não moveria um músculo enquanto o último filho não fosse trazido diante dele.

**16.12** — Relatar que Davi era *ruivo* significa que ele tinha *cabelos vermelhos*; é uma alusão à cor dos cabelos. *Formoso de semblante.* Essa expressão também pode ser traduzida como *belo à vista*. *Boa aparência.* Deus deixou claro a Samuel que a escolha de Davi não tinha sido fundamenta na aparência humana (v. 7). Tal atributo era apenas mais uma vantagem no valor interior de Davi.

*E disse o SENHOR.* Não está claro se outra pessoa além de Samuel ouviu essas palavras de Deus. *Unge-o.* Davi foi ungido com azeite. O ritual religioso consagrou Davi para o reinado.

**16.13** — Em hebraico, a locução *se apoderou* significa *apressou-se sobre*. Foi dado a Davi o poder, pelo Espírito Santo, para a função de liderar o povo de Deus, da mesma forma que havia sido dado a Saul (1 Sm 10.10). O nome *Davi* significa *amado*.

**16.14,15** — *O Espírito do SENHOR se retirou de Saul.* Depois que o Espírito de Deus veio sobre Davi, Saul já não tinha o poder para servir como rei. Ao que tudo indica, o ministério do Espírito Santo foi seletivo e temporário na vida dos fiéis do Antigo Testamento. *Um espírito mau, da parte do SENHOR.* Essa informação foi interpretada de várias maneiras no decorrer dos tempos: (1) possessão demoníaca como punição divina; (2) ataque ou influência demoníaca; (3) ação de um mensageiro do mal, como aquele enviado para incitar Acabe (1 Rs 22.20-23); (4) um espírito de descontentamento colocado por Deus no coração

de Saul (Jz 9.23). Porém, o que quer que tenha sido, foi imediatamente percebido pelos servos de Saul (1Sm 18.10).

**16.16,17** — *Que busquem um homem que saiba tocar harpa.* Qualquer que tenha sido o problema que afligia Saul, era temporariamente minimizado pela influência da música (v. 23). No passado, acreditava-se que a música exercia influência benéfica sobre aqueles de natureza mórbida ou melancólica.

**16.18** — *E é valente, e animoso, e homem de guerra.* Davi, o menino pastor, ainda não havia demonstrado suas habilidades militares. A brilhante descrição dada pelo cortesão, aparentemente, pode ter sido exacerbada, mas foi registrada pelo autor porque antecipava o que Davi se tornaria em vista da sua reputação (1 Sm 17.34, 35).

**16.19,20** — *Envia-me Davi, teu filho.* Dados os eventos na primeira parte desse capítulo, inicia-se uma incrível virada dos fatos, e a marca de um grande contador de histórias.

**16.21** — Davi deve ter sido nomeado como *pajem de arma* de Saul após a vitória do jovem belemita sobre Golias (1 Sm 17.55-58). Talvez o acontecimento seja mencionado aqui porque alude ao tema do serviço militar de Davi na corte de Saul, ou ainda para enfatizar que Davi era considerado por Saul, antes de este comear a perseguir Davi.

**16.22** — *Perante mim* é uma expressão alusiva à prestação de serviços ao rei (1 Rs 10.8).

**16.23** — Sob o poder do Espírito de Deus, Davi era capaz de afastar o *espírito mau* (v. 14) com a sua música tranquilizante (1 Sm 18.10). O versículo sugere um prolongado período de tempo.

**17.1-58** — Todo esse trecho revela o inegável direito de Davi de governar o povo de Deus. No pensamento do antigo Oriente Médio, vários elementos trabalhavam juntos para formar o ideal de liderança real. Um desses elementos era o conceito do guerreiro herói. Esse capítulo mostra duas cenas contrastantes: Saul, acuada em sua tenda, com uma pilha inútil de armadura e armas, e Davi, em sua destemida marcha para a guerra, apenas com sua funda, mas cheio do poder do Deus vivo! Há duas batalhas nesse episódio: uma batalha pública, no campo, e uma batalha particular, na tenda do rei!

**17.1** — *Socó* estava localizada a cerca de 24 Km (NVI) a oeste de Belém. *Azeca*, a cerca de dois Km (NVI) a noroeste de Socó. Os exércitos dos filisteus e dos israelitas estavam reunidos no vale do Carvalho, cerca de 22,5 Km a oeste de Belém, a cidade natal de Davi. Os *filisteus* estavam acampados entre *Socó* e *Azeca*, em uma montanha (v. 3) ao sul do vale. *Azeca*, estrategicamente localizada em uma montanha, era uma fortaleza, dentre várias, construída ao longo da fronteira a oeste de Judá para guardar as principais estradas de entrada na região. *Socó* era uma das cidades, posteriormente, fortificadas por Roboão (2 Cr 11.7). A descrição, *que está em Judá*, alerta para o fato de que os filisteus estavam invadindo as terras de Judá.

**17.2,3** — *O vale do Carvalho* é um vale que se estende de leste a oeste, partindo das montanhas de Judá em direção às terras baixas dos filisteus. O vale teria sido adequado para as carruagens dos filisteus, não fosse por um desfiladeiro íngreme que se estendia até a metade do vale. O carro de



## VOCÊ SABIA?

### UMA BATALHA ENTRE OS DEUSES

No tocante ao encontro de Davi com Golias, os leitores da Bíblia frequentemente focam o drama humano: um jovem pastor de ovelhas que enfrentou um experiente homem de guerra e matou-o com uma pedra. Mas a peleja também foi entre os deuses dos filisteus e o Senhor de Israel (1 Sm 17.26,36,37,43,47).

Não era incomum no mundo antigo que campeões militares representassem seu exército em um combate de homem a homem. A vitória era concedida ao lado cujo guerreiro prevalecesse. Golias representava tanto os filisteus como os deuses deles; Davi, tanto o povo de Israel quanto o Senhor.

guerra dos filisteus tinha acessórios de ferro e era a mais avançada arma de guerra da época. Provavelmente, o desfiladeiro dificultava o deslocamento do exército filisteu, o que provocava longo atraso para o início da batalha (v. 16).

**17.4** — *Um homem guerreiro*. A expressão em hebraico é literalmente *um homem que vai entre*, exemplificando um guerreiro que vai lutar em um único combate como substituto do exército inteiro, ou seja, em uma espécie de duelo. O seu oponente precisava ser tão forte como ele. A pessoa mais adequada para assumir esse papel no exército de Israel seria Saul. Quando foi escolhido como rei, Saul destacou-se no meio de todos porque era muito mais alto que seus compatriotas (1Sm 9.2). Saul, porém, não tomou nenhuma iniciativa para se opor ao soberbo filisteu. *Cujo nome era Golias, de Gate, da altura de seis côvados e um palmo*. Um *côvado* equivalia a cerca de 45 cm (NVI) e *um palmo* a cerca de 23 cm (NVI). Por isso, *Golias*, cujo nome pode significar *o notável*, media perto de 2,90 m.

**17.5,6** — *Um capacete de bronze*. Tropas comuns usavam capacetes de couro. A *couraça de escamas* de Golias era feita de placas de bronze sobrepostas, tecidas em couro. Essa armadura pesava *cinco mil siclos*, ou cerca de 60 quilos; um siclo equivalia a cerca de 12 gramas (NVI). *Grevas de bronze* se refere a um tipo de proteção para as pernas de Golias. *Escudo de bronze*. Essa enorme arma era designada para arremesso. *Entre os seus ombros*, ou seja, amarrado às suas costas.

**17.7,8** — A *lança* era uma arma designada para o combate corpo a corpo, como uma longa espada. A haste da lança de Golias pesava *seiscentos siclos*, cerca de 7 quilos e 200 gramas (NVI). *Escudeiro*. Existem duas palavras diferentes em hebraico para *escudo*. Uma, *magen*, refere-se a um pequeno escudo redondo normalmente usado no braço esquerdo. A outra, *sinna*, utilizada aqui, refere-se a um escudo muito maior, alongado, normalmente carregado pelo escudeiro até que o soldado entrasse em confronto. Golias era uma verdadeira máquina de guerra.

**17.9,10** — *Desafio* era um termo extremamente grosseiro que dava a ideia de *colocar sob repreen-*

*são* (v. 25,26). Como os relatos deixam claro posteriormente, as provocações desafiadoras de Golias eram muito mais contra o Deus de Israel do que contra o exército israelita (v. 26,36).

**17.11** — *Espantaram-se e temeram muito*. O exército estava acometido de temor. Talvez os israelitas tivessem se esquecido das vitórias que Deus lhes havia concedido em tempos passados. O esquecimento dos livramentos passados dados por Deus diminuía a confiança, em face ao presente conflito.

**17.12-15** — *Efrateu*. Efrata era um nome de família na tribo de Judá, a área onde Belém estava localizada (Mq 5.2).

**17.16** — O atraso de *quarenta dias* na batalha pode ter sido dado por causa da dificuldade dos carros de guerra filisteus em atravessarem o profundo desfiladeiro do vale do Carvalho, que separava os dois exércitos. O número *quarenta* parece ter papel significativo nas narrativas bíblicas. Se um mês é o período de 30 dias, o período de 40 dias seria considerado um extenso período de tempo. Certamente, foi um longo período em que Israel teve de ouvir as palavras de insulto do arrogante Golias!

**17.17-19** — Nos tempos antigos, os soldados, geralmente, ou viviam do que cultivavam nas terras conquistadas ou dependiam de suprimentos pessoais — trazidos por eles mesmos ou levados por alguém de sua casa. Jessé enviava Davi com provisões, *grãos, pães e queijos*, para seus filhos e líderes. Um *efa* era uma medida de grão que equivalia a 22 litros (NVI).

**17.20-23** — *Se levantou pela manhã*. Essas são as mesmas palavras usadas para se referir a Abraão quando ele saiu para a sua jornada ao monte Moriá (Gn 22.3). *O arraial saía em ordem de batalha*. Os soldados estavam saindo em ordem de batalha, mas apenas para chamar para a peleja. *Na mão do guarda da bagagem*. Essa informação indica que o que Davi havia feito por seus irmãos era um serviço comum realizado pelas famílias em benefício de seus filhos, no campo de batalha.

**17.24** — *Fugiam [...] temiam*. O medo do exército israelita era vergonhoso. Protegidos, localizados no alto da colina, nenhum deles estava correndo perigo imediato.

**17.25** — Saul prometeu riquezas, isenção de taxas e de deveres do serviço público e a mão de sua filha em casamento àquele que vencesse Golias.

**17.26** — *Incircunciso* é uma expressão de desprezo, usada para se referir a uma pessoa pagã.

**17.27,28** — O irmão mais velho de Davi, *Eliabe*, foi um tanto rude. *A tua presunção e a maldade do teu coração*. Essa linguagem é semelhante à usada pelos irmãos de José para demonstrar a fúria deles (Gn 37).

**17.29** — *Não há razão para isso?* Davi protestou, defendendo-se da acusação de presunção (v. 28). Havia razão para a agitação, mas não por causa de Davi, e sim por causa dos filisteus.

**17.30-32** — *Teu servo irá*. Davi pesou as dificuldades dentro da perspectiva divina. Aqui estava uma oportunidade para Deus mostrar o Seu poder.

**17.33** — Saul não mostrou qualquer evidência de ter reconhecido Davi como o jovem que tocava a harpa diante dele (1 Sm 16.23). Provavelmente, havia muitos jovens que serviam o rei e Saul pode não ter reconhecido Davi fora do contexto da corte real.

**17.34-37** — As vitórias passadas de Davi contra *um leão* e *um urso* deram a ele a fé necessária em Deus para vencer Golias. Para Davi, aquela situação retratava mais uma questão espiritual — a falta de fé dos israelitas — do que uma questão militar.

**17.38,39** — *E Saul vestiu a Davi das suas vestes [...] um capacete de bronze, e [...] uma couraça*. Em vez de colocar sua armadura espiritual, a confiança em Deus, e ir ao campo de batalha, Saul tentou colocar sua enorme armadura material em um jovem rapaz. A armadura de Saul era designada para um homem de porte grande. *Não posso andar com isto*. Davi sequer poderia andar vestido com aquele aparato todo, muito menos lutar.

**17.40,41** — *Tomou o seu cajado na mão*. Despreparado para enfrentar Golias como um soldado armado, Davi se preparou para enfrentá-lo como um pastor de ovelhas. *Cinco seixos do ribeiro*, ou seja, cinco pedras lisas (NVI). A experiência

havia ensinado a Davi o quão importante era o formato, o tamanho e a uniformidade da pedra para se alcançar êxito com uma funda. A *funda* era equipamento típico de um pastor. Era um bolso de couro amarrado a dois cordões. Colocando uma pedra no fundo, o atirador teria de girá-la sobre a cabeça para dar impulso. Ao soltar um dos cordões, a pedra era arremessada em direção ao alvo. Atiradores de fundas eram uma categoria comum de soldados nos exércitos do antigo Oriente Médio (Jz 20,16).

**17.42** — *Era jovem ruivo e de gentil aspecto*. Davi não tinha os sinais da idade e as cicatrizes pertinentes a um campeão de batalhas. Diferentemente de muitos soldados de Israel, Davi sequer tinha barba.

**17.43,44** — A aparência de um menino como o desafiante ofendeu o orgulho de Golias. Posteriormente, Golias viu o cajado de pastor (v. 40) e ficou enraivecido porque Davi parecia pronto para enfrentar *um cão* em vez de um gigante. *Amaldiçoou a Davi*. Golias tratou Davi com desprezo. A expressão *amaldiçoou* é a mesma usada em Gênesis 12.3. Uma vez amaldiçoando uma pessoa do povo de Deus, Golias estava sujeito a ser amaldiçoado por Deus.

**17.45** — *Em nome do SENHOR dos Exércitos*. A palavra *Exércitos* aqui se refere às milícias do céu e de Israel, sobre as quais Deus é o comandante soberano. A expressão *nome do SENHOR* alude ao relacionamento e à aliança de Deus com o povo de Israel. Davi estava dependendo do poder de Deus, como guerreiro e defensor do povo dele (Êx 15.3).

**17.46,47** — Davi pretendia que a sua vitória demonstrasse a *toda a terra* que: (1) o Deus de Israel existe e (2) Deus livra os Seus, mesmo contra todas as probabilidades mais impressionantes. As palavras de Davi, *do SENHOR é a guerra*, colocam o confronto na perspectiva correta.

**17.48,49** — *Apressou-se Davi e correu ao combate*. Parte da estratégia de Davi era se adiantar em relação ao gigante. Guiado pelo Senhor, Davi, habilidosamente, atingiu o lugar certo *na testa* de Golias, com um lance poderoso e fatal.

**17.50,51** — *E lhe cortou [...] a cabeça.* A cena foi uma vergonha para o exército inimigo e um sinal decisivo de que Golias estava morto, o que aterrorizou os filisteus.

**17.52,53** — Os israelitas perseguiram os filisteus do norte, em direção a Ecrom, ao leste, e em direção a Gate. Cidade também mencionada em Josué 15.36, o nome Saaraim significa *dois portões* e fica próxima a Socó e Azeca.

**17.54** — *Davi tomou a cabeça do filisteu e a trouxe a Jerusalém.* Nesse tempo, uma parte de Jerusalém estava ocupada pelos israelitas, mas a cidade de Jebus ainda estava nas mãos dos jebuseus (Js 15.63). Mais tarde, ela foi tomada por Davi quando ele se tornou rei sobre toda a nação de Israel (2 Sm 5.6-9).

**17.55** — *Abner*, um dos chefes do exército de Saul, também era primo dele (1 Sm 14.50). Ele era um dos soldados experientes que ficou silencioso e inativo diante das palavras de afronta de Golias. *De quem é filho este jovem?* Como essa pergunta encaixa-se com o fato de Davi ter servido como músico na corte de Saul (1 Sm 16.18-23)? A instável condição mental de Saul (1 Sm 16.14,15) pode ter afetado sua memória. Ele pode ter reconhecido Davi como seu músico, mas ter esquecido o nome de seu pai. Saul precisava saber de qual família Davi pertencia para poder recompensá-la (v. 25). Também é possível que por trás da pergunta feita a Abner existisse o principal interesse de Saul: não apenas a identidade de Davi, mas sondar sobre a possibilidade de Davi ser um concorrente ao trono de Israel.

**17.56-58** — *Filho de teu servo Jessé.* Identificando o pai, Davi provavelmente pretendia enfatizar que Jessé não era uma ameaça ao rei, mas sim um *servo* fiel dele.

**18.1** — *A alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi.* É provável que a amizade mais verdadeira entre homens registrada na Bíblia seja a que uniu Jônatas e Davi. À medida que a história progride, vemos que essa amizade fez até mesmo com que Jônatas preferisse Davi a seu pai Saul.

**18.2** — *O tomou e não lhe permitiu que tornasse para casa.* A exemplo de Jônatas, Saul também foi cativado por Davi e o chamou para integrar a sua corte novamente (1 Sm 16.19-23; 17.15).

**18.3** — Essa *aliança* era um acordo mútuo no qual Davi e Jônatas estavam unidos para cuidar das necessidades e dos interesses um do outro. Foi um tratado entre iguais, ainda que os dois jovens não fossem exatamente iguais. Certamente, Jônatas foi o que tomou a iniciativa da amizade, tendo-se em vista ser ele um membro da casa real. *O amava como à sua própria alma.* Essa descrição, repetida para dar ênfase (v. 1), descreve a profundidade e a natureza do amor desinteressado de Jônatas por Davi.

**18.4** — *Espada [...] arco [...] cinto.* Esses artigos eram preciosos e jamais deveriam ser entregues a outra pessoa. Com tais presentes, Jônatas ratificou a sua aliança com Davi. No passado, a ação de Jônatas era interpretada como uma transferência simbólica do poder real da família de Saul para a de Davi.

**18.5** — *Davi [...] conduzia-se com prudência.* Essa descrição alude a um sutil — mas contínuo — contraste entre Davi e Saul. A expressão revela que Davi estava agindo com habilidade e, por isso, atingindo sucesso. As atitudes de Davi opunham-se às atitudes inconsistentes de Saul (1 Sm 13.13). *O pôs sobre a gente de guerra.* Davi não substituiu Abner (1 Sm 17.55); ele foi simplesmente reconhecido como um herói militar nacional.



## PERFIL

### JÔNATAS TRANSFERE O SEU DIREITO AO TRONO

Quando Saul ofereceu a Davi sua armadura e sua espada (1 Sm 17.38,39), Davi as devolveu. Em 1 Samuel 18.4, Jônatas deu a Davi a sua capa, o equipamento militar e a sua espada. Porque Davi aceitou a espada, ele se tornou o que Jônatas era: o aparente herdeiro do trono de Israel. Com estas ações, Jônatas reconheceu a decisão de Deus de que Davi deveria governar, e ele saiu do caminho. Saul também sabia o que tinha acontecido com essa transferência da insígnia real (1 Sm 20.30,31).



**18.6** — *Quando Davi voltava de ferir os filisteus.* Um evento ocorrido imediatamente após a famosa batalha do capítulo 17 é mencionado aqui.

*As mulheres de todas as cidades de Israel se ajuntaram para celebrar a vitória e o novo herói nacional. Ao encontro do rei Saul.* Um comportamento comum na época.

**18.7** — A canção popular que celebrava os feitos militares de Davi tornou-se amplamente conhecida, mesmo entre os filisteus (1 Sm 21.11). *Milhares [...] dez milhares.* O emprego poético de exagero é evidente aqui. Davi ainda não havia matado nem 12 pessoas, muito menos milhares. As mulheres não tinham a intenção de ofender ao rei; elas estavam apenas louvando a Deus por Seus crescentes benefícios à nação.

**18.8** — *Saul se indignou muito.* Saul viu que as habilidades e os feitos de Davi ofuscavam a sua importância como rei. *Senão só o reino?* Para Saul, parecia não faltar mais honra alguma a Davi, exceto o próprio trono. Ironicamente, isso era exatamente o que Deus já havia determinado.

**18.9** — *Saul tinha Davi em suspeita.* Saul começou a olhar para Davi com suspeita, procurando por qualquer sinal de traição ou razão para desconfiança.

**18.10-13** — A expressão e *profetizava* pode ser usada para se referir à profecia legítima ou ao êxtase inconstante associado aos desvarios de falsos profetas e sacerdotes pagãos (1 Rs 18.29; 22.12). Qualquer que seja o caso aqui, Deus estava julgando Saul por sua desobediência anterior, permitindo que sua mente ficasse perturbada.

**18.14,15** — *Davi se conduzia com prudência.* Veja também 1 Samuel 13.13. *E o SENHOR era com ele.* O relacionamento de Davi com Deus era a chave para o seu sucesso.

**18.16** — *Israel e Judá amavam Davi [...] saía e entrava diante deles.* As atividades militares de Davi elevaram a sua importância diante do povo.

**18.17-20** — Saul havia prometido anteriormente a mão de sua filha em casamento àquele que derrotasse Golias (1 Sm 17.25), entretanto, aqui, ele relaciona o referido casamento a conquistas futuras, esperando que Davi pudesse ser morto pelos filisteus. *(Porque Saul dizia consigo: Não seja contra ele a minha mão, mas, sim, a dos filisteus.)*

**18.21-23** — *Para que lhe sirva de laço.* Saul esperava que, oferecendo Mical em casamento, ele levaria Davi à morte. *Sendo eu homem pobre e desprezível.* Davi não tinha os recursos para trazer um dote de casamento adequado a um rei (v. 25).

**18.24,25** — Em muitas culturas do antigo Oriente Médio, o dote era pago pelo noivo ao pai da noiva como forma de compensação econômica pela perda de uma filha que ajudava na casa. *Cem prepúcios.* Os prepúcios seriam a prova de que Davi de fato teria matado aquela quantidade de filisteus.

**18.26,27** — *Porém os dias ainda não se haviam cumprido.* Aparentemente havia um limite de tempo durante o qual Davi teria que cumprir as condições do dote. *Duzentos homens.* Davi proveu o dobro do número exigido por Saul.



## EM FOCO

### DANÇANDO (HB. MECHOLAH)

(1 Sm 18.6; 21.11; 29.5)

No hebraico, a raiz deste verbo significa *rodopiar* ou *mover-se em um círculo*. Provavelmente a palavra está indicando o tipo de dança descrito aqui. Quando esse vocábulo é usado, há, regularmente, uma associação com a alegria, às vezes contrastada com gemidos (Sl 30.11; Jr 31.4,13; Lm 5.15). Cantar e tocar instrumentos musicais (especialmente o pandeiro) são, geralmente, mencionados em associação com a dança (Êx 15.20; Jz 11.34; Sl 150.4).

Embora as mulheres normalmente dançassem, os homens também dançavam (Jr 31.13). Os antigos israelitas dançavam para celebrar as vitórias que Deus lhes tinha dado (1 Sm 18.6; Êx 15.20; Jz 11.34). Isso era uma exuberante expressão de louvor ao seu Criador e Protetor (Sl 149.3; 150.4; Jr 31.4).

**18.28,29** — *Viu Saul e notou que o SENHOR era com Davi.* O sucesso de Davi em tão perigosa façanha levou Saul a acreditar que o Senhor era com Davi. Significativamente, o texto acrescenta que a filha de Saul amava Davi. Com o casamento realizado, Saul tinha colocado uma parte de sua família nas mãos de seu rival, o que lhe trouxe mais um elemento desestabilizador: o medo de Davi.

**18.30** — *A guerra contra os filisteus continuou, bem como os bravos feitos de Davi. Se conduziu mais prudentemente.* Essa importante expressão que significa *agir com habilidade* é novamente contrastada com aquela empregada para se referir a Saul (1 Sm 13.13), que significa *bancar o bobo*. Os compromissos militares bem-sucedidos de Davi deram a ele crescente honra e reconhecimento.

**19.1** — *E falou Saul a Jônatas, seu filho, e a todos os seus servos para que matassem Davi.* Quando os esforços estratégicos de Saul falharam, ele trouxe Jônatas e todos os seus servos para dentro da trama. Aparentemente, Saul não sabia a respeito da amizade de Jônatas e Davi. O verbo hebraico traduzido como *afeiçoado* (hb. *haphes*) alude a riso, diversão, prazer.

**19.2,3** — *E Jônatas o anunciou a Davi [...] e eu falarei de ti a meu pai.* Leal a sua aliança de amizade, Jônatas prometeu intervir em favor de Davi perante o seu pai (1 Sm 18.3).

**19.4,5** — *Seu servo.* O argumento mais forte de Jônatas foi o de que as ações de Davi demonstraram lealdade a Saul. *Sangue inocente.* Jônatas fez lembrar ao seu pai a Lei de Deus. Matando Davi, Saul seria culpado de derramamento de sangue inocente (Dt 19.10).

**19.6,7** — *E jurou Saul.* Seguindo o procedimento normal de se fazer um juramento, Saul declara: *que [Davi] não morrerá!* Em outras palavras, Saul estava dizendo: *eu não permitirei que Davi morra.*

**19.8-10** — *As ações de Davi são contrastadas com as ações de Saul.* Toda vez que Israel guerreava contra os filisteus, Davi saía para a guerra e fazia daquela batalha mais uma oportunidade para realizar grandes feitos.

*E saiu Davi, e pelejou contra os filisteus.* Já Saul não saía mais para a guerra. Ao contrário, ficava em casa amuado por causa das vitórias de Davi.

*Estando ele [Saul] assentado em sua casa.*

**19.11** — *Amanhã te matarão.* Por causa de seu grande amor por Davi, Mical contou a ele sobre



## ENTENDENDO MELHOR

### Poços

No antigo Oriente Médio, poços como o de Seco (1 Sm 19.22) eram de extrema importância para a vida nas cidades e nos vilarejos. Mesmo em localidades mais favorecidas, a água tendia a desaparecer de vez em quando, durante os meses de verão. Sem um poço para aproveitar um lençol d'água ou um rio subterrâneo, seria impossível manter a civilização.

Muitos tipos diferentes de poços são mencionados na Bíblia, embora os tradutores do inglês tendam a não fazer distinção entre os poços cavados (Jo 4.11,12), as fontes naturais (Sl 84.6), também chamadas fontes vivas (Ne 2.13), e as cisternas talhadas (Gn 16.14; 2 Sm 17.18).

Os poços em Canaã eram normalmente cavados nas sólidas pedras de calcário, às vezes em grandes profundidades para evitar que secassem nos meses de verão. O poço de Jacó, que ainda existe, tem 74 pés de profundidade e, em alguma época, já foi duas vezes mais fundo.

Alguns poços tinham uma beirada ou um muro baixo em volta do topo para evitar que pessoas e animais caíssem dentro deles. A borda também tinha um suporte, para que os usuários pudessem usar os seus baldes para pegar água. Jesus provavelmente se sentou em uma borda desse tipo, quando conversou com a mulher no poço de Samaria (Jo 4.6). Se um poço fosse especialmente grande, às vezes se faziam degraus descendentes que permitiam a uma pessoa mergulhar diretamente no reservatório de água (Gn 24.16).

Por causa de sua importância estratégica, a propriedade e o uso de poços tendiam a tornar-se o objeto de uma disputa (1 Sm 21.25; Êx 2.17-19). Porém, poços também serviam para ajuntar pessoas e fazê-las lembrar de eventos importantes concernentes à sua herança (Gn 24.11,20; Jo 4.6-14).

a trama de Saul. A fuga de Davi é mencionada no título do Salmo 59: *Mictão de Davi para o cantor-mor, sobre Al-Tachete, quando Saul lhes mandou que guardassem a sua casa para o matarem.*

**19.12** — O termo *janela* aqui pode se referir a uma abertura na parede para permitir a entrada de luz e de ar ou à treliça na estrutura do telhado.

**19.13** — A palavra hebraica para *estátua* é usada em toda a Escritura para indicar ídolos domésticos (Gn 31.19, 30-35; Jz 18.17-26; 2 Rs 23.24; Ez 21.21; Zc 10.2). Alguns sugerem que aqui a palavra se refira a uma estátua do tamanho de um homem. Porém, não há qualquer evidência de que os israelitas tivessem tais objetos em suas casas. *Uma pele de cabra* foi usada para dar a entender que Davi ainda estava na cama.

**19.14** — *Está doente.* Mical amava tanto o seu marido, que estava disposta a ir contra os desejos de seu pai, a ajudar Davi e, se necessário fosse, a morrer por ele. O fato de ela ter mentido em benefício de Davi é parte do drama da história e não necessariamente endossa a prática da mentira.

**19.15-17** — Trazei-mo mesmo na cama. A decadência do estado mental e espiritual de Saul é refletida nas palavras proferidas aos seus mensageiros. Ele temia e odiava tanto a Davi, que estava disposto a assassinar o genro mesmo que ele estivesse doente em cima de uma cama.

**19.18,19** — Enfrentando uma séria crise pessoal, Davi *veio a Samuel, a Ramá*, pedir por ajuda. Juntos, Davi e Samuel foram para Naiote, que significa *residência*, uma comunidade dentro da cidade de Ramá.

**19.20,21** — O trabalho do *Espírito de Deus* distraiu os mensageiros de Saul do propósito estipulado e protegeu Seu servo Davi.

**19.22,23** — *Chegou ao poço grande que estava em Seco.* Esse nome não é mencionado em mais nenhum lugar da Bíblia. Provavelmente ficava ao norte de Jerusalém, na região de Gibeá e Ramá.

**19.24** — *Despiu as suas vestes.* A antiga cultura israelita olhava com desdém a nudez em público. É provável que Saul tenha removido toda a sua roupa real, mas tenha mantido a túnica que ficava por baixo. Aqui, o plano de Saul

para matar Davi foi totalmente impedido pela mão protetora de Deus.

**20.1,2** — *Não morrerás.* Jônatas estava certo de que Saul não iria matar Davi. É possível que Jônatas estivesse alheio aos eventos narrados em 1 Samuel 19.8-24 e confiante do juramento solene de Saul de não matar Davi (1 Sm 19.6).

**20.3** — *Tornou a jurar.* Davi ressaltou a seriedade da situação para Jônatas com um juramento. *Não saiba isso Jônatas.* Davi sugeriu que Saul tinha escondido seus planos de Jônatas, para evitar que ficasse magoado.

**20.4** — *O que disser a tua alma eu te farei.* As palavras de Jônatas refletiam a sua aliança de amizade com Davi (1 Sm 13.3). Ele fez um voto de ajudar o amigo Davi.

**20.5,6** — O primeiro dia do mês, *a lua nova*, era considerada data de festa religiosa (Nm 10.10; 28.11-15). Era comumente celebrada com uma refeição de sacrifício e descanso do trabalho (2 Rs 4.23; Is 1.13; Am 8.5). *Sacrifício anual.* Aparentemente, a família de Jessé se encontrava para um período especial de adoração durante a celebração da lua nova.

**20.7-11** — A palavra *misericórdia* também pode ser traduzida por *lealdade* (hb. *hesed*). Em outras palavras, Davi estava pedindo a Jônatas que fosse fiel a sua palavra. Ele tinha iniciado uma *aliança* de amizade (1 Sm 18.3). *Se, porém, há em mim crime.* Uma vez inocente, pois Davi não fizera nada de errado, ele certamente não era digno da morte.

**20.12,13** — Se a notícia fosse *favorável* a Davi, Jônatas enviaria um mensageiro para informar o seu amigo. Se a notícia fosse ruim, então Jônatas iria falar com Davi pessoalmente. Todo esse acordo foi estabelecido com um juramento solene.

**20.14,15** — *Não usarás comigo da beneficência do Senhor?* Jônatas usou a mesma palavra hebraica que significa *lealdade* usada por Davi anteriormente (v. 8). Tanto Jônatas como Davi estavam apelando para a aliança de amizade como base para atitudes de bondade. Qualquer que fosse o resultado do rompimento entre Davi e Saul, Jônatas apelou para que Davi protegesse a vida dele e a dos seus descendentes. Jônatas sabia que Davi

poderia, algum dia, tomar o trono, e também estava consciente do costume vigente em que o novo rei matava os filhos do seu predecessor (1 Rs 15.29; 16.11; 2 Rs 10.7).

**20.16-18** — Jônatas e Davi reafirmaram a aliança de amizade. *Fez Jônatas aliança com a casa de Davi.* Isso se refere ao acordo que Jônatas buscou de Davi nos versículos 14 e 15. O SENHOR o *requeira*. Jônatas orou para que o Senhor mantivesse Davi responsável pelas obrigações da aliança. Fora o amor por Davi, Jônatas *de novo* pediu que Davi reafirmasse o seu juramento (1Sm 18.1; 19.1). Davi e Jônatas estavam assumindo a responsabilidade um do outro.

**20.19** — *Junto à pedra de Ezel.* Provavelmente era um lugar conhecido.

**20.20-24** — *Eis que o SENHOR estará entre mim e ti, eternamente.* Jônatas declarou que o Senhor seria uma testemunha da aliança de proteção que ele tinha feito com Davi (v. 14-16).

**20.25-29** — *Não está limpo.* Ao notar que o assento de Davi estava vazio, Saul presumiu que o ritual de limpeza o tivesse impedido de participar da festa (Lv 7.20,21; 15.16). Uma vez que o ritual era um apenas temporário, as suspeitas de Saul aumentaram quando Davi se ausentou também na segunda noite da festa. A referência a *Abner* sugere que Davi poderia estar ameaçando a posição de Abner como um general do exército.

**20.30,31** — *A nudez de sua mãe.* Saul sugeriu que Jônatas e a sua mãe fossem envergonhados por causa do aparente comportamento imoral de Jônatas. Consciente da crescente popularidade de Davi, Saul sabia que Davi tiraria o trono de seu filho Jônatas. Nesse ponto da narrativa, Saul demonstrou sua preocupação egoísta com o bem-estar de sua família em detrimento da soberana vontade de Deus. Compare a resposta apropriada de Eli com respeito ao juízo de Deus (1 Sm 3.18).

**20.32-34** — *Pois seu pai o tinha maltratado.* Jônatas, o fiel amigo de Davi, estava tão aborrecido, que não comeu devido ao fato de Davi ter sido insultado por seu pai.

**20.35-40** — Ao terceiro dia, Jônatas foi ao campo sinalizar para Davi que ele deveria fugir da corte de Saul. Porém, o amor de Jônatas por

Davi não o permitiu parar naquele ponto do acordado. Jônatas se livrou de seu auxiliar com sutileza e, correndo grande risco pessoal, foi encontrar-se com Davi pela última vez.

**20.41,42** — *E choraram muito, até que Davi chorou muito mais.* Antes de partir, Davi e Jônatas choraram juntos. Ambos eram guerreiros valentes, mas também homens de corações ternos. Eram amigos leais e comprometidos um com o outro, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Na despedida, os dois amigos reiteraram a sua aliança de amizade (1Sm 18.3; 20.14-16).

**21.1—31.13** — Esse grande trecho de 1 Samuel registra as aventuras de Davi como um fugitivo. Durante a maior parte desse período, Davi esteve fugindo de Saul e seu exército, e durante os anos ele sofreu grandemente. No decorrer daquele difícil tempo, Davi aprendeu lições de oração, louvor e confiança no Senhor. Os *anos de fuga de Davi correspondem aos anos de fuga de Moisés*. Em ambos os casos, o Senhor usou a perversidade humana, as condições limitadas e o ambiente hostil para moldar os Seus servos com vistas a um trabalho ainda maior para a Sua glória.

**21.1** — *Veio Davi a Nobe.* Nobe era uma comunidade sacerdotal; o tabernáculo havia sido deslocado para lá após a destruição de Siló. Aimeleque, o bisneto de Eli (1 Sm 1.9), estava trabalhando como sumo sacerdote. O nome Aimeleque significa *meu irmão é rei*.

*Tremendo.* O seu medo pode ter sido uma reação aos rumores de rompimento entre Davi e Saul. Uma vez soldado respeitado e membro da corte real, seria incomum Davi viajar sozinho.

**21.2** — *O rei me encomendou um negócio.* Davi enganou Aimeleque fazendo-o acreditar que ele estava em uma missão secreta para o rei. Essa mentira provocou uma tragédia aos sacerdotes de Nobe (1 Sm 22.6-19).

*Quanto aos jovens, apontei-lhes tal e tal lugar.* Provavelmente Davi tenha ordenado aos seus *jovens* (soldados) que se encontrassem com ele em outro lugar (Mt 12.3, 4).

**21.3-5** — *Não tenho pão comum à mão.* Em resposta ao pedido de Davi por provisões, Aimeleque explicou que o único pão disponível era o

*pão sagrado*, às vezes chamado *pães da Presença* (NVI), que era dedicado ao Senhor no tabernáculo (Êx 25.23-30; Lv 24.5-9). De acordo com a Lei de Deus, esses pães só poderiam ser ingeridos pelos sacerdotes. Davi explicou a Aimeleque que os seus soldados haviam evitado atitudes impuras, não tendo contato com *mulheres* por três dias (Êx 19.15; Lv 15.16-18). *E em alguma maneira é pão comum*. Davi argumentou que os pães já não eram mais sagrados porque novos pães haviam substituído aqueles dedicados ao Senhor.

**21.6** — *O sacerdote lhe deu o pão sagrado*. O Talmude explica essa aparente brecha da Lei argumentando que a preservação da vida prevalece sobre qualquer outro mandamento (Lv 24.9). Jesus se referiu a tal episódio (Mt 12.2-4; Mc 2.25, 26) quando discutiu com os fariseus a respeito do sábio. O espírito da Lei foi mantido pelo ato de compaixão de Aimeleque.

**21.7,8** — *Doegue, edomita*, testemunhou o encontro entre Davi e Aimeleque e contou para o rei. Doegue não estava no tabernáculo como um espião, mas como um homem *detido perante o Senhor*, ou seja, como alguém que estava cumprindo um voto espiritual.

**21.9** — Tendo fugido de Gibeá sem armas, Davi reclamou *a espada de Golias*, a quem havia ferido *no vale do Carvalho* (1 Sm 17.40-51). A espada estava *envolta num pano* para evitar que a lâmina enferrujasse e havia sido colocada *detrás do éfode*, aqui uma espécie de estola usada pelo sumo sacerdote.

**21.10** — *Aquis* governava a cidade de Gate, uma das cinco principais cidades dos filisteus (1 Sm 6.17). Vários lugares haviam sido propostos para a localização de Gate. O mais amplamente aceito é o situado a cerca de 18 Km a sudoeste de Asdode.

**21.11** — *Não é este Davi, o rei da terra?* Tal descrição exagerada é um prenúncio da ascensão do trono por Davi. Suas façanhas militares certamente o recomendavam para o reinado. A música popular cantada em sua homenagem após a sua vitória sobre Golias havia alcançado os ouvidos dos filisteus (1 Sm 18.7; 29.5).

**21.12,13** — Esses versos servem de pano de fundo para o Salmo 34 e talvez para o Salmo 56. No Salmo 34, *Aquis* é referido como Abimeleque, o que aparentemente era um título da dinastia usado pelos líderes filisteus (Gn 20,2; 26.1). *E temeu muito*. A vida de Davi corria perigo. Se a inscrição do Salmo 56 se refere a tal incidente, Davi foi preso pelos filisteus. Ele foi a um lugar para fugir de Saul, mas acabou caindo nas mãos dos filisteus. *A loucura* era associada nos tempos antigos à possessão maligna. Davi mudou a sua atitude e se comportou como se estivesse louco, *e esgravatava nas portas do portal e deixava correr saliva pela barba*.

**21.14,15** — *Aquis* não tinha interesse em incluir um soldado insano no seu exército. O título do Salmo 34 indica a conclusão para o incidente. O rei o *expulsou*, e ele se foi.

**22.1** — Depois que Davi escapou de Gate, ele se juntou a sua família e seus seguidores numa caverna próxima à cidade de Adulão, cerca de 15 Km a sudeste de Gate e 24 Km a sudoeste de Jerusalém. *A caverna de Adulão* foi onde Davi compôs o Salmo 142 e possivelmente o Salmo 57.

**22.2** — Davi logo atraiu considerável interesse por parte daqueles que estavam oprimidos e descontentes com o governo de Saul.

*E todo homem endividado* aparentemente se refere àqueles que corriam o risco de serem vendidos como escravos por seus credores (2 Rs 4.1). *Chefe* é um termo geral para um líder político, militar ou religioso. Os *quatrocentos homens* logo passaram a ser seiscentos (1 Sm 23.13).

**22.3,4** — O nome *Mispa* significa *torre de vigília*; esta era provavelmente uma fortaleza em *Moabe*. A região de Moabe estava localizada a leste do mar Morto. A conexão entre a família de Davi e os moabitas é evidenciada na história de *Rute* (Rt 1.4-18; 4.21,22).

**22.5,6** — Seguindo o conselho do *profeta Gade* (2 Sm 24.11), Davi deixou o *lugar forte* e se escondeu no *bosque de Herete*, cuja localização é desconhecida. O *arvoredo* é muito adequado para lugares quentes e secos, crescendo bem em areia e solos desérticos.



## PERFIL

### UM EVENTO DIVISOR DE ÁGUAS

Certas decisões e incidentes podem ser um divisor de águas na vida de indivíduos comuns, figuras de autoridade e, até mesmo, nações. O trágico massacre dos sacerdotes de Nobe (1 Sm 22.16-19) foi um exemplo disso.

Quando Saul instruiu seus seguidores a destruir Aimeleque e 84 dos que se associaram a ele, estava mostrando sua verdadeira opinião em relação ao seu comprometimento e às suas convicções religiosas. Até o momento desse comando, a maioria em Israel o seguia por respeito à sua posição de rei, mesmo discordando de suas filosofias políticas.

Mas agora ele estava ultrapassando um limite que até os seus guardas se recusavam a ultrapassar (1 Sm 22.17). Saul estava confrontando diretamente o estabelecimento religioso de Israel. Por isso, ele começou a perder uma grande porção da lealdade entre os seus súditos, naquele dia.

Não foi surpresa que as notícias sobre o referido massacre logo chegaram a Davi (1 Sm 22.20-23). Ele agora era considerado como alguém que preservava a religião na nação, ao contrário de Saul, que se havia tornado o destruidor dos sacerdotes do povo de Deus.

**22.7,8** — *O filho de Jessé.* Saul talvez não estivesse disposto a se referir a Davi pelo nome (1 Sm 20.30,31). Saul sugeriu que os benjamitas não poderiam esperar bênçãos sob o governo de Davi, que era da tribo de Judá.

**22.9-13** — *Doegue* procurou agradar e conseguir a aprovação de Saul traindo *Aimeleque*, o sumo sacerdote que dera a Davi pães e uma arma (1 Sm 21.1-9). *O qual consultou por ele o SENHOR.* Esse fato não é mencionado em 1 Samuel 21.1-9, embora *Aimeleque* pareça admitir no versículo 15.

**22.14-16** — *Tão fiel como Davi.* Respondendo às acusações contra si, *Aimeleque*, inadvertidamente, defendeu Davi. Ouvir a fé e a lealdade de Davi sendo defendidas deve ter aborrecido Saul consideravelmente. *Não soube nada de tudo isso.* *Aimeleque* apelou para a sua inocência declarando que ignorava o rompimento ocorrido entre Saul e Davi.

**22.17-19** — *Não quiseram estender as suas mãos para arremeter contra os sacerdotes do SENHOR.* Os soldados que serviam a Saul sabiam o quão errado seria levantar as suas armas contra os sacerdotes do Deus vivo. Provavelmente eles interpretaram aquela sentença como uma punição injusta ou um ato de sacrilégio. Vendo uma oportunidade de ganhar favores futuros de Saul, *Doegue*, um gentio, comandou o massacre aos 85 sacerdotes (1 Sm 21.7).

**22.20,21** — *Abiatar* não estava entre os 85 sacerdotes mortos por *Doegue* em Gibeá. Ele escapou de Nobe antes do massacre. De acordo com 1 Samuel 23.6, ele se encontrou com Davi em Queila.

**22.22** — *Eu dei ocasião contra todas as almas da casa de teu pai.* Davi reconheceu que a sua atitude resultou no massacre dos sacerdotes e de suas famílias (1 Sm 21.1-9). Na soberania de Deus, a morte dos sacerdotes de Nobe era um cumprimento parcial do juízo que havia sido profetizado à casa de Eli (1 Sm 2.27-36). Mas a soberania de Deus nunca anula as responsabilidades pessoais pelas atitudes de alguém (At 2.23).

**22.23** — *Porque quem procurar a minha morte também procurará a tua.* Davi e *Abiatar* eram considerados como inimigos por parte de Saul.

*Salvo.* Davi ofereceu proteção a *Abiatar*. O sacerdote permaneceu com Davi e contribuiu com um valioso serviço (1 Sm 23.9). Ele trouxe o éfode consigo e perguntou ao Senhor por Davi (1 Sm 23.2, 6).

**23.1** — Ao invés de se voltarem para Saul, o seu rei, o povo de *Queila* apelou a *Davi* por livramento das mãos dos *filisteus*. Localizada numa região de baixas montanhas, cerca de 22,5 Km a sudeste de Jerusalém, *Queila* pertencia à tribo de Judá (Js 15.44). *Eiras* eram superfícies planas, duras, onde os grãos eram pisados ou amassados para que fossem separados da palha. Algumas

vezes, as eiras serviam como armazéns para guardar os grãos. Os filisteus invadiram as eiras depois que os israelitas haviam colhido e processado os grãos.

**23.2,3** — *E consultou Davi ao SENHOR.* Davi buscou a vontade de Deus para saber se o Senhor o havia chamado para livrar Queila. Davi reconhecia que uma necessidade não constitui necessariamente um chamado para um ministério particular. *Aqui em Judá.* Os homens tinham se arriscado ao unirem-se a Davi em território israelita, mas sabiam que os riscos seriam ainda maiores se abandonassem a região montanhosa da esquerda de Judá.

**23.4-6** — *Abiatar não se juntou a Davi até que ele estivesse em Queila.* O relato desse encontro foi aparentemente incluído antes, para completar a narrativa do que aconteceu aos sacerdotes de Nobe (1 Sm 22.20-23). O *éfode* era a roupa externa, espécie de estola, usada pelo sacerdote. O seu valor era provavelmente devido ao Urim e Tumim fixado no peitoral. Por meio do Urim e do Tumim, Deus poderia ser consultado e a Sua vontade, determinada (Êx 28.30; Nm 27.21).

**23.7,8** — *Uma cidade de portas e ferrolhos.* Saul presumiu que seria mais fácil capturar Davi em uma cidade fortificada do que persegui-lo por toda a mata. Saul não havia lutado contra os filisteus, os inimigos de seu povo, durante algum tempo. Mas, numa tentativa de capturar Davi, foi capaz de destruir uma cidade inteira dos judeus.

**23.9-12** — *Traze aqui o éfode.* Davi buscou a vontade de Deus por meio do Urim e Tumim, que estavam afixados no peitoral sumo sacerdotal (v. 6). Davi usou o éfode para descobrir se ele estaria seguro permanecendo em Queila. Ele fez duas perguntas ao Senhor: (1) Saul iria a Queila para persegui-lo? (2) O povo de Queila iria traí-lo e entregá-lo a Saul? Davi recebeu o *sim* como resposta para ambas as perguntas.

**23.13,14** — O número de seguidores de Davi aumentou 50%; de quatrocentos (1 Sm 22.2) para *seiscentos homens*. *Lugares fortes* se referem aos vários esconderijos onde Davi e seus soldados encontraram refúgio. *Deserto de Zife* é uma região árida cerca de 6 Km ao sudeste de Hebrom.

Essa região tinha muitos desfiladeiros e cavernas nas quais Davi e seus guerreiros puderam esconder-se.

**23.15-18** — *Jônatas [...] e foi para Davi.* Esse era o costume entre os dois; Jônatas iniciou a amizade deles. Visitar Davi, o arqui-inimigo de seu pai, teria sido muito arriscado para Jônatas. *Sua mão em Deus.* Ambos os homens tinham um amor fervoroso por Deus, e Jônatas encorajou Davi a continuar a sua obediente caminhada com o Senhor. Jônatas reconhecia que Davi estava destinado a ser o próximo rei de Israel e estava contente de estar em segundo lugar ao lado dele, porque essa era a vontade de Deus. Finalmente, Davi e Jônatas renovaram a aliança de amizade e proteção estabelecida antes (1 Sm 18.3; 20.14-17).

**23.19-29** — Enquanto fugia no deserto, Davi quase foi capturado por Saul. Tal episódio serviu de cenário histórico para a composição do Salmo 54.

**23.19** — *Jesimom* pode não ser um nome próprio, mas um termo significando *desperdício* ou *deserto*. O termo é usado aqui para o deserto árido de Judá, que está localizado nas proximidades de Zife.

**23.20-23** — *Porque me foi dito que é astutíssimo.* A adolescência de Davi trabalhando como pastor de ovelhas deu a ele muitas oportunidades de aprender a geografia da região e de saber localizar os esconderijos locais.

**23.24** — Quando os homens de Zife retornaram, Davi e seus guerreiros foram para a aridez de Maom, uma região desértica ao sul. Maom, uma cidade das montanhas de Judá (Js 15.55), estava localizada cerca de 7,5 Km ao sul de Zife.

**23.25-28** — Embora Saul e seus soldados tenham conseguido cercar o esconderijo de Davi, a notícia de uma invasão dos *filisteus* forçou Saul a retirar-se, permitindo que Davi escapasse.

**23.28** — O lugar onde Davi quase foi capturado era chamado de Sela-Hamalecote, que significa *a rocha do escape*, para comemorar o seu livramento.

**23.29** — Em En-Gedi, que significa *fonte da criança*, havia um oásis a leste de Hebrom, muito próximo à costa do mar Morto. O local recebeu

destaque nos tempos bíblicos pela fonte de água fresca e pelos exuberantes vinhedos (Ct 1.14).

**24.1,2** — *Cumes das penhas das cabras monteses* é o outro nome dado à área de En-Gedi.

**24.3** — *E chegou a uns currais de ovelhas.* À noite, os pastores daquela região árida juntavam as suas ovelhas e as protegiam dentro de uma caverna fechada. Uma parede baixa de pedra impediria as ovelhas de saírem. O pastor deveria se posicionar à entrada do curral para guardá-las dos animais de rapina e dos ladrões. Não raro, cavernas com uma parede construída na sua entrada serviam de curral nas regiões áridas. *A cobrir seus pés* é um eufemismo para dizer *esvaziar os intestinos* (defecar).

**24.4** — *Eis aqui o dia do qual o SENHOR te diz.* Talvez essas palavras tenham sido dadas como uma interpretação dos homens de Davi acerca dos últimos eventos. *Cortou a orla do manto de Saul.* Saul deve ter colocado a sua capa de lado, possibilitando a Davi cortar um pedaço do manto sem ser observado. O pequeno retalho serviria como prova de que Saul estivera totalmente à mercê de Davi.

**24.5** — *O coração doeu a Davi.* Davi teve dor na consciência. Ele sabia que era errado atacar o rei ungido do Senhor (v. 6,10). Mesmo não tendo feito realmente nada para machucar o rei fisicamente, o fato de ele ter se valido de uma faca o perturbou.

**24.6** — *O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor.* Davi tinha uma alta consideração pelo rei ungido do Senhor. Cortar um pedaço do manto de Saul constituía para Davi um ato de desrespeito para com o representante de Deus, ainda que este estivesse obcecado pelo desejo de perseguir-lo e matá-lo.

**24.7** — O fato de Davi não permitir que seus guerreiros matassem Saul demonstra que ele não era um oportunista procurando uma chance de tomar o trono por quaisquer meios. Davi tinha alta consideração pela posição de rei em Israel, embora este o considerasse um inimigo pessoal.

**24.8,9** — *Rei, meu senhor.* Essa saudação de respeito vinda na voz que Saul conhecia muito bem provavelmente o surpreendeu.

*Se inclinou com o rosto em terra e se prostrou.* Tal atitude não constituía uma adoração religiosa, mas um ato de respeito pela posição de Saul. *Por que dás tu ouvidos às palavras [...] Davi procura o teu mal?* Algumas pessoas na corte de Saul estavam falsamente acusando Davi de tentar destruir Saul.

**24.10** — *O SENHOR, hoje, te pôs em minhas mãos.* Davi reconheceu a soberania de Deus em trazer as circunstâncias que dariam a ele a oportunidade de matar Saul.

**24.11** — *Meu pai* é um afetuoso termo de afeição e respeito (2 Rs 5.13; 6.21). Isso também fez lembrar a Saul que Davi era seu genro. *Teu manto.* Não poderia haver mais clara evidência de que Davi não estava disposto a ferir o rei.

**24.12** — *Julgue o SENHOR entre mim e ti.* Davi dedicou ao Senhor aquele conflito que envolvia a sua vida e a de Saul. Deus poderia resolver a situação e trazer a justiça perfeita (Dt 32.35; Rm 12.17-21).

**24.13** — *Dos ímpios procede a impiedade.* O significado desse provérbio é que apenas um homem perverso procuraria fazer mal contra o outro. Uma vez que Davi não tirou vantagem da oportunidade de matar Saul, ele era, sem sombra de dúvidas, um homem bom.

**24.14,15** — Davi se comparou a um *cão morto* e a uma *pulga* em contraste com o *rei de Israel*. Como poderia algo tão indigno quanto um cão morto ou tão insignificante quanto uma pulga representar qualquer perigo para Saul?

**24.16-18** — A expressão *meu filho* serve aqui como uma declaração de carinho. *Saul alçou a sua voz e chorou.* As lágrimas de Saul refletiram o seu remorso por ter procurado fazer o mal a Davi. Porém, foi um remorso que durou muito pouco (1 Sm 26.2). *Mais justo és do que eu.* Para conferir um ato similar de confissão, veja o relato de Judá e Tamar (Gn 38.26).

**24.19** — *O Senhor, pois, te pague com bem.* Saul orou para que Deus abençoasse Davi.

**24.20,21** — *Agora, jura-me pelo SENHOR.* Saul pediu a Davi que se comprometesse com um juramento de (1) preservar a família de Saul e (2) preservar o nome de Saul.





## APLICAÇÃO

### O PENHOR DA ALIANÇA

Davi poupou a vida de Saul duas vezes – uma na caverna de En-Gedi (1 Sm 24.1-7) e outra nas regiões desérticas de Zife (1 Sm 26.2,7-12). Mesmo Saul sendo louco, sem o perfil para o cargo e inclinado a destruir Davi, este se recusou a tirar a vida daquele, porque Saul era o ungido do Senhor (1 Sm 24.6). Davi inclusive se sentiu culpado por ter cortado a orla do manto que Saul estava vestindo (1 Sm 24.5). Isto se parece com a maneira como os americanos “juram fidelidade à bandeira dos Estados Unidos [...] e à República que ela representa”. Para Davi, o manto de Saul representava o rei.

O respeito de Davi pela posição de Saul serve como modelo para o extremo respeito que o povo de Deus deveria ter hoje pelo governo e pelos seus representantes. Como Davi, podemos não nos importar com as pessoas nos cargos ou com suas ações, mas devemos respeitar a posição que ocupam, uma vez que todo governo é ordenado por Deus (Rm 13.2).

Todos os que possuem cargos importantes – não importa se são cristãos ou pessoas não tementes a Deus – merecem o nosso respeito e as nossas orações (1 Tm 2.1,2). Uma posição de governo, investida pelos intercessores do povo de Deus, ungida pelos representantes de Deus e confirmada com um juramento evocando a ajuda de Deus, é inegavelmente ordenada por Ele.

Paulo indicou que mesmo os governos seculares, tais como o império romano autocrático, são ordenados por Deus (Rm 13.1-7). Desta forma, governos seculares realizam os propósitos da vontade soberana de Deus. Por exemplo, Ele chamou Ciro, o rei pagão da Pérsia, o Seu pastor e o Seu ungido (Is 44.28 45.1)

**24.22** — *Então, jurou Davi a Saul.* Davi concordou com o pedido de Saul e manteve a sua promessa (2 Sm 9.1-13; 21.6-8). Enquanto Saul voltava para casa em Gibeá (1 Sm 10.26), Davi permaneceu escondido. Aparentemente, ele não tinha muita confiança que a demonstração de remorso de Saul durasse por muito tempo.

**25.1** — *E faleceu Samuel.* A morte de Samuel deve ter acontecido quando Davi estava na região desértica de En-Gedi (1 Sm 24.1). A sua morte (ou pelo menos os registros dela) veio em hora propícia. Davi tinha acabado de ser reconhecido como o sucessor de Saul pelo próprio rei, e havia uma pequena trégua entre os dois lados. A popularidade de Samuel ficara evidente pelo fato de a nação de Israel se congregar em Ramá para render honras a ele durante o seu funeral. Após a morte de Samuel, Davi viajou para o sul, para a região desértica de Parã, uma área na região norte da península do Sinai.

**25.2** — *Maom* ficava localizada na região montanhosa de Judá (Js 15.55), cerca de 12 Km ao sul de Hebrom. O Carmelo estava localizado na fronteira da região desértica, cerca de 1,5 Km ao norte de Maom. Como nos tempos de colheita, a tosa das ovelhas era uma ocasião festiva.

**25.3** — A conduta pessoal de Nabal sugere que seu nome, que significa *insensato*, era-lhe bem

propício (v. 25). Não se sabe se ele mesmo usava tal nome ou se era o nome pelo qual as pessoas o chamavam. Nabal era um descendente da casa de Calebe, que tinha ocupado a área na época da conquista (Jz 1.20). *Abigail*, uma mulher de sabedoria e beleza, fazia grande contraste com a natureza rude e má de seu marido. O texto também mostra a sabedoria de Abigail (Pv 31.10). *Entendimento* é um substantivo (hb. *sekel*) relacionado com os termos usados para contrastar Davi e Saul.

**25.4-9** — Nabal morava em uma região árida e possuía milhares de bodes e ovelhas, e, por isso, era alvo certo para ladrões. Davi e seus guerreiros generosamente haviam protegido os gados de Nabal e as suas propriedades (v. 15,16,21). Como era época de tosquiá as ovelhas, Nabal devia estar com grande quantidade de dinheiro, obtido pela venda da lã, de modo que poderia recompensar Davi e seus guerreiros pelo serviço prestado.

**25.7** — *Nem coisa alguma lhes faltou todos os dias.* Davi e seus guerreiros haviam prestado proteção e não tinham tirado vantagem de sua posição e autoridade.

**25.8, 9** — Davi enviou os seus guerreiros em bom dia, ou seja, em uma época em que a maioria das pessoas demonstra dose extra de generosidade.

Dá, pois, a teus servos e a Davi, teu filho, o que achares à mão. Aparentemente, nenhum preço havia sido arbitrado pelos serviços oferecidos.

**25.10** — *Quem é Davi?* Nabal fingiu que não conhecia Davi. Ele adicionou insulto à injúria sugerindo que Davi poderia ser apenas mais um servo fugitivo.

**25.11-14** — Nabal morava em uma região onde a água era escassa (Js 15.19).

**25.15,16** — *Aqueles homens têm-nos sido muito bons.* Os próprios homens de Nabal testemunharam a respeito do cuidado e da proteção recebidos de Davi e seus guerreiros.

**25.17** — *E ele é um tal filho de Belial.* Os servos estavam tão furiosos com o seu amo que se referiram a ele de maneira rude para com a sua própria esposa! A expressão em hebraico utilizada para traduzir *mal* é literalmente *filho de Belial* ou *filho da indignidade*.

**25.18** — Tomando o problema em suas próprias mãos, Abigail juntou uma grande quantidade de mercadorias para compensar Davi e seus guerreiros. *Dois odres de vinho.* Nos tempos antigos, o vinho era carregado em recipientes feitos de pele de animais. A palavra hebraica *seah* era uma medida equivalente a um terço de um efa; cada efa equivale a cerca de 22 litros (NVI).

**25.19-21** — *Ide adiante de mim.* Abigail, sabiamente, enviou as provisões à frente para prevenir e evitar qualquer ato hostil causado pelo comportamento ofensivo de seu marido.

**25.22** — *Assim faça Deus aos inimigos de Davi e outro tanto.* Davi fez um juramento pedindo o juízo de Deus sobre os seus inimigos se ele falhasse em matar a qualquer um que trabalhasse para Nabal.

**25.23-31** — A maneira de Abigail falar com Davi foi um digno exemplo de sabedoria e graça. Sua argumentação foi capaz de evitar uma situação desastrosa. Abigail conseguiu: (1) mostrar o devido respeito por Davi, coisa que seu marido não havia feito; (2) revelar entendimento com respeito ao nome de seu marido; (3) reconhecer a fé no Deus vivo; (4) admitir as atitudes más dispensadas a Davi; (5) restituir a Davi e aos seus guerreiros; (6) pedir perdão por suas transgressões;

(7) reconhecer o direito de Davi ao trono; (8) ajudar Davi a enxergar os prováveis desfechos daquela situação a longo prazo.

**25.23,24** — Os atos de humildade de Abigail traçaram um forte contraste com o comportamento agressivo e rude de seu marido (v. 10,11). Ela fez tudo o que pôde para mostrar respeito a Davi, quando ele estava zangado, e para obter o perdão dele pelo o mal que Nabal havia cometido.

**25.25** — *Porque tal é ele qual é o seu nome.* O nome *Nabal* era muito adequado para um homem tolo. O bom humor de Abigail à custa de seu marido tinha por objetivo salvar a vida dele próprio (v. 21, 22).

**25.26** — *Vive o SENHOR.* Abigail se revelou a Davi como sendo uma mulher sincera, piedosa e de muita fé.

**25.27** — *Esta é a bênção que trouxe a sua serva,* ou seja, as provisões mencionadas no versículo 18. Aqueles graciosos presentes expressaram o desejo de Abigail de fazer as coisas certas.

**25.28** — *Certamente fará o SENHOR casa firme a meu senhor.* As palavras de Abigail indicam que ela esperava que Davi obtivesse êxito sobre Saul e que desfrutasse uma longa linha de sucessores (v. 30).

**25.29-31** — *A vida de meu senhor será atada no feixe dos que vivem com o SENHOR.* Essa metáfora se referia ao costume de juntar valores numa trouxa para protegê-los contra danos. A lição importante a se guardar aqui é que Deus cuida dos Seus como um homem cuida de seus tesouros valiosos. *A vida de teus inimigos se arrojará ao longe.* Essa metáfora alude à rejeição dos inimigos de Deus. *Nem por pesar no coração.* Abigail procurou mostrar a Davi que os dias presentes não eram nada comparados ao seu futuro de glória.

**25.32-35** — *E tenho aceitado a tua face.* Uma tradução literal dessa expressão seria: *eu elevei a tua face.* Eis a recompensa pelo ato de profunda humildade de Abigail ao ter se inclinado perante Davi quando o encontrou pela primeira vez (v. 23,24).

**25.36** — A grande insensatez de Nabal é vista nessa cena. Sua mulher tinha acabado de salvar a sua vida, mas ele, alheio de que correria



## EM FOCO

PERDOAR (HB. *NASA'*)

(1 Sm 25.28; Gn 4.13; Sl 32.1,5)

No hebraico, este verbo significa basicamente *levantar*, *suportar* ou *retirar*. Pode aplicar-se a uma pessoa erguendo vários objetos, inclusive a mão, como um gesto de juramento (Ez 20.5,6), a face, mostrando favor (Nm 6.24-26), e a voz, como expressão de tristeza ou de alegria (Gn 27.38; Is 24.14).

O sentido de *suportar* é frequentemente usado em referência ao pecado ou à punição que dele decorre. Por isso, no hebraico, este verbo foi usado para descrever como um bode expiatório *suportava* os pecados de Israel (Lv 16.22) e como o Servo Sofredor [Jesus] *suportaria* os pecados do mundo (Is 53.12).

A ideia de *retirar* está associada ao pecado na maioria das vezes. Esse ato é geralmente identificado como uma característica de Deus (Nm 14.18; Mq 7.18). O Novo Testamento fala sobre o perdão de Deus declarando que Jesus tanto suportou os nossos pecados como os retirou de nós, [livrando-nos de toda condenação] (1 Pe 2.24; 1 Jo 3.5).

grande perigo, estava engajado em uma noite de excessos! Abigail continuou a mostrar sabedoria em não tentar falar com o seu marido bêbado aquela noite.

**25.37,38** — *E se amorteceu nele o seu coração, e ficou ele como pedra.* Nabal aparentemente sofreu um choque e ficou paralisado. O Senhor abateu Nabal. A sua morte foi resultado do juízo de Deus.

**25.39,40** — Davi rendeu louvores ao Senhor, pois foi Deus que executou a justiça, e não ele mesmo. Essa história é um perfeito exemplo do conceito bíblico *Minha [do SENHOR] é a vingança e a recompensa* (Dt 32.35; Rm 12.19).

**25.41,42** — *Eis aqui a tua serva [...] para lavar os pés dos criados de meu senhor.* Lavar os pés dos outros era tarefa dos servos. Abigail expressou a sua prontidão para fazer o mais subalterno dos serviços. Essa foi uma genuína expressão de gratidão a Davi.

**25.43** — Ainoã se tornou a mãe do filho mais velho de Davi, Amon (2 Sm 3.2). Jezreel não é a cidade do norte, mas um vilarejo de Judá (Js 15.56).

**25.44** — Davi estava sem Mical, sua primeira esposa (1 Sm 18.27). Saul a tinha dado a outro homem durante a ausência de Davi.

**26.1** — Os *zifeus* eram de Zife, 6 Km a sudeste de Hebrom. Eles viajaram por cerca de 37 Km para ter com Saul em Gibeá. O *outeiro de Haquila* foi identificado com uma cadeia de montanhas,

9 Km a sudeste de Zife (1 Sm 23.19). É possível que *Jesimom* não seja um nome próprio, mas um termo que significa *desperdício* ou *deserto*. O termo é mais possivelmente usado aqui para o terreno árido de Judá, o qual está localizado nas redondezas de Zife e se estende a leste, em direção ao mar Morto.

**26.2-4** — Aparentemente, sem se lembrar dos eventos descritos em 1 Samuel 24.16-22, Saul guiou os seus soldados para o deserto em perseguição a Davi. *E Davi se levantou e veio ao lugar onde Saul se tinha acampado.* As semelhanças entre os eventos do capítulo 24 e os eventos descritos aqui são surpreendentes. *No deserto de Zife* se refere à região desértica nas redondezas de Zife e na direção leste.

**26.5** — *Abner, o filho de Ner*, servia a Saul como um comandante bem-sucedido do exército.

**26.6** — *Aimeleque, o heteu*, era um estrangeiro que se juntara à tropa de Davi, provavelmente como um soldado mercenário. Os heteus eram um povo militar poderoso que governava a Ásia Central Menor durante o segundo milênio a.C. *Abisai*, sobrinho de Davi (1 Cr 2.15,16), ofereceu-se para ir ao acampamento de Saul junto com ele. *Abisai* se tornou um líder entre os homens de Davi (2 Sm 23.18).

**26.7** — *A lança* de Saul era um símbolo de sua autoridade (1 Sm 18.10; 19.9).

**26.8** — *Abisai* parecia ter uma natureza sangrenta (2 Sm 16.9; 19.21). Ele prometeu que não

feriria Saul uma *segunda vez*, querendo dizer que o seu primeiro ataque seria fatal.

**26.9,10** — Davi, mais uma vez, recusou-se a *estender a sua mão contra o ungido do SENHOR* (cap. 24). Ele não iria assassinar o rei de Israel apontado por Deus (1 Sm 10.1). O SENHOR o ferirá. Davi sabia que Deus removeria Saul do cargo de acordo com o Seu tempo perfeito.

**26.11,12** — Davi pegou a *lança e a bilha da água*. Esses objetos provariam que Davi tinha estado perto de Saul o suficiente para matá-lo, mas se recusou fazê-lo. A visita de Davi ao acampamento não foi detectada, *pois havia caído sobre eles um profundo sono do SENHOR*.

**26.13,14** — *E Davi bradou ao povo e a Abner*. Davi não gritou diretamente para Saul; em vez disso, provocou Abner, o comandante de Saul.

**26.15,16** — *A lança do rei e a bilha da água* serviram como evidências da negligência de Abner e a prova da boa vontade de Davi.

**26.17,18** — *Não é esta a tua voz, meu filho Davi?* Saul reconheceu a voz familiar de Davi porque estava próximo à caverna em En-Gedi (1 Sm 24.16).

**26.19** — Se o SENHOR te incita contra mim. Davi considerou a possibilidade de Deus estar usando Saul como um agente de Sua disciplina. Se esse fosse o caso, Davi estaria disposto a oferecer um sacrifício expiatório, *uma oferta de manjares*. Por outro lado, ele clamou pelo juízo de Deus sobre cada homem perverso que tivesse colocado Saul contra Davi. *Vai, serve a outros deuses*. Essa expressão reflete a visão de Davi na qual o seu exílio era quase equivalente a ser forçado a abandonar a adoração a Deus, uma vez que não havia santuários dedicados a Deus fora do território israelita.

**26.20-22** — Davi comparou-se a uma *pulga* (1 Sm 24.14). A *perdiç* era um animal conhecido por fugir para ter segurança ao invés de lutar. Quando fatigado, poderia ser capturado com varas ou redes. Saul, mais uma vez, confessou o seu pecado (1 Sm 24.17). Ele pediu a Davi que *voltasse para casa*, prometendo não investir contra a sua vida novamente.

**26.23** — *Justiça e lealdade* são características do próprio Deus, das quais os fiéis podem partilhar.

**26.24,25** — Davi solicitou que sua vida fosse valorizada tanto quanto ele valorizava a vida de Saul. Quando os dois partiram, Saul reconheceu que Davi iria *prevalecer* no final (1 Sm 24.20). Esse foi o último encontro entre Davi e Saul.

**27.1** — *Ainda algum dia perecerei pela mão de Saul*. As evidências apontavam para o contrário (1 Sm 13.14; 23.17; 24.20). Talvez Davi estivesse deprimido. Dando prosseguimento à sua fuga, Davi viajou a oeste, em direção à planície costeira, e entrou *na terra dos filisteus*.

**27.2** — Vários locais foram sugeridos para a localidade de Gate. O mais amplamente aceito fica a cerca de 30 Km a leste de Asdode ou cerca de 32 Km a oeste de Jerusalém. *Aquis* parece ter dado boas-vindas a Davi. Talvez ele tivesse ouvido a respeito do rompimento entre Saul e Davi e estava ansioso para fortalecer o seu próprio exército com os *seiscentos homens* guerreiros de Davi.

**27.3,4** — *E Davi ficou com Aquis em Gate*. A ida de Davi para um território filisteu o livrou do perigo imediato de Saul e lhe deu uma oportunidade de desenvolver posteriormente a sua liderança e as suas habilidades militares (v. 8). O tempo que passou na Filístia também deu a Davi o conhecimento da geografia da região o que lhe serviu de grande proveito durante as guerras posteriores contra os filisteus. Como Davi provavelmente já esperava, sua estada na Filístia colocou um ponto final na perseguição de Saul.

**27.5** — *Por que razão habitaria o teu servo contigo na cidade real*. Davi sugeriu a Aquis que era honra demasiada continuar morando em Gate, a cidade do rei. Talvez Davi quisesse se ver livre da acirrada vigilância das autoridades filisteias e da contínua exposição às práticas religiosas dos filisteus.

**27.6** — *Aquis nomeou Davi como seu vassalo em Ziclague*, uma das cidades da israelita Negev. A cidade foi originalmente dada a Judá (Js 15.31) e estava localizada cerca de 19,3 Km ao norte de Berseba. *Pelo que Ziclague pertence aos reis de Judá, até ao dia de hoje*. Essa nota deve ter sido adicionada à narrativa histórica após a divisão da monarquia (930 a.C.). Antes desse tempo, havia reis de Israel, mas não de Judá.

27.7 — Em Ziclague permaneceu o quartel-general de Davi até a morte de Saul, quando Davi se mudou para Hebrom (2 Sm 1.1-14).

27.8 — Durante a sua estada na Filístia, Davi convenceu Aquis de que estava servindo aos filisteus. Porém, ele usava Ziclague como base para os ataques às tribos do deserto, ao norte do Sinai. Esses povos eram inimigos dos israelitas. Os *gesuritas* moravam a sudoeste de Israel (Js 13.2), entre a Filístia e o Egito. Os *gersitas* são mencionados apenas aqui. Os *amalequitas* eram um povo nômade que vivia na terra seca ao sul das montanhas (Nm 13.29). *Sur* era a região da fronteira que separava o Egito do norte do Sinai. Os israelitas perambularam por essa região após atravessarem o mar Vermelho (Êx 15.22).

27.9,10 — *E dizendo Aquis: Sobre onde destes hoje.* Embora Davi fingisse servir aos interesses de Aquis, ele estava na verdade atacando os inimigos de Israel. O sul dos *jerameleus* era a parte de Negev ocupada pela família de Jerameel, um dos clãs de Judá (1 Cr 2.9).

Os *queneus*, facilmente associados com os israelitas desde o casamento de Moisés com a família de Hobabe, um queneu (Jz 4.11), eram um povo nômade, descendente dos midianitas (Nm 10.29). De fato, Davi estava em bom termo com os *jerameleus* e os *queneus* (1 Sm 30.29).

27.11 — *E Davi não dava vida nem a homem nem a mulher.* A destruição de toda a população parecia ser a única forma que Davi conhecia para evitar que fosse descoberto por Aquis. Davi

também podia estar presumindo que aquela era a maneira de completar a destruição dos habitantes daquelas terras, o que não havia sido feito completamente durante o tempo da conquista (Js 23.4,5).

27.12 — *Pelo que me será por servo para sempre.* A decepção demonstrada por Davi foi tão convincente, que *Aquis* concluiu que a troca de aliança feita com Davi seria permanente.

28.1-25 — Esse capítulo marca o mais baixo ponto da vida espiritual de Saul, registrando uma das horas mais obscuras do seu reinado. Também apresenta um incidente que perturba eruditos e estudiosos das Escrituras, o episódio da pitonisa (médium) de En-Dor, em que Saul consulta o espírito de Samuel. Saul estava prestes a enfrentar um ataque dos filisteus. Com o profeta Samuel morto e com o silêncio do Senhor, Saul se volta para uma prática condenável por Deus, a consulta aos mortos (Dt 18.10,11). E o faz apenas para saber sobre a sua morte e a derrota de Israel. A tragédia de sua vida quase se igualou ao seu amargo fim.

28.1 — *Naqueles dias.* Os eventos ocorreram durante o tempo em que Davi estava morando em Ziclague, como um vassalo do rei filisteu. *Juntando os filisteus os seus exércitos para a peleja.* Por todo o tempo em que Saul foi rei, os filisteus permaneceram em guerra contra Israel (1 Sm 14.52).

*Comigo sairás ao arraial, tu e os teus homens.* Uma vez vassalo de *Aquis*, os filisteus esperavam



## EM FOCO

### PERGUNTOU (HB. SHA'AL)

(1 Sm 17.56;28.6; Jz 18.5; Jó 8.8)

O sentido básico deste verbo é *perguntar algo a alguém*. Uma pessoa pode perguntar por um objeto (1 Sm 1.20; Sl 137.3) ou uma informação (Gn 43.7; Jó 38.3). A expressão em hebraico traduzida como *perguntou ao Senhor* ocorre 11 vezes no Antigo Testamento, todas em Juízes e em 1 e 2 Samuel (Jz 20.23; 2 Sm 2.1). O verbo em hebraico aparece 172 vezes no Antigo Testamento.

Em três ocasiões, o contexto indica o significado *entregar* (1 Sm 1.28, duas vezes, e 1 Sm 2.20). Em outras três passagens, significa *pedir ao próximo* (Êx 22.14; 2 Rs 4.3;6.5). Por isso, quando as crianças de Israel deixaram o Egito, elas provavelmente pediram, não pegaram emprestado, as coisas que levaram consigo (Êx 3.22;11.2;12.35). Este verbo em hebraico é amplo o suficiente para abranger a ideia de oração, como no famoso versículo: *Orai (Pedi) pela paz de Jerusalém* (Sl 122.6).

que Davi se juntasse a eles na peleja contra Saul. Davi enfrentou um terrível dilema.

**28.2** — *Assim saberás tu o que fará o teu servo.* As palavras de Davi foram deliberadamente ambíguas. Sua vida teria corrido perigo se ele tivesse se recusado a se juntar a Aquis; então ele teve de esperar por um livramento de Deus. *Te terei por guarda da minha cabeça para sempre.* Davi não somente se encontrou no meio do exército filisteu, mas também estava designado como um dos principais guarda-costas do rei.

**28.3** — *E já Samuel era morto.* Saul não podia contar com o profeta para trazer a resposta do Senhor. O termo *adivinhos* se refere aos praticantes da necromancia, aqueles que presumidamente se comunicavam com os mortos. *Encantadores*, (hb. *yidde'onim*) é um termo geral para se referir àqueles que fazem contatos com espíritos. Mantendo a Lei de Deus, pessoas associadas à necromancia e ao espiritismo foram expulsas da terra de Israel (Êx 22.18; Lv 19.31; Dt 18.9-14). A adivinha de En-Dor era uma dessas pessoas (v. 7).

**28.4** — O vilarejo de *Suném* estava situado no vale de Jezreel, na ladeira do sul da montanha de Moré. As forças israelitas estavam acampadas cerca 7,4 Km ao sul dos filisteus, na cordilheira de *Gilboa*.

**28.5** — *Saul* estava com tanto temor da batalha iminente, que *estremeceu muito o seu coração*. A desobediência persistente de Saul o tinha deixado completamente sem a confiança na presença e na proteção de Deus.

**28.6** — Em meio a profundo temor e delirante ansiedade, *perguntou Saul ao SENHOR*, mas não obteve nenhuma resposta. O comentário registrado em 1 Crônicas 10.14 informando que Saul não buscou ao Senhor não contradiz o presente versículo. Na verdade, ali se trata de um resumo a apontar para o fato de que Saul foi até a médium para pedir conselhos, em vez de, persistentemente, procurar pela orientação do Senhor. Deus não respondeu a Saul por meio de *sonhos*, como fez com José (Gn 37.5-10); nem através do *Urim*, como fez com os sumos sacerdotes (Êx 28.30; Nm 27.21); nem por revelação profética, como fez com Samuel (1 Sm 3.10-21).

**28.7** — *Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de feiticeira, para que vá a ela e a consulte.* Em vez de arrepende-se de seus pecados e buscar o perdão de Deus, Saul procurou uma fonte proibida de aconselhamento (Êx 22.18; Lv 19.31); Dt 18.9-14). Essa trágica decisão resultou na sua morte (1 Cr 10.13). A Lei do Senhor preconiza o castigo de morte para os adivinhos (Lv 20.27). *En-Dor* estava localizado no vale de Jezreel, a cerca de dez quilômetros (NVI) a noroeste de Suném.

**28.8** — *E Saul se disfarçou.* Devido ao fato de adivinhos e encantadores terem sido banidos, Saul não poderia esperar muita ajuda se a sua identidade fosse descoberta. *Faças subir literalmente traga até mim.*

**28.9** — *Por que, pois, me armas um laço à minha vida?* A mulher estava ciente do que Saul tinha feito aos que praticavam adivinhações e encantamentos. Ela reconhecia o risco ao qual estava se expondo, ou seja, sabia da punição que lhe poderia ser aplicada (Êx 22.18). Por isso, procurou ter certeza de que o visitante não lhe estava armando uma cilada.

**28.10** — *Saul lhe jurou pelo SENHOR.* Enquanto se engajava na prática que simbolizava negação ao controle soberano de Deus sobre todas as coisas, Saul jurou em nome de Deus que protegeria a mulher.

**28.11** — Saul buscou a ajuda de *Samuel* porque ele lhe havia ungido como rei e já lhe tinha revelado a Palavra de Deus antes (1 Sm 10.1).

**28.12** — *Vendo, pois, a mulher a Samuel.* Quando a espécie de sessão espírita realmente começou, a mulher reconheceu que seu “cliente” era Saul. A aparição de Samuel tem sido interpretada de várias maneiras. Foi sugerido que tal aparição se deu apenas na mente de Saul, como parte de seu colapso psicológico. Os pais da Igreja acreditavam que um demônio tomou a forma de Samuel e apareceu a Saul. Outros acreditam que tudo não passou de uma fraude e que a mulher levou Saul a pensar que realmente tinha visto Samuel. A interpretação mais aceita é a dos pais da Igreja, tendo em vista que *o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz* (2 Co 11.14).

**28.13** — *Porém que é o que vês?* A mulher alegou ter visto um espírito. A palavra *espírito* é um termo comumente traduzido da Bíblia hebraica por *deuses* (hb. 'elohîm). Aqui, essa palavra parece ter sido usada pela mulher no seu estado de transe, para descrever algo que ela nunca vira antes. *Vejo deuses que sobem da terra.* Foi o que a mulher disse referindo-se ao aparecimento sobrenatural do espírito. Adivinhadores eram excelentes trapaceiros ou tinham ligação com poderes demoníacos. Daí a proibição expressa na Lei de Deus contra consulta aos mortos e outras práticas advinhatórias (quiromancia, cartomancia, astrologia etc).

**28.14** — *A capa* descrita fez com que Saul se lembrasse da túnica usada pelos profetas, como a que Samuel usava quando vivo. Foi exatamente essa capa que Saul havia rasgado certa feita (1 Sm 15.27).

**28.15** — A expressão *fazendo-me subir* pode ser entendida simplesmente como *levantando-me da sepultura*. Essa expressão indica que os israelitas acreditavam na vida após a morte.

**28.16,17** — *O Senhor te tem desamparado e se tem feito teu inimigo.* Essa triste constatação era apenas uma confirmação daquilo que Saul já havia reconhecido no versículo 15. Aqui, vemos a contradição entre as palavras e as atitudes de Saul, que alegava desejar saber a vontade do Senhor sem nunca tê-la cumprido; antes, pelo contrário, infringindo-a diversas vezes, inclusive nesta ocasião, visto que a Palavra de Deus proibia terminantemente a consulta a mortos e a médiuns, e Saul buscou exatamente isto. Não poderia ser Deus nem o espírito de Samuel falando por intermédio da médium. O Senhor não infringiria Sua própria Palavra.

**28.18** — O espírito demoníaco mostrou-se um acusador de Saul, lembrando-lhe a desobediência deste e o juízo que sofreria por não destruir os amalequitas e, particularmente, Agague (ver 1 Sm 15.2-9).

**28.19-23** — Saul e seus filhos morreram na batalha contra os filisteus no dia seguinte. *E não houve força nele.* A atitude reprovável de Saul em buscar um adivinho resultou no seu colapso completo. Ele ficou aterrorizado, doente e totalmente enfraquecido.

**28.24,25** — *Bolos asmos* eram assados sem fermento e poderiam ser preparados sem a necessidade de se esperar que aumentassem de volume.

**29.1,2** — *Afeca* ficava cerca de 19,5 Km ao norte de Jope. *Junto à fonte que está em Jezreel.* Os israelitas se juntavam numa importante fonte, mas não identificada, no vale de Jezreel. Aparentemente, as tropas filisteias se reuniam em um encontro combinado para se organizarem em companhias.

**29.3** — Davi estava em um dilema porque não iria lutar contra o seu próprio povo. Ele não poderia fazer nada a não ser esperar que o Senhor provesse a ele um meio de escapar daquela perigosa situação. *Aquis* veio rapidamente em defesa de Davi quando os outros príncipes questionaram acerca de sua lealdade. *E coisa nenhuma achei nele, desde o dia em que se revoltou.* Aquis não encontrou falhas em Davi desde que tinha “desertado” de Saul.

**29.4** — *Faze voltar a este homem.* Aquis não obteve êxito em persuadir seus príncipes aliados e soldados quanto à permanência de Davi e seus guerreiros nas forças filisteias. Eles temiam que Davi e seus guerreiros trocassem de lado na hora da batalha. Veja em 1 Samuel 14.21 um exemplo daquilo que eles temiam acontecer.

**29.5** — *Saul feriu os seus milhares, porém Davi, as suas dezenas de milhares.* A canção popular que os israelitas usavam para provocar (1 Sm 18.7) continuavam a ecoar nos ouvidos dos filisteus (1 Sm 21.11).

**29.6** — *Aquis* estava completamente equivocado quanto à demonstração de lealdade de Davi. *Vive o SENHOR.* Aquis jurou em nome do Deus de Israel para impressionar Davi. Ele estivera perto de Davi o suficiente para saber a linguagem que deveria usar para ser melhor entendido.

**29.7,8** — *E volta em paz.* Essa despedida era muito mais uma cortesia. Aquis estava liberando Davi de qualquer obrigação que ele tivesse assumido quando o tinha constituído por um de seus vassalos em Ziclague (1 Sm 27.6). *Por quê? Que fiz?* Davi, que parece ter sido um excelente ator, fingiu surpresa por Aquis despedi-lo da tropa.

**29.9** — Aquis foi enganado por Davi. O adjetivo *bom* aqui significa *sem culpa*. A comparação *és bom como um anjo de Deus* aparece de novo em 2 Samuel 14.17.

**29.10** — *Os criados de teu senhor*. Aquis estava se referindo a Saul como o senhor de Davi.

**29.11** — Após a partida de Davi e seus guerreiros, os filisteus marcharam para o norte de Afeca (v. 1) para o vale de *Jezeel*.

**30.1** — O ataque em *Ziclague* aconteceu ao terceiro dia após Davi e seus soldados deixarem o exército dos filisteus em Afeca. *Os amalequitas* eram um povo nômade que perambulava por Negev (Nm 13.29). Por causa de seu ataque aos israelitas após a saída do Egito (Êx 17.8-13), eles foram colocados sob o julgamento divino (Dt 25.19).

**30.2-5** — *Os levaram consigo*. Em vez de matarem os cidadãos de *Ziclague*, os amalequitas provavelmente os fariam escravos. Entre aqueles que foram levados cativos, estavam as duas esposas de Davi (v. 5), junto com as esposas e os filhos dos seus soldados.

**30.6** — *Davi* enfrentou uma séria crise na sua liderança. Ele *muito se angustiou* não apenas por razões pessoais (v. 5), mas também pela situação difícil que o pressionava. *Porque o povo falava de apedrejá-lo*. Não é de todo incomum que pessoas amarguradas descarreguem as suas frustrações por meio de atos hostis contra os seus líderes (Êx 17.4). *Davi se esforçou no SENHOR, seu Deus*. Diferentemente de Saul, Davi sabia onde recorrer em tempo de crise (Fl 4.13). Ele tinha aprendido a esperar em Deus confiante do Seu livramento (Sl 40.1-3).

**30.7,8** — *Abiatar*, cujo nome significa *o maior é pai*, era filho de *Aimeleque*, o sumo sacerdote de quem Davi havia recebido provisões em Nobe (1 Sm 21.1-9). O Urim e Tumim estavam presos ao escudo da *éfode* que Davi havia pedido a Abiatar. Por meio do Urim e Tumim, Deus poderia ser consultado e a Sua vontade, determinada (Êx 28.30).

**30.9** — O *ribeiro de Besor* desaguava no mar Mediterrâneo exatamente ao sul da cidade filisteia de Gaza (1 Sm 6.17).

**30.10** — O cansaço dos homens de Davi se devia ao fato de eles terem viajado cerca de 12 Km de Afeca a *Ziclague* (1 Sm 29.1; 30.1), para sair imediatamente em perseguição aos amalequitas.

**30.11-13** — *E acharam no campo um homem egípcio*. Um escravo doente havia sido deixado pelos amalequitas para morrer no deserto (v. 13). Os amalequitas julgavam mais econômico substituir um escravo do que lhe providenciar tratamento quando adoecido. *Um pedaço de massa de figos secos e dois cachos de passas*. Esses alimentos eram parte regular da dieta dos homens de Davi (1 Sm 25.18).

**30.14** — *Os queretitas* (2 Sm 8.18; 15.18; 20.7,23) eram um clã intimamente ligado ao povo filisteu, se não uma parte dele (Ez 25.16; Sf 2.5). *A banda do sul de Calebe* se refere à parte de Judá que havia sido herdada por Calebe (Jz 1.20).

**30.15** — Em troca de proteção, o egípcio concordou em levar Davi e seus soldados até os amalequitas.

**30.16** — *Comendo, e bebendo, e dançando*. Os amalequitas estavam desfrutando todo o grande despojo que haviam tomado da Filístia, de Judá e de *Ziclague*.

**30.17-21** — *Desde o crepúsculo até a tarde do dia seguinte*. Crepúsculo aqui provavelmente seja instantes antes do nascer do Sol. É provável que Davi tenha atacado os amalequitas bem no início da manhã e que a batalha tenha continuado até a tarde do dia seguinte. Deus tinha sido fiel a Sua promessa anterior (v. 8). Os homens de Davi puderam recuperar as suas esposas e posses. E não somente puderam recuperar os seus próprios pertences, como também puderam tomar *todas as ovelhas e vacas* dos amalequitas. Esses animais foram *levados diante do outro gado* quando eles voltaram triunfantemente a *Ziclague*.

**30.22,23** — *Todos os maus e filhos de Belial*. Esses homens insistiram que o espólio capturado dos amalequitas não deveria ser dividido com os homens que ficaram no ribeiro de Besor com os suprimentos. *Não fareis assim [...] com o que nos deu o SENHOR*. Davi ressaltou que os despojos





## EM FOCO

## ÍMPIO (HB. BELIYA'AL)

(1 Sm 30.22; Jó 34.18; Pv 6.12)

Esta palavra tem o sentido básico de *indigno* e *perverso*. Ela ocorre no Antigo Testamento, mais frequentemente em expressões como *filhos de Belial* (1 Sm 30.22; Pv 6.12) e *homens vadios* (2 Cr 13.7). Pessoas desprezíveis são aquelas que cavam o mal (Pv 16.27) e planejam a perversidade (Na 1.11). O vocábulo em questão se tornou um nome apropriado para Satanás durante o período intertestamentário. Por isso, Paulo indagou: *E que concórdia há entre Cristo e Belial?* (2 Co 6.15).

capturados dos amalequitas eram, na verdade, um presente de Deus, que lhes havia concedido a vitória.

**30.24,25** — *E quem em tal vos daria ouvidos?* Davi questionou se os homens que esperavam no ribeiro de Besor aceitariam a proposta dos guerreiros que queriam excluí-los de receber qualquer parte do espólio. *Igualmente repartirão*. O grupo de guerreiros de Davi era um só, embora fosse formado por homens de diferentes resistências e habilidades. Eles dividiriam igualmente os frutos da vitória.

**30.26-31** — Davi também dividiu os despojos tomados dos amalequitas com os anciãos de Judá. Esse gesto de boa vontade ajudou Davi a restabelecer a sua relação com os líderes de Judá após a sua estada no território filisteu.

**30.27** — Essa *Betel* não se trata da conhecida cidade de Benjamim, mas provavelmente da *Betel* de Josué (Js 19.4).

*Ramote do Sul* pode ser a mesma cidade de Ramá do Sul (Js 19.8), cuja localização é desconhecida.

*Jatir*, uma cidade levítica (Js 21.14) destinada a Judá (Js 15.48), ficava cerca de 19,5 Km a sudoeste de Hebrom.

**30.28** — *Aroer* era um vilarejo cerca de 18 Km a sudeste de Berseba. A vila de *Sifmote* não havia sido identificada. *Estemoa* era uma cidade levítica (Js 21.14) na montanha de Judá.

**30.29** — *Racal* é de localização incerta. Os *je-rameelitas* formavam um clã de Judá (1 Cr 2.9).

**30.30** — *Horma* foi onde os israelitas foram derrotados pela primeira vez pelos cananeus (Nm 14.45). A localização da cidade destinada a Judá (Js 15.30) e a *Simeão* (Js 19.4) é incerta. *Borasá* e *Atace* também são de localização incerta.

**30.31** — *Hebrom*, também conhecida como *Quiriate-Arba* (Gn 23.2), estava prestes a se tornar a capital de Davi (2 Sm 5.3). Hebrom foi capturada por Josué e dada a Calebe (Js 14.13). Era uma cidade levítica (Js 21.11) e uma cidade refúgio (Js 20.7).

**31.1** — *Montanha de Gilboa* era uma pequena cordilheira de montanhas na parte leste do vale de Jezreel.

**31.2,3** — O quarto filho de Saul, *Is-Bosete*, aparentemente, não estava presente nessa batalha, uma vez que *Abner* o havia declarado rei depois da morte de Saul (2 Sm 2.8-10).

**31.4** — *Saul tomou a espada e se lançou sobre ela*. Esse relato da morte de Saul é diferente daquele dado pelo amalequita em 2 Samuel 1.6-10. Provavelmente o amalequita tenha falsificado a versão verdadeira objetivando ganhar a aprovação de Davi.

**31.5** — Numa demonstração de lealdade, o *pajem de armas* de Saul juntou-se ao seu senhor na morte.

**31.6** — *Todos os seus homens morreram juntamente naquele dia*. Isso não se refere ao exército inteiro (v. 7), mas somente aos homens que estavam particularmente associados a Saul, talvez os seus guarda-costas reais.

**31.7** — *Que estavam desta banda do vale se refere ao vale de Jezreel. Desampararam as cidades e fugiram*. Como resultado da derrota de Israel, muitas das cidades do norte de Israel foram abandonadas. As pessoas fugiram para regiões remotas para escapar da ameaça dos filisteus.

**31.8,9** — *Vindo os filisteus ao outro dia a despojar os mortos*. O saque ao campo de batalha era

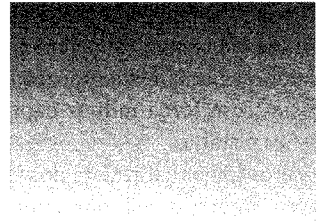
uma regra nos tempos antigos. Os vitoriosos pegavam roupas, armas e armaduras dos despojos. *A anuncia-lo no templo dos seus ídolos e entre o povo.* A vitória dos filisteus foi anunciada a adoradores congregados como testemunho público da grandeza dos seus deuses em derrotar os israelitas.

**31.10** — A armadura de Saul foi colocada no templo dedicado à adoração de Astarote, ou Istar, a deusa cananea da fertilidade e da guerra. *Bete-Seã* ficava entre Jesreel e o vale do Jordão, cerca de 6 Km a oeste do Jordão. Embora o corpo de Saul tivesse sido afixado no muro da cidade, em 1 Crônicas 10.10 lemos que a sua cabeça foi afixada no templo de Dagom.

**31.11** — *Os moradores de Jabes-Gileade* tinham ficado livres das ameaças de Naás, o amonita, pela intervenção de Saul em sua primeira campanha militar como rei de Israel (1 Sm 11.1-11).

**31.12** — *Todo homem valoroso se levantou.* Em gratidão a Saul por ele ter livrado a cidade, os homens de Jabes-Gileade arriscaram a vida para resgatar os corpos de Saul e seus filhos e dar a eles enterro digno. *Os queimaram.* A cremação não era prática comum entre os antigos hebreus. A razão pela qual optaram por esse recurso talvez tenha ligação com o estado em que os corpos se encontravam (v. 9).

**31.13** — Embora os corpos de Saul e seus filhos tivessem sido queimados, os ossos foram resgatados e enterrados. Posteriormente, Davi exumou os corpos de Saul e de Jônatas e os enterrou novamente em Benjamim (2 Sm 21.11-14). *Jejuaram sete dias.* No antigo Israel, jejuar era uma maneira de expressar tristeza e luto. Com aquele jejum, os homens de Jabes demonstraram seu respeito pelo primeiro rei de Israel.



O livro de

---

# 2 Samuel

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** segundo livro de Samuel registra os triunfos e as derrotas do rei Davi. Desde a sua ascensão ao trono até as suas famosas últimas palavras, sua biografia descreve um notável líder inspirado por Deus. Davi assumiu Israel como um reino derrotado e dividido, resultado da má administração de seu antecessor, Saul, e construiu uma nação proeminente.

Como muitas biografias políticas, esse livro do profeta Samuel realça as características que permitiram a Davi vencer: sua aliança com Deus para ser orientado (2 Sm 2.1) e sua coragem (2 Sm 5.6,7). Porém, o livro também descreve as trágicas consequências da luxúria (2 Sm 12.1-23) e do orgulho (2 Sm 24.1-17) de Davi. Expondo tanto a força como a fraqueza desse rei, o livro delinea a personalidade de alguém real, com quem podemos aprender.

O segundo livro de Samuel recebeu este nome por ter sido atribuído à época em que viveu esse profeta, embora ele não apareça nas narrativas. Isso aconteceu porque 1 e 2 Samuel eram, em princípio, um único livro. Quando as Escrituras foram traduzidas do hebraico para o grego (por volta de 150 a.C.), os livros de Samuel e dos Reis foram unidos como uma obra completa sobre a monarquia hebraica. Esta coleção foi dividida em quatro seções: primeiro, segundo, terceiro e quarto reinos. Samuel e Reis foram, então, separados mais uma vez, mas as divisões da tradução grega persistiram. O resultado foi 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis, correspondendo às quatro seções dos reinos na Septuaginta.

O segundo livro de Samuel abrange o período da morte de Saul (1010 a.C.) até o fim da trajetória de Davi (970

a.C.). Durante os 40 anos do seu reinado, Davi uniu as tribos que estavam separadas, transformando-as numa forte monarquia e numa nação jovem, com força militar capaz de dominar as nações vizinhas.

Após tomar a fortaleza dos jebuseus, em Jerusalém, Davi a transformou em capital do reino. Este local se tornou a base geográfica poderosa para o estabelecimento do império desse rei. Então, Davi começou a libertar o território israelita do domínio dos filisteus e dos cananeus. Assim, ele expandiu o seu reino com conquistas militares para o norte, sul, leste e oeste (cap. 8).

Além de ter empreendido muitas conquistas militares, Davi foi o primeiro dos reis de Israel a usar o casamento com a realeza de outras nações como estratégia para estabelecer uma política externa segura. Esse tipo de aliança entre reinos como um meio de celebrar acordos para consolidar relacionamentos entre as nações era comum no antigo Oriente Médio. O primeiro exemplo disso aparece em 2 Samuel 3.3, onde Absalão, terceiro filho de Davi, é chamado de *filho de Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur*.

As conquistas e alianças de Davi deram a ele o controle do território desde a fronteira do Egito até o Eufrates. Isso ocorreu, principalmente, devido à superioridade militar desse rei em comparação com a decadência geral que caracterizava o Egito e a Mesopotâmia naquela época. Por um curto período, Israel foi tão forte quanto qualquer nação do mundo antigo.

O tema predominante de 2 Samuel é o estabelecimento do reino de Israel, progredindo de um grupo diverso de tribos divididas e em guerra para um reino sólido, sob o comando de Davi. Porém, o propósito de registrar esses eventos não foi simplesmente ter um relato “oficial” do reinado de Davi. Em toda a narrativa, há um interesse contínuo nos estatutos de Deus para o Seu povo. O livro enfatiza que foi Deus quem rejeitou Saul devido à sua desobediência, escolheu Davi para assumir o trono e disciplinou-o por causa de seu orgulho. O Senhor sempre foi o verdadeiro Rei de Israel.

A chave para o reinado bem-sucedido de Davi foi o seu relacionamento com o Senhor. Deus o havia descrito como o homem segundo o Seu coração (1 Sm 13.14). Quando jovem, Davi demonstrou sua firme fé em Deus desafiando um gigante apenas com algumas pedras e a sua confiança no poder divino (1 Sm 17.45-51). Em sua fase adulta, ele continuou a contar com Deus para guiá-lo e fortalecê-lo (2 Sm 2.1;5.19).

No início do seu reinado, Davi demonstrou a importância de suas convicções religiosas a todo o Israel trazendo a arca da aliança para Jerusalém em meio a uma grande celebração diante de Deus (2 Sm 6.1-23). A seguir, tornou conhecida sua ânsia por construir um templo para a glória do Senhor (2 Sm 7.1-3).

Com esses atos e os numerosos salmos que ele escreveu em louvor a Deus, Davi levou os israelitas à antiga e verdadeira adoração a *Yahweh*. Mesmo quando pecou, esse rei demonstrou ao povo o seu coração arrependido diante do Deus vivo (2 Sm 12.13-23;24:17-25). Numa análise final, a liderança espiritual de Davi foi a parte mais significativa do seu reinado.

Por meio de todos os triunfos e as tragédias do reinado de Davi, Deus estava agindo nos eventos nacionais e pessoais de Seu povo para fazer cumprir a Sua vontade. O Senhor deu a Davi uma amostra de Sua vontade soberana pelas promessas que lhe fez e cumpriu, comumente chamadas de *aliança davidica* (2 Sm 7.12-16). Nesta aliança, Deus prometeu a Davi uma dinastia eterna, um trono eterno e um reino eterno. Finalmente, um Rei justo, maior do que Davi, estava por vir. Ele seria descendente de Davi e reinaria do trono deste para sempre (Is 9.7). Esse Rei prometido é Jesus (Lc 1.31-33; Jo 1.49).

A tradição judaica afirma que o profeta Samuel escreveu 1 Samuel 1—24 e que os profetas Natã e Gade compuseram o resto do primeiro livro e todo o segundo. É evidente que algumas seções de 1 Samuel e todo o 2 Samuel foram escritos após a morte desse profeta (1 Sm 25.1;28.3). Realmente, algumas notas podem ter sido adicionadas, após a divisão da monarquia em 930 a.C. (1 Sm 27.6).

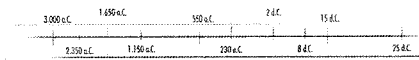
Na ausência de qualquer referência à queda de Samaria, a capital do Reino do Norte, é razoável presumir que os livros foram completados em 722 a.C. A maior parte do livro de Samuel

deve ter sido escrito durante os reinados de Davi e Salomão (1010-930 a.C.), com apenas um pequeno número de anotações feito em períodos posteriores.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM 2 SAMUEL

- Ano 1018 a.C. — Samuel unge Davi rei
- Ano 1010 a.C. — Davi começa a reinar em Hebrom
- Ano 1003 a.C. — O reinado de Davi é reconhecido por todo o Israel
- Ano 990 a.C. — Davi comete adultério com Bate-Seba
- Ano 980 a.C. — Absalão se revolta contra seu pai
- Ano 970 a.C. — Davi morre, e Salomão se torna o rei
- Ano 930 a.C. — Salomão morre, e o reino se divide



## ESBOÇO

- I. Os triunfos pessoais de Davi — 1.1—10.19
- O período de transição: o lamento de Davi por Saul e Jônatas — 1.1-27
  - O período inicial: o reinado de Davi sobre Judá em Hebrom — 2.1—4.12
  - O período de crescimento e de conquistas: Davi reina sobre todo o Israel — 5.1—10.19
    - O estabelecimento do trono de Davi — 5.1-25
    - A transferência da arca para Jerusalém — 6.1-23
    - O estabelecimento da aliança davídica — 7.1-29
    - As conquistas de Davi — 8.1-18
    - A bondade de Davi para com Mefibosete — 9.1-13
    - O conflito com os amonitas e os siros — 10.1-19
- II. Os problemas pessoais de Davi — 11.1—20.26
- O grande pecado de Davi contra Bate-Seba, Urias e o Senhor — 11.1—12.31
  - Uma questão grave na família de Davi: Absalão mata Amnon — 13.1—18.33
    - O estupro de Tamar e o assassinato de Amnon — 13.1-29
    - A retratação e o eventual retorno de Absalão — 13.30—14.33
    - A conspiração de Absalão — 15.1-12
    - A fuga de Davi de Jerusalém — 15.13—16.14
    - O conselho de Aitofel e Husai — 16.15—17.23
    - A derrota de Absalão — 17.24—18.33
- III. Um apêndice sobre a vida de Davi — 21.1—24.25
- A reconciliação de Davi com os gibeonitas — 21.1-14
  - As proezas de Davi e seus homens — 21.15-22
  - O salmo de Davi em louvor ao Senhor por seu livramento — 22.1-51
  - As últimas palavras de Davi — 23.1-7
  - O rol dos homens poderosos de Davi e a contagem das pessoas — 23.8—24.25

## COMENTÁRIO

**1.1—10.19** — As qualificações espirituais de Davi para o seu papel como o rei eleito por *Yahweh* são realçadas por sua preocupação com a arca e seu desejo de construir um templo para a adoração ao Senhor. As habilidades de Davi são evidenciadas por suas campanhas de conquista bem-sucedidas nos territórios vizinhos. Durante esse tempo, ele serviu a Deus com integridade e usufruiu Suas bênçãos.

**1.1** — *A morte de Saul* foi registrada em 1 Sm 31.3-5. Após esse episódio, Davi retornou da vitória sobre os amalequitas, um povo nômade, salteador, que perambulava pela parte meridional de Canaã. Eles eram inimigos ferrenhos de Israel, até que foram dominados pelos israelitas no tempo de Davi. Este permaneceu dois dias em Ziclague, uma das cidades israelitas do deserto do sul ou Neguebe, originalmente designada a Judá (Js 15.31). A Davi foi garantida a autoridade sobre a cidade quando ele serviu a Aquis, rei de Gate (1 Sm 27.6).

**1.2** — *Com as vestes rotas e com terra sobre a cabeça*. Isso indica que o homem estava enlutado (1 Sm 4.12). Ele *se lançou no chão* para mostrar o seu apoio a Davi como sucessor de Saul no trono de Israel. Com essas atitudes de luto e humildade, o homem tentou revelar aquele que estava prestes a tornar-se um rei.

**1.3** — *Escapei do exército de Israel*. O exército de Israel havia batalhado com os filisteus, mas o homem que foi ao encontro de Davi tinha escapado do campo de batalha.

**1.4** — A pergunta *Como foi lá isso?* leva o leitor a antecipar o clímax na narrativa, que chega a Davi pelo mensageiro: o povo fugiu, e muitos morreram, inclusive Saul e Jônatas. A menção

desses dois nomes foi o ponto central para Davi no resto do encontro. Comparada com a morte deles, a perda da batalha foi algo ínfimo.

**1.5** — *Como sabes tu...?* Davi buscou verificar a informação sobre a morte de Saul e Jônatas. Alguns dizem que a primeira perda na guerra é a verdade; rumores, mentiras e distorções não são inovações nas guerras modernas. Davi precisava saber se a asserção do amalequita era verídica.

**1.6-10** — A informação do amalequita sobre a morte de Saul é diferente do relato em 1 Samuel 31.4, o qual registra que Saul morreu caindo sobre a sua própria espada. Parece que a história contada pelo homem foi uma invenção. Talvez ele buscasse algum reconhecimento ou recompensa de Davi afirmando ter assassinado Saul.

**1.6-8** — *A montanha de Gilboa* é uma pequena cordilheira localizada a leste do vale de Jezreel.

**1.9** — Neste contexto, o termo *angústias* (hb. *shabas*) se refere à agonia da morte.

**1.10** — *Porque bem sabia eu que não viveria*. De acordo com a história do amalequita, uma vez que Saul não tinha nenhuma chance de restabelecer-se, havia justificativa para matá-lo. A *coroa* era um símbolo da realeza. A *manilha* era um ornamento usado na parte superior do braço. Aparentemente, era costume dos reis irem às batalhas em trajes reais (1 Rs 22.30). O amalequita levou esses objetos a Davi para substanciar o seu relato.

**1.11** — *Apanhou Davi as suas vestes e as rasgou*. Rasgar as próprias vestes era uma tradicional expressão de luto nos tempos antigos (2 Sm 3.31; Gn 37.34).

**1.12** — *Pelo povo do SENHOR*. Davi e seus companheiros ficaram de luto não apenas pela morte do rei e do seu filho, mas também por todos que morreram no exército de Saul. Isso é



### VOCE SABIA?

#### UM SOBREVIVENTE CHEGA A ZICLAGUE

O sobrevivente que chegou a Ziclague com a notícia sobre a morte de Saul (2 Sm 1.1,2) devia estar cansado não apenas da batalha contra os filisteus, mas também da longa jornada até essa cidade. A montanha de Gilboa, onde a batalha havia acontecido, ficava ao norte da Palestina; Ziclague ficava cerca de 90 milhas ao sul do Neguebe, ou ao sul de Judá, próximo à fronteira com Edom.

surpreendente, porque era esse mesmo exército que vinha tentando capturar e matar Davi. Este não via os homens de Saul como inimigos, mas como membros da família de Deus.

**1.13** — *De onde és tu?* A pergunta de Davi pode ter sido designada a averiguar se o amalequita residia em Israel ou em um território amalequita no sul. Davi deve ter-se indagado como o homem poderia ser tão ignorante acerca do respeito que ele tinha por Saul.

**1.14** — O fato de Davi ter usado a expressão *o ungido do Senhor* indica que, embora Saul fosse seu inimigo, Davi respeitava o direito divino de Saul de ser um rei. Com a unção de Saul, Deus tinha estabelecido um relacionamento santo com ele (1 Sm 10.1); como rei, Saul foi um representante de Deus e líder sobre o Seu povo. Davi, repetidas vezes, recusou-se a feri-lo por causa disso (1 Sm 24.6;26.9).

**1.15** — *Lança-te sobre ele.* Davi aparentemente acreditou na história do amalequita e sentenciou-o à morte com base no seu próprio testemunho. A execução do amalequita praticada por Davi foi uma forte declaração àqueles sob o seu comando de que ele não teve qualquer participação na morte de Saul e não recompensou isso de forma alguma. Com esse ato, ele deu exemplo de respeito à autoridade e eximiu-se da acusação de ser um usurpador.

**1.16** — *O teu sangue seja sobre a tua cabeça.* O amalequita, não o seu executor, era moralmente responsável pelo derramamento de seu próprio sangue.

**1.17-27** — As palavras de Davi a respeito de Saul e Jônatas são altamente poéticas, intensamente pessoais e emocionalmente carregadas de tristeza por uma tragédia nacional (compare com 2 Sm 3.29). Este é um salmo que revela muito sobre Davi, o homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13.14). O salmo foca particularmente a perda de Davi de seu amigo, Jônatas. Ele é organizado em três movimentos diferentes (v. 19-24;25,26; 27), que gradativamente diminuem em força. Cada estrofe (seção) inicia com a exclamação *Como caíram os valentes!* (v. 19,25,27).

**1.18** — A denominação do hebraico *filhos de Judá* não se refere aos jovens, mas aos descendentes

ou às tribos de Judá. Estes deveriam ser instruídos em táticas de guerra e no *uso do arco* (Sl 18.34;144.1;149.6). Alguns sugerem que a expressão em destaque se baseia na referência no versículo 22. Quanto ao termo *o livro do Reto*, talvez tenha sido uma coleção de hinos sobre as guerras de Israel, nos quais importantes eventos e figuras nacionais foram comemorados em poesia (Nm 21.14-18; Js 10.13).

**1.19** — *Ornamento de Israel* se refere a Saul e a Jônatas. *Nos teus altos* alude à montanha de Gilboa (v. 6), onde os guerreiros morreram.

**1.20** — *Gate* e *Asquelom* são mencionadas como representantes das cidades dos filisteus (1 Sm 6.17) que se regozijariam diante da morte da família real de Israel. Essas duas cidades se uniram a Ecrom, Gaza e Asdode para formar a pentápole filisteia ou liga de cinco cidades.

**1.21,22** — A declaração *nem orvalho, nem chuva caia sobre vós* foi uma maldição pronunciada na montanha de Gilboa, a cena do desastre militar (2 Sm 1.6; 1 Sm 31.8), pois nesse local o escudo dos valentes de Israel foi lançado com desprezo. Normalmente, esfregavam-se os escudos com óleo para limpá-los, poli-los e protegê-los. O escudo de Saul foi declarado inútil, *como se não fora ungido com óleo*, porque não o tinha protegido da morte.

**1.23,24** — *Águias* e *leões* eram símbolos poéticos de velocidade e força, aos quais Saul e Jônatas foram comparados. Ao conclamar *chorai por Saul*, Davi convidou as mulheres de Israel para liderarem uma lamentação pública por Saul, cujas façanhas militares elevaram o padrão da realeza e enriqueceram a nação (1 Sm 14.47). Davi não queria que as filisteias cantassem (v. 20), mas convidou as israelitas para prantear.

**1.25** — *Como caíram os valentes...!* A repetição poética destas palavras do versículo 19 prepara o leitor para o deslocamento do foco do poema para Jônatas.

**1.26** — A palavra em hebraico para *angustiado* (*sar*, frequentemente traduzida como *problemas*) significa *um aperto* ou *constricção*, como se a própria vida estivesse extinguindo-se. Davi comparou o amor de Jônatas, *o teu amor*, em profundidade e lealdade, com o que é sentido

por mulheres. Davi não tinha medo de falar sobre o profundo e genuíno amor por seu amigo.

**1.27** — *Como caíram os valentes.* A terceira repetição desta frase (v. 19,25) conduz o salmo à sua conclusão penosa. A expressão *as armas de guerra* é uma referência figurativa aos guerreiros que pereceram.

**2.1—4.12** — Este trecho relata a história do reinado de Davi, quando ele reinou sobre Judá em Hebrom. Foi um período de conflito entre dois rivais: Davi, que assumiu o trono em Judá, e Isbosete, o filho sobrevivente de Saul, que assumiu o trono em Israel. Este é um registro de deslealdade, traição e jogos de poder — o círculo doloroso da modernidade.

**2.1** — *Davi consultou ao SENHOR.* Antes de dar um passo importante, Davi costumava buscar a vontade do Senhor (1 Sm 23.2;30.8). Algumas vezes, isso era feito por meio do Urim e do Tumim,

afixados no peitoral do éfode do sacerdote (Êx 28.30; Lv 8.8; Nm 27.21; Dt 33.8; 1 Sm 23.6-9; Ed 2.63; Ne 7.65). O Senhor dirigiu Davi a Hebrom (1 Sm 30.31). Sua localização central — cerca de 20 milhas ao sul de Jerusalém — e sua posição defensável fizeram dela uma capital apropriada para Davi.

**2.2** — *As suas duas mulheres.* Os casamentos de Davi com Abigail e Ainoã estão registrados em 1 Samuel 25.2-43.

**2.3** — O nome antigo para Hebrom era Quiriate-Arba (Gn 23.2), que significa *cidade dos quatro*. Aparentemente, a cidade tinha quatro municípios, um dos quais deve ter sido Manre (Gn 35.27); portanto, pode-se falar das *idades de Hebrom* (Js 11.11).

**2.4** — *Ungiram ali a Davi rei.* Esta, na verdade, foi a segunda vez que Davi foi ungido. A primeira se deu por intermédio do profeta Samuel,

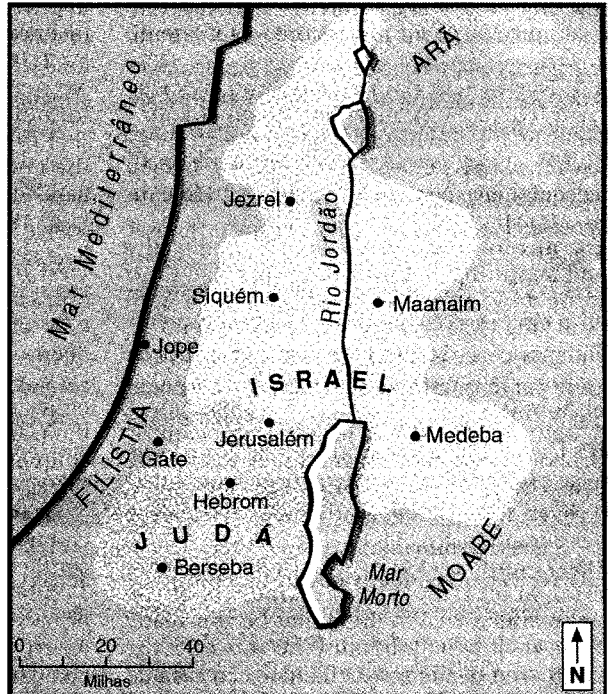


## LOCALIZE-SE

### GUERRA CIVIL ENTRE O NORTE E O SUL

Após a morte de Saul, Davi não ascendeu imediatamente ao trono de um reino unido. Primeiro, Davi foi coroado o rei de Judá, governando por sete anos e meio na cidade de Hebrom (2 Sm 2.1-7, 11). Durante a maior parte deste período, uma guerra civil foi travada entre Davi e os herdeiros de Saul (2 Sm 3.1). Um destes filhos, Isbosete, (ou Es-Baal, 1 Cr 8.33), uniu as tribos ao norte, ajudado por Abner, um dos comandantes de Saul (1 Sm 2.8,9). Uma grande quantidade de sangue foi derramada para se determinar se Davi ou Isbosete iria, finalmente, governar Israel (2 Sm 2.12-4.12).

Este trágico período na história da nação foi um reflexo da insistência anterior do povo em ter um rei como as outras nações (2 Sm 8.4-9, 19-22). Se os israelitas tivessem esperado por Deus para apontar um governador no Seu próprio tempo, os problemas causados no reinado de Saul jamais teriam ocorrido e os anos de guerra civil depois que ele morreu poderiam ter sido evitados.





enquanto Saul ainda era o rei (1 Sm 16.13), e foi um sinal do propósito de Deus; a segunda unção consistiu num reconhecimento do povo de Judá de que Davi era, verdadeiramente, um ungido de Deus (2 Sm 5.3). *Jabes-Gileade* ficava na margem ao norte do rio Jaboque, cerca de sete milhas a leste do Jordão. Os habitantes desse local arriscaram suas vidas para prover um enterro adequado a Saul e a Jônatas (1 Sm 31.11-13).

**2.5-7** — *Enviou Davi mensageiros*. As ações sinceras de apreço e bondade de Davi pelas atitudes generosas dos homens também lhes anunciaram que ele estava pronto para agir em seu favor, porque agora era o rei ungido da tribo de Judá. O termo hebraico *hesed*, traduzido nesta passagem como *beneficência*, aparece em vários trechos como *misericórdia* ou *bondade com misericórdia*; também pode ser interpretado como *amor leal*. É a palavra-chave nos salmos para descrever o caráter de Deus.

Então, Davi ora para que *Yahweh* retribua os atos deles de fidelidade por Seus próprios atos de *bondade e verdade*. Ao dizer *esforcem-se, pois, agora as vossas mãos*, o rei apelou aos homens de Gileade para que apoiassem o seu reinado. Porém, a lealdade deles à dinastia de Saul prevaleceu, e Jabes-Gileade se tornou o quartel-general de Isbosete, o rival de Davi.

**2.8** — *Isbosete* significa *homem de vergonha*. Seu nome original, Esbaal, que quer dizer *homem do amo* ou *homem do senhor*, foi trocado porque a terminação *baal* sugeria adoração ao deus Baal (1 Cr 8.33;9.39). *Maanaim*, a capital de Gileade, situava-se ao norte de Jaboque (1 Rs 4.14). Ela foi chamada assim em virtude do episódio que ocorreu com Jacó, quando ele viu um exército de anjos de Deus em volta de seu próprio acampamento (Gn 32.2). Por isso, significa *campo duplo*.

**2.9** — *Gileade* normalmente se refere ao local central do território israelita a leste do Jordão; neste versículo, é provável que o termo aluda a toda aquela área. O nome do povo sobre o qual Isbosete foi constituído rei, os *assuritas*, talvez seja uma variação do termo *aseritas* (Jz 1.32), remetendo à tribo de Aser. Este possuía um território que se estendia ao norte do monte Carmelo ao

longo da costa mediterrânea e a leste, penetrando nos pés das montanhas da Galiléia.

*Jezreel* faz alusão ao amplo vale localizado entre as montanhas da Galiléia e a cordilheira do sul. *Efraim* e *Manassés* ocuparam o distrito central ao norte de Benjamim, o pequeno planalto exatamente ao norte de Jerusalém.

**2.10,11** — Enquanto Davi foi rei em Hebrom por sete anos e meio, Isbosete reinou apenas *dois anos*. A diferença pode significar que Isbosete levou cerca de cinco anos para reaver o território do norte das mãos dos filisteus após a derrota de Saul. O breve período em que permaneceu no trono seria o seu reinado sobre *todo o Israel* (v. 9).

**2.12,13** — *Gibeão* ficava cerca de seis milhas a noroeste de Jerusalém. Escavações em El-Jib — onde se localizava Gibeão — revelaram uma piscina natural na rocha de 37 pés de diâmetro e 82 pés de profundidade. Uma escada espiral de 79 degraus esculpida na rocha leva até o fundo. O *tanque de Gibeão* teria sido destinado a estocar a água da chuva ou prover acesso a um lençol freático. Perto desse lugar, os servos de Isbosete se encontraram com os de Davi, entre estes *Joabe*, sobrinho de Davi que se tornou um competente comandante militar do exército de seu tio (2 Sm 10.7-14;12.26-28).

**2.14-17** — *Abner* propôs uma disputa entre os jovens para determinar o resultado do conflito entre Isbosete e Davi (1 Sm 17.38-54). Ele não sugeriu um jogo amigável, mas uma luta até a morte, a fim de estabelecer um vencedor. Todavia, as consequências dessa peleja provavelmente salvariam muitas vidas.

Os dois grupos de 12 se enfrentaram. Dois guerreiros lutavam de cada vez, um matando o outro, até que todos os 24 fossem mortos. Uma vez que um grupo claramente triunfasse sobre o outro, a batalha apontaria o novo líder de Israel. Se houvesse empate, o que na verdade ocorreu, uma guerra entre os dois exércitos sucederia, *uma crua peleja*, a qual terminou com a vitória dos homens de Davi.

**2.18** — *Joabe*, *Abisai* e *Asael* eram irmãos, filhos da irmã de Davi, *Zeruia* (1 Cr 2.13-16). Nesta passagem, *Asael* é comparado às *cabras monteses*

porque estas eram conhecidas em Israel por sua beleza e rapidez.

**2.19,20** — *Asael* sabia que, se *Abner* fosse morto, a base do poder de *Isbosete* se dissolveria e as tribos poderiam ser reunidas sob a liderança de *Davi*.

**2.21,22** — *Abner*, confiante de que poderia vencer *Asael*, queria evitar o derramamento de sangue que certamente aconteceria se ele matasse o irmão de *Joabe*. Também parece que *Asael*, conhecido por sua velocidade (v. 18), não vestia a armadura que teria feito da luta com *Abner* uma disputa honesta. *Abner* ainda pediu a *Asael* que se desviasse para a direita ou para a esquerda ou que, pelo menos, tomasse os despojos de um dos jovens, mas ele não lhe deu ouvidos.

**2.23** — Incapaz de impedir *Asael* de persegui-lo, *Abner* o feriu com o conto da lança, o lado oposto à ponta. É provável que estivesse direcionada de tal modo que poderia ter sido fincada no chão (1 Sm 26.7).

**2.24** — A batalha estava favorecendo os homens de *Davi*, e os irmãos *Joabe* e *Abisai* (v. 18) iniciaram uma perseguição ferrenha a *Abner*. Eles ainda não sabiam que seu irmão *Asael* havia sido morto (v. 30). O *outeiro de Amá* e a cidade de *Giá* são locais citados apenas neste versículo e não foram identificados.

**2.25** — *Es os filhos de Benjamim*. Os homens da tribo de *Saul* estavam entre os mais fortes apoiadores de *Abner* e *Isbosete*.

**2.26-28** — *Consumirá a espada para sempre?* Reconhecendo que a luta contínua resultaria apenas em mortes e no aumento da hostilidade, *Abner* e *Joabe* concordaram em cancelar o conflito. O uso de buzinas de prata para transmitir as mensagens ao exército havia sido estabelecido no tempo de *Moisés* (Nm 10.1-10). Nesta passagem, a *buzina*, um chifre de veado, foi usada para instituir uma trégua entre as partes.

**2.29-31** — O exército de *Abner* bateu em retirada pelo *Jordão* e retornou a *Maanaim*, o quartel-general de *Isbosete* (v. 8,12).

**2.32** — Após enterrarem *Asael* em *Belém*, seis milhas ao sul de *Jerusalém*, *Joabe* e seus homens marcharam outras 14 milhas para *Hebrom*, a capital de *Davi* (v. 1).

**3.1-39** — Este capítulo registra a deserção de *Abner* e seu subsequente assassinato por *Joabe*, fatos que tornaram precária a liderança de *Isbosete*.

**3.1** — *Uma longa guerra*. O conflito entre os seguidores de *Saul* e os de *Davi* não se limitou à batalha registrada no capítulo 2. As hostilidades continuaram, com *Davi* prevalecendo gradualmente.

**3.2** — *Davi* iniciou o seu reinado em *Judá* com duas esposas, *Ainoã* e *Abigail*. Em *Hebrom*, ele se casou com mais quatro mulheres, e cada uma lhe deu um filho. Isso aconteceu apesar do aviso contra a poligamia em *Deuteronômio* 17.17. *Amom*, conhecido por ter violentado *Tamar*, sua irmã, foi morto posteriormente por *Absalão* (cap. 13). A mãe de *Amom*, *Ainoã*, não era a mesma que foi esposa de *Saul* (1 Sm 14.50).

**3.3** — O segundo filho de *Davi* em *Hebrom*, *Quileabe*, é chamado *Daniel* em 1 Crônicas 3.1. A história de sua mãe, *Abigail*, é encontrada em 1 Samuel 25. Ela não é a *Abigail* mãe de *Amasa* (2 Sm 17.25). O terceiro filho de *Davi*, *Absalão*, morreu pelas mãos de *Joabe* (2 Sm 18.14). A mãe de *Absalão*, *Maaca*, é identificada como a filha de *Talmái*, rei de *Gesur* — reino arameu situado no lado leste do *Jordão*, a nordeste do mar da *Galiléia*.

Pela caracterização desta esposa de *Davi*, observa-se que ele usou o matrimônio entre israelitas e membros da realeza de outros reinos para estabelecer acordos e consolidar relações entre *Israel* e as nações estrangeiras. Porém, tais alianças eram proibidas segundo a *Lei de Deus* (Dt 7.3).

**3.4** — *Adonias* tentou tomar o trono de seu pai pouco antes de *Davi* proclamar *Salomão* rei (1 Rs 1). *Sefatias* e sua mãe, *Abital*, são mencionados apenas neste versículo e em 1 Crônicas 3.3.

**3.5** — *Ireão* e sua mãe, *Eglá*, são citados apenas neste versículo e em 1 Crônicas 3.3. Esses seis filhos, cada um de uma mãe diferente, constituíam a família real durante o reinado de *Davi* sobre a casa de *Judá*, em *Hebrom*. As listas dinásticas no livro de *Crônicas* incluem os quatro filhos de *Davi* com *Bate-Seba* (1 Cr 3.5) e nove outros filhos, cujos nomes das respectivas mães não são mencionados (1 Cr 3.6-8).



## APLICAÇÃO

### DANDO ORIGEM A CONTRATEMPOS

Davi é um exemplo de que o sucesso na carreira não necessariamente se traduz em sucesso na vida pessoal e familiar. Enquanto Davi (seu *status* como um rei designado por Deus) *se ia fortalecendo* (2 Sm 3.1), sua família se direcionava para um sério problema.

Uma evidência disso pode ser encontrada na lista com os nomes dos seis filhos de Davi nascidos em Hebrom (2 Sm 3.2-5). Cada um nasceu de uma esposa diferente, o que indica que Davi estava fortalecendo seus laços políticos por meio de casamentos, uma prática comum para reis antigos. Mas vimos que, no caso de Davi, foi uma prática tola. Sua poligamia não apenas violou a Lei de Deus (Dt 17.17), mas também o levou a situações extremamente difíceis, à medida que ele tentava colocar suas várias famílias juntas.

Por exemplo, Amom, filho de Davi, violentou sua meia-irmã Tamar e foi morto por seu vingativo irmão Absalão. Isso levou a uma séria desavença entre Absalão e seu pai, que resultou em traição e, por fim, na morte de Absalão — tudo para o grandioso arrependimento de Davi (2 Sm 13-18).

A poligamia de Davi também foi um péssimo exemplo para o seu sucessor, Salomão, que expandiu o seu reino casando-se com 700 esposas e 300 concubinas. Exatamente como a Lei previa, essas mulheres atraíram o coração dele para outros ídolos em detrimento do Senhor (1 Rs 11.3). Deus o julgou por esse pecado, permitindo que o reino fosse dividido após a sua morte (2 Sm 11.9-13). Davi demonstra o princípio bíblico de que os pecados dos pais podem estender-se *até à terceira e quarta geração* (Êx 20.5).

**3.6,7** — A expressão *se esforçava na casa de Saul* indica que Abner estava apoiando Isbosete devido a interesses pessoais. Isto pode ser verificado na grave acusação deste àquele: *Por que entraste à concubina de meu pai?* O harém real era propriedade do sucessor do rei. Tomar a concubina de Saul, ou seja, ter relações sexuais com ela, era equivalente a reclamar o trono (2 Sm 16.20-22). Essa mulher, cujo nome era *Rispa*, teve outra participação trágica em 2 Samuel (cap. 21).

**3.8** — *Sou eu cabeça de cão...?* No antigo Oriente Médio, os cães eram necrófagos, ou seja, alimentavam-se de animais mortos e de lixo, e eram vistos com desprezo (2 Sm 9.8; Dt 23.18; 1 Sm 17.43; 1 Rs 22.38; 2 Rs 9.36). Além de ter usado um termo pejorativo, Abner completou a caracterização com a frase *que pertença a Judá*. Uma vez que Judá era inimiga de Israel, essa expressão intensifica a metáfora.

**3.9,10** — A expressão *assim faça Deus a Abner* é uma oração requerendo o julgamento divino, se Abner falhasse em cumprir o seu juramento. As palavras *como o SENHOR jurou* indicam que Abner sabia que Davi havia sido escolhido por Deus para suceder a Saul (v. 17,18). A expressão *desde Dã até Berseba* é usada para se referir a todo

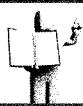
o território de Israel, desde o seu nordeste até a fronteira do sul, uma distância de cerca de 150 milhas (Jz 20.1; 1 Sm 3.20).

**3.11,12** — *De quem é a terra?* Este questionamento insinua que a terra poderia ser de Davi se ele estabelecesse uma aliança com Abner, porque era este quem, na verdade, detinha o poder.

**3.13** — A primeira esposa de Davi, *Mical* (1 Sm 18.17-27), foi deixada em Gibeá quando Davi fugiu da corte de Saul (1 Sm 19.11-17). Tempos depois, ela foi dada por Saul, talvez por causa do seu rancor, a um homem chamado Palti (1 Sm 25.44). Essa atitude pode ter sido uma enérgica manifestação do ódio de Saul.

A solicitação de Davi de que Mical fosse trazida de volta pode ser uma indicação do seu amor por ela. Certamente nos lembramos do amor dela por Davi (1 Sm 18.20,28; 2 Sm 3.5). Uma leitura mais cínica do texto pode sugerir que Davi precisava ter a filha de Saul *no seu acampamento* para ajudar a alinhar o coração das tribos do norte com a sua causa.

**3.14,15** — A solicitação de Davi por Mical foi formalmente endereçada a Isbosete. Essa deve ter sido uma exigência difícil para Isbosete, uma vez que Mical era sua irmã. Porém, ele estava



## ENTENDENDO MELHOR

### O ULTRAJE DE ABNER

A acusação de Isbosete de que Abner, o general do exército de Saul, havia violentado sexualmente a última concubina do rei ultrajou o experiente guerreiro. A acusação equivalia a pôr em dúvida a lealdade do comandante e acusá-lo de tentar usurpar o trono para si (2 Sm 3.7,8). Era comum os homens ricos e poderosos no mundo antigo possuírem concubinas, escravas com as quais eles poderiam ter relações sexuais livremente. As concubinas não eram consideradas esposas, mas desfrutavam de alguns direitos que escravos comuns não tinham.

Se Abner tivesse a intenção de colocar em prática um golpe militar, ele provavelmente teria tomado a concubina de Saul para si, do modo como conquistadores geralmente faziam naquela época (compare com 2 Sm 16.15-22).

impotente para impedir o plano de Abner. Ao requerer o retorno de sua esposa, Davi mencionou o número que Saul havia originalmente estipulado como dote, *cem prepúcios de filisteus*. Na verdade, Davi o pagou em dobro.

**3.16** — O segundo marido de Mical pareceu muito triste pelo fato de ela ter sido forçada a sair de sua casa. Nada foi dito a respeito dos sentimentos de Mical; porém, ela passou a odiar Davi (2 Sm 6.16). O local até onde Paltiel acompanhou sua esposa, *Baurim*, ficava perto de Jerusalém, a leste das Oliveiras (2 Sm 16.5).

**3.17,18** — *Porque o SENHOR falou a Davi*. A Bíblia não registra em lugar algum a promessa divina citada por Abner e referida nos versículos 9 e 10. É possível que essa tenha sido uma revelação que Deus deu somente a ele.

**3.19** — A maior oposição que Davi enfrentou proveio da tribo de Saul, *Benjamim*. Abner pessoalmente fez campanha para a liderança de Davi nessa tribo. Após ganhar o apoio do monarca em Israel, Abner prosseguiu em *Hebrom* (2 Sm 2.1) para anunciar a decisão do povo em reconhecer Davi como rei.

**3.20,21** — As negociações entre Abner e Davi foram produtivas. Os planos foram estabelecidos para que o governo de Davi se estendesse até as tribos do norte. O uso de *um banquete* como o cenário para a afirmação da nova aliança entre eles tem muitos paralelos, tanto nos tempos antigos quanto nos modernos. Normalmente, a comunhão à mesa é uma ocasião propícia para formar e aprofundar amizades e promover intimidade. A conclusão amigável

desse encontro é percebida nas palavras *e foi-se ele em paz*.

**3.22,23** — As palavras *se tinha ido em paz* são repetidas (v. 21) para enfatizar que as hostilidades entre Davi e Abner haviam sido resolvidas.

**3.24,25** — *Que fizeste?* Sabendo da visita de Abner, Joabe desafiou o rei por permitir ao comandante de um exército hostil, também primo de Saul, ir e vir a Hebrom sem ser preso e morto. Ele insistiu que Abner estava tentando enganar Davi com uma amostra de boa-fé e sinceridade para conseguir informações sobre os planos do rei.

**3.26** — A atitude de Joabe até então foi de sua inteira responsabilidade. A localização do *poço de Sira* é incerta, mas pode ser identificada com uma fonte e um reservatório cerca de uma milha ao norte de Hebrom, chamada 'Ain Sarah.



## EM FOCO

### ALIANÇA (HB. BERITH)

(2 Sm 3.12; 23.5; Gn 6.18; 15.18; Êx 2.24; Jr 31.31)

Geralmente, a palavra *aliança* se refere a um acordo entre duas ou mais partes. Nas Escrituras, o termo alude às exigências de Deus à humanidade caída para reconciliá-la com Ele. O plano de redenção do Senhor ao longo dos séculos promete salvação e bênçãos àqueles que o servirão obedientemente. Deus fez várias alianças com o Seu povo no Antigo Testamento, como por exemplo com Noé após o dilúvio (Gn 9.9-17), com Abraão (Gn 17.15,16) e com Davi (2 Sm 23.5). Estas prefiguram a suprema e nova aliança mediante o sacrifício de Cristo, a qual Jeremias previu (Jr 31.31-34).

3.27 — *E feriu-o*. Este foi um ato de traição, especialmente em Hebrom, uma cidade de refugiados (Js 20.7). Num local como esse, um vingador não poderia executar um assassino sem um julgamento (Nm 35.22-25). Joabe queria vingar a morte de Asael, *seu irmão*, que foi morto no curso de uma batalha (2 Sm 2.18-23).

3.28,29 — *Inocentes somos eu e o meu reino*. Davi emitiu uma declaração pública negando qualquer envolvimento no assassinato de Abner. A morte deste não foi apenas um ato de traição, mas também um grande golpe nas esperanças de Davi de uma unificação pacífica da nação sob o seu controle. Por conta dessa vingança, Davi proclamou: *fique-se sobre a cabeça de Joabe*. Este verso anuncia uma vigorosa maldição sobre a casa de Joabe. O fluxo de sangue (Lv 15.2-33) e a lepra (Lv 13) tornavam a pessoa afetada impura para as cerimônias de adoração a Deus, banida da comunidade. A expressão *se atenha a bordão* descreve aquele que era aleijado, coxo ou cego.

3.30 — *Abisai* era o outro irmão de Joabe (2 Sm 2.18). Seu envolvimento no assassinato de Abner é mencionado apenas neste versículo.

3.31,32 — *Rasgai as vossas vestes*. Nos tempos antigos, essa atitude era associada com o luto pelos mortos (2 Sm 1.11; Gn 37.34). Cingir-se de *panos de saco* (hb. *saqqîm*) também caracterizava os enlutados, pois esse era um material áspero, em contraste com vestimentas mais confortáveis. Além de exigir que o povo pranteasse a morte de Abner, Davi liderou o cortejo fúnebre, *seguindo o féretro*.

3.33,34 — *Como morre o vilão*. Certamente um guerreiro como Abner merecia uma morte mais nobre. Melhor teria sido para ele morrer lutando do que ter sido esfaqueado enquanto fazia uma viagem teoricamente segura. Abner não tinha sido culpado de qualquer crime que requeresse dele ser preso com correntes e grilhões; por isso a declaração *as tuas mãos não estavam atadas*.

3.35 — O assassinato de Abner teve o poder para quebrar a frágil união das 12 tribos. Davi se recusou a participar da refeição que era comumente servida aos enlutados após o enterro como uma evidência do seu remorso genuíno. Em seu

juramento, *assim Deus me faça e outro tanto*, Davi orou para que Deus fizesse a pior coisa imaginável, se ele ingerisse comida antes do pôr do sol (compare com um juramento de Abner semelhante em 2 Sm 3.9).

3.36,37 — A expressão *e todo o Israel* se refere aos membros das tribos do norte e aos benjamitas, que ficariam inclinados a suspeitar de Davi como o mentor do assassinato do general de Isbosete. Após o luto do rei, todos se tornaram confiantes na inocência de Davi.

3.38 — A expressão *aos seus servos* se refere aos servos de confiança de Davi ou conselheiros. As palavras *um príncipe e um grande* refletem o quão importante Davi considerava Abner.

3.39 — *Fraco* (hb. *rak*) significa *frágil* ou *sensível*, em contraste com o termo *duros* (hb. *qashîm*), usado para descrever Joabe e Abisai. O vocábulo pode referir-se ao estado emocional de Davi devido ao assassinato de Abner. Talvez ele também aluda ao seu senso de inadequação ao lidar com um crime cometido por Joabe. Incapaz de enfrentar o problema, Davi confiou a retribuição a Deus (mas veja 1 Rs 2.5,6,28-35).

4.1 — Isbosete, *o filho de Saul*, ficou desorientado para agir como rei, uma vez que Abner, que o apoiava, havia partido. A declaração *e todo o Israel pasmou* demonstra o temor do povo diante da possibilidade de um ataque pelos homens de Davi.

4.2,3 — O fato de *Baaná e Recabe* serem da tribo de Saul, *Benjamim*, faz de suas ações ainda mais repreensíveis. *Beerote* era uma das quatro cidades dos gibeonitas (Js 9.17), com a qual Josué havia feito uma aliança. Por alguma razão, *tinham fugido os beerotitas para Gitaim*, e a cidade deles foi reocupada pelos benjamitas (Ne 11.33).

4.4 — *Meribe-Baal*, que significa *o senhor é advogado*, era o nome original do filho de Jônatas (1 Cr 8.34;9.40). O autor de Samuel o trocou por *Mefibosete*, que significa *ele espalha vergonha*, aparentemente para evitar as implicações de idolatria da palavra *Baal*.

4.5,6 — *A casa de Isbosete* ficava em Maanaim (2 Sm 2.8,12). Isbosete estava descansando ao meio-dia, como também deveriam estar os membros da guarda do palácio.

4.7 — Os assassinos fugiram *caminhando pela planície*, ou seja, pelo caminho do vale do Jordão.

4.8-12 — O relato da punição dos assassinos de Isbosete é análogo ao registro das negociações de Davi com o amalequita que confessou ter matado Saul (2 Sm 1.1-16). A semelhança entre as duas passagens provoca um ar de suspense. O leitor sabe a reação de Davi quanto a esse assunto, mas Recabe e Baaná sequer imaginavam como o rei “recompensaria” suas ações.

4.8-10 — Baaná e Recabe trouxeram a *cabeça de Isbosete a Davi*, talvez na esperança de receberem uma recompensa. Eles usaram a linguagem espiritual o SENHOR vingou hoje ao rei para descrever suas ações desprezíveis. Ainda assim, suas palavras rebuscadas não enganaram Davi. O juramento *vive o SENHOR* indica que Davi estava sob a proteção de Deus; por isso, não havia necessidade de defendê-lo matando Isbosete. O pronome *àquele* se refere ao amalequita que confessou ter matado Saul (2 Sm 1.2-16).

4.11 — Isbosete era visto como *um homem justo*, uma vez que era inocente de qualquer ato perverso ou crime. Ele havia assumido o trono apenas após a morte de seu pai, Saul.

4.12 — Justificava-se a execução dos assassinos tendo por base Gênesis 9.5. Seus corpos foram *pendurados*, ou erguidos, *sobre o tanque de Hebrom*, o qual era frequentado, diariamente, pelos habitantes da cidade. Esse cenário funcionou como um aviso às pessoas das consequências de tais atos tolos e ações perversas. Davi demonstrou seu respeito pelo filho assassinado de Saul enterrando a *cabeça de Isbosete* na sepultura de Abner, em Hebrom.

5.1 — A expressão *todas as tribos de Israel* se refere aos líderes das tribos, tais como os anciãos e os chefes dos clãs (v. 3). Estes se dirigiram a Davi e disseram *teus ossos e tua carne somos*, isto é, *somos teus parentes* (Gn 29.14; Jz 9.2). Os representantes das tribos de Israel reconheceram sua solidariedade como um povo.

5.2 — As palavras *o que saías e entravas com Israel* falam da ocupação de Davi como líder militar durante o reinado de Saul. O verbo *apascen-tarás* é uma metáfora expressiva da relação entre

um rei e seu povo. As Escrituras a aplicam tanto para os líderes humanos quanto para Deus (Sl 23.1; Ez 34.1-10).

5.3-5 — Uma aliança não era simplesmente um acordo civil, mas uma ocasião sagrada, *perante o SENHOR*. A afirmação e *ungiram Davi* atesta a terceira unção que ele recebeu (2 Sm 2.4; 1 Sm 16.13). A primeira significou uma antecipação de seu governo; a segunda foi o reconhecimento de seu comando sobre Judá; a terceira unção foi um atestado do seu domínio sobre a nação inteira.

5.6-9 — O primeiro passo de Davi como rei foi conquistar a terra dos jebuseus, que veio a ser conhecida como *Jerusalém*. O nome *Jerusalém* pode significar *fundação de paz*. A cidade em si foi estrategicamente situada numa região montanhosa, próxima à fronteira de Judá com Benjamim, fazendo dela uma barreira entre as tribos do norte e do sul. Embora a cidade tenha sido atacada por homens tanto de Benjamim quanto de Judá, os jebuseus não foram expulsos de Jerusalém na época da conquista (Js 15.63; Jz 1.21).

A cidade tinha uma longa história. Um nome anterior de Jerusalém foi Salém, conhecida por causa de seu justo rei Melquisedeque (Gn 14.18-20). O monte Moriá — onde Abraão tinha se preparado para oferecer Isaque — também era localizado em Jerusalém (Gn 22.2). Jerusalém, por fim, se tornaria não apenas o local do templo, mas também o lugar onde Jesus morreria e ressuscitaria.

5.6 — Os *jebuseus* eram uma das tribos canaanitas que viviam na Terra Prometida (Gn 10.16-18). Jerusalém ficava numa montanha exatamente ao sul do monte Moriá, com penhascos íngremes em todos os lados, exceto ao norte, fazendo dela uma fortaleza natural. Por isso, seus habitantes e defensores se sentiram capazes de gabar-se de que *os cegos e os coxos* seriam suficientes para derrotar Davi.

5.7 — Este versículo se refere a Jerusalém como a *fortaleza de Sião*. A palavra *Sião*, originalmente, aplicava-se ao reduto dos jebuseus, que passou a chamar-se a *Cidade de Davi*, após a sua tomada. Como a cidade se expandiu para o norte, circundando o monte Moriá, o templo do monte passou a chamar-se Sião (Sl 78.68,69).

Finalmente, o termo foi usado como um sinônimo para Jerusalém (Is 40.9).

5.8 — O canal se estendia por cerca de 230 pés desde o alto da fonte de Giom até o topo da montanha onde a fortaleza dos jebuseus estava situada (2 Cr 32.30). Ele forneceu à cidade um suprimento seguro de água quando esteve sitiada. A expressão *e aos coxos, e aos cegos* se tornou uma provocação, que Davi, a princípio, tomou como um desafio e, depois, como um hino de vitória.

5.9 — O termo *a Cidade de Davi* é usado em Lucas 2.11 para se referir a Belém, a cidade onde nasceu Davi. Neste versículo, o termo alude a Sião, a cidade da qual Davi comandou Israel. O vocábulo *Milo* deriva do verbo *encher*, no hebraico, e significa *monte* ou *terraço*. O *Milo* havia sido identificado pelos arqueólogos com os terraços construídos na encosta oriental da cidade que formava os muros de sustentação das construções acima.

As escavações na cidade de Jerusalém continuam impedidas apenas por dois motivos: é uma cidade viva, e esses lugares têm extrema relevância religiosa. É difícil escavar em locais onde as pessoas moram e trabalham, e algumas autoridades religiosas fazem objeções a escavações em áreas que podem, algum dia, ter sido locais sagrados.

5.10 — O termo *Deus dos Exércitos* também pode ser traduzido como *Senhor dos Exércitos* (2 Sm 6.2). Os exércitos (hb. *seba'ôt*) são os exércitos de anjos que estão sob o comando de Deus (v. 24).

5.11,12 — O reconhecimento internacional do governo de Davi ocorreu rapidamente. Por causa de seu reinado de 33 anos em Jerusalém (v. 5), alguns sugerem que o *Hirão* mencionado nesta passagem deve ter sido o pai do aliado que assistiu Salomão na construção do templo (1 Rs 5.1-10). Isso levaria alguém a concluir que o nome *Hirão* deve ter sido o nome de uma autori-



## VOCÊ SABIA?

### UMA FORTALEZA INVENCÍVEL?

Os jebuseus presumiam que eram invencíveis por habitar em um local considerado uma fortaleza (2 Sm 5.6). Contudo, eles falharam em reconhecer que Deus tinha determinado dar a vitória a Davi, e então sua tão bem defendida cidade caiu (2 Sm 5.7). O Salmo 24 lembra essa vitória. Como se estivesse ridicularizando a provocação arrogante dos jebuseus, *Davi não pode entrar aqui*, o salmo entoou um grande coro, *entrará o Rei da Glória* (Sl 24.7).

dade real na Fenícia, da mesma forma que *Faraó* e *Abimeleque* (Gn 20.2;26.1) eram nomes de autoridades reais no Egito e em Gerar. Porém, as palavras de 1 Reis 5.1 indicam que esta é a mesma figura, porque ele *sempre tinha amado a Davi*.

*Tiro*, localizada na costa do Mediterrâneo ao norte de Israel, era uma cidade fenícia conhecida por seu comércio, seus artesãos e suas riquezas. A bondade de *Hirão* para com Davi provavelmente era provocada por interesses econômicos, pois ele poderia lucrar no comércio com Israel. A casa que *Hirão* construiu para Davi deve ter sido suntuosa para o local e para a época. A maioria das construções em Israel era de pedra. O uso do cedro acrescentava elegância ao palácio de Davi. Certamente, ele falava de sua casa com um orgulho considerável (2 Sm 7.2).

5.13 — Estas uniões refletem o envolvimento de Davi em tratados e alianças internacionais selados com o casamento da filha de um rei com o outro participante do acordo. *Concubinas* eram esposas que não tinham os mesmos direitos que uma esposa verdadeira; eram parte de um harém real. Frequentemente, o *status* dos reis nos tempos antigos era medido, em parte, pelo tamanho de seus haréns. Todavia, para os reis de Israel, havia



## VOCÊ SABIA?

### O INÍCIO DE UMA LONGA AMIZADE

A iniciativa mostrada por *Hirão*, de *Tiro* (2 Sm 5.11), foi talvez o mais sábio investimento jamais feito. Sua negociação com Davi desencadeou uma amizade com o sucessor de Davi, Salomão, o que resultou em um extraordinário e lucrativo contrato para aquisição de cedro e outros recursos para o templo.

um aviso da parte de Deus alertando contra a aquisição de muitas esposas (Dt 17.17).

**5.14** — *Samua* é conhecido como Siméia em 1 Crônicas 3.5. *Samua*, *Sobabe*, *Natã* e *Salomão* eram filhos de Davi com *Bate-Seba* (1 Cr 3.5), a mulher de *Urias*. Davi planejou a morte desse homem para se casar com *Bate-Seba* (2 Sm 11). A criança nascida do caso de Davi com *Bate-Seba* morreu precocemente (2 Sm 12.15-23).

**5.15,16** — As listas em 1 Crônicas 3.5-9 e 1 Crônicas 14.4,5 registram mais dois filhos, *Nefegue* e outro *Elifelete* (*Elpelete* em 1 Cr 14.4).

**5.17-25** — Os filisteus eram indo-europeus, na verdade *minions* gregos [minoicos], que migraram das ilhas do Egeu e da Ásia Menor para o leste da região mediterrânea em torno de 1200 a.C. Eles estabeleceram uma forte organização política e militar na planície costeira ao sul de Israel, que foi, por muitos anos, uma séria ameaça aos israelitas. Foi durante uma das guerras de Israel contra os filisteus que o jovem Davi se tornou o grande herói nacional pela primeira vez (1 Sm 17).

Os filisteus podem ter governado como uma classe de senhores guerreiros a população nativa cananeia nas suas áreas. Eles eram soldados poderosos que faziam uso brilhante das bigas, os “tanques” do mundo antigo. Estas, então máquinas militares *high-tech*, tornavam-nos especialmente fortes na planície costeira. No entanto, esses carros não foram tão eficientes nas terras altas de Judá. Os filisteus são peculiarmente mencionados com grande desdém por Davi e seus compatriotas como os *incircuncisos* (1 Sm 14.6;17.26;31.4; 2 Sm 1.20).

**5.17** — A palavra traduzida do hebraico como *fortaleza* significa *castelo forte*, sugerindo uma outra fortaleza diferente de Jerusalém. Por isso, é possível que esses ataques tenham acontecido entre o tempo em que Davi foi ungido rei sobre todo o Israel (v. 4) e em que ele tomou Jerusalém (v. 6-10).

**5.18** — O *vale dos Refains*, ou *vale dos Gigantes* (2 Sm 21.15-22), estendia-se a sudeste de Jerusalém em direção à planície costeira. A ênfase no vale como uma aproximação estratégica de Jerusalém é evidenciada pelo fato de que os filisteus planejaram um segundo ataque para tomar a cidade por esse percurso (v. 22).

**5.19,20** — Como era o seu costume, *Davi consultou o SENHOR* antes de iniciar uma batalha contra os filisteus (2 Sm 2.1; 1 Sm 23.2;30.8). Em se tratando de guerra, Davi não era presunçoso. Ele desejava saber a vontade de Deus quanto à escolha de suas batalhas e ao tempo certo para cada uma delas.

**5.21,22** — Os ídolos que os filisteus haviam levado para a batalha a fim de assegurar-lhes a vitória foram capturados pelos homens de Davi. Este saque teria sido considerado pelos filisteus como uma derrota de seus deuses contra o Deus de Israel. De acordo com 1 Crônicas 14.12, Davi e seus homens queimaram os ídolos.

**5.23** — O termo *amoreiras* (hb. *beka'im*) aparece somente neste versículo e na passagem paralela em Crônicas (1 Cr 14.14). Alguns estudiosos preferem traduzi-lo como *balsameiro*.

**5.24** — Deus estava sugerindo que o *estrondo de marcha pelas copas das amoreiras* seria na verdade o som do Seu exército angelical prosseguindo para atacar (2 Rs 6.17).

**5.25** — A cidade de *Geba* mencionada neste versículo não é a mesma que consta em 1 Samuel 13.3, a qual ficava seis milhas ao norte de Jerusalém. Nesta passagem, *Geba* provavelmente estava localizada ao sul, no vale dos Refains. *Gezer* se encontrava cerca de 20 milhas a nordeste de Jerusalém.

**6.1-23** — Davi estava intensamente interessado em adorar *Yahweh* e deu considerável atenção à arca da aliança, que havia sido negligenciada no governo de Saul. O capítulo seis descreve a



### VOGÊ SABIA?

#### UMA LONGA E ATRASADA VITÓRIA

A decisiva vitória de Davi sobre os filisteus (2 Sm 5.25) foi um grande avanço para o estabelecimento do seu reino. Durante anos, os filisteus vinham assolando os israelitas, que pareciam incapazes de dizimá-los. Mas ao puni-los até Gezer, Davi estava preparando os filisteus para o golpe final que em breve receberiam dos egípcios.



transferência da arca para a nova capital em Jerusalém. Uma vez que sua perda ocorrera durante uma das primeiras batalhas contra os filisteus (1 Sm 4.5), a determinação de Davi em recuperá-la, seguida de sua impressionante vitória contra os filisteus (2 Sm 5), foi muito significativa.

**6.1** — Os 30 mil homens não eram todos os homens de Israel capazes de manejar armas, mas sim os melhores deles.

**6.2** — *Baalá de Judá*, que significa *os mestres de Judá*, também era chamada Baalá e Quiriate-Jearim (Js 15.9; 1 Cr 13.6). Era uma cidade na fronteira de Judá e Benjamim, cerca de dez milhas a nordeste de Jerusalém. Davi e o povo partiram desse local para transportar a arca da aliança, sobre a qual se invoca o *Nome, o nome do SENHOR dos Exércitos*. O nome pessoal de Deus é revelado em Êxodo 3.13-15, onde o contexto demonstra que o Senhor é o poderoso Deus dos patriarcas que intercede em favor do Seu povo.

Às vezes, o nome de Deus é acompanhado da designação *dos Exércitos* (2 Sm 5.10), referindo-se ao exército angelical do universo (1 Rs 22.19; Lc

2.13) e aos exércitos de Israel (1 Sm 17.45). Quanto aos *querubins*, são seres angelicais geralmente considerados guardiões da santidade de Deus (Gn 3.24; Êx 25.22; Sl 80.1; 99.1). Quando o Senhor se revelou a Moisés, Ele estava entre os dois querubins posicionados nas extremidades do trono de misericórdia sobre a arca da aliança (Êx 25.22; Nm 7.89).

**6.3,4** — *E puseram a arca de Deus em um carro novo*. A Lei era específica quanto ao fato de a arca só poder ser carregada pelos filhos de Coate, não por um carro ou outro veículo qualquer (Êx 25.14,15; Nm 3.30,31). Davi estava fazendo o que os filisteus fizeram (1 Sm 6.7,8). A arca havia sido levada para *a casa de Abinadabe* após o seu resgate das mãos dos filisteus (1 Sm 7.1,2). Neste sentido, o termo *filhos de Abinadabe* deveria ser entendido com um sentido mais abrangente como *os descendentes de Abinadabe*.

**6.5** — A declaração *alegravam-se perante o SENHOR* literalmente significa que eles *festejaram* com música e dança (v. 21). Os adoradores tinham uma variedade de instrumentos de corda,



## PERFIL

### O AMOR QUE SE TRANSFORMOU EM ÓDIO

A história de Mical é trágica e amarga. Ela se apaixonou pelo lindo Davi logo após o jovem guerreiro ter vencido o gigante Golias (1 Sm 18.20,28). Posteriormente, ele demonstrou seu heroísmo matando 200 filisteus para obter a mão dela em casamento (1 Sm 18.27). Com isso, o sentimento de Mical por Davi deve ter aumentado de forma significativa. Infelizmente, seu amor e sua vida se tornaram azedos.

Como consequência do que Mical sentia por Davi, a relação dela com o pai, Saul, ficou estremecida. Mical arriscou a própria vida para salvar Davi (1 Sm 19.11-18), mas isso provocou a separação dela de seu primeiro amor. Talvez em represália à proteção de Mical a Davi, Saul deu sua filha a um outro homem, Paltiel. Enquanto vivia com seu novo marido, Mical viu o pai e o irmão Jônatas morrerem na batalha e o seu outro irmão, Isbosete, ser assassinado.

Parece que Paltiel amou Mical profundamente, pois, quando ela foi retirada à força de sua casa, ele chorou de modo incontornável (2 Sm 3.15,16). Podemos concluir que Mical passou a amá-lo, mesmo Davi exigindo que ela voltasse. A união de Mical com Davi raramente era agradável. Davi já não era o jovem e corajoso guerreiro que servira na casa de seu sogro. Em vez disso, ele era o homem que havia substituído Saul no trono. Ademais, ela teria de competir com, no mínimo, outras seis mulheres pela atenção do rei Davi.

Não é possível que as simples ações de Davi, ao celebrar perante o Senhor o retorno da arca, fizessem com que Mical o odiasse (2 Sm 6.16). Seu ódio provavelmente cresceu ao longo dos anos. Suas palavras sarcásticas a respeito do grandioso dia de Davi e de sua alegria religiosa e espiritual vieram de uma vida inteira de dor (2 Sm 6.20).

Diferente de seu irmão Jônatas, Mical não aceitou a porção que Deus lhe dera e não confiou em Deus quanto à sua felicidade futura (1 Sm 23.16-18). Em vez disso, ela se tornou amarga, não apenas com Davi, mas também com Deus. Tragicamente, as Escrituras não fornecem qualquer indicação de que houve cura para Mical. Ela morreu sem ter filhos (2 Sm 6.23).

percussão e sopro. O termo *címbalos*, por exemplo, refere-se a instrumentos egípcios que consistiam em anéis pendurados soltos em varas de metal que produziam um som estridente quando chacoalhados.

**6.6** — A *eira* era um local para processar cereais, ou seja, para separar os grãos de suas respectivas cascas (Rt 3.2). Logo que chegaram a esse lugar, *estendeu Uzá a mão à arca de Deus e segurou-a a fim de estabilizá-la, pois ela parecia cair.*

**6.7** — Embora Uzá tenha violado a Lei sem a intenção de fazê-lo, seu erro lhe custou a vida. Deus avisara Seu povo de que nem mesmo os levitas poderiam tocar os objetos sagrados do tabernáculo; a punição com a morte havia sido especificada para os transgressores (Nm 4.15).

**6.8** — Davi se entristeceu — não consigo mesmo pela imprudência que resultou nessa calamidade, mas com Deus. Ele batizou o local da tragédia com o nome *Perez-Uzá*, como uma forma de lembrar o que acontecera ali.

**6.9** — *E temeu Davi ao SENHOR.* A tragédia envolvendo Uzá reavivou um necessário *temor de Deus* no coração de Davi. Devidamente compreendido (Ec 12.13,14), esse sentimento é essencial para buscar a obediência e a santidade.

**6.10,11** — *Obede-Edom* era um levita da família de Corá, e, posteriormente, tornou-se um dos guardiões da entrada de onde ficaria a arca (1 Cr 15.18,24;26.4-8). Ele era chamado *o geteu* porque nascera na cidade levítica de Gate-Rimom (Js 21.24).

**6.12** — Porque a arca havia sido uma fonte de bênçãos para a casa de Obede-Edom, o interesse de Davi em encontrar um modo de torná-la a Jerusalém foi renovado.

**6.13** — Desta vez a arca foi carregada (Êx 25.14,15), em lugar de transportada de carro. Alguns intérpretes creem que o cortejo foi interrompido e sacrifícios foram oferecidos a cada seis passos. Também é possível que os sacrifícios tenham sido oferecidos apenas uma vez após os carregadores da arca avançarem os primeiros seis passos; por isso, consagraram a marcha solene.

**6.14** — O verbo em hebraico para *saltava* (*mekarker*), neste versículo, significa literalmente

*rodopiava*. O *éfode de linho* era uma vestimenta curta, sem manga, usada pelos sacerdotes (1 Sm 2.18). Davi a trajava para honrar o Senhor em vista de suas atividades sacerdotais naquele dia (v. 13).

**6.15** — *Com júbilo* era uma expressão de celebração e triunfo (Is 44.23). O termo *trombetas* se refere ao chifre de carneiro ou shofar (2 Sm 2.28).

**6.16** — *Mical, filha de Saul*, fora dada a Davi em casamento (1 Sm 18.27) e depois a outro homem (1 Sm 25.44), após Davi ter fugido de Jerusalém. Abner, o general de Isbosete, tinha conseguido que ela retornasse a Davi (2 Sm 3.13-16).

**6.17** — Davi armou uma tenda, sem dúvida, semelhante ao tabernáculo de Moisés, para funcionar como um abrigo temporário para a arca, até que um local permanente pudesse ser construído. Sobre as afirmações *e ofereceu Davi holocaustos e ofertas pacíficas perante o SENHOR*, veja Levítico 1 e 3, respectivamente.

**6.18** — *E, acabando Davi de oferecer os holocaustos e ofertas pacíficas, abençoou o povo.* Tendo em vista que as ofertas e os holocaustos só podiam ser ritualmente oferecidos a Deus pelos sacerdotes, subentende-se que Davi, como rei de Israel, levou-os aos sacerdotes e estes apresentaram sacrifícios a Deus por ele e pela nação, sendo esta, conseqüentemente, abençoada. No aspecto real, Davi é um tipo do Salvador Jesus, que é o Grande Rei.

**6.19** — Um fato característico da oferta pacífica (v. 17) era que uma porção desta seria ingerida pelo adorador como uma refeição de comunhão perante o Senhor. Davi repartiu essa refeição com aqueles que participaram da celebração. Um *bolo de pão* era um mimo doce (Ct 2.5) algumas vezes utilizado para ofertas religiosas em rituais cananeus (Os 3.1) e na adoração a Deus.

**6.20** — *Para abençoar a sua casa.* No momento de sua maior experiência espiritual, Davi se encheu de prazer ao levar a bênção de Deus para a sua casa, mas foi recebido com as maldições de sua mulher. O comentário de desprezo a respeito de Davi estar *descobrimdo-se*, sem dúvida, refere-se à vestimenta sacerdotal usada pelo rei, em vez dos trajes reais (v. 14). Dançando com aquelas

roupas curtas, Davi tinha se exposto mais do que Mical julgava ser apropriado. O termo *vadios* alude a pessoas vazias, que não têm qualquer valor ou dignidade.

**6.21** — Davi repreendeu Mical fazendo-a lembrar-se de que Deus havia escolhido ele em vez do pai dela, Saul, uma evidência da bênção divina no compromisso e no entusiasmo religioso de Davi.

**6.22** — *Me envilecerei e me humilharei aos meus olhos.* Davi declarou que alegremente seria ainda mais humilhado perante o Senhor e honrado pelos que compartilhavam de seus valores espirituais.

**6.23** — O fato de Mical nunca ter tido filhos foi resultado de um distanciamento de Davi ou talvez de uma punição divina por causa de sua recusa em juntar-se à comemoração do Nome de Deus. Por isso, não havia sucessor da casa de Saul no trono. Seus filhos estavam mortos, e sua filha permanecia estéril. Fica evidente neste versículo que Mical não tinha tido filhos com Paltiel durante os anos em que foi sua esposa.

**7.1-29** — Este capítulo registra o estabelecimento da aliança davídica, o que amplia e confirma a nação ou os descendentes das promessas da aliança abraâmica (Gn 12.1-3). As questões deste capítulo são de imensa importância teológica. Elas abrangem todo o percurso até a vinda do Salvador, Jesus, e, especificamente, Seu futuro reinado no trono de Davi.

**7.1** — O termo *casa* se refere ao palácio que os fenícios haviam construído para Davi (2 Sm 5.11). Provavelmente a expressão *descanso de todos os seus inimigos em redor* alude à paz que prevaleceu após Davi ter derrotado os filisteus (2 Sm 5.17-25).

**7.2** — *Natã* era um conselheiro pessoal de Davi. Como um *profeta* (Êx 7.1,2), ele falava por Deus, aconselhando Davi sobre assuntos espirituais. Posteriormente, Natã confrontou Davi com relação aos pecados de adultério e assassinato cometidos pelo rei (2 Sm 12.1-15).

Esse profeta ajudou Bate-Seba a assegurar o trono para Salomão (1 Rs 1.10-45), contribuiu para o estabelecimento da música no templo da adoração (2 Cr 29.25) e registrou em crônicas os reinados de Davi e Salomão (1 Cr 29.29; 2 Cr 9.29). Embora não houvesse nada de imoral em

residir *em casa de cedros*, Davi se deu conta de que tinha de atentar mais para as prioridades espirituais.

**7.3,4** — *Natã* encorajou o rei a seguir o rumo do seu coração e construir um templo para a arca. Porém, o profeta falou com base no seu próprio entendimento, e não como uma palavra do Senhor. Sua afirmação *porque o SENHOR é contigo* indica, nesse contexto, uma bênção geral, e não uma declaração específica de Deus.

**7.5** — Embora Natã tivesse, a princípio, encorajado Davi a construir um templo para a arca (v. 3), o Senhor revelou que essa não era a Sua intenção de forma alguma. A pergunta *Edificar-me-ias tu casa para minha habitação?* implicou uma resposta negativa.

**7.6** — A *tenda* era a residência de um viajante. O *tabernáculo* (hb. *mishkan*) era a estrutura portátil que funcionava como a “habitação” de Deus no meio de Seu povo (Êx 25.9,22).

**7.7** — Em toda a história do relacionamento de Deus com os israelitas, Ele nunca os reprovou por falharem em construir para Ele um santuário permanente. O verbo *apascentar* é uma metáfora para liderança e foi usado por todo o Oriente Médio para se referir a líderes nacionais (Ez 34.2). Naturalmente, o Grande Pastor é Deus (Sl 23).

**7.8** — A natureza formal e profunda do texto é enfatizada pelo uso do termo *SENHOR dos Exércitos*. Deus fez lembrar a Davi Seus grandiosos feitos, principalmente o de tirá-lo de uma posição humilde de pastor para torná-lo rei sobre o Seu povo.

**7.9** — *Um grande nome*, ou seja, uma excelente reputação, era muito valorizado pelos hebreus. Assim como Deus prometeu engrandecer o nome de Abraão (Gn 12.2), Ele garantiu a Davi que seu nome seria reconhecido.

**7.10** — Deus prometeu prover a Israel um local seguro para morar em Canaã. Os israelitas não seriam mais expostos aos repetidos ataques de seus inimigos, como havia acontecido no tempo dos juízes.

**7.11** — *O SENHOR te fará casa.* Davi queria construir uma casa para Deus, isto é, um templo (v. 2-7). Em vez disso, o Senhor pretendia edificar

uma casa para Davi, ou seja, estabelecer uma dinastia de longa duração.

**7.12** — A primeira provisão da aliança davídica foi a promessa de que Davi teria um filho por meio de quem Deus estabeleceria um reino. Esse filho seria Salomão (1 Cr 22.6-10).

**7.13** — Neste versículo, o termo *casa* se refere ao templo (1 Rs 6). Deus também prometeu *confirmar o trono do reino de Salomão para sempre* (1 Cr 22.6-10). Isso não significa que Salomão governaria eternamente, mas sim que o direito de reinar, representado pela imagem do trono, pertenceria perpetuamente à sua descendência. Neste sentido, sempre haveria um herdeiro varão capaz de governar.

**7.14** — *Se vier a transgredir, castigá-lo-ei*. Os pecados dos filhos de Davi necessitariam de punição divina (1 Rs 11.1-13), a qual seria aplicada *com vara de homens e com açoites de filhos de homens* (1 Rs 11.14,23).

**7.15** — Embora os pecados de Salomão justificassem uma punição, Deus prometeu que a Sua *benignidade* não se afastaria do filho de Davi, como foi tirada de Saul (1 Sm 13.13,14;15.22,23).

**7.16,17** — Nesta passagem, Deus condensou as provisões da aliança davídica. O Senhor prometeu que *a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre*. Em outras palavras: (1) a descendência, ou a casa, de Davi sempre seria a linhagem real; (2) o direito de governar pertenceria eternamente aos filhos de Davi; (3) o direito a um reino terreno nunca seria retirado da posteridade de Davi. A promessa não garante que o governo pela posteridade de Davi jamais seria interrompido (Os 3.4,5). Na verdade, isso ocorreu quando Judá foi levada ao exílio (2 Rs 25.1-21). Porém, a prerrogativa de exercer o privilégio de governar sempre pertenceria à dinastia davídica (Sl 89.20-37).

Em Lucas 1.32,33, o anjo Gabriel asseverou que o filho de Maria, Jesus, receberia o trono, a casa e o reino prometidos a Davi e à sua posteridade. A realização final dessa promessa se dará no segundo advento, quando Jesus voltará a reinar sobre o Seu povo (Ap 20.1-6).

**7.18** — As palavras *e ficou perante o SENHOR* indicam que Davi estava na tenda

onde se encontrava a arca. Sua pergunta retórica, *Quem sou eu, Senhor JEová...?*, refletiu o senso de humildade dele por ter recebido tal promessa graciosamente (v. 12-16).

**7.19,20** — Davi reconheceu que o que Deus havia feito por ele até então era muito maior do que qualquer coisa que ele merecesse. Como se isso fosse *pouco aos teus olhos*, Deus agora estendia a promessa em relação à dinastia de Davi para o futuro. Toda a história da humanidade conduz inevitavelmente para o governo de Jesus na terra. É o seu destino, sua realização profética, o significado final de toda a história.

**7.21** — A afirmação *por causa da tua palavra* alude às promessas anteriores de Deus em relação a Judá, a tribo real (Gn 49.10; Nm 24.17), ou à profecia do reinado de Davi (1 Sm 13.14).

**7.22,23** — A sentença *segundo tudo o que temos ouvido com os nossos ouvidos* se refere à tradição transmitida a respeito da obra de Deus ao longo da história (Dt 4.32-40).

**7.24** — *Teu povo Israel*. No cerne da promessa de Deus a Davi estava a continuação da Sua promessa à nação de Israel (Gn 12.1-3).

**7.25** — Tendo louvado ao Senhor por Sua graciosa obra, Davi orou pelo cumprimento de Sua promessa. Como ele indubitavelmente sabia, a vontade divina seria realizada se ele orasse ou não. À semelhança de Davi, quando clamamos de acordo com a vontade de Deus para a vontade de Deus, nós nos tornamos parte de Sua vontade. Neste sentido, também nos tornamos um povo com uma expectativa, prontos para responder ao Pai com grande louvor quando Ele tiver efetuado a Sua vontade (Sl 142).

**7.26,27** — O nome de Deus se refere neste trecho à Sua reputação. Davi queria que a reputação do Senhor fosse exaltada mediante o cumprimento de Sua promessa.

**7.28,29** — *Tu és o mesmo Deus, e as tuas palavras são verdade*. Davi reconheceu que podia confiar em Deus quanto ao cumprimento de Sua promessa.

**8.1-18** — Este capítulo registra a expansão do reino de Davi à medida que o Senhor o abençoava e prosperava. As guerras travadas contra as terras vizinhas se destinavam a defender a fixação de

Israel na Transjordânia e as fronteiras das nações contra possíveis invasores.

Deus deu a Davi inúmeras vitórias gloriosas, as quais ampliaram tanto o seu império quanto a sua fama. Houve também, dentro das conquistas militares de Davi, o cumprimento da política externa estabelecida por Israel na Torá: Israel deveria eliminar o povo cananeu, que estava sob o julgamento de Deus, e submeter as nações vizinhas ao governo israelita e aos estatutos divinos (Dt 20).

**8.1** — Os *filisteus* parecem ter migrado das ilhas do Egeu, na Ásia menor, para a região a leste do Mediterrâneo em aproximadamente 1200 a.C. Eles se estabeleceram na planície costeira de Israel e desenvolveram uma cultura relativamente avançada e um exército poderoso. Os filisteus eram a principal ameaça a Israel durante os reinados de Saul e Davi (2 Sm 5.17; 1 Sm 13.5; 17.1; 23.1; 28.1).

**8.2** — Os *moabitas* eram descendentes da relação incestuosa entre Ló e sua filha mais velha (Gn 19.36,37). Esse povo ocupou a terra oposta a Judá, a leste do rio Jordão e do mar Morto. Este versículo talvez indique que Davi poupou os jovens moabitas (cuja estatura era *um cordel inteiro*) e executou os adultos (cuja estatura era *dois cordéis*). Em qualquer conquista que Davi empreendesse, os sobreviventes se tornavam

—————  
 —————  
*Davi queria que a reputação do  
 Senhor fosse exaltada mediante o  
 cumprimento de Sua promessa.*  
 —————  
 —————

vassalos ou *servos* dele. Séculos depois, os moabitas se libertaram da servidão de Israel (2 Rs 1.1).

**8.3** — A campanha de Davi para o norte resultou na derrota de *Hadadezer*, o qual governou o reino arameu de *Zobá*, que se estendia para o norte de Damasco.

**8.4** — *Jarretou*. Davi mutilava os cavalos cortando os tendões da parte de trás das patas traseiras, a fim de evitar que eles fossem usados para atividades militares (Js 11.6,9).

**8.5,6** — O uso do termo *siros* é um equívoco muito comum. O texto em hebraico emprega o vocábulo *arameus*. A existência da Síria como uma entidade política começou no período helênico (332-63 a.C.). No tempo de Davi, a região era chamada *Arã*, e seus habitantes, *arameus*.

**8.5** — *Damasco*, situada num oásis próximo ao pé da cordilheira Antilíbano, era uma das cidades mais estrategicamente localizadas do mundo antigo. Ela se encontra no cruzamento das duas principais rodovias internacionais — a Via Maris, que liga o sul e o oeste ao Egito, e a Rodovia do Rei, que liga desde o lado leste do Jordão ao sul da Arábia.

**8.6** — As *guarnições* de soldados israelitas pretendiam manter os *siros* de *Damasco* sob o controle de Davi.

**8.7** — Os *escudos de ouro* eram esplêndidos troféus de guerra (1 Rs 10.16,17).



## ENTENDENDO MELHOR

### SENDO LEMBRADO

Davi se tornou célebre no vale do Sal (2 Sm 8.13,14), provavelmente a planície deserta a sudeste do mar Morto. Porém, enquanto suas proezas aumentavam significativamente sua reputação no meio dos israelitas, elas plantavam sementes de eterna amargura em todo lugar, as quais assombrariam o sucessor de Davi, Salomão.

O "nome" que Davi ganhou foi à custa das vidas dos 18 mil sírios, que talvez fossem habitantes de Hebrom. Deus explicitamente comandava o Seu povo não para *aborrecer* os edomitas, uma vez que estes eram descendentes do mesmo ancestral, Jacó (Dt 23.7,8). No entanto, o general de Davi, Joabe, liderou uma campanha de seis meses de genocídio, *até que destruiu a todos os varões em Edom* (1 Rs 11.15,16). Isso deleitou os israelitas, que odiavam os edomitas de longa data.

Contudo, um jovem edomita chamado Hada assistiu ao massacre antes que os *servos* de seu pai fugissem com ele para o Egito. Ele nunca esqueceu o que havia presenciado. Anos depois, após a morte de Davi e o afastamento de Salomão do Senhor, Deus permitiu que Hada voltasse à Palestina, onde se tornou uma aflição perene para Salomão (2 Sm 11.14,19-22).

**8.8** — *Betá*, uma cidade arameia, também era conhecida como Tibate (1 Cr 18.8). *Berotai*, também conhecida como Berota (Ez 47.16), ficava a cerca de 30 milhas a nordeste de Damasco.

**8.9** — *Hamate* ficava a cerca de 100 milhas a nordeste de Damasco.

**8.10** — Os ricos presentes de *Toí*, rei de Hamate, refletiam seu desejo de estabelecer relações amigáveis com seu novo e poderoso vizinho. Esses presentes também podem indicar que *Toí*, voluntariamente, submeteu-se a Davi e tornou-se seu vassalo.

**8.11,12** — *O ouro e a prata* que Davi recebeu das nações que conquistou foram entregues aos sacerdotes para serem usados na construção do templo (1 Rs 7.51).

**8.13** — O termo *nome* se refere à reputação que *Davi* conquistou como resultado de suas explorações militares.

**8.14,15** — *Reinou, pois, Davi sobre todo o Israel*. Como resultado das conquistas de Davi, a soberania de Israel se estendeu desde o Golfo de Acaba e do rio do Egito até o rio Eufrates — exatamente a região que Deus tinha prometido a Abraão em Gênesis 15.18. As expressões tradu-

zidas como  *julgava e fazia justiça*, juntas, significam  *justiça genuína*. Davi tinha o cuidado de assegurar-se de que as decisões que tomava e as leis que reforçava eram  *justas e certas* para todos.

**8.16** — *Joabe*, o comandante do exército de Davi, havia liderado um ataque bem-sucedido na cidade dos jebuseus, a qual se tornou a capital de Davi, Jerusalém (1 Cr 11.6,7). *Joabe* era o sobrinho de Davi; *Zeruia*, sua mãe, era irmã de Davi (1 Cr 2.13-16). *Josafá, filho de Ailude, era cronista*, tomava conta dos negócios do reino, submetia interesses apropriados aos cuidados do rei e aconselhava-o em assuntos oficiais. Sua carreira se estendeu pelo reinado de Salomão (1 Rs 4.3).

**8.17** — *Zadoque e Aimeleque* são mencionados como os sacerdotes principais durante o reinado de Davi (2 Sm 15.24; 1 Sm 22.20-23; 1 Rs 1.7,8). O *escrivão* atuava como um secretário do reino, redigindo documentos oficiais, controlando a correspondência e mantendo os registros da corte.

**8.18** — As palavras em hebraico *quereteus* e *peleteus* têm sido constantemente interpretadas como *algozes, cobradores, cretenses* ou *filisteus*. A forma *peleteu* pode ter sido criada para evitar a



## APROFUNDE-SE

### O GABINETE DE DAVI

Com Davi, a monarquia israelita ficou firmemente estabelecida. A descrição do gabinete real ilustra como o governo de Davi foi organizado. Funções administrativas foram supervisionadas pelos filhos do rei (2 Sm 3,2-5; 5.13,14). Também havia guarnições, governadores distritais e reis vassalos (2 Sm 8.6,14). Este sistema foi mais tarde racionalizado por Salomão, que nomeou 12 governadores distritais, dois dos quais eram seus genros.

Tal como outros reis no mundo antigo, Davi teve um cronista, *Josafá*, cujo papel principal era o de manter um registro escrito das conquistas e decisões de Davi para registro histórico nacional.

Um homem, cujo nome era *Seraías*, trabalhou como escriba de Davi. Nos anos posteriores, os escribas eram essencialmente preocupados com cópia, edição e ensino da lei, mas, durante a monarquia, os escribas eram semelhantes aos secretários de Estado ou chanceleres.

Questões jurídicas foram as principais responsabilidades de Davi. Como rei, ele assumiu o papel que os juízes exerciam antes da monarquia. Era trabalho de Davi definir o tom para a administração da justiça, de políticas públicas, decidir questões legais [em instâncias superiores], determinar as penas para os delitos e nomear juízes e autoridades (1 Cr 26.29).

Os militares estavam sob o comando de *Joabe*. No entanto, *Benaías* ficou responsável pelos *quereteus* e *peleteus* (2 Sm 8.18), que provavelmente atuou como a guarda pessoal de Davi.

Questões religiosas foram tratadas por *Zadoque* e *Aimeleque*, os sacerdotes. O último era neto de *Aimeleque*, o sacerdote de *Nobe* que mostrara bondade para com Davi e que foi, com seus companheiros sacerdotes, morto por *Saul* (1 Sm 21.22).

sugestão de que os filisteus estavam intimamente associados ao exército de Davi. Independente de qual tenha sido sua identificação, os *quereteus* e os *peleteus* sempre aparecem como parte do exército de Davi (2 Sm 15.18;20.23). Os *príncipes* (hb. *kohanîm*, normalmente significando *sacerdotes*) eram conselheiros confidenciais.

**9.1-13** — Davi atendeu às necessidades físicas de Mefibosete, filho deficiente de Jônatas, para demonstrar lealdade ao amigo já falecido (1 Sm 20.42). Esse incidente deve ter ocorrido pelo menos 15 anos após a morte de Jônatas, pois Mefibosete estava com cinco anos nessa época (2 Sm 4.4). Agora, ele era um jovem rapaz.

**9.1** — *Por amor de Jônatas*. Davi e Jônatas tinham uma aliança de amizade e proteção que deveria ser estendida aos seus descendentes (1 Sm 18.3,4;20.14,15,42).

**9.2** — *Ziba* era um servo do rei Saul (2 Sm 16.1-4;19.29).

**9.3** — A expressão *beneficência de Deus* relembra as palavras do juramento que Jônatas fez a Davi (1 Sm 20.14).

**9.4** — *Maquir, filho de Amiel*, era um homem aparentemente rico e prestigioso, que estendeu sua hospitalidade a Davi durante a revolta de Absalão (2 Sm 17.27-29). *Lo-Debar* ficava a cerca de 10 milhas ao sul do mar da Galiléia, exatamente a leste do Jordão.

**9.5,6** — Quando ficou sabendo a respeito do filho de Jônatas, Davi não hesitou em cumprir seu compromisso de aliança com seu amigo. Ele imediatamente providenciou que Mefibosete fosse trazido a Jerusalém.

**9.7** — *Não temas*. Mefibosete tinha uma boa razão para sentir medo. Era comum no antigo Oriente Médio fundadores de novas dinastias matarem os descendentes dos líderes anteriores para evitar que eles tentassem reclamar o trono em nome de suas famílias. Os termos *todas as terras de Saul* se referem à casa e à propriedade em Gibeá que foi reclamada por Davi quando ele assumiu o trono (2 Sm 12.8).

*Comer pão à mesa do rei* não era uma honra temporária; significava que o agraciado receberia uma pensão do rei. Esses privilégios e essas pro-

visões se dariam *de contínuo*, ou seja, durariam por toda a vida de Mefibosete.

**9.8,9** — *Um cão morto tal como eu*. Cães em Israel eram considerados como necrófagos impuros. Geralmente, eram vistos com desprezo (2 Rs 9.34-37; Pv 26.11). Mefibosete usou a expressão como uma metáfora para refletir sua baixa autoestima e sua surpresa diante da graça mostrada a ele.

**9.10** — *Trabalhar-lhe-ás, pois, a terra, tu, e teus filhos, e teus servos*. A grandeza da propriedade de Saul é refletida no fato de Ziba ter 15 filhos e 20 servos. O objetivo de Ziba trabalhar na terra de seu senhor, *para que o filho de teu senhor tenha pão que coma*, era porque, embora Mefibosete sempre fosse ter um lugar à mesa de Davi como um membro da corte real, a renda proveniente da terra de Saul supriria as necessidades de sua casa e de sua família em Jerusalém.

**9.11** — Em suas negociações com Mefibosete, Davi exemplificou a graça de Deus. Mefibosete foi maravilhosamente abençoado, não por causa de algo que tenha feito, mas devido à fidelidade de Davi a uma promessa feita na aliança com Jônatas. Assim, os cristãos são abençoados não por causa de alguma boa obra (Ef 2.8,9), mas em virtude da fidelidade de Deus na nova aliança (Jr 31.31-34) e das promessas do evangelho.

Como Mefibosete foi considerado um filho adotivo — *como um dos filhos do rei* —, com privilégios e bênçãos, os cristãos foram adotados como filhas e filhos na família de Deus (Jo 1.12; Rm 8.15; Ef 1.5).

**9.12** — A família de Saul continuou por meio de *Mica* durante vários séculos (1 Cr 8.34-40).

**9.13** — Mefibosete se tornou *coxo* como resultado de uma queda que ocorreu quando sua ama estava fugindo de Gibeá após a notícia das mortes de Saul e Jônatas (2 Sm 4.4). Para conferir mais detalhes sobre essa história, leia 2 Samuel 16.1-4;19.24-30;21.7.

**10.1-19** — Este trecho registra os detalhes de 2 Samuel 8.12 a respeito das campanhas de Davi contra os amonitas e os arameus. Essa guerra era o mais violento e perigoso confronto que os israelitas já haviam experimentado durante o reinado



## VOCE SABIA?

### MANTENDO PROMESSAS

Hoje em dia, muitas pessoas se tornaram descrentes nas promessas das campanhas políticas. As Escrituras apresentam Davi como um líder que cumpria suas promessas. Ele havia prometido que usaria de *beneficência* (hb. *chesed*, lealdade) com os descendentes de Jônatas (1 Sm 20.11-16,42). Então, uma vez que já estava estabelecido como rei, Davi perguntou se algum dos descendentes de Saul (portanto, parentes de Jônatas) ainda estava vivo (2 Sm 9.1). O filho de Jônatas, Mefibosete, foi encontrado, e Davi cumpriu sua promessa (2 Sm 9.7-13).

de Davi. A história é contada nestes versículos como um pano de fundo para o relato do pecado de Davi com Bate-Seba, o qual ocorreu enquanto os israelitas estavam lutando contra os amonitas (2 Sm 11.1).

**10.1** — O rei dos filhos de Amom era Naás (v. 2), provavelmente o mesmo Naás derrotado por Saul em Jabes-Gileade (1 Sm 11.1-11).

**10.2** — Como seu pai usou de *beneficência* comigo. A ocasião em que Naás exercitou a bondade para com Davi não é registrada. Uma possibilidade é que Naás, inimigo de Saul, havia ajudado Davi durante a guerra entre este e Isbosete (2 Sm 2.8—4.12). A *consolá-lo, pelo ministério de seus servos, acerca de seu pai*. Davi queria consolar Hanum pela morte do pai deste e parabenizá-lo por sua nova posição como rei.

**10.3** — O gesto de bondade de Davi foi interpretado com desconfiança pelos conselheiros do rei, os *príncipes*. Eles suspeitaram que Davi tivesse enviado seus servos como espíões com o propósito de reconhecerem a cidade de Rabá (2 Sm 11.1) e planejarem um ataque contra ela.

**10.4** — Os servos de Davi sofreram abusos e humilhações. A barba, na cultura semítica, era considerada um significativo aspecto na aparência de um homem. Cortar a metade da barba era um sério insulto. *Hanum* agravou a ofensa quando *lhes cortou metade das vestes*, deixando os soldados expostos de maneira indecente.

**10.5** — Para evitar a futura humilhação de seus servos, Davi lhes ordenou que permanecessem em Jericó até que suas barbas crescessem. Jericó ficava exatamente a oeste do Jordão e a 15 milhas ao nordeste de Jerusalém.

**10.6** — A expressão *se tinham feito abomináveis* poderia ser literalmente traduzida como *se tinham feito muito desagradáveis*. Para se protegerem contra a vingança israelita, os amonitas contrataram 33 mil soldados mercenários de várias cidades arameias ao norte, entre elas *Bete-Reobe* e *Zobá*. *Maaca* era um pequeno reino arameu a leste do Jordão cujo território era designado para a meia-tribo de Manassés (Js 12.5;13.11). *Tobe* era uma cidade localizada no Et-Taibé, a 45 milhas a nordeste da moderna Amã, na Jordânia.

**10.7** — Embora o termo *exército dos valentes* seja usado em todas as passagens para se referir a um seletivo grupo de guerreiros de Davi (2 Sm 16.6;20.7), o contexto neste versículo sugere que o exército inteiro de Israel fora designado para a guerra.

**10.8** — A *porta* era uma parte importante da fortificação de uma cidade. As portas de cidades fortificadas normalmente tinham torres que davam aos defensores uma vantagem sobre os inimigos que procuravam invadir. Algumas cidades possuíam múltiplos portões. Se os invasores entrassem por uma porta, encontrariam outra na frente deles. Os amonitas lutavam perto da porta, de modo que poderiam recuar para a cidade cercada por muros, se a batalha se voltasse contra eles. Os soldados mercenários ficavam numa posição mais exposta, *no campo*.

**10.9** — *Por diante e por detrás*. Joabe havia se permitido cair numa cilada entre duas forças inimigas — os siros e os amonitas. Se ele atacasse qualquer dos opositores separadamente, suas forças de retaguarda ficariam expostas para o outro. Joabe decidiu arriscar e atacar ambos ao mesmo tempo.



**10.10,11** — *Abisai*, o irmão de Joabe, foi colocado no comando do restante da milícia para atacar os filhos de Amom. Ele era um dos homens poderosos de Davi (2 Sm 23.18), um bravo guerreiro (1 Sm 26.6-9) e um bem-sucedido comandante (1 Cr 18.12,13), mas era impetuoso e talvez até mesmo sedento de sangue (2 Sm 16.9;19.21). Tinha participado do assassinato de Abner (2 Sm 3.30).

**10.12,13** — A exortação de Joabe, *esforça-te, pois, e esforcemo-nos pelo nosso povo*, alude à cobrança de Deus a Josué no começo da conquista (Js 1.6,7). *E faça o SENHOR, então, o que bem parecer aos seus olhos*. Tendo feito o seu melhor para se preparar para a batalha, Joabe depositou sua confiança na soberania de Deus.

**10.14,15** — Quando a batalha se voltou contra os siros, os filhos de Amom fugiram para se proteger atrás das muralhas de sua cidade. A cidade se refere a Rabá (2 Sm 11.1), a capital dos amonitas.

**10.16,17** — *Hadadezer* governava o reino arameu de Zobá, que se estendia ao norte de Damasco (2 Sm 8.3). O rio se refere ao Eufrates, designado por Deus como a fronteira ao norte da Terra Prometida (Gn 15.18). As 1780 milhas-longas do rio Eufrates começam nas montanhas da Armênia, na Turquia moderna, e finalmente se juntam ao rio Tigre para desembocar no Golfo Pérsico. Com alguma incerteza, Helã foi identificada com Alma, situada 35 milhas a leste do mar da Galiléia. O nome *Sobaque* também é escrito como *Sofaque*, em 1 Crônicas 19.16.

**10.18** — *Setecentos carros*. De acordo com 1 Crônicas 19.18, sete mil carros de guerra foram abatidos. Um destes textos pode ser o resultado do erro de um copiadador. Provavelmente 700 seria o número correto.

**10.19** — *Todos os reis* que tinham sido líderes subordinados a *Hadadezer* transferiram sua aliança para Davi. O verbo *serviram* indica que eles se submeteram à autoridade de Israel e trouxeram um tributo para si (2 Sm 8.2).

**11.1-27** — Este capítulo assinala uma deficiência grave na trajetória de Davi. Ele cedeu à tentação e cometeu adultério com Bate-Seba. Este pecado levou a outro, o assassinato de Urias, marido de Bate-Seba, um notável e fiel soldado de Davi.

**11.1** — No antigo Oriente Médio, os reis iam para a batalha na primavera, quando podiam certificar-se do bom tempo e da abundância de alimentos ao longo do caminho. Davi enviou Joabe e o seu exército para sitiarem a capital dos filhos de Amom, Rabá. Mas, ao invés de ir para a guerra, Davi ficou em Jerusalém.

**11.2** — *E viu do terraço a uma mulher que se estava lavando*. Nos tempos antigos, as casas israelitas tinham um tipo de quintal fechado. Quando Davi avistou Bate-Seba, ela estava em sua própria casa. As Escrituras raramente descrevem a aparência física das pessoas, porém tanto Bate-Seba quanto Davi (1 Sm 16.12) são descritos como possuidores de uma beleza excepcional, o que se verifica pela caracterização *mui formosa*.



## PERFIL

### JOABE, UM HOMEM QUE NASCEU PARA GUERREAR

A figura de Joabe que emerge da Bíblia é a de um homem que não se importava muito com o real significado de uma batalha, contanto que estivesse nela. Aparentemente, ele era um lutador nato, e as Escrituras registram apenas os seus muitos sucessos como um líder militar de Davi contra os jebuseus (2 Sm 5.7; 1 Cr 11.6), os edomitas (2 Sm 8.13,14; 1 Rs 11.15,16), os siros (2 Sm 10.6-14) e os amonitas (2 Sm 11.1,2,14-25;12.26-29). Durante esta última conquista, Joabe se tornou um cúmplice na trama de Davi para matar Urias.

Os instintos políticos de Joabe pareciam estar baseados em conveniência e autopreservação. Ele funcionou como um porta-voz entre Davi e o filho exilado deste, Absalão (2 Sm 14.1-33), mas depois matou o rebelde arrogante (2 Sm 18.10-16). Em seguida, Joabe exortou Davi a reconciliar-se consigo mesmo pela perda de seu filho e a evitar um motim no seu exército (2 Sm 19.1-8). Em outras ocasiões, Joabe matou Abner (2 Sm 3.22-39) e Amasa (2 Sm 20.8-10), para promover seus próprios interesses, e apoiou Adonias em seu apelo para suceder Davi (1 Rs 1.7). Esta última traição finalmente lhe custou o emprego e a vida (2 Sm 2.5,6,28-35).

**11.3** — *Bate-Seba* significa *filha de Seba*. Em 1 Crônicas 3.5, seu nome é dado como Bate-Sua.

**11.4** — *A mandou trazer*. Davi usou seu poder como rei para se aproveitar da esposa de Urias. É difícil saber qual foi a participação de Bate-Seba em tudo isso. A declaração *e já ela se tinha purificado da sua imundície* pode ser melhor compreendida de acordo com a leitura de Levítico 15.19-24, em que é dito que era necessário as mulheres passarem por sete dias de purificação após o período menstrual.

**11.5,6** — *E fê-lo saber a Davi*. Em Levítico 20.10, é claro o mandamento de que ambos os envolvidos em uma relação adúltera deveriam ser punidos com a morte. Mas, na prática, uma mulher que ficasse grávida poderia ser forçada a tolerar a vergonha e a culpa sozinha. A situação de Bate-Sebã era muito arriscada porque todos sabiam que o seu marido havia partido para a guerra.



### VOCÊ SABIA?

#### O PERÍODO DAS GUERRAS

Como todo estrategista militar sabe, a vantagem é normalmente para o agressor — o exército que toma a ofensiva e usa o elemento surpresa. Por esta razão, os reis antigos tendiam a guerrear na primavera (2 Sm 11.1), quando as condições das estradas eram mais favoráveis e as tropas podiam mover-se rapidamente sem alertar o inimigo.

Na Palestina, a estação chuvosa ocorre durante os meses frios do inverno. Os verões são muito quentes, e os outonos são marcados por tempestades imprevistas distantes do Mediterrâneo. Por isso, a primavera era a melhor estação para os reis se engajarem nas batalhas.

**11.7** — A aproximação de Davi com Urias foi casual, comum e totalmente dissimulada.

**11.8-10** — *Desce à tua casa e lava os teus pés*. Davi encorajou Urias a visitar sua mulher. É provável que a instrução *lava os teus pés* significasse que Urias deveria dormir com sua esposa aquela noite. A *iguaria do rei* foi dada por Davi a Urias e Bate-Seba para que partilhassem juntos, para instigá-los à intimidade.

**11.11-13** — *A arca* acompanhava o exército nas suas campanhas militares (2 Sm 15.24; 1 Sm 4.3).

**11.14-17** — Independente do que estivesse pensando, Davi estava desesperado nesse momento. Um pecado leva a outro. Algo impensável agora se tornou uma possibilidade e um plano de ação. Davi, portanto, agiu com engano e deslealdade.

**11.14,15** — Que tristeza constatar que Davi usaria os perigos da guerra para alcançar os seus próprios fins, que ele enviaria para ser morto um homem inocente, e que ele não pensava em Deus, enquanto Urias era extremamente íntegro.

**11.16-18** — O termo *valentes* significa *notáveis na batalha*. Davi enviou Urias para onde achou que a luta seria mais difícil.

**11.19,20** — *E deu ordem ao mensageiro*. Joabe antecipou a raiva de Davi a respeito da perda da vida e as perguntas que ele faria sobre o porquê de ter-se permitido acontecer isso.

**11.21,22** — A denominação *Abimeleque, filho de Jerubesete*, refere-se ao filho de Gideão. Jerubesete também é chamado Jerubaal ou Gideão (Jz 6.32). A morte de Abimeleque durante o ataque a Tebes é registrada em Juízes 9.50-55. Um soldado morrer pelas mãos de uma mulher era considerado praticamente um destino pior do que a própria morte (Jz 9.54), por isso o uso da expressão *não lançou uma mulher sobre ele*.

**11.23,24** — O relatório revelou que Joabe não seguiu as ordens de Davi à risca. Davi tinha dito a Joabe que Urias deveria ser morto por ter menos soldados à sua volta, deixando-o sozinho face a face com o inimigo. Talvez Joabe tenha pensado que essa seria uma traição óbvia e que seria difícil explicar para os outros oficiais do exército. Em vez disso, ele arquitetou um plano de colocar os soldados para lutarem perto do muro. Esta manobra os exporia mais e resultaria em uma grande perda de vidas.

**11.25,26** — *Pois a espada tanto consome este como aquele*. Em outras palavras, “Isto é uma guerra, alguns vivem e alguns morrem. Não deixe que isso aborreça você”. Com esta indiferente e falsa bravata, Davi despachou o mensageiro. Que diferença das respostas de Davi às mensagens das mortes de Jônatas e Saul (2 Sm 1)! A pernicioso obra do pecado milita no coração humano.

**11.27** — *E, passado o luto.* Normalmente, os israelitas choravam uma morte por sete dias (1 Sm 31.13).

**12.1,2** — *Havia numa cidade dois homens.* Como rei, Davi era o supremo juiz e a corte de apelo final. As palavras *um rico e outro pobre* apresentam a história como um conto moral que atrairia a atenção de Davi sem levantar suas suspeitas.

**12.3** — *A pequena cordeira* do homem pobre era mais um amado animal de estimação do que um animal da fazenda. Os detalhes sobre partilhar *do seu bocado* e da sua bebida enfatizam quão preciosa a cordeira era para esse homem.

**12.4** — *E tomou a cordeira do homem pobre.* Estas palavras são remanescentes de 2 Samuel 11.4, *enviou Davi mensageiros e a mandou trazer.*

**12.5** — *Então, o furor de Davi se acendeu em grande maneira contra aquele homem* por causa da injustiça cruel que havia sido cometida, a ponto de o rei declarar *que digno de morte é o homem que*

*fez isso.* Nenhum crime capital fora praticado. Normalmente, o homem rico não seria executado em virtude de tal ato. Ironicamente, era Davi quem merecia morrer pelos crimes de adultério e assassinato (Lv 20.10;24.17).

**12.6** — *E pela cordeira tornará a dar o quadruplicado.* Davi exigiu que a restituição fosse feita ao homem pobre de acordo com a Lei (Êx 22.1).

**12.7** — *Tu és este homem.* Foi necessário coragem e comprometimento com o Senhor, por parte de Natã, para falar essas palavras ao rei. Davi, em meio à ira, poderia ter se voltado contra o profeta e tê-lo executado. Natã continuou a apresentar as palavras de Deus. Foi o Senhor que levantou Davi como rei (2 Sm 2.4;5.3; 1 Sm 16.13), e foi Ele que livrou Davi de Saul (1 Sm 19.8-24).

**12.8** — *E as mulheres de teu senhor.* Saul tivera uma esposa, Ainoã (1 Sm 14.50), e uma concubina, Rispa (2 Sm 3.7). Não há qualquer indicação de que Davi se casou com alguma delas após



## PERFIL

### UMA VÍTIMA INOCENTE

Urias, o heteu, era um dos homens valentes de Davi (2 Sm 23.39). O nome Urias significa *chama do Senhor* ou *o Senhor é luz*. O fato de ser chamado de heteu sugere que ele pode ter sido um mercenário estrangeiro que deve ter se tornado um adorador do Deus de Israel. Logo, imediatamente um contraste é estabelecido diante do leitor. De um lado estava Davi, o ungido do Senhor, o regente de Deus na terra. Do outro estava Urias, um convertido, um homem que não havia nascido na fé de Israel, mas que, voluntariamente, escolheu isso para si mesmo.

Davi usou sua autoridade como rei para se aproveitar da esposa de Urias, Bate-Seba, enquanto Urias estava lutando na guerra por Israel. Como resultado do pecado de Davi, Bate-Seba ficou grávida. Davi tentou ocultar as coisas, chamando Urias para casa durante a batalha. Se Urias tivesse tido relações com sua esposa durante esse tempo, ele poderia acreditar que a criança fosse sua. Porém, Urias, o sempre dedicado soldado, recusou-se a desfrutar os confortos de casa enquanto seus companheiros estavam no campo de batalha. Nisto, ele mostrou ser mais reto do que Davi.

As palavras de Urias em 2 Samuel 11.11 devem ter ardo na consciência de Davi. Ele havia negligenciado sua obrigação. Além disso, ele roubara a esposa de um de seus melhores soldados enquanto seus guerreiros arriscavam a vida por ele. Ainda assim, Davi persistiu em encobrir seu pecado; ele tentou mudar o pensamento de Urias dando-lhe de beber. Contudo, mesmo os efeitos do álcool não atenuaram a determinação de Urias. Mais uma vez ele se recusou a usufruir os confortos que lhe foram oferecidos.

Falhando ao encobrir o seu pecado, Davi planejou a morte do seu soldado leal. Talvez Davi não pudesse enfrentar a vergonha de ter de encarar Urias após o guerreiro saber que o rei havia dormido com sua mulher. As ordens de Davi — levadas ao campo de batalha pelo próprio Urias — a Joabe, o comandante do exército, eram para colocar Urias no meio da batalha e depois retirar os outros soldados, de modo que Urias ficasse sozinho e fosse morto.

Após a morte de Urias, Davi tomou Bate-Seba como sua esposa assim que foi possível, para fazer parecer que a criança era legítima. Porém, *essa coisa que Davi fez pareceu mal aos olhos do Senhor* (2 Sm 11.27). Embora Davi tivesse conseguido esconder seu pecado das pessoas, Deus sabia de tudo. O pecado de Davi não ficaria impune (cap. 12). Até mesmo o rei de Israel teria de ser submetido à disciplina de Deus.

a morte de Saul. Uma vez que Ainoã era a mãe da esposa de Davi, Mical (1 Sm 14.49,50), a Lei a proibia de tornar-se esposa de Davi (Lv 18.17). No hebraico, a palavra *neshê*, esposa, também pode ser traduzida como *mulheres*, incluindo as servas e cortesãs que passaram a pertencer a Davi quando ele se tornou rei.

A graça de Deus para com Davi não era algo que seria esgotado; tudo que Davi tinha de fazer era pedir, e Deus garantiria a ele favor sobre favor, ou seja, *mais te acrescentaria tais e tais coisas*.

**12.9** — *Desprezaste a palavra do SENHOR*. Davi violara o décimo, o sétimo e o sexto mandamentos (Êx 20.1-17; Dt 5.6-21), respectivamente sobre ambição, adultério e assassinato. O verbo traduzido como *desprezar* (hb. *bazâ*) significa *fazer pouco de*. Esse é o mesmo termo usado por Esaú, que desprezou o seu direito de primogenitura (Gn 25.34). A declaração e *a ele mataste com a espada dos filhos de Amom* denota que, embora a espada de Davi estivesse limpa, ainda havia sangue em suas mãos.

**12.10,11** — O julgamento pronunciado sobre Davi e a sua família foi três vezes pior: (1) o derramamento de sangue persistiria por todos os dias de sua vida; (2) a própria família de Davi suscitaria o mal sobre ele e (3) as esposas de Davi seriam levadas por outros. Estas previsões de julgamento se cumpriram no estupro de Tamar (2 Sm 13.11-14), nas mortes violentas de Amnom e Absalão (2 Sm 13.28,29;18.15), e na apropriação pública das concubinas de Davi por Absalão (2 Sm 16.22).

**12.12** — O pecado de Davi foi sigiloso, mas a disciplina e a correção de Deus foram públicas.

**12.13** — *Pequei contra o Senhor*. Davi não tentou explicar seus pecados ou criar uma justificativa para si mesmo. Uma completa expressão da confissão desse rei é encontrada no Salmo 51. A afirmação *também o SENHOR traspassou o teu pecado* significa que Deus aceitou a confissão de Davi e estendeu-lhe o Seu perdão. A evidência da graça divina neste caso é a declaração *não morrerás*. Davi merecia a punição com a morte por causa do adultério e do assassinato que cometeu (Lv 20.10; Nm 35.31-33). No entanto, a graça de Deus é capaz de sobrepor Suas penalidades.

**12.14** — Embora o pecado de Davi tenha sido perdoado, o filho nascido da sua relação adúltera com Bate-Seba morreria. As ações praticadas por esse rei deram aos *inimigos do SENHOR* uma oportunidade para blasfemarem. O Senhor não poderia ignorar os pecados de Davi e conceder aos descrentes uma chance de dizerem: “O Deus de Israel não deve ser muito santo. Olhe como Ele tolera o pecado na vida do rei!”. Deus perdoo os pecados, mas não necessariamente remove as suas consequências (Gl 6.7).

**12.15** — O verbo traduzido como *feriu* (hb. *nagap*) está relacionado com o substantivo (hb. *negep*) usado para se referir à praga que Deus enviou sobre o Egito que causou a morte de todos os primogênitos (Êx 12.13). No versículo em análise, de algum modo, essa mesma praga agora feria a casa do rei em Jerusalém, porque Davi,



## VOCÊ SABIA?

### TU ÉS ESTE HOMEM!

Da mesma forma que Davi era um homem segundo o coração de Deus (1 Sm 13.14), Natã era um presente de Deus para o homem segundo o Seu coração. As Escrituras o apresentam de repente, quando Davi buscava construir um templo para o Senhor (2 Sm 7.1,2). Natã revelou que Deus prometeu estabelecer a dinastia de Davi, mas que Ele queria que a construção do templo fosse deixada para Salomão (2 Sm 7.3-17).

O aparecimento seguinte de Natã seguiu o pecado de Davi com Bate-Seba. Ele apontou a culpa de Davi com uma objetiva acusação: *tu és este homem!* A profecia de Natã em relação à casa de Davi (2 Sm 12.10-12) aconteceu com o estupro de Tamar, cometido por Amnom (2 Sm 13.1-20), o assassinato de Amnom por Absalão (2 Sm 13.21-29), a rebelião de Absalão contra seu pai e a violação das concubinas de Davi (2 Sm 15.1-18;16.20-23).

Natã ajudou a evitar que outro filho de Davi, Adonias, assumisse o trono, lembrando o rei de sua promessa de fazer de Salomão o seu sucessor (1 Rs 1.11-27). Natã, então, assistiu à coroação de Salomão (1 Rs 1.32-40) antes de desaparecer do relato.

assim como faraó antes dele, havia desconsiderado os mandamentos de Deus. O bebê, indicado pela palavra *criança*, parece não ter vivido o tempo suficiente para receber um nome, o qual era dado no momento da circuncisão, no oitavo dia de nascido (Lc 1.59).

**12.16** — *E buscou Davi a Deus pela criança.* Neste versículo, podemos sentir o coração angustiado de Davi perante o Senhor. O rei também *jejuou*, o que é uma expressão de intensidade da parte de quem pede. É como se dissesse “este problema é mais importante para mim do que o alimento”.

**12.17** — *Os anciãos da sua casa* eram os oficiais mais velhos e conselheiros da corte real de Davi.

**12.18,19** — *Morreu a criança.* Não existe frase mais dolorosa para um pai ouvir do que esta. Aqueles que haviam observado a intensidade da aflição de Davi antes da morte da criança pensavam que a reação dele seria incontrolável quando ele soubesse que o bebê havia morrido; por isso, *temiam os servos de Davi.*

**12.20,21** — *Então, Davi se levantou da terra.* Normalmente, pensamos no luto como um processo que se segue à morte de um ente querido. No caso de Davi, seu luto começou quando a criança ficou doente. Uma vez que ela morreu, não havia mais nada que ele pudesse fazer senão adorar ao Senhor. Davi deixou o seu palácio e *entrou na Casa do SENHOR*, isto é, subiu o monte Moriá para adorar no tabernáculo.

de uma nova maneira, a oração deverá permanecer inabalável. Se a esperança de alguém é em Deus, não existe a percepção de que é muito tarde para algo acontecer, até que realmente seja tarde demais. Deus pode intervir no último momento. Ele deveria intervir e não nos encontrar mais em oração?

**12.23** — *Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim.* A criança não mais voltaria à vida, mas Davi, um dia, iria juntar-se ao seu filho quando morresse.

**12.24** — O nome *Salomão* é relacionado à palavra em hebraico para *paz* e significa *pacífico* ou *cheio de paz*. Deus não feriria esta criança como havia feito com a anterior (v. 15), pois esta fora uma escolha dele, isto é, o SENHOR o amou.

**12.25** — O *profeta Natã* foi enviado pelo Senhor para dar a Salomão o nome *Jedidias*, que significa *o amado do Senhor* (v. 24). Esse nome em hebraico está relacionado ao nome de Davi, que significa *amado*. O nome selecionado por Deus, anunciado pelo profeta do Senhor, era o símbolo final do perdão de Deus para Davi e Bate-Seba.

**12.26,27** — *Também tomei a cidade das águas.* Joabe assegurou a Davi que, uma vez que ele havia feito isso, a cidade não aguentaria o cerco durante muito tempo.

**12.28,29** — *Não se aclame sobre ela o meu nome.* Joabe queria que Davi recebesse o crédito por derrotar Rabá e conquistar o povo de Amom. Então, Davi chegou à cidade com seu exército e obteve a vitória, que estava sendo estruturada havia anos.

**12.30** — *Um talento de ouro.* A coroa pesava cerca de 33 Kg. Era um exemplo da opulência do espólio da cidade, que se configurou em *mui grande despojo*. É possível que a coroa fosse um símbolo do deus dos amonitas Milcom (1 Rs 11.5).

**12.31** — *Fê-lo passar a serras, e a picaretas, e a machados de ferro.* A política externa da antiga Israel foi anunciada em Deuteronômio 20. Os israelitas deveriam exterminar os cananeus e subjugar as outras nações como um juízo de Deus pelos pecados desses povos. Davi puniu os amonitas com jornadas de trabalhos forçados em que se utilizavam várias ferramentas e implementos.



### VOCÊ SABIA?

#### HUMILHAÇÃO PÚBLICA

Deus prometeu que as esposas de Davi seriam violentadas por um membro de sua própria família (2 Sm 12.11,12). Esta profecia foi cumprida quando Absalão se deitou com as concubinas de Davi (2 Sm 16.21,22). No entanto, a punição ao rei envolveu mais do que humilhação pública. Isso seria compreendido pelo povo como se Davi tivesse sido depositado por outro governante.

**12.22** — As palavras *quem sabe* nos dão uma notável compreensão do significado da oração. Caso haja qualquer possibilidade de Deus intervir

**13.1** — Absalão e Tamar eram filhos de Davi com Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur (2 Sm 3.3). Amnom, primogênito de Davi, era filho de Ainoã, a mulher de Jezreel (2 Sm 3.2). De acordo com o uso da forma verbal *amou-a*, entende-se que o amor de Amnom por sua meia-irmã estava contaminado com paixão e luxúria.

**13.2** — *E parecia, aos olhos de Amnom, dificultoso fazer-lhe coisa alguma.* O casamento entre irmãos ou meios-irmãos era proibido pela lei mosaica (Lv 18.11).

**13.3** — Jonadabe era primo tanto de Amnom quanto de Tamar. A palavra em hebraico traduzida como *sagaz* (*hakam*) é usada em outras passagens para caracterizar aqueles que são sábios, tecnicamente habilidosos ou experientes.

**13.4-6** — *Tanto emagreces.* O desejo de Amnom por sua irmã o tornou obsessivo; ele adotou um estilo de vida autodestrutivo, que, infelizmente, atingiria outras pessoas. Jonadabe inventou um plano, apontado pela sentença *finje-te doente*, para atrair a ingênua Tamar para o quarto de Amnom. Fingir estar doente seria uma maneira de receber a solidariedade de Tamar e evitar os protocolos.

**13.7-11** — *Vai a casa de Amnom, teu irmão.* Aparentemente, os príncipes tinham residências separadas. Isto permitiu a Amnom colocar seu plano diabólico em ação sem o conhecimento dos outros membros da família. Ao chegar à casa de seu irmão, Tamar *fez bolos diante dos seus olhos*. Do quarto, ele podia ver o local onde os bolos estavam sendo preparados.

**13.12** — Enquanto os cananeus e os estrangeiros aprovavam tal prática, o incesto era proibido entre os israelitas (Lv 18.9,11;20.17). A palavra *loucura* traduz um termo (*neblâ*) usado em inúmeros trechos para se referir a um grave pecado ou a uma ofensa sexual (Gn 34.7; Jz 20.6).

**13.13** — A palavra traduzida como *loucos* está relacionada com o vocábulo traduzido como *loucura* no versículo 12. Enquanto a Lei proibia o casamento incestuoso (Lv 18.11), esta regra pode nem sempre ter sido estritamente observada, por isso a declaração de Tamar *porque não me negará a ti*. Também é possível que Tamar tenha feito essa

sugestão como uma maneira de escapar do perigo imediato que corria, sem nenhum pensamento real na possibilidade de um casamento.

**13.14** — *A forçou.* Este verbo também pode significar *ele a humilhou*. Por vezes, vítimas de estupro enfatizam mais a humilhação por que passaram do que a dor física que sofreram.

**13.15** — *Amnom a aborreceu com grandíssimo aborrecimento.* Uma vez satisfeita, a paixão de Amnom, cheia de luxúria, transformou-se em ódio. Provavelmente, também houve certa dose de autodesprezo.

**13.16** — As palavras no final deste versículo, *porém não lhe quis dar ouvidos*, repetem-se no versículo 14.

**13.17** — É difícil traduzir o desprezo de Amnom por Tamar. Ao referir-se a ela, Amnom mandou seu servo deitá-la fora num tom que alguém usaria para ordenar que se despejasse o lixo.

**13.18** — *E trazia ela uma roupa de muitas cores.* O significado exato desta frase é debatido; estudos recentes sugerem que ela se refere a um longo vestido com mangas.

**13.19** — *Tamar tomou cinza sobre a sua cabeça, e a roupa de muitas cores que trazia rasgou.* Estes eram sinais tradicionais de tristeza e luto entre os povos do antigo Oriente Médio (Jó 1.20;2.12), bem como pôr *as mãos sobre a cabeça* (Jr 2.37). Tamar tinha muito a lamentar. Ela havia perdido sua virgindade. Envergonhada por seu próprio irmão, estava praticamente morta, pois a perspectiva de conseguir um casamento e formar uma família estava arruinada.

**13.20** — *Cala-te [...] Não se angustie o teu coração por isso.* As palavras de Absalão pareciam frias e duras. Aparentemente, ele queria evitar um escândalo público. Absalão planejava vingarse, mas desejava esconder seu plano nesse momento. O termo usado para caracterizar Tamar quando ela vivia na casa de seu irmão Absalão, *solitária*, é empregado para descrever cidades destruídas e terras arruinadas (Is 6.11).

Não temos a menor ideia do destino de Tamar após o ocorrido; nenhuma informação posterior sobre sua vida é encontrada na Bíblia. É provável que ela tenha vivido em desolação, por

um período, sob a proteção de Absalão. Tempos depois, este deu à sua filha o nome Tamar (2 Sm 14.27), talvez em homenagem à irmã.

**13.21,22** — Davi *muito se acendeu em ira* com o estupro de Tamar, cometido por Amnom, mas não fez nada para punir seu filho, talvez porque este era o seu primogênito (2 Sm 3.2) e esperava-se que ele o sucedesse no trono. Amnom merecia a pena de morte (Lv 20.17).

**13.23,24** — Absalão atrasou sua vingança por *dois anos inteiros*, evidentemente para pegar Amnom desprevenido. Absalão planejou matar seu irmão para vingar o estupro de sua irmã e talvez para aumentar suas chances de reclamar o trono. Tendo cuidadosamente projetado o assassinato de Amnom, Absalão convidou os filhos do rei para um festival de tosquidores em *Baal-Hazor*, uma montanha a cerca de 15 milhas ao norte de Jerusalém. Nesta passagem, *Efraim* não é a tribo, mas uma cidade a aproximadamente duas milhas ao sul de Baal-Hazor (2 Cr 13.19; Jo 11.54).

**13.25** — Davi rejeitou o convite, explicando que não queria ser um peso para Absalão, *mas o abençoou*. Davi queria bem a Absalão. Dado o desfecho da história, a lembrança dessa bênção deve ter sido uma tristeza para Davi (v. 36).

**13.26,27** — *Para que iria ele contigo?* O pedido de Absalão parece ter levantado as suspeitas de Davi. Afinal, Davi sabia sobre a inimizade entre os dois irmãos (v. 22). Todavia, Absalão persuadiu seu pai a permitir que Amnom e o restante dos filhos do rei fossem à celebração.

**13.28** — Os servos de Absalão receberam a ordem para atacar Amnom quando o *coração* dele estivesse *alegre de vinho*, ou seja, após a bebida ter neutralizado seus sentidos. As palavras *não sou eu quem vo-lo ordena?* indicam que Absalão assumiria a total responsabilidade pelo assassinato.

**13.29** — Temendo por suas próprias vidas, os filhos do rei fugiram, cada um em seu *mulo*. Esse animal, resultado do cruzamento de um burro com um cavalo, combina o tamanho e a força do cavalo com a estabilidade e a persistência do burro. Embora os israelitas fossem proibidos de criar tais híbridos (Lv 19.19), mulos foram importados por

Israel. Eram a montaria favorita da realeza durante esse período (2 Sm 18.9; 1 Rs 1.33).

**13.30** — *Absalão feriu todos os filhos do rei, e nenhum deles ficou*. A notícia que chegou a Davi foi deveras exagerada, o que deve ter sido completamente chocante para ele.

**13.31** — *Rasgou as suas vestes*. Rasgar as roupas era sinal de luto e tristeza (2 Sm 1.11; 13.19).

**13.32** — *Jonadabe*, primo de Amnom e Tamar, ajudou este a planejar o seu encontro com Tamar (v. 3). *Siméia* era o irmão mais velho de Davi, o terceiro filho de Jessé (chamado de Samá em 1 Sm 16.9; 17.13 e de Siméia em 1 Cr 2.13). Jonadabe sabia que a traição de Absalão vinha sendo preparada desde o estupro de Tamar, cometido por Amnom.

**13.33** — *Porque só morreu Amnom*. Estas palavras de Jonadabe são uma estranha consolação. Era verdade que apenas um dos filhos de Davi estava morto, não todos eles (v. 30). Ainda assim, tratava-se de um dos filhos de Davi, e do mais velho. Além disso, as palavras ditas ao rei, *não meta, pois, agora, na cabeça o rei, meu senhor, tal coisa*, fazem lembrar o que Absalão dissera à sua irmã traumatizada (v. 20). Este é um pequeno conforto para uma pessoa de luto.

**13.34,35** — *Absalão fugiu*. Esta afirmação é repetida três vezes (v. 37,38) para contrastar a fuga de Absalão com o retorno dos outros filhos de Davi. A expressão *o moço que estava de guarda* se refere ao vigia que permanecia nos muros da cidade, cujo trabalho era alertar os cidadãos contra os perigos iminentes (Ez 3.17).

**13.36** — *Choraram*. O festival se transformou em lamento. O estupro de uma filha levava ao assassinato de um filho. A desintegração da família de Davi continuou. Os filhos e servos choraram. O rei chorou.

**13.37,38** — *Talmai* era o avô de Absalão e o pai de Maaca, uma das esposas de Davi (2 Sm 3.3). Ele governou como rei da Transjordânia, território de *Gesur*, a nordeste do mar da Galiléia. A declaração *e Davi pranteava a seu filho todos os dias* indica que esse luto provavelmente se referia a Amnom, que havia sido morto. Mas, de alguma forma, é ambígua, se compreendida no contexto do exílio

de Absalão. Talvez a tristeza de Davi também fosse decorrente do exílio de Absalão, pois este fato foi uma dor intensa para o rei (v. 39).

**13.39** — Como o luto de Davi pela morte de Amnon gradualmente diminuiu, *o rei Davi cessou de perseguir a Absalão*. É provável que Davi quisesse ver Absalão, mas tenha achado inapropriado em meio às circunstâncias ou impossível, devido à distância e aos compromissos reais.

**14.1-33** — Este capítulo descreve o meio sutil pelo qual Joabe, delicadamente, persuadiu Davi a chamar Absalão de volta para Jerusalém.

**14.1** — *Percebendo, pois, Joabe [...] que o coração do rei*. A longa convivência de Joabe com o rei permitiu àquele conhecer os pensamentos deste. Joabe sabia que Davi ansiava por reconciliar-se com seu filho, Absalão. Contudo, apesar de algumas pressões externas, o rei não estava disposto a dar o primeiro passo.

**14.2** — *Tecoá*, a cidade natal do profeta Amós, ficava na fronteira com a região montanhosa, a cerca de seis milhas ao sul de Belém. Desse local, Joabe mandou trazer a Jerusalém *uma mulher sábia*. Os leitores da Bíblia estão familiarizados com várias vocações existentes na antiga Israel, tais como reis e sacerdotes, profetas e senhores de terras. No entanto, sabem pouco sobre o movimento de sabedoria.

Ao lado de outros segmentos, *os sábios eram aqueles que tinham habilidades e talentos particulares para entender o comportamento humano, e possuíam discernimento sobre a forma como o mundo de Deus funciona* (veja o significado dessa palavra no comentário de 2 Sm 13.3).

A mulher que Joabe mandou buscar em Tecoa deve ter sido uma pessoa sábia e bem conhecida na sua região, mas ela não estava entre os sábios conselheiros do rei, pessoas que seriam facilmente reconhecidas. O termo *sábio* (hb. *hakamâ*, o feminino de *hakam*) sugere a ideia de habilidades técnicas, aptidão, experiência. Essa mulher era experiente em lidar com relacionamentos interpessoais e habilidosa em dirimir as diferenças e reconciliar as partes (2 Sm 20.16).

A ordem de Joabe à mulher, *não te unjas com óleo*, deveu-se ao fato de que o azeite era usado

nos tempos antigos como uma loção hidratante que fazia a pele e o cabelo brilharem. Seu uso era associado com a comemoração e a alegria (Sl 104.15;133.2).

**14.3-5** — Joabe transmitiu à mulher a história que deveria ser contada ao rei. Por ser uma mulher sábia (v. 2), ela saberia como argumentar diante das respostas e perguntas de Davi. A sentença *inclinando-se, prostrou-se com o rosto em terra* aponta que a mulher se curvou perante o rei, a princípio, como um sinal de seu pedido de ajuda. A expressão *prostrar-se com o rosto em terra* também é usada para se referir ao ato de curvar-se perante Deus para adorá-lo. Apesar de a mulher haver se apresentado como *viúva*, a frase *morreu meu marido* pode ter sido acrescentada para imprimir um tom emocional ao discurso.

**14.6** — A menção de *dois filhos* deve ter chamado a atenção de Davi; não teria como ele ficar insensível quando a mulher descreveu um filho matando o outro.

**14.7** — *Para que o matemos*. A punição para quem cometia assassinato era a morte. A questão estava clara, mas as consequências para a mulher eram intoleráveis. Neste sentido, ela usou a imagem da extinção de sua família: *assim, apagarão a última brasa que me ficou*. O desaparecimento do nome de uma família e a destruição de um sobrevivente ou de uma linhagem eram pontos cruciais para o povo hebreu.

**14.8** — Davi, aparentemente, queria despachar a mulher com a promessa de uma ação futura. Talvez ele estivesse tentando evitar defender o filho culpado, que era digno da morte. É provável que o rei quisesse ouvir seus conselheiros ou orar ao Senhor por uma direção.

**14.9,10** — *A culpa, ó rei, meu senhor, caia sobre mim e sobre a casa de meu pai*. A mulher, persistente, expressou sua vontade de assumir qualquer culpa se Davi permitisse que o sangue do filho dela ficasse impune. Davi lhe deu garantias de que a protegeria, mas ele não seria capaz, nesse momento, de oferecer proteção ao filho dela.

**14.11,12** — No hebraico, a expressão *os vingadores do sangue* une o termo às vezes traduzido como *resgatador* à palavra *sangue*. O resgatador



era o defensor dos direitos da família. Na presente situação, esperava-se que o protetor da família executasse a vingança contra aquele que havia tirado a vida de um membro da família. Cidades de refúgio haviam sido estabelecidas nos tempos de Moisés para amparar os vingadores do sangue quando a morte tivesse sido acidental (Nm 35.9-34). Neste caso, a mulher pressionou Davi com respeito ao filho dela. Então, o rei prometeu *que não há de cair no chão nem um só dos cabelos de teu filho*.

**14.13** — *Por que pensas tu doutro modo contra o povo de Deus?* Ao questionar isso, a mulher acusou Davi de fazer ao povo aquilo que o inimigo dela estava tentando fazer-lhe (v. 7): degredar o herdeiro do trono. Embora não tivesse sido formalmente banido, Absalão estava em seu extenso exílio de Israel, por isso o uso da expressão *o seu desterrado*.

**14.14** — *Porque temos de morrer.* A mulher poderia estar referindo-se a Amnom (2 Sm 13.28-33). Amnom estava morto; logo, nenhum tipo de punição contra Absalão o traria de volta à vida. A declaração *Deus não tira a vida* indica que a vontade de Deus é perdoar os pecadores. Neste sentido, o exemplo do Senhor é colocado num contraste significativo com a atitude de Davi, que havia se recusado a perdoar seu filho Absalão.

**14.15** — Após discorrer sobre o tratamento de Davi para com Absalão, a mulher voltou a falar sobre a família dela. Ao afirmar *o povo me atemorizou*, a mulher disse que estava com medo de perder seu filho para os vingadores do sangue (v. 7).

**14.16** — *Homem que intenta destruir tanto a mim como a meu filho.* Apesar de a vida da mulher não estar em risco, a morte de seu filho significaria a extinção da família dela, o que a privaria de compartilhar no futuro uma porção das obras de Deus no meio do Seu povo.

**14.17,18** — *Como um anjo de Deus.* A mulher sugeriu que o rei tivesse uma habilidade sobrenatural no exercício do julgamento. Ela usou elogios e um apelo por misericórdia para conseguir que Davi agisse.

**14.19,20** — Davi reconheceu *a mão de Joabe* no enigma da mulher. Ela explicou que Joabe estava apenas tentando ser um agente para uma

mudança no relacionamento entre Davi e Absalão. Ao declarar *porém sábio é meu senhor*, a sábia mulher mostrou que tinha ciência de que não estava lidando com um tolo. Nessa sentença, *sábio* é o termo masculino que corresponde a ela como *mulher sábia* (v. 2). Ela usou elogios para persuadir Davi, dizendo que a sabedoria dele era quase divina: *segundo a sabedoria de um anjo de Deus*.

**14.21,22** — *O rei fez segundo a palavra do seu servo.* Aparentemente, Joabe havia feito outras tentativas para promover a reconciliação entre Davi e Absalão.

**14.23** — A indisposição de Davi para ir pessoalmente a Gesur talvez reflita certa relutância em perdoar ao seu filho. Gesur ficava ao norte do mar da Galiléia. Talmai, avô de Absalão e pai de Maaca, uma das esposas de Davi, governava a região (2 Sm 3.3;13.37).

**14.24-26** — *E não veja a minha face.* Davi se recusou a encontrar imediatamente com seu filho porque não havia esquecido o crime hediondo que Absalão praticara. Absalão devia estar com a aparência da realeza, pois *não havia, porém, em todo o Israel homem tão celebrado por sua beleza como Absalão*. Muitos podem tê-lo visto como o próximo rei de Israel. Por seu charme e apelo pessoal, ele posteriormente conseguiu liderar a nação em uma rebelião contra o seu pai, Davi (2 Sm 15.1-12). A referência ao *cabelo* longo de Absalão provê o contexto para o relato de sua morte (2 Sm 18.9). *Duzentos siclos* eram um peso considerável, cerca de dois quilos e meio.

**14.27,28** — Além de três filhos, Absalão teve uma filha, à qual chamou *Tamar*, talvez em homenagem à irmã dele (2 Sm 13.1). Aparentemente, os filhos de Absalão morreram durante a infância. Quando ele estabeleceu um pilar em Jerusalém em memória de seu nome, Absalão mencionou que não tinha filhos (2 Sm 18.18).

**14.29-31** — A falha de Joabe em atender às convocações de Absalão parece incompatível com seus esforços anteriores para trazer o filho do rei de volta a Jerusalém (v. 22). A recusa de Joabe em ir até Absalão, sem dúvida, contribuiu para o crescente ressentimento de Absalão em relação à casa real.



## ENTENDENDO MELHOR

### UM SINAL DE FORÇA

Absalão parece ter tido muito orgulho de seu cabelo, que, aparentemente, era tão comprido e grosso que pesava alguns quilos quando ele o cortava a cada ano (2 Sm 14.26).

Na antiga Israel, ter uma grande quantidade de cabelo era considerado um sinal de força e vigor. Assim, Sansão usava o cabelo comprido, embora ele fizesse isso porque estava sob um voto de nazireado. Seu cabelo era o segredo de sua força (Jz 13.3-5; 16.17). A calvície, por outro lado, era tida como uma desgraça (2 Rs 2.23).

Tanto a morte de Sansão quanto a de Absalão estavam relacionadas com o cabelo deles (portanto, com a sua força). Quando Sansão revelou a Dalila o segredo de sua força, os filisteus cortaram os cabelos dele e exibiram-no no templo de Dagom em Gaza, onde Sansão destruiu a própria vida para se vingar (Jz 16.15-30).

Do mesmo modo, quando Absalão fugiu da derrota de seu exército no bosque de Efraim, sua cabeça ficou presa numa árvore de terebinto e ele foi derrubado de seu mulo. Muitos acreditam que o cabelo dele tenha sido a causa desse acidente, que o tornou uma presa fácil para seus perseguidores (2 Sm 18.9-15).

**14.32** — *Vem cá, para que te envie ao rei.* Talvez Joabe tenha se ressentido por ser tratado como um servo de Absalão. Ao declarar *se há ainda em mim alguma culpa, que me mate*, Absalão pediu que sua ofensa fosse punida ou totalmente perdoada.

**14.33** — *O rei beijou a Absalão.* O beijo foi o símbolo da reconciliação entre eles. Embora Davi e Absalão estivessem reconciliados, as sementes de amargura que haviam sido plantadas logo frutificariam, gerando conspiração e rebelião. Davi protelou para chegar a um acordo com seu filho, e isso acabou culminando num desastre. Neste momento, porém, havia paz.

**15.1—18.33** — Este trecho registra a rebelião e a conspiração de Absalão e relata como Davi foi forçado a fugir de Jerusalém quando seu filho usurpou o trono. Esta é uma clássica ilustração de “você colhe o que planta”. Davi semeou o fruto de um longo atraso em reconciliar-se com Absalão. O rei havia estado na infeliz posição de ter de perdoar um filho que ele amava por matar outro filho que ele amava que havia estuprado uma filha que ele também amava. Todavia, o duro e imperdoável tratamento de Davi para com Absalão (2 Sm 14.24-32) foi considerado como um insulto, que levou o filho do rei a um ato de traição.

**15.1-3** — *Carros, e cavalos, e cinqüenta homens que corressesem adiante dele.* Este tratamento real pretendia atrair a atenção para Absalão e fazer com que o povo se lembrasse do relacionamento

de Absalão com Davi como herdeiro do trono (1 Rs 1.5). Os mensageiros iam à frente do filho do rei e anunciavam a chegada dos seus carros. Absalão ficava de pé ao longo do *caminho* em direção ao palácio real recebendo as pessoas e mostrando interesse pelos visitantes que tinham vindo a Jerusalém para apresentar seus casos ao rei.

Absalão se insinuava para as pessoas. Apenas aqueles que realmente tinham uma queixa faziam a árdua viagem a Jerusalém na esperança de obterem favor do rei. Quando lhes era dito que estavam certos, *os teus negócios são bons e retos*, mas que a presente administração não poderia ajudá-los, a frustração deles apenas aumentava. A mensagem implícita no comentário de Absalão, *não tens quem te ouça da parte do rei*, era que Davi estava muito ocupado para ouvir os casos das pessoas, ainda muito ciumento de sua própria autoridade para delegar essa tarefa a alguém.

**15.4** — *A justiça* e o relacionamento entre as pessoas de acordo com o padrão de retidão de Deus eram as principais preocupações dos governantes e profetas do Antigo Testamento (2 Sm 8.15; 1 Rs 3.28; 10.9; Is 1.17; Am 5.24). Absalão estava jogando com as emoções das pessoas quando se apresentava como a resposta para as necessidades delas de justiça, mas ele não tinha nada para lhes dar.

**15.5,6** — Quando alguém se aproximava de Absalão com uma demonstração de reverência



## PERFIL

## UM ROUBO DE CORAÇÕES NOS PORTÕES DA JUSTIÇA

Uma forma de conquistar um seguidor é criticar um sistema público e depois levar as pessoas a acreditarem que você pode solucionar o problema, se lhe for dado o poder para isso. Essa foi a estratégia pela qual *furtava Absalão o coração dos homens de Israel* (2 Sm 15.6).

Absalão escolheu o sistema de justiça de Israel como sua plataforma política para, a partir dela, atacar seu pai, Davi. Como rei, Davi era, em última instância, o responsável por avaliar as questões legais do reino. Aparentemente, o sistema não funcionava de maneira tão eficiente quanto deveria, fato este que Absalão explorou (2 Sm 15.3). Ele se posicionou perto da *porta* (2 Sm 15.2), a qual era o portão da cidade, onde as transações comerciais, civis e judiciais eram realizadas, ou a porta do palácio. Nesse local, Absalão interceptava as pessoas que iam a Davi levar seus casos e obter soluções para estes.

Absalão, talvez temendo que a justiça verdadeira se afirmasse contra os planos traiçoeiros dele, lançou mão de 50 guardacostas e de um contingente de carros e cavalos. Davi deveria ter suspeitado de um batalhão tão grande de homens defendendo um já conhecido rebelde. Ainda assim, aparentemente, o rei ignorou a ameaça que estava estabelecendo-se em seu reino, bem perto, do lado de fora, nos portões da justiça.

ou respeito, o príncipe estendia a *sua mão*, como alguém faria com o seu semelhante, e beijava a pessoa. Nos tempos antigos, um *beijo* poderia funcionar como um cumprimento, um sinal de amizade, afeição e lealdade (2 Sm 19.39). Por meio de seu charme e suas promessas, Absalão conseguiu conquistar o carinho e a fidelidade dos israelitas; por isso, é afirmado que *furtava Absalão o coração dos homens de Israel*.

**15.7,8** — Absalão buscou a permissão de Davi para se mudar para *Hebrom*, cerca de 20 milhas ao sul de Jerusalém, onde ele teria mais liberdade para começar uma rebelião. Uma vez que Absalão tinha nascido em Hebrom (2 Sm 3.2,3), não pareceria estranho a Davi que seu filho quisesse pagar lá o voto que fizera ao Senhor. *Gesur, na Síria*, era a região ao norte do mar da Galiléia.

**15.9** — Quão vazias as palavras *vai em paz* devem ter soado a Davi tempos depois, quando ele as relembrava. O rei, com sua bênção, enviou seu filho a Hebrom para um novo compromisso com *Yahweh* e para servir ao Senhor. Na verdade, Davi liberara Absalão para fazer algo terrível, para executar sua própria destruição.

**15.10** — *E enviou Absalão espias*. Longe do olhar atento de Davi e daqueles que eram leais ao rei, Absalão começou a recrutar conspiradores e simpatizantes para se juntar a ele na revolta que estava por vir. O *slogan Absalão reina em Hebrom* intencionalmente aludia ao reinado de

Davi, pois este havia sido ungido rei em Hebrom (2 Sm 2.1-7; 5.1-5).

**15.11** — Absalão convidou *duzentos* homens acima de qualquer suspeita para se juntar a ele em Hebrom no suposto cumprimento de seu voto (v. 7,8). Não havia dúvidas de que eles dariam seu apoio a Absalão quando se dessem conta do que estava acontecendo.

**15.12** — *Aitofel* era de Gilo, uma cidade localizada nas montanhas de Judá (Js 15.51).

**15.13** — *O coração de cada um em Israel segue a Absalão*. Com essas práticas enganosas, Absalão conquistou a solidariedade e o apoio dos israelitas. Uma das razões pelas quais ele pode ter sido capaz de fazer isso foi a turbulenta ascensão de Davi ao poder. Quando o governo de Davi em Judá ficou restrito a Hebrom (cap. 2), ele foi desprezado pelos apoiadores de Saul no restante da nação. Suspeitas e ressentimentos antigos poderiam ressurgir por uma pessoa que sabia como manipular o povo para ser beneficiada, uma habilidade vergonhosa na qual Absalão se notabilizou.

**15.14** — *Levantai-vos, e fujamos*. Parece que Davi foi completamente surpreendido. Ele não estava preparado para enfrentar a rebelião de Absalão. O rei fugiu de Jerusalém para não arriscar sua vida desnecessariamente e para evitar a tragédia de um golpe militar na capital da cidade.

**15.15,16** — A fidelidade dos *servos* de Davi pode ter sido um verdadeiro encorajamento num

tempo de tamanha deslealdade por parte da própria família do rei.

**15.17** — Após deixar Jerusalém, Davi e a família real pararam na fronteira leste da cidade antes de atravessar o Cedrom (v. 23), para permitir que seus guarda-costas passassem adiante e inspecionassem a área (v. 18). A necessidade de fugir do palácio era imediata. No entanto, antes que os aliados de Davi sássem em fuga, ele os reuniu para fazer uma análise da situação e planejar o próximo passo.

**15.18** — Os *quereteus* e os *peleteus* eram as unidades de elite do exército de Davi. Essas tropas de confiança do rei não eram compostas por israelitas, mas por mercenários de inúmeras nações, entre elas Creta e Filístia. Eles acompanhavam Davi havia anos, deviam a ele sua lealdade, e defenderiam o rei e sua família até a morte. Os *geteus* eram soldados mercenários filisteus que Davi havia recrutado durante sua estada em Gate (1 Sm 21.10-15) ou eram os seguidores originais de Davi, vindos de Gate (1 Sm 23.13).

**15.19** — *E fica-te com o rei.* Davi deu aos seus mercenários estrangeiros a chance de deixá-lo. Como estrangeiros, eles não eram obrigados a lutar na guerra civil que se aproximava.

**15.20** — *Ontem, vieste.* Este é um exagero óbvio, mas reflete o fato de que a associação de Itai com Davi foi curta. Esse homem não tivera com Davi o relacionamento longo que as tropas mencionadas no versículo 18 tiveram. Em sua bênção a Itai, Davi usou a linguagem da aliança da fé bíblica: *com beneficência e fidelidade.*

**15.21,22** — *Vive o SENHOR.* Com estas palavras, o oficial militar estrangeiro declarou sua fé inabalável e seu comprometimento com o Deus de Israel. Essa frase traduz o mais intenso juramento, e ela distinguiu o verdadeiro crente em vários períodos da história de Israel (1 Rs 17.1,12;18.10). A declaração *seja para morte seja para vida*, proferida por Itai, é semelhante àquela pronunciada por uma estrangeira que veio a confiar em Deus — Rute, de Moabe (Rt 1.16,17). A última tarefa delegada a Itai, comandar um terço do exército do rei (2 Sm 18.2), foi um modo de Davi demonstrar a ele sua gratidão por tamanha lealdade.

**15.23** — *O ribeiro de Cedrom* é um pequeno riacho que corre pelo vale separando Jerusalém e o monte das Oliveiras durante a estação chuvosa (de outubro a março). A expressão *na direção do caminho do deserto* se refere à estrada que passa pelo deserto de Judá e fica entre Jerusalém e Jericó, para baixo das margens do rio Jordão.

**15.24-26** — *Zadoque* e *Abiatar* eram os principais sacerdotes durante o reinado de Davi. Eles eram leais ao rei. Queriam trazer a *arca*, que Davi havia trazido para Jerusalém com uma grande celebração (cap. 6), *de volta à cidade.* Era Davi quem estava indo para o exílio, não o Senhor; o símbolo da presença de Deus com o Seu povo permaneceria no lugar de adoração para toda a comunidade.

Davi confiou essa situação ao soberano cuidado de Deus e à Sua vontade ao declarar: *ele me tornará a trazer para lá.* Neste sentido, observa-se



## EM FOCO

### ARCA (HB. ÁRON)

(2 Sm 6.2;15.24; Êx 25.10; 1 Sm 4.3)

Esta palavra hebraica pode ser traduzida como *caixa* (2 Rs 12.9 NVI) ou *caixão* (Gn 50.26), mas, geralmente, aparece na expressão *aron haberith*, que significa *arca da aliança*. A arca era uma caixa de madeira revestida de ouro externa e internamente (Êx 25.10-22) contendo os Dez Mandamentos (Êx 40.20), a vara de Arão e um vaso de ouro com maná (Hb 9.4). Ela ficava no santíssimo para lembrar a aliança de Israel com Deus e a Sua presença entre o povo.

Quando os israelitas se tornaram relapsos com a arca (1 Sm 4.1-11), Deus permitiu que ela fosse capturada para demonstrar que Seu concerto com eles transcendia símbolos e superstições. O que o Senhor requeria era uma obediência contínua à Sua aliança e um coração contrito entregue a Ele (Sl 51.17; Is 57.15).

um contraste da submissão de Davi à vontade do Senhor com as palavras enganosas de Absalão (v. 8). Quanto ao termo *a sua habitação*, refere-se ao tabernáculo que havia sido estabelecido para abrigar a arca (2 Sm 7.6).

**15.27** — *Não és tu, porventura, o vidente?* Um profeta poderia originar-se de qualquer tribo, mesmo de entre os filhos de Arão. Por isso, um sacerdote também poderia ser um profeta do Senhor (Zc 1.1). Davi queria que os sacerdotes permanecessem em Jerusalém para interceder diante de Deus por ele e ministrar no tabernáculo. Talvez Deus lhes concedesse uma mensagem que eles poderiam transmitir ao rei.

**15.28** — *Nas campinas do deserto.* Este local era o vale do Jordão perto de Jericó. Como explicarão posteriormente os versículos 35 e 36, Zadoque e Abiatar deveriam ter ficado em Jerusalém a fim de colher informações para Davi, conforme demonstra a afirmação do rei *até que tenha novas vossas*. Eles poderiam transmitir a Davi tanto uma mensagem do Senhor como as notícias sobre as ações dos inimigos.

**15.29** — *Tornaram a levar para Jerusalém.* Era Davi que estava indo para o exílio, não o Senhor. O símbolo da presença de Deus no meio de Seu povo continuaria no lugar de adoração para a comunidade.

**15.30** — *E com a cabeça coberta; e caminhava com os pés descalços.* Estes eram sinais externos de luto (Jr 14.3; Ez 24.17). A *subida das Oliveiras* (ou *monte das Oliveiras*) estava localizada a leste de Jerusalém.

**15.31** — *Aitofel* era o avô de Bate-Seba (2 Sm 11.3). Como conselheiro sábio (2 Sm 16.23), tinha estado a serviço de Davi (v. 12), mas passou a apoiar Absalão. Neste sentido, a oração de Davi foi para que seus inimigos fossem confundidos. O nome *Aitofel* pode significar *irmão da loucura*. Se assim for, deve ter sido um nome dado a ele posteriormente por causa de sua falha com Davi.

**15.32-34** — *Onde se costuma adorar a Deus.* Antes da construção do templo de Jerusalém, havia um lugar de adoração localizado no monte das Oliveiras. Ao chegar a esse local, Davi encontrou *Husai*, que provou ser um amigo leal do rei

(2 Sm 15.37;16.16). Esse homem foi denominado *arquita*, nome de um povo que vivia no sul das imediações de Efraim, entre Betel e Atarote (Js 16.2). O manto rasgado de Husai e a *terra sobre a cabeça* eram sinais de tristeza (2 Sm 1.11;13.19). Em vez de ser convidado a juntar-se aos seguidores de Davi, Husai foi orientado a voltar para Jerusalém, a fim de evitar o conselho de Aitofel a Absalão.

**15.35,36** — A Husai foi designado o importante papel de transmitir informações sobre o inimigo a Davi por intermédio de *Zadoque* e *Abiatar*, bem como dos filhos destes sacerdotes, *Aimaás* e *Jônatas*.

**15.37** — A palavra *amigo* pode significar *conselheiro* ou *orientador* (1 Rs 4.5).

**16.1** — *Ziba*, um antigo servo de Saul e *Mefibosete*, ajudou Davi e seu grupo com provisões para a fuga inicial. Dentre os suprimentos estavam *frutas de verão*, provavelmente figos temporários (Mq 7.1) ou pasta de figos assados (1 Sm 25.18), e um *odre de vinho*. Nos tempos antigos, o vinho era carregado em recipientes feitos de pele de animais. A pele se expandia com o líquido à medida que o vinho fermentava (Mt 9.17).

**16.2** — *Os jumentos são para a casa do rei.* Uma vez que um casal de jumentos (v. 1) não seria suficiente para transportar a família real, esses animais devem ter servido para atender às esposas de Davi, a fim de que fossem levadas de volta.

**16.3** — *O filho de teu senhor é uma referência a Mefibosete.* *Ziba* tinha estado a serviço de *Jônatas*, pai de *Mefibosete* (2 Sm 9.2,9). De acordo com *Ziba*, *Mefibosete* permaneceria em Jerusalém na esperança de ascender ao trono por meio da rebelião de Absalão, como se verifica na declaração *hoje, me restaurará a casa de Israel o reino de meu pai*. Embora Davi tivesse mostrado uma preocupação especial com *Mefibosete* (cap. 9), este talvez tenha pensado que poderia ser o momento ideal para promover a dinastia de Saul.

**16.4** — Em meio à desolação que Davi estava experimentando, após ter fugido de seu filho Absalão, as declarações e atitudes leais dos estrangeiros devem ter sido reconfortantes. Primeiro, *Itai*, o filisteu de Gate, agiu com coragem ao

aliar-se resolutamente a Davi (2 Sm 15.19-23). Agora, sem nada a ganhar nas presentes circunstâncias, um servo idoso de Saul trouxe jumentos, comida e vinho a Davi, bem como um aviso com relação ao seu próprio senhor, Mefibosete, que estava planejando usar a confusão em Jerusalém para seu próprio benefício.

**16.5** — *Baurim* ficava próximo a Jerusalém, a leste do monte das Oliveiras (2 Sm 3.16). *Simei*, filho de Gera, era um parente distante de Saul (2 Sm 19.16-23; 1 Rs 2.8,9,36-46), o qual *ia amaldiçoando*. Este ato não se configurava em simples insultos ou meras palavras de alguém com lábios impuros. Simei estava pedindo a Deus que destruisse Davi (Nm 22.6).

**16.6** — *E apedrejava com pedras*. Atirar pedras era um gesto de desprezo, como se o rei em fuga fosse um mero cão de rua. As pedras também eram consideradas armas perigosas, pois o apedrejamento era um modo usual de punição grave entre os hebreus (1 Rs 21.13). O termo *todos os valentes* se refere às tropas e aos guarda-costas reais (2 Sm 17.8).

**16.7,8** — As palavras *sai, sai* também podem ser interpretadas como “Saia” (banido ou exilado) ou “Vá embora!”. Davi era um homem de guerra, e ele era o culpado da morte de Urias (2 Sm 11.14-27); por isso, foi chamado *homem de sangue*. Entretanto, Simei culpou Davi pela morte da família de Saul (v. 5), uma acusação injusta (cap. 1). *Homem de Belial* foi um insulto a Davi que significa *indigno ou inútil*. A expressão *todo o sangue da casa [de] Saul* talvez se refira aos assassinatos de Isbosete e Abner, embora Davi fosse completamente inocente dessas mortes (2 Sm 3.22—4.12).

**16.9** — *Abisai* era sobrinho de Davi, filho de *Zeruia*, irmã do rei (1 Cr 2.16). Era bastante dedicado a Davi (2 Sm 19.21,22; 1 Sm 26.8). O termo que Abisai usou para se referir a Simei, *cão morto*, designava, no antigo Oriente Médio, uma coisa completamente desprezível (2 Sm 3.8).

**16.10** — *Que tenho eu convosco...?* Esta expressão significa que Davi não partilhava dos mesmos sentimentos e da mesma opinião que Abisai. O termo *filhos de Zeruia* indica que, aparentemente, Davi considerava que Joabe, também um filho de

Zeruia (1 Cr 2.16), partilhava do desejo de Abisai de matar Simei. Nessa situação, Davi deve ter se lembrado da promessa de Deus de *suscitar o mal sobre ele* por causa de seu pecado com Bate-Seba (2 Sm 12.11). Por isso, interpretou a ofensa de Simei como parte dessa disciplina, o que se verifica pela seguinte declaração do rei: *se o SENHOR lhe disse: Amaldiçoa a Davi*.

**16.11** — Davi argumentou que, se o seu próprio *filho* não lhe demonstrou lealdade, não havia razão para esperar respeito do *filho de Benjamim*, ou seja, de um membro da tribo de Saul.

**16.12-14** — O SENHOR *me pagará com bem*. Davi esperava que o Senhor olhasse para o seu coração arrependido e enviasse uma bênção para compensar a maldição de Simei.

**16.15** — *Aitofel*, anteriormente conselheiro de Davi (2 Sm 15.12), passou a apoiar Absalão (2 Sm 15.31). Nesse contexto, a expressão *os homens de Israel* se refere aos seguidores de Absalão.

**16.16-18** — *Viva o rei, viva o rei!* Husai professou lealdade de forma enganosa a Absalão. De fato, estas palavras poderiam ser facilmente aplicadas a Davi, pois ele era o rei aprovado por Deus. Usando seu discurso com muita perspicácia, Husai foi capaz de levar seus ouvintes a pensarem que ele estava louvando Absalão, quando, na verdade, estava aclamando Davi.

Por meio da denominação *o teu amigo*, Absalão, aparentemente, estava referindo-se ao título de Husai, *amigo de Davi* (2 Sm 15.37). Com palavras bem estruturadas, *senão daquele que eleger o SENHOR*, Husai declarou sua fidelidade a quem o Senhor escolheria como o rei. A verdadeira aliança de Husai, expressa pelos termos *dele serei*, era com Davi, pois Husai sabia que Davi era o eleito de Deus.

**16.19-21** — *Diante de seu filho*. Husai quis dizer que sua aliança com Absalão era uma consequência natural de sua aliança com Davi. Uma vez que era apropriado que o filho sucedesse ao pai, os apoiadores deste também deveriam dar suporte ao novo rei. Husai teve de fazer um esforço considerável para convencer Absalão de seu apoio.

As palavras de Husai podem apresentar mais de um significado: Davi tinha outros filhos, e um



## EM FOCO

CONSELHO (HB. *ETSÁH*)

(2 Sm 17.7; Jó 38.2; Sl 1.1; Pv 8.14)

Este termo hebraico tem dois significados primários: *conselho* e *plano*. Ambos os sentidos são usados para se referir a Deus (Jr 32.19; Is 5.19) e ao homem (2 Rs 18.20; Pv 20.5). Se, por um lado, o conselho do Senhor permanece para sempre, por outro, Ele reduz o conselho das nações a nada (Sl 33.10,11; Pv 21.30). Um dos salmistas orou para ser guiado pelo conselho do Senhor, uma oração que não foi feita pelos povos rebeldes da época de Isaías (Sl 73.24; Is 30.1).

Os reis hebreus buscavam os conselhos dos conselheiros mais velhos, experientes e sábios. Porém, tragicamente, Roboão buscou o conselho de seus companheiros (1 Rs 12.8,13; Ez 7.26). Salomão descreveu aqueles que seguem os conselhos como sábios (Pv 12.15; 19.20), e os salmistas declararam sua confiança nos conselhos de Deus (Sl 16.7; 73.24).

deles, com certeza, iria sucedê-lo em algum momento. Inclusive a última frase, *assim serei diante de ti*, é passível de diferentes interpretações. Com essas palavras, de modo implícito, Husai afirmou que continuaria a ser leal a Davi mesmo enquanto estivesse a serviço de Absalão.

**16.22** — *Concubinas* eram esposas não oficiais. Nos tempos antigos, tomar o harém de um rei era um meio reconhecido de reclamar o trono. Quando Aitofel aconselhou Absalão a ter relações sexuais com as concubinas de Davi, ele sabia que isto selaria a ruptura entre Absalão e Davi. Era uma ação irrevogável. Até este ponto, Absalão poderia ter voltado atrás em tudo o que havia feito e se reconciliado com seu pai. Mas, porque violou o harém de Davi, Absalão sacramentou o afastamento de seu pai.

A *tenda* que ergueram para Absalão *perante os olhos de todo o Israel*, provavelmente, era nupcial. Absalão fez com que todo o povo ficasse sabendo que ele estava envolvendo-se em relações sexuais com as concubinas de seu pai. Colocar a tenda no terrado do palácio foi um ato insolente que garantiria a mobilização dos israelitas de uma maneira ou de outra.

**16.23** — *Como se a palavra de Deus se consultara*. Aitofel havia adquirido uma reputação tão excelente que seu conselho era considerado como equivalente à Palavra do Senhor. Ele não era um profeta, mas suas palavras eram recebidas como se fossem proféticas.

**17.1,2** — Aitofel percebeu que o rei exilado estava numa situação vulnerável. Ele aconselhou

Absalão a perseguir e matar Davi e seus seguidores, para eliminar qualquer chance de Davi reassumir o trono. Os *doze mil homens* que Aitofel solicitou provavelmente tiveram facilidade de derrotar as tropas cansadas de Davi. Apesar de sua consagrada sabedoria, Aitofel subestimou a lealdade do exército enfraquecido de Davi, afirmando *ferirei o rei só*. Aitofel poderia destruir Davi num ataque surpresa, mas os guerreiros leais do rei não se dispersaram.

**17.3,4** — *E farei tornar a ti todo o povo*. Aitofel tentou convencer Absalão de que, se ele matasse apenas Davi, as pessoas se aliariam a ele, e a *paz* seria restaurada na terra.

**17.5,6** — Embora Absalão estivesse satisfeito com o conselho de Aitofel (v. 4), ele não o aceitou imediatamente. Absalão consultou *Husai* (2 Sm 16.16), para ter uma segunda opinião sobre o assunto.

**17.7** — *Husai*, o confidente de Davi, opinou na tentativa de frustrar o sábio conselho de Aitofel. Ele compreendeu que o plano proposto por Aitofel seria fatal para Davi. As palavras de Husai, *esta vez aconselhou*, deram margem para um julgamento em relação ao conselho de Aitofel, e provavelmente tiveram a intenção de evitar suspeitas sobre sua avaliação crítica do mesmo.

**17.8** — *Homens, que são valorosos* (hb. *gibborîm*) são heroicos homens de guerra. Husai usou uma forte metáfora, *como a urso no campo, roubada dos cachorros*, para descrever a violência de Davi e seus homens. Não há inimigo mais perigoso na floresta do que uma mãe urso que acredita que

seus filhotes estão em perigo. Husai sugeriu que Davi, como um guerreiro experiente, não acamparia com os refugiados civis, conforme a declaração *não passará a noite com o povo*. Davi sabia que, fazendo isso, ficaria vulnerável ao ataque e à captura.

**17.9** — *Escondido nalguma cova*. As redondezas de Judá eram cheias de cavernas, desfiladeiros e esconderijos. Husai sugeriu que Davi estaria num desses lugares, e que o rei não poderia ser levado sem a perda de algumas vidas. Isso daria margem ao rumor de que Absalão estaria sofrendo uma derrota severa.

**17.10** — *Valente* (hb. *hayil*) significa *bem treinado* e *capaz de lutar*. Husai afirmou que mesmo o mais bravo dos soldados de Absalão gritaria de pânico quando enfrentasse Davi e seus guerreiros, como se verifica na declaração *sem dúvida desmaiará*.

**17.11,12** — *Todo o Israel*. Husai disse que Absalão precisaria de um exército maior, e que o próprio Absalão deveria liderar o grupo na batalha. *Desde Dã até Berseba* significa a nação inteira, de Dã, no norte, a Berseba, no sul, uma distância de cerca de 150 km. Husai usou a linguagem figurada *como a areia do mar* para descrever o exército que seria necessário para destruir as tropas de Davi. Husai sabia que levaria tempo para juntar tantos homens, e que tempo era aquilo de que Davi mais precisava. O comentário *em qualquer lugar que se achar* indica que Absalão não sabia onde Davi estava escondido.

Devido à proximidade de Israel com o Mediterrâneo, a terra é conhecida por ter um consistente e significativo orvalho, que cai sobre tudo o que fica exposto. Desta forma, Husai prometeu que o novo e vasto exército seria capaz de derrotar todos os seus inimigos *como o orvalho cai sobre a terra*.

**17.13** — O termo *ribeiro* se refere a qualquer rio, não necessariamente ao Jordão.

**17.14** — *Porém assim o SENHOR o ordenara*. Este é um raro exemplo na Bíblia em que o narrador intervém na história para explicar como Deus trabalhava nesses eventos. Normalmente somos levados a obter nossas próprias conclusões.

**17.15** — *Zadoque e Abiatar, sacerdotes*, ficaram em Jerusalém por causa de um pedido de Davi (2 Sm 15.24-29). Tudo foi providenciado para que esses homens conseguissem informações sobre as atividades de Absalão e, por meio dos filhos deles, transmitissem-nas a Davi (2 Sm 15.35,36).

**17.16** — *Nas campinas do deserto*. Este local alude ao vale do Jordão, nas redondezas de Jericó (2 Sm 15.28). Husai disse a Davi que atravessasse o Jordão, uma vez que não poderia ter certeza de que Absalão agiria segundo o conselho dele.

**17.17,18** — *Jônatas e Aimaás*, os filhos de Abiatar e Zadoque, estavam próximos a Rogel, uma fonte (ou um poço) ao sul de Jerusalém, na junção dos vales de Hinom e Cedrom (Js 15.7;18.16). *Uma criada* serviu de intermediária para transmitir a eles a mensagem que deveriam comunicar a Davi. Infelizmente, os esforços de Jônatas e Aimaás para evitar serem vistos fracassaram, pois *viu-os, todavia, um moço*. Então, eles entraram em *Baurim*, uma cidade que ficava no lado leste do monte das Oliveiras (2 Sm 16.5). A palavra traduzida como *poço* pode também se referir a uma cisterna. Aparentemente não havia água dentro dele naquele momento.

**17.19-22** — Embora o *Jordão* não fosse um rio extenso, atravessá-lo seria difícil, mesmo pelo lado raso. Davi estaria seguro uma vez que ele conseguisse que sua família e seus seguidores atravessassem aquela barreira. Havia certa tristeza naquilo que o rei tinha de fazer. Ainda que as tribos do antigo Israel tivessem sido distribuídas em ambos os lados do Jordão, persistia o entendimento emocional de que o território "real" de Israel ficava a oeste do Jordão. Davi verdadeiramente estava no exílio. Tempos depois, seus inimigos o acusariam de ter fugido da terra (2 Sm 19.9).

**17.23** — *Aiofel* cometeu suicídio quando soube que seu conselho não fora seguido. Talvez ele tenha entendido que a causa de Absalão estava perdida, e que, quando Davi retornasse, iria condená-lo à morte como um sujeito desleal.

**17.24** — *Maanaim* havia sido a capital de Isbosete (2 Sm 2.8). Ficava a leste do Jordão e ao norte de Jaboque.





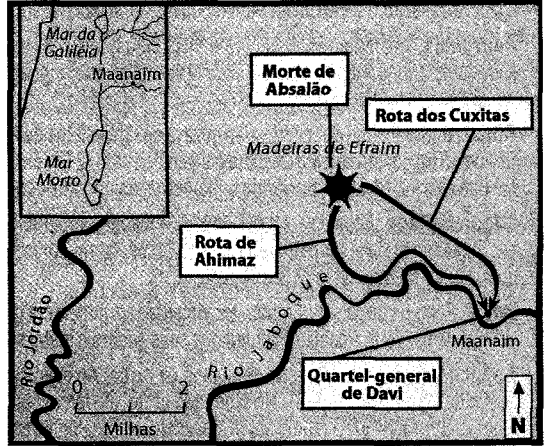
## LOCALIZE-SE

### POR QUE AIMAÁS SUPEROU O CUXITA

O conhecimento acerca da geografia próxima a Maanaim, onde Davi esperava por notícias sobre a batalha com Absalão (2 Sm 17.27;18.4-6), ajuda a explicar como Aimaás chegou a esse local antes do mensageiro etíope (2 Sm 18.24-31).

O cuxita, provavelmente um etíope (2 Cr 14.12), era um mensageiro ágil e eficaz. De fato, ele deve ter sido considerado no exército de Joabe como um eficiente mensageiro (homem que levava mensagens de um lugar a outro a pé). Porém, ele escolheu a rota direta do campo de batalha para Maanaim, a qual o conduziu por um terreno acidentado, pois a cidade era localizada num desfiladeiro íngreme delineado pelo rio Jaboque.

Aimaás era um mensageiro renomado (2 Sm 18.27) e experiente, tendo levado mensagens para Davi de Jerusalém durante a rebelião (2 Sm 15.27,36). Talvez Aimaás estivesse mais familiarizado com o terreno, daí ter escolhido o *caminho da planície* (2 Sm 18.23), o leito plano do rio Jaboque. O caminho era menos reto, mas mais fácil de se seguir do que o que o etíope escolheu. Como resultado, Aimaás chegou primeiro. Mesmo assim, falhou em contar a Davi a triste notícia da morte de Absalão.



**17.25** — Absalão colocou seu exército sob o comando de Amasa, pois Joabe havia permanecido fiel a Davi. A expressão *o qual entrara a Abigail* não era a mais usada para se referir a casamento, o que talvez indique que Abigail ainda estava sob a autoridade de seu pai.

**17.26** — O nome Gileade se refere à região montanhosa ao leste do Jordão, entre o vale Iarmuque, ao norte, e o vale do Jaboque, ao sul. Gileade era famosa, nos tempos bíblicos, por suas florestas (Jr 22.6), seus pastos (Nm 32.1-4) e os bálsamos medicinais feitos de suas plantas (Jr 8.22;46.11).

**17.27,28** — Quando Davi chegou à cidade fortificada de Maanaim, encontrou uma agradável recepção. Sobi era um rei sob o comando de Davi que governava Rabá, a capital de Amom. Lo-Debar ficava cerca de dez milhas ao sul do mar da Galiléia, a leste do rio Jordão, no vale do Jordão (2 Sm 9.4). Barzilai era um velho homem possuidor de uma grande riqueza (2 Sm 19.31-39; 1 Rs 2.7).

**17.29** — Os líderes mostraram compaixão por Davi e seus seguidores cansados. Jesus ensinou

que a caridade feita aos necessitados não seria esquecida (Mt 25.34-36).

**18.1** — Para se preparar para a batalha, Davi contou e inspecionou seus guerreiros. Embora apenas um pequeno contingente de tropas tivesse deixado Jerusalém com o rei, outros seguidores fiéis logo se uniram à sua causa; por isso, a necessidade de serem estabelecidos *capitães de cem*.

**18.2** — Davi dividiu seus homens em três companhias, uma tática militar frequente nos tempos antigos (Jz 7.16; 1 Sm 11.11). Abisai, o filho mais velho da irmã de Davi, Zeruia (1 Cr 2.16), era conhecido por seu bravo — mas impetuoso — espírito (2 Sm 3.30;16.9; 1 Sm 26.6-9). Joabe, o irmão mais novo de Abisai, tornou-se o comandante do exército de Davi como resultado de sua liderança heroica na conquista de Jerusalém (1 Cr 11.4-6). Pouco se sabe a respeito de Itai, exceto que ele era intensamente dedicado a servir a Davi e ao Senhor (2 Sm 15.19-22).

**18.3,4** — *Não sairáis*. Embora Davi quisesse acompanhar seus homens na batalha (v. 2), ele foi persuadido a não ir, tanto para a sua própria



## PERFIL

### UMA REALEZA QUE SE TORNA UM ERRO

O trágico relato acerca de Absalão, filho de Davi, é uma história sobre:

- **Aparência.** Aparentemente, ele era o mais belo homem de todo o Israel. Sua característica física mais notável era seu abundante e longo cabelo, o qual ele cortava todo ano, e que pesava o equivalente a 200 siclos ou várias libras (2 Sm 14.25,26).
- **Riqueza.** Como filho do rei, Absalão gozava dos benefícios da família real, cujo império estava em ascensão. Por exemplo, Hirão de Tiro construiu para Davi um palácio de cedro (2 Sm 5.11;7.1,2). É provável que Absalão tenha tido sua própria casa em Baal-Hazor, localizada a vários quilômetros ao norte de Jerusalém, onde ele empregava pastores (2 Sm 13.23).
- **Superioridade.** Absalão era o próximo da linhagem com direito ao trono depois de seus meios-irmãos Amnom e Quileabe. Ele também deve ter ocupado um lugar especial no coração de seu pai, pois, mesmo após ter matado Amnom, Davi queria estar com Absalão (2 Sm 13.39).
- **Raiva.** Tempos depois de Amnom ter violentado a linda irmã de Absalão, Tamar, este se vingou. Atraindo Amnom para a terra onde nascera, Absalão mandou que seus servos o matassem após o jantar.
- **Ambição.** Restabelecido após dois anos de exílio, Absalão começou a construir uma plataforma política entre o povo, diante de Davi (2 Sm 15.1-6). No momento certo, ele iniciou uma rebelião para destituir seu pai do trono e reinar em seu lugar (2 Sm 15.7-18). O último ato de desacato de Absalão foi estuprar as concubinas de Davi, o que, com efeito, significava que o filho do rei havia assumido o trono (2 Sm 16.20-22).
- **Angústia.** Sob o experiente comando de Joabe, as tropas de Davi derrotaram o exército de Absalão de modo esmagador, e, em outras circunstâncias, acabaram com a vida de Absalão tragicamente (2 Sm 18.6-15).

proteção quanto para a segurança de Maanaim (2 Sm 17.27). *Tais como nós somos, ajuntarás dez mil; melhor será.* O texto em hebraico que alude à ideia central desta expressão é, de certa forma, enigmático. Pode ser uma afirmação comparativa, como em nossa tradução, dizendo que Davi é mais digno do que o exército (compare com Rt 4.15). A frase também poderia ser lida como um floreio exagerado “(Davi não precisa ir porque) agora há dez mil como nós”.

**18.5,6** — *No bosque de Efraim.* A batalha se deu numa densa floresta ao norte do rio Jaboque, a leste do Jordão.

**18.7,8** — O recém-organizado exército de Absalão, o *povo de Israel*, não era páreo para os soldados experientes de Davi. Devido à natureza rústica do terreno e ao denso crescimento do bosque, *foram mais os do povo que consumiu o bosque do que os que a espada consumiu.*

**18.9,10** — O *carvalho*, às vezes traduzido como *terebinto* ou *olmo*, era uma árvore forte, nativa da terra de Israel. Ela cresce a uma altura de 35 pés.

**18.11** — *Dex moedas de prata.* O siclo era a unidade básica de peso, equivalente a 12 gramas

de prata ou cerca de meia onça. O *cinto* era parte do equipamento de um soldado (1 Sm 18.4; 1 Rs 2.5).

**18.12-15** — *Contra o filho do rei.* O soldado não havia esquecido a ordem de Davi de não ferir Absalão (v. 5). Uma vez que os dardos não mataram Absalão imediatamente (v. 15), a palavra traduzida como *coração* pode referir-se ao tronco de Absalão.

**18.16** — *Tocou Joabe a buzina* para sinalizar que o exército deveria cessar a perseguição. A buzina era um chifre ou uma trombeta (2 Sm 2.28;6.15). A morte de Absalão significava o fim da rebelião.

**18.17** — Em vez de enviar o corpo de Absalão a Jerusalém para um enterro de honra, Joabe o enterrou *numa grande cova* no bosque. O montão de pedras que cobria a cova pode ter sido o símbolo de um apedrejamento, a punição legal aplicada a um filho rebelde (Dt 21.20,21).

**18.18** — O *vale do Rei* ficava perto de Jerusalém (Gn 14.17). O grande monumento que Absalão havia edificado para si mesmo ainda existia quando o narrador escreveu este trecho

de 2 Samuel, conforme reproduz a sentença *pelo que até ao dia de hoje*.

**18.19,20** — Aimaás e Jônatas transmitiram a mensagem de Zadoque e Abiatar a Davi instruindo-o a fugir através do Jordão (2 Sm 17.20,21). Neste trecho, o verbo *vingou* é usado no sentido de *livrou*.

**18.21-23** — *Cuxita* significa *alguém da terra de Cuxe*, a remota região que hoje corresponde ao sul do Egito e Sudão. Aimaás não poderia ficar impedido de também ir a Davi com as boas-novas sobre a vitória; por isso, ele pediu *deixa-me também correr*. O *caminho da planície* era o vale do Jordão. Aimaás optou por uma rota mais longa, mas evitou o terreno cheio de altos e baixos da estrada seguida pelo cuxita.

**18.24** — *As duas portas*. A cidade de Maanaim tinha dois portões. Entre o interno e o externo, provavelmente havia bancos de pedra. O *terraço da porta* era a guarita localizada no muro acima do portão da cidade. A *sentinela* que ficava no portão era responsável por avisar a cidade da aproximação de um exército e anunciar a chegada de visitantes importantes. *Levantou os olhos* é uma expressão comum em hebraico que significa *viu* (Gn 22.4).

**18.25,26** — *Se vem só*. O fato de somente um mensageiro se aproximar levou Davi a presumir que as novidades eram boas. Talvez o rei pensasse que um grupo de homens correndo em direção ao portão indicaria desordem, tumulto. Porém, a chegada de *outro homem* complicou a situação.

**18.27,28** — *E virá com boas novas*. A saudação do mensageiro foi *shalom*, a palavra geralmente traduzida como *paz*. Ao dizer *benedito seja o SENHOR*, Aimaás reconheceu o relacionamento íntimo de Davi com Deus.

**18.29,30** — *Vai bem com o jovem, com Absalão?* Davi expressou sua primeira preocupação com o bem-estar de seu filho. Aimaás não deu uma resposta direta ao rei, embora soubesse que Absalão estava morto (v. 20).

**18.31,32** — O SENHOR *te vingou*. Como Aimaás (v. 28), o cuxita deu a Deus o crédito pelo livramento de Davi. Além disso, ele respondeu honestamente à pergunta do rei sobre Absalão,

embora suas palavras tenham sido colocadas de maneira cuidadosa para aliviar o impacto da mensagem.

**18.33** — O rei, *profundamente comovido*. O termo *comovido* (hb. *ragaz*) pode significar *chocado* ou *abalado*. Davi estava tomado de tristeza. A repetição das palavras *meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão* expressa claramente a angústia de Davi.

**19.1-3** — *Então, a vitória se tornou, naquele mesmo dia, em tristeza para todo o povo*. A incontornável expressão de tristeza de Davi devido à morte de seu filho tornou a merecida comemoração da vitória num dia de luto, não tanto por Absalão em si, mas pela angústia que dominou o rei (2 Sm 18.33). A sentença *o povo entrou às furtadelas na cidade* é uma trágica descrição para o retorno de guerreiros vitoriosos. Como covardes que fugiram do campo de batalha, os soldados de Davi se arrastavam pela cidade de Maanaim (2 Sm 17.27), esperando que não fossem notados.

**19.4** — *Davi estava com o rosto coberto* porque essa era uma expressão de luto (2 Sm 15.30). Suas palavras, *meu filho, meu filho*, que eram tão emocionantes quando anunciadas primeiro (2 Sm 18.33), começaram a soar de modo irritante quando repetidas muitas vezes.

**19.5,6** — *Envergonhaste a face de todos os teus servos*. Joabe argumentou que, ao honrar seu filho rebelde e negligenciar seus soldados leais, Davi envergonhara e constrangera aqueles que o tinham servido tão bem. As palavras *os que te aborrecem* se referem, literalmente, a *aqueles que te odeiam*, e *os que te amam*, a *aqueles que te amam*. O termo *capitães* alude aos capitães do exército.

**19.7** — A sentença e *fala conforme o coração de teus servos* pode ser entendida como *falar ao coração*. Davi teria de dizer palavras de encorajamento, se ele esperava que suas tropas continuassem a apoiar sua liderança.

**19.8** — *A porta* era o primeiro lugar de encontro nas cidades antigas. *Então, todo o povo veio apresentar-se diante do rei*. Embora não tivesse sido diretamente estabelecido, o contexto indica que Davi seguiu o conselho de Joabe, expressando apreço às suas tropas fiéis e aos seus seguidores

leais. Porém Israel fugiu cada um para as suas tendas. Esta observação aponta que a rebelião terminou e os apoiadores de Absalão retornaram para suas casas.

**19.9,10** — O movimento para restituir o poder a Davi não era unânime. Alguns israelitas pensavam que, porque o rei havia fugido da terra, ele perdera o direito de reinar. Também pode ter havido o medo de que Davi quisesse vingar-se daqueles que deram apoio a Absalão.

**19.11** — *Zadoque e Abiatar* eram sacerdotes que haviam permanecido em Jerusalém, a pedido de Davi, durante a rebelião (2 Sm 15.24-29). Os anciãos de Judá estavam relutantes em chamar o rei de volta para Jerusalém talvez por terem tomado parte na rebelião de Absalão (2 Sm 15.10,11). Davi pediu aos seus amigos, os sacerdotes, que comesçassem o movimento de convidá-lo a retornar ao trono. Aparentemente, ele não queria voltar para Jerusalém sem o apoio público ao seu governo.

**19.12** — A denominação *meus irmãos* se refere aos anciãos de Judá (v. 11). Davi sabia que precisava do apoio de sua própria tribo e de seus respectivos líderes para reassumir o governo sobre a nação. Sem o total apoio deles, não haveria esperança para a reassunção de seu reinado.

**19.13** — *Amasa*, sobrinho de Davi, havia comandado o exército de Absalão (2 Sm 17.25). Davi lhe ofereceu o cargo de Joabe como chefe das tropas. Esta oferta tinha o objetivo de assegurar a aliança de Amasa e do exército rebelde, bem como de disciplinar Joabe por matar Absalão, contra as ordens de Davi (2 Sm 18.14,15).

**19.14** — Os atos diplomáticos de Davi foram efetivos, e ele foi convidado a retornar como rei. O fato de Davi ser um ungido do Senhor significava que Deus lhe asseguraria a reassunção do trono. Mas Davi não podia simplesmente esperar no exílio, numa terra estranha. Ele tinha de agir crenedo que Deus continuaria a cumprir Sua vontade.

**19.15** — *Gilgal*, o primeiro lugar em que os israelitas acamparam após terem atravessado o Jordão (Js 4.19,20), ficava cerca de 1,6 Km de Jericó.

**19.16** — *Simei*, que havia amaldiçoado Davi quando este foi forçado a sair de Jerusalém, sem

dúvida, temeu que o rei o punisse devido ao seu comportamento ultrajante (2 Sm 16.5-8). Simei se apressou em encontrar Davi para que pudesse corrigir-se.

**19.17** — *Mil varões de Benjamim*. Este grande contingente era um sinal muito bom para Davi de que as antigas hostilidades com a família de Saul haviam finalmente acabado. Ziba e seus filhos ficaram no Jordão para ajudar Davi e sua família a atravessar, *passaram o Jordão adiante do rei*.

**19.18** — Outra interpretação para *barca* é *balsa*, contendo a ideia de que “eles atravessaram no ponto mais raso do rio”.

**19.19** — *Tão perversamente fez teu servo*. A confissão de Simei mostrou arrependimento e tristeza genuínos. Ele não inventou desculpa alguma, não se justificou nem tentou explicar-se (compare com o comportamento de Saul em 1 Sm 13.11,12;15.20,21).

**19.20** — A designação *casa de José* às vezes era empregada para se referir às tribos do norte (Sl 78.67; Ez 37.16) desde Efraim, a tribo do filho de José (Gn 48.5,13-20), que era a maior e mais poderosa da região.

**19.21** — *Abisai* mais uma vez (2 Sm 16.9,10) pediu a morte de Simei por amaldiçoar um ungido de Deus (2 Sm 23.1).

**19.22,23** — *Que tenho eu convosco...?* Frequentemente, Davi tinha de acalmar o impetuoso espírito de seu sobrinho (2 Sm 16.10). O rei havia poupado a vida de Simei antes por este o ter amaldiçoado; desta vez, Davi o fez novamente, por causa do arrependimento de Simei. A anistia garantida a este homem, *não morrerás*, estava condicionada, aparentemente, à sua contínua lealdade.

Pouco antes de Davi morrer, ele ordenou que Simei fosse morto por Salomão (1 Rs 2.8,9,36-46). O próprio Davi não pôde condenar Simei à morte por causa de seu juramento; porém, o filho do rei poderia fazer isso se houvesse um motivo para tal.

**19.24,25** — *Mefibosete* era filho de Jônatas e neto de Saul (2 Sm 4.4;9.1-13). Ziba disse que Mefibosete, no tumulto da revolta de Absalão, buscou promover a causa de Saul (2 Sm 16.1-4).



## EM FOCO

## JERUSALÉM (HB. YERUSHALAIM)

(2 Sm 5.5; 20.3; Is 40.2; Zc 2.12)

O nome *Jerusalém* está relacionado com a palavra *paz* (veja a oração do salmista pela *paz de Jerusalém*, no Sl 122.6). Durante o reinado de Davi, *Jerusalém* se tornou a capital política e religiosa de Israel e o centro do desdobramento do plano de redenção de Deus. *Jerusalém* é descrita frequentemente no Antigo Testamento como a *cidade de Deus* (Sl. 87.1-3); o lugar onde Deus colocou o Seu nome (2 Rs 21.4); um lugar de salvação (Is 46.13); o trono de Deus (Jr 3.17) e uma cidade santa (Is 52.1).

Os profetas previram um tempo que se aproximava quando *Jerusalém* seria julgada por causa da sua iniquidade (Mq 4.10-12). Contudo, ao pronunciar o julgamento, eles também puderam ver sua gloriosa restauração (Is 40.2; 44.25-28; Dn 9.2; Sf 3.16-20). Esta visão de uma *Jerusalém* restabelecida incluiu a esperança de uma Nova *Jerusalém*, na qual Deus ajuntaria todo o Seu povo (Is 65.17-19; Ap 21.1,2).

A negligência de Mefibosete em cuidar-se — *não tinha lavado os pés* — deve ter sido chocante. Ele pretendia que sua aparência física fosse um sinal de tristeza pela ausência de Davi.

**19.26-31** — Mefibosete reclamou que Ziba havia se aproveitado da situação, uma vez que ele não era capaz de selar e montar um jumento sem ajuda. *Falsamente acusou o teu servo diante do rei*. Neste ponto, Davi se deparou com um dilema. Quem estava dizendo a verdade — Mefibosete ou Ziba?

Ao perguntar a Mefibosete *por que ainda falas mais de teus negócios?*, Davi achou que o assunto era muito complexo para chegar a uma conclusão. Então, o rei sugeriu: *reparti as terras*. Dessa forma, tanto Ziba como Mefibosete receberiam uma provisão generosa (2 Sm 16.14). As palavras finais de Mefibosete, *tome ele também tudo*, indicavam sua submissão à decisão de Davi.

**19.32-34** — *Mui velho*. Apesar de ter 80 anos, Barzilai provou ter sido de extraordinária ajuda para Davi quando este permaneceu exilado. Esta foi uma oportunidade para Davi retribuir a bondade desse homem. Barzilai não precisava de dinheiro, pois era *mui rico*. A oferta de Davi de dar-lhe uma pensão estava baseada na amizade leal de Barzilai para com o rei.

**19.35,36** — *Poderia eu discernir entre o bom e o mau?* Não havia qualquer contraste entre a oportunidade que Davi ofereceu a Barzilai e a presente situação deste em Maanaim. Que diferença real a mudança faria na vida de Barzilai,

uma vez que ele estava muito velho para usufruir dos prazeres da corte? Por ir *um pouco além do Jordão* com Davi, Barzilai realizou sua obrigação como um gracioso anfitrião.

**19.37,38** — *Quimã* foi posteriormente identificado pelo historiador Josefo como filho de Barzilai (1 Rs 2.7). Em virtude de seu amor por Barzilai, Davi prometeu auxiliar Quimã, dizendo *e tudo quanto me pedires te farei*. Esta foi uma provisão parecida com a que Davi dera a Mefibosete, por causa de seu amor por Jônatas (cap. 9).

**19.39,40** — O termo *todo* é figurativo. Significa que, como um todo, Judá apoiou Davi. A palavra *metade* quer dizer que o povo de Israel estava menos entusiasmado.

**19.41,42** — *Por que te furtaram nossos irmãos...?* O povo de Israel estava aborrecido com o fato de os apoiadores de Davi em Judá terem se esforçado mais para conduzir o rei de volta do exílio à Transjordânia. *Os homens de Judá* sinalizaram que, embora tivessem uma relação com Davi por pertencerem à mesma tribo, eles nunca tinham levado vantagem por sua posição privilegiada.

**19.43** — O povo de Israel estava clamando por uma parte maior no reinado de Davi, já que o território do norte de Israel era formado por dez tribos. *A palavra dos homens de Judá foi mais dura do que a palavra dos homens de Israel*. Esta amargura entre as tribos de Israel e a tribo de Judá finalmente levaria à divisão da nação quando Salomão, o filho de Davi, morresse (1 Rs 12). Na situação presente, ameaçava irromper uma

guerra civil, que aconteceria sob a liderança de Seba (cap. 20).

**20.1** — *Seba* era de Benjamim, a mesma tribo de Saul. O termo *Belial*, que também significa *pessoa indigna*, sugere que Seba era um canalha. Como sempre, para sinais militares (2 Sm 2.28; 15.10; 18.16; 20.22), Seba tocou uma *buzina*. *Não temos parte em Davi*. Esses três versos poéticos formam um *slogan* de campanha ou um grito de guerra. *Cada um às suas tendas, ó Israel* pode ser parafraseado como “Vamos voltar para casa, e de lá poderemos resistir ao rei”.

**20.2,3** — *Todos os homens de Israel*. Havia uma rebelião geral entre as tribos do norte. Em contrapartida, *desde o Jordão até Jerusalém*, o povo expressava sua lealdade a Davi.

**20.4** — *Amasa*, que havia comandado o exército de Absalão (2 Sm 17.25), tinha sido convidado a ocupar a posição de Joabe como o chefe do exército de Davi (2 Sm 19.13). Aparentemente, ele aceitou a oferta e foi designado para acabar com a rebelião de Seba.

**20.5,6** — *Porém demorou-se além do tempo*. O atraso de Amasa em executar a ordem de Davi de juntar forças contra a rebelião de Seba poderia ter resultado num desastre como aquele da revolta de Absalão. *Abisai*, o irmão mais velho de Joabe (1 Cr 2.16), foi requisitado para assumir o comando dos soldados de Judá e acabar com a revolução de Seba. Davi sabia que este evento era potencialmente mais perigoso do que o que foi dirigido por Absalão, uma vez que estava baseado numa antiga e longa animosidade entre as tribos de Israel e Judá.

**20.7** — *Os homens de Joabe* se distinguem dos outros homens do exército de Davi. Aparentemente, Joabe mantinha seu próprio grupo de soldados de elite.

**20.8,9** — *Gibeão* ficava cerca de seis milhas ao norte de Jerusalém. Joabe ajustou sua espada de forma que ela caiu de sua bainha enquanto ele avançava para saudar Amasa (v. 4). Presumindo que tivesse sido um mero acidente, Amasa não prestou atenção à arma na mão esquerda de Joabe (v. 10).

*Vai contigo bem, meu irmão?* O termo traduzido como *bem* é a palavra hebraica *shalom*, que signi-

fica *paz*. *Irmão* não é somente uma formalidade neste caso; Joabe e Amasa eram primos, filhos das duas irmãs de Davi (1 Cr 2.16,17). *E Joabe, com a mão direita, pegou da barba de Amasa*. Esta saudação amigável, a preliminar para um beijo, era agora uma preparação para matar Amasa.

**20.10-12** — *E Amasa estava envolto no seu sangue*. O espetáculo sangrento de Amasa deitado na estrada fez com que os soldados parassem e pensassem sobre o que poderia significar seguir Joabe. Um dos soldados finalmente cobriu o corpo, para que a cena chocante não impedisse mais o movimento dos guerreiros.

**20.13,14** — *E passou por todas as tribos de Israel*. Provavelmente o escritor se refere a Seba, que viajou pelo território tentando obter apoio popular para essa rebelião. *Abel e Bete-Maaca* eram cidades ao norte da Galiléia que, de tão conectadas uma à outra, tornaram-se idênticas. Elas ficavam dez milhas a oeste de Dã (1 Rs 15.20; 2 Rs 15.29).

**20.15** — *Uma tranqueira* era usada nas guerras antigas como uma tática que permitia aos soldados chegar ao topo dos muros de uma cidade. Consistia de terra e escombros colocados contra o muro.

**20.16,17** — Sobre os termos *uma mulher sábia*, veja o comentário de 2 Samuel 14.2.

**20.18,19** — A mulher sábia explicou a Joabe que *Abel* era famosa pela sabedoria e pelos conselhos oferecidos por seus cidadãos. Por ser *uma das pacíficas e das fiéis em Israel*, Abel era conhecida como uma cidade *mãe*, ou uma reconhecida líder na região. Os cidadãos não tinham feito nada para merecer a destruição da cidade.

**20.20-22** — *Eis que te será lançada a sua cabeça pelo muro*. Convencidos de que a morte de Seba acabaria com o problema, os cidadãos de Abel cortaram a cabeça dele e a *lançaram a Joabe*.

**20.23** — Joabe era o comandante geral do exército de Davi, enquanto Benaia dirigia os *quereteus* e os *peleteus*, mercenários estrangeiros que lutavam pelo rei.

**20.24,25** — O termo *tributos* pode referir-se a trabalhos forçados (1 Rs 12.18). O *chanceler*, que significa *aquele que faz lembrar*, era responsável por manter os registros oficiais. O *escrivão* era o secretário oficial do rei.

20.26 — *Ira* substituiu os filhos de Davi (2 Sm 8.18) como oficial-mor, uma palavra normalmente traduzida como *sacerdote*.

21.1—24.25 — Este trecho forma um apêndice registrando vários incidentes que ocorreram anteriormente na vida de Davi. Eles são apresentados para expor outros problemas que Davi enfrentou, como fome e pragas (caps. 21;24), para relatar as conquistas militares (caps. 21;23) e mostrar como ele aprendeu a louvar a Deus em meio às provações (cap. 22).

21.1 — A fome era um meio de punição divina que tinha por objetivo levar o povo de Deus ao arrependimento (Dt 28.47,48). *Porque matou os gibeonitas*: Cerca de 400 anos antes, os gibeonitas tinham, de forma enganosa, levado Josué e os israelitas a fazer um acordo que garantisse sua proteção e segurança (Js 9.3-27). Saul violou o tratado condenando alguns gibeonitas à morte (v. 9). Este incidente não está registrado em nenhum outro lugar.

21.2 — *Os gibeonitas* eram cananeus que moravam perto da região da atual El-Jib, cerca de seis milhas ao norte de Jerusalém. O termo *amorreus* é usado neste versículo como uma designação geral da população original de Canaã (Gn 15.16). *O zelo de Saul pelos filhos de Israel e de Judá* o levou a tentar exterminar os estrangeiros da terra de Israel. Um zelo correto pode ser um ato de fé heroica (Nm 25). Mas, quando o zelo é mal direcionado, pode acarretar sérias consequências (Rm 10.2; Fp 3.6).

21.3 — A palavra traduzida como a expressão *satisfação vos darei* (hb. *kaphar*) significa remover os pecados ou as manchas oferecendo um substituto ou pagando um resgate. Davi propôs um

ajuste com os gibeonitas pelo mal que Saul havia feito. O rei queria que os gibeonitas, mais uma vez, olhassem com benevolência para o povo de Israel, *para que abençoeis a herança do SENHOR*.

21.4-6 — Nenhum tipo de compensação monetária, *prata nem ouro*, satisfaria os gibeonitas pelo mal que sofreram. A declaração *nem tampouco pretendemos matar pessoa alguma em Israel* também pode ser traduzida como “não podemos submeter um homem à morte em Israel”. Os gibeonitas não tinham autoridade, como um povo submisso, para realizar uma vingança sangrenta. Eles buscaram justiça mantendo o princípio de Números 35.31: *não aceitareis resgate pela vida do homicida que é culpado de morte; antes, será ele morto*.

Sendo assim, os gibeonitas pediram a Davi autorização para executar *sete dos filhos* [descendentes] de Saul. O verbo *enforcuemos* sugere alguma forma de execução solene seguida da exposição pública do cadáver, que permanecia fincado num poste (Nm 25.4). As palavras *ao SENHOR* indicam que o juízo tinha o objetivo de satisfazer a justiça divina (v. 1). *Gibeá*, localizada cerca de três milhas ao norte de Jerusalém, havia sido a capital de Saul (1 Sm 10.26).

21.7 — *Por causa do juramento ao SENHOR*. Devido ao pacto de amizade de Davi com *Jônatas* perante o Senhor, o filho de *Jônatas*, *Mefibosete*, foi *poupado* (1 Sm 18.3;20.8,16). Para saber mais sobre a história de *Mefibosete*, leia 2 Samuel 4.4;9.1-13;16.1-4;19.24-30.

21.8 — *Mefibosete* filho de *Rispa* não é o filho de *Jônatas* (v. 7). *Rispa* tinha sido uma concubina de Saul (2 Sm 3.7). O *Barzilai* mencionado neste versículo não é o amigo leal de Davi citado em 2 Samuel 17.27.



## VOCÊ SABIA?

### UMA CAUSA ESPIRITUAL PARA UM EVENTO NATURAL

Os três anos de fome nos dias de Davi foram resultado da violação de Saul do tratado de paz duradoura que Israel estabeleceu com os gibeonitas (2 Sm 21.1; Js 9.15,19-21). Isto sugere duas coisas: (1) compromissos políticos, tais como tratados de paz, têm implicações espirituais. Deus leva a sério as palavras das pessoas — inclusive o que é dito pelos governantes — e espera que elas honrem seus acordos. (2) Eventos naturais podem ter causas espirituais. As Escrituras oferecem muitas ilustrações de que Deus pode, soberanamente, permitir ou ordenar tais eventos por razões espirituais.

**21.9** — *Os enforcaram.* A Lei de Deus proibia explicitamente a punição de um filho pelos erros de seu pai (Dt 24.16; 2 Rs 14.6; Ez 18.1-4,14-17). Uma vez que não há condenação a Davi no texto, e Deus honrou a ação e terminou com a fome (v. 14), é possível que aqueles que foram executados estivessem envolvidos nas mortes dos gibeonitas.

**21.10,11** — *Rispa* permaneceu perto dos corpos, protegendo-os dos necrófagos, desde a colheita da cevada até as primeiras chuvas (final de abril até outubro).

**21.12,13** — *Bete-Seã* se localizava na junção de Jezreel com o vale do Jordão, cerca de quatro milhas a oeste do Jordão. Aparentemente, os corpos de *Saul* e *Jônatas* haviam sido pendurados no muro ao longo da praça principal da cidade dos filisteus (1 Sm 31.10). *Gilboa* é uma pequena cadeia de montanhas na parte leste do vale de Jezreel (1 Sm 31.1). Quanto ao termo *os enforcados*, refere-se aos sete filhos mencionados nos versículos 8-10.

**21.14** — *Zela* era uma cidade ligada a *Benjamim* (Js 18.28). A afirmação *Deus se aplacou para com a terra* significa que a justiça divina havia sido satisfeita. O Senhor respondeu às orações de Seu povo, dando um fim à fome.

**21.15-22** — Este segmento textual registra as façanhas de Davi e de seus homens contra os filisteus. A palavra traduzida como *gigante* em todo este trecho (v. 16,18,20,22) significa *um dos Refains*, povo que vivia em Canaã conhecido por sua estatura elevada (Gn 15.19-21; Nm 13.33; Dt 2.11).

**21.16** — *A lança de Isbi-Benobe* pesava *trezentos siclos*, aproximadamente sete libras e meia.

**21.17** — *Abisai* era irmão de Joabe (2 Sm 3.30; 16.9-11; 20.6; 1 Sm 26.6-9). A declaração *nunca mais sairás conosco à peleja* indica que os homens de Davi não queriam que ele arriscasse sua vida numa batalha. A expressão *lâmpada de Israel* se refere a *Davi*, cuja vida e liderança direcionaram corretamente os israelitas.

**21.18** — *Sibecai, o husatita*, consta na lista de 1 Crônicas 11.29 com os outros homens valentes de Davi.

**21.19-22** — *Jônatas* era sobrinho de Davi, filho de *Siméia*.

**22.1,2** — Embora este salmo tenha se tornado posteriormente parte da adoração congregacional de Israel (Sl 18), ele começou como uma expressão de adoração pessoal e sincera de Davi *ao Senhor*. Este cântico foi composto quando Deus livrou Davi *das mãos de Saul* durante suas proezas no deserto. Talvez um incidente como o registrado em 1 Samuel 23.24-28 tenha impulsionado Davi a escrever este “cântico de testemunho”.

**22.3** — *E a força de minha salvação.* A palavra *força*, em versões como a *King James*, consta como *chifre*, símbolo de força e poder no mundo antigo.

**22.4,5** — *Digno de louvor* significa *digno de uma adoração alegre*. Deus deve ser não só contemplado por nós em virtude de sua majestade e grandiosidade, mas também celebrado por aquilo que Ele faz para nós.

**22.6** — O termo *inferno* é usado na poesia hebraica como um sinônimo de *morte*. Muitos acreditam que a palavra é derivada do vocábulo hebraico que significa *pedir* ou *indagar*. No Antigo Testamento, o inferno é descrito como um lugar de *pó*, referindo-se à morte (Jó 17.16), como um local de *corrupção* (Sl 16.10), e como um *abismo* (Is 14.15).

**22.7-15** — Estes versículos descrevem a intervenção ativa de Deus à semelhança de Sua manifestação a Moisés no monte Sinai, com terremotos, trovões, escuridão e relâmpagos (Êx 19.16-20; Sl 68).

**22.16-19** — As imagens mostradas nesta passagem lembram a divisão miraculosa do mar Vermelho (Êx 14).

**22.20-28** — Davi reconhece seis razões pelas quais recebeu graciosamente o livramento de *Yahweh*: (1) Deus *tinha prazer* em Davi (v. 20); (2) Davi praticava a *justiça* (v. 21,25); (3) ele obedecia aos *estatutos* e seguia os *caminhos* de Deus (v. 22,23); (4) Davi se mantinha afastado da *iniquidade* (v. 24); (5) Deus é *benigno* (v. 26); (6) Deus livra os *aflitos* (Davi) e humilha os *altivos* (Saul, v. 28).

**22.21** — *Conforme a minha justiça.* Davi acreditava que Deus lidaria com o povo de acordo com a conduta deste, punindo os ímpios e abençoando os justos (Dt 30.15-20). Estas palavras podem parecer moralistas, mas devem ser



comparadas com as confissões de Davi sobre seus pecados (2 Sm 12.13; Sl 38.1-10). Sua retidão se baseava na bondade infalível de Deus para com ele (v. 51; Sl 38.15).

**22.22,23** — *Porque guardei os caminhos do Senhor.* Alguém pode pensar na ação precipitada de adultério de Davi com Bate-Seba e no envio de Urias, marido dela, para a morte. Então, como Davi poderia dizer essas palavras? Talvez este salmo tenha sido escrito antes que esses eventos acontecessem. Além disso, Davi deve ter cometido outros “pecados menores”, dos quais foi perdoado por Deus sempre que os reconhecia e arrepentia-se. Como os cristãos de hoje, Davi, mesmo tendo pecado às vezes, pôde ser considerado justo, pois, pelo poder do Espírito Santo, *viveu* com integridade.

**22.24-29** — Davi não falava em perfeição como ausência absoluta de pecados. A palavra *puro* é usada para se referir a uma pessoa que é idônea, sã e íntegra (Gn 17.1).

**22.30,31** — *Pois contigo desbarato exércitos.* Davi se refere a uma perseguição militar bem-sucedida (1 Sm 30.8).

**22.32,33** — *Quem é Deus, senão o SENHOR?* A pergunta retórica enfatiza a essência de Deus em contraste com falsos deuses e ídolos (Is 40.25).

**22.34** — *As corças* são conhecidas por sua rapidez, agilidade e firmeza. Elas também são uma imagem de graciosa beleza.

**22.35-40** — Seria preciso uma força extraordinária para que *braços humanos vergassem um arco de bronze* (Jó 20.24).

**22.41-43** — *Também puseste em fuga os meus inimigos.* Na versão *King James*, este trecho diz *também me deste o pescoço de meus inimigos*. Esta metáfora deriva do costume de um rei vitorioso colocar seu pé no pescoço de um inimigo derrotado como sinal de vitória completa (Sl 110.1).

**22.44-46** — *Me fizeste cabeça das nações.* Por meio de façanhas militares e acordos internacionais, Davi foi capaz de exercer controle sobre muitas nações vizinhas.

**22.47-49** — *Vive o SENHOR.* Este grito de fé se tornou um lema nos tempos bíblicos, particularmente quando usado em contraste com os

falsos deuses de outras nações, que não tinham vida. Como uma *rocha*, Deus é forte, firme e um lugar de refúgio (Sl 91.1-3). Talvez esta metáfora tenha lembrado a Davi as inúmeras vezes em que ele se refugiou nas rochas, para despistar seus perseguidores (1 Sm 23.25).

**22.50** — *Porque Deus livrava os Seus* (v. 48,49), Davi fez um voto de louvá-lo. A palavra hebraica traduzida como *cantarei louvores ao teu nome* significa *confessar publicamente* ou *fazer um reconhecimento público*. É o termo hebraico básico para *louvor* no livro de Salmos.

**22.51** — *O seu ungido.* Davi se referiu a si mesmo como o representante real de Deus na terra. Mas a palavra *ungido* também aponta para o descendente de Davi, o rei Jesus. Ele é o último e mais importante Ungido, que significa o mesmo que Messias. O nome derivado da palavra grega para ungido é *Cristo*. Não é apenas o último nome de Jesus, mas o Seu grande título: Ele é o Ungido que foi profetizado pelas promessas do Antigo Testamento.

**23.1** — A palavra em hebraico para *e diz* é um termo estilizado recorrente em discursos proféticos. Adiciona significado ao que é dito e pode ser traduzido como *discurso solene* ou *revelação*. É muito expressivo na poesia hebraica; neste versículo, é usado duas vezes.

O emprego da qualificação *que foi levantado em altura* indica que Davi se lembrou de suas humildes origens como um filho de Jessé, que Deus soberanamente exaltou ao trono de Israel. Dos 150 salmos no livro dos Salmos, 73 são atribuídos a Davi, *o suave em salmos de Israel*, por causa do texto. Nas Escrituras, ninguém é mais intimamente associado com música na adoração ao Senhor do que Davi.

**23.2** — *O Espírito do SENHOR falou por mim.* Davi zelou por falar as palavras de Deus por meio de sua inspirada poesia (Sl 139.4). Esta é uma reivindicação da inspiração divina das Escrituras, tanto quanto o são as passagens do Novo Testamento de 2 Timóteo 3.16, Hebreus 1.1,2 e 2 Pedro 1.19-21.

**23.3,4** — *Haverá um justo que domine sobre os homens.* Davi deu voz aos planos de Deus para os

governantes. Trazendo bênçãos como a luz da manhã após a chuva, como uma clara manhã, como uma grama macia, cada uma destas comparações fala de uma nova vida, pureza e refrigério. A função do rei não era empobrecer a nação. Em vez disso, ele tinha de enobrecer o povo, na medida em que apresentava aos israelitas a restauradora vontade de Deus.

**23.5** — O estabelecimento de *um concerto eterno* de Deus com Davi está registrado em 2 Samuel 7.12-16. No versículo em análise e no Salmo 89 Davi comemora sua aliança com o Senhor em forma de canção. A afirmação *apesar de que ainda não o faz brotar* expressa a fé de Davi em que Deus cumpriria Sua promessa. A aliança davídica se baseava na soberania do Altíssimo, em Sua imutável vontade.

**23.6,7** — *Os filhos de Belial*. O termo hebraico usado nesta expressão indica desprezo e escárnio. Foi a mesma palavra que o ímpio Simei disse contra Davi quando este estava fugindo da rebelião de Absalão (2 Sm 16.7). O vocábulo também foi empregado para descrever Seba, o canalha da tribo de Benjamim (2 Sm 20.1). Davi antecipou o julgamento de Deus sobre os perversos, que eram semelhantes a *espinhos*, os quais só serviam para serem *queimados*.

**23.8-12** — O termo *valentes* sugere que estes faziam parte da elite da tropa de Davi; talvez fossem seus guarda-costas pessoais. Esses homens eram heróis no sentido pleno da palavra. A escolha deles para esse grupo deve ter inspirado outros a alcançar tais objetivos. Embora 1 Crônicas 11.11 registre que Adino feriu trezentos, *oitocentos* provavelmente é o número correto (v. 18).

**23.13,14** — O *vale dos Refains* era uma rota para Jerusalém (2 Sm 5.18). *Belém*, a cidade natal de Davi (1 Sm 16.1-13), ficava cerca de seis milhas ao sul de Jerusalém.

**23.15,16** — *Mas derramou-a perante o SENHOR*. A água havia sido providenciada em meio a um risco tão grande que Davi a considerava muito preciosa para beber; por isso, a ofereceu em sacrifício. Geralmente, o vinho era usado nas ofertas de libação a Deus (Lv 23.13,18,37). Nesta passagem, a água era mais valiosa do que o melhor dos vinhos e foi derramada em celebração, diante do Senhor.

**23.17** — Davi chama a água de *sangue* porque ela lhe foi trazida à custa de vidas que correram risco.

**23.18,19** — As proezas de *Abisai*, o irmão de Joabe, estão detalhadas no relato sobre a vida de Davi (2 Sm 2.18;10.10; 1 Sm 26.6-9).

**23.20-23** — *Benaia* foi comandante dos quereus e dos peleteus (2 Sm 8.18). Ele era o chefe dos guarda-costas pessoais de Davi. O termo *seus guardas* significa *sua obediência*, isto é, alude àquelles que eram escolhidos para obedecer a Davi e protegê-lo. O *tempo da neve* era comum na montanha de Judá durante o inverno.

**23.24-39** — *Trinta*. Na verdade, a lista contém 31 nomes. Aparentemente, o número de soldados ativos nessa unidade era cerca de 30. Com variações menores, este rol também consta em 1 Crônicas 11.26-41.

**23.39** — *Trinta e sete*. Este número inclui os três valentes que estavam com Davi (v. 8-17), *Abisai* e *Benaia* (v. 18-23), os 31 (v. 24-39) e o comandante de Davi, *Joabe* (v. 37).

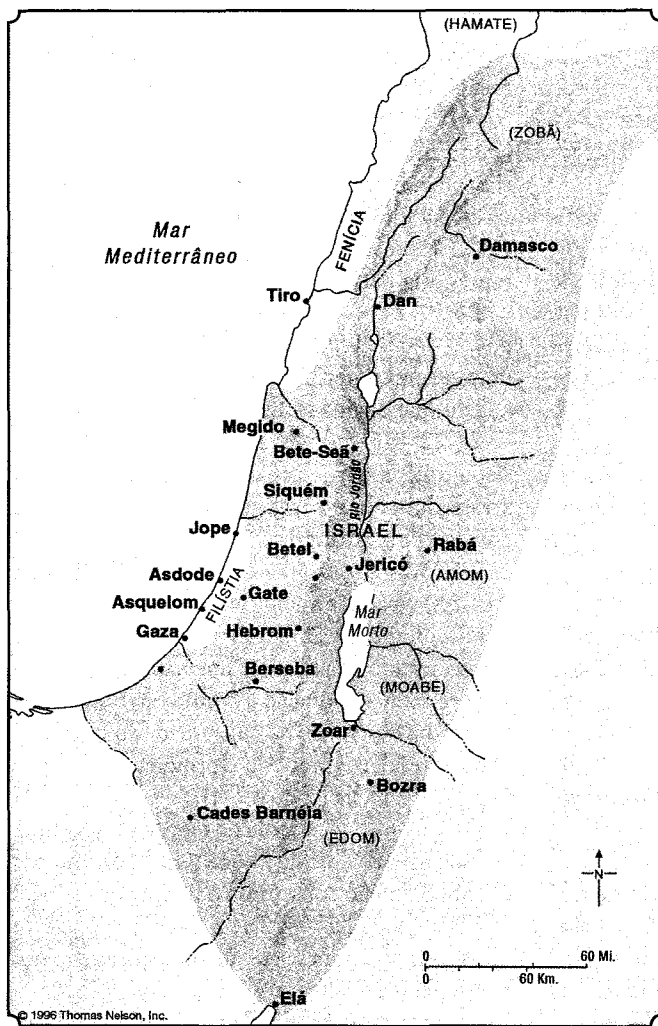


## EM FOCO

### HOMENS VALENTES (HB. *GIBBOR*)

(2 Sm 23.8; JI 3.9)

Estes termos ressaltam a excelência. No Antigo Testamento, são usados para se referir à excelência de um leão (Pv 30.30), de homens bons ou maus (Gn 10.9; 1 Cr 19.8), de gigantes (Gn 6.4), de anjos (Sl 103.20), ou mesmo de Deus (Dt 10.17; Ne 9.32). A expressão *Deus Forte* é usada três vezes no Antigo Testamento, incluindo a profecia messiânica de Isaías a respeito do nascimento de Jesus (Is 9.6;10.21; Jr 32.18). As Escrituras afirmam que o homem valente não é vitorioso por causa da sua força (Sl 33.16), mas por causa de seu entendimento e conhecimento do Senhor (Jr 9.23,24).



O reino davidico

As proezas militares bem-sucedidas de Davi reuniram no reino de Israel as potências de Edom, Moabe, Amom e Zobá.

**24.1** — *E a ira do SENHOR.* Esta é uma nota ameaçadora com a qual começa o último capítulo. A graça salvadora é que o capítulo é um apêndice, e não o último ato. O comentário e *ele incitou a Davi* indica que as ações de Davi foram orientadas pelo Senhor, enquanto 1 Crônicas 21.1 revela que o rei foi dirigido por Satanás. Estes comentários refletem dois aspectos do mesmo incidente.

Satanás instigou o espírito independente que conduziu Davi a numerar o povo, mas Deus

permitiu que o diabo exercesse sua influência de forma que o poderoso plano divino pudesse realizar-se (compare com Gn 50.20). Ainda assim, a soberania do Senhor jamais anula a responsabilidade do homem por seus atos.

**24.2** — A expressão *desde Dã até Berseba* denota todo o território de Israel, desde o norte até a sua extremidade sul, uma distância de cerca de 150 milhas.

**24.3,4** — *Mas por que deseja o rei, meu senhor, este negócio?* Joabe, por todas as suas falhas, viu o erro no plano de Davi (1 Cr 21.3) e protestou em forma de pergunta. Por que este censo era considerado pecaminoso, uma vez que Deus havia ordenado uma contagem no tempo de Moisés (Nm 1.1-3)?

Davi poderia ter confiado na força militar, em vez de no cuidado protetor de Deus (Dt 17.16). O versículo 9 sugere que este censo era o primeiro passo para estruturar um sistema militar. Parece que o plano do Senhor foi para Israel ter um exército de cidadãos, e não um grande e duradouro exército, de modo que Israel confiaria na Sua proteção.

**24.5** — A contagem começou no território a leste do Jordão. *Aroer* ficava cerca de 14 milhas a leste do mar Morto, na encosta do lado norte do rio Arnom. *Jazer* se situava

a leste do Jordão, cerca de seis milhas e meia a oeste da atual Amã.

**24.6** — *Gileade* ficava a oeste do Jordão entre os rios Jaboque e Iarmuque. Acredita-se que o nome *Dã-Jaã* se refira à cidade de Dã, cerca de 23 milhas ao norte do mar da Galiléia. *Sidom* se localizava na costa mediterrânea ao norte de Tiro.

**24.7,8** — *Tiro* ficava na costa mediterrânea, cerca de 35 milhas ao norte do mar da Galiléia.

Os *heveus* eram cananeus que ocupavam as regiões do Líbano (Jz 3.3), Siquém (Gn 34.2) e Gibeão (Js 9.3). *Cananeus* é um termo genérico para os habitantes não israelitas de Canaã. *Ber-seba* se situava nas áreas desérticas de Judá, cerca de 28 milhas ao sul de Hebrom.

**24.9** — *Que arrancavam espada.* Os números dados se referem apenas a homens em idade militar. É impressionante como a distribuição de Israel e Judá foi tão bem estabelecida. No final, ela resultaria num reino dividido. Os números — 800 mil em Israel e 500 mil em Judá — obviamente são arredondados.

**24.10** — *E o coração doeu a Davi.* Davi pecou várias vezes, mas seu coração sempre foi sensível à vontade reta de Deus. Ele rapidamente confessava seus pecados e procurava restauração no Senhor. O texto não estabelece precisamente qual pecado era. Porém, podemos presumir que a intenção de Davi em contar o povo tinha algum aspecto sinistro em si, talvez o orgulho por causa do tamanho de seu império.

**24.11,12** — *Gade*, o profeta ou *vidente* de Davi, foi mencionado primeiro em 1 Sm 22.5. Ele pode ter sido um dos escritores ou editores que contribuíram para a elaboração do segundo livro de Samuel.

**24.13** — *A Davi* foi dada a escolha entre três punições pelo seu pecado: (1) *sete anos de fome*, (2) *três meses de fuga* ou (3) *três dias de peste*. Moisés avisou sobre todas essas penalidades àqueles que violavam a aliança com Deus (Dt 28.15-68).

**24.14** — *Porém caímos nas mãos do SENHOR.* Davi avaliou que Deus seria mais misericordioso do que os homens. O rei aparentemente preferiu a terceira opção, uma peste. O termo *misericórdias* se refere à compaixão de uma mãe por seu filho. Mesmo no exercício de Sua ira, Deus tem misericórdia daqueles que Ele disciplina (Hc 3.2).

**24.15** — *A natureza da peste não é especificada*, apenas que a sua origem era do Senhor. O número de pessoas que morreram foi muito grande, mais do que três vezes o número de soldados do exército de Absalão que pereceram na sua rebelião frustrada (2 Sm 18.7).

**24.16** — O juízo era exercido pelo *Anjo do SENHOR* (Jz 6.11-22). Numa demonstração de Sua graça, Deus suspendeu a peste que destruíra o povo de Jerusalém. O *Anjo do SENHOR estava junto à eira de Araúna*. Uma *eira* é uma superfície rija e achatada onde o trigo é amassado e os grãos são separados da palha. *Araúna*, chamado *Ornã* em 2 Crônicas 3.1, era um *jebuseu*, um dos habitantes originais de Jerusalém.

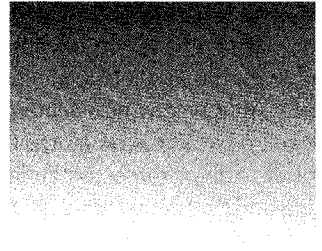
**24.17-21** — Davi intercedeu em favor do povo — *estas ovelhas* — em relação à peste. Mais uma vez ele confessou o seu pecado (v. 10) e pediu a Deus que o punisse, em vez de punir o povo.

**24.22** — *O aparelho dos bois para a lenha* consistia nos pesados carros de madeira que eram arrastados sobre o trigo durante o processo de colheita para triturar-lo.

**24.23,24** — *Araúna queria dar a Davi a eira e os bois para sacrifício*. No entanto, Davi não queria oferecer ao Senhor aquilo que não lhe havia custado nada. Este é um princípio poderoso para toda a adoração e o culto ao Senhor. Se não há um custo, não há um verdadeiro sacrifício. Davi entendeu e praticou o princípio da doação sacrificial a Deus (2 Co 8.1-4).

A *eira* estava localizada no monte Moriá, onde Abraão havia oferecido Isaque (Gn 22.2). Tempos depois, Salomão construiria o templo nesse local (1 Rs 6; 1 Cr 21.27—22.1; 2 Cr 3.1). *Cinquenta siclos de prata* foram pagos apenas pela eira, pelos bois e pelos implementos. A terra que cercava a eira custaria consideravelmente mais — 600 siclos ou 15 libras de ouro (1 Cr 21.25).

**24.25** — A oferta de *holocaustos* era o principal sacrifício de expiação dos pecados não intencionais (Lv 1.1-17; 6.8-13). Ela foi completamente consumida em cima do altar, exceto a pele, dada ao sacerdote oficial. A oferta *pacífica* era um sacrifício opcional, que não fazia parte das ofertas regulares requeridas no tabernáculo ou no templo (Lv 3.1-17; 7.11-34). Era uma expressão voluntária de ação de graças ou adoração. A preservação de Jerusalém e a compra do local do templo prepararam o caminho para a vinda do sucessor de Davi, o rei Salomão. Ele construiria o templo para a verdadeira adoração ao Deus de Israel.



O livro de

---

# 1 Reis

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**N**o primeiro livro de Reis, há registros sobre um grande número de pessoas conhecidas, tanto boas como más. Os reis Davi, Salomão e a rainha de Sabá são famosos exemplos de seres humanos retos que buscavam a sabedoria de Deus. Por outro lado, Acabe e Jezabel são dois notórios tipos de ímpios que descartaram a Lei de Deus e rebelaram-se contra Ele. Para confrontar um homem tão perverso quanto Acabe, Deus enviou alguém mais do que qualificado para a tarefa, o profeta Elias. Frequentemente descrito como o maior e mais dramático profeta, Elias demonstrou, no monte Carmelo, de uma forma inesquecível, o poder de Deus contra os 450 profetas de Baal.

Em suma, 1 Reis é a narrativa sobre um povo guiado para dois caminhos diferentes. É a história de reis bons e

de reis maus, de profetas verdadeiros e de profetas falsos, de desobediência e de obediência a Deus. Mais importante é a história da odisséia espiritual de Israel e da fidelidade de Deus a Seu povo.

O autor de 1 e 2 Reis foi o herdeiro de uma longa história de Deus tratando com o Seu povo. Nos dois livros de Reis, o narrador apresenta um selecionado ensaio sobre os eventos da nação, cobrindo o período da morte do rei Davi, no início do século 10 a.C., até a queda de Jerusalém, por volta de 586 a.C. O autor foca os sucessos e os fracassos espirituais na trajetória de Israel.

O primeiro livro de Reis começa com uma narrativa detalhada sobre a era de Salomão (971—930 a.C.; capítulos 1—11), ressaltando a sabedoria divina de Salomão (1 Rs 3.4), seus

projetos de construção do templo e do complexo do palácio (1 Rs 5—8), bem como assinalando as falhas espirituais de Salomão no final do seu reinado. Após a morte de Salomão, é focada a divisão do reino em Reino do Norte (Israel), composto por dez tribos, sob o comando de Jeroboão I, e Reino do Sul, centrado em Judá, sob o comando do filho de Salomão, Roboão (1 Rs 12.1-24). Daí em diante, os destinos diferentes destes dois reinos são traçados em termos de bênçãos ou de punições que advêm como resultado da obediência ou da desobediência das pessoas às leis de Deus.

O triste quadro da crescente apostasia de Israel é desenhado até a ascensão de Acazias, no Reino do Norte (853—852 a.C.), e do rei Josafá, no Reino do Sul (872—847 a.C.). Durante este período, os dois reinos tiveram de enfrentar o crescimento do Império Assírio, particularmente durante os reinados dos reis assírios, Ashurnasirpal II (883—859 a.C.) e Salmaneser III (859—824 a.C.).

Portanto, a narrativa de 1 Reis cobre desde a alta prosperidade do reinado de Salomão, no século 10 a.C., até a insegurança vivenciada pelos israelitas nos meados do século 9 a.C. Durante este período, a fraqueza espiritual interna dos dois reinos israelitas, que um dia culminaria em sua derrota, estava começando a tomar forma.

O livro de 1 Reis cobre uma era de mudanças dramáticas. O propósito do autor em escrever 1 e 2 Reis não era, em primeiro lugar, prover informação histórica. Ele queria apenas avaliar a odisseia espiritual de Israel que resultou na punição divina (2 Rs 17.7-23; 24.18-20). Por isto, o autor dedica uma considerável atenção a avaliar os reis de acordo com a forma como eles respondiam às responsabilidades detalhadamente explicadas nas alianças mosaica e davítica. O autor dá atenção especificamente àqueles que lidaram com tais responsabilidades de forma correta, como Ezequias e Josias. Além disto, o ministério dos profetas, como mensageiros autorizados por Deus, é realçado. Atenção particular é dada aos ministérios de Elias (1 Rs 17-19; 21; 2 Rs 2.1-11) e de Eliseu (2 Rs 2.12—8.15).

Na narrativa inteira, a necessidade de seguir fielmente o caminho divino — em obediência à

Lei do Senhor — é enfatizada. Particularmente, nas narrativas que se referem a Elias, a verdadeira adoração do Deus vivo é contrastada com a falácia da religião dos cananeus (1 Rs 17.18). A principal diferença entre o Deus verdadeiro e os deuses falsos é que o primeiro cumpre fielmente as Suas promessas (1 Rs 8.20,23-26). Portanto, especial atenção é dada às promessas de Deus na aliança davítica. Por meio dela, o Altíssimo tinha prometido abençoar Israel (1 Rs 2.4,5,45; 3.6,14; 6.12,13; 2 Rs 8.19). A falha dos israelitas em andar nos caminhos do Senhor e o seu castigo subsequente podem servir como um alerta para nós. Ao mesmo tempo, o exemplo dos profetas que permaneceram firmes em sua fé em Deus no período de apostasia da nação pode motivar-nos a perseverar na verdade e na retidão.

O primeiro e o segundo livros de Reis eram originalmente um único livro no acervo hebraico, assim como os livros de 1 e 2 Samuel. Os tradutores da Septuaginta, o Antigo Testamento grego, de cerca de 150 a.C., juntou Samuel e Reis, e dividiu o livro resultante em quatro partes. Mais tarde, quando Samuel e Reis foram separados, essas quatro partes tornaram-se 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis.

De acordo com algumas tradições, Jeremias é apontado como o autor de 1 e 2 Reis. Contudo, críticos estudiosos contemporâneos sugeriram que os livros foram resultado de um processo de compilação que começou no século 8 a.C. e foi concluída na metade do século 6 a.C. Aqueles que apoiavam esta visão identificaram uma escola deuteronômica de escritores como a fonte de 1 e 2 Reis por causa da ênfase que estes livros dão à ortodoxia religiosa (a Lei e o templo), ao ministério dos profetas e ao lugar central da dinastia de Davi.

Estudiosos das Sagradas Escrituras rejeitaram muito a ideia de uma escola deuteronômica de escritores. A maioria continua a endossar que Jeremias escreveu os livros de Reis. Eles citam como evidência para tal autoria a origem sacerdotal de Jeremias, suas atividades proféticas, seu acesso às autoridades do mais alto escalão e seu grande envolvimento pessoal nas atividades complexas relacionadas à política, à sociedade e à

religião, que ocorreram durante o colapso e a queda de Judá, no início do século 6 a.C. Certamente, nenhuma outra pessoa teria estado em melhor condição de saber a respeito da situação espiritual da nação na época e de ter acesso aos registros do Estado e a informações históricas, fontes necessárias para escrever 1 e 2 Reis.

Entretanto, diferenças no estilo de escrita entre o livro de Jeremias e 1 e 2 Reis, bem como distinções no uso dos nomes dos reis de Judá, são determinantes para definir a autoria dos livros de Reis como incerta. Se o devido peso for dado ao longo trecho que trata de Judá (2 Rs 18.1-26), pode ser razoável dizer que ambos os livros de Reis, exceto as notas históricas acrescentadas no final (2 Rs 25.27-30), são o trabalho de um autor que viveu desde os últimos dias de Judá até a queda de Jerusalém em 586 a.C. Talvez a reforma espiritual que se seguiu à recuperação do Livro da Lei, no reinado de Josias (662 a.C.), tenha provido o ímpeto necessário para o autor de Reis juntar informações e escrever um

apanhado sobre a fidelidade [ou infidelidade] de Israel à aliança, dos tempos de Davi até o seu próprio tempo.

Para cobrir quase 400 anos, o autor do livro dos Reis precisaria de excelentes fontes de material de pesquisa. Três fontes são especificamente nomeadas: (1) O *livro da história* de Salomão (1 Rs 11.41), no qual os eventos relativos ao governo de Salomão foram narrados; (2) O *Livro das Crônicas dos Reis de Israel* (citado 18 vezes, em 1 Rs 14.19—2 Rs 15.31), nos quais havia os registros dos governantes do Reino do Norte; e (3) O *Livro de Crônicas dos Reis de Judá* (mencionado 15 vezes em 1 Rs 14.29-2—2 Rs 24.5), nos quais havia registros dos governantes do Reino do Sul. Além disto, o autor deve ter tido apanhados biográficos de Davi (1 Rs 1.1—2.11), de Elias e Eliseu (1 Rs 16.29—2 Rs 9.37), e acesso ao livro de Isaías (compare Is 36—39 a 2 Rs 18.13—20.19). Tais materiais devem ter sido preservados em escolas sacerdotais e proféticas nos Reinos do Norte e do Sul.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM 1 REIS

1.003 a.C. — Davi se torna rei de Israel

988 a.C. — Nasce Salomão

970 a.C. — Davi morre, e Salomão o sucede no trono

930 a.C. — Salomão morre; Jeroboão reina em Israel, e Roboão reina em Judá

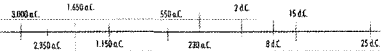
910 a.C. — Asa se torna o rei de Judá

909 a.C. — Baasa se torna rei de Israel

874 a.C. — Acabe se torna rei de Israel

872 a.C. — Josafá se torna rei de Judá

865 a.C. — Elias começa a profetizar contra Acabe





## ESBOÇO

- I. O reino unido — 1.1—11.43
  - A. O declínio de Davi e a exaltação de Salomão como rei — 1.1—2.12
  - B. O restabelecimento do reinado de Salomão — 2.13-46
  - C. A sabedoria de Salomão — 3.1—4.34
  - D. O programa de construção do reino de Salomão — 5.1—8.66
  - E. Os eventos do reino de Salomão — 9.1—11.43
- II. O reino dividido — 12.1—22.53
  - A. A ascensão de Roboão e a divisão do reino — 12.1-24
  - B. Os primeiros reis dos dois reinos [o do Norte e o do Sul] — 12.25—16.14
    1. O reinado de Jeroboão no Reino do Norte — 12.25—14.20
    2. O reinado de Jeroboão, Abias e Asa no Reino do Sul — 14.21—15.24
    3. O fim da primeira dinastia no Reino do Norte. Nadabe — 15.25-32
    4. A segunda dinastia no Reino do Norte. Baasa — 15.33—16.14
  - C. A terceira dinastia no Reino do Norte. Onri — 16.15-22.53
    1. O reinado de Onri no Reino do Norte — 16.15-28
    2. O reinado de Acabe no Reino do Norte — 16.29—22.40
      - a. Elias e a seca — 17.1-24
      - b. Elias no monte Carmelo — 18.1-46
      - c. A luta de Elias no monte Horebe — 19.1-21
      - d. A condenação de Acabe por um profeta — 20.1-43
      - e. Elias condena os dias do filho de Acabe — 21.1-28
      - f. A profecia de Micaías sobre a morte de Acabe — 22.1-40
    3. O reinado de Josafá no Reino do Sul e a ascensão de Acázias no Reino do Norte — 22.41-53

## COMENTÁRIO

**1.1—11.43** — O primeiro livro de Reis tem duas grandes partes. A primeira foca o reinado de Salomão, após a morte de Davi, e apresenta o reino unido. A segunda começa no capítulo 12 e apresenta a divisão da nação de Israel em Reino do Norte e Reino do Sul, após a morte de Salomão.

**1.1—2.11** — Este trecho coloca o reinado de Salomão no contexto das provisões da aliança davídica (2 Sm 7). O narrador enfatiza que a ascensão de Salomão ao trono foi a vontade soberana de Deus.

**1.1-4** — Davi tinha aproximadamente 70 anos quando morreu (2 Sm 5.4; 1 Cr 29.26-28). Os longos anos em que esteve envolvido na guerra indubitavelmente levaram embora seu vigor físico.

*Para que o rei, nosso senhor, aqueça.* O aquecimento de Davi (v. 2) seria obtido a partir do calor do corpo saudável de outra pessoa [Abisague]. Este procedimento clínico usado para cuidar de uma pessoa com hipotermia era conhecido por Galem, um médico grego do século 2 a.C., e pelo historiador judeu Flávio Josefo.

**1.1-5** — O nome do quarto filho de Davi, *Adonias*, significa *o Senhor é o meu Senhor* (2 Sm 3.2-4). Amnom e Absalão, o primeiro e o terceiro filho de Davi, tinham experimentado mortes violentas (2 Sm 13.28,29; 18.14). E Quileabe, o segundo filho de Davi, aparentemente havia morrido jovem. *Então, Adonias [...] se levantou, dizendo: Eu reinarei.* Adonias, o filho mais velho vivo de Davi, queria assumir o trono, mesmo Salomão tendo sido designado como sucessor do pai (1 Rs 1.13,17,30; 2.15; 1 Cr 22.9,10). Adonias, evidentemente, sabia da intenção de Davi de coroar Salomão; assim, deliberadamente evitou convidar aqueles que apoiavam a escolha de Salomão como novo rei (v. 8,10). Desta maneira, Adonias se levantou contra a vontade de Deus.

**1.6** — *E nunca seu pai o tinha contrariado.* Embora Davi tenha sido um líder eficaz e homem de profunda sensibilidade espiritual, ele não soube exercitar a devida disciplina com seus filhos (2 Sm 13.21-39; 14.18-24).

**1.7** — Como importantes aliados, para apoiar sua coroação, Adonias procurou *Joabe*, o comandante de Davi, e *Abiatar*, o sumo sacerdote.



1.8 — Zadoque era da linhagem sacerdotal de Eleazar (2 Sm 8.17). Benaia servia como chefe da guarda do rei e era considerado um dos homens mais poderosos de Davi (2 Sm 23.20-23). O profeta Natã era o confidente de Davi e conselheiro espiritual (2 Sm 12.1-25). Simei provavelmente foi o homem que posteriormente se tornou o governador do distrito de Salomão (1 Rs 4.18), não devendo ser confundido com Simei, filho de Gera, inimigo de Davi (1 Rs 2.8; 2 Sm 19.18-23).

1.9,10 — O termo *zoelete* significa *serpente*. Talvez a pedra [onde foi oferecido o sacrifício] tivesse a forma de uma serpente. De qualquer forma, era um ponto conhecido na região. A refeição cerimonial de Adonias foi realizada junto à fonte de Rogel, entre os vales de Hinom e Cedrom, num lugar bem situado para os propósitos de Adonias. A fonte de Rogel tinha associações positivas com Davi (2 Sm 17.17).

1.11 — É uma marca da integridade de Davi o fato de Natã, aquele que o tinha confrontado por seu terrível pecado, ainda ser bem-vindo na casa do rei (2 Sm 12.1-15). Natã foi a Bate-Seba porque ele não queria ver Adonias usurpar de Salomão, filho dela, o direito ao trono. Como esposa do rei, Bate-Seba tinha imediato acesso a ele e considerável influência em assuntos civis (1 Rs 15.10-13; 19.1-3; 21.5-15,25). Se Adonias se tornasse rei, ela e Salomão poderiam ser exilados e até mortos, e Salomão perderia de vez o trono (1 Rs 15.19; 16.11; 2 Rs 9.30-37; 10.1-17; 11.1).

1.12-27 — Natã e Bate-Seba planejaram juntos como ele poderia confirmar o relatório de

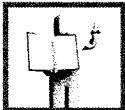
Bate-Seba para o rei. Natã sabia a respeito do juramento solene do rei a Bate-Seba (v.13,30; Lv 19.12), mas estava preocupado com a possibilidade de Davi falhar em agir rapidamente contra a tentativa de Adonias de usurpar a coroa. O relatório de Bate-Seba a respeito da crise foi feito de forma que despertasse em Davi um adequado senso de justiça.

1.25,26 — O fato de Natã informar que *Abiatar* estava apoiando Adonias e que *Zadoque*, *Benaia* e *Salomão* sequer tinham sido convidados para o sacrifício, que aclamava Adonias como novo rei, ajudou Davi a enxergar melhor a situação.

1.27,28 — *Foi feito isso da parte do rei, meu senhor?* A pergunta de Natã foi tática. Davi teria de agir logo fazendo valer sua autoridade como rei vigente, embora ele estivesse relutando em opor-se ao seu filho rebelde, que contrariava sua vontade (leia a história sobre a rebelião de Absalão em 2 Sm 15—18).

1.29,30 — Um juramento em nome do Senhor era a mais forte garantia que um israelita fiel poderia dar de cumprir a palavra empenhada (1 Rs 17.1). Durante o período veterotestamentário, os israelitas usavam uma linguagem formal em votos e juramentos (Rt 1.17). Na época neotestamentária, Jesus falou aos Seus seguidores que evitassem juramentos (Mt 5.33-37).

*Vive o Senhor, o qual remiu a minha alma de toda a angústia.* Por meio destas palavras de louvor, Davi celebrou as inúmeras vezes que o Senhor agiu em favor dele, para livrá-lo dos seus inimigos e remi-lo de seus próprios pecados. Alguns salmos



## ENTENDENDO MELHOR

### BRIGA POLÍTICA INTERNA

Qualquer um que lamente a situação política e governamental de hoje deveria prestar atenção ao relato sobre o pedido de Adonias em relação ao trono de Israel (1 Rs 1.5). Com a morte iminente de Davi, a pergunta era: quem o sucederia no trono? Adonias contava com o apoio popular, mas Davi nomeou o meio-irmão de Adonias, Salomão, como o herdeiro legítimo do trono (1 Rs 1.11-14,28-30,38,39).

Salomão estendeu graça a Adonias (1 Rs 1.50-53), mas este se recusou a aceitar um papel menor. Desesperado por manter-se no poder, Adonias persuadiu a mãe de Salomão, Bate-Seba, a pedir a Salomão que permitisse ao irmão mais velho se casar com uma concubina de Davi, Abisague (1 Rs 2.13-18). O casamento tornaria público que Adonias era o herdeiro do trono, uma vez que o harém de um rei normalmente passava para o seu sucessor. Salomão percebeu o plano e determinou a execução de Adonias (1 Rs 2.22-25).

de Davi foram escritos sobre esses tempos de livramento (Sl 40; 142).

**1.31** — *Viva o rei Davi, meu senhor, para sempre!* Bate-Seba fez a parte que lhe cabia e, quando terminou o pleito, prostrou-se diante do rei e expressou a sua esperança de que o seu reinado fosse longo e jamais terminasse.

**1.32,33** — Davi convocou os líderes sacerdotais de Israel que não tinham tomado partido na conspiração de Adonias (v.8,10,26) para prestarem apoio na coroação de Salomão, que seria oficialmente reconhecido como sucessor de Davi ao ser visto montando a mula real (2 Sm 13.29; 18.9; Zc 9.9; Mt 21.5).

*E fizeti-o descer a Giom.* Giom era a fonte que garantia o abastecimento de Jerusalém. Ficava no vale de Cedrom, a leste da cidade. Por um fosso nesta fonte, que abastecia a fortaleza dos jebuseus, Joabe ajudou Davi a conquistar o monte Sião e a edificar Jerusalém (2 Sm 5.6-9; 1 Cr 11.6-9). Também foi usando esta fonte que o rei Ezequias construiu o famoso aqueduto que abasteceu o reservatório de Siloé durante a ameaça da invasão dos assírios, em 701 a.C. (2 Rs 20.20).

**1.34-37** — Os planos para a proclamação pública do novo rei, com a sanção de Davi e a bênção sacerdotal, tinham o objetivo de levar as pessoas da cidade a saberem que Salomão seria o próximo rei de Israel.

**1.38** — Os *quereteus* e os *peleteus* faziam parte da guarda real de Davi (2 Sm 8.18; 15.18; 20.7). A associação deles com Davi remonta aos dias em que este viveu entre os filisteus, com os quais ambos os grupos são normalmente identificados (1 Sm 30.13,14; Ez 25.16; Sf 2.5).

**1.39,40** — A unção de Salomão por sacerdote Zadoque era um procedimento normal para uma sucessão ininterrupta ao trono. Quando havia sucessão no trono, a unção do novo rei era realizada por um profeta (1 Rs 19.15-18; 2 Rs 9.1-10). Toda unção sacerdotal levaria às palavras de Deus no Salmo 2, em concordância com as palavras da aliança davídica em 2 Samuel 7. A unção anunciava que o ungido era agora o filho adotivo do Deus vivo. Toda a unção no Antigo Testamento apontava para o Ungido, o Messias, Jesus. O tocar

das *trombetas* celebrava e anunciava a unção de um novo rei. A alegria do povo pareceu alastrar-se, pois, *com o seu clamor, a terra retiniu* (v.40).

**1.41-49** — Primeiro, o ruído e, depois, a notícia de que Salomão havia sido ungido em Giom rapidamente alcançaram Adonias e seu partido em Rogel, a apenas algumas centenas de pés distantes ao sul (v.9). Isto levou à completa desmoralização dos conspiradores que o apoiavam.

**1.45,49** — O alvoroço devido à coroação real de Salomão em Giom facilmente alcançou os ouvidos daqueles que estavam junto a Adonias no alto em Rogel, que ficava a apenas algumas centenas de pés distantes ao sul.

**1.50,53** — O pedido de Adonias por misericórdia nas (Lv 4.7,18,25,30) *pontas do altar* sujas de sangue (1 Rs 1.50) era para manter a tradição do altar como um asilo de refúgio para aqueles que haviam cometido crimes sem intenção (Êx 21.12-14). Mais tarde, Joabe também tentaria encontrar segurança neste lugar (1 Rs 2.28).

**1.53** — Embora Davi ainda estivesse vivo (1 Rs 2.1-12) e a coroação ainda não tivesse ocorrido, a comemoração pública durante esta cerimônia de unção profética em Giom (1 Rs 1.38-40) era basicamente a mesma coisa que declarar Salomão o rei de Israel. O nome *Salomão* está associado à palavra em hebraico para *paz* (*shalom*), e o verbo significa *estar completo* (*shalem*). *Vai para a tua casa.* Salomão deu clemência temporária a seu irmão, provavelmente, por respeito ao seu pai.

**2.1-3** — *E deu ele ordem a Salomão, seu filho* (v.1). Davi estava seguindo um precedente espiritual e também um costume do antigo Oriente Médio, passando instruções para o seu filho (1 Cr 28; 29). A ordem de Davi para Salomão era o remanescente das palavras de Moisés para os israelitas (Dt 31.6) e a admoestação do Senhor a Josué (Js 1.6,79). As instruções específicas dadas aqui ecoam os padrões de retidão associadas com a aliança de Moisés (Dt 5.33; 8.6,11; 11.1,22,23).

**2.4** — *Nunca, disse, te faltará sucessor ao trono de Israel* (parte c). Deus tinha feito uma aliança incondicional com Davi (2 Sm 7.12-16; 1 Cr 17.11-14), garantindo a ele uma contínua posteridade e uma dinastia real. Embora a aliança

com Davi fosse uma eterna e sagrada promessa, alguns reis, mediante seus comportamentos perversos, poderiam não receber os benefícios da aliança (Sl 89.3,4,14-24,27-37). A linhagem da promessa seria preservada, e ao trono de Israel não faltaria sucessor, mas viria um tempo quando o Líder prometido não estaria em um trono terrestre (Os 3.4).

Os profetas de Deus predisseram que um futuro herdeiro do trono de Davi reinaria sobre um Israel arrependido, reunido e restaurado (Jr 33.19-26; Ez 34.22-31) em cumprimento das promessas contidas nas alianças de Abraão, de Davi e da nova aliança que seria estabelecida por intermédio de Cristo (Ez 37.21-28; Mq 7.18-20). O Novo Testamento revela que tudo isto será realizado e pleno em Jesus, o Rei salvador (At 3.25,26; 15.16, 17; Gl 3.26-29; Ap 3.21), que vem a ser herdeiro de Davi em última instância (At 2.22-36).

**2.5-9** — O conselho de despedida de Davi sinalizou alguns problemas que ainda não tinham sido resolvidos. Um dizia respeito a Joabe. O destemido e forte Joabe havia matado dois chefes do exército de Israel (2 Sm 3.27; 20.10) e Absalão, o filho de Davi (2 Sm 18.14). Ele havia-se unido à conspiração mal sucedida de Adonias (1 Rs 1.7,19). Outro problema dizia respeito a Simei, que tinha tratado o rei vergonhosamente em uma ocasião anterior (2 Sm 16.5-13; 19.16-22).

Cãs. Tanto Joabe como Simei tinham vivido um longo tempo sem a devida paga por seus atos perversos. O velho rei sabia que estes homens,

provavelmente, continuariam a ser um problema para Salomão, da mesma forma que eles haviam sido para ele.

**2.7-9** — Davi também incluiu orientações de beneficência para a casa de Barzilai, que o tinha apoiado durante todo o período associado com a rebelião de Absalão (2 Sm 17.27-29; 19.31-39). *Comer à mesa* do rei trazia consigo não apenas uma honra distinta, mas real favor (2 Sm 9.7; 2 Rs 25.29). Isso significava que a casa real sustentaria essa família perpetuamente.

**2.10-12** — A morte de Davi será lembrada por toda a história de Israel. A sua morte e o fato de ele ter deixado como sucessor o seu filho Salomão foram os dois fatos que mostraram que o Senhor realizaria o Seu plano para estabelecer a casa de Davi e a regra do Rei salvador.

**2.10** — Hoje existe o assim chamado túmulo de Davi no monte Sião em Jerusalém, marcando aproximadamente o local onde ele deve ter sido sepultado.

**2.12** — *Salomão se assentou no trono de Davi*. Por estas palavras, tanto a sua coroação como o estabelecimento do seu reino foram declarados. A unção dramática o marcou como o único e verdadeiro sucessor de seu pai (1 Rs 1.38-40).

**2.13-17** — *De paz é a tua vinda?* Adonias fez Bate-Seba acreditar que o seu pedido por Abisague era simplesmente uma compensação por não ter recebido a coroa que todos esperavam que fosse dada a ele. Porém, o pedido de Adonias continha várias implicações. Tomar um membro do harém do rei normalmente seria interpretado



## APLICAÇÃO

### A ORIENTAÇÃO FINAL DE UM PAI

A orientação de despedida de Davi para Salomão (1 Rs 2.1-9) foi uma maneira muito comum de os pais do mundo antigo passarem adiante um legado aos seus sucessores. As últimas palavras de Davi proveram um excelente modelo para os pais de hoje darem instruções finais aos seus filhos. As ordens de Davi continham vários elementos.

- Um claro reconhecimento e aceitação da morte (1 Rs 2.2).
- Um desafio a Salomão de agir com responsabilidade (1 Rs 2.2).
- Uma revisão da aliança de Deus com a nação de Israel (1 Rs 2.3) e com a casa de Davi (2.4).
- Instruções de como servir com justiça e honrar os compromissos de Davi (1 Rs 2.5-9).

como uma solicitação pelo trono (2 Sm 3.7-10; 12.8; 16.21-22). Abisague havia cuidado de Davi na sua velhice (1 Rs 1.1-4,15).

**2.18-22** — *Também para ele o reino.* Salomão não apenas entendeu o plano de Adonias, mas reconheceu Joabe e Abiatar como seus companheiros conspiradores. Os três foram tratados com severidade (v.23-35).

**2.23-24** — As ações de Salomão, embora severas, foram o que ele acreditava ser o meio pelo qual ele seria capaz de manter a fé com *Yahweh*, que o tinha levantado como rei.

**2.25-26** — *Mão de Benaia.* Este poderoso homem de Davi não participou dos planos de Adonias (1 Rs 1.8,26). Além disto, ele participou da cerimônia de unção de Salomão em Gion (1 Rs 1.38).

**2.27** — Quando Abiatar foi retirado do cargo de sacerdote, sua influência ficou grandemente restrita. Salomão poupou a vida de Abiatar em reconhecimento ao seu serviço prestado a Deus e a Davi no passado (2 Sm 15.24,29; 1 Cr 15.11-15). Com este ato, a palavra do Senhor a Eli se cumpriu. Os descendentes de Eli foram removidos do serviço do Senhor (1 Sm 2.30-33).

**2.28-31** — Por Joabe ser um assassino (2 Sm 3.27; 18.14; 20.10), ele não poderia clamar pela proteção santa das pontas do altar (1 Rs 1.50). Por esta razão, ele não pôde escapar da execução (1 Rs 2.29-31).

**2.32-34** — A paga das atitudes perversas de Joabe trouxeram à tona a razão para a sua execução, para remover o sangue inocente da cabeça de Davi e de sua casa.

**2.35** — Salomão, então, decisivamente apontou seus dois leais para as posições devidas. Benaia se tornou capitão do exército, e Zadoque, o sumo sacerdote. Zadoque era descendente de Eleazar, o filho de Arão (1 Cr 6.4-8).

**2.36-46** — A princípio, Salomão colocou Simei sob uma extensa prisão domiciliar, em vez de executá-lo imediatamente por ter tratado Davi de forma vergonhosa (1 Rs 2.8,9). Porém, Simei achou que tinha de perseguir dois escravos que haviam fugido. Esta desobediência o levou à morte.

*Toda a maldade* (1 Rs 2.44). Simei tinha-se oposto abertamente e amaldiçoado Davi (2 Sm 16.5-13; 19.16-23). Ele abertamente violou os termos do acordo com Salomão (1 Rs 2.36,37). Executando Joabe e Simei e removendo Abiatar, Salomão cumpriu as ordens de Davi dadas a ele (v.5,8) e também resolveu o problema de ter um sumo sacerdote hostil.

**3.1—4.34** — Este trecho enfatiza que Deus aprovou Salomão como sucessor de Davi, derramando sobre ele uma divina bênção de sabedoria, para que pudesse governar o reino efetivamente. Este trecho tem quatro divisões: (1) O desejo de Salomão por sabedoria (1 Rs 3.1-15); (2) a sabedoria de Salomão para julgar (1 Rs 3.16-28); a sabedoria de Salomão para governar (1 Rs 4.1-28); a fama de Salomão por sua sabedoria (1 Rs 4.29-34).

**3.1** — *Tomou por mulher.* No antigo Oriente Médio, as alianças políticas eram frequentemente ratificadas mediante o casamento do filho de um rei com a filha de outro. Salvo em circunstâncias incomuns, os faraós do Egito não observavam este costume (veja 1 Cr 4.17,18). Logo, o fato de o faraó ter dado a sua filha a Salomão confirmou o crescente prestígio do rei israelita, bem como a sua importância ao rei egípcio. Faraó deu a importante cidade de Gezer ao casal como presente de casamento (1 Rs 9.16). A falha (moral e espiritual) de Salomão, em seus últimos anos de vida, foi resultante de seus inúmeros casamentos com esposas estrangeiras. Cada uma delas vinha com a sua própria comitiva de sacerdotes e servos de sua religião pagã. No capítulo 11, pode-se observar o andar desta triste temática.

*Casa do Senhor.* Tanto o palácio de Salomão como o templo são chamados de casa. Assim como Salomão ocupava o palácio, era natural que o Senhor se fizesse bem presente com o Seu povo no templo.

**3.2,3** — Se as cerimônias de adoração aconteciam em ambientes especialmente construídos para tal função ou em um santuário ao ar livre (1 Rs 13.32), os *lugares altos* (v. 33) proporcionavam um cenário onde os ritos religiosos cananeus podiam se infiltrar em meio à adoração israelita (1 Rs 11.7; 2 Rs 16.4).


**PERFIL**
**O PRESENTE DE UM CORAÇÃO ENTENDIDO**

Em vez de pedir a Deus riqueza, saúde ou felicidade, Salomão pediu um *coração entendido* (1 Rs 3.9). O pedido em si mesmo demonstrou notável sabedoria, mas também fez muito sentido, dadas as circunstâncias em que Salomão se encontrava.

Ele estava seguindo as pegadas de um homem notável (1 Rs 3.6). Ele era jovem e considerava-se inexperiente (v.7). Ele tinha a responsabilidade de liderar o povo de Deus (v.8), um povo que se mostrou, em inúmeras ocasiões, teimoso, rebelde e duro com os seus líderes. Além disso, Salomão tinha acabado de sair de uma verdadeira luta para se sentar em seu trono (1 Rs 1; 2). A maioria dos seus inimigos tinha sido eliminada. Mas poderia ele se esquecer de toda a intriga que tais eventos causaram a ele? Da mesma forma, poderia ele se esquecer de todos os atentados que o seu pai sofrera? Outrossim, o que dizer sobre as circunstâncias que envolveram o seu próprio nascimento (2 Sm 11; 12)? Dadas as condições em que Salomão se encontrava, ele tinha muitas razões para pedir a habilidade de discernir entre o bem e o mal (1 Rs 3.9).

**3.4,5** — *Gibeão* é um morro localizado a aproximadamente seis milhas à noroeste de Jerusalém.

**3.6,7** — O termo *criança* (ARA) frequentemente refere-se a um servo ou a uma pessoa inexperiente, ainda em treinamento para alguma profissão (1 Rs 19.21; 20.14,15; 2 Rs 4.12). Com a devida humildade, Salomão expressa a sua relativa jovialidade e inexperiência.

**3.8,9** — *Um coração entendido*. Este termo sugeria não somente a disponibilidade e a paciência para ouvir todos os lados de uma disputa, mas também o desejo de ter a habilidade de julgá-la.

**3.10-12** — Deus respondeu o pedido de Salomão de forma abundante, concedendo a ele não somente um *coração entendido*, mas um coração sábio para lidar com os casos cruciais da vida, de uma maneira justa e habilidosa. As habilidades que Deus deu a Salomão eram excepcionais. A sua sabedoria recém-adquirida (1 Rs 4.29-34) era frequentemente testada (1 Rs 3.16-28; 10.1-13, 23,24) e essencial diante dos críticos problemas enfrentados em sua administração. Os capítulos seguintes comprovam as habilidades administrativas de Salomão na política (cap. 4), na arquitetura (capítulos 5—7) e na área socioeconômica (1 Rs 9.10-28; 10.14-29). A sabedoria de Salomão, entretanto, não era garantia de sabedoria espiritual (1 Rs 11.1-13).

**3.13,14** — *O que não pediste*. Por Salomão ter escolhido um presente maior que riquezas e honra, Deus prometeu a ele todo o restante (Mt 6.33).

**3.15** — *Um sonho*. Os sonhos eram uma das maneiras pelas quais Deus revelava a Sua vontade

(Gn 20.3; 37.5; Dn 2.3). Apesar de Davi ter trazido a *arca da aliança* a Jerusalém (2 Sm 6), o tabernáculo e o seu mobiliário permaneceram em Gibeão, que serviu como um importante centro de adoração (1 Rs 3.4; 2 Cr 1.3-5).

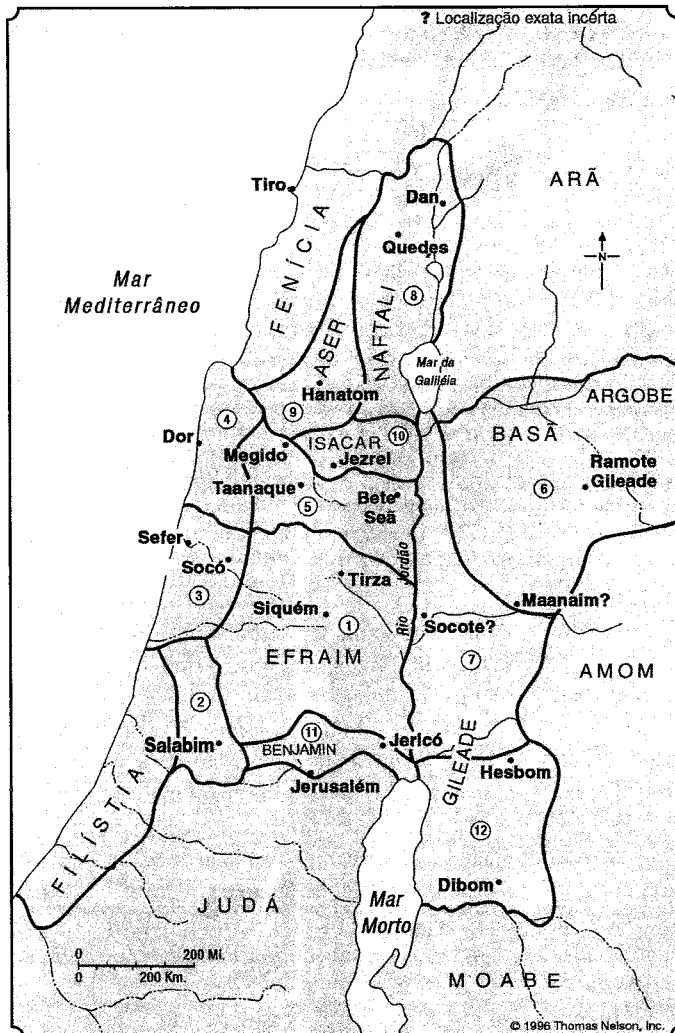
**3.16-25** — O fato de *prostitutas* poderem apresentar-se diante de Salomão sugere que ele se disponibilizava para todo o tipo de pessoa que realmente almejava encontrar justiça.

**3.26,27** — *Porque o seu coração se lhe enterneceu por seu filho*. O amor materno fez a verdadeira mãe abrir mão de seu filho para mantê-lo vivo.

**3.28** — *Sabedoria e justiça*. Essas primordiais qualidades que marcaram o reinado de Salomão desde o princípio caracterizavam o governo do Messias de Israel em um plano bem maior (Is 11.1-5).

**4.1-6** — A sabedoria de Salomão também se demonstrou na nomeação de seus oficiais para ir ao encontro das necessidades do Estado. Para questões cívicas, Salomão nomeou *escribas* e um oficial para chefiar oficiais distritais (*Uzias*). Ele escolheu *Benaia* para substituir Joabe como comandante do *exército* (1 Rs 2.35). Em sua equipe pessoal, ele nomeou um conselheiro especial, *o amigo do rei*; um chefe de protocolo, *o cronista*; e um ministro de palácio e Estado, *que provia a sua casa*. Esta última posição se tornou um poderoso ofício na administração real. Os homens que a ocuparam foram Obadias (1 Rs 18.3), Eliaquim (2 Rs 18.18) e Sebna (Is 22.15).

**4.7-19** — Estes *12 governantes* se encarregaram dos distritos de Salomão. Eles se responsabilizaram por lidar com as menores tarefas administrativas



#### Distritos Administrativos de Salomão

O crescimento das fronteiras de Israel sob a liderança de Salomão exigiu grandes despesas militares. Eram ambiciosos os projetos comerciais em toda a construção e expansão desse reino. Assim, Salomão enfrentou a necessidade urgente de aumentar sempre as receitas. Para atender a esta necessidade, Salomão dividiu Israel em doze distritos e nomeou governadores para cada distrito. Estes governadores eram responsáveis pela liquidação e a cobrança dos impostos para prover as necessidades de Jerusalém e do palácio real. Os cada vez mais pesados tributos sobre Israel criaram grandes divergências, porque a região de Judá foi isentada. Além disso, as divisões em distritos violavam os antigos limites das tribos.

e nomear comissões para a coroa. Os distritos não seguiam os limites tribais.

4.18,19 — Este Simei não é a mesma pessoa que aparece no capítulo 2, verso 8. Este deve ser

o do capítulo 1, versículo 8 — um apoiador de Salomão.

4.20,21 — Muitos, como a areia que está ao pé do mar em multidão. Deus cumpriu a Sua promessa a Abraão, a saber: fazer da sua descendência uma grande nação (Gn 15.5,18). O império de Salomão se estendeu por muito além dos tradicionais limites de Israel. Por meio desta expansão, os judeus não só viajaram para regiões longínquas, mas também levaram consigo o conhecimento do Deus vivo.

E dominava Salomão sobre todos os reinos desde o rio Eufrates até à terra dos filisteus. A promessa de Deus a Abraão (Gn 15.18) se cumpriu em parte na hegemonia de Salomão. Mediante várias transações comerciais, tratados e demonstrações de poder, Salomão estendeu o seu império por muito além dos tradicionais limites de Israel. Entretanto, o cumprimento das palavras de Deus a Abraão encontradas em Gênesis 15 só se dariam por completo no futuro.

4.22 — Coro. O coro tinha o mesmo tamanho que o ômer (Ez 45.14), seis alqueires e um quarto, uma carga adequada para um burro.

4.23 — Bois e aves. A carne era um item raro na dieta de um indivíduo, salvo em ocasiões festivas (Pv 9.2).

4.24,25 — O nome Salomão é relacionado à palavra shalom, paz. E, no reinado dele sobre Israel, a nação gozou de paz, pela ausência de guerras. O vinho e a

figueira são símbolos da bênção de Deus àqueles que obedecem à Sua aliança.

4.26 — Quarenta mil estrebarias. Alguns manuscritos gregos dizem que o número era de quatro

mil (o que também se pode encontrar em 2 Cr 9.25). De acordo com 1 Reis 10.26 e 2 Crônicas 1.14, Salomão tinha 1.400 carruagens. Se cada carro era puxado por três cavalos, quatro mil era o número de cavalos de que Salomão precisava.

**4.27,28** — As imensas provisões de que a realeza (v. 22,23) precisava eram supridas mensalmente por cada um dos 12 *governantes* (1 Rs 4.7-19).

**4.29** — Além de ter dado a Salomão um coração que sabia ouvir (1 Rs 3.9) e bem interpretar (v. 3.12), Deus deu a ele também *grandeza de coração*. Essas três qualidades formavam a sabedoria de Salomão, que é descrita neste versículo como sendo ilimitada e imensurável, como a *areia da praia* ou o número de israelitas (1 Rs 4.20).

**4.30** — O termo *todos os do oriente* se refere à Mesopotâmia (Gn 29.1), à margem leste do Jordão (Is 11.14) ou à Arábia em geral (Jz 6.3,33; 7.12). Todos estes são lugares cujos habitantes tinham a reputação de serem sábios (Ob 8). A fabulosa reputação da *sabedoria do Egito* se fez evidente na literatura egípcia por mais de um milênio antes de Salomão nascer.

**4.31** — *Etã, o exraíta*. Veja o título de Salmo 89. *Hemã*. Veja 1 Crônicas 16.42 (onde *Jedutum* pode ser a mesma pessoa que Etã).

**4.32-34** — *Provérbios e cânticos*. Salomão foi o autor da maior parte do livro de Provérbios. Também foi atribuída a ele, tradicionalmente, a autoria de Cantares, dos Salmos 72 e 127 e de Eclesiastes.

**5.1—8.66** — O cronograma de construção do reinado de Salomão era dividido em cinco partes: (1) preparações para a construção do templo

(1 Rs 5.1-18); (2) a construção do templo (1 Rs 6.1-38); (3) o complexo do palácio (1 Rs 7.1-12); (4) os objetos do templo (1 Rs 7.13-51); e (5) a dedicação do templo (1 Rs 8.1-66).

**5.1,2** — *Hirão*. Este rei fenício governou Tiro por 34 anos (978—944 a.C.). O termo *amado* reflete o vocabulário tradicional da diplomacia do Oriente Médio para alianças políticas e reforça a evidência bíblica de que Hirão era amigo e aliado de Davi (v.12; 2 Sm 5.11,12). Hirão iniciou o seu relacionamento com Salomão baseado no seu bom relacionamento com Davi. Quando Salomão escreveu a Hirão (v.2-6), ele falou do Senhor com toda a liberdade como sendo o Deus de Davi e dele mesmo. Hirão respondeu com louvor (v.7).

**5.3** — *Casa*. Apesar de Deus ter impedido Davi de construir o templo (2 Sm 7.12,13), Davi fez preparações para que esse edifício fosse erguido por seu filho Salomão (1 Cr 21.18—22.19; 28.9—29.19).

*Nome*. O nome de Deus se associava com a revelação da Sua personalidade e da Sua reputação (Êx 3.14,15), assim como a Sua soberana posse de tudo (Êx 20.24; Sl 22.22).

**5.4,5** — A mudança de *SENHOR, seu Deus* (v.3) para *o SENHOR, meu Deus* (v.4) demonstra que Salomão e o seu pai compartilhavam da mesma fé.

**5.6** — *Cedros do Líbano*. Além da Bíblia, outra fonte literária antiga comprova o excessivo uso de cedro do Líbano para se construir e mobiliar templos e palácios. O principal material de construção em Jerusalém era a pedra calcária.

*Entre nós ninguém há*. Como Israel não possuía cedro como no Líbano, não havia entre os



## EM FOCO

### ENTENDIMENTO (HB. *TEBUNAH*)

(1 Rs 4.29; Jó 12.13; Pv 3.13; 21.30)

A raiz desta palavra significa *distinguir* ou *discernir*. Logo, este substantivo traz a ideia de discernimento. A palavra hebraica tem relação direta com o conceito de sabedoria em 22 passagens, incluindo Provérbios 8, onde ambas são personificadas (Êx 31.3; 1 Rs 7.14; Pv 8.1; 10.23). Devido à sua íntima ligação com sabedoria, a palavra ocorre frequentemente em Provérbios. Salomão contrastou *entendimento* com *loucura* (Pv 14.29; 15.21; 18.2). Ele também exortou o seu filho para que ele aplicasse o seu coração ao entendimento (Pv 2.2). No final das contas, todo o discernimento é do Senhor (Pv 2.6), cuja sabedoria é infinita (Sl 147.5; Is 40.28).

israelitas homens habilidosos para lidarem com o cedro nas construções.

**5.7** — *Bendito seja hoje o SENHOR*. O reconhecimento da divindade de outro povo é bem conhecida tanto na Bíblia (1 Rs 10.9; Dn 3.28) como na literatura do Oriente Médio antigo.

**5.8-11** — A resposta de Hirão indica que ele era um sagaz homem de negócios. Salomão não só pagava os salários dos *servos* de Hirão como entregava o pagamento nas mãos do próprio (v. 6,11; 2 Cr 2.10). Além de homens e materiais, Hirão também fornecia ouro a Salomão, sobre o qual ele aparentemente exigia garantia (1 Rs 9.10-14), a qual Salomão posteriormente conseguiu resgatar (2 Cr 8.1,2).

**5.12-14** — *Mão-de-obra*. Os trabalhadores foram postos para trabalhar forçadamente em projetos públicos. O longo e excessivo uso deste tipo de conscrição social de que Salomão se munia para realizar os seus vastos projetos de obras tornou-se uma fonte de considerável dificuldade para o seu sucessor Roboão (1 Rs 12.4).

**5.15-18** — *Pedras tiradas de pedreiras*. Escultores de pedra eram trabalhadores que cortavam e esmagavam rochas de uma pedreira. A profissão era comum na época.

**6.1** — *Quatrocentos e oitenta anos*. Muitos estudiosos tomam esta data como a da época do êxodo. Com a morte de Salomão, a divisão do reino pode ser datada de 930 a.C. (1 Rs 11.41-43). Permitindo assim 40 anos de governo salomônico (1 Rs 11.42), o quarto ano do seu reinado seria em 966 a.C. Se o êxodo aconteceu 480 anos antes de 966 a.C., o ano foi o de 1.446 a.C.. Eles consideram esta data muito prematura para o que ocorre no livro de Êxodo e datam o êxodo do século 13 a.C. Eles sugerem ou que os 480 anos eram uma representação para um período de 12 gerações ou que este período foi alcançado somando-se a duração de vários períodos concomitantes ou sobrepostos, apesar de eles terem sido considerados pontos em uma mesma linha do tempo.

**6.2,3** — *Casa ao SENHOR*. Para o interior do templo, Salomão seguiu a planta baixa do tabernáculo, mas dobrou as suas dimensões.



## APLICAÇÃO

### TUDO DO BOM E DO MELHOR

Sempre que as igrejas dos dias atuais elaboram planos e orçamentos para prédios de adoração, elas se deparam com um antigo dilema: o que seria apropriado em termos de tamanho, material, beleza e gasto? Para Salomão, parece ter havido somente uma resposta a esta questão: "Tudo do bom e do melhor!"

Um projeto para um prédio mais exuberante nunca se viu. O custo de tal aventura nos dias de hoje seria virtualmente incalculável. É justificável tal atitude de Salomão? A resposta a esta pergunta não é fácil.

Por um lado, o projeto contribuiu para inúmeros problemas, principalmente econômicos, no reinado de Salomão, tais como uma pesada cobrança de impostos, uma crescente subclasse de estrangeiros e a devastação das florestas do Líbano. Evidentemente, o templo não foi a única causa destes problemas (1 Rs 9.15-19), mas como o local foi construído sob a política do *tudo-do-bom-e-do-melhor, pode-se inferir que todo o seu império também o foi. Até mesmo a prata [...] nos dias de Salomão não tinha estimação alguma* (1 Rs 10.21b).

Por outro lado, Salomão aparentemente reconhecia que a arquitetura não é neutra, mas fala por si própria. De fato, quando se trata de templos e santuários, formas e princípios arquitetônicos são obras de arte. O templo de Salomão foi uma notável obra de arte, *construída para a glória de Deus* (1 Rs 8.12,13). *Teria sido construída para a glória de Salomão também?* Provavelmente, tendo em vista que as maiores obras arquitetônicas são monumentos aos que os ergueram. Contudo, Deus possivelmente aprovou a obra de Salomão, pois abençoou o santuário com a Sua presença (1 Rs 8.10,11).

Entretanto, mesmo tendo a construção ido adiante, o Senhor lembrou ao seu construtor que o que importava não era uma casa de cedro e ouro, mas a observância da Lei (1 Rs 6.11-13). Talvez seja esse o princípio arquitetônico mais importante de todos quando se trata de casas de adoração. Não é o tamanho, a beleza ou o custo da estrutura que importa, mas a sincera devoção e obediência dos que nela adoram. No final das contas, o Senhor não habita somente em santuários construídos por pessoas, mas nas próprias pessoas (1 Rs 8.27; At 7.48; 17.24; 1 Co 6.19,20).



Sessenta côvados. Essa medida corresponde a vinte e sete metros de comprimento, nove metros de largura e treze metros e meio de altura (NVI).

O templo de Salomão foi construído no monte Moriá (Gn 22.2; 2 Cr 3.1), na eira de Ornã (ou Araúna, 2 Sm 24.24). Assim como o tabernáculo, o templo foi dividido entre o Santo dos santos, o Lugar Santo e o átrio externo. O último continha um altar de cobre para sacrifícios e uma pia de cobre que se localizava sobre as costas de 12 touros. À extremidade leste do templo, havia uma varanda. Antes da entrada para a varanda, havia dois pilares que nada sustentavam. Jaquim (à direita) e Boaz (à esquerda; 1 Rs 7.21). Passando-se pela varanda da frente, adentrava-se o Lugar Santo. Lá se encontrava a santa mobília, com todo o seu simbolismo acerca da experiência religiosa de Israel: a mesa dos pães da proposição folheada a ouro, dez candelabros de ouro e o altar do incenso portátil. Um véu separava o Lugar Santo do Santo dos santos, onde se localizava a arca e o propiciatório, guardados por dois querubins. Somente os sacerdotes podiam entrar no templo para ministrar diante do Senhor.

**6.4** — Isto foi, sem dúvida, bem antes do uso de vidraça. As *janelas* eram entradas para a luz, bem como para a ventilação. Frequentemente, havia grades de ripas de madeira cruzadas para fins decorativos, e, é claro, para proteção contra acidentes, como quedas dessas aberturas (2 Rs 1.2).

**6.5,6** — *Câmaras* de três andares eram construídas ao longo dos muros externos do templo. Uma série de *encostos* servia de apoio para as vigas do prédio. Isso significava que os três andares eram progressivamente mais amplos, à medida que se subia.

**6.7-10** — A rocha era preparada previamente na pedreira para o encaixe perfeito na construção do templo. Por isso, *nenhum outro instrumento de ferro se ouviu na casa quando a edificavam* (v.7). Isso exigia um tremendo grau de habilidade quando se tratava de medição, corte e encaixe das enormes pedras, uma à outra.

Salomão construiu o templo no monte Moriá, ao norte da antiga cidade de Davi. O templo foi construído de acordo com os planos que Davi



## EM FOCO

## OURO (HB. ZAHAB)

(1 Rs 6.20; 2 Sm 21.4; 2 Cr 9.1,9; Jó 23.10)

Esta palavra quase sempre denota a substância do ouro, apesar de ocasionalmente representar uma amálgama de ouro (1 Rs 10.16) ou a cor dourada (Zc 4.12). O ouro simbolizava a riqueza e era frequentemente mencionado com a prata; ambos eram abundantes durante o reinado de Salomão (Gn 13.2; 2 Cr 1.15; Ez 16.13). No Antigo Testamento, a maioria das referências ao ouro é relacionada ao Tabernáculo ou ao templo, ou ao palácio de Salomão (Êx 25.3; 2 Cr 2.7; 9.13-27). Apesar de o ouro possuir, na época e ainda hoje, um alto valor, a Bíblia declara que certos valores têm de ser mais considerados, como a sabedoria (Jó 28.12-17), o favor do amor (Pv 22.1) e os julgamentos, a Lei e os mandamentos do Senhor (Sl 19.9,10; 119.72,127).

recebeu do Senhor e passou a Salomão (1 Cr 28.11-13,19). A divisão entre santuário (também chamado de oráculo) e santuário interno corresponde à divisão do Tabernáculo entre o Lugar Santo e o Santo dos santos.

**6.11** — *Palavra do SENHOR*. Esta mensagem a Salomão deve ter sido trazida por meio de um profeta. Em outras ocasiões, Salomão teve encontros mais íntimos com o Senhor (1 Rs 3.5; 9.2; 11.11).

**6.12,13** — A obra mais importante de Salomão certamente foi a construção do templo. Deus prometeu abençoar Salomão e a sua obra se ele obedecesse fielmente aos Seus estatutos.

**6.14-19** — *A arca do concerto do SENHOR* (Dt 10.8; Js 3.11). É assim chamada em função de ter guardado as duas tábuas de pedra da aliança — os Dez Mandamentos (Dt 10.1-5). A arca simbolizou a presença do Deus soberano no meio do Seu povo (1 Rs 8.10,11; Js 3.13).

**6.20-22** — *E o oráculo no interior era de vinte côvados de comprimento, de vinte côvados de largura, e de vinte côvados de altura*. De acordo com a NVI, o *oráculo no interior*, o Santo dos santos tinha nove metros de comprimento, nove de largura e nove de altura.

*E cobriu Salomão a casa por dentro de ouro puro*. A quantidade de ouro era 600 talentos; cerca de 21 toneladas (2 Cr 3.8).

**6.23-28** — Muita atenção foi dispensada ao lugar onde os *querubins* deveriam ficar. Da mesma forma, foi o enorme tamanho das suas asas. O ambiente onde eles ficavam simbolizava a presença do Deus vivo, e é por isso que a construção necessitava de cuidados especiais. Nele, somente uma pessoa poderia entrar, e esta era o sumo sacerdote, em determinado dia do ano. Os querubins representavam os gloriosos e maravilhosos anjos que servem a Deus nos céus. Mas nunca eles foram objeto de veneração. Eram nada mais do que símbolos de uma presença maior.

**6.23-26** — Os dois *querubins* eram cobertos com uma camada de ouro e postos de frente para a porta de entrada do Lugar Santo (2 Cr 3.12,13). Esses querubins eram grandes; tinham 4,5m de altura [NVI]. Havia também dois querubins sobre o propiciatório (1 Rs 8.6-8). O querubim provavelmente se assemelhava às esfinges aladas, comuns na arte do antigo Oriente Médio. Essas criaturas tinham uma face humana, um corpo de leão e asas (Êx 25.19).

**6.27,28** — O *ambiente interior* simbolizava a morada do Deus vivo no meio do Seu povo. Nele, somente uma pessoa podia entrar, e esta era o sumo sacerdote, em determinado dia do ano.

**6.29,30** — A decoração do templo deve ter sido ímpar. *Querubins, palmas e flores abertas*. Esses itens são mencionados ainda nos versículos 32 e 35. O templo foi decorado com lindas esculturas, até mesmo nos lugares onde a maioria das pessoas nunca entraria. A beleza do prédio era o símbolo da beleza da presença de Deus.

**6.31,32** — A *entrada* para o santuário interior era composta de duas portas feitas de madeira de oliveira. Nela, havia um véu (ou uma cortina) também (Êx 26.31-36; 2 Cr 3.14).

**6.33,34** — Portas de madeira de faia, de dobradiças de duas folhas davam acesso ao Lugar Santo.

**6.35,36** — O uso do *átrio interior* era restrito aos sacerdotes.

**6.37,38** — *Sete anos*. O período de tempo era necessário por causa da grandeza da tarefa. Salomão tinha muitas equipes engajadas na construção do templo (1 Rs 5.13-18).

**7.1,2** — O desejo de Salomão de completar a casa do Senhor antes mesmo de construir a sua é admirável.

*Casa do bosque do Líbano*. Fileiras de pilares de cedro, além de farto uso de cedro em todo o prédio, deram à casa a aparência silvestre. O prédio aparentemente era usado, pelo menos em parte, para guardar o seu arsenal (1 Rs 10.16,17; Is 22.8).

**7.3-7** — O *pórtico de colunas* era um rol de entrada colunado que levava ao *pórtico de juízo*. Este era onde o rei podia ouvir e julgar casos cuja dificuldade saía da jurisdição de autoridades de patentes inferiores.

**7.8** — *Casa em que morava*. A casa de Salomão, bem como a da filha do Faraó, são aqui mencionadas. O portão entre o pátio do palácio e a área do templo é chamada de *o portão dos da guarda* (2 Rs 11.19).

**7.9-11** — *Pedras de grande valor*. Genuínos blocos da pedra calcária da melhor qualidade.

**7.12** — O *muro* cercava todo o templo mais o pátio do palácio [NVI].

**7.13,14** — *Hirão* era de parentesco misto. O seu pai era um artesão fenício que se casara com uma viúva da tribo de Naftali (2 Cr 2.14). Assim como o seu pai, *Hirão* se tornou um artesão profissional; grande foi a sua contribuição para a obra no templo (1 Rs 7.40-47).

**7.15-22** — Dentre as maiores obras de *Hirão*, destacam-se as colunas de cobre à entrada do templo (as que nada sustentavam). Elas eram objetos de grande beleza, que davam aparência de força formidável ao local. Estas colunas falavam do poder e da força de Deus.

**7.15,16** — Logo, estas colunas tinham *oito metros e dez centímetros de altura e cinco metros e quarenta centímetros de circunferência. Cada capitel tinha dois metros e vinte e cinco centímetros de altura* [NVI]. Elas provavelmente se empunham de maneira sem par, como estruturas maravilhosamente ornadas.

**7.17-22** — *Jaquim e Boaz*. Dar nomes simbólicos às colunas ajudou a ensinar o seu significado na verdadeira adoração do Deus vivo. *Jaquim* significa *Ele estabelecerá*. Outra possível interpretação é *nele há força* ou *Ele é rápido*. Estas duas



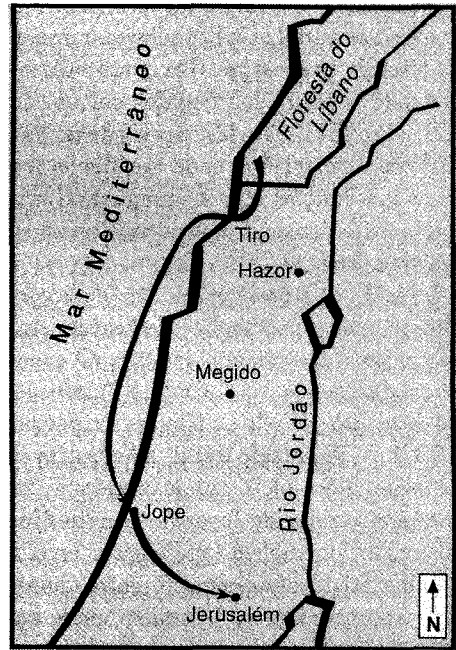
## LOCALIZE-SE

### O COMÉRCIO DE CEDRO

O cenário ressecado e destruído por guerras do Líbano dos dias atuais torna difícil imaginar que há três mil anos a área era repleta de gigantescas árvores de cedro. A madeira era tão abundante que Salomão mandava milhares de trabalhadores para cortar e transportar o cedro para Jerusalém, com vistas a ser utilizado na construção de um sem número de estruturas. Com o cedro, Salomão também ergueu a sua mansão, apropriadamente chamada de *Casa do Bosque do Líbano* (1 Rs 7.2).

O cedro também foi usado na construção do templo (1 Rs 5.6-10; 6.9,10,15-18), anos mais tarde, na construção do segundo templo, após o exílio babilônico (Ed 3.7). Mas Salomão não foi o único governante a importar o fragrante, durável e atraente cedro, assim como a faia e a almugue. O Líbano é conhecido por ter comercializado estas madeiras à Síria, ao Egito e às nações da Mesopotâmia. Contudo, uma grande mudança ecológica ocorreu na área da Palestina, impactando fortemente, assim, a próspera economia local desde o tempo de Salomão até a época de Cristo. A Bíblia sugere que isso se deu em decorrência do julgamento de Deus, por Israel ter-se afastado dele.

As florestas do Líbano foram dizimadas por exploração. Salomão contribuiu para tanto, mas até mesmo a sua demanda por cedro foi excedida pela do governante babilônico Nabucodonosor, de acordo com fontes extrabíblicas e profetas bíblicos (Hb 2.17). Como resultado, as antigas florestas de cedro se extinguíram por gerações, nunca sendo, entretanto, substituídas, apesar das tentativas de reflorestamento da terra.



colunas que nada sustentavam foram colocadas em frente ao templo, à entrada (2 Cr 3.17).

Há uma questão sobre a altura dos capitéis. O versículo 16 o descreve como tendo *dois metros e vinte e cinco centímetros de altura* (Jr 52.22), mas 2 Reis 25.17 diz *oito metros e dez centímetros de altura* [NVI]. Esta aparente discrepância pode envolver simplesmente uma diferença no que exatamente era medido, com 2 Reis 25.17 mostrando apenas o tamanho da porção superior dos capitéis.

**7.23-26** — Moldado em uma só peça e posto sobre os 12 bois de cobre, o *mar de fundição* de cobre substituiu a pia do tabernáculo (Êx 30.17-21). Enquanto a quantidade de água que o mar podia comportar é dada aqui como de duas mil banheiras (cerca de 11.500 galões), três mil banheiras (17.500 galões) é o número que aparece em 2 Crônicas 4.5. O número apresentado em 2 Crônicas ou pode estar errado, visto que, no ver-

sículo anterior, o número três ocorre quatro vezes, ou pode ser um exemplo de como se podia usar diferentemente o padrão para medir o cúbito.

**7.27-38** — Cada uma das *dez bases* continha uma pia de cobre (v.38). Elas jaziam ao lado do mar de fundição, cinco de cada lado, e eram utilizadas para limpar os holocaustos (2 Cr 4.6). Estas bases, além da sua utilidade prática, também serviam para adornar o lugar. A visão bíblica, apresentada aqui na artisticamente elaborada mobília do templo, parece se distinguir da comum ideia de que as pessoas falam com desdém quando se trata da arte e arquitetura que um lugar de adoração deve ter, que sustenta que, dependendo do tipo de arte nele empregada, pode-se haver distração na adoração. Há de convir que o nosso Deus é um Deus de grande beleza, logo, os objetos de arte dedicados à Sua glória podem, sim, ser utilizados em associação à Sua adoração. Entretanto, não há objeto feito

por mãos humanas que poderia *verdadeiramente* representar o Seu amor inexprimível.

**7.39-48** — A *mobília* do templo foi elaborada de maneira similar à do Tabernáculo. O altar de ouro substituiu o altar de incenso (Êx 30.1-4), dez mesas de ouro (2 Cr 4.8) substituíram a mesa dos pães da proposição (Êx 25.23-30), e dez candelabros foram substituídos por um único candelabro (Êx 25.31-40). Apesar de ter havido dez mesas e candelabros onde antes havia apenas um, as suas funções continuaram sendo as mesmas, todas as dez sendo consideradas como uma unidade apenas (2 Cr 29.18).

**7.49-51** — Os presentes de *Davi* dedicados ao culto no templo provavelmente ficavam estocados em uma das câmaras laterais. O exemplo pessoal de Davi de dar (1 Cr 29.1-9) fornece um grande modelo de zelo na liderança espiritual.

**8.1,2** — Tendo sido trazida a Jerusalém anteriormente (2 Sm 6), a *arca do concerto* foi posta agora em seu devido lugar no templo. Com a construção do templo e a presença da arca, a divisão das atividades espirituais entre Gibeão, o local do tabernáculo e Jerusalém, onde a arca estava abrigada, não havia encontrado o seu fim ainda. Daquele momento em diante, o ideal deuteronomico de centralidade na adoração podia ser realizado (Dt 12.1-14).

Em função da obra do templo ter sido completada no oitavo mês do décimo primeiro ano do reinado de Salomão, este deve ter esperado cerca de 11 meses para inaugurá-lo. Isto permitia que a *mobília* fosse terminada e posta em seu devido lugar e permitia também os retoques adicionais, assim como ampla preparação para este solene e feliz evento.

A Festa dos Tabernáculos, que ocorria ao término do ano cerimonial, que honrava o descanso dado por Deus na Terra Prometida ao Seu povo, fazia a apropriada ocasião. Além disso, a renovação da aliança observada, em conexão com esta grande festa (Dt 31.10) fez esta ocasião muito mais apropriada. Por isso a estação de festa era prolongada por duas semanas, para permitir que a dedicação e a alegria destes dias tivesse real efeito (2 Cr 5.11-13).

**8.3,4** — A santa *arca* era carregada pelos sacerdotes; tudo era feito de acordo com a Lei de Deus.

**8.5-7** — A alegria do povo era vista na abundância dos sacrifícios de *ovelhas e bois*. A colocação da *arca* sagrada em seu devido lugar sem haver incidente algum, por si só, já era motivo de celebração. O povo tinha trazido o símbolo do Deus vivo para o santuário construído para honrá-lo.

**8.8** — *Varais sobressaíram*. Isto provavelmente significa que as varas de se portar a arca, que não podiam ser tiradas de suas argolas (Êx 25.15), eram tão longas que, se alguém quisesse medi-las, teria de olhar para dentro do Santo dos santos para ver o seu fim. A arca com as suas varas era, portanto, alinhada transversalmente à porta (ou ao norte ou ao sul).

**8.9** — *As duas tábuas de pedra* onde os Dez Mandamentos foram inscritos eram conhecidas como as *tábuas do concerto* (Dt 9.9) e eram mantidas na arca (Dt 10.1-5,8), com o vaso de maná (Êx 16.33,34) e a vara de Arão, que floresceu (Nm 17.10).

**8.10,11** — Como uma *nuvem* cobrira o tabernáculo e a glória de Deus o encheira na sua inauguração (Êx 40.34,35), então uma nuvem encheira o templo. Esta visível presença de Deus no seio do Seu povo — às vezes chamada de *shekinah* — deu ao povo incentivo e a certeza de que ele precisava ser obediente e santo.

**8.12,13** — *Então, disse Salomão*. O fato de Deus habitar em meio a nuvens escuras é frequentemente mencionado nas Escrituras (Êx 19.9; 20.21). Isto era um sinal da Sua transcendência. Deus está ao mesmo tempo próximo e distante; Ele é tanto imanente como transcendental. Deus é obscurecido por uma nuvem escura, porém, ao mesmo tempo, Ele opta por se fazer presente em Sua casa.

**8.14-21** — Aqui se tem um modelo para a declaração pública em um contexto formal. Em todo o discurso de Salomão, há a devida glória ao Senhor e também uma justa avaliação da obra das mãos do Seu povo no cumprimento da Sua vontade.

**8.20,21** — *Confirmou o SENHOR*. O Deus de Israel é um cumpridor de Suas promessas. A Sua promessa de dar aos descendentes de Abraão uma



## EM FOCO

SÚPLICA (HB. *TECHINNAH*)

(1 Rs 8.28; Jr 42.2,9; Dn 9.20)

Essa palavra, *techinnah*, significa uma petição por misericórdia. A súplica é quase sempre direcionada a Deus, mas Jeremias usou esta palavra duas vezes para apresentar uma petição formal a um rei (Jr 37.20; 38.26). Das 24 ocorrências dela no Antigo Testamento, 13 têm relação com a oração de Salomão de dedicação do templo (1 Rs 8.23—9.3; 2 Cr 6.14-42). Outras palavras com a mesma raiz (e que também indicam súplica) ocorrem sete vezes no mesmo contexto. Súplica geralmente é uma petição a Deus para que Ele seja misericordioso com o iminente sofrimento; por esta razão, inimigos pessoais são mencionados em inúmeras ocasiões (Sl 55.1-3; 119.70; Jr 36.7). A Bíblia é específica ao relatar que Deus ouviu as súplicas de Davi (Sl 6.9), Salomão (1 Rs 9.3) e do rei mau Manassés, que se humilhou diante de Deus (2 Cr 33.12,13).

terra (Gn 15.13,14, 18-21; Js 14.12-15) tinha sido provisionalmente realizada (Js 21.43-45). Salomão também se apropriou da promessa de Deus a Davi (2 Sm 7.12-18). Os reis subsequentes à Davi podiam, da mesma forma, pela fé, usufruir das bênçãos de Deus prometidas na aliança com Davi (Sl 2; 89.3,4,19-24,27-37). As contínuas promessas nas alianças com Abraão e Davi serão observadas na nova aliança (Jr 31.31-34), e todas irão cumprir-se no grande Davi de Israel (Ez 37.24-28), Jesus Cristo (At 2.29-36; 3.25,26).

**8.22-30** — Salomão começara o seu reinado com consciente dependência de Deus (1 Rs 3.9). A sua longa oração pública (1 Rs 8.22-53) reconheceu a necessidade contínua de Deus em sua vida (v. 26,28) e na vida do seu povo (v. 30,31,33,35,38,44,46-48). Em sua oração, Salomão enfatizou a fidelidade de Deus e a necessidade da fidelidade por parte de Israel, dos seus governantes e do próprio povo, para que as bênçãos de Deus fossem dispensadas.

**8.27-29** — *Céus e casa*. O Deus das Escrituras é infinito. Tudo o que Ele fez e toda a sua vastidão finalmente encontram os seus limites. Não é um mero prédio, mesmo o mais maravilhoso, que servirá de morada para Deus. Todavia, em Sua graça, o Senhor aceita a ideia de ter uma morada entre os homens. Esta possibilidade preconizou a encarnação, quando o Criador se tornou homem e nasceu em uma manjedoura, em Belém.

**8.30** — Como Deus estava presente no templo em Jerusalém, as orações deviam ser direcionadas *aquele lugar* (Êx 15.17; Dn 6.10).

**8.31,32** — O primeiro pedido de Salomão aqui é por um julgamento justo. Em tais situações, onde havia provas insuficientes para se estabelecer uma acusação, o acusado era obrigado a *fazer um juramento* declarando a sua inocência.

**8.33,34** — *Pecado contra ti*. O segundo pedido de Salomão é por perdão de pecados, pois o pecado contra Deus causara a derrota de Israel.

**8.35-40** — O terceiro e o quarto pedidos de Salomão foram para que Deus curasse a sua terra depois do sofrimento e da aridez devido ao pecado do povo (Dt 28.21-24,38,42,52,59-61). O “remédio” para casos deste gênero é o arrependimento e a oração por perdão, seguidos da fidelidade renovada aos padrões da aliança de Deus.

**8.41-43** — O quinto pedido de Salomão lida sobre a questão da oração feita por um *estrangeiro*. Diferente do povo de Deus e dos estrangeiros residentes na nação de Israel (Dt 10.18,19), os demais estrangeiros não eram ouvidos por Deus. Mas o povo de Deus acreditava que tais pessoas podiam se achegar ao Senhor por meio da prática da adoração a Ele.

**8.44-53** — O sexto e o sétimo pedidos envolvem assuntos relativos a tempos de guerra. A *batalha* (v.44) devia ser travada de acordo com as direções divinas (Dt 20; 21.10-14) e poderia ser perdida pela desobediência a Deus (Dt 28.64-68; Js 7). Os crentes devem enfrentar todos os momentos cruciais da vida com confiança em Deus, bem como com fiel aderência aos padrões da Sua Palavra (Sl 91; 119.57-61,161-168,173-176).

**8.54-59** — *Estando de joelhos e com as mãos estendidas para os céus, se levantou de diante do*

*altar do SENHOR* (v.54b). O relato paralelo de 2 Crônicas 6.12-42 conta que Salomão se ajoelhou sobre uma alta plataforma que ele tinha construído para a ocasião para que todos pudessem vê-lo orando diante de Deus.

O livro de Crônicas relata que Salomão fechou a sua oração com uma petição (Sl 132.8-10); pediu-lhe que Deus continuasse a residir no meio do Seu povo e se lembrasse das Suas promessas a Davi (2 Cr 6.41,42). O escritor de Reis relata a dedicatória de Salomão abençoando a congregação de Israel, em que ele louva a Deus por dar ao povo o seu descanso (1 Rs 8.54-66; Dt 12.9-25), invoca a contínua presença de Deus, clama por direção para o Seu povo (v.57-60) e desafia Israel a ser leal a Deus e às Suas Leis (v.61). O livro de Crônicas acrescenta que a oração e a bênção de Salomão eram acompanhadas por fogo celestial que consumia o sacrifício do altar (2 Cr 7.1-3).

**8.60** — *Todos os povos*. Este versículo não limita Deus aos judeus somente, mas inclui também os gentios.

**8.61** — O termo hebraico traduzido como *leal* significa basicamente *em paz com*, logo, *completo* ou *perfeito* (1 Rs 11.4; 15.3,14).

**8.62-66** — A cerimônia se concluiu com muitos *sacrifícios* especiais (v.62) e com muito louvor de *alegria* (v.66) e de ações de graças a Deus pela Sua bondade.

**9.1—11.43** — O relato do reinado de Salomão é encerrado com os sucessos socioeconômicos da era, com a sua apostasia e o seu crescente secularismo decorrente dele. O reinado de Salomão tinha começado bem, mas sofreu um declínio devido às suas próprias falhas espirituais. Esta seção tem quatro subseções: (1) relacionamentos e atividades especiais (1 Rs 9.1-28); (2) a visita da rainha de Sabá (1 Rs 10.1-10); (3) o esplendor da era (1 Rs 10.14-29); (4) detalhes finais relativos à era (1 Rs 11.1-43).

**9.1-9** — *A segunda vez*. Deus aparecera anteriormente a Salomão em Gibeão (1 Rs 3.4-15). O aviso do Senhor foi um lembrete necessário para Salomão, que vinha comprometendo as condições para que se gozasse da bênção de Deus. Salomão teria de assumir as consequências da desobediência (1 Rs 11.1-11).

**9.10-14** — *Essas vinte cidades* (v.11) localizavam-se a leste e sudeste de Aco, no lote de terra tribal arrendado a Aser. Aparentemente, elas foram cedidas a Hirão como garantia pelo ouro necessário para se mobiliar o templo e o pátio do palácio. O descontentamento de Hirão com elas resultou, mais tarde, em Salomão ter redimido as cidades pelo pagamento do débito de alguma outra forma (2 Cr 8.1,2).

**9.14** — *Cento e vinte talentos de ouro*. Esta é uma quantia exorbitante (veja também o presente



## APLICAÇÃO

### UMA CASA DE ORAÇÃO PARA TODOS OS POVOS DA TERRA (1 Rs 8.43)

A oração de dedicação do templo de Salomão em Jerusalém mostrou que o Deus de Israel era um Deus para todas as nações. O rei antecipou que estrangeiros de toda a parte do mundo seriam levados à casa de adoração. Então, ele pediu a Deus que honrasse as suas orações para que *todos os povos da terra conheçam o teu nome, para te temerem* (1 Rs 8.43b).

Uma resposta rápida à oração de Salomão foi uma visita da rainha de Sabá (1 Rs 10.1-13), que ouvira a respeito do esplendor do reinado de Salomão e, por isso, quis vê-lo com os próprios olhos. Após constatar as conquistas de Salomão, ela louvou a Deus pelo que ele fez por Israel (1 Rs 10.9). Outros visitantes tiveram reações bem parecidas.

O templo se localizava em Jerusalém, mas, como está escrito em Isaías e foi lembrado por Jesus, era para ser uma *Casa de Oração para todos os povos* (Is 56.7c; Mc 11.17). Da mesma forma, Israel devia ser uma bênção às nações e uma luz que mostraria o caminho para o verdadeiro Deus (Gn 12.1-3; Is 51.4).

Da mesma maneira, Jesus ensina os Seus seguidores a serem luz às nações (Mt 5.14-16). Em vez de trazer o povo a um lugar de adoração central, os crentes — que são templo do Espírito Santo (1 Co 6.19,20) — devem ir aos confins da terra, levando as boas-novas de salvação a todos os povos (Mt 28.19).

da rainha de Sabá em 1 Rs 10.10). *Um talento* era tido como a porção máxima que um homem podia carregar (2 Rs 5.23). Era igual a três mil siclos, ou cerca de 70 libras.

**9.15** — A identificação e localização de *Milo* são incertas. Provavelmente, a palavra se refere aos terraços e suportes arquitetônicos no declive do monte a leste de Jerusalém.

*Hazor, Megido e Gezer.* Essas três cidades foram importantes centros comerciais, administrativos e militares para Salomão. Escavações arqueológicas descobriram elementos artísticos comuns nas paredes e nos portões das três cidades.

**9.16** — *Gezer*, que foi uma forte cidade cananeia, foi parte de uma transferência de posse territorial de Efraim. Efraim nunca possuiu Gezer. Entretanto, o Egito a conquistou. A localização privilegiada no alto da planície a oeste de Jerusalém fez dela um excelente presente para Faraó dar à sua filha, quando esta se casou com Salomão.

**9.17-19** — Três cidades eram a chave para a estratégia de defesa de Salomão: *Bete-Horom*, a baixa, e *Baalate* serviam para defender a parte oeste de Judá. *Tadmor* era provavelmente a importante cidade comercial da Síria, mais tarde conhecida como Palmira.

**9.20,21** — As cinco nações listadas aqui são povos que constituíram os primeiros habitantes de Canaã. Muitas destas listas estão presentes no Antigo Testamento (Js 3.10). *Salomão* pôs os seus membros sobreviventes para trabalhar em projetos públicos, de acordo com o princípio do trabalho compulsório (1 Rs 5.13).

**9.22-25** — *Essas três vezes por ano* (v.25) incluíam as Festas dos Pães Asmos, do Pentecostes e dos Tabernáculos (Dt 16.16). Salomão não somente demonstrou ser um pastor espiritual fiel, liderando o seu povo em adoração, como prestou constante atenção aos deveres religiosos prescritos. Assim, *acabou a casa*, ou seja, manteve esta em seu perfeito funcionamento.

**9.26,27** — *Eziom-Geber* se encontrava na praia do moderno golfo de Aquaba. A sua localização privilegiada como saída para o mar Vermelho e para outras regiões fez desta cidade um importante pólo comercial, tanto para Salomão,

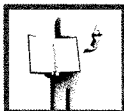
como para Hirão, o seu parceiro de comércio fenício (2 Cr 8.17,18).

**9.28** — Um dos principais sítios comerciais alcançados por Eziom-Geber, *Ofir* deve ter fornecido ouro a Salomão para pagar a dívida em que estava com Hirão (1 Rs 5.8-11; 9.11-14). Salomão também recebeu um generoso presente de ouro da rainha de Sabá (1 Rs 10.10).

**10.1,2** — Localizada no sudoeste da Arábia, *Sabá*, a terra dos sabeus, povo cujas grandes transações comerciais se estendiam da Síria ao leste da África e também à Índia, lidava com mercadorias importantes como ouro, pedras preciosas, perfumes e especiarias. A rainha de Sabá viajou para pessoalmente fazer a Salomão perguntas difíceis (hb. *hîdôt*, que significa *charadas, assuntos enigmáticos* ou *ditos perplexivos* — Pv 1.6) para satisfazer a sua curiosidade e testar a sabedoria de Salomão. Guardadas as devidas proporções, este ocorrido serve de exemplo de como deve ter sido a curiosidade acerca do esplendoroso reinado de Salomão. A sua sabedoria, que se tornou proverbial (1 Rs 4.29-34), era uma verdadeira força atrativa. Sábios e filósofos de outras culturas iam a Jerusalém para aprender com a sabedoria que era enraizada no temor a Deus (Pv 1.7). Isso sugere uma verdadeira atmosfera intelectual em Jerusalém, durante o reinado do sábio Salomão.

**10.3-9** — As brilhantes respostas de Salomão às difíceis *perguntas* da rainha de Sabá (v.3), assim como o habilidoso uso da sua sabedoria aplicado às necessidades e aos interesses do seu reino, convenceram-na de que tal sabedoria tinha de ser divinamente concedida. A rainha de Sabá reconheceu o Deus de Salomão e a fidelidade da aliança do Senhor para com Israel. Mas isso não significa necessariamente que ela tenha-se comprometido espiritualmente com o Senhor. O reconhecimento de divindades estrangeiras era comum na literatura do mundo antigo. Contudo, existe a possibilidade de ela ter experimentado um despertar espiritual como resultado de sua visita a Salomão (1 Rs 5.7).

**10.10-15** — *Cento e vinte talentos.* Salomão usou o ouro não somente para mobiliar o templo (1 Rs 6.20-35; 7.49-51) e o palácio (1 Rs 10.18-21),



## ENTENDENDO MELHOR

### CIDADES DE PROVISÃO OU CIDADES-ARMAZÉNS

As cidades de provisão de Salomão (1 Rs 9.17-19; 2 Cr 8.4-6) eram essencialmente depósitos de suprimentos do governo que armazenavam comida, materiais de construção e equipamentos militares. Elas também serviam para medir a prosperidade, o prestígio e o poder de um reino.

O reino de Salomão se dividia em 12 distritos administrativos (1 Rs 4.7-19), e grande parte da receita governamental oriunda dos impostos coletada pelos governantes era provavelmente canalizada por meio das cidades de provisão antes de ser dispensada a Jerusalém (1 Rs 4.21). Escavações em Bete-Semes (1 Sm 6.12) e em Laquis descobriram longos e retangulares ambientes usados para armazenamento de provisões. Da mesma forma, um grande silo subterrâneo datado da era de Salomão foi encontrado em Megido, com uma capacidade de armazenar quase 13 mil alqueires de grãos.

Salomão não foi o único governante a construir cidades de provisão. Como escravos no Egito, os israelitas construíram as cidades de provisão de Pitom e Ramessés para faraó (Êx 1.11). Igualmente, os reis Josafá e Ezequias, de Judá, construíram cidades de provisão durante os seus reinados (2 Cr 17.12; 32.27-29).

mas também para fazer 500 escudos ornamentais, que decoraram a casa do bosque do Líbano (1 Rs 10.16,17).

**10.16,17** — Feitos de madeira e banhados a ouro, estes *escudos* eram utilizados em ocasiões cerimoniais. Eles seriam tirados dali na ocasião da morte de Salomão por Sheshonk I, da 22ª dinastia do Egito. Roboão iria substituí-los por escudos de cobre (1 Rs 14.25-28).

**10.18-21** — O *trono de marfim* foi provavelmente feito de madeira, preenchido com marfim, bem como revestido com o mais fino ouro. Salomão adquiriu marfim como resultado de suas transações comerciais com Hirão (v.22).

**10.22,23** — As *naus mercantis* de Salomão serviam de elo comercial com Hirão.

**10.24,25** — *Toda a terra*. Esta expressão se refere à reputação internacional da sabedoria de Salomão.

**10.26** — *Mil e quatrocentos carros*. A racionalidade deste número pode ser visto nos relatórios de Salmanasar III da Assíria, quando ele enfrentou, na batalha de Carcar (em 853 a.C.), uma frota de 3.900 carros inimigos combinados, dos quais 2.000 foram fornecidos por Israel.

**10.27** — *Prata e cedro*. Com Salomão, Israel aproveitou o maior período de prosperidade. Este tempo de prosperidade e paz também deve ter permitido o crescimento da escolaridade e da arte, incluindo-se aqui a música.

**10.28,29** — *Coa* é provavelmente a cidade citada em uma inscrição do século 9 a.C. encontrada no sul da Ásia Menor. Que também é provavelmente a Cilícia da literatura clássica (At 6.9). A grande compra de cavalos de Coa pelo Egito que Salomão efetuou o trouxe perigosamente perto de — se não o levou realmente a — quebrar a proibição de adquirir muitos cavalos de lá (Dt 17.16). Evidentemente, os cavalos e os carros egípcios tinham altíssimo valor. Assim, Salomão obtinha lucro ao vendê-los a reis sírios e hititas.

**11.1-43** — Este capítulo fecha tristemente um brilhante reinado. Ele apresenta o pecado de Salomão por meio de sua união com suas inúmeras esposas (1 Rs 11.1-13) e descreve o declínio de Salomão mediante o ataque de seus inimigos Hadade, o edomita (1 Rs 11.14-22), Rezom de Zobá (11.23-25) e Jeroboão de Israel (1 Rs 11.26-40). O capítulo encerra-se com a morte de Salomão e o fim da sua era (1 Rs 11.41-43).

**11.1** — *Muitas mulheres estrangeiras* (ARA). A ordem das palavras no texto hebraico enfatiza a palavra *estrangeiras*, demarcando de forma secundária a palavra *muitas*. Salomão cometeu dois grandes pecados. Tomar para si esposas estrangeiras violava a proibição do Senhor contra o casamento com mulheres cananeias (v.2; Êx 34.12-17; Dt 7.1-13); e tomar para si muitas esposas violava o padrão monogâmico estabelecido no princípio (Gn 2.24,25). Além disso, tal atitude da parte



dele gerou uma crescente onda de relacionamentos poligâmicos, o que Deus também havia proibido para os futuros reis de Israel (Dt 17.17).

Sem dúvida, muitos dos casamentos de Salomão se deram de acordo com as convenções do antigo Oriente Médio de selar alianças por meio de casamentos entre os membros das casas reais; era uma forma de contrato. O fato de Salomão ter-se rendido a tais convenções na época acarretou sérias consequências espirituais para ele (1 Rs 11.3-13) e para o seu povo (2 Rs 17.7-20).

Davi também teve mais de uma esposa (2 Sm 3.2-5). Os primeiros casamentos de Davi foram movidos por amor (1 Sm 18.17-28) e compaixão (1 Sm 25.2-42). Porém, alguns de seus casamentos posteriores podem ter sido movidos pelo mesmo motivo dos de Salomão, seu filho (2 Sm 5.13-16).

**11.2** — *A estas se uniu Salomão com amor.* A nossa dura avaliação do caso das muitas esposas que Salomão teve é, de certa forma, mitigada pelo uso desta expressão (v.1).

**11.3** — *Setecentas mulheres e trezentas concubinas.* Se a menção às 60 rainhas e 80 concubinas em Cantares 6.8 refere-se às mulheres de Salomão, isto representa, então, um período muito embrionário do seu reinado.

**11.4** — Apesar de ser verdade que Davi nem sempre viveu segundo os padrões do Senhor, ele foi leal a Deus e nele confiou totalmente, mesmo quando foi repreendido por seus pecados (2 Sm 12.13; Sl 32.1-5; 53.1-5). Por causa da influência de suas muitas esposas, Salomão comprometeu a sua fé adorando a deuses estrangeiros.

**11.5,6** — *Astarote* era uma deusa cananeia do amor e da guerra. *Milcom* era o deus da nação dos amonitas.

**11.7,8** — O uso de um *alto*, associado à adoração de deuses estrangeiros, mostra o grande perigo que os altos representavam a Israel (1 Rs 3.2-4; 14.23; Mq 1.3). *Quemos* era o deus da nação moabita. Esse deus foi muitas vezes adorado pelo povo de Deus (2 Rs 23.13). A veneração desta divindade também se verifica nas recentes descobertas tábuas de Ebla, de uma maneira que sugere a sua associação com a cidade de Carquemis, ao longo da curva superior do rio Eufrates. *Moloque* diz respeito ao sacrifício humano e a Baal (Jr 7.31,32; 19.5,6; 32.35).

**11.9-13** — O Senhor apareceu duas vezes antes a Salomão (1 Rs 3.5; 9.2). A odisséia espiritual desse líder pode ser vista nos detalhes dos seus três encontros com Deus. Enquanto o Pai,



## PERFIL

### O REI SÁBIO

Uma lista das conquistas políticas, administrativas, militares e arquitetônicas de Salomão seria uma das mais impressionantes de todo o mundo antigo. Sob o seu governo, Israel expandiu a sua influência do Eufrates ao Mediterrâneo e da Ásia Menor ao golfo de Aquaba e ao Egito. Entretanto, por trás de todos os feitos de Salomão, havia uma sabedoria dada por Deus, pela qual ele era reconhecido nos seus dias e ainda hoje (1 Rs 3.6-14).

- O seu julgamento do caso das prostitutas e da criança ganhou o respeito de toda a nação (1 Rs 3.16-18).
- Dizia-se que a sua sabedoria ultrapassava a de todos os outros sábios conhecidos de sua época (1 Rs 4.30,31).
- Ele disse três mil provérbios (1 Rs 4.32), muitos dos quais estão contidos no livro de Provérbios.
- Ele compôs 1.005 canções (1 Rs 4.32), incluindo os Salmos 72 e 127.
- Ele demonstrou competência em Botânica, Horticultura, Zoologia e Ictiologia (1 Rs 4.33; compare Pv 30.24-31; Ec 2.4-6).
- Visitantes de todo o mundo viajavam a Jerusalém para ouvir a sua opinião (1 Rs 4.34), incluindo a rainha de Sabá (1 Rs 10.1-9).
- Ele originou grande parte do livro de Provérbios, todo o de Eclesiastes e, é claro, o de Cantares; um sem número de textos literários extrabíblicos também são de sua autoria.
- Lendas populares da antiga Israel, Arábia e Etiópia celebram a sabedoria de Salomão. Algumas até lhe atribuem poderes mágicos.

graciosamente, adia a divisão do reino de Salomão até que ele morresse, problemas internos surgiam (v.14-40).

**11.11,12** — *Teu servo*, isto é, Jeroboão, o filho de Nebate (1 Rs 11.26; 12.20).

**11.13** — *Uma tribo*. Judá, a principal tribo do Reino do Sul. Simeão se uniu a Judá nessa época (1 Rs 12.17,20,21).

**11.14-22** — *Hadade, o edomita*. Foi um dos sobreviventes que escapou quando Davi derrotou o exército edomita (2 Sm 8.13,14). A pronta recepção de Faraó e o tratamento favorável de Hadade provavelmente se tratavam de política. O faraó via nele um provável futuro aliado na fronteira de Israel.

**11.23-25** — Tendo escapado das campanhas anteriores de Davi contra os arameus (ou sírios, cf. 2 Sm 8.3-6), *Rezom* se tornou, mais tarde, rei de Damasco, e o seu povo manteve-se como uma constante ameaça a Israel.

**11.26** — Não há apenas um significado para o nome Jeroboão. Ele pode significar tanto *o povo cresce* como *o povo briga*. O segundo significado seria perfeito para designar Jeroboão I, o rebelde do Reino do Norte que, profundamente enraizado em antigos ciúmes, prontamente reagiu às políticas de cobranças de impostos opressoras anunciadas por Roboão, filho de Salomão (2 Rs 14.23). Enquanto o nome de seu pai, *Nebate*, era bem conhecido, o seu pai deve ter morrido em sua juventude, pois a sua mãe é chamada de *viúva*. O pedido de casamento a uma viúva era muito difícil no mundo antigo. Jeroboão, o efraimita, um dos oficiais mais talentosos e confiáveis de Salomão (v.28), mais tarde, foi objeto da ira de Salomão (v.40). Assim como Hadade, o edomita (v.17), ele fugiu para o Egito, para lá se refugiar. No futuro, Jeroboão serviria de verdadeiro instrumento ao trazer à tona as divisões que tinham sido já preditas no país (1 Rs 12.2-19). Ele se tornou o primeiro rei do Reino do Norte (12.20).

**11.26,27** — *E esta foi a causa*. A expressão sugere que havia um problema na execução dos projetos que levaram à rebelião de Jeroboão. Estes dois versículos explicam algo acerca do passado de Jeroboão. Ele tinha sido um alto oficial de um

dos maiores grupos de trabalhadores. Dentre os projetos que se encontravam sob a sua responsabilidade, estavam a construção de *Milo* (1 Rs 9.15), e a reparação da *cidade de Davi*.

**11.28,29** — A profecia de *Atas* de Siló se cumpriu literalmente (1 Rs 12.1-20). *Atas*, cujo nome significa *o meu irmão é o Senhor*, continuou sendo o profeta leal de Deus até a maturidade (1 Rs 14.1-18).

**11.30-32** — Deus já tinha avisado a Salomão que todas as tribos, com exceção de uma apenas, não teria parte na herança de Salomão (v.13; 1 Rs 12.20). Entretanto, somente dez tribos foram prometidas a Jeroboão. A 12ª tribo deve ser Simeão, que fora absorvida por Judá. Possivelmente, a de Benjamim existiu como uma apaziguadora, entre Israel e Judá, algumas vezes, ligadas ao Reino do Sul (2 Cr 11.3; 14.8) e, em outras, ao do norte.

**11.33-35** — *Porque me deixaram*. Veja os versículos 4 a 8.

**11.36** — Esta é uma imagem bíblica de uma das devidas funções dos reis davídicos na antiga Israel. No meio da escuridão de um mundo pagão, os reis davídicos deviam ser como uma *lâmpada* para as nações, antecipando a vinda daquele que viria, que é a Luz do mundo (Jo 1.1-9; 1 Rs 15.4; 2 Sm 21.17; 2 Rs 8.19; 2 Cr 21.7).

**11.37,38** — *Uma casa firme*. Apesar de Deus ter dado a Jeroboão a oportunidade de estabelecer uma dinastia duradoura, ele provou não ser digno (1 Rs 12.25-33; 14.10-18). O nome de Jeroboão foi, então, associado à infidelidade espiritual, que traria, por fim, a ruína do Reino do Norte (2 Rs 17.21-23).

**11.39,40** — Salomão, cujo reino se caracterizou por uma paz maior que a de qualquer outro rei de Jerusalém (1 Rs 4.24), terminou a sua vida em conflito, buscando *matar Jeroboão*. *Sisaque* (ou Sheshonk I, 945—924 a.C.) foi o primeiro faraó da forte 22ª dinastia do Egito. Ironicamente, este futuro destruidor de Israel aparece aqui como um protetor de um de seus futuros reis.

**11.41,43** — Em função de seu considerável pecado, a era de ouro iniciada por Salomão morreu com ele. Se ele tivesse vivido em retidão e tivesse ensinado o seu filho Roboão a sucedê-lo

também em integridade, a era de ouro poderia ter durado muitas gerações.

**11.41** — O *livro dos feitos de Salomão* é mencionado somente aqui; compare as referências ao *Livro das Crônicas dos Reis de Israel* (1 Rs 14.19) e ao *Livro das Crônicas dos Reis de Judá* (1 Rs 14.29). É possível que o autor de 1 Reis tenha consultado essas fontes.

**11.42** — A simetria dos *quarenta anos* (1 Rs 2.10-12) dos reinados de Davi e de Salomão pode ter sido uma providência congruente, tratando-se da bênção de Deus sobre cada um desses reinados.

**11.43** — *E adormeceu Salomão com seus pais*. O significado desta expressão idiomática na Bíblia hebraica é *foi enterrado no mesmo lugar que os seus ancestrais*. Pode haver também uma referência indireta à vida após a morte. *Roboão, seu filho*. É normal existir em um obituário real o próximo a se assentar no trono. Isso gera um sentido de continuidade.

**12.1—22.53** — A segunda maior parte de 1 Reis, o reino dividido, começa aqui. A história continua em 2 Reis.

**12.1-24** — Este trecho descreve a ascensão de Roboão e a divisão do Reino entre o do Norte e o do Sul. Os reinos permaneciam divididos até que cada um foi invadido por estrangeiros, o do Norte, em 722 a.C., e o do Sul, em 586 a.C.

**12.1-3** — *Roboão*. O seu nome pode significar *O povo é numeroso*, em referência à expansão da nação de Israel sob a mão de Deus. Infelizmente, Roboão tornou-se um meio de prejudicar a expansão do povo de Deus, até mesmo mediante guerra civil e a secessão das dez tribos do norte. Situada em Efraim, *Siquém* foi um importante centro de atividades israelita. Foi o primeiro lugar mencionado em Canaã com referência a Abraão (Gn 12.6). Indo à sua coroação, em um lugar arraigado na história do seu povo e que se situava na região das tribos do norte, sem dúvida, Roboão cria que ele estava dando um passo estratégico. O termo *toda a congregação de Israel* (v.3) refere-se aos representantes das tribos do norte que vieram considerar a confirmação de Roboão como o rei de todo o território.

**12.4,5** — Um sistema de trabalho forçado tinha sido imposto por Salomão para realizar e manter os seus projetos de construção (1 Rs 5.13-18). Por esse *trabalho ser tão penoso*, as tribos do norte demonstravam muita insatisfação e tratavam acerca de alívio do jugo.

**12.6,7** — Por chefes, entenda-se *governantes* que já tinham aconselhado o pai de Roboão, Salomão (1 Rs 4.1-19). O conselho deles era para mostrar moderação e temperança.

**12.8,9** — Os jovens eram homens da geração de Roboão, os quais ele indicou para terem cargos governamentais.

**12.10,11** — *Meu dedo mínimo é mais grosso do que os lombos de meu pai* (v.10c). O conselho dos próprios conselheiros de Roboão foi que o sistema de trabalho forçado devia ser intensificado até que o seu agulhão fosse como o de um escorpião (v.11). Os *açóites* eram chicotes de couro que podiam ter mais de uma tira, nas quais havia pontas com farpas ou espinhos de metal.

**12.12-14** — Tolamente, Roboão seguiu o conselho dos *jovens*.

**12.15** — *Do SENHOR*. Até mesmo naquele momento crucial de discórdia em que se encontrava a nação, Deus estava soberanamente cuidando para que a Sua vontade, que tinha sido conhecida por intermédio dos profetas de outrora, fosse cumprida por meio daquelas circunstâncias.

**12.16** — *Que parte temos nós com Davi?* A antiga rivalidade sentida pelas tribos do norte chegaram ao limite no ressentimento contra a tribo de Judá e contra a casa de Davi. Saul foi da tribo de Benjamim e foi considerado “um deles”. Davi pareceu distante do sul. A insensibilidade de Roboão à volátil situação levou a nação à divisão.

**12.17** — *Cidades de Judá*. A parte sul também incluiu as terras da tribo de Simeão. Mas Simeão foi absorvida por Judá; as suas terras foram *no meio da herança dos filhos de Judá* (Js 19.1b).

**12.18** — A resistência das tribos do norte ao agente do rei *Adorão* foi rigorosa e decisiva — eles o mataram!

**12.19** — *Assim se desligaram os israelitas da casa de Davi até ao dia de hoje*. Em outras palavras,



## APROFUNDE-SE

### O REINO DIVIDIDO

Tensões entre as tribos do norte e do sul já existiam desde o tempo dos juízes, especialmente entre Judá e o sul de Efraim, a tribo mais influente no norte. Muitos dos líderes israelitas, como Josué e Samuel, vieram da tribo de Efraim. Mas Davi foi da tribo sulista de Judá. Estes fatores, somados à mudança da capital e do centro de adoração para a cidade sulista de Jerusalém, prejudicaram ainda mais o seu relacionamento. Sem contar a cobrança de impostos de Salomão para financiar a construção do templo e do palácio na cidade sulista de Jerusalém, que deixou as tribos do norte ainda mais perplexas.

Após a morte de Salomão, o povo de Israel se aproximou de seu filho Roboão para que os impostos que pesavam sobre eles durante as obras governamentais fossem diminuídos. Roboão rejeitou o conselho dos seus anciãos para ser mais flexível e insultou o povo, ameaçando fazer o seu fardo ficar ainda mais pesado (1 Rs 12.14). Esta foi a "gota d'água" que dividiu a nação em dois reinos. Roboão permaneceu rei no Reino do Sul, e Jeroboão se tornou o rei do Norte.

Seguindo o exemplo de Arão, dos bezerros das redondezas do monte Sinai, Jeroboão ergueu estátuas de dois bezerros de ouro para que o povo adorasse ali mesmo, e não precisasse viajar para a distante Jerusalém. Com esses ídolos, Jeroboão afastou o seu povo da adoração do único e verdadeiro Deus, combinando a verdadeira adoração com a falsa adoração dos seus vizinhos.

O Reino do Norte, conhecido como Israel, e o do sul, denominado Judá, permaneceram assim, divididos, por mais de 200 anos. Às vezes, entravam em conflito, às vezes, formavam uma aliança amigável contra ameaças vizinhas. Porém, esse período se tornou mais conhecido por seus grandes profetas — os quais tiveram fundamental importância em tempos de instabilidade espiritual — do que pelo sucesso político de ambas as partes.

até o dia do narrador. A rebelião de Israel foi a sua própria destruição.

**12.20** — *Jeroboão, rei.* A coroação de Jeroboão foi profetizada por Aías, o profeta do Senhor (1 Rs 11.29-31). Apesar de tudo, a coroação aparentemente foi feita sem o intermédio de sacerdotes ou profetas do Senhor; não houve unção divina nem cerimônia verdadeiramente religiosa. Somente os reis do Reino do Sul tinham a sanção da aliança davídica (2 Sm 7).

**12.21** — A primeira inclinação de Roboão quando ele chegou a Jerusalém foi para liderar uma guerra em represália a Israel. *Benjamim.* Nem todo o povo da tribo da fronteira deve ter seguido este caminho.

**12.22** — De acordo com 2 Crônicas 12.15, Ido, o profeta, e *Semaías* escreveram uma história sobre o reinado de Roboão. O seu nome significa *Yahweh foi ouvido*. O cronista também relata que Semaías profetizou a humilhação de Judá na invasão de Sisaque (2 Cr 12.5-8). A Septuaginta indica que Aías foi o profeta que predisse a divisão do reino (1 Rs 11.29-39). *Homem de Deus* é um dos muitos termos usados para se designar um profeta de Deus (1 Rs 13.1).

**12.23,24** — *Eu é que fiz esta obra.* O comportamento tolo de Roboão gerou a divisão da nação em dois novos reinos, efetuada por Deus.

**12.25—16.24** — Esta seção traz os reis e a história que antecederam a divisão do reino. O primeiro rei do norte estabeleceu acordos que caracterizaram a condição espiritual de Israel por meio da sua existência. A causa de Deus era um pouco mais favorável para o Reino do Sul, haja vista que somente Asa recebeu elogios da parte de Deus neste período.

**12.25** — *Edificou a Siquém.* Isto é, ele fortificou o antigo terreno (1 Rs 12.1). Esta estratégica e histórica cidade se tornou a primeira capital do Reino do Norte. Com esta fortificação e *Peniel* (Gn 32.30,31), Jeroboão parece que queria associar o seu reino com terrenos religiosos clássicos do princípio da história de Israel.

**12.26,27** — Todavia, Jeroboão sabia *no seu coração* que simplesmente possuir uma nova presença em Siquém e em Peniel não poderia, por si só, fazer o povo do Reino do Norte esquecer-se das glórias do templo em *Jerusalém*.

**12.28** — A história aqui se repete. Os *dois bezerros de ouro* que fazem parte da história do

povo de Israel novamente se fazem presentes. Só que, desta vez, quem mostra interesse por eles são os cananeus do Reino do Norte. O resultado da ação de Jeroboão foi confusão religiosa e apostasia; isto trouxe a condenação de Deus (1 Rs 14.9). Vê-se que essa é a primeira vez que as Escrituras mencionam uma tentativa de estabelecer uma doutrina heterodoxa, um culto abaixo do padrão, como uma prática oficial para a nação de Israel. Enquanto o julgamento era anunciado sobre a apostasia do povo (cap. 13), a execução desta sentença não aconteceu até que 200 anos se passassem (a divisão ocorreu em 930 a.C.; a destruição do Reino do Norte, somente em 722 a.C.). Jeroboão apelou ao povo de diversas maneiras: (1) Viajar de volta a Jerusalém era muito demorado e desnecessário; (2) Os bezerros eram deuses; (3) Os bezerros foram adorados por seus ancestrais.

**12.29** — *Betel* se situava no norte de Jerusalém, no território de Benjamim. A sua localização é incerta. Ela já foi identificada como Beitin. Descobertas arqueológicas recentes sugerem El Bireh. Uma cidade vizinha era Ai. De qualquer

modo, Betel obteve um lugar de destaque na história de Israel ao longo das eras patriarcal (Gn 28.10-21) e pós-conquista (Jz 20.26-31). Dá localizava-se na porção norte de Israel e era conhecida como Lesém e Laís (Js 19.47; Jz 18.7) até a sua captura pelos danitas (Jz 18.29). Àquela altura, ela já havia alcançado a reputação de ser centro de adoração pagã (Jz 18.30). A escolha de Jeroboão por estes dois territórios foi brilhante. Um território era na parte mais ao norte, e a outra, na mais ao sul do seu reino. Ambos eram bastante ligados ao passado de Israel. O povo não mais precisaria fazer a longa, árdua e perigosa viagem a Jerusalém. Jeroboão pôde dizer, de fato, “Nós trouxemos a religião a você”.

**12.30** — *E este feito se tornou em pecado.* A divina declaração é simples. A exclusividade de Jerusalém em ser o lugar central de adoração a Deus no templo santo (1 Rs 6.1) foi ignorada pelo povo de Israel.

**12.31-33** — As novas instituições religiosas de Jeroboão incluíram o início de uma nova ordem religiosa que excluía os levitas e erguia



## APROFUNDE-SE

### O FIM DA FOME

Quando uma nação desfruta das bênçãos da paz e da prosperidade, ela tem muito o que agradecer. Entretanto, com a fartura e o poder, vem a tentação de se esquecer de que Deus é a Fonte de tudo o que é bom. Isso pode ser visto na história de Israel.

Com Salomão no governo, Israel rapidamente emergiu como o centro da riqueza e do poderio militar. A sua influência se estendeu do Eufrates ao Egito (1 Rs 4.21), e a sua fartura, à maioria dos seus cidadãos, cuja prosperidade se resumiu na Bíblia em *comendo, e bebendo, e alegrando-se* (1 Rs 4.20c). Como o reinado de Salomão deu, temporariamente, um fim a ameaças vindas de fora, bem como a conflitos internos, todos viveram em paz, *cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira* (1 Rs 4.25). Pode-se dizer que o sucessor de Davi pôs fim à fome da nação.

Contudo, nuvens tempestuosas se aproximavam. O custo de manter a corte de Salomão era enorme (1 Rs 4.22,23). Os seus muitos projetos arquitetônicos, incluindo o seu templo dourado e o seu luxuoso palácio, requeriam uma maior arrecadação de impostos, o que gerou estresse e, inclusive, revolta (1 Rs 10.14,15; 12.4,18). O sistema também gerou uma sociedade de duas classes: a de cidadãos privilegiados e a de proletários. Havia também uma subclasse de estrangeiros, em sua maioria (1 Rs 9.15,20-23). E, como o comércio prosperava (1 Rs 9.26-28; 10.22,23), depredavam-se os recursos naturais.

Mas esses problemas permanecem nos bastidores de 1 Reis 4—10, que descreve a paz e a prosperidade que Israel aproveitava após tantos anos de tribulação. Relatos acerca do poder e do prestígio imperiais são evidentes no texto, até o início do capítulo 11, onde a boa notícia, de repente, sofre uma estagnação com a transição. *E o rei Salomão amou muitas mulheres estranhas* (1 Rs 11.1a).

A partir daí, as coisas vão de mal a pior, com Salomão afastando-se do Senhor e aproximando-se da idolatria (1 Rs 11.4-8). Deus o sentencia (1 Rs 11.9-13) e levanta inimigos para pelejar contra ele (1 Rs 11.14.25). Jeroboão se rebela (1 Rs 11.26-28), e o reino se divide após a morte de Salomão (1 Rs 12.1-19).

santuários em altos lugares (1 Rs 3.2,3). Ele substituiu a Festa dos Tabernáculos por um festival de outono no oitavo mês. As suas várias tentativas de inovação religiosa fizeram cair sobre si próprio a reprovação de Deus (cap. 13) e a reputação de ser espiritualmente infame (13.33,34; 22.52).

**13.1,2** — *Homem de Deus*. Este profeta nos é desconhecido. A expressão *pela palavra do SENHOR* ocorre sete vezes neste capítulo (v. 1,2,5,9, 17,18,32) e enfatiza que o homem de Deus agia de acordo com o comando de Deus, sob o poder dele. *Jeroboão estava junto ao altar, para queimar incenso* (v.1b). Mesmo tendo estabelecido a sua própria religião depravada e o seu sacerdócio apóstata, parece que a consciência de Jeroboão dificilmente pesava quando ele exercia o sacerdócio.

**13.3** — A palavra *sinal* indica algo miraculoso (Êx 4.21; Jr 33.20,21). Sinais miraculosos podem indicar ou o propósito pretendido do feito, ou os seus maravilhosos efeitos. Ambas ideias frequentemente ocorriam juntas (Dt 6.22; Sl 78.43).

**13.4,5** — Diferente de Davi, que confessou os seus pecados quando foi acusado por Natã, o homem de Deus (2 Sm 12.13), o perverso Jeroboão procurou encarcerar o seu acusador. Mas, em vez disso, a mão que estendera contra o profeta secou, e o altar foi destruído.

**13.6-10** — Por misericórdia, o profeta foi usado pelo Senhor para curar a mão do rei. Ainda assim, entretanto, aquele homem de Deus não recebeu o mínimo de hospitalidade ou de recompensa que se esperava.

**13.6,7** — *Ora à face do SENHOR, teu Deus*. Esta linguagem pode simbolizar que Jeroboão não mais estava servindo ao Deus vivo.

**13.8-10** — *Não iria contigo, nem comeria pão, nem beberia água neste lugar*. Em tempos bíblicos, compartilhar uma refeição era mais que um costume social; implicava uma comunhão íntima. Grandes cerimônias religiosas, da Páscoa à Ceia do Senhor, centram-se em pessoas comendo juntas. O profeta não quis que o seu ato de misericórdia sugerisse que Deus aceitara a adoração depravada de Jeroboão.

**13.11** — Além de ser um importante centro de culto (1 Rs 12.29), *Betel* deve ter tido uma das

primeiras escolas proféticas (1 Rs 2.3-7). *Um profeta velho*. Talvez o experiente profeta se associara anteriormente com tal grupo. Sendo isso um fato ou não, a essa altura, ele claramente estava mentindo (v.18).

**13.12-18** — Claramente, vê-se que o *profeta* era um apóstata. Em vez, de reprovar Jeroboão, ele corajosamente mentiu ao verdadeiro profeta do Senhor.

**13.19** — *Voltou ele*. O homem de Deus tinha resistido à tentativa de Jeroboão de proteger o seu orgulho próprio, fazendo o profeta ficar na presença dele (v.7,8). Contudo, o profeta falhou no discernimento da decepção e completamente violou as claras instruções divinas (v.9). Por causa de sua desobediência, o profeta pagou um terrível preço (v.24).

**13.20-23** — Sejam quais forem os motivos dele para trazer o homem de Deus à sua casa, o velho *profeta*, de fato, recebeu uma mensagem de Deus. Ele percebeu a sua horrenda participação na condenação do homem de Deus tarde demais. A sentença divina (v.22) foi exercida rapidamente (v.24).

**13.24-28** — A maneira como o *leão* ficou junto ao homem e ao jumento mostra que aquela fera não matou por fome, mas por ordem de Deus (v.25,26,28).

**13.29-32** — O velho profeta (v.11) foi trazido de volta à fé bíblica com a visão da morte do verdadeiro profeta de Judá. O verdadeiro, mas desobediente, *profeta* pagou um terrível preço por sua desobediência ao que ele sabia ser a Palavra de Deus (v.20-24).

**13.32** — *Certamente, se cumprirá o que pela palavra do SENHOR clamou contra o altar*. Essa confissão proclama renovação de fé na Palavra de Deus pelo profeta que se tinha tornado um enganador. A misericórdia de Deus esteve à sua disposição! O Senhor tinha curado a mão de Jeroboão (v.6) por causa de Sua misericórdia, e o Senhor restaurou a fé do profeta enganador também em decorrência da Sua misericórdia.

**13.32** — *Cidades de Samaria*. A cidade de Samaria, na verdade, demorou aproximadamente meio século para existir (1 Rs 16.24). Mas o autor

a menciona nesse versículo para a sua própria perspectiva posterior.

**13.33,34** — Em vez de aprender com o relatório desse incidente, Jeroboão se tornou ainda mais determinado em seus *maus caminhos*. A sua apostasia o concedeu a reputação daquele que *tinha feito pecar a Israel* (1 Rs 16.26).

**14.1** — *Abias*. Este nome significa *meu Pai é o Senhor*.

**14.2** — Em tempo de tribulação, Jeroboão não se voltou para um de seus próprios profetas, mas ao verdadeiro profeta de Deus, que tinha predito como seria o seu reinado (1 Rs 11.29-39). Apesar de Aías estar já ter idade avançada nessa época (v.4), a sua visão espiritual ainda não se havia apagado, e ele ainda podia ver captar as intenções humanas disfarçadas (v.5).

**14.3** — *Dez pães*. Os presentes que a esposa de Jeroboão levou consigo não costumavam ser dados a reis (2 Rs 8.7-9), mas a pessoas comuns (1 Sm 9.6-8). Jeroboão sem dúvida esperava enganar o profeta, mandando-lhe um simples presente.

**14.4** — Localizada aproximadamente 32,18km ao norte de Jerusalém, Siló havia sido o centro religioso da nação durante o tempo dos juízes e era o local onde se encontrava o tabernáculo (Js 18.1; 1 Sm 1.3). A cidade foi destruída pelos filisteus após a arca ser perdida (1 Sm 4.1-11; Jr 7.12-15).

**14.4-6** — Apesar de ser cego, Aías podia ver com os “olhos espirituais” e ter revelações do Deus vivo.

**14.7-16** — Apesar da sanção profética de se estabelecer o seu reino (v.7), os pecados de Jeroboão foram tão graves que afastaram a sua casa do trono de Israel (v.8-10). Fato pior que este veio da sua família. O seu filho morreu, e a sua esposa voltou para a cidade de Tirza (v.12,13,17). Além disso, um inimigo se levantou para destruir o seu lar (v.14-16).

**14.10** — *Tanto o escravo como o livre*. Assim como os céus e a terra em Gênesis 1.1, os opostos aqui significam totalidade, todos os tipos e categorias de pessoas (2 Rs 14.26).

**14.11,12** — Os *cães* eram comedores de animais mortos no antigo Oriente Médio e simbolizavam as pessoas indesejáveis socialmente (2 Rs 8.13).

**14.13** — *Coisa boa*. O caráter de Abias adquire consideração divina especial. Apesar de não ser possível especificar a idade do filho de Jeroboão, naquela época, ele devia ser bem jovem.

**14.14** — *Destruirá a casa*. Como predito aqui, o fim da linhagem de Jeroboão acabaria acontecendo (1 Rs 15.27—16.7).

**14.15,16** — Deus prometera que *arrancaria* Israel pela raiz se Israel violasse as obrigações da sua aliança (Dt 28.63,64).

*Imagens de madeira*. A adoração realizada aqui é concernente à deusa Asera, que se associava a Baal (Jz 3.7; 2 Rs 23.4). A adoração a ela se tornou um dos pecados que levou o Reino do Norte ao seu declínio (1 Rs 16.33; 2 Rs 17.9-11).

**14.17** — Famosa por sua beleza (Ct 6.4), Tirza era um lugar de retiro real e a capital das duas primeiras dinastias do Reino do Norte (1 Rs 15.33).

**14.18** — *E todo o Israel o pranteou*. A tristeza do povo era também parte da profecia de Aías (v.13).

**14.19** — *O Livro das Crônicas dos Reis de Israel* é mencionado frequentemente em 1 Reis, como uma fonte literária onde a história do Reino do Norte fora registrada. Essas crônicas não deviam ser confundidas com os livros bíblicos de 1 e 2 Crônicas.

**14.20** — Cada um dos subsequentes reis de Israel seriam julgados contra o exemplo da maldade de *Jeroboão* (1 Rs 15.34). Somente com Acabe (1 Rs 16.31) houve uma conjuntura pior.

**14.21-31** — A maior atenção foi dada a Jeroboão I no Reino do Norte, neste trecho (compare com 13.28—14.20). Apesar da sua tolice e maldade, Jeroboão, o filho de Salomão, foi o herdeiro divinamente designado da promessa davídica (2 Sm 7). Ele e cada um de seus sucessores foram medidos em termos de fidelidade a *Yahweh*, no padrão estabelecido por Davi. Por outro lado, os reis do Reino do Norte foram medidos em termos de infidelidade a Deus, como estabelecido por Jeroboão I. Alguns dos monarcas do Reino do Sul demonstraram uma relativa fidelidade a *Yahweh*, como Asa (1 Rs 15.11). Outros seguiram o padrão de tolice e maldade que Jeroboão estabeleceu. Nenhum seguiu ao Senhor no mesmo grau ou da

mesma maneira que Davi. Ezequias (2 Rs 18.1—20.21) e Josias (2 Rs 22.1—23.30) foram os melhores da série.

**14.21** — *A cidade que o SENHOR elegera de todas as tribos de Israel.* Estas palavras celebram não somente Jerusalém (Dt 12.1-19), mas também o reinado davídico.

**14.22** — *E fez Judá o que era mal aos olhos do SENHOR.* Apesar de Roboão aparentemente começar o seu reino bem (2 Cr 11.5-17,23), a sua condição espiritual logo se deteriorou (2 Cr 12.1). Apesar do fato de Judá ter tido muitos reis espiritualmente sensatos, a apostasia, no final da contas, pagou o seu preço no Reino do Sul, assim como no do norte (2 Rs 17.18-20).

**14.23** — Os *altos* eram um problema ao longo da história de Judá e de Israel (Mq1.3). Por vezes, a adoração oferecida neles pode ter sido sincera, de acordo com a verdadeira adoração a Deus (1 Rs 3.2-4; 2 Rs 12.3). Mas estes eram também lugares de ritos de adoração cananeia, praticados em honra a Baal e onde outros deuses estrangeiros eram adorados.

*Colunas Sagradas* [NVI] refere-se a pilares de pedra ou de madeira. Deus havia proibido Israel de erguê-las (Dt 16.22). *Imagens* (ou ídolos) *do bosque* (ou de Asera) (v.15) se referem aos obscenos símbolos que se associavam à adoração sexual da divindade cananeia de Asera.

**14.24** — *Rapazes escandalosos, prostitutas-cultuais* (ARA), tinham parte nos rituais de fertilidade da antiga Canaã (Dt 23.18). Aqui o termo significa *devoto ao culto sagrado*.

*Abominações.* Este é um termo excessivamente forte; ele descreve atividades devassas que impulsionaram a ação de Deus de tirar os cananeus da sua terra (Dt 18.9,12).

**14.25** — *Sisague.* Apesar de Jerusalém e de Judá terem sido poupadas desta total aniquilação por Roboão ter-se arrependido, Jerusalém foi saqueada como resultado dos pecados que aconteceram sob o seu observar (2 Cr 12.1-9). Registros egípcios confirmam que a invasão de Sisague foi disseminada e muito bem sucedida.

**14.26-28** — O roubo dos *tesouros da Casa do SENHOR* (v.26) é particularmente chocante, quando observamos a longa e detalhada descrição da maior realização de Salomão, a construção do santo templo em Jerusalém (capítulos 6—8).

**14.27,28** — *Escudos de bronze.* Um convincente símbolo da ruína dos tesouros do templo é vista na mudança dos escudos de ouro por escudos de cobre (v.26; 10.16,17).

**14.29** — *O Livro das Crônicas dos Reis de Judá* é mencionado 15 vezes em Reis. Aparelmente, era um registro de eventos oficial no Reino do Sul até os dias de *Jeioaquim*. Mas nem esta obra nem *as Crônicas dos Reis de Israel* (v.19) devem ser confundidas com os livros bíblicos de Crônicas.

**14.30,31** — As histórias iniciais de Roboão e de Jeroboão (1 Rs 11.26—12.17) levaram à sua contínua inimizade e *guerra*.

**15.1** — *Abias* é um nome estranho para um rei de Judá, pois junta as palavras hebraicas *Pai* e *Mar* — uma conhecida divindade cananeia. É possível que este nome reflita a influência cananeia que veio de encontro, até mesmo à família real, prematuramente no reino de Judá. O nome alternativo *Abias* é um nome padrão para louvor a Deus, pois quer dizer *O Meu Pai é o Senhor*.

**15.2** — A filha de Uriel de Gibeá (2 Cr 13.2) e de Tamar (2 Sm 14.27), *Maaca*, foi a neta de Absalão e a esposa favorita (dentre as 18) de Roboão. Era uma mulher determinada, que exerceu grande influência durante o reinado do seu filho Abias e do seu neto Asa.

O nome das mães dos reis de Judá aparecem aqui para mostrar que as reivindicações ao trono são legítimas.

**15.3** — A palavra hebraica traduzida como *perfeito em coração perfeito*, é *shalem* denota alguém que é inteiramente devoto a Deus. Contraste esta avaliação negativa de Abias ao uso positivo do mesmo termo quando Asa é avaliado (1 Rs 15.14).

**15.4** — *Por amor de Davi.* Isto é, por causa do amor de Deus por Davi e da promessa que Ele havia feito a ele (2 Sm 7).

---

A remoção de Maaca  
aconteceu no 15o ano  
do governo de Asa.

---



*Lâmpada.* Essa é uma das lindas figuras de linguagem que representam a bênção de Deus sobre a casa de Davi.

15.5 — A qualidade do reino de Davi é celebrada. Ao mesmo tempo, o grave pecado de Urias não é omitido (2 Sm 11; 12).

15.6 — Em função de Roboão ter reinado até o seu 58º ano (1 Rs 14.21), Abias provavelmente soube da guerra com certo atraso (1 Rs 14.30). Ao menos Abias confiou em Deus durante a guerra contra Jeroboão, e Deus deu a ele uma vitória decisiva (2 Cr 13.2-20).

15.7,8 — Isto segue o padrão estabelecido para registrar os obituários dos reis de Judá.

15.9-11 — *Asa*. O significado deste nome pode ser o *que cura*.

15.12 — *Rapazes escandalosos*. Esta expressão é usada para homens religiosos prostitutas seguidores das práticas religiosas de Canaã (1 Rs 22.46; 2 Rs 23.7).

15.13 — *E até a Maaca, sua mãe, removeu*. As muitas atividades espirituais de Asa (2 Cr 14.2-5; 15.1-18) são encurtadas em poucas frases aqui (v.11-15). Apesar de as reformas mencionadas nos versículos 11 e 12 terem acontecido no início do reinado de Asa (2 Cr 14.2-5), o cronista indica (2 Cr 15.16) que a remoção de *Maaca* aconteceu no 15º ano de seu governo (895 a.C.). A remoção de *Maaca* foi resultante do tempo em que se renovou a aliança (2 Cr 15.1-15) e de sua vil idolatria.

15.14,15 — Os *altos* foram construídos para que lá se adorasse ao Senhor (1 Rs 3.2; 1 Sm 9.12). Mas eles também eram frequentemente utilizados para propósitos pagãos (2 Cr 14.2,3).

15.16 — *Guerra*. Houve períodos de paz entre as duas nações (a liga de Acabe e a de Jeosafá, cap. 22). Contudo, esse foi um período de guerra, particularmente nos limites territoriais.

15.17 — *Ramá* se encontrava acerca de 8.849,5km ao norte de Jerusalém, na principal rota comercial norte-sul por terra. Foi, portanto, de grande importância para ambos os reinos. Ela deu acesso de leste a oeste, tanto à região montanhosa na base de cadeia de montanhas de Efraim como à costa do Mediterrâneo, ou seja, tinha grande relevância quando se tratava de terreno militar

estratégico também. Baasa estava planejando um golpe para controlar o centro de Ramá.

15.18 — Para reprimir a penetração de Israel em Judá, o rei Asa saqueou o templo, a fim de angariar fundos para tentar aliar-se militarmente a Damasco. Como a campanha mencionada aqui aconteceu na primeira década do século 9 a.C., o rei envolvido foi *Ben-Hadade I* (900—860 a.C.).

*Tabrimom*. Há uma mudança proposital ao soletrar este nome hebraico, baseada na antipatia com o deus que é representado no nome original. Em vez de escrever *Tab-Ramman*, que significa *Trovejador*, um epíteto do deus da tempestade Hadade (Zc 12.11), o autor escreveu *Tab-Rimmon*, que é a palavra hebraica para designar *Romã*.

15.19,20 — Asa aparentemente sugere que, para todos os efeitos, um *tratado* entre a casa de Davi e Damasco se encontrava em vigor desde os dias de Salomão.

15.21 — A retirada de *Baasa* de Ramá foi devido ao tratado que havia sido renovado entre Asa de Judá e Ben-Hadade de Damasco.

15.22 — A rápida atitude de Asa de tomar Ramá possibilitou-o dismantelar as fortificações lá existentes e usar o material para fortificar duas cidades vizinhas estratégicas, *Geba* de Benjamim e *Mispa*. O controle destes três territórios proporcionou proteção defensiva avançada a Jerusalém e ao norte de Judá.

15.23,24 — *Padeceu dos pés* (v.24). Aqui está outro caso de um líder justo que muito avançou para o Senhor, mas não terminou bem a carreira. A natureza da enfermidade de Asa é incerta. Alguns estudiosos sugerem podagra [um problema reumático, que corresponde a um tipo de dor no dedo do pé], outros, um edema, e outros, algum tipo de gangrena ou doença sexualmente transmissível (a palavra hebraica para *pés* pode, por vezes, ser um eufemismo para as genitálias).

15.25,26 — *Nadabe*. O seu nome significa *generoso* ou *nobre*, mas ele não viveu o suficiente para fazer jus ao significado de seu nome.

15.27,28 — *E matou-o Baasa* (v.28a). O mesmo que Baasa, um capitão militar de Nadabe, fez ao seu mestre foi feito à sua própria casa. Zinri,

capitão de metade dos seus carros conspirou contra Elá, filho de Baasa, e o matou (1 Rs 16.9,10).

**15.29,30** — A morte de Nadabe foi o cumprimento de uma profecia, um ato de julgamento de Deus sobre a *casa de Jeroboão I* (1 Rs 14.9,16). Apesar de tudo, o modo como ele morreu foi condenado por Deus por intermédio de seu profeta Jeú (1 Rs 16.2,7).

**15.31,32** — Isso segue o padrão estabelecido para registrar os obituários dos reis do norte.

**15.33** — *Baasa, filho de Atias, começou a reinar sobre todo o Israel em Tirza*. A segunda capital de Israel (1 Rs 14.17) localizava-se na área montanhosa de Efraim, entre Siquém (a primeira capital — 1 Reis 12.25) e o monte Gilboa.

**15.34** — *E fez o que era mau*. O intercâmbio político não sinalizou melhora alguma no clima espiritual de Israel.

**16.1-7** — Assim como o filho do profeta Hani-ni que Asa tinha executado (2 Cr 16.7-10), *Jeú* (não confundir com o rei de Israel que também tinha esse nome — 2 Reis 9.2) veio do Reino do Sul. O seu longo ministério profético durou até os dias de Josafá. Assim como o seu pai, ele confrontou o pecado corajosamente — até mesmo na casa real.

**16.2-4** — No antigo Oriente Médio, considerável atenção era dispensada a quem morria em decorrência de enfermidade. Normalmente, o corpo era enterrado no dia do falecimento. Quando um corpo era deixado aos cães e às aves, um intolerável sentimento de vergonha se estendia por toda a família e amigos do enfermo. Veja, por exemplo, o humilhante fim que tiveram o rei Acabe (1 Rs 22.38) e a rainha Jezabel (2 Rs 9.33-37).

**16.5-9** — As duas primeiras dinastias de Israel terminaram tragicamente. Assim como Nadabe, filho de Jeroboão (1 Rs 15.28), *Elá*, filho de Baasa, foi assassinado. Houve mais três requerentes ao trono, antes que o ano de 885 a.C. terminasse.

**16.10-12** — O assassinato de Elá e a aniquilação de sua casa por *Zinri* (v.12), apesar de traiçoeiro, era advindo de sanção profética em função da maldade de Elá e do seu pai, Baasa.

**16.13,14** — *Ídolos*. Aqui, o plural do termo *vapor* é usado. Esse é um termo desdenhoso, que descreve as divindades da falsa teologia pagã.

**16.15—22.40** — Aqui retrata a era da terceira dinastia no Reino do Norte, a casa de Onri. Esta seção lida especialmente com o ímpio rei Acabe. Apesar da paciência de Deus, bem como repetidos esforços para avisar Acabe e trazê-lo com sua nação de volta à justiça, especialmente mediante o grande profeta Elias, tal rei insistiu em pecar e, portanto, veio o terrível julgamento de Deus sobre ele, sua posteridade e seu povo.

**16.15-17** — *Zinri* também cumpriu profecia contra a casa real (v.8-14), assim como Baasa (1 Rs 15.29).

**16.18-20** — Por ele ter *queimado a casa* do rei em Tirza, *Zinri* pode ter contribuído para que Onri construísse uma nova capital, com uma nova residência real (v.24), talvez uma que pudesse ser melhor defendida.

**16.21,22** — A fonte da base política de Onri é desconhecida. De acordo com o historiador Josefo (ou José), Tibni foi morto nas lutas de poder dinásticas que acompanharam a dinastia de Onri.

**16.23-28** — O curto reinado de 12 anos não é demonstrativo do que Onri conquistou. Ele foi um dos mais impressionantes reis de Israel em termos de conquistas. Ele invadiu Moabe e marcou a sua presença em uma aliança que tinha por finalidade parar o avanço do poder da Assíria para o oeste. As suas conquistas são honradas na pedra moabita e nos anais assírios. De fato, ele foi tão importante para os assírios, que Israel passou a se chamar *a Casa de Onri*, mesmo após a sua morte, por muitos anos. Contudo, o autor de Reis descreve poucas conquistas de Onri, pois ele fez o *que era mau aos olhos do SENHOR* (v.25a).

**16.24-28** — A escolha de Onri por *Samaria* como o território da sua nova capital foi, sem dúvida, motivada por vários fatores, tais como a sua condição geográfica favorável, a sua boa localização para o comércio e o seu potencial defensivo. E como era um território cananeu, era independente política, étnica e religiosamente de todas as alianças anteriores.

**16.29—22.40** — O reino de Acabe. Enquanto Onri era extremamente bem preparado militar, comercial e estrategicamente e tinha um histórico que falava por si mesmo (v.23), somente seis

versículos relatam fatos do seu reinado. Sobre Acabe, por sua vez, existem cinco capítulos! Isso se dá por duas razões: primeiro, Acabe seguiu os passos do seu pai, Onri, intensificando o mal sobre os reis que viveram antes dele. Mas ele acelerou o processo em um nível quase inacreditável; ele tornou a adoração a Baal o culto oficial do Reino do Norte. Segundo, Acabe não tinha a permissão de Deus para promover a sua maldade sem um desafio. Este desafio veio na pessoa de Elias, uma das mais corajosas, poderosas e enigmáticas figuras das Escrituras.

**16.29** — O nome *Acabe* é uma combinação das palavras hebraicas *irmão* e *pai*. O termo *pai* refere-se a Deus, e *irmão*, ao relacionamento com Deus. Em outras palavras, Acabe significa (o meu) irmão (é também o meu) Pai. Acontece que Acabe não fez jus ao seu nome.

**16.30,31** — A primeira avaliação de *Acabe* é a mesma que aquela dada ao seu pai (compare o verso 30 com o 25).

*Com as suas vaidades.* Com estas palavras, pode-se perceber que Acabe teve o mais alto nível de degeneração da vida espiritual. Cada um dos reis do Reino do Norte, de Nadabe (1 Rs 15.26), filho de Jeroboão, a Onri (1 Rs 16.26), o pai de Acabe, foi culpado por andar no mesmo caminho mau que Jeroboão I.

Acabe agiu como se os pecados de Jeroboão fossem banais. Isso se deu de duas maneiras: primeiro, ele se casou com Jezabel; segundo, ele instituiu a adoração a Baal como religião oficial da nação. O seu casamento com a princesa fenícia *Jezabel* foi politicamente importante e demonstrou a proeminência crescente da terceira dinastia de Israel. Como no caso das esposas estrangeiras de Salomão (1 Rs 11.1-13, que foi antes dele), o casamento de Acabe gerou trágicos resultados. Jezabel era extremamente competente, altamente talentosa e poderosa, mas era uma pessoa muito má e podia influenciar Acabe para ser mau como ninguém (cap. 21). Entretanto, quando ela não estava com o seu marido, ele se comportava bem (cap. 20).

O pai de Jezabel era rei e sacerdote de Baal em Sidom; da mesma forma, era ela princesa e

sacerdotisa de Baal. O seu nome fenício era Abizebel, que significa *meu pai (Baal) é nobre*. Os escribas hebreus deliberadamente tiraram uma letra do seu nome, para que ela fosse conhecida para sempre como Jezabel, um nome que quer dizer *sem honra*.

*E serviu a Baal, e se encurvou diante dele* (v.31c). O ultrajante é que Acabe foi muito além de meramente combinar uma série de crenças. Ele se tornou um adorador de Baal na sua plenitude.

**16.32,33** — Além do mais, Acabe ergueu um altar a Baal, um templo a Baal, bem como um poste-ídolo (ARA). Com estas ações, Acabe firmou o estabelecimento do culto a Baal como a religião oficial da nação de Israel. A adoração a Baal em Israel foi o que, no final das contas, pôs fim aos reinos do norte e do sul (2 Rs 17.16-23; Jr 2.1—3.25). O pecado que Acabe e Jezabel trouxeram à nação foi uma total rejeição ao Deus vivo.

**16.34** — A despeito da maldição de Josué (Js 6.26,27), Hiel edificou a Jericó, que já havia sido ocupada várias vezes (Jz 3.13), mas não como uma cidade fortaleza permanentemente ocupada. Ou Hiel ofereceu os seus filhos em sacrifício (segundo um costume antigo), ou eles morreram de alguma outra forma. De um jeito ou de outro, a maldição de Josué ali estava.

**17.1-4** — Após Moisés (Dt 18.15-19), nenhum profeta houve como *Elias*. O seu nome significa *O Senhor é o meu Deus*. Elias falava de Deus bravamente em meio a todo o vácuo espiritual em que o Reino do Norte jazia nos dias de Acabe, Acázias e Jorão. Profeta por excelência, o seu ministério e o seu posicionamento contra o baalismo local alcançou os maiores círculos governamentais em Israel.

Malaquias predisse o retorno de Elias antes do dia grande e terrível do SENHOR (Ml 4.5). O adjetivo pátrio *tisbita* refere-se a alguém da cidade de Tisbe, ou também como os descobridores de Gileade. O juramento formal e solene (veja as palavras de Davi em 1.19), assim como *vive o SENHOR, Deus de Israel*, foi também uma brilhante declaração. Elias, que não temeu estar diante do rei de Israel mesmo não sendo anunciado ou convidado, pôde estar ali corajosamente, pois a sua vida estava

diante daquele cuja glória, majestade e cujo poder eram infinitamente maiores que os de Acabe.

*Nem orvalho nem chuva.* Como a crença canaínea dizia que somente Baal governava sobre o orvalho e a chuva, o pronunciamento de Elias foi um desafio imediato. Quem é verdadeiramente Deus, Baal ou o Senhor? (veja Dt 28.12; 33.28).

**17.5** — O ribeiro de Querite se localizava diante do Jordão, longe do palácio em Samaria.

**17.6-8** — O Senhor de toda a criação pode usar a maneira que Ele quiser para alimentar o Seu profeta, até mesmo os corvos.

**17.9-11** — *Sarepta* era um território fenício, 1.126,3km ao sul de Sidom, a fortaleza de Baal. O fato de Deus ter sustentado Elias, primeiro por um corvo e depois por uma viúva, proporcionou ao profeta um dramático teste de fé no princípio de seu ministério. A viúva, da mesma forma, aprendeu o valor de confiar somente em Deus (v.24). Muitas viúvas eram excepcionalmente pobres, por terem poucas opções de vida em uma cultura agrária. Esta estava em uma condição miserável quando Elias a encontrou.

**17.12** — *SENHOR, teu Deus.* A viúva de Sarepta era uma mulher de fé no Deus vivo, mesmo vivendo em terras estrangeiras. *Pão* [NVI] aqui denota bolo redondo. A *panela* de farinha era feita de barro (Gn 24.14), a *botija*, por sua vez, era algo menor, como um pequeno galão ou um cantil.

**17.13** — *Porém fazes disso primeiro para mim.* O desafio de Elias para a viúva demandava fé em meio às suas circunstâncias desesperadoras.

**17.14** — O *SENHOR, Deus de Israel*, reconhece que a mulher identifica o Senhor como o Deus de Elias (v.12), mas também leva a viúva ao conhecimento daquele que é o Sustentador de todas as coisas.

**17.15-17** — Enquanto uma nação israelita apóstata sofria em função de uma seca, Deus supria as necessidades diárias de uma mulher não israelita, que se dispôs a obedecer à Sua palavra. O suprimento de azeite e farinha frescos a cada dia foram um lembrete, tanto ao profeta como à viúva, do valor da confiança pessoal nele; e que isso somente é o suficiente para ir ao encontro de qualquer necessidade (Fp 4.19).



## EM FOCO

### BAAL (HB. BA'AL)

(1 Rs 16.31; 18.21; Jz 2.13; 2 Rs 10.20)

Baal era um deus pagão de tempestades e de fertilidade, adorado por todo o antigo Oriente Médio por causa da sua associação a poderosas forças. O seu nome literalmente significa *Proprietário, Mestre* ou *Marido*.

Na literatura de Canaã, Baal é frequentemente associado à deusa da fertilidade Asera, cujos ídolos são mencionados inúmeras vezes no Antigo Testamento (2 Rs 21.7). A adoração às divindades pagãs envolviam automutilação, prostituição e sacrifício de crianças. Apesar dessas práticas abomináveis, os próprios israelitas adoraram a Baal—o que resultou na repreensão, por meio do pesar da mão de Deus e do castigo (Jz 2.11-15; Jr 19.4-6).

**17.18** — O *pecado* nem sempre é a causa imediata do sofrimento (Jo 9.3; Hb 12.7-11).

**17.19,20** — Elias esteve no *quarto de cima*, um ambiente no telhado, ao qual se tinha acesso de fora da casa. Isso preservou a privacidade de todos na casa, especialmente a reputação da viúva em sua comunidade.

**17.21** — A ação de Elias de se medir sobre o menino morto *três vezes* pode simbolizar o poder do santo Deus triuno (Nm 6.24-26; Is 6.3). Elias, mais tarde, fez algo parecido, assim como o apóstolo Paulo (2 Rs 4.34; At 20.10).

**17.21,22** — *Clamou ao SENHOR [...] E o SENHOR ouviu a voz de Elias.* A temática bíblica de clamar e ser ouvido, ou de chamar e ser respondido enfatiza intimidade e comunhão (Sl 22.24; 91.15; 102.1,2).

**17.23,24** — *Nisto conheço, agora, que tu és homem de Deus.* Nesta ocasião, a crença da viúva cresceu até a plenitude da fé. Foi provado por palavras e por ações que Elias era realmente um *homem de Deus* (v.18). O incidente demonstrou, do início ao fim, que o Senhor é o Deus tanto dos israelitas como dos gentios (At 10.34,35; 11.18; Rm 3.29) e que Ele é o Autor da vida (Lc 20.38; Jo 11.25,26).

**18.1,2** — O Novo Testamento indica que a seca terminou no quarto ano (Lc 4.25; Tg 5.17). Se está tratando-se aqui do final do *terceiro ano*,

o fim da seca pode não ter ocorrido até três anos e meio do seu início.

**18.3** — Apesar de a tradição judaica tê-lo identificado, este *Obadias* provavelmente não é o autor do livro de Obadias. Nada no livro de Obadias aponta para algo da época em questão aqui. O Obadias apresentado nessa parte é uma pessoa extremamente simpática, cuja grande fé em Deus, bem como suas ações heróicas, proporcionam uma visão melhor da situação do povo de fé de Israel na época. *Mordomo*. Este termo era um título oficial (1 Rs 4.6). Obadias era um oficial no palácio de Acabe e ministro de Estado. Em ambos os cargos, ele servia como um representante pessoal do rei.

**18.4** — A possível existência de *cem profetas* para Obadias esconder pode ser visto no fato de que associações com profetas que se encontravam ou que até viviam juntos são conhecidas a partir deste período (1 Sm 10.5; 2 Rs 3.3-7; 6.1,2). Mais de 20 mil cavernas foram descobertas nas redondezas do monte Carmelo, muitas das quais capazes de alojar 50 homens.

**18.5-11** — Cuidar de cavalos era importante para manter prontidão militar em um mundo onde quase sempre havia ameaças surpresa.

**18.12-14** — Obadias não tinha muita certeza se podia confiar no profeta do Senhor. Obadias reconheceu que o Espírito Santo de Deus pode vir ao encontro dos Seus servos (Jz 6.34; 11.29) de tal forma que poderia *carregá-los* para algum lugar (Ez 8.3; 11.1). Obadias já tinha arriscado a sua vida ao esconder os profetas de Deus. Relatar a presença de Elias sem apresentá-lo a Acabe no estado de fúria em que se encontrava podia, da mesma forma, custar-lhe a vida (v.9,14).

**18.15-17** — *SENHOR dos Exércitos* denota o controle divino de um vasto exército celestial

pronto para atuar ao Seu comando (Ap 19.11-21), o Seu lugar como o comandante das forças de Israel (Jz 1.3), bem como a Sua soberania universal (Is 37.16). Elias reconheceu que estava diante do seu supremo Comandante.

**18.18** — *Baalins*. O termo indica que Acabe tinha o costume de frequentar cultos em vários santuários locais onde Baal era adorado.

**18.19-21** — *Aserá*, a esposa de El, era uma deusa da fertilidade, cuja adoração estava ligada à de Baal (1 Rs 14.15). A adoração de ambos gerava uma constante fascinação sobre Israel em tempos anteriores a este (Êx 34.13; Nm 25; Jz 2.13) e, posteriormente, ocasionou o fim da nação de Israel (2 Rs 17.16-18).

**18.22,23** — Apesar de haver outros profetas no tempo de Elias (v.13), este confrontava o fato de que ele, e *somente* ele, prontificara-se a confrontar os 450 profetas de Baal.

**18.24-26** — A concorrência entre o Senhor e Baal revelou quem era o verdadeiro deus da tempestade. Este teria relâmpagos como parte de seu arsenal (Sl 18.12-14; Hc 3.11). Queimar a lenha e o holocausto com *fogo* foi um modo sensato de testar o poder das divindades rivais.

**18.27,28** — As palavras afiadas *porque ele é um deus* eram de zombaria e de depreciação. Talvez o deus deles estivesse perdido em pensamentos, *meditando*, e simplesmente precisavam que eles clamassem a ele mais alto.

*Pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer* é um eufemismo. Em seu ataque à tolice da idolatria, Elias sugeriu que a razão pela qual o deus dos falsos profetas não respondia era porque ele se encontrava ocupado em uma atividade celestial.



## VOCÊ SABIA?

### HADADE, O INIMIGO DE SALOMÃO

Salomão nunca se tinha encontrado com Hadade, o edomita (1 Rs 11.14) ou tido contato com ele. Hadade, porém, foi o inimigo de Salomão. A fonte de sua hostilidade foi a execução de seu pai, bem como de outros homens edomitas por Joabe, um general subordinado a Davi (1 Rs 11.15-17). Essa tragédia foi certamente resultante das diferenças existentes entre os israelitas e os edomitas, que já havia perdurado por séculos.

**18.29** — *Não houve voz.* Nada do que os sacerdotes fizeram teve efeito ou gerou uma resposta do suposto deus deles.

**18.30** — *E reparou o altar do SENHOR, que estava quebrado.* Um altar anterior que tinha sido usado pelo verdadeiro povo de Deus em um alto legítimo (1 Rs 3.2-4). Elias evitou qualquer tipo de contato com o altar que se associara a Baal.

**18.31** — O simbolismo numérico das 12 pedras não pode ser desconsiderado. O povo de Israel é originário de 12 tribos.

**18.32** — A reconstrução do altar em nome do SENHOR foi um memorial de que o Senhor não tinha abdicado da Sua posição: Ele ainda era o Deus de toda a nação de Israel, incluindo o Reino do Norte, onde o sincretismo pagão e a adoração a Baal prevaleciam.

**18.33-35** — *Terceira vez.* As três aplicações de água não somente ensoparam o holocausto muito além de truques humanos como puderam novamente comprovar o poder do santo Deus trino (1 Rs 17.21).

**18.36** — A expressão SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, tão característica da adoração dos primeiros tempos (Gn 50.24; Êx 3.6,15,16), lembrou aos ouvintes de Elias a inviolabilidade da aliança para com Abraão. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó ainda era o Deus do Reino do Norte e a única esperança de vida, proteção e bênção da nação na Terra Prometida (Dt 30.20; 2 Rs 13.23).

**18.37** — A oração de Elias se dividia em duas partes: primeiro, ele desejava que o Senhor demonstrasse claramente ao povo que Jeová, e

somente Jeová, é o Deus vivo. Segundo, ele pediu o avivamento completo do povo de Deus. A primeira parte foi respondida de uma maneira um tanto quanto dramática.

**18.38** — Ao mostrar quem era verdadeiramente o Deus da tempestade, comprovou-se a impotência de Baal, enquanto o fogo do SENHOR consumia tudo ali.

**18.39** — O poder de Deus sobre o fogo, a água e a chuva (v.45) demonstrou que Ele, e não Baal, é o SENHOR. Ele é Deus!

**18.40** — Os profetas foram executados pelo seu grande pecado e por terem levado a nação à ruína.

**18.41,42** — A reação do rei e do profeta foi irradiante. Um rei, ímpio e indomável, alegremente celebrava, enquanto que um profeta fiel, prostrado, orava pelo resultado prometido da miraculosa vitória do Senhor.

**18.43,44** — Esta nuvem, esta pequena nuvem, como a mão de um homem pode ter parecido pequena quando foi vista primeiramente do alto do monte Carmelo, mas Elias sentiu a aproximação da tempestade que se iniciava e avisou Acabe que seria melhor correr.

**18.45** — Elias já tinha anunciado, há mais de três anos, que a chuva não mais viria, a não ser se fosse advinda das mãos do Deus vivo (1 Rs 17.1).

**18.46** — *Cingiu os lombos.* Elias enfiou a sua roupa para dentro de seus cintos, o que permitiu que ele corresse livremente 2.091,7km para chegar a Jezreel.

**19.1-3** — As consequências de uma grande vitória podem se tornar um novo tempo de derrota. Isto foi o que aconteceu com Elias, quando



## EM FOCO

### NOME (HB. *SHEM*)

(1 Rs 8.20; 18.24; Êx 6.13)

A palavra hebraica *shem* pode ser relacionada a uma raiz que significa *marcar*, mas isto é impreciso. Em tempos bíblicos, o nome de uma pessoa não somente servia como meio de identificação, como também descrevia a personalidade, a posição ou o destino dela (leia 1 Samuel 25.25 para constatar o significado do nome *Nabal*, que é *Tolo*). Às vezes, quando uma pessoa era rebatizada, uma mudança na personalidade ou no status dela ocorria (Gn 35.10). Os vários nomes de Deus são especialmente importantes. Cada um deles revela a singularidade de cada aspecto da Sua natureza (por exemplo, *Deus das Alturas*, ou *Senhor dos Exércitos*). Por essa razão, o Seu nome deve ser honrado e nunca usado indevidamente (Êx 20.7). Compartilhando o Seu nome com o povo de Israel, Deus mostrou a intimidade do Seu relacionamento pactuai com ele (Êx 3.13-15).

pensou que estava vivendo o ápice espiritual de seu ministério. Com a clara justificativa de *Yahweh*, o Deus vivo, no monte Carmelo, e com a derrota e a execução vergonhosa dos maus profetas-sacerdotes de Baal, certamente ele deve ter pensado que, naquele momento, aconteceria um avivamento nacional (veja a sua oração em 1 Rs 18.37). Mas, posteriormente, ele percebeu que nada, de fato, mudou naqueles corações endurecidos.

**19.1,2** — *E Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito*, mas isso não causou nela arrependimento algum, muito menos fez com que ela deixasse de adorar a Baal e se voltasse para Deus. Acabe meramente relatou os fatos que a envergonhariam. A resposta dela a isso foi um decreto que sentenciava Elias à morte.

**19.3** — Elias entendeu as intenções de Jezabel quando ele viu a sua resposta e, abatido, percebeu que a vitória do Senhor no monte Carmelo não necessariamente poria fim, de uma vez por todas, ao paganismo crescente naquela localidade. Algumas antigas traduções dizem que *ele temeu*, e não *veendo ele*. Entretanto, Elias não era o tipo de homem que abandonava os princípios do Altíssimo e ele certamente não tinha motivos para temer Jezabel, uma vez que conhecia o Deus vivo e o Seu poder. O que ele sentiu foi uma profunda decepção. Ele viu que nada, de fato, havia mudado. Ele constatou que, da tremenda demonstração da realidade do poder de Deus no monte Carmelo, o povo logo se esqueceu e voltou a caminhar pelos seus caminhos maus. *Ele se levantou [...] para escapar com vida*, não por medo, mas pelo desejo de que Jezabel não fosse a pessoa que o mataria. Na verdade, ele ansiava pela morte, mas orava para que ela viesse pelas mãos do Senhor.

**19.4** — Um *xímbro* tem folhagem o suficiente para dar sombra e, frequentemente, cresce a uma altura de 3,048m. Esta espécie cresce abundantemente em Israel.

**19.5,6** — Deus deu a Elias *pão cozido sobre as brasas* e uma botija de *água*, mesmo já o tendo sustentado há tempos atrás (cap. 17).

**19.7** — Apesar de, às vezes, o *anjo do SENHOR* referir-se ao próprio Deus (Êx 3.2-6), no

livro de Reis, ele significa um mensageiro sobrenatural (2 Rs 1.3; 19.35).

**19.8** — Frequentemente, nas Escrituras, *Horebe* refere-se ao monte Sinai, o *monte de Deus* (Êx 3.1).

**19.9** — O texto hebraico diz *a caverna*. Este uso do artigo definido pode ser específico, sugerindo que aquela era *a caverna* em que Moisés se escondeu e experimentou a presença de *Yahweh* no monte de Deus (Êx 34).

**19.10** — *Zeloso*. Assim como Finéias (Nm 25.7-13), Elias tinha paixão pelo Deus que o opôs à idolatria reinante em seu meio. *E eu fiquei só*. Na sua depressão, Elias pensava que somente ele era fiel a Deus. Achava que, quando ele fosse morto, não haveria mais ninguém para servir a Deus.

**19.11,12** — O *SENHOR não estava presente*. Apesar do fato de que cada um dos elementos mencionados nos versículos 11 e 12 pudesse sinalizar a presença de Deus (Êx 40.38; Zc 14.4,5; At 2.2,3), Elias aprendeu que o Senhor não é um Deus de espetáculos. Às vezes, a obra dele é experimentada na simplicidade *de uma voz mansa e delicada*. Elias tinha pedido raios, fogo e avivamento nacional. O que Elias não percebia era que Deus estava operando na vida de muitas pessoas — sete mil joelhos que não se dobraram a Baal (v.18)!

**19.13,14** — *Que fazes aqui, Elias?* No primeiro momento (v.9), a pergunta convidava Elias a considerar as razões pelas quais ele particularmente tinha vindo ali. Baseado em sua resposta e na autorrevelação de Deus, a segunda pergunta pode deixar implícito algo como: é tempo de estar em outro lugar, servindo a Deus tanto na rotina diária como na obra para a qual foi chamado.

**19.15,16** — A missão de Elias já tinha sido cumprida com louvor, mas, deste momento em diante, tomaria um novo rumo. Elias ungiria Eliseu (v.19-21), Eliseu ungiria *Hazael* (2 Rs 8.7-15), e Jeú seria ungido pelo servo de Elias (2 Rs 9.1-10). A importância da tarefa de Elias pôde ser vista quando Eliseu sucedeu Elias, e Jeú e Hazael se tornaram reis.

**19.17** — Os três indivíduos, Eliseu, Jeú e Hazael, foram instrumentos de Deus. Um seguiu o outro

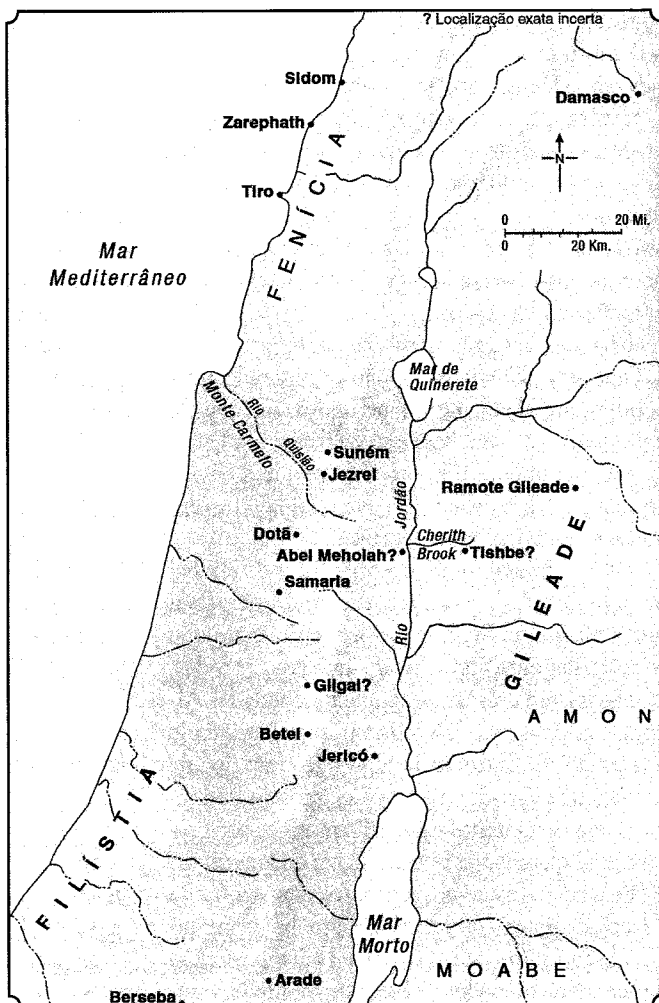
na missão de exterminar o povo de Deus, cujo coração era duro.

19.18-20 — Ainda havia muitas pessoas que eram fiéis ao Deus vivo. *Sete mil* não se curvaram em adoração a Baal. Apesar de em cada geração haver grandes líderes espirituais que fazem a obra de Deus, a Igreja de Cristo é composta por pessoas imperfeitas, mas que são fiéis a Deus.

19.21 — Diferente daqueles que Jesus mencionou em Seus ensinamentos (Mt 8.18-22; Lc 9.57-62), *Elias deu as costas* ao seu lar tão somente para romper os laços com o seu passado. Assim como Josué fielmente servira a Moisés em um período de treinamento para uma posição de grande responsabilidade, Eliseu humildemente serviu a este “Moisés” até que Elias fosse trasladado aos céus (2 Rs 2.1-12). O uso da palavra *servo* por Eliseu está em conformidade com o uso para designar Geazi, o seu servo, em 2 Reis 4.12.

20.1 — O rei da Síria foi Ben-Hadade II (860—842 a.C.). Apesar de haver hoje um país chamado Síria, cuja capital é Damasco, o antigo nome dos sírios era *arameus* e sua terra *Aram*. Uma das características distintivas do antigo Oriente Médio era a prática de formar alianças. Coalizões como a dos 32 reis eram comuns em tempos de guerra (Gn 14.1-16).

20.2 — Quando ele é associado à sua malvada esposa Jezabel, *Acabe* aparece como extremamente perverso. Mas, neste capítulo, ele aparece como um líder capacitado, em um tempo de instabilidade internacional, bem como uma pessoa que tinha ciência do poder e da presença de Deus (v.13,14).



### Elias e Eliseu

*A vitória de Elias no monte Carmelo pôs fim à vida de 450 profetas de Baal (1 Rs 18.20-40). O seu ministério passou por Canaã, do ribeiro de Querite, onde nasceu (1 Rs 17.1-7), a Sarepta, local em que ele operou o milagre que sustentou a viúva e seu filho, e também até o sul do monte Horebe (que não aparece no mapa). Em Samaria, Elias denunciou a injustiça do rei Acabe contra Nabote, o jizreelita (1 Rs 21.17-29). Perto de Jericó, ele separou as águas do rio Jordão para atravessá-lo e, subsequentemente, foi carregado aos céus em uma carruagem de fogo (2 Rs 2.1-12). Eliseu curou Naamã de sua lepra no rio Jordão (2 Rs 5.1-19) e levou os cegos sírios à sua derrota em Samaria (2 Rs 6.8-23). Em Damasco, Eliseu profetizou a morte de Ben-Hadade e a sucessão de Hazael como o rei da Síria.*

20.3,4 — As palavras de Ben-Hadade são meus quer dizer que Israel era dominado pelo mais poderoso estado Sírio. *Conforme tua palavra, ó rei, meu senhor, teu sou eu, e tudo quanto*



tenho foram as palavras de Acabe que selaram o tratado em que Israel se tornou o país subserviente.

**20.5,6** — A linguagem aqui não mais é de formalidade política, mas de exigência por completa entrega de tudo o que era de valor, incluindo as pessoas de valor e *qualquer coisa* que fosse do agrado de Acabe. Tudo isso deveria ser entregue à monarquia estrangeira.

**20.7,8** — Acabe aparentemente teve pouca esperança de que resistiria a uma tão vasta hoste inimiga. Os seus anciãos (v.8) aconselharam-no a não consentir com a situação.

**20.9** — *Tudo o que primeiro mandaste pedir a teu servo farei, porém isto.* A distinção pode estar na admissão do *status* subserviente de Israel a Aram, contra a rendição de pessoas e bens à nação suserana.

**20.10** — O orgulho de Ben-Hadade era que o seu poder avassalador reduziria Samaria a pó, de maneira que nem as mãos de seus soldados se encheriam com porções dele.

**20.11** — A resposta proverbial de Acabe lembrou a Ben-Hadade de que o orgulho por si só não realiza a obra.

**20.12** — O fato de *Ben-Hadade* ter bebido durante a situação em que ele deveria estar preparando-se para a peleja mostra a sua arrogância. Ele estava celebrando a vitória antes mesmo de começar a batalha (v.16).

**20.13** — Não se sabe o nome desse *profeta*. Havia muitos profetas verdadeiros do Senhor naquela época (1 Rs 18.13; 20.35).

*Eis que hoje ta entregarei nas tuas mãos, para que saibas que eu sou o SENHOR* (v.20c). Assim como Deus demonstrara a Sua pessoa e o Seu poder no monte Carmelo (cap. 18), Ele, neste momento, far-se-ia conhecido a Acabe nesta batalha.

**20.14,15** — O profeta revelou as estratégias das quais Acabe iria utilizar-se. Então, Acabe obedeceu a Deus, contando todo o povo.

**20.16** — Essa era uma aliança de 32 reis de pequenas áreas de Aram e de territórios circunvizinhos. Mas eles estavam todos *se embebedando*



## PERFIL

### ACABE

Geralmente reconhecido como o mais perverso rei de Israel, Acabe, às vezes, demonstrou coragem e, até mesmo, verdadeira humildade diante de Deus (1 Rs 21.29). Infelizmente, ele nunca serviu ao Senhor de todo o coração.

Como muitos hoje, Acabe lutou com uma natureza indecisa. Muito facilmente ele era induzido à maldade pela sua esposa, a infame Jezabel. O seu casamento com essa princesa fenícia foi importante politicamente e demonstrou a crescente proeminência da terceira dinastia de Israel. Mas, assim como no caso das esposas estrangeiras de Salomão, a união de Acabe com uma pagã produziu resultados trágicos.

A influência de Jezabel sobre o seu marido era mais forte do que a do profeta Elias. Não é por acaso que o rei mais perverso da história de Israel tenha tido como o seu contemporâneo o mais famoso e dramático dos profetas de Israel. Os sentimentos de Acabe com relação a Elias se mostram em seus comentários a ele: *Es tu o perturbador de Israel?* (1 Rs 18.17b) e *e disse Acabe a Elias: Já me achaste, inimigo meu?* (1 Rs 21.10a). Apesar de contemplar o fogo do Deus vivo consumir os sacrifícios ao Deus de Elias no monte Carmelo, Acabe, ainda assim, dava ouvidos à sua esposa, em vez de atentar para as palavras de Elias e obedecer a Deus.

O erro de Acabe foi muito maior do que combinar a adoração do verdadeiro Deus com a dos falsos deuses dos cananeus. Ele rejeitou o Altíssimo descaradamente, servindo e adorando a Baal. Acabe, inclusive, ergueu um altar a Baal, um templo para ele e ordenou que esculpisse uma imagem de madeira dele. Ao rejeitar o verdadeiro Deus, Acabe também rejeitou a Lei de Deus como um guia para a sua vida. Logo, nada o fez parar de cobiçar a vinha do seu vizinho e de permitir que a sua esposa assassinasse a Nabote, para roubar as suas terras. A vida desobediente de Acabe encontrou um trágico fim. Ele morreu em peleja, e o seu sangue foi lambido por cães, como já havia sido profetizado.

O único legado que Acabe deixou foi negativo. Ele é lembrado até os dias de hoje pelas palavras: *E fez Acabe, filho de Onri, o que era mal aos olhos do SENHOR, mais do que todos os que foram antes dele* (1 Rs 16.30).

— um ato de arrogância antes mesmo de a batalha começar.

**20.17-21** — Acabe prosseguiu com a guerra com o seu pelotão mais forte. Dela, Ban-Hadade, o rei dos siros, escapou por pouco (v. 20). O *grande estrago* (v.21) resultante foi uma tremenda vitória do exército de Acabe.

**20.22** — Este é provavelmente o mesmo *profeta* por intermédio do qual Deus tinha dado uma mensagem encorajadora (versículo 13, contraste com o 35). Acabe, no final das contas, confiou na sabedoria humana em vez de nos padrões divinos (v.42). O período compreendido entre o fim da primavera e o início do verão foi uma das duas maiores estações para expedições militares. Provisões eram prontamente disponíveis para os homens e para o gado. O fim das chuvas facilitou bastante a locomoção das tropas e das provisões.

**20.23-25** — Os conselheiros sírios refletiam conceitos teológicos tradicionais do antigo Oriente Médio. Os poderes dos seus deuses, bem como os seus *deuses dos montes*, limitavam-se a lugares específicos. Mas o Deus vivo não se limita ao tempo (Sl 90.2) ou ao espaço (Sl 139.7-12). Isso é um fato que aqueles conselheiros nunca compreenderiam.

**20.26-30** — Esta *Afeca* não é a cidade filistina onde a arca foi perdida (1 Sm 4.1), mas outra localidade a leste do rio Jordão, no norte de Gileade. Aparentemente, os siros estavam lançando a sua segunda campanha no vale do Jordão. Os siros aprenderiam que o Deus vivo pode dar livramento ao Seu povo no vale, assim como nas montanhas (Sl 23.4; Jl 3.12-14).

**20.31** — Ben-Hadade, neste instante, apelou à natureza *misericordiosa* de Acabe. O rei sírio mandou os seus servos a Acabe em seus trajes de submissão e de arrependimento.

**20.32-34** — O termo *irmão* era comumente usado quando as relações entre os reis eram cordiais (1 Rs 9.13). Ben-Hadade devia querer deixar claro que ambos eram reis.

**20.35-41** — Este *certo homem* é provavelmente um outro profeta (não mencionado no início desta história, v.13,22).

*Filhos dos profetas*. Apesar de este termo ocorrer aqui, associações proféticas eram conhecidas pelo menos a partir do tempo de Samuel (1 Sm 10). Obadias tinha sido recentemente instruído acerca do resgate de tais grupos de profetas somente quando Acabe tinha sido purgado (1 Rs 18.13-16).

**20.42-43** — A dramática história do profeta é simbólica; assim como Acabe tinha julgado o caso, ele seria julgado (1 Rs 22.29-37).

**20.43** — *Indignado* aqui denota *teimosia*, bem como *um espírito humilhado*. Em vez de ser grato a Deus pelas vitórias alcançadas, Acabe permanece na razão humana e duramente se recusa a mudar os seus caminhos.

**21.1** — *Samaria* era a cidade capital de Acabe; o seu nome é usado para representar todo o Israel (2 Rs 1.3; 2 Cr 24.23; Jn 3.6).

**21.2,3** — Tecnicamente, toda terra era do Senhor, que a deu perpetuamente a cada tribo e família israelita (Lv 25.23-28). Portanto, a propriedade pertencia a *Nabote* (Nm 36.2-9). Até mesmo o rei foi obrigado a obedecer à Lei (1 Sm 10.25). Acabe, então, negociou com Nabote pela sua propriedade.

**21.4-6** — *Indignado*. Novamente (1 Rs 20.43) o descontentamento do rei em não ter a sua vontade feita o deixa de espírito humilhado.

**21.7** — Ao lembrar a Acabe que ele era rei e poderia fazer o que quisesse, *Jezebel* mostrou a sua bagagem cananeia, onde os reis detinham todo o poder (Dt 17.14-20; 1 Sm 8.11-18).

**21.8-12** — Tais cartas foram escritas pelos escribas do rei em rolos ou tábuas e, depois, *selados* com o símbolo pessoal do remetente.

**21.13,14** — *Dois homens, filhos de Belial*. A acusação contra Nabote era séria (Êx 22.28). Apesar de serem necessárias duas testemunhas em casos capitais (Dt 17.6), estes *dois homens* eram *canalhas*, facilmente subornáveis para darem falso testemunho (Pv 19.28). Nabote foi executado *fora da cidade*, como requeria a Lei (Lv 24.14). A Lei de Deus foi seguida na maneira e no lugar da sua morte, apesar da sua execução ter sido ultrajante contra todo o espírito da Lei. Assim como no caso de Acã (Js 7.24,25), os filhos

de Nabote foram apedrejados até a morte com ele (2 Rs 9.26), evitando, assim, que qualquer sucessor de Nabote pudesse buscar processar o aprisionamento ilegal.

**21.15-18** — *Porque Nabote não vive, mas é morto*, a propriedade foi confiscada pela coroa. Apesar de Acabe parecer despreocupado com toda a situação, ele não pôde escapar da sua consciência pesada (v.20).

**21.19-24** — Logo o sangue de Acabe foi lambido por cães no tanque de Samaria (22.37,38). Acabe tinha perdido todo o senso da Lei de Deus, que era, basicamente, o de amar a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40). A idolatria de Acabe demonstrava que ele não tinha amor por Deus (18.18); e tomar para si a vinha de Nabote mostrou que ele, da mesma forma, não tinha amor por seu próximo.

**21.25-29** — A natureza vacilante da complexa personalidade de Acabe pode ser vista neste trecho. Ele podia muito facilmente ser conduzido por *caminhos maus* por sua *esposa*. Todavia, ele pôde, às vezes, mostrar coragem (1 Rs 22.34,35) e, até mesmo, verdadeira humildade diante de Deus (1 Rs 21.29). Infelizmente, ele nunca teve um verdadeiro relacionamento espiritual com Deus. O resultado foi que ele, como todo o que despreza as misericórdias de Deus (2 Pe 3.5-10), morreu e deixou todo o seu ganho desonesto para trás (Sl 49.5-14).

**22.1-3** — Ao enfrentar a ameaça da Síria que se levantava, Acabe falhou em utilizar sua vantagem de três anos antes. Ele não reocupou as áreas montanhosas estratégicas de *Ramote-Gileade*. Nos dias de Salomão, essa área servia como um centro administrativo (1 Rs 4.13), mas, aparentemente, ela foi perdida durante o reinado de Onri. Agora que Aram e Israel, como aliados, conseguiram trazer de volta a Salmaneser III da Assíria em Carcar (853 a.C.), o controle de Ramote-Gileade era crucial.

**22.4** — Josafá foi o quarto rei do Reino do Sul. Ele se tornou parente de Acabe por meio do casamento do seu filho Jorão com a filha de Acabe, Atalia (2 Rs 8.18,27). A relação de Jeosafá com Acabe o deixou, então, em uma

precária posição de ter de ir para a guerra com Acabe, contra os siros.

**22.5-8** — Reis no antigo Oriente Médio buscavam a vontade dos deuses antes de entrar em uma batalha (Jz 20.27,28; 1 Sm 23.1-4). Mas Josafá não depositava a sua confiança nos falsos profetas de Acabe; ele desejava a verdadeira *palavra do SENHOR*.

**22.9** — O profeta *Micaías* não é conhecido, exceto quando se trata desse incidente (2 Cr 18.8-27).

**22.10** — Uma *eira* [ARA] era frequentemente usada pelos cananeus para a realização de côrtes. Eiras podiam também ser cenas de espiritual relevância (Jz 6.36-40; 1 Cr 21.15—22.1).

**22.11-16** — Zedequias tentou validar o seu pronunciamento profético com mágica. Os *chifres* simbolizam grande força (Nm 24.8), uma ideia reforçada pelo uso de *ferro*. Em Daniel 8.7, um chifre é usado para simbolizar poder de vitória.

**22.17-22** — As figuras de *ovelha* e *pastor* eram familiares aos ouvintes de Micaías (Ez 34.12; Mc 14.27). As palavras de Micaías são dramáticas e enfatizam a gravidade dos planos de Acabe e das mentiras de Zedequias.

**22.23-29** — *Espírito da mentira*. Esses profetas profetizavam sob as influências do mal, mas as suas falsas predições eram precisamente o que Acabe precisava ouvir.

**22.30-33** — Escondendo-se por trás de um *disfarce*, Acabe esperava que pudesse frustrar a profecia acerca do fim de Micaías. A participação de Josafá em uma batalha na qual ele nem mesmo devia estar (2 Cr 19.1-3) quase custou-lhe a vida. Ben-Hadade tentou encurtar a batalha encontrando e matando Acabe. A vida de Josafá foi preservada não somente por seu grito, mas também por intervenção divina direta (2 Cr 18.31).

**22.34-37** — O termo *na sua simplicidade* indica que o arqueiro não percebia que estava mirando em Acabe. O golpe foi tão bem dado que acertou o rei no espaço entre a couraça e a parte inferior da armadura. O corpo ferido de Acabe foi escorado em seu carro para que os seus soldados pudessem continuar a pelear e não desistir imediatamente, como Ben-Hadade esperava.



## EM FOCO

## QUEIMAR INCENSO (HB. QATAR)

(1 Rs 13.1; 22.43; Nm 16.40; 2 Cr 13.11)

Essa palavra hebraica *qatar* significa *produzir fumaça*. Ela é usada somente em referência às ofertas religiosas (1 Rs 9.25; 12.33; 2 Rs 22.17). Em Levítico, essa palavra é utilizada para tratar da verdadeira adoração que o Senhor decretou. Entretanto, nos livros históricos de 1 Reis até 2 Crônicas, a palavra é usada, basicamente, para os rituais de falsa adoração. Até mesmo muitos dos bons reis de Israel falharam por não abolirem a queima de incenso imprópria (1 Rs 22.43; 2 Rs 12.3; 14.4; 15.4,35). Jeremias frequentemente usava essa palavra para denunciar os erros de seu povo, apesar de ele tê-la usado uma vez para profetizar um tempo em que Israel adoraria perpetuamente o verdadeiro Deus (Jr 1.16; 11.13; 33.14-18).

**22.38** — O cumprimento da temível profecia de Elias (1 Rs 21.19-24) que dizia respeito à casa de Acabe desencadeia-se aqui, quando *os cães lambem o seu sangue*.

**22.39-42** — Escavações arqueológicas em Samaria ilustraram a natureza da *casa de marfim* de Acabe, uma casa de decorações luxuosas feita de tal material. O palácio continha objetos de marfim, e as paredes e a mobília eram feitas de pedaços dele.

**22.43,44** — Josafá continuou seguindo os passos de seu pai espiritual, Asa. Esses *altos* eram frequentemente usados na adoração do Deus de Israel (1 Rs 3.2-4).

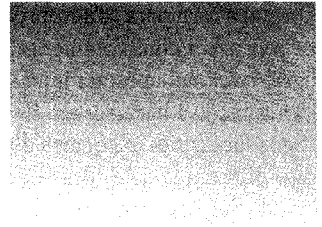
**22.45** — Além da campanha de Ramote-Gileade, as arriscadas aventuras militares de Josafá incluíam o fortalecimento das suas forças e fronteiras (2 Cr 17.14-19), o combate a uma invasão (2 Cr 20.1-30) e a condução de uma campanha edomita (2 Rs 3.6-27).

**22.46,47** — Veja comentário sobre 1 Reis 14.24 para uma descrição destes prostitutos culturais cananeus, que tinham parte em deprimentes cultos a Baal.

**22.48-50** — A destruição dos *navios mercantes*, patrocinados por Josafá e Acázias, acabou com o comércio. O profeta fala do descontentamento de Deus com relação a todo o projeto (2 Cr 20.35-37).

**22.51-53** — Um rei mau do Reino do Norte, Acázias seguiu os passos do seu pai Acabe, assim como Amom, de Judá, seguiria, posteriormente, os de seu pai Manassés (2 Rs 21.19-22).

**22.52** — Acázias, então, continuou o caminho espiritual que foi traçado por seu *pai*. A história não acaba aqui, mas continua em 2 Reis. A divisão de Reis em dois livros foi feita por conveniência quando a Bíblia foi traduzida para o grego no século 2 a.C.



O livro de

# 2 Reis

## INTRODUÇÃO

**D**a ascensão do profeta Elias aos céus à queda de Israel e de Judá, o segundo livro dos Reis continua a saga de um povo e dois reinos iniciada em 1 Reis. A narrativa não só celebra os israelitas, mas relata os altos e baixos da história de Israel e de Judá. Neste livro, poucos monarcas do Reino do Norte (Israel) são valorizados. O mesmo se dá com os reis do Reino do Sul (Judá). O primeiro e o segundo livros de Reis fazem mais que rememorar nomes e fatos. Eles descrevem um povo sem direção, líderes que falharam em sua missão de liderar e um Deus que foi forçado a disciplinar o Seu povo rebelde.

O segundo livro de Reis continua a história do reino dividido que começou em 1 Reis, com os reinados de Acazias, no Reino do Norte (853—852 a.C.), e Josafá, no Reino do Sul

(872—847 a.C.). Ele delinea os eventos do restante da terceira dinastia de Israel, bem como os detalhes a ela correspondentes durante os reinados de Jorão e de Acazias. Logo, há descrição de minúcias especialmente relevantes aos ministérios proféticos de Elias e de Eliseu (2 Rs 1.1—9.37).

Durante esse período, o Reino do Norte sofreu pressão contínua da parte de Aram (Síria), sob o comando dos reis Ben-Hadade II e Hazael, e ameaças da nação que se levantava, a saber, a Assíria, com o seu poderoso rei Salmaneser III (858—824 a.C.).

O relato da quarta dinastia de Israel começa com o fim da crescente prática de adoração a Baal que marcou as três primeiras dinastias (2 Rs 10.1—15.12). Infelizmente, o fundador dessa dinastia, Jeú, era um oportunista que costumava perseguir a

adoração a Baal para se autopromover. Em vez de observar a Lei completamente, ele perpetuou a religião nacional apóstata iniciada por Jeroboão I — a adoração a bezerros em Betel e em Dã.

Seus sucessores, na quarta dinastia, não foram muito diferentes dele. Entre os governantes do Reino do Sul, encontraram-se homens maus, como Atalia, e homens que receberam elogios de Deus, como Josias e Amasias. Externamente, a ameaça síria terminou com a campanha militar de Adad-Nirari III da Assíria. Contudo, a própria Assíria passou por um período de declínio que perdurou por toda a primeira metade do século 8 a.C.

Com a morte de Zacarias em 752 a.C., o Reino do Norte enfrentou um tempo de acelerado declínio que refletia sua condição espiritual. Os efeitos de sua apostasia e de sua imoralidade, combinados a associações políticas infelizes com a Assíria, levaram o Reino do Norte ao seu fim, em 722 a.C. Enquanto isso, Jotão e seu filho ímpio Acaz governavam o Reino do Sul de Judá. Acaz era tão mau que nem mesmo como rei foi influenciado por Isaías. As Escrituras atribuem a degradação de Judá a este rei idólatra (2 Cr 28.23).

O restante do segundo livro de Reis aborda os sucessos, insucessos e a peregrinação do Reino do Sul, traçando a história de Judá do justo Ezequias (cap. 18—20) aos filhos ímpios de Josias, sob o comando dos quais Jerusalém sofreu três invasões e deportações, tendo ocorrido a última em 586 a.C. Portanto, Judá constantemente se encontrava envolvido em complexos eventos internacionais que aconteceram entre o fim do século 8 a.C. e o início do século 6 a.C.

A habilidade de Judá para preservar sua identidade em meio a vizinhos tão poderosos proveio de Deus, que se manteve fiel à Sua aliança com a casa de Davi, e do crescimento espiritual duran-

te os reinados dos seus dois reis fiéis, Ezequias (729—699 a.C.) e Josias (640—609 a.C.). Entretanto, as forças da apostasia que levaram o Reino do Norte ao colapso se mostraram da mesma forma ao Reino do Sul. Judá se tornou cativo, e seu exílio durou 70 anos.

O segundo livro de Reis termina dessa trágica maneira. Somente a palavra final de libertação de Joaquim forneceu um raio de esperança à escuridão do cativo (2 Rs 25.27-30). A simbólica mensagem é clara: o Senhor ainda haveria de cumprir Sua promessa de restaurar o Seu povo (1 Rs 8.46-53).

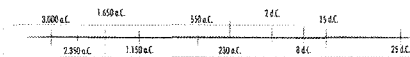
Assim como o primeiro e o segundo livros de Samuel, o texto de Reis se encontra, originalmente, em um só livro em hebraico. Ele foi dividido em duas partes quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, por volta de 150 a.C.

Logo, debates acerca da autoria de 1 Reis se aplicam igualmente à autoria de 2 Reis. Muitos estudiosos continuam a defender a visão tradicional de que Jeremias foi quem escreveu os livros dos Reis. Eles apontam para a sua origem sacerdotal, para a sua atividade profética, para o seu acesso às mais altas autoridades governamentais e para o seu envolvimento pessoal com as complexas atividades religiosas, sociais e políticas que ocorriam durante o colapso e a queda de Judá, no início do século 6 a.C.

Jeremias tinha, sem dúvida, uma posição privilegiada que lhe permitia ter conhecimento da situação espiritual da época e ter acesso a registros nacionais, informações históricas e outras fontes materiais necessárias para tornar possível a elaboração dos livros dos Reis. Ele pode ter escrito e compilado esses livros durante o período da reforma religiosa liderada pelo rei Josias (2 Rs 22.8).

## LINHA DO TEMPO

## CRONOLOGIA EM 2 REIS



- Ano 872 a.C. — Josafá se torna o rei de Judá
- Ano 865 a.C. — Elias começa a profetizar contra Acabe em Israel
- Ano 850 a.C. — Elias é levado aos céus; Eliseu profetiza
- Ano 755 a.C. — Isaías começa a profetizar em Judá
- Ano 736 a.C. — Acáz começa a reinar em Judá
- Ano 722 a.C. — Israel é tornado cativo pelos assírios
- Ano 697 a.C. — Manassés começa a reinar em Judá
- Ano 640 a.C. — Josias começa a reinar em Judá
- Ano 624 a.C. — O Livro da Lei é encontrado em Jerusalém
- Ano 612 a.C. — Nínive, a capital da Assíria, é tomada pela Babilônia
- Ano 586 a.C. — Judá é tornado cativo pela Babilônia



## ESBOÇO

- I. O reino dividido — 1.1—17.41
- A. A terceira dinastia — 1.1—9.37
1. O reinado de Acazias em Israel — 1.1-18
  2. A transição do ministério profético de Elias para Eliseu — 2.1-25
  3. O ministério de Eliseu — 3.1—8.15
  4. Os reinados de Jeorão e de Acazias em Judá — 8.16-29
  5. A unção de Jeú e o massacre da família de Acabe — 9.1-37
- B. A quarta dinastia — 10.1—15.12
1. O reinado de Jeú em Israel — 10.1-36
  2. Os reinados de Atalia e de Joás em Judá — 11.1—12.21
  3. Os reinados de Jeoacaz e de Joás em Israel — 13.1-25
  4. O reinado de Amazias em Judá — 14.1-22
  5. O reinado de Jeroboão II em Israel — 14.23-29
  6. O reinado de Azarias em Judá — 15.1-7
  7. O reinado de Zacarias em Israel — 15.8-12
- C. O declínio e a queda de Israel — 15.13—17.41
1. Os reinados de Salum, Menaém, Pecaías e Peca em Israel — 15.13-31
  2. Os reinados de Jotão e de Acáz em Judá — 15.32—16.20
  3. O reinado de Oséias e a queda do Reino do Norte — 17.1-23
  4. O repovoamento de Samaria — 17.24-41
- II. O Reino do Sul — 18.1—25.30
- A. O reinado de Ezequias — 18.1—20.21
- B. Os reinados de Manassés e Amom — 21.1-26
- C. O reinado de Josias — 22.1—23.30
- D. Os últimos reis de Judá e a queda de Jerusalém — 23.31—25.21
1. O reinado e o cativeiro de Jeoacaz — 23.31-34
  2. O reinado de Jeoaquim — 23.35—24.7
  3. O reinado e o cativeiro de Joaquim — 24.8-16
  4. O reinado de Zedequias — 24.17-20
  5. A queda de Jerusalém e o cativeiro de Judá — 25.1-21
- E. Dois apêndices históricos — 25.22-30
1. Gedaliás é eleito como o governante de Judá — 25.22-26
  2. Joaquim é solto da prisão babilônica — 25.27-30

## COMENTÁRIO

**1.1—9.37** — A primeira grande seção de 2 Reis relata a contínua degeneração espiritual e moral de Israel na época da terceira dinastia do Reino do Norte, apesar de inúmeros avisos da parte de Deus transmitidos pelo profeta Elias a respeito do julgamento. Eventos concomitantes no Reino do Sul, durante os reinados de Josafá, Jorão e Acazias, permeiam a narrativa.

**1.1** — *Moabe se revoltou*. Esta nota cronológica se relaciona à rebelião de Mesa, o famoso rei de Moabe. Este fato nesta passagem pode servir meramente como um indicador dos problemas que logo assolariam Israel.

**1.2** — *Acazias*. O relato de seu reinado breve e cruel se inicia em 1 Reis 22.51. A divisão do livro de Reis em duas partes se deu por ser mais conveniente para os tradutores, o que se observa no fato de a história do reinado de Acazias começar na primeira parte e continuar na segunda, sem interrupção alguma.

Este versículo relata a queda de Acazias *pelas grades de um quarto alto*. As casas na antiga Israel tinham, normalmente, um único andar. Já os palácios e mansões tinham um segundo. Nos andares superiores, era comum encontrar-se uma varanda cercada por grades, o que permitia a circulação do ar, protegia da luz solar e dava certa privacidade ao ambiente. Porém, essas grades podiam ser facilmente quebradas.

Quando adoeceu, Acazias enviou mensageiros a *Baal-Zebube* para perguntar a este deus se ele seria curado. Enquanto o nome *Zebube* é conhecido como Ugarite em textos cananeus, neste

versículo ele pode refletir uma corrupção intencional do original *zebul* (príncipe). Neste caso, escribas hebreus transformaram *Baal-Zebul* (*Baal* é o príncipe) em *Baal-Zebube* (senhor das moscas). Os escribas também escreveram *Baal-Zebel* (senhor do esterco) algumas vezes.

Esta mudança proposital de nomes de indivíduos ou de deuses associados à adoração a Baal mostra o tremendo desprezo que os escribas israelitas tinham por tais conceitos. Veja, por exemplo, a mudança no nome de *Jezabel* (1 Rs 16.31) e de *Rimom* (2 Rs 5.18). Posteriormente, o nome Baal-Zebube foi associado a Satanás (Mt 10.25;12.24).

**1.3** — *O anjo do SENHOR*. Por vezes, esta expressão é usada para se referir a Deus. Mas, frequentemente — e, possivelmente, neste versículo —, trata daquele que é o mensageiro do Senhor, mas que é, de certa forma, diferente de Deus. A dramática história de *Elias* começa em 1 Reis 17.1.

O descontentamento do Senhor pelo comportamento errante do rei é visível nas palavras *não há Deus em Israel*. Um rei era identificado pela sua nação ou pela sua cidade capital, como se verifica na denominação *rei de Samaria* (1 Rs 21.1; 2 Cr 24.23; Jn 3.6). Esse é apenas mais um título para o rei de Israel.

Acazias, assim como o seu pai, adorou a Baal, *deus de Ecrom*. O culto a Baal era fortemente identificado com Ecrom, uma cidade famosa pela prática da adivinhação (1 Sm 6.2; Is 2.6). Acazias mandou seu mensageiro a Ecrom não somente porque a cidade era próxima, mas também porque ele, provavelmente, esperava manter em segredo a natureza e a extensão do seu ferimento.



### VOCE SABIA?

#### O ATO DE MENTOREAR NO ANTIGO TESTAMENTO

O relacionamento entre Elias e Eliseu lembra o que hoje em dia é chamado de programa de desenvolvimento de líderes. Afinal, quando Eliseu levantou a capa de Elias (2 Rs 2.13), aquele assumiu o papel deste como o principal profeta de Israel, papel para o qual Elias já o vinha moldando (1 Rs 19.16).

Mentorear envolve um investimento voluntário no outro para o seu crescimento, desenvolvimento e sucesso. É algo inerente à fé no valor do próximo. O objetivo é contribuir para o progresso daquele que está sendo mentoreado, podendo o mentor se beneficiar disso ou não. Portanto, a tarefa de mentorear normalmente exige dedicação e amor.



Antigamente, um rei que se encontrasse gravemente ferido ou doente se tornava vulnerável a atentados oportunistas à sua vida e ao seu trono. Logo, no seu ponto de vista e, provavelmente, dos seus conselheiros, Acázias fez o que devia fazer. Entretanto, sua atitude não foi correta. Elias lembrou ao mensageiro real que o Deus de Israel não tinha abdicado de Sua posição e estava disponível para ser consultado verdadeiramente.

**1.4** — A determinação de Deus era que o rei devia morrer pelos seus pecados. Acázias buscava uma mensagem divina de um deus estrangeiro, mas acabou recebendo-a do próprio Deus.

**1.5,6** — Os mensageiros do rei foram impedidos por Elias de completar sua missão. Deus não queria que uma mensagem enganosa encorajasse o perverso rei. O profeta já recebera a palavra do Deus vivo (v. 4).

**1.7,8** — Apesar de *vestido de pêlos* poder referir-se ao traje de Elias, a tradução usual *homem peludo* é defendida pelas versões antigas. Acázias sabia que o homem era seu oponente, *Elias, o tisbita* (1 Rs 17.1).

**1.9,10** — *Fogo do céu*. Esta expressão poderia significar julgamento divino (Gn 19.24). Elias já havia pedido fogo dos céus em sua disputa com os profetas de Baal (1 Rs 18.36-38). Esse fogo foi como um raio. Baal não era o deus da tempestade, como era conhecido. O Deus de Israel era e é o Senhor da criação.

**1.11-13** — Cinquenta homens formavam uma unidade militar segundo a literatura do antigo Oriente Médio. Cada *capitão de cinqüenta* se aproximava de Elias com um temor crescente do poder de Deus que se associava àquele profeta.

**1.14-17** — *Assim, pois, morreu* [Acázias], *conforme a palavra do SENHOR, que Elias falara*. A palavra profética se cumpriu como fora anunciada. A afirmação *não tinha filho* significava que a dinastia tinha acabado. Um rei chamado *Jorão* governou, então, os dois reinos.

**1.18** — *O mais dos feitos de Acázias*. Isso segue o padrão da época para se registrar os obituários dos reis do Reino do Norte.

**2.1-4** — *Gilgal, Betel e Jericó* eram prováveis centros de atividade profética que buscavam a

liderança de Elias. Gilgal e Betel, no século seguinte, tornaram-se núcleos de idolatria pagã (Os 4.15; 9.15; 12.11; Am 4.4; 5.5); lugares onde se adorava a Deus se transformaram em locais em que predominavam os falsos ensinamentos e a apostasia.

**2.1** — *Havendo o SENHOR de elevar a Elias num redemoinho ao céu*. A história que se segue é tão extraordinária que o narrador apresenta o desfecho de antemão.

**2.2-6** — *Fica-te aqui*. As três ocorrências dessa situação se parecem com o que é apresentado no capítulo 1 (as três tropas de cinquenta soldados que foram prender Elias). Eliseu, proferindo a expressão *vive o SENHOR*, fez uma promessa solene por três vezes nesses mesmos versículos; ele determinou que permaneceria com o seu mestre Elias, independente do que acontecesse.

**2.3-7** — *Tomará*. O mesmo verbo hebraico é usado para designar a entrada de Enoque no céu (Gn 5.24). A obra que Deus estava prestes a fazer tinha sido divinamente revelada a muitos dos Seus servos (2 Rs 2.3,5). Esse vasto conhecimento do propósito de Deus evitaria que, mais tarde, cínicos negassem que o evento tivesse acontecido. No tocante à resposta de Eliseu aos profetas, *calai-vos*, não há um motivo claro para essa atitude grosseira dele.

**2.8** — Elias e Moisés, quanto à sua vida e ao seu ministério, mantinham uma estreita relação. Ambos foram os maiores profetas de Israel. Assim como Moisés dividira as águas do mar Vermelho no último ato que libertou Israel das garras de Faraó (Êx 14), Elias dividiu *as águas* do Jordão (v. 7,13), em algum lugar próximo a Jericó. A diferença é que Elias não se utilizou do poder de Deus como um grande milagre redentor, como Moisés, mas como uma demonstração casual da autoridade divina, enquanto seguia o seu caminho.

**2.9** — *Porção dobrada*. Apesar de as narrativas relatarem duas vezes mais milagres por intermédio de Eliseu do que de Elias, não foi nesse sentido que Eliseu pediu isso. Na verdade, ele desejava ser o sucessor espiritual de Elias (Dt 21.17). Também não era porção dobrada dos bens de Elias o que Eliseu almejava, mas porção dobrada do seu espírito.

Naquela época, o principal herdeiro recebia uma porção dobrada dos bens de seu pai. O que Eliseu queria era que o mesmo princípio das coisas materiais se desse com as espirituais. Naquela localidade, havia muitos outros profetas. Todos seriam herdeiros de Elias. E qualquer um deles poderia tornar-se o sucessor de Elias na liderança. Mas o pedido de Eliseu era que ele simplesmente fosse o homem de Deus que seguiria os passos de Elias.

Pode-se afirmar isso pelo estilo de vida de Eliseu. Longe de ser um pedido orgulhoso ou egoísta, a petição de Eliseu reflete seu humilde reconhecimento de que o ministério de Elias deveria continuar por intermédio dele, o que exigiria poder espiritual dado por Deus.

**2.10** — *Se me vires.* Não há como saber por que isso era importante. Talvez se tratasse de uma questão de persistência (v. 2,4,6).

**2.11** — Em uma das cenas mais dramáticas da Bíblia, o céu se abriu, um carro de fogo com cavalos de fogo apareceu, um redemoinho soprou, e o profeta de Deus foi levado vivo para o céu. O fogo associado ao carro e aos cavalos indica a presença do Senhor, assim como os anjos dessa mesma natureza, os quais Isaías contemplou ao redor do trono de Deus (Is 6.2).

**2.12** — O termo *pai* neste versículo denota duas coisas: (1) mentor espiritual. Assim o era Elias para Eliseu; (2) a grandeza da reputação de Elias. Eliseu também é chamado de pai quando morre (2 Rs 13.14). Nessa ocasião, isso foi um verdadeiro tributo a Elias. As ações seguintes de Eliseu indicaram sua tristeza pela perda do seu mestre espiritual e amigo.

**2.13** — *Levantou a capa.* Elias já tinha lançado sua capa sobre Eliseu num ato simbólico outrora (1 Rs 19.19). Nesse momento, Eliseu tomou posse da condição e do ministério proféticos que a capa representava.

**2.14** — A *capa* era somente um símbolo, mas, nas mãos de Elias, foi um instrumento para que o poder do Deus vivo se manifestasse. A capa foi para Elias o que a vara foi para Moisés e Arão (Êx 4.1-9; 7.9). Para Eliseu, ela funcionou da mesma forma.



## EM FOCO

### RAPAZES (HB. NA'AR)

(2 Rs 2.23; Gn 22.5; 1 Rs 20.19)

O substantivo *na'ar* é sempre masculino, mas pode ser usado para se referir a sujeitos de qualquer idade. Exemplos: crianças (Êx 2.6), jovens (Gn 22.5) e soldados (1 Rs 20.17-20). Às vezes, também alude a servos do lar (1 Sm 9.3) ou a oficiais do rei (2 Rs 19.6). A palavra pode ter ainda a nuança de *rebelião*, ou seja, os 42 rapazes mortos por ursos devem ter sido *arruaceiros* ou *delinquentes*.

**2.15** — *O espírito de Elias.* Os profetas testemunharam tanto o milagre de Elias (v. 8) como o de Eliseu. Assim, houve a certeza de que este seria o sucessor daquele. Os homens de Deus se *prostraram diante dele em terra*, não em adoração, mas em respeito e submissão à vontade do Senhor.

**2.16** — *Cinquenta homens valentes.* Grupos de cinquenta homens eram frequentemente usados em árduas missões (2 Rs 1.9-15). Neste caso, eles decidiram empreender uma busca por Elias. Mesmo tendo recebido uma revelação de Deus de que Elias fora levado para o céu (2 Rs 2.3), esses homens foram checar com os seus próprios olhos para ver se Elias se encontrava nas redondezas.

**2.17,18** — *Até se enfastiar.* Apesar de estas palavras indicarem que Eliseu sentiu vergonha da descrença de seus discípulos, o uso delas aponta que o profeta estava exausto, sem disposição alguma para resistir (2 Rs 8.11; Jz 3.25). Assim, ele acabou cedendo ao pedido de seus servos.

**2.19-22** — O primeiro milagre de Eliseu autenticou seu chamado como o principal sucessor de Elias (v. 14). O segundo milagre, de purificar as águas de Jericó, foi intencional e melhor. Ele também mostrou o poder de Deus com respeito à água, que é essencial à vida (1 Rs 17.1).

**2.20** — Eliseu promoveu uma cerimônia de purificação (Lv 2.13; Nm 18.19). O *sal* colocado numa salva nova e jogado no manancial simbolizou a purificação da água para sua utilização.

**2.21,22** — O milagre foi feito em nome de Deus; Eliseu foi somente o Seu instrumento. As

águas ficaram sãs até ao dia de hoje, ou seja, o dia em que se fez este registro.

**2.23-25** — O terceiro milagre de Eliseu foi punitivo e julgador, visto que os profetas eram instrumentos tanto da graça como da ira de Deus.

**2.23,24** — *Sobe, calvo*. Enquanto a severidade da sentença do profeta tem sido questionada, o que se pode mesmo constatar nesta passagem é a descrença dos jovens com relação à subida de Elias ao céu (v. 11), bem como o desrespeito deles por Eliseu, um profeta de Deus. Mas o Senhor não tolerou blasfêmia contra Ele por meio do menosprezo à partida de Elias, ou do abuso contra o Seu profeta, que foi chamado para tão importante missão no crítico período histórico em que Israel se encontrava.

**2.25** — Eliseu fez morada no monte Carmelo (2 Rs 4.25) e também em Samaria (2 Rs 5.3).

**3.1—8.15** — Nesta seção se apresenta o ministério profético de Eliseu durante o período de guerra em que os moabitas e os sírios pelejaram contra Israel.

**3.1,2** — *Estátua de Baal*. Provavelmente, essa estátua era de pedra e tinha sido erguida por Acabe, com uma inscrição e uma imagem do deus Baal. Apesar de ter sido guardada por algum tempo, não foi destruída, pois, posteriormente, tornou-se um dos objetos de que Jeú se livrou (2 Rs 10.26,27).

**3.3,4** — *Mesa, rei dos moabitas*. A existência desse monarca se confirma por uma inscrição em um pilar conhecido como a Pedra Moabita. A inscrição indica que Onri conquistara as planícies de Moabe ao norte do ribeiro de Arnou e que a área permaneceu sob o controle israelita por todo o reinado de Acabe. Portanto, os eventos desse capítulo provavelmente aconteceram após a ascensão de Jorão e pouco antes da morte de Josafá, em 847 a.C. (2 Rs 1.1).

*Contratador de gado*. Este termo em hebraico (*noqed*) é usado somente para se referir a Mesa e ao profeta Amós (Am 1.1). Mesa devia ser um grande empreendedor, tendo em vista que tinha condições de pagar o exorbitante tributo de cem mil cordeiros, e cem mil carneiros com a sua lã.

**3.5,6** — A revolta de Moabe levou Jorão a uma guerra punitiva.

**3.7,8** — *Irás tu comigo...?* Por Josafá possuir parentesco com pessoas ligadas ao trono do Reino do Norte, por meio do casamento de seu filho Jorão com Atalia, filha de Acabe, era possível presumir que ele estaria disponível como um aliado. Como Edom tinha sido adicionado ao território de Judá como resultado de uma guerra anterior, Josafá propôs que ele e Jorão marchassem através de Edom para atacar o território moabita. Essa rota evitaria as fortalezas moabitas da fronteira e provocaria o ataque da sua retaguarda.

**3.9,10** — A rota era muito difícil, o que se verifica pela afirmação *não tinham água*. Em uma campanha militar como essa, tanto os homens como os animais precisariam de mais água do que podiam carregar consigo.

**3.11,12** — *Profeta do SENHOR*. Um profeta ou um adivinho viajava com frequência em campanhas de exércitos. Enquanto esse relato aparentemente enfoca a expedição militar em si, o papel crucial de Eliseu na história enfatiza a importância do ofício profético na antiga Israel.

**3.13** — *Profetas de teu pai*. Eliseu falou de maneira mordaz acerca dos perversos reis do Norte, que se consultavam com os profetas de Baal (2 Rs 1.2,3).

**3.14** — *Vive o SENHOR dos Exércitos, em cuja presença estou*. Essas palavras também foram ditas por Elias (1 Rs 17.1). Conforme a declaração *não olharia para ti*, pode-se concluir que, como um adorador de Baal, Jorão não tinha o direito de reivindicar o favor de Deus. No entanto, ele foi beneficiado pela graça do Senhor para com Josafá.

**3.15** — O fato de Elias ter chamado um *tangedor* foi um esforço para alcançar uma atmosfera livre de guerra e de conflito, a fim de que ele pudesse concentrar-se na antecipada revelação divina.

**3.16-19** — Assim como em muitos milagres do Antigo Testamento, as palavras do profeta instruem o homem sobre como ele deve agir (2 Rs 4.3,4,41;6.6), para que a fé humana e a provisão divina caminhem juntas.



## APLICAÇÃO

### O AZEITE DA VIÚVA

Nos dias que sucederam a partida de Elias, Deus deu poder a Eliseu para operar inúmeros milagres. Um deles foi proporcionar mais azeite a uma viúva (2 Rs 4.1-7). Tal acontecimento confirmou Eliseu como um verdadeiro profeta de Deus e como o sucessor de Elias. Na verdade, esse milagre lembrou o que Elias operara na vida da viúva de Sarepta (1 Rs 17.8-16).

Além do que o milagre revelou acerca de Eliseu, ele ilustrou um importante aspecto da personalidade de Deus: Sua preocupação com os pobres e os desfavorecidos. Tanto Elias como Eliseu se relacionaram com reis, comandantes e outros líderes. Mas eles também ajudaram os que pertenciam à parcela menos favorecida da população.

Naquela ocasião, a viúva estava prestes a perder seus filhos para quitar a dívida deixada por seu ex-marido. Isso significa que ela não teria como se sustentar. Deus supriu as necessidades dessa mulher mediante a intervenção de Eliseu (compare com Sl 68.5).

Tiago nos lembra que a verdadeira religião envolve ação, como se importar com as *viúvas nas suas tribulações* (Tg 1.27). Eliseu foi um profeta genuíno, que praticava a legítima religião.

**3.20-22** — *E a terra se encheu de água.* Os leitos secos dos rios podem facilmente transbordar por causa de chuvas torrenciais. Inclusive áreas longínquas podem encher-se de água advinda de distantes córregos montanhosos trazida por chuvas fortes.

**3.23-25** — *Isto é sangue.* A água vermelha parecia sangue, e o rei moabita pensou erroneamente que os inimigos de outrora tinham brigado uns com os outros. Foi um trágico erro de cálculo.

**3.26** — *Romperem.* De fato, não se pode afirmar se o líder moabita desejava retaliar a ação do rei edomita de juntar-se aos reis aliados do outro lado do Jordão, se ele considerava o exército edomita despreparado, ou se ele estava tentando estabelecer uma rota de fuga. Talvez as três alternativas fossem possíveis.

**3.27** — *Tomou a seu filho primogênito [...] e o ofereceu.* Atos de desespero como esse são frequentemente observados na literatura do antigo Oriente Médio. Estudiosos se dividem quanto à indignação resultante ter sido da parte de Deus, de Moabe ou de Israel. A retirada das tropas parece sugerir que a indignação, nesse contexto, fora do exército israelita.

**4.1-7** — O poder de Deus, por intermédio de Eliseu, multiplicou o azeite da viúva. Sempre se fala dos “milagres de Eliseu”. No entanto, todas as maravilhas que esse profeta operou foram com a permissão de Deus. Por isso, o correto é dizer

que Eliseu foi um instrumento para que o poder de Deus se manifestasse.

**4.1** — *Uma mulher.* O destino das viúvas era inseguro no antigo Oriente Médio. Um teste prático para verificar se os israelitas exerciam a misericórdia segundo os padrões estabelecidos por Deus era observar como os que estavam no poder tratavam as viúvas e os órfãos (Jó 24.21; Sl 146.9). Tanto a Bíblia (Lv 25.39-45) como outras leis antigas permitiam a venda de membros da família como escravos para quitação de débitos, por isso o uso do termo *credor*. A Lei de Deus atuou com o intuito de diminuir esse abuso e a duração dessa situação.

**4.2-7** — Em alguns aspectos, esse milagre se parece com o que Deus operou por intermédio de Elias suprimindo as necessidades da viúva de Sarepta (1 Rs 17.14-16). Em ambos os casos, *Yahweh* demonstrou que somente Ele é o Senhor da criação (1 Rs 17.1).

**4.2-6** — *A botija* continha azeite para unção, não para temperar alimentos ou servir de combustível. Um vaso assim não tinha muito valor.

**4.7** — Eliseu é chamado de *homem de Deus* nesta seção (v. 16,21,22,25,27). A palavra *Deus* em hebraico é, literalmente, *o Deus*, o que significa o verdadeiro e genuíno Deus. Eliseu não só supriu as necessidades imediatas da mulher, mas também as de longo prazo, de acordo com a sequência *vende, paga, vivei*.

**4.8,9** — A amizade de Eliseu com a mulher de Suném também se parece com a de Elias com a viúva de Sarepta (1 Rs 17.8-16). O adjetivo com que ela descreveu Eliseu, *santo homem de Deus*, indica que ela percebeu que o profeta era verdadeiramente separado para o ministério.

**4.10** — *Um pequeno quarto junto ao muro*. Esse tipo de quarto era, geralmente, no telhado e podia ser acessado pelo lado de fora da casa. Ele acomodava os hóspedes, além de fornecer privacidade. Reconhecendo que Eliseu era um dos servos escolhidos por Deus, a mulher de Suném se preocupou ainda mais com a hospitalidade que daria a ele.

**4.11,12** — O termo para *moço* (hb. *na'ar, jovem* ou *criado*), na maioria das vezes, significa *uma pessoa engajada num período de treinamento*. Em vez de olhar essa posição com desdém, Geazi a considerava uma oportunidade incrível. Normalmente, essa função exigia responsabilidade. A mesma palavra também é usada para caracterizar a relação de Eliseu com Elias (1 Rs 19.21). Infelizmente, Geazi provou não ser digno da confiança de seu mestre, como Eliseu foi de Elias.

**4.13-16** — Eliseu decidiu que a melhor coisa a fazer pela mulher era prometer-lhe o nascimento de um filho, apesar de seus anos de frustração por isso. Ao dizer *não mintas*, a sunamita pensou que até mesmo Eliseu seria incapaz de cumprir essa promessa.

**4.17** — O nascimento do filho da sunamita foi como o cumprimento da promessa do nascimento de Isaque (Gn 21).

**4.18-21** — *E o deitou sobre a cama do homem de Deus*. A ação da sunamita demonstra claramente sua fé. Apesar da tristeza que a consumia, ela colocou o destino de seu herdeiro nas mãos de Eliseu, por intermédio de quem, pela misericórdia de Deus, ela recebera a promessa de ter um filho. Colocar o corpo do rapaz na cama do profeta também manteve a morte daquele em segredo até que a mulher pudesse encontrar Eliseu. Mediante a atuação deste, a sunamita já presenciara o impossível acontecer. Mais uma vez, compare essa história à de Elias com o filho da viúva de Sarepta (1 Rs 17.17-24).

**4.22,23** — *Não é lua nova nem sábado*. Não se trabalhava nesses dias; portanto, eram os dias mais apropriados para ver o profeta (Êx 20.9-12; Am 8.5).

**4.24-27** — Eliseu sabia que algo estava errado pela furiosa maneira como a sunamita guiava a jumenta (v. 24), mas Deus não fez o profeta saber de tal fato. Por isso, Eliseu disse: *o SENHOR mo encobriu*. Os profetas somente sabiam o que Deus lhes revelava (2 Rs 5.26). A ação apontada pela expressão *pegou nos seus pés* era um sinal de humildade e reverência (Mt 28.9).

**4.28** — *Pedi eu...?* A dor que a sunamita sentia pela morte de seu filho era pior do que o vazio que a dominara antes de o menino nascer. Segundo ela, a culpa do falecimento era do profeta. Contudo, foi a ele que a mulher pediu socorro.

**4.29** — O *bordão* de Eliseu, assim como a capa de Elias (2 Rs 2.13,14), era um símbolo do poder de Deus e da autoridade do profeta. Quando colocado sobre o corpo do rapaz, esse objeto representaria a presença do profeta e a fé deste homem em que Deus ressuscitaria o filho da sunamita.

**4.30,31** — *Vive o SENHOR*. Com esse juramento, a mulher expressou sua fé no Deus vivo (1 Rs 17.1). Eliseu proferira uma declaração similar quando se recusou a deixar Elias (2 Rs 2.2,4,6). Dessa vez, foi o profeta quem ouviu essas palavras.

**4.32-37** — As ações de Eliseu demonstram que sua fé estava somente na pessoa e no poder de Deus, não no bordão que simbolizava seu ofício profético. Apesar de ele ter repetido os atos que seu mestre Elias lhe ensinara (1 Rs 17.17-22), sua fé transcendia o mero simbolismo ou o ritualismo. Eliseu buscava o único Deus que pode conceder vida e realizar milagres (Sl 36.9; 49.7-9). A ressurreição do menino foi uma prova de que a vida está nas mãos do Senhor (1 Rs 17.23).

**4.37** — *Prostrou-se em terra*. Esta atitude da sunamita foi um gesto de humildade e gratidão a Deus e ao Seu profeta. Apesar de não haver registro de qualquer palavra trocada entre ela e Eliseu, como no caso de Elias e da viúva de Sarepta (1 Rs 17.24), a reverência dessa mulher mostrou, de maneira mais do que eficaz, sua profunda gratidão.

4.38 — *Gilgal* foi o primeiro lugar onde os israelitas acamparam após cruzarem o Jordão e chegarem a Canaã (Js 4.19,20). Provavelmente se localizava a 1.609 km ao nordeste de Jericó. A afirmação *assentados na sua presença* indica que Eliseu se sentou à frente dos filhos dos profetas.

4.39,40 — As *colocíntidas* eram venenosas, por isso a reação dos homens famintos, ao gritarem *morte na panela*, foi imediata e assustadora.

4.41 — A *farinha* evidentemente não tinha propriedades mágicas. A fé que Eliseu possuía no Deus vivo foi o que efetuou o milagre.

4.42-44 — *Baal-Salisa* era próximo a Gilgal. As *primícias* deviam ser apresentadas a Deus e aos Seus sacerdotes (Lv 23.15-17,20). Diante de um falso sacerdócio e uma religião adulterada prevalecendo no Reino do Norte, o homem levou sua oferta a Eliseu. O fiel profeta, então, de modo milagroso, multiplicou o pão, e houve mais do que o necessário.

5.1-19 — O relato de Naamã, o arameu, é fascinante por muitos motivos, entre eles: (1) demonstra que um estrangeiro creu no Deus vivo; (2) fornece aspectos de dimensões interculturais no que diz respeito à difusão dos feitos do grande Deus, Salvador de Israel; (3) contrasta as personalidades de Eliseu e de seu servo Geazi.

5.1 — Esse general arameu, *Naamã*, é uma figura marcante entre os inúmeros relatos bíblicos. Este versículo é cheio de expressões que descrevem sua personalidade, sua honra e sua habilidade. Surpreendentemente, lê-se que suas vitórias militares foram garantidas pelo SENHOR. A palavra hebraica traduzida como *leproso* designa qualquer doença séria de pele (Lv 13.1-46; Nm 5.1-4), incluindo certos fungos (Lv 13.47-56; 14.33-57). O *rei da Síria* foi Ben-Hadade II (860—842 a.C.). Ele era uma constante ameaça ao Reino do Norte. Posteriormente, Ben-Hadade II liderou uma invasão contra esse reino (2 Rs 6.24—7.20).

5.2 — *Levaram presa uma menina*. Deus usou o testemunho de uma jovem serva judia para levar o general do maior inimigo militar de Israel a ter fé na Sua Palavra.

5.3 — *Profeta que está em Samaria*. Apesar de Eliseu ter viajado com frequência e, às vezes, ter

habitado no monte Carmelo (2 Rs 4.25), ele aparentemente manteve uma residência na cidade de Samaria (2 Rs 5.9,24; 2.25; 6.9—7.20).

5.4,5 — Foi o respeito do rei arameu por seu general que fez com que o monarca atendesse ao pedido de Naamã. Os presentes de Naamã medem sua riqueza e a importância de sua necessidade.

5.6,7 — Ainda que tais cartas de apresentação fossem comuns no antigo Oriente Médio, as frequentes investidas de Ben-Hadade contra Israel fizeram o *rei* suspeitar que o monarca arameu estivesse buscando um pretexto para mais uma invasão ao território israelita (v. 2).

5.8 — *Rasgava as suas vestes*. Esse ato podia ser um sinal de pesar ou de agitação (2 Rs 11.14), assim como uma expressão de tristeza que leva ao arrependimento (Jl 2.13).

5.9 — *À porta*. Por alguma razão, Eliseu não se encontrou com o general face a face. Talvez porque o contato do profeta com alguém com uma doença de pele pudesse passar a impureza para ele e privá-lo de exercer seu ministério (Nm 5.1-4).

5.10 — A instrução de Eliseu a Naamã para se lavar *sete vezes* no Jordão enfatiza que a cura plena do general ocorreria somente pelo poder do Deus soberano de Israel. O orgulhoso arameu precisava aprender a ser humilde e a colocar sua confiança apenas em Deus (v. 15). A questão central era a obediência.

5.11,12 — Com razão, a resposta inicial de Naamã foi de descrença e indignação. A instrução de Eliseu pareceu um comando um tanto quanto estranho e humilhante para um general do exército de Arã. O que, afinal, era o Jordão, comparado aos grandes rios de Damasco?

5.13,14 — Naamã deu ouvidos aos seus conselheiros, fez o que lhe fora ordenado e foi curado. A palavra *purificado* sugere que o problema das doenças de pele que causavam *impureza* também era um assunto comentado onde Naamã vivia. O maravilhoso nesse general foi o fato de ele ter entendido que deveria fazer tudo o que Deus lhe pedisse, por intermédio de Seu profeta.

5.15,16 — *Pôs-se diante dele*. Agora que Naamã estava limpo, ele podia ter contato com o profeta Eliseu (v. 9,10). Esse general pode ser

considerado um grande exemplo de um estrangeiro que teve fé em Deus, o que se verifica na declaração *em toda a terra não há Deus, senão em Israel*. Quando Naamã se dirigiu ao profeta e pediu *tomes uma bênção do teu servo*, Eliseu recusou porque não podia tirar proveito da situação. O que o general recebera do Senhor não se podia comprar.

**5.17** — *Dê-se a este teu servo uma carga de terra*. No antigo Oriente Médio, era praxe associar a identidade de um deus à terra onde ele era adorado. Por isso, Naamã pediu a Eliseu uma carga de terra, visto que o general pretendia adorar *Yahweh* perpetuamente na nação onde vivia, a qual cultuava outros deuses. Ainda que supersticiosa, é provável que a solicitação de Naamã tenha sido interpretada por Eliseu como um ato sincero. Além disso, o profeta deve ter concluído que, atendendo ao pedido do general, este se lembraria de sua cura todas as vezes em que adorasse a Deus.

Portanto, Eliseu concedeu a Naamã o que um protocolo diplomático exigia (v. 17-19), permitindo que Naamã tivesse sua fé ajustada. Nesse caso, mesmo que o general fosse forçado a adorar em templos pagãos, seu coração adoraria o único e verdadeiro Deus.

**5.18,19** — O nome *Rimom* é um exemplo da mudança intencional do nome de um deus estrangeiro pelos escribas hebreus. Em vez de escreverem *Ramam*, que significa *aquele que faz tropejar*, designação para o deus da tempestade Hadade (Zc 12.11), eles escreveram *Rimom*, que significa *romã*.

**5.20-22** — A triste história da ganância de *Geazi* contrasta com o comportamento ético de seu mestre, Eliseu (v. 15,16).

**5.23** — Um *talento* era uma enorme quantidade de prata — o mesmo que 3 mil siclos ou 70 libras [o equivalente a 70 kg]. Dois *dos seus moços* [de Naamã] levaram a carga para *Geazi*, o que indica que eles devem tê-la dividido.

**5.24** — A palavra hebraica traduzida como *altura* pode referir-se a uma montanha, a um monte ou a uma construção como uma cidadela (2 Cr 27.3,4; Mq 4.8). *Geazi* dispensou os homens antes de chegar a um lugar onde os presentes obtidos pela ganância poderiam ser observados pelas pessoas que sabiam acerca de Naamã e Eliseu.

**5.25** — Como *Geazi* já havia mentido para Naamã (v. 22), certamente mentiria para *Eliseu*.

**5.26** — *Não foi contigo o meu coração...?* O uso do termo *coração* sugere não somente o conhecimento, mas também o forte sentimento que *Eliseu* tinha por *Geazi*.

**5.27** — A ironia da justiça puniu o pecado de *Geazi* com a *lepra de Naamã*.

**6.1** — Não se sabe ao certo se o *lugar* se refere àquele onde a comunidade profética habitava, a um espaço específico para reuniões ou às casas da região. Independente de onde fosse, o local em questão parecia ser inadequado. Aparentemente, havia muitas comunidades proféticas (2 Rs 2.1-5). Em alguns casos, os profetas viviam em casas ou quartos separados (1 Sm 19.18-22). *Eliseu* tinha sua casa em Samaria (2 Rs 5.9). A acomodação exata podia variar de acordo com as necessidades locais.

**6.2-5** — Pode-se dizer que os detalhes deste projeto de construção determinaram o momento da perda do *ferro*. Numa época em que a maioria das ferramentas ainda era feita de bronze, uma lâmina de ferro era algo muito valioso.

**6.6,7** — *Estendeu a sua mão e o tomou*. O homem deve ter ficado bastante impressionado com o que viu, mas o ferro seria inútil se ele não o tivesse em mãos.

**6.8-12** — Essa narrativa notável leva o leitor à tenda de Ben-Hadade, o rei de Arã, e às reuniões deste com seu exército. Mais do que o temor do rei, essa situação demonstra que os planos dele foram descobertos pelo rei de Israel e pelas tropas deste. Ben-Hadade suspeitou que houvesse um espião que contava as estratégias dele ao inimigo. Ele estava certo. O espião era *Eliseu*, porém este nunca havia saído de Israel.

**6.13-15** — *Dotã* se localizava nas montanhas centrais de Israel. Ela somente é mencionada nesta passagem e em Gênesis 37, quando José foi vendido aos midianitas (Gn 37.17).

**6.14** — O pavor de Ben-Hadade é indicado pelo fato de ele ter enviado *um grande exército* para prender um só homem.

**6.15** — *O moço do homem de Deus*. Como *Geazi* se havia tornado um leproso (2 Rs 5.27), é

possível que este seja outro servo. Entretanto, Geazi é mencionado em 2 Reis 8.4 como alguém que continuava a representar fielmente os milagres feitos por Eliseu.

**6.16** — *Mais são os que estão conosco.* Eliseu sabia que o exército invisível de Deus era muito mais poderoso do que qualquer exército visível.

**6.17,18** — *Cavalos e carros de fogo.* Em resposta à oração do profeta, as palavras de reafirmação de Eliseu ao seu servo (v. 16) foram validadas quando o moço viu a realidade espiritual, que transcendia o que a vista humana poderia alcançar. Essa cena impetuosa se assemelhou ao traslado de Elias ao céu (2 Rs 2.11).



## LOCALIZE-SE

### OS HETEU

O temor do exército sírio de enfrentar o exército dos heteus e dos egípcios ao mesmo tempo (2 Rs 7.6) era cabível. Acampados fora de Damasco, os sírios seriam esmagados entre os heteus vindos do norte, e os egípcios, do sul. Atemorizados, os sírios fugiram no crepúsculo (2 Rs 7.7).

Os heteus desse período eram os remanescentes de um império que dominara o norte de Canaã entre 1800 a.C. e 1200 a.C. Seus ancestrais tinham migrado da Ásia Menor, onde foram chamados de heteus por causa de seu nome original, *hatti*, designação de um povo que habitava em Anatólia, cuja capital era Hattusa. No norte da Síria, eles povoaram cidades como Alepo, Carquemis e Hamate.

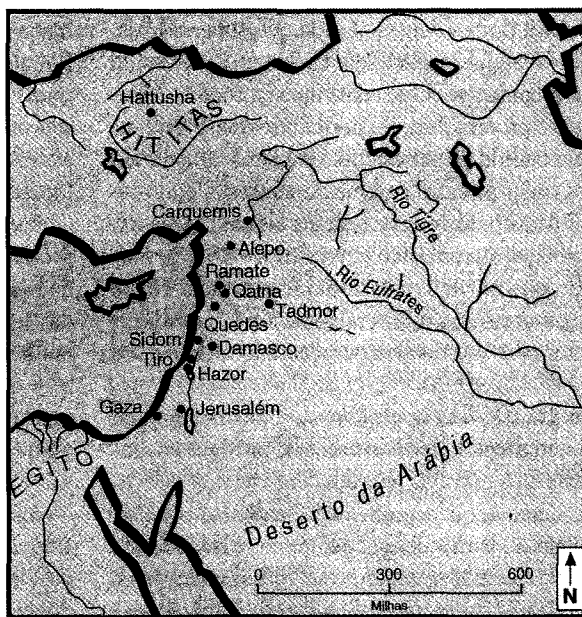
Como os heteus conquistaram o sul com o passar dos anos, eles entraram em conflito com os egípcios, que costumavam usar Canaã como uma barreira entre o seu país e a Mesopotâmia. Em 1286 a.C., uma batalha decisiva foi travada em Quedes, no rio Orontes. Os heteus esperaram escondidos até que os egípcios se acampassem. Então, soltaram seus carros contra estes.

O povo do norte teria obtido vitória se os egípcios não tivessem recebido ajuda do reforço que veio do oeste, o qual, por fim, forçou uma retirada. Contudo, os egípcios sofreram grandes perdas. Por isso, rapidamente foi assinado um tratado designando o rio Orontes como a fronteira entre as duas potências.

Nas décadas subsequentes, implacáveis ataques de inimigos do oeste, pouco a pouco, levaram o império heteu ao fim. Na Síria, sete cidades-estado permaneceram em uma coalizão. E elas simpatizavam com Davi e com Salomão (2 Sm 8.9,10; 1 Rs 10.28—11.1). Entretanto, elas vieram a ser dominadas pela Assíria e, por fim, caíram no esquecimento quando seus principais núcleos, a saber, Hamate e Carquemis, caíram (em 720 a.C. e em 717 a.C., respectivamente; 2 Rs 18.34; Is 10.9).

Os heteus do norte não devem ser confundidos com um grupo chamado de *os heteus*, que habitou os montes da Judéia, próximos a Hebrom. Estes foram descendentes de Hete, o filho de Canaã, logo, formavam uma tribo cananeia. Foi de um membro desse grupo que Abraão comprou o campo de Macpela para ali enterrar sua família (Gn 23.10-20). Anos depois, o neto de Abraão, Esaú, casou-se com duas mulheres heteias e, assim, desagradou, e muito, aos seus pais (Gn 26.34,35).

Os heteus de Canaã faziam parte do povo que deveria ser tirado da terra assim que Israel entrasse nela, sob a liderança de Josué (Êx 3.8,17; Dt 7.1; Jz 3.5). Porém, eles não foram totalmente expulsos de lá. Séculos mais tarde, muitos heteus estavam entre os sócios mais íntimos de Davi, bem como entre os seus soldados mais leais (1 Sm 26.6; 2 Sm 11.6-11).





**6.19,20** — *Guiar-vos-ei*. As palavras de Eliseu são tecnicamente verdadeiras, apesar de ele ter empregado táticas comuns em tempos de guerra para liderar os siros a Samaria, em vez de a Dotã. Essas medidas adotadas nos períodos de guerra se encontram também em outras passagens das Escrituras (Js 2.4-6; 1 Sm 27.8-12).

**6.21-23** — O fim dessa história é ainda mais impressionante do que o início. Os soldados cegos foram levados para a capital de Israel, onde poderiam ter sido facilmente aniquilados. Em vez disso, foi-lhes oferecido um banquete e permitido o retorno a Ben-Hadade sãos e salvos.

**6.21,22** — O termo de deferência *meu pai* foi utilizado antes por Eliseu, ao referir-se a Elias (2 Rs 2.12), e pelos servos de Naamã (2 Rs 5.13), ao aludir a este. Nos versículos em análise, o uso da expressão pelo rei Jorão (2 Rs 3.1) reportando-se a Eliseu é uma clara indicação de que Jorão sabia que não estava no comando.

**6.23** — *Não entraram mais tropas*, mas somente por um período. As guerras entre as duas nações voltaram a acontecer depois de um tempo (2 Rs 6.24).

**6.24** — O cerco a *Samaria*, a capital de Israel, foi a tentativa final de Ben-Hadade de destruir seu rival, Jorão.

**6.25-27** — As condições desesperadoras na Samaria sitiada haviam tornado até mesmo o pão de cada dia e os bens de consumo escassos e caros. O *esterco de pombas* devia ser utilizado como combustível ou como um substituto do sal.

**6.28,29** — *Dá cá o teu filho, para que hoje o comamos*. Os israelitas já tinham sido avisados de que a desobediência nacional poderia conduzir o povo a tal feito abominável (Lv 26.29; Dt 28.53,57).

**6.30** — O rei se comoveu com as dores de seu povo, tanto que ele rasgou as próprias vestes e, para mostrar sua preocupação, vestiu-se de *saco* [NVI; na ARC, *cilício*, cinto áspero colocado sobre a pele para mortificação e penitência].

**6.31-33** — *Se a cabeça de Eliseu*. Esse juramento expressou a vontade do rei irado de matar Eliseu, o qual ele culpou pelas severas condições do povo.

**7.1** — Negociações públicas eram feitas à *porta* da cidade (Gn 19.1; Rt 4.1). A notícia de Eliseu era boa: apesar de cara, haveria comida novamente.

**7.2** — *Um capitão*. A palavra hebraica para *capitão* originalmente designava o terceiro homem num carro, que carregava um grande escudo. Naquela época, isso significava um oficial militar de alta patente atuando como auxiliar (2 Rs 9.25;10.25). A dúvida do capitão trouxe julgamento sobre ele. Apesar de ter havido a provisão de alimento, esse oficial não desfrutou dela.

**7.3,4** — Como os *leprosos* eram isolados da cidade (Lv 13.4-6; Nm 5.2,3) e evitados por todos, eles provavelmente eram ignorados pelos invasores e deixados de lado. Se as pessoas comuns da cidade sofriam em função da fome, quanto mais os leprosos. Eles chegaram à conclusão de que não tinham nada a perder indo para o outro lado.

**7.5,6** — *O ruído de um grande exército*. Sem dúvida, o exército era de Deus (2 Rs 6.16-18). Os *reis dos heteus* talvez fossem os descendentes dos heteus da Ásia Menor que, então, habitavam vários territórios sírios. Documentos da Assíria geralmente mencionam a Palestina como a terra dos heteus.

**7.7,8** — Entusiasmados com a situação, os *leprosos* tiraram proveito de sua boa sorte.

**7.9-11** — Boas-novas tinham de ser compartilhadas (Pv 15.27;21.17,18), e temia-se que, falhando nisto, merecia-se *algum mal* de Deus.

**7.12** — *O que é que os siros nos fizeram*. O rei israelita suspeitou que outro truque militar estava sendo armado contra ele. Por isso, não ligou as boas-novas à profecia de Eliseu acerca de tempos favoráveis.

**7.13-16** — Finalmente, o rei de Israel enviou alguns homens ao arraial dos siros para averiguar o que havia ocorrido. Ao retornarem, eles confirmaram as boas-novas. A profecia de que voltaria a ter alimento suficiente para os israelitas foi cumprida (v. 1).

**7.17-20** — *Dáí não comerás*. Toda a profecia de Eliseu se cumpriu. A miraculosa fuga repentina dos siros proveu bens em abundância aos israelitas,

mas o oficial que duvidou do cumprimento dessa palavra profética não pôde desfrutar as bênçãos.

**8.1** — Assim como na época de Elias (1 Rs 17;18), Deus faria com que a *fome* predominasse no local onde vivia a sunamita. Os casos de calamidades divinamente provocadas tinham como objetivo punir o povo do Senhor e levá-lo ao arrependimento (Jl 2.12-14; Sf 3.5-7). Deus, por Sua bondade, poupou a vida da família da sunamita, a quem Eliseu tinha servido tremendamente (2 Rs 4.8-37). É provável que ela se tenha tornado viúva no período em que ocorreu esse incidente.

**8.2** — A residência temporária da sunamita na terra dos filisteus contrasta com a mudança da família de Elimeleque para Moabe, em Rute 1. A mulher de Suném obedeceu à ordem divina e morou durante um tempo no estrangeiro. A família de Elimeleque se mudou da terra da aliança por conta própria e decidiu viver em outra nação permanentemente.

O casamento dos dois filhos de Elimeleque com mulheres moabitas indica que a família deles se encontrava num processo de tornar-se uma família moabita. Somente as mortes de Elimeleque e de seus filhos levaram Noemi a desesperar-se e a retornar para Belém (com Rute), bem como para o propósito divino para a vida dela.

**8.3** — *Saiu a clamar.* A mulher sunamita não havia renunciado à sua propriedade nem a tinha vendido, mas meramente partira durante o período de fome. Além disso, ela retornou dentro do período de sete anos (Dt 15.1-6; Rt 4.3,4). Como a propriedade ainda pertencia a ela legalmente, a mulher clamou ao rei por seus direitos.

**8.4,5** — Quando a mulher sunamita se apresentou ao rei para clamar por sua propriedade, Geazi estava falando justamente dela a Jorão. Até esse momento, Geazi ainda era fiel ao ministério de Eliseu.

**8.6** — *Restituir tudo.* Tem-se neste versículo uma imagem complexa do rei Jorão. Às vezes, ele se irritava tanto com Eliseu que queria vê-lo morto (2 Rs 6.31). Contudo, ainda assim, Jorão se enlutava por seu povo. O rei reconheceu a liderança espiritual de Eliseu em outros momentos (2 Rs 6.21), mas sabia que o profeta não tinha

grande consideração por ele (2 Rs 3.14). Nesta seção, o justo julgamento de Jorão deve ser contrastado com o desprezível comportamento do perverso Acabe com respeito às terras de um fazendeiro (1 Rs 21.1-16).

**8.7** — Apesar de Ben-Hadade ter sentido que a chegada de Eliseu tinha sido acidental, o profeta de Deus fora a Damasco para seguir as instruções originalmente dadas por Deus a Elias (1 Rs 19.15-17). As orientações concernentes à mudança dinástica em Israel seriam brevemente seguidas (2 Rs 9.1-13).

**8.8,9** — Ironicamente, um rei enfermo de Israel havia indagado um falso deus a respeito da natureza da sua enfermidade (2 Rs 1.2). Nos versículos em análise, o rei pagão de uma nação estrangeira perguntou ao Deus vivo se sararia de sua doença.

**8.10** — *Certamente, não sarará.* Deixado às circunstâncias naturais, Ben-Hadade se recuperaria. Entretanto, Eliseu sabia que Hazael aproveitaria a oportunidade da doença do rei para cumprir o que fora profetizado e assassinar o monarca, assumindo o trono. Por isso, no versículo 14, Hazael mente para Ben-Hadade e afirma que ele sarará. Hazael escolheu seu próprio método para estabelecer a sucessão dinástica em Damasco, não o de Deus (v. 15).

**8.11,12** — *Até se envergonhar.* Eliseu fraquejou em sua habilidade de resistir às emoções, então chorou o homem de Deus. O profeta chorou por causa do sofrimento que Hazael causaria a Israel.

**8.13,14** — No antigo Oriente Médio, o cão era desprezado por alimentar-se de animais mortos (1 Rs 14.11;21.23). Da mesma forma, Hazael seria desprezado. Eis o que Salmaneser III [rei da Assíria por volta de 841 a.C.] disse em seus registros a respeito da ascensão de Hazael ao trono: "Hazael, filho de ninguém, apropria-se do trono". Com estas palavras de desdém, aprendemos que Hazael não era filho de Ben-Hadade, mas um usurpador e oportunista.

**8.15** — Tendo sucedido Ben-Hadade como rei, Hazael reinou por cerca de 40 anos (842—802 a.C.). Ele permaneceu como um inimigo inveterado do povo de Deus (2 Rs 10.32,33;13.3,22).

Porém, como Eliseu e Jeú, Hazael foi um instrumento usado por Deus para julgar Seu povo pecador (1 Rs 19.15-17).

**8.16-18** — *Jeorão*. Com a ascensão de Jeorão ao trono de Judá, dois reis com o mesmo nome agora governavam em ambos os reinos. O nome *Jorão* significa *o Senhor é exaltado* e também pode ser soletrado Jeorão. Jorão do Reino do Norte governou de 852 a 841 a.C.; Jorão do Reino do Sul, de 848 a 841 a.C. Apesar de ter servido ao lado de seu pai, Josafá, durante os quatro anos anteriores, Jeorão começou a governar segundo sua própria justiça. Com a morte de seu pai, ele matou todos os seus irmãos, bem como todo pretendente ao trono (2 Cr 21.2-4), ação que se repetiria por sua perversa esposa, Atalia, quando ele morresse (2 Rs 11.1).

Monarca cruel (2 Cr 21.11), Jeorão era muito influenciado pela rainha, Atalia (2 Cr 21.6). Maldade e corrupção espiritual na família real trariam o julgamento de Deus sobre Judá em três batalhas, sendo estas contra Edom, Libna, e contra os filisteus e árabes unidos (2 Cr 21.16,17). Além disso, uma severa praga, por fim, mataria o rei (2 Cr 21.12-15,18,19).

**8.18** — *A filha de Acabe*. O mais chocante foi que a mesma fonte de maldade que havia trazido o julgamento de Deus sobre o Reino do Norte estava predominando no Reino do Sul. Acabe foi um rei perverso, mas sua maldade fora intensificada pelas atitudes de sua esposa pagã, Jezabel (1 Rs 16.31). Agora, a filha deles, Atalia (2 Rs 11.1), tornou-se a rainha de Judá e a esposa de um descendente de Davi.

Do ponto de vista político, o casamento da filha do rei de Israel com o rei de Judá foi um evento estratégico, que podia amenizar a hostilidade entre as duas nações. Mas, do ponto de vista espiritual, essa união foi desastrosa para Judá.

**8.19** — Apesar da infidelidade e da maldade de Jeorão, Deus permaneceu fiel à aliança davídica (2 Sm 7.12-16; Sl 89.30-37). *Uma lâmpada* era o símbolo da esperança no cumprimento da promessa de Deus a Davi no tempo das mais densas trevas, e do cumprimento no Senhor, que é a Luz do mundo (1 Rs 15.4; Jo 1.1-13).

**8.20-24** — As lutas de Judá contra Edom eram quase sempre acompanhadas dos problemas com os filisteus (2 Cr 21.16; Jl 3.4-8). Edom permaneceria como uma constante ameaça. Embora Amazias posteriormente derrotasse Edom (2 Rs 14.22), os edomitas reacenderiam as hostilidades armadas contra Judá nos dias de Acaz (2 Cr 28.17,18). A constante inimizade de Edom com o povo de Deus foi focada pelos profetas de Israel, que frequentemente prediziam a vindoura derrota e destruição de Edom (Is 34.5-15; Jr 49.7-22).

**8.25** — *Acazias* significa *de quem Yahweh é senhor*.

**8.26** — *Vinte e dois anos de idade*. Este número está correto. Compare com 2 Crônicas 22.2. A palavra hebraica traduzida como *neta* é, literalmente, *filha*, por isso o uso da designação *filha de Onri*. Atalia, filha de Acabe, é a pessoa em questão (v. 18; 2 Cr 21.6).

**8.27** — *No caminho da casa de Acabe*. O pior momento da apostasia religiosa de Israel foi alcançado no reinado de Acabe e de sua perversa esposa, Jezabel (1 Rs 16.31). Logo, devido à condição de Atalia, o mal que contaminara Acabe afetou a casa do rei de Judá.

**8.28** — Neste momento começaram os problemas com Hazael (v. 12). O avô de Acazias, Josafá, tinha sido induzido à guerra em *Ramote-Gileade* por Acabe (1 Rs 22), e agora Acazias estava sendo levado por Jorão à guerra no mesmo lugar. *Ramote-Gileade* significa *alturas de Gileade*. Localizava-se a cerca de 40.225 km a leste do Jordão. Hazael tinha sido recentemente coroado em Damasco, e o ano de 841 a.C. marcaria uma mudança nas famílias reais de Israel e de Judá.

**8.29** — Um dos palácios de Acabe se localizava em *Jezeel*, entre Megido e Bete-Seã (1 Rs 18.45). Tanto Jorão como Acazias, feridos, foram a Jezeel, para um encontro que seria fatal.

**9.1-3** — A escolha de *Jeú* como o próximo rei de Israel foi por designação profética; contraste com 2 Reis 1.17. O nome *Jeú* significa *Ele é o Senhor*. As instruções dadas por Eliseu a um dos filhos dos profetas foram caracterizadas por sigilo e intrigas. A ação do profeta foi aliciante aos olhos do rei da época.

**9.4,5** — *A ti*. O servo era obediente a Eliseu e ousado em sua abordagem a Jeú.

**9.6** — *Derramou o azeite*. Como no caso de Hazael (2 Rs 8.7-13), a terceira parte da ordem do Senhor a Elias (1 Rs 19.15-18) foi realizada por outra pessoa. Primeiro, Elias cumpriu pessoalmente a divina diretriz a respeito de Eliseu (1 Rs 19.19-21). Então, este pôs em andamento o processo que executaria os outros dois comandos. Eliseu cumpriu a ordem concernente a Hazael. Por fim, um dos filhos dos profetas que serviam a Eliseu ungiu Jeú. No Antigo Testamento, o ato de ungir era normalmente reservado para um rei (2 Sm 2.4) ou para o sumo sacerdote (Êx 40.13).

**9.7-10** — As palavras proféticas a Jeú indicam que ele destruiria o mal da casa de Acabe. Nesse sentido, uma atenção especial foi dada à perversa esposa de Acabe, *Jezebel*; seu horrível fim foi predito. Após ter transmitido a dura mensagem do Senhor a Jeú, o jovem profeta *fugiu*, como Eliseu lhe ordenara (v. 3). Sua vida estava em perigo; nesse momento, somente ele sabia o que acontecera com Jeú.

**9.11** — *Louco*. A designação depreciativa dos soldados de Jeú em relação a um dos profetas de Deus foi repetida muitas vezes por incrédulos para aludir aos servos do Senhor (Jr 29.24-28; At 17.16-18). Este versículo foi citado com frequência como prova de que os profetas de Israel eram tão extasiados que seus excessos, por vezes, eram comparados ao comportamento dos adivinhos pagãos.

**9.12** — *É mentira*. A tentativa de Jeú de livrar-se das perguntas de seus servos caiu por terra. Ele, finalmente, relatou-lhes a sanção profética e a unção divina que recebera.

**9.13** — Colocar uma *veste* debaixo de alguém significava honrar essa pessoa como se fosse um rei (Mt 21.8). As ações descritas neste versículo são como as praticadas na unção de Salomão (1 Rs 1.34).

**9.14,15** — *Jeú* não perdeu tempo ao planejar o assassinato do rei. Esses versículos também lembram o leitor do ocorrido em Jezreel (2 Rs 8.28,29).

**9.16-18** — A pergunta com relação à *paz* era um procedimento padrão nas negociações de antigamente. A resposta de Jeú indica que ele se recusou a negociar.

**9.19,20** — Na verdade, *filho de Ninsi* se refere ao neto de Ninsi. Esse modo de abreviar genealogias era comum no mundo antigo (2 Rs 8.26; 10.1).

**9.21** — *Aparelha*. Os dois reis, de maneira tola, prepararam-se para se encontrar com Jeú em seus carros. Melhor seria se eles tivessem ficado na cidade. Jorão ainda se recuperava de seus ferimentos da batalha contra os siros (v. 15). Sendo assim, foram ao encontro de Jeú, que estava no *campo de Nabote*. A dinastia de Acabe terminou com o roubo do campo, que ocasionou o julgamento divino (1 Rs 21.17-24). Essa apropriação indevida foi considerada um dos crimes mais hediondos praticados por Acabe.



## EM FOCO

### FEITIÇARIA (HB. *KESHEPH*)

(2 Rs 9.22; Is 47.12)

Essa palavra hebraica normalmente aparece com outras que denotam várias formas de mágica ou adivinhação (2 Cr 33.6; Jr 27.9; Mq 5.12). O termo em questão parece ter o sentido básico de *feitiçaria* ou *magia*. Os feitiçeiros interpretavam sonhos, profetizavam e operavam milagres (Êx 7.11; Jr 27.9; Dn 2.2). Eles tinham acesso às cortes reais do Egito, de Israel e da Babilônia (2 Rs 9.22; Êx 7.11; Dn 2.2).

A magia era proibida pela Lei, com pena capital prescrita para um feitiçeiro (Êx 22.18; Dt 18.10,11). Muitos dos profetas do Antigo Testamento ligavam o julgamento divino à feitiçaria diretamente, chegando a expressar que esta seria a causa daquele (Is 47.9; Na 3.4; MI 3.5). O Senhor não queria que Seu povo buscasse direção em tais enganadores. Em vez disso, Ele prometeu levantar um profeta como Moisés, o que se cumpriu em Jesus (Dt 18.10-15; At 3.22,23).

9.22 — *Há paz, Jeú? [...] Que paz.* O rei enfraquecido pela batalha saiu e enfrentou seu provável oponente. Jorão sabia que havia algo errado. Ele deve ter temido um ataque militar da parte de seu impetuoso capitão. Talvez Jorão tenha-se encontrado com Jeú com a intenção de fazê-lo perceber que seus planos seriam atos de insubordinação contra a legalidade da eleição do rei.

A resposta de Jeú a Jorão apontou as *prostituições de Jezabel, mãe* de Jorão. O adultério espiritual dessa mulher produziu abomináveis práticas demoníacas no reino e selou sua destruição (1 Rs 21.25,26). Como Deus havia ameaçado, tais atividades certamente causariam a ruína da nação (Dt 28.25,26). Jeú justificou seus atos como um julgamento pelos pecados de Jezabel.

9.23,24 — O *amedrontado Jorão* disse a Acázias: *traição*. Mas foram ele e Acázias os verdadeiros traidores. Eles seriam executados por Jeú, um homem que atuava como uma “terrível e ligeira espada” do Senhor. Jeú atingiu Jorão *entre os braços* com uma flecha, isto é, no meio das costas, uma vez que o rei estava distanciando-se em direção oposta, conduzindo seu carro.

9.25,26 — *Lembra-te.* Jeú executou com Bidcar a essência da maldição contra a casa de Acabe (1 Rs 21.21-24). Dessa forma, Jeú citou tal maldição como a justificativa de suas ações. Ele se autoproclamou vingador de Deus.

9.27-29 — Acázias, ferido, aparentemente conseguiu chegar a Samaria, onde foi pego pelos homens de Jeú (2 Cr 22.8,9) e levado a *Megido*. Faleceu neste lugar. Seu corpo finalmente foi enterrado nas sepulturas reais de Jerusalém (v. 28).

9.30,31 — *Jezabel* sabia que seu fim estava próximo; ela ouvira a respeito das mortes dos reis de Israel e de Judá. Contudo, de maneira insolente, passou um tempo maquiando-se e adornando-se. Desafiando sua morte, Jezabel chamou Jeú de *Zinri*, um traidor que matara seu mestre para se assentar no trono (1 Rs 16.11,12).

9.32,33 — Jeú mandou os servos de Jezabel jogarem-na da janela. Sua morte foi abjeta. A palavra *eunucos* (hb. *saris*) refere-se a homens que foram castrados. Eles trabalhavam nos haréns dos reis no antigo Oriente Médio. Esse termo também designa oficiais em geral.

9.34-37 — *Sepultai-a.* Após Jeú mandar matar Jezabel, ele adentrou o palácio para comer e beber. Mas por Jezabel ter sido uma rainha, Jeú ordenou que ela tivesse o sepultamento que alguém de linhagem real merecia. Entretanto, Jezabel se tornou alimento para *cães*. Este foi o horrendo cumprimento da profecia de Elias (1 Rs 21.23). Apesar de Jezabel ter desejado a morte desse profeta (1 Rs 19.1,2), a vida dela foi tirada. Não deveria haver luto, memorial ou tristeza por essa perversa mulher, pois seu cadáver seria *como esterco*.



## ENTENDENDO MELHOR

### UMA OPORTUNIDADE PERDIDA

Embora Jeú (2 Rs 10.1) seja lembrado como um dos grandes líderes do Reino do Norte, ele não observou, de forma plena, os caminhos de Deus. Sua ascensão sangrenta ao poder cumpriu a profecia de Elias a Acabe 20 anos antes (1 Rs 19.16,17). O assassinato da esposa de Acabe, Jezabel, bem como dos 70 filhos dele pelas mãos de Jeú colocaram este soberanamente no trono de Israel.

Desde o princípio, o Reino do Norte praticava o sincretismo religioso (1 Rs 12). Jeroboão I tinha combinado a adoração ao Deus vivo com a adoração a Baal e a outras divindades cananeias. Com Acabe, a religião de Israel viveu seu pior momento, pois a adoração a Baal foi oficializada e patrocinada pelo governo (1 Rs 16.31). Quando Jeú deixou o sacerdócio oficial de Baal, deu um grande passo na erradicação do mal do Reino do Norte. Entretanto, a partir desse momento retornou o sincretismo religioso, herança do reinado de Jeroboão I e de seus sucessores.

Deus recompensou Jeú com um reinado de 28 anos, o mais longo registrado no Reino do Norte, e permitiu que seus filhos governassem Israel por mais quatro gerações, a mais longa dinastia da história de Israel. Jeú teve a oportunidade de ser um dos maiores reis, mas não observou a Lei de Deus completamente nem direcionou Seu povo de volta a ela. Ele não cessou a adoração aos bezerros de ouro deixados em Dã e em Betel. Ainda que não tão às claras quanto no reinado de Acabe, a adoração a Baal continuou em Israel mesmo após Jeú exterminar os adoradores de Baal daquela nação.

**10.1** — Os *setenta filhos* de Acabe provavelmente incluíam netos. Jeú almejava eliminar todos os seus rivais na ascensão ao trono. Os *chefes de Jezreel* eram oficiais samaritanos que sempre visitavam a residência real em Jezreel. Tal entendimento elimina a necessidade de ligar o nome Jezreel a Israel, como é muitas vezes sugerido. Foram esses oficiais, com os anciãos (autoridades intimamente relacionadas às tribos) e os encarregados de educar e criar os filhos da família real que responderam a Jeú (v. 5).

**10.2-5** — A primeira *carta* de Jeú foi escrita para determinar quem representaria o maior risco ao seu reinado. As mortes de Jorão (2 Rs 9.14-26) e de Acazias (2 Rs 9.27,28), *dois reis*, estavam recentes na memória dos governantes. Logo, a resposta dos líderes foi uma submissão temerosa ao poder de Jeú.

**10.6-9** — *Mas quem feriu todos estes?* Jeú simulou que sua mensagem não fora entendida e que, indubitavelmente, a maldade de Acabe contribuíra para o julgamento divino desses homens.

**10.10** — Avaliar Jeú é tarefa complexa. Deve-se considerar sua admiração pelo ministério dos profetas do Senhor e seu respeito pela Palavra de Deus. Entretanto, ele não ponderou suas ações com respeito à família de Acabe com misericórdia ou justiça para com os pobres e oprimidos. Jeú foi um instrumento para o julgamento de Deus, mas ele próprio foi alvo desse julgamento (2 Rs 10.31).

**10.11** — *Jeú [...] nenhum lhe deixou ficar de resto. Ao matar todos da casa de Acabe, os apoiadores deste e os descendentes de Acazias que sobreviveram (v. 13,14), Jeú executou o julgamento de Deus. Ele usou o poder que o Senhor lhe deu para atingir seus objetivos egoístas. Sendo assim, nenhuma contradição existe entre o comissionamento divino de Jeú (2 Rs 9.6-10) e a sua condenação (2 Rs 10.31; Os 1.4).*

**10.12-14** — *Bete-Equede* significa *casa executada segundo as autoridades legais*. Localizava-se perto do monte Gilboa. Em Bete-Equede, Jeú assassinou 42 homens da casa de Acazias.

**10.15,16** — *Jonadabe* significa *o Senhor é generoso*. Ele entrou no carro de Jeú e partiu com

este como um observador. Jonadabe foi um *filho de Recabe* ascético e nômade. Os recabitas eram conhecidos por sua fidelidade a Deus e aos austeros regulamentos previstos por Jonadabe (Jr 35.1-16).

**10.17** — *Conforme a palavra que o SENHOR dissera*. O feito de Jeú foi uma sanção profética (v. 10).

**10.18-28** — Os últimos feitos de *Jeú, o exterminador*, serviram para organizar um ataque frontal à adoração a Baal. O sincretismo religioso foi constante no Reino do Norte desde o princípio (1 Rs 12). Jeroboão I combinara a adoração a *Yahweh* com diversos elementos da adoração a Baal e a outras divindades cananeias, o que perdurou até a ascensão de Acabe, quando a religião de Israel alcançou o seu ponto mais baixo, com a adoração oficializada e patrocinada pelo governo a Baal (1 Rs 16.31).

A erradicação dos sacerdotes oficiais de Baal alavancada por Jeú, descrita nesta seção, foi um grande passo no extermínio do mal do Reino do Norte. Entretanto, a partir desse momento, houve o retorno do sincretismo religioso, herança do reinado de Jeroboão I e de seus sucessores (v. 31). Portanto, o erro da adoração a Baal em Israel continuou até mesmo após a sua extinção por Jeú, só que de forma não tão visível quanto no reinado de Acabe.

**10.18-20** — Finalmente, Jeú combateu a adoração a Baal. Com uma mentira, ele reuniu todos os profetas de Baal em um único lugar, o templo de Baal em Samaria (v. 21; 1 Rs 16.32). Jeú fingiu ser um defensor mais veemente desse deus do que Acabe. Ele chegou ao ponto de decretar uma *assembléia solene a Baal* na nação.

**10.21-23** — *A casa de Baal* era o mesmo templo que tinha sido construído por Acabe (1 Rs 16.32). Fazendo os profetas de Baal usarem as *vestimentas* diferentes, Jeú os marcou para morrerem. Além disso, Jeú pediu aos adoradores de Baal que inspecionassem a casa, para que *nenhum dos servos do SENHOR* estivesse entre eles.

**10.25-28** — *Acabando de fazer o holocausto*. Não se pode precisar se eram os profetas de Baal ou o próprio Jeú quem estava fazendo o holocausto.

Se era Jeú, fora a maneira mais eficaz de evitar que os sacerdotes suspeitassem de qualquer perigo. Jeú seguiu o exemplo de Elias no monte Carmelo (1 Rs 18.40) e *feriu-os*. Contudo, as execuções de Jeú foram mais duras, pois ele reuniu todos os sacerdotes e os profetas de Baal da nação.

A expressão *até ao dia de hoje* indica que, mesmo depois da queda de Samaria, até o tempo em que o texto foi escrito, era possível ver o repugnant lugar onde se localizava o templo de Baal. A declaração *destruiu a Baal* se refere somente às formas explícitas de adoração a Baal.

**10.29** — A erradicação da adoração a Baal por Jeú (v. 18-28) foi um ato político. Sua atitude de continuar as políticas de adoração nacionais estabelecidas por Jeroboão I claramente mostra a desconsideração de Jeú pelo verdadeiro avivamento espiritual de Israel.

**10.30,31** — *Bem executaste*. Os atos de Jeú foram avaliados como uma obediência limitada (v. 31). Apesar de tudo, ele obteve uma grande conquista e recebeu a aprovação de Deus por seus feitos. De modo similar, um profeta comunicou a mensagem do Senhor a Jeú.

**10.32,33** — Por Salmaneser III estar ocupado com pressões políticas no leste, Hazael se aproveitou da situação, assediando Israel ao longo de seu duradouro reinado. Após a morte de Jeú, Hazael marchou livremente para Israel e também para Judá (2 Rs 12.17,18;13.22). Estes versículos são de extrema importância porque mostram que os ataques de Hazael foram parte do julgamento de Deus sobre Israel.

**10.34-36** — A trajetória de Jeoacaz se encontra em 2 Reis 13.1-9. Ele foi sucedido por Joás (também chamado de Jeoás; 2 Rs 13.10-13), por Jeroboão II (2 Rs 14.23-29) e, embora brevemente, por Zacarias (2 Rs 15.8-12). O assassinato de Zacarias por Salum, após um reinado de seis meses, pôs fim à linhagem de Jeú em sua quarta geração, exatamente como o Senhor dissera (2 Rs 10.30).

**11.1** — *Atalia significa o Senhor é exaltado*. Infelizmente, ela não fez jus ao seu nome. Jeú tinha executado o rei Acazias, de Judá, o *filho de Atalia*, logo depois de executar Jorão, de Israel (2 Rs 9.27-29). O irmão mais velho de Acazias

havia sido morto em uma incursão árabe (2 Cr 22.1). Além disso, Jeorão havia matado seus irmãos e também outros parentes da família real ao assumir o trono (2 Cr 21.4), enquanto Jeú exterminara ainda mais membros da família (2 Rs 10.14).

Logo, a destruição de Atalia de *toda a descendência real* deve ter-se concentrado em seus próprios netos. Nenhum dos devidos detalhes relativos à ascensão ao trono de Judá são fornecidos neste versículo. Atalia claramente usurpou o trono, pondo de lado os preceitos da aliança davídica (2 Sm 7.12-16; Sl 89.35-37).

**11.2,3** — O historiador Flávio Josefo diz que *Jeoseba* era meia-irmã de Acazias. Como esposa do sumo sacerdote Joiada, seu casamento e sua relação com a família real lhe ofereciam a chance de resgatar e esconder o jovem Joás. *Joás* (ou *Jeoás*, 2 Rs 12.1) era o filho de Acazias. Aparentemente, era uma criança nessa época. Atalia não devia saber de sua existência e, por esse motivo, falhou em matá-lo quando pôde.

Joás estava prestes a herdar as promessas da aliança davídica. Talvez seu reinado tenha sido justo (2 Rs 12.2), em parte, por seus anos passados *na Casa do SENHOR* e pela instrução e proteção divinas concedidas por sua tia Jeoseba e seu tio Joiada. Enquanto Joás estava escondido, o inimaginável acontecia: a filha de Jezabel se tornara a rainha de Judá. Uma adoradora de Baal estava no comando da nação da promessa de Deus. Ela ergueu em Jerusalém um templo a Baal (v. 18).

**11.4-8** — Os termos *sétimo ano* se referem ao sétimo ano do reinado de Atalia e da vida de Joás (v. 21). O nome do sumo sacerdote *Joiada* significa *o Senhor sabe*. Outros detalhes sobre as cuidadosas preparações de Joiada constam em 2 Crônicas 23.1-11. O plano dele dizia respeito à guarda real: a apresentação e o coroamento do legítimo herdeiro real coincidiram com a mudança da guarda no sábado.

**11.4** — *Centuriões*. Os homens da guarda real são identificados como quereteus e peleteus em 2 Samuel 20.23 e em 1 Reis 1.38. A revelação do jovem príncipe Joás, indicada pela afirmação e *lhes mostrou o filho do rei*, foi um momento crítico.



## APLICAÇÃO

### CHAMADO PARA PRESTAR CONTAS

As negociações de Jeoás com os sacerdotes acerca dos reparos do templo foram úteis lições quando se trata de prestação de contas:

- Jeoás delegou responsabilidades específicas aos sacerdotes, com claras instruções acerca da tributação e do uso do dinheiro (2 Rs 12.4,5).
- Ele pessoalmente confrontou os sacerdotes, inclusive seu líder, Joiada, por não ter cumprido seu dever (2 Rs 12.7).
- Ele sugeriu uma medida paliativa (2 Rs 12.7,8) e, depois, cuidou que uma solução alternativa sanasse o problema (2 Rs 12.9-12).

Prestar contas envolve muito mais do que, simplesmente, dizer aos outros o que fazer e, depois, verificar se as instruções foram seguidas. Esse ato implica comprometimento do líder com a observação da performance do trabalhador e a certificação de que o projeto seja concluído.

Um guarda zeloso poderia facilmente tê-lo posto à morte na hora. Deve ter havido grande preparação da parte de Joiada — e muita oração — para esse evento.

**11.5-9** — O fato de que os homens da guarda real seguiram os comandos de Joiada, o sumo sacerdote, foi impressionante. É provável que isso tenha ocorrido por eles estarem tão desgostosos com a maldade de Atalia.

**11.10,11** — *Lanças e escudos*. Davi havia dedicado essas armas ao templo após suas campanhas contra Hadadezer (2 Sm 8.11). Como elas não eram nem de ouro nem de prata, foram aparentemente ignoradas por Sisaque, quando ele saqueou o templo e o palácio nos dias de Roboão (1 Rs 14.26).

**11.12** — Deuteronômio prescreve os deveres do rei com relação à preservação da Lei de Deus (Dt 17.18). Pondo uma cópia da Lei na mão de Joás e a coroa em sua cabeça, Joiada o apresentou como o herdeiro legítimo ao trono. O termo *testemunho* lembra a aliança do Senhor com Israel e enfatiza que à coroação de Joás foi dada tanto a garantia das Escrituras como a sua conexão legal à aliança davídica.

**11.13-16** — Nesta seção é descrita a execução de Atalia. O templo era o lugar apropriado para coroar o rei ungido por Deus, por isso a cerimônia de Joás se deu *na casa do SENHOR*. Este também era um bom local para se esconder de uma rainha cujo deus era Baal. Que choque deve ter sido para

Atalia ver que *o rei estava junto à coluna!* Lá estava um garoto que garantia o fim do reinado dela. As palavras de Atalia, *traição! Traição!*, foram tecnicamente corretas. No entanto, ela que tinha cometido traição assassinando todos os sobreviventes da casa de Davi — exceto o que agora seria o rei.

O sacerdote não permitiria a execução dela no templo, mas sua morte era necessária. Com ela morta, o jovem Joás estaria são e salvo. Por isso, os centuriões a mataram na casa do rei.

**11.17** — A renovação do *concerto* com o Senhor era necessária após a usurpação praticada pela perversa Atalia.

**11.18** — Assim como Jezabel vira seu perverso marido erguer uma *casa a Baal* em Samaria (1 Rs 16.32), sua filha Atalia testemunhara a construção de um templo a Baal na santa cidade de Jerusalém. O fato de *Matã, sacerdote de Baal*, estar em Jerusalém é de surpreender. Se Atalia e seus seguidores não tivessem sido detidos, os pecados de Samaria poderiam ser considerados ínfimos se comparados aos de Jerusalém.

**11.19-21** — A criança foi entronizada antes de a nação se estabelecer. A declaração *e todo o povo da terra se alegrou, e a cidade repousou* demonstra que a alegria do povo e a paz da terra foram sinais da bênção de Deus à restaurada dinastia davídica.

**12.1** — *Joás* significa *Yahweh é forte*.

**12.2** — *Todos os dias em que o sacerdote Joiada o dirigia* soa ominoso. Após a morte de Joiada, as





## EM FOCO

## PRATA (HB. KESEPH)

(2 Rs 12.13; Gn 24.35; Jó 22.25; Mt 3.3)

Esta palavra tem ligação com um verbo que significa *tornar-se branco ou pálido*; logo, a prata é chamada de *o metal pálido*. Como era a moeda de troca mais comum no mundo antigo, o termo é frequentemente traduzido como *dinheiro* no Antigo Testamento (1 Rs 21.6; Is 55.1). Não há referência a moedas de prata no Antigo Testamento porque o valor era atribuído ao peso da prata nessa época (Is 46.6; Jr 32.9,10).

A prata foi um dos valiosos materiais recolhidos para a construção do tabernáculo e do templo (Êx 25.1-9; 2 Cr 2.7). Como um metal precioso, seu valor ficava atrelado à economia. Durante o reinado de Salomão, a prata não tinha muito valor, mas, durante o cerco de Ben-Hadade a Samaria, ela se tornou mais preciosa (2 Rs 6.25; 1 Rs 10.21,27; 2 Cr 1.15; 9.20,27). Em Eclesiastes, Salomão nos dá uma advertência que diz respeito à prata: *o que amar o dinheiro nunca se fartará de dinheiro* (Ec 5.10a).

atividades do rei tomaram um rumo diferente, pois Joás se tornaria dependente de um conselho distinto (2 Cr 24.17-19). Apesar de tudo, entre os reis de Judá, ele foi um dos poucos que mostraram sinais de justiça.

**12.3** — Apesar de o próprio Deus ser adorado em tais *altos*, a situação associava isso a ritos religiosos cananeus que poderiam facilmente comprometer a espiritualidade do povo (1 Rs 3.2-4; 14.23). A apostasia se tornaria um pecado que assolaria, tempos depois, o reinado de Jeroboão (2 Cr 24.17-19,24).

**12.4-16** — Uma das significantes conquistas de Joás foi um ambicioso plano para levantar fundos a fim de reparar o templo. Esta seção descreve tal evento em detalhes. Um grande incentivador dessa obra beneficente foi o sumo sacerdote Joiada.

**12.5** — O dinheiro coletado de impostos especiais e de ofertas voluntárias era designado para a reparação da *casa* do Senhor. Logo, a preocupação renovada com as coisas espirituais ficou evidente após a negligência e o abuso que existiam sete anos antes (2 Cr 24.7).

**12.6-9** — *Uma arca*. Quando o sacerdote falhou em seu ofício (v. 6,7), o rei pessoalmente cuidou que o trabalho fosse realizado. A arca que Joiada preparou foi encostada na parede, à entrada, de frente para o lado direito do altar. Devido ao fato de as pessoas terem respondido com generosidade (2 Cr 24.10), a obra avançou e em pouco tempo foi completada (v. 11,12; 2 Cr 24.11-13).

**12.10-13** — A princípio, nenhuma verba foi usada para a confecção de *vasos de prata para a Casa do SENHOR*, mas sobrou *dinheiro* após a reparação do templo, e, com ele, os vasos puderam ser feitos (2 Cr 24.14).

**12.14,15** — *Procediam com fidelidade*. Joás havia comissionado tais homens confiáveis para que não houvesse necessidade de preocupar-se com o uso da verba.

**12.17,18** — A invasão síria relatada nestes versículos aconteceu quase no fim do reinado de Joás. O rei apostatou após a morte de seu divino conselheiro, o sumo sacerdote Joiada (2 Cr 24.17-19,23,24), e essa invasão foi resultado de um julgamento por sua maldade.

**12.19-21** — Joás foi seriamente ferido na invasão de Hazeel (2 Cr 24.24,25). Depois, foi vitimado, logo após a discórdia e a impopularidade que culminaram em seu assassinato. Por causa da apostasia de Joás e do assassinato de Zacarias, filho de Joiada (2 Cr 24.17-22), o rei não foi enterrado em sepulturas reais (2 Cr 24.25).

**13.1** — O nome *Jeocaz* significa *o Senhor se apoderou*. Dois séculos depois deste reinado, outro Jeocaz se tornaria o rei de Judá, após a morte de seu pai, Josias (2 Rs 23.31). O reinado de 17 anos de Jeocaz, filho de Jeú, durou de 814 a 798 a.C.

**13.2,3** — *Fez o que era mal [...] seguiu os pecados de Jeroboão*. Após o fim dos da casa de Acabe pelas mãos de Jeú (cap. 9 e 10), os reis de Israel se voltaram para o sincretismo religioso deixado como herança por Jeroboão I. A menção do filho de Hazeel,



## EM FOCO

## IRA (HB. 'APH)

(2 Rs 13.3; Dt 6.15; Sl 18.8; Pv 11.22;29.8)

Dependendo do contexto, este vocábulo significa *nariz*, *narina* ou *ira* (Gn 2.7; Pv 15.1). Cerca da metade das ocorrências deste termo se dá com palavras ligadas à combustão, ao fogo. Portanto, essas figuras de linguagem denotam, tipicamente, ira (ou furor) como uma expiração furiosa advinda das narinas de alguém: *que o meu furor se acenda* (Êx 32.10-12).

A maioria das referências descreve a ira de Deus. O Senhor é tardio para se irar, mas pode ser provocado para exercer julgamento (Sl 103.8; Dt 4.24,25). Ele é compassivo, mas Sua ira é reservada para os que violam Sua aliança (Dt 13.17;29.25-27; Js 23.16; Jz 2.20; Sl 78.38). Apesar de a ira de Deus ser justa, a ira do ser humano é quase sempre avaliada em termos negativos no Antigo Testamento (Gn 49.6; Pv 14.17).

Ben-Hadade III (802-780 a.C.), deve-se provavelmente ao seu serviço como comandante do exército de seu pai ou à sua crescente importância nos últimos anos do reinado de Hazael (v. 24).

13.4 — Apesar de Jeoacaz não ter servido ao Senhor com a exclusividade devida (v. 6), Deus graciosamente ouviu sua genuína petição por socorro. Em Sua infinita misericórdia, o Senhor sempre lida com o povo com paciência e abençoa-o, apesar de suas falhas (1 Rs 21.25-29; 2 Pe 3.9).

13.5 — O *salvador* de Israel (hb. *môshîa'*, também apresentado como *libertador*) foi identificado de diversas maneiras. Talvez tenha sido o rei assírio Adad-Nirari III. Referir-se a um rei assírio como um salvador divinamente comissionado em Israel lembra as palavras de Deus em Isafas descrevendo o rei persa Ciro como o *seu ungido* [do Senhor] (Is 45.1; compare com Is 44.28).

13.6-9 — O *bosque ficou em pé*. A palavra hebraica para *bosque* é uma referência à deusa cananeia Aserá, cuja imagem era representada por uma árvore ou por um poste considerado sagrado. Era um símbolo da religião adotada em Canaã, que primava pela fertilidade.

13.10 — *No ano trinta e sete de Joás*. Esta nota parece não estar de acordo com 2 Reis 13.1 (os 17 anos do reinado de Jeoacaz começaram no ano 23 do reinado de Joás). A aparente discrepância é resolvida quando se observa que o autor passou a usar neste versículo o esquema do ano de ascensão ao trono no Reino do Norte. De acordo com esse sistema, o primeiro ano de um novo rei começava no início do ano, no outono, após a coroação.

Com a devida permissão concedida para as diferenças entre os sistemas de reconhecimento nos Reinos do Norte e do Sul, o ano 798 a.C. marcou a data em que Joás se tornou rei de Israel. Alguns manuscritos, entretanto, registram “ano trinta e nove” nesta passagem, indicando que houve uma correção do erro de algum escriba no tradicional texto massorético. Estudiosos também sugerem uma correção de dois anos entre Jeoacaz e Jeoás.

13.11-13 — A princípio, o registro sobre o reinado de 16 anos de Jeoás em Israel parece não ser muito elaborado (v. 10-13). Mas a ele três histórias são adicionadas: a morte de Eliseu (v. 14-21), as vitórias militares desse rei sobre as forças sírias (v. 24,25) e a guerra de Jeoás contra Amazias, de Judá (v. 12;14.8-14).

13.14 — *Meu pai*. O choro de Jeoás sobre o velho Eliseu repete as palavras deste profeta pronunciadas quando Elias ascendeu ao céu (2 Rs 2.12). Logo, tanto no início como no fim de seu ministério, vê-se a íntima ligação entre Eliseu e Elias. A tristeza de Jeoás com a morte de Eliseu mostra que, assim como seu pai, Jeoacaz (v. 4,5), esse rei israelita possuía uma espiritualidade genuína. A linhagem de Jeú teve seus bons momentos e recebeu algumas recompensas do Senhor (2 Rs 10.30). Entretanto, ninguém dessa descendência ou qualquer outro rei de Israel serviu a Deus de todo o coração (2 Rs 10.31).

13.15-19 — Esta seção descreve um ato simbólico que Eliseu fez Jeoás realizar para garantir vitórias sobre os seus inimigos. Contudo, o rei

obteve sucesso parcial nesta performance. O gesto de Eliseu pondo as mãos *sobre as mãos do rei* deveria ter servido de alerta para Jeoás de que o profeta ancião estava abençoando-o em nome de Deus.

O indiferente comprometimento do rei com as instruções de Eliseu expôs a fraca fé do monarca e ilustrou a desfavorável avaliação de seu caráter por Deus (v. 11). O profeta, que se encontrava à beira da morte, tinha razão para estar perturbado. Apesar de o Senhor ter permitido que Israel derrotasse o exército sírio três vezes, sua vitória foi incompleta.

**13.20** — *Morreu Eliseu.* A transladação de Elias (cap. 2) foi um exemplo incomum do poder de Deus; Eliseu morreu de forma natural. Foram *as tropas dos moabitas* que viram o milagre ocorrido na sepultura de Eliseu (v. 21), mas a menção de invasões como esta traz à memória o quão perigoso era viver durante a maior parte da história de Israel.

**13.21,22** — *O homem [...] reviveu.* Até morto, o corpo de Eliseu era suficiente para gerar um milagre. Não havia mágica nos ossos desse profeta, mas uma demonstração do poder do Senhor em Seu servo. Esse evento deve ter reassegurado a Jeoás que Deus pretendia resgatar Israel das garras mortais da dominação síria (v. 25).

**13.23** — Este versículo é um daqueles que se sobressaem na Bíblia por descreverem a maravilhosa misericórdia do Deus vivo (2 Rs 14.26,27). O texto delinea, em parte, as imagens apresen-

tadas em Êxodo 34.6. A fidelidade do Senhor ao *seu concerto com Abraão, Isaque e Jacó*, à Sua própria promessa, é um tema recorrente no Antigo Testamento (Êx 2.23-25).

**13.24** — Este *Ben-Hadade* é o filho de Hazael (v. 3). Após a morte de seu pai, ele reinou como Ben-Hadade III (802—780 a.C.).

**13.25** — Por Jeoás ter ferido a terra três vezes com flechas (v. 18), Deus permitiu que ele vencesse os siros somente três vezes. Contudo, o Senhor graciosamente subjugou a fé inadequada de Jeoás dando a Israel vitória completa sobre os arameus, durante o reinado do seu filho Jeroboão II.

**14.1-3** — O nome *Amazias* significa *o Senhor é poderoso*. *Amazias fez o que era reto aos olhos do SENHOR.* Ele foi um dos poucos reis justos no reino de Judá. Os melhores monarcas foram Ezequias (2 Rs 18.1) e Josias (2 Rs 22.1). Quanto aos trechos *Davi, seu pai [...]* *Joás, seu pai*, ambos são um bom exemplo de diferentes usos da palavra hebraica para *pai*. Ela pode denotar uma ancestralidade remota ou imediata.

**14.4** — Assim como seu pai Jeoás antes dele (2 Rs 12.3), Amazias permitiu a adoração nos *altos*. Esta prática desencadeou a idolatria nos reinados dos reis subsequentes (2 Rs 16.4;21.3).

**14.5,6** — *Matou os seus servos.* Os principais estão elencados em 2 Reis 12.20,21. Estes homens foram culpados de assassinar o pai de Amazias, Joás, e devem ter se constituído numa ameaça ao reino de Amazias. Preocupado em agir de acordo



## EM FOCO

### ALTOS (HB. *BAMAH*)

(2 Rs 14.4;23.5; 1 Rs 11.7; Jr 19.5)

Esta palavra frequentemente se refere a uma área sagrada, um santuário ao ar livre, localizado no alto de uma serra. Antes de o templo ser construído, os israelitas podiam adorar o verdadeiro Deus nos altos (veja a adoração de Salomão a Deus no alto de Gideão, em 1 Rs 3.2-4). Mas os israelitas logo começaram a adorar a outros deuses, especialmente a Baal, neste alto, imitando as práticas das nações vizinhas.

Os israelitas decoraram esses altos com símbolos pagãos, pilares e pedras consagrados aos deuses, e esses lugares eram pontos de encontro para a adoração pagã. Eram associados à rebelião e à apostasia religiosa de Israel (1 Rs 14.23; Jr 19.5). Logo, conforme consta ao longo do Antigo Testamento, a existência de *altos* e a adoração praticada neles eram consideradas uma afronta a Deus (Sl 78.58).

com o *livro da Lei de Moisés*, Amazias observou a ordenação que consta em Deuteronômio 24.16.

**14.7** — Um relato mais detalhado dessa derrota dos *edomitas* é encontrado em 2 Crônicas 25.5-13. Edom reconquistou sua independência durante o reinado de Jeorão (2 Rs 8.20-22). A conquista de Amazias da cidade formidável de *Sela*, no vale do Sal, foi monumental. No entanto, em vez de reconhecer a mão de Deus nisso, Amazias se tornou orgulhoso e comprometeu sua espiritualidade (2 Cr 25.14-16).

**14.8** — *Vejamo-nos face a face*. O orgulho de Amazias por sua conquista (v. 10) e a sua ira contra o roubo das cidades da Judéia por mercenários israelitas dispensados depois da campanha edomita (2 Cr 25.6-10,13) turvaram seu pensamento.

**14.9,10** — Jeoás respondeu a Amazias utilizando-se de uma fábula — um tipo de história com o objetivo de ensinar uma moral. Referindo-se a Amazias como um *cardo*, em comparação com o *cedro do Líbano*, Jeoás tentou ajudar Amazias a atribuir uma construção mais realista à sua recente vitória.

**14.11** — *Bete-Semes*. O nome desta cidade significa *casa do sol* e indica que já existiu um templo para o deus sol na época dos cananeus. Bete-Semes se localizava no vale de Soreque, cerca de 15 milhas a oeste de Jerusalém. Foi a cidade de onde a arca consagrada foi levada (1 Sm 6.10—7.2) quando retornou às mãos israelitas após suas “peregrinações” entre os filisteus. A tragédia da batalha entre Amazias e Jeoás foi ainda mais grave pelo fato de o orgulhoso Amazias ter forçado um confronto em seu próprio território, *Judá*.

**14.12** — *Judá foi ferido*. As tropas de Jeoás eram compostas por guerreiros experientes que já haviam derrotado os siros (2 Rs 13.25). O orgulho de Amazias decretou não somente a sua queda (v. 13), mas também a da sua cidade capital (2 Rs 14.13,14). A sentença e *fugiu cada um para a sua tenda* é uma expressão idiomática usada para descrever uma completa derrota (2 Sm 18.17).

**14.13** — O dano aos muros do norte de Jerusalém se estendeu da *porta da esquina*, na esquina

ao noroeste do muro da cidade, até a *porta de Efraim*, ao leste. A esquina ao noroeste de Jerusalém sempre fora o ponto mais vulnerável da cidade (2 Rs 18.17). Uma brecha no muro de *quatrocentos côvados* (600 pés) era um grande espaço para o exército invasor entrar.

**14.14-16** — *E tomou todo o ouro, e a prata, e todos os utensílios*. O roubo de objetos preciosos do templo e do palácio — a casa do rei — mostra a humilhação que Judá sofreu como resultado da desastrosa guerra instigada pelo orgulho de Amazias. Além de bens, pessoas também foram tornadas *reféns* pelo rei de Israel. Jeoás *voltou* para Samaria porque sua intenção não tinha sido ocupar território estrangeiro.

**14.17,18** — A informação de que Amazias viveu *quinze anos* sugere que ele foi liberto após a morte de Jeoás por um período adicional (782—767 a.C.). Neste caso, ele reinou ao lado de seu filho Azarias (ou Uzias), cujo reinado de 52 anos começou em 792 a.C. (2 Rs 15.2).

**14.19,20** — Amazias não só procedeu como seu pai (2 Rs 14.3), mas também morreu da mesma forma que ele, nas mãos de um assassino (2 Rs 12.20,21). *Laquis*, local onde esse evento ocorreu, era uma das cidades guardiãs de Jerusalém, cerca de 30 milhas a sudoeste da capital. Foi sitiada por Senaqueribe em 701 a.C., na época de Ezequias (2 Rs 18.13-17).

**14.21** — O jovem *Azarias*, também conhecido como Uzias, sucedeu a seu pai, Amazias (2 Rs 15.1-7).

**14.22** — *Elate* é o famoso porto no golfo de Acaba. Durante o reinado de Acaz, esse local foi tomado por Rezim de Arã e tornou-se território edomita (2 Rs 16.6).

**14.23** — *Jeroboão* foi o segundo rei de Israel a ter esse nome. Jeroboão I foi o fundador do Reino do Norte na época da morte de Salomão (930 a.C.; 1 Rs 11;12). Jeroboão II reinou durante um longo período, 41 anos, nos quais dez anos atuou como corregente com seu pai, Jeoás (792—782 a.C.).

**14.24** — *Fez o que era mal aos olhos do SENHOR*. A avaliação do reinado de Jeroboão é como a de todos os reis de Israel, salvo a que foi conferida à casa de Acabe (2 Rs 10.29-31).

**14.25** — *Restabeleceu os termos de Israel.* A primeira metade do século 8 a.C. foi um período de prosperidade e força para os Reinos do Norte e do Sul. Jeroboão II estendeu a autoridade de Israel da entrada de Hamate, no lado leste do Jordão, até o extremo sul do mar Morto. Como Azarias também fez campanha no território sulista, os dois reinos deviam estar vivendo em harmonia e desfrutando da cooperação mútua.

O restabelecimento dos limites israelitas fora profetizado por *Jonas*. Mais uma vez um profeta de Deus orientou um rei. A referência a *Jonas* neste versículo prepara o contexto histórico para a narrativa sobre o famoso profeta.

**14.26,27** — *Nem havia [...] quem ajudasse a Israel.* O Deus vivo viu que Seu povo precisava da Sua ajuda. Por isso, agiu em favor dos israelitas. O Senhor usou Jeroboão II para conduzir Israel a um novo período de exaltação.

**14.28** — As Escrituras enfatizam o poderio militar de Jeroboão. Contudo, o *poder* desse rei também se refletia na economia. A renomada Ostraca Samaritana [pedaços de cerâmica com inscrições em hebraico], que possivelmente data desse período, relata a entrega de azeite fino e de cevada produzidos em terras reais a Samaria.

**14.29** — O breve reinado de *Zacarias* está registrado em 2 Reis 15.8-12. Ele foi o quarto na linhagem de Jeú a reinar em Israel, em cumprimento à graciosa promessa de Deus a Jeú (2 Rs 10.30).

**15.1,2** — *Azarias* (ou *Uzias*, conforme 2 Cr 26.1; Is 1.1) teve a honra de reinar 52 anos. Este período inclui dez anos durante os quais seu pai, *Amazias*, encontrou-se cativo (792—782 a.C.), 15 anos de corregência com *Amazias*, quando este foi liberto (782—767 a.C.), e 27 anos de reinado absoluto (767—740 a.C.). Esta última parte do reinado de *Azarias* foi maculada por sua intrusão

no ofício sacerdotal (2 Cr 26.16-19), um ato que resultou em lepra (v. 5). Esta condição colocou seu filho *Jotão* no trono para com ele governar e lidar com relações públicas relativas ao ofício real.

A natureza dos deveres de *Jotão* (v. 5), a atribuição de 52 anos de reinado a *Azarias* e a época do chamado de *Isaías* até o ano da morte de *Azarias* (ou *Uzias*; Is 6.1) podem indicar que *Azarias* deteve o poder até o fim. O nome *Azarias* significa *o Senhor ajudou*.

**15.3,4** — *Azarias* foi um dos bons reis de Judá e foi avaliado de maneira similar a *Jeoás*, em 2 Reis 12.2,3, e a *Amazias*, em 2 Reis 14.3,4.

**15.5-7** — *Ficou leproso.* Os eventos que trouxeram esta aflição ao rei são descritos em 2 Crônicas 26.16-21. Neste sentido, *Jotão* assumiu a posição de administrador sênior. Embora o termo *cargo da casa* fosse usado para se referir ao ofício de mordomia real, esta função cresceu em prestígio e veio a designar um oficial de alto escalão. *Jotão* lidou com os afazeres da nação durante o período de isolamento de seu pai.

**15.8-12** — O breve reinado de *Zacarias*, o quarto na linhagem de Jeú, é descrito neste trecho. Seu nome, que significa *Yahweh se lembra*, é o mesmo que o do profeta *Zacarias*. Como no caso de muitos dos reis de Israel e de Judá, ele foi assassinado (v. 10; 12.20; 14.19; 15.25).

**15.12** — *Até à quarta geração.* Jeú recebera a promessa de que seria próspero até a quarta geração, como recompensa por ter obedecido à sua divina comissão (2 Rs 10.30). Infelizmente, ele e sua casa não foram dignos das oportunidades que receberam de Deus, por isso foram repetidamente condenados pelos profetas do Senhor (2 Rs 13.18,19; Os 1.4; Am 7.9).

Após a morte de *Zacarias* em 752 a.C. e o fim da quarta dinastia, Israel imergiu numa época de



## VOCE SABIA?

### A DOR DA SEPARAÇÃO

A divisão do reino nos dias de Roboão (1 Rs 12.19) deixou cicatrizes e, por vezes, ocasionou uma guerra civil entre as monarquias do norte e do sul (2 Rs 14.11-14). Para muitos israelitas, particularmente do norte, esta separação de Jerusalém foi dolorosa. Crê-se que os Salmos 42 e 43 foram escritos por um judeu do norte excluído do templo de Jerusalém.

degeneração, em conspirações sangrentas e em intriga internacional, tais que em 722 a.C. encontrou seu fim. Então Zacarias, cujo nome significa *Yahweh se lembra* (2 Rs 14.26,27), foi o último dos reis de Israel.

**15.13-16** — O curto reinado de *Salum*, que durou somente *um mês*, foi o prenúncio de um emergente colapso nacional.

**15.15** — A expressão *o mais dos atos* segue o padrão para os obituários dos reis do Reino do Norte. Mesmo tendo *Salum* reinado apenas um mês, ele recebeu o obituário real completo.

**15.16** — Por causa de sua beleza (Ct 6.4), *Tirza* funcionou como um retiro real (1 Rs 14.17). Foi também a capital nacional durante as duas primeiras dinastias israelitas. *Menaém* feriu todos os habitantes dessa cidade e *fendeu pelo meio* todas as mulheres grávidas. Nos períodos de guerra, tais atrocidades eram comuns antigamente (2 Rs 8.12; Am 1.13). O pecado de Israel pôs esta nação inúmeras vezes à mercê de tais barbáries (Os 10.13,14;13.16).

**15.17,18** — O perverso rei *Menaém* chegou ao poder assassinando e estabelecendo sua autoridade por meio de atos brutais contra a humanidade (v. 14,16). Ironicamente, seu nome significa *consolador*.

**15.19-22** — *Pul* é um segundo nome babilônico para o rei assírio *Tiglate-Pileser III* (745—727 a.C.; v. 29; 1 Cr 5.26). Apesar de ele ter assumido

o trono como um usurpador, advindo das forças armadas, foi um rei competente. Com *Tiglate-Pileser III* e seus sucessores no poder, a Assíria se tornou a potência dominante no Oriente Médio por mais de um século (747—612 a.C.). Foi um período de frequente interferência assíria nas relações de Israel e de Judá.

A primeira intervenção foi imediata. Em 743 a.C., *Tiglate-Pileser III* liderou uma invasão ao oeste que subjuguou grande parte da Síria e da Palestina. Os anais deste rei relatam que *Menaém* de Israel pagou tributos a ele, como descrito nesta passagem.

**15.23-26** — *Pecaías* significa *o Senhor abriu os olhos*. Após um reinado perverso de dois anos, um usurpador “fechou os olhos dele”, matou-o.

**15.27,28** — Assim como *Salum* e *Menaém*, que o precederam, *Peca* se assentou ao trono mediante usurpação e derramamento de sangue. Pelo reinado de nove anos de *Oséias* (2 Rs 17.1) ter começado em 732 a.C., os *vinte anos* de *Peca* devem ter incluído um período de reinado em seu próprio distrito, durante os dias em que *Salum*, *Menaém* e *Pecaías* não reinaram (752—740 a.C.).

Aparentemente, *Peca* era o maior partidário do sentimento antiassírio. Essa mesma posição política foi o que o levou à queda, durante a segunda campanha de *Tiglate-Pileser III* ao oeste (734—732 a.C.). Foi a esta campanha na Galiléia que *Isaías* fez alusão (Is 9.1).



## PERFIL

### AZARIAS

Enquanto o relato de 2 Reis dispensa *Azarias* (2 Rs 15.1), o de 2 Crônicas apresenta uma quantidade considerável de informações acerca de seus feitos. Conhecido como *Uzias* em Crônicas, *Azarias* é lembrado por suas políticas domésticas, suas inovadoras medidas de prevenção militar (2 Cr 26.9,11-15), sua atenção à política e à economia de suas fronteiras no sul e no leste (2 Cr 26.2,7,8,10-16; Jl 3.19; Am 1.11,12), e por ter resolvido a questão dos filisteus na fronteira ao oeste, que tanto se arrastara (2 Cr 26.6,7; Jl 3.3,4; Am 1.6-8).

Assim como *Jeroboão II* no norte, *Azarias* liderou Judá numa época de recuperação e crescimento nacional. Durante o seu reinado, de 52 anos, o Reino do Sul alcançou poder e prosperidade ímpares, desde os dias de *Salomão*.


Apesar de ter agradado a Deus nos primeiros anos de seu reinado, *Azarias* se tornou orgulhoso em função de seu sucesso. Assim como muitos outros reis, tanto do Reino do Norte como do Sul, ele não se livrou de muitos dos símbolos de idolatria da terra. Entretanto, seu maior erro foi adentrar o templo para queimar incenso no altar. Somente um sacerdote ungido por Deus podia realizar esta função. Por essa arrogância, Deus imediatamente o atacou com lepra, com a qual conviveu até o fim de seus dias.

**15.29,30** — Oséias [...] *o matou*. A campanha de Tiglate-Pileser III causou uma reação pró-Assíria em Israel, que resultou na morte de Peca e na ascensão de Oséias ao trono. Os anais de Tiglate-Pileser III relatam a pesada tributação de Oséias e a afirmação dos reis assírios de que foi ele mesmo quem se autodeterminou o novo rei israelita.

**15.31-33** — *Jotão significa o Senhor é perfeito*. Os *dezesesseis anos* de seu reinado (752—736 a.C.) incluem uma corregência de 12 anos com seu pai, Azarias. Como foi dito anteriormente que Jotão reinou 20 anos (v. 30), pode ser que ele tenha passado o governo para seu filho Acaz, em 736 a.C., embora tenha vivido mais quatro anos.

**15.34,35** — O reinado de Jotão foi parcialmente justo. Após a erradicação de Acázias e de Atalia (2 Rs 9.27-29; 11.13-16), os reis de Judá que reinaram com relativa justiça foram Joás (Jeoás) (2 Rs 12.2,3), Amazias (2 Rs 14.3,4) e Azarias (Uzias) (2 Rs 15.3, 4). Padrões de justiça foram os reinados de Ezequias (2 Rs 18.3-6) e de Josias (2 Rs 22.2).

**15.36** — O autor do livro de Crônicas indica que Jotão investiu muito em construções em Jerusalém e em Judá (2 Cr 27.3,4), e engajou-se numa guerra contra os amonitas (2 Cr 27.5). Jotão continuou a praticar as obras que permitiram a Judá alcançar poder e prosperidade, durante os anos em que viveu seu pai, Azarias (Uzias).



**VOCÊ SABIA?**

**O SENHOR AVISA SEU POVO**

Deus usou diversos meios para avisar Judá de seu iminente julgamento. Um deles foi os invasores (2 Rs 15.37). Outro, os profetas locais, entre eles Miquéias, o morastita (Mq 1.1). Ele denunciou Judá por adotar a idolatria de Israel e criticou os líderes de Jerusalém por suas políticas opressoras para com os cidadãos do campo.

**15.37,38** — *Rezim e Peca*, apesar de terem se aliado, eram arqui-inimigos na época de Acaz (cap. 16; Is 7).

**16.1,2** — O nome *Acaz* significa *ele compreendeu*. O ano *dezesete de Peca* foi 736/5 a.C. O reinado de dezesseis anos de Acaz terminou em 720 a.C. Neste caso, assim como Jotão, que o precedeu, Acaz deve ter vivido mais quatro anos após deixar o seu mandato.

O primeiro ano de governo absoluto de Ezequias começou em 715 a.C., 14 anos antes da invasão de Senaqueribe a Judá e do seu cerco a Jerusalém em 701 a.C. (2 Rs 18.13). Se Acaz estava com 20 anos de idade em sua ascensão em 736 a.C. (v. 2), ele agora estaria com 40. Como Ezequias estava com 25 anos em sua ascensão à corregência em 729 a.C., Acaz era apenas um adolescente quando Ezequias nasceu.

**16.3,4** — Após uma série de reis em Judá que foram relativamente justos, Acaz ascendeu ao trono e seguiu os caminhos dos perversos monarcas do Reino do Norte. O autor de Crônicas relata que o rito de *passar* o próprio filho *pelo fogo* estava ligado à adoração a Baal praticada no vale dos filhos de Hinom (2 Rs 23.10; 2 Cr 28.2,3). Acaz era um apóstata que liderou pessoalmente seu povo nas práticas religiosas de Canaã (v. 4; 2 Cr 28.2-4).

**16.5** — Por causa do pecado de Acaz, Deus o entregou nas mãos dos reis *Rezim e Peca*, que, na época, fizeram uma aliança (2 Rs 15.37). Então, uma grande chacina ocorreu, e uma completa deportação de Judá foi evitada por uma intervenção divina (2 Cr 28.5-15).

**16.6** — Azarias havia recuperado *Elate* para Judá (2 Rs 14.22). Agora, esta grande cidade portuária (1 Rs 9.26) estava sendo tomada de Judá por Rezim. Ao dizer que os siros habitaram em Elate *até ao dia de hoje*, o autor de 2 Reis usou essa expressão para indicar que isso ocorreu até o dia em que esses eventos foram narrados.

**16.7-9** — O pedido de Acaz a *Tiglate-Pileser III* coincide com a segunda campanha do rei assírio no oeste (734—732 a.C.) que levou Damasco ao declínio em 732 a.C. e à substituição de Peca por Oséias no trono de Israel, no mesmo ano. Tiglate-Pileser listou a tributação tanto de Oséias como de Acaz, de acordo com sua campanha.

**16.10-15** — Ao ser convocado por Tiglate-Pileser III para ir a Damasco, Acaz viu um *altar*

pagão que lhe agradou. O uso que ele fez do altar para sacrifícios a Deus ressaltou seu paganismo. Este também era evidente em suas outras inovações religiosas (v. 14-18; 2 Cr 28.2-4,22-25). Acaz foi tão longe em sua apostasia que chegou a fechar as portas do templo (2 Cr 28.24).

**16.16** — A participação do sumo sacerdote *Urias* nos “novos caminhos” de Acaz deve ser vista como apóstata.

**16.17-20** — *Cortou as cintas [...] tomou a pia.* Não se sabe ao certo o propósito de cortar as cintas e de tomar a pia.

**17.1,2** — *Ano duodécimo.* Oséias se tornou rei em 732 a.C.; logo, os 12 anos do reinado de Acaz indicam um período de corregência com seu pai, Jotão, talvez devido às pressões da primeira campanha de Tiglate-Pileser no oeste (744—743 a.C.). Quanto ao nome *Oséias*, significa *salvação*.

**17.3** — *Salmaneser V* sucedeu a Tiglate-Pileser III como rei da Assíria em 727 a.C.

**17.4** — *Achou em Oséias conspiração.* Diversos elementos de intriga e de relações internacionais devem estar em jogo neste caso. Transições no poder eram frequentemente ocasiões para rebelião ou para golpes de Estado. Além disso, um novo homem poderoso havia surgido no Egito — Tefnakht, um faraó da vigésima quarta dinastia. O momento parecia perfeito para Oséias entrar em uma coalizão antiassíria.

**17.5,6** — Após um cerco de três anos, Samaria foi dominada pelos assírios em 722 a.C. Sargão, o comandante de campo de Salmaneser V, que lhe sucedeu no trono, posteriormente disse que ele mesmo foi quem *tomou a Samaria*. Deportar cidadãos influentes de uma terra conquistada era uma prática que minimizava a possibilidade de rebeliões (2 Rs 25.11,12; Ez 1.2,3).

**17.7-23** — Esta notável passagem descreve o pecado de Israel que o levou à horrenda calamidade em 722 a.C. Talvez as palavras de 2 Rs 14.26,27 estivessem na mente do escritor e ele achasse necessário comentar o que acarretou a queda de Samaria e de Israel.

**17.7-9** — *Por os filhos de Israel pecarem.* A razão da queda de Samaria e do fim do Reino do Norte foi obviamente uma falha espiritual, foi dar as costas

a Deus e adorar outros deuses que existem apenas na mente depravada do ser humano. Os atos que acompanham o adultério espiritual de Israel (v. 9-17) deixam claro que esse reino havia crescido grandemente em corrupção, a começar pelos líderes (v. 7-9,21). Apesar dos avisos contínuos (v. 13,14,23), Israel persistiu em toda forma de idolatria e de adoração licenciosa (v. 10-12,16,17).

**17.10,11** — Os vocábulos *estátuas*, *imagens* e *altos* representam a trilogia pagã (2 Rs 18.4; 1 Rs 14.23).

**17.12-21** — *Jeroboão [...] os fez pecar.* Jeroboão I iniciara a adoração nacional que, de fato, padronizou todas as atividades idólatras em Israel. A adoração aos bezerros em Dã e em Betel e a fascinação de Israel por Baal (2 Rs 17.16; 1 Rs 12.28,29;16.32,33) são repetidamente citadas como as principais causas da derrota espiritual e do colapso político de Israel. A heresia de Jeroboão I foi um exemplo de maldade para os reis que lhe sucederam no Reino do Norte.

**17.22-24** — *O rei da Assíria* provavelmente era Sargão II (722—705 a.C.), apesar de a prática descrita nesta passagem ter continuado de modo similar por meio de reis posteriores a este. Tal mistura de habitantes cessou com as distinções étnicas e enfraqueceu a fidelidade das pessoas. Isto também ajudou a formar um senso de império. As cidades relacionadas nestes versículos devem indicar a disposição de uma caravana de pessoas realocadas. Samaria foi a região onde o repovoamento aconteceu; os habitantes acabaram sendo chamados de samaritanos.

**17.25-28** — *Um dos sacerdotes.* Apesar de um sacerdote israelita deportado ter sido mandado de volta para instruir o povo samaritano na adoração ao Senhor, o resultado foi uma mistura de várias formas de paganismo com a religião apóstata do Reino do Norte (2 Rs 17.30-33,40,41). Com o tempo, tanto os samaritanos como a sua religião foram rejeitados pelos judeus (Jo 4.9;8.48).

**17.29-41** — Os samaritanos foram acusados duplamente: eles não adoraram *Yahweh* e não observaram as leis e as ordenanças instituídas pelo Senhor da aliança. O autor de 2 Reis reafirma que somente o Senhor é o Redentor de Israel.



18.1,2 — O terceiro ano de Oséias é 729 a.C. Os 29 anos do reinado de Ezequias, portanto, incluem um período de corregência com seu pai, Acáz, antes de instituir um governo independente (715—699 a.C.). O nome *Ezequias* significa o *Senhor fortaleceu*.

18.3 — A avaliação de Ezequias começa da mesma forma que a de seus predecessores, mas depois transcende a da “justiça relativa”, típica dos outros reis de Judá (2 Rs 15.34,35).

18.4 — De maneira consistente, os reis que antecederam a Ezequias são criticados pelo autor por não terem destruído os *altos* (2 Rs 15.34,35). Embora a adoração ao Deus verdadeiro fosse cultivada nesses locais, estes se tornaram imorais por causa da adoração a Baal e a Aserá. As reformas de Ezequias incluíram não só a destruição dos objetos de culto pagão introduzidos nos dias de seu pai após-tata, Acáz, mas também da *serpente de metal* que havia sido preservada desde a época de Moisés (2 Cr 29—31). Símbolos podem facilmente se tornar objetos de adoração. No caso em análise, foi o que ocorreu com esse precioso objeto antigo.

18.5,6 — *Não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá*. A fé de Ezequias não pode ser comparada com a de nenhum outro rei que fora antes dele, após a época de Davi. De modo semelhante, a observância de Josias à Lei era louvável (2 Rs 23.25). A fé de Ezequias forma a base para o relato que vem a seguir.

Por Ezequias confiar no Senhor, ele pôde suportar com coragem a tirania assíria. O Reino do Norte foi dominado pelo rei Salmaneser V em 722 a.C. porque não seguiu os caminhos do Deus santo (v. 9-12), mas a confiança e a fé de Ezequias lhe permitiram enfrentar a última invasão do rei Senaqueribe (701 a.C.) e receber ajuda divina (2 Rs 19.32-36).

18.7,8 — Além de ter se recusado a continuar servindo à *Assíria*, Ezequias prevaleceu sobre os *filisteus*. Isto contribuiu para estabelecer Judá como uma nação independente e como uma nova potência na região. Judá não se submeteu mais a ameaças de incursões militares de nações vizinhas em função, simplesmente, da maldade destas.



## APLICAÇÃO

### O PERIGO DAS RELÍQUIAS

Jesus disse que *Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade* (Jo 4.24). Isto significa que adoramos e servimos a um Deus que não podemos ver, mas podemos crer com nosso coração. Portanto, algumas pessoas consideram Deus como uma abstração; outras tentam torná-lo mais real e presente por meio de artefatos que associam a Ele.

Por mais compreensível que a adoração de relíquias possa ser, ela é uma prática perigosa, pois pode facilmente tentar as pessoas a adorar o objeto em si, em vez de o Deus para quem o objeto deve apontar. Em sua essência, a relíquia se torna alvo de idolatria.

Isso aconteceu com inúmeros itens que os israelitas adoravam, incluindo a serpente de metal que Moisés fez durante a peregrinação do êxodo (2 Rs 18.4; Nm 21.8,9). Originalmente, a serpente no poste serviu como um meio de prover cura às pessoas mordidas por cobra; ela as fazia buscar o Senhor para serem curadas. Porém, após o estabelecimento do povo na Terra Prometida, os israelitas transformaram a serpente num ídolo, como se ela por si própria pudesse curar alguém. Eles lhe queimaram incenso e chegaram a batizá-la como Neustã.

Da mesma forma, os israelitas transformaram vestes cerimoniais, ou um éfode, que Gideão obteve dos despojos de sua vitória sobre os midianitas, num ídolo (Jz 8.25-27). Tempos depois, tentaram usar a arca da aliança como um amuleto contra os filisteus, com resultados desastrosos. E, na época de Jeremias, os cidadãos de Jerusalém se importavam mais com seu templo do que com o Senhor de seu templo (Jr 7.12-15).

Estes exemplos mostram o perigo em valorizar objetos e lugares que já tiveram relação com a obra de Deus. Como seres humanos, vivemos num mundo natural, mas adoramos um Deus sobrenatural. Portanto, precisamos tratar santuários e relíquias apenas como meios para esse fim, nunca como um fim em si mesmos.

**18.9-23** — O fato de o cerco a Samaria ter durado *três anos* sugere que o sofrimento do povo fora tremendo. O motivo da queda dessa cidade não foi o despreparo de seu exército ou a instabilidade de seus muros. A principal razão foi o povo ter se rebelado contra Deus.

**18.13** — O *ano décimo quarto* do reinado absoluto de Ezequias se deu em 701 a.C. Os detalhes do contexto da rebelião que incitou Senaqueribe a invadir a porção oeste do seu império são relatados em seus anais, onde Ezequias é particularmente mencionado por seu envolvimento em todo o caso.

**18.14** — *Pequei*. Ezequias se recusara a ser um vassalo da Assíria e agora estava sendo ameaçado por seu exército. Os anais de Senaqueribe relatam como ele invadiu Judá. Com o exército assírio já em Laquis, Ezequias sentiu que estava condenado. Uma das inscrições de Senaqueribe descreve o cerco de Laquis e relata a pesada tributação exigida de Ezequias. Como ele conseguiu corresponder às exigências de Senaqueribe (v. 14-16), o apetite do conquistador pela exploração aumentou ainda mais. Sendo assim, Senaqueribe sitiou Jerusalém (18.13—19.36).

**18.15,16** — Esta remoção de imensas quantidades de *prata*, de *ouro* e de objetos preciosos do templo seguiu o modelo do saque da época de Amazias (2 Rs 14.14).

**18.17** — Os títulos *Tartã*, *Rabe-Saris* e *Rabsaqué* se referem a pessoas que provavelmente ocupavam altos postos na Assíria. Os relatos dos reis assírios sugerem que eles formaram os maiores exércitos já vistos no antigo Oriente Médio, por isso o destaque aos termos *um grande exército*. Essa vasta tropa estava lotada nas terras de Judá. Quanto ao *campo do lavandeiro*, situava-se ao noroeste da cidade. Era a área mais vulnerável a ataques.

**18.18** — *Eliaquim* era o principal mordomo do palácio (2 Rs 15.5), e Sebna, o escrivão real. Este versículo indica que Eliaquim havia substituído Sebna no ofício de mordomo, como mencionado em Isaías 22.15-25.

**18.19** — Na literatura do antigo Oriente Médio, a denominação *grande rei* se reservava

para o monarca mais poderoso. Neste versículo, observa-se que a delegação da Assíria entregou um ultimato do rei dessa nação a Jerusalém.

**18.20** — Rabsaqué questionou a razão da *confiança* de Ezequias. Talvez a reputação deste rei de confiar em Deus já fosse amplamente conhecida (v. 5). Confiar se tornou o foco da guerra psicológica assíria (v. 19-22,24,30).

**18.21** — Como o Egito dependia dos canaviais do Nilo, a figura do *bordão de cana quebrada* é totalmente apropriada. Na verdade, o aviso de Senaqueribe com relação à confiança no Egito foi bem aceito, tendo sido oriundo de Isaías (Is 30.3-5;31.1-3).

**18.22,23** — O insulto dos oficiais assírios aos israelitas pela expressão *se tu puderes* indica que estes não tinham homens suficientes e que o exército que possuíam não fora treinado para o conflito que ocorreria.

**18.24,25** — O *SENHOR me disse*. É provável que os assírios estivessem cientes das profecias a respeito do julgamento de Judá e de Jerusalém e do papel deles como vingadores de Deus (Is 10.5-11). Esta observação tencionou aterrorizar os corações do povo de Jerusalém (2 Cr 32.18) apontando que agora até mesmo o seu Deus estava contra ele.



## EM FOCO

### PECAR (HB. CHATA')

(2 Rs 17.7;18.14; Lv 4.27; Jz 20.16)

O significado deste verbo é *errar* (um alvo) ou *afastar-se* (de um objetivo). A palavra expressa essa ideia em Juízes 20.16, onde é traduzida como *errar: atiravam com a funda uma pedra a um cabelo e não erravam*. Com relação à ética, o termo denota *afastar-se de uma condição moral*. É a expressão mais comum para *pecado* no Antigo Testamento.

Muitos substantivos derivam desse verbo, inclusive *chet'*, *pecado* ou *culpa* (Is 53.12), *chatta'*, *homens pecadores* (Nm 32.14), e *chatta't*, *oferta pelo pecado* (Lv 4.3). No Novo Testamento, Paulo também definiu *pecado* como *afastar-se: porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus* (Rm 3.23). Neste sentido, o apóstolo ofereceu o perfeito remédio para a nossa condição decadente: a salvação mediante o sacrifício de Jesus Cristo (Rm 3.24).

**18.26** — Como o *síriaco* era, nessa época, a língua de comunicação internacional, esperava-se que Rabsaqué conduzisse as negociações diplomáticas com os oficiais em Judá evitando falar o judaico dos cidadãos comuns. Mas os assírios gostavam de discursar ao povo no seu dialeto nativo, para intimidá-lo de forma mais eficaz.

**18.27,28** — *Comam o seu esterco e bebam a sua urina*. Rabsaqué alertou o povo sobre o horror do cerco vindouro utilizando-se de expressões obscuras oriundas do coloquialismo local.

**18.29-32** — *Confiar no SENHOR*. A questão sobre a confiança, abordada nos versículos 19 a 24, continuou. Rabsaqué tentou os israelitas a abandonarem a confiança no Senhor para confiarem em Senaqueribe. Ele prometeu que as bênçãos da aliança (v. 31,32; Dt 8.8; Mq 4.4; Zc 3.10) poderiam ser todas deles. A repetição da advertência *não deis ouvidos a Ezequias* (v. 31,32) tinha como objetivo levar o povo a rebelar-se contra o seu rei. Além disso, Rabsaqué ofereceu aos israelitas uma terra maravilhosa para eles morarem.

**18.33-37** — A alegação de Rabsaqué de que nenhum dos *deuses das nações* que se opuseram à Assíria saiu vitorioso fazia parte da guerra psicológica e era também evidência da ciência de Rabsaqué das palavras proféticas de Isaías (v. 25; Is 10.7-11).

**19.1** — *Rasgou as suas vestes*. Rasgavam-se as vestes como um sinal de pesar (2 Rs 6.30) ou de arrependimento (Jl 2.12,13). A humildade de Ezequias foi evidenciada neste ato, o qual seus servos de confiança já haviam, de igual modo, praticado (2 Rs 18.37). Além de humilhar-se, o rei entrou na *Casa do SENHOR*, isto é, buscou direção junto ao Deus vivo.

**19.2** — O ministério do grande profeta *Isaías* havia começado no ano em que morrera o rei Uzias ou Azarias (Is 6.1), quase quatro décadas antes (740 a.C.). Isaías buscara o ímpio rei de Judá Acaz para ministrar a ele (Is 7.3); agora, o profeta estava sendo procurado pelo temente Ezequias, de cujo reinado participou. Os detalhes de 2 Reis 18.13—20.19 também são relatados em Isaías 36—39.

**19.3** — A expressão hebraica traduzida como *dia de vituperação* indica não só o grande perigo

da crise assíria da época, mas também a aflição que Ezequias sentiu. Ele percebeu que o castigo corretivo do Senhor havia chegado a Judá e a Jerusalém. A metáfora do *parto* (Os 13.13) salienta a necessidade da força interventora de Deus para libertar Jerusalém.

**19.4,5** — *O SENHOR, teu Deus, ouça [...] para vituperá-lo*. O primeiro verbo não sugere que Deus não estava ciente das palavras de Rabsaqué. Em vez disso, o discurso descreve o Deus determinado a reparar o erro.

**19.6,7** — A profecia de Isaías foi confortadora. Senaqueribe não só falhou na conquista de Jerusalém, como também sofreu uma violenta morte ao retornar para casa. Os dois pontos da mensagem profética se tornaram realidade: 20 anos depois, Senaqueribe foi assassinado (681 a.C.). Em seus anais, ele se orgulha de mais cinco campanhas militares; porém, não faz qualquer menção de outra invasão de Judá.

**19.8** — *Voltou, pois, Rabsaqué [...] se havia partido de Laquis*. Rabsaqué fizera tudo o que podia para persuadir Jerusalém a render-se pacificamente. Mas, quando ele voltou com seu relato, descobriu que o seu rei já estava distraído com outra guerra e já havia mandado seu exército para ela. Ainda assim, Rabsaqué não desistiu, como se pode ver no versículo 9.

**19.9-11** — Como *Tiraca* só se tornou rei em 690 a.C., há um aparente problema na cronologia deste versículo. Entretanto, é possível que o autor simplesmente tenha chamado Tiraca pelo título pelo qual ele era mais conhecido na época.

**19.12,13** — Este não é o *Éden* de Gênesis, mas uma área conhecida hoje como Bete-Éden, no sul de Harã (Ez 27.23; Am 1.5).

**19.14** — Em um grande ato de fé, Ezequias estendeu as cartas ameaçadoras de Senaqueribe *perante o SENHOR*. Certamente Ezequias sabia que o Senhor já tinha ciência de seu conteúdo. Mas, por este gesto simbólico, ele expressou sua dependência pessoal de um livramento advindo de Deus.

**19.15-19** — *Orou Ezequias*. Ezequias conhecia um rei maior do que o rei da Assíria (2 Rs 18.19). A confiança dele no Senhor foi demonstrada em

sua vida de oração (2 Rs 20.2), e a sua oração foi respondida favoravelmente (v. 20-34).

**19.20** — *Isaías* deu a Ezequias uma resposta proveniente do Senhor. Isto ajuda a explicar uma das maneiras pelas quais o Senhor falava aos reis durante a monarquia, pois os profetas tinham permissão para comunicar a mensagem de Deus ao rei. A declaração *o que me pediste [...] eu o ouvi* demonstra que Ezequias foi recompensado com uma promessa de libertação baseada basicamente na sua fé em Deus.

**19.21-34** — As palavras de *Isaías* nesta mensagem também podem ser encontradas, com poucas variações, em *Isaías* 37.22-35. A pessoa a quem a profecia se refere não é Ezequias; este só precisava ser encorajado. A mensagem era para *Rabsaqué*, que havia trazido a Ezequias um recado do *grande rei da Assíria*. Agora, Ezequias seria capaz de responder com uma mensagem originária de uma autoridade muito maior!

**19.21** — *A virgem*. Neste versículo se observa a aprovação de *Jerusalém* por Deus. Quando o Senhor fala ao Seu povo acerca do pecado deste, Seu discurso pode ser direto, conflituoso e, às vezes, mordaz. Mas, quando o Altíssimo fala aos outros acerca do Seu povo e da Sua cidade, Ele usa uma linguagem favorável. O povo é como uma filha virgem para Ele. No Antigo Testamento (*Sf* 3.14), o termo *a filha de Sião* devia ser *filha Sião*, sem a preposição *de*. *Sião* não *tem* uma filha; *Sião* é a filha. *Sião* (*Jerusalém*) é a filha de Deus, que Ele guardará e protegerá como um pai deve proteger a sua filha.

**19.22-24** — A resposta de Deus à oração de Ezequias veio novamente (v. 6,7) por intermédio de *Isaías* (v. 20,21). O termo *Santo de Israel* é o modo peculiar como o profeta se referia ao Senhor. Ele usou esse termo 26 vezes (*Is* 6.3). *Senaqueribe* precisava saber que seu orgulho atrevido blasfemou contra o soberano e santo Deus de todas as nações. Os versículos posteriores indicam que o Todo-poderoso conhecia não só a soberba, mas também os mais profundos pensamentos do rei assírio.

**19.25,26** — *Não ouviste*. Neste trecho, o Senhor responde ao sarcasmo de *Rabsaqué* (2 Rs

18.17-25). Desta forma, Deus confirmou Sua obra em nome de *Judá* e ridicularizou o inimigo, que parecia não ter noção alguma da realidade.

**19.27,28** — *Eu o sei*. Havia uma lacuna no conhecimento dos assírios acerca da realidade; eles não incluíam o Deus vivo no curso dos acontecimentos. No entanto, eram mais do que conhecidos pelo Senhor. Quanto ao *anzol* e ao *freiro*, são usados para refrear animais (*Sl* 32.9; *Ez* 19.4). Pelo fato de os reis assírios frequentemente tratarem seus prisioneiros de guerra de tal forma, *Senaqueribe* entendia a ameaça do Altíssimo melhor do que ninguém.

**19.29** — Deus graciosamente deu a Ezequias um *sinal* (2 Rs 20.9-11) das Suas boas intenções para com o Seu povo. Apesar de a invasão assíria ter prejudicado muito a colheita daquele ano e do posterior, no terceiro ano os campos proporcionariam uma ceifa mais do que abundante. Da mesma forma que um crescimento natural se daria por dois anos, até a colheita do terceiro, assim Deus deixou em *Israel* um remanescente que geraria uma poderosa colheita de almas no futuro (*Jl* 2.12-14; *Mq* 2.12,13; *Sf* 3.8-20).

**19.30,31** — As promessas nesta passagem foram não só para a situação do momento, mas para futuras reuniões e, também, para a reunião final do povo judeu em sua terra, quando da vinda do Messias. O sinal que garante o cumprimento dessas promessas é o solene juramento do próprio Deus (*Is* 9.7), visto que *o zelo do SENHOR fará isto*.

**19.32-34** — As promessas relativas ao remanescente (v. 30,31) têm diversas fases de cumprimento, incluindo a vinda do Messias. Nos versículos 32 a 34, entretanto, a mensagem de *Yahweh* foi específica e direta para o contexto, as palavras vangloriosas de *Rabsaqué*. O Senhor deu ênfase ao fato de que nem *Rabsaqué* nem os assírios conseguiriam atirar uma flecha sequer contra *Jerusalém*.

**19.32,33** — *Não entrará nesta cidade*. Como *Senaqueribe* posteriormente se orgulha de ter tomado 46 cidades judaicas, com relação a *Jerusalém* ele podia somente dizer que fez Ezequias “prisioneiro em *Jerusalém*, sua residência real, como um pássaro em sua gaiola”. O fato de *Jerusalém* ter

sido defendida e livrada por Deus demonstrou sua fidelidade à aliança davídica (v. 34) em face de insultos blasfemos (v. 22,23,27,28;18.34,35).

**19.34,35** — *Eu defenderei esta cidade [...] por amor de mim.* Assim como no caso da redenção de Israel do Egito, no tempo do êxodo, o livramento dos israelitas viria novamente das mãos de Deus. Ele não delegaria a obra da salvação a nenhum poder menor.

**19.36** — *Retirou-se.* Como Deus havia prometido por meio de Seu profeta Isaías (v. 32-34), Senaqueribe não se voltou contra a cidade de Jerusalém.

**19.37** — O nome *Nisroque* foi identificado como o deus Nusku ou uma forma corrompida de Mardaque, o deus tradicional da Mesopotâmia. Os eventos descritos neste versículo aconteceram 20 anos depois de Deus ter livrado Jerusalém. Quando seu pai, Senaqueribe, foi assassinado, Esar-Hadom se assentou ao trono e governou de 681 a 668 a.C.

**20.1** — A expressão *naqueles dias* designa o período do reinado de Ezequias. Enquanto muitos estudiosos entendem que os eventos do capítulo 20 aconteceram após os dos capítulos 18.13—19.37, a menção de Merodaque-Baladã (v. 12) tende a favorecer uma época anterior ao período em questão.

O autor dos livros dos Reis frequentemente escreve privilegiando os temas, em vez de a cronologia. Logo, antes de falar de outros eventos e de mencionar a invasão assíria que levou o infiel Reino do Norte à queda (2 Rs 18.9-12), o autor deve ter escolhido discutir o famoso livramento do Reino do Sul da ameaça assíria em virtude da confiança que Ezequias depositou em Deus (2 Rs 18.13—19.37).

**20.2,3** — Contraste a ação do enfermo Ezequias com a de Acázias, em 2 Reis 1.1,2. Ezequias era um grande homem de oração (19.1,14,15). A oração desse rei reconheceu que, apesar de a vida estar nas mãos de Deus, o Senhor é também um recompensador dos que o servem fielmente (Dt 5.30-33;30.15,16), por isso Ezequias disse *andei diante de ti em verdade*. O hábito de oração de Ezequias mais uma vez o favoreceu (v. 5,6;19.14-19).

**20.4-6** — O padrão de revelação divina a Ezequias se dava pelo profeta Isaías (2 Rs 19.20); compare também a palavra de Deus por intermédio de Jonas ao rei Jeroboão II (2 Rs 14.25). Nos versículos em questão, de acordo com a declaração *ampararei esta cidade*, o Senhor prometeu livramento a Jerusalém.

**20.7,8** — A prática de aplicar *pasta de figos* a ferimentos com inflamação pode ser verificada em registros do antigo Oriente Médio, mencionados já na época das tábuas Ras Shamra (de Ugarit) do segundo milênio a.C.

**20.9-10** — Mais uma vez o Senhor providenciou um sinal de Sua intervenção soberana (2 Rs 19.29-31). Diferente de seu pai, Acáz, que não dava importância a sinais divinos (Is 7.12), Ezequias aceitou o sinal com fé (v. 10,11). A confiança deste rei no Senhor (2 Rs 18.5) se sobressaiu constantemente durante o seu reinado.

**20.11,12** — *Merodaque-Baladã*, também conhecido como Berodaque-Baladã, foi um rei caldeu que por duas vezes governou a Babilônia (721—710, 703 a.C.). Eterno inimigo dos assírios, ele foi derrotado duas vezes por eles e expulso da Babilônia. Sua busca por aliados em resistência à Assíria deve ter movido a embaixada a Ezequias, especialmente porque Merodaque havia ouvido acerca do livramento miraculoso de Ezequias das mãos do exército assírio (2 Cr 32.31).

**20.12-15** — Uma das notáveis características da Bíblia é que ela não encobre os defeitos dos seus melhores heróis ou de suas heroínas. Este relato da tolice de Ezequias sucede à narrativa da sua grande confiança no Senhor (v. 1-11).

**20.16-18** — As mensagens de julgamento de Isaías eram tão importantes quanto as suas mensagens de misericórdia (capítulos 19;20.1-11). A recepção entusiasmada de Ezequias dos embaixadores de Merodaque-Baladã e a revelação de sua riqueza a eles seriam lembradas no futuro, quando a Babilônia não fosse mais amiga de Judá, conforme as palavras de Isaías *tudo [...] será levado para Babilônia*. Mesmo antes desse evento (586 a.C.), o filho de Ezequias, Manassés, foi levado para a Babilônia por um rei assírio (2 Cr 33.11). Isaías apontou a tolice de Ezequias.

**20.19** — *Boa é a palavra do SENHOR que disseste.* Apesar de Ezequias ter identificado que a terrível profecia de Isaías seria para o futuro, ele humildemente reconheceu sua tolice de pôr o seu povo em perigo.

**20.20,21** — *A piscina e o aqueduto.* Ezequias cavou um túnel entre a fonte de Giom e a piscina (ou tanque) de Siloé a fim de levar água para dentro dos muros de Jerusalém, pelo lado leste, um feito de fundamental importância na época do cerco. Foi algo notável. Os trabalhadores escavaram de extremidades opostas através de 1777 pés de rocha, seguindo um padrão de duplo s. A engenharia, que consistiu em seguir as fendas na pedra calcária, surpreende quem a comprova com os próprios olhos até hoje.

**21.1,2** — O perverso rei *Manassés* teve o mesmo nome que o filho mais velho de José (Gn 41.51). Seu reinado de *cinquenta e cinco anos* (697-642 a.C.) foi o mais longo do reino dividido. Externamente, o período foi de estabilidade política, conhecido como a Paz Assíria, uma era em que os reis Esar-Hadom (681-668 a.C.) e Assurbanipal (668-626 a.C.) reinaram e levaram o império assírio ao seu apogeu. Entretanto, a duração do reinado de Manassés não indica um bom reinado, mas a perseverança da misericórdia e da fidelidade de Deus à aliança davídica (2 Cr 33.10-13).

**21.3** — *Tornou a edificar os altos [...] levantou altares a Baal.* Tudo o que Ezequias fizera para remover a maldade da religião cananeia de Israel foi revertido por seu filho. Este versículo não sugere simplesmente que Manassés permitiu a reconstrução das imagens obscenas, mas que ele dirigiu ativamente as edificações. O ato de inclinar-se diante de todo o *exército dos céus* remete à adoração de corpos celestes, que era proibida na Lei de Deus (Dt 4.19; 17.2-7) e foi condenada pelos profetas de Israel (Is 47.13; Am 5.26). Contudo, Manassés não prestou atenção à Lei nem aos profetas (v. 7,8; 2 Cr 33.2-10).

**21.4-9** — A lista de ultrajes religiosos de Manassés parece deveras perversa. Ele chegou ao ponto de levar objetos de adoração pagã, bem como símbolos obscenos da religião da fertilidade de Canaã, para o templo do Senhor (v. 4,5,7).

Tudo o que foi conquistado pelos reis relativamente justos após os atos de Jeú (2 Rs 15.34) e pelo próprio Ezequias (2 Rs 18.4-6) foi desfeito. No entanto, apesar da crueldade de Manassés, Deus ouviu sua oração quando ele se arrependeu e decidiu fazer o bem (2 Cr 33.12-16).

**21.10,11** — O autor de Crônicas (2 Cr 33.10,11) relata que a falha de Manassés em prestar atenção aos *profetas* de Deus o levou a ser preso pelo rei assírio. O cronista também conta que o arrependimento, a restauração e os subsequentes esforços reformistas de Manassés (2 Cr 33.12,13,15,16) não aconteceram a tempo de evitar a crescente apostasia de Judá. Por isso, com a ascensão do filho de Manassés, Amom (642-640 a.C.), a maldade espiritual de Judá aflorou mais uma vez (v. 20-22).

**21.12** — *Lhe ficarão retinindo ambas as orelhas.* O anúncio deste temível julgamento foi designado para levar o rei ao arrependimento. Se o propósito de Deus fosse meramente trazer julgamento, Ele o teria feito sem anúncio algum.

**21.13** — *O cordel de Samaria.* As figuras neste versículo são poderosas. Se os israelitas tivessem qualquer percepção dos horrores que haviam recaído sobre a sua cidade irmã ao norte, eles não iriam querer ser “medidos” pelos mesmos métodos que designaram a destruição de Samaria. Deus logo traria a Jerusalém um julgamento tão terrível que nunca seria esquecido, agindo *como quem limpa a escudela*.

**21.14** — A declaração do Senhor — *desampararei o resto da minha herança* — não significa que Ele aboliria a aliança davídica (Sl 89.30-37). Em vez disso, Sua palavra neste versículo é que Judá, a remanescente política do Reino de Deus (2 Rs 17.18), também receberia castigo por seu pecado.

**21.15** — *Desde o dia.* A história do Antigo Testamento não demonstra a ira de Deus, mas o *atraso* do exercício de Sua ira.

**21.16,17** — Em tempos de profunda maldade, os verdadeiros crentes perdem sua vida (Jl 3.19). Os termos *sangue inocente* podem estar referindo-se, neste caso, ao sacrifício humano (v. 6; 2 Cr 33.6).

**21.18** — *O jardim de Uzá,* lugar em que Manassés foi enterrado, aparentemente não estava entre



## EM FOCO

## IMAGEM DE MADEIRA (HB. 'ASHERAH)

(2 Rs 17.10; 21.7; 23.6)

Esta palavra é tanto o nome da deusa cananeia da fertilidade (Aserá) como o objeto de madeira que a representa. No Antigo Testamento, o termo raramente é usado como um nome próprio (2 Rs 21.7; 23.4; 1 Rs 15.13; 18.19); é usado com mais frequência para designar a imagem de escultura (2 Rs 21.7; 1 Rs 14.15). Aserás eram postos no alto dos montes. Geralmente altares e outras imagens se encontravam ao lado dessas imagens de madeira (1 Rs 14.23; 2 Cr 31.1; 33.19).

O Senhor já havia avisado o Seu povo de que, ao adentrar a Terra Prometida, essa falsa religião iria ao encontro dele se não a banisse da terra (Êx 34.12-16; Dt 7.2-6; 12.3; 16.21). No entanto, o problema persistiu durante a maior parte do período dos juizes e dos reis (Jz 3.7; 1 Rs 16.33), apesar de reformas ocasionais buscarem eliminar essas imagens (2 Rs 18.4; Jz 6.25-30). Os profetas sempre remetiam ao abandono dessa falsa adoração, pois o julgamento de Deus estava próximo (Is 17.8; 27.9; Jr 17.2; Mq 5.14).

os outros reis de Judá. Sugere-se que esse local fora um santuário de uma divindade astral.

**21.19-22** — O perverso rei *Amom* seguiu o caminho de seu pai, Manassés, assim como *Acazias* de Israel seguiu o de seu pai, *Acabe* (1 Rs 22.51-53).

**21.23-26** — *Os servos de Amom conspiraram contra ele*. Nenhuma razão há para a conspiração que levou ao assassinato de *Amom*. Apesar de ter havido ligação com a crise internacional que precipitou a atenção renovada de *Assurbanipal* para o oeste, a maldade de *Amom* já era suficiente como causa do evento que extinguiu sua vida. Os assassinos foram executados.

**22.1** — O nome *Josias* significa *o Senhor apoia*. Assim como o nome de *Ciro* (Is 44.28; 45.1) e da cidade de *Belém* (Mq 5.2), o nome *Josias* foi anunciado por um profeta muito antes de seu nascimento (1 Rs 13.1,2).

**22.2** — *E fez o que era reto*. O jovem *Josias* aparentemente era orientado por justos conselheiros, um dos quais deve ter sido o profeta *Sofonias*. Em todo caso, sua preocupação por justiça levou a uma reforma no início de seu reinado (2 Cr 34.3-7).

**22.3** — No ano décimo oitavo de seu reinado (622 a.C.), *Josias* iniciou inúmeros reparos no templo (v. 4-7; 2 Cr 34.8-13).

**22.4** — *Hilquias, o sumo sacerdote*, foi uma grande figura no avivamento da verdadeira religião que o jovem *Josias* colocou em prática.

A obra de restauração do templo foi sob a direção desse homem.

**22.5-7** — A cuidadosa contabilidade do dinheiro utilizado na restauração do templo é parecida com a do tempo do rei *Joás* de Judá e de *Joiada*, o sumo sacerdote associado a ele (2 Rs 12.9-16).

**22.8,9** — Por *livro da Lei* pode-se entender o Pentateuco ou parte dele. Este livro, apesar de ter sido colocado ao lado da arca da aliança (Dt 31.26), deve ter sido perdido, desprezado ou escondido durante os perversos reinados de *Manassés* e de *Amom*.

**22.10-13** — *O leu diante do rei*. Este foi o dramático evento que moldou o reinado de *Josias*. Imagine o que o jovem rei deve ter sentido ao ouvir a palavra de Deus lida pela primeira vez. Novamente (2 Rs 19.1), um rei justo *rasgou as suas vestes* em genuíno remorso. As grandes qualidades de *Josias* são vistas na sanção profética que ele desejou para sua nova caminhada. Ele não ansiou continuar seu plano sem uma confirmação clara do Senhor.

**22.14** — Apesar de *a profetisa Hulda* ser mencionada somente neste versículo (e em 2 Cr 34.22-28) nas Escrituras, sugere-se que seu marido, *Salum*, seria parente de *Jeremias* (Jr 32.7-12).

**22.15** — *Hulda* é mais uma das diversas profetisas presentes nas Escrituras, assim como *Miriã* (Êx 15.20) e *Débora* (Jz 4.4). Essa mulher foi uma agente capacitada com autoridade espiritual para transmitir a palavra de Deus aos que ocupavam

os mais altos cargos da terra de Judá. Ela serviu do mesmo modo que outros profetas de Deus serviram, tais como Jeremias e Sofonias.

**22.16** — *Todas as palavras do livro.* A ameaça de calamidade que o rei ouviu pela sua apostasia pretendia reforçar a mensagem das partes do livro da Lei que foram encontradas quando o templo estava sendo reparado e lidas para o monarca (Dt 28.15-68).

**22.17-19** — Primeiro, foi dada a má notícia, endereçada principalmente aos perversos que desprezaram Deus. Depois, a boa, de que Josias seria liberto do iminente julgamento, devido à sua consagração sincera numa época muito difícil.

**22.20** — *Tu serás ajuntado em paz.* A profecia positiva de Hulda a Josias queria dizer que ele não veria a calamidade que Deus traria sobre o povo. A subsequente morte de Josias em uma batalha (2 Rs 23.29,30) não foi resultado desse julgamento divino. Como seu justo avô Ezequias, Josias não viveu para presenciar a punição aplicada a Judá pela mão de Deus (2 Rs 20.19).

**23.1** — *Todos os anciãos de Judá e de Jerusalém se ajuntaram a ele.* Isto contrasta com a grande reunião de sacerdotes e de profetas de Jeú, em antecipação ao seu grande “sacrifício” a Baal (2 Rs 10.18-31).

**23.2,3** — *O rei subiu à Casa do SENHOR [...] leu aos ouvidos deles todas as palavras do livro do concerto.* Assim como Moisés (Êx 24.3-8) e Josué (Js 8.34,35), anteriores a Josias, este seguiu o antigo padrão de justa liderança (Dt 17.18-20; 31.9-13) e reuniu o povo para renovar a aliança com Deus (Js 24). A reação espiritual do rei e as reformas que ele executou (2 Cr 35.1-19) sugerem que os textos concernentes às obrigações e às sanções do concerto deviam ser lidos ao povo.

**23.4** — Os utensílios usados na adoração pagã foram queimados nos campos de Cedrom nas reformas de Asa (1 Rs 15.13) e de Ezequias (2 Cr 29.16;30.14). Levar as cinzas desses objetos a Betel era uma grande condenação tanto dos ritos religiosos pagãos como do lugar associado a eles (1 Rs 12.28-30; Am 4.4,5). Logo, as correções efetuadas por Josias se disseminaram também no Reino do Norte.

**23.5** — O termo *sacerdotes* usado neste versículo aparece também em Sofonias, que o emprega para designar os sacerdotes que lideravam os ritos associados a Baal e a todo tipo de adoração às estrelas (Sf 1.4). Esses sacerdotes foram eleitos por reis de Judá anteriores, mas exerciam sua função fora dos limites estabelecidos para um sacerdote de Deus. Oséias havia condenado os sacerdotes idólatras que realizavam seu ofício adorando bezerros em Betel (Os 10.5).

**23.6** — Apesar de destruídos por Ezequias (2 Rs 18.4), os *ídolos do bosque* associados à adoração a Aserá haviam sido reintroduzidos por Manasés (2 Rs 21.7) e por Amom (2 Rs 21.21;13.6).

**23.7-9** — *Prostitutos cultuais.* Esse tipo de prostituição era parte das ímpias práticas da religião cananeia (1 Rs 14.24;15.12;22.46) em seus ritos de fertilidade. O abominável nesta passagem não é o fato de essas pessoas pervertidas praticarem a prostituição em Jerusalém, mas de terem postos de trabalho (*casas*) na Casa do SENHOR.

**23.10** — Alguns estudiosos põem *Moloque* no mesmo patamar que uma divindade pagã chamada Milcom, o deus amonita (1 Rs 11.5), ou que um deus pessoal cananeu (Lv 20.1-5) ao qual se adorava em Jerusalém. Outros estudiosos acham que Moloque era o nome de um tipo de sacrifício de crianças associado a Baal (Jr 7.31,32;19.5,6;32.35).

Provas de sacrifícios de crianças foram encontradas em escavações na cidade fenícia de Cartago. Os atrozes ritos realizados no vale dos filhos de Hinom, bem como o costume de utilizar a área como um depósito de lixo onde os restos eram queimados, deram ao lugar, posteriormente, o nome que em hebraico é *gê hinnom* (*inferno*, no Novo Testamento), referindo-se às obras pecaminosas e indignas dos crentes que não têm comunhão com o Senhor.

O contexto de Mateus 10.28 e de Marcos 9.43 é o ensinamento sobre *recompensa* (Mt 10.41,42; Mc 9.41). A ideia de inferno é latente também em Tiago, quando o autor alerta sobre o mau uso da língua (Tg 3.6).

**23.11-14** — *Cavalos que os reis de Judá tinham destinado ao sol.* Escavações em Jerusalém



descobriram um santuário usado na adoração ao sol que data do tempo de Jeosafá. Cavalos de pequeno porte com discos solares na testa foram encontrados tanto em Jerusalém como em Hazor.

**23.15-17** — As ações de Josias foram profetizadas há tempos por um profeta que denunciou o altar de Jeroboão I *que estava em Betel* (1 Rs 13.26-32). O cumprimento literal dessa profecia confirma que esse homem de Deus era um verdadeiro profeta (Dt 18.22).

**23.18,19** — *Do profeta que viera de Samaria.* O profeta de Samaria era o velho profeta de Betel (1 Rs 13.11). Samaria é o nome de toda uma área, não só de uma cidade que tempos depois se tornou a capital do Reino do Norte (1 Rs 13.32; 16.23,24). Após a morte do homem de Deus que havia denunciado o altar de Jeroboão I em Betel, esse veterano profeta pediu que em sua morte ele fosse enterrado em Betel, ao lado do profeta de Judá.

**23.20** — *Sacrificou todos os sacerdotes dos altos.* Por estes não serem levitas, foram executados como mandava a Lei de Deus (Dt 17.2-7). Os verdadeiros sacerdotes do Senhor que ministravam nos altos de Judá foram poupados. Os santuários foram demolidos (v. 8,9). Por fim, estes sacerdotes não podiam exercer seu ofício no templo em Jerusalém. Eles foram tratados, então, como sacerdotes com defeitos físicos (Lv 21.17-23).

**23.21,22** — *A Páscoa.* A restauração dos locais de culto foi parte do avivamento da adoração espiritual. Apesar de Ezequias ter celebrado uma Páscoa (2 Cr 30), ele não a havia celebrado exatamente como requeria a Lei (2 Cr 30.13-20). Por isso, os estritos requisitos da Lei (2 Cr 35.1-19) não eram cumpridos *desde os dias dos juizes.*

Além disso, a Lei de Deus era observada da mesma maneira por crentes de Judá e por crentes de Israel (2 Cr 35.18). Isso mostra que generaliza quem diz “tribos perdidas de Israel”. É fato que nunca houve um retorno geral das pessoas que foram despovoadas do Reino do Norte como houve o retorno a Judá das que permaneceram no cativo do Reino do Sul.

Apesar de tudo, muitas pessoas do Reino do Norte migraram para Judá nos anos que sucederam

ram à queda de Samaria. Outras também devem ter retornado a Israel de diversas maneiras dentro de um determinado período. Na época do Novo Testamento, há evidências de povos de todas as 12 tribos originais.

**23.23-25** — *E antes dele não houve rei semelhante.* Josias foi o único rei de Israel e de Judá que seguiu a Lei. Assim como seu avô Ezequias, conhecido por ser ímpar em relação à confiança no Senhor (2 Rs 18.5), Josias verdadeiramente era um rei justo. Em função dos notáveis exemplos de justiça desses monarcas, os autores dos livros dos Reis e de Crônicas dedicam espaço considerável ao reinado deles (capítulos 18—20; 22.1—23.30; 2 Cr 29—32; 34; 35).

**23.26,27** — Apesar dos esforços de Josias, o pecado de Judá era tão entranhado que o julgamento era inevitável (2 Rs 17.18,19; 23.26,27; Lm 1.5). Mesmo Manassés tendo se arrependido, os frutos de seu pecado ainda eram colhidos por Josias.

**23.28-30** — *Faraó-Neco* (609—594 a.C.) havia sido coroado recentemente na vigésima sexta dinastia egípcia. Durante os longos anos do reinado de Josias (640—609 a.C.), o poder assírio havia se desagregado, assim como dissera Naum. A própria Nínive havia caído (612 a.C.) nas mãos de uma coligação entre caldeus, medos e outros povos. As forças assírias sobreviventes haviam se reagrupado em Harã.

Por ser o Egito um antigo aliado da Assíria, Neco partiu para o norte a fim de ajudar os sitiados assírios. O posicionamento estratégico das tropas de Josias no vale de Megido foi uma tentativa de evitar que os egípcios ajudassem as forças assírias em Harã. Apesar de Faraó-Neco ter se atrasado suficientemente para que Harã estivesse perdida para os assírios, a ação de Josias, no final, custou-lhe a vida (2 Cr 35.20-25).

**23.31-36** — Jeocaz (chamado de Salum em Jr 22.11) foi o terceiro filho de Josias (2 Rs 24.18; 1 Cr 3.15). O nome Jeocaz significa *o Senhor se apoderou*. É o mesmo nome do rei de Israel, o filho de Jeú (2 Rs 10.35). Joanã, o primeiro filho de Josias, aparentemente morrera, e Eliaquim (ou Jeoaquim), o segundo filho, assumiu o lugar do

pai. Um quarto filho, Matanias (ou Zedequias), em algum momento no futuro, ascende ao trono e governa, sendo o último rei de Judá (598—586 a.C.).

O reinado de *três meses* de Jeoacaz chegou ao fim com o retorno de Faraó-Neco de Harã. Jeoacaz foi mandado para Ribla, a sede de Neco na Síria. Depois, foi levado para morrer no Egito. Seu irmão Eliaquim foi coroado com o nome mudado para Jeoquim. Judá, então, tornou-se um mero vassalo do Egito. A maldição pela desobediência de Judá estava prestes a cair (Dt 28.64-68).

**23.37** — *Fez o que era mal aos olhos do SENHOR.* O curto reinado de Jeoquim (608—598 a.C.) ficou conhecido pela extrema maldade desse rei (2 Cr 36.5,8). Jeremias o descreveu como um monstro desprezível que se aproveitou de seu povo (Jr 22.13,14,17), encheu a terra com todo tipo de vício e de violência (Jr 18.18-20) e opôs-se a tudo que era santo (Jr 25.1-7). Diferente de seu pai, Josias, que conduziu a nação a uma reforma pela palavra de Deus (2 Rs 22.11;23.1-25), Jeoquim chegou a cortar e a queimar um rolo das Escrituras (Jr 36.21-24) e a matar Urias, um verdadeiro profeta do Senhor (Jr 26.20-23).

**24.1** — Após derrotar os assírios e os egípcios na batalha de Carquemis (605 a.C.), Nabucodonosor invadiu Judá e escravizou a nação. Ele tomou Daniel e outros notáveis para a Babilônia como espólios de guerra. Nabucodonosor, que sucedeu ao seu pai como o rei da Babilônia em 605 a.C., reinando até 562 a.C., orgulhou-se em seus anais de 605 e de 604 a.C. da submissão de toda a Síria, assim como de toda a Palestina. Jeoquim serviu a Nabucodonosor por *três anos* antes de rebelar-se, encontrando coragem, talvez, quando Faraó-Neco obteve sucesso em fazer a Babilônia voltar à fronteira egípcia em 601 a.C.

**24.2** — O nome *caldeus* era originalmente conferido a certos habitantes do sul da Mesopotâmia. Mas, no período neobabilônico, o termo se tornou a identidade babilônica. A própria Babilônia se chamava Caldéia. Após a queda do império babilônico ou caldeu, esse nome passou a ser usado para significar *adivinho* (Dn 2.2). Neste versículo, tem-se o senso étnico do termo.

Não somente caldeus, mas partidos de incursão de países vizinhos assediaram Judá.

**24.3-7** — Por Jeoquim e Judá terem repetido os *pecados de Manassés* (2 Rs 21.1-17), o julgamento de Deus era inevitável. O próprio Jeoquim logo morreria, justamente na segunda campanha empreendida por Nabucodonosor em Judá (598 a.C.).

**24.8-11** — O nome *Joaquim* significa *o Senhor determinou*. Em função de as descrições bíblicas de Joaquim parecerem representá-lo como um jovem maduro (Jr 22.24-30; Ez 19.6), a idade dele a que se tem acesso era provavelmente *dezoito anos*, em vez de oito, como se vê em alguns manuscritos (2 Cr 36.9).

**24.12,13** — Aparentemente, Joaquim havia morrido antes de Nabucodonosor ter chegado a Jerusalém, porque foi *Joaquim* quem foi levado cativo com outros líderes de Judá (como Ezequiel; Ez 1.1). Ele reinara apenas três meses (v. 8); o ano era 598 a.C. Jeremias o chamava de *Jeconias* e de *Conias* (Jr 22.24,28).

**24.14** — Talvez *dez mil* seja um número arredondado de deportados de todos os tipos de Judá e de Jerusalém. É provável que o número incluía várias categorias de exilados, tais como os mencionados no versículo 16.

**24.15** — *Transportou Joaquim para a Babilônia.* A prisão de Joaquim (2 Cr 36.9,10) fora profetizada em Jeremias 22.24-27. Diferente de Jeoacaz, que havia sido levado para o Egito anteriormente (2 Rs 23.33), não sendo mais tão mencionado, Joaquim tem sua eventual libertação registrada duas vezes (2 Rs 25.27-30; Jr 52.31-34).

**24.16,17** — *Matanias* era o filho mais novo de Josias. Seu nome significa *o presente do Senhor*. Os três filhos de Josias que lhe sucederam no trono reinaram com nomes diferentes: Salum (1 Cr 3.15; Jr 22.11) governou como Jeoacaz (2 Rs 23.31); Eliaquim, como Jeoquim (2 Rs 23.34); e Matanias, como Zedequias. Da mesma forma, Jeconias (1 Cr 3.16; Jr 24.1), o filho de Jeoquim, governou como Joaquim (2 Rs 24.8).

**24.18,19** — Matanias, que governou com o nome de *Zedequias*, assentou-se ao trono em 598 a.C. Este foi o ano da morte de Jeoquim e da

prisão de Joaquim. Zedequias permaneceu no governo até a queda de Jerusalém, em 586 a.C.

**24.20** — *Zedequias se revoltou contra o rei de Babilônia.* O rei de Judá inocentemente esperava que os egípcios que se encontravam sob o governo do Faraó Apriés (ou Hofra, Jr 44.30) fossem ajudá-lo (Ez 17.15-18). Apriés havia, há pouco, sucedido a Psantik II (594-588 a.C.) no trono. Ele tinha grandes planos para a glória renovada do Egito. Infelizmente, seus projetos não se realizaram. Apesar de Apriés ter desafiado Nabucodonosor atacando a Fenícia e auxiliando Zedequias (Jr 37.5), ele não foi capaz de dar livramento a Judá (Jr 37.7,8). Seu reinado terminou num golpe de estado que, no fim, custou-lhe a própria vida.

**25.1,2** — *Undécimo ano.* O cerco a Jerusalém durou quase dois anos (v. 1). Uma comparação com outros textos do Antigo Testamento fornece



*Campanhas de Nabucodonosor contra Judá (605-586 a.C.)*

*Nabucodonosor se tornou rei da Babilônia em 605 a.C. e conduziu diversas campanhas militares na Palestina. Foi ele quem pôs fim à revolta de Joaquim por volta do ano 602 a.C., deportou este rei em 597 a.C. e destruiu Jerusalém em 586 a.C.*

as seguintes informações a respeito dos últimos dias de Jerusalém: a derrubada dos muros dessa cidade pela Babilônia e a fuga de Zedequias (v. 3-7; Jr 39.2-7; 52.6-11); o aprisionamento de Jerusalém e de seus cidadãos (v. 8-12; Jr 39.8-10; 52.12-16; 2 Cr 36.19); os saques à cidade (v. 13-17; Jr 52.17-23; 2 Cr 36.18); a execução de oficiais e a deportação de cidadãos (v. 18-21; Jr 52.24-30; 2 Cr 36.17,20,21), poupando Jeremias (Jr 39.11-14).

**25.3,4** — A rota de fuga de Zedequias se deu por entre *dois muros*, perto do jardim real, ao sudeste da cidade.

**25.5,6** — Após sua captura, Zedequias foi levado a Ribla, ao rio Orontes, na Síria, que era o campo sede das campanhas do oeste de Nabucodonosor. Jeoacaz já havia sido levado para lá anteriormente, por Faraó-Neco (2 Rs 23.33).

**25.7-9** — *Vazaram os olhos a Zedequias.* Os anais do antigo Oriente Médio frequentemente mencionam o vazamento de olhos do povo conquistado. A última cena que Zedequias viu foi a recompensa pela tolice de seu pecado — o horrível espetáculo da morte de seus filhos. Ele ficou com esse evento gravado na memória até morrer numa prisão babilônica (Jr 52.11).

**25.10-16** — *Os muros em redor de Jerusalém* permaneceram em ruínas um século e meio (Ne 2.11-6.16).

**25.17** — Talvez *três côvados* fossem a altura do capitel sem contar a ornamentação, pois 1 Reis 7.16 e Jeremias 52.22 registram a altura do capitel como cinco côvados.

**25.18-20** — Apesar de *Seraías* ter sido executado em Ribla (v. 21), seu filho Jeozadaque foi apenas deportado (1 Cr 6.15). Da linhagem de Jeozadaque viria Esdras, o sacerdote e grande reformista que um dia retornaria a Jerusalém e continuaria a obra de Seraías (Ed 7.1). O segundo sacerdote martirizado, *Sofonias*, pode ser o sacerdote mencionado por Jeremias (Jr 21.1; 29.5). Jerusalém seria menos propensa a futuras revoltas com a ausência dos principais oficiais religiosos e civis.

**25.21** — Da mesma forma que Israel (2 Rs 17.18), Judá foi *levado preso* por causa de sua apostasia.



### VOCE SABIA?

#### O TRATAMENTO ESPECIAL DE JOAQUIM

A razão pela qual Joaquim recebeu um tratamento especial dos babilônios (2 Rs 25.27-30) foi por ele, e não Zedequias, ter sido considerado o verdadeiro rei de Judá. Além de acomodações diferenciadas na Babilônia, Joaquim deve ter podido conservar suas terras, como administrador.

**25.22** — O pai de *Gedalias*, *Aicão*, havia apoiado Jeremias em suas lutas contra os oficiais apóstatas de Judá (Jr 26.24). O treinamento de *Gedalias* e sua descendência de uma família conhecida por seu posicionamento contra as instituições oficiais sem dúvida fizeram-no aceitável aos babilônios.

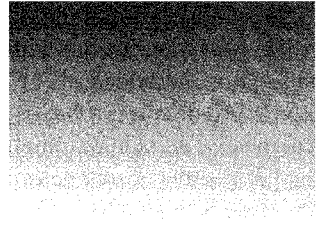
O profeta Jeremias, poupado pelos babilônios (Jr 39.11-14; 40.1-5), teve permissão para ficar e ajudar *Gedalias* no processo de reconstrução de Judá (Jr 40.6). Há confirmação da importância de *Gedalias* num selo recuperado em Laquis mencionando-o como alguém “sobre a casa”, isto é, um administrador sênior.

**25.23-26** — *Mispa* havia sido por muito tempo um centro de suma importância espiritual e política (1 Sm 10.17; 1 Rs 15.22). Era o local

ideal para o governo da província. Quanto ao nome *Jazanias*, aparece num selo encontrado em Mispa. Os assassinatos de *Ismael* e o papel de *Joanã* nos eventos são detalhados por Jeremias (Jr 40.7—43.7).

**25.27** — *Evil-Merodaque* sucedeu a Nabucodonosor e reinou por pouco tempo (561—560 a.C.). Tábuas do reinado de Nabonido (555—539 a.C.) registram as provisões diárias de Joaquim, que é chamado de “*Yaukin*, rei da terra de *Yahud* (Judá)”.

**25.28-30** — *E lhe falou benignamente*. A benignidade de *Evil-Merodaque* para com Joaquim finaliza o segundo livro de Reis — num raio de esperança. O exílio não foi o fim de Israel nem da linhagem davídica.



O livro de

---

# 1 Crônicas

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** primeiro livro de Crônicas é uma história inspirativa. Tendo-o escrito após o exílio, o autor buscou inspirar os israelitas remanescentes com a própria extraordinária herança espiritual. Apropriadamente, o livro enfoca Davi, que não foi somente o grande rei de Israel, mas também um dos maiores líderes espirituais. Quando ele se tornou rei, uma de suas prioridades foi estabelecer a adoração a Deus como o centro da vida da nação de Israel. Em meio a uma grande celebração, Davi trouxe a arca da aliança a Jerusalém e nomeou sacerdotes para ministrar cultos regularmente diante dela (cap. 15; 16). Suas ações demonstraram sua preocupação de que todo o Israel desse *ao SENHOR a glória de seu nome* (1 Cr 16.29). Este foi o extraordinário legado espiritual de Israel: a verdadeira adoração ao Deus vivo.

É evidente o fato de Crônicas ser fruto de um processo compilatório. O cronista fez uso dos livros de Samuel e Reis em cerca de metade da narrativa. Da mesma forma, as genealogias no início do livro são majoritariamente derivadas do Pentateuco. O compilador, inclusive, cita algumas das suas fontes. Entre essas genealogias, há a das várias tribos (1 Cr 7.9,40), o livro dos reis de Israel (1 Cr 9.1) e os livros de Samuel, Natã e Gade (1 Cr 29.29).

Há um paralelo entre inúmeras passagens de Crônicas e os livros de Samuel e Reis. O fato de as passagens em Crônicas apresentarem uma ou outra discrepância com relação a estes dois outros livros leva alguns estudiosos a crerem que o cronista não estava preocupado com a precisão na citação, ou que os autores de todos

os livros tinham em comum outra fonte na qual podiam basear-se. De um jeito ou de outro, a inspiração e a autoridade de 1 Crônicas são indiscutíveis. Ao discorrer sobre os mesmos eventos, o compilador deste livro, simplesmente, enfatiza uma perspectiva acerca deles diferente das dos autores de Samuel e Reis. O mesmo se constata nos evangelhos sinóticos, pois cada um apresenta algumas das mesmas histórias de Jesus de maneiras diferentes, cada qual observando novos detalhes e novas perspectivas dos eventos.

Tal ênfase diferenciada do cronista explica muitas diferenças entre as narrativas de Crônicas e Samuel. Algumas das aparentes contradições, especialmente quando se trata de ortografia e numeração, podem ser justificadas como inadvertência na cópia ou na transmissão do texto. Os números parecem ter sido escritos em anotações que podiam ser facilmente confundidas, e muitas das diferenças entre Crônicas e Samuel podem ter ocorrido devido a isso. Em muitos momentos, as discrepâncias são apenas aparentes. De qualquer forma, nenhuma delas ameaça a inspiração e a inerrância do texto original.

Escrevendo aproximadamente quando os israelitas retornavam do cativeiro, o cronista quis enfatizar a continuidade dos israelitas com seu passado. Os remanescentes estavam retornando a Jerusalém para reconstruir o templo por causa das promessas que Deus havia feito a Davi anos antes (Ed 7.10-23). As promessas de Deus ainda estavam sendo cumpridas, embora o povo tivesse sido escravizado.

A longa seção genealógica no primeiro livro de Crônicas enfatiza esta continuidade com o passado (cap. 1—9). As genealogias mostram que as promessas a Davi foram fundadas nas antigas promessas de Deus aos patriarcas. Deus prometera a Abraão que Ele o faria o pai de uma grande nação por meio da qual Ele abençoaria toda a terra (Gn 12.1-3). O Senhor havia prometido também que um rei governaria esta nação especial (Gn 17.6). Foi revelado a Jacó que o rei descenderia especificamente do filho de Jacó, Judá (Gn 49.10). Finalmente, a genealogia no livro de Rute explica a ligação entre a promessa

e seu cumprimento, mapeando-se a linhagem de Judá por intermédio de seu filho, Perez, até o rei Davi (Rt 4.18-22). Deus havia fielmente cumprido Sua promessa.

O primeiro livro de Crônicas reconta a linhagem do povo da promessa de Deus e enfatiza a conexão entre Perez e o rei Davi (1 Cr 2.5-15). Deus estabeleceria Seu Reino na terra mediante a linhagem real de Davi (1 Cr 17.7-15; Gn 17.7,8; 2 Sm 7). Os reis que o Senhor havia prometido a Abraão começariam por Davi e culminariam naquele que reinaria eternamente, Jesus (1 Cr 17.14; Mt 9.27; 12.23; Mc 10.47,48; Lc 18.38). Como Deus havia feito a promessa a Davi, o remanescente fiel acabou herdando a mesma promessa.

Como o cronista tinha a intenção de encorajar os israelitas em seu retorno, ele procurou focar as glórias do reino davídico — a conquista de Jerusalém (1 Cr 11.4-9), seus heroicos soldados (1 Cr 11.10-47), suas vitórias sobre os filisteus (1 Cr 18.1-12) e sua celebração ao trazer a arca para Jerusalém (1 Cr 15.25-29). Por outro lado, o autor de Samuel conta a história de Davi como uma biografia objetiva e realista, não ofuscando, assim, os pecados e as falhas deste rei (1 Cr 13.9-14; 21.1,8). Surpreendentemente, este livro omite as histórias que revelam a fraqueza de Davi — seu caso com Bate-Seba, o assassinato de Urias pelas suas mãos (2 Sm 11) e seu desentendimento com o seu filho Absalão (2 Sm 15). Estas histórias, as quais o segundo livro de Samuel apresenta em detalhes, são omitidas não para dar uma falsa impressão da personalidade do rei Davi, mas para inspirar os remanescentes a seguirem os passos espirituais dele.

Em um tempo em que os israelitas estavam reconstruindo a nação e o templo (Ed 3.7-13), o cronista descreve o reino de Davi como um reino fundamentado na verdadeira adoração a Deus. Não o trono, mas o tabernáculo e o templo são o foco do reino davídico. O primeiro livro de Crônicas, extensivamente, descreve como Davi transportou a arca da aliança para um lugar de adoração apropriado (1 Cr 13.1—16.3), nomeou ministros e sacerdotes apropriados

(1 Cr 16.4-6, 37-43; 23.1—26.32) e fez planos para a construção de um templo permanente (cap. 22,28,29). O tema de Crônicas é o estabelecimento do reino de Davi pelo próprio Deus (1 Cr 29.10,11) em cumprimento à Suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó. Por meio da aliança davídica, o reino de Davi incorporou a promessa do futuro reino, cujo governante foi o grande Filho de Davi, Jesus Cristo.

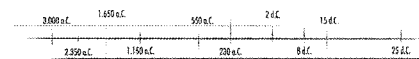
Originalmente, tanto o primeiro como o segundo livro de Crônicas foram uma obra só. A consistência de estilo geral do livro indica que, apesar de muitos terem trabalhado nele conjuntamente em diversas etapas, ao que tudo indica, um único editor moldou o produto final. A tradição judaica identifica o editor como Esdras. Este viés encontra respaldo nos temas e nas ênfases comuns entre Crônicas e o livro de Esdras. Ambos

enfocam a construção e a consagração do templo. Entretanto, há quem defenda que as genealogias em 1 Crônicas 3.17-24 descartam a autoria de Esdras, já que incluem 11 gerações após Zorobabel. Para se incluir tal informação, o livro precisaria ter sido escrito, pelo menos, em meados do século 3 a.C.

Por outro lado, é possível que 1 Crônicas 3.17-24 incluía somente três gerações. Neste caso, uma data de aproximadamente 425 a.C. para o término de Crônicas faz sentido. Esdras, atuante de 460 a 430 a.C., pode ter incorporado esta genealogia ao livro. Enfim, a visão judaica tradicional de que Esdras tenha escrito Crônicas pode ser aceita se considerarmos Esdras um compilador. Ele fez uso de fontes e documentos que podem ter sido a causa das diferenças entre os livros de Esdras e Crônicas.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM 1 CRÔNICAS



Ano 1900 a.C. — Jacó vive em Canaã com sua família

Ano 1400 a.C. — Os israelitas conquistam a Terra Prometida

Ano 1050 a.C. — Saul se torna o rei de Israel

Ano 1010 a.C. — O reino de Davi se inicia em Hebrão

Ano 997 a.C. — A arca é trazida para Jerusalém

Ano 990 a.C. — Davi trava guerra contra os amonitas

Ano 972 a.C. — Davi estoca materiais para a construção do templo

Ano 970 a.C. — Davi morre e Salomão se torna o rei

Ano 930 a.C. — Salomão morre e o reino se divide



## ESBOÇO

- I. As genealogias — 1.1—9.44
  - A. As genealogias patriarcais — 1.1-54
  - B. A genealogia de Judá — 2.1—4.23
  - C. A genealogia de Simeão — 4.24-43
  - D. A genealogia de Rúben — 5.1-10
  - E. A genealogia de Gade — 5.11-17
  - F. A campanha do hagarenos — 5.18-22
  - G. A genealogia da meia tribo de Manassés — 5.23-26
  - H. A genealogia de Levi — 6.1-81
  - I. A genealogia de Issacar — 7.1-5
  - J. A genealogia de Benjamim — 7.6-12
  - K. A genealogia de Naftali — 7.13
  - L. A genealogia de Manassés — 7.14-19
  - M. A genealogia de Efraim — 7.20-29
  - N. A genealogia de Aser — 7.30-40
  - O. A genealogia de Benjamim — 8.1-40
- P. Os fundadores de Jerusalém — 1 9.1-34
- Q. A genealogia de Saul — 9.35-44
- II. A ascensão de Davi — 1 Crônicas 10.1—22.1
  - A. A morte de Saul — 1 Crônicas 10.1-14
  - B. A sucessão de Davi — 11.1—12.40
  - C. A transferência da arca — 13.1-14
  - D. O estabelecimento do governo de Davi — 14.1-17
  - E. A chegada e a instalação da arca — 15.1—16.43
  - F. A aliança de Deus com Davi — 17.1-27
  - G. As relações internacionais de Davi — 18.1—20.8
  - H. O censo e os resultados de Davi — 21.1—22.1
  - I. As preparações para a sucessão — 22.2—29.30
    - 1. A preparação de Davi para a construção do templo — 22.2-19
    - 2. A preparação de Davi para as nomeações religiosas e políticas — 23.1—27.34
    - 3. A grande assembleia de Davi — 28.1—29.22
    - 4. A sucessão de Salomão — 29.22-30

## COMENTÁRIO

**1.1-5** — *Adão, Sete, Enos*. Os nomes destes antigos personagens do pré-dilúvio foram incluídos na genealogia com as pessoas cujas identidades históricas nunca foram questionadas, como a de Davi (1 Cr 2.15) e a de Zorobabel (1 Cr 3.19). Isso indica que o cronista não tinha dúvidas quanto à historicidade delas.

**1.6** — *Rifate*. No hebraico, grafa-se *Riyphath* ou, provavelmente por erro ortográfico, *Diryphath*. Há traduções em que este nome se escreve com *D*, em vez de *R*. Isso se dá porque as letras que se traduzem por estas, em nosso idioma, eram muito parecidas no texto original em hebraico.

**1.7,8** — *Dodanim* se refere aos rodos, nativos da ilha grega de Rodos. Os filhos de Cam eram grandes nações que foram indicadas por alguns dos seguintes nomes: *Cuxe*, que se refere aos etíopes; *Mizraim*, aos egípcios, e *Canaã*, aos cananeus.

**1.8,9** — Grandes nações são indicadas nos nomes dos filhos de Cam: *Cuxe* é a Etiópia; *Mizraim*, o Egito, e *Canaã*, os cananeus.

**1.10,11** — *Cuxe gerou a Ninrode*. Parece que o cronista usou a genealogia de Gênesis 10 como a fonte primária para sua genealogia. Contudo, usou-a seletivamente, pois a passagem de Gênesis 10.9-12, por exemplo, não foi incluída. O aparente propósito desta genealogia foi estabelecer a linha entre Adão e Davi, e entre Davi e a monarquia davídica reinante.

**1.12** — *Caftoreus*. Estes eram habitantes de Caftor (Dt 2.23), conhecida nos antigos textos acadianos como Kaptara, provavelmente a atual Creta. Os caftoreus tinham relação com os filisteus. Na verdade, os dois termos eram considerados sinônimos (Jr 47.4; Am 9.7).

**1.13-17** — *Hete* fundou a nação dos heteus (onde hoje está a Turquia central), a qual alcançou grande poder e importância em meados do segundo milênio a.C. Após o reino heteu ser conquistado pelos Povos do Mar, por volta de 1200 a.C., muitos heteus se estabeleceram em enclaves na Síria e na Palestina.

**1.18** — *Héber* foi ancestral de Abraão, Isaque e Jacó. Este nome deu origem ao termo *hebraico* e era usado para se referir aos israelitas. O lugar





## COMPARE

## COMO OS LIVROS DE CRÔNICAS E DE REIS DIFEREM

Em 1 e 2 Crônicas são repetidas muitas informações encontradas em 1 e 2 Reis. Contudo, o quadro seguinte mostra os quesitos em que esses livros diferem um do outro.

	1 e 2 Crônicas	1 e 2 Crônicas
<b>Estilo</b>	Realista	Idealista
<b>Perspectiva</b>	Civil e político	Espiritual e moral
<b>Tom/Finalidade</b>	Acusativo. Para documentar os fracassos do povo de Deus	Incitativo. Para encorajar os judeus que retornaram do cativo
<b>Foco</b>	O Reino do Norte e o do Sul e todos os reis, tanto os bons como os maus	O Reino do Sul. Os reis Davi, Salomão e outros reis piedosos de Judá
<b>Discussão sobre o templo e a adoração</b>	cinco capítulos (1 Rs 5—8; 2 Rs 12)	vinte capítulos (1 Cr 13.15; 16; 22—26; 28; 29; 2 Cr 2—7; 24; 30; 34)

que Héber ocupa nas genealogias de Abrão em Gênesis e em 1 Crônicas sugere uma relação entre as palavras hebraico e Héber (1 Cr 1.24-27; Gn 10.21; 11.10-26). De fato, o nome hebraico pode simplesmente significar *Héber*.

**1.19-27** — *Se repartiu a terra*. Isto se refere à divisão da população da terra quando, após o julgamento de Deus sobre a torre de Babel, a raça humana se espalhou pelo globo. Cronologicamente, *Pelegue* aparentemente nasce entre Sem e Abrão (1 Cr 1.24-27), a época mais provável para o episódio da torre de Babel.

**1.28-31** — *Isaque* foi o filho da aliança, por isso seu nome aparece antes do de Ismael ao serem mencionados juntos, mesmo tendo *Ismael* nascido primeiro. Além disso, Ismael foi o filho de Agar, a concubina de Abraão, não de sua esposa, Sara.

**1.32,33** — Tanto Ismael quanto *Midiã* descendiam de Abraão. Ismael, por uma concubina, e Midiã, por outra esposa que Abraão teve após a morte de Sara (Gn 25.1,2). Os ismaelitas e os midianitas foram tribos que viveram nos desertos árabes e eram frequentemente associados uns aos outros e, até mesmo, confundidos uns com os outros (Gn 37.25-28).

**1.34-36** — *Timna* foi a concubina de Elifaz (Gn 36.12). O filho de Timna, Amaleque, foi o

fundador dos amalequitas, um povo que se tornou um dos inimigos mais persistentes de Israel (Êx 17.8-16; Dt 25.17-19; 1 Sm 15.1-3).

**1.37,38** — *Seir* foi o nome patriarcal da população pré-edomita das regiões leste e sul do mar Morto (Gn 36.20-30). Timna, a nora de Esaú (1 Cr 1.35,36), foi a irmã de Lotã e filha de Seir. Logo, o povo de Seir e os descendentes de Esaú eram ligados por laços matrimoniais. Juntos, estes dois grupos populacionais se tornaram o reino de Edom (1 Cr 1.43).

**1.39-43** — *Os reis [...] de Edom*. Compare com Gênesis 36.31-39. Estes reis, aparentemente, foram descendentes de Esaú. Os edomitas foram governados por reis muitos séculos antes dos israelitas. Tal fato ajuda a explicar, mais tarde, a demanda de Israel por um rei sobre si, para que o julgasse, assim como o tinham as outras nações (1 Sm 8.5). Apesar dos reis edomitas terem governado em sucessão, não foram parte de uma dinastia, como diz a referência às suas cidades. Aparentemente, Edom não possuía uma capital, e seus reis governavam do lugar que queriam chamar de lar, o qual podia ser qualquer um.

**1.44-54** — A palavra hebraica traduzida como *príncipes* [*allupim*] normalmente se refere a líderes militares. Compare com Gênesis 36.40-43.

Não fica claro se eles sucedem os reis mencionados anteriormente. Pode ser que esse título sugira uma nova e diferente forma de governo ou que eles servissem aos reis como oficiais militares.

**2.1,2** — Compare a ordem dos *filhos de Israel* com Gênesis 35.23-26.

**2.3** — Apesar de ele ser o quarto filho de Jacó (v. 1), *Judá* aparece em primeiro lugar na detalhada genealogia, porque a promessa messiânica estava para ser cumprida por intermédio dele (Gn 49.10). Portanto, o cronista revela que sua genealogia e sua apresentação dos eventos históricos são controladas pela importância teológica, não pela real cronologia.

**2.4,5** — Diferente de Gênesis, mas fiel aos propósitos teológicos, o autor não menciona os detalhes do tratamento vergonhoso de Judá à sua nora ou da sua exposição subsequente (Gn 38.12-26). Ele quer somente estabelecer a linhagem entre Judá e Davi. Todavia, ele não pôde evitar completamente a implicação da impropriedade, pois ele teve de, pelo menos, mencionar quem *Tamar* foi.

**2.6-9** — Apesar da linhagem de Davi ter incluído Perez, o irmão de Zerá, os descendentes de Zerá são mencionados nesta passagem em função da importância de Acar (1 Cr 2.7), também chamado de Acã na narrativa de Josué 7.10-26. *Etã, Hemã, Calcol e Darda* são mencionados por causa de seu papel na música do templo, sob o governo do rei Davi, e também por sua distinção como poetas e sábios (1 Cr 15.16-19; 1 Rs 4.29-31).

**2.10-14** — Esta genealogia é seletiva, pois focaliza apenas os mais importantes membros da linhagem. Por exemplo, *Naassom* foi o líder da tribo de Judá no tempo da marcha no deserto, de Sinai a Cades-Barnéia (Nm 1.7, 2.3; 7.12). O tempo entre Judá e Naassom foi de 450 anos (mais de cinco gerações, 1 Cr 2.4-10).

**2.15** — Jessé teve sete filhos, sendo *Davi* o mais novo deles (compare com 1 Sm 16.10,11 e 17.12, onde parece que Jessé teve oito filhos).

**2.16,17** — *Irmãs* eram raramente mencionadas em genealogias antigas. Entretanto, esta genealogia presta atenção específica à família de Davi, o que inclui suas irmãs.

**2.18-24** — Este *Calebe* não foi o famoso companheiro de Josué (Nm 13.6; Js 14.6,7) que existiu há vários séculos, durante a conquista de Canaã. Na verdade, Bezalel (1 Cr 2.20), um dos descendentes deste Calebe, foi um artífice encarregado da construção do tabernáculo no deserto (Êx 31.2).

**2.25-41** — Os *filhos de Jerameel*, mais tarde, ocuparam o Neguebe, a área desértica do sul de Judá.

**2.42-48** — Este é o mesmo *Calebe* dos versos 18 e 19. Neste contexto, sua genealogia é muito mais longa, aparentemente, por causa de outras esposas que teve.

**2.49,50** — O Calebe dos tempos de Josué teve uma filha chamada *Acsa*, que se tornou a esposa do primeiro juiz de Israel, Otniel (Jz 1.12,13). Pode até parecer que este Calebe seja o mesmo que o posterior a ele, mas, observando o contínuo uso deste nome na genealogia do cronista, vê-se que Calebe se refere a um indivíduo do passado. *Acsa*, provavelmente, foi *filha* do Calebe anterior, ou seja, a sua descendente. O posterior foi, indubitavelmente, um descendente do primeiro, uma conclusão respaldada pelo fato de ambos serem da tribo de Judá (1 Cr 2.4,5,9,18,42; Nm 13.6).

**2.51-54** — O cronista registrou a genealogia de Calebe por causa da significância de Belém, a cidade natal do rei Davi. Um dos descendentes de Calebe, Salma, foi o fundador, ou o *pai, dos belemitas*.

**2.55** — Como o compilador de Crônicas foi obviamente um escriba, ele estava interessado em mencionar, mesmo que em uma nota de rodapé, várias *famílias de escribas*. Estas famílias são desconhecidas, assim como *Jabez*, o lugar onde elas habitaram. Os escribas eram *queneus*, um povo relacionado a Israel por meio do casamento de Moisés com uma quenita, também tida como uma midianita (Jz 4.11). Como nomes queneus aparecem aqui, tem-se que eles descendem de Judá, visto que todo o contexto da passagem trata da genealogia de Judá. A genealogia também os relaciona a *Recabe*, o sagrado fundador de uma linhagem de devotos israelitas que seguiram os comandos de seus pais (Jr 35.1-19).

**3.1-5** — O fato de Davi ter tido seis *filhos* com seis esposas em Hebrom não quer dizer que ele tenha sido polígamo. Davi seguiu o costume real de casar-se com as filhas dos reis vizinhos para, assim, ter mais aliados. Contudo, resultados negativos inevitavelmente advieram desses casamentos múltiplos. O primeiro filho de Davi, *Amnom*, estuprou sua meia-irmã Tamar (2 Sm 13.14) — um ato pelo qual ele pagou com a própria vida, morrendo pelas mãos de seu meio-irmão *Absalão*. Mais tarde, *Adonias* tentou usurpar o trono de *Salomão*, a quem foi prometido (1 Rs 1.5-10).

**3.5** — *Bate-Sua*. Também chamada de Bate-Seba.

**3.6-9** — *Tamar*. O fato de apenas uma filha de Davi ter sido mencionada não quer dizer que ele não teve outras. Tamar aparece nesta genealogia por causa de sua proeminência na história da família do rei Davi (2 Sm 13.1-39). O cronista incluiu nela as pessoas que tinham relevância específica à narrativa e ao seu propósito teológico.

**3.10-18** — *Senazar* e *Sesbazar* (Ed 1.8,11) foram, provavelmente, o mesmo homem que liderou o primeiro grupo de judeus a retornarem do cativeiro babilônico e construiu a fundação do segundo templo (Ed 5.15-17).

**3.19** — Neste contexto, tem-se que *Zorobabel* seria o filho de *Pedaías*. Acontece que, em Esdras 3.2,8; 5.2; Neemias 12.1 e Ageu 1.12,14; 2.2,23, ele é filho do irmão de *Pedaías*, *Salatíel* (1 Cr 3.17). É provável que *Salatíel* tenha morrido enquanto *Zorobabel* era jovem e este tenha sido criado pelo seu tio *Pedaías*. Portanto, ele teria sido o filho de consideração de *Pedaías*. Este relacionamento pode explicar o que Lucas sustenta: que *Zorobabel* foi filho de *Salatíel* (Lc 3.27), que, por sua vez, foi descendente de Davi por intermédio de seu filho *Natã*. Logo, nos evangelhos, a linhagem de Jesus foi mapeada para trás até chegar a Davi, mediante os dois filhos de Davi, *Salomão* e *Natã*. Esta linhagem entre Jesus e Davi se deu por meio do casamento da filha de *Jeconias* com *Salatíel*. Lucas traçou a linhagem de Jesus por intermédio de *Zorobabel* e de outro filho desconhecido chamado *Resa* (Lc 3.27). Mateus, cujo interesse é enfatizar José, traçou a genealogia de Jesus, de

volta, até *Zorobabel* mediante outro filho, chamado *Abiúde* (Mt 1.13). Portanto, Lucas reconstruiu a genealogia de Maria; Mateus fez o mesmo com José, e Crônicas traçou ainda uma terceira linhagem de Davi. Contudo, todas as genealogias passaram por *Zorobabel* e originaram-se em Davi.

**3.20-24** — *Pelátias* e *Jesátias* parecem ser os únicos filhos de *Hananias*.

*Refaiás* [...] *Secanias*. Tais nomes foram destacados da genealogia de *Zorobabel*, pois devem ser outras famílias davídicas.

*Os filhos de Secanias*. Quatro gerações de *Secanias*, terminando em *Anani*, são listadas, por isso a genealogia do verso 17 ao 24 pressupõe cerca de sete gerações. Como *Jeconias* reinou em meados de 598 a.C. (1 Cr 3.17), *Anani* deve ser de 425 a.C., sendo a última geração registrada em Crônicas, e qualquer data do livro deve levar isso em consideração.

**4.1-3** — Apesar da genealogia de *Judá* até Davi já haver sido registrada (1 Cr 2.3-17), o cronista, neste contexto, refere-se a pessoas e eventos relativos àquela genealogia. Na lista desta passagem, somente *Perez* é filho de *Judá*. *Hezrom* é o seu neto; *Carmi*, seu sobrinho (1 Cr 2.5,6); *Hur*, o neto de *Hezrom* (1 Cr 2.18,19); e *Sobal*, o neto de *Hur* (1 Cr 2.50).

**4.4-8** — *Efrata* é identificada como a esposa do primeiro *Calebe* (1 Cr 2.19) e a mãe de *Hur*. Ela foi, portanto, a “bisavó” de *Belém*, pois seu filho, *Hur*, foi o “avô” (1 Cr 2.50,51). Em outras passagens, os nomes *Belém* e *Efrata* estão intimamente ligados. Quando *Jacó* estava a caminho de *Manre*, sua esposa, *Raquel*, faleceu perto de *Efrata*, identificada também como *Belém* (Gn 35.19). Em *Rute* 4.11, *Efrata* e a cidade de *Belém* são sinônimas. Em *Miquéias* 5.2, o local de nascimento do *Messias* é predito: *Belém Efrata*.

**4.9-12** — Como *Jabez* é mencionado no contexto da genealogia de *Judá*, ele, provavelmente, fez parte desta tribo; no entanto, a ligação que tinha com ela é desconhecida. *Jabez* pode também se referir ao homem que fundou o lugar homônimo, o qual, em 1 Crônicas 2.55, é tido como o lar de famílias de escribas. Nesta passagem, ele é honrado pelo seu desejo de estender o território



## EM FOCO

## FILHOS (HB. BEN)

(1 Cr 4.1; 7.14; Êx 12.37; 1 Rs 2.1)

Este substantivo, provavelmente, está ligado à *banah*, que denota *edificar* no sentido de edificar uma família (Rt 4.11). Os hebreus consideravam os filhos *edificadores* da geração subsequente. *Ben* pode tanto se referir a um filho (literalmente), como citado em 1 Reis 2.1, quanto a um descendente, como especificado em 1 Crônicas 7.14. A palavra pode, da mesma forma, pertencer a um atributo individual, como, por exemplo, Benoni, o qual significa *filho de minha dor*, e Benjamim, que quer dizer *filho da destra* (Gn 35.18). No plural, o vocábulo hebraico usado para designar *filhos* pode ser traduzido como *crianças*, o que não especifica o gênero. É o caso de *filhos de Israel* (Êx 12.37), por exemplo, no texto original em hebraico. Talvez, o uso mais significativo desse termo seja quando ele é empregado para indicar o relacionamento de Israel com Deus. O próprio Senhor declarou: *Israel é meu filho, meu primogênito* (Êx 4.22).

dado a ele por Deus (1 Cr 4.10). Ainda mais nobre foi o seu desejo de não causar a dor de outros, embora seu nome tivesse o seguinte significado: *ele causará dor*. Apesar de seu nascimento ter provocado dor à sua mãe, a vida de Jabez foi uma fonte de bênçãos para os outros, pois Deus *lhe concedeu o que lhe tinha pedido* (v. 10).

**4.13** — *Otniel*, o primeiro dos juizes de Israel (Js 15.17; Jz 1.13; 3.9), foi genro do segundo Calebe, o amigo e colega de Josué.

**4.14,15** — *Quenaz* foi o nome do pai de Otniel (1 Cr 4.13) e do irmão de Calebe (Js 15.17), assim como do neto de Calebe. Otniel casara-se com sua prima de primeiro grau, uma prática comum no Antigo Testamento (como Abraão e Sara, em Gênesis 11.29), a qual não era proibida pela Lei de Moisés.

**4.16-18** — Nesta notável passagem, o cronista identifica a esposa de *Merede*, filho de Ezra (1 Cr 4.17), como *Bitia, filha de Faraó*. É impossível, entretanto, precisar qual seria esse rei do Egito ou como este casamento se fez possível.

**4.19-21** — O fato de *Selá* ter batizado seu filho com o nome de *Er* indica que ele seguiu o costume de criar uma criança em nome de um irmão falecido. *Er*, filho de Judá, havia morrido em função de algum pecado, mas não havia deixado filho algum por intermédio de sua esposa Tamar (Gn 38.6-11). O seu irmão, Onã, recusou-se a honrar este costume em nome de *Er*. Tamar, então, seduziu Judá, seu sogro, e, assim, deu à luz os gêmeos Perez e Zerá (Gn 38.27-30). *Selá*, o terceiro filho de Judá, aparentemente, honrou seu irmão mais

velho, acolhendo a viúva, Tamar, como sua esposa, bem como um filho, em nome de *Er*.

**4.22** — O cronista deixa claro, nesta passagem, que sua documentação fundamentou-se em textos *antigos*. Até mesmo para os dias do próprio autor, havia cétricos que questionavam a precisão das genealogias.

**4.23,24** — A genealogia de Simeão é a próxima, pois os simeonitas não eram muito numerosos (1 Cr 4.27) e não tinham terras em seu nome (Js 19.1-9). Eles se estabeleceram no território de Judá, e sua genealogia se atém à dele.

**4.25-38** — Como a tribo de Simeão era pequena e se estabelecera no território de Judá, a tribo perdeu a identidade e foi considerada como uma parte de Judá quando Davi se tornou rei.

**4.39-41** — O cronista descreve como os simeonitas viveram como pastores de ovelhas em Gedor. Esta era uma área vizinha ao Egito, possivelmente, a mesma que Gerar (Gn 26.17-20). Os *de Cam*, que eram egípcios, haviam vivido ali outrora (1 Cr 4.40), mas foram substituídos pelos *meunitas*. Os simeonitas expulsaram esse povo nos dias de Ezequias.

**4.42,43** — Os simeonitas perseguiram os amalequitas até o monte Seir (ou Edom).

*Até o dia de hoje*. Ou seja: até o dia em que o primeiro livro de Crônicas foi escrito. Os simeonitas haviam habitado Edom desde a época de Ezequias.

**5.1,2** — Nesta passagem, o cronista explica por que ele não traça as genealogias dos filhos de Jacó em ordem cronológica. Normalmente, o filho

mais velho de uma família antiga se tornava o cabeça da família depois da morte do pai, bem como recebia uma porção da herança muito mais generosa que os outros irmãos. Mas Rúben, o primogênito de Jacó, havia-se deitado com a concubina de seu pai, talvez esperando garantir seus direitos (Gn 35.22). Por causa desse abominável ato, ele perdeu sua *primogenitura*. Jacó abençoou os *filhos de José*, Efraim e Manassés (Gn 45.15-22), transmitindo, assim, a primogenitura a José e aos seus filhos. A prerrogativa concedida a José não dava a ele, entretanto, o direito de governar as tribos e a nação; esse privilégio foi dado a Judá.

*Judá foi poderoso.* Deus, voluntariamente, escolheu-a como a tribo por meio da qual Seu Rei e Libertador messiânico viria (Gn 49.10). O *príncipe* de Judá foi Davi e a sua dinastia, um fato bem conhecido pelos antigos israelitas.

**5.3-6** — Novamente, a genealogia é projetada para um tempo posterior, à parte da deportação israelita feita pelo rei da Assíria, Tiglate-Pileser (745—727 a.C.). Apesar de a tribo de Rúben ter quase desaparecido por completo do registro histórico na época da monarquia, ainda havia indivíduos que se identificavam como *rubenitas*, como se observa nesta passagem.

**5.7-9** — Parte da razão da ausência de Rúben no registro histórico está na necessidade que a tribo teve de buscar terras com mais pasto para seus animais. Os *rubenitas* foram até o deserto a leste, mais especificamente, até o *rio Eufrates*. Por isso, foram os primeiros a serem deportados pelos assírios (1 Cr 5.6).

**5.10,11** — *Gade* habitou próximo a Rúben e à meia tribo de Manassés. Gade foi uma das tribos que buscaram a permissão de Moisés para acampar a leste do Jordão, em vez de ao oeste (Nm 32.1-42). Rúben ocupou a área a leste do mar Morto e o baixo vale Jordão; Gade, a *terra de Basã* até o rio, a leste; e Manassés, a terra a leste e ao norte do mar da Galiléia.

**5.12-17** — Mais uma vez, o cronista faz alusão às suas fontes. Desta vez, a registros genealógicos do tempo de *Jotão* (750—735 a.C.) e de *Jeroboão II* (793—753 a.C.). A sua intenção era enfatizar que as genealogias eram fundamentadas em pesquisa de documentação sólida, em textos que precediam mais de 300 anos o seu tempo.

**5.18,19** — Os *hagarenos* e seus aliados, provavelmente, eram povos esquecidos que começaram a sentir opressão da população israelita crescente. Os seus esforços de resistência aos israelitas aconteceram nos dias de Saul (1 Cr 5.10), apesar das narrativas de Saul não os mencionarem.

**5.20** — *E foram ajudados.* Tal ajuda veio do próprio Deus, em resposta às suas orações. Os povos de Rúben, Gade e Manassés formaram um exército de mais de 44 mil homens (1 Cr 5.18), mas foi, na verdade, o Senhor quem lhes deu a vitória.

**5.21,22** — *De Deus era a peleja.* Isso confirma o fato de o Altíssimo ter ajudado os israelitas (fato descrito no verso 20) e vai além, mencionando o termo do Antigo Testamento conhecido como *a peleja do Senhor*. Por vezes, Deus comandou um ataque como um meio de alcançar Seus propósitos de conquista e ocupação da Terra Prometida (Dt 20.1-20). Nesses tempos, Deus deixou claro que a batalha era de iniciativa dele, e Ele garantiria o sucesso.

*Até ao cativo.* À luz dos versos 6 e 26, o cativo deve ser o do rei da Assíria, Tiglate-Pileser, que causou a morte de uma porção significativa da população israelita (2 Rs 15.29).

**5.23-26** — O famoso rei *Tiglate-Pileser*, que reinou por volta de 745-727 a.C., segundo os anais assírios, foi um dos mais poderosos governantes do período neoassírio. O cronista se refere a ele como *Pul* (2 Rs 15.19), e já se acreditou



## VOCE SABIA?

### UM JULGAMENTO TARDIO

A derrota dos grupos amalequitas que habitavam a região pastoril próxima a Gedor (1 Cr 4.39-43) cumpriu a promessa de julgamento que o Senhor havia feito séculos antes. O rei Saul era quem devia cumprir tal sentença (1 Sm 15.2,3), mas ele falhou em obedecer a ela completamente. Como resultado, somente nos dias de Ezequias os simeonitas puderam finalmente livrar a sua terra dos inimigos amalequitas.

que isso tenha sido puro fruto da imaginação do autor, ou seja, provavelmente, ele tenha criado tal personagem. No entanto, o fato é que Pul foi encontrado nos registros de Tiglate com o nome de Pulu, um termo real usado alternativamente.

*Gozá* é uma cidade no rio Habor, também conhecida como Guzana (atual Tell Halâf), conforme descobertas arqueológicas.

**6.1** — *Levi*. Todas as pessoas envolvidas com o ministério no tabernáculo ou no templo tinham de ser membros da tribo de Levi. O próprio Arão era um levita, e, desde o início de seu ministério, seus descendentes foram designados como os únicos que podiam servir como sacerdotes (1 Cr 6.16-25; Êx 28.1). Mais tarde, os levitas foram especialmente separados para servirem subsidiando os sacerdotes no tabernáculo (Nm 18.1-7). Qualquer pessoa que desejasse servir no templo precisava estabelecer suas credenciais levíticas. Essa genealogia foi designada para, pelo menos em parte, ir ao encontro dessa necessidade.

**6.2** — *Coate*. Esse filho de Levi foi conhecido pelo seu ofício de sacerdote. A partir de então, todo sacerdote tinha de ser levita, mas nem todo levita podia tornar-se sacerdote.

**6.3,4** — A começar por *Eleazar*, a genealogia traça a linhagem dos sumos sacerdotes por intermédio de *Jeozadaque*, o sacerdote que adentrou o exílio babilônico com o seu povo (1 Cr 6.15). Incluindo *Eleazar* e *Jeozadaque*, houve, pelo menos, 22 sumos sacerdotes, sem quebra sequencial.

Outra linhagem de sacerdotes começou com *Itamar*, incluindo *Eli*, *Aimeleque* e *Abiatar*. Nos dias de Davi, o serviço sacerdotal era dividido entre os sacerdotes *Eleazar* e *Itamar*, com o primeiro servindo por dois terços do tempo, e o segundo, por um terço, por causa da diferença entre o número de seus filhos (1 Cr 24.1-5). *Salomão* rejeitou o sacerdócio de *Itamar*, reservando a honra do sacerdócio somente aos sacerdotes descendentes de *Eleazar* (1 Rs 2.26,27).

**6.5-8** — *Zadoque*. Esse sacerdote, que não é a mesma pessoa que está no verso 12, foi o selecionado por Davi para servir com *Aimeleque*, filho de *Abiatar*, como sumo sacerdote (2 Sm 8.17). Mais tarde, *Zadoque* se tornou o único sumo sacerdote, em função de *Abiatar* ter-se voltado contra *Salomão* (1 Rs 2.26,27).

**6.9,10** — A informação de que esse *Azarias* ministrou no templo de *Salomão* já distingue esse sacerdote de seu avô homônimo (v. 9).

**6.11-14** — *Jeozadaque*. Esse último sacerdote da lista foi levado ao exílio babilônico (v. 15). Ele foi o pai de *Josué*, o sacerdote que retornou da Babilônia com *Zorobabel* para reconstruir o templo e restabelecer a comunidade judaica (Ag 1.1,12,14).

**6.15-17** — *Gérson*. O propósito desta genealogia foi listar a principal prole dos filhos de Levi que não foram sacerdotes, mas levitas “comuns”.

**6.18-21** — *Anrão* foi o pai de *Arão* e de toda a linhagem dos sumos sacerdotes. Todos os outros



## EM FOCO

### GERAÇÕES (HB. TOLEDOTH)

(1 Cr 5.7; Gn 10.1; Rt 4.18).

Esse termo é derivado do verbo *yamad*, que significa *dar à luz*. *Toledoth*, normalmente, introduz uma extensa lista genealógica, como a de Gênesis 5.1; 10.1 e 1 Crônicas 5.7; 26.31. A antiga cultura hebraica dependia de listas genealógicas detalhadas para determinar questões de herança e de direitos sobre uso de terras.

Após a conquista de Canaã, cada tribo recebeu a sua porção da Terra Prometida para dividir entre os seus clãs (Js 13—19). Os direitos sobre terras permaneceram nos clãs, passando como herança, de geração em geração, sempre para o filho mais velho (ou filha, quando não havia filhos — Nm 27). Outras questões, como serviço no templo e sucessão real, também se determinavam por meio da genealogia. As genealogias do Antigo Testamento atestam a fidelidade de Deus no cumprimento de Sua promessa de fazer de Israel uma *grande nação* (Gn 12.1-3), e a genealogia de Mateus 1 mostra Jesus como o legítimo herdeiro do trono de Davi.

tinham de traçar a sua linhagem até Coate por intermédio dos seus outros filhos, *Isar*, *Hebrom* e *Uziel*. Os descendentes de Levi que não eram filhos de Coate não podiam, de maneira alguma, ser sacerdotes.

**6.22** — *Aminadabe* é outro nome para *Isar* (v.18), que também aparece como o pai de *Corá* (1 Cr 6.37,38; Êx 6.21; Nm 16.1).

**6.23-27** — O levita *Elcana* foi ancestral de *Samuel*, o profeta. A sua linhagem, aqui constituída de *Zofai*, *Naate*, *Eliabe*, *Jeroão* e *Elcana*, aparece em 1 Samuel 1.1 como *Zufe*, *Toú*, *Eliú*, *Jeroão* e *Elcana*. Uma genealogia paralela em 1 Crônicas 6.34,35 aparece na seguinte ordem: *Elcana*, *Zufe*, *Toá*, *Eliel*, *Jeroão* e *Elcana*. Estes nomes podem apresentar-se de diferentes formas, mas isso não tira a historicidade de tais indivíduos.

*Naate*, esse ancestral de *Samuel* é também conhecido como *Toá* (1 Cr 6.34) ou *Toú* (1 Sm 1.1).

**6.28-32** — *Samuel*. Os ancestrais de *Samuel* são também conhecidos como *efraimitas* (1 Sm 1.1 ARA). Apesar de *Samuel* ter sido um *efraimita* em virtude de ter residido em *Ramataim-Zofim*, uma cidade do território da tribo de *Efraim*, esta genealogia deixa claro que ele foi, na verdade, um levita. Isso explica por que ele pôde ser treinado no tabernáculo perante o sacerdote *Eli* (1 Sm 2.11) e, mais tarde, servir em cultos públicos que incluíam sacrifícios (1 Sm 9.13; 10.8).

**6.33-47** — Os musicistas do templo também eram levitas e dividiam-se em três grupos, de acordo com a descendência, visto que *Levi* teve três filhos. Os *coatitas*, nos tempos de *Davi*, eram liderados por *Hemã*, neto de *Samuel*; os *gersonitas*, por *Asafe* (v. 39,43); e os *meraritas*, por *Etã*

(v. 44,47). *Etã* era também conhecido como *Jedutum* (1 Cr 25.1). Uma análise rápida das genealogias dos três líderes levíticos revela que as listas são seletivas, com muitos nomes sendo omitidos, particularmente na linhagem de *Asafe* e *Etã*.

**6.48,49** — Em contraste com os levitas aqui listados, *Arão* e seus descendentes tinham o privilégio e a responsabilidade de exercerem o ofício sumo sacerdotal. O que os separava dos outros levitas era o seu acesso ao altar do holocausto e ao altar do incenso e seu serviço de fazer expiação por *Israel*. Os levitas podiam auxiliar nesse ministério, bem como officiar sacrifícios locais. Veja as ações do levita *Samuel* (1 Sm 7.9; 9.12,13; 16.2-5). Entretanto, somente os sacerdotes da linhagem de *Arão* podiam apresentar sacrifícios no tabernáculo ou no templo.

**6.50-53** — *Filhos de Arão*. A genealogia da passagem dos versos 50-53 é a mesma que se encontra nos versos 4-8, mas essa lista acaba em *Aimaás*. Esta lista cita a linhagem de *Arão* somente até a época de *Davi* (1 Cr 6.31). *Zadoque* e *Aimaás* foram os últimos sacerdotes da linhagem de *Eleazar* sob a administração de *Davi* (2 Sm 15.35,36).

**6.54** — *Habitações*. O restante do capítulo descreve a distribuição das cidades e dos arrabaldes aos sacerdotes (v. 54-60), ao restante dos *coatitas* (v. 61, 66-70), aos *gersonitas* (v. 62,71-76) e aos *meraritas* (v. 63,77-81).

**6.55** — Pelo fato de os sacerdotes serem todos *coatitas*, as cidades deles se encontravam dentro dos distritos de *Coate*. *Hebrom*, localizada em *Judá*, é a primeira dessas localidades. Os sacerdotes e os levitas ocuparam não somente casas dentro dos muros da cidade, mas também campos



## VOCÊ SABIA?

### O MINISTÉRIO DOS LEVITAS

Desde o tempo do êxodo, os levitas cuidavam da vida religiosa de *Israel*. Primeiro, eles foram responsáveis pelo ministério do tabernáculo (1 Cr 6.48), o centro de adoração móvel de *Israel* (Êx 27.9). Mais tarde, mais responsabilidades lhes foram atribuídas, como o ensino entre as tribos, o qual era feito em centros chamados de cidades levíticas (Js 21.1-3). Após *Israel* se tornar uma monarquia com *Davi* no governo, a arca foi realocada em *Jerusalém*, e os deveres levíticos foram mudados (1 Cr 23.24-32).

adjacentes às cidades, os *arrabaldes que a rodeiam*. Tais *arrabaldes* iam além do perímetro dos muros da localidade, cerca de mil cúbitos (1500 pés) em todas as direções (Nm 35.4,5), e eram usados como fazendas e pastagens (Nm 35.3). Isso não significa que os sacerdotes e os levitas tinham as fazendas como fonte de subsistência, pois a Lei claramente determinava que eles deviam viver dos dízimos e das ofertas das outras tribos (Nm 18.21-32). Tudo o que obtinham dos *arrabaldes* era um bônus.

**6.56** — Hebrom havia sido originalmente dada ao fiel espia Calebe como parte de sua herança (Js 15.13). Entretanto, a herança de Calebe foi mais tarde definida como sendo não a cidade de Hebrom, mas o *campo* da cidade e as suas *aldeias* (Js 21.11,12). O território de Calebe se encontrava fora da circunferência de mil cúbitos que pertencia aos sacerdotes de Hebrom.

**6.57-59** — A Lei especificava que, se um indivíduo matasse outro acidentalmente, o primeiro podia encontrar santuário em uma das seis *cidades de refúgio* espalhadas pela terra (Nm 35.9-15). Ele podia lá permanecer em segurança até que o caso viesse a julgamento (Nm 35.16-28). Essas seis cidades estavam incluídas entre as 48 levíticas, e *Hebrom* era uma delas.

**6.60** — O número *treze* se refere à distribuição original das cidades em Josué 21.13-19. O cronista estava listando as cidades sacerdotais que existiam em seus dias, cerca de mil anos depois da distribuição original. Isso deixa de fora duas delas, a saber, Judá e Gibeão. Também se pode constatar, neste contexto, que alguns nomes estão escritos diferentemente. As cidades sacerdotais se concentravam nas áreas de Judá e Benjamim, convenientemente localizadas nas proximidades do templo em Jerusalém.

**6.61-65** — Os *filhos de Coate, que restaram*. Eram os levitas que não eram sacerdotes. As suas cidades se situavam majoritariamente na meia tribo de Manassés, a oeste do Jordão (v. 70), ao sul da planície de Jezreel.

**6.66** — Começando aqui, há uma continuação da descrição das cidades coatitas não sacerdotais a partir do verso 61. Algumas delas se localizavam

em *Efraim*, com Manassés ao norte, e Benjamim ao sul.

**6.67-70** — Assim como Hebrom, *Siquém* era tanto uma cidade levítica quanto uma localidade de refúgio. Siquém tinha especial significância em Israel, pois foi o lugar onde o primeiro altar de Abraão fora erguido em Canaã (Gn 12.6,7), onde Jacó comprou um terreno (Gn 33.19), além de ter sido a primeira capital do Reino do Norte (1 Rs 12.25).

**6.71-75** — *Gérsom*. As áreas tribais que continham as cidades dos levitas gersonitas eram o leste de Manassés; Issacar, ao noroeste de Manassés (v. 72); Aser, na costa mediterrânea ao norte do monte Carmelo (v. 74); e Naftali, a oeste e ao norte do mar da Galiléia (v. 76). *Golã*. Esta cidade em Basã, ao leste do Jordão, era um local de refúgio.

**6.76** — *Quedes* foi outra das seis localidades de refúgio. Era a que se localizava mais ao norte das três, a oeste do Jordão.

**6.77** — A terceira ordem levítica, a de *Mera-ri*, ocupou cidades em Zebulom. Rúben se encontrava ao leste do mar Morto (v. 78), e Gade, ao leste do Jordão, do mar Morto até o mar da Galiléia praticamente (v. 80).

**6.78,79** — *Bezer* também foi uma cidade de refúgio, encontrava-se no extremo sul das cidades ao leste do Jordão.

**6.80,81** — Outra localidade de refúgio, *Ramote, em Gileade*, ficava imediatamente ao leste do Jordão. Dessa forma, as cidades de refúgio se distribuíam pela terra de maneira que qualquer israelita estaria a poucos quilômetros de distância de uma delas. Todas as seis cidades de refúgio foram dadas aos levitas, sendo que Hebrom foi dada aos sacerdotes (v. 55). Esse locais de refúgio se distribuíam desta forma porque os sacerdotes e os levitas tinham responsabilidades jurídicas em casos que envolvessem homicídios acidentais (Nm 35.25,28; Dt 17.8-13; 19.17-21).

**7.1,2** — O total, neste contexto, limitava-se aos *filhos de Tola*. Sem sombra de dúvida, havia milhares de outros membros da tribo de Issacar naquela época, descendentes dos seus três outros filhos (v. 1).



**7.3,4** — *Trinta e seis mil*. Esta parece ter sido a prole de Uzi (v. 3), o filho de Tola (v. 2). Como o número é bem maior que 22.600 (v. 2), isso deve dizer respeito à população de algum tempo bem mais adiante, talvez tenha sido pouco antes da época da queda de Samaria, em 722 a.C. Naquela época, Issacar teria tido seu maior contingente populacional.

**7.5** — Este foi o total dos guerreiros de Issacar em determinada época, que deve refletir também a população em seu auge, algum tempo antes de 722 a.C.

**7.6-12** — O cronista recontou as genealogias de *Benjamim* em detalhes, pois o rei Saul havia sido um benjamita (1 Cr 7.6-12; 8.1-40; 9.35-44). Saul foi uma figura importante mesmo tendo seu reinado terminado tragicamente. A complexidade das genealogias bíblicas pode ser ilustrada comparando-se a lista dos filhos de Benjamim desta passagem com as de 1 Crônicas 8.1, 2; Gênesis 46.21; Números 26.38,39. As discrepâncias nelas se dão, provavelmente, porque se listavam descendentes segundo o seu grau de importância em épocas passadas.

**7.13** — A brevidade incomum da genealogia deste versículo deve ser reflexo da minimização do tamanho e da importância de *Naftali*, a qual havia sido alvo de explorações assírias sob o comando de Tiglate-Pileser III. A área tribal de Naftali foi especificamente apontada como o objeto das campanhas assírias (2 Rs 15.29).

*Filhos de Bila*. Tecnicamente, Naftali foi o filho de Bila, criada de Raquel (Gn 30.7,8). O fato de os filhos de Naftali serem chamados, neste contexto, de filhos de Bila denota a flexibilidade e a amplitude que a palavra *filhos* tinha e, por conseguinte, as próprias genealogias. Na verdade, os “filhos” de Bila eram os seus netos. Esse detalhe pode também comprometer a genealogia de Naftali aqui, pois Benjamim foi o filho de Raquel, a patroa de Bila.

**7.14** — *Manassés* foi o filho de José. A filha de *Maquir* se tornou a esposa de Hezrom, neto de Judá, o que veio a unir as tribos de Manassés e Judá (1 Cr 2.21).

**7.15-19** — Se *Hupim* e *Supim* deste versículo forem os mesmos que os do verso 12, a tribo de

Manassés e a de Benjamim se uniram por meio do casamento de Maquir com *Maaca*. *Zelofeade*, aparentemente, era um neto de Gileade (Nm 26.30-33). Este homem não teve filhos. Essa situação levou Moisés a anunciar a provisão de Deus para os direitos de herança de filhas em casos desta natureza (Nm 36.1-9).

**7.20-22** — A genealogia de *Efraim* segue a de seu irmão, Manassés. O nome *Taate*, assim como *Sutela*, ocorre duas vezes, ilustrando o costume de batizar filhos com o nome dos seus avós ou ancestrais de gerações ainda mais distantes.

Os *homens de Gate*, provavelmente, foram os filisteus pré-conquista (Gn 21.32, 34; Êx 13.17). Como a história envolve os filhos de Efraim especificamente e não somente a tribo de Efraim, esta passagem mostra que a família de Jacó, antes do êxodo, não havia perdido contato completamente com a terra de Canaã.

**7.23,24** — *Bete-Horom, a baixa e a alta*. Tais localidades situavam-se em Efraim, perto da fronteira com Benjamim.

**7.25-27** — O fato de ter havido nove gerações entre *Josué*, o famoso sucessor de Moisés, e Efraim (v. 23-27) reforça a ideia de que a história descrita nos versos 21 e 22 ocorreu antes do êxodo.

**7.28,29** — *Filhos de José*. Esta passagem deixa claro que os versos 28 e 29 incluem as cidades de Efraim e Manassés. As de Bete-Seã, Megido, Taanaque e Dor localizavam-se em Manassés.

**7.30-39** — *Aser*. Esta foi a última genealogia tribal em 1 Crônicas. Ela pode ser comparada às genealogias de Aser em Gênesis 46.17 e em Números 26.44-46.

**7.40** — *Vinte e seis mil*. Esse número de guerreiros completa esta genealogia nos tempos de Davi, como se lê no verso 2.

**8.1,2** — A razão desta segunda e bem mais detalhada genealogia de *Benjamim* foi o seu foco no clímax da genealogia do rei Saul (1 Cr 8.29-40).

**8.3-5** — *Adar* se escreve *Arde*, como se vê em Números 26.40 e em Gênesis 46.21. Comparando estas passagens, pode-se inferir que aquilo que aparece, neste contexto, como filhos de Benjamim são, na verdade, netos ou, até mesmo, gerações ainda mais distantes.

**8.6-8** — Um neto de Jediel (1 Cr 7.10) ou de Asbel (1 Cr 8.1), *Eúde* aparentemente era a pessoa que ligava Benjamim e Saul. Os filhos de Eúde transportaram os benjamitas de Geba para Maanaate. Aquela era uma cidade benjamita que fazia fronteira com Judá, cerca de 9.600km ao nordeste de Jerusalém.

**8.9-11** — *Messa* foi um rei moabita conhecido por todos. Tanto as Escrituras (2 Rs 3.4) quanto a Pedra Moabita comprovam tal fato. A referência, neste contexto, a *Messa* como filho de Saairaim e de Hodes, uma esposa moabita (1 Cr 8.8), sugere que o ilustre rei moabita deve ter tido um pai benjamita, mas não se pode ter certeza disso.

**8.12** — *Ono* e *Lode* localizavam-se, respectivamente, a 19 e 11km, aproximadamente, ao sudeste de Joque. Os filhos de Elpaal, provavelmente, reconstruíram essas antigas cidades.

**8.13-27** — *Aijalom* e *Gate* foram duas localidades na planície ocidental de Israel, a cerca de dezessete milhas de distância.

**8.28** — *Estes [...] habitaram em Jerusalém*. Isso significa que a última geração da genealogia que antecede esta passagem habitou em Jerusalém. Esta cidade não foi tomada por Davi até aproximadamente 1004 a.C.; logo, a linhagem de Benjamim foi traçada até, pelo menos, esta época. Além disso, o fato de Davi ter sucedido Saul não significa que todos os benjamitas foram excluídos de Jerusalém ou, ainda, do favor de Davi. Este foi cuidadoso, por exemplo, no auxílio aos sobreviventes de Jônatas (2 Sm 9.1-13) e deu a outros

benjamitas postos de responsabilidade em seu novo governo (1 Cr 11.31; 12.1-7,29).

**8.29** — Uma comparação entre esta genealogia (v. 29-40) e a de 1 Crônicas 9.35-44 mostra que o pai de Gibeão foi Jeiel. *Gibeão* foi uma importante cidade que existiu bem antes desta época, como aponta a narrativa de tal conquista (Js 9.1-27).

**8.30,31** — *Quis* foi o pai de Saul (1 Cr 8.33; 9.39). Nesta passagem, o relacionamento entre Jeiel e Quis é incerto, pois Quis também é chamado de filho de Ner (v. 33). Mas, em 1 Crônicas 9.35-39, a linhagem é claramente traçada de Jeiel a Ner, a Quis e, finalmente, a Saul.

**8.32** — Como Saul não havia ainda nascido até este ponto da genealogia, a *Jerusalém* mencionada neste trecho é a cidade dos tempos pré-davídicos. Jerusalém permaneceu sob o controle jebusita até que Davi a conquistasse (2 Sm 5.6-10). Talvez, nesta época, os benjamitas tenham coabitado com os jebusitas.

**8.33** — *Abinadabe*, mais tarde, foi morto com seu pai no campo de batalha de Gilboa (1 Cr 10.2; 1 Sm 31.2). *Esbaal*, evidentemente, foi o filho mais novo de Saul, já que não consta nas genealogias do princípio do reinado de Saul (1 Sm 14.49). Ele sucedeu a Saul como o rei do Reino do Norte após o período de cinco anos em que Abner se encontrava no governo (2 Sm 2.10; 5.4,5). O nome pagão *Esbaal* (que significa *fogo de Baal*) demonstra o grau a que Saul havia sucumbido ao sincretismo religioso. O autor de 2 Samuel tentou subestimar as conotações pagãs de



## ENTENDENDO MELHOR

### OS PRIMEIROS SERVOS DO TEMPLO

Os netineus (1 Cr 9.2) eram um grupo de servos do templo que serviam aos levitas. Eles realizavam tarefas domésticas como limpar o templo, carregar a água e a lenha para o altar e limpar os utensílios utilizados nas cerimônias de sacrifício. O nome *netineu* significa *aqueles que são dados*.

A lista de Esdras dos que retornaram do cativeiro menciona os netineus com *os filhos dos servos de Salomão* (Ed 2.43-58). Em função dos nomes usados não serem hebreus, sugere-se que ambos os grupos tenham sido gentios, possivelmente, descendentes dos cananeus ou de algum outro grupo conquistado pelos israelitas. Davi e os líderes de Israel puseram-nos para servir aos levitas (1 Cr 8.20).

Os netineus não foram os primeiros estrangeiros a serem nomeados servos entre os israelitas. Durante a conquista de Canaã, Josué estabeleceu a paz com os homens de Gibeão, os quais se tornaram cortadores de lenha e carregadores de água (Js 9).

Esbaal, chamando-o de Isbosete, que significa o homem da vergonha (2 Sm 2.8).

**8.34-40** — A mesma tendência pagã aparece no nome do filho de Jônatas: *Meribe-Baal* quer dizer algo como *Baal é o meu advogado*.

**9.1** — O livro ou rolo mencionado neste contexto não compõe os livros canônicos de reis, pois estes não contêm genealogia alguma. A referência deve dizer respeito a fontes genealógicas compiladas e coletadas pelos escribas dos reis de Israel.

*Transportados à Babilônia.* Esta referência ao cativo babilônico prepara o caminho para as genealogias e as listas que a seguem (1 Cr 9.3,4). Como mostra o verso 3, a evacuação das cidades de Judá deu lugar ao novo lar dos que retornavam, cujos nomes encontram-se no versículo seguinte.

**9.2** — *Israelitas.* A deportação de Israel pelos assírios, de 734 a 722 a.C., resultou na dispersão de Israel por todo o mundo mediterrâneo oriental. Contudo, pode-se entender, a partir deste versículo, que alguns israelitas se juntaram aos seus irmãos da Judéia ao retornarem da Babilônia após 539 a.C. A palavra *netineu* deriva do verbo hebraico *dar*, logo, significa os dados e designava os servos do templo. Como os netineus se distinguiram dos sacerdotes e dos levitas, estes servos do templo devem ter vindo de outras tribos (Ed 2.43; 7.7; Ne 7.46,60,73; 10.28).

**9.3** — *Efraim e Manassés.* Estas duas tribos descendiam de José e foram especialmente abençoadas pelo Senhor (Gn 49.22-26; Dt 33.13-17). Entretanto, elas não pertenciam à nação de Judá. Essa é outra confirmação de que a comunidade incluía pessoas de Israel, assim como da Judéia.

**9.4-10** — *Utai* e os nomes que o seguem (v. 4-9) não se confirmam nem mesmo nas listas de Neemias 11.4-24, o que parece aludir à mesma restauração pós-exílio. Pode ser que ambas as listas não quisessem ser exaustivas, e o cronista e Neemias, respectivamente, tenham escolhido os nomes em função de propósitos específicos que não têm mais sentido para o leitor de hoje.

**9.11-13** — *Azarias.* A lista de sacerdotes que se segue (v. 11,12) aparece bem abreviada se comparada com a lista de 1 Crônicas 6.3-15. Novamente,

isso indica que as genealogias bíblicas, mesmo podendo ser atestadas, não são sempre completas.

**9.14-16** — O padrão para dividir a genealogia dos levitas de acordo com os três filhos de Levi não é aplicado neste trecho (1 Cr 6.1). Em vez disso, há sete famílias listadas nos versos 14-16, seis das quais viviam em Jerusalém e uma em Netofa. *Merari* é mencionada, mas Coate e Gérson não. No lugar de Gérson, está o seu descendente *Asafe* (1 Cr 6.39-43).

*Jedutum.* Este é um outro nome para Etã, descendente de Merari (1 Cr 6.44-47). Ambos os versos 14 e 16 parecem listar meraritas.

*Elcana.* A presença deste nome sugere que esta família tenha sido coatita (1 Cr 6.33-38).

*Netofatitas.* Isso se refere aos habitantes da vila de Netofa, um pouco mais de 4,5km ao sudeste de Belém. Os gersonitas e os meraritas, evidentemente, viviam em Jerusalém, no período pós-exílio, enquanto os coatitas ou os levitas coraítas viviam em Netofa.

**9.17,18** — *Porta do rei para o oriente.* Esta foi a famosa porta na parte oriental do templo (Ez 46.1,2). Após os dias do tabernáculo no deserto (Nm 3.27-31), e desde o tempo de Zacarias e do templo de Salomão (1 Cr 9.21; 26.1,2,14), os coraítas foram responsáveis por guardar as portas e por cuidar do lugar de adoração.

**9.19-21** — Como descendentes de Coate (Êx 6.18,21), *Corá* e sua linhagem eram bem próximos do sacerdócio. Entretanto, eles não podiam ser sacerdotes, pois descendiam de Isar, e não de Anrão. A sua íntima ligação explica por que estes levitas ministravam dentro do templo.

**9.22-24** — Os porteiros tiveram a sua nomeação nos dias de Davi e Samuel (1 Cr 26.1-19). Como Samuel faleceu muito antes de Davi fazer as suas nomeações, o cronista deve estar dizendo que Davi foi encorajado e instruído pelo profeta desde a sua juventude. Logo, de certa forma, Samuel nomeou os porteiros por intermédio de Davi.

**9.25** — Os porteiros habitavam vilas ao redor de Jerusalém (v. 22). Eles iam em sistema de revezamento a Jerusalém para cuidar de seus deveres no templo, onde serviam por períodos de sete dias.

**9.26** — *Porteiros-mores*. Como a cidade e o templo tinham quatro lados (v. 24) e quatro portas principais, devia haver quatro *levitas* encarregados de vigiá-los. Eles abriam e fechavam as portas, bem como providenciavam segurança (v. 27), além de vigiar todos os outros ambientes do templo.

*Tesouros*. Este termo diz respeito aos lugares onde o dinheiro era guardado, assim como aos ambientes onde se estocavam bens em geral.

**9.27-29** — *Ficavam à roda*. Apesar de os levitas que trabalhavam como porteiros terem vivido em vilas vizinhas, os porteiros-mores devem ter vivido dentro dos limites da cidade, provavelmente, perto das portas do templo. Eles precisavam estar próximos para supervisionar os negócios do templo, bem como para *abrir e fechar* as portas.

**9.30-32** — Apesar de os levitas serem capazes de lidar com os utensílios do ministério (v. 28), a mobília e, até mesmo, os materiais que seriam ofertados — como farinha, vinho, incenso e pimentas (v. 29)—, eles não podiam confeccionar as *especiarias*; somente os sacerdotes tinham permissão para isso (Êx 30.23-25,33,37,38).

**9.33,34** — Os *cantores*, assim como os porteiros-mores (1 Cr 9.26,27), residiam em Jerusalém para estar constantemente disponíveis para supervisionar o ministério dos músicos do templo.

*Habitaram em Jerusalém*. Na verdade, a política era que os líderes das várias classes levíticas residissem na capital.

**9.35,36** — *Ner* é tido como *Zequer* em 1 Crônicas 8.31.

**9.37-44** — O interesse que o cronista tem na genealogia de *Jônatas* é, provavelmente, oriundo da íntima amizade de *Jônatas* com *Davi* (1 Sm 18.1).

**10.1** — Com uma altura de cerca de 500m, o monte *Gilboa* se situa na parte sudeste da planície de *Jezeel*. Este território era filisteu, desde o tempo da chegada deste povo, por volta de 1200 a.C. O registro da batalha final de *Saul* que segue esta passagem está intimamente ligado ao texto de 1 Samuel 31.1-13.

**10.2,3** — *Filhos de Saul*. Existiu um quarto filho, *Isbosete*. Ele sobreviveu a esta batalha e tornou-se rei de Israel cinco anos após a morte de *Saul*.

**10.4,5** — A maioria dos semitas praticava a circuncisão, seja por questão de higiene ou de religião, mas, para os hebreus, isso era o sinal da promessa de Deus por intermédio de *Abraão* a eles.

Os *incircuncisos* eram os de fora; frequentemente seus inimigos, os filisteus.

*Escarneçam*. Os filisteus podiam não somente ferir *Saul* fisicamente, mas também trazer vergonha à nação que o tinha como líder. *Saul*, então, foi levado a tomar uma medida drástica:



## APLICAÇÃO

### O VALOR DO JEJUM

Em resposta à obsessão da sociedade atual da imagem e da aparência, alguns programas de perda de peso prescrevem o jejum. Na antiga nação de Israel, o jejum era praticado com outros propósitos. Por exemplo, os homens de Gileade jejuaram por sete dias para expressar seu luto pela morte do rei *Saul* (1 Cr 10.12). Ao invés de esconder sua tristeza e seu sentimento de perda, eles os demonstraram abertamente por meio da disciplina de purificação do jejum.

Outros propósitos que levavam os israelitas a jejuar incluíam:

- honrar ocasiões especiais como livramentos de Deus (Zc 8.19);
- arrepender-se e entristecer-se pela desobediência e pelo pecado contra o Senhor (Jz 20.26; 1 Sm 7.6);
- expressar humildade diante de Deus (Lv 16.29; Sl 69.10);
- buscar direção do Senhor, esvaziando-se completamente dos sentidos e focando-se nele (Êx 34.28; 2 Cr 20.3,4).

Hoje, fala-se muito sobre *foco*, *concentração* e *seguir um programa* em áreas como esporte, trabalho e psicoterapia. O jejum é um meio de focar a espiritualidade, concentrando-se em Deus em vez de na comida ou em outras necessidades pessoais.

suicidar-se, o que era algo raro entre os hebreus dos tempos do Antigo Testamento (1 Cr 10.5; 2 Sm 17.23; 1 Rs 16.18).

**10.6** — *Toda a sua casa morreu.* Isso foi escrito em antecipação à morte de Isbosete, o último filho de Saul. Com a morte de Isbosete (2 Sm 4.5,7), a dinastia de Saul encontra seu fim.

**10.7,8** — Apesar de os *filisteus* terem dominado o vale de Jezreel-Esdraelon, havia cidades israelitas na região por um tempo. Com a morte de Saul, até mesmo estas se perderam para os filisteus, que as dominaram quando os israelitas as abandonaram.

**10.9** — *Despojaram.* A passagem correlata, 1 Samuel 31.9, acrescenta: *E cortaram-lhe a cabeça.*

**10.10** — *Dagom* era adorado pelos filisteus, assim como por outros povos na Síria e no noroeste da Mesopotâmia como o deus dos grãos. Cem anos antes, os filisteus haviam depositado a arca da aliança no templo de Dagom em Asdode (1 Sm 5.2). Mais tarde, Sansão se pôs entre os pilares centrais de um templo de Dagom, onde foi ridicularizado pelos filisteus em assembleia (Jz 16.23-31). Aparentemente, os filisteus celebravam vitórias militares, trazendo um troféu do seu sucesso para o seu templo, onde ele poderia ser exibido como um tributo à força do seu deus.

**10.11** — *Jabes-Gileade* ficava a leste do Jordão, próximo a Bete-Seã. O cuidado que o povo desta cidade teve ao devolver o corpo de Saul de Bete-Seã foi, indubitavelmente, em nome da rápida resposta de Saul ao seu clamor por ajuda no início de seu reinado (1 Sm 11.1-11).

Na vida de Saul, Jabes-Gileade pode voltar ainda mais, pois, nos primeiros dias dos juízes, a tribo de Benjamim havia sido aniquilada quase em sua totalidade, em uma sangrenta guerra civil que se deu pelo assassinato da concubina de um levita efraimita (Jz 19.1-30) — um homicídio em território dos benjamitas, o qual estes se recusaram a condenar (Jz 20.1-48).

Um resultado de uma luta entre tribos foi a diminuição do número de mulheres de Benjamim, de tal forma que os homens sobreviventes não tinham comó ter esposas com quem pudessem repopular a tribo. As esposas foram, então,

trazidas à força de Siló e Jabes-Gileade para Benjamim para tal propósito (Jz 21.1-5). Provavelmente, uma delas era ancestral de Saul, o que explicaria ele ter respondido ao seu clamor por ajuda tão prontamente.

**10.12** — Esta estranha mudança nos eventos remete a 1 Samuel 31.12, que declara que o povo de Jabes queimou os corpos de Saul e de seus filhos. Disso, é claro, só restaram os ossos.

**10.13** — A morte fora de hora do rei Saul foi fruto da desobediência à *palavra* de Deus. Ele desobedecera ao Senhor quando não esperou Samuel prestar um sacrifício e não destruiu totalmente os amalequitas (1 Sm 13.1-15; 15.10-23).

*E também porque buscou a adivinhadora para a consultar.* Antes da batalha, Saul havia pedido um conselho a Samuel por intermédio da bruxa de En-Dor (1 Sm 28.3-25).

**10.14** — *Pelo que o matou.* A frieza dessa expressão é chocante. A morte de Saul não foi pelas próprias mãos, mas pelas de Deus. O Senhor deixou Saul buscar um caminho que o levou à morte.

*Transferiu o reino.* Isso confirmou o que Samuel havia dito a Saul: *O SENHOR tem rasgado de ti hoje o reino de Israel e o tem dado ao teu próximo, melhor do que tu* (1 Sm 15.28).

**11.1,2** — Tendo-se tornado famosa em função de Abraão ter vivido nesta cidade (Gn 13.18) e ter sido enterrado nela (Gn 25.9), *Hebrom* era uma cidade levítica também (1 Cr 6.54,55). Davi tornou-a sua capital após a morte de Saul (2 Sm 2.3) e lá reinou até a morte de Isbosete sete anos mais tarde (2 Sm 4.1-12; 5.5). A legitimidade de Davi como o sucessor de Saul confirmou-se mediante o apoio que ele recebeu de *todas* as tribos.

*Tu serás chefe.* As multidões tinham ciência da promessa que Deus havia feito a Davi (1 Sm 16.12; 24.20; 28.17).

**11.3** — A *aliança* se refere às juras mútuas feitas entre um rei e seu povo, assegurando um governo de estabilidade e sucesso. A Lei de Moisés proporcionou tal aliança (Dt 17.18-20). Algo como linhas gerais da aliança do rei pode ser encontrado na ascensão de Salomão (1 Cr 29.19; 1 Rs 2.3) e Joás (2 Rs 11.4) e na promessa de



## APROFUNDE-SE

### DAVI EM HEBROM

Enquanto o primeiro livro de Crônicas descreve a ascensão de Davi em três versículos, o segundo livro de Samuel narra tal acontecimento em três capítulos. A diferença fundamental entre os dois registros se dá nos propósitos dos autores.

O autor de 2 Samuel percorre longos caminhos para descrever a estrada pedregosa pela qual Davi teve de passar antes de unificar a nação inteira. Apesar de a Judéia ter ungido Davi para ser rei imediatamente após a morte de Saul, o restante de Israel pôs o filho de Saul, Isbosete, no trono. Abner, o primo de Saul e comandante militar, apoiou o reinado de Isbosete vigorosamente, ao ponto de confrontar o exército de Davi em uma batalha.

Quando se tornou claro que Isbosete não possuía aptidão para reinar, Abner reconheceu a inevitabilidade de ter Davi no trono de Israel. Portanto, Abner pôs em prática um plano em que as tribos do norte se submeteriam a Davi, e Abner seria recompensado tornando-se o líder dos exércitos do novo rei. As tribos do norte se submeteram a Davi, mas Joabe, em função de sua desconfiança acerca de seu próprio papel como general, assassinou Abner. Isbosete também foi morto por alguns de seus próprios homens do campo. Durante este período turbulento, Davi manteve a sua integridade. Genuinamente pranteando a queda dos líderes e punindo aqueles que haviam agido traiçoeiramente contra eles, o rei não somente agradeceu a Deus, como também achou graça aos olhos de seu povo (2 Sm 2.8—5.5). O autor do segundo livro de Samuel observou a vida de Davi de perto, para que ela se tornasse tanto um modelo quanto uma advertência para qualquer um.

O escritor de 1 Crônicas enfatiza a unidade de todo o Israel no apoio ao ungido de Deus, o rei Davi. Três curtos versículos em Crônicas enfatizam que todos os anciãos de Israel vinham de Hebrom para fazer com Davi uma aliança (1 Cr 11.3), o que 2 Samuel somente deixa nas entrelinhas, sugerindo que Benjamim, assim como Judá, reconhecia o reinado de Davi sobre a nação (2 Sm 3.17-21, 37; 5.1-3). Portanto, a narrativa de Crônicas dá a impressão de que a mudança da lealdade do povo de Saul para Davi se deu sem qualquer oposição. Para os propósitos do cronista, isso era o que importava acerca da ascensão de Davi ao trono. Na menção e descrição desses eventos, o cronista quis enfatizar tanto a unidade da nação quanto a escolha de Davi como o rei por Deus.

Josias de obedecerem aos estatutos do livro da aliança (2 Rs 23.2,3).

Conforme [...] Samuel. Anos antes, Samuel havia ungido Davi (1 Sm 16.1,3,12,13). Esta segunda unção veio, então, confirmar a primeira.

11.4 — *Jebus* foi outro nome para Jerusalém, o qual foi estabelecido pelos israelitas, pois a cidade havia pertencido aos *jebuseus* outrora. Entretanto, o nome não ocorre fora do Antigo Testamento (Js 15.8; 18.16,28).

11.5 — Outro nome que *Jerusalém* possuía era *Sião*. A cidade cananea original, cercada por altos e grossos muros, era considerada uma fortaleza. Após Davi tomá-la e torná-la sua capital, ela se tornou conhecida como a *Cidade de Davi*. Quando o templo foi construído no monte Moriá (2 Cr 3.1), ao norte da cidade, a área (às vezes, a cidade toda) era chamada de monte Sião.

11.6,7 — A fortaleza de Sião (1 Cr 11.5) parecia invencível até que *Joabe* encontrou um meio de penetrá-la. Como resultado, ele foi recompensado com o comando do exército de Israel. Na

verdade, ele já aproveitava uma íntima amizade com Davi, pois ele era um *filho de Zerua*, a irmã de Davi (1 Cr 2.15,16).

11.8,9 — *Milo*. A palavra hebraica *millow'* ou *mil-lo'* deriva de um verbo que significa (*pre*)*encher*, portanto sugere *preenchimento*. Quando Davi ocupou o *monte Ofel*, a pequena Jerusalém original, ele a expandiu grandemente, construindo muros ao longo do *vale de Cedrom*, para o leste e para o sul, e no *vale de Tiropoeon* (ou *vale de Mactés*) para o oeste. Entre esses muros e o topo do monte, ele construiu terraços, de forma que vários prédios pudessem ser construídos ali.

11.10-12 — *Heróis*. Este título foi dado a três indivíduos: a *Jasobeão*, a *Eleazar* (v. 12) e a *Sama* (2 Sm 23.11,12). Eles se distinguiram pela sua bravura e pelo seu serviço a Davi. *Joabe*, que fora nomeado *chefe* (v. 6), estava acima deles hierarquicamente.

*Jasobeão*. Este herói era conhecido como *Josebe-Bassebete* (2 Sm 23.8). Ele mostrou seu heroísmo matando *trezentos* dos inimigos com apenas


**PERFIL**
**OS HERÓIS DE DAVI**

A ascensão de Davi ao poder foi assegurada desde o princípio pelas promessas de Deus (1 Cr 11.10; 1 Sm 13.14; 15.28; 16.12). Todavia, a jornada dos pastos próximos a Belém ao palácio em Jerusalém foi longa e dura. No caminho, Davi atraiu um movimento crescente de fiéis seguidores que o ajudaram a conquistar o trono. Alguns de seus mais importantes seguidores eram conhecidos como *heróis*.

Esses guerreiros ou campeões tinham honra por terem alcançado inúmeras vitórias militares (2 Sm 23; 1 Cr 11), muitas das quais foram ganhas após a coroação de Davi como rei de Israel. Mas o núcleo deste grupo começou com muita humildade. Enquanto Davi fugia de Saul, renegados da sociedade israelita começaram a unir-se ao jovem belemita. As Escrituras dão três razões para que essa união acontecesse: sofrimento, endividamento e insatisfação (1 Sm 22.2). Aparentemente não tendo nada a perder, eles se uniram a Davi, o qual também tinha problemas com o rei.

Saul, em pouco tempo, soube a respeito desse grupo de rebeldes, composto de cerca de 400 homens. Então, suspeitando que seu próprio povo pudesse desertar para o inimigo da mesma forma, Saul disse a todos os seus criados que estavam com ele: *Dar-vos-á também o filho de Jessé, a todos vós, terras e vinhas, e far-vos-á a todos chefes de milhares e chefes de centenas...?* (1 Sm 22.7b). Na verdade, a resposta a essa pergunta foi sim. Sob o governo de Davi e seu sucessor, Salomão, a terra prosperou abundantemente (2 Sm 6.19; 7.1; 1 Rs 4.25), e muitos seguidores de Davi se tornaram conhecidos como *heróis*.

Durante os dias em que Davi fugia de Saul, ele e seus companheiros agiam como uma gangue, atacando os inimigos de Israel (1 Sm 23.5; 27.8-12). Estes conflitos serviram como verdadeiros exercícios de treinamento para o que os aguardava no futuro. Assim que Saul morreu, Davi começou a sua ascensão ao trono, e seus heróis obtiveram posições de poder em seu governo. Ele foi coroado em Judá, e seus homens o seguiram até Hebrom (2 Sm 2.3). De lá, eles o ajudaram a enfrentar uma guerra civil de sete anos contra a casa de Saul (2 Sm 3.1).

Finalmente, após Davi ter sido coroado rei sobre todo o Israel, seus homens se distinguiram ao ajudá-lo a capturar Jebus ou Jerusalém, a qual se tornou sua capital (1 Cr 5.6-10). Os heróis se tornaram o núcleo de um poderoso exército (1 Cr 5.17-25; 8.1-18).

uma das mãos. Esse evento só se encontra nesta passagem.

**11.13,14** — *Se Pas-Damin* era outro nome para Damin, essa pode ter sido a campanha contra os *filisteus* em que Davi matou Golias (1 Sm 17.1). O herói Eleazar (1 Cr 11.12) pode, então, ter sido um conhecido de longa data de Davi. Se essa tiver sido a mesma batalha, o cronista, desta vez, forneceu detalhes como o *pedaço de campo* que estava cheio de cevada, e os israelitas pondo-se no meio daquele pedaço.

**11.15** — Outra tropa de elite constituída de três pessoas, cujos nomes não aparecem neste episódio, penetrou as defesas dos filisteus. A *caverna de Adulão* se localizava, aproximadamente, a 19km a sudoeste de Belém e era um dos esconderijos favoritos de Davi nos dias em que fugia de Saul (1 Sm 22.1). O *vale dos Refains* ficava a sudoeste de Jerusalém, na direção de Adulão.

**11.16,17** — Era particularmente doloroso para Davi o fato de os filisteus terem ocupado

*Belém*, sua cidade natal. A ocasião deve ter sido o conflito de Davi com os filisteus após ele ter sido ungido rei de Israel em Hebrom, antes de tomar Jerusalém (2 Sm 5.17-25; 23.13-17). Como os filisteus conseguiram sitiar Belém não se sabe, apesar de seu motivo, provavelmente, ter sido desmoralizar Davi, o qual, talvez em um momento nostálgico ou de frustração pessoal, ansiava por *beber da água do poço de Belém* — um lugar tão familiar que o fez descrever sua localização aos seus homens.

**11.18,19** — *Davi não a quis beber*. Esse ato não foi de ingratidão. Ao contrário, nessa ocasião, ele expressou o maior senso de apreciação. Seus companheiros tinham arriscado a vida para levar água até Davi, e, naquele momento, observando todo o altruísmo deles, ele não se sentiu digno de bebê-la. Ele *a derramou perante o SENHOR* como se uma oferta de sangue fosse.

**11.20** — *Abisai* foi um dos irmãos de Joabe e um dos filhos da irmã de Davi, Zeruaia (1 Cr 2.16).

Assim como Joabe, Abisai era chefe de outros guerreiros em função de suas proezas.

**11.21,22** — *Aos primeiros três*. Isso se refere a Jasobeão, Eleazar (1 Cr 11.11,12) e Sama. Crônicas não menciona o terceiro pelo nome (2 Sm 23.11,12), mas reconhece sua existência (v. 12). Por razões desconhecidas, Abisai não se qualificava para ser um dos três heróis.

**11.23** — *Cinco côvados* equivalem a aproximadamente 2,2m.

**11.24** — *Três varões*. Deste grupo, somente os nomes de Abisai e Benaia são mencionados.

**11.25** — Abaixo do chefe Joabe e dos dois trios de heróis estavam *os trinta*. Seus nomes aparecem nos versos 26-47 e também em 2 Samuel 23.24-39. O termo *trinta* pode denotar a elite de uma unidade militar, que consistia de aproximadamente 30 homens. O termo não indica um número literal, visto que a lista nos versos 26-47, deste capítulo de Crônicas, inclui mais de 30 nomes.

**11.26-38** — *Asael* foi o terceiro filho de Zeruia, a irmã de Davi (1 Cr 2.16). Aparentemente, ele não foi um dos três heróis, mas sua posição como o primeiro na lista dos *trinta* demonstra ser alta. Seu nome não deve ter alcançado muito prestígio por ele ter morrido pelas mãos de Abner (2 Sm 2.18-23).

**11.39,40** — *Amonita*. Alguns dos heróis de Davi não eram israelitas. Eles devem ter sido imigrantes ou mercenários.

**11.41** — *Urias, o heteu*. A ironia de incluir esse guerreiro na lista é, obviamente, em função da sua morte pelas mãos de Davi e Joabe (2 Sm 11.6-17). Com notável candor, tanto Samuel quanto Crônicas incluem o nome de Urias entre os trinta.

**11.42-47** — *Adina, [...] o rubenita*, também parece ter liderado um grupo de *trinta*. Apesar de só existirem 16 nomes de Zabade a Jaasiel (v. 41,47), eles devem ter formado o núcleo de tal unidade militar. Os outros ou não eram mais conhecidos, ou apareceram após a lista ter sido escrita.

**12.1** — Cerca de 40km a sudoeste de Gate, *Ziclague* se tornou possessão pessoal de Davi. Ele a recebeu após chegar à Filístia, fugindo de

Saul, e submeter-se ao senhorio de Aquis, rei da cidade-estado Gate (1 Sm 27.1-7). Como um aliado e vassalo de Aquis, Davi devia pagar tributos e mostrar lealdade e submissão. Logo, ele promoveu ataques-surpresa de Ziclague contra várias tribos do deserto, tomando suas propriedades e trazendo de volta despojos para os filisteus. Uma parte dos despojos ele distribuía aos seus compatriotas, sem o conhecimento dos filisteus. Nisso, Davi se juntava a muitos outros “foras-da-lei” e refugiados de Judá em Ziclague até alcançar um considerável número de *heróis* (1 Sm 27.8-12).

**12.2,3** — Dentre seus guerreiros, encontravam-se benjamitas ambidestros, alguns dos quais membros da mesma tribo que Saul. Isso mostra a tamanha insatisfação com o governo de Saul. O fato de os benjamitas serem habilidosos, tanto com a mão *direita* quanto com a *esquerda*, é um tanto quanto irônico, porque o nome *benjamita* que dizer *filho da mão direita* (Jz 20.16).

**12.4,5** — Isso sugere que os benjamitas listados nesse contexto formavam uma unidade conhecida tecnicamente como *os trinta* (1 Cr 11.25), apesar de não haver exatamente trinta nomes na lista.

**12.6,7** — Visto que os outros heróis como o gibeatita, no verso 3, foram listados pelo lugar de origem, Corá foi, provavelmente, o nome de um lugar em Benjamim. Estes *coraitas* não podem ser confundidos com os levitas homônimos (1 Cr 9.19).

**12.8-13** — Davi havia atraído seguidores por todo o Israel. Os gaditas vinham das áreas do extremo norte e do centro, a leste do Jordão (1 Cr 5.11-17), para se unirem a ele. O *lugar forte* era a caverna de Adulão, o principal lugar de refúgio de Davi no deserto da Judéia (1 Cr 11.15; 1 Sm 22.1).

**12.14** — *Cem [...] mil*. Esses eram os termos empregados para as unidades militares que podiam ou não ter precisamente esta quantidade de homens. Os gaditas eram tão famosos pelo seu valor e pela sua habilidade de liderança (1 Cr 12.8) que logo ocuparam postos mais altos na hierarquia do exército de Davi.

**12.15-17** — Em conformidade com o calendário agrícola, o *mês primeiro* era nissã, que correspondia,



aproximadamente, a abril. Essa era a época das chuvas de primavera (Dt 11.14), quando os rios, frequentemente, transbordavam (Js 3.13; 4.18,19). Comumente, uma pessoa não conseguiria atravessar o Jordão nesse período, mas os gaditas não se detinham por tais obstáculos. Como testemunha da coragem deles, o cronista declara que eles atravessavam o Jordão nessas condições, perseguindo seus inimigos por todas as direções.

**12.18** — *Amasai* era, provavelmente, o Amasa de 1 Crônicas 2.17, filho da irmã de Davi, Abigail. Ele se tornou o chefe do exército de Davi assim que Joabe passou a não achar mais graça aos olhos de Davi (2 Sm 19.13), mas ele permaneceu nesta posição por pouco tempo, pois logo foi assassinado por Joabe, que era seu primo (2 Sm 20.4-13).

**12.19,20** — *Manassés* [...] *o despediram*. Este incidente revela o quão comprometida a posição de Davi era quando ele era ainda vassalo de Aquis de Gate (1 Cr 12.1). Ele foi pressionado a juntar-se aos *filisteus* contra Saul em Gilboa (1 Sm 29.1-11). Por conseguinte, os outros governantes filisteus rejeitaram Aquis e mandaram Davi de volta para Ziclague, antes que ele tivesse de ir para a guerra contra seus compatriotas israelitas.

**12.21** — Quando Davi regressou a Ziclague, achou que os amalequitas haviam atacado a cidade e levado sua família com outros prisioneiros (1 Sm 30.1). Aqueles que tinham abandonado Davi em sua marcha para Gilboa (1 Cr 12.19) decidiram juntar-se a ele em busca dessa tropa (1 Sm 30.2-25).

**12.22-27** — *O exército de Deus* se refere às vastas hostes angelicais, impossíveis de se contar. Davi atraiu tantos recrutas quando estava no deserto, fugindo de Saul, e em Ziclague, que seu número era incontável.

**12.28** — Este *Zadoque*, aparentemente um aronita (v. 27), logo, um sacerdote, provavelmente foi o mesmo Zadoque que fora nomeado sacerdote por Davi em Gibeão (1 Cr 16.39) e, depois, por Salomão em Jerusalém (1 Rs 2.26,27,35). O ofício sacerdotal não era incompatível com o da guerra. Finéias, claramente, demonstrou isso (Nm 25.6-9; Js 22.30).

**12.29,30** — *Eram pela casa de Saul*. Há, nesse trecho, uma sutileza a qual mostra que a transição de Saul para Davi não foi tranquila, como uma leitura superficial pode sugerir. Teria de haver uma transferência de fidelidade, algo que, normalmente, não é fácil, em razão de requerer tempo e diplomacia.

**12.31** — Estes nomes representam apenas delegados, não todo o contingente das tribos. O apoio de que Davi usufruiu teria sido ainda maior que os números poderiam sugerir.

**12.32-37** — *Ciência dos tempos*. O que as tribos estavam fazendo ao entronizar Davi não era por acaso. Foi a melhor alternativa em meio às circunstâncias. Parte do povo de *Issacar* entendia claramente que o tempo de Deus havia chegado para que Seus propósitos se cumprissem.

**12.38** — *Postos em ordem de batalha*. Essa expressão diz respeito à formação militar, conforme a habilidade ou a disciplina de cada um (1 Cr 12.33,36). Mas, como se trata do início do reinado de Davi, isso também diz respeito a ser leal e ter um *mesmo coração*. Ninguém duvidava em reconhecer que Davi era o homem de Deus, e as esperanças da nação, como uma comunidade teocrática, jaziam no apoio ao *rei*.

**12.39** — *Comendo e bebendo*. Além da praxe da festividade que acompanhava a coroação de um rei, essa expressão indica um pacto (Gn 31.43-55; Êx 24.11) — uma refeição que solenizava um concerto entre Davi e o povo (1 Cr 11.3).

**12.40** — *Issacar, Zebulom e Naftali*, geograficamente, eram as tribos mais distantes. A expressão *de mais perto* era uma forma de tratar a comum identidade do povo de Deus.

**13.1,2** — *Davi teve conselho*. Davi era rei e podia ter agido independentemente, mas ele entendia a importância do conselho divino. Antes de dar o grande passo seguinte, ele buscou o conselho das autoridades que lhe eram subordinadas.

**13.3** — Esta *arca* era a da aliança, a qual continha uma cópia dos Dez Mandamentos (Êx 25.10-22). Nos dias de Eli, a arca havia sido recuperada pelos filisteus, em cujas mãos ela permaneceu por meses (1 Sm 4.11; 6.1). Depois, ela ficou por um curto tempo em Bete-Semes



## EM FOCO

PAZ (HB. *SHALOM*)

(1 Cr 12.18; Gn 43.23; Nm 6.26; Is 54.13)

A palavra no original hebraico denota *plenitude e bem-estar*, bem como a ausência de desconforto – seja por dor ou por luta – interno ou externo (Gn 43.28; Is 26.3; Ec 3.8). É usada como uma saudação, como uma palavra de conforto e uma forma de abençoar (Gn 43.23; 1 Sm 25.5,6; 2 Rs 5.19). Jeremias e Ezequiel se pronunciaram contra os falsos profetas de seus dias, os quais, falsamente, profetizavam a paz (Jr 6.14; 8.11; Ez 13.10,16). Após o julgamento de Deus ter-se concretizado, Jeremias proclamou que os pensamentos do Senhor acerca dos cativos eram de paz, não de mal (Jr 29.11). A palavra ocorre em duas importantes profecias messiânicas que identificam o Messias como o Príncipe da Paz e Aquele que garantiria a nossa paz (Is 9.6; 53.5).

(1 Sm 6.13-15) e, por fim, estabeleceu-se em Quiriate-Jearim (1 Sm 6.20—7.1).

*Nos dias de Saul.* Durante o reinado de Saul. O povo de Quiriate-Jearim manteve a arca em sua cidade por motivos de segurança. Além de conter os Dez Mandamentos e servir como um trono para Deus, a arca representava a presença do Deus vivo entre os israelitas. Davi queria unificar os israelitas em volta de seu Senhor. Por essa razão, ele trouxera a arca ao novo centro político da nação, que era, na ocasião, Jerusalém. A cidade já era o centro do governo de Davi (1 Cr 11.4-9); naquele momento, ela se tornaria a morada de Deus. Israelitas, até mesmo de Berseba e Dã, começaram a chegar a Jerusalém para adorar o Senhor verdadeiro.

**13.4** — Uma vez mais, o cronista destacou a unidade de toda a nação na ocasião, quando disse que *todo o povo* concordava com a decisão de Davi de trazer a arca a Jerusalém.

**13.5** — *Sior do Egito.* Essa era outra maneira de se referir ao *Wadi el-Arish*, o rio do Egito que marcava a fronteira entre Egito e Canaã. Este era o ponto mais extremo ao sudoeste de Israel (Nm 34.5; Js 13.3).

*Chegar a Hamate.* Esse era o ponto mais extremo ao norte do reino de Davi, cerca de 160km ao norte do mar da Galiléia (Js 13.5; Jz 3.3; 2 Cr 7.8). *Quiriate-Jearim*, também conhecida como Baalá, era uma vila de, aproximadamente, 13km a oeste de Jerusalém. Ela se tornou o lar da arca da aliança por mais de cem anos (v. 3), no território de Judá, ao sul da fronteira com Benjamim (Js 15.9,10). Enquanto ela lá estava, ficou sob a

custódia de certo Abinadabe, que a colocou na caverna de seu filho, Eleazar (1 Sm 7.1). Quiriate-Jearim não era uma cidade sacerdotal ou levítica, logo, provavelmente, este Abinadabe não era um sacerdote.

**13.6** — A maior característica do Santo dos Santos, tanto no tabernáculo quanto no templo, era guardar a *arca*. Acima e atrás dela, *querubins* estendiam as suas asas e cobriam o propiciatório da arca (Êx 25.17-22). Entendia-se que Deus, em Sua glória, assentava-se sobre a arca como um rei, sobre seu trono.

*Seu nome.* Em Deuteronômio, a presença de Deus era frequentemente tida como a presença de Seu Nome (Dt 12.1-14).

**13.7,8** — Somente os levitas transportavam a arca, sobre seus ombros, usando barras que traspassavam suas argolas (Nm 4.1-16).

**13.9** — A *eira de Quidom* é também chamada de *eira de Nacom* (2 Sm 6.6). Eiras eram terrenos onde se espalhavam os grãos para secar e ser separados. Esta era, provavelmente, dentro de (ou próxima a) Quiriate-Jearim, pois é improvável que a carroça tivesse ido longe sem que Deus expusesse a eles seu erro em transportar a arca de maneira contrária aos Seus comandos.

**13.10** — O Senhor matou Uzá por causa da sagrada inviolabilidade da arca. Ela era um objeto santo, o qual representava a presença do próprio Deus (Êx 25.21,22). Portanto, tinha de ser manuseada de acordo com as mais estritas regulamentações (Nm 4.5). Lidar com a arca de qualquer outra forma, mesmo com a melhor das intenções, era um convite à ira de Deus

(Nm 4.15). A narrativa demonstra dramaticamente a santidade divina. Seu povo tinha de aproximar-se dele com muita reverência.

**13.11,12** — A eira de Quidom foi rebatizada de *Perez-Uzá*, que significa *ataque contra Uzá*. Desse ponto em diante, o nome desse lugar lembraria ao povo que violar a santidade de Deus significava dar lugar à Sua cólera.

**13.13,14** — Um *geteu* significa alguém de Gate, que era o nome de diversas cidades. Como *Obede-Edom* era um levita (1 Cr 15.18,24), ele, provavelmente, era da cidade levítica de Gate-Rimom em Dã (Js 21.25).

**14.1,2** — Um poderoso governante da cidade-estado fenícia de Tiro, *Hirão, rei de Tiro*, é mencionado nas Escrituras, assim como em outras fontes. Ele foi contemporâneo de Davi e Salomão. Seu trabalho para Davi, a construção de um palácio real, deve ter começado no fim do reinado de Davi. Além disso, *Hirão* providenciou material para o templo e outras construções, um projeto que não se completou até o vigésimo ano de Salomão (1 Rs 9.10). Isso indica que o cronista não discorreu acerca da construção do palácio de Davi e da chegada da arca em ordem cronológica. Tais eventos não aconteceram no início de seu reinado, mas no fim dele.

*Para lhe edificar uma casa.* Assim que um rei no antigo Oriente Médio se estabelecia, construía

um palácio para divulgar o fato. Como se vê no verso 2, Davi ergueu o palácio com o entendimento de que somente Deus podia tê-lo colocado no poder e o *exaltado*.

**14.3** — Além das esposas que adquiriu em Hebrom (2 Sm 3.2-5), *Davi* se casou com outras em *Jerusalém*. Apesar de a Bíblia nunca justificar a poligamia, antigamente os reis frequentemente davam-se a muitos casamentos por motivos políticos — um monarca se casava com a filha de outro rei para fortalecer ainda mais a aliança entre os reinos. Quanto maior fosse o harém de um rei, de mais prestígio ele desfrutava (2 Sm 3.1-5).

**14.4** — Os quatro filhos listados aqui foram filhos de Bate-Sua (Bate-Seba — 1 Cr 3.5).

**14.5-9** — Expandindo-se para o sudoeste de *Jerusalém* e demarcando a fronteira do norte de Judá (Js 15.8), o *vale dos Refains* foi cenário de muitas batalhas entre israelitas e filisteus (1 Cr 11.15,16; 2 Sm 5.17-22; 23.13-17). O conflito, neste contexto, foi um ataque de prevenção dos filisteus designado para evitar que Davi tomasse *Jerusalém* e fizesse dela a capital de Israel (1 Cr 11.4-9). Deus demonstrou que era com Davi, concedendo-lhe vitória sobre os filisteus.

**14.10,11** — *Baal-Perazim*. Deve haver uma referência a esse lugar e a esse evento em Isaías 28.21.

**14.12-15** — *Deus haverá saído diante de ti.* A estratégia para esta batalha era diferente (v. 10,14),



## PERFIL

### DAVI: O RESTANTE DA HISTÓRIA

Os livros de Crônicas foram escritos, provavelmente, durante ou logo após o retorno dos judeus do cativeiro em que se encontravam. Eles tendem a apresentar o rei Davi de maneira positiva, deixando de lado seus pontos fracos e suas falhas. A título de exemplificação, o registro das esposas e da família de Davi (1 Cr 14.3-7) exclui os trágicos detalhes da sua vida familiar. Alguns dos outros incidentes de sua vida omitidos pelas Crônicas incluem:

- o conflito de Davi ao fugir de Saul (1 Sm 18—30);
- as negociações com Abner, o general de Saul (2 Sm 3.6-21);
- os assassinatos de Abner e de Isbosete (2 Sm 3.22—4.12);
- a imoralidade de Davi para com Bate-Seba e o assassinato de Urias, o seu marido (2 Sm 11—12);
- a confusão na família de Davi como resultado do estupro de Tamar por Amnom, bem como a vingança de Absalão (2 Sm 13);
- a revolta e a morte de Absalão e a tristeza de seu pai (2 Sm 15; 18) e
- a disputada transferência de poder a Salomão com a morte de Davi (1 Rs 1; 2).

porque o Senhor queria que Davi entendesse que a batalha era dele, não de Davi. As pessoas, frequentemente, atribuem seu sucesso à própria inteligência ou à própria força, sem perceber ou negligenciando o fato de que Deus é a Fonte de todas as vitórias.

**14.16,17** — *Gibeão* ficava cerca de 10km a noroeste de Jerusalém, e *Gezer*, aproximadamente, a 25km a oeste de Gibeão. Os filisteus, evidentemente, deixaram o vale dos Refains, fugindo para o norte, para Gibeão, e, depois, foram perseguidos até Gezer, uma cidade perto de seu próprio território.

**15.1** — O *lugar para a arca* era o tabernáculo, na Cidade de Davi. O tabernáculo original construído nos dias de Moisés havia sido erguido em Siló, na Manassés central (Js 18.1). Ele permaneceu lá até a captura da arca pelos filisteus (1 Sm 4.1-11), quando, evidentemente, foi levada para Nobe, a 3km de distância de Jerusalém (1 Sm 21.1-6). Mais adiante, o tabernáculo foi levado para um alto em Gibeão (2 Cr 1.3), cerca de 3km ao norte da cidade de Saul. Quando Davi se tornou rei, ele deixou o tabernáculo de Moisés em Gibeão e nomeou Zadoque para o ministério sacerdotal (1 Cr 16.39). Mesmo depois de ele ter construído um novo tabernáculo no monte de Sião e ter conduzido a arca para dentro dele, o templo original permaneceu em Gibeão. Por fim, Salomão trouxe a arca do monte de Sião e a “tenda do encontro” (de Moisés) de Gibeão e colocou-as no novo templo, o qual ele próprio havia construído no monte Moriá (2 Cr 5.4,5). Em

outras palavras, a *tenda* de Davi foi para a arca um lar de transição entre o tabernáculo no deserto e o templo de Salomão.

**15.2-4** — Tendo aprendido sua lição no incidente com Uzá (1 Cr 13.10), Davi ordenou que a *arca do SENHOR* fosse removida desta vez de acordo com a Lei. Ela devia ser transportada pelos *levitas* por meio de barras inseridas em suas argolas (Nm 4.14,15).

**15.5-7** — Davi dividiu os levitas de acordo com suas genealogias. *Uriel* era o príncipe do clã dos coatitas (1 Cr 6.24), *Asaías*, o dos meraritas (1 Cr 6.30), e *Joel*, o dos gersonitas (1 Cr 23.8).

**15.8-10** — Todas as três famílias a seguir formaram subclãs dos coatitas. *Elisafã* foi um neto de Coate (Êx 6.18,22), *Hebrom* foi um filho de Coate (Êx 6.18), e *Uziel*, outro filho de Coate (Êx 6.18).

**15.11-16** — A transição do governo de Saul para o de Davi envolveu uma mudança do velho tabernáculo de Moisés para o novo lugar que Davi havia estabelecido no monte de Sião em preparação para o templo (1 Cr 15.1). O pai de *Abiatar*, o sacerdote *Aimeleque*, era o encarregado do velho tabernáculo quando ele deixou Siló e mudou-se para Nobe (1 Sm 21.1). *Aimeleque* (também conhecido como *Aías* — 1 Sm 14.3; 22.9) foi bisneto de *Eli*. Este deve ter sido descendente de *Itamar*, um dos filhos de *Arão*, pois o sacerdócio foi tirado da sua linhagem e dado à linhagem de *Eleazar*, outro filho de *Arão* (1 Cr 6.3,4; 1 Sm 2.22-36). A linhagem de *Eleazar* gerou *Zadoque* (1 Cr 6.8).



## EM FOCO

### CÍMBALOS (HB. *METSELETH*)

(1 Cr 13.8; 15.16; 16.42; 25.6; Ne 12.22).

A raiz dessa palavra significa *tinir*, a qual indica um tipo de instrumento que podia ser feito de bronze (1 Cr 15.19). Os címbalos estão sempre acompanhados de outros instrumentos, bem como estão sempre associados à cantoria (1 Cr 15.19; 2 Cr 5.12,13; Ne 12.27). Em uma ocasião, acompanharam o exercício da profecia (1 Cr 25.1). Davi e Natã estabeleceram uma ordem levítica de músicos que incluía os que tocavam címbalos e instrumentos de cordas para glorificar a Deus (1 Cr 15.16; 2 Cr 29.25; Ed 3.10,11). O tocador de címbalos levítico liderava esses músicos na adoração a Deus (1 Cr 16.5). Eles eram tocados durante celebrações ao Senhor, como na dedicação do templo de Salomão, na consagração de Ezequias na Casa do Senhor, na fundação do segundo templo e na dedicação dos muros de Jerusalém (2 Cr 5.11-14; 29.25-31; Ed 3.10,11; Ne 12.27).

Nos tempos de Davi, representantes das linhagens de sumos sacerdotes, tanto de Itamar quanto de Eleazar, ministravam concomitantemente. Zadoque, que descendia de Eleazar, servia no tabernáculo em Gibeão. Abiatar, o qual descendia de Itamar, era sacerdote em Jerusalém. Quando Salomão chegou ao poder, Abiatar foi deposto, e Zadoque passou a ministrar como sumo sacerdote no templo (1 Rs 2.26,27,35).

**15.17** — O músico *Hemã* era neto do profeta Samuel (1 Cr 6.33), um coaita. Provavelmente, ele é o mesmo Hemã que aparece no cabeçalho do Salmo 88. *Asafe* era líder dos levitas gersonitas (1 Cr 6.39,43). Ele e seus filhos ministravam principalmente como cantores (1 Cr 25.1,2; 2 Cr 20.14) e compositores, como sugerem as legendas dos Salmos (Sl 50; 73—83). *Etã* era o chefe da divisão merarita dos músicos (1 Cr 6.44) e pode ser o mesmo *Etã*, o *exraíta*, compositor do Salmo 89, que era conhecido como um sábio (1 Rs 4.31).

**15.18,19** — *Segunda ordem*. Os músicos, aparentemente, ocupavam um lugar de mais importância que os porteiros, os quais são mencionados em seguida (1 Cr 9.17-27).

**15.20** — *Com alaúdes, sobre Alamote*. Tanto os músicos quanto os porteiros listados nesse contexto são os mesmos que os do verso 18. Como os porteiros trabalhavam em sistema de revezamento e, para essa função, não era necessário atenção em tempo integral, os dois cargos podiam ser acumulados.

**15.21,22** — O termo *Seminite* deve derivar da palavra hebraica *shemiyinyth*, que quer dizer *uma oitava abaixo*, referindo-se à escala musical.

**15.23** — A responsabilidade dos *porteiros da arca* parece limitada à tarefa de transportar a arca da casa de Obede-Edom para o tabernáculo davídico.

**15.24-26** — Provavelmente, o *Obede-Edom* desta passagem era o mesmo que guardava a arca nos meses que antecederam o retorno dela para Jerusalém (1 Cr 13.13,14). Ele, aparentemente, era um levita (1 Cr 13.13) e, certamente, era um homem justo (1 Cr 15.25; 16.38).

**15.27,28** — *Éfode de linho*. Esta vestimenta do Antigo Testamento é parte do traje de um sumo

sacerdote (Êx 28.40) ou, de maneira mais simplista, de um sacerdote em geral (1 Sm 22.18).

**15.29** — Davi havia-se casado com *Mical, filha de Saul*, logo que começou a servir na corte de Saul (1 Sm 18.27). Seu relacionamento foi conturbado — talvez porque Davi havia passado pelo menos dez anos fugindo do pai dela. Algum tempo depois, Saul anulou o casamento e deu Mical a outro homem (1 Sm 25.44). Uma das condições do acordo de paz de Davi com Abner e da reunificação da nação sob o reinado de Davi era que Mical voltasse a ser sua esposa (2 Sm 3.13-16). Mical foi um dos poucos laços remanescentes entre Davi e a dinastia de Saul. Para que a transferência de governo de Saul para Davi fosse completa, era necessário que a filha de Saul fosse transferida de volta para Davi — mesmo contra a vontade dela. Quando Mical viu Davi regozijando-se com o retorno da arca, ela o desprezou em função da lealdade que tinha ao seu pai e da ira que ela voltou a sentir subsequentemente.

**16.1-3** — *Davi [...] repartiu a todos*. A distribuição de comida de Davi ia de acordo com a natureza das ofertas de paz dos versos 1 e 2. Tais ofertas, frequentemente, acompanhavam ocasiões de adoração e ações de graças como esta. Eles eram únicos no compartilhar da refeição — todos



## EM FOCO

### MINISTRAR (HB. SHARAT)

(1 Cr 16.4; Nm 3.31; Sl 101.6)

O termo significa *servir*, podendo denotar serviço honorável e de alto nível também, tanto sagrado quanto secular. O sentido secular do termo diz respeito ao trabalho de servidores, normalmente, aqueles que sucediam outros no ministério (Gn 39.4; Js 1.1,5). O uso sagrado dessa palavra se aplica primordialmente ao trabalho dos sacerdotes, apesar de, ocasionalmente, eles serem levitas, e ao dos anjos (1 Cr 15.2; Dt 17.12; Sl 103.21; Hb 1.14).

Na maior parte do tempo, a ministração é realizada para o Senhor ou diante dele, mas, em Números 18.2; 16.9; Ezequiel 44.11; Números 1.50, está registrado que os levitas ministravam para os sacerdotes, o povo e o tabernáculo, respectivamente. Ministar diante do Senhor, geralmente, envolvia música (1 Cr 6.31,32; 16.4,5).

participavam: o que servia, sua família e seus amigos, os sacerdotes e, até mesmo, Deus (Lv 7.11-14, 28-34; Dt 12.17-19).

**16.4-6** — A nomeação dos *levitas* apresentados neste contexto foi de caráter mais permanente que em 1 Crônicas 15.1-24, que envolvia a tarefa imediata de transportar a arca para Jerusalém. Algumas das pessoas citadas nos versos 5 e 6 também o foram naquela ocasião.

**16.7-11** — Isso é uma forte indicação de que o próprio Davi compôs o *salmo*. As habilidades musicais dele se comprovavam (2 Sm 22.1; veja os cabeçalhos dos Salmos 3—9). Este salmo consiste em três diferentes partes. Cada uma delas se correlaciona com parte de outro salmo, como se vê a seguir: 1 Crônicas 16.8-22 com o Salmo 105.1-15; 1 Crônicas 16.23-33 com o Salmo 96.1-13; e 1 Crônicas 16.34-36 com o Salmo 106.1,47,48.

**16.12** — *Das suas maravilhas que tem feito*. Davi apelou para que a nação refletisse sobre a fidelidade de Deus manifesta na história da nação. O Senhor, que se revelara no passado, era o mesmo de quem a nação unificada podia depender nos anos que adviessem.

**16.13,14** — *Servos [...] eleitos*. Essas palavras refletem o papel de Israel como nação eleita, chamada por Deus para servir-lhe como um *reino sacerdotal e povo santo* (Êx 19.6). Davi era ciente da importância do chamado de Israel por Deus e da sua responsabilidade como líder daquela nação privilegiada.

**16.15** — O instrumento que ligava Deus a Israel legal e formalmente era um *concerto*, que era um pacto entre duas partes — nesse caso, uma parte superior e uma inferior —, em que as duas faziam juramentos de lealdade e compromisso mútuos. As promessas de Deus no concerto foram fundamentadas em Sua fidelidade.

**16.16-18** — *A Abraão* Deus prometeu terras (Gn 12.7) e inúmeros descendentes (Gn 15.5; 17.5-8). Deus designou os descendentes de Abraão para serem o povo por meio do qual Ele abençoaria todas as nações (Gn 12.2,3). Neste salmo, Davi reflete acerca da confiança nas promessas de Deus a Abraão — renovadas a Isaque

e confirmadas a Jacó. Tendo acabado de tornar-se rei de todo o Israel, Davi era mais que ciente da fidelidade de Deus em dar a ele a terra que sob o seu domínio agora estava.

**16.19** — *Pequeno número*. Isso diz respeito à época dos patriarcas. Quando Jacó foi ao Egito, toda a sua família somava apenas 70 pessoas (Gn 46.27).

**16.20,21** — *De nação em nação*. Na época dos patriarcas, o povo de Deus em Canaã, ocasionalmente, habitava entre outros povos, como os egípcios (Gn 12.10), os filisteus (Gn 20.1; 21.34; 26.1) e, até mesmo, os heteus (Gn 23.4,17-20).

*Repreendeu reis*. Esse trecho é uma referência ao julgamento de Faraó por Deus (Gn 12.17) e, particularmente, à repreensão a Abimeleque, o rei filisteu de Gerar (Gn 20.3-7).

**16.22-24** — Abraão e os patriarcas não foram literalmente unguídos com óleo, como se fosse iniciar sua carreira no sacerdócio ou no governo. Neste contexto, *unguidos* significa *separados para o serviço de Deus*.

*Profetas*. Apesar de o ofício de profeta como um chamado “profissional” ter começado com Samuel, havia indivíduos do princípio da história da Bíblia que eram conhecidos como profetas. A referência aqui é especificamente a Abraão, o qual foi chamado de *profeta* em Gênesis 20.7, a primeira ocorrência da palavra nas Escrituras.

**16.25** — *Mais tremendo é do que todos os deuses*. Isso não admite a possibilidade de haver outros deuses reais. Refere-se aos vários deles em quem os pagãos criam. Os gentios podiam temer deuses inexistentes, mas o Deus vivo devia ser temido acima de qualquer outro “deus”, pois o Senhor é vivo e é aquele a quem se deve prestar contas.

**16.26-30** — *Vaidades*. Nesse contexto, o poeta põe as coisas em seus devidos lugares e mostra o quão tolo é alguém temer deuses que são produtos manufaturados, advindos da criação humana.

**16.31,32** — A expressão *O SENHOR reina* é um apelo para o reconhecimento universal da soberania do Deus de Israel. O Senhor havia chamado Israel para uma aliança especial, mas isso não excluía as outras nações, as quais poderiam ter um relacionamento da mesma natureza



## APLICAÇÃO

### MAIS TREMENDO QUE TODOS OS DEUSES

Há pessoas que discordam do fato de os cristãos afirmarem que seu Deus é o único e verdadeiro. No entanto, a Bíblia declara enfaticamente que o Senhor é, sim, maior que todos os outros deuses, os quais são, na verdade, ídolos (1 Cr 16.23-27). Somente Ele merece adoração, pois é o Criador e o Sustentador da vida.

As culturas mais antigas adoravam muitos deuses, e, praticamente, todos eles se associavam à natureza. Os deuses dos cananeus, por exemplo, faziam parte do seu culto à fertilidade, designado a aumentar sua produção agrícola e a taxa de natalidade. Os hebreus eram os únicos fundados na crença em um único e supremo Deus.

Hoje, igualmente, as pessoas adoram e servem a uma miríade de deuses e um sem número de ideias conflitantes acerca de Deus. Enquanto isso, a crença de que há apenas um Senhor supremo parece cada vez menos popular, especialmente em uma época que trata a tolerância e o pluralismo religioso como as maiores virtudes que alguém pode ter. Contudo, Deus não mudou. Ele ainda convida todas as famílias do mundo a prestarem a Ele a glória, a qual é devida ao Seu Nome (1 Cr 16.28-30). Isso não necessariamente prega a intolerância, mas, simplesmente, a resposta ao que é factual.

com o Altíssimo. Na verdade, o propósito da eleição de Israel era que ela se tornasse luz para as nações, a fim de que elas se voltassem ao único Deus verdadeiro (Is 42.5-7; 43.8-13).

**16.33-36** — *Jubilarão as árvores*. Essa figura de linguagem chamada de personificação, em que características humanas são atribuídas a coisas inanimadas, foi empregada para indicar que toda a criação foi negativamente afetada pela queda da humanidade. Somente após o homem ser redimido, poderá ser restaurado à perfeição e, portanto, verdadeiramente ter júbilo.

O SENHOR [...] *vem a julgar a terra*. Essa consumação da história fará toda a criação explodir em adoração.

**16.37** — Davi nomeou *Asafe* para ser o supervisor da adoração diante do Senhor (1 Cr 16.5).

**16.38** — *Obede-Edom*. Existem dois homens com esse nome neste versículo. O primeiro foi o que abrigou a arca em sua casa por três meses (1 Cr 13.14) e foi também o porteiro-mor da arca (1 Cr 15.24). O segundo, também porteiro, foi um dos filhos de *Jedutum* (talvez, o que era conhecido com *Etã* — 1 Cr 6.33,39,44).

**16.39** — Até que o templo de Salomão ficasse pronto, havia dois lugares designados para a comunidade adorar a Deus — o tabernáculo de Moisés, em Gibeão, e o de Davi, no monte de Sião. Zadoque, um descendente de Eleazar, servia em Gibeão, enquanto Abiatar, um descendente de Arão, servia em Jerusalém (1 Cr 15.11).

**16.40** — Apesar da existência deste altar no monte de Sião, o que se encontrava em Gibeão era, aparentemente, considerado o altar oficial, porque ele tinha sido construído sob o comando de Moisés (2 Cr 1.3,5,6). Zadoque e seus colegas sacerdotes ministravam nas cerimônias de sacrifício da manhã e da noite em Gibeão. No início de seu reinado, Salomão também ia ao alto, em Gibeão, oferecer sacrifícios — um ato completamente aceitável a Deus, que, lá mesmo, abençoou-o (1 Rs 3.4,5,10-13; 2 Cr 1.3,11,12).

**16.41** — *Jedutum*. Provavelmente, esse foi um outro nome que teve o músico *Etã*, o qual, normalmente, é citado com *Asafe* e *Hemã* (1 Cr 15.17,19; 6.33,39,44).

**16.42,43** — *Instrumentos de música de Deus*. Essa expressão faz referência a instrumentos que tocam músicas de louvor ou não a Deus. É difícil não precisar a importância da música na adoração do Antigo Testamento. O próprio livro de Salmos e suas constantes referências ao ministério de corais e orquestras demonstram o significado da música (1 Cr 9.33; 15.16-24; 16.4-6; 25.1-31), a qual era uma importante forma de as pessoas adorarem seu Criador.

**17.1-4** — O profeta *Natã*. Esse é o primeiro profeta que aparece no livro. *Natã*, aparentemente, serviu a Davi e a Salomão ou como um capelão particular, ou um conselheiro (2 Sm 7.2,3; 12.1-15; 1 Rs 1.8-30, 32-38, 45; 2 Cr 29.25). Uma de

suas obras, *As crônicas do profeta Natã*, foi uma das fontes para a composição do livro de Crônicas (1 Cr 29.29; 2 Cr 9.29).

Uma *casa de cedros* indica a riqueza de Davi, pois o cedro era muito caro para alguém ter em qualquer lar.

**17.5** — *De tenda em tenda*. Isso faz referência à jornada de Deus da improvisada *tenda da congregação* (Êx 33.7) para o tabernáculo de Moisés (Êx 40.34-38) e, depois, para aquele erguido por Davi no monte de Sião (1 Cr 16.1).

**17.6** — Além de ter “vivido” em locais modestos, Deus também “viveu” como um nômade, visto que a casa de adoração se mudava de um lugar para o outro. No tempo dos *juizes*, o tabernáculo ficou em Siló (Js 18.1) e, depois, possivelmente, em Nobé (1 Sm 21.1). Antes disso, ele peregrinou com Israel pelo deserto do Sinai antes de ir para Gilgal (Js 4.19; 5.10). Na ocasião, permaneceu em Gibeão por um tempo.

**17.7** — Geralmente, no antigo Oriente Médio, assim como no Antigo Testamento, os reis eram frequentemente comparados a pastores (Is 44.28; Zc 10.3; 11.4-17). Davi, literalmente, pastoreou *ovelhas* antes de ser chamado para pastorear Israel, o rebanho de Deus.

**17.8** — *E te fiz um nome*. A reputação de Davi como líder havia-se tornado internacionalmente conhecida. Ele se equiparava com os maiores governantes do mundo.

**17.9** — *Ordenarei um lugar*. Essa expressão não sugere que Israel devia mudar-se da Palestina, pois ela era a Terra da Promessa desde o princípio

(Gn 13.14-17; 15.18-21; 17.8; Êx 3.16,17; 6.8; Dt 1.8; Js 1.2-5).

*Filhos da perversidade*. Esse era um termo que designava os inimigos de Israel — os que a perseguiram e a tiraram de sua terra natal.

**17.10-12** — *Casa*, neste contexto, significa dinastia. Davi dissera que construiria uma casa (um templo) para Deus, mas o Senhor disse-lhe que Ele mesmo construiria a casa (uma dinastia) para Davi. Uma monarquia abençoada por Deus já era aparente na promessa que o Altíssimo havia feito a Abraão (Gn 17.6). Além disso, quando Jacó abençoou seus filhos, ele declarou que um cetro legislador (um rei) viria de Judá (Gn 49.10). Davi foi ungido como rei por Samuel (1 Sm 16.1,12,13), assim como recebeu confirmações de que governaria Israel (1 Sm 23.17; 24.20; 26.25; 28.17). Entretanto, a promessa de Deus de estabelecer a dinastia davídica para sempre fora sem precedentes.

*Tua semente*. Isso diz respeito a Salomão. Aqui, *casa* só pode significar templo, pois Deus não tem dinastia. O templo era a morada de Deus entre Seu povo (1 Rs 8.10,11).

**17.13** — *Pai [...] filho*. Essa célebre frase afirmava que a dinastia de Davi possuía um relacionamento tão íntimo com o Senhor que seus reis seriam considerados, de forma extraordinária, filhos de Deus.

*Daquele que foi antes de ti*. Trata-se, aqui, de Saul, de quem Deus retirou a Sua bênção (1 Cr 10.14).

**17.14,15** — Aqui, o foco muda claramente de Salomão, o sucessor imediato de Davi, para toda



## EM FOCO

### TRONO (HB. *KISSE'*)

(1 Cr 17.12; Sl 103.19; Is 66.1)

Esse termo pode referir-se a qualquer tipo de assento ou cadeira (Sl 1.1), mas, normalmente, refere-se a um lugar de honra (Is 22.23), especialmente um trono (Et 5.1).

Frequentemente, essa palavra é usada para denotar posição ou autoridade real (1 Rs 16.11). *Estabelecer* um trono significa confirmar um rei e sua dinastia. Logo, o trono de Davi era particularmente importante, pois, em Sua aliança com Davi, Deus prometeu que o trono do filho desse rei seria confirmado para sempre (1 Cr 17.12; Sl 89.4). Salomão e os reis de Judá que o sucederam se sentaram no trono de Davi (1 Rs 2.12; Jr 22.2,4), mas é Jesus, o Filho de Davi, quem vai cumprir esta profecia, reinando *sobre o trono de Davi [...] para sempre* (Is 9.7).



a sucessão de reis da linhagem davídica. Eram o *reino* e o *trono* da dinastia que se firmariam *para sempre*, uma promessa tornada possível somente pelo Reino de Jesus Cristo, o Filho de Davi (Lc 1.32,33). Tal mudança de referencial é comum em textos proféticos, onde o imediato e o remoto são tão ligados que ela chega a ser imperceptível por vezes. Outras pistas devem, portanto, ser observadas, como a de Salomão no verso 12 deste capítulo, pois ele construiu o templo onde somente Cristo poderá reinar, visto que se trata de um reino eterno (1 Cr 17.14).

**17.16-18** — Davi respondeu à bênção de Deus com adoração.

*Casa.* Davi perguntou o que fazia dele objeto da graça de Deus. Ele não tinha credenciais que merecessem as incríveis promessas divinas de um reino eterno.

*Pouco aos teus olhos.* A falta de ancestralidade real de Davi não importava para Deus, pois não era isso o que impressionava o Senhor.

*Que mais te dirá Davi.* Uma vez que a verdade da promessa se entranhou no entendimento de Davi, ele se achou sem palavras.

**17.19,20** — *Não há Deus além de ti.* Isso é uma clara declaração da exclusividade do Deus de Israel. Expressões como *todos os deuses* e *deuses das nações* na canção de ação de graças de Davi (1 Cr 16.25,26) devem ser entendidas à luz dessa clara confissão de que há somente um Deus vivo.

**17.21** — A observação de Davi que se encontra neste trecho não se trata de nacionalismo cego. Como Davi continuava a adorar a Deus, ele, assim como Moisés, expressou uma teologia de eleição de Israel. O Senhor escolhera Israel, Seu povo próprio, simplesmente por Sua vontade. Os israelitas não tinham nada que pudesse representar valor a Deus. Na verdade, eles eram um povo insignificante e cativo (Dt 7.6-11). O lugar proeminente de Israel entre as nações se dava devido à abundante misericórdia divina. A menção de Israel como *única nação na terra, a quem Deus foi remir* não exclui a eventual redenção das outras. O ponto aqui não é soteriológico, mas de servilismo. A redenção de Israel não tinha o objetivo de salvá-la a fim de torná-la povo do

Senhor, porque isso já era fato (Êx 3.7,10; 4.22,23), mas livrá-la para com ela fazer um pacto de servilismo (Êx 19.6). Isso permitiu que as outras nações se maravilhassem com o poder de *Yahweh* e pudessem engrandecer o Seu nome.

**17.22** — *O teu povo.* Esse termo é, obviamente, fundamentado em Êxodo 19.5 e Deuteronômio 7.6 e 14.2, textos nos quais Israel é descrita como uma *propriedade peculiar* e *povo próprio*. A afirmação se baseia no centro da aliança de Moisés. No monte Sinai, o Senhor havia-se tornado o Deus de Israel; e esta, por sua vez, o povo de Deus.

**17.23,24** — *A palavra que falaste.* Isso se reporta à aliança que Deus acabara de fazer com Davi em relação à sua dinastia (1 Cr 17.7-14). O apelo de Davi a Deus para estabelecer Sua palavra veio imediatamente depois da sua menção ao êxodo e à aliança de Moisés. Davi sabia que a aliança do Senhor com ele se fundamentava nas promessas anteriores de Deus a Abraão.

**17.25,26** — *Teu servo [...] orar.* Davi não quis dizer, nesta passagem, que passou a ser um homem de oração devido às promessas que recebeu de Deus, mas ele achou, naquele momento, coragem para orar (1 Cr 17.16-24), pois as promessas serviram de encorajamento para ele.

**17.27** — *Abençoada para sempre.* Davi parece não dar espaço para um entendimento temporário e condicional de seu reino. Deus o convenceu de que ele e seus descendentes teriam eternamente a bênção dele (1 Cr 17.9,12,14).

**18.1** — Este é o único registro de Davi tomando a cidade dos *filisteus*, apesar de tê-los derrotado muitas vezes em combates. *Gate* era a cidade de Filístia mais próxima do território israelita, logo, oferecia a maior ameaça a Israel.

**18.2** — A ocasião em que Davi se responsabilizou pela campanha contra os moabitas deve ter sido muito dura, visto que ele tinha muita estima por Moabe. A sua bisavó, Rute, veio de Moabe (Rt 4.13-17), e Davi mandara a própria família para lá por motivos de segurança, enquanto se escondia de Saul (1 Sm 22.3,4). O termo que melhor expressa a relação descrita aqui, em que os moabitas se tornaram *servos de Davi* e a ele pagaram *tributo*, seria suserania. Isso significa que

Moabe não pertencia ao reino de Israel e também não tinha um governante israelita. Governantes nativos podiam permanecer no ofício, mas tinham de mostrar sua submissão a Davi, fazendo tratados de suserania com ele.

**18.3,4** — A campanha, nesta passagem, pode ter ligação com a guerra dos siros, melhor delineada em 1 Crônicas 19.1-19, pois *Hadadezer* é mencionado em ambos os contextos. Seu reino, Zobá, ficava ao norte de Damasco. Davi o perseguiu até Hamate, a, aproximadamente, 160km de distância de Damasco, em um esforço para expandir o império israelita até o rio Eufrates. A justificativa de Davi deve ter sido a promessa de Deus a Abraão de que a terra a qual Ele estava concedendo iria estender-se desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates (Gn 15.18).

**18.5** — A capital do reino da Síria ao norte e ao nordeste de Israel era *Damasco*.

**18.6,7** — *Servos* [...] presentes. Esses termos técnicos, assim como no caso de Moabe (v. 2), sugerem que Damasco se tornara um estado vassalo de Israel. Em pouco tempo, Moabe e Damasco se tornaram estados dominados, e Zobá transformara-se em um território ocupado.

**18.8,9** — Às duas cidades, *Tibate* e *Cum*, Samuel adicionou mais uma, *Berotai* (2 Sm 8.8). Todas as três são mencionadas em textos egípcios e localizavam-se no nordeste de Balbeque, no Líbano central.

**18.10** — *Para lhe perguntar como estava, e para o abençoar*. Essa aparente linguagem casual explica uma situação formal em que *Toú*, o rei de Hamate, voluntariamente aproximava-se de Davi em submissão de servo. Em outras palavras, o que Moabe e Damasco faziam involuntariamente, Hamate fazia voluntariamente, fazendo-se de estado vassalo de Israel.

**18.11** — O fato de Davi ter *consagrado* todos os espólios de guerra sugere que ele via as batalhas como campanhas de guerra santa. Nela, iniciada e dirigida por Deus, tudo procede da vitória que pertencia a Ele. Dizia-se que os espólios eram *anátema* ou malditos (Js 6.17,18), o que significa que eles não podiam ser usados para propósitos seculares, mas somente para serem consagrados

a Deus. Quando Salomão construiu o templo, levou todas as coisas consagradas para os tesouros do templo (2 Cr 5.1). Os espólios de Amaleque deviam incluir conquistas dos amalequitas por Saul (1 Sm 15.9), mas, provavelmente, fazem referência às investidas de Davi contra eles, enquanto ele habitava em Ziclague, como um vassalo de Aquis, de Gate (1 Sm 27.8,9).

**18.12** — Um dos sobrinhos de Davi (1 Cr 2.15,16), *Abisai*, foi incluído em um dos grupos dos três de Davi (1 Cr 11.20).

*Vale do Sal*. Esse vale ficava a poucos quilômetros a leste de Berseba.

**18.13,14** — O termo *servos* sugere que Edom se tornou não somente um inimigo derrotado, mas também um estado vassalo de Israel. Isso permitiu a Edom continuar com a própria liderança, mas sob a supervisão de perto de Davi, como a referência às guarnições militares israelitas deixa claro.

**18.15** — Davi recompensou seu sobrinho *Jobabe* (1 Cr 2.15,16) com o posto de comandante do exército, pelo seu sucesso em minar os muros de Jerusalém (1 Cr 11.4-9).

*Chanceler* [ou *cronista*, na ARA]. Josafá era o encarregado de cuidar dos arquivos e dos registros reais. O próprio cronista deve ter tido acesso a tais documentos quando ele compôs este livro (1 Cr 27.24).

**18.16** — *Zadoque* descendia de Arão por intermédio de Eleazar (1 Cr 16.39).

*Abimeleque*. Abiatar, um descendente do filho de Arão, Itamar, servira como sacerdote de Davi no deserto (1 Sm 22.20) e, mais tarde, em Jerusalém (1 Cr 15.11). No entanto, ele foi desleal a Salomão e, por isso, removido do ofício, deixando Zadoque como o único sumo sacerdote (1 Rs 2.27,35). É bem provável que Davi tenha suspenso Abiatar de sua função também algum tempo antes, pois, na presente passagem, seu filho, Abimeleque, exerceu o sacerdócio com Zadoque.

**18.17** — *Quereteus* [...] *peleteus*. Eram tropas de elite, provavelmente, compostas de mercenários. Elas obedeciam a Benaia, um membro de um dos grupos dos três (1 Cr 11.24). Havia filisteus conhecidos como quereteus



## ENTENDENDO MELHOR

### PORTAS E FORTALEZAS

As batalhas eram frequentemente travadas às portas das cidades (1 Cr 19.9), o que se caracterizava por ser seu ponto defensivo mais vulnerável. Essas portas eram feitas de madeira; por conseguinte, era fácil para os inimigos terem acesso à cidade, por meio da força ou do fogo; mais fácil que atacar ou minar os muros de pedra da cidade. Por essa razão, várias melhorias foram feitas para que a(s) porta(s) da cidade resistisse(m) melhor às invasões (2 Cr 8.5).

Uma melhoria foi fazer rampas longas e estreitas para serem as entradas da localidade, as quais seriam paralelas a um dos muros. Essas rampas eram frequentemente construídas ao longo dos muros, da direita para a esquerda, para que os soldados inimigos (que eram destros, em sua maioria) fossem forçados a dar meia-volta para se defenderem. A rampa também significava que os soldados inimigos tinham de correr a distância de um muro para alcançar a porta, um processo em que se expunham tanto que se tornava fácil atacá-los.

As cidades tinham mais de uma porta na portaria. A porta externa era feita fora da cidade, em um ângulo estratégico. Localizava-se em frente à rampa de acesso e significava o maior obstáculo aos inimigos.

Essas portarias assemelhavam-se às de um castelo. Elas tinham, inclusive, torres. Os soldados defensores se posicionavam no alto desses complexos, por trás das portas. Se o inimigo tivesse sucesso em adentrar a porta externa, eles podiam achar-se confinados em uma estreita passagem que ia em direção à porta principal. Os soldados defensores, então, bloqueavam essa passagem e ficavam acima dela, sobre os muros. Se os adversários sobrevivessem a todas essas armadilhas, ainda teriam de passar pela porta interna com suas defesas.

A porta principal era uma estrutura com muitas câmaras, parecida com uma grande torre. Ela consistia de um conjunto de quatro portas, atrás das quais havia câmaras que abrigavam soldados defensores. Os tetos dessas estruturas eram designados para que os defensores tivessem uma posição estratégica a fim de enxergar bem o inimigo.

(Ez 25.16; 1 Sm 30.14), e a relação entre os peleteus e os filisteus (2 Sm 15.18) leva à conclusão de que eles eram todos da Filístia.

Os *primeiros*. Eram os filhos de Davi que lhe serviam em seu governo. Eles eram chamados pela palavra hebraica *ri'shon*, normalmente, traduzida como *sacerdotes* (2 Sm 8.18).

**19.1** — Como *Naás* reinava durante os primeiros anos do governo de Saul (1 Sm 11.1), o presente incidente deve ter ocorrido no início do reinado de Davi em Jerusalém. Naás, evidentemente, liderou por mais de 50 anos (40, de Saul, mais sete de Davi, em Hebrom, mais os anos que se passaram em Jerusalém).

**19.2** — *Usarei de benevolência*. O que Davi tinha em mente não se sabe. A palavra traduzida como *benevolência* é *hesed*, um termo hebraico rico em significado que quer dizer aliança. Talvez, Davi estivesse dizendo que ele faria uma aliança com Hanum, tal qual Naás fez com ele. Isso seria particularmente apropriado, assim como a morte de uma das partes acordadas necessitaria que ela fosse renovada pelo seu sucessor.

**19.3** — *A esquadrinhar e a [...] espiar*. A suspeita dos conselheiros de Hanum pode não ter sido totalmente injustificável à luz dos planos ambiciosos de Davi para estabelecer um império (1 Cr 11.9; 14.2).

**19.4,5** — *Rapou [...] cortou*. Os antigos semitas se orgulhavam de suas barbas e das suas vestimentas escrupulosamente modestas. Os amonitas humilharam os homens de Davi da maneira mais ofensiva possível.

**19.6** — *Tinham-se feito odiosos*. Os amonitas perceberam que Davi iria certamente retaliá-los pela forma como eles haviam ofendido a sua delegação.

*Mil talentos de prata*. Um talento pesava 35kg.

*Mesopotâmia*. Não era a grande terra entre o Tigre e o Eufrates, habitada pelos assírios e babilônios, mas um distrito no Alto Eufrates conhecido como Aram Naharaim.

*Síria de Maaca*. Esse era um pequeno reino localizado entre Damasco e o mar da Galiléia.

**19.7** — O relato paralelo de 2 Samuel 10.6 não menciona *carros*, mas havia um total de 33 mil

homens. O cronista não menciona o número de homens, apenas o de carros. Ambos os escritores dão diferentes fontes de mão-de-obra e recursos materiais, portanto eles, claramente, estavam chegando aos seus totais a partir de diferentes perspectivas ou com diversos propósitos em mente.

*Medeba* ficava a 32km a sudoeste de Rabá, a capital de Amom. Ela é chamada de Madaba hoje em dia.

*Os filhos de Amom se ajuntaram.* Os israelitas estavam aparentemente entre os exércitos siros e a cidade de Rabá (1 Cr 19.10), logo, quando os amonitas atacaram a partir da cidade, os israelitas se encontravam encurralados.

**19.8-10** — Completamente cercado, Joabe dividiu suas forças para que metade enfrentasse os que estavam na frente, e metade, aqueles que se encontravam atrás. Joabe liderou a seção que se opôs aos siros, e Abisai comandou a que se opôs aos amonitas (1 Cr 19.11).

**19.11-13** — *Faça o SENHOR o que parecer bem aos seus olhos.* Isso pode parecer discurso de resignação de um fatalista. Podia ser tudo, menos isso. Joabe entendia suficientemente a soberania e a onisciência de Deus para saber que, após todo o esforço e a energia humana despendida, a batalha ainda seria do Senhor.

**19.14,15** — Os siros eram mercenários e não tinham compromisso algum com a obra de suas mãos. Quando a derrota lhes pareceu iminente, eles fugiram. A sua retirada desmoralizou os amonitas de tal forma que eles tiveram de recorrer à sua cidade para se abrigar.

**19.16** — *Siros [...] dalém do rio.* A identidade desses siros do Transeufrates não pode ser bem estabelecida. Aparentemente, eles eram aliados de Hadadezer de Zobá (1 Cr 18.3; 2 Sm 10.16), ou seus vassalos (2 Sm 10.19). De qualquer modo, estavam sob o poderio de *Sofaque*, o capitão de Hadadezer.

**19.17,18** — Samuel precisou o campo de batalha em *Helã* (2 Sm 10.17), a cerca de 64km a leste do mar da Galiléia.

**19.19** — A derrota de Hadadezer e de todos os seus reis escravizados levaram a uma mudança

tal que os estados siros, os quais eram leais no pagamento de tributos a Zobá, passaram a ser leais a Israel. O termo *servos* deixou, então, de denotar escravos do lar e passou a significar subserviência nacional a um poder maior, neste caso, Israel. Isso efetivamente eliminou a lealdade de todos os siros a Amom e impossibilitou-os de representarem ameaça a Israel no futuro. Com a subjugação de tudo o que ia de Arã-Maaca ao Eufrates, Davi ocupou todas as fronteiras da terra da promessa, o que foi plenamente ao encontro da aliança abraâmica (Gn 15.18-21).

**20.1** — Operações militares de peso foram conduzidas *no decurso de um ano*, por duas razões principais: (1) as últimas chuvas já haviam passado, e era chegada a hora dos meses secos de verão, os mais apropriados para a atividade militar; e (2) era época das colheitas de cevada e quase das de trigo também, o que já liberava homens com idade de servir ao exército para pelejar.

*Cercou a Rabá.* Tendo derrotado os aliados siros de Amom em *Helã* (1 Cr 19.17,19), Joabe liderou os exércitos de Israel contra o principal inimigo e o principal objetivo, a capital do reino amonita, Rabá. Hoje, a moderna cidade de Amã, na Jordânia, ocupa o antigo local.

*Davi ficou em Jerusalém.* Isso concorda com o relato de Samuel, mas este profeta também relacionou a sórdida história do adultério de Davi com Bate-Seba, a trama para matar seu marido, Urias, e o nascimento do filho de Davi — fatos que ocorreram enquanto Joabe cercava Rabá. O cronista não estava tentando ludibriar seus leitores, pois a verdade já se conhecia por meio dos livros de Samuel, os quais o próprio cronista cita. Este omitiu tais ocorrências porque não eram relevantes aos seus propósitos literário-teológicos. Ele estava mostrando como a dinastia davídica era o cumprimento das promessas divinas.

*Joabe feriu a Rabá e a destruiu.* Na versão truncada do cronista, isso parece ter acontecido concomitantemente ao início da campanha que ocorria na primavera e do breve cerco. A versão de Samuel, entretanto, deixa claro que a campanha durou muitas estações.



## APROFUNDE-SE

### Os SIROS

Uma das forças que se opunham ao general Joabe eram os siros (1 Cr 9.10), membros de um grupo étnico também conhecido como os arameus. Eles controlavam a região nordeste do mar da Galiléia, das montanhas do Líbano no oeste ao rio Eufrates, na parte leste e ao norte do rio. A sua cidade principal era Damasco.

Acredita-se que os siros estavam entre os povos antigos que migraram para o Oriente Médio do oeste no ano de 2250 a.C. Lá, eles se estabeleceram como reino, durante o período da conquista de Canaã pelos israelitas (c. 1200 a.C.). Durante o período dos juizes, eles invadiram Israel e a oprimiram por oito anos (Jz 3.8-10). Contudo, após Davi se tornar o rei de Israel, ele estendeu as fronteiras da sua nação até o norte do rio Eufrates (2 Sm 8.1-13). Foi nessa época que um oficial siro, chamado Rezom, fugiu para Damasco e, lá, fundou uma forte cidade-estado síria (1 Rs 11.23,24). Esse reino inimigo foi como um adversário implacável para Israel por muitas gerações.

Uma estratégia que os siros usaram em seu favor foi unirem-se a um dos estados israelitas durante a monarquia dividida (1 Cr 15.18-20; 2 Rs 16.5). Entretanto, quando Judá, em certo momento, uniu-se à Assíria contra Israel e Arã, no século oitavo a.C., o resultado foi o declínio de Damasco (c. 732 a.C.; 1 Cr 16.7-18). Muitos siros foram exilados em outras terras, segundo a política assíria, e o reino de Arã encontrou seu fim.

Todavia, por meio de sua linguagem, os siros deixaram para trás um legado que pode ainda ser sentido hoje. O aramaico, que foi falado, pelo menos, desde 2000 a.C. por certo tempo, tornou-se a língua franca no antigo Oriente Médio. Por isso, o aramaico (uma língua intimamente ligada ao hebraico) ganhou grande destaque na Bíblia. Partes do livro de Daniel foram escritas nessa língua, a qual foi aquela comumente falada pelos judeus na Palestina, nos dias de Jesus.

**20.2** — Davi não teve parte no ataque inicial a Rabá, apenas se juntou a Joabe quando ele caiu, porquanto Joabe, seriamente, implorou que Davi fosse compartilhar o crédito da vitória com ele (2 Sm 12.27,28). A coroa Davi levou de recordação, não para usá-la, visto que ela pesava um talento (cerca de 35kg).

*Posta sobre a cabeça de Davi.* Isso se deu somente nesta ocasião. Davi pôs a coroa em sua cabeça para demonstrar que ele havia conquistado os amonitas e, naquele momento, reinava sobre eles.

**20.3** — Era prática na época do Antigo Testamento o povo derrotado em guerra ser forçado a trabalhar; particularmente, se ele já se havia submetido a algum tipo de trabalho escravo (Js 9.22-27; 1 Rs 9.20,21).

**20.4,5** — A cidade de Gezer se localizava na fronteira entre Israel e a Filístia. Ela, constantemente, continha ou amenizava os atritos entre as duas.

*Sibecai, o husatita.* Foi um dos trinta de Davi (1 Cr 11.29).

*Os gigantes [versão ARA].* Aparentemente, não se refere a apenas um indivíduo, mas a

uma raça nativa do território, a leste do Jordão (Dt 2.10,11,20,21).

**20.6** — A mesma aberração genética que produzia gigantes deve ter levado a tais mutações como a descrita aqui.

**20.7** — *Siméia.* Esse foi o irmão mais velho de Davi, o terceiro filho de Jessé (1 Cr 2.13).

**20.8** — *Os gigantes [ARA].* Assim como no verso 4, este termo, provavelmente, refere-se a uma raça de gigantes que vivia em Gate, bem como em seus arredores, apesar de ser possível tratar-se apenas de um gigante neste contexto. O Golias que foi morto por Davi era de Gate (1 Sm 17.4).

**21.1** — A palavra *Satanás* significa *Inimigo*. A princípio, esse nome era usado para denotar o inimigo. Mais tarde, tornou-se um nome próprio (Zc 3.1,2). O Novo Testamento o identifica como o mal, o diabo e o dragão, relacionando-o à serpente do jardim do Éden (Gn 3.1).

*Incitou Davi.* Samuel atribuiu o impulso de Davi a fazer o censo do povo à vontade do próprio Deus (2 Sm 24.1). A aparente contradição pode ser esclarecida reconhecendo-se que, como Satanás é o autor de todo o mal, ele não poderia exercer suas más intenções sem a permissão de

Deus. Logo, o Senhor podia usá-lo na realização dos Seus propósitos de julgamento (1 Rs 22.19-23) ou de disciplina (como nesta ocasião, com Davi).

**21.2** — *Ide, contai.* O plano de Davi de realizar um censo não era mau, visto que o próprio Senhor já havia ordenado que se contasse o número de israelitas outras vezes (Nm 1). Davi errou em sua atitude: quis vangloriar-se. Ele queria *saber* quantos israelitas estavam sob seu comando para se orgulhar (2 Sm 24.1).

*Berseba até Dã.* Essa era a maneira tradicional de descrever Israel, do sul ao norte. A distância era cerca de 240km.

**21.3-5** — Joabe estava apreensivo quanto à ordem arrogante de Davi, pois um recenseamento traria castigo não somente ao rei, mas também aos cidadãos inocentes, os quais Joabe cita como os *servos* de Davi. Os posicionamentos de Davi como rei e pastor do seu povo influíam diretamente na vida das pessoas.

*Causa de delicto.* Em um corajoso apelo, Joabe mostrou a Davi que, se ele pusesse em prática as suas decisões, ele, fatalmente, teria de prestar contas pessoalmente pelos resultados que viriam.

**21.6,7** — Os homens de *Levi*, dedicados que eram ao sacerdócio, eram comumente isentos do serviço militar (Nm 1.47-49).

*Benjamim.* A razão de essa tribo ter sido excluída pode ter sido em função do julgamento de Deus ter-se iniciado antes que o trabalho fosse terminado (1 Cr 27.24). Talvez, Joabe, simplesmente, tenha abandonado a tarefa antes de seu término por causa de sua revolta.

**21.8** — *Pequei.* Davi culpou a si mesmo pelo julgamento de Deus que caiu sobre a nação. Ele, acertadamente, cria no fato de que, se Deus o perdoasse, a aflição do povo cessaria.

**21.9** — *Gade* é o segundo profeta citado no livro (1 Cr 17.1). Ele também tem um livro de Crônicas, o qual o autor menciona (1 Cr 29.29). Aqui, o cronista chama Gade de *vidente*, uma pessoa que vê ou recebe revelações do Senhor. O autor de Samuel se refere a ele utilizando o termo familiar *profeta* (1 Sm 22.5).

**21.10,11** — *Três coisas te proponho.* Essa é a única vez na Bíblia em que Deus oferece diferentes formas de punição a alguém.

**21.12** — O termo *o anjo do SENHOR* é usado ao longo do Antigo Testamento para falar de *Yahweh* de forma antropomórfica, senão humana. Logo, quando o anjo visitou Abraão em Manre, tratava-se do próprio *Yahweh* (Gn 18.3,16,17,22). Foi também o anjo do Senhor que apareceu a Gideão (Jz 6.11,15,22) e aos pais de Sansão (Jz 13.3,6,16,18, 21,22). A combinação de anjo com *peste*, neste contexto, é remanescente da história da Páscoa.

**21.13,14** — Davi conhecia a misericórdia do Senhor, um Deus que perdoa. A disposição de Davi para cair *nas mãos do SENHOR* demonstrava sua completa confiança na graça divina. Até mesmo quando Deus o estava castigando, Davi confiou nele, em vez de ter confiança nos *homens*, pois a natureza perdoadora de Deus oferecia complacência sem igual.

**21.15** — O Senhor demanda do ser humano certas condições para que Ele aja de uma maneira ou de outra. Uma delas é a oração, pois, frequentemente, Deus escolhe agir em casos específicos de acordo com a maneira como o indivíduo clama. Sem sombra de dúvida, aqui, este é o caso, pois *o Senhor mandou um anjo a Jerusalém para a destruir*, mas, quando Ele viu o arrependimento de Davi e ouviu a sua intercessão (v. 17), *Ele se arrependeu*.

*Ornã, o jebuseu*, era membro de uma população nativa de Jerusalém que permaneceu para compartilhar a cidade com os conquistadores israelitas (1 Cr 11.4; Jz 1.21). Como Ornã possuía uma propriedade, uma *eira* (1 Cr 13.9), pode-se dizer que ele era rico, um interessante fato em face da geralmente desprezada terra dos jebuseus (Êx 13.5; 23.23; 33.2; 34.11; Dt 7.1; 20.17; Js 3.10).

**21.16** — Panos de saco eram vestimentas rústicas, normalmente feitas de pelos de bode (Is 50.3), vestidas em ocasião de luto para expressar pesar (1 Rs 21.27; Is 32.11). Davi e os anciãos de Israel estavam vestidos dessa forma por causa da terrível calamidade que assolava a nação, a praga.

**21.17** — Chamando seu povo de *ovelhas*, Davi considerava-se seu pastor (1 Cr 17.7). Como a

designação começou no contexto das promessas da aliança de Deus, a referência de Davi ao seu povo como ovelhas, provavelmente, confirmava seus sentimentos de infidelidade e irresponsabilidade com relação à aliança. Ele devia guiar seu rebanho para a paz e segurança, mas, em sua arrogância com o recenseamento, acabou levando-o para o mal.

**21.18,19** — Erguer um *altar* em tempos de julgamento ou de julgamento iminente tinha o propósito de oferecer sacrifícios propiciatórios. O pecado havia causado uma separação entre Deus e Seu povo. A apresentação de holocaustos e sacrifícios pacíficos apropriados (1 Cr 21.26) era capaz de promover a reconciliação, como dizia a Lei (Nm 15.1-10).

*Eira.* O altar foi erguido precisamente onde o anjo do Senhor pôs-se com a espada desembainhada para a destruição de Jerusalém (1 Cr 21.15). Esse lugar de julgamento se tornou, portanto, lugar de graça e perdão.

**21.20,21** — *Ornã estava trilhando o trigo* não porque estava indiferente ao aparecimento do anjo, mas porque seus *filhos* viram o anjo e *se esconderam* sem o notificar, enquanto ele trabalhava no momento em que percebeu a presença do ser angelical.

**21.22,23** — *Dá-me este lugar da eira.* A intenção de Davi era construir o altar precisamente nesse lugar, pois foi onde se pôs o anjo com a espada desembainhada (1 Cr 21.15) e, no passado, onde Abraão havia-se preparado para oferecer Isaque como sacrifício a Deus (Gn 22.1,2; 2 Cr 3.1), o que, certamente, era de conhecimento de Davi. Não havia melhor lugar que este santo lugar para Davi erguer um altar no qual expiasse seus pecados e livrasse a nação da peste.

**21.24** — Davi, novamente, mostrou uma clara percepção da essência do sacrifício. Ele não ofereceria holocausto algum a Deus que não representasse sacrifício a ele. Por isso, fez questão de comprar de Ornã o lugar.

*Sem custo.* Davi podia ter aceitado os presentes de Ornã gratuitamente, mas isso não seria um sacrifício verdadeiro. Um real sacrifício ao Senhor iria requerer esforço e investimento da parte de Davi.

**21.25** — O cronista, neste trecho, citou o preço total, que, provavelmente, envolvia um valor alto para muitos acres de terra. O fato de o templo ter sido construído neste lugar, algum tempo depois, sugere uma vasta área.

**21.26,27** — Da mesma forma que os três anos de seca se findaram nos dias de Elias, quando o profeta pediu fogo dos céus no sacrifício no Carmelo (1 Rs 18.38,41), os três dias da peste divina sobre Israel encontraram seu fim com o sacrifício na eira de Ornã.

**21.28** — *Sacrificou ali.* Como Davi percebeu que aquele altar fora santificado pelo Senhor, ele continuou a usá-lo regularmente para oferecer holocaustos.

**21.29** — Este versículo ensina explicitamente que o *tabernáculo* original e o *altar do holocausto* não haviam sido destruídos quando a arca fora levada de Siló. O registro do Antigo Testamento não traça completamente seus trajetos após terem passado por Siló, mas, certamente, sua estação terminal foi Gibeão (1 Cr 15.1).

**21.30** — *Não podia Davi ir ali.* Era o costume de Davi oferecer holocaustos no altar de Gibeão, em vez de Jerusalém. No entanto, ele não arriscaria ir a Gibeão desta vez, tendo em vista o julgamento que Deus estava prestes a realizar na terra. Ele entendia que seus holocaustos tinham de ser oferecidos onde ele estava — na eira de Ornã.

**22.1** — Esta observação de Davi marca uma virada na história do santuário central. Se a arca permanecesse em Quiriate-Jearim, e o tabernáculo de Moisés, em Nobe e Gibeão, impossível seria continuar havendo adoração da maneira ideal. Davi tinha dado os primeiros passos para corrigir essa situação, levando a arca para Jerusalém e pondo-a em uma tenda armada por ele no monte de Sião. Finalmente, e de maneira inédita, a resolução do problema estava à vista. A *Casa do SENHOR Deus* e o *altar do holocausto* seriam erguidos na eira de Ornã.

**22.2,3** — O fato de Davi não ter podido construir o templo não o impediu de providenciar materiais de construção para o uso dos artífices de Salomão.

**22.4** — A madeira de cedro vinha do Líbano, o principal fornecedor de madeira no antigo Oriente Médio. Os mais habilidosos empreiteiros vinham do Líbano e de cidades como Sidom e Tiro.

**22.5-7** — Salomão nasceu, mais ou menos, no meio do reinado de Davi. Ele reinou com seu pai por cerca de dois anos (1 Cr 23.1; 28.1; 29.22). Como Davi estava começando a juntar materiais de construção para o templo, Salomão não devia ter mais de 18 anos. Precisamente por Salomão ser tão *moço e tenro*, Davi achou necessário guiá-lo.

**22.8,9** — *Tu derramaste sangue em abundância*. O motivo de Deus não ter permitido que Davi construísse o templo veio à tona: Davi era um homem de guerra. Até que os inimigos de Israel fossem todos subjugados, e uma era de paz reinasse, o Senhor determinou que Ele não “viveria” em um templo. O sinal de que um rei no mundo antigo havia verdadeiramente alcançado o domínio sobre seu reino era a construção de um magnífico palácio para si. Enquanto ele estivesse em guerra e em contenda por soberania, seria impróprio construir uma estrutura dessa natureza. Salomão seria um *homem de repouso*, ou seja, um rei cujo reino não enfrentaria conflitos constantes. Nesse tempo de paz, Deus resolvera que um templo devia ser erguido para Ele. As ações do Senhor, aqui, refletiam a prática de muitos governantes antigos: um rei construía um palácio somente após estabelecer a paz em sua terra.

**22.10-12** — Por Salomão ser tão *moço e tenro* (v. 5), Davi, observando isso, viu que *sabedoria*, mais do que qualquer outra coisa, era aquilo de que seu filho precisava.

A *Lei do SENHOR*. Isso não se limita às seções da Lei que dizem respeito à realeza (Dt 17.14-20), mas esse é o foco central. Davi devia ter em mente a aliança à qual ele mesmo havia-se submetido quando se tornou rei de Hebrom (1 Cr 11.3).

**22.13,14** — Tais quantias são absurdas. O que se tem em ouro, considerando-se 300 dólares por onça (peso), é a quantia de 36 bilhões de dólares. Em prata, por cinco dólares por onça, 80 milhões de dólares.

**22.15-18** — *Repouso*, ou paz, era um pré-requisito para a construção do templo (1 Cr 22.8,9).

*Sujeita perante o SENHOR*. Na análise final, a conquista da terra se iniciou nos dias de Josué e terminou com Davi, e foi uma questão divina, não meramente humana. A terra era do Senhor, e o povo era Seu inquilino. Porquanto, somente quando o próprio Deus subjugou a terra, Ele autorizou a construção do templo.

**22.19** — Os sonhos e desejos de Davi são encapsulados neste breve versículo. Naquela época, o *santuário* estava dividido (em Gibeão e no monte de Sião), e a arca não se encontrava unida ao altar em Sião (v. 1). Mais do que qualquer outra coisa, Davi queria que os israelitas adorassem o Senhor da forma como Ele os instruiu.



## EM FOCO

### LEVITAS (HB. *LEVÍ*)

(1 Cr 23.26; Nm 3.9).

Os levitas eram descendentes de Levi, um dos 12 filhos de Jacó. O nome se relaciona ao verbo *lavah*, que significa *unir-se*, pois os levitas eram *unidos a Deus* (Gn 29.34). A tribo possuía três ramificações, nomeadas em função dos três filhos de Levi: os gersonitas, os coaitas e os meraritas (Nm 3).

No monte Sinai, Deus escolheu Arão, o irmão de Moisés, um coaita, para ser o sumo sacerdote da nação (Êx 28.1). A partir de então, somente os descendentes de Arão podiam servir como sacerdotes, mas as outras ramificações dos levitas compartilhavam muitos dos seus privilégios e das suas responsabilidades (Nm 18.2).

Originalmente, os levitas que não eram sacerdotes ajudavam a cuidar do tabernáculo (Nm 4), mas, quando Davi iniciou as preparações para a construção do templo, ele criou novos deveres para esses levitas, fazendo-os cantores, porteiros, tesoureiros e oficiais reais (1 Cr 24.1 — 26.19).



**23.1,2** — *Fez a Salomão [...] rei.* Isso sugere uma indicação oficial de Salomão ao reinado (junto com Davi), uma escolha que tinha de ser aceita e, depois, ratificada por toda a nação (1 Cr 29.22). Davi pareceu estar temeroso de que a morte batesse à porta, portanto quis logo fazer a sucessão de Salomão da melhor forma possível. A quantidade de atividade que aconteceu nesta reunião e nas ratificações formais pressupõe o intervalo de um ano ou mais, pressuposição respaldada por outras considerações cronológicas (1 Rs 1.35,39; 1 Cr 23.1; 29.22,23).

**23.3** — Um levita, normalmente, iniciava sua carreira aos 25 anos (Nm 8.24,25). Entretanto, exceções eram abertas (Nm 4.3) em resposta às necessidades de inúmeras épocas e ministérios. Evidentemente, nos dias de Davi, tinha-se um número suficiente de levitas com *trinta* anos ou mais, ou seja, não havia a necessidade de se convocar levitas mais jovens para o ofício.

**23.4-7** — *A obra da Casa do SENHOR.* Essa obra envolvia tudo menos o trabalho de porteiros ou músicos, os quais tinham suas próprias divisões (v. 5).

*Oficiais e juízes.* Para dar pronto acesso aos levitas em questões e atividades religiosas, seis mil levitas se distribuíam por toda a terra (1 Cr 26.29-32), presumidamente nas cidades levíticas (1 Cr 6.54-81).

**23.8** — *Jeiel [...] Zetã [...] Joel* eram evidentemente descendentes de Ladã (ou Libni — 1 Cr 6.17) que viveram nos dias de Davi. Veja alguns dos *links* genealógicos entre Ladã e esses três em 1 Crônicas 6.20,21.

**23.9** — *Simeí.* Esse não foi o irmão de Ladã (1 Cr 23.10; 6.17), mas, provavelmente, um importante descendente. Isso parece certo, posto que todos os levitas dos versos 8 e 9 eram descendentes de Ladã, um total de seis divisões gersonitas.

**23.10** — *Simeí.* Este era o irmão de Ladã (1 Cr 23.7; 6.17) Seus filhos constituíram a liderança de *quatro* outras divisões de gersonitas, totalizando dez, ao que parece.

**23.11,12** — *Uma só família.* Como dois dos filhos de Simeí tinham famílias pequenas, eles se combinaram para formar uma divisão.

**23.13** — *Darem a bênção.* Isso se refere à bênção sacerdotal de Números 6.24-26.

**23.14** — *Filhos de Moisés.* Como o sacerdócio se limitava a Arão, o irmão de Moisés, e aos seus servos, Moisés e seus filhos não puderam servir como sacerdotes. Entretanto, puderam assumir outras responsabilidades levíticas (Jz 18.30).

**23.15** — *Gérson* foi um dos filhos de Moisés (Êx 2.22), assim como *Eliézer*.

**23.16** — *Sebuel* não pode ter sido neto de Moisés, mas um parente distante, pois é contemporâneo de Davi (1 Cr 24.20; 26.24).

**23.17** — *Foi Reabias o chefe.* Ele pode ter sido filho de Eliézer. Chefe, neste contexto, significa *o mais importante*. Logo, Moisés deu início a duas divisões coaitas do meio dos levitas.

**23.18** — *Isar* foi o segundo filho de Coate (v. 12).

**23.19** — *Hebrom* foi o terceiro filho de Coate (v. 12).

**23.20,21** — *Uziel* foi o quarto filho de Coate (v. 12). Houve nove divisões de coaitas do meio dos levitas: dois de Anrão, um de Isar, quatro de Hebrom e dois de Uziel.

**23.22** — *Eleazar*, filho de Mali, não teve filhos. Logo, suas *filhas* se casaram com os seus primos, *os filhos de Quis*. Isso resultou na fusão entre as duas linhagens de Mali. Portanto, só houve uma divisão levítica por meio desta ramificação de meraritas.

**23.23** — A ramificação de meraritas Musi produziu *três* divisões levíticas na organização do templo de Davi, totalizando quatro, incluindo a de Mali.

**23.24-26** — *Estes são os filhos de Levi.* As três linhagens levíticas resultavam em um total de 22 divisões: nove gersonitas, nove coaitas e quatro meraritas (1 Cr 24.18; 25.31).

*Da idade de vinte anos para cima.* No início das listas das divisões, a idade mínima dos levitas era 30 anos (v. 3). O número *vinte*, neste trecho, não é uma contradição, pois, como deixa claro o verso 27, a idade mínima foi determinada por Davi em suas últimas palavras. Parece que, com o tempo, 38 mil levitas não eram mais um número suficiente, pelo que, em cerca de dois anos, foi necessário diminuir a idade mínima requerida.

**23.27** — *Segundo as últimas palavras de Davi.* Essa expressão tornou Davi quase um segundo Moisés, no sentido da autoridade que ele tinha para mudar uma legislação mosaica sem que houvesse objeções.

**23.28** — O papel dos levitas era de estar ao mandado dos sacerdotes. Eles deviam ajudar em todo o aspecto do ministério. Mais especificamente, eles trabalhavam na purificação de todas as coisas sagradas (Nm 3.31), bem como em outras tarefas de condução dos cultos.

**23.29** — Para liberar os sacerdotes do trabalho de oferecer sacrifícios, os levitas preparavam os elementos para o rito sacrificial, como a flor de farinha e os coscorões asmos, e faziam também qualquer outro tipo de serviço.

**23.30** — *Louvarem e celebrarem.* Esse ministério ficava a cargo dos levitas, que se envolviam com os deveres do coro e da orquestra (1 Cr 25.1-31).

**23.31** — *Oferecimento dos holocaustos.* Os levitas que não pertenciam à linhagem sacerdotal não podiam officiar sacrifícios no santuário central, mas apenas auxiliar os sacerdotes, cortando os animais em partes e tirando a pele, por exemplo.

*Sábados.* A razão do plural nessa palavra não é só porque se trata de haver muitos sábados em um ano, mas porque outros dias também eram chamados de “sábado”, como, por exemplo, o oitavo dia da Festa dos Tabernáculos, não importava que dia da semana fosse (Lv 23.39).

*Luas novas.* Isso se refere ao primeiro dia de cada mês, também conhecido como a Festa das Trombetas (Nm 28.11-15).

*Solenidades.* Elas seriam a Páscoa e a Festa dos Asmos do SENHOR (Lv 23.4-8), a Festa das Semanas ou Pentecostes (Lv 23.9-22) e a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-43).

**23.32** — *Tenda da congregação.* Nessa época, o templo ainda não havia sido erguido, logo, as regulamentações de Davi para os levitas diziam respeito ao serviço nos tabernáculos intermediários em Gibeão e no monte de Sião.

*Santuário.* Esse era o ambiente externo do tabernáculo, diferente do Santo dos Santos, ao qual somente o sumo sacerdote tinha acesso.

**24.1** — Para que os sacerdotes se revezassem em seu ofício e tivessem folgas, passaram a pertencer a divisões. Davi dividiu os sacerdotes de acordo com sua descendência arãoica (v. 3).

**24.2** — *Morreram Nadabe e Abiú.* Esses dois filhos de Arão foram alvos da ira de Deus por terem oferecido incenso aceso com fogo impróprio, isto é, fogo que não advinha de Deus (Lv 9.23—10.2).

**24.3** — Este *Aimeleque* foi o filho de Abiatar (v. 6), o jovem sacerdote de Nobe que se juntara a Davi no deserto havia muitos anos (1 Sm 22.20). Não há a genealogia completa de Abiatar no Antigo Testamento, mas fica claro, neste versículo, que a sua ancestralidade vinha de Arão, por intermédio de *Itamar*.

**24.4,5** — Quando os descendentes das duas linhagens foram identificados, havia dezesseis divisões de família de Eleazar e somente oito de Itamar. Isso complicava o processo de dividir o serviço igualmente. A solução foi dividir as tarefas por sortes. Evidentemente, as linhagens sacerdotais serviriam cada uma de uma vez, mas em ordem de sucessão.

**24.6** — *E os registrou Semaías.* Para montar a escala de serviço dos sacerdotes e fazê-la funcionar propriamente, era necessário que fossem registrados todos os nomes dos levitas por família e os turnos em que eles trabalhariam.

**24.7-9** — *A primeira sorte.* Como Eleazar e Itamar são mencionados nesta ordem no verso 6, pode-se assumir que a lista de nomes apresente, primeiro, alguém de Eleazar, depois, alguém de Itamar, e assim por diante.

**24.10-19** — Este *Abias* pode ser ancestral de Zacarias, pai de João Batista (Lc 1.5).

**24.20,21** — *Filhos de Levi.* Os levitas que não eram sacerdotes também se dividiam por clãs para determinar seu revezamento de ofício. A primeira divisão é a de Coate, cujo nome não aparece, mas fica implícito na menção de seu filho Anrão. *Jedias* e *Issias*, que eram descendentes diretos de Moisés (1 Cr 23.14-17), foram omitidos da lista anterior de levitas (1 Cr 23.16,17).

**24.22-24** — Os *isaritas* eram coatitas (1 Cr 23.12), *Hebrom* era o terceiro clã coatita (23.12), e *Uziel* a última divisão dos coatitas (23.12).



## PERFIL

### OS FILHOS DE ASAFE

O nome Asafe (1 Cr 25.1), provavelmente, devia ser tão importante aos adoradores da antiga Israel quanto os nomes Bach e Handel o são para muitos adoradores cristãos hoje. Asafe (1 Cr 15.17) foi um dos principais músicos nomeados pelo rei Davi (1 Cr 16.4, 5). Outros mencionados nas Escrituras foram Hemã, Jedutum, Etã (1 Cr 15.17) e Quenianias (1 Cr 15.22,27). No entanto, foi o nome de Asafe o de maior destaque na equipe dos músicos e cantores do templo, os quais lideraram a adoração de Israel durante a monarquia e após o retorno do exílio (Ne 7.44).

Aparentemente, Asafe foi mais que um músico talentoso. Apesar de ter sido particularmente famoso por tocar címbalos de bronze, como, por exemplo, durante o retorno da arca do concerto a Jerusalém (1 Cr 15.19; 16.5), ele foi tido como um vidente (2 Cr 29.30), que profetizava *debaixo da direção do rei* (1 Cr 25.2). Em outras palavras, Asafe tinha talento e era chamado para proclamar a mensagem do Senhor ao Seu povo por meio da música.

As Escrituras exemplificam o fruto da santa unção. Doze salmos (Sl 50; 73—83) são associados a ele ou aos seus descendentes, alguns dos quais também receberam o dom profético (2 Cr 20.14). Parece que Asafe viveu o suficiente para ajudar na inauguração do templo de Salomão (1 Cr 5.12). Ele deixou um poderoso legado, que dominou a adoração na Israel de Salomão, auxiliou a avivar a vida espiritual da Judá de Ezequias (29.30) e ainda ecoou nos dias do segundo templo construído por Zorobabel e Esdras (Ed 2.41; 3.10).

**24.25,26** — Fundador do clã com o seu nome (1 Cr 23.6), *Merari* foi o terceiro filho de Levi. *Jaazias* era descendente de Merari e aparece pela primeira vez aqui.

**24.27-31** — Para se certificar de que havia imparcialidade nas tarefas levíticas, os levitas foram selecionados pelas suas divisões *por sortes* (v. 5).

*Pais [...] irmãos menores.* Não havia discriminação de idade na obra nem nos turnos conferidos a cada um. Todos serviam igualmente, sem importar a idade ou o *status*.

**25.1** — O envolvimento dos *capitães do exército* na seleção dos músicos levitas, a princípio, pode parecer estranho. Contudo, na conduta das batalhas do Senhor contra a oposição ao Seu povo, a música, frequentemente, tinha um papel de destaque.

*Profetizarem.* A profecia não se limita à predição ou proclamação. Qualquer expressão ou ato divinamente autorizado também o é. A música, vocal e/ou instrumental, podia ser considerada uma forma de mensagem profética, normalmente, sob a forma de adoração (1 Sm 10.5, 6; 2 Rs 3.15).

**25.2** — *Debaixo da direção do rei.* Essa expressão mostra a posição de liderança de Davi na vida religiosa da nação (1 Cr 23.27). Até mesmo sendo rei, Davi ordenava que a adoração ao Senhor fosse digna do Seu Nome.

**25.3,4** — *Profetizava, louvando.* Isso ilustra a possibilidade de profetizar sem a voz humana.

**25.5** — Assim como Natã (1 Cr 17.1) e Gade (1 Cr 21.9), *Hemã* tinha um relacionamento de intimidade com Davi.

*Catorze filhos e três filhas.* Os filhos são mencionados nos versos 4,13, 23-31. Já as filhas não são citadas, mas, indubitavelmente, participavam com seus irmãos da adoração pública a Deus.

**25.6,7** — *Debaixo das ordens do rei* (ARA). Mais uma vez, o cronista insistiu no fato de que, até mesmo a vida religiosa da nação estava sob a supervisão do rei. Israel foi uma teocracia na qual Deus reinava. Logo, Ele regia todas as áreas da vida da nação. Como filho de Deus (1 Cr 17.13), o rei não somente julgava direitos civis, mas também a adoração ao Senhor, o verdadeiro Rei de Israel.

**25.8-31** — *Pequeno [...] grande [...] mestre [...] discípulo.* A igualdade desses servos de Deus é vista na igualitária distribuição de suas tarefas, um princípio que também determinara a natureza do ministério dos sacerdotes (1 Cr 24.31).

**26.1** — Existiam quatro *divisões de porteiros*, advindos de somente dois clãs levíticos, Coate e Merari.

**26.2,3** — Tanto em 1 Crônicas 9.21 quanto nesta passagem, tem-se que *Zacarias* é filho de

Meselemias. Isso significa que as listas de 1 Crônicas 9.17-27 e 26.1-19 se referem à mesma época e às mesmas circunstâncias.

**26.4,5** — Este *Obede-Edom*, provavelmente, não foi o mesmo que o encontrado em 1 Crônicas 13.14, mas um porteiro, o filho de Jedutum (1 Cr 16.38).

**26.6-9** — O filho mais velho de Obede-Edom (v. 4), *Semaías*, deu início a um subclã de porteiros, cujo número chegava ao que se tem no verso 8.

**26.10,11** — O único outro clã representado é *Merari*, cujo descendente, *Hosa*, teve quatro filhos e outra descendência de nove. Eles serviam como porteiros (v. 11). O total de líderes dos porteiros era 99.

**26.12,13** — A lista anterior parece identificar somente os líderes dos porteiros, isto é, *os chefes dos homens da guarda*. Assim como seus irmãos levitas da música (1 Cr 25.7) e do sacerdócio (1 Cr 24.31), estes oficiais serviam com quatro mil outros que constituíam todo o contingente de porteiros (1 Cr 23.5). Eles não eram dispensados do trabalho em função de sua posição de liderança.

**26.14** — A *sorte do oriente* era a mais importante, pois levava diretamente à entrada principal do templo. Ficava, portanto, a cargo do próprio Selemias (ou Meselemias — v. 1).

*Sorte do norte*. Ficava sob a responsabilidade do filho mais velho de Selemias.

**26.15** — A [*sorte*] *do sul*. Obede-Edom era encarregado desta porta, e *seus filhos* (v. 4,5), da *casa das tesourarias*, conforme escrito no verso 20. Por esses filhos terem sido porteiros, talvez, seu envolvimento com a casa das tesourarias tenha sido apenas com as portas. Essa posição requeria muita honestidade e integridade, em função de estarem estocados, naquele local, metais preciosos e troféus de guerra dedicados a *Yahweh* (1 Cr 18.7,8,11).

**26.16** — *Supim*. Não há informação alguma sobre esse indivíduo nas Escrituras. Pela lógica, presume-se que ele, assim como *Hosa*, tenha sido um merarita (v. 10). O nome da *porta Salequete* [*Shalleketh*] parece ser proveniente do verbo hebraico *shalak*, que significa *passar adiante* e deve denotar a passagem por meio da qual o lixo do templo passava.

**26.17** — *De dois em dois*, provavelmente, quer dizer que havia dois em cada lado da porta da casa das tesourarias, ou seja, quatro no total. Nesse caso, havia oito na *do sul*.

**26.18** — *Parbar* é um nome, normalmente, deixado sem tradução, mas, provavelmente, refere-se a um lugar, a uma estrada ou a um espaço aberto ao *ocidente*. O contexto favorece a ideia de que era um *caminho* que levava a um espaço adjacente ao templo. Existiam dois porteiros à entrada desse espaço e quatro no caminho que levava a ela. Dependendo da interpretação de *dois em dois* do verso 17, havia ou 22 ou 24 porteiros ao todo, os quais seriam, entretanto, somente os líderes dos porteiros, pois havia quatro mil ao todo (1 Cr 23.5), centenas servindo em cada turno.

**26.19** — *Coráias* [...] *meraritas*. Isso explicita a inferência dos versos 1-11 de que somente os descendentes de *Merari* e *Coate* serviam como *porteiros*. A razão da exclusão dos gersonitas não se sabe, mas pode ser que eles, simplesmente, não tenham podido fornecer mão-de-obra. Eles também tinham um número insuficiente de músicos (1 Cr 25.2).

**26.20** — *Casa de Deus*. Ela, provavelmente, era a casa onde se estocavam todos os utensílios do tabernáculo e/ou do templo para os cultos de adoração (1 Cr 9.28,29).

*Coisas sagradas*. A segunda casa dos tesouros continha itens como espólios de guerra usados exclusivamente para propósitos santos. Davi tinha muitos tesouros desse tipo (v. 26-28).

**26.21-24** — Os levitas listados nos versos 21-23 eram encarregados da casa dos tesouros (v. 22; 23.8). *Sebuel* parece ter sido o principal guarda dos tesouros. Os gersonitas e outros coatitas (os dos versos 21-23) estavam sob seu comando.

**26.25** — Os descendentes de *Eliézer* se tornaram diretores da segunda casa dos tesouros, a das *coisas sagradas* (v. 20). Todos os levitas que trabalhavam com os tesouros do tabernáculo e do templo pertenciam à linhagem de Moisés.

**26.26,27** — Os *tesouros das coisas sagradas* eram jurisdição de *Selomite*. Esses espólios de guerra eram utilizados na construção e na decoração do templo (1 Cr 22.14; 29.2; 2 Cr 5.1).

**26.28** — Mostrando o sério compromisso da nação de construir e mobiliar a Casa de Deus, o cronista listou líderes do passado que também consagraram espólios de guerra tão prontamente quanto Davi.

**26.29** — Coatitas do clã de Izar forneceram *oficiais e juízes* para conduzir assuntos judiciais e religiosos *fora* de Jerusalém. Tal fato, provavelmente, restringia-se a questões pertinentes à Lei de Moisés, excluindo casos cíveis ou políticos (1 Cr 23.4). O seu líder era *Quenânias*, que, de maneira improvável, seria o príncipe dos levitas (1 Cr 15.22).

**26.30** — Este terceiro clã coatita era responsável especificamente por Israel *daquém do Jordão para o ocidente*.

**26.31** — Como Hasabias guiou os hebronitas para o ocidente (v. 30), *Jerias* se encarregou dos do Oriente. Jerias devia ser hierarquicamente superior a Hasabias, haja vista a expressão *chefe dos hebronitas*.

*Ano quarenta*. Davi reinou por 40 anos (1 Cr 29.27), logo, tratava-se do último ano de seu reinado.

*Jazer de Gileade*. Essa cidade levítica (1 Cr 6.81) se localizava no território tribal de Gade, a aproximadamente 11km a oeste de Rabá.

**26.32** — *Rubenitas [...] gaditas [...] meia tribo dos manassitas*. Essas eram as tribos de Israel que ocuparam o lado leste do Jordão, frequentemente, chamado de Transjordão.

**27.1** — *Chefes dos pais*. Possivelmente, esse termo quer dizer unidades tribais, já que a ordem parece ser decrescente; primeiro, milhares e, depois, centenas.

*De mês em mês*. A concepção de que *chefes dos pais* significa *tribos* é reforçada pela realidade de que havia 12 divisões, uma para cada mês. Aparentemente, é descrito aqui um exército profissional permanente, dividido em 12 corporações, servindo em sistema de revezamento, uma corporação por mês.

*Vinte e quatro mil*. Em toda a Israel, o total disponível seria 288 mil.

**27.2,3** — Isso pode ter relação com a lista dos heróis de Davi, a qual também é liderada por

*Jasobeão* (1 Cr 11.11). Ele era um dos *três*, o que significa que ele era considerado um “super-herói”.

**27.4** — Eleazar, o filho de Dodai, era o segundo herói do primeiro trio de heróis, com Jasobeão (1 Cr 11.12).

**27.5,6** — Como era filho de um sacerdote, *Benaia* pertencia à tribo de Levi. Na lista anterior de heróis, ele é celebrado por ter matado um leão e um egípcio gigante (1 Cr 11.22,33). Por essa coragem, ele se tornou parte do segundo grupo dos *três* (1 Cr 11.24). Mais tarde, ele foi nomeado comandante de todo o exército israelita (1 Rs 4.4), e seu filho serviu com ele (1 Cr 27.6).

**27.7** — *Asael*, sobrinho de Davi (1 Cr 2.15,16), estava entre os *trinta*, mas não entre os *três* (1 Cr 11.26). O filho de Asael também serviu com ele.

**27.8** — Segundo estudiosos, se *izraíta* for o mesmo que *zeraíta*, então, este *Samute* também era homem de Judá. Na lista de heróis, ele é chamado de *Samote*, o *harodita* (1 Cr 11.27), talvez por Harode (2 Sm 23.25) ter sido sua terra natal.

**27.9** — *Tecoítas* eram pessoas originárias da vila de Tecoa, a aproximadamente 9km a sudeste de Belém. Isso fazia de Ira um membro da tribo de Judá. Fica claro que, mesmo que as divisões militares tivessem sido formadas ao longo de linhagens tribais, seus comandantes seriam companheiros de Davi da Judéia. Este parece ser o caso de Jasobeão (v. 2), Asael (v. 7), Samute (v. 8) e, agora, de Ira.

**27.10** — *Heles*. A liderança do exército não se limitava aos da Judéia (1 Cr 27.9), pelo que Heles era um efraimita e era um líder.

**27.11** — Como Husa era da Judéia (1 Cr 4.4), *Sibecai* também veio da tribo de Judá. *Zeraítas* eram os descendentes de Zerá, um filho de Judá (1 Cr 2.4; Nm 26.20). Este versículo, aparentemente, põe os husatitas em uma posição subsidiária aos zeraítas. De qualquer forma, Sibecai era um dos 30 heróis, tendo-se distinguido por matar um gigante filisteu (1 Cr 11.29; 2 Sm 21.18).

**27.12** — *Abiezer*, um comandante benjamita, era proveniente da cidade levítica de Anatote, a qual fica ao norte de Jerusalém. Ele também foi um membro da elite dos 30 (1 Cr 11.28).

27.13 — Como Netofa era uma vila próxima a Belém, *Maarai* ainda era outro companheiro tribal de Davi, nomeado comandante de uma *divisão* e membro dos valorosos trinta (11.30).

27.14 — Outro efraimita, este *Benaia* (v. 5) foi originário de Piratom, a 8km ao sul de Samaria. Assim como os outros, ele foi um dos 30 heróis (1 Cr 11.31).

27.15 — Da mesma forma que *Maarai* (v. 13), este capitão veio de Netofa. Além de ser um dos 30 (1 Cr 11.30), *Heldai* descendia de *Otniel*, o primeiro juiz de Israel.

27.16 — *Chefe*. A lista que começa aqui (v. 16-22) é evidentemente civil e tribal por natureza. A descrição destes chefes é muito mais política que a dos capitães e oficiais das divisões militares (v. 1).

27.17 — *Aronitas*. Essa não é uma tribo isolada, mas a divisão sacerdotal da tribo de *Levi*. O sacerdote *Zadoque*, naturalmente, foi o líder desse segmento da tribo. A razão da tribo de *Levi* estar aqui listada (ao contrário de muitas listas tribais) é para compensar a ausência de duas tribos e trazer o total para o número ideal de 12.

27.18,19 — *Eliú*. Este irmão de Davi é normalmente chamado de *Eliabe* (1 Sm 16.6).

27.20-22 — Essa tribo de *Manassés* e a do verso 21 são consideradas diferentes neste contexto para compensar a ausência de duas tribos (v. 17). *Levi*, normalmente, não era contada. Logo, com a ausência de *Levi* e de duas outras tribos, ficam somente nove. Quando *Levi* e as duas *Manassés* (e não uma) foram adicionadas, ficaram 11. A décima segunda seria a de *Simeão* (v. 16), que, normalmente, não era contada por ser considerada uma subtribo de *Judá* (1 Cr 4.31; Js 19.1-9). As duas tribos ausentes são *Aser* e *Gade*. O motivo de não estarem incluídas pode ser o fato de elas terem sido dominadas ou ocupadas pelos fenícios e amonitas, respectivamente, na época (2 Sm 17.27-29). No entanto, isso não passa de especulação.

27.23 — *Tomou* [...] o número. Isso está de acordo com a lista de tribos e líderes anterior, com o censo de Davi destinado ao fracasso, próximo ao fim de seu reinado (1 Cr 27.24; 21.1-17).

Davi estava tão confiante de que seu poderio militar seria suficiente para qualquer encontro que omitiu de sua contagem o *número dos de vinte anos para baixo*. Mesmo assim, o resultado do censo já passava de 1 milhão de homens (1 Cr 21.5), uma multidão bem parecida com *as estrelas do céu* — promessa de Deus a *Abraão* (Gn 12.2; 15.5).

27.24 — A conta de *Joabe* incluía todas as tribos, exceto a de *Levi* e a de *Benjamim* (1 Cr 21.6). Apesar de essas duas tribos estarem incluídas na presente lista (v. 17,21), nada diz que elas foram contadas. Por outro lado, *Aser* e *Gade*, que não constam na lista (v. 16-22), devem ter sido incluídas no censo de *Joabe*.

27.25 — Em oposição aos *tesouros da Casa de Deus* e aos *tesouros das coisas sagradas* (1 Cr 26.20), os *tesouros do rei* eram as casas das tesourarias reais, que continham a receita governamental em forma de metais preciosos (1 Cr 29.3-5) e outros bens e diversas mercadorias, oriundos de impostos, taxas e outros meios (2 Cr 9.13,14).

*Tesouros do rei*. Eram instalações com o fim de coletar impostos de cada região; iam de depósitos de provisões a caixas-fortes de valores. De acordo com a lista seguinte, o principal propósito desses lugares era estocar a produção agrícola.

27.26 — A *lavoura da terra* gerava produção e estocagem de produtos como o trigo, a cevada e os vegetais.

27.27 — *Vinhas*. Essa atividade envolvia duas divisões no processo: uma plantava as uvas, e a outra fazia o vinho.

27.28 — *Figueiras bravas*. Eram árvores que produziam figos; no entanto, essa expressão podia referir-se também a amoreiras.

27.29 — Um terreno fértil entre o território israelita e o filisteu, *Sarom* era ideal para a criação de gado e ovelhas. Era comum que alguém desse local, que conhecia a terra, bem como suas mudanças climáticas, ficasse encarregado da criação de gado da região.

27.30 — Habitantes do deserto estavam em casa criando e usando camelos (Gn 37.25). Portanto, um *israelita* seria encarregado de cuidar de tais animais.

**27.31** — Como não havia diferença substancial entre o rei e a sua nação, a *propriedade* do rei consistia nos bens da nação.

**27.32** — A palavra hebraica *dowd* traduzida como *tio*, neste contexto, seria melhor traduzida como *parente*.

**27.33** — Há outro *Aitofel* na Bíblia, o famoso conselheiro de Absalão, que o orientou a atacar seu pai, Davi, na época da revolta de Absalão. Quando seu conselho foi menosprezado, ele tirou a própria vida (2 Sm 15.12; 16.15-23). Se esse Aitofel foi o mesmo que aquele, então, a lista deve estar descrevendo um ofício alguns anos antes. Contudo, é inteiramente possível que um conselheiro anterior tivesse tido um filho homônimo, o qual iria sucedê-lo em seu papel.

*Amigo do rei*. Provavelmente, esse é um termo técnico que denota o confidente mais próximo do rei. O interessante é que ele aparece na narrativa da revolta de Absalão como o conselheiro que contradisse o conselho de Aitofel e que, evidentemente, continuou a substituí-lo como conselheiro-chefe do rei (2 Sm 17.5-23; 15.37; 16.16-19).

**27.34** — *Joiada, filho de Benaia*. Na lista de oficiais militares, havia também um *Benaia*, que era *filho de Joiada* (v. 5). Esse, provavelmente, é um exemplo do costume da época de um homem ser batizado com o nome do avô. Talvez, o conselheiro Joiada fosse neto do sacerdote Joiada e filho do famoso guerreiro Benaia (v. 5).

*Joabe*. Desde os dias da conquista davídica de Jerusalém, Joabe se manteve como comandante do exército de Israel (1 Cr 11.6), e nesse posto permaneceu até Salomão se tornar rei (1 Rs 2.28-35).

**28.1** — Sem dúvida, estes e mais outros foram os indivíduos de 1 Crônicas 27.1-34, os *líderes* de todas as ramificações e extensões do governo de Israel. A ocasião era tão significativa que uma assembleia geral de dignitários se fez necessária.

**28.2-4** — *Escabelo dos pés* é uma metáfora que designa a arca do concerto ou o tabernáculo como base da atividade de Deus na terra. Ele se assenta em um trono no céu, e Sua conexão com a terra se dava nessa tenda da arca. Em Isaías 66.1, toda a terra é descrita como o escabelo dos pés de Deus.

**28.5** — O chamado para o governo não se limitou a Davi somente, mas foi um convite também aos seus descendentes (1 Cr 17.11). Como apenas um de seus *filhos* podia reinar em seu lugar, uma escolha teve de ser feita (1 Cr 14.3,4). Deus escolheu Salomão para suceder Davi como rei de Israel (1 Cr 22.9,10; 2 Sm 12.24; 1 Rs 1.13,30).

**28.6** — *Porque o escolhi para filho e eu lhe serei por pai*. Essa frase não somente mostra que os reis davídicos tinham acesso a Deus como Seus filhos adotivos (1 Cr 17.3; Sl 2.7), mas também antecipa a absoluta filiação do Filho de Davi, Jesus Cristo (At 13.33; Hb 1.5).

**28.7,8** — O aspecto condicional do concerto com Davi e a sua dinastia é real, e não hipotético. Nenhum rei, e isso inclui Davi, pôde *cumprir* os *mandamentos* e os *juízos* perfeitamente. Por isso, foram incapazes em si mesmos de reinar para sempre ou abrir o caminho para um governo eterno. Entretanto, Alguém capaz viria e cumpriria o concerto perfeitamente: Jesus, o Filho de Davi (Mc 5.7; Mt 21.9).

**28.9,10** — O verdadeiro culto a Deus é mais que racional e intelectual, requer comprometimento de emoções também. Foi precisamente nisso que Salomão falhou. Mesmo tendo grande sabedoria (2 Cr 1.12; 9.3,22,23), ele permitiu que o seu *coração* desse as costas a Deus por amor a mulheres estrangeiras (1 Rs 11.1-4). A lealdade de coração é essencial ao culto.

**28.11** — O *risco do alpendre* para o templo, como deixa claro o verso 12, não foi fruto da imaginação de Davi, mas do Espírito de Deus.

*Casarias*. Eram alpendres na frente do templo (2 Cr 3.4).

*Tesourarias*. Também eram chamadas de casas das tesourarias (1 Cr 26.15,17) e incluíam os *tesouros da Casa de Deus* e os *tesouros das coisas sagradas* (1 Cr 26.20).

*Recâmaras de dentro*. Além do prédio principal do templo, havia ambientes anexos de todos os tipos para acomodarem os sacerdotes, os levitas e todo o equipamento, item necessário para a adoração no templo (Ne 13.4,5). Algumas dessas câmaras eram construídas em lugares altos, na parte externa dos muros do templo (1 Rs 6.6,8).

*Casa do propiciatório.* Era o lugar santíssimo, o ambiente interno que hospedava a arca do concerto e o propiciatório (Êx 25.17).

**28.12,13** — *Tudo quanto tinha no seu ânimo.* Moisés recebeu o risco do alpendre para o tabernáculo por revelação direta de Deus (Êx 25.8,9). Davi alegava que o recebera da mesma forma e queria que se tornasse de conhecimento geral que, até mesmo, as tarefas que ele dava aos *sacerdotes e aos levitas* (1 Cr 23.1—26.32) lhe eram reveladas pelo Senhor.

**28.14-18** — *O carro* era uma forma de fazer menção aos querubins que pairavam sobre a arca com suas asas esticadas, simbolizando a santidade de Deus. Os querubins aparecem na história da expulsão do homem e da mulher do jardim do Éden (Gn 3.24) e como guardas do trono de Deus no tabernáculo (Êx 25.18-20) e no templo (2 Cr 3.10-13). Eles cobriam o propiciatório da arca do concerto, dando mais brilho à Sua glória e protegendo a Sua santidade.

**28.19** — Davi afirmou que *todas as obras deste risco* existiam por escrito e pelas mãos de Deus. O próprio rei deve ter sido o escriba na ocasião, pois, segundo ele, a mão do Senhor estava sobre ele na produção do risco do alpendre. A precisão detalhada desse risco (v. 11-18) atesta a revelação e seu fiel registro por Davi.

**28.20,21** — *Esforça-te, e tem bom ânimo.* Essas palavras de encorajamento de Davi a Salomão são muito parecidas com as de Josué, quando Moisés passou para ele a liderança de Israel. Em Deuteronômio 31.7,8, são mencionadas as palavras de Moisés a Josué, e em Josué 1.6-9, as de Deus para Josué.

**29.1,2** — O próprio Deus tinha escolhido Davi dentre todos os seus irmãos (1 Cr 28.4). Agora, Ele escolheu Salomão dentre todos os seus irmãos para a sucessão de Davi ao trono (1 Cr 28.5).

*Esta obra é grande.* O projeto era grande não só por causa de seu tamanho e de sua complexidade, mas também porque seria para o próprio Deus. Como os planos e as ideias já haviam sido reveladas a Davi pelo Senhor (1 Cr 28.19), o rei tinha total ciência da significância da missão de Salomão. A obra divina não poderia ser feita de qualquer

maneira. O próprio Salomão era ciente das suas limitações a esse respeito, bem como da sua necessidade de direção sobrenatural (2 Cr 1.10; 2.2-7).

**29.3,4** — Pelo fato de Davi amar a Deus, ele amava também a obra do Senhor.

*O ouro e prata particular que tenho demais.* Como um testemunho da sua afeição pela Casa do seu Deus, Davi doou recursos próprios como presentes generosos.

**29.5,6** — Este imenso gesto da parte de Davi deu-lhe a coragem de solicitar uma resposta do mesmo nível do seu povo. É importante notar que o rei pediu aos outros que oferecessem a si mesmos, não o seu tesouro. Davi sabia que aqueles que se oferecessem a Deus em primeiro lugar não teriam dificuldade em ser generosos para com a obra divina.

**29.7** — *Cinco mil talentos* são cerca de 190 toneladas; *dez mil dracmas*, aproximadamente 185 libras de ouro; *dezoito mil talentos de cobre*, em torno de 675 toneladas; e *cem mil talentos de ferro*, o equivalente a 3.750 toneladas.

**29.8** — *As pedras preciosas* forneceram o adorno vestido nos ombros e no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.9-12,17-21).

**29.9** — *Coração perfeito.* No hebraico, *leb shalem* quer dizer literalmente *coração cheio, inteiro*, o que está de acordo com a palavra *voluntariamente*. Os dois termos juntos sugerem que a coerção não tinha vez na oferta.

**29.10** — *Davi louvou ao SENHOR.* Após a oferta de recursos, Davi ofereceu a adoração, usando uma canção que, sem dúvida, fora escrita especialmente para a ocasião (v. 10-12), seguida de oração de confissão e petição.

**29.11** — O propósito do templo era exaltar o Nome do SENHOR e reconhecer a universalidade de Seu reino. A adoração ao Deus vivo da parte de Davi diante do povo serviu como exemplo aos israelitas. Segundo esse modelo, começasse a adoração com louvor à eternidade de Deus, ao Seu controle total sobre o Universo e ao Seu grande poder. Ele é o glorioso Mestre sobre tudo (Sl 134.3).

**29.12-14** — Davi confessou que as *riquezas* e a *glória* que ele experimentava vinham da



generosidade de Deus. As ofertas que ele e seu povo tinham acabado de dar somente eram possíveis porque o Senhor lhes havia concedido os recursos antes.

*Poder para tão voluntariamente dar.* Não somente a habilidade de dar, mas a voluntariedade também é um dom de Deus (2 Co 9.7,8).

**29.15** — *Estranhos [...]* e peregrinos. Davi afirma que a vida na terra é transitória e também nômade. Somente quando alguém se torna consciente do seu lugar sob o cuidado e a bênção de um soberano Deus a vida se torna mais que uma sombra. De repente, a *esperança* de um futuro com o Altíssimo ilumina a jornada da pessoa na terra (Hb 11.13-16; 13.14).

**29.16** — *Toda tua.* Novamente, Davi reitera que ele nada tinha que não tivesse vindo de *Yahweh*. Logo, seria impossível, no estrito senso da palavra, dar a Ele qualquer coisa.

**29.17** — Se, na verdade, as pessoas não podem dar coisa alguma de valor a Deus, por que, então, Ele pede que Seu povo dê? Davi responde, neste trecho, a essa pergunta. Deus se agrada da *sinceridade* e da justiça. Com presentes, ofertas e sacrifícios, uma pessoa, tangivelmente, demonstra não somente gratidão a Ele, mas confiança nele (1 Sm 15.22). Uma vida justa sempre produz um espírito generoso. Por esse motivo, Davi podia proclamar que seu dar provinha somente da sinceridade de seu coração. Além do mais, sua *alegria* foi dobrada quando ele viu que seu povo também havia entendido o princípio verdadeiro de dar.

**29.18** — A “fórmula” SENHOR, *Deus de nossos pais Abraão, Isaque e Israel* associava-se às promessas de Deus na aliança aos israelitas (Êx 3.6,15; 6.3,4; Dt 6.10). Davi estava, dessa maneira, pedindo que o Senhor mantivesse Seu povo sempre em comunhão Consigo.

**29.19** — Nesta oração, Davi usou a linguagem da aliança — *mandamentos, testemunhos e estatutos* (Dt 6.1,2,20; 8.11; 11.1). Diferente do verso 18, Davi usa sua linguagem não tanto em prol da nação como um todo, mas de seu filho, Salomão. Deus já havia feito uma aliança com Davi (1 Cr 17.7-14) e prometido renová-la com

seus descendentes. Assim como o ofertar (v. 14), o zelo pela fidelidade à aliança de Deus deve também vir do próprio Senhor (v. 14). Logo, Davi pediu em oração que o Altíssimo desse a Salomão um *coração perfeito* na obediência. No caso de Salomão, a preocupação de Davi, especificamente, era que seu filho seguisse a missão de *edificar esse palácio*.

**29.20,21** — O SENHOR e [...] o rei. O papel especial de Davi como filho da aliança de Deus e mediador teocrático (1 Cr 17.13) significava que, aos olhos do povo, não havia praticamente diferença alguma entre prostrar-se diante de Deus ou do rei. Isso não significa, evidentemente, que eles falharam em ver a diferença essencial entre as duas coisas, pois, na mente israelita, nunca houve dúvida a respeito da distância entre o divino e o humano (Sl 8.3-5).

**29.22** — *Comeram e beberam [...]* perante o SENHOR. A cena, neste contexto, é de comunhão pactual e de confirmação. Neste versículo e também em outras passagens, fica clara a participação de *Yahweh* e do povo compartilhando uma refeição (Êx 24.3-11; Gn 26.26-30; 31.53,54).

*Segunda vez.* Talvez, essa expressão refira-se à ratificação do reino de Salomão. Davi tinha nomeado seu filho como rei havia, pelo menos, dois anos (1 Cr 23.1), um encontro que fez de Salomão um corregente, antes de ser um verdadeiro rei, já que liderou ao lado de seu pai, Davi.

*Zadoque [...]* sacerdote. Zadoque permanecera leal a Davi e a Salomão, mas Abiatar desertara para Adonias, o filho de Davi que tentara impedir a coroação de Salomão (1 Rs 1.1-8).

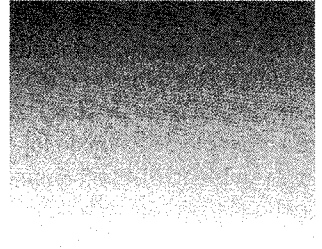
**29.23,24** — Novamente, o cronista relaciona o reinado de Davi com o de Deus. Como filho de Deus (1 Cr 17.13), Salomão iria sentar-se no trono como um representante divino. Nesse caso, o trono real era também o *trono do SENHOR*. Por fim, Jesus, como Filho de Davi e Filho de Deus, sentar-se-ia nesse trono e reinaria para sempre (Lc 1.32).

**29.25,26** — *Qual antes dele não teve nenhum rei.* Obviamente, isso incluía somente Saul e Davi, mas, ainda assim, é uma expressão muito

forte à luz do reconhecido poder e da magnificência de Davi (1 Cr 11.9; 14.2; 18.1-13; 29.28).

29.27,28 — Em comparação com os patriarcas e, até mesmo, com tais homens como Eli e Samuel, os 70 anos de Davi foram curtos. Entretanto, em seus dias, isso era *uma boa velhice*. Moisés a usara como um padrão de uma razoável longevidade (Sl 90.10).

29.29,30 — Aqui, o cronista revela três das fontes que utilizou na composição desta obra. Nesta passagem, ao leitor interessado em mais informações a respeito dos *atos do rei Davi*, são indicadas essas obras. Esta nota mostra que o autor de Crônicas não inventou informações ou dependeu de tradição oral. Em vez disso, ele cita fontes disponíveis hoje em dia.



O livro de

---

# 2 Crônicas

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**Q**uando foi escrito, o segundo livro de Crônicas proporcionou um raio de esperança a um povo desesperadamente carente de encorajamento. A comunidade israelita, reduzida a uma minoria em exílio na Babilônia, lutava para entender seu lugar. Será que as promessas de Deus a Abraão e a Davi tinham sido anuladas em função dos pecados da nação? Existia esperança de que a dinastia davídica voltasse a reinar? Poderia o judaísmo sobreviver sem o templo? Essas são as questões de que este livro trata. As suas respostas vêm em uma visão histórica da fidelidade de Deus aos israelitas. Apesar de a nação ter atingido tamanho declínio ao longo dos séculos, o Senhor se manteve fiel àqueles que permaneceram leais a Ele. O bem que Deus tinha realizado no passado seria o padrão para Seus atos futuros.

O Altíssimo manteria suas gloriosas promessas aos israelitas.

Os detalhes da história de Israel e Judá em 2 Crônicas comunicam a grande mensagem de redenção — particularmente, a bênção de Deus sobre Davi e seus sucessores. O primeiro livro de Crônicas está focado na aliança davídica durante o tempo de Davi; o segundo continua esse tema no período pós-morte de Davi. Apesar de 2 Crônicas relatar as experiências de Salomão e seus sucessores, ele continua a enfatizar a promessa de Deus a respeito de uma dinastia eterna a Davi. Fato é que os sucessores de Davi já passaram — uns foram fiéis à aliança (*andou nos primeiros caminhos de Davi, seu pai* – 17.3), outros não —, no entanto, a aliança de Deus com a casa de Davi continuou mesmo após o exílio babilônico.

Por causa dessa ênfase na aliança, o segundo livro de Crônicas frequentemente menciona os sacerdotes, os levitas, o templo e outros elementos da vida religiosa de Israel. Além disso, relata como o templo de Salomão foi construído e mobiliado (2.1—8.16) e inclui uma descrição minuciosa do templo e da importância dele no culto a Deus e para a nação (20.5-13,24-30; 23.12-21; 24.4-14; 29.2—31.21; 34.2—35.19).

A centralidade da aliança davídica também explica por que 2 Crônicas devota mais atenção à Judá que a Israel. Desde que houve a divisão entre os reinos do Norte e do Sul (2 Cr 10.16-19; 1 Rs 11.9-13), Judá passou a herdar as promessas de Deus a Davi. Apesar de os sucessores de Davi terem governado somente o menor reino de Judá, Deus se manteve fiel à Sua incondicional aliança com Davi. Judá foi o núcleo por meio do qual o Senhor realizaria Sua obra de redenção.

Originalmente, o primeiro e o segundo livro de Crônicas eram um só (veja a Introdução a 1 Crônicas). Não se sabe, ao certo, a autoria

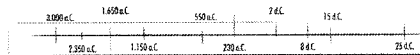
deste livro, mas a consistência geral do ponto de vista e do estilo dele indica que seja, provavelmente, obra de apenas uma pessoa. A maioria dos comentaristas se refere a essa pessoa como o “cronista”. Uma tradição judaica identifica Esdras como o autor (460—430 a.C.), porque Crônicas e o livro de Esdras compartilham temas comuns, como extensas listas de nomes de reis, cidades, levitas, e o templo.

O cronista tinha acesso a muitos documentos oficiais, que ele frequentemente menciona: (1) o livro dos reis de Israel e de Judá (27.7; 35.27; 36.8); (2) o livro dos reis de Judá e Israel (16.11; 25.26; 28.26; 32.32); (3) o livro dos reis de Israel (20.34; 33.18); (4) os anais (comentário) do livro dos reis (24.27); (5) o livro de Natã, a profecia de Aías e as visões de Ido (9.29); (6) a história de Semaías (12.15); (7) os anais de Ido (13.22); (8) os escritos do profeta Isaías (26.22); (9) os ditos de Hozai (33.19); e (10) os lamentos (35.25). O cronista também cita os livros canônicos de 1 e 2 Reis.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM 2 CRÔNICAS

- Ano 1010 a.C. — O reino de Davi começa em Hebrom
- Ano 970 a.C. — Davi morre, e Salomão é entronizado
- Ano 967 a.C. — Salomão começa a construção do templo
- Ano 930 a.C. — Salomão morre, e o reino se divide
- Ano 910 a.C. — Asa se torna o rei de Judá
- Ano 872 a.C. — Jeosafá se torna o rei de Judá
- Ano 755 a.C. — Isaías começa a profetizar em Judá
- Ano 722 a.C. — Israel é feito cativo pelos assírios
- Ano 624 a.C. — O Livro da Lei é encontrado em Jerusalém
- Ano 586 a.C. — Judá é feita cativa pela Babilônia





## ESBOÇO

I — O reinado de Salomão — 1.1—9.31

A - A inauguração de Salomão — 1.1-17

B - O templo edificado por Salomão —

2.1—7.22

C - O reino de Salomão — 8.1—9.31

II — O reino de Judá — 10.1—36.23

A - A divisão do reino — 10.1—11.23

B - Os governantes de Judá — 12.1—36.16

1. Roboão — 12.1-16

2. Abias — 23.1-22

3. Asa — 14.1—16.14

4. Josafá — 17.1—20.37

5. Jeorão — 21.1-20

6. Acázias — 22.1-9

7. Atalia — 22.10—23.21

8. Joás — 24.1-27

9. Amazias — 25.1-28

10. Uzias — 26.1-23

11. Jotão — 27.1-9

12. Acáz — 28.1-27

13. Ezequias — 29.1—32.33

14. Manassés — 33.1-20

15. Amom — 33.21-25

16. Josias — 34.1—35.27

17. Jeoacaz — 36.1-4

18. Jeoaquim — 36.5-8

19. Joaquim — 36.9,10

20. Zedequias — 36.11-14

C - O exílio — 36.15-23

## COMENTÁRIO

**1.1,2** — *Exaltou excessivamente*: A repetição aqui da redação 1 Crônicas. 29.25 mostra como 1 e 2 Crônicas eram originalmente um livro, embora seja costume de imprimir as duas partes separadamente.

**1.3,4** — O termo *lugar alto* vem do fato de que muitos adoradores antigos usaram serras para seus ritos sagrados, pensando que tais lugares eram bons “pontos de encontro” entre o céu e a terra. Ao longo do tempo, *lugar alto* passou a significar qualquer centro de culto, se era sobre uma colina ou não. No Antigo Testamento, os lugares altos eram geralmente associados com pagãos, em particular a religião cananeia, mas não havia nada de intrinsecamente mal sobre o uso de um morro como um lugar de culto. Assim, os patriarcas (Gn 12.8; 22.2) e outros adoradores de Deus ofereciam seus sacrifícios nos lugares altos (1 Sm 9.12, 1 Rs 18.19,36-38). O mal não estava propriamente no lugar, mas em rituais pagãos que geralmente eram praticados lá. O alto de Gibeão era a localização do tabernáculo Mosaico após Saul destruir Nobe (1 Sm 22.19). Parece que os israelitas se mudaram para o tabernáculo Nobe depois de terem parado de usar Shiloh como o centro religioso de Israel (1 Sm 4.21,22; Jr 7.12). O tabernáculo permaneceu em Gibeão, juntamente

com o grande altar de bronze durante todo o reinado de Davi.

**1.5** — *Bezalel* foi um dos dois homens escolhidos especialmente por Deus para construir o tabernáculo no deserto (Êx 31.1-11); Aoliabe era o outro. O texto aqui menciona apenas Bezalel, provavelmente, porque ele era o artesão principal, e Aoliabe, seu assistente. *A congregação consultava o Senhor* naquele local. Essa expressão é importante porque Salomão e o povo, como uma congregação, geralmente, adoravam a Deus em Gibeão.

**1.6** — *Ofereceu*. A adoração de Salomão em Gibeão confirmou o concerto que unia Deus e a dinastia davídica (1 Cr 17.7-14) e mostrou que Salomão aceitava as responsabilidades religiosas de sua função (v. 3). Salomão tinha sido nomeado vice-regente pelo seu pai dois anos antes (1 Cr 23.1). Ele havia sido proclamado como soberano (“feito rei pela segunda vez”) em uma cerimônia de aclamação e unção pública (1 Cr 29.21-23) e, agora, sua escolha como o herdeiro de Davi estava sendo sancionada pela comunidade como um todo, de acordo com precedente já estabelecido (1 Sm 10.1,24,25; 11.14,15; 16.13; 2 Sm 5.3; 1 Cr 11.1-3; 12.38-40).

**1.7-9** — Salomão sabia sobre a aliança de Deus com Abraão e a promessa de Deus de fazer dos descendentes deste tão numerosos como *o pó da*



## PERFIL

### SALOMÃO — BEM-SUCEDIDO, MAS INSATISFEITO

Graças à ajuda do Senhor, Salomão tornou-se o homem mais rico e sábio de sua época (2 Cr 1.1). Parece que ninguém acumulou ou realizou tanto quanto ele (Ec 2.1-9). Apesar disso, ele mesmo reconhece (supondo que Salomão tenha escrito Eclesiastes) que sua vida estava longe de ser satisfatória (2 Cr 2.11,16).

Salomão é um caso de estudo sobre como alguém pode ser bem-sucedido em termos de poder, riqueza e prestígio, mas, ainda assim, faltou-lhe o verdadeiro sucesso, que se obtém conhecendo e honrando o Senhor da maneira devida. Repare como aqueles que vieram depois dele lembraram seu legado:

- *Neemias* (líder do regresso judeu do exílio babilônico): Falou de Salomão como um exemplo de pessoa que desobedeceu a Deus por causa de seus casamentos mistos com estrangeiras — e, conseqüentemente, incorreu em idolatria (Ne 13.26,27; compare 1 Rs 11.1-8). De fato, Neemias advertiu que, assim como Deus tinha punido a nação por causa dos pecados de Salomão, Ele puniria Seu povo novamente se este continuasse andando nos caminhos de Salomão, em lugar de andar nos caminhos de Deus.
- *Jesus*: Assinalou a inferioridade do esplendor das vestes de Salomão em relação à beleza natural de um lírio do campo, ilustrando como Deus é capaz de cuidar de todas as Suas criaturas (Lc 12.27). Com isso, estimulou Seus seguidores a crerem, amarem e servirem a Deus, em vez de se concentrarem em preocupações com problemas do dia-a-dia (Mt 6.28-32). Depois, o Mestre desafiou Seus inimigos com o fato de que a rainha de Sabá, uma gentia, tinha demonstrado mais fé indo a Jerusalém para inquirir Salomão do que eles tinham demonstrado após presenciarem Seus milagres e ouvir Seus ensinamentos (2 Cr 12.42).
- *Estêvão* (um diácono da Igreja primitiva): Ao detalhar a história de Israel, ele mencionou Salomão como aquele que construiu uma casa para Deus, mas glorificou seu pai, Davi, como aquele que *achou graça diante de Deus* (At 7.45-48).
- *Paulo* (um apóstolo da Igreja primitiva): Ao rever a história de Israel no Antigo Testamento, ele mencionou vários dos grandes líderes de Israel, incluindo Samuel, os juizes, Saul e Davi, mas não Salomão (At 13.22).
- *O autor de Hebreus*: Catalogou os grandes exemplos de fé da história de Israel (Hb 11), mas não incluiu Salomão.

Salomão não era mau, mas sua vida nos mostra que grandes realizações e sucesso — seja nos negócios, no governo, no meio acadêmico, ou em qualquer outra área — tornam-se menos importantes em comparação ao fato de ser fiel a Deus até o fim.

terra (Gn 13.16). Além disso, acreditava que a promessa tinha sido cumprida, e ele confiava no fato de que Deus cumpriria Sua promessa a Davi da mesma forma, o que significa que Salomão via sua própria sucessão (1 Cr 17.11) e a construção do templo como cumprimento das promessas do Senhor (1 Cr 17.12,13).

**1.10 — Sabedoria e conhecimento.** Essas palavras frequentemente estão em paralelo e, basicamente, são sinônimas. No entanto, *hohmah* em hebraico, traduzida como sabedoria, denota *discernimento*, geralmente do tipo espiritual, ao passo que *maddá*, *conhecimento*, diz respeito ao acúmulo de informações ou fatos e seu uso apropriado. Salomão tem conhecimento de suas limitações por causa de sua juventude e inexperiência (1 Cr 29.1), mas também sabe que *o temor do SENHOR é o princípio da ciência* (Pv 1.7a).

*Sair e entrar.* Refere-se à totalidade da vida de Salomão. Como rei, ele lideraria por meio do exemplo, assim como dos decretos.

**1.11,12** — O pedido de Salomão por sabedoria concentrava-se no *povo* de Deus e em como ele, sendo rei, podia bem servir aos seus compatriotas, sem visar ao próprio benefício. Como Salomão demonstrou um espírito de serviço, Deus concedeu-lhe muitas bênçãos não solicitadas.

**1.13,14** — Salomão mantinha seus *carros* em outras cidades além de Jerusalém, possivelmente, em Hazor, Megido e Gezer (1 Rs 9.15,19). Os 1.400 carros e 12 mil cavaleiros, nesses versículos, são comparados às quatro mil estrebrias de cavalos e carros e 12 mil cavaleiros (2 Cr 9.25). Uma força de carros com 1.400 unidades era um feito significativo para Israel, uma nação localizada principalmente em terreno

montanhoso onde esses meios de transporte tinham valor limitado.

1.15,16 — Provavelmente, *Coa* era o antigo nome dado ao lugar que, mais tarde, ficou conhecido como Cilícia [ARA]. Essa cidade ficava na costa nordeste do Mediterrâneo, uma região famosa pelos cavalos. Os cavalos importados do Egito eram maiores, criados em Núbia e usados principalmente para puxar carroças.

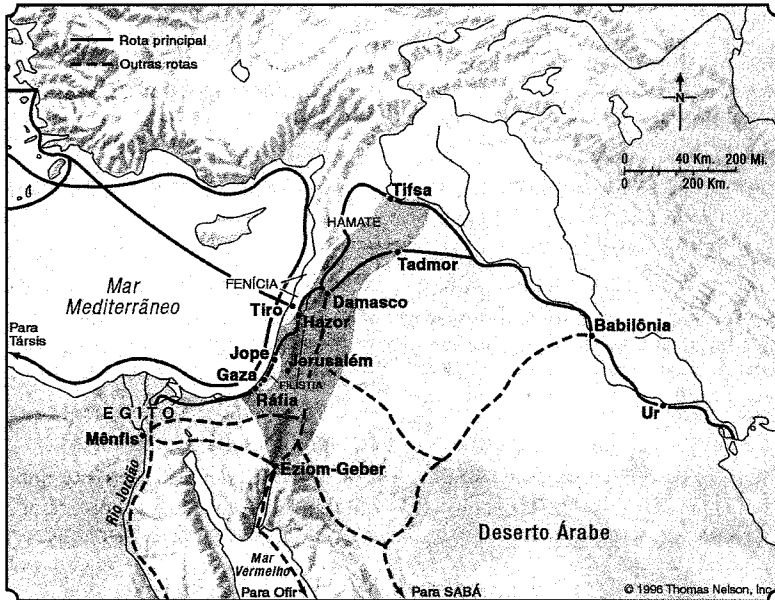
1.17 — *Seiscentos siclos de prata*. É quase impossível determinar um preço, em moeda moderna, para os bens e serviços do mundo antigo. Mas este versículo sugere que um carro custava tanto quanto quatro cavalos. Na verdade, esses animais eram exportados, tornando próspero o negócio de cavalos e carros que Salomão possuía. Como Israel ficava na rota entre a Ásia e a África, tais bens entravam em Israel e ficavam à mercê dos pesados impostos de importação e exportação de Salomão.

Os *heteus* eram povos da antiga nação Hatti, na Ásia Menor central. Eles alcançaram o ápice do poder por volta de 1350—1300 a.C., mas quase foram exterminados pelos Povos do Mar por volta de 1200 a.C. Existiam grupos de heteus na época de Salomão, principalmente ao norte de Israel, entre os sírios.

2.1,2 — *Uma casa para o seu reino* [ARA]. Era comum para um novo rei construir um palácio como sinal físico e visível de seu novo reinado, embora isso fosse feito logo após uma conquista militar (1 Cr 14.1,2).

2.3 — *Hirão, rei de Tiro*, foi o mesmo governador fenício que providenciara homens e materiais para o palácio de Davi (1 Cr 14.1).

2.4 — *Um templo em honra ao nome* [NVI]. Essa é uma forma indireta de dizer que ele está construindo o templo para Jeová. Salomão conhece muito bem a santidade e transcendência de Deus e a impossibilidade de imaginar que o Senhor



#### *A propagação da fama de Salomão*

*A influência de Salomão se intensificou nos assuntos econômicos e políticos das rotas comerciais e de transporte que cruzavam seu reino. O fato de Salomão ter conquistado muitos bens por meio do comércio é sugerido na resposta da rainha de Sabá em sua visita a esse rei e pela menção de negociantes e mercados (2 Cr 9.14) na descrição de sua riqueza. Salomão pode ter edificado Tadmor (2 Cr 8.4) para que proporcionasse uma rota comercial segura e direta da Ásia Menor para Damasco.*



## APROFUNDE-SE

### O TEMPLO DE SALOMÃO

O templo de Salomão foi o primeiro de três templos que Israel construiu ao longo de sua história. Davi queria edificá-lo, no entanto, como um homem de guerras, ele não estava qualificado para erguer um lugar santo como aquele. Então, sendo um projeto dado por Deus a Davi, mas transferido a Salomão, este construiu a casa do Senhor. De acordo com as instruções divinas, Salomão erigiu o templo no monte Moriá, ao norte da antiga Cidade de Davi.

Salomão queria edificar um templo digno de ser o centro de adoração de toda a nação, então, utilizou os melhores artesãos e materiais, os quais incluíam: cedro e algumins, ouro e prata, pedra talhada e linho fino. Quase todas as vigas, colunas, paredes e portas eram banhadas a ouro e decoradas com entalhes de palmeiras, guirlandas e querubins. Apenas o Santo dos santos era banhado com vinte e uma toneladas de ouro puro (v. 3.8 – NVI). Neste aposento, dois gigantes querubins de ouro, com asas que mediam 2,25m cada uma, protegiam a arca da aliança. Um véu carmesim e de linho fino separava o Santo dos santos do Lugar Santo. Os utensílios do templo incluíam dez candelabros de ouro, dez mesas e cem bacias de ouro. Apenas os artesãos mais hábeis trabalhavam nesses detalhes. O templo tinha 60 côvados de comprimento e 20 côvados de largura ou 27m de comprimento e 9m de largura.

Foram necessários sete anos para que os trabalhadores de Salomão terminassem esta grande construção, e a estrutura pronta fascinou todos aqueles que a viram. Entretanto, mesmo com toda a beleza daquela edificação, Salomão sabia que nada feito por mãos humanas poderia conter Deus, assim como o próprio céu não podia contê-lo (2 Cr 6.18).

O templo servia, principalmente, de lembrança do concerto de Deus. A todos os que foram adorar ali, o Senhor manteve a promessa de Sua presença, no entanto, aquela construção não era garantia dessa presença. Deus tinha prometido viver entre os israelitas para sempre — e o templo era o chamado *lugar de habitação* de Deus —, mas, para que Ele vivesse entre Seu povo, este tinha de permanecer fiel a Ele. Infelizmente, isso não aconteceu, e, conseqüentemente, o templo foi saqueado e destruído, bem como sucedeu ao segundo e terceiro templos.

pode ser confinado a uma construção, ou mesmo dizer que Ele vive em uma (v. 6; 6.18). Então, o templo não hospeda Deus, mas apenas Seu Nome, isto é, aquele que o representa (Dt 12.5, 11,21).

**2.5** — A declaração de Salomão que *nosso Deus é maior do que todos os deuses* significa que o Senhor é o único Deus verdadeiro, não que Ele seja o maior entre outros deuses menores. Todos os “deuses” pagãos são, na verdade, imaginários.

**2.6** — Salomão não podia *construir* um lugar de habitação para Deus, porque Deus não poderia nunca ser mantido no interior de nenhuma estrutura física. O templo provia um local para o povo de Deus ir e oferecer sacrifícios de adoração ao Senhor.

**2.7,8** — A expressão *os meus hábeis artesãos* (NVI) refere-se aos homens que Davi já havia selecionado com o propósito de construir o templo (1 Cr 22.15,16). O cronista enfatizou o grande interesse de Davi no templo e as etapas elaboradas que ele percorreu para preparar sua construção (1 Cr 22.1-19).

*Algumins*, provavelmente, são uma espécie exótica de árvore importada de Ofir — sul da Arábia, talvez o lêmén.

**2.9,10** — A quantidade de *trigo* mencionada aqui equivale a 125 mil *bushels* (unidade de medida equivalente a 60 libras usada nas bolsas de futuro americanas para grãos) ou 3.750 toneladas. *Vinte mil coros* são aproximadamente 475 mil litros.

**2.11,12** — *Bendito seja o Senhor, Deus de Israel*. Esta é mais uma saudação educada para Salomão do que um reconhecimento sincero de Deus como o único Deus verdadeiro.

*Um filho sábio*. Fica claro por meio desta carta, que Hirão conhecia o suficiente acerca de Salomão, inclusive: (1) o motivo do pedido de Salomão por materiais e trabalhadores; (2) a escolha de Salomão por Deus para ser rei (2.11); (3) a rara sabedoria de Salomão; e (4) seu chamado para construir o templo. Ao que tudo indica, Hirão, Davi e Salomão mantinham um relacionamento próximo.

**2.13** — *Hirão-Abi*. Este nome refere-se ao homem que foi enviado em resposta ao pedido de





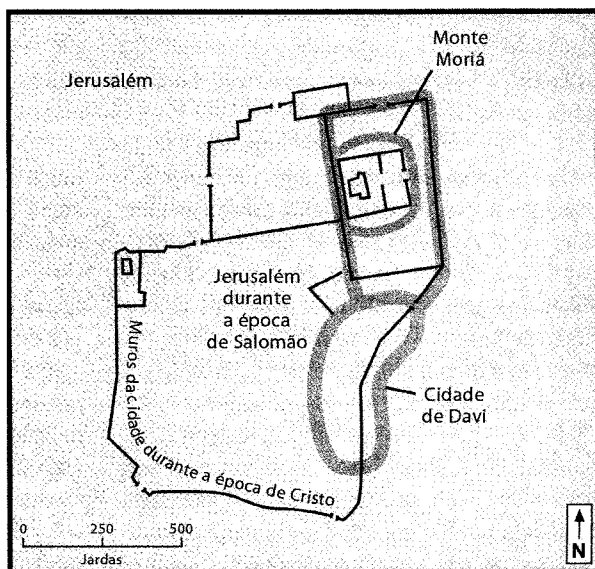
## LOCALIZE-SE

## MONTE MORIÁ

Monte Moriá era o nome da colina localizada exatamente ao norte da Cidade de Davi, na qual Salomão construiu o templo do Senhor (2 Cr 3.1).

O nome *Moriá* é usado apenas mais uma vez, na Bíblia, em relação à *terra de Moriá*, para onde Deus mandou Abraão levar Isaque e sacrificá-lo como holocausto (Gn 22.2).

Tudo indica que o templo ficava localizado neste terreno. Após seu pecado de fazer a contagem de Israel (1 Cr 21), Davi comprou a terra de Ornã (Araúna em 2 Sm 24.15-25), a qual, mais tarde, foi usada para a edificação do templo. Ao que tudo indica, a compra — e, talvez, também o censo — fazia parte do desejo constante de Davi de construir o templo, o que Deus retardou até a época de Salomão (2 Cr 17.1-6; 22.1-10).



Salomão (2 Cr 2.7), e não ao rei de Tiro, também chamado Hirão.

**2.14** — Hirão-Abi tinha mãe israelita e pai fenício. Moisés havia advertido os israelitas a não se casarem com pessoas comprometidas com as religiões pagãs (Dt 7.1-5).

**2.15,16** — *Jope* era o único porto na costa mediterrânea israelita entre Dor, ao norte, e Filístia, ao sul. Jonas partiu de Jope, fugindo do chamado de Deus, o qual era ir para Nínive (Jn 1.3). Embora asjangadas de Hirão tenham ajudado a transportar as madeiras do Líbano para Israel, o caminho de Jope para *Jerusalém* não foi tão fácil — era sinuoso, íngreme e distante quase 65km.

**2.17** — A política de trabalhos forçados de Salomão recrutou *estrangeiros* para carregar grandes quantidades de pedra escavada (v. 18). O termo grifado refere-se a qualquer pessoa que vivesse em Israel e não fosse israelita nativo. O censo refere-se à imprudente contagem de Davi nos últimos anos de seu reinado (1 Cr 21.1-5).

**3.1** — O monte Moriá era sagrado e, por essa razão, um lugar apropriado para o templo

não apenas porque a *eira de Ornã* ficava lá (1 Cr 21.18-30), mas também porque era a *terra de Moriá*, para onde Abraão levava Isaque para o sacrifício (Gn 22.2). Davi tinha recebido instruções explícitas do Senhor sobre aquele terreno, o qual ele havia comprado de Ornã e onde já havia construído um altar: deveria ser o local do futuro templo (1 Cr 21.18,26). O monte Moriá é conhecido hoje como o monte do templo e o lugar da Cúpula da Rocha muçulmana. É uma colina em linha reta do norte do monte Sião, lugar do tabernáculo de Davi (1 Cr 15.1).

**3.2** — O *segundo dia do segundo mês* (NVI) cai em abril no calendário moderno. Fazer os preparativos para a construção, acumular os materiais e limpar o terreno foram tarefas que, provavelmente, demoraram quatro anos para ser concluídas, o que explica por que Salomão não começou o projeto em seu primeiro ano. O primeiro livro de Reis também indica que Salomão estava ocupado no início de seu reinado em sufocar potenciais insurreições e lidar com outros problemas relacionados à sua sucessão (1 Rs 1; 2).

3.3 — Os israelitas tinham dois *côvados* padrões, um medindo por volta de 45cm e outro de 52cm. Provavelmente, *a medida antiga* mencionada aqui era o *côvado* de 45cm, levando os *fundamentos* do templo a medir cerca de 27m de comprimento e nove de largura. O tabernáculo de Moisés tinha 13,5m de comprimento e 4,5m de largura (Êx 26.15-37).

3.4 — *Alpendre*. Era um pórtico na frente do templo. Tinha 9m de comprimento (estendendo-se, assim, por toda a largura da construção), 4,5m de largura (1 Rs 6.3) e 55m de altura (120 *côvados*), de acordo com o texto hebraico. Outras versões antigas citam 20 *côvados* (9m) para a altura, deixando essa medida mais alinhada com a altura do templo, como está registrado em 1 Reis 6.2, ou seja, 30 *côvados* ou 13,5m.

3.5-7 — O maior *cômodo* era o Lugar Santo ou *santuário* (1 Rs 6.17). O relato paralelo em 1 Reis 6.18 sugere que as *cadeias* [ou *correntes*, NVI] podem referir-se a um desenho entrelaçado de botões e flores. Nesse caso, estes, juntamente com as *palmeiras* entalhadas [NTLH], lembram o cenário de um exuberante jardim. Junto com a referência aos querubins esculpidos (v. 7), pode-se identificar o todo como uma representação estilizada do jardim do Éden (Gn 3.24), o lugar onde Deus originalmente se encontrou com Seu povo para ser adorado.

3.8 — O *Santo dos Santos* [ARA] era o santuário interior, onde a arca do concerto (1 Rs 6.19) era mantida. Este *cômodo* tinha a forma cúbica, 20 *côvados* (9m) de um lado (leia 1 Rs 6.20 para verificar a altura). *Seiscentos talentos* são aproximadamente 21 toneladas de *ouro*.

3.9 — O *ouro* é muito macio para ser usado em *pregos*, então, os que são mencionados neste versículo deviam ser decorativos ou feitos de algum outro metal laminado de ouro. O peso de *cinquenta siclos* (cerca de 600g) indica que os pregos eram laminados.

3.10 — Os *querubins* que Salomão esculpiu para o Santo dos santos não eram aqueles entalhados nas paredes do Lugar Santo (2 Cr 3.7), mas eram outros adicionais entalhados e revestidos de *ouro*.

3.11-13 — Os *querubins* ficavam lado a lado com as asas estendidas, tocando-se no meio e protegendo a arca. Como cada asa tinha *cinco côvados* de comprimento e o *cômodo* tinha 20 *côvados* de um lado a outro, as asas dos querubins atravessavam toda a extensão do local. Os rostos *virados para a casa* significava que os querubins estavam de frente para o véu e o Lugar Santo.

3.14 — O *véu* era uma cortina pesada entre o Lugar Santo e o Santo dos santos. Ele protegia a arca e os querubins de serem vistos (2 Cr 5.9). Os querubins eram feitos do mesmo material do véu. Os materiais e cores usados — *azul*, e *púrpura*, e *carmesim*, e *linho fino* — são os mesmos usados no véu do tabernáculo.

3.15 — As *duas colunas* na frente eram independentes e não sustentavam nenhuma parte do templo. *Trinta e cinco côvados* representavam 16m aproximadamente e, com o *capitel*, que media cinco *côvados*, as colunas mediam por volta de 18m de altura. Por causa dos problemas estéticos e arquitetônicos causados com isso, muitas pessoas preferem as medidas do relato paralelo de 1 Reis que atribui 18 *côvados* para cada coluna mais o *capitel* (1 Rs 7.15), chegando a uma altura total de 10,5m cada uma, deixando-as aproximadamente um metro e meio mais altas do que o pórtico, mas um pouco mais baixas do que o telhado.

3.16 — Como no verso 5, as *cadeias* entrelaçadas parecem ser uma rede de frutas e plantas, como a presença das *romãs* indica. O primeiro livro de Reis enriquece essa descrição (1 Rs 7.17-20). Havia sete conjuntos de correntes entrelaçadas em cada *capitel* e duas fileiras de *romãs* acima dos conjuntos. Os *capitéis* parecem ter sido feitos no formato de lírios de quatro *côvados* de altura, com uma faixa de um *côvado* de largura em suas bases. Os conjuntos e as tranças de *romãs* ficavam enfileirados ao redor da base. As *cem romãs* eram uma das quatro tranças, duas para cada coluna, ou 400 *romãs* no total.

3.17 — Os nomes *Jaquim* e *Boaz* significam *Ele estabelece* e *dele está a força*. Dessa forma, as duas colunas lembravam constantemente a presença e o poder de Deus.

4.1 — O *altar de metal* [bronze, na ARA] era para os holocaustos no pátio do templo.

4.2 — O *mar* era um grande recipiente para água, o qual correspondia à menor bacia de bronze do tabernáculo de Moisés (Êx 30.17-21). Esta bacia provia água para os sacerdotes lavarem as mãos e os pés a fim de se prepararem para ministrar no altar. O *mar* tinha essa mesma função (2 Cr 4.6) e era enorme — média 2,25m de altura e 4,5m de diâmetro.

4.3 — Os *bois* representavam força e fertilidade. Outras passagens bíblicas usam o chifre do boi com esse significado (1 Sm 2.10).

4.4 — Os *doze bois* eram adicionais àqueles entalhados na parte exterior do *mar* e, como estes, simbolizavam força e produtividade. Sua quantidade corresponde às 12 tribos de Israel.

4.5 — O *mar* era muito pesado mesmo quando vazio. Quando cheio com *três mil batos* (aproximadamente 60 mil litros) de água, pesaria cerca de 110 toneladas ou mais.

4.6 — As *dez pias* ficavam arrumadas em duas fileiras de *cinco pias* nos lados norte e sul do *mar*. De acordo com 1 Reis 7.38, cada uma tinha capacidade para 40 batos ou cerca de 800 litros, e podiam acomodar grandes animais como bois. A lei dos holocaustos requeria que certas partes do animal fossem lavadas com água antes de serem colocados no altar (Lv 1.9,13).

4.7 — Enquanto o tabernáculo do deserto tinha apenas um castiçal, este templo possuía *dez* (Êx 25.31), cinco à direita e cinco à esquerda do Lugar Santo. Eles, provavelmente, tinham o mesmo desenho do castiçal do tabernáculo — uma haste central com três braços, estendendo-se para cada lado, totalizando sete lâmpadas por unidade (Êx 25.32,37). Eles simbolizavam a luz da criação de Deus (Gn 1.3-5) e o fato de que o próprio Deus é luz (João 8.12).

4.8 — Havia apenas uma *mesa* no tabernáculo (Êx 25.23), mas o templo continha *dez*. Sobre elas ficavam os pães da proposição (Êx 25.30).

*Bacias de ouro.* A palavra para *bacias*, neste contexto, é derivada de um verbo hebraico que significa *aspergir*. Os sacerdotes usavam as bacias para colocar os líquidos que eram aspergidos.

4.9 — Existiam áreas dentro e ao redor do templo onde apenas os sacerdotes podiam entrar. Uma delas era a área circundante próxima ao templo, separada por um muro, o *pátio dos sacerdotes*. O *pátio grande* era uma área externa onde o povo em geral podia ir.

4.10-13 — O *mar* ficava localizado em um lado da entrada do templo, para o lado sudeste, e o templo ficava voltado para o leste.

4.14-16 — Os suportes eram móveis desenhados como bases para as *dez pias* mencionadas no versículo 6. Eles mediam quatro côvados na lateral e três côvados de altura, além disso, tinham quatro rodas de bronze e eram revestidos nos lados com painéis ricamente decorados (1 Rs 7.27-37).

4.17,18 — Muitos utensílios de bronze eram feitos em uma localidade no vale do Jordão, a aproximadamente 56km ao norte do mar Morto. Arqueologistas descobriram evidências deste trabalho em uma área onde a argila é apropriada para a fundição em bronze.

4.19-21 — Esta é a primeira menção ao *altar de ouro* no livro de Crônicas (Êx 30.1-10; 1 Rs 7.48). Este altar era usado para as ofertas de incenso e ficava no Lugar Santo, exatamente em frente do véu (2 Cr 3.14).

4.22 — *Portas de dentro.* O tabernáculo tinha apenas um véu que separava o Lugar Santo, chamado de *santuário*, e o *Lugar santíssimo* (Êx 26.31-33). O templo de Salomão tinha um conjunto de portas com essa finalidade.

5.1 — Os *tesouros da Casa de Deus* mencionados neste versículo foram consagrados por Davi para que fossem usados na construção e manutenção do templo (1 Cr 18.7,8; 29.3-5). Salomão os colocou entre os tesouros do templo.

5.2 — Embora Davi tivesse construído um tabernáculo no monte Sião para colocar a *arca* (1 Cr 15.1), ainda era separado do tabernáculo original em Gibeão e, desse modo, ainda não era um local permanente. O término do templo de Salomão tornou possível, pelo menos, depositar a arca em seu devido lugar.

5.3,4 — Como era o *sétimo mês* (*etanim* ou *tishrei* — 1 Rs 8.2), a festa era a dos Tabernáculos. Era uma ocasião apropriada para remover a arca



## EM FOCO

## CONGREGAÇÃO (HB. GAHAL)

(2 Cr 6.3; Dt 18.16; Jz 20.2)

Esse termo denota um ajuntamento de pessoas para qualquer tipo de ocasião. É usado secularmente para designar reuniões civis, conselhos de guerra, um ajuntamento de malfetores e, até mesmo, uma congregação dos mortos (1 Sm 17.47; 1 Rs 12.3; Sl 26.5; Pv 21.16). No entanto, a palavra também é usada para falar sobre um ajuntamento de indivíduos com propósitos religiosos, como o recebimento da Lei de Moisés e a celebração de festas religiosas diante do Senhor (2 Cr 30.23; Dt 5.22). Algumas vezes, o termo se aplica a grupos apenas de homens – com mais frequência em relação a congregações para a guerra e, uma vez, em relação àqueles reunidos para ouvir Josué ler a Lei (Js 8.35). Durante a época de Esdras, mulheres, crianças e, até mesmo, servos eram incluídos especificamente em uma congregação religiosa (Ed 2.64,65; 10.1). A expressão *congregação do Senhor* aparece várias vezes no Antigo Testamento para indicar um ajuntamento do povo de Deus com propósitos religiosos ou seculares — incluindo, uma vez, para reclamar contra Moisés (Nm 20.4; Dt 23.1-3; 1 Cr 28.8; Ne 13.1).

para um local permanente, já que essa festa comemorava a peregrinação de Israel no deserto, quando a Arca não tinha habitação permanente (Lv 23.39-43).

**5.5** — O termo *tenda da congregação* se refere ao tabernáculo de Moisés. Salomão acabou com a adoração no alto que estava em Gibeão, desmanchando o tabernáculo de Moisés que estava ali localizado e levando-o para Jerusalém, bem como todos os seus utensílios.

**5.6,7** — Assim como Davi, Salomão – um rei sacerdote – exerceu os privilégios de seu ofício oferecendo sacrifícios (1 Cr 16.1-3).

**5.8** — De acordo com as instruções de Moisés (Êx 25.12-15; Nm 4.6), a arca tinha argolas presas em cada canto, por meio das quais se inseriam varas [na NVI; *varais*, na ARC] para carregá-la. Elas tinham cerca de 20 côvados (9m) de comprimento, já que aqueles que ministravam no Lugar Santo podiam vê-las em ambas as extremidades do véu.

**5.9** — *Até ao dia de hoje*. Esta frase seria declarada com emoção para qualquer israelita que tivesse vivido durante o exílio babilônico anos mais tarde, quando o exército de Nabucodonosor destruiu o templo de Salomão e levou a maioria de seus utensílios.

**5.10** — A passagem de Hebreus 9.4, a qual declara que a arca também continha o vaso de ouro do maná e a vara de Arão que floresceu, parece contradizer o narrador neste versículo. Pode ser que todos estes itens estivessem na arca

na época de Moisés, mas tudo, exceto as *duas tábuas* de pedra, tenha sido removido em alguma época depois. O narrador, então, está relatando a situação no tempo de Salomão.

**5.11** — No dia da inauguração do templo, *todos os sacerdotes* participaram dos serviços sem levar em consideração suas classes sacerdotais. Daquele momento em diante, eles serviriam em turnos de acordo com suas *divisões* (1 Cr 24.1-19). O Santo dos santos, normalmente, era restrito apenas ao sumo sacerdote (Lv 16.15; Hb 9.7); naquela ocasião, os outros sacerdotes entraram lá para levar a arca.

**5.12** — *A safe, Hemã e Jedutum* eram os líderes das divisões dos músicos levitas (1 Cr 6.33,39, 44; 15.17; 16.37,42; 25.1). *O oriente do altar* ficava entre a porta oriental do pátio interno e o grande altar de bronze. Todos juntos eram *cento e vinte sacerdotes* — aqueles contados neste versículo eram, provavelmente, um grupo seletivo de instrumentistas.

**5.13,14** — Como o verso 14 sugere, a *nuvem* era uma manifestação da glória de Deus. De certa forma, a nuvem tanto revelava quanto ocultava a glória do Senhor, que é maravilhosa demais para os olhos humanos verem (Êx 19.16,18; 20.18,21; 24.16-18; 33.9,10,22; 40.34-38).

**6.1,2** — A nuvem espessa que havia representado a glória de Deus, agora, enchia o templo, o que estava de acordo com a promessa do próprio Deus a Davi quando Ele disse, em resposta à decisão de Davi de construir o templo, que Ele

tinha vivido de *tabernáculo em tabernáculo* (1 Cr 17.5). Embora o filho de Davi tivesse construído um templo para Deus, viria a época em que o Senhor construiria para Davi uma casa ou dinastia eterna, permanente, e, com esta, viria o relacionamento permanente de Deus com Seu povo (1 Cr 17.7-14). Assim Salomão construiu a *casa* onde Deus poderia viver entre os Seus.

**6.3,4** — *E, pelas suas mãos, o cumpriu.* Trata-se de uma referência direta à aliança que Deus tinha feito com Davi, quando o Senhor lhe prometeu uma casa eterna (1 Cr 17.11,12). Salomão, como o herdeiro escolhido de Davi, tinha vivido para ver as promessas do Altíssimo serem cumpridas. Deus fez Salomão rei e construiu o templo. Salomão pode ter contratado artesãos fenícios, mas ele sabia que o sucesso do projeto dependia de Deus e, na verdade, as mãos do Senhor tinham feito o trabalho.

**6.5,6** — *Escolhi Jerusalém.* Esta expressão não se refere a Jerusalém como uma capital política, como o era para Davi e Salomão (1 Cr 11.4-8), mas como um lugar para o Nome de Deus. Essa ênfase é evidente na narrativa sobre a eira de Ornã (1 Cr 21.18—22.1). Apenas Jerusalém poderia ser aceitável como um lugar para a habitação terrena de Deus.

*Escolhi Davi.* Em Sua graça, Deus escolheu Davi muito antes que este, na prática, subisse ao trono, deixando isso claro quando Samuel o ungiu na juventude (1 Sm 16.1,12,13).

**6.7-11** — *O concerto que o SENHOR fez refer-se às tábuas de pedra dos Dez Mandamentos* (2 Cr 5.10).

**6.12** — A presença de Salomão *perante o altar do SENHOR*, no pátio interno, local proibido para qualquer um, exceto para os sacerdotes e levitas, mostra, mais uma vez, o papel sacerdotal e os privilégios da monarquia davídica. Como um rei-sacerdote *segundo a ordem de Melquisedeque* (Sl 110.4), ele foi nomeado para estar lá como um mediador teocrático entre Deus e a nação (1 Cr 15.25-28; 2 Cr 1.3).

**6.13** — *Uma base de metal* [na ARA, *uma tribuna de bronze*] não era um item normal do templo, mas um palco construído para o discurso de

Salomão, para que a congregação do lado de fora dos muros do pátio pudessem vê-lo. Medida 2,25m de comprimento e 1,35m de altura.

**6.14** — *Não há Deus como tu.* Deus é diferente de todos os outros “deuses”. Ele sozinho fez e manteve um concerto com Seu povo, algo sem precedentes nas tradições religiosas das nações. A aclamação de Salomão faz sentido para todo filho de Deus que medita na fidelidade do Senhor.

*A Aliança e a misericórdia* [ARA]. Neste contexto, misericórdia implica lealdade e significa que Deus é fiel aos Seus servos; àqueles que andam diante dele *de todo o coração*.

**6.15,16** — A posição natural de Salomão como rei atestava que Deus havia cumprido Sua promessa. Entretanto, partes da promessa do Senhor dependiam da obediência do povo à Lei divina. Contudo que os filhos de Davi guardassem o caminho do Senhor, eles desfrutariam de todos os benefícios provenientes de Deus. Então, Salomão orou para que o povo permanecesse fiel. O Senhor lhes seria fiel, mas seriam eles fiéis a Deus? Não importando a escolha deles, de qualquer forma, o Altíssimo manteria Seu plano final de enviar o Messias (Sl 89.30-37).

**6.17,18** — *Habitará Deus com os homens na terra?* Deus é completamente separado da humanidade, mas Ele se adapta à posição inferior dos seres humanos para se relacionar com eles (Gn 2.8; 18.1,2; Êx 23.20-26). Ele assim o fez como uma última percepção da encarnação de Jesus Cristo (João 1.14).

**6.19,20** — A solução da tensão entre Deus ser superior e acima de toda a Sua criação (transcendência, Is 6.1-4) e Sua proximidade com cada um de nós (imanência) se baseia em ações de Deus como localizar Seu *nome*. Em vez de contemplar a delimitação de Deus a um lugar, mesmo ao templo, Salomão, de acordo com uma tradição antiga (Dt 12.5,11; 16.2,6), fala da presença do Senhor em termos de objetivação de Seu Nome. Este é um estágio inicial do desenvolvimento de doutrinas como a da personalidade e da existência de Deus e da união dele com a humanidade na pessoa de Jesus Cristo.

**6.21** — O templo era o *lugar de habitação* de Deus onde Seu povo podia orar a Ele. Mesmo assim, Deus não podia ser contido entre as quatro paredes de uma construção.

**6.22** — *Lhe impuser juramento*. Trata-se de uma referência aos juramentos legais pelos quais as pessoas juravam a sua inocência diante de Deus (Êx 22.8-11; Dt 17.8,9). Tais juramentos tinham de ser feitos no templo e diante do *altar*, símbolo da presença de Deus entre Seu povo.

**6.23,24** — O pedido de Salomão para que Deus *ouve dos céus* [NVI] enfatizava a transcendência do Altíssimo. Embora o Senhor tivesse escolhido estar presente no templo, Ele também transcendia a estrutura dessa edificação.

**6.25-28** — *Faze-os tornar*. Esse trecho é uma pista sobre o futuro cativo e a deportação do desobediente povo de Deus (Dt 28.29,30). Quando o exílio para a Babilônia tornou-se uma realidade, o templo foi destruído, e ninguém podia orar naquele lugar como antes. Mas, mesmo naqueles dias, o povo do Senhor dirigia suas orações a Jerusalém. Isso era o que Daniel fazia (Dn 6.10).

**6.29-31** — Israel era uma comunidade e podia orar junto, como uma nação. Mas cada membro também era responsável pelos próprios pecados (Ez 18.1-4) e cada um precisava pedir o perdão de Deus. A oração voltada para o templo podia ser nacional ou individual.

**6.32,33** — Deus fez aliança exclusivamente com Israel, a nação descendente de Abraão, com o propósito de atrair outras nações para Ele, o Criador de todos os povos. Um *estrangeiro* que adotasse o Senhor como Deus seria contado entre o povo de Deus.

**6.34-36** — *Não há homem que não peque*. Esta declaração é repetida no Novo Testamento (Rm 3.23; 1 Jo 1.8-10). Todas as pessoas pecaram e são culpadas diante de Deus.

*Os levem em cativo*. O discurso de Salomão antecipou a possibilidade do exílio, algo que já havia acontecido quando o livro de Crônicas foi escrito.

**6.37-40** — *Estejam os teus olhos abertos*. Deus é Espírito (Jo 4.24) e não tem olhos e ouvidos físicos, mas Ele é uma Pessoa que nos conhece

intimamente e ouve as nossas orações. Salomão estava orando para que Deus não ignorasse Seu povo.

**6.41** — À luz de Salmos 132.8,9 (a passagem citada por Salomão), o lugar de repouso é o templo. A *arca* é um sinônimo da presença de Deus.

**6.42** — *Teu ungido*. Trata-se de uma referência a Salomão, a qual mostra que ele entendia sua posição singular como alguém separado por Deus para o serviço real (1 Cr 22.10,11). Como Davi, Salomão era uma figura messiânica que antecipava o objetivo de sua linhagem real, o verdadeiro Ungido, Jesus Cristo (1 Sm 2.10; Sl 2.2; 18.50; 89.38,51; 132.17).

**7.1,2** — Deus respondeu positivamente à oração de Salomão ao acender os sacrifícios com *fogo do céu*, um ato de aprovação registrado em outras partes da Bíblia também (Jz 6.21; 1 Rs 18.38).

*Glória [...] encheu*. Em forma de nuvem espessa que encheu o *templo* com escuridão. Os *sacerdotes* não podiam mais ministrar por causa do temor e da reverência diante da glória do Senhor.

**7.3-5** — O povo viu, na glória de Deus, que o Senhor havia aceitado o rei e o templo, dois elementos centrais de Sua aliança com Davi (1 Cr 17.11,12).

**7.6,7** — Não está claro como os músicos se organizaram para a cerimônia de louvor, mas o uso do refrão *porque a sua benignidade dura para sempre* (2 Cr 7.3; 5.13) sugere que houve a participação



## EM FOCO

### ORAR (HB. PALAL)

(2 Cr 7.14; Gn 20.7; Nm 21.7; 1 Rs 8.44; Is 16.12; Jr 7.16)

Este verbo hebraico traduzido como *orar* na promessa de Deus em relação à restauração de Israel também pode significar *intervir*, *interpor*, *arbitrar* ou mesmo *julgar*. O Senhor estava pedindo que Seu povo intercedesse pelos outros em suas intercessões. Durante a dedicação do templo, Salomão deu exemplo de oração intercessora (6.3-42). Ele suplicou a Deus em favor do povo e continuou a clamar com determinação até que o Senhor respondeu. De acordo com Deus, este tipo de oração poderia ser o catalisador da restauração e do renascimento no futuro (Dn 9.3-19).

de algum tipo de antifonário ou coral constituído por alguns dos levitas ou pela congregação.

**7.8** — A festa era a dos Tabernáculos, que começava no 15º dia do sétimo mês e continuava até o 22º dia (Lv 23.34-36).

*Hamate e rio do Egito* especificam a extensão do primeiro reinado de Salomão de norte a sul. O rio do Egito, provavelmente, é o Wadi El Arish, um riacho sazonal, localizado a, aproximadamente, 65km a sudoeste de Gaza.

**7.9** — A Festa dos Tabernáculos terminava com uma assembleia no *oitavo dia*, que sempre caía no 22º dia do sétimo mês (*tishrei*).

**7.10** — *O rei deixou ir o povo para as suas tendas*. Provavelmente, uma referência às cabanas ou barracas nas quais o povo ficava, por ocasião da Festa dos Tabernáculos (Lv 23.42,43). Pouco ou nenhum israelita usava tendas para morar naquela época.

**7.11** — *A casa do rei* se refere ao palácio de Salomão, um projeto explicado mais elaboradamente em 1 Reis (1 Rs 2.1; 7.1,8). Como Salomão levou 13 anos para construir seu palácio e 20 ao todo para edificar o palácio e o templo juntos, estes eventos aconteceram na metade dos 40 anos de seu reinado.

**7.12** — Nos vários versículos a seguir (v. 13-15), o Senhor examina e responde às petições de Salomão (2 Cr 6.14-42). As orações de Salomão tinham sido ouvidas e seriam respondidas, mas existiam condições (v. 14).

**7.13,14** — Se o povo de Deus fizesse três coisas, o Senhor responderia de três maneiras: O povo tinha de *se humilhar* (ou seja, submeter-se), *orar* (*arrependendo-se*) e *voltar-se*, ou retornar para Ele. Se fizesse assim, Deus iria ouvi-los, perdoar-lhes os pecados e sarar a sua terra.

**7.15-18** — *Se andares*. O Senhor desafiou Salomão a permanecer fiel a Ele e às leis do concerto, para que pudesse desfrutar inteiramente dos benefícios das bênçãos de Deus.

*Confirmarei o trono do teu reino*. A condição para a bênção de Deus sobre Davi e sua linhagem não foi extensiva à continuação dessa dinastia. As promessas da aliança com Davi foram absolutas. O Altíssimo não somente disse a este seu

servo que, se Salomão pecasse, ele seria disciplinado, mas também declarou: *A minha benignidade não desviarei dele e o confirmarei na minha casa e no meu reino para sempre* (2 Sm 7.15,16; 1 Cr 17.13,14). Mesmo que Salomão transgredisse e fosse disciplinado, as promessas de Deus permaneceriam — a dinastia de Davi continuaria.

**7.19** — *Se vós vos desviardes*. O Senhor estava falando para a nação como um todo. A referência aos *estatutos e mandamentos* situa esta advertência solidamente dentro dos moldes de um concerto. A desobediência à aliança, principalmente se praticassem apostasia a Jeová e a adoção de falsos deuses, acarretaria consequências terríveis. Novamente, o concerto com Davi continua firme, mas para desfrutar de seus benefícios, o povo deveria permanecer fiel a Deus.

**7.20,21** — *Provérbio*. A nação de Israel tornaria-se exemplo para outras nações, as quais veriam o templo em ruínas e compreenderiam a clara mensagem sobre o pecado e seu preço.

**7.22** — *Se deram a outros deuses*. A idolatria seria a queda da nação (Dt 28; 29).

**8.1,2** — Este resumido relato sobre as transações entre Salomão e *Hirão* é explicado mais detalhadamente em 1 Reis 9.10-14. Em pagamento pela madeira e pelo ouro que Hirão forneceu para os projetos de construção, Salomão deu-lhe 20 cidades galileias. Embora o fenício não tenha gostado das cidades, ficou com elas e até chegou a pagar 120 talentos de ouro por elas. Com o tempo, Salomão tomou-as de volta, reconstruiu-as e assentou os israelitas nelas novamente.

**8.3,4** — Salomão construiu e fortificou cidades, como, por exemplo, Tadmor, porque elas ficavam no caminho das principais rotas de caravanas. Essas localidades fortificadas forneciam proteção para suas próprias caravanas e passaram a ser locais onde ficavam as alfândegas nas quais Salomão coletava os impostos.

*Cidades das munições*. Eram instalações espalhadas por toda a parte nas províncias afastadas de Salomão, a fim de prover depósitos para seus exércitos e negociantes, assim como estocar a produção e outros tributos pagos pelos estados vassallos (1 Rs 9.19).



## APLICAÇÃO

### REAVIVAMENTO NACIONAL

Ao lutarmos contra o caos moral e espiritual, que parece caracterizar a vida hoje em dia, a promessa que Deus trará cura para a terra (2 Cr 7.14) parece atrativa. Existe um versículo no qual os cristãos deveriam fundamentar os esforços por um reavivamento nacional? Ao responder a esta questão, é importante perceber que Deus estava falando a Israel, como indicado pela frase: *O meu povo, que se chama pelo meu nome* (leia 2 Cr 6.5,6,33). Israel desfrutava de um relacionamento especial com o Senhor, do qual nenhuma outra nação jamais usufruiu. As palavras de Deus (2 Cr 7.12-22), das quais a promessa de sarar a terra fazia parte, foram essencialmente uma reafirmação do concerto (Lv 26; Dt 29).

Pouco tempo após a morte de Salomão, esta promessa condicional passou pelo seu primeiro teste. O sucessor de Salomão, Roboão, afastou-se do Senhor. Como resultado, Deus levantou os egípcios para atacar Israel. No entanto, quando Roboão e os líderes de Israel se humilharam e se voltaram novamente para Deus, o Senhor ouviu suas orações e livrou-os parcialmente da ameaça dos egípcios (2 Cr 12.1-12).

Como, então, os cristãos atualmente devem observar esta promessa de Deus? Está relacionada diretamente a Israel. Mesmo que indiretamente, tem relação com os crentes de hoje em dia? Sim, mas apenas até certo ponto. Diferente de Israel, os cristãos não foram chamados como uma nação. Por essa razão, a promessa de Deus de sarar a terra não pode ser aplicada universalmente a todas as áreas nacionais e internacionais da vida pública atual. Apesar disso, o princípio ainda se aplica quando os crentes se humilham mediante a oração e confissão de seus pecados individuais e coletivos. Assim, Deus os ouve, perdoa os seus pecados e traz uma medida de cura (Tg 4.7-10).

**8.5** — *Alta Bete-Horom e a baixa Bete-Horom* ficavam estrategicamente localizadas próximas à fronteira entre Judá e os distritos tribais do norte, ao longo do principal caminho pelas montanhas até o Mediterrâneo (Js 10.10; 1 Sm 13.18).

**8.6** — *Baalate*. Em outros contextos, talvez seja conhecida como Baalá. Pode ter sido a vila em Quiriate-Jearim ou próxima a esta, onde a arca da aliança ficou guardada antes de sua última localização em *Jerusalém* (1 Cr 13.6). Baalate também ficava localizada em uma rota importante de Jerusalém para a planície litorânea. Se não for a mesma cidade que Baalá, provavelmente, era a Baalate relacionada a uma das cidades de Dã (Js 19.44).

**8.7,8** — Os grupos de povos mencionados aqui eram remanescentes da população de Canaã que sobreviveram à conquista. *Israel* submeteu muitos deles a trabalhos forçados.

**8.9-11** — *A filha de Faraó* não é chamada pelo nome aqui. Salomão casou-se com ela no início de seu reinado (1 Rs 3.1) e tinha providenciado moradia para ela próximo ao *palácio de Davi* no monte Sião. Ela tinha sido proibida de morar no palácio, supostamente porque ela não era hebreia nem temente a Deus.

**8.12,13** — *O dever de cada dia* refere-se aos sacrifícios de carneiros pela manhã e à tarde, um em cada ocasião (Êx 29.38-42).

**8.14,15** — Salomão, como todos os reis da linhagem de Davi, tinha jurisdição sobre os *sacerdotes e levitas*, assim como sobre os assuntos civis, militares e políticos.

**8.16,17** — *Exiom-Geber* e *Elate* eram cidades localizadas próximas uma da outra no extremo norte da margem oriental do mar Vermelho.

**8.18** — Os fenícios eram marinheiros mundialmente conhecidos, então, quando Salomão incumbiu-se de criar uma marinha mercante, chamou seu bom amigo *Hirão*, rei de Tiro, mais uma vez. A terra de *Ofir*, ao que tudo indica localizada no sul da Arábia (1 Cr 29.4), era uma fonte de *ouro* puro.

**9.1-3** — *Sabá* situava-se a mais de 1.600km ao sul de Israel, no extremo sul da península árabe.

*Enigmas* [na NVI, *perguntas difíceis*]. Salomão era conhecido pela sua grande sabedoria (2 Cr 1.10-12; 1 Rs 4.29-34), uma característica muito valorizada e admirada no Oriente Médio antigo.

**9.4-7** — A expressão *Como fora de si* pode referir-se a uma atitude de orgulho ou arrogância com a qual a rainha tenha-se aproximado de



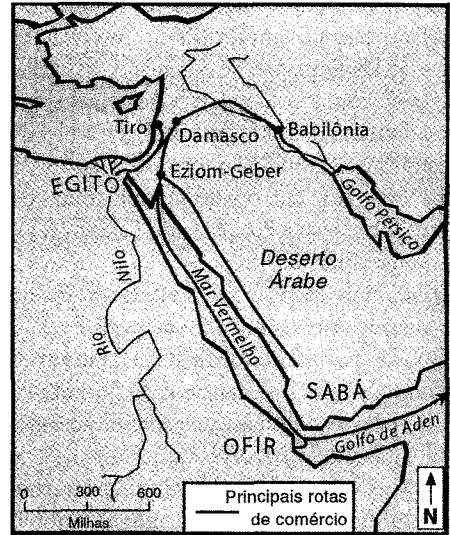


## LOCALIZE-SE

## A RAINHA DE SABÁ E O COMÉRCIO INTERNACIONAL

A rainha de Sabá (2 Cr 9.1; 1 Rs 10.1) foi para Jerusalém não apenas porque ela tinha tomado conhecimento da fama de Salomão, mas também pelo fato de ter ouvido falar sobre o Deus desse rei (1 Rs 10.6-9). No entanto, mesmo que o propósito final da visita fosse espiritual, ela poderia ter negociado também acordos políticos e econômicos na ocasião.

Sabá ficava, provavelmente, na região montanhosa do sul da Arábia (atualmente, Yemen). Sua localização estratégica no Golfo do Aden, no extremo sul do mar Vermelho, permitia que ela controlasse a maior parte do comércio entre a Índia e a África Oriental com o Oriente Médio. As rotas das caravanas ao longo da costa ligavam Sabá com os centros comerciais ao norte, como Tiro, Damasco e Babilônia. A crescente indústria naval de Salomão em Eziom-Geber (1 Rs 9.26) e seus laços com os fenícios podem ter levado os reinos de Sabá e Israel a uma competição pelos empreendimentos. Dessa forma, uma visita a Jerusalém teria sido uma oportuna missão de negócios.



Salomão, ou, mais provável, uma forma de dizer que o que ela viu e ouviu foi de “tirar o fôlego”.

9.8-12 — *Bendito seja o Senhor, teu Deus.* Essa era a maneira educada de falar no mundo antigo e não sugere que a rainha de Sabá fosse convertida. Dignitários visitantes, geralmente, saudavam o deus da nação anfitriã. Ainda assim, as expressões da rainha sobre o amor de Deus por Israel e eleição de Salomão foram verdadeiras (1 Cr 17.11-14).

9.13 — O rendimento anual em ouro de Salomão, apenas mediante as taxas, chegava a 25 toneladas. Como o rei e o estado eram considerados um só, esse número reflete o lucro anual de toda a nação devido aos tributos.

9.14 — O ouro e a prata que os reis e governadores levavam para Salomão era tributo, um tipo de taxa dos estados vassallos, e não uma doação voluntária.

9.15,16 — Os escudos de ouro batido eram para fins decorativos ou cerimoniais e não militares. O ouro era caro, pesado e macio demais para ser usado em batalha.

9.17-20 — Muitos estudiosos acreditam que fosse um trono incrustado de marfim, já que não havia suprimento suficiente de marfim para produzir um bloco de material tão grande. O trono, então, pode ter sido feito de madeira revestida por uma chapa de ouro, na qual o marfim foi incrustado. Marfim, um produto de origem dos dentes de elefantes, certamente, era acessível a Salomão.

9.21,22 — A expressão *a Társis* é, possivelmente, uma figura de linguagem, significando uma grande distância ou aos confins da terra.

9.23 — No contexto da época e pela posição de Salomão, a frase *todos os reis* se referia aos reis do universo do Mediterrâneo oriental.

9.24,25 — *Traziam cada um o seu presente.* Presentes comuns não são dados e recebidos de acordo com valores estabelecidos, por isso, esses presentes eram tributos pagos ao rei pelos vassallos.

9.26,27 — A maioria dos reis de Israel teve sucessivos problemas com os *filisteus*, embora eles fossem capazes de dominar todos os outros vizinhos

ao redor. Davi teve algum sucesso contra os filisteus (1 Cr 18.2) e, tempos depois, Josafá conseguiu exigir tributo de alguns deles (2 Cr 17.11).

**9.28,29** — *Natã, o profeta*, tinha repreendido Davi por causa do adultério e assassinato (2 Sm 12.1) e passou a ser confidente e conselheiro tanto de Davi quanto de *Salomão* (1 Rs 1.8,11). *Aías, o silonita*, escolheu Jeroboão como o primeiro rei do reino do norte de Israel (1 Rs 11.26-40) e, mais tarde, anunciou o juízo de Deus sobre ele (1 Rs 14.1-16). *Ido, o vidente*, que compilou os relatos sobre Jeroboão e Roboão (2 Cr 12.15), foi contemporâneo de Aías.

**9.30,31** — *Roboão* foi um filho de Salomão com sua esposa Naamá de Amom (2 Cr 12.13). Se Roboão tinha 41 anos de idade quando começou a reinar, ele deve ter nascido durante o período em que Salomão governava ao lado de Davi (1 Cr 29.22,23).

**10.1** — Por que Roboão foi a *Siquém* para ser coroado? Em primeiro lugar, Siquém tinha uma valiosa história desde os tempos das viagens de Abraão na terra (Gn 12.6,7; 35.4; Js 24.1-28). No entanto, muito mais importante, uma discórdia tinha começado a se desenvolver entre as tribos do norte e do sul (1 Rs 11.26-40), e Siquém seria um lugar mais neutro do que Jerusalém.

**10.2,3** — Como chefe de todos os trabalhos forçados de Salomão no distrito de Efraim, *Jeroboão* desfrutava de grande prestígio com o rei. Mas o profeta Aías informou-o de que ele se tornaria o rei das dez tribos do norte por causa da idolatria de Salomão (1 Rs 11.26-33). Quando Salomão soube disso, tentou matar Jeroboão (1 Rs 11.40), mas este fugiu para o *Egito*.

**10.4,5** — O pesado *jugo* de Salomão incluía taxaço e trabalhos forçados (1 Sm 8.11-18; 1 Rs 4.7; 9.15).

**10.6-9** — O termo *anciãos* não deve ser considerado apenas pela idade de seus conselheiros, mas também à forma técnica de se referir aos seus principais assessores, conselheiros (1 Rs 4.2-6). Tanto nas decisões políticas como na forma de chegar a elas, Roboão apresentava claramente a falta de prudência, algo bem diferente de seu pai, Salomão.

**10.10,11** — Roboão prometeu que mesmo os menores males de seu reino — seu *dedo mínimo* — seriam piores do que qualquer coisa que eles tivessem conhecido com Salomão. Os jovens compararam o reino de Salomão com *açoites* [*chicotes*, na NVI] e o de Roboão com *escorpiões* [*chicotes pontiagudos*, na NVI, que tinham pedaços afiados de metal na ponta, os quais cortavam a carne e causavam dores excruciantes].

**10.12-15** — *Esta mudança vinha de Deus*. Insensatez e decisões humanas executaram os propósitos do Senhor. O afastamento de Salomão de Deus no final de seu reinado já tinha desqualificado seus descendentes para reinar sobre todo o Israel (1 Rs 11.9-13). Roboão iniciou a divisão com as próprias ações tolas.

**10.16,17** — No poema do povo, *Israel* referia-se às dez tribos do norte, e *Davi*, ao Reino do Sul de Judá. As *tendas*, no versículo 16, podem ser figurativas — lugares de habitação de *Israel* em geral, mesmo que poucas pessoas vivessem realmente em tendas naquela época — ou uma referência literal às tendas nas quais os delegados designados para a congregação de Siquém estavam alojados enquanto estavam lá.

**10.18,19** — *Adonão*, chamado Adonirão em 1 Reis 4.6, era o correspondente a Jeroboão em Judá, o chefe responsável pelos trabalhos forçados.

**11.1** — Logo após a divisão do reino, a tribo de *Benjamim* se uniu a *Judá* para formar o Reino do Sul, o que é irônico porque Saul era um benjamita. No entanto, os benjamitas tinham demonstrado grande lealdade a Davi muitos anos antes (2 Sm 19.16-20,40-43), e Benjamim também era mais próxima geograficamente de Judá do que das tribos do norte.

**11.2-4** — Como Natã, Aías e Ido (2 Cr 9.29), *Semaías* também foi um profeta que escrevia. O escritor do livro de Crônicas dependeu dos relatos de Semaías para algumas das informações (2 Cr 12.15).

**11.5-12** — *Cidades para fortaleza*. Deixando uma estratégia ofensiva, *Roboão* decidiu defender o pequeno reino que ele ainda tinha, construindo fortificações por toda a sua terra. Elas se estendiam de Aijalom, no norte (2 Cr 11.10),



## EM FOCO

## TRANSGREDIR (HB. MA'AL)

(2 Cr 12.2; Lv 6.2; Ez 14.13)

O primeiro significado desta palavra é *quebrar a confiança*, muitas vezes deliberadamente, mas, em alguns casos, involuntariamente (Lv 5.15). O termo é usado em associação com a palavra *pecado* em várias ocasiões (Lv 5.15; 6.2; Ez 18.22-24). Transgressão é quase sempre levada a efeito contra o Senhor e pode ser cometida por indivíduos ou comunidades, principalmente, a da aliança (Nm 31.16; Ne 1.6,7; Ez 14.13). Uma esposa também pode transgredir contra o seu marido, ou um rei pode agir dessa maneira ao não fazer um julgamento justo (Nm 5.12; Pv 16.10). Esta palavra aparece predominantemente nos livros relativos ao exílio e aos acontecimentos depois deste. Neles, morte, derrotas militares e banimento são consequências vistas como julgamento divino pelas iniquidades de Israel (2 Cr 12.1-9; 1 Cr 10.13; Ez 39.23; Dn 9.7).

a Zife, no sul (v. 8) e de Tecoa, no leste (v. 6), a Gate, no oeste (v. 8).

**11.13,14** — O seu território. Embora Israel e Judá tivessem-se separado em dois reinos, os sacerdotes e os levitas de Israel apoiaram Judá. Uma razão para isso foi que eles sabiam que Roboão era descendência de Davi e, por essa razão, o herdeiro da promessa de Deus a Davi (1 Rs 12.25-33).

**11.15** — Os ídolos eram os *bezerros* de ouro que Jeroboão tinha instalado em Betel e Dã.

**11.16** — Visto que os líderes religiosos legítimos deixaram Israel, os adoradores de Deus no Reino do Norte não podiam mais adorar em sã consciência, por isso, faziam peregrinações a *Jerusalém* três vezes ao ano (1 Rs 12.27,32,33).

**11.17** — O programa de Jeroboão para estabelecer uma nova estrutura religiosa em Israel parece que levou, pelo menos, *três anos*. Nesse meio tempo, a peregrinação dos israelitas religiosos do norte para Jerusalém fortalecia Roboão e enfraquecia Jeroboão (1 Rs 12.27).

**11.18,19** — *Maalate* pode ter sido bisneta de Davi. *Roboão* era neto de Davi, então, neste caso, tal casamento ocorreu dentro da família real mais abrangente.

**11.20** — As reivindicações de Roboão por legitimidade ganhou mais apoio com seu casamento com *Maaca*, filha de Absalão e neta de Davi. *Abias*, filho de Maaca e Roboão, sucederia o pai no devido tempo (2 Cr 12.16).

**11.21,22** — Roboão nomeou seu filho, *Abias*, para ser o novo *rei* a fim de assegurar uma sucessão sem problemas após a sua morte. Provavelmente,

*Abias* serviu sob as ordens de Roboão ou ao lado dele, exatamente como Salomão o fez sob as ordens de Davi (1 Cr 23.1).

**11.23** — No contexto, a expressão *usou de prudência* está relacionada ao modo de Roboão lidar com seus muitos *filhos*. Ele havia selecionado um deles para ser rei e, para pacificar o restante deles, deu-lhes atribuições importantes por todo o reino. O “mimo” se ampliou a generosas quantidades de bens e grandes haréns.

**12.1** — *A lei*. É a palavra [do hebraico *torah*] comumente utilizada para referir-se à aliança mosaica, os Dez Mandamentos.

**12.2,3** — O *Egito* estava começando a se recuperar de um longo período de declínio e queria restabelecer o controle sobre a Palestina. Deus usou as ambições dos egípcios para disciplinar Roboão por ter abandonado o Senhor.

Os *líbios* eram provenientes da Líbia; os *suquitas* provinham de outras tribos do deserto, talvez, da Líbia ocidental, e os *etíopes*, às vezes, citados como *cuxitas*, eram guerreiros originários das terras ao sul do Egito.

**12.4-8** — Para que os judeus pudessem compreender o quanto eles eram privilegiados em servir a Deus, o Senhor permitiria que eles se tornassem *servos* dos egípcios. Só então, apreciariam novamente a alegria de ser *servos* de Deus.

**12.9-11** — Os *tesouros da casa do rei* que os egípcios tomaram tinham sido espólios de guerra apreendidos por Davi e dedicados a Deus (1 Cr 18.6-8; 22.14). Judá era, agora, um estado vassalo do Egito.

**12.12,13** — A conduta do rei acarretou conseqüências inevitáveis para a nação. Quando um rei obedecia a Deus, o Senhor abençoava a nação, mas, caso se afastasse do Senhor, seus súditos sofriam. Agora, quando o rei se arrependia e se humilhava diante de Deus, o perdão e a restauração revestiam tanto ele como seu reino.

**12.14,15** — *Não preparou o coração para buscar o SENHOR.* Observe as diferenças entre Davi, Salomão, Roboão e Abias (cap. 13). Davi, *homem de Deus* (2 Cr 8.14), morreu com idade avançada com riquezas e honra. Salomão morreu sábio, rico e poderoso. Mas Roboão *fez o que era mau* e, como resultado, travou guerras durante a maior parte de seu perturbado reinado. Abias seguiu o exemplo de Roboão de não honrar o Senhor (2 Cr 13.8-18).

**12.16** — *Abias.* Ao que tudo indica, era o filho mais velho de Roboão (2 Cr 11.20,22), que já tinha sido indicado pelo pai para ser o rei. Agora, ele assume o reino sozinho.

**13.1-4** — O *monte Zemaraim* localizava-se a alguns quilômetros a sudeste de Betel (Js 18.22).

**13.5** — *Concerto de sal.* Sal era um agente conservante e simbolizava durabilidade — uma descrição apropriada da eterna aliança davídica (Lv 2.13; Nm 18.19).

*Israel*, nesse contexto, refere-se à nação como um todo, e não apenas ao Reino do Norte.

**13.6** — Abias culpava *Jeroboão* pela divisão do reino, e não Roboão, ou mesmo Salomão (2 Cr 10.16). No entanto, a rebelião de Jeroboão foi abastecida pela desobediência de Salomão ao concerto e às políticas cruéis. Além disso, o plano tolo de Roboão para aumentar a severidade daqueles abusos enfureceu os israelitas ainda mais. A culpa recaiu sobre os três — Jeroboão, Roboão e Salomão.

**13.7,8** — A versão de Abias sobre a divisão da nação deixou seu pai em uma posição relativamente confortável. De acordo com Abias, se Roboão cometeu qualquer erro, foi apenas porque ele era *jovem e inexperiente*. Abias, mais adiante, comparou o reino de Judá com o *reino do SENHOR*, fazendo a vitória de Judá sobre Israel

parecer uma conclusão previamente determinada. Essa foi uma deturpação da verdade (2 Cr 13.6), planejada para assustar os israelitas.

**13.9** — A religião ilícita de Jeroboão preencheu as funções sacerdotais com qualquer um que tivesse jeito para executar o ofício. Dessa forma, Abias afirmou que tudo o que uma pessoa tinha de fazer para se consagrar era oferecer os sacrifícios apropriados (1 Rs 12.31; Lv 8.2). Mas as palavras de Abias foram hipócritas, já que as mesmas ações maléficas estavam acontecendo em seu próprio reinado (2 Cr 14.2-5).

**13.10,11** — Os *sacerdotes* de Judá eram legítimos, pois tinham sua ancestralidade traçadas até *Arão*, como a Lei exigia (1 Cr 6.1-15). Por toda a passagem bíblica, o contraste é entre a adoração autorizada em Jerusalém e a prática ilícita da religião em Dã e Betel. Em resumo, Abias argumentava que Judá tinha permanecido fiel a Deus, enquanto Israel o tinha abandonado.

**13.12-16** — A declaração de que *Deus* estava com eles como líder e os *sacerdotes* estavam lá com *trombetas* é uma afirmação de que a batalha estava sendo travada pelo povo de Deus em Seu Nome. Como nos tempos antigos, quando Josué marchou com seus exércitos ao redor de Jericó em uma procissão encabeçada pela arca da aliança e acompanhada por trombetas (Js 6. 8, 9), assim, diz Abias, Jeová lideraria os exércitos de Judá para a vitória. Em uma guerra assim, era inútil o inimigo resistir, já que o triunfo de Jeová era inevitável. No grito, está implícito o grupo de Josué cercando Jericó no sétimo dia (Js 6.20). A expressão *Deus os entregou* é também uma maneira de afirmar que a batalha era do Senhor e não de Judá. Eles eram agentes do Senhor, mas Deus lhes deu a vitória (Js 6.16). Jeová agiu assim por causa de Seu povo, Judá, apesar de seus pecados de inconsistência.

**13.17-19** — Entre as cidades israelitas derrotadas por Judá, estava *Betel*, o centro do culto da falsa religião que Jeroboão havia estabelecido no sul (1 Rs 12.29).

*Jesana* devia ficar uns 10km ao norte de Betel, e *Efraim*, também conhecida como Efrom, ficava a uns 6,5km ao norte de Betel.

13.20 — Embora não existam outras referências sobre os detalhes da morte de Jeroboão, o verbo *ferir*, neste contexto, refere-se a uma morte violenta, seja por doença ou alguma ação externa, como assassinato.

13.21,22 — Uma das medidas do poder e da prosperidade de um rei era o tamanho de sua família.

14.1,2 — O filho de Abias, *Asa*, reinou durante 41 anos, até 870 a.C. (16.13). A expressão *dez anos* sugere que, durante os primeiros dez anos do reinado de *Asa*, havia paz entre Judá e Israel (2 Cr 14.6).

14.3-5 — As *estátuas* eram colunas associadas aos ritos cananeus de fertilidade. As imagens eram feitas de madeira-verde, que eram consideradas como símbolo de fertilidade, já que conservavam suas folhas verdes durante todo o ano. Com o tempo, postes tomaram o lugar das árvores vivas, porque eles podiam ser levantados em qualquer lugar, mesmo onde as árvores não cresciam.

14.6-8 — *Roboão edificou cidades fortes* em sua época, mas *Sisac*, rei do Egito, destruiu-as (1 Cr 11.5-12; 12.2-4). É como se *Asa* simplesmente as tivesse reconstruído. O termo *naqueles anos* diz respeito aos primeiros dez anos do reinado de *Asa*, um período de paz (2 Cr 14.1).

14.9 — Como o Egito era forte naquela época (2 Cr 12.3) e tinha total controle sobre seu próprio território, é provável que *Zerá* e seu imenso exército fossem mercenários do rei egípcio *Osorkon I* (914—874 a.C.), sucessor de *Sisac*.

*Maressa* era uma das importantes cidades fortificadas de *Asa*, cerca de 40km a sudoeste de Jerusalém (2 Cr 11.8). Ficava perto de *Via Maris*, a estrada costeira que ligava o Egito a *Canaã*, tornando-a estrategicamente importante.

14.10 — O *vale de Zefatá* ficava no lado norte de *Maressa*.

14.11,12 — *Nada para ti é ajudar*. *Asa* demonstrou grande fé em sua oração antes da batalha contra o enorme exército de *Zerá*.

*No teu nome*. *Asa* creu no fato de que Deus estava ao seu lado e o ataque de *Zerá* era dirigido ao Senhor, assim como ao povo de Deus (2 Cr 13.8,12,14,15).

14.13-15 — *Gerar* ficava na fronteira entre Egito e *Canaã* e, provavelmente, localizava-se em território egípcio naquela época.

15.1-5 — *Por muitos dias*. A maior parte do que *Azarias* disse para *Asa* podia ser dita sobre a época dos juízes, um período marcado por longos anos de apostasia, ignorância e ilegalidade (Jz 18.1; 21.25).

*Na sua angústia*. Aqueles tempos eram difíceis, pois os israelitas estavam constantemente sendo invadidos e açoitados. Contudo, quando parecia não haver esperança, o povo clamava a Deus em arrependimento, e Ele os livrava (Jz 2.11-19).

*Não havia paz*. Além dos perigos da guerra, os riscos contínuos de roubos e crimes atormentavam a nação, uma questão claramente apresentada no cântico de *Débora* (Jz 5.6,7).

15.6,7 — A expressão *cidade contra cidade*, provavelmente, faz alusão à guerra civil que existia em Israel na época dos juízes, especialmente em relação ao degenerado reinado de *Abimeleque* (Jz 9.1-57) e à falta de responsabilidade moral em *Benjamim* (2 Cr 20.18-35).

15.8 — O *altar* tinha sido danificado por causa de alguma luta interna ou, mais provavelmente, tinha-se deteriorado por causa do uso intenso e da falta de manutenção (compare 2 Cr 4.1).

15.9 — Junto com os sacerdotes devotos e os levitas (2 Cr 11.13-17), muitos dos cidadãos comuns de Israel foram para Judá quando viram o zelo de *Asa* com relação a Deus e à bênção divina sobre ele.

15.10 — É bem provável que o *terceiro mês* é o da festa na época das primícias, a Festa de Pentecostes (Lv 23.15-21; Nm 28.26-31).

15.11 — O *despojo* parece referir-se aos animais tomados dos etíopes após a vitória de *Asa* sobre *Zerá* (2 Cr 14.15). Sendo assim, a batalha de *Maressa* (2 Cr 14.9,10) deve ter acontecido pouco antes desse evento.

15.12,13 — *Asa* reuniu uma congregação para reafirmar o concerto de Israel (ou promessa) de buscar ao Senhor. A nação tinha-se reunido antes para renovar seu compromisso com Deus (Dt 27.9,10; 29.1; 31.10-13; Js 8.30-35; 24.1-28).

15.14 — Fazer um juramento era uma parte essencial para firmar uma aliança (Êx 24.7,8;

Dt 27.11-26; 29.12). O povo declarou sua determinação em manter o concerto e, se não o cumprisse, concordou em aceitar o julgamento de Deus.

**15.15** — O conflito com Zerá, o etíope (2 Cr 14.9), havia quebrado o período de dez anos de paz no começo do reinado de Asa (2 Cr 14.1). Depois de ganhar a guerra e renovar a aliança com Deus, Judá, mais uma vez, teve *repouso em redor*.

**15.16** — *Maaca* é chamada de mãe de Asa, uma palavra hebraica que também pode significar *avó*. Na verdade, ela era a mãe do pai de Asa, Abias (2 Cr 13.2 — neste versículo, é chamada de Micaías). Mesmo assim, Asa a depôs (tarefa corajosa e delicada para qualquer um, mesmo um rei), *para que não fosse mais rainha*, porque ela tinha levantado *um horrível ídolo*.

**15.17** — *Os altos, porém, não se tiraram de Israel*. Asa destruiu os lugares altos de Judá, mas não aqueles de Israel (2 Cr 14.3,5).

**15.18,19** — *Prata, e ouro, e utensílios*. Estes itens foram tomados como despojo de guerra e dedicados à adoração de Deus; eles não podiam mais ser usados para nenhum outro propósito (1 Cr 18.8; 26.20).

**16.1-3** — *Os tesouros da Casa do SENHOR* eram itens de valor, os quais eram guardados no templo como proventos comuns (1 Cr 26.20). Eles não incluíam os objetos dedicados ao Senhor (2 Cr 15.18). Asa usou tais tesouros para garantir a ajuda de Ben-Hadade contra *Baasa, rei de Israel*.

**16.4** — *Ijom* ficava no território tribal de Naftali, aproximadamente 16km ao norte de *Dã* e 56km ao norte do mar da Galiléia. *Abel-Maim* se localizava apenas a 5km a oeste de *Dã*. *Naftali* era

o território tribal que ficava mais ao norte de Israel, bem perto de Damasco.

**16.6** — Com a atenção desviada pelos ataques do norte, *Baasa* deixou *Ramá* inacabada (2 Cr 16.5). Asa, rei de Judá, tirou vantagem da situação e construiu suas próprias fortificações em *Geba*, a leste de *Ramá*, e em *Mispa*, entre *Ramá* e *Betel*. *Ramá* acabou ficando entre as fortalezas de Asa, e os israelitas não podiam reconstruí-la.

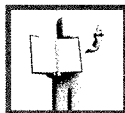
**16.7-9** — *Hanani, o vidente*, era o pai de outro profeta, Jeú, que uma vez desafiou o rei Josafá, de Judá (2 Cr 19.2; 20.34).

**16.10,11** — Este livro inclui, sem dúvida, o livro bíblico dos reis, mas com muito mais detalhes. O cronista cita suas fontes para que o cético possa checar por si mesmo e obtenha mais informações.

**16.12,13** — *Doente de seus pés*. Talvez Asa sofresse de gota, uma doença comum no mundo antigo. Em sua enfermidade, *Asa não buscou ao SENHOR, mas, antes, aos médicos*. O problema não foi porque Asa consultou os médicos, mas porque falhou ao não se voltar para Deus durante a doença.

**16.14** — *Queima mui grande*. Não tinha relação alguma com cremação, mas era a queima de especiarias e perfumes para prantear a morte de um rei (2 Cr 21.19).

**17.1,2** — *Cidades de Efraim*. Efraim é um sinônimo para Israel. As cidades mencionadas neste contexto são citadas também em 2 Crônicas 15.8. Dentre elas, podem ser incluídas *Ramá*, *Geba* e *Mispa* (2 Cr 16.6), dependendo das instabilidades na fronteira entre Israel e Judá.



## ENTENDENDO MELHOR

### CONVICTOS COM CONVICÇÃO

Em uma sociedade injusta, é comum o justo ser aprisionado. Vários líderes na Bíblia, como o vidente Hanani (2 Cr 16.10), passaram um tempo encarcerados. A lealdade deles ao chamado de Deus, às convicções bíblicas e a fé genuína, às vezes, deixavam-nos vulneráveis à perseguição ou exigia que resistissem às leis ou regras de forma que eram levados à clausula.

A Bíblia mostra muitos casos em que a prisão foi usada para perseguir o inocente. O próprio Cristo, que não tinha pecado, tornou-se prisioneiro e foi executado por nossa causa. Mas, mesmo em casos nos quais erros foram cometidos, permanece o fato de que as boas novas de Cristo são para os cativos também. Perdão, restauração e reconciliação estão no coração da mensagem da cruz (Lc 4.18; Hb 13.3).

17.3-8 — Josafá foi o primeiro rei depois de Davi que *andou nos primeiros caminhos de Davi, seu pai*. Ele obedecia aos mandamentos de Deus e se deleitava nos caminhos do Senhor.

17.9 — O *livro da Lei* refere-se aos cinco livros de Moisés, o Pentateuco. Quando Moisés passou a liderança de Israel para Josué, instruiu seu sucessor a nunca deixar que o livro da Lei se apartasse da sua boca (Js 1.8). Infelizmente, a iniciativa de Josafá em enviar professores para instruírem a nação sobre as leis de Deus não era a norma (2 Cr 15.3).

17.10,11 — Não existe registro de Josafá conquistando a Filístia, mas ele era poderoso o suficiente para forçar, pelo menos, alguns *filisteus* a pagar *tributo* para seu reinado. Até este ponto, apenas Davi tinha obtido tal respeito (1 Cr 18.2).

17.12-18 — *Gente de guerra*. Josafá contava com homens de guerra, agrupados em três divisões da Judeia, com um número total de 780 mil (2 Cr 17.14-16), e duas divisões de benjamitas, computando 380 mil (2 Cr 17.18). A palavra em hebraico para *mil* [*‘eleph*] pode significar também *clã* [na versão NVI] (como em Jz 6.15 e 1 Sm 10.19) ou *cidade* [NTLH] (como em Mq 5.2) e, possivelmente, *companhia* em um contexto militar. Dessa forma, 780 mil podem referir-se a 780 companhias, e 380 mil a 380 companhias. Os totais seriam, então, próximos a 78 mil e 38 mil.

17.19 — As tropas de Josafá estavam posicionadas em Jerusalém. Ele tinha exércitos adicionais nas *idades fortes por todo o Judá*.

18.1 — Josafá *aparentou-se com Acabe* ao arranjar o casamento de seu filho, Jeorão, com a filha de Acabe, Atalia (2 Cr 21.5,6; 22.2).

18.2 — Acabe morreu na batalha poucos dias depois da *visita* de Josafá (2 Cr 18.34).

*Ramote-Gileade*, controlada pelos arameus, era uma importante cidade distante, aproximadamente, 56km a leste de Bete-Seã. Era também uns dos refúgios dos israelitas (Js 20.8; 1 Cr 6.80).

18.3,4 — *Como tu és, serei eu*. Josafá referia-se ao casamento entre suas famílias (2 Cr 18.1).

18.5 — Os *profetas*, talvez, fossem os de Aserá, a deusa cananeia adorada pela esposa de Acabe, Jezabel (2 Cr 18.6; 1 Rs 18.19).

18.6 — Existe um toque de humor na observação de Josafá ao olhar para a multidão de 400 profetas e perguntar se *não há ainda aqui profeta algum do SENHOR*. Ele sabe imediatamente que os profetas de Acabe são charlatões, incapazes e relutantes em dizer a verdade. O genuíno profeta mantém-se afastado em sua integridade e é, então, facilmente diferenciado deles.

18.7,8 — *Nunca profetiza de mim bem*. Com esta frase, Acabe quer dizer que Micaías, o profeta do Senhor, nunca diz o que ele quer ouvir.

18.9 — *A entrada da porta*, geralmente, levava a um grande local aberto nas cidades israelitas. Assembleias públicas podiam reunir-se ali ou em cômodos construídos ao lado das portas. A *eira* [leia 2 Cr 18.9 na versão NVI] era uma área grande e reta onde os grãos eram separados da palha (1 Cr 21.15). A eira de Ornã ficava logo ao lado dos muros de Jerusalém, onde os ventos podiam soprar para longe os resíduos. Provavelmente, foi ali que os reis colocaram seus tronos.

18.10 — No Antigo Testamento, chifres simbolizavam força; então, *chifres de ferro* representavam grande força (Zc 1.18-21).

18.11,12 — Neste contexto, o termo *profetizavam* sugere devaneios e delírios típicos da possessão demoníaca dos falsos profetas de Canaã (1 Rs 18.26-29), e não profecia real.

18.13,14 — *O que meu Deus me disser*. As profecias do verdadeiro profeta vêm diretamente de Deus. As palavras que ele profere vêm do Senhor.

18.15 — Acabe sabia, pela experiência, que seus profetas falavam para ele o que ele queria ouvir e não *a verdade*. Como suas profecias concordavam com a de Micaías, o rei sabia que este talvez estivesse mentindo quando profetizou sucesso.

18.16,17 — A Bíblia, geralmente, usa *ovelhas* e *pastor* como metáforas para o povo de uma nação e seu rei (1 Cr 17.6,7).

*Não tem dono*. Esta é uma profecia sobre a morte de Acabe (2 Cr 18.34).

18.18,19 — *Micaías viu o Senhor* no céu. Neste contexto, vemos a soberania de Deus sobre todas as coisas. Os espíritos que estavam ao lado dele eram anjos e demônios e nenhum deles podia agir sem Sua permissão.

**18.20-22** — *Um espírito de mentira* era um demônio a quem o Senhor permitiu enganar os profetas. Deus não pode mentir (Nm 23.19), mas Ele permite que outros o façam. Nesse sentido, Deus pôs *um espírito de mentira na boca* dos profetas de Acabe.

**18.23-26** — O termo *governador* em hebraico [sar] designa literalmente *príncipe da cidade*. *Amom*, provavelmente, era o oficial chefe de Samaria, um prefeito em termos modernos.

A expressão *Filho do rei* podia significar filho do rei de verdade, mas é bem provável que fosse um termo técnico referindo-se ao representante do rei (2 Cr 28.7; Jr 36.20; Jr 38.6).

*Pão [...]* e *água de angústia*. Micaías seria punido pela sua insubordinação, sendo-lhe negado qualquer um dos benefícios de uma vida comum.

**18.27,28** — As profecias de um verdadeiro profeta sempre se realizam (Dt 13.1-3; 18.22). Micaías apostou sua reputação no fato de que Acabe não voltaria para casa *em paz* — ou seja, vivo.

**18.29** — Acabe, obviamente, não queria que os arameus o reconhecessem, então, ele pôs de lado suas vestes reais e partiu incógnito.

*Veste as tuas vestiduras*. Os sírios não estavam perseguindo Josafá, apenas Acabe. Então, o rei de Judá estaria mais seguro usando seus distintos trajes reais do que se estivesse *disfarçado*, porque o inimigo sairia do caminho para evitar feri-lo se soubessem quem ele era. É improvável que Acabe estivesse apenas tentando desviar a atenção sobre si mesmo, e, certamente, Josafá não era tão ingênuo assim ou altruísta para se colocar na posição de “bode expiatório”.

**18.30-32** — O que é suspeito, à luz do versículo 29, é apresentado nestes versículos sem sombra de dúvida. Josafá sentiu-se livre para se identificar abertamente, já que ele não era o alvo da hostilidade dos sírios. Acabe e Josafá deviam conhecer essa estratégia dos sírios por meio de seus “conselheiros”.

**18.33,34** — *Na sua simplicidade* [ou *ao acaso*, termo encontrado na versão ARA]. Esta é a perspectiva humana. O ferimento de Acabe, disfarçado como ele estava, pareceu ser um acidente.

No entanto, mediante a perspectiva de Deus, a sorte não teve nenhuma participação nisso, pois a flecha atingiu seu destino certo. O disfarce de Acabe não podia frustrar o plano do Senhor. A profecia de Micaías tinha-se cumprido (2 Cr 18.16).

**19.1,2** — Certa vez, o profeta Hanani tinha castigado o rei Asa por ele ter dependido dos sírios para derrotar Baasa, rei de Israel (2 Cr 16.7). *Jeú, o filho de Hanani*, também profeta, dirigiu-se a Josafá nesse momento com uma missão parecida.

**19.3,4** — Originalmente, a terra de Israel se estendia *desde Dã até Berseba* (Jz 20.1). Dã se refere à cidade de Dã ao norte do mar da Galiléia, e não à tribo de Dã, próxima à Judéia. Contudo, depois da divisão em dois reinos, *as montanhas de Efraim* se tornaram a fronteira norte de Judá. Assim, esse versículo afirma que Josafá restabeleceu ao povo de Judá uma observância mais fiel ao concerto. Isso foi admirável, mas era também uma tarefa básica da monarquia davídica (2 Cr 14.4; 15.9; 17.7-9). Josafá estava apenas fazendo o seu trabalho.

**19.5,6** — O papel dos *juizes* de Josafá se diferenciava daquele dos líderes heróicos que dirigiram Israel antes da época de Davi (Jz 2.16). Os juizes que Josafá nomeou serviam como oficiais locais nas *cidades fortes*.

**19.7** — O segredo do sucesso para desempenhar um cargo público é um saudável *temor do SENHOR*, porque Ele é o Juiz supremo a quem os oficiais devem dar conta no final de tudo.

**19.8** — Assuntos difíceis demais para os juizes locais ou aqueles que requeriam recurso iam para a alta corte em *Jerusalém* onde os *levitas, sacerdotes e cabeças das famílias* se assentavam.

**19.9-11** — Como sumo sacerdote, *Amarias* (mencionado apenas nesse contexto) tinha jurisdição sobre todo *negócio do Senhor*, ou seja, os assuntos religiosos. *Zebadias, o príncipe da casa de Judá* (1 Rs 4.7), reinava *em todo negócio do rei* — ou seja, assuntos civis.

**20.1** — *Moabe* foi à *peleja contra Josafá* sob a liderança de Mesa, que havia obtido a independência de Moabe da dinastia de Onri de Israel,



logo após a morte de Acabe (2 Cr 18.34). A batalha mencionada aqui aconteceu quando o filho de Acabe, Acazias, era rei de Israel (2 Cr 20.35). A derrota dos inimigos de Josafá em Israel significou apenas o surgimento de outros adversários de fora de Israel. Tal situação testaria a fé de Josafá.

20.2 — *Hazazom-Tamar* situava-se na margem ocidental do mar Morto, poucos quilômetros ao sul de Qumran. Foi o esconderijo de Davi na época de Saul (1 Sm 23.29).

20.3,4 — *Buscar o SENHOR*. As reformas de Josafá (2 Cr 19.4) não eram religiosidade superficial e não foram interrompidas sob tensão de circunstâncias adversas. Assim que ele ouviu as más notícias sobre o norte, Josafá buscou o Senhor e *apregouo jejum*. Ele sabia que o sucesso dependia do favor de Deus. E se Deus estivesse com eles, não podiam ser derrotados (2 Cr 20.6-12; 2 Cr 13.5,12).

20.5-7 — Josafá lembrou-se do cuidado de Deus pelo Seu *povo de Israel* no passado, quando Ele o tinha levado à vitória sobre seus inimigos cananeus.

20.8-10 — *Montanhas de Seir* é outro nome, mais original, para Edom (Gn 32.3). Relacionar o monte Seir com *Amom* e *Moabe* apoia a opinião de que a Síria, citada em 2 Crônicas 20.2, é Edom na verdade. Estas eram todas “nações irmãs” de Israel e, por essa razão, Moisés e os israelitas eram proibidos de invadi-las na época da jornada de Israel do Egito para Canaã (Nm 20.17-21). Edom era outro nome para Esaú, irmão de Jacó (Gn 25.30); Amom e Moabe eram filhos de Ló com suas duas filhas (Gn 19.36-38).

20.11-14 — Como um membro da divisão de Asafe dos levitas (1 Cr 6.39; 15.17,19; 16.7), *Jaaziel*, provavelmente, era músico. A música tinha um papel importante na vida religiosa de Israel (2 Cr 13.12). O povo ia para as batalhas louvando a Deus com instrumentos e vozes (2 Cr 20.19,21,22,28).

20.15-17 — A *ladeira de Ziz* era um leito de rio seco ao norte de En-Gedi. O *deserto de Jeruel* localiza-se entre Hebrom e o mar Morto.

20.18,19 — Os *coatitas* eram membros da divisão levítica de Hemã (1 Cr 6.33). Os *coraitas*,

um subclã dos coatitas (1 Cr 6.37,39), eram porteiros do templo (1 Cr 26.1-19). Sua resposta positiva ao discurso de Jaaziel e o louvor a Deus (2 Cr 20.15-17) foi importante como qualquer outra preparação militar.

20.20 — Tecoa era uma cidade localizada a, aproximadamente, 16km ao sul de Jerusalém. O *deserto de Tecoa* ficava entre a cidade e a ladeira de Ziz (2 Cr 20.16).

*Crede [...] crede*. Sucesso ao servir a Deus requer completa confiança dele (João 14.1).

20.21,22 — *Com júbilo e louvor*. A batalha era de Deus, e o seu resultado era certo. O povo celebrava o Senhor e Sua vitória (Êx 15.1, 20,21; Jz 7.18-20; Sl 47; 98).

20.23,24 — Antes que os exércitos de Judá pudessem chegar ao campo de batalha, os amonitas e moabitas atacaram seus aliados edomitas e os destruiu, então, eles se voltaram uns contra os outros. Como resultado, Judá venceu sem mesmo ter de lutar. Deus tinha demonstrado que a batalha era dele (2 Cr 20.15) e Ele podia cumprir Seus propósitos até mesmo sem usar arma alguma.

20.25 — Despojos de guerra como riquezas e *objetos preciosos* tornavam-se propriedade de Deus, porque o próprio Senhor tinha triunfado e, por isso, merecia os espólios de guerra (2 Cr 15.18; Js 6.24; 1 Cr 18.7,8).

20.26-28 — Depois de terem experimentado a bênção e proteção de Deus no deserto, os homens de Judá mudaram o nome de Ziz (do heb. *tsits*) para *vale de Beraca*, significando *bênção*, para lembrá-los da bondade de Deus.

20.29-33 — O SENHOR *havia pelejado*. O espetáculo dos inimigos de Josafá na derrota, como as batalhas que Josué tinha liderado anos antes, encheu de medo os corações das nações inimigas (2 Cr 17.10; Js 2.9-11; 1 Cr 14.17), porque envolvia um milagre evidente. Nenhum exército humano podia prevalecer sobre a onipotência de Deus.

20.34 — Para um relato completo do reinado de Josafá, o cronista recomendou as *notas de Jeú*, que é citado no *livro da história dos reis de Israel*. Jeú era o filho do profeta Hanani e também era profeta (2 Cr 19.2). Ele é mencionado em 1 Reis



## EM FOCO

## RETO (HB. YASHAR)

(2 Cr 20.32; Êx 15.26; Dt 12.25; Jz 17.6)

A palavra hebraica, geralmente, traduzida como *reto* (quando usada no livro de Crônicas ou Reis para avaliar os reinados dos reis de Israel e Judá), deriva de um termo hebraico que significa *ser equilibrado* ou *ser justo*. Por extensão, traz conotações de ser justo ou íntegro. O vocábulo até mesmo sugere motivos puros e confiáveis (como registrado em Dt 9.5; 1 Rs 9.4). Como o segundo rei de Israel, Davi exemplificava essas qualidades em sua vida (1 Rs 3.6), tornando-se um padrão para avaliação a todos os reis que vieram depois dele (2 Cr 17.3; 34.2).

em conexão com os reis de Israel (1 Rs 16.1,7). Ele era uma boa fonte de informação tanto sobre o Reino do Norte como sobre o do Sul.

**20.35** — *Acazias*, filho de Acabe, sucedeu seu pai e reinou durante dois anos (1 Rs 22.51). *Acazias* ficou ferido por causa de uma queda e se voltou para os deuses dos filisteus, a fim de ser curado em vez de voltar-se para o Senhor (2 Rs 1.2).

**20.36** — *Társis* localizava-se no Mediterrâneo ocidental. O nome passou a representar qualquer lugar distante. Navios de *Társis* eram grandes barcos capazes de transportar cargas pesadas por longas distâncias (2 Cr 8.17,18; 9.21). *Eziom-Geber* era um porto no golfo de Aqaba (ou Elate), a margem oriental do mar Vermelho (2 Cr 8.17).

**20.37** — Em *os navios se quebraram* está implícito que aconteceu um desastre natural, como um furacão, por trás do qual estava a mão punitiva de Deus.

**21.1,2** — Os nomes dos *irmãos* de Jeorão destacam a escolha deste como rei enfaticamente, como se dissesse: “Nenhum destes irmãos, mas este aqui”. Logo saberemos quão significativa para todos eles essa escolha se transformaria (2 Cr 21.4).

**21.3** — *Coisas preciosíssimas [...] cidades fortes*. Josafá fez o que seu bisavô, Roboão, tinha feito. Ele deu o reino para seu primogênito e, então, distribuiu extravagantes presentes para seus outros filhos (2 Cr 11.23). O objetivo, evidentemente, era satisfazer cada um deles, já que apenas um podia sucedê-lo no trono.

**21.4-6** — *Príncipes de Israel*. Jeorão ampliou sua expurgação sangrenta até os parentes mais

distantes em Israel (2 Cr 18.1). Ele era tão mau, que nem os laços de sangue reprimiam seu desejo pelo poder.

**21.7** — Reis como Jeorão praticavam o mal e desprezavam as obrigações do concerto, mas a promessa de Deus para *Davi* (Sl 89.30-37), em relação à sua casa, permanecia intacta (1 Cr 17.7-14).

*Uma lâmpada*. Forma figurativa de descrever um descendente de Davi (1 Rs 11.36).

**21.8,9** — *Se revoltaram os edomitas*. O pai de Jeorão, Josafá, tinha conquistado Edom (2 Cr 20.22,36).

**21.10** — Nas planícies ocidentais de Judá, *Libna* localizava-se próxima à fronteira com a Filístia.

**21.11** — *Fez com que se corrompessem os moradores de Jerusalém*. O concerto de Israel com Deus era como um relacionamento de casamento, e violá-lo era cometer infidelidade espiritual (Ez 16.15-43; 23.1-21; Os 4.11-19). Como Salomão (1 Rs 11.1-8), Jeorão falhou em prover liderança religiosa e fez Judá desviar-se.

**21.12** — Embora os livros de 1 e 2 Reis deem considerável atenção ao profeta *Elias* (1 Rs 17.1; 2 Rs 2.18), os de Crônicas o mencionam apenas uma vez. Ele foi elevado aos céus depois da morte do rei *Acazias* (2 Rs 1.17; 2.1).

**21.13-16** — *Os arábios* eram da região sudoeste da península, provavelmente, próximo do atual Yemen. Eles localizavam-se à margem oposta do mar Vermelho onde os etíopes viviam.

**21.17-19** — *Não queimou*. Parte dos rituais de morte e funeral era acender fogueiras, cujo significado é pouco claro (2 Cr 16.14). Por causa de sua iniquidade e desprezo pelas suas funções, Jeorão não foi honrado de acordo com a tradição.

**21.20** — Os *sepulcros dos reis* compunham um cemitério real em Jerusalém, onde a maior parte da dinastia de Davi fora enterrada (Asa foi uma exceção; cf. 2 Cr 16.14). Jeorão não foi sepultado lá, mas em Jerusalém, a *Cidade de Davi*.

**22.1-4** — *Acazias*, de Judá, tinha o mesmo nome de seu tio de Israel. O pai de Acazias, Jeorão, havia-se casado com uma irmã de Acazias, filho de Acabe (1 Rs 22.40; 2 Rs 1.17; 8.18).

**22.5** — *Jeorão, filho de Acabe*, sucedeu seu irmão, Acazias, porque este não tinha filhos (2 Rs 1.17). Ele também é chamado de Jorão, um diminutivo de Jeorão, para distingui-lo de seu cunhado Jeorão, que era rei de Judá.

*Hazael* era o rei de Damasco, o qual subiu ao poder depois de assassinar Ben-Hadade (2 Rs 8.7-15). Elias tinha profetizado esses acontecimentos e, até mesmo, autorizado Eliseu a ungir Hazael para sua nova posição (1 Rs 19.15).

*Ramote-Gileade*. Acabe e Jeosafá tinham tentado recuperar esta cidade da dominação síria 12 anos antes (2 Cr 18.3,28-34). O filho de Acabe, Jeorão, convenceu o rei Acazias, de Judá, a unir-se a ele em uma nova tentativa de alcançar este objetivo.

**22.6** — *Jezeel* era uma cidade real localizada na planície de Jezeel e frequentada pelos reis de Israel. Localizava-se, aproximadamente, 16km a oeste do Jordão e 40km a oeste de Ramote-Gileade (1 Rs 21.1-4). Nesse caso, *Ramá* é uma forma abreviada para Ramote-Gileade.

**22.7,8** — A visita de Acazias ao seu tio doente transformou-se na ocasião de Deus para a queda de Acazias. Jeú era um oficial do exército de Israel que participava da campanha contra Ramote-Gileade e fora ungido rei por um servo de Eliseu (2 Rs 9.1-6). Elias tinha profetizado que Jeú se tornaria rei de Israel (1 Rs 19.16). Eliseu levou adiante a incumbência por intermédio de seu servo, dizendo a Jeú que removesse Jorão do trono e erradicasse inteiramente a dinastia Onri (2 Rs 9.7-10).

**22.9** — Quando Acazias tomou conhecimento do assassinato da dinastia do norte e de alguns de seus próprios parentes que, por acaso, estavam em Jezeel (2 Cr 22.8), fugiu para a capital de

Israel, *Samaria*. Mas Jeú o encontrou e o matou. Em um dia, os dois reinos perderam seus reis.

*E o sepultaram*. O povo honrou Acazias desta forma, apenas porque ele era neto de Jeosafá, o qual foi temente a Deus.

**22.10** — A maioria da *semente real* que Atalia assassinou era os próprios netos. Ela queria exterminar a dinastia de Davi e levar Judá de volta ao controle israelita. No entanto, não podia acontecer dessa forma enquanto Jeú estivesse no poder no norte.

**22.11** — Foi a própria irmã de Acazias, *Jeosebate*, que resgatou seu sobrinho, Joás, de sua mãe, Atalia.

**22.12** — Apesar de Atalia ter reinado durante seis anos, ela não era descendente de Davi e, por essa razão, nunca foi listada entre os reis de Judá. Enquanto isso, seu neto, Joás, permaneceu como o único sobrevivente da linhagem de Davi.

**23.1,2** — Os *levitas* eram os líderes religiosos da nação; os *cabeças dos pais de Israel* eram os líderes civis. Joiada precisava de apoio e ajuda tanto dos líderes civis como religiosos para derubar Atalia.

**23.3** — *Aliança*. Era uma promessa solene para restaurar o trono a Joás e submeterem-se a ele como o herdeiro legal de Davi (1 Cr 29.21-24).

*Ele disse*. O discurso foi feito por Joiada, não por Joás (2 Cr 23.3,8).

**23.4** — *Uma terça parte*. Joiada referia-se às substituições de *sacerdotes* e *levitas* para a semana que se seguiria (1 Cr 24.3). As idas e vindas de tantos homens de uma vez só disfarçaria a conspiração.

**23.5** — *Porta do fundamento*. Chamada de Porta Sur em 2 Reis 11.6, não pode ser identificada em outros contextos, mas devia ser próxima ou no complexo do templo.

**25.6-8** — Embora uma turma de sacerdotes e *levitas*, normalmente, substituiria a outra, ambas as *turmas* permaneceram no templo, para que eles tivessem homens suficientes para colocar Joás, o verdadeiro herdeiro, no trono de Davi.

**23.9,10** — O templo tinha *lanças* e *escudos* que o próprio Davi tinha reunido há mais de 150 anos (2 Cr 9.15,16; 12.10,11; 2 Sm 8.10,11;

1 Cr 18.7,10,11; 29.2). Joiada os distribuiu entre os soldados, que não podiam carregar as próprias armas dentro do local sem levantar suspeitas.

**23.11,12** — O *testemunho* era uma cópia da Lei de Moisés, parte da qual descrevia os privilégios e deveres do rei (Dt 17.18-20; 1 Cr 29.19).

*O ungram*. Uma unção era o sinal e o selo da escolha do rei por Deus e um símbolo do Espírito de Deus sobre ele (1 Sm 16.13; 1 Rs 1.39).

**23.13** — A *coluna* era, provavelmente, uma das duas que ficavam na frente do templo (2 Cr 3.15).

**23.14** — *Não a matareis na Casa do SENHOR*. O templo era considerado um lugar protegido da violência.

**23.15** — A *Porta dos Cavalos* no templo dava acesso ao palácio real. Existia outra Porta dos Cavalos no muro da cidade.

**23.16** — Parece ser apenas uma declaração mais abrangente e pública da mesma *aliança* feita na área do templo para os líderes da nação (2 Cr 23.3).

**23.17-19** — A *Matã, sacerdote de Baal, mataram*. A Lei exigia que os líderes de adoração a falsos deuses fossem condenados à morte (Dt 13.6-11).

Esse tipo de execução já tinha sido realizado antes (1 Rs 18.40; 2 Rs 10.25-28).

**23.20,21** — A *Porta maior* ou *porta superior* [conforme a versão NVI] ligava o templo ao palácio real pelo lado norte do templo (2 Cr 27.3).

**24.1,2** — Joás não podia reinar sozinho aos sete anos de idade, então, seu tio, Joiada, atuou como seu guardião e conselheiro (2 Cr 24.3). Enquanto Joiada viveu, *fez Joás o que era reto aos olhos do SENHOR* (veja 2 Cr 24.17,18).

**24.3,4** — *Renovar a Casa do SENHOR* era necessário por causa da negligência que ela tinha sofrido durante os reinados perversos de Jeorão, Acázias e Atalia (2 Cr 24.7).

**24.5,6** — *Ajuntai dinheiro*. Era o recolhido pelos levitas para a reparação do templo e suas cerimônias (Êx 30.11-16).

**24.7,8** — *As coisas sagradas* incluíam ouro, prata e outros valores coletados como tributo de

inimigos derrotados e apresentados a Deus como despojos de guerra (2 Sm 8.10,11).

**24.9-12** — Os sacerdotes e levitas que supervisionavam vários ministérios como o de música, guarda das portas e manutenção faziam a *obra do serviço*. Eles sabiam bem quais eram as necessidades, então, o rei e Joiada entregavam-lhes o dinheiro.

**24.13,14** — O povo tinha sido tão generoso, que sobrou *dinheiro* depois que toda obra tinha sido realizada. O dinheiro extra permitiu um reabastecimento completo do templo com utensílios de *ouro e prata* necessários para as cerimônias. Os *holocaustos* diários eram um sinal de vitalidade espiritual e fidelidade a Deus. Enquanto Joiada viveu, Judá desfrutou do renascimento da verdadeira adoração ao Senhor.

**24.15** — Uma expectativa de vida de *cento e trinta anos* é tão fora de sintonia com o limite de idade durante aquele período da história, que muitos estudiosos sugerem um erro no texto ou alguma outra maneira de explicar. Alguns declararam que *cento e trinta* pode referir-se ao período que se passou desde a

divisão dos reinos, a qual aconteceu em 931 a.C. Cento e trinta anos depois seria 801 a. C., a data aproximada de sua morte. O número, então, estaria marcando o período do último acontecimento cronológico importante até a restauração sob a liderança de Joás. Embora atrativa em alguns aspectos, esta interpretação não é suficientemente preocupada com a ênfase que o cronista, por outro lado, está colocando na notável idade do sacerdote.

**24.16** — Joiada foi enterrado *com os reis* por causa de seu serviço a Deus e a Joás.

**24.17-19** — A extensão da influência positiva de Joiada sobre Joás tornou-se óbvia logo após a morte do sacerdote. O rei Joás tornou-se um patrocinador da idolatria e *não ouvia* as repreensões de Deus. Por este motivo, Deus abandonou os habitantes de Judá em seus maus caminhos (v. 20).

—————◆—————  
*Deus providenciou a derrota  
 de Israel e a morte de Joás  
 em cumprimento ao pedido  
 de justiça feito por Zacarias  
 ao morrer.*  
 —————◆—————

**24.20,21** — Jesus falou sobre um *Zacarias, filho de Baraquias*, como um profeta que, como vários outros profetas, foi assassinado na área do templo (Mt 23.34,35). Pode ter sido o mesmo que escreveu o livro de Zacarias (Zc 1.7), que não cita nada sobre sua morte.

*Zacarias, filho de Joiada*, também morreu como mártir na área do templo, como descrito aqui. Ou (1) o Zacarias do cronista, na verdade, era neto de Joiada e filho de um Baraquias não mencionado, ou (2) o profeta que escreveu o livro de Zacarias também foi morto nos limites do templo, fato registrado apenas nos evangelhos.

**24.22** — *Matou-lhe o filho*. Além de esquecer todo o bem que Joiada lhe fizera, Joás matou seu próprio primo (2 Cr 22.11; 24.20). Esse rei, que, um dia, havia sido bom, tinha descido ao nível de sua perversa avó, Atalia (2 Cr 22.10), apesar de décadas de fidelidade a Deus. A fraqueza de suas convicções o deixou ser envolvido. Enquanto ele recebeu bons conselhos, saiu-se bem, mas tudo dependia da qualidade do conselheiro. Uma vez que se fora, Joás abandonou o Senhor.

**24.23-27** — Deus providenciou a derrota de Israel e a morte de Joás em cumprimento ao pedido de justiça feito por Zacarias ao morrer (2 Cr 24.22). O julgamento por causa da iniquidade nem sempre acontece tão rápido, mas é inevitável não importa quanto tempo demore.

*Sepulcros dos reis*. Como seu avô, Jeorão, Joás foi excluído do cemitério real porque ficou muito aquém do ideal davídico (2 Cr 21.20). Ironicamente, Joiada, que nem era rei, foi enterrado entre os reis por causa de sua fidelidade a Deus e ao rei escolhido de Deus (2 Cr 24.16).

**25.1-3** — Amazias teve de aguardar um tempo até que estivesse bem estabelecido em seu reinado, para tomar em suas mãos a decisão de certas questões, como punir aqueles que tinham assassinado seu pai.

**25.4** — Amazias fez o que era *reto aos olhos do SENHOR* (2 Cr 25.2), obedecendo ao *livro de Moisés*, respeitando os filhos inocentes dos infratores (Dt 24.16).

**25.5,6** — O rei de Israel era Jeoás (ou Joás, cf. 2 Cr 25.17). A contratação de mercenários

israelitas, mencionada no versículo 6, indica que existiam boas relações entre os dois reinos.

**25.7** — Como reino separado que não fazia mais parte do concerto davídico, Israel tinha-se desqualificado como povo do Senhor. Por essa razão, era impróprio para Judá fazer alianças com o Reino do Norte (2 Cr 19.2; 20.36,37; 22.7).

*Efraim* era a tribo dominante em Israel, por isso, todo o reino, às vezes, era conhecido como Efraim (Os 4.15-19).

**25.8,9** — Se essa guerra tivesse sido permitida pelo Senhor, a vitória teria sido certa. Entretanto, Amazias tomou a própria decisão de ir para a *batalha* (2 Cr 25.5) e não teve nenhuma garantia da ajuda de Deus.

**25.10** — Amazias prestou atenção ao conselho do profeta e mandou os israelitas de volta sem nem mesmo exigir a devolução dos cem talentos de prata que ele tinha pagado a eles (2 Cr 25.9). Essa decisão *acendeu* a ira dos mercenários israelitas, porque eles achavam que sua parte nos despojos seria bem maior do que os cem talentos.

**25.11,12** — O *vale do Sal*, provavelmente, refere-se ao deserto do sul do mar Morto. Os *filhos de Seir* eram os edomitas (2 Cr 20.10). Amazias queria recuperar Edom como província de Judá, mas obteve êxito apenas parcialmente (2 Cr 21.8,10; 26.2).

**25.13** — Os *soldados* que atacaram e saquearam as cidades de Judá foram aqueles de Israel a quem Amazias tinha contratado e, depois, dispensado (2 Cr 25.6,10). Como a eles foi negado uma parte dos despojos de Edom, partiram para obtê-los de Judá.

**25.14** — Amazias tinha ouvido o profeta de Deus, mas mudou de atitude e adorou *os deuses dos filhos de Seir*. Por isso, o cronista declarou que Amazias servia a Deus, *porém não com coração inteiro* (2 Cr 25.2).

**25.15,16** — *Não livraram*. Aparentemente, nunca ocorreu a Amazias que era tolice adorar um deus que não tinha poder para defender seu próprio povo.

**25.17,18** — O *cardo* representa Amazias, e o *cedro*, Joás. A questão é que era arrogância do fraco e insignificante Amazias considerar que



## APLICAÇÃO

### SEGUINDO AO SENHOR, MAS NÃO DE TODO O CORAÇÃO

Demógrafos atualmente classificam, em termos gerais, um sétimo da população mundial como cristã. No entanto, líderes de igrejas prontamente chamam a atenção para o fato de que muitos partidários do cristianismo, principalmente no Ocidente, podem ser classificados apenas como cristãos nominais — ou seja, apenas no nome. Eles vão à igreja esporadicamente e demonstram pouco ou nenhum compromisso espiritual.

A fé que Amazias possuía era nominal. Ele seguia ao Senhor de modo geral, mas não de todo o coração (2 Cr 25.2). Aparentemente, praticava a Lei, mas, provavelmente, fazia isso mais pela tradição do que pelo compromisso sincero ao Senhor. Então, não é surpreendente saber que Amazias pegou atalhos morais quando era conveniente, por exemplo, ao poupar a vida dos filhos israelitas dos assassinos, de acordo com a Lei (2 Cr 25.3,4). No entanto, ele matou dez mil edomitas inocentes (2 Cr 25.11,12).

O legado de Amazias é um lembrete solene de que fé nominal é quase tão ruim quanto não ter fé. Uma pessoa pode levar uma vida boa e honrada e, ainda assim, ter pouco ou nenhum relacionamento com Deus. Se o objetivo principal da vida é conhecer, amar e servir ao Senhor, então, simplesmente, seguir uma nobre tradição religiosa tem pouco valor e é perigosamente enganosa.

poderia derrotar Joás. Os *animais do campo* que passam e pisam o cardo representam a guerra que Amazias estava tão ansioso para realizar. Uma guerra assim acabaria com ele.

**25.19,20** — *Isto vinha de Deus.* O que várias vezes encontramos no livro de 2 Crônicas, que parece ser uma decisão ou ação puramente humana, passa a ser parte do plano de Deus de bênção ou julgamento (2 Cr 22.7).

**25.21** — Dos três lugares chamados de *Bete-Semes*, este se localizava a 29km a oeste de Jerusalém. A arca da aliança foi para lá quando retornou da Filístia (1 Sm 6.12-14).

**25.22,23** — Como Efraim ficava ao norte de Jerusalém, a *Porta de Efraim*, provavelmente, ficava no muro norte da cidade, talvez o mesmo da Porta de Damasco tempos depois. A *Porta da Esquina* ficava no extremo leste ou oeste do muro norte.

*Quatrocentos côvados* corresponde a cerca de 180m.

**25.24** — Uma razão para os exércitos de Joás demolirem o muro norte foi ter acesso ao templo e aos seus tesouros. Os filhos de Obede-Edom tinham sido colocados como encarregados pelo depósito do templo, o que significa, provavelmente, tanto os tesouros da casa do Senhor quanto os das coisas sagradas (1 Cr 26.15,20).

Os *tesouros da casa do rei* referem-se não apenas às riquezas particulares do rei, mas também

aos cofres públicos, já que não havia diferença em princípio e prática entre os dois (2 Cr 9.13; 1 Cr 29.3).

*Reféns.* Dentre eles, devia estar incluído o próprio Amazias.

**25.25-27** — [Eles] *conspiraram.* Essa expressão talvez se refira àqueles que desprezaram a deserção de Amazias do Senhor e queriam restaurar um regime religioso. Dessa forma, Amazias, como seu pai Joás (2 Cr 24.25), foi assassinado. O fato de Amazias ter alcançado a cidade de *Laquis* na fronteira com a Filístia, cerca de 40km distante de Jerusalém, sugere que ele, talvez, estivesse procurando refúgio entre os filisteus.

**25.28** — *Cidade de Judá.* Esta é uma maneira pouco comum de referir-se à Cidade de Davi. Como não existe nenhum registro de que Amazias tenha sido enterrado com seus pais nos túmulos reais, provavelmente, ele não foi.

**26.1,2** — Na margem oriental do mar Vermelho, *Elate* ficava, tecnicamente, em território edomita (2 Cr 8.17), mas, na verdade, esteve sob o domínio de Israel ou Judá durante a época do Antigo Testamento (2 Cr 20.36; 21.8-10). Algum tempo depois da morte de Amazias, Uzias reconstruiu Elate.

**26.3-5** — O *Zacarias* citado no versículo 5 pode ter sido o filho de Joiada (2 Cr 24.20,21).



## ENTENDENDO MELHOR

### SEM REI-SACERDOTE EM JUDÁ

A Lei de Moisés estipulava que apenas os sacerdotes podiam realizar os rituais de sacrifício (Nm 3.5-10). O acesso ao interior do templo em Jerusalém era proibido para todos, exceto para certas ordens de sacerdotes levitas. Diferentemente dos reis das nações vizinhas, o rei de Judá não tinha permissão para entrar em seu próprio templo particular, porque ele não era um sacerdote, como a maioria dos reis no antigo Oriente Próximo o era.

A crença comum no antigo Oriente Próximo era que a pessoa mais importante na comunidade, o rei, deveria também ser aquele que representaria o povo diante de seu deus. Os líderes egípcios eram considerados deuses incorporados e tinham responsabilidades religiosas em relação ao culto. Os monarcas mesopotâmios e siro-fenícios eram vistos tanto como vice-regentes de suas divindades patronas como sumo sacerdotes dos cultos das divindades. Alguns dias sagrados públicos só podiam ser cumpridos pelo rei, o qual servia como sumo sacerdote. Uma das razões por que Nabonido, rei da Babilônia (556—539 a.C.), era tão impopular era que ele não tinha realizado os rituais de Ano Novo durante vários anos, mas deixava que seu filho os cumprisse, o que tornava o ritual impróprio e sem valor para os cidadãos.

O rei de Judá, Uzias, estava tentando agir como esses outros reis ao queimar incenso no altar do templo (2 Cr 26.16-20) e, tomando essa atitude, usurpava o papel do sacerdote. O enfrentamento hostil entre Uzias e os 81 sacerdotes (2 Cr 26.17,18) parece revelar uma das muitas lutas pelo poder que aconteceram entre os reis e os sacerdotes na política de Judá.

**26.6** — Também conhecido como Jabneel (Js 15.11), *Jabné* situava-se perto da costa do Mediterrâneo, menos de 16km ao norte de *Asdode*. O padrão geográfico das campanhas militares de Uzias sugere que ele estava tentando ganhar acesso ao mar Mediterrâneo e neutralizar a influência filistina.

**26.7** — *Gur-Baal* era provavelmente um lugar habitado pelos árabes. Ficava a cerca de 13km a leste de Berseba. Os *meunitas* eram uma tribo do deserto que vivia principalmente em Edom, ao sul e oeste do mar Morto (1 Cr 4.39-41).

**26.8** — O último contato registrado entre Judá e Amom foi quase cem anos antes, na época de Jeosafá. Os *amonitas* e *moabitas* tinham derrotado os *edomitas*, mas, depois, começaram a lutar um contra o outro (2 Cr 20.1,22,23). É claro que eles ainda não se tinham recuperado o suficiente para evitar que *Uzias* os dominasse e lhes exigisse tributo.

**26.9** — A *Porta da Esquina* ficava em uma extremidade do muro norte de *Jerusalém* (25.23), e a *Porta do Vale* localizava-se no lado ocidental da cidade próxima do monte do templo (Ne 2.13,15).

**26.10-14** — Pesquisas arqueológicas descobriram muitas *torres no deserto*, as quais datam da época de Uzias.

*Carmelo* era uma região ao sul de Hebrom, e não o famoso monte onde Elias confrontou os profetas de Baal. Davi foi muitas vezes para Carmelo quando estava fugindo de Saul (1 Sm 25.2,5,7).

**26.15** — *Máquinas*. Esta é uma das primeiras referências às catapultas, que pareciam ser armas de defesa, já que seus operadores ficavam *nas torres e nos cantos*.

**26.16** — Uzias, cheio de orgulho, entrou *no templo*. Esse rei era um descendente de Davi, mas existiam limites rígidos quanto ao seu papel na adoração. Evidentemente, Uzias se irritava com as restrições.

**26.17** — O *Azarias* citado neste versículo pode ser o mesmo Azarias, filho de Joanã (1 Cr 6.10).

**26.18** — *Aos sacerdotes, filhos de Arão*. Uzias pecou quando ele exerceu privilégios sacerdotais que eram reservados para a ordem de Arão (Nm 16.39,40).

**26.19** — *Lepra* era qualquer tipo de doença de pele séria (Lv 13.1—14.32). Hoje em dia, ela se refere tecnicamente à Hanseníase ou mal de Hansen, uma doença não conhecida na época bíblica.

**26.20** — A urgência dos sacerdotes em lançá-lo fora, assim como a pressa do próprio Uzias em sair, tinha base nas rígidas exigências da Lei (Lv 22.2-6; Nm 12.10,15). A Lei via a

lepra como uma ruptura da própria santidade de Deus; era um símbolo vívido de impureza.

**26.21** — *Casa separada.* Por causa de sua impureza, Uzias não tinha acesso ao templo como adorador nem como rei.

*Tinha a seu cargo a casa do rei.* O controle do templo e do estado passou para Jotão, o que indica uma corregência. Enquanto Uzias era vivo, Jotão exerceu poder em nome dele.

**26.22** — *Isaiás* foi o profeta que escreveu o livro de Isaiás (Is 1.1). Ele testemunhou os últimos anos de Uzias, mas praticamente não escreveu nada sobre ele que tivesse permanecido.

**26.23** — *Reinou.* Significa simplesmente que Jotão fez a transição de corregente (2 Cr 26.21) para um rei pleno e independente.

**27.1** — Os *dezesseis* anos de Jotão começaram 11 anos antes de Uzias morrer. Isso indica que Uzias ficou leproso durante mais de uma década antes de falecer.

**27.2** — *Não entrou no templo do Senhor.* Jotão, que assumiu o lugar de seu pai como regente por causa da precipitação dele em oferecer incenso, certamente aprendeu com esta experiência e não procurou ultrapassar as limitações sacerdotais inerentes ao seu ofício.

**27.3** — A *Porta Alia* conectava o templo ao palácio real (2 Cr 23.20). Jotão reparou-a ou reconstruiu-a.

*Muro de Ofel.* Ofel era a área jebusita original de Jerusalém. Seus muros datavam de centenas de anos e devia requerer manutenção regular.

**27.4** — *Cidades [...], castelos e torres.* Desde os primórdios, os reis de Judá construíram obras de defesa e instalações para armazenar comida e suprimentos (2 Cr 8.2,4-6; 11.5-12; 14.6,7; 17.12; 26.9,10). Na época de Jotão, os assírios e outros potenciais inimigos tornaram-se uma ameaça, então, essas construções foram necessárias.

**27.5-9** — Uzias havia colocado os amonitas em *status* tributário, mas parece que eles conseguiram libertar-se disso. Jotão, então, reafirmou seu controle e forçou a retomada dos pagamentos.

*No segundo e no terceiro ano.* Após três anos, o tributo terminou, indicando que Amom, mais uma vez, recuperou sua independência.

**28.1,2** — Os *dezesseis anos* do reinado de Acaz pode significar que ele assumiu o trono cerca de quatro anos depois dos 16 anos de mandato de seu pai, Jotão (2 Cr 27.1).

**28.3** — O *Vale do Filho de Hinom* ficava exatamente na área exterior do muro ocidental de Jerusalém. Era um terreno para depósito de todo tipo de lixo, a maior parte do qual era queimada. O vale tornou-se um símbolo de impureza. Era usado como um lugar de adoração pagã, incluindo sacrifício humano (2 Rs 23.10; Jr 7.31,32; 19.2-6; 32.35).

*Abominações dos gentios.* Adoradores do deus amonita, Moloque, praticavam sacrifício humano, principalmente de crianças (Lv 18.21; 20.2-5; Dt 12.31).

**28.4** — *Toda árvore verde.* Os cultos canaanitas da natureza se concentravam sob essas árvores verdes, provavelmente, por ser símbolo de fertilidade perpétua. Enquanto outras árvores cresciam e deixavam cair suas folhas, representando, assim, os ciclos da vida e da morte, as sempre vivas estavam continuamente verdes, o que significava vida progressiva e ininterrupta. Acreditava-se que a prostituição ritual conduzida sob essas árvores aumentava a fertilidade de plantas, animais e da vida humana.

**28.5** — *Rei dos siros.* Trata-se de Rezim (cf. 2 Rs 16.5).

**28.6** — *Peca* assassinou Pecaías, filho de Menaém, para que pudesse tornar-se rei de Israel (2 Rs 15.23-25). Reinou durante 20 anos (2 Rs 15.27), mas foi assassinado em uma conspiração encabeçada por Oséias, o último rei de Israel.

*Porquanto deixaram o SENHOR, Deus de seus pais.* Peca não ficou ofendido com o ateísmo de Judá nem foi quem iniciou essa purificação. Mais exatamente, Deus usou Peca para executar Seu juízo.

**28.7** — O *mordomo* era um gerente do palácio, dos funcionários e das atividades.

**28.8,9** — O profeta *Obede* é mencionado apenas neste contexto.

*Vós os matastes com uma raiva tal.* Deus usou os exércitos israelitas para executar Seu juízo sobre Judá (2 Cr 28.6), mas o Senhor nunca



pretendeu que os israelitas se divertissem com isso. Obede condenou-lhes a atitude maliciosa e egoísta.

**28.10-12** — Os israelitas tinham a intenção de fazer dos sobreviventes de Judá seus *escravos*, embora isso fosse proibido pela Lei de Moisés (Lv 25.39-46).

**28.13,14** — *Nossa culpa diante do Senhor*. Essa admissão por parte dos líderes de Israel se aplica não apenas ao cruel ataque sobre seus irmãos de Judá (2 Cr 28.6), mas também a todo o curso de sua história até então. Os israelitas podiam prever, pela ascensão dos assírios e invasão de Israel, que a guerra estava próxima. No espaço de dez anos, os assírios capturariam Samaria e deportariam todos os israelitas, os quais executaram este juízo sobre si mesmos (2 Rs 17.7,18).

**28.15** — *E os ungiram*. Aplicaram bálsamos e óleos nos feridos.

**28.16** — Os reis da Assíria eram Tiglate-Pileser III, Salmaneser V e Sargão II.

**28.17** — O relacionamento entre Judá e os *edomitas* mudava com frequência. Judá, geralmente, dominava Edom e nunca esteve sob seu controle, mas a extensão da dominação variava de uma geração a outra (2 Cr 28.8.17; 20.2,22,36; 21.8-10; 25.11; 26.2). Agora, Edom era independente novamente e poderosa o suficiente para invadir Judá e levar prisioneiros. Acaz, então, pediu ajuda da Assíria (2 Cr 28.16).

**28.18,19** — *Campina*. Esta região entre a região montanhosa de Judá e a planície litorânea é geralmente chamada de Sefelá.

O sul era o Negev. *Bete-Semes* estava a 29km a oeste de Jerusalém próximo à fronteira filistina. *Aijalom* localizava-se no vale de Aijalom, 11km ao norte de Bete-Semes. *Gederote*, provavelmente o mesmo que Gederá, ficava a cerca de 5km a oeste de Aijalom. *Socó* situava-se nas campinas do sul, cerca de 16km a sudoeste de Hebrom. *Ginzo* ficava a 13km a noroeste de Aijalom. Todos esses lugares eram próximos de vales que conduziam a Judá, a partir das planícies ao

redor. Controlá-los significava comandar a própria Judá. Como Acaz percebeu isso, ele recorreu a Assíria.

**28.20-22** — *Tiglate-Pileser*, rei da Assíria, introduziu a influência mesopotâmia nas nações do Mediterrâneo oriental até o mais alto grau. Ele liderou uma campanha contra Arpad na Síria, e tanto aterrorizou Menaém, de Israel, que ele lhe pagou um enorme suborno para ser deixado em paz (2 Rs 15.19). Tiglate retornou para o Ocidente, e Acaz lutou para se proteger da Síria e de Israel (2 Rs 16.5-7; Is 7.1,2). Os assírios invadiram Damasco e substituíram o rei assassinado de Israel, Peca, por Oséias (2 Rs 15.30), mas *não ajudaram* Acaz. Os problemas do rei de Judá com os edomitas, filisteus, arameus e, até mesmo, israelitas (Is 7.1) terminaram por pouco tempo, mas a um grande custo.

**28.23** — A idolatria e infidelidade do rei Acaz (2 Cr 28.19) conduziu-o ao juízo de Deus. No lugar de se arrepender, Acaz buscou satisfazer os deuses que *o feriram*, os *deuses de Damasco*. Ele não apenas estava sendo idólatra, como estava ignorando o fato de que a própria Damasco tinha sido derrotada pelos assírios.

**28.24** — O relato em 2 Reis 16.10-18 conta como Acaz, tendo visto um altar em Damasco, ordenou que fosse construído um igual em Jerusalém. Neste altar, ele oferecia holocaustos regularmente. Além disso, usava o grande altar de bronze de Salomão como um meio de adivinhação. Ele desmontou as bases que suportavam as pias (2 Cr 4.14) e tirou o grande *mar de fundição* de seus pedestais (2 Cr 4.2,3), os quais deviam estar entre os *utensílios* que ele destruiu. A expressão *fechou as portas* significa o absoluto repúdio à adoração de Jeová e a adoção total da religião dos gentios.

**28.25** — Se destruir os lugares altos é sinal de um reino devoto (2 Cr 14.3,5; 15.16; 16.6), então, construí-los é um sinal claro do oposto. A expressão *Deus de seus pais* chama a atenção para o concerto do Senhor com Israel e Judá.

---

*Ezequias foi o único rei de Judá que foi tão fiel ao Senhor quanto Davi havia sido.*

---

**28.26,27** — O termo *reis de Israel* se refere não apenas ao Reino do Norte, mas à inteira nação debaixo de Deus.

**29.1,2** — Ezequias foi o único rei de Judá que foi tão fiel ao Senhor quanto *Davi* havia sido.

**29.3** — O *ano primeiro* do reinado independente de Ezequias começou em 715 a.C. Ezequias tinha governado junto com Acáz desde 729 a.C. O fato de Ezequias ter começado o trabalho de restauração do templo em seu primeiro mês testifica sobre seu zelo pelo serviço de Deus. Ezequias *abriu as portas* do templo como um passo em direção à renovação espiritual. Acáz tinha fechado as portas como uma expressão de hostilidade a Deus e ao concerto (2 Cr 28.24). Ezequias não perdeu tempo em lidar com os pecados de seu predecessor.

**29.4** — A *praça oriental* era o pátio diretamente em frente ao pórtico do templo (2 Cr 4.9,10; 6.13; 7.7).

**29.5** — *Tirai do santuário a imundícia*. É impossível saber tudo o que isso envolvia, mas pode ser que Acáz tivesse usado o templo como uma espécie de depósito. Claramente, havia mais objetos à vista do que os utensílios do templo, porque os mesmos foram reparados, santificados e colocados de volta ao uso (2 Cr 29.19).

**29.6-9** — *Cativeiro*. Pode ser uma menção à queda de Samaria e à deportação das tribos do norte apenas sete anos antes (2 Rs 17.6). No entanto, sob a perversa liderança de Acáz, vários do povo de Judá tinham sido levados cativos por Rezim, de Damasco, e Peca, de Israel (2 Cr 28.5-8). A referência de Ezequias a Judá e Jerusalém (2 Cr 28.8) sugere que ele, talvez, estivesse referindo-se a este fato.

**29.10,11** — O *concerto* de Ezequias colocou seu povo e si mesmo sob a autoridade de Deus. Com isso, esse rei comprometeu-se a liderar a nação com fidelidade, como os termos da aliança davídica original exigiam (2 Cr 23.3,11,16; Dt 17.18-20; 31.9-13; 1 Cr 28.9).

**29.12** — *Coatitas* [...] *Merari* [...] *Gersonitas*. Ezequias reuniu os líderes dos três maiores clãs levitas, dois líderes de cada clã.

**29.13** — A família de *Elisafá* fazia parte dos filhos de Coate (1 Cr 15.8).

**29.14** — *Asafe* era o chefe de uma divisão de músicos levitas (1 Cr 25.1,2). *Hemã* e *Jedutum* eram músicos (1 Cr 25.1,3-5). Jedutum também era conhecido como Etã (1 Cr 15.17,19).

**29.15** — A frase *pelas palavras do Senhor* significa que Ezequias responsabilizou-se pela reforma em direção a Deus. Suas instruções para a nação, nesse caso, tinham autoridade exclusiva (veja 1 Cr 28.11-19; 29.23, 24).

**29.16** — *Dentro da Casa do SENHOR* parece fazer menção ao Santo dos santos, e o termo *templo* deve referir-se à câmara maior, o Lugar Santo (2 Cr 3.5-7; 4.7,8). O *pátio* era o pátio interno logo à saída do templo, área restrita aos sacerdotes e levitas (2 Cr 4.9). O trabalho de reparos e restauração no templo começou no Santo dos santos e continuou até alcançar o pátio. O *ribeiro de Cedrom* era o riacho a leste de Jerusalém onde os restos eram queimados (2 Cr 15.16).

**29.17,18** — O trabalho começou no dia *primeiro do mês primeiro* do reinado de Ezequias, não pelo mês do calendário solar (2 Cr 29.3). O *alpendre* era um pórtico ao longo da frente do templo. *Santificar* significa *limpar* ou *purificar*, ou *separar para um propósito santo*.

**29.19** — *Objetos*. Acáz tinha destruído alguns, mas não todos os utensílios do templo (2 Cr 28.24).

**29.20,21** — *Novilhos* [...] *carneiros* [...] *cordeiros*. A lei requeria o sacrifício desses animais para expiação dos pecados em geral (Lv 1.3-13). Por outro lado, o sacrifício de *bodes* expiava pecados específicos (Lv 4.1 — 5.13). Aqui, os sacerdotes ofereceram sete de cada tipo de animal para representar a totalidade de seu arrependimento. O *reino* representa a nação como uma entidade política, e *Judá* representa o povo. Tanto o estado como o povo precisavam de expiação. O *santuário* se refere ao próprio templo.

**29.22-24** — A repetição de *todo o Israel* sugere que Ezequias pretendia incluir as 12 tribos, inclusive o reino do norte (2 Cr 30.1-9).

**29.25** — O rei Davi era responsável pela religião, assim como pelos assuntos civis e políticos. Ele tinha exercitado esta responsabilidade ao nomear músicos levitas e instruí-los sobre seu



## EM FOCO

## PURIFICAR (HB. TAHER)

(2 Cr 29.16; Lv 14.48; Sl 51.2, 7; Is 66.17)

Esse termo significa *tornar livre de mancha*, quase sempre no sentido ritual ou espiritual (embora, uma vez, a palavra seja usada para o vento afastando as nuvens e, em outra, para a purificação do refino de prata — veja Jó 37.21; Mt 3.3).

Quase metade das ocorrências está no livro de Levítico, no qual a purificação ritual é relacionada à santificação e é oposta à impureza dos israelitas (Lv 16.19). Objetos e pessoas envolvidas na adoração ao Senhor — como o templo, os utensílios do templo e os levitas — precisavam de purificação, porque o Senhor é um Deus santo (Nm 8.5-22; 1 Cr 23.28). O ritual de purificação externa do povo era um símbolo de pureza interna (Gn 35.2; Zc 3.3-5).

Jeremias e Ezequiel profetizaram sobre a futura purificação dos pecados do povo, para que este pudesse ser verdadeiramente de Deus, tanto no exterior como no interior (Jr 33.8; Ez 36.25,33; 37.23). A ideia de purificação chega até o Novo Testamento. O livro do Apocalipse retrata a Noiva do Cordeiro — a Igreja — em linho fino, que simboliza os atos de justiça dos crentes (2 Co 7.1; Ef 5.26; 1 Jo 1.9; Ap 19.8).

ministério no templo (1 Cr 23.2,27; 25.1-31). Ele foi guiado e aconselhado por dois dos fiéis profetas de Deus, *Gade* e *Natã*.

**29.26** — Os instrumentos de Davi eram aqueles considerados apropriados para a adoração no templo (1 Cr 25.1,3,5,6).

**29.27-30** — As palavras de Davi e de Asafe referem-se aos salmos de Davi e Asafe (1 Cr 6.39; 15.17; 16.5), muitos deles no livro de Salmos. O povo de Judá usava essas composições inspiradas para adoração em público e meditação particular.

**29.31,32** — Às vezes chamada de oferta de paz ou comunhão, as ofertas de louvor [ou ofertas de ações de graças, na versão ARA] celebravam o relacionamento conquistado pelas ofertas de expiação (2 Cr 29.21-24; Lv 3.1-17; 7.11-36).

*Vontade do coração.* O povo não deu presentes a Deus por compulsão, mas como uma alegre resposta à graça divina.

**29.33** — As ofertas de ações de graças incluíam o povo, os sacerdotes e o próprio Deus. Na verdade, as coisas consagradas se transformavam em um banquete no qual todos se reuniam perante o Senhor para confraternização e comunhão.

**29.34,35** — Durante o reinado de Acáz, os sacerdotes e levitas tinham sido removidos de suas funções. Agora, 20 anos depois, não havia sacerdotes suficientes. Ezequias teve de reconsagrar os mais velhos e comissionar novos. Suas reformas aconteceram de forma tão rápida (2 Cr 29.3) que

os sacerdotes receberam uma dispensação especial para designar os levitas a áreas de ministério que, em outras circunstâncias, seriam vetadas a eles, como, por exemplo, tirar a pele dos animais do sacrifício (Lv 1.5,6).

**29.36** — *Apressuradamente* [ou *subitamente*, na versão ARA]. Este termo explica parcialmente a indisponibilidade de pessoas envolvidas na adoração religiosa (2 Cr 29.34) e testifica sobre o zelo de Ezequias em realizar a reforma o mais cedo possível dentro de seu alcance. No entanto, não se deve esquecer o fato de que a renovação aconteceu, principalmente, porque *Deus tinha preparado para o povo*.

**30.1-3** — Embora o reino de Israel tivesse sido dividido mais de dois séculos antes, Ezequias nunca perdeu de vista o fato de que o concerto de Deus foi feito com as 12 tribos e Sua promessa incluía todos eles (Ez 37.15-28).

A Páscoa era normalmente celebrada no primeiro mês do ano religioso (Êx 12.6,18). Mas, nesse ano, a reforma e consagração do templo ainda estavam em andamento (2 Cr 29.1-17). A lei tinha condições para o adiamento da Páscoa se alguém estivesse ausente em uma viagem importante ou estivesse ritualmente impuro (Nm 9.9-12). Ezequias interpretou essa lei para incluir os sacerdotes que ainda não se tinham consagrado ao ministério (2 Cr 29.34). O povo de Israel não tinha tido tempo de se reunir em *Jerusalém* de

qualquer forma, então, a celebração foi adiada até o *segundo mês*.

**30.4,5** — O fato de que *todo o Israel* estivesse incluído revela que ainda restavam muitos seguidores de Deus no reino do norte, apesar de mais de 200 anos de apostasia e da conquista pela Assíria (2 Cr 29.24).

**30.6,7** — O SENHOR, *Deus de Abraão, de Isaque e de Israel*. Ezequias apelou para a nação com base na antiga aliança com Abraão (2 Cr 29.5). Embora o reino estivesse dividido e muitos de seu povo estivessem padecendo no exílio longe de casa, a promessa do Senhor não podia mudar e ela ajuntaria todos eles como povo de Deus. Eles ainda tinham tempo de retornar para o Altíssimo.

*Vós que escaparam* [ou os remanescentes]. Em algumas situações, a palavra *remanescente* significa *os santos eleitos entre o povo de Israel como um todo* (Is 46.3; Mq 2.12; 5.7, 8). Neste contexto, significa *os israelitas que tinham sobrevivido ao massacre e à deportação assírios*.

**30.8** — Aqueles que não eram sacerdotes não tinham permissão para entrar no templo, então, a expressão *vinde ao santuário* é uma figura de linguagem para servir ao Senhor.

**30.9** — Os *irmãos e filhos* eram israelitas que tinham sido levados para o cativeiro assírio. Ezequias rogou que os remanescentes deixados para trás se arrependessem, prometendo que isso resultaria em um melhor tratamento daqueles no cativeiro e garantiria o regresso deles à nação. De acordo com o concerto (Dt 28-30), obediência levaria a nação a ser abençoada e desobediência resultaria em exílio.

**30.10** — *Zebulom* era, provavelmente, o território mais ao norte de Israel naquela época, porque Naftali tinha sido tomada por Tiglate-Pileser III (2 Rs 15.29).

**30.11,12** — A reação ao convite de Ezequias em Judá foi totalmente diferente da de Israel (2 Cr 30.10,11), porque *em Judá esteve a mão de Deus*. A graça divina sempre faz parte dos esforços de alguém para agradar a Ele.

**30.13** — Como a *Festa dos Pães Asmos* acontecia imediatamente após a Páscoa e era associa-

da a ela (Lv 23.4-8), às vezes, referia-se à própria Páscoa também (Ed 6.22).

*Segundo mês*. Um adiamento da festa do primeiro mês era possível sob certas circunstâncias (2 Cr 30.2).

**30.14** — O entulho removido do templo já tinha sido lançado no ribeiro de Cedrom para ser queimado (2 Cr 29.16).

**30.15** — Os *sacerdotes* e os *levitas* ficaram *envergonhados* porque tinham sido negligentes e não se consagraram ao seu ministério mais cedo (2 Cr 29.34; 30.3). A causa para a demora da Páscoa, na verdade, foi o atraso deles.

**30.16** — Os levitas matavam os animais e, então, entregavam o *sangue* para que os sacerdotes aspergissem. Normalmente, os holocaustos eram sacrifícios de adoradores individuais que davam o sangue aos sacerdotes (Lv 1.4,5).

**30.17** — Tradicionalmente, a imolação do cordeiro da Páscoa era realizada pelo chefe da família (Êx 12.3-6). Mas, nessa ocasião, muitos não estavam ritualmente purificados, e os levitas atuavam em seu lugar.

**30.18-20** — *Se não tinham purificado e, contudo, comeram*. Aqueles que chegaram de lugares distantes de Israel estavam desqualificados para o sacrifício e não o fizeram. No entanto, comeram a refeição da Páscoa, violando a Lei de Moisés (Êx 12.43-49). Eles acharam mais importante obedecer ao espírito da Páscoa do que à Lei. Ezequias, então, orou por eles, pedindo a Deus que observasse o desejo de seus corações. Em resposta, Deus *sarou o povo*, ou seja, Ele restaurou o relacionamento deles consigo. Buscar genuinamente o Senhor é mais importante do que participar de um ritual (1 Sm 15.22).

**30.21,22** — *Tinham entendimento no bom conhecimento do SENHOR*. Por causa dos muitos anos do reinado perverso de Acáz (2 Cr 28.23-25), o povo de Judá deve ter-se tornado ignorante nas verdades de sua fé. O povo do norte (2 Cr 30.18) não tinha vivenciado alguma pregação sobre a revelação de Deus em 200 anos, além do testemunho de profetas como Oséias e Amós. Mas o ministério dos levitas incluía ensino (2 Cr 17.8-10; Dt 17.18; 31.9-13; 33.10), e esta grande

Páscoa era uma oportunidade para explicar a história e o propósito da aliança de Deus com Israel. O povo comeu durante toda a festa, pois uma refeição era a característica central de agradecimento ou *ofertas de louvor* ou *sacrifício pacífico* (2 Cr 29.31; Lv 7.28-36; 9.18).

**30.23** — Assim como Salomão (2 Cr 7.8-10), Ezequias descobriu ser impossível limitar as festividades a oito dias (incluindo a Páscoa). O consentimento deles para celebrar *outros sete dias* era um sinal claro de vitalidade espiritual renovada.

**30.24** — Ezequias, rei de Judá, apresentou. Como um ato extraordinário de generosidade e compromisso pessoal, o rei compartilhou seus próprios recursos com o povo. Possivelmente, de alguma forma, isso foi necessário devido a uma segunda semana imprevista de sacrifício.

**30.25,26** — Os *estrangeiros* eram forasteiros que viviam em Israel e Judá e podiam ir às festas, porque se uniram a Deus e à Lei (Dt 16.11; 26.11; 29.11; 31.12).

**30.27** — *Abençoaram o povo*. Esta deve ter sido a bênção formal registrada em Números 6.24-26.

**31.1** — As expressões *todos os israelitas* e *todos os filhos de Israel* fazem menção à nação inteira, norte e sul, Israel e Judá.

**31.2** — A longa interrupção (2 Cr 28.24) da adoração oficial de Judá na época de Acáz levou caos à vida religiosa dos israelitas. Eles abandonaram o sistema de sacerdócio e *turmas* dos levitas. Assim como Davi havia originalmente organizado o sistema levítico (1 Cr 23.1—26.28), Ezequias, agora, tinha de reorganizá-lo.

**31.3** — As celebrações da *Lua Nova* aconteciam com o surgimento da lua nova, o início de outro mês (Nm 28.11-15). Embora existissem muitas festas fixas no final do período do Antigo Testamento, aquelas citadas aqui eram a Páscoa e Festa dos Pães Asmos (Lv 23.4-8), a Festa das Primícias ou Pentecostes (Lv 23.15-22) e a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-43).

**31.4** — A *Lei* determinava claramente que o povo contribuísse com o dízimo e as ofertas para que o trabalho do templo continuasse (Nm 18.8-24).

**31.5** — As primeiras colheitas de grãos, principalmente cevada, estavam sendo ceifadas naquele momento. A Páscoa tinha sido celebrada no segundo mês (2 Cr 30.2) e, agora, já estava no terceiro (2 Cr 31.7). As *primícias* começavam a aparecer na época da Festa dos Pães Asmos — ou seja, no início de abril aproximadamente, e as colheitas eram inteiramente colhidas uns 50 dias depois, na época da Festa das Colheitas ou Pentecostes (Lv 23.9-22).

Os *dízimos*. Um décimo da colheita pertencia aos levitas, cujo sustento dependia disso (2 Cr 31.4; Nm 18.21-24). Havia três dízimos — dois todo ano e um no terceiro ano.

**31.6** — As *coisas sagradas* — objetos de metal ou outros materiais não perecíveis (2 Cr 24.10, 11; 1 Cr 29.2,7,8) — eram *consagradas a Deus* para o uso na adoração e no serviço.

**31.7-9** — O *terceiro mês* foi aquele depois da Páscoa atrasada (30.2) e o tempo da primeira colheita (2 Cr 31.5). O *sétimo mês* era *tishrei*, o mês da colheita final anual de frutos. A Festa dos



## EM FOCO

### DÍZIMO (HB. MA'ASER)

(2 Cr 31.5, 12; Gn 14.20)

A palavra traduzida por dízimo é derivada de *'eser*, o número hebraico para *dez*. Em Gênesis 14.20, Abraão deu ao sacerdote Melquisedeque um décimo de sua riqueza. Este ato foi o precedente ao longo de todo o Antigo Testamento para o que foi considerada uma porção apropriada da riqueza de alguém para se dar ao Senhor. De acordo com a Lei, os israelitas deviam separar um décimo de toda produção anual deles para Deus (Dt 14.22-28). Tudo o que era dado ao Senhor era considerado santo (Lv 27.30-33) e era para ser usado no sustento do ministério dos sacerdotes e levitas (Nm 18.21). O profeta Malaquias proclamou que a falha em levar o dízimo a Deus era equivalente a roubar dele (Ml 3.8).

Tabernáculos celebrava o fim do ano da colheita (Lv 23.39; Dt 16.13) nessa época. Havia uma colheita contínua do terceiro ao sétimo mês, e o povo levava seus dízimos ao templo como uma expressão de devoção renovada.

**31.10** — O *sumo sacerdote* da época de Salomão em diante era saduceu (1 Rs 2.27,35).

**31.11** — *Preparassem câmaras*. Eram locais já existentes no templo para estocar alimentos e outros materiais (1 Cr 26.15,20).

**31.12,13** — *Estava a cargo de*. A fim de assegurar uma distribuição justa e eficiente para os sacerdotes e levitas, certas pessoas eram nomeadas para a função de supervisão. Duas pessoas ficavam responsáveis pela distribuição, e dez outros trabalhavam com eles.

**31.14** — Na frente do templo, a porta *da banda do oriente* levava ao grande pátio e ao vale de Cedrom do outro lado (1 Cr 26.14).

**31.15** — Como a maioria dos sacerdotes vivia nas cidades designadas a eles e não em Jerusalém (1 Cr 6.54-60), Coré e seus assistentes levavam provisões para eles (2 Cr 31.14).

**31.16** — *Da idade de três anos*. Os jovens descritos neste versículo eram aprendizes de sacerdotes, dedicados ao ofício pelos seus parentes. Samuel tinha um ministério desse tipo (1 Sm 1.24,28; 2.18).

**31.17** — Todo o pessoal religioso tinha de ser descendente de Levi, mas os sacerdotes tinham de traçar as *genealogias* especificamente até Arão (1 Cr 6.49-53).

**31.18** — *Como também conforme as genealogias*. Esta é uma maneira inclusiva de designar tanto sacerdotes como levitas. Qualquer um cuja linhagem fosse levítica podia pedir dos dízimos e das ofertas levantados para seu sustento.

**31.19-21** — Os preparativos anteriores diziam respeito à manutenção dos sacerdotes e levitas que iam a Jerusalém para ministrar quando sua missão divisional determinava tal agenda (2 Cr 31.15-17). Aqueles em suas próprias cidades também exigiam provisões, então, havia distribuidores lá para isso. Dessa forma, estando “em ação” ou não, todos os servos de Deus podiam contar com o sustento do povo.

**32.1,2** — No décimo quarto ano do reinado de Ezequias, *Senaqueribe* invadiu Judá e, com o tempo, sitiou Jerusalém (2 Rs 18.13-17). Um dos reis mais imperialistas da Assíria, Senaqueribe esteve à frente de várias campanhas militares para o Ocidente. Em suas próprias inscrições, ele se vangloria de ter tomado várias cidades de Judá, uma declaração sustentada pelo relato paralelo no livro de 2 Reis. As cidades fortificadas que ele tomou tinham sido construídas e equipadas, primeiro, por Salomão (2 Cr 8.2-6) e, então, reconstruídas e ampliadas pelos sucessores de Salomão até a época de Ezequias (2 Cr 11.5-12; 14.6,7; 17.12; 26.9, 10; 27.4; 32.29).

**32.3** — Com a ajuda do texto de 2 Reis 20.20, descobrimos que Ezequias conseguiu interromper a água ao tapar as fontes do lado de *fora da cidade* e, então, cavar um túnel para levá-las ao tanque de Siloé, dentro dos muros da cidade. Ezequias escondeu as fontes de água e deixou-as inacessíveis ao inimigo. A Inscrição de Siloé descreve como os operários construíram o túnel de 5,5km, conectando as fontes de Giom ao tanque de Siloé.

**32.4** — *O ribeiro* era o de Cedrom, a leste de Jerusalém.

**32.5** — *Milo* significa depósito de lixo e se refere ao extenso aterro que rodeava as antigas colinas de Ofel e o monte Sião. O trabalho de ampliação das colinas de Jerusalém foi primeiro feito por *Davi* (1 Cr 11.7,8) e teve continuidade com Salomão (1 Rs 9.15).

**32.6** — A principal *porta da cidade* era o local onde a população podia reunir-se e onde o tribunal e outros trabalhos oficiais eram realizados (2 Cr 6.12; 29.4).

**32.7** — *Um maior conosco*. Ezequias não se referia ao exército de Judá, mas aos exércitos celestiais (2 Rs 6.14-17).

**32.8** — *Guerrear nossas guerras*. Essa terminologia retrata Jeová como um guerreiro. Ezequias vê a presente batalha não apenas entre nações, mas também entre sistemas e ideologias religiosas rivais (2 Cr 32.19). Sendo assim, exércitos de carne não têm vantagem alguma, porque o conflito é espiritual, e exércitos espirituais são liderados pelo onipotente Deus de Israel.

**32.9** — Tanto o Antigo Testamento como inscrições assírias documentam o cerco contra Laquis, uma importante cidade fortificada a oeste de Jerusalém e próxima à grande rota costeira (2 Cr 11.9). Sua captura pela Assíria interromperia o acesso a Jerusalém pelo lado oeste e daria a Assíria o controle total da costa.

**32.10,11** — O cerco a Jerusalém, na verdade, não tinha começado, mas os mensageiros de Senaqueribe falavam sobre isso como se já estivesse em andamento. Jerusalém estava psicologicamente sitiada.

**32.12** — O que deveria ter sido considerado um sinal de reforma e exclusividade religiosa — a remoção de centros religiosos pagãos (2 Cr 31.1) — é considerado pelos assírios como evidência de que Ezequias tinha enfraquecido seu próprio culto.

**32.13-16** — Os mensageiros de Senaqueribe tentaram destruir a fé do povo em Deus, chamando a atenção para as outras nações, que, apesar de seus vários deuses e muitos altares, tinham sido impotentes para resistir aos assírios. Estes achavam que o verdadeiro Deus não era diferente dos *deuses daquelas nações* que eles já haviam subjogado.

**32.17** — Senaqueribe *escreveu também cartas*, pois queria evitar um cerco longo e dispendioso.

**32.18,19** — O aramaico tornou-se a língua de comunicação internacional e da diplomacia. Os negociantes judeus queriam que suas negociações fossem discutidos em aramaico, porque achavam que deviam dirigir-se a eles na língua diplomática corrente. Os assírios continuaram a dialogar em hebraico para atemorizar e perturbar o povo.

**32.20** — Nesse tempo, o *profeta Isaías*, que estava envolvido com o ministério público com os reis de Judá havia, aproximadamente, 40 anos (2 Cr 26.22; Is 6.1), tinha um prestígio considerável e era muito importante como conselheiro do jovem rei Ezequias (Is 37.1-7).

**32.21-23** — Senaqueribe *tornou com vergonha de rosto à sua terra*, Assíria e sua capital, Nínive. O mesmo Senaqueribe que tinha debochado da capacidade de Deus para preservar Ezequias e Judá

(2 Cr 32.17,19) sofreu uma morte violenta enquanto estava em pleno ato de adoração ao *seu deus*.

*Os mesmos que descenderam dele [seus próprios filhos, na ARA]*. Dois filhos de Senaqueribe, Adrameleque e Sarezer, assassinaram o pai 20 anos depois do cerco a Jerusalém e fugiram para salvar a própria vida. Então, um terceiro filho, Esarhadom, tornou-se rei.

**32.24** — *Ezequias adoeceu*. Logo após a derrota de Senaqueribe (2 Rs 20.1,12), o rei Ezequias foi afligido com furúnculos (Is 38.10-21).

*Um sinal*. Quando Isaías contou que Ezequias se recuperaria, o rei quis uma confirmação. O relógio de sol retrocedeu para ele dez graus, adicionando 40 minutos ao dia (Is 38.8).

**32.25-29** — Deus havia dado um *benefício* extraordinário a Ezequias — 15 anos adicionais de vida (2 Rs 20.6), mas *seu coração se exaltou*. Ezequias tinha recebido os mensageiros babilônios que tinham ido cumprimentá-lo pela sua recuperação e, provavelmente, para contar com o apoio dele na luta contra a Assíria (2 Rs 20.12-19). A visita deles acendeu seu desejo de ostentar os tesouros de seu reino. Por causa do seu orgulho, a ira de Deus quase sobreveio sobre ele. O relato no livro de Reis revela a resposta de Isaías ao orgulho de Ezequias. Chegaria o tempo, disse o profeta, em que toda a riqueza de Ezequias, usada para impressionar seus visitantes, seria confiscada pelos mesmos babilônios e levada para sua distante terra (2 Rs 20.16-18; Is 39.6,7).

**32.30** — O *Giom* superior era uma fonte no vale do Cedrom, próximo da Porta das Águas. Havia um túnel que serpenteava do Giom, do sul para o oeste por mais de 450m *por baixo* (2 Cr 32.3,4), e terminava no tanque de Siloé, então no lado sudoeste de Jerusalém.

**32.31** — Esse teste não era em benefício de Deus, mas de Ezequias.

**32.32** — A visão de Isaías está no livro profético de Isaías (Is 1.1).

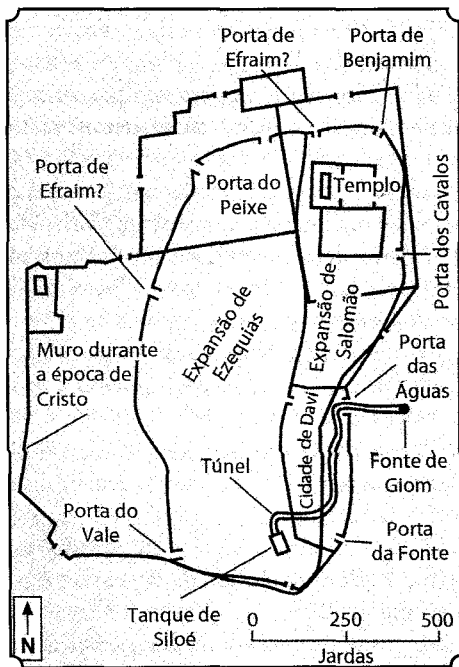
**32.33** — A expressão *no mais alto dos sepulcros*, provavelmente, refere-se ao cemitério real onde todos os justos descendentes de Davi foram enterrados. Outros foram sepultados na Cidade de Davi, mas não na mesma área (2 Cr 28.27).

*Lhe fizeram honras.* Incluía rituais e cerimônias como lamentação pública e rituais de fogo (2 Cr 16.14).

33.1,2 — Manassés não foi o único rei que viveu de acordo com as *abominações dos gentios*; Acáz também (2 Cr 16.14).

33.3 — O *exército dos céus* era composto de deuses do sol, da lua e das estrelas. Os *babilônios* reverenciavam, principalmente, essas deidades (Dt 4.19; Ez 8.16).

33.4 — *Em Jerusalém estará o meu nome.* A questão era que Deus tinha o direito exclusivo de habitar o templo, ao contrário dos deuses que Manassés introduziu (2 Cr 33.5).



O sistema de águas de Ezequias

*Em seu esforço para fortificar Jerusalém contra Senaqueribe e os assírios, o rei Ezequias ordenou a construção de um túnel para levar água da fonte de Giom para dentro dos muros da cidade (2 Cr 32.30). O túnel foi escavado através de rocha sólida, a 18m de profundidade, por uma distância de quase 5,5km. Os operários começaram nos extremos opostos e cavaram com ferramentas manuais, até se encontrarem no meio da escavação. Quando ficou pronto, o túnel de Ezequias surgiu em um ponto que, mais tarde, ficou conhecido como o tanque de Siloé.*

33.5 — Em adição aos altares dentro do templo (2 Cr 33.4), Manassés edificou altares para seus deuses astrais em dois *pátios* — um no pátio dos sacerdotes e levitas e outro aberto ao público (2 Cr 4.9; 1 Rs 7.9-12).

33.6 — *Vale do Filho de Hinom.* Como Acáz, Manassés praticou sacrifício humano, chegando ao ponto de oferecer seus próprios filhos (2 Cr 28.3).

*Adivinhações* são divinações, tentativas de determinar os planos e propósitos dos deuses, no intuito de evitar a hostilidade deles ou tirar vantagem de seus favores. Adivinhadores e adivinhos inspecionavam entranhas de animais, fumaça, óleo na água, voo de pássaros e fenômenos celestes (Is 2.6; Jr 27.9).

*Agouros e feitiçarias* tentam produzir resultados desejados ao empregar rituais mágicos ou místicos.

*Adivinhos [necromantes, na versão ARA, e médiuns, na NVI]* são aqueles que afirmam contatar e consultar os mortos. A feiticeira de En-Dor parece ter feito isso, já que temeu pela sua vida quando descobriu que Saul tinha condenado os feitiçeiros à morte (1 Sm 28.3,9).

*Encantadores [aos que consultavam os espíritos, na NVI].* A especialidade desses também era a comunicação com os mortos na esperança de conseguir informação inacessível aos vivos. Todas essas práticas, comuns entre os cananeus e outras religiões pagãs, tinham de ser rigorosamente evitadas pelo povo de Deus (Dt 13.1-6; 18.9-14).

33.7 — A natureza desta *imagem esculpida*, ou o deus que ela representava, não pode ser determinada, o que é quase irrelevante à luz da enorme blasfêmia associada a ela. Excedia, até mesmo, a iniquidade de Acáz, que fechou o templo para qualquer uso, colocando seus altares e ídolos em todos os lugares (2 Cr 28.23-25). Mas, agora, o lugar reservado exclusivamente para o Nome de Jeová (2 Cr 33.4) tinha sido usurpado e violado para servir aos mais abomináveis propósitos.

33.8,9 — A antiga promessa de Deus de nunca remover o povo de Israel da terra que eles tinham herdado estava condicionada à obediência deles a todas as cláusulas da aliança — *a lei, e estatutos,*



e juízos — para as quais eles tinham jurado (Gn 17.7,8; Lv 26.27-35,46). O comportamento de Manassés comprometeu significativamente a presença do povo na terra.

**33.10,11** — Durante algum tempo, a *Babilônia* fez parte do império assírio, apesar de estar livre na ocasião, especialmente sob a liderança de Mero- daque-Baladã, contemporâneo de Ezequias (2 Rs 20.12). Assurbanipal colocou a Babilônia debaixo do domínio da Assíria novamente e foi o rei que levou Manassés para a Babilônia como prisioneiro.

**33.12,13** — *Então, reconheceu Manassés*. A punição que Jeová infligiu sobre Manassés pelo seu pecado não apenas foi uma punição, mas também produziu arrependimento e um novo entendimento da absoluta soberania de Deus.

**33.14** — O termo *Cidade de Davi*, originalmente, referia-se apenas ao monte Sião (1 Cr 11.5), mas, com o tempo, passou a designar a cidade inteira, incluindo o monte *Ofel*, o primeiro assentamento jebusita.

*Giom* era a principal fonte de água de Jerusalém (2 Cr 32.3,4,30) e ficava no vale de Cedrom próximo à lateral nordeste do monte Sião.

A *Porta do Peixe* localizava-se no centro do muro norte do templo. A obra de Manassés começou em *Giom* e seguiu para o norte, além do monte *Ofel*, para a extremidade nordeste do monte do Templo. Então, seguiu para oeste, para a *Porta do Peixe*. Era uma distância total de 680m. As *cidades fortes* eram as mesmas que tinham sido capturadas por Senaqueribe.

**33.15,16** — Manassés *tirou* os ídolos — um sinal de conversão verdadeira e devoção a Deus (2 Cr 33.13).

**33.17-19** — O pecado de adoração nos *altos* estava associado ao paganismo (Dt 12.2, 3). O templo representava o lugar de habitação de Deus entre Seu povo. Naquela época, o Senhor queria que toda adoração pública feita pelo povo fosse realizada naquele lugar, o que significa a exclusividade do santuário central (Dt 12.5-28).

**33.20** — *Em sua casa*. Manassés tinha-se convertido verdadeiramente (2 Cr 33.13), mas seus pecados anteriores foram tão atroz, que lhe foi negado ser enterrado no cemitério real (2 Cr 32.33).

**33.21,22** — As *imagens de escultura* foram acrescentadas às de madeira que ele havia feito (2 Cr 33.3). Eram representações de deidades esculpidas em madeira ou pedra. A imagem esculpida para a qual *Amom sacrificou* havia sido colocada no templo como um ídolo (2 Cr 33.7). Mais tarde, foi removida da cidade (2 Cr 33.15), mas, aparentemente, não foi destruída, já que Amom a levantou novamente.

**33.23-25** — Naquela época, o *povo da terra* era um termo técnico que indicava um grupo com certo grau de liderança, talvez, um conselho de anciãos. Em tempos de crise, como o assassinato de Amom, tal grupo podia assumir poderes interinos até que o governo, propriamente dito, pudesse ser restaurado (2 Cr 22.1; 26.1; 36.1).

**34.1-3** — A expressão *dos bosques* corresponde ao termo *postes-ídolos* [termo encontrado na versão ARA]. Eram estacas dedicadas a Aserá, a deusa da fertilidade cananea (2 Cr 33.3).

As *imagens de fundição* eram como as *de escultura*, só que feitas de metal moldado (Êx 32.4,8; Is 42.17; Os 13.2).

**34.4** — A atitude de Josias ao destruir os altares e ídolos construídos por seu avô, Manassés, e por seu pai, Amom, lembra Moisés ao moer o bezerro de ouro e espalhar seu pó sobre as águas (Êx 32.20).

**34.5** — *E os ossos dos sacerdotes queimou*. Este ato de Josias, ocorrido em Betel, confirmou as palavras do profeta de Judá na época de Jeroboão I, rei de Israel (1 Rs 13.1,2; 2 Rs 23.15,16). O profeta havia mencionado Josias pelo nome 300 anos antes.

**34.6,7** — A purificação de Josias dos cultos idólatras não se limitou a Judá e Betel, mas estendeu do sul — *Simeão* — para o norte — *Naftali*. Israel havia sido subjugada pela Assíria durante um século, e novos movimentos religiosos, como o dos samaritanos, tinham-se estabelecido na região (2 Rs 17.24-31; 23.19).

**34.8** — *Safã* era um escriba ou secretário do rei (2 Cr 34.15), responsável pelos registros do estado, os quais deviam incluir os planos e as especificações do templo, que foi reparado estritamente de acordo com o seu padrão original.

O ofício de *maioral da cidade* [governador da cidade, na versão NVI] era como o do prefeito de hoje em dia (2 Cr 18.25).

Um *registrador* [cronista, na ARA] mantinha um diário real. Acontecimentos oficiais eram devidamente anotados para a posteridade. O trabalho de homens como Joás forneceu fontes para historiadores de tempos depois, como o autor de Crônicas (1 Cr 18.15 ARA).

**34.9** — *Hilquias* foi, provavelmente, o *sumo sacerdote* da genealogia de 1 Crônicas 6.13 (cf. Ed 7.1).

**34.10,11** — A obra de restauração do que foi destruído, feita por Josias, incluía não apenas reparos no templo e em prédios próximos, mas também reforma nas fortificações (2 Cr 15.8; 24.5; 28.24; 29.6,7; 32.5).

**34.12** — Os *filhos de Merari* e os *coatitas* eram dois dos três clãs de Levi (1 Cr 6.1,16; 23.6).

**34.13-16** — *Safã* entregou o livro ao rei não só porque era o escrivão, mas também saberia atestar a autenticidade do texto e dizer ao rei se era importante.

**34.17-19** — O rei *rasgou as suas vestes*. Tem-se a impressão de que esta foi a primeira vez que Josias viu uma cópia das Escrituras e nunca tinha ouvido alguém fazer a leitura delas. Não significa que ele não conhecia os escritos de Moisés,

porque, com certeza, seus ensinamentos foram preservados durante a apostasia, pelo menos, oralmente. Em um tempo de produções literárias em massa, é difícil para o leitor moderno imaginar uma época em que qualquer composição, mesmo a Bíblia, existia apenas em algumas poucas dúzias de cópias, no máximo. Esta era a situação no mundo antigo, no entanto, é perfeitamente possível que toda a tradição literária pudesse ter sido perdida. A reação de Josias não deve ser explicada em termos de novidade sobre o que ele tinha ouvido, mas, sim, porque ele nunca tinha ouvido e visto uma cópia da Palavra de Deus com seus próprios sentidos. O impacto disso é devastador, porque ele sabia o quanto a nação tinha-se desviado dos seus princípios.

**34.20,21** — Josias sabia que o pergaminho continha o livro da Lei do Senhor, mas não sabia o que fazer em relação às palavras de *furor* e juízo que ele continha.

*Nossos pais não guardaram... tudo quanto está escrito*. Josias queria saber o que Deus exigia dele, porque ele tinha toda a intenção de cumprir.

**34.22** — *Hulda* é uma das quatro mulheres profetisas citadas no Antigo Testamento. As outras três são Miriã (Êx 15.20), Débora (Jz 4.4) e Noadias (Ne 6.14). O trabalho de Salum era supervisionar a guarda e distribuição das vestimentas



## ENTENDENDO MELHOR

### O LIVRO DA LEI DO SENHOR

A descoberta do *livro da Lei do SENHOR* por Hilquias (2 Cr 34.14) iniciou um grande avivamento em Israel. A reação do rei Josias ao livro inspirou-o a iniciar uma reforma e refocalizar a atenção em Jerusalém como o centro de adoração (2 Rs 23.4-20). Este foi um dos importantes momentos da nação.

O que era esse *livro da Lei do SENHOR*? As reformas que Josias introduziu refletem a maioria dos temas contidos no livro de Deuteronômio, então, parece claro que o livro de Josias devia incluir, pelo menos, Deuteronômio. No entanto, a Lei que foi *dada pelas mãos de Moisés* (2 Cr 34.14), tecnicamente, inclui todo o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia (Êx 24.4), e supõe-se que não haja razão para duvidar de que este era o caso na época de Josias.

De alguma forma, esta cópia da Lei sobreviveu ao longo período de opressão religiosa sob o domínio de Manassés e Amom. Talvez, nunca saibamos quem colocou a cópia no templo ou o porquê, mas Deus cuidou de sua preservação e descoberta.

A resposta humilde e obediente de Josias ao livro foi e permanece um modelo de como todas as pessoas deveriam responder à Palavra revelada de Deus. Josias ouviu as Escrituras, permitiu que suas palavras de verdade o julgassem e, humildemente, confessou que tinha negligenciado os mandamentos de Deus (2 Cr 34.18,19). Depois de aprender mais sobre suas verdades (2 Cr 34.21), ele compartilhou as Escrituras com outros e os conduziu a segui-las. Ele fez com que o livro fosse lido diante de toda a nação e levou os israelitas a comprometerem a vida novamente ao Senhor (2 Cr 34.29-31).

usadas pelos sacerdotes e levitas no curso de suas obrigações. A *segunda parte* era, provavelmente, um subúrbio de Jerusalém, próximo à Porta do Peixe, ao norte da cidade (Sf 1.10).

**34.23** — A expressão *Assim diz o SENHOR* indica que as palavras de Hulda eram uma profecia.

**34.24,25** — *Escritas no livro*. Tanto o livro de Deuteronômio como o de Levítico contêm longas listas de bênçãos e *maldições* associadas à aliança com Israel (Dt 28; 29).

**34.26-28** — *Eis que te ajuntarei a teus pais*. No contexto da mensagem completa, era uma promessa de que Josias morreria e seria enterrado entre seu próprio povo e não em uma terra estrangeira. A promessa de Hulda de que Josias morreria *em paz* significava que ele seria poupado do *mal* pelo qual Judá seria julgada. Josias morreu em tempos de guerra (2 Cr 35.23,24), mas não foi a época do mal. Este chegou depois, quando os exércitos babilônios capturaram Jerusalém (2 Cr 36.17-20).

**34.29,30** — O termo *livro do concerto* faz menção ao livro da Lei do Senhor (2 Cr 34.14), o Pentateuco. Josias estava prestes a guiar a comunidade a renovar a aliança. A leitura do pergaminho fazia parte das suas obrigações como rei (Dt 17.18-20).

**34.31** — Poucos reis de Judá prometeram *seguir ao Senhor* como Josias prometeu. Depois de Davi, apenas Joás, Ezequias e Josias se comprometeram publicamente (2 Cr 23.3; 29.10; 1 Cr 17.7-14). Eles foram melhores do que os outros reis de Judá e Israel. Os termos *mandamentos*, *testemunhos* e *estatutos* eram termos técnicos referentes à aliança (Dt 4.40, 45; 5.31; 6.1,17).

**34.32,33** — Sabemos que o compromisso de Josias com o Senhor era real, porque ele *tirou todas as abominações*, o que incluía todos os ídolos que tinham sido introduzidos pelos reis anteriores.

**35.1-3** — A ordem de Josias para colocar *a arca sagrada na casa* significa que a arca da aliança tinha sido removida do templo. Não se sabe quem a tirou de lá ou quando, mas existiram reis iníquos suficientes que poderiam ter feito isso.

*Não tereis mais esta carga aos ombros*. A única maneira correta de transportar a arca era por meio de varas atravessadas nas argolas, nos quatro cantos da arca, e colocadas nos ombros dos levitas (Nm 4.5,6; 1 Cr 15.2). O fato de eles a carregarem mostra que não havia lugar certo onde ela pudesse ficar guardada. A veemente oposição de Manassés a Deus deve tê-la mantido em constante perigo. Contudo, uma vez purificado e restaurado o templo, a arca podia retornar ao seu lugar.

**35.4** — Na preparação para a Páscoa, os sacerdotes e levitas tinham de organizar-se de acordo com as *turmas*, as quais eram determinadas pelos registros genealógicos (1 Cr 6.1-30). Davi organizou os turnos antes de o templo ser construído (1 Cr 23.3 — 26.32) e Salomão os confirmou (2 Cr 8.14).

**35.5** — O termo *santuário* se refere a toda área do templo. Os *filhos do povo* não podiam entrar na área onde ficava o grande altar de bronze, então, os levitas os representavam de acordo com as tribos, os clãs e as unidades familiares. Em épocas anteriores, os chefes de famílias ofereciam seus próprios cordeiros de Páscoa e, desse modo, tinham acesso ao altar (Êx 12.3), mas, na época de Josias, a responsabilidade pelo abate recaía apenas sobre os levitas (2 Cr 30.15-20).

**35.6** — *Preparai-a para vossos irmãos*. Os levitas estavam substituindo o povo no sacrifício dos cordeiros da Páscoa, o que se tornou uma tradição a partir daquela época, resultando em aumento de influência e poder por parte dos sacerdotes.

**35.7** — Normalmente, o povo oferecia *cordeiros e cabritos* de seus próprios rebanhos para a Páscoa (Êx 12.3,5), mas Josias estava sendo generoso (2 Cr 30.24). O fato de Josias ter dado *trinta mil* animais significa que o número total do povo devia ser 150 mil ou mais, já que cada casa oferecia seu próprio cordeiro ou cabrito. O *rebanho* era para os holocaustos que aconteciam ao mesmo tempo em que a Páscoa (2 Cr 35.12).

**35.8** — *Hilquias* era o sumo sacerdote sujeito a Josias (2 Cr 34.9).

**35.9-11** — A maneira como os *sacerdotes e levitas* preparavam os animais era de acordo com as instruções de Moisés (Êx 12.4,8,9,21,22).

**35.12** — Esta Páscoa, em particular, incluiu um período de comunhão e louvor. Os bois foram usados nos *holocaustos* (2 Cr 35.7-9) para a celebração dos sacrifícios pacíficos ou de gratidão (Lv 3.1-5). O ofertante e sua família, os sacerdotes e levitas podiam comer todos os animais da Páscoa e dos holocaustos que eram imolados como sacrifício de gratidão. A Páscoa de Josias foi uma ocasião para lembrar a libertação de Israel do Egito (Êx 12.24-27) e um período de grande e festiva celebração da bondade de Deus em levar reforma e renovação. O *livro de Moisés* era, provavelmente, o pergaminho que Hilquias encontrou no templo (2 Cr 34.14,15). O desejo de Josias de liderar a Páscoa surgiu a partir da descoberta e leitura do livro.

**35.13** — As *ofertas sagradas*, distintas das da Páscoa, eram o rebanho abatido para os sacrifícios pacíficos ou de gratidão (2 Cr 35.7).

**35.14** — *Para si* refere-se aos levitas que tinham ajudado os sacerdotes.

**35.15** — *Asafe, Hemã e Jedutum* lideravam as divisões musicais levitas na época de Davi (1 Cr 15.17; 25.1). A celebração da Páscoa era acompanhada por música durante o dia todo.

**35.16** — Não era muito comum ter uma combinação de festas e sacrifícios no mesmo dia.

**35.17** — A Páscoa foi celebrada no décimo quarto do mês Nissan (2 Cr 35.1) e foi seguida nos sete dias posteriores pela Festa dos Pães Asmos, até o vigésimo primeiro dia de Nissan (2 Cr 30.21-23; Lv 23.4-8; Nm 28.16-25; Dt 16.1-8).

**35.18** — Fazia quase 400 anos desde os dias do profeta Samuel (1 Sm 7.15-17). Nenhum dos reis tinha celebrado uma Páscoa em todo aquele tempo (2 Cr 30.26).

**35.19** — Josias tinha 26 anos de idade (2 Cr 34.8) no ano décimo oitavo do seu reinado.

**35.20** — Localizada junto ao rio Eufrates superior, *Carquemis* foi uma das últimas fortalezas da Assíria a resistir ao ataque do ascendente reino neobabilônico. Os babilônios e medos estavam a ponto de subjugar Harã e Carquemis. Neco, rei do Egito, mais temeroso em relação aos babilônios do que aos assírios, esperava chegar a Carquemis a tempo de ajudar os seus aliados

assírios em época de perigo. Josias era um aliado da Babilônia, então, ele foi para Megido (2 Cr 35.22) para interceptar os egípcios e permitir que os babilônios atacassem Harã e Carquemis sem a interferência egípcia.

**35.21** — A *casa* é uma referência aos babilônios.

*Disse Deus que me apressasse.* Às vezes, Deus falava com os reis pagãos sobre uma linha de ação que Ele queria que tomassem (2 Cr 36.22; Gn 20.6; 41.25; Dn 2.28). Neco não sabia que a fonte de sua liderança divina era o Deus de Israel e não um de suas próprias deidades egípcias. No entanto, era Deus quem o direcionava, manifestando Sua soberania até mesmo sobre os poderes incrédulos e iníquos deste mundo (Is 44.28 — 45.1).

**35.22** — A principal rota do Egito para o rio Eufrates superior era a Via Maris ou Caminho do mar. Esse caminho subia a costa da Palestina antes de passar para o interior por meio de uma passagem na montanha em *Megido*. Cruzava a planície de Jezreel ou Esdraelon, cruzava o rio Jordão, próximo ao mar da Galiléia, e passava por Damasco, onde se juntava à rota norte-sul para a Síria. O objetivo de Josias era controlar a passagem em Megido e ordenar o movimento do comércio por meio deste ponto vital.

**35.23,24** — Como um justo sucessor de Davi, Josias foi enterrado com honras *nos sepulcros de seus pais*, na Cidade de Davi (2 Cr 32.33).

**35.25-27** — O *livro da história dos reis de Israel e de Judá* pode ser o livro canônico de 1 e 2 Reis.

**36.1,2** — O *povo da terra* era um termo técnico que fazia menção a um grupo de líderes, como um conselho de anciãos ou uma espécie de parlamento informal (2 Cr 33.25). Este grupo agia em época de crise, como a morte de Josias na batalha. Sua perda foi pior pelo fato de ele ter, pelo menos, quatro filhos que poderiam sucedê-lo. Josias pode não ter deixado clara a sua escolha por um sucessor. Joanã era o filho mais velho, seguido por Jeoaquim, Zedequias e Salum (1 Cr 3.15). Salum e Joacaz eram a mesma pessoa (Jr 22.11).

**36.3** — O *rei do Egito* era Neco (2 Cr 35.20). Após a derrota da Assíria em Harã e Carquemis,



## EM FOCO

## PÁSCOA (HB. PESACH)

(2 Cr 30.1, 35.1; Ex 12.11, 43; Ez 45.21)

O termo *Páscoa* é derivado da palavra hebraica que significa *passar* ou *saltar*. A festa recebeu este nome porque comemorava a época em que Deus poupou a vida dos primogênitos dos israelitas que aspergiram o sangue do cordeiro de Páscoa em seus umbrais. O Senhor livrou as famílias marcadas assim, não visitando suas casas com morte (Êx 12). Para que os israelitas não esquecessem a misericórdia de Deus sobre eles, a Lei de Moisés prescrevia em detalhes o ritual para a comemoração da Páscoa (Lv 23.5-8; Nm 28.16-25; Dt 16.1-8). A grande Páscoa do rei Ezequias indicou renovação espiritual em Judá, incluindo a remoção de pecado e impureza (2 Cr 30.14), grande júbilo pelo perdão de Deus (2 Cr 30.21-22) e uma prolongada celebração da bênção divina (2 Cr 30.23-26). Tempos depois, Jesus celebrou essa festa com Seus discípulos (Mt 26.2,18) e, em Sua morte e ressurreição, Ele se tornou a sua concretização, o último cordeiro de Páscoa pelos nossos pecados (Jo 1.29; 1 Co 5.7; 1 Pe 1.19).

o exército egípcio retirou-se para o sul do Eufrates, a fim de dominar a Síria e a Palestina. Judá tornou-se um estado vassalo egípcio, o que explica por que Neco podia destituir Joacaz e requerer *contribuição* [tributo, na versão NVI]. Judá tornou-se uma nação fraca e pobre, menor do que em qualquer outra época de sua história. Josias os deixou espiritualmente mais ricos, mas, financeiramente, mais pobres.

**36.4** — Neco exigiu a mudança de nome para exibir seu poder sobre *Eliaquim*.

**36.5,6** — *Nabucodonosor* era o filho de Nabopolassar, fundador do império neobabilônico ou caldeu. Ele estava à frente de uma campanha contra Carquemis quando sucedeu a seu pai e expulsou o Egito da Síria e da Palestina e levou alguns judeus cativos, incluindo Daniel, para a Babilônia (Dn 1.1). Na mesma época, Jeoaquim trocou sua lealdade a Neco para Nabucodonosor e permaneceu como um vassalo leal durante três anos (2 Rs 24.1). Mas, então, Jeoaquim se rebelou contra a Babilônia e, por volta de 602 a.C., Nabucodonosor retornou a Jerusalém para puni-lo. Nabucodonosor *amarr*ou Jeoaquim *para* o *levar* à Babilônia. Na verdade, ele não o removeu, já que Jeoaquim reinou até por volta de 598 a.C. e morreu de causas naturais em Jerusalém (2 Rs 24.6; Jr 22.18,19).

**36.7-9** — *Levou Nabucodonosor*. O rei babilônio saqueou a maioria dos tesouros do templo, cumprindo a profecia feita a Ezequias um século antes (2 Cr 32.31; 2 Rs 20.17). *Seu templo* era o Esagila, erguido ao deus patrono da Babilônia, Marduque.

**36.10,11** — *Zedequias* era o mais novo dos quatro filhos de Josias e o terceiro na linha de sucessão para reinar sobre Judá (leia 2 Cr 36.1). Ele se tornou rei pela indicação de Nabucodonosor, demonstrando a posição de Judá como um vassalo babilônico (2 Cr 36.3).

**36.12** — *Jeremias* foi um famoso *profeta* que escreveu o livro de Jeremias, o qual inclui suas palavras a Zedequias (Jr 21.3-7; Jr 32.5).

**36.13** — Por volta de 588 a.C., Zedequias se *rebelou contra* o rei Nabucodonosor e, assim como fez seu irmão e sobrinho antes dele, provocou imediata retaliação babilônica. Nabucodonosor capturou Jerusalém depois de um cerco de dois anos (2 Rs 25.1-3).

**34.14** — *As abominações dos gentios* referem-se, principalmente, à idolatria e toda imoralidade e perversidade que a acompanham. A aliança de Deus com Israel exigia que Seu povo fosse diferente das outras nações nesse aspecto chave (Êx 23.24; Lv 26.1; Dt 4.15-20,25-28; 18.9-14; 27.14,15).

**36.15** — Os *mensageiros* de Deus eram os profetas que Ele tinha enviado desde o início da história de Israel.

**36.16** — *Nenhum remédio houve*. Não significa que Deus tenha ficado sem opções e esgotado Sua habilidade de salvar, mas sugere que, mais propriamente, Ele opera dentro de certos parâmetros de resposta pré-determinados. Dentro desse sistema, Ele perdoou os israelitas e restaurou-os várias vezes. No fim, eles ultrapassaram as



## LOCALIZE-SE

### OS BABILÔNIOS

Judá, em sua maior fraqueza, foi invadida pela Babilônia, em sua fase de maior poder, quando as tropas de Nabucodonosor capturaram Jerusalém, arrastando seu jovem rei em cadeias (2 Cr 36.6). Esse ataque, ocorrido por volta de 599—597 a.C., foi uma das três maiores invasões da terra pelos babilônios.

#### Sargão e Hamurabi

A Babilônia era um dos antigos impérios localizados entre os rios Tigre e Eufrates no sul da Mesopotâmia. Presume-se que sua capital, Babilônia (Gn 11.9, Babel), fora fundada por Ninrode, filho de Cuxe e neto de Cam (Gn 10.8-12). Acredita-se que era governada pelo rei Sargão, o Grande, o qual uniu o povo da Mesopotâmia sob seu reinado por volta de 2300 a.C., estabelecendo um império que se expandiu da costa do Mediterrâneo e da Ásia Menor para a Pérsia.

Por volta de 2000 a.C., um rei chamado Hamurabi surgiu como o governador dessa região. Um de seus principais feitos foi estabelecer um sistema de leis por escrito, conhecido, hoje em dia, como o Código Hamurabi. Foi por volta desta época que a família de Abraão (Gn 12.1) partiu de Ur, uma cidade na baixa Babilônia, e mudou-se para Harã, uma localidade ao noroeste da Mesopotâmia. De Harã, tempos depois, o patriarca migrou para Canaã em obediência a Deus (Gn 12.4).

A Babilônia era um país extenso e estreito, com apenas 65km de largura em seu trecho mais largo, mas com uma área total de, aproximadamente, 13 mil km<sup>2</sup>. Fazia fronteira com a Assíria ao norte, com Elam ao sul, o deserto árabe a oeste, e o golfo persa a sudeste.

#### Da Assíria para a Babilônia

O desenvolvimento da Assíria era intimamente ligado à história da Babilônia. Por volta de 1270 a.C., os assírios dominaram seus vizinhos do sul e, durante os 700 anos seguintes, os assírios dominaram o mundo antigo. Mas, por volta de 626 a.C., um líder babilônio chamado Nabopolasar, finalmente, conquistou a independência de sua nação dos assírios, e a Babilônia começou a se tornar um grande império novamente. Os babilônios, finalmente, derrotaram seus rivais em 612 a.C. ao capturar a capital da Assíria, Nínive (Jn 1.2), abrindo caminho para Nabucodonosor — o filho de Nabopolasar — transformar a Babilônia em um grande império mundial e desenvolver a capital da Babilônia como uma das principais cidades do mundo.

Nabucodonosor ordenou a destruição de Jerusalém em 585 a.C. e capturou os cidadãos líderes de Judá e os levou para o exílio. No entanto, durante o período deste cativo, os persas surgiram como potência mundial e o império babilônico saiu de cena.



fronteiras da graça de Deus na história e se desqualificaram para qualquer outra consideração.

O ponto onde não há mais retorno foi alcançado.  
O que permaneceu, no entanto, foi uma expressão

final da iniciativa divina para dias futuros, sugerida no decreto de Ciro (2 Cr 36.23) e mais clara nas declarações dos profetas (Lv 26.40-45; Is 40.1,2; 49.14-23; Jr 31.1-40; Ez 36.16 — 39.29; Zc 14.1-21).

**36.17-19** — O rei dos caldeus (babilônios) era Nabucodonosor, o qual reinou de 605 a 562 a.C. Ele tornou-se um instrumento do juízo de Deus durante os últimos anos de Judá e no exílio (Dn 2.37,38; 5.18,19).

**36.20** — Até ao tempo do reino da Pérsia. Ciro conquistou a Babilônia em 539 a.C. e permitiu que os judeus retornassem para Jerusalém no ano seguinte.

**36.21** — Em dois lugares (Jr 25.12; 29.10), Jeremias profetizou o exílio e sua duração (Dn 9.2).

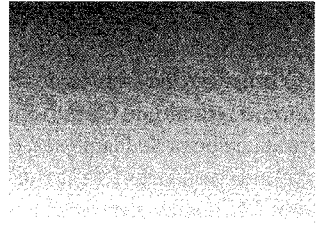
**Sábados.** De acordo com a Lei de Moisés, a terra deveria ficar sem cultivo a cada sete anos (Lv 25.4), período conhecido como o Ano Sabático. O exílio de Judá na Babilônia permitiu que a terra desfrutasse dos sábados que ela tinha perdido (Lv 26.33-35).

**36.22** — A expressão *no primeiro ano de Ciro* refere-se ao seu primeiro ano como governador da Babilônia, e não seu primeiro ano sobre a Média e a Pérsia em 550 a.C. Doze anos mais tarde, ele colocou a Babilônia sob seu controle e emitiu seu famoso decreto, conhecido no Antigo Testamento (leia também Esdras 1.2-4) e no Cilindro

de Ciro. Este foi seu primeiro ano de envolvimento com o povo judeu. Os 70 anos de Jeremias foram de 609 a 539 a.C. aproximadamente.

*Despertou o SENHOR.* Ciro não somente foi um monarca poderoso, mas também, um instrumento pelo qual Deus libertou Seu povo do exílio, fez com que os israelitas retornassem para sua terra e reconstruiu o templo (Is 44.28 — 45.1).

**36.23** — O SENHOR, *Deus dos céus, me deu.* De acordo com seu próprio relato no Cilindro de Ciro, o deus que chamou e abençoou Ciro foi Marduque, deidade principal do panteão de deuses babilônios. Como era um documento para leitores babilônios, sua referência a Marduque é compreensível. A Bíblia atribui o sucesso dele ao Senhor vivo. Foi o próprio Deus quem deu soberania para Ciro, ordenou que ele reconstruísse o templo de *Jerusalém* e o inspirou a libertar os judeus para voltarem para o próprio país. Não foi como se Ciro tivesse-se convertido ao judaísmo. Como Nabucodonosor (Dn 2.47; 3.28,29; 4.34-37) e Dario, o medo (Dn 6.26,27), Ciro estava disposto a incluir o Deus de Israel entre os deuses que ele reconhecia e exaltava. O templo e a cidade santa estavam em ruínas, mas o Senhor não havia terminado ainda. Ele estava prestes a levar os israelitas para sua terra e renovar Suas promessas para salvá-los e restaurá-los.



O livro de

---

# Esdras

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Esdras é um testemunho extraordinário da fidelidade do Senhor ao Seu povo. Com Neemias — copeiro judeu que recebeu do rei Artaxerxes autorização para reedificar os muros de Jerusalém — o sacerdote e escriba Esdras descreve os acontecimentos que levaram os judeus a retornarem do cativeiro na Babilônia, bem como as experiências desanimadoras daquela pequena comunidade no universo árduo pós-invasão da Terra Prometida. Por meio de cada experiência, Deus provou ser fiel; afinal, com a liderança de Esdras e Zorobabel, o Altíssimo cumpriu Suas promessas anunciadas por Seus profetas, trazendo da Babilônia o Seu povo, que reconstruiria o templo em Jerusalém, e renovando a esperança de que o reino davídico seria restaurado.

Em 539 a.C., Ciro, rei da Pérsia, derrotou o império babilônico e, diferente dos governantes anteriores, permitiu que os cativos retornassem às respectivas terras natais e vivessem de acordo com as próprias tradições culturais e religiosas. Ao mesmo tempo, todos esses povos permaneceram como parte integrante do império persa, sujeitos ao imperador.

Os judeus tinham sido exilados para a Babilônia em três etapas, e retornaram com a permissão dos persas também em três estágios. Zorobabel liderou o primeiro grupo de israelitas que regressou a Jerusalém (538 a.C.) e começou a reconstruir o templo (Ed 1—6). Esdras conduziu o segundo grupo (458 a.C.) e instituiu uma série de reformas (Ed 7—10). Por fim, Neemias comandou a terceira equipe



(444 a.C.) e reconstruiu o muro ao redor de Jerusalém (Ne 1—6).

O trabalho de restauração do templo teve seu início no reinado de Ciro (536 a.C.), continuou durante a época de Cambises, e foi concluído no sexto ano de Dario I (515 a.C.). A carreira de Esdras e Neemias como restauradores abrange os reinos de Artaxerxes, o Longânimo (464—424 a.C.), e Dario II (423—405 a.C.).

Os livros de Esdras e Neemias são um só na Bíblia hebraica e devem ser estudados juntos para uma melhor compreensão do regresso dos exilados na Babilônia para Jerusalém. A narrativa combinada apresenta a história do retorno dos judeus em dois períodos, cada um marcado por duas proeminentes obras e lideranças: (1) a reedificação do templo sob a liderança de Zorobabel e de Josué como sacerdote (538—515 a.C.); e (2) a restauração da adoração a Deus e a reconstrução dos muros de Jerusalém sob a liderança de Esdras e Neemias (458—420 a.C.).

O livro de Esdras, todavia, não é apenas uma sequência de fatos históricos sobre a volta dos exilados. A narrativa revela como Deus cumpriu Suas promessas anunciadas pelos profetas, assegurou que Seu povo retornasse do exílio na Babilônia e reconstruísse o templo e os muros da cidade, bem como restaurasse os padrões da verdadeira adoração e preservasse a comunidade recém-reunida de novas recaídas nos costumes e na idolatria dos gentios. Por intermédio dos profetas e líderes que o Senhor convocou, Deus conservou um pequeno grupo de remanescentes judeus e cuidou dele.

A maravilhosa realidade da restauração do povo de Deus, prometida por Ele próprio (Jr 27.22), está registrada com detalhes no livro de Esdras. Os remanescentes não apenas regressaram para as ruínas devastadas de Jerusalém, mas voltaram com uma esperança, plantada no coração por Deus, de reconstruir a nação. Com uma determinação gerada pelo Senhor, reconstruíram completamente o templo. Então, Ele enviou Esdras e Neemias para exortá-los a obedecer à Lei divina de todo o coração. Enquanto os judeus reconstruíam os muros da cidade, o Altíssimo

estava restaurando a fé genuína no coração deles, a fim de que pudessem, de forma sincera, adorá-lo.

A mensagem para a época de Esdras, assim como para a nossa, é que o Deus de Israel é fiel às Suas promessas. Ele restaurará por completo o Seu povo quando este se voltar para Ele.

O livro de Esdras não menciona o nome do seu autor, mas a tradição judaica atribui sua autoria a Esdras, bem como a autoria dos livros de Crônicas e do de Neemias. Os estudiosos modernos geralmente concordam com esta tradição.

Apesar de algumas diferenças, os livros de Crônicas, de Esdras e de Neemias estão inter-relacionados. Os tópicos sobre o templo e os levitas, além do foco nas listas de pessoas que retornaram do exílio, aparecem nos três. Na Bíblia hebraica, o livro de Esdras e o de Neemias são um só. Dessa forma, parece que apenas um autor compilou as três obras.

O fato de Esdras ser o principal personagem de grande parte do livro homônimo concede alguma credibilidade à hipótese de ser dele a autoria da obra. Esdras participou dos acontecimentos descritos na segunda metade do livro de Esdras (cap. 7—10), assim como dos acontecimentos relatados em parte do livro de Neemias (cap. 8—10). As passagens estão redigidas na primeira pessoa e fornecem descrições detalhadas e nítidas, as quais indicam uma testemunha ocular como o autor. É normalmente aceito que, pelo menos, esses capítulos foram extraídos das memórias de Esdras.

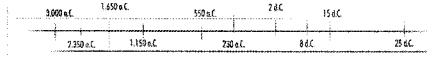
Por outro lado, a primeira metade do livro registra acontecimentos que ocorreram quase 60 anos antes de Esdras voltar para Judá. Se ele compilou os escritos, teve de consultar outras fontes para redigir aquelas passagens. De fato, grande parte do livro de Esdras consiste de informações obtidas de outros textos oficiais: (1) o decreto de Ciro (Ed 1.2-4); (2) a lista de utensílios do templo (Ed 1.9-11); (3) a lista dos que retornaram para Jerusalém (Ed 2.2-58); (4) a carta para Artaxerxes (Ed 4.11-16); (5) a resposta de Artaxerxes (Ed 4.17-22); (6) o relatório de Tatenai (Ed 5.7-17); (7) o decreto de Ciro

(Ed 6.2-5); (8) a resposta de Dario (Ed 6.6-8); (9) a genealogia de Esdras (Ed 7.1-5); (10) a autorização de Artaxerxes (Ed 7.12-26); (11) a lista dos chefes dos clãs (8.1-14); e (12) a lista dos envolvidos em casamentos mistos. Mais da metade do livro de Esdras consiste de documentos oficiais e listas.

Além disso, o livro é escrito em duas línguas: a maior parte da correspondência real nele encontrada é redigida em aramaico, a língua internacional do mundo persa, enquanto as partes mais narrativas estão em hebraico. Em suma, o livro de Esdras é o trabalho de um compilador que, obviamente, pode ter sido o escriba Esdras.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM ESDRAS



- Ano 586 a.C. — Os babilônios tornam Judá cativa
- Ano 559—530 a.C. — Ciro reina na Pérsia
- Ano 539 a.C. — Ciro conquista a Babilônia
- Ano 538 a.C. — Os judeus começam a retornar para a Judéia
- Ano 536—515 a.C. — O templo é reconstruído
- Ano 521—486 a.C. — Dario I reina na Pérsia
- Ano 520 a.C. — Ageu e Zacarias começam a profetizar
- Ano 485—465 a.C. — Assuero (Xerxes) reina na Pérsia
- Ano 464—424 a.C. — Artaxerxes, o Longânimo, reina na Pérsia
- Ano 458 a.C. — Esdras lidera um grupo de regresso
- Ano 444 a.C. — Neemias lidera um grupo de regresso



## ESBOÇO

- I - O regresso do primeiro grupo de exilados e a reconstrução do templo — 1.1—6.22
  - A - O regresso do primeiro grupo de exilados — 1.1—2.70
  - 1 - O decreto de Ciro — 1.1- 11
  - 2 - O censo dos que regressaram — 2.1-70
- B - A reconstrução do templo — 3.1—6.22
  - 1 - O início da reconstrução — 3.1-13
  - 2 - A interrupção da reconstrução — 4.1-24

- 3 - O reinício da reconstrução — 5.1-17
- 4 - O término da reconstrução — 6.1-22
- II - O regresso do segundo grupo de exilados e as reformas de Esdras — 7.1-10.44
  - A - O regresso do segundo grupo de exilados — 7.1—8.36
    - 1 - O decreto de Artaxerxes — 7.1-28
    - 2 - O regresso de Esdras — 8.1-36
  - B - A dissolução dos casamentos mistos dos israelitas — 9.1—10.44
    - 1 - A confissão de Esdras — 9.1-15
    - 2 - Esdras confronta o povo — 10.1-44

## COMENTÁRIO

1.1 — O primeiro ano de Ciro é uma referência ao primeiro ano do reinado dele na Babilônia. Em 539 a.C., Ciro, o Grande, fundador do importante império persa, conquistou a Babilônia sem lutas. Ele reinou como rei da Pérsia de 559—530 a.C.

Para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias. Jeremias tinha profetizado que o cativeiro babilônico duraria, pelo menos, 70 anos (Jr 25.11; 29.10) e que, depois, o Senhor julgaria a Babilônia (Jr 25.12-14). Isto de fato ocorreu.

O pregão de Ciro foi proclamado pelos arautos nas principais cidades do império e também informado publicamente *por escrito*. Este pregão era preservado nos registros oficiais da Pérsia (Ed 6.1).

1.2 — O Senhor, Deus dos céus. Após a destruição de Jerusalém, Deus era mais identificado como Aquele que habitava entre os querubins (1 Sm 4.4; 2 Sm 6.2) do que com o templo. Os persas não conseguiam entender que havia um Deus de Israel específico, mas eles o reconheciam apenas como um entre outros deuses. No entanto, a frase Senhor, Deus dos céus indica que o Altíssimo não é apenas mais um, mas o Deus, ou seja, que apenas Ele é Deus. O fato de Ciro ter usado esta

designação para o Senhor sugere que Ele era assistido por conselheiros judeus. [Ciro disse:] *Ele [Deus] me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém*. Mais de 100 anos antes de Ciro emitir este decreto, Isaías profetizou que este rei daria tal ordem (Is 44.28; 45.1).

1.3 — *Ele é o Deus que habita em Jerusalém*. Ao dizer isto, é como se Ciro estivesse falando como um politeísta que simplesmente reconhecia que o Deus de Israel devia ser adorado em Jerusalém.

1.4 — Os homens do seu lugar o ajudarão. O auxílio que os israelitas receberiam de seus vizinhos não-judeus na reconstrução do templo é similar à ajuda que uma geração anterior havia recebido dos egípcios antes do êxodo (Êx 12.35,36). De certa forma, a saída da Babilônia rumo a Jerusalém, com o objetivo de reconstruir o templo, era um segundo êxodo (Is 43.14-21; 48.20,21).

1.5 — *Despertou* é a mesma palavra hebraica para *moveu*. O verbo significa suscitar ou levantar (Is 45.13; Ag 1.14; Zc 4.1).

1.6 — *Todos os que habitavam nos arredores* incluíam os vizinhos não judeus (Ed 1.3), assim como os judeus que queriam permanecer na Babilônia.

1.7 — *Também o rei Ciro tirou*. O povo que retornou para Jerusalém foi ajudado não só por seus vizinhos, mas pelo próprio rei, Ciro, o qual ordenou a devolução dos utensílios do templo que tinham



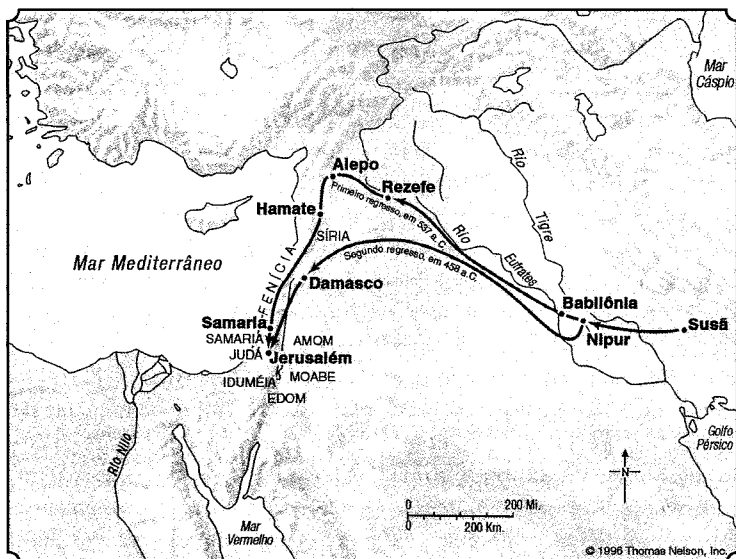
### PERFIL

#### CIRO, O REI DA PÉRSIA

Cento e quarenta anos antes de Ciro emitir o decreto permitindo que os israelitas retornassem à sua terra natal, Isaías profetizou que um homem chamado Ciro daria tal ordem (Is 44.28; 45.1). Mais de um século antes de Ciro, o Grande, fundador do império persa e da dinastia Aquemênida, ter nascido, por revelação divina, Isaías chamou-o pelo nome! De fato, tal profeta citou a Palavra de Deus com este objetivo: *Eu a ti te chamarei pelo teu nome; pus-te o teu sobrenome, ainda que não me conhecesse* (Is 45.4).

Flávio Josefo, um historiador judeu do primeiro século, afirmaria, tempos depois, que foi mostrada a Ciro a profecia registrada em Isaías 44.28—45.1, e um desejo e ambição ardentes tomaram conta de Ciro para cumprir o que estava escrito (Antiq. 11.1). Se esta história for real, é possível que tenha sido Daniel quem mostrou a profecia de Isaías a Ciro (Dn 6.28; 9.1,2; 10.1).

Certamente, os decretos de Ciro devem ter feito parte de uma estratégia militar inteligente. Àquela altura, ele ainda não tinha conquistado o Egito. Então, o assentamento de um povo leal [os judeus] entre ele e os egípcios seria inteligente. Era um novo posicionamento político. Pela primeira vez, em centenas de anos, um rei permitiria que um povo subjugado regressasse à sua terra de origem. O propósito das Escrituras, no entanto, é afirmar que Deus estava agindo por intermédio desse poderoso rei do mundo antigo. Ele falou com Ciro mediante Sua Palavra (Ed 1.2) e moveu-o em seu íntimo (v. 1). Por intermédio de Ciro, o Senhor estava cumprindo Sua vontade de libertar graciosamente Seu povo do cativeiro.



### O regresso do exílio

Quando Ciro, o Persa, tomou a Babilônia em 539 a.C., abriu-se caminho para que os cativos de Judá começassem a regressar para sua terra natal. O decreto de Ciro em 538 a.C. permitiu aos exilados judeus não apenas voltar para Judá, mas também reconstruir o templo. Enquanto havia provavelmente várias caravanas de expatriados retornando, duas expedições principais foram registradas: a primeira, liderada por Sesbazar, ocorreu logo após o decreto, possivelmente em 537 a.C.; a segunda, comandada por Esdras, data de 458 a.C.

side levados por Nabucodonosor (2 Rs 24.1-7, 11-13; 2 Cr 36.5-7, 9,10, 13-19; Dn 1.2).

1.8 — *Mitredate, o tesoureiro.* Não se trata do mesmo Mitredate mencionado em Esdras 4.7. O nome *Sesbazar* aparece apenas em duas passagens (Ed 1.8-11; 5.14-16), ambas relacionadas às ações persas oficiais. Por outro lado, o nome *Zorobabel* é usado em passagens relacionadas à atividade judaica. O texto de Esdras 5.2,16 parece identificar *Sesbazar* e *Zorobabel*. É possível que o primeiro fosse um nome pelo qual *Zorobabel* era conhecido nos círculos persas, mas há ainda outras duas possibilidades: (1) Alguns sugerem que, após a morte de *Sesbazar*, seu trabalho teria sido continuado por *Zorobabel*; (2) outros sugerem que *Sesbazar* é outro nome dado a *Senazar* (1 Cr 3.18), tio de *Zorobabel*.

A expressão *príncipe de Judá* significa que ele pertencia à linhagem real davídica. *Zorobabel* era neto do rei *Jeoaquim*. Em 1 Crônicas 3.17-19, ele é chamado de filho de *Pedaías*, em

vez de *Sealtiel*. Pode ser que este tenha morrido sem filhos e seu irmão *Pedaías* tenha casado com a sua viúva, seguindo o costume do levirato (Dt 25.5-10; 1 Cr 3.18).

1.9-11 — A lista dos objetos separados nos v. 9 e 10 — os quais pertenciam à casa do Senhor, em *Jerusalém*, e de lá haviam sido retirados por Nabucodonosor — totaliza 2.499 itens. No entanto, a soma de *todos os utensílios* dada no v. 11 é 5.400 peças. Provavelmente, os v. 9 e 10 listam apenas os itens maiores e mais importantes que foram transportados de volta para *Jerusalém*.

2.1-70 — Aqui estão os nomes e números do povo judeu que decidiu regressar para *Jerusalém* (Ed 2.1-67), assim como as ofertas e funções dos que para lá retornaram (v. 68-70). A não ser por algumas variações, o conteúdo desse capítulo é reproduzido em *Neemias* 7.6-73 (Veja as diferenças nos v. 1, 2, 64, 69).

2.1 — A designação *os filhos da província* refere-se ao povo de Judá (Ed 5.8; Ne 1.2,3; 11.3).

O uso desse título provavelmente indica que o registro do cap. 2 foi compilado na Babilônia. A lista de Neemias encontrada no cap. 7.4-73 de seu livro teria sido compilada após sua chegada em Jerusalém, o que explicaria algumas das diferenças entre os dois registros. *Para a sua cidade* significa a cidade na qual a família de alguém tinha vivido.

**2.2** — Os homens listados nesse versículo eram os líderes da expedição. *Jesua* era Josué, o sumo sacerdote (Ag 1.1; Zc 3.1). *Neemias*, aqui registrado como um líder, não era o mesmo que havia reconstruído o muro de Jerusalém 90 anos antes. *Mordecai* não era o homem de igual nome que figura de forma tão destacada no livro de Ester. *Neemias* fornece uma listagem parecida (Ne 7.7), a qual apresenta algumas diferenças de grafia e a inserção de um novo nome: o líder Naamani. Aqueles que regressaram para Jerusalém foram chamados de *povo de Israel*, e não de Judá, porque, neles, todas as doze tribos de Israel estavam representadas.

**2.3-20** — Esses versículos contêm os nomes das famílias que regressaram para Jerusalém, bem como o respectivo número de integrantes. Possivelmente, eles teriam sido o povo cujas casas ficavam na cidade de Jerusalém.

**2.21-35** — Esses versículos listam os nomes dos que regressaram de acordo com suas cidades. Repare que Jerusalém não está relacionada. Talvez o registro trate primeiro dos habitantes de Jerusalém (Ed 2.2-20) e, por isso, concentre-se nos moradores de fora dessa cidade.

**2.36-39** — A soma total de *sacerdotes* é 4.289. Este número consistia em cerca de dez por cento dos remanescentes que estavam regressando. Como mestres da Lei e como aqueles que lideravam a adoração no novo templo, os sacerdotes eram indispensáveis para o restabelecimento dos serviços do templo. Para que o culto a Deus fosse restaurado, o povo tinha de receber instrução para render ao Altíssimo a verdadeira adoração.

**2.40** — Os levitas auxiliavam os sacerdotes no templo e ensinavam a Lei ao povo (Ne 8.7-9). Comparados ao número de sacerdotes que regressaram para Jerusalém (Ed 2.36-39), é impressio-

nante como poucos levitas foram com eles (outros levitas estão incluídos em uma lista especial nos v. 41,42). De acordo com 1 Crônicas 23.4, durante a época de Davi, 24 mil levitas estavam envolvidos na adoração a Deus.

**2.41** — Os *cantores* eram os levitas responsáveis por louvar o Altíssimo com músicas (1 Cr 15.16). Embora apenas 128 deles tenham regressado para Jerusalém, no passado, o número de pessoas para *louvarem o SENHOR com os instrumentos* no templo de Salomão chegou a quatro mil (1 Cr 23.5).

**2.42** — Os *porteiros*, que também eram levitas (1 Cr 26.1-19), impediam que pessoas não autorizadas entrassem na área restrita do templo. Havia 139 deles no regresso para Jerusalém sob a liderança de Zorobabel; compare este número com os quatro mil porteiros que guardavam o templo durante a época de Salomão (1 Cr 23.5).

**2.43-50** — O termo *netineu* significa *aquele que dá* ou *aquele que serve*. Em 1 Crônicas 9.2, os netineus são diferenciados dos sacerdotes e dos levitas. A tradição judaica identifica-os com os gibeonitas designados por Josué para auxiliar os levitas nas tarefas mais subalternas (Js 9.27).

**2.51-55** — Os *filhos dos servos de Salomão* estão relacionados aos netineus (Ed 2.43). Os dois grupos estão somados juntos (v. 58; Ne 7.60). Os *filhos dos servos de Salomão*, provavelmente, provinham dos habitantes de Canaã na época de Salomão — ou seja, eram descendentes dos amorreus, heteus, ferezeus, heveus e jebuseus, os quais Salomão havia contratado para construir o templo (1 Rs 5.13).

**2.56-63** — Os que, nesses versículos, são mencionados tiveram permissão para regressar a Jerusalém, embora não pudessem provar sua origem judaica. Porém, sem ter como evidenciar sua genealogia, *foram rejeitados do sacerdócio*, de acordo com a Lei de Moisés (Nm 16.1-40). O *governador Zorobabel foi cuidadoso em seguir a Lei* anunciando que os candidatos a sacerdote *não comessem das coisas sagradas*, o que significava que eles não deviam participar das funções sacerdotais. O *Urim* e o *Tumim* eram pedras sagradas usadas para determinar a vontade divina (Êx 28.30).

**2.64** — *Quarenta e dois mil trezentos e sessenta*. Os números individuais listados no cap. 2 somam



## ENTENDENDO MELHOR

### NOVAS RAZÕES PARA A REALIZAÇÃO DE UM CENSO

Ao longo da história, dados têm sido levantados pelos mais diversos censos e usados pelos governos com diferentes propósitos: por exemplo, alistar soldados para o serviço militar, recolher taxas de impostos e recrutar trabalhadores para projetos no serviço público. Na época do sacerdote Esdras, quando se realizou um censo dos judeus que regressaram da Babilônia para a Palestina (Ed 2.1), os resultados foram utilizados com novas e interessantes finalidades, a saber:

**(1)** A devolução dos bens aos seus legítimos donos. Em gerações anteriores, Moisés havia feito um levantamento do número de israelitas quando estes se preparavam para entrar em Canaã, com o objetivo de obter dados para auxiliarem na divisão da terra entre as tribos de Israel (Nm 26). Tempos depois, quando estas tomaram posse da terra, estabeleceram-se nos territórios que receberam (Js 13 — 19).

A partir de então, a terra de cada família devia permanecer com ela própria. De fato, um intrincado conjunto de leis foi estabelecido para assegurar permanentemente que nenhuma família perdesse sua terra. Dessa forma, quando os exilados regressaram, era importante que fossem capazes de traçar sua linhagem, para, assim, verificar as reivindicações por terras, ou, no caso dos sacerdotes e dos levitas, pelas cidades dos levitas (Ed 2.3-58). Determinados sacerdotes que não podiam provar sua herança tiveram de esperar até que fosse possível um deles consultar o Todo-poderoso em relação à situação em que se encontravam (Ed 2.59-63; Ne 7.61-65).

**(2)** A obtenção de recursos para a reconstrução do templo. Indiretamente, o censo tornou-se uma ocasião para que os que regressaram dessem ofertas voluntárias, as quais seriam usadas na reconstrução do novo templo (Ed 2.68,69).

**(3)** A remodelagem e o repovoamento de Jerusalém. Vários anos mais tarde, Neemias analisou o censo quando percebeu como a cidade estava vazia (Ne 7.4,5). Então, o povo lançou sortes para tirar um décimo da população de Judá e mudá-la para a cidade-capital, a fim de recuperar sua vida pública (Ne 11.1,2).

apenas 29.818. É possível que a soma maior incluía as mulheres, que não foram nomeadas nas listas.

**2.65** — Os cantores relacionados aqui não eram os do templo (v. 41). Havia cantores profissionais contratados para banquetes, festas e funerais (2 Cr 35.25; Ec 2.7,8), e sua presença podia denotar luxúria (2 Sm 19.35). Parece que vários judeus tinham alcançado prosperidade enquanto viviam na Babilônia, afinal, esse povo não foi escravizado no exílio; apenas tinha sido impedido de retornar para sua terra natal.

**2.66** — O grande número de cavalos listado aqui também sugere riqueza entre os que regressaram para Jerusalém. Antes dessa época, Israel usava esse animal somente na guerra e em cerimônias. Apenas os muito ricos e bem armados possuíam cavalos. Os ricos também possuíam mulos, já que eram escassos em Israel.

**2.67** — Os animais de carga eram os camelos, os quais eram caros, e os jumentos, usados pelas classes mais pobres.

**2.68** — *Vindo à Casa do SENHOR*. Antes mesmo que o povo se instalasse em suas casas (v. 70),

a primeira atitude tomada por vários dos que voltavam para Jerusalém foi contribuir com ofertas para a reconstrução do templo.

**2.69** — Esdras, assim como Neemias (Ne 7.70-72), registra a quantidade de ouro, prata e vestes doados para a reconstrução do templo. No entanto, as quantidades por eles informadas diferem entre si. Ao que tudo indica, a lista de Esdras arredonda os números, enquanto a de Neemias aponta detalhes mais precisos. É possível também que as duas listagens tenham sido apresentadas em épocas diferentes de contagem — talvez na Babilônia e, então, mais tarde, em Jerusalém. *Daricos* eram moedas persas de ouro, que pesavam cerca de dois décimos de uma onça, o peso de uma moeda de 25 centavos. *Cinco mil arráteis* correspondiam a cerca de três toneladas de prata.

**2.70** — *Os sacerdotes, e os levitas [...] e todo o Israel*. Representantes de toda a nação (as 12 tribos) estavam, agora, de volta à terra. O processo se dava conforme as promessas de Deus podiam começar a ser cumpridas. Existe esperança messiânica na expressão *todo o Israel*.

**3.1** — O sétimo mês era sagrado para o povo judeu: em seu primeiro dia, era realizada a Festa das Trombetas (Nm 29.1-6); no décimo, comemorava-se o Dia da Expição (v.7-11), e, no décimo quinto dia, a Festa dos Tabernáculos (v.12-38). A expressão *como um só homem* significa que o povo chegava com o desejo comum de adorar a Deus (Ed 3.9).

**3.2,3** — *Jesua* era o sacerdote Josué (Ag 1.1; Zc 3.1); o nome de seu pai, *Jozadaque*, também recebia a seguinte grafia: Jeozadaque (1 Cr 6.14; Ag 1.1).

**3.4** — Em obediência à Palavra de Deus, os israelitas observavam a *Festa dos Tabernáculos*, ou das Tendas, que comemorava a viagem da primeira geração no deserto (Nm 29.13-38).

**3.5,6** — O *holocausto contínuo* era o sacrifício diário, da manhã e da tarde (Êx 29.38-42). Os sacrifícios *das luas novas* não faziam parte das festas narradas em Levítico 23, mas faziam parte da adoração de Israel (2 Rs 4.23; Am 8.5). As *solenidades* descritas em Levítico 23 incluíam: (1) o Sábado (v.3); (2) a Páscoa (v. 5), seguida pela Festa dos Pães Asmos (v.6-8); (3) a Festa das Primícias (v.9-14); (4) o Pentecostes (v.15-22); (5) a Festa das Trombetas (v.23-25); (6) o Dia da Expição (v.26-32) e a Festa dos Tabernáculos (v.33-44). De acordo com 2 Crônicas 8.13, anualmente, havia três grandes festas solenes: a Festa dos Pães Asmos (junto com a da Páscoa), o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos. Provavelmente, esta é a lista que se pretende aqui. As *ofertas voluntárias* eram doadas nos dias festivos (Dt 16.10, 16-17) e a qualquer hora que o povo judeu desejasse (Nm 15.3).

**3.7** — Salomão, quando construiu o primeiro templo, comprou materiais de Sidom e Tiro, embarcou-os para Jope e pagou por eles com grãos, vinho e azeite (2 Cr 2.10-16).

**3.8,9** — A construção do templo de Salomão começou no segundo mês do quarto ano de seu reinado (1 Rs 6.1). Da mesma forma, a construção do segundo templo começou no segundo mês. *De vinte anos e daí para cima*: A Lei exigia que os levitas tivessem pelo menos 30 anos de idade antes de entrarem para o serviço no templo (Nm 4.1-3).

Tempos depois, a idade mínima foi reduzida para 25 anos (Nm 8.24). Finalmente, Davi a diminuiu para 20 anos (1 Cr 23.24,27). A idade mínima exigida permitiu que mais levitas entrassem para o serviço no templo. Essa provisão foi vital devido ao pequeno número de levitas que fizeram a viagem de volta para Jerusalém (Ed 2.40).

**3.10,11** — Os que regressaram para Jerusalém celebraram a colocação do alicerce do templo quase do mesmo modo como a geração anterior tinha celebrado o primeiro templo (2 Cr 5.13). Em duas vozes cantava o coral. Um grupo cantava: *Porque Ele é bom*; e o outro respondia: *Porque a sua misericórdia dura para sempre* (Ne 12.31).

**3.12,13** — O templo de Salomão foi destruído em 586 a.C., e o acontecimento narrado nesta passagem bíblica se deu cerca de 50 anos depois. Os *velhos* puderam lembrar-se da grandeza do primeiro templo e *choraram*.

**4.1** — Os *adversários de Judá* eram os samaritanos. *Esar-Hadom* (Ed 4.2), que reinou na Assíria de 681-669 a.C., havia transportado os líderes judeus do Reino do Norte para outras nações e implantado a ocupação da Palestina por povos sírios e seus associados, a fim de assegurar seu domínio sobre Israel. Esses homens e mulheres estrangeiros casaram com os judeus que permaneceram na região. Sua descendência mista deu origem aos samaritanos.

*Judá e Benjamim*: o Reino do Sul de Judá, também chamado de Nação de Judá e Simeão, incluía ainda a terra de Benjamim, onde se localizava Jerusalém.

**4.2** — *Buscaremos a vosso Deus*. Os samaritanos não usaram o nome apropriado para Deus — Jeová —, talvez sugerindo que seu entendimento acerca do Senhor ainda era completamente insignificante. Como resultado, eles introduziram o perigoso sincretismo, que consiste na mistura da verdadeira adoração a Deus com a veneração de falsos deuses. Esse era o pecado que, a princípio, havia causado a deportação dos israelitas.

**4.3** — *Não convém que vós e nós edifiquemos casa a nosso Deus*. Esta advertência não se trata de uma recusa rude, mas, sim, de uma rejeição justa. Os que se prontificaram a ajudar o povo que voltou do cativeiro não eram amigáveis, mas adversários

(Ed 4.1). Ainda que oferecessem sacrifícios ao Senhor, eram idólatras, pois também serviam a outros deuses (2 Rs 17.29-35).

**4.4,5** — O povo da terra é outra maneira de referir-se aos samaritanos, que se tornaram inimigos diligentes do programa de reconstrução de Israel nos vários anos seguintes. Debilitaram o povo judeu, talvez com ameaças e tentativas de corte de suprimentos, e *alugaram* contra ele conselheiros ou advogados, provavelmente para apresentá-los contra a comunidade judaica na corte persa, persistindo com esses ataques *até ao reinado de Dario*, cerca de 14 anos depois.

**4.6** — Quando Dario I morreu (486 a.C.), seu filho Assuero, cujo nome grego era Xerxes, reinou em seu lugar (485-465 a.C.). Trata-se do mesmo rei apresentado no livro de Ester. No início de seu governo, os samaritanos escreveram-lhe uma carta esperando que ele impedisse os judeus de concluírem a obra no templo. Ao que tudo indica, não obtiveram nenhum êxito com a missiva.

**4.7,8** — Artaxerxes, o Longânimo (464-424 a.C.), foi o sucessor de seu pai, Xerxes, e, igualmente, recebeu uma carta dos samaritanos contra os judeus (Ed 4.6). A referida correspondência estava escrita em caracteres aramaicos e foi traduzida, ou lida em voz alta em aramaico. Como a que os samaritanos enviaram a Assuero, esta missiva também foi ignorada.

**4.8—6.18** — Esse trecho foi redigido em aramaico.

**4.9,10** — Por meio desses dois versículos, notamos que a carta dos samaritanos refletia o ponto de vista de toda a província. O início da correspondência, repleta de retórica e floreios, foi planejado para pressionar politicamente o rei da Pérsia. *Osnapar* provavelmente era outro nome para Assurbanipal, rei da Assíria (669-626 a.C.) que completou a transferência iniciada por Esar-Hadom (Ed 4.2). O rio mencionado é o Eufrates.

**4.11** — *Teus servos* é um termo técnico para vassallos. Ao incluí-lo na introdução da carta, os homens estavam declarando ao rei sua lealdade e informando a rebelião do povo judeu. É provável que a expressão *em tal tempo* signifique e **agora** (Ed 4.10).

**4.12,13** — *A rebelde e malvada cidade*. A rebelião à qual os samaritanos se referem foi o longo período em que os exércitos da Babilônia foram forçados a cercar Israel. *Vão restaurando os seus muros*: os judeus talvez tivessem dado início à construção dos muros da cidade, mas ainda faltava muito para terminá-los. Inclusive, eles não concluíram a obra até muitos anos depois (Ne 6).

**4.14,15** — Os samaritanos sugeriram ao rei procurar, em seus registros oficiais, para ver que Jerusalém tinha sido destruída no passado por causa de rebelião — o que é verdade. O rei babilônico Nabucodonosor tinha conquistado Jerusalém anos antes porque ela havia se rebelado contra ele.

**4.16** — A carta dos samaritanos concluíam com uma advertência de que, se o rei não interrompesse os judeus, ele perderia não só a renda, mas também o domínio sobre Jerusalém e a região além do rio Eufrates.

**4.17** — No contexto, a palavra *paz* é usada em relação ao tratado que existia entre o rei e seus vassallos (Ed 5.7).

**4.18** — O termo traduzido como *explicitamente*, que em aramaico é *meparash*, é parecido com o termo hebraico *meporash* (Ne 8.8), que quer dizer *explicando*. Uma nuance dessa palavra significa *explicar mais detalhadamente*. A carta, então, foi lida para o rei e completamente explicada.

**4.19** — Uma busca nos registros oficiais do rei confirmou a alegação dos samaritanos a respeito de uma *rebelião e sedição* por parte do povo de Jerusalém, sem dúvida, referindo-se às revoltas no reinado de Jeoquim, Joaquim e Zedequias (2 Rs 24.1-20). O fato de essas revoltas terem sido contra a Babilônia — e não em oposição à Pérsia — não era importante. Os persas tinham se tornado os herdeiros do império babilônico, e eles levariam a sério um relatório como esse.

**4.20** — O governante persa também descobriu que os reis judeus haviam *dominado* uma grande região. Tanto Davi quanto Salomão tinham possuído uma expressiva esfera de governo, e os reis subsequentes aspiraram à antiga glória destes dois.

**4.21,22** — O rei persa Artaxerxes ordenou que o povo judeu *parasse* seu trabalho no templo,





## EM FOCO

## JUDEUS (HB. YEHUDI)

(Ed 5.1; 6.7; Dn 3.8)

O termo *judeu* é popularmente associado ao verbo *yadah* (significando *louvar* ou *dar graças*), com base na bênção de Jacó sobre seu filho Judá em Gênesis 49.8: *Judá, a ti te louvarão os teus irmãos*. Assim, um judeu poderia ser uma pessoa da tribo de Judá (Nm 10.14). Tempos depois, essa designação passou a ser usada diretamente para aqueles israelitas que moravam na região geográfica conhecida como Judá (Jr 7.30).

O emprego do termo *judeu* para os israelitas como povo tornou-se proeminente durante o período pós-exílio. O uso desse termo é também encontrado no Novo Testamento: Jesus é chamado de *Rei dos judeus* (Mt 27.29). Em sua carta aos Romanos, Paulo declara que o verdadeiro judeu é alguém marcado pela *circuncisão do coração* (Rm 2.28,29).

mas deixou aberta a possibilidade de uma futura mudança na política. Anos depois, a pedido de Neemias, a decisão foi revista (Ne 2.1-8).

**4.23,24** — A expressão *à força* pode sugerir que os impositores do edito real teriam demolido parte do muro já restaurado, o que poderia ser uma porção do entulho que Neemias descobriu quando chegou a Jerusalém (Ne 2.12-16).

**5.1** — O profeta Ageu, o qual escreveu o livro do Antigo Testamento que leva seu nome, começou seu ministério no ano 520 a.C. (Ag 1.1). Zacarias, profeta que escreveu outro livro do Antigo Testamento, iniciou seu ministério profético meses depois no mesmo ano (Zc 1.1). Os judeus haviam sido forçados a parar a obra que estava sendo feita no templo (Ed 4.24). Agora, anos mais tarde, Deus restabeleceu o trabalho. Ao instruir Seus profetas a profetizar, Ele esperava que Seu povo respondesse com fé e ação.

A frase *em nome do Deus de Israel lhes profetizaram* é um lembrete da origem e autoridade das profecias, bem como da soberania de Deus; afinal, nenhum rei, a não ser o próprio Senhor, tem domínio da história da humanidade.

**5.2** — Zorobabel, o governador civil, e Jesua — também conhecido como Josué, o sumo sacerdote — lideraram o povo mais uma vez na

reconstrução do templo. Os profetas Ageu e Zacarias uniram-se a eles nesse chamado para a ação.

**5.3** — Quando a reconstrução do templo foi reiniciada, houve, mais uma vez, resistência por parte dos estrangeiros que habitavam em Israel. *Tatenai*, um sátrapa (Ed 8.36), era um *governador regional* — posição que, no império persa, era ocupada por apenas 20 pessoas. Por esse motivo, presume-se que Tatenai era um homem muito poderoso. Zorobabel, como governador de um pequeno distrito de Judá, estava sob a autoridade dele. A posição de *Setar-Bozenai* não é informada, mas, provavelmente, ele era um ajudante ou secretário de Tatenai. O governador regional e sua equipe pessoal visitaram Jerusalém.

**5.4** — A delegação oficial de Tatenai indagou quem havia autorizado a realização do trabalho no templo (Ed 5.3). A resposta nesse versículo apresenta *os nomes dos homens que construíram este edifício*, mas não informa quem tinha permitido a obra.

**5.5** — A expressão *os olhos de Deus* é uma maneira de falar da soberania e providência divinas (Ed 5.1): o Altíssimo estava protegendo cuidadosamente aqueles que obedeciam aos Seus mandamentos. O governador decidiu que não interromperia os trabalhos no templo até que recebesse *uma resposta* do rei. Em outras palavras, Tatenai checou a versão dos líderes judeus sobre o que estava acontecendo.

**5.6** — O *governador* enviou sua carta inquiridora ao rei *Dario* (que reinou de 521—486 a.C.). O fato de Tatenai entrar em contato com o imperador mostra que ele, apesar de seu considerável poder, ainda tinha de agir conforme os costumes e as leis persas.

**5.7,8** — As *paredes* que estavam sendo edificadas com pedras, conforme a descrição nessa carta de Tatenai, eram as do templo, e não os muros da cidade. Os judeus usaram *madeira* para as vigas do telhado e para o chão do templo. A maior parte da construção do templo foi feita de pedras maciças, mas vigas e ripas também foram utilizadas.

**5.9,10** — Os oficiais tinham feito duas perguntas (Ed 5.4): eles queriam saber quem era responsável pela construção, e não apenas os nomes dos que estavam realizando o trabalho.

5.11 — Em seu relatório para Dario, Tatenai demonstrou que tinha aprendido muito com os judeus sobre sua história e seu destino, incluindo uma referência ao *grande rei*, ou seja, Salomão.

5.12 — Embora os judeus reconhecessem que Nabucodonosor havia destruído o primeiro templo, não determinavam a causa ao seu poder, mas aos seus pecados e, em última análise, ao juízo de Deus. Talvez, o uso por Tatenai do título *o Deus dos céus* seja um reconhecimento inconsciente da realidade e da soberania do Senhor.

5.13-16 — Essa parte da carta de Tatenai ao rei Ciro descreve os acontecimentos que ocasionaram o decreto oficial persa para a reconstrução do templo (Ed 1.1-4). Observe que o atraso descrito no cap. 4 não é mencionado aqui. *Sesbazar* pode ter sido o nome persa para Zorobabel. Por outro lado, pode ter sido o príncipe judeu que foi, em primeiro lugar, indicado para liderar os esforços de reconstrução do templo, mas que morreu e foi substituído por Zorobabel (1.8).

5.17 — Aparentemente, a *casa dos tesouros* do rei continha os registros oficiais e — como o próprio nome diz — os tesouros. O pedido de Tatenai, que achassem o decreto original emitido pelo rei Ciro, atrasou a reconstrução. A viagem de Jerusalém para a Babilônia levou oito meses (Ed 7.9), e a procura pelos documentos oficiais também demorou. O processo inteiro pode ter levado por volta de um ano.

6.1,2 — Como sugerido por Tatenai e seus ajudantes (5.17), o rei Dario ordenou que sua equipe procurasse os registros oficiais na chancelaria — ou casa dos livros — para ver se Ciro havia autorizado a reconstrução do templo em Jerusalém.

Aparentemente, nada foi encontrado na *Babilônia*; então, a busca passou a ser feita em *Acmetá*, a residência de verão dos reis persas.

6.3-5 — O rei Dario iniciou a sua resposta a Tatenai citando o decreto do rei Ciro. A proclamação pública de Ciro pode ser encontrada no capítulo 1.2-4.

*A sua altura, de sessenta côvados, e a sua largura, de sessenta côvados.* Embora as dimensões completas não sejam fornecidas, parece que o segundo templo foi construído sobre as pedras fundamentais que ainda estavam no lugar desde a época de Salomão (1 Rs 6.2).

*As três carreiras de grandes pedras e uma carreira de madeira nova.* Assim é descrita a construção do muro do pátio interno (1 Rs 6.36). As pesadas pedras, com as quais Tatenai ficou intrigado (Ed 5.8), foram explicitamente autorizadas.

6.6,7 — *Agora, pois.* Com base na descoberta dos decretos de Ciro, o rei Dario emitiu uma ordem: concluindo que os judeus estavam agindo de forma legal, ordenou que o governo regional cessasse de opor-se a eles.

6.8-10 — *Também por mim.* O rei Dario endossou a ordem de Ciro e adicionou seu próprio decreto. *Dos tributos além do rio:* Tatenai não só foi impedido de interromper a obra do templo, como também teve de financiar o seu término.

6.11,12 — *Também por mim se decreta.* Para garantir obediência, Dario decretou que a violação de sua ordem seria punida com a morte. O termo *pendurado* não significa *pendurado pelo pescoço com uma corda*, mas refere-se ao cadáver do condenado estar preso em um madeiro para exibição pública e como um aviso cruel às outras pessoas.



## VOCÊ SABIA?

### RELIGIÃO OFICIAL?

Em muitos países, os cristãos são minoria e esforçam-se para conseguirem viver em meio à imposição de governos impiedosos ou opressores. Em contraste com esse quadro, os judeus da época de Esdras, que também eram uma minoria no império persa, desfrutavam de liberdade suficiente para regressar para sua terra natal e, lá, reconstruir o templo (Ed 6.3,6,7). O estado persa sancionou oficialmente a religião deles e contribuiu com recursos para o projeto do templo (v.4,8-10). Existem diferentes opiniões ao redor do mundo sobre religiões apoiadas pelo estado. No entanto, se os governos prestam auxílio ou não aos cristãos, as Escrituras exortam que os cristãos de todo lugar devem orar por suas autoridades (1 Tm 2.1,2).

**6.13** — Tatenai, *apressuradamente*, cumpriu as ordens do rei. Não existe indicação de que ele tenha maltratado o povo judeu de forma alguma.

**6.14** — Eles iam *prosperando*. O Altíssimo abençoou o povo porque este ouviu os profetas e a pregação da Palavra de Deus. *Artaxerxes* (464—424 a.C.) ajudou a reconstrução do templo, embora ela tenha sido concluída alguns anos antes que ele assumisse o poder. *Artaxerxes* contribuiu para a prosperidade do templo ao editar um decreto relativo à sua manutenção (Ed 7.15,21).

**6.15** — O templo ficou pronto em 515 a.C., no mês de *Adar*, correspondente a fevereiro/março do nosso calendário.

**6.16** — Celebraram *com alegria*. Algumas pessoas sugerem que os Salmos 145—148 foram usados para festejar o término da reconstrução do templo.

**6.17** — Como aconteceu na consagração do primeiro templo, esta foi também celebrada com uma abundância de *sacrifícios*. Ainda que o número de carneiros e bois oferecidos na consagração do templo de Salomão tenha sido 200 vezes maior (1 Rs 8.63), deve-se observar que, além disso, havia mais gente — e mais ricos — participando dela.

**6.18** — A Lei estabelecia as funções dos *sacerdotes e levitas* (Nm 18). Tempos depois, as *divisões* deles foram instituídas por Davi.

**6.19** — É provável que essa celebração da Páscoa tenha sido excepcionalmente memorável. Desde o cativeiro, essa era a primeira vez que o povo conseguia comemorar de acordo com a Lei: com sacrifícios oferecidos no templo (v. 20).

**6.20** — Os *sacerdotes e levitas se tinham purificado* para que pudessem realizar as obrigações de seu ofício. Os levitas *mataram o cordeiro da Páscoa* por todos e por si mesmos. Originalmente, o cordeiro pascoal era morto pelo chefe de cada família (Êx 12.6). Na época de Ezequias, esse sacrifício era feito pelos levitas por todos que não estivessem purificados (2 Cr 30.17). Na época de Josias, os levitas matavam todos os cordeiros da Páscoa por todos (2 Cr 35.10-15). Desse modo, a observância pascal foi ligeiramente modificada com o passar dos anos, embora ainda fosse observada em seu dia original (compare Êx 12.6 com Ed 6.19).

**6.21** — A designação *nações da terra*, evidentemente, refere-se ao povo que tinha sido levado para a Palestina pelos assírios (Ed 4.4). Os *que a eles se apartavam* eram os israelitas que haviam permanecido na terra durante o cativeiro. A *imundícia* da qual eles se tinham separado era a idolatria praticada pelos pagãos e, talvez, os casamentos com os estrangeiros.

**6.22** — A *Festa dos Pães Asmos* acontecia imediatamente após a Páscoa. O *rei da Assíria* é uma referência a Dario, pois, mesmo que, de fato, fosse o governante da Pérsia, ele podia ser chamado de rei da Assíria porque era o rei do antigo reino da Assíria. Talvez o título *Deus de Israel* tenha sido eficaz em ajudar o povo judeu a adquirir, mais uma vez, o senso de sua verdadeira herança e reacender sua real esperança.

**7.1-5** — *E, passadas essas coisas*. Os acontecimentos do capítulo 6 se deram durante o reinado de Dario. Mais especificamente, o templo ficou pronto e foi dedicado em 515 a.C. O capítulo 7 pula vários anos para o reinado de *Artaxerxes* (464-424 a.C.), já que *Esdras* regressou por volta de 458 a.C. Desse modo, entre os capítulos 6 e 7 existe um intervalo de, aproximadamente, 60 anos. Durante esse período, ocorrem os acontecimentos descritos no livro de Ester. *Esdras*, o líder do segundo retorno para Jerusalém, é apresentado com uma expressiva genealogia, demonstrando que ele pertencia a uma família de sacerdotes — a de *Arão*. *Seraías* presenciou a queda de Jerusalém (2 Rs 25.18), e seu filho, *Jeozadaque*, foi para o exílio



### VOCÊ SABIA?

#### PENDURADO EM UM MADEIRO

A ideia de pendurar um violador do decreto de Dario em um madeiro retirado da própria casa da pessoa (Ed 6.11) pode ser uma referência a algo parecido com crucificação, e não enforcamento. Os persas eram conhecidos por usarem a empalgação como meio de execução, uma prática hedionda e herdada dos assírios, que eram guerreiros cruéis mesmo para aquela época.

(1 Cr 6.15). A designação *filho de Zeraías* indica a linhagem de Esdras, e não o nome de seu pai.

**7.6,7** — Esdras não era apenas um descendente de sacerdotes; ele também era um *escriba hábil*, aquele que copiava e estudava a Lei. Depois do exílio, o ofício de escriba tornou-se fundamental, às vezes substituindo o de profeta em importância e, com o tempo, obscurecendo o papel até mesmo do sacerdote. A *Lei de Moisés*, na verdade, refere-se à Lei de Deus. Moisés pode ter sido o homem mais associado com a Lei, mas a Lei era a que o Senhor Deus de Israel havia concedido. O que veio depois é, sem dúvida, a designação mais significativa (Jo 1.17). A frase *segundo a mão do Senhor* é usada repetidamente durante todo esse capítulo e no próximo (Ed 7.9,28; 8.18,22,31; Ne 2.8,18). A frase descreve a graça divina trabalhando a favor de Esdras.

**7.8,9** — O *primeiro mês* corresponde a março/abril do nosso calendário; o *quinto mês*, a julho/agosto. O trajeto percorrido por Esdras era perigoso, pois uma rebelião havia começado no Egito e a primavera era a época em que os exércitos antigos iniciavam suas campanhas.

**7.10** — Durante toda a sua vida, Esdras concentrou-se inteiramente no estudo, na prática e na transmissão da Palavra de Deus. O *coração* indica todo o ser de alguém. Esdras buscou diligentemente as Escrituras a fim de que pudesse viver de acordo com elas e ensiná-las a Israel. Para isso, a graciosa mão do Senhor o capacitou (Ed 7.9).

**7.11** — *Sacerdote e escriba*. Essas palavras descrevem Esdras com excepcional louvor. Ele é citado como o *escriba dos escribas* ou o mestre dos escribas.

**7.12** — Os monarcas do antigo Oriente Médio geralmente se autoengrandeciam com títulos

como *rei dos reis* (Ez 26.7; Dn 2.37). Os reis da Pérsia, literalmente, reinavam sobre vários reis porque o império persa incluía vários reinos conquistados. *Paz perfeita* descreve uma relação de tratado entre o imperador persa e o estado vassalo de Judá.

**7.13-19** — Antes, Esdras havia pedido permissão para retornar para Jerusalém (Ed 7.6). Agora, os detalhes são fornecidos.

**7.14** — Esdras desejava retornar para Jerusalém a fim de certificar-se de que a *Lei* estava sendo cumprida. Seu dever era ensinar ao povo a Lei de Deus (Ed 7.10).

*O rei e os seus conselheiros*. A autorização para Esdras chegou com pompa e circunstância adequadas; porém, o que o governante persa não sabia era que existia a mão de um Rei muito maior interferindo naquela situação.

**7.15-19** — São listadas três fontes de oferta para o templo: (1) a *prata e o ouro do rei* e dos *seus conselheiros*; (2) *toda a prata e o ouro* da Babilônia, e (3) as *ofertas voluntárias do povo judeu* que permaneceu na Babilônia. Observe que Deus aceita as ofertas daqueles que não o conhecem nem servem a Ele verdadeiramente. No entanto, o Todo-poderoso rejeita a oferta de quem aparenta conhecê-lo, mas, na realidade, tem o coração distante do Altíssimo (Is 1.10-15). A *habitação do Senhor em Jerusalém* é uma referência ao templo.

**7.20** — *E o resto do que for necessário*. Esdras tinha o equivalente a um cheque real em branco para a realização da obra.

**7.21-23** — O decreto de Artaxerxes incluía uma ordem para os tesoureiros das províncias: que concedessem a Esdras os suprimentos extras que ele reivindicasse. Esdras podia pegar não mais do que 100 talentos de prata (aproximadamente



## VOCE SABIA?

### A HABILIDADE DE UM ESCRIBA

As habilidades que qualificaram Esdras para ser um escriba (Ed 7.6) foram: o conhecimento técnico e detalhado da Lei; a capacidade para ensiná-la (Ed 7.10). Oficiais chamados de escribas ficaram conhecidos durante a monarquia, mas eram, principalmente, registradores e secretários. A era dos escribas como guardiões da Lei começou com homens como Esdras no regresso dos exilados para a Palestina.

quatro toneladas), *cem coros de trigo* (ou *tonéis*, NVT) e até *cem batos* (ou *dez barris*, NVT) de vinho e cem de azeite.

**7.24** — Todos os oficiais do templo eram isentos de qualquer tipo de *imposto*. Artaxerxes, como Ciro (Ed 1.2-4) e Dario (Ed 6.1-10) antes dele, queria obter benevolência e evitar a ira dos deuses que eram adorados em todo o império.

**7.25,26** — Esdras recebeu autoridade para estabelecer um sistema judicial com poder para punir. Embora os *regedores* e *juizes* tivessem autoridade apenas sobre o povo judeu, ela se estendia para além de Jerusalém até Síria, Fenícia e Palestina. Tempos depois, Esdras usou sua autoridade para punir o pecado na comunidade (Ed 10.8).

**7.27,28** — *Para ornarmos a Casa do Senhor* é uma referência ao restabelecimento da vida moral, espiritual e religiosa.

*Assim, me esforcei*. Com vigor renovado, Esdras reuniu *dentre Israel alguns chefes* a fim de regressarem com ele para Jerusalém.

**8.1** — *Estes, pois, são os chefes de seus pais*. A relação dos que regressaram para Jerusalém lembra a listagem dos homens para a guerra na época da conquista antecipada da terra de Canaã (Nm 1; 26).

**8.2-14** — Nessa lista, 12 famílias são representadas por seus chefes e é dado o número de homens em cada uma delas. A soma dos chefes de famílias que acompanharam Esdras de volta para Jerusalém foi 1.496.

**8.15,16** — Esdras descobriu que não havia nenhum dos *filhos de Levi* entre os que o acompanhavam no regresso para Jerusalém. Zorobabel tinha enfrentado um problema semelhante: mais de quatro mil sacerdotes regressaram com ele para Jerusalém, mas apenas 74 levitas estavam entre eles (Ed 2.36-42).

**8.17** — A localização e a significância de *Casifia* são incertas. Pode ter sido a cidade Ctesifon, junto ao rio Tigre, próxima da atual Bagdá. A palavra em hebraico para o *lugar*, um sinônimo para lugar santo (Dt 12.5), pode indicar que existia um santuário ou templo em Casifia.

**8.18** — *Serebias*, um mestre especialmente excelente, quer dizer *o calor que queima de Yahweh*.

**8.19-21** — Na estrada para Jerusalém, a enorme caravana de judeus teria sido um alvo fácil para ladrões. Sabendo que os que regressavam precisavam da ajuda do Senhor, Esdras apregoou ali *um jejum* como símbolo de sua submissão ao Todo-poderoso.

**8.22,23** — Para persuadir o rei a deixá-lo regressar para Jerusalém, Esdras tinha falado com o governante sobre a *força* e a *ira* de Deus. Então, quando o escriba recebeu a permissão real para retornar, envergonhou-se de pedir uma escolta armada. Tempos depois, Neemias aceitaria uma defesa militar para o seu regresso a Jerusalém (Ne 2.7-9).

**8.24-30** — Antes de partirem, Esdras entregou a carga de objetos de valor a 12 pessoas. Embora o versículo 24 registre *Serebias*, *Hasabias* e *com eles dez dos seus irmãos* como *sacerdotes*, o versículo 18 indica que eles eram levitas. Esdras seguia a Lei que ensinava que os sacerdotes tocariam os objetos sagrados e que os levitas os carregariam (Nm 3.8, 31, 45).

*A prata, e o ouro, e os utensílios*. Um talento equivalia a cerca de 35 quilos de prata (Ed 7.22). Os 650 talentos de prata pesavam, aproximadamente, 25 toneladas. Os cem talentos de ouro pesavam mais de três toneladas. Esses números não incluem os outros numerosos objetos de valor e excelente talento artístico.

**8.31** — De acordo com Esdras 7.9, aqueles que regressaram começaram sua jornada no primeiro dia do primeiro mês. De acordo com o v. 15, eles acamparam junto ao rio durante três dias. Porém, esse versículo registra a partida no *dia doze do primeiro mês*. Essa discrepância de datas pode ser explicada da seguinte maneira: o povo começou a reunir-se junto ao rio no primeiro dia do primeiro mês; porém, durante os três primeiros dias, Esdras descobriu que não havia nenhum levita entre os viajantes. Então, durante os oito dias seguintes, Esdras alistou os levitas (Ed 8.15-20), rogou ao Senhor uma boa jornada (v. 21-23) e confiou a importante carga dos viajantes aos sacerdotes e levitas (v. 24-30). Assim, eles partiram do rio no décimo segundo dia. Sob esse ponto de vista, a viagem para Jerusalém começou no primeiro dia



## EM FOCO

REMANESCENTE (HB. *SHA'AR*)

(Ed 9.8,15)

Ser um remanescente significa *permanecer* ou *sobrar*. Um remanescente é aquele que sobrevive depois de uma catástrofe. Em Esdras, a palavra se refere com frequência àqueles israelitas que sobreviveram ao exílio e retornaram para se reassentarem na Terra Prometida (Ed 9.8). Os profetas usam esse termo não apenas para falar de um grupo de israelitas que sobreviveram a uma determinada calamidade, mas para aqueles israelitas que permaneceram fiéis a Deus (Am 5.14,15). O conceito de remanescente é importante para Isaías, o qual profetiza que, um dia, a *Raiz de Jessé* — o Messias — reuniria o remanescente de Israel de todas as nações, atraindo a Ele até mesmo alguns gentios (Is 11.10,11,16). O remanescente, então, torna-se um forte tema no Antigo Testamento, uma aliança de fidelidade e salvação, porque, ao ter misericórdia de Seu povo, o Altíssimo manteve uma nação por meio da qual todo o mundo poderia ser abençoado (Gn 12.3).

do primeiro mês, quando o povo deixou suas casas na Babilônia. O grupo partiu do rio no décimo segundo dia do primeiro mês.

**8.32** — Os que regressaram chegaram a Jerusalém no primeiro dia do quinto mês (Ed 7.9). A viagem durou por volta de três meses e meio (compare Ed 7.9 com Ed 8.31).

**8.33,34** — Depois de três dias de descanso, eles depositaram seus tesouros no templo (Ne 2.11). Quatro homens — dois sacerdotes e dois levitas — contaram e pesaram as riquezas. Um inventário por escrito foi então arquivado.

**8.35** — O *sacrifício pelo pecado*, que consistiu de *doze novilhos*, um para cada tribo de Israel, foi para a expiação de pecados. Os *holocaustos* significavam a entrega de toda a nação ao serviço do Senhor.

**8.36** — As *ordens do rei* foram a autorização para Esdras administrar a Lei judaica entre o povo judeu da província. Sátrapas, ou *protetores do reino*, eram indivíduos de alto nível que governavam sob as ordens do imperador em várias regiões do império (Ed 5.3).

**9.1** — *Acabadas, pois, essas coisas*. Essas palavras parecem indicar que os *príncipes* foram até Esdras imediatamente depois dos acontecimentos do cap. 8. Na verdade, mais de quatro meses se passaram entre os acontecimentos dos capítulos 8 e 9. Esdras chegou ao primeiro dia do quinto mês (Ed 7.9) e depositou o tesouro no templo no quarto dia do quinto mês (Ed 8.33). A reunião que ocorreu logo após o relatório do líder foi no décimo segundo dia do nono mês (Ed 10.9). A

entrega das ordens reais ao governador regional (Ed 8.36) pode ter levado semanas ou mesmo meses. Esdras não só entregou o decreto, como assegurou o apoio dos sátrapas e governadores do rei. Foi após Esdras entregar o decreto e retornar para Jerusalém que recebeu o relatório dos príncipes.

*O povo de Israel, e os sacerdotes, e os levitas não se têm separado dos povos destas terras*. Os líderes e o povo de Israel falharam em permanecer separados dos gentios que viviam na terra. O mesmo tipo de problema ocorreu na época de Zorobabel (Ed 6.21).

*As abominações dos cananeus*. Essa linguagem reflete a mesma linguagem da Lei (Gn 15.16, 19-21; Dt 18.9-12). O termo *abominação* é encontrado muitas vezes nos cinco primeiros livros da Bíblia (Dt 17.1; 18.12; 22.5; 23.18) e nos profetas (Jr 7.10; 44.22).

**9.2** — Os judeus que retornaram foram casando-se com os pagãos da terra, uma prática que a Lei mosaica proibia expressamente (Êx 34.16; Dt 7.3).

**9.3,4** — A resposta de Esdras demonstrou uma tristeza profunda. Usando todos os símbolos que tinha disponíveis, ele representou a angústia que sentia: *rasguei a minha veste [...], arranquei os cabelos da minha cabeça [...]* e *me assentei atônito*. Compare com Neemias 13.25.

**9.5** — *De joelhos e com as mãos estendidas*. Esta postura de oração é frequentemente descrita na Bíblia. Ajoelhar-se é um sinal de humildade e respeito. Levantar as mãos demonstra sinceridade

de para com Deus e reconhecimento de que todas as bênçãos vêm das mãos do Senhor.

**9.6** — *Confuso e envergonhado*. Esdras sentiu uma vergonha devastadora. Sua oração era de confissão. Embora ele próprio não tivesse parte naquele pecado, identificou-se com as transgressões do povo.

**9.7** — Mais adiante, Esdras reconheceu que as ações pecaminosas do povo faziam parte de sua história. A nação inteira — *reis e sacerdotes*, assim como o povo — tinha pecado no passado e sofrido por causa disso *nas mãos dos reis das terras*. Esse sofrimento incluiu: a *espada* (perda da vida); o *cativeiro* (perda da liberdade); o *roubo* (perda das posses) e a *confusão do rosto* (perda da honra).

**9.8,9** — *Uma estabilidade no seu santo lugar*: essa metáfora refere-se a uma estaca na parede na qual um utensílio é pendurado (Ec 12.11). A misericórdia divina havia permitido que os remanescentes se fixassem no lugar escolhido por Deus. *Alumiar*: Deus tinha concedido a luz da Sua vontade àqueles que estavam na escuridão do pecado.

*Um pouco de vida*. O povo não era mais escravo; estava livre.

*Levantarmos a Casa do nosso Deus*. O templo tinha sido reconstruído. *Parede*: o povo tinha um muro de proteção na forma do decreto do rei (Ed 7.12-26).

**9.10-12** — Esdras confessou os pecados da nação ao referir-se ao que *os profetas* tinham pregado. Os profetas (Moisés é chamado de profeta em Deuterônimo 18.15; 34.10; Oséias 12.13) proibiram o casamento de judeus com gentios (Dt 7.1-3; 23.7; Ml 2.10-16).

**9.13-15** — Esdras não encerrou a sua oração pedindo perdão a Deus, mas declarando que o Altíssimo era *justo* (Dt 32.4; Sl 119.137; Sf 3.5). Israel era culpado e merecia qualquer juízo que Deus lhe desse. O Senhor teria sido justo ao destruí-lo, mesmo a ponto de não restar nenhum remanescente nem *quem escapasse*.

**10.1-44** — Esse capítulo descreve o que Esdras fez para lidar com o pecado que lhe foi relatado (Ed 9.1). Desse ponto em diante, Esdras escreve na terceira pessoa, inserindo-se nos acontecimentos.

**10.1,2** — Uma grande congregação em Israel estava preocupada com o pecado no meio do povo. Então, enquanto Esdras se lamentou, orou e confessou, ela se juntou ao sacerdote e chorou *com grande choro*.

**10.3** — Fazer um *concerto* com Deus é estar ligado a Ele por juramento para fazer alguma coisa. Essa era a forma mais forte de compromisso que alguém podia fazer.

**10.4** — *Levanta-te*. Secanias (Ed 10.2) lembra Esdras de que era *responsabilidade* deste ensinar a Israel a Lei de Deus (7.25).

**10.5,6** — *Jeoanã* (um nome comum) não é aquele mencionado em Neemias 6.18.

**10.7,8** — *Em três dias*. Essa era uma exigência razoável porque, para se chegar a Betel (Ed 2.28), Lode (v.33) e Jericó (v.34), algumas das cidades judaicas mais distantes, eram necessários três dias de viagem. De acordo com a Lei, o dinheiro da venda dos bens confiscados era direcionado para o tesouro do templo (Lv 27.28,29, onde *consagrado* significa *confiscado*).

**10.9** — *O nono mês* (Quisleu; Ne 1.1) corresponde a novembro/dezembro em nosso calendário.

**10.10-12** — Esdras, de forma simples e resumida, confrontou o povo com seus pecados, indicando que estas novas ofensas, somadas à perversidade, extinguiriam a vida da nação. O sacerdote encorajou o povo a confessar-se ao Senhor e cumprir a Lei. Com uma proclamação unânime, todo o Israel concordou.

**10.13,14** — O povo enfrentou dois problemas: (1) ele era muito numeroso para que a averiguação fosse concluída em um dia ou mesmo dois; (2) o tempo não permitiria que as pessoas ficassem em Jerusalém. As que tinham viajado de muito longe não podiam ficar na cidade, vivendo e dormindo ao relento, durante aquele período frio e chuvoso. Então, foi pedido que a averiguação fosse organizada por seus príncipes.

**10.15-17** — Dois homens, com a ajuda de dois levitas, discordaram do plano de Esdras. As razões para a oposição não são explicadas, e, ao que tudo indica, suas objeções não surtiram efeito (Ed 10.16-18). *Mesulão* parece ser o mesmo homem

que fez parte do grupo de sábios recrutados por Esdras (8.16); de qualquer forma, ele não é o mesmo homem dentre os ofensores arrependidos mencionados em Esdras 10.29.

**10.18-44** — A listagem daqueles que tinham tomado esposas pagãs incluía 113 homens, a saber: 17 sacerdotes, 10 levitas e 86 cidadãos comuns.

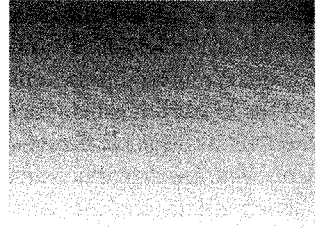
**10.19-24** — *Prometendo* também pode ser traduzido por *dando as mãos*. O simbolismo de levantar as mãos em juramento ainda é praticado em muitas culturas. Com esse sinal, os israelitas

concordaram em deixar suas esposas ilegítimas e oferecer um sacrifício de acordo com as exigências de Levítico 5.14-19. Embora essa promessa e esse sacrifício sejam mencionados apenas em relação aos sacerdotes, parece que todos na listagem cumpriram os requisitos.

**10.25-44** — *E de Israel* refere-se ao povo, em contraste com os líderes.

**10.44** — Embora alguns deles tenham tido filhos com suas esposas pagãs, separaram-se delas mesmo assim.





O livro de

---

# Neemias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**T**empos de provação exigem liderança divina. Esse livro narra, principalmente, a história desse tipo de liderança na pessoa de Neemias, o qual, enfrentando críticas e oposição, resolutamente, liderou a pequena comunidade israelita à medida que os muros de Jerusalém foram reconstruídos para sua proteção física.

Enquanto o escriba e sacerdote Esdras foi o líder religioso em Jerusalém, Neemias tornou-se o líder secular, o governador oficial da província persa de Judá (Ne 5.14). Sua grande preocupação era o estado arruinado da cidade, abandonada sem os muros desde que o imperador Artaxerxes I havia interrompido os reparos (Ed 4.21). Utilizando a sua posição de servidor confiável no interior da corte real, Neemias obteve permissão para retomar o trabalho e concluir os

muros de Jerusalém. Além disso, também não hesitou em guiar os israelitas espiritualmente. Ao exigir que estes obedecessem à Lei de Deus, Neemias desejava que o povo alcançasse tanto o bem-estar espiritual quanto o físico.

O cenário histórico é o mesmo da segunda metade do livro hebraico de Esdras e Neemias (458—420 a.C.). Durante esse período, Artaxerxes I, o Longânimo, permitiu que os judeus regressassem para sua terra e reconstruíssem Jerusalém. Naquela época, Neemias ocupava uma posição de destaque na corte do imperador: ele era o copeiro de confiança de Artaxerxes I. No vigésimo ano do reinado de Artaxerxes (444 a.C.), o imperador permitiu que Neemias fosse a Jerusalém a fim de reconstruir seus muros.

Neemias permaneceu na cidade por 12 anos e, então, retornou para a

Pérsia, no trigésimo segundo ano (432 a.C.) de Artaxerxes. Por volta de 425 a.C., Neemias partiu da Pérsia e retornou para Jerusalém pela última vez (Ne 13.6). Suas memórias não podiam ser encerradas até que ele fizesse sua segunda visita a Jerusalém. Dessa forma, o livro de Neemias não poderia ter sido concluído antes de 425 a.C.

Há divergências quanto à ordem do retorno de Esdras e Neemias para Jerusalém. A Bíblia aponta claramente o retorno daquele como anterior ao deste: Esdras regressou no sétimo ano do reinado de Artaxerxes (Ed 7.8), enquanto Neemias retornou no décimo segundo ano (Ne 2.1). No entanto, com base no fato de que o avivamento de Esdras é relatado no meio da história de Neemias (Ne 8—10), algumas pessoas argumentam que Neemias retornou antes de Esdras.

Os argumentos para inverter Esdras e Neemias dessa maneira não são muito convincentes. Apesar disso, a inclusão de parte da história do escriba nas memórias de Neemias ainda precisa de explicação. Pode ser que a reconstrução dos muros feita por Neemias tenha sido apenas parte da restauração necessária entre o povo de Deus — pois essencial era a restituição da Lei. Certamente, Esdras tinha usado a Lei anteriormente ao lidar com o povo, mas, naquela época, o importante sacerdote e escriba foi parceiro de Neemias para ensinar criteriosamente aos israelitas a Lei de Deus (Ne 8.9). Aparentemente, o compilador de Neemias queria mostrar que o muro da cidade não significaria nada sem o muro da Lei ao redor do povo.

Em Seu concerto com Israel, Deus havia falado de um lugar onde Ele estabeleceria Seu nome. Na realidade, Moisés tinha dito aos israelitas que buscassem *o lugar que o SENHOR, vosso Deus, escolher de todas as vossas tribos, para ali pôr o seu nome e sua habitação* (Dt 12.5). Tempos depois, foi revelado que esse lugar era Jerusalém. Quando o templo foi construído durante o reinado de Salomão, a cidade estava no auge de sua glória. Sua fama ajudou a espalhar a grandeza do nome de Deus por todas as nações. Mas o Todo-poderoso permitiu que Jerusalém fosse destruída por causa da infidelidade dos israelitas. Embora ela

estivesse em ruínas durante a época de Neemias, ainda assim era propósito do Altíssimo estabelecer Seu nome lá.

O livro de Neemias registra a restauração de Jerusalém sob a liderança de Neemias. Sua história narra que os judeus que estavam regressando demonstravam letargia espiritual e dura indiferença em relação a Deus — e o problema perdurou, já que o livro de Malaquias denuncia Israel pelas mesmas atitudes. Foi preciso que um líder como Neemias, determinado e temente ao Senhor, motivasse esse grupo a agir de acordo com as promessas divinas e, assim, a reconstruir os muros de Jerusalém.

No entanto, a conclusão da obra é apenas metade da história de Neemias. A reconstrução dos muros é narrada lá pelo sexto capítulo, mas o livro possui ainda outros sete capítulos, os quais registram um avivamento e descrevem o repovoamento da cidade. O tema do livro não é apenas a reconstrução dos muros, mas a completa restauração dos habitantes de Jerusalém.

O livro de Neemias deixa claro que Deus não restaurou Seu povo apenas em uma ocasião; antes, Ele o fez repetida e continuamente. O Altíssimo enviou vários profetas e líderes para ensinar, motivar e guiar Israel à retidão, a saber: Zorobabel, o qual conduziu um grupo de exilados para Jerusalém e começou a reconstruir o templo (Ed 1—6); Esdras, que liderou um segundo grupo de exilados de volta para Jerusalém e ajudou a restaurar o povo a fim de obedecer à Lei mosaica (Ed 7—10); e Neemias, o qual retornou e motivou o povo a reconstruir os muros de Jerusalém (Ne 1—6). Finalmente, este retornou uma segunda vez e exortou os israelitas a seguirem de perto a Lei de Deus (Ne 13).

O exemplo é claro: o Todo-poderoso restaurou Seu povo continuamente. Apesar da infidelidade de Israel, Deus cumpriu Sua palavra: os muros restaurados de Jerusalém, o repovoamento da cidade e a transformação frequente dos israelitas foram, obviamente, obra do Senhor. No fim, Seu nome seria glorificado.

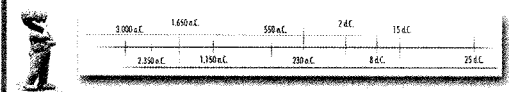
Muitos leitores concluem naturalmente que o livro foi escrito por Neemias, em função das

palavras do primeiro versículo: *As palavras de Neemias, filho de Hacalias*. Na verdade, acredita-se que Neemias escreveu as seguintes passagens: Neemias 1.1—7.5; 12.27-43; 13.4-31. Porém, há dois pontos de vista referentes à autoria do restante do livro: alguns acreditam que Neemias escreveu toda a obra, confiando em suas próprias memórias; outros defendem que Esdras a tenha escrito, usando as memórias de Neemias para as passagens listadas acima. Como evidência para a segunda hipótese, nota-se que os textos de Neemias 7.5-73 e Esdras 2.1-70 são quase idênticos.

As similaridades entre Neemias e Esdras podem ser parcialmente explicadas pelo fato de que ambos são um só livro na Bíblia hebraica (veja a introdução de Esdras). Na verdade, muitos estudiosos argumentam que os livros de Crônicas, Esdras e Neemias foram compilados pela mesma pessoa. Todas essas obras apresentam temas similares, como, por exemplo, os levitas, o templo e as longas listas. Com tantos interesses sacerdotais, quem organizou esse extenso documento pode muito bem ter sido um sacerdote — como Esdras (veja a introdução para o livro de 1 Crônicas).

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM NEEMIAS



- Ano 586 a.C. — Os babilônios tornam Judá cativo

---

- Ano 539 a.C. —Ciro da Pérsia conquista a Babilônia

---

- Ano 538 a.C. — O retorno dos judeus para a Judéia se inicia

---

- Ano 536—515 a.C. — O templo é reconstruído

---

- Ano 464—424 a.C. — Artaxerxes, o Longânimo, reina na Pérsia

---

- Ano 458 a.C. — Esdras lidera um grupo em regresso a Jerusalém

---

- Ano 444 a.C. — Neemias lidera um grupo em regresso a Jerusalém

---

- Ano 443 a.C. — O muro de Jerusalém é reconstruído



## ESBOÇO

- I - A reconstrução dos muros de Jerusalém — 1.1 — 6.19
  - A - A intercessão de Neemias por Jerusalém — 1.1-11
- B - O planejamento de Neemias em relação a Jerusalém — 2.1-20
- C - O trabalho de Neemias na reconstrução dos muros de Jerusalém — 3.1-32

- D - A oposição à reconstrução dos muros — 4.1-23
- E - O conflito do povo judeu dentro de Jerusalém — 5.1-19
- F - O reinício da oposição à reconstrução dos muros — 6.1-19
- II - A restauração da comunidade judaica em Jerusalém — 7.1—13.31
  - A - O registro do povo — 7.1-73
  - B - O avivamento sob a liderança de Esdras — 8.1—10.19
  - C - O repovoamento de Jerusalém — 11.1—12.26
  - D - A dedicação dos muros de Jerusalém — 12.27-47
  - E - A restauração do povo — 13.1-31

## COMENTÁRIO

1.1 — *Neemias*, cujo nome significa o *Senhor conforta*, era um estadista de alto posto associado a Esdras no trabalho de restabelecimento do povo de Judá na Terra Prometida. O *mês de quisleu* corresponde a novembro e dezembro em nosso calendário (Ed 10.9). O *ano vigésimo* refere-se ao décimo segundo ano do reinado de Artaxerxes I, o Longânimo (464—424 a.C.). Em 444 a.C. Artaxerxes era o mesmo rei persa que havia delegado poderes a Esdras a fim de que voltasse para Jerusalém (Ed 7.1).

A *cidade de Susã* ficava a cerca de 240 Km ao norte do Golfo Persa, atualmente o Irã. A fortaleza, ou o palácio real fortificado, foi construída sobre uma acrópole. A cidade servia como uma residência de inverno para os monarcas da Pérsia. Susã é famosa também na história bíblica como o lugar no qual Daniel recebeu a visão do carneiro e do bode (Dn 8.2) e como o lar de Mordecai e Ester (Et 1.2).

1.2 — *Hanani*, irmão de Neemias (Ne 7.2), tinha visitado Jerusalém e retornado para Susã. Essa viagem, que abrangeu quase 1.600 Km só de ida, teria levado, pelo menos, quatro meses. Esdras e sua caravana levaram quatro meses na viagem de ida e volta da Babilônia para Jerusalém

(Ed 7.9). Neemias estava preocupado com o povo judeu e com Jerusalém.

1.3 — A vida era difícil para o povo em Jerusalém, em grande parte, devido às condições do *muro da cidade*. No antigo Oriente Médio, o muro de uma cidade fornecia proteção aos habitantes e, conforme criam, era um sinal da proteção do deus (ou deuses) cultuado(s) por aquele povo. Logo, o estado arruinado do muro de Jerusalém envergonhava o nome de Deus.

1.4 — *Chorei e lamentei*. Neemias estava profundamente abalado; afinal, sem um muro, Jerusalém ficava vulnerável a ataques. As riquezas do tesouro do templo (Ed 8.15-36), por exemplo, seriam uma tentação para os inimigos de Israel.

*Deus dos céus*. Esta expressão para o Altíssimo é muitas vezes usada nos livros de Esdras e Neemias.

1.5 — *Senhor*. Neemias clamou a Deus usando Seu nome relacionado ao concerto com Israel (Êx 6.2-9). A utilização desse título por parte de Neemias é similar ao uso que fazemos da frase *em nome de Jesus* em nossas orações.

*Deus dos céus*. Neemias reconhecia o governo de Deus sobre o mundo, incluindo Sua soberania sobre o rei pagão que estava sobre Neemias, o povo judeu e a cidade de Jerusalém.

*Concerto e benignidade*. Ao usar essas duas palavras juntas, Neemias estava lembrando o Senhor



### APLICAÇÃO

#### OS PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA COM BASE EM NEEMIAS - PARTE I

##### **Líderes têm senso de missão (Ne 1.5)**

Quase que por definição, os líderes têm um objetivo ao qual estão vinculados, e esse senso de missões ajuda a guiar suas decisões e a determinar suas estratégias.

A missão de Neemias nasceu a partir de seu conhecimento da Lei e de sua conscientização de que a destruição de Jerusalém havia acontecido por causa do juízo de Deus sobre os pecados do povo (Ne 1.5-8). Ao mesmo tempo, ele sabia que o Altíssimo estava disposto a perdoar os seus pecados e a restabelecer os israelitas na terra (Ne 1.9). Então, Neemias decidiu encarregar-se da reconstrução da cidade de acordo com as promessas divinas e começou a desenvolver uma estratégia com esse objetivo (Ne 1.10,11).

Neemias não criou um senso de missões do nada ou firmado em seus próprios interesses. Ele respondeu às notícias sobre a situação de Jerusalém com lágrimas, oração, jejum e humildade, buscando a vontade do Senhor (Ne 1.4). Ao preparar-se para estar diante do rei, ele, provavelmente, não sabia ao certo o que deveria dizer ou fazer; apenas sabia que precisava ir a Jerusalém. Ele também não poderia ter noção de tudo o que encontraria quando chegasse à cidade arruinada. Apesar disso, convencido de que o Todo-poderoso queria que a Cidade Santa fosse restaurada, Neemias deu um passo à frente como agente de transformação, e sua liderança provou ser estratégica.

das Suas promessas. O Todo-poderoso havia firmado Seu caráter na Sua lealdade demonstrada no concerto estabelecido com o Seu povo. De acordo com os termos da aliança (Dt 28; 29), Deus tornou as bênçãos disponíveis apenas àqueles que cumprissem os mandamentos dele.

**1.6** — *Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos.* Neemias pediu a Deus que olhasse para ele e ouvisse-o enquanto orava. A intenção dessas palavras era encorajar aquele que estivesse orando, pois o Senhor não cerra Seus ouvidos nem Seus olhos para o Seu povo (Êx 2.23-25).

*Filhos de Israel.* Ao usar essa expressão em relação ao povo judeu, Neemias ressaltou a continuidade do povo judeu de sua época com os israelitas do passado. Ele, então, confessou os pecados da casa de seu pai, assim como os da sua própria casa. Sua confissão foi nacional, pública e pessoal. Seu próprio pecado fazia parte de um todo.

**1.7** — Israel havia pecado contra o Senhor e contra os Seus mandamentos. Ao usar o pronome *nos*, Neemias se incluiu entre o povo pecador.

*Mandamentos, estatutos e juízos.* Essas expressões descrevem a totalidade da Lei divina (Ne 9.13,14).

**1.8** — *Lembra-te.* Depois de confessar tanto o seu pecado quanto o do povo, Neemias lembrou o Senhor acerca do que Ele mesmo tinha dito.

*Eu vos espalharei entre os povos.* Essa é uma alusão ao concerto de Deus em Levítico 26.27-45 e Deuteronômio 30.1-5. O próprio Neemias havia nascido na Pérsia, uma nação distante, porque o Altíssimo tinha cumprido essa promessa.

**1.9** — O Senhor havia prometido que, se os israelitas se voltassem para Ele em obediência, o Altíssimo iria juntá-los mais uma vez na terra deles. Neemias se dirigiu ao Senhor como o Deus que mantém o concerto e confessou os seus pecados e os do povo, porque a Lei exigia confissão (Lv 16.21). Então, lembrou o Todo-poderoso de Sua promessa: fazer com que Israel retornasse para sua terra.

*E os trarei ao lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o meu nome.* A última intenção do concerto divino não era apenas fazer o povo

regressar, mas fazê-lo voltar ao lugar onde o Altíssimo estabelecera Seu nome. Para que isso acontecesse, muito precisava ser feito. Então, mesmo sendo verdade que algumas pessoas tinham retornado para a terra e que o templo tinha sido reconstruído, permanecia o fato de que o muro de Jerusalém estava em ruínas e o povo estava sob repreensão (Ne 5.9). Nesse sentido, Jerusalém ainda não tinha sido restaurada.

**1.10** — *Teus servos e o teu povo.* Ao utilizar essa frase, Neemias estava sugerindo ao Senhor que a época era propícia, o povo estava preparado e o trabalho de restauração de Jerusalém era justo. *Tua forte mão* é uma das expressões associadas com a libertação, da parte de Deus, de Israel do Egito (Êx 6.1; 13.14; 15.6; Dt 6.21).

**1.11** — *Teu servo e Teus servos.* Neemias e o povo santo de Israel compartilhavam interesses comuns diante do Altíssimo.

*Faze prosperar hoje o teu servo.* Neemias, apesar de desfrutar do conforto de um palácio real e de uma posição de honra e responsabilidade, pediu ao rei permissão para regressar a Jerusalém, a fim de reconstruir o muro e restaurar a comunidade. Havia várias razões convincentes para ele permanecer em Susã, mas, mesmo assim, pediu a Artaxerxes que autorizasse seu trabalho na obra de Deus. Como *copeiro do rei*, Neemias tinha uma posição respeitada, e sua proximidade constante



## EM FOCO

### CONFESSAR (HB. *YADAH*)

(Ne 1.6; Lv 5.5; Nm 5.7; Sl 92.1; 106.47)

Essa palavra hebraica transmite dois significados distintos: o primeiro é relacionado às ofertas de ações de graças ou ao louvor a Deus (2 Cr 5.13; Sl 92.1; 106.47); o segundo é o da confissão, como por exemplo, a confissão da grandeza de Deus (1 Rs 8.33,35) e a do pecado diante de Deus (Ne 1.6; 9.2; Dn 9.4). *Yadah* basicamente quer dizer *arremessar* ou *abandonar*. De certo modo, confissão implica *abandono* do pecado pelo reconhecimento de nossas transgressões aos mandamentos divinos, por meio de um viver santo (Sl 32.5; Pv 28.13). Por outro lado, confissão de pecado é ação de graças porque se reconhece que o perdão é consumado apenas pela graça e bondade divinas (2 Cr 30.22; Dn 9.4).

com o governante da Pérsia fazia com que ele ficasse a par dos segredos de estado e dos assuntos pessoais do governante.

**2.1** — *Nisã* corresponde a março-abril em nosso calendário.

*Triste diante dele.* Quatro meses depois de ouvir o relatório de seu irmão Hanani sobre Jerusalém, Neemias ainda estava sofrendo por causa das condições da cidade.

**2.2** — O rei percebeu a expressão melancólica de Neemias e concluiu que esta era causada pela *tristeza* de coração — e não por doença física.

*Temi muito em grande maneira.* Os monarcas persas acreditavam que sua presença era suficiente para qualquer pessoa ficar feliz. Ainda assim, Neemias estava pronto para pedir que o imperador permitisse sua ida a Jerusalém, sugerindo que preferia outro lugar a estar na presença do rei. Além de tudo, foi o próprio Artaxerxes quem, anteriormente, ordenou a paralisação dos trabalhos no muro (Ed 4.21-23). Neemias tinha motivos para temer.

**2.3** — *Viva o rei para sempre.* Ao dirigir-se ao governante com o devido respeito, Neemias contou sobre o fardo que tinha em seu coração.

O *lugar dos sepulcros de meus pais*. É possível que esta frase tenha sido dita para chamar a atenção do rei. Em várias culturas asiáticas, o vínculo com os lugares em que os ancestrais de alguém eram sepultados era assunto de grande importância.

**2.4** — O rei. Neemias, embora estivesse diante do rei, nunca deixou de estar na presença do verdadeiro Rei dos reis.

**2.5** — Após sua oração silenciosa (v. 4), Neemias falou ousadamente, pedindo permissão para deixar o palácio real e viajar para Jerusalém, a fim de reconstruir o muro da cidade. Mais uma vez, ele mencionou os *sepulcros* de seus pais (v. 3). Apesar de não ter sido essa a sua principal preocupação, provavelmente foi algo que ele pensou ser importante para o rei.

**2.6** — *A rainha.* Por citá-la, é possível que Neemias achasse a presença desta importante na decisão do governante. Talvez ela demonstrasse boa vontade em relação a Neemias e ele tivesse

esperado por uma oportunidade em que a rainha estivesse presente (v. 1).

*Quanto durará a tua viagem, e quando voltarás?* Em resposta ao pedido de Neemias (v. 5), Artaxerxes poderia ter mandado executá-lo imediatamente ou despedido o copeiro achando engraçada tal situação. No entanto, suas perguntas indicavam que o pedido já havia sido atendido.

*Apontando-lhe eu um certo tempo.* O fato de Neemias ter respondido rapidamente ao pedido com detalhes específicos indica que ele estava planejando a viagem.

*E aprouve ao rei enviar-me.* O rei não só enviou Neemias a Jerusalém como fez dele governador (Ne 5.14). Com a possibilidade de um tumulto no Egito e no Chipre, o rei pode ter decidido que, afinal de contas, Jerusalém precisava de um muro (Ed 4.21).

**2.7** — Neemias sabia que precisava de um salvo-conduto para sua viagem a *Judá*. Então, solicitou ao rei *cartas* para apresentar aos *governadores* além do rio Eufrates.

**2.8** — Os planos de Neemias eram detalhados: ele pediu ao rei permissão para ir para Jerusalém (v. 5), cartas de salvo-conduto para apresentar aos governadores além do rio (v. 7) e, ainda, provisões. Ele requisitou uma carta endereçada a *Asafe*, o homem responsável pelo *jardim do rei*, a fim de que ele pudesse obter material para três projetos: (1) *as vigas das portas da cidadela do templo*; (2) *o muro da cidade* e (3) a sua própria *casa*. Jerusalém possuía muita pedra calcária para edificações, mas a madeira necessária para tetos e outras partes de grandes projetos de construção era escassa. A cidadela era uma fortaleza situada a noroeste do templo, de onde se podia contemplar e proteger a área do templo.

*Segundo a boa mão de Deus.* O rei, graciosamente, concedeu ao seu servo tudo o que ele havia pedido, mas este sabia que a principal Fonte de suas provisões era Deus.

**2.9** — *Chefes do exército e cavaleiros.* Neemias recebeu escolta militar durante seu regresso a Jerusalém. Em 458 a.C., Esdras, que tinha viajado para esta cidade com 1.800 pessoas levando valiosos tesouros, havia recusado uma proteção do



## APLICAÇÃO

### OS PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA COM BASE EM NEEMIAS - PARTE II

#### **Líderes usam a influência de sua posição (Ne 2.5)**

Gerenciar tem sido definido como ter a habilidade de conseguir que algo seja feito por outras pessoas. No entanto, isso só pode acontecer se os envolvidos estiverem em uma posição de obter esses resultados. Dessa forma, os líderes devem usar sua influência para fazer com que os que têm os recursos necessários participem de seus esforços.

Neemias seguiu esse princípio em seu plano para a reconstrução de Jerusalém. Ele ocupava um posto-chave como copeiro de Artaxerxes (Ne 2.1). Então, como tinha a atenção do rei, usou a influência de sua proximidade com o poder para benefício de seu povo. Ele fez seu pedido a Artaxerxes e ganhou uma licença (Ne 2.5,6), cartas de referência (Ne 2.7) e uma doação governamental de material de construção (Ne 2.8).

Hoje, a habilidade de influenciar o meio a partir da posição que se ocupa é requisito indispensável, principalmente para aqueles que trabalham em desenvolvimento comunitário e ministério urbano. Por exemplo, existe uma grande quantidade de recursos para ajudar os pobres, mas é preciso ter líderes sábios e disciplinados para se associarem aos poderosos em benefício dos fracos. Serviços como escrituras, desenvolvimento de recursos e distribuição de bens requerem uma cuidadosa manutenção dos relacionamentos com a rede do poder.

#### **Líderes realizam pesquisas (Ne 2.12)**

Um míssil sem sistema de comando é algo perigoso – pois tem todo o poder, mas nenhuma direção. Do mesmo modo, líderes que não sabem aonde estão indo podem causar destruição. Por isso, os que ocupam posições de liderança precisam obter o tipo certo de informação, para que possam fazer escolhas sábias acerca de qual atitude tomar.

Neemias, antes de dar início ao seu plano de reconstrução dos muros de Jerusalém, fez uma pesquisa minuciosa sobre a responsabilidade que estava em suas mãos. Ele percorreu cuidadosamente a cidade à noite, sem alarde, avaliando a extensão do problema e, talvez, formulando algumas estratégias experimentais (Ne 2.11-15). Sua discrição foi especialmente apropriada, já que ele era um novo membro da comunidade. Como representante do rei, poderia ter chegado com o soar de trombetas e declarado suas expectativas. Em vez disso, guardou suas ideias para si mesmo e evitou atrair a atenção até que tivesse formulado um plano.

#### **Líderes constroem a comunidade (Ne 2.17,18)**

Em vários países do hemisfério ocidental do século 20, o trabalho tem sido muitas vezes dividido entre gerenciamento e força de trabalho. Um problema dessa rígida divisão é que ela tende a criar a mentalidade *nós* versus *eles*. No entanto, a história prova que a maioria das grandes realizações da humanidade tem sido executada por grupos e comunidades de pessoas trabalhando juntas, em prol de um objetivo comum.

Neemias entendeu o poder da comunidade ao responsabilizar-se pela tarefa de reconstruir os muros de Jerusalém. Depois de avaliar a situação, reuniu o povo e fez um discurso, no qual mobilizou aqueles indivíduos. Primeiro, despertou na consciência deles que algo devia ser feito; então, incutiu neles a confiança de que alguma coisa podia ser feita — por eles (2.17,18).

É interessante observar que Neemias falou ao povo empregando os termos *nós* e *a nós*, embora, em seu relato escrito, tenha usado as expressões *eles* e *a eles*. Evidentemente, ele se viu como participante dos terríveis acontecimentos, mesmo que tivesse acabado de chegar do palácio real. Na verdade, eliminou a divisão de classe entre ele e seu povo ao compartilhar a conversa que havia tido com o rei, mostrando, assim, que a comunidade tinha um amigo na corte do imperador.

exército (Ed 8.22). Porém, 14 anos mais tarde, Neemias fez a mesma viagem com um grupo menor e sem transportar nenhum objeto valioso, mas, mesmo assim, Artaxerxes enviou-lhe uma escolta.

2.10,11 — Como Neemias regressou a Jerusalém com uma carga menor do que a que Esdras

transportou em sua viagem, supõe-se que ele tenha feito o caminho mais curto de Susã para Tadmor atravessando Damasco e seguindo, então, pelo vale do Jordão para Jericó. Ele e seu grupo teriam, portanto, evitado a comunidade samaritana e chegado a Jerusalém sem nenhuma oposição. Se esta foi a intenção deles, não funcionou.

*Sambalate* era o governador de Samaria, e *horonita* refere-se a Bete-Horom, sua cidade. *Tobias* talvez fosse secretário e conselheiro particular de Sambalate.

*Amonita*. Na época de Neemias, os *amonitas* (Gn 19.38) tinham avançado para o oeste na terra deixada desocupada por Judá. A possibilidade de uma comunidade judaica forte em uma nova Jerusalém fortificada pareceu algo ameaçador para o domínio amonita.

**2.12-15** — Como Neemias chegou a Jerusalém vindo do norte, ele teria avistado aquele lado do muro ao aproximar-se da cidade. Se ele vivia na área sudoeste dela, teria tido tempo suficiente para observar o muro ocidental. Neemias parece ter ficado preocupado com a inspeção dos muros sul e oriental de Jerusalém e, com alguns poucos servos, atravessou a *Porta do Vale* para o vale de Hinom. Então, andou ao longo do muro sul. Quando as pilhas de pedra e os montes de entulho obstruíram sua passagem, ele desmontou de seu animal e continuou o trajeto a pé até ao vale de Cedrom a fim de observar o muro oriental.

**2.16** — *E não souberam os magistrados*. As únicas pessoas que tinham conhecimento dos planos de Neemias eram os poucos homens que com ele haviam feito a secreta viagem noturna (v. 12).

**2.17** — Neemias encorajou todo o povo a ajudar na reconstrução dos muros da cidade.

**2.18** — Neemias enfatizou que não era sua a ideia de reconstruir o muro de Jerusalém. Antes, o plano chegou até ele vindo do Senhor (v. 8,12). Em resposta ao desafio deste servo de Deus, o povo declarou: *Levantemo-nos e edifiquemos*.

**2.19** — No versículo dez, Neemias menciona dois homens que estavam descontentes com a sua chegada: Sambalate e Tobias. Aqui, o número de opositores aumenta para três. *Gesém* era o líder de uma companhia de tropas árabes mantida por Sambalate. No versículo dez, os oponentes de Neemias estavam sofrendo; aqui, eles *zombaram* e acusaram Neemias de ter falsos motivos e de tramar uma rebelião contra o rei. A mesma acusação havia sido feita contra o povo judeu na época de Zorobabel (Ed 4).

**2.20** — Neemias ignorou seus adversários — quando estes o acusaram de rebelar-se contra o rei — e afirmou que Deus estava envolvido no seu trabalho. O motivo de Neemias não era a rebelião contra Artaxerxes, mas a submissão ao Senhor.

*Vós não tendes parte*. Neemias ressaltou que os samaritanos e os estrangeiros não tinham lugar em Jerusalém (Ed 4.3).

**3.1-32** — Este capítulo, que narra o trabalho do povo para reconstruir os muros de Jerusalém, divide-se em quatro partes: (1) reconstruindo o lado norte (v. 1-7); (2) reconstruindo o lado ocidental (v. 8-13); (3) reconstruindo o lado sul (v. 14); (4) reconstruindo o lado oriental (v. 15-32). As abordagens de estudo deste capítulo variam. Há leitores que passam rapidamente por ele; outros o usam para o estudo detalhado da topografia de Israel, já que essa passagem fornece as mais detalhadas especificações do muro na Bíblia. Alguns fazem a abordagem da espiritualização das portas. Por exemplo, a *Porta do Gado* (ou *Porta das Ovelhas*, ARA) representaria a cruz, onde Cristo, o Cordeiro de Deus, morreu pelos pecados do mundo; a *Porta do Peixe* lembra a alegoria da declaração de Cristo: *Eu vos farei pescadores de homens*, indicativo de ganhar almas (Mt 4.19b), e assim por diante. No entanto, um ponto principal desse capítulo, que não pode passar despercebido, é que o povo simplesmente arregaçou as mangas e pôs-se a trabalhar. Neemias não é mencionado nem mesmo uma vez no capítulo inteiro, mas os demais trabalhadores são citados pelo nome. O termo hebraico traduzido como *edificar* aparece sete vezes e, como *reparar*, 35 vezes. Muitas outras palavras e frases relacionadas à construção também são empregadas. O principal é que o povo construiu o muro e trabalhou arduamente, como disse que faria (Ne 2.18).

**3.1** — *Eliasibe, o sumo sacerdote*, e os outros sacerdotes foram os primeiros a iniciarem a reconstrução dos muros de Jerusalém. Nessa época, não havia reis nem juízes em Israel, e eram os sacerdotes que lideravam o povo. Inclusive eles e o sumo sacerdote construíram a *Porta do Gado*, a qual ficava no lado nordeste de Jerusalém, ao





## EM FOCO

## ARDOR (HB. CHARAH)

(Ne 3.20; Êx 32.10; Jn 4.1)

O termo hebraico traduzido aqui como *ardor* geralmente significa *acender a ira* (Gn 39.19; Jn 4.1) e descreve esse sentimento como um fogo ardente. Esse é o tipo de ira intensa que o Altíssimo demonstrou quando os israelitas adoraram um bezerro de fundição no lugar do Senhor (a palavra é traduzida como *acender* em Êxodo 32.10). Na presente passagem, a palavra denota arder com zelo, e não com ira. Em outras palavras, Baruque queria ardentemente reparar os muros de Jerusalém, pois sabia que essa era a cidade e a obra de Deus. Seu serviço foi realizado para a glória do Todo-poderoso.

norte do templo, e era usada para levar as ovelhas ao templo, a fim de serem sacrificadas.

*Consagraram.* Os sacerdotes dedicaram ao Senhor a porta, o muro e a torre reparados. Eles sabiam que, a menos que Deus abençoasse a cidade com a Sua presença, nenhum muro ou nenhuma porta manteria o povo em segurança (Sl 127.1).

**3.2-4** — *Ao seu lado.* O povo trabalhava junto — não apenas no mesmo lugar, mas em cooperação.

**3.5-7** — Deus prestou atenção também naqueles que não trabalharam.

**3.8-13** — Esses versículos detalham a reconstrução do lado ocidental do muro de Jerusalém.

**3.8** — O *Muro Largo* foi construído por Ezequias, provavelmente no século 7 a.C., para acomodar o fluxo de refugiados provenientes da queda de Samaria em 722 a.C. (2 Cr 32.5).

**3.9-14** — Esses versículos descrevem a reconstrução do lado sul do muro de Jerusalém.

**3.15-32** — Esses versículos detalham a reconstrução do lado oriental do muro de Jerusalém.

**3.15** — A *Porta da Fonte* possivelmente se situava de frente para a fonte de En-Rogel. O *viveiro de Selá* é conhecido também como o tanque de Siloé.

**3.16-20** — *Com grande ardor* traduz o verbo hebraico *heherâ*, que significa *queimar*. Em outras palavras, Baruque tinha um zelo ardente por seu trabalho. Ele é a única pessoa de quem se faz tal afirmação.

**3.21-28** — Na região mais oriental da cidade, a *Porta dos Cavalos* era a que levava ao vale de Cedrom.

**3.29-32** — *Os ourives e os mercadores* também trabalharam no muro, apesar de não serem pedreiros.

**4.1** — *Ardeu em ira, e se indignou.* Como se Sambalate acendesse a ira.

**4.2** — Sambalate reuniu os homens do *exército de Samaria*, sua milícia local, e, então, debochou do povo judeu com perguntas sarcásticas. *Estes fracos judeus:* o verbo do qual o adjetivo *fraco* é derivado é usado em relação a mulheres que não podem mais ter filhos (1 Sm 2.5), a um pescador cuja pescaria falha (Is 19.8) e aos habitantes de uma terra derrotada (Os 4.3).

*Sacrificarão? Acabá-lo-ão num só dia? Vivificarão dos montões do pó as pedras que foram queimadas?* Sambalate vertia desprezo sobre o povo judeu e seu Deus. Ao falar sobre vivificar as pedras, ele faz referência ao fato de que as pedras do antigo muro haviam sido *queimadas*. Quando a pedra calcária é submetida a calor intenso, torna-se inadequada para a construção.

**4.3** — *Tobias*, o ajudante de Sambalate (Ne 2.10,19), levou a zombaria (v.2) deste ainda mais além. Tobias declarou que, se uma pequena criatura, como uma raposa, pulasse no muro, ele cairia devido à sua frágil construção.

**4.4,5** — Neemias não respondeu aos seus oponentes (v.2,3). Em vez disso, orou para que o Senhor os perdoasse. Ele acreditava que, quando o povo de Deus estivesse envolvido no trabalho divino, qualquer ataque contra ele seria uma afronta a Deus. Nesse caso, desprezar os trabalhadores judeus era ignorar o próprio Senhor.

**4.6** — Neemias voltou a trabalhar imediatamente, e o povo, cujo coração *se inclinava a trabalhar*, acompanhou-o.

**4.7,8** — Como o sarcasmo dos oponentes de Neemias não interrompeu o trabalho no muro,



## APLICAÇÃO

### OS PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA COM BASE EM NEEMIAS - PARTE III

#### *Líderes se adaptam às adversidades (Ne 4.8,9)*

Muitas pessoas fogem das adversidades; os líderes sensatos sabem que elas existem. Sempre que mudanças e progresso estão a caminho, interesses conflitantes inevitavelmente aparecem para desafiá-los. Nesse momento, os líderes devem decidir se aceitam e enfrentam o desafio ou viram as costas e deixam seus oponentes tomarem as decisões.

Os adversários de Neemias eram um grupo de samaritanos que tinham interesse pessoal em ver Jerusalém desprotegida (Ne 4.7). Durante os 70 anos do exílio de Judá, eles haviam estabelecido o domínio sobre os que foram deixados para trás. Então, o plano de Neemias de reconstruir os muros e revitalizar a cidade ameaçava acabar com o monopólio inimigo.

Neemias respondeu à oposição com fé e oração decididas, além de resistência calculada. Em vez de agravar uma situação delicada, defendeu-se contra o ataque e continuou trabalhando. Assim, ele se adaptou às tribulações, em vez de fugir delas ou reagir de forma exagerada. Deus, no devido tempo, recompensou a perseverança desse Seu servo com o término do muro (Ne 6.15).

eles tentaram uma ameaça de ataque. A princípio, a oposição partiu de duas pessoas (2.10) e aumentou para três (2.19). Posteriormente, uma multidão cercou Jerusalém. *Sambalate* era samaritano. Samaria localizava-se ao norte de Jerusalém. Os *arábios* eram do sul, e os *amonitas*, do oriente. Já os *asdoditas* provinham do ocidente.

**4.9** — Antes desse versículo, as orações registradas no livro de Neemias são individuais. Esta foi uma oração em grupo. O espírito de Neemias havia afetado o grupo inteiro de trabalhadores, os quais não só oraram como também colocaram uma *guarda* e fizeram o que era humanamente possível para se protegerem de ataques.

**4.10** — Nessas circunstâncias, alguns dos trabalhadores se sentiram desencorajados. A construção do muro estava pela metade (v.6), mas a tarefa estava sendo executada. As palavras dos cansados *acarretadores* são como uma canção ou um poema no texto hebraico.

**4.11,12** — Enquanto os trabalhadores judeus se desencorajavam (v. 10), a oposição intensificava-se. Os adversários deram início a uma campanha silenciosa entre o povo judeu para interromper a construção do muro. Esses inimigos usaram o medo como arma e o povo judeu para fazer seu trabalho sujo.

**4.13** — *Pus guardas*. Como não existia um exército judeu, o povo tinha de defender-se de

outro modo. Neemias posicionou estrategicamente homens no muro. Dos lugares altos, eles podiam avistar a aproximação inimiga. Outros defendiam os lugares baixos do muro.

**4.14,15** — *Aos nobres, e aos magistrados, e ao resto do povo*. A estratégia de Neemias era direcionada tanto aos líderes quanto aos leigos. Dessa forma, toda a comunidade tomaria *posse* dos mesmos ideais.

*Pelejai pelos vossos irmãos*. Neemias lembrou aos judeus que eles não eram soldados mercenários ganhando salários ou esperando por despojos. Não só a vida desses estava em perigo, como a de seus queridos também. Deus respondeu às orações de Neemias, e o povo, sentindo-se inspirado por suas palavras sábias, voltou às suas atividades.

**4.16-18** — Neemias equipou os trabalhadores e dividiu seus próprios *moços* em dois grupos: uma metade trabalhava no muro; a outra ficava de guarda. Como precisavam das duas mãos para trabalhar, as espadas deles ficavam penduradas na cintura. Os que carregavam os cestos de entulho na cabeça seguravam suas armas com uma mão e, com a outra, apoiavam a carga.

**4.19,20** — Neemias instituiu um sistema de alarme para aqueles que trabalhavam no muro. Aparentemente, os trabalhadores ficavam espalhados pela extensão do muro e tão separados uns dos outros que a voz de um não alcançava o outro.



## EM FOCO

## TERRÍVEL (HB. YARE)

(Ne 1.5; 4.14; Gn 32.11)

A palavra hebraica traduzida como *terrível* é derivada do verbo em hebraico que quer dizer *temer*. Nesse contexto, o termo não significa *assustador*; mais exatamente, sugere a qualidade que inspira reverência ou temor santo. Em algumas passagens bíblicas, *temer* e *vida santa* estão tão intimamente relacionados que são quase sinônimos (Lv 19.14; 25.17; Dt 17.19; 2 Rs 17.34). Assim, enquanto o medo comum paralisa uma pessoa, o temor santo leva-a à submissão e à obediência ao Pai. Quem teme o Senhor evita o mal (Jó 1.1) e anda no caminho de Deus (Sl 128.1).

Por essa razão, um tocador com uma trombeta de chifre acompanhava Neemias aonde quer que ele fosse. Caso o muro fosse atacado, o alarme reuniria rapidamente todo o povo no lugar de perigo.

O nosso Deus pelejará por nós. Essas palavras despertaram o espírito do êxodo (Nm 10.1-10). O Altíssimo havia lutado por seus ancestrais e, agora, lutaria por eles.

**4.21-23** — Neemias instituiu um plano de trabalho e de guarda de 24 horas. O povo trabalhava durante o dia e ficava de guarda à noite. Os trabalhadores que moravam fora da cidade foram solicitados a permanecerem nela, ao invés de voltarem para casa. A não ser para se lavarem, Neemias e seus homens nunca tiravam suas vestes. Eles trabalhavam dia e noite. O capítulo quatro ilustra três tipos de oposição a Neemias e ao povo de Jerusalém: oposição pela zombaria, pela ameaça de ataque e pelo medo. Neemias ignorou a zombaria; ele orou e persistiu. Enfrentou a ameaça com oração e pôs homens de guarda. Ele lidou com o medo apontando para o Senhor e preparando o povo para a batalha. Sua abordagem poderia ser concomitantemente expressa em duas palavras: oração e persistência.

**5.1-5** — O prolongado período de trabalho, vigília, medo e cansaço causou, inevitavelmente, problemas entre o povo em Jerusalém. Existiam três grupos de queixosos, cada qual apresentado por meio da frase *havia quem dizia*. O primeiro grupo possuía famílias grandes e não dispunha de comida suficiente. O segundo tinha altas hipotecas a pagar e não podia comprar alimento. O terceiro precisava pagar altos impostos e foi forçado a hipotecar sua terra e, até mesmo, a vender seus filhos.

A fome, a carência, os impostos e o dinheiro, apesar de serem resultados imediatos das circunstâncias do povo, não eram a raiz do problema. A dificuldade maior do povo está identificada nas palavras *contra os judeus, seus irmãos*. Os judeus não se queixavam apenas da pobreza e dos altos impostos; estavam reclamando uns dos outros.

No versículo 1, o povo refere-se ao pobre; os irmãos, aos nobres (v.7). Resumindo, havia uma luta de classes. O menos favorecido financeiramente havia hipotecado suas terras, vinhas e casas, tomado dinheiro emprestado e, até mesmo, vendido seus filhos e suas filhas como escravos.

De acordo com a Lei, aí existiam dois problemas: (1) usura, empréstimo de dinheiro e cobrança de juros; (2) escravidão. Não era errado um judeu emprestar dinheiro com juros a um não judeu (Dt 23.19,20), como também não o era emprestar dinheiro a outro judeu. No entanto, a Lei proibia a usura (Êx 22.25). As taxas de juros eram exorbitantes e, facilmente, podiam levar alguém à pobreza e à escravidão — o que acarreta um segundo problema. De acordo com a Lei mosaica, um judeu podia alugar seus serviços a outra pessoa, mas não como um escravo (Lv 25.35-40).

**5.6** — *Muito me enfadei (aborreci, ARA)*. A primeira reação de Neemias aos pecados do povo judeu foi de raiva. A desobediência deliberada à Palavra de Deus devia deixar alguém indignado contra o pecado, mas não contra o pecador.

**5.7-10** — Depois de aborrecer-se com os pecados dos judeus (v.6), Neemias passou um tempo considerando com ele mesmo e, então, confrontou os culpados.



## APLICAÇÃO

### OS PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA COM BASE EM NEEMIAS - PARTE IV

#### **Líderes resistem às políticas secretas (Ne 6.5-9)**

Tendo falhado ao intimidar Neemias para interromper o trabalho, Sambalate e seus seguidores usaram táticas torpes para tentar acabar com o projeto (Ne 6.5-7). Oponentes frustrados geralmente recorrem a esta abordagem quando outros métodos se mostraram inúteis.

A Bíblia não explica por que Neemias descartou tão facilmente suas acusações (Ne 6.8) e, aparentemente, não tomou nenhuma atitude para impedir que as cartas deles chegassem ao rei. No entanto, parece plausível que Neemias estivesse contando com seus anos de serviço confiável como copeiro do rei. Ele devia saber que tinha a total confiança de Artaxerxes, que logo veria a decepção de qualquer um que acusasse Neemias de sedição. Ele também conhecia o processo pelo qual cartas como as que Sambalate havia escrito seriam lidas e avaliadas.

Resumindo, Neemias tinha uma consciência limpa e uma reputação impecável. Então, nenhuma "lama" poderia fazê-lo desistir. Ele sabia que nada disso duraria. Além disso, não atiraria lama em ninguém. Provavelmente, poderia ter aparecido com várias acusações contra seus adversários, mas, em vez de perder tempo com ofensas verbais que desviariam a sua atenção do muro, ele orou e ignorou as políticas do lado de fora da cidade.

#### **Líderes servem ao povo (Ne 7.1)**

Algumas pessoas respeitam a liderança principalmente como uma arte de obter resultados. Grandes líderes, dizem, são aqueles que conseguem o trabalho pronto, independente de como agem, contanto que atinjam seus objetivos. Porém, quando observamos os grandes líderes das Escrituras, descobrimos que eles não só realizaram muitos feitos, como também serviram aos outros no processo.

Neemias ilustra muito bem essa situação. Seu projeto de reconstrução do muro de Jerusalém nunca teve um fim em si mesmo. O objetivo principal era revitalizar o povo de Israel e fazê-lo retornar ao concerto com Deus. Com esse propósito, depois que a obra foi concluída, Neemias entregou a administração da cidade aos líderes do governo local (Ne 7.1,2). Ele não criou dependência em suas próprias habilidades, tampouco usou o projeto para obter riqueza ou fama para si mesmo (Ne 5.18). Em vez disso, desde o início, começou o processo de entregar a administração de Jerusalém a outras pessoas.

Neemias também ajudou o povo a investigar suas raízes ao rever o censo feito 25 anos antes na época de Esdras (Ne 7.5), o que estabeleceu o cenário para o repovoamento da cidade (Ne 11.1,2) e deu prosseguimento à iniciativa de revitalização urbana.

O termo *pelejei* (*repreendi*, ARA) é muito usado pelos profetas para falar de casos legais contra os culpados (Ne 13.11). Depois de repreender as partes culpadas separadamente, Neemias as confrontou em público com as mesmas acusações.

*Não é bom.* Aqui, duas atitudes estão em jogo — o *temor de Deus* (Ne 1.5) e o *opróbrio dos gentios*. Quando Israel, uma nação chamada pelo Senhor, parou de honrá-lo e obedecer-lhe, foi um escândalo, pois o nome de Deus havia sido desonrado.

**5.11,12** — Neemias desafiou os líderes a restituir o que eles tinham tomado com juros. O *centésimo do dinheiro* é provavelmente uma referência ao juro que eles estavam cobrando.

**5.13** — Neemias sacudiu o seu *regaço* como se quisesse livrar-se do que estava carregando. Ao fazê-lo, dramatizou o que o Altíssimo faria se o

povo quebrasse a Sua promessa: Deus os sacudiria para longe de suas casas e de seus bens.

**5.14-19** — Essa parte resume a época de Neemias como governador. O que ele fez, como registrado aqui, contrasta com o que os nobres haviam feito anteriormente (v. 1-13). Eles tinham sido egoístas, enquanto Neemias foi altruísta. Eles queriam tirar proveito do que pudessem; ele queria dar o que pudesse. Eles estavam pensando neles próprios; Neemias aguardava em Deus e em Seu povo. Ele contrasta o temor que tinha de Deus (v. 15) com a falta deste sentimento por parte dos nobres (v. 9). Também avalia seu comportamento com o dos governadores que o precederam (v. 15). Ele não chegou com o intuito de servir a si mesmo (v. 16), mas de servir aos outros (v. 17). Sua mesa estava repleta de alimento e

vinho maravilhosos (v.18), mas não à custa dos outros. Aliás, ele cuidou para não usar as provisões que pudesse ter exigido do povo como seu governador (v.14,18), pois sabia que os problemas que os judeus tinham já eram muitos. Enfim, o que ele desejava era o sentimento de regozijo de Deus (v. 19).

**5.14** — Durante os 12 anos em que administrou Jerusalém (444—432 a.C.), Neemias não recolheu impostos do povo, embora como governador tivesse esse direito.

**5.15** — Muitos *governadores* anteriores pagaram suas despesas pessoais com os impostos dos judeus. Eles *oprimiram o povo*. Os governadores antes de Neemias tinham dificultado a vida para o povo. *Dominavam* indica um governo arbitrário e opressor, com abuso de poder por meio de extorsão.

**5.16-18** — Neemias não adquiriu hipotecas na *terra*. Ele poderia ter obtido bens imóveis facilmente e vendido tudo com um grande lucro. Porém, em vez de ganharem dinheiro para eles próprios, Neemias e seus servos trabalharam no muro de Jerusalém para a proteção do povo e a glória de Deus.

**5.19** — O motivo de Neemias era claro: ele não estava fazendo o *bem* para dar glória aos homens, mas para agradar a Deus. Sua oração se repete no final do livro (Ne 13.31).

**6.1,2** — Os inimigos de Neemias, percebendo que a oposição às claras não tinha funcionado e que a obra estava perto de ser concluída, sugeriram uma reunião. O *vale de Ono* situava-se a cerca de 30 Km a noroeste de Jerusalém. De alguma forma, talvez por uma palavra vinda do Senhor, Neemias foi avisado das intenções de seu adversário.

**6.3-6** — *Uma carta aberta*: naquela época, uma correspondência endereçada a um líder deveria ser dobrada em uma bolsa de seda e selada. Além disso, teria de ser aberta apenas pela pessoa a quem ela tivesse sido enviada. A carta aqui, no entanto, teve exibição pública. Nela, o povo judeu foi acusado de querer rebelar-se.

**6.7** — A evidência usada para acusar Neemias de rebelião foi uma afirmação de que os profetas tinham proclamado Neemias rei. Zacarias havia profetizado a chegada de um rei (Zc 9.9). Com

toda a atividade de reconstrução do muro, o povo poderia estar falando sobre o que Zacarias tinha declarado. Os inimigos de Neemias ameaçaram levar o assunto ao rei da Pérsia, usando essa ameaça como alavanca para forçar Neemias a atender o encontro proposto. Embora verdadeiramente não tivessem nenhuma intenção de dirigir-se ao rei (Ne 6.9), os opositores esperavam que suas ameaças arruinassem a reputação de Neemias e, assim, os trabalhadores perdessem sua determinação.

**6.8,9** — Neemias não se permitiria desviar do seu objetivo. Ao contrário, entregou ao Senhor as acusações de seus inimigos (Sl 31.13,14). Seus adversários queriam enfraquecê-lo; então, ele orou a fim de que Deus o fortalecesse.

**6.10** — Obviamente, *Semaías* era um sacerdote. Com a visita de Neemias, propôs ao governador que eles entrassem no Lugar Santo para se protegerem de assassinos. Sua sugestão foi que Neemias fugisse para dentro do santuário. Era legal para um israelita procurar refúgio junto ao altar do lado de fora do templo (Êx 21.13,14), mas apenas o sacerdote podia entrar no Lugar Santo. Os inimigos de Neemias estavam tentando-o sutilmente. Se pudessem fazê-lo cair em pecado, Neemias e seu trabalho ficariam desacreditados. Então, o povo deixaria de segui-lo, e o trabalho no muro seria interrompido.

**6.11-16** — Deus concedeu a Neemias sabedoria para discernir o erro no conselho de Semaías. *Tobias* e *Sambalate* eram os principais instigadores por trás de Semaías. Neemias, com indignação, rejeitou o conselho do sacerdote por duas razões: primeiro, porque um homem como ele não deveria fugir. Neemias era o governador, um líder do povo. Ele tinha responsabilidades para com o rei e, principalmente, para com o Rei dos reis. Uma pessoa de sua posição não poderia fugir nem esconder-se com medo. Segundo, Neemias recusou-se a ir ao templo para salvar a sua vida porque a Lei o proibia de entrar no Santo dos Santos sob pena de morte (Nm 18.7).

**6.17-19** — Aqui temos uma nota de acréscimo. Parece que, durante a construção do muro, várias cartas pessoais tinham sido trocadas entre *alguns nobres de Judá* e *Tobias*. Este e seu filho *Joanã*

tinham casado com mulheres judias. Alguns dos nobres contavam as bondades de Tobias a Neemias e, então, relatavam a Tobias tudo o que ficavam sabendo do governador. Com essas cartas, eles esperavam apanhar Neemias em uma armadilha com suas próprias palavras ou intimidá-lo.

7.1 — Os levitas eram auxiliares dos sacerdotes (Nm 18.1-4) e tinham a função de guardar e limpar o santuário, serviços para os quais Neemias os estabeleceu. Dentre eles, os *porteiros* e os *cantores* foram contados. Os *porteiros* ficavam de guarda na casa de Deus e abriam e fechavam as portas do pátio do templo (1 Cr 9.17-19; 26.12-19). Já os cantores guiavam o povo em sua adoração musical a Deus. O número de levitas, *porteiros* e *cantores* é dado em Neemias 7.43-45.

7.2 — Neemias indicou dois guardas sobre a cidade como oficiais municipais, cada qual responsável pela segurança de metade de Jerusalém (3.9-12). Um deles era *Hanani* — irmão de Neemias —, que tinha visitado Jerusalém e levado de volta um relatório desanimador para Neemias em Susã (Ne 1.2). O outro era *Hanania*s, o qual foi posto por Neemias sobre a *cidadela* por ter sido *fiel e temente a Deus*. *Fiel* (hb. *um homem de verdade*) significa *firme, confiável*. Hanania s era um homem que temia o Senhor, o que significa que ele conhecia o Altíssimo e andava com Ele. O temor de Deus receia o Seu descontentamento, deseja o Seu favor, reverencia a Sua santidade, submete-se alegremente à Sua vontade, é grato por Seus benefícios, adora o Senhor com sinceridade e obedece conscientemente aos Seus mandamentos.

7.3 — Neemias não apenas instituiu guardas sobre Jerusalém (v.2), como também estabeleceu diretrizes para a proteção da cidade. As *portas* da cidade geralmente abriam ao nascer do sol, mas Neemias ordenou que elas permanecessem fechadas até que o sol estivesse a pino. Essa precaução extraordinária teria desencorajado os inimigos de preparar um ataque surpresa ao nascer do sol. As portas eram críticas para a defesa de uma cidade antiga. Neemias também ordenou que os cidadãos de Jerusalém organizassem uma defesa civil, com o povo fazendo escalas de guarda à noite do lado

de fora das próprias casas. Essa foi uma estratégia inteligente. O povo ficaria mais alerta ao vigiar suas próprias residências do que ao guardar uma área qualquer da cidade.

7.4 — Para a extensão da *cidade*, Jerusalém não estava suficientemente povoada. Mesmo que já tivessem passado 90 anos desde que o povo tinha retornado com Zorobabel para viver lá, ainda existia muita área desabitada dentro dos muros renovados por Neemias.

7.5 — *O meu Deus me pôs no coração*. Neemias atribuiu ao Senhor a ideia de um censo que apresentaria a distribuição populacional. Se ele conhecesse a configuração da população na capital e na zona rural, seria possível, então, determinar quais distritos poderiam perder uma parte de seus habitantes para Jerusalém.

7.6-73 — Neemias descobriu uma lista, registrada por famílias, dos nomes do povo judeu que, com Zorobabel, voltou da Pérsia para Judá em 536 a.C. Essa extensa listagem consiste de nomes de líderes (v. 7), pessoas por família (v. 8-25) e por cidades (v. 26-38), sacerdotes (v. 39-42), levitas (v.43-45) e netineus, ou servidores do templo (v. 46-56), bem como dos servos de Salomão (v. 57-60), dos que retornaram sem uma genealogia (v. 61-65), do número total do povo (v.66,67), dos animais (v. 68,69) e dos presentes oferecidos para o sustento do trabalho (v.70-72). Essa mesma relação é encontrada em Esdras 2, com pequenas variações.

7.70-73 — *Mil daricos* de ouro pesariam cerca de quatro quilos.

8.1 — A frase *todo o povo* indica a reunião de todas as cidades e da zona rural de Judá. A *praça*, provavelmente, localizava-se entre a área sudeste do templo e o muro oriental. O líder — nesse caso, o escritor — era *Esdras*. Essa é a primeira vez que o escriba é mencionado no livro de Neemias. O povo instruiu Esdras a pegar o Livro da Lei, o qual ele havia levado para Jerusalém 13 anos antes. O que era restrito ao estudo particular entre homens instruídos tornou-se público para todos.

8.2 — Nas Escrituras, geralmente as *mulheres* estão implicitamente presentes nas reuniões de grupos; aqui, elas são mencionadas explicitamente.

*Todos os sábios para ouvirem.* Crianças com mais idade, assim como adultos, reuniram-se no primeiro dia do sétimo mês. O muro havia sido concluído no vigésimo quinto dia do sexto mês (Ne 6.15); então, esse evento aconteceu apenas poucos dias após a conclusão da obra.

**8.3** — *Desde a alva até ao meio-dia.* Um período de cerca de seis horas.

**8.4** — Aparentemente, os homens descritos nesse versículo estavam ao lado de Esdras para ajudá-lo durante o longo período que durou a leitura.

**8.5** — Quando Esdras abriu o livro, *todo o povo se pôs em pé*, representando sua reverência pela Palavra. Esse gesto, tempos depois, tornou-se característico dos judeus nas cerimônias realizadas nas sinagogas.

**8.6,7** — Antes de ler o Livro da Lei, Esdras guiou o povo em oração. *Louvou* significa que Esdras identificou Deus como fonte de bênçãos para o povo (Sl 103.1). O povo respondeu *amém* e levantou as mãos, indicando participação com Esdras na oração. Então, os judeus inclinaram a cabeça e adoraram o Senhor com o rosto em terra, um ato de submissão voluntária ao seu Senhor e Criador.

**8.8** — *Eles leram, declarando.* Os levitas explicaram completamente o significado da Lei de Deus.

*Explicando o sentido.* Os levitas explicaram a Lei de forma que o povo depreendesse o sentido e obtivesse o discernimento do que estava sendo lido.

**8.9-11** — Uma vez que o povo compreendeu a Palavra de Deus, chorou. Ouvindo os altos padrões da Lei e reconhecendo sua baixa posição diante do Senhor, os judeus se converteram. Neemias, Esdras e os levitas estavam, sem dúvida, alegres em ver a convicção do povo. Mas, mesmo assim, encorajaram-no a parar de chorar e lembraram que aquele dia era *consagrado ao Senhor*.

No primeiro dia do sétimo mês (v.2), era realizada a Festa das Trombetas. Não era tempo de chorar, mas de celebrar. O povo foi instruído a celebrar a festa comendo, bebendo e compartilhando. *A alegria do Senhor* podia referir-se à alegria que Deus tem, mas o contexto indica que é algo que o povo experimentou. Esse é o sentimento que brota em nosso coração por meio de nosso relacionamento com o Altíssimo. É um

contentamento dado por Deus, sentido apenas quando estamos em comunhão com Ele. Quando nosso objetivo é conhecer mais acerca do Senhor, o que obtemos é a Sua alegria. *Força* significa *lugar de segurança, refúgio ou proteção*. O lugar seguro do povo era o Todo-poderoso. Os judeus tinham construído um muro e carregado lanças e espadas, mas Deus era a sua proteção.

**8.12** — O povo foi às suas casas para *comer e beber*, compartilhar e regozijar-se, porque levava no coração as palavras de Neemias, Esdras e dos levitas (v. 1-9). Ele obedeceu à Palavra do Senhor e celebrou a Festa das Trombetas.

**8.13** — *Os cabeças dos pais de todo o povo, os sacerdotes e os levitas* voltaram no dia seguinte para ouvirem mais ensinamentos da Palavra de Deus.

*Atentarem.* Até mesmo os líderes se reuniram para entender o sentido das Escrituras e saber como deveriam agir.

**8.14,15** — Agora, a leitura da Lei havia avançado para Levítico 23. Os ouvintes descobriram que deviam observar a Festa dos Tabernáculos do décimo quinto ao vigésimo segundo dia do sétimo mês. Durante esse tempo, o povo viveria em cabanas feitas de galhos novos de árvores frutíferas e palmeiras. Essas habitações seriam espalhadas nos pátios, nas ruas, nas praças públicas e nos terraços das casas. Nenhum trabalho secular seria realizado durante essa celebração. Essa festa era observada em memória dos ancestrais que viveram em cabanas — tendas — depois do êxodo (Lv 23.40). A cabana não era um símbolo de miséria, mas de proteção, preservação e abrigo.

**8.16** — O povo observou a Festa dos Tabernáculos de acordo com a Lei. Aqueles que viviam na cidade fizeram *cabanas* nos terraços de suas casas ou em *seus pátios*. Os sacerdotes e os levitas montaram suas tendas *nos átrios da Casa de Deus*. O povo da zona rural fez suas cabanas na rua diante *da Porta das Águas e da Porta de Efraim*.

**8.17** — *Nunca fizeram assim os filhos de Israel, desde os dias de Josué.* Aqui, faz-se uma referência à construção das cabanas. O povo de Israel, certamente, havia celebrado a Festa dos Tabernáculos desde a época de Josué. De fato, aqueles que tinham retornado com Esdras observaram a



## APLICAÇÃO

### OS PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA COM BASE EM NEEMIAS - PARTE V

#### **Líderes celebram frequentemente (Ne 8.1)**

Verdadeiros líderes apreciam o valor de celebrar os grandes feitos de Deus em suas organizações e por meio delas. Quando a tarefa é terminada, os resultados são alcançados e o povo é servido, então, é apropriado separar um tempo para celebrar essas bênçãos.

Foi isso que Neemias fez quando o povo terminou a reconstrução do muro (Ne 8.1,10). Primeiro, ele fez Esdras ler a Lei — a motivação da missão de Neemias, em primeiro lugar. As palavras despertaram não só tristeza (Ne 9.1-3), como também alegria genuína (Ne 8.10-12). Então, com louvor sincero, comida e, até mesmo, um coro dizendo amém (Ne 8.6), a comunidade alegrou-se no Senhor pelo trabalho realizado.

Mais uma informação interessante para a celebração foi a instrução de Neemias: *enviai porções aos que não têm nada preparado para si* (Ne 8.10). Em outras palavras: "tragam os pobres à festa; compartilhem a riqueza!". Ninguém deveria ser privado de tamanha alegria.

festa no primeiro ano de seu retorno (1 Rs 8.65; 2 Cr 7.9; especialmente Ed 3.4).

**8.18** — A leitura da Lei era exigida durante a celebração da Festa dos Tabernáculos, que ocorria no Ano Sabático (Dt 31.10,11).

**9.1-38** — Esse capítulo é, comprovadamente, um dos mais significantes em toda a Escritura hebraica. Ele apresenta uma narração convincente da história básica do Antigo Testamento, com um foco glorioso na obra do Altíssimo na vida de Seu povo. A passagem não se encerra com história, mas com resposta. Toda compreensão verdadeira da pessoa e da obra de Deus leva a ações de justiça e atitudes de adoração. A maior parte do capítulo (v. 5-38) é frequentemente considerada como uma oração ao Senhor. Se for uma oração, deve ser a mais longa registrada na Bíblia. Mas, em sua forma e em seu conteúdo, assemelha-se mais a um cântico, mostrando afinidades principalmente com os Salmos 105 e 106. O texto não registra quem escreveu tais palavras, mas podemos citar a tradição de que Esdras as escreveu e chamar esse trecho de O Grande Salmo de Esdras.

**9.1** — *Dia vinte e quatro deste mês*. A adoração pública do povo tinha começado no primeiro dia do sétimo mês (8.2), e, mais de três semanas depois, o povo ainda estava envolvido nela. *Jejum, pano de saco e terra* eram sinais tradicionais de luto; aqui eles eram a preparação para a confissão do pecado do povo (v.2).

**9.2** — *A geração de Israel* (ou *a linhagem de Israel*, ARA) significa a semente de Israel. A separação de todos os estrangeiros era uma separação sagrada dos estrangeiros que adoravam outros deuses e cujas práticas devem ter trazido danos à adoração do Senhor pelo Seu povo.

*Dos seus pecados e das iniquidades de seus pais*. A confissão dos pecados do próprio povo foi para perdão pessoal e coletivo; já a confissão dos pecados de seus pais foi para lembrar que os judeus não podiam continuar praticando as atitudes perversas do passado.

**9.3,4** — Como em Neemias 8.5, o povo, em reverência, pôs-se *em pé* ao ouvir a leitura das Escrituras.

*Uma quarta parte do dia*. Aproximadamente foram gastas três horas (compare com cap. 8.3) na leitura pública e três horas na adoração coletiva. O povo fez *confissão*. Esse verbo, quando usado em relação a Deus, como nesse versículo, implica louvor ao Altíssimo.

**9.5** — *Levantai-vos, bendizei ao Senhor, vosso Deus*. Essas palavras foram ditas em alta voz pelos levitas.

*De eternidade em eternidade*. O Senhor dos Exércitos será louvado eternamente.

*O nome da tua glória*. A importância do nome de Deus dificilmente pode ser superestimada. Esse cântico é fundamentado na teologia da Lei (os livros de Moisés), como era de se esperar



depois de três semanas de leitura das Escrituras (8.1,2). Assim, a exaltação que o poema faz ao nome do Senhor é baseada na revelação de Seu nome pelo próprio Deus, como registrado em Êxodo 3.14. O profeta Isaías também louvou o glorioso nome do Senhor (Is 63.14).

**9.6** — Um dos ensinamentos fundamentais das Escrituras é que Deus não é um entre outros; só Ele é o Deus vivo (Dt 6.4).

*O céu [...], a terra [...], os mares.* O Todopoderoso, sozinho, criou todas essas coisas e preserva-as. Toda a adoração é devida apenas a Ele. A primeira parte desse cântico (Ed 9.5,6) estabelece o clima para o poema inteiro: o Senhor é incomparável (Nm 23.8,9; Dt 4.32-40; Sl 113.4-6).

**9.7-31** — Aqui, temos uma exposição da fidelidade do Altíssimo para com o Seu povo, apesar de sua história cheia de altos e baixos. Esse longo trecho é o coração do Salmo, no qual o poeta contrasta dramaticamente a lealdade do Senhor com o triste registro da desobediência de Israel aos Seus mandamentos, a indiferença pelas Suas maravilhas e o desdém pelos Seus atos de correção. Ainda assim, Deus permanece fiel.

**9.7,8** — *Tu és Senhor, o Deus.* A ordem das palavras do texto em hebraico é impressionante: “Tu és Ele, Jeová, (o) Deus”. O uso do artigo definido para a palavra Deus destaca-o como o verdadeiro Deus.

*Abraão.* A história da escolha de Abraão começa em Gênesis 12.1-3. O objetivo aqui é enfatizar a graça divina. Abraão não buscou o Senhor. Ao contrário, Deus o buscou.

*Achaste o seu coração fiel.* Todos os personagens bíblicos pecaram, exceto Jesus. Ainda assim, existiram alguns cuja fé no Altíssimo era constante, dentre eles, Abraão e Sara (Hb 11.11,12). A história subsequente do povo de Israel não foi marcada pela fé firme vista em Abraão, para a tristeza do Senhor.

A Terra Prometida, a *terra dos cananeus*, era habitada por diversos grupos de pessoas que perderam o direito à terra por causa da iniquidade que tinham em seu coração (Gn 15.18-21; Êx 3.8,17; 23.23; 33.2; Dt 7.1; Js 3.10).

*Confirmaste as tuas palavras.* Esta é a essência do cântico. A fidelidade de Deus para com o Seu povo não pode ser questionada.

*És justo.* Uma das grandes razões para celebrar o caráter de Deus é Sua conformidade ao Seu próprio padrão de perfeição (v.33).

**9.9** — O livro de Êxodo narra a situação dos israelitas no Egito e o pedido de libertação que fizeram ao Senhor, além de falar sobre a misericórdia de Deus em Sua resposta às necessidades do povo. Esse versículo sugere que, antes de Israel expressar seu sofrimento, o Altíssimo já conhecia seus problemas.

**9.10** — *Os sinais e prodígios* foram as dez pragas narradas em Êxodo 7 — 12. Esses grandes atos divinos foram principalmente dirigidos contra Faraó.

*Soberbamente.* Em Êxodo 18.11, Jetro, sogro de Moisés, usou este mesmo termo para descrever as ações arrogantes do povo do Egito. Foram essas atitudes cheias de orgulho por parte dos egípcios que levaram o juízo de Deus sobre eles.

**9.11,12** — A expressão *e o mar fendeste* refere-se às ações divinas de libertação no mar Vermelho (Êx 14; 15). Observe a semelhança das tropas de Faraó afundando *como uma pedra* (Êx 15.5).

*Coluna de nuvem e coluna de fogo.* A presença contínua do Altíssimo na vida de Seu povo era indicada por estes símbolos (Êx 13.21,22; Nm 10.11,34; Dt 1.33).

**9.13,14** — O significado do *Sábado* na Lei de Deus para Israel é celebrado aqui (Êx 20.8-11; 23.10-13; 31.12-18).

*Pelo ministério de Moisés.* A Lei veio do Senhor, mas foi dada por intermédio de Moisés (Jo 1.17).

**9.15** — As dádivas de *pão*, ou maná (Êx 16.9-35), e *água* (Êx 17.1-7) demonstravam o cuidado de Deus por Israel na jornada que o povo fez rumo à Terra Prometida.

**9.16,17** — *Porém eles.* Essas palavras demonstram um surpreendente contraste com a descrição das ações de Deus nos versículos 9-15. O pecado dos israelitas foi agirem *soberbamente* — ou seja, comportando-se em relação a Deus da mesma maneira como o Egito se comportou em relação a eles. A principal referência aqui é

à revolta de Israel contra o Senhor em Cades (Nm 13; 14). Essa rebelião foi tão longe que os israelitas *levantaram um chefe* para levá-los de volta ao Egito.

*Porém tu.* Essa expressão contrasta com *porém eles*, escrita no início do versículo 16 (Êx 34.6).

*Perdoador* significa *repleto de perdão*. *Tardio em irar-te.* Essa expressão traduz uma expressão idiomática hebraica *longo de nariz*, que tem o mesmo significado de *demorar a perder a paciência*. *Beneficência*, que quer dizer *amor leal*, é muito usada no livro de Salmos (Sl 13.5). Em virtude da lealdade e constância divinas, o Altíssimo não desamparou o Seu povo.

**9.18-21** — Nesses versículos, o poeta descreve a fidelidade de Deus para com os israelitas, apesar do comportamento desprezível deles.

*Bezerro de fundição* é uma referência ao ato de rebelião descrito em Êxodo 32.

*Multidão das tuas misericórdias* descreve sentimentos profundos como os de uma mãe para com seu filho.

*Não deixaste no deserto.* O Senhor teria tido razão em abandonar Seu povo por causa de sua rebelião cheia de iniquidade e sem propósito. Porém, ainda assim, Deus foi forçado por Seu caráter a não fazê-lo.

*E deste o teu bom espírito.* O Todo-poderoso não só concedeu bênçãos a Israel; Ele se fez conhecer no meio dele.

*Quarenta anos no deserto.* A experiência no deserto (Dt 2.7) é vista de duas maneiras na Bíblia: (1) como um período de punição prolongada por causa da rebelião; e (2) como um período de misericórdia contínua graças ao caráter imutável de Deus.

*Vestes e pés.* As provisões do Altíssimo eram experiências diárias de milagres divinos (Dt 8.4; 29.5).

**9.22-25** — O escritor descreve as misericórdias do Senhor sobre Israel na conquista da Terra Prometida e na provisão contínua de Deus ao Seu povo.

*Reinos e povos.* A Bíblia celebra a posse de terra do lado oriental do rio Jordão, assim como a conquista de Canã.

*Como as estrelas do céu.* O crescimento mila-

groso do povo é descrito nesta hipérbole familiar (Gn 15.5; 22.17).

*Entraram nela.* A posse da terra, como descrita no livro de Josué, é indicada aqui.

*Cidades fortes, terra gorda e casas.* Com poucas exceções, Israel conquistou os habitantes de Canã de tal maneira que pôde mudar-se para as cidades e casas intactas dos cananeus. Os israelitas também puderam beneficiar-se das colheitas e dos poços pelos quais não tiveram de trabalhar. Tudo isso é testemunho da *grande bondade* de Deus.

**9.26-29** — A rebelião do povo foi expressa durante a época dos juízes e a dos reis. A metáfora *lançaram a tua lei para trás das suas costas* refere-se à rebelião.

*Matarem os teus profetas.* Jesus também dirigiu essa acusação contra o povo rebelde (Mt 23.31).

*Pelo que os entregaste na mão dos seus angustiadores* faz referência às experiências dos israelitas durante o período descrito pelo livro dos Juízes.

*O homem que os cumprir viverá.* Salvação em qualquer tempo é apenas pela graça mediante a fé (Ef 2.8,9). Cumprir a Lei nunca foi um meio de obter a salvação, mas é um guia para levar uma vida que agrade ao Senhor.

**9.30,31** — Deus permaneceu fiel ao Seu desobediente povo. *Por muitos anos* refere-se à história de Israel desde Saul até o último dos reis. *Teu Espírito, pelo ministério dos teus profetas* fala do trabalho do Senhor ao inspirar as palavras dos profetas de Israel (Jr 1.9). *Pelo que os entregaste na mão dos povos das terras* refere-se ao cativo de Israel.

*Nem desamparaste.* Pela terceira vez nesse cântico (v.17,19), esta realidade é confirmada.

**9.32-35** — Firmado na contínua misericórdia do Senhor ao longo dos séculos, o poeta, agora, volta-se para a situação atual e pede que a fidelidade do Altíssimo continue a ser experimentada por Seu povo. Essa é uma maravilhosa demonstração do modelo de oração bíblica. Com base nas ações passadas de Deus, o cristão afligido pede, pela fé, Sua contínua misericórdia.

**9.32** — Aqui, faz-se referência à época do grande avivamento sob a liderança de Esdras (8.1,2).

O concerto e a beneficência. A lealdade do concerto divino é inquebrável (Hb 6.17,18).

*Não tenhas em pouca conta toda a aflição.* À vista da inexprimível maravilha de Deus, o sofrimento de Seu povo poderia parecer pequeno demais para ser notado.

*Reis e povo.* Os efeitos dos problemas de Israel afetavam todos.

*Desde os dias dos reis da Assíria.* As incursões dos assírios, começando com Tiglate-Pileser III, iniciaram um período de opressão aos judeus.

**9.33-35** — *Tu és justo.* O autor confirma a justiça divina.

*Tu fielmente te houveste, e nós impiamente nos houvemos.* Essa é a realidade básica, não apenas deste capítulo, mas da história de Deus e de Seu povo.

**9.36,37** — A designação *servos* é usada aqui como uma ironia. Israel havia sido chamado para ser servo de Deus (Lv 25.55), mas, aqui, os judeus foram servos dos governantes estrangeiros. O produto da terra não lhes pertencia; era destinado aos reis. Os israelitas eram tributados pela Pérsia no produto da terra que Deus lhes havia concedido.

**9.38** — O cântico finda em ação, e não apenas em sentimento. Sua intenção foi a mudança comportamental do povo do Senhor, um sinal para que os israelitas refletissem na fidelidade de Deus. O novo concerto comunitário desejava demonstrar a lealdade de Abraão e Sara.

**10.1** — A assinatura de um documento no mundo antigo era feita de forma parecida com o método adotado em tempos mais recentes, nos quais se usava um selo de cera. Um selo especial era pressionado sobre argila macia, e o modelo dele mostrava que autoridade havia emitido tal registro.

**10.2-8** — Os sacerdotes que selaram o acordo estão aqui relacionados. Alguns desses nomes aparecem em uma lista posterior como chefes dos sacerdotes (12.11-20). Vinte e um sacerdotes, chefes das famílias, assinaram o acordo em nome das casas e famílias de suas respectivas classes. O nome de Esdras não aparece, indicando que, talvez, ele não fosse o líder de uma família.

**10.9-13** — Os levitas também assinaram o concerto. Alguns desses nomes aparecem posteriormente como chefes das ordens dos levitas (12.8).

**10.14-27** — Quarenta e quatro chefes do povo também assinaram o concerto. Ao contrário dos líderes religiosos, estes eram os líderes políticos da comunidade judaica (compare com 7.4-63; Esdras 2).

**10.28** — Não apenas os líderes, mas os leigos também assinaram o concerto. Os *netineus* eram os servidores do templo que realizavam o trabalho doméstico no santuário (Ed 2.43). Todos os que se tinham separado dos povos das terras eram os descendentes dos israelitas que haviam sido deixados na terra e juntaram-se aos remanescentes que regressaram. Homens, mulheres e crianças de idade suficiente fizeram a assinatura do concerto.

**10.29** — *Convieram num anátema.* A frase indica as penalidades pelo fracasso em cumprir o concerto. O povo fez um juramento para viver pela *Lei de Deus*, a qual era uma dádiva divina, *dada pelo ministério de Moisés*. Os israelitas juraram que observariam a Lei de Deus.

*Mandamentos, juízos e estatutos.* Essa é uma maneira de falar da Lei de Deus como um todo (Ne 1.7).

**10.30** — A decisão dos israelitas de obedecer à Palavra de Deus em todas as áreas de sua vida (v.29) não foi apenas uma declaração geral. O povo prometeu obedecer à Lei de Deus especificamente em suas relações matrimoniais. O casamento com não judeus era claramente proibido nas Escrituras (Êx 34.12-16; Dt 7.3; Js 23.12; Jz 3.6).

*Não dariamos as nossas filhas aos povos da terra, nem tomaríamos as filhas deles para os nossos filhos.* Os pais de Israel decidiram proibir seus descendentes de casarem-se com não judeus. No mundo antigo, os casamentos eram, geralmente, arranjados pelos pais.

**10.31** — Outras áreas da vida foram incluídas na dedicação do povo à Lei de Deus. Este versículo trata da observância do *Sábado*, e três detalhes em relação a esse dia da semana são mencionados: em primeiro lugar, o povo prometeu parar

---

*O povo fez um  
juramento para viver  
pela Lei de Deus*

---

de comprar dos estrangeiros e de vender para eles no Sábado; em segundo, ele se comprometeu a observar o Ano Sabático, ou seja, a deixar seus campos sem cultivo a cada sete anos (Lv 25.1-7); por último, decidiu não cobrar dívidas durante o Ano Sabático (Dt 15.1-6). O povo estava dedicando-se a guardar a Palavra do Senhor em sua vida profissional.

**10.32-39** — O restante do capítulo trata da promessa do povo de obedecer à Palavra de Deus em relação ao templo. Nessa área, o povo fez quatro promessas: (1) pagar uma taxa ao templo a fim de cobrir as despesas das cerimônias de adoração no santuário de Deus — o versículo 33 lista os itens que a taxa supriria; (2) fornecer a oferta da lenha. A Lei determinava que a lenha queimasse constantemente no altar (Lv 6.12,13), e Neemias fez com que essa fosse uma obrigação da congregação; (3) oferecer ao Senhor os primeiros frutos no templo, como reconhecimento de Seu status como o Dono da terra (Êx 23.19; 34.26; Dt 26.2). O povo prometeu os primeiros frutos de todas as árvores, o que significa que ele estava indo além das exigências da Lei. Ademais, o primogênito dos animais também pertencia ao Senhor (Nm 18.15, 17-19); e (4) remunerar os sacerdotes.

**11.1-3** — Neemias lançou sortes para repovoar Jerusalém. Não se sabe ao certo a natureza desse ato na Bíblia, porém a sugestão mais comum é que se marcavam pedras e as colocavam em um vaso ou urna, no colo ou embrulhadas em uma peça de roupa. Então, sacudiam-nas e retiravam dentre elas uma pedra. Há vários registros nas Escrituras relacionados a lançar sortes: (1) para determinar qual bode deveria ser sacrificado no

Dia do Perdão (Lv 16.7-19); (2) para dividir a terra entre as tribos (Nm 26.55); (3) para decretar quem havia cometido um crime (Js 7.14-18; Jn 1.7); (4) para decidir quem deveria ir para a guerra (Jz 20.9); (5) para determinar quem deveria ser o primeiro rei de Israel (1 Sm 10.20,21); (6) quem havia ofendido a Deus (1 Sm 14.41,42); (7) quem serviria no templo (1 Cr 24.5); (8) quem deveria queimar a lenha (Ne 10.34); (9) quem deveria substituir Judas (At 1.26). Nessa passagem de Neemias, sortes foram lançadas para determinar a vontade de Deus. Salomão escreveu: *A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a sua disposição* (Pv 16.33).

*Um de dez.* Esta era a proporção exigida para levar a população de Jerusalém ao nível considerado necessário para sua força e viabilidade.

**11.4-11** — Quatrocentos e sessenta e oito homens da tribo de Judá viviam em Jerusalém; noventa e vinte e oito homens da tribo de Benjamim também viviam lá. De acordo com 1 Crônicas 9.3, descendentes de Efraim e Manassés também fizeram morada em Jerusalém.

**11.12,13** — A obra da casa refere-se ao trabalho da casa de Deus, especificamente em relação aos sacrifícios do templo.

**11.14,15** — Varões valentes eram os homens que guardavam a cidade de Jerusalém.

**11.16-18** — A obra de fora da Casa de Deus tratava-se da manutenção do templo, incluindo reparos.

**11.19** — Os porteiros também eram defensores da cidade.

**11.20-22** — O superintendente dos levitas era Uzi, um importante administrador do templo.



## VOCÊ SABIA?

### A SOLUÇÃO DOS DEZ POR CENTO

Neemias surgiu com uma nova solução para revitalizar a agonizante área urbana que era Jerusalém: fazer com que os subúrbios afastados doassem dez por cento de seu povo à cidade (Ne 11.1,2). De fato, os distritos circunvizinhos pagaram o dízimo em pessoas com o propósito de repovoar a comunidade. O recrutamento de Neemias para o programa populacional envolvia lançar sortes para determinar quem seria transferido (Ne 11.1; compare com Josué 18.8-10). Aqueles selecionados eram abençoados (hb. *barak*, Ne 11.2), ou ordenados para a tarefa pelos seus companheiros cidadãos, o que sugere um comissio- namento formal dessas famílias para levar adiante a renovação do desenvolvimento cidadão.

**11.23,24** — À mão do rei (ou à disposição do rei, ARA): esse homem era o representante do povo. Ele podia receber petições e reclamações do rei e enviá-las para o monarca.

**11.25-36** — Esses versículos registram os residentes de fora de Jerusalém, ou seja, as tribos de Judá (v. 25-30) e Benjamim (v. 31-36). O povo de Judá vivia em 17 cidades e vilas próximas. Os descendentes de Benjamim ocupavam 15 áreas.

**11.25** — *Quiriate-Arba* é outro nome para Hebron.

**12.1-8** — O retorno de *Zorobabel* é registrado em Esdras 1—6. *Jesua* é o sacerdote Josué. *Esdras*: esse não é o sacerdote que escreveu o livro homônimo (Ed 7.1).

**12.9** — *Estavam defronte dele nas guardas*: o louvor era conduzido com dois coros de pé, de frente um para o outro.

**12.10,11** — A listagem dos descendentes de *Eliasibe* até *Jadua* pode indicar que alguém que viveu após Esdras e Neemias tenha adicionado alguns desses nomes.

**12.12-21** — Nos versículos 1-7, são relacionados os nomes de 22 sacerdotes. Aqui, apenas 20 nomes estão registrados. *Hatus* (v.2) e *Maadias* (v.5) não são mencionados nessa listagem.

**12.22** — *Dario*: Dario II (Nótus), que reinou sobre a Pérsia de 423 a 405 a.C.

**12.23-26** — O *livro das crônicas* não é o livro bíblico, mas um registro oficial dos *chefes das casas dos pais*.

**12.27-29** — Após o término do muro de Jerusalém (cap. 6) ocorreu um avivamento no meio do povo (cap. 8 — 10). Depois desse acontecimento, Neemias tomou providências para repovoar a cidade (7.4,5; 11.1,2). Estes dois fatores explicam por que a *dedicação dos muros* foi adiada. A palavra *dedicação* (hb. *hanukkâ*) é transliterada em português como *hanucá* ou *chanucá*.

A *Festa de Hanucá* foi comemorada a partir da experiência do povo judeu ao dedicar mais uma vez o templo depois de sua profanação pelos sírios e a subsequente revolta dos macabeus no segundo século antes de Cristo. O povo celebrou *com alegria*, em referência não apenas à festa em si, mas também à adoração a Deus.

O termo *louvor*, comumente encontrado no livro dos Salmos (Sl 147.7), significa *reconhecimento público, declaração em voz alta, em público*. Essa palavra — junto com *canto, saltérios, alaúdes e harpas* — sugere o uso de salmos em arranjos musicais com palavras de louvor e acompanhamento instrumental.

**12.30-35** — O método de purificação não é determinado, mas a ordem, sim: *os sacerdotes e os levitas, seguidos pelo povo, e as portas, e o muro*. Aqueles que manuseavam os vasos do Senhor tinham de ser purificados primeiro.

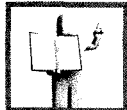
**12.36-42** — A associação do nome de Davi com *instrumentos musicos* foi uma referência ao glorioso passado de Israel.

**12.43** — Os sacrifícios oferecidos na dedicação do muro talvez não fossem holocaustos, mas ofertas de paz, quando o povo compartilhava uma refeição comum. A dedicação foi uma ocasião de grande regozijo, da qual todos, incluindo as esposas e os filhos, participaram.

**12.44-47** — Após a dedicação do muro, o povo tomou as providências para remunerar os sacerdotes, os levitas, os cantores e os porteiros que serviam no templo. A alegria do Senhor deveria produzir serviço para Deus. Nesse caso, o contentamento que o povo sentiu reverteu-se em provisões para o templo. Homens foram indicados como guardiões das primícias e dos dízimos.

*Nos dias de Davi e de Asafe*. A época da maravilhosa música de Israel nunca foi esquecida; ela servia de modelo para os dias vindouros.

**13.1-31** — Esse capítulo traz uma espécie de final surpreendente para o livro. A fim de entendê-lo, deve-se saber que, entre os capítulos 12 e 13, Neemias retornou para a Pérsia. À primeira vista, a frase *naquele dia* (v.1) pode parecer que faz referência ao dia da dedicação descrito há pouco. Mas os versículos 6 e 7 tornam isso impossível, assim como o versículo 10, o qual declara que, naquele *dia* do capítulo 13, os levitas não estavam recebendo suas porções, apesar de que as tinham recebido na época da dedicação (Ne 12.47). Então, Neemias retornou para a Pérsia entre os capítulos 12 e 13 e, naquele dia após o seu regresso, descobriu o que passou a ser o final



## ENTENDENDO MELHOR

### AS REFORMAS RELIGIOSAS DE NEEMIAS

Embora Neemias seja normalmente lembrado por aquilo que é considerado sua maior realização — a reconstrução do muro de Jerusalém —, ele também foi um reformador religioso.

Como Esdras, foi um purista nas questões religiosas. A verdadeira adoração só era possível para o imaculado, e, segundo Neemias, essa condição desqualificava todo o povo que havia permanecido na terra durante o exílio. Apenas os exilados que regressaram, e que tinham mantido a fé pura enquanto estavam no cativeiro, eram aceitáveis. Quando Neemias descobriu que Tobias — um de seus inimigos e um oficial amonita (Ne 2.19) — tinha recebido cômodos no templo para seu uso pessoal, ficou horrorizado e retirou-o imediatamente (13.7-9). Neemias também restaurou o sustento oficial dos ministros levitas (13.10-14) e renovou a aplicação das leis do Sábado (13.15-22).

surpreendente desse livro: aquele povo devoto e dedicado tinha tropeçado em tentação, caído em pecado, e permanecia em desobediência. Esse capítulo lida com cinco problemas: estrangeiros (v. 1-3); o templo (v. 4-9); os levitas (v. 10-14); o Sábado (v. 15-22) e o casamento (v. 23-31). Mais especificamente, registra a separação dos estrangeiros, a purificação do templo, a restauração dos levitas, a aplicação do Sábado e a condenação dos casamentos mistos.

**13.1-3** — A primeira área de apostasia para o povo foi o seu relacionamento com estrangeiros. Embora o cap. 9.2 declare que *a geração de Israel se apartou de todos os estranhos*, o povo, mais uma vez, permitiu estrangeiros em sua congregação. Relacionamentos entre o povo judeu e os não judeus na terra fizeram com que os israelitas violassem o mandamento divino (1 Co 15.33).

**13.4-9** — A segunda maior área de apostasia nesse capítulo (v.1-3) foi o fato de o sumo sacerdote ter permitido que um inimigo do Senhor vivesse na Casa de Deus. Eliasibe era o sumo sacerdote (v. 4,28). Tobias foi um dos homens que tentou interromper a construção do muro (Ne 2.10,19; 4.3; 6.1-12,17,19). Eliasibe permitiu que Tobias se instalasse na câmara grande do templo que havia sido usada para armazenar grãos e outros produtos. Na verdade, Tobias havia recebido acesso a vários cômodos do templo.

**13.6,7** — Neemias retorna para Jerusalém.

**13.8,9** — Quando Neemias retornou para Jerusalém, imediatamente iniciou as reformas. Ele removeu a mobília de Tobias da câmara e ordenou

que ela fosse purificada. Após sua lavagem, limpeza e aspersão com sangue, a câmara foi mais uma vez ocupada com grãos e outros itens que haviam estado lá anteriormente.

**13.10,11** — O termo *contender* é muito usado pelos profetas para se dirigirem a Deus e apresentarem a Ele um caso legal contra Seu povo errante (Jr 2.9). Neemias estava agindo como um profeta, levando ao Senhor um caso legal contra um apóstata; ele contendeu por aquilo que era certo. Observe a pergunta que ele fez: *Por que se desamparou a Casa de Deus?*

**13.12,13** — *Então, todo o Judá trouxe os dízimos*. As dízimas que deveriam ter sido entregues antes finalmente foram sendo levadas pelo povo.

*Tesoureiros*. Neemias escolheu homens fiéis para esta função (Ne 7.2; 1 Co 4.2; 2 Tm 2.2), para ter certeza de que a distribuição seria feita de forma justa.

**13.14** — Normalmente, a oração é oferecida ao Senhor antes ou durante um acontecimento. Nesse caso, a oração de Neemias seguiu suas *beneficências*. Neemias estava dizendo: “o que eu fiz, fiz de acordo com a Tua vontade; agora, preserva-me e protege-me”.

**13.15-22** — Outra dificuldade que Neemias enfrentou diz respeito ao *Sábado*. Nesse dia da semana, o povo judeu em Judá estava trabalhando; as pessoas estavam comprando e vendendo mantimentos em Jerusalém. *Tírios* levavam peixe e outras mercadorias para serem vendidas tanto em Judá quanto em *Jerusalém*. Essas eram violações ao que declara Êxodo 20.8-11 e ao juramento do



## VOCÊ SABIA?

### ASDODE E SUAS IMPLICAÇÕES

O nome Asdode (Ne 13.23) era notório entre os israelitas, na medida em que indicava um grupo inimigo de longa data, os filisteus. Asdode, situada próximo ao mar Mediterrâneo, era uma das cinco principais cidades dos filisteus. Tratava-se de um importante centro militar e comercial graças à sua localização estratégica na Via Maris, a principal estrada entre o Egito e a Síria.

próprio povo (Ne 10.31), que havia colocado suas transações comerciais à frente da obediência ao mandamento divino, segundo o qual aquele deveria ser dia de descanso.

**13.19-22** — *Ordenando-o eu, as portas se fecharam.* Neemias mandou que as portas fossem fechadas de sexta à noite até sábado à noite, colocando até mesmo seus próprios servos como guardas. Quando os negociantes e os vendedores ficaram do lado de fora do muro, Neemias avisou-lhes que, se ficassem por ali novamente no Sábado, ele mesmo iria atacá-los. Temerosos pela ameaça do exército de um só homem, os negociantes partiram.

**13.23,24** — O problema de os judeus se casarem com estrangeiros tinha sido tratado 30 anos antes, por Esdras (Ed 9.1-4). O povo, então, tinha feito um concerto, jurando que nunca mais faria isso (Ne 10.30). Nesse caso, Neemias encontrou filhos resultantes dos casamentos mistos, os quais não sabiam falar hebraico, a *língua* das Escrituras. Sem o conhecimento do hebraico, essas crianças não podiam aprender a Lei em casa, nem adorar o Senhor no santo templo. Os judeus estavam criando descendentes que não conheciam o Deus vivo nem o adoravam.

**13.25-27** — O ataque de Neemias aos judeus que se casaram com não judeus foi confrontador, direto e, até mesmo, brutal.

*Contendi com eles, e os amaldiçoei, e espanquei alguns deles, e lhes arranquei os cabelos.* É inquietante ler essa lista de verbos e imaginar a cena. Essas não foram as observações imparciais de alguém apresentando um seminário. Neemias usou

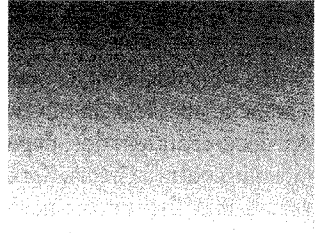
tudo o que podia, inclusive suas mãos, para forçar a obediência à Lei.

*E os fiz jurar.* Neemias os forçou a cumprir a vontade do Altíssimo nesse assunto; afinal, esse foi, no princípio, o principal motivo que levou Israel ao cativeiro. Neemias não podia, simplesmente, permitir que um desastre assim voltasse a acontecer.

*Salomão.* Até mesmo esse rei, apesar de sua grandeza e do amor de Deus por ele, cometeu pecado em grande medida nesse aspecto (1 Rs 11.4-8). Como, então, com as grandes lições do passado tão claras diante deles, os israelitas podiam repetir essas transgressões?

**13.28,29** — *Pelo que o afugentei de mim.* Essa ação foi contra o mais proeminente ofensor, o neto do sumo sacerdote Eliasibe. Este jovem tinha casado com a filha de Sambalate (Ne 2.10), o governador de Samaria e o arqui-inimigo do povo judeu. O matrimônio foi particularmente ofensivo porque formava uma aliança traiçoeira com os adversários de Israel e comprometia a pureza do sumo sacerdócio (cap. 12). Por causa da seriedade dessa ofensa, Neemias agiu de forma dramática: ele expulsou o jovem da comunidade, orando para que Deus se lembrasse dos que tinham desonrado o sacerdócio.

**13.30,31** — *Assim, os alimpei de todos os estranhos.* O testemunho de Neemias foi fazer tudo o que sabia para promover a justiça no sacerdócio e entre os levitas, incluindo as suas ofertas e o seu serviço. As últimas palavras de Neemias registradas (5.19) — *lembra-te de mim para o bem* — poderiam servir como as últimas palavras de qualquer pessoa de fé.



O livro de

---

# Ester

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Ester tem todos os elementos de um bom romance: uma bela orfãzinha que, inesperadamente, torna-se rainha. Ela guarda um segredo que poderá representar sua ruína. Há o vilão ambicioso, cujo objetivo de vida é destruir inocentes. Em última análise, a trama contém disputa pelo poder, amor conjugal e uma revelação estarrecedora. Mas, no fim das contas, a lição dessa história real é bem clara: mais uma vez, o Deus de Israel, milagrosamente, salvou Seu povo do extermínio certo.

Os acontecimentos do livro de Ester se passam no período de uma década durante o reinado de Assuero, ou Xerxes, que sucedeu seu pai Dario como regente do Império Persa, em 486 a.C. Durante seu reinado (486—465 a.C.), Xerxes continuou a campanha do pai contra a Grécia, em

represália ao seu papel na revolta dos jônios. Derrotado, retirou-se para Susã, uma das quatro capitais do Império Persa. Por volta de 483 a.C., realizou um exuberante banquete em Susã para celebrar os próprios feitos (Et 1.3). Dez anos depois, executou Hamã por suas intrigas (Et 7.9).

Alguns críticos questionam a precisão histórica desse livro em diversos pontos. Uma das dificuldades é a passagem que descreve o banquete real (Et 1.3-5). Esse trecho parece indicar que o festim durou muitíssimo tempo: *cento e oitenta dias* (Et 1.4). Uma interpretação melhor, porém, é a de que esse período tão longo foi a preparação da campanha militar contra a Grécia, durante a qual Xerxes demonstrou a seus oficiais o luxo e o poder que sua corte possuía. O banquete em si durou sete dias – bastante



tempo para um banquete, mas não um período inacreditável.

Outra dificuldade é que nem Vasti nem Ester são mencionadas fora da Bíblia. Mas os historiadores documentaram que, depois do fracasso da campanha contra a Grécia, Xerxes buscou refúgio em seu harém. Esse fato coincide com a ascensão de Ester (Et 2.17). Além disso, a palavra traduzida como *rainha* (Et 1.9; 2.22) pode referir-se simplesmente a uma esposa muito importante, em contraponto à mulher que governa junto ao rei. Por isso, a obscuridade de Ester e de Vasti seria compreensível. Ainda assim, alguns estudiosos não aceitam a ideia de que um rei persa casaria com uma judia, em vez de escolher uma aristocrata persa. Mas o livro de Ester deixa claro que, no começo, Ester escondia sua identidade judaica. Ela usava seu nome persa, *Istar* ou *Ester*, no lugar de seu nome hebreu, *Hadassa*. O clímax da história é a revelação surpreendente de que ela é judia.

O livro de Ester tem uma posição importante no cânon, por ser um forte testemunho da providência divina e da proteção que Ele oferece ao Seu povo. Porém, esse livro foi questionado por algumas pessoas. Um dos principais argumentos da discussão é o de que nem a palavra *Deus* nem o tetragrama sagrado, traduzido como *Yahweh*, são encontrados no livro. Existem duas explicações possíveis para isso. Primeiro, essa ausência pode ser produto do ponto de vista escolhido pelo autor. Este talvez visse os judeus que ficaram na Pérsia, em vez de retornar à terra de Israel (Ed 1.1), como um povo apartado das bênçãos primárias da aliança. Portanto, a falta do nome de Deus no livro poderia expressar a distância que existe entre Ele e os exilados. Ao mesmo tempo, o livro revela que Deus, surpreendentemente, protege essas pessoas. Segundo, o autor pode ter escrito o livro sob a forma de crônica do Estado persa, com o fim de explicar aos persas a festa judaica do Purim. De acordo com esse estilo, o autor dá ênfase aos títulos e nomes do rei e às listas, escrevendo sobre os judeus de forma desaparegada. Talvez isso ajude a explicar por que Ester é o único livro da Bíblia que não menciona diretamente o nome de Deus. [Além disso, a omissão

do termo *Deus* seria proposital, aludindo que, por trás da escolha de Ester como rainha no lugar de Vasti e do livramento concedido a Israel, estava o Senhor do tempo e da história.]

Enquanto a trama dá suas reviravoltas, o autor desenvolve uma história subjacente sobre o caráter de Deus. A narrativa demonstra a providência e a soberania divinas em uma situação que parecia sem saída. Os israelitas estavam vivendo entre estrangeiros que não temiam a Deus e não se importavam com eles. Um inimigo implacável dos israelitas havia se fortalecido na corte e tramava a destruição dos judeus. Mas numa época em que Deus parecia estar tão distante, Ele na verdade se preparava para libertar o Seu povo. Deus estava no comando de todos os acontecimentos, até mesmo da insônia do rei estrangeiro (Et 6.1).

Portanto, na capital persa, Deus demonstrou Sua lealdade ao pacto com os israelitas. Muito tempo antes, Ele prometera a Abraão que amaldiçoaria qualquer pessoa que amaldiçoasse os israelitas (Gn 12.2,3). A queda de Hamã ilustrou de forma dramática a fidelidade de Deus a essa promessa. Até com relação aos israelitas que permaneceram em terras estranhas Ele manteve Sua palavra, pois, apesar disso, considerou-os Seu povo. Assim, o autor de Ester ilustra claramente o que os israelitas estavam festejando no Purim: a fiel proteção que Deus provê a Seu povo.

A autoria do livro de Ester é desconhecida. Sabe-se que o autor provavelmente era judeu e vivia na Pérsia. Além disso, ele estava familiarizado com a cultura persa, segundo indicam as descrições extensas do complexo de palácios de Susã e os detalhes sobre o reinado do rei Assuero. Por esses motivos, alguns rabinos judeus atribuíram essa autoria a Mardoqueu, um de seus personagens principais.

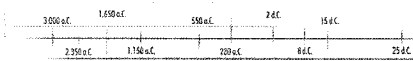
Qualquer que tenha sido o autor, o livro de Ester foi provavelmente escrito pouco depois do reinado de Assuero, no mínimo em 465 a.C. O autor fala do governo de Assuero e dos feitos de Mardoqueu (Et 10.2) no passado, sugerindo que o livro não foi feito durante o reinado de Assuero. Ainda assim, o fato de nenhuma palavra grega aparecer no livro exclui a possibilidade de que ele

seja posterior a 300 a.C., quando o idioma grego se tornou mais disseminado no Oriente Médio. Por outro lado, as inúmeras palavras de origem persa no livro indicam que ele pode ter sido escrito na segunda metade do século V a.C. Por

exemplo, o livro chama Xerxes pelo nome hebreu de Assuero, derivado do nome persa Khshayarsha. Se tivesse sido escrito depois de 300 a.C., seria esperada uma ortografia mais próxima da forma grega do nome, Xerxes.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM ESTER



Ano 538 a.C. — Início do retorno dos judeus à Judéia, sob o domínio de Ciro

Ano 521—486 a.C. — Reinado de Dario I na Pérsia

Ano 486—465 a.C. — Reinado de Assuero (Xerxes I) na Pérsia; ocorrências em Ester

Ano 464—424 a.C. — Reinado de Artaxerxes, o Longânimo, na Pérsia

Ano 458 a.C. — Esdras lidera um grupo de refugiados



## ESBOÇO

I. Uma rainha destronada e uma rainha descoberta — 1.1—2.23

A. O grande banquete — 1.1-9

B. Relutância de Vasti em expor-se aos convidados do marido — 1.10-12

C. Vasti deixa de ser a esposa principal — 1.13-22

D. A procura por uma nova rainha — 2.1-4

E. A descoberta e aprovação de Ester — 2.5-18

F. Revelação da trama por Mardoqueu — 2.19-23

II. Intrigas de Hamã contra os judeus na Pérsia — 3.1—7.10

A. Ódio de Hamã por Mardoqueu — 3.1-6

B. Decreto de Hamã — 3.7-15

C. Lembrete de Mardoqueu a Ester — 4.1-17

D. Os dois banquetes de Ester — 5.1-7.10

1. Primeiro banquete — 5.1-8

2. Plano contra Mardoqueu — 5.9-14

3. Mardoqueu recompensado e Hamã humilhado — 6.1-14

4. Segundo banquete e enforcamento de Hamã — 7.1-10

III. Reabilitação do povo judeu — 8.1—9.32

A. O rei muda de lado — 8.1-14

B. Regozijo entre os judeus — 8.15-17

C. Dois dias de redenção — 9.1-17

D. O Banquete de Purim — 9.18-32

E. Preponderância de Mardoqueu — 10.1-3

## COMENTÁRIO

**1.1** — *Assuero*. Este caprichoso rei persa, também conhecido pelo nome grego de Xerxes, reinou no período de 486—465 a.C. (Ed 4.6). Seu reino estendia-se da Índia (a região banhada pelo rio Indo, atualmente o Paquistão) à Etiópia (ou Cuxe), chegando a uma parte do que hoje é o norte do Sudão. Os persas eram arianos, indo-europeus que haviam entrado no atual Irã por volta do final do segundo milênio a.C. Emigraram da região que hoje é o sul da Rússia e do leste e do sul do mar Cáspio e estabeleceram sua dinastia por volta de 700 a.C. *Províncias*. O reino persa de Assuero era dividido em áreas geográficas menores chamadas *províncias* e divisões maiores chamadas de *satrapias*.

**1.2** — A capital da antiga Elão, Susã era uma das quatro residências dos imperadores persas. Susã ficava a cerca de 240 km ao norte do Golfo Pérsico. Foi o local de uma das visões de Daniel (Dn 8.2), e foi onde Neemias serviu como copeiro ao rei Artaxerxes (Ne 1.1,2).



Cidade de Susã (Susã)

Susã era a antiga capital e centro cultural de Elão, a cerca de 240 km do Golfo Pérsico, no atual Irã. Era a morada de Assuero (provavelmente Xerxes I, 486—465 a.C.), que fez de Ester sua rainha. Ali foram encontrados muitos artefatos mesopotâmicos, inclusive o código de Hamurábi.

*Fortaleza*. A capital tinha um palácio-fortaleza em seu ponto mais alto, a acrópole.

**1.3-5** — *No terceiro ano* de seu reinado, Assuero exibiu a riqueza de seu reino por seis meses.

*Fez um convite*. Existem controvérsias sobre se o rei teria dado um ou dois banquetes. É possível que o v. 3 apresente a ideia de um grande banquete e o v. 5 registre os detalhes específicos daquilo que acabou sendo um festival de sete dias. É improvável que o banquete em si tenha durado 180 dias.

*Pérsia e Média*. Entre essas duas nações, os medos já haviam sido os mais fortes. Desde o reinado de Ciro, os persas dominavam o reino. Juntos, estabeleceram um poderoso império (Dn 5.28).

**1.6,7** — *Branco e azul-celeste*. Eram as cores reais dos persas. O costume persa era recostar-se em sofás à mesa.

**1.8** — O monarca *ordenou* que os convidados bebessem na quantidade que preferissem, fosse ela muita ou pouca. Isso diferia do costume persa, segundo o qual os convidados de um banquete deviam beber todas as vezes que o rei erguesse sua taça.

**1.9** — *Vasti*. A rainha ofereceu um banquete separado para as convidadas. Este versículo serve para preparar a cena dos versículos 10-12 e para definir para o leitor as importantes diferenças de *status* entre homens e mulheres da corte persa.

**1.10-12** — Homens castrados, ou *eunucos*, eram incumbidos de servir no harém e mediar a comunicação entre rei e harém (Et 6.14). Devido ao grau de confiança que esses homens eram capazes de conquistar, às vezes também serviam em funções administrativas do reino. *Harbona*, mais tarde, terá um papel significativo na história (Et 7.9).

**1.13** — *Sábios que entendiam dos tempos*. Astrólogos e mágicos da corte aconselhavam e previam o futuro com base no que fingiam conhecer do sobrenatural. Os profetas muitas vezes lançavam um olhar de escárnio sobre tais charlatões (Is 44.24,25).

**1.14,15** — Os sete conselheiros provavelmente eram este mesmo grupo. Esses homens tinham o privilégio incomum de falar pessoalmente ao rei.

1.16-18 — Agindo como porta-voz dos outros, *Memucã* respondeu com astúcia, transformando a ofensa em algo maior do que uma afronta pessoal ao rei.

1.18 — *Desprezo*. A palavra hebraica empregada aqui ocorre somente nesta situação em todo o Antigo Testamento. Tem relação com o verbo traduzido como *desprezarão* no versículo 17.

1.19-21 — *Edito real*. *Memucã* urgiu o rei a tomar providências imediatas contra *Vasti*. A rainha receberia o equivalente a um divórcio e seria rebaixada de sua posição privilegiada de esposa preferida do rei.

1.22 — *Enviou cartas*. Os persas eram conhecidos por terem um excelente sistema postal.

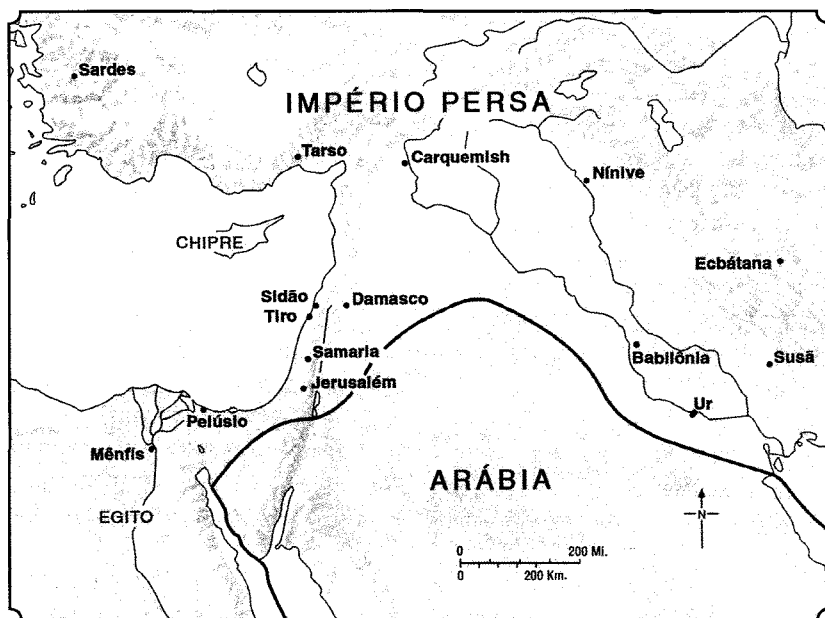
*A cada povo segundo sua língua*. Isso sugere o respeito concedido aos idiomas e dialetos locais no império persa.

2.1-3 — Era de praxe que as virgens do harém passassem um ano fazendo tratamentos de *beleza* (NVI) e ritos de purificação antes de irem ver o rei (v. 12). Novamente, vemos o exagerado sentido

do poder real em contraste com a posição frágil das mulheres. Achava-se que as *virgens formosas* existiam só para satisfazer o rei.

2.4,5 — O nome *Mardoqueu* está relacionado ao nome *Marduque*. A frase *um homem judeu*, juntamente com a genealogia e o nome tribal benjamita, preparam-nos para o conflito com *Hamã*, a seguir (cap. 3). *Simei* pode referir-se ao homem da família de *Saul* que amaldiçoou *Davi* (2 Sm 16.5-13). *Quis* pode ser o pai de *Saul* (1 Sm 9.1,2). Caso sejam esses os personagens corretos, eles são os ancestrais remotos de *Mardoqueu* da tribo de *Benjamim*.

2.6 — Este texto é de difícil interpretação, já que o texto hebreu não indica o sujeito da oração *que fora transportado*. O sujeito não poderia ser *Mardoqueu*. Se ele estivesse entre os cativos transportados, dificilmente teria vivido até o tempo de *Assuero*. O sujeito pode ser o ancestral de *Mardoqueu*, *Quis*, interpretado como uma pessoa diferente do pai de *Saul*. É possível também que a oração original signifique simplesmente que



O Império Persa (500 a.C.)

À época de Ester, o Império Persa estendia-se da Índia (a leste), passando pela Ásia Menor e indo até a Grécia (a oeste), incluindo o Egito e parte da costa africana ao sul.

Mardoqueu e sua família descendiam dos cativos que foram levados à Babilônia no tempo de Nabucodonosor. Nesse caso, a pessoa que foi transportada à Babilônia não é mencionada especificamente; faz-se referência apenas aos ancestrais mais conhecidos.

**2.7** — *Hadassa* é um nome hebraico que significa *murta*. *Ester* é um nome persa que significa *estrela*. Assim como o nome de seu primo Mardoqueu, *Ester* é um nome relacionado a uma divindade local, a deusa Istar. Na Antiguidade, os judeus costumavam adotar um segundo nome quando viviam longe de Israel. Um seria seu nome secular, compreensível para sua cultura adotiva; o outro, seu nome sagrado em hebraico.

*Bela de aparência e formosa à vista*. Essas duas expressões se complementam, propiciando um sentido de *de graça extremosa* ou *formosíssima*.

**2.8** — Não podemos dizer com certeza se Ester foi ao palácio real por querer ou por ter sido obrigada. Ela foi levada ao complexo dos palácios, mas não aos aposentos reais ainda. Como trabalhava como guarda do harém real, *Hegai* era eunuco (Et 2.3).

**2.9** — *Alcançou graça perante ele*. Essa frase caracteriza a relação de Ester com todos que a conheciam, inclusive o rei (v. 17). Ela alcançou graça perante muitos, conforme fica patente no resto do capítulo. A palavra hebraica para *graça* é um termo muito usado na Bíblia para descrever o caráter de Deus. Esta palavra pode ser traduzida como *amor leal*. A frequência desse conceito associado a Ester nesse livro pode ser uma forma sutil de sugerir a presença do Senhor sem chegar a mencionar o nome dele.

*Os seus enfeites e os seus alimentos*. *Hegai* fez questão de dar a Ester os melhores alimentos, em porções generosas. Também lhe deu sete criadas pessoais e o lugar mais aprazível para viver dentro dos aposentos do harém.

**2.10-13** — Muitos motivos foram sugeridos para a hesitação de Ester em *declarar* sua nação de origem. Posteriormente, ela acaba identificando a si e ao seu povo (cap. 8). De fato, sua revelação ocorreu no momento mais perigoso possível para ela.

**2.14** — *Concubinas*. Essas mulheres tinham vidas infelizes, embora muito luxuosas. Se o rei nunca voltasse a *chamá-las pelo nome*, seu destino seria viver como viúvas até o fim de seus dias (2 Sm 20.3). O que se procura mostrar aqui é o quanto Ester foi corajosa ao aparecer perante Assuero, mais tarde (Et 4.11; 5.1).

**2.15** — Mais uma vez, vemos a ação da providência divina. Ester alcançava graça aos olhos de todos que a viam. Aqui somos informados do nome de seu pai, *Abiail* (Et 2.7).

**2.16** — Ester tornou-se a esposa principal do rei quatro anos depois de ele ter-se divorciado de Vasti. Esse período harmoniza-se com o que sabemos por meio de outros relatos históricos da época. O relato sugere que Assuero (Xerxes) procurou consolo em seu harém depois da surra militar que levou da Grécia, numa campanha devastadora – história contada pelo historiador grego Heródoto. O mês de *tebete* corresponde aos meses de dezembro a janeiro em nosso calendário.

**2.17** — Aparentemente, o rei ficou tão encantado com Ester que *a fez rainha* imediatamente. Juntos, os substantivos *graça* e *benevolência* significam *benevolência abundante*.

**2.18,19** — *Assentado à porta do rei*. Essa frase tem um significado específico: quer dizer que Mardoqueu ocupava um cargo oficial. Pouco depois de tornar-se rainha, Ester deu a Mardoqueu um cargo à porta do rei aonde os assuntos oficiais eram tratados (Dt 22.13-15). Nessa posição estratégica, Mardoqueu estava bem-posicionado não só em termos de *status* pessoal como também para discernir a direção em que sopravam os ventos do poder e da intriga que poderiam pôr



### VOCÊ SABIA?

#### CONCUBINAS

Na antiguidade, era comum reis poderosos terem grandes haréns de concubinas (Et 2.14; 1 Rs 11.3). Essas mulheres eram geralmente as esposas cativas de reis derrotados e seus nobres. Mantidas em regime de semiescravidão, eram usadas como geradoras de filhos, especialmente varões.

em risco sua prima Ester. Isso é a providência divina em ação. Mardoqueu também pôde usar sua posição para descobrir a conspiração dos guardas para assassinar o rei (Et 2.21). O que motivava Mardoqueu era, principalmente, o desejo de ser leal ao rei, e não um desejo egoísta de obter informação que lhe seria útil em matéria de intrigas palacianas.

**2.20-23** — Mardoqueu descobriu uma conspiração de *dois eunucos* indignados para tirar a vida do rei. Ele usou essa informação para salvar o rei e também, posteriormente, seu próprio povo.

**3.1** — Alguns creem que *agagita* refere-se ao distrito histórico de Agague dentro do Império Persa. Outros creem que esse termo vinculava a ascendência de Hamã aos amalequitas. Essas pessoas, descendentes de Esaú (Gn 36.12), eram velhas inimigas dos hebreus (Ex 17.8). Agague, rei dos amalequitas, foi capturado pelo rei Saul (1 Sm 15.8). Se Mardoqueu descendia de Saul e Hamã dos amalequitas (como acham muitos rabinos), o que se segue é a continuação de uma antiquíssima hostilidade entre suas famílias.

**3.2-4** — Todos os empregados do rei estavam de serviço à porta dele. *Mardoqueu não se inclinava nem se prostrava*. Para compreender a força desse versículo, precisamos voltar ao v. 4. Ali se diz que Mardoqueu alegou aos servos do rei que era judeu. Não se sabe se a obrigação de inclinar-se seria idolatria ao homem de confiança do rei ou simplesmente um sinal ostensivo de grande respeito. Os verbos hebraicos desse trecho costumam descrever o louvar a Deus. Houve ocasiões em que hebreus se curvaram a reis ou funcionários de alto escalão (1 Sm 24.8) sem violar a proibição de falsa idolatria. Pode ser ainda que, no caso de Mardoqueu, a prostração não fosse ato religioso, e sim de honraria. Sendo judeu, Mardoqueu pode não ter conseguido prestar esse respeito a uma pessoa que era sua inimiga ancestral.

**3.5,6** — A recusa diária de Mardoqueu em curvar-se a Hamã deixou o funcionário com tanto ódio que ele jurou matar todos os judeus do Império Persa. A ancestralidade amalequita de Hamã explicaria esse ódio profundo.

**3.7** — *Nisã* é o primeiro mês do antigo calendário lunar, corresponde a março e abril em nosso calendário. O décimo segundo ano do reinado de Assuero foi 474 a.C.

*Se lançou Pur*. A palavra *pur* foi a base para o nome da festa de Purim (cap. 9). Lançar a sorte era comum na antiguidade. O fato de a sorte ter sido lançada no início do ano para determinar a melhor época para a destruição dos judeus é típico da cultura daquela era. A religião babilônica afirmava que os deuses reuniam-se no começo de todos os anos para estipular o destino dos seres humanos.

**3.8,9** — Hamã não identificou o *povo* no início. Ele pode ter se aproveitado do senso inato de superioridade do imperador persa sobre outros povos. Hamã agiu como se seus motivos não passassem de admissível preocupação com o bem-estar do rei. Ele deixou implícito que esse grupo anônimo era rebelde, uma ameaça real ao rei.

**3.10** — O *anel de sinete* do rei simbolizava sua autoridade. Quando ele deu esse anel a Hamã, passou a ele um símbolo da pessoa real. Isso significava que Hamã podia seguir adiante com seu plano.

**3.11** — Pode parecer que o rei estivesse se recusando a aceitar a *prata*. Porém, isso é de difícil conciliação com as palavras de Mardoqueu a Ester, em Et 4.7, e o comentário da mesma sobre estar *vendida*, em Et 7.4. Provavelmente, o rei estava usando o método de barganha comum à época (Gn 23.7-18).

**3.12** — *Escribas*. O rei possuía *escrivãos* que escreviam os documentos oficiais. Esse versículo nos dá uma imagem da abrangência do edito. Este foi dado aos príncipes das províncias, garantindo sua distribuição em todos os lugares do reino. Foi, também, vertido para as línguas de cada povo do reino. A marca do anel de sinete equivale à de uma assinatura nos dias de hoje (1 Rs 21.8).

**3.13,14** — Os *correios* eram mensageiros reais estacionados em vários pontos situados às margens das principais estradas que transportavam as mensagens a cavalo. A *conspiração* para matar os judeus incluía os de todas as idades e de ambos os sexos. O mês de *adar* corresponde a fevereiro e março em nosso calendário (Et 3.7; 8.12).

**3.15** — O desdém do rei e de Hamã, que se *assentaram a beber* enquanto a mensagem corria o reino, dificilmente deixa de provocar uma empatia no leitor em relação à situação dos judeus. O texto afirma que até os habitantes da cidade de Susã ficaram perplexos. A brutalidade severa do edito fica patente pela desconsideração demonstrada pela vida humana nessa frase. Por outro lado, a providência divina é vista com clareza no fato de que há um prazo de 11 meses até a execução do decreto.

**4.1,2** — No antigo Oriente Médio, vestir-se de *saco com cinza* era um sinal ostensivo de luto; demonstrava uma intensa desolação.

**4.3** — Neste livro, o *jejum* conota um forte, porém discreto, apelo a Deus para que Ele intervenha na crise. No v. 16, Ester ordenou um jejum de três dias entre os judeus de Susã. A própria rainha, juntamente com suas servas, jejuou nessa época, antes de abordar o rei. Até a festa de Purim, que foi criada para comemorar o livramento dos judeus, incluía o jejum (Et 9.31).

**4.4** — A expressão *se doeu* é forte, transmite a ideia de *desfigurar-se de dor ou angústia*. Com certeza, Ester ficou muito condóida pelo aspecto e agonia de Mardoqueu, embora ainda não imaginasse os motivos dele (v. 5).

**4.5,6** — *Praça da cidade*. Muitos acontecimentos se davam na praça pública da cidade, inclusive assembleias, proclamações e lamentações públicas.

**4.7** — Se Mardoqueu não tivesse sido nomeado funcionário de alto escalão na porta do rei,

provavelmente não teria ficado sabendo da propina que Hamã ofereceu ao monarca. Mardoqueu foi intencionalmente colocado por Deus nessa posição elevada de um governo estrangeiro, assim como José (Gn 41), Daniel (Dn 2.48) e Neemias (Ne 1.11). Essa é uma das diversas maneiras como Deus usou os descendentes de Abraão para abençoar as nações (Gn 12.2).

**4.8,9** — Mardoqueu percebeu que o edito ameaçava a sobrevivência de sua gente. Assim, ordenou com firmeza que Ester intercedesse por seu povo junto ao rei, mesmo sabendo que isso colocaria a vida dela em grande risco (v. 11). Se não fosse identificada como hebreia, talvez ela escapasse ao destino de seu povo – mas apenas se sua associação com Mardoqueu (Et 2.7,15) não fosse lembrada por seus inimigos. De qualquer modo, ela estaria na mais arriscada das posições.

*Suplicasse* significa *rogar por uma resposta bondosa*. É um termo muito usado para descrever ocasiões em que se roga ao Senhor por livramento; aqui, é usado para descrever um pedido de clemência a um rei.

**4.10,11** — Ester compreendeu que Mardoqueu pedia a ela que arriscasse sua vida, portanto, seu medo era compreensível. Seu temor provinha também do fato de o rei não a chamar há *trinta dias*, deixando implícito que ultimamente ela não andava sob as graças dele. Quem poderia saber se ele ainda a via com bons olhos?

**4.12-14** — Este versículo constitui a referência clássica à providência divina no livro. Mardoqueu,



## EM FOCO

### JEJUM (HB. *TSUM*)

(Et 4.16; 2 Sm 12.23)

A primitiva palavra hebraica (*tsum*) quer dizer simplesmente *abster-se de comida*. Às vezes, jejuar significava a abstenção de bebidas, banhos, unções com óleos ou contato sexual. A essência do jejum é evidenciar a fragilidade da humanidade perante Deus e apelar para Sua misericórdia. Tratava-se de uma prática comum na Antiguidade, associada ao luto pelos mortos (2 Sm 12.21,22), à oração por intervenção (Et 4.3,16), ao arrependimento e à contrição pelo pecado (Jr 36.9; Jn 3.5) e a momentos de aflição (Jz 20.26; Ne 1.4). Era preciso jejuar no Dia do Perdão (*afligireis as vossas almas*; Lv 16.31). Também havia quatro dias de jejum para recordar a destruição de Jerusalém pelos babilônios (Zc 8.19). Os jejuns variavam de um (1 Sm 14.24; Dn 6.18) a sete dias de duração (1 Sm 31.13), podendo durar até quarenta dias em ocasiões especiais (Ex 34.28). Os rígidos duravam de pôr do sol a pôr do sol, enquanto os mais indulgentes duravam do nascer ao pôr do sol. Mas, independente do tipo de jejum, o profeta Isaias admoestava seu povo a participar de atos de retidão e justiça social, praticando-o (Is 58.3-9).

crendo que *socorro e livramento* viriam *doutra parte*, asseverava sua fé em Deus e Sua promessa de proteger o povo judeu. Deus controla todos os acontecimentos do Seu mundo e interviria com ou sem Ester. Caso ela se recusasse a ajudar, pereceria junto à *casa de seu pai*. Aqui, Mardoqueu pode estar se referindo ao julgamento divino. Ao concluir seu apelo, Mardoqueu sugeriu um motivo providencial para sua ascensão à rainha justamente nesse momento histórico; ou seja, Ester era instrumento de Deus no livramento dos judeus.

*Quem sabe.* Como *Yahweh* controla a história humana e usa constantemente o Seu povo para cumprir os Seus propósitos, essas maravilhosas e conhecidas palavras podem ser estendidas à vida de todos os filhos de Deus, em todos os lugares.

4.15-17 — Ester concordou em interceder junto ao rei em favor do seu povo. O jejum *por três dias* deixa implícito um período de determinada busca ao Senhor nessa difícil encruzilhada. Digno de nota é o fato de, mesmo nesse momento, o narrador não utilizar o nome de Deus. Ester também buscava o apoio do povo judeu quando pediu que ele se juntasse a ela em jejum. Ela compreendia perfeitamente que iria descumprir a lei daquela terra e poderia sofrer a mais severa consequência: *perecer*.

5.1 — A parte de um *dia* na cultura hebraica era contada como um dia inteiro (ler Et 4.16, em que Ester fala de três dias e três noites). Aparentemente, o rei era capaz de ver o *pátio interior* a partir de onde se assentava, na sala do trono (Et 5.2).

5.2 — *Alcançou graça aos seus olhos*. Novamente, há a presença da providência de Deus, demonstrada pela reação do rei a Ester. Para indicar sua aprovação, o rei estendeu-lhe o *etro de ouro*.

5.3 — O rei, sabendo que Ester devia ter tido um motivo incomum para atrever-se a se aproximar dele, perguntou o que ela queria. Prometeu-lhe *até metade do reino*. Uma promessa parecida foi feita à filha de Herodias pelo rei Herodes, em Marcos 6.23. Talvez a frase fosse uma fórmula de exagero comum na realeza. No caso de Ester, embora provavelmente a declaração do rei fosse um exagero, com certeza demonstrava a atitude favorável que ele lhe dispensava.

5.4,5 — *Se bem parecer ao rei*. Essa expressão, que era uma fórmula de etiqueta, é encontrada muitas vezes ao longo do livro. Ester fez seu primeiro pedido; convidou o rei e Hamã para irem a seu *banquete* naquele mesmo dia.

5.6-8 — O rei continuou inquirindo Ester a respeito da *petição* que ela desejava fazer a ele. Ela a adiou, pedindo que os dois voltassem para um segundo banquete no dia seguinte. Pode haver questionamento sobre o motivo pelo qual Ester decidiu esperar, em vez de dizer o que pensava. Convenientemente, o adiamento ofereceu tempo para que o rei tivesse insônia naquela noite e para os acontecimentos posteriores (cap. 6).

5.6 — Os banquetes persas incluíam grande consumo de *vinho* (ver Et 1.8). Até a origem da palavra traduzida como *banquete* deriva do verbo que significa *beber*. O autor observa com argúcia o estilo de vida desregrado dos reis persas.

5.7-9 — O bom humor de Hamã ao voltar para casa após o banquete provinha do vinho que bebera e da honra de ter sido convidado com o rei para estar à mesa de Ester. Porém, seu humor mudou drasticamente quando encontrou o primo de Ester. Desta vez, *Mardoqueu* nem sequer se levantou para saudá-lo, nem demonstrou medo diante dele, apesar do edito de morte contra o povo judeu.

5.10-12 — A vaidade de Hamã era igual à do rei a que servia. Ele se gabava à esposa e aos amigos das riquezas que possuía, dos filhos que tinha e de seu *status* no reino. Ter filhos numerosos era considerado uma grande bênção entre os antigos povos semitas. Na Pérsia, o homem que tivesse mais filhos recebia presentes do rei em pessoa.

5.13,14 — *Forca*. Essa palavra é a designação vulgar para *madeira*, material do qual eram feitas as forcas (Et 2.23). Sua altura, *cinquenta côvados*, equivalia a cerca de 23 metros.

6.1 — Este versículo é a hora da virada deste livro. Dentro desse capítulo, observamos uma série de eventos que indicam a mão soberana de Deus controlando todos os desdobramentos. Só por causa da noite de insônia é que o rei soube do ato de bravura que Mardoqueu cometera em sua defesa.



O *livro das memórias das crônicas*. Seria o registro oficial dos eventos do Império Persa. Faz-se referência a ele em Ester 2.23 e novamente em Ester 10.2. Esdras 4.15 também é mencionado um livro similar. Aparentemente, *se leram* as crônicas *diantes do rei* durante um bom tempo.

**6.2,3** — Quando se deu o feito de Mardoqueu, o rei talvez tivesse estado a par do mesmo de alguma forma. Em Ester 2.23 o autor diz que as ocorrências foram escritas *perante o rei*. Agora, o Senhor levava o rei a ouvir esse mesmo texto. Era costume entre os reis persas recompensar imediatamente aqueles que realizavam algum feito notável. Existem registros de que Dario e Assuero conferiam tais honras a pessoas que fizeram jus a elas. Os dois substantivos, *honra* e *galardão*, significam *grande honra*.

**6.4,5** — Novamente, vemos a mão de Deus trabalhando sobranceiramente a favor do seu povo. Logo depois de a recompensa a Mardoqueu ter sido debatida, Hamã pôs os pés no *pátio* real. Ironicamente, Hamã, que nada sabia sobre a conversa precedente, chegava para recomendar a execução de Mardoqueu.

**6.6-11** — É impossível não enxergar a ironia e a graça dessa virada na trama. De tão arrogante, Hamã pensou que o rei estava querendo honrá-lo. Ele mesmo sugeriu honrarias que adoraria receber – um desfile real pela praça da cidade, para que todos vissem e ouvissem como o rei se agradava dele. O rei aceitou, mas planejava dar esse galardão ao homem que Hamã julgava ser seu inimigo. O pior de tudo foi Hamã ter sido encarregado de conduzir Mardoqueu pela praça e proclamar que o rei se agradava dele.

**6.8,9** — A *coroa real* na cabeça do cavalo era uma coroa fabricada na forma da crina do cavalo. Foram encontrados cavalos esculpidos em pedra usando esse tipo de coroa em Persépolis, outra capital persa.

**6.10** — O termo *judeu*, derivado de Judá, começou a ser usado durante o exílio porque as pessoas eram originárias, principalmente, do reino de Judá, ao sul.

**6.11,12** — Mardoqueu ser glorificado no lugar de Hamã, que tramara sua destruição, é uma das

diversas viradas dramáticas do livro de Ester. Como exemplo dessas viradas, podemos destacar ainda dois fatos: Hamã é enforcado na forca que mandara erigir para Mardoqueu (Et 7.10), e, no mesmo dia em que os inimigos dos judeus achavam que os derrotariam, foram derrotados por eles (Et 9.1). A mão de Deus é capaz de proporcionar viradas como essas para o Seu povo (comparar com Et 9.20-25).

**6.13** — A questão da persistente sobrevivência dos judeus é a razão de ser deste versículo. A esposa e os amigos de Hamã disseram a ele que ele *não prevaleceria*, devido à ascendência judia de Mardoqueu. A escolha de palavras em hebraico é bastante forte; o sentido é de que Hamã *cairá com toda a certeza*.

**6.14** — O papel dos *eunucos* como mensageiros reais é novamente retratado neste versículo (Et 1.10). Foram eles que vieram apressadamente buscar Hamã para levá-lo ao banquete.

**7.1,2** — Este é um elemento introdutório dos eventos que se seguem.

**7.3,4** — Ester repetiu a saudação feita em Ester 5.8 e acrescentou o seu pedido: *dê-se-me a minha vida*. Ester pediu ao rei para que sua vida e a de seu povo fossem poupadas. Esse último pedido foi um apelo emocionado ao rei, no qual ela também revelou sua identidade a ele pela primeira vez. Ester disse ao rei que ela e seu povo, o judeu, *estavam vendidos*, referindo-se à propina de Hamã ao rei em Ester 3.9.

**7.5** — A declaração de Ester teve um efeito dramático sobre o rei. Ester incitara mais do que sua curiosidade. Ele ficou furioso. A vida de sua própria rainha estava em perigo por conta de uma conspiração de um de seus homens de confiança. A frase *cujo coração o instigou* reflete a força da emoção do rei nesse momento.

**7.6** — Ester finalmente expôs o culpado. Não era outro senão Hamã, o *opressor* e o *inimigo*, o inimigo feroz. Não é de se admirar que Hamã tenha se *perturbado* perante Ester e o rei. Em seu plano maléfico para assassinar seu inimigo, sem perceber, ele colocou a vida da rainha em risco.

**7.7** — O rei ficou atônito e furioso, deixou o salão e saiu para o *jardim do palácio*. Esse devia ser

um ato um tanto incomum para um autocrata. Geralmente, seria esperada uma reação imediata e furiosa. Mas, dessa vez, sua surpresa com o desenrolar dos eventos foi tanta que ele precisou de tempo para pensar. A resposta irada do rei alertou Hamã para a precariedade de sua situação.

**7.8** — Hamã estava enrodilhado sobre o leito da rainha, numa posição comprometedor. Presume-se que ele estivesse agarrando-se a ela, implorando seu perdão. Ao flagrar essa cena injuriosa, o rei pensou alto: será que Hamã pretenderia violar a rainha? Os persas possuíam regras rígidas sobre o contato de qualquer outro homem que não o rei com o harém. Os eunucos eram as únicas pessoas que tinham acesso aos aposentos dessas mulheres. Hamã estava em perigo pelo simples fato de estar próximo a ela. A visão da cena enfureceu o rei. Assim que ele falou, *cobriram a Hamã o rosto*. É possível que os eunucos tenham vindo fazer isso. Ter a sua face coberta significava estar condenado à morte.

**7.9,10** — *Harbona*. Esse eunuco, mencionado antes em Et 1.10, falou ao rei em um momento crucial. Ele revelou a história da *força* que Hamã preparara para Mardoqueu e contou ao rei onde estava situada. Ele lembrou-lhe também o ato de bravura de Mardoqueu em defendê-lo. Assuero entendeu a deixa de Harbona e ordenou aos seus servos que Hamã fosse *enforcado* nessa mesma força.

**8.1** — No mesmo dia da execução de Hamã, o rei deu à rainha *a casa de Hamã*. Aqui, o termo *casa* refere-se aos bens de Hamã. Isso está de acordo com a lei persa, segundo a qual o espólio dos traidores ficava sob custódia da coroa.

**8.2** — Mardoqueu obteve o cargo de primeiro-ministro que fora de Hamã. Foi investido pelo rei de plena autoridade, o que fica patente por ter recebido o *anel real*. Ester também incumbiu Mardoqueu de administrar os bens de Hamã, o que o deixou muito rico.

**8.3-6** — Ester, sabendo que o perigo ainda pairava sobre a cabeça de seu povo, fez um apelo emocionado ao rei por suas vidas. A rainha continuou a receber a bênção do monarca, pois ele novamente lhe estendeu o *etro de ouro*.

Corajosamente, Ester implorou ao rei que revogasse o edito rancoroso de Hamã contra todos os judeus do Império. As declarações paralelas no v. 6 reforçam o rogo pungente e pessoal de Ester ao rei. A rainha, falando na primeira pessoa, demonstrou seu profundo apego à sua gente.

**8.7** — *Mardoqueu* ouvira toda a exposição de Ester ao rei. Assuero, reiterando o que já fizera, expressou seu apoio a Ester e a todo seu povo.

**8.8** — No Império Persa, uma *escritura* real não podia ser alterada, mas uma segunda escritura podia invalidá-la. Sendo assim, o rei instruiu Mardoqueu e Ester a escrever um segundo edito. Este teria o mesmo peso do anterior, mas reverteria os seus resultados.

**8.9,10** — *Sivã*. Este mês corresponde aos meses de maio e junho em nosso calendário. A data concederia aos judeus cerca de oito meses para se preparar para qualquer ataque.

**8.11-14** — Estes versículos originaram controvérsias a respeito de uma suposta falta de ética dos judeus para com seus inimigos. Alguns comentaristas entendem que esses versículos significam que os judeus receberam permissão para assassinar até mesmo mulheres e filhos de qualquer pessoa que os atacasse. Outra visão é a de que os judeus talvez não tenham feito o que lhes foi permitido, matando apenas os homens que os atacaram (Et 9.6). Há ainda outra possibilidade, a de que estes versículos refiram-se às mulheres e aos filhos dos judeus. Ou seja, esperava-se que o ataque mencionado aqui fosse atingir homens, mulheres, crianças e despojos judeus. Contra tal ataque, os judeus deveriam armar-se e defender-se (Et 9.5,6).

*Saqueassem os seus despojos*. Essa frase pode ser uma citação do decreto de Hamã (Et 3.13). Se for, estaria explicado por que os judeus não levaram despojos (Et 9.10), mas meramente se defenderam contra seus inimigos.

**8.15,16** — Mardoqueu, vestido em trajes da realeza, foi alegremente recebido pela *cidade de Susã*, que incluía tanto gentios como judeus. Os moradores da cidade *exultaram* com a nomeação de Mardoqueu para primeiro-ministro. A palavra *luz* transmite uma ideia de *felicidade*.

**8.17** — Observe o contraste bem marcado entre a reação do povo judeu a esse segundo edito, comparado ao primeiro (Et 4.3). A realidade de seu livramento também influenciou os gentios do império.

Se *fizeram*. Este é o único lugar do Antigo Testamento em que este verbo é usado para falar de conversão ao judaísmo. A inesperada virada a favor dos judeus impressionou imensamente seus vizinhos. O poder do Deus de Israel fica implícito nesse triunfo de Mardoqueu sobre Hamã, na reversão do edito de Hamã e na reação dos pagãos. Se essas pessoas realmente se tornassem judias, partilhariam da fé dos judeus em *Yahweh*, participariam da comunidade como prosélitos e receberiam parte das bênçãos reservadas a Israel. Que incrível produto do ódio de Hamã – a evangelização de inúmeros persas!

**9.1,2** — Os judeus se ajuntaram em todo o reino para *pôr as mãos* ou matar (Et 2.21) seus inimigos. Os inimigos dos judeus não conseguiram prosseguir com o ataque, pois ficaram *aterroizados*. Isso pode ter incluído um temor ao Deus dos judeus.

**9.3,4** — Além do medo aos judeus, havia também o *temor de Mardoqueu* entre os líderes, que fez com que estes ajudassem o povo judeu. Podem ter feito isso para se proteger politicamente, em vista do poder e da popularidade que Mardoqueu possuía.

**9.5,6** — A defesa dos judeus contra seus inimigos foi firme e certa. *Mataram* quinhentos homens só em Susã.

**9.7-10** — O autor retorna ao conflito com Hamã registrando a morte de seus dez filhos. Os padrões de represália e vingança estavam tão arraigados na cultura do antigo Oriente Médio que, se sobrevivesse um único desses filhos, a próxima geração de judeus poderia ter problemas. Ao listar cada um dos filhos derrotados de seu inimigo de morte, os judeus estavam comemorando uma vitória integral.

**9.11-14** — Ester renovou a sua petição original para que os judeus tivessem a autorização para se proteger contra ataques. O rei concordou. Ele ordenou também que os *dez filhos de Hamã* fossem expostos na forca. Eles já estavam mortos (v. 10). Seus cadáveres foram expostos como alerta a qualquer pessoa que planejasse prejudicar os judeus.

**9.15,16** — Em Deuteronômio 25.17-19, Moisés vinculou o contínuo *repouso dos inimigos* do seu povo à ordem para *apagar a memória de Amaleque de debaixo do céu*. Neste capítulo, a bênção do repouso para o povo judeu está associada à destruição de seus inimigos (v. 18,22). Essa semelhança com Deuteronômio reforça a teoria de que Hamã era descendente dos amalequitas. Esse povo pode ter sido bem grande à época do rei Assuero.

**9.17-19** — Estes versículos fazem um resumo dos dias de livramento dos judeus. Em Susã, eles tiveram dois dias de lutas e depois descansaram e comemoraram no décimo quinto dia do mês de *adar* (correspondente ao nosso período de fevereiro a março – Et 3.7,12). Os judeus do restante das províncias persas lutaram por um dia e jejuaram no décimo quarto dia do mês.



## EM FOCO

### PUR (HB. PUR)

(Et 3.7; 9.24,26)

Originária da Babilônia, essa palavra significava *sorte* ou *destino*. É empregada em Ester como sinônimo para a palavra hebraica comum para *sorte*. Lançar a sorte, algo semelhante a lançar dados, era uma forma comum de fazer uma escolha aleatória (Ne 11.1) ou de discernir a vontade divina (Jn 1.7). Acreditando que seus deuses controlavam o resultado do *pur*, Hamã lançou a sorte para determinar o dia certo para destruir os judeus (Et 3.7). Ele não percebeu que Deus é soberano e não pode ser manipulado por superstições (Pv 16.33). Lançando a sorte, Hamã, sem querer, escolheu o dia do livramento dos judeus, até hoje celebrado como o festival de Purim (Et 9.28).

**9.20-25** — Em vista das diferenças cronológicas entre os judeus de Susã e os judeus do restante do reino, Mardoqueu fez saber ao povo, por meio de *cartas*, que ele deveria guardar o décimo quarto e o décimo quinto dia de *adar* como feriados anuais. Esses versículos resumem as ocorrências do livro.

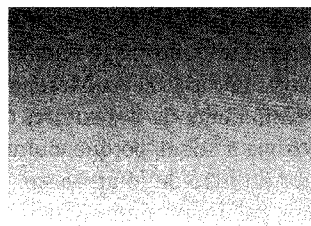
**9.25** — O sujeito do verbo *vindo* não está claro no texto em hebreu. É possível que o sujeito seja alguma referência a *mau intento*. Caso seja, a palavra *isto* fará sentido como substituta de Ester.

**9.26-32** — *Purim*. Estes versículos explicam o nome do festival de dois dias. O nome deriva

da palavra *pur*, que significa *sorte* – a sorte que foi lançada para determinar o dia do extermínio do povo judeu. O Purim recorda aos judeus como Deus os livrou do seu dia de destruição. A festa passou a ser celebrada como festival anual.

**10.1** — *Tributo*. Essa palavra pode referir-se tanto a impostos como a trabalhos forçados que o rei impôs sobre todo o seu território.

**10.2,3** — O livro de Ester se encerra com grandes louvores a Mardoqueu, cujos feitos foram registrados nas crônicas oficiais do Império Persa. Mardoqueu possuía o *segundo* posto mais alto em toda aquela terra, uma observação que nos lembra a trajetória de José no Egito (Gn 41.37-45).



O livro de

# Jó

## INTRODUÇÃO

**E**m algum momento, todo mundo já se sentiu como Jó. Quando passamos por provações e sofrimento, muitas vezes deixamos a autopiedade nos derrotar. Queremos saber por que Deus permite que essas provações nos aflijam. O livro de Jó registra os questionamentos perturbadores, as dúvidas aterrorizantes e a angústia verdadeira experimentados por alguém que estava sofrendo. Mas não somente isso. Sua mensagem pode nos ajudar nos momentos em que estamos cercados de problemas, pois nos faz ter uma ideia da perspectiva divina do nosso sofrimento.

Vários detalhes no livro de Jó indicam que os fatos narrados ocorreram em um contexto patriarcal: 1) a riqueza de Jó é medida em gado (Jó 1.3; 42.12), da mesma forma como era medido o patrimônio de Abraão e

Jacó (Gn 12.16; 13.2; 30.43; 32.5); 2) os sabeus e os caldeus são retratados como saqueadores nômades (Jó 1.15,17), indicando uma data bastante remota; 3) a expressão hebraica para *peça de dinheiro* (Jó 42.11) só é encontrada aqui e em Gênesis 33.19 (em Josué 24.32, consta *peças de prata*); 4) sem ser sacerdote ou estar em um santuário, Jó oferecia sacrifícios a Deus à maneira patriarcal (Jó 1.5); 5) a longevidade de Jó é coerente com o tempo de vida dos patriarcas (Jó 42.16); 6) a preferência nas seções poéticas pelo nome divino *El-Shaddai* em vez de *Yahweh* pode ser indicativa de um período anterior ao êxodo (Êx 3.14,15).

O texto também indica que os acontecimentos de Jó ocorreram na terra de Uz (Jó 1.1), mas essa localidade é desconhecida. Como Jó era a pessoa com maior poder aquisitivo do

Oriente (Jó 1.3), ele parece ter se instalado à margem leste do rio Jordão. Provavelmente Uz ficava na Síria ou na Mesopotâmia ocidental. Porém, a maioria dos autores crê que Uz ficava próxima a Edom, porque muitos dos nomes próprios no livro de Jó aparecem na genealogia de Esaú, pai dos edomitas (Gn 36).

A estrutura básica do livro de Jó consiste em um prólogo (caps. 1; 2) e um epílogo (Jó 42.7-17) em prosa, e o final, em poesia (Jó 3.1–42.6). Existem diferenças significativas entre o conteúdo da parte poética e o conteúdo narrativo do prólogo e do epílogo. No prólogo e no epílogo, Jó é apresentado como um “santo”, um homem reto e temente a Deus, que suportou o sofrimento com paciência e honradez. Por outro lado, na parte mais poética, Jó é apresentado como alguém desesperado pela falta de explicação para seu sofrimento imerecido (Jó 9.1-3,13-21). Segundo alguns estudiosos, essas diferenças indicam que as duas partes foram escritas separadamente, por autores diferentes. De acordo com essa visão, quem compilou o livro de Jó simplesmente não conseguiu unificar os “dois Jós”.

No entanto, as contradições aparentes dentro do livro não devem ser consideradas fruto de má edição, e sim a obra deliberada de um autor maduro. A tensão entre o “Jó paciente” e o “Jó impaciente” contribui para a mensagem central do livro, que mostra Jó como um ser humano de verdade. Ele não foi um mártir que suportou o sofrimento resignadamente. Ele relatou com suas emoções e seus sentimentos assim como nós o fazemos. Dessa forma, o livro de Jó ensina que não é errado perguntarmos *por quê?*, como fez ele tantas vezes (Jó 3). Mas esses questionamentos não devem se tornar acusações contra o Senhor todo-poderoso.

O livro de Jó explora todas as explicações tradicionais sobre o *problema do sofrimento do justo*. Entre elas, estão: 1) a pecaminosidade inerente à raça humana (Jó 5.6,7; 15.14,16); 2) a acusação de que Deus é injusto ou indiferente ao sofrimento humano (Jó 9.22-24); e 3) as limitações do nosso entendimento humano (Jó 11.7-9). Porém, a principal diferença entre o livro de Jó e

outros textos antigos que abordam o mesmo problema é a intervenção direta de Deus sobre a vida de Jó. Por isso, a singularidade desse livro não está em sua abordagem ao problema do sofrimento, mas em sua revelação sobre o Deus soberano, com quem todos devem manter um relacionamento. Sofrendo ou não, todos devem confiar humildemente na graça soberana de Deus. Como Jó e seus amigos desconheciam o desafio que Satanás lançou a Deus, a narrativa contém várias explicações teológicas falhas para o problema do sofrimento, bem como verdades mal-aplicadas. É importante ler os trechos isolados tendo em mente a mensagem e o objetivo do livro todo. A única reação cabível ao homem em relação ao Deus onipotente é obedecer-lhe e nele ter fé.

O livro de Jó enfatiza repetidas vezes a soberania e a onipotência de Deus. Por exemplo, o nome divino hebraico *El-Shaddai*, geralmente traduzido como *Todo-poderoso*, é utilizado por todos os personagens do livro. Elifaz descreve o Todo-poderoso como alguém que controla o destino de todos (Jó 5.17-20) e que independe da humanidade (Jó 22.2,3). Bildade declara que o Todo-poderoso é justo (Jó 8.3,4) e soberano em Seu domínio do universo (Jó 25.2,3). Por fim, Zofar descreve os caminhos de Deus como além da compreensão humana (Jó 11.7-10). Sendo assim, os amigos de Jó usam o nome *El-Shaddai* para falar tanto da transcendência de Deus como de Seu poder soberano.

Essa ênfase na soberania de Deus refuta a compreensão simplista da recompensa divina, que presume haver uma conexão automática entre a espiritualidade e a prosperidade da pessoa na terra. Essa foi a base da acusação de Satanás no prólogo: Jó só servia a Deus por tirar proveito pessoal (Jó 1.9-11). Além disso, é a base dos conselhos de Elifaz e Bildade a Jó. Ambos alegaram que o sofrimento de Jó indicava um pecado oculto em sua vida, porque Deus, com certeza, nunca castigaria um justo (Jó 4.7-11; 8.11-22; 18.5-21). Mas a resposta de Deus a Jó refutou essa falsa crença (Jó 38.1—39.30). O Senhor declarou ser absolutamente soberano. Ele não tem a obrigação de abençoar àqueles que lhe obedecem. Todos os

Seus atos se baseiam em Sua natureza bondosa e em Seu próprio livre-arbítrio. Dessa forma, o livro de Jó é uma extensa refutação ao questionamento de Satanás de que a obediência de Jó a Deus era interesseira, por causa das bênçãos do Senhor. Também mostra que a prosperidade material [saúde e riqueza] não é necessariamente consequência da justiça e bondade das pessoas. Tampouco o sofrimento está ligado ao fato de elas terem pecado. Sendo assim, o livro de Jó ensina que o Senhor não segue ao sistema teológico preconcebido por pessoa alguma.

O discurso de Eliú sobre a grandeza e a majestosa soberania de Deus em relação à natureza e todas as coisas por Ele criadas (Jó 36.1—37.24) serve como prelúdio para o clímax do livro: a resposta do Senhor a Jó (Jó 38.1—42.6). Ao falar, Deus se inclina a Jó de forma a responder às suas perguntas. Quando faz isso, revela a todos que Ele é soberano e bondoso. Ele é o Criador benevolente que continua a determinar a trajetória do universículo de acordo com Seu plano misterioso. Logo, assim como Jó, devemos saber obedecer ao

Deus todo-poderoso e aceitar pela fé que Ele possui um bom plano para nós.

Não há consenso sobre quem teria escrito o livro de Jó nem mesmo sobre a época em que foi escrito. Entre os autores sugeridos para a obra, estão o próprio Jó, Eliú, Salomão e até mesmo Moisés.

Quanto à época em que foi escrito o texto, há fortes indícios literários de que o livro foi compilado e escrito no tempo de Salomão, quando a literatura sapiencial floresceu. A menção feita a instrumentos e armas de ferro (Jó 19.24; 20.24; 40.18) e até à mineração (Jó 28.2) deixa implícita uma data dentro da Idade do Ferro (após 1200 a.C.). Além disso, a descrição de um cavalo em contexto militar (Jó 39.19-25) pode indicar que o animal era usado para a guerra. Isso começou a ser feito por volta do século 10 a.C. Ademais, ao menos dois outros trechos de Jó podem fazer alusão a passagens bíblicas da era salomônica (compare Jó 7.17,18 com Salmos 8.4, e Jó 28.28 com Provérbios 3.7; 9.10). Esses breves indícios podem indicar que Jó foi escrito próximo à época em que Salomão reinou.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM JÓ

Ano 2091 a.C. — Abraão se muda para Canaã

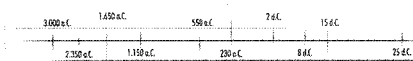
Ano 1900 a.C. — Jacó e sua família moram em Canaã

Ano 1010 a.C. — Começa o reinado de Davi em Hebrom

Ano 970 a.C. — Davi morre, e Salomão se torna rei

Ano 950 a.C. — Data provável em que Jó foi escrito, no reinado de Salomão

Ano 930 a.C. — Salomão morre, e o reino se divide





## ESBOÇO

- I. Prólogo em prosa — 1.1—2.13  
 A. O temor e a prosperidade de Jó — 1.1-5  
 B. A perseverança de Jó durante duas  
 provações — 1.6—2.13
- II. Conteúdo poético — 3.1—42.6  
 A. O monólogo inicial — 3.1-26  
 B. Um diálogo em três ciclos — 4.1—27.23  
 1. O primeiro ciclo de diálogos — 4.1—14.22  
 a. A primeira fala de Elifaz — 4.1—5.27  
 b. A resposta de Jó — 6.1—7.21  
 c. A primeira fala de Bildade — 8.1-22  
 d. A resposta de Jó — 9.1—10.22  
 e. A primeira fala de Zofar — 11.1-20  
 f. A resposta de Jó a Zofar e amigos — 12.1—  
 14.22  
 2. O segundo ciclo de diálogos — 15.1—21.34  
 a. A segunda fala de Elifaz — 15.1-35  
 b. A resposta de Jó — 16.1—17.16  
 c. A segunda fala de Bildade — 18.1-21  
 d. Resposta de Jó — 19.1-29  
 e. A segunda fala de Zofar — 20.1-29  
 f. A resposta de Jó a Zofar — 21.1-34  
 3. O terceiro ciclo de diálogos — 22.1—27.23  
 a. A terceira fala de Elifaz — 22.1-30  
 b. A resposta de Jó — 23.1—24.25  
 c. A terceira fala de Bildade — 25.1-6  
 d. A resposta de Jó — 26.1-14  
 e. A resposta de Jó aos três amigos — 27.1-23  
 C. Interlúdio: poema sobre sabedoria — 28.1-28  
 D. Os monólogos finais de Jó — 29.1—31.40  
 E. As falas de Eliú — 32.1—37.24  
 F. Deus fala, e Jó responde — 38.1—42.6  
 1. A primeira fala de Deus — 38.1—40.2  
 2. A resposta inicial de Jó — 40.3-5  
 3. A segunda fala de Deus — 40.6—41.34  
 4. A resposta final de Jó — 42.1-6
- III. Epílogo em prosa — 42.7-17  
 A. Deus repudia os três amigos de Jó — 42.7-9  
 B. Deus restaura a prosperidade de Jó — 42.10-17

## COMENTÁRIO

**1.1** — Os acontecimentos dramáticos do prólogo do livro de Jó lançam as bases para os intrincados diálogos da parte principal (Jó 3.1—42.6). A localização precisa da cidade de *Uz* é desconhecida, mas pode ter sido próxima a Edom.

Dois aspectos do caráter e dos atos de Jó são evidenciados. Os adjetivos *sincero* e *reto* têm o sentido de *franco* e *eticamente correto*, e evidenciam o caráter imaculado de Jó. Como Daniel (Dn 6.4), Jó era um homem íntegro e irreprensível ante seus críticos humanos. Isso não significa que não era um pecador perante Deus. Mais tarde, Jó reafirma sua integridade (Jó 31.5,6). Ele era *temente a Deus e desviava-se do mal*. Isto indica que sua relação correta com Deus motivou-o a afastar-se do mal. Jó foi a epítome da sabedoria (Jó 28.28; Pv 1.7; 3.7; 9.10; 14.16).

**1.2,3** — Jó possuía uma família ideal, composta de *sete filhos e três filhas*. Sete era o número bíblico da plenitude. No antigo Oriente Médio, ter muitos filhos era considerado sinal da bênção de Deus (Sl 127.3-5).

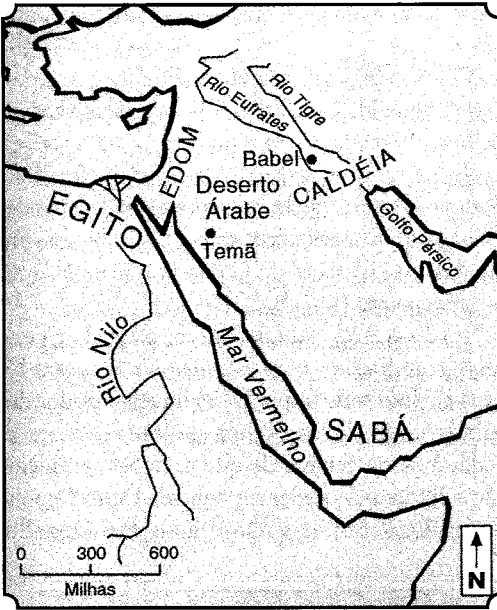
**1.4** — Cada filho de Jó participava de um banquete com seus irmãos, *cada um no seu dia*.

Esta expressão pode referir-se à comemoração de aniversário. No entanto, o contexto do versículo 5 pode indicar um ciclo regular de festividades e banquetes, talvez semanal ou sazonal.

**1.5** — Quando Jó *santificava* seus filhos por meio das orações e dos *holocaustos* que oferecia a Deus a favor deles, cumpria um papel de intercessor; assim como quando orou por seus amigos no epílogo (Jó 42.10). Quanto à expressão *blasfemaram de Deus*, o texto original em hebraico registra *não bendizer a Deus* — provavelmente um eufemismo de *amaldiçoar*, uma substituição feita por um escriba hebreu por não suportar escrever a palavra *blasfemaram* próxima ao nome divino.

**1.6** — *Os filhos de Deus* aqui são seres celestiais ou anjos que foram criados por Ele para servir-lhe (Jó 4.18; Sl 103.20,21) como Seus *santos* (Jó 5.1). Compare com Gênesis 6.1, onde a expressão *filhos de Deus* é empregada para se referir possivelmente aos anjos caídos. Em Jó, a imagem dos *filhos de Deus* reunidos designa de modo aparente um conselho celestial em que o Senhor preside como Rei supremo (Sl 89.5-7; Dn 7.9,10). De maneira estrita, o termo *Satanás* pode ser um codinome em vez de um nome próprio para o líder de todas as hostes do mal, pois a palavra hebraica *Satanás*





#### A terra de Uz

*Ninguém sabe ao certo a localização exata da terra natal de Jó, a cidade de Uz (Jó 1.1). Mas a Bíblia afirma ou sugere diversas coisas sobre Uz. Localizava-se no Oriente (Jó 1.3). Isso provavelmente significa algum ponto a leste do rio Jordão. O amigo de Jó, Elifaz, vinha de Temã (Jó 2.11), localizada em Edom (Gn 36.8; Jr 49.20). Temã era neto de Esaú (Gn 36.11), e é bem provável que a região tenha sido batizada em sua homenagem. Parece apropriado afirmar que Elifaz pertença a esse povo, pois aparentemente os temanitas tinham reputação de sábios (Jr 49.7). (Temanita também pode se referir a Temã, no deserto Árabe; compare com Jó 6.19.)*

[que significa *adversário*] não era claramente usada até 1 Crônicas 21.1. As características de *Satanás* no livro de Jó deixam implícito que ele

era de fato um opositor, pois respondeu às perguntas de Deus de forma desafiadora e acusou Jó de servir a Deus com fidelidade por interesse. Como é dito que *Satanás veio também* se apresentar diante do Senhor com as hostes celestiais, sugere-se que ele ainda tinha algum acesso à presença de Deus, e que sua proscricção definitiva ainda estava por acontecer. [Mas isso é uma conjectura. Visto que Deus é onipresente, Ele podia ouvir concomitantemente tanto os anjos reunidos no céu, como *Satanás* em qualquer parte do universo, para onde este já estivesse banido.]

1.7 — O termo hebraico *Yahweh*, geralmente traduzido como *Senhor*, é o nome pessoal do Deus verdadeiro do Antigo Testamento (Êx 3.14,15). Trata-se do nome específico de Deus, evidenciando Sua relação de compromisso com Seu povo Israel (Êx 6.1-6; 19.3-8). Isso indica que, embora Jó não fosse um israelita, mantinha um relacionamento com o Deus verdadeiro (ler o versículo 21, onde se emprega o nome do *Senhor*).

*De onde vens?* A pergunta de Deus não significa que Ele não soubesse do paradeiro de *Satanás*; foi apenas para iniciar uma “conversa” com o inimigo. Deus se dirige a Adão do mesmo modo depois da Queda, indagando: *onde estás?* (Gn 3.9).

1.8 — A expressão *meu servo* alude à boa relação que todos deveriam manter com Deus: uma confiança alegre e reverente. Jó era um exemplo desse tipo de relacionamento com o Senhor; vemos isso no prólogo e no epílogo (Jó 2.3; 42.7).

1.9 — Em todo o tempo o *adversário*, *Satanás*, questionou os motivos de Jó para temer e servir



#### EM FOCO

#### SINCERO (HB. TAM)

(Jó 1.1,8; 8.20; 9.21; Sl 37.37; Pv 29.10)

A raiz verbal dessa palavra hebraica significa *estar completo*. Assim, esse termo refere-se à integridade do indivíduo — sua inteireza e salubridade. A expressão é empregada como um termo afetivo para a noiva sulamita em Cantares de Salomão 5.2 e 6.9 (*imaculada*).

No Antigo Testamento, sinceridade é frequentemente associada à retidão (Jó 1.1,8; 2.3; Sl 37.37; Pv 29.10) e posta em contraste com a impiedade (Jó 9.22; Sl 64.2-4). A alegação de sinceridade de Jó combina com o julgamento que Deus faz dele, mas não é uma alegação de perfeição absoluta (Jó 1.8; 9.21; 14.16,17). O salmista escreve que o futuro do homem sincero é de paz — como foi o caso de Jó (Jó 42.10-12; Sl 37.37).

a Deus. O termo *debalde* é enfático no texto hebraico. Essa pergunta pode ser parafraseada como: “Será que Jó não tem mesmo segundas intenções?”

**1.10** — Deus havia *cercado* Jó e a sua casa de proteção. Nada de mal aconteceria a ele, a não ser que o Senhor o permitisse (v. 12; Jó 2.4-6). Os justos de hoje devem encontrar grande refrigério no ensinamento bíblico de que o Senhor protege o Seu povo — seja por meio de uma coluna de nuvem ou de fogo (Êx 14.19,20; 2 Rs 6.17), ou de anjos, espíritos ministradores (Hb 1.14).

**1.11** — *Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de ti na tua face.* Satanás ignorou o protocolo, dirigindo-se desrespeitosamente a Deus como *tu*, implícito em *tua mão* e *tua face*. Essa irreverência era

parte da estratégia permanente do inimigo para coagir Deus.

O verbo *blasfema* remete ao fato de que o pecado de amaldiçoar a Deus é uma questão central do livro. Jó temia que seus filhos pudessem pensar ou falar irreverentemente de Deus (v. 5). Mas Satanás afirmou que Jó certamente *blasfemaria* de Deus se a prosperidade e as benesses lhe fossem tiradas. Até a esposa de Jó o incitaria: *amaldiçoa a Deus e morre* (Jó 2.9).

**1.12** — Aqui, *Satanás* precisa receber permissão do Senhor para *estender a mão contra* Jó (v. 11). Isso indica que Deus limita o poder do inimigo. Os justos podem encontrar força e segurança na certeza de que as ações satânicas são tolhidas pelo poder supremo de Deus. Depois do prólogo, Satanás não é mais mencionado



## APROFUNDE-SE

### O ADVERSÁRIO

Se por um lado o livro de Jó nos ensina muito sobre o sofrimento humano, também aprendemos bastante sobre Satanás e sua inferioridade em relação a Deus. Os dois primeiros capítulos de Jó demonstram que, mesmo tendo sido banido do céu após rebelar-se contra o Senhor, Satanás tem o seu poder limitado por Deus, não podendo tocar nos justos se o Senhor não permitir.

*Sendo originalmente um querubim, Lúcifer corrompeu-se pelo seu próprio orgulho, tornando-se Satanás* (2 Pe 2.4; Jó 6). Desde que se rebelou contra Deus, Satanás tornou-se inimigo do Senhor e nosso. Assim, o termo hebraico para *Satanás* significa *adversário*. E, de fato, na história de Jó, Satanás faz juz a essa designação, comportando-se como adversário do patriarca, ao lançar acusações contra ele e afligi-lo com todos os tipos de sofrimento.

Contudo, o poder de Satanás não se equipara ao de Deus. Embora procure impedir a obra do Senhor, o adversário é limitado por Ele. Por mais que deseje ser adorado como um deus, Satanás não é e seu poder está restringido pelo único e verdadeiro Deus.

Tendo sua ação restrita por Deus (Jó 1.6), nada pode fazer aos justos ou à humanidade sem a permissão do Senhor (Jó 1.6-12). E, sendo uma criatura, Satanás é finito. Ele não é todo-poderoso nem onipresente, só podendo estar em um lugar a cada vez (Jó 1.7) e sendo informado e auxiliado por seus demônios, os anjos caídos como ele, que o ajudam em sua obra maligna.

Satanás também não é onisciente. É claro que pode tentar-nos, mas não sabe o que há em nossa mente nem pode prever o futuro (Jó 1.9-11).

Como Deus restringe de modo efetivo os movimentos do adversário (Jó 1.12; 2.6) e promete que não permitirá que sejamos tentados além do que possamos suportar (1 Co 10.13), podemos apostar que, com o poder de Deus, temos condições de derrotar Satanás. Em outras palavras, embora vivamos em um mundo caído, o inimigo não possui liberdade plena para fazer o mal que deseja. Deus ainda é, e sempre será, soberano.

Foi Satanás que planejou e promoveu o sofrimento de Jó. Deus permitiu que o inimigo testasse Jó por certo período, mas, a Seu tempo, o próprio Deus livrou Jó de seu padecimento, consolou-o e restituiu sua saúde, sua família e seus bens, abençoando ainda mais que antes (Jó 42.10). Assim, apesar do plano maligno de Satanás, Deus cumpriu Seus bons propósitos.

O relacionamento entre Jó e Deus foi testado e sobreviveu ao teste. O amor de Deus venceu; as acusações de Satanás foram rechaçadas. Finalmente ficou patente para todos que Deus era não somente soberano mas também compassivo. Por meio dessa experiência, Jó aprendeu a apreciar muito melhor as dádivas de Deus (Jó 42.1-6).

diretamente no livro de Jó; é apenas um personagem secundário.

**1.13-19** — Em um *dia* Jó despencou do ápice da prosperidade para o fundo do poço. Ele deve ter sentido que céus e terras estavam conspirando contra ele. Os quatro desastres sucessivos que o atingiram foram: primeiro, o sequestro de seu gado e a morte de seus *moços* [servos]; depois, caiu do céu o *fogo de Deus* e houve a perda de seus *camelos e moços*; e, por fim, *um grande vento* destruiu sua *casa* e matou todos os seus filhos [*jovens*].

**1.14-16** — Os *sabeus* eram saqueadores nômades de Sabá (1 Rs 10.1-13). É bem provável que sua terra ficasse a sudeste da Arábia, o atual Iêmen.

**1.17-19** — Os *caldeus* faziam parte de diversas tribos semíticas ocidentais que atuavam no médio Eufrates do século 12 ao 9 a.C. Eles migraram para o leste da Assíria e posteriormente para a Babilônia. Foram os predecessores da dinastia caldeia ou neobabilônica estabelecida pelo pai de Nabucodonosor.

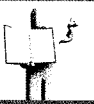
**1.20** — Por fim, a reação de Jó às atribuições entra em foco. Será que ele servia a Deus para obter vantagens pessoais, como Satanás havia insinuado (Jó 1.9)? Jó passou pelo primeiro teste com um comportamento exemplar. Ele demonstrou intensa dor (segundo os costumes da época, *rasgou o seu manto, e rapou sua cabeça*), mas aceitou humildemente a vontade de Deus, sem reclamar

ou culpá-lo pelo seu infortúnio. Jó reconheceu a soberania do Criador sobre todas as coisas e circunstâncias, quando *se lançou em terra, e adorou*. O contexto indica que a atitude de Jó não foi um reflexo involuntário de desespero, mas um ato de humildade e adoração ante Deus. A resposta inicial de Jó foi um exemplo de como devemos reagir em tempos de crise. Ele não só foi um herói da fé da antiguidade, mas também um modelo a ser imitado quando nos depararmos com provações que venham a testar o vigor da nossa fé (1 Pe 1.6,7).

**1.21** — Tendo se lançado ao chão, Jó pronunciou palavras que eram coerentes com seu modo de ser e agir. Primeiro, fez uma avaliação realista de sua situação. Da mesma forma que adentrara o mundo *nu*, assim o deixaria. Então, reconheceu o domínio do *Senhor* sobre toda e qualquer circunstância.

O nome *Yahweh* é empregado três vezes neste versículo para enfatizar a dependência que Jó tinha do Deus verdadeiro. Com exceção de Jó 12.9, esta é a única passagem em que ele menciona o nome divino que faz referência ao Deus de aliança. Embora não fosse israelita, vivendo em Uz séculos antes de Israel deixar o Egito, Jó adorava o mesmo Deus de Israel.

**1.22** — Jó fora aprovado no primeiro teste. Ele não atacou Deus nem o acusou de *falta alguma* por ter permitido as tragédias.



## ENTENDENDO MELHOR

### SOBRE OS FILHOS DE DEUS

A expressão *filhos de Deus* (Jó 2.1; compare com Jó 1.6; 38.7), aqui, refere-se aos anjos, seres celestiais dotados com grande poder e inteligência. Segundo o livro de Jó, eles se apresentavam a Deus periodicamente, embora não saibamos muito sobre tais assembleias.

Pode parecer estranho Satanás ter conseguido infiltrar-se numa reunião dos *filhos de Deus*, pois todas as outras citações nas Escrituras descrevem o adversário como um anjo que foi expulso do céu por ter se rebelado contra Deus (Is 14 e Ez 38). No episódio em Jó 1, vemos que ele procura o mal de um justo.

Como já foi dito, o termo *Satanás* significa *adversário*; então, em que sentido ele seria um “filho” de Deus? O termo *filho* [hb. *bar*] pode referir-se não só à prole masculina, mas também a membros de uma classe ou categoria inteira. Por exemplo, o Antigo Testamento fala dos *filhos de Israel* (Êx 28.9) em referência aos descendentes de Israel (Jacó), os israelitas. Da mesma maneira, os *filhos de Asafe* (1 Cr 25.1) refere-se aos músicos que ministravam no templo e descendiam de Asafe, maestro-mor na época do rei Davi. Portanto, em Jó, a expressão *filhos de Deus* significa *de ou feito por Deus*, no sentido de que os anjos, caídos ou não, são seres espirituais que foram criados por Deus.

**2.1-3** — Esses versículos repetem o mesmo conteúdo em Jó 1.6-8, ressaltando que o caráter de Jó permanecia imaculado apesar dos ataques satânicos. O Senhor afirma que ele mantivera sua *sinceridade* (a mesma raiz hebraica da palavra *sincero*, em Jó 1.1,8), embora *Satanás* tenha *incitado* Deus a destruir Jó *sem causa*. Esta expressão é a tradução do mesmo termo hebraico que *Satanás* usara para insinuar que Jó não servia a Deus *debalde* (Jó 1.9). Agora, o Senhor constrangia o inimigo com esse lembrete.

**2.4** — A origem da expressão *pele por pele* empregada por *Satanás* é obscura. Alguns acham que pode ter sido originada da prática de extração de peles de animais. Outros acreditam que a frase é semelhante à expressão *vida por vida, olho por olho, dente por dente* (Êx 21.23-25). Na última parte do versículo, *Satanás* insinua que Jó, como homem, até aceitaria perder suas posses e sua família, desde que *sua saúde* fosse poupada. Caso contrário, blasfemaria contra Deus.

**2.5** — As palavras *ossos* e *carne* indicam que *Satanás* tinha a intenção de afligir o corpo inteiro de Jó com uma doença terrível, dolorosa e fatal.

**2.6** — Quando o Senhor entregou Jó na *mão* de *Satanás*, é extraordinário que tenha ordenado que o inimigo *poupasse a sua vida*. Ironicamente, a palavra *poupar* em geral se refere ao papel de Deus em zelar por Seu povo com Sua providência (como aparece em Jó 29.2, quando ele relembra os dias em que Deus o *guardava*).

**2.7** — A doença com a qual *Satanás* afligiu Jó era uma *chaga maligna* da cabeça aos pés; algo de

difícil identificação. O termo para *chaga* era empregado para descrever a praga de *úlceras* no Egito (Êx 9.9-11). A mesma expressão, *chaga maligna*, era uma das maldições (castigos) prometidas para os desobedientes (Dt 28.35), denotando uma doença incurável.

**2.8** — Outra vez Jó expressou sua dor de forma usual (Jr 6.26).

*Pedaço de telha* é o mesmo que um pedaço de louça quebrada, e *cinza* faz referência à pilha de lixo da aldeia.

**2.9** — As palavras da esposa de Jó — *amaldiçoa a Deus e morre* — foram provavelmente a provação mais amarga para ele. Ironicamente, a pergunta que ela faz — *ainda reténs a tua sinceridade?* — apresenta quase as mesmas palavras utilizadas antes pelo Senhor (Jó 2.3). A repetição dessa sentença ressalta a perseverança de Jó, que sua esposa interpretou de forma equivocada como loucura ou fanatismo religioso. Ela provavelmente pensou que o marido se recusava cegamente a encarar a realidade de sua situação desesperadora.

**2.10** — A resposta de Jó ao segundo teste (a perda de sua saúde e o afastamento de sua esposa) foi ainda mais uma vez louvável. A pergunta retórica de Jó, advertindo sua mulher quanto ao dever do homem de aceitar das mãos de Deus tanto o *bem* como o *mal*, permite-nos vislumbrar uma das mensagens centrais do livro de Jó: a pessoa que tem fé confiará em Deus tanto na prosperidade como na adversidade, ainda que não consiga entender por que o *mal* lhe sobreveio [especialmente se for um justo].



## PERFIL

### A INSEGURANÇA NO MUNDO DE JÓ

Em Jó, não é explicado o *que* [ele] *temia* (Jó 3.25). Mas o mundo em que ele vivia não era muito seguro. Havia muitos perigos: doenças que atingiam gado e pessoas; secas, perda de colheitas e escassez; pragas destruidoras como gafanhotos e vermes, e predadores como leões e lobos; calamidades, como tempestades de raios e trovões, enchentes, granizo, ventanias e tornados; bandidos, saqueadores e invasores estrangeiros; bebês natimortos e morte de mulheres devido a complicações de parto.

Jó perdera riqueza, família e saúde em virtude dos diversos fatores mencionados acima. O inesperado e as perdas progressivas que sofreu são um lembrete de que os antigos viviam na "corda bamba", nunca tão distante da ruína total. Não havia muito o que fazer para se proteger. Por exemplo, a perda catastrófica da riqueza de Jó evidencia o fato de não existirem bancos nem apólices de seguros. A maioria dos bens estava extremamente vulnerável a perigos e prejuízos.

2.11 — *Elifaz, o temanita*, parece ser um edomita de Temã, no norte de Edom (Gn 36.11). O termo *suíta* pode referir-se à ancestralidade de Bildade, já que os dois outros amigos foram identificados a partir da cidade natal de cada um. *Zofar, o naamatita*, pode ter vindo de Naamã, uma área montanhosa no noroeste da Arábia.

2.12,13 — Esses amigos se importavam verdadeiramente com Jó, porque *choraram* e ficaram ao seu lado por *sete dias e sete noites* [como era o costume antigo]. Contudo, mais tarde, falhariam de modo trágico com Jó por não terem dado ouvidos à defesa e aos argumentos dele (Jó 8.4-6; 13.5-13).

3.1-3 — Quando *abriu Jó a boca e amaldiçoou o seu dia*, chegou perto da blasfêmia. A palavra hebraica para *amaldiçoar*, com o sentido de *ver com desprezo*, é empregada em outras passagens bíblicas para maldizer a Deus (Êx 22.28; Lv 24.15) ou os pais de alguém (Êx 21.17). A dor de Jó o levava a amaldiçoar o *dia* de seu nascimento e a *noite* de sua concepção, que simbolizam aqui a existência dele que culmina nesse infortúnio tão grande (v. 4-10). Contudo, Jó não blasfemou contra Deus. Ele não amaldiçoou os caldeus ou os sabeus, muito menos o Senhor. Tampouco expressou ideias suicidas. Apenas lamentou-se por estar vivo e ter de experimentar tão grande dor.

3.4-11 — O desejo de Jó de nunca ter nascido é compreensível: sua vida estava cheia de *pranto* (v. 8). É um sério mal-entendido sobre o sentido da existência humana! A Bíblia nos ensina que o propósito da vida do ser humano não é a felicidade própria, mas o louvor e a glória de Deus (Ef 1.3-14).

3.8-19 — Em *amaldiçoem-na aqueles que amaldiçoam o dia* (v. 8), Jó empregou um verbo no hebraico diferente do que o utilizado em *amaldiçoou o seu dia* (v. 1), embora ambos tivessem sido traduzidos para o português como *amaldiçoar*. No auge de sua dor, ele desejou que *aqueles que amaldiçoam o dia*, ou seja, os que escondiam feitiços a pedido de seus clientes, pudessem ter lançado um feitiço para que ele nunca tivesse nascido. A crença de Jó num único Deus (Jó 31.26-28) indica que ele estava falando de forma poética e

dramática. Ele não estava apoiando qualquer tipo de mágica pagã, mas empregando termos vívidos e fortes para expressar a intensidade de sua agonia e desespero.

3.20-22 — Mesmo que Jó ansiasse pela *morte*, não estava pensando em suicídio. O contexto dos outros trechos sugere que ele simplesmente desejava que o Senhor lhe permitisse morrer (Jó 7.15-21; 10.18-22).

3.23-26 — Jó lamentou que Deus o cercara de tal forma que ele não poderia morrer. A ironia está no fato de que Jó percebeu que Deus o cercava de proteção, e *ocultou* (v. 23) isso para mantê-lo afastado da vontade de morrer, um sentimento comum entre os que sofrem.

4.1 — Como *Elifaz, o temanita*, foi o primeiro a falar, ele devia ser o mais velho e, portanto, presumivelmente, o mais sábio dos três. Elifaz foi um pouco mais cortês com Jó do que seus outros dois amigos. Mas suas observações eram distorcidas. Ele acreditava, com muita convicção, que Deus jamais castigaria um justo e deixaria de punir o pecador. Por esse motivo, concluiu que, se Jó estava sofrendo, devia ser porque estava em pecado (Jó 22.4-11,21-30).

4.2-6 — Embora Elifaz pareça surpreso com a resposta de Jó (cap. 3), suas observações iniciais são elogiosas e corteses. O teor dos versículos 7-11 sugere que o versículo 6 provavelmente contenha pelo menos uma pequena retaliação.

4.5,6 — A expressão *te enfadas* é a tradução de um só termo do hebraico original e repete a mesma raiz da palavra encontrada na oração *enfadar-te-ás*, no versículo 2. Esta repetição indica que Elifaz já percebera a aparente contradição entre o “Jó paciente”, do prólogo, e o “Jó impaciente”, do diálogo.

4.7-9 — Elifaz, por meio de duas perguntas retóricas, destaca a *lei da retribuição* — [que se baseia em premissas como: “só se eu for fiel a Deus, Ele será fiel a mim”; “se eu fizer isso por Deus, Ele fará aquilo por mim”]. Ele sustenta sua crença, apelando à sua experiência e à lei da sementeira, segundo a qual se colhe o que se planta. Como a palavra *mal* (v. 8) é a mesma usada por Jó para descrever sua própria situação como cheia de

*canseira* (Jó 3.10) e seu estado *miserável* (Jó 3.20). A postura de Elifaz dá a entender que ele está igualando Jó aos perversos *que lavram iniquidade*.

**4.10,11** — Ao leitor pode parecer que Elifaz acrescentou de repente imagens da retribuição divina sobre os animais. Mas provavelmente são provérbios com duplo sentido. Elifaz pode ter insinuado que os *gemidos* (Jó 3.24) de Jó podem ser comparados ao *bramido* do velho leão, simbolizando os homens ferinos, cujos pecados estavam sendo pagos agora com sofrimento.

**4.12-18** — Elifaz apela para uma visão a fim de autenticar sua teologia. Ele alega que seus *ouvidos perceberam um sussurro*, com uma mensagem de que o homem não pode ser mais *justo* do que *Deus*, deixando implícito que Jó não era justo. Isso contrasta com o elogio incondicional que o Senhor fez a Jó, no prólogo (Jó 1.1,8; 2.3).

**4.19,20** — A descrição das pessoas como habitantes de *casas de lodo com fundamento no pó* ressalta a mortalidade e a fragilidade da existência humana. Como suas moradas temporárias, as pessoas podem perecer sem que ninguém tome conhecimento. Em outra parte, Jó emprega as mesmas duas palavras hebraicas [*pó e lodo*] para descrever a fragilidade do corpo humano. Já que o corpo foi moldado a partir da argila, Deus, o oleiro que lhe deu forma, pode reduzi-lo a pó com facilidade (Jó 10.8,9; 33.6).

**4.21** — A expressão hebraica para a frase *a sua excelência* pode significar *cordame de uma tenda*. Assim, o texto dá a entender que a existência da humanidade é tão precária quanto uma tenda no meio da tempestade.

**5.1** — A advertência de Elifaz contra apelar para os *santos* é uma antecipação do desejo posterior de Jó por um *árbitro* (Jó 9.33).

**5.2** — *Tolo* faz referência à pessoa arrogante que busca seus próprios interesses sem respeitar a Deus.

**5.3-7** — Elifaz começa outra apelação para a observação e experiência pessoais. Ele faz um jogo de palavras entre *terra* e *homem* (v. 6,7), juntamente com a repetição da palavra *trabalho*, reforçando o seu argumento de que as atribulações de Jó não surgiram do nada — ou seja, *brotaram da terra*.

**5.7** — A palavra *faíscas* pode fazer alusão a um dos deuses adorado em Ugarite, [uma antiga e cosmopolita cidade portuária, situada na costa mediterrânea do norte da Síria], a quem se atribuía responsabilidade por pragas e trovões. Uma referência mitológica como essa não deixa implícita nem endossa a crença em outros deuses. O que Elifaz declara equivale a: “assim como uma praga se levanta das forças demoníacas infernais, as tribulações procedem da natureza da pessoa”.

**5.8-16** — Elifaz sugere que Jó confie sua causa a *Deus*, em vez de lidar com ela sozinho. Este seria o bom caminho, porque o Senhor é completamente bom e justo.

**5.17** — Elifaz insinua que, como o sofrimento de Jó era consequência do *castigo* de Deus por seu pecado, ele *não* deveria *desprezar* ou rejeitar aquilo que o Senhor tentava ensinar-lhe. Embora seja verdade que Deus às vezes disciplina as pessoas por suas iniquidades com dor e sofrimento (Jó 32.1—37.24; Pv 3.11; Hb 12.7), Elifaz estava errado em sugerir que este era necessariamente o caso de Jó. O título divino *El-Shaddai*, traduzido como *Todo-poderoso*, é usado 31 vezes no livro de Jó, mas apenas 17 vezes no restante do Antigo Testamento.

**5.18-22** — Elifaz afirma que Deus é o responsável pela dor e pelo refrigério. O Senhor curaria a *chaga* que provocara como disciplina. Quando Deus permite que a dor entre em nossa vida, não é para nos magoar, mas para nos refinar, a fim de que nos tornemos melhores.

**5.23,24** — A presença de rochas em um campo podia torná-lo incultivável (2 Rs 3.19,25). Assim, a expressão *com as pedras do campo terá a tua aliança* significaria estar em *paz* e harmonia até mesmo com as forças destruidoras da natureza — inclusive com *os animais do campo* (v. 22,23).

**5.25-27** — As frases *se multiplicará a tua semente* (v. 25) e *na velhice virás à sepultura* (v. 26) eram bênçãos vistas como as mais preciosas no tempo de Jó — uma família boa e numerosa, e saúde perfeita até morrer de velhice, rodeado por seus entes queridos.

**6.1** — Quando Jó *respondeu*, ele não se dirigiu diretamente a Elifaz. Talvez por isso o texto não

especifique o nome deste aqui. Jó respondia aos seus três amigos ao mesmo tempo, não a apenas um deles (Jó 6.24-30). Eles, por sua vez, não respondiam uma questão de cada vez. Consequentemente, o diálogo não aparenta ser uma conversa entre amigos, mas um debate, discurso competitivo em que um tenta impressionar o outro com a sua retórica.

**6.2,3** — Jó emprega tal expressão proverbial por acreditar realmente que, se sua *mágoa e miséria* fossem *pesadas* em uma gigantesca *balança*, pesariam mais que toda a *areia dos mares*. (A última palavra, também no plural, no hebraico, ressalta a enormidade desse peso.) Ao enfatizar sua *mágoa* descomunal [hb. *ka'as, vexação, mágoa*], ele emprega o mesmo termo utilizado em Provérbios 27.3, quando o sábio afirma: *Pesada é a pedra, e a areia também; mas a ira do insensato é mais pesada do que elas ambas*; e em Jó 5.2, quando Elifaz argumenta que *a ira* [hb. *ka'as*] *destrói o louco*. Embora admita que essa *mágoa* era opressiva, nega implicitamente ser um louco porque suas *palavras* foram *inconsideradas* (v. 3).

**6.4** — O sofrimento de Jó era tão intenso que ele o retratou como o provocado por *flechas do Todo-poderoso* embebidas em *ardente veneno*. As flechas do Senhor geralmente simbolizavam o Seu julgamento (Dt 32.23,42) ou a Sua ira (Sl 38.1,2).

Jó também presumia que Deus precisava recomendar os obedientes e castigar os ímpios nesta vida, e por isso conjecturou que o Senhor o estivesse castigando de forma injusta.

**6.5-7** — Jó *recusa* (v. 7) o conselho repugnante (*comida fastienta*) de Elifaz por meio de duas perguntas retóricas que expõem o absurdo de sua reação exagerada às palavras de Jó. No versículo 5, ele sugere que seus altos brados de sofrimento não carecem de motivo, como o *zurrar* de um *jumento* ou o *berrar* de um *boi*. No versículo 6, a frase *na clara do ovo* reflete uma locução hebraica de sentido incerto que pode fazer parte de algum provérbio. Alguns creem que ela se refere à seiva de uma determinada planta.

**6.8-10** — Embora a tradução exata seja um tanto controversa, o versículo 10 parece indicar que Jó estava mais preocupado em preservar sua relação com o *Santo* do que convencer Deus a acabar com sua dor e seu *tormento* por meio da morte (v. 8,9).

**6.11,12** — Em sua infelicidade, quando Jó perguntou: *É de cobre a minha carne?*, esqueceu-se de uma grande verdade: *Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó* (Sl 103.14).

**6.13** — A pessoa desanimada sente que não há saída para ela; todos os seus recursos se esgotaram — ela não tem *auxílio*.



## ENTENDENDO MELHOR

### UM OÁSIS DECEPCIONANTE

A água é fundamental à vida. Assim, para as antigas caravanas, o oásis de Temá (Jó 6.19) era uma parada indispensável para os mercadores sabeus que atravessavam a grande estrada norte-sul do deserto Árabe. Seus camelos podiam viajar até uma semana sem água, porém, mais cedo ou mais tarde, eles teriam de parar para se reabastecerem. Se uma caravana chegasse ao poço e, por algum motivo não houvesse água, o desastre era iminente.

Jó provavelmente tinha bastante familiaridade com as caravanas de Sabá. Como o homem mais rico do Oriente Médio (Jó 1.3), é bem provável que tenha negociado com eles em diversas ocasiões. Talvez tenha até organizado algumas delas. Da mesma forma, possivelmente visitou Temá. O local ficava a apenas 480 Km a sudeste de Edom, onde se acredita que ele tenha morado.

De qualquer modo, Jó descreveu seu desapontamento pela falta de gentileza de seus amigos para com ele (Jó 6.14) como o de uma caravana, quando chega a um oásis seco, não só esperando, mas também precisando desesperadamente de água, e encontra apenas terra. Com suas esperanças destruídas e em situação perigosa, esses viajantes cansados se deparam com a possibilidade aterrorizante de morrerem de sede (Jó 6.21).

De forma semelhante, Jó voltou-se para os seus amigos em seu momento de necessidade, esperando achar o consolo de que tanto precisava. Para a surpresa de Jó, eles reagiram com reprovações e críticas.

**6.14** — O significado exato do termo hebraico traduzido como *aflito* é incerto. Pode significar *derreter*; assim, a ideia seria *fracassado* ou *desesperado*. O versículo 14 parece ser de transição, fazendo um elo entre o desespero de Jó, demonstrado nos versículos 8-13, e o seu desapontamento, descrito nos versículos 15-21.

**6.15-17** — Como seus amigos são chamados de *meus irmãos*, parece que Jó já tivera relacionamento mais profundo com eles. Isso apenas intensificou o desapontamento que ele sentiu. Jó os compara a *ribeiros que passam*, ou seja, torrentes de água que enchem as ravinas na estação de chuvas e no verão *se desfazem*.

**6.18** — A palavra *caminhos* conclui a metáfora das ravinas vazias, que ficam após os ribeiros sazonais chamados de *wadis* (v. 15-18), e faz a ponte para a próxima seção (v. 19).

**6.19,20** — Jó compara a sua intensa decepção com seus amigos aos *caminhantes* sedentos de *Temá* e aos *passageiros de Sabá*, cujas esperanças de encontrar água foram estilhaçadas ao depararem-se com os rios secos. *Temá* e *Sabá* ficavam respectivamente ao norte e ao sudeste da Arábia. Essas caravanas e viajantes seriam familiares para os seus amigos, já que a história de Jó tem grande probabilidade de ter ocorrido perto de Edom, no norte da Arábia.

**6.21** — Quando Jó esperava ser ajudado por seus três amigos, eles nada ofereceram. Era como um *wadi* nas regiões desérticas, um riacho sazonal que desaparece na época de maior carência.

**6.22,23** — A resposta para todas as perguntas é *não*. Jó pedia a seus amigos somente compreensão e preocupação, mas até nisso eles o desapontaram.

**6.24-26** — Jó insiste que seus supostos conselheiros sejam mais compreensivos, em vez de argumentativos. O comportamento dos amigos se corrompe, pois por meio de argumentos e censuras reagem exageradamente às palavras de Jó, que, como ele próprio admite, *são como vento*. Um conselheiro deve estar disposto a lidar com reações exageradas de quem sofre e não responder de forma passional. O sofredor muitas vezes precisa de um amigo que o ouça com compreensão, em vez de um juiz que só se preocupa em censurá-lo.

**6.27,28** — Os verbos em hebraico deste versículo (v. 27) são de difícil tradução. Mas a mensagem parece bem clara. Jó percebe que seus amigos o atacam quando está caído, à maneira daqueles que se aproveitam de órfãos.

**6.29,30** — A palavra *iniquidade* repetida nestes versículos é a mesma usada por Elifaz em Jó 5.16. Ele disse que Deus *livra* o *necessitado* (Jó 5.12-15) das armadilhas do ímpio, para que haja *esperança para o pobre*; e a *iniquidade tapa a sua própria boca*. Jó reage, deixando implícito que as palavras de Elifaz são iníquas para com ele que está passando necessidade (Jó 6.14-21), pois presumem que Jó seja um ímpio.

**7.1,2** — Jó argumenta que sua sina é pior do que a de um proletário. O uso da palavra *jornaleiro* indica com ironia que sua vida como servo (jornaleiro) de Deus (o mesmo termo em hebraico usado em Jó 1.8) tornou-se cheia de maçadas e escravidão, em vez de alegre confiança em Deus.

**7.3,4** — Embora o livro de Jó não registre quanto tempo durou seu sofrimento, a expressão *meses de vaidade* deixa implícito que foi bastante tempo.

**7.5** — Os vermes (*bichos*) se alastravam sobre as chagas de Jó. As cascas de suas feridas abriam-se e soltavam pus.

**7.6-8** — O fato de Jó ter escolhido a palavra *esperança* no contexto da *lançadeira do tecelão* pode trazer imbuído um duplo sentido (Jó 11.18). No original hebraico, o termo *esperança* parece com outro que significa *fio* (Js 2.18,21). Jó não só acreditava que seus dias não tinham qualquer *esperança* como não possuía mais nem um *fio* de esperança. Como se observasse um fio na lançadeira do tecelão, ele não conseguia enxergar o desígnio de Deus para sua vida no sofrimento por que passava. Embora, às vezes, questionemos o Senhor como fez Jó, devemos perceber que o grande Tecelão tem propósitos para nossa vida que talvez não enxerguemos até estarem concluídos.

**7.9,10** — Jó descreve a *sepultura* (às vezes, chamada de *Sheol*) como o lugar de que a pessoa *nunca mais tornará* (Jó 10.21). Aqui, o foco está sobre a morte. Ainda que o morto nunca mais



volte à sua *casa* na terra, acreditava-se que havia uma *casa de ajuntamento destinada a todos os viventes* (Jó 30.23).

**7.11** — Jó fala francamente a Deus, começando por sua *angústia* e depois se queixando na *amargura*. Ele não temia que o Senhor o interpretasse mal como fizeram seus conselheiros humanos. O Senhor não repreendeu Jó por isso, mas o elogiou por dizer o *que era reto* (Jó 42.7).

**7.12-14** — O *mar* e seu terrível morador, a serpente do mar, simbolizavam o caos e as forças do mal, e eram até mesmo considerados deuses das religiões pagãs do mundo antigo. Novamente Jó emprega metáforas mitológicas para expressar sua frustração e angústia profundas. Embora Jó interprete a *guarda* do Senhor como uma invasão de privacidade (v. 13,14,17-20), Deus a projetou com bons propósitos em mente (Jó 3.23).

**7.15,16** — Jó não pensou em suicídio quando afirmou que escolheria *antes a estrangulação e a morte* do que viver com seus ossos (Jó 3.20-22). *Estrangulação* pode referir-se aos sintomas de sua doença, tais como tosse e engasgos, meios que Deus poderia usar para matá-lo, realizando assim o seu desejo.

**7.17-19** — Estes versículos se parecem com Salmos 8.4. Enquanto o salmista se maravilha de que Deus o *visite*, Jó usa a mesma palavra em um sentido negativo, queixando-se de que o Senhor o visita a *cada momento* com espantos e assombros (v. 14).

**7.20,21** — Jó apela para Deus com o objetivo de que Ele lhe mostre o que fez para tornar-se um *alvo* da perseguição divina. Quando Jó chama o Senhor de *Guarda dos homens*, emprega um termo que normalmente descreve a Deus de modo positivo — como alguém que preserva o Seu povo (Sl 31.23).

**8.1,2** — Bildade deturpa as palavras pronunciadas por Jó em 6.26. Jó reconhecera sua reação exagerada ao afirmar que *as razões do desesperado são como vento*. Parafraseando a resposta sarcástica de Bildade: “Sim, tu estás certo, Jó! Todas as tuas palavras, ou seja, *as razões da tua boca*, são como um *vento impetuoso*; estás como que cheio de ar quente!”

**8.3** — Bildade argumenta que Deus nunca *perverteria o direito*. A única conclusão possível é a de que Jó e seus filhos receberam o que mereciam como pecadores (v. 4-7,20).

**8.4-6** — A repetição do pronome *se* nestes três versículos seguidos ilustra a presunção das afirmativas de Bildade (v. 8-22). Zelando pela defesa da doutrina ortodoxa, ele deixa de perceber a dor de Jó.

**8.5,6** — Bildade admoesta Jó a *buscar a Deus* agora de forma que Ele devolva a sua prosperidade, em vez de falar sobre como Deus não poderá encontrá-lo depois que estiver morto (Jó 7.21). Bildade usa as palavras *puro e reto*, as mesmas que o Senhor utilizou ao afiançar o caráter sincero de Jó (1.8; 2.3).

**8.7,8** — O conselho de que o *último estado* de Jó *cresceria em extremo* antecipa sua recuperação no epílogo (Jó 42.10-17), embora tenha vindo de forma muito diferente da que Bildade previra.

**8.9,10** — Quando Bildade afirmou que *nada sabemos* em comparação com a sabedoria das *gerações passadas* (v. 8), o leitor pode rir com o autor do livro de Jó, por perceber o quão pouco Bildade realmente sabe à luz de toda a história. Um dos objetivos do livro é o de questionar certas doutrinas teológicas, baseadas em ideias meramente humanas sobre Deus e o Seu modo de agir, desprezando Sua soberania e várias realidades espirituais totalmente desconhecidas à humanidade.

**8.11-19** — Bildade usa metáforas da natureza para amparar sua crença de que, nesta vida, Deus castiga apenas os maus e sempre recompensa os retos. Ele deduz equivocadamente que se pode determinar a causa observando apenas o efeito. O simplismo excessivo que resulta em respostas prontas e inadequadas é um erro comum dos conselheiros de Jó.

**8.14,15** — A metáfora da *teia de aranha* dá a entender que Jó confiaria em seus bens materiais, algo tão duradouro quanto uma teia.

**8.16-22** — A afirmativa teológica de Bildade a respeito de *Deus não rejeitar ao reto* é minada pelo fato de ele ter empregado a palavra *reto* da mesma maneira que o Senhor utilizou no prólogo (Jó 1.1,8; 2.3) para descrever Jó.

9.1,2 — Jó parece concordar que Bilde acertou em alguns argumentos (como no caso da lei da retribuição, que Jó aceita). Ele então reformula uma questão que Elifaz fizera em Jó 4.17 a respeito da possibilidade de um *homem se justificar para com Deus*.

9.3-7 — O verbo *contender* indica que Jó pensava em entrar com uma ação legal contra Deus. Os profetas costumavam usar esse termo para representar Deus entrando com uma ação contra Israel (Is 1.2; Mq 6.1). *Contender* em hebraico é quase sempre usado metaforicamente em Jó referindo-se a um *processo litigioso* entre as duas partes: Deus e Jó. O dilema jurídico de Jó perante o Senhor, que (para Jó) servia simultaneamente como Seu juiz e adversário (Jó 13.20-28), ressalta a urgência e a desesperança do apelo de Jó por um árbitro que ouvisse o seu caso (v. 33). Jó imagina que as chances de ele conseguir responder ao interrogatório de Deus são pequeníssimas, *uma em mil* — algo que Deus confirmaria mais tarde (Jó 38.1—42.6). O verbo *responder* significa rebater uma acusação em tribunal, especialmente no interrogatório da testemunha pelo promotor.

9.8 — Quando Jó usa a expressão *estende os céus*, atribui este fenômeno a Deus *sozinho*. O fato de que o Senhor *anda sobre os altos do mar* demonstra Seu controle inigualável sobre as supostas forças do mal (Jó 38.8-12). A palavra *altos*

ênfata que o Senhor *anda* sobre o pseudodeus do mar, Yam, colocando-o sob os Seus pés (v. 13). O versículo em questão enfatiza que o mar é simplesmente uma força natural sob o controle do Deus onipotente.

9.9,10 — A *Ursa*, e o *Órion*, e o *Sete-estrela* mostram que a criação de Deus das maravilhas dos céus é esplêndida e é celebrada por Amós (Am 5.8). De fato, essas palavras retornam à mente de Jó (Jó 38.31-33). A obra de Deus é tão incrível e variada [*coisas grandes... maravilhas*] que a mente humana simplesmente não consegue compreendê-la.

9.11,12 — A presença de Deus pode não ser perceptível aos olhos humanos [*não o vejo*] (v. 11), mas Suas obras são irresistíveis para o sentimento humano (v. 12).

9.13-16 — A palavra *soberbos* [hb. *rahab*; Jó 26.12] pode ser representada por um nome próprio, *Rahab*, [um dragão das águas. *Rahab* representa um ser mitológico insolente e orgulhoso, responsável pela agitação das águas e produção de grandes ondas, e também pelo bramido do mar.], e um equivalente ao *Leviatã*, o monstro marinho (compare com Salmos 87.3).

9.17-20 — Estes versículos abundam em possíveis alusões irônicas. A afirmativa de Jó de que Deus o *quebranta com uma tempestade* prevê a aparição do Senhor *de um redemoinho* em Jó 38.1,



## EM FOCO

### AUXILIADORES SOBERBOS (HB. RAHAB)

(Jó 9.13; 26.12; Is 30.7)

A raiz verbal dessa palavra significa *agir ou comportar-se tempestuosamente*. Assim, o termo *Rahab* [que aparece na tradução da NVI, ou *monstro Raabe*, NTLH] nomeia um *monstro marítimo* mitológico e primitivo. Mais tarde, tornou-se uma designação para o Egito [daí na ARA, a tradução do termo ser *auxiliadores do Egito*].

Isaías registrou o Senhor, em pessoa, chamando o Egito por esse nome (Is 30.7 NVI). [Na ARC e na ARA, que se baseiam em outro manuscrito bíblico, não consta esse termo em Isaías 30.7, daí a diferença entre as traduções. Na ARA aparece o termo *Gabarola*, e na NTLH, a expressão *o Dragão Manso*, referindo-se ao Egito]. Em outros trechos, o profeta Isaías utiliza a palavra *rahab* em um contexto que sugere uma referência dupla: tanto ao *monstro do mar* como ao *Egito* (Is 51.9 ARA). Ao referir-se ao monstro marítimo, essa palavra é sempre rodeada de termos que falam do poder cósmico de Deus (Jó 9.1-13; 26.12,13; Sl 89.8-12; Is 51.6-11).

O antigo Oriente Médio tinha uma profusão de histórias mitológicas de monstros marítimos primitivos e poderosos. A Bíblia usa essa imagem de *rahab* não para endossar a mitologia antiga, mas para demonstrar a supremacia do Senhor sobre todos os poderes.

mas com resultado diferente. Jó culpa a Deus por esmagá-lo e feri-lo *sem causa* (Jó 2.3), quando na verdade havia sido Satanás quem procurara destruí-lo. A palavra hebraica traduzida como *quebrantar* no versículo 17 aparece em Gênesis 3.15 como *ferir*, e descreve o conflito entre Satanás e a humanidade.

9.21 — A expressão *não estimo a minha alma* equivale a *não me importo comigo mesmo*, conforme o esclarecimento prestado no restante do versículo.

9.22-24 — Jó contraria as alegações de Bildade apresentadas em Jó 8.3,20,21, acusando a Deus de destruir injustamente os sinceros e os ímpios. Assim, no versículo 24, ele incrimina a Deus de ser um Juiz injusto que *cobre o rosto dos juízes* da terra.

9.25-28 — Jó deseja ser considerado *inocente* perante Deus — não uma pessoa totalmente sem pecado, mas uma que pratica a justiça não sendo merecedor de sofrimento.

9.29-31 — Mesmo se Jó se purificasse até ficar satisfeito, Deus poderia lançá-lo ao *fosso* (v. 31). (Essa palavra poderia ser traduzida literalmente como *corrupção* — uma imundície tamanha que suas roupas se recusariam a cobri-lo).

9.32-35 — Jó reclama que Deus *não é homem* para que ele o leve a *juízo* (Jó 9.3). E Jó nem mesmo possui um *árbitro* imparcial entre Deus e si próprio — um mediador que possa apresentar seu caso perante Deus. O desejo de um árbitro entre Deus e a humanidade é um tema central no livro (Jó 16.19; 19.25), e antecipa a ênfase do Novo Testamento sobre Jesus como o verdadeiro Mediador entre Deus e os homens (1 Tm 2.5).

10.1,2 — Quando Jó diz *faze-me saber*, atreve-se a falar a Deus como a um igual. Outra vez empregando uma linguagem jurídica (Jó 9.3), ele demanda que Deus lhe conceda um julgamento justo segundo o protocolo jurídico. Aqui, Jó chega muito perto de demonstrar uma indignação injusta para com o plano soberano de Deus para a sua vida.

10.3-7 — O versículo 7 serve de transição da queixa de Jó (v. 1-6) para a sua breve descrição do amor com que Deus o criou (v. 8-12). Ele sabe

que não é iníquo e acha que Deus está sendo injusto ao oprimi-lo. Ainda assim, Jó também percebe que *ninguém* podia *livrá-lo* da mão de Deus.

10.8-17 — Nestes versículos, Jó esboça um retrato da natureza aparentemente contraditória de Deus, contrastando Seu caráter amoroso com Seu juízo. Jó se admira do modo como Deus o *entretecera* (v. 8) tão cuidadosamente no ventre possa voltar-se contra ele como um *leão feroz* (v. 16). É o grito desesperado de um sofredor cego para o fato de Deus estar produzindo o bem a partir de tantos eventos trágicos em sua vida (Jó 42.12).

10.15,16 — O fato de ser incapaz de *levantar sua cabeça* expressa a vergonha e a desgraça de Jó (Jz 8.28; Lm 2.10). A *miséria* dele era tão profunda que, embora cresse ser inocente, sentia-se como um criminoso sem autoestima nem dignidade.

10.17 — A frase *renovas contra mim as tuas testemunhas* é uma metáfora jurídica que pode referir-se a cada novo aspecto da doença de Jó. No termo *combate*, há uma alusão à guerra, a um litígio, que termina com o Senhor enviando *reveses*, como tropas de reforço, contra Jó.

10.18-22 — Jó questiona por que ele ter nascido (v. 18,19; Jó 3.3-10). Depois, diz que seria melhor se o Senhor o *deixasse* para morrer (v. 20-22; 3.20-26; 7.16-21). Os versículos 21 e 22 apresentam um contraste com Jó 3.17-19, onde a sepultura é descrita como um lugar de descanso e liberdade, e aqui é a *terra da escuridão e da sombra da morte* [...] *sem ordem alguma*. Jó amplia seu desejo de ter ido diretamente do *ventre à sepultura*, vinculando a escuridão do sepulcro ao dia negro de seu nascimento (Jó 3.3-9). A palavra *escuridão* se repete por quatro vezes, uma de maneira diferente, *escuríssima* (v. 21,22), reforçando o caráter lúgubre e monótono da sepultura.

11.1-20 — *Zofar, o naamatita* (Jó 2.11) foi ainda mais rude que Bildade (v. 2-6; Jó 8.1-13). Ele era um legalista ferrenho que baseava seus argumentos em teologia mal aplicada e a raciocínios simplistas.

11.2-6 — Zofar exagera o que Jó havia dito a respeito de sua inocência (Jó 9.14-21) para fazê-lo parecer um tolo. Jó jamais afirmou que sua *doutrina* era *pura*.

11.7-9 — Quando Zofar interroga Jó sobre a impossibilidade de compreender os caminhos de Deus, ele emprega associado ao verbo *alcançarás* o mesmo termo que Jó empregara para descrever as maravilhas de Deus como além do *esquadrinhar* (Jó 9.10). Assim, Zofar tenta voltar as palavras de Jó contra ele próprio, dizendo que os atos de Jó são incoerentes com sua teologia. Como estes versículos antecipam parte do que o Senhor fala depois (Jó 38.16-18, 34-38), a doutrina de Zofar está correta, mas a sua aplicação não. Portanto, empregada de modo incorreto, a verdade bíblica perverte o propósito das Escrituras e leva ao mau caminho. As boas obras sem caridade não são do agrado do Senhor (Ap 2.2-5).

11.10-12 — A pergunta retórica que Zofar faz a respeito de Deus — *quem o impedirá..?* — ecoa exatamente sobre o que Jó sente no versículo 12, do capítulo 9. No entanto, Zofar nega a alegação de Jó de que Deus não sabe a diferença entre os honrados e os perversos (v. 11; Jó 9.22). Para revidar à pergunta de Jó (6.5), em que ele comparou seus gritos ao zurrar de um *jumento*, Zofar emprega o que pode ser uma declaração proverbial sobre o jumento. Ele insinua que as *mentiras* (v. 3) de Jó são um indício de que ele é um *homem vão* (v. 12).

11.13,14 — *Estende as tuas mãos* faz referência à postura de oração e de louvor (Sl 134.2). Presumindo que Jó sofria por causa de sua *iniquidade*, Zofar repudia cruamente a sua afirmação de que o amigo não tem pecado em sua língua (Jó 6.30), alegando que, na verdade, são as *tendas* de Jó que estão cheias de *injustiça*. Talvez seja uma insinuação caluniosa de que Jó adquirira sua riqueza por meios escusos ou tolerara o mal em sua casa.

11.15,16 — A expressão *águas que já passaram* é similar à nossa *águas passadas*.

11.17-20 — A frase *olharás em volta* corresponde à tradução de uma raiz hebraica que pode significar *olhar cuidadosamente ao redor*, com a atenção de um olhar de águia (uso do mesmo termo hebraico em Jó 39.29).

12.1,2 — Que sarcasmo atrevido e prazeroso não é esse quando Jó diz: *e convosco morrerá a sabedoria*. O pronome pessoal *vós* também apare-

ce no hebraico em plural, indicando que Jó responde aos três amigos que insinuam que ele é culpado e precisa confessar seus pecados.

12.3 — Empregando o termo *saber* [hb. *lebab*. coração ou mente, o substantivo de que se traduziu a palavra *entendimento* em Jó 11.12], Jó afirma que sua capacidade mental *não é inferior* à de seus amigos (Jó 13.2).

12.4 — A expressão usada por Jó, *irrisão para os meus amigos*, também é encontrada em um sentido negativo semelhante em Salmos 2.4. Nesses contextos, a palavra indica *ridículo*. Mas em outras passagens expressa *alegria* e *risos* (Gn 21.6).

12.5 — A tradução *tocha* é basicamente uma versão literal do termo hebraico *lappîd*. Mas, para fins de melhor entendimento, talvez a palavra deva ser interpretada como a preposição hebraica *le*, que significa *para*, *por*, mais o substantivo *pîd*, ruína, desastre (Jó 30.24; 31.29), como deixa implícito uma nota de rodapé da Bíblia NKJV [New King James Versículon, Nova Versão da King James, uma Bíblia em inglês].

12.6 — A expressão *nas suas mãos Deus lhes põe tudo* pode ser a tradução correta de uma frase hebraica obscura. Mas também poderia ser traduzida como *aqueles que trazem seu deus* (ou seja, ídolos ou uma espada) *em suas mãos*.

12.7-9 — O pronome *to* (v. 7) está no singular talvez para indicar que, dessa vez, Jó estava falando apenas com Zofar (que o comparou a um *jumento*), ressaltando que até os animais menos inteligentes entendem instintivamente que *a mão do Senhor* [hb. *Yahweh*] é a responsável pelas calamidades. Alguns manuscritos hebraicos podem trazer a palavra 'Elôah, Deus, em vez de *Yahweh*.

12.10-12 — Jó responde à afirmativa que Bildade faz em Jó 8.8 (provavelmente de forma sarcástica). No entanto, de fato a sabedoria normalmente vem com a maturidade, uma verdade bastante aceita no antigo Oriente.

12.13-25 — É possível que estas declarações sejam feitas apenas de brincadeira, mas esta seção também pode ser lida como uma esplêndida confissão da insuperável sabedoria de *Yahweh*. As expressões *sabedoria* e *força* e *conselho* e *entendimento* (v. 13) formam uma dupla *hendíadis* (figura

que exprime uma ideia mediante dois substantivos, ligados pela conjunção *e*, ou seja, quando duas palavras são empregadas para expressar uma única ideia, como em Gênesis 1.2). Esta seção não é diferente da confissão de confiança encontrada em um salmo de lamentação (como ocorre no Salmo 13).

12.17-21 — É possível que Jó estivesse afirmando que Deus despoja *conselheiros* (tais como seus amigos), e *aos juízes*, como ele mesmo, *faz desvairar*. A locução *leva despojados* também pode ser traduzida literalmente como *torna descalços* [um símbolo de despojamento, empobrecimento, perda/abdição de direitos por outrem].

12.22,23 — A transformação que Deus faz das *trevas em luz* era exatamente do que Jó precisava (Jó 10.21,22).

12.24,25 — O agir de Deus ao mostrar a inferioridade da sabedoria humana em relação à Sua própria é algo desejado por todos aqueles que sofrem de arrogância de pessoas que alardeiam seus conhecimentos sem temer ao Deus vivo (Pv 1.7).

13.1,2 — A ironia nesta declaração que Jó faz — *como vós o sabeis, o sei eu também* (de igual modo mencionada em Jó 12.3) — é que nem ele nem seus amigos sabem muita coisa porque todos presumem a inflexibilidade da lei da retribuição [baseada na *lei de causa e efeito* e na *lei da sementeira*]. Não se deve perder de vista que, embora mal aplicada no caso de Jó, que era justo, essa doutrina existe.

13.3,4 — Jó quer *defender-se* ou argumentar a favor de seu caso perante Deus. Ele rejeita o conselho desprezível de seus três amigos que, como *médicos que não valem nada*, deram um diagnóstico errado acerca da causa da doença e do sofrimento de Jó. Na verdade, eles eram *inventores de mentiras* (literalmente, *moldadores de falsidades*). Os amigos de Jó estavam agravando suas chagas com um arremedo confuso de especulações teológicas. Em vez de acusarem o triste amigo do alto de um pedestal, deveriam ter orado com ele.

13.5-13 — Em resposta à pergunta zombeteira de Zofar quanto às palavras de Jó (Jó 11.3), este expressa o desejo de que seus amigos se calassem

definitivamente [*Tomara que vos calásseis de todo*]. De fato, teria sido essa a atitude mais sábia deles (Pv 17.28). O sarcasmo de Jó se reflete em suas palavras pronunciadas anteriormente (Jó 12.2). Usando o vocabulário de um sábio, ele explica o seu motivo para insistir no silêncio. Jó deseja ser ouvido pelos amigos, quer que eles prestem atenção aos seus *argumentos*. Ele os conclama a ouvir diligentemente as suas palavras, em vez de tentarem defender Deus. Seus chavões religiosos têm o valor da *cinza*.

13.14 — A segunda metade deste versículo esclarece a primeira — *tomaria eu a minha carne com os meus dentes* —, pois significa arriscar-se a perder a *vida* como um animal que procura se defender enquanto segura a presa na boca.

13.15-17 — Se por um lado estes versículos são muito conhecidos como uma declaração forte da confiança que Jó depositava em Deus [*nele esperarei*], eles não estão livres de dificuldades de compreensão.

A palavra hebraica traduzida como *ele* é semelhante ao termo hebraico que significa *não*, no que diz respeito ao som. Assim, houve quem traduzisse o versículo 15 como: *Eis que ele me matará; não tenho esperanças* [ARA]. Porém, a melhor tradução desse texto parece ser *ainda que ele me mate, nele esperarei* [ARC], tendo em vista o sentido positivo especialmente nos versículos 16,18. Também forma um sentido maravilhoso em meio a esse trecho.

Jó crê que Deus está lentamente tirando a sua vida. Mas, declarando sua fé com valentia, ele manifesta sua confiança absoluta em Deus. Pois, quando chegasse à presença de Deus, faria a defesa de sua causa diretamente a Ele [*os meus caminhos defenderei diante dele*]. Nesse momento, não antes, Jó redescobriria o que na verdade ele nunca perdera: o amor e a salvação de Deus (v. 16).

13.18,19 — Até agora, em todo o livro, esta é a declaração mais forte de confiança de Jó no fato de que Deus declarará a sua inocência: *sei que serei achado justo*.

13.20-28 — Como Jó ainda está nesta vida dolorosa (Jó 13.15), ele se volta para Deus o máximo que pode e defende sua causa. Jó “exige”



## APLICAÇÃO

### A VIDA ETERNA

Desde o começo da História, as pessoas imaginam se esta vida é tudo o que há. Existe um céu e um inferno, ou tudo termina aqui?

Jó se fez as mesmas perguntas enquanto enfrentava seu sofrimento (Jó 14.14). Ele desejou que a morte poderia encerrar seu padecimento (Jó 14.13), mas será que sua existência findaria com ela? Não. Em outra parte, Jó descreveu a morte como o *caminho por onde não tornarei* (Jó 16.22) e o *rei dos terrores* (Jó 18.14). Às vezes, ele parece não ter uma perspectiva particularmente positiva sobre o fim da vida. Ainda assim, ao ler sobre a perspectiva que Jó tinha da morte, é importante recordar que ele tinha uma base de conhecimentos menor do que a que o povo de Deus tem hoje.

Jó não devia ter nenhum trecho escrito das Escrituras e não conhecia a obra de Jesus, que assegurou a libertação das pessoas do pecado e da morte (Rm 6.23; 1 Co 15.20-28). Mesmo sem essas verdades importantes, Jó possuía certa confiança de que veria Deus após a morte. De fato, a comovente declaração de fé de Jó — *porque eu sei que o meu Redentor vive* (Jó 19.25-27) — deu esperança a gerações de justos. (A inspiração no livro de Jó é tão válida para nós que George Frideric Handel, um compositor do século 18, incluiu as falas de Jó em parte de sua obra-prima, a canção *Messias*.)

Quaisquer questões sobre a morte que possam ter perdurado desde os dias de Jó, Jesus as resolveu ao declarar: *Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá* (Jo 11.25). Por isso, os seguidores de Jesus podem celebrar sua vitória, mesmo em meio à dor e ao luto pela perda de amigos e entes queridos. Jesus prometeu a vida eterna àqueles que nele creem; uma vida nova, livre de toda lágrima, pranto e dor (Ap 21.4). É por isso que, a despeito da morte, os cristãos são um povo esperançoso quanto ao seu futuro.

que Deus, como possível Autor da ação judicial, listasse as acusações específicas contra ele.

**13.24-26** — A terminologia hebraica destes versículos se parece com a dos versículos 20 e 21. Jó pergunta *por que Deus esconde o rosto dele*, uma expressão idiomática hebraica indicando a falta da graça e da bênção divinas.

**13.27,28** — Ao retratar as *coisas amargas* de Deus, Jó emprega o verbo *observar*. A palavra normalmente descreve o cuidado benevolente de Deus pela vida de uma pessoa; mas, no livro de Jó, ilustra o papel que Deus dá a Satanás (Jó 2.6).

**14.1-6** — Jó concorda com a avaliação de Elifaz de que uma pessoa nasce e poderá para sofrer. Ele enfatiza a miséria e a brevidade da vida com duas metáforas vívidas: uma *flor* que murcha e uma *sombra* que passa (v. 2).

**14.5,6** — O fato de Deus ter *determinado* a extensão da vida de cada pessoa (Sl 90.10) ressalta o Seu poder e a Sua sabedoria suprema, e a impotência dos seres humanos, que estão sob *limites* impostos por Ele.

**14.7-9** — Na expressão *esperança para a árvore*, Jó deixa implícito que a vida é melhor para as árvores do que para as pessoas. Quando uma

árvore tomba, ela pode brotar de novo. Este é precisamente o cerne da bela profecia de Isaías (Is 6.13). A casa de Jessé — ou seja, Israel — será cortada, da mesma forma como alguém poderia cortar um grande carvalho. Mas por meio da grande compaixão de Deus, a árvore brotará novos ramos. A *santa semente* está naquele toco. Esse novo crescimento é o belo Renovo (Is 11.1), o Deus Salvador que se chama Jesus.

**14.10-13** — O desejo de Jó de que a *sepultura* seja um lugar para se esconder temporariamente da *ira* de Deus difere de modo radical de suas observações anteriores a respeito da sepultura (Jó 7.9,10; 10.18-22). Ele atribui a causa de seu sofrimento à ira divina porque acredita na lei da retribuição — de que os puros sempre são abençoados e os perversos, cedo ou tarde, serão julgados por Deus.

**14.14-17** — A indagação de Jó — *morrendo o homem, porventura tomará a viver?* — é respondida com um sonoro *sim* por Jesus e pelos autores do Novo Testamento (Jo 11.23-26; 1 Co 15.3-57; compare com Is 26.19; Dn 12.2). Porém, Jó responde à própria pergunta com a determinação de *esperar* a vinda de sua *mudança*. Como ele considera a

vida penosa (Jó 7.1), talvez esteja deixando implícito que vai esperar a resolução de seus conflitos após a morte para descobrir a resposta.

**14.18-22** — Na expressão *tu fazes perecer a esperança do homem* (v. 19), fica claro que, apesar da esperança absoluta manifesta nos versículos 13-17, o crente do Antigo Testamento admite que não vê muitas probabilidades de uma vida eterna feliz. Daí a importância da ressurreição de Jesus. Ele promete: *porque eu vivo, e vós vivereis* (Jo 14.19).

**15.1-3** — A insinuação de que Jó se encheira de vento oriental é uma alusão ao vento violento e cortante do deserto que não carregava nenhuma chuva. Desse modo, Elifaz dá a entender que os argumentos de Jó eram vãos (v. 12,13) e insignificantes (ver o contexto do versículo 3).

**15.4-6** — A afirmativa de Elifaz — *a tua boca declara a tua iniquidade* (v. 5) — expressa uma concordância irônica com as palavras anteriores de Jó (9.20). Mas Elifaz distorce propositalmente as palavras do amigo para dizer que Jó não precisa mais comparecer ao tribunal porque sua própria boca já o incriminou.

**15.7** — *És tu, porventura, o primeiro homem que foi nascido?* Esta pergunta sarcástica antecipa um tema desenvolvido no discurso do Senhor (Jó 38.4-21).

**15.8-11** — Elifaz emprega contra Jó o mesmo verbo, *sabes*, utilizado por ele (Jó 12.3; 13.2). Ele rebate a réplica sarcástica de Jó a Bildade, de que a sabedoria só vem com a maturidade (Jó 12.12), afirmando que pessoas *muito mais idosas* que o pai de Jó estavam do lado deles. Como Jó era um homem maduro que criara dez filhos até a idade adulta, isso pode ser apenas uma frase de efeito.

**15.12** — Embora o sentido preciso desta palavra (*piscas*) no hebraico não seja conhecido ao certo, pode significar *lampejam de raiva* (ver o contexto do versículo 13).

**15.13** — O termo hebraico traduzido como *espírito* também pode aludir ao domínio do espírito, à temperança, como em Provérbios 16.32.

**15.14,15** — Elifaz reformula seu pensamento sarcástico em Jó 4.17,18, por causa da reclamação de Jó sobre o homem nascido da mulher (Jó 14.1).

**15.16-18** — A frase *o que vi* demonstra que Elifaz baseia suas instruções apenas em experiência e observação de fatos (Jó 4.1). Ele também apela para a tradição da sabedoria, como Bildade fez em Jó 8.8-10.

**15.19,20** — A expressão *se reservam* poderia ser traduzida como *ocultam-se*.

**15.21,22** — Quando Elifaz afirma *o somido dos horrores está nos seus ouvidos*, começa a argumentar sutilmente tentando provar que Jó é um homem perverso. Ele alude ao terror de Jó a mesma palavra traduzida como *temia*, em Jó 3.25, indicando de modo implícito que Jó era malévolo.

**15.23,24** — Pelo fato de empregar a expressão *assombram-no* no contexto de *dia das trevas*, Elifaz distorce as palavras de lamentação de Jó sobre o dia do seu nascimento (Jó 3.4,5) para se referir ao dia de sua morte (Jó 10.18-22). Então, fazendo contraste com o texto em Jó 14.20, onde o patriarca culpa Deus por *prevalecer* contra as pessoas, Elifaz diz que são os medos do ímpio que *prevalecem contra ele*.

**15.25-33** — A figura do homem cheio de gordura que acaba por perder a sua fazenda e as suas possessões ao ser castigado por Deus por sua perversidade insinua que as calamidades aconteceram a Jó em virtude de seu próprio comodismo.

**15.34,35** — Ao mencionar o fogo que *consumirá* as tendas dos perversos, Elifaz emprega as duas mesmas palavras que descrevem o fogo divino que consumiu as ovelhas e os servos de Jó (Jó 1.16).

**16.1,2** — *Tenho ouvido muitas coisas como estas*. Começando com uma rara alusão direta ao que o orador anterior falou, Jó confronta seus amigos dizendo que são *consoladores molestos*. Parafraseando as palavras de Jó: “em vez de confortar-me enquanto enfrento os meus, como bons conselheiros fariam, vocês aumentaram minha aflição apesar de alegar o contrário”.

**16.3** — A expressão *palavras de vento* é uma réplica ácida às palavras de Elifaz e às de Bildade em Jó 15.2 e 8.2, respectivamente. Ambos distorceram o que Jó falou no capítulo 6, versículo 26 (Jó 8.2; 15.2,3).

**16.4-18** — *Falaria eu também como vós falais, se a vossa alma estivesse em lugar da minha alma?*

*Ou amontoaria palavras contra vós e menearia contra vós a minha cabeça?* Essa pergunta indica uma postura de desprezo, zombaria da parte de Jó em relação a seus amigos, como no Salmo 22.7. Na verdade, é como se Jó dissesse: “Por favor, acene sua cabeça concordando, em vez de zombar de mim e me ridicularizar”. Nos versículos seguintes, Jó faz sua defesa.

**16.19-21** — A identidade da *testemunha* de Jó é contestada. A compreensão a respeito do *Redentor* em que Jó deposita sua confiança (Jó 19.25) afetará o entendimento sobre quem é essa *testemunha*. Alguns dizem que ele se referia a Deus. Mas os contextos de Jó 9.32,33 e Jó 16.21, onde o patriarca expressa seu desejo por uma defesa sugerem que ele estaria utilizando uma alegoria jurídica para expor seu anseio por um Advogado que *pudesse defendê-lo perante Deus*. Isto pode ser interpretado como uma profecia sobre a vinda de Jesus Cristo, nosso *Intercessor* (Hb 7.25) e *Advogado* (1 Jo 2.1).

**16.20-22** — A frase traduzida como *os meus amigos são os que zombam de mim* também pode ser entendida como *meu intérprete é meu amigo*.

**17.1-11** — Em mais uma metáfora jurídica, Jó apela para Deus, na esperança de que Ele atue como seu Advogado, estipulando uma fiança. O emprego da mesma figura de linguagem no Salmo 119.121,122, indicando o pedido do salmista para ser liberto de seus *opressores*, sugere que Jó rogava a Deus para demonstrar confiança em sua inocência.

**17.12** — Este versículo pode ser uma caricatura das falsas convicções dos amigos de Jó de que, caso ele se arrependesse, suas *trevas* logo se tornariam em *luz*.

**17.13,14** — Jó rechaça as especulações de seus amigos com uma declaração zombeteira a respeito de esperar pela *sepultura* como alguém que deseja ardentemente ir para *casa* ver seus parentes distantes, a *corrupção* e os *bichos*.

**17.15,16** — O verbo *descerá*, registrado no original em plural, pode ser uma referência às palavras *corrupção* e *bichos* (v. 14).

**18.1-3** — Quando Bildade pergunta por que ele e seus amigos estão sendo *tratados como animais*,

aparentemente demonstra estar ofendido com as palavras pronunciadas pelo amigo em Jó 12.7-9.

**18.4** — *Ó tu, que despedaças a tua alma na tua ira*. Esta frase parece ser a resposta de Bildade à alegação de Jó de que Deus o atingira com as flechas da Sua ira (Jó 16.13).

**18.5-10** — Quanto às palavras *rede* e *armadilha*, há seis palavras diferentes em hebraico para aludir aos vários tipos de redes e armadilhas. Elas ressaltam os diversos perigos iminentes que Deus tem reservado para os perversos, a fim de garantir que serão apanhados em sua perversidade.

**18.11-14** — Bildade atribui cruelmente a doença de Jó ao *primogênito da morte*, referência ao demônio das pragas e doenças (Jó 3.8). O *rei dos terrores* deve ser a morte personificada como um rei. Outros sugerem que possa ser uma referência a Satanás.

**18.15-19** — Ao descrever as *raízes* como *secas* ou *murchas*, Bildade contraria o argumento anterior quanto à árvore que é decepada, mas brota a partir das raízes (Jó 14.7,8). [Haveria mais esperança para uma árvore do que para um ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus?] Para Bildade, não havia esperança para a descendência de Jó, uma vez que Deus, apagaria a *memória* dele *na terra*, tendo dado cabo de seus descendentes. Na Antiguidade, isso era sinal de maldição divina. Mais uma vez Bildade manifesta grande insensibilidade com relação a Jó pelas perdas que este sofreu, especialmente dos filhos (Jó 8.4).

**18.20,21** — Neste breve resumo, Bildade usa a palavra *perverso*, que em hebraico tem o sentido literal de *injusto*, refutando a alegação de Jó de que Deus os entregou ao ímpio. Bildade cria que as acusações nos versículos 5-20 comprovam a acusação de que Jó é culpado, que age com perversidade.

**19.1,2** — *Até quando entristecereis a minha alma...?* Jó mostra-se cansado de ouvir as perguntas grosseiras de Bildade e as palavras angustiantes de seus amigos.

**19.3-8** — Os amigos de Jó usaram a palavra *vergonha* associada à doença dele para *argui-lo*, tentando comprovar que Jó se encontrava em pecado (Jó 10.17; 16.8; 17.3). Com a afirmativa



*Deus é que me transtornou*, Jó reage à insinuação de Bildade (Jó 8.3) de que Deus não subverte a justiça. Ele argumenta que a teoria de Bildade sobre Deus não se encaixa nos fatos. Pelo contrário, afirma que Deus o transtornou por engano como se ele fosse um animal selvagem ou criminoso. Ao descrever que Deus *com a sua rede o cercou*, Jó dá continuidade à metáfora de caçador divino principiada por Bildade. Essencialmente, Jó acredita que Deus *entrincheirou* o seu caminho, quando, na verdade, era Satanás quem o atormentava (Jó 1.10; 3.23).

**19.9,10** — Jó compara a perda de sua posição privilegiada de juiz ou conselheiro da cidade (Jó 29.7-25) ao despojamento que sofre um rei, cuja coroa é retirada de sua cabeça. A *esperança* de Jó, que certa vez já renascera como uma árvore nova que brota do toco (Jó 14.7-9), agora era completamente *arrancada*.

**19.11-17** — A expressão *filhos do corpo* é problemática, já que o livro parece documentar a perda que Jó teve de todos os seus dez filhos (Jó 1.2,18,19). Talvez esta seja uma declaração retórica do tipo: “eu era repugnante até para os meus próprios filhos” (compare com o versículo 18).

**19.18-20** — O sentido da expressão *com a pele dos meus dentes* é incerto. Pode ser que seu corpo estivesse tão debilitado pela doença que seus dentes tenham caído, e somente a *pele*, ou seja, as gengivas, continuavam intactas.

**19.21,22** — O fato de Jó acreditar que *a mão de Deus o tocou* é irônico, pois na verdade, Deus recusou a solicitação de Satanás para que estendes-se a Sua mão contra Jó (Jó 1.11; 2.5).

**19.23,24** — A ironia destes versículos no contexto do livro de Jó é maravilhosa. Seria melhor que algumas das palavras de Jó *não* tivessem sido escritas!

**19.25,26** — Jó expressa sua confiança em seu Redentor vivo, que, neste contexto jurídico, pode ser traduzido como *Resgatador dos direitos de família* (Sl 119.154; Rute 4.1, onde a palavra é traduzida como *remidor*). Alguns intérpretes creem que Jó se referia a Deus; uma visão corroborada pelo que está escrito em Jó 17.3 e possivelmente pela citação a *Deus* no versículo 26. Porém, o contex-

to do livro — o anseio de Jó por um justo Juiz (Jó 9.33) e seu desejo de que alguém, um Advogado, pleiteasse sua causa junto a Deus (Jó 16.19-21) — talvez sugira que ele estivesse pensando em alguém, um Justo, que não era propriamente Deus. Aqui se entreve uma esperança forte e resoluta em um Intercessor entre Deus e a humanidade. No fim das contas, o anelo de Jó por um Advogado foi atendido com um anseio pela manifestação de Jesus Cristo (1 Tm 2.5).

**19.27** — Mais uma vez, o pronome *mim*, redundante e enfático no texto em hebraico (como o *eu* no versículo 25), indica uma forte crença e convicção. Jó ilustra um sofredor expressando com emoção a sua fé sólida mesmo em meio a uma situação terrível.

**19.28** — A tradução da expressão *em mim* feita na Bíblia NKJV (Nova King James) baseia-se no texto massorético. Contudo, diversos manuscritos e versões hebraicas indicam a tradução *nele*. A diferença é, basicamente, decidir onde termina a citação da primeira parte do versículo.

**19.29** — O aviso de Jó aos amigos — *temei vós mesmos a espada* — pode ter sido sua resposta aos comentários de Elifaz sobre o perverso com medo da espada (Jó 15.22).

**20.1-3** — A palavra *então* alerta o leitor de que Zofar responderá à fala de Jó. Ele reage com irritação à forte advertência de Jó em sua última afirmação (Jó 19.28,29). Além disso, quando diz *ouvi a repreensão, que me envergonha*, ele comunica a Jó que a mágoa por ter sido repreendido (em Jó 19.3 aparece a mesma raiz hebraica *kalam, insultar, humilhar*) era mútua, já que ele também sentiu o aguilhão dos insultos de Jó. Os resultados trágicos de desabafar as emoções com sarcasmo e insultos demonstram que, em uma guerra de palavras, todos perdem. É terrível que homens sábios como esses não tenham aplicado o princípio de que *a resposta branda desvia o furor* (Pv 15.1).

**20.4-6** — Zofar confronta a declaração confiante de Jó feita no capítulo 19, versículo 25 com uma censura sarcástica. Já que Jó alegava saber tanto sobre seu Redentor, com certeza conhecia o ensinamento sábio de que os *ímpios* só prosperavam por *um momento*.



## EM FOCO

## VÊ-LO-EI (HB. RA'AH)

(Jó 19.27; Dt 3.27; Ec 11.7; Is 26.10; Lm 1.9)

Este é o termo comum usado em referência à função natural dos olhos de ver, enxergar; portanto, costuma ser traduzido com frequência como *ver* (Gn 48.10; 2 Rs 3.14; Mq 7.9,10). A palavra também possui uma gama de sentidos metafóricos, tais como *aceitação* (Gn 7.1; Nm 23.21) e *provisão* (Gn 22.8,14; 1 Sm 16.1). Pode até mesmo passar a noção de convicção e de salvação, como é o caso aqui. Em Jó 42.5, significa *ver* [veem] no sentido de *vir a reconhecer* ou *compreender completamente* algo já conhecido ou compreendido. Às vezes, a palavra é associada a uma mensagem profética, enquanto descreve-se um profeta recebendo uma visão de Deus (Is 6.1; Jr 1.11-13; Ez 1.1).

**20.7** — A palavra *esterco* também pode ser traduzida como *excremento*. Tratar-se-ia de um comentário rude.

**20.8-19** — Embora o *mal* seja *doce* para o ímpio durante algum tempo, as consequências inevitáveis de sua conduta acabarão por trazer sua ruína.

**20.20,21** — Ao afirmar que o perverso *não sentiu sossego*, Zofar deixa implícito que Jó recebeu o que merecia. A declaração de Zofar de que, da *fazenda* ou prosperidade do homem mau, ele *coisa nenhuma reterá* encaixa-se na situação de Jó, pois ele perdeu tudo. Em essência, Zofar está confirmando a queixa de Jó: *os meus olhos não tornarão a ver o bem* (Jó 7.7).

**20.22-26** — A expressão *um fogo não assoprado* o *consumirá* ecoa as palavras cortantes de Elifaz em Jó 15.34 (as mesmas palavras em hebraico).

**20.27,28** — Zofar aparentemente inverte o apelo de Jó aos céus e à terra (Jó 16.18,19) para que o defendam. Ele afirma que os *céus* e a *terra* serão testemunhas não da inocência, mas da *iniquidade* de Jó.

**20.29** — Neste veredicto resumido, Zofar sugere ser tarde demais para Jó se arrepender (compare com suas palavras anteriores em Jó 11.13-20). Deus não teria clemência por alguém tão *ímpio*.

**21.1,2** — Jó está dizendo aos três amigos que, se *ouvirem-no atentamente*, por fim vão servir de certa *consolação*, ou consolo, para ele.

**21.3-6** — Talvez Jó, ao declarar *havendo eu falado, zombai*, tenha se voltado diretamente para Zofar a fim de censurar o mais agressivo de seus

amigos. Zofar, quando usou a mesma palavra em hebraico para *zombar* (Jó 11.3), não só declarou que Jó zombava, mas zombou do que ele disse (Jó 20.9).

**21.7** — *Por que razão vivem os ímpios?* Com esta pergunta retórica, Jó começa a expor os furos da lei da retribuição — a crença de que o sofrimento sempre indica castigo divino sobre uma pessoa. O prosperar dos ímpios até hoje é um mistério para os justos. Outros autores bíblicos se torturavam com essa questão (Sl 37; 73; Jr 12.1-4). Mas as Escrituras afirmam que Deus controla tudo para cumprir Seus bons propósitos (Rm 8.28).

**21.8** — Ao dizer que às vezes a *semente* dos perversos *se estabelece*, Jó aponta o furo na teoria de seus amigos de que ao justo não acontece nada de mal, enquanto ao ímpio só sucede o mal. Ele aponta para a realidade de que um homem mau pode prosperar por algum tempo, embora no final sua descendência seja destruída (Jó 18.19).

**21.9-16** — Jó reage ao argumento de Elifaz (Jó 15.21-24) de que, ainda que o perverso viva em paz por algum tempo, vivem temendo a destruição inevitável. Jó contraria essa ideia, dizendo que os ímpios chegam a viver seguros em suas *casas, sem temor*. O homem que age com perversidade simplesmente nega a existência de Deus, e assim vive sem temer o castigo.

**21.17** — As perguntas retóricas iniciadas por *quantas vezes* esperam a resposta “não muitas vezes”. Com a primeira pergunta sobre a *candeia dos ímpios*, Jó questiona a crença de Bildade de que a luz dos ímpios se apagará (Jó 18.5,6). A segunda questão se opõe à declaração dogmática

de Zofar, feita em Jó 20.23, de que Deus julgará os perversos antes que consigam aproveitar a vida.

21.18 — Este versículo também pode ser interpretado como uma pergunta (estando subordinado ao versículo 17).

21.19-27 — Jó nega a teoria de que, mesmo que um perverso prospere temporariamente, seus filhos serão castigados. A opinião de Jó é sustentada por outras passagens da Bíblia (Dt 24.16; Ez 18.1-28; Jo 9.1-3).

21.28 — *Onde... está a tenda em que morava o ímpio?* Os amigos de Jó insinuam que a tenda do ímpio (que representa sua vida, sua família e descendência) é destruída durante a vida do ímpio. É este o ponto de vista que Jó está nega (v. 30).

21.29 — *Os que passam pelo caminho* dão testemunho do que Jó afirma, pois existem perversos que prosperam e, por antítese, há virtuosos que sofrem.

21.30-32 — Jó parafraseia a alegação de seus amigos de que o *mau* está condenado. Porém, as palavras em hebraico traduzidas como *preservado para* também poderiam vir como *poupadas de*, o que indicaria a própria crença contrária de Jó. Esse ponto de vista é fortalecido pelo termo hebraico traduzido como *arreatado*. Esta palavra reaparece no versículo 32, no contexto em que um ímpio pode ser *levado* para o cemitério sem receber o castigo temporal pelo que fez (v. 31).

21.33 — Na expressão *lhe são doces*, Jó emprega o mesmo termo hebraico que Zofar utilizou (Jó 20.12) ao argumentar que o mal é doce para o ímpio, mas se tornará amargo em seu estômago (Jó 20.14). Jó contraria essa ideia, afirmando que há doçura para o perverso até mesmo na sepultura.

21.34 — Jó conclui seu discurso com uma alfinetada nos esforços fracassados de seus amigos para convencê-los de seus pontos de vista teológicos. Mais uma vez observamos que a falha dos amigos de Jó não foi por dedicação a Deus ou vaidade própria. Foi devido à incapacidade deles de prever uma exceção tão gritante à lei da retribuição, que acreditavam permear o universo como uma força inabalável. Para Jó, as palavras deles eram de *falsidade* [hb. *hebel*; Ec 1.2].

22.2 — O que ficou implícito na pergunta retórica de Elifaz — *Porventura, o homem será de algum proveito a Deus?* — é um princípio teológico validado pelo próprio Senhor em Jó 41.11. Porém, a aplicação desse princípio às circunstâncias de Jó (v. 3-5) era inválida, pois se baseava na suposição errônea de que os virtuosos são sempre abençoados e os ímpios, a qualquer momento, sofrerão o julgamento de Deus na terra. [Afinal, isto pode ocorrer apenas na eternidade.]

22.3,4 — As mesmas raízes hebraicas das palavras *justo* e *temor* já foram usadas por Elifaz em suas observações cortesias sobre a reverência e a integridade de Jó (Jó 4.6). Nestes versículos, Elifaz está sendo sarcástico.

22.5-9 — Quando Elifaz emprega palavras como *nus*, *cansado*, *faminto*, *viúvas* e *órfãos*, lista algumas acusações forjadas contra a maneira como Jó teria obtido sua grande riqueza: exploração gananciosa dos pobres nos negócios, ausência de hospitalidade e caridade e falta de compaixão pelos que estavam de luto. Jó negou categoricamente cada uma dessas acusações (Jó 29.11-17; 31.13-22), e o próprio testemunho de Deus a Satanás prova ao leitor que tais acusações eram falsas (Jó 1.8).

22.10-14 — Em *porventura, julgará* (v. 13), Elifaz interpreta erroneamente a posição de Jó. Embora o acuse de não entender a Deus, é Elifaz quem comete o maior equívoco de todos.

22.15-17 — Elifaz distorce as palavras do amigo, registradas em Jó 21.14-16, para dar fundamento à sua própria teoria de que Jó se comportava como os *homens iníquos*. Em virtude disso, sua prosperidade teria sido apenas temporária.

22.18 — A frase *pelo que, longe de mim, o conselho dos ímpios* (citando Jó em 21.16) pode ser um exemplo de uma indireta, para zombar de Jó pelo que este dizia e expressar o que o próprio Elifaz sentia.

22.19,20 — Ao afirmar que *o inocente escarneceu* [dos ímpios] [hb. *la'ag*, *zombar*], o amigo de Jó caçoa de sua sugestão anterior, *zombai* (o mesmo verbo em hebraico). Os *justos se alegrarão* quando os perversos (incluindo Jó) forem julgados.

22.21 — O verbo em hebraico traduzido como *une-te* vem de uma raiz também encontrada na palavra *proveito*, no versículo 2, do capítulo 2. Talvez isso seja um trocadilho. É como se Jó dissesse: “mesmo que tu não sejas de algum proveito para Deus por tuas ações, ainda podes unir-te a Ele”.

22.22,23 — Elifaz mais uma vez convoca Jó ao arrependimento (Jó 5.8-17), pedindo-lhe que se *converta ao Todo-poderoso*. Depois, sugere a Jó: *Afaste a iniquidade da tua tenda*, reiterando as palavras de Zofar (Jó 11.14).

22.24-29 — Elifaz insinua que Jó confiava em sua riqueza, em vez de confiar em Deus, o que Jó nega em Jó 31.24,25. Depois Elifaz encoraja Jó a confiar no Deus *todo-poderoso* assim como ele confiaria no *ouro*.

22.30 — A profecia de Elifaz de que Deus *livrará até ao que não é inocente pela pureza das mãos* de Jó seria ironicamente cumprida com a oração do próprio Jó por seus três amigos (Jó 42.8-10).

23.1,2 — Jó diz que está em *amargura*, por causa de seu sofrimento e das falsas acusações de seus amigos. A expressão *ainda hoje* provavelmente quer dizer *até agora*.

23.3 — Mais do que qualquer outra coisa, Jó desejava encontrar o Senhor. No *tribunal* divino, ele estava certo de que encontraria justiça, pois o Reino de Deus está fundamentado na justiça divina.

23.4-9 — Depois de *expor* muitos argumentos persuasivos, Jó encerrará sua defesa perante Deus, pois sabe que Ele será justificado. Jó deseja *saber e entender*, em vez de vencer o debate. Acima de tudo, ele busca restabelecer sua comunhão com Deus.

23.10-12 — Quando Jó afirma: *prove-me, e sairei como o ouro*, ele emprega uma metáfora para expressar sua confiança no fato de ser puro e sem culpa. Isto pode ser uma resposta às palavras cáusticas de Elifaz (Jó 22.24,25). Ao declarar que *guardou o caminho* de Deus, Jó refuta a acusação de Elifaz de ter seguido o caminho do iníquo (Jó 22.15).

23.13-16 — Ao contemplar o poder inigualável e a liberdade suprema de Deus, Jó *perturba-se*. Para ele, naquele momento, talvez Deus

parecesse um déspota cheio de caprichos que fazia como bem lhe aprazia (Jó 9.12,34).

23.17 — É bem provável que este versículo descreva a depressão *arraigada* de Jó, não só pelo que perdeu, mas também por não conseguir compreender os propósitos de Deus.

24.1 — A oração *visto que do Todo-poderoso se não encobriram os tempos* também poderia ser traduzida como *por que os tempos não estão armazenados pelo Todo-poderoso?* O paralelismo da segunda parte pode ser uma indicação de que a palavra *tempos* faz alusão aos *dias* estipulados para o julgamento de Deus.

24.2-8 — A remoção de *limites* (sinalizações de caminho) no antigo Oriente Médio equivalia à apropriação indevida de terras. Era um crime sério que sujeitava a pessoa à maldição divina (Dt 27.17).

24.9-11 — É irônica a reclamação que Jó faz a Deus por permitir que pessoas *arranquem* uma criança do *peito* de sua mãe. Pouco antes, ele havia se queixado de que Deus não o arrancara do peito de sua mãe logo depois de ele haver nascido (Jó 3.12).

24.12,13 — Nesta transição entre listas de pecados sociais e crimes, Jó protesta por Deus ignorar aqueles que *clamam* por ajuda, já que Deus estaria supostamente ignorando seus próprios clamores.

24.15 — *Os olhos do adúltero aguardam o crepúsculo* é uma boa tradução do texto em hebraico. O significado da palavra *luz* (v. 16) é exatamente *no crepúsculo* (contexto dos versículos 14-16), mas também pode denotar *ao amanhecer*.

24.16 — Os ladrões *minavam* — numa tradução literal, *cavavam* — as casas à noite. As paredes das casas eram feitas de tijolos de barro, os quais poderiam ser perfurados pelos ladrões. A expressão *que de dia assinalaram* pode ter outro sentido, o de que *se calaram* durante o dia.

24.17 — As palavras *sendo conhecidos, sentem os pavores da sombra da morte* também poderiam ser traduzidas como *porque têm familiaridade com os terrores da grande escuridão*. Sobre as palavras *sombra da morte*, leia Jó 3.5.

**24.18-25** — Estes versículos sobre o destino final dos perversos são problemáticos. Soam mais como as palavras dos amigos do que as de Jó (Jó 15.3—21.34). Sendo assim, os críticos geralmente as atribuem a Zofar, que não possui qualquer parte no terceiro ciclo de diálogos, ou a Bildade, cuja última fala é bastante curta (Jó 25.1-6). Porém, devem ser consideradas palavras de Jó, porque é provável que estivesse reproduzindo o ponto de vista de seus amigos para depois contestá-lo.

**25.1,2** — Ao referir-se ao *domínio e temor* de Deus, Bildade parece estar respondendo aos comentários de Jó (Jó 23.13-17) de que o mais leve pensamento da supremacia de Deus o enchia de temor.

**25.3,4** — Bildade repete as perguntas retóricas feitas por Jó (Jó 9.2) e Elifaz (Jó 4.17; 15.14) para ressaltar que uma pessoa não pode ser *justa* nem *pura* perante o Senhor.

**25.5,6** — A visão de Bildade do domínio e da majestade de Deus nos céus faz com que ele equipare o *homem* mortal a um *verme*. Ele deu uma resposta insensível a Jó, insinuando que ele não precisava esperar a morte para se aconchegar aos vermes (a mesma palavra em hebraico que Jó empregou no capítulo 17, versículo 14). Foi um sarcasmo bastante pesado, porque Jó estava de fato coberto de bichos (Jó 7.5).

**26.1-4** — Percebe-se na conjunção *como* que estes versículos são provavelmente exclamações sarcásticas de Jó para insinuar o pouco que Bildade o ajudou. Parafraseando o que Jó disse: “que grande ajuda você me deu! Grande estímulo esse, de me dizer que pareço mais um verme (Jó 25.6)! Finalmente minhas preces foram atendidas!”

**26.5,6** — Os termos destes versículos ressoam a ideia de onipotência divina encontrada no livro de Salmos (Sl 139.7-12). Enquanto o *inferno* e a *perdição* — ou seja, a morte e o local dos mortos — eram conceitos perturbadores e misteriosos para Jó e seus contemporâneos, não causavam qualquer temor nem tinham segredos para o Deus que tudo conhece.

**26.7,8** — Na oração *o norte estende sobre o vazio*, a palavra em hebraico traduzida como

*norte* não deve referir-se a um local geográfico (o mesmo termo em hebraico descreve a montanha de Deus, no Salmo 48.1,2), mas à morada de Deus nos céus (o versículo 9 menciona o trono de Deus).

Se a declaração de que *a terra era sem forma e vazia* (Gn 1.2) refere-se à suspensão da Terra no espaço, precedeu o conceito de atração gravitacional de Newton por milhares de anos. Embora talvez fosse esta a intenção divina final, não está claro que o próprio Jó seria capaz de entender todo o sentido de suas palavras. Possivelmente ele pensava, como todos os antigos, que a Terra tinha formato de disco (v. 10) sem estar apoiada em nada. Em outras palavras, ele pensava que ela fluava sobre as vastas águas subterrâneas.

**26.9** — A tradução *trono* [hb. *kisseh*, outra grafia da palavra *kisse'*, *trono*] é fiel ao texto massorético, que provavelmente está correto. Alguns, porém, traduzem como *lua cheia* (mudando a palavra para *keseh*, uma grafia alternativa de *kese'*).

**26.10,11** — A descrição gráfica de Jó do *limite à superfície* e das *colunas do céu* — possivelmente, as montanhas que sustentavam o céu segundo a cosmologia antiga — representa a forma como a Terra parece ao olho humano.

**26.12,13** — *Com a sua força*, Deus controla o *mar*, símbolo do mal e do caos naquela época. A linguagem altamente figurada talvez expresse o poder de Deus sobre a criação em todas as suas variadas formas. Aqui, o *mar* e a *soberba* são meras criaturas sob o controle do Criador.

**26.14** — Este é um dos versículos mais impressionantes da Bíblia em sua descrição do *poder* de Deus. Jó afirma que, caso conhecêssemos de verdade o poder de Deus, saberíamos que aquilo que podemos observar da criação representa *as orlas dos seus caminhos* — ou seja, somente um *pouco*. O que nos sucederia se Ele arremessasse o Seu *trovão*?

**27.1** — *E prosseguindo Jó em sua parábola*. A forma diferente de apresentar o próximo orador (como em Jó 29.1) sugere algo fora do comum. Talvez Jó tenha feito uma pausa para esperar Zofar antes de continuar a falar.



## ENTENDENDO MELHOR

### O LUGAR DOS MORTOS

Naquela época, em Judá e Israel, entendia-se a *vida eterna* como hoje é compreendida na Mesopotâmia e na Síria-Palestina. Embaixo da terra, existia o *Sheol* — o mundo inferior para onde iam as almas de todos os mortos, bons ou maus.

A noção popular no Egito de uma vida após a morte com um toque de esperança por uma boa eternidade não influenciou a Palestina, apesar do controle milenar do Egito sobre Canaã. Na Palestina, o *Sheol* era visto como um lugar escuro, desordenado e desesperançado. Após entrar no mundo inferior, a pessoa tinha de permanecer ali para sempre. A perspectiva da eternidade em um lugar tão desagradável fazia uma longa vida neste mundo parecer bem mais desejável.

Para os povos pagãos, os mortos conservavam sua individualidade no mundo inferior, e era possível fazer contato com eles. Por isso, nas tumbas da Palestina da Idade do Bronze até o período helenístico foram encontrados tubos que permitiam a inserção de alimentos e vinho no mundo inferior. Além disso, os vivos buscavam informações a respeito dos mortos por meio da necromancia; como Saul, que ordenou que buscassem uma mulher que tivesse o *espírito de feiticeira (de adivinhar)* para tentar consultar Samuel no *Sheol* (1 Sm 28.11-19). Esta forma de consulta era proibida pela lei de Israel (Dt 18.10,11).

As culturas à volta de Judá e Israel cultuavam divindades que teoricamente comandavam o mundo inferior. Na Mesopotâmia, o casal de deuses Nergal e Ereshkigal pendurava os cadáveres em ganchos de açougueiro como se fossem peças de carne. No Egito, a vida pós morte estaria sob o domínio de Osíris, se a pessoa sobrevivesse à jornada até a terra dos mortos abençoados. Na Síria-Palestina, cultuava-se o deus Mot, cujo nome significa *morte*, que tinha fome e queria devorar os vivos. A voracidade do mundo inferior e a impiedade de seu líder, Mot, refletem-se nas palavras *devorará e rei dos terrores*, registradas em Jó 18.11-14.

**27.2,3** — *Vive Deus...* Estas palavras faziam parte de uma sentença de juramento usada em tribunais antigos. Paradoxalmente, Jó conjuga essas palavras a duas acusações contra Deus. Segundo ele, o Deus verdadeiro foi aquele que desviou sua *causa* — seu direito legal a um julgamento justo. Jó jura pelo nome do santo Juiz que, como seu oponente, perverteu a justiça ao Seu favor. Ele alega que Deus *amargurou* a sua *alma*. Apesar de Jó ter se queixado várias vezes de uma alma angustiada (Jó 7.11; 10.1), não foi o Senhor quem fez com que reagisse dessa maneira. A resposta de Jó apenas expressava as emoções que estavam no fundo de seu coração. A mensagem do Senhor a Jó era que, não obstante as circunstâncias, a pessoa devia sempre ter confiança absoluta em Deus (Jó 40.8; 42.1-6).

**27.4,5** — Jó afirma que não utilizaria as mesmas táticas de seus supostos amigos (Jó 13.7). Não só ele se recusa a *falar iniquidade*, como também não mentirá nem se defenderá. O pronome *vos* (v. 11,12) refere-se aos três amigos de Jó em conjunto. Ele sustenta que os três estão errados em seu raciocínio e que concordar com eles seria comprometer a sua integridade.

**27.5,6** — A determinação de Jó em se *apegar* à sua *sinceridade* e *justiça* era admirável. A palavra hebraica traduzida como *apegarei* também ocorre no versículo 9 do capítulo 2. Embora Jó acreditasse que Deus o privara de um julgamento justo (v. 2), ele não se *apartava* de sua integridade. Ele perseverava apesar dos desestímulos de sua esposa e amigos.

**27.7-12** — Nessa oração suplicante, Jó deseja que seu *inimigo* receba o destino reservado para o *ímpio*. Como ele lança as palavras de seus amigos contra eles mesmos, pode estar se referindo a todos os três como um inimigo que se *levanta contra* ele e merece a sina dos perversos.

**27.10-12** — Jó devolve a Elifaz o conselho que este lhe deu (Jó 22.22-27). Enquanto Elifaz aconselhou Jó a voltar-se para o Todo-poderoso para se instruir e deleitar-se nele, Jó contesta que uma pessoa sem Deus possa se voltar para Ele, muito menos *deleitar-se no Todo-poderoso*. Sendo assim, ele insiste em que Elifaz e seus amigos se voltem para Deus e ouçam a Sua orientação.

**27.13-23** — Já que esses versículos mais parecem com as palavras dos amigos do que as de Jó, alguns estudiosos atribuem-nas a Zofar ou



## APLICAÇÃO

### A JUSTIÇA DE DEUS

Incêndios, enchentes, terremotos, escassez. Muitas pessoas sofrem com esses incidentes que se manifestam sem aviso prévio. Como Jó, parecem ser relativamente inocentes de fazer maldades que expliquem tais catástrofes. As pessoas ficam pensando: "Será que é justo Deus permitir que essas coisas aconteçam?"

Esta foi uma das perguntas com as quais Jó e seus amigos lutaram. A calamidade irrompeu sobre Jó e sua família sem motivo aparente. Por quê? Seus amigos eram partidários da ideia de que Deus o castigava — não só porque ele estava certo de sua integridade, como também porque os ímpios pareciam estar prosperando, e não sofrendo (Jó 12.6).

Mesmo assim, isso apenas fez Jó voltar-se às perguntas iniciais: "Deus é justo? Se os perversos prosperam, onde há justiça nesse mundo?" Ele concluiu que a vida aparentemente fácil do perverso é muito precária; cedo ou tarde ela desmoronará (Jó 27.13-23). No final das contas, defendia Jó, Deus humilhará o soberbo, os íntegros herdarão suas posses e haverá justiça.

Em última análise, Deus é justo (Jó 36.6; 37.23,24) — fato pelo qual podemos ser gratos, porque a vida não é justa. Nem sempre as pessoas recebem o que merecem. Mas esta vida não é o final da história. O próprio Deus vai escrever os capítulos finais.

Bildade. No entanto, como Jó tinha uma inclinação a usar as palavras de seus amigos contra eles próprios, esses versículos talvez sejam uma paráfrase satírica dos ensinamentos dos amigos a respeito do destino dos perversos (Jó 24.18-25).

**27.17** — A previsão de Jó de que o *inocente repartirá a prata* pode ser um prenúncio do que acontecerá depois a ele em Jó 42.11.

**28.1-28** — Este é um hino de sabedoria maravilhoso que está naturalmente dividido em três estrofes pelo refrão dos versículos 12 e 20, com o versículo 28 servindo de arremate. As perguntas retóricas feitas no primeiro refrão (v. 12) ligam as duas primeiras estrofes que fornecem uma resposta negativa: (1) embora o engenho humano possa descobrir metais preciosos, não pode desvendar a verdadeira sabedoria (v. 1-11); (2) as pessoas não conseguem encontrar a sabedoria porque não conseguem medir o seu valor, que é maior do que o do ouro ou o da prata (v. 12-19). A estrofe final (v. 21-28) dá uma resposta positiva às perguntas do segundo refrão (v. 20): Só Deus conhece a verdadeira sabedoria, a que Ele entremeou no tecido da criação (v. 21-27) e revelou à humanidade (v. 28).

**28.1-5** — A menção ao *ferro* que é tirado da terra sugere uma época após o início da Idade do Ferro (por volta de 1200 a.C.), possivelmente quando o livro de Jó foi escrito.

**28.6** — O termo traduzido como *safira* provavelmente significa *lâpis-lazúli*, [uma rocha metamórfica de cor azul utilizada como gema, mineral, ou como rocha ornamental desde antes de 7000 a.C.].

**28.7,8** — A *gralha*, a *ave de rapina* e o *leão* representam todas as espécies de animais. Nenhum animal conhece os tesouros ocultos na terra que o ser humano sabe descobrir (v. 2-11).

**28.9-11** — A frase *os rios tapa, e nem uma gota sai deles* poderia ser reformulada como "seca as fontes dos rios".

**28.12** — A palavra *sabedoria* (v. 20) está enfatizando a verdadeira sabedoria que só o Senhor conhece (v. 23-27) e que as pessoas podem aprender ao relacionar-se com Ele (v. 28).

**28.13-19** — Todos os versículos dessa estrofe contém pelo menos uma vez a palavra *não* em hebraico, ressaltando a ausência da sabedoria e até mesmo do desejo de obtê-la. As perguntas a respeito do paradeiro da sabedoria e da inteligência (v. 12), portanto, recebem uma resposta enfática: *Não está* em parte alguma da terra dos *viventes* (versículo 14, complementado pelos versículos 21 e 22).

**28.20-27** — *Só Deus entende o caminho da sabedoria e sabe o lugar da inteligência*. Ainda que as pessoas superem os animais em matéria de encontrar a localização de metais preciosos (v. 1),

e o *lugar* das pedras preciosas (v. 6), somente Deus é o Senhor e a Fonte da sabedoria (v. 27,28).

**28.28** — Este versículo justifica a postura de Jó e marca uma transição do diálogo para os discursos. As palavras *mas disse* podem apresentar uma referência ao livro de Provérbios (Pv 3.7; 9.10).

**29.1,2** — O desejo de Jó pela prosperidade dos *meses passados* sugere a duração de seus percalços (Jó 7.3).

**29.3-5** — A imagem da *candeia* de Deus sobre a *cabeça* de Jó simboliza a bênção divina e o sucesso (compare com Jó 18.5,6; 21.17; e também com Provérbios 18.28,29).

**29.6** — A *fatura* de *manteiga* (ou de coalhada) e *azeite* denota riqueza.

**29.7** — A *porta da cidade* com sua *praça* adjacente, semelhante à moderna praça do fórum, era o lugar onde se descortinavam os procedimentos comerciais e judiciais da cidade (Rt 4.1).

**29.8-11** — Quando Jó disse que *os moços o viam e se escondiam, e os idosos se levantavam*, estava descrevendo o respeito que jovens e velhos lhe tinham por causa de seu cargo na cidade.

**29.12,13** — Jó rejeita as alegações feitas por Elifaz no capítulo 22, versículos 6-9.

**29.14,15** — O retrato vívido de Jó coberto de *justiça* e usando o *juízo* como *manto* é um contraste cruel com sua situação atual, em que sua carne *se tem vestido de bichos* (Jó 7.5). Ele ressaltará esse contraste no capítulo 30.

**29.16** — Jó era *pai dos necessitados* (ou seja, protegia diligentemente o direito deles). De forma parecida, o rei Hamurabi, [nascido supostamente por volta de 1810 a.C. e falecido em 1750 a.C., foi o sexto rei da primeira dinastia babilônica], (no epílogo de seu famoso código) descreve-se como “um verdadeiro pai para seu povo”, cujas palavras ajudaram as causas dos oprimidos.

**29.17-19** — Na expressão *quebrava os queixais*, Jó declara que resgatava os pobres (v. 12) e os indefesos das mãos dos ímpios. Agindo como juiz, ele havia constituído um ambiente de justiça e honradez (v. 14). Isso explica o uso frequente de *metáforas jurídicas* em suas defesas (Jó 9.3).

**29.20-25** — Jó relembra o seu passado de *honra*. Enquanto atravessa severas atribulações, ele faz o que muitas pessoas fariam: ansiava pelos bons tempos quando ainda tinha destreza ou *força* com o *arco*. A *oração meu arco se reforçava na minha mão* simboliza um rejuvenescimento de vigor e força (Gn 49.24). Quando fora de uso, os arcos costumavam ficar sem a corda, permitindo que a madeira retivesse sua força.

**30.1-6** — A locução *mas agora* principia a lamentação de Jó (cap. 30) sobre a reversão da sua antiga prosperidade (cap. 29). Em vez de todos o respeitarem (Jó 29.8-11,21-25), até jovens desordeiros atreviam-se a *rir* dele (Jó 29.24). Eles eram tão vis que Jó *teria desdenhado de pôr* seus *pais*, que eram presumivelmente melhores que eles, com seus *cães*. Suas palavras não só ressaltam como esses jovens eram baixos, como também o quanto se sentia rebaixado sendo o excluído dos excluídos (v. 9-11).

**30.7** — O fato de Jó usar verbo *bramavam* resalta não só a pobreza dos desordeiros (Jó 24.5, onde os pobres são chamados de *jumentos monteses*), como também o fato de agirem mais como animais do que como homens.

**30.8-10** — Jó denigre as famílias dos excluídos como *doidos* [hb. *benê-nabal*, literalmente, *filhos de um doido*]. Ironicamente, ele já havia usado essa palavra para repreender a sua esposa.

**30.11-15** — Quando Jó diz que Deus *desatou* a sua *corda*, está expressando um sentido oposto ao que está escrito no capítulo 29, versículo 20. Aqui, as palavras significam que Deus o deixou “em espera”, como um arco descartado quando está sem a corda.

**30.16,17** — Ao expressar *derrama-se em mim a minha alma* como água, Jó enfatizava que suas forças físicas e emocionais estavam esgotadas (Lm 2.11,12) por causa de seus *dias da aflição* (v. 1-31). Estas palavras se parecem muito com as de Davi, encontradas no Salmo 22.14,15.

**30.18,19** — Jó compara os terríveis efeitos de seu sofrimento e doença (v. 16,17) com ser esganado por uma *força* poderosa. Então, ele identifica Deus como o que usava de Seu grande poder para feri-lo sem motivo (Jó 9.19; 24.22). Para Jó,



que sofria, Deus parecia um vingador que agarra a pessoa pelo pescoço e a atira na *lama*. Ele culpou o Senhor por torná-lo semelhante ao pó e à cinza (Jó 2.8), embora fosse Satanás o verdadeiro causador de seu sofrimento (Jó 2.4-6).

**30.20,21** — Ironicamente, Jó culpa a *mão* forte de Deus, que Satanás não conseguiria mover, pelas calamidades que na verdade foram provocadas pela mão de Satanás, que seria removida facilmente pela de Deus (Jó 1.11,12,18,19).

**30.22,23** — Quando Jó declara *eu sei*, mostrasse frustrado com Deus de forma quase tão direta quanto tinha expressado sua confiança no Redentor (Jó 19.25). Com a mesma certeza de que Jó sabe que Deus o redimirá, também sabe que Deus o *levará à morte*.

**30.24** — O significado deste versículo é controverso, porque o texto em hebraico não identifica se o sujeito da oração *estenderás a mão* é divino ou humano. Ainda que presumamos que este versículo se refere a Deus, a mensagem é potente. Se o montão de terra pudesse erguer seu clamor, Deus lhe estenderia a mão. Como é que Ele não pode estender a Sua mão quando é um homem que clama por Ele?

**30.25** — Jó trabalha a imagem do aflito (v. 24) lembrando a própria compaixão que tinha pelo

*necessitado*. Agora que Jó era esse necessitado, por que Deus não o atendia?

**30.26,27** — Utilizando os mesmos dois verbos hebraicos em Jó 29.21, o patriarca compara a conduta de seus interlocutores que o esperavam [hb. *yahal*] em silêncio [hb. *damam*] com a própria posição de Jó perante Deus. Quando ele *esperava a luz*, seu desapontamento para com a *escuridão* não o permitia *estar quieto* [hb. *damam*, ficar quieto ou em silêncio] por dentro.

**30.28-31** — À luz da referência à pele enegrecida e podre de Jó (v. 30), a palavra *lamentação* pode ter o sentido de *turvado*, como em Jó 6.16. Quando ele *clama por socorro*, tanto Deus como todas as classes sociais o ignoram. Seus altos clamores por justiça são tão inúteis quanto os uivos dos *dragões* e das *avestruzes*. Em virtude de sua condição decadente (v. 30), Jó se sente desterrado, como os animais de *habitats* desérticos.

**31.1-40** — Nas juras de inocência de Jó (Jó 29.1—31.40), ele cita várias cláusulas da Lei do Senhor que afirma observar e desafia Deus a encontrar culpa nele (v. 8,10,22,40). Assim, o capítulo 31 é uma espécie de queixa de Jó, semelhante a um juramento de inocência, muitíssimo comum na antiga Mesopotâmia. Nestas ocasiões, o acusado alegava sua inocência perante uma



## APLICAÇÃO

### O PECADO DA LUXÚRIA

O sofrimento de Jó fez com que ele investigasse cada detalhe de sua vida interior. Uma das áreas que ele avaliou foi sua atitude quanto às mulheres e como lidava com seus desejos sexuais (Jó 31.1).

Jó admitiu abertamente o poder do apetite sexual. Catalogou as etapas da luxúria desde *fixar os olhos numa virgem* (Jó 31.1), permitir que o coração siga os olhos (Jó 31.7) e, por fim, *deixar-se seduzir por uma mulher e tramar para possuí-la* (Jó 31.9).

Algumas pessoas podem achar essa progressão normal, natural, ou até mesmo inevitável. Mas Jó enxergava a luxúria como um sério delito moral (Jó 31.11). Ele falou a respeito dela no mesmo contexto de:

- vaidade e engano (Jó 31.5);
- opressão de escravos (Jó 31.13-15);
- tratar mal os pobres (Jó 31.16,19,20);
- abusar ou negligenciar as viúvas (Jó 31.16,18);
- tirar comida da boca de órfãos famintos (Jó 31.17,18,21);
- alegrar-se pelos problemas dos outros, mesmo que sejam inimigos (Jó 31.29,30);
- pôr a esperança na fortuna, em vez de em Deus (Jó 31.24); e
- hipocrisia (Jó 31.33,34).

A luxúria é um pecado muito grave!

corde. O teor ético da confissão de Jó, porém, com sua ênfase na motivação (v. 1,2,24,25,33,34) e postura (v. 1,7,9,26,27,29,30) interiores, mantém-se como um discurso único e sem paralelos até o Sermão da Montanha de Jesus (Mt 5—7). Ainda assim, há indícios de orgulho (Jó 31.13,16; cap. 37), preparando o ambiente para os discursos de Eliú e do Senhor.

**31.1** — Neste versículo começa o juramento de inocência de Jó (cap. 31). Quando ele fez concerto com os seus olhos, reconheceu com sabedoria que o olhar é o sentido mais explorado na tentação (v. 7,9,26,27).

**31.2-5** — A palavra *se* (v. 5) fazia parte de uma sentença usada por acusados para jurar a própria inocência (v. 7,9,13,16,19-21,24-26,29,33,38,39). A estrutura completa da declaração era, na verdade: “se sou culpado deste crime, que Deus derrame sua maldição sobre mim”. Como as pessoas não gostavam de falar em maldições, quem enunciava o juramento costumava usar uma versão abreviada. Em contraste, Jó usou a fórmula inteira quatro vezes (v. 7-10,21,22,38-40), o que demonstra sua confiança na própria inocência.

**31.6-13** — Jó deixa implícito que fora mais justo ao ouvir o processo ou *contenda* (Mq 6.1) de seus servos do que Deus estava sendo com a causa dele.

**31.14-16** — Jó alega ter satisfeito o que os pobres desejavam (v. 16), possivelmente para insinuar que Deus não estava tratando-o assim.

**31.17-22** — A perda de um braço (v. 22) na antiguidade em geral significava a perda de renda, respeito e até mesmo da vida.

**31.23-27** — A frase *a minha boca beijou a minha mão* (v. 27) reflete o antigo costume de beijar a mão antes do gesto supersticioso e idólatra de arremessar um beijo para os corpos celestes.

**31.28-34** — *Deus que está em cima*. Jó acreditava resolutamente num Deus único e vivo. Embora habitasse num mundo com crenças em vários deuses, Jó acreditava na existência de um único Deus, Criador e Senhor de todas as coisas. Este texto mostra o monoteísmo da fé bíblica em contraste ao politeísmo que prevalecia na época.

**31.35** — O desejo de Jó de que *um* o ouvisse parece expressar seu anseio contínuo por um árbitro ou juiz que fosse imparcial (Jó 9.32,33; 16.19;



## APROFUNDE-SE

### IDLATRIA DO SOL E DA LUA

Durante os juramentos de inocência de Jó (cap. 31), ele afirma que nunca adorou o sol ou a lua (Jó 31.26,27). É possível que os idólatras atirassem beijos a esses astros que eles adoravam como divindades (1 Rs 19.18; Os 13.2). Mais uma vez Jó alega que nunca fez esse gesto (Jó 31.27). A declaração de Jó demonstra a popularidade do sol e da lua como divindades na Síria-Palestina.

*Yareah*, o deus lunar, é mencionado nos textos ugaríticos de rituais e mitologia, datados de 1400 a 1200 a.C. Em uma narrativa, *Yareah* é convidado para um banquete de deuses, com bebidas, mas há poucas referências a ele além desta. O deus lunar *Sin*, cultuado em Harã, era reconhecido em toda a Síria-Palestina e Mesopotâmia a partir do terceiro milênio a.C., até pelo menos o período helenístico (332—337 a.C.). A lua crescente, com borlas penduradas, que simbolizava esta divindade, foi encontrada em inúmeras inscrições e esteias (lajes de pedra), inclusive algumas descobertas em Judá e Israel.

Sabe-se muito mais sobre Shamash. Esta divindade, que podia aparecer tanto como feminina (deusa do sol) como masculina (deus do sol), era importante nos panteões de todo o Oriente Próximo antigo. Em Ugarite, a deusa *Shapsu* (do sol) era a árbitra do julgamento divino, segundo decreto de El, o deus principal desse panteão. Ela representava a imagem, encontrada do Egito à Mesopotâmia, do sol como deus de justiça [L&T, 1089].

As pessoas do antigo Oriente Próximo acreditavam que o deus sol atravessava o céu de dia e o mundo inferior à noite, e assim via e conhecia todas as atividades humanas. Tal suposição levava os idólatras a consultar *Shamash* para localizar alguém que estivesse para receber uma mensagem de El. Nos textos ugaríticos, El envia *Shapsu* a fim de mandar *Baal* e *Mot* pararem de brigar. Segundo o pensamento egípcio, acreditava-se que o deus-sol (que tinha diversos nomes, inclusive *Ré* e *Aton*) recriava o universo a cada manhã.

19.25). Seu *intento* refere-se à sua assinatura por extenso, anexa ao seu juramento de inocência (cap. 31). Ele requer uma audiência onde Deus, o justo Juiz, possa *responder* quais são as acusações contra ele e registre sua absolvição num *livro*. Isso equivale a um documento legal. Portanto, Jó talvez insinuasse que Deus não estava seguindo a conduta jurídica apropriada (Jó 13.22).

**31.36** — Jó acreditava que as acusações por escrito seriam tão poucas, ou quase nenhuma, que ele poderia exibir o documento com orgulho.

**31.37-39** — Jó *mostraria* a Deus o *número* dos seus *passos* ou prestaria contas de todo ato ou pensamento que tivesse (Jó 12.16; 31.4). A sua ideia de aproximar-se de Deus *como príncipe* mostra sua confiança no fato de que seria absolvido, porém denuncia sua confiança nas obras da lei, em vez de na graça divina — uma atitude que o próprio Senhor condenará (Jó 38.2,3; 40.9-14).

**31.40** — *Acabaram-se as palavras de Jó*. Pela segunda vez, o diálogo se encerra (Jó 27.23) com um impasse. Jó terminou de falar, e seus três amigos não têm mais nada a dizer. Isso leva às palavras de um novo orador, Eliú.

**32.2,3** — *Eliú* era da tribo de Buz e da *família de Rão*, talvez um ancestral do rei Davi (Rt 4.19). Seu nome significa *Ele é o meu Deus*. Eliú estava irado por causa do que Jó e seus amigos disseram. Como os demais amigos, ele pensava que Jó apenas se *justificava a si mesmo*.

**32.4,5** — A introdução provável (v. 1-5) ressalta a indignação do jovem contra Jó (v. 2) e também contra os três amigos (v. 3,5). A palavra *ira* é repetida quatro vezes nestes versículos.

**32.6-22** — Quando Eliú diz: *eu sou de menos idade*, apresenta-se e introduz suas quatro falas enquanto explica porque esperou para se pronunciar, mas sente-se compelido a dar sua opinião neste momento.

**32.21,22** — Por causa da reclamação de Jó, de que seus amigos foram parciais (Jó 13.7-10), Eliú promete não *fazer aceitação* em seu papel voluntário de árbitro (Jó 32.12-14).

**33.1-6** — A tradução *vim de Deus* (literalmente, *como a sua boca*) tem, em hebraico, palavras parecidas com as em Êxodo 4.16. Mas o

texto original também pode sugerir que Eliú foi usado pelo Senhor como Seu porta-voz. O fato de ele *também* ter sido *formado* [hb. *qaras*] *do lodo* endossa a primeira opção. Ocorre um paralelo interessante na *Epopéia de Gilgamesh*, a maior composição literária da Mesopotâmia e o primeiro grande trabalho de literatura acádica, de que se tem registro escrito. Nela, é narrada a aventura de Gilgamesh, rei de Uruke, no Sul da Mesopotâmia, em busca de fama e imortalidade. Nesta obra, há uma deusa chamada Aruru que *beliscou um punhado de barro* para formar o homem Enkidu.

**33.7,8** — Eliú reage ao *terror* de Jó a Deus (Jó 9.34; 13.21). Eliú garante a Jó que ele nada deve temer, já que sua *mão não será pesada* sobre ele.

**33.9-13** — Nos versículos 9-11, Eliú resume a situação de Jó conforme ele a percebe. Depois, confronta Jó dizendo que este *não* seria mais considerado *justo* caso se voltasse contra Deus. Com muita perspicácia, Eliú vai direto ao cerne do problema de Jó: este tem tratado a Deus como um igual. Como *Deus é maior do que o homem*, Eliú pergunta: *por que razão contendes com ele?* Parafraseando suas palavras: “Por que queres entrar com um processo contra Deus?”

Jó tratara o Senhor como se Ele fosse simplesmente um ser humano que pudesse ser responsabilizado perante um tribunal (Jó 34.23). Eliú continua esse pensamento quando deixa implícito que Jó tinha orgulho de sua própria justiça, baseada em suas obras, ainda que estivesse abatido, assentado sobre cinzas (Jó 33.17; 35.12-16).

**33.14,15** — Em resposta às reclamações feitas por Jó quanto aos pesadelos (Jó 7.14), Eliú sugere que Deus talvez estivesse tentando ensinar algo a Jó por meio de *sonho* ou *visão de noite*.

**33.16-19** — Deus quer resgatar a humanidade *da cova* [hb. *shahat*, *os domínios da sepultura*]. O chamado “poço sem fundo” (o abismo) leva ao submundo infernal. Em Apocalipse 9.1,2, pode haver uma elaboração melhor deste conceito. A mensagem aqui é a de que Deus controla a duração de nossa vida.

**33.20,21** — Eliú alude a situações que combinam com as circunstâncias de Jó (Jó 6.17; 16.8).

33.22 — A expressão *ao que traz morte* deve fazer referência ao anjo da morte.

33.23-25 — A identidade precisa do mensageiro ou anjo é controversa. Deus pode ter utilizado esta figura como *intérprete* para atender à necessidade de Jó de obter um Advogado (Jó 9.32,33; 16.19) e de rechaçar as acusações de Elifaz no capítulo 5, versículo 1. O papel intercessor deste mensageiro em levar Jó ao arrependimento (v. 27) é muito semelhante ao papel que Cristo exerceria depois (Hb 7.25).

33.26 — Ele *orará*; ou seja, o pecador.

33.27-33 — Esta conclusão dos versículos 14-30 declara sucintamente o propósito de Deus ao invocar a atenção da pessoa por meio de sonhos e sofrimento. Ele quer salvá-la da *cova* — ou seja, da sepultura e do inferno — e conceder-lhe a *luz dos viventes* — uma vida com sentido.

34.1,2 — Nos versículos 2-15, Eliú dirige-se aos *sábios*, provavelmente uma referência sarcástica aos três amigos cuja sabedoria ele reduzira a pó em Jó 32.12-16.

34.3-15 — *Na verdade, Deus* (v. 12). Talvez em resposta às acusações feitas por Jó em Jó 9.22-24, Eliú defende a imparcialidade de Deus segundo a lei da retribuição. Deus castigará os perversos com justiça. Eliú defende a justiça divina, concordando parcialmente com Bildade (Jó 8.3; 19.6).

34.16 — Eliú fala diretamente a Jó nos versículos 16-33, conforme indicado pelo verbo singular em hebraico traduzido como *ouve*.

34.17 — As duas perguntas deste versículo parecem reformular as queixas de Jó registradas em Jó 9.14-31 e 24.1-17 para, depois, contestá-las. *E quererás tu condenar aquele que é justo e poderoso?* Esta segunda pergunta antecipa a própria censura do Senhor a Jó no capítulo 40, versículo 8.

34.18-22 — Estes versículos ressaltam a onisciência de Deus — *Porque os olhos de Deus estão sobre os caminhos de cada um* (v. 21).

34.23-28 — Eliú reage às queixas de Jó sobre Deus ignorar a situação dos necessitados e aflitos (Jó 24.1-12), afirmando que Deus ouve, sim, o *clamor do pobre* e o *clamor dos aflitos*.

34.29,30 — A oração traduzida como *se ele aquietar, quem, então, inquietará?* (amparada talvez pelo versículo 30) poderia ser traduzida também como *quando Ele demonstrar quietude, quem então condenará?* O paralelismo da frase seguinte — *se [Deus] encobrir o rosto* — com o contexto das queixas de Jó favorecem essa interpretação.

34.31-33 — O sentido exato dos termos hebraicos deste parágrafo é incerto. Os versículos 31 e 32 podem ser uma deturpação das palavras de Jó.

34.34-37 — A conclusão de Eliú mescla uma boa análise com uma interpretação injusta da situação de Jó. Sua afirmativa de que as palavras de Jó são *sem ciência* em consonância com as palavras do próprio Senhor (Jó 38.2).



## EM FOCO

### DIREITO OU JUÍZO (HB. *MISHPAT*)

(Jó 35.2; Sl 1.5; 9.4; Pv 12.5; Jr 26.11)

O termo hebraico aqui traduzido como *direito* representa uma ideia importante na compreensão do quesito jurídico do governo humano ou divino. A ideia central da maior parte do uso desse termo na Bíblia é a de *justiça* (Sl 72.1,2). A palavra pode ser usada para designar o ato de julgar (Josué 20.6), o local de juízo (1 Reis 7.7) ou o processo legal (Isaías 3.14) num litígio, bem como a sentença dada ao réu (Jeremias 26.11) ou a hora do julgamento (Salmos 1.5). No presente trecho, Eliú perguntava a Jó se ele possuía o direito legal de questionar a justiça de Deus. Ele percebeu corretamente que Jó insinuava que os seus próprios preceitos éticos eram melhores que os de Deus (Jó 29.12-17; 31.13,16).

35.1,2 — Em outras palavras, Eliú pergunta: “Jó teria o *direito* (um termo jurídico; hb. *mishpat*) de agir como se a sua *justiça* fosse maior do que a de Deus?” Apoiando-se na pergunta de Elifaz (Jó 4.17), Eliú mostra que Jó deixou implícito por sua resposta que seus preceitos éticos são melhores que os de Deus.

35.3 — Lendo nas entrelinhas das diversas queixas de Jó, Eliú exagera a situação de Jó: “o que eu ganhei por ser bom?” Embora Jó nunca tenha barganhado com Deus, servindo-o para

obter algum benefício, como nas religiões pagãs e idólatras de sua época, as ações e palavras de Jó podem ter dado a impressão disso (leia a paráfrase do próprio Jó sobre os sentimentos do ímpio no capítulo 21, versículo 15).

**35.4-8** — Deus não estava sob qualquer obrigação de prestar favores ou serviços a Jó (Jó 41.11). Portanto, era incoerente ele exigir que Deus comparecesse a um tribunal (Jó 31.35).

**35.9,10** — As pessoas *clamam* (primeiro aparição do verbo, hb., *za'aq*) por ajuda (pela segunda vez o mesmo verbo aparece, hb., *shawa*) porque precisam se libertar da *opressão do braço dos grandes*, não porque reconhecem *Deus* como seu Criador.

A nação de Israel durante o período dos juízes ilustrava esse princípio. Seus inúmeros clamores a Deus nem sempre eram devido ao arrependimento pelo pecado; eram gritos de quem estava em desespero buscando livrar-se da opressão (Juízes 10.10-14, que usa os termos hebraicos *sa'aq* e *za'aq* alternadamente). Esse entendimento pode explicar muitas orações sem resposta hoje em dia. Mas isso não quer dizer que todas as orações não respondidas sejam devido a isso. Um caso específico não deve transformar-se em uma regra geral. De fato, foi este o mesmíssimo erro dos amigos de Jó ao tentar usar a lei da retribuição para explicar a tragédia que se abateu sobre Jó.

**35.11-16** — Uma razão pela qual Deus *não responde* quando as pessoas *clamam* é a *vaidade* e a motivação impura dessas pessoas (Tg 4.3). Eliú deixa implícito que as orações de Jó não foram ouvidas por causa de sua confiança em seus próprios méritos (Jó 33.17). Essa percepção prepara o terreno para o discurso de Deus (caps. 38 e 39).

**36.1-4** — Quando Eliú alega ser *um que é sincero na sua opinião*, está sendo arrogante. A não ser que esteja sendo sarcástico, sua declaração beira à blasfêmia (a mesma expressão é usada com relação a Deus, em Jó 37.16). Talvez essa declaração demonstre a tendência juvenil (Jó 32.4,6) de pensar que se tem todas as respostas.

**36.5-12** — Eliú expõe sua tese: Deus é tanto *grande* como justo ao tratar com a humanidade (Jó 36.1—37.24). Ele questiona as palavras de Jó

de que o ímpio não é castigado por Deus (Jó 21.7) e seus argumentos subsequentes (Jó 21.27-33). Então, Eliú confronta as queixas que Jó fez no capítulo 24, versículos 1-17.

**36.13-15** — A aflição também revela os *hipócritas* que, com seu coração incorrigivelmente impuro, *não clamam* a Deus por socorro. O alerta é claro: não rejeite a mensagem de Deus deixando de rogar-lhe ajuda (Rm 1.18-32).

**36.16-29** — Quando Eliú diz *guarda-te*, ele deseja expressar que Deus pretendia ensinar algo a Jó por meio daquelas aflições. Em vez de tentar corrigir o Mestre e Senhor, Jó deveria lembrar-se de *engrandecer a obra* dele, Criador de todas as coisas. Assim, Eliú está preparando o caminho para o Senhor falar, ressaltando este conceito em Seu discurso (Jó 38.1—42.6).

**36.30,31** — A tradução normal do substantivo *luz* [hb. 'ôr] poderia ser *relâmpago*. De igual modo, isso poderia ser aplicado ao versículo 32, deste capítulo, e ao versículo 3, do capítulo 37. Essa tradução também seria cabível em Jó 37.21 (e em Jó 37.11,15).

**36.32** — Deus, o guerreiro supremo, *proíbe* a tempestade como também arremessa os relâmpagos com Suas *mãos* como se fossem flechas (Jó 16.12,13). O livro de Jó torna claro que somente Deus controla as mudanças do clima (Jó 38.22-30,34-38).

**36.33** — O sentido deste versículo é incerto no texto em hebraico.

**37.1,2** — O verbo *ouvi*, em plural no hebraico, indica que Eliú faz um apelo a Jó e a seus amigos, e talvez a algum ouvinte que por acaso passava por ali.

**37.3,4** — A *voz* de Deus *troveja*. O termo hebraico para *trovejar* compara o trovoar divino com o rugido de um leão, o majestoso rei dos animais.

**37.5-7** — O verbo *diz* (v. 6) indica que, assim como Deus precisou apenas falar para invocar a luz, a terra e toda forma de vida (Gn 1.3,9,14,20,24,26), agora basta somente falar para controlar tudo o que fez (Sl 147.15-18). Deus usa as tempestades invernais para *selar as mãos de todo homem*, a fim de que não possa trabalhar, mas sim *conhecer* a Sua obra.

37.8,9 — Eliú elogia continuamente o Deus todo-poderoso com uma série de metáforas. Ele descreve a forma como Deus conserva o vento, a neve e a geada (Jó 38.22,23) em *recâmaras*.

37.10 — Com uma linguagem poética, Eliú fala do *sopro de Deus* fazendo a *geada* se formar e as *águas* congelarem. Tudo isso é dito com radiosa alegria, porque Eliú está comemorando o domínio de Deus sobre o mundo.

37.11 — A expressão *a nuvem da sua luz* [hb. 'ôr, luz] também poderia ser traduzida como *suas nuvens de relâmpagos*.

37.12 — O termo *conselho*, em hebraico literalmente *leme* ou *cordames* (veja o emprego desta palavra em Provérbios 1.5) retrata Deus como o sábio Capitão que planeja com habilidade o trajeto das nuvens, que respondem obedientes à Sua mão na roda do leme.

37.13-17 — Deus *faz vir* a tempestade por três motivos precisos: (1) castigo pela perversidade das pessoas; (2) para regar a terra e nos dar o alimento (contexto dos v. 3,6,12) e (3) para suprir as necessidades de Seu povo.

A expressão *para correção* apresenta a ideia de julgamento por parte do açoite ou cetro do Senhor. A fidelidade e lealdade de Deus à Sua promessa costumam estar ligadas à palavra *beneficência*. É

o termo que pode ser traduzido como *amor leal* (Sl 13.5). Assim, Deus usa as tempestades tanto para julgar a terra como para abençoar Seu povo com a chuva (Êx 15.7-10; Dt 28.12).

37.18 — *Firmes como espelho fundido*. Os espelhos primitivos eram firmes e inquebráveis, pois eram feitos de bronze polido.

37.19,20 — Retomando seu papel de intercessor/intérprete, Eliú afirma (talvez com sarcasmo): *ensina-nos o que diremos a Deus; nada poderemos pôr em boa ordem* [hb. arak, arrumar (uma causa jurídica), como em Jó 13.18, *porque tu nos mantiveste nas trevas*].

37.21,22 — Se as pessoas *não podem ver* o sol brilhante *nos céus*, imagine o quanto é difícil aproximar-se de Deus, que aparece em Seu próprio *esplendor de ouro* e *tremenda majestade*? Veja a experiência de Moisés descrita em Êxodo 34. Na antiguidade, o norte era visto como a direção da residência de Deus, o céu (Is 14.13).

37.23,24 — As palavras conclusivas de Eliú são de louvor ao Deus vivo, que é ao mesmo tempo Altíssimo — *não podemos alcançar* — e piedoso — *a ninguém oprime*. *Juízo* implica *justiça*; e *justiça*, *honradez*. Por fim, Eliú usa o verbo *temem* para assinalar a admiração e veneração que todas as pessoas devem ter por seu Criador onipotente.



## ENTENDENDO MELHOR

### FUNDANDO A TERRA

Os projetos de construção pública no antigo Oriente Próximo começavam com rituais religiosos, inclusive cantos litúrgicos em louvor às principais divindades. Os reis de fato, senão ritualmente, ajudavam a lançar as bases para os templos e auxiliavam simbolicamente os pedreiros a erigir muros e a colocar portões.

Em Jó 38.4-7, o universo é descrito como um grande projeto de Deus. Todos os habitantes dos céus cantaram alegremente conforme iam sendo lançadas as bases da terra (Jó 38.7). Os seres celestiais que cantaram e clamaram foram denominados pelo Senhor de *as estrelas da alva* e *os filhos de Deus* (Jó 38.7).

No grupo de idiomas semíticos do noroeste, que inclui o hebraico, *filhos de Deus* é uma forma-padrão para descrever os seres espirituais [aqui, os anjos].

A menção específica das *estrelas da alva* [provavelmente os planetas Vênus e Mercúrio, de menor brilho que o sol, mas magníficas, cuja luz ainda é vista ao raiar do dia] talvez seja uma forma poética de dizer que todas as coisas criadas, assim como os anjos, como um coral unísono, entoam um hino de louvor, rendido, adorando o Criador pela Sua sabedoria, Sua majestade e Seu poder.

Isso tudo era para Deus lembrar a Jó que ele não estava presente na criação, e assim como não poderia saber o que aconteceu na criação, quando o coro celestial cantou, também não poderia entender os desígnios de Deus ao permitir o sofrimento de Seu servo (Jó 38.4).

**38.1** — O Senhor respondeu a Jó de um redemoinho. Embora Jó temesse ser esmagado por Deus em uma *tempestade* (Jó 9.17), o Senhor não vem para destruí-lo, mas o sobressalta para que ele reconheça a sua devida condição de Seu servo.

**38.2,3** — Aqui se desvenda o tema da primeira fala do Senhor: Jó *escurece o conselho* de Deus — ou seja, os planos ou desígnios do Senhor para o universo. Ironicamente, Deus desafia Jó a ensinar-lhe (v. 3; 40.7). Esses desafios têm a intenção de alertar Jó sobre as consequências de suas queixas e exigências. A sua tentativa insolente de ter uma audiência com Deus em iguais condições, em um tribunal (Jó 31.35-37), equivale a uma reivindicação hostil ao Seu atributo de julgar e presidir sobre tudo (Jó 40.10-14).

**38.4-7** — Talvez parcialmente em resposta ao que Jó falou a respeito de Deus estremecer as colunas da terra (Jó 9.5, 6), o Senhor pergunta a Jó se estivera observando quando Ele *fundava* a terra.

**38.7** — A canção alegre das *estrelas da alva* e dos *filhos de Deus* (Jó 1.6), como testemunhas da criação da terra, contrastam com as queixas de Jó, pronunciadas por ignorância quanto às razões das tragédias que se abateram sobre ele.

**38.8-11** — O Senhor destaca o Seu domínio sobre o *mar* e suas *ondas empoladas*. Tais forças, consideradas indomáveis e ameaçadoras na antiguidade, só tinham permissão para manifestar-se dentro de limites impostos por Deus (v. 10). Embora Jó soubesse disso na teoria (Jó 26.12,13), precisava aplicar esta verdade à sua vida.

**38.12-15** — O Senhor responde às queixas de Jó de que a perversidade se alastra à noite (Jó 24.13-17). Usando uma figura de linguagem, o Senhor assinala que Ele é quem ordena que *a alva* saia da cama, e *a madrugada* puxe as cobertas da noite para sacudir delas os ímpios como carrapatos. Deus deixa implícito que é só por ser Ele quem controla a escuridão que as atividades dos ímpios são coibidas. O Senhor concede até algum grau de liberdade à humanidade, mas os perversos não podem ultrapassar os limites por Ele impostos. Essa seção pode ser comparada às palavras de Davi no Salmo 19.

**38.16-18** — Será que Jó já teria estado no fundo do mar ou peregrinado às *portas da sombra da morte*? Talvez para responder ao desejo de Jó de repousar na escuridão do Sheol (Jó 10.1-22), o Senhor o tenha confrontado aqui.

**38.19-21** — Como Jó falara como se tivesse conhecimento das intenções e dos propósitos divinos (Jó 26.10), o Senhor expõe as limitações do conhecimento de Jó pedindo-lhe que o guie numa excursão à morada da *luz* e das *trevas*.

Como Jó afirmara que os perversos *se opõem a luz* ou *conhecem os seus caminhos* (Jó 24.13,16), o Senhor revela as deficiências do conhecimento de Jó. Se ele estivesse lá em pessoa, entenderia que o Senhor tem *lugar* tanto para as *trevas* como para a *alva*; tem um propósito tanto com o bem como com o mal.

**38.22-30** — Perguntando a Jó se ele entende o fenômeno climático aparentemente imprevisível, o Senhor revela que Seus desígnios não têm em vista apenas a humanidade. Embora Deus utilize elementos meteorológicos para intervir na história humana (v. 22-24), Ele também os usa para limitar o caos da natureza e do mar (v. 25-30) que estão fora do reino humano.

**38.22,23** — A metáfora dos *tesouros da neve* e da *saraiva* retrata tais elementos como armas do arsenal de Deus. Ele usa a saraiva como pedras de funda (Js 10.11). Ele prepara outras armas, incluindo a neve (Sl 68.14), as tempestades, os relâmpagos (v. 24) e as ventanias (37.9).

**38.24-29** — Como a geada é vapor d'água atmosférico que se condensa sobre superfícies frias, a palavra *céu*, da expressão *geada do céu*, pode referir-se ao céu atmosférico.

**38.30-32** — A *Ursa com seus filhos* é uma referência à constelação conhecida como Ursa Maior.

**38.33-38** — Ao perguntar sobre a que comanda as nuvens respondem, o Senhor deixa implícitas a impotência e a ignorância de Jó nesses assuntos, bem como sua própria soberania e onisciência. No substantivo *voz*, percebe-se que somente Deus rege as tempestades e os relâmpagos (Jó 36.32). A submissão até mesmo dos raios às ordens de Deus serve como outra retaliação sutil às reclamações de Jó.



## VOCE SABIA?

### O JUMENTO BRAVO

O *jumento bravo* (Jó 39.5) é o nome do *onagro*. Este era parente do jumento selvagem asiático, chamado de *Kiang*, mas geralmente era menor, com uma faixa larga no meio do seu dorso. Os onagros ainda existem em toda a Ásia.

Ao contrário do jumento domesticado, em geral usado como animais de carga, o jumento selvagem perambulava livremente pelas terras estéreis do Oriente Médio. Deus os utilizou como símbolos de independência e espírito livre ao descrever Seus caminhos a Jó (Jó 39.7,8).

**38.39—39.30** — O Senhor interroga Jó acerca do reino animal, demonstrando a ignorância deste para arguí-lo e seu desconhecimento do plano providencial divino (Jó 38.1—40.5). Os animais selvagens citados ou eram as caças preferidas dos reis, ou eram utilizados pela nobreza. Antes que Jó pudesse validar suas reivindicações e considerar-se capaz de arguir Deus, precisaria ser capaz de controlar essas forças hostis. [Em outras palavras, precisaria ser Deus.]

**38.40,41** — Se o Senhor alimenta os *corvos* que *gritam* por socorro, quão melhor Ele não ouvirá e alimentará as pessoas [criadas à sua imagem e semelhança, a coroa da criação] quando clamarem genuinamente por ajuda?

**39.1-4** — Deus, que fornece as presas para os predadores (Jó 38.39-41), também toma conta da presa, como as *cabras monteses* e as *cervas*. Assistindo-lhes em seu momento mais vulnerável, o de dar à luz, o Senhor promove a ordem e o equilíbrio da natureza.

**39.4** — A expressão em hebraico traduzida como *com o trigo* também pode ser *em campo aberto*.

**39.5-12** — O *jumento montês*, símbolo dos necessitados em Jó 24.5, encontra satisfação onde Deus o colocou na terra, livre dos *gritos do exator*. Isso contrasta com as queixas de Jó quanto à voz do opressor (Jó 3.18). A verdadeira liberdade reside em estar satisfeito onde Deus nos colocar (Fp 4.10-12).

**39.13-25** — Jó se identificara de forma íntima com a *avestruz* (Jó 30.29). Portanto, o Senhor concordou ironicamente que existem semelhanças. Ambos são deficientes em conhecimento (v. 17; 38.2). Mas embora a avestruz, por sua

aparência, seja motivo de risadas (como era Jó; 30.1) e passe por alguns constrangimentos (v. 14-16), ela não se aflige com a situação. Há um contraste com Jó, que se preocupa muito (Jó 3.25; 15.24).

**39.26-30** — Deus pergunta a Jó se foi ele quem criou os pássaros majestosos — o *gavião* e a *águia* — com seu gênio aerodinâmico. O contexto do versículo 30, em que os filhotes de pássaros banqueteiavam-se com as presas, sugere que se trata de um urubu. Porém, a tradução tradicional de *águia* transmite as qualidades nobres e majestosas associadas ao abutre no antigo Oriente Médio (v. 26-30), em contraste com a repulsa que sua espécie provoca na maioria dos leitores de hoje.

**39.30** — Fica implícito que Deus permite aos jovens urubus alimentar-se do *sangue da presa* (pessoas mortas) para ajudar a prevenir a disseminação de doenças. Isso responde à queixa infundada de Jó sobre o fato de Deus não impedir a exploração dos necessitados (Jó 24.1-17) e ignorar os clamores dos que morrem. O Senhor demonstra novamente a Jó que coíbe o mal.

**40.1-3** — *Respondeu mais o Senhor a Jó*. O Senhor reforça o Seu desafio temático inicial (Jó 38.2,3) com uma pergunta dinâmica de terminologia jurídica. A palavra *contender* significa *entrar com uma ação judicial* (Jó 9.3). Deus reverte a acusação de Jó de que Ele o colocou no banco dos réus (a mesma palavra hebraica é encontrada em Jó 10.2). Na verdade, Jó é quem havia acusado Deus de não favorecê-lo, e não o contrário. O Senhor repreende Jó pelo seu erro. Quem seria Jó para julgar Deus? O Senhor está deixando implícito que Jó vinha tentando ser seu próprio justificador (Jó 40.14).



40.4 — O contexto dos versículos 4 e 5 sugere que a palavra hebraica para *vil* signifique *não merecedor*. O fato de Jó colocar a *mão* sobre a sua *boca* deve ser um gesto de respeito (Jó 29.9) como subordinado de Deus.

40.5-7 — A expressão *cinge agora* demonstra que Deus não havia terminado de falar. As palavras do versículo 7 são as mesmas de Jó 38.3; porém agora muito mais está em jogo.

40.8 — O Senhor confronta Jó com falhas graves no que ele falou. Jó se atreveu a *fazer vão* o *juízo* de Deus. O contexto do que Eliú falou, usando a mesma palavra para se referir ao reinado de Deus sobre o universo (Jó 24.17; 37.23), sugere que Jó perverteu a justiça divina alegando que o Senhor reina sem estabelecer ordem moral ou social no universo (Jó 24.1-17). Como Jó presumira que a lei de retribuição era inflexível, o que justificaria o sofrimento neste mundo como castigo de Deus, ele teve de reprovar Deus para sustentar que era inocente.

40.9-14 — O absurdo da crítica insolente de Jó à maneira como Deus governa o universo (ver Jó 29.2-17, onde ele alega ser justo) é apontado a ele por Deus, quando o Senhor ironicamente “convida” Seu servo para ver as coisas, por um dia, como se fosse o “Rei” de todo o universo. Se Jó tivesse o poder e os atributos de Deus, *abateria* o *soberbo* e o *ímpio* que há no mundo? Jó criticara Deus por não fazer isso com perfeição (Jó 21.30,31; 24.1-17).

40.15-24 — A identidade do *beemote*, que significa *grande animal*, é controversa. Sugere-se o hipopótamo [ARA], algum tipo de dinossauro ou simplesmente um monstro mitológico. A princípio, o animal poderia ser identificado como o hipopótamo, que parece encaixar-se melhor nas circunstâncias bíblico-culturais. Contudo, conforme prossegue a descrição do animal, os adjetivos ultrapassam qualquer possibilidade de tratar-se de um hipopótamo, apresentando uma besta que é símbolo de caos. Identifica-se o mesmo padrão na apresentação do *leviatã* da próxima seção (cap. 41). A ideia principal é que, assim como Jó não poderia aproximar-se, muito menos subjugar, o enorme animal, não poderia

comparecer à presença do Todo-poderoso e exigir que ele julgasse sua causa (Jó 40.15—41.34).

40.24 — A oração *caçar à vista de seus olhos* é uma tradução possível do texto hebraico. Mas pode também ser interpretada como pergunta: “pode-se tomar alguém pelos seus olhos?” A expressão *pelos seus olhos* pode referir-se à dificuldade de capturar um animal tão grande e perigoso [como o hipopótamo ou o beemote] quando ele está submerso, somente com os olhos para fora d’água. Além disso, a couraça dele é muito grossa, e a maioria das armas seria inútil contra ele, a não ser que o atinja nos olhos.

41.1 — A identidade do *leviatã*, basicamente uma transliteração da palavra hebraica para *monstro do mar* é controversa. A visão tradicional é de que seria um grande crocodilo. Como no caso do beemote (Jó 40.15-24), a descrição do leviatã começa com uma grandiosa imagem poética de um animal extraordinário. Mas quando a descrição termina (v. 18-21), o leviatã virou um dragão cuspidor de fogo, um símbolo do caos, do mal e da destruição. Em última análise, a figura desse monstro retrata o caos no início da criação divina e também Satanás no fim dos dias (Sl 74.2-17; Is 27.1; 51.9). Somente Deus pode controlar e destruir o leviatã. Jó poderia apenas recolher-se à sua insignificância e temor. Fazendo perguntas irônicas, o Senhor questiona a incapacidade de Jó de confrontar, imagine subjugar, o leviatã.

41.2,3 — A *corda* é feita de cana ou juncos torcidos, talvez para enredar o leviatã como um peixe. Mas a frase *com um espinho furarás a sua queixada* pode sugerir a imagem do leviatã como um prisioneiro de guerra, com um gancho ou argola em seu queixo ou nariz (2 Cr 33.11). Esta interpretação é favorecida pelo contexto do versículo 4. Essa metáfora também é usada em Ezequiel 29.3,4, que descreve como o Senhor capturou o inimigo como a um crocodilo, colocando ganchos em sua queixada.

41.4-9 — O Senhor continua a confrontar Jó com uma série de perguntas retóricas. Será que Jó fez do leviatã um *escravo* ou vassalo eterno? A menção do Senhor a *concertos* (alianças) deixa implícito que talvez Jó pudesse negociar um



## PERFIL

### MOMENTO DE DISCERNIMENTO DE JÓ

Depois de ouvir o que Deus disse, Jó percebeu que falara de *coisas que para ele eram maravilhosíssimas, e que ele não compreendia* (Jó 42.3).

A palavra hebraica traduzida como *compreendia* sugere mais do que a mero processamento de informações; sugere um conhecimento profundo, que se obtém por meio da experiência pessoal. De fato, Jó admitia que todo o seu discurso eloquente não passava de disparate; ele não sabia de fato o que estava dizendo, certamente não da forma como Deus sabe.

Da mesma forma, Jó opinara sobre coisas que *eram maravilhosíssimas* para ele — literalmente, incompreensíveis ou espantosas, coisas que apenas Deus poderia compreender (compare com Salmos 139.6). Jó pensava estar desabafando seus problemas. Quando viu Deus, percebeu que não tinha ideia do que dizia.

A reação de Jó a este encontro inesperado com Deus foi uma sensação geral de humildade absoluta (Jó 42.5,6). As palavras *me abomino* equivalem “a rejeito aquilo que eu disse antes”; “renuncio às minhas palavras”; “desprezo o que disse por ignorância”. É como se Jó tivesse escrito um diário para registrar a sua experiência (Jó 19.23,24), um memorial para desabafar com Deus (31.35-37), mas, depois de perceber quem era Deus, jogasse o livro fora.

Quanto ao arrependimento de Jó, a expressão traduzida como *me arrependo* não é o termo utilizado para arrepender-se de um pecado (*shub*, voltar as costas ou retornar; compare com 1 Reis 8.47 e Jeremias 5.3), mas uma palavra que quer dizer *sentir muito* ou *consolar-se* (*nacham*). Em outras palavras, Jó desistiu de sua pretensão a sábio e consolou-se *no pó e na cinza*, um símbolo comum de luto ou humilhação. Ele estava satisfeito simplesmente por saber que seu sofrimento fazia parte dos propósitos de Deus — mesmo que não pudesse entendê-los com sua mente limitada.

tratado de paz com o animal, como um rei maior subjugando o menor em batalha (v. 34).

**41.10** — Quando o Senhor diz que *ninguém* seria tolo a ponto de despertar o leviatã, está respondendo ao desejo de Jó de que este monstro fosse despertado (Jó 3.8). De fato, o Senhor questiona Jó: “o que você faria, Jó, caso ele fosse provocado?” (v. 8,9)

**41.11** — A frase *quem primeiro me deu...?* também poderia ser traduzida como *quem primeiro me confrontou?* Na sequência da frase *para que eu haja de retribuir-lhe*, o verbo *retribuir* no hebraico significa *pagar uma dívida* ou *indenizar por algo perdido ou roubado*. O Senhor confronta Jó por ter insinuado que Ele lhe devia alguma coisa por Jó ser virtuoso (Jó 34.5-8), ou que devia indenizá-lo pela perda de sua posteridade e de suas propriedades (Jó 10.3). Portanto, o Senhor contesta totalmente a concepção errônea de Jó de que Deus tem obrigação de recompensar a pessoa obediente. A ideia de que o Senhor não tem de recompensar-nos por aquilo que julgamos boas obras é uma parte essencial da doutrina bíblica da salvação pela graça, e não pelas obras (Ef 2.8-10).

**41.12-34** — Na expressão *suas forças*, o Senhor reforça o argumento nos versículos 1-11 assinalando a invencibilidade e o terrível esplendor do corpo do leviatã.

**41.19-21** — Exagerando poeticamente (v. 18), o Senhor pouco a pouco transforma o leviatã corpóreo no dragão mitológico (Jó 7.12), que bafeja fogo e fumaça.

**41.22-34** — A expressão *todo o alto vê* (v. 34) também poderia ser traduzida como *ele olha com desprezo tudo o que é altivo*. O rei leviatã, que está sobre todos os altivos, lança um olhar superior sobre os soberbos. Assim, Jó, cujo orgulho fora denunciado, nunca conseguiria subjugar o leviatã poderoso nem legitimar sua alegação de poder governar o mundo melhor do que Deus.

**42.1-6** — A expressão *me abomino* implica arrependimento. Jó se arrepende de suas palavras e acusações baseadas na falsa crença de que Deus sempre recompensa os virtuosos nesta vida. Em vez de acusar Deus de ser injusto, Jó se submete à vontade soberana do Senhor do universo.

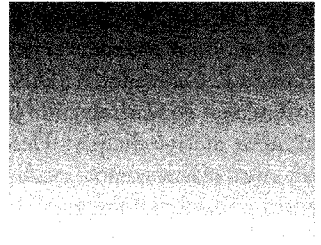
**42.7,8** — Contrastando com seus amigos, Jó disse de Deus *o que era reto*. Diferente deles, Jó renunciou suas falsas crenças, arrependeu-se de

suas palavras orgulhosas, ditas por desespero e ignorância quanto aos fatos (v. 6) e reafirmou o senhorio incondicional de Deus sobre a sua vida (v. 2). Ele estivera certo em sustentar sua inocência frente às acusações falsas de seus amigos.

42.9-11 — Assim como a lei israelita exigia que o ladrão indenizasse em dobro caso furtasse *seja boi, ou jumento, ou ovelha* (Êx 22.4), o Senhor claramente não admitia estar devendo nada a Jó (Jó 41.11), mas expressaria a ele a Sua bondade e misericórdia.

42.12-17 — A restituição da saúde e da prosperidade de Jó não deve ser vista como uma recompensa por sua virtude (Jó 41.11). Depois que ele desistiu de exigir restituição, o Senhor achou por bem concedê-la de presente.

Esse desfecho demonstra que o livro de Jó não rejeita totalmente a lei da retribuição divina, mas somente sua falsa aplicação. Concorde com o livro de Provérbios no sentido de que o temor ao Senhor costuma conduzir à vida longa e abundante. Porém, não podemos presumir que Deus sempre operará dessa forma, como presumiram os amigos de Jó. Afinal, como disse o apóstolo Paulo: *Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!* (Romanos 11.33-36).



O livro de

---

# Salmos

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**S**endo uma das maiores coletâneas de hinos, orações e poemas, o livro de Salmos expressa as mais profundas paixões da humanidade. Nessas páginas, ouvimos os clamores desesperados do salmista em meio ao infortúnio, assim como seu louvor extasiado ao seu Provedor e Consolador. Podemos ouvi-lo derramando a alma em confissão, mas também efervescendo de alegria. Os Salmos nos conduzem pelos vales e ápices da experiência humana, mas nos levam, ao final, a louvar nosso Criador bem-amado.

Como o Pentateuco, os cinco livros de Moisés, o livro de Salmos é dividido em cinco partes: livro I (Sl 1—41), livro II (Sl 42—72), livro III (Sl 73—89), livro IV (Sl 90—106) e livro V (Sl 107—150). Cada livro termina com uma doxologia, uma afirmação de louvor a Deus, encontrada no úl-

timo versículo (às vezes nos dois últimos) do salmo de encerramento. No caso do livro V, o poema final, Salmo 150, é a doxologia de conclusão. O motivo para essa disposição do livro de Salmos é incerto. Muito provavelmente tinha algo a ver com o uso dos salmos no louvor a Deus no templo em Jerusalém. Os livros I e II são compostos majoritariamente por salmos davídicos; o livro III inclui os salmos de Asafe (Sl 73—83) e dos filhos de Corá (Sl 84—88). Os livros IV e V contêm salmos anônimos, juntamente com alguns de Davi e de outros autores.

Muitos salmos podem ser identificados como sendo de determinado tipo, pelo seu tema.

Os *salmos reais* ressaltam Deus como Rei, geralmente usando as palavras *o Senhor reina*. Estes salmos falam de Seu reinado como Criador,

Salvador de Israel e Aquele que haveria de vir. Apontam, frequentemente, para o governo vinodouro do Rei Salvador, o Senhor Jesus.

Os *salmos de Sião* falam de Jerusalém, usando seu nome afetivo de Sião. Descrevem arrebatadamente a cidade como a escolhida por Deus para abrigar o Seu templo sagrado, local para a verdadeira adoração de Seu nome.

Os *salmos penitenciais* são poemas em que o autor confessa ao Senhor haver pecado, pede e recebe o Seu perdão, e então adora a Deus por haver sido renovado o relacionamento com Ele mediante a Sua misericórdia.

Os *salmos de sabedoria* debruçam-se sobre alguns temas pertinentes ao livro de Provérbios. Estes salmos apresentam forte contraste entre os retos e os ímpios, falam das bênçãos e maldições de Deus e quase sempre se concentram na vida virtuosa.

Os *salmos da Torá* são uma subcategoria dos salmos de sabedoria. Trata-se de poemas sobre a beleza, a verdade e a suficiência da lei de Deus. Há duas outras subcategorias dos *salmos de sabedoria*: os *salmos da criação* e os *salmos históricos*. Nos salmos da criação, o poeta conclama o crente a louvar a Deus como Criador do universo e Salvador de Seu povo. Nos salmos históricos, o poeta reconta a história de Israel e busca um compromisso renovado com Deus, apesar do histórico judaico de rebeldia.

Alguns salmos dos mais perturbadores são os que contêm orações pedindo a Deus que amaldiçoe os perversos. É de se pensar, por vezes, que esses *salmos imprecatórios* colidam com o sentimento do evangelho, mas na verdade procuram espelhar com exatidão a abominação de Deus pelo mal.

Contrastando com os salmos imprecatórios, existem os belos e proféticos *salmos pascais*, que se tornaram parte da celebração da Páscoa no judaísmo. São eles importante comemoração dos notáveis feitos do Senhor de libertação do Seu povo do Egito, tema da Páscoa israelita. Estes salmos anteveem a libertação que viria mediante o Salvador Jesus.

Um último grupo de salmos está reunido no final de seu livro. São os *salmos Hallel*, assim chamados por causa da principal palavra hebraica para louvor, *hallel*. Como já diz seu nome, são salmos de exaltação a Deus pelo Seu caráter e por Suas obras salvadoras.

Para se apreciar plenamente os Salmos, deve-se ter em mente certo número de suas principais características.

Em primeiro lugar: os Salmos foram escritos para serem cantados. Eram cânticos de adoração pública no templo, no antigo Israel. Não meros poemas, mas, sim, letras de música, que nos chegam desde a Antiguidade. Como tais, contêm convenções inerentes à música e à adoração a Deus daquele tempo.

Em segundo lugar, os Salmos foram escritos ao longo de mil anos, desde a época de Moisés, no século 15 a.C., até a época de Esdras, no século 5 a.C. Embora Davi seja o principal autor associado à composição dos Salmos, muitos outros, de diversas épocas, contribuíram para o que viria a se tornar o livro de Salmos.

Em terceiro lugar, os Salmos foram coletados e organizados durante um longo período. Esse processo envolveu algumas adições editoriais, supressões e expansões, bem como reorganizações e reestruturações nos poemas. O Espírito Santo, que sem dúvida inspirou originalmente os Salmos, supervisionou o processo de sua reestruturação para a adoração no templo.

Em quarto lugar, os Salmos foram escritos em linguagem do espírito humano, de expressões da alma. Não são uma prosa racional e calculista, mas obras extremamente emocionais, que empregam termos comoventes, excessos dramáticos e linguagem figurativa.

Em quinto lugar, os Salmos e sua produção faziam parte da vida cotidiana dos israelitas. As Escrituras registram uma série de momentos em que os israelitas responderam ao Senhor espontaneamente criando um salmo de louvor. Moisés cantou um salmo em louvor a Deus (Êx 15); Débora e Ana fizeram o mesmo (Jz 5; 1 Sm 2); e Davi bendisse o Senhor com um salmo (1 Cr 29). Por meio de salmos, os israelitas expressavam sua devoção e agradecimentos ao seu Senhor. Essa tradição continuou até o período do Novo Testamento: Maria, em Lucas 1, responde à mensagem do anjo com um salmo (Ap 5); e foi confirmada pelo achado de uma série de salmos originais entre os manuscritos do mar Morto, descobertos em 1947.

Em sexto lugar, salmos individuais foram escritos com diversos propósitos. Alguns começaram sendo usados em cultos de adoração a Deus particulares, enquanto outros eram criados já se visando à adoração em público. Todos os salmos, porém, tornaram-se um tesouro comum para o louvor no templo, uma vez que, não importa o assunto de que tratassem, levavam sempre as pessoas a adorar o Deus vivo.

Por último, cabe lembrar que os Salmos foram escritos em linguagem responsiva. Cada salmo registra a reação de um indivíduo junto a Deus em linguagem expressiva e poética. De clamores desesperados a gritos extasiados de alegria, cada salmista responde a Deus em meio a uma situação específica. Embora os Salmos tenham se tornado parte da adoração cotidiana da comunidade, ainda detêm a qualidade de veículos de expressão individual. Até hoje, são utilizados tanto em público como nos momentos de devoção solitária do cristão.

O sobrescrito — palavras de apresentação antes de cada primeiro versículo, na maioria dos salmos — muitas vezes atribui o salmo ao rei Davi, *o suave em salmos de Israel* (2 Sm 23.1). Esses sobrescritos provavelmente não faziam parte dos salmos na época em que foram compostos, mas vieram a ser acrescentados por editores para auxiliar na interpretação dos poemas. Apesar disso, não é motivo para descartá-los. Os livros

históricos da Bíblia falam da obra notável de Davi como músico, cantor e poeta (1 Sm 16.19-23; 18.10; 2 Sm 1.17-27; 23.1-7; 1 Cr 29.10-15). Além disso, um dos salmos de Davi está registrado em 2 Samuel 22 e reaparece, com pequenas variações, como Salmo 18. Assim também, partes do salmo que Davi entregou a Asafe e que se encontra em 1 Crônicas 16.8-36 estão presentes no Salmo 105.1-15, Salmo 96 e Salmo 106.1,47,48. A conexão entre o rei Davi e os Salmos se acha, assim, bem documentada.

Davi, no entanto, como já vimos, não foi o único a compor os Salmos. Entre outros autores, estão contemporâneos de Davi que ele mesmo encarregou de organizar o louvor em Jerusalém, como Etã, Hemã e Asafe. Salomão continuou nos passos do pai, escrevendo tanto Salmos como Provérbios. Conforme já comentado, um dos salmos dos mais antigos foi escrito por Moisés, cinco séculos antes de Davi. Os filhos de Corá, uma família de sacerdotes, continuaram escrevendo salmos por séculos. E mulheres como Débora (Jz 5) e Ana (1 Sm 2), como já referido, também compuseram salmos. Muitos salmistas, no entanto, permaneceram no anonimato. Alguns salmos anônimos podem ser atribuídos a Davi, mas nem todos. Salmos, enfim, foram ainda escritos no tempo de Esdras, época em que o livro de Salmos, como o conhecemos, foi então compilado.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM SALMOS

Ano 1430 a.C. — Alguns dos salmos mais antigos, escritos durante a época de Moisés

Ano 1405 a.C. — Josué sucede a Moisés

Ano 1050 a.C. — Saul se torna rei de Israel

Ano 1010 a.C. — Davi começa a reinar em Hebron

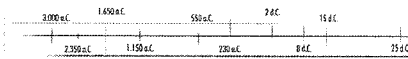
Ano 1010—970 a.C. — Muitos salmos escritos por Davi

Ano 970 a.C. — Morte de Davi. Salomão se torna rei

Ano 970—930 a.C. — Muitos salmos escritos por Salomão

Ano 930 a.C. — Morte de Salomão. O reino se divide

Ano 550 a.C. — Últimos salmos escritos na Babilônia





## ESBOÇO

Livro I: Salmos 1—41  
 Livro II: Salmos 42—72  
 Livro III: Salmos 73—89  
 Livro IV: Salmos 90—106  
 Livro V: Salmos 107—150

## COMENTÁRIO

### *Salmo 1*

O *Salmo 1*, um salmo de sabedoria, apresenta vívido contraste entre o caminho do justo (v. 1-3) e o do ímpio (v. 4-6). Não é identificado o autor, nem qualquer circunstância em que teria sido escrito o poema. Provavelmente, foi composto em



## APROFUNDE-SE

### A CHAVE PARA ENTENDER OS SALMOS

Pode-se obter uma compreensão mais plena da eloquência dos Salmos entendendo-se os princípios básicos da poesia hebraica. A falta de um ritmo previsível e de rima tem deixado muita gente confusa quanto à natureza poética dos Salmos. Embora a poesia hebraica possua algum ritmo, usa muito mais a repetição e a recapitulação. Uma linha de um versículo é seguida por outra que fornece a variação da mesma ideia. Não só os salmistas usam essa técnica, como também os autores de provérbios (consulte a Introdução a Provérbios). A segunda linha de cada provérbio costuma reforçar o sentido da primeira (Pv 22.1). Este reforço da ideia não é mera tautologia, mas um maneirismo gracioso do poeta. A primeira linha faz uma declaração que a segunda linha acentua ou aprofunda.

O salmista podia modificar esse padrão geral de diversas formas. Em primeiro lugar, o salmista podia usar *paralelismo sinônimo* para tornar ambos os elementos similares. Por exemplo:

- *Antes, tem o seu prazer na lei do Senhor,*
- *E na sua lei medita de dia e de noite (Sl 1.2).*

Em segundo lugar, o salmista podia contrastar dois elementos. Esse tipo de paralelismo, chamado de *paralelismo antitético*, geralmente contém a palavra *mas*. Por exemplo:

- *Porque o Senhor conhece o caminho dos justos;*
- *Mas o caminho dos ímpios perecerá (Sl 1.6).*

Em terceiro lugar, o salmista podia desenvolver o tema da primeira linha na segunda linha. Isso se chama *paralelismo sintético*. Por exemplo:

- *Bem-aventurado o varão*
- *Que não anda segundo o conselho dos ímpios,*
- *Nem se detém no caminho dos pecadores,*
- *Nem se assenta na roda dos escarnecedores (Sl 1.1).*

Uma quarta melhoria no paralelismo geral é o *paralelismo climático*. Neste tipo de paralelismo, o primeiro membro da parêntese de versos está incompleto, e o segundo repete em parte o primeiro membro para depois concluir o pensamento. Por exemplo:

- *Dai ao Senhor, ó famílias dos povos,*
- *Dai ao Senhor glória e força (Sl 96.7).*

Por último, o salmista podia usar o *paralelismo emblemático*. Neste tipo, a primeira linha contém uma figura de linguagem e as seguintes explicam a figura, por expansão ou explanação. No seguinte exemplo, as linhas paralelas do versículo explicam o sentido da expressão *como a árvore*.

- *Pois será como a árvore*
- *Plantada junto a ribeiros de águas,*
- *A qual dá o seu fruto na estação própria,*
- *E cujas folhas não caem,*
- *E tudo quanto fizer prosperará (Sl 1.3).*

Com o paralelismo poético, o salmista hebreu conseguia expressar vigorosamente seu louvor a Deus. Ao ler os Salmos em voz alta e ressaltar os elementos paralelos, a pessoa pode entender melhor a harmonia da linguagem poética da qual deriva a tradução.

um período tardio da história de Israel. Focalizando as diferenças de caráter e os diferentes destinos reservados para justos e ímpios, serve de introdução a todo o livro de Salmos. Este salmo é como um farol que mostra o caminho do porto em meio à tempestade. Ilumina e aponta para a verdade até mesmo quando as falsidades de nossa cultura começam a nublar nosso discernimento. Afirma que só há um caminho para a verdadeira vida; ignorá-lo é aceitar a morte como um tolo (Pv 1.20-33).

**1.1** — A palavra hebraica traduzida por *varão* significa, neste contexto, *pessoa*, sem referência a gênero. *Que não anda*. O paralelismo deste versículo fala de um envolvimento cada vez maior com a perversidade: *andar, se deter, se assentar*. Da mesma forma, os termos dos ímpios são progressivos: *ímpios, pecadores e escarnecedores*. As figuras deste versículo apresentam o justo ideal — alguém que está *no mundo*, mas não é nem um pouco afetado *pelo mundo*.

**1.2** — *Tem o seu prazer*. O contraste é forte. Em vez de ter prazer em mancomunar-se com os perversos, a pessoa de Deus desfruta profundamente das coisas de Deus, especialmente a Palavra de Deus. *A lei do Senhor* se refere especificamente ao Pentateuco, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento. A palavra hebraica para *lei* expressa a ideia de Deus apontando o caminho para a vida em comunhão com Ele (Sl 19.7-11). *Medita* significa resmungar ou fala consigo mesmo (Sl 4.4). Meditar, na Bíblia, significa concentrar-se nas Escrituras.

**1.3** — *Como a árvore*. Este símile apresenta a imagem de uma tamareira do deserto, firmemente plantada em um oásis bem irrigado (Jr 17.8). Todas as partes da árvore são valiosas e aproveitáveis para Deus — pessoas de quem Ele se agrada (Sl 33.15; 147.11). *Prosperará* não é garantia de um futuro de riqueza material para o justo; significa, isso sim, que o justo sempre será útil e aproveitável para o Senhor.

**1.4,5** — Como a *moinha*, o refugio que é soprado pelo vento depois da colheita dos grãos, o *ímpio* não possui estabilidade (Sl 35.5; 83.13). Quando chegar o juízo, o ímpio não conseguirá mais *subsistir* (Sl 5.5). Isto é similar à imagem do juízo final

no Sermão do Monte das Oliveiras, feito por Jesus (Mt 25.31-46).

**1.6** — A Bíblia fala de dois caminhos (Pv 2.8; 4.19), dos quais apenas um leva a Deus. Este é um tema bíblico constante, culminando nas celebradas palavras de Jesus, *Eu sou o caminho* (Jo 14.6). Neste contexto, o verbo *conhecer* não se refere apenas à ciência que Deus tem, mas a um conhecimento íntimo e pessoal (Sl 101.4). Deus está envolvido intimamente com o caminho dos justos, mas não tem qualquer ligação com o caminho dos ímpios, exceto em juízo (Sl 146.9).

### Salmo 2

O *Salmo 2*, um salmo real, debruça-se sobre o glorioso reino do Messias do Senhor que está por vir. O autor é anônimo no texto hebraico, mas os apóstolos, no Novo Testamento, atribuem-no a Davi (At 4.24-26). Este salmo deve ser lido em conjunto com o Salmo 110. Ambos indicam profeticamente o futuro reino de Jesus (At 13.33; Hb 1.5,6; 5.5; Ap 2.26,27; 12.5). O Salmo 2 se desenvolve em quatro partes, cada uma delas referente a uma voz ou orador diferente: (1) descrição dos planos dos perversos (v. 1-3); (2) risada zombeteira do Pai celestial (v. 4-6); (3) declaração, pelo Filho, do decreto do Pai (v. 7-9); (4) orientação do Espírito a todos os reis para que obedeam ao Filho (v. 10-12).

**2.1** — *Por que se amotinam as gentes*. Este trecho tem diversos significados. Originalmente, referia-se às nações que enfrentavam Davi e seus sucessores legítimos. Mas os reis davídicos eram meras sombras do grande Rei que viria, Jesus, o Salvador. Consequentemente, o versículo também está falando de qualquer ataque a Jesus e ao seu reino divino. Este ataque por parte das nações ocorreu em sua forma mais dramática na cruz, mas a resistência ao reino de Deus prosseguiu. Em toda a história, as nações resistiram às reivindicações do evangelho, o fundamento do reino de Jesus.

**2.2** — *Senhor* refere-se ao Pai. *Seu ungido* (Sl 18.50; 132.10) refere-se ao Filho. A palavra transmite um sentido de nobreza, porque os reis eram ungidos (1 Sm 10.1; 16.13). *Os reis da terra* tentavam opor-se ao Rei de todo o universo.





## ENTENDENDO MELHOR

### A RELAÇÃO DO REI COM A DIVINDADE

O cargo de rei no antigo Oriente Médio era o ponto em que céu e terra se uniam. Os egípcios acreditavam que seu faraó era divino e retornava aos deuses depois que morria. De 1500 a.C. em diante, acreditou-se que o faraó era filho do deus Amon-Rá, bem como a imagem de deus tanto fisicamente como em seus atos. Os reis egípcios possuíam os seus próprios sacerdotes, e seu palácio era tratado como um templo. O faraó contava com a ajuda dos demais deuses para governar seu reino. Desde que ele não afastasse as outras divindades, elas lutariam ao seu lado para proteger ou expandir o reino do Egito.

Na Mesopotâmia, os governantes não eram considerados divinos, mas entendia-se que haviam sido apontados como reis pela divindade patrona de sua cidade ou império. Como o deus o escolhera, o rei governava como vice-regente do deus e devia prestar contas ao deus por suas atitudes. Desde que o rei fizesse o que se espera de um bom governante, os deuses o protegeriam e assegurariam a vitória sobre seus inimigos.

Esta teologia do antigo Oriente Médio era usada por Judá para celebrar a coroação de reis davídicos em Jerusalém. O salmista diz que *Yahweh* falava ao novo rei de Judá com termos paralelos aos dos textos reais mesopotâmicos. *Tu és meu Filho; eu hoje te gerei* (Sl 2.7). Os primeiros cristãos entendiam que o Salmo 2 se referia a Jesus como o Messias (At 4.25,26; 13.33). Mas originalmente o Salmo 2.7 significava que o rei de Judá era o herdeiro legítimo do trono (os demais governantes eram adotados). O rei era o vice-regente de *Yahweh*, sentado à Sua direita, e *Yahweh* garantiria as vitórias para o rei contra os inimigos de Judá.

**2.3 — Rompamos as suas ataduras.** Em última análise, trata-se de uma cena do final dos tempos, descrita mais detalhadamente no Novo Testamento (Ap 19.11-21; Sl 110). Aqui, os reis da terra dão sua última palavra em sua rebeldia contra o Rei celeste, Jesus.

**2.4,5 — Zombará deles.** Deus ri-se com desdém do ataque a Seu Filho (Sl 37.13). A ideia de *lutar contra* a vontade de Deus é realmente descabida. *Aquele que habita nos céus.* Deus é o Rei do universo (Sl 93). O que valem os pequenos reis da terra comparados a Ele?

**2.6 — O meu Rei.** Davi e seus herdeiros legítimos receberam uma promessa divina de que reinariam sobre os israelitas com a bênção do Senhor. Qualquer ataque ao rei de Israel era um ataque à promessa do Senhor. *Sião* é outro nome para Jerusalém. *O meu santo monte.* O lugar do Sião era *santo*, pois assim Deus disse que seria. Foi o lugar onde Abraão atou seu filho Isaque (Gn 22), onde o templo sagrado foi construído (2 Cr 3) e onde o Salvador faleceria (Mt 27).

**2.7,8 — Tu és meu Filho.** A cada vez que um filho legítimo de Davi era coroado como rei sucessor de seu pai na cidade de Jerusalém, podia-se usar essas palavras para falar dele. O novo rei era adotado por Deus como seu *filho*; ele veria Deus

como seu *Pai* (2 Sm 7.5,14). Esta fórmula de adoção era anunciada em uma cerimônia solene de coroação, à qual compareciam sacerdotes e profetas, com pompa e adoração a Deus. No Novo Testamento, o Filho de Deus também declarou que era Rei, o Ungido verdadeiro, o Cristo (Mt 3.17; Mc 1.1,11; Lc 3.22; Jo 1.18; At 13.33; Hb 1.5; 5.5).

**2.9 — Vara de ferro.** O futuro reinado do Filho real seria absoluto. Não haveria possibilidade de rebelião.

**2.10,11 — Sede prudentes.** Os reis possivelmente rebeldes só evitariam um terrível julgamento submetendo-se ao Ungido de Deus. *Alegrai-vos com tremor.* Somente com o devido temor, adoração, reverência e respeito ao Deus Santíssimo poderia haver verdadeira alegria no reino por vir.

**2.12 — Beijai o Filho.** Neste trecho, os reis e todos os povos recebem uma clara opção. Ou amar e respeitar o Ungido do Senhor e, desta forma, receber Suas grandes bênçãos, ou recusar-se a obedecer, provocando a ira de Deus.

### Salmo 3

O Salmo 3 é um salmo de lamentação atribuído a Davi. O sobrescrito indica uma ambientação precisa: o período em que Davi fugiu de seu filho



## VOCE SABIA?

### A MISTERIOSA NOTAÇÃO MUSICAL

O termo *Selá* (Sl 3.2) é usado 71 vezes nos Salmos e três vezes em Habacuque, mas ainda assim seu sentido preciso é obscuro. Talvez a melhor suposição fosse a de que indicava um interlúdio ou transição musical.

A palavra primitiva da qual se pensa que *Selá* deriva significa *erguer*. Isso levou alguns a julgar que *Selá* marcasse um clímax musical, em que cantores e músicos deveriam *erguer* seus louvores a Deus. Outra sugestão é a de que *Selá* seria uma abreviatura acadêmica para uma instrução musical, algo semelhante às notações atuais como *MF* para *mezzo forte* (moderadamente alto) ou *PP* para *pianissimo* (muito suave). Segundo essa teoria, *Selá* supostamente significa troca de vozes ou repetir desde o começo.

Absalão (2 Sm 15). Este é um dos poucos títulos de salmo que o atrela a um incidente específico na vida de Davi. O breve poema possui quatro passagens: (1) lamento de abertura de Davi (v. 1,2); (2) sua vigorosa confissão de confiança (v. 3,4); (3) seu ato de fé determinado (v. 5,6); (4) seu lamento prossegue (v. 7,8).

**3.1,2** — Nesse ponto da vida de Davi, havia um desafeto em especial que o perturbava muito — seu filho Absalão. Mas os amigos de Davi também haviam se tornado seus desafetos, porque o advertiam de que ninguém o ajudaria, nem mesmo Deus. *Selá*. Este é um termo musical, talvez indicando uma pausa nas letras para um interlúdio melódico.

**3.3,4** — A frase *mas tu, Senhor* muda o clima do salmo, de depressão para confiança. Davi diz três coisas a respeito do Senhor: (1) Quando ninguém ajudou Davi, Deus foi seu *escudo*. (2) Quando Davi nada tinha de valor financeiro, Deus foi sua *glória*. (3) Quando ninguém o estimulava, Deus em pessoa o estimulava a erguer a *cabeça*. O *santo monte* é uma referência poética à morada de Deus no paraíso; o local de adoração de Israel era apenas um símbolo físico dessa morada.

**3.5,6** — *Eu me deitei e dormi*. Dada a aflição por que Davi passava, é impressionante o fato de ele ter desfrutado de uma noite de sono. Isso só lhe foi possível por causa do poder de Deus, que o amparava. O dom do descanso de Deus pode ser concedido até nas épocas mais turbulentas. *Não terei medo* — Quando Deus protege alguém, não há o que temer (Sl 23.4; 27.3; 118.6).

**3.7,8** — Em linguagem de salmos de lamentação, Davi conclama Deus a *levantar-se*, a tomar posição em favor dele, a inclinar-se para ouvir sua prece (40.1). *Nos queixos*. Na metáfora poética usada por Davi, seus inimigos são como feras poderosas, cuja força está na mandíbula e cujo terror reside nos dentes. O golpe dado por Deus na fonte da força deles significa que não serão mais uma ameaça. A *salvação*, neste caso, refere-se à libertação do perigo imediato que o salmo descreveu antes. Um dos sentidos da palavra hebraica traduzida por *salvação* é espaço para respirar. O *teu povo*. Conforme é padrão nos Salmos, a experiência do indivíduo vira modelo para a comunidade.

### Salmo 4

O *Salmo 4* é conexo ao Salmo 3 em clima e conceito. Ambos falam da possibilidade de encontrar tanta paz na presença de Deus que, até mesmo quando dilacerada de dor física e emocional, a pessoa ainda consegue dormir em paz (Sl 3.5; 4.8). Este é um salmo de lamentação individual, mas que expressa um grau de confiança incomum. Aos perversos proclama-se esperança, e não destruição. O Salmo 4 é o primeiro que possui um sobrescrito falando de sua natureza musical.

*Para o cantor-mor* é um aviso indicando que este salmo pertence a uma antiga coleção de salmos usados no louvor do templo.

*Neginote* especifica a instrumentação musical, de cordas, indicada para o salmo. A observação *Salmo de Davi* serve não somente como notificação de autoria, mas também como lembrete de que esse poema foi feito para ser cantado.

A estrutura do Salmo 4 é a seguinte: (1) clamor de libertação (v. 1); (2) aviso aos ímpios, estimulando-os a deixar a falsidade e confiar em Deus (v. 2-5); (3) afirmação de que só Deus é capaz de conceder a verdadeira alegria, paz de espírito e segurança permanente (v. 6-8).

**4.1** — A frase *ó Deus da minha justiça* pode ser também traduzida por *Ó meu Deus justo*. A expressão tem duplo significado: (1) somente Deus é justo; (2) toda a justiça da pessoa deriva dele e somente dele. O salmista enfrenta uma situação de muita necessidade, mas sua confiança em Deus permanece bastante forte. Ele fala com Deus nos termos de Seu caráter — de Sua *justiça*. Fala depois da proteção que Deus já lhe deu na vida: *na angústia me deste largueza*.

**4.2** — *Até quando*. Os salmistas têm por hábito usar essas palavras para questionar Deus (Sl 13.1,2). Aqui, são ditas aos perversos. *Minha glória*. Para o crente, o senso de glória ou honra pessoal se encontra em sua relação com o Salvador.

**4.3** — *Separou*. Esta é a mensagem central do salmo. Deus identificou os que lhe são *queridos* — os que são devotados a Deus e Seus caminhos. Ele cuida bem deles e ouve suas preces.

**4.4,5** — *Perturbai-vos e não pequeis*. Estas palavras são citadas por Paulo no Novo Testamento para descrever a ira santa (Ef 4.26). Aqui, o salmista exorta o leitor a não deixar a raiva ou a ansiedade destruírem a confiança e fé absolutas que se deve ter no Senhor. *Oferecei sacrifícios de justiça*. Estas palavras falam de vivenciar a salvação. *Confiai no Senhor*. Aqui se fala aos perversos (1.4-6). Portanto, neste salmo, o poeta conclama seu próximo a depositar sua fé em Deus (Sl 67).

**4.6** — *O bem*. Embora nossa vida muitas vezes pareça estar cheia de incerteza, nada é incerto quando se tem Deus. *Luz do teu rosto*. Esta expressão lembra a bênção a Arão (Nm 6.26) e indica a graça de Deus. Aqueles sobre quem o Senhor resplandece Sua face são verdadeiramente abençoados.

**4.7** — *O seu trigo e o seu vinho*. A alegria concedida por Deus transcende a alegria da colheita. A produção agrícola, resultado de chuva perene sobre solo fértil, era uma bênção de Deus para o

Seu povo. Mas há algo maior que celeiros cheios e cisternas transbordando — a alegria da presença de Deus.

**4.8** — A paz que Deus dá está longe de ser uma técnica de relaxamento. É uma paz que permite à pessoa aflita deitar-se e *dormir* (Sl 3.5).

### Salmo 5

O *Salmo 5*, um salmo de lamentação, fala de um período não especificado de aflição na vida de Davi, época de inimigos que se opunham declaradamente a ele e ao seu reinado. Na cultura do Antigo Testamento, a bênção ou a maldição era um apelo a Deus para *fazer* o que fora especificado na bênção ou maldição. Assim, quando os inimigos de Davi jogavam pragas nele, acreditavam que essas maldições faziam que os poderes divinos caíssem sobre ele para destruí-lo. Neste salmo, Davi está aflito por causa das mentiras e jactâncias de seus adversários (Sl 101.7). Ele identifica sua própria causa com a do Senhor, de forma que os ataques a ele se constituem também em ataques a Deus. O *justo* do versículo 12 refere-se, em última análise, a Jesus, conforme é comum no livro de Salmos (1.6). O Salmo 5 se desenvolve em três partes: (1) oração ao Senhor de livramento em tempos difíceis (v. 1-6); (2) desejo de louvar ao Senhor em tempos difíceis (v. 7-9); (3) anseio pelo juízo final do Senhor em tempos difíceis (v. 10-12).

**5.1-3** — *Dá ouvidos*. Como em Salmo 4.1, trata-se da linguagem de alguém que crê, a partir da experiência, que Deus se esqueceu de seu caso. Aquele que sofre clama ao Senhor para ser ouvido, embora Ele nunca haja parado de ouvir e cuidar. *Meditação* aqui quer dizer gemidos incessantes. *Rei meu*. Os salmistas muitas vezes dirigem-se a Deus como rei, o Rei dos reis. Às vezes, os Salmos falam da prece *pela manhã* (Sl 88.13) — um hábito elogiável, que ajuda a pessoa a dedicar todas as atividades do dia à glória de Deus.

**5.4-6** — *Que tenha prazer* significa que desfrute ou ache motivo para rir. Não há o que desfrutar no mal. A palavra hebraica para *loucos* é a mesma empregada para descrever o louvor a Deus. A adoração a Deus é o foco dos Salmos, mas alguém



## APROFUNDE-SE

### DEUS SENTE ÓDIO?

Sabemos pelas Escrituras que Deus é um Deus de amor, que tem misericórdia dos pecadores (Sl 103.3; Mt 9.12-13). Ainda assim, os Salmos declaram que Ele *aborrece* quem comete iniquidade e perversidade (Sl 5.5; 11.5). Como podemos reconciliar estas imagens aparentemente contraditórias de Deus?

Quando a Bíblia fala em *aborrecimento*, não se refere à reação humana normal de retaliação ou *acerto de contas* por se haver sofrido algum mal. Também não quer dizer uma resposta irada e irracional ao erro e à injustiça. O *aborrecimento* bíblico descreve uma expressão de raiva contida, fundada em compromisso com a justiça. Deus fica com raiva, sim, do pecado que deforma e destrói Sua criação, especialmente seres humanos feitos à Sua imagem. Ele não tolera aquilo que viola Sua obra *muito boa* (Gn 1.31).

Mas a justa indignação de Deus não é um acesso de raiva. É, isso sim, a aplicação cuidadosamente ponderada de desaprovção e penalidade justas contra a má ação. É a ira divina contra o mal (Sl 2.5,12).

adorar a si próprio — pura loucura e jactância — é uma perversão humana do verdadeiro louvor. *Não pararão*. Este salmo fala do juízo final sobre os perversos (compare com Sl 1.5). Não terão permissão para estar em Sua gloriosa presença. *Aborreces*. O aborrecimento (ódio) de Deus não é mero sentimento, mas uma ação de Sua vontade. A expressão *os que praticam a maldade* ocorre frequentemente nos Salmos para descrever quem pratica o mal sistematicamente (Sl 14.4).

**5.7,8** — *Mas eu*. No texto em hebraico, estas palavras marcam um contraste forte com a descrição precedente dos perversos. A palavra hebraica para *templo* pode ser usada para falar de qualquer estrutura de grande porte — *palácio* ou *casarão*. Davi era líder da reforma do louvor a Deus em Jerusalém e estabeleceu uma estrutura de adoração que seria usada no templo a ser construído por Salomão. Davi usa a palavra *templo* em antecipação do futuro prédio grandioso. Todas as gerações posteriores de adoradores hebreus compreenderiam melhor sua própria adoração por causa do emprego dessa palavra nesses salmos. *Aplina diante de mim o teu caminho*. Davi ora para que Deus esclareça a ele Sua vontade.

**5.9,10** — *A sua garganta é um sepulcro aberto*. Esses termos descrevem as palavras perversas usadas pelas pessoas que se opõem a Deus. Paulo empregou as palavras desses versículos para argumentar que todos os homens estão sob o pecado (Rm 3.13).

**5.11,12** — *Alegrem-se*. Aqui o salmista descreve a alegria dos que estão salvos, o êxtase daqueles que Deus salva de sua própria e merecida destruição. Nossa alegria deve se concentrar sempre em nosso Salvador (Fp 4.4).

### Salmo 6

O Salmo 6 é um salmo de lamentação que compartilha elementos com os salmos penitenciais. Davi estava passando pelo que ele julgava ser uma doença fatal. Sentia que a doença poderia tê-lo abatido por causa de seus próprios pecados. O título do salmo é semelhante aos dos Salmos 4 e 5. A especificação de instrumentos lembra que este salmo, bastante pessoal, fez parte da adoração no templo quando construído. Ele tem quatro momentos: (1) pedido de *misericórdia* ao Senhor em tempos de grande aflição (v. 1-3); (2) afirmativa de que o louvor ao Senhor provém dos vivos (v. 4,5); (3) descrição do sofrimento do salmista (v. 6,7); (4) repúdio aos inimigos do salmista, pois o Senhor ouviu suas preces (v. 8-10).

**6.1-3** — *Na tua ira*. O salmista sofre de grave doença física, da qual teme jamais se recuperar (v. 5). Sua principal preocupação não só é a de que seu sofrimento seja maior do que ele possa suportar, mas também que seja fruto de uma grande insatisfação do Senhor. Em sua dor, Davi clama a Deus (como em 38.1). *Meus ossos* é uma maneira poética de descrever uma doença muito incômoda; todo o ser de Davi está atormentado.

**6.4,5** — *Volta-te*. Esta é uma parte típica da petição em um salmo desse tipo (Sl 13). Conclamar Deus a agir baseia-se na fé, até mesmo durante tempos de muita angústia. *Por tua benignidade*. Talvez o termo mais significativo do texto hebraico com relação ao caráter de Deus é o traduzido aqui por *benignidade*. A palavra hebraica descreve aquilo que alguns preferem chamar de amor fiel de Deus. As traduções variam, pois a palavra tem profundo significado. Exceto pelo próprio nome de Deus (*Yahweh*), pode ser este o termo isolado mais importante que o descreve como objeto de louvor no livro de Salmos (Sl 36.5). *No sepulcro*. Quando um crente morre, sua voz se perde do coral de cantores do templo de Deus. O raciocínio é claro: se Deus ainda deseja ouvir a voz de Davi em louvor, deve conservar a vida de Davi. Davi seria inútil para Deus se estivesse morto; vivo, pode cantar, gritar e testemunhar o amor e a misericórdia de Deus (Sl 94,17).

**6.6,7** — *Faço nadar a minha cama*. Este exagero é uma forma de ressaltar a veracidade de sua dor. Ele parece estar chorando tanto que se acha prestes a encharcar sua cama, secar seu canal lacrimal e morrer de angústia.

**6.8-10** — *Apartai-vos*. O Salmo 6 é um salmo de lamentação no qual o Senhor responde à oração do aflito Davi. A mudança de clima no salmo se deve à resposta do Senhor. Davi, que estivera tão doente, foi curado. O Senhor respondeu à sua oração. *Todos os que praticais a iniquidade*. Consulte os Salmos 14.4; 101.8. *Envergonhem-se e perturbem-se todos os meus inimigos*. O salmista fala com justa indignação contra os que o desrespeitaram e, pior de tudo, debocharam de seu Deus.

### Salmo 7

O *Salmo 7* é um salmo de lamentação contendo alegações de inocência de Davi. Em alguns salmos, o salmista indica que seu sofrimento é merecido. Nesses casos, acaba confessando o pecado. Mas em outros, o salmista, como faz Davi aqui, acredita não merecer o sofrimento ou sentimento de abandono. Este salmo expressa, assim, sua dor aguda. É claro que nenhum de nós está livre de pecado e culpa. Em última análise, todos

merecemos a ira de Deus (Rm 3). Mas, quando nos tornamos filhos de Deus, esperamos Sua compaixão. Muitas vezes, ficamos abalados ao depararmos com o sofrimento. A mensagem predominante no livro de Salmos, no entanto, é dupla: (1) Deus é bom; e (2) a vida é difícil. A vida de fé é vivida entre essas duas realidades. Embora haja referência no título a *Cuse, filho de Jemini*, as Escrituras não nos identificam quem tenha sido ele; bem como que acontecimento na vida de Davi possa ter desencadeado este salmo. O poema é composto de diversos momentos breves: (1) apelo inicial por livramento (v. 1,2); (2) declaração de inocência (v. 3-5); (3) apelo ao juízo divino, primeira parte (v. 6-8); (4) apelo ao juízo divino, segunda parte (v. 9,10); (5) descrição do trabalho de Deus como juiz (v. 11-13); (6) retrato do ímpio (v. 14-16); (7) voto de louvor (v. 17).

**7.1,2** — *Em ti confio*. O verbo empregado como que descreve a atitude do filhote da ave que busca refúgio sob as asas maternas. Essa imagem é encontrada novamente, tanto no livro de Salmos (Sl 11.1; 17.8) quanto em outros livros (Rt 2.12). *Que ele não arrebate a minha alma, como leão* transmite vividamente o temor do salmista. Davi tinha visto certamente um leão capturar a presa e compara isso com o seu próprio destino em ser capturado e estraçalhado.

**7.3-5** — *Se eu fiz isto*. Davi alega ser inocente de todas as acusações de seu inimigo contra ele (Sl 94). *Calque aos pés a minha vida*. Estas palavras solenes são ditas a Deus. O Senhor pode exercer seu juízo usando dos inimigos de Davi se for falsa a sua declaração de inocência.

**7.6-8** — *Na tua ira*. Trata-se de um apelo para que Deus mostre Sua ira contra os adversários do salmista, para julgá-los de sua calúnia. *Exalta-te*. Davi implora ao Senhor que Se erga do trono e intervenha em seu favor, trazendo justiça à situação intolerável (Sl 3.7). *Julga-me*. Somente alguém confiante em sua própria inocência ousaria erguer esse clamor ao Senhor. Davi era inocente das acusações. Não atacava sem motivo (v. 3-5).

**7.9,10** — Em hebraico, a expressão *os corações e os rins* tem o sentido de corações e mentes — trata-se de uma forma antiga de descrever o íntimo

da pessoa. *O meu escudo* significa que Deus paira sobre o crente como um escudo militar, uma defesa invisível (Sl 33.20).

**7.11-13** — *Deus que se ira*. A indignação de Deus se direciona aos inimigos de Seu povo. *Afiará a sua espada*. As imagens dos versículos 12 e 13 são de um grande guerreiro se preparando para a batalha. O Guerreiro é o Senhor, e a batalha é contra os perversos (Sl 37.9; 118.10).

**7.14-16** — *Concebeu trabalhos*. Os perversos são as mães de problemas. Dão à luz sua própria destruição.

**7.17** — *Altíssimo* é um termo muito usado para se referir à autoridade de Deus sobre as nações (Sl 47.2; 78.35; Dt 32.8). O Deus de Israel não é mais uma divindade nacional — Ele governa todas as nações.

### Salmo 8

O Salmo 8, salmo de louvor com traços de sabedoria, é uma reflexão poética sobre o grande texto da criação em Gênesis 1. Exprime o deslumbramento para com a natureza sublime e majestosa de Deus. Mas o núcleo do salmo fala de seres humanos, uma raridade nas Escrituras. Até mesmo esse enfoque, no entanto, leva à adoração de Deus, o Criador da humanidade.

Assim, o salmo expressa em música o sentido da expressão *à sua imagem* de Gênesis 1.26-28. A estrutura do poema é: (1) prólogo em louvor do admirável nome de Deus (v. 1); (2) crianças louvando a Deus (v. 2); (3) louvor ao Criador da humanidade (v. 3-8); (4) epílogo em louvor do admirável nome de Deus (v. 9).

**8.1** — *Quão admirável é o teu nome*. O nome de Deus e a glória de Deus são formas alternativas de descrever quem Ele é. Veja a descrição do significado do nome de Deus em Êxodo 3.14,15 e o foco no nome de Deus no Salmo 113.1-3. O Salmo 8 termina com as mesmas palavras com que começa. Estas palavras de louvor ao nome de Deus são como uma moldura para o tema central — o louvor ao ser humano, masculino e feminino, que Deus fez para refletir Sua grandeza.

**8.2** — *Da boca das crianças*. Este versículo é citado por Jesus (Mt 21.16) para os sacerdotes e escribas que queriam silenciar aqueles que bendiziam *Aquele que veio em nome do Senhor* (Salmo 118.26).

**8.3,4** — *Teus céus*. Davi mostra-se extasiado com os esplendores da criação; as maravilhas da natureza o levam a louvar seu Criador. Até o universo, com suas distâncias infinitas, é obra dos dedos do Senhor (Sl 19.1). *Que é o homem*. Ante



## APLICAÇÃO

### DEUS, O JUIZ

Não importa quanto as nações justifiquem e julguem as próprias atitudes, o juiz final de sua conduta é Deus. Sua justiça, que emana de Seu caráter, é o baluarte último a partir do qual todo certo e errado são medidos (Sl 9.4). Este Juiz honrado censura as nações da época de Davi por não fazerem o mesmo que Davi fez, no Salmo 8 — aceitar a Deus (Sl 8.1,9).

O reino de Israel ergueu-se rapidamente a um lugar de proeminência e poder sob os reinados de Davi e seu sucessor, Salomão. Essa janela de oportunidade abriu-se em um período durante o qual nenhum império dominava o Oriente Médio (c. 1000 a.C.). O Egito se achava em declínio, e a Assíria ainda não se tornara uma potência. Os dois reis israelitas aproveitaram a oportunidade para fortalecer as defesas de Israel, expandir suas fronteiras, aumentar suas trocas comerciais e amealhar imensas riquezas.

Enquanto isso, muitos vizinhos de Israel continuaram ignorando Deus e governando com perversidade. Em vez de governar seus povos com justiça e compaixão, oprimiam-nos. Também atacavam outras nações sem provocação, destruindo inocentes (Sl 9.6). Deus reagiu, destruindo os destruidores. Ele jurara não se esquecer dos necessitados e frágeis e vingava as injustiças que esses haviam sofrido, apagando os perversos do mapa (Sl 9.7-18).

O mesmo Deus justo vê e julga o mundo de hoje. Ele observa as atitudes das nações e não deixará seus pecados sem castigo. As nações e seus líderes devem satisfações ao Senhor e precisam reconhecer que os líderes humanos não passam de mortais (Sl 9.20).

a vastidão da criação e a glória insuperável do Deus Criador, quem somos nós para conjeturar sobre Ele? Aqui, *homem* refere-se a todos os seres humanos, independentemente do gênero.

**8.5-8** — *Pouco menor o fizeste do que os anjos.* A resposta às perguntas retóricas do versículo 4 é notável. O ser humano, masculino ou feminino, está no topo da criação divina. O texto em hebraico diz: *you feiz que lhe faltasse pouco para Deus.* A Septuaginta, antiga tradução grega do Antigo Testamento, traduziu por *anjos* a palavra hebraica com o sentido de *Deus*. O autor de Hebreus baseia na Septuaginta seu argumento em Hebreus 2.5-9. Ambas as leituras seriam, assim, verdadeiras. Deus fez os humanos à Sua imagem, apenas um pouco menor que os anjos. *De glória e de honra o coroaste* completa e explica a frase paralela *pouco menor o fizeste do que os anjos*. Deus criou os humanos como criaturas majestosas, que deveriam governar sobre Sua criação; em nossa condição decaída, no entanto, tornamo-nos profundamente desfigurados, uma distorção da majestade que Deus planejou (Sl 9.20). Mas Jesus resgata aqueles que investirem sua fé nele. Em Cristo, recuperamos a majestade; nele, nos tornamos as pessoas que Deus quer que sejamos. Sempre que nos sentirmos desvalorizados, as palavras deste salmo nos podem animar. Nós, todos os seres humanos, somos valiosos para Deus porque o próprio Deus nos criou à Sua gloriosa imagem.

**8.9** — *Ó Senhor, Senhor nosso.* A primeira palavra aqui é o nome divino *Yahweh*. A segunda palavra em hebraico traduzida por *nosso Senhor* fala daquele que está no controle, *nosso Soberano*.

### Salmo 9

O Salmo 9 pode ter formado, originalmente, um único poema junto com o Salmo 10. Há indícios de que vários salmos foram reestruturados de diversas maneiras (Sl 42; 43). Note-se que o Salmo 10 não tem sobrescrito novo e que os dois salmos tratam do mesmo tema. Além disso, em hebraico, estes salmos formam um acróstico parcial. Dez das letras iniciais dos versos do Salmo 9 seguem a ordem do alfabeto hebraico, e sete letras iniciais do Salmo 10 continuam no mesmo pa-

drão. Em hebraico, esse padrão é agradável ao ouvinte e atesta a capacidade do poeta. Embora os Salmos 9 e 10 sejam de lamentação, apresentam uma determinação triunfante de louvar a Deus. É a seguinte a estrutura do Salmo 9: (1) determinação de louvar ao Senhor (v. 1,2); (2) recapitulação dos feitos salvadores de Deus (v. 3-5); (3) desforra de Deus aos Seus inimigos (v. 6-8); (4) declaração de confissão (v. 9,10); (5) declaração de louvor a Deus (v. 11,12); (6) pedido de livramento a Deus (v. 13-16); (7) visão do julgamento dos ímpios (v. 17,18); (8) clamor de livramento a Deus (v. 19,20). O título do salmo, que atribui o poema a Davi, pode indicar também a canção sobre a qual deveria se cantar a letra, *Mute-Labém* (a morte do filho).

**9.1,2** — *De todo o meu coração.* Não se louva de verdade com metade do coração; deve-se investir todo o ser no louvor (Sl 146.2). As palavras desses dois versículos são características do louvor a Deus encontrado nos Salmos. Ele deve ser adorado por Suas obras e Seu nome. Seu nome representa quem Ele é; Suas obras representam tudo o que Ele faz. *Altíssimo* é como uma alcunha do Senhor, especialmente, como o rei de todas as nações (Sl 47.2; 78.35; Dt 32.8).

**9.3-5** — *Os inimigos não são identificados; isso é comum nos Salmos.* Todo ouvinte, recitador, leitor, pode preencher sua própria lista de pessoas que o perturbem. O poeta tem certeza de que Deus está no comando (v. 4) e exerce Seu julgamento (v. 5). Portanto, em meio aos problemas, o salmista é capaz de antever a derrocada dos seus inimigos (v. 17,18).

**9.6-8** — *Um dia, até os nomes dos inimigos de Deus serão esquecidos.* Mas o nome de Deus *está assentado perpetuamente*. Um dia, haverá um juízo final em que Deus tornará reto todo erro e estabelecerá Sua paz baseada em justiça (Sl 96.13).

**9.9,10** — *Refúgio* fala de uma altura segura, um lugar inacessivelmente alto. Davi passava muito tempo ao ar livre e usava assim de figuras geográficas para descrever o maravilhoso zelo protetor de Deus (Sl 91.1,2). *Que conhecem o seu nome.* Conhecer o nome de Deus no Antigo Testamento equivalia a ter fé salvadora no Novo

Testamento. *Não desamparaste* explica um pouco mais o sentido do nome de Deus. Como o Senhor é Deus, não pode abandonar aqueles a quem fez promessas. É um Deus fiel — um Deus que não desiste de Seu povo.

**9.11,12** — *Inquire do derramamento de sangue.* Deus não é uma pessoa qualquer; é o Vingador (Dt 32.35). Um dia, Deus julgará os perversos. No fim, estabelecerá Seu justo reinado.

**9.13-16** — Davi pede que sua vida seja poupada *das portas da morte* para que possa louvar ao Senhor *às portas* do templo. Davi passou das portas da morte para as portas da vida. Só Deus poderia operar tamanha virada; somente o Senhor poderia puxá-lo de tais profundezas. *Filha de Sião* era um termo afetivo para Jerusalém. Assim como Jacó era *filho* de Deus, Jerusalém era filha dele (Sl 48). *Na rede.* Davi ora para que o mal que os ímpios planejam lhe fazer se volte contra eles mesmos (Sl 7.15,16; 35.7,8).

**9.17,18** — *Inferno.* Do mesmo modo que os Salmos falam do céu como destino dos virtuosos (23.6), também falam do inferno como destino dos perversos (Sl 1.6). É um lugar do qual os virtuosos querem distância (Sl 86.13). Trechos como este confirmam a afirmativa do Novo Testamento de um dia de juízo final, em que a justiça de Deus será praticada e a perversidade da humanidade contumaz finalmente será castigada (Mt 25.31-46). *A expectativa dos pobres* refere-se à esperança, muitas vezes frustrada, que os oprimidos sentem nesta vida. Um dia eles serão redimidos, pois o próprio Deus é o seu Protetor (Sl 140.12).

**9.19,20** — *Não prevaleça o homem.* Embora os seres humanos sejam feitos à imagem de Deus, conforme descrito no Salmo 8, grande é a perversidade da humanidade decaída. A humanidade rebelada contra Deus é uma grave perversão do plano de Deus. O Senhor não deixará essa arrogância prosseguir.

### *Salmos 10*

O Salmo 10 fazia parte do Salmo 9 originalmente. Os dois formam um salmo só na Septuaginta, a antiga tradução grega das Escrituras

hebraicas. O Salmo 10 reitera o desejo expresso no Salmo 9 de que o Senhor dê conta dos inimigos ímpios do salmista. Este salmo exprime urgência. O salmista implora para ser liberto imediatamente de seus inimigos. O Salmo 10 está assim formado: (1) questionamento da inação do Senhor (v. 1,2); (2) descrição dos atos dos ímpios (v. 3-11); (3) novo clamor para o Senhor iniciar seu julgamento (v. 12,13); (4) profissão de fé no juízo do Senhor (v. 14,15); (5) apresentação de louvor ao Deus Rei (v. 16-18).

**10.1,2** — *Por que te conservas longe* são palavras clássicas de lamento ou luto (Sl 13.1-3). Conforme o salmista vai vendo as atitudes do ímpio, vai se irando contra a perversidade e questionando como Deus pode continuar apático e inativo. Mas, mesmo com suas dúvidas, continua a orar ao mesmo Deus que pode libertá-lo de seus problemas.

**10.3,4** — *Todas as suas cogitações são: Não há Deus.* Para o salmista, este é o aspecto mais difícil das circunstâncias (Sl 14.1). Seus inimigos ímpios conseguem, sem pensar em Deus, orgulhar-se de si próprios. Viram a realidade de cabeça para baixo, adorando o mal e maculando Deus.

**10.5,6** — Somente os que usam a Palavra de Deus como seu arrimo de confiança podem dizer com certeza: *Não serei abalado* (Sl 15.5). O ímpio que perdeu toda noção de Deus presume que pode usar essas mesmas palavras. No entanto, acabará por ser varrido pelo turbilhão de problemas deste mundo (Pv 10.25; Mt 7.24-27).

**10.8-10** — *Nos lugares ocultos.* O salmista vê os perversos como opressores. Parecem-se com feras à espreita, prestes a atacar suas presas.

**10.11** — *Deus esqueceu-se.* Os perversos comportam-se perversamente porque duvidam que o Senhor conheça, importe-se ou vá agir contra seus atos. Querem crer que não haverá juízo final; então se sentem livres para fazer as coisas ao seu jeito. Porém, a verdade é que Deus irá impor a justiça (v. 14,15).

**10.12,13** — *Levanta-te, Senhor.* O salmista renova a conclamação ao Senhor para que atue (Sl 9.19,20).

**10.14,15** — *Tu o viste* é uma profissão de fé em Deus clássica dos salmos de lamentação. Deus



sabe da situação; Ele a vê; e agirá sobre ela. Deus protege aqueles que, como o *órfão*, não têm outra proteção (Sl 27.10). *Quebranta o braço*. Tal como em 3.7, é um chamado a Deus para que destrua o poder do ímpio. Essa maldição impetuosa contra o ímpio demonstra a justiça divina.

**10.16-18** — O *Senhor é Rei*. Estas palavras sugerem que os Salmos 9 e 10 sejam salmos reais. Os salmos reais têm geralmente um ponto de vista mais positivo. Defendem a posição de que Deus é Rei e que o mundo é estável e não pode ser abalado. Por outro lado, os Salmos 9 e 10 questionam como pode existir tanta aflição no mundo se Deus é Rei. Entretanto, como Deus de fato é Rei, este salmo se encerra com uma prece fervorosa para que Sua vontade se faça na terra como no céu (Ap 19.1-6).

### Salmo 11

O *Salmo 11* é um salmo de fé. O título atribui o salmo a Davi. Em meio a salmos de lamentação (Sl 9; 10; 12), exprime grande confiança no Senhor Todo-poderoso. É o contexto de adversidade que faz este salmo de fé ainda mais impressionante. Este breve poema possui três momentos: (1) uma afirmação de fé no Senhor mesmo durante o ataque dos ímpios (v. 1-3); (2) uma afirmação de fé no Senhor, que reina sobre tudo e julgará os atos dos perversos (v. 4-6); (3) uma afirmação de confiança em Deus por causa de quem Ele é (v. 7).

**11.1-3** — A expressão *no Senhor confio* descreve a busca de um refúgio, semelhante a um pássaro que buscasse proteção segura sob as asas da ave-mãe (Rt 2.12). *Fugi como pássaro* — eis, todavia, o desafio desdenhoso dos ímpios. Os ímpios são como seu pai, o diabo (Jo 8.44; 2 Cr 11.13-15). Veem os justos como pássaros indefesos voando para seu ninho na montanha. Não percebem que o ninho na montanha é a proteção no próprio Senhor. *Armam o arco*. Trata-se de uma imagem dos ímpios à caça do justo (Sl 10.8-10). *Os fundamentos se transtornam*. Este versículo representa o desafio do ímpio ao justo — uma acusação falsa, feita de palavras mentirosas. Mas os fundamentos *não* estão transtornados; muita coisa há ainda que os justos *podem* fazer (Ef 6.10-

18). Acima de tudo, podem continuar confiando em Deus, seu verdadeiro fundamento.

**11.4-6** — As palavras *no seu santo templo* comprovam ser falsa a acusação no versículo 3. Deus *está* no controle; os fundamentos não estão transtornados. *Os seus olhos estão atentos*. Pode até parecer que Deus não está prestando atenção (Sl 10.11), mas Ele tudo vê e irá agir (Êx 2.23-25; 3.6-15). *Prova o justo*. Há momentos em que o Senhor permite que as provações entrem na vida do justo para testá-lo. Mas os atos de Deus são



**EM FOCO**

**NAÇÕES (HB. GOY)**

(Sl 2.1; 10.16; Jz 2.21).

A palavra hebraica *goy* significa basicamente uma corporação ou grupo de pessoas e é traduzida por *gentes*, *gentios* ou *nações*. Embora *goy* possa ser usado para designar o povo de Israel, especialmente antes de chegar a Canaã (Js 4.1; 5.6), o termo geralmente se refere às nações vizinhas e pagãs (Dt 4.38; Jz 2.21,22). Tais nações, caracterizadas por sua perversão (Dt 9.4,5), eram consideradas inimigas de Deus (Sl 2.1; 10.16). Ainda assim, não estavam irremediavelmente perdidas, pois diz também o Antigo Testamento que a graça de Deus viria a ser estendida a todas as pessoas, com a vinda do Messias prometido (Is 2.2; 11.10; 42.6).

mais severos com o ímpio, que Ele *aborrece* (abomina). A palavra hebraica para *aborrecer* é um termo forte, que significa basicamente rejeição (Sl 5.5). *Chover laços*. A fonte para prever o julgamento com fogo e enxofre é a história do juízo divino sobre Sodoma e outras cidades junto ao mar Morto em Gênesis 19.

**11.7** — Como o *Senhor é justo*, o crente aflito pode continuar a confiar nele. Essa fé permite que a pessoa ignore os golpes do ímpio. O crente só precisa retornar ao abrigo das asas de Deus para renovar sua força e propósitos em meio a um dia turbulento.

### Salmo 12

O *Salmo 12*, um salmo de lamentação, começa se concentrando no poder da boca perversa do ímpio (Sl 52; 120). Encerra com uma afirmação



## ENTENDENDO MELHOR

### ONDE DEUS HABITA

Alguns trechos das Escrituras parecem declarar que Deus vivia no oráculo (ou no Santo dos Santos) do tabernáculo e, mais tarde, do templo. Outras passagens parecem dizer que Deus mora no céu. Então, onde exatamente vive Deus?

A resposta é que Deus é totalmente espírito e infinito; portanto, não é limitado por tempo e espaço. Não se pode dizer que Ele habita um lugar, como se fosse limitado a esse local específico. No máximo, pode-se dizer que Deus vive em todos os lugares, embora seja uma forma bastante humana de encarar o assunto. Deus vive na eternidade, que está além da compreensão humana.

O Salmo 11 espelha este mistério, dizendo que a morada de Deus fica *nos céus* (Sl 11.4). Sua presença no templo era real, mas não exclusiva.

Deus se deu a conhecer em nosso mundo em determinados locais e momentos. Revelou-se aos israelitas no monte Sinai (Êx 19.16-20), depois no tabernáculo (Lv 9.23,24) e no templo (2 Cr 5.14). Revelou-se sobretudo em Seu Filho, Jesus (Jo 1.14; 14.9). Paulo escreve que Cristo vive nos crentes (Gl 2.20), assim como o Espírito de Deus (1 Cr 3.16).

A mensagem que todos devemos aplicar é a de que Deus não é limitado a prédios. Não quer dizer que as casas de adoração, como os santuários de igreja, não tenham valor, mas são mais um refúgio para nós do que propriamente uma residência para Deus.

forte do poder das palavras puras e verdadeiras de Deus. O título atribui o poema a Davi. O salmo se divide em cinco partes: (1) uma descrição do jargão dos perversos (v. 1,2); (2) uma oração para a intervenção divina (v. 3,4); (3) a intervenção do Senhor para livramento do Seu povo (v. 5); (4) a caracterização da linguagem de Deus (v. 6,7); (5) um lembrete da presença contínua dos perversos (v. 8).

**12.1-3** — *Faltam os homens benignos.* Davi está em dúvida de se ainda resta algum justo. *Fala com falsidade.* Este salmo acusa os ímpios de usar palavras para destruir e magoar os outros.

**12.4** — *Com a nossa língua.* Como os perversos não se submetem a qualquer autoridade acima deles, muito menos a Deus, creem que podem falar o que bem entendam.

**12.5-7** — *Me levantarei agora.* Com essas palavras dramáticas, Deus fala a Davi e revela Seu caráter reto. Ele não há de demorar; julgará as palavras dos perversos. *Palavras puras.* Contrastando com as palavras falsas dos ímpios (v. 1-4), as palavras de Deus são inteiramente confiáveis. A natureza eterna e fixa do Senhor serve de garantia para Suas palavras. Ele estabelecerá a justiça exatamente como prometeu a Davi (v. 5).

**12.8** — *Os ímpios circulam.* Até mesmo com Deus prometendo Seu juízo, ainda assim os per-

versos procuram gente a quem destruir. Um dia, sofrerão o castigo integral (Sl 10.16-18). Por hora, ainda temos de batalhar, com a ajuda do Espírito Santo, contra o mal de nossa própria alma e a perversidade que permeia o mundo.

### Salmo 13

O *Salmo 13* é um salmo de lamentação, um clamor emocionado ao Senhor para que mande ajuda. É atribuído a Davi. É um salmo curto, até mesmo abrupto, mas possuindo tom e imagens bem vigorosos. Há semelhanças entre ele e o Salmo 142. O salmo possui três partes: (1) lamentação pelos abandonados (v. 1,2); (2) pedido de desafogo (v. 3,4); (3) confissão e voto de adoração (v. 5,6).

**13.1,2** — Estes dois versículos apresentam todos os três pronomes que aparecem em um típico salmo de lamentação: (1) [eu] *consultarei*; (2) [tu] *esquecerás*; (3) (ele) *se exaltará*. Davi exclama *até quando* quatro vezes em dois versículos (Sl 4.2; 6.3). O Senhor permite a Davi desabafar sua angústia diante dele. Mas, ao terminar Davi a oração, o Senhor já lhe deu uma perspectiva correta da situação. A única opção do salmista é, portanto, confiar na misericórdia suprema do seu Deus amado.

13.3,4 — *Alumia os meus olhos.* Assim como alguém que se aproxima da morte pode sentir falhar sua visão (Sl 38.10), Davi também sente a morte e roga a Deus que intervenha antes que ele morra. *Para que o meu inimigo não diga.* Se Deus não intervier, não só o salmista estará perdido para a comunidade que louva ao Deus vivo (Sl 6.5), como também seus inimigos cantarão vitória sobre ele e seu Deus. Em última análise, a honra do Senhor está em jogo. *Não alegrem.* A alegria dos inimigos seria intolerável, pois seria uma alegria contra Deus, em quem o salmista confiou (Sl 35.19).

13.5,6 — Eis aqui a virada do salmo. O tom do salmo muda abruptamente de desespero para esperança. Neste versículo, Davi se lembra de seu compromisso de confiar completamente em Deus. O termo *benignidade* descreve o *amor fiel* de Deus, Sua fidelidade ao Seu comprometimento de cuidar de Seu povo. *Cantarei* é o voto do salmista de adorar a Deus na comunidade de louvor. Certo de que Deus o libertará, Davi decide comunicar ao povo como ele se sente — eis aí a essência do louvor (Sl 40.1-3).

### Salmo 14

O Salmo 14, bastante próximo do Salmo 53, é um salmo de sabedoria, atribuído a Davi. Fala da levandade de se viver como se Deus não existisse. O salmo apresenta três momentos: (1) uma descrição de como o mal é insidioso (v. 1-3); (2) a afirmativa de que o juízo final virá (v. 4-6); (3) uma prece pelo reino de Deus (v. 7).

14.1 — A palavra *néscio* não se refere a incapacidade mental, mas, sim, a insensibilidade moral e espiritual. A expressão *não há Deus* sugere o ateísmo prático, a visão de que, se existe um Deus, isso não importa na vida da pessoa. Este é o ponto de vista explanado em Salmos 10.4,11 e 12.4. A palavra hebraica para *corrompido* contém a ideia de leite azedado. Quem para de acreditar em Deus acaba por azedar: degenerou e irá fazer mal.

14.2,3 — O Senhor olhou desde os céus. Aqui, a averiguação do Senhor leva ao Seu juízo (como em Gn 6.12). *A linguagem vívida é uma forma de* descrever a onisciência de Deus, o fato de que Deus sabe de tudo.

*Não há quem faça o bem, não há sequer um.* O que a Bíblia ensina sobre a depravação não é que todo indivíduo seja tão mau quanto poderia conseguir ser, mas que o pecado existe em toda pessoa (Rm 3). Como ninguém é perfeito, devemos todos pedir perdão a Deus — que Ele concede prodigamente àqueles que depositam sua confiança em Seu Filho, Jesus (Ef 1.7; 1 Jo 1.9).

14.4,5 — Os perversos não têm *conhecimento* da verdade de Deus. Embora as pessoas possam ser brilhantes em suas áreas humanas de conhecimento, ainda assim podem ser insensíveis à moralidade e espiritualmente cegas às questões que têm *consequências eternas.* *Meu povo* refere-se àqueles que são fiéis a Deus. Deus libertou pessoas da prisão da perversidade — é este o Seu povo, que deve seguir o Seu caminho. Podem se tornar alvos preferenciais dos maus, por serem diferentes destes. *Ali* é um advérbio que alude ao juízo final.

14.6 — *Seu refúgio* refere-se a abrigo, como a sombra sob a copa de uma árvore. Davi gostava de viver ao ar livre e muitas vezes precisou abrigar-se com *urgência contra as intempéries da natureza.* Ele usa essa experiência para descrever as várias formas pelas quais Deus protege o Seu povo da tempestade do mal que os fustiga (Sl 9.9).

14.7 — *A redenção de Israel* refere-se a uma salvação futura, o futuro reino de Deus (Sl 2; 89).

### Salmo 15

O Salmo 15 pode ser considerado um salmo de sabedoria, mas concentra-se mais na abordagem correta da adoração a Deus. Embora todos os salmos sejam dedicados ao louvor, podemos chamar este poema, especificamente, de salmo de adoração, porque se concentra especialmente nesse assunto. O salmo indaga quem é justo o suficiente para se aproximar de Deus. Com toda a certeza, seria apenas Jesus, o Messias. Sempre houve, no entanto, aqueles que se apresentaram diante de Deus como pecadores perdoados, cuja benignidade é um dom de Deus. *Nós que estamos em Cristo aprendemos a ingressar seguramente na presença do Senhor* porque ali nos colocamos em nome de Seu Filho, Jesus



## APROFUNDE-SE

### SALMOS DE LAMENTAÇÃO

Nos salmos de lamentação, ouvimos as palavras fortes e emocionadas dos sofredores. São palavras escritas por gente de verdade, ao passar por situações muito difíceis. Às vezes, a força das queixas dos salmistas contra Deus é assombrosa. Mas esses justos sofredores sabem que Deus não ficará aborrecido por serem honestos, porque até mesmo quando gritam a Deus, é um grito de fé.

A estrutura básica dos salmos de lamentação é a seguinte:

1. Um clamor de abertura.
2. O lamento propriamente dito:
  - Estou sofrendo
  - Você não se importa
  - O inimigo está vencendo
3. Uma profissão de fé.
4. Motivos para Deus agir.
5. Pedidos:
  - Ouve-me
  - Salva-me
  - Castiga-os
6. Um voto de louvor a Deus.

O clamor de abertura pode ser muito curto — apenas um *Ó Deus*, como em Salmos 79.1. É um grito de aflição do salmista para que o Deus vivo venha em seu socorro mais uma vez — como já o fizera antes.

O lamento propriamente dito costuma ter três partes. A primeira apresenta a dor e a mágoa que o salmista está sentindo (SI 6.6). A segunda parte do lamento é a mais surpreendente, porque nela o salmista fala diretamente a Deus. Muitas vezes, Deus é acusado de falta de atenção, esquecimento ou não se importar mais com o salmista e sua situação difícil (SI 13.1). Na terceira parte, o salmista descreve o sucesso dos ímpios (SI 10.3-11). Os perversos apresentam dois problemas intoleráveis ao salmista: um é o ataque pessoal ao salmista, que é amigo de Deus; o outro é o que esse ataque maligno significa para a reputação de Deus.

Nos salmos de lamentação, essas queixas são acompanhadas por declarações de confiança. A profissão de fé mostra que o salmista ainda acredita em Deus — até mesmo quando a sua fé está sob o assédio dos males do mundo, das pressões dos conselheiros e das dúvidas importunas. Em meio à situação angustiante, o salmista se recorda de como Deus cuidou dele no passado (SI 13.5).

Muitos salmos de lamentação contêm uma seção dando motivos extras para Deus interceder. Nela, o salmista dá maiores detalhes de sua situação, das atitudes dos perversos ou das consequências para a sua vida e para a comunidade crente se o Senhor não libertá-lo de suas aflições.

Fundamentado em uma confiança renovada no Senhor, o salmista apresenta seus pedidos. Clama a Deus para que ouça sua voz, liberte-o e castigue seus inimigos, que zombam de sua fé em Deus (SI 71.13). Por fim, o salmo se encerra com um voto de louvor. O salmista promete adorar a Deus perante a congregação quando Deus o libertar de seu sofrimento (SI 9.14).

Os salmos de lamentação são um modelo de resposta benigna ao sofrimento. O Senhor não espera que aguentemos o sofrimento com estoicismo. Podemos desabafar com o Senhor. Porém, em meio aos clamores, devemos nos lembrar do zelo amoroso com que Deus nos tratou antes para confiarmos cegamente nele para o futuro. Com esse tipo de reação, podemos renovar nossa esperança no Deus vivo.

(Hb 4.16). O Senhor nos deixa à vontade na presença do Pai. Este salmo, atribuído a Davi, apresenta-se sob a forma de perguntas e respostas, em três movimentos: (1) a pergunta sobre quem pode se aproximar de Deus (v. 1); (2) a resposta (v. 2-4); (3) a bênção (v. 5).

15.1 — *Quem habitará.* Ninguém, exceto os sacerdotes, podia residir nas dependências do templo de Jerusalém. Estas palavras falam de um acesso à presença de Deus em que a pessoa se sentisse aceita por Ele bem à vontade, como que na própria casa onde habita.



## EM FOCO

## ALEGRIAS (HB. SIMCHAH)

(Sl 16.11; Ne 8.12,17; Pv 21.15; Jn 4.6)

Essa palavra hebraica é uma dentre várias palavras recorrentes desse idioma que expressam felicidade e regozijo transbordantes. Como seus sinônimos, pode ser aplicada a uma disposição do coração (Pv 14.10; Jr 15.16). Frequentemente, ela aparece no contexto de festas (Ne 8.12) e cantos (Sl 137.3; 1 Sm 18.6), como na profecia que fala do canto de Deus sobre Jerusalém (Sf 3.17). A palavra também é usada para caracterizar a felicidade insensível dos inimigos do povo de Deus (Jz 16.23; Ez 35.15; 36.5), dos tolos (Pv 15.21), dos preguiçosos (Pv 21.17) e hipócritas (Jó 20.5); todavia, a alegria na Bíblia normalmente é associada ao povo de Deus, que celebra Sua bênção em diversas ocasiões — banquetes, coroação de reis, vitória em batalha, consagração das muralhas reconstruídas de Jerusalém (Nm 10.10; 1 Rs 1.40; 2 Cr 20.27; Ne 12.27). Na verdade, Moisés exorta os israelitas a servirem a Deus com alegria para não perderem a Sua graça (Dt 28.47).

*Santo monte.* Como em Salmos 3.4, essa é uma expressão usada para falar da presença de Deus no tabernáculo ou no templo. O termo hebraico é genérico, referindo-se a qualquer lugar em que o tabernáculo estivesse situado, no tempo de Davi; leitores e cantores mais recentes passaram a aplicar corretamente essas palavras ao templo de Jerusalém.

**15.2-4** — *Aquele que anda em sinceridade* refere-se à retidão relativa, não absoluta, pois ninguém é inocente perante Deus. O Senhor nos ordena que nos santifiquemos (1 Pe 1.15,16) e nos dá capacidade de nos santificarmos (2 Ts 2.16, 17).

*O réprobo é desprezado.* A pessoa sincera para com Deus rejeita tudo aquilo que Deus abomina (v. 4,5). A mensagem não se refere ao ódio como emoção, mas, sim, à rejeição deliberada, pelo justo, do caminho dos ímpios (1.1).

*Mesmo que jure com dano seu.* Quando uma pessoa honrada faz um juramento, este deve ser honrado, mesmo que isso venha a fazer a pessoa sofrer.

**15.5** — *Nunca será abalado.* A promessa de Deus aos virtuosos vale para esta vida e a que está por vir. O Senhor é o porto seguro do justo.

### Salmo 16

O Salmo 16, um salmo de lamentação, tem um aspecto profético digno de nota, que espelha muito das profecias messiânicas sobre o Servo Sofredor (Is 53). Este poema de Davi tornou-se essencial na pregação dos apóstolos da Igreja primitiva (At 2.22-31). Possui quatro partes: (1)

um pedido de libertação dirigido a Deus (v. 1-3); (2) a condenação dos perversos e suas práticas (v. 4); (3) uma exaltação do relacionamento do salmista com Deus (v. 5-8); (4) a afirmativa confiante de que Deus poupará e abençoará a vida do salmista (v. 9-11).

**16.1-4** — *Em ti confio.* Davi usa aqui, mais uma vez, a imagem do pássaro que busca abrigo sob as asas maternas, para expressar sua confiança absoluta em Deus (compare com Sl 7.1; 11.1). A partir dessa forte mostra de confiança, consegue alardear que sua benignidade procede apenas de Deus. Ele divide com o povo de Deus o usufruto de Sua presença.

**16.5-8** — *Minha herança* refere-se à Terra Prometida. Deus havia concedido essa herança a Seu povo (Dt 6.1-3). Concedeu, todavia, herança ainda maior aos levitas, que não receberam nenhuma parte da terra (Nm 26.62): sua parte na herança estava no Senhor. Davi possuía direito ancestral de herança sobre a terra. Como rei, possuía também extensas propriedades reais. Mas sabia que nenhuma herança superava sua relação com o Deus Todo-poderoso.

**16.9-11** — *Vereda da vida.* Com esta expressão, Davi refere-se à sua escapada da morte em um momento de crise, mas também à vida eterna, concedida pelo Salvador ressurreto a todos os que nele confiam.

### Salmo 17

O Salmo 17 utiliza o salmo de lamentação de uma maneira especial: trata-se de uma jura de

inocência (Sl 26; 35; 43; 69). É atribuído a Davi. Às vezes, Davi sofre sob a mão de ferro da ira divina porque há pecados não confessados em sua vida. Porém, em outras ocasiões, afirma que seus problemas não foram provocados por qualquer vício em sua vida. Neste caso, roga a Deus que o livre do mal. Deus mostra neste salmo que Se preocupa especialmente com aqueles que passam por desgostos imerecidos, mesmo que permita tais aflições por motivos que talvez jamais conheçamos nesta vida. O poema se desenvolve em seis movimentos: (1) clamor de libertação (v. 1,2); (2) aceitação das provações de Deus (v. 6-9); (3) clamor a Deus por misericórdia (v. 6-9); (4) descrição dos ímpios (v. 10-12); (5) novo clamor de libertação (v. 13,14); (6) declaração de fé absoluta (v. 15).

**17.1,2** — *A justiça*. Com esta palavra, Davi dá o tom do salmo. Alegando inocência, espera convencer Deus a agir em seu favor e libertá-lo de seu problema. Roga a Deus que lhe visite o coração para depois proferir sua *sentença*, muitas vezes traduzida por *justiça* ou livramento.

**17.3-5** — *Provaste o meu coração*. Davi sabe que Deus fez o que ele pedira mesmo antes de ter feito o pedido. Ou seja, Deus conhecia as necessidades de Davi e o que ele trazia no coração. A oração ajuda Davi a concentrar-se na fonte de sua força e reafirmar sua determinação de viver uma vida pura (Sl 1.1-3; 19.14).

**17.6-9** — *Inclina para mim os teus ouvidos* é uma imagem idiomática para descrever a misericórdia de Deus (Sl 40.1): Deus inclinar-se-á à terra para ouvir o clamor de Davi.

*As tuas beneficências*. Este termo significativo, que fala do amor fiel de Deus, é encorpado aqui pelo uso do termo hebraico para *maravilhosas*, palavra que, na Bíblia, só é usada para se referir a Deus.

*À menina do olho*. Assim como a pessoa tem a reação instantânea de proteger o olho, Deus zela instintivamente pelos Seus servos.

*À sombra das tuas asas*. Aqui, Deus é descrito como uma galinha com pintinhos — no sentido protetor. Os pintinhos que buscam abrigo sob as asas de sua mãe encontram não só segurança

como também calor e amor. Da mesma forma, Deus vela por nós.

**17.10-12** — As palavras *na sua gordura* representam a insensibilidade, de forma semelhante a Isaías 6.10. *Parecem-se com o leão*. Palavras semelhantes às de 10.8-10. A mensagem é a de que os perversos são insensíveis às necessidades humanas; agem como leões que esperam a oportunidade de certa para destruir sua presa.

**17.13,14** — *Levanta-te, Senhor*. Os mesmos termos empregados no Salmo 9.19,20 e 10.12,13.

*Cuja porção está nesta vida*. O ímpio vive sua vida pensando somente em obter os prazeres deste mundo. O justo não deve ficar tentando conseguir o que esta vida tem a oferecer, mas buscar a Deus e seguir o Seu caminho.

**17.15** — *Satisfar-me-ei da tua semelhança quando acordar*. Este versículo é um texto crucial sobre a imortalidade bíblica, no Antigo Testamento. Tendo rejeitado a ideia de que os prazeres desta vida são satisfatórios para além do imediato, Davi antevê o dia em que despertará na glória e será restaurado à semelhança de Deus.

### *Salmo 18*

O *Salmo 18* é atribuído a Davi. Seu texto está também em 2 Samuel 22, com algumas variações. Seu sobrescrito indica ser um hino de celebração de Davi à graça de Deus. Pode ser um salmo de fé (Sl 23), mas é singular. O longo poema abrange os seguintes momentos: (1) declaração de fé e descrição da redenção (v. 1-6); (2) descrição poética da batalha de Deus pela libertação de Davi (v. 7-19); (3) exposição das bênçãos de Deus aos justos (v. 20-27); (4) oferta de louvor à pessoa do Senhor (v. 28-36); (5) narrativa de batalhas e vitórias no Senhor (v. 28-36); (6) louvor final à obra redentora de Deus (v. 46-50).

**18.1** — *Eu te amarei de coração, ó Senhor*. O poeta declara amar a Deus duas vezes nos Salmos (Sl 116.1). Aqui, uma palavra incomum para *amor* é empregada, referindo-se a uma paixão tão grande quanto o amor de mãe.

**18.2,3** — A palavra hebraica para *meu rochedo* é equilibrada por seu paralelo hebraico, *minha fortaleza*, que também quer dizer *meu rochedo*.

Referências a Deus como uma fortaleza na montanha que protege o crente são muito encontradas nos Salmos (Sl 91.1-3; 144.1). É uma imagem particularmente significativa para Davi, que muitas vezes teve de se esconder nos montes pelo bem de sua vida (1 Sm 26.1,20). As palavras *fortaleza* e *alto refúgio* reforçam a imagem de Deus como Protetor.

**18.4-6** — Nestes versículos, Davi fala de como sua vida estava ameaçada. Empregando termos bastante fortes, exprime sua dor ao observar a proximidade da morte.

*Cordas do inferno.* Da profundeza de sua aflição, Davi revela sua situação angustiada a Deus. Clama ao Senhor, e o Deus fiel lhe responde.

**18.7-9** — *A terra se abalou [...] Abaixou os céus.* Sob estas palavras poéticas, existe o entendimento de que o Todo-poderoso poderá até virar o universo pelo avesso, caso seja necessário, para acudir Seu servo.

**18.10-14** — A expressão *montou num querubim* se assemelha às descrições de Baal na poesia cananea. Davi tomou das palavras geralmente usadas para glorificar Baal e aplicou-as ao Deus verdadeiro, o único que realmente merece esse louvor.

*Querubim* é um símbolo real, que, assim, representa o poder e a glória de Deus (Sl 80.1). As referências à *escuridão* representam o lado oculto de Deus. Ele não pode ser inteiramente compreendido por aqueles que criou. As referências a *resplendor* representam a santidade de Deus.

**18.15** — *As profundezas das águas.* É o ápice da imagem de Deus virando o universo de cabeça para baixo (v. 7). Até os recônditos mais ocultos do mar estão expostos, como estão os elementos que sustentam a unidade da terra. O Senhor Deus faz isso tudo só para resgatar seu servo Davi (v. 16). Todo o temível poder do Senhor é utilizado para salvar aquele que o adora. O trecho ilustra vividamente porque o crente não tem motivo para temer (Hb 13.6).

**18.16-19** — *Tirou-me das muitas águas.* Outra vez, Davi toma de empréstimo uma expressão cananea, tornando-a louvor a Deus. As *águas* eram vistas como deuses das trevas em Canaã. Mas, segundo Davi, Deus é Senhor sobre tudo, e as águas são Suas criaturas. Ele liberta Seu servo, Davi, de qualquer força que possa acorrentá-lo. Por que Davi pode até supor que Deus destroçaria toda a criação para agir em seu favor? Porque Deus Se agrada daqueles que o servem.

**18.20-24** — *A pureza de minhas mãos.* Davi alega ser íntegro, como no Salmo 17. Compare estas palavras com a descrição das mãos ensanguentadas dos adoradores impuros em Isaías 1.15.

*Sincero.* Como no Salmo 15, trata-se de referência a uma retidão relativa. Ninguém é inteiramente inocente perante Deus. Mas Deus permite a Seus servos buscarem a retidão nesta vida.

**18.25-30** — *Com o benigno.* O poeta descreve os atos de Deus conforme as pessoas com quem se relaciona. Deus trata cada pessoa segundo as atitudes dela. Opõe-se ao altivo, mas redime o



## APLICAÇÃO

### COMO CONHECEMOS DEUS

Nossa compreensão de Deus provém de três níveis de Sua própria revelação: a revelação geral de Si mesmo, por meio da natureza, que Ele criou (Sl 19.1-6); a revelação especial de Sua Palavra (Sl 19.7-11); e a obra particular de Deus na vida do indivíduo (Sl 19.12-14). Depois de haver olhado para o firmamento do mundo de Deus e para a Palavra sobre a qual se fundamenta este mundo, Davi se concentra em suas próprias angústias internas.

O Salmo 19 se assemelha a muitos salmos, por olhar para a frente e para trás, para cima e para baixo, para fora e para dentro (compare com o Sl 139). Davi percebeu quanto precisava que Deus apresentasse uma compreensão integrada da vida. Podemos obter o mesmo entendimento se usarmos esses salmos multifocais, primeiramente para meditarmos sobre o glorioso universo de Deus, depois para aplicarmos a disciplina espiritual de confissão, estudo bíblico e oração à nossa própria vida, e, finalmente, para testemunharmos publicamente aquilo que sabemos, vimos e vivemos sobre Deus no céu, ao nosso redor e dentro de nós.

*afli*to quando se volta humildemente para Ele, buscando força.

**18.31** — *Quem é Deus*. Com esta pergunta, Davi está confessando que é impossível comparar Deus a qualquer pessoa, deus ou objeto (Sl 113.5; Is 40.25).

**18.32-36** — O uso de armadura de batalha, como *escudo*, como imagem da proteção de Deus ao justo, é encontrado tanto no Antigo como no Novo Testamentos (Ef 6.10-20).

**18.37-41** — *Persegui os meus inimigos*. Deus dá forças a Davi para concluir a batalha contra os seus inimigos. O próprio Deus é um Guerreiro (Êx 15.3) e reveste os Seus servos para a batalha.

*Até ao Senhor*. Ao que parece, no calor da batalha, os inimigos de Davi não receberam ajuda de seus deuses, de forma que gritaram pelo auxílio do Deus de Davi. Mas Deus não lhes respondeu. Só há uma prece feita pelo ímpio a que Ele responde — a do arrependimento.

**18.42,43** — *Cabeça das nações* é uma expressão que fala, profeticamente, do reinado do Messias. Davi conquistou seu império porque o Senhor trabalhou em seu favor. Mas o império de Davi era apenas uma imagem do reino do Senhor que, um dia, seria governado pelo maior descendente de Davi, o Senhor Jesus.

**18.44-50** — Normalmente, louvava-se ao Senhor na congregação dos israelitas. Às vezes, os salmistas falavam das vitórias de Deus entre os *estranhos* (gentios), que adoravam outros deuses (Sl 138.1). Era essa uma forma de atividade missionária no período do Antigo Testamento (Sl 117.1). Ao proclamar as vitórias de Deus sobre as nações, os poetas as conclamavam a responder

com fé. Não é de admirar que Paulo haja citado o versículo 49 (ou seu paralelo, 2 Sm 22.50) em Romanos 15.9 como indicador da intenção permanente de Deus de levar Sua salvação a toda gente. *Do seu rei*. As vitórias de Davi são protótipos das vitórias do grande Rei que há de vir. A utilização da palavra *ungido* é adequada a Davi, mas aponta além, para o Salvador, que é O Ungido (Sl 2.2). As palavras *com Davi*, e *com a sua posteridade para sempre* conectam as promessas anteriores ao único Filho de Davi que herdou um reino eterno, Jesus, o Salvador (2 Sm 7).

### Salmo 19

O *Salmo 19*, um salmo de sabedoria, celebra a Palavra de Deus no contexto da criação. Assim, tanto é um salmo da criação quanto um salmo da Torá. Tanto os salmos da criação quanto os da Torá são vistos como subgrupos dos salmos de sabedoria. O poema se inicia nos céus, depois fala da Palavra, e culmina no coração do servo de Deus. O poema possui três partes: (1) celebração da grandeza da criação de Deus (v. 1-6); (2) celebração da pureza da Palavra de Deus (v. 7-11); (3) pedido de reconsideração da vida pessoal e de aceitação por Deus (v. 12-14).

**19.1-6** — Toda a criação, incluindo os céus, revela a glória e a majestade de Deus (Rm 1.18-20).

*Firmamento* é outra palavra para os céus (Gn 1.6). A ampla extensão que vemos é um testemunho da perícia de Deus (Sl 8.3). Do ponto de vista da terra, nenhum corpo celeste é tão maravilhoso quanto *o sol*. No antigo Oriente Médio, o Sol era comumente visto como deus. Neste poema, nada mais é que um símbolo maravilhoso do Criador.



#### EM FOCO

#### PURO (HB. BAR)

(Sl 19.8; 24.4; Pv 14.4)

Este termo hebraico aparece apenas sete vezes na Bíblia e sempre nos livros poéticos. Possivelmente, deriva de um verbo que pode significar: (1) purificar; (2) escolher ou selecionar; ou (3) fazer brilhar ou polir. Em Salmos 19.8, a palavra está associada aos olhos, sugerindo brilho (compare com Pv 4.18). Os conceitos de *seletividade* e *brilho* podem encaixar-se no uso dessa palavra na descrição da sulamita casta e pura (a palavra é traduzida por *imaculada*, em Cantares 6.9,10). O termo aparece junto a outras palavras que denotam limpeza e pureza (Sl 19.7-9), especialmente pureza de coração (Sl 24.4; 73.1).



*Qual noivo.* É assim representado como que nele se glorificasse seu Criador.

**19.7-11** — A lei é a Torá, que significa instrução ou orientação. Este trecho (v. 7-9) apresenta seis palavras para falar da lei de Deus: *lei; testemunho; preceito; mandamento; temor; e juízos*; seis avaliações da lei: *perfeita; fiel; reta; pura; limpa; e verdadeira*; e seis resultados seus: *refrigera a alma; dá sabedoria aos simplices; alegria o coração; alumia os olhos; permanece eternamente; e é justa*. O valor das Escrituras não pode ser comparado a qualquer outra coisa desejável — nem mesmo ao ouro. A lei dá o segredo da sabedoria, da alegria e, o mais importante, da vida eterna.

**19.12-14** — *Os próprios erros.* A discussão da natureza e da perfeição da lei de Deus leva o salmista a considerar a própria imperfeição. Ele sabe ter *erros* que são *ocultos* e pecados de *soberba*. Pede para ser purificado de ambos. Sua prece final corresponde a Salmos 139.23,24. *Libertador meu* representa Deus como Aquele que obtém nossa liberdade de quaisquer grilhões ou escravidão. O sentido principal da palavra é *defensor dos direitos da família*.

### Salmo 20

O Salmo 20, um salmo real, é um salmo de fé, atribuído a Davi. Seu tom é de bênção, tal como a bênção que um rei concederia à sua gente, talvez à véspera de uma batalha. O breve poema tem três momentos: (1) a bênção de Deus à batalha (v. 1-5); (2) a garantia da proteção divina (v. 6); (3) a afirmação de fé no Deus-Rei (v. 7-9).

**20.1-5** — *No dia de angústia* provavelmente se refere ao dia de batalha. Mas se aplica de forma ampla a qualquer dia aflitivo da vida do crente.

*Santuário.* Acreditava-se que o auxílio divino provinha do templo de Jerusalém. Na verdade, provém da morada celestial de Deus, a qual o santuário terrestre simbolizava.

*Teus holocaustos.* Os soldados prestes a ir para a guerra teriam realizado os sacrifícios necessários à confissão de pecados (Lv 1—7). No contexto imediato, a *salvação* é utilizada para descrever o livramento diário dos rigores da batalha e a vitória sobre o inimigo. Mas a libertação que o Senhor

nos concede de nossos problemas espirituais merece o mesmo tipo de louvor.

**20.6** — O rei Davi era o *ungido* do Senhor (Sl 18.50).

*Sua destra.* Trata-se de um termo que exprime a maravilhosa libertação dos israelitas do Egito (Sl 17.7; 44.3; 118.16; Êx 15.6).

**20.7-9** — *Carros* (carruagens) eram a principal arma da Antiguidade no campo de batalha. Os instrumentos de guerra eram meras ferramentas na mão de Deus, pois a batalha lhe pertence. *Ouçá-nos o Rei.* Acima do rei Davi, havia Deus, o Rei dos reis; além disso, um dia o Rei Jesus reinaria sobre todos os mares.

### Salmo 21

O Salmo 21 é mais um salmo real de Davi. Enquanto o Salmo 20 é uma prece do rei para que Deus abençoe seu exército, o 21 garante a bênção de Deus sobre o rei. Ambos, como todos os salmos reais, falam, em última análise, do Rei maior que virá, o Senhor Jesus. O Salmo 21 tem quatro instantes: (1) declaração de glória a Deus pelo rei (v. 1,2); (2) análise da bênção de Deus sobre o rei (v. 3-7); (3) expectativa da destruição definitiva de todos os inimigos do rei (v. 8-12); (4) renovado compromisso do povo em louvar a Deus (v. 13).

**21.1,2** — *Se alegre em tua força.* Os reis antigos costumavam se alegrar por sua própria força e poder (Sl 20.7,8). Mas o rei sábio agradava-se do Todo-poderoso, porque todo o poder provém dele.

*Tua salvação.* Pode estar se referindo, em última análise, à salvação espiritual, mas a questão imediata pertence a este mundo. Um dos sentidos da palavra hebraica *salvação* é espaço para respirar. Deus havia concedido ao rei Davi o livramento de toda pressão e todo embaraço. Jesus fala desse tipo de salvação em Mateus 24.13, como também o faz Paulo em Filipenses 1.19 (Tg 1.21).

*O desejo do seu coração.* O Senhor concede as aspirações das pessoas quando derivadas de um desejo fundamental para a honra e glória de Deus (Sl 20.4; 37.4; 145.19).

**21.3-7** — *Bênçãos de bondade.* O rei Davi considera tudo o que possui presente de Deus;

sua realza (a *coroa*) é presente do Senhor, mas o maior presente de Deus é a *vida* — temporal e eterna. Em retribuição a Deus por tantos presentes, Davi confia no Senhor, pois sabe que esta confiança não está depositada em algo errado (Sl 15.5). As palavras deste trecho não devem se limitar ao rei Davi, pois falam genericamente das bênçãos de Deus sobre todos os crentes. Cada um de nós partilha a bênção da verdadeira realza quando colocamos nossa confiança no Senhor, o Rei dos reis.

**21.8-12** — Como é costume nos Salmos, os *inimigos* do rei são inimigos do Senhor. Portanto, a maldição sobre os inimigos é causada por zelo santo pela glória de Deus (Nm 25).

*Quando te manifestares* pode se referir a qualquer ocasião do juízo de Deus; compare, porém, com o *Dia do Senhor* (Jl 2.1; Sf 1.14).

*Seu fruto*. Os perversos pretendem fazer mal ao Senhor; mas Ele triunfará, fazendo que não escapem de Sua ira.

**21.13** — *Exalta-te*. O salmista encerra com uma exclamação de alegria, liderando os fiéis em adoração a Deus pela promessa de Sua vitória definitiva.

### *Salmo 22*

O *Salmo 22* é um salmo de profunda lamentação, que se encerra como um salmo de louvor a Deus e libertação. Embora fale de aflição particular de Davi e de como o Senhor o libertou, também se refere profeticamente à crucificação e ressurreição de Jesus. Os termos que Davi utiliza para descrever sua situação são inspirados pelo Espírito Santo. Portanto, ele pôde avançar mil anos para descrever precisamente as experiências de Jesus, o Salvador — tanto Sua morte cruel como Sua ressurreição vitoriosa. Consulte também o Salmo 69, que prevê o sofrimento emocional e espiritual de Jesus. O título do Salmo 22 indica que era cantado ao som da canção *O cervo do alvorecer*. O longo poema possui duas partes: (1) descrição da agonia de morte iminente — alternando lamentação, confissão e petição (v. 1-21); (2) celebração extasiada da grande vitória — uma série de votos solenes de louvor ao Senhor na congregação (v. 22-31).

**22.1-3** — Com as palavras *Deus meu, Deus meu*, Davi expressa um agudo sentido de separação de Deus em tempos de grande aflição (Sl 38.21). Estas palavras foram de novo pronunciadas por Jesus durante Sua agonia na cruz (Mt 27.46; Mc 15.34).

**22.4** — *Em ti confiaram nossos pais*. Mesmo em meio a uma grande dor, Davi confessa sua fé no Deus de seus pais. Deus fora fiel às gerações anteriores; com certeza, continuará fiel àqueles que recorram a Ele (no v. 21, está a resposta leal de Deus).

**22.5-8** — O sofrimento de Davi faz sentir-se menos que um ser humano — um *verme*. Quando Davi se achava no fundo do poço, seus inimigos ridicularizaram sua fé no Senhor. São palavras que descrevem também o que sentiu o Salvador ao suportar os insultos de Seus atormentadores (Mt 27.27-31, 39-44).

**22.9,10** — *O que me preservaste*. Com tantos problemas e deboches à volta, Davi deposita sua confiança no Senhor — Aquele em quem confiou desde o início de sua vida. A reação de Davi às circunstâncias difíceis é instrutiva. Em vez de duvidar da bondade de Deus, ele reafirma sua fé para toda a vida no Todo-poderoso.

**22.11** — *Não te alongues de mim*. Davi repete seu rogo original (v. 1), para enfatizá-lo (v. 19-21). Não pode suportar o sofrimento sem a ajuda divina.

**22.12-15** — O salmista usa imagens vívidas para descrever sua angústia. Vê-se cercado por *touros e leões*. Além disso, sua aflição é tão profunda que lhe parece ter sido sua vida sugada, como alguém que esvazia um jarro d'água. Estas palavras tornam-se ainda mais lancinantes quando aplicadas ao padecer de Jesus na cruz (Jo 19.34).

*A língua se me pega ao paladar*. As palavras de Jesus *tenho sede* (Jo 19.28) expressam a dor dessa *secura* tão terrível.

*No pó da morte*. Para Davi, a morte seria evitada ainda desta vez (como em Sl 16.9,10), mas, para o Salvador, a sentença não foi adiada.

**22.16,17** — *Cães*. É a terceira representação animal dos inimigos de Davi (v. 12, 13).

*Traspassaram-me as mãos e os pés* prevê claramente a crucificação do Senhor Jesus Cristo. Essas palavras são figuras de linguagem representando terríveis vivências de Davi; mas, como profeta (At 2.30), ele falou com precisão do sofrimento de Jesus.

**22.18** — Na crucificação de Jesus, soldados tiraram a sorte por Seus *vestidos*, cumprindo fielmente este texto (Mt 27.35).

**22.19-21** — Até este ponto, o foco deste salmo havia sido o sofrimento do salmista. O Senhor Deus, que parecia tão distante (v. 1,11), agora é chamado a se aproximar para *socorrer, livrar e salvar* Davi. O Senhor é a única fonte de *força* que pode ajudá-lo a repelir os ataques daqueles que o atormentam. O emprego de metáforas animais acontece novamente, agora em ordem inversa: *cão, leão e unicórnios* — comparativamente a *touros* (v. 12), *leão* (v. 13) e *cães* (v. 16).

**22.22-24** — Este salmo não somente fala da dor de Davi e profetiza o padecer de Jesus na cruz, como também ilustra como Deus liberta. O Senhor respondeu, e Davi, que sofrera tanto, promete cantar em louvor ao Senhor, seu Redentor.

*Nem escondeu dele o seu rosto.* O salmo, que começou com uma sensação de desespero por sentir-se separado de Deus (v. 1), termina em adoração e gratidão. Na verdade, Deus está próximo, nos responde e nos salva. As esperanças de Davi não foram em vão.

**22.25,26** — Davi promete louvar a Deus, por Sua salvação milagrosa, em meio a outros crentes — na *congregação* do templo (Sl 13.6). Esta proclamação pública iria estimular os demais a depositar sua fé no Senhor fiel, que resgata Seu povo.

**22.27-30** — *Todos os limites da terra.* Para Davi, estas palavras significavam a disseminação da notícia para locais muito além de Judá. Para o Senhor Jesus, falaríamos da futura propagação do evangelho de redenção a *todas as gerações das nações* — um cumprimento da promessa de Deus de que abençoaria todas as nações mediante os descendentes de Abraão (Gn 12.3).

*Todos os que descem ao pó* é uma expressão bíblica comum, referente à morte física e à decomposição posterior.

**22.31** — *Ao povo que nascer.* A mensagem evangélica da morte e ressurreição de Jesus há de se espalhar não apenas geograficamente, mas também por todas as eras. Todas as pessoas ouvirão a mensagem clara do que Deus fez.

### Salmos 23

O *Salmos 23* é um salmo de fé. Em seis versículos, desenvolve-se o único tema do primeiro versículo. Davi não teme nem se preocupa, pois o Senhor é o seu Pastor. Este salmo de fé apresenta duas faces de Davi. Por um lado, ele é a *ovelha* cujo Pastor é o Senhor. Ao mesmo tempo, uma das descrições de realza mais comuns na Antiguidade era a do



## ENTENDENDO MELHOR

### O PASTORZINHO

O Salmo 23, o salmo do pastor, foi composto por quem foi pastor em sua juventude.

- Davi estava fora, cuidando das ovelhas, quando o juiz Samuel dirigiu-se ao seu pai, Jessé, para encontrar um rei do agrado de Deus (1 Sm 16.11).
- Caçula de oito irmãos, Davi foi deixado para trás para cuidar das ovelhas enquanto três irmãos seus foram para a guerra. Mas ele às vezes os visitava (Sl 17.12-20,28).
- Davi usou de habilidade aperfeiçoada durante anos de pastoreio para matar Golias (Sl 17.34-37,40-51).
- Davi é lembrado por ter sido escolhido por Deus e tirado dos apriscos para pastorear o povo de Israel (Sl 78.70-72).

O Salmo 23 repercute a mudança de carreira de Davi. Se os quatro primeiros versículos traçam um quadro pastoril, os dois últimos mostram Davi sentando-se a uma mesa de banquete, provavelmente como rei, enquanto seus inimigos — aqueles sobre quem Deus o fez triunfar — observam-no. Tendo crescido em locais rurais, Davi veio para a cidade para exercer autoridade e poder.

pastor. Neste sentido, Davi, como rei, era pastor do rebanho de Israel. Isso quer dizer que o Salmo 23 também é um salmo real. Embora não contenha a palavra *rei*, descreve o que significa ser um bom governante. Sobretudo, fala profeticamente de Jesus. Ele é o Bom Pastor, em quem o rebanho confia (Jo 10); e é o Rei, cujo mandato perfeito será instituído (Lc 23.2,3; Ap 17.14). O salmo possui dois momentos: (1) descrição do Senhor como o Pastor que cuida de toda necessidade do salmista (v. 1-4); (2) descrição do Senhor como o Pastor que estende Sua misericórdia a todos (v. 5, 6).

**23.1** — *O Senhor é o meu pastor.* As metáforas que Davi usa para falar de Deus provêm de sua própria vida e vivência. Ele fora pastor quando jovem (1 Sm 16.19).

**23.2** — Qualquer perturbação ou intruso assusta as ovelhas. São animais muito medrosos, que não conseguem *deitar-se* a não ser que se sintam totalmente seguros.

*Verdes pastos.* Davi emprega uma linguagem eloquente para exprimir como visualiza o grande zelo que Deus tem para com Seu povo.

*Águas tranquilas.* As ovelhas receiam os rios turbulentos. Mas podem ficar sossegadas porque Deus as supre com *águas tranquilas*.

**23.3** — *Refrigera a minha alma.* Deus refrigera o Seu povo com Sua voz tranquilizadora e Seu toque gentil. Por isso, as ovelhas conhecem seu Pastor e são por Ele conhecidas (Jo 10.14).

*Por amor de seu nome.* Os atos amorosos do Pastor provêm de Sua natureza.

**23.4** — *Vale da sombra da morte* pode significar qualquer situação de aflição em nossa vida. A consciência de nossa própria mortalidade costuma se destacar quando da doença, provação ou dificuldade. Mas o Senhor, nosso Protetor, pode nos guiar em meio a esses vales sinistros e complexos até a vida eterna junto a Ele. Não há por que temer o poder da morte (1 Cr 15.25-27).

*Tu estás comigo.* O Bom Pastor está conosco mesmo nas situações que pareçam mais complicadas e angustiantes.

*A tua vara e o teu cajado.* Os pastores da Antiguidade usavam a *vara* e o *cajado* para resgatar, proteger e guiar as ovelhas. Assim, se tornaram

símbolos do amoroso zelo do bom Pastor sobre Seu rebanho. As ovelhas não ficam sós; o pastor está constantemente a seu lado, orientando-as para local seguro — assim também o Senhor paira sempre sobre nós a nos proteger.

**23.5** — *Uma mesa perante mim.* A providência de Deus é tão abundante que é como se Ele nos tivesse preparado um banquete.

*Unges.* No antigo Oriente Médio, o convidado de honra de um banquete costumava ser unguído com azeite de oliva perfumado.

*O meu cálice.* A providência de Deus é tão exuberante quanto o vinho oferecido a um convidado por um anfitrião amplamente generoso. O lauto tratamento dado aos convidados é uma amostra do zelo que Deus tem pelo Seu povo.

**23.6** — O uso tanto de *bondade* quanto de *misericórdia* para descrever o amor leal de Deus intensifica o sentido de ambas as palavras. O que o salmista destaca no versículo 5 é a abundante misericórdia de Deus — Seu amor imerecido por nós. O verbo hebraico *seguir* refere-se aqui a um animal caçando. Quando o Senhor é nosso Pastor, em vez de sermos perseguidos por feras selvagens, somos seguidos pelo Seu amor.

*Na casa do Senhor por longos dias.* A promessa de Deus aos israelitas não era somente do usufruto desta vida na terra prometida (Sl 6.1-3); mas valia também para o usufruto total de vida eterna em Sua abençoada presença (Sl 16.9-11; 17.15; 49.15).

### Salmo 24

O *Salmo 24*, de Davi, é um dos salmos reais. Descreve a entrada do Senhor na Cidade Santa. Pode ter sido cantado quando Davi trouxe a arca da aliança para Jerusalém (2 Sm 6.15). Está muitas vezes vinculado aos Salmos 22 e 23, porque os três falam profeticamente da vinda do Senhor Jesus. O Salmo 24 também possui algumas afinidades com o Salmo 15, porque ambos fazem a pergunta de quem é digno de entrar na presença do Senhor e respondem a ela. A resposta do Salmo 15 se concentra na retidão da pessoa; a do Salmo 24 se concentra no Rei da Glória. O Salmo 24 também deve ser lido acompanhado dos Salmos 2 e 110, que também focalizam o retorno do Senhor Jesus

Cristo para instituir Seu reino na terra. Este salmo tem três passagens: (1) louvor a Deus, Criador e Soberano do mundo (v. 1,2); (2) questionamento de qual seria a abordagem apropriada ao Senhor (v. 3-6); (3) antevisão do Rei da Glória (v. 7-10).

**24.1,2** — *Do Senhor é a terra.* O salmista adora Deus como o Soberano sobre tudo aquilo que criou. Estas palavras também preparam a questão — se Deus é Senhor de tudo, quem pode abordá-Lo? — levantada nos versículos 3-5.

*Aqueles que nele habitam.* O reinado de Deus estende-se a todos, até mesmo àqueles que não reconhecem Seu poder.

*A fundou sobre os mares.* Tomando emprestado os termos de Gênesis 1, em que Deus ordena à terra seca emergir das profundezas das águas (Gn 1.2,9), Davi descreve o controle contínuo de Deus sobre as águas.

**24.3** — *Quem subirá.* Tal como exposto no Salmo 15, quem quiser se aproximar do Santo para adorá-Lo no templo de Jerusalém — Seu lugar santo — deverá fazer isso purificado. Este versículo ressalta a impossibilidade de qualquer pessoa, exceto o Rei da Glória, de ficar de pé perante Deus.

**24.4,5** — *Limpo de mãos* refere-se às ações da pessoa; *puro de coração*, à sua postura interior.

**24.6,7** — *Levantai, ó portas, as vossas cabeças.* Os portões da cidade parecem estar frouxos; as portas parecem estar soltas. Mas devem se erguer para o Rei da Glória. Ele está chegando, Aquele que pode entrar no lugar santo. À medida que se aproxima, as portas se levantam para honrar Sua entrada.

**24.8** — *Quem é este Rei.* Este elogio é para o Rei que acabou de voltar da batalha. É Ele quem pode entrar na cidade, o Senhor em pessoa. Somente com a vinda de Jesus o significado deste antigo poema se esclareceu (Mt 21.1-10; Ap 19).

**24.9,10** — *O Senhor dos Exércitos.* A repetição nestes versículos é de efeito enfático. Trata-se de glorificar o Rei por chegar.

### Salmo 25

O Salmo 25 é um salmo de lamentação. Mas, em meio à sua dor, Davi pede ao Senhor que o

perdoe. Embora contendo elementos de salmo de lamentação e de salmo penitencial, a combinação desses dois formatos o torna único. Ele forma um acróstico, com uma linha poética para cada letra sucessiva do alfabeto hebraico. A estrutura do salmo é a seguinte: (1) apelo introdutório de Davi para que não seja humilhado perante os seus inimigos (v. 1-3); (2) chamado a Deus para que perdoe o salmista (v. 4-7); (3) enfoque sobre o caráter de Deus (v. 8-10); (4) novo apelo de Davi a Deus para que o perdoe (v. 11-18); (5) apelo de encerramento de Davi para que não seja envergonhado perante os seus inimigos (v. 19-21); (6) prece de conclusão, por Israel (v. 22).

**25.1-3** — *Não me deixes confundido* é o apelo de abertura e encerramento do Salmo 25 (v. 20). A vergonha (confusão) é o fim que Deus tem para Seus inimigos (Sl 35.26), mas não para Seus fiéis.

*Os que esperam.* Esperar no Senhor é ter esperança somente nele (Sl 25.5; 40.1).

**25.4-7** — *Faze-me saber* é um apelo para que Deus entre na vida de Davi mais diretamente, ajudando-o a se ajustar ao Seu caráter (Rm 12.1,2).

*Pecados da minha mocidade.* Tanto os pecados de imaturidade quanto os da idade adulta precisam ser perdoados (1 Jo 1.9).

**25.8** — *Bom e reto é o Senhor.* Em meio ao clamor por perdão, Davi louva a Deus mencionando duas de Suas características. Deus *tem* de ser tão bom quanto reto. Por ser ambos, o Senhor estende a misericórdia aos crentes arrependidos e ao mesmo tempo promete não deixar os culpados sem castigo. Deus trará justiça a este mundo decaído.

**25.9-14** — *Perdoa a minha iniquidade.* Davi retorna ao assunto de sua própria iniquidade, resumindo os versículos 4-7 e expressando seu desejo de que o Senhor lhe ensine como melhorar.

*Os que o temem.* Aqueles que temem o Senhor dão atenção às Suas orientações e assim aprendem os segredos da sabedoria de Deus (Sl 111.10; Pv 1.7; 3.32).

**25.15-20** — *Não me deixes confundido* é uma repetição dos versículos de abertura, que se



## EM FOCO

## LEMBRA (HB. ZAKAR)

(Sl 25.6,7; 106.45)

Este verbo hebraico possui o sentido básico de *contemplar* ou *chamar à mente*. Quando ele se refere a relembrar ideias ou acontecimentos passados, é traduzido por *lembrar* (Gn 42.9; Nm 11.5). Em outros trechos, significa pensar sobre o futuro, como em *Eclesiastes 5.20*, *considerar* (Lm 1.9) e *mencionar* (Jr 20.9). Os salmistas frequentemente clamam a Deus para que se lembre de Seu povo (Sl 106.4) ou de Sua misericórdia (Sl 25.6,7). Isso não quer dizer que Deus Se esqueça, mas é um pedido para que Deus tome uma atitude segundo as Suas promessas.

concentram tanto sobre os inimigos de Davi (v. 2) quanto em sua situação de esperança contínua e paciente (v. 5).

**25.21,22** — *Redime Israel*. Este versículo de conclusão está fora do padrão de acróstico do salmo. Aqui, Davi pede ao Senhor para ser compassivo com a nação de Israel tal como o tinha sido para com ele. O Senhor era não só o Salvador pessoal de Davi, mas também o Salvador de todos os israelitas.

Salmo 26

O Salmo 26 é um salmo de lamentação em que há um protesto de inocência (Sl 17; 35; 43; 69). Ele assim se desenvolve: (1) prece pela redenção (v. 1,2); (2) afirmação de integridade (v. 3-5); (3) voto de louvor (v. 6-8); (4) prece de discriminação (v. 9,10); (5) afirmação de integridade (v. 11,12).

**26.1,2** — *Julga-me*. A palavra hebraica para julgar geralmente significa exercer julgamento; mas aqui ela quer dizer declarar que é justo.

*Minha sinceridade*. Esta é a oração de um pecador perdoado, que está vivendo no temor de Deus, mas cuja vida tem sido flagelada por males que não merece.

*Os meus rins e o meu coração* referem-se ao mais íntimo da pessoa.

**26.3-5** — *Tua benignidade*. O amor fiel (Sl 13.5) de Deus é foco recorrente do livro de Salmos.

*Não me tenho assentado*. Tal como na descrição de retidão em 1.1, Davi declara que não tem parte com os perversos ou idólatras. Em lugar disso, busca constantemente ao Senhor.

**26.6-8** — *Ao redor do teu altar*. O centro deste salmo é o desejo de adorar a Deus de toda a alma. Neste aspecto, o poema compartilha do espírito do Salmo 15.

*O lugar onde permanece a tua glória*. O local onde Deus escolheu revelar Sua glória ao Seu povo. Os sacerdotes intercediam pelas pessoas com os sacrifícios necessários. Hoje, o lugar santíssimo é na presença de Deus, onde nosso Salvador defende nossa causa (Hb 7.25).

**26.9-11** — *Não colhas*. Com base em suas alegações de integridade (v. 1,2), Davi ora pela discriminação divina (Sl 4.3). Deus distingue aqueles que responderam à Sua graça daqueles que não responderam.

**26.12** — Como sempre acontece nos Salmos, o louvor é uma atitude pública e em voz alta, que seu tem lugar apropriado nas *congregações* dos crentes.

Salmo 27

O Salmo 27, um salmo de fé (Sl 23), começa com Davi afirmando a realidade de Deus em sua vida. O poema apresenta um forte desejo de viver na presença de Deus e chama a atenção para a necessidade permanente de o crente esperar no Senhor. Possui seis momentos: (1) determinação de não temer qualquer inimigo, em virtude da presença de Deus (v. 1-3); (2) desejo de viver na presença do Senhor (v. 4,5); (3) afirmativa de louvor a Deus (v. 6); (4) oração pela continuidade da presença de Deus (v. 7-10); (5) oração pela continuidade da fé em meio de uma vida afligida (v. 11-13); (6) palavra de orientação (v. 14).

**27.1-3** — *Luz* indica a libertação das trevas (Gn 1.3), símbolo bíblico do mal. A palavra *salvação* junto a *luz* significa luz salvadora (Sl 3.8).

*Para comerem as minhas carnes.* Davi imagina seus inimigos como feras famintas prontas a destruí-lo (Sl 10.8-10; 22.12-16).

**27.4,5** — A expressão *morar na casa do Senhor* exprime o desejo de Davi de estar sempre mais perto da presença de Deus.

A *formosura do Senhor* fala da natureza agradável de Deus. O nome Noemi, no livro de Rute, está ligado à palavra hebraica para beleza, *formosura*.

**27.6** — *Sacrifício de júbilo* é a oferta sacrificial que os crentes levam a Deus para celebrar as bênçãos que Ele lhes concede (Hb 13.15).

**27.7-13** — Em todo este salmo, buscar a presença de Deus (*Sua face*) é o maior objetivo do salmista. Os *adversários* podem dissuadir o justo de buscar a presença de Deus, mas o salmista quer estar em Sua presença ainda nesta vida — *na terra dos viventes*.

**27.14** — *Espera no Senhor* demonstra uma expectativa confiante. A palavra hebraica para *esperar* significa, na verdade, ter esperança. Ter esperança em Deus é esperar por Sua ação em Seu tempo propício (Sl 40.1; Is 40.31).

### Salmo 28

O *Salmo 28*, um salmo de lamentação, é atribuído a Davi. Inclui uma prece contra os inimigos de Davi e uma invocação real de louvor ao Senhor. O salmo possui quatro partes: (1) apelo a Deus para que não silencie (v. 1,2); (2) pedido para ser distinguido dos ímpios e de seu merecido castigo (v. 3-5); (3) exaltação ao Senhor por Sua obra na vida do salmista (v. 6,7); (4) louvor ao Senhor, que livra Seu ungido e Seu povo (v. 8,9).

**28.1,2** — *Rocha minha.* Consulte Salmos 91.1,2, para outras referências a Deus como fortaleza e refúgio.

*Não emudeças.* Uma das formas como Davi sente a distância do Senhor é pelo Seu silêncio (Sl 13.1; 22.1). Davi pode estar se referindo simplesmente à sua falta de sensação de intimidade com Deus (Sl 27.4,5), mas também é possível que

esteja aguardando uma palavra específica do Senhor, por meio de um profeta ou sacerdote.

*Cova* é um dos termos usados para morte, nos Salmos (9.17,18; 16.10; 143.7). Como em Salmos 6.5, Davi pede para ser resgatado da morte a fim de poder louvar a Deus em vida.

*Levantar as minhas mãos.* Uma das posturas-padrão para orar, na Bíblia (Sl 134.2).

**28.3-5** — *Não me arremesses.* Mais uma vez, o salmista pede para Deus livrá-lo da morte (Sl 6.5).

*Segundo as suas obras.* Davi profere maldição contra os ímpios, dos quais deseja ser distinguido (Sl 4.3).

*Não atentam.* A linguagem, aqui, é semelhante à de Paulo em Romanos 1.18-32. Um dia, até mesmo os perversos terão de reconhecer Deus como seu Criador e conceder-lhe a glória que merece.

**28.6,7** — *Bendito seja o Senhor.* Consulte Salmos 103.1,2 e veja o desenvolvimento deste tema. Como o pedido do salmista foi ouvido, a última parte do poema é um hino de louvor (Sl 138.1).

**28.8,9** — O termo *seu ungido* dá testemunho da aliança de Deus com Davi, de Sua promessa de que seria o Deus de Davi, e o salmista, Seu representante. Este trecho tornou-se uma herança da monarquia, um tesouro que todo rei tememente a Deus da linha familiar davídica podia consultar para buscar força e estímulo. *Apascenta-os.* Como nos Salmos 23 e 80, a comparação de Deus com um pastor é a imagem do zelo de um bom rei (Ec 12.11). Esta imagem também prenuncia Jesus, o Bom Pastor e Rei que haveria de vir (Jo 10.11).

### Salmo 29

O *Salmo 29* é um salmo de louvor (Sl 15). Mas é, também, um salmo real, que emprega uma linguagem forte para afirmação do reinado supremo do Todo-poderoso. Davi tomou emprestado um pouco do vocabulário e do estilo poético cananeus, empregando-os para louvar ao Deus vivo de Israel. Tal como no caso do Salmo 93, o resultado é, ao mesmo tempo, uma depreciação de Baal e a glorificação, de forma incomum, do



## VOCE SABIA?

### COROAÇÃO DO REI

O Salmo 29 é um hino de coroação, composto para a entronização de um rei. Talvez fosse executado em solenidades oficiais, como seria o hino nacional de um país hoje em dia.

Do mesmo modo que outros salmos reais, como o Salmo 2, este alude não somente a Davi, o rei terreno, mas também ao Rei celestial, o Senhor. Mostra o Senhor assentado em Seu trono, do qual governa o mundo desde sempre e há de governá-lo até o final dos tempos (Sl 29.10,11).

verdadeiro Deus. O salmo apresenta três momentos: (1) conclamação aos anjos e a todos para aceitarem a supremacia de Deus (v. 1,2); (2) descrição do Deus vivo como Senhor das tempestades (v. 3-9); (3) exaltação de Deus, entronizado como Rei no alto, e Sua bênção a Seu povo (v. 10,11).

**29.1** — *Dai*, aqui, significa *atribuí*. *Ó filhos dos poderosos* significa ó filhos de deuses. Esta frase hebraica se refere aos seres espirituais que estão na presença de Deus. Conhecemos tais seres como anjos. As palavras hebraicas são semelhantes às de Jó 1.6, que também descrevem os anjos que estão na presença de Deus.

**29.2** — *A glória devida ao seu nome*. O chamado é para que as hostes angelicais reconheçam plenamente a grandeza de Deus. Os poetas da Bíblia apreciavam tirar ideias dos cananeus e reduzi-las ao essencial. Veja os ataques pesados à idolatria em 115.4-8 e Isaías 41.21-29. Aqui, o poeta toma uma imagem predileta do pensamento cananeu — Baal, com outros deuses se curvando a ele — e a vira pelo avesso. Não é mais Baal, mas o Deus verdadeiro quem é adorado. Não é adorado por deuses que nem sequer existem, mas, sim, por seus próprios anjos.

**29.3,4** — *A voz do Senhor*. Tanto a linguagem como o paralelismo deste versículo espelham diretamente a poesia cananeia. Acreditava-se em Baal como o deus das tempestades, que trovejava nos céus. Aqui, o som do trovão é um símbolo da voz de Deus. A expressão *a voz do Senhor* ocorre sete vezes nesta passagem (v. 3-9), como trovões que repicam seguidamente.

**29.5-9** — *Os cedros do Líbano*. Há uma energia dramática nestes versículos, pois traduzem o

movimento da tempestade desde o norte, do *Líbano e Siriom*, nome antigo do monte Hermom (Dt 3.9), até *Cades*, no sul. Nada impede o avanço da tempestade; seus efeitos se estendem do mar à terra, de norte a sul, de animais a árvores. Como no início do salmo, todos os anjos do santuário celeste reconhecem a *glória* suprema do Deus onipotente.

**29.10,11** — Tal como Baal, supostamente, teria sido vitorioso sobre as águas, aqui é Deus quem vence verdadeiramente sobre tudo. Controla até mesmo as águas no auge do seu poder destrutivo, o *Dilúvio*. Não há ninguém que se oponha ao Seu reinado glorioso. Ele é o Deus verdadeiro, não existe outro. Somente Ele pode dar poder ao Seu povo.

### Salmo 30

O *Salmo 30*, um salmo de louvor declarativo, comemora uma ocasião em que Deus livrou Davi de um grave mal. Desenvolve-se em cinco movimentos: (1) determinação de louvar ao Senhor (v. 1); (2) gratidão pelo livramento (v. 2,3); (3) chamado para que outros participem da adoração ao Senhor (v. 4,5); (4) relato da doença mortal e do clamor a Deus (v. 6-10); (5) reconhecimento e louvor do salmista ao Senhor (v. 11,12).

**30.1** — *Exaltar-te-ei*. Davi começa a canção com forte determinação de louvar a Deus.

**30.2,3** — *Fizeste subir a minha alma da sepultura*. Davi não está falando de uma ressurreição, mas de haver sido salvo de uma doença quase fatal. Como em Salmos 28.1, o salmista descreve a morte como um grande *abismo*, no qual o ser humano cai, tragado pelas trevas do desconhecido.



**30.4,5** — Davi julga, possivelmente, que sua doença está ligada, de algum modo, à ira de Deus.

*Vem pela manhã.* Para o doente, nada dura tanto quanto uma noite dolorosa e insone; poucas coisas são tão desejadas quanto o alvorecer (Sl 5.3; 130.6; 143.8).

**30.6-10** — Como em Salmos 6.5, o salmista pleiteia junto a Deus que salve sua vida, pois só assim poderá cumprir a promessa de *louvá-lo* na congregação. A ênfase está em poder cantar e louvar a Deus nesta vida. *Auxílio*, aqui, pode significar poder ou força (Sl 33.20). O doente precisa de força para se recuperar. Deus é a grande força de que necessita.

**30.11,12** — *Pranto em folgado.* O salmista foi transformado e renovado por causa da bênção de Deus sobre sua vida. Ele exulta em Deus, cumprindo seu voto de *louvá-lo*. *A minha glória* se refere ao mundo interior do salmista (Sl 16.9).

### Salmo 31

O Salmo 31 é um salmo de lamentação, mas tem um elemento de fé tão forte que também pode ser classificado como salmo de fé (como o Sl 23, por exemplo). Os salmos de fé surgem da profissão de fé que ocorre nos salmos de lamentação. Neste salmo, a relação entre as duas categorias é evidente. Existem nele duas seções principais. (1) apresentação de lamento no contexto da fé (v. 1-18); (2) apresentação de louvor no contexto do lamento (v. 19-24).

**31.1-3** — A expressão *em ti confio* ilustra a atitude de um pássaro buscando refúgio sob as asas maternas (Sl 11.1; 17.7; 91.1-4). É empregada, no original, uma palavra diferente para *confiar* nos versículos 6 e 14, que possui o sentido de apoiar-se sobre algo ou alguém (Pv 3.5,6). A imagem de Deus como *rocha* e *fortaleza* para o crente é muito recorrente nos Salmos (Sl 91.1-3).

**31.4,5** — Com as palavras *nas tuas mãos encomendo o meu espírito*, Davi exprime completa dependência de Deus — sua vida está nas mãos de Deus para que faça o que desejar dela. Estas palavras foram depois proferidas por Jesus pouco antes de Sua morte na cruz (Lc 23.46) e por Estêvão ao morrer martirizado (At 7.59).

**31.6-11** — *Porque estou angustiado* são palavras clássicas de lamentação que iniciam a seção de lamentos deste salmo.

*Consumidos estão de tristeza os meus olhos.* Davi emprega termos semelhantes em Salmos 6.7 para exprimir sua dor.

*Opróbrio.* Tal como no caso do Salmo 30, é possível que o salmista esteja enfrentando uma doença terrível — talvez até uma condição física que o torne repulsivo.

**31.12-18** — Com as palavras *os meus tempos estão nas tuas mãos*, Davi, o salmista, reafirma sua expressão anterior de completa dependência do Senhor (v. 5). Davi faz um pedido ao Senhor, que controla inteiramente sua vida, para que o liberte.



## ENTENDENDO MELHOR

### CIDADES MURADAS

No Salmo 31, Davi é grato pela proteção que Deus lhe proporciona por meio de uma cidade fortificada (Sl 31.21). Não sabemos a que cidade se refere aqui, mas diversas delas, mencionadas no Antigo Testamento, lhe serviram de refúgio.

A cidade fortificada filisteia de Gate foi seu esconderijo quando fugia de Saul (1 Sm 27.1-4). Mais tarde, foi-lhe doada a cidade palestina de Ziclague para usar como quartel-general (Sl 27.5-6; 1 Sm 20.1). Depois da morte de Saul, Jerusalém tornou-se a capital dos domínios de Davi, ao capturar aos jebuseus a suposta fortaleza impenetrável de Sião. Davi fortaleceu as defesas da cidade, de onde foi forçado a fugir, anos depois, com a rebelião de seu filho Absalão (2 Sm 15.14-18), mas à qual retornaria.

No mundo antigo, as cidades muradas eram uma das poucas proteções contra bandos de saqueadores e invasões súbitas de exércitos inimigos. Assim como Davi louva a Deus pela segurança e proteção que lhe foram oferecidas pela cidade cercada, os crentes de hoje podem se mostrar gratos a Deus pelas muitas formas de proteção que o Senhor lhes propicia.

*Faze resplandecer o teu rosto.* Como em 4.6, esta expressão provém das palavras da bênção a Arão em Números 6.24-26. É um apelo para que Deus sorria em favor de Davi.

**31.19-22** — O versículo 19 inicia a seção de louvor do salmo. Davi afirma que o prazer de conhecer Deus é infinitamente melhor do que qualquer outro prazer.

*No secreto da tua presença.* Deus deixa as pessoas seguras na intimidade de Sua amizade (Sl 27.5).

*Pois eu dizia na minha pressa.* O salmista reconhece dizer certas coisas em meio à dor que não diria em uma situação normal.

**31.23,24** — Davi conclama a comunidade a participar de sua adoração a Deus. De todos os sacrifícios oferecidos no período do Antigo Testamento, só o sacrifício de louvor continua na adoração do NT (Hb 13.15).

*Vós todos os que esperais no Senhor* é uma frase de devoção característica na Bíblia.

### Salmo 32

O *Salmo 32*, um salmo de sabedoria, é também um dos grandes salmos penitenciais. Acredita-se, geralmente, que este salmo — bem como o Salmo 51 — teve como inspiração uma resposta de Davi a Deus após seu infame caso com Bate-Seba (2 Sm 11). Uma das marcas de integridade das Escrituras é que tanto as fraquezas quanto os triunfos de suas personagens são ali relatados. A estrutura deste salmo é a seguinte: (1) louvor de gratidão pela bênção (v. 1,2); (2) relato da angústia do salmista antes de confessar a Deus seus pecados (v. 3-5); (3) lição para todos, com base na experiência do salmista com o Senhor (v. 6,7); (4) oráculo do Senhor falando sobre a vida reta (v. 8,9); (5) louvor final ao Senhor por Sua misericórdia (v. 10,11).

**32.1** — *Bem-aventurado*, a mesma palavra que abre o livro de Salmos (1.1), significa *feliz*. O emprego deste termo é bem adequado tanto para o justo do Salmo 1 quanto para o pecador confesso deste salmo.

*Cujo pecado é coberto.* O poeta descreve como Deus lida com o pecado de várias maneiras.

O pecado pode ser afastado, que é o sentido básico da palavra *perdoado*, e *coberto*, que é o significado básico da palavra *expição*.

**32.2-5** — *Eu me calei.* O silêncio era uma resistência teimosa em admitir a culpa, uma esperança de que, com o tempo, o pecado e seu castigo desaparecessem. Porém, quanto mais Davi adiava sua confissão, mais sofria. Ele percebeu que não eram somente sua consciência ou seus sentimentos que o atormentavam, mas a pesada *mão* de Deus (Sl 38.1,6-8). Quem quer que tenha saído ferido, o principal ofendido em qualquer pecado é sempre o *Senhor*.

*Tu perdoaste.* As sequelas do pecado de Davi com Bate-Seba ainda permaneceram por algum tempo, apesar do perdão de Deus (2 Sm 12.13-20). Nesse momento, no entanto, a grande notícia era o perdão de Deus. O Senhor havia restaurado Seu relacionamento com Davi.

**32.6** — *Aquele que é santo.* Com base em sua própria experiência, Davi orienta a congregação. Ela também poderá obter o perdão de Deus, se entrar na presença do Senhor com fé, como fez Davi.

**32.7** — Este salmo possui mudanças rápidas e dramáticas. Após se dirigir à congregação, Davi fala diretamente a Deus: *Tu és o lugar em que me escondo.*

**32.8,9** — *Instruir-te-ei.* O orador novamente muda. Agora, o Senhor entra no salmo para falar a Davi e ao Seu povo. Exorta quem O ouve a não ser como um *cavalo* que não quer ir aonde o dono manda; que tem de ser disciplinado por causa de sua teimosia. Deus não quer colocar *cabresto* nem *freio* no Seu povo, como um animal de montaria. Espera que seus servos Lhe respondam prontamente e por vontade própria.

**32.10,11** — O salmista apresenta agora um contraste entre as *muitas dores* do ímpio e a alegria do pecador perdoado. Conclama então os justos a se unirem a ele em louvor a Deus, por Sua maravilhosa misericórdia.

### Salmo 33

O *Salmo 33*, um salmo de louvor descritivo, conclama todas as pessoas a unirem-se aos fiéis

de Israel em louvar a Deus e esperarem (confiarem) no Senhor. É este um dos poucos salmos anônimos do livro I (Sl 1; 2; 10). Sua estrutura é a seguinte: (1) chamado aos justos para louvarem a Deus, devido aos Seus justos atos na criação (v. 1-7); (2) chamado a todas as nações para louvarem a Deus, em vista de Sua obra suprema na criação (v. 8-12); (3) chamado ao povo para louvar a Deus, em face do Seu zelo pela criação (v. 13-19); (4) afirmação conclusiva de confiança em Deus (v. 20-22).

**33.1-3** — O salmista lembra que o louvor dos crentes *convém*, é adequado, ao Senhor (Sl 147.1).

*Harpa*. Nos Salmos, muitos são os instrumentos empregados para louvar a Deus (Sl 98.5; 150.3-5). *A ele*. O louvor sempre se dirige Àquele que merece todo o louvor, o Senhor Todo-poderoso.

**33.4,5** — Embora o mundo esteja cheio de maldade e de pessoas que não pensam em Deus (Sl 14), os crentes devem olhar além da aparente confusão do mundo para enxergar a *bondade do Senhor* — a qual se manifesta cada vez que o sol se levanta, um pássaro canta e a mãe abraça o filho com amor. Por pura bondade Sua, Deus sustenta a integridade da terra e dá sustento a todas as pessoas. Um dia, a bondade de Deus prevalecerá sobre todo o mal (Sl 98.2).

**33.6,7** — A referência ao controle de Deus sobre *as águas do mar* tem dupla origem (Sl 24.2; 93.3,4). Provém da história da criação em Gênesis 1, em que Deus faz a terra subir das águas e estabelece o lugar das águas que restaram (Gn 1.6-10). Provém também de ideias religiosas cananeias, pois os cananeus viam os mares como divindades malélicas. Mas somente o Senhor é Deus. Nenhum poder — não importa quão malélico possa ser — tem como ameaçar Seu controle (Jó 26.10; Pv 8.28,29).

**33.8,9** — A Bíblia fala do *temor* ao Senhor como marca de reverência e assombro por parte daqueles que O reconhecem como Senhor (Sl 40.3).

*Falou*. O relato da criação de Gênesis 1 descreve a palavra de Deus como fonte exclusiva da criação. Este salmo ressalta a palavra de Deus como elemento de controle da criação (v. 4,6).

Foi pelo *espírito da Sua boca* (v. 6) que o Senhor fez tudo o que existe.

**33.10-12** — Diferente do incapaz *conselho das nações*, o conselho de Deus é sábio e eterno. *Bem-aventurada é a nação* significa aquela que é manifestamente feliz — a mesma palavra empregada no começo do Salmo 1. Quem ouve e segue os conselhos de Deus é bem-aventurado.

**33.13-15** — O *Senhor* olha para a humanidade com um senso de satisfação distintivo. A ênfase desta parte não está na condenação, mas na distinção.

**33.16,17** — *Exército*. As pessoas não podem confiar em força física ou recursos materiais para a sua salvação. A salvação pertence ao Senhor (Sl 3.8), tanto em matéria de livramento espiritual quanto de força física.

**33.18,19** — *Olhos do Senhor*. Esta é uma imagem particularmente rica quanto ao cuidado que Deus tem pelo Seu povo. Deus vela por todas as pessoas, mas tem especial prazer em velar por aqueles *que o temem*, aqueles que *esperam na sua misericórdia* (Sl 147.11).

**33.20-22** — *Espera*. Esperar em Deus é adotar uma postura de fé resoluta (Sl 40.1).

*Como em ti esperamos*. O salmo se encerra com uma frase semelhante a *amém*. Trata-se de um *sim* à misericórdia de Deus, uma declaração de concordância às Suas decisões.

### Salmo 34

O *Salmo 34* é um salmo de sabedoria e de louvor. Foi escrito, certamente, em forma de acróstico, com a intenção de ter um versículo para cada letra do alfabeto hebraico; mas, ao que parece, um deles foi esquecido, em algum momento: não há verso correspondente à letra hebraica *waw*, que normalmente viria após o versículo 5.

O título do salmo o atribui a Davi, especificando haver sido escrito para comemorar seu escape de Abimeleque, rei de Gate (1 Sm 21.10-15). O nome do rei em 1 Samuel 21 é *Áquis* — acredita-se que Abimeleque fosse um pseudônimo ou título nobre, e *Áquis*, seu nome pessoal. A experiência de Davi na cidade de Gate (1 Sm 21.10-15) deve ter sido profundamente perturbadora.

Ele por pouco não morreu nessa cidade filisteia. Escapou fingindo estar louco. Depois, Davi escreveu este salmo de sabedoria e louvor em homenagem ao Senhor. A estrutura do poema é a seguinte: (1) determinação de louvar e chamado à congregação pelo salmista para unir-se a ele em louvor (v. 1-3); (2) declaração referente ao livramento do perigo que o salmista obteve (v. 4-7); (3) orientação quanto ao temor do Senhor (v. 8-14); (4) declaração de louvor a Deus (v. 15-22).

**34.1-3** — *Em todo o tempo.* A determinação de Davi em louvar ao Senhor se assemelha às palavras de Paulo em 1 Tessalonicenses 5.18.

*Juntos exaltemos o seu nome* é a convocação de Davi à congregação para participar de sua exaltação a Deus.

**34.4-7** — *Ele me respondeu* é uma declaração de louvor clássica nos Salmos. Deus é louvado por haver concedido livramento, em resposta às preces de Seu povo (Sl 40.1).

*Foram iluminados.* Quem se aproxima de Deus mediante oração, como Davi, é transformado, como que passando pelo que passou Moisés no monte Sinai (Êx 34.29; 2 Cr 3.18).

*Este pobre* refere-se, de modo amplo, aos necessitados e humildes, a quem o Senhor tem prazer em libertar (Sl 147.6). A expressão *anjo do Senhor* e o nome de Deus costumam ser usados como sinônimos na Bíblia. Tendo o crente a sensação de Deus o rodeando ou pairando sobre ele, não há o que temer — até mesmo nas situações causadoras de maior desespero.

**34.8,9** — O cerne da missão bíblica se encontra, no Antigo Testamento, nas palavras *provai e vede*. A tarefa de Israel era atrair outras nações para o seu Deus. Ele prometera a Seu povo, por sua fidelidade a Ele, bênçãos em abundância, e, assim que as demais nações vissem e comprovassem essas bênçãos, constatariam que o Deus vivo estava com Israel. Em meio a um mundo de deuses que nada valiam, havia um Deus vivo e totalmente bondoso (Sl 100.5). *Temei* é um chamado ao assombro, mas também ao amor, louvor e reverência (Pv 1.7). Temer a Deus é responder a Ele com devoção e obediência.

**34.10** — Quem vive confiando na própria força somente pode comer como os *filhos dos leões*: nem sempre com frequência. Os que confiam no Senhor *de nada têm falta*. Tal como em Salmos 23.1, esta pode não ser uma afirmação categórica; mas, com o decorrer do tempo, o crente acaba sempre atestando as muitas formas com que Deus atende fielmente à sua necessidade.

**34.11-14** — *Vinde, meninos.* Davi assume o papel de um sábio que se dirige aos mais jovens, a que foi encarregado de ensinar (Pv 3.1-12).

*Aparta-te do mal.* O mesmo sentimento encontra-se em Salmos 37.27.

**34.15,16** — Neste contexto, *os olhos do Senhor* simbolizam, mais uma vez, seu zelo e proteção.

**34.17-19** — *O Senhor os ouve.* Com ligeira variação, este versículo repete o versículo 6. *Perito está o Senhor.* Quando as Escrituras dizem que Deus está próximo, buscam confortar o crente com a certeza do Seu cuidado.

**34.20** — *Guarda todos os seus ossos.* Este versículo fala de como o Senhor preserva o justo, ao afirmar que nenhum osso seu é quebrado. Todavia, João 19.33-36 mostra que as palavras deste versículo continham, na verdade, detalhe da morte de Jesus. Quando os soldados romanos vieram quebrar as pernas de Jesus para fazê-lo morrer mais rápido, constataram que já havia morrido. Apesar do terrível sofrimento por que o Senhor passara, nenhum de Seus ossos foi quebrado.

**34.22** — Este versículo está fora do padrão do acróstico. Resume o salmo, oferecendo louvor ao Senhor, que salva aqueles que põem nele sua fé (1 Tm 4.10).

### Salmo 35

O Salmo 35 é um salmo de lamentação e uma declaração de inocência (Sl 17; 26; 43; 69). Assim como o Salmo 94, este poema de Davi dá uma ênfase incommon ao papel de seus inimigos. Tem sido chamado, por vezes, de salmo imprecatório. É o seguinte o desenvolvimento deste salmo: (1) apelo a Deus, Guerreiro e Juiz, para pleitear a causa do salmista (v. 1-3); (2) uma série de pedidos a Deus para que desonre Seus inimigos, liberte Seu servo e assim seja glorificado (v. 4-10); (3)



## APLICAÇÃO

### DEUS E O POBRE

O Deus que louvamos empenha-se profundamente para que o pobre e o necessitado recebam justiça, livramento e redenção (Sl 35.10). Eles devem receber alta prioridade por parte de qualquer nação ou serviço público que busque honrar a Deus e ganhar a bênção divina.

Os Salmos mencionam o pobre 25 vezes ou mais, geralmente em termos do que faz o ímpio contra ele. Estar do lado de Deus, portanto, é assumir a causa dos pobres. Esse ato resgata os que perecem (Sl 35.17), silencia as críticas injustas (Sl 35.19-25) e glorifica o Senhor (Sl 35.18,27,28) — desde que o espírito de empenho presente seja de genuína justiça e retidão.

outra sequência de pedidos e promessas do salmista (v. 11-18); (4) uma terceira série de seus pedidos e votos (v. 19-28).

**35.1-3** — *Pleiteia* (a minha causa) é uma clássica alegação de inocência (Sl 17; 26; 43; 69). Davi sente-se injustamente atacado e ora para que Deus o salve desses ataques (Sl 94).

*Levanta-te em minha ajuda.* Davi não hesita pedir a Deus que pegue em armas como um soldado e lute por ele. Não receia pedir ao Senhor que o conforte reafirmando-lhe as palavras *Eu sou a tua salvação*. Todas as suas demandas demonstram simplesmente a total dependência que ele tem de Deus.

**35.4-9** — O primeiro pedido de Davi é que seus inimigos sejam *confundidos e envergonhados* (v. 26). Não se trata apenas de um pedido para intimidá-los; é um clamor pelo juízo final. Neste caso, *o anjo do Senhor* representa um flagelo (compare com Sl 34.7).

*Sem causa.* Eis o cerne da alegação de Davi: nada fez de mal para provocar tal ataque maléfico contra ele.

**35.10** — Este versículo e o anterior formam a primeira oração do salmista de confiança em Deus, neste salmo (v. 17,27).

*Todos os meus ossos* refere-se ao ser mais íntimo, a pessoa completa.

*Quem é como tu.* Não há nada neste universo que se possa comparar a Deus.

**35.11-17** — O salmista começa seu segundo ciclo de petições referindo-se a *falsas testemunhas*, como as testemunhas traçoeiras da história de Jezabel e Nabote em 1 Reis 21. Sua atitude é ainda mais vergonhosa por terem recebido ajuda do salmista quando dela necessitavam.

*Se alegavam.* A crueldade destas falsas testemunhas é terrível. O salmista as compara a animais, pela forma com que o tratam, jubilando porque Davi tem problemas.

**35.18** — *Lowar-te-ei.* É este o segundo voto de louvor que acompanha cada ciclo de pedidos, neste salmo (v. 9,10,27,28). Aqui, a palavra hebraica empregada para *lowar* significa fazer um agradecimento público, adorar a Deus em comunidade (Sl 122.4; 136.1).

**35.19-21** — Os inimigos de Davi iriam regozijar-se em ver alguém como ele cair — alguém que confia no Senhor.

*Me aborrecem sem causa.* O salmista, mais uma vez, alega inocência (v. 7). O fato de que eles o odeiam sem motivo é para ele desconcertante e arrasador. Este trecho prevê também o sofrimento de Jesus, o Salvador (Jo 15.23-25).

*Paz.* Muito mais do que a mera ausência de guerra, a *paz* bíblica inclui a ideia de integridade, de as coisas como deveriam ser. Observe-se que o oposto em contraste, aqui, não é a guerra, mas o engano.

*Ah! Ah!* Tais expressões de sarcasmo e desdém se assemelham aos ataques em Salmos 22.7.

**35.22-25** — *Tu, Senhor, o viste.* Não somente os ímpios assistiam à grande aflição de Davi (v. 21); Deus também via sua dor.

*Desperta.* O povo de Israel sabia que, diferente dos falsos deuses (1 Rs 18.27), Deus nunca dorme (Sl 121.4; Is 40.28). Ainda assim, Davi como que sugere que, neste caso, Deus parece cochilar (Sl 44.23).

**35.26-28** — A expressão *envergonhem-se*, aqui, não se refere a um embaraço puro e simples

dos inimigos de Davi, mas, sim, a um ato de Deus mostrando a nulidade que a perversidade representa ante o juízo divino (Sl 14.5; 31.17; 36.12). *Os que amam*. Só aqui é revelado que Davi tem defensores; e aqueles que estão do seu lado participarão de sua alegria quando estiver a salvo.

### Salmo 36

O *Salmo 36* é um salmo de sabedoria, que revela a natureza do pecado e exalta o amor infalível de Deus (Sl 14; 53). Sua estrutura é a seguinte: (1) revelação da natureza do pecado (v. 1-4); (2) louvor a Deus, concentrando-se em Seu amor fiel (v. 5-9); (3) desejo, em oração, de que Deus possa continuar a amar fielmente Seu povo mesmo quando do juízo final (v. 10-12).

**36.1-4** — O termo *prevaricação* aqui está empregado do mesmo modo que o era por profetas do Antigo Testamento, no sentido de uma iniquidade denunciada por Deus como tal. Já em Miqueias 4.6, por exemplo, a mesma palavra hebraica é traduzida no sentido da própria denúncia, do oráculo de Deus, ou seja, *diz o Senhor*. Neste salmo, Davi, o *profeta* (At 2.30), recebe uma revelação profética tão surpreendente quanto a dos filhos dos profetas. Ganha o entendimento divino sobre a natureza do mal.

*Não há temor de Deus*. O mal mais insidioso é o de não querer dar a devida atenção à realidade de Deus na vida das pessoas e do mundo. A palavra traduzida aqui por *temor* é a mesma que *pavor* no juízo final (Sl 14.5).

*Se lisonjeia*. Sem qualquer noção a respeito de Deus ou do juízo, o perverso se torna tolo e egocêntrico.

*As palavras de sua boca*. O tema da boca do perverso é desenvolvido no Salmo 12.

*Deixou de entender*. O entendimento a que o salmista se refere é o da aplicação prática da arte do bem viver.

*Malícia* significa desonestidade e perversidade.

**36.5,6** — O contraste destes versículos com os anteriores é extremo. Assim como a revelação de depravação nos versículos 1-4 é terrível, a revelação do amor de Deus aqui é muito mais maravilhosa.

*Grandes montanhas [...] grande abismo*. Os contrastes continuam, passando o salmista das mais altas montanhas às profundezas do mar para descrever o perfeito caráter de Deus. A altura das grandes montanhas pode ser comparada à grandeza da justiça de Deus; a profundidade dos oceanos (a palavra *abismo* é usada também em Gn 1.2), ao mistério e à inacessibilidade de Seus juízos.

**36.7-9** — *Se abrigam*. Dada a natureza de Deus, os justos a Ele acorrem como passarinhos buscando refúgio sob as asas maternas (Sl 7.1; 11.1; 16.1; 31.1). Embora os ímpios nunca fiquem satisfeitos (Pv 27.20), aqueles que confiam no Senhor *se fartarão* e encontrarão a mais profunda satisfação nesta vida.

*Manancial da vida*. A salvação e misericórdia contínua de Deus pelo Seu povo são muitas vezes descritas em termos de águas vivas e revivificantes (Is 12.3; Jr 2.13).

**36.10-12** — *Estende*. Com base nas revelações que este salmo apresenta — a natureza dos ímpios (v. 1-4) e a do amor fiel de Deus (v. 5-9) —, Davi ora para que a benignidade de Deus continue reinando na vida de Seu povo.

*Ali caem os obreiros da iniquidade*. Trata-se da terceira revelação deste salmo. Davi tem um vislumbre do horror das consequências do juízo divino sobre os ímpios. O salmista, na verdade, como que assiste a uma cena do julgamento final, e estremece.

### Salmo 37

O *Salmo 37* é um salmo de sabedoria, escrito em forma de acróstico. Sua mensagem simples é a de mantermos a paciência em meio aos nossos problemas. O povo de Deus pode nutrir tal paciência, porque sabe que sua recompensa eterna há de superar abundantemente quaisquer de seus problemas temporais. O desenvolvimento do poema é o seguinte: (1) a necessidade de ter paciência, em face do aparente sucesso dos ímpios (v. 1-11); (2) a necessidade de ter paciência, dado o iminente juízo final dos perversos (v. 12-22); (3) o incentivo de persistência aos justos em se manterem no bom caminho, ante a ação dos perversos

(v. 23-33); (4) a nova conclamação pela paciência, em face do aparente sucesso dos ímpios (v. 34-40).

**37.1-4** — *Não te indignes* é o tema do salmo. Embora o ímpio pareça prosperar, o salmista apela à paciência do justo, sob uma nova percepção da dependência do Senhor e um novo prazer em conhecê-Lo.

*O que deseja o teu coração.* Se os desejos do justo emanam do Senhor, o Senhor certamente os satisfará.

**37.5,6** — *Entrega o teu caminho* significa depositá-lo junto ao Senhor — magnífica imagem de confiança total nele.

**37.7,8** — *Descansa [...] espera nele.* Estes conselhos voltam a ressaltar a principal mensagem do salmo: *não te indignes* (v. 1). Não se trata de chamados à inatividade, mas, sim, à dependência ativa do Senhor vivo. O salmo nos exorta que paremos de nos preocupar.

**37.9-12** — Muitas vezes, os ímpios parecem prosperar; mas este salmo nos lembra repetidamente que *os malfeitores serão desarraigados. Ainda um pouco.* Do ponto de vista de Deus, a prosperidade do perverso dura muito pouco (Ec 3.16,17).

*Os mansos herdarão a terra.* Jesus cita estas palavras em Mateus 5.5, confirmando o Antigo Testamento e demonstrando a importância dos Salmos na Sua vida e na nossa.

**37.13-17** — *O Senhor se rirá.* Estas palavras relembram a risada de Deus em Salmos 2.4. Que completo terror para o ímpio ouvir a risada de Deus para ele! Compare com o agrado que o Senhor demonstra pelo caminho do justo (v. 23).

**37.18-20** — A expressão *o Senhor conhece os dias* possui diversos sentidos: (1) Deus conhece nossa situação e provê aquilo de que precisamos; (2) Deus sabe quanto tempo viveremos e há de nos sustentar até o fim (Sl 90.12); (3) Deus sabe que nossos dias na terra são apenas o começo de nossos dias junto a Ele na eternidade.

**37.21-23** — *O justo se compadece.* Há vários contrastes entre o ímpio e o justo nos salmos de sabedoria; este se constitui de atitudes opostas em relação aos bens (Sl 15.5; 112.5). De todas as coisas que Deus criou na terra, somente uma delas há de perdurar — as pessoas. Tudo o mais que atualmente é material há de desaparecer (2 Pe 3.10-12).



## APLICAÇÃO

### REAÇÃO AO SOFRIMENTO

Davi viu sua família dividida por escolhas que havia feito (Sl 38.11,12) e também seu corpo debilitado por doença, possivelmente um grave problema de pele (Sl 38.3,5,7). De todo modo, por mais sérios que fossem seus problemas físicos, obscurecia-os uma profunda dor em seu coração aflito (Sl 38.8,10). Pior ainda, ele se tornara incapaz de comunicar seus verdadeiros pensamentos e sentimentos (Sl 38.13,14).

*Foram o pecado e suas consequências que criaram distância entre os membros de sua família? Foi alguém levado a sofrer por causa da ira ou desaprovação dos outros? O Salmo 38 oferece várias sugestões de como remediar a situação.*

Em primeiro lugar, o salmista, ao clamar, mostra-se disposto a confessar seus próprios pecados e insensatez (Sl 38.3-5,18). Isso é crucial no caso em que a doença ou o sofrimento provém do pecado. Deve-se reconhecer o pecado, confessá-lo e dele se arrepender (compare com Tg 5.13-16).

Mas o salmo oferece esperança, na medida em que Deus ouve e vê, mesmo que os familiares não queiram ou não possam fazê-lo (Sl 38.15). Essa esperança no Senhor está disponível não só para o sofredor, mas também para meros espectadores inocentes, como pais, cônjuge ou filhos. Se confiarem na bondade de Deus, poderão parar de se ver como vítimas e passar a se considerar vitoriosos.

Por fim, o Salmo 38 nos conclama a não abandonar ninguém ao sofrimento silencioso do pecado e da doença. O salmo não somente exprime os apuros de Davi, mas também se refere à luta de qualquer um de nós que haja caído, por culpa da própria insensatez. Em vez de ficarmos indiferentes à pessoa que sofre, assumindo uma postura do tipo quem a boa cama faz, nela se deita, podemos a ela nos chegar com alguma compreensão e compaixão. O Salmo 38 pode nos ajudar a responder ao rogo *lembre-se de mim*, do pecador abandonado e solitário.

**37.24** — *O sustém.* O justo sabe que, se cair, nunca ficará desamparado; se tropeçar, nunca ficará inteiramente abandonado.

**37.25** — *Mendigar o pão.* Estas palavras podem ser vistas de dois ângulos: (1) A fome do justo é temporária e será substituída pela fartura nos dias por vir; (2) existe uma fome de que os justos nunca precisam padecer: nunca estão sem a presença do Senhor (Jo 6.35). Talvez seja também uma convocação para ajudarmos os justos se ocasionalmente vierem a passar fome neste mundo.

**37.26-29** — Este mesmo conselho para *apartar-se do mal* encontra-se em Salmos 34.14. Nesta vida, temos de escolher entre apegarmos a Deus e à justiça ou buscar o mal. O caminho de Deus leva à vida eterna.

*O Senhor ama o juízo.* Como Deus se opõe à injustiça, apoiar a injustiça é tornar-se Seu inimigo. O povo de Deus deve amar aquilo que Ele ama e detestar aquilo que Ele abomina.

**37.30,31** — *Em seu coração.* Em diversos lugares dos Salmos, o poeta declara seu amor à lei de Deus e seu empenho em aplicá-la integralmente em sua vida (Sl 1.2; 19.7-11; 119.1-176).

**37.32-35** — *Espera no Senhor* recomenda uma atitude de fé; não esperar nele é insensato.

*Árvore verde na terra natal.* Davi admite que os ímpios possam temporariamente prosperar, mas afirma que eles não desfrutarão de seu suposto sucesso para sempre.

**37.36,37** — *Paz,* aqui, sugere tudo como deveria ser. O destino dos justos contrasta fortemente com o dos ímpios (Sl 1.4-6).

**37.38-40** — *Salvação.* A questão principal aqui não é a regeneração, mas, sim, a santificação — o livramento diário do mal e da tentação, que Deus concede a seu povo.

*Confiam.* O salmo conclui com o Deus de confiança, que lembra os crentes correndo como pintainhos para o abrigo das asas da ave-mãe (Sl 17.8; 36.7).

### *Salmo 38*

O *Salmo 38* é um salmo de lamentação, mais especificamente um salmo penitencial. Nele,

Davi roga pela misericórdia de Deus com sinceridade, mesmo quando considera que Deus quer discipliná-lo. Todo crente enfrenta momentos difíceis, alguns deles porque pecou. Os salmos de penitência são um modelo para nossas próprias orações de confissão e um aviso contra comportamentos que levam à punição divina.

Este salmo está assim formado: (1) clamor a Deus, pedindo a cessação de seu castigo (v. 1-5); (2) descrição do salmista do seu sofrimento (v. 6-8); (3) outro clamor, mostrando as atitudes dos amigos e inimigos quanto a ele (v. 9-12); (4) compromisso do salmista de confiar somente no Senhor, mesmo nos momentos de Sua ira (v. 13-16); (5) mais um clamor por livramento, com base na condição humana frágil de Davi (v. 17-20); (6) clamor de conclusão, fundado na certeza de que só há salvação no Senhor (v. 21,22).

**38.1-5** — Como em Salmos 6.1, Davi tem aqui duas preocupações. Primeira: a dolorosa aflição que sente por Deus aplicar disciplina em sua vida (Sl 32.4). Segunda: que Deus coloque Sua poderosa mão sobre ele por causa da *ira* divina, tal como o faz para com os perversos (Sl 37.22).

*Minhas iniquidades ultrapassam a minha cabeça.* Davi emprega termos expressivos para descrever sua perda de controle. Não consegue se libertar do fardo do pecado (Sl 69.5). É uma situação



#### EM FOCO

#### ESPERANÇA (HB. *YACHAL*)

(Sl 38.15; 130.5,7; 131.3; Lm 3.21-24)

Esta palavra hebraica significa *ter expectativa*. Quase metade de suas ocorrências está nos Salmos, sendo especialmente comum no Salmo 119. Às vezes, a ideia de esperança é expressa com confiança (Jó 13.15; Is 51.5), mas às vezes a esperança se mostra claramente em vão (Ez 13.6). A Bíblia diz que sete dias Noé esperou para enviar uma pomba (Gn 8.12), e que os homens esperavam, ao ouvirem os conselhos de Jó (Jó 29.21). Mas o máximo objeto de nossa expectativa, nossa esperança, está, de fato, em Deus, em Sua palavra, Seu juízo e Sua compaixão (Sl 33.18; 119.43; Mq 7.7). Esta esperança é bem depositada, pois Aquele em quem esperamos é absolutamente fiel em Suas promessas (Hb 10.23).



semelhante à de Paulo falando de si mesmo como o *principal* dos pecadores (1 Tm 1.15).

**38.6** — *Estou encurvado.* Davi sente como se carregasse um enorme fardo. Nesse caso, o grande fardo da culpa.

**38.7-12** — *Luz dos meus olhos.* Como em Salmos 13.3, Davi reclama que está prestes a perder a visão, querendo dizer, provavelmente, que sobre ele paira uma opressão como a da morte.

*Os meus amigos.* Davi está triste porque até seus amigos próximos o estão abandonando. Veja situação parecida em Jó 2.9,10.

**38.13-17** — Davi está determinado a não dar oportunidade a que seus inimigos blasfemem o nome do Senhor, mesmo em meio a seu sofrimento mais atroz. O silêncio de Davi, neste caso, prenuncia o silêncio de Jesus, o Salvador, perante Seus acusadores (Mc 14.61).

**38.18-20** — *Eu confessarei.* O silêncio de Davi só existe ante seus inimigos (v. 13-16); ao Senhor, confessa de coração os seus pecados. Espera que este Deus misericordioso o perdoe e redima (Sl 32).

**38.21,22** — *Não te alongues de mim.* Estas palavras ecoam o sentimento expresso em Salmos 22.1. Tudo o que resta a Davi é confiar em Deus. Davi estava certo, porque confiar em qualquer pessoa ou coisa diferente do próprio Deus é confiar em algo totalmente incerto.

### Salmo 39

O *Salmo 39* é um salmo de sabedoria em forma de salmo de lamentação pessoal. O título indica que este salmo de Davi foi composto para Jedutum. Ele é incomum sob vários aspectos. Fala da determinação do salmista de se manter calado ante os inimigos, enquanto a maioria dos salmos fala com intrepidez contra eles. Além disso, termina pedindo que Deus o deixe em paz, no que se parece muito com algumas passagens do livro de Jó. O poema possui quatro momentos: (1) determinação por parte do salmista em ficar calado ante seus inimigos (v. 1-3); (2) pedido para que Deus o ajude, tendo em vista a brevidade da vida (v. 4-6); (3) pedido de perdão e livramento (v. 7-11); (3) pedido para que Deus o deixe em paz (v. 12,13).

**39.1** — *Enfrearei a minha boca.* Davi está determinado a manter silêncio enquanto sofre, para não falar tolices. Veja em Salmos 32.3 mais um motivo para ficar calado.

**39.2-5** — *Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim* é um apelo para que Deus o faça mais humilde, não para que sua vida acabe (Sl 90.7-12).

*Vaidade,* aqui, refere-se a algo que passa depressa, mas não que não tenha um significado.

**39.6-8** — *A minha esperança está em ti.* Davi sabe que sua única chance de livramento reside em Deus. Mas, como pensa também que seus problemas lhe sejam impostos como castigo, por Deus, encontra-se em um dilema: deve pedir a ajuda de Deus ou pedir que o deixe em paz? Diferente da maioria dos salmos de lamentação, há neste uma notável dificuldade em o salmista passar a uma postura de louvor.

*Transgressões.* Davi reconhece seu pecado e se entrega à misericórdia do Senhor (Sl 32).

**39.9-13** — *Ouve, Senhor, a minha oração.* Davi permaneceu em silêncio durante algum tempo de sua aflição (v. 2,9), mas não pode mais calar. Aqui, clama a Deus para que não se cale também, mas, sim, que o salve.

*Poupa-me.* Se Deus não quer livrá-lo, então o salmista, desesperado, pede para Deus que, pelo menos, poupe-o, deixe-o em paz. Fora do livro de Jó, é raro encontrar uma linguagem nestes termos (Jó 7.19; 10.20,21; 14.6). A dor e a angústia do salmista certamente pareciam, por vezes, tão distantes de uma solução, na ocasião que escreveu este poema, que ele permaneceu à beira do desespero até o último versículo. Mesmo assim, no livro de Salmos, está exposto, muitas e muitas vezes, o fato de que Deus livra e salva todos aqueles que a Ele clamam (Sl 22.21; 118.21).

### Salmo 40

O *Salmo 40* é um salmo de louvor declarativo, que muda para salmo de lamentação. Constitui um bom exemplo de como os problemas e dificuldades levaram Davi a depender continuamente do Senhor. A estrutura do salmo é a seguinte: (1) relato do livramento (v. 1-3); (2) exortação ao povo para que entregue suas vidas ao Senhor (v.

4,5); (3) profissão de louvor (v. 6-8); (4) relato a Deus do cumprimento do voto de louvor (v. 9,10); (5) novo lamento (v. 11,12); (6) uma série de pedidos de livramento (v. 13-15); (7) louvor contínuo em meio aos problemas (v. 16,17).

**40.1** — O hebraico traduzido por *esperei com paciência* seria, literalmente, esperei esperando. A ênfase nesta frase não está na paciência, mas no fato de que Davi espera somente no Senhor. O verbo *esperar* expressa confiança, ou fé, resoluta no Senhor (Sl 130.5). Davi sabe que a salvação provém somente do Todo-poderoso (Sl 3.8). As palavras *ele se inclinou para mim* apresentam a imagem do Criador do universo, o Rei dos céus, olhando atentamente do Seu trono para salvar os indefesos.

**40.2,3** — *Lago horrível*. Davi escreveu este poema ao sair de um período de terrível angústia, em que se sentia como que preso em um charco ou pântano. Por mais que tentasse, não conseguia sair. Davi expôs então tal frustração ao Senhor e confiou em Sua força.

*Novo cântico*. A salvação do Senhor leva Davi a louvá-Lo. A música é nova porque esta salvação de Deus é nova, recente, para ele.

**40.4,5** — *Os soberbos* refere-se aos idólatras, que não querem se ajoelhar humildemente perante o Senhor (Sl 147.6).

*A mentira* refere-se à idolatria. Não é somente com Suas obras que Deus Se volta para quem tem fé, mas, também, com Seus *pensamentos*. Deus pensa em nós.

**40.6** — O Senhor Se agrada daqueles que vêm a Ele obedientemente e com louvor nos lábios (1 Sm 15.22,23).

*As minhas orelhas furaste*. O Senhor não nos dotou de ouvidos apenas para ouvirmos Sua palavra, mas também para que tivéssemos entendimento do que ouvimos e pudéssemos obedecer-lhe.

**40.7,8** — *Eis aqui venho*. Davi não traz ao templo seu sacrifício; seu ato verdadeiro está em oferecer a própria vida a Deus (Rm 12.1,2) — segundo Hebreus, estas mesmas palavras como que Jesus as pronunciou, ao oferecer Sua vida ao Pai (Hb 10.4-6).

*Deleito-me* está ligado à palavra *quiseste* do versículo 6. O que agrada o Senhor há que agradecer também o Seu povo.

**40.10-12** — *Não detenhas*. Mesmo depois do livramento com que o salmo começa, Davi tem outro motivo para voltar-se para o Senhor com preces renovadas. Em hebraico, *as tuas misericórdias*, que também pode ter o sentido de *ventre*, refere-se à íntima afeição que Deus tem por nós. Davi, na verdade, está pedindo praticamente ao Senhor que o envolva com ternura e conforto maternas.

**40.13-15** — *Livrar-me*. Davi não busca, aqui, o perdão de seus pecados (compare com Sl 51.3,4), mas, sim, ficar livre de inimigos poderosos.

*Ah! Ah!* Os inimigos de Davi o rodeiam, zombando dele sem compaixão (Sl 35.21).

**40.16,17** — *Engrandecido seja o Senhor*. Com estas excelentes palavras de louvor, Davi incentiva a comunidade a glorificar o Senhor (Sl 35.27).

*Pobre e necessitado*. O salmista sente que ainda tem problemas, mas que, clamando a Deus, Ele irá livrá-lo novamente.

### Salmo 41

O *Salmo 41* é um salmo de lamentação; mas, como começa e termina com louvores, pode ser também chamado de salmo de louvor. O poema, atribuído a Davi, fala da situação de um sofredor de doenças físicas diversas. Em última análise, mostra a vitória de Jesus, o Salvador, sobre Seus inimigos, especialmente o Seu maior inimigo, Satanás. Quatro são os momentos deste salmo: (1) afirmação de confiança no poder do Senhor de livrar os justos da aflição (v. 1-3); (2) descrição da angústia de Davi (v. 4-9); (3) nova expressão de esperança no Senhor (v. 10-12); (4) louvor, marcando o fim do livro I dos Salmos (v. 13).

**41.1** — *Bem-aventurado*, a mesma palavra que inicia o Salmo 1 abre o último salmo (este) do livro I (consulte a Introdução). Já quando esta palavra é traduzida por *bendito* e refere-se a Deus (como no v. 13), serve como exaltação, ou louvor (Sl 103.1,2) — *bendizer* a Deus é identificá-lo como fonte de nossas bênçãos.

*Pobre* não se refere apenas a quem tem poucos recursos, mas também a quem sofre de doença ou infelicidade, sem ter culpa disso. Deus é, desses, o Protetor, Libertador e Provedor (Sl 10.2,9; 35.10; 69.33; 109.16; 140.12).

**41.2,3** — *Abençoado na terra* refere-se aos atos de bondade de Deus na vida do homem, incluindo saúde, riqueza, longevidade, vitalidade espiritual e harmonia com Deus e as pessoas (Pv 3.1-4).

*Leito da enfermidade.* A aflição, neste salmo, é talvez a mais grave doença do salmista.

**41.4** — *Porque pequei.* No contexto deste salmo, é o reconhecimento geral do pecado e da necessidade de obter perdão e redenção de Deus (1 Jo 1.9).

**41.5-8** — Às vezes, os *inimigos* do salmista são designados (3.1), mas muitas vezes não o são, nos Salmos, permitindo que cada um de nós possa pensar em termos da própria situação.

*Perecerá o seu nome.* Nas culturas antigas, uma pessoa não ser mais lembrada era como dizer que ela nunca existira. Os justos de Israel esperavam que seus nomes perdurassem depois de sua morte, que fosse, enfim, *engrandecido* (Gn 12.2).

*Diz coisas vãs.* Davi acusa seus inimigos de visitarem seu leito sob pretexto de misericórdia, mas com o coração cheio de malícia.

**41.9** — *Amigo íntimo* refere-se, como é usual, a uma relação de amizade muito próxima. A indignação pela traição de alguém tão próximo é quase insuportável (Mt 26.14-16). Na situação de Jesus e Judas, é impressionante a concretização deste versículo. Não só os dois compartilharam a última refeição de Jesus (Mt 26.21-25; Mc 14.18-21; Lc 22.21), como também o Senhor o chamou de *amigo* no momento mesmo da traição (Mt 26.50). Jesus, aliás, cita este versículo, observando como ele se cumpriu com Judas (Jo 13.18).

**41.10-12** — *Levanta-me* era a oração de Davi pedindo a cura da doença que o punha de cama (v. 3). As palavras prenunciam também, em outro sentido, a ressurreição de Jesus (Sl 16.10,11; 118.17,18).

*Não triunfa.* O fato de o inimigo de Davi não prevalecer sobre ele indicava que Deus Se agradava dele e de sua vida. *Sinceridade.* Esta palavra

sugere que é um justo quem sofre neste salmo, não um pecador não arrependido (Sl 26.1).

*Diante da tua face para sempre.* Davi não só ora para ter uma vida longa na terra (v. 2), mas também para uma vida eterna na presença de Deus (Sl 23.6). Sua esperança última é glorificar e louvar a Deus em Sua presença para sempre.

**41.13** — *Bendito.* Este salmo, que começou com uma bênção de Deus sobre os justos, termina com o justo bendizendo ao Senhor. *Bendito*, como vimos, é diferente, aqui, da tradução no versículo 1, pois identifica o Senhor como a fonte das bênçãos. A palavra *amém*, que significa *assim seja*, com certeza, é uma afirmação de fé em Deus. Significa, na verdade, um simples, mas resoluto, *sim* dito a Deus. A repetição da palavra é como a repetição, por vezes, da palavra *séculos*, expressando a mais viva concordância com o louvor do salmo.

### Salmo 42

O Salmo 42 formava provavelmente com o Salmo 43 um único poema, em sua origem. Observe-se que o Salmo 43 não possui um sobrescrito e que Salmo 43.5 repete o refrão de 42.5,11. Tudo indica que o salmo primitivo, por ser longo, foi dividido em duas partes, possivelmente para melhor utilização no louvor do templo.

O atual Salmo 42 é um lamento pessoal, com forte ênfase na confiança em Deus (Sl 23). Os dois momentos do salmo concluem com um refrão de incentivo a esperar em Deus (v. 5,11), embora o salmista estivesse no exílio, longe do templo. O salmo é atribuído aos filhos de Corá, família de músicos de Israel. Descendiam de Corá, ou Coré, levita que incitou uma rebelião fracassada contra a liderança de Moisés e Arão (Nm 16).

O juízo de Deus abateu-se sobre ele e seus ascetas, mas sua descendência continuou servindo a Deus por centenas de anos, tornando-se uma das lideranças na música de louvor, em Israel. O desenvolvimento deste poema é o seguinte: (1) descrição do anseio do salmista pela presença de Deus (v. 1-4); (2) descrição do temor do salmista de que Deus não Se lembrasse mais dele (v. 5-11).

**42.1-4** — *Brama.* O verbo *bramar* exprime aqui de modo incomum a sede espiritual por Deus.



## PERFIL

### DE REBELDES A CANTORES DE DEUS

Os filhos de Corá (Sl 42, título) tinham um passado que os infamava. Seu ancestral, Corá, ou Coré, da tribo de Levi, liderara mais de 250 líderes israelitas em uma das mais graves rebeliões contra Moisés e o Senhor, durante o êxodo. Deus julgou severamente os comparsas de Corá fazendo a terra se abrir para engoli-los e a seus pertences (Nm 16).

Mas a família sobreviveu (Sl 26.11), e, muitos anos depois, seus descendentes já se encontravam entre os levitas indicados por Davi para supervisionar a música de louvor ao Senhor (1 Cr 6.37). Entre suas responsabilidades, estavam a de compor, arranjar e executar tal música, motivo pelo qual 11 dos salmos levam a atribuição de autoria aos *filhos de Corá*.

Essa família serve de exemplo de como um legado trágico ou infamante pode ser totalmente superado por Deus. Não há que determinar, de modo algum, o *destino* de alguém. Honrando o Senhor, os descendentes de Corá, ou Coré, tornaram-se conhecidos não mais pela rebeldia de seu ancestral, mas pela beleza e sinceridade do seu louvor a Deus.

O poeta descreve sua ansiedade por estar separado da congregação de louvor. Sente-se distante da presença de Deus entre o Seu povo e deseja intensamente voltar a ter intimidade com Deus (v. 4). Para o crente da época do Antigo Testamento, só havia um lugar onde adorar verdadeiramente ao Senhor — o templo de Jerusalém.

*Havia ido com a multidão.* O salmista estava cheio de saudades da adoração a Deus, que experimentava ao comparecer ao templo de Jerusalém em meio a uma multidão de crentes, tomados de entusiasmo e santo êxtase (Sl 100). O foco no louvor, do livro de Salmos, é geralmente no louvor comunitário (compare com At 2.40-47; Hb 13.15,16).

**42.5** — *Por que estás abatida, ó minha alma.* Estas palavras são repetidas no versículo 11 e em Salmos 43.5. O salmista se lembra de que um dia ele irá vivenciar novamente a presença de Deus. Sua esperança no Senhor não será em vão. *O louvarei.* Como é comum nos Salmos, o poeta não se refere a um ato de devoção particular, mas, sim, pública, à bondade de Deus. Trata-se, na verdade, de uma adoração em forma de palavras e canções, que seriam ditas e repetidas em meio à congregação (Sl 22.22; Ef 5.19; Hb 13.15).

**42.6** — *Desde a terra do Jordão, e desde os hermonitas* refere-se à Terra Prometida, de que o povo foi um dia exilado.

**42.7-11** — *Por que te esqueceste de mim?* O salmista faz perguntas perturbadoras, mas com fé, pois ainda se lembra de que Deus é sua *Rocha*, seu

protetor e alicerce. Em meio às circunstâncias mais difíceis, nada cabe fazer senão *esperar* nele.

### Salmo 43

O *Salmo 43*, como vimos, é possivelmente uma continuação do primitivo *Salmo 42*, poema que teria sido dividido em dois para facilitar seu uso no louvor do templo. Ele apresenta características de um salmo de lamentação e de um salmo de fé. Sua estrutura é a seguinte: (1) clamor de libertação ao Senhor (v. 1,2); (2) oração pelo retorno do salmista ao templo para adorar a Deus (v. 3,4); (3) novo clamor por esperança em Deus (v. 5).

**43.1,2** — *Faze-me justiça* é uma declaração de inocência (Sl 17; 26; 35). O salmista assume a postura de um injustiçado.

*Por que me rejeitas?* O que mais magoa o salmista não são as palavras de seus inimigos, mas a sensação de que Deus o rejeitou (Sl 13).

**43.3,4** — *A tua luz e a tua verdade.* O salmista pede a Deus para ser liberto. Consulte o *Salmo 104.2* para saber o significado de *luz*; e o *Salmo 100.5*, para saber o significado de *verdade*. Somente a verdadeira luz de Deus poderia salvá-lo do engano e das trevas que o cercavam.

*Teus tabernáculos.* Mais do que qualquer outra coisa, o salmista deseja se juntar à comunidade de adoração a Deus (Sl 149.1).

**43.5** — *Por que estás abatida.* Estas palavras são um refrão neste salmo e no anterior (Sl 42.5,11). Em um momento de incerteza e aflição, o poeta urge seu íntimo, pelo poder de Deus, a

continuar a crer. Sabe que um dia, pela graça de Deus, retornará ao lugar onde é louvado e cultuado o Senhor, o centro de adoração em Jerusalém.

### Salmo 44

O *Salmo 44* constitui uma lamentação da comunidade, um suspiro coletivo do povo de Israel para que Deus o ajude, em uma ocasião de grande angústia nacional. O salmo oferece também a oportunidade de se rever os grandes feitos de Deus no êxodo, a grande ação de livramento do Senhor no período do Antigo Testamento (Sl 105). Este salmo é atribuído aos filhos de Corá, e sua estrutura é a seguinte: (1) lembrança do livramento que Deus concedera anteriormente a Israel (v. 1-3); (2) declaração de confiança em Deus, Rei dos reis (v. 4-8); (3) lamento do povo de Deus (v. 9-12); (4) declaração de inocência (v. 13-22); (5) pedido coletivo do povo (v. 23-26).

**44.1-3** — *Ouvimos com os nossos ouvidos.* A maravilhosa intervenção de Deus na história humana para libertar os israelitas do Egito foi a pedra angular da fé no Antigo Testamento (Sl 17.7; 118.16; Êx 15.6). Cada geração de israelitas tinha por obrigação relatar à geração seguinte o que Deus tinha feito por ela. Sua narrativa não consistia simplesmente na história nacional, mas também em uma verdadeira descrição do caráter de Deus (Dt 8).

*Tua destra* tornou-se um mote de redenção em Israel.

*Tê agradaste deles.* A escolha de Israel como povo de Deus deu-se apenas por Sua graça (Sl 4.3; Rm 11).

**44.4,5** — *Meu Rei.* Neste lamento comunitário, é interessante o fato de o salmista estar falando no singular. Talvez porque estas palavras estejam como que sendo ditas ao Rei da glória pelo rei de Israel. Como regente do povo, era próprio que o rei de Israel liderasse o pedido de renovada graça da parte de Deus.

*Por ti.* O rei afirma que a vitória será obtida somente pelo Espírito de Deus.

**44.6-12** — As palavras *nos rejeitaste* (v. 9) abrem a seção de lamentação do salmo. Israel achava que seu exército não deveria ser visto

como um simples grupo de guerreiros qualquer — eram eles os guerreiros do Todo-poderoso (Sl 144). Já que suas vitórias eram vitórias de Deus, suas derrotas, então, seriam reverses que Ele mesmo permitiria que sofressem.

*Tu vendes por nada o teu povo.* Quando o povo perdia uma batalha, era como se Deus o tivesse vendido. Quando, por outro lado, Deus o livrava de um sofrimento, isso era retratado como sendo Deus comprando Seu povo — significado da palavra *resgatar* (v. 26).

**44.13-20** — *Não nos esquecemos de ti.* O povo alega não haver rejeitado Deus. Fica entendido, assim, que mereceria até seus problemas caso o tivesse rejeitado.

*Estendemos as nossas mãos* significa uma postura de oração (Sl 134). Alega o povo não haver orado aos ídolos das nações pagãs, mas haver permanecido fiel ao único Deus vivo.

**44.21,22** — *Como ovelhas.* Estas palavras prenunciam o Filho amado do Altíssimo, que também Se manifestaria como que tendo sido rejeitado por Ele (Is 53.7; Rm 8.36).

**44.23-26** — O Deus de Israel não dorme (Sl 121.3,4; Is 40.28).

*Desperta!* Este é um clamor a Deus apelando para que aja em favor do Seu povo. O clamor se baseia na fé do povo de que o Senhor o perdoará.

*Resgata-nos.* No versículo 12, o povo sugere que Deus o havia vendido; aqui pede que o resgate — que o compre de volta para si.

### Salmo 45

O *Salmo 45* é um salmo real — uma canção de casamento real, que celebra o casamento humano de uma forma tão grandiosa que os autores do NT o aplicaram a Jesus, o grande Rei (compare os v. 6,7 com Hb 1.8,9). Como diversos outros salmos, portanto, este não só retrata a alegria do casamento humano, como também descreve profeticamente o reino glorioso de Jesus (Sl 2; 22; 69). Este salmo foi composto pelos filhos de Corá. Eis o seu desenvolvimento: (1) introdução do tema do bem (v. 1); (2) votos de feliz casamento para o grande rei (v. 2-9); (3) votos de feliz matrimônio

para a bela noiva (v. 10-15); (4) bênçãos, como conclusão, sobre o rei (v. 16,17).

**45.1-5** — *Tu és mais formoso*. O contexto cultural deste poema é a opulência das cortes orientais da Antiguidade. A descrição generosa da figura do noivo real era bem própria dessa cultura.

**Ó Valente**. No antigo Oriente Médio, o rei tinha por obrigação ser um grande guerreiro. O modelo em Israel era Davi, o celebrado campeão que derrotara o gigante Golias (1 Sm 17). O termo *valente* é também um título messiânico.

*A tua glória e a tua majestade* são expressões que podem ser reformuladas como tua glória majestosa.

**Destra**. As vitórias da mão do rei teriam de ser incríveis, sendo um símbolo que valeria desde o êxodo até posteriormente, nas obras de Jesus, o Salvador.

**45.6-9** — As palavras *teu trono* indicam a ordenação messiânica do salmo. Aqui, o Rei é chamado de *Deus* e, mesmo assim, o *seu Deus* foi quem O ungiu. Estes versículos descrevem, assim, a interação de Pai e Filho, sendo ambos chamados de Deus. O autor de Hebreus usa estes versículos para asseverar a divindade de Jesus (Hb 1.8,9).

**Te ungiu**. A unção separava determinada pessoa para servir especialmente a Deus. Na época do Antigo Testamento, tal unção prenunciava o Ungido, ou seja, o Messias, o Cristo. Como símbolo apropriado do servo de Deus, os *vestidos* ou vestes sacerdotais ou reais requeriam ser limpos e magníficos. O rei era também cercado de esposas radiantes; sua noiva, a verdadeira rainha, resplandecia em suas vestes ricas e preciosas.

É uma cena que retrata o céu, com Cristo como Noivo e a Igreja como a Noiva (Ap 19.1-10).

**Ofir**, possivelmente localizado no sul da Arábia, ou na costa leste da África (2 Cr 8.17,18), era um lugar conhecido no mundo do Antigo Testamento como fonte de *ouro fino*.

**45.10-17** — *Ouwe, filha*. A bela noiva deixa sua família e relacionamentos para integrar agora a família de seu marido e rei.

**Adora-o**. A noiva deverá render homenagem e adoração ao grande Rei.

**Vestidos bordados**. No mundo antigo, a beleza dos vestidos da noiva era um modo de expressar a riqueza de sua família, o orgulho que tinham dela e seu amor por ela.

### Salmo 46

O Salmo 46, como salmo de fé (veja o Sl 23), expressa alegria pelo livramento concedido pelo Senhor ao Seu povo, durante uma batalha ou um sítio terrível. Há motivos para crer que os Salmos 46—48 formam uma trilogia sobre o amor dedicado de Deus a Jerusalém. O Salmo 46 serviu de base a Martinho Lutero para o hino *Castelo forte é o nosso Deus*, da Reforma. Este salmo possui três momentos, cada um deles indicado pela palavra de encerramento *Selá*, notação que provavelmente assinalava um interlúdio musical (v. 3,7,11). O salmo também se intitula *Cântico sobre Alamote*, palavra esta que talvez se refira à voz de soprano. A estrutura do Salmo 46 é a seguinte: (1) celebração de Deus como defesa, mesmo que a terra seja abalada (v. 1-3); (2) celebração de Deus como defesa, mesmo que as nações se enfureçam (v. 4-7);



## ENTENDENDO MELHOR

### TÚNEL DE ALEGRIA

O rio cujas correntes alegam a cidade de Deus (Sl 46.4) pode estar se referindo ao túnel que o rei Ezequias construiu para garantir um suprimento d'água contínuo a Jerusalém em épocas de guerra (2 Cr 32.30). O túnel transportava água da fonte de Giom, fora da cidade, até uma cisterna dentro da muralha. Assim, quando exércitos invasores cercavam Jerusalém, a corrente d'água incessante era motivo de alívio e felicidade para o povo.

Da mesma forma, Deus alegria Seu povo com Sua permanente presença. Sua proteção flui como um rio, a partir da fonte de Seu compromisso eterno para com aqueles que O honram.

(3) celebração de Deus como defesa, mesmo quando o Senhor vier com Seu juízo (v. 8-11).

**46.1** — *Refúgio e fortaleza* pode ser reformulado como defesa impenetrável. Os Salmos usam *muito a imagem de uma fortaleza para descrever Deus*. No antigo Oriente Médio, as cidades eram construídas em lugares altos, com altas muralhas, para sua defesa. Ainda assim, não havia cidade ou estrutura defensiva impenetrável. O salmista fala aqui, no entanto, daquele que é o nosso porto inteiramente seguro.

**46.2,3** — *Terra se muda*. Os termos dos versículos 2 e 3 elevam a ação a um nível cósmico. E se a batalha não fosse apenas uma guerra comum, com armas comuns? Se fizesse parte da guerra fazer as montanhas tremerem e os mares rugirem? Não faria diferença. Deus é o refúgio seguro para o Seu povo, contra tudo, real ou imaginário.

**46.4,5** — *Deus está no meio dela*. O povo de Deus não tem um Redentor ausente, uma defesa que só está presente algumas vezes. O Senhor habita com Seu povo. Consequentemente, Sua proteção merece nossa confiança.

**46.6,7** — *O Senhor dos Exércitos está conosco*. Estas palavras formam um refrão (v. 11). O emparelhamento das palavras *Senhor dos Exércitos* com *Deus de Jacó* é notável tanto neste versículo como no versículo 11. Este refrão louva ao Todo-poderoso, o Comandante dos exércitos celestiais, por haver escolhido habitar com os descendentes de Jacó, tornando-o Seu povo. Quem então poderia proteger melhor Seu próprio povo? Consulte Salmos 9.9 e 48.3 para outros usos da palavra *refúgio*.

**46.8-11** — *Desolações*. Aqui é retratado o juízo final (Sl 1; 110).

*Aquietai-vos*. A ordem para nos aquietarmos ante o Senhor é de preparativo não para o louvor, mas para o juízo que está por chegar (Hc 2.20; Sf 1.7; Zc 2.13). Deus será exaltado. Toda a terra há de se curvar a ele.

### Salmo 47

O *Salmo 47*, salmo real atribuído aos filhos de Corá, apresenta a grande ascensão do Rei dos reis ao Seu trono. Apresenta também o júbilo das

pessoas, porque Seu reinado significa o fim de toda a iniquidade, guerra e aflição (Is 11.3-5). Os poetas das Escrituras sabiam que Deus é o Rei e Criador do mundo (Sl 93), que Ele é o Rei do Seu povo porque é o Seu Salvador (Sl 99) e que Ele é o Rei que está por vir no futuro já profetizado. O Salmo 47 se concentra nesta última afirmativa. A estrutura do poema é a seguinte: (1) chamado para aclamação em triunfo quando vier o Rei (v. 1-4); (2) chamado para aclamar em triunfo quando o Rei for entronizado (v. 5-7); (3) conclamação para alegrar-se pelo reinado do Rei eterno (v. 8,9).

**47.1-3** — *Aplaudi com as mãos*. Existem diversas formas pelas quais o povo de Deus pode expressar sua alegria nele; uma delas é bater palmas em adoração.

*Todos os povos*. É principalmente o povo de Deus que irá louvar ao grande Rei; mas o chamado a todos os povos e nações faz parte do plano teológico geral dos salmos (Sl 67; 117).

*Senhor Altíssimo*. O nome divino normalmente traduzido por Senhor é aqui relevado pelo termo *Altíssimo*, que fala do poder de Deus sobre as nações (Sl 7.17; 77.10; 78.17,35,56; 82.6; 107.11; Dt 32.8).

*Tremendo* está ligado à palavra traduzida por temor, que sugere reverência pelo Deus Todo-poderoso (Sl 147.11). *Rei grande* é a expressão principal deste salmo. Todos os reis possuem, de fato, autoridade secundária; somente o Rei, o grande Deus que está nos céus, possui poder e justiça absolutos.

*Ele nos submeterá*. A promessa da vitória definitiva do povo de Deus sob a liderança de seu grande Rei é um tema básico da Bíblia (Sl 2; 110; 1 Co 15.24-28). O resultado da batalha final já está determinado desde muitíssimo tempo atrás por Deus.

**47.4** — As palavras *a quem amou* talvez sejam a contribuição mais significativa deste poema à nossa compreensão dos propósitos de Deus. Amar significa fazer sua escolha em. Deus escolheu os israelitas para ser Seu povo sagrado e, desta forma, Ele o amou. Em seu diálogo com Nicodemos, Jesus explica que o amor de Deus se estendeu, porém, a todas as nações, além de Israel (Jo 3.16).

**47.5-7** — *Deus subiu*. Este salmo fala da esperada entronização de Deus. Ao assentar-se o Senhor em Seu trono, todos os que o veem, nos céus e na terra, clamam em triunfo.

*Cantai louvores*. A repetição desta ordem nos versículos 6 e 7 é semelhante ao canto das vozes angelicais exaltando a santidade de Deus em Isaias 6.3. É claro o motivo da convocação para cantar: *Deus é o Rei de toda a terra*; Ele merece toda a nossa adoração. Este salmo fala, enfim, da vinda do glorioso reinado de Jesus, quando irá estabelecer para sempre Seu santo governo.

**47.8,9** — *Deus reina*. Deus é Rei único de toda a terra. Se há outras forças operando, só operam porque Ele assim o permite. Um dia, todo o mal, rebelião e opressão serão liquidados.

*O povo do Deus de Abraão*. É uma ilustração poética do cumprimento absoluto do pacto abraâmico (Gn 12.1-3). Um dia, todos os povos da terra que tiverem fé em Deus mediante Jesus Cristo verão que são um único povo. São todos verdadeira semente de Abraão, pois, à semelhança de Abraão, têm fé em Deus (Gn 15.6; Gl 3.5-8). Então todos os *escudos* pertencerão a Deus; não haverá qualquer outra força na terra ou no universo além do poder de Deus.

*Muito elevado* vem de um termo que significa subir, com a mesma raiz empregada no versículo 5. A subida, a ascensão definitiva de Deus ao seu trono, acontecerá com a entronização de Jesus e o estabelecimento de Seu reinado na nova Jerusalém (Ap 20).

### Salmo 48

O *Salmo 48* pode ser reunido com os Salmos 46 e 47 para formar três grandes salmos de louvor a Deus por Sua realeza e Seu amor pela cidade santa de Jerusalém. Esta ênfase em Jerusalém fez que muitos estudiosos se referissem a este grupo de salmos como *Canções de Sião*. Atribuído aos filhos de Corá, este salmo conclama as pessoas a louvar reverentemente ao Senhor. Pode ser assim dividido: (1) celebração da grandeza de Deus na cidade santa de Sião (v. 1-3); (2) descrição da assembleia dos reis e povos para testemunhar o reinado de Deus (v. 4-11);

(3) celebração da grandeza de Deus na cidade santa de Sião (v. 12-14).

**48.1** — *Grande* é usado frequentemente nos Salmos para descrever a pessoa de Deus (Sl 21.5; 77.13; 95.3; 96.4; 145.3; 147.5).

*Cidade do nosso Deus*. A cidade de Jerusalém tinha um lugar especial no coração do povo de Deus (1 Rs 14.21). A cidade era santa por causa da presença de Deus no templo.

**48.2,3** — *Alegria de toda a terra*. Como é bastante enfatizado nos Salmos, a finalidade da obra de Deus em Israel era a de atrair todas as nações para Si (Sl 117.1).

*Lados do norte*. Esta expressão foi provavelmente tomada emprestada da poesia cananeia. No ideário cananeu, os grandes deuses residiam em uma remota localidade ao norte. Para Israel, a morada de Deus era a cidade terrena de Jerusalém.

*A cidade do grande Rei*. Jesus cita estas palavras em Mateus 5.35, identificando tal cidade como Jerusalém.

*Deus é conhecido nos seus palácios*. Estas palavras exprimem uma prece pelo presente e esperança no futuro, e a mensagem é clara: a beleza da cidade de Jerusalém provém da presença do Senhor, que fez dela Sua morada.

**48.4-7** — Esta parte descreve, de outro ponto de vista, a batalha final mencionada nos Salmos 2 e 110. O Salmo 48 descreve a abordagem e a retirada rápida dos *reis* errantes. A ligação entre este texto e o do Salmo 2 é fortalecida pelo uso de uma palavra hebraica incomum para *tremor* — um termo que significa estremecer ou tremer de medo, encontrado em ambos os salmos (2.11).

**48.8** — *Como [...] o vimos*. As pessoas que cantavam essa canção originalmente conheciam decerto a presença de Deus na adoração do templo. Sabiam que estavam na cidade onde Deus escolhera colocar Sua bênção.

**48.9** — *Lembramo-nos*. Trata-se de um verbo hebraico pouco comum. Refere-se a fazer comparações mediante semelhanças e pensando e ponderando distinções. A mensagem aqui é que nada se compara ao amor fiel de Deus.





## APROFUNDE-SE

### VENTOS LESTE, OESTE, NORTE E SUL

Os antigos hebreus descreviam o clima que os rodeava em termos de quatro ventos, determinados pelos quatro pontos cardeais.

O vento do leste, vento oriental (Sl 48.7), vinha do deserto e era famoso por sua violência. Chamado também de vento do deserto, este soprou foi a causa provável da destruição da casa de um dos filhos de Jô, matando todos os seus filhos (Jô 1.19). Da mesma forma, um vento oriental mandado por Deus abriu o mar Vermelho (Êx 14.21). Não é de surpreender, portanto, que Jeremias comparasse a guerra ao vento oriental (Jr 18.17).

Quente e seco, o vento oriental tinha potencial para secar os grãos e plantações (Gn 41.6,23,27; Ez 17.9; Jn 4.8) e para secar fontes d'água (Os 13.15). Foi também um vento oriental que trouxe a praga dos gafanhotos (Êx 10.13).

Já o vento do oeste, vento ocidental, pelo contrário, transportava a umidade do mar Mediterrâneo entre novembro e fevereiro. Foi o vento ocidental que levou embora os gafanhotos no Egito (Êx 10.19) e que, trazendo chuva, acabou com a severa seca nos dias do profeta Elias (1 Rs 18.43,44).

O seco vento do norte é o mais frio. Os árabes chamam este vento, atualmente, de *simum* (de *samm*, veneno). Pode causar dor de cabeça, febre e nevralgia.

O suave vento do sul traz *calma sobre a terra* (Jô 37.17). Soprou com suavidade o barco de Paulo (At 27.13), até que outro vento, mais forte, destruiu-o. Proveniente das terras altas do Sinai e da Arábia, o vento do sul sopra por cerca de um dia, a cada vez, na primavera (de fevereiro a junho).

**48.10-14** — Louvar a cidade de *Sião* é outra forma de louvar a Deus, cuja morada era ali. Ser *guia* refere-se ao trabalho de pastor (Sl 78.52).

### Salmo 49

O *Salmo 49*, um salmo de sabedoria atribuído aos filhos de Corá, tem muitas semelhanças com *Provérbios* e *Eclesiastes*. O salmo conclama o sábio a perceber que não há nada a se temer do rico opressor. Assim como os animais, ele também morre. Mas os justos viverão para todo o sempre. Este salmo é bem diferente dos salmos de louvor; é como que um texto de orientação musicado. Sua estrutura é: (1) chamado à compreensão (v. 1-4); (2) declaração de que é vão confiar nas riquezas (v. 5-9); (3) declaração da invalidade dos bens após a morte (v. 10-12); (4) descrição da redenção divina (v. 13-15); (5) conclusão de que temer os ricos é desnecessário (v. 16-20).

**49.1-5** — *Ouvi isto, vós todos*. O chamado à sabedoria e à compreensão, aqui, é para todos, semelhante ao chamado à adoração universal do Senhor (Sl 117). O *enigma* proposto se refere a um problema moral tremendo: como podem os justos chegar a um acordo com os ricos

opressores, se estes nem sequer parecem pensar em Deus?

**49.6-9** — *Aqueles que confiam na sua fazenda*. Conforme ensinado por Jesus (Mc 10.24), eis um alerta para não se confiar nas riquezas, porque nada podem adquirir que possua um valor duradouro, seja nesta vida, seja na próxima.

*Dar a Deus o resgate*. A riqueza não compra a redenção.

*Corrupção* refere-se ao aspecto sombrio do poder da morte (Sl 16.10). Só Deus tem poder para nos livrar da morte e do inferno.

**49.10** — O tema de que *os sábios morrem* é desenvolvido em *Eclesiastes*. Ricos e pobres, sábios e tolos, todos possuem destino idêntico — a morte física.

**49.11-20** — Estes versículos descrevem com vivacidade tanto o poder da morte como o poder maior de Deus.

*A sua formosura na sepultura se consumirá*. A morte é a grande niveladora. Gente que possui beleza, riqueza (v. 16,17) e poder neste mundo perde tudo isso na morte. Tudo nos é tirado, menos o caráter ou a alma. Eis por que as Escrituras nos recomendam desenvolver o nosso caráter

— com a lei de Deus, santidade, sabedoria e conhecimento —, mais do que qualquer outra coisa. Toda ocorrência da palavra *sepultura* nesses versículos é uma tradução da palavra hebraica *seol*, que significa morte (Sl 16.10).

*Deus remirá a minha alma.* O salmista tem certeza de que Deus irá livrá-lo do poder da morte.

### Salmo 50

O Salmo 50, um salmo de sabedoria, é o primeiro de 20 poemas atribuídos a Asafe, um dos líderes musicais nomeados por Davi. Este salmo apresenta o contraste entre o justo e o ímpio aos olhos de Deus, tema constante dos autores de salmos de sabedoria. A genuína sabedoria, no pensamento bíblico, baseia-se no temor do Senhor, ou seja, em uma resposta adequada à impressionante natureza de Deus. Neste salmo, Deus é retratado como o grande Juiz (Sl 96—98). O salmo se desenvolve conforme se segue: (1) louvor ao Deus que brilha em Sião (v. 1-3); (2) visão da vinda de Deus, o grande Juiz (v. 4-6); (3) instrução do grande Juiz a Seu povo com relação ao sacrifício (v. 7-15); (4) censura do grande Juiz aos ímpios (v. 16-21); (5) palavras do grande Juiz sobre condenação e salvação (v. 22,23).

**50.1,2** — O texto em hebraico usa três termos — *poderoso, Deus e Senhor* — como introdução marcante a este poema. Estes termos dão uma portentosa ideia de Deus reinando em meio ao Seu povo (Sl 18.7-9).

*Desde Sião.* A glória de Deus brilha a partir de Seu santuário em Jerusalém.

**50.3-6** — *Virá o nosso Deus.* Profecia que fala do futuro reino de Deus (Sl 96—98).

*Deus mesmo é o Juiz.* Consulte Salmos 75.7, onde se tem um intenso desenvolvimento dessa ideia. A mensagem deste salmo é: Deus é o Juiz maior. Quando se refere a Deus, a palavra hebraica que significa Juiz tem conotações de realeza (Sl 94.2). Deste modo, este salmo de sabedoria é também um salmo real, pois fala da vinda do grande Rei, que tanto reinará quanto julgará.

**50.7-10** — *Não te repreenderei.* Em Levítico, sacrifícios são demandados por Deus; todavia, o

povo de Israel não soube manter uma perspectiva benigna da natureza deles.

*Meu é todo animal da selva.* O povo não estava prestando favor algum a Deus trazendo animais para o sacrifício, pois tudo já é dele, de todo modo. É Deus quem controla a existência de todo e qualquer pássaro ou fera.

**50.11-15** — *Se eu tivesse fome.* O Deus de Israel não tem fome de comida, mas, sim, de justiça por parte de Seu povo.

*Invoca-me.* O sacrifício existia no Antigo Testamento para o bem do povo. O Senhor projetou o sistema como um meio pelo qual derramaria Sua misericórdia sobre aqueles aos quais ama.

**50.16-21** — Assim como no caso de 1.4, o enfoque central deste salmo deixa de ser o justo, que precisa de orientação, passando para o ímpio, que requer julgamento. Passa assim a anunciar o juízo de Deus, não contra as nações, mas contra os próprios israelitas, que ouviram a Palavra de Deus, mas a desprezaram.

*Soltas a tua boca para o mal.* Deus oferece a verdade, mas Seu povo escolheu a falsidade. Havia visto a luz, mas preferiu viver na escuridão (Jo 3.16-21).

*Falar contra o teu irmão.* Não existe mais qualquer vestígio de decência nos ímpios; até as relações familiares comuns são desrespeitadas.

**50.22,23** — No clímax da revelação do juízo futuro, neste salmo, oferece o Senhor uma oportunidade para as pessoas se arrependem e receberem Seu perdão. É uma demonstração da Sua graça. O Senhor quer salvar; Seus alertas são mais uma expressão de Sua misericórdia.

### Salmo 51

O Salmo 51 está associado a uma das experiências mais difíceis da vida de Davi, o seu caso com Bate-Seba. É um dos vários salmos de Davi em que o título especifica o incidente que inspirou o poema. O relato do pecado de Davi e a censura de Natã estão em 2 Samuel 11 e 12.1-15. A resposta de Davi a Natã foi imediata: Pequei contra o Senhor (2 Sm 12.13). Algum tempo depois, ele escreveu esse memorável salmo penitencial. A estrutura do poema é a seguinte: (1) apelo à



## PERFIL

### UM QUEBRANTAMENTO POSITIVO

Para o rei Davi, só havia, afinal, uma maneira de lidar com o pecado: encará-lo, confessá-lo e ser perdoado. O Salmo 51 mostra-o fazendo exatamente isso. Em contraste absoluto com a confissão fingida, que é praticada por tanta gente, a oração de Davi exprime um quebrantamento total.

Qual era exatamente o pecado que Davi estava confessando? A Bíblia nos diz claramente que ele cometera adultério com Bate-Seba, esposa de Urias, o heteu, e, quando ela ficou grávida, Davi tentou em vão acobertar o seu pecado ordenando a morte de Urias (2 Sm 11). O Salmo 51, no entanto, não menciona o adultério, apenas fala de passagem no assassinato (Sl 51.14). Em vez disso, a principal transgressão confessada é: *Contra ti, contra ti somente eu pequei, e fiz o que a teus olhos parece mal* (Sl 51.4).

Davi não estava fugindo da responsabilidade pela imoralidade sexual e pelo assassinato, mas, sim, reconhecendo que, no final das contas, seu pecado ofendia muito mais a Deus, justo e santo. Mesmo quando há gente ferida pelos pecados dos outros, foram as normas de Deus, sobretudo, que foram quebradas. Assim, se é bem verdade que os pecadores devem pedir perdão às pessoas atingidas e até ressarcí-las, também é verdade que, acima de tudo, devem se confessar, arrependidos, a Deus. Somente Ele pode perdoar o pecado (Mc 2.7).

misericórdia de Deus, no contexto da confissão de Davi (v. 1,2); (2) reconhecimento de que o pecado de Davi fora contra o Senhor (v. 3,4); (3) confissão de Davi de que o pecado permeava o seu ser (v. 5,6); (4) uma série de pedidos de perdão (v. 7-13); (5) voto de louvor pelo pecador perdoado (v. 14, 15); (6) declaração sobre o sentido da adoração verdadeira (v. 16,17); (7) pedido a Deus para que restaure a sorte de Seu povo (v. 18,19).

**51.1,2** — O rogo de Davi por *misericórdia* é a única petição apropriada para um pecador que se confessa. O pecador não deve implorar justiça, porque isso significaria juízo e ruína para ele. A misericórdia e o perdão são as dádivas de Deus ao pecador confesso. Mesmo quando o Senhor perdoa, Ele não mancha a justiça integrante de Seu caráter; os pecados confessos são cobertos pelo perfeito sacrifício de Seu filho na cruz (2 Cr 5.21). A expressão *a multidão das tuas misericórdias* exprime o amor fiel e comprometido que Deus tem pelo Seu povo (13.5).

**51.3,4** — Os meses de angústia sofridos por Davi por causa de sua culpa são expressos pelas marcantes palavras *o meu pecado está sempre diante de mim*. Veja o desenvolvimento deste tema no Salmo 32.

*Contra ti*. Davi havia pecado contra Bate-Seba, Urias e a nação que fora chamado a governar. Mas nenhuma dessas acusações era tão grave quanto

sua ofensa a Deus. Os versículos iniciais usam diferentes palavras para descrever seu erro — *transgressões, iniquidade e pecado*. Já as palavras para perdão são todas metafóricas: *apaga* (v. 1), *lava-me e purifica-me* (v. 2). Todas essas palavras exprimem a seriedade do pecado e o grande empenho que Deus tem em querer remover o pecado de nós.

*Sejas justificado*. O Senhor lida com o pecado de duas formas: os perversos recebem Sua condenação justa; os justos, Sua misericórdia imerecida.

**51.5,6** — *Em iniquidade fui formado*. Foi encontrado pecado em Davi desde o início; desde o nascimento, ele estava inclinado ao pecado (Rm 5.12). *No íntimo*, expressão rara na Bíblia hebraica, indica algo embaçado, difícil de ver por alguém que não seja Deus. O olhar penetrante do Senhor esquadrinha os recônditos mais íntimos da mente e do coração de cada um.

**51.7-9** — *Hissopo*. Davi refere-se a ritual de purificação previsto na lei mosaica (Lv 14.4; Nm 19.6). Pede repetidas vezes que seja purificado, expressando sua grande carga de culpa.

**51.10** — Este versículo é significativo sob dois aspectos, de arrependimento e criação. O verbo traduzido por *criar* é o mesmo empregado em Gênesis 1.1 e refere-se àquilo que somente Deus pode fazer. Davi pede para o seu coração ser re-

novado, restaurado e transformado. Deus é a única chance de ser feita essa renovação.

**51.11-15** — Davi conclama os *transgressores* à salvação neste versículo. Promete usar sua experiência, com a graça de Deus, como motivação renovada para levar outros a conhecer o amor e a piedade de Deus (Sl 40.3).

*Minha língua louvará.* Davi deseja ser perdoado por diversos motivos: (1) pela sua própria paz; (2) pela mensagem que espera poder comunicar aos outros; (3) pelo louvor que almeja render em meio à comunidade de fiéis.

**51.16,17** — *Não te comprazes em sacrifícios.* O termo principal aqui é o verbo *comprazer*, que significa encontrar prazer em. O prazer do Senhor não está no animal sacrificado, mas na pessoa restaurada. Deus exigia sacrifícios no Antigo Testamento, sim, mas Seu prazer sempre esteve naquele que a Ele se apresenta com postura obediente (Gn 4.1-7; Jo 4.21-24; Rm 12.1,2). As ações praticadas sem um coração contrito não são aceitas por Deus (Is 1.12-20).

**51.18,19** — *Abençoa.* Davi declara a bondade de Deus a toda a comunidade em adoração coletiva (Sl 125.4). O verbo hebraico traduzido por *te agradarás* é o mesmo traduzido por *te comprazes*, no versículo 16. Deus Se agrada daqueles cujo coração seja humilde perante Ele. Os sacrifícios destas pessoas é que seriam fonte de alegria para Ele.

### Salmo 52

O *Salmo 52*, um salmo de lamentação, enfatiza muito o julgamento dos inimigos de Davi. O título deste salmo especifica o incidente da vida de Davi que o fez escrevê-lo. Doegue, servo de Saul, havia espionado Davi quando este fugiu para junto de Aimeleque, sacerdote de Nobe, para obter víveres e orientação (1 Sm 21.7). Contou tudo a Saul, que ficou tão irado que mandou dizimar a família sacerdotal de Aimeleque (1 Sm 22). Esse incidente foi arrasador para Davi. Sua atitude havia feito que outros morressem, enquanto seus inimigos estavam empenhados em destruí-lo. A estrutura do salmo é: (1) questionamento do motivo de terem os ímpios tanto prazer no mal (v. 1-4); (2) proclamação de que Deus

destruirá os ímpios (v. 5-7); (3) voto de louvar sempre o Senhor (v. 8,9).

**52.1-4** — *Te glorias* está ligado à palavra traduzida por louvar; gloriar-se no mal, no entanto, não passa de uma perversão do louvor. *Poderoso* foi usado aqui, certamente, com sarcasmo, pois, para o salmista, o único realmente poderoso é o Senhor.

*A bondade de Deus* significa Seu amor fiel. Há tremendo contraste entre o ímpio, que se gloria no mal, e o Senhor, com Seu bondoso caráter supremo e permanente.

*A tua língua* refere-se a mais do que simples palavras. Essas pessoas usavam a linguagem como arma, por acreditar que os deuses poderiam conferir às suas palavras um poder devastador.

**52.5-7** — *Deus te destruirá para sempre.* O poeta emprega termos dos mais fortes para descrever o juízo divino sobre aqueles que praticam o mal.

*Desairragar-te-á da terra dos viventes* refere-se à morte, embora não à morte eterna.

*E os justos o verão, e temerão.* Este temor significa respeito profundo a Deus e sentimento de assombro e reverência perante o Seu trono.

*Eis aqui o homem.* Os justos riem da insensatez dos ímpios. A referência a *homem* geralmente significa a força do homem; esse, porém, não tem força alguma: busca força dentro de si mesmo, em vez de procurá-la na fonte de toda força, o Todopoderoso.

**52.8,9** — *A oliveira verde* é um símbolo de beleza. Em Romanos 11, a oliveira é utilizada como símbolo dos gentios enxertados na raiz, o povo de Deus, ou a igreja. A palavra em hebraico traduzida por *misericórdia* é o mesmo termo que significa amor fiel e traduzido por *bondade* no versículo 1. A palavra hebraica traduzida aqui por *louvar*, em *louwarei*, pode também significar agradecer (Sl 105.1), referindo-se geralmente ao louvor em público e em voz alta.

### Salmo 53

O *Salmo 53* é uma reformulação do Salmo 14 com ligeiras diferenças, especialmente no final. Seu desenvolvimento é o seguinte: (1) anúncio

de juízo do insensato (v. 1); (2) o Senhor examina a todos (v. 2,3); (3) o juízo do Senhor (v. 4,5); (4) oração pela salvação de Israel (v. 6).

**53.1** — Na Bíblia, o termo *néscio* não significa incompetência mental, mas, sim, insensibilidade moral e espiritual. O *néscio* é aquele que ignora Deus.

**53.2-6** — *Deus espalhou os ossos*. Trata-se de um anúncio profético do juízo final dos ímpios. Aqueles que teimam em não querer temer a Deus sentirão então um *grande temor* quando Deus vier em glória e poder. Não haverá mais iniquidade para contaminar a terra e conturbar o povo de Deus.

### Salmos 54

O *Salmos 54* é um salmo de lamentação em que a resposta à oração é declarada antes do final do poema. A resposta pode ter vindo por intermédio de um sacerdote ou profeta. O salmista, ao recebê-la, buscou divulgar imediatamente a bondade de Deus. O *Salmos 54* é mais um salmo de Davi em que o título indica a situação exata em que foi escrito (Sl 51; 52). Por duas vezes, o povo do deserto de Zife denunciou a Saul que Davi havia se refugiado em suas terras (1 Sm 23.19-23; 26.1-3). A aflição de Davi é compreensível. Todavia, do ponto de vista dos zifeus, sua atitude tinha razão de ser. Afinal de contas, Saul era o rei, e Davi, um fugitivo. O poema assim se desenvolve: (1) clamor pela ajuda de Deus em meio à perseguição de muitos inimigos (Sl 54.1-3); (2) declaração de que Deus é o Ajudador de Davi (v. 4,5); (3) voto de louvor a Deus (v. 6,7).

**54.1-3** — *Salva-me, ó Deus, pelo teu nome*. Os poetas da Bíblia conheciam o significado do nome de Deus, mesmo quando não o usavam. O povo de Zife é indicado, provavelmente, pelas palavras *estranhos* e *tiranos*. Davi ressalta não ser este um povo temente a Deus. E, como serve a Deus, espera que o Senhor o livre dele.

**54.4,5** — *Meu ajudador* também pode ser traduzido por meu poder. O Senhor era a força de Davi quando em necessidade. *Destrói-os* é a maldição de Davi sobre seus inimigos, uma imprecação.

Ainda assim, Davi não procura vingança pelas próprias mãos. Só o Senhor pode exercê-la.

**54.6,7** — *Eu te oferecerei voluntariamente sacrificios*. A oração foi respondida. Deus está honrado. Davi expressa assim sua boa vontade em cumprir o que prometera.

### Salmos 55

O *Salmos 55* trata de vida e morte, de livramento do inferno e da presença persistente de Deus. Fala profeticamente da vivência de Jesus, o Salvador. Este salmo consiste em várias partes curtas, e suas aparentes interrupções mostram a emoção profunda com que foi gerado. A estrutura do poema é: (1) chamado para que Deus ouça o salmista em meio à aflição (v. 1-3); (2) desejo de escapar da morte (v. 4-8); (3) oração pela vinda do juízo de Deus sobre o ímpio (v. 9-11); (4) descrição da traição de um amigo (v. 12-14); (5) nova oração para que Deus julgue os ímpios (v. 15); (6) oração pelo livramento dos justos (v. 16-19); (7) retrospectiva da traição do amigo (v. 20,21); (8) chamado à esperança em meio à angústia (v. 22); (9) declaração final de confiança em vista do juízo final (v. 23).

**55.1-3** — *Inclina, ó Deus, os teus ouvidos*. O poema começa de uma forma comum nos salmos de lamentação. É um clamor a Deus, uma referência à angústia do salmista, um aviso sobre a presença do inimigo. O que abala Davi, aqui, não é estar enfrentando mais uma dificuldade nem haver adquirido mais inimigos, mas, sim, ser o inimigo o seu próprio amigo (v. 12-14).

**55.4-8** — A dor intensa do salmista pode ser sentida na escolha de termos fortes. A expressão *terrores da morte* é incomum. A palavra *terror* (ou pavor), em hebraico, é usada nas Escrituras, principalmente, na descrição do horror que Abraão sentiu em meio à escuridão que o engolfou, quando Deus estava prestes a lhe aparecer (Gn 15.12); exprime também os horrores que recaíram sobre o povo de Canaã quando o Senhor deu a terra aos israelitas (Êx 15.16). Para reforçar essa sensação, Davi fala do *tremor* e *horror* que o dominavam (Ez 7.18).

**55.9** — Davi clama pelo juízo de Deus sobre o ímpio; irá renovar este clamor nos versículos 15 e 23.

**55.10-14** — Aqui está o motivo da dor terrível de Davi, manifesta neste salmo. Não era um inimigo comum que se levantava contra ele; era o seu próprio *guia*, seu confidente e amigo. Aquele que o traiu era não só seu amigo íntimo, mas também alguém em cuja companhia Davi adorava o Senhor.

**55.15** — Enraivecido, Davi grita: *a morte os assalte*. Suas palavras dirigem-se contra os ímpios em geral, não somente contra aquele que causara sua aflição (v. 13,14). Davi exprime suas emoções a Deus em oração, mas sabia que o juízo e a vingança estavam inteiramente nas mãos de Deus (Rm 12.19).

**55.16-19** — As palavras *mas eu* marcam uma virada dramática no salmo. Davi volta à posição de fé; declara sua confiança no Deus onipotente.

*Deus ouvirá*. Ele se recorda dos grandes atos de libertação que Deus já operou por ele e confia na obra que Deus continuará a fazer em sua vida. Devemos também, do mesmo modo, nos lembrar sempre, em tempos difíceis, da fidelidade de Deus.

**55.20** — *Puseram suas mãos*. Davi volta a descrever seu ex-amigo, agora seu inimigo (v. 13,14). Fora completamente logrado pelas mentiras deste homem.

**55.21-23** — Para qualquer um de nós que passe por dor ou desolação, a ordem *lança o teu cuidado sobre o Senhor* é de fato um refrigério. O Senhor é a única constante em nossa vida (v. 19) e nosso único amigo de verdade (Sl 27.10). Ele pode sempre levar nosso fardo.

### Salmo 56

O Salmo 56 é um salmo de lamentação. Este poema de Davi tem a mesma ambientação que o Salmo 34 — a fuga de Davi de Áquis para Gate. No Salmo 34, Áquis é chamado de Abimeleque, sua provável alcunha real. O fato de dois salmos de Davi estarem ligados a esse evento demonstra como a situação foi marcante e avassaladora para

Davi. Separado de tudo que lhe era familiar, Davi procurou se refugiar entre os filisteus. Quando se voltaram contra ele, quase perde a vida. Escapou fingindo-se de louco (1 Sm 21.10-15). Este salmo era cantado em adoração comunitária, pois é dirigido ao músico-chefe e deve ser executado com a melodia da canção *Pomba silenciosa em terra distante*. A estrutura do poema é a seguinte: (1) clamor a Deus, o único socorro de Davi (v. 1,2); (2) profissão de fé em Deus (v. 3,4); (3) descrição da obra dos seus inimigos (v. 5-7); (4) confissão do motivo de confiar em Deus na aflição (v. 8-11); (5) voto de louvor ao Senhor (v. 12,13).

**56.1** — *Tem misericórdia de mim*. Davi clama a Deus por estar se sentindo muito mal nesse seu momento de exílio (1 Sm 21.10-15).

**56.2-4** — *Hei de confiar* são palavras de fé perene, mesmo em tempos difíceis. A alternância de trechos de dor e fé é característica dos salmos de lamentação (Sl 13).

*Louvarei a sua palavra*. Esta asserção também é encontrada duas vezes no versículo 10. A ideia de *que me pode fazer a carne* é repetida no versículo 11 e mais desenvolvida em 118.6. Estas palavras constituem também uma base no Antigo Testamento para a confiança expressa pelo apóstolo Paulo em Romanos 8.31.

**56.5** — *Todos os dias torcem as minhas palavras*. Nos salmos de lamentação, o poeta costuma se queixar de mentiras, do uso maldoso de palavras e de palavras falsas (Sl 12).

**56.6-11** — *Tu contaste as minhas vagueações*. O salmista acredita confiantemente que Deus tem interesse especial por suas lágrimas e aflições, cada uma delas. Conhece também a grande verdade, contida no significado do nome de Deus, de que o Senhor está conosco. Veja em Salmos 118.6,7 o desenvolvimento desta ideia.

*Louvarei a sua palavra*. A dupla aparição deste brado de louvor mostra o grande entusiasmo do salmista ao louvar a Deus. *Em Deus*. O poeta repete as palavras do versículo 4 como um refrão de fé.

**56.12,13** — *Os teus votos*. O poeta assume muito seriamente sua determinação de louvar ao Senhor.



## APROFUNDE-SE

### LIÇÕES DE MÚSICA

O livro de Salmos é o hinário do antigo Israel. Os salmos eram letras de música, tendo conservado, por isso, algumas notações musicais ocasionais. A maioria delas se encontra nos sobrescritos, ou títulos. Por exemplo, muitos dos salmos são dirigidos ao cantor-mor (Sl 51-62). Outros pedem acompanhamento musical. O Salmo 4 pede instrumentos de cordas; o Salmo 5, de flautas; o Salmo 6, de harpa de cinco cordas; e o Salmo 8, um instrumento de Gate. Por vezes, os títulos especificam a canção a ser utilizada, como *A morte do filho* no Salmo 9 ou *Os lírios* no Salmo 45. Os sobrescritos contêm, assim, indicações de natureza musical dos salmos.

Os Salmos oferecem também uma imagem equilibrada do uso da música de louvor. Os três primeiros versículos do Salmo 33 são especialmente instrutivos neste particular. Conforme sugere seu versículo 1, o objetivo da música de louvor é nos alegrarmos no Deus que nos deu vida nova. Como observa o salmista, em sua instrução aos *justos*, esse tipo de adoração só poderá ser feita pelos que foram purificados pela graça de Deus e renovados em Seu Espírito. Diz o salmista que o canto feito por justos *convém*, porque Deus aprecia ser adorado pelo Seu povo. Deste modo, a música de adoração é sempre dirigida ao Senhor (v. 2,3). Ou seja, Deus é sempre o público da música executada em Seu nome.

Que tipo de música podemos apresentar a Deus? O salmista descreve uma porção de instrumentos, como a harpa e o instrumento de dez cordas, que se unem à voz humana para *render graças ao Senhor*. Mas sua convocação para cantar *um cântico novo* (v. 3) não é um mero chamado à composição de novas músicas e hinários. A expressão significa cantar para Deus com admiração e exaltação renovada por tudo que Ele tem feito por nós. A adoração de Deus nunca deve ser uma tarefa prosaica; devemos sempre nos aproximar do Senhor com alegria. Com a expressão *local bem* (v. 3), o salmista nos exorta a nunca abordar o louvor de forma casual. Devemos executar bem a música de louvor por estarmos fazendo-o para o Senhor, e nos cabe oferecer-lhe sempre o melhor de nós. Mas não é a nossa habilidade o único critério recomendável para a execução da música de louvor; a última exortação do salmista, no versículo 3, é a de tocá-la *com júbilo*. Como Deus sempre leva em consideração nossa postura, nossa alegria genuína na presença do nosso amado e zeloso Senhor é necessária, para que a música seja de fato, e inteiramente, de louvor.

*Tu livraste a minha alma.* Eis o relato do livramento concedido ao salmista. Davi alegra-se no Senhor na congregação dos crentes.

### Salmo 57

O Salmo 57 é outro poema de Davi no qual o título fornece a ambientação específica do salmo. A narrativa da vida de Davi mostra que por duas vezes ele se escondeu em cavernas — a primeira vez em Adulão (1 Sm 22.1-5), local de ocorrência do Salmo 142, e de novo em Engedi (1 Sm 24.1-7), cenário deste poema. Em En-Gedi, Davi poupou a vida de Saul, embora este tivesse se tornado um alvo fácil. Enquanto perseguia Davi, Saul havia entrado em uma caverna para fazer suas necessidades. Acontece que ele escolheu exatamente a caverna em que Davi estava escondido. Em vez de usar a oportunidade para matá-lo, Davi apenas cortou à espada uma parte da roupa do rei. Depois, arrependeu-se até mesmo desse ato contra Saul. O Salmo 57 é um dentre quatro cantados

sobre a música *Não destruirás* (Sl 58; 59; 75). A estrutura do poema é a seguinte: (1) clamor pela misericórdia divina em meio a calamidades (v. 1-3); (2) profissão de fé em meio à aflição (v. 4-6); (3) determinação de louvar a Deus junto ao povo (v. 7-11).

**57.1-3** — O brado de abertura, *Tem misericórdia de mim*, é igual ou semelhante ao de vários outros salmos de lamentação; mas, aqui, é imediatamente seguido por profissão de fé no Senhor.

À *sombra*. A imagem de esconder-se o filhote sob as asas da ave-mãe é tema bem familiar nos Salmos (91.1-4). O salmista promete somente orar ao seu Deus, porque somente Ele pode livrá-lo de seu problema. A palavra hebraica traduzida por *executa* pode ser traduzida também por *aperfeiçoa*; a mensagem é a de que Deus age pelo bem de Seu servo.

**57.4-6** — Os inimigos do salmista são como *leões* espreitando a presa. *Sê exaltado*. No meio de sua aflição, o salmista brada em louvor a Deus

(v. 11). Uma das formas pelas quais Deus a Si mesmo Se exalta é ajudando amorosamente os necessitados. *Armaram uma rede*. O salmista sente-se como um pássaro apanhado com facilidade, mas pela misericórdia divina seus inimigos cairão na própria arapuca que armaram.

**57.7** — Quase no fim da vida, Paulo foi capaz de dizer que conservara sua fé (2 Tm 4.7). Com as palavras *preparado está o meu coração*, Davi está garantindo a Deus basicamente a mesma coisa. Ele permaneceu fiel ao Deus que o sustentou desde o começo.

**57.8-11** — *Louvar-te-ei*. Como é comum nos Salmos, a conclusão deste é um voto de louvor ao Senhor. O louvor seria centrado nos atos salvadores do Senhor. Neste poema, a adoração ao Senhor está ligada à Sua *misericórdia e verdade* (Sl 86.15). As palavras do versículo 11 servem de refrão, repetindo as palavras de exaltação do versículo 5.

### Salmo 58

O *Salmo 58*, um salmo imprecatório, pode ter sido gerado por um ataque muito sério a Davi. É um dos quatro salmos para serem cantados com a melodia *Não destruirás* (Sl 57; 59; 75). O salmo possui quatro partes: (1) descrição dos maus juízes que promovem destruição na terra (v. 1,2); (2) descrição do ímpio que persiste no mal (v. 3-5); (3) clamor por juízo divino contra os ímpios (v. 6-9); (4) certeza de que os justos serão vingados (v. 10,11).

**58.1,2** — *Ó congregação* é um termo depreciativo para os maus juízes. Embora fossem apenas humanos, comportavam-se como se possuíssem poderes divinos.

*Iniquidades [...] violência*. Em vez de estabelecer a justiça, esses maus juízes produziam o caos. Pensavam ter todo o poder da terra. Mas logo aprenderiam que Deus *julga na terra* (v. 11).

**58.3-5** — O efeito dos atos dos ímpios quando em posição de poder é tão mortal como o efeito da ação de uma cobra venenosa enraivecida. A palavra *encantadores* refere-se àqueles amestradores que conseguem como que controlar o comportamento das cobras; mas, neste caso, nem

esses encantadores conseguiriam controlar a destruição e o mal causados por ímpios em posição de poder.

**58.6,7** — Em Salmos 57.4, descrevem-se os ímpios como possuidores de poderosos *dentes*, como carnívoros que comessem vivos os justos. Aqui, Davi pede a Deus que lhes quebre os dentes, simbolizando assim a destruição do poder dos ímpios sobre os pobres e indefesos (3.7).

**58.8** — Os antigos israelitas desejavam tanto ter filhos que um bebê nascido vivo era considerado extremamente precioso. Na mesma linha de pensamento, um *aborto* causaria sempre grande sofrimento e frustração.

**58.9** — Neste versículo, Davi fala da certeza do juízo divino.

*Cheguem a aquecer as vossas panelas*. Leva algum tempo para uma panela ferver. Mas o julgamento de Deus será repentino — antes mesmo que uma panela possa aquecer.

*Como por um redemoinho*. Trata-se de uma imagem de destruição súbita.

*Assim os verdes, como os que estão ardendo* pode significar: Tão certo como Ele vive, é real a Sua ira.

**58.10** — A destruição dos ímpios entristece, por fazer pensar no desperdício de sonhos, vidas e esperanças humanas. Grande alegria há, porém, para o *justo*, que reconhece que seu Rei e Salvador é vitorioso (Ap 19.11-21). Há alegria também em saber que a iniquidade não irá enfurecer mais o Senhor do universo (Sl 68.3). A justiça prevalecerá para sempre.

**58.11** — *Recompensa para o justo*. Consulte 1 Coríntios 3.11-15 e veja o desenvolvimento deste tema. *Na terra*. Esta é a arena adequada para o juízo divino, porque o mau juiz pensava possuir toda a autoridade da terra (v. 2).

### Salmo 59

O *Salmo 59*, salmo de lamentação, contém uma forte garantia do juízo final dos ímpios. O sobrescrito refere-se à história de 1 Samuel 19.9-17. Davi escapa da ira de Saul com a ajuda de sua esposa, Mical, que demonstra heroísmo incomum e grande devoção a Davi — atitudes que resultam



no desgaste de sua relação com o pai, Saul. O Salmo 59 tem quatro partes: (1) oração de livramento (v. 1-5); (2) esperança confiante (v. 6-10); (3) nova oração de livramento (v. 11-13); (4) esperança renovada (v. 14-17).

**59.1,2** — A repetição da expressão *livra-me* é para efeito de ênfase, significando tirar alguém dos seus problemas e aflições. O termo traduzido por *defende-me* significa coloca-me em um lugar alto ou retira-me do alcance dos problemas (Sl 91.14).

*Salva-me.* É empregado aqui um dos verbos hebraicos mais comuns nas Escrituras para exprimir o ato de salvação. Sugere ceder espaço a ou expandir uma área para respirar.

**59.3,4** — *Arma ciladas.* Os inimigos agem como animais selvagens à caça ou soldados inimigos que espreitam os caminhos do adversário.

*Sem transgressão minha.* Embora houvesse momentos na vida de Davi em que sabia estar sofrendo por haver pecado (Sl 32), em outros momentos acreditava estar inocente de pecado. Ainda assim, era perseguido por perversos. Aqui, expressa seu protesto em voz alta.

*Sem transgressão minha ou pecado meu.* Davi não se sentia culpado de qualquer iniquidade que pudesse justificar tais ataques impiedosos à sua pessoa.

**59.5** — O chamado de Davi para que o Senhor *desperte* é uma forma de pedir a Deus que atente para o seu rogo (Sl 7.6; 35.23; 44.23; Is 51.9). Como que para garantir que Deus ouviria seu brado, Davi usa o nome todo de Deus: *Senhor, Deus dos Exércitos, Deus de Israel.* O Comandante dos exércitos de anjos é também o Protetor de Seu povo.

*Não tenhas misericórdia.* Os justos podem vencer perfeitamente, muitas vezes, a misericórdia do Senhor; mas a Sua misericórdia não se estende aos que se opõem persistentemente a Ele.

*Pérfidos* eram os que participavam constantemente de atos traiçoeiros.

**59.6,7** — Os *cães*, na cultura hebraica antiga, eram considerados animais quase selvagens, necrófagos; não eram, na verdade, os bichos domésticos de nossos tempos.

*Quem ouve.* Tal como as pessoas de que falam os Salmos 9 e 10, aqui o ímpio crê que não será castigado de maneira alguma pelo seu mal. Está, porém, redondamente enganado (75.7 10; 92.6).

**59.8** — *Mas tu.* Trata-se de uma guinada de 180 graus no salmo — de pensamentos sobre os perversos ao reconhecimento da realidade de Deus em lidar com os seres humanos.

*Te rirás; zombarás.* Os termos são os mesmos do 2.4 (Jó 9.23; Pv 1.26). Existe a risada afável de Deus alegre pelo Seu povo (Sl 147.11; Sf 3.17). Mas essa risada é de desdém.

**59.9** — *Te aguardarei* significa também vigiarei. Os inimigos de Davi vieram para vigiá-lo; mas Davi estava determinado a vigiar, fazer vigília, por Deus.

*Sua força* pode ser traduzido também por *minha força.* O substantivo *defesa* significa aqui refúgio alto, estando ligado ao verbo do versículo 1. A mesma palavra é novamente empregada nos versículos 16 e 17 (Sl 62.2).

**59.10** — *O Deus da minha misericórdia.* O termo *misericórdia*, como temos visto, é por vezes traduzido por *benignidade* (Sl 13.5). O Senhor é o Deus da minha benignidade.

**59.11** — Este versículo abre a segunda parte do pedido do salmo. A imprecação ou maldição deste versículo é incomum. Em vez de pedir a destruição dos ímpios, o salmista pede que sejam escoraçados, tornados fugitivos. Essa lhes seria a lembrança constante das consequências do mal.

**59.12,13** — A repetição da expressão verbal *consume-os* se assemelha à repetição da expressão *livra-me* nos versículos 1 e 2.

*Que Deus reina em Jacó.* A ideia é semelhante à de Salmos 58.11.

**59.14-17** — *Eu, porém.* As palavras destes versículos captam o ímpeto positivo deste salmo. Davi canta com alegre liberdade a respeito de sua relação com Deus, apesar da presença dos perversos. Há dois verbos traduzidos por *cantarei* e *louwarei*. Juntos, traduzem a ideia de que cantar em nome do Senhor é um ato de fé maravilhoso (Êx 15.2).

59.17 — *A ti, ó fortaleza minha* repete o versículo 9. Em Deus, o crente encontra força, *defesa e misericórdia*. Este salmo termina de forma grandiosa, com fé confiante no Deus vivo.

### Salmo 60

O *Salmo 60*, um salmo de lamentação comunitária (Sl 80), expressa a grande fé de Davi na vitória que iria encontrar no Senhor. Neste salmo, ouvimos irromper a voz de Deus, proclamando Seu julgamento dos inimigos de Davi (v. 6-8; Sl 12; 75; 87; 91). Como o tom do salmo é de natureza militar, é possível que este poema tenha sido usado em treinamento marcial. Além de promover treinamento com armas e táticas, Davi orientava constantemente seus soldados quanto a confiar no Senhor. Consulte Salmos 144.1 e 149.6 e veja outros exemplos do uso desses poemas em preparação militar. O título e o conteúdo do Salmo 60 acrescentam informações ao relato que se encontra em 2 Samuel 8.3-8. A campanha de Davi e seu general, Joabe, contra Hadadezer, rei de Zobá, não obteve sucesso imediato. Este salmo exprime o que Davi e seu exército sentiram com a derrota. Mas registra também sua confiante esperança de que terminariam por triunfar, o que já é comemorado no título do salmo, em conformidade com que está em 2 Samuel. O poema se divide em quatro momentos: (1) lamentação por haver Israel experimentado a derrota (v. 1-3); (2) expressão de confiança em Deus e oração pelo livramento (v. 4,5); (3) a voz de Deus, assegurando a vitória decisiva (v. 6-8); (4) expressão de fé no Senhor (v. 9-12).

60.1-3 — Davi acusa o Senhor de havê-los rejeitado, referindo-se a uma derrota dos exércitos de Israel, desconhecida, a não ser por este salmo, em batalha que fez parte da campanha contra Arão de Zobá e seus aliados mesopotâmicos (2 Sm 8). A derrota os deixou tão perplexos que levou o povo de Israel a sentir como se Deus houvesse *abalado a terra*, uma metáfora de devastação. *Vinho da perturbação*. A derrota perturbou seriamente o povo; este não conseguia entender como aquilo podia ter acontecido.

60.4,5 — *Estandarte*. Apesar da derrota recente, o povo ainda tinha motivo para crer em

uma vitória definitiva de Israel sobre seus inimigos. O termo *amados* (Sl 127.2; Is 5.1; Jr 11.15) é particularmente alentador. Deus tinha por que agir em favor de Seu povo. Ele o amava.

60.6-9 — Neste ponto, fala Deus (Sl 75.2-5,10; 91.14-16). Afirma que está no comando, que a terra lhe pertence e que dará vitória a Seu povo.

*Na sua santidade* pode significar também em Seu lugar santo.

*Eu me regozijarei*. Deus tem prazer em conceder o sucesso a Seu povo.

*Siquém e o vale de Sucote* representam regiões situadas respectivamente a oeste e a leste do rio Jordão, na área central daquela terra.

*Gileade e Manassés* significam, do mesmo modo, regiões a leste e oeste do Jordão.

Quanto a *Efraim e Judá*, representam o norte e o sul. O Senhor estava reafirmando Sua soberania sobre toda a terra de Israel.

*Moabe [...] Edom [...] Filistia*. Eram inimigos tradicionais de Israel e, portanto, inimigos de Deus. O Senhor não iria permitir que continuassem perturbando Seu povo.

60.10 — *Não serás tu*. O mesmo Deus que o povo acreditava que o *tinha rejeitado* (v. 1) é que o conduziria à vitória definitiva.

60.11,12 — O verdadeiro *auxílio* — a palavra hebraica, aqui, significa também salvação — provém apenas de Deus.

*Faremos proezas*. E, como registra o título, foi isso que aconteceu. O general de Davi, Joabe, liderou a batalha e, sob a mão de Deus, os inimigos de Israel foram fragorosamente derrotados. Este salmo representa forte incentivo a todos os crentes que estejam enfrentando dificuldades em sua vida. Embora quase sempre se mostre *vão o socorro do homem*, Deus concede força e poder extraordinários para que somente Ele seja nossa glória.

### Salmo 61

O *Salmo 61*, um salmo real atribuído a Davi, possui elementos de lamentação (Sl 13) e fé (Sl 23). Neste salmo, o rei de Israel aponta para o grande Rei que há de vir. O título inclui as palavras *sobre Neginote* (sobre instrumento de cordas — consulte os títulos em Sl 4; 6; 54; 55; 67; 76).

O salmo tem quatro partes: (1) petição a Deus (v. 1,2); (2) a afirmação de que Deus é o refúgio de Davi (v. 3,4); (3) certeza de que Deus proverá (v. 5-7); (4) voto de louvar a Deus (v. 8).

**61.1** — *Ouve, ó Deus, o meu clamor* é uma expressão clássica de salmos de lamentação. Davi clama para que o Senhor ouça a prece de um crente atribulado (Sl 5.2,3; 17.1; 55.2; 66.19; 86.6; 142.6).

**61.2** — *Desde o fim da terra*. Davi descreve sua sensação de afastamento da presença de Deus em momento de necessidade. Ora para voltar à presença da *rocha que é mais alta* do que ele. A imagem de Deus como a Rocha do crente foi usada pela primeira vez por Moisés (Dt 2.4) e é apresentada em outras partes dos Salmos (Sl 62.2; 71.3; 91.1,2. 144.1).

**61.3** — A ideia de Deus como *refúgio* ou abrigo está presente em muitas passagens dos Salmos (Sl 14.6; 46.1; 62.7,8; 71.7; 91.2; 94.22; 142.5). Esses versículos apresentam forte afirmação do salmista quanto à proteção e ao livramento encontrados somente em Deus.

**61.4** — A palavra *habitarei* traz implícita sólida determinação. Em Salmos 15.1, é usada com referência a um adorador na casa de Deus. Ali, o salmista se compara a um eterno hóspede da tenda do Senhor; em outros lugares (Sl 63.7; 91.4), como aqui, a uma avezinha que se abriga com total confiança sob as asas da mãe.

**61.5** — O pronome *tu* está em evidência neste versículo, em que Davi comemora a obra de Deus em sua vida e na de seu povo. *Herança*. Deus havia concedido a nação a Davi para que ele a governasse com responsabilidade. Estas palavras também se referem à realidade maior do rei Salvador, que receberia como herança as nações para governar eternamente.

*Que temem o teu nome*. Expressão que costuma descrever a piedade do povo de Deus na Bíblia; *temem* significa os que respeitam e veneram, com adoração e obediência, o nome de Deus como admirável (Sl 147.11; Êx 20.20).

**61.6,7** — *Muitas gerações e para sempre* refere-se ao longo reinado de Davi; mas também profetiza o reinado eterno de Jesus, o Rei dos reis.

*Misericórdia e verdade*, juntas assim, significam amorosa fidelidade (veja em Jo 1.14 expressão equivalente usando *graça e verdade*). O Salmo 23 apresenta o salmista seguido da *bondade e a misericórdia* de Deus (23.6); aqui, o rei é guardado pela amorosa lealdade de Deus.

**61.8** — *Meus votos* refere-se aos votos de louvor a Deus mencionados no versículo 5 (Sl 22.22-26; 66.13; 76.11).

### Salmo 62

O Salmo 62 é um salmo de sabedoria que conchama de forma eloquente à confiança silenciosa na vitória de Deus sobre todos os inimigos, pois a salvação só se encontra nele. Jedutum, presente no sobrescrito, era o dirigente de um dos corais do templo (1 Cr 9.16) e cujos descendentes fundaram um coral no templo (1 Cr 16.41,42). Sobrescritos mencionando Jedutum também estão nos Salmos 39 e 77. Este salmo consiste de sete partes curtas: (1) declaração de confiança em Deus (v. 1,2); (2) questionamento aos perversos (v. 3); (3) descrição dos caminhos dos ímpios (v. 4); (3) nova afirmação de confiança em Deus (v. 5-7); (5) questionamento aos justos (v. 8); (6) nova descrição e alerta sobre os caminhos dos ímpios (v. 9,10); (7) declaração final de fé em Deus (v. 11,12).

**62.1,2** — Nestes dois versículos, Davi declara sua total dependência de Deus.

*Espera somente*. Davi exprime sua esperançosa resignação ante a vontade suprema do Deus vivo.

*Minha defesa* é tradução da mesma palavra usada em Salmos 59.9,16,17.

*Não serei grandemente abalado*. Veja como se desenvolve a confiança de Davi em Deus no versículo 6.

**62.3** — *Até quando*. Davi se dirige diretamente aos que o atormentam, desejando que o juízo divino recaia sobre eles. *Maquinareis o mal*. Estas palavras significam tramar fazer o mal a alguém.

**62.4,5** — *Espera somente*. Aqui é empregada outra palavra hebraica, mas reafirma-se o conceito do versículo 1.



## APLICAÇÃO

### À SOMBRA DAS ASAS DE DEUS

Uma das expressões simbólicas preferidas de Davi é a de se colocar à sombra das asas de Deus (Sl 63.7; compare com Sl 17.8; 36.7; 57.1; 61.4; 91.4). As asas de um pássaro-mãe adulto agem comumente como proteção, defesa e refúgio aos filhotes. Ao se deparar com a ameaça representada por fogo no bosque, a ave galinácea selvagem conhecida como tetraz chama e agrupa seus filhotes sob as asas e, então, senta-se, cobrindo-os totalmente, deixando, se for o caso, que as chamaz a atinjam, mas não a eles; ou seja, se for necessário, ela até morre para salvá-los. Depois que o perigo passa, os filhotes saem de sob o seu corpo, que pode estar chamuscado ou queimado, continuando vivos e em total segurança graças à sua devoção materna sacrificial.

De forma similar, Davi foi protegido e defendido de diversos atentados à sua vida, especialmente por parte do rei Saul e, mais tarde, por outros adversários, inclusive pelo próprio filho, Absalão. Davi aprendeu por experiência o que significava nada ter entre si e a morte, a não ser a excelsa proteção de Deus.

O Senhor oferece a todos nós esse abrigo. Ao morrer voluntariamente na cruz, Ele nos livrou de termos de pagar por nossos pecados (Rm 5.6-10). Além disso, vela constantemente por Seus filhos com grande cuidado (Hb 13.5-6; 1 Pe 5.7). Podemos confiar totalmente n'Este Deus que nos ama e que age em nosso favor e benefício sempre que, como é comum, não podemos nos livrar sozinhos do perigo.

*Minha esperança* também pode ser traduzida por minhas expectativas.

**62.6,7** — O versículo 6 reafirma o 2, exceto pela ausência de *grandemente*. O versículo 7, por sua vez, reafirma o 6.

*A minha salvação e a minha glória* pode ser compreendido como sendo minha gloriosa salvação.

**62.8-10** — *Confiai*. Davi fala aos justos (compare com o versículo 3), transmitindo sua lição de confiança no Senhor (Sl 40.3). O que vale para Davi (v. 7) estende-se a toda a comunidade dos crentes.

**62.11** — *Uma cousa [...] duas vezes*. É uma forma convencional na linguagem dar-se como exemplo determinada quantidade para logo aumentá-la (Pv 30.11-33). Davi quer passar a ideia de que ouviu a mensagem de Deus com toda a certeza.

**62.12** — *Misericórdia* pode ser traduzida sempre por amor fiel, o amor presente na aliança do Senhor (Sl 13.5).

*A cada um*. Deus é Juiz verdadeiro, que dá paga e recompensa a todos com equidade (Ec 12.13,14).

### Salmo 63

O Salmo 63 é um salmo real, com elementos de salmo de fé (Sl 23). A breve nota biográfica no título, *quando estava no deserto de Judá*,

provavelmente se refere a um incidente ocorrido no deserto quando da perseguição de Saul a Davi (1 Sm 22—24). O desenvolvimento do salmo é o seguinte: (1) busca por uma renovada sensação da presença de Deus (v. 1,2); (2) profissão de fé de Davi em Deus (v. 3-5); (3) expressão de confiança no Senhor mesmo sob o manto da noite silenciosa (v. 6-8); (4) previsão do fim de seus inimigos (v. 9,10); (5) renovação da profissão de fé de Davi em Deus, o grande Rei (v. 11).

**63.1,2** — *Ó Deus, tu és o meu Deus*. As palavras de abertura deste salmo demonstram fé em Deus, mas também sugerem uma época atribulada (Sl 22.1).

*Tem sede [...] te deseja*. O poeta está longe do lugar onde se adora a Deus e sente fortemente esta distância (Sl 42.1,2). O *santuário* estivera em Nobe (1 Sm 21.1), e foi aí onde Davi buscara a presença do Senhor. Mais tarde, foi transportado para Jerusalém (Sl 76.1,2).

**63.3-5** — O salmista expressa sua alegria por conhecer Deus, assim como sua determinação em louvá-Lo por toda a vida.

*Benignidade* também pode ser traduzida por amor fiel (Sl 13.5).

*Te louvarão*. Louvar é um ato vocal e público, nos Salmos (Sl 134.2). *Levantar as mãos* ao Senhor expressa nossa dependência a Ele e reconhecimento de Seu poder, esplendor e majestade (Sl 77.2).

Se fartará [...] te louvará com alegres lábios. Ao entrar na presença do Senhor louvando-O, o poeta encontra o refrigério que procurava (v. 1).

**63.6** — Deitado em sua *cama*, Davi continua mantendo seu pensamento em Deus (Sl 77.6).

*Vigílias da noite.* Os israelitas contavam a noite em três vigílias. Possivelmente, Davi estava com problema de dormir e dirigia sua alma à adoração.

*Meditar* pode significar falar sobre coisas de Deus ou preencher a mente com Sua sabedoria (Sl 1.2; 77.12).

**63.7,8** — À *sombra das tuas asas*. Consulte Salmos 91.4 e veja esta expressão de fé em Deus.

*Tua destra.* O mesmo poder de Deus que libertara Israel do Egito (Êx 15.6) daria amparo a Davi — e a todos os outros crentes, em sua vida cotidiana (Sl 74.11).

**63.9,10** — Davi prevê a destruição de seus inimigos. Serão levados a locais desolados, onde apenas vivem, em estado selvagem, *as raposas do deserto*.

**63.11** — O *rei* se refere ao próprio Davi. Quando finalmente se tornou rei, Davi encontrou sua plena alegria em Deus. *Qualquer que por ele jurar* refere-se a todo aquele que crê no Senhor.

### Salmo 64

O Salmo 64 possui elementos de lamentação (Sl 13) e impreciação (Sl 137), mas parece ser, em essência, um salmo de sabedoria. Compara os justos aos ímpios, os seus destinos e é, em si, uma oração (v. 1). A estrutura do poema é: (1) apelo a Deus para que o proteja dos perversos (v. 1,2); (2) descrição das atitudes maléficas dos ímpios (v. 3-6); (3) expectativa da derrota dos ímpios por Deus (v. 7-9); (4) descrição da alegria dos justos (v. 10).

**64.1** — O brado inicial do salmista, expresso pelos verbos *ouve* e *livra*, lembra os salmos de lamentação (Sl 13), mas o termo *minha oração* sugere que este seja um salmo de sabedoria. Esta observação é confirmada no restante do salmo, que faz um contraste entre o destino dos justos com os dos ímpios, tema dos salmos de sabedoria. Nos demais trechos, o termo traduzido por *oração* pode dar a ideia de queixa (Sl 55.2; 102.2; 142.2),

mas, neste salmo, a palavra indica contemplação, porque Davi contemplava os perversos e seu fim (Sl 73.17).

**64.2-6** — A arrogância dos ímpios em sua trama contra os justos é tema constante nos Salmos (Sl 9; 10; 12).

*Quem os verá?* Os perversos parecem desconhecer ou não se importar com Aquele que os vê (Sl 73.11) e que haverá de vingar os justos (Sl 75.7).

**64.7-10** — A alegria de *confiar* no Senhor não pode ser expressa em palavras. Pondo nossos problemas nas mãos de Deus, podemos repousar em Sua vontade suprema para nossa vida. As preocupações com o futuro podem ser entregues a Ele, pois o Senhor controla nosso futuro e tem os melhores planos para nós (Rm 8.28).

*Todos os retos de coração* é o mesmo que dizer todos os justos. Eles se *regojizam* em louvar a Deus com fervor (Sl 63.11).

### Salmo 65

O Salmo 65 é um salmo de sabedoria; todavia, mais particularmente, um salmo de criação (como o Sl 19). Celebra o cair da chuva, partilhando esse aspecto com o Salmo 104. É também um salmo profético, embora nem sempre considerado assim. O elemento profético está assinalado no primeiro versículo, o voto de louvor ainda a ser cumprido — ou seja, toda a criação espera por adorar o Senhor quando finalmente Ele vier em glória (Rm 14.10,11; Ap 19.5). O salmo possui cinco movimentos: (1) voto de adoração, ainda a ser cumprido (v. 1-3); (2) bênção sobre os redimidos (v. 4); (3) celebração do poder de Deus, que se estende pela terra (v. 5-8); (4) celebração da provisão de chuva concedida por Deus (v. 9,10); (5) comemoração das bênçãos futuras, que Deus dará no dia de Sua benignidade (v. 11-13).

**65.1** — *A ti, ó Deus, espera o louvor.* Há ainda um voto de adoração a ser cumprido (v. 3). Existe uma ideia fundamental neste salmo que não difere muito da de Paulo em Romanos 8.22: o suspirar da criação por sua libertação da maldição que recebeu com a queda da humanidade (Gn 3.17). O recado do salmo é duplo: (1) Toda boa chuva e colheita é presente de Deus, demonstrando que

Ele tem prazer em Sua criação; (2) dia virá, pela benignidade de Deus, em que as boas chuvas e colheitas serão melhores do que nunca.

**65.2,3** — *Perdoas*. Davi fala de um dia em que o pecado será totalmente julgado, em que a redenção será totalmente efetuada. Isso ocorreu com a morte e ressurreição de Jesus Cristo (Ef 1.7).

**65.4** — *Seremos satisfeitos*. Em outros salmos, Davi exprime o desejo de viver na presença de Deus (Sl 27.4,5). A realização deste desejo durante a vida de Davi acontecia geralmente mediante as cerimônias sacrificiais de Israel.

**65.5-8** — O tremendo poder de Deus do começo da criação (Jó 26) será um dia presenciado novamente quando todas as coisas forem restauradas.

*Ruído dos mares*. O poder de Deus sobre o poder sombrio dos mares é um tema comum nos salmos reais (Sl 93).

**65.9,10** — *Tu visitas a terra*. Aqui, a chuva é vista como uma visita gentil de Deus. Isso confere com os termos do pacto de Deus com Israel (Dt 28.12). Estas palavras se cumprem de certo modo toda vez que as chuvas fazem a terra vicejar.

**65.11-13** — *Tuas veredas*. A imagem aqui é a de trilhos de vagões que cortam os céus, com o vagão das misericórdias de Deus derramando abundância sobre a terra.

*Eles se regozijam e cantam*. Os cantores são os pastos e vales. A vinda do reino de Deus à terra trará uma época de imensa fecundidade (Sl 67.6). É essa a ocasião em que se pagará o voto a ser cumprido (v. 1).

### Salmo 66

O Salmo 66, salmo de louvor, oferece uma grande contribuição à nossa compreensão do valor do louvor bíblico. No decorrer dele, oferece o poeta um louvor descritivo, exaltando a Deus pelo que é e pelo que faz, bem como um louvor declarativo, adorando a Deus por determinadas respostas específicas às suas orações. É a seguinte a estrutura do salmo: (1) chamado a toda a terra para louvar em celebração a Deus (v. 1-4); (2) enumeração de diversos motivos para se louvar a

Deus (v. 5-7); (3) convocação dos povos a se juntar ao salmista em seu louvor declarativo (v. 8-12); (4) decisão do salmista de participar continuamente do santo louvor (v. 13-15); (5) louvor declarativo de Deus (v. 16-19); (6) louvor final ao Senhor (v. 20).

**66.1,2** — Como em Salmos 100.1, o chamado, aqui, não é apenas para o povo de Israel, mas para os povos que habitam *todas as terras* se unirem no louvor ao Deus vivo, o Altíssimo (Sl 87; 96; 117).

*Cantai a glória do seu nome*. O Senhor Se agrada da música que louva Seu santo nome (Êx 15.2). O nome do Senhor descreve Seu caráter; portanto, honrar o nome do Senhor é honrar o próprio Deus (Êx 3.14,15).

**66.3,4** — *Quão terrível*. As obras de Deus causam sensação de assombro e admiração (19.1,2). Neste sentido, Seus inimigos *se submeterão*, significando que encolherão de medo ante Deus. O termo traduzido por *adorará* significa ajoelhará ou se curvará. Os versículos iniciais deste salmo representam uma convocação e uma expectativa de que, um dia, toda a terra louvará a Deus, com ênfase especial na glória de Seu nome.

**66.5-9** — *Bendizera* a Deus é identificá-lo como a fonte de nossas bênçãos (Sl 103.1,2).

*Povos*. Refere-se a todas as nações da terra (v. 1,4,5). A preservação de Deus de Seu povo é uma das muitas razões para bendizê-lo.

**66.10-15** — *Tua casa refere-se ao templo* de Jerusalém, onde Deus habitava junto ao Seu povo. Ao passar por angústias na vida, o poeta fazia *votos* de que, quando Deus o livrasse da aflição, daria testemunho público do livramento concedido por Ele (Sl 40.1-3; 61.5,8; 76.11). Todo *holocausto* deveria ser acompanhado de uma atitude de sinceridade do verdadeiro crente (Jo 4.23,24). O salmista fala de maneira muito pessoal de sua intenção de oferecer generosos sacrifícios em sua adoração a Deus.

**66.16-19** — *Todos os que temem a Deus* refere-se àqueles que reagem com assombro e admiração ao Senhor (v. 4).

*Iniquidade*. Entre as coisas que podem impedir a eficácia da oração, está o pecado presente na

vida do crente (Sl 32). O salmista declara que, no entanto, que Deus o *ouviu*. Tendo apelado aos povos nos versículos 8 e 9, clama agora, nos versículos 16-19, aos crentes.

**66.20** — As palavras de encerramento do poema são uma afirmativa de que o salmista é abençoado por Deus (v. 8), pois tem toda a certeza de que Deus tem sido continuamente bondoso com ele.

### Salmo 67

O Salmo 67, um salmo de louvor, atua como excelente súplica e doxologia na adoração. Convoça as nações do mundo a louvarem a Deus, juntamente com Israel, em honra a seu Criador. Nele, há: (1) pedido da bênção de Deus para o propósito da evangelização mundial (v. 1,2); (2) chamado às nações para bendizerem ao Senhor pelos Seus justos juízos (v. 3,4); (3) chamado às nações para bendizerem ao Senhor pelo Seu reino, que há de vir (v. 5-7).

**67.1,2** — *Faça resplandecer o seu rosto*. À maneira da bênção de Arão (Nm 6.24-26), o salmista clama para que Deus sorrisse para o Seu povo (Sl 80). Deus tinha a intenção, desde o início, de abençoar os povos todos, cumprindo os termos do acordo abraâmico (Gn 12.3). Este trecho prenun-

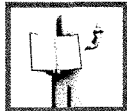
cia o ímpeto de missão mundial encontrado no Novo Testamento (Mt 28.18-20; At 1.8). O enfoque neste salmo é claro: que Deus abençoe Seu povo Israel de tal maneira que a mensagem do caminho do Senhor se tornasse conhecida em toda a terra.

**67.3,4** — *Louvem-te os povos todos*. Deus deseja que todos os povos O adorem, por ser Ele Seu Criador e Provedor (2 Pe 3.9). Deve ser este também o desejo do Seu povo.

**67.5-7** — *Dará o seu fruto*. Como no aspecto profético do Salmo 65, a vinda do reino de Deus à terra será marcada por uma magnífica produtividade. A maldição da terra (Gn 3.17-19; Rm 8.22) será retirada no ano da bondade de Deus (Sl 65.11).

### Salmo 68

O Salmo 68 se baseia, em parte, no cântico de Débora, em Juízes 5. Fala com grande força da glória de Deus. O primeiro e o último versículos do salmo (v. 1,35) contêm sua essência. O título se refere a ele tanto como *salmo* quanto como *cântico*, indicando sua natureza musical. A estrutura do salmo é a seguinte: (1) clamor para que Deus Se levante e julgue os perversos (v. 1-3); (2) convocação do povo de Deus para louvá-lo por Suas maravilhas e misericórdias (v. 4-6);



## ENTENDENDO MELHOR

### BÊNÇÃOS SOBRE A ÁFRICA

Com a mudança do local da arca da aliança para Jerusalém — ocasião para a qual pode ter sido composto o Salmo 68 —, os israelitas devem ter sentido que finalmente estavam começando a andar pelas próprias pernas como o povo de Deus. Estavam estabelecidos na Terra Prometida. Eram liderados por um rei justo e bom. O Senhor era o seu Deus, e Sua presença entre eles estava garantida, pois a arca sagrada estava agora em Sião.

Contudo, em meio à comemoração, Davi lembra ao povo que as bênçãos de Deus deveriam se estender para muito além de Israel e suas circunvizinhanças. Nações de todo o mundo conheceriam o Senhor e o adorariam (Sl 68.32). Isso incluía até mesmo povos afeitos à guerra, como egípcios e etíopes (Sl 68.31; 2 Cr 14.12), que, durante a época da monarquia israelita, competiam pelo poder naquelas áreas.

A promessa do Salmo 68 foi cumprida pelo menos em parte no século 1 d.C., quando o superintendente dos tesouros de Candace, rainha da Etiópia, veio a Jerusalém. Depois de haver adorado o Deus de Israel durante a Festa de Pentecostes, começou seu caminho de volta quando foi ao seu encontro um cristão chamado Filipe. Este lhe explicou a forma de obter a salvação em Cristo; o tesoureiro creu e foi batizado como cristão (At 8.26-40).

A mensagem de Jesus penetrou, assim, na África. Na verdade, muitos dos atuais cristãos etíopes veem a conversão do tesoureiro de Candace como o princípio de sua tradição cristã. E, por meio dele, sentem-se diretamente ligados a Davi, que previu que a Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos (Sl 68.31).

(3) rememoração dos milagres que Deus operou em favor de Seu povo (v. 7-14); (4) celebração da cidade de Deus e dos livramentos concedidos por Ele (v. 15-20); (5) antevisão da vitória definitiva de Deus sobre todos os Seus inimigos (v. 21-27); (6) previsão da adoração a Deus pelos povos da terra (v. 28-35).

**68.1-3** — *Levante-se Deus [...] fugirão de diante dele.* A presença dos perversos na terra é uma afronta à santidade de Deus e ameaça constante aos justos. Só a misericórdia de Deus o leva a adiar Seu juízo (Sl 75.2). Mas, quando Deus despertar, Seus inimigos serão dispersados; desaparecerão como *fumaça*.

*Alegrem-se os justos, e se regozijem.* A alegria dos justos será imensa quando todo o mal for extinto (Sl 58.10).

**68.4** — *Louvai aquele que vai sobre o céu.* Uma descrição popular de Baal era de ser o cavaleiro das nuvens. Aqui, o título é retirado do falso deus Baal e concedido ao Deus vivo das Escrituras. A prova de ser o Senhor o verdadeiro Cavaleiro das Nuvens é que Ele é quem traz a chuva e controla as forças poderosas da tempestade (Sl 147.8,9,15-18). JÁ [Yah] é uma forma abreviada do nome divino, *Yahweh* (Êx 3.14,15). Nesta parte, há uma ênfase significativa no nome de Deus (Sl 122.4; 135.1-3).

**68.5** — O Senhor não está restrito a nuvens e tempestades; atende também à necessidade dos indefesos. Ele está *no seu lugar santo*, exercendo a justiça para todos os povos.

**68.6-10** — O poeta descreve a obra que Deus tem feito pelo Seu povo em termos poéticos, que relembram os acontecimentos do Êxodo e inspirados pelo cântico de Débora (Jz 5.4). A linguagem desta parte é desenvolvimento da descrição feita no versículo 4; esta é a marcha de Deus como verdadeiro Deus da Tempestade.

**68.11** — O termo traduzido por *palavra* refere-se mais a uma ordem do que a uma revelação. A ordem era de que as obras de Deus fossem divulgadas entre os povos.

*Dos que anunciavam as boas novas* é tradução de uma frase com o sujeito no feminino, no original. Assim, tudo indica que quem fez essa

divulgação foram mulheres, muito provavelmente as mulheres que louvavam a Deus sob a direção de Miriã (Êx 15.20,21).

**68.12-14** — *Onipotente* é tradução do nome *Shaddai*, título que faz referência à majestade e força do Senhor (Sl 91.1). A dispersão dos reis refere-se às primeiras batalhas vencidas por Israel, na travessia do deserto e, depois, quando da conquista de Canaã.

**68.15,16** — *Basã* era uma área muito fértil, a nordeste do mar da Galileia, parte do antigo território do rei Ogue. É possível que a conotação de Basã como lugar de fartura seja poeticamente transferida para Jerusalém nestes versículos, porque foi apenas em Jerusalém que o Senhor prometeu *habitar*.

**68.17,18** — Quando Deus libertou o Seu povo do Egito, os hebreus levaram muitas riquezas doadas pelos egípcios (Êx 12.35,36). Tais presentes foram usados pelo povo de Israel na construção do tabernáculo (Êx 35), *para que o Senhor Deus ali habitasse*.

**68.19,20** — Esta parte do salmo constitui uma ação de graças ao Senhor por Sua mercê *de dia em dia* na vida dos que têm fé.

*Deus da salvação* é um excelente título para Aquele que salvou Israel do Egito, que salvou todos de seu pecado, que continua a salvar Seu povo em sua vida cotidiana e que há de glorificar Seu povo salvo para sempre.

**68.21,22** — O Senhor prevalece sobre os *inimigos* de Seu povo. Nenhum escapará, esteja perto, em *Basã*, ou longe, no *mar*. Serão esmagados como as uvas, e finalmente será feita justiça (Sl 58.10).

**68.23-28** — Os *caminhos* de Deus podem se referir a uma destas três coisas: (1) o transporte da arca da aliança pelo deserto, durante o Êxodo; (2) Deus como Comandante de Seus exércitos em Israel; (3) a grande procissão do Rei Salvador quando vier para estabelecer Seu reino definitivo na terra (Ap 19.14-21).

*Adufes*, ou pandeiros, geralmente tocados por mulheres, eram usados em ocasiões festivas, sagradas ou seculares, e, associados à dança, sugeriam alegria (Sl 81.2; 149.3; 150.4; Jz 11.34; 1 Sm 18.6,7; 2 Sm 6.5; Is 30.32).



*Fonte de Israel* é um termo poético que significa descendência de Israel, ou seja, todos aqueles que se erguem e se erguerão em louvor a Deus.

O *pequeno Benjamim*. Era significativo o papel de Benjamim, uma das menores tribos de Israel. Saul era desta tribo, e a cidade de Jerusalém se localizava em seu território.

**68.29,30** — *Reis [...] presentes*. O termo *presentes* significa, na verdade, dádivas oferecidas como homenagem. Hóspedes nobres ou reais, por exemplo, visitavam Salomão trazendo presentes (1 Rs 10.1-10); mas o cumprimento profético definitivo deste versículo se deu com os supostos reis, os magos, que chegaram a Belém trazendo presentes para o recém-nascido Jesus (Mt 2.1-12). Um dia, todos os reis demonstrarão sua obediência e humildade perante Jesus, o grande Rei (Sl 2.10-12; 76.11). O Egito, a Assíria e Canaã podem ser indicados pelas expressões: *feras dos canaviais, multidão dos touros e novilhos dos povos*. A mensagem destes versículos parece ser a de sua submissão absoluta à casa real de Jerusalém.

**68.31-35** — O salmo se encerra celebrando a presença de Deus no meio de Seu povo. Esta parte prenuncia o reinado de Jesus, Rei e Salvador (Sf 3.14-17).

*Aquele que vai montado sobre os céus dos céus* é uma nova formulação da expressão que se encontra no versículo 4. A *voz* do Senhor é o trovão; Deus é o verdadeiro Deus da Tempestade (Sl 77.16-20). É também o Criador do universo. Nada há no universo que se compare a Deus. Eis por que afirma o poeta: *tu és tremendo desde os teus santuários*.

### Salmo 69

O Salmo 69, um salmo de lamentação, é mais exatamente um manifesto de inocência. Este salmo, altamente messiânico, apresenta notável descrição do sofrimento de Jesus Cristo. Enquanto o Salmo 22 descreve Seu sofrimento físico, o Salmo 69 se concentra mais em Seu sofrimento emocional e espiritual. Ambos, admiravelmente, foram escritos por Davi cerca de mil anos antes dos acontecimentos que relatam. Referem-se, de imediato, a sofrimentos de Davi, mas atingem seu

pleno significado se os considerarmos voltados para Jesus. Os apóstolos do Novo Testamento, por isso, consideravam Davi um verdadeiro profeta de Deus (At 2.30). A estrutura deste poema é a seguinte: (1) clamor por livramento, expressando esgotamento do salmista (v. 1-3); (2) descrição dos seus inimigos (v. 4); (3) lamento que expressa sensação de alienação do poeta (v. 5-12); (4) clamor a Deus para que seja salvo do lamaçal (v. 13-18); (5) lamento que exprime vergonha (v. 19-21); (6) pedido para que Deus derrame Seu juízo sobre os ímpios (v. 22-28); (7) determinação de louvar ao Senhor (v. 29-36).

**69.1-3** — *Atolei-me em profundo lamaçal*. As palavras que iniciam este angustiado salmo usam forte imagem de uma pessoa prestes a se afogar — não somente em águas profundas, mas também em lodo (Sl 40.2). Estas palavras, extremamente descritivas, transmitem uma grande agonia mental.

*Estou cansado*. Assim como um homem quase afogado sente-se esgotado, chega a perder a voz, Davi sente-se exausto de tanto orar e clamar ao Senhor (Sl 6.6).

**69.4** — *Me aborrecem sem causa*. Estas palavras referem-se à vivência de Davi em um período difícil de sua vida. Seus inimigos parecem não ter mais fim; mas o que ele acha mais estarrecedor é não haver provocado seus assaltos. Todo ataque inimigo já é um revés; mas, quando não provocado, chega a ser intolerável. Aqui se profetizam sofrimentos de Jesus (Sl 35.19; 109.3-5; Jo 15.23-25).

**69.5-12** — *O zelo da tua casa*. Tal como Finéias em Números 25, Davi se considera um zelador da casa do Senhor. Quando Jesus purificou o templo, sabia estar cumprindo estas palavras (Jo 2.17).

*Chorei*. Até mesmo a devoção de Davi tornou-se motivo de repreensão por parte dos seus inimigos.

*Aqueles que se assentam à porta*. Anciãos havia, nas cidades, que mostravam desprezo por Davi, da mesma forma que havia anciãos em Jerusalém que desdenhavam Jesus.

**69.13-19** — As palavras *tira-me do lamaçal* fazem o salmo retomar seu tema. Compare com as palavras dos versículos 1-3.

*Ouve-me.* Este novo apelo a Deus baseia-se no caráter do Senhor; Sua benignidade (ou amor fiel) e Sua gentil misericórdia impeliam Davi a continuar buscando nele o livramento.

**69.20,21** — *Na minha sede.* Em certo ponto do sofrimento de Jesus na cruz, Ele pediu água, e ofereceram-lhe vinagre, para mitigar a sede (Mt 27.34; Mc 15.23; Lc 23.36; Jo 19.28-30).

**69.22-28** — *Derrama sobre eles a tua indignação* pode se referir ao juízo do Senhor sobre Seus inimigos, neste lamento sobre Jerusalém. As palavras do versículo 25 foram cumpridas por Judas Iscariotes. Consulte Atos 1.20, em que as palavras deste versículo se juntam às do Salmo 109.8.

**69.29-36** — A expressão *estou aflito* refere-se a quebrantamento espiritual e sensação de invalidez, causados pelos ataques dos perversos. Nos Salmos, a palavra *aflito* se torna um retrato do Salvador, ilustrando a magnanimidade de Sua humildade, descrita por Paulo em Filipenses 2.5-7).

*Louwarei o nome de Deus com cântico.* Davi louva a Deus com alegria exuberante porque o Senhor o salvou das profundezas do desespero. Todos os humildes, especialmente aqueles vítimas de indignidade imposta pelos perversos, unem-se, aqui, ao salmista, em grande louvor e alegria perante Deus, seu Salvador.

### Salmo 70

O *Salmo 70*, um salmo de lamentação, repete o *Salmo 40.13-17*. A descrição dos pobres e necessitados era tão necessária ao encorajamento dos que enfrentavam tribulações que essa parte do *Salmo 40* foi selecionada para uso separado, como se fora um poema inteiro.

**70.1,2** — *Fiquem envergonhados e confundidos.* Davi ora para que aqueles que se alegrem pelo seu infortúnio sejam desmentidos em sua suposição de que o Senhor não ajuda Seu povo. Desta forma, a libertação de Davi pelo Senhor resultará na glória de Seu sagrado nome — tanto para alegria do povo de Deus como para vergonha de Seus inimigos (v. 3,4).

**70.3-5** — As três últimas palavras do salmo, *não te detenhas*, demonstram que Davi estava

quase desesperado. O clamor é um eco do rogo de Davi no versículo 1 para que o Senhor Se apresse em salvá-lo. Em seu desespero e pânico, Davi não se esquece de louvar ao Senhor. Lembra-se sempre de que o Senhor é a sua única fonte de força, auxílio e livramento.

### Salmo 71

O *Salmo 71* é um salmo de lamentação com grande foco na fé do salmista em Deus. O salmo se alterna entre a expressão desesperada de sua necessidade e a fé absoluta no Senhor. Nessa alternância, o salmista apresenta um modelo a ser seguido pelo crente para reagir ao sofrimento: deve confiar totalmente a situação difícil a Deus e ao mesmo tempo clamar a Ele por livramento. O poeta descreve a si mesmo como um homem idoso, cuja confiança em Deus vem de longa data (v. 9,18). Em tempo de grande necessidade, pede a Deus que seja fiel para com Seu servo. Eis a estrutura do salmo: (1) confissão de fé resolvida do salmista em Deus (v. 1-3); (2) pedidos para que Deus livre o salmista do mal (v. 4-6); (3) determinação de louvar a Deus mesmo em meio à tribulação (v. 7,8); (4) clamor de livramento (v. 9-11); (5) petição para que recaia o juízo de Deus sobre seus inimigos (v. 12,13); (6) compromisso de manter sua fé e louvar a Deus (v.14-16); (7) renovação dos pedidos do salmista, com base em sua vivência da fidelidade de Deus (v. 17,18); (8) fé renovada em Deus (v. 19-21); (9) determinação de louvar a Deus (v. 22-24).

**71.1** — Declara-se aqui o tema do salmo. Com base em confiança resolvida (Sl 61.4; 91.3), o salmista pede para que *nunca seja confundido*. Confiar em Deus nunca é em vão (Sl 4.2; 119.31).

**71.2,3** — *Na tua justiça.* O salmista não só pondera sobre sua própria situação, mas também quanto ao caráter de Deus (v. 15,16, 9,24). Sabe que Deus poderia demonstrar Sua justiça atendendo à necessidade do salmista, cuja vida tem sido vivida sempre em confiança em Deus.

*Habitação forte.* As palavras hebraicas significam literalmente fortaleza de rocha. O Senhor é a única fonte de proteção contínua para o salmista.



## EM FOCO

## OBRA MARAVILHOSA (HB. PALA')

(Sl 71.17; 107.8; 118.23; 119.27).

O sentido principal destas palavras é o de que *faz algo extraordinário*. Quando se refere a pessoas, a palavra é empregada para descrever uma ação ou compreensão acima da capacidade normal (Dt 17.8; 30.11; 2 Sm 13.2; Pv 30.18) ou além das obrigações normais (Lv 22.21; 27.2; Nm 6.2; 15.3.8) dos seres humanos. No entanto, o sentido mais elevado da palavra está reservado a Deus, especialmente nos Salmos, onde ocorre com grande frequência e sempre se referindo a Deus (Sl 72.18; 136.4). Deus é maravilhoso em conselho; nada é maravilhoso demais para Ele (Gn 18.14; Is 28.29). Suas maravilhas são de natureza cósmica (Sl 107.24; Jó 37.14), ou nacional (Êx 3.20; Is 29.14) ou pessoal (Sl 31.21; Jó 10.16). Nem todos as compreendem (Sl 106.7; 78.32), mas a Bíblia exorta os crentes a se recordarem das maravilhosas obras de Deus e louvá-Lo publicamente por elas (Sl 96.3; 105.2,5; 1 Cr 16.9,12,24).

**71.4** — A raiz hebraica da palavra *livra-me* significa facilitar a fuga (Sl 17.13; 37.40; 144.2). Depois de pedir livramento, o poeta reafirma sua grande fé em Deus, chamando-o de sua *esperança e confiança*, de ser Aquele que o amparou desde o dia em que nasceu (Sl 22.10). Ele ora com fé, não permitindo que as circunstâncias o façam duvidar da bondade de Deus.

**71.5-7** — *Um prodígio*. O poeta declara que a obra de Deus em sua vida o fez ser visto pelas pessoas como sinal especial, semelhante aos prodígios operados mediante Moisés e Arão no Egito (Êx 7.3; 11.9).

**71.8-11** — O poeta emprega imagens familiares nos salmos de lamentação (Sl 13), como que para incentivar Deus a responder ao seu pedido.

*No tempo da velhice*. O salmista tem confiado em Deus por toda a sua vida (v. 6); seria triste, então, ser desprezado pelo Senhor no final de sua existência (v. 18). Não só a vida e o conforto do salmista estariam em jogo, mas até mesmo a reputação de Deus. Se os inimigos chegassem à conclusão de que *Deus o desamparou*, a reputação do Senhor ficaria manchada perante o mundo.

**71.12,13** — *Não te alongues de mim*. Estas palavras evocam os termos do Salmo 22.1,19.

*Confundidos*. A linguagem deste versículo é imprecatória (Sl 137); o poeta clama por justiça e vingança contra seus inimigos, que são também, na verdade, inimigos do Deus vivo (v. 24).

**71.14-16** — *Mas eu esperarei*. O texto hebraico possui um pronome enfático que significa quanto a mim, emprestando determinação às

palavras do poeta. O verbo hebreu traduzido por *esperarei* representa uma expectativa confiante de que Deus há de intervir e libertar (Sl 147.11).

**71.19,20** — O poeta fala das *grandes coisas* que Deus fez, pelas quais é digno de louvor. Fala também dos *muitos males e angústias* pelos quais passou como provações dadas por Deus e dos quais busca ser livrado.

*Abismos da terra* é uma metáfora para o grande desânimo do salmista (Sl 40.2); ele se sente, de fato, no fundo do poço.

**71.21-23** — O poema chega ao final com um voto de louvor confiante, na expectativa de que a oração do salmista receberá resposta. O poeta louva a Deus com *harpa*, mas também com os *lábios*. Ao mesmo tempo, louvores ao Deus vivo preenchem sua *alma*, o mais íntimo do seu ser.

**71.24** — *Envergonhados*. O salmo fecha seu ciclo com a palavra *envergonhado*. O poeta, que começou por solicitar ao Senhor que impedisse sua vergonha (v. 1), termina declarando que os perversos é que foram envergonhados. O Senhor respondeu à prece; protegeu Seu servo fiel.

### Salmo 72

O *Salmo 72*, salmo real, é um dos dois salmos (sendo o outro o 127) atribuídos a Salomão, filho de Davi. É bem possível que o rei Salomão haja organizado os salmos de Davi em uma forma próxima à atual e que a eles tenha acrescentado seus poemas próprios (v. 20). Este é um salmo intensamente messiânico, falando em termos ideais da vinda do grande Rei. Com base nos

ideais da realeza do antigo Oriente Médio, clama por um bom rei para governar Israel, sob a bênção de Deus. Este Rei é, em suma, Jesus, o Salvador. O salmo possui a seguinte formação: (1) clamor por um reino de justiça (v. 1-4); (2) antevisão de um reino de justiça (v. 5-7); (3) visão de um reino universal (v. 8-11); (4) visão de um reino de justiça compassiva (v. 12-14); (5) previsão de um reino de grandes bênçãos (v. 15-17); (6) louvor a Deus, que irá estabelecer esse reino glorioso (v. 18-20).

**72.1-7** — *Temer-te-ão* é uma expressão de grande respeito, admiração, reverência, adoração e obediência.

*Ele descerá.* O grande Rei é representado pelas chuvas suaves, consideradas bênção de Deus por sobre a terra. Seu reino conduzirá à verdadeira paz, às coisas como deveriam ser.

**72.8-12** — As promessas de Deus a Abraão incluíam a de que seus descendentes teriam *domínio* sobre a terra de Canaã (Gn 15.18-21). Estes versículos, estendendo as dimensões geográficas, abrangem toda a terra. O rio refere-se ao Eufrates — um curso d'água distante, mas significativo, que os israelitas esperavam fosse incorporado ao seu reino. O glorioso Rei por vir iria dominar desde o rio, estendendo Seu território *até as extremidades da terra*. Ninguém há de escapar do poder do Seu reino, nem mesmo quem habita no deserto.

*Lamberão o pó.* Os inimigos do Rei estarão com a face voltada para o chão, em submissão obrigatória à Sua majestade.

*Társis e Sabá* representam locais dos mais longínquos conhecidos pelos israelitas, insinuando distâncias muito além da imaginação de Salomão. Como ele mesmo havia recebido ricos presentes da rainha de Sabá (1 Rs 10.1-10), prevê que o futuro Rei será presenteado com riquezas pelos soberanos de toda a terra.

**72.13,14** — Aqui se enfatiza a obra do Rei em prol do pobre e do aflito.

*Precioso será o seu sangue.* O sangue derramado pelos necessitados alude ao que o Salvador iria derramar na cruz (Hb 12.24). Não é de admirar que se considere precioso o sangue de Jesus derramado por todos.

**72.15-17** — A promessa de vida contida na palavra *viverá* é um tema messiânico (Sl 16.10,11; 91.16; 118.17,18), porque o Salvador que virá é o único que concede a verdadeira vida (Jo 11.25).

*Ouro de Sabá.* Trata-se de uma referência ao versículo 10. O nome do grande Rei será visto como o maior nome de todo o universo; assim fala Paulo, em Filipenses 2.9-11, do nome de Jesus.

**72.18,19** — Magníficas palavras de bênção marcam esta conclusão do salmo, bem como do livro II, ou seja, da segunda parte, de todo o livro de Salmos. A repetição da palavra *bendito*, o enfoque no nome do Senhor Deus e o duplo *amém* indicam que este salmo era de fato usado na adoração a Deus em Seu templo.

**72.20** — *Orações de Davi.* O sobrescrito deste salmo o atribui a Salomão. Mas é provável que Salomão o tenha escrito em honra ao pai, no final de uma edição preliminar dos salmos reunidos até então. Outros salmos foram acrescentados posteriormente à coleção original.

### Salmo 73

O Salmo 73 é um salmo de fé com características de salmo de sabedoria. É um salmo incomum, na medida em que narra a história da luta do salmista contra a inveja e a dúvida e por sua fé em Deus. Por meio dessas batalhas, o salmista, Asafe, aprendeu a confiar em Deus. O poema assim se desenvolve: (1) tentação de invejar os ímpios (v. 1-3); (2) descrição dos perversos (v. 4-14); (3) percepção de que o fim dos perversos é o que faz a diferença (v. 15-20); (4) lamento sobre sua própria incerteza (v. 21-24); (5) resolução renovada de crer somente em Deus (v. 25,26); (6) a destruição dos ímpios (v. 27); (7) renovação de fé em Deus (v. 28).

**73.1-4** — Asafe descreve uma crise de fé por que passou. Começa com um dos elementos básicos da teologia bíblica, o de que *bom é Deus para com Israel* (Sl 100.5; 106.1; 107.1). Logo confessa que quase *escorregou* quando sentiu *inveja* do sucesso e da riqueza dos ímpios.

**73.5,6** — Observa o salmista que o comportamento e as ações dos perversos parecem não representar qualquer preocupação para eles. Não

mostram empenhar-se em *trabalhos*, como as outras pessoas. Sua *soberba e violência* não são encobertas, mas, sim, as expõem como se fossem verdadeiras joias. Saciem seus apetites lascivos e se gabam de suas corruptas conquistas.

**73.7-12** — Asafe descreve a apatia a Deus, característica dos ímpios, os quais parecem ter chegado à conclusão de que Deus — se é que, para eles, exista — não estaria nem voltado para a vida das pessoas. O salmista fica perplexo pelo fato de que, com toda essa visão tão absurda da vida, os ímpios ainda consigam aparentemente desfrutar dos bens de sua existência, beber seu vinho em paz e viver *em segurança*. Acha ele, deste modo, que sua atitude de viver com justiça não tem sentido nem propósito.

**73.13-18** — *Ofenderia*. Percebe o salmista, porém, que, se continuasse trilhando este caminho, abandonaria sua fé. Fica *perturbado* ao pensar no assunto — até que é iluminado, ao entrar no *santuário*, em Jerusalém. Redescobre então algo que provavelmente sabia, mas em que não havia ainda meditado a fundo: a prosperidade dos ímpios não é duradoura; sua riqueza não tem valor algum para a vida vindoura.

**73.19** — Ele chega à conclusão de que os ímpios estão à beira do abismo. *Num momento*, ou seja, de repente, eles virão a descobrir que toda a sua riqueza terrena de nada vale, quando depa- rarem com uma eternidade distante da presença de seu Criador.

**73.20-24** — Asafe se desgosta de sua própria falta de fé (v. 1-3). À maneira comum nos salmos de sabedoria, fala de seu *embrutecimento*. Afirma ter *agido como um animal*, sem senso de eternidade e de perspectiva divina. O poeta estava, de fato, tomando uma posição animalesca, ao invejar a vida dos ímpios (v. 1-3); mas Deus nunca o abandonou, mesmo quando ele fervilhava de dúvidas. *Depois*. O que ajudou o salmista a recuperar a devida perspectiva de vida foi o que há além desta vida, onde o justo terá o glorioso privilégio de viver com Deus para sempre.

**73.25-28** — O contraste entre as palavras *perecerão* e *aproximar-me* explica inteiramente a ideia central do salmo. Há quem possa desfrutar

de riqueza e notoriedade atualmente, mas, sem crer em Deus, nada do que faça irá durar para sempre. Asafe, pelo contrário, pôs toda a sua *confiança no Senhor Deus*. Só aqueles que assim agem hão de encontrar vida e paz eternas.

### *Salmo 74*

O *Salmo 74* é um salmo de lamentação comunitário (tal como o Sl 80), com uma apresentação vigorosa do melhor da poesia hebraica. O poema relembra os maravilhosos atos passados de Deus e o desejo de Seu povo de que Ele volte a agir no presente. O salmo seguinte, 75, poderá ser visto, de alguma forma, como uma resposta do Senhor aos questionamentos e desafios deste Salmo 74. É este um dos 11 poemas atribuídos a Asafe, no livro de Salmos (Sl 50; 73—83). Sua forma é: (1) lamento comunitário em consequência de invasão estrangeira (v. 1-8); (2) queixa do povo de que parece não haver mais esperança (v. 9-11); (3) lembrança das vitórias históricas de Deus contra os poderes do mal (v. 12-17); (4) pedido a Deus para que se recorde de Sua aliança e liberte Seu povo (v. 18-21); (5) clamor a Deus para que aja contra os Seus inimigos (v. 22,23).

**74.1,2** — *Ó Deus, por que* é um lamento clássico dos Salmos (Sl 13.1). A invasão de potência estrangeira em Judá e Jerusalém havia deixado a nação devastada. O invasor estrangeiro é visto, porém, como expressão da *ira* do Senhor. O clamor principal do salmo é para que o Senhor Se lembre com clemência do Seu povo e reconsidere a humilhação e assolação feita pelos inimigos (v. 18,22). Em seu apelo a Deus, o salmista emprega uma série de termos poéticos e emotivos na descrição do povo de Deus: *ovelhas do teu pasto, tua congregação, tua herança e este monte Sião*. O salmista se debruça também sobre atitudes amáveis que Deus já teve para com Seu povo, como *comprouste, remiste, habitaste*. Dada a fidelidade que Deus já demonstrara para com o povo por Ele escolhido, o poeta conclama-O a libertar Seu povo nesses tempos difíceis (v. 20,22).

**74.3-10** — *Levanta-te* é um chamado para que Deus demonstre ter tomado conhecimento do que se passa. A pior parte da invasão foi a

profanação do templo de Jerusalém. Dois termos são empregados aqui para descrever esse local sagrado: *santuário* e *lugares santos*.

**74.11** — O poeta clama a Deus que lute contra o inimigo, que estenda Sua *destra* para proteger e libertar o povo, tal como o fez no Êxodo (Sl 63.8; Êx 15.6).

**74.12** — O Senhor é *Rei*, em virtude de Sua criação da terra (Sl 93). É Rei devido à sua relação especial com Israel (Sl 44.4; 99.1-3). E é o Rei vindouro, que reinará sobre todos (Sl 96.13; 97.1-6; 98.6-9).

*Desde a antiguidade*. O poeta recorda as vitórias antigas do Senhor sobre as forças do mal com uma imagem poética dos fatos da criação. Aqui, *salvação* refere-se à libertação da terra por Deus das forças sombrias, representadas pelo mar e seus monstros (v. 13-15).

**74.13** — O mar [...] *as cabeças dos monstros nas águas*. Na mitologia cananeia, o mar e seus monstros eram inimigos de Baal. Supostamente, Baal os teria vencido e se tornado rei. Os poetas da Bíblia empregam a linguagem do mito cananeu para descrever as vitórias de Deus na formação da terra, na libertação do Seu povo do Egito e em batalhas futuras (Sl 77.16-20; 93.1-5; Is 27.1; 51.9,10). A divisão das águas descrita em Gênesis 1.6-8 é vista como uma batalha na qual Deus venceu o mar e os monstros.

**74.14** — Um dos inimigos de Baal era o monstro marinho Lotã. Na literatura hebraica, essa criatura se tornou o *leviatã*. O nome fala de forma poética de várias forças do mal sobre as quais Deus detém a vitória e o controle. O leviatã acabou se tornando símbolo de Satanás (Is 27.1), como o dragão, a antiga serpente (Ap 20.2). Neste mesmo contexto, *habitantes do deserto* são os animais ferozes.

**74.15** — A *fonte*. O Senhor deu de beber água ao povo de Israel no deserto (Êx 17.5,6; Nm 20.8-13).

*Rios impetuosos*. Também levou Seu povo a cruzar em seco o mar Vermelho (Êx 14) e o rio Jordão (Js 3).

**74.16,17** — Em Sua grande obra de criação (Gn 1), Deus estabeleceu Seu comando sobre o

*dia, a noite, a luz e o sol*. Além disso, criou as estações do ano e estipulou *limites*, aqui uma referência ao controle que impôs às águas (Pv 8.27-29). O argumento do salmista é de que, se Deus está no comando, por que permite que reine o caos em Israel?

**74.18-21** — Três vezes, neste salmo, o poeta faz um apelo para que Deus *se lembre* (v. 2,22). Além de apelar para a honra do nome de Deus (v. 10), o poeta usa termos afetivos para o frágil e angustiado povo de Deus: *tua rola, teus aflitos, o oprimido, o aflito e o necessitado*. São eles com quem o Senhor, pessoalmente, decidira firmar um pacto, um *concerto*.

**74.22,23** — A expressão *pleiteia a tua própria causa* refere-se a ação judicial e costuma ser usada pelos profetas no contexto de um juízo iminente de Israel (Mq 6.1). Pela terceira vez neste poema (v. 2,18), Deus é instado a *lembrar* de Sua garantia a Israel e da necessidade de defender Sua própria reputação contra as afrontas do homem insensato, ou *louco*.

### Salmo 75

O *Salmo 75*, um grandioso salmo de louvor (Sl 100), contém um intercâmbio vívido entre o povo, o salmista e o Senhor. Outros salmos em que o Senhor também fala são: 12; 75; 87; 91. De todo modo, este salmo pode ser visto como a resposta de Deus às questões levantadas no Salmo 74. Sua estrutura baseia-se em seus vários oradores: (1) louvor do povo a Deus pelo sentimento de Sua presença (v. 1); (2) anúncio de Deus de sua determinação soberana de julgar a terra quando oportuno (v. 2-5); (3) declaração do povo de que Deus é o verdadeiro Juiz (v. 6-9); (4) declaração de Deus de Sua intenção de realizar o juízo final (v. 10).

**75.1** — *Glorificamos* indica o agradecimento público a Deus. *O teu nome está perto*. Deus em pessoa está pronto a intervir pelo Seu povo.

*As tuas maravilhas*. Os atos que somente Deus é capaz de realizar e que mais causam assombro e admiração em Seu povo.

**75.2** — *Quando eu ocupar o lugar determinado*. Deus não pode vir a ser apressado nem mesmo

pelo Seu povo. *Retamente* significa na plenitude e perfeição da justiça de Deus.

**75.3** — *Dissolve-se a terra.* Em tempos de grande aflição, pode parecer que o mundo está vindo abaixo (Sl 60.2). A resposta de Deus é: *mas eu fortaleci as suas colunas.* Deus não abandona Seu povo, nem abre mão de Seu poder e autoridade.

**75.4,5** — Com base na decisão de Deus de esperar até ocupar o *lugar determinado* (v. 2), há uma forte advertência aos *loucos* e *ímpios* que se enganam a respeito da detença de Deus e pensam que não haverá juízo. A *fronte* é um símbolo antigo de força. Os ímpios se pavoneiam como animais poderosos, empunhando símbolos de poder, sem levar Deus em consideração; mas seu poder é bastante frágil quando comparado à tremenda força do Todo-poderoso (v. 10).

**75.6,7** — As palavras *Deus é o Juiz* estabelecem o fato de que Ele é o verdadeiro rei do universo (Sl 50.6; 58.11).

A *um abate e a outro exalta.* Como diz Daniel em sua oração (Dn 2.20-22), Deus é soberano sobre todos os seres e acontecimentos do mundo.

**75.8,9** — Não se trata de um cálice de bênção, mas de ira do Senhor. A imagem bíblica do *vinho* como juízo provém da bênção de Jacó sobre Judá (Gn 49.11) e é mencionada no julgamento por Cristo, em Apocalipse 19.13-15.

**75.10** — O salmo se encerra com palavras de Deus. Aqui, Deus ilustra os destinos contrastantes do *ímpio* e do *justo.* *Forças.* Os ímpios têm levantado sua frente com altivez (v. 4,5), gabando-se das próprias forças; mas o Senhor há de lhes tirar a força de que tanto se vangloriaram.

### Salmo 76

O *Salmo 76* é um salmo de louvor com grande enfoque no temor de Deus. Possui quatro momentos: (1) celebração da centralização do louvor em Jerusalém (v. 1-3); (2) celebração das vitórias de Deus contra Seus inimigos (v. 4-6); (3) temor da terra ante a ira de Deus (v. 7-10); (4) exortação aos justos para que adorem ao Senhor (v. 11,12).

**76.1-3** — A palavra traduzida por *tabernáculo* é, literalmente, no original, covil de um grande leão. *Salém* é a forma abreviada da palavra Jerusalém.



### EM FOCO

### GLORIOSO (HB. 'OR)

(Sl 18.28; 76.4; 77.18; 97.4; Jó 33.30; Ec 8.1).

Em hebraico, esta palavra tem o significado de dar luz. O autor de Provérbios compara a vida dos justos à luz do sol (Pv 4.18). Olhos iluminados significam que a pessoa foi revivida ou recebeu sabedoria ou compreensão (Sl 13.3; 19.8; 1 Sm 14.27-29; Ed 43.2). O pedido comum em orações para que Deus fizesse resplandecer Seu rosto sobre alguém era sempre, exceto por uma possível exceção antiga (Nm 6.25), um pedido para que Deus tivesse misericórdia, livrando a pessoa de angústia ou aflição (Sl 31.16; 67.1; 80.3,7,19; 119.135; Dn 9.17). Nas mais diversas passagens das Escrituras, a luz provém da glória da presença de Deus, que deverá ser refletida pelo Seu povo (Is 60.1-3; Ez 43.2), até que, um dia, a luz do sol e da lua serão completamente substituídas pela luz da glória de Deus (Is 60.19,20; Ap 21.23; 22.5).

**76.4-6** — *mais ilustre, e glorioso.* Nada ou ninguém, em todo o universo ou em toda a eternidade, pode ser comparado a Deus (Sl 77.13). Sua glória e beleza são incomparáveis, e o Seu poder, incontestável.

*Carros e cavalos* refere-se à derrota do exército do faraó (Êx 14.15).

**76.7** — A repetição do pronome *tu* é enfática. Somente o Todo-poderoso deve ser temido. Para os justos, temer a Deus é uma reação de assombro, admiração, surpresa, adoração e louvor. Para os ímpios, temer a Deus é puro terror, do qual não há escapatória (Sl 14.5).

**76.8-10** — *Fizeste ouvir o teu juízo.* Pelas vitórias de Deus sobre os inimigos de Seu povo, a fama de Sua glória e justiça se espalhará pelo mundo inteiro. Até a *cólera do homem* redundará em louvor para Deus, pois qualquer ira contra Ele se mostra completamente inútil. Como escreveu Paulo: Porquanto, quem resiste à sua vontade? (Rm 9.19). A hostilidade inútil da pessoa contra Deus só resultará em mais uma demonstração do poder de Deus e glorificação do Seu nome. Veja o que o Senhor respondeu ao faraó, em Êxodo 11.9.

**76.11,12** — O salmista orienta o justo sobre o verdadeiro louvor ao Senhor, soberano da criação.

Fazei votos. Trata-se de votos de louvor, sacrifício e vida de fé (Sl 61.5,8; 66.13; Hb 13.15). Assim como algum visitante *traz presentes* a um rei (Sl 72.10), também os justos devem trazer suas dádivas a Deus — sendo a melhor delas a dedicação de sua vida ao serviço do Senhor (Rm 12.1).

### Salmo 77

O *Salmo 77* é o salmo de um crente aflito. É marcado pela sensação de angústia e reflexão interior. Os principais termos do salmo são as flexões dos verbos *lembrar* e *meditar*. A estrutura do salmo é a seguinte: (1) clamor a Deus (v. 1-3); (2) dúvidas (v. 4-6); (3) a pergunta se Deus se esqueceu (v. 7-9); (4) enfoque na benignidade de Deus (v. 10-12); (5) rememoração da incomparabilidade de Deus (v. 13-15); (6) reafirmação de que Deus é o Senhor dos mares (v. 16-20).

**77.1,2** — *Se estendeu*. O salmista estava tão necessitado de Deus que estendeu sua mão ao Senhor durante a *noite* (Sl 63.4; 134.1,2). Ao mesmo tempo, gemia e se queixava ao se lembrar de Deus. O que ele sabia sobre Deus contrastava com aquilo por que passava. Quanto mais o salmista pensava nessas coisas, mais perturbado ficava.

**77.3-6** — *Sustentaste os meus olhos vigilantes*. Asafe, o salmista, não conseguia dormir (Sl 63.6). Passou a noite toda pensando a respeito de sua situação e seu passado (v. 4-6); mas o mais importante de tudo foi ter-se voltado para Deus. Primeiramente, clama ao Senhor em sua angústia (v. 7-9). Depois, muda de foco: lembra-se do poder de Deus e de todas as coisas miraculosas que Ele fez (v. 10-20).

**77.7-9** — Imaginando se Deus queria ou não saber mais dele, o poeta pergunta se o Senhor voltaria a ser misericordioso para com ele algum dia. Todo versículo apresenta perguntas angustiadas; talvez nenhuma tão difícil como a do versículo 9.

*Esqueceu-se Deus de ter misericórdia?* Asafe encontrava-se em profundo desespero.

**77.10-13** — *Lembrar-me-ei, pois, das obras do Senhor*. O salmista tomou conscientemente a decisão de se afastar de sua dor e concentrar seus

pensamentos na pessoa, nas obras e milagres de Deus.

*Que deus é tão grande como o nosso Deus?* Com esta pergunta, ele se lembra de que o Deus vivo não pode ser comparado a qualquer outro deus ou poder. Este Deus maravilhoso já demonstrou Seu poder de diversas formas, mas, principalmente, ao libertar Israel do Egito.

**77.14-18** — Agora, volta o salmista os seus pensamentos para a soberania de Deus sobre os poderes do mar e Seu controle sobre as *águas* e os *abismos* (Sl 74.12-15; 93.1-5). Além disso, o Todopoderoso domina os *céus*, porque uma tempestade como a que foi descrita nestes versículos é mera manifestação de Sua força.

*As tuas flechas* é uma descrição poética dos relâmpagos.

**77.19** — Este versículo contém imagens de Deus como o Senhor da tempestade (v. 16-18) e do mar, caminhando sobre as *águas*. O termo *grandes águas* pode ser reformulado como várias *águas* (Sl 18.16; 32.6; 144.7). Em outras palavras, as *águas* não constituem ameaça para Deus; são, simplesmente, mais um caminho pelo qual Ele pode andar.

### Salmo 78

O *Salmo 78*, um salmo de sabedoria, recorda a história antiga de Israel, alternando, de forma dramática e poética, relatos da fidelidade de Deus para com o Seu povo e os periódicos acessos de teimosia, obstinação e rebeldia deste contra Ele. Só o *Salmo 119* é mais longo do que este. Com seu grande conhecimento das Escrituras, o poeta Asafe expressa intenso desejo de que a geração atual não repita os erros de tantas que a antecederam. O desenvolvimento do poema é o seguinte: (1) lição de obras passadas de Deus na história de Israel (v. 1-4); (2) exortação para que cada geração instrua a seguinte nesse particular (v. 5-8); (3) rebeldia do povo de Efraim (v. 9-11); (4) a maravilhosa salvação de Israel por Deus no Êxodo (v. 12-16); (5) queixas do povo (v. 17-20); (6) a ira divina contra os ingratos (v. 21-25); (7) a justiça divina em meio à provação (v. 26-31); (8) descrença contínua do povo (v. 32,33);



(9) lembrança do povo do verdadeiro caráter de Deus, e lembrança de Deus da fraqueza das pessoas (v. 34-39); (10) fidelidade de Deus e infidelidade do povo (v. 40-55); (11) pecados de Israel durante o período dos juízes (v. 56-64); (12) vitória de Deus sobre os inimigos de Israel (v. 65,66); (13) Deus escolhe Judá, Jerusalém e Davi (v. 67-72).

**78.1,2** — O salmista emprega o vocabulário da escola de sabedoria para se apresentar. *Minha lei* é a palavra familiar hebraica *Torah*. Os escritores sábios usam esta palavra para dar a conotação de entendimento; mostrar que sua orientação está de acordo com a instrução de Moisés (Pv 1.8; 3.1; 4.2). Os termos *parábola*, *enigmas* e similares assinalam ditos contendo significados mais profundos ou provérbios e sua interpretação (Pv 1.6). Com a expressão *povo meu*, o salmista demonstra que faz parte desse povo, embora esteja diante dele na qualidade de mestre ou instrutor.

**78.3,4** — Asafe, o salmista, explica que os ensinamentos foram criados para serem passados de geração a geração, a fim de que cada uma das gerações pudesse participar dos *louvores do Senhor*. A frase *sua força e as maravilhas que fez*, referindo-se a Deus, pode ser traduzida também por Suas obras extraordinariamente maravilhosas.

**78.5,6** — O *testemunho*, Deus o *estabeleceu* mediante um procedimento sólido, pelo qual qualquer geração deveria passar à próxima a necessidade de conhecer o Senhor.

A *geração vindoura*. O salmo vai começar a argumentar que as gerações não passaram o conhecimento adiante como deveriam.

**78.7,8** — Uma vez que seus *pais* não creram em Deus, a geração atual não deve imitá-los, mas, sim, ser diferente da geração que a antecedeu.

**78.9** — O primeiro exemplo da falta de fé das gerações anteriores é o de um incidente em que o povo da tribo de *Efraim* rejeitou a Deus. O poeta pode estar se referindo provavelmente ao conflito de Jefté com os homens de Efraim (Jz 12.1-7).

**78.10-16** — O poeta celebra as *maravilhas* que Deus fez por Israel ao libertá-lo do Egito, especialmente os sinais da presença de Deus entre o Seu povo no Egito (Êx 13.21), a travessia do mar

Vermelho (Êx 14) e outros milagres, como a água que manou da rocha no deserto (Êx 17.1-7; Nm 20.1-13).

**78.17,18** — A palavra hebraica traduzida por *provocando* é repetida em dois outros pontos deste poema (v. 40,56).

*Carne para satisfazerem o seu apetite*. Esta linguagem depreciativa é empregada para descrever a terrível ingratidão dos israelitas quando clamaram por comida no deserto.

**78.19-28** — O *furor* de Deus contra o Seu povo foi causado pela falta de fé e confiança em Sua salvação, demonstrada pelo desprezo ao maná que Ele lhe dera, a que o poeta se refere como *trigo do céu* e *pão dos poderosos*. Os israelitas cometeram a tremenda ofensa de rejeitar o alimento dado do céu.

**78.29-31** — *Pois lhes satisfez o desejo*. Aqueles que possuem verdadeira fé procuram saber a vontade de Deus e O louvam com gratidão. Os egoístas tão somente se queixam sem cessar; acabando por sofrer as consequências.

**78.32,33** — *Com tudo isto*. O poeta diz que o povo já sofrera o bastante por sua ingratidão e deveria ter aprendido a lição da fé. Infelizmente, não a aprendeu. Deus determinou, então, que não entrariam em Canaã, mas, sim, passariam seus dias em vão, ou seja, *na vaidade*.

**78.34-37** — O povo somente se lembrava do verdadeiro caráter de Deus quando pressionado pelos Seus juízes; mas Deus sempre *se lembrou* (v. 39) da natureza frágil das pessoas. A imagem de Deus como *rocha* é encontrada desde Moisés (Dt 32.4) e desenvolvida em outras partes dos Salmos (Sl 61.2; 62.2,7; 91.1,2; 144.1). Deus como *Redentor* é o Salvador, Aquele que resgatou Israel do Egito, assim como a todos resgatou de seus pecados (Sl 19.14; Is 41.14; 44.6). O título *Altíssimo* enfatiza a majestade e o poder de Deus. Deus supera todo poder, toda criação, e nada pode ser comparado a Ele. É uma grande insensatez a pessoa se rebelar contra o Altíssimo. Este título é encontrado três vezes neste salmo (v. 17, 35,56). Encontra-se também em Salmos 7.17; 9.2; 18.13; 21.7; 46.4; 50.14; 56.2; 57.2; 73.11; 77.10; 82.6; 83.18; 87.5; 91.1,9; 92.1; 107.11.

**78.38** — *Misericordioso*. A demonstração da admirável transcendência do Senhor é aqui complementada (v. 35), enfatizando-se Sua misericórdia e compaixão.

**78.39-42** — O verbo traduzido por *provocaram* é empregado três vezes neste salmo (v. 17,56). Embora Deus houvesse derramado bênçãos sobre Seu povo, este O provocou com o desprezo e a ingratidão. O *Santo de Israel* (Sl 89.18) é uma das expressões preferidas do profeta Isaías (Is 1.4; 5.24).

**78.43-55** — Esta parte é um relato poético de como Deus ajudou Israel no Egito e no deserto. Os versículos 43-51 relatam as dez pragas de Êxodo 7—12; e os versículos 52 e 53, sobre o livramento de Israel no mar Vermelho (Êx 14). O versículo 54 fala da experiência no monte Sinai, e o 55 resume a conquista da terra de Canaã.

**78.56** — *Tentaram, e provocaram* pode ser reformulado como provocaram insistentemente. O título *Altíssimo* é usado três vezes nesse poema (v. 17,35), tanto quanto o é a palavra *provocaram* (v. 17,40). Ambas as palavras enfatizam a gravidade dos atos dos israelitas: eles estavam se rebelando contra o Deus onipotente, criador e rei de todo o universo.

**78.57-67** — Emprega-se aqui uma palavra hebraica diferente daquela usada no versículo 56 para *provocaram*, mas que comporta a mesma ideia. *Seus altos* refere-se aos locais onde os cananeus adoravam Baal e outros deuses da fertilidade. *Imagens de escultura* refere-se aos símbolos de fertilidade dos cultos cananeus. A referência a Siló identifica este tempo de apostasia de Israel com o final do período dos juízes (1 Sm 1.3). *Sua força e sua glória* são formas incomuns de falar da arca da aliança, perdida para os filisteus durante a batalha de Afeca (1 Sm 4.1-11). Nessa época, agravou-se o sofrimento dos israelitas, inclusive com a morte de seus *sacerdotes* (1 Sm 4.17,18).

**78.68-71** — A escolha de *Judá*, e não das outras tribos, assim como de *Sião* dentre todos os outros lugares, só se explica em termos de soberania e amor de Deus. A descrição do *santuário* sugere que este salmo foi escrito após a construção do templo por Salomão.

**78.72** — As palavras elogiosas a *Davi* no versículo 72 são bem próximas das de 1 Reis 9.4, sugerindo alguma ligação entre as duas passagens. O pastorado atribuído aqui a Davi é ideal, e seria realizado em sua plenitude em Jesus, nosso Salvador e Rei, verdadeiro Bom Pastor (Sl 23; Jo 10).

### Salmo 79

O *Salmo 79*, uma lamentação comunitária (Sl 80), foi escrito após um ataque à cidade de Jerusalém e saque do templo. Assemelha-se, sob este aspecto, ao *Salmo 74*. O fato que o originou pode ter sido a destruição de Jerusalém pelos babilônios ou outra anterior e menos definitiva. O poema se desenvolve da seguinte forma: (1) lamento pela devastação de Jerusalém (v. 1-4); (2) clamor a Deus para que castigue os inimigos de Judá e Jerusalém (v. 5-7); (3) clamor por perdão e redenção (v. 8-10); (4) oração para que Deus ajude o Seu povo e julgue seus inimigos (v. 11,12); (5) voto de louvor, antevendo a libertação que o Senhor concederá (v. 13).

**79.1** — *As nações entraram*. As palavras, aqui, têm um tom semelhante ao de Salmos 74.1-8.

*Teu santo templo*. Não está claro se a destruição descrita neste versículo foi a realizada pelos babilônios no ano 586 a.C. *As ruínas de Jerusalém* — a cidade se transformou em *montões de pedras* — pode indicar uma invasão da terra antes de sua destruição completa.

**79.2-4** — A lamentação sobre os que morreram defendendo Jerusalém se parece com as palavras de Jeremias 7.32-34 e Lamentações 4.1-10.

*Escárnio* [...] *zombaria*. São palavras muito próximas das de Salmos 44.13.

**79.5** — A pergunta *até quando* é praticamente um padrão nos salmos de lamentação (Sl 13.1,2; 80.4). Baseia-se no caráter eterno do Senhor. Como Deus é eterno, indaga o salmista: *indignar-te-ás para sempre?*

**79.6,7** — *Derrama o teu furor*. Imprecação ou maldição contra inimigos pessoais costuma existir nos salmos de lamentação (Sl 137). A vingança cabe ao Senhor; mas o clamor tem por base, de certo modo, os termos da promessa de Deus a Abraão. Deus prometera amaldiçoar

aqueles que amaldiçoassem Abraão e seus descendentes (Gn 12.2,3).

**79.8-10** — Este apelo se firma no caráter de Deus segundo expresso pelo Seu nome (Êx 3.14,15; 6.2,3). Outra base é a reputação mundial de Deus (Sl 42.10). Se Deus libertasse os israelitas, Seu poder ficaria mais uma vez patente a todas as nações.

**79.11,12** — *Gemido* também pode ser traduzido por choro. *Teu braço* refere-se ao braço poderoso e estendido de Deus, que tirou Israel do Egito (Êx 6.6). *Injúria* refere-se a um insulto ou escárnio (Sl 74.10,18,22).

**79.13** — *Ovelhas de teu pasto* fala, evidentemente, dos israelitas. O zelo de Deus por eles se mostrava tão correto e absoluto que podiam se considerar ovelhas conduzidas pelo grande Bom Pastor (Sl 23; 77.20; 80; 95.7; 100.3). O povo jura lhe cantar *louvores*, ou seja, agradecer a Deus publicamente (Sl 35.18; 105.1).

### Salmo 80

O *Salmo 80*, um lamento comunitário, possui imagens particularmente fortes. O salmo é marcado por duas metáforas de Israel em seu relacionamento com Deus. (1) o rebanho do bom Pastor; (2) a videira do verdadeiro Agricultor. Ambas as metáforas são usadas por Jesus para falar de Si e Seu povo no Novo Testamento (Jo 10; 15). Este é um dos salmos de Asafe (Sl 50; 73—83) e deve ser cantado sobre a melodia de *Os lírios* (Sl 45; 69). A estrutura do poema é a seguinte: (1) chamado ao Pastor de Israel para que ampare os aflitos (v. 1-3); (2) queixas quanto à ira do Senhor contra Seu povo (v. 4-7); (3) metáfora do vinhedo (v. 8-13); (4) rogo a Deus para restabelecer, revivificar e restaurar Israel (v. 14-19).

**80.1,2** — *Ó Pastor de Israel* assemelha-se ao ensinamento do Salmo 23 e antevê o de João 10. Deus faz por *guiar* Seu povo como um pastor guia seu *rebanho*.

*Entre os querubins*. No Santo dos Santos do tabernáculo, a arca da aliança era encimada pelo propiciatório, sobre o qual havia a figura de dois querubins, símbolos celestiais do trono de Deus (Êx 25.22).

Resplandece. Depois que Moisés esteve diante e bem próximo do Senhor, sua própria face foi transformada por um brilho resplandecente (Êx 34.29-35). O apelo aqui significa que o Senhor deveria dar a conhecer Sua presença de forma que salvasse Seu povo. As tribos de *Efraim*, *Benjamim* e *Manassés* podem representar toda a nação. Efraim ficava ao norte; Benjamim, onde Jerusalém estava localizada; Manassés, em parte, além do Jordão.

**80.3** — *Faze resplandecer o teu rosto* recorda a bênção sacerdotal: O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti (Nm 6.25).

**80.4,5** — Como o seu rogo por libertação parecia não ter sido respondido, o povo questiona se a ira de Deus não se dirige até mesmo *contra* a sua *oração*. As expressões *pão de lágrimas* e *dás a beber lágrimas* referem-se ao maná e à água que Deus deu a Israel no deserto. A ideia é a de que Deus havia provido alimento à geração passada; mas a geração presente tem tido apenas mágoa, choro e desespero.

**80.6-11** — O transporte dos israelitas por Deus do Egito a Canaã é comparado ao transplante de uma *vinha*. Ela cresceu extraordinariamente, de forma tal que *encheu a terra* e alcançou o *mar* Mediterrâneo e o *rio* Eufrates. Tais expansões da vinha do Senhor ocorreram nos reinados de Davi e Salomão.

**80.12** — Mas então aconteceu uma mudança dramática. O Senhor *quebrou os seus valados* — ou seja, removeu as muralhas de proteção de Israel. A nação ficou frágil, sujeita a todo tipo de ataque.

**80.13-17** — *Atende dos céus*. O apelo é para o Agricultor observar a penúria em que está Sua vinha. A palavra hebraica traduzida por *visita* pode significar uma *visitação gentil* (Sl 65.9) ou uma chegada para julgamento, do Senhor. Claro que a oração foi por uma visita misericordiosa do Protetor de Israel. Pedem-se a Deus para usar de sua *destra* (Êx 15.6) a fim de restaurar o que *plantara*. O termo em hebraico, aqui, para *vinha* só é usado desta vez na Bíblia. Literalmente, significa rizoma. *Sarmento* significa filho; é da mesma raiz hebraica de *filho do homem*, do versículo 17. A nação de Israel, aqui, é o próprio filho de Deus (Êx 4.22).

**80.18,19** — *Guarda-nos em vida* pode ser um pedido para a conservação da vida terrena ou para o recebimento de vida nova no Espírito.

*Invocaremos o teu nome.* Em resposta ao livramento concedido por Deus, o poeta promete adorar com renovado fervor o nome de Deus.

### Salmo 81

O *Salmo 81* começa como salmo de louvor e termina como salmo de admoestação (Sl 50) no qual a voz do próprio Senhor é ouvida (Sl 75). A estrutura do poema é a seguinte: (1) convocação do povo para louvar ao Senhor (v. 1,2); (2) convocação do povo para a festa da lua nova (v. 3-5); (3) o Senhor relata o livramento que concedeu ao Seu povo (v. 6,7); (4) censura do Senhor à idolatria (v. 8-10); (5) o Senhor descreve a desobediência de Israel (v. 11,12); (6) o Senhor lamenta a desobediência israelita (v. 13-16).

**81.1** — *Cantai alegremente [...] celebrai.* A animação transmitida por este salmo é semelhante ao de outros salmos de louvor (Sl 33.1-3; 35.27,28; 66.1-4; 95.1,2; 100.1,2). O uso de vozes e instrumentos para louvar é padrão no animado louvor destes poemas (Sl 149; 150).

**81.2-5** — A festa da *lua nova* é mencionada em associação com a Festa das Trombetas (Nm 29.6). Suas normas estão nas instruções aos levitas no tempo de Davi (1 Cr 23.31) e Salomão (2 Cr 2.4). Este salmo parece conter uma orientação básica para a festa.

*Estatuto [...] ordenança [...] testemunho.* Os termos e as normas nesta passagem são tão solenes como os da Torá. A comemoração relativa à festa da lua nova é a da saída de Israel do Egito.

*Uma língua.* Tal como em 114.1, desdenha-se aqui da história, da cultura e do idioma egípcios.

**81.6,7** — *Seus ombros [...] suas mãos.* Trata-se de uma forma poética de descrever como Deus libertou o Seu povo da opressão egípcia (Êx 1).

*Respondi-te.* A aparição do Senhor a Moisés no monte Sinai foi a grande revelação que Deus fez de Si mesmo a Israel (Êx 19.20).

**81.8-10** — A expressão traduzida por *te admoestarei* também se encontra em Salmos 50.7,

em que é traduzida por *protestarei contra ti.* A cláusula básica do primeiro mandamento é repetida: não deve haver *deus alheio* entre os israelitas (Êx 20.3). A descrição grandiosa de Deus dos livramentos que concedeu aos israelitas é uma citação de Êxodo 20.2. O Senhor ordena então a Seu povo *abrir bem a boca* para que Ele possa atender a todas as suas carências (v. 16).

**81.11-16** — A resistência do povo a obedecer a Deus levou ao castigo. Deus denuncia como raiz dos problemas do povo os *desejos dos seus corações.* Queriam fazer o que bem entendessem e recusaram-se ouvir a Deus.

### Salmo 82

O *Salmo 82* é um salmo de sabedoria. A estrutura do salmo é a seguinte: (1) Deus convida os juízes da terra a comparecerem à assembleia celestial (v. 1,2); (2) o Senhor repassa Suas ordens aos juízes da terra (v. 3,4); (3) Ele ouve a queixa dos oprimidos (v. 5); (4) Deus anuncia juízo sobre os juízes da terra (v. 6, 7); (5) oração do povo da terra pela justiça divina (v. 8).

**82.1,2** — *Congregação dos poderosos* fala de uma assembleia diante de Deus. Como sábio e escritor, o salmista, Asafe, emprega os termos de Jó 1, Salmo 110 e Isaías 6 como instrumento de ensino para narrar uma fábula moral. Descreve os juízes corruptos de todos os tempos como que se assentando diante de Deus e Seus anjos para prestar contas de si próprios.

*Deuses.* A palavra em hebraico pode se referir ao Deus verdadeiro ou a falsos deuses. Aqui, fala especificamente dos juízes da terra (v. 6). Asafe emprega este termo com ironia, expressando seu desprezo pelos maus juízes.

*Julgareis injustamente.* Os juízes perversos haviam corrompido seu cargo, que deveria ser uma representação do próprio Deus distribuindo justiça na terra.

**82.3** — Deus espera que todos os juízes façam a verdadeira justiça.

*Fazei justiça.* Estas palavras resumem os ensinamentos da lei, demonstrando a vontade básica de Deus de que os indefesos encontrem um oásis de justiça nos tribunais.



## APROFUNDE-SE

### DEUSES: DEMÔNIOS OU JUÍZES?

O Salmo 82 confronta o leitor moderno com uma intrigante referência a deuses (SI 82.1,6). Sabe-se que os antigos israelitas acreditavam em um único Deus. Então como interpretar esta enigmática alusão a outros deuses (em hebraico, *elohim*, poderosos)?

Duas sugestões principais se apresentam para responder a este enigma. Uma é a de que os deuses aqui mencionados sejam demônios, anjos decaídos, que não somente se opõem a Deus, como também atormentam os seres humanos. O livro de Jó menciona duas ocasiões em que os filhos de Deus se encontraram com o Senhor, quando Satanás pede permissão para oprimir Jó (1.6-12; 2.1-7).

A segunda sugestão é a de que os deuses sejam os juízes humanos, corruptos, que ou receberam ou escolheram para si o título de poderosos. Há quem creia que eles, inclusive, emitiam suas sentenças em nome de determinados deuses pagãos, para se investirem de maior autoridade.

Nenhuma das duas sugestões está livre de contestações, mas a segunda se encaixa melhor na descrição do Salmo 82. O objetivo deste salmo é deixar claro que, no fim das contas, toda autoridade deverá prestar contas a Deus. Ele é seu Juiz e Dirigente final, bem como de toda a terra. É Ele quem avalia a integridade daqueles a quem delegou poder e observa rigorosamente como tratam os pobres, os órfãos, os aflitos e necessitados.

**82.4,5** — *Eles nada sabem* é como que o suspiro coletivo dos povos oprimidos de toda parte e de todos os tempos. Os maus juízes agem como se não se importassem com suas responsabilidades nem com o julgamento de Deus que terão de enfrentar por abusar de sua autoridade.

*Todos os fundamentos da terra vacilam.* Em Salmos 11.3, a argumentação cínica dos perversos é a de que as fundações da terra estão destruídas, o que é contestado como sendo mentira, pois Deus está no comando. Neste salmo, porém, a situação é considerada realmente instável por causa da profunda perversão dos juízes.

**82.6,7** — *Como homens morrereis.* Jesus cita este versículo em Sua conversa com as autoridades religiosas que queriam apedrejá-Lo por declarar ser o Filho de Deus (Jo 10.31-35).

**82.8** — *Levanta-te, ó Deus.* Em vista da terrível situação que os maus juízes criaram, os pobres e aflitos clamam pela vinda do verdadeiro Juiz, o próprio Deus. Seu clamor não será ignorado. O bom Juiz está vindo para estabelecer a verdadeira justiça (SI 96.13; 98.9).

### Salmo 83

O Salmo 83 é um salmo de lamentação no qual se dá especial enfoque ao ímpio. A maldição proferida pelo salmista contra o ímpio põe este

poema na categoria de salmo imprecatório. Quando lemos as palavras fortes nele contidas, precisamos nos lembrar que a intenção do autor (Asafe) é de redimir a glória de Deus. O salmo tem o seguinte formato: (1) clamor para que Deus Se pronuncie e julgue os ímpios (v. 1-4); (2) as ações dos ímpios (v. 5-8); (3) os atos que Deus tem praticado em julgamento (v. 9-12); (4) clamor para que Deus julgue os ímpios (v. 13-18).

**83.1** — *Não estejas em silêncio.* Clamores para que Deus desperte, levante-se, volte o Seu olhar e pronuncie-se são formas de um salmista orar para que Deus o atenda. Os salmistas acreditavam que o Santo Deus extirparia todo o mal, mas nem sempre percebiam que a detença de Deus em julgar era provavelmente devido à Sua misericórdia.

**83.2,3** — O salmista está revoltado com os *inimigos* do Senhor. Detesta o mesmo que Deus abomina (SI 101.6-8). Os ataques dos ímpios se opõem não só a Deus, mas também ao Seu povo.

**83.4** — *Desarraiguemo-los.* A atitude dos ímpios para com o povo de Deus é simplesmente a de conspirar para destruí-lo.

**83.5-8** — *A uma se conluiaram.* No decorrer de toda a sua história, muitos foram os que almejavam destruir Israel e Judá. Todos os seus esforços são condenados neste salmo.

*Contra ti.* Ao conspirarem contra o povo de Deus, os perversos, na realidade, conspiram contra Deus.

*As tendas de Edom.* Os lugares referidos neste trecho correspondem a países limítrofes de Israel e Judá. Os *hagarenos* provavelmente eram provenientes da Arábia (1 Cr 5.10,19,20). O povo de *Gebal* deve ter habitado uma região montanhosa ao sul do mar Morto; uma alternativa é que *Gebal* seja outro nome de *Biblos*, cidade próxima a Tiro.

**83.9-12** — *Asafe*, o salmista, recita as grandes vitórias de Deus contra os grandes inimigos de Israel. A vitória em *Midiã* foi obtida com *Gideão* (Jz 7). O triunfo sobre *Sísera* foi por meio de *Débora* e *Baraque* (Jz 4; 5). O mesmo Deus que lutou contra tais inimigos de Israel iria lutar contra todos os que viessem a se opor ao Seu povo.

**83.13-15** — Em uma cultura na qual lembrar das pessoas era importante, seria uma grande maldição ver a memória de alguém ser levada por um *tufão* ou como *palha diante do vento*.

**83.16-18** — *Vergonha* é o oposto da dignidade, atributo dos justos (Sl 25.2; 97.7). *Busquem o teu nome*. O primeiro clamor a Deus aqui para que envergonhe os inimigos de Israel é para o seu arrependimento e redenção — para que as nações ouçam, constanjam-se, arrependam-se e busquem a face do Senhor. Mas, se continuarem na perversidade, serão confundidas ainda mais e, um dia, julgadas por Deus. O título *Altíssimo* é muito usado nos Salmos para falar do controle de Deus sobre todas as nações do mundo (Sl 47.2; 78.35; 97.9).

### Salmos 84

O *Salmos 84* é um dos salmos de Sião, que celebram a presença de Deus sobre Jerusalém, cidade onde foi construído Seu templo. Hoje não é necessário ir até Jerusalém para se aproximar de Deus, porque é Deus quem se aproxima daqueles que confiam em Seu Filho (Mt 28.18-20). Este é um salmo composto pelos filhos de *Corá* (Sl 42; 44-49; 85; 87; 88). São seis os seus momentos: (1) desejo de estar em casa, em Sião (v. 1,2); (2) bênção de estar em Sião (v. 3,4); (3) bênção aos que peregrinam a Sião (v. 5-7); (4) oração para

que o Senhor zele por Sião (v. 8,9); (5) alegria de estar em Sião (v. 10,11); (6) bênção de poder confiar em Deus (v. 12).

**84.1,2** — *Tabernáculos* é empregado aqui como um termo poético para o templo que estava sendo construído por *Salomão*.

*Está anelante, e desfalece.* Para ver expressão semelhante a este desejo do salmista pela presença do Senhor, consulte Salmos 42.1,2.

*Pelo Deus vivo.* Todos os outros deuses são inventados; mas Aquele que criou o universo, que escolheu Israel como Seu povo e concedeu salvação ao mundo vive e viverá para sempre em grande glória.

**84.3,4** — *Pardal [...]* *andorinha*. Ao falar de pássaros que se aninham no templo, o poeta exprime certamente grande alegria.

*Bem-aventurado*, como já empregado em 1.1, significa Ah, que grande felicidade!

**84.5-7** — A frase *em cujo coração estão os caminhos aplanados* refere-se àqueles que fazem de sua ida ao templo não uma obrigação, mas, sim, um prazer.

O *vale de Baca*, ou vale de lágrimas, refere-se às diversas dificuldades que encontramos em nossa peregrinação pela terra. O peregrino pode, no entanto, descobrir que o vale, anteriormente assolado, tem agora *fonte*, *chuva* e *tanques* cheios — todos eles, sinais das bênçãos de Deus.

*De força em força.* Quanto mais a pessoa se aproxima do templo, mais toleráveis se tornam os rigores da viagem, porque a alegria da aproximação fortalece a alma.

**84.8** — *Senhor, Deus dos Exércitos* é um título que transmite a transcendência de Deus. Seus são os exércitos angelicais, no céu. O título é complementado pela expressão *Deus de Jacó*, que se refere à relação de aliança que Deus estabeleceu com os patriarcas de Israel.

**84.9** — As expressões *escudo nosso* e *ungido* indicam, aqui, Deus e o rei de Israel (Sl 89.3,4). Mas todo unguido no Antigo Testamento já prenunciava o Ungido que viria depois, o Messias.

**84.10,11** — *Um dia [...]* *mil*. Nada da vivência cotidiana do peregrino pode ser comparado a um dia adorando a Deus no templo sagrado.



## EM FOCO

SOL (HB. *SHEMESH*)

(Sl 84.11; Js 10.12,13).

A palavra hebraica para *sol* refere-se, na maioria das vezes, ao corpo celeste que ilumina a terra (Sl 136.7,8). A expressão idiomática *à luz do sol* pode significar uma ação realizada às claras ou em público (2 Sm 12.12). O Sol também é um símbolo bíblico de justiça (Mt 4.2) e até mesmo um título de Deus nos Salmos (Sl 84.11). Muitos povos antigos adoravam o Sol, a Lua e as estrelas (2 Rs 21.3; Ez 8.16). Mas o salmista entendia que o Sol, a Lua e as estrelas adoravam a Deus porque Ele os criou (Sl 148.3). Na nova criação, não haverá necessidade do Sol, pois o próprio Deus será luz eterna para todos (Is 60.19).

*Estar à porta [...] habitar nas tendas.* Ser um servo modesto na *casa do seu Deus* é mais desejável do que levar uma vida de luxo entre os que praticam a *impiedade*.

*Um sol e escudo* significa também um esplêndido escudo.

*Graça e glória* pode ser também entendido como *gloriosa graça*. Embora o rei fosse um escudo (v. 9), Escudo maior dele era o próprio Deus. *Não negará bem algum*. Deus oferece constantemente boas dádivas ao Seu povo.

**84.12** — Este amável salmo termina da mesma forma que começou: com o termo *Senhor dos Exércitos* (v. 1); isso é o que se chamaria de uma moldura, fechando o poema.

### *Salmo 85*

O *Salmo 85* é uma oração pela restauração, profundamente enraizada na fé em Deus. A ambientação do salmo indica ser o restabelecimento do povo de Deus após tremenda situação por que havia passado — talvez o cativeiro em Babilônia. Neste poema, o povo ora pelo reavivamento de seu espírito e renovação da sua terra. A realização final de sua prece, todavia, somente há de acontecer com o glorioso reino definitivo de Jesus, o Salvador. É um dos salmos compostos pelos filhos de Corá (Sl 42; 44—49; 84; 87; 88). Seu desenvolvimento se dá em quatro partes: (1) celebração da graça de Deus sobre a terra (v. 1-3); (2) petição por restauração e reavivamento (v. 4-7); (3) expectativa de intervenção, o mais breve possível, de Deus (v. 8,9); (4) descrição da restauração (v. 10-13).

**85.1** — *Fizeste regressar os cativos* pode se referir ao retorno dos exilados de Babilônia. Mas pode

estar falando também, de forma geral, de outras similares reversões dos acontecimentos (Sl 14.7).

**85.2-7** — *Deus da nossa salvação* pode ser representado como nosso Deus Salvador. *Tua ira*. A primeira parte deste salmo diz que a ira de Deus se desviou do Seu povo (v. 3). Ainda assim, mesmo depois que a restauração foi concluída, o povo ainda sente, ao que parece, efeitos da ira de Deus. Sugere o entendimento de que os problemas das pessoas foram causados pelos próprios pecados, que acabaram por provocar o castigo de Deus.

*Tornarás a vivificar-nos*. O povo ora pelo seu próprio bem-estar e por nova determinação de adorar a Deus.

*Misericórdia* pode ser traduzida por amor fiel.

**85.8,9** — O orador aqui talvez seja um sacerdote, que espera *escutar* uma revelação direta do Senhor. Tal revelação seria coerente com o caráter de Deus. *Paz* sugere integridade, plenitude, as coisas como devem ser. A palavra *santos* está relacionada ao termo traduzido por *misericórdia* no versículo. 7; trata-se daqueles que refletem o amor de Deus em suas vida.

*Contanto que não voltem à loucura*. A bênção de Deus somente será mantida se o povo continuar fiel a Ele. *Salvação* refere-se a todo ato de Sua graça por parte de Deus.

**85.10-13** — As palavras *misericórdia* e *verdade* aparecem várias vezes juntas nas Escrituras para expressar um conceito (Sl 25.10; 61.7; 86.15; 89.14). Aqui, são vistas como entidades separadas que se juntam, da mesma forma como *a justiça e a paz se beijaram*. A união da misericórdia e da verdade de Deus e de Sua justiça e paz é uma descrição de como deva ser, ou seja, o estado de



## EM FOCO

## VERDADE (HB. 'EMET)

(Sl 86.11; 1 Rs 10.6; Et 9.30)

Este termo hebraico significa a verdade que obedece a um padrão — seja de realidade criada, seja um padrão de Deus. A verdade costuma ser associada à misericórdia, especialmente à misericórdia de Deus (Sl 57.3; 117.2; Gn 24.49). Esta palavra também se usa muito no contexto jurídico: no contexto secular, é utilizada para se referir a testemunhas e julgamentos (Sl 14.25; Zc 8.16), enquanto no contexto religioso é empregada com referência à lei e aos mandamentos de Deus (Sl 119.142,151). A verdade é preciosa, e sua ausência foi lamentada pelos profetas (Is 59.14; Jr 9.5; Os 4.1). Deus deseja a verdade no íntimo do Seu povo (Sl 15.2; 51.6); é, assim, a base de um estilo de vida agradável ao Senhor (Sl 25.5,10; 26.3).

paz de que se fala no versículo 8. A mistura dos ideais de *verdade* e *justiça* no versículo 11 sugere uma visão do reino de Deus (Is 11). O fato de a palavra *justiça* aparecer três vezes nos quatro últimos versículos deste salmo alude à santidade do reino vindouro de Deus, assim como da isenção de pecado do Salvador e Rei que o governará.

### *Salmo 86*

O *Salmo 86* é um salmo de lamentação, em que Davi expressa graves preocupações sobre sua vil situação humana, assim como sua alegria no único Deus misericordioso. É o único poema no livro III dos Salmos que tem o nome de Davi no título. Assim é sua estrutura: (1) clamor de Davi a Deus para que o livre da aflição (v. 1-5); (2) clamor para que Deus ouça sua prece (v. 6,7); (3) declaração de que ninguém há comparável ao Senhor (v. 8-10); (4) pedido para que Deus lhe ensine mais a Seu respeito para que possa louvá-Lo sempre (v. 11-13); (5) comparação da agressividade dos ímpios com o bondoso caráter do Senhor (v. 14,15); (6) novo clamor para que Deus mostre Sua benignidade para com o aflito Davi (v. 16,17).

**86.1-5** — *Inclina, Senhor, os teus ouvidos.* Como em 31.2, Davi emprega aqui uma expressão dramática que capta a grandeza do Deus Altíssimo e a posição humilde do salmista, muito abaixo, na terra. Aqui, a expressão *sou santo* não fala da transcendência de Deus, como em Isaías 6.3; fala, isso sim, da fé e da bondade de uma pessoa justa que, pela graça de Deus, está vivendo em conformidade com a lei divina. É outra forma de Davi se descrever como *servo* do Senhor.

*Alegre.* Deus se rejubila com aqueles que O servem, e Seus servos encontram grande alegria nele.

**86.6,7** — *Dá ouvidos.* O verbo aqui em hebraico é aquele de que deriva o substantivo ouvido. Significa, literalmente, usar as orelhas, termo bastante forte para ser utilizado como paralelo ao mais comum, ouvir. É quase sempre empregado para instar o homem (ou a natureza) a escutar o Senhor (Is 1.2), mas às vezes, como aqui, é usado por alguém em um apelo para que Deus o ouça. Deus demonstra Sua generosa condescendência ao permitir que Seus servos falem desse modo com Ele.

**86.8,9** — *Entre os deuses.* A identidade das nações antigas baseava-se, em parte, nos laços que mantinham com seus supostos deuses. Quando as nações viessem a descobrir que seus deuses não existiam, teriam de admitir que apenas o Senhor é Deus. Aqui, Davi prevê outras nações adorando o Deus verdadeiro, prevenindo assim o ímpeto missionário do Novo Testamento (Sl 117; Mt 28.18-20).

**86.10-13** — *Ensina-me, Senhor, o teu caminho.* Davi pede ao Senhor que o instrua, para que possa louvá-Lo depois ante a congregação.

*Misericórdia* é o amor fiel do Senhor. *Do mais profundo da sepultura.* Davi diz que o Senhor o está livrando, com misericórdia, da morte certa (Sl 9.17; 116.3,4).

**86.14** — Os Salmos fazem uma caracterização consistente de Deus como inimigo dos *soberbos* e amigo dos *humildes* (Sl 138.6; 147.6).

**86.15** — A expressão *grande em benignidade e em verdade* é uma precursora da expressão do



Novo Testamento *cheio de graça e de verdade* (Jo 1.14). O Senhor é um baluarte da verdade de tal modo que pode libertar, por Sua misericórdia, aqueles que se envolvam com a falsidade.

**86.16,17** — *Salva o filho da tua serva.* A ideia aqui pode ser de que, sendo a mãe de Davi uma mulher justa, o Senhor deveria salvar Davi de sua terrível situação (Sl 116.16).

### *Salmo 87*

O *Salmo 87*, um salmo de Sião, é também um salmo altamente evangelizador, que antevê a missão do Novo Testamento de espalhar as boas novas de Jesus Cristo por todo o mundo (Mt 28.18-20). Este salmo pertence ao grupo criado pelos filhos de Corá (Sl 42; 44—49; 84; 85; 88). Possui três momentos: (1) descrição do amor de Deus pela cidade de Sião (v. 1-3); (2) descrição dos cidadãos de Sião, procedentes de todas as nações (v. 4-6); (3) celebração da salvação de Deus (v. 7).

**87.1** — *O seu fundamento.* Deus estabeleceu pessoalmente Sião, ou Jerusalém, como centro de Sua adoração. Ordenou a Salomão que construísse ali um templo para que pudesse viver entre os israelitas (1 Rs 6.13). Sião é sagrada por causa da declaração de Deus (1 Rs 11.13), de Sua promessa, do louvor que lhe é ali prestado (1 Rs 8.14-66), da futura obra que o Salvador nela empreenderia (Mt 21.4-11) e do futuro reinado que o Rei ainda há de ali exercer (Ap 21).

**87.2,3** — Deus tem um devotado amor pelo lugar onde é adorado e cultuado Seu nome. As *portas de Sião* são a entrada de gala da cidade. O verbo *ama* contém a noção de escolha (Dt 6.5), bem como de emoção. Deus escolheu Jerusalém e possui por ela uma afeição de longa data.

*Cidade de Deus* pode ser traduzido também por cidade do Deus verdadeiro.

**87.4** — *Farei menção.* Neste versículo, fala o próprio Deus.

*Raabe*, aqui, é um nome simbólico do Egito (Is 30.7), com conotação negativa: alude à arrogância dos egípcios. Não é a mesma Raabe de Josué 2.3-11, cujo nome tem uma grafia diferente em hebraico.

*Babilônia* era a sede mais conhecida da idolatria (Gn 10.10).

*Dentre os que me conhecem* pode ser reformulado como *Como aqueles que me conhecem*; assim, o versículo prenuncia uma época em que os estrangeiros iriam conhecer e adorar o Deus vivo. Entre os muitos que vinham a Sião para adorar o Senhor, estava gente do Egito, Babilônia, *Filístia*, *Tiro* e *Etiópia*. Na época em que foi escrito este salmo, talvez no final do reinado de Ezequias, estrangeiros já louvavam a Deus ao lado dos judeus, no templo.

**87.5** — *E de Sião.* Apesar de sua herança estrangeira, as pessoas que adoravam ao Deus verdadeiro eram consideradas *nascidas* em Sião. Este salmo como que prenuncia, assim, o ensinamento de Jesus do segundo nascimento (Jo 3). O título *Altíssimo* é usado especialmente quando se faz referência ao poder de Deus sobre as nações (Sl 47.2; 78.35; 82.6).

*A estabelecerá.* Sião tornar-se-ia o lugar onde cada vez mais gente de outras nações viria louvar ao Deus vivo. Isso profetiza o evangelho de Jesus, sua disseminação e sua culminação no reinado definitivo do Rei e Salvador (Is 2.1-4).

**87.6** — *O Senhor, ao fazer descrição dos povos.* Deus faz um registro dos povos das nações. Todos os crentes encontrarão sua verdadeira identidade em Deus, a quem irão ofertar seu louvor em Sião.

**87.7** — *Os cantores e tocadores* são convocados para celebrar a alegria do Deus Salvador. A imagem de *fontes* evoca salvação, que só pode ser encontrada no Senhor (Is 12.3). Isto prenuncia a salvação, que Deus iria oferecer em Jesus Cristo (Tt 2.11).

### *Salmo 88*

O *Salmo 88* é um salmo de lamentação, que não chega, no entanto, à resolução de fé e adoração que é a tônica destes salmos. Pode ser assim considerado um salmo de queixa, um desenvolvimento somente da parte de lamúria dos salmos de lamentação. O título atribui o salmo aos filhos de Corá (Sl 42; 44—49; 84; 85; 87), mais especificamente a Hemã, ezraíta. Hemã é identificado em 1 Reis 4.31 como um sábio cheio de dons e, em 1 Crônicas 15.16-19, como um dos levitas



## PERFIL

## POR QUE O SALMO 88 É TÃO TRISTE?

O Salmo 88 termina em um tom de profunda solidão, pois o salmista se sente afastado dos amigos e entes queridos (v. 18). Talvez as aflições por que passava o houvessem isolado de sua comunidade. Pode ser também que seus problemas tenham resultado, na maior parte, de conhecidos seus que se afastaram de Deus e caíram na escuridão espiritual.

Foi certamente este o caso de Hemã, filho de Joel, que alguns estudiosos identificam como sendo Hemã ezraíta, escritor desse salmo (ver no sobrescrito). Joel era filho de Samuel, o profeta e juiz (1 Sm 3.1), mas se afastou do caminho santo desse grande líder. Samuel o nomeou e a seu irmão como juizes de Berseba, cidade no extremo sul de Judá, onde talvez fossem capazes de cometer menores estragos. Mesmo assim, causaram ali um grande mal, chegando sua perversidade a levar justamente os anciãos de Israel a exigirem de Samuel um rei. Embora sob a objeção do profeta, um rei foi escolhido: Saul (1 Sm 8.1-9; 10.23-25).

Caso Hemã, filho de Joel, seja o compositor do Salmo 88, sua história pode ajudar a explicar por que esse salmo é tão sombrio e lamurioso.

possuidores de dons musicais que lideravam o louvor na época de Davi.

O termo ezraíta pode significar nascido na nação. O título de sua melodia significa, provavelmente, *Uma dança de aflição*. A estrutura do salmo é: (1) oração de abertura pelo livramento (v. 1,2); (2) a morte iminente do salmista (v. 3-5); (3) queixa pelo sentimento de ataque a Hemã procedente do Senhor (v. 6-8); (4) demora de Deus em vir em seu socorro (v. 9-12); (5) desespero do salmista por não sentir vinda de socorro da parte do Senhor (v. 13-18).

**88.1,2** — Mesmo em meio ao desespero, Hemã confessa sua fé na bondade salvadora de Deus — *Senhor, Deus da minha salvação* (v. 9,13).

*Tenho clamado*. Essa linguagem de lamento desesperado não é incomum nesse tipo de salmo. A palavra clamor, em hebraico, indica mesmo um grito alto. O apelo do salmista para que Deus o escute — *inclina os teus ouvidos* — tem seus termos iguais a Salmos 86.1.

**88.3-5** — *Sepultura*, aqui, é a conhecida palavra Seol (Sl 86.13), que geralmente está ligada ao termo *cova* como símbolo da morte (Sl 30.3; 143.7; Pv 1.12; Is 14.15; 38.18). Hemã se sente tão próximo do fim da vida que se considera como *posto entre os mortos*.

**88.6-8** — O salmista se sente *no mais profundo do abismo* e na mais profunda escuridão. Seu problema, porém, é sua crença em que Deus lhe impôs essa tribulação.

*Alongaste de mim*. Ele não só se sente distante de Deus, como sozinho, longe de todos os seus amigos.

**88.9** — Os versículos 9 e 13 repetem o versículo 1. Hemã continua a orar e, embora seus olhos estejam cansados e vermelhos de tanto chorar, continua a clamar ao Senhor pela salvação.

**88.10-16** — O contexto destes versículos é a comunidade de adoração em Jerusalém (Sl 6). Se Deus permitir que Hemã morra, sua voz jamais voltará a ser ouvida no templo louvando a Deus. A palavra traduzida por *perdição* também se encontra em Jó 26.6; 28.22; Pv 15.11; 27.20.

**88.17,18** — Aqui, Hemã repete suas queixas anteriores. Mas não chega à sua solução. Da mesma forma como um naufrago só tem olhos para as *águas*, assim também Hemã só tem olhos para o terror de sua vida, que ele crê proceder do Senhor.

*Amigos*. No versículo 8, Hemã diz que foi afastado dos amigos; agora, diz que os amigos é que se afastaram dele. No encerramento do salmo, ele ainda se sente só, embora os Salmos descrevam com constância um Deus que ouve e responde àqueles que rogam a Ele (Sl 28.6).

Salmo 89

O Salmo 89 começa como salmo de louvor, mas termina como salmo de lamentação. Celebra a aliança de Deus com Davi (2 Sm 7) e lamenta depois que os descendentes de Davi não tenham



## EM FOCO

### LEI (HB. TORAH)

(Sl 1.2; 89.30; 119.97; Êx 24.12)

Embora geralmente traduzido por *lei*, o substantivo *torah* deriva do verbo *yarah*, que tem o significado de ensinar, devendo ser entendido como portador da ideia de *instrução*. O termo pode se referir a qualquer conjunto de regras, tais como as instruções dos pais aos filhos (Pv 1.8) ou de um salmista (Sl 78.1). Mas geralmente a palavra se refere à lei de Deus.

O autor do Salmo 119 expressa grande amor pela lei de Deus, porque ela o levou a ser sábio e justo (Sl 119.97-176). No Novo Testamento, Paulo também fala bem da lei de Deus, porque ela apontou seu pecado e o fez perceber que necessitava desesperadamente do Salvador (Rm 7.7).

sido fiéis aos termos dessa aliança (2 Sm 7.14). Ainda assim, ao deparar com a infidelidade, o salmo reafirma a fidelidade de Deus à Sua promessa e a realização final dela na pessoa do maior Filho de Davi, o Messias (v. 33-37). O título atribui o salmo a Etã, também conhecido como Jedutum (1 Cr 25.1,3,6). A forma do salmo é a seguinte: (1) louvor ao Senhor por Sua aliança eterna com Davi (v. 1-4); (2) celebração do Deus que estabeleceu Sua aliança com ele (v. 5-18); (3) recapitulação da aliança (v. 19-37); (4) consternação em uma época de angústia nacional (v. 38-45); (5) queixa ao Senhor para que Se lembre de Sua promessa e restaure a sorte de Seu povo (v. 46-51); (6) apêndice de bem-aventuranças (v. 52).

**89.1,2** — *As benignidades do Senhor*, neste salmo, referem-se a pacto que fez com Davi, prometendo-lhe uma dinastia eterna (2 Sm 7).

*Benignidade*, que pode ser traduzida por amor fiel, diz respeito justamente às palavras da promessa de Deus ao rei (2 Sm 7.15). O Senhor prometeu que Sua benignidade estaria sempre com o filho de Davi.

**89.3,4** — Etã cita as palavras de Deus a Davi em 2 Sm 7. Davi é tratado por Deus como *meu escolhido* e *meu servo* (v. 20) — nomes que descrevem sua íntima relação com o Senhor (2 Sm 7.7).

*A tua descendência [...] o teu trono*. Deus prometeu a Davi uma descendência e um trono duradouros (2 Sm 7.12,13).

**89.5,6** — Todo louvor no céu e na terra pertencem a Deus, que é incomparável. Ninguém, nem os supostos deuses, podem se equiparar à sua

força e amor. É esta a mensagem da pergunta: *Pois quem no céu se pode igualar ao Senhor?* A expressão hebraica para *os filhos dos poderosos* pode significar também os filhos dos deuses ou seres celestiais. A referência pode ser a outros supostos deuses ou anjos, membros da corte celeste (Jó 1.6).

**89.7-10** — *Raabe* é um título para o Egito (Sl 87.4). O *mar* e *Raabe* referem-se às grandes vitórias de Deus: no começo, Seu domínio da criação; no passado histórico, Sua vitória sobre o Egito; no futuro, seu triunfo total sobre Satanás, o pecado e a morte (Is 27.1; 51.9). Os salmistas reafirmam frequentemente o domínio total que Deus possui sobre a criação (Sl 24.1). Nada pode desafiar o reinado majestoso de Deus sobre todo o universo.

**89.11,12** — O forte controle da criação pelo Deus vivo é reafirmado regularmente nos Salmos (Sl 24.1). Ele domina toda a Sua criação; não há o que possa impedir Sua autoridade, poder e glorioso reinado.

**89.13,14** — Deus é o grande Libertador, que brandiu Seu *braço* e Sua *mão* para tirar o Seu povo do Egito (Êx 6.6; 15.6).

*Justiça e juízo* quer dizer elevadíssima justiça.

*Misericórdia e verdade* pode ser renomeado como lealdade inquebrantável.

**89.15-18** — *Bem-aventurado*, a mesma palavra utilizada em Salmos 1.1, significa manifestar felicidade. Exaltar a *fronte* de Seu povo (Sl 75.4,5; 92.10; 132.17) significa investi-lo de poder e, por fim, de triunfo.

O *Santo de Israel* (Sl 78.41) é o título que Isaías emprega para Deus, depois de haver

experimentado a santidade de Deus em sua memorável visão do Trono da Graça (Is 6).

**89.19** — O salmo relata a notável intervenção do Senhor na vida de Davi e os detalhes de Seu pacto com o rei.

*Teu santo.* Davi foi separado como santo, ou ungido, para o Senhor. Ainda assim, o início de sua vida não foi nada espetacular: era homem *do povo*, um pastorzinho qualquer (2 Sm 7.18). Neste e em vários outros aspectos, considera-se Davi tipo, ou retrato divinamente traçado, do futuro Salvador. Jesus, de modo semelhante, teve origem humilde, filho de um carpinteiro, no entanto era o Santo, o Ungido, o Filho do Altíssimo.

**89.20-23** — Estes versículos usam de linguagem altamente poética para descrever a promessa feita por Deus de proteger o rei. Como se tratava de aliado muito próximo do Deus vivo, um ataque a Davi (ou ao seu sucessor) equivalia a um ataque a Deus.

**89.24,25** — *A minha fidelidade e a minha benignidade.* Esta expressão corrente está aqui em ordem invertida (v. 1,2). Mas a mensagem, evidentemente, é a mesma: Deus sempre será fiel à Sua palavra e demonstrará Seu amor pelo Seu servo.

*Mar [...] rios.* Aqui se faz possivelmente uma referência à expansão das fronteiras de Israel. Mas perceba a linguagem empregada para descrever o controle de Deus sobre a criação (v. 9,10). O Senhor está estendendo ao Seu servo a autoridade que Ele tem sobre a criação.

**89.26-33** — *Meu pai [...] primogênito.* Estes termos derivam da aliança de Deus com Davi (2 Sm 7.14).

*Sua descendência; e o seu trono.* Estas palavras são uma repetição das do versículo 4 (v. 36; 2 Sm 7.12,13).

*Seus filhos.* Os termos da aliança com Davi em 2 Samuel 7 incluíam a disciplina de filhos errantes.

**89.34-38** — As palavras *não quebrarei o meu concerto* e as do versículo 35 são bastante fortes para assegurar que a vontade do Senhor é bem firme nesse particular. O povo pode até estar sem fé, mas Deus não Se pode negar a Si mesmo. Apesar dos erros, rebeliões, pecados e apostasias da vida de tantos reis de Judá, Deus determinou

conduzir, cumprir, realizar e concluir Seu grandioso plano para a dinastia de Davi (2 Sm 7.1-24).

**89.39** — Depois da recitação dos detalhes do acordo do Senhor com Davi e do juramento de Deus de não voltar atrás em Sua palavra (v. 35), o salmista questiona se essa aliança vinha realmente sendo honrada. A ocasião mais provável deste salmo foi a derrota dos exércitos de Israel, o que explica o constrangimento do salmista perante o Senhor. Com o repetido uso do pronome *tu*, ele dirige sua queixa a Deus.

*Abominaste o concerto do teu servo.* Como no caso do Salmo 60, a derrota militar que provavelmente ocasionou este salmo fora temporária; ainda haveria de vir a vitória. Apesar disso, o poeta faz sua queixa a Deus: seria realmente este o acordo que o Senhor estabeleceu, que Ele jurou cumprir?

**89.40-45** — Como resultado da derrota militar, o povo estava desesperado e desiludido. O salmista dá voz aos seus ressentimentos, permitindo assim que se inicie o processo de cicatrização, embora o povo ainda esteja aguardando a salvação do Senhor.

**89.46-48** — Agora o salmista faz a primeira de duas queixas. A primeira é a de que Deus parecia não estar a par do pouco tempo de que o povo dispunha para obter a vitória definitiva. Diferentemente de Deus (Sl 90.1,2), o tempo de vida do Seu povo é efêmero (90.3-6).

**89.49-51** — O salmista reclama agora que Deus não tem cumprido Suas promessas para com Davi (2 Sm 7.1-24). O resultado é que Seu povo tem sofrido *opróbrio* imerecido perante seus inimigos. Este salmo não termina com uma solução, mas, sim, com o povo, o rei e o salmista angustiados. Ainda assim, a inclusão deste salmo entre os louvores de Israel sugere que Deus respondeu ao clamor de Seu povo sitiado, como o fez no caso do já citado Salmo 60.

**89.52** — Este versículo constitui uma adição editorial ao Salmo 89, sendo o verso de louvor final do livro III de Salmos.

### Salmo 90

O Salmo 90 é um salmo de lamentação, em que a comunidade reclama do juízo de Deus e da

brevidade da vida. Todavia, em meio à tristeza, o povo reconhece a segurança que tem no Senhor e ora por sua renovação. É o único poema no livro de Salmos atribuído a Moisés, que escreveu outros dois poemas, registrados no Pentateuco (Êx 15; Dt 32).

O Salmo 90 abrange quatro partes: (1) afirmação da segurança de uma vida próxima ao Senhor (v. 1,2); (2) queixa a respeito da brevidade da vida (v. 3-6); (3) queixa a respeito do juízo de Deus na vida de Seu povo (v. 7-12); (4) oração pela restauração do povo (v. 13-17).

**90.1,2** — *Senhor*, aqui, não é o nome próprio de Deus (Êx 3.14,15), mas, sim, uma palavra hebraica que celebra a majestade de Sua autoridade. A palavra sugere um título semelhante a meu Mestre Supremo. *Refúgio* refere-se ao Senhor como abrigo para o Seu povo (Sl 71.3; 91.9).

*De geração em geração*. Desde o começo de sua história, o povo encontrara no Senhor seu refúgio e proteção.

**90.3** — A mudança neste versículo é abrupta. Ao ler a abertura deste salmo, pode-se pensar que se trata de um salmo de fé (tal como o Salmo 23, por exemplo). Não é o caso. A chave deste salmo se encontra nos seus versículos 11 e 12.

*Volvei*. Referindo-se às palavras de Gênesis 3.19, o poeta lembra as palavras de Deus que fazem a vida física do homem tornar ao pó. Note-se o jogo de palavras com *voltar* no versículo 13.

**90.4,5** — Mesmo que as pessoas vivessem *mil anos*, passariam como *a vigília da noite*. Mil anos pode parecer muito tempo, mas nada é em comparação à existência eterna de Deus. *A erva brota depois da chuva*, mas logo murcha sob o calor — quase que no mesmo dia.

**90.6,7** — *Furor*. Uma alusão à ira de Deus contra os israelitas descrentes no deserto (Nm 3.14). Uma geração inteira passou sua vida errante pelo deserto por causa de sua descrença e rebeldia.

**90.8-10** — *Setenta [...] oitenta anos*. O objetivo aqui não é o de estipular um prazo máximo, mas apresentar uma noção da brevidade da vida humana. Não importa quanto possamos viver, é inevitável que, um dia, *voamos* desta vida, com a morte.

**90.11,12** — Estes versículos são a chave do salmo. Moisés havia sofrido suficientemente a cólera de Deus (Êx 32; Nm 14.11-25; Dt 3.23-28).

*Ensina-nos*. Moisés buscava uma nova compreensão do sentido de sua vida.

*Contar os nossos dias*. Não se trata apenas de ter o senso de mortalidade; significa valorizar o tempo que temos, empregando-o em propósitos eternos.

**90.13,14** — Moisés usa a palavra *volvei* no versículo 3 para se referir ao chamado de Deus para a morte física do homem. Aqui, usa da mesma palavra, para pedir a Deus: *volta-te* — mas para que Ele lhe conceda nova razão de viver.

*Aplaca-te [...] benignidade*. Moisés está pedindo ao Senhor que renove sua razão de viver pelo restante de seus dias.

**90.15** — *Alegra-nos [...] afligiste*. A dor de viver pode ser mudada pela sensação da presença de Deus. Trata-se de um versículo notável, demonstrando grande conhecimento daquilo que por vezes se chama de condição humana, mas expresso no contexto da fé bíblica.

**90.16,17** — *Tua obra [...] tua glória*. Moisés pede a Deus que lhe conceda uma razão duradoura para viver, algo que a próxima geração possa continuar. A mesma ideia é expressa nas palavras *a obra das nossas mãos*. *Graça* refere-se às delícias de Deus.

### Salmo 91

O Salmo 91, um salmo de fé, não tem autor identificado. Parece-se com o Salmo 90, de Moisés, e poderia ser identificado como sendo também de sua autoria. Uma alternativa, porém, é de que as experiências e ideias de Moisés possam ter sido utilizadas por outro escritor, anônimo. O poema tem um tom fortemente messiânico, e Deus fala nos versículos 14-16 (Sl 12; 60; 75; 87). O salmo se desenvolve em quatro partes: (1) profissão de confiança no Senhor (v. 1,2); (2) garantia de que aqueles que confiam no Senhor não devem temer o mal (v. 3-8); (3) Deus assegura proteger o Messias prometido (v. 9-13); (4) descrição da proteção que o Senhor dará ao Messias (v. 14-16).

**91.1,2** — *No esconderijo do Altíssimo*. Aquele que confia em Deus vive junto a Ele. O título

*Altíssimo* ressalta a majestade de Deus (Sl 92.1) e é paralelo ao termo *Todo-poderoso*, tradução do título divino *Shaddai*. Juntos, estes termos, *Altíssimo* e *Shaddai*, retratam uma majestade divina portentosa como uma montanha, em cuja presença ressalta uma *sombra* ou *esconderijo* de seguro abrigo ao crente. *O meu refúgio, a minha fortaleza* pode ser reformulado como *minha fortaleza segura*.

**91.3** — *Passarinheiro* [...] *peste perniciososa*. As imagens da arapuca ou de vários tipos de doença descrevem, em geral, os perigos que podem acometer os incautos e indefesos.

**91.4** — *Suas penas* [...] *suas asas*. Deus é descrito como uma ave-mãe sob cujas asas o salmista pode se refugiar (Sl 61.4; 63.7).

*Escudo e broquel* indica total proteção de qualquer perigo. Deus é a proteção absoluta para o crente.

**91.5,6** — O alternar das palavras relativas a noite e *dia* nestes versículos indica a natureza universal da proteção de Deus. *Espanto, seta, peste e mortandade* referem-se, todas, ao mal em geral.

**91.7,8** — *Mil* [...] *dez mil*. Tal como os israelitas no Egito foram poupados dos perigos que assolaram seus vizinhos (Êx 9.26; 10.23; 11.7), os crentes no Senhor estão inteiramente protegidos de todo e qualquer ataque inimigo.

*Olharás e verás*. O castigo dos ímpios é tão certo quanto a redenção dos justos.

**91.9,10** — Nos versículos 14-16, Deus descreve a mesma pessoa a que o salmista se refere nos versículos 9-13: o Enviado, ou Messias, prometido.

*Meu refúgio* é a mesma palavra usada no versículo 2. *Habitação* é o mesmo termo de Salmos 90.1. *Altíssimo*. O salmista indica que a fé do Messias em Deus é a mesma fé do salmista.

**91.11-13** — *Seus anjos* [...] *em pedra*. Estas palavras foram usadas por Satanás para tentar o Salvador (Mt 4.5,6).

*O leão e a áspide*. A imagem de animais e serpentes neste versículo ilustra todo o mal que possa ameaçar o Enviado. O Pai O protegerá totalmente, não importa o perigo.

**91.14** — O termo traduzido aqui por *amou* não procede do verbo usual hebraico para amar.

Contém mais a ideia de ter por perto e até de abraçar apertado com amor (Dt 7.7; 10.15). *C conheceu o meu nome* trata de uma relação íntima e experiente com o Pai (Jo 1.18).

**91.15,16** — As promessas de *Yahweh* são de *livrar* o Messias (v. 15) e de *lhe conceder abundância de dias* (v. 16). São promessas do Pai de fazer reviver Seu Filho e de *lhe conceder Sua vida eterna* (Sl 16.10,11; 72.15; 118.17,18). *A salvação* reservada para o Enviado não é justificação (pois Ele já é justo por Si próprio), mas, sim, libertação da morte, sob a forma de Ressurreição (como em 118.21). O Salmo 91 conclui, assim, de forma dramática, com uma promessa do Pai ao Filho quanto à Sua vitória final sobre a morte (1 Co 15.20,21).

### Salmo 92

O *Salmo 92*, salmo de louvor descritivo (consulte o Salmo 113), celebra a pessoa e a obra de Deus de forma empolgada. O salmo contém igualmente vários temas de sabedoria. O título traz o detalhe incomum de ser destinado *para o sábado*. O poema possui quatro partes, curtas: (1) incentivo para o povo responder a Deus com louvor e adoração (v. 1-4); (2) celebração da sabedoria de Deus em julgar os ímpios (v. 5-9); (3) agradecimento a Deus por haver concedido a presente vida ao crente (v. 10,11); (4) prenúncio da misericórdia de Deus que continuará a existir na vida vindoura (v. 12-15).

**92.1-5** — A linguagem desta parte é semelhante à de Salmos 33.1,2; 147.1 e 149.1. *Louvar* significa agradecer publicamente a bondade de Deus (Sl 35.18; 105.1).

**92.6** — *O homem brutal* [...] *o louco*. Contrastando com a sabedoria infinita de Deus, está a natureza fútil do insensato (Sl 14.1).

**92.7-9** — *Tu, Senhor, és o Altíssimo para sempre*. É o brado central deste salmo de louvor (Sl 113.4). A eternidade do Senhor se opõe à brevidade de vida de Seus *inimigos*. Somente por ser paciente, Deus permite que o mal exista (2 Pe 3.9) — mas não há de permitir que o mal exista para sempre.

**92.10** — *Tu exaltarás o meu poder* (Sl 75.4,5; 89.17,24; 132.17) é uma figura de linguagem

para o futuro triunfo do salmista, a celebração de sua força.

*Serei ungido com óleo fresco* não é somente uma afirmativa genérica que se refere ao interesse de Deus no poeta, mas também uma previsão quanto ao Enviado, o Ungido do Senhor.

**92.11-15** — As palavras desta parte tratam da bênção contínua de Deus sobre o crente, não só nesta vida, mas também na vida vindoura (Sl 23). A imagem da *palmeira* lembra as palavras de Salmos 1.3.

### Salmos 93

O *Salmos 93*, um salmo real, trata do reino de Deus na terra empregando uma perspectiva claramente cananeia. O salmista nega Baal e eleva, empolgado, louvores ao Senhor. Deus é o Rei do universo. O que são os seres humanos comparados a Ele? Deus é o Senhor dos céus. Que são os deuses comparados a Ele? Deus é o Rei de tudo o que há. A quem pode ser comparado (Is 40.25)? Este enfoque é uma das ideias mais marcantes da

Bíblia. A estrutura do Salmo 93 é a seguinte: (1) estabelecimento do reino de Deus como Rei da criação (v. 1,2); (2) celebração da estabilidade de Deus como Rei da criação (v. 3,4); (3) reconhecimento da excelsa natureza de Deus (v. 5).

**93.1,2** — *O Senhor reina*. Esta é a chave de todos os salmos reais (Sl 96.10; 97.1; 99.1). A frase *se revestiu e cingiu de fortaleza* fala da vitória em combate. Deus está vestido de trajes triunfais. Celebra-se Deus como Criador.

*Não poderá vacilar*. Não há poder na terra, no universo, que possa interferir no controle de Deus sobre todos os seres e coisas.

*Desde então*. Diferentemente de Baal, que naquela época era um mito de Canaã na moda, o reinado de Deus vem desde a Antiguidade. O Deus vivo é eterno.

**93.3,4** — *Os rios*. Baal supostamente havia vencido as águas; esta parte do poema é, assim, uma refutação contínua da adoração a Baal e, ao mesmo tempo, jubilosa celebração do poder de Deus.



## APROFUNDE-SE

### SALMOS REAIS

Alguns dos salmos mais inspiradores estão entre os salmos reais. Estes salmos celebram Deus como Rei. Embora possa parecer um paradoxo, a primeira vez em que as Escrituras se referem a Deus como Rei é em um dos oráculos de Balaão, o vidente pagão que estava cego para a realidade espiritual até que foi confrontado com Deus (Nm 23.21). Já que Deus foi revelado como o Grande Rei, os salmistas celebram muito este fato.

O reino de Deus nos Salmos é apresentado à luz do histórico cultural do pensamento e da religião cananeus. Os cananeus viam sua principal divindade, El, como rei dos deuses. Mas, segundo a mitologia cananeia, o reinado de El foi atacado por Baal, deus da tempestade e da fertilidade. Ele derrotou um grande número de seguidores de El, como os deuses lam (deus do mar), Lotã (monstro marinho) e Motu (deus da morte). Baal ficou mortalmente ferido neste conflito, e Anate, esposa e irmã de Baal, foi associada à sua ressurreição. Com essa vitória, Baal se tornou rei. Mas restava uma dúvida: por quanto tempo Baal reinaria? Por quanto tempo seus inimigos permaneceriam derrotados? Será que Lotã não surgiria de novo para ameaçar a posição de Baal? Os cananeus, que acreditavam nessas histórias, viviam como se estivessem à beira de uma catástrofe celeste. Seus deuses eram frágeis; fáceis de entronizar e de depor.

É dessa história que as palavras do Salmo 93 obtêm sua força. O Deus vivo é Rei desde o começo dos tempos; não é um postulante recente ao poder (v. 1,2). Como Rei, exerce autoridade sobre tudo e todos. Não tem que temer um mar insurgente (v. 3,4). O Senhor é não só onipotente, como fiel e santo, diferente de qualquer deus da imaginação cananeia (v. 5).

Em geral, os salmos reais falam do Senhor como Rei de três formas diferentes. Ele é Rei sobre a criação porque é o Criador (Sl 74.12-17). É Rei sobre os israelitas (Sl 44.4), porque é o seu Salvador. É o Rei vindouro, porque no fim de tudo irá julgar todos (Sl 47.7,8). Por vezes, o reino de Deus identifica-se estreitamente com o glorioso reinado vindouro de Jesus, e o atual reinado de Deus sobre a criação é ignorado. Outras vezes, o contrário ocorre. O reinado atual de Deus é tão ressaltado que a vinda de Jesus é esquecida. Os salmos reais costumam equilibrar estas duas ideias. O Senhor reina (Sl 93.1), mas também virá para estabelecer seu domínio permanente (Sl 24.9).

O Senhor [...] é mais poderoso. O Rei e Criador tem poder infinito; nenhuma força do universo pode competir com Ele.

**93.5** — Ao mesmo tempo que este salmo emprega uma linguagem próxima à da adoração a Baal para ressaltar a grandeza de Deus (Sl 29), glorifica a Deus também com louvores jamais atribuídos a Baal. Nenhum louvor a Baal falava de seus *testemunhos*. Mas Deus é superior a Baal, porque é fiel à Sua palavra. Ele é o Deus amoroso que fala a Seu povo; é o santo Deus das Escrituras, que pode ser abordado pelo Seu povo; e é o Deus eterno a quem adoramos, tal como o fazia povo do antigo Israel.

### Salmo 94

O Salmo 94 é um salmo real, pois a expressão *juiz da terra* (v. 2) equivale à de Rei (Sl 50.4-6). Os justos clamam para que o Juiz divino castigue o mal que há no mundo (Sl 82.8; 96.13; 98.9). Os Salmos 93—99 são uma série esplêndida de salmos dedicados ao reinado eterno de Deus. A ordem do salmo é a seguinte: (1) clamor para que o Juiz da terra castigue os ímpios (v. 1-3); (2) descrição das atitudes insensíveis dos ímpios (v. 4-7); (3) admoestação dos perversos quanto ao seu desconhecimento de Deus (v. 8-11); (4) bênção sobre os justos (v. 12-15); (5) oração pela intervenção de Deus na vida do salmista (v. 16-19); (6) oração pela defesa de Deus dos Seus próprios propósitos (v. 20-23).

**94.1-3** — Mesmo quando pedem *vingança* divina, os salmistas reconhecem que é Deus quem escolhe quando e como exercer, e que de fato exerce, Sua ira e juízo. A lei de Deus deixa bem claro que a vingança lhe pertence (Dt 32.35).

*Até quando [...] se gloriarão os que praticam a iniquidade?* Esta pergunta se baseia em uma preocupação com a glória de Deus. Por quanto tempo os ímpios continuariam a desafiar a Deus? A resposta, é claro, está na misericórdia de Deus. O Senhor pode adiar este juízo, mas a Seu tempo estabelecerá a verdadeira justiça (2 Pe 3.9).

**94.4-6** — Os Salmos muitas vezes descrevem os ímpios como aqueles que *dizem coisas* más (Sl 12).

*Matam a viúva e o estrangeiro.* Os israelitas haviam recebido ordens para ajudar a viúva e o órfão e receber bem o estrangeiro que respeitasse e obedecesse a lei de Deus (Êx 22.22). Assim, os perversos estavam contrariando desafiadoramente as ordens de Deus.

**94.7** — O Senhor não o verá. Conforme é descrito o caráter dos ímpios em Salmos 10.11, eles são cegos para a realidade de Deus, desprezam os interesses divinos e desdenham de Sua presença. Acabarão, um dia, por lamentar tais palavras e atos.

**94.8-11** — A ordem *atendei* é para os insensatos abandonarem sua insensatez. Com toda a certeza, argumenta o poeta, o Criador da terra não é surdo, nem o Idealizador dos olhos é cego. Enquanto os ídolos não possuem olhos nem ouvidos de verdade (115.3-8), o Deus do céu tudo vê e ouve tudo.

O Senhor *conhece*. A diferença entre o pensamento de Deus e o pensamento dos seres humanos está além da compreensão.

Os *pensamentos do homem* que não sobre Deus são simplesmente *vaidade* ou facilmente perecíveis.

**94.12** — *Bem-aventurado é o homem*. Esta bem-aventurança emprega a palavra com a qual se inicia o livro de Salmos — um termo que significa manifestar felicidade. Estas palavras são muito similares às ideias expostas em Salmos 1.2.

**94.13,14** — *Cova* é uma das palavras utilizadas como sinônimo de Seol (Sl 16.10). Cavar a própria sepultura é uma das formas de descrever os preparativos do juízo final dos ímpios (Ap 20).

*Não rejeitará o seu povo.* Deus não se esquecerá do Seu povo, pois jamais negaria a Si mesmo (2 Tm 2.13).

**94.15** — O juízo voltará. Este versículo parece descrever como os verdadeiros justos podem retornar ao Senhor e voltar a caminhar em Seu caminho mesmo após algum período equivocado de desobediência. Aqueles que realmente conhecem o Senhor voltam a ser atraídos por Ele; enquanto os que não lhe pertencem ou possam falsamente parecer serem dele, com o tempo ficará claro que não o são.



**94.16-19** — *Quem será por mim* é um questionamento que visa a firmar o Senhor como única defesa garantida do crente.

*Habitaria no lugar do silêncio.* O salmista declara que, se o Senhor não o tivesse livrado, ele já teria morrido. E, como diz o Salmo 6, se o salmista tivesse morrido, sua voz não seria mais capaz de louvar a Deus no templo. As *consolações* de Deus acontecem desde o momento em que Ele ouve o clamor dos justos até o momento em que atende à sua necessidade, mesmo que os justos não as percebam.

**94.20-23** — *Trono da iniquidade* descreve os perversos que possuem grandes poderes. Deus não irá tolerar eternamente o mal em Sua presença.

O Senhor [...] os destruirá. Assim, um dia, o juízo final recairá sobre os ímpios.

### Salmo 95

O Salmo 95 dá ênfase especial ao louvar a Deus, sendo, portanto, um salmo de louvor. Mas é também um salmo real, porque reconhece Deus como o Grande Rei (v. 3). O salmo tem três momentos, cada um refletindo um estado de alma da comunidade de adoração: (1) adoração a Deus em clima comemorativo (v. 1-5); (2) adoração a Deus em clima contemplativo (v. 6, 7); (3) adoração a Deus em condição de obediência (v. 8-11).

**95.1-5** — *Vinde.* O salmo começa com energia e deleite, ante a perspectiva de adorar a Deus no templo (Sl 100). Refere-se ao uso dos salmos na adoração, neste trecho. *Nas suas mãos* relaciona-se ao domínio de Deus sobre tudo e todos.

**95.6,7** — Cada verbo principal desta oração descreve uma postura física de humildade perante o Senhor. A palavra hebraica traduzida por *adoremos* significa, literalmente, prostrar-se. Quando as expressões verbais *prostremo-nos, ajoelhemos* e *adoremos* aparecem juntas, como nestes versículos, amplificam-se entre si e conclamam a uma abordagem reflexiva e humilde perante Deus. O louvor pode ser alegre e realizado com certa informalidade (v. 1-5); mas, em determinadas ocasiões, louvar pode também significar uma quieta reverência ao Todo-poderoso (Sl 134). *Povo do seu pasto.* Estas palavras parecem ser uma

inversão dos termos de Salmos 100.3, expressando o amor zeloso do Pai por Seus filhos.

**95.7-11** — O terceiro movimento deste salmo é um chamado à obediência em adoração e um lembrete do juízo de Deus em tempos idos sobre gente que não O levava a sério. Esta parte é inteiramente citada em Hebreus 3.7-11, com uma introdução notável: Portanto, como diz o Espírito Santo (Hb 3.7). Isso nos lembra que as palavras dos salmos, que são uma resposta de louvor da comunidade do povo de Deus, constituem também Seus oráculos.

**95.8** — O nome *Meribá* aparece aqui para lembrar a ocasião, no deserto, em que os israelitas duvidaram do plano que Deus tinha para eles (Êx 17.7; Nm 20.13). Em Meribá, aconteceria a rebelião da primeira geração de Cades (Nm 14). Recusando-se a entrar em Canaã, toda uma geração de hebreus perdeu a oportunidade de desfrutar das bênçãos de Deus na Terra Prometida.

O Salmo 96, um salmo real, é parte do conjunto que começa no Salmo 93. Ressalta a missão mundial do povo de Deus, especificamente o cumprimento profético da cláusula relativa a essa missão no pacto de Deus com Abraão (Sl 67). A estrutura do poema é a seguinte: (1) chamado à adoração de Deus (v. 1-3); (2) celebração de Deus como Criador (v. 4-6); (3) celebração de Deus como Rei (v. 7-10); (4) celebração de Deus como o Messias esperado (v. 11-13).

### Salmo 96

**96.1-3** — *Anunciai entre as nações* é uma declaração confiante de que, um dia, a mensagem da benignidade de Deus será conhecida em todo o mundo. Um dia, a mensagem da salvação por Deus será conhecida *entre todos os povos*. Esta declaração se apoia na promessa de Deus a Abraão de que todas as nações da terra seriam abençoadas por intermédio de sua descendência (Gn 12.1-3). Também prevê a ordem de Jesus aos discípulos para disseminar as novas da bondade de Deus ao mundo desesperado (Mt 28.18-20; Sl 67).

**96.4-6** — *do que todos os deuses.* Nos Salmos, há uma admissão tácita, ocasional, da existência de outros deuses, apenas para dar lugar à

afirmativa de que nenhum desses supostos deuses é comparável a *Yahweh*. Neste salmo, a admissão de outros deuses no versículo 4 é logo podada pelas palavras do versículo 5: estes falsos deuses não passam de *coisas vãs*. Na verdade, trata-se de um dos grandes jogos de palavras da Bíblia. O termo traduzido por *deuses* é um trocadilho com a palavra usada mais frequentemente para Deus. Aqui, a palavra para deuses é *'elilîm*, bem parecida com *'elôhîm* (Deus); mas que, na verdade, não passa de um plural composto do termo hebraico que significa nada. Ou seja, os deuses das nações pagãs não passam de nada.

*Fez os céus. Yahweh*, o Deus que existe, criou tudo o que existe. Que louvor poderoso!

*Glória e majestade* pode ser reformulado para glória majestosa.

*Força e formosura* pode ser retraduzido por força formosa.

**96.7-9** — *Famílias dos povos*. A alusão à aliança de Deus com Abraão continua (v. 2,3; Gn 12.1-3). Um dia, Deus será louvado jubilosamente por todos os povos e todas as nações.

*Dai ao Senhor*. As palavras destes versículos são citações de Salmos 29.1,2, substituindo-se *ó filhos dos poderosos* por *ó famílias dos povos*.

**96.10** — *O Senhor reina*, frase central de todos os salmos reais (Sl 93.1), foi o grito contracultural

dos israelitas em um mundo que acreditava em deuses que podiam ascender ao trono e serem depostos. Em comparação, o Deus vivo permanece em seu trono por toda a eternidade.

*Ele julgará*. Este versículo tem respondido com eficácia ao clamor dos povos oprimidos no decorrer de toda a história. Deus há de restaurar integralmente a justiça (Sl 82.8; 94.1-3).

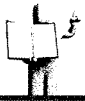
**96.11-13** — *Alegrem-se os céus*. Este poema conclama toda a criação a responder à vinda do Rei da glória.

*Porque vem, porque vem*. Semelhante ao eco de passos que se aproximam, as palavras funcionam responsivamente umas às outras.

*Julgará o mundo*. Consulte palavras semelhantes em Salmos 98.9; confira a sua concretização em Apocalipse 19 e 20.

### Salmo 97

O Salmo 97, pertencente à série de salmos reais (93—99), possui um tom particularmente apocalíptico em sua descrição do juízo final sobre os ímpios antes que Deus estabeleça em definitivo Seu glorioso reino. A sequência do poema é: (1) convocação para louvar ao Senhor Deus (v. 1); (2) visão do juízo que recairá sobre os ímpios (v. 2-6); (3) declaração profética sobre o fim da idolatria (v. 7-9); (4) promessa de grande alegria



## ENTENDENDO MELHOR

### DESPREZANDO OS DEUSES

Os hinos de louvor do antigo Oriente Médio costumavam declarar que cada deus ali louvado era melhor do que os outros. A Bíblia às vezes emprega esse recurso; mas, muito mais frequentemente, vai além e diz que *Yahweh* é o único Deus.

Uma das formas de desdenhar outros deuses era dizer que não passavam de estátuas. Assim, os supostos deuses dos povos não passam de ídolos inanimados (Sl 96.5). Declara-se *Yahweh* como divindade verdadeira porque só Ele criou o mundo — o Senhor fez os céus (Sl 96.5). Todos os outros deuses são incapazes e não merecem adoração; devem ser ignorados. Aqueles que confundem a pedra, o metal e a madeira com um deus verdadeiro são tolos.

Outra forma de desprezar outros deuses era deixar aberta a possibilidade de existirem, mas alegar que não tinham, de modo algum, qualquer poder e, portanto, não mereceriam ser levados em conta. O profeta Jeremias, por exemplo, afirma que os outros deuses não criaram o mundo e, portanto, deixarão um dia de existir (Jr 10.11). Sua insignificância é sublinhada ainda pelo fato de estarem subordinados a *Yahweh* na hierarquia divina.

Os poetas hebreus foram capazes, assim, de adaptar os termos usuais dos hinos do Oriente Médio ao louvor de *Yahweh*. Para Israel e Judá, só Ele, o Senhor, importava. As outras divindades ou não existiam ou eram tão insignificantes que seria irrelevante querer saber se realmente existiam ou não. *Yahweh*, este, sim, era mais tremendo que todos os deuses, existissem ou não (Sl 96.4).

para os justos (v. 10,11); (5) nova convocação para louvar ao Senhor (v. 12).

**97.1** — O Senhor reina. Mais uma vez, início com a expressão principal dos salmos reais (Sl 93.1). A terra inteira, bem como suas menores frações — as ilhas —, regozija-se pela possibilidade de estabelecimento do reinado de Deus sobre a terra.

**97.2** — *Nuvens e obscuridade* pode ser reformulado para nuvens impenetráveis. É uma indicação do tremendo juízo final que se aproxima e do incrível poder de Deus (Jl 2.2; Sf 1.15).

*Justiça e juízo* pode ser reformulado para retidão absoluta. Os fundamentos do juízo vindouro de Deus serão Sua integridade; absolutamente corretas serão Suas sentenças.

**97.3-6** — *Fogo*. O salmista emprega certas imagens do falso deus da tempestade, Baal, para descrever o juízo do verdadeiro Deus. Esta linguagem poética procura prever um juízo final na terra antes de Deus estabelecer em definitivo o Seu reino.

**97.7,8** — A prática contínua da idolatria pelos séculos é grave ofensa ao Senhor. Esta conduta há de se encerrar, no final dos tempos, com todos confundidos e aterrorizados (Sl 14.5).

*Prostrai-vos*. Tudo o que serve como objeto de idolatria há de, um dia, render louvores ao verdadeiro Deus (Sl 115.4-10).

**97.9-11** — *Aborreci* significa rejeitai; *amai* significa escolhei. A Bíblia dá estas ordens tanto para amar como para aborrecer, sendo ambas as atitudes expressões da vontade pessoal, não simples emoção.

*A luz semeia-se*. Imagem de um semeador cuja semente é luz e alegria. É uma referência à restauração da terra (Sl 110).

**97.12** — *Alegrai-vos*. O salmo começa e termina com uma nota de júbilo.

### Salmo 98

O Salmo 98, pertencente à série de salmos reais, que inclui os de número 93 a 99, é um exuberante salmo de louvor. Compartilha da alegria do Salmo 96. A estrutura é a seguinte: (1) convocação para louvar a Deus como Salvador (v.

1-3); (2) convocação para louvar a Deus como Rei (v. 4-6); (3) convocação para louvar a Deus como futuro Juiz (v. 7-9).

**98.1-3** — O termo *maravilhas* só é empregado para descrever as ações de Deus na Bíblia. A *destra* do Senhor é uma forma de se referir à Sua maravilhosa salvação de Israel do Egito (Êx 15.6; Dt 4.34). Esta expressão é como que um lema da salvação de Deus (Sl 118.15,16). Os *olhos das nações*. A salvação de Deus foi realizada de modo que se constituísse em testemunho perene para as nações (Dt 4.6).

**98.7,8** — No ideário cananeu, o *mar* representava uma divindade sombria. Nos salmos, o *mar* é uma parte da criação que Deus controla absolutamente (Sl 93). Os *rios batendo palmas* e as *montanhas* se alegrando representam o louvor da criação ao estabelecimento do reino de Deus na terra.

**98.9** — *Porque vem*. Este versículo e Salmos 96.13 respondem ao chamado por justiça, presente em vários pontos de diversos salmos. A vinda do Juiz é motivo de júbilo. Finalmente, o Senhor acabará com a crueldade, o mal e a injustiça.

### Salmo 99

O Salmo 99, último da série de salmos reais que começam com o 93, louva a Deus como Rei de Seu povo. O salmo possui três momentos, cada um deles terminando com a expressão *é santo*: (1)



**EM FOCO**

**SALMO (HB. MIZMOR)**

(Sl 98; 100; 103; 143.).

A palavra hebraica *mizmor* deriva do verbo *zamar*, fazer música. A palavra aparece só nos Salmos, em 57 títulos deles. Pode designar uma canção de louvor, ou possivelmente uma canção acompanhada por certo tipo de música instrumental. Em 34 títulos de salmos, a palavra *mizmor* acompanha a expressão *para o cantor-mor*, indicando talvez que os salmos fossem costumeiramente canções acompanhadas por instrumentos. Frequentemente, o autor do salmo é também identificado, tal como os filhos de Corá (Sl 48; 84), Asafe (Sl 50; 82) e, especialmente, Davi (Sl 23; 29; 51).

louvar ao Senhor pela grandeza de Sua glória (v. 1-3); (2) louvar ao Rei pela justiça de Seu reinado (v. 4,5); (3) louvar ao Senhor por responder às preces de Seu povo (v. 6-9).

**99.1,2** — *Querubins* são os anjos mais intimamente ligados à glória de Deus. Dois querubins de ouro adornavam o propiciatório da arca da aliança (Êx 25.18-22).

*Comova-se a terra.* Como Deus é o grande Rei, a estabilidade da terra depende dele; o Senhor pode abalar o mundo para demonstrar Seu poder (Mt 24.29).

*Grande em Sião.* O templo sagrado em Jerusalém era a estrutura terrena para a presença celestial de Deus. Mas Seu reinado está acima de *todas as nações*.

**99.3** — *Teu nome, grande e tremendo.* O nome de Deus é fonte de bênção e conforto; também evoca admiração e assombro.

*Santo* significa ser distante ou distinto de. É a principal palavra hebraica para falar da transcendência de Deus (Sl 113.4-6).

**99.4,5** — Diz-se, às vezes, que o *escabelo* dos pés do Senhor é a terra (Is 66.1); todavia, mais especificamente, o escabelo é Sião (Sl 132.7; Is 60.13). Quando os israelitas compareciam ao templo para adorar, eles se imaginavam aos pés do Criador.

**99.6** — Os salmistas adoravam a Deus relembrando Seus atos salvadores em favor de seus antepassados. *Moisés* é mencionado pelo nome várias vezes nos Salmos (Sl 77.20; 103.7; 105.26; 106.16,23,32), assim como *Arão* (Sl 77.20; 105.26; 106.16; 115.10,12; 118.3; 133.2; 135.19). Este salmo é o único que menciona *Samuel* pelo nome.

*Ele os ouvia.* É clara a dedução — o Senhor ouvia suas orações, não se mantinha em silêncio. Assim como Deus respondia às orações de nossos ancestrais, continuará a responder às de todos aqueles que de coração o invocam.

**99.7-9** — *Santo monte.* Tal como em Salmos 2.6, o lugar onde está Sião é santo somente por causa da presença do Senhor. Este chamado monte santo é também seu escabelo (v. 5).

### Salmo 100

O *Salmo 100* é um salmo de louvor descritivo, que sucede uma série de salmos reais (Sl 93—99). Talvez os editores da Antiguidade tenham sentido que os salmos reais pediam uma réplica laudatória como a deste. A expressão Salmo de ação de graças refere-se justamente a agradecimento público ao Senhor.

**100.1,2** — O verbo hebraico traduzido por *celebrai com júbilo* é uma ordem vibrante para louvar em público. A ordem se dirige não apenas a Israel, mas a toda a terra. Os israelitas eram um povo designado a atrair outras nações a louvarem a Deus.

*Com alegria.* A alegria exuberante não era a única forma de louvar no antigo Israel (Sl 95), mas nela se colocava grande ênfase.

**100.3** — Os termos *o Senhor é Deus* espelham a grande profissão de fé de Deuteronomio 6.4-9. *Saber* que o Senhor é Deus é muito semelhante à ordem de ouvi-lo em Deuteronomio. *E não nós* é expressão às vezes lida como e nós somos dele.

*Ovelhas do seu pasto.* Uma inversão destas palavras se encontra em Salmos 95.7.



#### EM FOCO

#### AÇÃO DE GRAÇAS (HB. *TODAH*)

(Sl 100; 69.30; 100.4).

A palavra hebraica *todah* deriva do verbo *yadah*. Em sua forma mais simples, *yadah* significa atirar ou jogar, e as ocorrências mais comuns desse verbo significam reconhecer, confessar ou louvar. Assim, *todah* é um reconhecimento ou confissão, seja das iniquidades de alguém (Js 7.19-21), seja da benignidade de Deus (Sl 100.4; 107.22). Outro sentido de *todah* é oferta de ação de graças, sacrifício opcional, feito para expressar agradecimento a Deus (Lv 7.12-15; 22.29). O Salmo 100 é um salmo típico composto para uso na ocasião dessa oferta, louvando a justiça de Deus em contraste com o pecado do povo (como no Salmo 51.14) e reconhecendo Sua grandeza, mediante o canto (semelhante ao Salmo 147.7).

**100.4** — *Entrai*. As ordens dos versículos 1 e 2 são repetidas. O povo de Deus tem toda a permissão para entrar na presença de Deus e louvá-lo de forma que O agrade. *Louvai-o*, aqui, é uma indicação para fazer um agradecimento público a Deus, oferecer a Ele uma ação de graças (Sl 106.1).

**100.5** — O *Senhor é bom*. A aclamação da bondade de Deus neste versículo é reforçada por louvor à *sua misericórdia e verdade*. A palavra *verdade* em hebraico provém de uma raiz que significa estar estabelecido ou estar confirmado. Da mesma raiz procede a palavra *amém*, que significa com certeza, de fato, assim seja. A benignidade de Deus baseia-se em Seu amor fiel e em Sua verdade.

### Salmo 101

O *Salmo 101* é um salmo real. O rei Davi declara seus objetivos e pede a ajuda de Deus para continuar sendo justo. Este pequeno salmo tem um forte tom de julgamento, indicando o desejo não apenas de preservar os inocentes e proteger os necessitados, mas também de manter a reputação de Deus contra os ataques de Seus inimigos. A estrutura do poema é a seguinte: (1) determinação de louvar ao Senhor (v. 1); (2) determinação de se comportar sabiamente (v. 2); (3) determinação de se abster da maldade (v. 3-5); (4) determinação de fazer acepção entre justos e ímpios (v. 6-8).

**101.1,2** — A *misericórdia e o juízo* poderia ser reformulado para justiça misericordiosa. Há certo tom de dureza no salmo que poderia ressaltar o elemento de *justiça* desta expressão; mas inerente à justiça divina está a misericórdia ou benignidade de Deus. *Portar-me-ei com inteligência* significa agirei com habilidade. A forma forte da palavra indica determinação intensa, não apenas um desejo passageiro.

**101.3,4** — A expressão hebraica traduzida por *coisa má* deixa implícita absoluta falta de valor. A palavra *aborreço* indica total rejeição (Sl 5.5). Davi detestava o que Deus abominava e amava o que a Deus agradava.

*Não conhecerei*. O verbo hebraico traduzido por *conhecerei* contém a ideia de experiência ou relação íntima com algo ou alguém.

**101.5-8** — Ou Davi fez um pacto com seus olhos (Jó 31.1) para observar os justos e sustentá-los em sua caminhada, e seus olhos também estavam voltados *contra* os ímpios; ou então é Deus quem fala, nestes versículos.

*Os que praticam a iniquidade*. Esta expressão hebraica é traduzida em outro lugar por *obreiros da iniquidade* (Sl 14.4).

### Salmo 102

O *Salmo 102*, salmo penitencial, possui um sobrescrito fora do comum. O título cita um aflito, mas não o nomeia. O desenvolvimento do poema é o seguinte: (1) clamor ao Senhor por livramento (v. 1,2); (2) descrição da dor trazida pela culpa (v. 3-7); (3) narração do sofrimento produzido pela zombaria dos inimigos (v. 8-11); (4) louvor ao Senhor, que Se levanta para responder à oração (v. 12-17); (5) louvor ao Senhor, que se inclina para ouvir a necessidade de Seu povo (v. 18-22); (6) pedido ao Senhor para renovar a força de Seu servo (v. 23-28).

**102.1** — Em seu rogo ao Senhor para que o *ouça*, o salmista emprega no começo do salmo um padrão de lamentação (Sl 13.1,2). Na parte seguinte (v. 3-7), emprega um padrão de penitência (Sl 32.3-5).

**102.2,3** — *Os meus dias se consomem*. Esta descrição da sensação do salmista de sua própria fragilidade é repetida nas palavras de Salmos 144.4, *como a sombra que passa*.

**102.4-8** — O salmista menciona pássaros — *pelicano, mocho e pardal* — que habitam lugares distantes e solitários. O salmista se sente isolado, sozinho e vulnerável, o que é intensificado pela perseguição impiedosa de seus inimigos, que o *afrontam* por sua decisão de ter fé no Senhor.

**102.9-12** — *Deve suportar* também pode ser traduzida como “entronizado”. Deus é o rei para sempre. Ele é misericordioso, ama o seu povo, e promete a favor deles. Com estas palavras de louvor, o salmista expressa a sua esperança de que Deus vai entregá-lo

**102.13-15** — Haverá um momento em que o Senhor há de reinar sobre todas as *nações* (Sl 96—98); mas a oração, aqui, ainda é pela resposta de Deus ao clamor do salmista por socorro.



## EM FOCO

## ALMA (HB. NEPHESH)

(Sl 11.5; 103.1,2; Lv 26.30; Is 1.14; 42.1; Jr 5.9; 15.1).

Esta palavra hebraica ocorre mais de 750 vezes na Bíblia. Possui inúmeros significados, mas a maioria deles pode ser reduzida às três seguintes categorias: (1) vida ou força vital, especialmente ligada ao sangue (Gn 9.4,5; Lv 17.11,14); (2) a alma ou o ser imaterial de alguém, morada do intelecto e da emoção (Sl 42.1,2; 86.4; 1 Sm 1.10; 2 Sm 5.8; Pv 23.7; Ct 1.7); (3) indivíduo ou pessoa (Sl 84.2; Gn 2.7; Jz 12.3; Ez 18.4). Originalmente, a palavra provavelmente se referia ao fôlego (Jó 41.21). A Bíblia geralmente considera a pessoa uma totalidade interligada. É por isso que a Bíblia nos diz que devemos amar a Deus de todo o nosso coração, toda a nossa alma e toda a nossa força — em outras palavras, com todo o nosso ser (Dt 6.4,5; Js 22.5).

**102.16-19** — O salmista sente que o Eterno inclinou-se do céu para atender à sua angústia, que o grande Rei veio ajudá-lo. Sua alegria é tão grande que quer que todos, até quem ainda não nasceu, saibam da ação de Deus em sua vida.

**102.20-28** — *No meio dos meus dias.* Lembra-se Davi de suas más experiências e problemas e compara a brevidade de sua vida com a eternidade de Deus. *Desde a antiguidade.* Deus é eterno, e Suas obras existem há milênios. O escritor de Hebreus aplica estas palavras de criação e eternidade ao Filho de Deus (v. 25-27; Hb 1.10-12).

### Salmo 103

O *Salmo 103*, um salmo de sabedoria atribuído a Davi. É também um salmo de louvor. O poema começa com o salmista falando no singular (v. 1), mas depois muda, incluindo outros, tanto anjos como pessoas (v. 20-22). A estrutura do salmo é: (1) louvor ao Senhor por Seus muitos benefícios (v. 1-5); (2) louvor ao Senhor por Sua misericórdia contínua (v. 6-10); (3) louvor ao Senhor por Sua glória transcendente e amoroso cuidado (v. 11-14); (4) comparação da natureza transitória da humanidade com o reinado eterno de Deus (v. 15-19); (5) convocação de céus e terra para que bendigam ao Senhor (v. 20-22).

**103.1** — *Bendize, ó minha alma, ao Senhor.* Bendizer ao Senhor é lembrar que Ele é a fonte de todas as nossas bênçãos. O salmista bendiz ao Senhor com todo o seu ser (Sl 146.2).

**103.2-5** — *Sara todas as tuas enfermidades.* Há pessoas justas que sofrem constantemente de doenças, apesar de orarem continuamente pela cura.

Embora Deus não tenha propriamente a obrigação de curar todas as doenças, toda cura provém dele.

*Quem enche a tua boca.* Além de curar, Deus provê o alimento e tantas outras bênçãos (Sl 111.5). Sua misericórdia permite ao crente voar como águia (Is 40.31).

**103.6** — Deus age sempre em favor dos indefesos e *oprimidos*. E não é injusto, porque é quem restaura a justiça na terra.

**103.7** — *Fez notórios seus caminhos a Moisés.* Deus abençoou Seu servo Moisés especialmente, revelando-lhe Sua lei.

*Seus feitos.* Durante o Êxodo e a travessia do deserto, Deus atuou em favor dos israelitas. Salvou-os, antes do deserto, do exército do faraó; depois, forneceu-lhes água e comida; mas, principalmente, deu-lhes a lei.

**103.8-14** — *Misericordioso e piedoso é o Senhor.* Trata-se de uma descrição de Deus que se tornou clássica, no Antigo Testamento (Sl 86.15; Êx 34.6,7). Se Deus nos tratasse *segundo os nossos pecados*, ninguém poderia entrar em Sua presença (Sl 130.3). Não há como comparar o divino ao mortal; a misericórdia de Deus é maior que o céu. Ele apaga completamente nossos pecados (Mq 7.19) e cuida de Seu povo como um bom *pai* cuida de seus *filhos*. O fato de que Deus se lembra de quem somos e como nos fez é outro sinal de Sua misericórdia, porque, afinal, apenas *somos pó*.

**103.15** — *Porque o homem.* A transitoriedade de nossa vida é uma característica comum do pensamento dos salmistas. Como todas as pessoas inteligentes, eles estavam abismados com a pouca duração da vida e sua natureza frágil. Nossa vida

é tão curta, comparativamente, quanto a de uma flor primaveril, que é levada pelo vento do verão.

**103.16-19** — *Misericórdia* pode ser reformulada para amor fiel. A ira de Deus é momentânea (v. 8); Seu amor fiel é para sempre. Sua bênção recai sobre todos aqueles que continuam tendo fé nele (Sl 147.11).

*Seu trono.* O Senhor é Rei sobre todos e tudo e para sempre. Seu reinado é o único domínio que nos importa.

**103.20-22** — *Bendize* ao Senhor. O poeta, que começou o salmo convocando seu próprio íntimo a responder com louvor a Deus (v. 1), conclui com um clamor para céu e terra se juntarem a ele em jubilosa exaltação a Deus.

### Salmo 104

O *Salmo 104*, um salmo de sabedoria, é também um salmo de criação (Sl 19). Trata-se de uma recriação poética brilhante de Gênesis 1, uma alegre comemoração do mundo criado por Deus. A poesia dos salmistas e dos profetas muitas vezes reflete a respeito do trabalho de Deus na criação. O formato do poema é o seguinte: (1) elogio à maravilhosa criação de Deus (v. 1,2); (2) a criação dos céus (v. 3,4); (3) a criação da terra (v. 5-9); (4) águas abençoadas (v. 10-13); (5) fartura da terra (v. 14-18); (6) padrões da vida (v. 19-23); (7) elogio à maravilhosa criação de Deus (v. 24-26); (8) reconhecimento de que toda vida depende do Senhor (v. 27-30); (9) oração pela glória de Deus (v. 31,32); (10) resposta pessoal a Deus (v. 33-35).

**104.1,2** — Deus é Espírito (Jo 4.24), e as descrições de Sua pessoa variam em toda a Bíblia. Uma forte descrição dele é luz (1 Jo 1.5). Aqui, a luz é descrita como a veste que adorna a Sua glória. O primeiro ato de Deus em Gênesis foi dar ordem para que fosse feita a luz (Gn 1.3).

**104.3,4** — *Os vigamentos das suas câmaras.* Com estas palavras poéticas, o salmista alude à morada celestial de Deus, lugar muito além da compreensão humana.

*Faz das nuvens o seu carro.* Os idólatras falavam coisas parecidas sobre Baal. O salmista despe Baal destas honrarias para dá-las ao Deus vivo (Sl 93).

Os anjos, seres espirituais, podem aparecer como chamados de *fogo* (Is 6.2).

**104.5-7** — *Lançou os fundamentos da terra* é uma forma poética de descrever como Deus criou os céus e a terra.

*Abismo* é o mesmo termo empregado em Gênesis 1.2.

*À tua repreensão.* O poeta relembra que Deus fez subir a terra seca da água, em Gênesis 1.9,10. A voz de Deus é geralmente tratada como repreensão ou trovão.

**104.8,9** — *Limite* é um tema comum na literatura de sabedoria (Pv. 8.29). O controle de Deus sobre a turbulência das águas (Sl 93) prova que Ele, não Baal, é o verdadeiro Soberano.

**104.10-13** — *Nascentes.* Saindo da exaltação dos versículos 1-9, o poema, diminuindo de tom, chega às nascentes dos vales e aos jumentos que bebem delas. Tudo é pacífico, agradável e sob a proteção maravilhosa do Senhor Deus (Sl 147.8).

**104.11-15** — *E a verdura.* A base desta parte é Gênesis 1.11-13, os atos criativos de Deus no terceiro dia. Aqui, o salmista menciona o verdadeiro objetivo da criação de Deus: atender às carências do ser humano.

*Vinho, azeite e pão* — gêneros de primeira necessidade em Israel — são bênçãos de Deus que enriquecem a vida.

### Salmo 104

**104.16-18** — *Árvores e montes* desempenham importante papel na ecologia para a vida animal. A obediência cristã a esses versículos inclui o cuidado com o *habitat* dos animais e o meio ambiente. Nessas coisas, Deus tem prazer; como podemos ignorá-las?

**104.19** — *Estações.* Aqui, são repassados os acontecimentos do quarto dia da criação (Gn 1.14-19). A mensagem é a de que Deus estabeleceu os diversos padrões da vida terrena.

**104.20-24** — Os sábios escritores hebreus olhavam o mundo com admiração e reverência, pois ele refletia a *sabedoria* de seu Criador.

**104.25,26** — As referências ao *mar* nos Salmos geralmente são feitas a partir do contexto do ideário cananeu. Os cananeus diziam que Baal

controlava os poderosos deuses marítimos. Mas o salmista declara, em face deste despropósito, que foi Deus quem criou as águas e tudo que nelas existe — até mesmo Leviatã, o grande monstro marinho (Jó 41).

**104.27-30** — *Todos esperam.* Toda a criação depende do Senhor para nascer, viver e sobreviver. Até mesmo a morte é controlada pelo Soberano de tudo.

**104.31** — Deus continua a *alegrar-se* por Seu trabalho na criação da terra (Pv 8.30,31). O Senhor achou Sua criação boa desde o começo (Gn 1.31) e continua a agradecer-Se dela.

**104.32-35** — *A minha meditação.* O poeta quer agir adequadamente em face da criação de Deus. *Bendize ao Senhor* como que ecoa o começo do salmo (v. 1).

### Salmo 105

O Salmo 105, um salmo de louvor (compare com o Salmo 113), focaliza as vivências positivas de Israel no princípio de sua história. Compare-o com o Salmo 106, que analisa o mesmo período histórico, mas ressaltando a falta de fé do povo. Este poema celebra a fidelidade de Deus à Sua aliança com Abraão e na vida de Seu povo. O povo precisava lembrar-se de ser fiel a Deus, que jamais se esquecera de ser leal a Israel. Divisão do poema: (1) convocação para louvar a Deus (v. 1-6); (2) o pacto de Deus com Abraão (v. 7-12); (3) primeiras vivências do povo de Deus (v. 13-15); (4) a vida de José (v. 16-22); (5) a vida de Israel no Egito (v. 23-25);

(6) a grande libertação de Israel da escravidão do Egito (v. 26-36); (7) as grandes bênçãos (v. 37-41); (8) a promessa de Deus a Abraão (v. 42-45).

**105.1-6** — Rememora o salmista o que Deus fez pelo Seu povo, cumprindo o pacto com Abraão (Gn 12.1-3; 13.14-17; 15.13-21; 17.7,8; 26.3,4; 28.13-15). *Lembrai-vos* é a ideia central do salmo; o salmista queria lembrar o povo de Deus de Sua benignidade.

**105.7** — *Seus juízos.* Atos de Deus contra os egípcios (Êx 6.6).

**105.8-11** — O salmista garante a seu público que mesmo que este não se recorde, Deus de tudo Se lembra.

*Lembra-se perpetuamente.* As palavras da promessa feita a Abraão estipulam a obrigação do Senhor em termos fortes (Gn 12.1-3). Esta ideia é reforçada pelo encontro dramático de Abraão em Gênesis 15. Na história do quase sacrifício de Isaque, em Gênesis 22, o Senhor faz a Abraão um juramento irrevogável (Gn 22.16-18).

**105.12-15** — *Quando andavam.* Esta parte, que repassa a história de Israel, provavelmente deve ter sido escrita após o retorno dos exilados de Babilônia (Sl 147). O grande tema do poema é a fidelidade de Deus ao Seu povo no começo de sua história.

*Meus ungidos.* O termo paralelo *meus profetas* sugere tratar-se dos líderes de Israel — reis, profetas e sacerdotes.

**105.16,17** — A vida de José ocupa grande parte do livro de Gênesis (Gn 37-50). Aqui se reconta sua história com poesia e canção.



### APLICAÇÃO

#### OLHANDO PARA TRÁS

Talvez seu pastor faça um relatório anual de sua igreja, em que destaca algumas demonstrações da lealdade de Deus à congregação no decorrer do ano anterior. De forma semelhante, o Salmo 105 repassa a história de Israel para louvar ao Senhor por honrar Seus compromissos para com o ancestral pai hebreu, Abraão.

A ocasião para a qual este salmo foi composto originalmente pode ter sido uma celebração religiosa, possivelmente a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33), ou, mais provavelmente, a Festa das Semanas ou Pentecostes (Lv 23.15-21). A primeira comemorava o socorro do Senhor ao povo na jornada do Êxodo, quando eles moraram em tendas (ou tabernáculos); a segunda era uma demonstração de gratidão a Deus pela colheita anual.

O Salmo 105, juntamente com outros salmos que recordam a história de Israel (por exemplo, os Sl 78 e 106), estimula o povo de Deus atual a celebrar formalmente as promessas que Deus fez a nós e cumpriu. O hábito de olhar para trás, a fim de admirar Seus atos bondosos, pode revestir de alegria nossos dias de hoje e nos dar novas esperanças para o futuro.



**105.18-25** — *Então Israel entrou no Egito.* A ida dos israelitas para o Egito teve dois resultados principais: foram poupados de morrer de fome em um período de grande carestia; foram poupados da assimilação por povos de Canaã até que fossem numerosos o suficiente para serem um povo unido e forte.

*Mudou o coração.* Na hora certa, Deus direcionou as atitudes dos egípcios contra o Seu povo, para que ele pudesse ser liberto.

**105.26-42** — O salmista narra a história das pragas, demonstrando o poder do Senhor. As pragas aconteceram em um lugar e momento determinados. Eram a ação de Deus sobre seres humanos no mundo real. Mas os versículos deste salmo não são prosa histórica; são uma versão poética dos acontecimentos, captando o horror que então provocaram. A ordem histórica das pragas não é seguida à risca, e somente oito delas são mencionadas (Êx 7—11).

**105.43-45** — *Com alegria.* O poema comemora a alegria do Senhor em Seus atos de salvação. *Deu-lhes as terras.* Este salmo provavelmente foi escrito depois do exílio em Babilônia. Celebrar a terra como dádiva de Deus deve ter sido um grande incentivo para as pessoas que acabavam de retornar à terra natal.

### Salmo 106

O Salmo 106, um salmo de sabedoria, repete boa parte da história repassada no Salmo 105. Estes poemas formam uma dupla, mas têm perspectivas diferentes. O Salmo 106 ressalta a rebelião do povo, apesar da bondade incansável de Deus. Enquanto o Salmo 105 trata de recordação, o 106 cuida do esquecimento — mais exatamente, o esquecimento do povo de Deus de Suas misericórdias. Este é um salmo de louvor (como o 105) porque conclama a louvar a Deus, apesar da memória curta de Seu povo. A estrutura do Salmo 106 é: (1) chamado para louvar a Deus (v. 1); (2) relato do estado da geração de então (v. 2-15); (3) recitação das obras de Deus em favor das gerações futuras (v. 16-43); (4) apelo final (v. 44-47); (5) palavras de adoração, que concluem o livro IV de Salmos (v. 48).

**106.1-5** — *Louvai ao Senhor.* As palavras do versículo 1 e a referência geral a *louvores* do versículo 2 relacionam este poema ao Salmo 105, formando uma dupla (Sl 105.1,2). Provavelmente, ambos os salmos foram escritos pelo mesmo poeta e para uso conjunto, já que este também trata do tema da lembrança.

*Lembra-te de mim* Parece ser uma oração pessoal baseada no relato da história de Israel no salmo anterior.

**106.6** — *Nós pecamos como os nossos pais.* A confissão de pecado chega sem aviso. Trata-se também de um salmo de penitência comunitária. A conexão da geração daquela época com os pecados de seus pais é angustiante. Teria a geração da época que sofrer os infortúnios e juízos que Deus fizera recair sobre seus ancestrais?

**106.7-12** — Deus sabia que o Seu povo abandonaria a fidelidade por várias vezes, e ainda assim Ele os salvou por amor do seu nome. O cruzamento das águas do mar Vermelho não é mencionado no Salmo 105, mas foi incluído aqui.

*Então creram.* O povo vivia perdendo a confiança em Deus; mas tinha momentos de fé repentina verdadeira e realizava sinceros atos de louvor.

**106.13-16** — *Cedo, porém, se esqueceram.* Estas palavras logo contrastam de forma dramática com a ênfase do Salmo 105, o que pode indicar que os dois salmos foram realmente escritos pelo mesmo poeta e destinados a formar uma dupla.

*Satisfizes-lhes o desejo.* Deus, por várias vezes, doou ao povo o que o povo achava que queria — mas, juntamente com a dádiva, vinha o juízo de seu pecado.

**106.17** — A rebelião de *Datã* e *Abirão* é contada em Números 16.

**106.18-23** — A narrativa sobre o *bezerro* de ouro está registrada em Êxodo 32.

*Converterem a sua glória.* O povo aceitou trocar o Deus vivo pela imagem de um novilho.

**106.24** — O fato de terem desprezado a terra aprazível é visto como produto da descrença e da rejeição da boa dádiva de Deus. O juízo de Deus (Nm 13; 14) foi totalmente merecido.

**106.25-30** — *Baal-Peor* se refere ao incidente contado em Números 25, depois do encontro de Balaão e Baraque em Moabe. Porém, este salmo acrescenta um novo detalhe à história: a ingestão de sacrifícios feitos para os mortos ou em adoração a estes, de culto pagão. Por esse motivo, *Finéias*, um dos grandes promotores de Deus no Antigo Testamento, é celebrado neste salmo. Assim como a fé de Abraão era atribuída à sua retidão (Gn 15.6), o mesmo aconteceu com a atitude de Fineias (Nm 25).

**106.31-33** — *Águas da contenda* refere-se a Meribá (Sl 95.8; Nm 20.1-13). Aqui, o pecado atribuído a Moisés é o de haver falado *imprudentemente*. Em Números 20.12, Deus identifica o pecado de Moisés exatamente como o de O haver desonrado perante o povo por não confiar nele. Ao não seguir a ordem do Senhor para falar à rocha, Moisés serviu de exemplo, ante toda a comunidade ali presente, de desobediência e desrespeito às Suas ordens, desmoralizando-o.

**106.34-39** — O juízo de Deus sobre Israel em Canaã foi resultado da má vontade dos israelitas em destruir *os povos* pervertidos, pagãos. Se os cananeus tivessem sido expulsos da terra, o povo de Israel jamais teria sucumbido à idolatria que marcou sua existência por centenas de anos. Os israelitas, pelo contrário, aprenderam a reverenciar os ídolos cananeus; participaram dos piores

ritos da religião deles e *se corromperam* perante Deus, o Redentor.

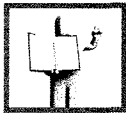
**106.40-46** — *A ira do Senhor* deve ser considerada no contexto de Sua misericórdia e complacência de longo prazo. A rebeldia diante de Suas bênçãos abundantes já existia há muito tempo, quando Deus, por fim, ficou irado. Todavia, mesmo em meio à Sua ira, Sua natureza misericordiosa mostrou-se evidente. Deus continuou fiel o Seu povo, mesmo enquanto ele ainda o desafiava.

**106.47** — O apelo *salva-nos* está ligado às palavras *Senhor, nosso Deus*. Embora o povo tenha perdido sua fé, o Senhor ainda era o seu Deus. Se retornassem a Ele, encontrariam abrigo em Sua misericórdia e uma promessa de, um dia, conquistarem a vitória.

**106.48** — *Bendito seja o Senhor, Deus de Israel*. Este versículo é um acréscimo ao Salmo 106, constituindo a conclusão do livro IV de Salmos. É um belo chamado litúrgico para que todo o povo bendiga a Deus.

### Salmo 107

O *Salmo 107*, salmo de sabedoria, compartilha da forma e de muitos temas dos Salmos 105 e 106. Todavia, pelo fato de iniciar o livro V de Salmos, parece não ter sido escrito como parte da série formada por esses dois salmos anteriores. O Salmo 107 revê os atos de Deus pelo ponto de vista de



## ENTENDENDO MELHOR

### O CULTO DE ANCESTRAIS

A deificação de ancestrais era comum em todo o mundo antigo. Os textos mitológicos de Ugarite (1400—1200 a.C.) fazem referência a reis do além que já haviam sido monarcas no reino humano. Estes mortos eram tratados como divindades menores, possuindo até festas religiosas em sua honra. E, na antiga Palestina, escavações de sepulturas revelaram, algumas vezes, tubos inseridos na terra para que os mortos recebessem comida e comunicações.

A adoração de ancestrais não é comum na Bíblia. Havia, no entanto, a prática cananeia anteriormente mencionada, segundo a qual mortos importantes ou famosos se tornavam semideuses. O salmista conta que os israelitas *comeram os sacrifícios dos mortos* (Sl 106.28). A prática está ligada ao incidente de Baal-Peor, indicando que os israelitas encontraram o costume quando se aproximavam da Terra Prometida.

A lei de Moisés proibia o tratamento de qualquer ser humano como se fosse deus, fosse vivo, fosse morto (Êx 20.2; Dt 26.14). Os israelitas que participaram do culto religioso pagão de comer sacrifícios feitos para os mortos foram considerados apartados do único Deus verdadeiro e *o provocaram à ira*, recebendo a punição de uma peste (Sl 106.29). Homenagear a memória dos ancestrais era permitido a Israel, mas essa homenagem nunca deveria cruzar a linha que a separava da adoração.

Seu povo, usando ilustrações não encontradas na narrativa do Pentateuco. Ele começa e termina com apelos para se confiar na benignidade de Deus. Divide-se em: (1) celebração da benignidade eterna de Deus (v. 1-3); (2) afirmativa de que Deus atende à necessidade dos que peregrinam pelo deserto (v. 4-9); (3) garantia de que Deus socorre quem está no exílio ou na prisão (v. 10-16); (4) declaração de que Deus salva até os insensatos que clamam a Ele (v.17-22); (5) salvação concedida por Deus aos que são surpreendidos por tempestades (v. 23-32); (6) provisão de Deus para os que se encontram em terra seca (v. 33-38); (7) afirmação de que Deus multiplica as populações que foram reduzidas (v. 39-42); (8) chamado à redescoberta da benignidade de Deus (v. 43).

**107.1** — *Louvai ao Senhor.* O começo deste salmo o relaciona aos dois precedentes (Sl 105.1; 106.1). Seu principal objetivo é declarar que a *benignidade* de Deus é *para sempre*. Deus está sempre disposto a recuperar todos aqueles que clamam a Ele.

**107.2-9** — *Andaram desgarrados pelo deserto.* Isso deve se referir à experiência histórica de Israel no deserto de Sinai; mas pode também ser aplicado a quaisquer crentes dispersos, que eventualmente andem afastados da fé e da misericórdia divina.

*Lowem ao Senhor.* Estas palavras são um refrão que ecoa por todo o salmo, incitando os ouvintes e leitores a agradecerem a Deus por Sua misericórdia (v. 15,21,31).

*Pois fartou.* Esta é a parte que toda geração de crentes precisa lembrar. Jamais descobriremos nada mais satisfatório que o Senhor, que atende a todas as nossas carências.

**107.10** — *Tal como a que se assenta nas trevas* fala da alma angustiada, aflita, preocupada. Quem conhece o Senhor clama a Ele em sua aflição, mesmo que tenha ficado em tal situação por sua própria fraqueza, iniquidade ou rebeldia. A misericórdia de Deus é demonstrada por Seus atos de salvação, atos que conclamam a novos louvores a Ele por Sua bondade.

**107.11-17** — *Os loucos* é uma expressão dura, que ressalta falha moral (Pv 1.7; 15.5). Estas

peçoas provavelmente bem merecem o apuro que estão passando. Ainda assim, podem clamar ao Senhor, pois Ele as ajudará e restaurará.

**107.18-32** — *Os que descem ao mar em navios.* Estas palavras nos recordam a descrição idílica de Salmos 104.26; aqui, a situação não é tão agradável. Quem sai ao mar pode se ver enfrentando tempestades e forças do oceano sobre as quais não tenha controle. É um terrível sofrimento (v. 26,27), e, tal como os aflitos de terra, deverá clamar por salvação ao Senhor (v. 28). Deus o ajudará, acalmará a tempestade e o salvará (v. 29). Se assim é, por que os homens não adoram a Deus como deveriam? (v. 31,32). Parte da resposta pode ser encontrada na falta de foco na verdadeira natureza de Deus. A recompensa de praticar a verdade quanto a Deus é a capacidade de poder distinguir o bem do mal e tomar as decisões certas sobre as circunstâncias e o ambiente que nos envolvem (Hb 12.13,14).

**107.33-35** — *Ele converte rios em desertos.* Quando as pessoas pecam, Deus pode amaldiçoar a terra e afligir as pessoas com circunstâncias difíceis para reconduzi-las a Seus braços amorosos (1 Rs 17.1-7).

*Converte o deserto em lagos.* Quando o Seu povo clama por socorro, Deus devolve a fertilidade à terra (Dt 30.1-10; Rt 1.6).

**107.36-42** — *Outra vez decrescem.* Agora o poeta relata rebeliões genéricas. Deus trabalha sempre, humilhando os poderosos (v. 39,40) e elevando os humildes (v. 41). Resta ainda a questão: por que o povo não louva ao Senhor?

**107.43** — *Quem é sábio.* Não existe sabedoria que não seja centrada em ser grato ao amor de Deus. O salmista exorta ao estudo do histórico de amparo de Deus aos necessitados e a louvar sempre Seu grande amor.

### Salmo 108

O *Salmo 108*, um salmo de fé, revela a segurança que a pessoa tem quando o Senhor é seu Deus. Este salmo, na verdade, é uma mistura de dois salmos de Davi. Os versículos 1-5 são de 57.7-11, e os versículos 6-13 são de 60.5-12. Como Davi é o autor destes dois salmos, os

versículos deste podem ser perfeitamente atribuídos a ele, mesmo que tal reorganização tenha sido feita por um editor anônimo. Como fica bem demonstrado no caso, ocorreram muitas reorganizações de partes do livro de Salmos para que os poemas pudessem ser utilizados em diversas circunstâncias na adoração no templo.

**108.1,2** — *Despertarei ao romper da alva.* O salmista queria cantar para o Senhor antes de o sol nascer. A possibilidade de uma noite passada em claro não o impedia de adorar e dar graças a Deus.

**108.3-13** — O curioso a respeito destas palavras, *eu me regozijarei*, é que são ditas por Deus. O Senhor tem prazer em socorrer o Seu povo e conceder-lhe vitória. Ele celebra quando o liberta.

### Salmo 109

O Salmo 109, um salmo de lamentação, fala particularmente dos inimigos do salmista. O poema, portanto, pode ser visto também como salmo imprecatório. Sua estrutura é: (1) clamor a Deus para que não Se cale ante os ataques dos inimigos do salmista (v. 1-5); (2) rogo a Deus para que julgue os ímpios (v. 6-20); (3) clamor a Deus para que venha socorrer os inocentes (v. 21-29); (4) determinação em louvar ao Senhor (v. 30,31).

**109.1-3** — O clamor *não te cales* é característica comum nos salmos de lamentação.

*Pelejaram contra mim sem causa.* O salmista declara sua inocência e alega que seus inimigos pagaram suas orações com o mal e seu amor com o ódio.

**109.4-8** — *Põe acima dele um ímpio.* O salmo assume aqui um tom decididamente agressivo e negativo. Em especial, parece dura a impreciação de que a esposa de um inimigo se torne viúva empobrecida, e os seus filhos, mendigos. Todavia, muito embora o salmista dirija tão terríveis petições ao Senhor, não procura fazer justiça pelas próprias mãos. Pode se sentir altamente compelido a desabafar sua ira com palavras, mas entende que a vingança propriamente dita pertence ao Senhor. *Outro tome o seu ofício.* Estas palavras (assim como as de Sl 69.25) são citadas em Atos

1.20 como tendo sido cumpridas, com a substituição de Judas Iscariotes entre os apóstolos.

**109.9-16** — *Esteja na memória do Senhor a iniquidade de seus pais.* Embora as palavras do salmista possam ainda parecer extremamente hostis, aqui ele está meramente pedindo a Deus para que as atitudes de seus inimigos sejam por Ele julgadas. O *necessitado* não é apenas aquele que não dispõe de riqueza, mas também o desprotegido e indefeso.

**109.17-21** — O poeta pede a Deus uma ação que espelhe Seu *nome*, sempre associado à justiça (Sl 23.3). Apela à *misericórdia*, ou benignidade, de Deus. O poeta se considera um invólucro humano vazio e desgastado, tal como em Sl 22.6-8. A veemência dos ataques do salmista sobre seus inimigos pode ser explicada, em parte, pela intensidade da própria aflição, descrita nestes versículos.

**109.22-27** — *Para que saibam.* Mesmo no forte estado emocional em que se encontra, ele quer que o nome de Deus seja resguardado, proclamado e honrado. Os Salmos sempre levam ao louvor a Deus, mesmo em situações profundamente desesperadoras.

**109.28-31** — O poeta se propõe a continuar louvando pelo socorro, que sabe que virá do Senhor. Este voto de louvar é típico de muitos dos salmos. *Pois se porá à direita do pobre.* Veja em Salmos 142.4 uma descrição de Deus como escudo à mão direita da pessoa.

### Salmo 110

O Salmo 110, salmo real, é um dos salmos mais diretamente messiânicos. Deve ser lido juntamente com outros salmos messiânicos, como os Salmos 2 e 24. O próprio Jesus identificou Davi como escritor deste salmo, como, aliás, indica o título. A interpretação que Cristo fez deste salmo é crucial para desvendar o seu significado (Mt 22.41-45; Mc 12.35-37; Lc 20.41-44; compare à explicação de Pedro deste mesmo salmo em Atos 2.34-36). A chave de sua interpretação está na identificação do *meu Senhor* do versículo 1. Jesus afirmou que neste versículo Davi estava falando de alguém maior do que ele próprio. Como



## APROFUNDE-SE

### SALMOS MESSIÂNICOS

Para os cristãos, talvez nenhuma parte dos Salmos seja tão atraente quanto as profecias que o livro contém sobre o Senhor Jesus Cristo. O Salmo 2 fala de Seu reino vindouro; o 22 narra Sua crucificação; o 16 fala de Sua ressurreição; o 110 representa o Salvador à direita do Pai no céu e como sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Estes e outros trechos conhecidos levam muita gente a falar de uma categoria à parte de salmos: os salmos messiânicos.

Muitos salmos são messiânicos porque antevêm a vinda de Jesus Cristo. Alguns são diretamente proféticos (Sl 2; 110). Outros prenunciam profeticamente acontecimentos ligados a Cristo (compare a descrição do casamento de um rei, no Sl 45, com Hb 1.8,9; Ap 19.6-8). Mas quase todos os salmos prenunciam de alguma forma a vinda do Messias e Seu reino de eterna justiça (Sl 1.1-3; 41.9). As palavras, por exemplo, que se encontram em Salmos 6.8, *Apartai-vos de mim todos os que praticais a iniquidade, não parecem ter coisa alguma de messiânicas*. No entanto, o são; pois Jesus usou estas mesmíssimas palavras em Sua proclamação profética do juízo final (Mt 7.23). Isso mostra que a experiência de Davi registrada no Salmo 6 estava, de alguma forma, profeticamente ligada à vivência de Jesus. Na verdade, a linguagem de Davi nos Salmos remete comumente à linguagem do grande Rei que haveria de chegar — ou seja, Jesus Cristo. Observe as palavras de Salmo 7.8: *O Senhor julgará os povos; julga-me, Senhor, conforme a minha justiça e conforme a integridade que há em mim*.

Estas palavras eram um manifesto de Davi. Sofrendo sem motivo, clamou a Deus que limpasse seu nome. Davi, porém, apesar de inocente daquela acusação em particular, não era inocente de todas. Há apenas uma pessoa cuja inocência é absoluta, cuja pureza de pecado é completa: Jesus. Ele é o único que pode ser julgado com base apenas em Sua retidão. Só ele poderia dizer as palavras anteriormente citadas sem titubear, porque representam totalmente Seu caráter.

O sofrimento do pobre (como no Sl 13), os ataques injustos contra os bons (como no Sl 7), a idealização da justiça (como no Sl 15), o retrato do justo (como no Sl 1), as imagens de realza (como no Sl 45) e até mesmo o pronunciamento de maldição contra os inimigos (como no Sl 6) são temas do Messias nos Salmos. Jesus é o Esperado; muitos dos salmos na verdade cantam sobre Ele.

nenhum filho comum de Davi poderia ser maior do que ele, o *meu Senhor* do versículo 1 referia-se ao Messias por vir, ao Filho de Deus. Assim, este salmo narra uma conversa entre Deus Pai e Deus Filho, na qual o Pai concede ao Filho honras reais e sacerdotais. A estrutura deste pequeno salmo é a seguinte: (1) Deus manda o Filho sentar-se à Sua direita (v. 1); (2) Deus manda o Filho reinar no meio de Seus inimigos (v. 2,3); (3) Deus nomeia Seu Filho como sacerdote eterno (v. 4); (4) Deus descreve a batalha que o Filho deverá enfrentar para ganhar Seu reino (v. 5-7).

**110.1** — *Senhor* substitui o nome hebraico de Deus, impronunciável para os judeus:

*Yahweh*. O primeiro *Senhor*, aqui, conforme explicou Jesus, refere-se a Deus Pai. *Ao meu Senhor*. De acordo com a sábia interpretação de Jesus (Mt 22.41-45; Mc 12.35-37; Lc 20.41-44), a mesma palavra, *Senhor*, se refere, em seguida, ao Filho de Deus, que, no caso, está na presença do Pai, no céu. Davi declara que este, o Filho, é o seu Senhor, ou seja, seu amo ou soberano.

*Assenta-te à minha mão direita*. Esta posição de grande honra, ao lado do Pai, foi dada ao Filho depois de Sua ressurreição e ascensão (At 2.33-36; 1 Co 15.20-28; Cl 3.1; Hb 1.13). A colocação dos pés do Salvador sobre Seus inimigos ilustra a vitória absoluta de Jesus (1 Co 15.25,26; Ef 1.22,23).

**110.2,3** — *Domina*. O Pai ordena ao Filho que recupere Seu reino de Seus inimigos. O resultado dessa batalha final já fora determinado muitíssimo tempo antes (Sl 47.3).

*O teu povo*. A descrição, nos versículos 2 e 3, das pessoas que participarão da grande batalha ao lado do Rei é bem semelhante à de Apocalipse 19.14.

*Vindo do próprio seio da alva* refere-se ao exército voluntário e ao seu vigor pujante e vivaz, pronto para a luta santa.

**110.4** — *Sacerdote*. O próprio Davi realizara algumas funções sacerdotais, especialmente quando liderou o louvor pela chegada da arca da aliança (2 Sm 6.12-19). Exerceu até mesmo certa autoridade sobre os sacerdotes, ao supervisionar

os levitas (1 Cr 23.1-6). Aqui, porém, Davi antevê a nomeação por Deus do futuro Messias como sacerdote (Hb 7). Isto era um ponto confuso para os judeus, conforme fica claro pelas perguntas que os judeus, no Novo Testamento, fazem a Jesus sobre o Messias. Alguns dos manuscritos do mar Morto evidenciam que se aguardava a vinda de mais de um Messias. Segundo as Escrituras, o Messias verdadeiro seria descendente de Davi (Is 9.7), mas esta profecia O apresenta como sacerdote. Isto parece contraditório, porque os sacerdotes em Israel teriam de ser descendentes de Arão. A solução para esse problema é que o Messias seria um sacerdote por nomeação divina — não por Sua descendência humana. *Melquisedeque* é mencionado pela primeira vez em Gênesis 14.18-20. Era um sacerdote fiel do Deus Altíssimo, sem parentesco com Abraão, que viveu centenas de anos antes de Arão. Melquisedeque se tornou protótipo do Messias, cujo sacerdócio não se basearia em uma conexão com a linha familiar de Abraão, mas por decreto divino (Hb 5.5-11; 6.20; 7.1-28).

**110.5-7** — O Rei e Salvador estará em batalha (v. 2,3) tendo o Pai por Seu escudo e protetor, à Sua *direita* (Sl 16.8; 142.4). Deus Pai ajudará o Filho na batalha. *Ferirá os reis*. O domínio do Rei será absoluto, forte, usando de poder.

*Cadáveres*. Esta imagem é mais elaborada em Apocalipse 19.19-21. *Proseguirá de cabeça erguida*. Como o grande Vencedor, o Filho manterá Sua cabeça no alto em sinal de triunfo sobre os Seus inimigos (Sl 3.3).

### *Salmo 111*

O *Salmo 111*, um salmo de sabedoria, pode ser considerado também salmo de louvor. Este salmo e o próximo foram escritos em forma de acróstico. A estrutura do Salmo 111 é a seguinte: (1) determinação de louvar a Deus na congregação (v. 1); (2) descrição do louvor a Deus por Suas maravilhosas obras para com o Seu povo (v. 2-9); (3) palavra de encerramento, ligando a natureza da verdadeira sabedoria ao temor do Senhor (v. 10).

**111.1** — *Louwarei ao Senhor*. O salmo começa de forma padrão, a partir da abertura *louwai ao Senhor* (Aleluia). A determinação de louvar a *Yahweh* parte do coração do salmista e acontece perante a congregação.

**111.2-9** — A mensagem particular desta parte do salmo é uma avaliação das *obras do Senhor* pela maneira em que levam o salmista a glorificar a Deus. A criação chama a atenção para o Criador (Sl 19.1-6; 104.1-35). *Piedoso e misericordioso* pode ser reformulado para maravilhosamente misericordioso. A fé vê o *mantimento*



## APROFUNDE-SE

### SALMOS DE PÁSCOA

Uma das formas mais eficazes de ensinar verdades espirituais é mediante a música. Da mesma forma, a memória é passada adiante com mais eficiência pela canção. Sabendo disso, os antigos hebreus compuseram seis salmos, do 113 ao 118, para serem cantados durante a ceia da Páscoa.

Os dois primeiros salmos do grupo eram cantados antes da refeição, e os outros quatro, depois. Cada salmo comemora algum aspecto da escapada dos israelitas da sua sujeição ao faraó e aos egípcios (Êx 12—15) e, por este motivo, às vezes são chamados de *Hallel* egípcios (*Hallel*, em hebraico, significa louvor; compare com Salmos 113.1). Jesus e Seus discípulos provavelmente cantaram estes salmos em sua última ceia no cenáculo (Mt 26.30; Mc 14.26).

Os temas dos seis salmos de Páscoa são:

- Salmo 113 — louvar a Deus por libertar os que foram tiranizados;
- Salmo 114 — a fuga do Egito;
- Salmo 115 — louvar a Deus todos juntos, como um povo;
- Salmo 116 — dar graças pessoalmente a Deus e entregar-se a Ele;
- Salmo 117 — convocar os não judeus a louvarem a Deus;
- Salmo 118 — lembrar-se do amor imutável e constante de Deus.

e tudo o mais que se recebe de bom como sendo dádivas de Deus.

*Redenção.* Os salmistas se referem frequentemente ao Êxodo, mas também ao futuro — a redenção em Jesus, o Salvador.

**111.10** — O *temor do Senhor* trata da obediência reverente e respeitosa que se deve ao Deus Altíssimo.

### Salmo 112

O *Salmo 112*, um salmo de sabedoria, é muito semelhante ao *Salmo 111*; juntos, formam um par de poemas acrósticos. O formato do poema é: (1) determinação de louvar a Deus (v. 1); (2) louvor a Deus com base em Suas obras em favor de Seu povo (v. 2-9); (3) derrota dos perversos (v. 10).

**112.1** — *Louvai ao Senhor.* Tal qual o *Salmo 111*, este começa, em hebraico, com a expressão clássica de exaltação a Deus, *aleluia* — ou, na tradução, como aqui está, a frase *Louvai ao Senhor* (ou Louvado seja o Senhor), que corresponde a essa palavra. O *Salmo 112*, então, prossegue a partir de onde parou o *Salmo 111*.

*Bem-aventurado.* Esta palavra, que significa aquele que é manifestamente feliz, é no original a mesma que abre o livro de Salmos.

**112.2-9** — *A sua descendência será poderosa.* Compare as bênçãos dos versículos 2 e 3 com as fortes maldições proferidas contra os ímpios em Salmos 109.3-13, para conferir a nítida distinção que os salmos fazem entre o destino dos perversos e o dos justos. Esta distinção extrema, preto no branco, é característica dos escritores da literatura de sabedoria israelita. A descrição do *homem bom* do versículo 5 é semelhante à descrição feita no *Salmo 15*. Quando se fala do justo, *força* significa proeminência e sensação de que a vida valeu a pena.

**112.10** — Aqui, como no *Salmo 1*, o contraste entre o justo e o ímpio, como dito anteriormente, é bastante forte e sem concessões. O desejo dos justos prevalecerá (v. 8), mas o desejo dos ímpios *perecerá*.

### Salmo 113

O *Salmo 113*, um salmo de louvor descritivo, começa e termina com as palavras *Louvai ao*

*Senhor!* (em hebraico, *aleluia*). Este salmo e o 114 são recitados geralmente no *Seder* de Páscoa, uma refeição comemorativa antes do jantar. Os Salmos 115 a 118 são recitados logo depois do jantar. A estrutura do *Salmo 113* é: (1) Exortação para louvar o nome do Senhor (v. 1-3); (2) celebração da glória transcendente e da abundante misericórdia do Senhor (v. 4-6); (3) ilustrações da graça de Deus (v. 7-9).

**113.1-3** — O *nome do Senhor* refere-se à pessoa de Deus. Nos tempos bíblicos, havia forte associação entre o nome e a identidade da pessoa. O nome simbolizava a pessoa. Assim, louvar o *nome* de Deus significa concentrar o pensamento no caráter de Deus. O *nascimento do sol*, como se sabe, se dá a leste, ou ao oriente, e seu poente, a oeste, ou ocidente. Deste modo, este versículo não quer dizer que é preciso louvar o nome de Deus a toda hora, do alvorecer ao anoitecer, mas, sim, em toda parte, de leste a oeste, ou do oriente ao ocidente.

**113.4-6** — *Acima de todas as nações.* Ao contrário dos deuses fabricados pelo homem do antigo Oriente Médio, o Senhor não se limita a certas tribos ou territórios. Ele é soberano sobre tudo; Ele é Altíssimo (Sl 7.17; 47.2).

*E a sua glória, sobre os céus.* Deus não só é soberano das nações, como também Sua glória não pode ser contida no universo. Sua glória está não apenas além do universo, mas também além da capacidade de descrição precisa da linguagem humana. Talvez isso explique a explanação de Paulo de sua visita espiritual aos céus (2 Co 12.1-4). As palavras retóricas *quem é como o Senhor* referem-se à incomparabilidade de Deus (Is 40.25).

*Que se curva.* Deus é um Deus que Se inclina e vem até nós.

**113.7** — Os pobres tentavam sobreviver remexendo no grande *monturo* de lixo do lado de fora da cidade, ou seja, no acúmulo da sujeira, do pó. Deus dali os levanta. A forma de o Senhor cuidar dos necessitados tem especial destaque nos Salmos. Neste, vemos maravilhosa ilustração da salvação: enquanto cavoucamos a terra em busca de algum provento, alento, significado ou saída

para nossa vida, a misericórdia de Deus, encarnada em Jesus, ergue-nos, fazendo de nós verdadeiros e dignos cidadãos do céu.

**113.8,9** — Imagem alguma reproduzia melhor o sofrimento emocional humano na época bíblica do que a da *mulher estéril*. Naquela época e cultura, a mulher estéril não tinha razão de ser nem alegria de viver. Perceba-se como Deus se inclina para dar-lhe a alegria que ela mais deseja — filhos, e filhos felizes. A salvação é assim. Deus não somente nos preenche com um significado de vida, mas também com felicidade, com alegria espiritual, perene.

### Salmo 114

O *Salmo 114* comemora a libertação de Israel do Egito. Há um espírito leve e vivaz neste poema, que compensa a música mais pesada e a teologia mais marcante da primeira canção de libertação, em Êxodo 15. Este poema é recitado juntamente com o Salmo 113 na celebração da Páscoa judaica, antes do jantar. Possui três momentos: (1) celebração da salvação dada a Israel no Egito (v. 1,2); (2) caracterização dos inimigos de Israel (v. 3-6); (3) exaltação do Senhor, que libertou Israel (v. 7,8).

**114.1,2** — Os escravos recém-libertos saíram do Egito certamente abominando e rejeitando o povo *bárbaro* que foi seu opressor durante tão longo tempo. Juntamente com essa rejeição, Israel passou a afirmar que o verdadeiro tesouro da vida não estava na glória do Egito, mas, sim, na presença do Senhor.

*Santuário*. Este versículo antecipa a visão que o Novo Testamento tem de Deus, com Ele vivendo entre Seu povo em vez de no santuário físico, o templo de Jerusalém (Ez 37.26,27; 2 Co 6.16-18).

**114.3-6** — O mar e o rio *Jordão*, os montes e os outeiros, todos parecem assustados ante a gloriosa presença do Senhor, que não é mencionada até o versículo 7.

**114.7** — *Treme*. Somos transportados para lá e abalados com a tremenda força simbólica da presença de Deus. Enquanto o mar, o Jordão, os montes e outeiros vacilam, as pessoas temem e

são tomadas de perplexidade e espanto. O juízo dele, lembremo-nos, assim recairá sobre os que vivem no erro.

**114.8** — Deus não só libertou Seu povo do Egito, como também atendeu à sua necessidade, ao fazer manar água de um *rochedo* (Êx 17; Nm 20). A água era uma bênção física, mas também um símbolo espiritual de Sua salvação.

### Salmo 115

O *Salmo 115*, salmo comunitário de louvor, concentra-se sobre a glória do Senhor na salvação do Seu povo. Várias partes deste salmo serão usadas pelo Salmo 135. Possui cinco momentos: (1) glorificação do Senhor, o único que merece ser adorado (v. 1,2); (2) comparação entre os deuses falsos e o Deus verdadeiro (v. 3-8); (3) litania de fé no Senhor (v. 9-11); (4) litania de bênção ao Senhor (v. 12-15); (5) glorificação do Senhor (v. 16-18).

**115.1,2** — *Não a nós*. As pessoas têm a tendência natural de desviar para si mesmas a glória que pertence a Deus. Este salmo redireciona a glória para o seu devido foco: Deus em pessoa. As nações que não conhecem Deus são propensas a insultarem os crentes em tempos de tribulação, quando a atividade de Deus parece falhar, por não ser tão evidente (Sl 42.3).

**115.3,4** — Assim como os profetas (Is 40; Jr 10), os Salmos zombam dos *ídeos* das nações. O salmista nega qualquer veracidade aos falsos deuses criados pelo povo (Sl 135.15-18). Enquanto outros povos adoravam esses deuses, que precisam ser carregados de um lado para o outro, escorados e bajulados, Israel glorificava o Deus vivo que *está nos céus* e em toda parte e que *faz tudo o que lhe apraz*. É Ele o único Ser que merece nossa adoração.

**115.9-11** — Com base na confissão sobre a realidade de Deus, o salmo começa uma litania que incentiva a confiar apenas em Deus. Com ela, o líder do coral exortava em primeiro lugar a *Israel*, depois à *casa de Arão*, e, por fim, a todos os que *temeis ao Senhor* a confiarem nele. O refrão reafirma o cuidado de Deus por eles, lembrando que o Senhor *é seu auxílio e seu escudo*.



**115.12-15** — Esta segunda litania se concentra nas bênçãos de Deus. Ele não apenas é o único Deus digno de confiança, como também deseja abençoar todos os que nele têm fé.

**115.16-18** — O plural *céus* pode se referir à morada de Deus (2 Co 12.2). *Os mortos*. Como em Salmos 6.5, não se trata aqui de uma teologia da morte, mas, sim, de louvor. É tarefa dos viventes louvarem a Deus. Sempre que alguém morre, sua voz se cala no coral dos vivos.

*Louvai a Deus*. Muitos salmos (Sl 115—117) terminam com a palavra *aleluia*, louvai ao Senhor em hebraico.

### Salmo 116

O *Salmo 116*, um salmo messiânico, é um dos salmos de Páscoa (Sl 113—118). Foi provavelmente o hino entoado por Jesus e os discípulos na noite em que Ele foi preso, noite em que Ele celebrou a Páscoa com eles (Lc 22.15). A estrutura do poema é: (1) declaração do amor do salmista pelo Senhor (v. 1,2); (2) experiência à beira da morte (v. 3,4); (3) louvor ao Senhor (v. 5-7); (4) o salmista é salvo da morte (v. 8-11); (5) voto de louvar sempre ao Senhor (v. 12-14); (6) reflexão sobre a salvação do salmista (v. 15-17); (7) pagamento de seu voto de louvar a Deus (v. 18,19).

**116.1,2** — A expressão *amo ao Senhor* em hebraico sugere grande empolgação e emoção. *Inclinou para mim os seus ouvidos*. Como em Salmos 40.1, estas palavras falam do amor de Deus. Ele Se curva desde Seu lugar de glória para atender às petições do Seu povo.

**116.3-5** — *Cordéis da morte* fala de tremenda experiência de agonia e de sofrimento excruciante do salmista, que, ao que parece, quase morre (Sl 86.13). Estas palavras prenunciam também a angústia do Salvador na cruz (Mt 27.27-35).

**116.6** — Neste contexto, *símplices* significa inocentes, limpos ou imaculados de coração. Já no livro de Provérbios, a palavra geralmente significa ingênuo ou inexperiente (Pv 1.22).

**116.7-10** — Paulo cita estas palavras, *cri, por isso falei*, em 2 Coríntios 4.13,14, como prova da esperança de ressurreição de Jesus nas Escrituras. A crença, no versículo 10, é a esperança,

articulada no versículo 9, de que o salmista iria prosseguir peregrinando nesta terra dos vivos.

**116.11-13** — Com a expressão *que darei*, o salmista jura adorar a Deus em voz alta e em público, entre os demais fiéis. Na Páscoa, este salmo é lido depois da refeição, imediatamente após a terceira taça de vinho, chamada de *cálice da salvação*. Quão apropriado deve ter sido que este salmo da Páscoa tenha chamado a atenção para o cálice da salvação de Deus na mesma noite em que o Salvador foi traído (Mt 26.27; Lc 22.14-22)!

**116.14-17** — O salmista declara ser um servo de Deus. Conforme Jesus demonstrou na celebração pascal no Cenáculo, todo verdadeiro seguidor de Cristo deve se tornar um servo de Deus. Exatamente como o próprio Jesus, o Filho de Deus, Se tornou servo dos Seus discípulos, lavando seus pés, assim também todo crente deverá servir aos outros (Jo 13.1-17). As palavras do salmo foram cumpridas de forma profética quando cantadas por Jesus e seus discípulos na véspera da crucificação. O termo *louvor* significa, basicamente, reconhecimento em público.

**116.18,19** — *Pagarei os meus votos*. Estas palavras, obviamente, concluem o pensamento do salmista, declarando sua intenção de ofertar seu louvor no templo.

### Salmo 117

O *Salmo 117* é um salmo descritivo de louvor. É o salmo mais curto de todos e tem uma estrutura simples: (1) chamado às nações para louvarem a Deus (v. 1); (2) motivos para as nações louvarem a Deus (v. 2).

**117.1** — *Louvai-o*, que significa falai bem dele, é diferente, no original, do primeiro *louvai*, o qual significa exultai, formando um belo paralelo. A palavra hebraica traduzida por *nações* significa, aqui, todos os povos que não os judeus; já a palavra traduzida por *povos* refere-se a grupos populacionais menores de etnia e linguagem em comum.

**117.2** — *Benignidade* se refere à fidelidade de Deus às promessas feitas na aliança com Seu povo. Um motivo pelo qual as nações devem louvar a Deus é Sua bondade para com Israel e para com todos. *Louvai ao Senhor, o aleluia* de

conclusão, é uma exclamação de apropriado triunfo segundo a misericórdia de Deus.

### Salmo 118

O Salmo 118, um salmo de louvor declarativo, é o clímax do grupo de salmos chamados de salmos de Páscoa ou salmos Hallel, por causa da palavra *hallel*, que significa *louvor* em hebraico. *Aleluia* provém desta palavra. Estes salmos provavelmente foram cantados pelo Salvador na véspera de Sua morte. A estrutura do poema é: (1) chamado ao louvor a Deus na comunidade dos redimidos (v. 1-4); (2) firme declaração de confiança no Senhor (v. 5-9); (3) narrativa do socorro divino em tempos de angústia (v. 10-14); (4) louvor ao Senhor por parte dos justos (v. 15-18); (5) declaração do salmista de que entraria pela porta da cidade para louvar ao Senhor (v. 19-21); (6) imagem da pedra angular rejeitada (v. 22-24); (7) Hosanas do povo louvando a Deus (v. 25,26); (7) determinação do salmista em ofertar continuamente seu louvor a Deus (v. 27,28); (8) nova convocação para louvar a Deus (v. 29).

**118.1,2** — A instrução litúrgica *diga agora Israel* aparece ocasionalmente nos Salmos (Sl 124; 129). Este salmo era recitado em antífonas. O refrão louva a misericórdia de Deus: *a sua benignidade é para sempre*.

**118.3-8** — A ideia de *angústia* neste salmo é uma imagem de restrição, constrangimento ou falta de espaço. Mesmo cercado por circunstâncias impossíveis, o crente pode proclamar *o Senhor está comigo e, se assim é, não temerei o que me pode fazer o homem*. Consulte Salmos 56.4,9; 94.17. Se nossa confiança está na força do Senhor, não precisamos temer as represálias de nossos inimigos.

*Confiar nos príncipes*. Embora confiar em outras pessoas possa fazer parte da vida, nossa confiança essencial deve estar apenas no Senhor Deus. Até os governantes mais poderosos são limitados por sua mortalidade (Sl 146.3).

**118.9-11** — O poeta sente-se sozinho e acredita que o mundo inteiro está contra ele. As palavras *as despedacei* são empregadas três vezes nos versículos 10-12; a repetição é em nome da ênfase e da determinação. Embora o salmista esteja

completamente rodeado de inimigos, sabe que Deus o ajudará a triunfar sobre eles.

**118.12-14** — *Com força me impeliste*. Traduzida literalmente, a expressão em hebraico significa *me empurraste com força para me fazeres cair. Mas o Senhor me ajudou*. Compare com as palavras de Paulo em 2 Timóteo 4.17,18. O socorro vem sempre de Deus. O Senhor é não só nosso auxílio, como nossa *força* e nosso *cântico*. Estas palavras são uma citação do cântico de Moisés (Êx 15.2); são citadas também em Isaías 12.2. O Deus que libertou os israelitas dividindo as águas do mar Vermelho está pronto a livrar o salmista dos seus problemas.

**118.15-17** — *Voz de júbilo*. O salmista convoca o povo de Deus para acompanhá-lo em seu louvor, exatamente como nos dias do êxodo do Egito. O mote da redenção, *a destra do Senhor*, é outra citação do cântico de Moisés (Êx 15.6). Ilustra o uso que Deus faz de sua força infinita para ajudar o salmista. *Não morrerei*. O poeta descreve uma situação de morte próxima, como em Salmos 16.9-11.

**118.18-21** — *Abri-me as portas*. O poeta toma emprestado os termos e imagens do Salmo 24. Há apenas um que pode adentrar as portas quando bem entender — o supremo Rei da glória.

*Porta do Senhor*. É possível que a referência literal seja à porta principal de Jerusalém, a cidade-fortaleza de Deus — ou à porta principal do templo. Jesus declarou ser Ele a *porta* que conduz as ovelhas ao aprisco seguro da salvação.

**118.22** — O Salvador é aqui representado por uma *pedra* rejeitada que, depois, é usada como a pedra mais importante de todas, a *cabeça de esquina*. Esta forte imagem ilustra o fato de Jesus ter sido renegado por tanta gente (Is 53.3; Mc 8.31; Lc 9.22; 17.25). Jesus se aprofunda neste versículo profético na parábola conhecida como dos lavradores malvados, em que há rejeição, incluindo o assassinato, do filho do dono da vinha — referência ao único Filho de Deus (Mc 12.1-12). O Filho de Deus foi rejeitado, morto, mas depois ressuscitado e alçado à mão direita do Pai (At 7.56). Só Deus poderia realizar feito tão maravilhoso e inesperado. A cruz, símbolo da rejeição do mundo a Jesus, tornou-se o símbolo de nossa redenção (1 Co 1.18; Hb 12.2).

**118.23-26** — A palavra *salva* em hebraico nos soa mais familiar na transliteração *hosana*. Esta palavra é uma exaltação a Deus tão importante que, se as crianças não a tivessem gritado (Mt 21.16) quando Jesus entrou em Jerusalém, até as pedras do chão, segundo Ele, teriam feito isso (Lc 19.40). As palavras *bendito aquele que vem* são as que o povo usou para bendizer Jesus quando ele entrou em Jerusalém (Mt 21.9; Mc 11.9; Lc 19.38). Como Filho unigênito de Deus, Jesus é aquele que vem *em nome do Senhor*; é Ele quem revela Deus Pai (Jo 14.8-11).

**118.27** — *Deus é o Senhor*. É possível (e a realização da profecia praticamente se baseia nisso) que as palavras deste versículo tenham sido cantadas pelos discípulos à mesa com o Senhor. Eles teriam afirmado que Deus é seu Salvador e que Ele enviou Sua Luz (que é Jesus). Em sua invocação para que o sacrifício fosse realizado, teriam profetizado o que aconteceria logo a seguir e que trouxe a sua e a nossa salvação.

**118.28** — *Tu és o meu Deus*. Se as palavras do versículo 27 foram recitadas em um hino pelos discípulos, foram-no também pelo Salvador. Ele estava prestes a sair do santuário de celebração do *Seder* da Páscoa, no Cenáculo. Iria passar por Cedrom, subir ao monte das Oliveiras, orar no Getsêmane e depois confrontar-se face a face com Seus inimigos, no poder de Deus.

**118.29** — As palavras de encerramento convocam a comunidade a terminar o salmo conforme o começara (v. 1) — louvando a benignidade e o amor do Deus Altíssimo.

### Salmo 119

O *Salmo 119*, um salmo de sabedoria, é o cântico principal sobre a Torá (Sl 19). Celebra a Palavra de Deus quase exaustivamente. Este longo poema é todo em acróstico. Para cada uma das 22 consoantes do alfabeto hebraico, há oito versículos começados, no original, pela letra em questão. No salmo, oito palavras que significam lei de Deus aparecem várias vezes: lei; testemunho; preceitos; mandamentos; estatutos; caminho; juízo; palavra. O salmo emprega o sentido integral dessas palavras, ao mesmo tempo que se aprofun-

da na aplicação da lei de Deus tanto para a vida cotidiana como para o destino de Israel. A lei é específica e genérica, diretiva e restritiva, libertadora e generosa, bondosa e solene — é tão complexa quanto o Senhor que a criou. A lei nunca é considerada uma maldição; é sempre vista como dádiva de Deus. O efeito cumulativo dessa extensa celebração à Palavra de Deus é impressionante: o salmista não consegue parar de louvar a Deus por Sua misericórdia e benignidade em prover Seu povo com instruções para viver.

**119.1-8** — *Então não ficaria confundido*. Depois da transgressão, a pessoa sempre se sente confusa. Para escapar disso, temos de obedecer de maneira vigilante e rigorosamente à Palavra de Deus.

**119.9** — *Como purificará o mancebo o seu caminho?* A palavra traduzida por *caminho* (hb. *orach*) significa uma trilha, um sulco, tais como os que são deixados pelas rodas de uma carroça. O pecador jovem não trilhou caminhos usados, mas transgrediu várias vezes da mesma maneira, criando um sulco de pecados. Como escapará, como limpará seu caminho?

*Observando-o conforme a tua palavra*. Observar a Palavra de Deus leva a uma vida reta. Ignorar a Palavra de Deus leva a um caminho pervertido.

**119.10,11** — *De todo o meu coração*. Como o salmista buscou a bênção de Deus sincera e verdadeiramente, obedecendo à Sua Palavra, ele ora para que Deus não permita que se desvie acidental ou deliberadamente de Seus mandamentos.

**119.12-16** — *Alegrar-me-ei nos teus estatutos*. O salmista tem tomado mais prazer nas doutrinas da Palavra de Deus que ele tem nas riquezas do mundo. Vou meditar sobre seus preceitos. O que nós colocamos em nossos corações e em que temos meditar incessantemente nunca será esquecido.

**119.17-20** — *Sou peregrino na terra*. Já que não é nativo desta terra, ele está só de passagem; precisa então do mapa dos mandamentos de Deus para encontrar o caminho de volta ao seu lar, junto a Deus.

**119.21-24** — À medida que trilhava seu caminho na vida, o salmista foi difamado até pelos reis e chefes deste mundo. Mas não deu atenção às calúnias e farpas direcionadas a ele. Encontrou consolo e alívio ao meditar na Palavra de Deus.

*Também os teus testemunhos são o meu prazer.* Quando o mundo ia para determinada direção, o salmista tomava outro rumo, consolado pela Palavra.

**119.25-29** — *A minha alma está pegada ao pó.* Deprimido, o salmista reconhece que sua alma entrou em estado de angústia, como se já estivesse morto e enterrado. Ler, meditar e obedecer à Palavra de Deus lhe devolveria vida e saúde de novo.

**119.30-32** — *Escolhi o caminho da verdade.* O salmista se compara com os que escolheram o caminho da mentira (v. 29). Tendo escolhido o caminho da verdade, teve de se agarrar e aderir fortemente aos testemunhos de Deus. Assim, ele ora *ó Senhor, não me confundas.*

**119.33-40** — *Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos teus estatutos.* Se há um tema subjacente a este salmo, é este, com certeza. O salmista está certo de que, ensinando-lhe o Senhor Sua lei, irá observá-la *de todo o coração.*

**119.41-48** — Deus declarou que concederia mercê e salvação a todos os Seus servos fiéis (Dt 28.1-13). De posse desta promessa, o salmista ganhou confiança de ser capaz de *responder ao que o afronta.* Ainda assim, reconhece que era Deus em pessoa quem colocaria a palavra verdadeira em sua boca e, deste modo, ora a Deus para que não a retire dele quando afrontado. A bondade e a misericórdia de Deus, demonstradas pela resposta às orações, foram suficientes para que o salmista decidisse: *observarei de contínuo a tua lei.*

**119.49-52** — *Lembra-te da palavra dada ao teu servo.* Assim, pede que Yahweh lembre de Suas promessas de fidelidade, bem como dos princípios originais do governo de Deus. É a

Palavra de Deus, enfim, que lhe dá *consolação para a angústia.* Embora os *soberbos* tenham rido dele zombeteiramente, não *se desviou da lei de Deus.* Tendo nela encontrado consolo, sabia o salmista não haver motivo algum para abandonar a lei mesmo se ridicularizado.

**119.53-69** — A palavra *indignação* significa uma tempestade cáustica ou tempestade do deserto. Aqui, significa a angústia mental que acometeu o salmista ao constatar o destino dos ímpios que renegam a lei.

*De noite, me lembrei do teu nome, ó Senhor.* Àquele que se deleita em seguir a lei de Deus, Deus dará mais virtude para segui-la. Toda época é propícia a voltar-se para Deus e meditar em Seu nome. Somente Deus poderá acalmar a angústia provocada pela visão dos horrores que aguardam os que abandonam a lei de Deus.

**119.70-72** — *Engrossa-se-lhes o coração como gordura.* Se assim querem, que o Senhor então mantenha seus adversários insensíveis às coisas espirituais. O salmista está convicto de que *melhor é para mim a lei de tua boca do que [...] ouro ou prata.*

**119.73,74** — *Para que aprenda os teus mandamentos.* Ele reconhece que obteve sua existência de Deus. Pondera que, como Deus foi seu Criador, também será seu melhor orientador.

**119.75-80** — Perfeitamente consciente de que os juízos de Deus são justos, o salmista reconhece que é com estes mesmos juízos que *em tua fidelidade me afligiste.* Após tanta tribulação que sofreu, sente necessidade da consolação divina. *Sirva, pois, a tua benignidade para consolar.*

**119.81** — *Desfaleceu a minha alma esperando por tua salvação.* O salmista está certo de que, não



## APLICAÇÃO

### MOSTRAR O CAMINHO

Na época do Antigo Testamento, o povo usava lamparina, ou seja, lâmpada manual e rústica, para obter luz artificial. Era feita geralmente de uma vasilha de cerâmica, com um bico, que continha um pavio. O pavio era colocado pelo bico até mergulhar em azeite, que ficava dentro da vasilha, e então se acendia.

A luz produzida não era brilhante, mas necessária e suficiente para a pessoa poder encontrar e trilhar o caminho certo. No Salmo 119.105, o escritor compara a Palavra de Deus a uma lâmpada. A luz que ela emite não visa ao propósito de cegar ninguém com um brilho intenso, mas vulgar; antes, simplesmente indicar com clareza e segurança o caminho reto a seguir.

obstante as circunstâncias que fazem sua alma (mas não seu corpo) desfalecer, há de continuar depositando sua confiança na Palavra de Deus.

**119.82,83** — *Como odre na fumaça*. Esta imagem é extremamente vívida. No antigo Oriente Médio, os odres eram geralmente feitos de peles de animais e cobertos de poeira e fumaça. Eram feios. Eis uma imagem pungente do estado espiritual em que se sente o salmista. Esperou pelo socorro do Senhor e, espiritualmente, ficou seco por causa da pressão que lhe foi aplicada.

**119.84-89** — *A tua palavra permanece no céu*. Por ter Autor perfeito, inscrição precisa e morada celestial permanente, a Palavra de Deus é insuperável, inegável e imutável.

**119.89-96** — *Os ímpios me esperam para me destruírem*. Todavia, não cabe mais buscar a salvação novamente, e, sim, *atentar para os teus testemunhos*. Quando confiamos na promessa da Palavra e temos fé permanente na providência de Sua graça, estamos testemunhando da nossa salvação pela graça de Deus no fato de que *a tua palavra permanece no céu* (v. 89).

**119.97-104** — O intuito celestial da Palavra de Deus não é de confundir, camuflar nem encobrir o cerne de verdade, mas, sim, inteiramente revelá-la.

**119.105-112** — *Aborreço a duplicidade*. Simplesmente não gostar do mal não é o suficiente para o homem de Deus. Ele abomina o mal sob todas as formas e intensidades. Esta rejeição ao mal faz que o salmista diga: *apartai-vos de mim, malfeitores*. Não existe amizade nem comunhão possível entre a escuridão e a luz.

**119.113-122** — *Fica por fiador do teu servo para o bem*. A palavra *fiador* (hb. *arab*) significa o garantidor de um propósito que se pretenda alcançar.

**119.123-130** — É a *exposição* (literalmente, *abertura*), ou seja, a revelação ou descoberta, das palavras de Deus o que ilumina a alma sem luz. O que a mente humana não pode compreender por si só é compreendido com a ajuda do Espírito de Deus.

**119.131-133** — A palavra *ordena* (hb. *kun*) significa firma, organiza, coloca em ordem. Se não

queremos que nenhuma iniquidade nos domine, nossos passos deverão ser guiados pela Palavra de Deus.

**119.134-144** — Embora a aflição e a angústia tenham se apoderado do salmista, ele ainda assim tinha prazer em cumprir as ordens de Deus, porque *a justiça dos teus testemunhos é eterna*. Sua oração simples a Deus é que *Yahweh lhe* possa conceder a total compreensão, assim como a profundidade, a amplitude e a absoluta excelência de Seus mandamentos.

**119.145-149** — Sua oração foi tão intensa que ele confessa: *antecipei-me à alva da manhã*. Antes que a luz irrompesse em meio às trevas da noite, o salmista já estava rogando ao Senhor.

*Os meus olhos se anteciparam às vigílias da noite*. Os judeus, tais como os gregos e os romanos, dividiam a noite em vigílias militares, em vez de horas. Além da poderosa oração do salmista, ele meditava na Palavra de Deus. A oração e a leitura da Palavra precediam o romper do dia, desde as vigílias da noite. O segredo para agradar a Deus é dar atenção prioritária às coisas dele.

**119.150-162** — O salmista era capaz de se alegrar na Palavra de Deus *como aquele que acha um grande despojo*. As riquezas da Palavra de Deus só chegam àqueles que se disciplinam para lutar contra os inimigos da leitura da Palavra de Deus — tempo apressado, apatia, irregularidade.

**119.163-176** — *Tenho esperado na tua salvação*. Era um prazer para o salmista meditar na lei de Deus por confiar em Sua libertação. Sua alma revivificava-se no Espírito de Deus, e tinha como prazer e responsabilidade louvar diariamente ao Senhor. *Como a ovelha perdida*. Trata-se de uma figura comum nas Escrituras. A ovelha perdida jamais encontra sozinha o caminho de volta. Tendo admitido, assim, sua devassidão e pecado, a oração final do salmista ao seu Pastor é para que Este busque a ovelha perdida: *busca o teu servo*. Assim, termina seu salmo com um tom de dependência da graça de Deus.

### *Salmo 120*

O Salmo 120 é o primeiro de uma série de salmos chamados Cânticos dos Degraus (Sl



## ENTENDENDO MELHOR

### MESIQUE E QUEDAR

Lamentando o fato de que estava aparentemente cercado por povos guerreiros, o salmista comparou seus vizinhos a duas tribos famosas por seus modos ferozes e bélicos — os povos de Meseque e Quedar (Sl 120.5).

Supunha-se que os mesequitas fossem descendentes de Meseque, neto de Noé e filho de Jafé (Gn 10.2; 1 Cr 1.5). Dizia-se que eram vendedores de escravos e cobre (Ez 27.13). Eles podem ter invadido o Oriente Médio vindos do norte. Associados, muitas vezes, à tribo de Tubal, eram negativamente famosos por sua violência (Sl 32.26).

A tribo de Quedar, cujo nome pode significar escuro ou trigueiro, era constituída de ismaelitas (Gn 25.13; 1 Cr 1.29). Nômades do deserto a leste de Israel, eles controlavam as rotas das caravanas entre a Palestina e o Egito, cuidavam de grandes rebanhos (Is 60.7) e, dizia-se, moravam em tendas negras. Um dos inimigos de Neemias pode ter sido um rei de Quedar.

120—134). Este grupo de hinos provavelmente era usado pelos peregrinos que caminhavam até Jerusalém para louvar ao Senhor durante os três festivais anuais — Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (Lv 23). Enquanto as famílias peregrinavam com dificuldade até a Cidade Santa para louvar nas festas, cantavam estes salmos para se animar. Também é possível que, ao chegarem a Jerusalém, entoassem esses cânticos de novo ao se aproximar do templo, reafirmando assim a bênção recebida de haver chegado ali. O Salmo 120, um salmo de lamentação, concentra-se nas mentiras dos ímpios que afetam os justos. A estrutura do salmo é: (1) relato de salvação e oração por ajuda (v. 1, 2); (2) desafio ao adversário, que ataca com mentiras (v. 3,4); (3) lamentação pela qualidade da vida em ambiente hostil (v. 5-7).

**120.1-3** — *Lábios mentirosos*. No contexto destes salmos, os lábios mentirosos pertencem àqueles que atacam os crentes por sua fé no Senhor (Sl 40.4).

*Língua enganadora*. Como no Salmo 12, o poeta está angustiado pelo aparente poder das palavras dos perversos.

**120.5-7** — Esta parte do salmo revela a intensidade da angústia do salmista — *ai de mim*. Seu ambiente era hostil até à sua fé.

*Meseque e Quedar* são exemplos de povos pagãos entre os quais o salmista tinha de viver.

*Pacífico sou*. Isto pode ter sido motivo para peregrinação sua a Jerusalém. Em Sião, estaria em paz entre o povo de Deus; ouviria palavras

sábias e sinceras; no templo, poderia orar e louvar para obter a desejada paz de Deus (Sl 122.6; 125.5; 128.6).

### *Salmo 121*

O *Salmo 121*, um salmo de fé (Sl 23), é o segundo Cântico dos Degraus. O Salmo 120 prepara terreno para a jornada de israelitas até a Cidade Santa; este poema é uma canção de viagem. O salmo também pode ter sido criado para ser uma antífona, como os Salmos 118; 124; 129; 134; 135; 136. A estrutura do poema é: (1) afirmação de que a ajuda vem sempre de Deus (v. 1,2); (2) palavra de louvor ao Senhor, que nunca dorme (v. 3,4); (3) palavra de louvor a Deus, que ampara o Seu povo (v. 5,6); (4) afirmação de que Deus protege Seu povo durante as jornadas (v. 7,8).

**121.1,2** — As palavras *elevo os meus olhos* representam dramaticamente o viajante que se aproxima de Jerusalém. Ao primeiro sinal das muralhas da cidade e do templo, o cantor pergunta retoricamente onde encontrará ajuda. A resposta é a poderosa afirmativa: *o meu socorro vem do Senhor*.

**121.3-7** — *Não deixará*. É possível que várias seções deste breve poema fossem recitadas vezes sem conta por pequenos grupos de peregrinos; há uma característica antífona nestes versículos (também no Salmo 124).

*Não tosquenejará*. Na longa jornada até Jerusalém, as pessoas tinham de parar e dormir, momentos em que seriam, de todo modo, veladas por

Deus. A linguagem de confiança deste salmo indica que trata da fé do salmista no Deus vivo, seu Protetor. A expressão *nem a lua* indica que em nenhum momento Deus está de folga. O Guardador de Israel está sempre presente.

**121.8** — *Desde agora e para sempre.* O poema conclui com o que parece ser uma antífona às palavras dos versículos 6 e 7, com uma nova afirmação nesta vida e na vindoura (Sl 23.6).

### Salmo 122

O *Salmo 122*, um salmo de Sião, é o terceiro Cântico dos Degraus. Este poema descreve a alegria do peregrino ao chegar a Jerusalém para louvar a Deus. É atribuído a Davi (também os Salmos 124; 131; 133). Seu desenvolvimento é o seguinte: (1) descrição da alegria do peregrino ao se aproximar de Jerusalém (v. 1,2); (2) descrição da beleza de Jerusalém (v. 3-5); (3) oração pela paz de Jerusalém (v. 6-9).

**122.1** — *Alegrei-me.* O verbo hebraico para riso e deleite é empregado aqui para descrever a atitude do peregrino que chega a Jerusalém para adorar ao Senhor. O júbilo do peregrino neste salmo contrasta fortemente com a tristeza daqueles que não podem adorar a Deus por causa do exílio, pessoal (Sl 42.1-3) ou nacional (Sl 137.1-3).

**122.2** — *Dentro das tuas portas.* Há um entusiasmo puro, quase infantil, nestas palavras; uma

sensação quase irreal permeia o salmo (veja também a alegria da descoberta em Sl 48.12-14).

**122.3** — O visitante fica abismado não só com as grandes construções de *Jerusalém*, como também pelo fato de que a cidade era o lugar ideal para adorar a Deus.

**122.4** — *Onde sobem as tribos.* Isto se refere às três festas anuais do antigo Israel (Lv 23), bem como a qualquer época em que o indivíduo ou a família precisasse louvar ao Senhor na Cidade Santa.

O *testemunho de Israel* pode estar se referindo à arca da aliança (Êx 16.34).

*Darem graças* significa fazerem declaração pública ou reconhecerem publicamente (Sl 105.1). O povo de Deus a Ele louvava por Sua bondade para com a sua vida. Seu louvor em voz alta acompanhava a oferta de animais, cereais, vinho e azeite.

**122.5** — *Tronos.* Jerusalém era não só o centro da adoração, mas também o local onde se realizavam os julgamentos e decisões civis. As questões religiosas e civis estavam fortemente entrelaçadas na lei de Deus.

**122.6-9** — *Paz de Jerusalém.* Enquanto orava pelo bem da cidade, o povo recebia da graça de Deus. É desejo de Deus que Sua cidade se mantenha em paz (Sl 125.5; 128.6). A paz final e verdadeira só virá, porém, quando o Príncipe da Paz vier para estabelecer o Seu reino (Sl 98).



## APLICAÇÃO

### BUSCANDO O BEM DE TODOS

O Salmo 122 é mais um cântico de louvor sob o tema do monte Sião, local do templo em Jerusalém. As peregrinações até a casa do Senhor eram um dever não só regular dos israelitas, mas sobretudo em ocasiões festivas. A caminhada via portais da cidade e monte acima, até chegar ao templo, constituía motivo de alegria espiritual e criava fortes laços de amizade e comunitários.

Um dos momentos que mais define este louvor era uma oração feita pela paz e prosperidade de Jerusalém (Sl 122.6-9), verdadeira intercessão por todos os que atuavam na vida da Cidade Santa. Era, em essência, um pedido de bênção divina sobre aqueles que tomavam parte nas decisões no governo e na execução de suas políticas e programas.

A preocupação dos peregrinos com Jerusalém, todavia, não terminava nessa oração. Juravam também buscar o bem da cidade (Sl 122.9). Sugere-se, assim, que os crentes de hoje devam orar e trabalhar pelo bem de suas próprias cidades e comunidades, de modo que beneficie todos aqueles que participam das atividades que visam à paz e à prosperidade coletivas. Ao desejar e buscar promover, para a sua cidade ou país, *paz dentro dos teus muros, e prosperidade dentro dos teus palácios* (Sl 122.7), o atual povo de Deus cumpre o incentivo de Paulo para que  *façamos bem a todos, mas principalmente [ou seja, não somente] aos domésticos da fé* (Gl 6.10).

*Por causa da casa.* A determinação do peregrino de buscar a Deus em Jerusalém é somente porque ali era o centro da adoração ao Senhor e local que Deus escolhera para Si (1 Rs 11.36).

### Salmo 123

O *Salmo 123* é um salmo de lamentação individual. É o quarto Cântico dos Degraus. Este breve poema possui duas partes: (1) afirmativa de que os olhos do povo estão fixos no Senhor (v. 1,2); (2) petição ao Senhor para que dirija Sua atenção a Seu povo (v. 3,4).

**123.1,2** — *Que habitas nos céus.* O templo era considerado a morada de Deus (Sl 132.5,13,14); contudo, os israelitas também sabiam que Aquele que criara os céus não habitava prédios construídos por mãos humanas (Sl 113.4-6).

*Como os olhos.* O bom servo fixa os olhos em seu senhor; da mesma forma, nossos olhos devem se prender a Deus. Quanto mais olharmos para o Senhor, mais nos tornamos como Ele (2 Co 3.18). Sem nos distrairmos tanto com as demais coisas deste mundo, ganharemos a corrida da vida (Hb 12.1,2).

**123.3,4** — As pessoas que oravam pela *piada* de Deus eram obrigadas a enfrentar o *desprezo* de seus vizinhos. Talvez estivessem ouvindo zombarias por causa de sua fé inabalável em Deus em uma época em que Ele parecia não estar respondendo às suas preces.

### Salmo 124

O *Salmo 124*, um salmo de louvor declarativo, é um dos quatro Cânticos dos Degraus atribuídos a Davi (Sl 122; 131; 133). Este salmo provavelmente foi criado para ser lido em voz alta como antifona (Sl 118.1-4; compare com Sl 121; 129; 134; 135; 136). A estrutura do poema é a seguinte: (1) conclamação para que as pessoas reconheçam a ajuda de Deus (v. 1-5); (2) exaltação ao Senhor por Sua ajuda (v. 6-8).

**124.1,2** — O *Senhor, que esteve ao nosso lado* amplifica o sentido do nome divino de Deus (Êx 3.14,15). Os termos do texto em hebraico são mais dramáticos ainda: o Senhor estava conosco. Os sacerdotes podem ter proferido as palavras

*ora, diga Israel* para animar o povo a recapitular sua história nacional em voz alta (Sl 129).

**124.3** — *Nos teriam engolido vivos.* O poeta fala de seus inimigos primeiro como feras famintas, depois como águas turbulentas; mas Deus os derrotou a todos.

**124.4,5** — *Águas.* Como em outros salmos, a referência a águas furiosas tem duas fontes — a história da criação e os mitos cananeus, segundo os quais deuses malévolos seriam divindades marinhas (Sl 93).

**124.6,7** — *Bendito seja o Senhor.* Bendizer a Deus significa identificá-Lo como fonte de nossas bênçãos (Sl 103.2).

*Por presa.* A imagem animalesca dos inimigos (v. 3) prossegue neste louvor a Deus. A imagem de um *pássaro indefeso* que escapou de uma armadilha é frequente nos Salmos (Sl 11.1-3).

**124.8** — *O nosso socorro está em o nome.* A importância do nome de Deus, *Yahweh*, é reafirmada em vários pontos dos Salmos. É em Seu nome que Deus revela que Ele está com Seu povo (mensagem do v. 1). As palavras *que fez o céu e a terra* se parecem com os termos de Salmos 121.2; 134.3. Estas expressões litúrgicas eram provavelmente recitadas pela comunidade durante sua viagem para Jerusalém e, quando lá chegava, cantadas na adoração comunal.

### Salmo 125

O *Salmo 125*, um salmo de fé (Sl 23), é também um cântico de Sião. Este poema anônimo é o sexto Cântico dos Degraus. A estrutura do poema é a seguinte: (1) celebração da proteção de Deus sobre os justos (v. 1,2); (2) declaração de que o poder dos ímpios não durará (v. 3); (3) oração pelos retos (v. 4); (4) maldição contra os perversos e convocação à paz em Israel (v. 5).

**125.1,2** — Conforme em outros cânticos de Sião (Sl 48), há uma forte crença na invencibilidade da cidade de Jerusalém devido à escolha do *monte Sião* pelo Senhor (1 Rs 11.36). Da mesma forma, o salmista declara que aqueles que confiam no Senhor irão perdurar.

*Como estão os montes à roda de Jerusalém.* Jerusalém está assentada em um dos sete cumes de





## EM FOCO

## PIEIDADE (HB. CHANAN)

(Sl 102.14; 123.2; Êx 33.19; Is 26.10)

Este termo pode significar um ato de bondade para com um necessitado, de uma pessoa em situação melhor. Os escritores de literatura de sabedoria frequentemente elogiam demonstrações de piedade para com os necessitados (Sl 112.5; Pv 14.21,31; 28.8). Mas boa parte das menções à piedade na Bíblia tem Deus como seu agente direto. As Escrituras registram a busca pela piedade de Deus em diversas ocasiões, muitas vezes empregando a expressão familiar dos salmos de lamentação: *Tem misericórdia de mim* (Sl 4.1; 6.2; 25.16; 51.1; 86.16). Deus demonstra Sua benignidade de muitas formas, inclusive pela preservação do perigo, concessão de família e de bens e comunicação da lei divina (Sl 119.29, 124; Gn 33.5,11; 1 Rs 13.23).

montanha da região. As montanhas proporcionam certa proteção à cidade, porque todo exército invasor tem de marchar por terrenos montanhosos áridos e perigosos para ali chegar. Mas a verdadeira proteção para a cidade provém do Senhor.

**125.3** — O *cetno da impiedade* é símbolo do poder do mal. Este versículo recorda a promessa do Senhor de que os portões do inferno não prevalecerão contra a Sua igreja (Mt 16.18). Desta forma, Deus, em Sua misericórdia, protege Seu povo de ter parte com o mal.

**125.4** — *Faze bem*. É isso o que esperamos que Deus faça aos que são Seus; de nós, Ele espera obediência e retidão (Sl 51.18).

**125.5** — A expressão *os que obram a maldade* é muito encontrada nos salmos de sabedoria (Sl 14.4); o Senhor se oporá àqueles que fazem o mal.

*Paz*. O salmo encerra com uma oração para que a paz de Deus envolva Seu povo. A mesma prece fecha o Salmo 128; pode ser uma versão abreviada da bênção sacerdotal presente em Números 6.24,25.

### Salmo 126

O *Salmo 126*, um cântico de Sião, é o sétimo Cântico dos Degraus. Foi composto na época da restauração de Jerusalém, após o cativeiro na

Babilônia (compare com o Sl 137). Seu clima é de alegria ímpar, depois das tristezas de um longo exílio. Eis sua estrutura: (1) descrição do retorno do cativeiro (v. 1-3); (2) oração para que Deus conclua esse retorno (v. 4); (3) comparação da volta do cativeiro com uma colheita adiada muitas vezes (v. 5,6).

**126.1-3** — O retorno do *cativeiro* babilônico havia sido ansiado por tanto tempo que parecia um sonho àqueles que voltavam. Alguns haviam esperado a vida inteira. A alegria do povo era incontida; não parava mais de louvar a Deus. O clima era de riso e alegria, de deleite na salvação de Deus (Is 12).

**126.4** — As pessoas que voltavam eram uma pequena porcentagem das que tinham sido exiladas. *Faze-nos regressar* é o começo da oração para que Deus acabasse de libertá-los e lhes devolvesse a terra. Profeticamente, no entanto, trata-se de uma oração pela vinda de Jesus, que concluirá a obra de Deus em meio ao Seu povo.

**126.5,6** — O povo de Judá havia ido para Babilônia em *lágrimas*. Mas sua tristeza rendeu recompensas tremendas; o Senhor veio resgatar mais uma vez Seu povo (Sl 34.18; Is 66.2; Mt 5.4) e, ao retornarem a Judá e Jerusalém, estavam colhendo uma safra de pura alegria.

### Salmo 127

O *Salmo 127*, salmo de sabedoria e oitavo Cântico dos Degraus, é um dos dois salmos atribuídos a Salomão (o outro é o Sl 72). O poema está assim formulado: (1) exortação sobre a inutilidade de esforço sem ajuda do Senhor (v. 1,2); (2) celebração do valor do esforço em que o Senhor seja glorificado (v. 3-5).

**127.1,2** — Com as palavras *se o Senhor não edificar*, o salmista nos assevera que a vida longe de Deus não vale a pena. Esta ideia, o salmo compartilha com o livro de Eclesiastes. A construção de uma casa é inútil se o Senhor não estiver participando. A expressão *o pão de dores* capta a essência das pessoas com vida afastada do Senhor. Até a comida, que as deveria nutrir, para poderem viver e ter gosto nisso, só faz mantê-las no mesmo estado infeliz.

**127.3-5** — *Os filhos são herança.* Os filhos são dádivas de Deus (Sl 128.3).

*Como flechas.* Na Antiguidade, ter muitos filhos era sinal de força. Isto era mais verdadeiro ainda na economia agrícola, pois a ajuda da prole aumentava a produtividade do fazendeiro. A *aljava* cheia é aqui, assim, um símbolo de bênção divina. E ter bênção no lar dava à pessoa e à família motivo de orgulho junto à comunidade. A *porta* era o local onde os anciãos da cidade se reuniam e os cidadãos se encontravam, para tratar de negócios e dos mais diversos assuntos (Rt 4.1-12).

### Salmo 128

O *Salmo 128*, um salmo de sabedoria, é um salmo de Sião. Como o *Salmo 127*, trata das bênçãos de Deus ao lar e à família. As festas do antigo Israel eram celebrações de cunho familiar. Em sua ida à Cidade Santa para participar das festas, as famílias iam encontrando outras e mutuamente celebravam a benignidade de Deus em sua vida. O *Salmo 128* é o nono Cântico dos Degraus. Assim está estruturado: (1) bênção aos justos (v. 1); (2) descrição da bênção (v. 2-4); (3) oração pela bênção (v. 5); (4) bênção à comunidade (v. 6).

**128.1** — A palavra *bem-aventurado* descreve a felicidade daqueles que confiam no Senhor e fazem a Sua vontade (Sl 127.5).

*Que teme ao Senhor.* O temor a Deus é uma postura de assombro, respeito, reverência e admiração. É a única reação cabível ante os maravilhosos atos do nosso Criador e Redentor.

**128.2,3** — *Trabalho das tuas mãos.* Há uma recompensa no trabalho e uma satisfação em trabalhar que é uma bênção de Deus (Ec 3.9-13).

*A tua mulher.* O salmo enfoca o homem justo do antigo Israel. Ter filhos era sinal da bênção de Deus à esposa. Seus filhos eram vistos como elementos essenciais à vida, como, por exemplo, as *plantas de oliveira* em seu lar (Sl 127.3-5). Naquele tempo, *mais crianças* queria dizer mais gente para trabalhar nos campos, o que poderia aumentar o bem-estar geral da família.

**128.4-6** — *O Senhor te abençoará.* Esta é a oração do salmista pelo homem que deseja para

sua própria família as bênçãos estipuladas no salmo.

*Filhos de teus filhos.* Esta oração sacerdotal pela bênção contém um desejo de longevidade e de uma posteridade feliz sobre a terra. Só quando Deus concede Sua *paz* ao Seu povo é que as condições ideais da vida familiar são alcançadas. Assim, quem orar pela bênção de Deus sobre uma família também estará pedindo a bênção da paz de Deus sobre toda a comunidade (Sl 122.6-9; 125.5).

### Salmo 129

O *Salmo 129*, um salmo de fé (Sl 23), tem suas raízes nos salmos de lamentação, porque estes contêm uma parte que proclama a fé em Deus. O salmo possui uma feição de antífona, com réplicas e tréplicas (compare com Sl 118.1-4; 124.1-5). Trata-se do décimo Cântico dos Degraus. Sua estrutura é a seguinte: (1) rememoração das aflições de Israel (v. 1-3); (2) afirmação da vitória de Deus (v. 4); (3) condenação dos ímpios que afligiram Israel (v. 5-8).

**129.1-4** — *Muitas vezes.* O salmo começa com uma liturgia do sofrimento, enquanto o povo de Deus reconhece que sua história na terra foi repleta de ataques por parte de outros povos. Com as palavras *diga agora Israel*, o sacerdote conclama o povo a recapitular sua história em voz alta (Sl 124.1).

*Os lavradores araram.* Esta imagem do tratamento brutal que haviam sofrido era mais vívida ainda no ambiente rural. Todavia, até mesmo em meio às circunstâncias mais duras, o Senhor era *justo*. Continuava fiel às Suas promessas ao Seu povo e batalhava por ele.

**129.5-8** — *Os que aborrecem a Sião.* Começa aqui uma imprecação aos inimigos de Jerusalém.

*Confundidos.* É o fim desejado aos ímpios (Sl 35.26). Não é apenas o desejo de que sintam vergonha, mas que sejam completamente humilhados perante o Senhor.

*Como a erva dos telhados.* Costumava-se colocar terra nos telhados. Depois de uma chuva de primavera, poderia crescer grama no topo das casas; mas não florescia, logo murchava sob o sol

de verão. A maldição é de que os inimigos pereçam tão rapidamente quanto a grama no telhado.

### Salmo 130

O *Salmo 130* é um salmo penitencial. O fato de estar localizado após um salmo imprecatório (Sl 129) não é por acaso. Afinal, a pessoa poderia se alegrar tanto com a destruição do perverso a ponto de esquecer-se de como está seu coração diante de Deus. Este salmo é o décimo primeiro Cântico dos Degraus. Sua estrutura é a seguinte: (1) clamor pela piedade de Deus (v. 1,2); (2) reconhecimento do perdão de Deus (v. 3,4); (3) expectativa do perdão de Deus (v. 5,6); (4) clamor pela misericórdia de Deus para todos (v. 7,8).

**130.1,2** — O poeta clama a Deus *das profundezas* de seu desespero (Sl 32; 51). Neste caso, não eram os inimigos que atribulavam sua vida (Sl 129.3), mas a culpa pelo próprio pecado é que lhe corroía o íntimo.

**130.3,4** — Deus não *observa* nem marca nossos pecados. Por meio do sistema de sacrifícios e, mais tarde, do sacrifício de Jesus Cristo, Deus fez redimir todos os pecados do Seu povo (Mq 7.19); Ele não mantém registros — tal como um contador faria — dos pecados. Mas não se deve abusar da bondade de Deus em Se dispor a conceder o *perdão* (Rm 6.1,2). O pecador realmente perdoado percebe a grandeza da graça de Deus, é grato pelo sacrifício de Jesus para a remissão dos pecados e vive no temor, ou seja, com reverência, a Deus (Sl 128).

**130.5,6** — *Aguardo* [...] *espero*. Nestes dois versículos, o poeta repete cinco vezes que sua esperança está no Senhor. Trata-se de uma expectativa confiante no Deus que sempre cumpre as Suas promessas.

**130.7,8** — O salmo passa da experiência de um indivíduo para a comunitária. Depois de declarar sua esperança, o salmista anima *Israel* a esperar *no Senhor*. Deus não só é capaz de libertar o indivíduo como a comunidade de crentes que espera nele (Sl 131.1). *Ele remirá*. No Antigo Testamento, a redenção do povo de Deus se refere à libertação de Seu povo da escravidão do Egito e de todos os inimigos nacionais, bem como

o perdão dele para os pecados mediante o sistema de sacrifícios. Mas a redenção final de todo o povo de Deus só iria acontecer com a morte e a ressurreição do Senhor Jesus Cristo (Gl 3.13).

### Salmo 131

O *Salmo 131*, um salmo de fé, é um dos quatro Cânticos dos Degraus atribuídos a Davi (além dos Sl 122; 124; 133). Desenvolve-se do seguinte modo: (1) declaração de humildade (v. 1); (2) retrato da fé (v. 2); (3) clamor por esperança (v. 3).

**131.1** — *O meu coração não se elevou*. Davi se apresenta em genuína humildade, com um sutil equilíbrio entre a autodegradação e a soberba arrogante. Sabemos pela história da vida de Davi que nem sempre ele foi capaz de manter esse equilíbrio. Mas era o que desejava e, às vezes, com a graça de Deus, conseguiu realizar isso em sua vida.

**131.2,3** — *Qual criança desmamada*. A imagem é a de uma criança não mais instável e descontente, mas agora em paz e confiante na mãe, que a criança sabe estar presente a todo instante para confortá-la e atender às suas carências. As palavras *espere Israel no Senhor* lembram Salmos 130.7.

### Salmo 132

O *Salmo 132*, um salmo real, aborda em forma de poesia, como o Salmo 89, o pacto de Deus com Davi (2 Sm 7), no qual Ele lhe prometera uma casa real — o que viria a se cumprir com a vinda do grande Salvador e Rei. É possível que haja sido escrito em um ponto mais adiantado da história de Israel, depois do exílio babilônico. Isso explicaria o rogo do povo a Deus para lembrar-se de Sua aliança com Davi. Sem rei para o trono, tinha o povo um bom motivo para clamar a Deus pedindo-lhe que Se lembrasse de Sua promessa. É o décimo terceiro e o mais longo Cântico dos Degraus, sendo às vezes classificado como salmo messiânico. Sua estrutura é a seguinte: (1) clamor a Deus para que Se lembre de Seu pacto com Davi (v. 1-5); (2) expectativa do cumprimento da promessa (v. 6-9); (3) oração pela vinda do reino de Deus (v. 10); (4) récita da promessa a ser



## EM FOCO

## ALEGREM-SE (HB. RANAN)

(Sl 51.14; 132.9; Is 35.6).

Esta palavra hebraica significa bradar, sendo a grande maioria das referências a brados de alegria ou a cantos alegres e sinceros (Sl 35.27; 59.16; 71.23). O termo é usado duas vezes em mensagens de sabedoria e uma vez para falar da arenga rude de um bêbado (Sl 78.65; Pv 1.20; 8.3). Metade de suas ocorrências está nos Salmos, e cerca de um quarto, em Isaías. Esta palavra é associada a muitos termos relativos a alegria no Antigo Testamento (Sl 32.11; Is 49.13; Zc 2.10). Emprega-se esta palavra para falar de clamores aos céus, aos gentios e, mais frequentemente, ao povo de Deus — seja em conjunto ou individualmente — para que se alegre pelas bênçãos de Deus (Sl 33.11; Dt 32.43; Is 44.23; Zc 2.10). Nossa alegria ruidosa no Senhor deve-se à Sua grandeza e bondade para conosco (Sl 5.11; 145.7; Lv 9.24; Is 12.6).

cumprida (v. 11,12); (5) elaboração do pacto de Deus com Davi (v. 13-18).

**132.1** — Se este salmo foi escrito no período pós-exílico, as palavras *lembra-te, Senhor, de Davi* têm importante significado. Nos anos entre o retorno do povo a Jerusalém e o nascimento de Jesus, teria havido forte desejo por parte dos justos de que o Senhor restaurasse o reinado de Davi, cumprindo Sua promessa.

**132.2-4** — *Poderoso de Jacó* é uma designação rara de Deus. Expressões parecidas ou idênticas só são encontradas em Gênesis 49.24 e Isaías 1.24; 49.26; 60.16.

**132.5** — *Lugar*. Com estas palavras, o poeta recorda o desejo de Davi de construir o templo para o Senhor (2 Sm 7.1,2). A reformulação poética das narrativas das Escrituras é uma arte tradicional em Israel (Jz 4; 5).

**132.6-9** — *Efrata* refere-se à região de Belém (Rt 1.2). O templo de Jerusalém era tido como o *escabelo* de Deus, que habita no céu (Sl 99.5). No contexto deste salmo, o clamor *levanta-te, Senhor* é uma oração para Deus realizar Sua promessa de colocar um grande rei no trono de Davi (v. 1).

**132.10** — *Não faças virar o rosto*. Com base na promessa de Deus a Davi (2 Sm 7), o salmista clama a Deus para que cumpra a Sua palavra e envie o Seu Ungido. É um toque de trombeta pela vinda do Rei Salvador, Jesus.

**132.11,12** — As palavras *o Senhor jurou* são uma reformulação poética das palavras centrais do pacto de Davi em 2 Samuel 7.8-16 (Sl 89.3,4,26-29). A concretização definitiva destas

palavras aconteceu com o advento de Jesus Cristo, o Filho de Davi (Lc 1.32,33; At 2.30).

*Teus filhos*. A promessa a Davi possuía termos específicos sobre as bênçãos que Deus pretendia derramar sobre os filhos leais; sobre como disciplinar Seus filhos desobedientes; sobre a concretização definitiva do pacto quando viesse o aguardado Filho.

**132.13** — Ao escolher a descendência de Davi, Deus escolheu também *Sião* como Sua morada.

**132.14-16** — *Meu repouso*. A decisão de Deus é fazer de Sião Sua morada eterna na terra (hb. *menûhá*, local de descanso). Como essas palavras foram escolhidas a dedo e que condescendência sugerem! O Senhor, que habita os céus (Sl 113.4-6; 123.1), vem ao Seu povo para viver no meio dele (Sf 3.14-17) e abençoar todos os homens e povos com a Sua magnífica presença e salvação (Sl 132.15,16).

**132.17** — Este versículo celebra a promessa de Deus de mandar o Seu *Ungido* (v. 10). As palavras *força* e *lâmpada* referem-se à autoridade e à retidão do Messias (Is 11.1-5).

**132.8** — *Sua coroa*. O reino do Messias permanecerá para sempre (Is 9.7); Seus inimigos não resistirão a Ele.

### Salmo 133

O Salmo 133 é um dos quatro Cânticos dos Degraus atribuídos a Davi (Sl 122; 124; 131). Com ênfase sobre a unidade dos crentes, prenuncia a oração de Jesus em João 17. A estrutura do

salmo é a seguinte: (1) retrato da beleza e da unidade (v. 1); (2) bênção da unidade (v. 2,3).

**133.1,2** — *Oh! Quão bom e quão suave* pode ser reformulado para que grande deleite ou que agradável prazer. Há uma impressão de admiração serena nestas palavras, que descrevem a unidade do povo de Deus.

É como o óleo precioso. Os sacerdotes eram ungidos com azeite fragrante, como símbolo da bênção de Deus sobre seu cargo sagrado (Êx 30.22-33). O salmista imagina azeite em tal quantidade que fluísse da cabeça à barba e à veste de Arão, que representava os sacerdotes de Deus. Quando o povo de Deus vive em união e harmonia, é abençoado por Deus.

**133.3** — *Como o orvalho de Hermom*. Esta grande montanha ao norte de Israel recebia tanta água que parecia fornecer umidade às terras em sua base. Da mesma forma, fluem as bênçãos de Deus para o Seu povo.

A bênção. O intuito de Deus é fazer o bem para o Seu povo, nesta e na próxima vida. O povo de Israel raramente conseguia se unir e obter a bênção que o poema descreve. Em última análise, trata-se de um retrato do reino de Deus. Um dia,

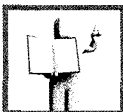
haverá a união espiritual do povo de Deus de que o poema trata.

### *Salmos* 134

O Salmo 134 é o último Cântico dos Degraus. Este salmo provavelmente era lido como poema responsivo de adoração (Sl 118; 121; 124; 129; 135; 136). A formulação deste breve poema se resume em: (1) bênção dos sacerdotes pelo povo (v. 1,2); (2) bênção do povo pelos sacerdotes (v. 3).

**134.1,2** — *Bendizei ao Senhor* é identificai-o como a fonte de toda bênção (Sl 103.2). Neste contexto, os *servos do Senhor* são os sacerdotes de Israel que conduziam seu ministério em tempo integral no templo (Sl 135.1,2). A ideia por trás dessa bênção é de que as pessoas que vieram para adorar estivessem se aprontando a fim de voltar para casa. Tinham vindo para uma grande festa, mas agora tinham de retornar ao seu trabalho e rotina habituais. Os sacerdotes, não; eles continuavam no templo sagrado. Era sua adoração contínua ao Senhor que fazia com que a bênção de Deus continuasse sobre a nação.

*Levantai as vossas mãos*. Uma das posturas fundamentais de oração em tempos bíblicos era



## ENTENDENDO MELHOR

### A VISÃO DA MORTE NO ANTIGO TESTAMENTO

A morte é um dilema universal. Em uma antiga história do Oriente Médio, a *Epopéia de Gilgamesh*, o herói, Gilgamesh, é repentinamente atingido pela dor da morte quando morre seu amigo Enkidu. Ele começa então uma longa jornada em busca do segredo da vida eterna. Quando o descobre, na forma de uma planta espinhosa, roubam-lhe este segredo, e Gilgamesh conclui que buscar a imortalidade é inútil porque todos desejam morrer.

Os israelitas eram o único povo de sua área que tinha foco no aqui e agora. Enquanto os egípcios preparavam túmulos elaborados, inclusive com pinturas e estátuas para supostamente beneficiarem o morto, as Escrituras hebraicas ressaltam a importância de viver a vida ao máximo, já que a morte é o fim da atividade humana. A sabedoria hebraica oferece este alerta: encontrar alegria no cotidiano, *porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma* (Ec 9.10).

A morte era geralmente equiparada a uma espécie de sono. Assim, o salmista usa a expressão adormecer na morte (Sl 13.3). Quando os reis de Israel morriam, dizia-se que tinham ido descansar ou dormir com seus pais (1 Rs 2.10; 11.43; 14.31).

Os hebreus descreviam a morte com imagens vívidas, como o domicílio dos mortos. Quem morria ia para o Seol (às vezes traduzido como inferno, sepultura ou cova), que claramente representa a sepultura (Jó 21.13; Pv 7.27). No Seol, não há atividade humana, nem mesmo adoração ao Senhor (Sl 146.3,4; 115.17). Ou, como diz o autor de Eclesiastes, *porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma* (Ec 9.5).

A morte não devia ser temida; era o fim normal e esperado da vida. Na verdade, a morte era considerada boa para a pessoa que estava farta de dias e atingira uma boa velhice (Gn 25.8; Jó 42.17).

manter as mãos estendidas em direção ao céu (1 Tm 2.8).

**134.3** — *Te abençoe desde Sião* pode ser a resposta agradecida dos sacerdotes ao povo, sua bênção sobre o povo a partir do templo sagrado.

### Salmo 135

O *Salmo 135*, um salmo de louvor descritivo que relembra ideias e motivos de vários salmos anteriores, pode ter sido escrito depois do exílio em Babilônia. O salmo expõe os atos salvadores do Senhor no período do Êxodo e contém um ataque mordaz à idolatria, extraído do Salmo 115. O início e o fim deste poema estão escritos em forma de liturgia. A estrutura é a seguinte: (1) convocação dos sacerdotes a bendizer o nome do Senhor (v. 1-4); (2) louvor ao Senhor, único Deus grandioso e atuante (v. 5-7); (3) elogio aos atos salvadores do Senhor (v. 8-12); (4) ode ao nome salvador do Senhor (v. 13,14); (5) desdém aos deuses impotentes e ineficazes das nações (v. 15-18); (6) convocação do povo para bendizer o nome do Senhor (v. 19-21).

**135.1-5** — *Servos do Senhor*. Este salmo começa com uma convocação aos sacerdotes de Israel para louvarem a Deus no templo (Sl 134.1,2). Nos Salmos, o termo afetivo *tesouro peculiar* só é empregado neste local.

**135.6,7** — *Tudo o que o Senhor quis*. Estas palavras são uma adaptação das de Salmos 115.3. As palavras *relâmpagos para a chuva* parecem ser uma citação de Jeremias 10.13, indicando que este salmo foi escrito após o cativo babilônico. O objetivo desta parte é claro: Deus está agindo em toda a criação. Os deuses das nações, pelo contrário, nada fazem, são impotentes (v. 15-18).

**135.8** — *Primogênitos do Egito*. Como no Salmo 78, este repassa os eventos do Êxodo, culminando nos eventos da Páscoa (Êx 12.12). A derrota do Egito foi obra exclusiva do Senhor. Israel foi Seu instrumento; a batalha era dele (Êx 15.3).

**135.9-14** — Os atos de salvação de Deus estabeleceram Sua reputação. Por causa deles, Seu nome e Sua fama se espalharam pelo mundo.

Se arrependará. Como no Salmo 147, os que haviam enfrentado tribulações e tinham vindo se

restaurar do exílio precisavam saber que a promessa da graça de Deus continuava válida (Sl 132).

**135.15** — *Os ídolos das nações*. Este versículo é uma citação de Salmos 115.4-8. É um ataque irônico e devastador à idolatria pagã. As pessoas que retornavam de Babilônia estavam enfasiadas de tanto ver ídolos; finalmente, o povo de Israel poderia voltar a adorar o único Deus verdadeiro.

**135.16-21** — Dizer que o Senhor é *bendito* é identificá-Lo como fonte de toda bênção (Sl 103.2) e ser-lhe grato por tudo o que concedeu. Esta parte é uma liturgia contínua para as pessoas se estimularem umas às outras em adorar ao Senhor.

### Salmo 136

O *Salmo 136* é o salmo de louvor descritivo mais característico. O líder da adoração, talvez um sacerdote, lia a primeira parte de cada versículo, e o povo respondia com o seu louvor centrado na misericórdia de Deus: *porque a sua benignidade é para sempre*. Este salmo, conhecido como o Grande Hallel, costumava ser recitado no templo à medida que eram sacrificadas as ovelhas da Páscoa. Há quem inclua o Salmo 135 e os Cânticos dos Degraus (Sl 120—134) no Grande Hallel. O padrão do salmo é o seguinte: (1) convocação do povo a louvar ao Senhor (v. 1-3); (2) oração pelo Senhor, o grande Criador (v. 4-9); (3) louvor ao Senhor, o grande Libertador (v. 10-22); (4) louvor ao Senhor, que se lembra de Seu povo para sempre (v. 23-25); (5) convocação final ao povo para louvar ao Senhor (v. 26).

**136.1,2** — *Louvai* significa reconhecei publicamente, sendo uma das principais palavras usadas nos Salmos (Sl 35.18; 105.1; 122.4).

*Benignidade*, que também pode ser traduzida por amor fiel, é o termo mais significativo dos Salmos para descrever o caráter de Deus. Sua benignidade é *para sempre*; faz parte do Seu caráter eterno.

*Senhor dos senhores*. O poeta emprega superlativos hebraicos para proclamar o Senhor como Divindade Suprema.

**136.3-5** — No Antigo Testamento, o termo *maravilhas* só é utilizado para as ações admiráveis de Deus. A criação do universo por Deus é a

grande demonstração de Seu *entendimento*. Os céus nos demonstram claramente a glória de Deus (Sl 19.1-6). Romanos 1.20 nos ensina que as coisas invisíveis de Deus são plenamente visíveis por meio do que Ele fez.

**136.6-13** — *Feriu o Egito*. O poeta se refere aos atos grandiosos de Deus ao libertar Israel do Egito em cumprimento da promessa de Deus (Sl 78; 105; 135.8-12).

*Mão forte*. Trata-se de um lema da libertação (Sl 118.15,16; Êx 15.6). Diz-se que, quando Deus criou o universo, foi obra de Seus dedos (Sl 8.3); mas, ao batalhar pela salvação de Seu povo, o fez com Sua destra forte.

*Dividiu o mar Vermelho*. Deus ajudou Israel a cruzar o mar dividindo as suas águas e depois usou essas mesmas águas para destruir o exército egípcio que vinha atrás.

**136.14-20** — A retrospectiva que o poeta faz da história de Israel inclui a conquista de terras a leste do Jordão, inclusive dos territórios de *Siom* e *Ogue* (Nm 21). O resultado foi a dádiva da terra de Canaã ao povo de Israel.

**136.21-23** — É possível que as palavras *que se lembrou da nossa humilhação* sugiram o retorno do povo de Judá e Jerusalém à sua terra depois do cativeiro babilônico. Como o Salmo 135, o 136 pode ter sido escrito após aquele exílio.

**136.24-26** — *Louvai*. O salmo termina da mesma forma que começa, celebrando a fidelidade contínua de Deus ao Seu povo, Israel, e com uma convocação para agradecer Sua suprema bondade.

### Salmo 137

O Salmo 137, um cântico de Sião, também é um salmo imprecatório especialmente inflamado. Embora não se identifique o seu autor, o salmo partilha o desespero do livro de Lamentações, desespero dos que sofreram a destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C. Este salmo perturbador aborda uma emoção muito profunda. Seu padrão é o seguinte: (1) lamentação na Babilônia à lembrança da destruição de Sião (v. 1-3); (2) desejo de rever Jerusalém e voltar a cantar em louvor a Deus (v. 4-6); (3) desejo de

represálias contra Edom e Babilônia por sua destruição de Jerusalém (v. 7-9).

**137.1-4** — *Babilônia* foi um dos grandes impérios da história do mundo. Quando este salmo foi escrito, os judeus viviam ali, em exílio involuntário.

*Choramos*. As emoções do salmo estão claramente marcadas. A lembrança de Sião era dolorosa para quem estava cativo no estrangeiro (Sl 42.1-3).

*Penduramos as nossas harpas*. Tocar música alegre para o Senhor em terra estrangeira era tão difícil que os cativos se recusaram a tocar qualquer tipo de música. Tomavam as palavras de seus captores como insultos.

**137.5,6** — *Se eu me esquecer de ti*. É difícil para o leitor moderno aquilatar o amor por Sião entre as pessoas de fé do Antigo Testamento. Como observamos muitas vezes nos Salmos, este amor não era apenas pelo lugar, mas por sua função em sua vida. Era em *Jerusalém* que o templo tinha sido construído. O lugar era sagrado devido à presença de Deus (Sl 2.6).

**137.7** — *Lembra-te, Senhor*. Depois de falar apaixonadamente de sua lembrança e esquecimento (v. 4-6), o salmista invoca o Senhor a lembrar-Se dos atos abomináveis do povo de Edom na época das tribulações de Jerusalém (veja no Sl 129 um sentimento similar).

*Arrasai-a*. Os homens de Edom zombavam e ironizavam, enquanto a cidade era lamentavelmente queimada e arrasada.

**137.8** — *Ah! Filha de Babilônia*. Já assinalamos que a expressão correspondente a filha de Sião seria melhor traduzida por filha de Sião (consulte a anotação em Sl 9.14). Ou seja, Sião não tinha filha; ela era, em si, a filha de Deus, termo carregado de afetividade. Será possível então que neste local as palavras filha de Babilônia estejam sendo usadas com sarcasmo? Sião é filha do Senhor, não a Babilônia. Ela pode ser descendente de um deus qualquer, mas não do Senhor.

**137.9** — *Feliz* é o mesmo termo de bem-aventurado, que inicia o primeiro salmo (Sl 1.1; 146.5). A bênção viria na forma do exército persa, que destruiria a maligna cidade de Babilônia,



## APROFUNDE-SE

### PELOS RIOS DE BABILÔNIA

O Salmo 137 resume a questão que deixava perplexos não só os exilados de Judá em Babilônia, mas também todos os judeus que estavam sendo dispersos por todo o mundo antigo: como podemos adorar e servir ao Senhor em terras estranhas (Sl 137.4)?

Arrancados à força de sua terra natal, ficaram sem o seu magnífico templo. Estavam sem rei para comandá-los, sem sacerdote para oferecer sacrifício, sem arca da aliança para simbolizar a presença de Deus. Espiritualmente, estavam como náufragos à deriva, no mundo, sem seus pontos de referência familiares para guiá-los.

Não é de admirar que o povo de Judá se sentasse e chorasse à beira dos rios babilônicos (Sl 137.1). Quando seus adversários pediram que cantassem cânticos de Sião, só conseguiram pensar em como sua amada cidade estava em escombros (Sl 137.3). Em consequência, cantaram uma canção — que ninguém esperaria. Uma canção tristonha e vingativa, que invocava maldições para os babilônios que haviam destruído Jerusalém (Sl 137.8) e os edomitas, que haviam comemorado a queda da cidade (Sl 137.7).

Apesar dos sentimentos expressos neste salmo, no entanto, muitas coisas positivas resultaram da diáspora dos judeus. Sem templo, inventaram a sinagoga (Mc 1.21). Reuniram também uma coleção de seus escritos, o que acabou levando à canonização do Antigo Testamento. E como fossem forçados a aprender outra língua e a se adaptar a culturas estrangeiras, acabaram traduzindo o Antigo Testamento do hebraico para o grego, a língua de uso comum na época de Jesus.

Assim, para os judeus, a necessidade se tornou mãe da invenção. Muitas dádivas do Senhor vieram à luz porque o povo de Deus foi forçado a entoar o cântico do Senhor em terra estranha.

usado como instrumento do juízo nas mãos de Deus Todo-poderoso (Hb 1.12-17).

### Salmo 138

O *Salmo 138* é um salmo de louvor declarativo atribuído a Davi. O clima deste salmo contrasta fortemente com o do 137. Sua estrutura é: (1) declaração de louvor a Deus pela resposta fantástica dada à oração do rei (v. 1-3); (2) visão profética de um futuro em que todos os reis da terra juntos louvarão a Deus (v. 4-6); (3) determinação de confiar permanentemente em Deus (v. 7, 8).

**138.1,2** — Como em muitos salmos, o poeta começa a louvar, determinado a entregar *todo* o seu ser ao Senhor (Sl 146.1).

*Na presença dos deuses.* Davi tem tanta confiança em sua fé no Senhor que está determinado a levar o Seu nome a territórios estrangeiros.

*Teu santo templo.* O uso da palavra templo não exclui a probabilidade de Davi ser o autor deste e de outros poemas parecidos (Sl 15.1). O termo hebraico é genérico, serviria para designar qualquer prédio que estivesse sendo usado na época de Davi. O termo também era adequado para os

leitores e cantores deste salmo, que viveram depois que o templo foi construído.

**138.3-6** — Davi, rei temente a Deus, ansiava pelo dia em que *todos os reis da terra* compartilhariam de sua experiência.

*Grande é a glória do Senhor* é mais uma forma de expressar a realidade do Deus vivo.

*Atenta para o humilde.* Deus atenta para o humilde porque sabe que este se volta para Ele. Do soberbo, pelo contrário, o Senhor se afasta (Sl 86.14; 147.6).

**138.7,8** — *Andando eu.* O poeta sabe que irá enfrentar novas tribulações. Tem certeza de que Deus, que o abençoou na ocasião de que trata este salmo, continuará a abençoar sua vida.

*Aperfeiçoará.* O mesmo verbo hebraico é traduzido por executar em Salmos 57.2. Significa que Deus age em favor de Seus servos.

*A tua benignidade, ó Senhor, é para sempre.* Trata-se de ligeira reformulação do refrão do Salmo 136.

### Salmo 139

O *Salmo 139*, atribuído a Davi, é um salmo de sabedoria e de louvor descritivo. Esta mistura não



é incomum nos Salmos (Sl 145; 146). O poema descreve os atributos do Senhor não como características abstratas, mas como qualidades reais, por meio das quais Ele Se relaciona com Seu povo. Está assim estruturado: (1) descrição do conhecimento íntimo de Deus de cada servo Seu (v. 1-6); (2) celebração da presença de Deus junto a Davi (v. 7-12); (3) celebração da criação de Davi, desde sua concepção, por Deus (v. 13-16); (4) declaração de que são inumeráveis os pensamentos de Deus (v. 17,18); (5) oração pelo castigo dos inimigos de Deus (v. 19-22); (6) oração para que Deus sonde e guie Davi (v. 23,24).

**139.1-5** — *Tu me sondaste*. Deus sempre sonda e prova Seus servos. Conhece nossos motivos, desejos e palavras antes que sejam expressos; conhece totalmente Seus servos. Mas, conforme explica o versículo 5, Seu objetivo de conhecimento íntimo de Seus servos não é o de julgar e condenar, mas proteger e ajudar.

**139.6** — *Tal ciência*. Aqui o poeta mostra-se maravilhado com o relacionamento íntimo que pode manter com Deus. É simplesmente acima da sua compreensão; a mente humana, com toda a sua capacidade, não alcança um mínimo sequer da mente de Deus.

**139.7** — Há duas maneiras de interpretar as palavras *para onde me irei*. Uma, é que Davi queria fugir da presença de Deus, mas não conseguia. A outra visão seria interpretar as palavras como celebração da graça de Deus, significando que não haveria lugar na criação onde Davi pudesse se afastar da onipresença de Deus.

**139.8,9** — *Céu*. Em linguagem exuberante, expressiva e ampla, a mensagem é clara: não há lugar alto, baixo, longe ou perto, em que o servo de Deus possa se sentir distante dele.

**139.10-12** — *Tua mão*. As palavras do versículo 10 traduzem proteção, sugerindo que o salmo trata da presença auxiliadora de Deus. *As trevas*. Aqui, Davi exercita ao máximo sua imaginação. As trevas significam a morte ou o inferno (Sl 16.10). É uma expansão das palavras do versículo 8, *se fizer no Seol a minha cama*. Davi sugere que este deveria ser o único lugar do universo sem a presença de Deus; todavia, embora Deus se

oponha a toda escuridão, Ele poderia transformar as trevas do Seol em luz para encontrar Seu servo Davi. Como em 18.7-12, o Senhor reviraria a estrutura do universo se precisasse salvar aquele que O louva e adora.

**139.13-16** — *Possuístes os meus rins*. Davi reconhece que a obra de Deus em sua vida começou já desde sua formação no ventre de sua mãe. *Entreteceste-me* também pode ser traduzido por *cobriste-me*, que descreve o trabalho de Deus em criar alguém dentro do útero da mãe.

*Porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado* pode ser reformulado para *sou tua maravilha admirável* (Sl 8). *Entretecido*. O desenvolvimento do feto era um grande mistério para os antigos. Para eles, era como se o feto estivesse se desenvolvendo embaixo da terra. A palavra hebraica traduzida por *meu corpo* indica o embrião.

*No teu livro*. A ideia é de que a vida, a estrutura e o sentido da vida da pessoa são estipulados desde o começo por Deus.

**139.17,18** — *Os teus pensamentos*. Não só a obra de Deus, mas também os Seus pensamentos na vida de uma pessoa de fé são objeto de constante admiração. Seus pensamentos são inumeráveis, totalmente impossíveis de contar, além de insondáveis. É tudo inteiramente inexplicável.

**139.19-21** — *Matarás o ímpio*. Davi desejaria um mundo em que não houvesse mais o mal, nem destruição, nada para afastar as pessoas de Deus. Os inimigos de Deus são inimigos de Davi, porque sua vida se acha estreitamente ligada ao Senhor.

**139.22** — *Ódio completo*. Estas palavras podem parecer fortes, mas a ideia de um inimigo de Deus é tão odiosa para o salmista que ele os enfrenta abominando-os pelo que são.

**139.23,24** — *Sonda-me, ó Deus*. Estas palavras se parecem com as de Salmos 19.14. Davi pede a Deus que examine seus pensamentos e o limpe de todo pecado para que possa ganhar a vida eterna.

### Salmo 140

O Salmo 140, salmo de lamentação individual atribuído a Davi, trata particularmente dos ímpios. O desejo do salmista de julgamento

divino dos perversos classifica este poema como salmo imprecatório. A estrutura é a seguinte: (1) pedido do salmista para ser libertado dos ímpios (v. 1-3); (2) pedido para ser preservado dos perversos (v. 4, 5); (3) profissão de fé no Senhor (v. 6-8); (4) oração pelo castigo dos perversos (v. 9-11); (5) declaração de crença de que o Senhor libertará o aflito (v. 12,13).

**140.1-3** — *Livra-me*. Davi clama ao Senhor para ser salvo dos perversos, que não param de ferir inocentes. As palavras *homem violento* repetem-se no versículo 4. A palavra *violento* trata de gente rude e impiedosa, que trama a destruição dos justos. São pessoas deliberadamente más, que só ficam satisfeitas se puderem participar da destruição do povo de Deus. Mas Deus sempre está pronto a libertar Seus filhos preciosos das garras dos inimigos.

**140.4,5** — *Do homem violento*. Estas palavras são uma repetição da segunda metade do versículo 1. A palavra traduzida por *violento* (hb. *hamasím*) refere-se àquele que usa de palavreado rude, tem modos agressivos, pratica maldades ou usa de armas terríveis. Os violentos têm sempre por meta destruir os justos.

**140.6-9** — Com as palavras *tu és o meu Deus*, Davi professa sua total confiança no Senhor, embora esteja cercado de gente tramando acabar com ele. Por causa dessa confiança, pede ao Senhor que o salve.

**140.10** — *Caiam sobre eles brasas vivas*. Davi recorda o juízo de Sodoma e Gomorra (Sl 11.6; Gn 19.12-29) e pede que Deus dê o mesmo castigo aos seus inimigos.

**140.11-13** — *A causa do oprimido, e o direito do necessitado* são de especial interesse do Senhor. Ele prometeu protegê-los e confortá-los (Sl 41.1; 72.4; 109.31; Lc 4.18; 6.20).

### Salmo 141

O *Salmo 141*, um salmo de lamentação individual, é atribuído a Davi. Neste caso, não se cita qualquer acontecimento preciso como causa de sua aflição. Neste poema, Davi também registra o desejo de que seus inimigos sejam julgados, por isso se classifica também como

salmo imprecatório. A estrutura é: (1) clamor, introdutório, ao Senhor (v. 1,2); (2) oração para que houvesse uma guarda à boca de Davi (v. 3,4); (3) aceitação da repreensão que vem do justo (v. 5a); (4) visão do castigo do ímpio (v. 5b-7); (5) declaração de confiança no Senhor (v. 8-10).

**141.1,2** — *Com a minha voz clamei ao Senhor*. Davi pede para ser ouvido, enquanto ora juntamente com os justos. Assim como a fumaça e o aroma do *incenso*, no culto, chegam ao Senhor como algo doce e atraente, Davi também deseja que sua oração não seja ignorada.

*Levantar das minhas mãos*. Com este gesto, Davi pede a Deus que dê atenção ao seu rogo.

**141.3,4** — *Põe, ó Senhor, uma guarda*. É uma oração por sabedoria, para que Deus restrinja seu mau palavreado e ele saiba as palavras corretas a dizer. Davi quer evitar qualquer ato impiedoso, irreverente ou idólatra; não quer ofender Deus com qualquer coisa que dissesse.

**141.5-7** — Com as palavras *fira-me o justo*, ele expressa aceitar o juízo de Deus; o que o incomoda é o juízo do perverso.

*A despeito das suas maldades*. Como no Salmo 140, os perversos continuam afligindo o salmista. Ele antevê um dia em que serão todos destruídos — seu poder há de cair por terra, e a justiça reinará.

**141.8-10** — Dada a força dos perversos, é fácil fixarmos o olhar ou nos preocuparmos com os ímpios. Também é natural nos concentrarmos em nós mesmos, deixando-nos absorver por nossas dificuldades ou nos parabenizando pelas nossas vitórias. Mas Davi tem os *olhos* apenas no Senhor (2 Co 3.18; Hb 12.2,3).

### Salmo 142

O *Salmo 142*, um salmo de lamentação individual atribuído a Davi, dá uma referência específica de quando foi escrito o poema. O termo *caverna* pode se referir a uma das duas ocasiões em que Davi se escondeu do rei Saul em uma caverna. Uma foi em En-Gedi (Sl 57; 1 Sm 24); a outra, em Adulão (1 Sm 22.1,2). Pode ter sido a segunda vez o cenário deste poema, de profunda desolação.



## EM FOCO

## EXALTAREI (HB. RUM)

(Sl 30.1; 34.3; 145.1; Êx 15.2; Is 25.1).

A palavra hebraica traduzida por *exaltar* é uma das várias palavras hebraicas que significa louvar nos Salmos. O significado específico desta palavra é pôr no alto ou estimar muito. Em contraponto ao louvor do rei Davi a Deus dizendo que exaltado fosse (2 Sm 22.47; Sl 99.9), a queda de Lúcifer aconteceu porque tentou se exaltar acima de Deus (Is 14.13). Assim, em um sentido negativo, a palavra *rum* pode significar altivo (2 Sm 22.28). A forte determinação do salmista em honrar e estimar Deus em Salmos 145.1 é indicada pelo teor altamente energético que ele emprega nesta passagem, um verbo que indica uma ordem a si mesmo.

Era uma época da vida de Davi em que parecia se sentir completamente só. Chegou a duvidar de que Deus estivesse com ele. Todavia, conforme indica o sobrescrito, Davi se voltou para o Senhor e orou. A estrutura do salmo é: (1) clamor de Davi por ajuda na caverna do seu desespero (v. 1,2); (2) lamento aflito de Davi de que ninguém estaria a seu lado (v. 3,4); (3) confissão de fé e pedido de salvação (v. 5, 6); (4) promessa de louvar quando Deus o salvasse (v. 7).

**142.1,2** — *Clamei*. Há uma ênfase significativa na natureza vocal e desesperada da lamentação de Davi neste salmo. Com a *minha voz* também pode ser traduzido por em voz alta.

**142.3-5** — No meio de sua aflição, Davi faz sua profissão de fé preliminar — Deus *conhecia* sua *vereda* desde o começo.

*Olhei para a minha direita*. Com inimigos por todo lado, Davi clama a Deus por sentir-se indefeso. O soldado armado do antigo Israel provavelmente portava sua lança ou espada na mão direita e seu escudo na esquerda. O escudo de cada um protegia o lado direito do companheiro a seu lado. Davi brada que não há ninguém à sua direita; Ele espera que Deus esteja (3.3,4).

*Tu és o meu refúgio*. Em meio à sua dor, Davi renova sua fé de que, de alguma forma, Deus deve estar próximo. Implora então a Deus para libertá-lo dos inimigos.

**142.6,7** — A caverna, local de refúgio, acabou se tornando lugar de confinamento, uma *prisão*. O salmo termina com um voto de que, quando Deus o tirasse desse apuro terrível, Davi

*O louvaria* na comunidade de adoradores. Embora ainda em apuros, Davi consegue encerrar o salmo com uma oração de fé, *pois me fizeste bem*.

### Salmos 143

O *Salmos 143*, um salmo de lamentação individual atribuído a Davi, tem um tom semelhante ao de outros salmos angustiados, especialmente o *Salmos 5*. Alguns estudiosos categorizam os *Salmos 6* e *143* como penitenciais. A estrutura do *Salmos 143* é a seguinte: (1) apresentação de grande angústia pessoal (v. 1-4); (2) saudade de dias deleitosos do passado (v. 5, 6); (3) oração por libertação (v. 7-12).

**143.1-3** — Davi pede a Deus para não levá-lo a *juízo*, mas não confessa seus pecados como nos *Salmos 32* e *38*.

*Não se achará justo nenhum vivente*. Não é tanto uma confissão de pecado, mas uma observação de que todos possuem algum pecado.

*Na escuridão*. A metáfora bíblica da luz e da escuridão começa em *Gênesis 1.2,3*. Viver na escuridão se parece com estar na cova (v. 7); é este o motivo para o paralelo com os que já morreram (*Jó 10.21,22*).

**143.4-6** — *Dias antigos*. Frase semelhante à de *Salmos 42.4*, em que o salmista se lembra da alegria no templo, em tempos idos.

*Estendo para ti minhas mãos*. Postura de oração nos tempos bíblicos.

**143.7,8** — *À cova*. Sem uma sensação renovada da presença de Deus, descrita pelas palavras *a tua face*, Davi acredita que sua vida não vale mais nada.

*Pela manhã.* Muitas vezes, nos Salmos, havia uma expectativa de que a resposta de Deus fosse vir pela manhã (Sl 5.3; 30.5; 130.6).

**143.9,10** — *Teu bom Espírito.* Trata-se de uma declaração de louvor um tanto incomum à pessoa do Espírito Santo na Bíblia hebraica (Ne 9.20).

**143.11,12** — *Por amor do teu nome.* Os pedidos dos salmistas muitas vezes estão ligados aos diversos traços de caráter de Deus. Quando oramos em nome de Jesus, estamos orando tanto com a autoridade de Seu nome como com o caráter que esse nome representa.

*Sou teu servo.* Ser servo do Senhor é uma posição a que até mesmo reis aspiram. Já que não há Senhor maior, não há posição mais alta que estar cumprindo os Seus propósitos.

### Salmo 144

O Salmo 144, um salmo de louvor descritivo com pinceladas de lamentação e petição, é atribuído a Davi. Este poema assemelha-se ao Salmo 18 na medida em que descreve os atos salvadores do Senhor em termos de grandes fenômenos celestiais. Também é possível que tenha sido usado em treinamento militar (como o Sl 149). Em Israel, a guerra era fortemente ligada à adoração de Deus. Libertar-se do inimigo não era apenas trabalho para soldados robustos, mas também uma questão de devoção atuante. A forma do salmo é a seguinte: (1) declaração de louvor a Deus, o grande Guerreiro (v. 1,2); (2) descrição da fragilidade dos seres humanos (v. 3,4); (3) afirmação dos atos libertadores de Deus (v. 5-8); (4) determinação em louvar ao Senhor (v. 9,10); (5) clamor a Deus para que proteja Seu povo sempre (v. 11-15).

**144.1,2** — O Senhor, *minha rocha* costuma ser usado nos Salmos para descrever Deus como fortaleza do Seu povo. Às vezes, a palavra é traduzida assim (Sl 18.1). Davi encontrou no Senhor a proteção e a preparação de que precisava em tempos de guerra.

**144.3,4** — *Que é o homem.* É uma citação de Salmos 8.4, mas sem a resposta surpreendente de Salmos 8.5. Aqui, a pergunta retórica é usada para simbolizar a fragilidade dos humanos, que

necessitam da ajuda de Deus. *Sombra que passa.* A sensação de fragilidade humana é ilustrada dramaticamente nestas palavras (Sl 102.2,3).

**144.5** — *Abaixa, ó Senhor, os teus céus.* Entendemos esse tipo de expressão como uma frase de efeito exagerada. Ainda assim, podemos admitir estas palavras (que nos recordam as descrições de Sl 18.7-12) e chamá-las de linguagem de epifania apocalíptica. A ideia da aproximação de Deus é um conceito tão forte que os poetas fazem tudo ao seu alcance para tentar nos passar esta ideia.

**144.6** — *Os raios do Senhor simbolizam o Seu juízo* (Sl 97.4). Aqui, Davi celebra os juízos retos de Deus, que ele ora para que sejam exercidos contra seus inimigos.

**144.7-10** — *Cantarei um cântico novo* é o voto de Davi para retribuir a ajuda de Deus com louvor e adoração renovados (Sl 149.1).

*Davi.* É rara a menção do nome do salmista (Sl 18.50). O uso do próprio nome indica às gerações futuras que este salmo proveio de experiências reais de sua vida.

**144.11** — *Vaidade.* A principal mentira do inimigo era a de que o Senhor seria incapaz de salvar Seu povo (Sl 12).

**144.12-15** — A imagem das *colunas* parece sugerir saúde, beleza e dignidade. *Dispensas.* A produtividade agrícola só era possível em tempos de paz e só teria sentido em tempos de liberdade da nação. *Bem-aventurado* é por vezes traduzido por bendito. Seu uso duplo no versículo 15 é notável. A bem-aventurança de que fala Davi refere-se não só ao bem-estar externo — *a quem assim sucede* —, como também à paz interior — *cujos Deus é o Senhor.*

### Salmo 145

O Salmo 145, um salmo de sabedoria, também é um salmo de louvor declarativo. O poema é escrito em forma de acróstico, com um versículo para cada letra do alfabeto hebraico. A divisão do salmo é a seguinte: (1) foco na grandeza do Senhor (v. 1-3); (2) expectativa de louvor contínuo ao Senhor (v. 4-7); (3) foco sobre o caráter do Senhor (v. 4-7); (4) expressão sobre o reino do Senhor (v. 10-13); (5) reconhecimento de que a

graça do Senhor é para todos (v. 14-16); (6) foco na justa misericórdia do Senhor (v. 17-21).

**145.1-3** — As palavras familiares *grande* é o Senhor exprimem a grandiosidade de Deus no universo e nos lembram quanto somos pequenos em Sua presença. O fato de os frágeis humanos serem usados para louvar a Deus maravilha o salmista.

**145.4-6** — *Uma geração [...] à outra*. Espera-se que a mensagem dos prodígios e da misericórdia de Deus fique conhecida em toda a terra e entre todas as gerações.

**145.7** — A palavra *memória* pode estar se referindo ao nome divino de Deus. O termo hebraico para *memória* é traduzido por memorial em Êxodo 3.15.

**145.8** — Deus Se descreve como piedoso e benigno (Êx 34.6,7; Nm 14.18). Davi cita as palavras do próprio Deus para louvá-Lo por Seu caráter misericordioso (Sl 86.5,15; 111.4; 112.4).

**145.9-13** — *Todas as suas obras* repete as palavras de Salmos 19.1-3. Tudo o que Deus fez possui as marcas de Sua grandeza (Sl 111.2).

*Falarão*. A tarefa dos justos é espalhar as obras do Senhor a todos.

*Um reino eterno*. Como o reino de Deus é eterno, a mensagem de Suas maravilhas precisa chegar a todas as pessoas da atualidade.

**145.14** — As palavras *sustenta a todos que caem* descrevem as ações contínuas de Deus em favor dos necessitados, sugerindo que sejam ações absolutas e imutáveis. Ainda assim, as mesmas pessoas que cantam seu louvor também clamam ao Senhor aflitas, em salmos de lamentação. Em um mundo difícil, os salmistas se deleitam em afirmar que Deus é bondoso e que Seu poder, Seu amor e Sua preocupação com Seu povo não têm limites. Os salmos celebram cada exemplo da misericórdia salvadora de Deus e todos de Sua graça. Vezes sem conta, em inúmeras ocasiões, a totalidade dos exemplos se torna uma bela tapeçaria de Sua contínua misericórdia.

**145.15-17** — O emparelhamento de *justo* com *santo* é uma demonstração vigorosa do caráter de Deus. Sua justiça leva ao Seu juízo perfeito; Sua graça leva aos Seus atos de salvação e perdão.

Deus tanto preserva como destrói com base em Sua percepção infalível dos intuítos e propósitos humanos.

**145.18-21** — *Minha boca*. Davi decidiu ser fiel no seu louvor ao Senhor (Sl 146.1), mas também enxergava seu louvor como parte do louvor de toda a criação — ou seja, *toda a carne*.

### Salmo 146

O Salmo 146, um salmo de louvor descritivo, faz parte do grandioso ápice de louvores deste livro de louvor. Cada um dos últimos cinco salmos começa e termina com a palavra hebraica *aleluia*. Esta última série de louvores forma um final exuberante para as respostas orquestradas de Israel aos prodígios de Deus e Suas ações misericordiosas para com Seu povo. O Salmo 146 também mostra algumas semelhanças para com a literatura de sabedoria. O poema se desenvolve como se segue: (1) chamado para uma vida de louvores a Deus (v. 1, 2); (2) alerta contra depositar confiança nas pessoas, até mesmo boas pessoas (v. 3,4); (3) bênção àquele que busca auxílio em Deus (v. 5-7); (4) descrição das obras maravilhosas de Deus na vida de Seu povo (v. 8,9); (5) convocação a louvar a Deus, o grande Rei (v. 10).

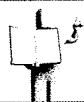
**146.1,2** — *Minha alma* é outra forma de falar do íntimo de alguém, sendo frequentemente usada como substituta dos pronomes eu ou mim.

*Durante a minha vida*. O poeta faz o voto decidido de louvar ao Senhor pelo resto da vida.

**146.3** — *Em príncipes*. A mensagem é de que mesmo a melhor das pessoas não é uma boa ajuda em épocas de grande aflição. Até mesmo os príncipes são mortais, e alguns não têm nem mesmo meios de ajudarem a si próprios (Sl 118.9). O contraponto são as pessoas que preferem buscar a ajuda de Deus, que é eterno (v. 5-7).

**146.4-6** — *Bem-aventurado* indica um prazer profundo e permanente, uma alegria manifesta. É a descrição mais adequada daqueles cujo refúgio e esperança residem no Senhor.

*Que fez os céus e a terra*. Os motivos da criação permeiam os hinos de Israel (Sl 104); aqui, a mensagem é de que o Criador do universo é Aquele que auxilia os justos.



## ENTENDENDO MELHOR

### LOUVANDO COM O UNIVERSO

Os hinos do Egito e da Mesopotâmia estão cheios de louvores a divindades. No dia sagrado de qualquer das divindades, os hinos nomeavam o deus como sendo o maior no panteão, naquele dia particular. Fosse um hino a Amon no Egito ou a Istar na Babilônia, os cantores louvavam aquela divindade por ter criado o mundo, por comandar os outros deuses, por sua sabedoria superior e pelas bênçãos que os adoradores acreditavam ter recebido da divindade. A divindade a quem era oferecido o cântico era sempre chamada, enfim, de o maior dos deuses.

O Salmo 148 é um salmo deste tipo, como se fora composto para um dia considerado como sagrado para *Yahweh*. Depois do exílio, porém, este salmo deve ter sido cantado todos os dias, já que, pelo menos na história mais recente de Judá, todos os dias eram vistos como sagrados para o Deus de Israel. No hino, os seres que habitam os céus O louvam, com a participação de objetos inanimados, ou seja, toda a criação do céu e da terra (Sl 148.7-10). Além disso, o cântico presume que todos os povos de todas as partes do mundo louvam a Deus, que os criou (Sl 148.11,12). A linguagem e os motivos que são usados em todo o mundo antigo para outros deuses estão reservados no Salmo 148 somente para *Yahweh*.

O mundo antigo entendia que as pessoas não costumam cantar hinos de louvor sozinhas, mas sempre com todo o universo. Esta ideia de solidariedade com toda a ordem da criação foi aproveitada pela igreja do primeiro século e ainda é um aspecto central na liturgia da Igreja Ortodoxa.

**146.7** — *Que faz justiça.* As expressões de descrição do versículo 7 nos recordam o louvor a Deus no Salmo 103.3-6 e no Salmo 107.8-10. São obras de Deus constantemente lembradas em resposta às necessidades de Seu povo (Sl 113.7-9).

**146.8,9** — *Os olhos do cego.* Nestes dois versículos, há um grande foco nas ações misericordiosas de Deus em favor dos fracos, indefesos, solitários e necessitados (Sl 38.6).

*O caminho dos ímpios.* O contraste no tratamento de Deus dos justos e dos ímpios é tão forte neste salmo como em outros (Sl 1.4,6; 147.6).

**146.10** — *O Senhor reinará eternamente.* A Bíblia apresenta várias dimensões do reinado de Deus. Ele é Rei como Criador (Sl 93) e Salvador do Seu povo (Sl 98). Este versículo fala do reinado atual e eterno de Deus, e não de Seu reinado vindouro no final dos tempos.

*Louvai ao Senhor.* O emprego do termo hebraico *aleluia* no final do salmo replica seu uso no começo.

#### Salmo 147

O Salmo 147, um salmo de louvor descritivo, dá forte ênfase aos temas da criação. Este poema anônimo deve ter sido escrito depois do retorno do povo a Jerusalém quando saiu do cativeiro babilônico (também os Salmos 126; 132; 135). A

estrutura é em três partes, sendo cada parte apresentada por uma convocação para louvar ao Senhor: (1) ordem para louvar ao Senhor por Suas graças reparadoras (v. 1-6); (2) ordem para louvar ao Senhor pela alegria que Ele encontra em Seu povo (v.12-20); (3) ordem para louvar ao Senhor por Sua Palavra (v. 12-20).

**147.1** — O sentimento de que *decoroso é o louvor também é expresso em Salmos 33.1.* O povo de Deus pode apresentar suas ofertas de louvor e adoração ao Senhor.

**147.2,3** — *Edifica Jerusalém.* As poucas pessoas que retornaram do cativeiro enfrentaram uma tarefa árdua. Mas precisavam saber, assim como todas as outras pessoas que trabalharam pelo Senhor depois, que, como a obra era de Deus, Ele cuidaria para que fosse concluída. É privilégio do povo de Deus ser contado como parte da concretização do trabalho, mas a glória pertence a Ele. *Sara os quebrantados de coração,* a principal obra de Deus é dentro do coração humano (Sl 51.10-12).

**147.4-6** — *Conta o número das estrelas.* Citação de Isaías 40.26, estas palavras tratam da sabedoria infinita de Deus. Mas as palavras têm um significado maior. O interesse principal de Deus não é por estrelas, ou por insetos, mas, sim, pelo Seu povo (v. 11).

*Eleva os humildes.* A grandeza de Deus só pode ser abordada pelo humilde; Ele resiste aos altos, mas conforta o modesto (Sl 86.14; 146.9; Tg 4.6).

**147.7-9** — *Cantai louvores.* O segundo momento do salmo começa com um novo chamado para louvar a Deus (v. 1,12).

*Chuva para a terra.* Uma parte essencial das graças da aliança feita por Deus é a chuva, que permite a produção de alimentos e a subsistência (Lv 26.1-13). Mais do que isso, Deus manda a chuva para os justos e injustos devido à misericórdia que tem por todos. Podemos descrever as ações de Deus nestes versículos como as graças habituais de Deus.

*Animais.* Jesus diz que Deus cuida até mesmo dos corvos (Mt 10.29).

**147.10,11** — *Não se deleita.* O prazer que Deus sente em Seu povo é maior que qualquer outro prazer que possa encontrar em cavalo ou homens ágeis. Pode-se encontrar flexões dos verbos *deleitar-se* e *comprazer-se* em Salmos 40.6-8 e 51.16. São respostas de Deus à genuína devoção; Ele se deleita com aqueles que lhe respondem corretamente (Sl 86.4). *Temer* a Deus é responder-lhe apropriadamente, com admiração, respeito e devoção.

**147.12** — As palavras *louva* [...] *ao Senhor* principiam o terceiro momento do salmo. É um lembrete aos novos assentados na terra de que Deus os abençoara de inúmeras maneiras. Ele lhes concedera proteção, posteridade, paz e produtividade.

**147.13-18** — *Sua palavra.* O objetivo desta parte é de que a ordem de Deus corra todo o Seu mundo; tudo o que Ele mandar, a criação obedece. Como nas palavras comemorativas do Salmo 104, sentimos aqui que Deus deleita-Se em Sua criação. O termo natureza em si é uma palavra muito passiva, muito distante de Deus. Criação é como os autores da Bíblia a compreendiam, porque ela responde ao seu Criador.

**147.19,20** — A palavra de Deus anda pelo meio de Sua criação, fazendo que a neve, a geada, o granizo, o vento e todos os demais fenômenos naturais reajam à Sua ordem. Aqui, Ele concede

Sua palavra ao Seu povo. Devemos obedecer-lhe tal como faz o vento? Ou seremos nós o único elemento da criação que não obedece à vontade divina?

*Não fez assim.* Israel professou a revelação específica que recebera de Deus e acatou sua responsabilidade específica. Nossa responsabilidade é tão profunda quanto a de Israel, porque nós também ouvimos os testemunhos do Criador por meio das Escrituras.

### Salmo 148

O Salmo 148 é um salmo complexo. Como faz diversas referências à criação, pode ser rotulado como um salmo de sabedoria, e mais particularmente como salmo de criação (Sl 19.104). Também tem grande grau de adoração. Como o Salmo 19, este salmo abrange dos céus ao coração humano. A estrutura é a seguinte: (1) convocação para os céus louvarem a Deus, porque Ele também os criou (v. 1-6); (2) convocação para os elementos da terra louvarem a Deus, pois Ele também é seu Criador (v. 7-12); (3) convocação para o povo de Deus louvar a Deus, pois Ele é seu Criador (v. 13,14).

**148.1-6** — *Louvai-o.* Todo o universo é chamado a gloriar-se na maravilha que é Deus. Nesta parte inicial, demanda-se o louvor de todos os aspectos dos céus, inclusive das hostes angelicais. A expressão *águas que estão sobre os céus* provém da história da criação em Gênesis 1.7.

*Mandou.* Gênesis 1 descreve a criação como uma reação espontânea à palavra de Deus (Sl 33.9; 147.15).

**148.7,8** — O foco do salmo muda para a *terra*. Todas as hostes do céu e todas as criaturas da terra devem louvar nosso glorioso Deus.

*Baleias.* Esta palavra se refere às criaturas marítimas reais que inspiravam temor e admiração, bem como criaturas mitológicas que os cananeus veneravam como deuses. Israel conclamou toda criatura a louvar a Deus — tanto as de Sua criação como as que os povos vizinhos veneravam como deuses. Assim, todo principado e poder, toda criatura, conhecida ou desconhecida, estava intimada a louvar ao Deus verdadeiro.

*Fogo e saraiva.* Todos os fenômenos da natureza estão sob o domínio de Deus (Sl 147.15-18).

**148.9-14** — *O poder do seu povo.* O povo é representado aqui como um animal cujo poder está nos chifres (tradução literal da palavra *poder* em hebraico).

*Chegado.* Quando meditamos no significado da santidade de Deus (Sl 99.1; Is 6.3), ficamos atordoados com o maravilhoso fato de Ele Se aproximar de nós para nos conceder Suas bênçãos.

### Salmos 149

O *Salmos 149*, uma exuberante convocação para louvar a Deus, era usada pelo exército de Israel e pelo povo para adorar a Deus. A estrutura do salmo é: (1) clamor por um novo cântico de louvor (v. 1); (2) convocação para uma alegre adoração na congregação do Senhor (v. 2-5); (3) convocação para uma alegre adoração dos exércitos do Senhor (v. 6-8); (4) brado de adoração final (v. 9).

**149.1** — O clamor por um *cântico novo* ocorre muitas vezes nos Salmos (Sl 33.3; 40.3; 144.9). Estas palavras estimulam mais que a mera novidade; incitam entusiasmo e integridade ao se tocar as músicas de louvor a Deus.

*Na congregação dos santos.* Uma das principais ênfases do livro de Salmos é para o louvor a Deus acontecer no centro da comunidade crente. O louvor une o povo de Deus (Sl 33.1-3).

**149.2-5** — *Que o fez.* Deus não só é Criador do universo (Sl 8.3; 19.1; 104.1-35), mas também, especialmente, o Criador do Seu povo (Sl 100.3) e Seu grandioso Rei (Sl 93). A palavra

traduzida por *flauta* significa dança no original hebraico. No templo do período pré-exílico, a dança fazia parte do louvor (Sl 150.4).

*Santos* se refere aos redimidos que se juntaram ao povo de Deus por Sua graça. A palavra hebraica está ligada ao termo que significa benignidade (Sl 13.5). *Santos* são aqueles que demonstram em sua vida as características do Deus a que servem.

*Nos seus leitões.* Em algumas das festas em Israel, como a Páscoa, as pessoas se reclinavam nas mesas de banquete como sinal de que haviam sido remidas. Na primeira Páscoa (Êx 12), o povo teve de comer de pé, pronto para viajar. Criou-se o costume de reclinarse à mesa, simbolizando a redenção e o deleite com a obra de Deus em sua vida.

**149.6-8** — *Espada de dois fios.* O foco deste salmo passa da congregação de louvor para soldados em treinamento. O exército de Israel deveria ser a vanguarda da batalha do Senhor. Seu treinamento tinha assim um forte componente de louvor e adoração a Deus.

**149.9** — *O juízo escrito.* É provável que esta seja uma referência direta à lei (talvez a Dt 7.1,2), em que Deus proclamou Seu juízo dos povos da terra de Canaã.

### Salmos 150

O *Salmos 150*, um salmo de louvor, é uma elaboração sobre a palavra hebraica *aleluia*, que significa louvai ao Senhor. É adequado para este livro de louvores — significado do nome do livro de Salmos em hebraico — terminar com repetidas



#### EM FOCO

#### LOUVAR (HB. HALAL)

(Sl 146.1,10; 147.1; 149.3; 150.1,6).

O verbo *halal* é a palavra hebraica comum para *louvar*. Pode ser usado para exaltar a beleza humana (Ct 6.9), uma esposa virtuosa (Pv 31.30) ou um homem sábio (Pv 12.8). Mas, na maioria das vezes, *halal* é usado para louvar a Deus. Ocorre, muitas vezes, no modo imperativo, expressando um estímulo ou ordem: *louvai* (Sl 35.1) ou *louvai-o* (Sl 150.2). O exemplo mais famoso deste imperativo é *aleluia* (que significa *louvai ao Senhor*: Sl 146.1; 150.6). É uma combinação entre *halal* e o nome divino *Yah*. Os cinco últimos salmos representam um clímax dos louvores do livro de Salmos, ordenando aos crentes (Sl 145.10), aos israelitas (Sl 149.2), aos anjos (Sl 148.2), à própria Jerusalém (Sl 147.12), aos céus (Sl 148.1) e, finalmente, a todo ser que tem fôlego (Sl 150.6) que louvem o Deus Todo-poderoso, o Criador do universo.



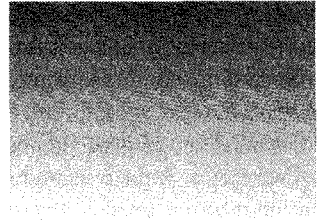
ordens para se louvar ao Senhor. A estrutura é a seguinte: (1) convocação para louvar a Deus no céu (v. 1); (2) convocação para louvar a Deus por Sua obra maravilhosa (v. 2); (3) convocação para louvar a Deus com todos os instrumentos (v. 3-5); (4) convocação para todas as criaturas da terra louvarem a Deus (v. 6).

**150.1** — *No seu santuário.* O intuito é que o louvor chegue a Deus onde Ele mora, nos céus (Sl 148.1.4).

**150.2** — *A excelência da sua grandeza.* Esta expressão grandiosa (Dt 3.24) é uma forma esplêndida de resumir tudo o que os Salmos falam da maravilha de Deus.

**150.3-5** — Dentre os vários instrumentos desta seção, constam os de metal, de sopro, de corda e de percussão, abrangendo muitos dos instrumentos conhecidos então em Israel (Sl 33.2,3; 98.4-6).

**150.6** — *Tudo o quanto tem fôlego.* O fôlego que Deus nos deu deve ser usado para louvá-lo. Enquanto estivermos vivos, devemos louvar ao Criador (Sl 146.1,2). Com Seu fôlego, Deus criou tudo o que há (Sl 33.6), e com nosso fôlego devemos adorá-lo. O livro de Salmos começa com a bênção de Deus aos justos (Sl 1.1) e termina com toda a criação adorando nosso amado Criador.



O livro de

---

# Provérbios

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**T**odos sabem o quanto vale um bom conselho. Dar ouvidos aos mais sábios faz com que nos beneficiemos de sua experiência obtida às duras penas. Crescer, viver em sociedade e manter um emprego seriam tarefas quase impossíveis sem a orientação dos que já passaram por isso. É essa ajuda que o livro dos Provérbios oferece.

O livro é bem mais que uma coletânea de “dicas”. Ele passa adiante uma essência de conhecimento e experiência que Deus considera *absolutamente necessária* para termos sucesso na vida. Estes provérbios não são simples ditados antigos que tratam de habitantes de terras antigas, mas sim princípios universais que se aplicam a pessoas de todas as épocas. Eles falam tão bem dos problemas modernos como dos antigos, pois tratam da

natureza humana e dos caminhos de Deus. A natureza humana não mudou desde que foram escritos; nem a divina. Tudo o que mudou à nossa volta foi a paisagem.

Provérbios foi escrito em versos hebraicos de rico padrão retórico que, como a poesia de muitas culturas, usa palavras com sentido especial para ter melhor efeito, soar melhor e tocar o coração. Emprega imagens vívidas e palavrado conciso. Diferente de outros gêneros de poesia, os poetas hebreus — de salmistas a autores de provérbios — empregam o paralelismo, a repetição de pensamentos relacionados entre si. Um tipo muito comum de paralelismo é o *paralelismo sinonímico*, no qual o segundo verso reforça o primeiro com termos ligeiramente diferentes: *Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que as muitas*

riquezas; / e a graça é melhor do que a riqueza e o ouro (Pv 22.1). Os dois versos têm praticamente a mesma estrutura. O esquema é: *A é assim; assim também é B*.

O *paralelismo antitético* também é bem comum em Provérbios. Aqui, o segundo verso expressa o pensamento em termos negativos, reforçando assim a ideia positiva: *O avisado vê o mal e esconde-se; mas os simples passam e sofrem a pena* (Pv 22.3). Este provérbio faz um contraste entre a pessoa prudente e a simples. A antítese funciona nos dois sentidos. Cada verso explica e amplifica o outro.

Em outro tipo de paralelismo, o segundo verso completa a ideia do primeiro. Isto é chamado de *paralelismo climático*. Um exemplo disso é: *O rico e o pobre se encontraram; a todos os fez o Senhor* (Pv 22.2). Um verso não está completo sem o outro.

Por fim, muitos provérbios baseiam-se em *comparações* entre dois versos paralelos. São os provérbios *melhor é... do que...* Exemplo: *Melhor é o pouco com justiça / do que a abundância de colheita com injustiça* (Pv 16.8).

Todos esses exemplos ilustram o cerne da poesia hebraica: o paralelismo. Cada versículo afila e encorpa o pensamento empregando reafirmação, comparação e preparação de um clímax. Estes recursos sutis nos envolvem e fazem-nos perceber e compreender a mensagem de cada provérbio com mais clareza.

Os 375 provérbios de Salomão (Pv 10.1—22.16) aparecem como uma grande coletânea sem muita organização no todo. Às vezes, longas frases sobre algum tema aparecem juntas, mas outras frases sobre o mesmo tema aparecem em outros lugares. Podíamos esperar que todos os provérbios sobre pobreza estivessem agrupados numa seção e todos sobre criação de filhos em outra, mas este tópico, e muitos outros, estão espalhados pela coleção. Às vezes, palavras ou sons repetidos são o vínculo entre orações separadas. Há também expressões que se repetem, sugerindo vínculo ideológico.

Além dos provérbios isolados, há no começo e no fim das partes do livro extensas de orientação (Pv 1—9; 30; 31). Estes capítulos contêm alguns

provérbios idênticos aos do resto do livro, mas isoladamente são muito diferentes da principal parte dos provérbios de Salomão (Pv 10.1—22.16). Enquanto a maioria dos capítulos da parte central do livro mescla diversos conselhos, os capítulos de 1 a 9, 30 e 31 abordam, cada um deles, um tema específico.

O prólogo declara o objetivo e o tema do livro (Pv 1.1-7): dar um curso instrutivo sobre sabedoria, preparar para a vida e mostrar como vivê-la segundo a vontade de Deus. Vários assuntos, como riquezas, sucesso e relações sociais, aparecem em outras coletâneas de literatura exemplar do antigo Oriente Médio que chegaram até nós, mas têm um tratamento diferente. A contribuição de Israel à literatura sapiencial foi colocar toda a sabedoria no contexto da fé no Senhor. A expressão *o temor do Senhor é o princípio da ciência* (Pv 1.7) deixa o assunto bastante claro, por assim dizer. É a fundação sobre a qual repousam todos os demais ditados sábios. É a ideia central do livro de Provérbios — o temor do Senhor nos motiva a obedecer aos mandamentos dele, e obedecer-lhe é o que constitui a verdadeira sabedoria.

O rei Salomão escreveu muitos provérbios, mais do que os que chegaram até nossos dias. A introdução do livro de Provérbios (Pv 1.1) e duas coletâneas de máximas dentro dele (Pv 10.1; 25.1) identificam-no como seu autor. Além disso, o livro de 1 Reis confirma esta autoria atribuindo três mil provérbios e mais de mil cânticos a ele (1 Rs 4.32). De fato, o autor de Reis orgulhou-se da sabedoria de Salomão, a qual excedia a de qualquer sábio do Oriente e do Egito (1 Rs 4.30). Os interesses e as pesquisas de Salomão abrangiam quase todos os ramos do conhecimento, de zoologia a botânica, passando por gramática e teologia. Pensar em conhecimento em Israel era pensar em Salomão, que, por dádiva de Deus, recebeu esta sabedoria (1 Rs 3.12).

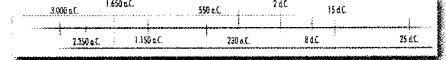
Embora Salomão tenha sido o principal autor do livro de Provérbios (10.1—22.16), alguns provérbios são de outros autores, e alguns dos de Salomão só foram incluídos no livro depois de sua morte. Agur escreveu o capítulo 30, e Lemuel escreveu 31.1-9. Além disso, não está claro se

Salomão escreveu os nove primeiros capítulos; eles podem ter sido contribuição de outra pessoa para a introdução do livro. Provérbio 25.1 diz que um grupo de assistentes do rei Ezequias (que reinou entre, aproximadamente, 729—699 a.C.) compilou e acrescentou os provérbios de Salomão

contidos nos capítulos 25 a 29. O livro de Provérbios tal como o conhecemos pode muito bem ter sido concluído na época de Ezequias, mas não podemos ter certeza, porque não sabemos nada sobre Agur (cap. 30) nem Lemuel (Pv 31.1-9) além de seus nomes.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM PROVÉRBIOS



Ano 1010 a.C. — Começa o reinado de Davi em Hebrom

Ano 970 a.C. — Davi falece, e Salomão se torna rei

Ano 970—930 a.C. — Muitos provérbios são escritos por Salomão

Ano 930 a.C. — Salomão morre, e o reino se divide

Ano 729—699 a.C. — Ezequias reina em Judá; Provérbios é compilado



## ESBOÇO

I - Prólogo: título, objetivo e tema — 1.1-7  
 II - Convite e orientação sobre a sabedoria — 1.8—9.18

III - Provérbios de Salomão — 10.1—22.16

IV - Ditados dos sábios — 22.17—24.22

V - Mais ditados dos sábios — 24.23-34

VI - Provérbios de Salomão transcritos por homens de Ezequias — 25.1—29.27

VII - Orientação de Agur — 30.1-33

VIII - Orientação da mãe do rei Lemuel — 31.1-9

IX - Epílogo: poema em acróstico sobre a esposa virtuosa — 31.10-31

## COMENTÁRIO

**1.1** — O prólogo do livro de Provérbios (Pv 1.1-7) tem três partes: (1) título (v. 1), (2) objetivo (v. 2-6) e (3) tema (v. 7). O título, *Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel* (v. 1), pode sugerir três coisas: (1) Salomão é autor do livro, (2) Salomão foi autor das principais contribuições ao livro, ou (3) Salomão é o patrono da sabedoria em Israel, então seu nome está neste título como honorífico. Como há outros autores (ex.: Agur [cap. 30] e Lemuel [Pv 31.1-10]), e algum material de Salomão foi editado muitíssimo depois de sua morte (Pv 25.1), parece mais sensato interpretar as palavras de abertura do livro como uma combinação da segunda e terceira opções. Salomão não pode ser o autor de todo o livro, mas é seu contribuinte mais notável e o modelo do ideal de sabedoria de Israel.

**1.2,3** — Os versículos 2 a 6 explicam o objetivo do livro de Provérbios. Os verbos *conhecer*, *entenderem* e *receber* referem-se às formas de adquirir sabedoria.

A palavra *sabedoria* se refere à capacidade, o que pode ser adquirida em sua vida quando se põe em prática os ensinamentos dados por Deus.

O termo *instrução* também pode ser traduzido como *disciplina* [NVI]; refere-se ao processo de

recepção de conhecimento e posterior aplicação à sua vida diária.

**1.3** — A expressão traduzida como *instrução do entendimento*, assim como a *sabedoria*, denota uma habilidade em prática, tal como a de um artesão ou músico. Ou seja, a sabedoria afeta a vida como a habilidade dos artistas afeta a prática de sua arte.

As palavras *justiça*, *juízo* e *equidade* dão um contexto moral à *sabedoria*, *instrução* e *palavras que dão entendimento*. A sabedoria bíblica permeia a vida inteira; exige uma mudança de comportamento e comprometimento com a justiça.

**1.4** — Os *simples* ou *ingênuos* são os jovens inexperientes, com tendência ao erro. Os termos *prudência* e *bom siso* incluem os fatos mais duros da vida. O sábio já aprendeu com a experiência a distinguir o que é verdadeiro, louvável e bom do que é falso, vergonhoso e ruim (Rm 12.1,2).

**1.5,6** — A expressão *crescer em sabedoria* vem destacar que o homem que adquiriu alguma compreensão deve continuar desenvolvendo-se em discernimento; sempre há mais o que aprender. O versículo 6 fala das lições que a pessoa mais madura obtém por meio do estudo de *provérbios*, *interpretação*, *palavras dos sábios* e *adivinhações*.

**1.7** — O *temor do Senhor* é o ingrediente mais básico da sabedoria, uma virtude que só pode ser



### APROFUNDE-SE

#### QUE TIPO DE SABEDORIA?

O objetivo dos Provérbios é franco e direto: *conhecer a sabedoria* (Pv 1.2). É comum pensar em sabedoria como uma forma avançada de conhecimento ou aprendizado, ou como um senso de compreensão e visão extraordinário e profundo. Esta visão da sabedoria possui um toque de misticismo, como se aqueles que a possuísem houvessem, de alguma forma, aprendido verdades profundas e enigmáticas de eras passadas.

No entanto, não há mistério a respeito da sabedoria sobre a qual Provérbios discorre, nem necessariamente ela está restrita a uns poucos privilegiados. A palavra traduzida como *sabedoria* aparece em Provérbios mais de 50 vezes e em Eclesiastes 29 vezes e vem do termo hebraico *chokmah*, que significa habilidades para a vida. Esta sabedoria é prática, e não teórica. Implica a pessoa viver de forma responsável, produtiva e próspera.

Desse ponto de vista, a sabedoria retratada em Provérbios ajuda-nos a compreender a forma como o mundo funciona. A questão não é tanto como a pessoa é dotada intelectualmente, mas o que ela faz na prática. É a verdade aplicada.

É por isso que Provérbios trata de tantas questões da vida cotidiana, especialmente as que envolvem escolhas morais e outras decisões que afetam o futuro. O *sábio* (hb. *chakam*) evita o mal e promove o bem observando as ações das outras pessoas e seus resultados, tomando então a decisão sobre sua vida. Assim, os Provérbios não são exatamente promessas de Deus, e sim observações e princípios sobre a vida.

alcançada quando se conhece Deus e submete-se à Sua vontade. Ter conhecimento sobre algo e nenhum de Deus aniquila o valor de possuir esse conhecimento. Só os *loucos* rejeitaram o temor ao Senhor.

O verbo *desprezar* tem uma forte carga negativa e dá mais peso ao fato de que não temer a Deus equivale a rejeitar toda sabedoria (Dn 11.32; Jo 17.3).

**1.8,9** — As palavras de abertura deste trecho bíblico soam como o apelo de um pai ao seu *filho*, um tema que está presente em todo o resto do livro. O versículo 8 destaca a responsabilidade de instruir tanto do *pai* como da *mãe*.

**1.10-14** — Aqui está a primeira passagem de advertência. Neste trecho bíblico, o autor alerta que não devemos misturar-nos com os criminosos. Isto espelha uma situação desregrada da sociedade atual em que é comum ver jovens fracos se deixarem envolver pela rede de violência.

**1.15-18** — Nestes versículos, o autor aconselha cautela. Ele destaca que cada passo no caminho perigoso é um passo em direção à destruição ao ilustrar com o ato de estender uma *rede* para capturar uma *ave*. Neste caso seria uma tarefa inútil, pois a ave, espiando a armadilha sendo preparada, desvia-se dela. Só que existe o louco, que é mais tolo do que o pássaro; ele vê a armadilha ser montada e ainda assim cai nela.

**1.19** — *Prenderá a alma*. Estas palavras concluem a advertência do autor aos jovens e apresentam um tema que os trechos seguintes abordarão: o estudo da sabedoria é uma questão de vida ou morte.

**1.20,21** — A palavra *Sabedoria* aqui está com letra maiúscula porque não foi traduzida da mesma palavra hebraica que deu origem ao termo *sabedoria* no versículo 2, mas sim do vocábulo hebraico *hokhmoth* (que também é encontrado em Pv 9.1; 14.1; 24.7; Sl 49.4). Neste caso, a palavra hebraica provavelmente é a forma plural de *hokhmah* (Pv 1.2), e não um substantivo abstrato separado, apontando para as multiformes excelências da sabedoria.

**1.22-27** — Este trecho bíblico se dirige aos *néscios*, aqueles que pouco sabem sobre o temor

do Senhor e ainda não encontraram uma direção certa na vida. São ensinamentos que repreendem o que é mal e apontam para o que é bom, ressaltando que os que rejeitaram a sabedoria serão ridicularizados quando chegar a hora de enfrentarem o juízo inevitável de sua insensatez (Sl 2.4). Ainda assim, a Sabedoria dá risadas de júbilo diante da obra de Deus e deleita-se por causa do povo de Deus (Pv 8.30,31).

**1.28-33** — *Eu não responderei*. Esta é a consequência que enfrentará aquele que escolheu desprezar a sabedoria; o Senhor não atenderá às orações. O louco costuma rejeitar os sábios conselhos do Senhor porque se recusa a temer a Deus (v. 29).

Os versículos 31 e 32 retomam o tema do versículo 19 sobre a orientação dos pais: os loucos atraem sua própria destruição. Rejeitar a sabedoria *os destruirá*. Este tenebroso alerta termina com a promessa de vida aos poucos que derem *ouvidos* às palavras de sabedoria; estes encontrarão segurança e paz.

**2.1-4** — Este capítulo descreve os frutos produzidos pela busca de sabedoria e atrelam os conceitos de sabedoria e conhecimento de Deus com mais propriedade.

**2.5-8** — Quando se busca a sabedoria, entende o *temor do Senhor* e encontra o *conhecimento de Deus*. Quem conhece Deus teme (reverencia) a Ele. Os versículos 6 a 8 se assemelham às palavras dos Salmos (compare ao Sl 91).

A expressão *a verdadeira sabedoria* usa outro sinônimo para *sabedoria*, uma palavra que pode ser traduzida como *sucesso permanente* ou *vitória*.

**2.8-13** — A expressão *veredas do juízo* (v. 8) contrasta fortemente com *caminhos das trevas* (v. 13). Este contraste apresenta um dos principais temas de Provérbios, o contraste entre dois caminhos. Jesus falou de dois caminhos, um estreito e outro largo (Mt 7.13,14). A estrada certa é marcada pelas demandas da *justiça*, do *juízo* e da *equidade* (v. 9). Estas são as demandas da lei de Deus.

**2.10,11** — *Entrará no teu coração*. Estas palavras ressaltam a internalização da sabedoria. Os conhecimentos ensinados pelos provérbios devem ser aprendidos e praticados.

**2.12-15** — A expressão *mau caminho* (v. 12) contrasta diretamente com o caminho da sabedoria, e caracteriza-se pelas *coisas perversas*, por mentiras e distorções, por deformações e enganações, e por trevas e desvios.

**2.16-22** — A expressão *mulher estranha* faz referência à mulher adúltera, sedutora, imoral. O adultério é incompatível com o ideal da lei de Deus. A palavra *estranha* também conotava *prostituição*, porque a mulher estrangeira dos antigos cultos de fertilidade do Oriente Médio participava de práticas sexuais nos seus ritos de adoração.

**3.1,2** — *Lei e mandamentos* são palavras que, como no Provérbio 1.8, chamam a atenção para a ligação entre a sabedoria e a Lei mosaica. Os provérbios são a Lei aplicada.

**3.3,4** — *Benignidade* e *fidelidade* são duas palavras de peso dentro da Bíblia, pois descrevem o caráter de Deus (Sl 100.5) e os valores que Ele exige de Seu povo. O apóstolo João empregou o equivalente grego destas palavras, *graça* e *verdade*, para descrever o caráter de Jesus (João 1.14).

**3.5,6** — As palavras *confia no Senhor* ecoam a ordem de Deuterônimo 6.5 para amar Deus com todo o nosso ser. O verbo *confiar* é complementado pelo verbo *estribar-se* (*sustentar-se*). Confiar em Deus é depender conscientemente dele, da mesma forma que é preciso apoiar os pés no estribo para não perder o equilíbrio ao andar a cavalo. A ideia é reforçada com a exortação para reconhecê-lo *em todos os teus caminhos*, o que significa observá-lo e conhecê-lo enquanto se vive. Ao fazê-lo, a pessoa perceberá que, cada vez mais, Deus facilita os seus caminhos.

**3.7-10** — As promessas destes versículos tratam de padrões genéricos, e não de regras sem exceções. São os resultados típicos de quem assume um compromisso com Deus. A ordem para louvar ao Senhor com *a tua fazenda* [*recursos*, na NVI] e dar-lhe as *primícias de toda a tua renda* é uma parte do significado de adorar ao Senhor. Sendo assim, da mesma forma que no pacto de Deus com Israel, Ele prometeu, entre tantas coisas, manter seus *celeiros* e *lagares* cheios.

**3.11,12** — A *correção do Senhor* é o outro lado da Sua graça. Devemos apreciar a correção de

Deus em nossas vidas, porque Ele só disciplina aqueles *a quem ama* (Hb 12.7-10).

**3.13-18** — Confira as bem-aventuranças proferidas por Jesus no Sermão da Montanha (Mt 5.2-12). O termo hebraico traduzido como *bem-aventurado* [*feliz*, na NVI] possui uma ideia explosiva de múltipla felicidade (Sl 1.1). Fica implícito, então, que Deus fica muito contente ao ver Seus filhos seguindo os princípios da sabedoria.

A pessoa que encontra sabedoria descobre um tesouro incalculável. Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden e proibidos de tocar na árvore da vida (Gn 3.22-24), mas a sabedoria é outra *árvore da vida*, que começará a restaurar a felicidade perdida no Paraíso.

**3.19,20** — A expressão *com sabedoria, fundou a terra* revela um dos temas centrais de Provérbios, que é a associação de sabedoria e criação. O capítulo 8 é dedicado a este assunto.

**3.21** — Este versículo estimula a conservar tanto a fé como a sabedoria. O intuito é semelhante ao de Shemá Israel [Ouçá Israel] (ver comentário em Dt 4.39; 6.4). Também se assemelha às ideias básicas do Salmo 91 (compare o v. 26 com o Sl 91.10-13).

**3.22-26** — Boa parte do capítulo 3 contém conselhos parecidos com as da parte posterior do livro. Estes conselhos soam como aperitivo do que virá depois, mas no momento aparecem no contexto da bênção concedida ao homem que se aproximou da Sabedoria. Tais provérbios revelam-nos um grande senso de orientação, que não estão distantes do contexto teológico. Concentram-se no conhecimento de Deus; baseiam-se no caminho para a sabedoria. Conforme lemos estes provérbios, vamos situando-nos para os que comecem no capítulo 10.

**3.27-30** — Este trecho bíblico se refere ao tratamento respeitoso para com o nosso próximo, um dos principais ensinamentos de Jesus (Lc 10.25-37). Da mesma forma, não se deve evitar fazer o bem ao nosso próximo quando se tem o poder de fazê-lo (Pv 3.27). É falta de caráter poder pagar uma dívida e não fazê-lo (v. 28), e não há piedade para tramoias interesseiras (v. 29) ou palavras de intriga (v. 30) contra companheiros pacíficos.



## APLICAÇÃO

### RESPONSABILIDADE DOS PAIS

Conforme a sociedade moderna vem descobrindo a cada dia, não há substituto para um lar sólido e estável. Com pais ausentes, negligentes ou abusivos, os filhos provavelmente não aprendem a lidar com o mundo de forma saudável. Por este motivo, Provérbios ressalta a responsabilidade dos pais em instruir as crianças e ensiná-lhes a sabedoria (Pv 4.3,4). Por terem acumulado idade, dificuldades e sofrimentos, os pais são capazes de oferecer experiência e ideias que vão ajudar a próxima geração a manter-se na trilha certa.

A intenção de Deus é de que pai e mãe participem da educação dos filhos. Os pais devem assumir a liderança como guias e orientadores, e as mães devem proporcionar princípios dominantes com base na Palavra de Deus (Pv 1.8; 4.1; 6.20). Além disso, Provérbio 4.3,4 deixa implícito que os avós também têm sua dose de responsabilidade na educação dos netos.

Desta forma, a família deve instruir *o menino no caminho em que deve andar* (22:6). Esta é a dívida do lar. A criança pode não apreciar por um momento os ensinamentos dados, mas os pais devem concedê-los de qualquer modo. Aliás, devem fazê-lo para o seu próprio bem.

**3.31-35** — De nada vale a pena ter *inveja do homem violento*, porque Deus abomina a perversidade. Só um tolo desejaria ser detestável aos olhos do Senhor! Este trecho bíblico termina com um contraste da bênção de Deus para os justos com Sua maldição sobre os ímpios (Gn 12.3).

**4.1-4** — A expressão *correção do pai* deixa implícita ternura e afeição, bem como preocupação e disciplina por parte dos pais. A introdução do capítulo 4 lembra o início da primeira orientação por parte dos pais feita em Provérbio 1.8 [*Filho meu*], mas o interlocutor agora é plural, *filhos*. Assim como seu pai o instruiu, o filho ensinará aos seus filhos, uma geração após a outra. O apelo aos pais para ensinarem as coisas de Deus aos seus filhos baseia-se em Deuteronômio 6.7 e reflete os Salmos (ex.: Sl 78.3,4).

**4.5-7** — Os versículos 5 a 9 apresentam um apelo apaixonado do pai aos filhos para que adquiram a sabedoria a qualquer custo.

A introdução dos primeiros capítulos de Provérbios segue um padrão: afirmativa, repetição e embelezamento. Fazendo amplo uso da reafirmação criativa, as ideias são entendidas bem claramente. As palavras do versículo 7 são particularmente fortes: *a sabedoria é a coisa principal*. A palavra *principal* é traduzida como *o princípio da* em Provérbio 1.7, mas aqui tem o valor de primeira em importância.

**4.8,9** — Estes versículos ressaltam o valor absoluto da sabedoria. A pessoa que tem a sabedoria

e lhe obedece sem hesitar será exaltada e honrada; sua presença se tornará um *diadema de graça* e uma *coroa de glória*. Estas metáforas são apelos eficazes por uma resposta do coração (Pv 1.9; 3.3).

**4.10-19** — Estes versículos apresentam um novo apelo de pai para filho para andar *no caminho da sabedoria* e evitar *a vereda dos ímpios* a todo custo. O contraste entre essas duas *carreiras* [*veredas*, na NVI] é profundo. O caminho da sabedoria é reto, sem obstáculos e seguro. O caminho dos ímpios é tortuoso, perigoso e marcado por violência. Uma estrada é um caminho de luz, a outra, de escuridão; uma conduz à promessa, e outra, a uma estrondosa destruição.

**4.20-27** — Este trecho bíblico orienta a cuidar das vontades e das emoções, e a manter a fala honesta, o olhar atento e o bom senso no proceder. Adentrar o caminho da sabedoria não é um acaso. Boa parte deste capítulo reforça e refina os temas encontrados nos capítulos 1 a 3. A ênfase na virtude nos prepara para as advertências do capítulo 5.

**5.1-6** — O capítulo 5 volta ao tema da *mulher estranha* (Pv 2.16-19). Este trecho fala veementemente a favor da fidelidade conjugal. Se você quer conservar a discrição, ouça estas palavras, *senão seus pés desce[rão] à morte*.

**5.7-14** — A Bíblia ensina em várias partes que a tentação como um todo é inevitável, mas algumas devem ser evitadas a qualquer preço. A pessoa ajuizada sabe disso e não se aproxima da



*mulher estranha* [imoral]. As instruções do apóstolo Paulo a Timóteo para fugir dos desejos da mocidade (2 Tm 2.22) ensinam o mesmo tema. Envolver-se com tal pecado desonra e consome aqueles que tombam nele.

**5.15** — Em um país árido como Israel, um *poço* era um bem valioso e um privilégio a ser resguardado. O cônjuge também era (e é). A expressão *bebe a água* é uma referência oblíqua à conjunção sexual (Pv 9.17), e *da tua cisterna* é um claro apelo à fidelidade conjugal — um homem e uma mulher juntos pelo matrimônio. Os autores da Bíblia às vezes falam da salvação como uma fonte (Is 12.3); chamar o cônjuge de fonte d'água era um gesto afetivo (Ct 4.15).

**5.16,17** — Nestes dois versículos, há uma pequena “virada de mesa”. Como seria, pergunta o professor, se sua própria esposa se tornasse a *mulher estranha* de outros homens? Por acaso sua “fonte d'água” deveria correr pelas ruas? Ou “sua água” estar em praça pública? “Não!”, diz o professor. Faça com que estas águas sejam só suas, e não algo que partilha com estranhos (v. 17).

**5.18-20** — As palavras *alegra-te com a mulher da tua mocidade* compreendem uma ordem e um estímulo para se achar alegria na felicidade mútua do casamento. De fato, ter prazer no leito conjugal é *benedito* por Deus (Cantares; Hb 13.4).

**5.21-23** — Na expressão *os olhos do Senhor* reside um ponto decisivo: o que se faz em secreto não passa despercebido aos olhos de Deus, que tudo vê. Nisto, incluem-se também as práticas de adultério, que só leva à ruína. Uma vida insensata termina em morte amarga. O caminho secreto do perverso é um escândalo às claras no céu; termina com a solidão de um inferno particular.

**6.1-5** — Estes versículos alertam sobre o perigo de ser *fiador* (Pv 11.15) ou coassinar um empréstimo. Isto não significa que nunca devamos ser generosos ou ajudar os outros caso possamos, mas que não devemos prometer o que não podemos cumprir. No tempo de Salomão, um cossignatário que não pudesse pagar perderia tudo o que tinha e, ainda por cima, seria reduzido à escravidão. Mesmo que as leis de hoje

sejam diferentes, a incapacidade de quitar uma dívida é ainda uma forma de escravidão e pode ser um problema sério.

**6.6-11** — Este trecho alerta contra a armadilha da preguiça. O *preguiçoso* é refém do lazer. Tudo de que ele precisa para sobreviver pode ser aprendido com a *formiga*, uma criatura humilde que se ocupa em armazenar comida no verão para enfrentar o inverno que virá. Como a formiga, a pessoa sábia trabalha duro. Por outro lado, o *preguiçoso* é viciado em dormir e perdeu todo o interesse em trabalhar (Pv 26.13-16).

**6.12-15** — O *homem vicioso* é criador de casos. Diferentemente do *preguiçoso*, cujo único desejo é encontrar outro lugar para cochilar, o criador de problemas mal pode esperar para se meter em novos apuros. Diferentemente do *preguiçoso* (v. 6), ele se ocupa até demais, mas planejando coisas erradas. Ele se alegra em semear a intriga. Mas como o *preguiçoso*, ele não percebe que a *destruição* está próxima.

**6.16-19** — Este trecho é um provérbio numérico (Pv 30.15-31) que descreve *sete* coisas que *aborrece o Senhor*. O uso de progressão numérica — *seis coisas aborrece o Senhor, e a sétima...* — nestes provérbios é um mecanismo retórico que embeleza a poesia, ajuda a memorizar e constrói um clímax. Dá a impressão de que há mais a ser dito sobre o assunto. A progressão incorpora não apenas os números, mas também as palavras que descrevem a resposta divina; o vocábulo *aborrece* progride para *abomina*. O termo *abomina* é a expressão mais forte da Bíblia de ódio pela perversidade (compare com Lv 18.22). Em uma lista desse tipo, o último item é o mais importante. Assim, o leitor saberá que o que *semeia contendas entre irmãos* (v. 19) é o que mais desagrada Deus. Compare com a bênção de Deus aos irmãos que vivem juntos em paz (Sl 133.1).

**6.20-24** — Este trecho vincula os ensinamentos do pai com os da *mãe* (Pv 1.8). A instrução materna deve estar atada ao *coração* e ao *pescoço* da pessoa, como companhia permanente e guia confiável — como a Lei de Deus (compare com Dt 6.4-9; 11.18-21). (Para as palavras *lâmpada* e *luz*, veja Sl 119.105.)



## ENTENDENDO MELHOR

### O CASTIGO POR ROUBAR

Segundo a Lei do Antigo Testamento, normalmente se exigia que o ladrão restituísse o dobro do valor do prejuízo. Entretanto, Provérbios indica que, se alguém roubou por estar passando fome, ele precisava pagar sete vezes mais, mesmo que significasse perder sua casa e bens (Pv 6.30,31). O que explica esta penalidade mais forte?

A resposta pode ser que a Lei tinha vários dispositivos para impedir os pobres de passar fome. Dentre eles havia:

- O dízimo ao fim de três anos (Dt 14.28,29).
- Obrigação de deixar sobras após a colheita (Lv 19.9,10).
- Perdão de dívidas no ano sabático (Dt 15.1-3).
- Venda temporária de imóveis (Lv 25.23-34).
- Empréstimos de caridade obrigatórios (Dt 15.7-11) com juro zero (Êx 22.25).
- Servidão voluntária sob contrato (Lv 25.39-55).

À luz destas medidas, não havia desculpas para se roubar por não ter o que comer (a não ser que a sociedade deixasse de cumprir estas medidas).

No entanto, vale a pena assinalar que cada termo destes era uma forma de caridade, e muita gente não aceita caridade por vários motivos, como orgulho, vergonha ou desejo de independência. Talvez a penalidade de restituição setuplicada pretenda punir esta rejeição da ajuda por orgulho.

**6.25** — O termo *olhos* refere-se aos olhares sedutores.

**6.26** — O contraste ressalta a terrível devastação que uma adúltera traz à vida de um homem. Comparada à confusão causada por uma prostituta, a adúltera consome a vida de sua vítima.

**6.27-35** — *Furta para saciar-se, tendo fome*. Este trecho não apoia o roubo. Simplesmente compara o roubo, que poderia ser uma ação até compreensível se a razão for a fome, com o adultério, que nunca faz sentido. Jogar fora o compromisso com sua companheira da vida inteira é loucura. Para os antigos israelitas, fidelidade conjugal era sinal de fidelidade a Deus. Mas vale ressaltar que naquela época se um homem roubasse alimento era condenado a restituir sete vezes o valor roubado. (Veja a explicação no texto *O castigo por roubar*, no quadro *Entendendo Melhor*.)

**7.1-5** — O problema da imoralidade (Pv 2.16-19; 5.1-23; 6.20-35) tem solução: *Guarda os meus mandamentos [...] como a menina dos teus olhos*. As pessoas devem guardar as palavras sábias como protegem a pupila dos seus olhos. Deus cuida do Seu povo com o mesmo zelo (Dt 32.10).

**7.14-21** — Tudo o que a adúltera faz é perverso. Ela procura seduzir e mostrar suas ações supostamente boas, fazendo um convite ao jovem que ele

não consegue recusar. Uma das estratégias dela é convidá-lo para um banquete, que teria como cardápio parte da oferta que ela apresentara ao Senhor como *sacrifícios pacíficos [de comunhão, na NVI]*. Afinal, este tipo de oferta era realizado para agradecer por uma misericórdia alcançada, e a carne do sacrifício tinha de ser comida no mesmo dia. Estes preparativos e convite seriam aceitáveis entre uma esposa e seu marido; seriam honrados por Deus. Porém, no caso da mulher imoral, é nada menos do que pura perversidade.

**7.22,23** — Este trecho emprega várias metáforas desfavoráveis para descrever como um jovem tolo recai na imoralidade. A expressão *como o louco ao castigo das prisões* poderia ser traduzida como *um cervo que patea até se ver preso*. A ideia é de que o jovem não tem noção do seu destino. Ele é tão insensato que nem tem noção de sua insensatez.

**7.24-27** — O capítulo 7 termina com um epílogo (v. 24-27) no qual se arremata a lição: *Agora, pois, filhos, dai-me ouvidos*. Em outras palavras, fique longe da mulher imoral! Ela é fatal, e já fez muitas vítimas.

**8.1-11** — Este capítulo é um hino de louvor à maravilha de possuir sabedoria. A expressão *Não clama, porventura, a sabedoria?* atesta que a

sabedoria deseja chegar a todos; por isso, dissemina sua mensagem publicamente, diferentemente da mulher imoral, que busca seus objetivos às ocultas e com mentiras. Pode-se confiar nas palavras de sabedoria; seus conselhos são gratuitos e benignos. Suas palavras de *verdade* contrastam com as mentiras da *impiedade* (Pv 7.21-23). A sabedoria cumpre as suas promessas; ela não é uma provocadora espalhafatosa. O que a sabedoria oferece tem valor inestimável, muito mais rico do que *prata* e *ouro*; não há pedra preciosa nem nada de valor que se compare a ela (uma expressão parecida se encontra em Pv 3.14,15).

**8.12,13** — As palavras *eu, a sabedoria, habito com a prudência* abrem a segunda parte deste trecho sobre a excelência da sabedoria (v. 12-21). Novamente, neste contexto, vemos a sabedoria atada diretamente ao *temor do Senhor*. A oferta de sabedoria só está aberta aos que temem a Deus. Aproximar-se da sabedoria requer aproximar-se do Altíssimo, o que significa afastar-se de tudo o que Ele abomina — o mal, o orgulho, a arrogância, o mau comportamento e a fala perversa. Jesus disse que a verdade está nele (Jo 8.32).

**8.14-21** — Neste trecho bíblico, fala-se de *príncipes, nobres e juizes*. Para que as autoridades possam exercer seu poder com idoneidade é preciso o uso da sabedoria, um de seus apelos mais requintados. Além disso, a sabedoria leva aqueles que a seguem a riquezas e honra (Pv 9.1-6). É um contraste chocante com o destino do tolo (Pv 6.33,35).

**8.22-31** — Esta parte do capítulo 8 descreve o papel da sabedoria na criação. O *Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos*. Nesta expressão, o termo *possuiu* em hebraico pode significar *trouxe* ou *criou*. Melquisedeque usou a mesma palavra para identificar Deus como o Criador do universo (Gn 14.19). O Senhor, sempre sábio, produziu a sabedoria; O Senhor, dono de todo conhecimento, criou o conhecimento. A sabedoria só teve um *princípio* no sentido de que Deus, naquele momento, separou-a para exibi-la; na medida em que é uma das perfeições de Deus, ela sempre existiu (v. 23). Estes versículos fornecem parte do contexto para o retrato de Cristo no NT

como a Palavra divina (Jo 1.1-3) e como a sabedoria de Deus (1 Co 1.24,30; Cl 2.3).

**8.30,31** — Usando de sabedoria, Deus criou o universo. Logo, um estudo devido sobre o universo é uma descoberta progressiva da sabedoria de Deus (Rm 1.20). A palavra *delícias* expressa a exuberância brincalhona e infantil da Sabedoria, como um filho querido. E sua maior alegria está no ápice da obra de Deus — *os filhos dos homens* — ou seja, na humanidade.

**8.32-36** — Esta parte é o epílogo do hino de louvor do capítulo 8. Apela para que todos o ouçam: *Agora, pois, filhos, owi-me*. A sabedoria oferece bênçãos e vida a todos os que lhe seguem, mas amaldiçoa e mata os que a odeiam. O gentil convite da sabedoria é mais desejável do que qualquer coisa e leva-nos a uma vida bem-aventurada.

**9.1** — Aqui reside o contraste definitivo entre loucura e sabedoria. Cada uma delas oferece um banquete para a vida (v. 1-6) e outro para a morte (v. 13-18). Entre essas duas seções há uma parte (v. 7-12) que fala das consequências da vida de sabedoria versus a de insensatez.

Assim como em Provérbio 1.20, no versículo 1 do capítulo 9 o termo hebraico traduzido como *sabedoria* está no plural, e não no singular, para chamar a atenção.

*Sete colunas*. Nesta expressão, o número sete representa a completude, conforme é comum na poesia semítica. Ou seja, não é que houvesse literalmente sete colunas, mas sim que a casa da sabedoria tinha firmeza e caráter substancial.

**9.2,3** — Dentre os alimentos do banquete da sabedoria constavam carne e *vinho*, servidos sobre uma bela *mesa* (Pv 7.14). A carne recém-abatida era o diferencial do banquete nos tempos bíblicos. Já o vinho era um gênero precioso no antigo Israel; mas em banquetes especiais, o anfitrião acrescentava temperos aromáticos ao vinho, acentuando o aroma e melhorando o gosto (Ct 8.2). Tudo isso contrasta com a atitude da mulher insensata. Enquanto a sabedoria ocupa-se em cuidar de cada detalhe como uma anfitriã zelosa, a insensatez se senta à porta de casa sem ter o que fazer (v. 14). A sabedoria manda suas criadas correrem a cidade para convidar as pessoas para o jantar.

**9.4-6** — A sabedoria faz questão de convidar para o seu banquete os *simples*, quer dizer, aqueles que ainda não se decidiram pelo caminho que tomarão na vida (Pv 1.4; 7.6). Com as palavras *pão* e *vinho*, a sabedoria promete vida. A pessoa que se aproxima da sabedoria não tem nada a perder senão sua ingenuidade. Leia Hebreus 5.14, onde fala da pessoa madura como aquela que é capaz de desfrutar bem do alimento sólido e alcançar o crescimento espiritual, enquanto a ingênua só consegue beber leite e continuar sendo menino na fé (Hb 5.13).

**9.7-9** — *Escarnecedor* ou zombador é quem se opõe frontalmente à sabedoria (Pv 1.22), escarnecendo do que é de Deus (Sl 1.1). Como a pessoa deve reagir ao zombador? O melhor é nem dar resposta. O *sábio*, por sua vez, aceita ser corrigido e reage com gratidão ao que apontou o seu erro. O *sábio* sempre aceita críticas construtivas; fica implícito que ele é uma pessoa humilde (Pv 3.7; 9.10; 11.2).

**9.10-12** — O *temor do Senhor* é o tema central do livro dos Provérbios (Pv 1.7). A única maneira apropriada de aproximar-se do santo Deus é com temor, ou seja, reverência. O termo *Santo* é um nome plural e majestoso da palavra hebraica que poderia ser traduzido como o *Santíssimo* ou a *quintessência da santidade*.

A expressão *para ti* mostra que você mesmo sentirá os efeitos de sua sabedoria ou insensatez; é impossível escapar deles.

**9.13-18** — Esta parte faz uma paródia dos versículos 1 a 6. Nos seis primeiros versículos deste capítulo, a sabedoria personifica o valor da sabedoria. Já nesta segunda parte (v. 13-18), é a vez de a insensatez ser personificada, comparada neste caso com uma *mulher louca*. Ela fala em voz alta, é inconsequente, estridente, indisciplinada e *não sabe coisa alguma* (Pv 7.10-12). Ela grita as mesmas palavras que a sabedoria usa (compare o v. 16 com o v. 4), mas com uma diferença: ela não tem nenhum banquete maravilhoso para seus convidados, mas apenas comida ordinária, furtada e escassa. Embora receba muita atenção, seu convite só faz sentido para os *faltos de entendimento*.

**10.1** — Os *provérbios de Salomão* concentram-se no *filho sábio*, como nos capítulos 1 a 9, e o comparam com o *filho louco*. O termo *filho* é genérico — a questão central não é ser filho em vez de filha, mas sim se ele(a) é *sábio(a)* ou *louco(a)*. O comportamento de um filho afeta ambos os pais. Os pais têm sua fonte de alegria ou tristeza no filho que demonstra capacidade para a vida. O tempo dos verbos sugere que o filho *sábio* alegra seus pais continuamente e que o filho *louco* traz contínuos dissabores aos seus pais.

**10.2** — Este versículo é um alerta contra confiar na riqueza, e não na retidão pessoal. Os perversos podem ser ricos, mas essa riqueza não lhes adiantará de nada depois de mortos. Neste caso, a morte é algo a temer — se a pessoa não conhece Deus. O fato de a integridade libertar da morte pressagia certa esperança de vida após a morte.

**10.3** — Este versículo fala de como Deus generosamente provê as necessidades da alma dos justos, mas retribui com Sua justiça aos *ímpios*. Provérbios assim ressaltam (1) as circunstâncias como deveriam ser e (2) o *fim* dos *ímpios* (Sl 73.17). Não indicam necessariamente a vida como ela sempre é, nem o que os *ímpios* estão vivendo neste momento.

**10.4** — Muitas vezes os Provérbios vinculam preguiça à pobreza, e trabalho duro à riqueza (v. 2). Este provérbio determina a norma.

**10.5** — A expressão *ajunta no verão* compara a pessoa habilidosa à vergonhosa, baseando-se no quanto trabalham durante a época da colheita. A descrição da segunda pessoa é particularmente dura: *o que dorme na sega*.

**10.6** — A ideia apresentada por este provérbio põe em contraste uma aura abençoada que paira sobre o justo com o cheiro pútrido da violência que emana do ímpio.

**10.7** — Naquela época, o *nome* da pessoa era significativo e importante. Quando o nome da pessoa era lembrado pelas gerações futuras como bom, atribuía-se grande valor à vida dessa pessoa. Mas quando a memória de um nome era poluída, era como se esta pessoa jamais tivesse vivido.

**10.8** — O termo hebraico traduzido como *será transtornado* significa *está arruinado*, e provém da

mesma raiz de *apodrecerá* no versículo 7. Este tipo de paralelismo poético deve ter agradado os israelitas da Antiguidade.

**10.9** — Muitos provérbios comparam dois caminhos na vida. A expressão *anda em sinceridade* significa obedecer à Lei de Deus como um plano de vida. Escolher caminhos tortuosos é desdenhar do propósito da Lei que Deus generosamente nos apresentou.

**10.10** — Embora muitos provérbios comparem dois comportamentos, as duas partes deste provérbio falam de más ações. Além disso, a segunda parte deste provérbio é idêntica à segunda parte do versículo 8. Trata-se de um vínculo que dá liga ao trecho.

**10.11** — Aqui há mais um provérbio tratando da boca (Pv 10.6,8,10). Este versículo apresenta a fala como produto externo da realidade interna. A expressão *manancial de vida* é praticamente uma imagem divina, uma antítese bastante forte à palavra *violência*.

**10.12** — Este versículo trata das relações interpessoais, e não da salvação. O ódio é uma arma do diabo para gerar contendas, mas a pessoa sábia reage às transgressões ou desentendimentos com amor, tolerância e desejo forte de fazer o bem. Caso o indivíduo revidasse as ofensas de forma negativa, o ódio seria despertado no coração de ambas as pessoas envolvidas na situação, configurando em uma atitude sem sabedoria.

**10.13** — Este provérbio declara que as palavras podem ter um papel positivo — o de comunicar sabedoria. A palavra *vara* se refere ao castigo, neste caso, merecido. As palavras *falto de entendimento* vêm da expressão idiomática hebraica *falto de coração*. Aquele a quem “falta coração” é comparado desfavoravelmente ao que é *sábio de coração* (v. 8).

**10.14,15** — A expressão *escondem [acumulam, na NVI] a sabedoria* é um tema forte nos textos de orientação dos capítulos 1 a 9 (Pv 1.1-3; 3.1). O versículo 14 compara a busca de conhecimento do sábio com a fala vazia do tolo. Já no versículo 15, a *fazenda [riqueza, na NVI]* é comparada a uma *fortaleza*. Neste caso, quer dizer que uma cidade rica terá maior segurança para suportar os

ataques inimigos do que uma cidade pobre. Naquela época, só as cidades muradas estavam preparadas para resistir às forças adversárias.

**10.16,17** — Estes versículos apresentam a doutrina dos dois caminhos: o do justo, que leva à vida; e o do ímpio, que conduz ao pecado. A expressão *as produções do ímpio* assemelha-se com o que Paulo escreveu em Romanos 6.23: *o salário do pecado é a morte*.

**10.18-21** — Estes versículos falam dos perigos da fala, especialmente a mentira e a difamação. Para evitar estes pecados é preciso praticar a autocontenção.

**10.22** — O vínculo da riqueza com a *bênção do Senhor* é explicitado neste versículo. Nesta sentença, *Yahweh* concede ausência de tristezas e fartura de riquezas. Que bênção!

**10.23,24** — A palavra traduzida como *divertimento* geralmente significa *riso alegre* (Jó 8.21; Sl 126.2). Às vezes, quer dizer *risada vazia* (Pv 14.13; Ec 7.3,6). Aqui, o provérbio emprega a palavra de forma completamente negativa. Para o tolo, a perversidade não passa de um jogo. Ele inventa as regras conforme progride. Para ele, só perderia se fosse pego. Mas quem tem entendimento tem uma perspectiva de longo prazo. No fim, ele consegue o que deseja, enquanto a justiça se abate sobre o ímpio.

**10.25** — A natureza breve dos perversos é comparada à estabilidade dos justos. Assim como o Salmo 1.3,4, onde os justos são comparados a uma árvore, e os ímpios, à moinha, neste provérbio a tempestade sopra e espalha os ímpios, mas não tira os justos do lugar. O *perpétuo fundamento* dos justos é a fé em Deus, assim como as águas que alimentam a árvore do Salmo 1.3.

**10.26** — O *preguiçoso* é uma figura cômica nos provérbios. Aqui o preguiçoso (hb. ‘asei) irrita aquele que o mandou cumprir uma tarefa. Ele é como o sabor ácido do *vinagre* na boca, como uma fumaça que irrita a vista.

**10.27** — Este versículo contém a primeira aparição da expressão *temor do Senhor* nos capítulos 10 a 22 (Pv 1.7,29; 2.5; 8.13; 9.10). O vínculo da devoção com a vida longa e da perversidade com a morte precoce é outro tema comum em Provérbios (3.1,2).

10.28 — O *justo* tem algo por que esperar com alegria; o *ímpio* não (v. 24).

10.29 — Cada pessoa vê o *caminho do Senhor* de forma diferente. Quem é inocente o vê como refúgio da tempestade e do calor do dia. Os iníquos o veem somente como fonte de terror. A perspectiva de quem vê faz toda a diferença; o caminho do Senhor continua sempre o mesmo, puro.

10.30 — Este provérbio demonstra forte confiança na sobrevivência definitiva dos justos e no juízo final dos ímpios. Em nossa experiência limitada, podemos ver os ímpios com sucesso e os justos batalhando para sobreviver. Mas no juízo final (Sl 73) inverterão os seus destinos.

10.31,32 — Estes versículos formam outro par de sentenças sobre a fala verdadeira e a falsa. Podem ser comparados a Provérbio 10.11,13,20,21 e Tiago 3. Esta repetição com variações indica a importância da verdade e da mentira tanto naquela época como no mundo moderno.

11.1 — Tratar o próximo de forma justa é um prolongamento do mandamento para amar o próximo como a si mesmo (Lv 19.18), que, por sua vez, é um prolongamento do mandamento principal a Israel: amar somente a Deus (Dt 6.4-9). É por isso que *balança enganosa é abominação* para Deus, um termo que descreve uma aversão de revirar o estômago.

11.2 — Muitos provérbios comparam o arrogante ao humilde, assim como podemos ver aqui. A palavra *soberba* em hebraico provém de uma raiz que significa *ferver*; refere-se a uma arrogância ou insolência exagerada. Esta imagem é da postura presunçosa ou arrogante da pessoa sem Deus. Esta postura conduz sempre a *afrota*.

11.3-6 — Estes versículos formam uma série de provérbios que comparam os resultados da retidão com os da perversidade na vida das pessoas. Assim como se compara o orgulho à humildade no versículo 2, a *sinceridade* e a *perversidade* são comparadas no versículo 3.

11.4-6 — Ocasionalmente, os provérbios falam da morte como uma época de recompensa e castigo. As riquezas não têm qualquer poder sobre isto. Somente a retidão tem sentido e poder após a morte.

11.7 — Enquanto a pessoa viver, há razão para esperança. Mas se a pessoa viveu sem Deus, quando sua vida acaba, a esperança também cessa.

11.8 — Neste versículo, talvez também se esteja falando de questões mortais; os problemas do qual o justo escapa são aqueles que o ímpio terá.

11.9 — O homem profano pode jogar o nome de seu vizinho na lama com suas palavras, assim como o justo é liberto pelo conhecimento. Os poderes negativos e positivos da fala são dos mais impressionantes conceitos destas sentenças.

11.10,11 — Os verdadeiros *justos* trazem justiça a todos da *cidade*, e a cidade vivencia a verdadeira paz — isto é, *shalom*, que traz o sentido de ser completo, ser cheio ou ser pleno. Muitos salmistas clamavam pela redenção dos justos e pelo fim do mal (Sl 69.22-28). (Leia a história de Sodoma e Gomorra em Gênesis 18.22-33 para saber o que acontece com uma cidade em que não há justos.)

11.12 — A paciência e o controle fazem parte da sabedoria. Alguém *falto de sabedoria*, a quem “falta coração” (Pv 10.13), despreza o seu próximo. Mas a pessoa que possui entendimento tem juízo para controlar seu lado passional e ficar calada (Pv 17.28).

11.13 — O amigo *fiel* encobre os assuntos delicados que o infiel revela. O *amor cobre todas as transgressões* (Pv 10.12; Tg 5.20; 1 Pe 4.8).

11.14 — Tanto na Antiguidade como na atualidade, os líderes das nações precisam de *conselheiros*. Na verdade, todas as pessoas precisam de conselhos de pessoas sábias e confiáveis.

11.15,16 — Estes provérbios equilibram um ao outro. O primeiro alerta contra *ficar por fiador* ou dar aval a estranhos. O segundo elogia a generosidade, de onde provém a honra. Uma das maiores virtudes é não ser possessivo. Os membros da igreja do primeiro século doavam generosamente aos necessitados (At 2.44,45; 4.32-35).

11.17 — Mais um versículo sobre generosidade fala do bem que volta para o benfeitor. A avareza, por sua vez, tende a reduzir a pessoa cruel ao mesmo tamanho de seu coração mesquinho.

11.18 — O trabalho fraudulento provém da iniquidade; o bom trabalho, da retidão. O justo faz por merecer seu salário; o ímpio apenas rouba.

**11.19** — Provérbios como este nos recordam que a busca da retidão é uma questão de *vida* ou *morte*.

**11.20** — Os conceitos contrastantes de *abominação* e deleite de Yahweh (Pv 11.1) reaparecem aqui com respeito aos valores contrastantes da perversidade e benignidade da alma e da trajetória do homem na vida. É possível fazer o Senhor sorrir pela forma como se viveu a vida. Também é possível causar-lhe revolta.

**11.21** — A expressão *junte mão à mão* é literal; significa *juntar forças*. Opor-se coletivamente aos propósitos de Deus é completamente sem sentido (Sl 2.1-4).

**11.22** — Uma *jóia de ouro* no *focinho* de uma porca não teria sentido. Os antigos israelitas julgavam os porcos sujos e repelentes. A pessoa imoral é comparada a este animal, não importa qual seja a aparência externa.

**11.23** — O termo *desejo* é usado em alguns provérbios num sentido negativo (Pv 13.12,19; 18.1; 19.22), mas aqui ele é usado em sentido positivo. O justo deseja o bem.

**11.24-27** — Estes provérbios precisam ser modelos da nossa postura em relação à riqueza: deve ser repartida. A mesquinha pode levar à *perda*. Já a generosidade tem o efeito oposto. Ser egoísta é insensatez, porque só cria inimigos e desonra Deus.

**11.28** — Este provérbio fala da insensatez de confiar nas *riquezas*. A segunda parte deste versículo pode ser às vezes mal-interpretada como se dissesse que a retidão sempre leva ao sucesso. O provérbio na verdade fala da postura de uma pessoa em relação à riqueza. É tolice pôr a confiança em riquezas em vez de confiar em Deus.

**11.29** — Certos atos insensatos prejudicam ativamente a família. Eis aí uma estrada certa para a ruína, para herdar o vento.

**11.30** — Conforme Provérbio 3.18, a imagem da *árvore de vida* denota a árvore do jardim do Éden (Gn 2; 3). A retidão e a sabedoria são formas de recuperar a árvore da vida perdida.

**11.31** — Como os justos vão receber sua recompensa no final (2 Co 5.10), deduz-se que os ímpios, que desafiam Deus e entram em conflito com Sua obra, certamente serão julgados.

**12.1** — O sábio sabe que a disciplina e a orientação são a sua própria recompensa. Mas quem abomina ser repreendido é um *bruto* (literalmente, *imbecil*).

**12.2** — Este versículo fala sobre a repreensão de Deus aos homens de pensamentos perversos. O Evangelho de João fala de alguém já condenado por ter feito o mal, e que se agarra propositalmente à escuridão embora a luz já tenha chegado (Jo 3.16-21).

**12.3** — Este provérbio fala sobre o fim definitivo do ímpio e do justo. O que seguir a impiedade terminará em ruína, mas os justos restarão de pé, como a imagem da árvore em Salmo 1.3.

**12.4** — A *mulher virtuosa* [*mulher exemplar*, na NVI] é a mesma expressão hebraica empregada no famoso acróstico de Provérbio 31.10-31. O homem que se casa com uma *mulher virtuosa* deve agradecer-se, porque o caráter nobre dela é uma honraria para ele.

**12.5,6** — Devemos estar atentos aos *pensamentos* que rondam nossa mente, pois são eles que determinam o que falamos e dizemos. Por isso, no mínimo, precisam não ser enganosos e perversos.

O versículo 6 lembra que as *palavras dos ímpios* são como uma tocaia mortal, pois elas provêm de pensamentos perversos.

**12.7** — Aqui, o poeta mostra o fim dos ímpios e dos justos. Os perversos estão com os dias contados e serão totalmente derrotados, mas os justos resistem às adversidades e permanecem eternamente com o Senhor.

**12.8** — Eis aqui um elogio adequado a quem demonstra ser sábio, especialmente quando usa esta sabedoria para o bem do próximo. Em contrapartida, o ímpio não merece qualquer louvor, a não ser o *desprezo por seu coração desviado*.

**12.9** — Este é mais um provérbio que usa a comparação com a expressão *melhor é... do que*. Este versículo ressalta que o homem humilde que trabalha para se sustentar (e não tem servos) é melhor do que o que exalta a si mesmo achando ser superior aos outros e não coloca o alimento na mesa. A pretensão e a arrogância destroem o ser humano.



## APLICAÇÃO

### ANIMAIS E SEUS DIREITOS

Uma das questões mais complexas da sociedade moderna é o impacto da satisfação das necessidades humanas sobre os animais e seu *habitat*. A Bíblia tem algo a dizer sobre esse assunto frequentemente polêmico?

Um princípio estabelecido pelas Escrituras é afirmar que, de fato, os animais possuem certos direitos concedidos por Deus. Por exemplo, o Senhor vê o zelo e a preocupação da pessoa com a vida do animal como retidão, enquanto que a crueldade com os animais é perversidade (Pv 12.10). A questão é que animais têm direito de serem tratados com sabedoria e gentileza, e não crueldade. Deus presta atenção em como tratamos os animais.

Além disso, é verdade que Deus concedeu aos seres humanos o poder para governar e dominar o resto da criação (Gn 1.26), onde se incluem as demais criaturas. A sabedoria, ou o *temor do Senhor* (Pv 1.7), sugere que tratemos os animais como o Criador os trataria. Sabemos que Deus tem interesse na preservação das espécies (Gn 7.1-5,23,24; 8.1,17; Lc 12.6) e preocupa-se com o bem-estar de animais rurais e de carga (Êx 23.12; Dt 22.4).

**12.10** — O homem bom é sensível para respeitar e cuidar do bem-estar dos animais, mas o ímpio, mesmo sendo sensível, não se preocupa e é cruel até mesmo com os seres humanos.

**12.11** — Muitos provérbios destacam o contraste do trabalho duro com a preguiça. O sábio trabalha duro, enquanto que o tolo perde tempo.

**12.12,13** — A perversidade faz mal aos ímpios; a retidão ajuda os justos (v. 14). Isto é outra forma de dizer que *tudo o que o homem semear, isso também ceifará* (Gl 6.7). A expressão *a raiz dos justos* também aparece no versículo 3.

**12.14** — A satisfação não vem por causa do exotismo ou estranheza de alguma coisa, mas sim por falar e agir com retidão. Sentir que realizou um trabalho bem-feito é recompensa suficiente para os sábios.

**12.15** — O autoengano do tolo é notório. Ele gosta de estar do lado errado e não procura conselhos quando precisa. Afinal, buscar ajuda é admitir uma necessidade, algo que o tolo nunca é capaz de assumir por ter um ego extremamente inflado.

**12.16** — Um homem insensato não tem autocontrole e deixa-se provocar facilmente, externalizando afrontas. Cuidado com as palavras descuidadas, pois podem tornar-nos tolos. Então é aconselhável pensar antes de falar. O rei Davi demonstrava esta preocupação (2 Sm 16:5-12).

**12.17** — *Justiça* e engano são características presentes na testemunha fidedigna e na mentirosa, respectivamente.

**12.18,19** — Muitos provérbios elogiam aqueles que falam cuidadosa e verdadeiramente. A fala espelha o caráter da pessoa. As palavras do justo são confiáveis e verdadeiras (v. 17), e apaziguam quem as ouve.

**12.20** — O modo como as pessoas agem ou se expressam reflete o que há no coração delas. Os que planejam o mal têm *engano* no seu coração; os que advogam a paz têm alegria.

**12.21** — O medo do castigo só vale para os *ímpios*. O *justo* não tem nada a temer. Apesar de também enfrentar calamidades, o justo pode sempre contar com a provisão e intercessão divina para superar os problemas da vida cotidiana. Outra possível interpretação deste versículo é que *nenhum agravo* se refira à realidade última [quando os salvos em Cristo desfrutarão da vida eterna e não mais sofrerão as dores deste mundo], e não à nossa experiência enquanto vivemos aqui na terra.

**12.22,23** — O termo *abominável* significa *ódio extremo*, e isto enoja o Senhor (Pv 11.20). Portanto, é melhor ficar em silêncio do que ter *lábios mentirosos*.

**12.24** — Qualquer um que procure obter um alto cargo não pode dar-se ao luxo de ser enganador (v. 11,14).

**12.25** — A *solicitude* [coração ansioso, na NVI] perde um pouco de sua força em face de uma *palavra* positiva de incentivo. As palavras de encorajamento de Barnabé a Paulo são um grande exemplo disso (At 4.36; 9.27; 11.2-30; Gl 2.1).



12.26 — Nossos amigos ajudam-nos a determinar quem devemos de tornar-nos (1 Co 15.33).

12.27 — O *preguiçoso* trabalha, mas não termina aquilo que começa. A cura para a preguiça é *ser diligente* — seguir em frente até terminar.

12.28 — Adequadamente, o último provérbio deste capítulo fala outra vez em questões de *vida* ou *morte*.

13.1 — O *filho sábio* ouve a instrução (Pv 10.1,17) e é melhor do que o *escarnecedor* — o pior tipo de insensato (Sl 1.1). Alguns tolos são ingênuos e inexperientes, mas abertos a sugestões; às vezes até os que já são insensatos há tempos repensam sua posição. O escarnecedor, porém, ri da justiça e não gosta de censuras.

13.2,3 — É destacado aqui o uso apropriado da fala, tornando-se assim um recurso valioso. Entretanto, quando a fala não é usada de forma adequada, pode gerar contendas e dissensões. Às vezes, dizer a palavra errada pode até pôr uma vida em risco.

13.4 — O preguiçoso é consumido por desejos insaciáveis porque nunca são realizados. A pessoa laboriosa pode conseguir seus objetivos e encontrar a satisfação.

13.5 — A pessoa que *aborrece a palavra de mentira* não se sente simplesmente mal com isso, mas a evita a todo custo.

13.6 — Nos provérbios, a *justiça* é retratada como amiga e a *impiedade* como inimiga (Pv 11.27). A impiedade nos fere, mas a justiça nos ampara.

13.7 — *Há quem se faça rico, não tendo coisa nenhuma*. Este paradoxo de a ganância levar à pobreza e a generosidade conduzir à riqueza é um tema recorrente nas Escrituras (Pv 11.24; Mt 6.19-21). A questão não é quanto dinheiro se tem, mas como é usado.

13.8 — Uma pessoa muito rica pode ter de gastar essa riqueza para pagar um resgate. Porém, o pobre tem pouca probabilidade de passar um apuro pelo qual tenha de pagar um resgate. Boa parte dos pobres poderia querer correr este risco, mas há algum valor de proteção pessoal na pobreza.

13.9 — Para o antigo israelita, a *candeia* era a única fonte de luz à noite. Sem ela, a pessoa não

tinha como enxergar o caminho à sua frente (Pv 20.20; 24.20).

13.10 — A palavra *soberba* (Pv 11.2) não se refere à autoestima ou a uma postura mental positiva, mas à arrogância e à recusa de adorar a Deus. Este tipo de orgulho é egoísta e leva a conflitos.

13.11 — Este provérbio descreve as consequências naturais a longo prazo de trapacear. As pessoas que comprometem sua honestidade para ficarem ricas simplesmente adiam a necessidade inevitável de trabalhar para ganhar o seu pão. Chega o dia em que sua trapaça é exposta, momento em que, provavelmente, os colegas honestos já obtiveram algo digno e duradouro por meio da labuta.

13.12 — A *árvore de vida* (Pv 11.30) simboliza o alcance de um desejo profundamente sentido. É como retornar ao jardim do Éden.

13.13 — Uma pessoa pode desprezar a instrução ou reagir com reverência a ela, compreendendo que o Orientador maior é Deus. A correção só existe para o bem de cada um.

13.14 — Seguir a sabedoria é algo que nos conduz direto para a *fonte de vida* (Pv 10.11). Se pesquisarmos sobre a antiga Judá, descobriremos que em sua terra árida havia uma fonte para saciar a sede das pessoas e dos rebanhos. Era uma necessidade — uma fonte de vida —, assim como a sabedoria é indispensável ao ser humano. A fonte também servia como ilustração da salvação (Is 12.1-3).

13.15 — A *graça* de Deus e de outras pessoas — a boa reputação — é altamente desejável, porque ela assegura que você não estará só em sua vida. A graça provém do *bom entendimento*. Uma boa reputação era a primeira qualificação listada pelos apóstolos para os diáconos da igreja do primeiro século (At 6.3).

13.16 — Mais um provérbio em que coloca o *prudente* e o *toló* frente a frente. Neste versículo, destaca-se que o primeiro costuma agir com entendimento, o que é adquirido no estudo da Palavra, e que o segundo vive segundo a sua insensatez.

13.17 — Naquela época, era comum contratarem mensageiros particulares quando os serviços postais do governo não estavam funcionando.

Esses homens tinham de ser diligentes e fiéis em seu ofício. Só que, durante a viagem, o mensageiro era surpreendido por imprevistos ou envolvia-se com coisas prejudiciais. Assim, ele se desviava de seu propósito principal e não cumpria sua missão com êxito, prejudicando quem o contratou. Por isso, este versículo faz uma retaliação ao mau mensageiro. É preciso ser um mensageiro fiel, bem-sucedido.

**13.18** — Este é mais um provérbio sobre o desprezo à instrução (Pv 13.1). Fala da *pobreza* como consequência lógica daquele comportamento inconsequente.

**13.19** — Poucas coisas agradam tanto quanto a realização de um desejo. Entretanto, a insensatez dos tolos é tão profundamente enraizada que, se ele abandonar seu caminho autodestrutivo, sente-se enfermo. O termo usado para esta sensação ruim, *abominação*, é o mesmo usado para falar do sentimento do Senhor diante das atitudes tolas em outras passagens (Pv 11.1).

**13.20** — A escolha de amigos (Pv 12.26) é extremamente importante, pois a influência destes sobre nossa vida é muito mais forte do que a maior parte das pessoas percebe.

**13.21** — O mal é inimigo do pecador (v. 6), e não amigo; ele é seu perseguidor, e não companheiro.

**13.22** — No livro dos Provérbios, *riqueza* é um tópico com muitos desdobramentos. Dentre as diversas abordagens, vemos que a riqueza pode ser um benefício da vida reta (Pv 13.11; 10.22), mas isso não é garantido (Pv 28.6); notamos que

ela não pode tornar a pessoa boa (Pv 11.4), e, no fim, importa menos do que alcançar graça aos olhos de Deus (Pv 11.28). O *homem de bem* sabe disso e confia no Senhor para suprir suas necessidades. Em contrapartida, o *pecador* tenta amealhar e conservar a riqueza, mas no fim fracassa.

**13.23** — Este provérbio aborda a injustiça; observa que alguns pobres até têm bens, mas estes lhe foram tomados por *falta de juízo* [*falta de justiça*, na NVI].

**13.24** — Este é o primeiro de vários provérbios sobre disciplina familiar. Quando os pais disciplinam os filhos com amor, estão copiando o exemplo da correção com amor exercida por Deus (Pv 3.11,12).

**13.25** — A satisfação genuína está ligada à retidão; o fracasso abjeto está ligado à perversidade.

**14.1** — *A mulher sábia edifica a sua casa*, ou seja, ela cria um ambiente pacífico para zelar por sua família.

**14.2** — A expressão *teme ao Senhor* contrasta fortemente com *despreza-o*. O amor pela *sinceridade* coincide naturalmente com o amor e o respeito pelo mais sincero de todos, o próprio Deus. Por outro lado, o apreço pela perversidade resulta em ódio por Ele. O temor ao Senhor como princípio da sabedoria é o tema central de Provérbios (Pv 1.7).

**14.3** — Este versículo alerta para o perigo da fala impulsiva e as compensações por se pensar antes de falar. As palavras do tolo tomam a forma de uma vara pronta para seus inimigos aplicarem



## EM FOCO

### TOLO (HB. 'IVVELET)

(Pv 14.1; 16.22; 17.12; 26.4,5)

Esta palavra hebraica significa *ausência de sabedoria*. Exceto por duas aparições nos Salmos, este termo só aparece em Provérbios, onde a insensatez dos tolos é frequentemente posta em contraste com a sabedoria dos sábios e prudentes (Pv 13.16; 14.8,18,24). A insensatez caracteriza a fala dos tolos e as reações da pessoa impulsiva (Pv 12.23; 14.17,29; 15.2,14; 18.13). A insensatez afeta a forma como a pessoa vive a vida, fazendo com que seu coração se rebelde contra Deus (Pv 15.21; 19.3). De fato, a insensatez é muitas vezes associada à iniquidade e ao pecado (Pv 5.22,23; 24.9; Sl 38.4,5). Embora Provérbios não anteejeja grandes esperanças para separar um tolo já adulto de sua insensatez, a vara corretora é identificada como solução para as crianças (Pv 22.15; 26.11; 27.22).

contra ele. Este provérbio recorda que há muita gente que é a pior inimiga de si mesma.

**14.4** — O fazendeiro precisa tolerar um pouco de bagunça no celeiro se quiser criar boi para ajudá-lo na colheita ou servir de fonte de alimento. Não se trata de uma desculpa para ser desleixado, mas de um incentivo para trabalhar com afinco.

**14.5** — Este versículo reafirma a lei de Deus: *Não dirás falso testemunho contra seu próximo* (Êx 20.16; Dt 5.20).

**14.6** — A imagem do *escarnecedor* retorna neste versículo (Pv 13.1) como um truque poético para demonstrar a validade da busca por sabedoria pelos prudentes.

**14.7** — O tolo não é um mero incômodo; ele é um risco para a alma. A insensatez não é simplesmente desagradável; é um perigo para a vida. Assim, a reação prudente à insensatez enraizada é evitá-la como o perigo que é. Só o tolo corteja o desastre brincando com a insensatez.

**14.8** — Este provérbio põe em contraste as pessoas prudentes e as tolas. Os sábios sabem o que estão fazendo e por quê. Têm motivos sábios para suas ações, baseados no conhecimento que têm de suas opções. Os tolos, por sua vez, enganam com tanta frequência que se enrolam na própria mentira. Não sabem para aonde estão indo.

**14.9** — A profundidade da estultícia é vista quando o tolo zomba do pecado e de suas consequências; é a pior forma de autoengano. O sábio, por sua vez, concentra-se em agradar ao Senhor.

**14.10** — Um dos provérbios mais significativos sobre os sentimentos e as reações do indivíduo é este: ninguém conhece as dores ou alegrias do outro. A empatia é uma ciência de aproximação, jamais exata. Ainda assim, devemos recordar as palavras do hino maravilhoso: “Ninguém sabe..., a não ser Jesus!”

**14.12** — Só quando é tarde demais, a pessoa iludida descobre que está na engarráfada estrada que leva à morte. Não está implícito que ela tenha sido enganada, mas que ela confiou demais na sua própria *sabedoria*, em vez de recorrer, humildemente, a Deus.

Diversos provérbios apresentam sua mensagem em termos de dois caminhos — um que leva à vida, e outro que conduz à morte (Pv 16.25).

**14.13** — Raramente, as emoções mais profundas são simples. São inúmeras as complexidades da maravilhosa configuração da personalidade humana.

**14.14** — A pessoa que tiver o coração desleal (hb. *sug leb*) saciar-se-á com os produtos de suas perversões. Da mesma forma, o homem de bem se saciará com os produtos de sua sinceridade. O bem triunfará, e o mal será julgado.

**14.15** — Uma característica da pessoa ingênua é a facilidade de acreditar em qualquer coisa. A pessoa *prudente* tem mais cuidado.

**14.16** — A expressão *teme e desvia-se do mal* sugere temor de Deus (v. 2).

**14.17** — Tanto os *irritadiços* [NVI] como os que tencionam o mal são tolos. Os sábios não se misturam com eles para que não tenham parte em suas loucuras.

**14.18** — Os contrastes entre o ingênuo e o prudente (Pv 14.15) continuam neste versículo. A pessoa *simples* ou ingênua tem um legado de tolices que ela pensa que vai ajudá-la a melhorar sua vida. O prudente está como que coroado pelo seu conhecimento; ou seja, a característica que mais chama atenção nele é a sabedoria que ele compartilha.

**14.19** — Dentro das antigas cidades muradas, a área do portão seria normalmente a parte mais frágil da muralha. Os engenheiros da antiga Canaã elaboraram estruturas complexas para fortificar este ponto. Controlar o portão da cidade significava controlar a cidade; ser subjugado pelo portão significava incapacidade de derrotar suas defesas. No fim das contas, os perversos se submeterão às *portas do justo*.

**14.20** — Este é outro provérbio espirituoso (Pv 14.11; 12.27). Neste caso, fala ironicamente de como o dinheiro atrai vários amigos.

**14.21** — Jesus assinalou que o mandamento de amar os outros e não odiá-los só é menos importante que o de amar Deus (Mt 22.39). (Veja Lv 19.13,17, para a lei que adverte o não desprezo ao próximo.)

14.22 — As duas palavras de devoção mais importantes da Bíblia são *beneficência* e *fidelidade*. Juntas, elas significam *fidelidade constante* ou *lealdade verdadeira*. No Novo Testamento, o equivalente grego desta expressão é traduzido como *graça e verdade* (Jo 1.14) e é usado para se referir ao Senhor Jesus. Quem trama o mal nada conhece destas virtudes.

14.23 — Falar que vai fazer não é a mesma coisa que fazê-lo. Apenas falar leva à pobreza. Só o agir leva às vantagens tão procuradas.

14.24 — Este versículo precisa ser balanceado por outros que aconselham mais prudência. Uma coisa é certa: insensatez só gera mais insensatez, e esta proliferação se dá em alta velocidade.

14.25 — Não devemos esperar mais de uma falsa testemunha do que a falsidade (Pv 14.5), mas podemos descobrir que a verdadeira testemunha não apenas diz a verdade, como também pode salvar inocentes.

14.26,27 — Estes versículos contêm a ideia central do livro de Provérbios — o *temor do Senhor* (Pv 14.2). O temor de Deus proporciona tanto proteção como *fonte de vida* (Pv 13.14; 18.10) às pessoas, uma imagem que relembra o jardim do Éden.

14.28 — Não há muito a dizer de um rei sem súditos, exceto, talvez, que ele é um impostor no trono. Quanto maior o povo, maior a glória do rei.

14.29 — Trabalhar para não ter “pavio curto” não é sinal de letargia, mas de sabedoria. O tolo perde a calma sempre, confirmando sua estultícia.

14.30 — Da mesma forma pela qual um coração sadio garante a saúde do corpo todo, a inveja pode apodrecer os ossos [que representam a parte física e psicológica].

14.31 — Por vezes, as Escrituras ressaltam que a forma como você trata as pessoas é a mesma com a qual lida com Deus (Êx 22.22-24; Mt 25.31-46; 1 Jo 4.20).

14.32 — Alguns provérbios descrevem a libertação da própria morte (Pv 11.4). O ensinamento da vida após a morte não é muito disseminado no Antigo Testamento, mas também não foi completamente deixado de lado.

14.33 — Este provérbio observa que a sabedoria não é totalmente desconhecida pelos tolos, porque, de vez em quando, ela se deixa perceber de relance por eles. No entanto, o verdadeiro lar da sabedoria é junto daquele que possui um coração compreensivo. O contraste de um relance ocasional de sabedoria com o repouso permanente dela junto à pessoa que possui entendimento é gritante.

14.34 — Embora cada indivíduo seja o responsável por suas próprias ações, os efeitos destas se estendem à sua comunidade.

14.35 — Quando o servo trabalha direito, o rei se agrada extremamente dele. No entanto, o rei também demonstra raiva e animosidade pessoal contra aquele que o envergonha.

15.1 — Muitas vezes não é pelo que dissemos, mas como dissemos, que damos azo às reações mais variadas, de aceitação à ira. (Para conhecer as palavras gentis de Abigail a Davi quando ele estava irado, veja 1 Sm 25.12-34.)

15.2 — Vemos neste versículo outra comparação dos usos contrastantes da fala. Este provérbio coloca a língua dos sábios em contraposição à boca dos tolos. Um emprega bem o conhecimento; o outro arrota sua estultícia.

15.3 — O fato de os *olhos do Senhor* estarem em toda parte, observando tudo, arrepia os perpetradores do mal e conforta os súditos de Deus (Ec 12.14).

15.4 — A *resposta branda* do versículo 1 pode ser considerada de *língua saudável*, e a *palavra dura* do versículo 1, *perversidade*. A primeira é como uma *árvore da vida*, devolvendo-nos um pouco do Éden (Pv 3.18; 11.30; 13.12); a outra *quebranta o espírito*, recordando a expulsão do Jardim (Gn 3.23,24).

15.5 — A pessoa verdadeiramente sábia tira proveito da *correção*. O termo traduzido como *prudentemente* na segunda parte deste versículo significa *ser astuto*. A astúcia pode ser maldosa, mas, aqui, tem o sentido positivo de *ter jogo de cintura* (Pv 1.4).

15.6 — Vemos aqui que uma casa é uma bênção e a outra está arruinada. O motivo disso é como a casa foi adquirida e como está sendo usada.

A casa do justo contém grandes tesouros porque está fundada na sabedoria e no respeito a Deus. Por outro lado, a dos perversos está destruída. Estes nunca terão ganho algum que os satisfaça, e perdem o que já tem por tratarem de forma desonesta.

**15.7** — As pessoas revelam quem são através do que dizem. O tolo não consegue deixar de falar besteiras.

**15.8,9** — Ocasionalmente, os provérbios tocam no tema da adoração (Pv 16.6). A adoração proveniente dos que não são contritos nem humildes é *abominável* a Deus (Pv 11.20). De Gênesis 4 a João 4, as Escrituras comparam a adoração positiva à negativa (Is 1.11-15). Provérbio 15.9 fala de mais uma coisa *abominável ao Senhor*: a forma de vida escolhida pelos ímpios.

**15.10** — Este provérbio promete *correção molesta* [severa lição, na NVI] à pessoa que *deixa a vereda* de Deus. Ou seja, disciplina é um meio de correção, e não de punição. Só a pessoa que *aborrece a repreensão* — a que teimosamente se recusa a escutar, vez após vez — *morrerá*.

**15.11** — Este é um provérbio do tipo *quanto mais* (Pv 11.31), que estampa a claridade com que o Senhor sonda os corações das pessoas. A palavra hebraica *sheol*, traduzida como *inferno*, neste versículo denota o medo do desconhecido (Pv 9.8). Quando empregada junto à palavra que significa *perdição*, *sheol* significa *o misterioso reino da morte*, uma condição negra e assustadora. Entretanto, a morte não tem mistérios para o Senhor. E se o reino misterioso dos mortos é conhecido por Ele, certamente o coração das pessoas lhe é transparente. Argumentos como este, que procedem do grande para o pequeno, aparecem em ambos os Testamentos.

**15.12** — A palavra *escarnekedor* (Pv 14.6) é empregada como recurso poético ou comparativo em provérbios para expor com mais clareza o caráter do sábio. Se o preguiçoso é uma figura cômica em Provérbios, por outro lado o escarnekedor é um vilão. Ele se deleita em zombar das coisas de Deus (Pv 1.22) e é incapaz de aceitar disciplina (Pv 9.7), repreensão (Pv 9.8) ou censura (Pv 13.1). Ele não é capaz de achar a sabedoria

(Pv 14.6) e deve ser evitado (Sl 1.1). Seu grande problema é demonstrado por sua reação à correção. Ele não aprende com ela nem procura obtê-la. O escarnekedor é insensato com convicção.

**15.13** — O objetivo deste versículo é lembrar que o sentimento interior transparece no rosto da pessoa. Logo, o homem de coração alegre resplandece essa felicidade.

**15.14** — A pessoa que tem *coração sábio* nunca está satisfeita com o que já sabe. A busca da sabedoria e do conhecimento é uma tarefa para a vida toda — nunca está terminada nesta vida. Os tolos, porém, que não sabem o tamanho de sua ignorância, continuam a ir atrás da insensatez.

**15.15** — A pessoa de coração alegre de Provérbio 15.13 retorna neste versículo — um duro contraste entre as percepções das pessoas quanto ao seu fardo na vida. Para a pessoa alegre, a vida é um eterno banquete. Para o oprimido, cada dia é uma aflição.

**15.16** — Este é outro versículo que usa a expressão *melhor é... do que* (Pv 12.9). Neste caso, põe em contraste o valor real do pobre com o do rico em matéria de presença ou ausência de temor ao Senhor (Pv 14.26,27). O rico indolente pode estar tomado de inquietudes, enquanto que o pobre devoto é capaz de habitar em paz.

**15.17** — O ódio arruína até o banquete mais fino. O amor enobrece até a refeição mais simples.

**15.18** — Uma pessoa iracunda pode criar problemas onde eles não existem; mas a pessoa que não tem “pavio curto” — que é longânima — apazigua brigas (v. 1).

**15.19** — Comparada à estrada do justo, o caminho do preguiçoso é cheio de espinhos, sempre cercado por dores agudas. Como o caminho é extremamente difícil, o preguiçoso por vezes hesita trilhar seu caminho esperando que algum dia ele se torne mais fácil de seguir.

**15.20** — Este provérbio é parecido com o quinto mandamento: *Honra a teu pai e a tua mãe* (Êx 20.12; Dt 5.16). Honrar e ouvir os pais é um assunto frequente nos provérbios de Salomão. O início deste versículo é o mesmo usado em Provérbio 10.1.



## APLICAÇÃO

### ENTRE PAIS E FILHOS

Caso você provenha de um ambiente familiar de memórias dolorosas, você pode achar difícil pensar nos seus pais com amor. Mesmo assim, Provérbios nos conchama, como filhos, a respeitar nossos pais, por mais defeitos que estes possuam. Não precisamos gostar ou aprovar tudo o que nossos pais fizeram (e fazem), mas somente um tolo os despreza (Pv 15.20).

É importante acrescentar que a Bíblia enxerga a paternidade como uma parceria entre pai e mãe na qual ambos se comprometem um com o outro e com o bem-estar do filho. Isso é um ideal, e a criança tende a prosperar nesse tipo de lar. No entanto, tenham nossos pais se aproximado do cumprimento de suas responsabilidades bíblicas ou não, merecem um pouco de respeito e afirmação.

- Provérbios contém uma série de princípios para o relacionamento entre pais e filhos:
- Temos vida por causa da união de nosso pai e nossa mãe (Pv 4.3; 23.25).
- Como filhos, temos um grande impacto na forma como nossos pais veem a própria vida e avaliam a importância deles (Pv 10.1; 15.20; 17.25; 23.24).
- A forma como tratamos de nossos pais demonstra nossos valores e nossas atitudes (Pv 19.26).
- Desrespeitar nossos pais pode ter consequências terríveis em nossa própria vida (Pv 20.20).
- Quando nossos pais vão ficando idosos, devemos presentear-los com nossa atenção e carinho (Pv 23.22).
- Buscando a sabedoria, não só obtemos grandes benefícios para nós como também somos a alegria de nossos pais (Pv 23.25; 29.3).
- Buscando o mal e a estultícia, podemos ser uma força destruidora na vida de nossos pais (Pv 28.24; 29.15).
- Sofreremos muitíssimo se não demonstrarmos respeito por nossos pais (Pv 30.11,17).

**15.21** — O problema todo da insensatez é que ela se alimenta de si própria. Onde houver estultícia, haverá tolos deslumbrados, haverá também um homem de entendimento andando na direção oposta.

**15.22** — Quanto maior a decisão, maior a necessidade de aconselhamento. Até mesmo tomadores de decisões sábios e experientes — sejam eles pessoas comuns ou governantes — precisam de *conselheiros* (Pv 13.10).

**15.23** — As palavras têm poder para edificar ou destruir. Salomão escreveu muitos provérbios sobre as consequências da fala (Pv 15.4; 14.23). Assim como palavras tolas podem trazer a derrocada da pessoa (Pv 14.3), da mesma forma a palavra sábia pode alegrar todos os que a ouvirem. O apóstolo Tiago escreveu sobre o poder destrutivo das palavras (Tg 3.5,6). O autor de Hebreus também nos exortou a incentivarmos uns aos outros (Hb 10.24,25).

**15.24** — A assustadora palavra *inferno* (hb. *she'ol*, Pv 15.11) é empregada aqui como o destino do tolo, mas não do prudente e trabalhador. Enquanto que o caminho da estultícia (do tolo)

tem uma inclinação pronunciada, descendo ao abismo, o caminho da vida (do prudente) conduz para cima, para a glória, e seu destino final é Deus.

**15.25** — Deus fará justiça no fim dos tempos. Aos soberbos, o Senhor servirá uma dose de humildade. Mas à viúva, pessoa completamente indefesa na Antiguidade, Ele concederá proteção. Em muitos pontos, as Escrituras descrevem Deus como Protetor dos indefesos (Dt 10.18; Sl 68.5; 146.9; Jr 49.11).

**15.26** — Diversos provérbios tratam do que Deus abomina (v. 8,9). Maus pensamentos, por exemplo, enojam o Senhor. Não existem pensamentos ocultos a Ele. Devemos orar como Davi para que nossas palavras e a meditação de nosso coração sejam aceitáveis aos olhos de Deus (Sl 19.14).

**15.27** — O mal do suborno está em perverter a justiça, ser uma distorção que, com o tempo, semeia a desconfiança e a desonra entre a população.

**15.28** — Uma pessoa justa (sábia) pondera como melhor responder; a pessoa ímpia (tola)

simplesmente emitirá alguma tagarelice malévolas. O louco atrai mais loucura pelo comportamento que tem e é levado, por companhias também tolas, a praticar mais perversidade e loucura.

**15.29** — Deus mantém distância dos ímpios, aproximando-se deles vez por outra apenas para punir ou fazer justiça. No entanto, o Senhor tem prazer de estar perto dos justos. As preces destes são sempre bem-vindas.

**15.30** — Os efeitos das boas ações e dos sentimentos positivos são apresentados ainda com mais ênfase neste versículo do que em Provérbio 15.16.

**15.31,32** — A disciplina é essencial para o aprendizado. Logo, o instinto natural de autopreservação é perigoso quando chega a hora de ouvir uma censura necessária. (Para aprender sobre a relação entre disciplina e sabedoria, consulte Pv 1.7.)

**15.33** — Somente o conhecimento não torna ninguém mais sábio. É preciso também o *temor do Senhor*. O mesmo vale para a *honra*, que necessita ser acompanhada da *humildade*.

**16.1,2** — Estes versículos comparam as limitações humanas com a soberania de Deus. O homem pode planejar, sonhar e ter esperanças, mas o resultado final vem do Senhor. Em vez de entregarmos o nosso destino à própria sorte, devemos confiar no Pai. Nosso amoroso Senhor tem controle de nossas situações aparentemente caóticas, uma questão apontada pelo versículo 2. Além de ser soberano, Deus é o Juiz dos juizes. Todas as injustiças deste mundo serão remediadas num glorioso dia.

**16.3** — O termo *confia* provém de uma palavra que significa *rolar*. A ideia é *rolar seus problemas na direção do Senhor*. Confiar nossas decisões a Deus nos libera da preocupação com as adversidades (Pv 3.5,6).

**16.4** — Este versículo fala sobre a criatividade da obra do Senhor de forma abrangente e confiante. Depois, inclui até mesmo os ímpios como tendo sido feitos para fins de julgamento de *Yahweh*. Assim como o Faraó foi instrumento para o Seu plano de libertação do povo de Israel e para a justificação de Sua glória, também os

ímpios como um todo estão sob Sua soberania absoluta.

**16.5** — Ser *ativo de coração* significa *orgulho*, no sentido pejorativo da palavra. Uma pessoa com orgulho no coração rouba o crédito do Provedor que abençoa com tanta generosidade e não agradece pela provisão recebida. É por isso que Deus o considera uma *abominação*, uma palavra que em todo o livro de Provérbios se refere àquilo que deixa o Senhor enojado (Pv 15.26).

**16.6** — A expressão *pela misericórdia e pela verdade* também pode ser traduzida como *pela devoção genuína*. A expressão *se purifica* provavelmente se refere a uma oferta sacrificial, mas realizada com um coração contrito (como em Sl 40.6-8). A palavra *temor* aqui é empregada para ressaltar que o respeito ao Deus faz a pessoa afastar-se do mal (Pv 3.7).

**16.7** — O deleite de Deus para com o justo não tem limites, beneficiando não só o homem que teme ao Senhor, como também os amigos deste e, em certos casos, até os inimigos. Este versículo apresenta uma esperança de paz entre Deus e os homens.

**16.8,9** — O livro dos Provérbios costuma falar da riqueza como recompensa da sabedoria e da virtude (Pv 14.11), mas nem sempre. A *justiça* é o verdadeiro tesouro.

**16.10** — Aqui começa uma seção de versículos sobre a realeza (v. 10-15). Neste caso, a palavra *adivinhação* não tem um sentido negativo, pois denota que o rei tomava decisões inspiradas por Deus para saber como falar e agir no seu reino. Como a nação estava nas mãos do rei, sua responsabilidade máxima era obedecer a Deus (a reparação de Israel pelo rei Josias, 2 Rs 22; 23). Até mesmo o rei precisava submeter-se aos ditames da justiça de Deus.

**16.11** — O *peso e a balança justa* importam para Deus porque Ele é totalmente verdadeiro. A falsidade e a desonestidade não são meras trapanças que prejudicam as pessoas; também ofendem ao Senhor.

**16.12** — Um rei justo imita o exemplo do divino *Yahweh*. Um rei perverso não respeita nem obedece à voz do Senhor e, portanto, não possui

nenhum direito intrínseco a reinar. Em última análise, este provérbio antevê o reinado de Jesus, como em Isaías 9.7.

**16.13** — Mais um versículo abordando a realeza (v. 12), este provérbio ilustra o reinado de Deus a partir de Sua gloriosa perspectiva.

**16.14** — Um rei todo-poderoso pode ser consumido por uma ira tão arrasadora como a de um anjo da morte contra o infeliz transgressor. Embora esta fúria seja feroz, pode ser aplacada pelo poder superior da sabedoria.

**16.15** — Buscar e obter as graças de uma pessoa influente é como ver nuvens de chuva em terra seca. A expressão *luz do rosto* nos ajuda a compreender a bênção de Arão em Números 6.24-26.

**16.16** — Um dos provérbios *melhor é... do que* (Pv 16.8), este compara a riqueza e a sabedoria de forma bem parecida à que foi feita em Provérbio 8.10,11. A sabedoria pode conceder riqueza, mas, por si só, a sabedoria já é muito melhor do que qualquer coisa que ela possa trazer àquele que a procura.

**16.17** — A palavra *caminho* significa *passagem*, uma metáfora para a forma como uma pessoa costuma viver. O caminho dos *retos*, ou seja, seu hábito, é *desviar-se do mal*. O justo não faz concessões; batalha permanentemente para ser bom.

**16.18** — Este versículo repreende a altivez impiedosamente. A pessoa orgulhosa sente não ter qualquer necessidade de Deus.

**16.19** — O orgulho destrutivo faz cair muitos campeões soberbos e é contagioso.

**16.20** — Demonstrar habilidade em uma questão é bom, mas há muito mais satisfação em confiar no Senhor. Quem atenta para a Palavra Deus e valoriza seus ensinamentos aprende, acima de tudo, a depositar sua confiança no Pai. Assim, encontra vida longa e próspera. O verdadeiro sábio confia em Yahweh e demonstra a maior sabedoria de todas. Conhecer a sabedoria pela confiança em Yahweh é a maior das maravilhas.

**16.21** — Este versículo inicia uma pequena série de provérbios sobre a supremacia da sabedoria (v. 21-24). A sabedoria nunca é facilmente

obtida nem rapidamente conquistada. É por isso que o pudente valoriza a *instrução*.

**16.22,23** — Aquele que possui *entendimento* tem acesso a uma fonte de vida que se renova incessantemente e está aberta a todos. A expressão *fonte de vida* é uma ilustração da salvação; a água era essencial à vida nas regiões áridas da antiga Israel (Sl 36.8-10; Jr 2.13). Os sábios sabem que são ignorantes, e por isso permanecem em contínua busca por entendimento.

**16.24** — A palavra hebraica traduzida como *favo de mel* é usada também no Salmo 19.10,11 para se referir à Palavra de Deus. Os israelitas viam o mel como alimento saudável e adoçante. Qualquer comparação com ele denotaria efeitos positivos e saudáveis.

**16.25** — O contraste entre o *caminho* de Deus e o dos perversos figuram nos ensinamentos de Jesus e nos provérbios (Mt 7.13,14). Os perversos pensam que estão no rumo certo, mas trilham um caminho que só leva à *morte* (Pv 14.12). *Morte* se refere à morte física (1 Co 11.29,30; Rm 6.23; 8.13; Tg 1.15; 5.20).

**16.26** — A fome é, ou deveria ser, uma forte motivação para trabalhar com afinco. Naquela época, uma pessoa capacitada que se recusasse a trabalhar provavelmente não tinha chance de ser alimentada.

**16.27-29** — Estes versículos começam de forma semelhante, descrevendo três tipos diferentes de perversos.

A palavra *vão* [*sem caráter*, na NVI] significa *homem de Belial*; trata-se de um caçador de escândalos que emprega a informação maligna para maus fins; ele destrói as pessoas de propósito. O *perverso* promove brigas entre amigos. O *homem violento* usa o poder da persuasão para recrutar outros a juntarem-se aos seus ataques.

**16.30** — Aqui se fala de uma pessoa tão envolvida com suas más ações que isto se reflete até em suas expressões faciais. Ele aperta os olhos quando pensa em perversidades (o mesmo termo do v. 28) e comprime os lábios ao ponderar sobre iniquidades.

**16.31** — A velhice se torna uma *coroa de honra* para aqueles que caminham pelo *caminho da*



*justiça*, porquanto alcançou uma posição de retidão significativa — uma das compensações de se buscar a sabedoria.

**16.32** — Uma das pessoas mais celebradas no antigo Oriente Médio era o herói militar. Ainda assim, este versículo sugere que aquele que é *longânimo* e que *governa o seu espírito* é mais herói do que o guerreiro que *toma uma cidade*. Controlar a própria raiva é mais impressionante do que concluir uma missão desafiadora (Pv 14.29).

**16.33** — O uso de dados na antiga Israel (v. 10) pode ser facilmente confundido com jogo de azar. Entretanto, quando se lançava a *sorte* como forma de determinar a vontade de Deus, as pessoas sabiam que o resultado não saía indiscriminadamente. O Senhor é soberano sobre as questões do homem (Pv 16.4).

**17.1** — A expressão *um bocado seco* significa *pouquíssimo*, especialmente em comparação a um banquete com muitas *vítimas* (animais abatidos). Nestê versículo, o banquete é maculado pela *contenda*. *Vítimas* também pode significar parte de um sacrifício a Deus, mas até mesmo esse tipo de banquete poderia ser arruinado por brigas iradas entre cristãos.

**17.2** — Azares súbitos poderiam acontecer se o *servo prudente* fosse muito habilidoso e o *filho* e seus irmãos fossem indignos. Boa parte do livro de Gênesis fala sobre a ascensão de um filho caçula inesperado em desfavor de seu irmão mais velho (Gn 25.23-34).

**17.3** — O refinamento da *prata* e do *ouro* é um processo penoso, que exige precisão e provoca muito calor e cansaço. O refino do povo por Deus muitas vezes também é trabalhoso.

**17.4** — Este versículo apresenta o *malfazejo* e o *mentiroso* como paródias do sábio. Enquanto que o justo ouve com atenção a instrução de um professor, o perverso *inclina os ouvidos* para a *língua maligna* do iníquo.

**17.5** — Fazer gozações sem princípios às custas dos desafortunados incita a ira de Deus (Pv 14.31). Deus não permitirá que esta pessoa saia ilesa, pois, por um desígnio misterioso, quando a pessoa ridiculariza o pobre, ultraja o seu Criador.

**17.6** — Só um avô ou uma avó para apreciar este versículo como se deve. Ainda assim, todos nós podemos entender sua mensagem central: todo avô adora o neto, e os filhos adoram seus pais. Este forte laço familiar mantém unidas as gerações.

**17.7** — É uma contradição o *toló* falar bem ou o *príncipe* mentir. *Não convém* existir tal impropriedade.

**17.8** — O valor de um presente pode ser incalculável para quem o recebeu. *Valor* significa mais do que o custo de um objeto; o valor está nos olhos de quem vê. Quem recebe um presente extraordinário (hb., *sahad*, *presente*, *suborno*) pode ter sucesso a partir da nova percepção de valor pessoal que recebeu junto a esse presente. Um ato generoso pode significar uma reviravolta na vida de alguém. Por outro lado, um presente a um ingrato pode até passar em branco.

**17.9,10** — O sentido de transgressão nesta sentença não pertence ao contexto do pecado e da salvação frente ao relacionamento da pessoa com Yahweh. O intuito deste versículo é falar do relacionamento entre amigos e dos problemas que podem destruir esta amizade. Deslizes observados podem ser corrigidos por aquele que os cometeu, mas a ofensa pela revelação deste deslize pode acabar com a amizade. Da mesma forma, revelar confidências pode causar o rompimento dos confidentes.

**17.11** — O objeto adequado do verbo hebraico *buscar* é a pessoa de Deus. Entretanto, o rebelde busca o mal. Enquanto o rebelde segue seu caminho desastroso, ele descobre que há outro que o segue, um mensageiro cruel (talvez o mensageiro da morte).

**17.12** — Nada nas florestas se equipara à fúria de uma mãe urso que foi separada de seus filhotes. Ainda assim, não há nada mais perigoso do que o louco em sua estultícia.

**17.13** — O homem que retribuir a bondade e a gentileza com o mal verá sua casa e posteridade sofrerem por causa disso.

**17.14** — Brigar é como água derramada. A briga não pode ser contida depois de começada. A sabedoria, portanto, está em represar a discórdia antes que seja tarde demais.

**17.15** — Como Deus é o Deus da justiça, Ele detesta aqueles que a pervertem, tanto os que declaram a inocência dos culpados como os que declaram a culpa dos inocentes. Estes, *abomináveis são para o Senhor* (Pv 16.5).

**17.16** — A riqueza na mão do insensato é um ultraje moral. Mesmo que ele tenha dinheiro, não poderá comprar aquilo que é incapaz de apreciar: a sabedoria.

**17.17** — Este versículo enaltece a fidelidade. Ao contrário dos colegas inconstantes, o *amigo* verdadeiro é constante, e um *irmão* de verdade ajuda nas horas de aflição.

**17.18** — Ser *fiador* de outra pessoa não é errado, mas este provérbio advoga a cautela nessas transações (Pv 11.15). O que realiza o empréstimo pode perder sua independência.

**17.19** — O que ama a exaltação e a rebelião pode descobrir que a rebelião só gera mais problemas e que quem se vangloria de sua força sempre será testado.

**17.20** — Do coração perverso só pode surgir corrupção e perversidade. Estas se entranham tão profundamente que a pessoa deixa de saber até como buscar o bem.

**17.21** — O filho tolo é uma realidade das mais difíceis de aceitar-se (Pv 10.1). Não há dor pior para o coração do que perceber que o filho de alguém é *toló*, de coração empedernido a Deus e inútil para a vida.

**17.22** — O papel da postura e dos sentimentos na saúde e no bem-estar físicos só tem sido levado em conta há pouco tempo pelos médicos ocidentais. Este provérbio afirma que há relação entre comportamento e saúde.

**17.23** — Como o peso falsificado (Pv 16.11), a justiça pervertida pode destruir uma cultura. O termo *presente* foi traduzido literalmente de uma palavra que também significa *suborno*. No versículo 8, a mesma palavra hebraica se traduz positivamente como *presente*, mas neste versículo o sentido é negativo, porque o objetivo do presente é perverter a justiça.

**17.24** — A *sabedoria* resulta em uma vida satisfatória. O louco continua à procura sem encontrar nenhuma satisfação.

**17.25** — Como em Provérbio 17.21 (Pv 10.1), este versículo amplifica a capacidade do filho tolo de envergonhar os pais que amam e creem em Deus. Tanto o pai como a mãe sofrem. Se sofrem separados (ao invés de juntos), possivelmente perderão não apenas o filho teimoso como também um ao outro.

**17.26** — Só um povo perverso puniria o *justo*. Como vários outros provérbios, este descreve o que deve ser identificado como um ultraje.

**17.27** — Refrear a língua é uma das marcas da sabedoria. Isso vai contra as nossas expectativas. Geralmente esperamos que o sábio fale, e não ouça.

**17.28** — Este provérbio é um complemento ao versículo 27 e fala do valor de refrear a língua, até mesmo no caso do tolo. Quando um tolo refreia os seus lábios, pode até haver gente que o considere sábio. Essa percepção se dissipará rapidamente quando o tolo começar a falar.

**18.1** — Este provérbio condena aqueles que seguem os seus próprios padrões e desejos, totalmente alheios à verdadeira sabedoria, por motivos egoístas. Reclusos assim são tão intolerantes com quem discorda deles que encontram defeitos na verdadeira sabedoria.

**18.2** — O tagarela compulsivo nunca dá ouvidos. Só se detém para pensar no que vai falar a seguir. A cada vez que ele fala, confirma o *toló* que é.

**18.3** — Este versículo é um alerta contra brincar com o mal. A pessoa simplesmente não tem ideia do que está mexendo quando toma parte com a perversidade.

**18.4** — As palavras *fonte da sabedoria* se assemelha à expressão *manancial de vida* (Pv 10.11; 13.14; 14.27; 16.22).

**18.5** — A injustiça é extremamente comum. Muitos provérbios condenam esta atitude (Pv 17.23).

**18.6** — Uma das marcas do tolo é sua capacidade de provocar confusão pelo muito falar. Quanto mais ele fala, mais contendas promove.

**18.7** — A boca do tolo torna-se uma armadilha para ele mesmo por disparar palavras insensatas, que trazem destruição (Pv 14.3).

**18.8** — As *palavras do linguareiro* [caluniador, na NVI] (Pv 16.28) são como doces deliciosos. Embora sejam agradáveis ao paladar, acabam com a saúde da pessoa. É divertido dar ouvidos à fofoca, mas tais histórias ferem o *íntimo* do ouvinte — sua alma.

**18.9** — O termo *negligente* refere-se a uma pessoa que é *reconhecidamente desmazelada*, ao preguiçoso (Pv 15.19).

A palavra *desperdiçador* significa *senhor da destruição*.

**18.10,11** — A expressão *nome do Senhor* (v. 10) é uma forma de falar da pessoa de Deus, sendo aqui destacada como *alto retiro*, proteção divina, um tema recorrente nas Escrituras (Sl 91.1-4). O *justo* se volta a Deus por segurança. O rico, pelo contrário, tende a confiar em sua *fazenda* [riqueza, na NVI] (Pv 18.11; Lc 12.13-21).

**18.12** — A palavra hebraica traduzida como *eleva-se*, geralmente com conotação negativa, também pode ser usada de forma positiva, significando *coragem e bravura* (2 Cr 17.6). O caminho para a *honra*, tão ambicionada pelos orgulhosos, é a *humildade*.

**18.13** — Ter a habilidade de comunicar-se não apenas contribui para boas relações interpessoais, como também ajuda a adquirir sabedoria à medida que se permite prestar atenção e compreender o que os outros têm a dizer. Algumas pessoas,

porém, não estão interessadas em ouvir os demais ao redor. Concentram-se em si mesmo, pensam que têm todas as respostas e reagem sem ouvir. Este tipo de atitude é burrice, além de ser uma infâmia.

**18.14** — Este provérbio afirma o valor de saber enfrentar as dificuldades. Sugere que uma pessoa equilibrada emocionalmente e alegre pode aumentar a resistência às adversidades e ajudar a enfrentá-las (Pv 15.13; 17.22; Is 66.2).

**18.15** — A busca por conhecimento é insaciável nos sábios. O tolo mal se incomoda em fazê-lo. O sábio não para de aprender; o tolo mal começa.

**18.16** — Existe um poder no presente; o da abertura de uma porta de valor aparentemente inestimável. Uma vez que a pessoa tenha passado pela porta, o resto é com ela. Mas ao menos a porta está aberta.

**18.17** — Quando alguém conta sua versão de um fato, apresenta argumentos que *a priori* parecem consistentes. No entanto, ao ser questionado, pode-se descobrir que a realidade é um pouco diferente do que foi relatado. Todos tendem a apresentar versões que melhor atendem os seus próprios interesses, mas nem todos poderão resistir à arguição do observador imparcial.

**18.18** — Sempre que duas partes concordam sobre o método de melhor resolver uma contenda, este método servirá para alcançar a paz. Jogar a



## APLICAÇÃO

### FALAR À TOA

Algumas pessoas têm comentários a fazer sobre praticamente todos os assuntos. Elas nunca dizem *eu não sei*, nem ouvem para poder aprender alguma coisa. Elas simplesmente cospem suas opiniões desinformadas a qualquer pessoa que lhes dê ouvidos. Provérbios chama estas pessoas de tolas (Pv 18.2).

O livro dos Provérbios nos ensina alguns princípios para nos ajudar a avaliar o valor de nossas palavras:

- Às vezes, a coisa mais sábia a fazer é ficar calado. Precisamos aprender a pensar primeiro antes de falar se quisermos ser úteis (Pv 11.12; 17.27,28).
- A única coisa de que não devemos nunca querer falar é um segredo que nos foi confiado (Pv 11.13).
- Caso saibamos empregar as palavras, podemos alcançar fins nobres — por exemplo, acalmar situações exaltadas (Pv 15.1,2).
- Precisamos ter atenção com o que falamos. Nossa boca pode colocar-nos em grandes encrencas (Pv 18.6,7).
- Se dermos nossa opinião sobre um caso sem ter ouvido os fatos, a tendência é nos cobrirmos de vergonha (Pv 18.13).
- Falar é fácil, mas falar à toa pode sair caro. Dizer a coisa errada na hora errada pode levar a terríveis consequências (Pv 18.21).

*sorte* era um método bíblico para ajudar a tomar decisões (Pv 16.33). Por trás dos dados, havia o poder supremo de Deus.

**18.19** — Eis outro versículo em que o termo *contendas* é empregado (Pv 18.18), mas aqui é apresentado como caráter positivo que as disputas podem produzir. As forças de defesa de uma cidade são menores do que as ofensas recebidas por um irmão ferido.

**18.20,21** — A satisfação interna provém da fala boa e verdadeira. As palavras que as pessoas dizem têm grande poder (Tg 3.2).

**18.22** — O casamento é uma instituição divina, mas não é fácil encontrar uma esposa virtuosa (Pv 12.4). A expressão *o que acha* pode indicar que é preciso procurar com diligência a mulher ideal.

**18.23** — O *pobre* implora que outros sejam generosos por necessidade e medo, o *rico* escarnece por ter um falso senso de importância. Podemos constatar aqui que ambos cometem erros. Este versículo pode, provavelmente, alertar contra a preguiça, que atrai a pobreza, além de denunciar a arrogância dos ricos, que depositam toda a sua confiança e poder no dinheiro.

**18.24** — A pessoa pode pensar que tem muitos amigos, mas muitos deles podem ser superficiais, interesseiros ou nada acrescentam nem prejudicam. Entretanto, existe [ou é importante que exista] um que é verdadeiro, presente, mais próximo do que um irmão de sangue.

**19.1** — Este provérbio apresenta a pessoa *pobre* sob uma luz mais favorável do que a rica (Pv 28.6). Neste caso, a vida da pessoa pobre é marcada pela *sinceridade*, enquanto a de sucesso obteve sua riqueza fraudando e enganando. O livro dos Provérbios não diz que saúde e riqueza são prêmios; concede esta honra à integridade (Pv 3.1-12).

**19.2** — Muitos provérbios empregam a expressão *não é bom*. Este diz que não há nada de bom em quem não tem conhecimento. Nesta pessoa, só existe uma corrida para a destruição. Os pés dos tolos estão sempre prontos a correr para a ruína (Pv 21.5).

**19.3** — Quantas vezes as pessoas se perderam em sandices autodestrutivas e depois clamaram a Yahweh para ajudá-las a sair da situação que criaram? Muitas vezes Deus pode ter a bondade



## APLICAÇÃO

### DISCIPLINANDO OS FILHOS

Uma crença popular atual é a de que as pessoas são basicamente boas. Um prolongamento desta crença é de que as crianças vêm ao mundo como seres de moral pura e imaculada que, mais tarde, aprendem com a sociedade e os pais comportamentos que causam mágoa e desgosto.

O livro dos Provérbios, juntamente com o resto da Bíblia, apresenta uma imagem bem diferente dos filhos e de sua criação. Embora as crianças sejam vistas como bênçãos, elas tendem ao mal se forem abandonadas à própria natureza (Pv 22.15). Por isso, demanda-se dos pais que disciplinem a sua prole. Deixar de fazer isso equivale a condenar um filho à morte (Pv 19.18).

Há opiniões divergentes sobre a melhor forma de disciplinar os filhos. Entretanto, as discordâncias sobre os meios nunca devem perder de vista o que Provérbios apontou como o objetivo: tornar a criança em adulto de caráter forte e capaz de tomar decisões sábias (Pv 29.15). Seja qual for o significado do termo *vara* para você enquanto pai, Provérbios lhe conchama para que use de disciplina para com seus filhos.

Diversos princípios de disciplina encontram-se em Provérbios:

- A criança precisa de muito mais do que disciplina, pois esta é apenas parte de um ambiente familiar muito mais amplo necessário para colocar a criança no caminho da sabedoria, da autoestima, da compreensão e da humildade (Pv 2.1-22; 4.3-9; 15.31-33).
- O castigo pela traquinagem não apenas corrige como também previne, pois pode ajudar a afastar a criança de praticar maldades piores e da destruição final que sobrevirá (Pv 5.12-14; 23.14).
- Correção é amor, e não aplicá-la é uma forma de ódio (Pv 13.24).
- A disciplina tenciona livrar as crianças da insensatez inerente que a Bíblia diz possuem (Pv 22.15).

de salvar um tolo de sua insensatez, mas não há garantias de que Ele fará isso sempre.

**19.4** — Este versículo aponta uma particularidade na relação entre a posição social e as amizades. Geralmente, as pessoas providas de boa condição financeira atraem muitos amigos, enquanto as que ocupam uma posição social baixa têm poucos amigos, pois a pobreza costuma manter a maior parte das “amizades” distantes. Vale destacar que, como um cônjuge fiel, um amigo fiel não tem preço (Pv 14.20).

**19.5** — A necessidade da verdade é muito importante para uma sociedade organizada. A falsidade não deve ser tolerada.

**19.6** — Usar de bajulações e agrados para conseguir atenção e favores de pessoas dotadas de poder e riquezas é um costume presente desde aquela época. Assim, supostos amigos e desconhecidos aproveitam inclusive nos dias de hoje para tirar algum proveito daqueles que se encontram em condições e posições favoráveis (Pv 17.8; 18.16). Dar presentes não é intrinsecamente mau, mas quem o dá pode perfeitamente ser mau.

**19.7** — A conduta daqueles que abandonam um amigo por estar na pobreza deve ser confrontada pela postura de amigos verdadeiros, destacada em textos como Provérbio 17.17 e 18.24.

**19.8** — Em última análise, a expressão *achará o bem* significa encontrar o Senhor em Sua Palavra (Pv 16.20).

**19.9** — Este versículo é uma ligeira variação de Provérbio 19.5; é um repúdio aos males causados pelo falso testemunho, desrespeito a um dos Dez Mandamentos (Êx 20.16; Dt 5.20) e uma ruptura do pacto de confiança entre Deus e o Seu povo.

**19.10** — É ultrajante o insensato ocupar posições de destaque e viver em luxo. Esta posição deveria ser reservada ao homem que a ganha mediante a observância da lei.

A expressão *não está bem* também pode ser traduzida como *não convém* (Pv 17.7).

**19.11** — A paciência e o autodomínio são virtudes da sabedoria (Pv 16.32). O mesmo não se pode afirmar da impetuosidade e dos rompantes

violentos. Estas características são comuns no homem tolo e imprudente.

**19.12** — As descrições do *bramido* do leão e do *orvalho sobre a erva* são especialmente adequadas quando o monarca tem poder absoluto. Sua ira pode ser violenta e imprevisível como um leão, e o seu favor, agradável e restaurador como o orvalho. Um bom rei deve exortar e conceder sua graça por bons motivos.

**19.13,14** — A expressão *gotejar contínuo* pode ser uma referência a uma briga constante em uma família.

A *mulher prudente* demonstra sabedoria ou argúcia. Encontrar a um cônjuge certa é uma bênção de Deus (Pv 18.22).

**19.15** — Os provérbios não possuem palavras boas para se referir à *preguiça*, o vício do indolente (Pv 6.6,9). Os provérbios conclamam misericórdia e compaixão pelos pobres e necessitados, mas pelos indolentes, apenas desprezo (Pv 19.17; 10.4,5).

**19.16** — A sabedoria e a insensatez são questões de vida ou morte, como é amplamente demonstrado pelos ensinamentos de Provérbio 1—9 (ex. Pv 1.32,33). Assim, buscar a sabedoria é, em última análise, uma atitude de quem tem genuína autoestima (Pv 19.8). Buscar a tolice é abraçar a morte.

**19.17** — Fazer caridade aos pobres e necessitados é visto, neste versículo, como um empréstimo a Deus. Se você quer fazer um empréstimo a alguém, que seja a Ele. O Senhor o recompensará. A preocupação de *Yahweh* com os pobres está bem documentada nas Escrituras (ex. Dt 10.18,19).

**19.18** — Se o pai recusar-se a aplicar disciplina, ele condena o futuro do filho (Pv 13.24).

**19.19** — A raiva desmedida é uma insensatez, assim como a disciplina sem temperança. Nada muda realmente quando uma pessoa de “pavio curto” é salva de uma situação problemática. Ela precisará ser salva outras vezes.

**19.20** — A sabedoria leva a um futuro glorioso. Trata-se de uma porta para a eternidade. No Novo Testamento, a ideia que corresponde à busca pela sabedoria em textos como esse é o objetivo de parecer-se com Cristo, modelar-se à Sua imagem. Em última análise, ser sábio (no sentido bíblico) é ser como Jesus.



## EM FOCO

## TEMOR (HB. YIR'AH)

(Pv 9.10, 16.6; 19.23)

Esta palavra hebraica significa assombro perante o que é desconhecido ou possivelmente perigoso. Às vezes se refere ao medo ou terror inspirados pelo perigo ou pelos inimigos (Sl 56.4). Mais frequentemente, significa *reverência*, especialmente a Deus (Pv 19.23). O emprego desta palavra não implica que alguém precise sentir medo de Deus, mas demanda sim o devido reconhecimento e respeito pelas qualidades temíveis do Senhor, como Sua ira santa (Sl 5.4-7).

O temor de Deus — isto é, o devido respeito a Deus — impele-nos a abandonar nossas práticas maldosas (Pv 16.6) e nos ensina a ter sabedoria (Pv 9.10). Além disso, ajuda-nos a ter uma vida tranquila, pois, se nos submetemos ao Todo-poderoso, nada mais precisamos temer neste mundo. Ninguém pode ferir-nos, porque Ele é nosso Protetor (Pv 14.26,27; Hb 13.6).

**19.21** — O sábio confia seus *propósitos* ao Senhor (Pv 16.3). A pessoa que não busca a vontade de Deus (como no Sl 2.1-3) pode tornar-se uma verdadeira inimiga do Criador. Aquele, porém, que confiar sua vida ao Pai certamente obterá o sucesso (Pv 16.1,9).

**19.22** — O pobre íntegro tem mais honra do que a pessoa de sucesso que obteve seu cargo ou situação por meio de fraudes (v. 1).

A palavra *beneficência* também pode significar *beleza*. A fidelidade é bela, enquanto que a fraude desfigura o caráter (Pv 3.14; 31.18).

**19.23** — Este provérbio ressalta a natureza perene da verdadeira devoção e as fartas recompensas que ela proporciona. O *temor do Senhor* é comparado com todos os outros prazeres (Pv 15.16,33), porque só ele conserva a inocência do cristão e proporciona satisfação a vida inteira.

**19.24** — Aqui fala de alguém que é tão preguiçoso que não quer nem levar a mão à boca repetidas vezes para comer! Então ele se curva, enfiando a cabeça no prato e deixando as mãos ao lado (Pv 26.15).

**19.25** — A pessoa *simples* [*inexperiente*, na NVI], aquela que ainda tem de estabelecer qual será o seu caminho na vida, pode aprender observando o sofrimento do *escarnecedor*. Este pode até não aprender nada com o próprio sofrimento, mas quem estiver pronto a aprender pode.

**19.26,27** — O desejo de ter um bom *filho* é tema de diversos provérbios (10.1). O filho que maltrata os pais envergonha e desobedece às ordens de Deus (Pv 20.20; Êx 20.12; Dt 5.16).

A justaposição do provérbio (v. 27) dirigido ao *filho meu* pela primeira vez desde os capítulos de 1 a 9 após falar sobre o filho tratante no versículo 26 é proposital. O filho tratante se envergonha, enquanto que o filho obediente é fiel e tem sucesso.

**19.28** — Eis um provérbio que vincula o falso testemunho (Pv 19.5) aos *ímpios* (o *homem de Belial*, Pv 16.27). Esta pessoa escarnece da justiça e proclama largamente toda forma de iniquidade.

**19.29** — Em vez de receitar necessariamente um castigo físico, este versículo pode estar descrevendo o fardo dos teimosos. Eles mesmos atraem o seu castigo. O versículo pode ser lido metaforicamente ou no sentido literal.

**20.1** — Este capítulo começa com um alerta contra a excessiva ingestão do *vinho*, ou de outra bebida alcóolica (consulte este tema mais extensivamente em Pv 23.29-35). O sábio leva o perigo a sério, evita o consumo dessas bebidas fortes ou o faz de forma moderada. A embriaguez só leva a confusões e alvoroços.

**20.2** — A primeira parte deste versículo tem o mesmo sentido de Provérbio 19.12. Aparentemente, este versículo de alerta contra o *terror do rei* não é diferente do alerta contra a imprevisibilidade do vinho quando em excesso (Pv 20.1). Como o vinho, assim é o rei; ambos podem ser agentes positivos, ou destruidores.

**20.3** — Quem é pacificador possui a bênção de Deus (Mt 5.9). Uma pessoa que briga sem necessidade não passa de uma tola. O homem de paz tem a glória; o louco, apenas vergonha. O melhor é evitar começar a contenda (Pv 17.14).

20.4 — Como o *preguiçoso* não lava seu campo a tempo, não tem o que colher (Pv 10.5).

20.5 — Os sábios do antigo Israel sabiam de algo que os conselheiros de hoje redescobriram através de seu treinamento e experiência, que a motivação para a conduta é complexa. Um conselheiro talentoso é capaz de extrair da pessoa sentimentos e motivações, exatamente como alguém tira água de um poço profundo.

20.6 — A ideia aqui é da importância autoatribuída em face do valor real da pessoa, de uma autoimagem inflada em face da verdadeira natureza das coisas. Todos nós tendemos a apresentar nosso melhor lado; mas, internamente, podemos conhecer o pior de nós.

20.7 — A liberdade e o prazer da *sinceridade* são exaltados neste versículo (Pv 19.8). A ideia é de legado. O justo não só vive bem como também deixa um legado de felicidade para seus filhos. O ímpio (tolo), por sua vez, deixa um legado de desespero. A fé de uma família passará adiante os traços familiares.

20.8 — Um bom rei usa seu trono em prol da justiça, jamais tolera o mal em seu reino.

20.9 — Este provérbio faz uma pergunta retórica. Todos pecamos, tema abordado largamente por Paulo em Romanos 3.10-23. Quem alega nunca pecar é mentiroso (1 Jo 18,9). Mas quem confessa seu pecado obtém perdão (Rm 4.7).

20.10 — A ênfase repetida em pesos falsos e duas medidas (Pv 11.1) nos relembra que a fraude é um problema crônico.

20.11 — A expressão *pelas suas ações* ressalta que o caráter de uma pessoa pode ser revelado por sua conduta.

20.12 — Não foi à toa que este provérbio destacou os ouvidos e os olhos como criações de Deus. Eles devem ser usados para aprender a respeito da Sua Lei (Sl 40.6; 119.8). São meios físicos de obter a orientação de que precisamos. Compare este versículo à queixa de Moisés de ter a língua pesada e à resposta de Deus (Êx 4.10,11).

20.13 — O *sono* é uma dádiva de Deus que restabelece a energia e a vitalidade da pessoa. No entanto, quando excessivo, pode ser sinal de algum distúrbio ou de preguiça. É preciso trabalhar

duro para ganhar a vida; a indolência só leva à pobreza (Pv 6.6,9).

20.14 — Um comprador “malandro” reclama da qualidade do produto ao adquiri-lo para baixar o preço; depois, vangloria-se da barganha que conseguiu até chegar em casa. Não se trata de uma atitude moral, mas de uma ação desonesta e manipuladora.

20.15 — Este versículo não comenta a moralidade da riqueza, mas o valor comparativo da sabedoria e do dinheiro, sendo que o sábio é comparado a uma joia preciosa. A sabedoria simplesmente vale mais. Assim, vale mais ser pobre e sábio do que rico e tolo (19.1).

20.16 — É tolice emprestar a um *estranho* sem fazer um penhor, ou promessa, de devolução do bem (Pv 11.15). Os israelitas não tinham permissão para demandar esse tipo de penhor de outros israelitas (Êx 22.25-27).

20.17 — As Escrituras não negam que pecar pode ser prazeroso, apenas dizem que a recompensa não é duradoura (Pv 9.17,18).

20.18 — Sempre devemos pensar antes de agir, e assuntos graves como a *guerra* requerem o máximo de ponderação.

20.19 — Revelar informações confidenciais é uma forma de calúnia. Esta pessoa não passa de fofoqueira e tola (Pv 11.13; 13.3). Uma “boca nervosa” não apenas afunda navios, como também estraga amizades!

20.20 — Este provérbio trata do descumprimento do quinto mandamento, *honra a teu pai e a tua mãe* (Êx 20.12; Dt 5.16). O termo *anda maldizendo* baseia-se em uma palavra que significa *tratar com leviandade, considerar insignificante*. A declaração *apagar-se-lhe-á a sua lâmpada e ficará em trevas densas* simboliza a condenação eterna.

20.21 — Às vezes, o que parece ser sorte repentina acabará sendo um grande revés. Adquirir heranças de forma ilícita pode levar um homem a entrar em dificuldade com a lei, torná-lo preguiçoso e até mesmo infeliz devido às consequências da atitude desonesta em tomar posse de tal herança.

20.22 — Por termos compreensão limitada e sermos imperfeitos, não estamos qualificados para

vingar-nos do mal. Em vez disso, precisamos confiar nossa causa a Deus, cuja vingança é certa e perfeitamente justa. Deus disse: *Minha é a vingança; eu recompensarei* (Rm 12.19; Mt 5.38,39; 1 Ts 5.15; 1 Pe 3.9).

**20.24** — Até um homem de grande força não controla seus passos, sua vida; até o ar que ele respira é dádiva de Deus. Como até a própria vida é dádiva de Deus, só um tolo para presumir que se autoconhece como um todo.

**20.25** — Vários provérbios alertam contra fazer promessas descuidadas a respeito de coisas santas, e depois não cumpri-las (Ec 5.1-7). É melhor nunca jurar do que jurar e depois mudar de ideia.

**20.26** — Este provérbio apresenta a disciplina como um ato de compaixão. Castigar a iniquidade é totalmente cabível. Quando os ímpios são descobertos e punidos com a severidade exigida por seus crimes, toda a sociedade se beneficia. O versículo 28 dá equilíbrio a este princípio. Idealmente, o rei de Israel espelhava o caráter de Deus.

**20.27** — Aqui se trata de uma associação da consciência da pessoa com a atuação divina.

**20.28** — O rei de Israel ideal deveria espelhar o caráter do Reino de Deus. No fim das contas, este reino ideal seria realizado com a vinda do Rei-Messias (Is 9.6,7).

**20.29** — Cada fase da vida tem suas vantagens inerentes. Os *jovens* têm sua juventude e vigor; os mais velhos têm sabedoria (Pv 16.31).

**20.30** — Sofrer purifica. Ninguém quer ter feridas, mas Deus pode extrair coisas boas de qualquer malefício e tornar-nos melhores por meio das atribulações.

**21.1** — A pessoa pode olhar para um rio e pensar que ele não segue nenhum padrão, porém a água obedece às ordens da mão de Deus. Assim também é com um bom rei. Os seus passos são determinados pelo Senhor.

**21.2** — A boa percepção que a pessoa tem de sua própria vida, conduta ou caminho pode convencê-la, mas o julgamento final sobre sua retidão cabe a Deus (Pv 17.3).

**21.3** — Ocasionalmente, os provérbios tocam na questão da idolatria (Pv 15.8; 16.6). Este versículo afirma, tal como o Salmo 40.6-8; Miquéias

6.8 e diversas outras passagens bíblicas, que viver com retidão é mais importante do que *sacrifício* (1 Sm 15.22).

**21.4** — A segunda parte deste versículo é de difícil tradução. Algumas versões traduzem a ambígua palavra hebraica *lavoura* como *lâmpada*. (Para *altivo* e *orgulhoso*, consulte Pv 16.18.)

**21.5** — Normalmente, o planejamento leva à *abundância*, e a pressa, à *pobreza* (Pv 20.21). Não é errado fazer planos, mas é errado planejar fazer o que o Senhor proibiu expressamente (Pv 16.1).

**21.6,7** — A prosperidade pode ser boa ou ruim. Depende de como a pessoa a alcançou. Se a conseguiu por meio da *língua falsa* [*mentirosa*, na NVI], corre sério risco de ser levado à ilusão e à armadilha mortal.

**21.8** — Este provérbio em antítese nos faz voltar ao princípio do estudo sobre sabedoria, ao contraste entre o justo e o ímpio (Pv 1—9; Sl 1).

**21.9** — Os antigos telhados israelitas eram planos e podiam ser usados como terraço. Às vezes, as pessoas construíam um abrigo provisório sobre a parte do telhado. E este versículo ressalta que o marido prefere viver num telhado do que morar dentro de casa com uma mulher briguenta.

**21.10** — Aqui está uma pessoa cuja paixão é fazer o *mal*; portanto, não sente compaixão por ninguém. O ímpio nunca pensa no próximo, a não ser nele mesmo.

**21.11** — O tolo descrito neste texto é da pior espécie: o *escarnekedor* (Pv 19.25). A pessoa *simples* tem sensatez bastante para aprender vendo o escarnekedor ser castigado. O *sábio* sempre aprende; o simples, às vezes, adquire conhecimento; mas o escarnekedor é um caso perdido.

**21.12** — Este é um versículo de tradução extremamente difícil. Algumas versões entendem que a palavra *justo* se refere ao homem ou à mulher justo que aprende observando a sina dos ímpios. Outros entendem que o termo *justo* aqui se refere a Deus, que determina o destino dos ímpios. É provável que este versículo fale do Senhor como o Justo, e a expressão incomum da segunda parte esteja falando de Seu juízo como uma ruína para os ímpios.



21.13 — Aquele que é indiferente às necessidades dos aflitos não encontrará alguém para ajudá-lo quando clamar por socorro.

21.14 — Provérbio 18.16 e 19.6 antevêm as ideias deste versículo sobre o emprego de presentes para abrir caminho a alguém, em especial à pessoa de posição humilde que deseja ser recebida pela de posição elevada. O presente fala por si! E o presente dado em segredo discorre agradavelmente contra a ira, ajudando a apaziguar ressentimentos.

21.15 — A justiça não é uma obrigação trabalhosa nem um peso para a pessoa. Para o justo, exercer a justiça é pura *alegria*. Já para o ímpio, a justiça é tão triste quanto o fim dele (Pv 10.29).

21.16 — O termo *mortos* é assustador; significa *sombras* (Pv 9.18). Nestes versículos, *mortos* pode ter o sentido de morte física, e não de espiritual (como é o caso de Tg 1).

21.17 — O objetivo deste versículo não é proibir o consumo de vinho ou azeite, mas alertar aqueles que dedicam muito tempo aos prazeres. Naquela época, um dos maiores prazeres dos hedonistas era o banquete, regado de iguarias, vinho e azeite. O problema aqui, que leva à condenação do ímpio, é o excesso; o equilíbrio é a meta que anima os justos.

21.18 — Este versículo fala em termos de juízo final. Em última análise, o justo prevalecerá, e os ímpios, não. Finalmente, o bem vencerá.

21.19 — Este versículo pode ter um outro lado: que privilégio é viver ao lado de um cônjuge (marido ou esposa) amoroso! Leia de novo a apresentação positiva de Provérbio 19.4. Tomar isoladamente versículos sobre más esposas é difamar as mulheres como um todo, coisa que não se pode dizer que estes versículos façam.

21.20 — Este provérbio contrasta a prosperidade do *sábio* com a pobreza do tolo (Pv 20.15). A questão central é a forma como lidam com seus bens. Os tolos abusam ou negligenciam o que é de sua propriedade.

21.21 — É possível que *vida, justiça e honra* se juntem no sentido de *uma vida mais abundante*. A busca da justiça é sua própria recompensa. No entanto, há recompensas extras, como viver a

vida em plenitude e receber honrarias. Tudo isso é dádiva do Senhor (Pv 15.9).

21.22 — A sabedoria tem mais potência do que a força bruta; é mais formidável do que uma fortaleza. Assim, é melhor buscar a sabedoria em vez de grandes músculos.

21.23 — Este provérbio faz um jogo de palavras com *guardar*. Se a pessoa *guarda* ou conserva sua boca, ela *guarda* ou conserva sua alma. O complemento disto está nos diversos problemas que a pessoa enfrenta ao falar sem cuidado.

21.24 — Este provérbio aplica quatro diferentes palavras hebraicas com sentido de *arrogância* ao *zombador* (v. 11). As duas primeiras palavras, *soberbo* e *presumido*, significam *profundamente arrogante* (v. 4). As duas últimas, *indignação* e *soberba*, significam *arrogância ilimitada*.

21.25 — O anseio do *preguiçoso* o *mata*; ele é devorado por suas próprias paixões porque não quer gastar energia em cumpri-las. O versículo 26 continua a descrição da ambição insaciável do preguiçoso contrastando-a com a generosidade do honrado.

21.26 — Este provérbio pode ser pareado com o versículo 25 como descrição do desejo insaciável da pessoa preguiçosa. Em contraposição, o *justo* não cessa de ser generoso. O preguiçoso espera, enquanto o justo dá; o preguiçoso não tem nada, e o justo tem muito.

21.27 — Quando o ímpio faz um sacrifício sem intenção de parar com sua iniquidade, é uma abominação (hb. *to'eba*). Esta abominação existe aos olhos de Yahweh (como em Pv 20.10), embora Ele não seja mencionado nesta sentença. Entretanto, pior do que apresentar um sacrifício com o coração sujo é trazer esse sacrifício com más intenções.

21.28 — Grande número de provérbios trata da *testemunha mentirosa* (Pv 19.28). O problema da falsa testemunha é que suas mentiras pervertem a justiça para os outros. Mesmo que seja uma única mentira, a mentira pode ser replicada por outras pessoas.

21.29 — Há um belo jogo de palavras entre os vocábulos traduzidos como *endurece o seu rosto* e *considera o seu caminho*. O *ímpio* está preocupado

com a expressão facial; o justo só se preocupa com o rumo de sua vida (Pv 11.5).

**21.30** — Geralmente, os provérbios empregam a palavra *sabedoria* com sentido positivo. Neste versículo, porém, a palavra está pareada com truques de conspiradores. Estes truques não têm poder sobre Deus, como Balaão, o profeta pagão, descobriu ao encontrar o Senhor nas planícies de Moabe (Nm 22—24). A verdadeira sabedoria só se encontra em Deus. Logo, de forma alguma, a sabedoria, a inteligência e o conselho podem prevalecer em qualquer coisa contra o Senhor.

**21.31** — Um soldado pode fazer tudo o que está a seu alcance para se preparar para a *batalha* (Pv 20.18), mas, no fim das contas, nenhuma preparação pode superar o poder de Deus. A vitória está nas mãos de Deus.

**22.1** — Este provérbio indica que a reputação tem mais valor do que posses ou riqueza. Um *nome* não pode ser restaurado facilmente, nem mesmo com rios de dinheiro.

**22.2** — Este versículo repete eloquentemente o tema das riquezas (v. 1): Deus fez tanto o *rico* como o *pobre*. Isto quer dizer que quem favorece o rico em detrimento do pobre (Tg 2) não só não entendeu do que trata a criação, como também insultou o Criador (Pv 14.31).

**22.3** — O termo *avisado* significa *sagaz* (há uma palavra relacionada a esta em Pv 1.4). Não existe sabedoria na falta de prudência.

**22.4** — O caminho para a boa vida — *riquezas, e honra, e vida* (há uma tríade semelhante em Pv 21.21) — é a humildade (Mq 6.8) e o temor a Deus.

**22.5,6** — É prudente evitar as armadilhas e ciladas na beira da estrada da vida. Tolo é aquele que ingressa em lugares perigosos sem necessidade, sem saber ou importar-se com o risco que está correndo.

**22.7** — Quando uma pessoa *pobre* se encontra em débito para com um *rico*, ela fica em uma posição de submissão e dominação em relação ao abastado. Se o rico for bondoso, o pobre pode escapar sem muito risco. Se o abastado for sádico, quem tomou o empréstimo pode ser reduzido à escravidão pecuniária.

**22.8** — A ideia de retribuição justa é importante (Pv 21.7). Os ensinamentos de Jesus sobre a justiça espelham a ideia deste versículo. A pessoa que vive pela violência provavelmente morrerá de forma violenta; e a que vive em iniquidade não deve se surpreender se for vítima de um crime (Mt 26.52).

**22.9** — As palavras que expressam a ideia de generosidade neste versículo são *de bons olhos*. Os bons olhos observam em primeiro lugar as necessidades dos outros. Já os maus só veem a própria necessidade.

**22.10** — O *escarnecedor* (Pv 21.24) deve ser expulso da comunidade porque sua influência é prejudicial a todos. Os sábios sabem que o escarnecedor não é risível, porque ele ri de coisas santas, do próprio Deus.

**22.11** — A pessoa marcada pela *pureza* de fala e coração se torna confiante de um bom rei. (Compare este provérbio ao Sl 15, que descreve a pessoa que quer ser amiga do Senhor.)

**22.12** — Os *olhos do Senhor* (Pv 15.3; 21.2) são os árbitros definitivos do conhecimento e da justiça. Os olhos dos seres humanos simplesmente não são confiáveis. Quando o rei leva seu cargo a sério, ele também toma decisões adequadas e justas (Pv 20.8).

**22.13** — Os provérbios sobre o *preguiçoso* (Pv 19.15) são um alívio cômico, pois zombam da série de desculpas esfarrapadas que os preguiçosos inventam para não trabalhar nem arriscar. Eles fazem de tudo para não terem de fazer algo.

**22.14** — Este provérbio nos leva de volta ao tema das *mulheres estranhas* [*mulher imoral*, na NVI] (Pv 2.16). Sua boca é como abismos abertos, destruindo todos os que neles caem (Pv 9.18).

**22.15** — A ideia aqui é de incentivar o pai relutante a disciplinar seu filho louco. A insensatez é como um monstro que esmaga o coração entre os dedos.

**22.16** — O último provérbio de Salomão nesta coletânea trata de justiça social. No fim das contas, toda a experiência humana está nas mãos de Deus, embora, ocasionalmente, os ímpios prosperem. Deus fez tanto o *pobre* como o *rico* (v. 2)

e Ele determinará com justiça o destino de cada um (Pv 24.12).

**22.17—24.22** — A expressão *as palavras dos sábios* determina uma nova seção do livro dos Provérbios. O conteúdo muda no versículo 17. Três elementos distinguem esta parte: (1) a mudança de unidades de um versículo para unidades de múltiplos versículos, (2) títulos de seções incluídos no texto e (3) afinidade desta seção com os antigos textos exemplares egípcios, particularmente o livro egípcio *A instrução de Amen-En-Ope*, uma das fontes dos escritores de Provérbios.

**22.17-21** — *Inclina o teu ouvido*. Estas palavras de introdução conclamam o leitor a prestar atenção e preparar-se para aprender sobre Deus e adorá-Lo. O aviso enfatiza veementemente que a *confiança* da pessoa deve estar *no Senhor*.

**22.22,23** — A maioria das violações de justiça afeta o *pobre* e o *aflito*, pois são frágeis e indefesos. Mas quem faz isso se torna inimigo de Deus, *que defenderá a sua causa*.

**22.24,25** — *Não andes com o homem colérico*. Se estas palavras se baseiam na fé hebraica, estas ideias se derivam, por sua vez, da observação do



## APROFUNDE-SE

### INSTRUIR A CRIANÇA

Sem dúvidas, Provérbio 22.6 é um dos versículos deste livro citado com mais frequência. Há três questões que ainda suscitam debates em sua interpretação: (1) o significado do verbo *instruir*, (2) a intenção da expressão *no caminho em que deve andar* e (3) o sentido do verbo *não se desviará*, na segunda metade do versículo.

Em primeiro lugar, a palavra *instruir* (hb. *hanak*) é um termo ligado ao nome do familiar festival de *Chanucá*, que vem da palavra hebraica para *dedicação*. A palavra *hanak* está ligada a uma separação para uso especial, uma dedicação da criança ao Senhor ou ao caminho de Deus em sua vida. Inclui o estímulo a respostas adequadas (talvez até mesmo no ato de criar o gosto por algo) e da orientação (inicial) para o caminho correto. Esta é a principal tarefa reservada aos pais: receber os filhos como uma incumbência do Senhor, que devem, posteriormente, ser encaminhados ao caminho de Deus. Desta forma, o versículo apresenta o princípio educacional da prontidão, como Paulo faz em 1 Coríntios 3.1-3 (Hb 5.12).

Em segundo lugar, alguns professores bíblicos alegam que a expressão *no caminho*, neste provérbio, refere-se ao caminho natural da criança, seu dom e seus interesses. A expressão *em que deve andar* é reformulada por estes professores como *deixá-lo seguir sua inclinação natural*. Há muito valor neste bom conselho aos pais segundo o senso comum, mas em matéria de exegese não é muito convincente. A expressão *no caminho*, nos provérbios, refere-se à moralidade correta aos olhos de *Yahweh* (Pv 15.10). Sem definição prévia, a pessoa dificilmente diria que a expressão *no caminho* se refere a seguir a inclinação natural da criança. O *caminho*, nos Provérbios, é o caminho de Deus. Provavelmente, o *caminho* recomendado à criança é o caminho de Deus e Sua Palavra.

Outra interpretação é sugerir que o caminho da criança é sua inclinação natural à devassidão. Poderíamos reformular assim: “deixe a criança seguir seu caminho natural, e quando ela tiver envelhecido, estará confirmado o seu desregramento”. Por esta leitura, o tom do versículo é um tanto negativo. Esta abordagem pode ser justificada baseando-se em *o caminho*, mas não se o leitor prestar atenção ao verbo *hanak* [*instruir*].

Em terceiro e mais importante lugar, a força da expressão *não se desviará* é posta em questão. Muita gente lê Provérbios sem muita noção do gênero que está lendo. Assim, torna o sentido deste versículo absoluto, apresentando-o como uma espécie de promessa saída da boca de Deus. A ideia é parafraseada assim: “Quando o pai ou a mãe fez seu trabalho direito, Deus fica obrigado, por meio de Sua promessa, a poupar o filho deste pai ou mãe por toda a eternidade”.

O problema, claro, é que não se faz esta garantia nas Escrituras — nem neste versículo, nem em nenhum outro. Estes versículos são princípios, e não promessas. Um pai teme a Deus não tem garantia divina de filhos cristãos. Cada geração é responsável por sua relação com Deus. Em suma: este versículo é um provérbio; e não uma promessa. O verbo deste versículo é imperfeito (no sentido atual). Esta forma verbal significa que a cada momento a pessoa tem de observar o andamento do processo e ter consciência dele.

O objetivo de Provérbio 22.6, portanto, é apresentar o cuidado dos pais na criação de filhos como um equilíbrio divino. Os pais fazem sua parte, e Deus faz a Sua. Não há mágica; não há garantia. Mas há pelo menos um senso de participação, de excitação e de realização.

comportamento e da interação humanos. O livro de Provérbios inclui os dois tipos de ponderação: revelações de verdades sobre Deus e observações sobre a experiência humana (1 Co 15.33).

**22.26,27** — O pobre fiador que assumir as dívidas de outrem pode perder até mesmo a cama caso haja uma má barganha.

**22.28** — Os antigos israelitas consideravam o respeito pelos *limites* (marcos) geográficos como mais que uma questão de propriedade privada. Para eles, era uma questão básica da vida cívica. As pessoas devem ter um certo senso de confiança e justiça pública para a sociedade funcionar.

**22.29** — Um trabalho bem-feito ainda rende elogios das pessoas e a aprovação de Deus. Consulte Efésios 6.5-8.

**23.1-3** — Boa parte do treino do cortesão era de boas maneiras para jantares e ocasiões formais. O comentário *põe uma faca à tua garganta* existe por causa de duas preocupações: (1) a conduta rude devia ser evitada a todo custo, e (2) iguarias reais em excesso poderiam fazer o convidado passar mal.

**23.4,5** — Estes versículos conclamam moderação no trabalho. Se por um lado os provérbios difamam a preguiça (Pv 22.13), por outro desestimulam trabalhar demais com vistas a ajuntar grandes posses.

**23.6-9** — *Não comas o pão daquele que tem os olhos malignos*. Esta expressão alerta para não comer o alimento servido pelo homem egoísta.

**23.10,11** — A tendência dos homens maus de todas as eras é de tirar vantagem dos indefesos. Porém, o destruidor precisa saber que a viúva e o órfão têm um Redentor, um protetor dos direitos da família — e Seu nome é Jesus Cristo.

**23.12** — A palavra hebraica traduzida como *disciplina* também pode ser traduzida como *orientação*.

**23.13-16** — O versículo 13 alerta os pais que hesitam em disciplinar os filhos e são muito permissivos a aplicarem o castigo adequado e implementar limites às crianças. De forma alguma, este provérbio faz alusão à violência. A disciplina com amor não mata a criança birrenta; mas sim, educa.

**23.17,18** — O versículo 17 contrasta fortemente a *inveja dos pecadores* com o *temor do Senhor*, um assunto sempre presente nos provérbios (Pv 1.7). O versículo 18 provê a perspectiva de que todos precisamos: o sucesso atual [ou a ausência dele] não é um resultado definitivo. A expressão *um fim bom* também pode ser traduzida como *futuro glorioso* (Nm 23.10). Este futuro está reservado a todos os justos que depositam sua fé em Cristo.

**23.19-23** — O *beberrão e o comilão* não têm autocontrole, um problema que representa um verdadeiro fardo para eles. O alcoolismo e a glotonaria são pecados, e ambos os vícios tendem à pobreza. Além das despesas causadas, tornam as pessoas improdutivas, sonolentas, desequilibradas e desprovidas de qualquer autoestima, o que é um constante sinal de pobreza.

**23.24,25** — O *pai* alegre-se em ver seus filhos vencer na vida. Entretanto, a maior alegria dele reside em saber que seus filhos são justos e fiéis ao Senhor.

**23.26-28** — Os sábios de Israel não paravam de alertar contra a prostituta e a *estranha* [*perversa*, na NVI] (Pv 7.24-27). Advertências contra atos de desvios sexuais, como adultério e prostituição, são comuns em Provérbios.

**23.29-35** — Além da famosa descrição sobre a devassidão de Isaías (Is 19.11-15), este trecho bíblico é um dos ataques mais severos à bebedeira em toda a Bíblia (Pv 23.19-21; 20.1).

**24.1,2** — Enquanto Provérbio 23.17,18 fala sobre o futuro do justo para desestimular a inveja aos ímpios, Provérbio 24.1,2 simplesmente demonstra como os perversos são indignos de qualquer tipo de admiração.

**24.3-11** — Estes versículos falam com certa confiança e entendimento da vida após a morte (Pv 23.17,18). O versículo 11 é uma oração a Deus em vista da aproximação da morte.

**24.12** — *Não pagará ele ao homem conforme a sua obra?* As palavras de Jesus sobre as recompensas eternas abrem e encerram o Novo Testamento (compare Mt 5.11,12 a Ap 22.12). Ainda assim, o sacrifício de Jesus na cruz libertará de qualquer condenação aqueles que nele crerem (Rm 5.18; Gl 3.18; Ap 22.17).

**24.13,14** — Aqui está uma das associações do *mel* e do *favo de mel* à sabedoria feitas em Provérbios (Pv 16.24). A sabedoria e sua busca, embora rigorosas, fazem bem à alma e podem ser prazerosas.

**24.15,16** — No fim, o *ímpio* sofrerá as consequências de seus atos imprudentes no inferno. Assim como o desfecho de dor pertence ao tolo, é certo que o justo desfrutará um futuro de glória, porque o seu Redentor vive (Pv 23.10,11).

**24.17-22** — Este provérbio vincula-se mais absolutamente aos reis da dinastia davídica, que eram regentes de Deus sobre a terra. Uma das formas pelas quais os antigos israelitas podiam demonstrar reverência ao Senhor era respeitando o rei. O dever de honrar autoridades civis ainda se aplica até os dias de hoje (Rm 13.1).

**24.23-34** — A expressão *também estes são provérbios dos sábios* é um título de trecho bíblico que corresponde a Provérbio 22.17. Os versículos 23 a 34 do capítulo 24 servem como apêndice da parte anterior (Pv 22.17—24.22).

**24.23,24** — A preocupação básica de Israel com a igualdade de *juízo* [a justiça] era uma virtude vinculada ao caráter de Deus. Como o Senhor não demonstra parcialidade, nós também não devemos fazê-lo.

**24.25-27** — A questão das prioridades está em discussão no versículo 27: *apronta-a no campo*. O sábio cuidará primeiro das coisas mais básicas, neste caso, arar a terra e plantar as sementes. Depois, enquanto aguarda o tempo da colheita, ele pode atentar para outros interesses e edificar

a sua casa. Talvez o assunto em questão aqui também faça alusão ao estabelecimento de uma família. A pessoa deve estar certa de que estabeleceu uma vida bem-ordenada antes de embarcar no casamento.

**24.28,29** — O justo jamais dará testemunho falso, baseado no engano, para agradar um e prejudicar o outro, injustamente. Este é um dos nossos deveres mais importantes, lembrados por Jesus no sermão da montanha (Mt 7.12).

**24.30-34** — Por causa do seu desleixo, o campo do preguiçoso vive em caos total. Desta triste situação, os sábios tiram uma lição. A única preocupação dos preguiçosos é dormir e descansar por nada haver feito.

**25.1-5** — A *prata* só tem valor depois que as impurezas são removidas. Da mesma forma, a perversidade precisa ser removida de um rei para que seu trono seja de fato legítimo.

**25.6,7** — O sábio não deve procurar autopromover-se ou exaltar-se diante dos demais. Esta questão é um tema recorrente na Bíblia. Inclusive, Jesus exortou sobre isso em Lucas 14.11.

*A quem já os teus olhos viram*. Esta expressão reflete o costume da Antiguidade de nunca olhar nos olhos de um superior até receber autorização para tal (Is 6.5).

**25.8-15** — *Não te apresses a litigar*. Em nossa época litigiosa, esta recomendação tem relevância peculiar. Procure lidar com desavenças fora do tribunal, em particular ou com presença de um mediador.

**25.16** — Até mesmo as coisas boas, quando em excesso, prejudicam.



## PERFIL

### EZEQUIAS, O PRESERVADOR DE PROVÉRBIOS

As instruções de sabedoria registradas em Provérbio 25—30 refletem importantes reformas promulgadas pelo rei Ezequias de Judá (Pv 25.1). O pai e antecessor de Ezequias, Acaz, afastara-se do Senhor ao servir a ídolos e praticar o sacrifício de crianças (2 Cr 28.1-4). O resultado foram derrotas devastadoras sofridas por Judá nas mãos dos assírios e dos israelitas do reino do norte.

Entretanto, quando Ezequias subiu ao trono, extirpou as práticas e os centros idólatras, restabeleceu a adoração no templo e recomeçou a obediência nacional à Páscoa (2 Cr 29—31). Foi provavelmente neste período que escribas encontraram e copiaram estes provérbios de Salomão, que depois foram incluídos no livro dos Provérbios.

**25.17** — A questão aqui é moderação. A longa e constante permanência na casa do próximo se torna um incômodo.

**25.18-26** — As palavras de Jesus em Mateus 5.43-48 têm ligação direta com estes versículos.

O termo *brasas* (v. 21) refere-se ao juízo de Deus (Sl 120.4; 140.10). A ideia é de que um ato de gentileza para com seu inimigo pode fazê-lo sentir vergonha. É apenas uma das diversas maneiras de derrotar o mal com o bem (Rm 12.20).

**25.27** — A moderação nas boas coisas (v. 16) casa com a humildade.

**25.28** — O autocontrole é uma parte crucial da obediência a Deus (Gl 5.22,23).

**26.1,2** — A *neve no verão* era um acontecimento extremamente incomum em Israel. A *chuva na seca* era não só incomum como um desastre, porque chover naquela época destruiria as plantações.

**26.3** — O *cavalo*, bem como o *jumento*, precisa de algum mecanismo de controle para exercer alguma tarefa. Como o *tolo* não tem nenhuma motivação interior para nada, nem mesmo intelecto para ser dirigido pela razão, precisa também da *vara* [punição ou ameaça de punição] para fazer algo direito.

**26.4,5** — Há quem tenha chamado os dois provérbios de contraditórios, mas não necessariamente o são. A expressão *segundo a sua estultícia* aparece duas vezes em um jogo de palavras com duas vertentes de sentido. Por um lado, significa evitar a tentação de rebaixar-se ao nível dele, ou seja, não empregar seus métodos, *para que também não te façam semelhante a ele*. Por outro, significa evitar a tentação de ignorá-lo completamente, ou seja, reagir de alguma forma, para que o tolo não pense que é *sábio aos seus próprios olhos* e alimente a sua insensatez.

**26.6-11** — A expressão *como o cão que torna ao seu vômito* (v. 11) revela que o tolo não aprende com os próprios erros. O apóstolo Pedro citou este versículo e aplicou-o aos falsos mestres (2 Pe 2.22).

**26.12** — Ser ativo é pior ainda do que ser *tolo*. Alimentar o ego é o cúmulo da loucura (Pv 28.11).

**26.13-15** — Estes versículos acerca da preguiça — um tema que recorre em muitas partes das Escrituras (Pv 19.15) — têm um quê de exagero que cria alívio cômico. Cada um deles ressalta as inúmeras desculpas esfarrapadas que, muitas vezes, os preguiçosos usam para se justificarem.

**26.16,17** — O problema de tomar *um cão pelas orelhas* é que o cachorro provavelmente não vai gostar e vai morder você. O mesmo vale quando se envolve na briga de outros. É invasão de privacidade.

**26.18-21** — A fogueira não queima sem combustível. As *rixas* [brigas] funcionam do mesmo jeito.

**26.22** — O caluniador vê as suas palavras como *guloseimas, deliciosos bocados* de intriga. Muita gente tem apetite insaciável por fofocas maliciosas.

**26.23** — O significado deste provérbio não está distante das declarações de Jesus a Seus inimigos de que eram como sepulcros caiados (Mt 23.27). Mesmo a melhor pintura numa fachada não disfarça um interior pútrido.

**26.24-27** — O rancoroso não fala como quem odeia. Enquanto guarda raiva *no seu interior*, professa amar e preocupação por outrem. Sua declaração, porém, é hipócrita.

*A sua malícia se descobrirá na congregação.* Quando lamentamos a injustiça da prosperidade do ímpio e comparamos nossa situação com a dele, precisamos manter em vista o Salmo 73.17. Seu destino há de compensar-lhe muito bem pelo mal que praticaram (Rm 6.23).

**26.28** — A *língua falsa* resulta em ódio no coração. É uma fogueira inflamada pelo inferno (Tg 3.3-6).

**27.1** — Da mesma forma que Jesus ensinou anos depois (Mt 6.25-34), os sábios do antigo Israel alertaram contra a preocupação pelo *amanhã* que ofusca as necessidades do hoje.

**27.2-5** — *Louve-te o estranho, e não a tua boca.* Este princípio adverte o ato inadequado de autoelogiar-se. O elogio é uma veste que cai bem. Embora desejemos utilizá-la, é sempre melhor deixar que outros nos vistam com ela.

**27.6** — A correção feita com amor é melhor do que atos afetuosos sem sinceridade (Sl 141.5).

**27.7** — Quem tem tudo não aprecia o que tem, enquanto que para a *alma faminta* tudo é gostoso.

**27.8-10** — Afastar-se de casa pode significar perder a segurança e expor-se a novas e poderosas tentações. (Leia a parábola do filho pródigo em Lucas 15.)

**27.11** — Este é provérbio do tipo *filho meu* é parecido muito com os das partes iniciais de Provérbios (capítulos 1 a 9). A criança que cresce em sabedoria confirma que os pais que lhe ensinaram eram também sábios (Pv 10.1).

**27.12-16** — Normalmente, uma roupa dada como penhor era apenas uma garantia simbólica e era devolvida imediatamente, mas não se quem estivesse fazendo este penhor fosse um estranho (Pv 20.16).

**27.17** — Provérbio famoso, este versículo provavelmente traz a ideia de que as pessoas crescem ao interagirem entre si, ajudando umas às outras.

**27.18** — Este provérbio fala de fidelidade e recompensa. A palavra *senhor* pode referir-se a Deus.

**27.19** — Os pensamentos espelham o verdadeiro caráter da pessoa.

**27.20-22** — O *inferno* e a *perdição* são usados muitas vezes na Bíblia para tratar do aspecto temerário da morte; são como monstros famintos. Compare estes provérbios com a imagem de Satanás como leão que ruge (1 Pe 5.8).

**27.23-27** — Estes versículos apoiam a diligência e descrevem suas recompensas práticas. O modelo é o do fazendeiro que cuida de suas *ovelhas* e *gado*. Se ele zelar diligentemente por seus animais, no tempo certo será sustentado por eles.

**28.1-3** — *Fogem os ímpios* sem motivo (Sl 53.5), porque sentem culpa e medo de serem pegos.

**28.4,5** — Quando a pessoa abandona a Lei de Deus, ela perde toda a noção de certo e errado e segue o caminho do *ímpio* (Rm 1.28-32). Como o verdadeiro *juízo* provém de Deus, os ímpios não conseguem entender a justiça do Senhor. É por isso que temer ao Senhor é o princípio da sabedoria (Pv 1.7).

**28.6** — Os provérbios fazem considerações equilibradas a respeito do *rico* e do *pobre*. Em nenhum momento, presumem que a retidão leve

à riqueza, nem que as pessoas ricas são necessariamente fiéis a Deus. Conforme indicado por este versículo 6, é melhor padecer necessidades e ter riquezas espirituais, do que possuir muitos bens e ser uma pessoa ímpia.

**28.7** — Ser *companheiro dos comilões* (Pv 23.20, 21) é desobedecer à Lei de Deus. Por isso que os inimigos de Jesus o acusavam de andar na companhia de glutões [comilões]; tais acusações eram ataques à Sua fidelidade a Deus (Mt 11.19).

**28.8,9** — O lucro obtido por meio da *usura* é injusto. Deus acabará por ajudar os pobres — às custas de seus exploradores.

**28.10-13** — *O que faz com que os retos se desviem*. Estas palavras assemelham-se ao alerta de Jesus contra desviar Seus discípulos do caminho (Mt 18.6). Paulo capta vividamente este tipo de maldade: *Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá* (1 Co 3.17).

**28.14** — Este versículo ressalta como é bem-aventurado aquele que reverencia o Senhor (Sl 1.1). A pessoa que nunca pensa em Deus enfrenta calamidades.

**28.15,16** — *Como leão bramidor*. Por meio desta expressão, o reinado opressivo do rei malévolos é comparado à animosidade do ataque de certas feras. Sem a verdadeira compreensão, o rei insensato não percebe que a segurança de seu trono está ligada ao bem-estar de seus súditos. O rei que detesta esse tipo de opressão descabida traz estabilidade e prolonga o seu reinado.

**28.17-19** — A expressão *lavar a sua terra* é um chamado ao trabalho árduo, uma promessa de recompensa e um alerta contra os ociosos.

**28.20** — O *homem fiel* tem êxito. Ou seja, é a fidelidade a Deus, e não a ambição, que determina o sucesso na vida.

**28.21,22** — Existem pessoas que se deixam subornar por tão pouco para dar falso testemunho e prejudicar um inocente. De qualquer forma, qualquer ato que envolva suborno, egoísmo e insensatez vai de encontro a tudo que a Palavra de Deus ensina sobre justiça e sabedoria.

**28.23** — A crítica construtiva tem mais valor do que a lisonja, que procura apenas conquistar a afeição das pessoas.

**28.24** — Este provérbio condena o desrespeito ao quinto mandamento: *Honra a teu pai e a tua mãe* (Êx 20.12). O respeito pelos pais como dever a cumprir é tema comum no livro de Provérbios.

**28.25-28** — Uma das principais causas das *contentas* é o orgulho; confiar em Deus, por sua vez, traz bênçãos e segurança.

**29.1** — A expressão hebraica, traduzida como *muitas vezes repreendido*, literalmente seria *um homem de repreensões*. O juízo de alguém que teima em rejeitar a correção de Deus é ligeiro e definitivo.

**29.2-4** — As palavras *os justos se engrandecem* também poderiam ser traduzidas como *os justos têm autoridade*. O povo sempre reage bem a um bom governo e a uma boa justiça, a qual não é feita com subornos.

**29.5,6** — A mentira laça o mentiroso (Pv 10.8). O maldoso também é presa das próprias atitudes. Tanto o mentiroso como o ímpio são contrastados com o justo, que vivem sem preocupações por serem inocentes de qualquer mal.

**29.7-12** — O justo se preocupa com os *pobres* e os ajuda (Pv 22.22). O ímpio sequer se lembra dos necessitados.

**29.13,14** — Deus é responsável por ter concedido a vida tanto ao *pobre* como ao *opressor* [NVI]. Jesus atestou que Deus faz chover sobre o justo e o injusto (Mt 5.45).

**29.15-17** — Ambas as palavras *vara* e *repreensão* tratam de correção e disciplina. A criança indisciplinada envergonha a todos, especialmente

a seus pais. O versículo 17 responsabiliza os pais pela correção. O termo traduzido como *delicias* se refere a guloseimas finas e deliciosas (Gn 49.20).

**29.18** — O termo *profecia* em hebraico trata de uma visão reveladora, uma palavra vinda de Deus. Sem a revelação divina da Lei, o povo fica desorientado. A verdadeira felicidade pode ser descoberta dentro dos limites da revelação, nos designios do Salvador.

**29.19** — *O servo não se emendará com palavras*. Na Septuaginta, lê-se *um servo teimoso*. Esta pequena variação da tradução só vem ressaltar a rebeldia do ímpio. Por mais que peçamos algo a ele, este se recusa deliberadamente a obedecer a ordens. Para que ele respeite as autoridades, são necessárias medidas mais duras, pois apenas o medo do castigo altera a disposição destas pessoas egoístas e sem princípios.

**29.20-22** — Até mesmo o sábio pode ser tolo ao ser *precipitado nas suas palavras*. É melhor ficar em silêncio ou escolher com cuidado as palavras do que falar impulsivamente.

**29.23-25** — Consulte o Salmo 147.6. Deus exalta o *humilde* e abate o soberbo. Muitos louvaram a Deus por fazer esta maravilha (Lc 1.46-55).

**29.26,27** — Deus controla as questões humanas. Assim, faz mais sentido buscar primeiramente ao Senhor antes de recorrer ao poder humano.

**30.1** — Uma seção completamente nova do livro de Provérbios começa com as palavras de Agur. Tal como Lemuel (Pv 31.1-9), Agur foi um



## PERFIL

### AGUR E LEMUEL

Os dois últimos capítulos de Provérbios são atribuídos a homens chamados de Agur e Lemuel. Nenhum deles é mencionado em nenhuma outra parte da Bíblia. Em ambas as atribuições (Pv 30.1; 31.1), aparece a palavra hebraica *'massa*, que pode ser traduzida como *fardo* ou *profecia* na forma como é utilizada pelos profetas (Is 17.1; 19.1). A palavra também pode ser nome de um lugar: *Massa* (Gn 25.14; 1 Cr 1.30). Se for o caso, as atribuições podem estar associando Agur e Lemuel a um país ou cidade chamados de *Massa*. Por exemplo, Provérbios 31.1 começaria assim: *Palavras de Lemuel, rei de Massa, a profecia que lhe ensinou sua mãe*.

Mesmo que os dois não sejam de um lugar chamado *Massa*, também não parecem ser israelitas. Não houve rei Lemuel em Israel, e o nome *Agur* não segue o padrão de formação de palavras hebraicas. O nome de Agur aparece, porém, em inscrições sabelas, e, à luz desta fonte externa, é interessante notar que os ensinamentos de Agur são dos mais voltados para a religião em todo o livro.



contribuinte árabe, e não hebreu, ao livro de Provérbios. Ambos tiveram fé no Deus de Israel em uma terra estrangeira.

Nada sabemos sobre o pai de Agur, Jaque, nome este que parece significar *obediente* ou *piedoso*.

Alguns acreditam que a palavra traduzida como *oráculo* seja o nome de uma tribo árabe. Outros eruditos, porém, defendem que a tradução correta seja *do oráculo*, o que faria de Agur um homem que recebia oráculos, uma espécie de profeta.

Os provérbios a seguir foram endereçados a Itiel e Ucal, provavelmente possíveis discípulos de Agur e Lemuel. Como é incomum a repetição seguida do nome *Itiel* — *Disse este varão a Itiel, a Itiel e a Ucal* —, alguns eruditos dão outra interpretação a este trecho, traduzindo o texto como: *Eu me extenuiei, ó Deus; eu me extenuiei, ó Deus, e estou consumido*. Isso caberia no contexto dos versículos seguintes.

**30.2,3** — *Eu sou mais bruto do que ninguém*. Com esta expressão, Agur queria dizer que estava perplexo. Da mesma forma, sua negação de ter *conhecimento do Santo* também é um floreio retórico (como se vê pela comparação a suas palavras nos v. 5,6). Agur estava declarando, com forte ironia, que era incapaz de explicar o enigma à sua frente.

**30.4** — Este versículo mostra a charada que deixou Agur intrigado. As questões são enigmáticas. Culminam em: *Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?* Neste ponto, não há resposta à charada. O AT responderia que a expressão *seu nome* refere-se ao Senhor, mas não havia um nome para o *seu filho*. Esta charada ficaria sem solução até que Jesus a respondeu a Nicodemos (Jo 3.13). Estes versículos enquadram entre os textos mais messiânicos em toda a Bíblia.

**30.5-9** — Agur desejava alcançar *duas coisas* pela graça divina antes de sua morte.

**30.10** — Este provérbio alerta o servo contra o ato de caluniar o seu senhor. Ao contrário, ele deve prestar obediência e prover um serviço honesto ao seu proprietário. Naquela época o escravo era considerado uma pessoa inferior.

**30.11-16** — Agur escreveu sobre uma *geração* assolada por males sociais como falta de respeito pelos pais, altivez, ganância e egoísmo. Ironicamente, tais males têm assolado todas as gerações, e não somente a de Agur.

**30.17** — A falta de respeito pelos pais mencionada no versículo 11 leva à morte. As expressões usadas para ilustrar essa maldição são fortes e violentas, assim como é o castigo daquele que maltrata os próprios pais.

**30.18,19** — O termo traduzido como *virgem* também pode ser lido como *moça* neste contexto.

**30.20** — Este versículo contrasta com o caminho do versículo 19. Este *caminho* é terrível, enquanto que aquele é maravilhoso.

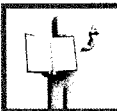
A *mulher adúltera* não sente remorso por suas relações sexuais ilícitas, atitudes comparadas ao banquete. Após a refeição, a adúltera sente-se satisfeita e ainda *limpa a sua boca* para retirar as evidências de seu pecado, não deixando assim nenhuma evidência para seu marido e outras pessoas.

**30.21-23** — Em contraste com as quatro coisas maravilhosas mencionadas nos versículos 18 e 19, vemos nos versículos 21 a 23 quatro coisas atroz, que são uma inversão de prioridades. Três estão claras: o *servo*, o *tolo* e a *serva* se veem todos em posições de poder inesperadas. Já a *mulher aborrecida* se refere à situação triste da esposa cujo marido a detesta.

**30.24-28** — Este trecho bíblico fala sobre quatro criaturas de tamanho pequeno, mas de comportamento estupendo. Cada criaturinha destas tem um traço de conduta que pode ser fonte de aprendizado para os sábios.

**30.29-33** — Os provérbios de Agur se enceram com alertas contra a ostentação e a desordem. A expressão *põe a mão na boca* significa *pare com isso*. A ideia é que, se você estiver tramando alguma encrenca e, repentinamente, perceber sua insensatez, pare antes que as coisas piorem.

**31.1** — Este versículo abre uma nova seção, com textos de uma fonte não israelita. Há quem tenha cogitado que o nome *Lemuel*, de origem árabe, seja pseudônimo de Salomão, mas é só um palpite. *Lemuel* significa *devotado a Deus*.



## ENTENDENDO MELHOR

### A MULHER VIRTUOSA

Provérbio 31.10-31 é um poema em acróstico no qual a primeira palavra de cada linha começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Este poema faz parte da orientação preparada pela mãe do rei Lemuel para ensinar sabedoria a seu filho (Pv 31.1). Ao descrever a *mulher virtuosa*, a mãe de Lemuel demonstrava como era a sabedoria quando vivida no cotidiano.

Por que a mulher de Provérbio 31 vale mais do que joias raras (Pv 31.10)? É por causa de sua sabedoria, de sua capacidade de viver de forma responsável, produtiva e próspera (Pv 1.2). O livro de Provérbios costuma personificar a sabedoria como mulher (Pv 8.1-11), e também descreve a sabedoria como mais valiosa do que qualquer riqueza (Pv 3.15, 8.11).

Assim, não é nenhuma surpresa que a mulher de Provérbio 31 receba elogios no lugar mais público de todos, os portões da cidade (Pv 31.31) que, em sua época, representavam uma mistura de prefeitura com mercado. É uma mulher cujo trabalho árduo frutifica em recompensas materiais (Pv 31.13-16,21,22). Provérbios promete que aquele que buscar e encontrar a sabedoria encontrará também riquezas, felicidade, honras e vida longa. Essa mulher é um exemplo de como estas promessas são cumpridas.

É notável como essa mulher não só se aplica em trabalhos vistos como tradicionalmente femininos, tais como confecção de roupas (Pv 31.13,19), mas também nos não tradicionais, como investimento imobiliário, fazendas e comércio (Pv 31.16,18). Além disso, suas energias estão voltadas não apenas para sustentar sua família e casa (Pv 31.11,14,15,27), mas também para atender as necessidades de pessoas da comunidade (Pv 31.20).

Em suma, a mulher de Provérbio 31 é um modelo, para homens e mulheres, de um estilo de vida que realiza e satisfaz. Ela demonstra uma conduta de trabalho e amor baseada na sabedoria de Deus.

**31.2-7** — A mãe de Lemuel aconselhou Lemuel a não dar às *mulheres* a sua própria *força*. Muitas vezes, naquela época, o rei ajuntaria um grande harém ou se envolveria sexualmente com muitas mulheres. A sabedoria da mãe de Lemuel era dizer que esse comportamento destrói reis. Da mesma maneira, ela o aconselhou a evitar *bebida forte*, para que sempre tivesse uma mente sóbria para reinar com justiça.

**31.8,9** — *Abre a boca a favor do mudo*. Esta expressão mostra o dever de o rei defender os fracos e sustentar os indefesos. Estes ideais raramente foram cumpridos seja naquela época, seja na atualidade. No entanto, chegará o dia em que o grande Rei e Protetor dos indefesos virá estabelecer Seu Reino de justiça (Pv 23.10,11).

**31.10-12** — Provérbio 31.10-31 é um poema em acróstico. Cada versículo começa com uma letra do alfabeto hebraico. Há quem pense que ele seja continuação dos ensinamentos da mãe de Lemuel (v. 1-9), mas também pode ser uma unidade independente, de encerramento. Assim como o livro de Provérbios começa no Prólogo (Pv 1.1-7), que fornece os objetivos da sabedoria em termos genéricos, agora ele se conclui com

este Epílogo (Pv 31.10-31), que os apresenta como estudo de caso.

A expressão *mulher virtuosa* trata de excelência, valor moral, capacidade e nobreza, e não apenas de fidelidade conjugal (Pv 12.4). Tal mulher é o ideal da sabedoria em ação, algo que é expresso pelas palavras: *quem a achará*.

**31.13-15** — Estes versículos tanto enfatizam o trabalho árduo como a habilidade. A mulher descrita neste trecho bíblico faz o que gosta, realizando-se em diversas tarefas. As palavras *ainda de noite, se levanta* tratam de sua preocupação com os outros. Ela se doa em prol da família e seus servos.

**31.16,17** — A expressão *examina uma herdade* mostra a diligência da mulher virtuosa em lidar sabiamente com os recursos financeiros e dar segurança à família. Neste caso, ela compra e vende para construir seu patrimônio. Vale ressaltar como são notáveis estas palavras, visto que naquela época havia muitas restrições impostas às mulheres.

**31.18,19** — Uma das fontes exploradas pela mulher são os empreendimentos caseiros para ganhar um dinheiro extra e agir com independência.

31.20-22 — A mulher virtuosa trabalha não para ficar rica. Além de servir a própria família, ela também é generosa e ajuda os necessitados.

31.23 — A mulher virtuosa ajuda o marido a conquistar um lugar de prestígio e de reputação.

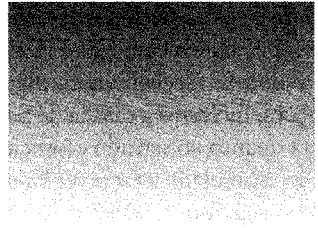
31.24 — A expressão *panos de linho* indica, provavelmente, roupas femininas.

31.25 — É certo que a mulher virtuosa procura usar belas roupas e estar sempre bonita. Este versículo, porém, carrega um significado metafórico e mostra que ela também se veste de força e dignidade [NVI], qualidades morais e espirituais.

31.26,27 — A mulher que *abre a boca com sabedoria* merece respeito, em vista de todas as informações abordadas até aqui sobre uso e abuso da fala no livro de Provérbios. A mulher virtuosa fica alerta para pronunciar palavras de sabedoria (Tg 3.2).

31.28,29 — A mulher virtuosa é abençoada por sua família — pelos filhos e pelo marido. As palavras do versículo 29 são a bênção de seu marido.

31.30,31 — A *graça* [beleza, na NVI] pode ser usada para o bem ou para o mal. Ela não é necessariamente má, mas, para ser usada com bom propósito, é preciso temer ao Senhor — principal tema do livro de Provérbios.



O livro de

---

# Eclesiastes

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Eclesiastes é um dos mais incompreendidos da Bíblia. Os cristãos têm demonstrado a tendência de ignorar sua mensagem ou de vê-la como o testemunho de um homem que vive longe de Deus. É triste que se pense isso, porque o autor faz perguntas importantes e instigantes sobre o sentido da vida e declara a total inutilidade da existência se vivida longe do Senhor. Como toda a Bíblia, o livro de Eclesiastes beneficia e edifica os cristãos.

Descrições negativas como *cínico*, *fatalista* ou *existencialista* não fazem jus a Eclesiastes. Há inúmeros vestígios de vigorosa alegria em suas páginas, como a passagem *então, exaltei eu a alegria* (Ec 8.15). Este é um tema recorrente no livro; de fato, as palavras e expressões traduzidas do hebraico como *felicidade* e *estar feliz* aparecem 17 vezes

em Eclesiastes. O clima subjacente ao texto é de alegria, de achar a vida prazerosa apesar dos problemas que a acometem. Quem teme e adora a Deus deve sentir essa alegria, regozijar-se pelas dádivas que o Senhor lhe deu.

Provavelmente, Salomão escreveu esse livro perto do fim da vida, depois de ter se arrependido de sua idolatria e da busca por esposas estrangeiras. Assim, o livro de Eclesiastes é tanto um monumento à reafirmação de Salomão como servo do Deus vivo, como um guia para outras pessoas a respeito dos abismos e perigos da vida.

De fato, Salomão pode ter escrito esse livro exemplar como um tratado para outras nações. Isso explica o fato de ele não ter redigido nada sobre a Lei e sobre por que teria usado nesse livro o nome *Elohim*, que significa *Deus exaltado*, em vez de o nome

*Yahweh*, pelo qual Deus se revelou a Moisés quando fez a aliança com Israel (Ex 3.14,15).

Salomão recebeu vários dignitários de outras nações, inclusive a rainha de Sabá. As perguntas dela quanto ao sentido essencial da vida podem tê-lo estimulado a escrever *Eclesiastes* para ensinar aos gentios a respeito do Deus vivo e de sua necessidade de louvar apenas a Ele. Séculos antes, Moisés tentou isso com as nações pagãs (Dt 4.6-8). Os povos que haviam ouvido notícias do sucesso de Israel precisavam saber a respeito do Deus vivo e grandioso que abençoara os israelitas com sabedoria.

Às vezes é melhor ler o final de um livro para melhor compreender a direção em que ele está seguindo. Certamente isto vale para *Eclesiastes*, que deve ser interpretado à luz de sua conclusão: *teme a Deus e guarda os seus mandamentos, porque este é o dever de todo homem* (Ec 12.13).

Temer a Deus significa reverenciá-lo, adorá-lo e servir-lhe — desviar-se do mal e consagrar-se ao Senhor. Foi esta a conduta de Abraão (Gn 22.12), de Jó (Jó 1.1,8,9; 2.3) e das parteiras egípcias (Ex 1.17,21). Não se trata de ter medo, mas de ter respeito e obediência apropriados ao nosso Criador. Por que deveríamos respeitar e obedecer a Deus? O livro de *Eclesiastes* responde a essa pergunta em seu versículo final (Ec 12.14).

Deus julgará todos — tanto os justos como os ímpios. A vida não pode ser vivida de forma desregrada, como se Deus não visse nem se lembrasse do que fizemos no passado; no fim dos dias, Ele chamará à frente todos os homens e as mulheres para prestar contas de seus atos. A admoestação para temer a Deus e a expectativa do juízo divino são dois grandes temas que concluem o livro e fornecem um esquema interpretativo para o restante dele (Ec 12.13,14).

A jornada de Salomão até sua conclusão, *teme a Deus*, baseia-se na busca humana de um sentido para a vida. Em *Eclesiastes* 3.11, Salomão expõe eloquentemente o dilema da humanidade. Deus colocou a eternidade em nosso coração. A busca pelo verdadeiro sentido nesta vida — no dinheiro ou na fama, por exemplo — só nos deixará de mãos vazias, pois nossa alma anseia por algo que dure

eternamente. Nossa frustração provém de uma fome de comunhão com o nosso Criador eterno — o Único que pode dar sentido à nossa vida.

Em *Eclesiastes*, Salomão nos conduz em um *tour* pela vida inteira, concluindo que tudo não passa de vaidade. Prazeres e riquezas no fim levam ao tédio e ao desespero. Só o relacionamento com Aquele que nos criou e cuida de nós o tempo todo nos dará real satisfação. Os problemas e a incerteza continuarão a assolar-nos, mas até mesmo nesse tempo podemos encontrar alegria na confiança sólida em nosso Pai.

O autor diz ser *filho de Davi, rei em Jerusalém* (Ec 1.1,12,16), palavras que fizeram muitos acreditarem que ele seja Salomão. Há indícios no livro que apontam para ele: (1) Salomão sobrepujou em *sabedoria a todos os que houve antes* (Ec 1.16; 1 Rs 3.12); (2) ele juntou para si *prata, e ouro, e jóias dos reis e das províncias* (Ec 2.8; 1 Rs 10.11-23); (3) ele adquiriu *servos e servas* em grande quantidade (Ec 2.7; 1 Rs 9.20-23); (4) ele se envolveu em grandes projetos arquitetônicos (Ec 2.4-6; 1 Rs 9.1-19); (5) ele entendia sobre plantas, pássaros e os fenômenos naturais (Ec 2.4-7; 1 Rs 4.33); (6) ele declarou *não há homem justo sobre a terra, que faça bem e nunca peque* (Ec 7.20; 1 Rs 8.46); e (7) ele *atentou, e esquadrinhou, e compôs muitos provérbios* (Ec 12.9; 1 Rs 4.32).

Apesar de tudo isso, alguns estudiosos alegam que Salomão não é o autor de *Eclesiastes*. Eles indicam dois trechos para defender sua tese: *Eclesiastes* 1.12 e 1.16.

O passado do verbo *ser* em *Eclesiastes* 1.12, *eu, o pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém*, pode levar o leitor a pensar que o autor não era mais rei quando escreveu essa obra. Mas o verbo pode denotar uma ação que havia começado no passado e continuava no presente. Assim, essa passagem bíblica poderia ser traduzida como “eu fui [e continuo sendo] rei”.

Além disso, a expressão em *Eclesiastes* 1.16, *todos os que houve antes de mim*, sugere que tenha havido diversos reis antes de Salomão em Jerusalém. Como Davi foi o primeiro rei a governar em Jerusalém, argumenta-se que o autor deve ter vivido muitas gerações após Davi. Ainda assim,

devemos recordar que a história de Jerusalém pode retroceder até os primeiros assentamentos cananeus.

Os reis de Jerusalém podem ter incluído Melquisedeque (Gn 14.18), Adoni-Zedeque (Js 10.1)

e Abdi-Hepa (mencionado nas Cartas de Amarna), para citar apenas alguns. Portanto, há bons motivos para se afirmar que Salomão é o autor do maravilhoso, mas excêntrico, livro de Eclesiastes.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM ECLESIASTES

Ano 1405 a.C. — Os hebreus iniciam a conquista de Canaã

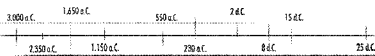
Ano 1010 a.C. — Davi começa a reinar

Ano 970 a.C. — Morte de Davi. Salomão assume o trono

Ano 950 a.C. — Eclesiastes é escrito por Salomão

Ano 930 a.C. — Morte de Salomão. O reino se divide

Ano 586 a.C. — Jerusalém é tomada por Nabucodonosor



## ESBOÇO

I. Prólogo — 1.1-11

II. A procura do bem maior na sabedoria e no prazer — 1.12—2.26

A. A busca pela sabedoria e pelo prazer — 1.12 — 2.11

B. A comparação entre a sabedoria e o prazer — 2.12-26

III. A busca do bem maior nos negócios — 3.15-20

A. A determinação da jornada por Deus — 3.1-15

B. A injustiça e a perversidade humanas — 3.16 — 4.3

C. As rivalidades humanas — 4.4-8

D. Cinco exemplos de um caminho melhor: a cooperação — 4.9-16

E. Adoração a Deus — 5.1-7

F. Confiança no Senhor — 5.8-20

IV. A busca pelo bem maior na riqueza — 6.18.15

A. A busca pela riqueza — 6.1-12

B. A busca pelo meio-termo — 7.1 — 8.15

V. A conclusão da busca pelo bem maior — 8.16 — 12.8

A. A vaidade da sabedoria — 8.16 — 9.6

B. A vaidade do prazer — 9.7-12

C. A vaidade dos negócios e suas compensações — 9.13 — 10.20

D. O bem maior usado com sabedoria e no gozo da vida presente — 11.1-8

E. O bem maior na fé na vida vindoura — 11.9 — 12.7

VI. Epílogo — 12.8-14

## COMENTÁRIO

1.1 — O título *pregador* denota uma função ou profissão. Literalmente, significa *aquele que junta* ou *aquele que reúne as pessoas*. Assim, o título se refere a Salomão como alguém que convocava a assembleia dos sábios para discutir formalmente o sentido da vida. Talvez seja melhor transliterar do hebraico a palavra *qohelet*, em vez de traduzi-la, pois ela parece ser o pseudônimo de Salomão.

1.2 — A expressão *vaidade de vaidades* traduz o superlativo no hebraico que nos é familiar pelas expressões *cântico dos cânticos* e *santo dos santos*. Neste versículo, ele talvez expresse o *cúmulo dos absurdos* ou o *maior dos vazios*.

Isso fez com que muitos concluíssem que o livro de Eclesiastes é um livro negativo e cínico que diz que a vida não tem sentido nenhum. Alguns sugeriram que esse livro explica que a vida longe de Deus é que é o *maior dos vazios*. O livro em si, porém, não diz isso, porque não há oração explicativa do tipo “exceto quando a pessoa é de Deus”. Pelo contrário, ele diz claramente que a *própria vida é vaidade de vaidades*.

A palavra *vaidade* significa *hálito* ou *vapor* e, portanto, qualifica a vida como algo que passa depressa. A vida é como vapor; aliás, é como o mais volátil dos vapores. Sempre que lermos o vocábulo *vaidade* em Eclesiastes, devemos pensar não no que é *sem sentido*, mas naquilo que *passa rápido* (v. 14; 6.12). Trata-se de um dos termos essenciais no livro de Eclesiastes, porque se repete 38 vezes nele, enquanto no restante do Antigo Testamento aparece apenas mais 34 vezes. O ensinamento do pregador é que a vida é efêmera e precisa ser saboreada e aproveitada como a dádiva de Deus que é.

1.3 — Os sentidos do vocábulo *vantagem* são: (1) *proveito* e (2) *lucro adequado*. Neste versículo, ele se refere a uma indenização ou a lucros, termos que geralmente fazem parte do universo comercial. A questão é: o que resta depois que todas as despesas foram contabilizadas?

Quanto ao emprego do termo *trabalho*, tanto o substantivo como o verbo têm conotações negativas, referindo-se a atividades exaustivas, praticadas *debaixo do sol*. Esta expressão (traduzida também como *debaixo do céu* em Eclesiastes 1.13; 2.3; 3.1) descreve a *vida* que vivemos aqui na terra, a que Deus teve a graça de conceder-nos.

Nos versículos 2 e 3, o pregador estabeleceu uma das ideias principais do livro: a vida pode parecer não ter sentido porque passa muito rápido. O restante de Eclesiastes ajuda o conselho dos sábios a entender como valorizá-la verdadeiramente, já que de fato ela passa tão depressa.

1.4 — O termo *geração* sugere tanto os seres humanos como os fenômenos naturais. Neste versículo, temos a primeira de uma série de antíteses em Eclesiastes. Contrastando com o transcorrer das gerações pode-se observar a declaração *a terra para sempre permanece*. Só Deus é eterno e durará para sempre em todos os sentidos, mas, comparada à vida humana, a terra permanece com poucas mudanças.

1.5-7 — Os três elementos da criação citados neste trecho, o *sol*, o *vento* e os *ribeiros* podem ser vistos cumprindo seu percurso predeterminado por Deus, com poucas mudanças e poucos acidentes.

1.8,9 — *Todas estas coisas se cansam tanto*. A verdade sobre o sol, o vento e os ribeiros (v. 5-7) também serve para outras coisas terrenas. O mundo é feito do que se pode chamar de “os sem descanso”. Isso decorre dos *olhos* que *não se fartam*. Neste sentido, cita-se um provérbio que trata do apetite insaciável (Ec 4.8; 5.10; compare com Pv 27.20) em representar a aparente falta de serventia dos percursos dos fenômenos naturais.

1.10,11 — Caso pareça que algo de *novo* acontece de vez em quando, lembre-se de que as pessoas têm memória curta.

1.12 — *Eu, o pregador, fui rei*. Neste texto há uma mudança da terceira pessoa, empregada desde os versículos 1 e 2, para a primeira pessoa. O escritor, ou quem sabe alguém que editou o livro posteriormente, volta à terceira pessoa no epílogo, em Eclesiastes 12.8-14. Talvez esta seja uma referência a Salomão como o autor desse livro.



## APLICAÇÃO

### A VIDA DEBAIXO DO SOL

Uma forma de entender o enigmático livro de Eclesiastes é lê-lo como um contraste entre duas perspectivas de vida muito diferentes: reconhecer Deus e depender dele, ou não fazer isso.

Deixar de honrar a Deus é viver *debaixo do sol* (Ec 1.3,9,14; 2.11,17), *na terra* (Ec 1.4; 5.2; 8.14), e *debaixo do céu* (Ec 1.13). Uma vida cheia de dor, labuta, desilusão e tristeza. Por outro lado, viver relacionando-se com Deus é viver *pela mão de Deus* (Ec 2.24), que leva à harmonia e à alegria (Ec 2.26; 3.13; 5.19).

Esses estilos de vida contrastantes se parecem com a vida contrastante que Adão e Eva tiveram antes e depois de pecar. Originalmente, toda a criação era boa (Gn 1.26-31) e não existia vergonha entre homem e mulher (Gn 2.24,25). Mas, depois da rebelião desse primeiro casal (Gn 3.1-7), a história ficou cheia de dores e tormentos (Gn 3.8-24), assassinatos (Gn 4.1-24), males devastadores (Gn 6.5-7), bebedeiras, vergonhas e maldições (Gn 9.20-27) e, em última análise, confusão em todo o mundo (Gn 11.1-9). O mundo que Deus projetara para as pessoas se tornou mau e destrutivo.

**1.13** — A expressão *debaixo do céu* é umônimo de *debaixo do sol* (v. 3,9) e refere-se à vida como ela é vivida na terra. Ao dizer que aplicou o coração a esquadrihá-la, o autor de Eclesiastes não emprega o título divino *Yahweh*, o nome pelo qual Deus se revelou quando estabeleceu a aliança com Israel (Êx 3.14,15). Em seu lugar, ele utiliza a palavra *Elohim* para Deus 28 vezes, a qual enfatiza a Sua soberania sobre toda a criação. Os escritores acadêmicos costumam usar *Elohim* quando tratam de verdades universais, em vez de verdades particulares à aliança de Deus com Israel.

Segundo o autor, Deus deu a ocupação de informar-se sobre o que sucede na terra aos *filhos dos homens*, forma genérica de referir-se à humanidade. O objetivo do Senhor foi *para nela os exercitar*, por isso o uso do adjetivo *enfadonha* para qualificá-la. O verbo *exercitar* só é empregado em Eclesiastes e significa *estar ocupado com*; neste caso, associa-se ao substantivo *ocupação* (*trabalho*, em Eclesiastes 3.10).

**1.14** — A expressão *aflição de espírito* só ocorre na Bíblia em hebraico dentro de Eclesiastes. Sete de suas nove ocorrências (Ec 1.14; 2.11,17,26; 4.4,6; 6.9) acompanham declarações sobre *vaidade*. Neste caso, trata da natureza da vida segundo o pregador. A vida é real, mas passa rápido; qualquer tentativa de retê-la é tão vã quanto tentar agarrar o vento (tradução literal da expressão).

**1.15** — Salomão não está dizendo que tentar endireitar ou mudar algo é inútil, e sim que, por mais que se esquadrinhe ou use todos os recursos da terra, não se pode endireitar o que Deus estabeleceu que seria *torto*, distorcido, deturpado ou invertido (Ec 7.13).

**1.16** — *Todos os que houve antes de mim, em Jerusalém*. A expressão *todos os que houve* não exclui Salomão como autor do livro só porque ele foi precedido em Jerusalém, como um rei israelita, apenas por seu pai, Davi. Houve outros reis, como Melquisedeque (Gn 14.18) e Adoni-Zedeque (Js 10.1). A cidade de Jerusalém já existia há centenas de anos quando Salomão se tornou seu rei.

**1.17** — Não é a *sabedoria* que Salomão julga absurda, mas sim a busca por *mais sabedoria* (Ec 2.15) e por tornar-se *demasiadamente sábio* (Ec 7.16).

**1.18** — *Na muita sabedoria, há muito enfado*. Apesar das vantagens provenientes da sabedoria, Salomão confessa que sabedoria e conhecimento demais são fonte de dor, tristeza e aflição. Sabe-se bem que o próprio processo de aprendizado apenas expande a consciência de nossa ignorância. Para os mortais, aumentar a sabedoria pode ser apenas aumentar a dor (Ec 12.12).

**2.1** — O pregador emprega o recurso literário de conversar consigo próprio para descrever o processo de pensamento. Depois do teste da sabedoria, é proposto um novo teste: o da *alegria* e do *prazer*.



2.2 — Salomão rotula o riso de *doido*, mas até mesmo os aspectos mais duradouros da alegria fazem Salomão se perguntar se realmente alcançou algo concreto. Conforme ele escreveu em Provérbios 14.13, *até no riso terá dor o coração, e o fim da alegria é tristeza.*

2.3 — *Como me daria ao vinho [...] regendo, porém, o meu coração com sabedoria.* Neste fragmento, o teste é uma tentativa de balancear o excesso com o aprendizado.

2.4-6 — *Edifiquei para mim casas.* Salomão trabalhou 13 anos construindo *a casa do rei* (1 Rs 9.10); depois, edificou *a casa do bosque do Líbano* (1 Rs 10.17) e outra casa para sua esposa, a filha do Faraó (1 Rs 9.24). Ele também fortificou as cidades de Hazor, Megido, Gezer, Bete-Horom, Baalate e Tadmor (1 Rs 9.15,17,18). Além disso, o interesse de Salomão pelo mundo natural (a criação de Deus), expresso pelos termos *vinhas, hortas e jardins*, era prodigioso (1 Rs 4.33).

hebraico assim traduzido tem sido objeto de debates há tempos. Uma carta egípcia encontrada em Amarna contém esta palavra em acádio como explicação de uma palavra egípcia que significa *concubina*.

2.9,10 — *E tudo quanto desejaram os meus olhos não lhos neguei.* Salomão tinha total capacidade de realizar todo e qualquer desejo seu. O trabalho que desempenhou foi a causa de seu coração ter se alegrado. A palavra em destaque é uma das preferidas do pregador e aparece em Eclesiastes pela terceira vez. No livro todo, é citada em torno de 31 vezes.

2.11 — No final de sua intensa busca por posses e experiências, Salomão concluiu que tudo era *vaidade*, ou *vapor*, uma *aflição de espírito*. Mesmo tendo feito e experimentado tantas coisas, ainda assim havia uma sensação de que nada duradouro tinha sido alcançado.

2.12 — *Dos desvarios, e da doidice.* Este tópico fora rapidamente inserido em Eclesiastes 1.17. Juntas, as duas palavras expressam um só conceito: o de *incensatez*.

2.13 — O valor da *sabedoria* excede significativamente o da *estultícia*, mas ambas têm suas limitações (v. 19,21).

2.14 — O *mesmo*. Algumas versões traduzem incorretamente este termo do hebraico, que significa *acontecimento* ou *evento*, como *destino*. Essa é uma das palavras favoritas do pregador (Ec 2.14,15; 3.19; 9.2,3,11). Neste versículo, o *evento* inevitável é a morte. Tanto o sábio como o tolo morrerão.

2.16 — *Nunca haverá mais lembrança.* A vida não pode, por si própria, responder às questões que são propostas neste texto. A morte levará tanto a pessoa sábia quanto a tola. Neste sentido, a vida e a morte são misteriosas.

2.17-19 — Tal aversão pela *vida* é surpreendente, uma vez que a vida só é encontrada pelo que encontra a sabedoria, segundo Provérbios 3.16 e 8.35. Contudo, a insatisfação do escritor de Eclesiastes estava ligada à natureza fugaz de todas as coisas (Ec 1.2), incluindo as coisas boas; para ele, não passavam de *aflição de espírito* (Ec 1.14).



EM FOCO

**VAIDADE (HB. HEBEL)**

(Ec 1.14; 2.1,11; 6.12; 7.15; Sl 78.33; Is 49.4)

Esta palavra significa basicamente *vapor* ou *fôlego*, como o vapor que rapidamente desaparece quando alguém respira no ar frio e seco. Com ela, o pregador descreveu as buscas mundanas — pela riqueza, honra, fama e prazer — como tentativas desperadas de agarrar o vento (Ec 2.17), ou seja, algo absurdo e inútil.

Jeremias empregou o mesmo termo para denunciar a idolatria como *vaidade* (Jr 18.15), e Jó o utilizou para lamentar a brevidade da vida humana (Jó 7.16). Mas o pregador de Eclesiastes usou mais a palavra do que qualquer outro autor do Antigo Testamento. Segundo ele, tudo na vida é *vaidade*, a não ser que a pessoa reconheça que tudo provém da mão de Deus (Ec 2.24-26).

2.7,8 — A conservação dos diversos prédios e jardins do rei devia exigir uma verdadeira multidão de servos. As riquezas de Salomão, *prata, e ouro, e jóias de reis e das províncias*, eram inatingíveis pelos reis da antiguidade (1 Rs 10.14-29). Quanto ao termo *instrumentos de música*, concernente às aquisições de Salomão, seu sentido em

**2.20** — *Todo trabalho em que trabalhei.* Isto poderia referir-se a todo trabalho realizado pelo autor ou, o que é mais provável, aos “ganhos” que tivera com ele.

**2.21** — O substantivo *destreza* só se encontra em Eclesiastes (Ec 2.21; 4.4) e refere-se àquele que é perito em um ofício, o qual deixará o resultado de seu trabalho a um homem que não teve parte nele. Esta situação é caracterizada como *grande enfado*. O termo *enfado* costuma conotar um mal moral; nesta passagem, porém, pode significar *calamidade* ou *ruína*. Observa-se, então, que uma sensação de tristeza perpassa esta parte do livro, pois concluímos que nada do que obtemos nesta vida pode ser levado para a eternidade.

**2.23** — O termo *sua ocupação* é o mesmo que *sua tarefa*.

**2.24** — A versão favorecida pela maioria dos tradutores presume que a forma comparativa – *não existe nada melhor do que comer, beber* (NVI) – deve ser empregada, embora esteja ausente no texto em hebraico; ela combina mais com os trechos seguintes (Ec 3.12; 5.18; 8.15).

O pregador conclui que tudo que existe de bom reside apenas em Deus. O refrão repetido, *coma e beba [...] do bem do seu trabalho*, marca uma das principais afirmações de Eclesiastes (v. 24-26; 3.12,13; 3.22; 5.18-20; 8.15; 9.7); em meio a um mundo problemático, o crente é capaz de aproveitar o momento imerso na alegria de Deus.

Só o Senhor possui a chave do sentido da vida. Sem Ele, o propósito, a satisfação e a alegria verdadeira são, em última análise, ilusórios. A expressão metafórica *da mão de Deus* anuncia que até mesmo os atos cotidianos de alimentar-se, beber e receber o salário pelos serviços prestados são dádivas divinas.

**2.25** — A sentença *quem pode comer ou quem pode gozar* transmite a ideia de que o crente ora antes de sua refeição para afirmar que Deus é o grande Provedor de todas as boas dádivas. Ele só consegue desfrutar dos alimentos em seu prato depois que reconhece este fato.

**2.26** — *Dá Deus.* Uma das palavras usadas com mais frequência em Eclesiastes para descrever a

relação do Senhor com o ser humano é o verbo *dar*. Ele aparece 11 vezes com Deus como o sujeito.

**3.1-15** — Este poema trata eloquentemente do poder do tempo na vida do crente. Alguns acham que o livro de Eclesiastes descreve a vida longe de Deus, mas este texto trata claramente de uma vida vivida em Sua companhia. Com estas palavras, o pregador não está ensinando que tudo tem uma época própria segundo a qual se deve tomar esta ou aquela atitude, e sim que todos os acontecimentos estão na mão de Deus, que faz tudo suceder no tempo que julga adequado. Para ilustrar esta confortante afirmativa, o pregador usa os quatorze pares antitéticos dos versículos 2-8.

**3.1** — *O seu tempo [...] e há tempo.* As duas ocorrências da palavra *tempo* costumam ser interpretadas como momentos específicos, e não como um período contínuo. A expressão *debaixo do céu*, ou seja, *debaixo do sol*, refere-se à vida na terra.

**3.2** — Os pares de palavras *nascer* e *morrer*, *plantar* e *arrancar* são apontados como acontecimentos naturais da vida, e todos estão sob o comando do Deus vivo.

**3.3** — A expressão *tempo de matar* sugere que no plano de Deus há uma época específica para executar assassinos (Gn 9.6) e para se guerrear contra inimigos indicados por Ele. Do mesmo modo, *tempo de derribar* significa que há um momento determinado para demolir muralhas, edificações de pedra e até mesmo nações (Is 5.5; Jr 18.7,9).

**3.4** — *Chorar [...] rir.* O plano de Deus inclui tanto tristezas como alegrias. Os crentes não pranteiam do mesmo modo que os descrentes (1 Ts 4.13), mas não deixam de pranteiar (Mt 5.4). Dançar e saltar são formas naturais de demonstrar alegria, prazer e contentamento pela presença do Senhor (Êx 15.20; Sl 149.2,3; 150.4) e pelas épocas de satisfação pessoal (Lc 15.25).

**3.5** — Em tempos de paz, *pedras* eram tiradas dos campos, permitindo o cultivo. Durante as guerras, eram atiradas a eles para que não pudessem ser usados (2 Rs 3.19,25). Quanto ao verbo *abraçar*, neste contexto trata do envolvimento sexual.


**PERFIL**
**AQUELE QUE TINHA TUDO**

A alegação do autor em Eclesiastes 2.7, *tive grande possessão de vacas e ovelhas, mais do que todos os que houve antes de mim, em Jerusalém*, combina com os relatos da riqueza de Salomão (1 Rs 3.13; 10.23). Além de riquezas, Salomão possuía uma sabedoria extraordinária (Ec 3.12; 4.29-34), coisa que o autor de Eclesiastes também possuía (Ec 2.9).

A ironia é que Salomão, que desfrutou de maior riqueza e sabedoria do que qualquer outro rei israelita, acabou arruinando-se espiritualmente por causa de suas más escolhas com respeito à idolatria (1 Rs 11.1-13).

Eclesiastes não reflete esta apostasia. É possível, porém, que a desilusão de Salomão com o lazer e o conhecimento, que acabaram fazendo com que ele *aborrecesse esta vida* (Ec 2.1-17), tenha contribuído para que ele se voltasse para outros deuses? As Escrituras não nos dizem. Mas ainda resta o fato trágico de que um dos maiores reis de Israel teve o reino transformado em *validade* porque se esquecera do Deus que lhe dera tudo o que possuía.

3.6 — *Guardar [...] deitar fora*. Há uma época da vida em que a pessoa deseja acumular coisas para desfrutar delas e de suas lembranças; um tempo depois, é necessário pensar em formas de livrar-se do que foi amontoad.

3.7 — Quando alguém recebia más notícias, era costume rasgar as próprias vestes para demonstrar a dor (2 Sm 13.31). Quando findava a situação desagradável, era possível *coser* de novo a vestimenta. No que diz respeito a *estar calado* e a *falar*, leia sobre as duas maneiras de reagir ao tolo em Provérbios 26.4,5.

3.8 — Neste versículo, a primeira parte identifica o termo positivo *amar* antes, e o negativo *aborrecer* depois. A segunda parte emprega a ordem invertida, o negativo depois o positivo, para terminar em *paz*.

3.9 — *Que vantagem tem o trabalhador naquilo em que trabalha?* é a mesma pergunta feita em Eclesiastes 1.3. No versículo em análise, a resposta é que tudo na vida reflete o plano de Deus. O esforço do homem é incapaz de modificar o tempo, as circunstâncias e o domínio que Deus tem sobre o destino que reservou para ele.

3.10 — A palavra *trabalho* pode ter uma conotação neutra, como neste versículo (ver Ec 5.3;8.16), ou negativa (algo incômodo), como em Eclesiastes 1.13; 2.23,26; 4.8; 5.14.

3.11 — Tudo na criação de Deus é *formoso*. A mensagem neste versículo é que Deus faz tudo ser assim *em seu tempo*. Da perspectiva

divina, não há feiura nos acontecimentos de nossa vida (Ec 3.1-8).

A expressão *o mundo no coração deles* se refere ao impulso profundamente enraizado e compulsivo no homem de transcender sua mortalidade e descobrir o sentido e o destino do mundo. Como somos feitos à imagem de Deus, possuímos uma vontade inquiridora inata a respeito de realidades eternas. Só encontramos a paz quando conhecemos nosso Criador. E mesmo neste momento, conhecemos Deus apenas em parte (1 Co 13.12).

Tudo o que vemos é um micromomento de nossa existência frente à eternidade, ou seja, não é possível descobriremos a obra do Senhor *desde o princípio até ao fim*. Neste sentido, as Escrituras conclamam o ser humano a viver firmado numa fé sólida, principalmente nos momentos de dor e tribulação; no plano existencial superior, Deus tornará *tudo* formoso.

3.12,13 — *Não há coisa melhor*. Conforme Eclesiastes 2.24, o sábio aconselha-nos a aproveitarmos o dia na alegria do Senhor. Na passagem em questão, a fé bíblica reafirma essa ideia e conclama à alegria, expressa pelos verbos *alegrar* e *gozar*, mesmo enquanto vivermos em um mundo perverso e sob enorme aflição; isto se deve ao verdadeiro contentamento que encontramos no Deus vivo.

3.14,15 — As obras de Deus são duradouras. Como aconselham os textos em Deuteronômio 4.2 e 12.32 e em Provérbios 30.6, *nada* se pode

acrescentar e nada se pode tirar das palavras ditas pelo Senhor. Isso é exigido para que *haja temor diante dele*. O temor a Deus na literatura que instrui o homem se refere à legítima consagração, e não ao terror (Ec 5.7; 12.13).

**3.16,17** — O termo *juízo* também pode ser traduzido como *justiça*, tornando o contraste ainda maior entre as palavras. Era ultrajante que, nos próprios estabelecimentos em que as pessoas deviam receber justiça, só encontrassem *impiedade*. O autor de Eclesiastes alerta os juízes ímpios de que Deus, o Juiz dos juízes, virá para retificar todo erro e trazer a verdadeira justiça. Este tema é tão proeminente no livro que Salomão o repete na conclusão (Ec 12.14) e menciona-o frequentemente no decorrer de sua argumentação (Ec 9.1; 11.9).

**3.18** — *Prova-los*. O sentido básico deste verbo é *escolher, selecionar, purificar, testar*. A morte é a grande niveladora dos seres humanos. Neste aspecto, as pessoas não são diferentes dos animais.

**3.19** — No hebraico, a expressão *o mesmo fôlego* pode ser traduzida como *o mesmo espírito* ou *o mesmo vento*. Neste caso, trata do fôlego como sinal e símbolo da vida (Ec 8.8; Gn 6.17; 7.15,22). Nisto, humanos e animais são semelhantes (mas leia o versículo 21). A palavra traduzida como *vantagem* só aparece neste versículo em Eclesiastes. Também se encontra em outras formas em Provérbios 14.23, *em todo trabalho há proveito*, e 21.5, *os pensamentos dos diligentes tendem à abundância*.

**3.20,21** — *Todos vão para um lugar*. Tanto homens como animais morrem e são sepultados. Mas, para os seres humanos, não é o fim — eles não deparar-se com a vida ou a morte eterna (Ec 12.7). A pergunta retórica *quem adverte* aparece seis vezes na Bíblia em hebraico em outros livros (2 Sm 12.22; Et 4.14; Sl 90.11; Pv 24.22; Jl 2.14; Jo 3.9) e quatro vezes em Eclesiastes (2.19; 3.21; 6.12; 8.1). Pessoas e animais diferem entre si; seus corpos voltam ao pó de que vieram, mas o espírito humano é imortal.

**3.22** — A expressão *coisa melhor*, como também ocorre no versículo 12 e em Eclesiastes 2.24, refere-se à bênção dos prazeres cotidianos

concedida à humanidade. Deus separou uma provisão que pode conter bens materiais (Ec 2.21; 11.2) ou a satisfação que deles provém (Ec 2.10; 3.22; 5.17,18; 9.9), caracterizada nesta passagem como *sua porção*.

**4.1** — Neste texto aparece uma queixa que ameaça o plano de Deus. O oprimido pode estar sentindo tanta dor que talvez isso o faça perder a esperança na vida (1 Rs 19.4; Jô 3.3-10). Somente quando os oprimidos se renderem a Deus terão perspectivas de uma recuperação (Ec 5.1-6; Sl 73.17). Visto que *não têm consolador*, a falta de qualquer pessoa que ofereça conforto só aumenta o sofrimento e a frustração.

**4.2** — *Eu louvei os que já morreram*. Estar sem quem lhe console pode ser pior que a própria morte.

**4.3** — *Aquele que ainda não é*. O sofrimento dos oprimidos é tão injusto e solitário que Salomão, com grande emprego de licença poética (semelhante a Jô 3.3-10), argumenta que não existir pode ser melhor do que existir.

**4.4** — *Trazem ao homem a inveja do seu próximo*. Aos três obstáculos anteriores à aceitação de que o plano de Deus abrange tudo é acrescentado um quarto: a inveja e a concorrência cruel que há no mundo.

**4.5,6** — Estes versículos consistem em dois adágios. Há numerosas declarações no livro de Provérbios sobre a natureza autodestrutiva da preguiça, típica do *toló*. Além de condenar aquele que não trabalha, o autor adverte que mais vale *uma mão cheia com descanso* do que *ambas as mãos cheias com trabalho e aflição de espírito*. Deve-se, pois, preferir a moderação ao esforço excessivo. Em lugar da competição às vezes cruel do mercado, Salomão recomendava: *melhor é o pouco com justiça do que a abundância de colheita com injustiça* (Pv 16.8).

**4.7,8** — O problema da tristeza e da solidão é outro obstáculo para aceitar o fato de que o plano de Deus abrange tudo. Pense na pessoa que não tem família, nem mesmo um herdeiro a quem deixar tudo aquilo por que tanto trabalhou. Em Eclesiastes 4.1 não há *consolador*; em 4.4-6 não há repouso, e em 4.8 não há companhia. Isso se

resume a *enfadonha ocupação*, termo que se refere literalmente a uma tarefa maldosa ou pesada (Ec 3.10).

**4.9-12** — Em toda esta seção são enfatizados os óbvios benefícios da companhia. A intimidade e o compartilhamento da vida aliviam os problemas do isolamento e da solidão. O companheiro pode oferecer assistência, conforto e proteção. A citação proverbial *o cordão de três dobras é empregada para fechar o argumento do autor sobre o valor das alianças*.

**4.13,14** — Antes de o pregador listar o último obstáculo (v. 14-16) à crença no plano perfeito de Deus, ele formula a resposta em forma de provérbio. A popularidade, mesmo na forma de poder real, é efêmera. Por um lado, um velho rei pode ter nascido para o trono, mas se tornando tão *insensato* que não consegue discernir que seus dias de governo acabaram. Por outro, um jovem, pode ser sábio e assumir o trono (ver Gn 41.14,37-41).

**4.15,16** — *Os descendentes*. Até mesmo o jovem que substitui seu predecessor partilhará do destino do rei. O herói de hoje pode ser o mendigo de amanhã.

**5.1** — *Guarda o teu pé*. Traduzida literalmente, esta frase exige prudência ao adorar Deus. Significa comportar-se bem. A ideia de agir com honradez é reformulada no fim da seção com as palavras *mas tu, teme a Deus* (Ec 5.7).

Como é comum entre os profetas, há um alerta para ser circunspecto em relação aos sacrifícios e pronto para *ouvir*. Deus não se alegra daqueles que fazem tudo certo por maus motivos (Is 1.10-15), que oferecem *sacrifícios de tolos*. De acordo com o conselho do profeta Samuel a Saul, *eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros* (1 Sm 15.22).

**5.2,3** — *Deus está nos céus, e tu estás sobre a terra*. O contraste essencial entre o justo poder de Deus e a nossa natureza pecaminosa deve compelir-nos a submeter-nos ao Todo-poderoso (v. 7).



## APLICAÇÃO

### QUATRO VANTAGENS DO COMPANHEIRISMO

Atualmente, é comum as pessoas celebrarem o mito da independência, louvando o indivíduo que conquistou tudo sozinho na vida, sem a ajuda de ninguém. Mas, apesar dos feitos que as pessoas consigam realizar sozinhas, feitos muitíssimo maiores são alcançados por equipes dedicadas e unidas que trabalham juntas por um objetivo comum.

O autor de Eclesiastes acreditava nisso. Ele atribuiu um grande valor ao companheirismo por quatro motivos:

- **Maior produtividade.** Não obstante o quanto uma pessoa trabalhe duro sozinha, ela quase nunca poderá fazer o mesmo que duas pessoas trabalhando juntas (Ec 4.9). Uma equipe precisa de um esforço bem menor para obter os mesmos resultados, e pode maximizá-los aumentando a eficiência.
- **Acesso a auxílio imediato.** Mais cedo ou mais tarde todo mundo erra. Errar é humano. Mas se a pessoa estiver sozinha ao errar, os resultados podem ser devastadores — não apenas para o que está sendo produzido, mas para a própria pessoa. Trabalhando, porém, em companhia de outros, o indivíduo tem um anteparo em caso de erro. Este se torna mais improvável de acontecer e, quando ocorre, os companheiros estão a postos para oferecer consolo e ajudar o amigo a voltar aos trilhos (Ec 4.10).
- **Calor humano.** O mundo pode ser frio, pode destruir uma pessoa sem dar a menor chance a ela. Por isso é útil ter companhia. Os amigos oferecem conforto quando a vida é dura não necessariamente por dizerem alguma coisa, mas por estarem presentes (Ec 4.11).
- **Segurança.** O mundo pode ser indiferente a um indivíduo, mas também pode ser perigoso. Não é preciso que a pessoa procure problemas; muitas vezes, eles aparecem sem convocação. Mas o lobo tende a atacar a ovelha solitária, e não um rebanho. Por isso é sempre bom viajar acompanhado de outras pessoas (Ec 4.12); em grupo é mais seguro.

Você se esforçou para estabelecer uma amizade sólida e duradoura com uma ou mais pessoas? Se não o fez, está perdendo alguns benefícios valiosos que Deus preparou para você. Não é errado estar sozinho ou ter uma natureza independente, mas todo ser humano precisa de alguém com quem compartilhar sua vida. Deus nos fez assim.

5.4,5 — Não se deve tentar subornar Deus com um voto impensado. A primeira parte do versículo 4 é quase idêntica a Deuteronômio 23.21. Veja o exemplo posterior da mentira de Ananias e Safira (At 5.1-11).

5.6 — Um sacerdote, profeta ou um dos *anjos* de Deus seria o anjo que ouviria as tais desculpas por votos não cumpridos (Ag 1.13; Ml 2.7).

5.7 — *Temer a Deus*, tema central do livro de Eclesiastes, não significa ter medo de Deus (Êx 20.2). Significa ter reverência, admiração e fervor em resposta à Sua glória. Para os escritores da literatura de sabedoria (Jó 1.1; Sl 111.10; Pv 1.7), *temer a Deus* significa obedecer a Ele corretamente, com genuína consagração.

5.8 — O termo *província* (Ec 2.8; hb. *medinâ*, Et 1.1) é geralmente interpretado como uma palavra persa e, portanto, é empregado por certas pessoas como argumento para datar o livro de Eclesiastes no pós-exílio. Mas Salomão conhecia vários idiomas e tinha contato com diversas nações. O emprego de seu vocabulário “exótico” simplesmente demonstrava a sofisticação que era patente em sua fala.

5.9 — *Para todos [...] rei*. Todas as pessoas vivem pela graça de Deus com Suas provisões para a terra.

5.10 — *Nunca se fartará*. O assunto do apetite insaciável é tratado pela terceira vez (Ec 1.8; 4.8). O desejo sempre é maior do que as posses, não importa a rapidez com que cresçam as aquisições.

5.11,12 — Poucas coisas satisfazem tanto na vida quanto o sono depois de um dia duro de

trabalho, mas os gananciosos raramente desfrutam de um descanso satisfatório.

5.13,14 — Os termos *má aventura* se referem literalmente a uma *labuta inútil* (compare com Ec 3.10).

5.15 — *Assim nu voltará*. A máxima de que “desse mundo nada se leva” é reafirmada aqui (Ec 2.21).

5.16 — *Trabalhar para o vento*. Esta expressão se assemelha a *aflição de espírito* no original (Ec 1.14).

5.17 — *Trevas [...] furor*. O estilo de vida “econômico” dos avarentos impede-os de desfrutar daquilo que já têm (compare com Ec 2.24-26; 3.12,13).

5.18,19 — Deus separou o *dom* de desfrutar de algo da dádiva do objeto em si para que não deixemos de buscar Aquele que nos concedeu ambos.

5.20 — *Deus lhe responde*. O significado literal deste verbo é debatido, mas parece ser uma forma do verbo que significa *responder*. Deus mantém primeiro a pessoa ocupada e deliciada principalmente com Ele e, depois, com as dádivas que lhe concede. Para descrever como o Senhor responde ao homem a quem Ele deu riquezas e fazenda, o autor emprega as palavras *alegria do seu coração*. Neste caso, *alegria* tem dois sentidos: (1) *contentamento*, uma sensação interna de satisfação (Ec 2.10,26; 4.16; 9.7; 10.19), e (2) *prazer*, como coisas agradáveis (Ec 2.1,2,10; 7.4; 11.9).

6.1,2 — *Deus não lhe dá poder*. A prosperidade sem o divino dom da fruição não vale nada (Ec 5.19).



## EM FOCO

### TRABALHAR (HB. 'AMAL)

(Ec 2.11; 5.18; Sl 105.44; Jr 20.18)

Este verbo significa *labutar* ou *trabalhar pelo lucro material* (Sl 127.1; Pv 16.26), mas também pode denotar *problema* ou *tristeza* (Jó 3.10). O esforço necessário ao trabalho e à realização do homem produz *tristezas* e *problemas* no sentido de que jamais pode satisfazer as necessidades mais profundas da alma (Ec 6.7).

Porém, quando o cristão reconhece que seu trabalho é dádiva de Deus, tudo o que faz pode tornar-se uma alegria (Ec 5.18-20). Nosso trabalho faz parte do plano de Deus em estabelecer Seu Reino eterno. Neste sentido, podemos estar certos de que nosso compromisso fidedigno com as tarefas que desempenhamos terá consequências eternas e colherá recompensas eternas (1 Co 3.8,14; 15.58).

6.3 — Alcançar o maior dos objetivos não vale a pena quando não há um propósito decente para a vida. A criança que não nasceu está melhor do que a pessoa que vive mal. Segundo o autor, se a vida não for nada mais do que uma jornada sem sentido até a morte, não vale nem a pena nascer e *uma criança que nasce morta tem mais sorte* (NTLH) do que uma pessoa infeliz (v. 4-6).

6.4-6 — Este *lugar* é, conforme dito em Eclesiastes 3.20, a sepultura. Se uma vida longa terminar numa morte sem perspectiva alguma, de que terá valido esta vida? Uma vida longa sem ter conhecido Deus é, de fato, frustrante e inútil.

6.7,8 — No hebraico, a palavra *apetite* [NVI] também pode ser traduzida como *alma*. No caso de estabelecer um paralelo com a palavra *boca* do primeiro versículo, então *apetite* pode ser apropriada neste contexto. Ainda assim, a tradução *alma* se encaixa bem com o argumento de a dádiva ser mantida separada da capacidade de desfrutar da mesma (Ec 5.10).

6.9 — O sentido deste provérbio é que é *melhor* aceitarmos o que está ao nosso alcance e desfrutar disso do que fantasiar sobre coisas que estão além de nosso alcance.

6.10 — *Seja qualquer o que for, já o seu nome foi nomeado*, porque dar nome a algo é defini-lo (Ec 1.9-11). Deus já sabe de tudo e ordenou tudo o que acontecerá (Ec 1.9-11).

6.11 — *Que mais tem o homem de melhor?* A palavra traduzida como *melhor* é sinônimo do termo mais comum em Eclesiastes traduzido como *proveito* (hb. *yitrôn*). O pregador (*Qohelet*) não quis dizer que o homem não significa nada, mas sim que, ao disputar com Deus (v. 10), o que ganhará?

6.12 — A expressão *como sombra* confirma o sentido da palavra traduzida do hebraico como *vaidade*. A vida se esvai depressa, como um vapor. Neste sentido, é lançado o questionamento *quem declarará ao homem o que será depois dele?* A resposta implícita é que só Deus sabe o que nos acontecerá após a morte. Eclesiastes não insinua que não há nada após o túmulo. Ensina que a vida de cada pessoa será examinada por Deus após a morte.

7.1 — O dia da morte de uma pessoa pode ser *melhor* do que o do seu nascimento se ela tiver zelado por uma boa reputação e influenciado outros positivamente.

7.2-4 — Estes versículos desenvolvem a ideia do versículo 1. Podemos aprender mais sobre o sentido da vida na *casa do luto* do que na *casa da alegria*.

7.5,6 — Queimar *espinhos* produz um fogo rápido, com pouco calor e faz muito barulho, exatamente como as risadas dos tolos; há mais barulho do que conteúdo.

7.7,8 — Outra forma desta máxima sobre o *suborno* se encontra em Êxodo 23.8 e em Deuterônimo 16.19. [Leia Mt 28.11-15; Lc 22.4-6.]

7.9 — Consulte Tiago 1.19.

7.10 — Deve-se resistir à tentação de glorificar o passado às custas do presente. Os prazeres ou vantagens desses *dias* podem ser mais imaginários do que reais.

7.11 — Quem encontra *sabedoria* encontra a vida, alega Salomão (Pv 8.35). A sabedoria é tão boa quanto uma herança; de fato, ela é ainda mais vantajosa ou proveitosa. Quanto ao sujeito *os que vêem o sol*, parece ser uma variação da expressão mais familiar *debaixo do sol*.

7.12 — A palavra traduzida como *sombra* também pode ser vertida como *abrigo* ou *defesa*. O termo traduzido neste versículo como *excelência* costuma aparecer como *proveito* em Eclesiastes.

7.13 — O *torto* que não pode ser endireitado (Ec 1.15) traz de aflições e tribulações na vida, mas tanto estas quanto a prosperidade podem ser da vontade de Deus. Portanto, aceite-as e seja grato por elas, mas na adversidade aproveite para refletir sobre a bondade e a abrangência do plano de Deus.

7.14 — *Nada ache*. Se os mortais não conhecerem Deus e Seu plano, não serão capazes de discernir nada na vida (Ec 3.11) nem saberão nada do que lhes sucederá depois que se forem.

7.15 — Ao declarar que tem visto o justo perecer e o ímpio obter longevidade, o autor demonstra certa desilusão quanto ao que constatou, pois o contrário deveria ser o correto.

No entanto, há injustiças na vida que sempre serão um mistério (Ec 3.16—4.3; 8.14).

**7.16** — *Não seas demasiadamente justo.* Poucos versículos em Eclesiastes são mais suscetíveis à interpretação errada do que estes (v. 16-18). Não se trata do chamado “caminho do meio”, que aconselha: “não seja santo demais nem perverso demais; peque moderadamente”. Nesta passagem, o pregador alerta contra a falsa religiosidade e as formas exibicionistas de adoração. No hebraico, o verbo que significa *ser sábio* poderia ser traduzido como *se achar sábio*, e *ser demasiadamente justo* significaria *ser justo a seus próprios olhos* (Pv 3.7).

**7.17** — *Não seas demasiadamente ímpio, nem seas louco.* Talvez isso fosse melhor traduzido como “não expanda a sua perversidade e não seja louco; por que morrer antes de sua hora chegar?”

**7.18,19** — O isso a que se refere Salomão é a sabedoria verdadeira, que provém de Deus. O *disso* é a insensatez dos tolos. A instrução *teme a Deus* indica que a verdadeira obediência, com adoração e respeito, é a melhor proteção contra todo tipo de loucura.

**7.20** — *Não há homem justo sobre a terra.* Estas palavras lembram a oração de Salomão ao consagrar o templo (1 Rs 8.46; Sl 14.2-4; 143.2).

**7.21,22** — *Tampouco apliques o teu coração a todas as palavras [...] tu amaldiçoaste a outros.* Isso significa que alguém pode vir a tratar você tão mal quanto você tratou outra pessoa.

**7.23** — *Inquiri com sabedoria.* Este verbo, *inquirir*, significa *pôr à prova*.

**7.24** — O tema da sabedoria inalcançável também aparece em Jó 28. A resposta à pergunta *quem o achará?* é Deus. Ele *estabelece* a sabedoria (Jó 28.23-28).

**7.25** — *Em meu coração.* Neste versículo, como em Eclesiastes 2.1, há quase uma personificação do *coração* enquanto o pregador fala com ele.

**7.26** — A literatura sapiencial está repleta de avisos sobre a *mulher* alheia (Pv 7). No entanto, isso contrasta com o elogio que o pregador presta à esposa, quando a mesma é presente do senhor (Ec 9.9).

**7.27** — *Conferindo uma coisa com a outra.* O pregador adicionou, minuciosamente, uma coisa à outra até chegar à sùmula. Neste versículo encontramos as duas primeiras ocorrências do verbo *achar*, de um total de seis.

**7.28** — A verdade de que todas as pessoas são pecadoras é exposta com exagero deliberado. Nesta passagem, os termos *homem* e *mulher* significam um *bom homem* e uma *boa mulher*. No livro de Provérbios, Salomão imprime a mesma ideia à sua pergunta retórica: *O homem fiel, quem o achará?* (Pv 20.6).

**7.29** — Mesmo tendo Deus feito tudo belo (Ec 3.11), e feito o *homem reto* (Gn 1.31), a busca de Salomão pela “sùmula” fracassou. Todavia, a busca da humanidade por perversas imaginações (Pv 12.2) e intrigas teve imenso sucesso.

**8.1** — A expressão idiomática *fazer brilhar o rosto* (leia a bênção levítica em Nm 6.25) traduz a imagem da pessoa estável. Por causa de sua experiência e compreensão no tocante às circunstâncias do dia-a-dia, essa pessoa é capaz de desfrutar da vida e de ajudar os outros.

**8.2,3** — Os súditos são compelidos por um *juramento* de fidelidade a obedecer às *autoridades* (Rm 13.1-5). Contudo, o comando *nem persistas em alguma coisa má* indica que, mesmo se uma ordem perversa partir de um rei, o responsável por cumpri-la deve resistir ao mal (At 5.29).

**8.4,5** — *Que fazes?* Este mesmo questionamento é feito àqueles que têm a pretensão de censurar Deus (Jó 9.12; Dn 4.32). A pergunta retórica equivale a negar categoricamente o poder do rei.

**8.6,7** — A expressão *o tempo e o modo* significa *a época apropriada para o julgamento*. Deus julgará todos; toda questão, até mesmo o julgamento, tem sua hora certa (Ec 12.14).

**8.8,9** — Como a palavra *espírito* tem paralelo com o *dia da morte*, o termo neste contexto significa *força vital* (Ec 3.19).

**8.10** — Segundo o autor, foi difícil ver que os *ímpios*, ao morrerem, foram acompanhados por um cortejo fúnebre da cidade ao cemitério enquanto os justos foram *esquecidos*.



**8.11** — *Se não executa logo o juízo.* Há casos em que Deus adia a sentença, permitindo ao culpado viver mais.

**8.12,13** — O forte contraste entre o homem que teme a Deus e o *ímpio* nestes versículos é uma marca registrada da literatura sapiencial hebraica (Sl 1).

**8.14** — Embora pareça haver injustiças gritantes neste mundo, sabemos que Deus está “alinhando” tudo com Seus bons propósitos (Ec 3.16—4.3; 7.15).

**8.15,16** — Contrastando com a busca frenética pelo sentido de todas as coisas existe o contentamento que Deus, sábio e compassivo, concede àqueles que receberão Suas dádivas de *alegria*. Eis um dos principais temas de Eclesiastes. O pregador marca o final da terceira maior parte de seu livro com o refrão *comer, beber e alegrar-se*, atos que o ímpio (tolo) considera como as melhores coisas da vida, sem sequer pensar no Deus vivo. Mas o justo (sábio) sabe desfrutar da vida enquanto pensa em Deus e em Suas boas dádivas.

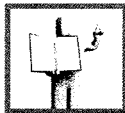
**8.17** — Salomão compara a obra de Deus com a atividade que transcorre na terra. Portanto, não

é surpreendente o fato de que os homens não conseguem compreender os feitos de Deus (Ec 3.11; 7.25-29; 11.5-8). O verbo traduzido do hebraico como *diga* também pode ser traduzido neste contexto como *alegue* ou *pense* (ocorre como *pense* em 2 Cr 13.8).

**9.1** — A expressão *nas mãos de Deus* significa *sob o controle e em posse de Deus*. Logo, ao entender que o Senhor tem o domínio sobre tudo, o autor de Eclesiastes constatou também que o homem não conhece *nem o amor nem o ódio*. O emprego destes termos em destaque se deve ao fato de que em hebraico, às vezes, dois antônimos juntos podem significar *ambos*. Os vocábulos *amor* e *ódio* são melhor interpretados como nomes que designam a graça e o repúdio da parte de Deus.

**9.2,3** — Algumas versões, como a NVI, traduzem o verbo *suced*e como *destino* (Ec 2.14). Mas nesta passagem não há qualquer insinuação do poder do destino em que algumas pessoas na antiguidade acreditavam. A palavra simplesmente se refere ao desfecho da vida determinado por Deus.

**9.4** — Neste versículo, Salomão emprega um provérbio que diz que uma criatura humilde viva



## ENTENDENDO MELHOR

### MORTE E VIDA

Na antiguidade, as pessoas meditavam sobre a inevitabilidade da morte. Conforme expresso no livro de Eclesiastes, *nenhum homem tem poder sobre o dia da morte* (Ec 8.8). Reflexões semelhantes podem ser encontradas no Épico de Gilgamesh, um poema que narra as aventuras de Gilgamesh, rei de Uruk, por volta de 2600 a.C.

O Épico de Gilgamesh, escrito em acádio, foi preservado em duas grandiosas versões: uma do final do período da antiga Babilônia (1750—1600 a.C.) e outra mantida por escribas neoassírios (750—612 a.C.). Esta última contém uma cena em que Gilgamesh, em sua busca pela imortalidade, passa por Siduri, a divina dona das tavernas (que está cuidando de sua taverna à beira-mar). Seu conselho (na versão da antiga Babilônia) sobre a inutilidade da busca de Gilgamesh é bastante semelhante ao conselho de Eclesiastes: *goza a vida* (Ec 9.9).

Siduri primeiro lembra Gilgamesh de que é impossível para os humanos obter a vida eterna, que os deuses reservaram-na só para si. Seu conselho ao herói é comer, farrear e divertir-se com os banquetes enquanto pode. Ela lhe diz para aproveitar as atividades básicas do cotidiano, tais como usar roupas limpas, tomar banho, brincar com seus filhos e ter prazer com sua esposa. Segundo Siduri, isso é tudo que os deuses permitem. A velhice e a morte atingirão a todos. Gilgamesh continuou sua busca, mas descobriu que o que Siduri disse era verdade.

O autor de Eclesiastes oferece aos leitores basicamente o mesmo conselho: coma e beba com alegria, use roupas limpas (*vestes alvas*), cuide de seu corpo (*óleo sobre a tua cabeça*) e tenha prazer com sua esposa (Ec 9.7-9). A passagem no Épico de Gilgamesh demonstra que estas ideias de Eclesiastes eram conhecidas pelo antigo Oriente Próximo já na época dos reis israelitas. O que Siduri falou prova que o conceito de resignação quanto à mortalidade foi pensado no antigo Oriente Próximo praticamente com os mesmos termos usados pelo pregador de Eclesiastes.

é preferível a uma criatura exaltada morta. Não se pretende afirmar com isso que a morte é o fim de tudo, mas sim que, enquanto houver vida, há *esperança* de fazer algo para a glória de Deus.

**9.5,6** — Mais uma vez, isto não é uma negação categórica da esperança na eternidade. O autor se limita a expor o que pode ser compreendido estritamente do ponto de vista humano, *debaixo do sol*. A mensagem do pregador parece ser a mesma do Evangelho de João: o homem deve trabalhar enquanto ainda é dia (ou seja, enquanto ele ainda está vivo), porque, quando a noite chegar, ninguém poderá trabalhar (Jo 9.4), ou seja, *tampouco eles têm jamais recompensa*.

**9.7** — Deus deu ao homem todas as Suas dádivas para serem desfrutadas, entre as quais o versículo destaca o *pão* e o *vinho*. Estes são empregados frequentemente nas Escrituras como símbolos do conforto e da alegria concedidos pelo Senhor ao Seu povo (Gn 14.18; 1 Sm 16.20; 25.18; Ne 5.15; Lm 2.12).

**9.8** — Na antiguidade, era difícil manter as *vestes brancas limpas* (leia a analogia em Is 1.18). Roupas brancas e unguentos — *óleo* — eram símbolos de alegria e pureza.

**9.9** — O casamento é uma dádiva de Deus. *Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula*, instruiu o autor de Hebreus (13.4). Por isso, a fidelidade deve ser valorizada (Pv 5.15-20) e a infidelidade, abominada (Pv 5.1-14). Neste sentido, o escritor de Eclesiastes aconselha o homem a gozar a vida com a mulher que ama durante a *vida da sua vaidade*, expressão que transmite a ideia de que a existência na terra passa depressa demais.

**9.10** — É possível que o apóstolo Paulo tivesse este versículo em mente ao escrever *e, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens* (Cl 3.23). A afirmação *porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra* não nega a vida eterna, mas sim declara, com relação a este mundo, que as possibilidades de trabalhar e aprender cessam após a morte. Se planejamos fazer alguma coisa na terra para a glória de Deus, é melhor fazê-la enquanto temos tempo (Jo 9.4).

**9.11-13** — Gostaríamos de pensar que o melhor sempre vence, que quem tem mérito sempre é recompensado. Mas nossas experiências demonstram que essas expectativas nem sempre se realizam. Os termos *ligeiros, valentes, sábios, prudentes* e *inteligentes* consistem em cinco qualidades que eram prezadas pelas pessoas. No entanto, ainda que alguns planejassem e confiassem em seus atributos, era Deus quem, no fim, determinava seu destino.

Quem era mais ligeiro que Asael (2 Sm 2.22,23), mais valente que Sansão (Jz 16.19), mais sábio que Salomão (1 Rs 11.1-25), mais prudente que Aitofel (2 Sm 16.23; 17.5-14) ou mais inteligente que Moisés (Êx 2.11-15; At 7.22)? Ainda assim, cada um deles se deparou com sua limitação e ficou na dependência de Deus.

**9.14-18** — Eis aqui uma parábola sobre como uma ofensiva militar irrepreensível a uma pequena cidade foi impedida pela sabedoria de um homem *pobre*, porém *sábio*. A conclusão é que a sabedoria é preferível à força e deve ser tida em alta conta e buscada.

**10.1** — Assim como uma mosca é capaz de estragar um *ungüento*, um pouco de insensatez arruína toda uma vida de sabedoria.

**10.2** — Nos tempos antigos se pensava que a *mão direita* era o lugar da honra e da graça, enquanto a *mão esquerda* era o contrário.

**10.3** — Há momentos em que até o *tolo* age corretamente, mas ainda assim permanece tolo.

**10.4,5** — O provérbio “o acordo é um remédio que aquieta” se assemelha a diversos ditados antigos usados para treinar cortesãos e diplomatas.

**10.6** — O *tolo*, *assentam-no em grandes alturas*. As coisas nem sempre são como gostaríamos que fossem (Ec 9.11), mas Deus não deixa de estar no comando e Ele opera Seus bons propósitos por meio de situações que não entendemos.

**10.7** — *Servos a cavalo e príncipes que andavam a pé*. No antigo Oriente Médio, tal inversão de papéis era vista como um ultraje à sociedade.

**10.8,9** — A expressão *fizer uma cova* transmite a ideia de que a retribuição justa ainda é esperada (Pv 26.27). Quanto à atividade *acarretar*

pedras, observa-se que há certos riscos inerentes a determinadas profissões.

**10.10** — Uma pessoa despreparada, por estar com um machado cego, terá de esforçar-se mais que uma pessoa sábia, cujas ferramentas estão em ordem.

**10.11** — Junto aos versículos anteriores, a mensagem neste texto é a de que uma habilidade usada sem sabedoria é um desperdício.

**10.12,13** — O *tolo* é incapaz de escolher de forma apropriada suas palavras, o que o levará à destruição.

**10.14** — *E quem lhe fará saber o que será depois dele?* Esta pergunta retórica sobre a falta de conhecimento do tolo em relação ao futuro é um dos temas recorrentes em Eclesiastes. O mesmo questionamento ocorre em Eclesiastes 3.22; 6.12; 8.7, parcialmente em 9.12 e, especialmente, na conclusão grandiosa em Eclesiastes 12.14.

**10.15** — A expressão *ir à cidade* traduz a ideia de algo complexo, profundo demais para ser compreendido por um tolo. Se os *tolos* são tão inseguros quanto às questões comuns, como se pode confiar neles quando expressam sua opinião sobre a vida após a morte?

**10.16** — Coitados são aqueles cujos líderes são tão moços ou inexperientes que perdem o controle sobre suas responsabilidades ou passam as noites se banquetecendo até o sol raiar.

**10.17** — A nobreza digna se expressa por meio de um senso de responsabilidade e deferência na ordem social. O versículo é um argumento em favor da justiça. Usando a expressão *a tempo*, Salomão fecha o argumento apoiando a moderação e a ordem.

**10.18** — Toda forma de *preguiça* arruína lares e vidas.

**10.19** — *Por tudo o dinheiro responde.* Este comentário não tem a pretensão de ser cínico ou criticar a vida dos ricos. Ele deve ser lido no contexto dos nobres (v. 16) e convivas (v. 17) dissolutos. Para eles, a riqueza é apenas prazer e uma forma de ter diversão.

**10.20** — Ao afirmar *as aves dos céus levariam a voz*, o autor nos adverte de que devemos ter cuidado com o que dizemos, porque nunca sabemos quem está ouvindo.

**11.1** — *Lança o teu pão sobre as águas.* Os versículos 1-6 ressaltam o risco e a incerteza das empreitadas comerciais e agrícolas. Portanto, enquanto os provérbios anteriores, do capítulo 10, lidavam com a realeza e os líderes, os dos versículos 1-6 tratam das pessoas comuns. Homens e mulheres devem avançar cautelosamente para conseguir algum ganho, mesmo que sempre haja certo grau de insegurança.

**11.2** — *Com sete e ainda até com oito.* Esta é uma exortação para sermos generosos com o maior número de pessoas possível, aumentando essa estimativa a cada dia.

**11.3** — Não obstante o lado que caia a *árvore*, alguém dará utilidade à sua madeira; portanto, pare de se preocupar por ela não ter caído para o lado que você desejava (ou mesmo de conjecturar se cairá ou não para tal lado).

**11.4** — *Nunca semeará.* A pessoa cautelosa ao extremo a ponto de esperar o momento ideal para tomar uma atitude está condenada ao fracasso.

**11.5** — Certos atos do Senhor são inexplicáveis. Em Eclesiastes, o conceito de Deus como Criador, *que faz todas as coisas*, não se restringe ao versículo 1 do capítulo 12. A incapacidade de o ser humano conhecer a obra de Deus independente de conhecê-lo é um dos temas desse livro (Ec 3.11; 8.17; 9.12).

**11.6** — *Qual prosperará.* Neste versículo, o conselho do autor é não evitar comprometer-se com as coisas, é realizá-las, mas deixar que Deus determine o sucesso ou o fracasso do empreendimento.

**11.7** — A afirmação *suave é a luz* é uma forma de expressar a alegria de viver, apesar de todos os problemas apresentados no livro de Eclesiastes.

**11.8** — *Lembrar dos dias das trevas.* Ao avaliar as oportunidades da vida, devemos também pensar mais seriamente na morte. Isso estabelece um contraste com a alegria de trabalhar enquanto ainda é dia.

**11.9** — Se Salomão foi o autor de Eclesiastes e escreveu-o no fim de sua vida, então a mensagem fica ainda mais clara. Ele fala aos jovens (Pv 1.8; 2.1; 3.1), incentivando-os a aprender as lições que ele aprendera no decorrer de sua vida extraordinária. Este versículo não é um estímulo

a viver em pecado satisfazendo os desejos sexuais (Nm 15.39), como se supõe na interpretação do conselho *anda pelos caminhos do teu coração*. Pelo contrário, exorta o jovem a divertir-se, mas sem esquecer que Deus julgará o seu modo de proceder (Ec 3.17; 12.14).

11.10 — Infelizmente, a *juventude* não perdura; passa, também, como vapor. Segundo Benjamin Franklin, “ficamos velhos cedo demais e sábios tarde demais”.

12.1-8 — Muitos intérpretes alegam que este poema é uma alegoria da terceira idade. Esta é a visão que advogamos aqui. Outras interpretações são: (1) a descrição do inverno como metáfora para a velhice; (2) a descrição da reação das pessoas a uma tempestade assustadora; (3) a imagem de uma casa desmoronada representando o fracasso dos esforços humanos; e (4) a decadência de uma casa simbolizando a morte e a fragilidade humana.

12.1 — *Lembra-te do teu Criador*. Salomão não está sugerindo um mero reconhecimento da pessoa de Deus; usando termos bíblicos vigorosos, ele convoca o homem aos atos adequados que acompanham esse reconhecimento. Por exemplo, quando o Senhor se lembrou de Ana (1 Sm 1.19), Ele fez mais do que simplesmente trazê-la à memória; Ele agiu em seu favor, e ela concebeu um filho. Ao *lembrarmo-nos* dele, devemos fazê-lo com pensamentos, palavras e ações.

12.2 — Esta passagem contém metáforas de um dos sinais típicos da velhice: o enfraquecimento da visão.

12.3 — Os versículos 3-6 listam as enfermidades que vão acometendo a pessoa à medida que ela envelhece, prejudicando-a no ato de servir a Deus. Se a *casa* representa o corpo que envelhece, então os *guardas* são os braços e as pernas. Estas se curvam pela fragilidade, o que se verifica na sentença *se curvarem os homens fortes*; por isso, não se deve confiar na sustentação dos joelhos.

A expressão *cessarem os moedores* alude aos dentes, que, cada vez mais raros e fracos, não conseguem mastigar a comida tão bem quanto antigamente. Por fim, o último traço característico dessa fase da vida é apontado na declaração se

*escurecerem os que olham pelas janelas*, referindo-se aos olhos quando começam a perder a visão.

12.4 — A linguagem conotativa em *as duas portas da rua se fecharem* é semelhante à que foi empregada no livro de Jô para designar as mandíbulas do leviatã como *as portas do seu rosto* (Jô 41.14). Sendo assim, também é possível que neste versículo o autor se refira a lábios e mandíbulas.

Dando continuidade a essa ideia, o termo *baixo ruído da moedura* ilustra o pouco ou nenhum barulho feito ao mastigar alimentos macios na velhice, depois da perda ou do enfraquecimento dos dentes. Para concluir as metáforas desta passagem, *as vozes do canto se baixarem* remete à audição; portanto, a capacidade de deleitar-se com a música diminui.

12.5 — A sentença *temerem o que está no alto* se reporta às coisas banais do cotidiano que passaram a ser ameaçadoras. Mais um sinal da idade avançada é o eufemismo *florescer a amendoeira*, ou seja, branquear-se o cabelo. *Quando o gafanhoto for um peso* talvez se refira ao passo claudicante do idoso que manca apoiado em sua bengala. Quanto ao ato de *perecer o apetite*, geralmente é entendido como o desejo sexual que vai desaparecendo. Então, vem a morte, a ida para a *eterna casa*.

12.6 — Alguns dizem que *cadeia de prata* se refere à coluna vertebral, assim como *se despedace o coço de ouro*, ao cérebro. Uma das hipóteses quanto à expressão *se despedace o cântaro junto à fonte* é que isso aluda a um coração falho. Ainda neste sentido, o sistema de veias e artérias que se difundem a partir do coração pode ter parecido aos antigos com as traves de uma roda, por isso a frase *se despedace a roda junto ao poço*.

Uma explicação alternativa deste versículo é que as quatro imagens são diferentes descrições da morte. Não se pretende que haja representações do físico como nos versículos 3-5, e sim se descreve a destruição de quatro itens significativos para demonstrar a finitude desta vida.

12.7 — *E o pó volte à terra*. Estas palavras claramente se referem ao destino único de todos os descendentes de Adão e Eva. *E o espírito volte a Deus* é uma clara alusão a Gênesis 2.7. O termo *espírito* é o mesmo empregado em trechos anteriores (Ec 3.19,21; 8.8).



## APLICAÇÃO

### A VELHICE ALCANÇA TODOS

Muitas vezes, os jovens agem como se fossem viver para sempre. Por isso, em Eclesiastes 12 há uma alusão à terceira idade e alertando os jovens: *lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade*.

Com certeza há muitos idosos que não estão nas condições dessa passagem. Mas, na maioria dos casos, os acontecimentos mencionados ocorrem. Várias imagens comunicam a chegada da morte e do luto: uma cadeia de prata se quebra, parte-se um copo, um cântaro se despedaça, uma roda para de girar (Ec 12.6), o pó do corpo retorna à terra (Ec 12.7; compare com Gn 3.19; Jó 34.15), e o espírito sobe a Deus, presumivelmente para ser julgado (Ec 12.7,14).

Esse é o destino de todo ser humano. Não importa se estamos idosos ou jovens, pois a cada dia que passa aproximamo-nos um pouco mais da morte. Dada esta realidade, Eclesiastes incita o jovem a viver nos caminhos de Deus, porque sem Ele a vida é vazia e sem sentido.

**12.8** — O estribilho de *vaidade* — a brevidade da vida — é repetido neste versículo. É possível que o livro terminasse, originalmente, com estas palavras.

**12.9** — No princípio do livro de Eclesiastes, o *pregador* fala de sua busca pela sabedoria (Ec 1.12—2.26). É possível que agora ele esteja falando de si próprio na terceira pessoa (como em Ec 1.1,2). Provavelmente foi algum editor, guiado pela mão de Deus, que escreveu essas qualificações sobre Salomão, assim como Josué ou algum outro editor escreveu uma avaliação de Moisés sob a influência do Espírito de Deus (Dt 34). Os três verbos que descrevem a atividade de Salomão — *e atentou, e esquadrinhou, e compôs* — também podem ser traduzidos como *pesou, examinou e arrumou*.

**12.10** — O *pregador* devota um cuidado especial às palavras, para que sejam *agradáveis* — palavras de graça — e *palavras de verdade*. A verdade a que se refere neste texto é a verdade revelada por Deus.

**12.11** — Como a espora incita o animal a seguir no caminho certo, assim também farão as palavras de Eclesiastes se forem bem compreendidas. Neste versículo, os *pregos bem fixados* são os mesmos em 2 Crônicas 3.9 e Jeremias 10.4. Trata-se de ganchos nas tendas onde as famílias penduravam as roupas e os utensílios domésticos necessários no dia-a-dia. Nesta passagem, eles representam estabilidade e perspectiva à vida. Costumava-se

equiparar os reis a pastores. Neste sentido, Salomão está dizendo que a fonte de suas ideias é Deus, o Pastor de Israel (Sl 80.1), o *único Pastor*.

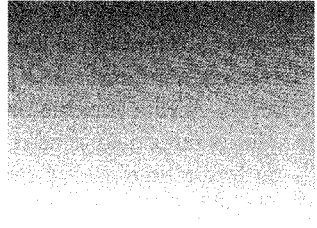
**12.12** — Vários outros *livros* podem deixar seus leitores cansados. Estudar Eclesiastes com afinco terá o efeito contrário, já que ele instrui, alerta e exorta os que o leem.

**12.13** — *Temer a Deus* é um dos grandes temas de Eclesiastes e da literatura de sabedoria no Antigo Testamento. Temer a Deus implica obedecer-lhe a Ele com respeito, reverência e admiração, servir-lhe com atitudes puras e afastar-se do mal e da adoração a qualquer outra coisa em Seu universo.

As palavras *guarda os seus mandamentos* remetem aos mandamentos da Lei. Jesus os resumiu a *amarás ao Senhor, teu Deus e o teu próximo como a ti mesmo* (Mt 22.34-40).

Só somos completos e íntegros quando tememos a Deus e obedecemos aos Seus mandamentos, *porque este é o dever de todo homem*. Que importância há em viver? Se seguirmos as orientações de Eclesiastes, teremos um relacionamento com Deus e encontraremos no Senhor a vida.

**12.14** — *Deus há de trazer a juízo*. Este mesmo ensinamento é advogado por Paulo em 2 Coríntios 5.10. A morte não é o fim. Toda a nossa vida será analisada pelo nosso bondoso Senhor (Ec 3.17). A vida deve ser vivida com fé visando os valores do Deus eterno.



O livro de

---

# Cantares de Salomão

---

## INTRODUÇÃO

---

**C**antares de Salomão é um poema que trata da comovedora história de amor entre uma jovem camponesa e o rei Salomão. Em poesias delicadas, os amantes exprimem intensa paixão e grande anseio um pelo outro. A jovem compara seu amor por seu noivo à expectativa por uma busca frenética, enquanto Salomão compara sua noiva a jardins pitorescos e frutos deliciosos. Mesmo nessa eloquente expressão de paixão entre noiva e noivo, há a exortação ao casal para manter-se sexualmente puro antes do casamento (Ct 2.7). Desse modo, o livro celebra a sexualidade humana dentro do contexto do casamento.

Nem sempre o poema foi compreendido dessa forma. Estudiosos judeus que viveram na época do nascimento de Cristo interpretavam Cantares como uma alegoria, declarando que o

descreve o amor de Deus por Seu povo, Israel. De modo parecido, há cristãos que entendem que este poema fala da relação mística entre o Senhor Jesus Cristo e Sua noiva, a Igreja.

No entanto, não é preciso invocar explicações alegóricas para entender esta obra. Cantares celebra a beleza e a intimidade do amor dentro do matrimônio em um poema narrativo, ensina que um casamento duradouro exige dedicação, compromisso e sólida lealdade entre marido e mulher, e apresenta também uma imagem idealizada de como o amor humano pode expressar-se sob a bênção divina.

Há críticos que alegam que o modelo do casamento cristão ignora ou desdenha o relacionamento sexual. Porém, Cantares os contradiz, reiterando o alerta bíblico contra o sexo extraconjugal, mas afirmando que o

Senhor não só aprova como também estimula o prazer sensual dentro da união matrimonial.

Talvez em nenhuma outra parte da Sagrada Escritura a cultura literária do Oriente Médio fique tão aparente quanto neste livro, cujo gênero – ou forma literária – é singular dentro do universo bíblico. Trata-se de um idílio amoroso, um tipo de canção de amor. Como no livro de Jó, Cantares revela seus tesouros ao leitor paciente, que aborda o livro pelo que é, buscando e ponderando o seu significado. A forma do idílio lírico exhibe duas características: a primeira é que os diálogos e acontecimentos não estão necessariamente dispostos em ordem cronológica. Às vezes, o fio da narrativa fica em suspenso, enquanto o público assiste a cenas anteriores ou posteriores; a segunda é o uso do coro. Além dos dois personagens que avançam com a história – a sulamita e o rei Salomão –, um grupo de mulheres interrompe determinadas cenas com declarações ou alertas musicais curtos. Salomão emprega o coro para fazer transição de uma cena a outra, e para aumentar a ênfase de temas importantes.

Cantares de Salomão é um poema que relata o romance entre Salomão, o rei mais rico que já governou Israel, e sua amada noiva, proveniente de uma pequena aldeia nos confins da Galiléia. Salomão possuía vinhedos em toda a nação, um dos quais era próximo a Baal-Hamom, na parte mais ao norte da Galiléia, próximo à base das montanhas do Líbano. Em uma de suas visitas a este vinhedo, Salomão conheceu uma jovem, cujo nome, estranhamente, não descobrimos. No entanto, ela é chamada apenas de a sulamita. O rei a cortejou por algum tempo, fez visitas periódicas à sua casa no campo e, finalmente, pediu-a em casamento. A sulamita refletiu bastante a respeito de amar ou não Salomão e se ela seria capaz de ser feliz vivendo no palácio real. Por fim, ela aceitou o pedido.

Se a Bíblia é um livro que trata de Deus, então alguém pode perguntar-se o que uma narrativa sobre sexualidade humana tem a ver com teologia. Esse questionamento é ainda mais poderoso quando se observa que Deus não é mencionado em parte alguma do texto (exceto, talvez, em

Cantares 8.6) nem são feitas quaisquer referências a orações, adoração ou devoção. Neste aspecto, ele tem semelhanças com o livro de Ester, que também não menciona Deus. Apesar de tudo isso, Ester narra a história da redenção do povo do Senhor e apresenta ocasiões de oração, jejum e ações de graças. Tais temas notavelmente não compõem a história poética de Cantares, tornando-o único dentre todos os livros da Bíblia.

Para solucionar essa dificuldade, é importante relembrar que a Sagrada Escritura não só descreve quem o Altíssimo é e o que faz, como também nos diz qual a vontade de Deus para o Seu povo. Cantares enfatiza que o Todo-poderoso criou homem e mulher como seres sexuais e para viverem felizes e realizados no casamento, mas é um erro insinuar que a experiência completa de nossa humanidade seria impossível sem a experiência do casamento, pois isso desqualificaria os viúvos, os divorciados e os celibatários — inclusive nosso Salvador. Todavia, de fato, Deus ordenou que houvesse matrimônio desde o começo da criação; homem e mulher deveriam tornar-se uma só carne (Gn 2.25).

Por sua ênfase no amor humano, este livro apresenta uma variedade extraordinária de expressões de amor, talvez a seleção mais rica de toda a Escritura hebraica. Mas, nesta celebração do amor, o livro condena relações sexuais fora do casamento — especificamente, a experiência sexual antes do matrimônio. Aliás, de todos os livros da Bíblia, talvez seja este o que contenha os mais fortes argumentos em favor da castidade. Ironicamente, por sua linguagem explícita, sábios judeus antigos e modernos proibiam homens de menos de 30 anos de lerem esta obra (e presume-se que as mulheres nunca recebessem permissão para lê-la). Não podemos ignorar o conteúdo sexual de Cantares, mas podemos apreciar o contexto em que ocorre um casamento segundo o plano de Deus. Cantares é leitura necessária não só para os casais, como também para os jovens que desejam compreender quais os desígnios de Deus para a união matrimonial.

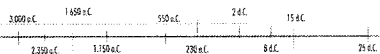
O autor de Cantares é o próprio Salomão, filho de Davi e terceiro rei de Israel. Ele é identificado como autor, e seu nome aparece sete

vezes no livro (Ct 1.1,5; 3.7,9,11; 8.11,12). Ainda assim, há quem alegue que as referências a Salomão sejam apenas um recurso estilístico e o autor tenha vivido posteriormente. No entanto,

os argumentos de tal tese são inconclusivos. O fato de esse rei ter sido conhecido por sua sabedoria e poesia (1 Rs 4.29-34) ratifica, em parte, a autoria do livro como sua.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM CANTARES



Ano 1045 a.C. — Os hebreus começam a conquistar Canaã

Ano 1010 a.C. — Davi começa a reinar

Ano 970 a.C. — Falecimento de Davi. Salomão ascende ao trono

Ano 950 a.C. — Possível data em que Salomão escreveu Cantares

Ano 930 a.C. — Salomão falece, e o reino se divide

Ano 586 a.C. — Jerusalém é tomada por Nabucodonosor



## ESBOÇO

- I. Três reflexões no dia do casamento — 1.2—2.7
  - A - No palácio — 1.2-8
  - B - À mesa do banquete — 1.9-14
  - C - No quarto nupcial — 1.15—2.7
- II. Três reflexões durante os dias de cortejo — 2.8—3.5
  - A - Uma visita na primavera — 2.8-14
  - B - Caçando as raposinhas — 2.15-17
  - C - Um sonho de separação — 3.1-5

- III. Duas reflexões no dia do casamento — 3.6—5.1
  - A - O cortejo nupcial — 3.6-11
  - B - A noite do casamento — 4.1—5.1
- IV. Cinco reflexões sobre ajustar-se ao casamento — 5.2—8.4
  - A - Um sonho de amor recusado — 5.2-8
  - B - Uma mudança de postura — 5.9—6.3
  - C - O retorno de Salomão — 6.4-10
  - D - A sulamita no jardim — 6.11-13
  - E - A dança dos dois exércitos — 6.14—8.4
- V. Reflexão final: férias no campo — 8.5-14



## COMENTÁRIO

**1.1** — Como as expressões superlativas *santo dos santos* ou *rei dos reis*, *cântico de cânticos* significa *o mais agradável dos cânticos*.

*Que é de Salomão.* Há dois principais falantes nesse livro: a mulher (a sulamita) e o homem (Salomão). Embora este filho de Davi tenha escrito esse livro, o ponto de vista é, em grande parte, de sua noiva.

**1.2** — Este prólogo do livro prepara o ambiente emocional para tudo o que se segue. O substantivo *amor* aqui utilizado significa amor *eros*, como claramente também significa em Ezequiel 16.8 (Pv 7.18; Ez 23.17). É a palavra hebraica que mais se aproxima da grega *eros*. Em Cantares de Salomão, esse termo no plural (indicação de intensidade) significa fazer amor abençoado por Deus (empregado também no v. 4; Ct 4.10; 7.12; compare a Ct 5.1).

**1.3** — *Ungüento.* Nos tempos bíblicos, era costume, após o banho, massagear o corpo com unguentos (óleos) perfumados durante a preparação para alguma ocasião festiva (Rt 3.3).

*O teu nome.* A sulamita fala da reputação de seu amado como semelhante a um aroma agradável; ele era objeto de desejo das jovens de toda parte. O termo *virgens* — o mesmo empregado em Isaías 7.14 — significa *mulheres em idade de casar* (as mesmas identificadas como *filhas de Jerusalém* em Cantares 1.5).

*Amam.* Aqui, é utilizado o verbo hebraico comum para amor, referindo-se a sentimentos românticos (como em Gênesis 24.67); em outros trechos, este verbo significa *escolher alguém* (uma determinação do livre-arbítrio; Dt 6.5). Assim sendo, este verbo hebraico compartilha alguns, mas não todos, os sentidos do verbo grego *agapao*.

**1.4** — A complexidade dos diálogos no livro de Cantares está patente nesse versículo, cujos cabeçalhos nos ajudam a identificar quem está falando. *O rei.* Trata-se de Salomão; ainda assim, à exceção do título (v.1), ele só é identificado nominalmente como protagonista em Cantares 3.7,9,11 (seu nome no v.5 faz parte de uma expressão de descrição).

*Recâmaras.* Significam as câmaras nupciais. Este versículo termina com os pensamentos da moça enquanto fita o seu amado. Os *retos te amam* emprega o verbo *amar* com o sentido encontrado no versículo 3, o qual indica sentimentos românticos.

**1.5** — A sulamita compara sua pele *morena*, adquirida após longas horas de trabalho nos vinhedos (v.6), à tez mais clara das donzelas da cidade. Aqui se transmite sua classe e situação social. Diferente das moças de Jerusalém, que haviam crescido em condições confortáveis e sem problemas, esta jovem trabalhara como guarda de vinhas sob o sol escaldante.

*E agradável.* Ela sabe que sua beleza não é desqualificada pelo fato de ter vivido de modo mais rústico. Seu noivo garante-lhe que o caso é mesmo esse (v.8). O raro termo *agradável* é empregado para descrever a beleza física neste livro (v.10; Ct 2.14; 6.4; compare à palavra em Cantares 1.8); nos Salmos, esta palavra trata da beleza da verdadeira adoração ao Deus vivo (Sl 33.1; 147.1).

*Ó filhas de Jerusalém.* Essas são as mulheres que atuam como servas da noiva, as mesmas virgens mencionadas no versículo 3. Elas também entram como o coro do livro.

**1.6** — *A vinha que me pertence* se refere à própria aparência da sulamita, que, ao contrário das belas mulheres da corte real, não tivera o estilo de vida nem os recursos para se desvelar em sua aparência. Ainda assim, foi ela quem arrebatou o coração do rei. A sulamita usa mais uma vez a palavra *vinha*, só que com outro propósito, em Cantares 8.12.

**1.7** — *Ó tu, a quem ama a minha alma.* Uma tradução mais literal dessa frase seria: *quem meu eu interior ama.* Aqui, a mulher dirige-se mentalmente a Salomão, seu amado, imaginando-o como o pastor de Israel.

*A que erra.* Como Salomão era rei, vivia ocupado com os assuntos do reino. A jovem noiva não deseja velar-se, à maneira de uma prostituta, para chamar a sua atenção, mas também não quer ser deixada de lado. Ela deseja ser sua verdadeira companheira.

**1.8** — *Se tu o não sabes... apascenta as tuas cabras.* Seria melhor retornar à fronteira com o



## APROFUNDE-SE

### O DOCE AROMA DO AMOR

O olfato é o sentido humano mais evocativo; sendo assim, não é de se admirar que Cantares, como diversos poemas românticos, faça alusão a numerosos odores e fragrâncias, todos relacionados com o aroma doce do amor.

- *Nardo* (Ct 1.12; 4.13,14). Óleo fragrante e caro, derivado das raízes e dos talos do nardo, uma erva asiática. Podia ser usado como unguento ou transformado em perfume refinado.
- *Mirra* (Ct 1.13; 3.6; 4.14; 5.5,13). Extrato aromático e resinoso, proveniente de uma árvore ramosa com flores brancas e frutos semelhantes à ameixa. A mirra era ingrediente para o óleo de unção (Êx 30.23) e para o perfume (Sl 45.8; Pv 7.17), além de ser utilizada em rituais de purificação femininos (Et 2.12).
- *Cipreste* (Ct 1.14; 4.13). Uma planta grande, cujas flores brancas e perfumadas costumavam ser trocadas como sinal de amizade. Sabia-se que Salomão tinha plantações de cipreste em En-Gedi. As plantas eram empregadas na produção de uma tinta vermelho-alaranjada usada como cosmético: a henna.
- *Cedro* (Ct 1.17). A madeira aromática das enormes árvores perenes que, na época de Salomão, recobriam os montes do Líbano (daí o apelido *cheiro do Líbano*, em Cantares 4.11). Salomão importou grandes quantidades de cedro para construir o templo e outros projetos, inclusive o complexo de palácios conhecido como Casa do Bosque do Líbano (1 Rs 5.1-10; 7.1-8) – talvez o cenário do que é descrito em Cantares 1.17.
- *Incenso* (Ct 3.6; 4.6,14). Uma resina gomada aromática obtida da árvore *Boswellia*, do Nordeste da África e da Arábia. A substância altamente fragrante era usada em ritos religiosos hebraicos (Êx 30.7,34; Lv 2.1; 24.7) e considerada símbolo de fervor religioso. O incenso era um artigo comercial valioso na Antiguidade.
- *Açafrão* (Ct 4.14). Produto de brotos de crócus, que eram desidratados e prensados em forma de tablete. Era usado para dar cor a molhos e ensopados, ou como perfume para pisos, especialmente em casamentos.
- *Cálamo* (Ct 4.14) ou cana-de-açúcar. Grama cheirosa, semelhante ao junco, que crescia à beira de rios e riachos. As folhas têm sabor de gengibre, quando são esmagadas. O cálamo está listado como ingrediente do óleo de unção usado nos rituais hebraicos de adoração (Êx 30.23).
- *Canela* (Ct 4.14). Produto da caneleira, nativa do Ceilão. O óleo da árvore era usado como perfume tanto para fins seculares (Pv 7.17) como religiosos (Êx 30.32).
- *Aloés* (Ct 4.14). A madeira altamente valorizada da grande árvore *Aquilaria agallocha*, nativa da Índia, era transformada em perfume e incenso.
- *Maçãs* (Ct 2.5; 7.8) ou, talvez, abricós. Podem ter sido importadas de arvoredos na região do Cáucaso, ao norte de Canaã.
- *Mandrágoras* (Ct 7.13). Ervas perenes, com folhas verde-escuras e florezinhas roxo-azuladas no inverno. O fruto primavera da planta é amarelo, cheiroso e doce, e diz-se que possui propriedades narcóticas. Também chamadas de *maçã-do-amor*, eram empregadas como poções de amor (compare a Gênesis 30.14-16).

Líbano e à vida rural do que viver sozinha e aflita no palácio de Salomão. A mensagem deste versículo é que a pessoa sempre deve avaliar o preço de casar-se com alguém *antes* do matrimônio acontecer.

Ó *mais formosa entre as mulheres*. O termo *mais formosa* é a palavra hebraica comum que significa bela.

1.9 — *Amiga*. Eis outro vocábulo que significa amor no livro; uma palavra mais rara, que significa *cara companheira* (compare aos versículos 2,3).

*Éguas*. Naquele tempo, o cavalo era o companheiro dos reis. Salomão adorava cavalos, especialmente os egípcios. Ele chegou a ter um estábulo com 12 mil cavalos e 1400 carruagens (1 Rs 10.26).

1.10 — Montarias eram ornamentadas com freios preciosos e elmos dos mais elegantes. Em gratidão por sua resposta positiva aos seus avanços, o rei promete-lhe presentes caros. Ela, de fato, é bela, mas, com os adereços caríssimos por ele presenteados, será insuperavelmente linda. A donzela deve receber colares de discos de prata e

contas de ouro, joias estas que devem substituir os ornamentos humildes que, anteriormente, eram usados.

**1.11** — *Enfeites*. São palavras amáveis das mulheres da corte (Ct 1.4), cuja doçura é notável, até porque cada uma delas pode ter querido ser a escolhida do rei (conforme indicado no v. 3).

**1.12** — *À sua mesa*. À mesa posta para o banquete de casamento.

**1.13,14** — Esses versículos se referem ao costume oriental de, à noite, as mulheres usarem um saquinho de mirra, um unguento perfumado, pendurado em seu pescoço. Por todo o dia seguinte, uma deliciosa fragrância pairaria a seu redor. A moça dizia que, a partir daquela noite, seria seu marido quem dormiria junto a ela. *O meu amado*. Aqui, o substantivo *amado* relaciona-se à palavra traduzida como *amor* no v. 2, referindo-se ao amor sexual. *En-Gedi*. Davi, pai de Salomão, havia encontrado refrigério e abrigo da perseguição do rei Saul neste oásis da margem oriental do mar Morto (1 Sm 24).

**1.15** — *Eis que és formosa*. A palavra *formosa* significa o mesmo que no v. 8. *Ó amiga minha*. Este termo é usado pela primeira vez no livro, e foi traduzido literalmente. *Teus olhos são como os das pombas*. A ideia é de pureza, inocência e beleza (Ct 4.1; 5.12; compare com Ct 2.14; 5.2).

**1.16** — A palavra *gentil*, aqui empregada, é o correspondente masculino do termo traduzido como *formosa* no v. 15.

**1.17** — *As traves da nossa casa são de cedro*. *Casa* pode significar *casa grandiosa* ou *mansão*. Deitada no leito nupcial (v. 16), a sulamita observa as belas vigas de cedro sobre sua cabeça. A opulência das edificações de uso pessoal e público de Salomão em Jerusalém está bem documentada (1 Rs 7.1-12).

**2.1** — *Eu sou a rosa de Sarom*. A planície de Sarom era famosa por suas flores e pastagens. Aqui, a donzela está dizendo: “Não passo de uma flor da planície. Sou apenas uma dentre muitas outras”.

**2.2** — Salomão ouve as palavras da jovem noiva (v.1) comparando-se a uma simples flor e garante-lhe que, perto dela, as mulheres de requinte da cidade não passam de *espinhos*.

**2.3** — A *macieira* e as passas (v.5) simbolizam a paixão sexual nas canções de amor da Antiguidade.

**2.4** — *À sala do banquete*. O sentido literal dessa expressão é *casa do vinho*, empregada pelo papel que o *vinho* exerce não apenas em banquetes, como também nas cerimônias de casamento das culturas bíblicas (Ct 1.2). Na Sagrada Escritura, o vinho simboliza a alegria (Sl 104.15), e bebê-lo estava associado a ocasiões alegres.

*O seu estandarte*. Pode ter o mesmo significado de *estandarte* ou *bandeira* apresentado em Números 1.52. Até hoje, os casamentos judeus se realizam sob um *estandarte* ou uma cobertura.

*Amor*. Esta é a primeira aparição, no livro, do substantivo comum que significa *amor* ligado ao verbo do versículo 3. Ele praticamente corresponde ao conhecido substantivo grego *agape*, que se refere ao amor altruísta por outras pessoas (1 Co 13).

**2.5,6** — Estes versículos descrevem a alegria da expressão sexual entre marido e esposa.

*Passas e maçãs*. Antigos símbolos de paixão sexual (v.3).

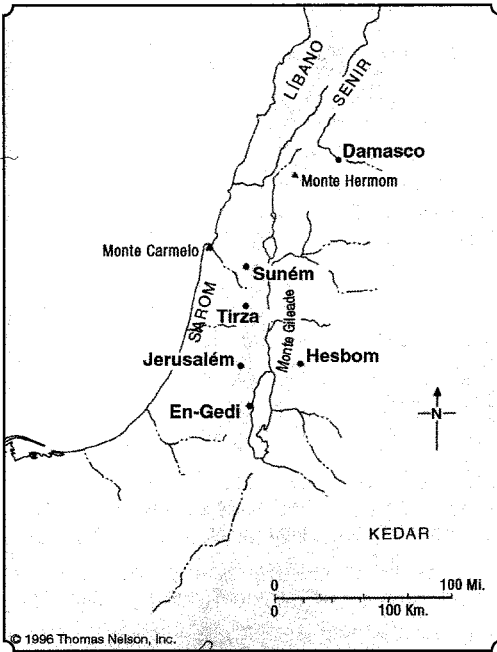
*Desfaleço de amor*. São essas as palavras dos que transbordam de amor.

**2.7** — Aqui, a sulamita fala às suas servas sobre a virgindade e exorta-as (*conjuro-vos*) a manter a pureza sexual até se casarem (Ct 3.5; 8.4).

*Pelas gazelas e cervas*. Ela implora às moças em nome de tudo que há de mais belo.

*Amor*. Esse é o substantivo empregado no versículo 4, demonstrando que tal palavra também pode referir-se à paixão sexual. A associação dessa carga à descrição de intimidade sexual no v.6 sugere que o alerta é contra o despertar de tais desejos até que *queira* — no momento oportuno, adequado, após o laço matrimonial. Enquanto o livro dos Provérbios exorta comumente os rapazes a preservarem a pureza sexual (Pv 7), em Cantares de Salomão são as mulheres o público-alvo mais frequente dos alertas.

**2.8,9** — *Saltando e pulando*. Essa é a forma imaginativa da jovem noiva relembrar-se da alegria com que *ela* recebeu a chegada de seu marido. O mesmo é válido para suas palavras sobre ele.



#### Lugares mencionados em Cantares de Salomão

*Dos cumes do Líbano às ruas de Jerusalém (Ct 4.8; 6.4), a história de amor de Cantares de Salomão se desenrola em vários ambientes. Os amantes falam um do outro - e com o outro - usando várias metáforas, inclusive a rosa de Sarom, o lírio dos vales (Ct 2.1) e as vinhas de En-Gedi (Ct 1.14).*

**Gamo e filho do corço.** Animais que simbolizam a virilidade. **Janelas e grades.** Salomão admirava a noiva através de uma fenda na parede.

**2.10 — Amiga minha.** Trata-se de um termo afetivo (Ct 1.15). **Formosa minha.** Salomão descreve sua noiva como formosa em Cantares 1.8,15.

**2.11-13 — Eis que passou o inverno.** Com essa expressão, Salomão queria dizer que era chegada a hora da alegria, o verão do seu amor. O rei pode ter chegado em uma época de grande beleza dos campos e florestas onde a jovem vivia; ele fala da beleza da criação para descrever o bom ensejo do seu amor.

**2.14 —** Aquilo de que Salomão tanto gostava nessa jovem era, em parte, seu charme tímido.

**Pelas fendas.** Salomão se refere à sulamita empregando uma figura de linguagem que descreve sua casa isolada nas montanhas.

**2.15 —** Os irmãos da sulamita pediram a Salomão que apanhasse as *raposas*. Diversas vezes, tinham visto *raposinhas* entrarem sorrateiras nos vinhedos dos quais cuidavam e destruírem as raízes mordiscando-as. As *vinhas* do amor nascido entre o casal eram frágeis e precisavam ser protegidas destas *raposinhas*, as quais simbolizam os problemas da vida que podem atacar um relacionamento.

**2.16 —** *O meu amado é meu, e eu sou dele.* Essa expressão trata da intimidade mútua experimentada por um casal, em que um pertence ao outro (Ct 6.3; compare a Ct 7.10).

**2.17 —** *Antes que refresque o dia.* Nesta passagem, a mulher deseja que o rei se vá antes que anoiteça. O livro está imbuído do dever de fazer o que é certo na hora adequada. Aqui, ela anseia que ele se vá a galope, como um *gamo*. Depois, ela almejará que ele corra para ela com a mesma rapidez (Ct 8.14).

**3.1 —** *Em minha cama.* Trata-se de um sonho tido antes de se casarem. A jovem estava preocupada com o que lhe sucederia caso se casasse com o rei.

**3.2,3 —** Sua busca frenética por seu amado é, de início, infrutífera. Por duas vezes nesses versículos ela o trata por *aquele a quem ama a minha alma*, que significa *aquele a quem ama*.

**3.4 —** Por fim, a noiva o encontra, usando a mesma expressão (*aquele a quem ama a minha alma*) dos v. 2,3. Em seu sonho, ela o leva à *casa* de sua mãe. Ou seja, ela se agonia demais com a ausência do rei. Então, deseja que ele se mude para o lar de sua família e adote seu estilo de vida.

**3.5 —** *Não acordeis.* Aqui, há novo e forte alerta contra o sexo antes do casamento. As pessoas não devem permitir que a paixão sexual seja despertada antes que elas se conheçam de outras maneiras (Ct 2.8-17), até que tenham resolvido os pequenos problemas de seu relacionamento (as *raposinhas*, mencionadas em Cantares 2.15-17) e avaliado a importância do matrimônio (Ct 3.1-4).

**3.6 —** *Quem é esta que sobe do deserto.* Compare a jornada impetuosa e real desta seção com a abordagem anterior, mais alegre, em Cantares 2.8.

**Colunas de fumaça.** Esta expressão é remanescente da visitação divina (Êx 19.18).



## ENTENDENDO MELHOR

### A PROCISSÃO DO REI

A procissão real descrita em Cantares 3.6-11 reflete o esplendor e a pompa que marcaram o reinado de Salomão. Ele era conhecido por sua riqueza (1 Rs 3.13; 10.23), e a Escritura relata a elaborada cerimônia na qual ele consagrou o templo (1 Rs 8; 2 Cr 6). A representação que o poema faz do cortejo de Salomão subindo *do deserto* a caminho do casamento real recorda o comentário da rainha de Sabá, a qual, tendo testemunhado a magnificência da corte de Salomão, admitiu: "Eis que me não disseram a metade".

Algumas das características notáveis da procissão real são:

- Seu tamanho (Ct 3.6). Ela levanta uma grande nuvem de pó pela estrada, *como colunas de fumaça*.
- Seu apelo (Ct 3.6). O pó levantado pela procissão se mistura a vapores cheirosos de mirra, incenso e outros pós aromáticos. O observador é atraído pelo espetáculo devido ao seu delicioso aroma.
- A guarda real (Ct 3.7,8). Sessenta homens escolhidos a dedo acompanham Salomão de perto.
- A *liteira* elaborada (Ct 3.7). O *palanquim* (Ct 3.9) de Salomão, como muitos outros móveis de sua corte, é feito de cedro importado do Líbano. A madeira é coberta, decorada ou usada junto a suportes de ouro e prata. As almofadas – e, talvez, também as cortinas – são feitas de púrpura, um tecido caro, que, na Antiguidade, era valioso como ouro.
- Provavelmente, nessa ocasião especial, a cadeira estava adornada com flores, o interior revestido com amor pelas filhas de Jerusalém. O palanquim devia ser transportado por um destacamento de escravos, embora o texto não os mencione.
- Uma multidão de mulheres comemorando (Ct 3.11). As mulheres de Jerusalém saúdam a procissão, talvez cantando e dançando como em outras ocasiões festivas (Êx 15.20; 1 Sm 18.6,7).

*Perfumada*. Aqui, os unguentos preciosos são marcas de luxo e realeza; depois, na mulher, esses elementos serão símbolos de amor (Ct 4.6).

**3.7,8** — A *liteira* era uma cadeira tipo sedã, com varas que se projetavam na dianteira e na traseira, para que a pessoa fosse carregada por seus servos (v.9, 10). A sulamita estava sendo transportada para a cerimônia e para seu noivo na liteira do próprio Salomão.

*Valentes*. Esse termo fala de heróis de guerra, conforme explanado pelo v. 8.

*Temores*. Aqueles guerreiros estavam prontos para qualquer ameaça.

**3.9,10** — Parece que Salomão havia encomendado o projeto e a confecção desta liteira (v.7,8) especialmente para o casamento. Para a sulamita, a rica decoração de *prata* e *ouro* da liteira é menos importante do que o fato de que ela representa o *amor* e o carinho de Salomão para com sua noiva (Ct 2.4).

**3.11** — *Ó filhas de Sião*. Essas são as filhas de Jerusalém (Ct 1.5).

*E contemplai*. Na Antiguidade, um casamento, para ser considerado válido em Israel, tinha de

tornar-se um evento público. O seu dia era sempre visto como de grande *júbilo* (Sl 19.5).

A *coroa*. O símbolo da realeza de Salomão foi apropriadamente empregado nesta cerimônia.

**4.1** — Salomão elogia fartamente a impressionante beleza de sua noiva, empregando símbolos de suavidade para ilustrar a pureza, inocência e beleza da sulamita. *Os teus olhos são como os das pombas* (Ct 2.14). São um símbolo de pureza, inocência e beleza (como em Cantares 1.15). As *tranças* da noiva podem ter coberto parte de seu rosto, deixando apenas os olhos à mostra (Ct 2.14; 5.7). O rei comparou o balanço de seu *cabelo* ao movimento gracioso de um *rebanho de cabras* a descer o *monte de Gileade*.

**4.2-5** — O rei faz uma rapsódia da perfeição dos *dentes*, *lábios*, traços faciais, *peçoço* e, por fim, *peitos* de sua noiva.

*Escarlata* (v.3) refere-se ao luxo e à beleza; a *romã* faz analogia à doçura; *doce* é a mesma palavra rara empregada pela primeira vez em Cantares 1.5.

A *torre de Davi* (v.4) fala de força e graça; os *filhos gêmeos da gazela* (v.5) são incrivelmente adoráveis.

**4.6** — *Antes que-refresque.* A primeira noite em que o casal passaria junto era um momento precioso (Ct 8.14).

*Monte da mirra e outeiro do incenso.* Esses nomes nos dão o vislumbre do amor ardente que um tem pelo outro (Ct 1.13,14; 2.6).

**4.7** — *Formosa.* Anteriormente, o rei já empregou este termo para falar de beleza (v.1). Aqui, porém, há uma diferença com a palavra *toda*. Agora, ele faz a rapsódia da perfeição de sua noiva; todas as partes do corpo dela são atraentes.

**4.8** — Essas palavras demonstram a sensibilidade de Salomão, neste momento, com relação às emoções de sua noiva. Ele clama por sua atenção, que devaneia em pensamentos distantes. Ele diz: *Vem comigo.* Utiliza o termo *esposa* pela primeira vez, o que é apropriado aqui em seu leito nupcial (v.9,10,11,12; Ct 5.1).

**4.9** — *Minha irmã, minha esposa.* Essa estranha dupla de palavras baseou-se na ideia de que, ao unir-se em matrimônio, o casal passava a ser uma família. A mulher tornava-se venerável como membro da família real.

**4.10** — *Os teus amores...os teus amores.* Trata-se do amor erótico.

**4.11** — *Lábios... mel e leite.* A doçura dos beijos de sua noiva é como um alimento para ele (Ct 5.1; compare com Ct 1.2).

**4.12** — *Manancial... fonte selada.* Salomão evoca imagens de refrigerio e deleite. O fato de ter o rei empregado os termos *fechado* e *selada* indica, de forma poética, a virgindade de sua esposa na noite de seu casamento. Foi este o tesouro que ela lhe trouxe, o qual ela incentivou as outras moças da corte a também conservarem para a noite de núpcias de cada uma delas (Ct 2.7).

**4.13-15** — *Frutos excelentes.* Estes versículos ampliam a imagem do jardim e da fonte como amor sexual no v. 12.

**4.16** — A noiva, agora, está pronta para aceitar seu amante pela primeira vez em seu *jardim*, no qual ela conclama o vento a soprar. Ela está pronta a ter relação sexual com seu marido pela primeira vez.

**5.1** — *Bebi o meu vinho.* Este versículo é uma parte necessária do capítulo antecedente. Ao fim do ato amoroso, o noivo fala que está completamente satisfeito com sua bela noiva.

**5.2-7** — *Eu dormia.* Estas palavras iniciam uma seção (v.2-8) que parece ser uma cena de sonho (Ct 3.1-5). A noiva sonha que seu amado veio vê-la, mas ela já se lavou, despiu suas vestes e foi para a cama (v.3). Quando, finalmente, chega à *porta* para deixá-lo entrar, ele já se foi. Ela se entristece tanto com essa situação que sai à *cidade* a fim de procurá-lo. Os *guardas* encontram-na e hostilizam-na.

**5.8,9** — A noiva clama às *filhas de Jerusalém* que a ajudem em sua busca. Elas, no entanto, perguntam o que há de tão especial naquele por quem a noiva anseia.

**5.10** — *Meu amado é cândido e rubicundo.* A noiva responde à pergunta do v. 9 com um poema enaltecendo a beleza de seu marido.

**5.11-16** — *A sua cabeça é como o ouro mais apurado* (literalmente, o ouro dos ouros). Trata-se do ouro que foi duplamente refinado. Seus *olhos*, com íris rodeadas por um branco imaculado, têm o espaçamento perfeito e estão dispostos como pedras preciosas em um anel. A sua barba, sobre suas *faces*, é comparada a canteiros de plantas aromáticas. Seus lábios são representados como



## EM FOCO

### AMADO (HB. DOD)

(Ct 4.16; 1 Sm 14.50; Pv 7.18; Is 5.1)

Na poesia amorosa hebraica, *dod* é um termo carinhoso usado para um ser amado do sexo masculino, geralmente traduzido como *amado* (Is 5.1). O autor de Cantares emprega esta palavra 32 vezes. O nome Davi é derivado de *dod* e possui o mesmo significado, com o sentido de *aquele que é amado*. Quando *dod* é usado em uma narrativa, quer dizer *tio* ou outro parente próximo do sexo masculino (1 Sm 14.50).

recipientes de temperos e mirra. Suas *mãos* parecem cilindros dourados, e seu corpo lembra mármore polido. Suas *pernas* são símbolos de força e estabilidade: pilares de mármore ou alabastro cuja base é de ouro puro. *O seu falar*. Os membros de Salomão foram descritos com termos marcantes, mas ele não é uma estátua inanimada. O mais agradável de tudo é a voz adorável (melodiosa) que emana desse nobre líder.

**6.1** — Os componentes do coro agora participam da busca. Na cena do sonho, suspeitamos que ele sabe muito bem onde o amado se encontra. Resta apenas a noiva inteirar-se de seu paradeiro.

**6.2** — *Seu jardim...* Há uma mudança na linguagem em relação a Cantares 4.12-16. Na noite de seu casamento, a noiva se ofereceu a Salomão como seu jardim. Porém, o rei tem outro *jardim* para cuidar, no qual tem também um grande prazer. Trata-se do *jardim* de seu trabalho, sua responsabilidade como governante de Israel. O seu povo é um rebanho; os lírios representam os frutos da terra. Esta percepção leva à forte afirmativa de que esposo e esposa pertencem um ao outro. A palavra *jardim* é empregada também em Cantares 6.11.

**6.3** — *Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu*. Essas palavras são uma inversão das palavras de Cantares 2.16; compare também com Cantares 7.10. *Ele se alimenta entre os lírios*. Com essas palavras, a noiva se inteira da realidade. Por mais que ela e Salomão se amem, ele ainda tem outras responsabilidades, e ela também. Seu trabalho como rei o torna pastor de seu povo, mas, ainda assim, seu amor por ela não diminui por causa de sua dedicação ao próprio trabalho.

**6.4-7** — *Formosa e aprazível*. A primeira palavra é aquela que, geralmente, é traduzida como *formosa* (Ct 1.8,15; 4.1); a segunda é a palavra mais rara para beleza usada primeiro em 1.5.

*Tirza e Jerusalém*. Salomão idealiza a beleza de ambas as cidades, da mesma forma como as pessoas falam das belas cidades atuais.

*Um exército com bandeiras*. À distância, há certa beleza na disposição de um exército, especialmente para um rei.

**6.8,9** — *Sessenta e oitenta*. O emprego desses números é um recurso retórico para enfatizar que apenas esta noiva é o amor de Salomão. *A louvação*. Aqui, usa-se este verbo fora do contexto de louvar a Deus.

**6.10** — *Alva, lua e sol*. O enlevo do rei, assim que pensa em sua esposa, alça sua alma às alturas.

**6.11** — Aqui, o termo *jardim* refere-se à terra natal da sulamita.

**6.12,13** — O coro conclama a noiva para abandonar seus devaneios e lembrar-se de que ela é a rainha de Salomão. *Sulamita*. O termo não é um nome, mas um título, o qual pode significar *mulher da aldeia de Sulam*. Porém, costuma-se considerar a moça nascida em Suném. Seu título soa muito parecido com a pronúncia hebraica do nome Salomão. Ambas as palavras estão ligadas à palavra hebraica traduzida como paz (*shalom*).

*As fileiras de dois exércitos*. Em hebraico, a palavra é Maanaim, cidade para onde Davi fugiu de Absalão (2 Sm 17.24). A moça se oferece para dançar perante o seu amado, a fim de que ele desfrute de sua beleza em movimento.

**7.1-4** — Salomão faz uma homenagem à beleza de sua noiva. Ao olhar com amor, o ser amado pela pessoa possui uma beleza que transcende o que os outros possam enxergar.

*Filha do príncipe*. Embora tenha nascido em berço comum (Ct 1.2), a sulamita tem uma beleza digna da realeza.

*As voltas de tuas coxas*. O termo hebraico sugere não apenas a sua forma, como também o movimento fluido de sua dança (Ct 6.13).

**7.5** — *A tua cabeça sobre ti é como o monte Carmelo*. A leitura não literal *carmim*, do hebraico *karmil*, preserva melhor o paralelismo com a próxima oração. Suas madeixas fluidas e seu belo rosto são fonte de maior deleite para Salomão, que está, literalmente, cativado por eles.

**7.6** — Este versículo resume a alegria do rei pela beleza da noiva. *Formosa*. Este termo (aqui, em forma verbal) de beleza é empregado muitas vezes no livro (Ct 1.8,15).

*Amor*. Nesta passagem, como em Cantares 2.4, ele emprega o termo comum para *amor*.



## PERFIL

### QUEM FOI A SULAMITA?

Apenas em uma ocasião, Cantares identifica a noiva do poema como *sulamita* (Ct 6.13), e nenhuma outra referência revela diretamente sua identidade. Quem, então, foi esta moça que se tornou objeto tão intenso das afeições de Salomão? Há diversas sugestões.

- Ela pode ter sido uma mulher de Suném, cidade no território de Issacar, próximo a Jezreel (Js 19.18). Neste caso, ela teria sido conhecida como a sunamita, mas, ao cambiar as letras *lamed* (l) e *nun* (n), o que era feito comumente, ela também poderia ter sido chamada de sulamita.
- Ela pode ter sido Abisague, a virgem sunamita que acompanhou Davi em sua velhice (1 Rs 1.1-4.15). Após a morte de Davi, um de seus filhos, Adonias, solicitou Abisague. Mas isso era algo indevido, já que Salomão, o sucessor nomeado por Davi, teria direito a dispor dela bem como das demais esposas e concubinas do pai (1 Rs 2.17-22).
- Talvez *sulamita* também possa ser transcrito como *selomite*, o que tornaria o nome um título feminino relacionado ao nome Salomão: *a Salomona*.

**7.7,8** — *Palmeira*. Trata-se de uma imagem sexual com base na polinização das palmeiras. Para fertilizar uma palmeira fêmea, o jardineiro sobe na palmeira macho e tira algumas flores dela. Depois, sobe na palmeira fêmea e amarra as flores portadoras de pólen entre seus ramos.

**7.9,10** — *Afeição*. Esta palavra é usada apenas três vezes na Bíblia. Aqui, ela significa claramente *desejo sexual*.

**7.11,12** — Ela se familiarizava com todos os ambientes, mas especialmente com as *vinhas* (Ct 1.6; compare a Ct 8.12). *Meu grande amor*. Isto se refere a um acolhimento sexual (a mesma palavra é utilizada em Cantares 1.2).

**7.13** — Desde o princípio dos tempos, as *mandrágoras* são associadas à fertilidade (Gn 30.14).

**8.1,2** — *Meu irmão*. O amor da noiva por seu amado era tão intenso que ela queria tê-lo conhecido intimamente a vida toda.

**8.2** — *Vinho aromático*. Os vinhos da Antiguidade eram, frequentemente, temperados com aromatizantes em ocasiões especiais (Pv 9.2).

**8.3,4** — *Esquerda e direita*. A repetição de Cantares 2.6,7 pontua tanto a alegria da intimidade sexual dentro do matrimônio quanto os alertas contra a atividade sexual antes do casamento.

**8.5** — O rei leva sua noiva à sua terra natal em visita. A *macieira* simboliza o local onde a sulamita fora despertada sexualmente e onde sua mãe a tinha dado à luz.

**8.6** — Um *selo* simboliza a posse ou a propriedade. A sulamita deseja que o rei sinta possuí-la completamente em seu *coração*. Ela só se comprometeu com ele, e deseja que ele se comprometa completamente com ela. Enquanto residir em seu coração, ela se sente segura. Ela sabe que o amor profundamente enraizado em um compromisso é *forte como a morte* e ardente como *brasas de fogo*.

**8.7** — *Apagar e desprezariam*. A mensagem deste vigoroso versículo é que o verdadeiro amor não pode ser destruído nem comprado.

**8.8** — A sulamita viera de um lar sem pai, onde fora criada por sua mãe e seus irmãos (Ct 1.6). Eles alternavam entre ter zelosa preocupação com ela e sentir raiva dela. Mas, enquanto ela crescia, os irmãos protegiam-na.

**8.9** — *Se ela for um muro*. Com isso, os irmãos queriam dizer que a elogiariam por sua virtude e fibra durante a puberdade.

*Se ela for uma porta*. No entanto, caso ela fosse volúvel como uma porta de vaivém, teriam de protegê-la de si própria e dos avanços impróprios de outros rapazes.

**8.10** — A mulher declara que foi virtuosa quando jovem — *um muro* — e que continuará a ser fiel em sua vida adulta — *torres*. Dessa forma, ela obtém a *paç*. É inesperado encontrar esta substanciosa palavra hebraica tratando, aqui, de realização sexual.



**8.11,12** — Salomão era dono de muitas vinhas, algumas delas em áreas distantes de Jerusalém. *Baal-Hamom* (Senhor de Hamom) era uma localidade próxima a Suném, a aldeia onde a sulamita pode ter crescido. Era costume dos proprietários ausentes alugar suas plantações de uvas. Assim como a vinha de Salomão havia sido colocada sob os cuidados dos irmãos da sulamita, também a própria sulamita o havia sido. Depois de cuidar da vinha, os irmãos obtiveram um lucro de mil siclos. No entanto, eles também cuidaram da outra *vinha* do rei e protegeram-na: a sulamita. Agora, ela reivindica que seus irmãos recebam a recompensa de dois mil siclos de lucro.

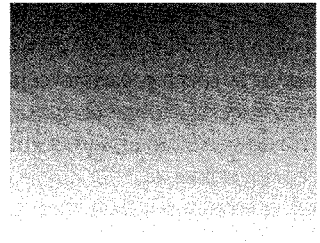
*A minha vinha.* Esta expressão nos remete a Cantares 1.6, onde a sulamita faz um jogo de

palavras com *vinha*. Aqui, ela observa a sua antiga vinha (Ct 7.12), mas indica que, agora, tem outra *vinha* para cuidar: seu querido marido.

**8.13** — *Os companheiros.* Esta pode ser uma referência aos amigos da mulher, que moram ali perto.

**8.14** — *Vem depressa.* No período de cortejo, a moça havia pedido a seu pretendente que corresse para longe dela feito *gamo* ou *filho dos corços*, para que não se deixassem levar pela paixão cedo demais. Agora que estão unidos em um casamento com amor, ela quer que ele corra para ela (Ct 4.6).

*Os montes dos aromas.* Ela quer que ele retorne ao seu amor acolhedor (Ct 1.13; 4.6).



O livro de

---

# Isaías

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**I**saías tinha uma missão na vida. O Senhor permitiu-lhe um vislumbre de Seu glorioso trono e convocou-o para um ministério de tempo integral. Na condição de profeta, ele transmitia as mensagens de Deus. Na maior parte, eram denúncias, exortações e advertências — discursos que tornaram Isaías malquisto pelos líderes do povo. Contudo, mesmo ao deparar com opositores, ele continuava a defender a verdade. O Senhor o convocou para advertir o povo de que o desastre era iminente.

O livro de Isaías registra os clamores proféticos, porém destaca as promessas divinas e a esperança de, um dia, o Messias vir ao mundo, salvar a humanidade, confortar e abençoar Seu povo.

O livro de Isaías está repleto de mensagens proféticas, anunciadas por

meio de metáforas, comparações e outras figuras de linguagem. Assim, compreender a literatura profética hebraica exige que se conheça e interprete o paralelismo de ideias, pois os hebreus empregavam o paralelismo na poesia e na profecia como técnica literária para ressaltar determinada ideia. Por exemplo: *O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, a manjedoura do seu dono, mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende* (Is 1.3). Na primeira parte do versículo, tanto o boi quanto o jumento conhecem aqueles de quem dependem, ou seja, o seu possuidor (provedor), bem como a manjedoura do seu dono (a dádiva que recebem). A segunda parte do versículo põe em contraste o conhecimento instintivo [e a consequente docilidade e obediência] dos animais com o comportamento dos israelitas

[caracterizado pela deslealdade e pela ignorância para com Deus, Seu Senhor]. Israel não conhece o *seu dono* e, embora seja o povo de Deus, *não entende* as dádivas divinas. Assim, a segunda parte do versículo cria uma analogia em paralelo com a primeira.

A literatura poética emprega imagens coloridas que aludem a significados diversos. Diferente da prosa, que trata mais diretamente das realidades históricas, a poesia transporta os leitores e ouvintes a realidades espirituais, por meio da linguagem figurada.

Assim, em Isaías 42.15, as imagens evocadas — *montes e outeiros, erva, rios e lagos* — representam toda espécie de obstáculo — físicos e espirituais — ao retorno dos exilados a Jerusalém. A promessa do Senhor — *os montes e outeiros tornarei em deserto e toda a sua erva farei secar, e tornarei os rios em ilhas, e as lagoas secarei* — significa que esses obstáculos seriam eliminados por Ele, sendo removidos todos os impedimentos ao retorno dos exilados, assim como secou o mar Vermelho, muito tempo antes, para benefício dos mesmos israelitas.

De modo semelhante, em Isaías 41.18 as frases *abrirei rios e tornarei o deserto em tanques de águas* significam que Ele concederia, milagrosamente, provisões aos exilados na viagem de retorno, assim como, no deserto, fez sair água da rocha (Êx 17.1-6).

Outro importante elemento para se compreender a literatura profética é perceber que as profecias e seus arranjos nem sempre são apresentados numa perspectiva cronológica e às vezes têm mais de um cumprimento [um imediato, e outro futuro]. Por exemplo, a mesma profecia pode se referir à primeira e à segunda vinda de Jesus (Is 63.1,2). Da mesma forma, uma profecia pode referir-se tanto à concepção imaculada de Jesus quanto ao nascimento de um filho de Isaías durante a invasão de Peca. O oráculo sobre o servo Ciro, imperador persa do século 6 a.C. (Is 41.1-29), pode ser também uma profecia acerca de Jesus Cristo, o Servo do Senhor (Is 42.1-9). Em última análise, as interpretações de Jesus e dos autores do Novo Testamento nos

guiam na interpretação das profecias do Antigo Testamento.

Em seu ministério profético, Isaías falou a gerações de, pelo menos, três períodos históricos. Nos capítulos 1—39, ele proclama sua mensagem de condenação contra os israelitas do século 8 a.C., transmitindo o juízo que lhes sobreviria, por causa de seu comportamento imoral e idólatra. O juízo veio rápido, porque ainda durante o ministério de Isaías, Tiglate-Pileser III (745—727 a.C.), a fim de expandir o domínio da Assíria para o Ocidente, impôs tributos a Israel e Judá. Em 722 a.C., outro rei assírio, Sargão II, conquistou o Reino do Norte (Israel). Restou apenas a nação de Judá. Isaías, porém, previu que até Judá cairia — como de fato caiu, muito tempo mais tarde, em 586 a.C. [com a invasão babilônica, na época do reinado de Nabucodonosor].

Nos capítulos 40—55, Isaías consola a geração futura acerca dos penosos exílios — os judeus iriam pensar que Deus os havia esquecido (Is 40.27). Numa série extraordinária de profecias, apresenta a tese de que o cativo de Israel não se deve à superioridade dos ídolos babilônicos, mas à vara disciplinadora do Senhor de Israel (Is 42.23-25). O profeta previu o retorno dos exilados e incentivou os remanescentes judeus a manter o bom ânimo (Is 52.1-10), a fugir da Babilônia (Is 48.20,21) e a confiar o futuro ao Todo-poderoso (Is 41.14-20).

Por fim, na terceira parte (cap. 56—66), Isaías exorta os judeus que haveriam de regressar à sua terra, período em que o templo já estaria reconstruído (Is 58.12; 61.4; 64.10) ou talvez durante sua reconstrução (Is 66.1). Isaías incentivava os judeus a apartarem-se da ganância (Is 56.9-11), do comodismo (Is 56.12), da idolatria (Is 57.3-10), do cinismo (Is 57.11-13) e da falsa moralidade (Is 58.1-5), mas também prevê que a comunidade se dividirá entre adoradores falsos e verdadeiros (cap. 65 e 66).

A restauração total de Israel ainda está por acontecer (Is 49.8-26). O Messias prometido aparecerá futuramente (Is 61.1-3). Depois, os gentios, com o grupo de remanescentes fiéis

israelitas, tornar-se-ão todos *servos* do Senhor (Is 56.3; 65.1,15,16) e irão constituir uma nova nação (Is 65.1; 66.8). O triunfo final do bem sobre o mal terá de aguardar o novo céu e a nova terra.

Quanto à autoria do livro, Isaías, filho de Amoz, é tradicionalmente identificado como o escritor de todo o documento que leva seu nome (Is 1.1). Todavia, com o surgimento da crítica histórica, no final do século 19, a autoria de Isaías foi intensamente debatida. O livro trata de três períodos históricos diferentes, por isso alguns críticos concluíram que o livro teria três autores.

Como os capítulos 1—39 tratam de Israel em sua luta contra as invasões assírias, na segunda metade do século 8 a.C., a maioria dos estudiosos concorda em que essa primeira parte do livro foi escrita por Isaías, filho de Amoz, o chamado Proto-Isaías (ou Primeiro Isaías). Pelo fato de os capítulos 40—55 falarem aos abatidos exilados na Babilônia da primeira metade do século 7 a.C., dois séculos depois do que viveu o primeiro profeta Isaías, há quem presuma que um segundo autor, denominado Deutero-Isaías (ou Segundo Isaías) teria escrito esses capítulos. O restante do livro (cap. 55—66) trata das controvérsias que atribularam a comunidade judaica pós-exílio na segunda metade do século 7 a.C. Assim, essa última parte foi identificada como obra ou do Deutero-Isaías, ou de outro autor, anônimo, que foi chamado Trito-Isaías (ou Terceiro Isaías).

A base dessa análise complexa do livro de Isaías pressupõe que um profeta hebreu só podia dirigir-se aos seus contemporâneos, e não a gerações de outras épocas. De acordo esses críticos textuais, a predição de um acontecimento futuro, como a nomeação profética de Ciro, prevista por Isaías 200 anos antes que esse rei subisse ao

trono (Is 44.28; 45.1), é simplesmente impossível. Contudo, opondo-se à pressuposição dos críticos, o profeta costumava pedir a uma geração que se inteirasse dos acontecimentos de outra.

Moisés, por exemplo, dirigiu-se à nova geração de israelitas em Moabe como se ela tivesse participado das ocorrências no monte Sinai (Dt 5.3). Ainda assim, nenhum dos ouvintes de Moisés, exceto Josué e Calebe, havia estado lá (Dt 1.35-38). Isaías, que começou seu ministério em 740 a.C. e o encerrou por volta de 681 a.C., também usou essa técnica. Ele ordenou aos israelitas: *Sai da Babilônia* (Is 48.20) muitas gerações antes do exílio na Babilônia, ocorrido em 586 a.C., e do retorno, em 538 a.C. Foi uma predição ousada que serviu para sustentar a fé e a esperança dos exilados, como no caso de Esdras e Neemias.

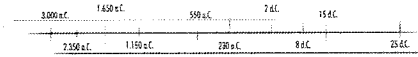
Assim, as evidências internas do livro de Isaías apontam para um único autor, a saber, o profeta Isaías. Diferentemente dos livros compostos por vários autores, como Salmos e Provérbios, não há notas editoriais em Isaías que indiquem a mudança de autoria (Is 2.1; 13.1). Além disso, há inúmeras semelhanças linguísticas por todo o livro, próprias de um único escritor, como o emprego de títulos divinos relativamente raros: *Santo de Israel* e *SENHOR dos Exércitos*. As variações de estilo entre os capítulos 1—39 e 40—66 podem ter sido intencionais — para aludir a temas diferentes e a perspectivas alteradas, talvez em decorrência do amadurecimento do estilo literário do profeta.

O Novo Testamento confirma a visão de que foi Isaías o autor do livro inteiro. Por exemplo, o apóstolo João atribui as profecias de Isaías 53.1 e 6.9 a esse profeta (Jo 12.38-41). Assim, não há razão convincente para afirmar que Isaías não é o único autor do livro inteiro.

## LINHA DO TEMPO

## CRONOLOGIA EM ISAÍAS

- Ano 930 a.C. — Os reinos do Norte e Sul se dividem
- Ano 792 a.C. — Azarias (Uzias) sobe ao trono de Judá
- Ano 755 a.C. — Isaías começa a profetizar em Judá
- Ano 752 a.C. — Jotão sobe ao trono de Judá
- Ano 736 a.C. — Acax sobe ao trono de Judá
- Ano 734 a.C. — Israel e Síria batalham contra Judá
- Ano 732 a.C. — Damasco é tomada pelos assírios
- Ano 729 a.C. — Ezequias sobe ao trono de Judá
- Ano 722 a.C. — O Reino do Norte é capturado pelos assírios



## ESBOÇO

I - O ambiente siro e assírio — 1.1—39.8

A - Introdução — 1.1-31

B - Condenação do orgulho do povo e promessa da exaltação no Senhor — 2.1—5.30

C - Isaías recebe chamado para ser profeta do Senhor — 6.1-13

D - Condenação do temor das nações no lugar do temor a Deus — 7.1—12.6

E - O dia do Senhor: profecias acerca da destruição das nações — 13.1—23.18

F - O pequeno apocalipse: juízo e restauração — 24.1—27.13

G - Seis ais e promessas de salvação — 28.1—35.10

H - A história de Ezequias e Isaías — 36.1—39.8

II. O ambiente babilônico — 40.1—55.13

A - Introdução — 40.1-31

B - As nações sob julgamento — 41.1—46.13

C - Profecias de salvação e profecias sobre o Servo Sofredor — 47.1—55.13

III. O ambiente pós-exílico — 56.1—66.24

A - Identificando o verdadeiro povo de Deus — 56.1-8

B - Uma condenação de Israel — 56.9—57.13

C - A morada de Deus com os contritos — 57.14-21

D - Condenação do jejum hipócrita — 58.1-14

E - Restauração do Israel arrependido — 59.1-8

F - Lamento de Israel — 59.9-15

G - O Senhor redime Seu povo — 59.16-21

H - O futuro glorioso de Jerusalém — 60.1—62.12

I - Lamento de Israel — 63.1—64.12

J - Contraste entre o verdadeiro Israel e o Israel nominal — 65.1—66.24

## COMENTÁRIO

**1.1** — Deus usou *Isaías* para comunicar Sua mensagem a *Judá*, o povo do Reino do Sul, especificamente aos magistrados, sacerdotes e profetas de *Jerusalém*. A nação de Israel está dividida em duas partes: Judá (Reino do Sul) e Israel (Reino do Norte). A mensagem de Isaías é dirigida principalmente ao Reino do Sul, mas também se aplica ao Reino do Norte, pois a nação inteira está trilhando o caminho do pecado e da idolatria, que

acabará por destruí-la. Assim, nesse livro, às vezes a palavra *Israel* se refere a ambos os reinos, o do Sul e o do Norte. Isaías viveu para testemunhar a captura do Reino do Norte pela Assíria, em 722 a.C. Portanto, esse registro das visões de Isaías contém as revelações que Deus amorosamente concedeu durante os reinados de *Uzias* (792—740 a.C.), *Jotão* (752—736 a.C.), *Acax* (736—720 a.C.) e *Ezequias* (729—699 a.C.). Como Deus não muda e Sua Palavra é eterna, a revelação também é válida para Seu povo nos dias de hoje.

1.2,3 — O indiciamento contra Judá consiste de duas partes: (1) Isaías convoca céu e terra a testemunhar o julgamento (v. 2); (2) o Senhor, como Autor da ação, indicia a nação de Judá, aqui chamada *Israel* (v. 2,3).

1.2 — Moisés, que mediará o pacto de Deus com Israel no Sinai, convocou os céus e a terra (ou seja, toda a criação) a testemunhar que Ele havia alertado os israelitas de que seriam julgados por sua desobediência (Dt 4.24; 30.19; 31.28). Assim como Jacó e Labão fizeram de uma pilha de pedras uma testemunha do acordo entre ambos (Gn 31.43-55), também a criação é considerada uma testemunha adequada para o caso entre Deus e Israel. O relacionamento entre Ele e Seu povo é pessoal. Ele compara Israel a *filhos* ingratos (Is 63.8; Êx 4.22; Os 11.1). O termo hebraico traduzido por *prevaricaram* significa recusar-se a se submeter à autoridade e ao poder de alguém (Is 63.10; 66.24).

1.3 — Até mesmo o *boi* e o *jumento* reconhecem o *dono* que os alimenta e, portanto, não se rebelam contra ele. Mas Israel, os filhos que o próprio Deus criara e exalçara (v. 2), rebelou-se contra Ele. A rebelião de Judá é incompreensível e imperdoável.

1.4-9 — A acusação de Isaías contra Judá consiste de três partes: (1) Judá se rebelou (v. 4); (2) Judá não se arrepende, apesar da disciplina (v. 5-8); (3) só a graça de Deus poupará da aniquilação uma pequena parcela de povo (v. 9).

1.4 — *Nação pecadora*. Embora Deus aja como um Pai para o povo, este prefere o pecado (Is 5.1-7). O *Santo de Israel* é o título favorito de Isaías para Deus. O Senhor é santo porque existe profunda diferença entre Ele e toda a humanidade (Is 40.25). Apenas Ele é o Criador (Is 45.11,12) exaltado nos céus (Is 6.1-3) e sem pecado (Is 6.4-7). Só Ele é o Juiz perfeito (v. 20) e Protetor dos fiéis (Is 10.20; 43.3). Ainda assim, a expressão *de Israel* afirma que o Santo mantém um relacionamento com Seu povo (Sl 40.1).

1.5-8 — Primeiro Isaías compara a aflição do povo a um soldado muito ferido (v. 5,6) e depois descreve a devastação do território em consequência da guerra (v. 7,8).

1.5 — Isaías responde à própria pergunta indignada — *Por que seríeis ainda castigados?* O povo apenas se tornará *mais* rebelde. Orar mais só fará endurecer o coração deles (Is 6.9,10). Em Isaías 53.4-6, o profeta revela a bondosa resposta de Deus ao coração duro do povo. O Senhor açoitará Seu Servo no lugar dos pecadores (Is 53.4-6). Um amor assim conquista até o maior dos rebeldes (Rm 5.8).

1.6,7 — *Do pé à cabeça* significa tudo e todos. As feridas de Judá não estão *espremidas* nem *ligadas* (com curativos), e nenhuma está *amolecida*, porque o povo não quer se arrepender.

1.8 — *A filha de Sião* é uma bela personificação de Jerusalém (Is 37.22; 60.14). Na verdade, a preposição *de* nessa expressão induz um pouco ao erro de interpretação. *Filha de Sião* parece indicar que Sião *tem* uma filha, mas Sião *é* a filha — filha do Senhor. Já as expressões *cabana na vinha* e *choupana no pepinal* referem-se aos barracos que serviam de abrigo a fazendeiros e vigilantes durante a colheita.

1.9-17 — O convite ao arrependimento divide-se em três partes: (1) apelo de Isaías aos reis e ao povo de Jerusalém para que ouçam a orientação do Senhor (v. 9,10); (2) dura condenação e rejeição, por parte de Deus, à adoração formal e de aparências prestada pelo povo (v. 11-17); (3) convite de Deus ao povo, para que este se arrependa e pratique a justiça para que se salvem da morte (v. 18-20).

1.9 — O título *SENHOR dos Exércitos* refere-se ao domínio de Deus sobre todos os poderes do céu e da terra e sobre o exército angelical. Esse título é um dos preferidos de Isaías, porque diz respeito à santidade e à supremacia de Deus. A sobrevivência de Judá não se deverá, em última análise, à fraqueza do inimigo, mas ao poder de Deus. Embora decidido a punir Seu povo pecador, Ele preservará um *remanescente* (Is 6.13; 10.20; 11.16) porque é fiel à promessa que fez a Abraão (Gn 22.16-18; Êx 34.6,7; Mq 7.19,20; Rm 9.29; 11.5). A palavra *remanescente* significa basicamente *sobrevivente* (Nm 21.35; Js 8.22).

*Sodoma e Gomorra* eram vistas como exemplo máximo de corrupção. Dizer que Jerusalém se

tornou como essas cidades é uma acusação fortíssima (Ap 11.8). Em outras passagens da Bíblia, ambos os nomes são usados como símbolos do juízo final de Deus sobre os pecadores (Am 4.11; Mt 10.15; 2 Pe 2.6).

**1.10-15** — Deus deseja *sacrifícios*, mas não de quem lhe desobedece e maltrata o próximo, ainda que o sacrifício apresentado seja o melhor.

*Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar*, disse Samuel, um dos primeiros profetas (1 Sm 15.22,23). Os profetas posteriores concordaram (Os 6.6; Am 4.4; Mq 6.6-8), e também o Senhor Jesus (Mt 23.23). Deus julga não apenas os atos públicos de devoção realizados em público, mas também, principalmente, o propósito de nosso coração (1 Co 4.5).

**1.13-15** — Temos aqui uma reprovação item por item das festas sagradas observadas pelo povo judeu: a festa da *Lua Nova* (Nm 28.11-15), os *sábados* (Êx 31.14-17) e outras *solenidades* (Êx 23.14-17), festivais realizados *debalde*, porque o povo não os celebrava por amor a Deus.

**1.14** — Deus ironiza as festividades, dizendo que elas são *vossas* (e não dele) *festas da lua nova*, pois o povo deturpou a intenção das leis cerimoniais de Deus, que era a obediência ao Senhor em amor e com entendimento. [Os israelitas observavam essas leis apenas como rituais; algo externo, sem significado profundo].

**1.15** — Deus não vê com bons olhos as *mãos* estendidas com fervor daqueles que oprimem o próximo, assim como não ouve suas inúmeras *orações* (Tg 4.1-6).

**1.16-20** — O convite ao arrependimento está dividido em três partes: (1) o povo deve se purificar, praticando a *justiça*, ajudando o *oprimido* e defendendo o *direito do órfão* (Tg 1.27) e da *viúva*; (2) Deus em pessoa purificará o povo se este aceitar essa condição; (3) como Juiz perfeito, Deus reprova o perverso e defende o inocente (Is 11.4).

**1.17,18** — O verbo traduzido como *argui-me* tem implicações legais; evoca a ideia de uma pessoa arguida em juízo. Não adianta buscar um meio-termo: o povo precisa concordar com Deus sobre a extensão e gravidade de seu pecado. Deus

não inocenta Seu povo, mas está disposto a perdoar-lhe, caso se arrependa e volte para Ele. Deus oferece-nos esse mesmo perdão. Ele não nega nossa tendência de pecar, mas oferece a nós o perdão por meio do preço que o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, com Sua morte, pagou pela remissão dos pecados da humanidade.

A expressão *diz o SENHOR* sugere uma oferta bondosa feita repetidas vezes por uma instância superior. A *escarlata* evoca a imagem de mãos cheias de sangue (v. 15). A graça e o poder de Deus podem tornar as manchas de sangue brancas *como a neve* (Rm 3.21-26). As palavras *escarlata* e *brancos* também sugerem a imagem de vestes sujas (Is 64.6) que, na Antiguidade, não podiam mais ser limpas (quer dizer, até ficarem totalmente brancas). Mas Deus é capaz de nos purificar e, ainda assim, fazer valer Sua Justiça, porque Jesus morreu pelos pecadores (Rm 3.21-26).

**1.19,20** — A oferta de Deus tem sua outra face. Se os pecadores não se arrependerem, em vez da promessa: *comereis o bem desta terra* (Is 3.10), valerá a ameaça: *sereis devorados à espada*. A promessa ou a ameaça se cumprirá, pois foi o SENHOR quem as declarou. Aqui, o verbo *disse* indica finalidade (compare com o verbo *diz*, no v. 18). Se por um lado Deus manteve Sua bondosa oferta por um longo período, por outro foi a única oferta que lhes fez. O povo não pode regatear o acordo com Ele (Is 40.5; 55.11).

**1.21-31** — Nesses versículos, Deus declara a intenção de purificar Israel. O anúncio está dividido em duas partes: (1) predições de juízo (v. 21-26); (2) execução da sentença de Deus (v. 27-31). O propósito de Deus não é destruir Judá, e sim purificá-la de toda injustiça social (v. 25,26) e resgatá-la da idolatria (v. 27-31). A idolatria e a injustiça são inseparáveis. O povo que deixa de confiar no Deus amoroso e justo começa a oprimir os pobres e indefesos (Jr 23.13,14; Os 4.1-14; Am 2.6-8).

**1.22,23** — A *prata* e o *vinho* desqualificados representam aqui os reis injustos de Jerusalém.

**1.24,25** — Foi a *mão* de Deus que libertou Israel do Egito. Agora essa mesma mão será contra o povo, para exercer juízo.

1.26 — O objetivo de Deus para Jerusalém é torná-la uma *cidade de justiça*, na qual o Senhor seja adorado fielmente e para sempre.

1.27,28 — A palavra *remida*, em hebraico, significa resgatada ou pessoa libertada da posse de outra por meio do pagamento de determinada quantia. *Os que voltam para Sião*, depois de abandonar os ídolos e a injustiça, estão livres do pecado e do juízo vindouro. Por fim, como todo pecador perdoado, a justiça lhe será imputada por meio de Jesus Cristo e promovida pelo Espírito Santo. É claro que essas verdades ficam claras apenas no Novo Testamento. O juízo passa, mas a beleza de Sião nunca passará.

1.29 — Os ídólatras ficarão envergonhados porque os *carvalhos* e os *jardins* consagrados aos rituais de fertilidade e de adoração aos ídolos não conseguirão salvá-los quando o juízo for executado (Is 65.3).

1.30,31 — O *carvalho* aqui representa tanto a árvore consagrada a ídolos (v. 29) quanto todo rei forte e dominador de Israel. *Sua obra* talvez seja uma referência à injustiça dos tiranos de Israel (v. 23), que se opunha à obra piedosa do Senhor (Is 5.12).

*Ambos arderão juntamente, e não haverá quem os apague.* Deus purificará Sua criação dos orgulhosos por obra de Seu juízo benigno e depurador.

2.1-5 — A profecia de Isaías sobre a exaltação de Sião divide-se em três partes: (1) apresentação que situa a visão *nos últimos dias* (v. 2); (2) visão de Sião estabelecida como a montanha mais importante (v. 3,4); (3) conclusão, na qual Judá é exortada a obedecer à lei até que se cumpra a visão (v. 5).

2.2 — Alguns interpretam a expressão *nos últimos dias* como uma alusão à nova época iniciada com obra de salvação de Cristo e a vinda do Espírito Santo no Pentecostes (At 2.17). Segundo esses estudiosos, essa profecia só se cumprirá cabalmente com a segunda vinda do Messias (1 Co 15.28). Outros entendem essa passagem como uma referência às condições do reino futuro de Cristo. Leia o desenvolvimento completo desse tópico em Miquéias 4.1-4.

Assim como a *Casa do SENHOR* (o templo) é uma tipificação do santuário celeste (Hb 9.24),

presumivelmente também o *monte* (Sião) é a sombra de uma realidade celestial (Hb 9.23,24; 12.22-24). No reino vindouro, a cidade de Jerusalém e seu glorioso templo tornar-se-ão proeminentes outra vez. Os falsos deuses, aos quais os pagãos erigiam seus templos em montanhas sagradas, serão desbancados. Assim, erigir a Casa do Senhor no *cume dos montes*, como a montanha mais alta, significa estabelecê-lo entre as nações como o único Deus verdadeiro.

2.3 — Ao citar as palavras do povo: *Vinde, subamos ao monte do SENHOR*, Isaías representa vividamente o coração dos regenerados da nação, já que os degenerados não buscam a Deus (Rm 3.11).

Na época do Antigo Testamento, só Israel subia o monte Sião. Mas na era do Reino de Deus todas as nações subirão ao templo de glória. Hoje, o Senhor Jesus tem autoridade sobre toda nação e concede vida eterna aos que nele confiam (Mt 28.18-20; Jo 17.2). Quando todos os gentios eleitos tiverem sido resgatados (Rm 11.1-17), as verdadeiras dimensões dessa passagem serão conhecidas. Então, Israel será apascentado outra vez, e as nações subirão a Sião. Os ensinamentos do Senhor Jesus Cristo, Rei de toda a terra, fluirão a partir de Jerusalém como um néctar agradável e revigorante.

2.4 — As nações da terra têm-se envolvido em guerras desde o início da história humana. Ocasionalmente, vislumbra-se um sonho efêmero de paz mundial. Mas esse sonho nunca se realizou. Enquanto isso, os apetrechos bélicos vão se tornando cada vez mais sofisticados. Alguns países possuem armas e métodos de ataque com potenciais horripilantes para destruir pessoas e coisas. No futuro glorioso, porém, todas as guerras e armas terão fim. Isso só será possível no reinado do Príncipe da Paz (Is 9.6), o Rei Salvador cujo nome é Jesus.

2.5 — Isaías inclui-se no rol dos justos remanescentes e os incentiva: *andemos*. Mesmo que não possam ver o futuro glorioso de Sião, continuarão a ter fé nas promessas de Deus e a obedecer à Sua lei. A *luz* é uma metáfora da lei de Deus, a qual ilumina o caminho que leva à vida eterna (Sl 119.105).





## EM FOCO

## LUZ (HB. 'OR)

(Is 2.5; 9.2; 58.8; Ec 2.13; 11.7)

Essa palavra significa *luz* no sentido literal ou simbólico. A palavra hebraica denota, muitas vezes, a *luz do dia* ou o *alvorecer* (Jz 16.2; Ne 8.3), mas também pode simbolizar *vida e libertação* (Jó 33.28,30; Sl 27.1; 36.9; 49.19; Mq 7.8,9).

Na Bíblia, a luz está frequentemente associada ao conhecimento e à compreensão verdadeiros (Is 42.6; 49.6; 51.4; Jó 12.25) e até ao contentamento, à boa sorte e à bondade (Jó 30.26; Sl 97.11). A Bíblia descreve a luz como a *veste de Deus* — uma imagem viva de Sua honra, majestade, esplendor e glória (Sl 104.2; Hc 3.3,4).

Viver de maneira honrada é característica de quem *anda na luz do Senhor* (Is 2.5; Sl 119.105; Pv 4.18; 6.20-23).

**2.6-9** — A condenação de Judá por depositar sua confiança no lugar errado é pronunciada em três partes e na forma de oração: (1) sentença judicial (v. 6); (2) condenação de Judá por depositar sua confiança em feitiçaria, alianças pagãs, dinheiro, armas e idolatria (v. 6-9); (3) oração de encerramento, segundo a qual Deus não perdoará o povo por trocar a fé que deve ter nele pela fé nas obras das próprias mãos (v. 9). A lei proibía o rei de amearhar dinheiro, armas e alianças, de modo que ele sempre dependesse de Deus (Dt 17.16,17).

**2.6** — A exortação à *casa de Jacó* é necessária (v. 5), pois Deus desistiu dela, deixando-a à mercê da destruição. *Tu desamparaste* é condição momentânea, e não permanente, dos israelitas. Renunciar aos *costumes do Oriente* e aos *agoueiros*, que fazem parte da cultura da Mesopotâmia, será o sinal de verdadeira fé no Deus de Israel (Dt 18.10). A locução *se associam* pode ser traduzida por se apertam as mãos, sugerindo alianças políticas com estrangeiros. Veja 2 Reis 16.7 para saber quanto Acáz dependia de Deus para a salvação.

**2.7** — *Cavalos e carros* são as carruagens de guerra movidas a cavalo. As montarias de guerra eram um conceito desconhecido na época de Isaías.

**2.8** — A expressão *obra das suas mãos* refere-se, em especial, aos ídolos fabricados pelo homem.

**2.9** — *Os nobres se humilham* diante de coisas que são degeneradas em si — os ídolos. Querendo que Deus mantenha a ordem moral, mas conhecendo o caráter gentil do Senhor, Isaías

implora a Ele, lembrando: *não perdoarás* a quem se voltou para os ídolos.

**2.10-22** — Isaías prevê que, no dia do Senhor, apenas Ele será exaltado. A profecia é constituída de três partes: (1) ordem introdutória aos orgulhosos para que fujam do terror causado pelo Senhor (v. 10,11); (2) previsão de que, no dia do Senhor, toda pretensão será humilhada (v. 12-18); (3) ordem para que os justos se apartem dos orgulhosos (v. 22).

Os refrões *e só o SENHOR será exaltado naquele dia* (v. 11,17) e *quando ele se levantar* (v. 19,21) e a semelhança dos termos nos versículos 11 e 17 dão coesão à profecia, realçando-lhe o tema. O efeito da autoexaltação é a confrontação com o único Rei da Glória. Quem se pavonear perante o Santo será humilhado, assim como as bolhas de sabão estouram ao calor do Sol.

**2.10** — O *pó* simboliza a humilhação abjeta dos derrotados (Is 47.1; Gn 3.14; Sl 44.25). Os israelitas perversos terão de rastejar no pó perante o justo Senhor.

**2.11** — Os *olhos altivos* são a manifestação externa dos corações orgulhosos. O refrão *e só o SENHOR será exaltado* realça o tema dessa profecia e descreve a futura revelação gloriosa de Jesus, nosso Rei e Salvador. *Naquele dia*, o Salvador será exaltado sobre todos os adversários.

**2.12-19** — Essa profecia está dividida em três partes: (1) declaração sumária com ênfase na idolatria (v. 12); (2) relatório item por item das realizações pretensiosas que serão esmagadas, desde as que estão presentes na criação



## APLICAÇÃO

### UM VÁCUO NA LIDERANÇA — CRISE PÚBLICA

Qual a importância do caráter e da qualidade dos líderes de uma nação? Fundamental, segundo Isaías. Na época em que o versículo 3 foi escrito, a nação provavelmente prosperava sob a liderança justa e sábia do rei Uzias (por volta de 792—740 a.C.) ou de seu sucessor, o rei Jotão (por volta de 750—735 a.C.)

No entanto, Isaías previu uma época em que Deus abriria mão mesmo dos líderes principais (Is 3.1-3), deixando à disposição meras *crianças* sem experiência no comando de instituições sociais e sem respeito pela sabedoria tradicional. O resultado disso é que esses mancebos tornar-se-iam opressores egoístas (Is 3.4,5) que passariam com um rolo compressor por cima das necessidades dos pobres (Is 3.14, 15). Isso ocorreu quando Jerusalém foi tomada pela Babilônia (586 a.C.; 2 Rs 25.11,12,22-26), embora ninguém possa dizer se esse fato foi o cumprimento final da profecia de Isaías.

A lição era de que o vácuo na liderança leva à crise pública. Assim, nós, o povo de Deus dos dias de hoje, podemos impedir esse vácuo, fazendo o seguinte:

- recrutar e nomear as melhores pessoas possíveis, líderes de caráter sólido e grande capacidade de liderança;
- pagar e recompensar devidamente as pessoas que exercem função pública;
- dar apoio aos líderes e trabalhar do lado deles, ajudando-os a promover a boa governança e a impedir a deterioração social, econômica e moral;
- orar pelos líderes no exercício de suas funções;
- criar e treinar nossos filhos para serem os líderes notáveis das gerações futuras.

(v. 13,14) até aquelas feitas pelo homem (v. 15-17), seguido por uma declaração sumária com ênfase na idolatria (v. 17,18); (3) previsão de que o povo se esconderá na época do juízo divino (v. 19).

**2.12** — *Se exalta* é traduzido por *se exalçará* no versículo 2. Qualquer rival à exaltação de Deus será apequenado. O *dia do SENHOR* diz respeito a qualquer época em que o Senhor dos Exércitos seja o vitorioso (1.9), seja contra a Babilônia, por meio da Média (Is 13.1—14.27), seja contra o Egito, por meio da Babilônia (Ez 30.2-4), seja contra Israel, por meio da Assíria (Is 1.24; Am 5.18). Sofonias 1.14-16 apresenta de modo peculiar os acontecimentos desse dia.

A expressão também é utilizada para falar dos feitos passados do Senhor, quando Ele concedeu grande vitória contra o Egito ao libertar Israel, no êxodo (Êx 15.3). Da mesma forma, o dia da vingança do Senhor também pode ser o dia da redenção vindoura de Israel (Is 34.2—35.10), que representa o modo em que o Senhor derrotará definitivamente toda oposição ao Seu povo (Jl 3.14-16; Sf 2.2,9; 3.8-20). O dia do Senhor tem duas faces: (1) a noite do juízo de Deus; (2) a alvorada de Sua salvação após o juízo. Isaías

emprega essa expressão para descrever um dos dois aspectos, ou ambos.

**2.13-15** — *Os cedros do Líbano e os montes altos* (as realizações pretensiosas da criação), bem como a *torre alta* e o *muro firme* (as realizações pretensiosas feitas pela humanidade) serão humilhadas, para que o arrogante enxergue a grandeza de Deus.

**2.16,17** — *Os navios de Târsis* eram embarcações imensas, feitas para navegar no oceano, objetos de estima de seus arrogantes construtores, que as consideravam mais importantes que Deus.

**2.18** — O termo *ídolos* significa coisas sem valor.

**2.19** — A menção das *concauidades das rochas* e das *cavernas da terra* indica que as pessoas irão correr de medo, feito animaizinhos assustados, sem ter onde se esconder (Mt 24.16). A presença de Deus será espantosa porque causará pavor aos ímpios (Sl 14.5).

**2.20,21** — Os ídolos, agora sem nenhum poder, abandonarão os arrogantes na época do juízo de Deus, e estes então os lançarão *às toupeiras e aos morcegos*, roedores imundos de pequeno porte que causam nojo nas pessoas.

2.22 — *Afastai-vos*. Deus rejeita os ídólatras e os orgulhosos, portanto, os fiéis devem rejeitá-los também. É ridículo confiar no homem cujo fôlego está no seu nariz, isto é, que tem uma existência limitada, em vez de depositar sua confiança naquele que concede o fôlego de vida a todos.

3.1-9 — Esse juízo contra Jerusalém e Judá está dividido em duas partes: (1) sentença judicial contra a anarquia (v. 1-7); (2) acusação de arrogância (v. 8, 9).

3.1 — A conjunção *porque* liga essa profecia com a exortação anterior, de cortar relações com o arrogante (2.22). Deus *tirará* os líderes de Judá pela espada e pelo exílio. Não é dada uma referência histórica porque a verdade é universal (2 Rs 25.18-21).

3.2,3 — A administração de Judá organizava-se em torno de guerreiros: o *valente*, o *soldado*, o *capitão de cinquenta*; de sábios: o *juiz*, o *ancião*, o *respeitável*, o *conselheiro*; de mediadores religiosos: o *profeta*, o *adivinho*, o *eloquente*; de trabalhadores: os *artífices*.

3.4 — Em razão do julgamento de Judá pelo Senhor, os líderes mal-intencionados e injustos serão substituídos por *jovens e crianças*, ou seja, líderes inexperientes e incompetentes.

3.5 — A opressão de *um* pelo *outro* é o retrato de um estado anárquico. Nesse mundo de valores invertidos, o *menino* estará contra o *ancião* e o *vil* contra o *nobre*. O Senhor, ao exercer juízo, abandonará os perversos à perversidade deles próprios.

3.6,7 — Durante a época de carestia, a sociedade ficará tão carente de liderança e tão pobre que, para se qualificar como líder, tudo o que a pessoa precisará ter é uma *roupa*.

3.8,9 — A *língua* e os *olhos* do povo traem sua arrogância contra Deus.

3.9 — Considerada uma cidade horrivelmente pecaminosa (1.9), *Sodoma* foi destruída por Deus (Gn 19), e agora os israelitas desafiam abertamente a Deus praticando os mesmos pecados que os sodomitas.

3.10-15 — Essa profecia contra os líderes de Judá tem três partes: (1) afirmação de que Deus retribui tanto o bem quanto o mal (v. 10,11); (2)

acusação de que os líderes de Israel estão desviando o povo do bom caminho (v. 12); (3) processo penal divino contra os líderes, por explorarem seus súditos (v. 13-15; 1.23).

3.10,11 — *Comerão do fruto*. Compare essa ideia a que está em Isaías 1.19.

3.12 — As palavras de lamento referentes a *meu povo* (v. 15) lembram o lamento de Davi pelo seu filho transgressor, Absalão (2 Sm 18.33). A profunda diferença, é claro, está na culpa compartilhada entre Davi e seu filho. No caso do Senhor e Seu povo, a culpa recai apenas sobre o povo.

3.13 — *Para pleitear*. Trata-se de um termo judicial que significa defender um processo (Mq 6.1).

3.14 — *Esta vinha* representa a nação (Is 5.1-7), usada aqui como termo que representa o *pobre*. Os líderes haviam enganado os fracos a fim de saqueá-los (v. 15).

3.15 — O *SENHOR*, o *Deus dos Exércitos*. Veja a expressão semelhante em Isaías 1.9.

3.16—4.1 — A profecia contra as mulheres vaidosas de Judá está dividida em três partes: (1) acusação às mulheres de que andam se exaltando e serão humilhadas (v. 16,17); (2) lista dos adornos luxuosos a serem confiscados (v. 18-23); (3) representação da desolação de Jerusalém (Is 3.24—4.1). A profecia passa das mulheres de Sião (v. 16-23) à Filha de Sião, que personifica a cidade (Is 3.24-26), e então retorna às mulheres (Is 4.1). A continuação do texto esclarece que a glória enganosa do povo também está em questão. A profecia também passa da beleza vã de Jerusalém antes do exílio à condição vergonhosa da época do cativo (v. 24,25) e à sua desolação após o exílio (Is 3.26-4.1).

3.16 — O plural *filhas de Sião* sugere tanto as mulheres da cidade quanto uma personificação de Jerusalém (1.8). A locução verbal *vão dançando* provavelmente significa *passos como os de bebê*. O profeta demonstra escárnio diante de tanto fingimento e exibicionismo.

3.17 — A expressão *a sua nudez*, aqui associada com a *cabeça*, pode significar testa.

3.18-26 — *Corda, calvície e cilício* expressam a condição do povo levado em cativo. *Teus*

*varões* são os homens de Jerusalém. As *portas* de Sião *carpirão*, ou seja, irão lamentar-se, porque seus habitantes foram levados para o exílio por causa de seus pecados.

4.1 — A expressão *naquele dia* relaciona esse versículo com a unidade anterior (Is 3.16-26). As mulheres de Jerusalém, antes orgulhosas (Is 3.16-23), irão rebaixar-se a ponto de implorar a um *homem* que seja o pai de seus filhos, tirando assim o *opróbrio* delas — a vergonha de não terem filhos. Isso porque a maioria dos homens de Jerusalém morrerá defendendo a cidade (Is 3.25).

4.2-6 — A profecia acerca da restauração de Sião consiste de três partes: (1) o Renovo do Senhor será glorioso (v. 2); (2) o remanescente será santificado (v. 3,4); (3) o Senhor protegerá o monte Sião (v. 5,6).

4.2 — Aqui, a expressão *naquele dia* é uma referência à futura revelação da glória do Senhor na terra (Is 2.2-4). O termo *renovo do SENHOR* tem duplo sentido: representa a *terra* dando seu *fruto* e também Cristo produzindo frutos espirituais (Is 11.1-5; Jr 23.5; Zc 3.8; Jo 15.1-8). Cristo humilhou-se, por isso será coroado em glória (Is 49.7; 52.13; 53.12; Fp 2.9-11).

*De beleza e de glória*. Juntas, as palavras significam beleza estonteante. O Reino de Jesus, Rei da criação, será notável pela abundância. A maldição que vigora sobre a terra será retirada, e haverá frutificação na quantidade determinada por Deus desde o começo (Sl 65).

4.3 — *Inscrito*. Os registros de nascimentos de Jerusalém (Sl 87.5,6) podem estar relacionados ao livro celestial, o *Livro da vida* (Êx 32.32; Sl 69.28; Dn 7.10; Ap 20.12).

4.4 — *Espírito* aqui pode significar vento, mais especificamente o vento quente e seco do deserto, como também pode ser uma referência ao espírito humano ou ao Espírito Santo. Pode ser ainda que signifique os três (Is 11.2; 30.1; 42.1; 48.16; 59.21; 61.1; Lc 3.22). *Espírito de justiça e de ardor* significa um juízo como o fogo. Por meio do fogo purgador, que por fora consome os infieis e por dentro purifica os fiéis, Deus produzirá uma cidade santa.

4.5 — *Criará*. O verbo indica algo que somente Deus pode fazer. A palavra também sugere uma

reforma divina. A *nuvem de dia* e a *fumaça* recordam a presença protetora de Deus no mar Vermelho (Êx 13.20-22), no tabernáculo (Êx 40.34-38) e no deserto (Nm 9.15-23). Aqui, a expressão simboliza a *proteção* divina, que cobre o monte Sião recuperado e santificado. A *glória* do monte Sião, na era messiânica, será derramada pelo próprio Deus (Is 40.5; 60.2; Jo 17.10,22,24).

4.6 — Acima da nuvem e da fumaça de cada habitação, estará o *tabernáculo*, símbolo da proteção divina e da comunhão entre Deus e Seu povo (Sl 91.1; Ap 21.3).

5.1-7 — O Cântico da vinha de Isaías está dividido em três partes: (1) apresentação da alegoria (v. 1, 2); (2) acusação e sentença contra Judá (v. 3-6); (3) interpretação da alegoria (v. 7; ver Sl 80.8-16). Consiste de uma acusação feita por Isaías (v. 3, 4) e da sentença, proferida pelo próprio Senhor (v. 5,6).

5.1-3 — Judá é comparada a uma vinha que tinha tudo para dar certo. O fato de não dar frutos, portanto, justifica o juízo de Deus (Is 1.2,3). *Meu querido e meu amado* são expressões de carinho de Isaías para se referir ao Senhor.

5.2 — O Senhor, o verdadeiro Vinhateiro, havia feito de tudo para adequar o solo à produção de uvas de qualidade. O termo *uvas bravas* significa coisas que exalam mau cheiro (v. 4). Esse resultado foi tão inesperado quanto a proliferação de filhos rebeldes (Is 1.2-4).

5.3 — *Minha vinha*. O pronome possessivo indica o amor e o orgulho que Deus tinha de Sua propriedade — a nação de Israel. Por isso, Ele ficou tão desapontado com sua infertilidade.

5.4 — *Que mais se podia fazer?* Quando um relacionamento humano dá errado, espera-se que ambas as partes assumam uma parcela da responsabilidade. Quando o relacionamento é entre Deus e Seu povo, porém, a culpa é só do povo. O Senhor fez tudo por eles — desde instruí-los até assentá-los na Terra Prometida.

5.5 — *Vos farei saber*. Deus não estava pedindo permissão, e sim alertando Seu povo.

5.6 — *Sarças e espinheiros* simbolizam a anarquia (Is 3.4,5) que tomará conta da terra após o exílio.



## PERFIL

### O PROFETA ISAÍAS

De certa forma, Isaías rejeitou tudo aquilo a que seus contemporâneos davam valor: riqueza, alianças, proteção militar e esquemas desonestos. Mesmo ignorado, ele permaneceu fiel à sua missão.

Em uma visão extraordinária da corte celestial, Deus em pessoa convocou Isaías a um mensageiro para Seu povo. A missão era gloriosa, mas sua execução era árdua. Ele precisava fazer o povo de Judá encarar a dura verdade: eles haviam descumprido a *aliança com o Senhor e se rebelado contra Deus e teriam de enfrentar as consequências de seus pecados* (Is 6.1-13; Dt 28).

Isaías não proclamou sua melancólica mensagem de maneira mecânica, mas com o coração partido. Ele chegou a exclamar: *Até quando, Senhor?* (Is 6.11) Até quando Israel continuaria rebelde? A hipocrisia de Israel o enojava, e ele não se furtou de comparar a nação aos governantes de Sodoma e Gomorra (Is 1.10-20). Contudo, mesmo ao avisar os perversos de que o destino deles seria trágico, incentivou-os também a depositarem as esperanças em Deus.

Até o nome de Isaías, que significa *o Senhor salva*, era um sinal para a nação (Is 8.18), assim como os nomes de seus filhos — *Sear-Jasube*, que significa *um remanescente retornará* (Is 7.3), e *Maer-Salal-Hás-Baz*, que significa *rapidamente até os despojos, agilmente até pilhagem* (Is 8.1-4). Esses nomes prenunciavam a salvação que o Senhor iria trazer. Embora a nação fosse enfrentar a disciplina do Senhor, a salvação viria. Um remanescente dos israelitas voltaria à terra e desfrutaria a bênção de Deus. De fato, todo o livro de Isaías se organiza em torno da teologia dos remanescentes — o julgamento dos perversos e a salvação dos fiéis.

Com uma crise após a outra — as invasões assírias e a guerra contra Jerusalém — Isaías ficou firme com Deus. Ele considerava a ajuda humana inútil e idólatra e confiava apenas no Senhor como fonte de sua força (Is 30.1-5). Como vigilante de Judá, ele apelava ao Senhor em nome do povo (Is 59.9-15; 62.6,7; 64.1, 2). A mesma boca que denunciava fervorosamente os pecados do povo intercedia por ele. Isaías não era um simples mensageiro — ele também era uma sentinela, um guardião consciente do povo do Senhor.

*Nuvens.* Conforme Deus prometeu ao firmar aliança com Israel no monte Sinai, haverá chuva o bastante se o povo for obediente e fiel a ele, mas caso se rebelde, a chuva seria retida (Dt 28.12,23,24).

**5.7** — *Juízo e opressão* são palavras que soam parecidas em hebraico, assim como *justiça* e *clamor*. Escolher palavras que soem de forma semelhante é um recurso comum na poesia hebraica.

**5.8-30** — Essa profecia consiste de seis acusações ou ais que especificam os pecados das uvas bravas (v. 2,4) e a natureza de seus opressores: ganância (v. 8), libertinagem (v. 11,12), cinismo (v. 18,19), perversão (v. 20), arrogância (v. 21) e injustiça (v. 22,23). A esses pecados acrescentam-se profecias de juízo, que preveem desolação (v. 9,10), cativo ou morte para os líderes arrogantes (v. 13,14) e humilhação geral (v. 15). Há também uma descrição do exército vencedor (v. 26-30).

**5.8** — *Até que [...] a terra.* Os latifundiários gananciosos almejavam o controle de todas as *terras produtivas de Israel. No entanto, o campo, que não se venderá em perpetuidade, porque a*

*terra é minha* (Lv 25.23), foi dado como herança do Senhor para todo o povo (Nm 27.7-11). Destituídos das terras de seus ancestrais, restou aos cidadãos de Israel conformar-se em ser boias-frias ou escravos: agora trabalham no que já foi sua herança de família.

**5.9,10** — Os invasores são capazes de destruir mansões, mas só Deus pode trazer a seca subentendida nesses versículos. Ainda assim, ambas as calamidades serão juízos provenientes de Sua mão.

**5.9** — *Sem moradores* é uma expressão que também se encontra em Isaías 6.11.

**5.10** — *Um bato* equivale a cerca de 23 litros. *Um ômer* corresponde a cerca de 210 litros. *Um efa* é a décima parte de um ômer. O fruto da terra será muitíssimo escasso na ocasião do juízo divino.

**5.11,12** — A ganância (v. 8) tem estreita ligação com o estilo de vida desregrado e egocêntrico.

**5.11** — Esse versículo condena com veemência o *abuso da bebedice (cerveja) e do vinho* (v. 22). Um exemplo contrastante do vinho, no qual

essa bebida é apresentada num contexto positivo, representando a salvação concedida por Deus, pode ser lido em Isaías 55.1.

Os *esquentas*. O padrão na vida dos reis ímpios é a dissipação.

**5.12** — *Harpas, e alaúdes*. Para uma ilustração semelhante, leia Salmos 33.2. A música, no antigo Israel, servia tanto para louvar ao Senhor quanto para animar os banquetes. O vinho fazia parte do banquete nos tempos bíblicos (Pv 9.2; Jo 2.10). Aqui, *seus banquetes* significa suas festas regadas a bebida.

*Não olham [...] nem consideram*. O povo está cego para a realidade das obras que Deus realiza em seu meio (Sl 10.4). A obra do SENHOR diz respeito também à justiça, o que implica salvar os oprimidos e castigar os tiranos (v. 24,25).

**5.13** — *Será levado cativo*. Esse é o futuro reservado para o povo rebelde — eles ainda não foram levados para o cativeiro. O *entendimento* refere-se a um envolvimento pessoal com algo ou alguém. A *sede* será o castigo pelo crime de exagero nas bebidas alcoólicas (v. 11,12).

**5.14** — *Sepultura* no original é *Sheol*, termo poético que descreve o mundo dos mortos. Aqui ela é comparada a uma bocarra aberta que devora a elite e as massas, sem distinção. O *Sheol* é representado por um monstro voraz em Provérbios 1.12; 27.20.

**5.15,16** — Para a exaltação exclusiva do Senhor, veja Isaías 2.9,11,17. O juízo sobre os ímpios é uma forma de exaltação divina.

**5.15** — *Os olhos dos altivos* é uma referência aos orgulhosos, que não respeitam a Deus (Sl 147.6).

**5.16** — O termo hebraico traduzido por *santificado* deriva de um verbo que significa tornar santo e basicamente significa ser distinto, ser retirado, ser separado, expressões que descrevem a transcendência do Senhor em Sua majestade e glória.

**5.17** — Mansões cercadas de vinhas exuberantes serão lugares *pisados*, onde *cordeiros* e animais *gordos*, preparados para o sacrifício, alimentam-se.

**5.18,19** — Os que zombam da alegação de Isaías de que o dia do Senhor chegará não estão simplesmente recaindo no pecado, e sim trabalhando em prol da *iniquidade*, como se a

transportassem em *carros*. Isaías dá ao seu filho o nome *Apresse-se* a destruição, *acabe* o butim (Is 8.3), talvez em parte para responder a esse desafio (Is 5.26).

**5.20** — *Ao mal chamam bem*. Quem perverte a avaliação divina do que é bom, considerando bem o que é mal, está trilhando um caminho perigoso, que conduz ao juízo.

**5.21** — Na fonte da corrupção moral, social e teológica denunciada nesta profecia está se achar *sábio* a seus *próprios olhos* — um egotismo insensível e arrogante.

**5.22** — *Poderosos para beber vinho*. O versículo 11 fala do exagero no uso do vinho. A *bebida forte* é, provavelmente, a cerveja.

**5.23** — *Presentes*. A perversão da *justiça* pelo suborno é um mal gravíssimo, com resultados catastróficos para a sociedade.

**5.24** — Quando a vinha que só dá uvas amargas for julgada, os perversos serão eliminados sem misericórdia.

**5.25** — *As montanhas* — que parecem inabalaáveis — *tremem*, e até mesmo o mar fugiu perante a fúria do Senhor (Sl 114.3,7).

*Seus cadáveres*. Eis um quadro chocante dos inimigos derrotados de Deus (Is 34.3; 66.24). A *ira* do Senhor *não tornou atrás*, mesmo após a execução de seus terríveis juízos (v. 24,25).

*A sua mão*. Nas Escrituras, a mão de Deus quase sempre é um símbolo de Sua graça e salvação (Êx 15.6). Quão trágico é que essa mão seja estendida para castigar Seu povo!

**5.26** — O exército assírio, em grande parte com posto de mercenários [soldados contratados por dinheiro] (Mq 4.11-13), literalmente pisoteou (v. 5) a aprazível terra de Israel.

*Assobiará*. O Senhor é quem controlará esse exército convocado para exercer juízo. Partirá de Deus o sinal para invadir (Is 7.18).

**5.27-29** — Os preparativos do exército assírio estão concluídos; os soldados estão alinhados em ordem de batalha, prontos para começar a guerra (Is 40.30,31).

**5.29** — *Como o [rugido] do leão*. Significa que os assírios estarão preparados para devorar a *presa* como faz o *leão* — com facilidade.

5.30 — As *assolações* simbolizam o juízo.

6.1-13 — A convocação de Isaías para o ministério de profeta de Deus consiste de cinco partes: (1) ambientação histórica (v. 1); (2) estonteante visão da glória de Deus (v. 2-4); (3) entendimento de Isaías acerca de si mesmo (v. 5); (4) seu chamado (v. 6-8); (5) sua incumbência (v. 9-13).

6.1 — *Morreu o rei Uzias* em 740 a.C., assinalando o fim de uma era. Esse bom rei (2 Cr 26.1-15) foi substituído pelo mau rei Acaz (Is 7.1), e a relativa prosperidade da primeira metade do século 13 a.C. deu lugar à guerra siro-efraimita e às campanhas assírias contra Israel. O rei Uzias foi um dos melhores reis de Judá, mas sucumbiu ao orgulho (2 Cr 26.1-5) e foi castigado com lepra. Quando ele se tornou orgulhoso, Deus teve de discipliná-lo.

O trono onde o Senhor está *assentado*, que é *alto* e exaltado, representa Seu reinado eterno, supremo e universal. Ele está acima de todos os reis, porém, ao mesmo tempo, preocupa-se com o bem-estar de Seu povo.

*Templo* aqui significa palácio — o trono do Senhor na terra com seu contraponto no céu.

6.2 — Os *serafins* usam *duas* de suas *seis asas* para cobrir *seus rostos*, a fim de que não sejam consumidos ao fitar a glória do Senhor. Com duas de suas asas cobrem *os seus pés*, um ato de humilhação, e com *duas* eles voam para cumprir as ordens do Senhor. O comportamento dos *serafins* é conflitante com o orgulho de Uzias (2 Cr 26.16). O orgulho humano é ridicularizado pelo comportamento desses anjos. Eles sabem que, na presença de Deus, não há espaço para pompa nem razão para orgulho.

6.3 — *Santo, Santo, Santo*. Repetir duas vezes a palavra *santo*, em hebraico, equivale a descrever alguém como santíssimo. Repetir a palavra *santo* três vezes eleva o adjetivo ao nível máximo. Em outras palavras, a santidade de Deus é indescrevível pela linguagem humana. Ser santo significa ser diferente, distante ou transcendente. Portanto, a canção do serafim é um refrão constante sobre o fato de a transcendência de Deus ser indescrevível. Embora o Senhor seja totalmente

diferente de nós, Ele é perfeito em Sua misericórdia, Ele se preocupa conosco e cuida de nós.

*Toda a terra está cheia da sua glória*. A ordem das palavras em hebraico é: “A inteireza de toda a terra é Sua glória”. Sabemos que a glória de Deus transcende o Universo (Sl 113.4-6). Todavia, para equilibrar a expressão da transcendência de Deus na primeira metade do versículo, as palavras da segunda metade ressaltam a proximidade entre Deus e Sua criação, isto é, Seu envolvimento com a terra e a humanidade.

6.4 — Se até os *umbrais* do templo celeste tremeram em resposta à santidade de Deus, quanto mais não tremerá toda a terra (v. 3) quando o Senhor a visitar (Mt 24.29,30).

6.5 — Ao se deparar com a extraordinária visão do Senhor, Isaías percebe que está passando por um julgamento — que está *perecendo*! Ele tem a impressão de que sua vida chegou ao fim.

*Eu sou um homem de lábios impuros*. Isaías sabe que é pecador. Sabe que seus lábios são os únicos que não estão louvando Deus ali. *Um povo*. A situação de Isaías reflete a condição de todos nós. Ninguém, por si mesmo, é capaz de se manter de pé diante do Santo (Sl 24.3).

O *rei*, o *SENHOR dos Exércitos*. Depois de testemunhar a morte de Uzias (v. 1), Isaías contempla o Rei imortal.

6.6-8 — O clamor de Isaías consiste de sua purificação interior (v. 6,7), de sua convocação para o ministério (v. 8a) e de sua aceitação (v. 8b).

6.6 — *A brasa viva retirada do altar* simboliza tanto a purificação do sangue quanto a chama do Espírito que permitem ao profeta falar. Daí em diante, suas palavras serão luz para os ouvintes e poder para quem as aceitar. O fato de uma brasa do altar ter sido usada recorda-nos de que, no fim das contas, todo pecado é perdoado por meio de um sacrifício. Os sacrifícios no altar do templo tipificam o sacrifício definitivo de Jesus, o Salvador. Deus, em Sua soberania e bondade, perdoa o pecado de Isaías.

6.7 — Isaías tem seu Dia da Expição pessoal perante o Senhor (Lv 23.26-32). A iniquidade é *tirada*, uma alusão à prática israelita de transmitir, simbolicamente, os pecados do povo para



## EM FOCO

## SERAFIM (HB. SERAFIM)

(Is 6.2,6)

Esse substantivo provavelmente está ligado ao verbo *saraf*, que significa *queimar pelo fogo*. Essas criaturas angelicais pertencem às hostes celestes e são mencionadas apenas duas vezes nas Escrituras — ambas em Isaías 6. Ao que parece, esses seres comandam a adoração a Deus no céu e são diferentes dos querubins, descritos em Apocalipse 4.6-8 como seres que rodeiam o trono de Deus, em vez de posicionar-se acima dele, como aqui (Is 6.2).

A relação entre o nome *serafim* com o ato de queimar talvez se deva à sua aparência flamejante (semelhante às serpentes de fogo, em Números 21.6; Deuteronômio 8.15). Mas provavelmente está ligado também ao seu papel de purificação. O fogo simboliza a pureza e, coerentemente, um desses seres flamejantes purificou os lábios de Isaías com uma brasa viva (Is 6.6).

o bode expiatório e depois soltar o animal no deserto (Lv 16).

A palavra hebraica traduzida por *purificado* significa coberto e é o mesmo termo traduzido por expiado, termo que se refere ao processo de matar um animal e espargir seu sangue no altar para obter o perdão.

**6.8** — Ocasionalmente, os profetas eram convidados a participar da corte celestial (1 Rs 22.19-22; Jr 23.18,22). Aqui o Senhor emprega o pronome *nós* para se referir a si próprio e aos Seus anjos (Gn 3.22; 11.7).

*Envia-me a mim*. Nas religiões do antigo Oriente Médio, só os seres divinos eram enviados como mensageiros dos deuses, mas o Deus da Escritura encarrega o ser humano dessa tarefa. Só em certas ocasiões Ele usa anjos para revelar Seus propósitos à humanidade. O voluntariado de Isaías provém de um coração agradecido. Ele deseja servir ao Deus que lhe perdoou (v. 7).

**6.9,10** — Paradoxalmente, a pregação de Isaías aos religiosos arrogantes *de fato* apenas *endurece os ouvidos* deles (Is 42.20). Só os humildes entendem a mensagem do Senhor. Quanto mais o profeta proclama a mensagem de Deus, menor a resposta que obtém do povo. Trata-se do chamado para um ministério desestimulante. Na verdade, a convocação de Deus é para que o profeta seja fiel a Ele, à Sua palavra e ao próprio chamado.

**6.11** — Compreensivelmente, a terceira reação de Isaías diante do Senhor (compare com os v. 5,8) é de incredulidade. Ele se pergunta *até*

*quando* o povo se mostrará indiferente às suas palavras, imbuídas da verdade de Deus.

**6.11,12** — A resposta é sombria.

*Assolem... assolada*. Essas palavras dizem respeito ao juízo de Deus, que recairá sobre Judá. O resultado será a captura da nação pelos babilônios.

*Afaste dela os homens e o desamparo* são expressões referentes à desolação que se seguirá à conquista pela Babilônia.

**6.13** — *Mas [...] ser pastada*. Depois da invasão babilônica, a parte da terra e do povo que ainda estiver intacta sofrerá novos ataques (Is 5.25). Essa previsão fala do retorno do exílio e das futuras dificuldades que Judá enfrentará na terra.

*A décima parte* é uma das expressões de Isaías para o remanescente, uma pequena porcentagem dos israelitas. Do tronco arruinado de Israel, Deus produzirá uma *santa semente* (Is 11.1), pois Ele não pode renegar a nação que escolheu (2 Tm 2.13). Essa profecia teve um cumprimento imediato, ainda na época de Isaías. O rei Ezequias arrependeu-se e acabou fazendo parte da santa semente (cap. 38). A *santa semente* desabrochará no belo Renovo (Is 11.1). É a promessa de Jesus, o Salvador.

**7.1—12.6** — Essa importante seção de Isaías contém uma série de profecias ligadas à guerra siro-efraimita — a invasão de Judá por Rezim e Peca. Essas profecias pretendem conclamar Judá a voltar a ter fé em Deus.

**7.1** — Trata-se de um sobrescrito editorial a Isaías 7.2—12.6 (2 Rs 16.5). O livro de Isaías foi escrito durante a vida do profeta, mas os capítulos



de 7 a 12 situavam-se no contexto da guerra siro-efraimita. *Síria* é o nome dado à antiga nação de Arã.

**7.2—8.10** — Essa seção do livro consiste de cinco profecias (Is 7.2-9, 10-17, 18-25; 8.1-4, 5-10) que preveem tanto a libertação de Judá dos reis siros quanto sua devastação (praticamente aniquilação) nas mãos do rei assírio.

**7.2-9** — O princípio da ordem para confiar no Senhor, e não na Assíria, consiste na contextualização histórica (v. 2-6) e no oráculo que prevê a destruição de Efraim (v. 7-9). A contextualização histórica é o registro do que foi dito a Acaz (v. 2), da mensagem do Senhor que Isaías deve levar a Acaz (v. 3, 4) e dos conselhos da Síria e de Efraim acerca de Judá (v. 5, 6).

**7.2** — A expressão *casa de Davi* é um termo que substitui o rei de Judá, Acaz. Essa expressão recorda a aliança eterna firmada entre o Senhor e Davi, em que Deus prometeu deixar ao Seu servo uma semente, um trono e um reino eternos (2 Sm 7.16; Sl 89.19-37). O nome *Efraim* representa o Reino do Norte, Israel. O *coração* da nação *se moveu* porque a Síria já havia derrotado Acaz em outra ocasião (2 Cr 28.5).

**7.3** — *Sear-Jasube* significa um remanescente retornará. O nome do filho de Isaías sugere o futuro exílio e a salvação do remanescente fiel. Isso ocorrerá muito tempo depois da morte de Isaías. Quando se deu essa conversa, Acaz provavelmente se encontrava no *canal*, tomando providências para garantir o suprimento de água de Jerusalém em caso de sítio (2 Cr 32.30).

**7.4** — Deus desqualifica com desdém os reis arrogantes da Síria e de Israel. Aquilo que Acaz tanto teme Deus considera meros *pedaços de tições fumegantes* tirados da fogueira. O *filho de Remalias* é Peca, rei de Israel (v. 1).

**7.5,6** — As intrigas urdidas pela Síria e por Efraim não escaparam aos olhos de Deus, e ele agora as revela a Isaías. *Tabaal* significa pessoa imprestável. Síria e Israel querem designar um rei-fantochete para governar Judá.

**7.7,8** — *Não subsistirá*. Os planos da humanidade são inúteis quando se opõem aos planos de Deus. *Dentro de sessenta e cinco anos* sugere que a

pessoa precisa acreditar que Deus cumprirá Suas promessas, até mesmo depois da morte dela.

**7.9** — *Crerdes* está na segunda pessoa do plural. O profeta se dirige à família real e à nação. *Crerdes* e *ficareis firmes* formam um jogo de palavras em hebraico com a mesma raiz de onde deriva nossa palavra *amém*. Crer significa conhecer a palavra de Deus, aceitá-la como verdadeira e confiar que o Senhor nos ajudará a guardá-la. Crer no Senhor é indispensável para receber o que Ele prometeu (Jo 14.1).

**7.10** — A profecia de Isaías é dirigida principalmente ao rei Acaz, mas também a outros (v. 13).

**7.11** — O *sinal* pertence à previsão dos v. 7-9, a queda do poder de Samaria. *Nas profundezas ou em cima nas alturas* indica que Acaz pode pedir o sinal que bem desejar.

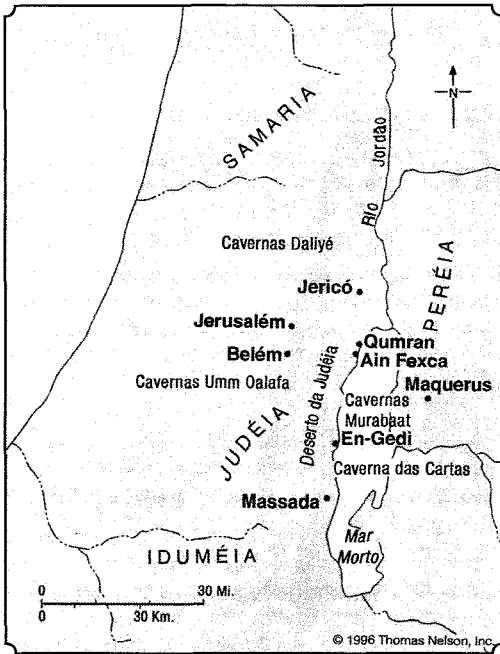
**7.12** — *Não o pedirei [...] tentarei*. Na boca do perverso Acaz, essas palavras arrogantes soam vazias.

**7.13** — Os verbos estão na segunda pessoa do plural aqui (v. 14). Portanto, nesse versículo, Isaías fala a toda a descendência real de Davi.

*Afadigardes*. Deus responde indignado a Acaz. O reizinho arrogante atreve-se a desprezar ao Senhor! Ele não confia em Deus nem na hora em que os inimigos o cercam (v. 12).

**7.14** — Mais uma vez, temos os verbos na segunda pessoa do plural. Isaías dá às costas ao rei que não passou pelo juízo e se dirige a todos os presentes. O *sinal* virá para muitos. A palavra *Senhor* declara a supremacia de Deus, Seu grande domínio sobre toda a criação. O adjetivo *mesmo* concede uma certeza absoluta a respeito do sinal iminente. A palavra hebraica traduzida por *virgem* significa uma jovem em idade de casar. Mas a palavra também apresenta a ideia de virgindade, por isso a *Septuaginta*, a tradução grega da Bíblia hebraica, que data do século 2 a.C., traduz a palavra hebraica por um termo grego que significa precisamente virgem.

**7.15** — *Manteiga e mel* contrastam com pão e vinho, estes provenientes de terras cultivadas e que representam simbolicamente a dieta frugal do povo de Judá após a invasão assíria. Assim, a



### A região dos manuscritos do mar Morto

Em 1947, um pastor que procurava por uma cabra extraviada numa caverna próxima a Qumran deparou-se com diversos potes de argila contendo pergaminhos antigos. Embora os pergaminhos fossem todos do século 1 de nossa era, ou até mais antigos, o clima quente e seco da região do mar Morto os preservou muito bem.

Um dos manuscritos mais importantes descobertos foi uma cópia integral do livro de Isaías. Seu teor confirma fartamente a autenticidade de manuscritos posteriores. Buscas posteriores na região do mar Morto levaram a descobertas de pergaminhos com os textos dos Profetas Menores, próximo a En-Gedi, e outros fragmentos bíblicos nas cavernas de Murabbaat.

Criança, de forma semelhante ao filho de Isaías, Sear-Jasube (v. 3), será identificada com o remanescente.

**7.16,17** — Antes. Profecias semelhantes foram ditas a respeito do nascimento do Filho e de outro filho de Isaías, Maer-Salal-Hás-Bax (Is 8.3). Israel e Síria serão destruídos antes que essa criança e o filho de Isaías cheguem à maturidade (Is 8.4, onde a Síria é Damasco, e Israel, Samaria).

**7.18-25** — Esse oráculo consiste de quatro profecias com ais (v. 18,19,20,21,22, 23-25), cada uma das quais começa com a expressão *naquele dia* (Is 2.12). Elas revelam os detalhes da ameaça

velada do versículo 17 sobre como o Senhor julgará os descrentes.

**7.18,19** — As hordas invasoras são comparadas a enxames de insetos — às moscas e às abelhas — que ocupam toda a Judá, condição cumprida pelas invasões assírias.

**7.20** — *Rapará* [...] os cabelos. Trata-se de um símbolo de humilhação. *Alugada* refere-se à ideia tola de Acaz de pagar a Assíria para salvá-lo da aliança entre Síria e Israel.

**7.21,22** — *Naquele dia*. Essa expressão pode indicar tempos difíceis, como nesse caso, ou períodos abençoados (como em Is 2.2). *Uma vaca e duas ovelhas*, em comparação com um grande rebanho: sinal de empobrecimento durante a provação. A terra ficará tão despovoada e empobrecida que a ração limitada de *manteiga e mel* (v. 15) parecerá até *abundância*.

**7.23-25** — *Vides* [...] *espigueiros*. A produtividade da terra será bastante afetada no período do juízo de Deus. A repetição de *sarças e espigueiros* (v. 23-25) é enfática e indica que a terra não será mais cultivada.

**8.1** — *Grande volume*. Essa mensagem do Senhor destina-se à leitura ponderada por um grande número de pessoas.

**8.2** — Assim como o ímpio Acaz foi forçado a testemunhar o sinal do nascimento do Emanuel (7.10-17), Urias, sacerdote apóstata (2 Rs 16.10-16), e Zacarias, presumivelmente um falso profeta (não confundir com o profeta que escreveu o livro de Zacarias), foram forçados a dar testemunho dessa profecia.

**8.3** — A esposa de Isaías era *profetisa* independente. Possivelmente, trata-se de uma segunda esposa, após a morte da mãe de Sear-Jasube (Is 7.3).

**8.4** — *Despojos de Samaria* [...] *rei da Assíria*. Trata-se de uma profecia sobre a tomada de Samaria pelos assírios em 722 a.C. Essa profecia deve ter sido escrita pouco antes da época de seu cumprimento, pois se concretizará antes de o recém-nascido aprender a falar.

**8.5-10** — Essa profecia passa da derrota da Síria e de Israel para a Assíria à derrota de Judá pela falta de fé. Consiste de três partes:



## ENTENDENDO MELHOR

### EMANUEL — DEUS É CONOSCO!

*Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel.* Na época natalina, esse versículo se incorpora ao nosso vocabulário (Is 7.14). Muitos autos de Natal citam esse versículo, e os pastores explicam o significado de Emanuel, *Deus é conosco*. O cumprimento dessa profecia — o nascimento de Cristo — está registrado no evangelho de Mateus (Mt 1.23). Mas ainda restam perguntas a respeito. Por exemplo: como o nascimento de Jesus podia ser um sinal para Acáz?

Às vezes, deslindar uma profecia bíblica é um trabalho complicado, e esse é um dos casos. Os cristãos interpreta essa profecia de diversas formas. Alguns pensam que a *virgem* anônima pode ser uma mãe real — mais precisamente, a esposa de Acáz. Assim, a criança seria Ezequias, o sucessor de Acáz. Ezequias seria um sinal para que Acáz entendesse que Deus estava no comando da situação; o Senhor estava com Acáz; Ele salvaria Judá dos inimigos que cercavam o rei, permitindo a seu filho herdar o trono (Is 7.1-3). Ainda assim, a referência à criança comendo "manteiga e mel" era uma previsão de que a Assíria acabaria por dominar Judá.

Outros identificam a esposa de Isaías, a *profetisa* (Is 8.3), como a *virgem*, que era uma jovem em idade de se casar, outro significado da palavra hebraica traduzida por *virgem*. Nesse caso, a criança seria *Maer-Salal-Hás-Baz*. Segundo esse ponto de vista, os dois nomes da criança — *Maer-Salal-Hás-Baz* (que significa *rapidamente até os despojos, agilmente à pilhagem*) e *Emanuel* (que significa *Deus é conosco*) — simbolizam o julgamento e a salvação. De fato, o próprio Isaías se referiu aos seus filhos como *sinais* para a nação (Is 8.18). Há uma profecia semelhante a respeito desse filho (compare Is 7.16 com 8.4).

Alguns citam o paralelo entre a profecia de que *uma virgem conceberá* e o nascimento milagroso de Jesus como evidência de que essa profecia só se cumpriu em Jesus. Maria seria a mãe virgem, e o nascimento de Jesus foi o sinal da salvação de Deus. Seu nome seria Emanuel, *Deus é conosco*, porque Jesus era o Filho de Deus e viveu entre nós (Mt 1.23). Segundo esse ponto de vista, a profecia de Isaías não se cumpriu antes do nascimento de Jesus (Mt 1.18-25).

Não é incomum que profecias bíblicas se cumpram em certo grau no futuro imediato e depois se concretizem de forma definitiva na pessoa e na obra do Salvador, Jesus. Assim, a gravidez da jovem esposa de Isaías e o nascimento de seu filho (Is 8.3) podem ter sido um sinal para o rei Acáz. Contudo, essa seria *um* dos cumprimentos da profecia, e não *o* cumprimento. A profecia se cumpriu plenamente na vinda do Filho único de Deus à terra. Ele é o único Filho que pode realmente ser chamado *Maravilhoso Conselheiro e Príncipe da Paz* (Is 9.6).

(1) acusação de falta de fé contra Judá (v. 5,6);  
 (2) Judá devastada, mas não aniquilada, pela Assíria (v. 7, 8); (3) destruição de todos os inimigos de Judá (v. 9,10).

**8.5** — *E continuou o SENHOR a falar ainda comigo.* Essa expressão introduz uma nova seção poética e relembra o leitor daquele que é a fonte das imagens proféticas do livro de Isaías.

**8.6** — *Este povo* apresenta a mesma construção hebraica do v. 11. As águas tranquilas de Siloé representam a presença auxiliadora do Senhor. Sem alarde, Ele providenciou o que os israelitas necessitam, como água potável. Siloé pode ter sido um ribeiro que fluía por um aqueduto (Is 7.3) para transportar a água da fonte de Giom, a leste de Jerusalém (2 Cr 32.30) até o tanque de Siloé (Ne 3.15), na parte baixa, mais ao sul da cidade.

Se *alegrou*. Os judeus estão animados porque pensam que derrotarão os reis de Israel e da Síria

com a estratégia elaborada por Acáz, isto é, a contratação do exército dos assírios. Eles almejam a salvação oferecida por meio de um simples rei, em vez de recorrer ao Rei dos Reis em busca de proteção.

**8.7,8** — *O rio é o* Eufrates, mas também simboliza os deuses pagãos. *Pescoço*. Assíria devastará Judá, mas a aniquilação não será total (cap. 37). *Asas*. No v. 8, a imagem da Assíria como um grande volume de água muda para figura de uma ave de rapina. Isaías chama Judá pelo nome do filho prometido, o *Emanuel* (7.14): a nação só será poupada porque Deus está com ela (v. 10).

**8.9** — *Longínquas terras* são as diversas nações que formavam o exército misto da Assíria (Is 5.26; 7.18).

*Cingi-vos [...] em pedaços*. Essas nações são instrumentos de Deus, mas também serão destruídas.

**8.10** — *Ela não subsistirá.* O Senhor frustrará os propósitos dos inimigos de Judá. Os conselhos de guerra de nada adiantarão. Essa promessa conclui as profecias de Isaías 7.1—8.10. O Filho, cujo nome significa *Deus conosco* (v. 8; 7.14), será não só um sinal da destruição de Síria e Israel (Is 7.17), mas também da destruição de todos os inimigos de Deus, até mesmo a Assíria.

**8.11—9.1** — Após uma breve introdução (v. 11), temos uma profecia que consiste de dois ciclos: (1) recomenda-se a Judá confiar no Senhor ou perecer, apelo reforçado por Isaías e seus filhos, que servem de sinais para Judá (v. 12-18); (2) recomenda-se a Judá andar pelo caminho indicado pelas profecias de Isaías, do contrário a nação será lançada às trevas mais escuras (Is 8.19—9.1).

**8.11** — *Forte mão* significa uma sensação forte da inspiração do Senhor (Ez 1.3).

**8.12** — *Não chameis.* As recomendações dos v. 12,13,15,19 estão no plural. Talvez os adversários de Isaías estejam rotulando de *conjuracão* a reprovação do profeta ao pacto com a Assíria.

**8.13** — *Santificai* significa tratai como santo. *Vosso temor* é uma sensação de reverência, admiração e respeito. Se o povo quer sentir medo, que tenha medo de Deus. Se quiser se portar corretamente diante de Deus, deve tratar Seu nome com reverência e temê-lo (Êx 20.20).

**8.14** — Deus é *santuário* para os crentes, mas *pedra de tropeço* para os descrentes (Sl 118.22; Lc 20.17,18; Rm 9.33; 1 Pe 2.6-8). As *duas casas* são os reinos do Norte e do Sul, ou seja, Israel e Judá.

**8.15** — *Tropearão [...] e serão quebrantados.* Os ímpios não prevalecerão por muito tempo (v. 10).

**8.16** — *Testemunho* refere-se a uma transação legal; *lei* refere-se à orientação que Deus transmitiu por meio de Isaías. Os discípulos de Isaías provavelmente codificaram suas profecias na forma de um documento legal, a fim de comprovarem sua autenticidade quando as previsões se concretizassem (v. 1,2; compare com Jr 28.9; 32.12-14).

**8.17** — *Esperarei [...] aguardarei.* Esses verbos indicam uma expectativa confiante de que Deus atenderá às necessidades de Seu povo e o libertará da calamidade (Is 40.31; Sl 40.1). A esperança

final de Isaías cumprir-se-á na pessoa de Jesus, o Salvador (Hb 2.12,13).

**8.18** — *Filhos.* Isaías, cujo nome remete à salvação de Deus, e seus dois filhos, cujos nomes lembram o julgamento iminente do Senhor, são *sinais e maravilhas em Israel* — ou seja, símbolos (20.3).

*Monte Sião.* O local do templo espelha a habitação de Deus nos altos céus.

**8.19,20** — Segundo os cerimoniais pagãos de fertilidade de Canaã, *os que têm espíritos familiares e os adivinhos* serão consultados acerca de revelações divinas. No entanto, o máximo que obterão desses falsos profetas *que chilreiam e murmuram* serão frases desconexas.

*Interrogar-se-ão os mortos.* O povo se envolverá com a necromancia, ou seja, a prática de conjurar os espíritos dos mortos para saber o futuro (Is 29.4; 65.4).

**8.21** — *Passarão* refere-se aos ímpios que se recusam a adorar a Deus (v. 13). *Terra* pode ser uma alusão às trevas implícitas no v. 20.

*Amaldiçoarão.* Tem aqui um sentido semelhante ao de Êxodo 22.28; Levítico 24.15,16.

**8.22** — Os profetas costumam empregar *escuridão* como sinônimo de juízo (Is 5.30). Os sinônimos de *escuridão* nesse versículo não descrevem apenas malefícios morais e espirituais, mas também a invasão pela Assíria, que porá termo à liberdade do povo e instituirá a opressão por estrangeiros.

**9.1** — *Mas a terra que foi angustiada.* Esse versículo conclui o pensamento de Isaías 8.22 e promete uma mudança profunda para logo. Essa mudança será a explosão de luz causada pelas Boas Novas. Jesus pode nos libertar das trevas decorrentes de nossos pecados (Ef 5.8). Os antigos assentamentos tribais de *Zebulom* e *Naftali* (Js 19.10-16,32-39), que incluíam a *Galileia*, foram os primeiros a sentir o impacto das invasões assírias (2 Rs 15.29). As três expressões do fim do versículo — *caminho do mar, além do Jordão, a Galileia dos gentios* (ou nações) — referem-se a distritos administrativos do conquistador assírio Tiglate-Pileser III como resultado das três campanhas que liderou no Oriente por volta de 733 a.C.

9.2-7 — A sétima profecia no contexto da guerra siro-efraimita corresponde ao clímax. Haverá um monarca ideal que acabará com a guerra e prenunciará a paz mundial. A luz que substituirá as trevas da opressão assíria será uma Criança, o Deus encarnado (Is 7.14). Os quatro títulos reais (v. 6) ilustram Sua natureza divino-humana e Seu programa de salvação universal.

9.2 — *Viu.* Um acontecimento futuro é descrito pelo profeta, por inspiração do Espírito, como se já houvesse ocorrido. A palavra *luz* remete às bênçãos, à presença e à revelação de Deus (Is 2.5), encarnadas na pessoa de Jesus (Is 58.8; 59.9; 60.1,2,19,20; Jo 8.12). *Sombra da morte* significa escuridão profunda (compare com Is 60.2; Sl 23.4). Aqui a palavra hebraica completa a palavra mais comum para *trevas*.

9.3 — *Como se alegram na ceifa [...] se repartem os despojos.* A sociedade agrícola não conhece alegria maior que a colheita. O soldado não conhece alegria maior que o fim da batalha, depois que seu lado saiu vencedor, pois ainda vive e há butim a repartir. Compare a alegria da colheita nesse versículo com a colheita sombria de Isaías 16.10.

9.4 — *Jugo, vara e cetro* são símbolos da opressão e ressaltam o sofrimento do povo durante a

dominação estrangeira. O pronome *ele* refere-se à Assíria, que se gaba do jugo pesado que impõe aos povos por ela subjugados (Is 10.27). O *dia dos midianitas* é uma alusão à derrota de Midiã (Is 10.26; Jz 6—8).

9.5 — *Armadura.* Uma tradução mais literal é sandálias. Os exércitos assírios eram notáveis pelo ruído da marcha de inúmeros pés. *Vestidos que rolavam no sangue* de batalhas passadas era uma tática proposital para assustar os inimigos numa batalha iminente. Todos esses emblemas de guerra serão incinerados quando chegar o dia em que o Filho começar a reinar (v. 6).

9.6 — *Nasceu* refere-se à humanidade do Filho, e *deu*, à Sua divindade. *Maravilhoso, Conselheiro* é um título único e significa maravilhoso conselheiro divino (Is 11.1-5). *Deus Forte* indica que Deus é um Guerreiro poderoso (Is 10.21). *Pai da Eternidade* fala do Rei Pai que alimenta e protege Seu povo eternamente (Is 40.9-11; Mt 11.27-30). Assim, a palavra *Pai* é empregada em referência ao papel do Salvador como Rei ideal. A descrição culmina com o título *Príncipe da Paz* (Is 2.4; 11.6-9; 53.5; Lc 2.13,14; Rm 5.1). O Filho é o verdadeiro Príncipe, aquele com direito a reinar e que prenunciará a paz. Os quatro pares de nomes



## APLICAÇÃO

### CUIDADO COM OS CONSELHOS

Quando você precisa tomar uma decisão ou desenvolver uma estratégia, são muito bem-vindos os conselhos de confidentes sábios e confiáveis. De fato, Provérbios diz que ouvir a opinião de diversos conselheiros é o melhor a fazer nessas ocasiões (Pv 11.14). A variedade de opiniões tende a assegurar o êxito do empreendimento (Is 15.22; 20.18; 24.6).

Os contemporâneos de Isaías podiam até se beneficiar ao ouvir bons conselhos, mas tinham dificuldade em distinguir os bons dos maus. Por isso, Isaías diferenciou os dois.

O conselho confiável...

- ouve a Deus com cuidado (Is 8.11);
- não aponta "conspirações" de pronto (Is 8.12);
- evita agir baseado apenas no medo (Is 8.12);
- elogia e respeita o Senhor (Is 8.13).

O conselho traiçoeiro...

- ignora a lei e o testemunho de Deus (Is 8.19, 20);
- permite que a raiva distorça os fatos (Is 8.21);
- conduz a problemas e aflições (Is 8.22).

Você é capaz de identificar as fontes de bons e maus conselhos em sua vida? Seria alguém capaz de mencionar você como fonte de bons conselhos e recomendações?

conjugam aspectos da divindade e da humanidade de Jesus. Juntos, eles asseveram a dupla natureza do Salvador. Ele é Deus feito homem.

9.7 — *Do incremento* pode ser traduzido por para Ele incrementará. *Principado e da paz* pode ser reformulado como reino pacífico. O Senhor Jesus leva Seu reino de paz ao coração do crente. Além disso, Ele estabelecerá o Reino de Deus, que será Seu reino da paz. O fato de o Filho ocupar o *trono de Davi* para sempre concretiza a promessa de Deus feita àquele rei (2 Sm 7.8-16; Sl 89.19-37; Lc 1.32,33).

9.8—10.4 — Essa passagem contém um juízo contra o Reino do Norte. O Senhor o destruirá, e a sua capital, Samaria. As acusações e as sentenças judiciais dessa seção indicam que o Senhor é tanto Juiz quanto Executor (Is 9.11,14,19; 10.4).

9.9,10 — Os *ladrilhos* são as paredes de tijolos de argila, comuns no antigo Israel. O povo planeja aumentar a suntuosidade de suas residências, ignorando o fato de que o Senhor está prestes a destruir suas habitações no momento em que executar o juízo pelos pecados do povo.

9.11 — Os *adversários* são os assírios, que foram usados pelo SENHOR para castigar o Reino do Norte.

9.12 — Os *siros* habitavam a leste de Israel, e os *filisteus*, a oeste.

9.13 — *Se voltou* indica arrependimento e desejo de recuperar-se.

9.14,15 — *A cabeça e a cauda*: figura de linguagem que se aplica a todos os líderes.

9.16 — Os *guias deste povo são enganadores*. Compare com Isaías 3.12.

9.17 — Os *jovens* e as *viúvas* representam aqui todas as pessoas. Todos haviam-se afastado da adoração fiel a Deus. Israel está inteiramente contaminado pelo mal, pela hipocrisia e insensatez (em 1 Co 5.6, uma igreja é exortada a não permitir que a iniquidade a corrompa).

9.18,19 — O *fogo da impiedade* é combatido pelo *fogo da ira* do Senhor.

9.18 — *Impiedade* pode ser tanto o pecado quanto suas consequências destrutivas.

9.19,20 — *Ninguém poupará ao seu irmão* é a instauração da anarquia (Is 3.4,5).

*Banda direita [...] banda esquerda*. Essas figuras de linguagem denotam uma fome insaciável e a conseqüente ruína que ocorrerá no dia do juízo.

9.21 — *Manassés* lutou contra *Efraim* (Jz 12.4), depois, juntas, as duas tribos pelejaram contra *Judá* (mas leia 11.13).

10.1 — *Ai* é uma palavra atemorizante ao ser dita por Deus (5.8-23; 10.5; 18.1); aqui, o Senhor condena os líderes que promulgam leis que perpetuam o mal na comunidade.

10.2 — Os *pobres* em geral são vistos nas Escrituras como aqueles a quem os justos devem demonstrar caridade genuína. Quando procura ajudar o indefeso, o justo está praticando a religião pura da Bíblia (Tg 1.27). No outro extremo, a marca dos ímpios é visível em seus atos opressores contra os indefesos. Com isso, estão se qualificando ao juízo implacável de Deus (v. 3).

10.3 — *De longe* é uma referência à Assíria. *A quem*. Os ímpios não podem recorrer a Deus, porque se recusaram a fazê-lo antes e ignoraram Suas advertências (8.6).

10.4 — Os *presos* são os israelitas conduzidos ao exílio.

10.5—11.16 — Essa seção deixa de lado a assolação de Israel e passa a descrever a destruição da Assíria e a libertação de Judá.

10.5-34 — Esse oráculo de salvação está dividido em duas grandes seções: (1) o aniquilamento da Assíria (v. 5-19); (2) a salvação do remanescente (v. 20-34).

10.5 — *Porque [...] indignação* também pode ser traduzido por até o bordão na minha mão indignada. *É como bordão*. Embora Deus disponha soberanamente dos pecadores como instrumento de Sua vontade (Is 7.13; 13.5), eles serão responsabilizados pela iniquidade que praticarem. Assim, Deus demonstra que é justo em todos os Seus caminhos (Hc 1—3).

10.6 — *A nação hipócrita* é Judá (v. 11,12).

10.7,8 — *No seu coração*. O objetivo dos assírios arrogantes é continuar sua trajetória de conquista ininterrupta. Todavia, Deus tem outros planos para eles (v. 12).

10.9 — *Calné [...] Damasco*. Trata-se de uma lista de cidades que já sucumbiram aos assírios.

**10.10,11** — *Ídolos [...] imagens.* Os assírios conquistaram nações cujos deuses eram falsos. Pensa agora, é claro, que terão a mesma facilidade quando lutarem contra *Jerusalém e seus ídolos*. Embora apenas o Deus vivo deva ser reverenciado pelos israelitas, eles vivem desobedecendo a esse mandamento (Êx 20.4-6; Jz 2.19).

**10.12** — O *fruto* é a fala do rei citado nos v. 13,14.

*Arrogante coração [...] altivez dos seus olhos.* Há uma imagem semelhante em Isaías 2.11; 3.9; 9.9.

**10.13** — *Com a força da minha mão.* Os ímpios esforçam-se para receber o crédito por seus êxitos. Os justos dão o devido louvor a Deus por suas conquistas.

**10.14** — *Como se ajuntam os ovos.* As conquistas, a fanfarroneia perversa, tudo não passa de brincadeira de criança diante do poder do Senhor. As nações que a Assíria devastou não constituem impedimento maior que uma galinha contra o coletor de ovos.

**10.15** — A ferramenta empunhada por alguém não tem motivos para se gabar. A Assíria é um mero instrumento na mão de Deus. Não tem, portanto, motivos para se *gloriar*.

**10.16** — *Definhar [...] incêndio.* Essas palavras descrevem o juízo que virá sobre os assírios, que se tornaram *gordos* após suas conquistas.

**10.17,18** — *A Luz de Israel* é um título maravilhoso de Deus (Is 9.2; 58.8; 60.1,19,20). O Senhor Jesus também é descrito como Luz de Israel (Jo 1.1-13). *Seus espinheiros e sua floresta* representam todos os habitantes e bens do Império Assírio. O que o povo considera honrado ou desprezível de nada valerá perante o juízo incendiário de Deus.

**10.19,20** — Os *resíduos* constituem a parte da prole de Abraão que Deus preservou. A palavra hebraica traduzida por *resíduos* é diferente das palavras de Isaías 1.9 e 6.13.

*Se estribarão.* Finalmente, existirá um povo cuja confiança é depositada inapelavelmente no Senhor.

**10.21,22** — *Como a areia [...] um resto.* Boa parte dos habitantes do Reino do Norte foi levada em cativeiro. Alguns israelitas, porém, foram



## EM FOCO

### EXÉRCITOS (HB. TSEBA'AH)

(Is 10.16; Gn 2.1; Sl 103.21; 148.2)

Essa palavra deriva de um verbo que significa *lutar* ou *servir*. Os anjos são chamados *exércitos* porque servem a Deus (1 Reis 22.19; Sl 103.20,21; compare com Lucas 2.13). Os céus estão sob o domínio de Deus e lhe prestam homenagens, por isso também são chamado *exércitos* (Is 45.12; Ne 9.6; Sl 33.6). O termo também pode referir-se a tropas de combate (2 Rs 5.1; 1 Cr 7.11,40).

A expressão *exércitos do Senhor* é usada uma vez para se referir aos filhos de Israel, e duas vezes para se referir aos exércitos de anjos de Deus (Êx 12.41; Js 5.14,15). Das quase 500 ocorrências dessa palavra, cerca de 300 estão em expressões do tipo *o Senhor dos Exércitos* (1 Sm 17.45), título que destaca o poder de Deus. Em duas ocasiões, os autores do Novo Testamento transcreveram esse título hebraico como *o Senhor dos Exércitos* para descrever o incrível poder de Deus (Rm 9.29; Tg 5.4).

para Judá, tornando-se parte do Reino do Sul. Esses imigrantes e seus descendentes irão portar-se como grupo sobrevivente, pois preservarão os nomes das tribos do Norte no meio do povo de Deus.

**10.23** — *Determinada já a destruição.* Essa forte declaração contrasta com a imprecisão das falsas profecias proclamadas pelas nações.

**10.24** — *Senhor JEOVÁ dos Exércitos.* Veja a expressão semelhante de Isaías 1.9. *Povo meu.* Esses termos expressam o zelo e o amor do Senhor pelo Seu povo. Eles não precisam temer os exércitos dos assírios.

**10.25** — *Daqui a bem pouco.* Da perspectiva da eternidade, o período de julgamento é extremamente curto.

**10.26** — *A matança de Midiã.* Apesar de seus exércitos poderosos e implacáveis, a Assíria, diz Isaías, desempenhará na história israelita papel idêntico ao dos midianitas e egípcios: será mais um inimigo derrotado milagrosamente pelo Senhor (Is 10.26). Foi exatamente o que aconteceu. *Sobre o mar* é uma referência ao grande triunfo de Deus sobre o faraó, no êxodo (Êx 14 e 15).

**10.27** — *Naquele dia.* Ver uma ideia semelhante em Isaías 2.12. O sentido de *unção* aqui é

incerto. Caso signifique gordura, a palavra pode evocar a imagem de um touro forte e gordo que quebra seu jugo.

**10.28-32** — Esses versículos registram a visão de Isaías acerca da marcha incessante do rei assírio em direção ao sul sobre o terreno irregular de *Aiate* — ou seja, Ai. Essa cidade situava-se 16km ao norte de Jerusalém num ponto mais elevado.

**10.28,29** — As cidades listadas nesses versículos situam-se em locais próximos de Jerusalém. Cada cidade conquistada representa mais um passo em direção à derrota iminente da Cidade Santa.

**10.30,31** — *Clama alto com a tua voz*. Os termos agora expressam pavor. São atos de um povo assustado que enfrenta a derrota e o desastre iminentes.

**10.32** — *Filha de Sião*. O exército aproxima-se de *Jerusalém*. O sujeito do verbo *parará* é a Assíria, a nação inimiga.

**10.33,34** — Os ramos são o rei da Assíria, e a *espessura da floresta*, seu exército. A mensagem é de que Deus julgará até os instrumentos que empregou para julgar Israel.

**11.1-9** — Esse célebre oráculo de salvação sobre o Rei da Paz (Is 4.2; 7.14; 9.6) consiste de três seções: (1) Seus dons (v. 1, 2); (2) Seu justo reinado (v. 3-5); (3) Seu reino da paz (v. 6-9).

**11.1** — *Um rebento do tronco de Jessé* (1 Sm 16.10-13) representa o novo e melhorado Davi. Assim como Davi inaugurou um reino de justiça e paz, o novo Davi, o renovo ou raiz da descendência de Davi (Is 53.2) estabelecerá um reino incomparavelmente maior. As palavras *rebento* e *renovo* são termos messiânicos, figuras que representam o maior dos descendentes da casa de Davi, a Semente da mulher prometida em Gênesis 3.15, Jesus Cristo em pessoa (Mt 1.17).

**11.2** — *Espírito*. Assim como no caso de Davi (1 Sm 16.13), o Messias receberá o poder do Espírito Santo (Is 4.4; 42.1; 48.16; 59.21; 61.1; Lc 3.22), o Agente responsável por estabelecer o Reino de Deus (Gn 1.1,2; Jz 3.10; 6.34; 1 Sm 10.6). Os primeiros leitores das Escrituras hebrai-

cas provavelmente pensavam que o termo *Espírito* era apenas outra forma de se referir a Deus com reverência ou respeito.

No Novo Testamento, descobrimos que o termo se refere à terceira pessoa da Trindade (Mt 28.19). Salomão orou para obter *sabedoria e inteligência* (1 Rs 3.9), ou seja, a habilidade administrativa que permite governar o povo segundo os princípios da retidão e da justiça (Dt 1.15-17). O Messias será a encarnação disso tudo; Ele será o Rei ideal (Is 33.6). O *conselho* do Espírito Santo não é uma recomendação, e sim um conjunto de planos e decisões unilaterais.

O *temor do SENHOR*. O Messias demonstrará durante toda a Sua vida as melhores atitudes em relação a Deus. Ele o honrará e lhe obedecerá (Êx 20.20). O povo de Deus de todas as épocas recebeu ordens de se portar diante dele com admiração e reverência (Lv 19.14; Pv 19.23).

**11.3** — *Deleitar-se-á* está ligado ao sentido do olfato. Pode ser uma referência ao incenso queimado nas cerimônias de coroação. Se o temor do SENHOR costuma ser definido como um padrão de conduta moral conhecido e aceito pela humanidade em geral, nesse caso o *temor do SENHOR* pode estar indicando um padrão de conduta moral conhecido por revelação específica e aceito pelos fiéis.

**1.4,5** — Nesse contexto, *julgará* não quer dizer que o povo será obrigado a prestar conta, e sim que Deus a agirá em favor deles. Como juiz de Seu povo, Deus condena os ímpios e oferece proteção e defesa aos inocentes e oprimidos.

*A vara de sua boca*. O Messias conquistará o povo por meios das palavras (Is 49.2; Hb 4.12; Ap 19.15).

**11.6-9** — A imagem de feras cruéis milagrosamente regeneradas por uma nova natureza que as faz proteger o que seria sua presa natural representa um reino de paz e segurança. Isso só acontecerá quando o Messias vier implantar o Milênio (Is 65.17-25). Nesse reinado divino e tranquilo, carnívoros tornar-se-ão herbívoros; inimigos naturais serão companheiros; crianças pequenas brincarão seguras perto das tocas das serpentes, que então não mais serão venenosas.





## APROFUNDE-SE

### A IRA DE DEUS TRAZ A PAZ

Os críticos do cristianismo costumam alegar que a ira de Deus é uma contradição, porque Seu caráter devia ser amoroso. “Como podem dizer que Deus é um Deus de amor quando o Antigo Testamento diz que Ele *ferirá a terra com a vara de sua boca?* (Is 11.4), perguntam eles com desdém.

Uma resposta é observar que a ira de Deus não é exatamente como a que o ser humano costuma demonstrar. As pessoas quase sempre *desabafam sua raiva de forma egoísta ou vingativa, que podem até dissipar o que sentem, mas pouco fazem para promover a verdadeira justiça.* A ira de Deus, por sua vez, baseia-se em Seu caráter justo e reto (Is 11.5). Quando Ele julga pessoas e nações, não é por se sentir magoado, mas porque os erros precisam de correção. Sua ira é direcionada contra o mal e a perversidade.

Além do mais, a ira divina resulta em algo bom — a paz (Is 11.6-9). Quando o ser humano se vinga, sua ira costuma gerar mais violência, sofrimento e amargura. Os juízos de Deus, porém, promovem a paz na terra, porque contêm a justiça verdadeira e eliminam os que estão do lado da injustiça e da perversidade.

**11.6-8** — *Um menino pequeno os guiará.* No reino vindouro, um menino será capaz de guiar ex-feras. Esta é uma forma de ressaltar o fim do terror, do susto e do perigo no reino vindouro.

**11.9** — Na Antiguidade, o *conhecimento do Senhor* era limitado e pontual. Haverá uma era gloriosa em que o acesso às verdades divinas não terá limites. *Como as águas cobrem o mar* significa completamente. Deus se dará a conhecer em toda a terra.

**11.10** — *Naquele dia.* Esse versículo forma uma única visão profética. A exaltada *raiz de Jessé* atrairá os povos ao lugar do seu repouso (Is 2.3). Trata-se da profecia do acesso de gente de todas as nações ao conhecimento de Deus. Assim, já no Antigo Testamento, o Senhor expressa Sua preocupação com a salvação de outros povos (Gn 12.1-3). Uma missão mundial expressa na Grande comissão não era uma ideia nova (Mt 28.18-20). O *Pendão*, isto é, a bandeira, é símbolo de convocação. Jesus, o Messias, é o *pendão* que ajustará os povos de toda a terra.

**11.11-16** — Essa profecia sobre o segundo êxodo (Is 51.9-11) consiste no reagrupamento dos exilados (v. 11,12), quando se unirão para combater os inimigos de Deus (v. 13,14). Trata-se também de uma alusão ao primeiro êxodo, de modo a se demonstrar que o segundo será ainda mais impressionante (v. 15,16).

**11.11** — A expressão *outra vez* pode se referir ao retorno dos remanescentes à terra em 538 a.C.,

diferentemente do primeiro êxodo, que partiu do Egito. Além disso, pode ser também uma alusão aos remanescentes da época atual que se aproximam de Cristo (Rm 11.5) ou do retorno deles a Cristo no futuro (Rm 11.11-27). *Da Assíria [...] e das ilhas do mar* indica toda a terra (v. 12).

**11.12** — *Os quatro confins da terra.* Essa expressão é semelhante à de Atos 1.8 — até os confins da terra. O Messias ajustará discípulos de todas as regiões do mundo.

**11.13** — *Efraim e Judá.* Deus não só destruirá os inimigos dos israelitas e judeus, como também removerá antigas rivalidades entre as tribos de Israel (Is 9.20,21).

**11.14** — *Sobre os ombros* evoca a imagem de uma ave de rapina que ataca outro pássaro. Filisteus, Edom, Moabe e Amom, tradicionais inimigos de Israel, representam os adversários do reino do Messias (no mesmo sentido, Mq 5.6 faz menção da Assíria).

**11.15** — *A força do seu vento* alude a Êxodo 14.21-27. O rio é o Eufrates. *Atravessará com calçados.* Assim como Deus proporcionou uma passagem seca pelo mar Vermelho no primeiro êxodo, no segundo Ele removerá qualquer impedimento físico ao retorno de Seu povo.

**11.16** — O *caminho plano* simboliza a certeza do retorno, porque nenhum obstáculo impedirá o regresso dos exilados do Senhor (Is 35.8-10; 40.3,4; 57.14; 62.10). *No dia* aqui diz respeito ao primeiro Êxodo (v. 11).

**12.1-6** — Esse hino de louvor a Deus e súplica por salvação, cantado pelo remanescente restaurado depois do segundo êxodo (Is 11.12-16) assemelha-se ao hino de louvor de Moisés e Miriã, por ocasião do primeiro êxodo (Êx 15). O cântico consiste num hino de agradecimento do remanescente pela sua salvação (v. 1-3) e num hino de agradecimento que proclama a salvação de Deus por todas as nações (v. 4-6). Trata-se, portanto, de um salmo de louvor que fala do final dos tempos (como Is 42.10-17), um poema a ser cantado no futuro reino do Messias pelos remidos do Senhor em Sua excelsa presença.

**12.1** — *Naquele dia* tem aqui o mesmo sentido que em Isaías 2.12. O verbo *dirás* está na segunda pessoa do singular, representando o remanescente como indivíduo.

*Tê iraste.* A ira de Deus será a causa da dispersão do povo entre as nações (Is 5.25; 9.12); Sua graça faria com que tornasse a se unificar.

**12.2** — *Deus é a minha salvação.* Esse salmo de redenção apoia-se no primeiro salmo de redenção do êxodo (Êx 15.2; Sl 118.14). O SENHOR JEová, a repetição do nome indica que o Deus de Israel, cumpridor de Suas promessas — e não as nações — é quem traz a salvação (Is 26.4). A *minha força* e o *meu cântico* pode ser traduzido por *minha canção forte* ou *minha canção de força* (Êx 15.2).

**12.3** — *Vós* é a segunda pessoa do plural nos v. 3-5. Os poetas hebreus costumavam associar a imagem de *águas* à salvação (Êx 17.1-7). Em terras áridas, a presença de *fontes* e *poços* era vista como dádiva divina (Is 55.10).

**12.4** — Como nos Salmos, esse hino emprega diversos termos para louvar a Deus. *Dai graças* significa reconheci publicamente ou declarei alto, em público.

*Invocai o seu nome* pode ser reformulado como *proclamai em Seu nome.*

*Tornai manifestos* significa tornei conhecidos. *Contai* significa fazei lembrar. Cada um desses verbos indica reconhecimento público, o anúncio em voz alta dos milagres e obras de Deus.

*Entre os povos.* A exemplo do Salmo 117, trata-se de um poema pró-evangelização internacional.

**12.5** — *Cantai ao Senhor.* O público a quem os cânticos sagrados são dirigidos é o próprio Deus (Sl 33.1).

*Coisas grandiosas.* Em Êxodo 15.1, a raiz desse termo se traduz como sumamente se exaltou.

*Toda a terra* aparece aqui num sentido que se encaixa na linha de pensamento encontrada de Salmos 19.1.

**12.6** — *Exulta e canta de gozo* é uma frase que pode ser entendida como grite alto com grande alegria.

*Habitante de Sião* será todo aquele que retornar do cativeiro na Babilônia. Os futuros cantores desse salmo serão os habitantes do reino do Messias. Eles celebrarão a salvação que ele lhes concedeu.

*No meio de ti.* No reino vindouro do rei Jesus, ele estará no *meio* de Seu povo (Sf 3.16-18).

**13.1—27.13** — O livro de Isaías dá uma grande virada em 13.1. O foco nessa extensa seção é o primeiro juízo do Senhor contra as nações (cap. 13—23). Babilônia e Assíria (Is 13.1—14.27), Filístia (Is 14.28-32), Moabe (Is 15.1—16.14), Damasco (Is 17.1-14), Etiópia (Is 18.1-7), Egito (Is 19.1—20.6), Babilônia (Is 21.1-10), Edom (Is 21.11,12), Arábia (Is 21.13-17), Jerusalém (Is 22.1-25) e Tiro (Is 23.1-18). Essa profecia de juízo é acompanhada por uma profecia a respeito do fim dos tempos que, às vezes chamada o pequeno apocalipse de Isaías (cap. 24—27).

**13.1—14.27** — O oráculo contra a Babilônia consiste de sete partes: (1) agrupamento do exército do Senhor dos Exércitos (Is 13.1-5); (2) anúncio do dia do Senhor (Is 13.6-18); (3) aniquilação da Babilônia (Is 13.19-22); (4) salvação de Israel (14.1,2); (5) ofício fúnebre de Israel, em tom irônico, pelo rei da Babilônia (Is 14.3-21); (6) destruição da Babilônia (Is 14.22,23); (7) destruição da Assíria (Is 14.24-27).

**13.1,2** — A palavra *peso* provém da raiz que significa soerguer ou suportar. É como se o profeta estivesse carregando uma mensagem de Deus e precisasse passá-la adiante por causa do enorme peso (Na 1.1; Hc 1.1). A *Babilônia* era a joia da coroa do Império Assírio. Esse oráculo pode estar se referindo à sua destruição (por volta de 689

a.C., quando Senaqueribe esmagou uma rebelião no local). Ainda assim, a derrota da *Babilônia*, o ornamento dos reinos (v. 19), imposta pelo Senhor simboliza Seu triunfo sobre todo o mundo (v. 11). A Babilônia era a expressão máxima da religião e da cultura do antigo Oriente Médio. Assim, o oráculo se posiciona indiretamente contra todas as nações, especialmente a Assíria (Is 14.24-27). Pedro emprega o termo Babilônia simbolicamente no Novo Testamento (1 Pe 5.13). O mesmo faz João (Ap 14.8; 18.2,10-21) para se referir a qualquer inimigo do Reino de Deus.

**13.3,4** — *Santificados* são os exércitos vitoriosos da terra que *exultam*, sabendo ou não disso, diante da *majestade* do Senhor (Is 45.1-7; Jl 2.11). *Um grande povo* representa todas as nações que serão instrumentos nas mãos de Deus para julgar nações pecadoras, embora sejam também pecadoras.

**13.5** — *De longe e a extremidade do céu* são expressões que dizem respeito a toda a terra (Is 11.11,12).

*Os instrumentos da sua indignação*. As nações são as ferramentas que Deus empregará para dar vazão à Sua ira contra a Babilônia.

**13.6** — *O dia do SENHOR* refere-se a uma época em que Deus exercerá influência fora do comum na vida das pessoas, seja julgando-as, seja perdoando-lhes. *Está perto* costuma ser traduzido por ao alcance da mão, que expressa a ideia não da chegada de uma data específica, mas de que o dia do Senhor está prestes a irromper no mundo

daquelas pessoas. O dia do Senhor é iminente — pode ocorrer a qualquer momento — não porque as pessoas já estejam perto dele como de um local de chegada, mas porque pode desabar sobre o mundo sem aviso. O título *Todo-poderoso*, no hebraico, é Shadai (Êx 6.3; Sl 91.1).

**13.7,8** — *Debilitarão* [...] *desanimará* [...] *asombrar-se-ão*. Esse verbos evocam imagens que retratam o pavor sentido pelo povo. *Mulher parturiente* é uma figura comum nos textos poéticos da Bíblia.

**13.9,10** — *Não deixarão brilhar a sua luz* simboliza o aspecto sombrio do juízo de Deus. É como se o céu se ruborizasse ao pensar na fúria implacável do Senhor contra a perversidade. As imagens dos versículos 10,13 podem ser derivadas ou acrescentadas à destruição definitiva do cosmos (Is 34.4).

**13.11** — *Iniquidade* [...] *arrogância* [...] *atrevidos* [...] *soberba* [...] *tiranos*. O elemento em comum é o orgulho, causa da derrocada das nações (Is 2.6-22).

**13.12** — *Homem* é uma palavra que, em hebraico, denota da fragilidade inerente à raça humana (Sl 8.4).

**13.13,14** — *Céus* [...] *terra*. O abalo do cosmos, que atingirá o Sol, a Lua e as estrelas, reverenciados pelos pagãos, simboliza a derrota de tudo que os descrentes exaltam no lugar de Deus (Is 2.12-18).

**13.15,16** — *Todo* [...] *suas crianças* [...] *casas* [...] *mulheres*. No antigo Oriente Médio, a



## VOCÊ SABIA?

### O FRACASSO DAS ESTRELAS

Isaías previu que os corpos celestes não lançariam sua luz no dia em que o Senhor viesse acabar com a Babilônia (Is 13.10). Isso sugeria a destruição catastrófica que Deus traria sobre esse império do mal. A escuridão tomaria a nação que dominava todas as outras (Is 14.12-15).

A profecia de Isaías talvez zombasse da confiança dos babilônios na astrologia e na astronomia como forma de traçar estratégias e interpretar a história. Os calendários assírios e babilônicos que chegaram até nós demonstram que eles vinculavam acontecimentos importantes como batalhas, inundações, carestias e mortes de reis ao movimento de estrelas e planetas. (Esses artefatos ajudaram os pesquisadores da atualidade a estimar cuidadosamente as datas de vários acontecimentos e a montar uma cronologia bastante plausível da história antiga.)

Assim, se as estrelas fracassassem, a maneira babilônica de ver o mundo também fracassaria, deixando a nação em confusão total.

brutalidade da guerra se estendia a todos, sem acepção de idade, gênero ou posição social.

**13.17,18** — *Os medos*, que habitavam o atual noroeste do Irã, eram inimigos ferrenhos dos israelitas. Um fato significativo para datar essa profecia é o fato de que a Pérsia, que conquistou a Média em 550 a.C. e junto com os medos conquistou Babilônia em 539 a.C., não é mencionada. *Prata e ouro* indicam que os medos não desistiram dos ataques nem que se tente comprá-los.

**13.19** — Em Isaías 4.2, a palavra hebraica traduzida aqui por *glória* é traduzida por *beleza*, na descrição do Renovo do Senhor. As atribuições de beleza à Babilônia não são exageradas. A cidade, nos seus dias de glória, era simplesmente esplendorosa.

**13.20** — *Nunca mais será habitada*. Essa profecia não se cumprirá apenas uma vez: ela estabelece um princípio geral para os reinos efêmeros deste mundo. Lugares antes famosos por sua admirável estrutura tornar-se-ão tão devastados, que nem os povos do deserto se animarão a armar ali a sua tenda.

**13.21,22** — A linguagem desses versículos lembra as maldições tais como eram pronunciadas no antigo Oriente Médio. Os animais citados nessa passagem representam, obviamente, tudo que é sujo, profano, selvagem e precário (Is 34.14,15; Ap 18.2). As pessoas honradas do antigo Israel não queriam parte com esses animais.

**14.1,2** — Esses versículos tratam da salvação de Israel em meio ao juízo contra o rei da Babilônia. O juízo dos pecadores, representados pela Babilônia, era necessário para que o Senhor estabelecesse o reino do Emanuel (Is 7.14; 9.1-6; 11.1—12.6). Esses dois versículos formam um oráculo de bênção sobre Jacó no contexto do desencadeamento da ira do Senhor contra a Babilônia (cap. 13 e 14).

**14.1** — O advérbio *ainda* pode ser traduzido por *de novo*, sendo então uma referência ao segundo Êxodo, o retorno do remanescente do cativeiro babilônico (Is 11.15,16). O Senhor *elegerá*, isto é, fará Sua escolha em Israel. Alguns *estranhos* juntar-se-ão aos israelitas que retornam, como no primeiro êxodo (Êx 12.38), com a

diferença de que os estranhos do segundo grupo seguirão fielmente ao Senhor.

**14.2** — *Os povos os receberão*. Veja esse conceito desenvolvido em Esdras 1.1-8. *Cativarão*. Esse tema retorna em Efésios 4.8.

**14.3-21** — Esses versículos ironizam o ofício fúnebre de Israel pretendido pelo rei da Babilônia.

**14.3** — *Dura servidão* é uma alusão ao primeiro êxodo (cap. 12). O *descanso* relembra o povo liberto da servidão egípcia (Dt 5.12-15).

**14.4-23** — Esse irônico lamento é composto por quatro estrofes que apresentam quatro cenas: (1) o descanso da terra agora que o tirano da Babilônia se foi (v. 4-8); (2) o espanto do Sheol quando a Babilônia chega lá (v. 9-11); (3) a expulsão da Babilônia do céu depois que ela chega lá; (4) o enterro desonroso do rei da Babilônia, promovido pelo povo que ele havia tiranizado (v. 16-21). A primeira e a última cenas são mais literais. As cenas intermediárias retiram suas imagens da mitologia do antigo Oriente Médio. Cronologicamente, a terceira estrofe precede as duas primeiras.

**14.4** — *O rei de Babilônia*. Não se identifica aqui nenhum rei em particular da Babilônia (Is 13.1). *Dito* refere-se a um poema altamente figurativo. *Opressor* é o mesmo termo usado em Isaías 9.4 em referência a um tirano assírio não identificado.

**14.5,6** — *O bastão e o cetro* eram símbolos de autoridade e poder no antigo Oriente Médio (Is 9.4).

*Feria*. Os reis babilônicos alardeavam a própria tirania, a fim de intimidar qualquer um que se atrevesse a fazer-lhes oposição. Mas agora o Senhor os julgará e destruirá seus instrumentos de opressão.

*Faias*. Os reis babilônicos gabavam-se das árvores esplêndidas que levavam das terras conquistadas para construir seus palácios.

**14.7,8** — *Já descansa, já está sossegada* tem o sentido de incrivelmente silenciosa. É a segurança que sobrevém depois que o tirano morre.

*As faias se alegram*. As árvores aqui representam pessoas, a alegria de um povo liberto da opressão (Is 35.1; 44.23; 55.12).

*Ninguém sobe.* As árvores não seriam mais cortadas para a construção de máquinas de guerra.

**14.9-11** — *Se turbou* indica a comoção no inferno com a chegada do rei da Babilônia, o que estabelece um nítido contraste com a paz na terra depois que ele se foi. A palavra hebraica para *os mortos* tem conotação similar ao que denominamos *fantasmas*, quando damos aos mortos uma configuração assustadora (Pv 9.18). Retratam-se os súditos derrotados dos tiranos babilônicos sentados em *tronos*, enquanto que o rei recebe um cobertor de *bichos*.

**14.12** — *Como caíste do céu* é uma figura de linguagem para designar alguém que foi derrubado de uma posição política privilegiada. Jesus disse: *E tu, Cafarnaum, serás levantada até ao céu? Até ao inferno serás abatida* (Lc 10.15), e, aparentemente com o mesmo sentido: *Eu via Satanás, como raio, cair do céu* (Lc 10.18). O nome Lúcifer, em hebraico, significa literalmente *estrela da manhã*, ou seja, o planeta Vênus. Na linguagem poética desse versículo, vemos uma estrela brilhante desejosa de alcançar o ponto culminante dos céus desaparecer com o nascimento do Sol. Essa imagem expressa muito bem o objetivo não alcançado do rei da Babilônia (v. 4), que aspirava a um domínio universal e eterno. Tertuliano, Milton e muitos outros atribuem essa passagem à carreira de Satanás, com base em Lucas 10.18. Contudo, não se pode ter certeza absoluta dessa conexão.

**14.13** — *Acima das estrelas de Deus.* Temos aqui o caso de uma estrela que deseja ser maior que as outras. Em linguagem poética, Isaías descreve um rei cujo anseio de glória é insaciável.

*Monte da congregação* remete a uma montanha mitológica que se pensava ser o local de reunião das divindades celestes. A *banda dos lados do Norte* provavelmente é uma referência ao monte de Cassiopeia, no norte da Síria, a montanha que os cananeus acreditavam ser o reino dos deuses (Sl 48.1,2).

**14.14** — *Serei semelhante ao Altíssimo* é o mais ultrajante dos desejos arrogantes do rei assírio ou babilônio. Ele quer suplantar o Altíssimo, título atribuído ao Senhor geralmente relacionado com as nações do mundo (Sl 87.5; 91.1,9; 92.1).

**14.15** — *Inferno.* Veja a referência a inferno no v. 9. A expressão *ao mais profundo* deriva da palavra hebraica traduzida por *banda dos lados* no v. 13. Trata-se de um exemplo de justiça irônica contra esse rei que queria ascender a um lugar acima dos deuses e do próprio Altíssimo. O *abismo* é um sinônimo de Sheol, às vezes mencionados juntos (Jn 2.2,6).

**14.16** — *Varão [...] tremer.* Isaías compara esse rei àquele que realmente é capaz de fazer a terra tremer (Is 13.13).

**14.17,18** — *Seus cativos e para suas casas* são referências ao exílio. Diferente de Ciro, que mandou os exilados para casa, o rei da Babilônia preferiu mantê-los em cativeiro.

**14.19** — *Lançado da tua sepultura.* Os antigos acreditavam que um enterro digno era absolutamente importante, pois a memória de um rei poderia ser desonrada pelas pessoas de quem ele tripudiou em vida. Compare a expressão *um renovo abominável* com o belo Renovo, o Messias (Is 11.1). Trata-se de uma figura antimessiânica.

**14.20** — *A descendência [...] não será nomeada,* ou seja, a posteridade desse rei perverso não será lembrada.

**14.21** — *Os filhos não sobreviverão ao rei perverso se trilharem o mesmo caminho de iniquidade.*

**14.22** — O Senhor declara: *me levantarei.* Significa que Ele próprio é o responsável pela destruição desse rei arrogante (v. 5). Israel terá seus remanescentes (Is 10.20), mas da Babilônia não restará ninguém.

**14.23,24** — *Corujas e lagoas* tomarão conta da cidade da Babilônia. Despojada de sua beleza (Is 13.19), ela se tornará um lugar selvagem e desabitado.

**14.25-27** — Ao fazer menção de *minha terra* e de *minhas montanhas*, o Senhor reafirma Sua supremacia. O *jugo* e a *carga*, em Isaías 9.4, aparecem como símbolos da ameaça assíria.

**14.28-32** — Depois da introdução (v. 28), o oráculo contra a Filístia recai basicamente em dois ciclos: (1) aniquilação dos filisteus e salvaguarda dos pobres e necessitados de Deus (v. 29,30); (2) destruição das cidades filisteias e fundação do Sião (v. 31,32).

14.28 — *Morreu o rei Acáz em 720 a.C.*

14.29 — *A vara é uma provável metáfora para o rei Assírio (Is 10.5).*

*Seu fruto será uma serpente.* A Filístia terá mais problemas e nenhum motivo para se alegrar.

14.30 — *À semelhança da Babilônia (v. 22), mas diferentemente de Israel, a Filístia não terá futuro, pois dela não haverá resíduos.*

14.31 — *Em qualquer cidade murada, a porta era sempre o ponto mais fraco. Quando o portão principal era derrubado, a cidade estava prestes a ser tomada. O exército assírio viria do Norte. Por causa das fileiras estreitas do exército assírio, ninguém ficará solitário.*

14.32 — *Fundou a Sião.* A destruição da Filístia não deixará refúgio para os filisteus. O único lugar onde poderão estar a salvo é Jerusalém, a cidade construída por Deus. Será esse o lugar para o qual os oprimidos de todas as nações poderão se dirigir e ali ser tornar o povo de Deus (Sl 87).

15.1—16.14 — O oráculo contra Moabe está dividido cinco partes: (1) nota editorial (15.1); (2) destruição súbita e completa de Moabe (15.2-9); (3) rogo de Moabe para se abrigar em Sião (16.1-5); (4) reflexão baseada no contraste entre o antigo orgulho de Moabe a decadência atual (16.6-12); (5) pós-escrito (16.13,14).

15.1 — Para saber mais sobre a origem do povo de Moabe, leia a história de Ló e suas filhas em Gênesis 19.30-38 (Nm 22—25; Dt 1.5).

Peso. Leia uma expressão semelhante em Isaías 13.1.

Ar e Quir eram cidades de Moabe (Is 16.7,11; Dt 2.9; 2 Rs 3.25). Segue-se uma longa lista de cidades e assentamentos em Moabe, a qual reflete o apego natural do ser humano pela terra, um foco nos contornos territoriais. Há 21 locais ou acidentes geográficos de Moabe citados nos capítulos 15 e 16. Além disso, Moabe é mencionada pelo nome 17 vezes nos dois capítulos. Os participios *desfeita* e *destruída* também são repetidos para reforçar a dramaticidade.

15.2 — O sujeito de *vai é Moabe*. Os lugares altos eram locais de adoração pagã (Is 16.12).

*Chorar [...] uivará.* Haverá pranto pela destruição das cidades de Moabe. *Calvas e barba rapada* faziam parte dos rituais de luto.

15.3 — Vestir-se com *panos de saco* e chorar eram formas de expressar o luto no Oriente Médio (Gn 23.2; 37.34; 2 Sm 1.11,12).

15.4 — *Os armados.* Haverá choro até mesmo entre os endurecidos guerreiros.

15.5 — *O meu coração* reflete a simpatia de Isaías por Moabe (Is 16.9-11). *Zoar* era uma cidade situada na fronteira sudoeste de Moabe, à margem sul do mar Morto. *A subida de Lúte* também é mencionada por Jeremias em seu lamento por Moabe (Jr 48.5).

15.6-8 — *As águas e a erva* do oásis não sobreviverão aos inúmeros refugiados.

15.9 — O termo *Dimom* soa como *sangue* em hebraico.

*Leões.* Escapando de tragédia após tragédia, em sua fuga para o sul, os refugiados buscam abrigo



## PERFIL

### O REI EZEQUIAS GUIA ISRAEL

Depois da morte do rei Acáz (Is 14.28), crê-se que os filisteus enviaram representantes a Judá para convidar o sucessor de Acáz, Ezequias, a juntar-se a eles na rebelião contra a Assíria. A oferta é curiosa, já que poucos anos antes os filisteus haviam capturado diversas cidades e aldeias na Judá ocidental (2 Cr 28.18). Além disso, Acáz pagava tributos à Assíria no final de sua vida (2 Rs 16.7-9; 2 Cr 28.21).

Parece que os filisteus percebiam em Ezequias um homem diferente, disposto a livrar-se do fardo assírio. E, afinal, estavam certos. Ezequias negou-se a pagar tributos durante certo tempo (2 Rs 18.7) e resistiu ferozmente ao dominador, mesmo quando as tropas assírias sitiaram Jerusalém (2 Rs 18.13—19.37; 2 Cr 32.1-21).

Apesar de tudo, os filisteus erraram no julgamento de Ezequias, ao presumir que ele concordaria em ser aliado deles. O rei consultou Deus, que então usou Isaías para alertá-lo contra qualquer tipo de aliança com aquele povo (Is 14.29-32). De fato, Ezequias, mais tarde, atacou os filisteus e recuperou boa parte do território que haviam tomado de Judá (2 Rs 18.8).

em Judá, a oeste (Is 16.1-5). Esse é também o caso de Israel (Is 1.9; 6.13; 10.20; 11.16), mas não da Assíria (Is 14.22) nem da Filístia (Is 14.30). Haverá um remanescente (*reliquias*) de Moabe.

**16.1** — O *cordeiro* é uma designação coletiva para as centenas de pessoas reunidas *desde Sela, no deserto*, e mandadas ao *dominador* de Judá (Nm 32.4; 2 Rs 3.4).

**16.2** — O *pássaro vagueante* traduz a situação desesperadora das *filhas de Moabe*, as mulheres da nação.

**16.3** — *Toma conselho* também pode ser traduzido por *fazei planos*. Moabe encontrará salvação à *sombra* de Sião (Is 2.2-4).

**16.4,5** — A salvação de Moabe encontra-se, em última análise, no Predestinado, Jesus, o Messias, cujo *trono se firmará* (Is 9.1-7; 22.1-5; Am 9.11,12; At 15.16,17).

**16.6** — A *soberba* é alvo constante do juízo do Senhor (Is 2.5-22; 13.11).

**16.7** — *Quir-Haresete* é outro nome para Quir (Is 15.1).

**16.8** — *Vinha* é uma metáfora para Moabe (compare com a descrição de Israel como vinha em Is 5.1-7). O *mar* aqui pode ser o mar Morto, porque é a massa de água situada mais perto de Moabe.

**16.9** — *Hesbom* e *Eleale* estavam entre os assentamentos mais importantes na antiga Moabe (Is 15.4).

**16.10** — Compare a falta de *alegria* nesse versículo com o júbilo e o êxtase de Isaías 9.3.

**16.11** — *Quir-Heres* é outra ortografia possível para Quir-Haresete (v. 7) ou Quir (Is 15.1). O profeta Isaías exprime sua determinação de, um dia, alegrar-se com Moabe. Trata-se de uma promessa de restauração.

**16.12** — *Altos* [...] *santuário*. Enquanto o povo reverenciar os falsos deuses, estará condenado à dor, ao juízo e aos problemas daí recorrentes (Is 15.2).

**16.13,14** — Uma antiga profecia contra Moabe (Is 15.1) será cumprida em *três anos*, talvez uma referência ao sufocamento de uma revolta contra Sargão, em 715 a.C. Contudo, haverá um *resíduo* do povo de Moabe (Is 15.9), que alimenta

a esperança de ser salvo, muito mais que a Babilônia ou a Filístia.

**17.1—18.7** — O oráculo contra Damasco divide-se em sete partes: (1) nota editorial (Is 17.1); (2) desolação por causa da ruína de Damasco (Is 17.2,3); (3) ruína de Israel, do qual só sobrevirá um resíduo do povo (Is 17.4-6); (4) previsão de que, futuramente, a humanidade terá fé no Deus de Israel (Is 17.7,8); (5) acusação contra Damasco, por haver trocado Deus por divindades pagãs (Is 17.9-11); (6) proclamação da destruição das nações que nos saqueiam (Is 17.12-14); (7) previsão de que uma nação poderosa renderá tributo ao Senhor (Is 18.1-7).

**17.1,2** — *Peso*. Ver a expressão semelhante em Isaías 13.1. *Cidades* [...] *rebanhos*. Lugares em que um dia viveram pessoas só serão adequados para rebanhos (Is 14.23).

**17.3** — A *fortaleza* aqui pode ser Samaria, a capital. *Efraim* designa o Reino do Norte Israel. Já que *Damasco*, a capital da Síria, é aliada de Efraim, o oráculo divino condena ambas as nações.

**17.4** — *Naquele dia*. Veja a expressão semelhante em Isaías 2.12.

**17.5** — *Colhe*. O povo da Síria será colhido. *Refains* é a palavra hebraica para designar sombras ou fantasmas. Assim, o vale dos Refains é o vale da Morte.

**17.6** — *Ficarão* alguns remanescentes (Is 10.20), ainda que em número muito reduzido. É um erro, portanto, insistir nas tribos perdidas de Israel. O fato de Deus ter prometido um remanescente para Israel significa que elas nunca foram perdidas.

**17.7** — O verbo traduzido por *atentará* significa olhar com interesse ou olhar com consideração. *Santo*. Veja uma ideia semelhante em Isaías 6.3.

**17.8** — Os *altares* aqui são próprios da adoração pagã.

*Obra das suas mãos*. Veja termos similares em Isaías 2.8; 31.7. Aserá era representada por imagens de madeira (Is 27.9) (daí a referência a *bosques*), que faziam parte dos ritos sexuais do culto a Baal entre os povos cananeus.



## ENTENDENDO MELHOR

### A QUEDA DE DAMASCO

Na história mundial, ocasionalmente, uma única cidade podia servir como porta de entrada para uma região inteira. Por exemplo, Hong Kong tornou-se o portal de entrada e saída da China. Para muitos asiáticos, Vancouver é um portal de entrada para a América do Norte. Durante anos, Berlim foi um ponto de passagem rigorosamente controlado entre Ocidente e Oriente.

Na Antiguidade, Damasco era o portal para a área que hoje chamamos Palestina. Damasco, pelo que sabemos, é a cidade continuamente habitada mais antiga do mundo. Servia como frente de defesa ao norte das cidades aliadas que ficavam ao sul. Portanto, a surpreendente profecia da queda de Damasco (Is 17.1) deve ter chocado os israelitas. Se Damasco tombasse, provavelmente, todos os seus aliados tomariam também, num efeito dominó.

Foi precisamente o que aconteceu. Damasco, capital da Síria, aliou-se ao Reino do Norte para atacar Judá, por volta de 734 a.C. O Reino do Sul pediu a ajuda dos assírios (2 Rs 16.7,8; 2 Cr 28.21), e em 732 a.C. Damasco foi capturada, e seu comandante, o rei Rezim, foi morto (2 Rs 16.9) — exatamente como Isaías previra. A cidade nunca mais recuperou sua importância.

**17.9** — *Naquele dia*. Veja a expressão semelhante em Isaías 2.11.

*As suas cidades fortes* (compare com a rocha no v. 10) mostrar-se-ão frágeis como gravetos do bosque.

**17.10** — O pronome *te* refere-se ao Reino do Norte. *Esqueceste*. Saiba mais sobre o contexto dessa condição em Deuteronômio 8.11-20. O povo cometeu exatamente o pecado contra o qual Deus o havia alertado: esqueceu-se do Deus que o salvara da escravidão. Os termos reportam ao primeiro êxodo: o Senhor é chamado *Deus da tua salvação* e também *rocha* (compare com Êx 15.2; Dt 32.4).

**17.11** — *Farás que a tua semente brote* pode ser uma referência à prática antiquíssima de abrir à força os botões das plantas de vaso, permitindo que elas morressem. Os pagãos acreditavam que essa encenação do ciclo da vida garantiria a fertilidade dos campos. Contudo, mesmo depois de realizarem esse rito, a colheita estará arruinada. Assim como as vinhas finas do Senhor o haviam desapontado (Is 5.1-7), também Seu povo errante terá frustradas as esperanças de colheita.

**17.12** — Os *grandes povos* são as nações que saqueiam Israel (v. 14). *Mares e impetuosas águas* representam o caos e a morte (Is 8.7; Sl 46.3).

**17.13** — A *pragana*, que não tem vida, valor nem estabilidade, era padejada em *montes* ou *montanhas* durante a *ventania*. Quando Deus julgar os mares bravios e rugidores — as nações

que roubaram o povo de Deus — eles não serão mais que montes de feno arrastados pelo *tufão* do juízo de Deus.

**17.14** — O exército de Senaqueribe será destruído entre o *anoitecer* e o *amanhecer* (Is 37.36-38). O pronome *nos* identifica Isaías com o povo que teve seus bens saqueados.

**18.1-7** — Essa mensagem, provavelmente dirigida aos etíopes, consiste de duas partes: (1) ordem aos emissários etíopes para levar uma mensagem a uma nação poderosa, provavelmente seu próprio povo (v. 1,2), (2) a mensagem em si (v. 3-7). A mensagem prevê que todas as nações perceberão claramente (v. 3) que Deus silenciosamente fará sentir Sua resplandecente presença (v. 4) quando exercer juízo na hora oportuna (v. 5) e de forma plena (v. 6), depois do que essa nação poderosa lhe renderá tributo (v. 7).

**18.1** — *A Etiópia*, chamada *Cuxe* na Bíblia, ficava no limite sul do mundo que Isaías conhecia. Uma dinastia cuxita tomou o Egito em 715 a.C. e, pode ter enviado embaixadores a Jerusalém nessa época. *Cuxe* talvez represente os hebreus entre os povos negros africanos (Nm 12.1; Sl 87.4).

**18.2** — O *mar* aqui pode ser uma referência ao rio Nilo, que se ramificava em pequenos rios. A nação *alta* e *polida* (v. 7) talvez sejam os povos que viviam ao longo das margens do Nilo. Talvez o termo *polida* seja uma alusão ao antigo costume egípcio de rapar todos os pelos do corpo.



18.3 — *Bandeira*. Essa palavra é usada com referência à salvação, e não a juízo, em Isaías 11.10,12.

18.4,5 — A ideia de Deus trabalhando *quieto* fala de Seu enorme poder e de Sua infinita supremacia. Deus é coerente em Sua obra. Seu juízo será sentido *como o ardor do sol resplandecente*, outro exemplo de uma *sega* ruim (Is 17.10,11).

18.6 — O juízo de Deus será tão abrangente, que as carcaças de Suas vítimas serão devoradas no verão e no inverno.

18.7 — *Ao lugar do nome*. Observe como o Senhor se identifica fraternalmente com o monte Sião, o melhor lugar para adorar Deus em verdade.

19.1—20.6 — O oráculo desfavorável ao Egito divide-se em três partes depois resumo histórico (Is 19.1): (1) colapso do Egito perante o Senhor (Is 19.2-15); (2) salvação do Egito no Senhor (Is 19.16-25); (3) concretização histórica específica do colapso do Egito na época de Sargão (Is 20.1-6).

19.1 — O SENHOR *vem cavalgando uma nuvem ligeira*. Veja imagens semelhantes em Salmos 18.10; 68.4; Mateus 26.64.

19.2-15 — Depois de proclamar o Senhor como causa fundamental do colapso do Egito (v. 2), o oráculo examina (1) o fracasso dos diversos deuses do Egito, resultando em anarquia (v. 2-4); (2) o problema do Nilo, levando ao colapso econômico (v. 5-10); (3) o fracasso de sua antiga e propalada sabedoria, resultando numa derrota sem esperança de recuperação (v. 11-15). Os termos, diferentemente do cap. 20, não especificam datas históricas: são aqui estilísticos e simbólicos.

19.2 — A anarquia política de *egípcios contra egípcios* possui raízes na religião: os muitos deuses deles fracassaram.

19.3 — O *espírito dos egípcios*. A chave principal para compreender o mundo do Egito antigo é o conceito de *ma'at*, palavra egípcia que significava ordem. Quando Deus levou Moisés a enfrentar o faraó (Êx 5—14), era a *ma'at* que estava sob ataque. Deus atacará os egípcios no futuro exatamente como fizera no passado.

19.4 — O *rei rigoroso* pode ser uma alusão à tirania do faraó contra Israel (Êx 6.9).

19.5-10 — A interrupção do fluxo das *águas* e de tudo que se relaciona a elas será a marca do ataque de Deus contra a nação.

19.10 — Os *fundamentos* e aqueles *que trabalham por salário* talvez representem, juntos, toda a atividade econômica, de gestores ricos a trabalhadores diaristas.

19.11,12 — *Teus [...] te*. No v. 11, Isaías fala aos escribas; no v. 12, dirige-se ao faraó.

19.11 — *Zoã* era capital do Egito na época. *Filho*, aqui, refere-se ao membro de uma associação. O Egito era famoso pelos seus *sábios* (1 Rs 4.30), os quais, quando discípulos, aprendiam a sabedoria dos *antigos reis*.

19.12 — *Onde estão, agora, os teus sábios?* O Senhor desafia os que se consideram sábios e cultos. O verdadeiro conhecimento provém do temor ao Senhor (Pv 1.7). Veja uma ideia semelhante em 1 Coríntios 1.20.

19.13,14 — *Noite* é Mênfis, a antiga capital do Egito.

19.15 — *Obra alguma* salvará o Egito. Sua libertação depende unicamente do Senhor (v. 16-25).

19.16-25 — A previsão da salvação do Egito pelo Senhor divide-se em quatro partes, iniciando pela expressão *naquele dia* (v. 16,18,19,23,24), na ordem ascendente de (1) Judá causando medo por causa do Senhor dos Exércitos, que age por meio dessa nação (v. 16,17), e incitando a sabedoria (Pv 1.7); (2) voto de fidelidade ao Senhor (v. 18); (3) reconhecimento de Deus como Salvador (v. 19-22); (4) integração a um povo temente a Deus (v. 23), a nação abençoada que derrama bênçãos sobre a terra (v. 24,25). Os intérpretes divergem acerca da natureza dessa profecia, se é histórica ou metafórica, inspirada em imagens do mundo de Isaías (Is 11.14) e das experiências de Israel. A primeira opção é improvável, pois acarretaria em uma contradição entre essa profecia, que prevê a salvação da Assíria (v. 24,25), e outras profecias que preveem que a Assíria será aniquilada sem deixar remanescente (Is 14.22). O Egito, representando os gentios,

recapitulará a história de redenção de Israel (v. 21-25). A profecia provavelmente se concretizará, sem se consumir, nas nações que um dia subirão ao monte Sião (Is 2.2-4) sob o comando de Cristo (Is 4.2; 9.7; 11.4,14; Rm 10.11-20).

**19.17,18** — *Cinco cidades [...] falarão a língua de Canaã e farão juramento* — de fidelidade — ao SENHOR dos Exércitos (1.9). Esses novos hábitos procederão do milagre da regeneração — uma transformação radical de sua natureza.

*Cidade da destruição.* Os escribas judeus talvez estejam desdenhando a Cidade do Sol, conhecida pelo seu nome grego, Heliópolis, substituindo de propósito a palavra sol por outra que significa destruição. Isso se assemelha à mudança proposital do nome da esposa de Acáz para Jezabel (1 Rs 16.31).



### EM FOCO

### BÊNÇÃO (HB. BERAKAH)

(Is 19.24; 65.8; Dt 11.27; 33.1)

A significativa palavra hebraica traduzida por *bênção* exprime diversas ideias, a saber: preencher de potência, tornar frutífero ou garantir a vitória. Em Isaías 19.24, a palavra alude à promessa de Deus de abençoar todas as nações por meio dos descendentes de Abraão (Gn 12.3). Quando alguém profere uma bênção, está desejando o bem ou fazendo uma oração a favor de si mesmo ou de outra pessoa (Gn 49; Dt 33.1). Os patriarcas do Antigo Testamento costumam ser lembrados pela bênção que deram aos seus filhos. Deus abençoa aqueles que o seguem fielmente (Dt 11.27), dando-lhes a salvação (Sl 3.8), vida (Sl 133.3) e sucesso (2 Sm 7.29).

**19.19** — *Altar e monumento* podem ser referências aos patriarcas Abraão e Jacó, respectivamente (Gn 12.8; 28.22).

**19.20** — A menção de *opressores* e salvadores pode ser uma alusão aos tempo dos juízes (Jz 2.18).

**19.21,22** — *Os egípcios conhecerão.* Provavelmente se trata da experiência de Israel no êxodo (Êx 6.7; 7.5).

**19.23,24** — A *estrada* significa o fim da alienação e da separação (Is 11.16). Historicamente, o Egito e a Assíria eram inimigos.

**19.25** — *Meu povo* e a *obra de minhas mãos* são títulos para Israel (Is 10.24; 60.21), aplicam-se aqui aos gentios convertidos, simbolizados pelo Egito e pela Assíria (56.7; 65.1).

**20.1** — *Tartã* foi um dos três oficiais mais importantes do Império Assírio (2 Rs 18.17). *Asdode* era a cidade principal quando o faraó etíope Sabaco fomentou a rebelião contra Sargão II, rei da Assíria, em 713 a.C. Asdode foi derrotada por Sargão em 711 a.C. Uma inscrição que menciona o nome de Sargão foi encontrada recentemente em escavações na antiga Asdode.

**20.2,3** — *Isaías* abandonou o *cilício*, a veste do suplício espiritual, e passou a andar *nu e descalço*, sinais de exílio e de cativo.

*Servo.* Veja uma ocorrência semelhante da palavra em Isaías 41.8. *Três anos* significa envolvendo três anos, um mínimo de 14 meses.

*Sinal e prodígio.* Veja uma ocorrência semelhante em Isaías 8.18.

**20.4** — *Esar-Hadom, rei da Assíria*, conquistou o Egito e cumpriu essa profecia em 671 a.C.

**20.5,6** — *Assombrar-se-ão e desta ilha* aludem, provavelmente, às nações situadas à margem oriental do mar Mediterrâneo e que esperam ser salvas da Assíria pelo Egito. Entre elas está Judá.

**21.1-10** — O oráculo contra a Babilônia, após uma introdução enigmática (v. 1), consiste de uma visão onírica da queda da Babilônia (v. 2-9) e de sua importância para Judá (v. 10).

**21.1** — A expressão *deserto do mar* pode ser uma paródia da Babilônia, cuja região sul, no golfo Pérsico, era chamada terra do mar.

**21.2** — *Elão*, que ocupava parte grande da Pérsia, e a Média eram aliados em 700 a.C. Talvez fizessem parte do exército assírio (Is 5.26), e tivessem ajudado a concretizar a tomada da Babilônia, em 689 a.C., pois com certeza o haviam feito em 539 a.C. (Is 11.11; 13.17). *Seu gemido* pode ser uma alusão ao sofrimento que a Babilônia causou a outros povos ou ao seu próprio gemido sob a opressão assíria.

**21.3** — Talvez Isaías esteja *atribulado* por causa da notícia da queda da Babilônia, pois isso significa que a Babilônia não poderá prestar nenhum auxílio a Judá para se livrar dos assírios.

21.4 — Embora Isaías desejasse a queda da Babilônia, ele teme as consequências que isso terá para Judá.

21.5 Isaías convida os príncipes da Babilônia para comer e beber, mas também os convida a untar o escudo, preparando-se para a batalha (Dn 5).

21.6 — *Senhor* aqui significa amo. A *sentinela* provavelmente é Isaías.

21.7 — *Um bando de jumentos* provavelmente significa pessoas montadas em jumentos, e um *bando de camelos* talvez signifique pessoas montadas em camelos. O exército persa usava jumentos e camelos.

21.8,9 — *De dia [...] noites inteiras* são expressões que sugerem continuidade — uma demonstração da fidelidade de Isaías à sua missão.

21.10 — *Malhada minha* é uma metáfora para o castigo que sobrevirá a Judá.

21.11,12 — Esse breve oráculo contra *Dumá*, oásis ao norte da Arábia, consiste de uma nota editorial (v. 11), de um questionamento da Edom insone ao profeta acerca de quanto ainda durará a noite (v. 11) e da resposta enigmática de Isaías de que a noite acompanha o novo dia (v. 12).

21.11 — *Dumá* localizava-se na interseção da rota comercial leste-oeste, que se estendia da Babilônia a Edom com a rota norte-sul, que ia de Palmira a Edom. *Dumá* tinha um papel econômico e militar crucial no relacionamento entre a Mesopotâmia e Edom, e seu destino afetou Edom gravemente. *Seir* é Edom (34.5-17; Gn 32.3).

*Guarda* é a patrulha noturna, que vigiava a cidade. A metáfora diz respeito ao profeta Isaías, que, como guarda nas muralhas, via a alvorada — a luz da salvação — a leste antes dos outros.

*Que houve de noite* pode ser reformulado como: *O que resta da noite?*

21.12 — *E, também, a noite*. O futuro de *Dumá* é sombrio. A libertação do domínio assírio seria seguida, sem trégua, pelo domínio babilônico.

21.13-17 — O oráculo contra a Arábia, depois da introdução (v. 13), consiste de três partes: (1) Isaías se dirige a Tema para pedir-lhe que receba e cuide dos refugiados das guerra árabes (v. 13-15); (2) o Senhor se dirige a Isaías, confirmando

e elucidando a derrota da Arábia (v. 16,17); (3) epílogo que confirma a veracidade da profecia (v. 17).

21.13 — Os *viandantes dedanitas* podem ser os refugiados do versículo 15. Dedanim distava cerca de 145km de Tema (v. 14).

21.14 — *Tema* ficava cerca de 320km a sudeste de Dumá (v. 11).

21.15 — *A espada nua* é a dos assírios e babilônios.

21.16 *Quedar* era uma região relativamente fértil na seção noroeste do deserto da Arábia, onde se situavam Dedanim e Tema (Is 60.7). Seus refugiados seriam levados a se embrenhar pelo deserto.

22.1-25 — Após a introdução (v. 1), o oráculo contra Jerusalém consiste de cinco partes: (1) contraste entre a rebeldia cega de Jerusalém e a assombrosa visão de Isaías de seus governantes egoístas fugindo da cidade e abandonando-a ao saque (v. 1-4); (2) visão detalhada de Isaías da derrocada da cidade (v. 5-8); (3) Isaías indicia Jerusalém por confiar nas próprias defesas, em vez de no Senhor (v. 8-11); (4) Isaías condena o comportamento da cidade, que festeja, em vez de arrepender-se (v. 12,13); (5) visão final que confirma ser essa última apostasia a causa da destruição de Jerusalém (v. 14). À visão, segue-se um exemplo da cegueira de Jerusalém em Sebna, tesoureiro da cidade (v. 15-19), cuja fraqueza contrasta com a capacidade de seu sucessor, Eliaquim (v. 20-25).

22.1 — *Peso*. Veja um termo semelhante em Isaías 13.1. O *vale da Visão* é uma designação irônica de Jerusalém. O monte Sião é personificado sarcasticamente por seus vales, onde a visibilidade é nula. Em vez de festejar nos *telhados*, a cidade atribulada deveria ter ido ao templo orar.

22.2,3 — Na visão do profeta, os reis não são *mortos à espada* na defesa heroica da cidade, e sim depois de *amarrados* depois de tentarem fugir para salvar a própria pele (2 Rs 25.4-6).

22.4,5 — *Filha do meu povo*. Veja uma referência semelhante em Isaías 1.8.

22.6,7 — *Quir é Elão*. Os elamitas podem ter participado do exército assírio (Is 5.26).



## EM FOCO

## PESO (HB. MASSA')

(Is 23.1; 2 Rs 9.25; Jr 23.33)

Esse substantivo deriva do verbo *nasa'*, que significa *levantar* ou *transportar para longe*. *Massa'* refere-se a algo que é levado ou transportado como presente, tributo ou mensagem. Também é traduzido como oráculo quando Deus usa Seus profetas para transmitir Seu juízo contra alguma pessoa ou nação. Isaías costumava usar esse termo nos *oráculos contra as nações*, em que anunciava o juízo de Deus sobre diversos reinos (Is 13.1; 15.1; 17.1; 19.1; 21.1,11). Traduzir a palavra por *peso* ressalta que Isaías carregava e transmitia as denúncias de Deus contra as nações.

**Portas.** O mesmo exército que saqueou a Babilônia (Is 21.2) chegará às portas de Jerusalém.

**22.8** — A *casa do bosque* é o arsenal da nação (39.2).

**22.9-11** — A defesa das cidades dependia da disponibilidade de *águas* dentro de seus *muros*. Ezequias resolveu esse problema cavando um túnel sob a cidade, conectando o *viveiro inferior* do vale a sudoeste de Jerusalém com o *viveiro velho*, a fonte de água a leste do vale.

**22.12,13** — *Vos convidará naquele dia ao choro, e ao pranto [...] Mas eis aqui gozo e alegria*. Deus exige arrependimento e renovação, mas o povo prefere farrear e divertir-se.

*E come-se [...] e bebe-se*. Às vezes, essa reação é adequada à adversidade (Ec 2.24; 3.13), mas usar a comida, a bebida e os prazeres mundanos para esquivar-se da justiça diante do Senhor é uma atitude desastrosa (Lc 17.26-29).

**22.14** — *Não será expiada*. Quando a pessoa rejeita a salvação que vem do Deus vivo, não lhe resta outra forma de salvar-se.

**22.15-19** — A mensagem de Isaías contra *Sebna*, representante da liderança cega e egoísta, divide-se em quatro partes: (1) fórmula profética de apresentação (v. 15a); (2) acusação contra Sebna por tentar celebrar-se na morte (v. 15,16), seguida pela sentença de morrer na penúria (v. 18,19); (3) descrição do tesoureiro ideal, exemplificado por Eliaquim (v. 20-24), seguida pelo anúncio de que ele também deve perecer (v. 25a); (4) fórmula profética de encerramento (v. 25b).

**22.15** — *Mordomo e tesoureiro* era o oficial de alto escalão responsável por cuidar do rei e de seus domínios.

**22.16** — *Aqui é Siloé*, no lado leste do vale de Cedrom, com vista para a cidade de Davi. Cavando para si *uma sepultura em lugar alto*, Sebna rivaliza com o rei (2 Cr 16.14), para quem ele deveria ter sido como um pai (v. 21).

**22.17** — *Te arrojará*. Um túmulo não defende ninguém da ira de Deus.

**22.18,19** — *A terra larga* é a Assíria.

*Te arrancarei*. Sebna foi rebaixado a secretário na época do cerco assírio (Is 36.3,22).

**22.20** — *Eliaquim* é o oficial que Deus honrará no lugar do arrogante Sebna (v. 15).

**22.21** — O pronome *tua* refere-se a Sebna (v. 15). A palavra *pai* sugere o amor altruísta de Eliaquim pelos cidadãos de Jerusalém.

**22.22** — Um *prego* evoca a ideia de alguém que está firme no lugar, uma pessoa de confiança (mas leia Is 22.25). O *trono de honra* sugere que Eliaquim honrará a memória da *casa de seu pai*, contrastando-se com a vergonha que Sebna fez seu amo passar (v. 18).

**22.24** — *Todos os vasos* é metáfora para todos os habitantes, tantos os influentes quanto os mais humildes.

**22.25** — O *prego pregado em lugar firme* parece ser uma referência a Eliaquim (v. 20). Nem mesmo o nobre Eliaquim será capaz de suportar a *carga* do governo. Só o Emanuel poderá fazê-lo (Is 9.6,7).

**23.1-18** — O oráculo contra Tiro consiste de duas partes principais (depois da introdução no v. 1): a tomada de Tiro (v. 1-14); sua restauração (v. 15-18). Assim como no cap. 13, a linguagem é estilizada, genérica e simbólica, sem preocupação com fatos históricos.

23.1-6 — A derrota de Tiro é apresentada como más *novas* (v. 5) e se espalha até os navios no mar que esperam atracar em Tiro (v. 1), em Sidom, na costa fenícia (v. 2-4), no Egito (v. 5) e por fim na Espanha (v. 6).

23.1,2 — *Peso*. Ver termo semelhante em Isaías 13.1. Tiro foi sitiada muitas vezes num período de quatro séculos até ser finalmente *assolada* por Alexandre, o Grande, em 332 a.C. *Quitim* possuía fortes laços comerciais com Tiro (Ez 27.6), assim como Salomão (1 Rs 5.1,8-11). O pronome *isto* refere-se ao relato da derrota de Tiro.

23.3,4 — *Sior*, sinônimo de Egito (Jr 2.18), trouxe sua cobiçada *semente* para a Fenícia, sendo a *provisão* de Tiro, a *feira das nações*. Sidom, outra cidade importante, dependia do mar Mediterrâneo para subsistir e é personificada aqui como um pai desolado.

23.5 — O Egito sentirá *dores*, pois seu rentável parceiro comercial não existirá mais.

23.6,7 — *Társis* é Tartessos, na Espanha, e representa o lugar mais distante, do ponto de vista dos antigos israelitas (Is 2.16).

*Próprios pés* [...] *peregrinar*. Alusão às colônias de Tiro. A grande frota mercante de Tiro atravessava o mar Mediterrâneo. Suas colônias estavam pulverizadas pelo mundo mediterrâneo e davam sustentação ao seu império naval.

23.8 — *Coroadas*. Tiro coroa seus comerciantes com riquezas e prestígio.

23.9 — *Denegrir a soberba*. Veja uma ideia semelhante em Isaías 2.12-19.

23.10-12 — *Oprimida* evoca a situação de ser esmagado na guerra. *Donzela, filha de Sidom* talvez seja um título de paródia. Jerusalém é a filha do Senhor; Tiro apenas finge ser.

23.13,14 — Assim como os *caldeus* não resistiram, em suas *fortalezas*, ao cerco dos assírios, que *levantaram* ou expuseram as fundações dos *paços babilônicos*, Tiro também sucumbirá.

23.15 — *Setenta anos* é uma expressão simbólica para uma grande extensão de tempo, uma vida inteira.

23.16 — A *prostituta entregue ao esquecimento* que, na velhice, *canta músicas* para que *haja*

*memória* dela é uma metáfora para a restauração de Tiro.

23.17 — *Visitará*. Embora o verbo possa expressar visitas benéficas de Deus ao Seu povo, aqui o verbo é usado para expressar o juízo divino (Is 24.21).

*Terá comércio*, ou seja, Tiro firmaria alianças econômicas com qualquer um que lhe rendesse dividendos, sem atentar para a ética.

23.18 — O *comércio* de Tiro será *consagrado*, isto é, posto de lado, para o SENHOR (Is 18.7; 60.5-11). Isso não contradiz Deuterônimo 23.18, que proíbe a oferta de proventos da prostituição no templo. A destruição de Tiro será parte da guerra do Senhor contra os injustos. O espólio pertencerá a Ele, pois é o Vencedor (Dt 2.35; Js 6.17,19).

24.1—27.13 — A seção que descreve os pesos do Senhor contra nações específicas é apresentada agora num contexto maior, o que demonstra o triunfo de Deus sobre toda a terra por meio de Sua nação eleita. O capítulo 24 concentra-se na conquista da terra corrompida; o cap. 25 concentra-se na resposta de louvor aos Seus atos. Os capítulos 26 e 27 concentram-se no empenho de Deus em favor de Seu povo.

24.1-23 — O capítulo 24 possui quatro estrofes: (1) desolação da terra em razão do pecado (v.1-6); (2) fim da rebelião na cidade (v. 7-13); (3) glória a Deus, porém luto na terra (v. 14-16); (4) impossibilidade de fugir, já que a terra inteira estremece (v. 17-20); (5) visão de Deus reinando no monte Sião, sobre o cosmos (v. 21-23).

24.1 — *Dispersa*. Alusão a Gênesis 11.9. O Senhor espalhou os *moradores* da terra no episódio da torre de Babel, e tornará a fazê-lo.

24.2,3 — *Ao que* [...] *paga usura*. Não fará diferença ter riquezas e poder. Ambas serão afetadas, por causa da perversidade do povo.

24.4 — *A terra pranteia*. Veja uma ideia semelhante em Romanos 8.22.

24.5 — *Leis, estatutos e aliança eterna* são termos que caracterizam a ruptura da aliança, aplicados mais genericamente a todas as nações ímpias. Talvez essas palavras sejam uma alusão ao senso de certo e errado inato — a consciência —



## APLICAÇÃO

### A TERRA ARRASADA

A destruição do meio ambiente hoje nos parece muito grave, porém as dificuldades ecológicas atuais são pequenas se comparadas com o que acontecerá ao mundo sob o juízo de Deus. Isaías prevê uma terra arrasada, em que nada ficará intacto (Is 24.1).

Por que a terra será saqueada, poluída, incendiada e destruída? Porque ela agoniza sob a maldição de um pacto rompido (Is 24.5,6). A humanidade deu as costas para Deus, e o mundo precisa ser destruído antes de sua reconstrução.

Ele será reconstruído, mas não antes de se cumprir esta previsão: *Pranteia o mosto, e enfraquece a vide; e suspirarão todos os alegres de coração* (Is 24.7). A alegria converter-se-á em tristeza. A sociedade entrará em colapso, como fica evidenciado pelas casas lacradas com tábuas (Is 24.10), uma visão deprimente já comum em algumas cidades nos dias de hoje. Da mesma forma, a *porta* da cidade será destruída (Is 24.12), ou seja, a vida e o comércio urbanos — de fato, tudo que a cidade representa — irão à ruína. Haverá inúmeros focos de guerra no mundo, que ficará sem governo, polícia, hospitais. Faltarão comida, e a terra será devastada por doenças, desolação e morte.

Essa perspectiva sombria para o mundo não deixa espaço para consolo, porém, no fim, Deus reinará (Is 24.23). Contudo, a mensagem parece ser de que nosso mundo está destinado a ser julgado no final. Se estivermos sensibilizados e entristecidos com essa mensagem, talvez as palavras de Isaías tenham surtido o efeito desejado.

que Deus concedeu à toda a humanidade, mas que todos desrespeitam (Rm 1.18-32; compare com At 24.16).

**24.6** — *Restarão* pode ser traduzido por remanescente (Is 10.20,21).

**24.7** — *Mosto* é simplesmente um sinônimo da palavra mais comum, vinho.

**24.8** — *Folguedo* e *alegria* são mesma palavra no hebraico.

**24.10** — *Vazia* é a mesma palavra traduzida por sem forma em Gênesis 1.2.

**24.11,12** — *Clamor [...]* por causa do vinho. Veja uma ideia semelhante em Sofonias 1.13.

**24.13** — *Sacudidura [...]* rabiscos. Desesperadas, as pessoas procurarão avidamente uma única uva ou azeitona.

**24.14** — *Estes* são os que amam a lei de Deus e sofrem por causa da justiça.

**24.15** — *Vales [...]* do mar. Essa imagem sugere o Oriente (vales) e o Ocidente (mar Mediterrâneo). Do Ocidente ao Oriente, todos devem render louvor a Deus.

**24.16** — *Mas eu digo*. O profeta não se juntará ao hino de louvor dos oprimidos porque ele viu a terrível traição que precede o júbilo (Is 33.1; Dn 7.28; 8.27).

**24.17,18** — *Janelas* pode ser alusão ao Dilúvio (Gn 7.11). No Antigo Testamento, a palavra significa *aberturas*.

**24.19,20** — *Vacilará a terra* é uma profecia da destruição do fim dos tempos, e será seguida da renovação na era de Jesus, o Messias.

**24.21** — A palavra *visitará* foi traduzida literalmente do hebraico (Is 23.17). Os *exércitos* de estrelas (Jr 33.22) identifica-se com os anjos caídos (Mt 24.29; Ap 12.4,9).

*Os reis da terra*. A ideia é de que todos os inimigos de Deus, no céu ou na terra, enfrentarão Seu juízo.

**24.22** — *Presos*. Veja uma ideia semelhante em 2 Pedro 2.4.

**24.23** — *Reinar*. No fim dos tempos, o reino do Pai e do Filho será uno (Is 52.7; 1 Co 15.24; Ap 4.1—5.14).

*Monte Sião*. Previsão do reinado glorioso do Salvador e Rei na era da renovação, a partir do trono de Sião.

*Seus anciãos* podem ser os seres angelicais a serviço da majestade do Senhor.

**25.1-12** — Esse poema, que celebra a destruição da terra pecadora divide-se em três partes: (1) hino de louvor de Isaías (v. 1-5); (2) banquete do Senhor no monte Sião para celebrar a derrota da morte (v. 6-8); (3) um hino de louvor da congregação (v. 9-12).

**25.1** — *Maravilhas* são milagres que só Deus pode operar. *Verdade e firmeza* é uma expressão que pode significar também verdade absoluta.

25.2 — Aqui, a referência é a qualquer cidade alta (24.10).

*Jamais se torne a edificar.* Veja uma ideia semelhante em Isaías 24.20.

25.3 — As nações formidáveis são as referidas nos cap. 13—23. A combinação dos verbos *glorificará* (Is 24.15) e *temerá* expressa a submissão absoluta de todos os povos a Deus (Fp 2.10).

25.4 — A repetição da palavra *fortaleza* e o emprego dos termos *refúgio* (Is 57.13) e *sombra* assemelham-se às palavras relacionadas com proteção em Salmos 91.1-3.

25.5 — Os termos opressores, *estranhos* e *tiranos* em referência às nações nos v. 3-5 enfatizam o juízo divino sobre as nações representadas.

25.6 — *Monte.* Veja o uso semelhante da palavra em Isaías 2.2. *Uma festa com vinhos puros* será uma festa regada com os melhores vinhos. *Tutanos gordos* evocam comida da melhor qualidade. Esse banquete é semelhante ao preparado pela Sabedoria em Provérbios 9.1-6.

25.7 — A *máscara do rosto* e o *véu* são componentes de uma mortalha. Trata-se, portanto, de uma promessa de extinção da morte (v. 8).

25.8 — A morte costuma ser representada como uma boca alargada pelos poetas da Bíblia. Paradoxalmente, o Senhor *aniquilará a morte*. Senhor é o título que significa *soberano* ou *mestre*. A palavra *JEová* representa o nome divino *Yahweh*, comumente traduzido por SENHOR.

*Enxugará [...] as lágrimas.* Essa promessa é repetida em Apocalipse 7.17; 21.4. O SENHOR *o disse*. O cumprimento das promessas é tão certo quanto o caráter de Deus é eterno (Is 1.20).

25.9 — Observe a mudança de meu Deus (v. 1) para *nosso Deus*. Esse versículo é o cântico de louvor dos fiéis. *Exultaremos e nos alegraremos* pode ser entendido como estaremos excessivamente felizes. A *salvação* é a libertação das amarras, quer signifiquem cair no fosso (Sl 40.2), quer correspondam aos grilhões do pecado e da morte.

25.10,11 — *Moabe* simboliza os orgulhosos. *Monturo* traz a mente a água misturada com excremento — uma imagem bastante desagradável.

25.12 — *E abaixará.* Será um ato do Senhor.

26.1—27.1 — Esse poema consiste de três partes: (1) um cântico de peregrinação que celebra a cidade de Deus (Is 26.1-6); (2) um cântico que expressa fé em Deus (Is 26.7-19); (3) a promessa animadora de que Deus castigará o mal (Is 26.20—27.1).

26.1-6 — O cântico contém uma breve introdução (v. 1a), e no mais consiste de uma celebração dos peregrinos fiéis por terem uma forte cidade (v. 1-3), de uma ordem para confiar no Senhor (v. 4) e da afirmação de que a cidade exaltada da terra será destruída.

26.1 — *Naquele dia.* Veja uma expressão semelhante em Isaías 2.12. A *forte cidade* dos peregrinos é, presumivelmente, o monte Sião (Is 2.2; 60.14).

26.2 — *Abri as portas* é uma expressão comum aos cânticos de peregrinação (Sl 118.19,20).

26.3 — A expressão hebraica traduzida por *paz* é, literalmente, paz, paz; compare com palavra *santo*, em Isaías 6.3. O Emanuel inaugurará essa era de paz inigualável (Is 9.6; 11.6-9).

26.4 — *Confiai* significa comprometei-vos completamente com.

26.5,6 — Versículo após versículo, reafirma-se a destruição, pelo poder de Deus, da *cidade exaltada* (v. 1).

26.7-19 — O cântico de fé contrasta (1) a fé atual dos justos (v. 7-9a) com a necessidade dos ímpios de aprenderem o que é justiça por meio do juízo futuro (v. 9b-11); (2) a atual opressão aos fiéis (v. 12,13) com o juízo de Deus sobre os tiranos (v. 14); (3) as bênçãos futuras que serão dadas à Sua nação (v. 15) com o trabalho infrutífero no presente (v. 16-18) e com a futura ressurreição dos mortos (v. 19).

26.7 — *É todo plano; tu retamente.* A retidão imperfeita do justo é contraposta à retidão absoluta do Santo.

26.8 — *Te esperamos.* Veja uma ideia semelhante em Isaías 40.31 (compare com Sl 40.1).

26.9 — *De noite [...] madrugarei.* O profeta fala de sua busca incansável por Deus.

26.10 — O *ímpio* demonstra desprezo pelo favor de Deus (Rm 2.4). *Majestade* é traduzido por *coisas grandiosas* em Isaías 12.5.

26.11 — *A tua mão*. As obras de Deus são ignoradas pelos ímpios (Is 5.12). *O fogo consumirá* também pode ser traduzido por o fogo sobre.

26.12 — A verdadeira *paiz* provém apenas do Senhor (Is 26.3; Jo 14.27).

26.13 — Os *outros senhores* são os reis egípcios do passado, os reis assírios do presente e os reis babilônios do futuro. *Nos lembramos do teu nome*, isto é, do caráter de Deus conhecido pela experiência.

26.14 — *Morrendo eles*. O profeta contempla a derrota dos inimigos do povo de Deus. Diferentemente dos fiéis (v. 19), os inimigos *não ressuscitarão*.

26.15 — *Tu, Senhor, aumentaste esta gente*. A repetição dessa expressão no original ressalta tanto sua certeza quanto sua magnitude.

26.16 — O pronome *te* refere-se à nação fiel.

26.17,18 — *A mulher grávida* suporta as dores do parto, pensando na alegria que há de se seguir. O remanescente fiel da época de Isaías suportava a opressão, mas tudo o que isso lhes rendeu foi o *vento*, uma metáfora para o trabalho inútil.

26.19 — Isaías, falando aos companheiros de fé, garante-lhes que os *mortos* ressuscitarão (Jó 19.26; Dn 12.2). O *orvalho* ilustra uma vida nova e abençoada (Sl 133.3; Os 14.5). Costuma-se alegar que os crentes da época do Antigo Testamento não tinham verdadeiras chances de ressuscitar, que o máximo que podiam esperar era morar na Terra Prometida durante toda a sua vida terrena. Mas aí está um versículo que contradiz essa ideia (Sl 23.6).

26.20—27.1 — A animadora promessa anunciada pelo profeta contrasta com a angústia que sente o povo de Deus (v. 20) e promete castigo aos tiranos (v. 21). O emprego de metáforas poéticas realça a gravidade do castigo (27.1).

26.20 — *Povo meu* é o remanescente fiel e justo. Suas aflições sob o jugo dos tiranos assírios não durarão mais que *um momento*, e nem vale a pena compará-lo com a alegria permanente que haverá depois (Is 26.19; 54.7; Sl 30.5; 2 Co 4.17).

26.21 — *Sairá* pode ser traduzido por está prestes a sair. Quando a *terra* expelir o *sangue* dos

pobres e oprimidos que engoliu por ação de tantos tiranos impiedosos, ela prestará testemunho contra esses homens malignos, e o Senhor os castigará (Gn 4.10).

27.1 — O verbo *castigar* vincula esse versículo ao anterior; é o clímax da seção anterior. À semelhança da serpente Lotã dos mitos ugaritas, o *Leviatã* era uma divindade-dragão mitológica que simbolizava o caos e batalhava sem êxito contra Deus (Jó 41.1; Sl 74.14).

*Serpente* e *dragão* são imagens que Isaías toma emprestadas dessa batalha mitológica para ensinar que Deus triunfará sobre todos os que o desafiarem.

*No mar*. Leia o desenvolvimento do tema no Salmo 93.

27.2-13 — Essa profecia é um cântico sobre a restauração da vinha do Senhor, Israel (v. 2-6), depois que aniquilar os opressores (v. 10-11). É também uma promessa de que o Senhor reunirá os exilados no monte Sião (v. 12,13).

27.2 — *A vinha* é Israel (Is 5.7; 27.6). O *vinho tinto* contrasta com as uvas bravas (Is 5.2). É esse o propósito de Deus para Seu povo — Ele quer que Israel produza, nessas condições, um vinho delicioso.

27.3 — *Eu [...]* a *guardo* contrasta com a tornarei em deserto (Is 5.6). *A cada momento a regarei* contrasta com não derramem chuva sobre ela (Is 5.6). *Para que ninguém lhe faça dano* contrasta com tirarei a sua sebe (Is 5.5). Essa passagem é uma virada completa na sentença pronunciada no cap. 5.

27.4 — *Não há indignação em mim* contrasta com não tornou atrás a sua ira (Is 5.25). *Quem me poria sarças e espinheiros* contrasta com crescerão nela sarças e espinheiros (Is 5.6).

27.5 — *Paz*. Esse tema é mais desenvolvido em Isaías 9.6; 11.1-16; 26.3.

27.6 — *Dias virão* refere-se à reunião dos exilados (v. 13).

27.7 — *Feriu-o ele [...]* *matou-o ele*. As duas perguntas que começam com essas palavras esperam resposta negativa.

*Feriu-o*. O Senhor feriu de morte as nações (Is 14.22,30), mas não a Israel (Is 10.24-26).



27.8 — Quando a rejeitaste refere-se ao exílio (v. 13).

27.9 — *Iniquidade [...]* tirado. Veja em Isaías 40.2 outra afirmação de que o castigo de Israel expiou sua culpa.

*Os bosques e as imagens do sol.* Veja uma ocorrência similar dos termos em Isaías 17.8.

27.10,11 — *A cidade forte está solitária.* Veja uma expressão semelhante em Is 25.2,10-12; 26.5,6.

27.12 — *Padejará* significa fazer uma colheita sacudindo a planta, como na cultura das oliveiras. *Do rio até o rio do Egito.* Essas referências geográficas delineiam a terra ideal de Israel — do Eufrates até o uádi Alarixe (Gn 15.18).

27.13 — *A grande trombeta* é uma metáfora para a reunião de grandes tropas (Êx 19.16,19; 1 Sm 13.3; 2 Sm 6.15; Mt 24.31; 1 Co 15.52; 1 Ts 4.16).

28.1—35.10 — Essa seção consiste de seis ais (28.1; 29.1,15; 30.1; 31.1; 33.1): ais dirigidos a reis futuros (28.1—29.24); ais contra quem aceitou maus conselhos (30.1—31.9), com um apêndice prometendo a salvação pelo Rei, isto é, Deus (32.1-20); ais contra a Assíria, permitindo um vislumbre da promessa da futura glória de Sião (33.1-35.10).

28.1-29 — O ai contra os reis do Reino do Norte (v. 1-13) deve servir de exemplo para os reis de Judá (v. 14-29). Observe a conjunção *pois* no v. 14.

28.1-13 — O ai consiste de uma acusação contra os líderes bêbados do Reino do Norte (v. 1-4), contrapostos ao futuro Rei ideal (v. 5,6); de uma acusação contra os líderes religiosos, por abusarem do álcool (v. 7,8) e aviltarem os verdadeiros profetas de Deus (v. 9,10); do anúncio do envio de um mensageiro (v. 11,12) com a proclamação da sentença (v. 13).

28.1 — *Coroa de soberba* é uma referência a Samaria.

*Bêbados.* Os autores bíblicos condenam o excesso de vinho, a ebriedade e a devassidão (Is 5.11,12).

*Efraim* é um nome que, às vezes, representa todo o Israel (Is 7.2-9).

28.2 — O *homem valente* é a Assíria, comparada com a *saraiva*, que arranca as folhas das plantas e com as *impetuosas águas* que arrastam os caules (Is 8.7,8; 17.12,13).

28.3,4 — *Coroa de soberba.* Repete-se aqui a expressão do versículo 1. A repetição de expressões costuma ser uma forma de enfatizar a mensagem, porém existe aqui uma conotação triste. O povo de Samaria e de Efraim será privado de seu *ornamento* e do *fértil vale*. Eles perderão tudo por causa da insistência na idolatria, ou seja, por se recusarem a reconhecer apenas o Senhor como o Deus vivo.

28.5 — *Naquele dia.* Veja uma expressão semelhante em Isaías 2.12. A verdadeira *coroa gloriosa* (Is 29.17-24; 30.18-33; 32.1—33.24) contrapõe-se à coroa falsa (v. 1-4). Os *restantes*. Veja referências similares em Isaías 1.9; 10.19-23.

28.6 — O *espírito de juízo* dominará na era messiânica (Is 11.1-5; 42.1-4).

28.7 — *Mas também estes* são os líderes religiosos, o *sacerdote* e o *profeta*.

28.8 — Há uma limitação natural para o teor alcoólico que pode ser obtido sem destilação, um processo desconhecido em tempos bíblicos. A cerveja era fabricada com grandes quantidades de cereal, e era mais parecida com um mingau ralo o que com nossa cerveja atual. Diversos alertas na Escritura demonstram que o alcoolismo é um problema.

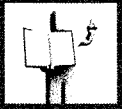
28.9,10 — *A quem, pois, se ensinaria?* Era o que os líderes de coração endurecido perguntavam a Isaías.

28.9 — O filho era *desmamado* entre 3 e 5 anos de idade, época ideal para educá-lo nos princípios básicos da moral, que se descrevem no versículo 10.

28.10,11 — Os *lábios estranhos* eram os dos assírios, que se tornarão professores de Israel por causa da liderança ineficiente da nação (Is 33.19).

28.12 — Em vez do *descanso* que vem com a fé, os opressores de Israel ensinarão por meio da vara.

28.13 — *A palavra do Senhor* tomará a forma da disciplina aplicada por estrangeiros de fala



## ENTENDENDO MELHOR

### UM PACTO COM A MORTE

Na Antiguidade, os idólatras imploravam proteção tanto às divindades quanto aos demônios da morte, e usavam amuletos que supostamente os protegiam da morte, afastando os seres divinos. Esses amuletos são achados comuns nas escavações arqueológicas do Oriente Médio, até mesmo em Judá e Israel.

O deus da morte na Síria-Palestina era Motu. Os mitos ugaritas de Ras Shamra, na Síria, representam Motu como alguém cujo apetite por seres vivos é insaciável e que devora tudo o que tenha vida. Segundo a crença dos cananeus, Motu, o portador da morte, guerreia contra Baal, o portador da vida. As vitórias de Motu resultam em morte e destruição na terra, enquanto as vitórias de Baal, segundo eles, rendem chuvas e boas colheitas.

Isaías critica certos líderes de Jerusalém que achavam estar a salvo da destruição (Is 28.14-22). O *dilúvio do açoit*e (v. 2,15) é uma *inundação*, metáfora usada em todo o Oriente Médio para a destruição militar. Motu, segundo supunham, os protegeria quando chegasse a destruição. Isaías retruca que seu *concerto com a morte*, seu regateio com Motu não oferece segurança alguma (v. 18,19). Tudo que Motu pode oferecer é a própria morte.

estranha. Eles ensinarão sua moral a Israel, que deveria tê-la aprendido de Deus.

**28.14-29** — A profecia de Isaías contra os reis debochados de Judá consiste de duas partes, iniciadas pelo imperativo *ouvi* (v. 14-22): (1) ameaça de juízo (v. 14-22); (2) instrução moral que demonstra que Deus concedeu mais consciência moral ao simples camponês que aos reis debochados (v. 23-29). Os dois sermões encerram com uma referência ao Senhor dos Exércitos, primeiro como autor da destruição (v. 22), depois como maravilhoso em conselho (v. 29).

**28.14-22** A ameaça de juízo consiste de uma acusação contra os reis ímpios de Judá por zombarem das ameaças de Isaías (v. 14,15). Eles também fizeram pouco caso de uma nova ameaça (v. 16-21) e de um novo apelo a que cessassem com o escárnio (v. 22).

**28.14** — *Homens escarnecedores* são piores que os tolos; em vez de escolher o mau, desprezam o que é bom (Sl 1.1).

**28.15** — *Concerto com a morte* [...] *a mentira* [...] *falsidade*. Essas expressões talvez sejam a maneira de Isaías descrever o pacto do povo com o Egito. O *dilúvio do açoit*e parece ser a forma de o profeta caracterizar as retaliações da Assíria (Is 10.26; 28.2). Os escarnecedores ridicularizaram os alertas de Isaías.

**28.16-22** — A ameaça de juízo está dividida em duas partes: o exército assírio será a causa

imediate (v. 16-19); o Senhor dos Exércitos será a Causa Principal (v. 20-22).

**28.16,17** — *Portanto*. Em resposta ao deboche do povo, o Senhor promete estabelecer Seu futuro reino sobre a *pedra bem firme e fundada* da justiça e da fé. *Eu assentei* se refere ao futuro, assentarei. Os apóstolos entendiam que a *pedra preciosa de esquina* era Jesus Cristo (1 Pe 2.4-6).

*Saraiva* [...] *águas*. Veja descrições semelhantes no versículo 2.

**28.18,19** — *Desde que*. O exército assírio oprimiu Israel diversas vezes.

**28.20** — A *cama* curta demais e o *cobertor* estreito representam uma falsa promessa de segurança e conforto, uma imagem fidedigna para a malfadada e teimosa aliança do povo com o Egito.

**28.21** — No *monte de Perazim*, Deus provocou uma forte inundação (2 Sm 5.20; 1 Cr 14.11; compare com os v. 2,15,17,18). No *vale de Gibeão*, Ele fez cair a saraiva (Js 10.10,11; compare aos v. 2, 17). O juízo de Deus sobre Israel era *estranho*, isto é, incomum, pois Ele raramente age assim contra Seu povo. A Escritura hebraica não é um registro da ira de Deus, e sim da grande paciência que demonstra para com esse povo desencaminhado que Ele, apesar de tudo, ainda deseja chamar Meu povo (Êx 6.2-8).

**28.22** — *Escarneçais* provém da mesma raiz hebraica que *homens escarnecedores*, no versículo 14.

Senhor *JEOVÁ dos Exércitos*. Veja uma ocorrência semelhante em Isaías 1.9.

*Sobre toda a terra*. Veja uma ideia similar em Isaías 24.1-23.

**28.23-29** O sermão que elogia a sabedoria do camponês, após a exortação inicial ouvi (v. 23), está dividido em duas partes: sua sabedoria ao plantar (v. 24-26) e ao colher (v. 27-29). Cada uma termina apontando o Senhor como o Autor da sabedoria e do juízo correto (v. 26,29). Os reis debochados, por sua vez, arriscaram-se ao fazer pouco caso do Senhor.

**28.24,25** — A ideia predominante nesses versículos é a de que há uma rotina no campo, assim como há uma rotina na vida.

**28.26-28** — O instrumento de trilhar talvez fosse um instrumento grande demais para um vegetal tão fino quanto a ervilhaca.

**28.29** — *Maravilhoso em conselho*. Veja uma ideia semelhante em Isaías 9.6. A sabedoria empregada pelo fazendeiro nos versículos 24-28 para cuidar de suas plantações provém de Deus, a fonte de todo bom conselho.

**29.1-14** — O segundo ai é contra Jerusalém, por causa de sua religião hipócrita — mais especificamente, seu louvor vazio (v. 1-8) e seus profetas cegos (v. 9-14).

**29.1** — *Ariel* provavelmente significa base do altar (Ez 43.15,16). A destruição e a chacina em Jerusalém deixarão a cidade parecida com um altar. A repetição do termo *Ariel* indica a tristeza do Senhor pelo estado lamentável a que Sua cidade se reduziu.

*Em que Davi assentou o seu arraial*. Davi fez de Jerusalém sua capital. É dele também o projeto do templo, depois construído por Salomão nessa cidade. Essas palavras demonstram o amor inabalável de Deus por Seu servo Davi, o protótipo do rei Jesus, que viria séculos depois.

*Acrescentai ano a ano* é uma referência sarcástica aos rituais vazios e repetitivos praticados na época (Is 1.10-17).

**29.2** — *Pranto e tristeza* pode ser reformulado como penosa tristeza.

**29.3** — *Sitiarei* refere-se ao sítio assírio à cidade, em 701 a.C.

**29.4,5** — *A tua voz [...] como a de um feiticeiro* fala das vozes proibidas e enganosas que o médium supostamente canalizava. A voz forte da cidade de Jerusalém se tornará mero suspiro (Is 8.19).

**29.6** — *Visitada* é uma tradução literal de uma palavra usada às vezes com sentido de trazer a salvação.

*Com trovões, e com terremotos, e grande ruído, e com tufão de vento, e tempestade, e labareda de fogo*. A vinda do Senhor para Seu povo é descrita com as imagens dos elementos que o acompanharam no Sinai (Êx 19.16-19) e de quando Ele lutou por Israel (Is 19.1; 30.27; Jz 5.4,5; Sl 18.7-15; Hc 3.3-7).

**29.7,8** — *Todas as nações*. Veja uma ocorrência semelhante do termo em Isaías 5.26.

*Ariel*. O termo também é usado no versículo 1 com referência à cidade de Jerusalém. *Como o sonho* significa que passa depressa, algo quase irreal.

**29.9,10** — *Tardai [...] folgai*. Se os líderes religiosos de Israel são bêbados (Is 28.7), os de Jerusalém *andam titubeando* — não por causa da bebida, mas por ignorar o Senhor e Seus caminhos. *Profundo sono* vem de uma palavra hebraica que remete ao sono de Adão (Gn 2.21), um estupor sobrenatural.

*Profetas [...] videntes*. As visões que Deus outorgou não foram valorizadas nem obedecidas.

**29.11,12** — *O que sabe ler* representa os líderes religiosos que acham que o previsto por Isaías está *selado*. O motivo dessa conclusão é a cegueira espiritual (Ap 5.1). *O que não sabe ler* representa o povo comum.

**29.13** — *Os lábios e a boca* do povo falam as coisas certas, mas sua natureza interior está bem longe de Deus.

**29.14** — *A obra maravilhosa* de Deus abrange tanto o castigo dos soberbos quanto a salvação dos humilhados (v. 17-24).

*A sabedoria [...] perecerá*. Veja uma ideia semelhante em 1 Coríntios 1.18-31.

**29.15-24** — O terceiro ai acusa os conselheiros rebeldes de Israel de virar o mundo religioso de cabeça para baixo e de tentar manipular a Deus, em vez de obedecer a Ele (v. 15,16).

Deus então promete virar o mundo deles de cabeça para baixo, humilhando os arrogantes e elevando os humilhados (v. 17-24).

**29.15** — A palavra *propósito* refere-se ao ato buscar de alianças terrenas, em vez do auxílio divino.

**29.16** — *Oleiro* [...] *barro*. Veja uma ideia semelhante em Isaías 45.9.

**29.17** — O *Líbano* é um símbolo do poder da terra (Is 2.13; 10.34; 33.9). *Campo fértil*, ou jardim, é o oposto do Líbano, uma floresta.

**29.18** — Aqueles que antes eram *surdos* ou *cegos* às palavras do livro irão entendê-las por meio uma intervenção milagrosa (v. 9-12).

**29.19** — *Necessitados*. Veja uma ocorrência semelhante em Isaías 61.1.

**29.20** — *Tirano*. Veja referências semelhantes em Isaías 13.11; 25.3,4; 49.24.

*Escarnecedor*. Veja uma referência semelhante em Isaías 28.14.

**29.21** — A expressão *em uma causa* refere-se ao falso testemunho. *Armam laços* os que tentam abarcar a injustiça que acontece por meios de técnicas jurídicas. Uma causa vencida com mentiras ou argumentos insidiosos ataca a justiça *sem motivo*.

**29.22** — *Remiu a Abraão*. Veja mais informações em Atos 7.2-4. *Jacó não será, agora, envergonhado*, pois, por causa da aliança firmada entre Deus e os patriarcas, o Senhor concede nova promessa de libertação e bênçãos aos israelitas.

**29.23,24** — *Minhas mãos*. O próprio Deus resgatará Seu povo. *Santo de Jacó* é o mesmo que Jacó via como Santo, uma variação da expressão *Santo de Israel*.

**30.1-33** — No capítulo anterior, Isaías denuncia os que procuram a ajuda de homens, em vez de se colocarem na dependência do Senhor. Nos capítulos 30 e 31, Isaías trata da tolice de depender do Egito. Esse ai consiste de uma condenação aos que depositam sua confiança no Egito (v. 1-17) e da promessa de que o Senhor salvará Israel e destruirá a Assíria (v. 18-33).

**30.1-17** — O ai aos rebeldes de Judá, que teimavam em confiar no Egito, em vez de depender do Senhor, consiste de uma reprimenda por

depositar a confiança no lugar errado (v. 1-7) e de uma sentença judicial por desprezar o aviso de Deus (v. 8-17).

**30.1-7** — A reprimenda consiste da acusação de que eles repudiaram a fé em Deus para confiar no Egito (v. 1,2) e de uma previsão de que o Egito os abandonará (v. 3-7).

**30.1** — Trata-se do quarto *ai*, em 28.1-35.10. Os *filhos rebeldes* são os conselheiros de Ezequias. A injustiça que praticam eles acrescentaram o *pecado* de fazer planos sem consultar a Deus. *Meu Espírito* é outra forma de se referir a Deus (Is 11.2).

**30.2** — *A sombra do Egito*. O contraste, é claro, seria confiar na sombra do Onipotente (Sl 91.1).

**30.3** — *Vergonha* significa uma profunda humilhação.

**30.4** — *Seus embaixadores* podem ser as pessoas de Judá que foram de Zoã (Is 19.11-13), no Delta, a *Hanes*, a cerca de 80 km ao sul do Cairo.

**30.5** — *Vergonha* e *opróbrio* referem-se a uma humilhação intolerável.

**30.6** — O *peso dos animais* deve-se ao fato de eles terem transportado inutilmente, pelo deserto, presentes de Judá para o Egito (v. 7-11).

**30.7** — A palavra original para *Egito*, Raabe, significa literalmente tempestade ou arrogante. Raabe era um dragão da mitologia pagã que se imaginava ter resistido à criação. Tanto Raabe quanto o Leviatã simbolizam as forças do mal no Universo, as quais Deus destruirá (Is 51.9).

**30.8-18** — A frase consiste de duas partes: (1) reprimenda pela rejeição à mensagem de Deus (v. 8-11,15); (2) relação dos castigos a serem aplicados (12-14,16,17).

**30.8** — As placas de texto mais antigas já descobertas até hoje datam de cerca de 1350 a.C. Foram encontradas em 1986 d.C. num navio naufragado na costa sudeste da Turquia. Até essa descoberta, as placas mais antigas que se conhecia tinham sido encontradas em um poço de Ninrode, perto de Nínive, e datavam de cerca de 700 a.C. A superfície de escritura original era uma camada de cera.

**30.9** — *A lei* é a orientação dada pelo profeta, que provém diretamente do Senhor (v. 15).



## APLICAÇÃO

### PARA QUE ESSA PRESSA?

Talvez você esteja sempre com pressa, como se corresse numa esteira elétrica, sempre de olho num prazo a cumprir, sempre pensando no que irá acontecer a seguir, em vez de viver o momento presente.

Os contemporâneos de Isaías sentiam grande aflição por causa dos assírios. Não paravam de elaborar planos e de fazer preparativos para o caso de invasão inimiga. Deus, porém, os alertou: o segredo para suportar as ameaças da Assíria não estava na atividade frenética, e sim na confiança tranquila e absoluta nele (Is 30.15). Não que planejar com sabedoria não tenha valor, mas a fé em Deus requer certo distanciamento do trabalho para que a pessoa reflita sobre a própria situação e sobre a capacidade do Senhor em resolvê-la.

O bom senso nos diz que, de vez em quando, devemos fazer uma pausa para respirar. A Escritura nos conclama a deixarmos os afazeres de lado periodicamente para louvar a Deus (Êx 20.8-10). O princípio de encarar a vida com equilíbrio e comedimento foi estabelecido no final da primeira semana de trabalho da história, quando Deus se deteve para contemplar o que havia realizado (Gn 1.31—2.2).

Por que não separar um tempo agora mesmo para refletir sobre sua vida — de onde ela veio, onde está no momento e para onde está rumando. Reflita sobre seus relacionamentos — as conversas que teve, as memórias que guardou. Você está disposto a aplicar seu tempo em buscar a Deus?

**30.10** — *Não vejais.* Veja uma ocorrência semelhante do termo em Miquéias 2.6.

**30.11** — *Deixe de estar.* Das palavras maldosas do povo, essa era a mais flagrante.

**30.12** — Não se decidir a obedecer ao Senhor é o mesmo que rejeitá-lo. Equivale também a rejeitar Sua *palavra*. *Confiais na opressão.* Veja uma ideia semelhante em Isaías 1.15-17; 29.20,21.

**30.13,14** — *Parede [...] que já forma barriga e como se quebra o vaso do oleiro* significam que o juízo sobrevirá absoluta e *subitamente*. *Pedaços* são os cacos do vaso quebrado.

**30.15** — *Converterdes* implica arrepender-se. *Repousardes.* Veja uma ideia semelhante em Isaías 28.12. *No sossego e na confiança* pode ser reformulado como em absoluta confiança. Confiar na força de Deus, em vez de na própria capacidade, é a única forma de encontrar o verdadeiro repouso.

**30.16** — Em vez de confiar no Senhor, o povo prefere depender dos *cavalos* e das carruagens do Egito para defender a terra (Is 31.1).

**30.17** — *Mil homens fugirão.* A mensagem é de que a nação será completamente dispersa (Dt 32.30).

**30.18-33** — Essa promessa de salvação consiste: (1) na base da bênção que se encontra no juízo de Deus (v. 18); (2) na promessa da libertação de

Judá (v. 19-26); (3) da ameaça da destruição da Assíria (v. 27-33).

**30.18** — *A equidade* de Deus requer que os opressores assírios sejam punidos (Jz 2.16). A *misericórdia* de Deus e sua compaixão são equilibradas; elas interagem com Sua justiça e com o fato de Ele ser *exaltado*.

**30.19** — *Não chorarás mais.* Uma promessa parecida é feita em 25.8.

*À voz do teu clamor.* Veja uma ideia semelhante em Jz 2.18.

**30.20** — O Senhor vem concedendo aos israelitas o *pão de angústia*, isto é, rações ínfimas, como se estivessem na prisão (1 Rs 22.27). Depois do juízo, porém, o Senhor concederá a salvação: os *olhos* de Israel *verão* isso (Is 29.24). Os *mestres* provavelmente são os profetas (v. 10).

**30.21** — *Andai nele* contrapõe-se a *desviai-vos*, no v. 11. O povo está de maneira tão errada que já não escuta seus líderes espirituais (v. 20). Agora, o Espírito do Deus vivo em pessoa os ensinará.

**30.22** — *Terás por contaminadas* significa profanar pela destruição (2 Rs 23.4-14). *Um pano imundo* é algo como um pano sujo de menstruação. A ideia é livrar-se dele.

**30.23,24** — As promessas que faziam parte do pacto original com Moisés passam a vigorar outra vez.

*Chuva.* A bênção estender-se-á do campo ao rebanho (Dt 28.11,12).

**30.25,26** — *Em todo monte alto e a luz do sol, sete vezes maior,* são expressões que ressaltam a magnitude da futura salvação.

*Aguas.* A queda da grande chuva e os rios caudalosos estão associados à bênção que resulta da fé em Deus (Is 32.2; 41.17,18).

*Quando cátreem as torres* é uma expressão associada ao colapso do orgulho humano (Is 2.12-17).

**30.27-33** — A previsão da destruição da Assíria consiste de dois ciclos: (1) um ciclo de ataque (v. 27,28 e 30,31); (2) um ciclo de júbilo (v. 29 e v. 32). Conclui com uma menção à pira funerária do rei (v. 33).

**30.27** — *O nome do SENHOR* corresponde ao Seu caráter, celebrado em Seus feitos de salvação em toda a história. O Senhor *vem* montado numa tempestade (Is 29.6).

**30.28** — *A sua respiração* descreve o som da voz do Senhor como um rio transbordante e turbulento.

*Pescoço.* Veja uma imagem semelhante em Isaías 8.8.

**30.29** — *Cântico [...] na noite.* Em ocasiões festivas, cantava-se madrugada adentro. *Rocha* é uma tradução literal (Sl 144.1).

**30.30,31** — Aqui, a voz de Deus é comparada com o trovão (Sl 29.3,4; compare com v. 28).

*O abaixamento do seu braço.* O braço forte de Deus livrou os israelitas do Egito, e agora descerá para julgar (Êx 6.6).

*Assíria.* Só aqui, nessa seção, a nação inimiga é mencionada pelo nome.

**30.32** — *Tamboris.* Veja mais referências ao instrumento em Êxodo 15.20; 1 Samuel 18.6. Trata-se de soldados-músicos, habituados com combates, os quais devem estar prontos para lutar ou para executar seus instrumentos musicais, conforme seja necessário.

**30.33** — *A fogueira* é Tofete, cidade localizada ao sul de Jerusalém que era o ponto de encontro entre os vales de Hinom e Cedrom. Provavelmente era um buraco profundo e largo que continha uma fogueira alimentada com madeira. Ali, ocasionalmente, crianças eram queimadas

como oferenda a divindades pagãs (2 Rs 23.10; Jr 7.31,32; 19.6,11-14). Essa área, ao longo dos séculos, foi bastante aterrada. O *enxofre* lembra a destruição de Sodoma pelo fogo (Is 34.9,10; Gn 19.24).

**31.1-9** — O quinto ai reafirma o quarto oráculo (Is 30.1-33) e também se dirige aos que substituíram a fé no Senhor pela confiança no Egito. Essa profecia condena a dependência do Egito (v. 1-3) e contém a promessa de que o Senhor salvará o monte Sião (v. 4,5) e destruirá a Assíria (v. 6-9).

**31.1** — *Ai dos que descem ao Egito.* Veja uma ideia semelhante em Isaías 30.2. *Atentam* significa olham com interesse ou olham com respeito. *Buscam ao SENHOR*, aqui, implica buscar orientação com Seus profetas (Is 29.9,10; 30.1).

**31.2,3** — *A casa dos malfetores* é Judá. Sua ajuda é o Egito. O Egito e Judá *juntamente serão consumidos*.

**31.4,5** — O *leão* representa o *SENHOR dos Exércitos* (Is 1.9) e Sua resolução de *pelejar* contra o inimigo. A *multidão de pastores* são os oficiais assírios. *Monte Sião* e *outeiro* são sinônimos. *Como as aves voam* é um símile que ilustra o compromisso apaixonado do Senhor em amparar *Jerusalém*. *Passando* é um termo técnico empregado para o anjo da destruição, que passou por Israel quando destruiu os egípcios e defendeu o povo de Deus (Êx 12.13,23).

**31.6,7** — *Se rebelaram.* Veja o motivo da rebelião em Isaías 30.1. *Lançará fora.* Veja uma ideia semelhante em Isaías 30.22.

*Que fabricaram as vossas mãos.* Veja expressões semelhantes em Isaías 2.8; 17.8.

**31.8** — *Não de homem,* porque o anjo da morte é que destruirá o orgulhoso exército de Senaqueribe (Is 37.36).

**31.9** — *A bandeira* ajudava a manter o moral da tropa na batalha. Os *príncipes* estarão apavoados demais para batalhar pela causa.

*Fogo.* Veja metáforas semelhantes em Isaías 10.17,18; 30.27,30,33.

**32.1-20** — O quinto ai (cap. 31) encerra com uma profecia sobre liderança (v. 1-8) e seus efeitos (v. 9-20). Paradoxalmente, os líderes generosos (v. 1-5) produzem abundância e segurança



## APLICAÇÃO

### JUSTIÇA NO DESERTO

Talvez você, como tantos outros, pense no campo como um refúgio suave e tranquilo das complicações da vida urbana, mas, nos tempos bíblicos, as áreas rurais eram geralmente lugares sem lei, onde *cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos* (Jz 21.25). Era a cidade que tendia a oferecer paz e proteção.

Por isso, a *visão da justiça no deserto* (Is 32.16) é uma promessa notável. A essência da transformação seria a presença do Espírito (Is 32.15). Contudo, o Espírito não viria estabelecer a paz de Deus a um povo que não a desejava. A paz teria de ser o fruto das sementes de retidão plantadas (Is 32.17).

O Senhor conclamou as mulheres complacentes de Judá a chorar pelas consequências terríveis que acometeriam aquela sociedade corrupta e escapista (Is 32.9-13). Deus, porém, prometeu intervir. A cidade ficaria segura não por causa de suas muralhas, mas porque o Espírito a defenderia.

Seja você morador de área urbana ou não, a visão que Isaías contemplou da paz de Deus é instrutiva. Ao semear as sementes de retidão em sua comunidade, você dá ao Espírito oportunidade para que Ele abençoe você e seus vizinhos. Essas *sementes* podem ser: alimentar os famintos, fechar uma loja de imoralidades ou simplesmente orar pelos líderes civis. *Seja lá o que você decidir fazer, saiba que o Espírito pode multiplicar seus esforços inúmeras vezes. "O fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz" (Tg 3.18).*

permanente (v. 16-20), enquanto os mesquinhos (v. 16-20) produzem falsa segurança e desolação (v. 9-14).

**32.1** — A profecia sobre esse *rei* cumprir-se-á no Senhor Jesus Cristo (Is 7.14; 9.1-7; 11.1-5; 28.16; Jo 10.11,16). Os *príncipes* são seus subpastores (1 Pe 5.2-4).

**32.2** — Os quatro símiles sobre a proteção e as dádivas do futuro Rei ao Seu povo contrapõem-se à liderança incompetente de Israel (Is 28.7; 29.9,10; 30.1,2; 31.1,2).

**32.3,4** — *Olhos* límpidos e *ouvidos* atentos são retratos do futuro Líder, que contrasta com o atual, que é mau e tolo. Os olhos e ouvidos do povo também serão abertos (Is 6.9,10; 29.18,24; 35.5; 42.7). De modo semelhante, terão um *coração* compreensivo e uma *língua* pronta a falar *distintamente*.

**32.5-7** — O contraponto entre as palavras dos nobres e dos tolos provém do *coração* da pessoa (v. 4). Se ela pensa em fazer o mal, falará e agirá com maldade. *Destruir os mansos*. Veja uma ideia semelhante em Isaías 29.20,21.

**32.8,9** — O termo traduzido por *em repouso* é usado três vezes com respeito a essas mulheres (v. 9,10,12) e deriva do verbo que significa confiar. Assim, a palavra também pode ser traduzida por seguras e em repouso (v. 17,19). Embora os im-

pios tenham cometido o erro de confiar no Egito para garantir sua segurança (31.1), os justos depositam sua fé no Senhor e obterão a verdadeira segurança.

**32.10-12** — A mulher de luto no antigo Oriente Médio trocava as roupas costumeiras por *panos de saco* em torno dos *lombos* (Gn 37.34).

**32.13,14** — *Espinheiros e sarças*. Veja expressões semelhantes em Isaías 5.6; 7.23. *Palácio* vazio e *pasto* são figuras da devastação completa de Jerusalém no dia do juízo de Deus.

**32.15** — A nova realidade histórica dependerá do empenho criativo do *Espírito* (Is 11.2; 42.1; 61.1; Ez 36.26, 27; Jl 2.28, 29) que se origina do *alto*, a morada de Deus (Is 33.5). Isso se contrapõe a ir ao Egito (Is 31.1)

**32.16** — O *campo fértil* representa uma virada no juízo previsto em Isaías 29.17.

**32.17,18** — As palavras hebraicas traduzidas por *segurança* e *seguras* relacionam-se à palavra hebraica traduzida por em repouso no v. 9.

**32.19,20** — A *saraiva* pode ser uma referência à Assíria (28.2).

**33.1-24** — O sexto ai difere dos outros porque se dirige à Assíria, e não a Judá. Concentrando-se na derrota da Assíria e na salvação de Judá, a profecia ressalta o Rei exaltado de Judá (v. 3,5,10). Esse ai consiste de uma introdução aos principais

temas do oráculo (v. 1-6), da ênfase na necessidade de salvação de Judá e no saneamento dessa necessidade pelo Senhor (v. 7-13), de seu impacto espiritual sobre os pecadores (v. 14-16) e de uma conclusão, que exalta a formosura do Rei majestoso (v. 17-24).

**33.1-6** — A introdução profetiza a destruição do destruidor (v. 1), a resposta do Senhor à oração do remanescente (v. 2-4) e a transformação de Sião (v. 5,6).

**33.1** — *Ti* refere-se à Assíria, que *perfidamente* (Is 21.2; 24.16) descumpriu seus tratados (2 Rs 18.13-37).

**33.2** — *Tem misericórdia*. Veja uma ideia semelhante em Isaías 30.18. O remanescente situa-se, entre os quais está Isaías, *tem esperado* no Senhor em oração (Is 37.14-20) com uma expectativa confiante (Is 40.31).

*Salvação*. Veja uma referência semelhante a Deus como única fonte de salvação em Isaías 12.2.

**33.3** — *À tua exaltação*, isto é, à exaltação do Rei celeste (v. 5,10) quando Ele levanta para demonstrar Sua glória e fazer valer Sua justiça. *Dispersas* é uma alusão ao cântico de louvor de Moisés (Nm 10.35).

**33.4** — *O despojo* da guerra de Deus contra Seus inimigos pertence ao Senhor, o verdadeiro Vencedor (Is 28.18; 34.2). *Ajuntar-se-á* tão rápida e completamente quanto o *pulgão* e os *gafanhotos* conseguem roer uma plantação, pois o juízo do Senhor será rápido e repentino (1 Ts 5.2).

**33.5** — *Exalçado [...] nas alturas*. Esse capítulo apresenta a sublime glória do Rei e Salvador agindo sobre Seu povo, defendendo-os da Assíria e de todos os outros inimigos. *De retidão e de justiça* pode ser reformulado como verdadeira justiça.

**33.6** — *Sabedoria e ciência; e o temor do SENHOR*. As características do Messias (Is 11.2) também hão de caracterizar Sua cidade.

**33.7-13** — Com o fim de toda esperança de Judá (v. 7-9), o Senhor reagirá (v. 10), destruindo a Assíria (v. 11,12).

**33.7,8** — Os *embaixadores* talvez sejam os três oficiais de Judá, numa referência sarcástica às suas negociações com os assírios (Is 36.3,22). Os

*embaixadores* de Judá choraram *amargamente* porque a Assíria aceitou seus presentes, mas ainda assim continuou a sitiá-la Jerusalém (v. 1). Quebrado o pacto entre a Assíria e Jerusalém, as *estradas* se tornaram inseguras.

**33.9** — *Sarom* ficava na planície costeira a oeste. *Basã* ficava na margem oriental do Jordão. As áreas mais verdejantes de Israel, do *Libano* no extremo norte (35.2) ao *Carmelo* a nordeste, foram devastadas depois que Assíria passou pela terra.

**33.10** — *Agora [...] agora [...] agora*. O Rei está prestes a fazer valer Sua autoridade (v. 5,16).

**33.11** — O sujeito de *concebestes* é a Assíria (v. 1). *Palha, pragana e fogo* evidenciam a rápida derrocada da poderosa Assíria.

**33.12** — *Incêndios de cal*. Depois de se queimar a cal a única coisa que resta é o pó. Os *espinhos [...]* no fogo indicam a rapidez com que a Assíria seria destruída e a extensão de sua ruína (Is 27.4).

**33.13** — *Ouvi*. Veja uma convocação semelhante em Isaías 34.1, em que todos são convidados a reconhecer ao Senhor como Soberano.

**33.14** — *Quem dentre nós habitará* é uma frase comum aos salmos de peregrinação (Sl 15.1; 24.3).

*Labaredas*. Veja descrições de Deus como fogo consumidor em Deuteronômio 4.24; 9.3; Hebreus 12.29.

**33.15,16** — *Anda em justiça*. Veja uma descrição semelhante da pessoa qualificada a aproximar-se do Santo em Salmos 1.1,2; 15.2; Gálatas 5.22-25; Efésios 5.1,2.

*O que tapa [...] e fecha*. O povo é aconselhado a não ignorar os males sociais, devendo recusar-se a tomar parte neles. *Nas alturas* é a morada de Deus (v. 5) — o lugar onde os justos viverão para sempre com Ele.

**33.17** — *O Rei é o Senhor* (v. 22). A terra que representa os domínios do Senhor estender-se-á até longe (Is 26.15).

**33.18** — *O escrivão e o pagador* são os que recolhiam tributos (2 Rs 18.14).

**33.19** — *De língua tão estranha*. Veja uma ideia semelhante acerca dos inimigos de Israel em Deuteronômio 28.49.



**33.20** — As solenidades devem ser celebradas de coração (Is 30.29), não apenas por obrigação (Is 29.1). *Não será derribada* deixa implícito o fim do exílio. A salvação imediata de Judá irá se misturar à sua libertação definitiva.

**33.21** — Judá será figuradamente protegida por rios e correntes largas, como os de Tiro (Is 23.1-3) e de Tebas (Na 3.8). Todavia, não haverá nenhuma embarcação ameaçadora nas águas dos rios, pois Deus em pessoa irá defender Judá.

**33.22,23** — Observe que o Legislador está associado a outros atos de misericórdia (Dt 6.1-3; Jo 1.14-18). Revelar a lei era a forma de Deus mostrar o caminho correto aos israelitas — mais uma expressão de Sua graça.

**33.24** — A doença e o pecado serão extirpados no futuro reino do glorioso Salvador.

**34.1—35.10** — Duas profecias formam um apêndice ao sexto ai (cap. 33): (1) a terra fértil das nações opressoras será transformada em deserto (cap. 34); (2) o deserto será transformado em terra fértil (cap. 35).

**34.1-17** — Essa profecia de juízo consiste de duas partes: (1) juízo de todas as nações (v. 1-4); (2) juízo representativo de Edom (v. 6-15; veja especificações semelhantes em Is 22.15-25;

25.10-12; 63.1-6). A profecia é seguida de um epílogo que a confirma (v. 16,17).

**34.1** — *Nações*. Veja uma referência semelhante em Isaías 5.26.

*Ouçã a terra*. Veja convocações semelhantes, em que todos são convidados a ouvir a mensagem do profeta, em Isaías 1.2; 33.13.

**34.2** — *Indignação* é um termo forte usado para retratar a ira de Deus. *Destruiu* significa devotou à destruição. O Senhor derrotou Seu inimigo, por isso os espólios deverão ser queimados por completo, em devoção a Ele (Is 23.18).

**34.3** — O *sangue* dos abatidos será tanto que correrá como uma avalanche.

**34.4** — O *exército dos céus*, aqui, são divindades pagãs (Is 24.21; 2 Rs 17.16).

*Se gastará*. Veja os termos semelhantes em Isaías 13.10,13. Os céus se enrolarão como um livro, isto é, o velho cosmos dará lugar ao novo (Is 51.6; Mt 24.29; Ap 6.13,14; 21.1).

**34.5** — A *espada* vingadora do Senhor, depois de demolir o panteão dos céus (v. 4), voltar-se-á contra Edom (63.1). *Anátema* provém da mesma raiz traduzida por destruiu, no v. 2. Edom está entregue à destruição.

**34.6** — *Espada e matança* ligam a destruição de Edom com a das nações (v. 2,3). O pecado



## ENTENDENDO MELHOR

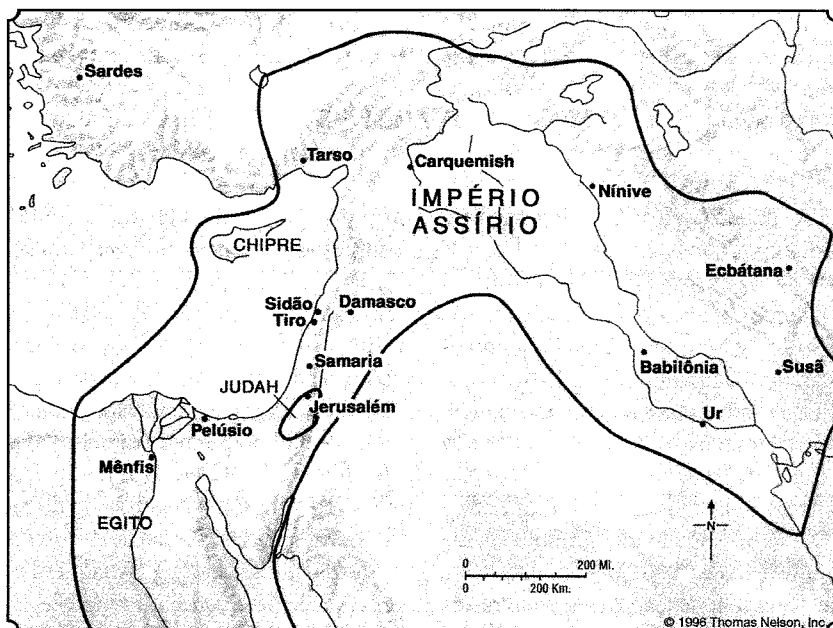
### UM DEMÔNIO FATAL

O profeta Isaías retrata a desolação total em que Deus deixaria Edom por ser tão hostil a Ele (Is 34.2,5). Entre as descrições da ira de Deus está a única referência na Escritura a um conhecido demônio mesopotâmico feminino chamado Lilith. Mais tarde, a tradição judaica vinculou o nome *Lilith* à palavra hebraica que significa *noite*, de onde se origina a tradução *animais noturnos* (v. 14). Mas, como nome mesopotâmico, *Lilith* provém da palavra suméria *lil*, que significa *vento* ou *espírito*.

Os mais antigos registros e amuletos da Mesopotâmia mostram que o povo daquela área temia os *lilu*, uma casta de demônios particularmente maldosa. Acreditava-se que Lilith atacava bebês e mães no momento do parto, devorando a carne deles e sugando seu sangue. A única proteção contra os *lilu* era clamar pela ajuda do rei dos demônios.

As inscrições e os amuletos judeus retratam Lilith de forma semelhante, porém com características adicionais. Ela era representada como uma mulher de cabelos compridos e asas, que atacava homens que dormiam sozinhos. Já foram encontrados vasos judaicos com pedidos para que Deus derrote e amarre Lilith quando ela buscar presas humanas.

Para Isaías e seus ouvintes, a ameaça de que Lilith podia achar *um lugar de repouso* (v. 14) no mundo humano era no mínimo aterrorizante. No lugar onde as cidades edomitas abrigavam a sabedoria, a vida e uma sociedade civilizada, haveria apenas desolação. Edom tornar-se-ia inabitável, moradia de animais e feras selvagens. A nobreza, que já fora o leme daquela terra, seria extinta (v. 12). Ninguém ousaria se estabelecer outra vez naquela área (v. 10), porque Lilith garantiria sua devastação perpétua.



### O Império Assírio (650 a.C.)

Em 650 a.C., o Império Assírio, cuja capital era Ninive, estendia-se do Golfo Pérsico, a leste, passando pelo Crescente Fértil, até depois da Palestina, chegando a abranger também todo o Egito, a sudoeste, por algum tempo. Judá pagou impostos à Assíria durante o reinado de Manassés, embora tecnicamente fosse uma área livre.

deve ser expiado por meio de *sacrifício*, seja do próprio pecador, como aqui (Ez 33.10), seja do sacrifício vicário de Cristo (Is 52.13-15).

34.7 — *Unicórnios* e *bezerros* talvez representem as tropas ou líderes de Edom.

34.8 — *Vingança*. O Senhor assegura Sua soberania e conserva a integridade de Sua comunidade salvando Seus súditos injustiçados e castigando os opressores.

34.9,10 — *Enxofre* e *peç ardente* podem ser alusões a Sodoma e Gomorra (Is 30.33; consulte Gn 19.24; Ez 38.22).

34.11 — O *pelicano*, a *coruja*, o *bufo* e o *corvo* são todas criaturas impuras que vivem em lugares ermos (Dt 14.14-17) No dia do juízo de Deus, Edom tornar-se-á terra arrasada. As palavras hebraicas traduzidas por *confusão* e *vaidade* são traduzidas por sem forma e vazia em Gênesis 1.2. Edom voltará ao caos.

34.12 — Não haverá *nobres* nem *príncipes* no deserto.

34.13-15 — Veja uma descrição semelhante dessas criaturas do deserto em Is 13.21,22.

34.16 — O *livro do SENHOR* pode ser a profecia dos v. 1-15.

34.17 — Assim como Deus repartiu a Terra Prometida entre Israel por *sortes* na assembleia sagrada (Js 18.10), por meio de Seu juízo também *repartiu* Edom entre os animais impuros.

35.1-10 — O poema profetiza (1) que a terra seca tornar-se-á fértil outra vez, animando os que estão apreensivos (v. 1-4); (2) que a enfermidade dará lugar à saúde, e o deserto, à água (v. 5-7); (3) que uma estrada alta e segura permitirá que os remidos retornem a Sião (v. 8-10). A salvação espiritual e a salvação física andam juntas nos termos da terra liberta de medo, da injustiça, da doença e da morte. Os capítulos 36—39 demonstram que isso é mais que uma simples afirmativa. A história começará a dar sinais de virada quando Deus, cumprindo milagrosamente as profecias de Isaías, julgar a Assíria

sobrenaturalmente às portas de Jerusalém e salvar o remanescente fiel que está dentro das suas muralhas.

**35.1** — O deserto [...] o ermo. O Espírito de Deus fará a terra voltar a ser fértil (Is 32.15).

*Se alegrarão.* A alegria dos elementos da criação reflete a alegria do povo de Deus quando vem a Sua salvação (14.7, 8; 44.23; 55.12).

**35.2** — *A glória do Líbano* [...] *Sarom*. Trata-se da reversão do juízo mencionado em Isaías 33.9. *A glória do Senhor* será testemunhada quando os cativos retornarem da Babilônia (Is 40.5).

**35.3** — *Confortai as mãos fracas.* Essa expressão é citada em Hebreus 12.12 (Js 1.6,7,9,18). A certeza de que o Salvador virá deve nos deixar sossegados. Nesse dia, a justiça será restaurada.

**35.4** — *Vos salvará.* Quando o Senhor vier, Ele oferecerá a salvação (Lc 19.10).

*Vingança.* Veja a aplicação dessa palavra em Isaías 34.

**35.5,6** — *Olhos* [...] *ouvidos* [...] *coxo* [...] *mudo*. A profecia dessas curas cumprir-se-á nas curas físicas e espirituais realizadas pelo Messias (Is 61.1; Mt 12.22; Lc 4.18; 7.22).

*Abertos* [...] *se abrirão*. Veja ocorrências similares dos termos em Isaías 29.18; 32.3.

**35.7** — *Habitações em que jaziam os chacais* fala da reversão da devastação que Deus causou na terra (Is 34.14). A menção a *canas e juncos* também indica a reversão da situação descrita em Isaías 19.5,6.

**35.8,9** — A promessa de um *caminho* seguro é a reversão do juízo de Isaías 33.8 e 34.10 (compare com Is 11.16; 40.3,4; 57.14; 62.10).

*Animal feroz.* As feras tornavam arriscadas as viagens na Antiguidade.

**35.10** — Os *resgatados* são os que foram para o exílio na Babilônia e, depois de restaurados, simbolizam os exilados políticos e espirituais e os cegos, surdos e coxos físicos e espirituais de toda época e lugar. O Senhor virá em socorro deles e os livrará dessa situação trágica.

*Virão a Sião com júbilo.* Veja a descrição desta cena em Isaías 12.1 (compare com Sl 126.1-6).

*A tristeza e o gemido.* Veja mais detalhes em Isaías 25.7,8.

**36.1—39.8** — Essa ponte histórica entre os cap. 1—35 e 40—66 consiste de duas partes: (1) a fé de Ezequias diante da ameaça assíria (cap. 36 e 37); (2) a fé vacilante de Ezequias em face da doença (cap. 38 e 39).

**36.1—37.38** — Essa seção do livro confirma as previsões de Isaías de que o Senhor: (1) destruiria Judá por meio da Assíria (Is 36.1); (2) sitiaria Jerusalém (Is 36.2-22); (3) salvaria os remanescentes fiéis (Is 37.1-35) e destruiria os assírios (Is 37.36-38). Isaías proclama que o pecado e a confiança depositada no lugar errado são causa de derrota; em contrapartida, o arrependimento e a fé no Senhor trazem a salvação (2 Rs 18.13—19.37; 2 Cr 32.1-23).

**36.1** — O *décimo quarto ano* do reinado solo do rei Ezequias foi 701 a.C.

*Todas.* Em seus anais, Senaqueribe menciona ter atacado 46 cidades.

**36.2** — *Rabsaqué* pode ter sido o conselheiro pessoal do rei. *Grande exército.* Leia sobre a derrota desse destacamento em Isaías 37.36.

*Cano.* Veja uma referência semelhante em Isaías 7.3.

**36.3** — *Eliaquim* [...] *Sebna*. Saiba mais acerca desses dois homens em Isaías 22.15-23.

**36.4,5** — Somente o líder assírio é chamado *rei* aqui, e não *Ezequias*. Isso indica como os assírios se julgavam importantes.

**36.6** — Judá não deu crédito aos insistentes avisos de Isaías quanto à inutilidade de confiar no *Egito* (Is 19.14-16; 30.3,7; 31.3). Agora ouvem a mesma advertência da boca do inimigo.

**36.7** — *Tirou.* Ezequias destruiu os altares e plataformas idólatras que seu pai, Acáz, havia construído (2 Rs 18.1-5; 2 Cr 31.1-3).

**36.8** — *Cavaleiros.* Miquéias menciona os soldados de Jerusalém como um simples esquadrão (Mq 5.1) comparado com o enorme exército misto da Assíria (Mq 4.11).

**36.9** — *A um só príncipe dos mínimos.* Judá não tem esperança de derrotar as tropas que os cercam.

**36.10** — O *SENHOR mesmo me disse*. Os antigos conquistadores do Oriente Médio gostavam de alegar que os deuses dos inimigos derrotados

havia passado para o lado dos vencedores (2 Cr 35.21). Essas palavras a respeito do Senhor, contudo, não passam de bravata.

**36.11,12** — O *siriaco* era a língua diplomática internacional da época.

**36.13,14** — *Rabsaqué* fala em *judaico* de propósito, para provocar o povo. Ele quer que suas palavras sejam entendidas pelos cidadãos de Jerusalém.

*Não vos engane.* Rabsaqué estruturou seu discurso de forma a desanimar rapidamente quem o ouviu.

**36.15-17** — *E vos leve.* Os assírios tinham o costume de exilar os povos que conquistavam (2 Rs 15.29; 17.6).

**36.18-21** — Rabsaqué está presumindo que, em *Samaria*, não são adorados os mesmos deuses que em Jerusalém. Assim, repete alguns dos sentimentos expressos pelo rei assírio em Isaías 10.10,11.

**36.22** — As palavras do inimigo deixam *Ezequias* descontente. Os *vestidos* rasgados indica que os mensageiros lhe trouxeram más notícias (37.1).

**37.1** — Cobrir-se de *saco* era sinal de luto, arrependimento e humilhação (Is 20.2,3; 1 Rs 20.31; Ne 9.1; Dn 9.3).

*Entrou na casa do Senhor.* Leia uma passagem relacionada a essa prática em 1 Rs 8.33,34.

**37.2,3** — *Eliaquim* [...] *Sebna*. Uma das profecias de Isaías condena a arrogância de Sebna (Is 22.15-23).

**37.4,5** — Veja outras referências ao *resto* em Isaías 1.9; 10.20.

**37.6-10** — O Senhor costuma tranquilizar Seus servos com a frase *não temas* (Is 7.4; 35.4; Gn 15.1; Js 1.9). Não temos motivo para temer se nossa confiança está depositada no Deus todo-poderoso (Hb 13.6).

**37.11** — *Destruindo-as totalmente.* Ver outra aplicação desse termo em Isaías 34.2.

**37.12-15** — *Orou Ezequias*, porque o rei aprendeu a pedir a ajuda de Deus na hora da necessidade (Is 30.1). Veja outra oração de Ezequias em Isaías 38.2,3.

**37.16-21** — *Quanto ao que me pediste.* Eis uma resposta direta e gentil de Deus à oração de um rei

justo. Embora Deus certamente possa impor Sua vontade sem a necessidade de orarmos, Ele decidiu responder fielmente às orações de seu povo.

**37.22** — *Virgem.* Muitas vezes, nas Escrituras, as cidades são personificadas em mulheres. Essa metáfora faz de Jerusalém uma *filha* ameaçada por um ofensor, porém ela reage e domina quem a atacou. *Filha de Sião* é um apelido carinhoso da cidade de Jerusalém. Assim como chamava Israel meu filho (Êx 4.22), Deus considera Jerusalém Sua filha (Is 1.8).

**37.23** — *Afrontaste[...] blasfemaste[...] alçaste a voz e ergueste os teus olhos ao alto* são exemplos da insensatez dos tolos de todas as idades. Quem rebelar contra o Deus vivo merece a mesma resposta firme do Todo-poderoso (v. 28, 29). Ele é o *Santo de Israel* por ser a encarnação da perfeita santidade. Ele é completamente diferente, ou separado, de toda a criação (Is 40.25); só Ele é isento de todo pecado (Is 6.4-7). Ainda assim, Deus optou por se relacionar com Seu povo, os israelitas (Sl 40.1).

**37.24** — Os *carros* (carruagens) eram o equipamento militar mais valorizado da época.

*Cume mais elevado.* Ver outras ocorrências dessa expressão de arrogância em Isaías 2.12-16; 14.13,14.

**37.25** — *Eu cavei e bebi as águas.* O deserto não impede o avanço do rei da Assíria. Ele se considera invencível. O rei se gaba de haver secado todos os rios do Egito, mas o Senhor separará o mar egípcio (Is 11.15; 44.27).

**37.26-29** — *Tua raiva contra mim.* Essa acusação retoma a denúncia dos v. 23,24. Os assírios transportavam prisioneiros puxando-os com um *anzol no nariz*, e em breve *eles* serão puxados com anzol! O juízo do Senhor está chegando. Veja outra imagem do anzol em Ezequiel 38.4.

**37.30-32** — A Assíria promete alimentar os judeus, mas só Deus pode garantir que o povo *comerá* (Is 36.16,17). O *terceiro ano* pode ter sido um período de 13 a 15 meses depois dessa época, pois qualquer parte do ano era contada como ano inteiro.

**37.33** — *Assim diz o Senhor.* Deus profere sua sentença definitiva contra o tirano assírio.

**37.34,35** — *Ampararei*. Veja expressões semelhantes que representam a proteção do Senhor a Jerusalém em Isaías 27.3; 31.5.

*Por amor de mim*. O Senhor guardará e protegerá a cidade para honrar a si mesmo, pois estabeleceu a cidade para a adoração de Seu nome. Veja expressões semelhantes em Isaías 43.25; 48.9,11 (compare com Is 42.21).

*Por amor do meu servo Davi* foi que Deus manteve Suas promessas (Is 9.7; 49.8; 2 Sm 7.8-16; 1 Rs 8.17; Sl 89.19-37).

**37.36** — Esse versículo é o cumprimento da promessa de Deus de vingar-se dos que afligem Seu povo (Is 34.8). O *Anjo do SENHOR* muitas vezes visitava o povo para efetuar algum livramento, como no incidente com Balaão (Nm 22) e nas aparições a Gideão (Jz 6.11,12) e Manoá (Jz 13). Em determinadas ocasiões, vinha para julgar (2 Sm 24.10-25). Aqui, o Anjo do Senhor luta a favor do povo de Deus e o liberta (Êx 15.3).

**37.37** — O rei assírio Senaqueribe volta derrotado para seu palácio em Nínive, localizado à beira do rio Tigre. Ele acrescenta uma cena da vitória em Laquis (Is 36.2; 37.8) nos relevos que decoravam as paredes de sua casa, porém omitiu o desastre em Jerusalém.

**37.38** — A morte na casa de Nisroque contrasta com a vida na casa do Senhor (Is 37.14; 38.20). *Esar-Hadom* começou seu reinado em 681 a.C.

**38.1—39.8** — Embora Ezequias tivesse certeza de que Deus iria curá-lo (Is 38.1-22), cometeu um erro quando os enviados babilônios o visitaram. Depois de curado, quis glorificar a si mesmo, em vez de dar glória a Deus (Is 39.1,2). Com esse gesto, depositou implicitamente sua confiança no poderio militar da nação e nas alianças políticas, em vez de se apoiar na força do Deus todo-poderoso. Por causa desse ato de incredulidade, a nação de Judá foi sentenciada ao exílio (Is 39.3-8).

**38.1** — *Naqueles dias* refere-se a uma época anterior às dos acontecimentos registrados nos cap. 36 e 37 (v. 6). Essas ocorrências são apresentadas depois que Jerusalém é salva da Assíria, pois essa salvação não é a definitiva, nem de Ezequias, nem de Jerusalém.

**38.2** — *Orou*. Veja outra oração de Ezequias em Isaías 37.15.

**38.3-6** — *Coração perfeito*. Veja uma figura semelhante em 2 Rs 18.3-5. *E chorou Ezequias muitíssimo* porque, ao que parece, nesse momento ele não tem nenhum herdeiro do sexo masculino. Ezequias viveu mais 15 anos (v. 5); Manassés, seu sucessor no trono, tinha 12 anos de idade quando Ezequias morreu (2 Rs 20.21—21.1).

**38.7** — *Sinal*. Veja outra referência a um sinal em Isaías 7.11-14.

**38.8** — Fazer com que *a sombra dos graus* [...] *volte* representa a extensão da vida de Ezequias por obra de Deus.

**38.9-20** — O cântico ação de graças de Ezequias por estar curado consiste de (1) relato de seu lamento (v. 10-14); (2) um relato da salvação do Senhor (v. 15-20). Sua libertação pessoal é modelo da futura libertação nacional (Is 41.8-11).

**38.9** — *Escrituras de Ezequias*. A Bíblia afirma que o rei Ezequias tinha interesse por literatura devocional. Parece que ele instruiu seus escribas a compilar alguns provérbios de Salomão (Pv 25.1). Além disso, ordenou que os levitas adorassem a Deus com os salmos de Davi e Asafe. O cântico de louvor a seguir (v. 10-20) apresenta certa afinidade com esses salmos (2 Cr 29.30).

**38.10,11** — *Sepultura*. Veja outras referências à sepultura (*Sheol*) em Isaías 5.14; 14.9,11; 38.18. Ezequias chora pelo fato de estar morrendo prematuramente.

**38.12** — Armar uma *choça* simboliza a transitoriedade (Is 33.20; 2 Co 5.1). A vida de Ezequias está se escoando depressa.

**38.13-17** — *Para minha paz*. Ezequias dá um exemplo de postura correta em meio às dificuldades: ele aceita as tribulações como parte do plano sábio de Deus para ele. Esse tema é desenvolvido em Romanos 8.28. O perdão dos *pecados* e a cura são aspectos diferentes da salvação de Deus (Is 53.5; Mt 8.14-17; Lc 5.17-26). Aparentemente, a enfermidade de Ezequias é consequência de algum pecado, mas nem toda doença o é (Jó 42.7-11; Jo 9.2,3).

**38.18** — *Não pode louvar-te*. O louvor pela cura só pode ser oferecido enquanto a pessoa está viva (Sl 6.5).

*Esperança.* A esperança da vida terrena não pode ir além da existência neste mundo, mas a esperança da vida eterna permanece depois da morte (Sl 22.22-31; 2 Tm 1.10; Hb 2.10-12; 1 Jo 5.11,12).

**38.19** — *O pai aos filhos.* Os justos ensinam os filhos a serem fiéis a Deus. Veja uma ideia semelhante em Salmos 22.30,31.

**38.20** — *Tangendo.* Veja um cântico de louvor a Deus em Isaías 12.1-6.

**38.21** — *Tomem* pode ser uma ordem aos médicos da corte.

*Emplasto.* A cura vem de Deus, mas Ele pode lançar mão, como muitas vezes faz, da medicina e dos conhecimentos dos médicos.

**38.22** — Dependendo da postura da pessoa, o pedido de um *sinal* (Mt 12.39; Jo 6.30). Pode exprimir descrença ou fé (v. 7). A cura da chaga será o sinal de que o Senhor salvará Ezequias (v. 20,21).

**39.1** — *Naquele tempo*[...] *doente.* Veja o relato do cap. 38. As *cartas*, por certo, tratavam da rebelião contra a Assíria.

*Convalescido.* O milagre do relógio de sol (Is 38.8) pode ter despertado o interesse dos babilônicos, que eram fascinados por astronomia (2 Cr 32.31).

**39.2** — O fato de Ezequias ter mostrado *seu tesouro*, em vez de louvar Deus sugere que confia mais na própria força e em exércitos como o da Babilônia que no Senhor.

**39.5,6** — *SENHOR dos Exércitos* é o mesmo título empregado em Isaías 1.9. Descreve o Senhor como *Comandante-chefe* dos exércitos angelicais.

**39.7,8** — Os *eunucos* eram oficiais ou servos reais. Na Antiguidade, costumava-se castrar esses servos, para prevenir qualquer ameaça ao harém do rei. Leia mais referências aos eunucos em Daniel 1.3-6.

**40.1—55.13** — Essa seção de Isaías dirige-se aos exilados babilônicos de forma profética. Essa profecia confortadora, escrita cerca de 150 anos antes da época de Ciro, promete aos exilados de Judá que eles voltarão para Jerusalém (Is 40.1,2) e ali encontrarão a Deus na forma do Servo Sofredor (Is 42.1-4) — o mesmo que haverá de se tornar um grande Rei (Is 7.14; 9.6,7; 11.1-5).

**40.1-8** — Essa profecia consiste de discursos de três arautos celestiais. O primeiro conclama os outros a consolarem os exilados porque o tempo de servidão acabou (v. 1,2). O segundo clama pela construção de uma estrada, para que todos possam assistir à vinda do Senhor (v. 3-5). O terceiro oferece garantias de que a profecia se cumprirá (v. 6-8).

**40.1** — *Consolai* é dito a todo o povo do Sião (Is 1.9) e reflete a misericórdia de Deus. Esse verbo, repetido enfaticamente, denota o anúncio do fim do sofrimento do povo. A mensagem põe termo às queixas dos exilados (Lm 1.2). Esse consolo terá seu cumprimento quando Cristo nascer (Lc 2.25). *O meu povo* e *o vosso Deus* são expressões que lembram o pacto firmado entre Deus e Israel (Êx 6.7).

**40.2** — Aqui a palavra *Jerusalém* representa os exilados. O Senhor porá fim ao exílio e os devolverá à cidade de Jerusalém. A *malícia* refere-se à dura servidão de Israel na Babilônia, da qual estão prestes a fugir (Is 48.20,21). *Em dobro* pode querer dizer o equivalente ou a quantia exata.

**40.3** — Deve-se escutar a *voz que clama no deserto*. Ela tenta reunir o povo para que este aguarde a vinda do Senhor. A analogia baseia-se na aguardada visita de um excelso rei de uma terra distante. Os habitantes da localidade a ser visitada preparavam da melhor maneira possível o caminho do visitante. *Preparai* significa remover os obstáculos (Is 57.14; 62.10). O *caminho* representa o coração do povo, que deve estar preparado espiritualmente pelo arrependimento, para que a glória de Deus seja revelada na terra (Lc 3.3-20).

**40.4** — *Vale*[...] *monte*. Veja uma descrição semelhante em Zacarias 14.1-11. O caminho do versículo 3 deve ser preparado pelo povo de Deus, mas as mudanças necessárias citadas no versículo 4 só poderão ser concretizadas pela mão de Deus.

**40.5,6** — A *glória do SENHOR* começará a se manifestar com o resgate dos cativos de Judá do exílio (Is 44.23). Essa glória se manifestará de forma ainda mais grandiosa na vinda do Senhor Jesus Cristo (Is 4.2; Lc 2.29-32; Jo 1.14). A revelação definitiva da glória do Senhor virá com Seu reino glorioso (Is 60.2; Sf 3.14-17). O Rei e



## APLICAÇÃO

### DEUS AJUDA O JOVEM EM PERIGO

A juventude deveria ser uma época de energia e vitalidade. Mas o que acontece quando circunstâncias desfavoráveis afetam a vida dos jovens, tirando-lhes o entusiasmo e deixando-os fracos demais para seguir em frente?

Deus prometeu ajudar os jovens em perigo (Is 40.30,31), bem como os humilhados e desprezados, pobres e necessitados, sedentos e famintos (Is 41.17). A preocupação com os que vivem às margens da sociedade é um tema recorrente na profecia de Isaías. Em diversos momentos, ele convoca os que têm posses e meios a fazer algo pelos necessitados.

Se você trabalha com jovens que correm o risco de cair pelas demandas da vida, ou se, pressionado pelas circunstâncias, você mesmo estiver prestes a desistir, console-se com as promessas de Deus. O segredo é *esperar no SENHOR* (Is 40.31), ou seja, acreditar que Ele lhe dará aquilo que você não pode conseguir sozinho.

Salvador estabelecerá então Sua morada definitiva com Seu povo (Ap 22.1-5). *Toda carne* é a humanidade. A importância dessa profecia é ressaltada na frase *a boca do SENHOR que disse isso*, o que implica juramento divino.

**40.7,8** — O *hálito do SENHOR* ilustra a ira de Deus sobre os ímpios como o vento de verão que resseca a grama (v. 24; Jr 4.11).

A *palavra de nosso Deus subsiste eternamente*. Eis a garantia da confiabilidade, estabilidade e natureza eterna da palavra divina. O Filho de Deus cumpre a Palavra (Mt 5.17,18), é a Palavra (Jo 1.1-18) e vive eternamente.

**40.9-11** — Isaías convoca Sião a juntar-se aos arautos celestiais (v. 1-8) para anunciar às outras cidades de Judá que o Senhor está chegando para pastorear Seu povo.

**40.9** — Nessa seção de Isaías (40.1—55.13), *Sião* é um nome carinhoso para os remanescentes fiéis a Deus. As *boas-novas* são de que Deus chegou para salvar Seu povo escravizado.

*Eis aqui está o vosso Deus*. Compare com João 1.36; 19.5.

**40.10** — O Senhor *JEová* pode ser chamado também o SENHOR, o Amo. O *braço* dominador do Senhor representa Seus atos enérgicos de juízo e salvação (Is 48.14; 51.5,9; 52.10; 53.1). O *galardão* são os espólios da vitória — a saber, o povo liberto. Os exilados resgatados mesclam-se à comunidade messiânica (Is 65.15,16). *Salário* é sinônimo de galardão.

**40.11** — No antigo Oriente Médio, costumava-se imaginar o rei ideal como *pastor* (Sl 23; Jo 10).

*Apascentará o seu rebanho e entre os braços* são formas de descrever o amor do Pai pelo Seu povo (Mq 5.4).

**40.12-31** — Esse oráculo, que declara o Senhor como única fonte eterna de força, trata de cinco questões: (1) Quem é o Criador? (v. 12-17); (2) A quem Ele pode ser comparado? (v. 18-20); (3) Quem rege os reinos deste mundo? (v. 21-24); (4) A quem Ele pode ser comparado? (v. 25, 26). (5) Por que estás desanimado, Jacó? (v. 27-31).

**40.12** — *Quem...?* A resposta é: Deus, Criador do Universo e Senhor de Israel (v. 15-17).

*Palmos*. Um palmo é a medida da largura de uma mão esticada. O versículo impõe imagens dramáticas do poder de Deus.

**40.13,14** — *Guiou*. Essas perguntas são um ataque a Marduque, divindade babilônica que, segundo a mitologia caldaica, precisou da ajuda de outros deuses para criar o mundo.

**40.15** — As nações ímpias não têm poder algum para alterar os propósitos de Deus, pois são como *a gota de um balde* (Sl 2.1-6). A palavra *balanças* vincula a resposta à pergunta do v. 12: quem mediu o pó da terra? Foi o supremo Criador.

**40.16** — *Para o fogo*. Os bosques do Líbano eram essenciais no antigo Oriente Médio (por exemplo, leia Is 33.9; 35.2; 37.24). Como medida de poder para resistir ao Deus vivo, porém, a união deles todos mal formariam uma fogueirinha de acampamento.

**40.17** — *Como nada* é a mesma expressão usada, no hebraico, para descrever o caos primordial (Gn 1.2).

**40.18** — *Fareis semelhante a Deus*. O Deus das Escrituras é incomparável; não há outro igual a Ele (v. 25; Is 46.5; Sl 113.4-6).

**40.19** — *Artífice*. Muitos ídolos eram fabricados com madeira e depois recobertos de ouro (Is 41.6,7; 44.9-20; 46.6,7). *Cadeias de prata* seguravam o ídolo para ele não balançar nem cair.

**40.20** — *O empobrecido*. Os pobres tinham de optar pela melhor madeira disponível e torcer para que ela fosse boa. Entenda que essas palavras são irônicas. De que vale a oração de um pobre a um ídolo simples? De que vale a oração de um rico a um ídolo folheado a ouro? A resposta é a mesma para ambas as perguntas: nada.

**40.21,22** — *Porventura, não sabeis?* As perguntas dessa seção e do v. 28 exprimem a incredulidade de Deus ante os adoradores de ídolos. Embora a adoração ao Senhor tenha como motivo até *os fundamentos da terra* (Gn 4.26; Rm 1.19,20), essas pessoas optaram por adorar ídolos, em vez de o Deus verdadeiro. O *globo* é o horizonte ou o hemisfério aparente sobre a terra. A mensagem é de que Deus não deve ser confundido com Sua criação.

*Estende os céus*. A criação é obra do Deus de Israel: só Ele merece nosso louvor.

**40.23,24** — *Ao nada[...] coisa vã*. Veja, no versículo 17, uma expressão semelhante, sobre a insignificância das nações perante o poder do Deus vivo.

*Plantam[...] sopra[...] secam-se*. Essa alegoria, que descreve o juízo de Deus, é semelhante à dos versículos 6-8.

**40.25** — *A quem, pois, me fareis[...] semelhante?* Essa pergunta e a seguinte fazem parte de um importante tema bíblico, a saber, a incomparabilidade de Deus (v. 18). Deus é o *Santo*, por isso é distinto de todos os outros.

**40.26** — *Levantai*. Os seres humanos são responsáveis pelo discernimento da grandeza do Criador no meio da criação, e os que não exercem esse discernimento são passíveis de culpa (Rm 1.18-32).

*Criou*. Veja descrições semelhante da obra criadora de Deus em Isaías 4.5; 41.20; 43.1; 45.18; 65.17,18.

*Estas coisas* são os corpos celestes. As divindades babilônicas identificavam-se com os corpos celestes. O conteúdo desse versículo é de especial importância para Israel, a fim de que aprendam a dizer não à Babilônia e sim ao Senhor. *Por conta*. O Criador conhece cada estrela; Ele deu nome a todas elas (Sl 147.4).

**40.27** — A frase *o meu caminho está encoberto ao SENHOR* não questiona a onisciência de Deus, e sim Sua boa vontade. O Senhor abençoará Seu povo? Os israelitas são passíveis de juízo, porque Deus prometeu torná-los uma bênção das nações (Gn 12.3; 28.13-15).

**40.28,29** — *Não sabes...?* O Senhor repete essa pergunta retórica para dar ênfase à mensagem (v. 21). Deus não é apenas eterno — alguém que transcende o tempo: é também o *Criador dos confins da terra* — alguém que transcende o espaço. Ele é transcendente e inescrutável. Deus *nem se cansa, nem se fatiga* ao suprir as necessidades de Seu povo. Ele nunca desampara os Seus (Sl 121.3,4). O *vigor ao cansado* é uma dádiva de Deus (Jr 9.23).

**40.30** — *Os jovens*. A mensagem é que a força humana não se compara com o poder de Deus.

**40.31** — Esperar quer dizer ter paciência, confiar e tomar atitudes para com os caminhos do Senhor, e não resignar-se passivamente (Sl 40.1). Os versículos *subirão, correrão e caminharão* estão vinculados à transformação espiritual que a fé opera na pessoa. O Senhor concede força aos que nele confiam. As *águias* representam aqui o poder que vem do Senhor. O Senhor diz que a libertação dos israelitas operada por ele (Êx 19.4) foi semelhante a ser erguido no ar pelas garras de uma águia. Em Salmos 103.5, o vigor do povo nutrido por Deus é comparada à força da águia.

**41.1-42.17** — Nessa profecia, o Senhor leva as nações a juízo para mostrar-lhes que só Ele é Deus porque só Ele pode prever o futuro. O julgamento tem dois ciclos (Is 41.1-20; 41.21-42.9) seguidos de um hino de louvor (Is 42.10-17). Em cada ciclo do julgamento, há três elementos: (1) convocação às nações para o julgamento (Is 41.1,21-24); (2) previsão da vinda de *Ciro* (Is 41.2-7,25-29); (3) comemoração das vitórias do Servo (Is 41.8-20; 42.1-9).



**41.1** — *Calai-vos*. As ordens de silêncio provenientes de Deus geralmente antevêm o juízo (Sf 1.7). As *ilhas* incluem a Lídia, na Ásia Menor, que foi conquistada por Ciro (Is 51.5). *Renovem as forças* é uma ordem que induz à comparação entre a força que resulta da fé e a força humana, que age independentemente.

**41.2** — Foi Ciro, rei da Pérsia (559—530 a.C), quem Deus suscitou do Oriente (Is 46.11). Por causa do pacto que fez com Abraão (v. 8), Deus libertará todo exilado *justo*, sinônimo de salvação em Isaías (Is 45.8; 46.13; 51.6; 56.1). Deus, que tem autoridade sobre as nações, *deu as nações* a Ciro como resgate por Israel (Is 43.3).

**41.3** — Ciro avançará tão rápido que será como se *seus pés* não tocassem o chão.

**41.4** — *O primeiro [...] os últimos*. Veja referências semelhantes a respeito da supremacia de Deus por toda a eternidade em Isaías 44.6,10; Hebreus 13.8; Apocalipse 1.8,17. O Senhor é eterno não só pelo fato de não estar restrito ao tempo, mas também por ser o Senhor do tempo.

*Eu mesmo*. Veja aplicações semelhantes dessa expressão em Isaías 43.13; 46.4.

**41.5** — O pronome *o* refere-se às conquistas de Ciro (v. 2,3).

**41.6,7** — Esse versículo ironiza a confiança nos ídolos em detrimento da ajuda certa que provém do Deus verdadeiro (v. 10-16). O *outrives*

trabalhava no ídolo que ele imagina ser capaz de salvar o povo. Veja uma referência a uma profissão semelhante em Isaías 40.19. Aqui, a palavra *coisa* e o pronome *o* referem-se a um ídolo (Is 2.8).

**41.8** — O *servo* é uma pessoa honrada pelo Senhor. Não há posição mais alta que o ser humano possa desejar. O título foi concedido à pessoa eleita para administrar e fazer prosperar o Reino de Deus (Êx 14.31; 2 Sm 3.18). Nos capítulos 40—55, o título de servo é dado implicitamente a Ciro (Is 45.1-4) e explicitamente aos profetas de Deus (Is 44.26), à nação de Israel (Is 44.21; 45.4) e em especial ao Senhor Jesus Cristo (Is 42.1-4; 52.13). O Senhor chama *Abraão* de *amigo* (Gn 18.17,18; 2 Cr 20.7; Tg 2.23).

**41.9** — A expressão *os confins da terra* provavelmente é uma alusão à Mesopotâmia (Gn 11.31; 12.1) ou ao Egito (Gn 15.13). O termo indica o reinado soberano de Deus sobre a terra (v. 4). O Senhor castigou Israel (v. 18-25), mas não o rejeitou (Is 29.22-24).

**41.10** — A ordem do Senhor aos israelitas, *não temas*, contrapõe-se à ameaça dos pagãos nos v. 5,6. Deus mostrou Sua *destra* no primeiro êxodo quando destruiu o poder do faraó (Êx 15.6). A expressão indica Sua supremacia e poder sobre todos os que se opõem a Ele (Is 40.10).



## ENTENDENDO MELHOR

### UM SEGUNDO ISAÍAS?

Uma das profecias *para o futuro próximo* mais impressionantes de Isaías é a menção do nome e a descrição dos atos de um monarca com 150 anos de antecedência. Essa previsão, é claro, é considerada impossível pelos críticos da Bíblia. Eles alegam que um segundo Isaías, que teria vivido depois de Ciro e do retorno dos exilados, escreveu a seção que abrange os capítulos 44—55.

Mas o que se pode alegar das palavras de Isaías sobre a vinda do Rei e Salvador? Teriam sido essas profecias registradas depois de cumpridas? E que dizer das passagens que descrevem o Milênio, o céu e a eternidade? A lógica descrente que nega a Isaías, filho de Amoz (Is 1.1), a autoria dos capítulos 40—55 também pode ser usada para alegar que grande parte do livro ainda não chegou a ser escrita, já que trata de eventos que ainda não ocorreram!

As extensas referências a Ciro nos caps. 41—46 indicam que só o Deus vivo poderia ter inspirado essa profecia tão específica antes do acontecimento (Is 45.3). Quem sugere que um segundo Isaías teria escrito essa seção do livro a destitui de toda fé, maravilha e milagre. Heródoto poderia escrever sobre Ciro depois do fato consumado, mas somente o Deus vivo poderia chamá-lo pelo nome (assim como faz com as estrelas, Is 40.26) antes que ele nascesse (Is 45.3). O mesmo Deus que nomeou Ciro também nomeou o Messias (Is 9.6) e até mesmo o local de Seu nascimento (Mq 5.2).

**41.11,12** — O povo de Deus recebe nova garantia de que os poderosos inimigos serão reduzidos a *nada* (Is 40.17,23).

**41.13** — O Senhor segurará a *mão direita* do exilado (Is 42.6), assim como segurou a mão de Moisés (Is 63.12). O Senhor é com eles; nada têm a temer.

**41.14** — O Israel exilado parece tão frágil e espezinhado quanto um *bichinho* (Jó 25.6; Sl 22.6). O redentor era o protetor dos parentes desamparados, que vingava os assassinatos (Nm 35.19) e resgatava os escravos temporários (Lv 25.47-49). O redentor também podia comprar terras para um parente ou casar com a viúva cujo primeiro marido não tivesse tido filhos (papel de Boaz, no livro de Rute). Para o Senhor, o título de *Redentor* ressalta Seu empenho em defender, proteger e resgatar Seu povo e trazê-lo para junto de si (Is 49.26).

**41.15** — O bichinho insignificante (v. 14) será transformado em *trilho novo* (Is 28.27), capaz de moer os *montes*, símbolo de oposição, onde eram construídos os templos pagãos e os palácios (Mq 1.3-5).

**41.16** — *Padejarás*. Assim como o cereal malhado é jogado para o ar a fim de ser separado da casca, o povo vitorioso de Deus terá total controle sobre os inimigos.

**41.17** — *Os aflitos e necessitados* são os exilados que atravessam o deserto em direção à terra natal. Deus saciará as necessidades mais elementares do povo, como a *sede*. Veja outra referência a esse assunto em Isaías 44.3.

**41.18** — *Rios[...] fontes[...] tanques de águas[...] mananciais*. No primeiro êxodo, o povo de Israel vivia preocupado com o abastecimento de água (Êx 17.1; Nm 20.2). Os exilados, durante o retorno, o segundo êxodo, também precisarão de água (v. 17), mas a provisão de Deus será abundante.

**41.19** — O abundante suprimento de água no deserto levará o Senhor a plantar várias espécies de árvores e vegetais (Is 35.1,2).

**41.20** — A principal preocupação é a recepção do povo ao poder e ao zelo de Deus. *A mão de Deus* representa Seu poder (Is 40.10; 41.10). *Criou*. Só Deus pode criar verdadeiramente (Is 4.5; 40.26).

**41.21** — *Rei de Jacó* é um título de Deus que ilustra um relacionamento especial com Seu povo (Is 43.15).

**41.22** — *As coisas passadas* são, provavelmente, as profecias de juízo anunciadas por antigos profetas e alguma das profecias de Isaías registradas nos cap. 1—35. (Is 42.9,21-25; 43.9,10; 46.8,9; 48.3). O *fim delas* também poderia ser traduzido como *seu futuro glorioso*. A expressão *as coisas futuras* pode ser uma referência aos poderosos atos que Deus operará por meio de Ciro. Em última análise, *as coisas futuras* culminam na reunião do povo de Deus e no estabelecimento do reino de Cristo na terra. A mensagem é de que os ídolos não conseguem ver o passado nem o futuro, mas Deus pode.

**41.23** — *Sois deuses*. Trata-se de uma ironia, como nos versículos 21,22. *Fazei bem ou fazei mal* é uma forma de dizer: *Fazei o que quer que seja*.

**41.24** — O advérbio *eis* alude a um período de silêncio entre o versículo 23 e o 24. Os supostos deuses são mudos. *Abominação* é algo que causa repulsa.

**41.25,26** — *A um do Norte [...] desde o nascimento do sol*. A conquista da Média por Ciro (550 a.C.) deu-lhe o domínio todos os territórios ao norte de Babilônia. Ciro, apesar de não conhecer a Deus pessoalmente (Is 45.4), evocou o nome de Deus ao libertar os exilados (2 Cr 36.23; Ed 1.1-4).

**41.27** — O verbo *estão* trata das coisas passadas e das coisas futuras (v. 22). O *anunciador de boas-novas* é o profeta Isaías.

**41.28,29** — Esses versículos denunciam a futilidade das nações: elas não têm nenhuma compreensão verdadeira da realidade — passada, presente ou futura (v. 26).

**42.1** — *Eis*. O Senhor apresenta formalmente o Servo. O título *meu Servo* está ligado a Jesus Cristo, no Novo Testamento (Mt 12.15-21). Isaías pode tê-lo prenunciado, mas só Cristo trará a justiça universal (v. 4) e estabelecerá um pacto eterno (v. 6).

*Sustenho*. Quando Deus sustenta uma pessoa, nada pode abalá-la. Veja uma ideia semelhante em Isaías 41.10. O Servo — isto é, Jesus — tem





## EM FOCO

## SERVO (HB. 'EBED)

(Is 20.3; 42.1; 2 Sm 10.19; Jr 7.25)

Esse substantivo deriva de um verbo que significa *servir, trabalhar* ou *escravizar*. Se, por um lado, *'ebed* pode ter sentido de *escravo* (Gn 43.18), por outro, a escravidão em Israel era diferente da praticada em muitos lugares do antigo Oriente Médio. A escravidão era regulamentada pela lei mosaica, que proibia a escravidão permanente e estipulava a libertação dos escravos no ano sabático (o sétimo; Êx 21.2) — e no Ano do Jubileu — o quinquagésimo ano (Lv 25.25-28). Às vezes, o substantivo hebraico pode se referir aos súditos de um rei (2 Sm 10.19). Mas, geralmente, a palavra é mais bem traduzida por *servo*. Deus se referia aos Seus profetas como *meus servos* (Jr 7.25). Também o Messias vindouro seria Seu Servo, aquele que obedeceria totalmente à Sua vontade (Is 42.1-4; 49.1-6; 50.4-9; 52.13—53.12).

o Espírito Santo (Is 4.4; 11.2; 48.16; 59.21; 61.1; Lc 3.22), que o revestia de poder para trazer *juízo* ao mundo.

42.2 — A palavra hebraica traduzida por *clamará* significa chorar alto de aflição. A expressão *fará ouvir a sua voz na praça* alude à mesma ideia. O repúdio ao Servo faz-se ouvir pela primeira vez (Is 49.4; 50.5,6; 53.4-9).

42.3 — A *cana trilhada* representa os pobres e necessitados (Is 41.17; 42.7). A expressão *não quebrará* é eufemismo para seu equivalente positivo: remendar-se-á ou restaurar-se-á. O *pavio que fumeja* representa os que estão quase perdendo a fé e a esperança no Senhor. O Servo virá para resgatar o pobre e o necessitado e restaurar a fé do povo (Mt 11.5).

42.4 — *Doutrina*. O Servo será mais que um novo Moisés (Dt 18.15-18; At 3.22-26): Ele mediará a Nova Aliança (2 Co 3.3; Hb 8.7-13).

42.5 — O Senhor Deus apresenta-se como fonte de toda vida física e espiritual — *respiração* e *espírito* —, pois Ele capacitará o Servo a libertar o povo da morte e da cegueira espiritual (v. 6-9).

42.6 — *Chamei, tomarei, guardarei e darei* são expressões paralelas às palavras do v. 1. Contrapondo-se a Ciro, que trouxe liberdade política (Is 41.2), o Servo *em justiça* libertará Israel dos pecados. O Servo virá para instituir um novo *concerto* entre Israel e o Senhor (Is 49.8). Os profetas referem-se a esse novo pacto como um concerto da minha paz (Is 54.10; Ez 34.25); um concerto perpétuo (também associado à aliança davídica; Is 55.3); um concerto novo (Jr 31.31-34); e, mais

comumente, apenas como concerto. O *povo*, aqui, são os *gentios* (Is 60.3). Cristo é a verdadeira *luz* do mundo (Is 9.2; 49.6; 60.3; Jo 8.12; 9.5; At 26.17,18,23), e os seguidores de Cristo devem refletir Sua luz (Mt 5.14).

42.7 — *Para abrir[...] trevas* é uma metáfora derivada do período no cativeiro babilônico; alude à visão espiritual e à salvação do jugo do pecado (Is 6.9,10; 29.18,24; 32.3; 35.5,10; 61.1). Cristo fez os cegos enxergarem para mostrar a todos que Ele tinha poder para dar visão espiritual (v. 16).

42.8 — O fato de Deus ter revelado Seu *nome* ao Seu povo é sinal de Sua imensa graça (Êx 3.14,15). A *minha glória*, aqui e em Isaías 48.11, é associada ao nome de Deus.

42.9 — *Primeiras[...] novas*. Veja uma ideia semelhante em Isaías 41.22. As antigas profecias já se cumpriram. Por meio de Isaías, Deus anuncia profecias novas, que também se cumprirão.

42.10,11 — *Vós que navegais pelo mar [...] o deserto e as suas cidades*. A ordem é que todos cantem. O *cântico novo* celebrará o segundo êxodo, que parte da Babilônia, assim como o cântico de Moisés comemorou o primeiro êxodo, quando o povo deixou o Egito (Êx 15.1-21).

O *fim da terra*. Veja uma ocorrência semelhante desse termo em Isaías 41.5, como ilustração da honra e do louvor que Deus receberá de todo o mundo.

42.12 — *Glória* vincula esse hino ao cântico do Servo (v. 8).

42.13 — *Homem de guerra*. Veja uma descrição semelhante de Deus em Êxodo 15.3. O Senhor



## VOCÊ SABIA?

### ISRAEL, ESCOLHIDO PARA SERVIR

Em que sentido Israel era uma nação *escolhida* (Is 44.1,2)? Como Isaías deixa claro, Deus havia escolhido os israelitas para executarem uma missão. Essa escolha baseou-se em propósitos soberanos. A incumbência de Israel era dupla: servir como família por meio da qual viriam a promessa e a bênção de Deus (compare com Gn 12.1-3; 15.5-7; 17.4-8) e, por meio dele, ser uma lâmpada espiritual para as outras nações (Is 42.6-7; 44.8; 49.6).

Os hebreus, a começar por Abraão, receberam a tarefa missionária de viver à luz do que Deus revelou a eles. Ele os colocou num lugar estratégico e permitiu-lhes construir uma casa de oração para todas as nações (1 Rs 8.41-43). Obedecer com gratidão e testemunhar fielmente seriam as retribuições apropriadas à convocação divina.

tem supremacia absoluta: Ele luta por Seu povo, mesmo estando este no exílio, em terra estranha (v. 14-17).

O zelo do Senhor também é mencionado em Isaías 9.7.

*Sujeitará os seus inimigos.* Uma promessa semelhante de triunfo do Senhor encontra-se em Isaías 41.11,12.

**42.14** — A expressão *me calei* descreve a paciência do Senhor, que o faz demorar a agir (Is 48.9; 57.11).

*Por muito tempo* refere-se, provavelmente, aos 70 anos de cativo (2 Cr 36.21).

*Agora* indica o começo de uma nova era (Is 43.1; 44.1).

*A que está de parto.* As palavras não tratam somente de seus gritos, mas também da chegada oportuna da nova era que começará com a restauração.

**42.15** — *Montes e rios* são os obstáculos no caminho para os deixam o exílio e voltam para casa. A expressão *farei secar* alude ao êxodo por meio do mar Vermelho (Êx 14.16-29; Sl 66.6) e à entrada na Terra Prometida pelo rio Jordão (Js 3.14-17).

**42.16,17** — A figura dos *cegos* simboliza o estado dos exilados e os vincula à incumbência do Servo (v. 7) e à acusação do Senhor contra Israel (v. 18). *Tornarei as trevas em luz* ecoa o primeiro êxodo (Êx 13.21,22). Veja referências a trevas e luz em Isaías 58.8,10; 59.9; 60.1,2.

**42.18-25** — Essa profecia, justificando o exílio como castigo, consiste de (1) discurso do Senhor aos exilados, acusando-os de cegueira e

surdez para com Seus magníficos atos (v. 18-22); (2) discurso de Isaías acusando os exilados de pecadores (v. 23-25).

**42.18,19** — O povo de Israel é *surdo* porque não quer dar ouvidos (v. 23,25) e *cego* porque não quer enxergar (v. 7,16). O Senhor rebate a acusação implícita dos exilados de que Ele está surdo e cego (Is 40.27) e os acusa justamente de surdez e cegueira (Is 6.10). *O meu servo.* Isaías atribui também o título *servo* a Israel (Is 41.8) porque, supostamente, a nação deveria ter o papel de *mensageiro* (Is 44.26) de Deus às nações (Gn 12.3).

**42.20,21** — O SENHOR *se agrada*. Veja uma ocorrência semelhante em Isaías 53.10 como ilustração da boa vontade de Deus.

*Por amor da sua justiça.* Ao punir Israel por ter pecado, o Senhor exalta Sua lei.

**42.22-24** — Israel foi *roubado e saqueado*, primeiro pelos assírios (Is 10.6) e depois pelos babilônios (Is 39.6). Essas palavras vinculam o discurso do Senhor ao de Isaías no v. 24. Ninguém dirá: *Restitui* até Ciro ordenar aos exilados que voltem a Jerusalém (Ed 1.2-4).

**42.25** — Veja outras referências à *ira* de Deus em Isaías 10.5; 28.21.

**43.1** — *Assim diz o SENHOR* identifica o Autor da profecia e garante seu cumprimento (Is 49.8; 50.1; 56.1). Os verbos *criou* e *formou* aludem à criação da humanidade em Gênesis 1 e 2. O verbo hebraico traduzido por *criou* significa dar feito novo — uma habilidade divina, e é a palavra-chave de Gênesis 1.1 (Is 40.26; 41.20; 45.12,18; 57.19; 65.17,18). O segundo verbo, *formou*, significa dar forma, como faz o oleiro com o vaso, e

é usado em Gênesis 2.7 para se referir à modelagem do corpo humano por Deus. O emprego desses verbos aqui sugere que a criação de Israel como povo por Deus foi um ato tão decisivo quanto a criação dos seres humanos, no princípio. Da mesma forma, o Novo Testamento descreve os cristãos como nova criação em Cristo (2 Co 5.17; Ef 2.10).

*Pelo teu nome.* O fato de o Senhor usar um nome reflete Seu relacionamento íntimo com os israelitas. Ele revelou Seu nome ao povo (Êx 6.2-8) e declarou o nome deles ao faraó (Êx 4.22).

**43.2** — *Passares pelas águas* é uma alusão à travessia do mar Vermelho (Êx 14.21,22) e do rio Jordão (Js 3.14-17). *Passares pelo fogo* é uma metáfora para a proteção contra o perigo (Sl 66.12). Vale lembrar a proteção do Senhor a Sadraque, Mesaque e Abednego na fornalha ardente (Dn 3.25-27).

**43.3** — O SENHOR, *teu Deus*, o Deus de toda a criação se declara Deus dos israelitas. Ele tem todo o direito de ser o Deus deles e de chamá-los Seu povo, porque os havia salvado dos egípcios. Saiba mais sobre esse título divino em Êxodo 6.2-8.

*Santo de Israel.* Veja uma ocorrência semelhante desse título divino em Isaías 1.4.

A palavra *Salvador*, em hebraico, provém, do verbo salvar, no original, palavra da qual deriva o nome Jesus (Mt 1.21).

**43.4** — Israel é considerado *precioso* por causa da suprema bondade de Deus (Dt 7.6-8).

**43.5,6** — *Não temas.* O povo de Deus deve temê-lo — ou seja, ter por Ele admiração e reverência. Estando o povo certo de Sua presença, não precisará temer mais nada nem ninguém.

A *semente* de Israel é chamada pelo Senhor *meus filhos e minhas filhas* (Os 11.1).

*Oriente[...]* *Ocidente[...]* *Norte[...]* *Sul.* Veja uma ideia semelhante em Isaías 11.11.

*Extremidades da terra.* Veja expressões semelhantes em Isaías 11.12; 24.14-16; 41.25. O Senhor ajuntará todo o Seu povo — todos os que o louvam e o seguem.

**43.7,8** — Como o *cego* e surdo a testemunhar, a nação de Israel não cumpriu a profecia de restauração (Is 42.18-20).

**43.9,10** — O pronome *vós* está em forte contraste com o eu no início do versículo 11.

*Testemunhas.* O povo de Israel já testemunhou grandes obras de Deus em seu meio (Êx 4).

**43.11-13** — Esses versículos celebram de maneira magnífica a supremacia de Deus (Is 14.24,26,27; compare com Nm 23.19). *Deus estranho não houve.* O texto hebraico só contém a palavra *estranho*; a palavra *deus* fica implícita. A mensagem é de que só o Deus vivo opera no meio aos israelitas.

*Salvador.* O mesmo termo hebraico é empregado no versículo 3.

*Antes que houvesse dia.* O Senhor trabalha o tempo todo — salvando, protegendo, orientando e disciplinando Seu povo.

O versículo final do cântico de louvor — *ninguém há... minhas mãos* — é uma citação de Deuterônimo 32.39.

**43.14** — *Assim diz o SENHOR.* A mesma expressão é empregada no v. 1 para ressaltar a verdadeira fonte dessa profecia: Deus em pessoa. O Senhor é chamado *Redentor* porque defende, protege e resgata zelosamente Seu povo (Is 49.26). No antigo Israel, o redentor era uma espécie de protetor da família, alguém que ajudava qualquer parente que estivesse com problemas. Veja o mesmo título em Isaías 41.14.

*Babilônia.* Veja a descrição da destruição da Babilônia em Jeremias 51.1-44.

Os *caldeus* eram um povo estabelecido na baixa Mesopotâmia que fundou o Império Neobabilônico.

**43.15-17** — Com os títulos *o SENHOR* (Êx 3.14,15), *Santo* (Is 1.4), *Criador de Israel* (Is 40.26; 41.20) e *vosso Rei* (Is 41.21), o Deus vivo declarava Seu relacionamento íntimo com os israelitas. Ele não só é o Deus deles, mas também aquele que criou a nação e a governa.

**43.18** — O Senhor ordena que o povo não se lembre do passado (46.9,10). O reino de Israel, inaugurado no primeiro êxodo, e a conquista da Terra Prometida parecerão insignificantes, comparados como novo reino que seria estabelecido por Deus.

As coisas passadas são as profecias de juízo anunciadas por Isaías e outros profetas (Is 42.9, 21-25; 43.9,10; 46.8,9; 48.3).

*Antigas.* Veja uma passagem relacionada a essa em Isaías 65.16.

**43.19,20** — *Uma coisa nova* trata da ordem de Ciro aos exilados para que retornem a Jerusalém, da queda da Babilônia e da recuperação de Israel (v. 20) e da restauração de todas as coisas (Is 65.17-19). Veja uma aplicação semelhante dessa expressão em Isaías 48.6.

*Um caminho no deserto.* O Senhor dará aos exilados uma rota desimpedida para voltarem à Terra Prometida (Is 40.3-5).

*Águas no deserto.* Até mesmo em regiões áridas o Senhor providenciará refrigério para Seu povo (Is 41.18,19).

**43.21-28** — Nessa cena de julgamento (Is 41.1—42.13; 43.8-13), o Senhor considera Israel culpado da acusação do pecado de não tê-lo adorado (v. 22-24). Na verdade, acusa a nação de deixá-lo cansado de testemunhar suas transgressões (v. 24), de menosprezar Seu perdão (v. 25) e de pecar contra Ele desde o princípio (v. 26,27). O veredicto é claro: a merecida extinção dos líderes do templo (v. 28; Is 42.18-25).

**43.22** — A acusação do Senhor é de que o povo não o adora conforme Ele ordenou nem com a motivação que determinada por Ele. *Tu* identifica os exilados com seus pais, já que os exilados não têm oportunidade de fazer sacrifícios.

**43.23,24** — A ingratidão dos exilados — *nem me honraste* — se contrapõe à paciência do Senhor — *me deste trabalho*.

**43.25** — *Por amor de mim.* O Senhor decide poupar e perdoar o povo. Isto é próprio de Seu caráter. Veja expressões semelhantes em Isaías 37.35; 42.21; 48.9,11.

**43.26** — *Apresenta as tuas razões.* Mais de uma vez, por meio de Isaías, o Senhor pede a Israel que responder às acusações (Is 41.21; 45.21).

**43.27,28** — *O primeiro pai* é Abraão (Is 51.2). Apesar de seus muitos atos justos, Abraão também pecou (Gn 12.18,19; 20.9). Os falsos líderes religiosos de Israel (Mq 3.9,10) são chamados *teus intérpretes*, em vez de meus intérpretes. *Os maiores*

*do santuário* são os líderes dos sacerdotes em Jerusalém (1 Cr 24.5).

**44.1** — *Agora.* A convocação para ouvir imediatamente aparece em Isaías 42.14; 43.1.

*Servo.* Veja uma aplicação semelhante desse título para a nação de Israel em Isaías 41.8.

**44.2** — *Assim diz o SENHOR.* Essa declaração enfatiza que Deus é o autor da profecia e que, portanto, ela irá se cumprir (Is 43.1).

*Te criou[...] te formou.* O Senhor exige uma audiência com Israel, porque Ele é o Criador deles (Is 43.1,7).

*Não temas.* O Senhor é todo-poderoso, por isso Israel nada tem a temer. Essa mesma recomendação é encontrada em Isaías 43.5.

*Jesurum,* que significa o correto, é uma designação poética para a nação de Israel (Dt 32.15).

**44.3** — *Derramarei água* pode ser uma referência aos milagres durante a jornada de retorno dos exilados (Is 43.19-21) ou às bênçãos para os que retornarem à Terra Prometida (Is 41.17; 55.1).

*Derramarei o meu Espírito.* Moisés orou para que o Espírito do Senhor descesse sobre todo o Israel (Nm 11.29); os profetas preveem esse derramamento (Jl 2.29-32), e ele se realizou por meio de Cristo (Is 32.15; At 2.14-36).

**44.4** — A erva verdejante simboliza a prosperidade.

**44.5** — Os repatriados terão orgulho de pertencer ao Senhor. O nome de Israel não será mais associado a um bichinho (Is 41.14).

**44.6-23** — Essa passagem trata de outro juízo de instrução conforme Isaías 41.1—42.17; 43.8-13. Entre a ordem para não temer (v. 8) e a ordem para recordar (v. 21) e retornar para Deus (v. 22), há uma sátira extensa e mordaz da idolatria (v. 9-20). Uma exortação à natureza para louvar ao Redentor de Israel encerra o oráculo (v. 23), com diversas alusões ao Cântico de Moisés (Dt 31.30—32.43).

**44.6,7** — *Assim diz o SENHOR.* Essa afirmativa enfática garante a veracidade do que se segue (Is 43.1).

*Rei de Israel.* Veja o contexto no salmo 99. O termo *Redentor* também é usado em Isaías 41.14 e se refere ao zelo com que o Senhor defende Seu povo.



## EM FOCO

## ADIVINHOS (HB. QASAM)

(Is 44.25; 1 Sm 6.2; Ez 21.23)

Esse termo se refere às pessoas que tentam prever o futuro por meio de práticas ocultistas. Os adivinhos costumam ser mencionados com outros praticantes de ocultismo; algo estritamente proibido em Israel (Dt 18.10-22). Falsos profetas, como Balaão, praticavam a adivinhação, e a penalidade era a morte (Js 13.22; Jr 27.9; 29.8; Ez 22.28).

Os adivinhos não só atraíam o juízo para si como também para a nação (Dt 18.10; 2 Rs 17.17,18; Mq 3.6,7). A adivinhação era praticada por diversos métodos: invocação de espíritos de mortos, sorte com flechas, consulta a ídolos, observação das entranhas de animais mortos ou interpretação de sonhos e visões (1 Sm 28.8; Ez 13.23; 21.21,29; 22.28; Mq 3.6,7; Zc 10.2). Os adivinhos cobravam por seus serviços.

*Primeiro* [...] *último*. Deus tem total soberania sobre o tempo (Is 41.4). *Fora de mim não há Deus*. Veja uma ideia semelhante em Deuteronômio 32.29.

**44.8** — *Não vos assombréis*. Uma ordem semelhante é dada em Isaías 43.5. Quando Deus está do nosso lado, não é preciso temer nada nem ninguém.

*Vós sois as minhas testemunhas*. O povo de Israel já testemunhou grandes milagres a seu favor (Is 43.10).

A *Rocha* representa estabilidade e proteção (Sl 62.2,6,7). Veja uma descrição semelhante de Deus em Deuteronômio 32.4,15,31.

**44.9-20** — Essa sátira contra a idolatria consiste de: (1) uma introdução, que condena os ídolos e os que os fabricam (v. 9-12); (2) a seção principal, que demonstra o absurdo da idolatria pela descrição da fabricação de ídolos de metal e de madeira (v. 12-17); (3) uma conclusão didática contra os fabricantes de ídolos (v. 18-20). O profeta Isaías fala à geração futura, alertando-os contra a insensatez da idolatria (Is 40.19,20; 41.21-29; 42.17).

**44.9** — *Imagens de escultura* é o termo usado no segundo mandamento para descrever os ídolos (Êx 20.4).

*De nenhum préstimo* é traduzido por *sem forma* em Gênesis 1.2.

**44.10** — O hebraico traz as palavras *deus* e *imagem* juntas, ressaltando o absurdo de idolatrar uma imagem modelada por mãos humanas.

**44.11,12** — Os ídólatras *ficarão confundidos* quando estiverem face a face com Deus. Será um

dia de vergonha para aqueles que o rejeitaram nesta vida.

**44.13,14** — O ser humano foi criado à imagem de Deus (Gn 1.26-28), mas os ídólatras confeccionam deuses à *semelhança de um homem* (Dt 4.16; Rm 1.23).

**44.15,16** — Isaías não se conforma com o absurdo de um pedaço de madeira servir como lenha e outra parte como objeto de idolatria.

**44.17,18** — *Tu és o meu deus*. Uma cena simplesmente lamentável (Is 57.13). O ídólatra ora para ser salvo, dirigindo sua súplica a um inútil pedaço de madeira. Idolatrar e depender de um objeto fabricado por mãos humanas — como o dinheiro — é igualmente lamentável.

**44.19** — *Abominação*. Veja outra ocorrência dessa palavra, que passa a impressão de repulsa, em Isaías 41.24.

*Ao que saiu de uma árvore*. A terrível verdade é que o povo está adorando objetos fabricados a partir da obra de Deus, ignorando o Criador.

**44.20** — *Apascenta-se de cinza*. Compare os dois banquetes em Provérbios 9.1-6,13-18.

**44.21** — A nação de Israel às vezes é chamada *meu servo* (de Deus; Is 41.8).

*Te formei*. O verbo sugere que a formação da nação foi um ato da vontade de Deus (Is 43.1). Os exilados talvez pensem que Deus se esqueceu deles, mas ele promete:

*Não me esquecerei* (Is 49.14,15). O Senhor declara, sem ambiguidades, que se lembrará da nação que criou.

**44.22** — *Desfaço*. A ideia do perdão total dos pecados também é encontrada em Is 40.2; 43.25. O verbo *remi* descreve o ato de Deus resgatar Seu povo pagando um preço por isso. Veja o Senhor como Redentor em Isaías 41.14.

**44.23** — Os cânticos (Is 12.1-6) dos céus e da terra (Is 1.2; 49.13), dos bosques (Is 35.1,2) e de todas as árvores (Is 14.7,8; 55.12) refletem o júbilo do povo de Deus com a chegada da salvação.

*Glorificou-se*. O Senhor honra a si mesmo quando salva, porque demonstra ao mundo Sua misericórdia e poder (Is 40.5; 42.8; 43.7).

**44.24—45.13** — Esse oráculo de salvação que proclama Ciro como o unguido de Deus para salvar Israel consiste de uma extensa introdução sobre seu Autor (Is 44.24-28), de um discurso dirigido diretamente a Ciro, convocando-o a servir (Is 45.1-7), e de ordens finais aos céus para fazer chover as bênçãos do Senhor e à terra para recebê-las (Is 45.8). Em um duplo epílogo, o Senhor reprova todos os que têm aversão à Sua soberania (Is 45.9,10) e reafirma Seu direito, como Soberano, a fabricar Seus instrumentos.

**44.24** — *Assim diz o SENHOR*, portanto acontecerá (Is 43.1,14; 44.2,6,24). *Redentor*. O mesmo título é usado em Isaías 41.14 e ilustra o empenho do Senhor em defender, proteger e resgatar Seu povo.

*Que te formou*. Deus formou Israel, daí Sua preocupação e Seu desvelo para com ele. Veja uma ideia semelhante em Isaías 43.1.

**44.25** — Os inventores de mentiras são os adivinhos (Is 2.6,8; 8.19; Dt 18.10,11). Alguns se consideram sábios, mas não no entender do Senhor. Veja uma descrição semelhante em Isaías 29.14.

**44.26** — *Cumprir o conselho*. Essa ideia é explorada com mais profundidade em Isaías 41.1—42.13; 43.8-13; 44.6-8. Israel deveria ser tanto o servo (Is 41.8) do Senhor quanto Seu mensageiro (Is 42.19) às nações (Gn 12.3).

*Serás habitada* é uma promessa repetida em Jeremias 32.15.

*Reedificadas*. A reconstrução do templo e a reocupação da terra após a devastação pela Babilônia inaugurarão uma nova era (Is 58.12; 61.4).

**44.27** — A *profundez*a refere-se ou ao fosso que protegia a Babilônia ou aos obstáculos que impediam o progresso dos exilados em retorno (Is 42.15). Pode também ser uma alusão à resistência da criação pelas águas caóticas (Gn 1.2), ao bloqueio do primeiro êxodo pelo mar Vermelho (Is 43.16-19; 51.10) ou à oposição do rio Jordão à entrada na Terra Prometida (Js 3.14-17).

**44.28** — *Ciro*. Isaías menciona o nome do rei persa que permitirá aos israelitas voltar a Jerusalém em 538 a.C. (Ed 1.1-4). Veja outra referência específica em Isaías 41.2. *Pastor* é um título para o rei ideal (Is 40.11; Mq 5.4).

**45.1** — Ser *ungido* significa literalmente ser Messias e indica a nomeação para um cargo, geralmente de rei (Is 61.1). A concessão desse título singular e glorioso ao rei persa, dado igualmente em Israel, aos patriarcas (Sl 105.15), a Davi (Sl 2.2) e ao Messias vindouro (Dn 9.25), deve ter chocado os ouvintes de Isaías (v. 9,10). Por que o Senhor indicaria um pagão estrangeiro para executar Sua vontade? *As portas*, que faziam parte dos portões conectados ao fosso de defesa da Babilônia, não foram fechadas quando Ciro capturou a Babilônia (Is 44.27).

**45.2** — *Eu irei adiante de ti* é a promessa do Senhor a Ciro, semelhante ao que prometeu ao Seu povo. A cidade da Babilônia tinha cem *portas de bronze*.

**45.3,4** — *Me não conhecesses*. Ciro sabia que o Senhor o indicara, mas não conhecia a pessoa do Senhor Deus (Ed 1.2).

**45.3** — Os *tesouros das escuridades* são uma referência às famosas riquezas de Sardes, que foi capturada por Ciro em 546 a.C. *Que te chama pelo teu nome* refere-se à nomeação específica de Ciro pelo Senhor antes de ele tornar rei (compare com Isaías 43.1). Nessa profecia, o Senhor chama Ciro de pastor (Is 40.11; 44.28) e de unguido (v. 1).

**45.4** — *Por amor de meu servo Jacó*. Deus ungiu a Ciro para recuperar o povo que tanto amava (43.1).

**45.5,6** — *Desde o nascente do sol e desde o poente* significa em toda parte (Sl 113.3). Nenhuma pessoa ou objeto se compara à santidade e ao



poder de nosso Criador. Ele tem poder sobre tudo — tanto de bom quanto de ruim.

**45.7,8** — Os símbolos da *luz* e das *trevas* (Êx 10.21-23) são esclarecidos pelas palavras *paz* e *mal* (Is 47.11; Am 3.6). *Justiça* e *salvação* são palavras sinônimas no livro de Isaías (Is 46.13; 51.6; 56.1). No Oriente Médio, as pessoas acreditavam que a fertilidade da terra e a manutenção da ordem social dependiam do bom relacionamento do rei com uma divindade. Ciro foi ungido pelo Deus verdadeiro, daí a certeza de que o céu derramará suas bênçãos sobre a terra.

**45.9-13** — O epílogo contém as objeções contra a nomeação do estrangeiro Ciro como pastor ungido do Senhor (Is 44.28; 45.1). Divide-se em duas partes: (1) analogias entre os direitos supremos do criador sobre sua criação e os do pai sobre os filhos (v. 9,10); (2) a soberania do Senhor sobre Israel (v. 11), sobre toda a criação (v. 12) e, por fim, sobre Ciro (v. 13).

**45.9,10** — *Ai*. Veja outra ocorrência dessa palavra em Isaías 5.8.

Veja referências a Deus como *Criador* em Isaías 29.23; 43.1; 45.11.

*Caco*. Por que um ser criado questionaria o Criador? Um caco de barro não questiona o oleiro. Veja referências semelhantes em Isaías 29.16; Jeremias 18.6.

**45.11** — *Assim diz o SENHOR* é uma declaração enfática que indica a legitimidade dessas palavras (Is 43.1,14; 44.2,6,24).

*Coisas futuras*. Veja expressões semelhantes em Isaías 41.22,23.

**45.12** — *Criei* é o mesmo verbo usado em Gênesis 1.26-28 (Is 43.1).

**45.13** — O pronome *o* refere-se a Ciro (Is 44.28; 45.1). Embora o Senhor tenha dado *presentes* generosos (v. 3,4) a Ciro em resgate do Seu povo (Is 43.3), não foi esse o motivo pelo qual Ciro mandou os cativos para casa.

**45.14-25** — Essa profecia prevê a salvação mundial por meio de Israel (Is 14.1,2; 19.23-25; 49.23; 54.3; 60.11). As nações da África hão de se juntar a Israel para louvar (v. 14). Os idólatras ficarão envergonhados, enquanto Israel será salvo para todo o sempre (v. 15-17). Os propósitos

do Criador e Redentor não podem ser contrariados (v. 18,19). Só Ele pode prever o futuro, porque só Ele o controla (v. 20,21). Todas as nações acabarão por se curvar ao Deus de Israel (v. 22-25).

**45.14** — Depois que o Senhor entregar o *Egito*, os *etíopes* e os *sabeus* a Ciro como resgate (Is 43.3,4), eles se entregarão a Israel e ao seu Senhor.

*Se passarão*. Veja uma referência semelhante em Salmos 68.31. Os pronomes *ti* e *teus* estão ambos no feminino singular, referindo-se à Filha de Sião (Is 1.8; 40.9).

*Se prostrarão* indica submissão ao Senhor e reconhecimento de Sua presença entre Seu povo no Sião (Is 2.2-4).

**45.15,16** — Deus se esconde em Sua ira (Is 8.17; 54.8; 55.8,9), mas se revela nas Escrituras (Is 48.5-8).

**45.17** — A promessa de *uma eterna salvação* é repetida em Isaías 51.6.

**45.18** — *Criado* e *formou* são sinônimos aqui, como no livro de Gênesis (compare com Gênesis 1.27; 2.7). Ambos os verbos identificam o Senhor como Criador, mas não explicam como Ele realizou Seu grandioso ato criador. *Em vão* é o mesmo termo usado em Gênesis 1.2. O Senhor criou a terra para *que fosse habitada*, e não para ser despovoada, como os assírios e babilônios haviam deixado a terra de Israel (Is 6.11; 7.18,19; 27.10,11; 33.9; 44.26,28).

**45.19** — Os adivinhos pagãos procuravam um local *escuro* e *secreto* para proferir seus oráculos misteriosos e ambíguos. Os profetas do Senhor proclamavam a verdade abertamente, a todos os que lhes dessem ouvidos.

**45.20** — *Chegai-vos juntos*. Veja ideias semelhantes em Isaías 41.1,21,22; 43.9; 44.7.

**45.21** — O pronome *isto* se refere à salvação universal, que começou com o decreto de Ciro para que Israel voltasse à sua terra (Is 44.24—45.13).

**45.22** — *Não há outro*. Veja outras referências à incomparabilidade de Deus em Isaías 40.25; 45.5.

**45.23** — *Por mim mesmo tenho jurado*. A promessa do Senhor a Abraão foi jurada por Ele próprio (Gn 22.16; Hb 6.13). A infalibilidade da Palavra do Senhor é bastante ressaltada no livro de Isaías (Is 40.8). A promessa do Senhor de *que*



## EM FOCO

## AI (HB. HOY)

(Is 5.8; 45.9; 55.1; Jr 23.1)

Essa interjeição era usada principalmente pelos profetas na introdução aos textos que denunciavam as práticas pecaminosas de determinada pessoa ou grupo (Jr 23.1). Encontra-se no início de oráculos de juízo contra nações estrangeiras, chamando a atenção para as ameaças divinas (Is 10.5). Esses oráculos de juízo costumam aparecer em série, como no cap. 5 (v. 8,11,18,20,21). O profeta talvez usasse a palavra *ai* para expressar sentimentos íntimos de desespero ou lamentação (Is 24.16). Mesmo nesse caso, estava geralmente exprimindo algum lamento ou condenação da parte de Deus (Jr 22.13-17). Jesus usou uma expressão equivalente (gr. *ouai*) ao amaldiçoar Corazim e Betsaida (Mt 11.21) e, mais tarde, os escribas e fariseus (Lc 11.44).

diante de mim se dobrará todo joelho será cumprida em Jesus Cristo (Rm 14.11; 1 Co 15.24,25; Fp 2.10,11).

**45.24,25** — Os que se irritarem contra Deus não farão parte de Seu reino eterno (Is 50.11; 66.24).

**46.1-13** — Essa coleção de oráculos de salvação foi proferida pelo Senhor e é dirigida aos teimosos exilados. Começam com imperativos semelhantes: ouvi-me (v. 3); lembrai-vos (v. 8); ouvi-me (v. 12) e giram em torno do tema de que só o Senhor é o Deus verdadeiro.

**46.1,2** — *Bel*, que significa Senhor, era um dos títulos de Marduque, a principal divindade babilônica. *Nebo*, filho de Marduque, era o deus do destino, da escrita e da sabedoria. Diz-se ironicamente que cada deus *se encurvou* junto com seu ídolo vacilante. Segundo o pensamento pagão, os ídolos e os deuses que representavam eram inseparáveis. Os pesados ídolos, de quem se esperava a salvação, também foram arrastados para o *cativoiro*.

**46.3** — Provavelmente, nesse versículo, a referência é a um *resíduo* descrente (Is 1.9; 10.20), a julgar pelas expressões paralelas: prevaricadores (v. 8) e duros de coração (v. 12; leia Is 1.2; 48.1-5; 57.4).

*Trouxe nos braços desde o ventre*. Veja uma metáfora semelhante em Deuteronômio 1.31.

**46.4,5** — A *velhice* refere-se ao zelo incessante do Senhor. *Eu serei o mesmo*. Observe nesse versículo a ênfase que Deus dá ao que fez em benefício de Seu povo; o próprio Senhor, ninguém mais, salvará Israel (Is 41.4).

*Me fareis semelhante*. É a terceira vez em que a incomparabilidade de Deus é afirmada nessa seção de Isaías (Is 40.18,25).

**46.6,7** — O sujeito do verbo *gastam* são os fabricantes de ídolos (Is 40.19,20; 41.6,7; 44.9-20).

*O tomam*. Diferentemente do Deus vivo, que carregar e apoia Seu povo (v. 4), os ídolos precisam ser carregados por aqueles que os idolatram.

**46.8** — Os *prevaricadores* são os remanescentes incrédulos (v. 3).

**46.9,10** — *O fim desde o princípio*. Veja descrição semelhante em Isaías 41.4. Como Soberano do Universo, Deus pode fazer o que quiser. Sua *vontade* (Sl 147.10,11) inclui a salvação de Seu povo (Sf 3.17) e que este o louve de todo o coração (Jo 4.23,24).

**46.11** — *A ave de rapina desde o Oriente* é uma referência a *Ciro* (Is 41.2) e à velocidade e força demonstradas em suas conquistas (Is 41.3). A mensagem é de que Deus pode empregar qualquer instrumento que desejar para fazer cumprir Seus propósitos na terra (Rm 9.14-23).

**46.12** — Assim como, no primeiro êxodo, havia os que ansiavam por retornar ao Egito (Nm 14.3), no segundo haverá os que não desejarão abandonar o conforto e a segurança da Babilônia e da Pérsia.

**46.13** — *Justiça* é sinônimo de *salvação* em Isaías (Is 41.2; 45.8; 51.6; 56.1). A salvação do exílio não só é certa, como não *tardará* (51.5).

*Em Israel, a minha glória*. Apesar do extenso histórico de rebelião dos israelitas (Êx 32), Deus ama Seu povo, Israel, e nunca o rejeitou completamente (Rm 11.1).

**47.1-15** — A humilhação e o exílio dos deuses babilônicos (cap. 46) deixarão os habitantes da Babilônia sujeitos ao mesmo destino. Isaías prevê a queda da Babilônia com a paródia de um ofício fúnebre que tenciona desestimular a Babilônia e animar Israel. O poema possui quatro estrofes (v. 1-4, 5-7, 8-11, 12-15).

**47.1** — *Ó virgem filha de Babilônia*. Trata-se de linguagem sarcástica. A Babilônia agiu como se fosse filha de Deus, e está prestes a descobrir que é *filha dos caldeus*. Não será mais considerada uma princesa divina — *tenra e delicada*.

**47.2,3** — Moer *farinha* geralmente era trabalho de escravas (Êx 11.5). A frase *descobre as pernas* sugere duro trabalho doméstico com um toque de vergonha pela exposição indecente. A Babilônia perderá seus privilégios. A *vergonha* alude à desgraça, à falta de decoro, à indignidade e à vulnerabilidade (Gn 9.22,23).

**47.4** — Contrastando com a humilhada Babilônia, Israel tem um *redentor* (Is 41.14). O SENHOR dos Exércitos (Is 1.9) libertará a nação de Israel.

**47.5** — A estrutura semelhante dos v. 1-5 faz a conexão da primeira estrofe (v. 1-4) com a segunda (v. 5-8).

**47.6,7** — O cruel desrespeito da Babilônia por Israel quando o Senhor os entregou *na sua mão* será vingado, como no caso dos assírios (Is 10.1-19; 49.25).

*Senhora para sempre*. A Babilônia gaba-se arrogantemente de que continuará a ser um império, a senhora de reinos (v. 5; compare a Dn 4.30), por toda a eternidade. Isso equivale a blasfemar.

**47.8,9** — *Owe isto*. A palavra é dirigida à má filha, a Babilônia (v. 1,5; leia Is 1.8). A Babilônia havia se divinizado pela declaração *Eu sou* (v. 10). Havia tentado usurpar o atributo exclusivo do Senhor: só o Todo-poderoso não depende de nada nem de ninguém para existir (Is 45.4,6,18,21,22; 46.9). Essa perversa autodivinização reflete a bravata do rei de Tiro (Ez 28.11-19). A Babilônia não é mais considerada virgem (v. 1), e sim uma *viúva*. A alegoria da *perda de filhos* alude à perda de esperança no futuro. Compare o destino da Babilônia com o de Sião (Is 49.21-23; 54.1-6).

**47.10** — *Maldade, sabedoria e ciência* referem-se à mesma ideia que feitiçarias e encantamentos no v. 9 (Dn 2 e 5; compare com Is 11.2).

*Ninguém me pode ver*. O orgulho egoísta dos ímpios baseia-se parcialmente na crença de que não há nenhum Deus onisciente e onividente no Universo.

**47.11** — A expressão *pelo que* vincula as pretensões babilônicas à ciência (v. 10), ao juízo justo que a nação não poderia *conhecer*.

**47.12-14** — A ordem *deixa-te estar* coincide com as ordens iniciais do Senhor nos v. 1,5. A palavra *feitiçarias* faz a conexão da última estrofe com as primeiras (v. 9,10).

**47.15** — O destino da Babilônia também abrangerá aqueles *com quem* ela se relaciona: os *negociantes*, de cujo ofício há muito tempo depende para ser próspera. Compare com a arrogância do rei de Tiro pelo sucesso comercial de sua nação (Ez 28.16,18).

**48.1-11** — Essa seção, dirigida a todo o Israel, condena o povo por sua hipocrisia (v. 1), idolatria (v. 5), arrogância (v. 7) e traição (v. 8). Ao mesmo tempo, o oráculo promete salvação ao povo pelo amor do nome do Senhor (v. 9-11). O tom é semelhante ao de Isaías 42.18,19; 43.22-25; 46.1-13. O oráculo está dividido em quatro partes: (1) convocação de Israel para ouvir o discurso (v. 1, 2); (2) acusação de que a descrença de Israel é indesculpável, já que o Senhor revelou ser Ele quem o estava ajudando (v. 3-5); (3) previsão da salvação vindoura (v. 6-8); (4) promessa de que o Senhor adiará Seu juízo por amor de Seu nome (v. 9-11).

**48.1** — *Ouvi* é um apelo urgente para o Israel surdo (Is 6.9,10; 48.6,8).

*Jacó[...] Israel*. Veja uma ocorrência semelhante desses nomes em Isaías 41.8.

*Chamais pelo nome*. Veja descrições semelhantes de Israel como chamado por Deus em Isaías 43.1,7; 63.8.

**48.2,3** — A *santa cidade* é Jerusalém. Os cidadãos de Jerusalém professavam firmar-se *sobre o Deus de Israel* (Rm 9.6).

**48.4** — *Duro* é a tradução literal (Is 46.12; Êx 32.9; Dt 9.6,13). *Ferro* e *bronze* são citados aqui como metáforas para rebelião (Jr 6.28).



## APROFUNDE-SE

### O PROPÓSITO DAS PROFECIAS

Talvez você pense que as profecias tenham como função principal prever o futuro. É compreensível, pois os profetas da Bíblia ocasionalmente previam o que viria a acontecer (por exemplo, Is 7.14-17; 45.1-7; Jr 28.12-17). Mas a finalidade da profecia vai além de simplesmente informar às pessoas o que irá acontecer. Há pelo menos outras duas razões para Deus haver falado por meio dos profetas do Antigo Testamento.

A primeira é que *a profecia demonstra que o Senhor é Deus*. Um deus que não pode se revelar aos seres humanos dificilmente conquistaria respeito. Mas, por meio da profecia, o Senhor se tornou conhecido, de forma inegável. Por exemplo, Ele demonstrou Sua onisciência revelando aos israelitas como seria o futuro, coisa de que nenhum ídolo pagão era capaz (Is 48.5). Ele também demonstrou Seu poder por meio dos profetas, de modo a não deixar dúvida a respeito de quem Ele é (1 Rs 18.36-39).

A segunda é que *a profecia proclama a palavra de Deus*. Intimamente relacionado com a revelação que Deus faz de Si mesmo, está Seu verdadeiro discurso, o qual Ele faz questão que as pessoas ouçam. Muitas vezes, há referências à profecia como *palavra do SENHOR* (Is 1.10; 28.14; 38.4). De fato, muitas vezes, a profecia é antecedida da frase *Assim diz o SENHOR* (Is 7.7; 10.24; 22.15). A profecia, portanto, é a revelação de Deus. Ela evidencia verdades que, sem ela, não teriam expressão.

A mensagem dessas revelações não é meramente informativa. Sua intenção é declarar a verdade e depois explicar como viver à luz do que é verdadeiro. Às vezes, a profecia serve para alertar o povo das consequências de seus atos e, às vezes, para animá-lo, quando as circunstâncias parecem intransponíveis. Mas qualquer que seja seu efeito sobre as pessoas, o objetivo da profecia é propagar Deus e Sua mensagem.

**48.5** — Apesar de Israel saber que nenhum ídolo o ajudou, Isaías prevê que, mais tarde, a nação atribuirá sua salvação a um deus que não é o Senhor.

**48.6** — *Coisas novas* abrangem a carreira de Ciro (v. 14), a queda de Babilônia e a restauração de Israel (v. 20), que inaugurou a era messiânica (v. 16) e a restauração de todas as coisas (Is 65.17-19). Para ser capaz de anunciar *coisas ocultas*, o Senhor precisa conhecer e controlar o futuro.

**48.7,8** — À medida que Deus foi implantando Seu plano de redenção, Ele influenciou acontecimentos sem que Israel soubesse, pois do contrário teriam agido *perfidamente*, alegando: *Eis que já eu [...] sabia*.

**48.9** — O Senhor arranja tudo para Seu *louvor* (Is 42.8-12; 43.21). *Retardarei a minha ira* significa ser tardio em iras (Êx 34.6).

**48.10** — *Purifiquei* é uma referência ao juízo (Is 1.25; 4.4) e diz respeito ao cativo babilônico. A *fornalha* representa o sofrimento de Israel no Egito (Dt 4.20; Jr 11.4).

**48.11** — *Por amor de mim*. O Senhor demonstra Sua decidida vontade de manter a integridade de Seu glorioso nome (v. 9). Os atos misericordiosos

de Deus são de iniciativa dele, provêm do âmago de sua santidade (Is 37.35; 42.21; 43.25).

*Minha glória* é uma expressão paralela a meu nome (Is 42.8), assim como a expressão meu louvor no v. 9.

*Profanado*. Veja como Israel aviltou o nome de Deus em Ezequiel 20.8,9; 36.21-23.

**48.12-22** — Essa seção, dirigida a todo o Israel, incentiva os injustos a participar da salvação da nação pelo Senhor. O Senhor: (1) apresenta-se como Criador soberano (v. 12,13); (2) demonstra que só Ele previu a salvação de Israel por meio de Ciro (v. 14,15); (3) promete vir ao Seu povo na forma do Servo (v. 16); (4) promete paz e posteridade aos que o obedecerem (v. 17-19). Isaías arremata o discurso divino exortando o povo a fugir da Babilônia (v. 20) e participar com alegria do segundo êxodo (v. 21,22).

**48.12** — *Chamei*. Veja uma referência semelhante, sobre chamado de Israel, em Isaías 42.6.

O *primeiro* [...] o *último*. Veja uma descrição semelhante da soberania de Deus sobre o tempo em Isaías 41.4.

**48.13** — *Terra e céus* se referem a todo o Universo (Is 13.13; 40.21,22; 51.6,13).

**48.14** — *Ajuntai-vos* provavelmente é um apelo dirigido às nações. O pronome *elas* talvez se refira aos ídolos das nações (Is 41.21-23; 43.9; 45.20,21). O pronome *o* refere-se a Ciro (Is 41.2,25; 45.13; 46.11), com uma incumbência explicitada em Isaías 44.28—45.1.

**48.15** — *Eu, eu* chama a atenção para a fonte dessa profecia: o Deus vivo.

*Chamei*. Veja uma referência semelhante em Isaías 41.2.

**48.16** — *Mim* refere-se ao Servo, Jesus (Is 42.1-13; 61.1), que falou por meio de Seus profetas (1 Pe 1.10,11). *Senhor*, aqui, significa Mestre, aludindo à condição de Servo de quem fala (Is 50.4). Leia outras referências ao *Espírito* de Deus em Isaías 11.2; 30.1; 42.1; 59.21; 61.1; Lc 3.22.

**48.17** — O Senhor *ensina e guia* por meio de Seus servos (Dt 5.27), Seus profetas, e Seu Filho.

**48.18** — O rio oferece muita água para um crescimento abundante (Is 41.18; 66.12; Am 5.24). As *ondas do mar* passam uma imagem de poder, constância e crescimento.

**48.19** — A *areia* relembra a promessa de Deus aos patriarcas de que os israelitas haveriam de se tornar muito numerosos (Gn 22.17; 32.12).

**48.20** — Colocando-se a ordem *anunciai* no presente, a salvação futura aparece como realidade vívida e presente (Is 40.9-11; 44.23; 46.1-4).

*Sai*. O povo recebe ordem para deixar a Babilônia, abandonando seus confortos (Gn 12.1; Êx 12.31).

*Fazei ouvir*. Veja exemplos semelhantes de proclamações em Isaías 12.1; 44.23; 49.13.

**48.21** — *Não tinha sede* alude ao suprimento de água dado por Deus durante o primeiro êxodo (Is 41.17-20; 43.16-21; Êx 17.1-7; Nm 20.2-11).

*Fez correr água da rocha*. Veja a perspectiva do Novo Testamento sobre estes milagres em 1 Coríntios 10.4.

**49.1-13** — O segundo cântico do Servo sofredor (Is 42.1-13) consiste de duas partes: o monólogo do Servo (v. 1-6); os oráculos do Senhor para Ele (v. 7-9). Depois do cântico, há uma peroração de Isaías (v. 9-12) encerrada com um hino de louvor (v. 13).

**49.1** — *Ilhas*. A missão do Servo diz respeito a toda a terra (Is 41.1). O *ventre* é a tradução de uma palavra que significa matriz (Gn 25.23; Rt 1.11).

**49.2** — Por meio da oração proferida por Sua *boca*, o Servo há de conquistar a terra (Is 11.4).

*Como uma espada aguda*. Veja descrições semelhantes dos discursos de Jesus em Efésios 6.17; Hebreus 4.12; Apocalipse 1.16. *Sombra* sugere proteção (Is 30.2,3; 51.16). Como a missão do Servo será secreta até Ele ser enviado, terá de ser eficaz (Is 48.6-8).

**49.3** — *Israel* pode ser o Israel essencial — Jesus, o Salvador —, que virá para remir a nação israelita (v. 5).

*Aquele por quem hei de ser glorificado*. Cumprindo parcialmente essa profecia, Jesus orou ao Pai: Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer (Jo 17.4).

**49.4** — A queixa do Servo de ter *trabalhado* [...] *vãmente* (Is 26.17,18) fala de Sua rejeição pela nação de Israel e Seu sofrimento (Is 42.2).



## EM FOCO

### SALVAÇÃO (HB. YESHU'Á)

(Is 49.6; Jó 30.15; Sl 67.2).

Essa palavra descreve o livramento da aflição, bem como a vitória e bem-estar resultantes. O termo ocorre com a maior frequência em Salmos e Isaías, onde é usado quase sempre ao lado da palavra *justiça*, indicando uma conexão entre a justiça de Deus e Seus atos de salvação (Is 45.8; 51.6,18; 56.1; 62.1; Sl 98.2).

Essa palavra pode ser empregada como sinônimo de vitória militar (1 Sm 14.45), mas em geral é usada em relação a um livramento operado por Deus (Êx 15.2; Sl 13.5,6). As expressões *o livramento do SENHOR* e *a salvação do nosso Deus* dizem respeito à obra de Deus em favor de Seu povo. A expressão *Deus da minha salvação* é de natureza mais reservada, referindo-se à salvação de um único indivíduo (Is 12.2; 52.10; Êx 14.13; 2 Cr 20.17. Sl 88.1; 98.3).

*Galardão*. O Servo será redimido (Is 50.8) e recompensado após Sua morte (Is 53.8) e ressurreição (Is 53.10).

**49.5** — A missão política de Ciro, tornar a trazer Jacó da Babilônia (Is 44.28; 45.13) antevê a missão de redenção espiritual do Servo: libertar Seu povo do cativeiro, o pecado (Is 42.7).

**49.6** — *Luz dos gentios*. O Servo concretiza a missão de Abraão (Gn 12.1-3) e da nação de Israel (Êx 19.5,6) de ser uma bênção para as outras nações. Depois da morte e ressurreição de Jesus, a gloriosa incumbência do evangelismo global será levada adiante por Seus apóstolos (At 13.47; 26.23) e aqueles que os sucedem até o final dos tempos (Mt 28.18-20).

**49.7** — Paradoxalmente, o Rei que se humilha para se tornar o *servo dos que dominam* será homenageado por eles (Is 4.2; 45.24; 52.15). Os reis também hão de se curvar diante do povo de Deus (v. 23).

**49.8** — *No tempo favorável*, diferentemente do dia da vingança (Is 34.8; 61.1; 2 Co 6.2), o Senhor ouvirá a queixa do Servo de que Sua missão em Israel foi em vão (v. 4). O Senhor coroará o Servo como Rei para restaurar a bênção sobre a terra faminta (Is 45.8). O pronome *lhe* refere-se a Israel.

**49.9** — *Sai* é a ordem de Isaías aos exilados para que deixem a Babilônia (Is 48.20). A alegoria de se alimentar em pastos deixa implícito que o Servo será o Rei-Pastor de Israel (Is 40.11).

**49.10** — A palavra *sede* remete a Isaías 48.21. *Calma* e *sol* podem ser alusões ao Salmo 21, um salmo de peregrinação. O verbo *guiará* pode ser uma referência ao primeiro êxodo (Is 42.16; 48.21; Êx 15.13).

**49.11** — Os *montes*, que antes eram obstáculos (Is 2.2,13,14; 42.15), tornar-se-ão *veredas*, os meios de salvação (v. 22,23). O pronome possessivo antes de *montes* e *veredas* é significativo: Deus, o Criador, é o Proprietário supremo de toda a criação.

**49.12** — O *Norte* e o *Ocidente* indicam a salvação universal de todo o Israel (Is 11.11,12; 43.5,6). Esses oráculos são dirigidos à nação de Israel e a toda a terra (Is 48.1; 49.1). *Sinim* era uma localidade na fronteira sul do antigo Egito.

**49.13** — *Cantai* (ARA). O Senhor é o Criador da música (Is 12.1-6; 44.23).

**49.14-26** — Essa seção consiste de duas queixas de Sião (v. 14,24) seguidas pela resposta tranquilizadora do Senhor à nação (v. 15-23; v. 25,26). O objetivo de ambas as seções é fazer saber a Israel e às nações que o Senhor de Israel é o Deus eterno (v. 23,26).

**49.14** — *Sião* representa os exilados (40.1,9). A queixa *o Senhor se esqueceu de mim* é semelhante à de Isaías 40.27-31. O Senhor disciplinou os israelitas brevemente por causa de seus pecados (Is 54.7; Lm 5.20-22).

**49.15** — O Senhor disse: *me não esquecerei de ti*. A nuance do verbo sugere uma garantia ainda mais forte: Quanto a mim, sou *incapaz* de esquecer-lo.

**49.16** — *Gravado*. Talvez seja uma referência à ordem do Senhor para inscrever os nomes das tribos de Israel nas pedras do éfode do sacerdote (Êx 28.9-12). Quando o sacerdote estava no templo, os nomes gravados lembravam a Deus de Seu pacto com Israel.

*Os teus muros estão continuamente perante mim*. O Deus Criador tem os pensamentos voltados para o bem-estar de Seu povo (Sl 40.5).

**49.17** — Ciro baixará o decreto para reconstruir Jerusalém (Is 44.28). Os *filhos* recuperados de Sião é que executarão esse decreto. Os que tentaram ser *destruidores* de Sião foram os babilônios (2 Rs 25.8-10).

**49.18** — *Vivo eu*. Trata-se de uma fórmula de juramento. O Senhor jura por Sua pessoa eterna (Gn 22.16). Os filhos de Sião que retornarem serão um *ornamento* esplêndido, como as joias de uma *noiva* (Is 61.10).

**49.19** — *Solitários* significa sem filhos (Is 54.1).

**49.20,21** — A reclamação de que *mui estreito é para mim este lugar* é, na verdade, motivo de comemoração (Is 54.1-3; Zc 2.4,5), pois significa que o Senhor fará Seu povo aumentar. Essa profecia indica o retorno dos exilados a Jerusalém, porque na época de Esdras e Neemias os exilados construíram uma cidade relativamente pequena (Ed 1; Ne 7). Há quem veja a concretização

definitiva dessa profecia como a reunião do povo de Deus no reino vindouro de Jesus.

**49.22** — *Eis que levantarei a mão.* Deus está jurando por Seu caráter. A palavra *bandeira* é às vezes traduzida por *pendão* (11.12). A volta dos israelitas das *nações* e não apenas da Babilônia, demonstra que a futura salvação para o mundo está próxima (Rm 11.26).

**49.23** As *nações* que escravizaram Israel serviram como *aios* e *amas* de Israel (Is 14.2; 43.6; 60.9).

**49.24,25** — Israel faz uma pergunta retórica: *Tirar-se-ia a presa [Israel] ao valente [a Babilônia]?* Parece que Israel espera uma resposta negativa a essa pergunta, mas o Senhor responde que sim. Ele contendrá com a poderosa e terrível Babilônia (Jr 50.33,34) e libertará Seu povo.

**49.26** — *Opressores.* Houve ocorrências de canibalismo durante a terrível fome enfrentada pelas cidades sitiadas (Is 9.20; leia Dt 28.53-57; 2 Rs 6.24-31; Lm 4.10; Zc 11.9).

*Eu sou o Senhor [...] o Forte de Jacó.* Os últimos versos celebram o nome e o caráter do Deus vivo. O Todo-poderoso afirma que Ele irá salvar Seu povo com Seu poder (Êx 3.14,15; 34.6,7).

**50.1-3** — Nessa profecia, o Senhor se defende (Is 42.18-25; 43.22-28) da acusação implícita dos exilados descrentes da segunda geração, segundo a qual Ele não queria ou não podia salvá-los.

**50.1** — O Senhor mandará Israel para longe, assim como o marido pode mandar a esposa embora, mas o exílio será de curta duração (Is 54.5-7; 62.4), e não permanente. O exílio definitivo exigiria uma *carta de divórcio* (Dt 24.1-4). Se o Senhor emitir a carta, não poderá trazer Israel de volta (Dt 24.1-4; Jr 3.1,8). Nenhum profeta sugere o rompimento definitivo da aliança entre Deus e Israel. Em vez disso, preveem a fidelidade de Deus a um remanescente, que haverá de retornar (Mq 4.9,10). *Vossa mãe* é Jerusalém, mais especificamente os habitantes da geração anterior, os exilados. Se o Senhor tivesse vendido Israel a um *credor* (Êx 21.7; 2 Rs 4.1; Ne 5.5), Ele não teria autoridade nenhuma sobre o destino deles. Mas os israelitas se venderam por conta das

próprias *maldades* (Is 42.23-25). Assim, Deus, Redentor deles, pode resgatá-los por meio de pagamento (Is 41.14; 52.3).

**50.2** — Deus se fez presente em Israel na época do exílio por meio dos profetas que enviou. Mais tarde, Deus veio à terra na pessoa de Seu Servo e Filho, Jesus (Is 41.9). Mas ninguém lhe deu atenção (Is 6.9,10; 66.4).

*Se encolheu a minha mão ...?* Veja uma variação dessa pergunta retórica em Números 11.23.

*Faço secar o mar* é uma referência à abertura do mar Vermelho e também do rio Jordão, para lembrar o povo do poder que ele possui (Is 43.16,17; 44.27; 51.9-11).

**50.3** — *A negridão* pode ser uma referência à nona praga do Egito, quando o Senhor fez a escuridão cobrir a terra (Êx 10.21).

**50.4-11** — O terceiro cântico sobre o Servo consiste de um monólogo do Servo (v. 4-9) e de um discurso do profeta endereçado tanto ao Israel crente como ao descrente (v. 10,11).

**50.4** — O título *Senhor JEová* fica em evidência nessa seção (v. 5,7,9). O título *Senhor* significa Mestre; *JEová* representa o nome divino *Yahweh*. O Senhor educara a *língua* do Servo pelo sofrimento. A palavra *erudita* é traduzida em outros locais por discípulo (Is 8.16).

*Cansado.* Diferentemente do incrédulo Israel (Jr 31.25), o Senhor *desperta o ouvido* do Servo para *que ouça* (compare com Is 42.18,19).

**50.5** — *Me abriu.* A ideia é a mesma de Salmos 40.6 — a abertura do canal auditivo como símbolo de ouvir e obedecer.

*Não fui rebelde.* Compare com Isaías 1.2.

**50.6** — Às vezes, as pessoas *ferem* os tolos pelas *costas* (Pv 10.13; 19.29; 26.3). Jesus sofreu humilhação igual (Is 42.2; 49.4; 53.12; Mt 27.26; Jo 19.1). Puxar os *cabelos* de alguém era sinal de desprezo e desrespeito (2 Sm 10.4, 5; Ne 13.25).

*Me afrontam e me cospem.* Essa profecia cumpriu-se com o sofrimento de Cristo (Mt 27.30).

**50.7** — O Senhor é a única fonte de *ajuda* do Servo (Is 41.10,13,14; 49.8). A expressão *me não confundo* significa sou honrado (49.7; 52.13). *Como um seixo* indica determinação diante da



## APLICAÇÃO

### OS PERIGOS DA LÍNGUA

As pessoas tendem a ser conhecidas pelo quem dizem. As palavras podem causar medo, revelar a estupidez de quem as proferem ou ajudar e consolar alguém.

Num texto que provavelmente se refere ao futuro Messias, Isaías diz que o Ungido do Senhor saberia *dizer* [...] *uma boa palavra*, pois seria instruído por Deus (Is 50.4). Sob a tutela divina, Ele seria capaz de ajudar com palavras os desanimados. Se Jesus precisava dessa ajuda, imagine de quanto auxílio precisamos nós, que somos pecadores, para saber falar o que convém! A Escritura insiste em que as palavras têm poder e podem ser perigosas. Conforme a Palavra de Deus demonstra continuamente, as palavras podem:

- cortar como espada (Sl 57.4; 64.3);
- ser tão perigosas e venenosas quanto uma serpente (Sl 140.3);
- transmitir mentiras como se lançadas por um arco (Jr 9.3);
- abater pessoas como flechas (Jr 9.8);
- amaldiçoar e aviltar o ser humano (Os 7.16).

Qual é o impacto de suas palavras sobre os outros? O que você diz a eles os levanta ou os derruba?

adversidade (Ez 3.8,9). Essa profecia se concretiza com Cristo (leia Lc 9.51).

**50.8** — *Me justifica*. Deus verá esse Homem como totalmente justo. Essa profecia cumpriu-se na pessoa de Cristo (1 Tm 3.16).

**50.9** — *O Senhor JEová me ajuda*. Veja a mesma declaração confiante no Senhor em Salmos 118.6-12, outra profecia acerca do sofrimento de Jesus, o Salvador.

**50.10** — *Que tema ao SENHOR*. O temor do Senhor — isto é, a reverência ou respeito por Deus — é o princípio da sabedoria verdadeira (Pv 1.7).

**50.11** — *Quem acende o fogo* representa a pessoa que confia em si própria, em vez de se orientar pela luz do Senhor e de Seu Servo (Is 2.5; 42.6). Quando a Luz vier ao mundo, alguns hão de preferir a escuridão (Jo 3.17,18). *Tormentos* aqui é um castigo de Deus para a descrença.

**51.1-8** — Três oráculos (v. 1-3,4-6,7,8) são iniciados por imperativos: *ouvi-me* (v. 1, 7) e *atendei-me* (v. 4); compartilham do mesmo falante: o Senhor (exceto pelo v. 3); têm os mesmos alvos: os exilados que creem; o tema comum é o consolo como resultado da salvação que há de vir.

**51.1,2** — *Olhai* liga a metáfora do v. 1 à sua interpretação no v. 2. As metáforas *rocha* e *poço*

são interpretadas no versículo 2 como referências a *Abraão* e *Sara*.

**51.3** — *São* substituiu o *Éden*. Ambos eram locais de comunhão com Deus — protegidos, livres de pecado e vigiados por querubins, para garantir o acesso exclusivamente dos que pertenciam a Deus (Gn 3.24; 3.7).

**51.4** — O Servo é a *luz dos povos* (Is 42.6; 49.6; Jo 3.17,18).

**51.5** — O dia do Senhor está sempre *perto* (Is 2.12; 56.1; Sf 1.14; 1 Ts 5.4-11; Tg 5.8). Aqui, a referência é à recuperação no período pós-exílio (Is 46.13). *As ilhas* (Is 41.1), assim como os exilados, *aguardarão* o Senhor. O verbo traduzido por *aguardarão* deixa implícitas a expectativa confiante e a esperança ativa (Is 40.31; Sl 40.1).

**51.6** — *Céus* e *terra* querem dizer o Universo inteiro (Is 13.13; 40.21,22; 48.13; 51.13). O velho cosmos desaparecerá e *envelhecerá* (Is 34.4; Hb 1.10,11), e *os seus moradores morrerão* igualmente (v. 8). Só o povo de Deus herdará o novo Universo. A *justiça*, sinônimo de *salvação* em Isaías (Is 45.8; 46.13), durará para sempre (Is 45.17; 56.1).

**51.7** — *Em cujo coração está a minha lei* refere-se àqueles que estão comprometidos com Deus pelos termos da Nova Aliança (Is 42.6; Jr 31.33).



O *opróbrio* dos exilados prenuncia a rejeição ao Servo (Is 50.4-11).

**51.8** — *Justiça [...] para sempre [...] salvação.* A correlação entre salvação, justiça e eternidade também pode ser vista no v. 6.

**51.9-16** — Esse oráculo baseia a salvação de Israel nos atos poderosos que o Senhor já praticou na criação e no êxodo. Consiste de três partes: (1) um clamor ao Senhor para que Ele intensifique Sua ira, como em outros tempos (v. 9-11); (2) resposta do Senhor, lembrando esses atos e censurando o povo por se esquecerem dele (v. 12,13); (3) relato sobre a dádiva da profecia (v. 14-16).

**51.9** — *Desperta* deixa implícito que o Senhor parece estar adormecido (Is 40.27; Sl 44.23). A *força* do Senhor na criação, subjugando o mar, é o tema do salmo 93. A oração de Isaías baseia-se na promessa de Deus (Is 50.2) e dirige-se, poeticamente, ao *braço* forte do Senhor (Is 41.10; 51.5). *Raabe* era um *dragão* mitológico que teria resistido à criação do Universo por Deus (Jó 7.12; Sl 74.13,14). Essa alegoria, possivelmente emprestada dos mitos cananeus, também representa a derrota que o Senhor impôs ao Egito — nação que resistiu à criação de Israel (Is 30.7). Os termos dessa seção associam o trabalho criativo do Senhor no primeiro e no segundo êxodo (o retorno dos exilados) ao Seu trabalho criativo de transformação do caos em Gênesis 1.2 e no cosmos de Gênesis 2.1 (Is 27.1).

**51.10,11** — *Secou.* Veja referências semelhantes em Isaías 42.15; 50.2. A vitória do Senhor no *mar Vermelho* (Êx 14.21,22) está representada, provavelmente, por meio das alegorias de um mito pagão, em que o *mar* se opunha à divindade criadora. A provável alusão tem como indício a palavra *abismo*, termo empregado para se referir às águas caóticas e primordiais de Gênesis 1.2. O êxodo é visto num contexto maior, o do poder de Deus contra o mal.

**51.12** — O Senhor reage ao duplo imperativo do versículo 9. *Desperta, desperta* com o duplo pronome *eu, eu*.

**51.13** — *Estendeu.* Veja uma descrição semelhante da criação em Isaías 40.22.

*Angustiador.* Veja uma representação forte do castigo dos opressores de Israel em Isaías 49.26.

**51.14** — *Exilado cativo* refere-se literalmente aos exilados na Babilônia. O sentido se estende a todos os que passam pelas trevas do pecado e do afastamento de Deus (Is 48.20; 49.9).

**51.15** — *Que fende o mar, e bramem.* O mar representa tudo o que é mau e que se opõe ao Senhor (Sl 93).

**51.16** — *Tua boca* é uma referência às palavras do Servo (Is 41.9; 44.26; 50.4).

*A sombra da minha mão.* Veja uma expressão semelhante em Isaías 49.2.

**51.17-23** — Esse oráculo de salvação, que convida Jerusalém a ter fé em Deus, consiste de duas partes: (1) a mãe Jerusalém (Is 49.20, 21; 50.1) deve despertar de seu estupor (v. 17-20); (2) o profeta pede ao povo que atente para a promessa do Senhor de que transferirá a taça de Sua ira para a mão dos inimigos (v. 21-23).

**51.17,18** — *Desperta, desperta.* O mesmo imperativo duplo é encontrado no v. 9 (compare com Is 40.1).

*Bebeste [...] o cálice.* Veja metáforas semelhantes em Jeremias 25.15-29; Lamentações 4.21; Ezequiel 23.31-34.

**51.19,20** — *Essas duas coisas* são a desolação da terra e a destruição do povo.

*Nas entradas de todos os caminhos.* Uma imagem de destruição semelhante é usada em Lamentações 2.19.

**51.21-23** — A causa da embriaguez não é o *vinho*, mas o *cálice da vacilação*, o terror do juízo de Deus. Os *que te entristeceram*, isto é, os opressores de Israel, serão obrigados a beber do cálice do meu furor (v. 22).

**52.1** — O duplo clamor ao Senhor — *desperta, desperta* — também é ouvido em Isaías 51.9,17. A *cidade santa* (Is 48.2) contrapõe-se à Babilônia, lugar *incircunciso* e *imundo*. Ordena-se que *Jerusalém* (1.8; 40.1,9) desperte porque ela está livre para sempre de seus opressores desprezíveis.

*Sião.* Os exilados são identificados de acordo com a cidade de origem (Is 40.1,9). A *fortaleza* de Sião é como *vestes formosas* que adornam uma rainha-mãe (Is 61.10). As hordas babilônicas não

só serão expulsas da terra (Is 49.17), como também *nunca mais* entrarão em Sião (Na 1.15; Ap 21.27; 22.14,15).

**52.2,3** — A ordem *levanta-te e assenta-te* evoca a imagem de uma rainha subindo ao trono.

*Solta-te*. Veja outras imagens de cativos libertados em Isaiás 42.7; 48.20; 51.14.

**52.4** — *Para peregrinar lá*. A frase sugere que Israel depende da hospitalidade egípcia, mas o texto presume que os egípcios traíram essa confiança. *Sem razão* não significa que Israel não tenha pecado (Is 42.23-25), e sim que não havia feito mal nem ao Egito nem à Assíria.

**52.5** — *Aqui é* uma referência à Babilônia. A justiça de Deus requer que os que fazem Israel dar uivos sejam castigados e que Israel será libertado.

*O meu nome é blasfemado*. Veja uma acusação semelhante em Isaiás 37.23,24.

**52.6** — *O meu povo* são os exilados remidos. *Saberá o meu nome* alude a Êxodo 3.13,14; 6.2. O Senhor glorifica Seu nome prevendo o cumprimento da promessa de redenção do v. 3.

**52.7** — A visão é dos *pés* daquele que foge do campo de batalha pelos *montes* em direção à cidade ansiosa por notícias (2 Sm 18.26). As gloriosas boas-novas desse mensageiro falam de *salvação*, no sentido de libertação vitoriosa (Is 49.8). É o anúncio do *bem*. A ideia também apa-

rece no Novo Testamento como espalhar as boas-novas do evangelho. A declaração: *O teu Deus reina!* é amparada pela história: o Senhor controla todos os poderes da terra.

**52.8** — Os *teus atalaias* são os que anseiam pela salvação (Is 21.11; 62.6).

**52.9,10** — O Senhor *desnudou o seu santo braço* para poder lutar com mais eficácia (Is 40.10; 51.9; Êx 6.6).

*Os confins da terra*. Veja expressões semelhantes em Isaiás 45.22; 48.20.

**52.11** — *Retirai-vos, retirai-vos*. Veja outra ocorrência de ordem duplicada em Isaiás 51.9,17.

*Não toqueis coisa imunda*. Veja outras passagens sobre consagração: 2 Coríntios 6.17; Hebreus 12.14; 13.13; 1 Pedro 2.1-12; Apocalipse 18.4. No primeiro êxodo, Israel levou ouro e prata do Egito; no segundo, a nação virtuosa levará os *utensílios* feitos desses metais preciosos (2 Rs 25.14,15; Ed 1.7-11; 5.14,15).

**52.12** — *Diante e retaguarda* aludem à coluna de nuvens e fogo que protegeu Israel em sua fuga do Egito (Is 42.16; 49.10; 58.8; Êx 13.21,22; 14.19,20).

O SENHOR [...] o Deus de Israel. A coluna de nuvem e fogo representava, na verdade, o próprio Senhor (Êx 33.9-11).



## PERFIL

### O SERVO SOFREDOR

Em meio a uma declaração da salvação vindoura do Senhor (Is 52.7-12; 54.1-10), Isaiás retrata o *Servo Sofredor* (Is 52.13—53.12). Desprezado e rejeitado (Is 53.3), ferido e machucado (Is 53.5), este Servo desfigurado conheceria a tristeza e a dor no coração. Qual o motivo de Seu sofrimento? Sua vida não podia ser, pois Ele era isento de culpas, já que falava apenas a verdade (Is 53.9). Ainda assim, o Servo seria levado à prisão e à morte pelos nossos pecados (Is 53.6-11).

Três outras passagens de Isaiás falam a respeito do Servo e são chamadas *os cânticos do Servo* (Is 42.1-4; 49.1-6; 50.4-9). O primeiro cântico celebra o Servo como aquele que estabelecerá a justiça para todos (Is 42.4). O segundo destaca Seu papel de libertador. Ele restaurará Israel e tornar-se-á a *luz dos gentios*. O terceiro enfatiza a sabedoria que Deus lhe concedeu. Tudo isso culmina na descrição do sofrimento e da morte do Servo (cap. 53), o último dos três cânticos do Servo.

Embora Isaiás às vezes se refira à nação Israel como *servo* (Is 49.3), o principal Servo do Senhor era claramente um indivíduo, o Messias sofredor que ainda estava para vir ao mundo (Is 53.6). Alguns autores do Novo Testamento, como Mateus, entendiam o ensino e a pregação de Jesus como o cumprimento da profecia de Isaiás 42.1-4 (Mt 12.15-21). Filipe usou um dos cânticos do Servo como argumento na evangelização (Is 53.7,8). O eunuco etíope pediu-lhe que explicasse o trecho *como um cordeiro, foi levado ao matadouro* (Is 53.7,8; At 8.31-34). Filipe apresentou-o a Jesus, aquele que foi condenado à morte pelos pecados de toda a humanidade.

**52.13—53.12** — O quarto Cântico do Servo forma a unidade central dos cap. 44—66, prevenindo a morte do Servo pelos pecados de Seu povo. Essa divisão do livro consiste de três seções: (1) o Pai elogia a obra do Servo (52.13-15); (2) Israel confessa tê-lo desprezado (53.1-9); (3) a profecia continua, explicando o significado da morte do Servo (53.10-12). Essa passagem é muito citada no Novo Testamento, onde o Servo é identificado como Jesus Cristo (Lc 22.37; 24.27,46; 1 Co 15.3; 1 Pe 1.11).

**52.13** — *Engrandecido, e elevado, e mui sublime* podem ser três ocorrências sucessivas: a ressurreição do Servo, Sua ascensão e Sua glorificação (Rm 4.24,25); ou as três expressões podem estar simplesmente ressaltando a grande exaltação do Servo do Senhor (Fp 2.9-11).

**52.14** — *A sua aparência estava tão desfigurada [...] mais do que a dos outros filhos dos homens.* O povo ficará aterrorizado diante da aparência do Servo. Ele estará tão desfigurado que nem parecerá humano.

**52.15** — *As nações* são representadas por seus reis. Eles fecharão a boca em sinal de respeito e admiração.

*Porque aquilo que não lhes foi anunciado [...] não [...] entenderão.* Romanos 15.21 cita essa passagem. *Aquilo que* eles ouvem é a pregação mencionada no capítulo 53.

**53.1** — *Quem deu crédito...?* Essa pergunta retórica, citada em João 12.38 e Romanos 10.16, espera uma resposta negativa. A palavra *pregação* está relacionada com o verbo ouviram em 52.15. O pronome *nossa* refere-se ao remanescente fiel, e o substantivo *braço*, à grande obra de Deus (Is 40.10; 52.10; Sl 118.22, 23).

**53.2** — *Renovo* é o broto que surge do caule ou da raiz de uma planta. *A raiz de uma terra seca* sugere a rejeição de Cristo por parte de Israel (Is 49.4; 50.6). *Não tinha parecer nem formosura* indica que o Servo não tinha aparência que o fizesse destacar-se.

**53.3** — *Era desprezado e o mais indigno.* Para referências relacionadas à rejeição do Servo, veja Isaías 42.2; 49.7; 50.6 (compare com Mc 9.12). *Homem de dores* não significa que o Enviado fosse

destituído de bom humor, mas que sabia melhor que qualquer pessoa as complicações que o pecado traz à vida humana. Pelo fato de ser homem de dores, ele é capaz de consolar os que experimentam o sofrimento.

**53.4** — *Ele tomou sobre si.* O Salvador veio para sofrer e morrer pelos pecados de outros (53.6,11,12; Mt 8.17; Hb 9.28; 1 Pe 2.24). *Enfermidades* (ou sofrimento) e *dores* (ou doenças) dizem respeito às consequências do pecado. O povo considerava que Cristo era *ferido de Deus*, porque a lei afirmava: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro (Dt 21.22,23; Gl 3.13).

**53.5** — A repetição dos pronomes *ele* e *suas* com *nós* e *nos* reforça o fato de que o Servo sofreu em nosso lugar.

*O castigo [...] suas pisaduras.* Para uma referência semelhante, veja 1 Pedro 2.24.

A palavra *paz* resume o ministério de reconciliação, justificação, adoção e glorificação do Servo (2 Co 5.17-21). Ao afirmar que foram *sarados* (v. 4), o remanescente expressará sua fé no que Deus anuncia em Isaías 52.13.

**53.6** — *Todos nós andamos desgarrados como ovelhas.* Para uma perspectiva do Novo Testamento, veja 1 Pedro 2.25.

**53.7** — *Não abriu a boca* fala da disposição do Servo em morrer pelos pecadores; também marca sua dignidade e autoridade (Mt 26.67, 68; 27.12-14; 1 Pe 2.23).

*Como um cordeiro, foi levado ao matadouro.* Para uma descrição semelhante, veja João 1.29,36; 1 Coríntios 5.7; Apocalipse 5.6,12; 13.8.

**53.8** — *Foi cortado da terra dos viventes.* Essa expressão indica claramente que o Servo irá morrer.

**53.9** — Com frequência na poesia hebraica, o *rico* aparece como sinônimo de *ímpio*. José de Arimateia era um homem rico, mas não era ímpio (Mt 27.57-60).

*Na sua morte.* O termo hebraico traduzido por *morte* está no plural, como que para enfatizar o profundo significado da morte de Cristo.

**53.10** — *Ao SENHOR agradou.* O Antigo Testamento aponta para a doutrina da expiação muito antes de Jesus ter morrido por nossos

pecados (leia 1 Co 15.3, onde Paulo fala sobre essa doutrina ser segundo as Escrituras). A expiação era parte do plano eterno de Deus (Ef 1.4-7). Ao pai *agradou* que o Filho morresse, porque esse ato encobrirá os pecados de muitos e os reconciliará com Deus (v. 11). A *expiação* é representada na oferta de expiação, o sacrifício de um cordeiro para garantir o perdão divino (Lv 5.6,7,15; 7.1; 14.12; 19.21). Aqui o profeta Isaías descreve o Servo Jesus como uma oferta de expiação. A *posteridade* é a descendência espiritual, que surgirá a partir do Servo, após sua morte (Gl 3.26-29).

53.11 — *Conhecimento* significa ter ciência da missão de alguém (Is 52.13). *Justificar* é eximir da culpa e declarar justo (Is 5.23).

53.12 — O Grande Rei, o Senhor, *repartirá* o *despojo* da vitória com o Servo (Is 41.8; 52.13). As palavras *muitos* e *poderosos* estão relacionadas com a condição do Servo após sua rejeição, sofrimento e morte.

54.1-10 — Nesse oráculo de salvação (Is 49.14-23), o Senhor promete a Sião que não se esqueceu dela, e que lhe dará muitos descendentes. Nos versículos 1-3, Sião é uma mulher estéril que dá à luz muitos filhos. Nos versículos 4-10, é uma esposa negligenciada que conseguiu estabelecer um pacto eterno de paz.

54.1 — *Canta*. Para ordenanças a respeito do canto, veja Isaías 12.6; 44.23; 49.13. Sião (Is 1.8; 40.1,9) não terá *dores de parto* porque Ciro permitirá que os exilados retornem sem receber pressão por parte dos israelitas. A descendência que teve início com a volta do exílio (Is 51.1-3) continua até hoje, porque o Novo Testamento aplica esse versículo à Jerusalém celestial (Hb 12.22), a mãe de todos nós — a Igreja (Gl 4.26,27). A salvação depende da graça soberana de Deus.

54.2,3 — Os árabes do deserto, conhecidos como beduínos, vivem em tendas confeccionadas com pelos de cabra. Elas têm um formato retangular com uma cortina interior que divide o espaço em dois. A tenda padrão é composta de seis a oito pedaços de pano sustentados por nove estacas internas. O tamanho total pode chegar 12 ou 15 metros. As tendas grandes geralmente têm o dobro do tamanho de uma tenda padrão.

54.2 — Como o marido estimula sua esposa, o Senhor faz o mesmo com Sião, a mãe de seu povo, a ampliar a *tenda* da família, de modo a acolher seus muitos filhos (Is 49.19,20).

54.3 — *Transbordar* é uma alusão a Gênesis 28.14, onde o mesmo vocábulo hebraico é traduzido por estender.

54.4 — A *vergonha da tua mocidade* refere-se à infidelidade de Israel, que trouxe a opressão dos egípcios e dos assírios (Is 52.4; Jr 31.19; Ez 16.1-6). O *opróbrio da tua viuvez* diz respeito ao exílio na Babilônia (v. 6-8).

54.5 — A razão dos títulos *SENHOR dos Exércitos* (Is 1.9), *Redentor* (Is 41.14) e *Deus de toda a terra* é o fato de Deus não se haver esquecido de Sião por necessidade ou fraqueza (Is 50.1-3). Tampouco se esqueceu de Israel permanentemente (v. 7).

54.6 — O *SENHOR* chama Sião para ser sua esposa (Is 62.4,5). Chama-a *como a uma mulher desamparada e desprezada* — a experiência de Sião no exílio (Is 40.27; 49.14; 50.1).

54.7 — A ira de Deus contra seus eleitos é por um *pequeno momento* (Is 26.20; Sl 30.5). A *grande misericórdia* fala da afeição de Deus no sentido maternal.

54.8 — *Benignidade* também pode ser traduzido por amor leal. *Me compadecerei*, ou seja, irei amá-los como apenas uma mãe consegue fazer.

54.9,10 — Assim como jurou a Noé que as *águas [...] não inundariam mais a terra* (Gn 9.11), O Senhor jura a Sião que, após o exílio, seu *concerto de paz* (Is 42.6; Ez 34.25) não será anulado. Compare essa declaração com as *montanhas*, símbolos de força e permanência, que foram cobertas com as águas do dilúvio (Gn 7.19,20).

54.11-17 — Nesse oráculo de salvação, o Senhor dirige-se à Sião devastada, prometendo que a cidade reconstruída terá uma glória maior que a anterior (v. 11-13) e que lhe dará proteção (v. 14-17).

54.11,12 — *Tua muralha, de pedras preciosas* (ARA). Para uma descrição mais detalhada da nova Jerusalém, veja Apocalipse 21.18-21. A *oprimida* é Sião, ou Jerusalém (Is 51.21).

54.13 — Os *filhos e discípulos do SENHOR* incluem aqueles ensinados por Cristo (Jr 31.34;



## EM FOCO

## POSSUIR (HB. YARASH)

(Is 54.3; Dt 5.33; Js 12.1; 19.47)

O vocábulo hebraico traduzido por *possuir* significa tomar algo de alguém e mantê-lo para si. A palavra é usada com frequência para descrever a conquista de Canaã pelos israelitas (Dt 5.33; Js 12.1; 19.47). Às vezes, a palavra pode significar *empobrecer* (1Sm 2.7).

Em Isaías 54.3, o profeta Isaías utiliza essa palavra para descrever a expansão de Israel. A nação iria aumentar tanto seu território que tomaria posse da terra de outras nações (Is 11.14). A população de israelitas aumentariam tanto que seriam como um nômade que é obrigado a aumentar suas tendas para acomodar sua numerosa prole (Is 54.2).

Jo 6.45), que tinham língua erudita, ou seja, recebiam instrução (Is 50.4).

**54.14-17** — A *língua* que fala impropérios é uma arma de guerra (cap. 36). O Senhor condenará os acusadores de seu povo (Is 50.7-9; Lc 21.15; 1 Co 1.20). Pelo restante do livro de Isaías, a palavra *servos* refere-se a *todos* os santos, judeus e gentios (Is 56.6-8; 63.17; 65.8,9,13-15; 66.14), os filhos espirituais do Servo.

**55.1-13** — Os capítulos 40—55 concluem com dois convites relacionados entre si: (1) para que se aproximem do Senhor e participem do reino davídico (Is 55.1-5); (2) para buscar ao Senhor e encontrar perdão (v. 6,7). Essa promessa é garantida, porque a graça de Deus é inescrutável (v. 8,9), e Ele sempre cumpre o que promete (v. 10-13). Os convites, primeiramente declarados por Deus aos exilados, agora são transmitidos a todos (Ap 21.6; 22.17).

**55.1,2** — Ó é uma exclamação de piedade.

*Todos vós*. Aqueles a quem Deus se dirige constituem parte da nação da aliança, o remanescente que respondeu favoravelmente ao Senhor. Entretanto, eles serão o meio para levar a mesma mensagem da salvação de Deus às nações (v. 5).

A *sede* é uma metáfora do desejo por aquilo que satisfaz o espírito humano (Is 41.17; 44.3; Sl 42.1,2; 63.1; Mt 5.6). As *águas* são uma metáfora do prazer da salvação em Deus (Jo 4.10-14; 7.37). O *vinho* e o *leite* são símbolos da satisfação plena (v. 2). A salvação de Deus não apenas fornece o que é necessário para a vida, mas também proporciona alegria.

*Vós que não tendes dinheiro [...] comprai*. O convite demonstra que a salvação não pode ser comprada: é uma dádiva gratuita para os que a desejam (Is 52.3; Dt 8.3; Rm 6.23).

**55.3** — *Inclinaí os ouvidos e owi* são sinônimos de *vinde a mim*. O *concerto perpétuo* (Is 54.10) diz respeito ao pacto davídico e à Nova Aliança. As *firmes beneficências de Davi* são as promessas divinas de um Descendente, um trono e um reino eternos (2 Sm 7.12-16; 1 Rs 8.23-26; Sl 89. 19-37). O pronome *mim* inclui o Servo do Senhor — Jesus, o Messias (Is 48.16; 61.1).

*Convosco*. As promessas da aliança davídica estendem-se a todos os que se aproximam de Deus e se cumprem em Jesus Cristo (Is 4.2; 7.14; 9.6; 11.1-5) e em sua igreja (Rm 16.20).

**55.4,5** — O cumprimento das promessas feitas à casa de Davi por parte de Deus, que culminam na ressurreição de Cristo, serve de *testemunha* para as nações (Is 43.10,12; 44.8). Jesus Cristo é um *príncipe... dos povos* (Is 42.6; 49.6; Dn 9.25; Hb 2.10; 12.2).

**55.6,7** — *Buscar ao SENHOR* é desejar ouvir o que Ele diz (Am 5.6,14; At 17.27).

**55.8,9** — Os *pensamentos* de Deus, motivados por sua graça, excedem a imaginação humana (Is 64.4; Rm 11.33; 1 Co 2.9; Ef 3.20). Ninguém pode penetrar a profundidade de sua sabedoria.

**55.10,11** — *Descem*. Para uma referência semelhante, veja 2 Coríntios 9.10. A *palavra* de Deus é semelhante à chuva, porque produz frutos (Sl 147.15-20). Assim como a água aviva e fortalece a rosa ressecada, a Palavra de Deus produz vida no coração dos pecadores.

**55.12** — O verbo *saireis* refere-se ao êxodo da Babilônia (Is 48.20,21; 52.11,12). A menção de que os elementos da criação *exclamaram de prazer* simboliza o canto do povo de Deus. O regozijo do povo ao ver a salvação do Senhor será tão intenso, que será como se os *montes, outeiros e árvores* se unissem no cântico e batessem palmas (Is 14.7,8; 44.23).

**55.13** — *Em lugar do espinheiro, crescerá a faia*. Essa expressão simboliza a substituição do juízo de Deus pela salvação (compare 5.6; 32.13; 41.19). O *sinal eterno* faz lembrar o arco-íris, visto após o dilúvio (Is 19.20; Gn 9.8-17).

**56.1—66.24** — As profecias nesses capítulos são direcionadas aos que retornaram à terra de Israel antes da reconstrução do templo, em 520 a.C. O templo ainda estava em ruínas (Is 63.18; 64.8-12), mas sua reconstrução foi predita (Is 56.6-8). A restauração dos rituais de adoração obrigou os judeus a determinar quem podia participar das práticas religiosas (cap. 56). Como acontecia antes do exílio, Israel continuou a ter dificuldades para vencer a idolatria (Is 57.1-13), a hipocrisia (cap. 58), a injustiça (Is 59.1-8) e a decadência espiritual (Is 64.1-7).

**56.1** — *Prestes a vir*. A salvação de Deus sempre está próxima (Is 51.5; Fp 4.5). *Minha justiça* é sinônimo de *minha salvação* (Is 41.2; 45.8; 46.13; 51.6).

**56.2** — *Guardar-se de profanar o sábado* (Êx 20.8-11) é o exemplo máximo de justiça, porque

o sábado é o sinal da aliança (Êx 31.13-17; Jr 17.21-27; Ez 20.20,21). A observância do sábado demonstra um claro compromisso com Senhor, por isso está intimamente associada com a justiça e a retidão.

**56.3** — Ao falar do prosélito [estrangeiro convertido ao judaísmo] *que se houver chegado ao SENHOR*, Isaías não está se referindo às esposas estrangeiras tomadas por aqueles que retornarão do exílio. Esdras e Neemias terão de limpar a comunidade restaurada desses pagãos (Ed 9). Isaías está profetizando a respeito dos estrangeiros que se converterão e se tornarão adoradores do Deus verdadeiro (Is 44.5). São estrangeiros que demonstrarão uma fé genuína e, portanto, serão contados entre os nascidos em Sião (Sl 87).

**56.4,5** — *Eunucos*. Provavelmente alguns dos exilados do sexo masculino foram castrados para que pudessem servir nas cortes babilônica e persa (Is 39.7; Dn 1.3).

*Um lugar e um nome*. Essa expressão pode ser entendida como monumento memorial. Para Isaías, esse memorial é *melhor do que o de filhos e filhas*, porque representa um *nome eterno*, ou a vida eterna, no templo.

*Que nunca se apagará* é uma expressão idiomática que representa a preservação do nome de alguém por meio de seus descendentes. Essa expressão faz uma ligação entre essa passagem e Isaías 55.13.



## EM FOCO

### SINAL (HB. 'OT)

(Is 7.14; 19.20; 55.13; Gn 1.14)

O vocábulo hebraico traduzido por *sinal* refere-se a algo que foi marcado ou que se tornou distinto dos demais. Deus estabeleceu a circuncisão a Israel como sinal do relacionamento da aliança entre ele e seu povo, o fato de que foram separados para o Senhor (Gn 17.11).

A palavra também era utilizada para chamar a atenção para um acontecimento em particular e para as promessas de Deus em relação a esse acontecimento. Por exemplo, o arco-íris foi posto como sinal para lembrar o dilúvio e a promessa de que Deus não mais destruirá a terra com água (Gn 9.13). Deus prometeu um sinal claro a respeito da vinda do Messias: um nascimento virginal (Is 7.14). A contrapartida desse vocábulo no Novo Testamento (gr. *semeion*) é utilizada amplamente pelos autores dos evangelhos (Mt 16.4; Mc 8.12; Jo 2.11) quando desejavam se referir aos sinais milagrosos de Jesus, que confirmavam sua divindade.

**56.6,7** — *Casa de Oração*. A inclusão na comunidade da aliança exige comunhão íntima com Deus (Sl 15.1; Mt 21.13).

*Para todos os povos*. Pessoas de outras nações que acolheram a fé em Deus eram recebidas com festejos (Is 2.2-4; 1 Rs 8.41-43). Jesus também fez menção da alegria que há no céu quando um pecador se arrepende (Lc 15.7).

**56.8** — Os *dispersos* são os exilados (Is 11.11,12).

**56.9** — As *feras* impuras e vorazes chamadas para atacar os ímpios são nações hostis (Is 18.6; Jr 12.8,9; Ez 34.5,8,25; 1 Co 15.32). Nas regiões orientais antigas, acreditava-se que os demônios e os espíritos apareciam na forma de animais.

**56.10** — O pronome *seus* refere-se ao Senhor. Os *atalaias*, ou encarregados de alertar a cidade no caso de perigo iminente, são os profetas (Is 21.6; Jr 6.17; Ez 3.17; 33.2-7) que não temem a Deus. Os maus atalaias deixam o povo indefeso.

**56.11,12** — *Cães* [...] *gulosos*. Os cães não eram estimados na cultura bíblica, e os judeus os consideravam impuros. *Pastores* é uma metáfora para os governantes (Is 40.11; Ez 34. 1-6).

**57.1,2** — Nessa passagem, a *paz* evidencia o estado final dos justos que *descansarão* em seu leito de morte (Is 3.10,11; 53.5; Fp 1.21-23). Ninguém compreende que os justos serão poupados do julgamento iminente (2 Rs 22.19,20).

**57.3,4** — *Filhos*. Para referências semelhantes, veja 1.4; Ezequiel 16.3,45. *Adultério* e *prostituição* fazem alusão aos ritos de fertilidade dos cananeus, que ameaçavam a cultura do Israel antigo.

**57.5** — A *árvore verde* estava associada com os ritos de fertilidade dos pagãos (Is 1.29,30; 1 Rs 14.23; Jr 2.20). *Sacrificar os filhos* fazia parte da adoração a Moloque e a demônios (Is 30.33; 2 Rs 23.10; Sl 106.37,38; Jr 7.31).

**57.6** — A idolatria imoral era a *parte* ou a *sorte* do povo, em vez de ser o Senhor (Dt 4.19,20; Sl 16.5; 142.5).

**57.7** — Os *montes altos* eram os locais das práticas idólatras (Jr 3.6; Ez 16.16; Mq 1.3-5). A palavra *cama* está associada com os aspectos sexuais da idolatria (Ez 23.17; Os 4.13).

*Sacrifícios*. Ofertas de animais e alimentos também faziam parte dos rituais de adoração pagã. Havia muitas semelhanças entre a adoração falsa e a verdadeira, por isso o povo às vezes se confundia (veja a comparação entre a sabedoria e a insensatez em Pv 9).

**57.8** — Os *memoriais* talvez sejam uma referência a um símbolo de culto pagão dentro do lar.

*Fazes concerto*. Essa frase, que tem muitas associações com a verdadeira religião, é usada aqui no contexto de um comportamento obsceno ligado à adoração pagã.

*Descobres*. O vocábulo hebraico é o termo mais comum para mão. Aqui parece ser um eufemismo para o órgão genital masculino.

**57.9** — O *rei* aqui provavelmente é o deus amonita Moloque (1 Rs 11.7), cujo nome significa precisamente rei. Os *infernos* podem ser os deuses do mundo inferior, talvez associados com a necromancia [adivinhação do futuro por meio de contato com os mortos].

**57.10** — *Não há esperança*. O povo persiste na idolatria inútil. Essa *viagem* do povo está detalhada nos versículos 5-9. Eles encontraram uma *vida* falsa, baseada na imoralidade e na idolatria, que os levará apenas à morte espiritual (Rm 1.18-32).

**57.11,12** — *De quem tiveste receio* [...] *não te lembrasses de mim*. Para uma passagem relacionada a essa, veja Isaías 51.12,13. *Mentisses* refere-se aqui à infidelidade ao Senhor. O Senhor *se calou* por não castigá-los de imediato (Is 42.14; 48.9; 2 Pe 3.9).

**57.13** — *A tua coleção de ídolos que te livre!* (ARA). Essa ideia é lamentável (Is 44.17). Quem adora ídolos implora libertação a algo que ele mesmo construiu.

*O vento a todos levará*. Os ídolos são como a palha inútil (Sl 1.4). Mas. Essa conjunção demonstra que existe um apelo incluído na denúncia. Cada texto que menciona um castigo é também um chamado ao arrependimento.

*O que confia*. Esse verbo é utilizado para descrever o pintainho que busca abrigo debaixo das asas da galinha (Is 4.6; 25.4; Rt 2.12).

**57.14** — Esse versículo está baseado em 40.1-4. A expressão *dir-se-á* faz lembrar a voz do que clama (Is 40.3). *Aplainai* remete a todo vale

será aterrado (Is 40.4). *Preparai o caminho* é a repetição do apelo de Isaías 40.3 (Is 11.16; 35.8-10; 62.10). *Tropeços* provavelmente é uma referência à idolatria descrita nos v. 3-13.

**57.15** — Esse versículo pode ser lido com Êxodo 34.6, uma passagem importante para compreendermos a Escritura pela perspectiva divina. Embora ninguém possa chegar até o Senhor, Ele alcança os que se humilham perante ele. O *Alto* e o *Sublime* pode significar também elevado (Is 2.11; 6.1; 52.13). Essa é uma das formas que Isaías utiliza para descrever a transcendência e a santidade de Deus. Ele está acima de todos — é perfeito e santo.

*Habita na eternidade.* Deus não é apenas eterno, sem início e sem fim, mas transcende o próprio tempo. Assim, é capaz de dedicar todo o seu tempo a cada indivíduo de seu povo, pois não está limitado à sucessão de momentos que determina nossa experiência. *Alto e santo* pode ser descrito também como nas alturas (Is 32.15; 33.5,16).

*Contrito e abatido* pode ser descrito também como genuinamente humildes, referindo-se aos que se submetem e se arrependem diante do juízo divino (Sl 34.17,18; 51.17; 1 Pe 5.6).

**57.16** — Deus declara: *Para sempre não contenderei*, porque a raça humana *enfraqueceria*. Portanto, por Sua graça soberana, o Senhor criou a salvação (Is 54.9; 57.19; Gn 8.21,22; Sl 130.3,4).

**57.17** — *Escondi-me.* Para uma passagem relacionada com essa, veja Isaías 1.15.

*Indignei-me.* Para outra referência à ira de Deus, veja Is 54.7,8.

A *avareza* viola a aliança com Deus (Is 56.11; Sl 119. 36; Jr 22.17).

**57.18** — *E os sararei.* Deus é o Médico por excelência (Is 30.26).

*Também os guiarei.* Para a uma descrição semelhante da direção divina, veja Isaías 40.11; 42.16.

Os *pranteadores* são aqueles que lamentam a destruição de Jerusalém (Is 66.10).

**57.19** — *Frutos dos lábios.* Para entender essa expressão, veja Hebreus 13.15.

*Paz, paz* indica paz genuína. Compare com o uso indevido dessa expressão em Jeremias 6.13,14; 8.10,11.

*Longe.* Para uma referência semelhante, veja Isaías 56.7,8 (compare com At 2.39; Ef 2.13,17).

**57.20** — *Não pode aquietar.* Compare com v. 2. O destino dos *ímpios* também está descrito em Isaías 56.9-12; 57.3-13.

*Mar bravo.* Para uma analogia semelhante, uma comparação do ímpio com águas turbulentas, veja Judas 13.

**57.21** — *Os ímpios [...] não têm paz.* Essa frase também é citada em Isaías 48.22.

**58.1** — Isaías deve alertar o povo em voz alta e clara, como uma *trombeta* (Êx 19.19; 20.18; Os 8.1; 1 Co 14.8). A *transgressão* está relacionada com o verbo em hebraico traduzido por prevaricar em 1.2.

**58.2** — *Me procuram cada dia* faz um contraste com a busca mencionada em Isaías 55.6. Os religiosos hipócritas *têm prazer em se chegar a Deus* nos rituais de adoração (Is 29.13).

**58.3,4** — A nação costumava realizar um *jejum* em períodos de calamidade (Jr 36.9; Jl 1.14). Mais tarde, o jejum tornou-se parte do calendário litúrgico (Zc 7.2,3; 8.19; Lc 18.12). Esse sermão pode ter sido pregado no Dia da Expição, quando o povo de Israel afligia a *alma* (v. 10; Lv 16.29).

*Tu o não sabes?* Uma atitude semelhante é descrita em Malaquias 3.14. Paradoxalmente, Israel encontra *contentamento* no jejum, mas não em guardar o sábado (v. 13,14).

*Requereis todo o vosso trabalho e para contendas e debates, jejuais* são acusações que desmascaram a hipocrisia do povo na adoração. Em vez de interromper suas atividades normais e separar o dia para jejuar e orar, eles dão *punhadas impiamente* no trabalhador que não produzia.

**58.5** — *Seria este o jejum que eu escolheria ... ?* Veja passagens semelhantes em Isaías 1.10-15; Amós 5.21-23; Miquéias 6.7. O jejum do povo não é um *dia aprazível ao SENHOR*, porque se baseia na autojustificação, e não na busca da justiça a favor de outros. *Incline e estenda* referem-se às cerimônias de luto que acompanhavam o jejum (2 Sm 12.16; Jl 1.13,14). *Como o junco* é uma expressão que denota humildade (Is 42.3).

**58.6** — *Soltes [...] desfaças [...] deixes livres e despedaces todo o jugo* são sinônimos da justiça





## APLICAÇÃO

### ADORAÇÃO E SERVIÇO

O que você entende por adorar ao Senhor: participar de um culto na igreja, onde o crente canta hinos, lê a Bíblia, recita orações, ouve um sermão e participa da ceia do Senhor? Todas essas práticas podem ser consideradas adoração, mas Isaías demonstra que a adoração genuína vai muito além (Is 58.6,7,9,10).

Nos dias do profeta, ao que parece, havia um grande número de pessoas religiosas, mas poucas agradavam de fato a Deus. Elas *affligiam a alma* com jejuns, *contentando-se* em conhecer os caminhos de Deus, perguntando a respeito de *direitos da justiça* e participando dos cultos de adoração (Is 58.2,3). Entretanto, muito pouco dessa dedicação se transformava em atitude. Ainda assim, o povo tinha a expectativa de que Deus respondesse às suas orações e lhes concedesse bênçãos. Por meio de Isaías, o Senhor afirmou que a verdadeira adoração não é apenas um ritual semanal, mas um estilo de vida, que pode ter início numa casa de oração, mas termina na praça pública.

Como essa adoração pública pode ocorrer nos dias de hoje? Qual seria o impacto disso na vida dos crentes, se ajudassem os famintos, os desabrigados, o prisioneiro, o trabalhador assalariado, o devedor, o pobre e as pessoas sem esperança? Não existe uma resposta fácil, mas algo fica claro. Como Isaías disse aos seus contemporâneos, não podemos ter expectativa de que Deus irá derramar bênçãos sobre seu povo se não estivermos fazendo o bem uns aos outros (Is 58.8,9,11,12).

Portanto, tudo o que tem início na adoração termina em serviço. Nos dias de hoje, isso significa que a igreja reunida para adoração aos domingos torna-se a igreja que irá servir de segunda a sábado, fora do templo. Os crentes "domingueiros" têm de continuar o trabalho durante a semana, edificando a comunidade. A adoração e o serviço são como um manto sem costuras.

genuína (Êz 18.16-18). *Jugo* é uma metáfora para a opressão social.

**58.7** — *O faminto [...] o nu*. Para expressões semelhantes a respeito do dever de cuidar dos pobres, veja Jó 31.16-23; Mateus 25.35,36. Os *pobres desterrados* são aquelas pessoas cujos terrenos e casas foram confiscados como pagamento de dívidas.

**58.8** — *A luz surgiu com o advento de Cristo* (v. 10; 9.2; 10.17; 59.9; 60.1-3; Lc 1.78,79). *A justiça* refere-se à salvação (Is 56.1).

*A glória do SENHOR* provavelmente é uma referência à coluna de nuvem e de fogo no deserto (Is 4.5; Êx 13.21; 14.20).

*Retaguarda*. Um exército em marcha precisa ter defensores alertas na retaguarda (Is 52.12).

**58.9** — *O estender do dedo* era um gesto de ameaça (Pv 6.13).

**58.10** — *A Alma aflita* aqui contrasta com a atitude hipócrita descrita no versículo 3.

**58.11** — *Jardim regado* e *manancial* perene são símbolos da prosperidade e das bênçãos oriundas da salvação divina.

**58.12** — *Edificarão os lugares antigamente assolados* pressupõe que os exilados restaurados não encontrarão recursos espirituais e econômicos

para reconstruir Judá (Is 44.26,28; 61.2,4; Ez 36.10; Ag 1.2-9). A vinda de Cristo reconstruirá a casa de Davi (Am 9.11,12; At 15.15-17).

**58.13** — *Fazer a tua vontade* provavelmente é uma referência ao comércio (v. 3,4; Am 8.5). *Santo dia* indica claramente que nos versículos 2-9 o Senhor não está rejeitando totalmente os rituais (Is 66.23).

**58.14** — *Essa bênção* está baseada no cântico de Moisés (Dt 32.9,13).

**59.1,2** — *A mão do SENHOR não está encolhida*. Para passagens semelhantes, veja Isaías 40.10; 50.2. *O ouvido* do Senhor, diferente do de Israel (Is 6.10), é capaz de ouvir.

**59.3** — *Vossas mãos estão contaminadas de sangue*. Veja outras passagens acerca da culpa do povo em Isaías 1.15; 59.7; Ezequiel 7.23.

*Vossos lábios falam falsamente*. Para passagens relacionadas com essa, veja Isaías 33.15; 59.13; Marcos 7.21-23; Romanos 3.10-18; Gálatas 5.19-21.

**59.4** — *Que clame pela justiça* provavelmente significa ajudar o pobre no tribunal (Jó 9.16; 13.22). Ninguém comparece em *juízo* para defender a causa do pobre (Is 1.17; 5.23; 59.14). *Concebem o mal e dão a luz a iniquidade* (ARA) é também

traduzido por concebem o trabalho e produzem a iniquidade em Jó 15.35.

**59.5** — *Chocam ovos e tecem teias* representam a iniquidade deliberada e calculada que se vê nos tribunais (Is 32.7; 59.4).

**59.6** — *As suas teias não prestam para vestes* ilustra a futilidade descrita no v. 4 e o fracasso derradeiro das artimanhas mencionadas no versículo 5. O esquema de poder dos ímpios se provará inútil (Jó 8.14,15).

**59.7,8** — Essa passagem é citada em Romanos 3.15-17, um registro da abrangência universal do pecado.

*Os seus pés[...] se apressam para derramarem o sangue inocente.* As pessoas correm impulsivamente para o mal (Pv 1.16).

*Pensamentos de iniquidade.* Compare com Isaías 55.7-9. Os que negam a paz aos outros não irão conhecer a paz na própria vida (Is 57.21).

*Veredas tortuosas.* Veja passagens semelhantes sobre a vida do ímpio em Provérbios 2.15; 10.9; 28.18.

**59.9** — *Por isso* faz uma ligação entre o arrependimento de Israel e a repreensão do profeta. Utilizando o pronome *nós*, Isaías identifica-se com os pecados do povo (Ed 9.6, 7; Dn 9.5). As palavras *juízo* e *justiça* referem-se à salvação divina (Is 46.13). *Luz* e *trevas* são referências à salvação e ao julgamento, respectivamente (Is 9.2; 42.16; 58.8,10; 60.1-3). O livro de Isaías, como o evangelho de João, menciona várias vezes as palavras *luz* e *trevas*, de maneira a criar um contraste entre a vida e a morte eternas, a verdade e a mentira (Jo 1.4-9; 3.19-21; 8.12; 9.5; 12.35,36).

**59.10** — O povo apalpa, *como cegos*, cumprindo a maldição da aliança pronunciada sobre os desobedientes (Dt 28.29).

**59.11-13** — *Bramamos*, diz o povo, expressando sua frustração.

*Gememos.* Para passagens acerca do desespero do povo comparado com pombas, veja Isaías 38.14; Ezequiel 7.16.

**59.14** — *Juízo* e *justiça* referem-se aqui à conduta ética (v. 4).

**59.15,16** — *Justiça* refere-se aqui à salvação (v. 9,10). O Senhor, falando na primeira pessoa,

expressa a ideia contida nessa passagem em Isaías 63.5.

*Ninguém.* A salvação de Deus não depende do ser humano (Ez 22.30).

*Não houvesse um intercessor.* Compare com a intercessão do Servo em Isaías 53.12.

*Seu próprio braço* é uma figura do Senhor na batalha (Is 42.13; 49.24,25; 51.9; 52.10).

*Justiça* refere-se à salvação de Deus (Is 46.13; 51.6,8; 56.1).

**59.17** — A *couroça* e o *elmo* do Senhor são tomados pelo santos na batalha contra o mal (Ef 6.14-17).

*Vestes de vingança.* Para uma descrição mais detalhada da chegada do Senhor para exercer juízo e também para salvar, veja Isaías 63.1-3.

**59.18** — *Sua retribuição[...] aos seus adversários* é traduzido como dá o pago aos seus inimigos em Isaías 66.6. O termo *ilhas* indica que os adversários do Senhor são de nações distantes (Is 41.1). Entretanto, ele também julga os israelitas ímpios (Is 65.6,7). Apenas os que se arrependessem serão abençoados (v. 9-15,20).

**59.19** — *Desde o poente[...] desde o nascente do sol* é outra maneira de dizer em todo o lugar. *Vindo o inimigo* também pode significar o vosso Deus virá com vingança (Is 35.4).

**59.20** — *Virá um Redentor* na pessoa de Jesus Cristo. Veja outra profecia a respeito do Redentor em Isaías 41.14.

*Desviarem da transgressão.* Veja outros apelos semelhantes ao povo, na voz desse profeta, em Isaías 1.17-19; 30.15. 31.6; 59.9-15.

**59.21** — O pronome *ti* refere-se aos que se arrependeram (v. 20).

*Meu Espírito.* Veja referências semelhantes em Isaías 11.2; 30.1; 42.1; 48.16; 61.1; Lc 3.22. O pronome *tua*, nesse versículo, refere-se provavelmente a Isaías. O Espírito de Deus e suas *palavras* serão entregues a todo o Israel, para que o povo se torne profeta do Deus vivo (Is 44.3).

**60.1** — *Levanta-te* é uma ordem transmitida a Sião (v. 14).

*Resplandece.* Sião é tanto o recipiente da *luz* de Deus quanto o refletor dela. As profecias de Isaías geralmente enfatizam o contraste entre luz e

trevas para simbolizar a separação entre a vida e a morte eternas, a salvação e o julgamento (Is 9.2; 10.17; 58.8; 59.9; 60.19,20).

**60.2** — Como aconteceu no Egito, as *trevas* estão sobre os ímpios, enquanto que a luz de Deus brilha sobre Seu povo (Êx 10.23). A *escuridão* presente em todos os lugares descreve uma nuvem envolvendo a glória de Deus (Êx 20.21) e serve como advertência de seu julgamento iminente (Jr 13.16).

**60.3** — Na passagem anterior, os gentios se dirigem à Sião celestial para serem ensinados por Deus. Aqui eles se aproximam para trazer tributos (v. 5,11,13). Isaías vê o dia em que não apenas o remanescente justo em Israel será fiel a Deus, mas também os redimidos de todos os povos. Cristo será a *luz* para os reis (Is 42.6; 49.6).

**60.4** — *Levanta em redor os olhos[...] vêm a ti* é citado a partir de Isaías 49.18.

*Teus filhos[...] tuas filhas* é retirado de Isaías 49.22. Ambos os versículos são dirigidos aos exilados e se destinam primordialmente a falar do retorno deles para a de Israel, enquanto Isaías 60.4 fala aos poucos exilados restaurados e menciona um retorno muito maior no futuro (Is 11.11).

**60.5** — *Serás iluminado*. Veja resplandece no versículo 1.

*As riquezas das nações*. Veja expressões semelhantes em Ageu 2.7; Zacarias 14.14.

**60.6,7** — Os *camelos* eram animais de carga e transportavam *ouro* e *incenso*. *Midiã* era famosa como líder de caravanas e no comércio (Gn 37.28,36). *Efa* foi um dos filhos de Midiã (Gn 25.4). A alusão a *Sabá*, reconhecida por suas riquezas, estabelece uma conexão entre essa cidade e a de Salomão (1 Rs 10.1-13; Sl 72.10).

*Publicarão os louvores*. As nações não se limitarão a trazer suas riquezas. Os presentes serão acompanhados do reconhecimento público das obras maravilhosas de Deus (1 Rs 10.9; Hb 13.14,15).

**60.8** — As velas dos navios lembram *nuvens* que se movem rapidamente e *pombas* retornando às suas janelas.

**60.9** — A expressão *navios de Társis* (Is 2.16) são uma referência à riqueza do rei Salomão (1 Rs 10.22).

**60.10** — *Estrangeiros*, como Hirão, rei de Tiro, ajudaram a construir o primeiro templo (1 Rs 5); atualmente, os gentios estão edificando a igreja, o templo do Senhor (Ef 2.11-22). Furor é traduzido por indignação em Isaías 34.2.

**60.11** — *As portas de Sião estarão abertas de contínuo* porque a cidade estará segura e também porque as portas deverão ser abertas para permitir o grande fluxo das *riquezas das nações* (v. 5). Veja outra referência às portas de Sião em Salmos 87.1-3; esse versículo é mencionado em Apocalipse 21.24,25.

**60.12** — *A nação e o reino* que não servem a Sião, onde Cristo agora reina (At 2.29-36), *perderão* (Jo 3.18; Hb 2.3; 9.27; 10.27). No reino por vir, não haverá oposição ao governo do Rei Salvador.

**60.13,14** — Como a *glória do Líbano*, a *faia*, o *pinheiro* e o *buxo* magníficos, que tiveram destaque no primeiro templo (1 Rs 5.10,18) irão ornar o segundo templo (v. 5-7). Antes disso, o *lugar* em que assentavam os *pés* do Senhor era a arca do concerto (1 Cr 28.2); mais tarde passou a ser o templo (Ez 43.7), e então toda a terra (Is 66.1).

**60.15** — O novo santuário será maior que o antigo porque será *perpétuo*, rico e espiritual (v. 17, 18).

*Ninguém passava por ti*. Veja conceitos semelhantes em Isaías 49.14,21; 50.1; 54.6.

**60.16** — Esse versículo baseia-se em Isaías 49.26. No versículo 15, as nações servem Israel; aqui o enriquecem.

*Te alimentarás aos peitos dos reis*. Essa frase, representando grande fluxo de riqueza, demonstra claramente que o profeta está usando linguagem figurada.

**60.17** — O novo templo será construído com metais pouco comuns — *ouro*, *prata*, *bronze* e *ferro* —, um exagero que simboliza grandeza e riqueza duradouras. *Paz* e *justiça* são personificadas em *inspetores* e *exatores*, respectivamente (Is 26.3; 48.18).

**60.18** — A julgar pela linguagem figurada dos versículos 15-22, principalmente o versículos 17, a *salvação* de Deus e o *louvor* de Israel serão a defesa da cidade (Zc 2.4,5).



## EM FOCO

## PERPETUAMENTE (HB. 'OLAM)

(Is 30.8; 60.19,20; Sl 89.2; Am 9.11)

Essa palavra está relacionada com outra que significa *esconder*. Portanto, esse termo tem a conotação de um período desconhecido e oculto, geralmente em relação ao futuro, mas, às vezes, também ao passado. Pode também indicar um período limitado por uma única vida, que se estenda por várias gerações (Gn 6.3, 4; Dt 15.17; Ne 2.3; Mq 3.4) ou até o início da criação (Is 64.4; Gn 49.26).

Às vezes, o termo diz respeito a um período de tempo além da morte (Is 45.17; Pv 8.23; Ec 12.5; Dn 12.2). Portanto, essa palavra pode ser usada para falar a respeito de Deus, que é eterno e está oculto (Is 40.28; Gn 21.33; Sl 90.2). Refere-se também às alianças, aos estatutos, à salvação e ao amor eternos de Deus (Gn 9.12; Lv 16.29-31; Jr 31.3). A Bíblia também afirma que o Messias, seu reino e seu sacerdócio são eternos (Is 9.7; Sl 45.6,7; 110.4).

**60.19,20** — Esses versículos são a base para descrição da nova Jerusalém, no novo céu e na nova terra (Ap 21.1,23; 22.5; 65.17; 66.22).

**60.21** — Na nova Sião, *todos os do teu povo serão justos* (Is 4.3; Ap 21.27). Mesmos após retornarem para a terra (Is 49.8; 54.3), os exilados estarão em busca de uma nova Sião, quando então *herdarão a terra*.

*Renovos por mim plantados*. Veja referências semelhantes ao povo de Deus como um ramo em Isaías 4.2; 5.1-7; 61.3.

**60.22** — *O menor virá a ser mil*. Os habitantes da nova Sião serão numerosos (Is 54.3; Lv 26.8).

**61.1-11** — Esse é o quinto dos cânticos do Servo. Nesse cântico, a ênfase recai sobre a missão do Servo.

**61.1** — *O Espírito*. Veja referências semelhantes em Isaías 11.2; 30.1; 42.1; 48.16; 59.21; Lc 3.22. A pessoa destacada de maneira tão proeminente nesse versículo é o mesmo Servo mencionado em Isaías 42.1; 49.1; 50.4; 52.13. Vários motivos apontam para essa identificação: (1) o Servo chama Deus de seu Senhor, o SENHOR (compare com Is 50.4); (2) ele recebeu o Espírito do Senhor (compare com Is 42.1); (3) ele traz uma palavra de cura e libertação (compare o v. 1-3 com Is 42.7; 49.9; 50.4); (4) ele proclama o ano do Senhor (compare o v.2 com Is 49.8); (5) ele está envolvido com a aliança eterna (compare o v. 8 com Is 42.6; 49.8); (6) Jesus Cristo inaugurou seu ministério identificando-se com esse Servo (Lc 4.17-21). A passagem pode também se referir

a Isaías, porém, se for o caso, o profeta é apenas uma sombra do trabalho de Cristo.

*Ungiu*. Essa expressão significa que o Servo é mais que um profeta, uma vez que apenas reis e sumos sacerdotes — com a exceção de Eliseu (1 Rs 19.16) — eram unguidos (Is 45.1).

O termo *Messias* (do hebraico), ou *Cristo* (do grego), significa o Ungido.

*Mansos* também significa humildes, que, assim como *contritos de coração*, indica aqueles que esperam com confiança em Deus, apesar dos problemas que enfrentam (Is 11.4; Sl 34.18; 51.17).

*Proclamar liberdade* provavelmente é uma alusão à inauguração oficial do Ano da Libertação, ou do Jubileu (Lv 25.10).

*Cativos* são aqueles mantidos escravos pelos ímpios (Is 58.6) ou presos na iniquidade em geral — e não aos exilados, como em Isaías 51.14.

*Presos*, em Isaías 49.9, diz respeito em parte aos exilados; aqui significa apenas cativos.

**61.2** — *O ano aceitável do SENHOR* está vinculado ao dia da salvação (Is 49.8) e ao ano dos meus redimidos (Is 63.4).

*Nosso Deus*. Veja uma aplicação semelhante desse termo em Isaías 25.9.

*Consolar todos os tristes*. Veja passagens relacionadas a essa em Isaías 12.1; 49.13; Mateus 5.4.

**61.3** — Um anfitrião oferecia aos convidados o *óleo de gozo* (Sl 23.5; 45.7; Lc 7.46).

*Para que ele seja glorificado*. Veja referências semelhantes em Isaías 44.23; 49.5.

**61.4,5** — Os pronomes no plural referem-se aos judeus (Is 58.12) e aos gentios (Is 60.10).

*Destruidas de geração em geração.* Veja Isaías 58.12; 60.10.

**61.6** — *Sacerdotes do SENHOR.* Com Cristo, eles farão intercessão a favor dos pecadores (Is 53.12; Êx 19.6; 1 Pe 2.9; Ap 1.6).

**61.7,8** — *Perpétua alegria.* Veja outras referências sobre a alegria eterna em Isaías 35.10; 51.11; 60.19,20.

**61.9** — *Será conhecida* tem o sentido de conquistar renome.

*No meio dos povos[...] bendita do SENHOR.* Trata-se do cumprimento das promessas feitas a Abraão (Is 41.8; 51.2; Gn 12.3).

**61.10** — A primeira pessoa (eu) e *minha alma* referem-se à Sião personificada.

*Alegria* é traduzido por gozo no versículo 3 (Is 65.18).

*Vestiu* representa a condição glorificada do Servo (Is 47.2; 52.1; 59.17).

*Atavios* é traduzido por ornamento no versículo 3.

*Noiva.* Veja uma descrição semelhante em Isaías 49.18.

**61.11** — *Faz brotar.* Essa expressão descreve a salvação de Deus e também é encontrada em Isaías 42.9; 43.19; 45.8. *Justiça* aqui significa libertação.

*Para todas as nações.* Veja passagens relacionadas em Isaías 52.10; 60.2,3.

**62.1,2** — A repetição da palavra *justiça* (v. 1) demonstra que o oráculo divino e o comentário

do profeta estão interligados. *Um nome novo,* como novas roupas (Is 61.10), representa uma nova condição (Gn 17.5, 15; 32.28; Ap 2.17). Veja menções a novos nomes nos v. 4,12.

**62.3** — Sião não receberá uma *coroa de glória* ou *diadema real*, mas será um *na mão do SENHOR.*

**62.4,5** — O nome *Hefzibá* é um termo simbólico para Jerusalém (o nome simbólico Emanuel em 7.14) e figura como nome próprio em 1 Reis 22.42. Veja outras referências em Isaías 54.6; 60.15.

*Assolada.* O termo também está presente em Isaías 49.8,19; 54.1.

*Hefzibá* e *Beulá* são nomes simbólicos, embora *Hefzibá* apareça como nome próprio em 2 Reis 21.1. Os nomes estão explicados no final do versículo.

**62.6,7** — O pronome na primeira pessoa do singular refere-se ao Senhor (v. 1,8). Os *guardas* são os profetas (Is 56.10).

*Vós que fazeis menção do SENHOR* é o sinônimo de Isaías para guardas e demonstra que os profetas eram intercessores. As expressões *não haja silêncio em vós* e *nem estejais em silêncio* estabelecem uma conexão entre a oração do profeta e as promessas do Senhor no v. 1 (Is 64.12; 65.6).

**62.8** — *Jurou o SENHOR.* Veja outros exemplos em Isaías 14.24; 45.23; 54.9.

*Nunca mais.* Essa expressão garante que as bênçãos da aliança irão durar mais que a maldição.

**62.9** — *Nos átrios do meu santuário.* Essa expressão antecipa a reconstrução do templo (Lv 23.39, 40; Dt 12.17,18; 14.22-27; 16.9-17).



## EM FOCO

### JUSTIÇA (HB. TSEDEQ)

(Is 62.1; Sl 45.7; 85.10; 132.9; Pv 1.3)

Esse termo denota conformidade com um padrão ético ou moral. Diz respeito a atitudes honrosas em relações interpessoais (Gn 30.33; Lv 19.36; Dt 25.15) e à maneira correta de se expressar (Sl 52.3; Pv 8.8).

O termo é utilizado com mais frequência em relação à condição de uma pessoa perante as autoridades, sejam humanas, sejam divinas. A palavra é encontrada muitas vezes no contexto jurídico, aparecendo ao lado de termos como *juízo* e *juízo* (Lv 19.15; Sl 23.3; 72.2; 119.6-8). *Justiça*, *juízo* e *juízo* constituem o alicerce do trono de Deus (Sl 89.14; 97.2). A *justiça* de Deus é associada com a *libertação*. É nesse contexto que um dos nomes de Deus foi revelado: *O SENHOR, Justiça Nossa* (Is 41.10; 51.5; Jr 23.6; 33.16).

**62.10** — Veja os imperativos *passai* e *preparai* em Isaías 40.1; 51.17; 52.11. Os profetas oravam não apenas pelo povo (v. 6,7), mas também o incentivava a adorar.

*Portas*, provavelmente, são os que estão nos átrios do santuário (v. 9). O profeta instrui os adoradores do versículo 9 a passar pelas portas para louvar ao Senhor.

*Preparai o caminho* significa incentivar o povo a ir ao templo para adorar (Is 40.3,4; 57.14). As *pedras* representam qualquer impedimento à adoração (Is 57.14).

*Arvorai a bandeira* (Is 5.26; 11.10) é um estímulo para que todos os povos adorem a Deus.

**62.11** — *Fez ouvir até às extremidades da terra* faz a ligação desse versículo com a bandeira para todos os povos, no versículo 10. O termo hebraico traduzido por *dizei* está no plural, indicando que um grupo de pessoas irá declarar a salvação para Jerusalém.

*A tua salvação vem*. Veja referências semelhantes sobre a vinda da salvação do Senhor em Isaías 40.9; Zacarias 9.9; Mateus 21.5.

**62.12** — O pronome no plural refere-se aos gentios (v. 2).

*Povo santo*. Veja uma descrição semelhante sobre os redimidos em Isaías 4.3; Êxodo 19.6.

**63.1** — O verbo *vem* liga o versículo com Isaías 62.11. *Edom* representa os inimigos de Israel (Sl 137.7; Lm 4.21,22; Ez 25.12; 35.1-15; Ob 13,14). Essa terra era famosa pela produção de vinho (veja uma referência ao vinho no v. 3). Observe que o texto não fala que Deus derrotou Edom, mas que os povos o fizeram (v. 3,6).

*Vestes*. Veja as vestimentas do guerreiro em Isaías 59.17.

*Bozra* era a principal cidade de Edom (Is 34.6; Jr 49.13).

O pronome *eu* refere-se ao Senhor.

**63.2** — *A vestidura ficara vermelha* por estar manchada de sangue.

**63.3** — O pronome *eu* aplica-se a Cristo em Apocalipse 19.15.

*Pisei*. Veja essa metáfora de julgamento em Lamentações 1.15; Apocalipse 14.17-20.

*Lagar* representa a batalha.

**63.4-6** — *Ano dos meus redimidos*. Essa expressão faz alusão à lei do resgate de escravos e de propriedades (Is 61.2; Lv 25). O parente próximo de um escravo tinha o direito e o dever de comprá-lo de volta e resgatar um membro da família que estivesse na miséria.

**63.7** — *Mencionarei*. Isaías, representando o povo, proclama as misericórdias de Deus (Sl 77.12; 89.1). As palavras no plural *benignidades* e *louvores* referem-se aos muitos atos de amor e lealdade do Senhor para com seu povo. A palavra *benignidades* é traduzida como beneficências em Isaías 55.3 (Sl 89.1).

**63.8** — Na Bíblia hebraica, o termo traduzido por *meu povo* é usado de duas maneiras: (1) para os que foram unidos nacionalmente com Deus por meio do sangue e da história, por parte da carne de Abraão (Is 48.1; Êx 3.7); (2) para os que foram unidos ao Senhor intimamente, por meio da fé e da obediência de Abraão (Lv 26.12; Dt 29.13). O texto fala da nação. *Mentirão* significa agir com falsidade. A rebelião de Israel foi inesperada (Is 1.2,3). Assim como os pais tementes a Deus têm a expectativa de que seus filhos ajam da mesma maneira (Pv 22.6), Deus também espera que seus filhos espirituais sigam Seu exemplo.

**63.9** — *A angústia deles* provavelmente refere-se ao sentimento de Deus ao ver Seu povo sofrendo no Egito (Êx 2.25; 3.7) e durante o período dos juízes (Jz 10.16). *Foi ele angustiado*. Deus participa do sofrimento de seu povo (Êx 2.23-25). A perseguição de Paulo aos membros da igreja primitiva fez com que Cristo sofresse (At 9.4). *Tomou e conduziu* são alusões ao texto de Êxodo 19.4 (Dt 1.31; 32.10-12).

**63.10** — *Rebeldes*. O termo em hebraico significa criar contenda (Nm 20.10; Sl 78.40; 106.33,43). O *Espírito Santo* é citado algumas vezes nas Escrituras hebraicas e várias vezes no livro de Isaías (Is 11.2; 42.1).

**63.11** — *Dias da antiguidade* é o período do êxodo e da peregrinação no deserto. O *mar* é uma alusão ao mar Vermelho (Is 50.2; Êx 14.21-29). *Pastores*, referindo-se a Moisés, está no plural. Cristo é o Supremo Pastor (Jo 10.11;

Hb 13.20; 1 Pe 5.4). *Pôs no meio deles o seu Espírito Santo* é uma alusão ao texto de Números 11.17,25.

**63.12** — *Braço glorioso* remete ao texto de Êxodo 15.6 (Is 41.13; 51.9). *Fendeu as águas* é uma referência a Êxodo 14.16,21 (Sl 78.13).

**63.13,14** — O registro do êxodo e do estabelecimento na Terra Prometida encerra com duas imagens. A primeira é a de um *cavalo* que galopa com firmeza em águas profundas ao longo do *deserto*. A segunda é um *animal*, por certo domesticado, que, após ter pastado nas montanhas, *desce aos vales* e encontra *descanso* (Dt 12.9; Js 1.13; 11.23; 21.44).

**63.15** — Os *céus* representam o governo universal de Deus sobre o espaço e o tempo (Sl 11.4-6). *Comigo* diz respeito ao Israel personificado (Is 59.9-15).

**63.16** — As pessoas que compõem o povo de Israel são filhos de Deus (v. 8). Ele é seu *Pai* porque os criou como nação (Dt 32.6; Jr 3.4,9). É raro encontrar nas páginas da Bíblia hebraica uma declaração explícita acerca de Deus como Pai, embora a ideia esteja sempre implícita. *Abraão e Israel*, os pais humanos do povo (Is 51.2), eram limitados em seu conhecimento — em contraste com Senhor, o *Pai* e *Redentor* do povo *desde a antiguidade* (Is 41.14).

**63.17** — *Nosso*. Isaías identifica-se com seu povo (Is 59.9-15). O Senhor, confirmando o pecado do povo, endureceu o coração de todos (Is 6.10; Êx 4.21; Sl 95.8).

**63.18,19** — *Chamaram pelo teu nome* significa que o Senhor o povo é propriedade de Deus (Dt 28.10; Jr 14.9).

**64.1,2** — *Ó! Se fendesses os céus e descesses!* Esse apelo para que o Senhor se manifeste e imponha terror ao inimigo está baseado nas aparições que Ele fez no Sinai (Êx 19.16-18) e a favor de Davi (Sl 18.7-15). O *fogo* geralmente simboliza a presença de Deus (Is 10.17; 31.9; Êx 9.18; Hb 12.18), principalmente quando o juízo divino está envolvido (Hb 2.29).

**64.3** — *Coisas terríveis*. A aparição de Deus é um acontecimento que causa medo (Êx 19.16-21; Dt 10.21; 2 Sm 7.23; Sl 106.22).

*Que não esperávamos*. Os atos de salvação de Deus excedem em muito as expectativas humanas (Ef 3.20).

*Montes se escoavam*. Veja uma descrição semelhante em Êxodo 19.18.

**64.4** — Paulo cita esse versículo com algumas alterações em 1 Coríntios 2.9.

*Nem com os olhos se viu um Deus além de ti*. Veja conceitos semelhantes em Isaías 43.11; Deuteronomio 4.35.

**64.5** — *Saíste ao encontro[...] que se lembram de ti nos teus caminhos*. Essas palavras reforçam a ideia do v. 4. *Praticava justiça*. Veja uma expressão semelhante em Isaías 56.1. A palavra *eis* efetua a transição de uma petição (Is 63.15—64.5) para a confissão de pecados (Is 64.5-7).

**64.6** — O povo é chamado *imundo* porque não está apto a comparecer diante de Deus. *Trapo da imundícia* refere-se a pedaços de pano manchados de menstruação (ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, em Is 1.18), a qual torna a mulher impura (Lv 15.19-24; Ez 36.17). *Como a folha* expressa a incapacidade do povo e sua separação de Deus.

**64.7** — *Ninguém há que invoque* é uma hipérbole que chama atenção para a apatia do povo.

*Escondes*. Deus nunca está realmente escondido, mas torna obscura sua presença por causa do pecado humano (Is 1.15).

**64.8** — O profeta Isaías, como representante de toda a comunidade israelita, implora o auxílio divino. Ele chama o Senhor de *Pai*, invocando o relacionamento especial entre Israel e Deus. O termo *Pai* não deve ser compreendido de acordo os conceitos modernos. Ele não é um designativo carinhoso, mas, sim, uma palavra de autoridade que também denota posse. Pela lei israelita, os filhos eram propriedade dos pais, sobre quem estes detinham poder. A comunidade da aliança estava impotente diante de seu *Pai* assim como o barro está sujeito ao oleiro. O profeta intercede pelo povo em busca de perdão para que a fidelidade de Deus possa ser revelada outra vez na Jerusalém restaurada.

**64.9** — A frase *não te enfureças* evoca a promessa de Isaías 54.7,8. *Nem perpetuamente te*

lombres apela também para uma promessas (Is 43.25). *Olha* refere-se ao fato de Deus se esconder (v. 7).

**64.10** — *Cidades[...] Sião[...] Jerusalém.* A imagem profética da devastação da terra após a invasão dos babilônios tem o propósito de tocar o coração de Deus.

**64.11** — *Santa e gloriosa* pode ser entendido também como extremamente bela. *Em que te louvavam nossos pais* sugere que quem fala pertence a uma geração posterior à destruição do templo.

**64.12** — *Ficarias calado...?* O povo usa a linguagem do amor, da lembrança, da família e de valores comuns nesse versículo (v. 8-12) para implorar que Deus aja a seu favor.

**65.1** — *Fui buscado* significa literalmente permiti ser procurado.

*Fui achado* significa literalmente permitir ser achado. Essa promessa faz uma ligação entre esse oráculo e o lamento de Isaías (Is 64.7).

*Eis-me aqui* (Is 58.9) é repetido para dar ênfase (veja a repetição da palavra *consolai* em Is 40.1). A presença gloriosa de Deus garante a salvação.

*Um povo que se não chamava do meu nome* inclui também os gentios (Is 42.1; 49.6,22; 52.15) e o remanescente que buscou a Deus (v. 10). Juntos, constituem os servos que serão chamados por outro nome (v. 15). Paulo entendia seu ministério aos gentios como o cumprimento dessa promessa (Rm 10.20,21). Pedro chama a igreja de nação santa (1 Pe 2.9).

**65.2** — *Estendi as mãos.* Deus convida Israel a corresponder ao Seu amor. *Todo o dia* sugere a paciência interminável de Deus. O termo *rebelde* define Israel (Is 63.10). *Que*, repetido seis vezes nos v. 2-5, introduz uma descrição das práticas religiosas abomináveis de Israel: arrogância (v. 2), atitude desafiadora (v. 3), ritos de fertilidade idólatras (v. 3), adivinhação (v. 4), ingestão de alimentos impuros (v. 4) e uma atitude blasfema de autojustificação (v. 5). *Seus pensamentos* contrastam com os pensamentos do Senhor em Isaías 55.8,9.

**65.3** — *Diante da minha face* significa abertamente. O povo não disfarçava suas práticas reprováveis, tampouco refreava seus hábitos

malignos. Os babilônios ofereciam incenso aos exércitos dos céus nos *tijolos*, ou seja, nos terraços das casas (2 Rs 23.12; Jr 19.13; Sf 1.5).

**65.4** — *Passando as noites junto aos lugares secretos* pode se referir à prática de buscar instrução de um deus ou dos mortos. A lei proíbia comer *carne de porco* (Is 66.17; Lv 11.7; Dt 14.8). *Coisas abomináveis* são outros alimentos proibidos a Israel (Lv 11). Se o povo de Israel consumia os mesmos alimentos que os povos vizinhos, então não era mais um povo santo.

**65.5** — *Sou mais santo do que tu.* Os idólatras eram como os piores entre os fariseus nos tempos do Novo Testamento. Jesus chamou os fariseus de filhos do diabo (Jo 8.44), porém eles se consideravam melhores que os outros (Lc 18.9-14). *Fumaça e fogo* representam tudo que provoca a ira de Deus.

**65.6** — *Está escrito* refere-se ao livro celeste que registra os pecados. No mundo antigo, as cortes reais mantinham um registro de crimes impunes.

*Não me calarei.* Veja uma expressão semelhante em Isaías 62.1.

*Pagarei.* Veja referências semelhantes sobre a vingança de Deus em Isaías 33.10-14; 34.8; 59.18.

**65.7** — *As iniquidades de vossos pais.* Veja passagens relacionadas a essa em Êxodo 20.5; Ezequiel 18.20.

*E me afrontaram.* Os israelitas rejeitaram e ofenderam a Deus ao oferecer sacrifícios aos falsos deuses das outras nações no cume dos montes (Ez 20.27,28).

*Pelo que.* A punição é de acordo com o crime cometido (Is 47.11).

**65.8** — O *mosto* representa os *servos* (Is 54.17); o *cacho de uvas* outrora improdutivo representa todo o Israel (Is 5.1,2). A ligação entre o vinho e a *bênção* é bastante comum nas

Escrituras. Nos *servos*, estão incluídos o remanescente e os estrangeiros (Is 56.6).

*Não destrua a todos.* Veja uma passagem relacionada a essa em Isaías 1.8,9.

**65.9** — *Produzirei descendência* é uma promessa cumprida em Cristo e em todos os que estão nele (Gl 3.16,26-29).

*Jacó e Judá* representam todo o Israel. O *herdeiro* é o Messias (Gn 49.10; Mt 21.38; Gl 3.16).



*Meus eleitos.* Veja uma passagem relacionada a essa em Isaías 41.8,9 (compare com Gl 3.26-29).

**65.10** — *Sarom*, a planície costeira oeste, e o *vale de Acor*, próximo de Jericó a leste, representam toda a terra.

**65.11** — A palavra *que* ocorre quatro vezes nesse versículo, na apresentação de outros pecados de Israel (v. 2-5). Entre os pecados de Israel estão: esquecer-se de Deus, esquecer o local de adoração, adorar Gade, a deusa *Fortuna*, e Meni, o deus *Destino*.

**65.12** — *Chamei*, e não respondestes contrasta com antes que clamem, eu responderei, no v. 24.

**65.13** — *Pelo que* faz uma conexão lógica dessa situação com as duas primeiras (v. 1-7,8-12).

*Eis que*[...] *mas*. O padrão nesse texto lembra a forma das bênçãos e maldições proferidas nos montes Gerizim e Ebal (Dt 27), nas bem-aventuranças (Lc 6.20-26) e na ilustração de Cristo sobre o juízo final (Mt 25.31-46).

*Comerão*[...] *beberão*. Esse é um banquete acompanhado de muita alegria.

**65.14** — *Cantarão*, aqui, desenvolve a ideia de júbilo do versículo 13 (Is 12.1-6; 35.10; 61.7).

**65.15** — Os *eleitos* (v. 9) usarão o *nome* dos apóstatas *por maldição*, invocando o destino terrível dos apóstatas sobre outras vidas. Os escolhidos dirão: Que o Senhor os faça como o Israel apóstata. Veja em Jeremias 29.22 um exemplo de como os cativos na Babilônia utilizaram os nomes de Zedequias e de Acabe em fórmulas de maldição. *Outro nome* significa o início de uma nova era (Is 62.2). Esse nome estará associado com a bênção (v. 16), e não com a maldição.

**65.16** — *Aquele que se bendisser na terra* — judeu ou gentio — irá invocar o nome do Senhor, porque ele é o *Deus da verdade*.

**65.17,18** — *Eu crio* também pode ser traduzido por *estou criando*, ou *estou prestes a criar*. *Céus novos e nova terra*. Assim formou os céus e a terra existentes, Deus irá criar um novo Universo que estará pronto para sua presença e para o desfrute de seu povo.

*Coisas passadas* engloba tudo o que aconteceu até a criação do novo cosmos (Ap 21.4).

*Folgareis e exultareis* significa estar extremamente feliz. Os santos são chamados para celebrar pela fé a vinda da salvação (Is 66.10).

*Crio para Jerusalém* significa que ela será uma cidade totalmente nova, sem nenhuma semelhança com a antiga (Is 62.7). João também faz uma conexão entre o um novo céu e uma nova terra com a nova Jerusalém (Ap 21.1,2).

**65.19** — *Meu povo*. Esse título, dado os cidadãos de Jerusalém, também é mencionado em Isaías 63.8.

*Nunca mais se ouvirá*[...] *choro*. Veja conceitos semelhantes sobre a chegada da salvação em Isaías 25.8; 35.10; 51.11.

**65.20** — *O jovem morrerá de cem anos*. Em determinada instância, essas palavras indicam o retorno, no reino por vir, da longa existência humana dos tempos anteriores ao dilúvio (Gn 5). Aparentemente, o povo não será afligido por doenças e nem pelo envelhecimento, como hoje. *Pecador* também pode significar aquele que não tem uma vida longa.

**65.21,22** — Essa passagem denota um trabalho dotado de significado, tanto no novo cosmos quanto no reino por vir, além do cancelamento da maldição (Dt 28.49-52).

*Casas*[...] *vinhas*. A vida de bênçãos no reino por vir é apresentada em termos que podem ser facilmente compreendidos pelos contemporâneos de Isaías (Mq 4.4). Os habitantes da nova terra não ficarão limitados a essas duas atividades, mas terão uma vida feliz e abençoada. A expressão *como os dias da árvore* é símbolo de longevidade e estabilidade (v. 20).

*Gozarão*[...] *até à velhice* reforça a ideia da longevidade.

**65.23** — *Não trabalharão debalde*. Essas palavras mostram que Deus reverterá a maldição que paira sobre o Universo (Gn 3.17-22) e removerá a maldição proferida nos dias de Moisés (Dt 28.30). A palavra hebraica traduzida por *debalde* significa vazio.

**65.24** — *Antes que clamem, eu responderei* expressa a verdade de que não haverá período de tristeza entre a petição e o louvor (Is 30.19; 58.9). O louvor será contínuo.



## ENTENDENDO MELHOR

### UM NOVO TRABALHO PARA UM NOVO MUNDO

Você sabia que no mundo por vir teremos tarefas a realizar e que esse trabalho será gratificante, satisfatório e duradouro? De acordo com o vislumbre do futuro contemplado por Isaías, as pessoas irão edificar casas e cultivar vinhedos (Is 65.21,22), sinal de que a nova terra formada por Deus será repleta de atividades significativas.

Isso deve servir de consolo para nós, se nossa ocupação atual parece insignificante, tediosa ou insatisfatória. No mundo por vir, iremos desfrutar as *obras das* [nossas] *mãos* (Is 65.22), ou seja, veremos os resultados do que realizamos e desfrutaremos os benefícios de nossos esforços. Não trabalharemos *debalde* (Is 65.23) como tantos fazem agora. A visão de Isaías mostra que o mundo novo será como aquele que foi criado originalmente. Tudo era *bom*, conforme Deus declarou (Gn 1.31), e o trabalho nesse mundo futuro também será *bom*. No novo mundo, Deus irá restaurar o trabalho, devolvendo-lhe sua característica original.

Enquanto isso, devemos servir a Deus como Seus colaboradores, utilizando as habilidades e os recursos que ele nos concedeu para cuidar com sabedoria deste mundo e satisfazer as necessidades de nossos semelhantes. De certa maneira, também podemos antecipar nosso futuro com Deus, caminhando com ele nesta vida e aprendendo sobre o que ele tem reservado para nós. Além disso, podemos compartilhar nossa esperança de futuro com os outros, estimulando-os a entregarem a vida nas mãos de Cristo.

**65.25** — Esse versículo condensa as promessas de Isaías 11.6-9. As figuras representam a mudança na natureza e a instauração da paz universal. O *pó será a comida da serpente* é uma alusão a Gênesis 3.14 para indicar que essa maldição específica será cumprida.

**66.1** — O Senhor não necessita de um templo feito por homens, porque *o céu[...] e a terra* — o Universo inteiro — constituem Seu santuário (Is 40.22).

*Escabelo.* O local de descanso para os pés do Senhor ultrapassa os limites da arca do concerto (Is 60.13) e alcança toda a terra.

*Que casa me edificaríeis...?* Nenhum local na terra pode acomodar o Deus transcendente (1 Rs 8.27).

O *lugar[...] do meu descanso* é o templo (1 Cr 28.2; Sl 132.8,14).

**66.2** — A expressão *estas coisas* refere-se a tudo que existe no Universo. *Olharei.* Deus busca verdadeiros adoradores (Jo 4.24).

*Pobre e abatido de espírito e que treme diante da minha palavra* é semelhante à expressão de Jesus em espírito e em verdade (Jo 4.24).

**66.3** — O termo *aquele que*, utilizado cinco vezes nesse versículo, refere-se aos que adoram de acordo com a letra, mas não no espírito da lei. A adoração deles, pela perspectiva divina, é tão

inaceitável quanto às práticas pagãs mais abomináveis (Is 1.11-14; 65.3-5). As duras críticas de Deus contra a falsa liturgia são amenizadas pela promessa de que a verdadeira liturgia ainda será adotada (v. 20,23). *Fere um homem* pode ser uma alusão ao sacrifício de crianças (Is 57.5). *Degola um cão* pode ser uma referência a uma prática pagã. De qualquer modo, o cão era considerado um animal impuro, um carniceiro detestável. O sacrifício de *um boi* ou de *um cordeiro*, a *oblação* e o *incenso* são considerados *seus próprios caminhos*, porque os adoradores não possuem um espírito contrito. É como se *sua alma* encontrasse satisfação nas suas abominações.

**66.4** — *Quererei as suas ilusões.* Veja uma passagem relacionada a essa em Isaías 63.17.

*Seus temores.* Esse é o julgamento descrito nos versículos 15,16,24.

*Clamei[...] eu não tinha prazer.* É repetido aqui o texto de Isaías 65.12.

**66.5** — *Vós que tremeis diante da sua palavra.* Essas palavras fazem ligação com os versículos 5-11,1-4.

*Vossos irmãos, que vos aborrecem.* Essas palavras intensificam a oposição encontrada no capítulo 65.

O *SENHOR seja glorificado* representa a justiça hipócrita dos falsos adoradores (v. 17).

*Para longe vos lançam* (do templo). Os verdadeiros adoradores percorrerão o mundo e trarão de volta os gentios (v. 18).

A *alegria* é mencionada aqui de maneira sarcástica (Sl 22.8). Os perseguidores *serão confundidos*, e os perseguidos se regozijarão (v. 10).

**66.6** — Isaías ouve um *grande rumor* de batalha proveniente da *cidade* e do *templo* (Is 13.4). Seus *inimigos* são os idólatras que perseguem os servos de Deus. Essa profecia pode ter se cumprido com a queda do templo, no ano 70 d.C. (Mt 24.1,2), ou então se cumprirá na segunda vinda de Cristo (Is 66.17; 2 Ts 1.7-10).

**66.7,8** — *Antes que estivesse de parto, ela deu à luz* representa o nascimento de uma comunidade composta pelos adoradores expulsos. Ela surgirá tão rapidamente que não terá sofrimento para nascer. Às vezes, Sião é descrita como filha do Senhor (Is 1.8). Nesse texto, ela é a mãe do povo de Deus. O *filho* e seus *filhos* podem ser referências a Cristo e Sua igreja.

**66.9,10** — As perguntas retóricas confirmam as profecias dos versículos 7,8. Deus sempre termina o que começou (Fp 1.6).

**66.11** — Por meio da fé jubilosa do versículo 10, o santos participam figurativamente de um banquete antes da vinda de Cristo (Is 65.13).

**66.12** — *Porque* estabelece a conexão dos versículos 12-24 com os versículos 5-11. O pronome *ela* refere-se à mãe Jerusalém (v. 7,8). O pronome *vós* (oculto) refere-se aos verdadeiros adoradores (v. 22), aos filhos amados da mãe Jerusalém.

*Ao colo*[...] *afagaráo*. Veja imagens semelhantes em Isaías 49.22; 60.4.

**66.13** — *Eu vos consolarei*. Aqui o próprio Deus é a mãe que consola (2 Co 1.3,4).

**66.14** — *Coração* e *ossos* referem-se à saúde *mental e física* (Sl 6.2; 109.18).

**66.15** — *Porque* liga o julgamento à *repreensão*. Esse versículo é uma ilustração do juízo de Deus. A vinda do Senhor corresponde à oração do profeta em Isaías 64.1-3. O *fogo* são relâmpagos; os *carros* são nuvens tempestuosas (Dt 33.26; Sl 18.10).

*Como um torvelinho* descreve a velocidade e a força da vinda do Senhor (Jr 4.13).

**66.16** — O guerreiro divino vem com *fogo* (v. 15) e *espada* (Is 27.1; 31.8; Lc 21.24; Ap 19.11-15). *Toda a carne* são os falsos adoradores descritos nesse capítulo (Jr 9.2).

**66.17** — Essa sessão faz um resumo das práticas abomináveis dos falsos adoradores (Is 65.2-5; 66.3).

**66.18** — *Suas obras e os seus pensamentos* provavelmente encontram correspondência nos atos e no espírito dos verdadeiros adoradores, que Deus contempla com satisfação (v. 2), uma vez que a referência é sobre a chegada da salvação aos gentios (v. 19). *Minha glória* provavelmente é uma referência à presença de Deus no templo (Ez 11.22,23; 44.4).

**66.19** — O  *sinal* pode ser a libertação dos verdadeiros adoradores enquanto o julgamento recai sobre os falsos. Os *que deles escaparem* talvez sejam os que sobreviverem à matança divina (v. 16,17), mas provavelmente significa os que conseguirem fugir à perseguição (Mt 24.9-14). Os que fogem para longe podem levar a glória do Senhor às nações (v. 18) e então dar inaugurar um novo período na história da humanidade (v. 7-11).

*A Társis*[...] *até às ilhas*. Veja referências semelhantes em Isaías 23.6; 60.9.

*Anunciarão a minha glória entre as nações*. Veja outra profecia de Isaías sobre a dispersão da glória de Deus pelo mundo em Isaías 24.14-16.

**66.20,21** — *Presente ao SENHOR*. Veja uma passagem relacionada a essa em Deuteronômio 12.5-7.

Os *cavalos* e *dromedários* representam os muitos países de onde esses animais provêm. Os gentios são comparados a *vasos limpos* (Is 56.6,7; At 10.28), uma mudança substancial na atitude predominante para com os gentios no Antigo Testamento (Is 52.1).

**66.22** — Uma predição da vinda dos *céus novos* e da *terra nova* também pode ser encontrada em Isaías 65.17.

*Estarão diante da minha face*[...] *vossa posteridade* garante a continuidade do verdadeiro Israel (Is 65.9; Rm 11.1-36).

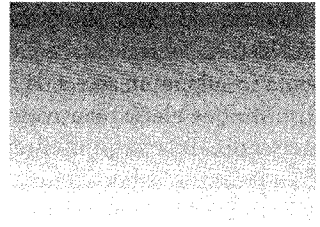
**66.23** — *Uma Festa da Lua Nova até à outra* refere-se aos abençoados — judeus e gentios —

em contraste com os rejeitados (v. 16,24). Por todo o tempo e de toda a terra, uma verdadeira adoração será oferecida a Deus.

66.24 — Os corpos mortos são os rebeldes (Is 5.25; 34.3).

*Seu verme[...] se apagará* descreve uma punição eterna (Is 48.22; 57.20). Essa ilustração é

retirada do vale de Hinom, que era o depósito de lixo de Jerusalém, onde carcaças impuras se decompunham e eram queimadas. Esse versículo é citado por Jesus em Marcos 9.44,46,48. Embora descreva a salvação vinda de Deus, o livro de Isaías encerra com uma forte declaração sobre o julgamento dos ímpios.



O livro de

---

# Jeremias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**T**alvez, apresentado de maneira mais vívida do que em qualquer outro livro da Bíblia, Jeremias revele os conflitos internos de um profeta de Deus. Em confissões, tais como as apresentadas em Jeremias 15.10-21; 20.7-18, esse profeta revela de maneira cândida os conflitos em seu íntimo com relação ao seu chamado para o ministério profético. Com certeza, a angústia dele por causa da mensagem de juízo sobre seu povo e a iminente destruição da terra algumas vezes o deixaram sobrecarregado (Jr 4.19-22).

Mesmo angustiado, Jeremias cumpriu seu ministério de proclamar o juízo de Deus contra o povo de Judá por causa da idolatria, da infidelidade em relação à aliança e da desobediência constante à vontade de Deus daquelas pessoas. Há muito tempo reconhecido como um dos grandes profetas do

Antigo Testamento, Jeremias serve até os dias atuais como exemplo de alguém que permaneceu fiel à Palavra de Deus apesar de muitas provações.

O ministério de Jeremias engloba o período crítico na história do Oriente Médio antigo. Quando Josias, rei de Judá, morreu enfrentando o exército egípcio, Judá se tornou súdito do Egito e de seu governante, o faraó Neco. O povo de Judá escolheu Acaz para suceder Josias. Entretanto, três meses mais tarde, Neco designou Jeoaquim (Eliaquim) para governar como seu vassalo em Jerusalém. Tendo perdido sua liberdade, o povo de Judá não se voltou para Deus, mas para os ídolos que haviam adorado nos dias de Manassés e de Amom. Essa idolatria foi um dos motivos para Jeremias proclamar o julgamento de Deus.

Em 605 a.C., Nabucodonosor derrotou o faraó Neco em Carquêmis, e Jeoaquim imediatamente se submeteu ao rei da Babilônia, o qual permitiu que ele se mantivesse no trono como rei vassalo. Três anos mais tarde, Jeoaquim se rebelou contra Nabucodonosor e foi deposto (2 Rs 24.1,2). Joaquim substituiu Jeoaquim no trono por um período curto, mas foi exilado na Babilônia por ordens de Nabucodonosor. Milhares de líderes políticos e religiosos foram levados para a Babilônia, com Joaquim, em 597 a.C. (2 Rs 24.14-16).

Nabucodonosor fez do irmão de Joaquim, Zedequias, o novo governante de Judá. Em 589 a.C. Zedequias liderou uma rebelião contra a Babilônia, e a retaliação de Nabucodonosor não tardou. Seu exército invadiu Judá e destruiu todos os bolsões que ainda exerciam resistência. O exército de Nabucodonosor desistiu de cercar Jerusalém quando os egípcios surgiram no sudoeste da Palestina, no verão de 588 a.C. Entretanto, pouco tempo depois, os egípcios se retiraram, e Nabucodonosor voltou a fazer o cerco. Várias vezes durante o cerco de Jerusalém, Zedequias foi até Jeremias em busca de conselhos do Senhor. O profeta o aconselhou a render-se, mas Zedequias não lhe deu ouvidos.

Os muros de Jerusalém foram rompidos no quarto mês do ano 586 a.C. Um mês mais tarde, o templo foi queimado, juntamente com os palácios, as casas e outros edifícios administrativos. Mais 4.600 líderes foram deportados para a Babilônia. Gedalias foi designado governador de Judá em Ribla. Jeremias, que havia sido aprisionado por Zedequias, foi libertado e enviado para servir às ordens de Gedalias, que foi assassinado. Com a morte deste, seus seguidores fugiram para o Egito, temendo a vingança de Nabucodonosor. Jeremias foi levado com eles, mesmo contra sua vontade, e ali continuou confrontando os judeus por causa da idolatria e da infidelidade desse povo.

A estrutura e a organização do livro de Jeremias têm deixado muitos intérpretes perplexos por gerações. Uma breve explicação das passagens, com notas históricas explícitas, prova que o material

não está ordenado de modo cronológico. Em vez disso, a organização dos oráculos, sermões em prosa e outros materiais baseiam-se no conteúdo, no público-alvo e em outras ligações. A divisão é a seguinte: (1) o chamado de Jeremias (cap. 1); (2) o julgamento de Judá em Jerusalém (cap. 2—24); (3) o ministério de Jeremias em relação às nações (cap. 25—51); e (4) um apêndice histórico que trata novamente da queda de Jerusalém (cap. 52). Esse arranjo confere equilíbrio e unidade a esse texto profético bastante extenso.

As orações de Jeremias, suas confissões, lamentos e diálogos revelam a profundidade da compreensão do profeta sobre o caráter de Deus e a natureza do relacionamento do Senhor com Seu povo. Para Jeremias, o Deus de Israel era o Deus incomparável de toda a criação, o Senhor da natureza e da história. Ele reina não apenas sobre Judá e Israel, mas sobre todas as nações (Jr 25.13).

A linha mestra que arrematou todo o conhecimento de Jeremias foi como ele compreendia a Palavra de Deus, a qual permeou a vida do profeta e também seus discursos, uma vez que o próprio Deus prometera pôr Suas palavras na mente e na boca do profeta (Jr 1.9). A partir disso, as palavras de Deus eram como um fogo inextinguível queimando na alma do profeta (Jr 20.9).

Jeremias estava perfeitamente ciente das provisões da aliança entre Deus e Israel. A aliança mantinha Israel preso a Deus por meio de um relacionamento especial de amor, fidelidade e esperança. Entretanto, essa aliança tinha dois lados: a fidelidade ao Senhor e à aliança traria bênçãos aos judeus; a desobediência destes resultaria em punição, destruição e exílio (Dt 27.14—28.68). Jeremias conclamou o povo a obedecer às leis e a afastar-se da idolatria e do tratamento injusto de uns para com os outros (Jr 11.6,7).

A mensagem de Jeremias a respeito do julgamento iminente também continha palavras de esperança: um remanescente justo de Israel seria restaurado. A terra havia sido profanada por causa da idolatria do povo. Os líderes tinham levado a nação ao desastre, e seriam exilados. Entretanto, com base em Seu amor eterno por Israel, Deus prometeu trazer um remanescente

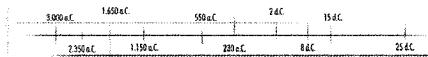
de volta do cativeiro e restaurar as bênçãos (Jr 30.18-31.6). Os inimigos de Israel seriam derrotados (Jr 30.16), e o povo cantaria jubilosamente a bondade de Deus (Jr 31.12).

Jeremias nasceu em Anatote, a pouco mais de 3 km a nordeste de Jerusalém, no território montanhoso de Benjamim, e seu pai se chamava Hilquias. O ministério de Jeremias se estendeu de

626 a 586 a.C., tornando-o contemporâneo de Sofonias, Ezequiel e Habacuque. O ministério “escrito” do profeta começou no quarto ano do reinado de Jeoaquim, em 605 a.C. (Jr 36.1, 2), embora porções do livro possam ter sido registradas antes dessa data. O livro foi completado quando Jerusalém sucumbiu ao ataque babilônico, em 586 a.C.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM JEREMIAS



- Ano 722 a.C. — Israel é conquistada pelos assírios
- Ano 640 a.C. — Josias se torna rei de Judá
- Ano 626 a.C. — Jeremias é chamado para profetizar
- Ano 612 a.C. — A Assíria é derrotada pelos babilônios e os medos
- Ano 609 a.C. — O reinado de Jeocaz tem início em Judá
- Ano 608 a.C. — O reinado de Jeoaquim tem início em Judá
- Ano 605 a.C. — O reinado de Nabucodonosor tem início na Babilônia
- Ano 598 a.C. — Joaquim se torna rei em Judá
- Ano 598 a.C. — Zedequias se torna o último rei de Judá
- Ano 586 a.C. — Jerusalém sucumbe diante dos babilônios
- Ano 585 a.C. — Jeremias é levado para o Egito



## ESBOÇO

- I. A data do ministério profético de Jeremias — 1.1-3
- II. O chamado de Jeremias — 1.4-19
- III. O processo jurídico da aliança: julgamento sobre Judá e Jerusalém — 2.1—24.10
  - A. A base do processo judicial: os pecados de Jerusalém — 2.1—3.5
  - B. Um clamor o arrependimento — 3.6—4.4
  - C. A destruição iminente de Judá e Jerusalém — 4.5—6.30
  - D. A falsa religião e seus julgamentos — 7.1—10.25
  - E. O rompimento da aliança — 11.1—12.17
  - F. O julgamento em atos simbólicos — 13.1-27
  - G. O lamento de Jeremias sobre a nação — 14.1—15.21
  - H. Jeremias ilustra o julgamento de Judá — 16.1-21
  - I. O pecado indelével de Judá e a oração imprecatória de Jeremias — 17.1-18
  - J. A santidade do Sábado — 17.19-27
  - K. A trama de Pasur e a ilustração do oleiro — 18.1—20.18
  - L. Mensagens à família real e à corte — 21.1—23.40
  - M. Um sinal de duas cestas de figos — 24.1-10
- IV. Jeremias como o profeta para as nações — 25.1—51.64
  - A. Introdução: Judá e as nações — 25.1-38
  - B. A contenda com os falsos profetas de Jerusalém — 26.1—29.32
  - C. A esperança e a restauração de Israel — 30.1—33.26
  - D. Jeremias e os últimos dias de Jerusalém — 4.1—39.18
  - E. Jeremias após a queda de Jerusalém — 40.1—45.5
  - F. Oráculos contra as nações — 46.1—51.64
  - V. Apêndice: a queda de Jerusalém — 52.1-34
  - A. Ezequias e a queda de Jerusalém — 52.1-11
  - B. A destruição do templo — 52.12-23
  - C. Cativos levados à Babilônia — 52.24-30
  - D. Joaquim libertado na Babilônia — 52.31-34

## COMENTÁRIO

1.1 — O nome *Jeremias*, provavelmente, significa o Senhor exalta ou então o Senhor estabelece.

1.2 — A palavra do SENHOR veio literalmente a Jeremias. Ele não falou com base em sua própria imaginação, como faziam os falsos profetas como Hananias (Jr 28.1,2). Jeremias falava à medida que Deus lhe revelava Suas palavras e Sua vontade. O chamado de Jeremias veio no décimo terceiro ano de Josias, que reinou 31 anos.

1.3 — O ministério de Jeremias como profeta durou desde o início do reinado de Jeoaquim (608 a.C.) até o ano undécimo de Zedequias e a queda de Jerusalém (586 a.C.). Gedalias foi designado governador sobre Judá, basicamente povoada por camponeses, depois que os babilônios, sob o comando de Nabucodonosor, haviam deportado os principais cidadãos. Jeremias continuou ministrando até ser levado contra sua vontade para o Egito, após o assassinato de Gedalias.

1.4-19 — Esses versículos explicitam o chamado de Jeremias. O registro de seu chamado divino para o ministério é um dos mais detalhados dentre todos os profetas, perdendo apenas para o de Isaías (Is 6).

1.4 — Veio a mim a palavra do SENHOR. A maneira padrão de introduzir um oráculo divino no início de um livro profético (Ez 1.3; Os 1.1; Jl 1.1; Jn 1.1; Mq 1.1; Sf 1.1; Ag 1.1; Zc 1.1). Não sabemos exatamente como a Palavra do Senhor chegava aos profetas. Talvez fosse de várias maneiras, tais como visões, sonhos, vozes audíveis, impressões visuais ou uma sensação profunda a respeito das situações. Independente de como isso se dava, os profetas tinham um senso bem forte de que a mensagem não partia deles mesmos; ao contrário, era a Palavra do Senhor.

1.5 — Jeremias estava perfeitamente ciente de que o chamado em sua vida havia sido determinado pelo Senhor mesmo antes de ele ter sido concebido. À medida que a Palavra de Deus se tornava realidade na vida de Jeremias, este compreendia que o Senhor o conhecia e o tinha chamado para proclamar uma mensagem importante em um momento crucial da história da nação. O

verbo hebraico traduzido como *conhecia* refere-se a um conhecimento íntimo que parte de um relacionamento e de um compromisso pessoal. Esse relacionamento íntimo se tornou aparente pela obra de santificação de Deus, por meio da qual Jeremias foi separado (tornado santo) para o serviço. O papel de Jeremias era ser *profeta* para a nação de Judá, bem como mensageiro de Deus para todas as nações.

1.6 — Como Moisés, que foi chamado a falar ao faraó do Egito em um momento decisivo da história de Israel, Jeremias também foi convocado a pronunciar-se diante dos reis de Judá e dos líderes da Babilônia. As dúvidas de Jeremias em relação à sua capacidade de falar perante líderes nacionais se deviam ao fato de ele achar-se uma criança. A palavra *criança* pode referir-se a diversas idades — compreendidas da infância até a adolescência. Esse termo também pode designar um servo de qualquer faixa etária.

1.7,8 — Jeremias não iria nem *falaria* sozinho ou por sua própria decisão, mas de acordo com a Palavra do Senhor e com a manifestação poderosa dela. O termo *livrar* é utilizado em Jeremias para indicar a salvação do povo de seus captores (Jr 15.20,21), a libertação dos pobres de seus opressores (Jr 20.13) e a segurança do profeta contra possíveis perigos perante os líderes da nação. *Eu sou contigo*. Por duas vezes no chamado de Jeremias (v. 19), Deus garantiu ao profeta que estaria presente para protegê-lo. Em momentos de crise pessoal, Jeremias repetiu essas palavras em oração a Deus (Jr 20.11).

1.9 — Jeremias é chamado para essa tarefa, e a essência de sua mensagem é apresentada. *Eis que ponho as minhas palavras na tua boca*. A fonte da mensagem de Jeremias era claramente o Senhor, mas a mensagem em si seria declarada por meio da personalidade, da experiência e do talento do profeta. Esse versículo nos dá uma melhor compreensão sobre a natureza “dupla” das Escrituras. A mensagem provém do Senhor; Sua expressão fica por conta de Seus servos, os profetas (Hb 1.1).

1.10 — *Ponho-te neste dia sobre as nações*. As nações eram instrumentos no propósito de Deus de revelar a si mesmo. O Senhor utilizou a Babilônia



para punir Judá, e os persas para punir a Babilônia. O fraseado nesse trecho sugere uma designação oficial de uma pessoa em posição de autoridade, como quando Nabucodonosor colocou Gedalias como governador de Judá. Com as palavras de Deus em sua boca, Jeremias tinha autoridade para se apresentar perante qualquer governante.

*Para arrancares, e para derribares [...] Para edificares e para plantares.* Julgamento e restauração eram as duas mensagens do profeta de Deus. As palavras *arrancar*, *derribar*, *destruir*, *arruinar*, *edificar* e *plantar* são repetidas em pontos-chave no livro de Jeremias a fim de reafirmarem o chamado do profeta (Jr 18.7; 24.6; 31.28; 42.10; 45.4).

**1.11,12** — Deus confirmou o chamado de Jeremias com duas visões. A primeira envolvia uma *amendoeira*, que floresce quando as outras árvores ainda estão improdutivas. A amendoeira servia como um aviso da chegada da primavera, como se “velasse” o início da estação. De modo semelhante, Deus vela por Sua Palavra e estava pronto para julgar Israel.

**1.13** — A segunda visão que Deus utilizou para confirmar o chamado de Jeremias dizia respeito a uma *panela a ferver* tombada em direção ao sul, indicando a direção na qual o conteúdo do pote seria derramado. A mensagem dessa visão deriva da atividade comum e diária da preparação de uma refeição. Também está fundamentada no fato de que a origem do ataque contra Judá e Jerusalém partiu do norte. Ocasionalmente, a direção era a oposta (por exemplo, Egito, Cuxe, tribos

árabes). A oeste, estava o grande mar; e, a leste, o grande deserto. O norte era a região de perigo. O mundo da fronteira norte era ocupado por tribos pouco conhecidas, tais como os Cítios, Cimérios e Urartu. As forças malignas de Tubal e Meseque, citados em Ezequiel (Ez 27.13; 32,26; 38.2; 38.3; 39.1), eram povos dessa região que, quando não estavam atacando vilarejos e terras produtivas no crescente fértil, serviam como tropas mercenárias. Apenas em Jeremias 20.4, este profeta identifica que o *terror vindo do norte*, que partia contra Jerusalém, era a Babilônia.

**1.14** — O *mal* sugerido por essa visão era um ataque inimigo sobre Judá e Jerusalém vindo do norte. Em Jeremias 20.4, o profeta finalmente identifica o inimigo como a Babilônia. Esse reino ficava a leste de Jerusalém, mas a estrada utilizada para ir à batalha contornava o deserto, e, portanto, o exército se aproximava a partir do norte.

**1.15** — A calamidade do norte (v. 14) envolvia o cerco de *Jerusalém* e de *todas as cidades de Judá*. O uso do pronome na primeira pessoa, em *Eu convoco*, indica que era o próprio Deus que estava em guerra com Seu povo. Não se sabe que tribo ou grupo étnico vindo do norte Jeremias tinha em mente na declaração original desse oráculo. Em última instância, a maioria dos inimigos de Israel vinha do norte. O Egito estava enfraquecido, e os povos do oeste e do sudeste não faziam grandes ameaças a Judá. No quarto ano do reinado de Jeoaquim, a óbvia identidade do *inimigo vindo do norte* era a Babilônia. Esse reino,



## EM FOCO

### EDIFICAR (HB. BANAH)

(Jr 1.10; 24.6; Gn 22.9; Is 45.13)

O verbo *edificar* na Bíblia aparece diversas vezes para descrever a construção de uma *casa nova* (Dt 20.5); de um *altar* (Dt 27.6) e da *Casa do Senhor* (1 Rs 6.1).

A expressão *edificar uma casa* também pode aludir à constituição de uma família (Rt 4.11) ou o estabelecimento de uma dinastia (Sl 89.4), e ser utilizado com o sentido de reconstruir ou restaurar algo que foi destruído ou que esteja danificado (Ne 2.17).

O chamado de Jeremias como profeta de Deus incluía a tarefa de *edificar e plantar* (Jr 1.10). Neste contexto, o termo foi usado de modo figurativo para aludir o ministério profético de restauração do povo de Deus; a reedificação espiritual de Israel como povo de Deus, após o exílio babilônico (Jr 31.4).

obviamente, ficava a leste de Judá. Todavia, a presença do deserto exigia o avanço a partir do norte.

**1.16** — Uma das principais razões de Deus lançar o julgamento sobre Judá e Jerusalém era o fato de Israel adorar *deuses estranhos*. O Senhor não é um entre muitos deuses; somente ele é o Deus de Israel (Dt 6.4). Na frase *queimaram incenso*, o verbo hebraico que significa *queimar* ou *fazer fumaça* é usado muitas vezes em Jeremias, todas elas em relação à queima de sacrifícios a outros deuses. Já o termo *encurvaram* significa fazer com que alguém se curve em honra ou a serviço de Deus ou de um ser humano. O primeiro mandamento (Êx 20.3) havia sido violado. A punição era certa.

**1.17** — *Não desanimes*. Se Jeremias ficasse aterrorizado diante dos homens que Deus lhe ordenara a confrontar, o próprio Deus levaria terror à vida do profeta.

**1.18** — A posição de Jeremias é descrita com linguagem militar, enfatizando a certeza de que Deus iria lutar por ele. O Senhor pôs Jeremias como uma *cidade forte* inexpugnável com *muros de bronze*. O sistema de defesa de Jeremias não podia ser derrubado nem acessado por meio de túneis subterrâneos fosse por indivíduos ou exércitos; *reis, príncipes, sacerdotes*. Esta lista dos vários tipos de pessoas importantes em Israel sugere que toda a nação estava contra Jeremias.

**1.19** — O povo e seus líderes iam *pelejar* contra Jeremias e sua mensagem, mas não obteriam vitória, porque o próprio Deus protegia e lutava em favor dos fiéis à aliança.

**2.1-3** — O capítulo 2 é apresentado na forma de um processo judicial, ou seja, um indiciamento apresentado por Deus contra Seu povo (Jr 2.1-3.5). Esse processo judicial geralmente continha os seguintes elementos: (1) uma descrição das bênçãos e dos benefícios do relacionamento; (2) um chamado para que as testemunhas no céu e na terra se apresentassem; (3) acusações e indiciamento contra o réu; (4) referência à inutilidade de buscar ajuda em outras fontes; e (5) uma ameaça de julgamento e a descrição da punição. Jeremias desafiou o povo de Judá a lembrar-se de

Deus. O período de *noivado* entre Deus e Israel no *deserto* foi um tempo em que Israel *andava após*, adorava, o Senhor. *Israel era santidade para o Senhor e era as primícias da sua novidade*. As *primícias*, por direito, pertenciam a Deus (Dt 26.1-11); e a *santidade* é algo requerido daquele que é separado para a glória de Deus. Nos dias de Jeremias, o povo de Judá não mais se lembrava dos dias em que seus antepassados haviam adorado e obedecido a Deus.

**2.4** — A mensagem profética é direcionada a *todas as famílias da casa de Israel*. Pode ter sido proclamada mais tarde a todas as tribos durante o reinado de Josias, quando ocorreu a reunificação entre Judá e o remanescente de Israel (2 Cr 34.6). A morte prematura de Josias em Megido, no ano 609 a.C., pôs fim a qualquer esperança de prosperidade e união.

**2.5** — *Vaidade* significa futilidade, vapor ou inutilidade. O termo hebraico traduzido como *ir após* é utilizado nos livros de Jeremias e de Deuterônimo para descrever a adoração a ídolos e outros deuses. *Tornando-se levianos*. Aqueles que servem a ídolos, que são apenas vaidade, tornam-se eles próprios inúteis.

**2.6** — Ao buscar outros deuses, o povo de Israel perdeu de vista sua identidade como povo eleito de Deus. Esqueceu-se de como Deus o libertara da opressão no Egito e lhe dera alimento, água e proteção no *deserto* durante 40 anos.

**2.7** — A mão de Deus havia retirado Israel do deserto para uma *terra fértil*, a região do Carmelo, com suas árvores frondosas e vinhedos produtivos. Israel havia desfrutado da riqueza da terra que fluía com leite e mel, mas então transformou a bela *herança* de Deus em uma *abominação*. O termo em hebraico traduzido como *herança* refere-se à posse da terra por parte de Deus, que Ele havia entregado a Israel.

**2.8** — O povo não buscava ao Senhor, e muito menos os *sacerdotes, pastores* ou *profetas*. Aqueles que deveriam ter conhecido Deus intimamente *não o conheceram* de maneira nenhuma. Os governantes *prevaricaram contra* Deus e Sua aliança. Os profetas falaram em nome de Baal, em vez de falarem em nome do Senhor.



## PERFIL

### A FÉ DE JEREMIAS

Algumas pessoas consideram Jeremias um modelo de fidelidade, enquanto outras acham que ele é um exemplo de fracasso e futilidade. Jeremias serviu como profeta de Deus durante 40 anos.

No entanto, os governantes e o povo de Judá não deram ouvidos às suas advertências. Ele foi preso, lançado em uma cisterna, e levado para o Egito contra sua vontade. Não recebeu permissão de casar-se e foi rejeitado por seus amigos, vizinhos, familiares, e pelos sacerdotes corruptos, falsos profetas e reis judeus.

Jeremias se viu sozinho em sua tarefa de chamar o povo a arrepender-se e a voltar-se para Deus. Ele advertiu seus contemporâneos muitas vezes a respeito da punição iminente. Embora muito do que Jeremias havia profetizado tenha-se cumprido durante seu ministério, o povo e os líderes continuavam a ignorá-lo.

No entanto, apesar de todas as provações e humilhações que Jeremias teve de suportar, ele permaneceu obediente e fiel a Deus. De início, ele questionou o chamado divino, mas, uma vez tendo aceitado sua missão, tornou-se um modelo de perseverança e devoção.

Após suportar várias décadas de abuso, de ameaças e de indiferença explícita, Jeremias poderia facilmente ter dado as costas ao povo e ido embora. Entretanto, ele sabia que era exatamente contra isso que Deus desejava que ele advertisse o povo. Os israelitas tinham se afastado da vontade de Deus, e Jeremias não faria o mesmo.

Alguns podem achar que o ministério de Jeremias foi um fracasso porque o povo não reagiu favoravelmente ao chamado do profeta. Mas, na verdade, a vida dele foi um sucesso, porque Jeremias permaneceu fiel a Deus. Talvez ele não tenha experimentado resultados imediatos, mas seus esforços em obedecer ao Senhor em um mundo que havia se afastado completamente de seu Criador tem inspirado várias gerações de cristãos.

**2.9** — Acusações de apostasia e idolatria são apresentadas formalmente em Jeremias 2.9-13.

**2.10,11** — As acusações são as mais terríveis já vistas no céu e na terra. Em linguagem hiperbólica, o profeta revela a surpreendente realidade do caráter do povo. A única nação cujo Deus era o Senhor estava sendo ao mesmo tempo a única nação a trocá-lo por outros deuses. O ouvinte é desafiado a buscar pelo mundo, de leste a oeste, desde as costas de *Quitim* até a região desértica de *Quedar* (Jr 49.28,29), para tentar encontrar uma ocorrência tão estranha. O desafio é apresentado como uma pergunta retórica negativa: *Howe alguma nação que trocasse os seus deuses, posto não serem deuses?* Obviamente isso não havia acontecido. Cada nação ou cidade cultuava a sua divindade principal, a quem o povo servia, ainda que outras divindades fossem acrescentadas ao panteão religioso local [e nenhum desses ídolos fosse realmente o Deus todo-poderoso, Criador dos céus e da terra]. No entanto, Israel, que conhecia o Senhor cuja *glória* era o Senhor, desistiu de sua aliança com Ele para servir a um exército de divindades pagãs [ídolos mudos que não podiam salvar].

**2.12** — No tribunal divino, os céus ficam chocados ao testemunharem uma atitude sem precedentes. Ficaram horrorizados e desiludidos. Certamente, isso seria inconcebível, mas aconteceu!

**2.13** — O povo de Deus o deixara (Jr 1.16) e servira a divindades inúteis. Deus, o manancial de águas vivas, oferecia um suprimento ilimitado de sustento. Em vez disso, o povo escolheu *cisternas rotas*, inúteis para armazenar água e também para oferecer o sustento para a vida.

**2.14** — Israel não havia sido criado para ser um servo ou um escravo nascido em casa. No entanto, a nação que Deus havia libertado do cativeiro e da opressão havia se colocado em posição de servo, escravizada pela Assíria e pelo Egito.

**2.15** — Os assírios — os filhos de leão — assolaram Israel e Judá durante várias invasões entre 734 e 701 a.C.

**2.16** — O Egito forçou Judá a se tornar uma nação vassala. Os egípcios haviam quebrado o alto da cabeça de Judá ao matar Josias. Nofa é Mênfis, a capital do baixo Egito. Tafnes ficava na porção oriental do delta do Nilo.

**2.17** — A pergunta retórica afirmativa aponta para a submissão voluntária e também forçada que Israel havia lançado sobre si mesmo como resultado de se esquecer do Senhor. Buscar soluções mundanas sempre leva consequências sérias àqueles que declaram fidelidade a Deus.

**2.18** — *Sior* significa *negro* e refere-se ao Nilo. A palavra *rio* diz respeito ao Eufrates, associado à Assíria. Tragicamente, o povo de Judá havia abandonado a fonte eterna de Deus em troca das cisternas rotas da Assíria e do Egito (v. 13).

**2.19** — *Apostasias* significa *afastamento*. Israel havia se voltado em todas as direções em busca de ajuda, exceto para a verdadeira fonte de segurança. A expressão *diz o Senhor JEová dos Exércitos* confirma a gravidade do crime e a certeza de punição prestes a recair sobre o povo de Deus.

**2.20** — Israel havia *quebrado* seu *jugo* como um animal, embora o povo houvesse prometido permanecer fiel quando entrou na terra (Js 24.24). Em vez disso, a idolatria estava prevalecendo.

*Em todo outeiro alto e debaixo de toda árvore verde.* O termo *prostituir* (ARA) é uma descrição figurativa para falar da fidelidade a Deus, e, além disso, pode se referir ao ritual de prostituição dos cultos de fertilidade cananeus e fenícios.

**2.21** — *Vide excelente* refere-se aos vinhedos do vale de Soreque, que vão de Jerusalém até o Mediterrâneo, ao longo das porções cultiváveis mais ricas do país. Judá se tornou uma vinha *estranha*, fertilizada por deuses estrangeiros (Is 5).

**2.22** — A ilustração de uma mancha que não pode ser removida representa a profundidade do pecado de Judá. Sua iniquidade estava marcada de maneira indelével.

**2.23-25** — A ilustração da *dromedária* selvagem, a fêmea no cio, e de uma *jumenta montês* em pleno desejo sexual, ilustra de maneira vívida o desejo de Israel de buscar deuses estrangeiros. Jeremias adverte a nação contra essa busca infrutífera, entretanto a reação do povo deixa claro como a idolatria pode ser viciadora e nociva.

**2.26** — A acusação de idolatria é comparada ao ato de flagrar um ladrão roubando. A menção de vários níveis de liderança, indica que toda a hierarquia de Israel havia sido afetada.

**2.27,28** — Jeremias afirma que os líderes da nação se tornaram tão corruptos, que passaram a confundir os sexos. O *pedaço de madeira* geralmente representava a divindade feminina (Astarte) e a *pedra*, a masculina. Entretanto, os israelitas chamavam a primeira de *Pai* e diziam que a segunda os dera à luz. (A confusão impera quando alguém rejeita o Senhor ao invés de buscá-lo.) O povo buscava refúgio nessas divindades falsas em períodos de desespero, mas a confusão apenas se intensificava. Buscavam ajuda em inúmeros deuses, mas não havia segurança nem libertação a não ser com o Senhor.

**2.29,30** — O termo *disputar* está relacionado com as acusações que Deus fez contra Israel no v. 9. O povo tentou pleitear seu caso, mas Jeremias repetiu a acusação do Senhor a respeito da rebelião de Israel (v. 8). Deus, o Senhor soberano, *castigou* seus *filhos* várias vezes, mas eles *devoraram* os portavozes, os *profetas*, como leões famintos.

**2.31,32** Uma noiva *virgem* dificilmente se esqueceria do cendal, que servia como sinal de seu novo *status* social. No entanto, a noiva de Deus, Israel, esqueceu-se de seu adorno matrimonial, ou seja, o próprio Deus.

**2.33** — *Às malignas ensinaste os teus caminhos.* Essa expressão indica que o povo de Judá havia-se tornado tão habilidoso em adulterar, que poderia ter ensinado às prostitutas os novos métodos de sedução.

**2.34,35** — *O sangue da alma dos inocentes e necessitados.* O sustento dos pobres era ordenado especificamente na Lei (Dt 15.7-11).

**2.36,37** — Israel seguiu em todas as direções, exceto de volta ao Senhor. Apelar para o *Egito* teria sido tão inútil quanto apelar para a *Assíria* anteriormente.

*Com as mãos sobre a tua cabeça.* Esse era um gesto para indicar tristeza e remorso — nesse caso, a respeito da busca inútil de Israel.

**3.1** — Deuteronômio 24.1-4 proíbe um homem de se casar com a esposa divorciada se ela tiver contraído outro matrimônio e se divorciado uma segunda vez. A aplicação é a de que a mulher teria sido profanada pelo segundo casamento. Após se esquecer de Deus, Israel havia tido vários

outros *amantes* — ou seja, a nação adorou muitos deuses. No entanto, o Senhor, em Sua misericórdia, ainda estendia a mão à sua noiva infiel. A expressão *torna para mim* implica em arrependimento (5.3).

**3.2** — *Aos altos*. Esse termo faz um paralelo com os outeiros altos de 2.20. Nesses locais inférteis, Israel cometia adultério físico e espiritual. Como os árabes, que eram conhecidos por fazerem emboscadas em caravanas, Israel buscou outros deuses.

**3.3,4** — *Chuvas e chuva tardia* referem-se a dois tipos de chuva que caíam em Israel durante a primavera de março até o início de abril. Essas chuvas eram muito importantes para a terra ressequida. Até mesmo a punição da seca não serviu para quebrantar a *testa de uma prostituta* de Israel. Esse termo pode se referir a uma marca feita nos escravos, ou então ao caráter de uma pessoa (Ez 3.8). Israel era como uma prostituta desavergonhada.

**3.5** — O clamor pela misericórdia de Deus não era suficiente, porque os atos do povo eram *maus*.

**3.6** — *Josias* (640-609 a.C.) sucedeu os ídólatras Manassés (697-642 a.C.) e Amom (642-640 a.C.). *A todo monte alto e debaixo de toda árvore verde* é uma repetição das palavras de 2.20 (v. 2).

**3.7** — *Volta* significa retornar a Deus com fé (5.3). Judá havia testemunhado a recusa de Israel em se arrepender.

**3.8,9** — A proibição ao *adultério* está presente nos Dez Mandamentos (Dt 5.18), o cerne da aliança. Por causa do adultério de Israel, o Senhor apresentou um *libelo de divórcio* com base em Dt 24.1-4. Como consequência, em 722 a.C., Israel foi levado cativo pela Assíria, e Samaria foi destruída. Judá observou, mas não aprendeu com o exemplo de Israel.

**3.10** — Judá fingia se arrepender em períodos de dificuldade, mas não voltou o *coração* ao Senhor (Dt 6.5; 10.16). Nesse trecho, *coração* significa a vontade, a mente e a emoção do povo.

**3.11** — Pelo fato de não ter aprendido por meio do exemplo de Israel, Judá foi considerado mais *aleivoso* do que Israel.



## EM FOCO

## GUIA (HB. 'ALLUPH)

(Jr 3.4; Pv 2.17; 16.28; Mq 7.5)

O vocábulo hebraico traduzido como *guia* em Jeremias 3.4 significa *amigo*. O apelo de Israel com base na amizade de Deus para com Seu povo não traria resultados por causa da dureza do coração daqueles indivíduos (v. 3). Em Provérbios 2.17 e Miquéias 7.5, essa palavra diz respeito a amigos humanos, em geral. No Salmo 55.13, a traição de um falso amigo é condenada.

**3.12-4.4** — Esse novo clamor ao arrependimento consiste em uma mistura de apelos, acusações e promessas: (1) clamores 3.12,13; (2) promessa 3.14-18; (3) acusação 3.19,20; (4) confissão do povo 3.21-25 e (5) recapitulação de clamores com promessa 4.1-4. A seção final também fornece uma transição para o ciclo de inimigos/nações em 4.4-6.30. Deus fez um clamor como Marido e Pai fiel da esposa infiel e dos filhos de Israel.

**3.12** — O clamor *para a banda do norte* pode indicar um chamado para que o reino do norte se arrependesse nos dias de Josias.

*Volta, ó rebelde Israel*. Se o povo se arrependesse (Jr 3.1, 7; 5.3), a ira de Deus não cairia sobre eles. A base para esse apelo é a de que Deus é *benigno*, fiel à promessa da aliança.

**3.13** — *Iniquidade* refere-se ao rompimento das ordenanças da aliança. A iniquidade do Israel rebelde é identificada como uma busca por deuses *estranhos*, a idolatria cometida por toda a terra.

**3.14** — Casar-se nesse contexto significa tornar-se senhor ou mestre. Em outras palavras, *desposar* descreve a relação de aliança entre Deus e Israel. *E vos tomarei [...] e vos levarei*. O remanescente de Israel seria unido ao de Judá no monte Sião, em Jerusalém.

**3.15** — *Pastores*. Ao longo da Bíblia, a imagem do pastor é muito importante. Deus fornece pastores para Seu povo para tomar conta, guiar, cuidar e direcionar. Desde Moisés, no Antigo Testamento, até Jesus, no Novo Testamento, o Senhor sempre levantou líderes fiéis e dedicados

segundo o Seu coração. Deus governa com *ciência* e *inteligência*, e não com falsidade e engano.

**3.16** — Deus ordenou que Seus pastores liderassem Israel por um período de bênçãos, de aumento populacional e de prosperidade material. Nesse tempo futuro, o símbolo mais sublime da presença de Deus, a *arca do concerto*, não mais seria a peça central da verdadeira religião em Israel. O próprio Deus tornar-se-ia o centro da adoração dos judeus.

**3.17** — Jerusalém, e não a arca do concerto, seria o *trono do SENHOR*, o ponto central da religião mundial. O *nome do SENHOR* em essência resume o caráter e o relacionamento de Deus com Seu povo (Êx 3; 14; 15).

**3.18** — Restauração e reunificação de Israel, desconhecidas desde os dias de Davi e Salomão, seriam realizadas pelo próprio Deus. A partir do *norte*, a direção por onde os inimigos de Israel geralmente vinham, Deus traria de volta Seu povo e os abençoaria na *terra* da promessa, sob comando do Pastor escolhido do Senhor — o Messias.

**3.19, 20** — A posse da *terra* sempre dependia da fidelidade de Israel em relação à aliança. O desejo do Senhor sempre foi o de abençoar Seu povo.

**3.21** — As confissões e orações do povo são proclamadas em meio à idolatria. O clamor deles não passava de palavras inúteis, porque se haviam esquecido de seu Deus.

**3.22** — O chamado ao arrependimento, em Jeremias, 3. 14, é reiterado em palavras semelhantes às de Oséias 14.1-4. A confissão começa reconhecendo o Senhor como Deus de acordo com o primeiro mandamento (Êx 20.2,3).

**3.23** — O termo *vão*, com o sentido de *falsidade*, aparece várias vezes em Jeremias, geralmente em relação à idolatria e a falsas profecias (Jr 5.2; 7.4, 9). As montanhas eram o centro de adoração aos ídolos e, portanto, fortalezas de falsidade. A *salvação* ou libertação verdadeiras apenas podiam ser encontradas no verdadeiro Deus de Israel.

**3.24** — *Coisa vergonhosa* (ARA) é um eufemismo para a idolatria, que havia consumido os pensamentos de Israel, seus rebanhos e campos,

e até mesmo seus filhos. A referência aos filhos lembra os sacrifícios humanos no vale do Hinom nos dias de Manassés.

**3.25** — O povo reconheceu a *vergonha* e a *confusão* que havia trazido sobre si. Ele havia *pecado contra* Deus desde os dias da *mocidade* no deserto.

**4.1** — O termo *abominações* ou *objetos detestáveis* geralmente é usado em relação à idolatria no Antigo Testamento (Jr 7.30).

*Não andarás mais vagueando* implica que Israel, arrependido, não se afastaria de sua fé em Deus.

**4.2** — *Vive o SENHOR*. Essa expressão geralmente era utilizada em juramentos. Quando proclamada pelos fiéis à aliança, era um sinal de *verdade, juízo e justiça*. Esses três termos resumem as exigências ideais da aliança. São padrões pelos quais todo o povo, desde os reis até os escravos, seria e será julgado.

*Nele se bendirão*. O resultado da justiça e da retidão de Israel teria consequências internacionais. Veja a promessa de Deus a Abraão, em Gn 12.1-3, dizendo que outras nações seriam abençoadas por intermédio de seus descendentes.

**4.3** — *Campo de lavoura* representa um solo ocioso, e não um campo preparado regularmente. Israel precisava de um novo campo no qual lançar as sementes da fidelidade, um afastamento radical do pecado e da idolatria.

**4.4** — *Circuncidai-vos*. A circuncisão era o sinal da aliança entre Israel e Deus (Gn 17.10-14). A intenção de Deus era a de que esse símbolo externo servisse como sinal de uma realidade no íntimo de total devoção a Ele (Dt 10.12-21).

*Indignação*. A advertência rigorosa de Jeremias a respeito do julgamento é apresentada como ilustração de um fogo inextinguível (Jl 2.3). Se o povo não se arrependesse da *malícia*, a destruição viria.

**4.5** — Jeremias anunciou o julgamento de Judá e de Jerusalém com o som estridente de uma *trombeta*, literalmente um *shofar* feito com chifre de carneiro. Esse era o instrumento utilizado para dar o alarme quando algum inimigo atacava a cidade.

**4.6** — *Bandeira* pode se referir a sinais de fogo que ligavam Jerusalém às fortalezas de Judá. Uma vez que o inimigo *do norte* não fora mencionado



## APLICAÇÃO

### EVANGELISMO POR MEIO DO ARREPENDIMENTO

O terceiro capítulo de Jeremias é um chamado para que a nação de Judá se afastasse dos ídolos. Nos versículos 9-13, o povo é acusado de: cometer adultério espiritual e físico; ser traiçoeiro; afastar-se de Deus; infringir os mandamentos de Deus; e desobedecer à voz do Senhor.

Entretanto, apesar desses pecados, Deus fez um convite à nação para que se reconciliasse com Ele, encontrando misericórdia e cura. O caminho de volta se daria via arrependimento e confissão dos pecados, bem como da busca do Senhor de todo o coração (Jr 3.13,22).

Em meio a esse chamado ao arrependimento, o Senhor também revelou Seus sentimentos para com as demais nações do mundo. Primeiro, Israel retornaria para Ele; então, todos os povos seriam reunidos em Seu nome, em Jerusalém (Jr 3.17). Pessoas de todo o mundo serviriam a Deus, em vez de seguirem *o propósito do seu coração maligno*.

A oferta divina de esperança e salvação ainda é válida para os habitantes deste mundo. Como antes, a principal estratégia de Deus para atrair as nações para si é manifesta por intermédio de Seu povo.

À luz da história de Judá, hoje, os cristãos devem analisar se seus pecados podem estar impedindo que outras pessoas se aproximem do Senhor. É necessário que o povo de Deus se arrependa dos erros, e experimente avivamento espiritual antes que o evangelho possa realmente impactar este mundo.

por Jeremias, o registro dessa profecia provavelmente foi realizado entre 622 e 609 a.C. Todos os inimigos de Israel, exceto o Egito, vieram do norte. Mais tarde, Jeremias identificou esse inimigo como sendo a Babilônia.

**4.7** — A destruição viria como uma terrível surpresa, como um *um leão [...] da sua ramada* lançando-se repentinamente sobre sua presa. A desolação da terra e a deportação do povo seriam o resultado.

**4.8** — *Panos de saco* era um tecido grosseiro utilizado como sinal de luto ou de tristeza (Jr 6.26).

*Ardor da ira*. A ira de Deus viria como um fogo inextinguível.

**4.9,10** — Mesmo Jeremias sentia-se sobrecarregado ao perceber o que Deus estava prestes a lançar sobre Jerusalém. Essa passagem indica a luta intensa que Jeremias enfrentou, em seu íntimo, ao proclamar a mensagem divina. Jeremias questionou a maneira de Deus lidar com o povo, afirmando que Ele havia *iludido* Seus filhos com uma mensagem de *paz*. Falsos profetas como Hananias falaram sobre um período de paz quando, na verdade, o que os aguardava era o desespero.

**4.11,12** — O *vento seco* vinha dos desertos a oeste e ao sul de Israel, trazendo calor escaldante e nuvens de areia. Os ventos divinos do julga-

mento trariam destruição a Jerusalém, a *filha* de Deus. Essa última frase é particularmente tocante; Jacó é o filho de Deus, e Jerusalém, Sua filha (Jr 4.31; 6.2).

**4.13** — Judá havia-se transformado no inimigo de Deus, e o Senhor iria valer-se dos inimigos da nação para discipliná-la. A ilustração de *nuvens* e *carros* descreve a amplitude e a velocidade do julgamento de Deus. O povo ficaria horrorizado ao ver seu destino.

**4.14** — O termo hebraico traduzido como *lavar* é usado em Levítico e em Números para descrever a purificação de vestes que haviam sido maculadas por meio de contato com objetos impuros ou doenças. A purificação do *coração* é fundamental para a salvação (Is 1.18-20).

**4.15** — *Dã*. A cidade localizada mais ao norte de Israel. Dã foi conquistada por Tiglate-Pileser III em 733 a.C. e incorporada à província assíria. A cidade continuou ocupada ao longo do período de dominação dos assírios por remanescentes do reino do norte e por estrangeiros que ali se estabeleceram.

*Efraim* ficava na região mais ao sul do reino de Israel. A mensagem é clara: assim como Israel havia sido subjugado, Judá também estava em perigo.

4.16,17 — Jeremias, o profeta para as *nações*, anunciou o ataque de inimigos estrangeiros que lançariam seus clamores de batalha contra Judá.

4.18 — A retribuição pela *iniquidade* que havia sido cometida é a maneira justa de Deus lidar com Seu povo. O mal e a amargura alcançam o *coração* — literalmente, a parte mais profunda de um indivíduo. O coração de Judá precisava ser purificado e transformado. Assim também deve acontecer com todas as pessoas. Judá não está sozinho aqui; ele é apenas o principal exemplo do Senhor.

4.19-22 — As confissões de Jeremias registradas nesses versículos refletem seu profundo conflito interno. Elas servem para mostrá-lo em luta com a realidade do pecado e da necessidade de Deus julgar o povo, contrastada com sua identificação em relação a seus conterrâneos em Israel e Judá. Afinal de contas, Jeremias era parte da nação; o que Deus estava prestes a lançar sobre Judá e Jerusalém afetaria Jeremias, seu povo e nações aliadas.

4.19,20 — *Alma* nesse trecho significa *entradas* ou *ventre*, uma referência aos órgãos internos. No Oriente Médio antigo, as vísceras eram consideradas a fonte das emoções e dos sentimentos. O tema descreve a angústia no íntimo de Jeremias por causa da iminente destruição de Jerusalém. O verbo *ruge* descreve o *gemido* no *coração* do profeta ao ouvir o som das trombetas anunciando a destruição de Judá (Jr 4.5). A *destruição* de Judá estendeu-se por toda a terra, chegando até a cidade onde Jeremias morava, aumentando ainda mais suas dificuldades.

4.21 — *Até quando?* Muitas vezes, o profeta clamava perguntando *até quando?* (Sl 13.1, 2). *Até quando* Deus iria adiar o julgamento? Jeremias se pergunta até quando teria de suportar a angústia ao ouvir o clamor da batalha. Neste e em outros incidentes semelhantes, percebemos o profundo sentimento de Jeremias. Os profetas de Israel não registravam palavras de julgamento destituídos de qualquer sentimento. As mensagens primeiramente os afetavam; somente depois disso eram capazes de transmitir as declarações sobre o futuro da nação de maneira adequada.

4.22 — O termo *louco* descreve o caráter do povo. Os termos *nescios* e *louco* são contrários a *conhecimento* e *inteligência*. Deus descreve Seu povo como crianças insolentes. Eles eram *sábios* em relação aos caminhos do *mal*, mas totalmente ignorantes no que dizia respeito ao *bem fazer*.

4.23-28 — Jeremias compara a situação em Judá com o inverso da criação de Deus. O pecado havia transformado a terra em um local desolado, como um mar sem terra, um mundo sem luz e um deserto sem animais.

4.23 — *Assolada e vazia*. Essa expressão hebraica é a mesma utilizada em Gn 1.2 para descrever o caos existente antes de a ordem ser estabelecida no cosmos.

*Não tinham a sua luz*. O profeta falou a respeito das trevas como sendo parte do julgamento de Deus sobre o mundo. Aqui, a falta de luz descreve os efeitos desastrosos do pecado sobre a criação, principalmente sobre a terra de Judá.



## EM FOCO

### LAMENTAR (HB. 'ABAL)

(Jr 4.28; 12.4; Jó 14.22)

Esse verbo é um entre vários outros verbos hebraicos relacionados aos rituais de luto e lamentação no mundo antigo. A lamentação geralmente envolvia a aparência do indivíduo. A pessoa de luto frequentemente utilizava roupas de pano de saco e colocava cinzas sobre a cabeça, como símbolo de sua tristeza (Jr 6.26). Às vezes, ela até raspava a cabeça (Am 8.10).

Na Bíblia, esse verbo hebraico também é traduzido como *gemer* (Lm 2.8). Também é usado de modo figurativo para objetos que, na verdade, não podem lamentar-se.

Nesse trecho, Jeremias (4.8) fez uso do verbo para descrever toda a terra se lamentando por causa da violação da aliança divina. O povo de Deus havia negligenciado suas obrigações no acordo feito com Deus.



4.24,25 — Símbolos de estabilidade e de força podem ser abalados como por um terremoto. As *aves* iriam desaparecer assim como Oséias havia proclamado (Os 4.3). Em Gênesis 1, a criação das aves do céu descreve o cumprimento do processo criativo. Em Jeremias e Oséias, o desaparecimento dos pássaros simboliza a destuição da criação.

4.26 — O termo *fértil* refere-se à região do monte Carmelo, onde havia vinhedos, oliveiras e carvalhos. O termo é utilizado de modo figurativo para simbolizar a produtividade da terra como um *jardim de Deus*. Entretanto essa também seria transformada em deserto, ou seja, uma terra improdutiva e desolada.

4.27 — *Assolada* diz respeito à devastação de Judá como resultado de sua infidelidade. Entretanto, a terra não seria totalmente destruída. Ainda havia um resquício de esperança. Deus se lembra de Sua misericórdia em meio à ira.

4.28 — Os céus *enegrecidos* fazem uma ligação das trevas com o julgamento de Deus. O verbo *arrependi* faz um paralelo com *nem me desviarei disso*. O julgamento de Deus sobre o pecado e a rebelião não pode ser evitado (Nm 23.19).

4.29 — A destruição por parte de exércitos estrangeiros é concentrada nas cidades, onde estavam os focos de insurgência e de atividade econômica. As cidades seriam abandonadas pois o povo fugiria, com medo.

4.30 — Em vez de se voltar ao Senhor em seu período de desespero, Judá retorna às práticas idólatras que haviam causado aquela situação desastrosa. *Adornar* a si mesmo com *carmesim*, *ouro*, e *pintura em volta dos olhos* representa o ato de sedução de uma prostituta em relação a seus clientes. O termo em hebraico traduzido como *amantes* descreve a história de Israel e de Judá em seu envolvimento com a prostituição física e espiritual.

4.31 — Deus chama ao arrependimento; a *voz* do povo clamava em angústia e desespero, mas não ao Senhor, seu Salvador.

*Filha de Sião*. Esse termo é uma maneira carinhosa de descrever Jerusalém como a filha amada de Deus (Jr 4.11; 6.2). O uso desse termo

em um contexto tão terrível serve para destacar a condição deplorável em que os israelitas se encontravam.

*Estende as mãos*. Essa expressão ilustra a agonia da morte iminente de Jerusalém.

*Minha alma desmaia* sugere palavras de um moribundo em agonia e desespero. Os amantes de Judá haviam-se transformado em seus *assassinos*.

5.1-9 — Esses versículos trazem uma descrição da iniquidade. A profundidade da iniquidade de Jerusalém fez com que ela estivesse pronta para receber o julgamento de Deus. A desintegração da vida social, moral e ética da cidade é a justificativa para a destruição que a espera.

5.1 — Semelhante ao pedido de Abrão para que Sodoma fosse poupada por causa dos poucos fiéis que havia entre seus habitantes (Gn 18.16-33), Jeremias também conclamou o povo a procurar, na cidade de Jerusalém, pessoas justas e retas.

*Que pratique a justiça* descreve uma pessoa que fazia o que era correto perante Deus e os homens.

5.2 — Utilizada várias vezes pelos profetas nos dias de Jeremias para introduzir os oráculos divinos ou por pessoas em juramentos (Jr 4.2), a expressão *Vive o SENHOR* invoca o nome de Deus e Seu caráter.

*Falsamente*. Esse termo é bastante utilizado em Jeremias (3.23; 7.9) e resume o colapso do relacionamento entre Deus e Israel. Em vez de jurar com justiça, verdade e retidão, o povo jurava falsamente.

5.3 — Deus sempre procura a *verdade* (Jr 5. 1) e a fidelidade. Quando a verdade não pode ser encontrada em Judá, Deus pune o povo de Jerusalém por meio de uma invasão estrangeira. Entretanto, em vez de reagir com remorso e arrependimento, o povo se rebelou.

O termo hebraico traduzido como *correção* significa *castigo* ou *disciplina*. Às vezes pode significar *instrução*. Os profetas geralmente se referem à tentativa de Deus de ensinar Seus filhos a serem fiéis por meio da disciplina ou do castigo (Jr 7.28). Entretanto, apesar das palavras de Jeremias e de outros profetas, Israel se recusou a aceitar a correção divina e continuou no caminho da autodestruição.

A afirmação de que *endureceram as suas faces mais do que uma rocha* enfatiza a atitude rebelde do povo.

5.4 — Aqui, o termo *pobres* é apresentado em paralelo com a palavra *loucos*, um termo pouco comum, utilizado por Isaías (19.13) para dizer que a nação havia sido enganada. Portanto *pobres* refere-se àqueles que carecem do conhecimento de Deus e se mostram insensíveis à Sua instrução, desprezando Sua vontade.

5.5,6 — A grandiosidade é alcançada não por riqueza e poder, mas por conhecimento de Deus e obediência a Ele. O verbo *sabem* refere-se a um conhecimento íntimo e pragmático. Aqui, o conhecimento diz respeito ao *caminho do SENHOR* — um caminho caracterizado pela verdade, a justiça e a retidão. Jeremias descreve Judá como um boi que *quebrou o jugo*, vagando sem rumo pelos campos, guiado por seu próprio desejo. Por terem quebrado o jugo, estão entregues aos elementos e aos animais selvagens da floresta e do deserto. Os animais simbolizam as nações estrangeiras que fariam um cerco na cidade. As causas da devastação são as muitas *transgressões*, significando *rebeliões*, e as *apostasias*, ou *desvios*, de Judá.

5.7 — A mensagem continua sendo transmitida aos líderes de Judá (Jr 5.5). A palavra *perdoaria* indica o perdão que não pode ser concedido se não há arrependimento.

*Não são deuses*. O uso dessa expressão, presente também em Jeremias 2.11 e 16.20, é equivalente à uma declaração de nulidade a respeito das divindades estrangeiras que Judá adorava. As palavras *teus filhos* referem-se aos filhos dos líderes, que são filhos dos homens, e não de Deus.

*Eu ter fartado* significa que Deus satisfizera todas as necessidades do povo.

*Adulteraram [...] casa de meretrizes*. Esse trecho refere-se ao adultério físico, embora a fonte dessa conduta sexual imoral possa ter sido a presença de prostitutas culturais pagãs. Os profetas geralmente chamavam a prostituição cultural de adultério.

5.8 — No contexto das reformas de Josias, os homens podem-ter se afastado das prostitutas

culturais, as quais o rei havia expulsado, e passado a procurar prostitutas comuns. Insatisfeitos com os bordéis, procuraram então as esposas uns dos outros. Como *cavalos bem fartos*, sua lascívia era incontrolável.

5.9 — O termo hebraico traduzido como *castigar* significa literalmente *visitar*, e pode ser usado para ilustrar a visitação de Deus por meio de Sua misericórdia (Sl 65.9) ou Sua ira. Nesse trecho, claramente o significado é a ira.

5.10,11 — Um adversário não identificado é chamado pelo Senhor para atacar Jerusalém, mas não para destruí-la totalmente.

As *gavinhas* (ARA). Os membros infiéis e degenerados seriam podados por não pertencerem a Deus.

5.12 — O povo *negava* o Senhor, dizendo que Ele não estava prestes a trazer uma terrível derrota. Eles enganaram-se, convencendo-se de que Deus não iria punir Seu próprio povo e esquecendo-se dos efeitos negativos da desobediência à aliança (Dt 27; 28).

5.13 — Falsos *profetas* como Hananias (Jr 28.11) haviam predito um período de paz e libertação do domínio e da destruição dos inimigos. Entretanto, a *palavra* deles era como o vento. A própria *espada* (Jr 5.12) que eles negavam iria selar seu destino.

5.14 — O *Deus dos Exércitos*. Essa expressão lembra o ouvinte de que o verdadeiro Deus de Israel controla todas as forças no céu e na terra. *Tal palavra* se refere à proclamação de Jeremias, que declarava as palavras do Senhor com a intensidade de um *fogo* ardente.

5.15 — O *profeta* verdadeiro Jeremias anuncia a chegada iminente de uma *nação robusta* a partir de terras distantes que iria realizar o propósito divino. A nação não é mencionada, indicando que esse oráculo foi declarado antes do advento da Babilônia sob o governo de Nabopolassar e Nabucodonosor. A única informação é a de que o inimigo usava um idioma desconhecido ao povo de Jerusalém.

5.16 — *Aljava [...] sepultura aberta*. Os arqueiros inimigos eram mortais, suas flechas traziam a morte certa ao seus adversários.

5.17 — A palavra *comerão* é utilizada várias vezes nesse versículo para transmitir uma imagem do inimigo consumindo campos, rebanhos e fortificações.

5.18 — Em meio a uma profecia de julgamento, Jeremias inclui uma palavra de esperança. A expressão *naqueles dias* indica o julgamento de Deus que cairia sobre Seu povo. Deus não iria destruí-lo, mas faria com que sofresse terrivelmente. Um dos temas notáveis da Bíblia é a doutrina do *remanescente*, a parte do povo que Deus preservava. Apenas o remanescente do povo após a devastação de Jerusalém por parte dos babilônios, em 586 a.C., retornaria 70 anos mais tarde. Entretanto, foi predito que haveria um remanescente para retornar (Jr 46.28).

5.19 — Em resumo, Jeremias repete duas expressões-chave, descrevendo os pecados de Judá e de Israel: *deixastes* (abandono) e *deuses estranhos* (idolatria; veja Jr 1.16; 2.13). Como Judá persistiu em adorar os deuses das terras estrangeiras, Deus permitiu que o povo fosse deportado para servir a seus inimigos.

5.20-31 — Esses versículos apresentam descrições complementares e uma reiteração dos pecados de Judá. O povo era negligente, rebelde contra Deus e abusava de seus semelhantes.

5.20 — *Casa de Jacó*. Mesmo após a queda do reino do norte, o profeta continuou falando de Israel. Não ocorreu uma destruição completa das tribos do norte como normalmente se supõe.

5.21 — *Louco*. Esse termo enfatiza a ignorância do povo a respeito dos caminhos de Deus. A expressão paralela *sem entendimento* (ARA) demonstra sua condição mental. Os olhos cegos e os ouvidos surdos de Judá foram um cumprimento da profecia de Isaías, declarada mais de um século antes (Is 6.10).

5.22,23 — *Temer* a Deus é reconhecer Sua majestade e se submeter à Sua vontade. A pergunta retórica negativa destaca a recusa de Judá em se submeter a Deus. Em vez disso, curvava-se aos muitos deuses estrangeiros totalmente impotentes. Deus controla o mar, o reino dos deuses cananeus mitológicos (Is 27.1). Israel temia o mar, por isso contratava os fenícios (adoradores

de Leviatã) para conduzir seus navios (1 Rs 10.22). Os israelitas eram ignorantes sobre o poder que seu próprio Deus exercia sobre o mar (Sl 93).

5.24,25 — *O temor ao SENHOR* é associado aqui com a criação do mundo natural. *Nosso Deus*. Esse título indica a intimidade da aliança entre o Senhor e Seu povo, o que infelizmente estava faltando no *coração* e na mente dos israelitas.

*Que dá chuva*. No culto de fertilidade dos cananeus, Baal era tido como aquele que enviava chuvas para enriquecer o solo e garantir a produtividade (1Rs 17.1). A vitória de Elias contra Baal e Aserá no monte Carmelo demonstrou que o Deus de Israel era o verdadeiro provedor (1Rs 18).

*Temporã*. As primeiras chuvas chegavam no outono, de setembro a outubro. As chuvas *tardias*, na primavera, que durava até março ou abril. Pelo fato de não haver chuva nos meses de verão na Palestina, a água era um bem precioso.

*Semanas*. O termo hebraico implícito também é o nome de um festival de peregrinação comemorado sete semanas após a Páscoa. A Festa das Semanas (conhecida também como Tabernáculos e Trigo Novo) servia como um período para que o povo celebrasse as ricas bênçãos de Deus por meio da colheita. No ritual da Páscoa, feixes de cevada eram balançados perante o Senhor.

Na Festa das Semanas, os feixes de trigo recém-colhidos eram apresentados perante o Senhor como sinal de Sua misericórdia com as plantações. Infelizmente, os ímpios não reconheciam o Senhor; haviam-se enamorado dos deuses dos assírios e dos moabitas (tais como Baal e Aserá). O Deus vivo das Escrituras não pode ser um entre vários; somente Ele é Deus (Dt 6.4).

5.26-29 — *Ímpios*. Os responsáveis por garantir o bem-estar de toda a população tinham abusado de sua posição, explorando os menos afortunados da sociedade israelita. A ilustração fala de *pássaros*, ou dos pobres, sendo engaiolados por homens *engrandecidos* que acumulavam riquezas à custa dos órfãos e dos *necessitados* (Dt 10.18).

5.30,31 — Jeremias descreve a depravação moral dos líderes de Judá como uma *coisa espantosa e horrenda*. A deterioração da liderança

alcançou até os *profetas* e *sacerdotes*, que deveriam dar exemplo de justiça. Os profetas foram encarregados de proclamar a verdade, a justiça, a retidão e a vontade de Deus. Os sacerdotes eram os mestres da lei, bem como os supervisores dos sacrifícios. Ambos haviam sucumbido à tentação do abuso de poder, rejeitando a responsabilidade como mensageiros e servos do Senhor.

**6.1-8** — Esses versículos anunciam o desastre iminente. O profeta soa o alarme sobre o cerco do inimigo que vinha do norte e descreve o deslocamento das tropas. O julgamento inevitável estava diante deles, e apenas um vestígio de esperança permanecia para o cancelamento da total aniquilação do povo de Deus.

**6.1** — O alarme do cerco foi tocado nas cidades ao redor de Jerusalém. Jeremias advertiu sua tribo de *Benjamim*, no norte, a abandonar a cidade em busca de um território mais seguro. Ao sul, em *Tecoa*, a *buzina* foi soada; a oeste, na região de *Bete-Haquerém*, foram feitos sinais de fogo. As ofensivas de Senaqueribe, em 701 a.C., e de Nabucodonosor, em 586 a.C., trouxeram ataques do norte e do sul. A origem do *mal* é o norte, a direção pela qual a maioria dos inimigos de Israel se aproximava de Jerusalém.

**6.2,3** — Jerusalém é comparada a uma mulher *formosa e delicada*, a bela filha de *Sião* (Jr 4.11, 13), contra quem os exércitos (*pastores*) viriam para lançar um cerco contra muralhas e campos.

**6.4,5** — *Preparar* ou *santificar* diz respeito ao ritual de santificação realizado em preparação para a batalha. Essas palavras são ouvidas nos acampamentos dos inimigos, que estavam prestes a sair contra Jerusalém. Magos e adivinhos foram chamados para realizar sacrifícios, determinar a vontade dos deuses e garantir o sucesso na batalha.

**6.6** — Essa terminologia implica que o próprio Deus combatia contra Jerusalém. Embora os inimigos estivessem convocando suas supostas divindades em busca de ajuda no cerco contra Jerusalém, era o Senhor que lutaria por eles e garantiria a derrota da cidade.

*Cortai árvores e levantai tranqueiras*. No cerco, os inimigos acumulavam madeira, pedras e areia

criando uma rampa em direção ao muro da cidade. As máquinas de guerra podiam subir essa rampa e atacar a fortificação. O motivo do ataque era a *opressão* dentro da cidade. Os líderes estavam abusando de seu poder, principalmente contra os pobres, as viúvas e os órfãos (Dt 14.29).

**6.7** — Jerusalém havia-se tornado como um poço de água poluída e amarga, em vez de *águas* frescas e puras.

*Violência e estrago* caracterizavam a cidade que uma vez transbordara com paz, justiça e retidão.

*Enfermidade e feridas* descrevem a doença e o sofrimento que, continuamente, assolaria os habitantes. Os horrores do cerco a Jerusalém por parte dos babilônios entre 588 e 586 a.C. era indescritível (Livro de Lamentações).

**6.8** — *Corrigir* também pode significar *disciplinar* ou *castigar*. Jerusalém foi aconselhada a dar ouvidos à disciplina do Senhor ou teria de enfrentar a desolação iminente como resultado de seu afastamento de Deus.

**6.9** — Aqueles que cultivavam uvas em Israel antigo era obrigados por lei a permitir que os pobres *respigassem* os vinhedos. O processo consistia em caminhar pelo terreno após a colheita principal para recolher os últimos cachos que os apanhadores deixassem para trás. Neemias usou essa metáfora como uma imagem poderosa sobre o que os babilônios fariam com o *remanescente* de Israel. O exército de Nabucodonosor não apenas conquistaria a cidade — a colheita principal —, mas também voltaria atrás dos sobreviventes para *respigar* o restante. Todas as pessoas dentre os *remanescentes* de Israel iriam experimentar o julgamento de Deus. *Torna a tua mão*. Jeremias tinha de repetir sua proclamação para que todos tivessem ciência do que ele havia falado.

**6.10-15** — Esse trecho fala sobre a falsa esperança de um povo infiel, apresentada na forma de um diálogo entre Deus e Jeremias.

**6.10** — Pelo fato de os ouvidos estarem *incircuncisos*, significando que as pessoas não estavam dedicando a vida ao Senhor, os cidadãos de Jerusalém eram incapazes de guardar a aliança. Além disso, sua rebeldia estava arraigada de tal forma que a *palavra do SENHOR* se tornou uma desgraça

para eles. A revelação da vontade divina não trazia mais satisfação.

**6.11** — As próprias emoções de Jeremias demonstram sua identificação com o sentimento de Deus a respeito de Judá. O profeta estava ao mesmo tempo irado e *cansado* em relação ao povo, desde os mais jovens até os mais velhos. O julgamento de Deus, bem como suas bênçãos, não levavam em consideração idade ou sexo, classe ou posição social. Os ímpios são contados juntos; os justos são considerados como um só grupo. A terra se submete à cruz do Salvador, ou no campo de batalha, diante do Guerreiro Divino vingador (Ap 19).

**6.12** — Toda a *terra* e o que ela continha seria dada a outros pelo poder da *mão* de Deus. A mão de Deus havia salvado o povo; agora traria o julgamento.

**6.13** — A acusação de *avareza* sugere ganho monetário por meio de engano e fraude. Até mesmo aqueles que haviam sido chamados para guiar a nação no relacionamento da aliança haviam defraudado a Deus e o povo.

**6.14** — Os líderes religiosos procuraram consolar o povo com mensagens de esperança e *paz*; entretanto, estas não eram palavras de Deus. *Paz* descreve a plenitude da vida, segurança, tranquilidade no coração e na mente, resultado de viver pela fé, de acordo com a Palavra de Deus.

**6.15** — *Tampouco sabem que coisa é envergonhar-se*. O povo havia perdido a noção do que era correto perante Deus.

*Cairão*. Todos experimentariam o rigoroso julgamento de Deus.

**6.16-21** — Este oráculo de julgamento é estruturado da seguinte maneira: (1) dois indiciamentos (Jr 6.16, 17); (2) as testemunhas das nações da terra (Jr 6.18, 19); (3) o anúncio do julgamento (Jr 6.19a); (4) a reiteração da causa (Jr 6.19b); (5) uma terceira acusação (Jr 6.20); e (6) o julgamento final (Jr 6.21).

**6.16,17** — A expressão *Veredas antigas* provavelmente refere-se à aliança no Sinai e ao livro de Deuteronômio, enquanto Jeremias conclama o povo a retornar aos dias em que eram dedicados a Deus. O povo obstinadamente se recusou a

*andar* em justiça e *achar descanso*. Também se recusou a *ficar atento à voz da buzina*, negando a existência de qualquer perigo.

**6.18,19** — As *nações* e a *terra* são chamadas para testemunhar contra o caráter rebelde de Judá (Is 1.2; Mq 1.2). *Minhas palavras [...] minha lei*. O povo, para quem foram criadas e a quem foram entregues, rejeitou a revelação de Deus por intermédio de Moisés e dos profetas.

**6.20** — Mesmo que o povo trouxesse as ofertas mais caras disponíveis no mercado daquele dia, seus sacrifícios não seriam *aceitáveis* nem *suaves*. Os *holocaustos* eram as ofertas queimadas, em que o animal inteiro era consumido no fogo. Os *sacrifícios* eram aqueles parcialmente consumidos pelos que o ofereciam. O povo realizava os sacrifícios de maneira incorreta, fazendo a si mesmos os principais beneficiários de sua adoração.

**6.21** — Todo o povo irá colher o julgamento.

**6.22-26** — Esse é o sexto oráculo que descreve o inimigo vindo do norte (Jr 1.13; 4.5, 15; 5.10; 6.1); cada um é apresentado com intensidade crescente. O inimigo é cruel e sem misericórdia, trazendo angústia e tristeza sobre o povo de Judá e de Jerusalém.

**6.22** — O *povo do norte* continua sem ser identificado. Sabe-se apenas que vem *das bandas da terra*. Com base nessa expressão, alguns identificaram esse inimigo como sendo os citas, uma tribo nômade da região da atual Ucrânia. Os citas foram uma força poderosa nos sétimo e sexto séculos a.C., à medida que a assíria entrava em declínio e os medos ganhavam destaque.

**6.23** — Esse inimigo era habilidoso na guerra com *arco, lança e cavalos*, atacando com tremenda crueldade. O *pathos* divino se destaca nesse versículo. Deus ama Seus filhos espirituais, embora sejam visivelmente desobedientes.

**6.24,25** — *Angústia* ou desespero sobrecarregavam o povo. Suas *dores* são comparadas ao trabalho de parto. O povo estava aprisionado em sua própria cidade.

**6.26** — *Filha do meu povo* pode ser traduzido como *ó Filha, meu povo* (Jr 4.11, 31; 6.2, 23). Jeremias usa um termo carinhoso para Jerusalém mesmo em meio à advertência do julgamento

iminente. A mais temida perda para uma família israelita da Antiguidade era a de um *filho único*.

*Cilício* representa um pano escuro e grosso feito de pelo de camelo ou de cabra (Jr 4.8).

*Reverter na cinza* simbolicamente expressa tristeza e desespero.

**6.27** — O Senhor descreve o papel de Jeremias. O profeta agiria como *acrisolador* (ARA) da nação, aquele que testa ou avalia a qualidade ou a pureza de metais.

*Fortaleza*. Uma tradução alternativa desse termo pode ser *testador* ou *avaliador*, que se enquadra melhor no contexto como sinônimo de *acrisolador*.

**6.28** — Jeremias faz sua avaliação sobre o povo. *Rebeldes* fala das atitudes desafiadoras.

*Calúnias* (ARA) refere-se aos que contavam mentiras. *Andam corruptamente* diz respeito aos que destroem.

**6.29,30** — Jeremias avalia Judá como um fundidor purifica a *prata*, utilizando o *chumbo* para retirar impurezas (Jr 9.7). O chumbo é consumido; portanto, a escória no minério de prata não pode ser purificada e o fundidor descarta o material. Ele está tão contaminado, que o processo de purificação não vale o trabalho. De maneira semelhante, Deus rejeita os ímpios que não podem ser purificados.

**7.1-15** — Essa passagem (chamada de *Sermão do templo*) marca o advento de uma série de quatro oráculos em prosa que tratam da religião falsa, desde o culto no templo em Jerusalém até a adoração abominável de divindades estrangeiras. O Sermão do templo vai de encontro à ideia popular dos dias de Jeremias de que Jerusalém e o templo do Senhor eram invioláveis. Chamamos isso atualmente de *a heresia do culto no templo*. A atividade de sacrifícios se desenvolvia, e o ofício dos profetas estava em plena ascensão. O povo supunha que a atividade religiosa constante garantiria a santidade e a segurança de Jerusalém e de seu centro de adoração. Entretanto, o ritual era isento de devoção genuína, à medida que as exigências éticas da aliança eram negligenciadas. A data dessa proclamação geralmente é estimada como 609 a.C., no início do reinado de Jeoaquim

(a passagem paralela em 26.1-24). Esse trecho é estruturado da seguinte maneira: (1) introdução e apresentação (Jr 7.1,2); (2) chamado ao arrependimento (Jr 7.3, 4); (3) determinações (Jr 7.5-7); (4) acusação (Jr 7.8-11); e (5) advertência sobre a desobediência (Jr 7.12-15). Com a morte do rei Josias, Jeremias reconheceu que as reformas religiosas iniciadas por aquele rei temente a Deus haviam-se encerrado. O povo retornou à idolatria.

**7.1,2** — A *palavra que foi dita a Jeremias* era uma mensagem direta de Deus no pátio do templo.

*Põe-te à porta*. O trecho paralelo em 26.2 sugere que a proclamação se deu no pátio externo, onde Jeremias podia dirigir-se a um grande número de pessoas. *Adorardes* sugere o ato de se curvar em serviço e obediência a um deus, a um rei ou a um sacerdote. Ao se curvar, o adorador declarava obediência às exigências daquele que estava recebendo a honra (Jr 22.9).

**7.3** — *Emendai* (ARA). Nesse trecho, o chamado ao arrependimento utiliza um tema diferente (Jr 26.13) do usual traduzido como *tornar a* (Jr 3.1). Uma transformação completa dos *caminhos* e das *obras* do povo, além de seu estilo de vida e suas crenças, era necessária.

**7.4** — *Não vos fieis* transmite a ideia de segurança e confiança que o povo tinha em seu santo lugar. Eles acreditavam que, como Deus havia escolhido Jerusalém como sua habitação, havia prometido que um rei da linhagem de Davi permaneceria no trono para sempre e havia libertado a cidade dos ataques nos dias de Ezequias e de Isaías, Ele nunca permitiria que a cidade ou o templo fossem destruídos. *Palavras falsas* pode se referir à confiança infundada no templo como um símbolo idólatra ou na adoração de deuses estrangeiros. O *templo do SENHOR* havia-se tornado um amuleto para os israelitas. Eles acreditavam que o edifício garantiria sua segurança, independentemente de obedecerem às determinações da aliança. Essa esperança era mentirosa (Jr 3.23; 7.9; 8.8).

**7.5, 6** — A única esperança verdadeira para a habitação no contexto do templo era uma reestruturação radical da sociedade israelita.

*Se deveras emendardes* (ARA), ou seja, *corrigir* ou *fazer o bem*, enfatiza a necessidade de transformação dos habitantes de Jerusalém.

*Se deveras fizerdes juízo*. Essa expressão enfática indica a profundidade da corrupção que existia na terra; não havia justiça.

*Estrangeiro* diz respeito aos habitantes não judeus que ocupavam a terra. O *órfão* e a *viúva* deveriam receber tratamento especial de acordo com a Lei, mas estavam sendo abusados pelos líderes de Jerusalém.

*Sangue inocente* diz respeito às pessoas condenadas por crimes capitais com base em acusações falsas, tais como o profeta Urias (Jr 26.23). A preocupação humanitária em relação a todos era um conceito central da aliança.

*Andar após outros deuses* significa servir-lhes e adorá-los.

7.7 — *Eu vos farei habitar*. Essa expressão enfatiza a vontade real de Deus para estabelecer a nação de Israel na terra. Para que o povo pudesse habitar na terra, teria de ser fiel a Deus (Dt 7.6-11).

7.8 — O refrão do versículo 4 é complementado aqui pela expressão *para nada são proveitosas* (2.8, 11). A ideia de que o templo era inviolável era tão inútil quanto os deuses impotentes que Israel idolatrava.

7.9 — As determinações da aliança que os habitantes de Jerusalém haviam violado são listadas aqui (Êx 20.1-17). *Queimareis incenso*. Jeremias usa essa expressão muitas vezes no contexto da adoração a outros deuses que não o Senhor (Jr 1.16). *Conhecer* refere-se a um relacionamento íntimo, com propósito semelhante ao de marido e mulher.

7.10 — *E vos poreis diante* significa *colocar-se em submissão ao serviço de alguém*. O ato de o povo entrar no templo de Deus dessa maneira enquanto adorava outros deuses era inconcebível. Além disso, o fato de achar que estava seguro (*livre*) o suficiente para realizar *abominações* (Jr 2.7) era o cúmulo da hipocrisia. Paulo elabora sobre esse conceito em Rm 6.12-16.

7.11 — *Caverna de salteadores*. Como assaltantes escondidos em uma caverna em busca de

segurança, Judá tentou se esconder por trás do santuário do templo para se proteger do julgamento divino. Entretanto, o Senhor havia *visto* a hipocrisia de Israel. Jesus citou esse versículo quando purificou o segundo templo (Mt 21.13).

7.12 — *Siló* era o local da tenda da congregação e da arca do concerto nos dias dos juízes. Líderes na família de Eli haviam abusado de sua posição como sacerdotes em busca de ganho pessoal, e a idolatria estava se espalhando pela terra. Quando os israelitas tentaram utilizar a arca como um amuleto de vitória, ela foi capturada (1Sm 4) e o santuário foi destruído pelos filisteus. Esses foram instrumentos do castigo divino por causa da *maldade do povo* de Deus. O amor do Senhor por Seu povo não o impedia de castigá-lo por sua iniquidade.

7.13 — *Todas estas obras* são os pecados listados nos versículos 6, 8 e 9 de Jeremias.

7.14,15 — A antiga habitação de Deus, *Siló*, seria como exemplo da destruição iminente de Jerusalém. O templo tinha de ser destruído para vingar o nome do Senhor; o povo tinha de ser exilado para limpar a terra da iniquidade.

7.16-20 — Esses versículos detalham a idolatria a *Istar* (Aserá, a deusa assíria do amor, da fertilidade e da guerra). A condenação das práticas culturais decadentes de Judá continuam com um oráculo de julgamento apresentado como uma mensagem do Senhor a Jeremias.

7.16 — A instrução de Deus a Jeremias, *não ores por este povo*, indica a profunda depravação dos habitantes de Jerusalém (Jr 11.14; 14.11). Nenhum tipo de *clamor* deveria ser feito em favor de Judá. Deus *não ouviria* os apelos de Jeremias.

7.17,18 — *Rainha dos Céus* refere-se a Istar, que era cultuada em centros de adoração a céu aberto ao longo de toda a região oriental do Mediterrâneo e da Mesopotâmia. A adoração a Istar envolvia a preparação de *bolos* especiais que traziam a imagem da deusa, bem como *libações* (Jr 44.19). A cooperação familiar na adoração idólatra a Istar estava em oposição direta às exigências da lei de que um pai deveria instruir seus filhos dos caminhos do Senhor (Dt 6.4-9).

**7.19** — *Provocam*, significando *vexar* ou *irritar*, descreve os efeitos da contínua infidelidade de Israel. Além disso, o povo estava trazendo danos sobre si mesmo.

**7.20** — O julgamento de Deus contra a idolatria abominável a Istar é descrito em termos de um fogo que não se *apagaria*. A devastação do fogo alcançaria *homens, animais, campo e frutos*.

**7.21-27** — Os salmistas e os profetas eram unânimes ao declarar que Deus exigia obediência em vez de sacrifício (Sl 40.6-8; 51.16, 17; Os 6.6; Am 5.21-24; Mq 6.6-8). O sacrifício nunca poderia promover a comunhão com Deus se a pessoa não tivesse um coração arrependido e dedicado ao Senhor. Em contrapartida, o sacrifício (realizado corretamente) era totalmente necessário de acordo com os padrões de adoração que o Senhor havia estabelecido (Lc 1-7).

**7.21** — *Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios*. Pelo fato de o povo ter se esquecido do verdadeiro significado da adoração ao Senhor, poderia multiplicar seus sacrifícios o quanto desejasse, pois não iria adiantar. Deus não se importava com sacrifícios. Para Ele, era apenas *carne*.

**7.22** — Nem todos os *sacrifícios* foram rejeitados, apenas aqueles oferecidos sem o verdadeiro arrependimento e o compromisso de obedecer ao Senhor.

**7.23** — Deus exigia que Seu povo *desse ouvidos* à Sua voz. *Para que vos vá bem*. A obediência traria a bênção. Quando os profetas se pronunciaram contra os sacrifícios, não era contra o sistema que Deus havia estabelecido, mas contra a corrupção do sistema da maneira como o povo estava praticando. A mesma ênfase está presente em passagens do Novo Testamento que aparentemente falam contra a Lei. Tanto os autores do Novo Testamento como os profetas hebreus denunciavam os abusos contra os padrões divinos.

**7.24** — A história de Israel é vista à luz da desobediência em vez da fidelidade à aliança, refletindo o *coração malvado* do povo (Jr 4.14). O resultado era uma piora, como andar *para trás*, em vez de uma melhora, ou caminhar *adiante*.

**7.25** — Desde os dias de Moisés, Deus enviou Seus *profetas* para chamar a nação de Israel à obediência fundamentada na aliança.

*Todos os dias madrugando e enviando-os* indica a persistência e a urgência da mensagem de Deus por intermédio de Seus profetas.

**7.26,27** — *Inclinar os ouvidos* sugere disposição em ouvir e prontidão em obedecer.

*Endureceram a sua cerviz* indica desprezo em relação à vontade e à obra de Deus. Jeremias, como Isaías antes dele (Is 6.9,10), foi informado de que o povo não reagiria favoravelmente à sua mensagem.



## APLICAÇÃO

### EM QUE DIREÇÃO VOCÊ ESTÁ SEGUINDO?

A fé não é um evento sensacional que ocorre apenas uma vez na vida, e tampouco um estado de perfeição moral e espiritual que apenas alguns "super crentes" alcançam. A fé é uma jornada dinâmica, durante toda a vida, que todos os cristãos experimentam. A cada instante, estamos aproximando-nos de Deus ou afastando-nos dele.

As pessoas na época de Jeremias estavam prestes a receber o castigo divino, porque se afastaram do Senhor. Elas *andaram para trás e não para diante* (Jr 7.24). Em vez de terem um relacionamento cada vez mais profundo com Deus, baseado em obediência, seguiram seus próprios caminhos e o *propósito do seu coração malvado* (Jr 7.23,24).

Que isso não aconteça conosco! Para progredirmos em nossa jornada de fé, temos de aproximar-nos continuamente de Deus da melhor maneira que pudermos. Às vezes, iremos tropeçar, mas sempre devemos voltar-nos para Deus, e nunca nos afastar dele.

Paulo descreveu essa dinâmica em sua experiência espiritual, quando disse *uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus* (Fp 3.13,14).



7.28 — O povo era teimoso, e rejeitava as leis da aliança. Era persistente em desobedecer à voz do SENHOR revelada por intermédio dos profetas. *Correção* refere-se à instrução da lei e dos profetas (Jr 5.3). *Verdade* diz respeito à fidelidade característica de Deus; porém, ausente entre Seu povo.

7.29-34 — Esse oráculo de julgamento dá continuidade ao tema da idolatria e é apresentado em forma de lamento, tendo a seguinte estrutura: (1) lamento introdutório (Jr 7.29); (2) acusação (Jr 7.30, 31) e (3) anúncio do julgamento (Jr 7.32-34).

7.29 — *Cortar o cabelo* era uma maneira de expressar luto e tristeza. O ato também pode simbolizar o fato de que Judá rejeitou o relacionamento da aliança, como se tivesse rompido um voto de nazireu, um sinal de devoção pessoal em que a pessoa deixava o cabelo crescer (Nm 6.1-21).

*Altos desnudos* (ARA). O local de *pranto* é o mesmo onde Judá realizava suas práticas idólatras (Jr 3.2). O Senhor havia *rejeitado* aquela geração, assim como o povo havia rejeitado a Lei (Jr 6.19) e havia sido rejeitado por seus *amantes* (Jr 4.30).

7.30,31 — O *mal* dessa geração, que vinha desde os dias de Manassés, incluía a colocação de *abominações* ou *objetos detestáveis* como ídolos e altares pagãos no templo de Deus. Os sacrifícios de *Tofete*, inspirados em práticas fenícias e cananeias, envolviam o sacrifício de crianças em períodos de crise ou desastre nacional.

*Queimarem [...] suas filhas*. Isso acontecia no vale de Hinom, na porção sudeste de Jerusalém. *Nunca ordenei*. Em sua total confusão a respeito da vontade de Deus, o povo talvez achasse que poderia evitar a dominação estrangeira, a fome e o desastre sacrificando seus filhos. *Nem me subiu ao coração*. Essa ideia terrível era totalmente estranha à mente e à vontade do Deus vivo.

7.32 — *Eis que vêm dias*. Essa expressão indica uma intervenção divina na história, geralmente em julgamento. Com a expressão *vale da Matança* Jeremias usa o recurso profético de mudar um nome para expressar a avaliação de Deus a respeito do vale de Hinom.

7.33 — *Cadáveres* deixados a céu aberto à mercê das intempéries e dos animais eram considerados uma terrível profanação no Oriente Médio antigo.

7.34 — As orações não serviriam de nada a Judá por causa de seu grande pecado. A nação estaria destituída de alegria e de *folguedo*. A terra tornar-se-ia em *desolação*. A palavra *desolação* é utilizada de maneira extensiva por Isaías, Jeremias e Ezequiel para se referir à devastação de Jerusalém.

8.1-3 — No dia em que o julgamento de Jerusalém se cumprisse por meio das mãos de seus inimigos, os ossos do povo e de seus líderes seriam profanados, sendo removidos do túmulo.

*Sol, lua, e todo o exército do céu*. Os deuses e deusas a quem Jerusalém intercedia em busca de libertação ficariam de pé sobre os corpos profanados do povo, que são ilustrados nesse trecho como *esterco* (Jr 9.22). Os que sobrevivessem ao cerco e ao ataque e fossem exilados e feitos escravos iriam preferir a *morte*.

8.4-17 — Em vista da contínua desobediência do povo, todos são tolos por preservar uma falsa esperança de paz. Essa confiança infundada é confrontada com uma série de perguntas retóricas e absurdas, conhecidas como discurso de disputa.

8.4,5 — As perguntas nesses versículos enfatizam o absurdo do estilo de vida de Judá. Em vez de corrigir suas atitudes errôneas, o povo se envolvia em *apostasia contínua*, afundando-se cada vez mais no pecado e no desespero. *Retém*. Em uma atitude desafiadora, o povo se apegava ainda mais a uma vida de *engano* ou *traição*.

8.6 — Não havia pessoas justas nem arrependidas na cidade de Jerusalém. Em vez de se afastarem do pecado, cada habitante ia em busca *da sua maldade*, um estilo de vida que levava à destruição. Judá é comparada a um *cavalo* correndo impulsivamente para a batalha.

8.7 — Jeremias faz um contraste entre os cidadãos de Jerusalém e as aves *no céu* que compreendem a aproximação das estações e dos *tempos determinados*. As aves seguem seus instintos migratórios; porém, os filhos de Israel se recusavam a seguir o estímulo de Deus para que obedecessem

à aliança. Note que o Senhor continua chamando Judá de *meu povo* apesar de a rebeldia continuar. *Não conhece*. Como Oséias, seu colega de ofício no reino do norte (Os 4.6), Jeremias identifica que a principal deficiência do povo era sua falta de conhecimento a respeito do Senhor e de Seu *juízo*.

**8.8,9** — Jeremias enfrentava escribas e *sábios* fraudulentos cuja compreensão da lei o profeta declarava ser *em vão*. *Falsa pena* descreve a idolatria e a descrença dos líderes de Jerusalém. A sabedoria dos escribas e sábios era loucura e vergonha, pois não estava fundamentada em um conhecimento verdadeiro da Palavra e da lei de Deus.

**8.10-12** — O povo havia interpretado a lei de maneira equivocada, acreditando que alcançaria *paz* e prosperidade. Todos estavam tremendamente enganados (Jr 6.12-15).

**8.13** — Não se pode encontrar frutos entre vinhedos e árvores desolados que foram consumidos pelo julgamento de Deus. Em Sua ira, o Senhor retirou o sustento que havia fornecido antes.

**8.14** — *Juntai-vos, e entremos*. Os habitantes de Judá se reuniram na fortaleza e atrás dos muros de Jerusalém procurando proteção contra a invasão de um exército.

*Deus nos fez calar* também pode ser traduzido como *morrer*. O povo acreditava que o Senhor estava julgando com *água* amarga e envenenada, por meio da qual todos certamente morreriam.

**8.15** — A busca por *paz* e *cura* era inútil e repleta de *terror* ou *desespero*. O julgamento de Deus traz terror ao coração e à mente daqueles que permanecem no pecado e na rebeldia.

**8.16,17** — *Dã* se localizava na fronteira norte de Israel. Em 1.14, 15, Jeremias adverte que o terror viria do norte. O *resfolegar* dos cavalos do inimigo teriam o som da fúria da invasão iminente.

*Seus cavalos*. Os cavalos do inimigo eram instrumentos do julgamento divino.

**8.18-9.1** — Após uma série de oráculos de julgamento, Jeremias se sente sobrecarregado por estar preocupado com a situação do povo de Deus. O lamento do profeta serve como um eco da voz, mas não do sentimento no coração dos habitantes de Judá. A estrutura do lamento é a seguinte: (1) introdução (Jr 8.18, 19a); (2) acusação (Jr 8.9b); (3) julgamento (Jr 8.20-22); e (4) repetição do lamento (Jr 8. 9.1). O tema dominante nesse trecho é o da cura.

**8.18** — A falta de esperança de Judá era tão pesada para Jeremias, que seu *coração* desfalecia. A palavra *desfalecer* descreve um mal-estar ou doença resultante de grande *tristeza*.

**8.19** — *Clamor* refere-se à tremenda tristeza resultante da rejeição de Deus ou da opressão dos estrangeiros (Sl 18.6).

*Terra mui remota* provavelmente se refere aos arredores da terra de Judá.

*Não está o SENHOR em Sião? Não está nela o seu Rei?* Essas perguntas retóricas esperam receber uma resposta afirmativa. Deus, o Rei, não havia abandonado Seu povo; eram os israelitas que haviam rejeitado o Deus vivo em busca de outros deuses.

*Provocaram* descreve de maneira vívida as atitudes desafiadoras do povo em relação à adoração pura a Deus.



## EM FOCO

### FALSA (HB. SHEQER)

(Jr 8.8; 23.25; Pv 6.17; 31.30)

Esse vocábulo se refere a todas as ações que têm por objetivo enganar outras pessoas, usando a fraude, a mentira, a traição e a infidelidade. Às vezes, é traduzida como *palavras falsas* (Jr 7.4), [algo] *vão* (Jr 3.23) ou *enganoso* (Pv 31.30).

Uma das principais tarefas de Jeremias como profeta era pronunciar-se contra as artimanhas dos falsos profetas que proferiam mentiras (Jr 23.9-40). Estes diziam que Judá seria poupada do sofrimento quando, na verdade, Deus estava entregando a nação aos babilônios como castigo (Jr 23.17-19). As mentiras desses profetas fizeram com que o povo se tornasse inimigo da verdade e da Palavra de Deus (Sl 119.20,30).

*Imagens de escultura* geralmente se referem a ídolos de pedra. O povo estava buscando libertação em imagens inúteis que não podiam se mover. Escavações em Jerusalém revelaram inúmeras imagens e ídolos domésticos datando do período em que Jeremias viveu.

**8.20,21** — *Sega e verão* representam as duas fases sucessivas da temporada de colheita. A colheita dos grãos durava de abril a junho; e dos frutos, mais tarde. Se a primeira colheita fosse malsucedida, o povo ainda tinha esperança de se recuperar na segunda. Se ambas não tivessem bom êxito, a fome era inevitável. Para Judá, a temporada de colheita havia terminado e não havia produtos estocados para o inverno que se aproximava. Portanto, *não estamos salvos*. Esse provérbio reflete a sensação de impotência no início do outono. A *sega* foi pobre e a opressão persistia. Até mesmo Jeremias estava profundamente *quebrantado* — essa é a tradução de um vocábulo hebraico derivado do verbo *quebrar* ou *despedaçar*. Em outras palavras, o espírito do profeta estava atribulado ao ver o futuro de seu povo.

**8.22** — *Porventura, não há unguento em Gileade?* A região de Gileade era famosa por seu unguento de bálsamo (Gn 37.25). Não existe cura, física ou espiritual, para um povo que insiste em se rebelar contra Deus.

**9.1** — *Meus olhos, em uma fonte de lágrimas*. Jeremias, conhecido como o profeta dos lamentos, identificava-se pessoalmente com o sofrimento de seu povo. Neste ponto, ele expressa o desejo de que suas lágrimas fluíssem ininterruptamente.

**9.2-11** — Essa seção apresenta o julgamento paralelamente ao lamento anterior. Jeremias estava constantemente dividido entre o remorso e a ira, a tristeza e a raiva ao ver a destruição iminente do povo de Deus. O tema dessa passagem é o *engano*, que caracterizava as relações interpessoais entre o povo de Judá. Essa seção provavelmente foi registrada no início do reinado de Joaquim, por volta de 609 a.C.

**9.2,3** — Jeremias desejava ter um refúgio no deserto onde pudesse ficar livre da agonia, da tristeza, da amargura e da degradação de Jerusalém. A palavra *adúlteros* refere-se literalmente a

maridos e esposas infiéis, mas, aqui, está ligada aos ídólatras, os infiéis espirituais.

**9.4** — *Guardai-vos cada um do seu amigo e de irmão nenhum vos fieis*. Os negócios pessoais do povo eram caracterizados por engano, calúnia e desconfiança. Os padrões éticos haviam sucumbido. *Enganar*, que significa defraudar, é a base do nome *Jacó*. Assim como Jacó enganou seu irmão — Esaú —, o povo de Judá defraudou seus semelhantes (Gn 27).

**9.5,6** — *Andam-se cansando em obrar perversamente*. O povo havia literalmente se desgastado com perversões. *Engano* nesse trecho é o mesmo termo utilizado a respeito do ato de Jacó contra Esaú (Gn 27.35). O termo se refere a ludibriar por meio de um discurso falso ou de balanças adulteradas.

*Recusam conhecer-me*. A essência do problema de Judá era sua falta de conhecimento de Deus.

**9.7** — Jeremias torna a mencionar a ilustração da fundição (Jr 6.28-30). Deus iria *fundir e provar* o povo por meio do fogo, a fim de se ver se alguém era fiel a Ele.

**9.8,9** — Jeremias cita novamente a imagem do arco e da *flecha* para ilustrar o engano de Judá (Jr 9.3). A ilustração fala de uma pessoa que conversa *de paz com o seu companheiro* enquanto *arma-lhe ciladas*.

**9.10,11** — *Pelos montes levantarei choro e pranto*. Toda a terra seria assolada pela destruição. Os animais iriam abandonar o território, uma vez que nem sequer uma migalha de alimento permaneceria para as *aves* e os *animais*. A cidade santa de Jerusalém iria tornar-se *morada de chacais* (ARA), onde nenhum ser humano viveria. Os chacais são criaturas do deserto que vivem muito distante de toda pessoa. Para que Jerusalém se tornasse um lar de chacais, o povo de Deus não mais estaria habitando ali.

**9.12-16** — A explicação para o julgamento e o lamento resumidos em Jeremias 9.2-11 é apresentada em forma de prosa, em três partes: (1) introdução (Jr 9.12); (2) acusação (Jr 9.13, 14); e (3) anúncio do julgamento (Jr 9.15, 16).

**9.12** — *O homem sábio* observa e compreende a ordem natural e as obras de Deus no mundo que

ele criou. Nenhum sábio seria encontrado entre os habitantes de Judá e Jerusalém.

**9.13,14** — A infidelidade do povo em relação à aliança que havia deixado é indicada pela expressão *não deram ouvidos [...] nem andaram*. A palavra *obedecer*, a qual deriva de um termo em hebraico que significa *ouvir*, implica em uma resposta ativa após ouvir a Palavra de Deus. Em vez de caminhar de acordo com a lei de Deus, o povo agia segundo o propósito ou a teimosia de seu coração.

**9.15,16** — *Água de fel*, termo utilizado em Jeremias 8.14 para descrever o julgamento de Deus, refere-se a algum tipo de bebida envenenada ou salgada. *Espalharei entre nações [...] mandarei a espada*. O povo de Judá seria exilado de sua terra prometida e até mesmo executado enquanto fugia, porque rejeitou Deus.

**9.17** — As carpideiras eram mulheres contratadas para participarem de funerais e expressarem a tristeza dos que sofriam. Jeremias chamou mulheres para cantar lamentos quando Josias morreu (2 Cr 35.25). Aqui, são chamadas para lamentar o colapso de Jerusalém.

**9.18** — *E se apressem*. A urgência em convocar as carpideiras para liderar o povo em um lamento por causa da destruição iminente de Judá.

**9.19** — *Arruinados*. Esse verbo, que significa *devastar*, é usado frequentemente em Jeremias para se referir à devastação iminente de Jerusalém.

**9.20-22** — *Ensinai o pranto a vossas filhas*. O desastre iminente de Jerusalém era tão grande, que o número de mortos seria grande de tal maneira que multidões de carpideiras treinadas seriam necessárias.

A morte *subiu* como Mote, um deus cananeu, que supostamente entrava nas casas por uma janela aberta para trazer adversidade, destruição e morte.

*Crianças [...] jovens [...] homens*. A morte clama suas vítimas sem respitar sexo ou idade. Os cadáveres permaneceriam *como esterco sobre a face do campo* (Jr 8.2), ou como *gaveta* deixada nos campos para se decompor.

**9.23,24** — *O sábio [...] o forte [...] o rico*. O povo com quem Jeremias contendia confiava em sua própria capacidade em vez de se apoiar em Deus.

*Gloriar* também pode ser traduzido como *gloriar-se*, que significa *elogiar-se*. A ideia é a de que o povo deveria encontrar seu verdadeiro significado e dignidade no fato de conhecer Deus e poder celebrar os atributos divinos. O verdadeiro conhecimento do Senhor é decorrente de um relacionamento íntimo com Ele, e é revelado por meio do caráter de uma pessoa. Três atributos de Deus que Ele exige de Seu povo são: *beneficência*, que significa amor leal; *juízo*, que quer dizer julgamento e justiça, retidão.

**9.25,26** — Deus iria punir ou visitar Judá, juntamente com o incircunciso, ou seja, com as nações vizinhas. A circuncisão, o sinal da aliança de Deus com Abraão, não tinha significado se o coração da pessoa não fosse dedicado a Deus. Aqui, Judá é citado apenas como mais outra nação. Na verdade, nem sequer figura no topo da lista. O objetivo desse texto é semelhante ao conceito da inviolabilidade do templo (Jr 7). Assim como Deus destruiria até mesmo o templo (Jr 7.12-14), também ignoraria a circuncisão, quando ela se tornasse apenas um símbolo externo (Dt 10.12-22).

**10.1-25** — Esse texto apresenta duas seções principais: (1) o absurdo da idolatria (Jr 10.1-16) e (2) a punição por meio do exílio (Jr 10.17-25).

**10.1-16** — Nessa sátira poética, o profeta confronta a falsidade extrema, o absurdo e a futilidade da idolatria. Existem alguns paralelos entre essa passagem e a de Isaias 40.18-20, 44.9-20 e 46.5-7. A estrutura dessa seção é a seguinte: (1) introdução (Jr 10.1, 2a); (2) os deuses impotentes (Jr 10.2b-5); (3) o Senhor incomparável (Jr 10.6, 7); (4) a inutilidade dos falsos deuses (Jr 10.8, 9); (5) o Deus vivo (Jr 10.10); (6) os falsos deuses precíves (Jr 10.11); (7) o Senhor, o Criador (Jr 10.12, 13); (8) julgamento sobre os artesãos de falsos deuses (Jr 10.14, 15); e (9) o Senhor, o Deus de Israel (Jr 10.16). Os quatro ciclos polêmicos servem para fazer um contraste entre o Senhor Deus e os ídolos estrangeiros de acordo com vários atributos de uma divindade. A idolatria era vista como uma rejeição da identidade essencial de Israel. Jeremias 10.12-16 aparece novamente em Jeremias 51.15-19, no oráculo contra a Babilônia, a cidade de numerosos ídolos.



## APLICAÇÃO

### PECADO É PECADO

Jeremias comunicou uma mensagem bastante séria, tanto ao povo de seus dias como a nós. Ele lembrou que Deus se levanta contra qualquer tipo de pecado. Seu julgamento por causa do pecado recai sobre todos os indivíduos de todas as nações, sem exceção (Jr 9.25,26). Não importa se alguém é judeu (*circunciso*) ou gentio (*incircunciso*). Ninguém estará isento. Ninguém terá privilégios especiais. Como disse Paulo: *Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça* (Rm 1.18). Todos pecaram e estão debaixo do juízo divino (3.10-18,23).

Jeremias não deixou brechas para barganhas. Ele afirmou que Deus ia punir o Egito, Judá, Edom, Amom, Moabe e todas as outras nações, mesmo aquelas que estavam nos confins da terra. Isso incluiu todos os povos que existiram e incluí os que ainda surgirão. Aparentemente, o Senhor não via diferença entre os pecados de Judá e os do Egito, ou entre os pecados de culturas antigas e os do mundo moderno. Pecado é pecado. Não existe pecadinho e pecadão. Os pecados de uma pessoa são tão malignos como os de outra.

Essas são as más notícias que fazem com que a mensagem da obra de Cristo na cruz sejam notícias maravilhosas. Entretanto, até mesmo as más notícias demonstram que Deus é correto tanto em Seu julgamento como em Sua misericórdia e graça (Rm 3.29,30). Ele advertiu a respeito do juízo que recairia sobre todas as pessoas, mas também ofereceu vida a todos. Ninguém pode esconder-se dos olhos do Senhor, que tudo veem. Entretanto, ninguém precisa ser privado da salvação, a menos que rejeite a provisão de Deus para a humanidade: Jesus Cristo.

**10.1,2** — *O caminho das nações* era o ato de adorar fenômenos naturais por meio de ídolos feitos à mão e de imagens simbólicas. Os *sinais dos céus* eram as divindades astrais (Jr 8.1-3) adoradas nos dias de Manassés e reinstituídas após a morte de Josias e o colapso das reformas trazidas por este rei.

*Atemorizam*. O reino celeste trazia determinação de terror às nações, mas Israel deveria adorar o Deus que tinha o reino celeste sob seu controle.

**10.3,4** — *Costumes* refere-se à prática de esculpir ou forjar divindades para a adoração.

*Vaidade*, que significa literalmente *vapor* ou *inútil*, descreve a total inutilidade da adoração a ídolos. O processo de confecção de ídolos começa com a derrubada de uma árvore para a retirada da madeira, que o *artífice* entalhava. Então, a madeira era coberta com ornamentos de *prata e ouro* para que tivesse qualidade. *Pregos* eram utilizados para proporcionar estabilidade, a fim de que a imagem *não se movesse*. Entretanto, nem sempre os ídolos eram estáveis. Por exemplo, a estátua de Dagom, o deus da colheita, tombou várias vezes perante a arca do concerto no templo filisteu em Asdode (1 Sm 5.3, 4).

**10.5** — Os ídolos, *como um espantalho* (ARA), eram surdos e imóveis; precisavam de pessoas que

cuidassem deles e os levassem de um local a outro. *Não tens receio deles*. Não há motivo para temer — e muito menos adorar — objetos totalmente impotentes, incapazes de fazer *mal* ou *bem*.

**10.6,7** — *Ninguém há semelhante a ti, ó SENHOR*. Essa expressão demonstra um dos maiores ensinamentos dos profetas: a doutrina do Deus incomparável. Deus não é apenas *melhor* do que outros deuses; somente Ele é o Deus vivo. Ele é *grande [...] em força*, e não impotente ou imóvel como os ídolos fabricados pelas nações. Além disso, a resposta para a pergunta retórica apresentada no versículo 7 de Jeremias 10 é a de que todos devem *temê-lo*. Os ídolos não fazem nenhuma pessoa ter medo deles.

*Rei das nações*. Esse título nos lembra que não há poder em todo o universo que possa se comparar ao do Deus vivo. Um rei justo é um governante *sábio*, e ninguém se compara à compreensão de Deus sobre a natureza e a história.

**10.8** — *Embruteceram* pode significar *bruto*, *estúpido* ou *sem receptividade*. A ideia aqui é a de que a instrução recebida por parte dos idólatras é inútil como os próprios ídolos.

**10.9,10** — *A prata* vinha de Târsis, que alguns teólogos identificam com Tartessus, ao sul da Espanha. Os ídolos de madeira e de metal eram

enfeitados com tecidos *azul celeste e púrpura*, cujo tingimento provavelmente havia-se originado com os fenícios. No entanto, até mesmo os artesãos mais habilidosos ou sábios não eram capazes de forjar deuses verdadeiros, porque existe apenas *um Deus vivo e Rei eterno*. Os ídolos fabricados eram deuses falsos, sem vida, que se deterioravam, e não eram mais poderosos nem mais sábios do que aqueles que os fabricavam.

**10.11** — Esse versículo foi escrito originalmente em aramaico, e não em hebraico, a linguagem usual do Antigo Testamento. Entretanto, não se sabe o motivo para essa mudança de idioma. (Isso também acontece nos livros de Esdras e Daniel.) A mensagem, porém, é bastante clara: os *deuses* impotentes seriam destruídos.

**10.12,13** — Jeremias enfatiza poder criador de Deus, utilizando a ilustração de Jó 38 e do Salmo 8. Por meio do *poder*, da *sabedoria* e da *inteligência* ou *compreensão* de Deus, a *terra* e os *céus* foram trazidos à existência. Pela ordem de sua *voz*, durante a criação (Gn 1.1-2.4), as *águas*, os *relâmpagos* e o *vento* foram convocados. Jeremias fez com que o povo de Judá se lembrasse de que Deus criara não apenas o universo, mas também que governa tudo o que ocorre nele.

**10.14,15** — O verdadeiro *conhecimento* encontra-se apenas no relacionamento com Deus. *Fundidor*. Os artesãos que utilizavam prata e ouro para forjar as imagens eram *envergonhados* pela obra de suas mãos. Os objetos sem vida e inúteis que eles forjavam demonstravam que seus esforços eram  *vaidade*.

**10.16** — *Porção de Jacó*. O Senhor é a porção de Seu povo, suficiente para satisfazer todas as necessidades dele. *Sua herança*. Israel pertencia a Deus; Deus bastava para suprir Seu povo.

**10.17-25** — Essa seção completa a coleção de oráculos abordando o problema da falsa religião, que faz um contraste entre a sabedoria e a compreensão do povo e a de Deus. Essa passagem vai de julgamento (Jr 10.17, 18), para lamento (Jr 10.19, 20), julgamento (Jr 10.21, 22) e, por fim, uma oração (Jr 10.23-25).

**10.17,18** — *Ajunta [...] a tua mercadoria*. Os relevos em pedra assírios de Salmaneser III retra-

tam cativos transportando ídolos domésticos sobre a cabeça enquanto seguiam para o exílio na porção oriental do império. Em pouco tempo, esse seria o destino do povo de Judá.

**10.19** — *Ai de mim*. Jeremias se identifica pessoalmente com Judá e com a destruição de Jerusalém. *Meu quebrantamento [...] minha chaga*. As feridas lançadas sobre Judá eram severas; o texto em hebraico sugere *feridas incuráveis*.

*Enfermidade*. Juntamente com as palavras *quebrantamento* e *chaga*, o termo *enfermidade* completa essa ilustração em três partes a respeito dos danos lançados sobre Judá. A escrita em trios é uma técnica literária do idioma hebraico para simbolizar plenitude.

**10.20** — Como beduíno cuja tenda foi destruída por bandidos, Judá permanecia *destruída* enquanto seus *filhos* eram assassinados ou deportados. Ninguém permaneceu para *estender a tenda* e restabelecer a nação.

**10.21** — No livro de Jeremias, *pastores* geralmente são os líderes da nação a quem Deus entregou a responsabilidade de preservar a justiça. Os líderes de Judá haviam-se tornado *embrutecidos*, perplexos, por causa do castigo que Deus levou sobre eles. Pelo fato de os líderes não terem *buscado ao SENHOR* de todo o coração, não iriam *prosperar* com o crescimento de seus *gados*. Em vez disso, os pastores perderiam os animais. O povo seria *espalhado* como ovelhas.

**10.22** — O avanço de um inimigo vindo do norte é anunciado (Jr 1.14, 15; 8.16). Os exércitos desse oponente destruiriam as cidades de *Judá*, reduzindo-as a uma *morada de chacais* (Jr 9.11 ARA).

**10.23** — O tema sobre o conhecimento limitado dos seres humanos a respeito dos caminhos de Deus é retomado. Aquele que *dirigir os seus passos* irá colher a inutilidade de seus esforços.

**10.24** — O verbo em hebraico traduzido como *castigar*, que significa *disciplinar* ou *instruir*, tem como objetivo a conformidade com a vontade e a Palavra de Deus. Jeremias pediu ao Senhor que lidasse com a nação segundo Sua justiça, mas que contivesse Sua *ira*.

**10.25** — A passagem encerra com uma oração a Deus pedindo julgamento sobre os que

destruíram Judá. Embora as nações gentias não fossem herdeiras da aliança de Deus, seriam julgadas de acordo com os padrões éticos do Senhor.

**11.1-17** — Essa seção evidencia o conhecimento de Jeremias sobre o concerto descrito em Deuteronômio e as determinações a respeito de bênçãos e maldições. Um concerto é um tratado legal ou um relacionamento entre indivíduos, entre nações, ou — como no caso de Israel — entre uma nação e seu Deus. O concerto determinava direitos, obrigações e responsabilidades das partes que realizavam o acordo. A estrutura da passagem é a seguinte: (1) exortação à obediência (Jr 11.1-7); (2) desobediência de Judá (Jr 11.8-10); (3) julgamento de Judá (Jr 11.11-14); e (4) rejeição da amada do Senhor (Jr 11.15-17). Provavelmente, essa passagem foi registrada nos primeiros anos do reinado de Jeoaquim, por volta de 609—605 a.C., quando o povo deixou de obedecer à aliança mosaica.

**11.1,2** — A mensagem de Jeremias, vinda do Senhor, nesse trecho está fortemente associada ao livro de Deuteronômio. O termo traduzido como *palavras* é o nome hebraico do livro de Deuteronômio; também é utilizado para se referir aos termos do concerto.

**11.3** — *Maldito* sugere os aspectos negativos da aliança resumidos em Dt 27.26 (Dt 27 e 28 na íntegra).

**11.4** — *Fornalha de ferro*. Essa terminologia é retirada diretamente de Dt 4.20, apresentado em um contexto de uma advertência contra a adoração a ídolos. *Fazei conforme*. A obediência é a chave para as bênçãos (Dt 27.10; 28.1-14).

**11.5,6** — *Para que confirme o juramento*. A bênção da terra, como prometida a Abraão, dependia da lealdade à aliança por parte do povo. As palavras *Judá* e *Jerusalém* representam uma maneira padronizada de se referir a toda a nação de Israel.

*Ouvi* [...] e *cumpri-as*. Esses termos demonstram a reação correta em relação à Lei de Deus.

**11.7,8** — A forma enfática da expressão em hebraico *deveras protestei* destaca o histórico sobre os clamores contínuos e urgentes da parte de Deus — *madrugando* — para que sua nação lhe

fosse fiel, desde o êxodo até o presente. A mensagem tem sido a mesma desde o início.

*Obedecer*. *Dai ouvidos* também significa *obedecer*. O termo hebraico traduzido como *propósito* significa *teimosia* ou *obstinação*.

**11.9,10** — *Conjuração* é uma trama com intenção vil. *Tornaram*. O povo voltara aos caminhos de seus primeiros pais, que se haviam rebelado contra Deus e a aliança. *Andar após* significa *servir* ou *adorar*. Os reinos do norte e do sul tinham praticado a idolatria e violado o primeiro dos Dez Mandamentos.

**11.11** — Pelo fato de o coração da nação ser maligno, Deus iria trazer mal sobre o povo. A justiça de Deus é inevitável quando o pecado é algo intrínseco ao caráter de alguém. Ainda que o povo clamasse em desespero, Deus não ouviria.

**11.12,13** — Em vez de aceitar a punição de Deus e se arrepender de seus maus caminhos, a nação preferiu clamar a outros deuses em busca de libertação. Os altares de incenso (Jr 1.16; 7.9) e os sacrifícios se tornariam objetos de vergonha.

**11.14** A condição de Judá estava determinada. A oração de Jeremias não daria resultado (Jr 7.16; 14.11).

**11.15,16** — *Minha casa*. A nação não tinha o direito de adorar no templo de Deus enquanto se curvava diante de outros deuses.

**11.17** — O termo traduzido como *plantou* remete ao tema de 2.21, a ideia de que Deus havia estabelecido Israel como sua melhor videira. No entanto, o contexto fala de um mal iminente resultante da maldade praticada pelo povo de Deus.

**11.18-23** — A desobediência e a obstinação da nação são exemplificadas pelos habitantes da cidade natal de Jeremias. O profeta fiel, rejeitado por seus compatriotas, revela um paralelo na expulsão de Jesus da cidade de Nazaré (Mt 13.53-58). Nessa seção, Jeremias tipifica a vida de nosso Senhor. O profeta responde com um oráculo de julgamento contra o povo de Anatóte. O oráculo é seguido pelas palavras de desespero de Jeremias (12.1-6).

**11.18,19** — O SENHOR mo fez saber. Deus revelou a Jeremias um plano que estava sendo tramado contra sua vida.

*Como um manso cordeiro, que levam à matança.* Essa ilustração remete a Is 53.7 e ao sacrifício de Jesus Cristo. Os habitantes de Anatote haviam imaginado projetos para o assassinato do profeta do Senhor.

*Destruamos [...] cortemo-lo [...] não haja mais memória do seu nome.* A trama é apresentada por meio de três expressões, algo típico do estilo literário de Jeremias. A rejeição por parte dos amigos e a ameaça de assassinato são motivos para uma profunda depressão.

**11.20** — Jeremias apelou para a vingança de Deus, por ser Ele o único Juiz justo.

*Pensamentos*, literalmente os órgãos internos do corpo, era a maneira de se referir à base das emoções humanas. *Coração* diz respeito à base do intelecto e da vontade.

*Vingança* descreve a fúria e a ira de Deus contra o pecado que exige punição.

**11.21-23** — As ameaças de morte que os *homens de Anatote* fizeram contra Jeremias devem ter sido bastante preocupantes ao profeta, pelo fato de Anatote ser sua terra natal. Portanto, ele foi traído provavelmente por pessoas íntimas.

Os *homens de Anatote* insistiram que Jeremias não profetizasse no nome do SENHOR. Se Jeremias tivesse aceitado essa exigência, estaria repudiando seu chamado, sua própria identidade e seu Deus. A ameaça de morte a Jeremias foi respondida por meio da punição dos *jovens*, bem como das crianças. A previsão de morte por meio de fome cumpriu-se quando a cidade foi cercada pelos babilônios nos dias de Zedequias.

**12.1-4** — Nesse trecho, Jeremias pergunta por que o povo ímpio de Judá prosperava. Essa confissão do profeta revela sua profunda luta com uma das questões que intrigavam os escritores de sabedoria do mundo antigo. Por que os ímpios prosperam? O solilóquio revela os pensamentos e o sentimento de Jeremias.

**12.1** — *Pleito* significa *contenda judicial*. Embora ninguém possa estabelecer um processo jurídico contra Deus, Jeremias pôde apresentar questionamentos ao Reto Juiz.

**12.2** — O tema sobre Deus estabelecer a nação de Israel também está presente em Jeremias

2.21; 11.17. A planta havia *arraigado*, mas estava produzindo *frutos ruins*.

*Chegado estás à sua boca, mas longe do seu coração.* Frases religiosas, tais como *vive o SENHOR*, geralmente eram proclamadas pelos líderes rebeldes de Israel, mas de maneira hipócrita (11.20). Sacrifícios, juramentos e orações não têm eficiência se o coração da pessoa não estiver inteiramente rendido.

**12.3** — *Tu, ó SENHOR, me conheces.* O relacionamento íntimo de Deus com Jeremias fica evidente nessa passagem. O profeta havia-se tornado como *um manso cordeiro, que levam à matança* (Jr 11.19); nesse trecho ele pede que seus inimigos sejam julgados da mesma maneira.

**12.4** — *Até quando.* A pergunta de Jeremias com relação à demora de Deus em julgar o povo.

*Lamentará a terra, e se secará a erva de todo o campo [...] perecem os animais e as aves.* Esses três elementos são temas recorrentes em Jeremias e em outros textos proféticos (Jr 4.28; Is 40.7; Sf 1.3). Apesar de castigos passados, o povo acreditava que Deus não daria fim à nação.

**12.5,6** — A resposta de Deus a Jeremias (Jr 12.4) vem na forma de duas perguntas metafóricas. A primeira metáfora, uma corrida a pé, destinava-se a mostrar a Jeremias que os obstáculos que ele enfrentava em sua terra natal eram irrisórios se comparados aos que encontraria diante dos reis de Judá e da Babilônia (os *cabalos*). A segunda metáfora, *paz*, destinava-se a lembrar o profeta do sofrimento iminente que ele teria de enfrentar para proclamar a mensagem de julgamento aos líderes. A região relativamente pacífica de Anatote, que recebia pouca oposição por parte de membros de família traiçoeiras, serviria para preparar Jeremias quando tivesse de enfrentar opositores mais severos.

**12.7-13** — A localização exata onde esse lamento foi declarado é desconhecida. Entretanto o contexto está de acordo com o período posterior ao cerco de Nabucodonosor na Palestina e a determinação de Jeoaquim como rei vassalo. Os edomitas, moabitas e outros atacavam o perímetro de Judá, saqueando cidades e fortalezas, e levando pessoas cativas.

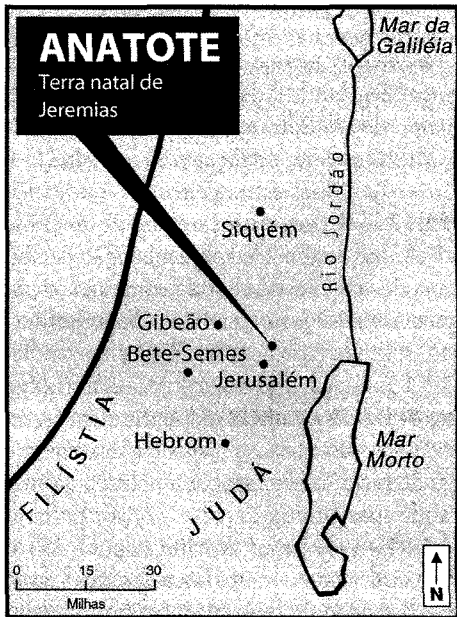




## LOCALIZE-SE

## ANATOTE, A TERRA NATAL DE JEREMIAS

Localizada a menos de 8 km a nordeste de Jerusalém, Anatote era uma cidade levítica (Js 21.1-3). Era a cidade natal do profeta Abiatar (1 Rs 2.26) e de dois dos chamados *valentes de Davi* (2 Sm 23.27; 1 Cr 12.3).



Como cidade levítica, Anatote deveria ter sido um modelo de justiça e retidão. Deveria ter sido uma das primeiras a arrepender-se ante a advertência de Jeremias sobre o julgamento iminente do Senhor. Na verdade, essa cidade já havia sido capturada antes pelos assírios sob o comando de Senaqueribe, em cumprimento do juízo divino (Is 10.30). No entanto, apesar de sua história, Anatote rejeitou tanto a mensagem como o mensageiro do Senhor.

12.7 — *A amada*. O amor e a preocupação de Deus em favor de Seu povo não impede a disciplina quando o pecado a torna necessária.

12.8,9 — Judá havia-se tornado como um *leão rugindo* contra Deus, fazendo com que o Senhor *aborrecesse* sua amada.

12.10,11 — *Pastores* nesse trecho se refere aos reis estrangeiros que se haviam tornado agentes

de Deus para julgar Judá. Por causa do pecado, a terra que anteriormente havia desfrutado as bênçãos abundantes do Senhor experimentaria Seu julgamento devastador.

12.12 — A destruição viria dos *lugares altos do deserto* onde Israel e Judá realizavam práticas idólatras (Jr 3.2; 3.21; 4.11).

12.13 — A ilustração agora é a respeito dos campos, que os israelitas acreditavam receber a fertilidade por parte de Baal. Por causa da idolatria do povo, seus campos produziam *espinhos*.

12.14-17 — Após os longos oráculos condenatórios, essa seção conclui garantindo a Jeremias e ao remanescente fiel de que Deus julgaria até as nações que utilizou contra Seu próprio povo. Os exilados de Judá recebem a promessa de restauração, mas são advertidos contra as consequências de pecados futuros.

12.14 — *Maus vizinhos* incluem as poderosas nações da Babilônia e da Assíria, bem como os reinos oportunistas de Edom, Moabe e Amom. Esses últimos reinos tomaram terras, colheitas e reféns quando Judá se encontrava enfraquecido pela invasão.

*Herança* refere-se à terra que Deus deu ao seu povo sob condições bastante específicas.

*Arrancar* geralmente é utilizado no livro de Jeremias no contexto da retribuição de Deus contra as nações ímpias. *Judá* seria *arrancado* dentre aqueles que seriam arrancados.

12.15 — Esse versículo apresenta um vestígio de esperança em meio a uma profecia de julgamento. Durante o período de punição, o Senhor lembrar-se-ia de Sua aliança com Abraão. Eventualmente, ele *retornaria e se compadeceria* de Seu povo. Porções de *terra* iriam retornar aos seus proprietários originais.

12.16 — As nações recebem diretrizes rigorosas a respeito de sua sobrevivência e das bênçãos futuras. São aconselhadas a *aprenderem os caminhos* de Israel de modo mais diligente do que haviam *ensinado* Israel a adorar Baal. Se as nações fizessem isso e se colocassem sob a aliança de Deus — *jurando pelo meu nome, edificar-se-ão*. Esse é o chamado para que as nações compartilhem da salvação de Israel.



## EM FOCO

## DEIXAR (HB. 'AZAB)

(Jr 2.13; 12.7; Is 1.4; 54.7)

Os profetas frequentemente utilizavam o verbo *deixar* para descrever o comportamento dos israelitas em relação à aliança que haviam feito com Deus. Israel é acusado de ter deixado ou de ter-se esquecido de Deus e de Sua aliança, voltando-se para os ídolos (Jr 22.9; Ez 20.8).

Moisés advertiria os hebreus a não violarem a aliança de Deus, esquecendo-se dele. Por causa da infidelidade do povo, o Senhor também deixaria momentaneamente os israelitas (Dt 31.16,17).

Nesse trecho, o profeta Jeremias indica que a ameaça divina havia-se concretizado para a nação de Judá.

12.17 — A condição negativa é apresentada com o mesmo rigor. Se as nações se recusassem a se submeter à soberania de Deus, *totalmente arrancarei a tal nação e a farei perecer*.

13.1,2 — *Cinto de linho*. Essa peça de vestuário era como uma saia curta utilizada pelos homens. Jeremias não deveria lavá-la.

13.3-5 — Jeremias foi ordenado a levar seu *cinto* de linho até o rio *Eufrates* e *escondê-lo* entre as rochas. Como essa era uma longa viagem de algumas centenas de quilômetros — uma jornada que levaria dois ou três meses — alguns teólogos sugerem que o local, geralmente traduzido como *Eufrates*, ficasse na Palestina. [Alguns estudiosos acreditam que, em vez de a cabeceira do rio Eufartes, tratava-se da vila de Pará, traduzida usualmente como Eufartes, pois no hebraico soletram-se da mesma maneira *Parah* e *Eufartes*. Além disso, essa vila ficava a cerca de 5 km a nordeste de Anatote. Contudo, isto é uma conjectura.]

13.6,7 — Pelo fato de o cinto de Neemias estar sujo e ter ficado exposto às intempéries, *tinha apodrecido e para nada prestava*.

13.8-11 — Assim como o cinto de Jeremias foi arruinado (Jr 13.7), a *soberba* de Judá *apodreceria*. Soberba aqui descreve uma conduta de autopromoção que caracterizava Israel em seu amor por ídolos. Essa soberba é explicada por meio de três expressões verbais.

*Recusa a ouvir [...] caminha segundo o propósito do seu coração [...] anda após deuses alheios*. O cinto de Jeremias no versículo 1 simbolizava o Judá preservado nos primeiros dias de sua devoção a Deus, firmemente preso a ele por meio da

aliança. Entretanto, como esse cinto apodreceu próximo do rio Eufartes, assim também Judá se prejudicou ao fazer alianças com a Assíria, a Babilônia e os deuses estrangeiros.

13.12 — A citação de Jeremias de um provérbio bastante conhecido sobre a bênção de abundância de *vinho* seria rebatida com uma resposta depreciativa. O *jarro* (ARA) era uma vasilha de barro utilizada para guardar vinho, água e óleo.

13.13 — A bênção se tornou em *dissolução* entre os líderes e cidadãos de Jerusalém. A relação de *reis, sacerdotes, profetas e habitantes* é um meio de retratar a religião e a política da nação listando suas diferentes partes constituintes.

13.14 — Os jarros de vinho da ira de Deus seriam esmagados e rompidos, a descrição de uma nação devastada. O trio de sinônimos para misericórdia — *perdoar, poupar e compadecer* — reforça a situação desesperadora de Judá.

13.15 — *Ensoberbeçais* aqui refere-se à autopromoção do povo e ao desprezo pela palavra *falada* por Deus.

13.16 — *Dar glória* a Deus significa exaltá-lo ou adorá-lo. Esse versículo adverte sobre as consequências de fracassarmos em glorificar a Deus. Vários sinônimos em hebraico para *trevas* estão presentes nesse versículo, aprofundando a impressão do desgosto divino em relação ao Seu povo. Nos *montes tenebrosos* que dominavam o território de Judá, onde caminhar na *escuridão* era perigoso, nenhuma esperança ou *luz* podia ser vista.

13.17 — Jeremias foi instruído a não orar pelo povo rebelde de Judá (Jr 7.16; 11.14; 14.11),

porém, ele expressou em *lugares ocultos* seu profundo lamento pelo *rebanho do SENHOR*, que fora levado para o exílio.

**13.18,19** — O rei e a rainha são Joaquim e sua mãe, Neústa, que foram exilados por Nabucodonosor (2 Rs 24.8-12) após apenas três meses no trono de Jerusalém.

*Humilhai-vos.* Jeremias aconselhou a família real a submeter-se à Babilônia. Judá havia criado várias fortalezas no *sul* que serviam como uma importante linha de defesa desde os dias de Salomão até Zedequias. Elas eram uma fonte de orgulho para o exército, mas foram destruídas pelos assírios e, de novo, pelos babilônios.

**13.20** — *Os que vêm do norte* refere-se aos babilônios.

**13.21** *Sobre ti como cabeça [...] os ensinaste.* Esse versículo parece indicar que Judá havia cooperado com seus inimigos à medida que eles passaram a dominar a nação. A metáfora do parto apresenta Judá colhendo frutos de seu trabalho em sofrimento e angústia.

**13.22** — *Descobriram-se as tuas fraldas.* Judá seria envergonhada por seus conquistadores da mesma maneira que uma prostituta era exposta publicamente.

**13.23** — A pergunta retórica negativa confirma a inabilidade de Judá de mudar seus próprios caminhos. A nação havia reforçado seu hábito de fazer o *mal* (Jr 4.22) por tanto tempo que agora não sabia como *fazer o bem*.

**13.24,25** — A consequência da contínua rebelião de Judá seria a dispersão de seus habitantes como palha ou *restolho* soprado pelo *vento* do deserto. A palavra traduzida como *mentiras* é um dos termos-chave que Jeremias utiliza para se referir à adoração falsa a divindades estrangeiras.

**13.26,27** — *Descobrirei as tuas fraldas* refere-se à exposição pública (Jr 13.22). Como Judá havia procurado relacionamentos adúlteros com deuses e deusas estrangeiras, Deus iria expor e trazer sua vergonha.

*Adultérios* literalmente significa pecados contra o matrimônio. Aplicado a Israel, esse termo descreve um envolvimento com os deuses de outras nações.

*Rinchos* refere-se a animais no cio procurando acasalar.

*Enormidade da tua prostituição* descreve tanto a prostituição física como espiritual.

**14.1-15.21** — Esse longo lamento sobre Judá é composto de vários réquiens sucintos, oráculos de julgamento e confissões, concluindo com uma palavra de garantia ao profeta da parte do Senhor.

**14.1-10** — Esse lamento sobre a seca e a peste que haviam recaído sobre Judá tem a seguinte estrutura: (1) introdução (Jr 14.1); (2) descrição da seca (Jr 14.2-6); (3) um clamor ao Senhor por libertação (Jr 14.7-9); e (4) uma acusação (Jr 14.10).

**14.1** — A *seca* era vista como um indicativo da insatisfação divina, como nos dias de Acabe, Jezabel e Elias.

**14.2** — Quatro passagens curtas utilizando quatro palavras de lamento descrevem o luto no país. O termo hebraico traduzido como *chorando* é uma palavra de significado geral para a tristeza diante da morte de alguém.

*Enfraquecidas* significa *ressecada* ou *encolhida*. O vocábulo hebraico traduzido como *luto* descreve a tristeza e o sofrimento. Por último, *clamor* descreve uma exclamação de alegria ou tristeza.

**14.3,4** — *Ilustres.* Homens renomados, que poderiam comprar água por qualquer preço, enviavam servos para procurar água nos locais mais comuns, mas não havia *água* para ser *achada*. As terras ressecadas eram massacradas pelo sol, e os fazendeiros *cobrem a cabeça* em sinal de luto.

**14.5,6** — A seca em Judá afetou até mesmo os animais selvagens. A cervas abandona seus filhotes por falta de alimento.

*Jumentos monteses se põem* nas colinas vazias, cheirando o vento em busca da fragrância da umidade — sem obter sucesso.

**14.7** — Jeremias ecoa o sentimento de seu povo em seu clamor em busca de perdão e libertação para a nação. O vocábulo hebraico traduzido como *maldades* refere-se à culpa resultante de um pecado que permanece sem ser confessado.

**14.8,9** — Jeremias clamou a Deus com base no nome e no caráter do Senhor, principalmente

em seu papel como *Esperança* e *Redentor* do povo. Em vez de ter um relacionamento íntimo com Judá, Deus havia-se tornado como *estrangeiro* ou *viandante* na terra, porque o povo adorava outros deuses.

**14.10** — Diferente de Jeremias, que se encontrava atribulado, o *povo* não se arrependia e precisava ser corrigido. Jeremias percebeu que o julgamento era inevitável, porque Deus não ofereceu nenhum indício de libertação.

*Tanto amaram o afastar-se. Amaram* descreve um desejo voluntário. *Afastar-se* descreve o movimento de ir e vir repetitivo — nesse caso, procurando todas as ocasiões para o pecado. Pelo fato de ninguém demonstrar restrição a respeito do pecado, Deus não podia violar seu caráter santo e *se agradar* do povo de Judá.

**14.11,12** — Pelo fato de a disciplina divina ser inevitável, Jeremias foi instruído a *não rogar para bem* de Jerusalém.

*Jejuarem [...] oferecerem holocaustos*. Esses métodos de expressar penitência e restabelecer a comunhão com Deus eram ineficientes por causa da desobediência do povo. O destino de Judá estava selado.

**14.13** — Jeremias reclamou com o Senhor a respeito de falsos *profetas* que proclamavam uma mensagem de *paz* em vez de falar da guerra e da pestilência. Esses profetas pretensiosos supunham que Deus iria demonstrar Sua misericórdia e promessa de libertação como ocorreu nos dias de Ezequias e Isaías, quando Jerusalém foi resgatada milagrosamente de um cerco lançado pelo exército de Senaqueribe.

**14.14** — O profeta que falava realmente em nome de Deus veria suas palavras se tornarem realidade. Os falsos profetas que prometiam paz (Jr 14.13) proclamavam mentiras que eles mesmos criavam (2 Pe 1.19-21). A *adivinhação* era proibida em Dt 18.14. *Vaidade* é uma descrição degradante dos ídolos adorados nos dias de Isaías (Is 2.8), porém condenados pela Lei (Lv 19.4).

**14.15,16** — A condenação vinda de Deus cairia primeiros sobre os falsos *profetas* por causa de suas profecias de paz (Jr 14.13). Em seguida o julgamento viria sobre os habitantes da cidade

que foram enganados pelos falsos profetas. A responsabilidade individual pelo pecado é um dos temas principais de Jeremias. A destruição e a profanação recairia sobre o povo; ninguém sobreviveria para enterrar os corpos. Essa ilustração dos cadáveres expostos ao tempo — a profanação mais grave na época — é citada, antes, em Jeremias 7.33, 8.3 e 9.22.

**14.17-22** — Esse trecho dá continuidade aos temas dos versículos 1-16 de Jeremias sobre o julgamento implacável de Deus, o lamento do profeta e do povo e a inutilidade da intercessão em favor da nação.

**14.17,18** — A data desse lamento sobre a *cidade* profanada pode ter sido 597 a.C., quando Judá foi invadida, ou entre 588-586 a.C., quando Jerusalém foi destruída. Jerusalém está *ferida* por um forte golpe do Senhor.

*Campo [...] cidade*. Toda a nação permanece em escombros. Os cadáveres cobrem os campos, uma continuação da ilustração do versículo 16, e a cidade está assolada pela fome. Os líderes religiosos caminham sem direção em uma terra desolada.

**14.19** — Várias perguntas estimulam a questão da rejeição total de Judá por parte de Deus. Esse conceito era totalmente estranho à mente do povo, revelando o esquecimento com respeito às maldições da aliança. A parte final do versículo é uma repetição de Jeremias 8.15. O povo começa a compreender que sua situação é desesperadora.

**14.20** — O povo de Judá reconhece sua *impiedade*, que significa *rebeldia*, sua *maldade*, que quer dizer *perversidade*, e o fato de que haviam *pecado*. Esses três termos representam a abrangência do pecado na terra.

**14.21,22** — O clamor do povo em favor da misericórdia de Deus estava fundamentado no caráter do Senhor — *o amor do teu nome*, sua *glória*, seu *concerto* com Israel e seu poder sobre a criação. Petições com base no caráter e nos atributos divinos são comuns nos salmos. A reputação de Deus e as bênçãos que viriam ao povo estavam em xeque, mas aqui as obrigações do povo para com o Senhor são desprezadas.



## PERFIL

### OS PROFETAS PERSEGUIDOS

Ao longo de seu ministério, Jeremias teve de enfrentar dura perseguição por mostrar-se fiel ao Senhor (Jr 15.15). Nesse aspecto, ele não estava sozinho. Outro profeta chamado Urias também falou contra as políticas e práticas dos líderes de Jerusalém. Por causa disso, este foi sentenciado à morte, mas fugiu para o Egito. No entanto, o rei Jeoaquim conseguiu que o profeta fosse extraditado para Jerusalém, onde Urias foi executado (Jr 26.20-23).

Mais tarde, os líderes se voltaram contra Jeremias, iniciando uma campanha de ataques verbais contra ele e tentando encontrar maneiras de destruí-lo (Jr 18.18). Por fim, levaram-no a julgamento por falar contra Jerusalém, uma acusação pela qual exigiram a pena de morte (Jr 26.10,11). Felizmente um oficial chamado Aicão interveio e foi capaz de poupar a vida do profeta (Jr 26.24). Mesmo assim, Jeremias foi aprisionado por causa de suas mensagens. Por fim, foi vingado quando suas predições de que Jeoaquim não morreria em paz em Jerusalém (Jr 22.18,19) se cumpriram por volta de 598 a.C. (2 Cr 36.5,6).

**15.1-9** — A mensagem de julgamento é resumida, com o presente oráculo desenvolvendo o tema sobre o clamor do povo em Jeremias 14.17-22. Apesar do pedido de clemência com base na aliança, o Senhor traz destruição e devastação com base na mesma aliança.

**15.1** Quando Moisés e Samuel intercederam a Deus em favor da nação, o Senhor respondeu favoravelmente. No entanto, nem mesmo esses homens poderiam alterar a propósito divino para o povo de Judá — literalmente, que fosse expulso da terra.

**15.2** — *Morte, espada, fome e cativo* seriam o resultado do julgamento de Deus. Ele se valeria dos exércitos estrangeiros como instrumentos desse julgamento (Jr 14.11,12).

**15.3,4** — Os *quatro gêneros de males* descrevem o julgamento completo sobre Judá. A ilustração de *cães, aves dos céus e animais da terra* devorando carne humana descreve de maneira vívida não apenas a morte, mas também a profanação dos corpos. O motivo para essa profanação foi o que ocorreu em Jerusalém durante o reinado de Manassés, quando a idolatria imperava nos pátios do templo e crianças eram sacrificadas a Moloque (Jr 7.31).

**15.5** — Perguntas retóricas dão o tom para o estado de luto na cidade que outrora fora santa. Violada e profanada, Jerusalém é uma cidade sem piedade; não há ninguém para consolá-la.

**15.6** — *Deixaste* significa *abandonar* ou *rejeitar*. O povo retirou de si o jugo da aliança e caminhou para trás em vez de seguir adiante em obediência.

*Mão* significa o poder de Deus para realizar sua vontade para seu povo (Dt 26.8).

*Estou cansado de me arrepender*. Arrepender refere-se ao fato de Deus se restringir e não destruir totalmente Israel e Judá. Por centenas de anos, o Senhor havia evitado punir plenamente Israel por causa de sua idolatria e infidelidade.

**15.7,8** — Como a palha do trigo que é espalhada com a pá e o vento, o povo de Judá seria dispersado. A população seria dizimada. A devastação da terra é revelada pelas várias *viúvas* que seriam deixadas para lamentar a morte dos homens de Judá.

**15.9** — A bênção de sete filhos era a última esperança das mães e pais da antiguidade. Entretanto a pior experiência seria perder todos os sete para a morte, resultando na perda de um herdeiro.

**15.10,11** — *Cada um deles me amaldiçoa*. Amaldiçoar alguém no Israel antigo consistia em invocar condenação sobre a pessoa com base em uma fórmula pré-determinada. Jeremias agora alcança o ponto mais baixo em sua carreira. Sem amigos, esquecido, desestimulado, frustrado, ele chega quase a desistir da vida. Entretanto Deus não havia se esquecido dele. Eventualmente sua situação seria revertida.

**15.12** — *Ferro* nesse trecho pode simbolizar Jeremias, que foi chamado de *coluna de ferro* em Jeremias 1.18. O ferro do norte então poderia referir-se à excelente qualidade desse metal proveniente da Ásia Menor ou dos Bálcãs. Do contrário, a ilustração representa um inimigo poderoso vindo do norte.

**15.13,14** — Judá seria levado cativo e exilado em uma terra desconhecida, como havia acontecido com Israel um século antes. *Fogo* normalmente é utilizado nos livros proféticos como símbolo da ira e do julgamento divino (Jr 4.4, 11.16).

**15.15** — A *longanimidade* de Deus é demonstrada pela maneira como ele suportou por um longo tempo o pecado de seu povo. Jeremias pediu que Deus fosse paciente com ele e não *arrebata* sua vida por causa de sua própria rebeldia (o lamento de Jeremias no versículo 10).

**15.16** — Comer as *palavras* do Senhor significa assimilá-las e permitir que se tornem uma realidade na vida de alguém. *Gozo* no íntimo e *regozijo*, ou *alegria abundante*, são a dádiva àquele que conhece e é conhecido pelo Senhor. Ser *chamado* pelo nome do Senhor significa ser reconhecido como servo dele.

**15.17** — O isolamento e a *indignação* de Jeremias são resultado de sua obediência à palavra e ao chamado de Deus.

**15.18** — *Minha dor* refere-se à agonia de Jeremias por causa de seu ofício profético. O *ilusório ribeiro* é uma ilustração vívida sobre as regiões áridas do Oriente Médio, onde a água é um bem escasso e as correntes podem secar sem aviso.

**15.19** — O Senhor responde ao questionamento de Jeremias (Jr 15-18) com uma mensagem de arrependimento e confirmação sobre o chamado do profeta. *Se tu voltares*. Jeremias é advertido a se *arrepender* (Jr 3.1, 7, 12), após o que Deus iria restaurá-lo à sua posição como porta-voz divino. *Estarás diante* significa *servir*; o arrependimento pessoal e a escolha divina são necessários para o serviço profético genuíno.

**15.20,21** — *Eu te porei [...] forte muro de bronze [...] não prevalecerão*. Jeremias é convocado novamente com palavras semelhantes às de seu chamado original (Jr 1.18,19). O termo *livrar* sugere libertação do perigo, da escravidão e da opressão. *Arrebat* significa resgatar do perigo. *Malignos* refere-se a pessoas tais como Jeoaquim e o povo de Anatote que havia feito oposição veemente a Jeremias (Jr 11.18-23). Deus promete manifestar sua presença em períodos de oposição, perseguição e aprisionamento.

**16.1-13** — A própria vida de Jeremias se tornou um ato simbólico representando o esforço da nação. Essa seção é uma mensagem autobiográfica vinda do Senhor que evidencia o conhecimento do profeta. Ela é elaborada com base em três proibições feitas a Jeremias (Jr 16.2, 5, 8), cada uma delas seguida por explicações a respeito do povo, concluídas com um oráculo de julgamento padrão contra os rebeldes e os ídólatras.

**16.1,2** — No caso de Jeremias, a proibição contra o casamento era tanto um sinal para a nação e um ataque contra a reputação do profeta entre o povo. O celibato era incomum; famílias numerosas eram sinal da bênção de Deus sobre os indivíduos. Jeremias encarava a vida tendo Deus como seu único consolador.

**16.3,4** — Caso Jeremias tivesse-se casado e tido filhos, eles poderiam ter experimentado o horror da destruição, da fome e da morte. As mortes seriam tão numerosas, que não haveria pranteadores suficientes. *Espada, fome e cadáveres* expostos ao tempo são três dos significados de julgamento mais comuns em Jeremias (7.33; 14.11,12). A profanação derradeira e o abuso contra os seres humanos no Oriente Próximo da Antiguidade consistia em deixar um corpo ao relento, sem ser sepultado.

**16.5** — A proibição de Deus contra a participação nos atos costumeiros de luto revela a natureza incomum da vida de Jeremias. Os três termos para tristeza — *luto, lamentar, compadecer* — são seguidos por três termos que se referem ao cuidado fiel de Deus — *paz, benignidade e misericórdia* — os quais Judá estava impedido de receber.

**16.6,7** — As práticas pagãs de luto que envolviam cortar o próprio corpo e raspar a cabeça eram rigorosamente proibidas na lei de Moisés (Lv 19.28; 21.5; Dt 14.1). O *pão* (ARA) do luto e o *copo de consolação* provavelmente se referem ao alimento e a bebida trazidas para a família dos mortos.

**16.8,9** — A *casa do banquete* era um salão de reuniões geralmente utilizado para festas de casamento. Jeremias era impedido de participar de qualquer cerimônia familiar significativa. A vida de Jeremias era um símbolo da condição de Israel e do afastamento entre Deus e Judá.

16.10 — As três perguntas feitas pelo povo indicam sua falta de compreensão a respeito da palavra de Deus. Judá havia esquecido do propósito pelo qual fora escolhido, para manifestar ao mundo a natureza e o caráter de Deus vivendo como seu povo.

16.11,12 — Judá havia deixado o SENHOR da aliança, indo em busca de outras divindades. Abandonar Deus e sua lei ou instrução traz desastres. Dar ouvidos era fundamental para a existência da nação; é uma repetição de Deuteronômio 6.4, o credo central da fé de Israel.

16.13 — A bênção da devoção a Deus era a liberdade, a prosperidade e famílias numerosas na terra. As bênçãos dependiam da obediência; a consequência da desobediência era uma vida sofrida fora desta terra, em um mundo que o povo não conhecia.

16.14,15 — Eis que dias vêm. A restauração futura de Israel seria maior do que a libertação anterior do Egito (Jr 23.7,8).

16.16,17 — Os pescadores e caçadores referem-se aos exércitos babilônios que percorreriam a terra em busca dos rebeldes de Judá. Caça e pesca são metáforas para a deportação também presentes em Ezequiel 12.13 e Amós 4.2.

16.18 — Profanar, às vezes, é utilizado para se referir à impureza ética, física e espiritual. A terra ou a herança de Deus havia sido profanada por vários objetos culturais, a que Jeremias severamente se refere como cadáveres das suas coisas detestáveis e das suas abominações.

16.19, 20 — Uma mensagem de esperança tem início com três termos elogiosos para Deus.

*Fortaleza, força e refúgio.* Fortaleza e força são termos relacionados também em hebraico. Um refúgio é um local onde se busca segurança do perigo. Jeremias sabia que sua força e segurança estavam somente em Deus. O escopo da esperança de Jeremias é universal. Os gentios, entre os quais o povo de Judá seria exilado, buscariam o Deus de Israel em cumprimento da promessa de Gênesis 12.1-3.

16.21 — Conhecer. A mensagem do grupo de oráculos do capítulo 16 é a revelação da vontade e da obra de Deus. Ele irá pessoalmente fazer com que o povo o conheça e, portanto, terá um relacionamento íntimo com os seres humanos. Conhecer o nome do Senhor consiste em compreender a natureza e os caminhos de Deus.

17.1-18 — Essa seção é composta de quatro partes variadas (v. 1-4, 5-8, 9-11 e 12,13) centradas na palavra coração, com um parêntese literário formado com base na palavra gravado. Como a coletânea no capítulo 16, essa seção encerra com uma confissão pessoal de Jeremias (Jr 17.14-18).

17.1,2 — O pecado de Judá estava tão profundamente escrito que não podia ser apagado. O ponteiro de ferro ou ponta de diamante indicam a permanência desses escritos. O coração do povo, o centro de seu bem-estar espiritual, emocional e mental, estava totalmente envolvido na rebelião contra Deus. Pontas [chifres] dos seus altares



## EM FOCO

### CURAR (HB. RAPHA')

(Jr 17.14; 2Cr 7.14; Is 19.22; 53.5; 57.18)

Esse vocábulo aplica-se literalmente ao trabalho de um médico. Ocasionalmente, refere-se a objetos inanimados, e talvez sua melhor tradução seja *reparar* (1 Rs 18.30). Entretanto, o uso mais comum dessa palavra transmite a ideia de restaurar ao estado normal, como em 2 Crônicas 7.14, onde Deus promete restaurar a terra, caso o povo orasse e se convertesse dos seus maus caminhos.

Nos Salmos, Deus é louvado por perdoar pecados curar enfermidades (Sl 103.3), por sarar *quebrantados de coração* (Sl 147.3) e sarar a alma oferecendo salvação (Sl 30.2; 107.20).

Isaías declarou que a cura do povo de Deus viria por meio das feridas do Filho de Deus, que se entregaria em sacrifício pela humanidade (Is 53.5.12).

(ARA). Escavações em Israel revelaram altares com chifres em locais tais como Dã, Berseba e Arade. Em alguns deles, podem-se encontrar manchas de sangue mesmo depois de mais de 2.500 anos.

**17.3** — Jerusalém e outras cidades de Judá foram demolidas e saqueadas pelos babilônios. Os *tesouros* remanescentes do templo de Deus foram levados pelo exército de Nabucodonosor até a Babilônia. Até mesmo os centros de culto idólatra foram destruídos (Jr 15.13,14).

**17.4** — *Privarás*. Essa expressão, quando utilizada com relação à terra, geralmente se refere a deixar os campos descansarem durante o ano sabático (Êx 23.10,11). O cativo de Judá forneceria descanso para terra das práticas idólatras do povo.

**17.5,6** — *Maldito*. Esse termo é usado com frequência em Deuteronômio. Duas palavras distintas para *homem* são empregadas nesta passagem. A primeira refere-se a um indivíduo forte e capaz; a segunda é um termo geral para a humanidade criada à imagem de Deus (Gn 1.26-28). Não é possível confiar ao mesmo tempo em Deus e nos seres humanos; voltar o *coração* para o povo consiste em afastar-se de Deus.

**17.7** — O termo *bendito* geralmente é utilizado nos salmos e em Deuteronômio para descrever os benefícios para aqueles que se dedicam ao Senhor e à sua palavra. Os vocábulos traduzidos como *confia* e *esperança* são relacionados em hebraico.

**17.8** — *Plantada*. A ilustração de uma árvore frutífera é retirada diretamente de Salmo 1.3. Esse versículo ensina que a pessoa que confia em Deus não ficará isenta de tribulações e adversidades, mas sim que Deus irá trazer frutos e bênçãos nessas dificuldades e através delas (Jr 14.1-9; 15.19-21).

**17.9,10** — O *coração* refere-se à mente, à fonte do pensamento, dos sentimentos e das atitudes. Ele pode trair uma pessoa em questões básicas com relação a realidade de Deus, Sua vontade e Sua Palavra. O *coração* pode contradizer a verdade. Ninguém pode compreender seu verdadeiro caráter, a não ser o próprio Deus, porque somente ele pode discernir a motivação e o raciocínio por trás dela. O Senhor pode *conhecer* o *coração*, porque só ele é capaz de

*esquadrinhar* e *provar* a mente. Essa é uma declaração bastante poderosa a respeito do processo pelo qual Deus discerne o íntimo de uma pessoa. A justiça do Senhor fica evidente em todos os seus caminhos, dando às pessoas a recompensa justa por todos os seus *caminhos* e suas *ações*. Deus recompensa ou castiga de acordo com a fé, ou seja, a confiança nele e em Seu nome.

**17.11** — O ensinamento dos versículos 1-10 é apoiado por um provérbio com base na ideia comum de que a *perdiz* choca não apenas os seus próprios ovos. Quando os filhotes se dão conta de que aquela ave não é realmente sua mãe, eles a abandonam. De modo semelhante, quem obtém ganho de maneira injusta será abandonado por essa riqueza e, então, será conhecido como *insensato*. *Insensato* nesse trecho se refere a uma pessoa sem caráter moral, ético ou espiritual.

**17.12,13** — *Um trono de glória, posto bem alto* refere-se ao templo em Jerusalém e à arca do concerto, o símbolo da presença de Deus e de Sua soberania sobre a nação. *Esperança de Israel* diz respeito à expectativa de libertação e de restauração dos fiéis (Jr 14.8). Judá não tinha para quem se voltar porque havia *abandonado* Deus e Seu governo. Existe apenas uma fonte de vida e de esperança para Israel e todas as nações — o SENHOR, a fonte das águas vivas.

**17.14** — Embora Jeremias estivesse às voltas com muitas dificuldades, incluindo perseguição e solidão, continuamente ele se voltava em *lavor* ao Senhor que pode *sarar* e *salvar*. De maneira semelhante, a única esperança de cura e de salvação para a nação de Judá era a intervenção divina.

**17.15,16** — Algumas pessoas ousavam questionar Deus e a mensagem revelada por intermédio de Jeremias, desafiando o Senhor a trazer o julgamento ameaçado por seu porta-voz. Jeremias revelou que não tinha prazer em proclamar o julgamento. Ele permanecia sendo um *pastor* dedicado, preocupado com seu povo.

**17.17** — *Espanto* pode se referir ao terror físico, emocional ou mental. O vocábulo hebraico traduzido como *refúgio* refere-se uma posição de segurança diante do perigo e do desespero que Jeremias enfrentava em Judá e Jerusalém.



17.18 — Jeremias pediu que seus perseguidores ficassem *envergonhados* e *assombrados*, desonrados e desmoralizados. O profeta também pediu ao Senhor que confirmasse a mensagem de julgamento no *dia do mal* e de *dobrada destruição*.

17.19-27 — O tom do capítulo muda repentinamente com uma mensagem específica sobre a santidade do sábado. Diferente de muitos dos oráculos de Jeremias, este depende da reação do povo. À luz de passagens anteriores sobre o julgamento, a possibilidade de arrependimento era bastante remota. A estrutura é a seguinte: (1) instruções a Jeremias (Jr 17.19,20); (2) o chamado para guardar o sábado (Jr 17.21,22); (3) o exemplo dos ancestrais desobedientes (Jr 17.3); (4) bênçãos da obediência (Jr 17.24-26); e (5) a maldição da desobediência (Jr 17.27).

17.19,20 — A *porta* em particular não é mencionada, embora a descrição possa indicar que ela ficasse localizada na área da cidadela davídica. A mensagem de Jeremias deveria ser proclamada por toda a cidade. Desde os *reis* até os camponeses, todos os *habitantes* da cidade deveriam *ouvir* — e obedecer — a Palavra do Senhor.

17.21,22 — *Guardai*. Essa mesma expressão é utilizada em Deuteronômio 4.15 em uma advertência contra a idolatria. A santidade do sábado era uma questão bastante séria. O sábado permanecia como um sinal da criação e da aliança entre Deus e Israel. *Santificar* significa separar esse dia, para torná-lo distinto dos demais.

17.23 — O abuso do sábado era algo aparentemente comum ao longo da história da nação.

17.24,25 — Se o *sábado* fosse santificado, significando que Israel estava sendo fiel à aliança, a nação manteria seus *reis e príncipes* soberanos. Em outras palavras, a promessa de uma sucessão ininterrupta da linhagem de Davi no trono seria cumprida (2 Sm 7.16).

17.26 — Se as determinações do v. 21 fossem seguidas, o templo novamente iria tornar-se o centro da adoração para a nação. As pessoas viriam de todos os lugares até Jerusalém para adorar a Deus com seus *sacrifícios*.

17.27 — A consequência da desobediência seria a destruição total da cidade. Se as determinações

de 17.21 não fossem seguidas, o Senhor da aliança traria um *fogo* destruidor ou inextinguível contra a cidade e seus *palácios* (Jr 4.4; Os 8.14; Am 1.4-2.5).

18.1–20.18 — Esse trecho mais longo tem três partes: (1) uma parábola de julgamento sobre o oleiro (Jr 18.1-23); (2) um ato simbólico, o frasco quebrado (Jr 19.1-15); e (3) Pasur aprisiona o profeta chamado Magor-Missabibe (Jr 20.1-18).

18.1-23 — Esse trecho também é dividido em três partes: (1) a parábola do oleiro (Jr 18.1-12); (2) o povo rejeitado por Deus (Jr 18.13-17); e (3) a perseguição de Jeremias (Jr 18.18-23).

18.1-12 — A parábola sobre o oleiro é a primeira de vários atos simbólicos autobiográficos em prosa semelhantes ao relato do ato simbólico, que fornecem mais demonstrações sobre a rebelião de Judá contra Deus. Os trechos que não foram datados pertencem ao período entre o início do reinado de Jeoquim e a queda de Jerusalém em 586 a.C. O oleiro é um símbolo do Senhor, e Israel é o barro em Suas mãos.

18.1, 2 — *Levanta-te e desce* é uma expressão comum para representar uma atividade direcionada por Deus.

18.4-6 — O *vaso* do oleiro se *quebrou e*, portanto, era imprestável para o propósito pretendido. O ato de remodelar o barro em uma obra aceitável e sem defeitos simbolizava a ação de Deus em reformar Israel. O povo estava quebrado e profanado, e tinha de ser transformado em um vaso digno de ser identificado com o Senhor.

18.7,8 — Se uma *nação* ameaçada de destruição se afastasse de *sua maldade*, Deus se *arrependeria* do mal prometido. Deus, o Oleiro, estava mais do que disposto a perdoar a iniquidade e a rebeldia de Judá. Infelizmente o povo continuava nessa atitude. Em Gálatas 4.19, Paulo utiliza essa ilustração para descrever a formação da imagem de Cristo na vida do cristão obediente.

18.9,10 — A *nação* a quem Deus havia prometido suas bênçãos podia perder sua posição de destaque por causa da desobediência. Em tais casos, Deus se *arrependeria* do bem que havia prometido e traria calamidade sobre o povo rebelde.

**18.11** — Deus estava *forjando mal*, uma calamidade, para Judá se não se arrependesse ou *convertesse*, mudando suas atitudes.

**18.12** — A reação do povo à advertência de Deus (Jr 18.11) é semelhante àquela em 17.23. Eles insistiam em seguir seus próprios caminhos. *Não há esperança* descreve o desespero do povo com relação à obediência a Deus. Esse sentimento era resultado direto do *malvado coração* que caracterizava o povo que continuamente se afastava do Senhor e de seus caminhos.

**18.13-17** — Elaborando sobre o tema do versículo 12, Jeremias enfatiza, por meio de lições da natureza, como as atitudes de Israel não eram naturais. Essa abordagem desenvolve o papel do profeta como uma pessoa sábia que observa e compreende a natureza e os seres humanos (Jr 1.11-13; 2.21; 5.22). Esse trecho é um discurso de disputa, composto de perguntas retóricas, um indiciamento e a citação do julgamento.

**18.13,14** — Perguntas retóricas negativas demonstram o absurdo da rebeldia de Israel. *Neve do Líbano* representa as correntes de águas que surgem de várias fontes no monte Hermom, fornecendo a maior parte da água para o rio Jordão. As bênçãos de Deus geralmente eram demonstradas através da provisão de águas a partir de rochas em regiões áridas (Êx 17.6). Ninguém aceitaria trocar fontes de águas frescas por *águas estranhas* ou *estrangeiras*.

**18.15** — O principal indiciamento levantado contra Judá era o da idolatria, que havia levado o povo a se afastar e trazia destruição à terra. *Esquecido*. Esse termo é utilizado da mesma maneira em 3.21; 13.35. *Ídolos* (ARA). Divindades estrangeiras tais como Baal e Aserá era representadas por imagens vazias e inúteis. *Fizeram-nos tropeçar*. O povo havia trazido sobre si mesmo a seca e o desastre, porque se afastaram das *veredas antigas*, o caminho da lei e da aliança com Deus.

**18.16,17** — *Para fazerem da sua terra um espanto*. Para uma descrição semelhante sobre a destruição de Judá, veja Jeremias 4.27; 6.8; 9.11.

**18.18-23** — A proclamação da verdade de Deus pode gerar forte oposição, até mesmo perseguição com risco de morte. Jeremias ficou

sabendo de uma trama para caluniá-lo e denegrir sua imagem por ele insistir em proclamar a mensagem de um rigoroso julgamento.

**18.18** — Semelhante à situação em 11.18-23, o povo elaborou *projetos* para rechaçar as palavras de Jeremias. Todos afirmavam que, por terem seus próprios sacerdotes, sábios e profetas em Jerusalém, não precisavam dar ouvidos a Jeremias.

**18.19,20** — Jeremias lembrou o Senhor como havia intercedido pelo povo e pedido a Deus para *desviar deles* sua *indignação* e julgamento. Entretanto, em vez de demonstrar seu apreço pela intervenção de Jeremias, o povo cavou *uma cova* já esperando a morte do profeta.

**18.21,22** — O clamor de Jeremias por vingança pode não ser tão facilmente justificado como o dos salmistas (Sl 137). Independentemente disso, ele havia sido falsamente acusado de representar erroneamente a verdade de Deus. Todas essas imprecisões, ou solicitações da maldição divina, têm um elemento comum. embora contendo palavras fortes, a pessoa sempre espera que Deus haja em vez de buscar vingança com as próprias mãos. *A fome* era uma das maldições prescritas por se violar a aliança (Dt 28.48).

**18.23** — *Sabes*. Assim como Deus conhecia o coração Jeremias (12.3; 15.15), também estava ciente das tramas do povo contra o profeta. O vocábulo hebraico traduzido como *perdoes* é o mesmo termo utilizado no *Yom Kippur*, o Dia da Expição. Essa palavra enfatiza a purificação total e a remoção do pecado e de seus efeitos. O verbo *apagar* também é utilizado para se referir à remoção do pecado e da culpa por parte de Deus. O apelo de Jeremias era para que o Senhor condenasse com *ira* em vez de perdoar seus inimigos.

**19.1-15** — Esse trecho tem duas partes: (1) o frasco quebrado no vale de Hinom (Jr 19.1-13); e (2) uma mensagem no pátio do templo (Jr 19.14, 15).

**19.1,2** — *A botija* era uma garrafa de água pequena, de pescoço estreito e feita de barro, com cerca de 15 a 25 cm de comprimento. *Os anciãos* foram convocados para seguirem Jeremias até o *vale do filho de Hinom* (Jr 7.31,32), um local de refugio onde as crianças eram sacrificadas em

rituais idólatras nos dias de Manassés. A *Porta do Sol* dava acesso ao vale pela porção sul da cidade desde os dias da expansão de Ezequias.

**19.3** — *Ouvi*. Essa palavra-chave do código de Deuteronômio (Dt 6.4) apela para uma decisão com relação ao conteúdo da mensagem. *Retinir-lhe-ão as orelhas*. Essa expressão é utilizada para se referir a um anúncio ríspido sobre o julgamento (1 Sm 3.11).

**19.4-6** — *Profanaram este lugar*. O povo, através de sua idolatria, impediu que a cidade de Jerusalém fosse o local onde Deus escolheria habitar com seu nome. A cidade havia se tornado um local de deuses estrangeiros.

*Nunca conheceram, nem eles [...] nem os reis de Judá*. O verbo *conhecer* fala de um conhecimento pessoal e íntimo, impossível de se ter com objetos inanimados.

*Sangue de inocentes* refere-se ao assassinato de crianças por meio de sacrifício (Jr 7.31). O sacrifício humano era conhecido entre os fenícios, os moabitas e os cananeus. Essa prática abominável, realizada em nome da adoração religiosa, era expressamente proibida pela aliança (Dt 12.31).

**19.7** — A Babilônia era o agente que iria *dissipar* ou *anular*, o *conselho* dos anciãos que recusara a mensagem do Senhor transmitida por Jeremias e permanecera na idolatria. A profanação dos *cadáveres* permitindo que *aves* e *animais* selvagens consumissem os corpos era considerada a profanação derradeira entre os povos do Oriente Próximo antigo (Jr 7.33; 9.22).

**19.8** — Deus permitiria que Jerusalém se tornasse um objeto de engano e humilhação para vingar seu nome (Jr 18.16). *Pragas* assolariam a cidade de acordo com as maldições da aliança presentes em Dt 28.58-61 (Lm 2.15; Sf 2.15).

**19.9** — A terrível prática do canibalismo se manifesta, como previsto em Dt 28.53. Após vários anos de cerco que resultaram em grande fome, o povo passou a comer *carne* humana para sobreviver. Essa profecia foi cumprida literalmente em 586 a.C., quando Nabucodonosor invadiu Judá, e, novamente, em 70 d.C., quando Tito destruiu Jerusalém.

**19.10** — Após a proclamação dessa terrível mensagem de julgamento, o ato simbólico foi realizado perante os anciãos e outros habitantes de Jerusalém.

**19.11** — Assim como um vaso se *quebra* em pedaços quando lançado ao solo, assim também o julgamento de Deus iria despedaçar a cidade e espalhar seus habitantes. A restauração seria impossível. O número de cadáveres seria muito maior do que o número de sepulturas (Jr 7.32,33).

**19.12,13** — Assim como os *moradores* de Jerusalém tinham feito do vale do filho de Hinom um local de morte, o Senhor transformaria toda a cidade de Jerusalém em um local de morte (Jr 19. 4-6).

**20.1-18** — Esse trecho tem duas partes: (1) a mensagem de Jeremias a Pasur (Jr 20.1-6); e (2) a reclamação e o lamento de Jeremias (Jr 19.7-18).

**20.1** — *Pasur [...] presidente*. Uma pessoa nesse cargo tinha de ser sacerdote. Ele detinha a supervisão do templo, dos guardas do templo, da entrada nos pátios e assim por diante. A proclamação de Jeremias contra a cidade e o templo preocupara Pasur, por causa da ameaça à continuação do culto no qual ele estava envolvido.

**20.2** — Jeremias foi espancado e confinado em uma fortificação por *Pasur*. Essa não era uma prisão ou calabouço normal, mas, sim, um complexo de detenção para aqueles que profanavam a área por meio de impurezas ou de comportamento reprovável. A *porta superior de Benjamim* era chamada assim para distingui-la de outra porta da cidade com o mesmo nome. Essa porta dava acesso aos pátios do templo a partir do norte, a direção do território de Benjamin.

**20.3,4** — O nome *Magor-Missabibe* significa terror *por todos os lados*. Assim como Pasur havia trazido *terror* para Jeremias, ele também iria tornar-se um terror para si próprio, sua família e seus aliados. O inimigo vindo do norte descrito em passagens anteriores (Jr 1.13-15) agora é identificado como a *Babilônia*.

**20.5** Os quatro recursos de Jerusalém que seriam levados juntamente com os exilados para a Babilônia eram a riqueza, o fruto do seu trabalho, todas as suas coisas preciosas e os tesouros.



## EM FOCO

PALAVRA (HB. *DABAR*)

(1.2, 13; 7.2; 20.8; 26.5; Dt 24.5)

Esse vocábulo hebraico deriva do verbo *falar* e representa a palavra ou aquilo que é dito. Geralmente diz respeito à ideia ou ao conteúdo do que é proferido, e é traduzido como *acontecimentos* (2 Sm 11.19, ARA) ou *carga* (Dt 24.5).

A expressão *Palavra do Senhor* é utilizada pelos profetas no início de uma mensagem divina (Jr 1.13).

No caso da literatura profética, *palavra* pode ser um termo técnico para *profecia*. Nas Escrituras, a palavra de revelação é associada aos profetas (Jr 26.5), assim como a sabedoria está ligada aos sábios e a lei aos sacerdotes (Jr 18.18).

Jeremias utilizou o termo *dabar* mais do que qualquer outro profeta para poder demonstrar a autoridade que lhe fora concedida por Deus.

Essa lista é acompanhada de quatro verbos que descrevem o confisco dos bens valiosos de Jerusalém: *entregar, saquear, tomar e levar*.

**20.6** — *Pasur*, sua família e seus aliados, que fizeram oposição Jeremias, seriam deportados para a *Babilônia* porque *Pasur* havia *profetizado falsamente*. Aparentemente, ele havia declarado que Jerusalém não seria destruída.

**20.7-18** — O desespero de Jeremias se aprofunda ao acusar Deus de tê-lo atraído a esse escárnio (Jr 7—10), então ele irrompe em uma expressão de fé e louvor (Jr 11—13), seguida de um novo queixume por seu nascimento e seu chamado (Jr 14—18). Esse trecho segue quase que literalmente a forma dos lamentos individuais encontrados no livro de Salmos.

**20.7** — *Iludiste-me [...] e iludido fiquei*. Um jogo de palavras com a intenção de utilizar duas formas do mesmo verbo em hebraico, que significa *atrair*. Jeremias afirmou que o Senhor o havia seduzido e que ele havia sucumbido à tentação.

**20.8** — Jeremias havia proclamado oficialmente a *Palavra* de Deus a respeito do julgamento e da destruição, mas a profecia não havia se cumprido, fazendo com que o profeta fosse vítima de *opróbrio e ludíbrio*.

**20.9** — Jeremias decidiu não mais declarar a palavra de Deus ou falar *no seu nome*. No entanto a mensagem divina não podia se contida no íntimo nem impedida de cumprir seu propósito pré-determinado (Is 46.10, 11; 55.11). A *Palavra* de Deus era como um *fogo* ardente no *coração* e nos

ossos de Jeremias; caso não fosse liberada, o profeta morreria. Diferente do coração do povo, a mente, o físico, as emoções e o espírito de Jeremias estavam sobrecarregados com a palavra de Deus e sua vontade para seu povo.

**20.10** — Jeremias foi ridicularizado com suas próprias palavras, *terror de todos os lados* (Jr 20.3,4).

*Denunciai*. Tudo aquilo que Jeremias anunciava os líderes de Judá conseguiam reverter contra ele até o profeta se sentir totalmente desmoralizado.

**20.11** — A maioria dos salmos de lamento individual contém uma confissão de confiança em Deus (Sl 13). Jeremias se voltou ao Senhor em oração e louvor em seu momento de maior necessidade.

*Está comigo*. Em seu chamado, Deus prometeu que sua presença iria libertar Jeremias (Jr 1.8,19).

*Valente terrível*. Deus era o guerreiro poderoso que combatia em favor do profeta. Seus inimigos não *prevaleceriam* (Jr 20.7,10), mas *tropeçariam* e cairiam perante Deus. A punição deles seria vergonha e *confusão perpétua* (23.40).

**20.12** — *Tu [...] que provas*. Deus prova (Jr 17.10) e julga *o justo*, aquele que segue os caminhos e a verdade do Senhor.

*Vês os pensamentos e o coração*. Deus é capaz de enxergar o mais íntimo de uma pessoa e discernir a atitude e o espírito do indivíduo.

*Vingança*. Jeremias clama em busca do julgamento e da destruição prometidos por Deus, para que sejam cumpridos sem demora.

20.13 — A declaração de confiança de Jeremias transforma-se em louvor à medida que ele cita ou parafraseia um salmo ou hino. O contexto e o conteúdo desse trecho são muito semelhantes ao Sl 35.9 (Sl 109.30,31).

20.14-18 — Esse trecho é uma continuação do lamento em 15.10.

20.14,15 — Em Israel antigo, amaldiçoar a Deus ou os pais era uma ofensa punida com a morte. Jeremias evitou cometer uma ofensa capital amaldiçoando sua concepção e seu nascimento, e portanto seu chamado divino.

20.16,17 — A profunda depressão de Jeremias fez com que ele desejasse a morte do homem que levou as boas-novas de seu nascimento a seu pai.

*Sem que se arrependesse.* Jeremias, em seu sofrimento, considerou que teria sido melhor se tivesse morrido antes de nascer em vez de enfrentar rejeição, perseguição e aprisionamento.

20.18 — A pergunta no clamor de Jeremias permanece sem resposta nesse contexto. A explicação pode ser encontrada nas palavras de seu chamado e no cumprimento iminente das palavras que ele havia proclamado de modo fiel e diligente.

21.1-23.40 — Essa seção inicia com uma série de oráculos fundamentados nos encontros de Jeremias com os reis e líderes religiosos de Judá, encerrando com o relato de uma visão (Jr 24.1-10) que traça um paralelo com a seção anterior, terminando com o relato de um ato simbólico.

21.1-10 — Esse capítulo está relacionado com o anterior por causa do nome *Pasur* (Jr 21.1; 20.1), embora não se trate da mesma pessoa. A data desse oráculo de julgamento em prosa pode ser determinada como 589 ou 588 a.C., quando Nabucodonosor deu início ao cerco a Jerusalém em retaliação à rebelião de Zedequias. Por ter recebido promessa de apoio do Egito, Zedequias buscou libertar seu reino do controle babilônico. Entretanto, como Jeremias havia declarado, essa rebelião resultaria na devastação final de Jerusalém.

21.1 — *Pasur, filho de Malquias* mandou lançar Jeremias no calabouço por causa da suposta deslealdade do profeta para com o reino (Jr 38.1-6).

*Sofonias, filho de Maaseias*, era um oficial do templo que, com outras pessoas, buscou direcionamento divino por meio do conselho de Jeremias (Jr 37.3, 4).

21.2 — *Perguntar* ao Senhor significa buscar sua vontade. *Nabucodonosor* foi rei da Babilônia de 605 a 562 a.C. A palavra *maravilha* era usada basicamente para falar de Deus em Sua atividade e sobre Seus atos poderosos em favor de Israel (Sl 40.5). O Senhor havia libertado Jerusalém da destruição durante o cerco de Senaqueribe da Assíria, em 701 a.C.; o rei Zedequias esperava obter uma libertação semelhante.

21.3,4 — A resposta de Jeremias a *Zedequias* foi desmoralizante. Em vez de rechaçar o ataque dos babilônios, Deus iria retirar a pouca força que ainda restava a Jerusalém.

21.5 — Pelo fato de o povo de Judá ter se tornado inimigo de Deus, o Senhor iria *pelejar* contra a nação. *Mão estendida [...] braço forte.* Os instrumentos divinos pelos quais Israel havia alcançado a libertação do Egito (Êx 15.6; Dt 6.21) e de seus inimigos seriam usados contra a nação.

21.6,7 — A *pestilência* que assolaria *homens e animais* lembra uma das pragas divinas contra os egípcios antes do êxodo (Êx 9.1-7).

*Nabucodonosor [...] inimigos [...] que buscam a sua vida.* Os babilônios não apenas causaram muitos danos em Judá, mas também vários outros inimigos como os edomitas, que atacaram e se estabeleceram nas regiões áridas ao sul. Deus *não os poupará, nem se compadecerá* dos habitantes rebeldes de Judá e Jerusalém.

21.8,9 — *Caminho da vida [...] caminho da morte.* A *morte* viria para aqueles que tentassem sobreviver ao cerco de Jerusalém; a *vida* era possível por meio da rendição aos *caldeus* (babilônios). *Despojo* geralmente se refere aos saques e espólios de guerra. Aqueles que se submetessem aos babilônios estavam a favor de Deus, e sua recompensa seria manter a própria vida (Jr 38.2). De algumas maneiras, o livro de Jeremias se assemelha a um tratado político. Havia dois grupos competindo por atenção em Jerusalém: o partido pró-Egito, que acreditava que uma aliança com aquela nação protegeria Judá da ameaça

dos babilônios, e o partido pró-Babilônia, que acreditava que a queda de Jerusalém era inevitável. Com certeza, esta era a vontade de Deus. Portanto, o melhor a ser feito seria preparar-se para o inevitável. Jeremias, que defendia a causa deste último grupo, foi declarado inimigo do Estado quando o partido pró-Egito atraiu o apoio da maioria da população.

**21.10** — *Pus o rosto*. Essa expressão descreve a intenção firme de Deus, que nesse contexto é contra Jerusalém. O resultado seria *para mal, e não para bem*.

**21.11-14** — Esse oráculo, em uma linguagem semelhante a Jr 7.6 e Dt 17.18-20, estabelece as bases para o julgamento contra os reis de Judá nos capítulos seguintes. O rei deveria se dedicar aos mandamentos de Deus e *julgar*, ou exercer a justiça. O teste derradeiro para o rei era determinado com base em sua reação em relação aos oprimidos e *espoliados* (Is 1.17; Am 4.1-3).

**21.13,14** — *Moradora do vale [...] rocha da campina*. Essas expressões dizem respeito a Jerusalém. Exércitos inimigos geralmente se aproximavam da cidade a partir do norte ao longo de uma série de colinas. *Visitar* significa *trazer julgamento* nesse contexto.

**22.1-10** — Essa seção dá continuidade ao oráculo da semente em Jr 21.11,12 falando a respeito da justiça real. Ela menciona antecipadamente as mensagens para os três reis Salum (Jeoacaz), Jeoquim e Joaquim em 22.11-30.

**22.1** — As pessoas *desciam* para Jerusalém a partir do norte em Anatote chegando a um território de altitudes um pouco menores. A *casa do rei* era o palácio real localizado ao sul dos pátios do templo.

**22.2** — A profecia de Jeremias destinava-se a três grupos: reis assentados no *trono de Davi*, e que, portanto, eram da linhagem de Davi, os *servos* dos reis (oficiais reais e auxiliares), e o *povo*, que *entraís por estas portas*. A última expressão pode se referir aos cidadãos em geral ou aos indivíduos que com frequência entravam pelos portões do palácio.

**22.3** — De acordo com Is 11.1-5, o rei ideal da linhagem de Davi iria *exercer o juízo*, ou julgamento,

e a *justiça*, ou retidão e correção. Essa descrição menciona antecipadamente o *Renovo justo*, em Jeremias 23.5. Os escritores dos livros de sabedoria e proféticos ecoavam o mesmo sentimento com relação à retidão dos reinos — de que deveriam ser medidos de acordo com sua proteção aos três segmentos da sociedade que eram incapazes de se defender: o *estrangeiro*, o *órfão* e a *viúva*.

**22.4,5** — Se os líderes demonstrassem justiça e retidão, a prosperidade contínua de uma dinastia davídica seria garantida. No entanto, se as pessoas não dessem ouvidos às *palavras* do Senhor, a casa de Davi seria transformada em *assolação* — ou seja, em ruínas.

**22.6,7** — *Gileade* e *Libano* forneciam madeira para os palácios reais. Essas residências luxuosas seriam reduzidas a um *deserto* e queimadas no fogo se os reis desobedecessem a aliança.

**22.8** — Até mesmo as *nações* — os gentios — reconheceriam que a punição descrita em Jr 22.5-7 vinha do Senhor, o resultado de sua insatisfação com seu povo.

**22.9,10** — As nações pagãs iriam reconhecer que a destruição de Jerusalém ocorrera por Judá ter violado seu *concerto* com Deus. O povo de Judá havia trocado o Senhor por divindades estrangeiras, a quem *inclinavam-se* e *serviam*.

**22.11-30** — Três mensagens a reis de Judá e um lamento a respeito de Jerusalém estão presentes nesse trecho: (1) uma mensagem sobre Salum (Jr 22.11,12); (2) uma mensagem a respeito de Jeoquim (Jr 22.13-19); (3) um lamento a respeito de Jerusalém (Jr 22.20-23); e (4) uma mensagem a respeito de Jeconias (Jr 22.24-30).

**22.11,12** — Essa é a primeira de três mensagens dirigidas a reis de Judá. *Josias* morreu em Megido, em 609 a.C., enquanto tentava impedir que o Faraó Neco do Egito viesse ajudar a Assíria.

*Que saiu deste lugar* é uma referência a Jeoacaz, também chamado *Salum*. Esse quarto filho de Josias chegou ao trono por intermédio do povo de Judá, mas foi deposto três meses depois pelo Faraó Neco. Salum foi aprisionado e levado cativo para o Egito (2 Cr 36.1-4). Eliaquim (Jeoquim), irmão de Salum, foi colocado no trono como um rei vassalo do Egito. Neco preservou o

controle da Palestina, até que Nabucodonosor derrotou o Egito na batalha de Carquêmis, em 605 a.C. Salum (Jeoacaz) morreu sem retornar do Egito, em cumprimento das palavras de Jeremias (2 Rs 23.34).

**22.13-23** — A segunda mensagem é dirigida a Jeoquim, que enfeitou seu palácio explorando o povo, de acordo com o conteúdo dessa mensagem. A profecia pode ser datada entre 609 e 605 a.C., enquanto Jeoquim estava sob controle dos egípcios. Suas atitudes foram caracterizadas por qualidades opostas às de um rei fiel à linhagem davídica: injustiça e sem direito.

**22.13,14** — *Injustiça [...] sem direito*. Os termos-chave para as qualidades genuínas de um líder bíblico — retidão e justiça — eram opostas às atitudes do rei.

*Que se serve do serviço do seu próximo, sem paga*. O rei deveria ser o guardião de seu povo, mas Jeoquim estava escravizando seus companheiros israelitas para construir palácios luxuosos em sua honra.

**22.15,16** — *Acaso, teu pai [...] não exercitou o juízo e a justiça?* Essa pergunta retórica identifica Josias, pai de Jeoquim, como um rei modelo.

*Conhecer-me*: Israel parecia por sua falta de conhecimento de Deus (Os 4.6). O conhecimento do Senhor aqui está relacionado à preocupação com a causa do aflito e do necessitado (Jr 20.13).

**22.17** — Jeoquim não seguiu os passos de Josias. *Avareza [...] sangue inocente, a fim de derramá-lo [...] opressão e violência*. Essa tráfede de pecados que caracterizava o reinado de Jeoquim transmitia uma mensagem bastante marcante para Judá com relação ao colapso do reinado. As violações da aliança não ficariam impunes.

**22.18,19** — Um rei com um caráter tão desprezível como o de Jeoquim não merecia receber lamento. *Sepultura de jumento*: em vez de receber um funeral digno de um rei, Jeoquim teria um enterro ignóbil, como um animal, sozinho, e sem receber lamento.

**22.20-23** — Nesse lamento sobre a cidade santa, Jerusalém é descrita como uma mulher abusada e humilhada, com muitos amantes estrangeiros.

**22.20** — Jerusalém é convocada para lamentar sua destruição nas regiões montanhosas do norte — *Líbano*, do nordeste — *Basã*, e nas regiões montanhosas do sudeste — *Abarim*.

*Namorados* provavelmente refere-se ao passado de Judá e seus atuais aliados políticos, tais como a Fenícia, Arã, Moabe e o Egito.

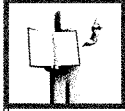
**22.21** — Deus havia falado a Israel e a Judá em períodos de *prosperidade*, como nos dias de Azarias, Jeroboão II e Josias, mas o povo não *deu ouvidos* às palavras dos profetas, dos reis justos, dos sacerdotes e de outros líderes.

**22.22,23** — *O vento conduzirá para longe todos os governantes* (NVI). Os ventos de adversidade e de invasão levariam embora os líderes e os aliados de Judá. A nação seria *envergonhada* por ter se envolvido em alianças tão fúteis. *Líbano*, nesse trecho, refere-se a Jerusalém (em contraste com o Jr 20). *Cedros* diz respeito aos luxuosos palácios reais na cidade (Ez 17.1-10).

**22.24-30** — *Jeconias*, também conhecido como Joaquim, sucedeu seu pai em 598 a.C., sob a ameaça de cerco dos babilônios como resultado da rebelião de Jeoquim. O *selo* do anel do rei, um símbolo de seu poder e de sua autoridade, foi utilizado para selar documentos oficiais da corte. Joaquim não podia servir a Deus dessa maneira por causa de seu reinado maligno (2 Rs 24.9). Ele permaneceu no trono por três meses, até que ele e sua família foram exilados para a Babilônia por ordens de Nabucodonosor (2 Rs 24.6-16). *Tua mãe* refere-se a Neústa, a rainha-mãe de Joaquim, então com 18 anos. O rei foi libertado da prisão após a morte de Nabucodonosor (2 Rs 25.27).

**23.1-8** — Os reis de Judá haviam fracassado em viver de acordo com os padrões divinos e da linhagem davídica, portanto, libertação e restauração só poderiam vir por meio da intervenção divina. A primeira seção (Jr 23.1-4) apresenta uma transição a partir da condenação aos reis (pastores) de Judá (Jr 22.11-30), para a proclamação da vinda do Rei justo e reto (Jr 23.5,6), e então para a restauração do remanescente na terra prometida (Jr 23.7,8).

**23.1,2** — A expressão *ai* geralmente introduz uma mensagem de julgamento. *Pastores*: no



## ENTENDENDO MELHOR

### CONHECER DEUS

Muita gente fala sobre conhecer Deus. No entanto, o que isso significa realmente? As Escrituras parecem sugerir duas maneiras pelas quais uma pessoa pode conhecê-lo. A primeira é ter um relacionamento pessoal com Ele. Podemos conhecer o Senhor nesse sentido, por causa do que Cristo fez na cruz para remover a barreira do pecado que nos separava do Pai (Gl 4.3-9; Hb 8.11,12). Entretanto, conhecer Deus no sentido de ter um relacionamento com Ele, caminha lado a lado com o sentido dessa experiência de conhecê-lo: o de viver de uma maneira que lhe agrada. Se afirmamos conhecer Deus, então nossas atitudes devem demonstrar isso (1 Jo 1.6). Foi com base nisso que Jeremias desafiou o rei Jeoaquim (Jr 22.15,16).

Jeoquim foi coroado pelos egípcios, que depuseram seu irmão Jeoaquim após este ter ocupado o trono por apenas três meses (2 Rs 23.31-34). Judá passou a ser controlado pelo Egito, pagando cem talentos de prata e um talento de ouro, provavelmente todos os anos. Para conseguir os recursos necessários, Jeoaquim aumentou os impostos (Jr 23.35), o que aparentemente foi bastante prejudicial para os pobres (Jr 22.16,17). Enquanto isso, ele realizava extravagantes projetos de construção, sempre oprimindo a classe trabalhadora (Jr 22.13,14).

Além desses pecados, Jeoaquim trouxe de volta os ídolos que seu pai, Josias, havia destruído (Ez 8.5-17), e chegou até a caçar um profeta do Senhor e ordenar que ele fosse executado (Jr 26.20-23). No geral, a avaliação de Deus a respeito desse rei era de que ele estava comprometido apenas com sua própria cobiça (Jr 22.17).

Talvez Jeoaquim pensasse que, por ser israelita e seu pai ter conhecido o Senhor, ele automaticamente também conhecia Deus. Se esse era o caso, estava enganado. Josias havia demonstrado atitudes coerentes com suas palavras realmente promovendo justiça e juízo, e não apenas falando a respeito disso. Nesse sentido, ele realmente conhecera o Senhor (Jr 22.15,16).

E quanto a você? Tem um relacionamento pessoal com Deus pela fé em Cristo? Se sua resposta é afirmativa, sua vida reflete esse relacionamento em tudo que você faz, principalmente na maneira como trata outras pessoas, principalmente os menos afortunados? Sua vida e seu caráter influenciam um descrente fazendo com que ele se interesse por Deus? Tenha cuidado ao afirmar que conhece o Senhor, caso esteja agindo como se nunca tivesse ouvido falar dele (Lc 6.46-49).

O Oriente Médio antigo, o reinado ideal geralmente era apresentado com a ilustração de pastor. Para Israel, o ideal do Bom Pastor estava presente em seu Grande Rei (Sl 23) refletido por meio do reinado de Davi, o rei pastor. Entretanto, em vez de proteger e cuidar da nação, os reis pastores de Israel haviam *dispersado* e deixado de *visitar* ou cuidar do povo.

**23.3** — Os reis de Israel haviam causado a dispersão da nação; entretanto o Senhor seria misericordioso para trazer a restauração do resto. O conceito de um remanescente estabelecido novamente na terra tem destaque nos livros dos profetas (Is 1.9; 10.20-23; 11.16; 46.3). A bênção de restauração e de prosperidade como consequência do arrependimento é descrita em Deuterônimo 30.1-10.

**23.4** — Deus levantaria uma nova geração de reis que defenderia o bem-estar do povo e a vontade do Senhor acima de seus próprios desejos.

**23.5** — *Renovo*. Começando com Isaias 4.2, esse termo é usado para falar do Messias prome-

tido (Jr 33.15; Zc 3.8; 6.12). Esse grande rei governaria com *juízo e justiça*. Esse ideal está baseado na promessa de Deus a Davi (2 Sm 7.16). A necessidade de que o Senhor enviasse Seu próprio rei estava baseada no fracasso dos monarcas de Israel de viverem de acordo com os padrões esperados de um rei (Jr 21.11, 12; 22.1-4).

**23.6** — Os dias do reinado do Messias iriam trazer salvação. Tanto *Judá* como *Israel* seriam restaurados. O nome que caracteriza esse rei ideal é O SENHOR, *Justiça Nossa*. Ele faz um contraste com o nome Zedequias, que significa *o Senhor é minha justiça* (Jr 21.1). O nome de Zedequias era totalmente errôneo se comparado Àquele que estabelecia o governo verdadeiro e justo — o Rei designado por Deus (Is 9.7; 11.1-10). Esse é um dos trechos da bíblia hebraica que falam especificamente a respeito da vinda do Salvador e Rei glorioso.

**23.7,8** — *Eis que vêm dias*. A restauração futura de Israel seria muito maior do que as que ocorreram no passado; iria suplantat até mesmo



o primeiro êxodo, a libertação do Egito. Um texto semelhante encontra-se em Jeremias 16.14,15, após um oráculo de julgamento.

**23.9-40** — A mensagem temática de Jeremias para os líderes de Judá volta-se agora para os profetas que abusavam de seu ofício divino e proclamavam a falsa esperança de paz e libertação. Pelo fato de esses falsos profetas terem se associado a seitas estrangeiras, não conheciam o conselho de Deus. A comparação com os oráculos contra os falsos profetas, em Jeremias 26.1–29.32 sugere que essa profecia foi proclamada durante o reinado de Zedequias. Essa longa seção tem quatro partes: (1) a adulteração dos líderes e da terra (Jr 23.9-15); (2) uma falsa mensagem de paz (Jr 23.16-24); (3) sonhos inúteis (Jr 23.25-32); e (4) oráculos de repreensão (Jr 23.33-40).

**23.9,10** — *Coração* nesse trecho refere-se à mente muito mais do que às emoções. O sofrimento de Jeremias por causa dos falsos profetas o enfraqueceu mental e fisicamente, de tal modo que se sentia *embriagado* por causa da opressão no íntimo. O profeta também se sentia sobrecarregado por causa das *palavras da santidade* de Deus.

O termo *adúltero* pode ser aplicado àqueles que praticavam comportamento sexual imoral, àqueles que cometiam adultério espiritual e seguiam outros deuses, e àqueles envolvidos em prostituição cultural. Os efeitos do adultério chegaram à terra. Em vez de desfrutarem da fertilidade concedida por Deus e da produtividade das colheitas, os *pastos* agora *secam*. Aqui, *deserto* refere-se não a uma terra árida, mas às pastagens. *Força* aqui pode se referir ao poder real.

**23.11,12** — Os profetas deveriam ser portavozes de Deus para falar à nação. Os sacerdotes deveriam ensinar a Lei, fazer distinção entre coisas puras e impuras e supervisionar as cerimônias religiosas (Lv 10.8-20). *Contaminado* significa impuro ou corrupto. Assim como o *profeta* e o *sacerdote*, o templo de Deus estava poluído pela *maldade* dos líderes espirituais.

**23.13,14** — Os *profetas de Samaria*, em vez de falarem em nome de Deus, *profetizaram da parte de Baal*. Eles *fizeram errar o meu povo de Israel* — ou seja, levaram o povo a se afastar moral, mental

e espiritualmente dos padrões divinos. Samaria tinha sido capital do reino do norte de Israel. Fundada pelos israelitas, quase que imediatamente voltou-se para o que Jeremias chamou de *lucura*, literalmente, a adoração indiscriminada aos ídolos. Eventualmente, Deus permitiu que os assírios conquistassem a cidade.

*Coisa horrenda* aqui refere-se à algo extremamente reprovável (Jr 5.30). Deus percebeu que os *profetas de Jerusalém* estavam cometendo *adultério* (Jr 10) e caminhando *com falsidade*. O termo *falsidade* é utilizado por Jeremias para se referir à idolatria. Os líderes de Judá haviam dado apoio a *malfeitores*, que, como os reis, abusavam do poder de seus cargos. A nação se tornou como *Sodoma* e *Gomorra* e, portanto, merecia o mesmo julgamento daquelas cidades (Gn 19.12-29).

**23.15** — *Aosna* e *águas de fel* referem-se à amargura e à morte por envenenamento. De acordo com Dt 18.20, a consequência das falsas profecias era a morte.

**23.16** — O termo *vaidades* é utilizado para descrever a futilidade de dar ouvidos àqueles que *falam da visão do seu coração*. Visões eram comumente compreendidas como um meio de receber uma mensagem divina (ou dos deuses). O termo *visão* utilizado nesse trecho e em Jeremias 14.14 está presente também em Daniel (Dn 1.17; 8.1); além disso, é utilizado em outros livros proféticos para descrever uma revelação divina (Is 1.1; Mq 3.6).

**23.17** — Os falsos profetas proclamavam uma falsa esperança de *paz* e segurança àqueles que menosprezavam Jeremias. No entanto, a intenção de Deus era trazer *mal* ou calamidade (Jr 6.14).

**23.18** — O *conselho* de Deus está disponível para aqueles que caminham no temor do Senhor de acordo com *sua palavra*, e que compreendem as obras de Deus na natureza e na história.

**23.19,20** — O conselho de Deus aos ouvintes de Jeremias não era de paz, mas de um duro julgamento. A *tempestade* é utilizada como símbolo do juízo de Deus (Is 29.6). *Pensamentos do seu coração*: essa expressão fala sobre os planos e propósitos de Deus pelos quais ele traria a punição (compare Sl 40.5).

**23.21,22** — Um profeta genuíno deve ser *mandado* por Deus com uma palavra vinda do Senhor. Um profeta genuíno de Deus chama o povo ao arrependimento do pecado ou da *maldade* e para a renovação da fé.

**23.23,24** — A seção termina como começou (Jr 23.18-24), com perguntas retóricas que fazem um contraste entre a natureza de Deus e a visão errônea do povo. Deus não é uma divindade distante e desinteressada, como Baal (2 Rs 18.27), mas um Ser que está sempre *perto* de Seu povo. Nada fica oculto a Ele; nada lhe passa despercebido.

**23.25-32** — O conteúdo desse oráculo baseia-se em Deuteronômio 13.1-6, no qual o “profeta sonhador” é condenado à morte por afastar o povo de Deus e de sua Lei.

**23.25-27** — *Mentiras* nesse trecho está no singular no original, referindo-se à qualidade da palavra dos falsos profetas.

*Sonhei*. Os sonhos eram valorizados entre os assírios, egípcios e babilônios como um meio de revelação divina. Entretanto, na Lei e na tradição dos israelitas, os sonhos eram analisados com cautela.

*Coração dos profetas*. O caráter dos falsos profetas baseava-se em *mentiras* e *engano*. Seu engano era aparente, porque seu objetivo era levar o povo à idolatria com seus sonhos fantásticos, fazendo com que todos se *esquecessem* de Deus e seguissem *Baal* (Jr 2.8).

**23.28,29** — Esse interlúdio poético compara *sonho* e *palavra*. Um sonho é algo passageiro, como a *palha*. A Palavra de Deus tem a força do *fogo* e de um *martelo*.

**23.30,31** — *Furtam as minhas palavras*. Tendo falta do conhecimento verdadeiro e uma Palavra de Deus, os falsos profetas repetiam esperanças falsas e deturpavam as mensagens do Senhor.

*Usam de sua língua e dizem. Ele disse*. Os falsos profetas falavam por si próprios, carecendo de uma palavra genuína vinda de Deus.

**23.32** — Os falsos porta-vozes de Deus profetizavam *sonhos mentirosos*, iludindo o povo. *Leviandades* reforça ainda mais o caráter perverso dos falsos profetas.

**23.33-40** — Essa seção consiste de um trocadilho (jogo de palavras) com base no termo *peso* e a questão de sua origem ser divina ou humana. O termo hebraico traduzido como *peso* descreve o discurso profético ríspido que sobrecarregava o profeta.

**23.34-36** — Nenhuma mensagem genuína poderia vir de falsos profetas. O compartilhamento de palavras entre companheiros (Jr 23.27) perverteria as *palavras do Deus vivo*. *Torcer* significa aqui invalidar. Os falsos profetas manipulavam as Palavras de Deus em seu próprio benefício.

**23.37** — Jeremias utilizou de sarcasmo para com aqueles que afirmavam ter recebido uma Palavra de Deus.

**23.37-40** — Proclamar o *peso* [mensagem] do SENHOR era proibido aos falsos profetas.

*Perpétuo opróbrio e eterna vergonha*. A desgraça que cairia sobre os falsos profetas seria por um período longo; e essa lembrança permaneceria para sempre (Jr 20.11).

**24.1-10** — O primeiro ciclo importante de oráculos de Jeremias (Jr 2.1–24.10) conclui com uma visão que remonta àqueles que confirmaram seu chamado (Jr 1.11-16). A mensagem diz respeito à interpretação da visão de duas cestas de figos, uma com frutos maduros e prontos para o consumo, e outras de frutos impróprios.

**24.1-3** — *Fez-me o SENHOR ver*. Essa expressão sugere a experiência com uma visão semelhante a de Amós e Joel. Isso se deu em 597 a.C., durante o exílio de *Jeconias* (Joaquim).

**24.4-7** — Os *bons figos* são identificados com os exilados deportados, incluindo a família real de *Jeconias*, que Deus separou *para seu bem*. Deus iria *fazer voltar* os cativos, estabelecendo-os na *terra* e multiplicando suas colheitas. Acima de tudo, Deus iria dar a eles *coração para que me conheçam*. Esse versículo antecipa a mensagem sobre a nova aliança de Jr 31.31-34.

**24.8-10** — De acordo com Jeremias 28 e 36–38, o povo que permaneceu em *Jerusalém* tratou Jeremias rispidamente, açoitando-o e lançando-o na prisão. *Zedequias* e a sua comitiva, juntamente com os judeus que fugiram para o Egito, veriam o *terror* e o *mal* vindos do Senhor.

25.1—51.64 — A segunda metade do livro de Jeremias começa neste trecho. Em Jr 2-24, Jeremias falou principalmente contra os pecados de Judá e de Jerusalém. A partir de Jeremias 25, ele fala não apenas a Judá e Jerusalém, mas também a todas as nações da terra.

25.1-38 — Todo o capítulo serve como uma passagem de transição entre as duas principais coletâneas de oráculos proclamados por Jeremias. Muitos teólogos consideram esse capítulo um tipo de resumo da primeira parte (Jr 2—24) contendo oráculos de julgamento contra Judá. Entretanto, ele também introduz a segunda seção (Jr 26—51) contendo oráculos contra as nações, começando com Judá. Em Jeremias 25 existem duas partes: (1) um oráculo da semente: julgamento *versus* Judá e Babilônia (Jr 25.1-14); e (2) julgamento sobre as nações (Jr 25.15-38).

25.1-14 — O julgamento contra Judá e a Babilônia tem uma função em Jeremias 25—51 da mesma maneira que Jeremias 2.1-3 está relacionado em Jr 2—24, ou seja, fornecendo uma espécie de resumo do que está mencionado no contexto mais abrangente. Os temas básicos são: (1) o julgamento de Deus contra Judá (Jr 25.1-11), que antecipa Jeremias 26—45; e (2) o julgamento de Deus contra a Babilônia (representando as nações; Jr 25.12-14, Jr 15-38), que antecipa Jeremias 46—51. A data é estabelecida como sendo o quarto ano de Jeoaquim (o primeiro ano de Nabucodonosor), ou seja 605—604 a.C.

25.1,2 — *O primeiro ano de Nabucodonosor.* Em 605 a.C., Nabucodonosor sucedeu seu pai no trono da Babilônia. Ele rapidamente levou seu exército a Carquêmis e derrotou os egípcios e algumas tropas assírias. No ano seguinte, as forças de Nabucodonosor obtiveram o controle de toda a Palestina, alcançando até a porção sul no rio do Egito.

25.3 — Começando com o período em que foi chamado, em 626 a.C., Jeremias proclamou fielmente a mensagem do Senhor por 23 anos. A expressão idiomática *madrugando e falando* descreve a diligência e a persistência de Jeremias.

25.4,5 — Outros *profetas*, tais como Habacucque, Sofonias e Urias (Jr 26.20), e outros de

séculos anteriores, haviam proclamado com persistência a mensagem de arrependimento para que a nação pudesse permanecer *na terra*. Segurança, prosperidade e vida longa *na terra* estavam diretamente relacionadas à fidelidade da nação para com a aliança de Deus (Dt 28; 29).

25.6,7 — A expressão *andar após* é usada ao longo do livro de Jeremias significando adoração a *deuses alheios*. A obra de *vossas mãos* refere-se aos ídolos feitos por homens utilizados em adoração pagã, uma violação da aliança (Êx 20.3-5) que provocou a ira de Deus.

25.8,9 — *Eis que eu.* O Senhor era o único que trazia julgamento; os babilônios e as tribos do norte era meros agentes de sua destruição. *Gerações do Norte.* O exército babilônio empregava mercenários citas e sumérios vindos da Ásia Menor. *Nabucodonosor [...] meu servo.* Essa expressão não significa que o monarca babilônio adorava o Deus de Israel, mas apenas que era usado pelo Senhor para cumprir seus propósitos (como no caso de Ciro, que é chamado de *ungido* do Senhor, em Isaías 45.1).

25.10,11 — *Farei perecer* nesse trecho indica um julgamento rigoroso. A vida como se conhecia chegaria ao fim. *Esta terra* refere-se a Judá e às nações em redor, tais como Moabe e a Fenícia, que seriam sujeitadas à escravidão e ao cativeiro. *Setenta anos* é a duração aproximada do cativeiro na Babilônia. De acordo com 2 Crônicas 36.17-22, isso marca o período desde a destruição do templo (586 a.C.) até a declaração de Ciro para que fosse feita a sua restauração e os exilados retornassem (538 a.C.), um período de 49 a 50 anos. Em Zacarias 1.12-17, esses anos marcam o período entre a destruição do primeiro templo (586 a.C.) e a construção do segundo (520—515 a.C.), ou seja, entre 66 e 72 anos. O período entre a ascensão da Babilônia sob o comando de Nabucodonosor (605/604 a.C.) e a queda da cidade sob o ataque de Ciro (538 a.C.) também está próximo desse número. No livro de Daniel, o período é interpretado outra vez como sendo 70 semanas de anos até que os planos de Deus para as nações se cumprissem. Tentativas de estabelecer esse período com exatidão não têm obtido sucesso. A

expressão *setenta anos* pode ser melhor interpretada como um período aproximado para o cativo na Babilônia; é um número com elementos potentes: *dez setes*. Também foi um número que chamou a atenção de Daniel no cativo (Dn 9.2).

**25.12-14** — *Visitarei o rei da Babilônia [...] nação [...] terra dos caldeus*. O papel de Jeremias como profeta para as nações (Jr 2.5) cumpre-se por meio de um discurso sucinto para a nação mais poderosa daquela época. Semelhante a Judá, a Babilônia se tornaria um *deserto perpétuo*. Neste livro. Após um curto período de aproximadamente 70 anos, a Babilônia, sob o comando de Nabonido e Belsazar, sucumbiria diante de Ciro e dos persas, e então Alexandre, o grande, conquistaria a cidade.

*Segundo os seus feitos e segundo as obras das suas mãos*. A Babilônia foi condenada por tratar o povo das terras conquistadas de modo imoral e antiético, e por causa de sua multidão de ídolos (Jr 51.33-50).

**25.15-38** — Esse trecho possui três partes: (1) o copo do julgamento (Jr 25.15-29); (2) um processo judicial contra as nações (Jr 25.30, 31); e (3) um lamento por causa da desolação (Jr 25.32-38).

**25.15-29** — Os oráculos contra as nações serviam dois propósitos: fazer uma advertência às nações contra sua injustiça para com Israel e outros povos, e fornecer a Israel a garantia de que Deus cuidava de seu povo e puniria seus inimigos. A palavra-chave nessa seção é o termo *copo* contendo o *vinho* de Deus, um símbolo do *furor* que estava prestes a ser derramado sobre as nações. Essa ilustração ocorre em Isaias 51.17-22;

Hebreus 2.15-17 e no oráculo de Jeremias contra Edom (Jr 49.12).

**25.15-17** — A sequência de três termos, *bebam, e tremam, e enlouqueçam* descreve o processo de julgamento pelo qual a *espada* do Senhor subjugava aqueles que se opõem. O estado de entorpecimento era condenado no Antigo Testamento; beber do cálice e cambalear demonstrava a culpa da pessoa (Nm 5.19-28).

*E tomei o copo*. Jeremias cumpriu fielmente as ordens de Deus.

**25.18** — A lista de nações que teriam de beber do cálice do julgamento do Senhor começa com *Judá e Jerusalém*, que seriam motivo de chacota (Jr 19.8; 25.9).

**25.19** — A primeira nação estrangeira condenada por Deus por intermédio de Jeremias foi o *Egito*. O oráculo completo encontra-se em Jr 46.

**25.20** — A *terra de Uz* geralmente é interpretada como sendo a região de Edom ou o norte da Arábia. *Asquelom* foi capturada por Nabucodonosor em 604 a.C. *Gaza* e *Asdode* também são mencionadas nas crônicas de Nabucodonosor na Babilônia (Jr 47).

**25.21,22** — Os reinos de *Edom, Moabe e Amom*, e os territórios litorâneos fenícios de *Tiro e Sidom*, sofreram duramente com os ataques de Nabucodonosor (Jr 48.1-49.22; Ez 27; 28).

**25.23,24** — Os reinos de *Dedã, Tema e Buz*, no deserto da Arábia, foram condenados. *Dedã* e *Tema* ficavam no território edomita (Jr 49.7,8). A localização de *Buz* é desconhecida.

**25.25,26** — *Elão* e a *Media* ficavam a leste da Babilônia (Jr 49.34-39).



## EM FOCO

### PASTOR (HB. RA'AH)

(Jr 23.1; 25.34; 31.10; Gn 49.24; Sl 23.1)

O substantivo hebraico traduzido como *pastor* refere-se a alguém que alimenta e cuida de animais. Davi disse que Deus era seu Pastor, porque o Senhor o sustentava e direcionava (Sl 23). Reis e outros líderes também eram vistos como pastores do povo, e esse título era frequentemente aplicado aos reis no Oriente Médio antigo. Davi foi um verdadeiro rei-pastor, liderando o povo de Deus com responsabilidade e protegendo seus súditos (2 Sm 1.2).

Jeremias repreendeu os líderes de Israel que se mostravam como falsos pastores e fracassavam em sua responsabilidade de prover o bem-estar espiritual do povo de Deus (Jr 23.1-4).

25.27,28 — Os três termos que descrevem um entorpecimento progressivo — *Bebei, e embebedai-vos, e vomitai* — enfatizam a extensão do julgamento que fluía a partir do cálice da ira de Deus. Aqueles que recusassem o cálice seriam forçados a *beber*.

25.29 — O julgamento de Deus *começaria* com seu próprio povo e sua cidade santa. Deus traria *castigo* sobre a cidade que era chamada por seu *nome*. Ao fazer isso, o Senhor vingaria Seu nome e Sua santidade. A partir de Jerusalém, a *espada* de julgamento de Deus partiria para os confins da terra.

25.30-32 — O julgamento universal de Deus é descrito com uma ilustração poética sobre um leão montês rugindo do topo das colinas. A contenda contra as nações é descrita por meio de um processo judicial com introdução (Jr 25.30), indiciamento (Jr 25.31) e anúncio de julgamento (Jr 25.32,33).

25.30 — *Desde o alto [...] desde a morada da sua santidade*. Geralmente, essas expressões referem-se à habitação de Deus no monte Sião (Jl 3.16; Am 1.2).

25.31 — *Estrondo* refere-se a um julgamento resultante da *contenda* de Deus, ou de seu processo judicial contra as nações. Embora não tivessem recebido a Lei como Judá e Israel, os gentios seriam julgados, porque eram *ímpios*. A palavra *ímpios* diz respeito à culpa associada com a violação de padrões éticos, incluindo o ataque aos direitos dos pobres e necessitados, bem como o abuso dos oprimidos.

25.32,33 — Assim como a calamidade terrível de Judá em que os cadáveres ficavam expostos ao tempo (Jr 7.33), as nações experimentariam inúmeras mortes e extensiva destruição. A negligência para com os mortos é descrita por meio de três termos: *não serão pranteados nem recolhidos nem sepultados*. Essa profanação terminaria na putrefação dos corpos, sendo transformados em *estrume* (Jr 8.2; 9.22; 16.4).

25.34-36 — O trio de lamentos, *Uivai [...] clamai [...] revolvei-vos*, serve para destacar a seriedade do julgamento que viria, e que resultaria em morte e cativo.

25.37,38 — Casas e pastos que uma vez foram *pacíficos* e seguros seriam devastados.

26.1-24 — Esse trecho tem quatro partes: (1) um chamado para o arrependimento no templo (Jr 26.1-11); (2) uma reiteração diante dos líderes de Jerusalém (Jr 26.12-15); (3) o exemplo do profeta Miqueias (Jr 26.16-19); e (4) o exemplo do profeta Urias (Jr 26.20-24). A circunstância envolvendo esse registro sobre os sermões no templo transmitidos por Jeremias e a subsequente confrontação com os líderes de Judá foi a ascensão de Jeoaquim ao trono após a deportação de Jeocaz para o Egito por intermédio do Faraó Neco (no final de 609 a.C. ou início de 608 a.C.). O sermão no templo (Jr 26.2-6) é uma espécie de sumário de Jeremias 7.1-15, provavelmente obra de Baruque, parte de uma série de oráculos contra Jerusalém que tratam da idolatria (Jr 7.1-8.3). O sermão no templo nesse trecho serve para introduzir o conflito entre Jeremias e os líderes políticos e religiosos em Judá e Jerusalém.

26.1 — *No princípio*. Essa expressão tecnicamente refere-se à parte do ano entre o dia em que o rei foi coroado e o início de seu primeiro ano completo de reinado, que teve início no mês de primavera de Nisã (de março a abril), em 608 a.C.

26.2 — O *átrio* do templo pode se referir a um dos pátios internos conectados pela porta mencionada em 7.2.

*Vêm adorar* descreve a adoração comum que acontecia ali, ou talvez mais especificamente as peregrinações a Jerusalém para festividades e dias de jejum.

*Não esqueças nem uma palavra*. Jeremias deveria falar com severidade e ousadia.

26.3-5 — A introdução ao oráculo de julgamento é expressada em termos condicionais. Se o povo se arrependesse de seu *mau caminho*, o Senhor se arrependeria do *mal* que estava ameaçando trazer sobre eles.

26.6 — *Siló* não ficava longe de Jerusalém. O povo podia ver os efeitos da calamidade na cidade por parte dos filisteus em 1050 a.C. — uma destruição que sobreveio embora tivesse sido esse o primeiro local de descanso da arca do concerto.

Jeremias usou *Siló* como uma ilustração do julgamento iminente de Jerusalém, embora o templo de Deus estivesse localizado ali.

**26.7** — O registro sobre Jeremias ter ouvido a mensagem dos três emissários da sociedade de Judá serve para antecipar as confrontações que viriam em seguida.

**26.8,9** — *Os sacerdotes, e os profetas, e todo o povo* refere-se à toda a assembleia dos adoradores. Os líderes religiosos responsáveis por supervisionar o templo consideraram que as palavras de Jeremias fossem blasfêmias, porque ele falava da destruição daquele edifício. O povo rejeitou a profecia de Jeremias e intentou matá-lo (veja Jo 8.59 para a descrição de uma rejeição semelhante sofrida por Jesus).

**26.10,11** — As palavras de Jeremias foram levadas aos *príncipes*, os administradores reais e oficiais do reino, que foram até à *Porta Nova* para realizar um inquérito oficial. Os profetas e sacerdotes apresentaram acusações contra Jeremias, pedindo a sentença de morte por ele ter falado *contra* Jerusalém.

**26.12,13** — Jeremias convocou a assembleia a *melhorar*, ou corrigir seus maus *caminhos* e *ouvir a voz* de Deus, aqui fazendo referência à aliança divina e às palavras proclamados por Jeremias.

**26.14,15** — Mantido cativo pela multidão hostil, Jeremias advertiu o povo a não cometer o pecado de derramar *sangue inocente*. O profeta já havia acusado os líderes de Jerusalém contra esse erro por sacrificarem crianças no vale de Hinom.

*Na verdade, o SENHOR me enviou.* Sentenciar o profeta de Deus à morte resultaria em julgamento ainda maior, acrescentando-o às outras ofensas do povo contra os céus.

**26.16** — *Este homem não é réu de morte.* A defesa de Jeremias foi aceita pela multidão, apesar da objeção dos líderes religiosos.

**26.17-19** — Após a audição judicial de Jeremias, um dos *anciãos* em meio ao povo citou o precedente do profeta do oitavo século *Miqueias, o morastita*. No reinado de *Ezequias*, Miqueias havia anunciado a destruição iminente de Jerusalém pelos assírios. No entanto, pelo fato de *Ezequias* e os habitantes da cidade terem se

arrependido, o lugar foi poupado do ataque do exército assírio sob o comando de Senaqueribe (701 a.C.).

**26.20-23** — *Urias*, cujo nome significa *o Senhor é a minha luz*, era de Quiriate-Jearim, cerca de 24 km a oeste de Jerusalém (1 Sm 7.1,2). Assim como Jeremias, *Urias profetizava em nome do SENHOR* fazendo julgamento contra Jerusalém. Quando *Jeoaquim* e seus administradores ouviram as declarações de *Urias*, procuraram atacar o profeta “blasfemador”, que escapou fugindo para o *Egito*. Como *Jeoaquim* era rei vassalo de Neco do Egito, *Urias* foi extraditado e executado. *Elnatã, filho de Acbor* estava entre os príncipes da corte de *Jeoaquim* que ouviram a leitura do primeiro rolo de oráculos de Jeremias (Jr 36.11-19) e protestou quando *Jeoaquim* queimou o rolo (Jr 36.20-26).

**26.24** — Jeremias foi acolhido por *Aicão, filho de Safa*, que, juntamente com seu pai, serviu como escriba na corte de *Josias*, quando o livro da Lei foi encontrado no templo (2 Rs 22.8-14). O irmão de *Aicão*, *Gemarias*, também se opôs ao fato de *Jeoaquim* ter queimado o rolo original de Jeremias (Jr 36.25). Essa família fiel que apoiou Jeremias foi fundamental para preservar a vida do profeta.

**27.1-29.32** — Nos dias da monarquia e dos reinos divididos, os profetas da corte, como *Natã* e *Isaías*, guiavam os reis em tomadas de decisão com conselhos vindos do Senhor. Quando a nação começou a se afastar da aliança com Deus, surgiram vários profetas afirmando possuir inspiração divina, mas, na verdade, suas palavras partiam de sua própria iniciativa, de interesses pessoais, políticos e religiosos. O conflito com um profeta genuíno de Deus como Jeremias era inevitável. Esses três capítulos relatam tais confrontos com *Zedequias* e outros profetas anônimos (Jr 27), com *Ananias* (Jr 28) e com *Acabe, Zedequias* e *Semaías* (Jr 29).

**27.1-22** — Essa seção consta de quatro partes: (1) jugos enviados a nações aliadas contra a Babilônia (Jr 27.1-11); (2) uma mensagem a *Zedequias* de Judá. submeta-se à Babilônia (Jr 27.12-15); (3) cuidado com os falsos profetas de

paz (Jr 27.16-18); e (4) o espólio dos utensílios do templo (Jr 27.19-22).

**27.1-11** — A primeira mensagem consta do registro de um ato simbólico de um jugo enviado aos reis de Edom, Moabe e Amom, regiões da Transjordânia, e aos reis fenícios de Tiro e Sidom. A realização desses atos com base em instruções do Senhor por parte de Jeremias está implícita, porque o profeta cumpriu fielmente todos os encargos divinos que recebera anteriormente.

**27.1-3** — *Prisões e jugos* são barras ou vigas de madeira presas ao pescoço de dois bois com tiras de couro. O ato simbólico de usar o jugo nos ombros transmitia a ideia de escravidão, restrição e aprisionamento. Os *mensageiros* eram embaixadores estrangeiros em Jerusalém.

**27.4,5** — Os embaixadores estrangeiros deveriam anunciar aos seus *senhores* que o Deus de Israel é o verdadeiro Senhor soberano sobre a criação e as atividades humanas. Toda a criação está resumida no trio de palavras *terra* [...] *homem* [...] *animais*. Diferente dos deuses das nações, cujo poder acreditava-se ser limitado geograficamente, o Rei de Israel reinava sobre toda a terra,

concedendo direito territorial e poder *a quem me agrada*.

**27.6,7** — *Meu servo*. Com todo o seu poderio e suas conquistas militares, o rei da Babilônia ainda era um servo do Deus de Israel, realizando os propósitos do Senhor — literalmente, o julgamento sobre Judá.

*Filho de seu filho* [...] *o tempo da sua própria terra*. Após a morte de Nabucodonosor, em 562 a.C., seus herdeiros e sucessores mantiveram o controle da Babilônia por apenas 24 anos. A Babilônia sucumbiu sem impor resistência a Ciro e ao exército persa, em 539 a.C., e mais tarde a Alexandre, o grande, da Grécia.

**27.8** — O símbolo do *jugo* foi explicado aos embaixadores estrangeiros. Aqueles que não se submetessem como vassalos à Babilônia seriam punidos.

**27.9,10** — A maneira como os reis convocavam vários profetas-advinhos para obter direcionamento é bem conhecida a partir do livro de Daniel (Dn 2.2; 5.7). Além dos *profetas*, havia também *advinhos*, como Balaão (Nm 22-24), que eram proibidos de realizar suas práticas ocultistas



## PERFIL

### NABUCODONOSOR, MEU SERVO

Quem é o líder mundial mais perigoso e traiçoeiro que você conhece? Quem você afirmaria ser a maior ameaça à paz mundial nos dias de hoje? Qualquer que seja sua resposta, provavelmente não será capaz de pensar nessa pessoa com uma suspeita maior e com um desdém mais profundo do que o que o povo de Judá tinha por Nabucodonosor, rei da Babilônia. No entanto, Deus chamou esse rei pagão de *servo* (Jr 27.6; compare com Jr 25.9). Isso se deve ter sido inconcebível para os contemporâneos de Jeremias. Para eles, Nabucodonosor era um grande mal. Ele governava uma superpotência que se levantava para controlar suas terras e destruir suas cidades. Como aquele monarca ímpio poderia ser um servo de Deus?

É interessante perceber que a descrição a respeito de Nabucodonosor se parece muito com outra de Ciro, o rei persa, transmitida por Isaías: Deus o chamou de *meu pastor* e *seu ungido* (Is 44.28—45.1).

Esses dois governantes dominavam vastos territórios no Oriente Médio da Antiguidade. Suas decisões determinaram muito do que aconteceu na história naquela época. Por uma perspectiva humana, eles estavam no controle. Entretanto, as profecias de Isaías e Jeremias demonstram que, em última instância, esses imperadores não tinham o controle dos acontecimentos. Quer soubessem disso ou não, esses reis eram apenas seres humanos e finitos; foram colocados em uma posição de autoridade pelo próprio Deus. Como tal, eram servos do Senhor, Seus agentes. Por meio de suas decisões, eles terminaram satisfazendo os propósitos de Deus; mesmo que não se dessem conta disso!

Deus é o Rei dos reis, os reis de antigamente e os de hoje. Com base nisso, o que então podemos afirmar a respeito dos líderes mundiais atuais? Talvez aqueles pelos quais temos menos apreço na verdade sejam servos do Deus vivo! Assim como Nabucodonosor e Ciro, Deus procura não apenas usá-los, mas também deseja que eles o conheçam. Você tem orado e trabalhado para que isso aconteça (1 Tm 2.1,2)?

em Israel (Dt 18.9-14); *sonhos* [ou sonhadores], uma classe de adivinhos proibida pela Lei (Dt 13.1-5); bem como os *agoureiros* e *encantadores*, ambos comuns entre as nações, mas proibidos de realizarem suas práticas em Israel (Dt 18.9-14). O esforço coletivo desses adivinhos para determinar o futuro de suas nações fracassou. Como os falsos profetas de Judá, eles declaravam uma mensagem de rebelião e resistência contra a Babilônia. Apenas Jeremias defendia a verdade. Deus iria punir Judá por intermédio de Nabucodonosor.

**27.11** — *Meter o pescoço sob o jugo*. Submeter-se à Babilônia significava sujeitar-se à vontade e aos propósitos de Deus.

**27.12-14** — A mensagem de Jeremias a *Zedequias* era a mesma que ele apresentara aos embaixadores estrangeiros (Jr 27.4-11): submeta-se à Nabucodonosor e aos babilônios e *viveis*, ou rebele-se contra Nabucodonosor — e contra Deus — e *morreréis*. A mensagem de morte é apresentada por meio do mesmo trio de termos sobre destruição em Jr 27.8, transmitida às nações estrangeiras. Jeremias falou não apenas contra os líderes religiosos, mas também contra os líderes políticos, assumindo uma postura que o classificaria como traidor da nação. Apesar da oposição que enfrentou, o profeta manteve-se firme em sua compreensão sobre a mensagem de Deus.

**27.15** — *Não os enviei*. O chamado divino e o comissionamento são pré-requisitos para cumprir o verdadeiro ofício profético. Os falsos profetas tais como Hananias (Jr 28) deram esperança às aspirações de Zedequias de se libertar do jugo dos babilônios, mas Jeremias disse que essas palavras eram *falsas*, faladas em *nome* do Senhor. Pelo fato de terem profanado o Nome de Deus, tanto o rei como seus profetas iriam *perecer*. Quando Jerusalém sucumbiu em 586 a.C., Zedequias tentou fugir para o deserto por meio da estrada que levava a Jericó. Ele foi capturado e levado a Ribla, onde seus filhos foram assassinados diante dele, e então seus olhos foram vazados (2 Rs 25.4-7). Esse ato de particular barbárie significava que a última coisa que Zedequias veria na vida seria a morte de seus filhos.

**27.16-22** — O terceiro discurso de Jeremias é apresentado como uma advertência aos *profetas* e ao *povo* que dava ouvido aos falsos profetas com relação ao futuro da nação e do templo.

**27.16,17** — *Não deis ouvidos*. Se os sacerdotes dessem ouvidos às palavras falsas dos profetas com relação à inviolabilidade do templo, estariam selando seu próprio destino e também o daquele edifício. Muitos *utensílios* (Jr 27.19) foram levados embora por Nabucodonosor durante o exílio de Jeconias (Joaquim). Os falsos profetas afirmaram que a Babilônia seria derrotada e os utensílios do templo seriam devolvidos.

**27.18-20** — Jeremias propôs um teste para verificar se as palavras dos profetas eram verdadeiras.

*Se há palavras do SENHOR com eles*. Se os profetas realmente estavam trazendo a mensagem do Senhor, sua *oração* — para a permanência dos utensílios do templo que haviam restado — seria respondida.

*Os utensílios que ficara*. Muitos dos utensílios do templo do Senhor foram levados para a Babilônia durante o exílio de Joaquim e de sua comitiva (2 Rs 24.13). De acordo com Jeremias, os utensílios que restaram seriam levados durante a destruição final da cidade. Os eventos provariam quem estava declarando as Palavras do Senhor.

**27.21,22** — A mensagem de Jeremias vinda do Senhor é apresentada em detalhes. Os *utensílios* remanescentes no templo, bem como no palácio do rei, à *Babilônia serão levados* até que o Senhor trouxesse o povo de volta. Em meio a uma mensagem contra os falsos profetas, Jeremias transmite uma palavra de esperança e restauração. A destruição era iminente, mas Deus não se esqueceria de Seu povo. Ele iria restaurar o remanescente justo.

**28.1-17** — Os oráculos contra os falsos profetas passam a enfocar o confronto entre Jeremias e Hananias, que ocorreram pouco depois dos eventos apresentados no capítulo anterior, talvez logo em seguida. O registro autobiográfico consiste de quatro movimentos: (1) a profecia de libertação de Hananias (Jr 28.1-4); (2) a resposta de Jeremias, julgue os resultados (Jr 28.5-9); (3) a réplica de



Hanania: dois anos até a libertação (Jr 28.10, 11); e (4) a resposta de Jeremias: a Babilônia avança, Hanania morre (Jr 28.12-16); e o epílogo com relação à morte de Hanania (Jr 28.17).

**28.1** — A expressão *no mesmo ano* refere-se ao tempo dos eventos registrados em Jr 27 (593 a.C.). O *mês quinto* era o mês de Abe (entre julho e agosto). *Hanania* era de *Gibeão*, localizada a quase 10 km a noroeste de Jerusalém, e cerca de 8 km a oeste da cidade natal de Jeremias, Anato-te. *Hanania* significa *o Senhor é gracioso*.

**28.2-4** — Hanania falou em nome do SENHOR dos Exércitos, utilizando o Nome de Deus como Jeremias fez para introduzir uma mensagem solene de julgamento contra a Babilônia. Falando com base na ilustração de Jeremias a respeito do jugo (Jr 27), Hanania proclamou a mensagem contraditória de que o *jugo [...] da Babilônia* seria *quebrado* por Deus. Hanania acreditava que a mensagem do Senhor para Judá era de libertação iminente — *depois de passados dois anos completos* — de servidão ao rei da Babilônia. Hanania também profetizou o retorno dos *utensílios* santos levados por *Nabucodonosor* do templo de Deus. Além disso, Hanania acolhia a crença popular de que o reinado de Zedequias era ilegítimo e que Deus iria restaurar *Jeconias* (Joaquim) ao trono de Jerusalém.

**28.5,6** — O discurso de Jeremias pode parecer sarcástico, mas certamente o profeta desejava que as *palavras* de Hanania viessem de Deus. Jeremias não desejava que o templo do Senhor fosse destruído e que os *utensílios* fossem levados para a Babilônia. Todavia a mensagem que ardia em seu íntimo dizia o contrário.

**28.7-9** — *Guerra, e mal, e peste*. A mensagem de Hanania a respeito de paz e prosperidade era contrária à longa tradição dos genuínos profetas hebreus. Amós, Oséias, Miqueias, Joel e Naum falaram sobre julgamento e destruição contra *grandes reinos* como a Assíria e o Egito. *Paz* nesse contexto refere-se ao bem-estar e à plenitude resultantes da restauração da nação por Deus.

**28.10,11** — Retirando o *jugo* do *pescoço* de Jeremias (cap. 27) e quebrando-o diante do povo, Hanania fez a declaração ousada.

*Assim quebrarei o jugo de Nabucodonosor [...] depois de passados dois anos completos, de sobre o pescoço de todas as nações*. Esse anúncio contradizia todas as afirmações de Jeremias e defendia a rebelião contra a Babilônia por parte de Judá e das nações ao redor, algo que o rei Zedequias sempre desejou.

**28.12,13** — Após um período indefinido de tempo, *veio a palavra do SENHOR a Jeremias*. O profeta de Deus foi instruído a retornar a Hanania com uma nova interpretação sobre o jugo. Pelo fato de Hanania ter quebrado os *jugos de madeira* originais, Deus iria substituí-los por *jugos de ferro* que não poderiam ser destruídos.

**28.14** — *Todas estas nações* contra as quais Jeremias havia falado originalmente (em Jr 27.1-11) serviriam a Nabucodonosor.

**28.15,16** — *Hanania* não havia sido *enviado* por Deus, mas havia afastado o povo do Senhor com *mentiras*. Como resultado, Hanania seria *lançado de sobre a face da terra e morreria* naquele mesmo ano.

**28.17** — *No sétimo mês*. Dois meses após Hanania profetizar a respeito do cativeiro de Judá (Jr 28.1), o profeta estava morto.

**29.1-32** — Várias cartas compõem esta coletânea de correspondências com os exilados que foram levados cativos em 597 a.C., incluindo Joaquim e a família real. Essas cartas contendo oráculos contra os falsos profetas em Jr 27 e 28 aparentam ser de uma data semelhante, 594 a.C. As Crônicas da Babilônia e outros documentos contemporâneos destes indicam que revoltas territoriais estavam trazendo problemas ao império de Nabucodonosor. Jeremias aconselhou os judeus exilados a se acalmarem e não esperarem um retorno imediato à sua terra. O capítulo tem as seguintes partes. (1) introdução (Jr 29.1-3); (2) aquietem-se e fiquem satisfeitos (Jr 29.4-7); (3) cuidado com as falsas profecias de um retorno rápido (Jr 29.8-10); (4) busquem ao Senhor e ele iria restaurá-los (Jr 29.11-14); (5) destruição e pragas contra Judá (Jr 29.15-19); (6) falsos profetas no exílio serão executados (Jr 29.20-23); e (7) uma palavra contra o profeta Semaías (Jr 29.24-32).

**29.1** — *Palavras da carta.* Um documento foi levado de Jerusalém para os judeus na Babilônia.

*Resto.* Isso pode implicar que alguns dos *anciãos* foram executados na revolta de 594 a.C., mencionada em Jr 29.21-23.

**29.2** — Esse parêntese na passagem fornece o pano de fundo para o texto de 2 Rs 24.12-16 com relação à deportação de Jeconias (Joaquim), a família real e os principais artesãos de Judá para a Babilônia, em 597 a.C.. Essa estratégia de retirar os líderes e deixar a população campesina para pagar impostos ao reino dominante foi copiada dos assírios e destinava-se a reduzir a probabilidade de rebeliões.

**29.3** — Os mensageiros eram *Elasa, filho de Safã*, talvez irmão de Aicão (Jr 26.24), e *Gemarias, filho de Hilquias*, membro do grupo de administradores de Joaquim (Jr 36.10). Os propósitos da visita podem ter sido vários: negócios oficiais de rotina, levar tributo de Judá, e talvez dar garantias a Nabucodonosor sobre a aliança de Judá para com a Babilônia diante das rebeliões dos estados vassallos da Transjordânia e da Fenícia.

**29.4** — Jeremias lembrou a comunidade dos exilados que, em última instância, era *Deus*, e não Nabucodonosor, que havia levado *todos os que foram transportados [...] para a Babilônia*.

**29.5,6** — Jeremias havia proclamado um período de 70 anos (Jr 25.12) de exílio na Babilônia. Por enquanto, aconselhou o povo a se estabelecer e dar sequência às atividades diárias normais.

Os termos *edificai* e *plantai* são significativos, porque cumprem desígnios específicos do chamado de Jeremias (Jr 1.10). O exílio não significava necessariamente aprisionamento ou escravidão, mas a retirada do povo e seu estabelecimento em terras desconhecidas.

*Multiplicai-vos ali e não vos diminuais.* Se o povo fosse fiel durante o cativeiro, Deus faria com que prosperassem tendo filhos e colheitas abundantes.

**29.7** — Os exilados foram instruídos a *procurar e orar pela paz*, ou pelo bem-estar da Babilônia e de outras cidades para onde foram deportados. Dessa maneira, eles mesmos viveriam em paz como beneficiários da soberania de Deus sobre as nações (Jr 27.5,6).

**29.8,9** — Jeremias transmitiu uma advertência contra aqueles que desejavam seguir o conselho dos *profetas, adivinhos e sonhos*. Uma advertência semelhante foi transmitida às nações ao redor de Judá em Jr 27.9,10, e para Judá em Jr 27.14,17.

**29.10** — O conceito dos *setenta anos* de cativeiro na Babilônia é mencionado novamente com base em Jr 25.12. O número 70 simboliza fechamento, totalidade e o cumprimento dos planos soberanos de Deus para sua criação e dos seres humanos. O cumprimento dos anos de domínio babilônico também marcaria o final do exílio de Judá.

**29.11** — *Eu bem sei os pensamentos que penso.* Aqui o Senhor dá ênfase considerável sobre os seus planos imutáveis de trazer *paz* e não *mal*.

*Esperança e um futuro* (NVI). Deus não havia encerrado Seu relacionamento com Judá; Ele se lembrava de Suas promessas de restauração (Dt 30.1-10).

**29.12,13** — A reação prometida pelo Senhor para com as orações dos profetas coloca-se em contraste com sua recusa de ouvi-los em Jr 7.16.

*De todo o vosso coração.* Essa descrição difere grandemente da descrição mais comum a respeito do coração do povo de Judá como sendo ímpio e rebelde (Jr 3.10; 4.14; 7.24). Deus sondaria o coração do povo e revelaria seu verdadeiro caráter (Jr 11.20).

**29.14** — *Serei achado.* Aqueles que buscam a Deus de todo coração irão encontrá-lo e experimentarão renovação. *Farei voltar [...] congregar-vos-ei [...] tornarei a trazer-vos ao lugar.* Fora Deus quem executara tudo isso, e ele iria retirar seu povo do cativeiro.

**29.15-20** — O motivo da vergonha de Jerusalém era seu fracasso em ouvir as *palavras* de Deus, reveladas por meio das diretrizes da aliança e da proclamação diligente — *madrugando e falando* — dos profetas (Jr 25.3; 26.5).

**29.21** — *Acabe, filho de Colaias, e de Zedequias, filho de Maaséias*, são os profetas mencionados em 29.15. Os dois foram acusados por Jeremias de um crime deplorável: profetizar *mentiras* em nome de Deus. A mentira deles consistia em profetizar o colapso iminente da Babilônia e a restauração



## EM FOCO

ASSOBIO (HB. *SHEREQAH*)

(Jr 29.18; 2 Cr 29.8; Mq 6.16)

O vocábulo hebraico traduzido como *assobio* deriva de um verbo que significa *assobiar* (Is 5.26) ou *tocar flauta* para chamar rebanhos (Jz 5.16).

Esse verbo pode referir-se a uma prática supersticiosa entre os antigos, que costumavam balançar a cabeça e assobiar ao passarem por ruínas de algum vilarejo ou cidade deserta, para evitar sofrer o mesmo destino.

Os profetas do Antigo Testamento se valeram dessa palavra para advertir os israelitas a respeito do escárnio que sofreriam por causa do juízo divino em decorrência de seus pecados (Lm 2.15,16; Zc 2.15).

Jeremias muitas vezes utilizou esse vocábulo, associado a *espanto*, para aludir uma calamidade (Jr 19.8; 29.18; 51.37).

Zacarias também utilizou esse termo para descrever o ato gracioso de Deus de reunir os israelitas em seu retorno do exílio (Zc 10.8), valendo-se da imagem de um pastor assobiando para chamar suas ovelhas.

dos cativos a Jerusalém. Essa profecia falsa estimulava a rebelião contra Deus e era uma ofensa capital (Dt 13.5-10). A punição profetizada a respeito de Acabe e de Zedequias foi a morte por ordem de *Nabucodonosor*.

**29.22,23** — O termo *maldição* pode ser um jogo de palavras com o nome Colaías (*chamado pelo Senhor*; Jr 29.21). Esse profeta afirmava ter sido chamado por Deus, mas estava sendo amaldiçoado juntamente com aqueles que apoiavam sua mensagem. Esses líderes judeus agravavam seu pecado com seus atos de *loucura* (Dt 22.21).

**29.24-28** — Jeremias se pronunciou a *Semaías*, o *neelamita*, com respeito à correspondência dele com *Sofonias*, filho de *Maaséias*, e os sacerdotes de Jerusalém. Semaías havia desafiado a aparente benevolência de Sofonias em lidar com as profecias de Jeremias a respeito do futuro imediato dos exilados.

**29.29,30** — Quando *Sofonias* recebeu a *carta* de Semaías, leu-a a Jeremias, que, então, recebeu uma palavra de julgamento da parte de Deus contra Semaías e sua família.

**29.31,32** — *Profetizou [...] vos fez confiar em mentiras*. As acusações contra Semaías faziam um paralelo com vários outros oráculos de julgamento de Jeremias (Jr 5.31; 14.14; 23.16; 27.10). A sentença contra Semaías é semelhante à lançada contra Pasur (Jr 20.6), contra Joaquim ou Jecônias (Jr 22.30) e contra Hananias (Jr 28.16).

**30.1-3.26** — Esta coletânea de oráculos tem sido chamada de Livro da Consolação. Ela contém duas partes, a primeira lidando com a restauração física e espiritual de Israel e de Judá (Jr 30;31) e a segunda com a fé e a garantia das bênçãos de Deus para Seu povo (Jr 32;33). Os primeiros 29 capítulos contêm basicamente oráculos de julgamento contra Israel, Judá, seus líderes e as nações. O local e a data precisa das mensagens em Jeremias 30 e 31 não são bastante evidentes. Em Jeremias 32 pode ter sido registrado no final do reinado de Zedequias.

**30.1,2** — Os oráculos de Jeremias foram registrados pelo escriba Baruque (Jr 36). *Livro* refere-se a qualquer tipo de meio de escrita, desde um tablete de argila a um rolo de pergaminho. Os oráculos de Jeremias foram registrados em um rolo (Jr 36.2).

**30.3** — *E a possuirão*. A posse da terra, assim como ocorreu originalmente sob a liderança de Josué, seria responsabilidade do remanescente fiel que vivesse de acordo com as estipulações da aliança.

**30.4-11** — Esse trecho poético reconta os esforços do povo de Deus no exílio e a libertação do cativo. Os teólogos sugerem a data de 588 a.C. para o registro desse trecho, porém isso continua em debate. O versículo 4 serve de título para a coletânea de oráculos nos Jeremias 30.5-24.

**30.5,6** — *Voz de tremor [...] temor [...] não de paz.* Os ouvintes de Jeremias eram as nações de Judá e de Israel, que haviam experimentado o terror do Dia do Senhor (Jl 1.1-2.11; Am 5.18-20). *Mãos sobre os lombos* simboliza a agonia do povo de Deus, que havia se tornado como mulheres grávidas indefesas, em trabalho de parto, perante seus inimigos (Jr 4.31; 6.24).

**30.7-9** — O incomparável *dia* do Senhor era um período proposital de terror e desespero para Israel e Judá, do qual o Senhor iria salvá-los. Jeremias expressou a esperança de ser libertado do cativeiro do *jugo* da Babilônia no tempo oportuno de Deus (Jr 25.12) e não o segundo o tempo dos homens (Jr 28.11). Então Israel não mais serviria a estrangeiros em terras estranhas e nem mesmo em seu próprio território. Em vez disso, o povo de Deus iria servir ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei. O Senhor iria levantar um rei messiânico da linhagem de Davi para governar a nação (Is 9.7; 11.1; Os 3.5).

**30.10,11** — *Meu servo.* O uso desse termo em relação a Israel e Judá faz um paralelo com Is 42.1; 44.1. A esperança da nação era *descanso*, tranquilidade na ausência de problemas externos e internos, e *sossego*, segurança e paz como resultado de sua confiança no Senhor.

**30.12** — *Teu quebrantamento é mortal, e a tua chaga é dolorosa.* O julgamento de Deus havia trazido muitos danos à nação, uma ferida que causaria a morte a menos que o Senhor interviesse.

**30.13** — *Curado* nesse trecho refere-se ao crescimento de pele nova sobre uma ferida aberta.

**30.14** — Os *amantes* de Israel eram nações como a Assíria, o Egito, a Fenícia, Amom, e Edom, com quem havia feito alianças políticas e religiosas. Essas nações haviam *esquecido* de Judá rapidamente; perderam parte de sua força ou foram derrotadas por Nabucodonosor. O Egito, por exemplo, havia dado apoio à rebelião de Zedequias, mas foi derrotado em 588 a.C. por Nabucodonosor. Quando o exército egípcio retirou-se para além do rio do Egito, as tropas babilônicas lançou um cerco contra Jerusalém e a destruíram, em 586 a.C. (Jr 37.1-5).

**30.15** — *Maldade [...] pecados.* Esses termos são retirados do v. 14, enfatizando o caráter do povo e reforçando os motivos para o julgamento. O lamento aplica-se tanto para o pecado como para suas consequências.

**30.16,17** — A restauração e a cura de Israel ocorreram de duas maneiras, a retribuição contra seus inimigos e a cura de suas feridas. Quatro termos são apresentados para designar a justiça de Deus em retribuição: *os que devoram* serão devorados; *adversários* irão para o cativeiro; *os que roubam* serão roubados, *os que despojam* serão vítimas de despojo. A cura veio como promessa diante do arrependimento do povo (Jr 3.22; 33.6), a mudança de sua situação incurável (Jr 8.22; 30.12).

**30.18-22** — A restauração é descrita com termos mais concretos do que em contextos anteriores. A recuperação é detalhada por meio de moradas (v. 18), muito gozo e ações de graça (v. 19), vida em comunidade (v. 20) e liderança local (v. 21). Israel seria novamente do Senhor (v. 22).

**30.18** — *Tendas de Jacó [...] moradas [...] cidade [...] palácio.* Essas expressões enfatizam o trabalho de Deus na reconstrução de casas e cidades para os exilados que retornavam, desde os camponeses até os membros da corte.

**30.19** — Em vez de voz de lamento, temor e tremor ecoando pela terra (Jr 4.31; 30.5), o som de *louvor* e júbilo iria reverberar. A palavra *louvor* refere-se a um tipo de elogio. *Júbilo* sugere riso e divertimento.

**30.20** — Toda a comunidade com seus *filhos* e *sua congregação* seria reunida para levar adiante seu propósito como povo escolhido de Deus. Qualquer opressor que violasse a ordem social seria punido.

**30.21,22** — Os líderes de Israel não seriam mais designados por intermédio de reis estrangeiros, e governantes estrangeiros não iriam mais dominar as terras de Israel.

**30.23,24** — Esses versículos são essencialmente uma reiteração de Jr 23.19,20. Nesse contexto, confirmam a nova compreensão de Israel a respeito de Deus e dão garantia ao povo de que o Senhor iria lançar o julgamento sobre seus inimigos e opressores.

**31.1-22** — Essa seção é composta de vários oráculos de restauração tendo o reino de Israel (*Efraim*) em foco, embora também se apliquem a Judá. Alguns teólogos sugerem que algumas dessas mensagens possam ter sido registradas no início do ministério de Jeremias em 626—597 a.C., e foram acrescentadas a oráculos posteriores durante o período do exílio.

**31.1** — Juntamente com a restauração da nação de volta à terra, ocorreria o cumprimento da aliança entre Deus e seu povo, *todas as gerações de Israel*.

**31.2** — *Escapou da espada [...] encontrou graça no deserto [...] fizer descansar*. Essas expressões descrevem a libertação de Israel do Egito e a vitória de Deus sobre os exércitos de faraó. A graça do Senhor, ou seu favor, foi manifestada no deserto quando ele deu sustento, abrigo e descanso para seu povo.

**31.3** — *Há muito* também pode ser traduzido como *de longe*, e pode se referir ao tempo no deserto (Jr 2.1-3) ou às distantes terras da Assíria e da Babilônia para onde Israel e Judá foram exilados.

A expressão *amor eterno* faz um paralelo com *benignidade*, que significa *amor leal* ou *lealdade à aliança*. A partir de sua fidelidade às alianças que estabeleceu com Abraão e Moisés, e por causa de seu grande amor, Deus estabeleceu a nação de Israel para sua glória e também de seu povo. O Senhor também iria libertar Israel e Judá do cativo e estabelecê-los por causa de seu amor.

**31.4** — Haverá regozijo à medida que a vida nas cidades for restaurada.

*Edificarei*. No Salmo 127.1, o salmista afirma que, se Deus não edificar a casa, o trabalho é vão.

*Ó virgem de Israel*. Anteriormente, no livro de Jeremias, essa expressão foi utilizada com um tom de tristeza para descrever o afastamento de Israel de sua fé em Deus (Jr 2.32; 14.17). Aqui, a ideia é oposta; Israel é reconstruído de modo semelhante ao seu antigo “noivado” (Jr 2.2), retornando novamente como uma noiva virgem para Deus.

*Adornada [...] com o coro dos que dançam* descreve a celebração de matrimônio e festivais por todos os vilarejos (Jr 31.13).

**31.5** — Originalmente, *Samaria* era o nome da capital do reino do norte de Israel. A cidade havia sido construída pelo rei Onri no início do nono século a.C., supostamente para estabelecer seu reinado após um período de guerra civil em Israel. Antigos reis israelitas haviam governado a partir de Tirza. Mais tarde, o nome *Samaria* passou a significar o próprio reino do norte.

*Montes de Samaria*. O território montanhoso de Samaria era uma terra repleta de fissuras e vales. Passagens pelas montanhas tornavam as colinas de Samaria locais acessíveis. Jeremias declarou que o território montanhoso, que fora assolado pelos assírios de 733 a 722 a.C., seria replantado com vinhedos. As colinas iriam produzir frutos para o consumo em vez de servirem para pagar tributos para nações estrangeiras. O plantio seria para o desfrute regular — um presente de Deus para seu povo.

**31.6** — O *dia* chegaria quando a nação seria outra vez unida, com os israelitas do reino do norte fazendo peregrinações até *Sião* (Jerusalém) para adorar, em vez de continuarem visitando os santuários rivais de Dã e Betel (1 Rs 12.27-29). O propósito dos *vigias* não seria advertir o povo a respeito da chegada de exércitos, mas chamá-lo a vir com alegria à cidade santa.

**31.7-14** — O trecho enfoca o retorno jubiloso de Israel das muitas terras para as quais foi exilado. Os elementos poéticos geralmente constituem uma reversão da situação vigente no período inicial do ministério de Jeremias. Há várias expressões que denotam louvor, regozijo e felicidade.

**31.7** — *Chefe das nações* seria *Jacó*, que significa Israel. Em Jeremias 15.9, o *remanescente* é descrito como uma nação que não foi totalmente derrotada. Aqui a comunidade restaurada celebra.

**31.8** — Em Jeremias 6.22 e 25.32, os inimigos de Israel vinham *da terra do Norte e das extremidades da terra*. Agora, Israel é levado de volta pelo Senhor, até mesmo com os enfermos, os fracos e os mais frágeis.

**31.9** — *Choro [...] súplicas*. Expressões retiradas dos *Cânticos de subida* (Sl 120—134) estão

presentes aqui. No Salmo 126, os que choram ficam repletos de alegria ao verem o retorno dos exilados do cativoiro.

*Ribeiros de águas.* Essa ilustração da provisão de Deus fornecendo água no deserto é semelhante a Is 35.5-7. A referência a um *caminho direito* faz um paralelo com Is 40.3-5. *Pai.* Esse texto é uma das poucas ocasiões no Antigo Testamento em que a paternidade de Deus é descrita diretamente (Dt 32.6; Is 63.16). Israel tinha familiaridade com a ideia de Deus como seu Pai, mas apenas com os ensinamentos de Jesus essa expressão tomou a conotação que conhecemos atualmente. *Primogênito* transmite a ideia de preeminência (Jr 31.7; Dt 32.9).

**31.10-12** — Deus seria o bom *pastor* do povo, diferente dos reis de outrora (Jr 23.1-4).

*Resgatou [...] livrou.* Esses dois verbos descrevem a transferência de posse de Israel da poderosa Babilônia para o Deus incomparável. A liberdade de Israel foi obtida por Deus, o seu grande *Redentor* (Is 51.10,11).

**31.13** — O tema do gozo na restauração continua com júbilo por meio de *dança* (Sl 149.1-4). Na cultura hebraica, a dança é muito diferente do conceito ocidental contemporâneo. A dança é o movimento do corpo em reação à música; é a música expressada de modo visual. Dançar jubilosamente perante o Senhor era considerado uma reação natural e espontânea do povo de Deus na cultura do Israel antigo.

**31.14** — O tema do gozo é resumido na intenção de Deus de conceder *fatura* aos *sacerdotes* e ao *povo*. Jeremias transmitiu esperança e consolo aos seus conterrâneos diante da pobreza e opressão do exílio e do cativoiro.

**31.15-22** — A alegria se transforma em lamento entre os exilados de Efraim por causa da punição vinda do Senhor. O oráculo é destinado claramente ao reino do norte de Israel, com referências a Raquel, Ramá e Efraim. A passagem tem a seguinte estrutura. o lamento de Raquel (Jr 31.15); o chamado de Deus para o término da lamentação (Jr 31.16,17); o arrependimento de Efraim (Jr 3.18,19); e a compaixão de Deus por Efraim (Jr 31.20-22).

**31.15,16** — De acordo com o 1 Sm 10.2,3, a tumba de Raquel ficava próxima de Zelza, que ficava perto de *Ramá*, em Benjamim. Esse pode ter sido um memorial em favor de Raquel, localizado no território destinado aos descendentes de seu filho Benjamim (Gn 35.16-20). Gênesis afirma que Raquel foi enterrada em Efrata, próximo de Belém (Gn 35.19; 48.7). Raquel foi a mãe das tribos do norte de Benjamim e José, cujos filhos foram Efraim e Manassés. O *choro amargo* de Raquel foi causado pelo exílio e o cativoiro de seus filhos. Ela se recusava a receber *consolação* em sua tristeza e perda.

**31.17** — *Esperanças* descreve a expectativa de receber a redenção e as bênçãos eternas de Deus.

*Para o seu país.* Efraim seria restaurado aos seus territórios originalmente dados por Deus.

**31.18,19** — *Bati na minha coxa.* Isso indica uma demonstração externa de remorso pelo pecado e pela mudança de vida (Ez 21.12).

**31.20** — *Comove[-se] por ele o meu coração.* Essa expressão descreve o profundo amor e o interesse do Senhor pelo bem-estar de seus filhos.

**31.21** — Os *marcos* e as *pirâmides* apontariam o caminho para a terra natal do profeta. Mais importante, Israel foi instruído a *aplicar o coração* em direção à *vereda*, que é o caminho da fé em Deus.

**31.22** — *Andar errante* é um tema importante no trecho Jeremias 3.6—4.4, descrevendo o afastamento contínuo da nação. Aqui o Senhor estava promovendo a recriação de seu povo. *Uma coisa nova* provavelmente refere-se ao fato de que a virgem Israel iria *cercar* ou se agarrar ao seu noivo divino.

**31.23-26** — *Monte de santidade* refere-se à cidade ideal de Jerusalém, o monte santo, casa de Deus, o Justo, e Judá, seu remanescente justo. Assim como Israel, o restabelecimento de Judá traria uma renovação nas colheitas e nos rebanhos (Jr 31.5, 12). O povo seria *satisfeito* (31.14).

**31.27,28** — *Semeari.* Deus iria plantar e multiplicar a *semente de homens* e de animais na terra de Judá. *Para edificar e para plantar* são os mesmos termos utilizados no chamado a Jeremias (1.10).



## EM FOCO

## PLANTAR (HB. NATA')

(Jr 1.10; 18.9; 31.28; 2 Sm 7.10)

Além da referência sobre plantações (Gn 9.20), esse verbo é utilizado para descrever a tarefa de armar tendas e prender outros objetos ao solo (Dn 11.45). Jeremias se valeu desse vocábulo para testificar da soberania de Deus não apenas para com Israel, mas também em relação ao estabelecimento e à derrota de todos os poderes terrenos, grandes e pequenos (Jr 12.2). Como Deus plantou e estabeleceu cada nação, também pode arrancá-las quando bem desejar (Jr 1.10).

**31.29,30** — O provérbio nessa passagem também está presente em Ezequiel 18.2. O contexto em ambos os livros indica que esse provérbio não é original nem de Jeremias nem de Ezequiel. Em Israel, e em outras comunidades do Oriente Médio antigo, a responsabilidade comunitária é enfatizada por meio de questões legais ou morais (Dt 5.9), embora a prestação de contas individual não fosse descartada (Dt 24.16; 2 Sm 12.1-15). Em Jeremias e em Ezequiel, o enfoque está na responsabilidade do indivíduo a respeito de sua *iniquidade*.

**31.31** — *Eis que dias vêm*. Em Jeremias, essa expressão geralmente introduz uma ocasião especial de intervenção divina na história humana. *Concerto novo* em contraste com a aliança mosaica e de Deuteronomio. Um problema encontrado tanto no Antigo Testamento, como no Novo Testamento, é a ideia errônea de que simplesmente guardar a Lei (externamente) pode trazer justificação. Entretanto, de acordo com o Novo Testamento, e também no Antigo Testamento, a Lei não pode promover salvação e perdão dos pecados sem fé e humildade (Mq 6.6-8; Rm 4.1-5.2; 7.13-25). A lei de Deus nunca foi estabelecida como um meio de justificação, mas sim como um modo de vida para os redimidos (em outras palavras, um meio para sua santificação).

*Casa de Israel [...] casa de Judá*. De acordo com Jeremias 11.10, ambos os reinos haviam violado a aliança de Deus, rejeitando as Palavras do Senhor e adorando outros deuses.

**31.32** — O antigo *concerto* exigia o cumprimento de suas diretrizes (Êx 19.1—23.33) que o povo era incapaz de realizar. Acima de todos os outros mandamentos, o povo foi instruído a amar

e servir a Deus e abandonar todas as outras divindades (Êx 23.33; Dt 6.4, 5). E isso eles não cumpriram. *Pais*: a partir do período de peregrinação no deserto (Êx 32.1-10; Nm 25.1-9) até os dias de Manassés a história de Israel foi repleta de atividades idólatras, apenas ocasionalmente intercalada com períodos de fidelidade a Deus. O povo parecia incapaz de obedecer à aliança.

*Haver desposado*. Como Oséias foi para Gômer, o Senhor havia sido um marido fiel e dedicado para Israel.

**31.33** — *Farei*. O novo *concerto* seria iniciado pelo próprio Deus, garantindo assim sua eficiência.

*Depois daqueles dias*. Essa locução refere-se ao período do cumprimento da nova aliança, ou concerto, que encontrou plenitude na vida, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo.

*Na mente, lhes imprimirei as minhas leis [...] no coração lhas inscreverei* (ARA). Juntos, *mente e coração* representam a motivação completa das ideias, da vontade, das emoções e do espírito humano.

**31.34** — *Não ensinará alguém mais*. Nunca mais sacerdotes ou profetas teriam de mostrar ao povo como *conhecer* o SENHOR. Desde o mais jovem até o mais velho, dos camponeses aos reis e príncipes, todos conheceriam o Senhor. O conhecimento de Deus é um tema fundamental em Jeremias (Jr 2.8; 4.22; 5.4; 8.7), bem como nos outros profetas (Os 5.4). Esse conhecimento é um relacionamento íntimo com Deus evidenciado pela fé, obediência e devoção. Deus irá *perdoar* e não mais *se lembrar* dos *pecados* e da *maldade* do povo que o busca em arrependimento e fé. Jesus, o Messias, cumpriu a promessa da nova aliança

por meio de sua obra na cruz (Mt 26.26-28; Mc 14.22-24; 1 Co 11.25).

**31.35** — *Sol [...] lua [...] estrelas.* Deus, o Criador de todas as coisas, realizou a aliança com seu povo.

*Mar [...] ondas.* O povo hebreu aprendeu com os vizinhos cananeus a temer o mar (Sl 93). Todavia, Deus é o Senhor do mar, assim como é Senhor de todas as coisas (Is 51.15).

**31.36,37** — *Ordenanças* nesse trecho são as leis naturais que governam a criação. A fundação da nova aliança é tão firme como o Deus que preserva a criação.

*Medidos [...] sondados.* No ápice da apostasia de Judá, pouco antes da destruição da nação por parte da Babilônia consumando o julgamento divino, o Senhor afirmou enfaticamente sua aliança com o povo judeu e garantiu que essa promessa era inviolável, até mesmo por ele próprio.

Quando vemos um arco-íris no céu, devemos nos lembrar da promessa de Deus a Noé, assim como o Senhor se lembra (Gn 9.16). Quando observamos o sol, a luas ou as estrelas no céu (Jr 31.35), devemos nos lembrar da promessa de Deus ao povo judeu, assim como o Senhor se lembra.

**31.38-40** — *Eis que dias vêm.* Essa expressão introduz uma nova era na história do tratamento de Deus com seu povo. É feita uma medição na Nova Jerusalém, uma cidade *reedificada* inteiramente *para o SENHOR*.

A *torre de Hananel* (Ne 3.1) localizava-se no extremo nordeste da cidade. A *Porta da Esquina* (2 Rs 14.13) ficava a noroeste. A expansão do lado noroeste da cidade ocorreu sob o comando de Uzias e Ezequias.

O *vale dos cadáveres* provavelmente é uma referência ao vale de Hinom, onde crianças foram



## APROFUNDE-SE

### O NOVO CONCERTO

Jeremias é o único profeta do Antigo Testamento que falou a respeito do novo concerto que Jesus implementou (Mt 26.28). Alguns leitores da Bíblia, desejando focar o que existe de *novo* nesse novo concerto, podem ser tentados a desprezar a aliança mosaica. Entretanto, devemos ter o cuidado de refutar a conclusão de que há algo errado com o concerto original que Deus havia feito com Israel.

Deus nunca estipulou que a Lei de Moisés era um meio para se obter salvação. Em vez disso, o perdão de pecados sempre foi um dom gratuito de Deus para aqueles que se humilham perante Ele com fé (Gn 15.6; Mq 6.6-8; Rm 4.1-5.2; 7.13-25). A Lei era maneira de Deus apontar o caminho pelo qual os crentes deveriam caminhar. Portanto, o problema com o concerto no monte Sinai não estava na provisão de Deus, mas sim na reação de Israel.

Os israelitas haviam continuamente violado a aliança. Vez após vez, por intermédio de sacerdotes e profetas, o Senhor chamou Seu povo ao arrependimento. Todavia, embora este se arrependesse, pouco tempo depois tornava a afastar-se.

Nos dias de Jeremias, o rei Josias destruiu os ídolos cultuados em Judá. Entretanto, pouco depois de esse rei ter morrido, o povo voltou a adorar os deuses das nações vizinhas. O coração do povo permanecia o mesmo. Apenas o próprio Deus poderia mudar o coração e a mente; por isso, era necessário um novo concerto.

Esse anúncio feito pelo profeta Jeremias deve ter sido alarmante para os israelitas tementes a Deus. Afinal de contas, o concerto do Sinai havia sido entregue por Deus, acompanhado de milagres e maravilhas. Entretanto, o novo concerto também seria seguido pelo milagre de mudança de corações e vidas. O Espírito de Deus faria habitação em cada crente, para garantir que cumprissem a aliança (Jr 31.34; veja At 2). Não seriam mais necessários intermediários, tais como profetas ou sacerdotes, para se colocarem entre o povo e Deus. O Espírito ensinaria o povo a conhecer o Senhor; dar-lhe-ia um conhecimento que seria demonstrado mediante a fé, a obediência e a devoção a Deus.

Jesus cumpriu a profecia de Jeremias sobre um novo concerto por meio de Sua obra na cruz. Com Sua morte, ao verter Seu sangue por muitos, a redenção e o perdão dos pecados do homem foram alcançados (Jr 31.34).

Enquanto Jesus esteve neste mundo, instruiu Seus discípulos de acordo com o caminho do Pai (Lc 24.13-27). Entretanto, após Jesus ter subido ao céu, o Espírito de Deus foi derramado sobre os crentes reunidos em Jerusalém, cumprindo a promessa declarada por Jeremias [e pelo profeta Joel (Jl 2.28-30)].



sacrificadas em períodos de terrível apostasia (Jr 31.7.32). Os campos até ao ribeiro de Cedrom são as colinas do monte Sião que fazem limite com o vale de Hinom.

*Arrancarão [...] derribarão.* Esses verbos foram utilizados no chamado de Jeremias e são empregados novamente (Jr 31.1.10). A cidade não mais veria a devastação porque seria *consagrada ao SENHOR*.

**32.1-44** — A esperança de restauração é reforçada no ato simbólico de Jeremias, que comprou um campo em sua cidade natal de Anatote. O capítulo tem a seguinte divisão: (1) Jeremias compra um campo (Jr 32.1-15); (2) a oração de confissão de Jeremias (Jr 32.16-25) e (3) a oração de Deus em garantia (Jr 32.26-44).

**32.1,2** — Esse versículo faz uma relação entre as cronologias de Israel e da Babilônia. O ano décimo oitavo de Nabucodonosor foi 588 a.C., no início do cerco a Jerusalém. Esse cerco fez com que Zedequias se voltasse contra o domínio babilônico. A insurreição foi instigada em parte pelo Egito sob o controle de Psamético II e Hofra (ou Ápries), bem como Tiro e Amom, em meados de 589 a.C.. Por volta de janeiro de 588 a.C., Nabucodonosor havia estabelecido seu quartel-general em Ribla, na Síria, e começou seus ataques às fortalezas da Sefelá de Azeca e Laquis. Então, Jerusalém foi cercada a partir do sul e do norte, impedindo que suprimentos chegassem até a cidade.

No verão de 588 a.C., o exército egípcio avançou até a planície costeira e o exército babilônico suspendeu os ataques a Jerusalém por tempo suficiente para expulsar os egípcios. Esse curto período pode ter permitido que Jeremias completasse a transferência da propriedade, e deu a Zedequias motivo para questionar o profeta, que havia sido colocado numa cela no palácio.

**32.3-5** — Jeremias foi aprisionado por declarar que Jerusalém iria cair diante dos caldeus e Zedequias seria levado cativo.

*Boca a boca [...] seus olhos verão os dele.* O confronto frente a frente com Nabucodonosor faria com que Zedequias perdesse os olhos (Jr 39.5-7).

**32.6-8** — O Senhor instruiu Jeremias a comprar um campo em sua cidade natal de Anatote,

cerca de 5 km ao norte de Jerusalém, quando o primo de Jeremias, *Hananel*, veio visitá-lo.

*Direito de resgate.* De acordo com Levítico 25.25-30, uma pessoa tinha direito de recuperar propriedades quando um parente tivesse necessidade de vender terras por causa de dívidas ou falência.

**32.9-11** — A compra da terra foi realizada de acordo com os costumes legais da época. O preço de *dezessete siclos* era equivalente a cerca de 485g de *prata*.

**32.12** — *Baruque, filho de Nerias.* Essa é a primeira menção sobre esse amigo de Jeremias (Jr 36); ele pode ter trazido a prata para comprar a propriedade enquanto Jeremias estava preso.

**32.13-15** — *Vaso de barro.* Exemplares de jarros para estocagem que serviam como uma espécie de cofre foram encontrados em escavações em Judá. Os Manuscritos do Mar Morto também foram acondicionados em vasos de cerâmica, que os manteve preservados por quase dois mil anos. Os autos de compra eram uma garantia e uma confirmação de que a restauração da terra era certa.

*Ainda se comprarão.* Jeremias se deu conta de que o fim da cidade se aproximava (Jr 32.2); seu ato de comprar uma propriedade foi uma demonstração notável de fé de que o povo de Judá um dia retornaria para suas terras.

**32.16-25** — A oração de louvor de Jeremias encerra a negociação. A oração consiste basicamente de uma descrição a respeito dos feitos de Deus na criação, no êxodo e na conquista da terra, até o momento em que Jeremias lembra o Senhor a respeito do cerco babilônico e do ato do profeta de ter comprado uma propriedade recentemente. A oração expressa tanto confiança no poder de Deus como espanto diante de seus propósitos.

**32.17** — *Não te é maravilhosa demais coisa alguma.* Afirmar o poder de Deus na criação (Jr 27.5) fez com que a fé de Jeremias fosse fortalecida com relação à capacidade do Senhor de lidar com o cerco de Jerusalém.

**32.18,19** — A misericórdia e a dedicação de Deus para com seu povo foi demonstrada em sua imensa *benignidade*, ou amor leal, a *milhares*

(Dt 5.9,10). O amor de Deus é muito maior do que o castigo, mas a gravidade do pecado não pode ser menosprezada (Êx 20.5,6; 34.7).

*A cada um segundo os seus caminhos.* Cada indivíduo será julgado com base em suas próprias atitudes (Jr 17.10).

**32.20,21** — A grande demonstração histórica do amor de Deus foi o êxodo de Israel do Egito. Isso foi realizado *com sinais, e com maravilhas* (Sl 78.43) pelos quais o nome do Senhor ficou conhecido entre as nações, tais como Moabe (Nm 22-24), e entre os povos, tal como o de Jericó (Js 2.8-14).

*Mão forte [...] braço estendido.* Essas expressões estão presentes na declaração de Israel com relação ao êxodo (Dt 26.8). O acréscimo de *grande espanto* indica os atos poderosos realizados contra os egípcios.

**32.22,23** — A etapa final na descrição histórica foi a dádiva da terra prometida. *Não obedeceram.* A nação reagiu com desobediência para com a graça de Deus violando a aliança, trazendo o *mal* do cerco babilônico e a eventual destruição de Jerusalém.

**32.24,25** — *Eis aqui.* O que Jeremias havia profetizado em nome de Deus, o ataque do inimigo babilônico a partir do norte e *espada [...] fome [...] pestilência* (Jr 21.7), agora estava sendo cumprido. Comprar um campo em uma terra prestes a ser assolada parecia incoerente diante das mensagens anteriores de destruição proclamadas por Jeremias. Por que comprar um território numa região dominada pelos babilônios?

**32.26-44** — Deus responde ao espanto de Jeremias em forma de um discurso. Ele faz um paralelo com a oração anterior de Jeremias, porém é mais longo. A porção histórica (Jr 32.26-35) é semelhante a vários outros oráculos de julgamento. A porção que trata da restauração (Jr 32.36-44) também retira muito de seu fraseado de oráculos anteriores de restauração. Nesse discurso existe um contraste dramático com o passado pecaminoso de Israel e o futuro de bênçãos que Deus traria na restauração.

**32.26,27** — *Deus de toda a carne.* Deus é o Senhor de Israel e de Judá, e Senhor sobre todas

as nações (Jr 27.1-11) — inclusive a poderosa Babilônia (Jr 25.15-26).

*Maravilhosa demais.* Nada é impossível para Deus. Essa expressão faz uma ligação desse trecho com o anterior.

**32.28-31** — O Senhor assegura Jeremias de suas intenções de castigar Judá e Jerusalém com fogo e destruição, porque haviam adorado *outros deuses*. A condenação da adoração a deuses estrangeiros é um dos temas principais do livro de Jeremias, com a expressão *outros deuses* aparecendo várias vezes, juntamente com outras referências a divindades específicas tais como Baal, Quemos e Merodaque.

**32.32-35** — *Reis [...] príncipes [...] sacerdotes [...] profetas [...] homens de [...] moradores de Jerusalém.* Essa lista extensa indica a rebelião de toda a nação contra Deus.

**32.36-38** — Esse versículo serve como resumo da situação em Jerusalém, descrito pelo trio comum de termos que denotam devastação: *espada [...] fome [...] pestilência.*

**32.39** — *Um mesmo coração [...] um mesmo caminho.* Pelo fato de Deus ter escrito um novo concerto no coração do povo (Jr 31.33), ninguém adoraria outras divindades nem buscaria o auxílio de nações estrangeiras. A palavra *caminho* geralmente é utilizada por Jeremias para descrever o caráter de uma pessoa, quer seja mau (Jr 4.18; 7.3, 5; 10.2; 18.11) ou bom (Jr 7.23).

*Para que me temam.* Temer a Deus significa submeter-se à sua soberania e seguir seus caminhos.

**32.40** — A expressão *concerto eterno* também está presente em Isaías 55.3; Ezequiel 16.60; 37.26. Em Ezequiel há um paralelo com um concerto de paz que Deus iria estabelecer com seu povo. Esse concerto seria eterno e diferente do concerto do Sinai que havia sido violado e ignorado por tanto tempo.

*Meu temor no seu coração.* Esse fraseado é semelhante em significado e propósito ao do novo concerto de Jeremias 31.31-34.

**32.41** — *Plantarei.* Esse verbo, retirado do chamado de Jeremias (Jr 1.10), descreve Deus estabelecendo seu povo de volta na terra e restaurando a paz e a prosperidade.

*Meu coração [...] minha alma.* Essas expressões descrevem a devoção total de Deus para com seus filhos dedicados.

**32.42-44** — *Grande mal [...] bem.* Deus mudaria a maneira de lidar com Seu povo após este ter sido punido pelos babilônios.

*Comprar-se-ão campos.* A garantia final é dada a Jeremias, que havia comprado um campo em um período desastroso. Propriedades seriam compradas e vendidas novamente por toda a terra quando os *cativos* retornassem para casa.

**33.1-26** — Esse trecho consta de duas coleções de discursos de restauração, o primeiro (Jr 33.1-13), descrevendo a cura e a purificação de Judá e de Jerusalém, e o segundo (Jr 33.14-26), contendo ensinamentos messiânicos relacionados com a liderança em Jerusalém.

**33.1-13** — Esse discurso foi proclamado no pátio da guarda, onde Jeremias foi mantido durante o cerco babilônico em 588 a.C. O conteúdo faz um paralelo muito próximo com Jeremias 32. Aqui, a ênfase é sobre o gozo e a glória da Jerusalém restaurada. Esse trecho é estruturado de acordo com as três ocorrências da fórmula do mensageiro: (1) restauração e purificação de Jerusalém (Jr 33.1-9); (2) o gozo da restauração (Jr 33.10,11); e (3) a restauração de Judá (Jr 33.12,13).

**33.1** — *Estando ele ainda encerrado.* Um elo cronológico com Jeremias 32.2 (588 a.C.). Jeremias havia sido preso no *pátio* da guarda porque seus inimigos consideravam que ele estava causando sedição, anunciando a queda de Jerusalém e aconselhando Zedequias a se render a Nabucodonosor.

**33.2** — Jeremias apelou ao poder de Deus na criação como base para sua proclamação a respeito da demonstração futura de poder na restauração do povo. Previamente o poder criador de Deus forneceu a base para a autoridade do Senhor de anunciar a destruição da nação (Jr 2.12; 4.23-25), bem como sua restauração futura (Jr 32.17). A renovação da nação é equivalente a uma nova criação.

**33.3** — Jeremias estimulou o povo a clamar ao Senhor, demonstrando que dessa vez Deus iria ouvir e *responder* (Jr 7.16) seu clamor. *Coisas*

*grandes* tem o significado abstrato de inacessíveis ou inconcebíveis. Deus havia feito *grandes* coisas na criação; aqui o povo é convidado a observar novamente a grandeza inconcebível da obra de Deus em seu favor.

**33.4,5** — *Casas* que foram construídas ao longo dos muros da cidade poderiam ser derrubadas e transformadas em escombros para criar um muro mais largo e mais sólido. Esse era um meio de combater as rampas de terra que os exércitos construíam durante o cerco contra os alojamentos em vez de tentar penetrar por torres ou portões reforçados.

**33.6-8** — Três atos de benevolência do Senhor trarão a renovação a Judá: cura, reconstrução e purificação.

**33.6** — Judá e Jerusalém, em sua idolatria e rebelião, estavam sem paz e *saúde* (Jr 8.15,22). O Senhor prometeu *cura* em retribuição ao arrependimento do povo (Jr 3.22; 30.17).

**33.7** — *No princípio.* Retorno e reconstrução iriam trazer segurança tanto para Israel como para Judá, e também a restauração da glória dos dias antigos.

**33.8** — A palavra *perdão* descreve o ritual de purificação daquilo que foi física ou espiritualmente profanado, tal como Israel e Judá (Jr 2.23; 7.30). O termo *perdão* no Antigo Testamento é utilizado apenas tendo Deus como agente. Esse fato nos ajuda a entender melhor a reação dos escribas quando ouviram Jesus dizer que perdoava pecados (Mc 2.7).

**33.9** — Os cidadãos de Moabe (Nm 22.1-6) e de Jericó (Js 2.8-14) estavam com medo e tremendo diante da nação que havia se beneficiado pelos feitos maravilhosos do Senhor, portanto todos iriam *espantar-se* e *se perturbar* ao ver a nova obra de Deus.

**33.10,11** — Jerusalém seria transformada num objeto de escárnio, humilhação e horror (Jr 25.9), mas depois que os anos de julgamento e de abandono se cumprissem, as vozes de tristeza se transformariam em vozes de júbilo. Essa profecia foi cumprida parcialmente quando Esdras, e, mais tarde, Neemias lideraram os exilados de volta para reconstruir o templo e, depois, os muros da



## EM FOCO

## REJEITAR (HB. MA'AS)

(Jr 8.9; 33.26; Lv 26.43)

Esse verbo em hebraico significa desprezar, não dar valor ou recusar (Lv 26.43; Jó 30.1; 1 Sm 16.10). Como o verbo hebraico *'azab* (que significa *abandonar*), esse verbo tem conotações recíprocas quando utilizado no contexto com a aliança divina. Quando o povo de Judá rejeitou a Lei de Deus (Jr 6.19), o Senhor também rejeitou aquela geração (Jr 7.29). Como parte do novo concerto, Deus prometeu que nunca mais rejeitaria Seu povo, mas perdoaria os pecados e não se lembraria mais dos erros dele (Jr 31.34,37).

cidade. No entanto, o gozo final de Jerusalém ocorreria como resultado da nova aliança (Jr 31.31), que teria início com o advento de Cristo (Hb 8.6-13). Essa nova aliança, ou concerto, iria fornecer a base duradoura para a esperança e o gozo — o conhecimento de Deus.

**33.12,13** — O enfoque se volta para as porções da nação de Judá que experimentariam a poderosa restauração de Deus.

*Deserto.* Note-se o julgamento semelhante em Jr 7.34; 25.9. As regiões citadas são semelhantes àquelas em Jr 17.26. As seis localidades são organizadas em dois trios: um descrito pelas palavras *montanhas* (território montanhoso), *planícies* (a Sefelá) e *sul* (o Neguebe); o segundo em uma direção norte e sul.

*Benjamim [...]* nos contornos de Jerusalém [...] *idades de Judá.* O termo *gado* é utilizado para descrever os israelitas que retornaram do cativeiro para o aprisco da cidade santa de Jerusalém.

**33.14-16** — Esse trecho é uma coletânea de oráculos messiânicos descrevendo os benefícios da nação de Israel a partir de suas lideranças real e sacerdotal (Jr 33.14-18) e a partir da aliança davídica (Jr 33.19-26).

**33.15,16** — Esses versículos são semelhantes a Jr 23.5, 6, que tem como enfoque a liderança régia da nação, e a restauração de Israel e Judá.

*Renovo de justiça.* Deus iria levantar um rei messiânico da linhagem de Davi que governaria de acordo com o ideal divino, com *juízo*, que significa julgamento e *justiça*.

*Salvo [...]* *habitará seguramente.* Após a devastação gerada pelo ataque babilônico, Jerusalém tornaria a existir sob a proteção de Deus.

**33.17,18** — A aliança davídica da sucessão divina é confirmada novamente (2 Sm 7.12-16). Os sacerdotes levitas também seriam herdeiros de uma sucessão divina na supervisão do sistema de sacrifícios no templo em Jerusalém. Jesus, como Sacerdote e Rei, cumpriu os dois ofícios na nova aliança.

**33.19-26** — A garantia da continuação da aliança davídica é transmitida por meio de uma comparação com a ordem divina do universo (um argumento a partir do absurdo). E a sucessão davídica no trono é tão certa e constante como o ciclo natural de dias e noites.

**33.20,21** — *Meu concerto.* A ordem divina do universo é evidente por meio do ciclo de dias e noites a partir da criação; foi confirmada na aliança com Noé e novamente no Decálogo (Gn 1.14-18; 8.22; Êx 20.8-11). A aliança é imutável enquanto este mundo existir. Assim também é a aliança com Davi e os levitas. Assim como os levitas demonstraram sua fidelidade no deserto e sua liderança foi confirmada (Êx 32.25-29), também seus descendentes teriam domínio sobre o sistema de sacrifícios.

**33.22** — A promessa a Abraão e Jacó a respeito de uma posteridade incontável é confirmada para o trono davídico e a liderança levítica (Gn 13.16; 15.5; 28.14).

**33.23,24** — *As duas gerações* nesse contexto são as casas de Davi e Levi (Zc 12.12,13). Por causa dos pecados de rebelião contra a aliança e de idolatria, Israel e Judá foram *rejeitados* (Jr 6.30; 7.29) por Deus e ridicularizados entre as nações.

**33.25,26** — *Ordenanças* são as leis que governam a ordem divina no cosmos (Jr 5.22; 31.35,

36). Apenas se o dia e a noite deixassem de existir, Deus iria *rejeitar* a grande *descendência de Jacó*. A promessa de uma sucessão na liderança é estendida à nação por ela existir como povo de Deus. A evidência dessa promessa e da *misericórdia* do Senhor seria o *retorno* e a restauração dos exilados na terra de sua herança.

**34.1-39.18** — Essa coletânea de mensagens foi registrada durante os reinados de Jeoaquim e Zedequias, concluindo com a queda de Jerusalém, em 586 a.C. O trecho é organizado em uma estrutura quiásmica (inversão na ordem), começando com Zedequias (Jr 34), retrocedendo no tempo até Jeoaquim (Jr 35 e 36) e então retornando ao reinado de Zedequias (Jr 37—39). O ponto mais alto do quiasma se dá quando Jeoaquim queima o primeiro rolo de Jeremias, um ato equivalente a rejeitar o Senhor como Deus da nação e que garantia o cumprimento dos oráculos de julgamento contra Judá. O trecho começa com uma mensagem de julgamento contra Zedequias durante o cerco babilônico e encerra com a destruição de Jerusalém.

**34.1-22** — Esse capítulo inicia com o julgamento contra Zedequias em meio ao ataque de Nabucodonosor contra as cidades fortificadas de Judá. O ataque dos babilônios em Judá, no final da 589 a.C., foi resultado da aliança que Zedequias realizou com o Egito e a Fenícia, num ato de rebelião contra Nabucodonosor. Na primavera de 588 a.C., quando apenas as duas fortificações de Azeca e Laquis ainda subsistiam, o faraó Hofra do Egito trouxe seu exército cruzando a porção norte do Sinai para lutar contra Nabucodonosor. Quando este rei retirou temporariamente o cerco para enfrentar os egípcios, houve um curto período de tranquilidade para os habitantes de Judá e de Jerusalém. Quando os egípcios foram expulsos, o cerco foi retomado em maior intensidade.

**34.1** — *Todo o seu exército [...] todos os reinos [...] todos os povos*. Jeremias descreveu todas as tropas da Babilônia e dos estados vassalos preparados para lutar contra Judá e Jerusalém.

**34.2,3** — *Tu não escaparás*. Embora Zedequias tenha tentado fugir para Jericó, as forças de Nabucodonosor o capturaram e o levaram a Ribla

para um encontro com Nabucodonosor em pessoa (Jr 32.3, 4).

**34.4,5** — Em Jr 21.4-7, Jeremias proclamou a destruição de Jerusalém e a morte de seus habitantes pela espada, pela peste e pela fome. As implicações particulares para *Zedequias* são descritas nesse trecho. O rei *morreria em paz* na Babilônia, significando que não seria executado pela *espada*. De acordo com 2 Rs 25.6,7, os filhos do rei foram executados diante dele e então seus olhos foram vazados.

**34.6,7** — O pano de fundo do cerco de Judá e Jerusalém é apresentado aqui. As fortificações em *Azeca* e *Laquis*, nas terras baixas, eram um território pelo qual o Egito poderia enviar auxílio. Elas foram as últimas a cair antes de Jerusalém ser destruída.

**34.8-22** — Durante o cerco de Jerusalém na primavera de 588 a.C., Zedequias proclamou a libertação dos escravos de acordo com a mensagem do Senhor por meio de Jeremias e o ensino da Lei (Dt 15.12-15). Entretanto, quando o cerco babilônico foi suspenso temporariamente, as ordens foram revogadas e as pessoas que haviam sido libertadas foram tomadas de volta por seus amos. Jeremias condenou Zedequias por essa violação à aliança.

**34.8,9** — *Concerto*. Um acordo legal foi realizado entre Zedequias e o povo de Jerusalém durante o cerco babilônico para libertar todos os escravos hebreus. *Liberdade* é um termo técnico para descrever a alforria de escravos hebreus após 50 anos, no ano do Jubileu (Lv 25.8-10), quando escravos eram libertados e as terras eram devolvidas aos seus donos legítimos. Em Deuteronômio 15.1,12-15, é descrita uma libertação semelhante durante o ano sabático.

**34.10,11** — Os *príncipes* concordaram com o concerto do rei (Jr 34.8,9) e libertaram os judeus cativos. Todavia, eles reverteram a decisão quando o cerco foi retirado momentaneamente (Jr 34.21,22). Essa atitude oportunista em um momento de crise demonstrou o desprezo dos líderes para com o concerto divino.

**34.12-14** — Jeremias, o mordomo fiel da *Palavra* de Deus, começou seu ataque contra os



## APLICAÇÃO

### TODO MUNDO FAZ!

As pessoas, às vezes, justificam um comportamento imoral dando a desculpa de que todo mundo faz isso. Entretanto, essa noção é errada. Nem todo mundo segue as massas. Nem todos defendem a opinião mais comum. Algumas pessoas preservam suas convicções morais, mesmo aquelas que não são baseadas em ensinamentos bíblicos específicos.

Por exemplo, os recabitas demonstraram que é possível permanecer fiel e obediente aos seus princípios, não importando o que outras pessoas estejam fazendo. Afinal de contas, se aquela família era capaz de permanecer leal a convicções que não haviam sido prescritas pelo Senhor, então certamente o restante do povo israelita poderia preservar as crenças e os padrões que Deus havia instituído (Jr 35.12-16).

O mesmo princípio se aplica aos dias de hoje. Por todos os lados na sociedade moderna, encontramos pessoas que preservam tradições ou um estilo de vida herdado dos ancestrais. Elas realizam suas tarefas diárias aparentemente sem se importarem com os modismos culturais à sua volta. Todavia, se essas pessoas são capazes de apegar-se às suas convicções, existiria algum motivo para qualquer um de nós, que afirmamos seguir a Cristo, deixarmos de preservar os padrões morais e as doutrinas que o Senhor estabeleceu nas Escrituras? Não!

líderes de Judá ensinando novamente sobre a Lei no que tangia à emancipação de escravos (Êx 21.2-6; Dt 15.12-15). Ele lembrou ao povo de que seus ancestrais foram escravos no Egito, e que Deus os libertara do cativo e da opressão.

**34.15,16** — Quando os príncipes de Judá libertaram os escravos hebreus, demonstravam fidelidade à aliança e devoção a Deus (Jr 34.10). No entanto, quando essa decisão foi revertida (Jr 34.11), o nome de Deus foi profanado. O nome do Senhor resume e representa seus atributos, seu caráter e suas obras. Esse nome havia sido profanado pela violação da aliança da mesma maneira que o povo havia profanado a terra com sua idolatria (Jr 16.18).

**34.17** — Pelo fato de os líderes de Judá terem desobedecido à aliança revogando a liberdade concedida aos escravos hebreus (Jr 34.11), o Senhor declarou que concederia liberdade aos líderes — liberdade para sua desobediência e liberdade para a espada, para a peste e para a fome.

**34.18,19** — Aqui é descrita a cerimônia principal do ritual. Esse acordo entre duas partes começa cortando-se o animal do sacrifício no meio. Em seguida, os dois participantes caminham juntos entre as partes (Gn 15). O animal dividido ilustra o possível destino daquele que não cumprir as diretrizes do acordo.

**34.20** — *Entregá-los-ei [...] nas mãos de seus inimigos.* Os escravos que haviam sido maltratados

pelos líderes de Judá seriam vingados por Deus, que utilizaria o exército babilônico como seu instrumento.

**34.21,22** — *Farei tornar.* Nabucodonosor havia se retirado de Jerusalém para enfrentar o exército egípcio do faraó Hofra. Zedequias tinha esperança de que Hofra conseguisse libertar Israel de seu destino iminente. Entretanto, pouco tempo depois, Nabucodonosor retomou o cerco a Jerusalém e destruiu a cidade.

**35.1-19** — O encontro de Jeremias com os recabitas, como indicado em Jeremias 35.11, deu-se próximo do final do reinado de Jeoaquim, que morreu em dezembro de 598 a.C. Nabucodonosor deu ordens às tropas amonitas, moabitas, arameias (*sírias*) e caldeias para atacar os rebeldes de Judá sob o comando de Jeoaquim (2 Rs 24.2). Esses ataques revelam o motivo de os recabitas terem deixado seu território e buscado refúgio em Jerusalém. O relato é semelhante em forma ao relato do ato simbólico. A ligação entre o encontro com os recabitas e o relato da decisão de Zedequias de cancelar a libertação dos escravos (Jr 34) serve para ilustrar a fidelidade à aliança com um exemplo concreto.

**35.1** — *Nos dias de Jeoaquim.* Jeoaquim reinou de 609 a 598 a.C.

**35.2** — *Os recabitas* eram um grupo bastante unido de descendentes dos queenes (Jz 1.16; 1Cr 2.55). Esse grupo foi conhecido primeiramente a

partir da história de Jonadabe, filho de Recabe, que ajudou Jeú a expulsar os profetas de Baal de Samaria (2 Rs 10.15-28). Os recabitas viviam como nômades, rejeitando todo tipo de vida urbana ou agrária. Eles se recusavam a beber vinho ou bebida forte e não cultivavam vinhedos. Também não faziam nenhum outro tipo de plantio. Muitos teólogos acreditam que eles fossem um clã de ferreiros. Os recabitas foram convidados por Jeremias a entrar em uma das *câmaras* que circundavam o pátio do templo de Deus para uma demonstração simbólica.

**35.3-5** — *Homem de Deus* refere-se a alguns profetas conhecidos e anônimos, emissários de Deus que transmitiam mensagens específicas (1 Sm 2.27; 1 Rs 12.22; 13.1; 2 Rs 1.9). Aparentemente *Hanã* se agradou da pregação de Jeremias. No templo e na presença dos principais administradores daquele edifício, Jeremias testou a fidelidade dos recabitas à sua tradição colocando *vinho* diante deles e mandando que bebessem.

**35.6-10** — Os recabitas se recusaram a beber o vinho, com base no ensino de *Jonadabe*, seu antepassado.

*Obedecemos*. Essa palavra expressa a fidelidade pura dos recabitas à suas tradições, em antítese ao fracasso de Judá em guardar a aliança (Jr 3.13; 7.23,24).

**35.11** — A ameaça militar de Nabucodonosor havia trazido uma mudança. Embora estivessem contrariando sua tradição, os recabitas procuraram proteção contra os babilônios atrás dos muros de Jerusalém.

**35.12-15** — *Aceitareis instrução, para ouvirdes as minhas palavras*. Esse fraseado baseia-se nas palavras dos recabitas (Jr 35.8) e no oráculo de Jeremias em Jeremias 7.28. Os recabitas haviam obedecido às instruções de seu ancestral Jonadabe. No caso de Judá, embora o próprio Deus houvesse instruído os israelitas a respeito da aliança e apresentado a mensagem repetidas vezes através de muitos profetas, o povo não o obedecera. *Madrugando e falando* ilustra a persistência dos muitos profetas na história de Israel.

**35.16,17** — Os recabitas não descumpriram o *mandamento* de Jonadabe, mas os israelitas

continuamente se rebelavam contra os ensinamentos de Deus.

**35.18,19** — Uma bênção é pronunciada à família fiel dos recabitas. Sua dedicação às tradições é descrita por meio de um trio de verbos: *obedecestes, guardastes, fizestes*.

**36.1-32** — O livro de Jeremias traz informações sobre a natureza, o registro, a composição e a história da palavra de Deus em seus períodos de formação, mais do que qualquer outro livro da Bíblia. Existem mais de 250 referências à Palavra de Deus em Jeremias em expressões como *a palavra do Senhor, minha(s) palavra(s) e veio a palavra do Senhor*. O profeta Jeremias foi um instrumento da revelação divina, falando à medida que Deus lhe revelava sua mensagem. Neste capítulo, os primeiros oráculos de Jeremias são registrados em um rolo (Jr 36.1-4); Baruque recebeu ordens para ler o livro no templo (Jr 36.5-8); o rolo foi lido durante o jejum (Jr 36.9, 10); Micaías levou um relatório desse pronunciamento até o palácio (Jr 36.11-13); Baruque tornou a ler o rolo no palácio (Jr 36.14-19); o rolo foi lido perante Jeoaquim, que em seguida o queimou (Jr 36.20-26); o rolo foi escrito novamente (Jr 36.27, 28); e o oráculo de julgamento resultante foi pronunciado contra Jeoaquim e a família real (Jr 36.29-32).

**36.1** — A narrativa reconta a interação com Jeoaquim a respeito da palavra de Deus durante o quarto ano de reinado daquele monarca, 605 a 604 a.C. No final da primavera, quando o ano começou e o rio estava em seu nível mais alto, Nabucodonosor cruzou o Eufrates e derrotou os egípcios em Carquêmis.

*Sucedeu, pois*. O rolo original dos oráculos de Jeremias, que havia sido preparado com a assistência do escriba Baruque, foi lido no templo no nono mês, do quarto ano de Jeoaquim, de novembro a dezembro de 604 a.C. (Jr 36.9). Isso se deu na mesma época do ataque dos babilônios contra Asquelom.

**36.2** — *O rolo de um livro*. O material mais comum de confecção de um rolo era o pergaminho (um tipo de couro), embora os papiros egípcios também existissem. O rolo continha os oráculos

referentes aos *dias de Josias*, no início do ministério de Jeremias (626 a.C.), até *hoje* (604 a.C.).

**36.3** — Os motivos de Jeremias ter ditado suas mensagens a Baruque são vários. (1) instrução divina; (2) Jeremias era proibido de falar no templo e portanto precisava de um emissário para transmitir a mensagem do Senhor ao povo; (3) Jeremias foi compelido a proclamar a mensagem de Deus por quaisquer meios possíveis na esperança de que Judá se arrependesse; e (4) o precedente da descoberta do rolo nos dias de Josias que resultou na reforma religiosa da nação.

**36.4** — *Baruque, filho de Nerias*, era um escriba treinado e amigo íntimo de Jeremias (32.12).

*Da boca de Jeremias*. Essa expressão descreve o processo de ditado de Jeremias para Baruque.

**36.5** — *Encerrado* pode se referir ao aprisionamento físico, sendo colocado sob a vigilância de guardas (Jr 33.1; 39.15); restrição mental ou espiritual; ou algum outro tipo de restrição. Não há menção de nenhuma prisão nesse capítulo. É possível que Jeremias tenha sido proibido de entrar nos pátios do templo, talvez após ter promulgado o Sermão do templo (Jr 7.1-15; 26.1-19).

**36.6,7** — O rolo com os primeiros oráculos de Jeremias contra Israel e Judá deveria ser lido em um dia de jejum, um dia separado para uma declaração oficial dos reis ou sacerdotes (Jr 36.9) em um período de crise nacional.

**36.8** — *Baruque*, um discípulo fiel como Jeremias, leu a partir do livro das palavras de Deus no templo do Senhor. Esse ato faz um paralelo com a leitura do livro da Lei no templo de Deus após ter sido descoberto ali (2 Rs 22; 23).

**36.9,10** — A proclamação oficial do jejum ocorreu de novembro a dezembro de 604 a.C. Pessoas de toda a nação de Judá se reuniram no templo do Senhor para o jejum, dando a Baruque e Jeremias um grande número de ouvintes. *Gemarias* era filho de *Safã*, o escriba que leu o rolo encontrado durante o reinado de Josias (2 Rs 22.1-20). Aparentemente Gemarias simpatizava com Jeremias, permitindo que ele fizesse uso do salão no *átrio superior*, um aposento que abria para os pátios do templo e dava acesso às pessoas que se reuniam para o jejum.

**36.11-13** — O filho de Gemarias, *Micaías*, levou a notícia do acontecimento e das palavras promulgadas até os príncipes, incluindo *Gemarias* e *Eltanã*. O pai de Eltanã, *Acbor*, também teve um papel importante na leitura do rolo nos dias da reforma de Josias. Os paralelos entre a reforma de Josias e o desejo de Jeremias de promover um avivamento nacional foram incluídos por Baruque deliberadamente, para lembrar o povo do acontecimento anterior.

**36.14** — *Jeudi*. A lista de três ancestrais é incomum. O último nome, *Cusi*, pode indicar que Jeudi fosse cuxita, portanto descendente de estrangeiros. Jeudi foi o mensageiro designado para convocar Baruque a se apresentar perante os príncipes.

**36.15-19** — *Voltaram-se temerosos*. Surpreendidos pelas palavras no livro, os príncipes se sentiram impelidos a informar o rei.

*Escrevia [...] com tinta*. Baruque disse aos príncipes como e quando o rolo foi escrito. Os líderes disseram a Baruque para ir com Jeremias e esconder-se até que a questão pudesse ser investigada.

**36.20-24** — Baruque e Jeremias ficariam sabendo mais tarde que o rolo original havia sido destruído, uma vez que estavam escondidos quando isso aconteceu.

*Casa de inverno*. O palácio real tinha aposentos com lareiras para serem usados no inverno. Quando o rolo foi lido, Jeoaquim não deu sinal de temor ou lamento, diferente de Josias, quando o livro da Lei foi lido em sua presença (2 Rs 22.11-13).

**36.25,26** — *Filho de Hameleque* [filho do rei, na versão em inglês] pode significar: (1) literalmente, o filho de *Joaquim*; (2) o filho de um homem chamado Hameleque, que significa o rei; ou (3) um título oficial de uma pessoa com funções de delegado ou policial. A terceira opção parece ser a indicada no original hebraico.

**36.27,28** — O Senhor disse a Jeremias e a Baruque para preparar um segundo rolo dos oráculos promulgados anteriormente. O versículo 32 cita que um material extra foi incluído.

**36.29-32** — O indiciamento e o julgamento contra Jeoaquim é pronunciado. O indiciamento



foi declarado pelo fato de o rei ter destruído o rolo com a palavra de Deus. Primeiro, a linhagem davídica não teria continuidade através dele. Seu filho iria reinar por apenas três meses antes que Nabucodonosor deportasse Joaquim para a *Babilônia*, onde morreu. Segundo, o corpo do rei seria tratado com desprezo após sua morte. Assim como o rei havia lançado o rolo no fogo, seu corpo seria atirado para fora do palácio real. Terceiro, a família real sofreria o julgamento que havia sido proclamado no rolo original.

**37.1-21** — O texto retorna cronologicamente ao período de alívio do cerco babilônico, em 588 a.C., quando Nabucodonosor se ausentou para enfrentar o exército egípcio comandado pelo faraó Hofra. A interação de Jeremias com Zedequias durante esse período começou com o abuso para com os escravos hebreus. No capítulo 37, dois outros encontros com Zedequias são registrados: (1) a profecia de que os babilônios retornariam e cercariam novamente a cidade (Jr 37.1-10); e (2) a acusação e a prisão de Jeremias por traição (Jr 37.11-21). O capítulo tem início com uma série de narrativas que descrevem novamente os eventos que culminaram com a queda de Jerusalém (Jr 39).

**37.1,2** — *Zedequias*, assim como *Joaquim*, e muitos outros reis antes deles em Israel e em Judá, haviam rejeitado a Palavra de Deus e as advertências de julgamento, embora tenham sido comunicadas incansável e fielmente pelos mensageiros de Deus, os profetas. O fim da rebelião estava aproximando-se. Jerusalém em breve

sucumbiria perante os exércitos babilônios, os instrumentos do castigo divino.

**37.3,4** — *Jucal* era amigo de Pasur (Jr 21.1). Juntos eles pediram a execução de Jeremias (Jr 38.1). *Sofonias*, filho de *Maaséias*, era membro da delegação que buscava uma palavra de Deus no início do cerco babilônico (Jr 21.1-10). Ele foi benevolente com Jeremias, como demonstra a carta enviada por Semaías (Jr 29.24-28).

**37.5** — No final da primavera ou no início do verão de 588 a.C., o faraó Hofra liderou o exército egípcio até a porção sul da Palestina. As forças dos babilônios suspenderam o cerco de Judá e Jerusalém para confrontar os egípcios. Zedequias tinha esperança de que os babilônios fossem derrotados, mas isso não aconteceu.

**37.6-8** — A resposta de Jeremias a Jucal e a Sofonias (Jr 37.3, 4) foi a mesma palavra imutável que o Senhor sempre havia proclamado. Os babilônios logo retornariam para destruir Jerusalém.

**37.9,10** — *Não enganeis a vossa alma*. Apesar da breve suspensão do cerco por causa da chegada dos egípcios na planície costeira do sul, isso não era prova de libertação, como declaravam os falsos profetas. Era um engano, uma ideia fútil.

**37.11,12** — O cancelamento do cerco por parte dos babilônios permitiu que o povo de Jerusalém tivesse oportunidade de sair da cidade. A cronologia precisa dos acontecimentos relacionados com a intenção de Jeremias de visitar Anatote, situada 5 km ao norte e na direção de um dos acampamentos de Nabucodonosor, e a



## VOCÊ SABIA?

### FILHOS DA REBELIÃO

Embora as Escrituras estimulem os pais a educarem os filhos *na doutrina e admoestação do Senhor* (Ef 6.4), não há garantias de que eles se tornarão pessoas de bem. Cada pessoa decide se seguirá o Senhor ou afastar-se-á de seus caminhos. Os pais podem mostrar aos filhos a maneira correta de viver, mas, uma vez que estes se tornem adultos, eles escolherão o próprio caminho.

Isso serve para explicar por que alguns pais tementes a Deus têm filhos espiritualmente rebeldes. Da mesma maneira, pessoas de grande fé e compaixão podem ter crescido em um lar onde Deus não era honrado ou até desconhecido.

Josias foi um homem de fé e um bom governante de Israel (2 Cr 34.1). Apesar disso, três de seus filhos, incluindo Zedequias (Jr 37.1,2), afastaram-se de Deus e sofreram consequências trágicas.



## EM FOCO

PROFETA (HB. *NABI'*)

(Jr 37.6; Dt 13.1; 1Sm 3.20; 2Rs 19.2)

A provável raiz da palavra *nabi'* significa *anunciar* ou *proclamar* (Jr 19.14; Ez 37.4). Outra possibilidade é a de que ela derive do vocábulo hebraico que significa *borbulhar* ou *derramar*. A profecia pode ser comparada a algo que "borbulha" do Espírito Santo no íntimo da pessoa que entrega a mensagem divina (compare Am 3.8; Mq 3.8).

Na época veterotestamentária, os profetas eram arautos ou porta-vozes que entregavam mensagens a outra(s) pessoa(s) (Jr 1.5; 2.8; 2 Rs 17.13; Ez 37.7). No caso dos profetas hebreus, eles falavam em nome do próprio Deus. Por isso, iniciavam suas mensagens com a expressão *assim diz o SENHOR dos Exércitos* em inúmeras ocasiões (Jr 9.7,17).

aquisição do campo de Hanamel (Jr 32.1-14) não está clara neste trecho. Uma interpretação possível sobre eventos paralelos a Jeremias 32.2 — *no pátio da guarda* — e Jeremias 37.21 — *que pusessem Jeremias no átrio da guarda* — parece indicar que Jeremias já sabia que a propriedade em Anatote estava à venda antes de ser preso.

**37.13** — *Jerias, capitão da guarda* e um oficial militar da corte prenderam Jeremias à *porta de Benjamim*, no norte da cidade. A acusação de deserção era bastante razoável. Jeremias havia aconselhado o povo de Jerusalém a se entregar aos caldeus para que todos fossem poupados (Jr 21.9). Muitas pessoas seguiram o conselho do profeta (Jr 38.19).

**37.14-16** — Jeremias negou a acusação de deserção, mas não obteve sucesso. Jerias prendeu o profeta e o levou perante os *príncipes*. Não havia espaço suficiente nas prisões de Jerusalém por causa do cerco, que tumultuou a cidade, portanto uma cela foi improvisada *na casa de Jônatas, o escrivão*.

*Casa do calabouço e nas suas celas*. A prisão onde estava Jeremias parece ter sido uma cisterna fechada no topo, na casa de Jônatas.

**37.17-19** — Temendo uma possível exposição e oposição dos membros da corte, Zedequias convocou Jeremias *em segredo* e pediu a ele uma mensagem do Senhor. Os vários encontros entre Jeremias e Zedequias revelam o caráter débil do rei. Aparentemente ele desejava ansiosamente a mensagem de Deus, mas não tinha a capacidade de lidar adequadamente com a realidade nem reagir do modo apropriado.

**37.20,21** — Jeremias apelou ao senso de justiça e de decência de Zedequias, e pediu para ser libertado da prisão. Zedequias consentiu e manteve o profeta limitado ao *átrio da guarda*, um local próximo do palácio real onde ele tinha um mínimo de mobilidade, o que lhe permitiu realizar a compra do campo (Jr 32.1-15; Ne 3.25).

**38.1-28** — Com base na comparação geral do conteúdo, teólogos não chegam a um consenso com relação ao fato de este capítulo ser uma cópia do encontro entre Jeremias e Zedequias em Jeremias 37.11-21. Ambos contêm descrições semelhantes da prisão com as acusações de traição, da audiência perante os príncipes, do aprisionamento numa cisterna, do encontro particular com Zedequias e do consequente confinamento em uma prisão alternativa, mais confortável. As diferenças incluem as várias pessoas envolvidas, o nome do local de confinamento e outros detalhes excludentes em cada registro. Pelo fato de relatos duplicados e variáveis sobre eventos serem comuns livro de Jeremias (por exemplo, os Sermões do templo em Jeremias 7.1-15 e Jeremias 26.1-15), estes podem muito bem descrever o mesmo acontecimento com enfoques diferentes.

**38.1** — *Jucal* foi um dos emissários enviados por Zedequias até Jeremias em Jeremias 37.3. *Pasur* foi até Jeremias com um grupo de pessoas quando o cerco babilônico teve início, em janeiro de 588 a.C.

**38.2,3** — O versículo 2 é praticamente uma cópia exata de Jeremias 21.9. O profeta disse que a escolha era entre a *vida*, sob domínio dos babilônios, e a morte, entre as ruínas de Jerusalém.

Tal declaração era uma prova de traição, assim como a afirmação de que Jerusalém sucumbiria.

**38.4** — Os *príncipes* acusaram Jeremias de desmoralizar Judá e buscar prejudicar Jerusalém.

*Enfraquece as mãos.* Essa expressão descreve a desmoralização dos soldados (Es 4.4).

**38.5** — *O rei nada pode.* Zedequias estava impotente perante os príncipes. O destino de Jeremias estava na mão desses homens.

**38.6** — Jeremias foi aprisionado na cisterna no porão de *Malquias, filho do rei*. Provavelmente devido à duração do cerco babilônico, a cisterna não tinha água suficiente, apenas *lama*. Essa cisterna em particular tinha uma abertura estreita e circular e só era possível entrar e sair dela através de cordas. Os príncipes da corte provavelmente desejavam que Jeremias tivesse uma morte lenta e silenciosa num local desagradável.

**38.7-10** — *Ebede-Meleque, o etíope.* Esse nome significa *servo do rei*.

*Porta de Benjamim.* Jeremias havia entrado e saído da cidade muitas vezes através do portão norte. O rei provavelmente estava realizando suas funções normais de mediação de conflitos e solução de questões jurídicas ali.

*Não há mais pão.* Por meio do cerco, os babilônios interromperam o suprimento de água e de

alimentos na cidade, na esperança de que a fome forçasse o povo a se render.

**38.11-13** — *Ebede-Meleque* teve o cuidado especial de conseguir *trapos velhos e rotos* para proteger os braços de Jeremias e evitar que ele se machucasse. Um estrangeiro, um cuxita anteriormente desprezado, importou-se mais com profeta de Deus do que os reis e os príncipes, conterrâneos de Jeremias.

**38.14** — O encontro entre Jeremias e Zedequias é paralelo ao registro de Jeremias 37.17-21. *A localização da terceira entrada é desconhecida.* O fato de a reunião ter sido em segredo pode indicar que essa fosse uma passagem privativa para o rei que ligava o palácio aos pátios do templo. O pedido de Zedequias para perguntar *uma coisa* a Jeremias foi feito com sinceridade. Ele queria que o profeta fosse direto em sua resposta.

**38.15,16** — *Com certeza, não me matará?* Jeremias tinha receio de ser lançado novamente no calabouço, ou de ser entregue para os egípcios que o maltratariam ainda mais, ou o executariam por falar de maneira ousada contra o rei. Zedequias jurou pelo nome de Deus que nenhum mal seria feito ao profeta.

**38.17,18** — Jeremias repetiu a mensagem registrada em Jr 38.2, 3. A rendição pouparia a



## PERFIL

### Os AFRICANOS NA BÍBLIA

Ebede-Meleque, o etíope, um oficial que inesperadamente foi em auxílio de Jeremias (Jr 38.7), é um dos vários africanos mencionados na Bíblia. O fato de um africano geralmente ter desempenhado papéis importantes na história bíblica era, em grande parte, resultado da localização geográfica de Israel, entre a África e Ásia.

A maioria dos africanos com quem os israelitas tiveram contato era egípcio. Isso teve início quando Abraão visitou o Egito para buscar comida durante uma fome severa na terra (Gn 12.10). Mais tarde, a família de seu neto, Jacó, mudou-se-ia para o Egito pelo mesmo motivo (Jr 41.53-47.31). Os israelitas permaneceram ali por 430 anos antes de retornarem a Canaã (Ex 12.41). Ao longo do restante da história de Israel, o Egito serviu ou como fonte de recursos, ou como uma ameaça.

Outros africanos mencionados na Bíblia representavam a Etiópia (ou Cuxe, ou Núbia), um termo que designava tanto o país como as terras desconhecidas ao sul e ao sudoeste do Egito; e a Líbia, provavelmente o mesmo que Pute, as terras a oeste do Egito. A terra de Ofir, renomada por seu ouro, provavelmente também se localizava no continente africano (1 Rs 9.28).

Após a queda de Judá, muitas colônias de judeus se estabeleceram na África, principalmente no Egito, mas também em Cirene. Isso levou ao recrutamento de inúmeros prosélitos ao judaísmo, alguns dos quais estavam presentes no advento do Pentecostes (At 2.10). O evangelho provavelmente chegou a África por meio das colônias de judeus africanos.

A tradição cristã afirma que João Marcos (At 15.37) foi o primeiro evangelista em Alexandria, no Egito, e o primeiro bispo daquela cidade.

vida do rei e a cidade. A recusa em se render traria morte e destruição.

**38.19** — *Receio-me*. Zedequias revelou estar com medo de se render aos babilônios, por causa da ameaça de retaliação de desertores (Jr 21.9; 39.9; 52.15) de Jerusalém. Sua incapacidade de governar fica provada por sua preocupação com a segurança pessoal acima do bem-estar da cidade e dos habitantes.

**38.20-23** — Jeremias tentou acalmar Zedequias e solucionar seu dilema moral e ético assegurando-o de que a rendição lhe traria segurança. Todavia, se o rei não se entregasse a Nabucodonosor, a *palavra* de julgamento seria cumprida. *Mulheres e filhos* seriam entregues ao monarca babilônico, e Jerusalém seria destruída.

**38.24-26** — Zedequias ordenou que Jeremias não contasse aos *príncipes* partidários dos egípcios sobre aquela conversa, caso contrário o profeta seria executado. Juntos eles elaboraram um relato da reunião que poderia ser utilizado se Jeremias fosse questionado a respeito do que fora dito. Fica claro que Zedequias tinha medo que os membros da corte se revoltassem contra ele.

**38.27,28** — Como era esperado, os *príncipes* questionaram Jeremias. A resposta que ele e Zedequias haviam preparado foi satisfatória.

**39.1-10** — A queda de Jerusalém em 586 a.C. é um dos acontecimentos mais lamentáveis na história da nação. No jejum, no nono dia de Abe, o Livro das Lamentações sempre é lido na sinagoga durante um culto especial relembrando a queda da cidade, em 586 a.C., por conta dos babilônios, e uma segunda vez em 70 d.C., com um ataque romano. Com exceção de Jeremias 39.3, esse trecho foi duplicado ou adaptado em Jeremias 52.4-16 e em 2 Reis 25.1-12.

**39.1** — O cerco babilônico começou no *mês décimo do ano nono* do reinado de Zedequias, ou seja, em dezembro de 589 ou janeiro de 588 a.C. Atualmente, o décimo dia de tetheth é um dia de jejum no calendário judaico.

**39.2** — *Ano undécimo de Zedequias, no quarto mês, aos nove do mês*. Os muros de Jerusalém foram rompidos quando o suprimento de comida chegou ao fim, em junho ou julho de 586 a.C.

**39.3** — *Pararam na Porta do Meio*. A Porta do Meio provavelmente localizava-se no muro norte de Jerusalém, a direção pela qual a cidade foi tomada. Os príncipes babilônios se assentaram diante do portão para garantir sua autoridade sobre a cidade conquistada. *Nergal-Sarezer* governou a Babilônia de 560 a 556 a.C. *Nebo* pode ser uma abreviatura de Nebuzaradã. Quando combinado com *Sarsequim*, o nome resultante provavelmente é uma variação de Nebuzaradã Rabe-Saris (Jr 39.13). *Rabe-Mague* e *Rabe-Saris* são títulos.

**39.4** — Quando Zedequias viu os oficiais babilônios entrarem pela porta norte de Jerusalém, ele e seus homens fugiram à noite *pela porta dentre os dois muros*, provavelmente próxima da união dos vales do *Cedrom* e *Tiropoeon*, na porção sul da cidade. *Campina* refere-se ao vale do Jordão.

**39.5-7** — Zedequias e sua escolta militar foram capturados próximo de Jericó e levados para *Ribla*, uma cidade em Arã. *Hamate* era uma região de Arã. Ali Zedequias se encontrou com Nabucodonosor frente a frente, como Jeremias havia profetizado (Jr 34.3). Os filhos de Zedequias e seus homens foram *mortos* diante de seus olhos pouco antes de ele ser cegado. *Cadeias de bronze* foram os grilhões colocados nos pulsos e tornozelos do rei. Zedequias morreu na prisão na Babilônia (Jr 52.11).

**39.8-10** — Além do palácio real e das moradias dos habitantes, Jeremias 52.13 inclui a *casa do Senhor* entre os edifícios queimados em Jerusalém. *Pobres*: normalmente os babilônios deportavam os indivíduos de classe alta, tais como oficiais da corte, mercadores, artesãos e artífices, e deixavam para trás os camponeses para cultivar a terra.

**39.11** — *Nabucodonosor* havia dado instruções especiais a *Nebuzaradã* com relação ao tratamento que Jeremias deveria receber. Os ensinamentos positivos do profeta com relação ao rei da Babilônia haviam chegado ouvidos deste, talvez por meio de desertores ou espiões.

**39.12-14** — Durante a destruição de Jerusalém, Jeremias foi libertado da prisão e levado até Mispa para ficar ao encargo de *Gedalias*, que Nabucodonosor havia designado como governador sobre a população campestre de Judá e

Benjamim. Um relato mais detalhado da viagem de Jeremias de Jerusalém até Ramá e dali até Mispá encontra-se em Jeremias 40.1-6. Uma maneira de fazer uma harmonização desses registros é a sugestão de que Jeremias foi reunido pelos soldados com outras pessoas em Jerusalém para que o grupo fosse levado à Babilônia, passando primeiramente por Ramá. Ali o profeta teria sido libertado por Nebuzaradã.

**39.15-18** — *Ebede-Meleque*, que havia tido o cuidado de resgatar Jeremias da cisterna na prisão (Jr 38.11-13), recebeu a promessa de segurança e libertação por parte do Senhor por ter auxiliado Jeremias, e porque havia *confiado* em Deus.

**40.1-6** — A destruição de Judá e de Jerusalém pelos babilônios foi completa. As cidades estavam queimadas, os principais cidadãos foram exilados, e a população (composta de fazendeiros, pastores e outros) foi deixada para trás para reunir impostos agrários para a economia do império. Uma nova capital foi estabelecida em Mispá, controlada pelo governante vassalo chamado Gedalias. O texto de Jeremias 40.1—43.13 relata o reinado de Gedalias, desde a libertação de Jeremias até o assassinato do governante e os eventos seguintes que levaram à fuga dos judeus para o Egito. A seção fornece uma introdução para o texto a respeito de Gedalias.

**40.1** — *Ramá* ficava cerca de 8 km ao norte de Jerusalém, ao longo da estrada antiga que ia de Jerusalém até Siquém. Com a destruição de Jerusalém ainda em processo, Ramá serviu como abrigo para os cativos que seguiam para as províncias orientais do império babilônico.

**40.2,3** — Nebuzaradã sabia das predições de Jeremias com relação ao futuro de Jerusalém e a vitória dos exércitos da Babilônia. Os profetas cujas palavras eram comprovadas geralmente recebiam bom tratamento dos povos do Oriente Médio antigo.

O SENHOR, teu Deus, pronunciou este mal contra este lugar. Ironicamente foi um estrangeiro que afirmou a verdade com relação ao motivo da destruição de Jerusalém.

**40.4,5** — Jeremias foi libertado do cativeiro e teve três opções: (1) seguir com Nebuzaradã para

a Babilônia e receber tratamento e proteção ali; (2) *permanecer* sob os cuidados de Gedalias, governador do distrito de Mispá; ou (3) viver na região que escolhesse. Nebuzaradã deu alimentos e presentes a Jeremias por causa das declarações do profeta a respeito da Babilônia e de Nabucodonosor (Jr 25.9; 27.6).

**40.6** — Jeremias escolheu seguir para *Mispá* onde serviu sob as ordens de *Gedalias, filho de Aicão*, permanecendo com seu povo e não muito distante de sua terra natal e da propriedade que havia adquirido enquanto estava na prisão (Jr 32.1-15). Mispá fica a cerca de 12 km ao norte de Jerusalém.

**40.7-10** — *Príncipes dos exércitos* refere-se aos judeus sobreviventes e comandantes dos exércitos nas cidades de Judá que haviam fugido para o território montanhoso. Entre os líderes que escaparam estavam *Ismael*, um membro da família real e oficial da corte (Jr 41.1); *Joanã*, que se tornaria líder da assembleia (Jr 40.13-16); e *Jezanias* (Jazanias) cujo pai era *maacatita*.

**40.11,12** — Os judeus que haviam escapado do ataque babilônico e fugido para territórios vizinhos retornaram outra vez e começaram a trabalhar nos campos, vinhedos e pomares.

**40.13,14** — *Joanã* liderou um grupo de líderes que foram até Gedalias para adverti-lo de uma trama de *Ismael* e do rei amonita *Baalis* para assassiná-lo.

**40.15,16** — *Joanã* pediu *em segredo* permissão para matar *Ismael*, temendo represálias da Babilônia que certamente destruiriam os esforços de reconstrução e levariam a mais derramamento de sangue. Infelizmente, Gedalias confiava muito em *Ismael*, o descendente real que aparentemente cobiçava o cargo de Gedalias.

**41.1-3** — O ano do assassinato de Gedalias não é informado, apenas o mês — *mês sétimo* de tisri, de setembro a outubro. O assassinato do governador pode ter acontecido até três meses depois da queda de Jerusalém. Outros associam a terceira deportação ocorrida em 582 a.C. com essa rebelião. O ato de *Ismael* foi especialmente desprezível por ter sido realizado durante um banquete.

**41.4-7** — Dois dias após a morte de Gedalias, um grupo de peregrinos fiéis estava seguindo para Jerusalém, provavelmente levando grãos em vez de animais para as ofertas. Ismael e seus seguidores fizeram os adoradores desviarem o trajeto, os massacraram e *lançaram* os corpos em um *poço*.

**41.8** — Dez homens que possuíam *tesouros* agrícolas pediram para serem poupados. Não se sabe por que esses dez não foram mortos. Talvez Ismael os tenha deixado viver para que pudessem contar o que ocorrera, ou talvez porque fizeram uma barganha trocando seus bens por sua vida.

**41.9-12** — Quando *Joanã*, que havia advertido Gedalias a respeito da trama de assassinato (Jr 40.13-16), ouviu falar das atrocidades cometidas por Ismael, reuniu seus capitães e seus exércitos e confrontou o exército rebelde em *Gibeão*. As *águas* perto das quais Joanã e seus homens encontraram Ismael era um poço grande e circular aberto na rocha com aproximadamente 11m de profundidade. O poço ficava a 8 km a noroeste de Jerusalém e a 5 km de Mispa, e foi o local de uma famosa batalha entre Joabe e os homens de Abner (2 Sm 2.12-19).

**41.13-15** — Quando viram *Joanã*, os cativos que Ismael havia tomado de Mispa correram para se unir às forças que partiam em ataque. *Ismael* e *oito* de seus homens fugiram para Amom.

**41.16-18** — Temendo uma represália iminente dos babilônios por causa da rebelião, Joanã reuniu os habitantes de Mispa, incluindo Jeremias, juntamente com os homens que havia resgatado e começaram uma viagem em direção ao *Egito*, em busca de segurança. O Egito era o único país da região livre do controle babilônico.

Joanã seguiu com seu grupo para o sul até Belém, acampado em *Careá*.

**42.1-6** — Após o estágio inicial da fuga de Mispa, Joanã e outros líderes consultaram Jeremias pedindo uma palavra do Senhor com relação ao caminho que deveriam tomar.

**42.1-3** — *Disseram a Jeremias*. O povo pediu que Jeremias intercedesse perante o Senhor em seu benefício. O pequeno remanescente tinha um líder, mas carecia de direcionamento.

**42.4-6** — *Eis que orarei*. Jeremias cautelosamente concordou em orar a Deus e pediu que o povo aceitasse a resposta que ele trouxesse. O povo fez um juramento de obediência, tendo o Senhor como testemunha.

**42.7-10** — *Ao fim de dez dias*. A resposta de Deus a Jeremias em favor do povo não veio imediatamente. Jeremias reuniu o grupo e apresentou a resposta de Deus usando termos que lembram seu chamado: *edificarei e não vos derribarei; e vos plantarei e não vos arrancarei* (Jr 1.10).

**42.11,12** — Jeremias assegurou o povo com as mesmas palavras que o Senhor havia utilizado para dar garantia de seu chamado: *eu sou convosco, para vos salvar* (Jr 1.8). A promessa de Deus de fazer seu povo passar um período de provações para experimentar o poder restaurador do Senhor mostraria a grande *misericórdia* de Deus. Senhor havia prometido essa restauração em oráculos anteriores (Jr 12.15).

**42.13,14** — Se o povo desobedecesse a Deus e fugisse para o Egito, iria sofrer as consequências. A esperança de segurança no Egito é apresentada com três expressões: *não veremos guerra, nem ouviremos som de trombeta, nem teremos fome de pão*. O

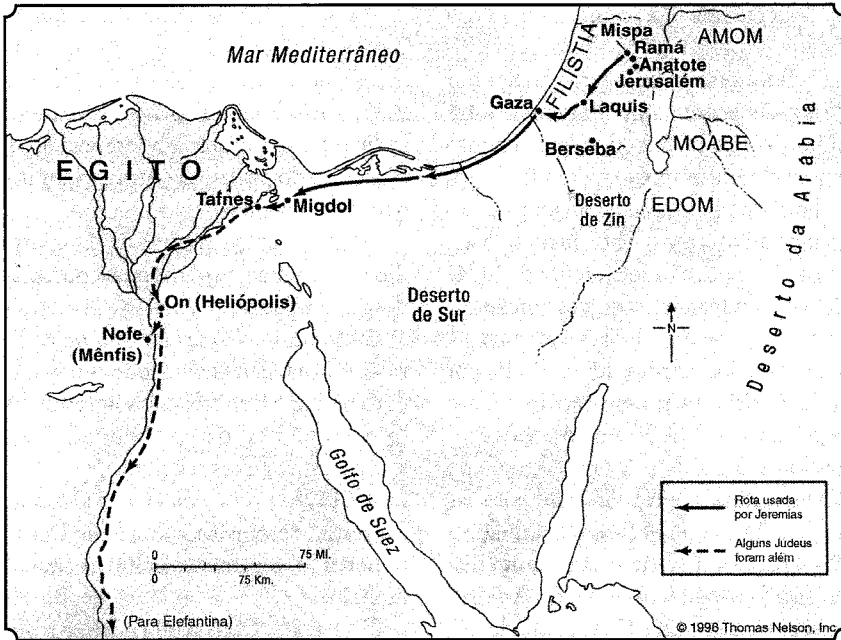


## PERFIL

### OS REFUGIADOS RELUTANTES

Temendo os babilônios, após a queda de Jerusalém, e com receio dos amonitas, após o assassinato do governador Gedalias, os sobreviventes de Jerusalém se prepararam para fugir para o Egito (Jr 41.16-18). Antes de partirem, porém, criaram o pretexto de pedir a Jeremias uma palavra do Senhor (Jr 42.1-3).

Apesar das advertências de Jeremias para que todos permanecessem na terra (Jr 42.9-22), o povo insistiu em partir (Jr 43.1-7). Aparentemente Jeremias e seu auxiliar, Baruque, foram forçados a seguir junto com o grupo, embora recusassem a ideia. Jeremias pode ter passado seus últimos dias do Egito, porque não há registro de que ele tenha voltado para Jerusalém.



### A viagem de Jeremias a Jerusalém

Quando Jerusalém sucumbiu perante Nabucodonosor, Jeremias foi levado acorrentado até Rama, e então libertado. Ele seguiu então para Mispa, a fim de dar apoio ao povo que havia sido deixado para trás. Quando o governador da província foi morto, Jeremias profetizou que o povo não deveria deixar o território. Contudo, foi levado contra sua vontade até Tafnes, no Egito. As suas subsequentes profecias sobre os judeus que viviam em Migdol, Nofe e Tafnes podem ter contribuído para o estabelecimento de assentamentos judaicos em outras partes do Egito, provavelmente até Elefantina.

povo parecia já ter tomado sua decisão antes de ter buscado uma palavra do Senhor (Jr 42.2,3).

**42.15-17** — *Puserdes o vosso rosto.* Essa expressão indica a firme intenção do povo. O anúncio de julgamento contra os desobedientes ecoa as declarações anteriores de Jeremias contra Judá. Aquilo de que eles estavam tentando escapar os alcançaria no Egito.

*Espada [...] fome [...] peste.* Estas três palavras bastante comuns no livro indicam a abrangência do julgamento de Deus sobre os desobedientes.

**42.18-22** — A mensagem é sucinta e declara: *não entreis no Egito!* Novamente Jeremias sentiu que havia sido enganado por um povo que fazia juramentos e promessas vazias. Ele deu ênfase aos três termos de julgamento em Jeremias 42.18, que descreviam o destino dos rebeldes no Egito.

**43.1-3** — O povo já havia decidido seguir para o Egito para escapar do possível perigo trazido pela Babilônia. *Azarias* e *Joanã* falaram contra o conselho dado por Jeremias em Jeremias 42.9-22. Assim como os líderes de Jerusalém haviam se pronunciado antes da queda da cidade, os novos líderes do remanescente indiretamente afirmaram que a mensagem de Deus era falsa. Baruque foi acusado de influenciar Jeremias a declarar uma mensagem enganosa que resultaria na captura do povo. Baruque aqui é visto por um ângulo diferente do apresentado em passagens anteriores, onde era apenas um escriba ou emissário. Aqui o fiel escriba figura como um líder influente e eficiente.

**43.4-9** — *Joanã* liderou a migração para o Egito, contra a direção do Senhor declarada por Jeremias. A caravana viajou até *Tafnes*, uma cidade no limite oriental do delta do Nilo (Jr 2.16).

43.10,11 — Esse oráculo de julgamento ecoa pronunciamentos anteriores contra Judá, identificando Nabucodonosor como o *servo* do Senhor (Jr 25.9; 27.6). As *pedras* simbolizavam o forte alicerce do império de Nabucodonosor, o ponto a partir do qual ele iria ampliar sua tenda.

*Morte* [...] *cativo* [...] *espada*. Um julgamento severo é pronunciado contra o Egito, incluindo um julgamento contra o povo desobediente de Judá.

43.12,13 — O julgamento de destruição estendia-se aos templos dos deuses egípcios. A destruição dos templos egípcios foi realizada por Essaradom da Assíria no sétimo século a.C., e novamente por Cambises da Pérsia no sexto século a.C. *Bete-Semes* (casa do sol) era o templo do deus-sol Rá. Esse edifício era conhecido por suas duas fileiras de colunas, ou obeliscos entalhados.

44.1-30 — Esse capítulo consiste de um discurso em prosa sobre os judeus no Egito. A estrutura do capítulo é a seguinte: (1) oráculo de julgamento contra os judeus vivendo no Egito (Jr 44.1-14); (2) a resposta dos judeus vivendo no Egito (Jr 44.15-19); e (3) a resposta de Jeremias em condenação às práticas idólatras entre os judeus (Jr 44.20-30). A linguagem deriva de sermões em prosa antigos tais como o Sermão do templo em Jr 7.1-15. As mensagens de Jeremias da parte do Senhor tornavam-se altamente estilizadas, refletindo a consistência existente desde o início de seu ministério durante o reinado de Josias até o período do exílio. A idolatria e a rejeição à aliança continuavam sendo o tema central das mensagens divinas. Essas são as últimas palavras conhecidas de Jeremias.

44.1 — *Migdol* é um termo semítico comum que significa *torre de vigia*. Aqui, o termo descreve uma pequena fortaleza a 40 km a oeste de Tâfnis. *Nofe* é outro nome para Mênfis, a capital do baixo Egito. *Patros* é o alto Egito. Como Jeoacaz havia sido deportado para o Egito em 609 a.C., vários judeus estabeleceram-se nas terras férteis ao longo do Nilo.

44.2,3 — Jerusalém foi transformada em *deserto* porque o povo violou a aliança de Deus adorando outros deuses e rejeitando a autoridade do Senhor, provocando sua ira.

44.4-7 — *Profetas, madrugando e enviando*. Jerusalém havia sido advertida muitas vezes por mensageiros incansáveis e fiéis vindos de Deus (Jr 7.25; 25.4; 26.5). *Eles não deram ouvidos, nem inclinaram os ouvidos*: a referência aqui é a desobediência do povo e a contínua adoração a divindades estrangeiras.

44.8 — *Por que me irritais?* Essa expressão indica a rebelião espontânea contra Deus, que despertou Sua ira.

44.9,10 — *Não se humilharam* [...] *nem temeram*. A atual geração de judeus não havia aprendido nada com os fracassos anteriores da nação. O povo não estava quebrantado, seu coração apenas estava mais rebelde.

44.11,12 — *Eu ponho o rosto contra vós*. Essa expressão descreve a vontade de Deus, aqui pronunciando julgamento sobre os judeus rebeldes no Egito.

*Pôs o rosto*. Deus havia posto o rosto contra o remanescente de Judá, porque este havia decidido seguir ao Egito contra a vontade do Senhor (Jr 43.7).

44.13,14 — Os judeus no Egito sofreriam o mesmo julgamento daqueles em Jerusalém. Apenas um pequeno *remanescente* sobreviveria para relatar o ocorrido.

44.15-17 — O povo recusou as palavras de Jeremias apresentando um argumento com base em sua experiência. Rejeitaram a Deus dizendo que, quando adoravam a *Rainha dos Céus* (ou seja, a deusa Istar ou Astarote) tinham recebido  *fartura de pão, e andávamos alegres, e não vimos mal algum*.

44.18 — *Rainha dos Céus* refere-se a Istar, a deusa da guerra e da fertilidade adorada com rituais de sexo explícito. O povo afirmava que, quando deixou de adorar a Rainha dos Céus nos dias da reforma religiosa de Josias, o rei foi morto e suas terras foram destruídas.

44.19 — *As mulheres* eram líderes dos ritos a Istar, que incluíam queima de incenso, ofertas de bebidas e *bolos* cerimoniais com símbolos da deusa (Jr 7.18).

44.20,21 — *Lembrou*. Esse termo é utilizado com frequência em outros textos que descrevem a base para o julgamento divino.





## APLICAÇÃO

### PALAVRAS DE JULGAMENTO, PALAVRAS DE ESPERANÇA

Jeremias anunciou juízos específicos que o Senhor jurou trazer sobre nove nações (cap. 46—51). Ao lermos essas mensagens, é importante lembrarmos duas verdades:

(1) *A ira de Deus tinha motivos específicos.* Havia uma justificativa bastante clara para a ira de Deus: todos os povos mencionados haviam se afastado de seu Criador para adorar e servir falsos deuses. Todos eram culpados, e a natureza santa de Deus exigia o julgamento desses pecados.

(2) *Era possível evitar a ira de Deus.* Assim como Senhor havia chamado Judá a arrepender-se por seus pecados durante os anos do ministério de Jeremias, também chamou as nações para que se voltassem para Ele e fossem salvas. Infelizmente, todos recusaram a oferta do Senhor e teriam de enfrentar Sua ira.

No entanto, até mesmo o castigo de Deus tem um propósito redentor. Ele não deseja que ninguém pereça (2 Pe 3.9), e o arrependimento sempre é uma alternativa, até o fim. Sempre havia a possibilidade de que as nações citadas em Jeremias 46—51, ou mesmo alguns poucos indivíduos, temessem o julgamento do Senhor e se voltassem para Ele.

**44.22,23** — *Não podia por mais tempo sofrer.* A benevolência de Deus havia chegado ao fim. A causa do julgamento era a *maldade das [...] ações, as abominações* do povo. Pelo fato de a aliança ter sido violada, as maldições deveriam ser cumpridas.

**44.24,25** — O enfoque aqui é a teimosia das *mulheres* que insistiam em sua idolatria. Nada fazia com que abandonassem os *votos* de adoração a Istar.

**44.26, 27** — O *nome* de Deus revela sua qualidade e seu caráter ao lidar com a raça humana. Seu nome não mais seria proclamado em juramentos vãos. Ele havia demonstrado amor, graça e paciência, dando oportunidades para arrependimento. Agora sua santidade e justiça seriam vingadas por meio da punição do pecado da rebeldia.

**44.28-30** — Um *remanescente* sobreviveria e veria o cumprimento da Palavra de Deus revelada por intermédio de Jeremias. Suas esperanças de prosperidade no Egito não seriam concretizadas, e o sinal da obra de Deus contra eles seria a queda do faraó Hofra. Em 570 a.C., Hofra foi deposto por um golpe militar liderado por seu próprio general Amasis. Três anos mais tarde, ele foi executado em cumprimento da profecia de Jeremias.

**45.1-5** — A importância de Baruque na vida de Jeremias, na proclamação e na preservação da

Palavra de Deus já foi mencionada anteriormente. Nesta passagem, o autor faz alusão às palavras de Baruque. Elas formam um lamento de confissão, ao qual o Senhor responde com palavras de bênção a respeito da sobrevivência daquele indivíduo, apesar das circunstâncias terríveis que enfrentava.

**45.1** — *Baruque* auxiliou e estimulou Jeremias quando este estava na prisão. Nesse trecho, Jeremias transmite uma palavra de estímulo vinda do Senhor para seu amigo escriba. A data da mensagem, 604 a.C., a identifica com as circunstâncias mencionadas em Jeremias 36. Baruque havia lido os oráculos de Jeremias perante a multidão no templo e diante dos príncipes de Judá, antes que Jeoquim queimasse o rolo original. Um segundo rolo foi preparado por Baruque. Ele permaneceu como assistente de Jeremias ao longo do ministério do profeta, inclusive na viagem ao Egito.

**45.2,3** — Jeremias se dirigiu a Baruque com relação à tristeza demonstrada pelo escriba.

*Ai de mim.* Baruque lamentou sua situação da mesma maneira que Jeremias havia feito (Jr 15.10).

*Acrescentou [...] tristeza à minha dor.* Baruque sofria com sua angústia e por causa da rejeição do povo devido à sua ligação com Jeremias (Jr 36.15-19; 43.3).

**45.4** — O julgamento contra a terra que havia perseguido o fiel escriba e os profetas é

apresentado por meio de uma estrutura de texto telescópico. As palavras ecoam os termos negativos no chamado de Jeremias (Jr 1.10).

**45.5** — *Grandezas*. Baruque aparentemente tinha esperança de alcançar honra, distinção e um cargo melhor. No entanto, esses anseios foram frustrados por ele ter-se associado a Jeremias. Todavia, Baruque seria poupado do julgamento que recairia sobre a terra, porque o Senhor lhe daria vida como *despojo* (Jr 21.9; 38.2).

**46.1,2** — Esse versículo introduz uma coletânea de oráculos *contra as nações*. O texto faz uma viagem do oeste (o Egito) para o leste (Elão e Babilônia). Espalhadas entre os oráculos estão mensagens sucintas a respeito da restauração de Israel e de Judá. As evidências internas indicam uma data anterior à queda de Jerusalém para a maioria desse material. Em Jeremias 46.2, o primeiro oráculo pode ser datado com precisão em 605 a.C. Em outros, o conteúdo reflete eventos que vão desde as campanhas de Nabucodonosor ao sul (604 a.C.) até as campanhas realizadas em 586 a.C., ou mesmo em 582 a.C. A principal mensagem desses oráculos é a soberania de Deus sobre as nações da terra. O Senhor governa sobre elas, e estas são responsáveis por seus pecados contra a Lei e a ordem divina no cosmos. As nações que não seguem os padrões éticos e morais de justiça e retidão serão julgadas rigorosamente. Aquelas que demonstram retidão na liderança e no governo receberão a graça e a benevolência de Deus.

**46.3,4** — *Escudo e pavês* são dois tipos de armas de proteção pessoal (1 Rs 10.16, 17).

**46.5,6** — O forte exército egípcio foi sobrepujado repentinamente pelos poderosos babilônios.

*Terror [...] ao redor*. Essa expressão também foi o nome dado a Pasur por Jeremias em Jr 20.3, 4, e para os perseguidores de Jeremias (Jr 20.10).

**46.7-9** — O Egito ficou enfraquecido por 300 anos (1 Rs 14.25), mas ainda era conhecido por produzir e exportar carruagens. Os *etíopes*, os *de Pute* e os *lídios* aparentemente eram mercenários contratados pelo faraó Neco.

**46.10-12** — O *dia do Senhor* é descrito aqui como um *dia de vingança* no qual o Egito seria punido pela morte de Josias. A ilustração de uma

espada devoradora também está presente em Jeremias 2.30. A morte do Egito é descrita como um banquete de sacrifícios. Como não havia *bálsamo* curador para os pecados de Judá, agora o Egito sofreria uma ferida mortal, cambaleando para a morte.

**46.13** — Esse versículo é uma introdução em prosa para uma descrição poética do ataque de Nabucodonosor contra o *Egito*. Após a batalha em Carquêmis, a marcha dos babilônios por meio da Palestina foi retomada em 604 a.C. Eles atacaram Asquelom e então perseguiram os egípcios.

**46.14-17** — *Por que foram derribados os teus valentes?* A queda dos deuses perante o Senhor é um tema constante dos oráculos contra as nações (Jr 46.25).

O *SENHOR os abateu*. A Babilônia é descrita como um instrumento do julgamento de Deus.

**46.18,19** — *Rei... SENHOR dos Exércitos*: Deus é o verdadeiro Rei soberano sobre todos os exércitos do céu e da terra.

*Tabor [...] Carmelo*. As montanhas representam a segurança do reinado de Deus. Como Judá, o Egito teria de enfrentar o castigo do Senhor.

**46.20-24** — O inimigo egípcio invadiu do Norte, a mesma direção pela qual o adversário de Judá atacou o reino.

*Bezerros cevados*. Os *mercenários* egípcios muito bem pagos não eram páreo para Deus e os babilônios, que vinham como lenhadores derrubando a floresta e matando as serpentes em fuga, os egípcios. A morte do Egito é um paralelo com a morte de Israel; a filha virgem havia sido violada e agora permanecia *envergonhada* (Jr 2.26), presas a ser levada cativa para a Babilônia.

**46.25-28** — *Não temas [...] nem te espantes*. Israel seria preservado. Esses versículos são semelhantes aos versículos 10 e 11 de Jeremias 30, com pequenas variações.

**47.1-7** — As circunstâncias deste oráculo contra os filisteus levantam algumas questões. A partir da descrição do julgamento, parece claro que o agente é a Babilônia. A referência no Jeremias 47.1 a um ataque do faraó contra Gaza é problemática. Gaza pode ter sido atacada por Psamético por volta de 611/610 a.C., antes de ele

ter capturado Asdode, ou por Neco, em 609 a.C., em sua viagem para auxiliar a Assíria em Harã, a mesma campanha na qual Josias morreu em Megido. Isso faria com que oráculo tivesse sido promulgado no reinado de Jeoaquim, como nas declarações anteriores contra o Egito. Nabucodonosor destruiu Asquelom em 604 a.C., depois que a Filístia não representava mais ameaça como um Estado independente. O texto pode se referir ao ataque de Neco contra Gaza por volta de 601 a.C., antes de Nabucodonosor retornar o ataque contra Judá.

**47.1,2** — A metáfora de *águas* que se levantam está presente em Isaías 8.7, 8; 28.17 em referência ao exército assírio; aqui o inimigo é a Babilônia (Jr 1.13; 4.6; 6.1, 22; 25.9). A *torrente transbordante* e destruidora do rio é mais típica do Eufrates no norte do que das enchentes do Nilo, que traziam nutrientes benéficos para o vale fértil.

**47.3** — *Fraqueza das mãos* descreve o terror sentido pelos pais ao abandonarem seus filhos durante a fuga.

**47.4, 5** — Filisteus e fenícios são associados por meio de sua origem entre os povos do mar que vieram das ilhas dos mares Mediterrâneo e Egeu até as planícies costeiras da Palestina, no 12º século a.C. *Caftor* é identificada com Creta. *Tiro* e *Sidom* eram os maiores portos fenícios. *Gaza* e *Asquelom* foram as últimas fortalezas filisteias a sucumbir, juntamente com Asdode, que não é mencionada.

*Calvície* [...] *te retalharás*. Raspar a cabeça e autoflagelar-se eram costumes realizados ao lamentar os mortos, proibidos em Israel (Jr 16.6).

**47.6,7** — A ilustração da *Espada do SENHOR* é utilizada para descrever o julgamento divino (Jr 12.12; 46.10, 14, 16).

*Repousar... descansa e aquieta-te*. O julgamento havia sido retido por um tempo muito longo; a paciência do Senhor havia chegado ao fim.

**48.1-47** — Este capítulo é composto de vários trechos poéticos separados por expressões curtas, *assim diz o SENHOR* (Jr 48.1,8,40) e *diz o SENHOR* (Jr 48.12,25,30,35,44,47). Há vários paralelos com Isaías 15.16,24, indicando uma possível dependência de Jeremias para com caracterizações

temáticas nesse trecho. Porções desse discurso poético são adaptações de um material mais antigo. O tema que confere unidade ao texto é a destruição e a humilhação de Moabe, uma nação conhecida por seu orgulho. O conteúdo destaca as principais cidades da planície moabita, que se estende ao longo da porção oriental do mar Morto, desde Hesbom até o monte Nebo para o sul em direção ao ribeiro Zered. A localização de várias dessas cidades é desconhecida, embora muitas pesquisas arqueológicas tenham sido realizadas na região. Os registros contemporâneos do envolvimento da Babilônia em Moabe são esparsos, embora normalmente se suponha que Moabe tenha-se submetido ao controle babilônio por volta de 604 a.C. Moabe enviou mercenários até Judá para lutarem em favor da Babilônia e rechaçarem a rebelião de 589/597 a.C. (2 Rs 24.2). Durante a revolta de Zedequias, em 588—586 a.C., Moabe cogitou unir-se a Judá, mas isso não aconteceu.

**48.1,2** — O nome da capital moabita, *Hesbom*, significa *fortaleza*. Esse nome não era realmente apropriado, pelo fato de a cidade ter sido controlada por vários povos ao longo de sua história, desde os amorreus até os moabitas, passando pelos israelitas (Nm 21.26).

**48.3-10** — A *tamargueira* cresce no deserto, escondendo-se em fendas de rocha. Assim como o povo apóstata de Judá confiava na rainha dos céus (Jr 44.17,18), Moabe confiava em sua divindade padroeira *Quemos*, o deus da fertilidade e das tempestades.

*Cativeiro*. Fazer uma divindade cativa era um costume bastante conhecido no Oriente Médio. A estátua da divindade padroeira era capturada, pois pensava-se que assim o deus não mais poderia proteger seu povo.

**48.11-13** — *Não foi mudado de vasilha para vasilha*. Embora Moabe estivesse sob o controle de Israel no nono século a.C., nunca havia experimentado o exílio e se tornara complacente em sua segurança. Deus iria *despejar as vasilhas* de Moabe, fazendo com que os moabitas fossem levados cativos. *Romperão os seus odres*. As cidades de Moabe seriam destruídas. *Quemos* (Jr 48.7), o

grande protetor de Moabe, estaria impotente perante Deus, assim como *Betel* sucumbiu juntamente com *Israel* (Am 3.14).

**48.14-17** — Jeremias assegura Moabe de que existia apenas um *Rei*, cujo nome é o SENHOR dos Exércitos.

*Condoei-vos*. Uma nota de sarcasmo é transmitida. As nações ao redor de Moabe, como Judá, atacada pelos mercenários moabitas, foram chamadas para lamentarem a destruição de Moabe.

**48.18-20** — *Dibom* era a capital a partir da qual o rei Mesa governava (2 Rs 3.4-27). A arrogante *Moabe* ficou *envergonhada* pela destruição de suas poderosas fortalezas.

**48.21-25** — *Mefate* era uma das cidades levíticas (Js 21.37). *Bozra* refere-se não à capital e Edom, mas, sim, a Bezer, uma das cidades de refúgio (Js 20.8). *Queriot*e é mencionada em Amós 2.2. *Poder* e *braço* são símbolos de força, que haviam sido subjugados.

**48.26-29** — *Embriagai-o*. O julgamento é ilustrado por meio da embriaguez ao ponto de a pessoa vomitar, o resultado de Moabe ter caçado de Israel (Jr 25.15-29). *Soberba* refere-se às atitudes arrogantes pelas quais uma pessoa se considera mais importante do que as outras.

**48.30-33** — Moabe reúne-se em lamento intenso por causa da improdutividade das colheitas e dos vinhedos. *Quir-Heres*, também chamada Quir-Haresete (2 Rs 3.25; Is 16.11), pode ser o nome da capital de Moabe (Quir de Moabe; Is 15.1). O *folgado* que antes ecoava dos vinhedos e lagares havia terminado diante do som terrível dos cascos dos cavalos e do clangor das armas.

**48.34** — As *águas do Ninrim* deságuam no Jordão no lado oposto a Jericó. Um lamento desde *Hesbom* e *Eleale* até *Zoar* e *Horonaim* cobriria toda a planície moabita do norte até o sul, do mar Morto ao deserto.

**48.35-39** — *Sacrifique nos altos e queime incenso*: a idolatria chegaria ao fim; o povo não mais adoraria Quemos e outras divindades.

*Cabeça... barba... mãos... lombos*. Todo tipo de lamento seria utilizado para falar de Moabe, porque a região se tornou *objeto de escárnio e de espanto* como Judá.

**48.40-44** — A ilustração fala da Babilônia espalhando seus exércitos sobre Moabe como uma *águia* abre suas *asas* (Jr 49.22; Dt 32.11; Ez 17.7).

*Porque se engrandeceu*. O principal pecado de Moabe era o orgulho, por se considerar maior do que o Deus de Israel. Esse orgulho seria transformada em mito e terror, e então a nação seria levada cativa.

**48.45,46** — A última visão de Moabe é a de um fogo destruindo suas cidades enquanto ela foge aterrorizada. Quemos foi derrotado.

**48.47** — *Fazer voltar* implica *restaurar a sorte de*. Moabe veria seu povo voltando à terra. Suas colheitas e vinhedos seriam produtivos outra vez. Moabe, Judá e Israel voltaram em 538 a.C., durante o reinado de Ciro.

**49.1-6** — As circunstâncias do oráculo contra Amom baseiam-se no conflito histórico entre Israel e Amom, principalmente na disputa pelo território da tribo de Gade. Esse oráculo provavelmente foi promulgado no período anterior à queda de Jerusalém, em 586 a.C., mas depois dos ataques de Moabe, Amom e outros povos em Judá (2 Rs 24.2).

**49.1,2** — *Malcã*, a divindade padroeira dos amonitas, é descrita como tendo *herdado* a terra que antes pertencia aos gaditas, um processo que teve início nos dias dos juízes.

**49.3** — *Hesbom* (Jr 48.2) chegou a ser controlada pelos amonitas, mas mais tarde passou ao controle dos moabitas. *Ai* não é a cidade israelita de mesmo nome. *Rabá* era a capital dos amonitas. O *cativo* da divindade padroeira *Malcã* era o equivalente à sua derrota, visível através do exílio dos líderes e do povo, juntamente com a estátua daquele deus.

**49.4** — *Vales* [...] *luxuriantes vales* pode ser uma referência ao vale do Jaboque na fronteira norte de Amom.

**49.5** — *Ninguém recolherá o desgarrado*. Aqueles que caíssem pelo caminho durante a fuga de Amom seriam abandonados.

**49.6** — A restauração de Amom, como no caso de Judá, Israel, Egito e Moabe é citada de maneira sucinta e de um modo estereotipado.



## EM FOCO

## COPO (HB. KDS)

(25.15; 49.12; Sl 23.5; 51.22)

O vocábulo hebraico traduzido como *copo* denota um utensílio usado para se ingerir bebidas. Nos livros proféticos do Antigo Testamento, essa palavra geralmente está associada à imagem da ira de Deus, tal como em *copo de vinho do furor* ou *copo de espanto* (Jr 25.15; Ez 23.33). Em outras passagens, o copo pode ter um significado positivo, indicando um relacionamento íntimo com um indivíduo importante. Além disso, tanto no Antigo como no Novo Testamento, o copo pode ser um símbolo de comunhão.

O copo traz uma imagem importante no Novo Testamento, principalmente na celebração da Ceia do Senhor (1 Co 11.25-28).

**49.7-22** — O oráculo contra Edom está intimamente relacionado com o livro de Obadias e com porções do oráculo contra a Babilônia (Jr 50). O território de Edom se estendia desde o ribeiro Zeredé (atual *wadi al-Hasa*), no norte, até o golfo de Ácaba, no sul. A capital era Bozra, atual Buseira, a cerca de 40 km a sudeste do mar Morto. Conflitos entre Israel e Edom ocorrem desde o confronto entre Jacó e Esaú. O oráculo baseia-se nos eventos que levaram à invasão babilônica em Judá, durante a qual Edom aproveitou a oportunidade para tomar a região do Neguebe ao sul de Judá, eventualmente dominando a porção ao sul de Hebrom no final do reinado de Nabucodonosor.

**49.7,8** — *Edom* era conhecido na Bíblia por sua sabedoria (Ob 8). *Temã* era o nome de uma cidade ou distrito de Edom no qual se localizava a capital Bozra.

**49.9-11** — *Vindimadores*. Essa ilustração é retirada de Jeremias 6.9, entretanto não havia nenhum remanescente em Edom. A nação havia sido totalmente assolada, sendo que apenas as mulheres e as crianças foram deixadas vivas para lavrar a terra. Esses trabalhadores são convidados a *confiar* em Deus.

**49.12,13** — *Beber o copo totalmente*. A ilustração do copo da ira divina encontra-se em 25.15-29. Aqui se aplica particularmente a Edom, e, mais especificamente, à capital, *Bozra*.

**49.14-16** — A ilustração nesses versículos fala das *nações* sendo convocadas por Deus para sitiar Edom. Esta seria reduzida de um povo orgulhoso com poderosas fortalezas a um povo *pequeno* entre as nações.

**49.17-19** — *Espanto* [...] *assobiará*. Como acontecera com Israel, Judá, Egito, Moabe e Amom, Edom seria destruída e se tornaria objeto de escárnio. Assim como o *leão* que surge dos arbustos da porção inferior do Jordão e ataca sua presa, Deus iria atacar os edomitas por meio de seu instrumento de vingança.

**49.20-22** — As duas coisas das quais Edom mais se orgulhava, sua sabedoria e suas fortalezas, iriam sucumbir diante do julgamento do Senhor. À medida que as fortalezas ruíam, a terra tremia; esses tremores seriam sentidos até o mar Vermelho. A ilustração de uma *águia* de asas largas, representando o poder de Deus e de seus agentes de destruição, também está presente em Jeremias 48.40,41.

**49.23-27** — O oráculo contra Damasco, a principal cidade dos arameus, é bastante curto. Isso se deve provavelmente ao fato de o último período de domínio de Damasco ter ocorrido na segunda metade do oitavo século a.C., cem anos antes do início do ministério de Jeremias. Aparentemente, Damasco experimentou um curto período de independência semelhante ao de Judá após o colapso da Assíria, em 612-610 a.C., e antes da incursão de Nabucodonosor pela região, em 604 a.C. Nos dias dos reis de Israel e de Judá, os monarcas arameus como Ben-Hadade II e Hazael atacaram os vilarejos do local. Amós (Jr 1.3-5) condenou as práticas desumanas daqueles reis.

**49.23-25** — *Hamate* e *Arpade* eram cidades importantes localizadas, respectivamente, a oeste e ao norte da capital de Damasco.

**49.26,27** — Os mesmos termos ocorrem aqui como em outros oráculos contra as nações: temor e fraqueza como uma mulher que dá à luz; guerra e destruição; lamento e vergonha. *Bem Hadade* era o nome (ou título) de vários outros reis de Arã-Damasco (Am 1.4). Não há nenhuma previsão de restauração nesse trecho.

**49.28-33** — O oráculo contra as tribos árabes de Quedar e Hazor é apresentado por meio da “fórmula” do mensageiro, *assim diz o SENHOR*, e é composto de três proclamações curtas.

**49.28** — Na região de *Quedar* estava o mais importante grupo tribal do período bíblico. *Quedar* localizava-se ao norte da Arábia e era conhecido por suas caravanas de mercadores e pelos rebanhos de ovelhas (Jr 2.10; Is 60.7; Ez 27.21). A expressão *filhos do Oriente* é associada com os arameus, midianitas, amalequitas e outras tribos nômades do deserto (Gn 29.1; Jz 7.12).

**49.29** — Os muitos itens mencionados nesses versículos são tipicamente utilizados por povos nômades. O grito de terror — *há medo de todos os lados* — é comum em oráculos de Jeremias (Jr 6.25; 20.10; 46.5; 49.5).

**49.30-33** — O exército destruidor de Nabucodonosor atacaria os vilarejos de *Quedar* e *Hazor*. Os oásis se transformariam em habitação de *chacais* (Jr 9.11; 10.22). Os povos beduínos seriam dispersados para uma região distante, como que impulsionados pelos ventos quentes do deserto.

**49.34-39** — O oráculo final dessa coletânea é contra *Elão*, datando do ano de ascensão de Zedequias, na primavera de 597 a.C. A capital de Elão era Susa, a cerca de 400 km a sudoeste da Babilônia.

**49.34-36** — *Eu quebrarei o arco*. Os elamitas eram famosos por seus arqueiros habilidosos (Is 22.6), que se tornaram parte importante do exército persa sob o comando de Ciro. A expressão *quatro ventos* indica o poderio militar que o Senhor reuniu contra seus inimigos (Ez 37.9; Dn 8.8).

**49.37-39** — *Porei o meu trono*. Essa expressão descreve o estabelecimento do reino do Deus de Israel, o grande Rei conquistador na terra dos elamitas (Jr 1.15; 43.10). Elão experimentaria o poder restaurador de Deus, à medida que seu

povo retornasse e sua fortuna fosse restaurada (Jr 48.47; 49.6).

**50.1—52.64** — O último oráculo é contra a grande nação da época, a Babilônia de Nabucodonosor. Esse longo trecho é composto de várias proclamações poéticas curtas contra a nação que, de um lado, era usada como servo do Senhor (Jr 25.9), e, de outro, atuava como arqui-inimiga do povo de Deus. O capítulo anterior enfocou o papel da Babilônia como servo do Senhor no julgamento das nações. Estes dois falam sobre: (1) a ruína iminente da Babilônia e a derrota de seus muitos deuses, principalmente Marduque, o deus padroeiro da cidade e da nação; e (2) a restauração dos judeus à sua terra natal.

**50.1** — Os *caldeus*, ou babilônios, foram vassallos da Assíria até a revolta de Nabopolassar, que obteve o controle da Babilônia em 626 a.C. Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, que sucedeu seu pai no trono em 605 a.C., foi o monarca caldeu mais forte e que reinou por mais tempo. Após a morte de Nabucodonosor, a nação sofreu um grande declínio. Em 539 a.C., foi conquistada por Ciro, aparentemente sem muito esforço.

**50.2,3** — *Bel* era um título como Baal, que significava *senhor*, utilizado para *Merodaque*, outro nome da divindade padroeira da Babilônia, Marduque.

*Ídolos [...] deuses*. O oráculo começa com uma difamação aos deuses da Babilônia. O termo *trazido como deuses* significa *fezes de animais*. Os profetas hebreus falavam abertamente contra os ídolos, usando de bastante sarcasmo.

*Do Norte*. A nação invasora não é mencionada, no entanto com base em registros históricos sabemos que Ciro atacou a Babilônia a partir do norte após derrotar a cidade de Sipar.

**50.4,5** — *Israel* e *Judá* seriam restaurados se buscassem o Senhor em arrependimento, requisitando auxílio para voltarem para casa. Eles teriam um *concerto eterno* com o Senhor de quem não mais se esqueceriam e quem não rejeitariam outra vez (Ez 16.60).

**50.6, 7** — O termo *pastores* refere-se aos príncipes, sacerdotes e profetas da nação que

estimularam o povo a pecar contra o Senhor, sua verdadeira fonte de esperança e sustento (Jr 23.1-4).

**50.8-10** — O discurso volta-se para os judeus, que iriam fugir da Babilônia como *carneiros* de um rebanho.

**50.11-13** — O saque na Babilônia seria a punição por aquele reino ter apreciado a destruição de Judá e o abuso para com a *herança* de Deus. A grande Babilônia *será a última das nações*. Difamação, seca, devastação, desolação e escárnio seriam o destino da Babilônia (Jr 18.16; 19.8; 49.17).

**50.14-16** — *Cercar [...] rodear*. Os inimigos atacariam por todos os lados, à medida que aquela que havia sido instrumento de Deus se tornasse objeto de sua ira.

**50.17-20** — O Senhor havia utilizado a Babilônia para punir a *Assíria* por deportar Israel; agora utilizaria outro inimigo vindo do norte para trazer o castigo sobre a *Babilônia*. O resultado seria a restauração de Israel e de Judá e o perdão de suas iniquidades e pecados, o motivo de sua ruína (Jr 5.25; 16.10,18; 31.34; 33.8).

**50.21-28** — *Inteira­mente destrói*. A situação mudaria para a Babilônia, o *martelo* estava prestes a ser quebrado e *destruído de todo*. O Senhor *JEová dos Exércitos* havia lançado suas armas de vingança sobre a cidade através de seu servo, *Ciro* (2 Cr 36.22, 23; Is 45.1).

**50.29-34** — O governante sábio e justo iria *pleitear a causa* dos filhos oprimidos de Judá e garantiria sua redenção. O *redentor* era a pessoa que assegurava a liberdade de um parente, protegendo os direitos familiares. Aqui Deus, o *Redentor* de Israel (Is 47.4), oferece-se para garantir a libertação de seu povo do cativo.

**50.35-46** — A *espada* de Deus iria destruir todos os elementos da grandeza da Babilônia — seus líderes, suas armas e suas riquezas.

*Cairá a seca sobre as suas águas*. A Babilônia foi construída em ambos os lados do Eufrates, e a região ao sul da Mesopotâmia era recortada por canais de irrigação. O Senhor iria lançar seu julgamento contra a Babilônia como havia feito nos dias de Elias.

**51.1-14** — O oráculo contra a Babilônia continua apresentando várias imagens de destruição, utilizando todas as descrições possíveis de castigo para imprimir essa ideia sobre a poderosa nação. A mensagem é interrompida ocasionalmente por promessas de esperança para os exilados de Israel e de Judá.

**51.1-5** — Embora *Israel* e *Judá* tenham se esquecido do senhorio de Deus, ele não havia se esquecido de seu povo pecador.

**51.6-10** — A ilustração do *copo* de fúria da Babilônia, retirada de Jr 25.15-29, é invertida. Aqui, copo da Babilônia é quebrado pelo Senhor.

*Bálsamo*. Como no caso de Judá (Jr 8.22), a decadente Babilônia não podia mais ser curada e tinha de ser abandonada. A destruição da Babilônia vinha como vingança de Deus. A profecia de Jeremias (Jr 25.12-14) iria se cumprir: Israel seria justificado por meio das obras do Senhor.

**51.11-14** — *Vingança*: o Senhor iria vingar o abuso que a Babilônia lançou sobre Israel e outras nações conquistadas. A *avareza* da Babilônia é tipificada por meio do roubo dos tesouros do templo de Jerusalém (2 Rs 25.13-17).

*Gafanhotos* (ARA). Essa praga representa o enxame de soldados inimigos invadindo a magnífica cidade.

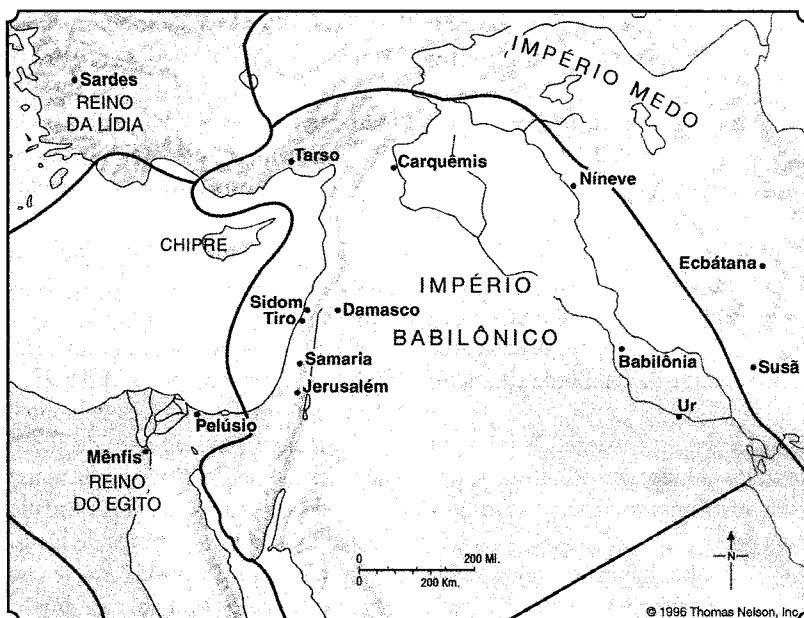
**51.15-19** — Esses versículos são copiados quase que literalmente de Jeremias 10.12-16. O texto foi inserido nesse trecho para demonstrar a futilidade dos ídolos da Babilônia contra o poder do Senhor, o Deus de Israel.

**51.20-26** — A Babilônia havia sido o *martelo* de Deus para o julgamento contra as nações, e contra Judá em particular.

*Pagarei*. A Babilônia iria sentir o machado do castigo de Deus por causa da *maldade* com que tratara Jerusalém. O aparentemente invencível *monte* da Babilônia seria esmagado pelo poder da mão de Deus.

**51.27-32** — Os inimigos da Babilônia vindos do norte (Jr 50.3) são convocados pelo som da trombeta para se prepararem para o ataque contra a cidade fortificada.

**51.27,28** — *Ararate*, *Mini* e *Asquenaz* eram tribos da região montanhosa que atualmente faz



### Império (Medo)-Babilônico (560 a.C.)

Em 605 a.C., Nabucodonosor concluiu com sucesso um cerco de dois anos em Carquemis, e, em pouco tempo, a maior parte do império assírio passou a integrar o império babilônico. Em 586 a.C., Nabucodonosor conquistou todo o território de Judá, sitiando e destruindo Jerusalém e o templo. Alcançando sua hegemonia em 560 a.C., a Babilônia governava todo o crescente fértil e também a Arábia, embora o Egito conseguisse recuperar a autonomia mais tarde.

parte da Turquia e da Armênia. Os medos vinham das montanhas Zagros, que hoje em dia é parte central do Irã.

**51.29-32** — *Os valentes de Babilônia.* As Crônicas de Nabonido, um texto que descreve a queda da Babilônia, registra que *Ciro invadiu a Babilônia sem lutar*. Quando *Ciro* alcançou a capital, já havia conquistado todo o reino, bloqueando estradas e cortando rotas de suprimentos.

**51.33-35** — *A eira no tempo da debulha* descreve a punição da Babilônia. Nabucodonosor tornou-se uma espécie de guerreiro glutão, devorando a nação de Judá, o templo e o povo de Israel.

**51.36-40** — *Pleitearei a tua causa.* A ilustração aqui está relacionada a procedimentos legais. A Babilônia havia sido presa, indiciada e condenada. Aqui é sentenciada a receber a punição do Senhor. Os leões da Babilônia seriam mortos como cordeiros.

**51.41-48** — Esse trecho retoma o tema da derrota e da humilhação sofrida pela poderosa e arrogante cidade da Babilônia.

**51.41-44** — *O mar* primeiro, conquistado por Marduque, de acordo com o mito da criação babilônico, iria invadir a Babilônia sob a forma de nações inimigas. *Bel* é um título honorífico de Marduque, a divindade padroeira da Babilônia.

*Tirarei da sua boca o que ele tragou.* Nabucodonosor havia engolido nações como um glutão (Jr 51.34); essas mesmas nações seriam trazidas de volta.

**51.45-48** — A libertação de Israel do cativeiro é proclamada. O povo seria chamado para fugir da cidade por causa da destruição iminente. Em Jeremias, a expressão *eis que vêm dias* geralmente representa uma mensagem sobre a intervenção divina na história humana.

*Imagens de escultura.* A Babilônia era conhecida por suas milhares de imagens e seus muitos



deuses e deusas. Assim como o rei declarava conquistar nações em nome da divindade padroeira do reino, os deuses dos povos derrotados seriam punidos juntamente com seus adoradores. A devastação da decadente Babilônia não seria motivo de lamento entre as nações. Em vez disso, os povos iriam entoar cânticos de júbilo a respeito da queda daquele reino.

**51.49-58** — O termo hebraico traduzido como *destruidor* fornece um elo com Jeremias 51.48 nesta seção, que enfatiza o saque da cidade conhecida por suas atitudes cruéis em saquear outros, principalmente Judá e o templo do Senhor. Aqui há vários temas recorrentes: o esmagamento dos ídolos (Jr 51.52; veja Jr 51.47; 50.2); águas turbulentas (Jr 51.55; Jr 51.42); arcos quebrados (Jr 51.56; 49.35); e embriaguez (Jr 51.57; Jr 51.7; 48.26).

**51.51** — O profeta expressa a *vergonha* que sente por si mesmo e por seu povo, ao lembrar como os pecados de todos foram a causa derradeira para a destruição da *Casa do SENHOR* por intermédio de Nabucodonosor, em 586 a.C.

**51.59-64** — Os oráculos contra as nações encerram com um ato simbólico realizado depois da deportação dos judeus. O rolo que *Jeremias* escreveu provavelmente continha muitos dos oráculos dos capítulos 50 e 51, ou parte do material de capítulos anteriores (Jr 25.12-14). Jeremias instruiu *Seraías*, irmão de Baruque, que estava prestes a ser levado cativo para a Babilônia, para ler o rolo na cidade da Babilônia (os babilônios se gabavam de seus inúmeros muros, edificadas com o trabalho escravo dos cativos, que tornavam a cidade praticamente inexpugnável. Atualmente só restam ruínas de pedra, tijolos de barro e entulho). O rolo que Jeremias deu a *Seraías* continha uma lista com os muitos males que recairiam sobre a Babilônia como resultado do julgamento de Deus. Após ler a mensagem, *Seraías* deveria amarrar uma pedra no rolo e lançá-lo no rio Eufrates, que cortava a cidade. É interessante notar que foi através desse rio que *Ciro* conquistou a cidade, em 538 a.C. A mensagem desse ato simbólico era a de que, assim como o rolo e a pedra afundaram nas

águas do Eufrates, a Babilônia também iria afundar nos sedimentos do rio e nas areias do deserto ao redor.

**52.1-34** — O capítulo final do livro de Jeremias é um apêndice histórico relacionado com a queda de Jerusalém, a destruição do templo do Senhor, a subsequente deportação dos principais cidadãos de Judá para a Babilônia e um epílogo que reconta a libertação de Joaquim da prisão. O conteúdo é baseado em 2 Reis 24.18-25.30, excluindo a porção no livro de Reis com relação ao curto governo de Gedalias. O propósito do capítulo é fazer uma ligação com o cumprimento de muitas profecias incluídas em capítulos anteriores.

**52.1-3** — *Zedequias* reinou em Judá de 598 a 586 a.C., até que Deus finalmente o lançou para fora de Jerusalém por ter feito *o que era mau aos olhos do SENHOR* (Jr 23.1-4).

**52.4-6** — O cerco de Jerusalém começou no ano nono do mês décimo (*tebeth*) — provavelmente em dezembro de 589 a.C. O cerco durou dois anos. Entre junho e julho de 586 a.C., quando o suprimento de comida chegou ao fim, os muros de Jerusalém foram rompidos (Jr 39.2).

**52.7-11** — A tentativa de fuga, a captura e o destino final de *Zedequias* também estão descritos em Jeremias 39.1-10.

**52.12-23** — A destruição de Jerusalém, do palácio real e do templo do Senhor estão descritos em 2 Reis 25.8-17. Jeremias fornece detalhes adicionais.

**52.13-16** — Toda a cidade de Jerusalém foi queimada, desde o templo até o palácio real e as *casas*. Os *muros* da cidade foram demolidos. Os principais cidadãos e alguns dentre os pobres foram deportados sob ordens de Nebuzaradã, deixando apenas alguns fazendeiros para cuidar dos campos, vinhedos e pomares.

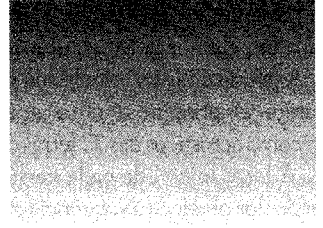
**52.17-23** — Materiais sagrados e os utensílios do templo de Deus foram levados como despojo para a Babilônia. A maioria desses itens está descrita em 1 Reis 7.15-51. Os *bois de bronze* haviam sido removidos por *Acaz* e presenteados a *Tiglate-Pileser III* (2 Rs 16.10-18), mas aparentemente foram devolvidos ou forjados outra vez.

**52.24-30** — Algumas pessoas foram separadas para execução. *Seraías* era neto de Hilquias, o fiel sacerdote que serviu sob ordens de Josias. *Sofonias* provavelmente é o indivíduo citado em Jeremias 29.25. Os *guardas do umbral da porta* eram trabalhadores com uma função importante no templo. Os líderes do exército de Judá foram executados.

**52.31-34** — Joaquim foi libertado da prisão pouco depois da morte de Nabucodonosor, em

562 a.C. O filho dele, *Evil-Merodaque*, tornou-se rei, mas permaneceu no trono apenas dois anos (562—560 a.C.).

*Levantou a cabeça*. Essa expressão em hebraico descreve a bondade que Evil-Merodaque dispensou a Joaquim ao perdoar-lhe. Joaquim recebeu comida e uma posição de honra na Babilônia. A libertação do rei serviu como ato simbólico da restauração futura de Israel e de Judá na terra prometida.



O Livro de

---

# Lamentações

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Lamentações revela o coração contrito do profeta Jeremias. Com uma poesia repleta de sentimento, Jeremias expressou sua tristeza ao ver a tragédia que assolava sua nação. Jerusalém, a cidade de Deus, havia sucumbido diante dos babilônios. A tristeza e as lágrimas de Jeremias não eram por sua própria perda, mas principalmente pelo pecado dos israelitas, que haviam escolhido rejeitar a Deus. No entanto, mesmo nesse período de sofrimento, havia esperança. O Senhor não castigaria Seu povo para sempre; posteriormente, aqueles que confiavam nele seriam restaurados.

Esse livro bíblico é composto por cinco capítulos. Os dois primeiros servem como uma apresentação da história, que culmina na magnífica confissão encontrada no terceiro capítulo: *Grande é a tua fidelidade. A minha porção é o Senhor* (Lm 3.23,24).

A partir desse ápice, a narrativa decresce nos dois últimos capítulos.

Os capítulos 1 e 5 contêm resumos sobre o cerco e a queda de Jerusalém. Os capítulos 2 e 4 apresentam mais detalhes e descrições explícitas sobre a devastação da cidade. O capítulo 3 apresenta um misto de lamento e esperança (v. 1-24), que levam a um louvor sobre a compaixão e a fidelidade do Senhor (v. 25-39). Esse trecho vem seguido pela confissão (v. 40-54) e pela oração (v. 55-66). O capítulo 4 possui uma intensidade emocional menor do que os capítulos anteriores, descrevendo imparcialmente como todas as classes da população de Israel estavam sendo afetadas por aquela adversidade. O capítulo final é uma oração que se inicia com o pedido *lembra-te, Senhor* (Lm 5.1) e encerra-se com a súplica *converte-nos, Senhor* (Lm 5.21). Dessa maneira, o lamento

de Jeremias vai da tristeza ao louvor e, em seguida, a um clamor por restauração.

A poesia do livro reforça seu propósito e sua estrutura. Os primeiros quatro capítulos são compostos como acrósticos das 22 letras do alfabeto hebraico. A letra inicial de cada versículo ou grupo de versículos obedece à sequência do alfabeto hebraico. Em nosso idioma, isso seria semelhante a um poema no qual a primeira linha começasse com A; a segunda, com B; e assim por diante. O propósito desse recurso literário provavelmente era auxiliar na memorização da passagem. O acróstico também sugere que o autor se dedicou intensamente a essa obra e apresenta um relato completo do assunto.

Como o livro de Jó, Lamentações fala sobre o sofrimento humano. Todavia, um tipo de sofrimento diferente. Enquanto Jó foca a dor desse homem, Lamentações foca o sofrimento da nação — mais especificamente de Judá.

Ao longo da narrativa de Lamentações, são abordadas algumas questões bastante difíceis que o povo de Deus enfrentava: 1) Como entender e lidar com o amor e a justiça de Deus em meio ao sofrimento?; 2) se Deus está no controle dos eventos históricos, como uma nação poderia sofrer tanto logo após ter sido governada por líderes tementes a Ele, como o rei Josias e outros monarcas que contribuíram para o avivamento da nação? e 3) Onde estava Deus durante o período mais sombrio de Seu povo?

O livro de Lamentações leva-nos a algumas reflexões teológicas práticas sobre o propósito e o resultado do sofrimento. Em vez de explicar esse sofrimento, o livro nos ajuda a enfrentar a dor. Para evitar

clichês, fornece consolo para quem sofre e apresenta sementes de esperança para a reconstrução que ocorreria após o término desse sofrimento.

Na verdade, a ira de Deus, que nunca é impulsiva ou ilógica, é um sinal de que Ele se importa conosco; Sua disciplina é um sinal de que Ele não nos abandona. Mesmo em meio a uma demonstração de ira, o Senhor se mostra repleto de misericórdia e graça. Não importa o que aconteça, Deus permanece fiel, como um farol em meio à tempestade (Lm 3.22-24). Sua fidelidade serve de consolo para os que sofrem; Sua compaixão renova-se a cada manhã.

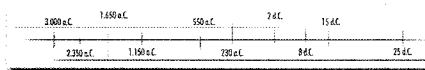
Embora a autoria do livro de Lamentações não seja mencionada, a tradição identifica o profeta Jeremias como seu autor. Algumas cópias da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, trazem as seguintes palavras no início desse livro: *E aconteceu que, após Israel ter sido levado para o cativo, e Jerusalém ficar desolada, Jeremias assentou-se, em prantos, e fez o seguinte lamento a respeito de Jerusalém.*

O crédito a Jeremias pela autoria de Lamentações baseia-se nas seguintes considerações: (1) O profeta era conhecido como autor de lamentos (2 Cr 35.25); (2) Jeremias era o profeta amargurado: *Prouvera a Deus a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos, em uma fonte de lágrimas! Então, choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo* (Jr 9.1); (3) em Lamentações 3.1, o autor parece se identificar com Jeremias quando diz: *Eu sou o homem que viu a aflição pela vara do seu furor* [de Deus] e (4) existem muitas semelhanças linguísticas entre o livro de Lamentações e o de Jeremias.

## LINHA DO TEMPO

### O TEMPO EM LAMENTAÇÕES

- 626 a.C. — Jeremias é chamado a profetizar
- 605 a.C. — O reinado de Nabucodonosor tem início na Babilônia
- 586 a.C. — Jerusalém sucumbe aos babilônios
- 585 a.C. — Jeremias é levado para o Egito
- 585 a.C. — Jeremias escreve o livro de Lamentações





## ESBOÇO

I. Tristeza após a destruição de Jerusalém — 1.1-22

II. Sofrimento pessoal depois da destruição de Jerusalém — 2.1-22

III. Esperança diante da adversidade — 3.1-66

IV. Sofrimento pela destruição de Jerusalém — 4.1-22

V. A lembrança de que Deus ainda reina — 5.1-22

## COMENTÁRIO

1.1-22 — O primeiro poema em Lamentações tem quatro temas: (1) a solidão (v. 1-7); (2) suas causas (v. 8-11); (3) seu propósito (v. 12-17); e (4) uma confissão (v. 18-22).

1.1 — A interjeição *como* é utilizada com frequência em lamentos e réquiems, expressando espanto, tristeza e desespero (Lm 2.1; 4.1; Is 1.21; 14.4; Jr 9.19; 48.17; Ez 26.17). O termo *solitária* alude ao fato de a cidade estar desolada, como uma *viúva* desamparada. Jerusalém é personificada, ou seja, apresentada como um ser vivo (Is 1.21). Começando no versículo 12, fala a respeito de seus problemas na primeira pessoa. *Princesa e tributária*. Essa é uma terrível inversão do sucesso.

1.2 — A expressão *entre todos os seus amadores* (v. 19) descreve o pecado de Judá de se afastar de Deus e buscar os deuses cananeus (Jr 3.1-6). Além disso, o pecado de Judá geralmente

envolvia rituais sexuais de adoração pagã que caracterizavam o povo cananeu.

1.3 — O reino do sul de Judá é personificado como Jerusalém no versículo 1. As implicações do *cativeiro* ficam claras. A referência aqui é ao cativeiro babilônico, enfrentado por Judá após a destruição de Jerusalém, em 586 a.C.

1.4 — Quando o templo foi construído, o termo *Sião* era utilizado para descrever a colina na qual o edifício ficava localizado. Mais tarde, esse nome passou a representar toda a cidade. O verbo *pranteiam*, aplicado às estradas, alude ao fato de que não haveria mais multidões de peregrinos viajando para Jerusalém a fim de adorar o Senhor no templo. E a descrição de *portas desoladas* também é encontrada no Salmo 24.7-10, indicando que as portas nem sempre “viram” tristeza. As palavras *sacerdotes* e *virgens* descrevem o povo da cidade; todos experimentavam *amargura*.

1.5 — O *Senhor* a havia afligido, punido Jerusalém em função das *prevaricações* do povo, que teve um sofrimento totalmente merecido (v. 1). A frase *seus filhinhos vão em cativeiro* reforçam o castigo predito em Levítico 26.41. Deus já havia advertido Israel de que o povo seria exilado em uma terra estrangeira, caso insistisse no pecado (Dt 32.23-27). As nações estrangeiras eram os instrumentos utilizados por Deus para punir Seu povo.

1.6 — *Filha de Sião* é um termo carinhoso para Jerusalém, o qual descreve o grande amor do Senhor pela cidade (Sl 87.2).

*Toda a sua glória*. A glória de Israel dependia da presença de Deus no meio do Seu povo



## EM FOCO

### CHORAR (HB. BAKAH)

(Lm 1.2; Jó 30.31)

Esse verbo descreve o ato de clamar e expressa emoções que vão desde a tristeza até a felicidade. Embora esse vocábulo geralmente esteja associado a um lamento, o *pranto* do povo antigo que chorava seus mortos (2 Sm 1.12) também é utilizado na Bíblia com expressões de gozo (Gn 29.11). Os antigos choravam quando se despediam (Rt 1.9), quando se deparavam com uma catástrofe iminente (Jr 9.1), para expressar alegria pela reconstrução do Templo (Ed 3.12) e durante o enterro de alguém (Gn 50.1). Em Lamentações, Jeremias se entristeceu pelos pecados do povo, que eventualmente causariam a destruição de Jerusalém (Lm 1.1,16).

(Sl 96.8), no entanto, ela havia-se retirado do Santíssimo Lugar (Ez 9.3; 10.19; 11.22).

**1.7** — Nesse versículo, o nome *Jerusalém* faz alusão à cidade viúva (v. 1), à nação de Judá (v. 3) e ao centro de adoração no monte Sião (v. 4). A nação, a cidade e o templo foram destruídos pelo exército invasor dos babilônios em 586 a.C. Aqui, dá-se ênfase ao total desespero de Jerusalém ao ver seus inimigos caçoando de sua tragédia (v. 21). A expressão *suas mais queridas coisas* refere-se a objetos de valor do templo (v. 10) e, talvez, das casas das pessoas (v. 11).

**1.8** — *Viram a sua nudez*. A pior humilhação para uma mulher era ser despida em público; um tipo de exposição reservado a prostitutas (Ez 16.35-39; 23.29). Era exatamente nisso que Judá, num sentido espiritual (v. 2,8,9), havia-se transformado.

**1.9** — Judá é descrita como uma prostituta imunda por seu envolvimento com os cananeus e seus pecados. Na verdade, esse comportamento desonroso dela estava tão arraigado, que a nação havia perdido o senso de decoro e não limpava *mais suas saias*. Essa nação *nunca se lembrou do seu fim*, apesar da advertência de Moisés: *Tomara eles fossem sábios e atentassem para o seu fim* (Dt 32.29).

**1.10** — Como o povo de Deus não havia guardado o *santuário* de seu coração contra o pecado,

não teria motivo para ficar surpreso quando seus inimigos profanassem o santuário terreno. Por regra, os gentios não tinham permissão para entrar na congregação do Senhor. (Amom e Moabe são mencionados especificamente em Deuteronômio 23.3,4. A ordem foi estendida a todas as nações em Neemias 13.3 e Ezequiel 44.7,9.)

**1.11** — *Buscando o pão*. Moisés havia predito sobre a fome em Deuteronômio 28.17,38-42.

*Vê, Senhor*. O pedido para que Deus prestasse atenção ao sofrimento de Jerusalém é bastante semelhante ao encontrado nos salmos de lamento (Sl 142.4).

**1.12** — Os transeuntes são convidados a olhar e ouvir a tristeza de Jerusalém e a compará-la com qualquer outra experimentada por mortais. O *furor da ira* de Deus é apresentado no contexto do dia do Senhor (Jl 2.1-11; Sf 1.14-18).

**1.13** — O sofrimento de Jeremias é apresentado por meio de várias metáforas: o *fogo* do céu, a *rede* de um caçador aberta para prender animais, um jugo nos ombros de uma pessoa (v. 14) e uvas esmagadas no lagar (v. 15).

*Fez-me voltar para trás*. Com o sofrimento infligido a Jerusalém, Deus pretendia trazer arrependimento ao povo.

**1.14** — *O jugo das minhas prevaricações*. Aqui, tenciona-se destacar o estilo de vida pecaminoso que se tornara compulsivo e sobrecarregava o



## APLICAÇÃO

### O PERIGO DE SE IGNORAR AS CONSEQUÊNCIAS

De vez em quando, os jornais trazem relatos trágicos de pessoas que sofrem com problemas graves por não pesarem as consequências de suas atitudes. Geralmente, elas admitem o erro com declarações como: "Não pensei que alguém fosse sair ferido"; "Não sabia que estava carregada"; "A situação fugiu ao meu controle"; "Acho que não pensamos bem a respeito".

O povo de Judá não pesou as consequências de suas escolhas (Lm 1.9). Por várias gerações, os israelitas ignoraram as advertências da Lei contra a idolatria, a opressão aos pobres, a fraude nos negócios, a confiança em governos estrangeiros (principalmente o Egito) e outros pecados. Eles usavam o pretexto de adorar ao Senhor realizando os rituais no Templo, mas na verdade davam as costas para Deus. O Senhor enviou vários profetas para advertir Seu povo do desastre iminente, mas os hebreus os ignoraram (2 Cr 36.15,16). Como resultado, ficaram espantados quando os babilônios chegaram e deram um fim em seu estilo de vida.

Com relação à sua vida, que consequências você talvez esteja ignorando? Por acaso há algum relacionamento que precisa ser restaurado, um problema que necessita ser solucionado, um hábito que precisa ser abandonado ou criado, uma decisão que você precisa tomar? A procrastinação apenas irá trazer desastre repentino. Comece a fazer as mudanças necessárias hoje mesmo — antes que seja tarde demais.

povo, assim como um jugo sobrecarrega um animal de carga.

*Atado pela sua mão e ele abateu a minha força.* Deus impôs um jugo a Sião até que toda sua força se esvaísse, pois, debilitado, o povo estaria mais propenso a ouvi-lo.

*Daqueles contra os quais não posso resistir* (ARA) refere-se aos babilônios.

**1.15** — *A virgem filha de Judá.* A Jerusalém (Judá) deveria ser a noiva pura de Deus. Porém, em vez disso, havia se tornado uma prostituta imunda pelo fato de o povo adorar outros deuses, e não o Deus com quem tinha uma aliança (v. 2,8,9).

**1.16** — O povo de Jerusalém chorou porque o destino que Jeremias havia profetizado se cumpriu.

*Porque se afastou de mim o consolador.* O verdadeiro consolador de Judá era Deus, entretanto, devido ao pecado do povo, o Senhor não viria em seu socorro.

**1.17** — *Levanta as tuas mãos* é uma referência à oração (Lm 2.19).

*Uma coisa imunda.* Os israelitas deveriam ser o povo santo de Deus (Dt 7.6), todavia, haviam-se tornado piores do que as nações pagãs vizinhas.

**1.18** — *O Senhor é justo:* os versículos 5 e 17 declaram que, em última instância, foi Deus quem permitiu o colapso de Jerusalém. No entanto, Ele permanecia justo e correto no que fazia (Êx 9.27; Ed 9.15; Ne 9.33; Jr 12.1). *Virgens e jovens.* No idioma hebraico, substantivos opostos mencionados juntos – como *sacerdotes* e *virgens*, no v. 4 – geralmente indicam totalidade; esses grupos em particular dão a ideia do que havia de melhor na nação (Lm 2.4,21).

**1.19** — *Sacerdotes e anciãos.* O povo que deveria servir de auxílio era, na verdade, fonte de problemas.

**1.20** — Enquanto as estradas que levavam a Jerusalém “lamentavam” porque não haveria mais peregrinos viajando até a cidade (v. 4), a *espada* dos inimigos de Judá se “entristecia” porque não havia mais judeus para matar.

**1.21,22** — *Todos os meus inimigos.* Aqueles que anteriormente haviam se mostrado amigos de Judá tornaram-se seus oponentes (v. 2).

*Trazendo tu o dia.* O dia da ira de Deus é mencionado várias vezes no livro de Lamentações (Lm 2.1,21,22). A expressão *dia do Senhor* era utilizada para se referir não apenas ao período da queda de Jerusalém no passado, mas também a um dia futuro, quando Deus julgará todos.

**2.1-22** — O segundo poema do livro tem quatro movimentos: (1) porque vem do Senhor (v. 1-10); (2) porque afeta o mensageiro de Deus (v. 11-13); (3) porque provoca reações pessoais (v. 14-19); e (4) porque faz uma reclamação contra o Senhor (v. 20-22).

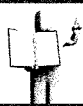
**2.1,2** — *Sua ira* é uma expressão contumaz que descreve a insatisfação de Deus ante a iniquidade e o pecado. No entanto, a ira do Senhor nunca nos afasta de Sua compaixão (Sl 77.9). A *glória de Israel* estava no templo (Is 64.11) e na arca do concerto (1 Sm 4.21,22; Sl 78.60,61). Em 1 Crônicas 28.2, o *escabelo dos pés* de Deus é identificado com a arca do concerto. Ocasionalmente, o Senhor é descrito como entronizado e assentado entre os querubins que repousavam sobre a arca (1 Sm 4.4; 2 Sm 6.2; Sl 80.1; 99.1,5; 132.7). Esse trecho afirma que Deus, em Sua ira, havia abandonado o escabelo de seus pés.

**2.3** — *Retirou para trás a sua destra.* Geralmente, a mão direita do Senhor é compreendida como instrumento de ajuda para o Seu povo, estendida contra seus inimigos (Êx 15.6; Sl 20.6). Aqui ela está recolhida, deixando o povo à mercê dos adversários.

**2.4** — *Como inimigo.* O Senhor não havia apenas retirado Sua proteção de Judá (v. 3). Ele estava trabalhando propositadamente contra Seu povo com a *Sua destra*. *Tudo o que era formoso à vista* refere-se às virgens e aos jovens — o orgulho da nação (Lm 1.18).

**2.5** — *Devorou.* Às vezes, o Sheol, ou a morte, é descrita como algo que vai “engolindo” o povo (Pv 1.12; 27.20; 30.16). Aqui, Deus é aquele que devora (v. 2).

**2.6,7** — *E arrancou a sua cabana com violência, como se fosse a de uma horta.* Aqui *cabana* equivale ao *tabernáculo* ou *templo*. A ideia parece ser a de que o templo glorioso de Deus foi desmantelado (Am 9.11). O templo de Deus se tornara



## ENTENDENDO MELHOR

### ATÉ QUANDO DEUS IRÁ AGIR?

A destruição de Jerusalém revelou um fato surpreendente a respeito de Deus: Ele sempre estava disposto a fazer o que fosse necessário para restaurar a comunhão de Seu povo com Ele.

O povo de Judá se afastou muito do Senhor, mas não porque desprezasse a religião. Ao contrário, os hebreus eram bastante dedicados. Eles preservavam, em grande parte, os rituais descritos na Lei, reunindo-se no Templo todas as semanas para oferecer sacrifícios e guardar o sábado. Entretanto, durante o restante da semana, ignoravam os mandamentos divinos. Esqueciam-se do que Jesus mais tarde chamaria de *o mais importante* da Lei — justiça, misericórdia e fé (Mt 23.23; compare com Mq 6.8).

Em essência, os filhos de Israel confundiam meios com fins. Esqueciam que o sistema de sacrifícios, o sábado, o Templo e até mesmo a Lei eram simplesmente meios para um fim muito mais importante — conhecer e servir a Deus (Jr 22.15, 16). Portanto, chegou a hora em que o Senhor decidiu retirar deles esses meios (Lm 2.5-9), embora fossem bastante valiosos e importantes, e agiu do seguinte modo: destruiu Jerusalém, o Templo e seus utensílios; interrompeu os rituais religiosos; retirou o rei e o sumo sacerdote do governo; permitiu que a lei escrita fosse destruída; e parou de conceder visões aos profetas.

O cancelamento de tudo isso deve ter sido inconcebível para os israelitas da Antiguidade. Entretanto, Deus agiu assim para chamar a atenção do povo e recuperar a afeição de Seus filhos.

O povo de Deus nos dias de hoje também precisa ter cuidado para não confundir meios com fins. Atividades e cursos religiosos têm seu valor, mas não são o sentido da vida. A comunhão genuína com o Senhor é o que mais importa, e Ele irá fazer o que for necessário para nos lembrar disso.

como uma cabana de palmas, semelhante às utilizadas na *Festa dos tabernáculos* (Sucote).

*Altar, santuário, muros e Casa.* Cada um desses termos faz alusão ao santo templo (v. 6).

**2.8** — Quatro semanas após a conquista de Jerusalém, Nabucodonosor havia destruído o templo, o palácio, as casas do povo e os *muros* da cidade (2 Rs 25.9,10; Jr 52.13,14).

**2.9** — *Não há lei.* Esta expressão não indica o fim da Lei divina, mas sim a desobediência do povo à Lei, que impediu as bênçãos de Deus (Dt 6.1-3).

*Nem acham visão alguma os seus profetas.* A instrução divina cessou tanto para a nação como para os israelitas, individualmente. Mas isso não é o mesmo que afirmar que a Lei e as profecias não estivessem mais sendo transmitidas. Deus falou a Jeremias dez dias após o profeta pedir uma palavra da parte do Senhor (Jr 42.4-7). Além disso, Ezequiel e Daniel profetizaram durante os 70 anos de exílio na Babilônia.

**2.10** — Jogar *pó* sobre a cabeça (Jó 16.15; Is 29.4; Mq 1.10) era uma atitude comum para demonstrar luto (em Israel e em outros países do mundo antigo). A tristeza das *virgens de Jerusalém*

foi aumentada por elas saberem que aquele não era um período para se unirem em matrimônio e constituírem família; embora ainda estivessem vivas, não teriam o futuro desejado.

**2.11** — *Já se consumiram os meus olhos com lágrimas.* Essa é a reação de Jeremias, que sofria juntamente com os afligidos (Lm 1.2). Nesse versículo, a palavra traduzida como *coração* em hebraico é *figado*, que dentro desse contexto cultural aludia a uma emoção profunda.

**2.12** — As palavras *trigo e vinho* são utilizadas aqui aludem ao *alimento*.

**2.13** — *Que testemunho te trarei e para te consolar.* Jeremias não tinha palavras para consolar as mulheres de Jerusalém enquanto elas observavam, impotentes, a morte de seus filhos.

**2.14** — Aqui, empregam-se as palavras *vaidade e loucura* para indicar que os falsos *profetas* transmitiam suas mentiras *vãs*.

**2.15,16** — *Meneiam a cabeça* era uma expressão comum de desprezo (Sl 22.7; 109.25; Jr 18.16; veja também 1 Rs 9.8; Jó 27.23; Jr 19.8; 49.17; 50.13; Ez 27.36; Sf 2.15). Ser ridicularizado no Oriente Médio antigo era algo terrível para qualquer pessoa. Nos Salmos (Sl 48.2; 50.2), Jerusalém



é mencionada como o gozo de toda a terra, a fonte de bênçãos espirituais para todas as nações (Gn 12.3). Agora, havia sido profanada (v. 2) e permanecia impura (Lm 1.17).

**2.17** — O Senhor fez o que havia proposto. Ele prometera a Moisés que julgaria o pecado (Dt 28.15,16). A destruição de Jerusalém era o cumprimento dessa promessa. Jeremias utilizou a mesma linguagem para afirmar que Deus havia planejado julgar também a Babilônia (Jr 51.12).

**2.18,19** — A muralha no coração do povo era mais difícil de romper do que os muros de Jerusalém (Lm 2.7,8).

**2.20** — *Hão de as mulheres comer o fruto de si mesmas?* A fome era tão desesperadora em Jerusalém que as mulheres lutavam para decidir qual filho morto seria comido em seguida (Lm 4.10). A menção de o sacerdote e o profeta indica que muitas pessoas tementes a Deus pereceram em Jerusalém.

**2.21** — *O moço e o velho.* O castigo de Jerusalém afetou a todos, inclusive as virgens e os jovens. A punição de Jerusalém estendia-se a tudo o que era formoso à vista (Lm 1.18; 2.4).

**2.22** — *De toda parte os meus receios.* O povo caçoou de Jeremias mencionando a frase *terrores por todos os lados* (NVI), porque os cidadãos consideravam que o profeta enxergava catástrofes em tudo.

**3.1-66** — O terceiro poema em Lamentações pode ser subdividido em três temas: (1) o amor e a misericórdia do Senhor para conosco não têm fim (v. 1-24); (2) a bondade do Senhor e Seu controle sobre nossa vida trazem consolo (v. 25-39); e (3) o perdão de Deus e Suas respostas às nossas orações são estimulantes (v. 40-66).

**3.1** — *Eu sou o homem.* O testemunho pessoal de Jeremias faz um paralelo com a experiência da cidade de Jerusalém como um todo (Lm 2.11). A vara do seu furor refere-se aos babilônios como instrumentos do julgamento divino (2 Sm 7.14; Jô 9.34; 21.9; Sl 89.32; Pv 22.8). Em Isaías 10.5, a Assíria é chamada de *vara da minha ira* [de Deus].

**3.2,3** — A descrição de *trevas* (v. 2) representa a adversidade e o julgamento de Deus (Jô 12.25; Is 9.2; Am 5.18).

**3.4,5** — *Fez envelhecer a minha carne.* Essa ilustração sugere a consumação da vida de Jeremias e também da nação.

**3.6,7** — *Como os que estavam mortos há muito.* A situação parecia tão desesperadora que o profeta sentia como se já tivesse morrido há muito tempo. A expressão *lugares tenebrosos* pode implicar a chegada da morte (veja o Salmo 88.6, em que o mesmo vocábulo hebraico é utilizado em paralelo com a palavra *abismo*).

**3.8** — *Ele exclui a minha oração.* Algumas vezes, Deus havia proibido Jeremias de orar pela libertação de Judá (Jr 11.14; 14.11).

**3.9** — *Circunvalou os meus caminhos com pedras lavradas.* Os assírios tinham o costume de colocar prisioneiros em locais extremamente apertados e abandoná-los para que morressem.

**3.10,11** — Jeremias comparou Deus a um urso ou a um leão esperando numa emboscada (Os 13.8; Am 5.19). O Senhor havia permitido que Judá fosse atacada e destruída.

**3.12,13** — *Armou o seu arco.* Esse versículo é semelhante ao texto em Jô 16.12,13, em que o patriarca compara Deus a um arqueiro que faz os seres humanos de alvo (Lm 2.4).

**3.14** — *Fui feito um objeto de escárnio para todo o meu povo.* Jeremias era motivo de piadas (Jr 20.7).

**3.15** — *Absinto* é uma erva amarga utilizada para dar sabor a algumas bebidas.

**3.16,17** — *Quebrou com pedrinhas de areia os meus dentes.* O povo se sentia tão ligado ao pó e ao pano de saco — símbolos de luto — que era como se estivesse se alimentando de terra, e o pó se transformasse em pedregulhos e quebrasse os dentes dele. Estar *coberto de cinza* é outro sinal de tristeza (Jr 6.26).

**3.18** — *Já pereceu a minha força, como também a minha esperança no Senhor.* Todo esse trecho pode ser resumido pela sensação de que tudo parecia estar perdido, pois não havia nada além de luto, ira e desapontamento.

**3.19,20** — *Minha alma se lembra.* Jeremias tentou mudar seu humor lembrando-se de experiências anteriores. No entanto, o que recordou fez com que se sentisse ainda pior.

**3.21** — *Disso me recordarei.* A lembrança de Jeremias a respeito da fidelidade de Deus mudou as suas emoções. Enquanto olhamos somente para os nossos problemas, mais convencidos ficamos de nosso isolamento, desespero e nossa incapacidade de solucioná-los. Entretanto, quando olhamos para o Senhor, somos capazes de superar as adversidades, em vez de sofrer com elas.

**3.22** — Esse versículo parece contradizer tudo que foi escrito até esse ponto (Lm 2.1-5). Entretanto, o fato de haver um profeta para registrar essas palavras e um remanescente que pudesse lê-las demonstra que nem todas as pessoas em Jerusalém haviam sido consumidas. A existência desse remanescente devia-se às *misericórdias* de Deus — mesmo em Sua ira (Lm 2.1-4), o Senhor se lembrava de ser misericordioso.

**3.23** — *Novas são cada manhã.* Cada dia nos traz uma nova oportunidade de descobrirmos o amor de Deus e experimentarmos mais dele. Mesmo em meio à grande tristeza, Jeremias procurava sinais de misericórdia.

*Grande é a tua fidelidade.* Este é o cerne do livro de Lamentações. O consolo assegurado pelo caráter de Deus está acima do fracasso de qualquer instituição ou ofício. Ele permanece *grande em beneficência e verdade* em todas as situações (Êx 34.6,7; Jo 1.14).

**3.24** — *A minha porção é o Senhor.* Essa expressão se baseia em Números 18.20, passagem na qual Arão não ganha herança na terra, mas é informado de que o próprio Senhor seria sua porção e sua herança. A mesma ideia está presente no Salmo 16.5; 73.26; 119.57; 142.5.

*Esperarei nele.* A esperança não é um mero desejo, mas uma expectativa confiante no Senhor. O verbo hebraico traduzido como *esperar* traz a ideia de algo certo; de uma expectativa que não seria frustrada (v. 21).

**3.25** — *Os que se atêm a ele.* A ideia aqui é a aceitação da vontade de Deus e do tempo oportuno do Senhor (Sl 40.1; Is 40.31). O vocábulo hebraico traduzido aqui como *esperança* vem de um verbo que significa *ter esperança, esperar*; é diferente do utilizado no versículo 24 (Sl 40.1; Is 40.31).

**3.26** — Deus é bom não apenas para aqueles que esperam nele (v. 25), mas também para o povo.

*Ter esperança e aguardar em silêncio.* A confiança na *salvação do Senhor* sempre é correta. Os versículos 22—26 enfocam a renovação da esperança em meio ao desespero.

**3.27,28** — Aqui, *mocidade* refere-se não à idade, mas a uma sensação de força permanente, o oposto da perda de vitalidade.

**3.29** — *Ponha a boca no pó.* Trata-se de uma figura de linguagem que representa a humilhação.



## APLICAÇÃO

### A MISERICÓRDIA DE DEUS — NOSSA ÚNICA ESPERANÇA

Qual foi a experiência mais intensa e mais difícil de sua vida, o período em que teve as piores sensações, talvez a ponto de se desesperar totalmente? Para Jeremias e seus contemporâneos em Judá, foi a destruição de Jerusalém. A ruína da cidade foi devastadora para todos. O magnífico Templo dos israelitas foi reduzido a cinzas, os muros da cidade foram derrubados e os habitantes de maior destaque foram executados ou deportados. Restaram apenas idosos, mulheres e crianças famintas (Lm 2.10-12).

Apenas uma verdade manteve a esperança viva — o conhecimento a respeito da misericórdia do Senhor (Lm 3.22-24). A misericórdia de Deus (hb. *chesed*; veja Dt 7.9) diz respeito ao Seu amor e à Sua lealdade para com Seu povo. Tendo firmado um compromisso com Israel por meio da aliança, o Senhor com certeza cumpriria o que havia prometido. Ele poderia castigar Seu povo rebelde, permitindo que este fosse atacado por inimigos, e até mesmo deixando que o Templo e a Lei fossem destruídos (Lm 2.9); entretanto, Ele nunca se esquecerá dele.

Tampouco Deus se esquece de seus filhos espirituais atualmente. Sua misericórdia e Sua graça se estendem a todos os que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1), e nada pode nos separar de Seu amor (Rm 8.31-39). Como resultado disso, temos esperança (Rm 5.1-5; 1 Pe 1.3-5), mesmo em meio às circunstâncias mais sombrias (2 Cor 1.8-11).

Alude à posição de um cativo curvado, com o rosto no chão, tendo o conquistador com o pé apoiado sobre suas costas. *Esperança* refere-se à confiança de que o Senhor traria libertação (v. 26).

**3.30** — *Dê a face*. A submissão aos opressores babilônios é aconselhada; os problemas não durariam para sempre.

**3.31,32** — As promessas que Deus fez aos patriarcas (Gn 12.1-3; 15.13-21; 22.15-18) não foram *rejeitadas*; ainda estavam vigentes. A iniquidade do povo de Deus adiou, mas não anulou, o cumprimento de Suas promessas.

**3.33** — *Não aflige nem entristece de bom grado*. Deus não tem o propósito de trazer sofrimento para os seres humanos (Is 28.21). Contudo, alguém pode perguntar: “E quanto ao mal que advém da maldade de indivíduos e não de Deus?”. É a essa pergunta que as próximas duas tríades de versículos (34—36 e 37—39) respondem. Tudo de ruim que acontece neste mundo nunca foge ao controle de Deus.

**3.34-36** — *Perante a face do Altíssimo*. Deus fica ofendido quando alguém priva seus semelhantes de seus direitos. Ele sabe de todas as coisas e percebe tudo.

**3.37-42** — Esses versículos apresentam um plano de arrependimento e renovação.

*Voltemos*. O arrependimento nos profetas do Antigo Testamento geralmente é expresso pelo verbo que significa *voltar* (NVI) (Lm 5.21; Jr 3.1).

*Levntemos o coração juntamente com as mãos*. Erguer as mãos era uma postura comum durante a oração (Lm 2.19).

**3.43-46** — Enquanto o pecado continuava, a ira de Deus era como *nuvens* (Lm 2.1) ou um véu que as orações não podiam penetrar, incluindo as orações do povo (Jr 14.12) e também as de Jeremias (Jr 7.16; 11.14; 14.11).

**3.47,48** — A expressão *assolação e quebrantamento* pode ser traduzida também como *total devastação*.

**3.49-51** — A ilustração do choro é uma continuação do versículo 48 (Lm 1.2; 2.11). *Filha do meu povo* refere-se ao povo de Jerusalém.

**3.52-54** — *Arrancaram a minha vida na cova*. Jeremias fala não apenas de sua própria experiência de ser lançado em uma cisterna (Jr 38.4-6), mas também sobre sua tristeza ao ver a condição deplorável de seus compatriotas. A *cova* é uma metáfora para a sepultura ou para um perigo extremo (Sl 28.1; 30.3; 40.2), e as *águas* também são um símbolo para o perigo (Sl 69.2).

**3.55-57** — O nome do Senhor é o meio pelo qual Ele se agrada de revelar Sua misericórdia ao Seu povo (Ex 3.14,15).

**3.58-60** — *Pleiteaste*. Jeremias utilizou os termos da acusação formal de Deus (Jr 2.1-3.5); porém, as palavras são usadas aqui *a favor* do povo e não *contra* ele.

*Remiste a minha vida*. Esse é um vestígio da luz do evangelho do Novo Testamento nas páginas



## APLICAÇÃO

### SATISFAÇÃO PELA RUÍNA DOS ÍMPIOS!

Você se alegra com os reveses de seus inimigos, principalmente quando percebe que eles estão recebendo o que merecem? Sentir-nos satisfeitos com o fracasso dos poderosos é uma tendência humana natural. No entanto, será que isso agrada a Deus?

O povo de Edom, vizinho de Judá ao sul, ficou feliz ao ouvir as notícias sobre a queda de Jerusalém (Lm 4.21; compare com Sl 137.7). Contudo, Deus repreendeu os edomitas por essa atitude. Sua exortação para *regozijar e alegrar* (Lm 4.21) foi mencionada de modo irônico. Na verdade, o Senhor estava dizendo: “Desfrutem desse escárnio enquanto ele durar — porque não será por muito tempo. Em breve chegará o momento de Edom sofrer o castigo” (compare com Jr 49.17,18).

As Escrituras nunca estimulam o povo de Deus a ficar feliz quando outros sofrem, mesmo que essas pessoas mereçam. O amor para o qual Deus nos chama *não folga com a injustiça* (1 Cor 13.6). Em vez de ficarmos satisfeitos ao vermos a miséria de nossos inimigos, devemos orar para que, de alguma maneira, as circunstâncias adversas façam com que eles se voltem ao Senhor e se afastem do mal (Rm 12.14-21).

sombrias do livro de Lamentações. A única maneira pela qual Deus seria capaz de *pleitear a causa* de Seu povo seria se Ele próprio pagasse a — ou o redimisse de sua iniquidade.

**3.61-63** — Jeremias se volta para os inimigos que trataram o povo de Deus com tanta maldade durante seu período de enfraquecimento (Lm 1.21).

**3.64-66** — *Tu lhes darás a recompensa, Senhor.* O pedido de vingança divina é uma expressão da expectativa pela justiça de Deus e pelo domínio de Seu reino e de Sua verdade.

**4.1-22** — O quarto poema de Lamentações tem três alvos: (1) em seus custos (v. 1-11); (2) em suas causas (v. 12-20); e (3) em sua conclusão (v. 21,22).

**4.1,2** — O exército babilônio saqueou o templo e derrubou todas as *pedras*.

*Preciosos filhos.* O povo de Jerusalém era mais valioso do que o templo. Em outras passagens, esse povo também é chamado de *meu filho, meu primogênito* (Êx 4.22), *minha propriedade peculiar e reino sacerdotal e povo santo* (Êx 19.5,6). Os corpos dos defensores corajosos de Jerusalém foram jogados fora como pedaços de *vasos de barro*.

**4.3** — *Chacais* eram cães do deserto, animais desprezíveis, mas até mesmo eles cuidavam de suas crias. Os *avestruzes*, ao contrário, não pareciam se importar muito com os filhotes.

**4.4** — *A língua do que mama.* O tema das crianças passando fome e sede é mencionado novamente (Lm 2.11-13).

**4.5,6** — As pessoas que anteriormente podiam comer quaisquer *iguarias delicadas* que desejassem

reviravam o *esterco* durante os dias do cerco babilônico em Jerusalém.

**4.7,8** — *Nazireus* eram homens e mulheres que se dedicavam a Deus em períodos específicos (Nm 6.1-21).

*A safira e o negrume.* O cerco de Jerusalém foi tão terrível que ninguém foi poupado, nem mesmo as pessoas tementes a Deus, como os nazireus.

**4.9** — Morrer no início do cerco talvez fosse *mais ditoso* do que experimentar todos os seus horrores.

**4.10,11** — Esses versículos descrevem os terríveis efeitos do longo cerco mencionado em Lamentações 2.20. As mulheres que eventualmente foram forçadas a comer os próprios filhos começaram agindo como *mulheres piedosas*.

*Cozeram seus próprios filhos.* Esse ato inconcebível só poderia ocorrer em meio às condições mais desumanas.

**4.12** — *Não creram.* Jerusalém já havia sido invadida por conquistadores, mas nenhum deles havia trazido tamanha tribulação como os babilônios. Isso era tão terrível que os reis das nações vizinhas ficariam espantados.

**4.13,14** — O povo que deveria ter sido um agente de justiça tornou-se agente do pecado (Jr 8.10; 14.18).

**4.15,16** — Por onde quer que os ímpios fossem, eram tratados como leprosos, eram considerados pessoas mal quistas. O *Senhor* dispersou aqueles sacerdotes e profetas e *nunca mais* tornaria a *olhar para eles*, porque eles haviam feito com que o povo de Judá pecasse.

**4.17-19** — *Gente que não pode livrar.* Após a queda de Jerusalém, em 586 a.C., os sobreviventes



## EM FOCO

### RENOVAR (HB. CHADASH)

(Lm 5.21; 2 Cr 24.4; Sl 103.5)

Como verbo, esse termo (hb. *chadash*) pode significar *renovar* (Sl 51.10) ou *restaurar* (Is 61.4). Como adjetivo, a palavra identifica algo novo em contraste com algo velho (como a colheita anterior *versus* a colheita nova; veja Lv 26.10), ou algo diferente quando comparado ao *status quo* (como, por exemplo, um *espírito novo*; Ez 11.19; 18.31). A Bíblia ensina que somente Deus pode gerar coisas novas, seja um novo cântico no coração dos fiéis (Sl 40.3), uma nova etapa em Seu plano de redenção (Is 42.9; 43.19), um novo nome (Is 62.2) ou novos céus e nova terra (Is 65.17).

em Judá pediram ao faraó Hofra, do Egito, que os libertasse, rompendo a aliança com Nabucodonosor e com orientação de Deus (Jr 42-44; Ez 29.16).

4.20 — O herdeiro da linhagem davídica era o *respiro* de vida para a nação. Entretanto, quando tentava escapar, o rei Zedequias foi capturado, colocado em grilhões, cegado após ver seus filhos serem massacrados e enviado à Babilônia para morrer.

4.21,22 — É possível que a expressão *filha de Edom* seja sarcástica. Edom talvez se considerasse em tão grande estima (Ob 1.3) que pensava ser possível assumir a posição privilegiada que seu pai Esaú havia perdido, se Judá fosse destruída.

5.1-22 — O quinto (e último) poema do livro de Lamentações tem quatro temas: (1) nossa condição (v. 1-9); (2) nosso sofrimento individual (v. 10-14); (3) nossos sentimentos (v. 15-18) e (4) nossos questionamentos (v. 19-22).

5.2,3 — A Terra Prometida havia sido um presente do Senhor para Abraão. Essa *herdade* era um tipo de “primeira parcela” de um reino futuro criado por Deus, que incluiria a restauração do povo naquela terra. O Senhor demonstrou que era dono de todas as nações e que Israel deveria ser Seu instrumento de bênçãos para todos os povos. No entanto, em sua atual condição, Israel parecia a mais impotente das nações.

5.4-7 — Os sobreviventes do cerco babilônico foram capturados e obrigados a servir *aos egípcios e aos assírios* (Lm 4.17-19).

5.8,9 — As colheitas escassas obtidas após a destruição de Jerusalém estavam à mercê de nômades do deserto que, ocasionalmente, tiravam as *vidas* do povo de Judá também.

5.10 — *Nossa pele se enegreceu como um forno.* Doenças ter-se-iam espalhado durante o cerco.

5.11-13 — O sofrimento de Jerusalém afetou a todos — *mulheres, virgens, príncipes, velhos e jovens.*

5.14 — *Porta e cantam.* Prazeres corriqueiros não eram mais apropriados nem mesmo possíveis para o povo de Jerusalém.

5.15 — *Gozo e dança.* Esse versículo alude ao texto de Eclesiastes 3.4, pois esse era um período de choro e lamento, não de risos e danças.

5.16 — A expressão *caiu a coroa da nossa cabeça* significa a perda da posição de honra ocupada por Judá.

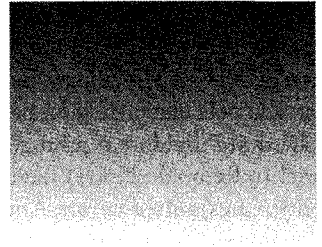
5.17 — *Desmaiou o nosso coração e se escureceram os nossos olhos.* O gosto pela vida já não existia; morrer era melhor do que enfrentar o terrível cerco imposto a Jerusalém.

5.18 — *Raposas.* A ideia de animais selvagens caminhando pela cidade santa onde o povo de Deus antigamente adorava era a profanação derradeira.

5.19,20 — *Tu, Senhor, permanece eternamente.* O governo eterno de Deus traz esperança e suporte durante os momentos mais sombrios de sofrimento e desespero (Sl 80.1,2; 89.3,4; 103.19).

5.21 — A palavra *voltar* (Lm 1.13; 3.40) pode resumir a mensagem de Deus ao Seu povo rebelde. Em uma das mensagens anteriores de Jeremias, várias vezes o profeta havia exortado o povo a *voltar* ou a se *converter* a Deus (Jr 3.1,7, 12,14,22; 4.1).

5.21,22 — *Por que nos rejeitaras totalmente?* Aquilo que é declarado como uma possibilidade na verdade enfatiza o fato de que tal ideia é impossível: o Senhor não rejeitará Seu povo para sempre. A mesma técnica literária é empregada em Jeremias 14.19.



O livro de

---

# Ezequiel

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** profeta Ezequiel tinha a tarefa ingrata de proclamar a mensagem de Deus nas ruas tumultuadas e hostis da Babilônia. Enquanto Jeremias advertiu os moradores de Jerusalém a respeito da destruição iminente da cidade santa, Ezequiel pregou mensagem semelhante aos exilados na Babilônia. Embora essas pessoas estivessem a milhares de quilômetros de distância da Terra Prometida e do templo, Deus não as deixaria sem informações. Ele enviou Ezequiel para advertir, exortar e consolar os exilados.

Diferente da maioria dos livros proféticos da Bíblia, Ezequiel se concentra bastante na cronologia e em datas exatas. Nenhum outro profeta forneceu tantas datas (treze ao todo). Por meio de dados confirmados pelas descobertas arqueológicas e de pesquisas mais recentes sobre os calendários

do Oriente Médio antigo, é possível estabelecer uma data precisa para muitos eventos descritos em Ezequiel.

O segredo para se estabelecer a data da nota cronológica de abertura e de outras datas específicas no livro de Ezequiel é a referência em Ezequiel 1.2 sobre o *quinto ano do cativo do rei Joaquim*. Em 2 Reis 24.12, vemos que essa deportação ocorreu no *ano oitavo de seu reinado* [de Nabucodonosor], aproximadamente em 597 a.C.

Ezequiel começou a profetizar em 593 a.C., chamando a atenção para o cativo de Judá infligido pelos babilônios. Ele encerrou suas atividades em 571 a.C. com uma mensagem sobre o iminente juízo de Deus sobre o Egito por meio do mesmo monarca babilônico. Ezequiel profetizou durante quatro períodos: 593—588 a.C. (Ez 1.1-25.17); 587—585 a.C. (Ez 26.1-29.16;

30.20—39.29); 573 a.C. (Ez 40.1—48.35) e 571 a.C. (Ez 29.17—30.19). Ao todo, Ezequiel profetizou de 593 a 571 a.C., um período de 22 anos marcado pela queda de Jerusalém em 586 a.C.

Durante a vida e o ministério de Ezequiel, Israel (o Reino do Norte) havia-se corrompido política e espiritualmente. A idolatria do povo o levou ao cativeiro por parte dos assírios, em 722 a.C. Naquela época, Judá (o Reino do Sul) possuía líderes tementes a Deus; todavia, estes também se deixaram envolver com a idolatria das nações vizinhas, embora experimentassem curtos períodos de avivamento. O povo se recusou a dar ouvidos às advertências dos profetas a respeito das maldições e bênçãos preditas por Deus na aliança mosaica. Ezequiel profetizou que haveria uma catástrofe e que Judá e Jerusalém seriam feitos cativos. No entanto, ele também tinha uma mensagem divina a respeito de uma futura restauração e renovação, baseada na fidelidade de Deus às promessas que fez em todas as alianças estabelecidas com Seu povo, desde Abraão.

Ao falar aos seus companheiros de exílio na Babilônia, Ezequiel teve algumas visões (Ez 1—3; 8—11; 37; 40—48). Estas eram semelhantes em estrutura às visões de sonhos conhecidas na literatura mesopotâmica do sétimo e sexto séculos a.C. Esses textos têm duas partes principais: (1) uma introdução a respeito da situação como um todo, incluindo datas, local, circunstâncias e pessoas envolvidas; e (2) uma descrição da visão. Nos capítulos 37; 40—48, Ezequiel se utiliza de tal formato para apresentar visões apocalípticas e escatológicas — revelações que descrevem simbolicamente o final dos tempos. Vivendo na Babilônia, tanto Ezequiel como seus ouvintes estavam bastante familiarizados com esse tipo de literatura.

No restante do livro, Ezequiel se vale de temas e ilustrações a respeito da vida e da literatura religiosa da sociedade cujo julgamento ele predisse. De maneira geral, as nações que sofreriam o juízo divino seriam aquelas que haviam tratado Israel injustamente ou que estimularam o povo de Deus a envolver-se com a adoração a ídolos.

Os exilados e os israelitas que ainda viviam em Judá conheciam o comportamento e as crenças religiosas de seus vizinhos e não ficariam confusos com a linguagem adotada pelo profeta.

Além das visões e dos temas religiosos, Ezequiel utilizou várias técnicas literárias para comunicar a mensagem de Deus aos exilados, tanto em prosa como em poesia, parábolas e provérbios, lamentos e réquiens, alegorias e trocadilhos.

Ezequiel ministrou na Babilônia, em Tel-Abibe, próximo do rio Quebar. Atualmente essa é a porção sudeste do Iraque e noroeste do Golfo Pérsico. Os babilônios estabeleceram os exilados judeus nessa região para aculturá-los.

O ministério de Ezequiel destinava-se em primeira instância aos judeus deportados de Judá pelos babilônios e a qualquer israelita que houvesse permanecido no exílio, oriundo das deportações anteriores realizadas pelos assírios. Ainda assim, suas mensagens tinham grande significado prático e instrutivo para os judeus que permaneceram em Israel e para as nações pagãs circunvizinhas, cujo futuro ele predisse. Embora Ezequiel tenha sido transportado em visões até Jerusalém (cap. 8; 11), essas revelações sempre eram para seu benefício e também daqueles para os quais ele falou no exílio.

Os oráculos de Ezequiel a respeito de calamidades nacionais incluíam advertências sobre doenças, morte, destruição e deportação. Todavia, por causa das promessas incondicionais de Deus e do arrependimento do povo, as bênçãos divinas tanto materiais como espirituais retornariam aos israelitas. O propósito de Ezequiel era lembrar o povo sobre sua infidelidade (cap. 16) e também a respeito da fidelidade de Deus para com Suas promessas. Ezequiel ensinou ao povo que o castigo era o resultado natural da ira santa do Senhor contra o pecado. Também era um meio de Deus disciplinar Seu povo de maneira amorosa, corrigindo suas crenças, redirecionando seu comportamento e restaurando o relacionamento entre Ele e Seus filhos. Em suma, Ezequiel pregou aos exilados falando sobre a iminência do juízo divino e a necessidade de arrependimento individual e coletivo.

O livro de Ezequiel destaca o objetivo derradeiro do amor e do castigo de Deus: para *que saibais que eu sou o SENHOR*. Essa expressão aparece muitas vezes no livro e enfatiza que o propósito das ações de Deus sempre são trazer renovação espiritual a todos os povos.

Ezequiel ensinou a respeito da responsabilidade individual e coletiva para com o pecado diante de Deus (cap. 18; 23). Embora a menção à idolatria, à injustiça social, à imoralidade pública e particular, ao juízo iminente e às bênçãos futuras de restauração e redenção não tenham sido exclusivas de Ezequiel, suas profecias enfatizam uma relação entre esses temas e a centralidade do templo e a influência do sistema de sacrifícios na vida do povo israelita. As profanações ocorridas no passado e a desobediência dos sacerdotes e do povo haviam causado a dispersão que os judeus vivenciavam e promoviam outros julgamentos (cap. 4—32).

O comportamento do povo estava intimamente ligado à maneira como este se aproximava de Deus em adoração. Uma adoração superficial levaria a um comportamento imoral e ao julgamento; a adoração aceitável ao Deus vivo promoveria um comportamento moral correto e atrairia as bênçãos divinas. Entretanto, Ezequiel encerra com notícias reconfortantes a respeito de um dia em que o Reino de Deus e a prática da justiça retornariam com a edificação de um novo templo e uma nova cidade, em uma terra e nação renovadas (cap. 33—48).

Ezequiel recebeu e registrou revelações do Deus vivo estando exilado na Babilônia de 593 a 571 a.C. Tudo o que sabemos a respeito desse profeta solitário advém de suas profecias escritas, e não há nenhum dado existente que coloque em

dúvida a autoria desse livro por parte do profeta Ezequiel, filho de Buzi (um sacerdote), que havia sido levado cativo juntamente com Joaquim e outros judeus, em 597 a.C.

Por ser de uma família sacerdotal, Ezequiel era sacerdote e também profeta. Portanto, estava bem familiarizado com as leis levíticas e os rituais, bem como com o templo e suas regulamentações. Isso se torna evidente quando ele fala de sua visão apocalíptica do futuro templo messiânico. Além disso, Ezequiel tinha um conhecimento detalhado sobre a aliança mosaica, incluindo as exigências éticas, morais e espirituais da revelação de Deus e os resultados inevitáveis da obediência, ou da desobediência, à Lei. Embora os ouvintes exilados tivessem sido privados do templo, do sacerdócio e das cerimônias e festividades relacionadas, o profeta Ezequiel falou a eles não apenas a respeito desses detalhes, mas também sobre a importância de obedecerem à Lei de Deus e buscarem ao Senhor.

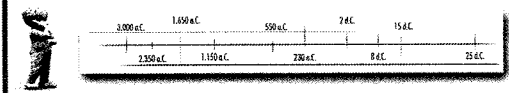
O livro de Ezequiel revela que o profeta era casado (Ez 24.15-18) e tinha uma residência (Ez 3.24; 8.1). No geral, ele desfrutava de uma boa medida de liberdade no cativeiro. Os babilônios não capturaram os judeus para torná-los escravos em seu reino; em vez disso, desejavam dispersar a população de Israel, principalmente os líderes e os membros da nobreza, e estabelecer seus próprios cidadãos e outros estrangeiros na terra dominada.

A respeito de sua personalidade e habilidades, Ezequiel parece ter sido bastante eloquente, inteligente, expressivo e impactante. Ele era capaz de suportar grande oposição e continuar obedecendo às exigências que Deus lhe fazia.



## LINHA DO TEMPO

## CRONOLOGIA EM EZEQUIEL



Ano 640 a.C. — O reinado de Josias tem início em Judá

Ano 609 a.C. — Joacaz se torna rei em Judá

Ano 608 a.C. — O reinado de Jeoaquim tem início em Judá

Ano 605 a.C. — Alguns hebreus são levados cativos para a Babilônia

Ano 598 a.C. — Joaquim se torna rei em Judá

Ano 598 a.C. — O reinado de Zedequias tem início em Judá

Ano 597 a.C. — Ezequiel é deportado para a Babilônia

Ano 593—571 a.C. — Duração do ministério profético de Ezequiel

Ano 586 a.C. — Os babilônios destroem Jerusalém



## ESBOÇO

- I. Profecias contra Judá e Jerusalém — 1.1—24.27
- A. O chamado de Ezequiel — 1.1—3.27
  - B. Predição sobre a invasão de Jerusalém — 4.1—7.27
  - C. O pecado e o destino de Jerusalém — 8.1—11.25
  - D. A justificativa moral para o cativo — 12.1—19.14
  - E. A queda inevitável de Israel — 25.1—32.32
- II. Oráculos contra nações estrangeiras — 25.1—32.32
- A. Amom — 25.1-7
  - B. Moabe — 25.8-11
  - C. Edom — 25.12-14
  - D. Filístia — 25.15-17
  - E. Tiro — 26.1—28.19
- F. Sidom — 28.20-26
- G. Egito — 29.1—32.32
- III. Profecias a respeito de Israel — 33.1—39.29
- A. O papel do profeta em uma nova era — 33.1-33
  - B. Os pastores egoístas e o bom Pastor — 34.1-31
  - C. A produtividade de Israel — 35.1—36.38
  - D. A visão dos ossos secos — 37.1-28
  - E. Paz: O Senhor irá defender Israel contra Gogue — 38.1—39.29
- IV. Visões do futuro: O novo templo e a nova Lei — 40.1—48.35
- A. Descrição do novo templo — 40.1—43.27
  - B. Um novo culto de adoração — 44.1—46.24
  - C. Israel reorganizada de acordo com as divisões tribais — 47.1—48.35

## COMENTÁRIO

**1.1—3.27** — O chamado e o comissionamento de Deus a Ezequiel e seu ministério profético são apresentados em três estágios: (1) uma revelação do caráter de Deus por meio de uma visão sobrenatural e simbólica (Ez 1.1-28); (2) uma descrição da escolha dos ouvintes concluindo a visão (Ez 2.1-3.15); e (3) uma explicação da tarefa e do desafio divino apresentados ao profeta (Ez 3.16-27).

**1.1** — Ezequiel se preparava para ser um sacerdote quando os babilônios atacaram Judá em

597 a.C., e o levaram, com várias outras pessoas, para o cativo (2 Rs 24.10-14).

No *trigésimo ano* provavelmente se refere à idade de Ezequiel. Nessa idade, um homem já podia tornar-se sacerdote (v. 3) e começar o serviço no templo (Nm 4.1-3). Nesse caso, foi o período em que Deus chamou Ezequiel como profeta.

*Estando eu.* De todos os profetas que registraram suas mensagens, somente Ezequiel se refere a si mesmo inicialmente com o pronome na primeira pessoa, mencionando seu nome apenas no



## PERFIL

### A OBEDIÊNCIA DE EZEQUIEL

Ezequiel se assemelha a muitos profetas do Antigo Testamento, porque, como eles, era considerado um tanto estranho por seus vizinhos e amigos. Uma coisa é profetizar a respeito de um julgamento iminente e advertir o povo a arrepender-se; outra bem diferente é deitar-se de lado por 390 dias para ilustrar uma mensagem. Todavia Ezequiel não se importava tanto com a opinião das pessoas, porque estava mais interessado em obedecer a Deus. Portanto, se o Senhor lhe dissesse para fazer algo, ele prontamente cumpria.

Algumas das atitudes de Ezequiel eram bastante peculiares, tal como permanecer recluso em sua própria casa. Já outras, como ficar deitado sobre o lado esquerdo do corpo por 390 dias e sobre o direito por outros 40, podiam ser consideradas quase cômicas. Outras ainda, tais como não lamentar a morte de sua esposa, faziam com que as pessoas pensassem que Ezequiel não tinha sentimentos e, até mesmo, considerassem-no execrável, com base nos rituais e nas tradições de seus dias. No entanto, Deus tinha um propósito ao mandar que Ezequiel fizesse aquilo tudo. O profeta estava ilustrando uma mensagem e ensinando uma lição. Alguns podem ter ridicularizado Ezequiel, e muitos devem tê-lo e ignorado, prejudicando apenas a si próprios.

Os leitores modernos podem simpatizar-se com Ezequiel se também se sentem fora de sincronia com seus contemporâneos. Obedecer a Deus pode ser difícil em qualquer geração. É necessário muito esforço para viver da maneira que o Senhor deseja enquanto o restante da sociedade continua praticando atos pecaminosos. Embora nossas atitudes talvez não sejam tão dramáticas quanto as de Ezequiel, suas consequências são igualmente importantes, tanto para servir de exemplo para outros como para dar prova de nossa obediência a Deus.

versículo 3 (Is 1.1; Jr 1.1; Os 1.1; Jn 1.1; Sf 1.1). *Rio Quebar*. Afluente do rio Eufrates que corre para o sudeste da Babilônia.

*Abriram[-se] os céus*. Assim como ocorreu com todos os profetas verdadeiros do Israel antigo, a visitação divina a Ezequiel foi iniciativa do Criador. É Ele quem chama algumas pessoas para assumir responsabilidades especiais (Jr 1.1-9).

*E eu vi visões de Deus*. A palavra *visão* aqui deriva de um verbo bastante comum no hebraico que significa *ver*, e não do termo *visão*, utilizado especificamente para designar visões proféticas, como em Isaías 1. A forma plural, *visões*, também chama a atenção para as visões de Ezequiel, que não tinham paralelos com a de outros profetas tanto em natureza como em quantidade.

1.2 — Esse era o *quinto dia* do quarto mês (v. 1). O *trigésimo* ano de Ezequiel foi 597 a.C., quando o rei Joaquim foi deportado para a Babilônia por Nabucodonosor (2 Rs 24). O estabelecimento de 593 a.C. como sendo o *quinto ano do cativeiro do rei Joaquim* é determinado pelo calendário babilônico, que começa em março. A deportação de Joaquim para a Babilônia ocorreu após esse rei ter decidido render-se, em vez de submeter Jerusalém ao cerco dos babilônios. Ele permaneceu

aprisionado durante 36 anos (2 Rs 25.27), antes de ser liberto pelo sucessor de Nabucodonosor, Evil-Merodaque. Durante seu cativeiro, Joaquim recebeu concessões por parte do governo. Ele pode ter obtido permissão para manter suas terras em Judá, que foram colocadas sob o controle de um administrador.

1.3 — Ezequiel usou a expressão introdutória *veio... a palavra do SENHOR* cinquenta vezes neste livro. Ela é usada sempre para iniciar uma mensagem divina e, às vezes, para assinalar um novo trecho.

O nome *Ezequiel* deriva do verbo que significa *apanhar, segurar firme* + o termo *el*, Deus. Portanto, o nome *Ezequiel* indica que ele era um homem que o Senhor havia tomado para si. Veja também Ezequiel 3.8, para outra dimensão do significado desse nome: *aquele a quem Deus fortaleceu*.

*E ali esteve sobre ele a mão do SENHOR*. A *mão do SENHOR* estava sobre ele. A origem divina da mensagem de Ezequiel é enfatizada nos primeiros versículos.

1.4-14 — Essa é uma ilustração vívida e marcante do Deus todo-poderoso, onisciente e onipresente. Os estudantes da Bíblia não precisam ter dificuldade com tais revelações simbólicas

(literatura apocalíptica). Basta que se lembrem de: (1) focar a ideia principal da visão, e não os detalhes; (2) deixarem-se guiar por qualquer interpretação divina fornecida no contexto imediato e por passagens paralelas e (3) tratar o texto como linguagem figurada, a qual não deve ser entendida literalmente.

1.4 — *Vento tempestuoso [...] grande nuvem [...] fogo a revolver-se.* Compare com as descrições das manifestações de Deus em Êxodo 19.16-20; Salmo 18.7-15; Miquéias 1.2-4. Veja também o versículo 13 em diante.

*Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do Norte.* Norte geralmente indica a direção a partir da qual a maioria dos inimigos de Israel se aproximava dessa nação. Por exemplo, o império babilônico se estendia desde a terra dos caldeus até o norte da Terra Santa.

*No meio uma coisa como de cor de âmbar, que saía dentre o fogo.* O termo hebraico traduzido como *âmbar* também pode ser compreendido como algo semelhante a *cor de âmbar* (v. 27), *metal brilhante* (v. 27 ARA), ou *bronze* (v. 27 NTLH).

1.5 — No capítulo 10, esses *quatro animais* são relacionados aos querubins — seres celestiais associados à santidade e à glória de Deus, e, às vezes, de modo poético, a ventos tempestuosos sobre os quais Deus “voa” (Sl 18.10). Existem duas interpretações básicas para esses quatro seres viventes: 1) como uma representação profundamente simbólica da divindade ou 2) como

representações profundamente simbólicas de seres angelicais que servem diante de Deus. Provavelmente esses seres são angelicais, porque o próprio Deus só é revelado no final do trecho (v. 26). Essas criaturas espirituais espantosas são uma espécie de séquito da majestade divina.

1.6 — *Quatro rostos.* Essa descrição pode sugerir percepção completa; nada fica *para trás* nem de *lado* para essas criaturas. Veja os versículos 8 e 10.

*Quatro asas.* Veja o contraste com a seis asas dos serafins em Isaías 6.2; as asas são descritas com mais detalhes nos versículos 9 e 11.

1.7 — Essa ilustração assinala força e beleza.

1.8 — A descrição dos querubins inclui *mãos* e *rostos* [pode ser por mero antropomorfismo ou para assinalar realmente alguma característica humana. De qualquer forma, as *mãos* apontam para força e ação. As *mãos* dos querubins trabalhavam pela causa divina, punindo os pecadores e favorecendo os justos].

1.9 — *Não se viravam quando andavam; cada qual andava diante do seu rosto.* Aparentemente, eles podiam deslocar-se nas quatro direções (v. 6). [Isso assinala a determinação de eles cumprirem todos os propósitos divinos, sem nenhuma hesitação ou impedimento.]

1.10 — *Homem [...] leão [...] boi [...] águia.* Figuras fantásticas com essas combinações clássicas foram encontradas em iconografias mesopotâmicas e egípcias. Os pontos fortes idealizados de cada figura supostamente estavam presentes no ser



## EM FOCO

### FILHO DO HOMEM (HB. BEN 'ADAM)

(Ez 2.1; 3.1; 17.2; 24.6)

A expressão *filho do homem* é utilizada quase 100 vezes como um título para Ezequiel (Ez 2.1). Ela serve tanto para enfatizar a diferença entre Deus e suas criaturas como para marcar o profeta como um representante da humanidade. A vida de Ezequiel era como uma ilustração profética para os judeus exilados na Babilônia (compare com Ez 1.3; 3.4-7). Em palavras e em atos, Ezequiel servia como um sinal para a casa de Israel (Ez 12.6).

Jesus adotou o título *Filho do Homem* porque também era um representante — o *último Adão* que se tornou *espírito vivificante* (Mt 8.20; 1Co 15.45). O título *filho do homem*, utilizado para se referir a Jesus também faz alusão à visão de Daniel sobre o Ser celestial *como o filho do homem* (Dn 7.13). Portanto, no caso de Cristo, essa expressão enfatiza o mistério da encarnação, o fato de que Jesus era ao mesmo tempo divino e humano. Como o Deus-Homem, Jesus se tornou um sinal glorioso para toda a humanidade pecadora (Lc 2.34).

vivo descrito. O rosto de *homem* pode representar o âmbito da inteligência das criaturas de Deus; o rosto de *leão*, a majestade da criação; o rosto de *boi*, o serviço e a paciência com que a criação reage a Deus; e o rosto de uma *águia*, a rapidez para enxergar e trazer o julgamento onde necessário.

1.11,12 — O par de *asas* estava estendido para frente, em atitude de reverência; o outro par era utilizado para cobrir o corpo, em submissão casta. Compare esta descrição com a dos serafins em Isaías 6.2.

1.13-15 — *Fogo* [...] *relâmpagos*. Esses fenômenos geralmente estão relacionados a descrições das aparições de Deus ao Seu povo (Êx 19.16-20). Veja também o versículo 4. *Brasas de fogo* são um símbolo de julgamento e santidade. Por meio delas, os lábios de Isaías foram purificados (Is 6.7). Chamamos a atenção para as brasas de fogo sobre o altar. Elas se destinam a queimar sacrifícios oferecidos em prol dos pecadores. O fogo do juízo visto nesta visão em breve seria lançado sobre o remanescente judeu rebelde que ainda permanecia na terra.

1.16,17 — O *aspecto das rodas e a obra delas eram como cor de turquesa*. Na ARA, em vez de *eram como cor turquesa*, consta *eram brilhantes como o berilo*. Esse material [*pedras preciosas* (NTLH), o *berilo* (NVI), *topázio* ou o *crisólito*] lembra pedras de cor amarelada.

*Uma roda no meio de outra roda*. As rodas eram capazes de seguir em qualquer direção sem girar sobre o eixo. A roda simboliza movimento. Em seu governo, Deus nunca está estático, mas sempre se move. O remanescente idólatra afirmava que o julgamento não viria. No entanto, a recompensa ou o castigo divino nunca falha.

1.18 — *Essas rodas eram tão altas, que metiam medo*. As rodas tinham uma grandeza ímpar. O movimento delas era determinado pelo *espírito*; isto alude à inteligência e à soberania divina, que determina sobre tudo. A palavra *medo* poderia ser traduzida literalmente como *maravilha que causa espanto*.

*E as quatro tinham as suas cambas cheias de olhos ao redor*. Esses vários olhos nos aros das rodas apontam para a onisciência de Deus e a plenitude da sabedoria de Deus.

1.19-21 — O profeta enfatiza a ligação das rodas com os animais, bem como a habilidade das criaturas de seguir para onde desejavam. A expressão misteriosa *o Espírito da criatura vivente estava nas rodas* enfatiza o significado das rodas, que, aparentemente, representavam a flexibilidade e a mobilidade dos seres vivos. É uma ilustração da onipresença de Deus.

1.22,23 — *Firmamentos*. O mesmo vocábulo hebraico é utilizado em Gênesis 1.6. Ele significa vastidão. Compare também com o *mar de vidro, semelhante ao cristal*, em Apocalipse 4.6. *Um aspecto de cristal terrível*, como o brilho do gelo quando o sol reflete sobre ele.

1.24 — O *ruído das suas asas*. O simbolismo é o de uma força e um poder ilimitados. Nada pode impedir que Deus realize Seus planos e julgamentos. Até mesmo os anjos têm sido utilizados com frequência para executar esse propósito (2 Rs 7.6; Dn 10.6).

O adjetivo *Onipotente* está associado ao nome divino *Shaddai*, provavelmente baseado num vocábulo hebraico que significa *montanha*, para sugerir a onipotência e a majestade de Deus (Ez 10.5).

1.25 — Essa *voz* está relacionada com o *homem* do versículo 26. Em Gênesis 1, a voz de Deus ordena que a luz que se manifeste em meio às trevas (Gn 1.3). Em Ezequiel 1.25, acima do ruído das asas dos anjos, ouve-se uma voz. Em João 1.1, está revelado o termo que o apóstolo utiliza para descrever o Salvador: o Verbo.

1.26 — Enquanto Isaías descreve a altitude do trono do Senhor (Is 6.1), Ezequiel enfoca sua beleza.

*Safira*. Essa é a preciosa *lapis lazuli*, uma pedra de cor azul profundo com pontos dourados cintilantes. A mesma pedra é citada em Apocalipse 21.19. A figura entronizada com *a semelhança de um homem* é o ponto alto dessa visão.

1.27,28 — *Fogo* como metal incandescente (*cor de âmbar*, no versículo 4), e *aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva*, um resplendor semelhante ao do arco-íris rodeava o Ser sobre o trono (v. 26).

*Semelhança da glória do Senhor.* A semelhança humana aqui pode indicar a natureza pessoal da revelação de Deus sobre si próprio. Além disso, aponta para o plano de uma revelação mais pessoal de Deus ao manifestar-se por intermédio do Messias (Jo 1.1-18).

A *glória* indica a maravilha, a majestade e a dignidade do Deus vivo. Entre as rodas, as criaturas, as cores e a luz fulgurante estava uma figura que se parecia com um homem (v. 26). Compare-a à visão de Daniel, que enxergou *um como o filho do homem* (Dn 7.13).

*Cal sobre o meu rosto.* A reação do profeta Ezequiel foi a de prostrar-se em adoração e submissão. Todos os crentes devem reconhecer a glória de Deus e curvar-se em humildade perante Ele (Fp 2.10, 11).

**2.1** — *Filho do homem.* Ezequiel usa essa expressão várias vezes para se referir a si próprio. Ela enfatiza as características humanas de Ezequiel em seu papel como porta-voz de Deus. O significado da expressão equivale a *ser humano*.

No Antigo Testamento, é empregada em Daniel 7.13; 8.17. No Novo Testamento, *Filho do Homem* é utilizado com frequência por Jesus para se referir a si mesmo. Dessa maneira, Cristo se autodeclarava *Humano*, o Messias tão esperado que se manifestou em carne (Lc 21.27; Jo 1.14; 2 Jo 7). Portanto, a expressão *Filho do homem* não contradita a divindade de Jesus, como alguns alegam.

*Põe-te em pé.* Ezequiel estava prostrado perante o Ser glorioso (Ez 1.28). Talvez, inicialmente, seus pensamentos tenham sido semelhantes aos de Isaías (Is 6.5). A ordem para colocar-se de pé sugere que ele não tinha motivo para temer.

**2.2** — *Então, entrou em mim o Espírito.* Essa referência sobre a presença do Espírito Santo no íntimo do profeta de Deus é de grande importância. As visões e mensagens de Ezequiel eram revelações do Deus vivo. Em contraste com o fato de o Espírito Santo habitar nos cristãos atualmente, no período veterotestamentário, o Espírito descia sobre alguns indivíduos escolhidos por Deus para capacitá-los a realizar tarefas extremamente desafiadoras. Não era algo comum a todos

os que confiavam em Deus, e tampouco uma habitação permanente.

**2.3,4** — Ezequiel foi chamado para transmitir a mensagem de Deus aos *filhos de Israel*. O Senhor os descreve como *nações rebeldes* e mais especificamente como indivíduos *de semblante duro e obstinados de coração* (Ez 2.4). O termo hebraico para *rebelde* indica desobediência à aliança.

*Assim diz o Senhor JEová.* Deus instruiu Ezequiel a enfatizar a origem divina de suas mensagens utilizando essas palavras. Como Moisés (Êx 3; 4), Ezequielalaria em nome de Deus apenas o que o Senhor o instruisse.

O termo *Senhor Jeová* é uma combinação de um título que indica a soberania do Senhor (*Adonai*) com *Jeová*.

**2.5** — Se o povo rebelde se recusasse a dar ouvidos às mensagens de Ezequiel, este ainda daria provas de ser um *profeta* genuíno de Deus por continuar proclamando as mensagens divinas (v. 7). Veja 2 Reis 21 para um exemplo da natureza da rebeldia que levou a nação ao cativeiro.

**2.6,7** — *Sarças e espinho [...] escorpiões.* Essas ilustrações descrevem de maneira vívida a natureza rebelde daqueles que se opunham às advertências de Ezequiel. Deus disse ao profeta para não permitir que o medo o impedisse de proclamar as mensagens, independente de o povo dar ouvidos ou não (v. 7).

**2.8,9** — *Come.* Em contraste com o Israel rebelde, Ezequiel deveria dar o exemplo sendo receptivo e ouvindo a mensagem de Deus.

*Mão [...] rolo.* Compare com Jeremias 1.9. [A mão era de origem divina, bem como a mensagem no rolo, uma tira de papiro ou pergaminho.]

**2.10** — O ato incomum de escrever em ambos os lados de um pergaminho indica a amplitude das transgressões do povo e a necessidade de longas *lamentações* (Zc 5.3; Ap 5.1). Embora Ezequiel mais tarde tenha dito palavras de consolo (cap. 33—48), suas primeiras profecias traziam apenas tristeza.

**3.1-3** — *Come.* O ato simbólico de comer o rolo demonstrava que Ezequiel assimilara a mensagem preparando-se para falar ao povo.

**3.5-7** — Embora não houvesse barreira linguística entre Ezequiel e os israelitas, estes dariam menos atenção ao profeta do que aos estrangeiros. A rejeição de Israel para com a mensagem de Ezequiel era um sintoma de uma revolta anterior contra o governo de Deus (1 Sm 8.7). Israel foi chamado de nação de *rosto obstinado* — literalmente “cabeça dura” — e *dura de coração* (Ez 2.4). Aqueles que tiveram uma grande exposição à verdade e rejeitam-na podem tornar-se mais resistentes do que os que a ouvem pela primeira vez.

**3.8,9** — *Fix duro o teu rosto*. Provavelmente houve um trocadilho intencional com o nome de Ezequiel, que significa *tomado com firmeza por Deus* (Ez 1.3), ou então *Deus fortalece*. Significados duplos de nomes bíblicos são comuns (Caim; Gn 1.3). O profeta fora capacitado por Deus para realizar seu chamado.

**3.10,11** — Um pré-requisito necessário para que Deus enviasse Ezequiel como mensageiro era que o profeta estivesse receptivo a todas as palavras do Senhor. Deus o instruiu a deixar claro que sua mensagem e autoridade vinham do céu, e que continuasse a *falar* independente da reação de seus ouvintes.

**3.11** — *Vai aos do cativoiro*. Dois grupos de exilados já haviam sido levados para a Babilônia; um em 606 a.C., e outro em 597 a.C. Ezequiel foi enviado até eles para assinalar que estavam sendo corrigidos pela justiça de Deus. O fato de o profeta ter sido enviado aos exilados revela o amor do Senhor e Sua compaixão, ao insistir que o povo se arrependesse e se convertesse.

**3.12,13** — *Bendita seja a glória do Senhor desde o seu lugar*. Essa declaração de louvor, com uma voz de estrondo ao Deus vivo partiu da miríade de exércitos angelicais (compare com Isaías 6.3). A expressão *glória* sugere peso ou importância, indicando a maravilha, a majestade e a dignidade do Deus vivo.

**3.14** — *E eu me fui mui triste, no ardor do meu espírito*. *Mui triste* descreve adversidade e angústia. A perspectiva humana de Ezequiel o levava a enfocar a tarefa desagradável de entregar uma mensagem à qual ninguém daria ouvidos. O profeta estava irritado — *no ardor do meu espírito*

— contrariado. Entretanto a *mão do Senhor* se fazia presente para ajudá-lo a lidar com esses sentimentos e estimulá-lo a viver e a trabalhar entre os cativos (v. 15).

**3.15** — Os israelitas exilados na Babilônia viviam em *Tel-Abibe*, que significa *colina da enchente*. *Sete dias* era o período normalmente separado para lamentar a morte de alguém, bem como o tempo necessário para a consagração de um sacerdote (Gn 50.10; Lv 8.33). Ezequiel permaneceu *pasmado* em meio aos cativos por sete dias como uma prova de que tivera um encontro singular com Deus (Jó 2.13). Ao final dos sete dias Ezequiel seria ordenado para o sacerdócio e estaria pronto para proclamar um lamento por Israel.

**3.16-21** — O ministério profético de Ezequiel consistia basicamente em advertir e lembrar o povo a respeito das consequências benéficas de afastar-se do mal e dos resultados desastrosos de não viver de acordo com as estipulações da Aliança Mosaica.

**3.17** — O *atalaia* ficava de guarda nos muros da cidade vigiando e protegendo-a contra qualquer ameaça externa ou interna. Ele soava o alarme ao primeiro sinal de perigo (2 Sm 18.24). Deus fez de Ezequiel um atalaia espiritual para seu povo.

**3.18,19** — O *seu sangue*. Sem dúvida, essa advertência severa dada a Ezequiel foi semelhante à que seria transmitida a um atalaia militar nos tempos antigos. Se o atalaia falhasse em soar o alarme num período de grande risco, o sangue dos cidadãos seria exigido dele. Entretanto, se o atalaia desse o alarme e a cidade não reagisse, o homem não poderia ser considerado culpado.

*Tu livraste a tua alma*. Como um atalaia fiel, Ezequiel teria colocado a própria vida em risco para não falhar em cumprir sua tarefa. Em contrapartida, o atalaia que estivesse *dormindo no serviço* perderia a vida. A palavra traduzida como *alma* geralmente significa apenas *vida* em hebraico. Veja também versículo 21.

**3.20,21** — O *tropeço* é interpretado por alguns como um tipo de sentença de morte. Se a pessoa insistisse no pecado, então a morte seria o resultado natural. A referência à vida e à morte nesse

trecho diz respeito à realidade temporal, e não à eterna. Sobre a frase *tu livraste a tua alma*, veja o comentário do versículo 19.

**3.22,23** — *A glória do senhor* aqui novamente sugere a importância da revelação. A ênfase está na maravilha, singularidade e grandeza do Deus vivo.

**3.24** — Ezequiel escreveu mais a respeito da habitação do *Espírito* de Deus no íntimo do ser humano do que qualquer outro profeta (Ez 2.2).

**3.25-27** — *E eu farei que a tua língua se pegue ao teu paladar, e ficarás mudo e não lhes servirás de varão que repreenda* (v. 26). Essa mudez gerada por Deus foi uma restrição: (1) de falar publicamente (v. 25); (2) para proclamar apenas o julgamento divino (v. 26); e (3) de comunicar-se apenas em função da autoridade dada por Deus e somente quando o Senhor abrisse a boca do profeta (v. 27). Uma comparação entre datas em Ezequiel 1.1-3 e 33.21,22 demonstra que esse silêncio pode ter durado oito anos e meio, até a queda de Jerusalém, em 586 a.C. Obviamente Ezequiel transmitiu outras mensagens durante esse período (Ez 11.25; 14.1; 20.1).

**3.26** — A expressão *não lhes servirás de varão que repreenda* descreve o porquê de Ezequiel ter ficado *mudo*. A ideia aqui era o profeta *não se colocar como mediador* [entre Deus e o povo]. Durante o tempo de sua mudez, Ezequiel não tinha permissão de falar em favor do povo a Deus, seu juiz.

**3.27** — *Quem ouvir ouça*. Jesus utilizou essa advertência com frequência em seus ensinamentos (Mc 4.23). Essa frase enfatiza a responsabilidade e a prontidão individual para aceitar a mensagem divina.

**4.1-3** — A primeira dessas demonstrações simbólicas — provavelmente realizada do lado de fora da casa do profeta (Ez 3.15,16) — ilustra a iminência do cerco babilônico contra Jerusalém e o sucesso da empreitada.

**4.1** — Esse *tijolo* era feito de barro ou de uma argila maleável o suficiente para ser gravada com uma vareta. O termo hebraico traduzido como *gravar* significa *raspar* ou *marcar o tablete de argila*.

**4.2** — *Põe contra ela um cerco*. A cidade de Jerusalém seria sitiada. Os babilônios a cercariam e cortariam todos os suprimentos. O propósito era fazer os habitantes passarem fome até se entregarem (v. 9-12,16,17). Por esse desenho simbólico, Ezequiel pode ter sido ordenado a fazer o que os “profetas” das outras nações faziam: quando contratados pelos pagãos, eles usavam desenhos semelhantes para invocar os deuses a concretizar o evento descrito graficamente. No caso de Ezequiel, o desenho era o oposto do que o povo desejava. Enquanto os líderes israelitas estavam no cativeiro, as piores notícias seriam as de que a Cidade Santa havia sido destruída. Nesse caso, o desenho retratava a terrível verdade do que Deus já havia ordenado por Sua soberania.

**4.3** — *A assadeira de ferro* (uma panela ou grade de ferro) era um utensílio que Ezequiel, como sacerdote, estava acostumado a usar para assar os grãos de ofertas de cereais (Lv 2.5; 6.21; 7.9). Esse utensílio entre Ezequiel e a cidade provavelmente representava um muro de ferro que não deixaria ninguém escapar ao ataque babilônico. Os primeiros três versículos do capítulo descrevem *à casa de Israel* o cerco inevitável que seria lançado contra a Cidade Santa.

**4.4-6** — O profeta deitado sobre o lado esquerdo durante 390 dias representava Israel (o Reino do Norte), e sobre o lado direito por 40 dias, Judá (o Reino do Sul). Ambos os reinos seriam punidos por seus pecados durante o tempo estipulado por Deus. Como Ezequiel havia predito tanto a deportação de Joaquim (597 a.C.) como o período cronológico (Ez 1.2), a interpretação mais direta dos versículos 4-8 seria a punição com o exílio e o governo gentio imposto sobre a nação israelita por um período de 430 anos, de 597 a aproximadamente 167 a.C. Foi nesse tempo que o controle do território retornou aos judeus, por ocasião da revolta dos Macabeus.

**4.7** — *O braço descoberto*, relacionado à ordem de Deus para Ezequiel dirigir *o rosto para o cerco* (Ez 4.3), provavelmente se refere ao cerco como um acontecimento iminente (em Isaías 52.10, a expressão idiomática *braço descoberto* equivale a *arregaçar as mangas* para dar início a uma ação).

Por mais terrível que fosse, esse cerco demonstraria a fidelidade de Deus para com a aliança estabelecida nos dias de Moisés: a determinação de que a idolatria e a desobediência trariam maldições, que poderiam incluir o fato de os israelitas serem conquistados, capturados e retirados da terra (Dt 28.15-68).

4.8 — Ezequiel ficaria amarrado enquanto permanecesse deitado de lado por 430 [390 dias, por Israel, mais 40 dias, por Judá] dias; entretanto as atividades descritas em Ezequiel 4.9-17 demonstram que o ato de ele se deitar amarrado com cordas acontecia apenas numa parte do dia.

4.9-11 — A mistura de seis grãos na receita do pão indica suprimento limitado de comida enquanto o povo israelita estivesse cativo numa terra estrangeira. As pequenas porções desses grãos ilustram de maneira vívida a escassez de alimento em uma cidade sitiada. Pelo fato de o cerco impedir a chegada de suprimentos, o povo israelita tinha de economizar *comida* e *água*. Se o alimento acabasse, os habitantes seriam forçados a render-se. Em Jerusalém o povo recebia diariamente cerca de 300 g de pão (*vinte siclos*) e menos de que um litro de água (*a sexta parte de um him*).

4.12-15 — O pão é considerado *imundo* (v. 13) à luz do que foi mencionado no versículo 12. Para ilustrar o destino da nação infiel, Deus desejou que Ezequiel se alimentasse temporariamente de comidas impuras cozidas ao fogo *com o esterco que sai do homem* (Dt 23.12-14). Inicialmente Deus ordenou que Ezequiel usasse excremento humano, porque isso simbolizaria de maneira mais precisa e mais marcante o terror do cerco que viria sobre a cidade de Jerusalém. No entanto, *esterco de vacas*, um combustível comum tanto naquela época como hoje em dia, pôde ser usado em lugar do esterco humano, por causa da oração insistente de Ezequiel e de sua fidelidade para com os ditames da Lei (Dt 12.15-19; 14.3-21).

4.16,17 — As terríveis condições do cerco em Jerusalém confirmariam os atos simbólicos de Ezequiel (v. 9-12). Tanto a *água* como o *pão* seriam racionados. Haveria *desgosto* e *espanto* (Ez 12.19) em profusão. O termo hebraico para *espanto* também pode ser traduzido como *terror* ou

*tremor*. Tudo isso aconteceria por causa das *maldades* de Judá. Os habitantes dos Reinos do Norte e do Sul tinham violado a aliança com Deus, e o Senhor não tinha outra escolha, a não ser permitir as consequências da desobediência do povo (Lv 26.14-19; Dt 28.47-53; 2 Rs 25.1-3).

5.1 — Raspar a *cabeça* era um ato que demonstrava vergonha ou desgraça na cultura hebraica (Ez 7.18; 2 Sm 10.4). Também representava um ritual de luto pagão proibido pela Lei (Ez 27.31; Dt 14.1; Is 15.2; 22.12). Raspar a cabeça era um indício de profanação, que tornava um sacerdote como Ezequiel ritualmente impuro e, portanto, incapaz de cumprir com seus deveres no templo (Lv 21.5). Essa mensagem dizia ao povo que todos estavam prestes a serem humilhados e profanados.

5.2 — Os cidadãos de Jerusalém sofreriam um dos três destinos dados às três mechas de cabelo do profeta, repartidas em medidas iguais: (1) alguns judeus seriam queimados no incêndio da cidade, ou morreriam de praga, fome ou outras calamidades advindas do cerco (Ez 5.12; 2 Rs 25.9); (2) outros seriam mortos pela *espada* durante o ataque (Ez 5.12; 2 Rs 25.18-21) e (3) outros seriam espalhados pelo *vento*; seriam espalhados para outras terras, sendo exilados (Ez 5.12; 2 Rs 25.11-17, 21).

5.3,4 — *Sairá um fogo*. Um remanescente desse grupo enviado para o exílio seria poupado da morte e contaminado pela cultura estrangeira. Outros exilados seriam mortos.

5.5-7 — *Esta é Jerusalém*. Essas palavras foram proferidas em meio à situação angustiante. O Deus dos judeus lhes dera a cidade como herança. O Senhor a amava e a estabelecera como o centro do mundo, porque o templo estava localizado ali. No entanto, nesse trecho, Deus descreve a extensão das abominações do povo. *Porque multiplicastes as vossas maldades* refere-se ao povo da cidade favorecida que não apenas se recusara a guardar a Lei, mas cujo pecado ainda era pior do que o das nações ao redor — os israelitas haviam fracassado em seguir até mesmo as diretrizes morais que os pagãos observavam.

5.8 — *Por isso, assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu, sim, eu mesmo, estou contra ti; e executarei juízos*





## EM FOCO

## ÍDOLOS (HB. GILLULIM)

(Ez 6.4; 20.16; 30.10; 2Rs 23.24)

Esse substantivo hebraico está relacionado com um verbo que significa *rolar* (Gn 29.3; Js 10.18). A palavra refere-se a coisas sem forma, como pedras ou troncos de árvores, com os quais se fazia ídolos nos tempos antigos (Ez 6.9; 20.39; 22.3; 1Rs 21.26).

O profeta Ezequiel usou esse termo para aludir ídolos quase 40 vezes em seu livro, sempre com um tom de escárnio, porque a adoração aos falsos deuses havia afastado Israel do Deus vivo (Ez 14.5).

O vocábulo *gillulim* pode estar relacionado a uma expressão semelhante no hebraico que significa *porções de esterco*. Comentaristas judaicos de épocas posteriores citavam com escárnio os *gillulim* chamando-os de *ídolos de esterco*, ou seja, imagens tão inúteis quanto um excremento.

no meio de ti aos olhos das nações. Esse é o anúncio do Juiz soberano. *Eis que eu, sim, eu mesmo* indica um tom solene e enfático.

**5.9-17** — Os elementos do juízo de Deus sobre Seu povo por causa de pecado podem ser enumerados da seguinte maneira: (1) um juízo pior do que qualquer outro já visto; (2) uma terrível fome que levaria ao canibalismo; (3) *peste*, isto é, pragas e doenças associadas à fome; (4) mortes violentas por meio de espada ou por animais selvagens e (5) a dispersão e a morte do remanescente. Essas punições eram resultado da idolatria do povo. Os israelitas haviam profanado o templo de Deus com *coisas detestáveis e abominações* (v. 11), deixando evidente seu total desprezo pela Lei (v. 6, 7, 11.18).

Os Dez Mandamentos, a base da Lei mosaica, condenam expressamente a idolatria (Êx 20.3). Assim, os juízos seriam executados: (1) sem misericórdia e sem esperança de alívio (v. 11), (2) com o pleno derramamento da ira divina (v. 13); e (3) fazendo do povo de Deus uma lição e uma advertência para as nações vizinhas (v. 15).

Na aliança com Seu povo, Deus havia prometido enviar essas maldições se os israelitas fossem rebeldes (Dt 28.15-68). O povo desobediente e rebelde não deveria ficar surpreso diante do horror que logo teria de enfrentar.

**6.1-3** — Os *montes de Israel* podem significar a terra como um todo (Ez 36.1-6); no entanto *outeiros* poderiam receber uma condenação específica, porque o povo havia construído altares e

santuários para os ídolos cananeus nas áreas de floresta (v. 13). *Altos* eram originalmente locais elevados para a adoração a Baal e outras divindades do panteão cananeu. O termo *alto* pode ser usado para descrever qualquer localidade, seja no topo de uma montanha ou num vale (v. 6; Jr 7.31) onde os falsos deuses eram adorados (1 Rs 11.4-10). Os israelitas faziam uso dessas e de outras práticas, incluindo conduta sexual condenável, magia, espiritismo, adoração de serpentes e sacrifício de crianças. Antes de entrarem na Terra Prometida, os israelitas haviam sido instruídos a destruir todos os altos onde ídolos eram adorados pelos cananeus (Nm 33.52).

**6.4-6** — As frases *derribarei os vossos traspasados, porei os cadáveres e espalharei os vossos ossos* referem-se ao julgamento divino. Os cadáveres que permaneceriam sem enterro e os ossos espalhados pelo chão representavam a profanação derradeira da terra. Deus faria com que a nação israelita sofresse com isso, porque o povo havia profanado a si próprio adorando ídolos nos altos pagãos (2 Rs 23.20; Sl 53.5).

**6.7** — *Para que saibais que eu sou o SENHOR*. Normalmente, uma pessoa vem a *saber* mais sobre Deus ao ter um contato mais profundo com Sua misericórdia. No entanto, por causa do caminho mau que os habitantes de Judá haviam trilhado, eles conheceriam Deus de uma maneira terrível: por meio do Seu juízo (Is 28.21).

**6.8-10** — Deus não apenas daria provas de Sua justiça e fidelidade para com as promessas do



## APLICAÇÃO

### ENTÃO VOCÊS SABERÃO!

Ezequiel foi enviado por Deus para falar aos judeus exilados na Babilônia (Ez 2.1-5; 3.14, 15). Apesar de os babilônios terem invadido Judá duas vezes, cumprindo as predições do profeta Jeremias, os judeus exilados ainda não compreendiam por que Deus havia permitido que esses eventos acontecessem, e muito menos por que haviam sido deportados para a Babilônia. Eles não tinham assimilado o fato de que seus problemas nacionais eram resultado da idolatria e de outros pecados que cometeram contra o Senhor.

Deus se valeu de Ezequiel para proclamar essa verdade com clareza. Por várias vezes, ao longo de pelo menos 20 anos, o profeta citou os pecados do povo judeu e advertiu seus conterrâneos sobre a ira do Senhor. Todavia, o povo insistia em ignorar sua condição. Essa dureza de coração ajuda a explicar o motivo da expressão *sabereis que eu sou o SENHOR* ser repetida quase 70 vezes no livro de Ezequiel (Ez 6.7,10,13,14). Com frequência, essa declaração aparece juntamente com uma promessa sobre o derramamento da ira divina: *Os traspassados cairão no meio de vós* (Ez 6.7); *não disse debalde que lhes faria este mal* (Ez 6.10); *cumprirei o meu furor contra eles* (Ez 6.12); *farei a terra assolada* (Ez 6.14).

Podemos conhecer o Senhor por meio de Sua graça e misericórdia, ou de Sua ira e fúria. A escolha é nossa. Entretanto, independente de nossa reação, Deus deixa claro que saberemos que Ele é o SENHOR. Deus está determinado a fazer com que todos o ouçam. Ele é o Senhor e, cedo ou tarde, perceberemos isso.

passado e as advertências a respeito das consequências da idolatria (Ez 5.13), mas também deixaria um resto de seu povo para que este se lembrasse do único Deus verdadeiro *entre as nações*. Deus havia prometido que, apesar da destruição da nação por causa do pecado, Ele sempre salvaria um remanescente da aniquilação (Dt 28.61-64). O principal propósito dessa punição era fazer com que o remanescente se arrependesse e pudesse ser restaurado espiritualmente.

**6.11,12** — *Ah!* Essa interjeição é proferida de maneira sarcástica nesse trecho. Deus estava demonstrando Seu apreço pela destruição dos lugares onde eram observadas práticas idólatras (v. 1-7,13), ou a interjeição é uma alusão ao escárnio das nações ao redor de Israel, que sempre ridicularizavam o povo de Deus (Ez 25.1-7).

**6.13, 14** — *Então, sabereis que eu sou o Senhor*. Como nos versículos 7 e 10, o Senhor declarou o propósito da destruição da cidade onde estava localizada Seu templo e de grande parte do povo. A utilização do nome pessoal de Deus serve para enfatizar sua intenção de levar o povo de volta a um relacionamento íntimo com Ele.

**7.1-4** — Os três usos do importante termo *fim* destacam que o cumprimento da profecia estava próximo. O verbo *vem* exprime certeza. A expressão *os quatro cantos da terra* sugere que todo o

povo de Judá seria afetado, e não apenas os habitantes de Jerusalém.

**7.5-7** — Como nos versículos 2 e 3, as palavras fundamentais incluem *fim* (utilizada duas vezes), em paralelo com *sentença*. Há um destaque ainda maior para o termo *mal* (utilizado duas vezes); o desastre iminente seria maior do que qualquer outro já visto (Ez 5.9). A palavra *sentença* é um termo bastante incomum e talvez a melhor tradução seja *luto*.

**7.8,9** — Novamente, no final de seu oráculo (v. 4,27), Deus declara Seu propósito ao disciplinar Israel: fazer com que o povo tivesse uma compreensão melhor sobre o Senhor e Sua vontade, que é boa, perfeita e agradável.

**7.10-12** — O florescimento da *vara* e da *soberba* indicam que o tempo do julgamento havia chegado. Essas palavras descrevem um indivíduo marcado pela arrogância e que receberia punição. Nesse caso, elas ilustram o instrumento escolhido por Deus (Nm 17.5) por meio do qual disciplinaria Israel e Judá: Nabucodonosor, rei dos babilônios, o representante-mor da arrogância e da maldade daquele povo (v. 21). *Vara de impiedade* diz respeito a um bordão ou tacape (Êx 4.20; Is 10.5) utilizado para castigar.

**7.12,13** — *O que compra não se alegre*. O julgamento era tão certo, e seus efeitos tão

duradouros e devastadores, que o ato de comprar e vender seria concluído de maneira inapropriada, ou sequer aconteceria.

**7.14,15** — Na frase *não há quem vá à peleja*, é enfatizado que a nação estaria muito debilitada e indefesa contra o ataque inimigo pela morte da população e as doenças causadas pelos combates e a fome (Ez 5.8-17).

**7.16-19** — Aqueles que permanecessem vivos se esconderiam nas colinas e vivenciariam basicamente quatro emoções: (1) estariam *gemendo* — lamentando-se envergonhados *como pombas*, demonstrando sua humilhação por causa do pecado, utilizando *panos de saco* e raspando a cabeça (Is 15.2,3); (2) fraqueza; (3) *tremor*; e (4) desgosto e desilusão com as riquezas.

**7.20-22** — Esse trecho descreve o julgamento que viria sobre o povo de Deus por ter retirado os tesouros do templo para fazer imagens pagãs.

A frase *a glória do seu ornamento, ele a pôs em magnificência* [que fala da exaltação de Jerusalém como a cidade escolhida por Deus para habitar com a Sua glória] é contraposta pela frase seguinte *mas fizeram nela imagens das suas abominações e coisas detestáveis*; daí a consequência trágica: *por isso, eu a tornei para eles como uma coisa imunda. E será entregue na mão dos estranhos por presa, e aos ímpios da terra, por despojo; e a profanarão desviarei deles o rosto, e profanarão o meu lugar oculto; porque entrarão nele saqueadores e o profanarão*. A expressão *meu lugar oculto* refere-se ao templo. O povo havia cometido um terrível pecado ao forjar ídolos e adorar a obra de suas mãos (Rm 1.25).

**7.23-27** — A punição seria adequada à ofensa — *conforme o seu caminho [...] os julgarei*, declarou o Senhor. Pelo fato de Judá ter se mostrado tão sedento de sangue, Deus enviaria *os piores de entre as nações para possuir suas casas*, profanando o templo e trazendo *destruição* a terra. Esse trecho prevê a profanação do templo em Jerusalém por parte de Nabucodonosor, em 586 a.C. Como última alternativa, o povo buscaria intensamente a paz predita por falsos profetas, sacerdotes e políticos, mas sem sucesso. O prazo máximo para os israelitas tomarem uma atitude já havia se encerrado.

**8.1** — *No sexto ano, no mês sexto, no quinto dia do mês*. O *sexto ano* aqui corresponde a 593 a.C., a segunda data exata fornecida por Ezequiel, quando se dá o cerco contra Jerusalém (Ez 1.1; 4.1-8).

**8.2** — A expressão traduzida como *uma semelhança como aparência de fogo* no hebraico corresponde a um vocábulo que significa *homem* [daí, na NVI, a frase ser traduzida como uma figura como a de um homem]. Em *era fogo e dos seus lombos para cima*, porém, a palavra *fogo* tem o significado mais usual. [Em um sentido mais literal essa segunda sentença poderia ser traduzida como *um ser que parecia feito de fogo* (NVI).] Essa descrição faz um paralelo com Ezequiel 1.26,27.

**8.3,4** — *A entrada da porta do pátio de dentro*, chamada de *porta do altar* no versículo 5, ficava próxima ao altar do sacrifício (Lv 1.11). Ali, Ezequiel viu a *imagem dos ciúmes, que provoca o ciúme de Deus*. A idolatria era proibida, e a presença de qualquer ídolo representava uma violação da lealdade ao Deus de Israel e à sua glória manifestada ali. Para mais detalhes sobre a *glória do Deus de Israel*, veja o comentário sobre Ezequiel 3.12.

**8.5,6** — *Para que me afaste*. Os israelitas achavam que, pelo fato de o templo de Deus estar em Jerusalém, a cidade não seria destruída, porque Deus impediria isso. Eles pensavam que, independente do procedimento eles, a glória de Deus permaneceria ali; assim, o templo garantiria sua segurança. Eles não se deram conta de que o mal que haviam praticado na verdade fez com que a glória de Deus deixasse o templo; e o edifício não serviria como garantia de proteção para o povo. Veja capítulo 10.

**8.7-9** — Deus deu a Ezequiel uma visão do que os sacerdotes estavam fazendo dentro do templo. Por meio de um *buraco* na parede do templo, Ezequiel tomou conhecimento das *malignas abominações* que eles praticavam ali. As *abominações* (v. 6,9,10,13,15,17) não eram praticadas apenas pelas castas civis da sociedade, mas também pelos líderes espirituais e religiosos; aqueles que deviam ser os primeiros a dar o exemplo de santidade.

**8.10** — *Na parede em todo o redor*. Em conformidade com as nações pagãs ao redor (principalmente o Egito), o povo de Deus adorava imagens

de criaturas puras e impuras que representavam vários deuses. A idolatria politeísta estava sendo praticada em Israel.

**8.11** — Os *setenta* anciãos representavam os líderes religiosos da nação (Nm 11.16-25). O *incensário* que cada homem carregava e o *incenso* queimado não eram ritualmente impuros, mas estavam sendo utilizados para adorar ídolos.

*Jazania*s era da linhagem de Safã (Jr 26.24), cuja descendência era fiel a Yahweh; contudo, Jazania apostatou e deu lugar à idolatria.

**8.12** — *Então, me disse* [o Senhor]. *Viste, filho do homem, o que os anciãos da casa de Israel fazem nas trevas, cada um nas suas câmaras pintadas de imagens? E eles dizem: O Senhor não nos vê, o Senhor abandonou a terra.* A ênfase aqui está nas práticas idólatras dos anciãos, em seu comportamento *nas trevas*. Ironicamente, eles imaginavam Deus com base em conceitos humanos, limitando-o. Assim, equiparavam-no às divindades adoradas pelas nações idólatras. Os israelitas achavam que o Senhor não era onisciente nem onipresente.

**8.13,14** — *Tamuz* era uma divindade da fertilidade, adorada pelos babilônios. As mulheres clamavam a esse ídolo quando não conseguiam engravidar ou quando as colheitas haviam sido ruins. De acordo com a mitologia caldaica, no sexto mês, de agosto a setembro, Tamuz morria; por isso, os adoradores lamentavam a morte desse ídolo e choravam pedindo sua ressurreição.

**8.15,16** — O local onde o sol estava sendo adorado era no *átrio interior* [...] *entre o pórtico e o altar* [ou seja, dentro do santuário]. Esses *25 homens* provavelmente eram levitas (caso as estipulações da Lei estivessem sendo seguidas); pois, o acesso àquela área era proibida a outros (Nm 3.7, 8; 18.1-7; 2 Cr 4.9; Jl 2.17). Quer eles fossem sacerdotes ou não, o fato é que tinham dado as costas a Deus e *adoravam o sol*; adoravam a coisa criada, em vez de o criador. [Trazendo essa linguagem simbólica para o âmbito espiritual, essa recâmara no templo representa o lugar íntimo de nossa comunhão com Deus, que pode ser profanada quando, em lugar de adorarmos o Senhor, voltamos para outras coisas de acordo com os

nossos interesses pessoais e egoístas, os quais se configuram em ídolos mudos, que despedaçam o nosso coração.]

**8.17,18** — *Coisa mais leviana*. Há uma expressão semelhante na condenação de Deus para com Acabe (1 Rs 16.31). *Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz*. Essa ação não é mencionada em nenhum outro trecho. No contexto, aparenta ser: (1) um gesto ritual utilizado na adoração a ídolos, ou (2) uma atitude que indicava a profunda violência que ocorria em Judá como resultado da idolatria.

**9.1-11** — Os idólatras são mortos. É uma visão sobre a destruição iminente de Jerusalém.

**9.1** — O Deus de Israel vinha falando desde que Ezequiel viu a glória do Senhor (Ez 8.5). Agora o profeta deveria anunciar a destruição aos *intendentes*. O sentido literal desse termo é *aqueles que têm armas, comando*, conseqüentemente poder, os *guardas da cidade* (NVI). [O termo também pode significar *aqueles sobre os quais pesam acusação excessiva*]. Esse tipo de sentença é utilizado com frequência para descrever uma atitude vingativa (Is 10.3).

**9.2** — *Entre eles, um homem*. Provavelmente, ele era um além dos seis, somando seis homens escolhidos como algozes e mais outro representando a presença e a pureza do Deus Santo, que é digno de separar alguns para o julgamento e poupar outros da destruição (v. 3-7; Êx 12.1-13; Rm 9.14-29; Ap 7.3; 9.4).

*Armas destruidoras*. Literalmente, *instrumento de destroçar* (compare com Jeremias 51.20).

*A porta alta* pela qual esses sete homens vieram é equivalente à porta norte do pátio interno de templo (Ez 8.3; 2 Rs 15.35). O *altar de bronze* era o altar do sacrifício.

**9.3** — *E a glória do Deus de Israel se levantou do querubim sobre o qual estava*. Não se sabe ao certo se o *querubim* nesse trecho tem a ver com: (1) os querubins da arca do concerto localizada no Lugar Santíssimo, ou (2) com os querubins sobre as rodas vistos por Ezequiel (10.1-5,18). De qualquer maneira, o trecho descreve a glória de Deus abandonando o templo, depois partindo de Jerusalém, e em seguida de Judá, como visto nos capítulos 9—11.

**9.4** — *Marca com um sinal as testas.* O verbo traduzido como *marcar* corresponde à última letra do alfabeto hebraico, que no tempo de Ezequiel se assemelhava a um x. Os marcados na testa seriam *os homens que suspiram e que gemem* por causa das abominações de idolatria mencionadas até então. As pessoas que demonstravam um genuíno arrependimento e aversão ao pecado foram separadas dos rebeldes de coração duro. Elas fariam parte do remanescente (v. 8), que continuaria a seguir as ordenanças de Deus (Ap 7.2-4; 9.4; 14.1).

**9.5,6** — *Passai pela cidade após ele.* A abrangência desse julgamento nos deixa chocados; entretanto, isso está de acordo com os castigos divinos da época do Dilúvio, narrado em Gênesis, até o julgamento final, descrito em Apocalipse.

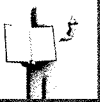
**9.6,7** — *Meu santuário.* Os líderes espirituais corruptos estavam praticando idolatria e imoralidades até dentro do templo (Ez 8.3-16). O juízo divino teria início por eles, porque haviam estimulado a nação a afastar-se de Deus (1 Pe 4.17).

*Contaminai a casa, e enchei os átrios de mortos, e sai implicava realizar a execução de todos no templo, e deixar os corpos caídos ali (Lv 21.1; Nm 19.11).*

**9.8** — O profeta ficou horrorizado com o que viu. Um servo genuíno de Deus sempre se entristece com a destruição que o povo atrai para si por meio de sua rebeldia. A interjeição *ah!* foi utilizada de modo sarcástico em Ezequiel 6.11; aqui é uma expressão sincera de sofrimento (como em Ezequiel 11.13). O *restante*, o remanescente, um grupo escolhido que seria poupado da destruição pelo Deus soberano, é um tema recorrente na Bíblia (2 Rs 19.31; Ed 9.8; Is 1.9; 10.20-23; Am 5.15; Rm 9.27-29; 11.1-8).

**9.9, 10** — São apresentados três motivos para a nação merecer esse terrível derramamento da ira de Deus: (1) a *maldade* grave e inegável da nação, e sua culpa pelo pecado (Ez 4.4-8); (2) a *terra se encheu de sangue*, ou violência (Ez 8.17); e (3) a *perversidade*, mais precisamente de injustiça. O povo, principalmente os governantes ricos, escolheu espontaneamente acreditar que Deus não enxergava ou não se importava com a injustiça.

**9.11** — *Fiz como me mandaste.* O relatório de julgamento foi levado a Deus por um *homem que estava vestido de linho, a cuja cinta estava o tinteiro*



## ENTENDENDO MELHOR

### MISERICÓRDIA PARA COM OS QUE SE ARREPENDEM

O perdão de Deus sempre exige arrependimento por parte dos pecadores. Era assim na antiguidade e continua da mesma maneira nos dias de hoje.

Na visão que Ezequiel teve sobre Jerusalém, o Senhor ordenou que os algozes angelicais fizessem uma marca especial na testa dos que seriam estimulados a arrependerem-se das abominações cometidas na cidade. O restante dos cidadãos seria morto (Ez 9.4-7). A justificativa para essa matança era o fato de que a pecaminosidade dos ímpios — ilustrada pelo derramamento de sangue e perversidade (idolatria) — tornara-se *grandíssima* (Ez 9.9). Em contraste, os que demonstrassem preocupação com a santidade seriam tratados com misericórdia.

Essa visão menciona um julgamento semelhante sobre os egípcios, por meio do qual o Senhor matou os primogênitos daquele povo, mas poupou os hebreus cujos umbrais das portas tinham sido marcados com sangue (Êx 12.1-36). Em ambos os casos, Deus fez uma marca naqueles a quem demonstraria misericórdia por causa da atitude de cada pessoa para com o Senhor.

É interessante notarmos que a marca mencionada por Ezequiel era o *tav*, a última letra do alfabeto hebraico. Atualmente, o *tav* é equivalente ao nosso *T*. Entretanto, nos dias de Jeremias, essa letra tinha o formato de *X*, e geralmente era utilizado como assinatura (Jó 31.35 ARA). Os cristãos primitivos perceberam a semelhança entre a marca mencionada por Ezequiel e o formato da cruz. Ambos indicavam a misericórdia e a redenção de Deus para com os pecadores.

O julgamento previsto na visão de Ezequiel aplica-se também aos dias de hoje, pois demonstra que, embora Deus aja com misericórdia, sempre está em busca de arrependimento genuíno. Aqueles que resistem ao Senhor e permanecem envolvidos no pecado ficarão à mercê da ira divina. Todavia os que *suspiram e gemem* por seu erro e também pelos de outros experimentarão o consolo e o perdão divino (compare com Tg 4.8-10).

(ver também os versículos 3,4), que surge como um justo prestador de contas.

**10.1** — Veja o capítulo 1 para uma compreensão dos vários termos presentes neste versículo. Os *querubins* aqui são os seres angelicais descritos em Ezequiel 1.5. *Safira* provavelmente é o lapis lazuli, uma pedra opaca de cor azul escura encontrada principalmente no Afeganistão. Essa era uma gema bastante valiosa nos tempos antigos. A safira moderna é um silicato de alumínio de cor azul translúcida, com as mesmas propriedades químicas do rubi. Extremamente dura, não podia ser cortada ou polida pelos artesãos da antiguidade. O lapis lazuli é quase tão duro como o vidro.

**10.2** — As *brasas acesas* (Ez 1.13) às vezes são relacionadas a um castigo para a purificação (Is 6), e em outras vezes dizem respeito a um julgamento por meio de catástrofes e fogo (Gn 19.24, 25).

**10.3-5** — A *nuvem* representa a glória de Deus (como em Ezequiel 1.4), que era vista passando do *átrio interior* para a *entrada da casa*. A partir dali, ela enchia o templo (*casa*).

Para saber mais sobre o termo *glória*, veja o comentário de Ezequiel 3.12,23; e sobre as expressões *estrondo* [...] *Deus Todo-poderoso*, veja o comentário em Ezequiel 1.24.

**10.6** — *Dando ele ordem* [...] *entrou ele e se pôs junto às rodas*. Essas palavras demonstram a

obediência inquestionável do homem vestido de linho para com Deus (Ez 10.5; 1.24; 8.2-5).

**10.7,8** — Um *querubim* em particular entregava as brasas para o homem vestido de linho (v. 2). Embora não seja declarado explicitamente, isso implica que todas as ordenanças no versículo 2 foram cumpridas. Em seguida, as brasas foram espalhadas em Jerusalém.

**10.9-17** — Ezequiel descreveu as *rodas* (v. 9-14) e os *querubins* (v. 15-17). Veja o capítulo 1 para rever mais detalhes dessa visão. Apenas no versículo 14 há algo diferente da descrição do capítulo 1. Em Ezequiel 1.10, um dos quatro rostos dos seres celestiais vistos pelo profeta foi o de boi, e aqui é o de um *querubim*. Os antigos faziam esculturas de animais alados com rosto humano, às vezes chamados de *querub*. A diferença dos rostos descritos em Ezequiel 1.10 e 10.14 não deve ser considerada um erro; é possível que as imagens vistas por Ezequiel se transfigurassem de tempos em tempos.

**10.18,19** — A *glória* de Deus continuava movendo-se gradualmente, mas afastando-se do templo (v. 3,4) a partir da porta de entrada do templo para o trono com rodas, e então com o trono até a *porta oriental*. A partida do Senhor sugere que Ele relutou em sair. Embora Sua santidade tenha sido desprezada de modo que não Ele não mais pudesse permanecer, Ele foi embora



## APLICAÇÃO

### A TRAGÉDIA DERRADEIRA

Os leitores de Ezequiel 10 provavelmente darão mais enfoque à visão espetacular dos querubins e das rodas dentro de outras rodas. Todavia, o verdadeiro destaque nessa passagem está no fato de o Senhor ter deixado o templo em Jerusalém (Ez 10.18). Levando-se em consideração o histórico e a importância do templo, nada seria mais trágico para Judá.

O templo foi projetado por Davi e construído por Salomão para ser a *Casa do Senhor* (2Cr 5.1). Quando a construção estava concluída, Deus abençoou aquele edifício magnífico enchendo-o com Sua glória e Sua presença (Ez 5.14). A partir de então, o templo passou a ser considerado um símbolo santificado do próprio Deus (Ez 6.20). No entanto, Ezequiel agora via o Senhor se afastando do templo. Não é difícil entender o motivo. O povo havia transformado a casa do Senhor num local de abominações idólatras. Como resultado, Deus decidiu deixar o templo e afastar-se de Seu povo (Ez 8.5-17; compare com Ez 11.23). Obviamente o fim de Judá estava próximo.

Não pode haver tragédia maior do que desfrutar a presença de Deus e, então, vê-lo afastar-se por termos nos envolvido com o pecado e a rebeldia. Se isso está acontecendo em sua vida, então a visão de Ezequiel pode servir como uma advertência e um apelo para que você se arrependa. Não há nada pior do que expulsar Deus de nossa vida quando Ele deseja abençoar-nos com Sua presença (Hb 6.4-12).

entristecido ao ver a calamidade que Seu povo havia atraído para si.

**10.20-22** — Os querubins às vezes servem como guardiões (Gn 3.24). Eles estão associados ao trono e à presença de Deus (Êx 25.18-22; 1 Cr 13.6). Também estão relacionados ao trono do Senhor, que se assemelha a uma carruagem (Ez 10.1; 1.20-26; Sl 18.10).

**11.1-13** — Nesse trecho, os líderes políticos e religiosos, que deveriam ter sido um exemplo de retidão para a comunidade, tanto em seus lares como no trabalho, recebem uma profecia de que morreriam pela espada.

**11.1,2** — Ezequiel viu *vinte e cinco* líderes do povo no templo. Os *príncipes do povo* representam os oficiais que geralmente serviam em cargos judiciais, militares e reais (2 Sm 8.15-18; 20.23-26). *Jazaniás*, filho de Azur, não é o mesmo Jazaniás citado em Ezequiel 8.11 (filho de Safã). Esses 25 homens estavam oferecendo *ímpio conselho*, e chegaram ao ponto de agir com *perversidade* contra seu próprio povo. Pelo fato de tentarem combinar as religiões pagãs com a religião dos hebreus [sincretismo religioso], esses líderes enganaram a si próprios e ao seu rebanho, levando-os a pensar que falavam em nome do Deus verdadeiro.

Para saber sobre *Pelátias*, que significa *aquele que foi libertado pelo Senhor*, veja o comentário sobre o versículo 13.

**11.3** — *Não está próximo o tempo de edificar casas?* Os oficiais declaravam que os habitantes de Jerusalém estavam perfeitamente seguros por trás dos muros da cidade, assim como julgavam que a carne estava garantida nas *panelas*. Não havia nenhum perigo iminente, afirmavam eles; por isso, estimulavam a construção de novas casas.

**11.4** — *Profetiza [...] profetiza*. A repetição serve para dar ênfase, uma técnica literária comum no idioma hebraico. *Filho do homem* aqui significa o profeta. Essa expressão aparece 93 vezes em Ezequiel e enfatiza a humanidade do profeta em sua função de porta-voz de Deus. No Antigo Testamento, essa expressão também é utilizada para Daniel (Dn 8.17) e para o Messias (Dn 7.13). No Novo Testamento, a expressão

*Filho do Homem* é mencionada muitas vezes por Jesus quando Ele se refere a si mesmo (Ez 2.1).

**11.5-12** — A mensagem de Deus aos oficiais corruptos de Jerusalém e Judá é declarada, destacando as justificativas para a ira divina (v. 5,6,12) e predizendo um julgamento de morte (v. 7-11).

**11.6** — Os líderes de Jerusalém tinham sido acusados de atividades malignas e de dar conselhos ímpios (v. 2); nesse trecho, descobrimos que eles haviam assassinado alguns de seus conterrâneos.

**11.7-12** — O veredicto de pena de morte é anunciado. Ao contrário da falsa crença dos líderes, aqueles que eles haviam matado [literal ou espiritualmente] eram pessoas justas, cuja presença poderia ter oferecido proteção à *panela* — ou seja, a Jerusalém. Aqueles que obtiveram o poder por meio da espada, conhecendo a sensação terrível causada por tal violência, seriam derrotados e morreriam da mesma maneira. Seriam arrastados para fora da cidade e mortos por *estranhos*; uma referência aos babilônios.

**11.13** — A reação de Ezequiel demonstrava que *Pelátias*, um dos líderes corruptos da cidade (v. 1), foi morto por Deus como prova inegável de que a mensagem do profeta se cumpriria. O próprio Ezequiel ficou surpreso e perguntou se isso significava que o Senhor não preservaria um remanescente (Ez 9.8).

**11.14-25** — Nesse trecho, Deus responde à preocupação de Ezequiel de não haver um remanescente justo. O Senhor assegura ao profeta que alguns cidadãos estavam sendo preservados, sua descendência retornaria a Israel e receberia um novo derramamento do Espírito de Deus (v. 14-21). Quando o Espírito do Senhor deixa Jerusalém (v. 22,23), a visão de Ezequiel finda, e ele está de volta à Babilônia, onde ele conta aos exilados o que acontecera (v. 24,25).

**11.14-21** — Deus fez promessas ao remanescente de Israel com menções sobre o presente (Ez 11.14-16) e o futuro (Ez 11.17-20).

**11.15** — *Teus irmãos, os teus próprios irmãos, os homens de teu parentesco*. Os *irmãos* de Ezequiel eram os judeus exilados com ele. O povo em Jerusalém (representando Judá) considerava os

exilados os pecadores, porque estes haviam sido deportados para a Babilônia.

**11.16** — Deus explica a Ezequiel que os que foram levados cativos e dispersados em terras estrangeiras na verdade eram o remanescente que o Senhor estava protegendo. O próprio Deus continuaria sendo seu *santuário* — uma palavra que no hebraico significa literalmente *lugar santo* ou *lugar separado*.

**11.17** — *E vos darei a terra*. Deus prometeu que os israelitas seriam restaurados e voltariam à Terra Prometida. Isso está de acordo com a natureza unilateral e incondicional da aliança feita com Abraão (Gn 12.1-3), e renovada com Davi (2 Sm 7.12-16) e com Jeremias (Jr 31.31-34).

**11.18-20** — Quando o remanescente retornasse à sua terra, aboliria a idolatria. Naquela época, Deus estabeleceria uma nova aliança com Seu povo (Jr 31.31-34). Então o Senhor derramaria Seu Espírito (Ez 36.26, 27; Jl 2.28, 29) para que Seu povo se tornasse unido em um propósito e fosse capacitado a caminhar com Deus em retidão — *andar nos meus estatutos*. Por fim, os israelitas se tornariam realmente povo de Deus (Êx 6.6-8).

**11.21** — Como aconteceu com Pelatias, Deus prometeu continuar julgando os idólatras, cujas afeições estavam voltadas para objetos *detestáveis* — ou seja, ídolos. Tal destino era plenamente merecido, porque tais idólatras haviam recebido muitas advertências; eram responsáveis individualmente por suas escolhas. Desde a revelação da Lei em no monte Sinai, o Senhor havia declarado expressamente Sua rejeição e proibição à idolatria (Êx 20.1-6). Louvor e adoração pertencem apenas a Deus, o Criador e Redentor do Seu povo.

**11.22, 23** — A glória de Deus continuava afastando-se da *cidade* para o monte das Oliveiras, o *monte*. Veja Ezequiel 10.3,4,18,19. O termo hebraico para *glória* significa literalmente *peso* ou *importância*, e refere-se à maravilha e à majestade do Deus vivo.

**11.24, 25** — O *Espírito*. As visões de Ezequiel não eram meros sonhos; eram inspiradas pelo próprio Deus e, portanto, proféticas.

O termo *caldéia* é relativo à Babilônia.

*E falei*. Provavelmente o ato de Ezequiel proclamar várias vezes suas visões (Ez 8.2—11.23) levou ao registro permanente das mensagens em seu livro.

**12.1-20** — Ezequiel encena uma profecia como se estivesse em Judá, preparando-se para seguir ao cativeiro após a queda de Jerusalém.

**12.1,2** — A comunidade dos exilados à qual Ezequiel ministrava é descrita duas vezes como *casa rebelde*. Isso é definido com mais detalhes pelas expressões *olhos para ver* e *ouvidos para ouvir* (Is 6.10). A dureza de coração dos israelitas durou mais de um ano (Ez 1.1,2; 8.1). Eles não davam ouvidos às palavras do profeta nem atentavam para as dramatizações dele sobre o julgamento iminente (cap. 4—6).

**12.3-8** — A encenação realizada por Ezequiel era para advertir os exilados na Babilônia de que não eles deveriam esperar um retorno breve a Jerusalém. O profeta já havia dito que a cidade logo sucumbiria (cap. 4;5); os habitantes que não fossem mortos seriam levados para o exílio. Os ouvintes de Ezequiel devem ter compreendido facilmente a advertência dele, porque era semelhante ao que o profeta demonstrara seis anos antes, quando os primeiros judeus foram levados para o exílio.

A expressão traduzida como *sinal maravilhoso* é um vocábulo hebraico que, nesse trecho, não significa *milagre*, e sim um *sinal visível* (Ez 12.11; 24.24,27).

*E fiz assim, como se me deu ordem*. Em contraste com a desatenção e a desobediência do povo, o profeta de Deus sempre era fiel às ordens do Senhor (cap. 2—5).

**12.9,10** — Os ouvintes de Ezequiel eram pessoas que já haviam experimentado o exílio; todavia, eram tão rebeldes e resistentes à mensagem que continuavam perguntando ao profeta com desdém: *Que fazes tu?*

O *príncipe em Jerusalém* era Zedequias (v. 12-14), governante de Judá (2 Rs 24.17-20).

*Carga*. A mensagem declarada por um profeta geralmente era denominada *carga*, ou *jugo* (Is 13.1; 15.1).

**12.11-14** — Falando em 592 a.C, seis anos antes, Ezequiel predisse a deportação dos primeiros



judeus de Jerusalém para a Babilônia, e profetizou exatamente o que aconteceria ao líder, Zedequias. O rei tentaria escapar durante a noite, em segredo e disfarçado (*o rosto cobrirá*); no entanto, seria preso e cegado pelos babilônios; então, seria levado para o exílio, onde morreria (2 Rs 25.1-7; Jr 52.1-11). Ezequiel era um *sinal* para seus ouvintes que já estavam no exílio, pois ele declarava verbalmente e por encenações simbólicas o destino dos judeus que ainda viviam em Jerusalém. A *terra dos caldeus* é a Babilônia.

12.15,16 — A expressão *o Senhor* é usado em lugar do nome de Deus. Ela aparece nessa profecia para indicar o relacionamento especial do Senhor com os israelitas. Ezequiel explicou aos exilados que aquela situação adversa tinha um propósito. Por meio dela o Senhor se revelaria como um Deus pessoal e amoroso. O objetivo da adversidade era corrigir e instruir: *Assim, saberão*. Além disso, os exilados seriam um testemunho ou sinal *entre as nações*. A invasão de Jerusalém pelos caldeus não indicava que o Senhor era fraco, pois isso ocorreu como consequência do pecado do povo contra Deus. No entanto, o Senhor demonstraria que Seu propósito final era o de levar Seu povo ao arrependimento e restaurá-lo (Hb 12.1-11). Por meio dessa experiência difícil, os israelitas aprenderiam que seu Deus era santo e amoroso. O pecado era ofensivo ao Senhor, mas ainda assim Ele desejava alcançar, perdoar e restaurar os pecadores.

12.17-20 — Aqui há novamente outra dramatização da profecia sobre o temor e a escassez de comida em Jerusalém durante o cerco.

12.18,19 — Ezequiel deveria demonstrar e declarar ao *povo da terra* (ou seja, aos seus companheiros de exílio) a advertência de Deus sobre as terríveis condições às quais o povo de Judá e de Jerusalém seria submetido.

12.20,21 — Para o cumprimento da profecia de que Jerusalém e Judá seriam *desoladas*, veja 2 Reis 25.8-21; Jeremias 39.8-10; 44.1-6; 52.1-30; Lamentações 1.3,4.

12.22 — O *ditado* popular entre os exilados indica como eles eram resistentes às profecias de Ezequiel.

*Prolongar-se-ão os dias, e perecerá toda visão?* Embora já estivesse cativo, o povo se mostrava cínico e apático, pensando erroneamente que um atraso no juízo significava que não haveria castigo, pelo menos não para aquela geração (Ez 12.25,27,28; 2 Pe 3.3,4).

12.23-25 — *Chegaram os dias e a palavra de toda visão*. Um provérbio antitético substituiria o antigo (v. 22), e os falsos profetas que faziam oposição a Ezequiel deixariam de profetizar. A expressão *em vossos dias* deixa claro que os exilados veriam o julgamento sobre Jerusalém cumprir-se.

12.26-28 — O povo continuava achando que o castigo seria postergado; Ezequiel deveria assegurar a todos uma segunda vez de que o julgamento *não [seria] mais retardado*.

13.1-23 — Nesse trecho, Ezequiel profetiza um juízo contra os falsos profetas, tanto homens (v. 1-16) como mulheres (v. 17-23). Em cada caso, primeiro ele descreve o pecado de maneira vívida (v. 1-7,17-19); então, apresenta o veredicto divino de condenação (v. 8-16,20-23).

13.1-4 — Os falsos profetas eram *loucos, como raposas nos desertos*. O vocábulo hebraico traduzido como *desertos* transmite a ideia de lugares abertos e desolados (v. 5). As raposas são descritas vagueando entre os escombros dos muros da cidade. Os profetas eram loucos, porque confundiam seus próprios pensamentos com os de Deus. Eram como raposas entre as ruínas, porque buscavam ganhos para si e tiravam vantagem do sofrimento humano ao seu redor. Agiam mais como saqueadores do que como restauradores.

13.5 — *Não subistes às brechas, nem reparastes a fenda da casa de Israel, para estardes na peleja no dia do Senhor*. O sentido aqui é que eles não edificaram *muros* de proteção espiritual. Os falsos profetas não contribuíam com orações, não serviram de exemplo nem deram bons conselhos a Judá, a fim de que a nação se voltasse para Deus [ao contrário].

O *dia do Senhor* representa períodos em que Deus confirma Sua vitória (Ez 7.19; 30.3). A expressão é utilizada particularmente pelos profetas para descrever as ocasiões nas quais Deus tem uma atividade incomum ao lidar com o povo,



## APROFUNDE-SE

### DISPERSÃO E REUNIÃO

Deus sempre encontra maneiras de demonstrar Sua soberania e realizar Seus propósitos, independente de estarmos dispostos a cooperar com Seus planos. Os israelitas tiveram de aprender essa lição da maneira mais difícil. Eles resistiram à vontade de Deus de estabelecê-los como Seu povo na Terra Prometida, tendo a Lei para direcioná-los. Por causa disso, o Senhor decidiu *dispersar* [os israelitas] *entre as nações e os espalhar pelas terras* (Ez 12.15).

Essa promessa de dispersão é um dos principais temas abordados pelo profeta Ezequiel. Em várias outras ocasiões, ele declarou que o Senhor dispersaria Seu povo pelo mundo (Ez 5.10,12; 6.8; 11.16; 12.15; 20.23; 21.15; 34.6; 36.19). Essa profecia começou a cumprir-se quando os assírios capturaram Israel, em 722 a.C., e continuou com várias deportações de Judá para a Babilônia no início do sexto século a.C. Todavia, a dispersão do povo de Deus não encerrou esse assunto. Ezequiel também declarou várias vezes que o Senhor reuniria Seu povo outra vez, retirando-o dos países onde se encontrava e levando-o de volta à sua terra (Ez 11.17; 20.34, 41; 28.25; 34.13; 36.24; 37.21; 38.8, 12; 39.27). Portanto, Deus demonstrou Sua soberania dispersando povo e reunindo-o outra vez.

O Senhor irá concretizar Seus planos de uma maneira ou de outra. Sendo assim, a questão derradeira que temos de considerar é: como podemos cooperar com os propósitos divinos? Do contrário, deixaremos de tomar parte no que Ele está realizando, ou pior, faremos com que o Senhor aja sem a nossa participação.

seja promovendo libertação ou juízo (Jl 2.1; Sf 1.7). Nesse dia por vir [o Juízo final], o Senhor irá cumprir Seus propósitos para o mundo: resgatar os justos e julgar os pecadores.

**13.6,7** — Os falsos profetas, tais como Balaão, praticavam *adivinhação* (Js 13.22). Essa era a arte pagã de tentar prever o futuro e buscar direcionamento por meio de meios duvidosos e proibidos expressamente na Lei mosaica; meios como a astrologia, a leitura do fígado e entranhas de animais, a consulta a médiuns ou bruxos para buscar uma comunicação com os mortos (1 Sm 28.3-19). Esses falsos profetas esperavam obter algum tipo de revelação. Entretanto, não encontravam a verdade, porque não procuravam por ela onde Deus a revelara — na Lei e nos Profetas. Ao iniciarem suas predições afirmando que o SENHOR dissera algo, esses pseudo profetas estavam declarando enganosamente que Deus havia falado com eles quando, na verdade, isso não acontecera. Os profetas de Deus nunca procuravam nem forjavam visões, tampouco por meio de métodos de adivinhação (Dt 18.10; Mq 3.6). Eles recebiam visões e profecias da parte do Espírito do Senhor.

**13.8** — O julgamento divino sobre *visão de vaidade e adivinhação mentirosa* (v. 7) é reapresentado neste versículo *Como falais vaidade e vedes a*

*mentira, portanto, eis que eu sou contra vós, diz o Senhor Jeová.* O vocábulo hebraico para *vaidade* é traduzido como *em vão*, em Êxodo 20.7.

**13.9** — Pelo fato de esses falsos profetas terem proclamado mensagens que contradiziam a verdade divina (v. 10), foram condenados. O Senhor os afastaria do povo de Israel. Eles não teriam mais participação na nação nem herança na terra.

*Entrarão na terra.* Os falsos profetas não tomariam parte na restauração futura do povo à Terra Prometida.

**13.10-16** — Esses falsos profetas experimentaríamos a ira de Deus, assim como os muros de Jerusalém que estavam sendo erguidos naquela época seriam destruídos. Jerusalém seria invadida e subjugada por causa dos pecados de seus habitantes. A pregação sobre uma falsa *paz* havia estimulado o povo a edificar, imaginando ter um futuro garantido; entretanto, ocorreria exatamente o oposto. Os falsos profetas haviam enganado o povo com uma esperança vã de conforto e prosperidade (v. 10). Esse engano os tornava não apenas antagonistas à verdade de Deus, mas também ao próprio Deus. A destruição deles estava assegurada.

**13.17-19** — *As filhas.* As mulheres judias que atuavam como falsas profetizas, porque elas confundiam suas próprias ideias com as de Deus e

lançavam encantamentos de morte por meio de magia ou bruxaria (Lv 19.26). As *almofadas* e os *travesseiros* (v. 18) [ou *invólucros* e *véus* (v. 18 ARA)] eram elementos utilizados em rituais oculistas no Oriente Médio antigo.

**13.20-23** — *Entristecestes o coração do justo com falsidade, não o havendo eu entristecido, [...] e esforçastes as mãos do ímpio* (v. 22). Essas “profetisas” lançavam dúvidas entre os que não se envolviam com adivinhações demoníacas e estimulavam os que já haviam sido iniciados. Elas seriam punidas com o mesmo julgamento que recairia sobre os falsos profetas.

**14.1-3** — Deus revelou a Ezequiel que o grupo de *anciãos de Israel* era composto de pessoas de coração dividido (1 Rs 18.21; Mt 6.24; Tg 1.5-8). Aparentemente, eles buscavam a mensagem divina por intermédio do profeta Ezequiel, mas, em seu íntimo, desejavam adorar outros deuses.

*Devo eu ser interrogado por eles? Deus conhece a mente e o coração de todos* (Sl 139.1-6), e faz uma pergunta retórica a Ezequiel, questionando se Ele deveria oferecer direcionamento por meio de revelações a tais religiosos hipócritas (v. 4,5).

**14.1** — Em pelo menos um aspecto, o exílio na Babilônia tornou-se uma bênção o povo judeu por estimular um novo tipo de judaísmo, o transcultural, mais versátil e mais receptivo, diferente do que o que vinha sendo professado em Judá. Um dos principais fatores para esse desenvolvimento foi a criação das sinagogas [centros de estudo do judaísmo, muito parecido com nossas igrejas hoje]. Em Judá, os israelitas viam o templo de Jerusalém como o centro de sua vida cultural e religiosa. Entretanto, com a destruição daquele edifício em 587 a.C., foi necessário estipular um novo local para os mestres da Torá ensinarem as Escrituras ao povo, preservando assim a identidade cultural e religiosa judaica. Como a ideia de construir um templo na Babilônia não era viável, os cativos começaram a reunir-se em assembleias locais para adorar, estudar as Escrituras e debater questões políticas. Provavelmente, foram os líderes de um ou mais desses grupos que se reuniram com Ezequiel. Em pouco tempo, esses grupos, conhecidos como sinagogas, o termo grego para

*reunião* ou *assembleia*, assumiram a responsabilidade formal ao receberem autoridade das comunidades judaicas no exílio.

**14.2-4** — *Responderei conforme a multidão dos seus ídolos*. Deus responde aos hipócritas permitindo que eles experimentem as consequências da descrença e da desobediência deles. A idolatria consistia não apenas num erro teológico de adorar outros deuses, mas trazia também a imoralidade, o resultado natural de as pessoas se afastarem do Deus vivo. O Senhor nunca causa o mal



EM FOCO

CONVERTER (HB. SHUB)

(Ez 14.6; 18.30; Gn 8.3; Sl 85.4)

O vocábulo hebraico traduzido como *converter* significa *retornar* ou *dar meia-volta*. Essa palavra se refere a uma reversão ou mudança de direção, como quando foi utilizada para falar do recuo das águas do Dilúvio (Gn 8.3). Os profetas utilizavam esse vocábulo para conclamar os israelitas a rejeitar de maneira consciente os pecados do passado. O salmista fez uso desse vocábulo para descrever a restauração divina de um crente (Sl 85.4). O arrependimento implica um retorno completo; uma mudança na mente e nas atitudes pecaminosas do passado; a rejeição da conduta imprópria e um retorno à obediência a Deus (Dt 4.30; Is 10.22; Jr 3.14; 22.10).

(Sl 5.4), mas permite o sofrimento que o mal traz ao mundo (Jó 1; Rm 6.23). Por esse processo, aqueles que não se arrependem são punidos, os pecadores são estimulados a arrependerem-se (v. 5), e os justos são purificados (Tg 1.2-4).

**14.5** — *Apanhar a casa de Israel no seu coração*. Essas palavras declaram o propósito de Deus de restaurar o povo (Pv 3.12; Ap 3.19), ao permitir que o pecado produzisse suas funestas consequências.

**14.6,7** — Qualquer tipo de idolatria era condenado, quer fosse praticado por israelitas (membros do povo escolhido por Deus) ou por *estrangeiros* (gentios) que estivessem vivendo em Israel. Pessoas de qualquer cultura que recebessem revelações específicas a respeito de Deus eram consideradas responsáveis pela maneira como reagiam à verdade.

14.8 — Os ídólatras que não se arrependessem seriam separados não apenas de Deus, mas também do povo de Deus (Ez 13.9). Essa experiência seria *um sinal* sobre como o Senhor honrava Sua promessa de punir a desobediência com maldições (Lv 20.1-7).

14.9-11 — A ligação entre a soberania de Deus e a responsabilidade dos seres humanos está implícita nesses versículos. O Senhor permite que as revelações mentirosas, anunciadas pelos falsos profetas, tenham continuidade por propósitos que apenas Ele conhece, mas o pseudo profeta terá de prestar contas pelo conteúdo de suas mensagens. Esses falsos profetas israelitas deliberadamente ignoravam a verdade e misturavam-na com falsidades. Sua punição seria a mesma *do que pergunta* (os anciãos). Entretanto, caso se convertessem, estariam sujeitos ao plano redentor divino (v. 5).

14.12-20 — A infidelidade de Jerusalém era tão ofensiva a Deus que a presença de gigantes espirituais [como Noé, Jô e Daniel em Jerusalém] não poderia impedir o juízo divino sobre a cidade, que acarretaria a morte de muitos judeus pela fome, pelo ataque de animais selvagens, pelas invasões militares (*espada*) ou por doenças (*peste*).

Noé, Daniel e Jô. Compare-se com Jeremias 15.1, onde os nomes de Moisés e Samuel são invocados de maneira semelhante. Nessa lista, a citação do nome de Daniel parece estranha, pois este não era um patriarca, como Noé e Jô, e sim um contemporâneo de Ezequiel, que estava entre os primeiros líderes israelitas deportados para a

Babilônia (Dn 1), um reino cujos grandes feitos ainda estavam para ser manifestos.

A grafia do nome de Daniel, em hebraico, no livro de Ezequiel é *Dan-El*, em vez de *Daniel*, levantando dúvidas se o profeta estaria referindo-se a outro indivíduo. Isso porque existem alguns relatos preservados sobre um herói da Antiguidade chamado *Dan-El*, porém este era um adorador de Baal; logo não poderia ser considerado um justo, de acordo com os padrões divinos, ressaltados por Ezequiel. É possível que os primeiros ouvintes da mensagem de Ezequiel estivessem familiarizados com outro *Dan-El* temente a Deus que desconhecemos [ou se trate do mesmo Daniel que escreveu o texto que recebeu seu nome e compõe o AT].

14.21 — Esses juízos, embora proclamados hipoteticamente até o momento, realmente sobreviriam a *Jerusalém* (Lv 26.22-26).

14.22,23 — *Alguns seriam levados para fora*. Quando os exilados observassem *o seu caminho e os seus feitos* — ou seja, suas atitudes malignas, seriam lembrados a respeito da justiça e da graça de Deus. Esse é um modo notável para se falar do remanescente. Originalmente, o conceito dizia respeito aos justos. Aqui é usado como uma amostra do povo ímpio, cujos atos justificavam as ações de Deus em Seu julgamento soberano: *não fiz sem razão tudo quanto tenho feito nela*.

15.1-5 — *A madeira da videira é considerada inútil*. Diferente de uma oliveira, cujo tronco e cujos ramos são usados como lenha, a videira só serve para produzir uvas. O uso regular da



## APLICAÇÃO

### OCULTANDO SEGREDOS

Algumas pessoas se esforçam bastante para esconder suas origens. Sentem-se envergonhadas a respeito de certos detalhes de seu passado que consideram segredos bem guardados sobre fatos desagradáveis, que elas pensam poder prejudicar sua reputação, caso venham a público. Deus repreendeu o povo de Jerusalém e os habitantes do território ao redor revelando três segredos a respeito do passado dos israelitas que ilustravam a atitude orgulhosa do povo. O Senhor afirmou que eles: 1) eram descendentes de cananeus (Ez 16.3); 2) foram abandonados após o nascimento (Ez 16.4, 5); 3) foram adotados (Ez 16.6,7).

Os fatos humilhantes sobre o passado de Jerusalém não são muito diferentes dos segredos de qualquer cristão dos dias de hoje. Nós também não fazíamos parte da família de Deus ao nascer; já estivemos afastados de Sua graça e fomos adotados pelo Senhor. Portanto, também necessitamos avaliar nossa vida e considerar se temos vivido com humildade e gratidão, honrando o Senhor com nossas atitudes e nosso comportamento. Do contrário, podemos duvidar se realmente pertencemos a Ele.

ilustração da videira na Bíblia (Sl 80.8-19; Is 5.1-7; Jo 15) demonstra a importância do cultivo de uvas em Israel.

**15.6-8** — Neste caso, a videira representa os israelitas que permaneceram em Jerusalém (Sl 80.8-19; Is 5.1-7). Deus havia designado o povo de Israel para um propósito específico: glorificar o Seu nome vivendo de maneira fiel à aliança e torná-lo conhecido das nações. Em vez disso, Israel se tornara como seus vizinhos pagãos. Os israelitas *grandemente prevaricaram* e fracassaram em confiar no poder de Deus.

Jerusalém, e consequentemente toda a nação, não havia enfrentado o exílio anteriormente, mas agora seria disciplinada com outro *fogo*. Isso se refere a uma destruição adicional e à deportação realizada por Nabucodonosor, cujos exércitos devastaram Jerusalém em 586 a.C. (Ez 7.23-27). O povo de Judá já havia sofrido duas deportações para a Babilônia, em 605 e 597 a.C.

**16.1,2** — *Faze conhecer a Jerusalém as suas abominações*. O vocábulo hebraico traduzido como *abominações* alude àquilo que nos torna doentes fisicamente. O que segue é uma descrição sobre a terrível história dessa cidade, destinada a ensinar ao povo a verdadeira natureza de seu caráter aos olhos de Deus.

**16.3** — *Teu pai era amorreu, e a tua mãe, hetéia*. Estas palavras fortes fazem referência às origens culturais e morais de Jerusalém. A antiga Canaã era habitada por povos semíticos e não semíticos. Os amorreus e os heteus são associados nas Escrituras com o território montanhoso ao sul, onde Jerusalém estava localizada (Nm 13.29). O profeta mostra que povos sem descendência israelita fundaram a cidade. Os jebuseus a controlavam quando os israelitas entraram na terra sob o comando de Josué (Js 15.8,63). Israel só obteve o controle pleno da cidade quando Davi a conquistou (2 Sm 5.6,7).

**16.4,5** — Passar sal no corpo dos recém-nascidos era um ato costumeiro na Palestina. Ao cuidar de um bebê durante seus primeiros dias de vida, os pais e os membros da sociedade em geral “tomavam posse” da criança mediante procedimentos tradicionais, tais como a esfregação de

sal. Escolher o nome do bebê também era extremamente importante. Em Israel, Deus “tomava posse” dos primogênitos do sexo masculino no oitavo dia de vida, por meio da circuncisão.

Nestes versículos, o Senhor lembra Jerusalém de que havia resgatado o povo, que se tornara como um recém-nascido abandonado, sujo, impuro (*nem tampouco foste esfregada com sal*) e exposto às intempéries para morrer. Fora Deus quem concedera glória à cidade.

**16.6** — Em contraste ao desdém de Israel — que levou à desobediência e à idolatria (Jz 1;2) —, Deus desejava que a nação *vivesse*, pois Ele havia proposto e planejado transmitir Sua vida e Sua glória aos judeus.

**16.7-9** — *Avultaram os seios*. A cidade é comparada a uma jovem mulher graciosa e madura. Todavia, Jerusalém esteve *nua e descoberta* até que Deus a “cobriu” com Sua aliança. Isso teve início quando Davi levou a arca do concerto para a cidade e o Senhor estabeleceu um pacto com ele (2 Sm 6.1—7.17; Sl 132). Desde então, Jerusalém passou a ser a habitação do Altíssimo (2 Sm 7.12-17; 1 Rs 5;6).

**16.10-14** — Os adornos listados nestes versículos são presentes do noivo para a noiva. De modo figurativo, expressam a beleza e a riqueza que Deus deu a Jerusalém durante o reinado de Salomão. O significado exato do termo *pele de texugo* em hebraico é desconhecido, mas refere-se a um tipo de couro fino. Uma possibilidade é *pele de golfinho*. A ideia é que Deus cobriu Jerusalém com os tecidos mais refinados que existiam.

Durante o reinado de Davi e de Salomão, Jerusalém alcançou uma posição de importância como a capital de uma nação rica em sabedoria e recursos (1 Rs 10.23). Entretanto, isso aconteceu apenas porque Deus agira. Quanto ao termo *perfeita*, não é mencionado nesta passagem com o sentido moral, mas com a ideia de *completa, terminada*.

**16.15** — *Confiaste na tua formosura*. O povo de Deus é acusado de esquecer que sua fama e sua fortuna eram dons concedidos pelo Senhor, e não fruto de suas próprias obras (v. 14). Os israelitas confiavam em si mesmos e em seus dons, em vez

de em Deus. Eles acreditavam que sua riqueza e sua saúde materiais como nação demonstravam a aprovação do Senhor no que diz respeito à sua vida espiritual, embora estivessem tornando-se espiritualmente corruptos.

Salomão, que ocupava o trono quando Israel alcançou o ápice de seu poderio e de sua prosperidade, é um exemplo notável (Ec 2.1-11). O verbo *prostituías-te* se refere à prostituição espiritual — a idolatria e a crença em falsos deuses. A metáfora é marcante, porque a adoração a essas divindades geralmente envolvia conduta sexual imprópria (v. 16; Os 4.11-19) e outros atos imorais (v. 20-22).

**16.16-21** — Estes versículos mencionam atos específicos de idolatria realizados pelo povo espiritualmente infiel em Jerusalém e Judá. Os rituais pagãos da Mesopotâmia e de Canaã são citados. A infidelidade dos israelitas a Deus consistia em: (1) construir altares a ídolos e decorar os *lugares altos* (1 Rs 11.7,8); (2) fabricar *imagens de homens* (estátuas fálicas ou sexualmente pervertidas) com o *ouro* e a *prata* que Deus havia concedido; (3) entregar a esses falsos deuses o que pertencia apenas ao Deus verdadeiro; e (4) praticar sacrifícios humanos para supostamente agradar a essas divindades (2 Rs 16.1-4).

**16.19** — *E o meu pão que te dei [...] puseste diante delas.* Esta acusação é uma negação explícita ao baalismo. Baal era o deus cananeu da fertilidade. Seus seguidores acreditavam que ele fornecia os cereais colhidos nos campos, os filhotes no rebanho e até mesmo os filhos após o casamento. Os israelitas se esqueceram de que Deus, e não Baal, os havia *sustentado*.

**16.20-22** — Os israelitas *não se lembravam* do quanto Deus havia feito por eles desde que os resgatara de uma condição imunda, deplorável e moribunda (v. 1-14).

**16.23-26** — O Egito é chamado de *vizinho de grandes membros* porque a nação desejava fazer alianças com Israel, que *se prostituía* por eventualmente devolver o favor (1 Rs 10.28; 2 Rs 17.4; 18.21; Os 7.11).

**16.27-29** — Os reis de Jerusalém buscaram alianças políticas com a Assíria (2 Rs 15.17-20)

e a Babilônia (2 Rs 20.12-19), em vez de confiar apenas em Deus para sua proteção. Provavelmente uma parte das cerimônias de confirmação dos tratados consistia em adorar os deuses da outra nação. Ao agir assim, Israel estava violando o primeiro mandamento.

Na verdade, o rei Acaz chegou a substituir o altar de bronze no templo em Jerusalém por uma cópia de um altar assírio (2 Rs 16.5-18). Dessa maneira, as alianças estrangeiras fizeram com que os israelitas se afastassem do Senhor. Por causa disso, Deus julgou a cidade e permitiu que Senaqueribe entregasse parte das terras de Jerusalém aos filisteus (2 Cr 21.16,17).

**16.30-34** — Jerusalém é acusada de ser mais parecida com uma *mulher adúltera* do que com uma prostituta. O Senhor a considerava pior do que as meretrizes comuns porque, em vez de receber pagamento por serviços prestados, procurava *estranhos* (nações estrangeiras) e *presenteava-os* para desfrutarem o privilégio.

**16.35,36** — Jerusalém estava imunda espiritualmente, pois a cidade havia se corrompido pela adoração a ídolos estrangeiros e pela prática de infanticídio (v. 20,21; Dt 12.29-32).

**16.37-43** — Como resultado de seu pecado (comparado à prostituição, v. 25-30), Jerusalém seria punida. Deus usaria os *amantes* estrangeiros para expor a hipocrisia da cidade e transformá-la em vergonha internacional (*descobrirei a tua nudez*). De acordo com a Lei, o adultério devia ser punido com a morte (Lv 20.10). O povo merecia perecer, porque havia cometido adultério espiritual e assassinado seus próprios filhos, oferecendo-os em sacrifícios.

A cidade seria saqueada e queimada, e os habitantes seriam mortos. As riquezas materiais obtidas como resultado do favor de Deus (v. 8) seriam perdidas. Tudo isso culminaria na invasão dos babilônios, em 586 a.C., liderada por Nabucodonosor.

Durante o cativeiro, Israel abandonaria a idolatria e o politeísmo, como Ezequiel havia predito. A ira de Deus contra o pecado do povo seria aplacada. O amor e a lealdade do Senhor para com os israelitas continuariam, pois deles seriam

desviados os Seus *ciúmes*, ainda que tivessem sido infiéis e houvessem desprezado a graça de Deus.

**16.44-47** — Essa alegoria descreve Jerusalém como a irmã de duas cidades: *Samaria* e *Sodoma*. As três foram apresentadas como as típicas descendentes das culturas religiosa e moralmente corruptas de Canaã (v. 3). Portanto, o provérbio *qual a mãe, tal é a sua filha* se aplicava a Jerusalém. A condenação da mãe (os heteus) e das irmãs (Samaria e Sodoma) por terem *nojo de seu marido e de seus filhos* é difícil de explicar. Provavelmente se refere à idolatria, sendo que Deus é o marido odiado (Os 2.16), e ao infanticídio.

Sodoma já não existia nessa época — seu mal havia sido tão grande que Deus varrera a cidade da face da terra (Gn 19.24,25). Samaria, capital do Reino do Norte, já havia enfrentado destruição e exílio (2 Rs 17.5,6). Jerusalém, a cidade de Deus, havia se tornado mais corrupta do que Sodoma e Samaria. Obviamente essa passagem enfatiza a grande pecaminosidade do povo e a certeza de punição. *Irmã de tuas irmãs* é uma declaração superlativa como *Rei dos reis*, significando *o maior dos reis*. Portanto, com essa expressão, Jerusalém é descrita como a irmã mais envolvida com a corrupção cananeia.

**16.48-52** — Ezequiel cita os pecados pelos quais as cidades de Sodoma e Samaria eram conhecidas. Jerusalém é considerada ainda mais culpada — as outras cidades malignas *não cometeram metade* dos *pecados* de Jerusalém. Pecados espirituais, morais e sociais são mencionados. Jerusalém *justificava* as outras cidades porque, quando comparadas com a capital, eram menos depravadas.

**16.53-59** — Assim como Jerusalém havia escarnecido de Sodoma de maneira arrogante, também seria desprezada pela Síria e pela Filístia. Ela experimentaria esperança e humilhação, porque, quando o povo retornasse do cativeiro, ele o faria com indivíduos que considerava ímpios. Embora houvesse a promessa de restauração, o povo ainda teria de pagar por seus pecados vivendo no exílio. Essa punição era coerente com as promessas de Deus de retribuir a desobediência com maldições específicas (Êz 4.16,17;5.8-17).

A Síria é chamada de Edom em algumas traduções, porque esse título alternativo é utilizado na versão Siríaca e em muitos manuscritos hebraicos. Historicamente, a Síria (ou a antiga nação de Arã) não existia mais. Portanto, não poderia ridicularizar os exilados nos dias de Ezequiel. O povo desprezara o *juramento, quebrantando o concerto* que Deus havia realizado com Moisés, e receberia a punição pela desobediência prescrita na aliança (Êx 24; Lv 26; Dt 28;29). As bênçãos e as maldições dependiam respectivamente da obediência e da desobediência de Israel.

**16.60-63** — *Contudo*. Apesar da desobediência de Israel à aliança mosaica e da punição resultante (v. 59), a aliança com Abraão — *meu concerto* — ainda seria honrada: *eu me lembrarei*. Seu cumprimento não dependia da fidelidade do povo; Deus havia feito a promessa e iria cumpri-la (Gn 15;17.7,8; Lv 26.40-45; Sl 145.13; Fp 1.6).

O *concerto eterno* havia sido firmado com Abraão antes mesmo que a nação dos hebreus existisse. Esse concerto seria lembrado e restabelecido com os judeus exilados. Naquela época, o povo de Deus ficaria envergonhado ao perceber o contraste entre sua infidelidade e a fidelidade de Deus, e o fato de estar sendo exaltado sobre povos que tinham cometido pecados menos graves — Sodoma e Samaria.

O povo dessas outras nações pecaminosas também herdaria parte da terra, mas apenas pela graça de Deus, pois não havia participado do mesmo tipo de aliança. Ademais, o Senhor se *reconciliaria* com os israelitas por meio da nova aliança (Jr 31.31-40), que apontava para a cruz de Cristo.

**17.1-21** — Nesta seção, o Senhor afirma que o caminho dos reis e do povo está em Suas mãos.

**17.1,2** — Os vocábulos hebraicos traduzidos como *enigma* (ARA) e *parábola* podem ser utilizados para falar de uma alegoria. A *parábola* se refere basicamente a uma comparação entre duas coisas. O *enigma* às vezes era utilizado em disputas políticas e em competições de raciocínio entre reis, nas quais o perdedor se submetia ao vencedor e era morto. Alguns teólogos sugerem que a *parábola* mencionada nestes versículos consistiu



## EM FOCO

REBELDE (HB. *MERYI*)

(Ez 2.5-8; 3.9; 12.2; Is 30.9)

Esse substantivo hebraico deriva de uma raiz verbal que significa *resistir à autoridade* ou *contender* (Dt 1.26; Jr 4.17; Ne 9.26) e descreve uma pessoa se opondo a uma figura de autoridade por causa de seu orgulho (Dt 21.18); logo, tem um sentido mais comum de desobediência (1Rs 13.21).

Ezequiel identificou Israel muitas vezes como uma casa rebelde, significando que o povo insistia na desobediência, recusando-se a dar ouvidos à Palavra de Deus (Ez 2.5-8). O profeta se dirigia a pessoas insatisfeitas com a autoridade divina (Ez 3.9). Samuel afirmou que esse tipo de rebeldia igualava-se à bruxaria (1Sm 15.23).

numa disputa proposta por Deus a Zedequias, rei de Judá.

**17.3-10** — Essa alegoria enfoca um ponto principal e vem seguida de uma explicação para direcionar o leitor (v. 11-21). Com base nos versículos 11-21, a *grande águia* é o rei da Babilônia (v. 12); o *Líbano* simboliza Canaã, da qual Jerusalém (v. 12) era a principal cidade; o *mais alto ramo* é o rei de Jerusalém e de Judá (v. 12); a *ponta mais alta dos seus ramos* representa os nobres de Judá (v. 12); a *terra de mercancia* é a Babilônia (v. 12); a *semente* é um membro da família real (v. 13); o *campo de semente* é a terra onde os descendentes reais governariam (v. 13,14); a outra *grande águia* é o rei do Egito (v. 15); e a *videira* é o remanescente e o governante deixados em Judá. Esse remanescente não conseguiu prosperar, porque fez um acordo com o faraó egípcio. Como resultado, até o remanescente foi morto e dispersado pelo exército babilônico (v. 15-21).

**17.11-21** — Como Ezequiel havia pregado a respeito das abominações de Jerusalém (cap. 16), provavelmente os israelitas estavam acusando Deus de agir de maneira injusta ao puni-los naqueles dias. Ezequiel demonstra que os pecados do presente e do passado confirmam que as ações de Deus são justas.

Nesta seção, o SENHOR explica os motivos por que usaria a Babilônia para castigar Judá. A profecia prediz que: (1) Nabucodonosor capturaria Joaquim e os príncipes de Jerusalém e os levaria para a Babilônia (v. 12); (2) Zedequias, tio de Joaquim, seria declarado governante do remanescente judeu como resultado de uma aliança política

com Nabucodonosor, entretanto isso atrapalharia o desenvolvimento da nação (v. 13,14); (3) Zedequias se rebelaria contra a Babilônia e contra Deus firmando um tratado com o Egito (588 a.C.), ocasionando derrota e morte inesperadas (v. 15,16; Is 30.1-5); e (4) Zedequias não seria protegido pelo Egito, e sim punido por intermédio da Babilônia de acordo com as determinações da aliança mosaica: morte, destruição e dispersão (v. 17-21; 12.13,14). O relato detalhado desses eventos históricos está em 2 Reis 24, 2 Crônicas 36 e Jeremias 37;52.

**17.22** — Em hebraico, a expressão *eu tomarei* é enfática: *Eu próprio tomarei*. Em contraste com os reis humanos, Deus declarou que Ele mesmo tomaria, plantaria e daria destaque ao *mais tenro*, ou seja, a um ramo ou broto. Ramos de cedro simbolizam os governantes no trono davídico (Ez 17.3,4,12,13), e, em outras passagens, a linhagem dos descendentes de Davi que levariam ao Messias (2 Sm 7.16; Is 11.1-5; Jr 22.24-30; 23.1-6; Zc 6.9-13; Mt 1.1-17).

Embora não sejam diretamente messiânicos em seu intento, os versículos 22-24 têm fortes implicações messiânicas. Portanto, com referência à humanidade de Cristo, descobrimos um novo título para o Salvador: Ele é o *mais tenro*.

**17.23,24** — A restauração realizada sob o comando de Zorobabel cumpriu essa promessa. Entretanto, como geralmente ocorre em profecias bíblicas, o cumprimento maior ainda estaria por vir no reinado do Rei Salvador. O estabelecimento do ramo de cedro, o Messias, sobre Israel tornaria a nação um *cedro excelente*, onde diversos



povos viveriam em união e harmonia. *Todas as árvores do campo* aludem a todos os povos, que perceberiam que o SENHOR é o Deus soberano e que realiza o que afirmou anteriormente.

**18.1-3** — O vocábulo hebraico (Ec 10.10) traduzido como *embotaram* significa *estragar*, todavia pode referir-se a algo azedo. A ideia principal do *provérbio* é clara: os filhos são afetados pelas escolhas dos pais assim como comer uvas azedas produz um gosto amargo na boca. No entanto, o povo estava interpretando e aplicando esse provérbio de modo incorreto. Portanto, Deus afirmou que não mais usaria essa expressão.

**18.4** — As doutrinas e atitudes problemáticas dos exilados se tornaram evidentes a partir do ensino corretivo de Deus. Aparentemente os exilados estavam desesperados e tinham uma postura fatalista para com declarações como o provérbio citado no versículo 2 (também em Ez 16.44) e com Escrituras relacionadas (Êx 20.5; 34.6,7; Dt 5.9). A crença errônea era que o povo estava sendo punido pelos pecados de gerações

anteriores. Seus erros consistiam em terem se tornado insensíveis e irresponsáveis, pois pensavam que o castigo viria independente do que tivessem feito.

A resposta de Deus lembrou a todos que sempre acontecera o contrário: apenas o indivíduo *que pecar morrerá*. Neste versículo, as consequências físicas, isto é, os resultados naturais de um comportamento pecaminoso são mencionados (Ez 3.16-21; 33.12-20; Dt 30.15-20).

**18.5-9** — Um justo — o pai ou a primeira geração — faz *juízo*. Ele age de modo moralmente correto, de acordo com a Lei de Moisés. Não toma parte nos seguintes pecados: (1) refeições cerimoniais idólatras; (2) conduta sexual imprópria; (3) maus-tratos aos pobres; (4) roubo; ou (5) *usura*, a cobrança de juros em dívidas acumuladas por hebreus (Dt 23.20). Sua recompensa é a vida (Êx 20; Lv 18.1-5; Dt 5;11).

No Israel antigo, a intimidade sexual enquanto a mulher estivesse menstruada, *na sua separação*, era proibida. O Antigo Testamento não



## APROFUNDE-SE

### PRESTAÇÃO DE CONTAS

Às vezes, advertências são transformadas em desculpas. O povo dos dias de Ezequiel, sofrendo com as consequências de um histórico de rebeldia contra Deus, achava mais fácil culpar seus ancestrais pelo pecado do que assumir a responsabilidade por suas próprias ofensas.

Podemos compreender a situação desses judeus exilados. Suas circunstâncias imediatas traziam pouca esperança. Eles haviam recebido notícias na Babilônia a respeito da queda e da destruição de Jerusalém. Seus planos de retornar à Terra Prometida se desvaneceriam pelas descrições sobre a devastação que ocorreria. O castigo advindo do juízo de Deus parecia impossível de ser revertido em bem. Era muito mais fácil afundar no pessimismo.

O provérbio a respeito das uvas azedas e dos dentes embotados (Ez 18.2) tornou-se uma ilustração do ressentimento do povo. Em vez de examinar seu próprio comportamento perante Deus, os israelitas procuravam justificativas para seus pecados, culpando seus antepassados.

A lei de causa e efeito pode ser bastante óbvia, mas a relação exata entre as causas e os efeitos às vezes não é tão clara. O pecado sempre traz consequências. O segundo mandamento (Êx 20.4-6; Dt 5.8-10) demonstra que o pecado da idolatria (um erro que produz muitos outros) traz efeitos que podem durar por várias gerações. Todavia, Ezequiel deveria lembrar o povo de que as adversidades oriundas dos pecados de seus ancestrais não substituíam o julgamento pelos pecados de cada indivíduo. O sofrimento trazido pelas ofensas de outros não dava aos israelitas o direito de permanecer no pecado.

Deus deixou algo bem claro para Seu povo daquela época e também para nós: podemos sofrer com os erros de outras pessoas, mas seremos julgados pelos nossos próprios erros. *Eu vos julgarei, a cada um conforme os seus caminhos, ó casa de Israel* (Ez 18.30). Qual deve ser a nossa reação? *Vinde e convertei-vos de todas as vossas transgressões* (Ez 18.30). Isso produz *um coração novo e um espírito novo* (Ez 18.31). Talvez a evidência mais clara de nossa natureza humana pecaminosa seja a facilidade de culparmos outras pessoas quando, na verdade, devemos examinar-nos no íntimo e lembrar que temos de prestar contas a Deus. A mensagem divina para nós continua ressoando: *Convertei-vos, pois, e vivei* (Ez 18.32).

explica o motivo disso, mas pode estar relacionado com o papel importante do sangue na expiação de pecados (Lv 15.19-33). O ponto principal nesse trecho é que a pessoa deveria observar os padrões estabelecidos pela Lei.

**18.10-13** — Se o filho injusto (a segunda geração) de um homem justo como o descrito nos versículos 5-9 violasse e rejeitasse a Lei e a ética que definia o estilo de vida do genitor, sua punição seria a morte (v. 13,18; Rm 6.23), e *seu sangue será sobre ele*. É evidente que o sentido dessa passagem é a responsabilidade pessoal pelo pecado.

**18.14-18** — Se o neto (terceira geração) do homem justo dos versículos 5-9 decidiu espontaneamente viver de acordo com as leis de Deus, imitando seu avô justo e não seu pai pecador, ele, como o avô, *certamente viverá*, como resultado de sua própria retidão; no entanto, o pai morreria devido à própria desobediência e depravação (v. 9,13,18).

**18.19-32** — Neste trecho, Ezequiel fornece mais detalhes sobre seu ensino a respeito da responsabilidade individual pelo pecado. Ele responde a determinadas questões que demonstravam o que seus ouvintes estavam pensando sobre a mensagem anterior. A reação de Deus a essas perguntas, por intermédio de Ezequiel, em parte, também é composta de perguntas.

*Viverá e morrerá* se referem à morte física e não à eterna, uma vez que essa passagem está relacionada com os padrões e ditames da aliança mosaica (Ez 16.6; Lv 18.5; Dt 30.15-20; 2 Pe 3.9). Todos serão julgados individualmente e com justiça. Deus nunca se alegra em condenar alguém, por

isso declara *convertei-vos, pois, e vivei*. No entanto, Ele é justo em dispensar Seu julgamento.

**19.1** — Os *príncipes* eram os reis de Judá. Provavelmente Ezequiel voltou sua atenção a esses reis porque acabara de falar (no cap. 18) sobre o relacionamento entre pais (líderes) e filhos (liderados), e sobre os pecados cometidos em Judá por pessoas em posição de autoridade.

**19.2-10** — É provável que a *leoa* e a *videira na tua quietação* (v. 10) representassem a nação de Israel, uma vez que ambas eram mães de reis — os *filhotes* e os *ramos*. A ilustração da videira e da leoa são símbolos comuns da realeza e da nação hebraica (Ez 15.1-6; 17.1-10; Gn 49.9; Nm 23.24; Sl 80.8-16; Is 5.1-7; Mq 5.8).

O primeiro filhote trazido *com ganchos à terra do Egito* foi Joacaz, capturado e aprisionado pelo faraó Neco em 609 a.C. (2 Rs 23.31-34; 2 Cr 36.1-4). O segundo filhote *apanhado na sua cova* foi o terrível Joaquim, que propagou falsas esperanças de restauração e foi levado cativo pelo *rei da Babilônia* (Nabucodonosor) em 597 a.C. (2 Rs 25.27-30; 2 Cr 36.9,10).

**19.10-14** — Estes versículos mencionam o período monárquico produtivo do passado, mas enfocam as adversidades presentes e o julgamento prometido. Naquela época, Judá já havia sofrido duas invasões da Babilônia, chamada neste trecho de *vento oriental* (Ez 15.1-8; 19.5-9). Ezequiel e os outros exilados estavam vivendo naquele território desértico. Nem o rei Zedequias, que ocupava o trono na época (a *vara dos seus ramos*), nem outros líderes estavam capacitados para governar. Os líderes de Judá eram responsáveis pela terrível condição da nação (Jr 22.10-13).



## EM FOCO

### LAMENTAÇÃO (HB. QIYNAH)

(Ez 19.1, 14; 2Sm 1.17; Jr 9.10)

Esse substantivo hebraico refere-se a um tipo de canção poética de métrica bastante própria, um *réquiem* entoado para expressar tristeza pela morte de alguém. Ele deriva de um verbo hebraico que significa *entoar uma canção de lamento* (2Sm 1.17). Tais músicas deveriam ser cantadas durante os ritos funerários. O emprego desse vocábulo por parte do profeta tinha a intenção de sugerir a morte iminente de Israel e de outras nações por causa da inevitável condenação que os pecados delas haviam acarretado (Am 5.1).

A origem direta da rebelião e a causa do julgamento iminente eram Zedequias, que seria deportado quando Jerusalém fosse destruída em 586 a.C. (2 Rs 24;25). Para todos os que apreciavam as promessas da aliança focados na adoração a Deus em Jerusalém, qualquer outra alternativa seria o mesmo que viver no *deserto, numa terra seca e sedenta*.

**20.1** — *No sétimo ano, no mês quinto, aos dez do mês*. Esta nota cronológica sugere uma data, em 591 a.C., que corresponde ao período entre julho e agosto do nosso calendário, bem como introduz uma nova seção e série de mensagens (Ez 8.1, que se deu 11 meses antes). O contexto político dessa profecia era a tolice e o envolvimento pecaminoso de Zedequias com o Egito contra a Babilônia, na esperança de livrar-se dos ataques de Nabucodonosor. O contexto social apresenta os anciãos exilados indo até Ezequiel para buscar uma explicação divina para os eventos. Eles desejavam saber se o Egito salvaria Judá dos babilônios.

**20.2-4** — Deus explica a Ezequiel que os anciãos de Israel (v. 1) haviam perdido qualquer direito de inquiri-lo devido às *abominações de seus pais*. Todo o povo era responsável por seus pecados, e isso não significava que esses hebreus estivessem pagando pelos erros de seus ancestrais. Em vez disso, a atual geração de israelitas no exílio vinha demonstrando claramente seu fracasso em aprender lições práticas a partir da história, portanto estava fadada a repetir os mesmos erros.

Esses líderes levaram muitos questionamentos a Deus, mas as perguntas eram tolas e demonstravam a pecaminosidade do povo. Eles não percebiam as inconsistências entre o que perguntavam, suas práticas anteriores e as promessas e princípios revelados por Deus. Neste capítulo, o Senhor faz uma revisão do passado dos israelitas.

**20.5-9** — No Egito, Deus prometeu transformar o povo hebreu em uma nação (v. 5) e levá-lo a um território específico (v. 6), no qual teria de obedecer à Lei (v. 7) de acordo com a aliança mosaica realizada no Sinai no caminho entre o Egito e Canaã. Todavia, os israelitas se rebelaram

seguindo falsos deuses; assim, o Senhor os julgou prolongando o cativeiro (v. 8) no Egito, que durou mais de 400 anos. Então, Deus os libertou, como havia prometido (v. 9; Gn 15.13-16).

**20.5,6** — *Escolhi a Israel*. Esta é a única ocasião em que Ezequiel faz uso desse verbo eletivo. Ele descreve a seleção soberana de Israel para os propósitos eternos e terrenos do Senhor. A ilustração expressa na sentença *levantei a mão* se refere aos votos incondicionais feitos por Deus a Abraão e posteriormente renovados com a nação que Ele formou no Egito a partir dos descendentes desse patriarca (v. 9). O fato de Deus *levantar a mão* revela Sua determinação em manter a promessa da aliança.

**20.7** — *Abominações*. Em outros trechos de Ezequiel esse termo hebraico é traduzido como *coisas detestáveis*. Veja Ezequiel 11.18.

**20.8** — *Os ídolos do Egito [...] no meio da terra do Egito*. Neste versículo Deus fala a respeito de algo que não foi explicado no livro de Êxodo: os israelitas se envolveram com a idolatria dos egípcios durante o tempo que passaram no Egito. Embora não seja citado em nenhum outro trecho, havia a ameaça de retribuição divina contra o povo antes do período do êxodo (mencionado no v. 10).

**20.9** — *Fiz [...] por amor do meu nome*. Deus justificou Sua graça, Seu poder e Sua confiabilidade perante os egípcios cumprindo as promessas de derrotar o Egito e libertar Seu povo, ainda que este se mostrasse desobediente (pois deveria adorar somente a Deus). Para conferir mais versículos sobre o Senhor defendendo Seu nome e Sua honra, veja Isaías 48.9-11 (compare 2 Tm 2.13).

**20.10,11** — Após a libertação do cativeiro no Egito, Deus começou a santificar os israelitas revelando-lhes Seu código de leis e realizando uma aliança com eles. A declaração *cumprindo os o homem, viverá* não significa que a salvação eterna pode ser alcançada por meio de boas obras, mas sim que a qualidade da vida física e espiritual do crente neste mundo está relacionada com sua obediência ao Deus vivo. Os *estatutos* e os *juízos* do Senhor foram entregues ao Seu povo como um meio de preservar a caminhada



## APLICAÇÃO

### A REPUTAÇÃO DIVINA EM JOGO

Como Deus se revela às nações e aos povos do mundo? Além do testemunho das Escrituras e da vida e da obra de Jesus Cristo, a principal maneira de Deus agir é por intermédio do povo que o busca e vive como o Senhor o instruiu. Essas pessoas são *luz do mundo*, e suas boas obras iluminam o caminho até o Senhor (Mt 5.14-16).

Isso significa que a reputação de Deus está em jogo no que diz respeito à maneira como Seu povo vive. Isso com certeza também se aplicava ao Israel da Antiguidade. O Senhor fez uma aliança com os israelitas para que eles se tornassem Seu povo (Ez 20.5.6). No entanto, antes mesmo que eles chegassem à Terra Prometida, por três vezes abandonaram esse compromisso e adoraram os ídolos que haviam aprendido a servir no Egito. Em cada uma dessas vezes, Deus ameaçou derramar Sua ira sobre o povo (Ez 20.8,13,21), mas poupou os israelitas por um único motivo: o Senhor desejava que o restante das nações soubesse quem Ele é (Ez 20.9,14,22). Caso Israel fosse destruído, os povos pagãos perderiam uma testemunha a respeito do Deus vivo.

Moisés mencionou isso no monte Sinai, quando o Senhor sugeriu a possibilidade de Ele destruir os israelitas idólatras e começar uma nova nação a partir de Moisés. Este argumentou que, assim, os egípcios e outras nações não compreenderiam o propósito do Senhor ao retirar os hebreus do Egito (Êx 32.9-14).

Observando esse relato, os crentes dos dias de hoje precisam pensar a respeito de sua reputação e avaliar se sua vida glorifica ao Senhor. Por acaso as pessoas são atraídas a Deus, ou repelidas, por nosso comportamento? Temos sido agradáveis para com nossos semelhantes? Os incrédulos dão glória a Deus por causa daquilo que nos vemos fazer e dizer?

espiritual dos israelitas com Ele, e não como um modo de garantir sua salvação.

**20.12-19** — O versículo 12, que fala sobre os *sábados* do Senhor, é um texto importante (ênfático novamente no v. 20) para a compreensão do *Shabat*. Sábado em hebraico significa *descanso*. Em outras palavras, era um dia para interromper todas as atividades diárias, como é claramente explicado em Êxodo 20.8-11 e em Deuteronômio 5.12-15. Essa passagem revela o propósito do sábado: ele deveria servir como um *signal* ou um símbolo marcante da aliança entre Deus e Seu povo, Israel.

**20.20-26** — O verbo hebraico *santificai* significa *tratar como santo, observar como distinto e consagrar*. Deus ordenou que Seus *sábados* fossem sempre santificados por Seu povo — distintos e separados dos dias comuns.

**20.27** — Durante a conquista e o estabelecimento de Canaã (o período descrito em Josué e Juízes), Israel herdou a Terra Prometida. Todavia, outra vez o povo de Deus se mostrou obstinado e foi acusado de deslealdade e blasfêmias porque servia a falsos deuses (Nm 15.30,31).

**20.28,29** — Os termos *outeiro alto* e *árvore frondosa* se referem a locais onde havia altares

para adoração idólatra em Canaã. Muitos dos exilados haviam visitado tais lugares anteriormente, e vários dos habitantes de Judá ainda o faziam. O nome *Bamá* é uma transliteração do vocábulo hebraico para *lugar alto* (Ez 16.15-34).

**20.30** — Os tempos verbais de *contaminais* e *prostituíds* destacam a situação contínua e permanente da desobediência e deslealdade de Israel.

**20.31,32** — *Como as nações*. Escolhido para ser um povo separado do pecado e do modo de vida secular — um instrumento especial para revelar a glória de Deus —, Israel insistia em identificar-se com as nações vizinhas e em tomar parte em sua idolatria (Êx 19.5,6; Dt 17.14; 26.16-19; 31.21; 1 Sm 8.5; Sl 135.4).

**20.33-36** — O cativo em Babilônia como sentença de Deus havia começado com as deportações de 605 e 597 a.C., que continuariam com a queda de Jerusalém, em 586 a.C. No entanto, o Senhor também prometeu restaurar Judá e julgar seus inimigos com furor (Dt 4.34), uma referência à conquista da Babilônia pelos persas, em 539 a.C., aos três retornos dos judeus à terra e à reestruturação desta (de 538 a aproximadamente 330 a.C.; veja os livros de Esdras e Neemias).

Contudo, Israel novamente seria levado cativo e forçado a peregrinar entre as nações, no *deserto dos povos*. Esse trecho alude ao período de dominação romana, que começou quando Pompeu conquistou Jerusalém, em 63 a.C. As expressões *com mão forte e com braço estendido* repetem a linguagem utilizada no êxodo do Egito (Êx 7.5;15.6). A declaração *e vos tirarei* indica que a saída da Babilônia seria um segundo êxodo, celebrado profeticamente também por Isaías (Is 40.1).

**20.37,38** — *Passar debaixo da vara* é a maneira pela qual um pastor contava e controlava seu rebanho (Lv 27.32; Jr 33.13). A *vara* geralmente é um símbolo de disciplina (Sl 89.32), mas nestes versículos é um paralelo para a ideia de *vos farei entrar no vínculo do concerto*. Fala a respeito da soberania de Deus sobre Seu povo para estabelecer um relacionamento pessoal com ele. Essa ligação futura com o Senhor seria um período em que Israel se purificaria dos ídólatras (v. 39;16.15-34). Naquele tempo, o povo finalmente *saberia* que Deus é o SENHOR (Ez 16.63;36.25-38; Jr 31.31-34; Dn 12.10).

**20.39** — A ordem *ide, sirva cada um aos seus ídolos*, é irônica. O restante do versículo demonstra que Deus estava entregando o povo obstinado ao destino que este havia escolhido. O Senhor concede aos seres humanos um fim coerente com as decisões de cada indivíduo. Então, Ele fala sobre um período indeterminado no futuro quando Israel glorificaria Seu nome, ou seja, “Sua reputação” entre as nações (v. 40-44).

**20.40-45** — O Israel futuro, arrependido, renovado e novamente reunido seria caracterizado por: (1) um retorno à terra e ao sistema de sacrifícios (capítulos 40-48); (2) um conhecimento avivado e pessoal do Senhor soberano e fiel; (3) uma renúncia dos pecados anteriores; e (4) um reconhecimento de que a graça de Deus governa a história da nação, deixando o pecado e alcançando salvação. O termo *meu santo monte* é uma referência ao glorioso local de adoração em Israel — o monte Sião em Jerusalém (Sl 2.6;78.68; Is 35.10;60.14).

**20.46-49** — O *bosque do campo do Sul* se refere à terra de Judá — o Reino do Sul —, que possuía mais árvores em seu território naquela época. A expressão *desde o Sul até ao Norte* denota totalidade, significando *por toda parte*.

**21.1-5** — *O justo e o ímpio*. Este par de termos opostos demonstra que Deus permitiria que as consequências terríveis do pecado afetassem todos na terra, tanto os fiéis como os infiéis.

**21.6** — A expressão *quebrantamento dos teus lombos* sugere um forte transtorno emocional.

**21.7** — *Quando eles te disserem*, na verdade, significa *quando te perguntarem* (Ez 12.9).

**21.8-11** — O exército babilônico liderado por Nabucodonosor — a *espada* — é descrito como estando pronto e movendo-se rapidamente. Embora os versículos 9-17 sejam escritos em poesia, cada verso, que na verdade deveria ser cantado, pode ter sido limitado a esses nos versículos 9-11. Nesse contexto, as palavras *meu filho* fazem referência a Judá (*meu povo* no v. 12). Se o povo



## EM FOCO

### ABOMINAÇÃO (HB. SHIQQUTS)

(Ez 20.7, 30; Dn 12.11; Os 9.10)

Esse substantivo hebraico traduzido como *abominação* deriva do verbo que significa *detestar* (compare com Lv 7.21; 11.11). Tipicamente diz respeito a alimentos e animais considerados cerimonialmente impuros (Ez 8.10; Lv 11.23; Is 66.17). Entretanto, também pode descrever práticas detestáveis associadas à adoração a ídolos pagãos, incluindo o sacrifício de criança e rituais de prostituição (1Rs 11.5-7; 2Rs 23.13; Jr 7.30; 13.27).

Oseias observou corretamente que aqueles que têm prazer em abominações tornam-se como essas práticas impuras (Os 9.10). Entretanto, o Senhor havia chamado os israelitas para um propósito distinto e mais elevado: eles deveriam permanecer puros e santos, porque seu Deus é santo (Lv 11.45).

reagisse com *alegria*, ou satisfação, demonstraria erroneamente a crença de que tal julgamento nunca lhe sobreviria; portanto, seria lançado contra uma nação inimiga.

**21.12** — *Grita e geme [...] bate, pois, na tua coxa*. Ezequiel foi instruído a acrescentar gemidos e um gesto físico à sua mensagem musical. Naquela cultura, essas atitudes demonstravam grande tristeza (Jr 31.19).

**21.13** — Israel não passou em um teste. A *espada* feriria o povo de Deus, mais especificamente os governantes da nação (significado da palavra *vara*). Essas palavras estão baseadas no conceito messiânico de Gênesis 49.9,10 e nas promessas da aliança davídica em 2 Samuel 7. Os judeus haviam interpretado de forma errônea essas promessas pensando que sua nação nunca seria subjugada. Por causa de seu pecado, a linhagem davídica de reis seria interrompida. As falsas esperanças messiânicas relacionadas a Judá foram destruídas quando Jerusalém sucumbiu diante de Nabucodonosor, em 586 a.C. (v. 25-27).

**21.14-18** — Ezequiel foi ordenado a bater palmas (Ez 6.11). A afirmação de que *a espada até à terceira vez se dobrará* é um recurso linguístico (Pv 6.16) utilizado nesta passagem para enfatizar a extensão e a eficiência do ataque da espada (ou da Babilônia) contra Judá. A sentença *também eu baterei com as minhas mãos* descreve Deus batendo palmas com Ezequiel. O Senhor aplaudiria o fato de que até mesmo os eventos malignos podem servir aos Seus propósitos e planos (Jr 27.5).

**21.19,20** — Ezequiel foi instruído a desenhar um mapa para representar o caminho de chegada dos conquistadores. *O rei da Babilônia* é Nabucodonosor; *a mesma terra* é a Babilônia. A orientação *põe neles marcos indicadores* significa que Ezequiel deveria colocar uma sinalização numa encruzilhada da estrada que levava às principais cidades de Amom (*Rabá*) e de Judá (*Jerusalém*).

**21.21** — Três artes pagãs da antiguidade utilizadas para buscar direcionamento divino seriam usadas por Nabucodonosor para determinar que cidade atacar. A afirmação *aguará as suas flechas* indica um método de lançar sortes utilizando

flechas gravadas com nomes. Elas eram sacudidas na aljava e então lançadas ao chão como dados. Os *terafins* que seriam consultados eram ídolos domésticos (Gn 31.19; Jz 18.14; 1 Sm 19.13; Os 3.4). *Atentar nas entranhas* significa estudar o fígado dos carneiros sacrificados. Os matizes e as formas das várias partes do órgão forneciam uma resposta favorável ou desfavorável.

**21.22** — O fato de a resposta de Nabucodonosor coincidir com as promessas e predições divinas para Jerusalém não significa que aquele tipo de *adivinhação* fosse aceitável. Simplesmente demonstra que Deus permanece soberano enquanto os indivíduos são responsáveis por suas escolhas, sejam elas boas ou ruins (Gn 45.4-8; 50.20; Jó 2.10; Dn 2.20-23; 4.34-37; Rm 8.28).

**21.23,24** — Os habitantes de Judá, em seu orgulho e com uma falsa sensação de segurança por causa de seus tratados (*ajuramentados com juramentos*), poderiam concluir que o rei recebeu uma *adivinhação vã* (v. 21,22; 2 Rs 24.20). No entanto, o veredicto havia sido pronunciado: Jerusalém seria *apanhada*. Nabucodonosor serviria como instrumento divino para punir a rebeldia do povo (Ez 7.3,4).

**21.25** — *O príncipe de Israel*, Zedequias, experimentaria *a extrema maldade* ao ser capturado em 586 a.C. (Ez 7.27; 12.9,10,11-14).

**21.26,27** — *O diadema* (Êx 28.4,37-39) e a *coroa* representam os ofícios de sacerdote e rei. Ambos seriam removidos de Judá. A palavra *revés* significa *devastado* ou *arruinado* e é utilizada três vezes consecutivas no texto hebraico para reforçar a abrangência e a intensidade da destruição. Os ofícios de sacerdote e rei não retornariam até a vinda daquele *a quem pertencem de direito* — o Messias (Gn 49.10; Hb 5—7).

**21.28** — Amom ficava a oeste de Judá entre o Jaboque, ao norte, e o Arnom, ao sul. Durante o reinado de Jeoaquim (608-598 a.C.; 2 Rs 24.2), os amonitas (*filhos de Amom*) reuniram outras nações a leste do Jordão para atacar o território de Judá, em troca de proteção de Nabucodonosor. Tempos depois, durante o reinado de Zedequias (aproximadamente 593 a.C.), Amom, Moabe, Edom e outros conspiraram contra a Babilônia,

mas com falsas esperanças de receber ajuda do Egito (Jr 27.3-11).

O termo *seu desprezo* alude ao ato de os amonitas terem ridicularizado Judá e se agradado da destruição de Jerusalém, principalmente do templo (Ez 25.3,6;36.15; Ob 10-14; Sf 2.8). A *espada* que castigava pode ter sido o exército de Nabucodonosor (v. 9,10,19,20;25.4) ou os amonitas que foram levados a acreditar que participariam da derrota de Judá (v. 29).

**21.29** — Ezequiel pronunciou que as profecias amonitas sobre a vitória e a garantia de não sofrerem um destino semelhante ao de Judá eram *mentiras*. Os habitantes de Judá que foram mortos seriam reunidos aos cadáveres dos filhos de Amom.

**21.30** — [Eu] *te julgarei*. Esta é a predição de Deus para Amom e os amonitas. A maneira como isso ocorreria é o assunto dos versículos 31 e 32.

**21.31,32** — Os *homens brutais* são chamados de os *do Oriente* em Ezequiel 25.4. A queda de Jerusalém apenas significava que Judá seria julgado em primeiro lugar. Alguns habitantes de Judá buscaram refúgio em Amom (Jr 41.1-3). Deus lembrou a animosidade de Amom e predisse que aquele local *não virá em memória*. Os acontecimentos de Jeremias 41 levaram a uma campanha dos babilônios contra Amom na qual a capital Rabá foi saqueada e muitos habitantes levados para o exílio (Ez 25.1-7). Posteriormente, Amom foi invadida por árabes e sua autonomia chegou ao fim. Terminou sendo anexada ao império persa.

**22.1-5** — Estes versículos enfocam os pecados de Jerusalém, principalmente o derramamento de sangue (pecado social) como resultado da idolatria (pecado espiritual). Qualquer problema no relacionamento “vertical” com Deus inevitavelmente estimula a injustiça e provoca danos às relações “horizontais”, humanas. A declaração *fizeste chegar os teus dias* indica que a cidade estava pronta para receber o julgamento. Quando tal hipocrisia fica exposta e a punição é executada perante o mundo, o povo de Deus se torna um símbolo permanente de vergonha.

**22.6-12** — Os *príncipes* de Jerusalém haviam derramado sangue inocente (Ez 7.27;11.1;12.10;

19.1;21.13; 2 Rs 21.16;23.36,37;24.1-4,18,19). Esses líderes ímpios fizeram as seguintes atrocidades: (1) tiraram vantagem de seus parentes e dos fracos (Êx 20.12;22.21-24;23.9; Lv 19.3; Dt 24.17); (2) rejeitaram Deus e Sua aliança, privilegiando a impiedade e o tratamento desumano (Êx 20.8); (3) assassinaram inocentes por meio de calúnias (Lv 19.16); (4) preferiram as religiões idólatras e seus rituais imorais (Ez 22.1-5; Dt 12.1,2;16.21,22); (5) praticaram imoralidade sexual com *a mulher do seu próximo*, com familiares e parentes (Lv 18.6-23;20.10-21) e (6) amaram o dinheiro, fazendo uso dele para obter vantagem sobre seus conterrâneos (Ez 18.5-9; Êx 23.8; Dt 23.19,20; 24.6,10-12; Mt 6.24; 1 Tm 6.5-10).

**22.13-16** — Deus revela Seus planos contra Jerusalém e Judá. A expressão *bati as mãos* (Ez 21.14-17) demonstra grande ira. A sentença *profanada em ti mesma* se refere à profanação e à destruição de Jerusalém pelos babilônios (2 Rs 24.13;25.9,13-21).

**22.17-23** — Estes versículos falam, sobretudo, da punição de Deus aplicada ao Seu povo pecaminoso mediante a destruição de Jerusalém pelos babilônios (2 Rs 25.9). Todavia, o trecho aponta também para as provações e tribulações que nos estimulam a termos um relacionamento mais íntimo com o Senhor (v. 22; Sl 66.10; Jr 9.7; Dn 11.35;12.10; Zc 13.9; Ml 3.1-3; Tg 1.2-4).

**22.24,25** — Este trecho ecoa as promessas de Deuteronômio 28.12,24, nas quais a abundância ou a ausência de chuva na *terra* estão associadas à obediência ou à desobediência à Lei, respectivamente.

**22.26,27** — Os *sacerdotes* não serviam como exemplo, pois cultivavam um estilo de vida mundano (Êx 19.6; Lv 11.44;22.32). Alguns estavam motivados pelos lucros (Mq 3.11).

**22.28** — *Têm feito para eles reboco* provavelmente se refere aos próprios profetas. O vocábulo hebraico traduzido como *cal não adubada* significa *gesso* ou *caiação*. Esses profetas estavam envolvidos na “caiação” dos pecados dos líderes da nação (Mt 23.27; Lc 11.39). Se o trecho anterior falava dos *príncipes* (v. 27), então os sacerdotes também eram culpados de convivência com



## APLICAÇÃO

### ALGUÉM QUE SE COLOCASSE NA BRECHA

Talvez você observe algumas das tragédias ocorrendo no mundo — guerras, disputas políticas, crimes, injustiça ou indiferença, violação da ética — e pergunte-se por que não é possível encontrar pessoas capazes de apresentar uma solução para esses problemas. O Senhor fez a mesma pergunta quando observou Judá em sua iniquidade. Tendo citado os pecados do povo, Deus disse a Ezequiel que buscaria em vão por alguém que *estivesse na brecha* intercedendo junto a Ele para que o pecado do povo fosse perdoado e a ira justa do Senhor fosse aplacada (Ez 22.30). Ninguém foi achado para realizar tal tarefa.

Apenas Cristo é justo o bastante para se colocar na brecha e religar o Deus santo à humanidade pecadora (1Tm 2.5; Hb 9.15). Não fosse a ação de Jesus, nenhum de nós estaria livre de sofrer a ira divina, porque todos pecamos (Rm 3.21-26). Entretanto, pelo fato de Cristo ter sofrido o juízo divino por causa de nossos pecados, podemos ter acesso a Deus. E também podemos interceder pelos pecadores ao nosso redor, colocando-nos na "brecha", para fechar as frestas da indiferença e da opressão. Também podemos ir contra a maré maligna e contar aos outros sobre a oportunidade de conhecerem a Deus por intermédio de Cristo e podemos orar por essas pessoas.

os assassinatos. Os falsos profetas faziam a leitura do fígado de carneiros, *predizendo-lhes*, na esperança de descobrir a vontade dos deuses (Ez 13.7;21.21).

22.29 — Assim como caminham os líderes o fazem os seguidores (Ez 12.18,19). O *povo da terra* era os cidadãos comuns.

22.30,31 — *Busquei*. Deus não conseguia encontrar um líder espiritual para guiar o povo em santidade. Por que não Ezequiel? (Ez 3.17-21; 33.1-6). Um líder qualificado é inútil se o povo se recusar a segui-lo. A ilustração traduzida na frase *estivesse na brecha* representa um muro com uma parte derrubada por causa de um cerco. Se nenhum soldado se colocar na brecha para repelir o inimigo, a cidade certamente será conquistada. Deus afirma estar agindo contra Seu povo. Incapaz de encontrar alguém que, por sua vida ou pela intercessão, pudesse reverter o julgamento divino (Ez 14.13-20), o Senhor derramaria Sua *indignação* sobre a cidade.

23.1,2 — *A mesma mãe* era a nação dos hebreus, Israel. As *filhas* eram o Reino do Norte, Israel ou Samaria, e o Reino do Sul, Judá. Embora só tivessem se dividido após a morte de Salomão, essa alegoria fala do período posterior ao apresentar uma descrição do passado de Israel.

23.3 — Durante os anos de formação da nação dos hebreus no Egito (sua *mocidade*), os israelitas começaram a praticar a prostituição política e espiritual ao buscarem os caminhos do mundo, a

adoração a ídolos e a confiança no poder do homem, em vez de no poder de Deus (Ez 16.26;20.7,8).

23.4 — Em hebraico, os nomes *Oolá*, que significa *o tabernáculo dela*, e *Oolibá*, que quer dizer *meu tabernáculo está nela*, parecem referir-se aos santuários divinos em cada um dos reinos, ou, num uso distinto, aos santuários de ídolos cananeus que se opunham ao verdadeiro templo de Deus (2 Sm 6.17).

*Samaria é a mais velha* (literalmente *a maior*) por ter sido a primeira a firmar alianças políticas e idólatras com nações estrangeiras, e também a primeira a receber a punição por meio do cativoiro. Ao afirmar *foram minhas*, o Senhor identifica ambas as cidades como parte da nação escolhida por Ele. A declaração *tiveram filhas e filhas* alude ao crescimento da nação de Israel. Os israelitas se tornariam uma nação poderosa, todavia com aliados pagãos e a proliferação dos idólatras.

23.5,6 — Nesta passagem, *prostituiu-se* diz respeito à nação ter confiado e buscado força e segurança em alianças políticas, em vez de em Deus (2 Rs 15.17-20;17.1-4; Os 12.1,2).

23.7-10 — Ezequiel lembra seus ouvintes de como Deus já havia castigado Samaria por meio da conquista dos assírios e do cativoiro em 722 a.C. (2 Rs 17.5-41). *Descobriram a sua vergonha* significa ser despedido e submetido a grande vexame. *Foi afamada entre as mulheres* quer dizer que o povo passou a usar o nome *Samaria* como sinônimo de *nação imoral*.



**23.11-14** — Judá aumentou *suas devassidões* se envolvendo em relações políticas e espirituais com os assírios (v. 12,13; 2 Rs 16.7-9) e, depois, com os *caldeus* (termo regional utilizado para descrever todo o império babilônico; v. 15,17,23). As últimas duas linhas do versículo 14 contam como os enviados de Judá à Babilônia ficaram encantados com os governantes daquele império e seu poderio vendo as figuras (Jr 22.14) pintadas no palácio e nos muros do templo.

**23.15-18** — *Apartou-se deles a alma dela* é uma alusão ao desapontamento de Judá e ao seu desgosto por ter confiado na Babilônia, passando a buscar apoio no Egito (2 Rs 23.28—24.1). O afastamento de Deus de Jerusalém é uma referência à derrota da cidade provocada por Nabucodonosor em 586 a.C.

**23.19,20** — Judá renovou sua aliança com o Egito (Jr 37.5-7), que neste versículo é descrito de maneira contundente como um amante lascivo e ilícito (v. 3;16.26).

**23.21-27** — Em Seu veredicto Deus determinou que julgaria Jerusalém por intermédio da Babilônia, antigamente uma aliada, mas agora uma inimiga. *Pecode, Soa, Coa, e todos os filhos da Assíria com eles* eram tribos vassalas da Babilônia que se uniriam no ataque contra Judá. Arrancar o *nariz* e as *orelhas* era uma prática antiga de punição pelo adultério.

**23.28-31** — Os habitantes de Judá passaram a *aborrecer*, ou odiar, como inimigos os que antes foram seus “amantes”, *aqueles de quem se tinha apartado a tua alma*. O Senhor explica que faria uso dos babilônios como instrumento de Sua ira: (1) para deixar patente a infidelidade de Judá e (2) para punir Seu povo pela idolatria resultante de alianças políticas proibidas (Êx 20.1-6;34.10-17; Dt 18.9-14). A *irmã* é Samaria (v. 4,33), com quem Jerusalém compartilharia um destino semelhante de destruição — *seu copo*.

**23.32-34** — O *copo* geralmente é um símbolo do julgamento divino (Sl 75.7,8; Jr 25.15-29; Mt 20.22; Ap 14.10). A expressão *seus cacos roerás* retrata de forma vívida como Judá beberia do copo de ira, quebrando o que já estava partido. A

sentença *teus peitos arrancarás* ilustra a agonia e a angústia resultantes.

**23.35** — Este versículo resume por que Deus puniria Jerusalém com tal vingança: [porque] *te esqueceste de mim*. O povo havia ignorado o Senhor intencionalmente, ato descrito pela expressão paralela *e me lançaste para trás das tuas costas*.

**23.36-39** — *Adulteraram [...] contaminaram [...] havendo sacrificado seus filhos*. Esses temas têm sido desenvolvidos ao longo do livro de Ezequiel (v. 8;16.20,21; Êx 20.3-13,22-26;22.20; Lv 18.21;19.30;20.1-5; Dt 4.15-40). A religião de Judá se tornara tão distorcida que o povo não se deu conta de que o sacrifício de crianças a um ídolo e a adoração ao Senhor eram práticas totalmente incompatíveis.

**23.40-42** — *Beberrões*. Os povos nômades ao leste e ao sul de Israel eram vistos pelos hebreus como não civilizados e repulsivos.

**23.43-49** — De modo surpreendente, aqueles que Deus utilizaria para julgar Samaria e Jerusalém (a Assíria e a Babilônia, respectivamente) são chamados neste trecho de *justos*. É óbvio que isso não descreve a condição deles perante Deus nem seu modo de vida. Em vez disso, destaca seu papel como instrumentos da punição divina (v. 46,47; Dt 22.13-30).

**24.1,2** — Esta é a quarta referência cronológica fornecida por Ezequiel (Ez 1.2,3;8.1;20.1). O *nono ano, no décimo mês, aos dez do mês* foi uma data em 588 a.C. correspondente ao mês de janeiro em nosso calendário, o *mesmo dia* em que Nabucodonosor — o rei de Babilônia — iniciou o ataque contra Jerusalém (2 Rs 25.1-3; Jr 39.1,2;52.1-6). Ezequiel foi ordenado a *escrever o nome deste dia*. Essa seria uma recordação amarga do fato de o Senhor sempre cumprir o que promete por intermédio dos profetas. O cerco de Nabucodonosor foi a punição de Deus a Jerusalém.

**24.3-5** — O assunto dessa *comparação* está explicado no versículo 2. Os ovinos novamente eram uma *casa rebelde* (Ez 2.3-8;3.5-7;11.3-12; 12.2,22-28). *Rebanho* era um símbolo do povo escolhido por Deus (compare com o cap. 34). Ossos às vezes eram utilizados como combustível para fogueiras.



## ENTENDENDO MELHOR

### O CALDEIRÃO URBANO

Muitas cidades atualmente são chamadas de “caldeirões”, por causa do grande número de imigrantes e da tendência existente de grupos étnicos serem absorvidos na cultura geral ao longo do tempo. Jerusalém foi e sempre tem sido um caldeirão de culturas. No entanto, por volta de 588 a.C., a cidade se tornou um tipo diferente de caldeirão.

Os babilônios deram início a um cerco que durou aproximadamente dois anos, com apenas um breve período de interrupção. Logo em seguida, veio a invasão da cidade. A centenas de quilômetros de distância, na Babilônia, o Senhor disse a Ezequiel para proclamar uma parábola a respeito de uma panela de cozido (Ez 24.3-5). Jerusalém foi descrita como uma panela cheia de água, com pedaços de carne e temperos, com “ossos” (troncos) queimando por baixo.

Alguns acreditam que Ezequiel baseou sua parábola em uma canção folclórica comumente entoada por mulheres enquanto preparavam o alimento. O Senhor pode ter transformado uma canção bem conhecida em uma lição espiritual bastante contundente.

A descrição apresentava uma receita para o preparo de um prato bastante apetitoso. No entanto, a parábola relata um problema na preparação. A escória (ou ferrugem) na panela estava estragando o cozido, de maneira que ninguém desejaria comê-lo (Ez 24.6). Por analogia, os pecados do povo de Deus em Jerusalém haviam transformado os israelitas em indivíduos odiosos e desagradáveis. A solução divina era fazer *uma grande fogueira* (Ez 24.9), de tal maneira que a água evaporasse, a carne queimasse, a panela ficasse praticamente incandescente, e a escória fosse destruída (Ez 24.10,11). Assim o Senhor livraria a cidade de suas impurezas. Basicamente foi isso que o cerco babilônico realizou.

Se pensarmos a respeito das cidades dos dias de hoje, a ilustração de panelas borbulhantes ainda é apropriada. Se uma cidade for relativamente abastada, conseguirá suportar uma certa quantidade de “calor” e até tirar vantagem disso. Calor e pressão são necessários para cozinhar plenamente vários ingredientes e transformá-los em uma refeição nutritiva e saborosa. Em contrapartida, quando uma cidade ignora seus problemas e avança em declínio espiritual e moral, um aumento na “temperatura” pode ser bastante danoso. No pior dos casos, isso pode levar a um total “derretimento” da moral e dos bons costumes. Foi isso que aconteceu com Jerusalém, levando o Senhor a puni-la com a invasão babilônica.

O que você e sua comunidade têm feito para evitar um destino semelhante?

**24.6** — O termo *cidade sanguinária* explica por que Jerusalém — a *panela* — teria de experimentar o ímpeto da ira de Deus (v. 9; 22.2-12) por meio do cerco babilônico que agora havia começado. O restante do versículo anuncia o veredicto: exílio. *Tira dela pedaço a pedaço* se refere individualmente aos habitantes, os *bons pedaços de carne* nos versículos 4 e 5. A instrução *não caia sorte sobre ela* significa que Deus não tem favoritos; Seu julgamento recairia igualmente sobre todos os habitantes da cidade, porque todos haviam pecado.

**24.7,8** — Estes versículos falam sobre o pecado de derramamento de sangue (v. 6) cometido na cidade. O povo se envolveu no erro, e Deus declarou que os cidadãos permaneceriam expostos ao julgamento (Gn 4.10; Lv 17.13; Is 26.21).

**24.9-15** — *Pois te purifiquei, e tu não te purificaste* provavelmente se refere às deportações de

605 e 597 a.C., cujos efeitos de purificação estavam incompletos.

**24.16,17** — O *desejo dos teus olhos* se refere à esposa de Ezequiel (v. 18,21,25). A expressão *de um golpe* é utilizada em outro trecho para falar de uma praga que refletia a ira de Deus (Êx 9.14; Nm 14.37; 16.46). A ordem solene de Deus *não lamentarás, nem chorarás* talvez seja uma das mais difíceis já proclamadas a um de Seus servos. A imagem da morte da esposa de Ezequiel e o fato de o profeta não poder lamentar essa perda ilustram o sofrimento divino diante da morte de Sua esposa — Jerusalém — e Sua impossibilidade de lamentar, porque a nação merecia castigo.

Ezequiel foi chamado por Deus para ser “um sinal aos exilados”, demonstrando o que eles deveriam fazer (v. 21-23) em reação à morte (destruição) de seu desejo e deleite — sua nação e a capital desta. O que Ezequiel foi ordenado a aceitar e fazer ilustra o grau de sacrifício pessoal

e o afastamento da vida comum que o ministério profético geralmente demandava. Um longo período de luto era a reação normal à morte de um ente querido no antigo Oriente Médio (1 Sm 4.12; 2 Sm 1.12,17; 3.31,35; 15.30; 19.4; Is 58.5; Jr 16.7; Mq 1.8,10).

A atitude dos enlutados não era *atar o turbante*, mas sim removê-lo e substituí-lo por pó. *Não te rebufarás (não cubras os bigodes, na ARA)* é uma alusão à prática de encobrir metade da face com o véu. O *pão dos homens* era o alimento fornecido à pessoa de luto quando esta terminava o jejum.

**24.18** — *Como se me deu ordem.* Ezequiel recebeu uma ordem divina que lhe foi particularmente difícil. Ele comunicou de modo fiel a revelação do Senhor ao povo. Sua obediência absoluta a uma das ordenanças mais rigorosas de Deus contrastava com a desobediência de seus conterrâneos.

**24.19,20** — *Não nos farás saber...?* Quando a obediência a Deus exigia atitudes incomuns, a curiosidade do povo a respeito dos motivos de tal comportamento era estimulada, criando oportunidades para testemunho verbal acerca da revelação do Senhor (observe Ez 12.9 e 21.7 para conferir duas ocasiões anteriores em que houve reação semelhante).

**24.21** — *O regalo da vossa alma* provavelmente se referia a *afeições*. A expressão significa algo como *o objeto de suas afeições*. Os israelitas tinham muito orgulho do templo. Em vez de vê-lo como um local de adoração a Deus e como a casa do Senhor — *meu santuário* —, o povo se envaidecia da construção como um símbolo de sua importância como nação. Portanto, Deus *profanaria* o templo, permitindo que os babilônios capturassem a cidade e destruíssem a edificação (v. 25; 2 Cr 36.15-21; Lm 1.10,11). Sem cidade ou templo de que se gabar, os israelitas humilhados só poderiam vangloriar-se na misericórdia de Deus.

**24.22-24** — Os israelitas deveriam reagir à morte da nação como Ezequiel havia sido ordenado a portar-se quando sua esposa morreu (v. 15-18): eles não poderiam lamentar a perda. O propósito da punição divina é demonstrado novamente: *sabereis que eu sou o Senhor JEová* (Ez

6.8-10; 12.15,16). As provações induziriam os israelitas a depender do Senhor e saber que Ele é santo. Sobre o termo *senal*, veja Ezequiel 12.3-7; 24.16,17. Quando Jerusalém sucumbisse, Deus provaria ser digno de confiança e justo, e demonstraria que Ezequiel era realmente Seu profeta (v. 27).

**24.25-27** — Quando *algum que escapasse* no dia da derrota de Jerusalém (586 a.C.) chegasse para dar as notícias a Ezequiel (talvez cerca de três meses depois), o profeta seria liberto da incapacidade de falar qualquer coisa exceto palavras de julgamento, e então teria permissão de pregar sobre esperança (v. 1,2,24; 3.25-27; 33.21—39.29; 2 Rs 25.8,9).

**25.1—32.32** — Estas profecias funcionam como um interlúdio entre as profecias de julgamento de Ezequiel sobre Judá nos capítulos 1—24 e as profecias de restauração nos capítulos 35—48. Profecias semelhantes aparecem em Isaías (capítulos 13—23) e em Jeremias (capítulos 46—51). Elas são um lembrete de que, embora Deus usasse os gentios para punir Seu povo, eles também teriam de prestar contas diante do Senhor.

**25.1,2** — Sobre os *filhos de Amom*, veja Ezequiel 21.20,28. Amom corresponde basicamente ao território atual da Jordânia com sua capital, Amã.

**25.3** — Para mais informações a respeito dos amonitas e de Amom, veja Ezequiel 6.11; 21.15; 26.2; 36.2; Neemias 4.7-9; Salmos 35.19-21; Jeremias 49.1-6; Amós 1.13-15; Sofonias 2.8-11. *Ah! Ah!* é uma expressão de menosprezo e satisfação.

**25.4,5** — *Os do Oriente* é outra designação para os babilônios (Ez 21.31). Registros históricos antigos mencionam a derrota de Amom para Nabucodonosor cinco anos após a queda de Jerusalém. Invasores árabes chegaram a dominar o território, e o controle persa começou por volta de 530 a.C.

**25.6,7** — Os amonitas se regozijaram ao ver a destruição de Jerusalém e de seu templo; portanto, também seriam punidos. Eles deixariam de existir como povo.

25.8 — *Moabe* se localizava ao sul de Amom, a leste do mar Morto e entre os rios Arnom e Zerede. Os moabitas se originaram de um relacionamento incestuoso entre Ló e sua filha primogênita (Gn 19.30-38). *Seir* (Edom) é mencionada por ser culpada de acusar Israel de portar-se *como todas as nações* (Ez 35.15;36.5; Gn 32.3;36.8,9). Essa acusação reflete a interpretação errônea e maliciosa de Moabe e de Edom a respeito do infortúnio de Judá como prova de que Deus era impotente (Gn 12.1-3; Êx 19.5,6; Nm 22.12; Dt 7.6-8; Jr 48.27; Sf 2.8,9).

25.9-11 — *O lado de Moabe* alude a uma região remota a noroeste de Moabe, uma área extremamente difícil de ser conquistada devido à sua topografia (um platô montanhoso que se elevava bem acima do vale do Jordão). Aparentemente o ataque culminaria com a ruína da *glória* de Moabe, ou seja, de suas cidades fronteiriças.

25.12 — *Edom* ficava ao sul de Moabe, desde o rio Zerede ao sul até o golfo de Acaba. Os edomitas descendiam de Esaú. Sobre a *vingança* de Edom, veja Ezequiel 35.10;36.1-7 (compare com Gn 36.6,7; Sl 137.7; Lm 4.21,22; Am 1.11,12). As transgressões mais características de Edom eram sua perpétua animosidade e repetidos atos de violência contra Israel. O vocábulo hebraico traduzido como *culpadíssimos* pode indicar um comportamento contínuo ou repetido.

25.13 — A localização precisa de *Temã* e *Dedã* é desconhecida, mas talvez tenham sido mencionadas para descrever a terra de Edom de um extremo ao outro (Jl 3.19).

25.14 — Como Edom havia buscado vingar-se dos israelitas demonstrando hostilidade para com eles quando necessitaram de ajuda, Deus mostraria a Edom Sua *vingança*.

25.15 — Os *filisteus* ocupavam o sudoeste da Palestina ao longo da costa do Mediterrâneo. Tinham um longo histórico (*perpétua inimizade*) de constante competição pelo controle de Judá (Jz 13—16; 1 Sm 4;13;31; 2 Sm 5.17-21). O verbo hebraico com o sentido de *vingar-se* é utilizado duas vezes neste versículo, indicando o forte sentimento de vingança do qual a Filístia era culpada.

25.16,17 — O termo *quereteus* (provavelmente significando *cretenses*) é utilizado nesta passagem como substituto para alguns ou todos os filisteus, que migraram de Caftor (supostamente a ilha de Creta). Seus ancestrais mais remotos eram povos da região do mar Egeu. Veja 1 Samuel 30.14; 2 Samuel 8.18;15.18; Jeremias 47.4; Amós 9.7 e Sofonias 2.5.

26.1 — A data estabelecida para as declarações proféticas contra Tiro, o monarca de Tiro, e a cidade de Sidom, por volta de 587-586 a.C. (*undécimo ano*), corresponde a março ou abril de acordo com o nosso calendário. Isso ocorreu durante a queda de Jerusalém (v. 2) ou pouco depois.

26.2 — *Tiro*, em competição com Sidom (1 Rs 16.31; Is 23.2,12), era um importante porto de uma cidade de destaque na Fenícia (atual Líbano). O verbo no passado (*disse*) pode referir-se a um acontecimento que ainda não havia ocorrido, utilizando uma expressão idiomática do hebraico que descreve um evento futuro que, sendo tão certo, pode ser declarado como já tendo acontecido (Is 9.6,7; 52.13—53.12). Na declaração *eu me enchiere*, observamos uma evidência da avaréza e do materialismo de Tiro, que procurava tomar qualquer riqueza de Jerusalém que pudesse ser encontrada nas ruínas após a conquista dos babilônios.

26.3,4 — Os exércitos (*muitas nações*; v. 4,7-14) que atacariam Tiro são comparados de maneira apropriada às ondas do mar, porque a cidade de Tiro era uma fortaleza localizada numa ilha.

26.5 — *No meio do mar*. Tiro era originalmente uma pequena ilha rochosa. Tendo sido fortificada, provou-se inexpugnável durante séculos. Agora, porém, seria saqueada.

26.6-14 — O cumprimento da profecia a respeito do destino de Tiro começou com o longo cerco contra a cidade estabelecido pelo exército babilônico sob o comando de *Nabucodonosor* (entre 580-570 a.C.). Nabucodonosor governou o império neobabilônico (caldeu) entre 605-562 a.C. A segunda fase teve início com a conquista persa, por volta de 525 a.C., seguida pelo último e mais conhecido cerco de 332 a.C., realizado

pelos gregos, sob o comando de Alexandre, que encerrou o cumprimento das predições nesta passagem (principalmente v. 5,14;47.10).

Perceba o uso do pronome *eu*, referindo-se a Deus, que descreve o controle soberano do Senhor sobre todas as nações (Ez 28.7;29.8). Alexandre literalmente cumpriu as palavras *destruirão os muros de Tiro* (v. 4) na profecia, quando seu exército construiu uma estrada suspensa com cerca de 500 metros de comprimento entre a praia e a cidade na ilha. Ele derrubou os muros de defesa para construir esse passadiço.

**26.15,16** — Os *príncipes do mar* (Ez 27.35) eram governantes de várias colônias na Fenícia ligadas a Tiro. Eles se renderiam e se submetiam ao governo babilônio quando vissem o que ocorreria a Tiro: *por tua causa, pasmarão*. Esses homens lamentariam entoando cânticos (v. 17,18) após retirarem seus *mantos e suas vestes bordadas* (Jn 3.6).

**26.17-19** — *Abismo* é o mesmo vocábulo hebraico presente em Gênesis 1.2. A ilustração de águas turbulentas durante a criação descreve a catástrofe iminente.

**26.20,21** — O termo *cova* provavelmente é sinônimo de *inferno* (Is 14.15;38.18). A declaração *para que não sejam habitada* indica que a cidade de Tiro deixaria de existir.

**27.1-3** — *Perfeita em formosura*. Os cidadãos arrogantes de Tiro se consideravam o melhor exemplo de mercadores marítimos no mundo antigo.

**27.4-11** — Estes versículos fornecem uma descrição da construção, do aparelhamento e da tripulação das naus de comércio que simbolizavam a glória de Tiro. O material era proveniente de muitas localidades do mundo mediterrâneo oriental. Os construtores de navios, marinheiros e soldados mercenários procediam de locais distantes como a África, a Ásia Menor e a Pérsia.

**27.5** — *Senir* é um termo amorreu para designar o monte Hermom ou outro topo de montanha nas proximidades. O vocábulo *faias* é traduzido em outras passagens como *pinheiro, cipreste* ou *zimbros*.

**27.6** — *Basã* (Ez 39.18) era a ampla e fértil planície a leste do mar da Galiléia e da região superior do Jordão.

**27.7** — *Elisá* era uma região que possuía praias e neste versículo está associada com o Egito; portanto, pode ser a Itália ou a Sicília.

**27.8** — *Sidom* era um porto fenício a cerca de 50 km ao norte de Tiro. As duas cidades eram rivais, mas Tiro geralmente dominava Sidom (Ez 28.21,22; Gn 10.15,19; Jz 18.28; Is 23.2; Mt 11.21,22). Semelhante a Tiro, a cidade de *Arvade* se localizava numa ilha próxima da costa da Fenícia. Era a cidade mais ao norte no território (Ez 28.11; Gn 10.18; 1 Cr 1.16).

**27.9** — *Gebal* era outro porto fenício de destaque, entre Sidom e Arvade (Js 13.5; 1 Rs 5.18). A localidade era chamada de Biblos pelos gregos e romanos, e de Gubla pelos assírios e babilônios.

**27.10,11** — É provável que Lídia e Pute se localizassem na Ásia Menor ocidental e na África, respectivamente.

**27.12** — *Társis* provavelmente ficava na Espanha.

**27.13** — *Javã* é a Grécia (Gn 10.4). Talvez *Tubal* e *Meseque* se localizassem na Ásia Menor oriental (atual Turquia).

**27.14** — Para saber informações sobre as *casas de Togarma*, veja Gênesis 10.3. Essa expressão pode referir-se ao povo da Armênia na Ásia Menor oriental (Ez 38.6).

**27.15** — *Dedã* pode ser considerada *Redá* (Rodes), porque a grafia das letras hebraicas equivalentes ao *d* e ao *r* pode ser facilmente confundida. Rodes era um importante centro de comércio ao sul do mar Egeu.

**27.16** — O termo hebraico para *esmeralda* também pode ser traduzido como *turquesa*.

**27.17** — *Minite* se localizava em Amom (Ez 21.28) e provavelmente era conhecida por seu trigo de alta qualidade. *Confeitos* é a tradução de um vocábulo hebraico que descreve algum tipo de alimento, mas não se sabe exatamente qual. *Bálsamo* era uma resina aromática ou outra substância do gênero que pode ter tido valor medicinal nos tempos antigos (Jr 8.22).

**27.18** — *Damasco* foi e ainda é a capital da Síria (v. 16). *Helbom* se localizava ao norte de Damasco, uma região ainda reconhecida pela produção de vinho. Alguns teólogos afirmam que a expressão traduzida como *lã branca* pode ser entendida como *lã de Zacar*, um local provavelmente associado com a atual Sacra, também ao norte de Damasco, onde há criações de cabras e ovelhas.

**27.19,20** — *Dã* parece estar incluída de forma errônea nesse contexto, por isso alguns estudiosos fazem a transliteração do vocábulo hebraico como *Vedã*. Outros argumentam que o nome *Dã* é mais uma designação para a Grécia. *Casca*, ou *cássia* (Êx 30.24; Sl 45.8; Ct 4.14), era um tipo de canela ou planta utilizada na fabricação de perfume e incenso. *Cana aromática* se refere a um arbusto rico em óleo encontrado em pântanos.

**27.21** — *Quedar* era uma tribo nômade da Arábia.

**27.22** — *Sabá* e *Raamá* ficavam próximas à Arábia (Gn 10.6,7).

**27.23,24** — A antiga *Harã* era uma cidade mercantil ao longo da importante rota de comércio do Eufrates (Gn 11.27-32), atualmente a porção oriental da Turquia. *Cane* (Is 10.9), *Éden* e *Quilmade* provavelmente se localizavam na Mesopotâmia, talvez ao sul de *Harã* (2 Rs 19.12). O versículo 23 parece mencionar duas cidades. *Assur* era uma cidade ao sul de *Nínive*; entretanto, esse termo também pode servir para descrever os cidadãos da Assíria. Para saber mais informações sobre *Sabá*, veja o versículo 22.

**27.25,26** — O *vento oriental* geralmente era bastante forte e possuía grande poder destruidor (Gn 41.6; Jó 27.21; Sl 48.7; Is 27.8). Portanto, simboliza a destruição que o exército babilônio ocasionaria a Tiro. Em Ezequiel 26.7, observa-se que a Babilônia viria do norte. Essa seria a direção pela qual o exército invadiria a Fenícia.

**27.27,28** — Os *arrabaldes* eram a região de pastagens controlada por uma cidade.

**27.29-36** — Os últimos versículos do capítulo apresentam um lamento para ser entoado em cântico, provavelmente várias vezes seguidas, pelos parceiros de comércio de Tiro. Os vizinhos mais próximos de Tiro (Ez 26.16-18) ficariam

profundamente atribulados com a derrota da cidade, mas em pouco tempo se voltariam contra ela na inútil esperança de escapar de um destino semelhante pelas mãos dos babilônios.

**28.1-10** — Pelo fato de o grande esplendor e o pecado de Tiro terem sido subprodutos, basicamente, da influência e das intenções do rei da cidade, Ezequiel foi instruído por Deus a declarar os motivos (v. 2-6) e os meios pelos quais o julgamento (v. 7-10) seria exercido contra o principal governante e os cidadãos de maior destaque.

**28.1-3** — *Mais sábio és que Daniel*. O nome hebraico Daniel tem uma grafia diferente no versículo 3, assim como em Ezequiel 14.14: *Daniel*. Pode referir-se a outra pessoa talvez desconhecida na história antiga de Israel.

**28.4-7** — Os *estranhos* são os babilônios (Ez 7.17-19; 23.23; 30.11; 31.12; 32.12).

**28.8,9** — A expressão *no meio dos mares* faz um paralelo com a palavra *abismo* e reforça seu significado, porque representa o local da morte e também a própria morte.

**28.10** — O termo *morte dos incircuncisos* denota uma morte vergonhosa (Ez 31.18; 32.19).

**28.11-19** — Existem três interpretações para o fraseado incomum desta passagem: (1) Satanás sendo simbolizado pelo rei; (2) o(s) rei(s) histórico(s) de Tiro sendo comparado(s) a Adão; ou (3) o(s) rei(s) recebendo uma mensagem com linguagem hiperbólica apresentada por meio de alusões à literatura mitológica e religiosa dos fenícios e a práticas sociais e religiosas comuns em Canaã e no antigo Oriente Próximo.

A primeira opção é a mais popular, mas contribui para a compreensão de apenas algumas porções do trecho. A segunda e mais ainda a terceira opção respondem às principais questões a respeito da natureza e do significado das expressões com base em: (1) contextos literários imediatos e mais abrangentes (capítulos 26—27; 28.1-10); e (2) o que já se pode saber a respeito dos contextos histórico, cultural e mitológico. A suposição de que o texto fala de Satanás não é a interpretação mais normal, natural, lógica e esperada dessa passagem para que permaneça coerente com os muitos contextos mencionados.

**28.12** — O termo *aferidor da medida* pode ser traduzido de modo mais literal como *aquele que sela um plano* (o mesmo vocábulo hebraico para *plano* ou *padrão* aparece também em Ez 43.10). O rei marcava com o selo oficial de seu anel os planos que faziam de Tiro um dos principais centros de comércio da época. Os atributos *sabedoria* e *formosura* apontam o rei de Tiro como um líder excepcional, demonstrando o ideal de governante do antigo Oriente Médio.

**28.13** — *No Éden, jardim de Deus*. Provavelmente essa comparação é exagerada: o rei de Tiro invadiu um local cuja beleza era semelhante à do Éden. O verbo hebraico traduzido como *criado* é o mesmo utilizado em Gênesis 1.1, o qual, no livro de Ezequiel, também enfatiza a atividade de Deus na história humana. Em Seu plano e propósito soberanos, o Senhor permitiu que o rei de Tiro se tornasse um monarca.

**28.14** — O *monte santo de Deus* pode ser o *monte santo dos deuses*. De acordo com crenças cananeias, o *trono dos deuses* se localizava nas *montanhas* ou nos *montes do norte* (Sl 48.2). Esse trecho parece focar a tentativa do rei de Tiro de adentrar o conselho dos deuses. Portanto, em vez de este versículo se referir à presença do monarca em Jerusalém, pode dizer respeito, de maneira mais lógica, a um ritual fenício, a celebração da ressurreição do deus protetor Melcarte por meio do fogo. O rei mencionado no texto deseja imitar Melcarte.

**28.15** — O termo hebraico traduzido como *perfeito* não significa *sem pecado*, mas *completo* ou *destituído de falhas*. O rei de Tiro possuía o controle total do reino e não tinha sua posição ameaçada, até encher-se de orgulho e *iniquidade*.

**28.16-19** — O orgulho do rei levou ao materialismo, à violência e à iniquidade nos negócios e na religião. A expressão *multiplicação do teu comércio* se aplica de maneira mais fácil e mais apropriada ao rei humano que era a força motriz por trás do desenvolvimento do império comercial de Tiro. Deus destronou o rei, pôs fim às suas ambições iníquas e destruiu a fonte de seu poderio para torná-lo um exemplo negativo para outros. O império comercial daquele monarca

entrou em colapso e seus planos de assemelhar-se a um deus foram aniquilados à vista dos governantes locais, que observavam atônitos.

**28.20-23** — *Sidom* era a cidade irmã de Tiro, mas de menor importância, o que pode explicar a brevidade do tratamento nesse trecho (Ez 27.8). Como irmãs no comércio, essas cidades tinham características e objetivos semelhantes, portanto cometiam crimes parecidos. O SENHOR agiu com justiça exercendo um julgamento merecido, para que o povo reconhecesse que Deus é justo e verdadeiro.

**28.24** — Deus libertaria Israel. O *espinho* diz respeito às nações ao redor de Israel que haviam sido inimigos e influências malignas. Quando a punição se cumprisse em sua plenitude, essas nações não mais seriam capazes de perturbar e oprimir Israel.

**28.25,26** — O Senhor prometeu que o povo de Israel um dia seria reunido após sua dispersão entre as nações para retornar e *habitar na sua terra*, a terra que Deus havia concedido a *Jacó* (Canaã; Ez 11.17; 20.41,42; capítulos 33—39; Gn 12.7; 26.3; 28.10-13; 35.12; Jr 30.10). Pelo fato de as nações estrangeiras ficarem incapacitadas de atacar Israel, o povo desfrutaria um período de paz, prosperidade e segurança.

**29.1** — *No décimo ano, no décimo mês*. Este período corresponde a uma data entre 588 e 587 a.C. que, de acordo com o nosso calendário, seria dezembro de um ano ou janeiro do outro. Essa outra data apresentada por Ezequiel (a sexta) interrompe a cronologia, mas não promove um rompimento temático com Ezequiel 26.1—28.26 (Ez 1.2; 8.1; 20.1; 24.1; 26.1).

**29.2** — O *Faraó* era Hofra (em torno de 589-570 a.C.; Jr 44.30). A profecia contra ele também fora proclamada contra todo o Egito (Ez 30.22; 32.2), assim como a profecia anterior contra Tiro e seu rei (Ez 28.1-19). O contexto sugere que nos capítulos 28 e 29 o texto mencionava reis humanos.

**29.3** — De acordo com a Nova Versão Internacional, o faraó é descrito neste versículo como um *grande monstro* [*grande dragão*, na ARC, ou *crocodilo*, na ARA]. O termo *meu rio* se refere ao

Nilo. O orgulho e a arrogância do faraó são demonstrados por meio de suas palavras a respeito do rio Nilo: *eu o fiz para mim* (compare com a declaração do rei de Tiro, em Ez 28.2). Na religião dos egípcios, o deus crocodilo Sobek era uma divindade protetora (Ez 32.2).

**29.4,5** — Embora o versículo 3 explique o porquê de o faraó ter sido punido, estes versículos descrevem como o castigo seria realizado. A ilustração apresenta um grande monstro sendo capturado, levado para terra firme e deixado ali para servir de alimento aos animais. O *peixe* representa os egípcios, que seriam julgados com o faraó (v. 2). O destino deste de servir de *mantimento* pode ter sido um insulto intencional aos governantes conhecidos por seus rituais de sepultamento e suas pirâmides.

**29.6,7** — O propósito de Deus ao julgar o Egito era encorajar as nações e os indivíduos a conhecer o verdadeiro Senhor (Ez 6.14; 7.27; 12.20; 14.11; 22.16; 23.49; 25.7, 11, 17; 28.24). O *bordão de cana* representa os egípcios. Essa é uma alusão à fraqueza da nação como aliada e à inutilidade da proteção fornecida por ela (Is 36.6). Israel era tolo de apelar para o Egito em busca de proteção. Deveria ter se aproximado do Todo-poderoso para obter segurança e força.

**29.8** — O termo *espada* é mais uma referência ao exército babilônico comandado por Nabucodonosor, o instrumento humano para a manifestação da ira de Deus (Ez 21.1-7, 9-11, 19, 20; 26.7-14).

**29.9** — A nação foi indiciada como resultado das palavras arrogantes do faraó. Nos tempos antigos, as declarações exageradas e insolentes dos reis eram inscritas nos monumentos nacionais.

**29.10** — A expressão *desde Migdol até Sevene* provavelmente se refere a localidades próximas às fronteiras norte e sul do antigo Egito, simbolizando a totalidade da terra (Jz 20.1). A desolação se estenderia até a região ao sul — a antiga Núbia, onde hoje é o Sudão.

**29.11,12** — Os egípcios seriam dispersos por outras terras por *quarenta anos* (Ez 4.4-8). Uma crônica dos babilônios sugere que o Egito foi conquistado por volta de 568 a.C. Quarenta anos após essa data, os persas estabeleceram uma

política de reassentamento para muitos dos povos que haviam sido dispersos pelos babilônios.

**29.13-15** — *A terra de Patros* é a porção sul do Egito, que se tornaria *um reino baixo e mais baixo se faria*, e nunca mais dominaria outras nações.

**29.16,17** — *E sucedeu que [...] veio a mim a palavra do SENHOR*. Ezequiel recebeu essa revelação de Deus (v. 17-21) e, aparentemente, a mensagem seguinte (Ez 30.1-19), por volta de março ou abril de 571 a.C., a data mais recente mencionada no livro (v. 1).

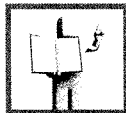
**29.18** — *Um grande serviço*. Isso remete ao cerco de Tiro. As cabeças se tornaram *calvas* e os ombros se *pelaram* durante o longo cerco, que durou 13 anos ou mais. Nem Nabucodonosor nem [...] *o seu exército* receberam grande recompensa por seus esforços, ou seja, *não houve paga*.

**29.19,20** — Deus afirma ser o soberano na derrota iminente do Egito diante da Babilônia, para que esta fosse compensada pela *paga* que não havia recebido ao conquistar Tiro. O Senhor menciona especificamente Nabucodonosor como Seu instrumento (Jr 43.8-13). As Crônicas Babilônicas declaram que o Egito foi invadido por volta de 568 a.C.

**29.21** — *Naquele dia*. Refere-se ao dia em que o Egito sucumbiria diante da Babilônia. Não é correto interpretar esse trecho como uma profecia messiânica. *Farei brotar o poder na casa de Israel* significa que a nação renovaria suas forças. A renovação e o estímulo viriam ao povo de Deus no exílio quando este ouvisse falar a respeito da queda do Egito por intermédio da mão de Deus, que é santo e soberano. *E te darei abrimento da boca no meio deles* foi a promessa divina de restaurar o discurso de Ezequiel (Ez 33.22), e assim exaltar a Si próprio e Seus planos: *saberão que eu sou o SENHOR*.

**30.1-3** — Nesta passagem, a expressão *o dia do SENHOR* se refere ao período de manifestação da ira divina à nação do Egito. Esse termo indica o envolvimento pessoal de Deus em Seu julgamento. Nesse contexto (v. 4-19) o Senhor faria uso da Babilônia, sob o comando de Nabucodonosor, para punir o Egito e seus aliados (Gn 12.3; Jr 25; 46). *O tempo dos gentios* indica o período da ira de Deus sobre as nações.





## ENTENDENDO MELHOR

### SITIADOS!

Nos tempos antigos, as grandes cidades geralmente eram protegidas por muros muito fortes, que dificultavam a entrada de invasores, às vezes até tornando isso impossível. Um inimigo poderia tentar derrubar ou queimar os portões, ou cavar túneis por debaixo dos muros, mas essas estratégias nem sempre eram prudentes. Uma alternativa era construir rampas próximas aos muros — uma estratégia que, segundo as profecias de Jeremias, seria utilizada contra Jerusalém (Ez 6.6).

Uma rampa de cerco era um plano inclinado, construído com terra, pedras, árvores e outros materiais empilhados contra os muros da cidade cercada. Quando os preparativos para o ataque já estavam realizados, os soldados podiam escalar a rampa até o topo do muro e tentar saltar por cima. Um exemplo de tal rampa construída pelos romanos ainda existe na antiga fortaleza de Massada, no sudeste de Israel.

**30.4,5** — *Etiópia* é Cuxe, no idioma hebraico, e refere-se à região ao sul do Egito na direção da atual Etiópia; veja Ezequiel 29.10. *Pute* e *Lude* se localizavam na África e na Ásia menor, respectivamente; veja Ezequiel 27.10. A expressão *mistura de gente* pode ser interpretada como *toda a Arábia*. *Cube* é um termo de significado incerto traduzido como *lábios* pelos autores da Septuaginta. A *terra do concerto* eram os territórios ao sul, a leste e a oeste do Egito, que também sucumbiram perante o exército babilônico.

**30.6,7** — *Desde Migdol até Sevene* representa toda a terra do Egito; veja Ezequiel 29.10.

**30.8** — *Fogo* geralmente é um símbolo de julgamento (Ez 20.47; Is 4.4).

**30.9** — O *dia do Egito* é o dia em que o Egito e seus aliados seriam conquistados — fazia parte de um período mais longo do julgamento divino sobre as nações por intermédio da Babilônia; na verdade, Ezequiel descreve os babilônios como *mensageiros* enviados pelo próprio Deus. Ninguém poderia impedir a execução do castigo, pois o Altíssimo assim havia declarado: *porque eis que já vem*.

**30.10-12** — Estes versículos apresentam mais detalhes sobre as predições a respeito do destino do Egito mencionado nos versículos anteriores (v. 3-9). Os *mais formidáveis das nações* são os babilônios, pois sua crueldade era lendária (2 Rs 25.7; 2 Cr 33.11; 36.17; Jr 39.4-10).

**30.13-19** — Esta quarta e última mensagem acrescenta mais detalhes à descrição da destruição iminente do Egito. A ênfase parece estar na

conquista das principais cidades. *Nofe* era a antiga Mênfis, uma importante cidade. Era a capital do reino antigo no terceiro século a.C. A respeito de *Patros*, veja o comentário de Ezequiel 29.13-15. *Zoã*, a clássica Camus, era uma cidade na região nordeste do delta. *Nô* era a antiga Tebes, a capital do Alto Egito, ou porção sul do reino. Tebes foi destruída pelos assírios, em 661 a.C.

*Sim* era a antiga Pelúsia, uma cidade fortaleza na fronteira nordeste onde os governantes egípcios dos dias de Ezequiel (*a força do Egito*) possuíam uma residência. *Áven* (ou Heliópolis, a *cidade do sol*) era a antiga On, um centro de adoração ao deus sol, Rá. *Áven* se situava ao norte de Mênfis, no extremo sul do delta.

*Pi-Besete*, ou Bubastis em grego, havia sido capital do baixo Egito (a região norte ou a área do delta do Nilo). *Tafnes* também era uma cidade fortaleza na fronteira nordeste, por onde o exército babilônio invadiria o Egito ocasionando aquele *dia* sombrio. *Uma nuvem* surgiria por causa dos incêndios na cidade, e os vilarejos vassalos — *suas filhas* — também seriam atacados e queimados.

**30.20** — O *mês primeiro* ocorria entre março e abril, em 587 a.C. (Ez 29.1,18-20). Ezequiel retoma a sequência cronológica das profecias.

**30.21** — *Eu quebrei o braço de Faraó*. A profecia diz respeito ao faraó Hofra e à sua tentativa malsucedida de anular o cerco babilônico a Jerusalém alguns meses antes (Ez 29.2,6,7). Deus utilizou Nabucodonosor para derrotar o exército egípcio. Um braço musculoso, símbolo da força

do rei (e, portanto, do exército), é uma ilustração comum na arquitetura e na arte egípcia. Até mesmo Hofra assumiu o título *aquela que tem o braço forte*. O fato de o Senhor ter quebrado o braço do faraó simbolizava a derrota completa daquele monarca.

**30.22-26** — *Espalharei os egípcios*. Estes versículos são uma predição da fraqueza contínua de Hofra em sua oposição a Nabucodonosor e da catástrofe iminente para todo o Egito, quando suas cidades seriam derrotadas, e o povo, deportado (começando por volta de 568 a.C.).

**31.1,2** — O terceiro mês ocorria entre maio e junho, em 587 a.C. Veja Ezequiel 1.2;8.1;20.1;24.1,2;26.1;29.1,17;30.20.

**31.3** — O Egito era comparado à Assíria em grandeza e supostamente no imenso orgulho devido aos seus feitos. Ezequiel faz uso de outra alegoria (Ez 15.1-8;17.1-10): *a Assíria era um cedro no Líbano*. Essa ilustração descreve as nações como árvores numa floresta do Líbano (um país conhecido por seus nobres cedros; v. 15-18; 1 Rs 5.7-10;7.2,3; Sl 29.5). Em determinado período, a Assíria foi a árvore mais alta, mas agora havia sido cortada. Sua capital, Nínive, sucumbiu em 612 a.C., assinalando o fim do domínio assírio e o início do controle neobabilônico no antigo Oriente Médio.

**31.4** — *As águas* eram os rios Tigre e Eufrates. Esses rios caudalosos tornavam os campos férteis e estimulavam o desenvolvimento de grandes cidades ao longo das rotas de comércio (v. 8,9,15-18; Gn 2.10-14).

**31.5-9** — A riqueza sem paralelos da Assíria é descrita com imagens vívidas e poéticas. Nesta passagem são feitos uma comparação e um contraste com o Egito. Antes de passar ao trecho basicamente narrativo nos versículos 10-18, o profeta indica que, embora o Egito fosse grandioso, não era a principal nação do mundo. Se a Assíria havia sucumbido diante da Babilônia, não haveria esperança para o Egito (Ez 31.18).

**31.10-14** — Pelo fato de a Assíria ter-se gabado de sua grandeza, Deus sentenciara essa nação cruel a receber um tratamento rigoroso e a sofrer sob o domínio da Babilônia, a *mais poderosa das*

*nações*. Na declaração *eu o entregarei*, o verbo no passado, *entreguei*, é a tradução mais apropriada nesse contexto. O significado é que *os mais formidáveis das nações cortaram* a Assíria. A conclusão ilustrativa dessa segunda mensagem do capítulo 31 indica que todas as outras nações (*aves, animais e árvores*) que observaram a *ruína* da Assíria compartilhariam de seu destino: *morte, terra mais baixa e cova*, e nunca mais alcançariam destaque.

**31.15-17** — Nestes versículos, *inferno* é a tradução para o vocábulo hebraico algumas vezes transliterado *sheol*, que normalmente significa apenas *sepultura* ou *morte* (Gn 37.35; Sl 6.5; Jn 2.2). Deus havia ressecado, ou devastado, a Assíria, e todas as nações foram levadas a *cobrir-se de preto e tremer* por causa de sua morte e de seu sepultamento; ela foi lançada no *inferno*, na *cova* e na *terra mais baixa*. Essas nações, *as árvores do Éden*, culpadas de um pecado semelhante, o orgulho por suas realizações, receberiam o mesmo castigo.

**31.18** — Se a Assíria, a maior das nações, havia sucumbido diante dos babilônios, certamente um reino menor também seria derrotado. Isso apontava para o Egito — o *Faraó e toda a sua multidão* (v. 2,3,5-9).

**32.1** — O mês *duodécimo* ocorria entre fevereiro e março, em 585 a.C. (Ez 31.1), após a queda de Jerusalém, em 586 a.C. (2 Rs 25.8), no entanto cerca de 20 anos antes da invasão dos babilônios no Egito (Ez 29.19,20). Todavia, o registro da queda de Jerusalém é apresentado em Ezequiel 33.21.

Esta seção (Ez 32.1—33.20) foi inserida antes de Ezequiel 33.21, embora descreva eventos que se seguiram à queda de Jerusalém. O arranjo apresentado por Ezequiel é temático. Primeiro ele registra seu lamento, depois explica os acontecimentos que o levaram a lamentar-se. Embora os egípcios, em sua arrogância, pensassem que não sucumbiriam diante dos babilônios, sofreriam o mesmo destino que Jerusalém.

**32.2** — As palavras *leão* e *dragão* aludem ao orgulho e ao poderio do Egito.

**32.3-10** — Estes versos poéticos descrevem o Egito e seu governante, Hofra, como um crocodilo que sofrerá o julgamento ordenado por Deus.



## EM FOCO

ATALAIA (HB. *TSAPAH*)

(Ez 3.17; 33.2; 1Sm 14.16; Os 9.8)

Esse substantivo hebraico deriva de um verbo que significa *observar com antecedência*. É utilizado para descrever a atividade de indivíduos que esperam escondidos para lançar uma emboscada (Sl 37.32).

O posto de atalaia era um cargo militar oficial. O atalaia ficava posicionado nas torres de uma cidade e era responsável por avistar exércitos que se aproximavam e soar o alarme (1Sm 14.16). A ilustração envolvendo o atalaia é bem semelhante a de um pastor, embora aquele, como um título simbólico, fosse limitado ao ofício de um profeta (Os 9.8). O fracasso de um atalaia era punido com a morte. No caso de Ezequiel, o castigo viria diretamente de Deus caso ele não transmitisse ao povo as mensagens que o Senhor lhe entregava (Ez 33.8).

O Egito será capturado, morto e lançado nas trevas — uma característica marcante do dia do Senhor (Ez 30.1-5; Am 5.18-20; At 2.20).

**32.11-15** — Esta seção interrompe a continuidade dos versículos 3-10. O *rei de Babilônia* era Nabucodonosor, e *os mais terríveis das nações*, o império neobabilônico (Ez 30.10-12). A sentença *farei correr os seus rios como o azeite*, única em toda a Bíblia, ilustra o período imediatamente posterior à grande matança, quando o Nilo e seus afluentes experimentariam uma calma “mórbida”. As *águas se assentariam* porque não haveria vida humana ou animal.

**32.16** — Tal cenário de julgamento acarretaria luto e grande tristeza. Todavia, Deus deve ser considerado justo, pois fez o necessário para dar fim à arrogância do povo. As *filhas das nações* estavam entre os muitos povos dos versículos 9 e 10 que lamentariam e ficariam atônitos com a destruição do Egito.

**32.17** — Isso se deu 15 dias após os acontecimentos descritos no versículo 1, ainda em 585 a.C.

**32.18-21** — *Terra mais baixa, cova e inferno* se referem à sepultura ou à morte, e não ao local de punição eterna para os inimigos de Deus.

**32.22,23** — *Assur*, capital do império assírio, dominava o antigo Oriente Médio até o surgimento dos neobabilônios, por volta de 612 a.C., no início do ministério de Jeremias e cerca de duas décadas antes de Ezequiel ter sua primeira visão.

**32.24,25** — *Elão* ocupava o leste e o sudeste da Assíria, onde hoje é o Irã. O povo de Elão

descendia de um dos filhos de Sem (Gn 10.22; 1 Cr 1.17).

**32.26,27** — *Meseque e Tubal* se localizavam na antiga Anatólia ou Ásia Menor, atual Turquia. Esses nomes são citados na Bíblia como sendo filhos de Jafé (Gn 10.2; 1 Cr 1.5).

**32.28,29** — O discurso de Ezequiel, que antes se referia às cidades sobre as quais Deus exerceria Seu julgamento, volta-se rapidamente para o Egito, ao qual se dirige usando a segunda pessoa do singular — *tu* —, como uma chamada ou um lembrete ao faraó, o representante dessa nação.

**32.30** — Os *príncipes do Norte* eram terras ao norte de Israel, tais como Tiro e Sidom, na Fenícia. Os *sidônios* eram oriundos de Sidom, um porto a cerca de 50 km ao norte de Tiro (Ez 27.8).

**32.31,32** — *Faraó*. Agora a mensagem (v. 17-32) se completa. A ideia é que o Egito e o faraó morreriam como as outras nações pelas mãos do Deus vivo, que julga todos os povos com justiça.

**33.1-11** — Este trecho diz respeito à responsabilidade de Ezequiel como atalaia e fala sobre a depravação e o cativo da nação: (1) o chamado e a culpabilidade do profeta (v. 1-6); (2) sua comissão (v. 7-9); e (3) o encerramento com suas palavras persuasivas (v. 10,11).

**33.1-6** — O atalaia não seria responsável pelas consequências da desobediência, caso fosse fiel em soar a trombeta como Deus havia instruído.

**33.1,2** — A denominação *filhos do teu povo* se refere aos israelitas no exílio com Ezequiel, incluindo agora os habitantes de Judá que haviam

sido deportados para a Babilônia após a terceira invasão de Nabucodonosor.

**33.3-9** — O dever de Ezequiel como *atalaia* é definido. Confirma também a responsabilidade dos anciãos da Igreja no Novo Testamento de cuidar do rebanho (At 20.31; Hb 13.17; 1 Pe 5.1-4).

**33.10** — *Desfalecemos*. Este verbo no hebraico significa *apodrecer, enfraquecer* ou *definhar*.

**33.11-20** — Ao castigar Israel, Deus estava sendo fiel às determinações da aliança. Esse acordo havia sido aprovado pelos israelitas. Eles concordaram com as ordenanças e aceitaram a punição por não cumpri-las, tanto como nação quanto como indivíduos (Ez 5.8-17; 12.15,16; 16.60,61; 18.19-32; 20.5; Êx 19.1-9; Dt 27).

Nestes versículos, Deus apresenta Seus argumentos para decidir quem seria recompensado com a vida e quem sofreria com a morte. Ele salvaria os que se arrependessem e se voltassem para Ele, mas condenaria os que confiassem em si próprios e realizassem o mal. Após apresentar Seus argumentos, Deus declara que Seu julgamento é justo — certamente mais justo do que as práticas dos israelitas.

**33.21—48.35** — A longa coletânea final de mensagens de Ezequiel leva consolo aos exilados na Babilônia após o choque de ouvirem sobre a destruição de Jerusalém. Até o momento em que a cidade sucumbira, a mensagem de Ezequiel era basicamente negativa, insistindo que Jerusalém seria destruída. Todavia, após as notícias a respeito desse acontecimento terem chegado (Ez 33.21), a mensagem de Deus mudou para palavras de esperança: de uma nova liderança (cap. 34), um novo espírito (capítulos 36 e 37), uma nova vitória (capítulos 38 e 39) e um novo templo (capítulos 40 a 48).

**33.21,22** — Em janeiro de 585 a.C., Ezequiel recebeu a notícia de que Jerusalém havia sido conquistada. A cidade estivera sitiada por Nabucodonosor e os babilônios por dois anos e meio (2 Rs 25.1-10). Estes dois versículos introduzem seis profecias (Ez 33.23—39.29). Ezequiel recebeu uma mensagem do SENHOR e a transmitiu aos exilados na Babilônia.

**33.23** — A expressão introdutória declarada por Ezequiel — idêntica ou semelhante à deste

versículo — marca o início das mensagens recebidas do SENHOR nesse trecho do livro (Ez 33.21—39.29).

**33.24** — A designação *moradores destes lugares desertos* diz respeito ao povo que permanecera em Jerusalém. Esses habitantes pensavam ser o remanescente — os fiéis. Todavia, sofreram com o cerco final liderado pelo rei Nabucodonosor. Os motivos desse cerco são apresentados por Deus nos versículos seguintes.

**33.25-29** — Ezequiel confrontou seu povo com exemplos específicos da recusa presente e passada deste em obedecer à vontade de Deus que lhe havia sido revelada (Ez 18.6,10; 22.11; Êx 20.4,5,13,14; Lv 7.26,27; 17.10-14; 19.26; Dt 12.16,23). Não seria, portanto, razoável o Senhor punir aquela geração retirando-a da terra, pelo menos temporariamente? O autor de Hebreus, após citar o exemplo do fracasso de Israel em entrar na Terra Prometida (cap. 3), adverte a Igreja de maneira semelhante (Hb 4.1).

**33.30-33** — Este trecho estabelece um contraste entre as atitudes dos exilados e a vida do *profeta* de Deus, Ezequiel. Os exilados pediram uma audiência com o profeta em busca de uma revelação do Senhor. Todavia, o comportamento deles não era consistente com aquilo em que declaravam crer. Seu verdadeiro desejo era receber entretenimento, e não instrução divina.

Se a derrota de Jerusalém não os despertou espiritualmente, nada mais o faria, mesmo que isso os levasse a enxergar a verdade divina na pregação de Ezequiel. Portanto, nestes versículos, Deus também consola o profeta. Os termos musicais podem estar relacionados à natureza lírica e ao canto de Ezequiel em algumas dessas profecias (Ez 19.1; 21.9-12).

**33.31** — *Ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra*. Veja Tiago 1.21-25 para conhecer outra condenação àqueles que ouvem a palavra de Deus, mas não a colocam em prática.

**34.1-31** — Neste trecho, Deus aponta os fracassos dos líderes de Israel (v. 1-6) e então prediz: (1) seu fim (v. 7-10); (2) o estilo divino de cuidar do rebanho (v. 11-16), marcado por

condenação (v. 17-19) e salvação (v. 20-24); e (3) uma aliança de paz e prosperidade (v. 25-31).

**34.1-6** — *Pastores de Israel* é uma metáfora para os líderes políticos de Israel, mas também pode incluir líderes espirituais (até mesmo os reis deveriam dar exemplo espiritual). Os pastores foram acusados de esquecer as principais características de um líder temente a Deus: altruísmo e comprometimento com a obra do Senhor (Is 52.13—53.12; Mt 23.11; Mc 10.45; Lc 22.24-30; At 20.17-38; Rm 12.1-5; Fp 2.1-11; 1 Tm 3.1-7; 1 Pe 2.18-25; 5.1-4).

Os resultados de uma liderança egoísta em Israel são vistos nos versículos 5 e 6: *assim, se espalharam* [as ovelhas], *por não haver pastor*. Isso significa que os líderes buscarem apenas ser servidos é o mesmo que o povo não ter liderança; portanto, os israelitas eram como ovelhas sem pastor (Mt 9.36). As pessoas caminhavam sem direção — *se espalharam* — e tornavam-se alvos fáceis — *ficaram para pasto de todas as feras*. O termo *espalhadas* é uma alusão às deportações e à dispersão dos israelitas entre as nações.

**34.7-10** — *Não apascentam as minhas ovelhas*. Os crimes dos líderes de Israel são mencionados antes que seu castigo seja declarado.

**34.11-16** — Compare a persistência do Senhor em pastorear e guiar Seu povo com a infidelidade dos líderes de Israel demonstrada no versículo 6 (v. 25-31; Jr 23.1-6; Jo 10.1-30). Veja também o Salmo 23, onde há descrição semelhante sobre o cuidado de Deus, nesse caso, com indivíduos. O *dia de nuvens e de escuridão* é o dia em que Jerusalém sucumbiu (Ez 30.1-5; Sf 1.15). Também pode ser uma menção à libertação futura, quando Deus irá *buscar suas ovelhas* (Ez 36.16-36). Israel, embora sendo culpado e mal direcionado, afinal seria resgatado pelo Bom Pastor e restabelecido na Terra Prometida (capítulos 33—39).

**34.17-22** — Os *carneiros e bodes* eram os líderes de Israel que haviam fracassado em guiar o povo corretamente. Tiraram proveito de sua posição de autoridade, prejudicando o povo.

**34.23,24** — A mudança do pronome da primeira pessoa do singular para o da terceira indica que Deus continuaria operando como Pastor-mor, mas por intermédio de um governante futuro que Ele escolheria da linhagem de Davi. Este seria o Messias — o Filho unigênito de Deus e Seu servo.

**34.25-31** — Os exilados são estimulados pela promessa de um *concerto de paz* (Ez 37.26-28;



## APROFUNDE-SE

### PASTORES

Ao longo da Bíblia, a imagem do pastor é muito importante. A partir de Davi, o pastorzinho que se tornou o primeiro rei de Israel, até Jesus Cristo, que disse a respeito de si mesmo: *Eu sou o bom Pastor* (Jo 10.11), essa função é exercida por um indivíduo que ama e cuida do rebanho, assim como um líder ou governante zela pelas pessoas sob sua autoridade.

Algumas características de um bom pastor incluem alimentar o rebanho, cuidar dos animais doentes e fracos, buscar os perdidos, direcionar com amor, reunir e proteger as ovelhas e dar-lhes o que tem de melhor. Em contrapartida, um pastor mau está mais interessado em alimentar a si mesmo, preocupa-se com sua própria saúde, guia as ovelhas com brutalidade, abandona ou dispersa o rebanho e guarda o melhor para si próprio.

É fácil perceber nessas comparações o motivo de as Escrituras muitas vezes exortarem os líderes a agirem como pastores para com o povo. Um bom líder preocupa-se com as necessidades físicas das pessoas e certifica-se de que os doentes e feridos recebam cuidados. Um verdadeiro líder vai em busca daqueles que se afastam. Ele guia seus liderados como um pastor, fornecendo direcionamento e correção, não com o punho cerrado, mas com um toque amoroso. Um bom líder protege aqueles sob seus cuidados. Não os abandona aos lobos e busca os que se afastam do aprisco. Por fim, um bom líder dá a própria vida para zelar por aqueles sob sua responsabilidade. Ele se preocupa com cada um e com seu bem-estar.

Pelo fato de Jesus ter se auto-intitulado o *bom Pastor*, fica claro que Ele é o indivíduo a respeito de quem Ezequiel profetizou. Ele é aquele que busca seus seguidores (Ez 34.11), salva-os (Ez 34.12), guia-os (Ez 34.13) e supre as necessidades deles (Ez 34.14; Jo 10). A vida e o sacrifício de Jesus estabelecem o padrão perfeito de um bom pastor e líder.

38.11-13; 39.25-29; Is 54.10), caracterizado pelas seguintes promessas: (1) proteção contra nações estrangeiras, a *besta ruim da terra*; (2) *chuvas de bênção*, simbolizando produtividade e prosperidade; e (3) a certeza de que o *SENHOR* é o Deus de Israel e deseja ter comunhão com Seu povo e um relacionamento duradouro baseado numa nova aliança (Jr 31.31-34; Hb 8.6).

**35.1,2** — O monte *Seir* é Edom (v. 15; 25.8; Gn 36.30; 2 Cr 20.10), a área montanhosa ao sul do mar Morto habitada pelos descendentes de Esaú. A inimizade entre Esaú e Jacó começou quando aquele irmão vendeu seu direito de primogenitura por um prato de comida. No entanto, ele já era rebelde no íntimo antes do acontecimento. O ódio de Edom contra Israel continuou até a destruição de Jerusalém.

**35.3,4** — Deus revela a natureza e o propósito do julgamento de Edom (*Seir*, v. 2). Estes versículos foram escritos como versos poéticos, o que significa que provavelmente eram cantados.

**35.5** — A expressão *no tempo da extrema iniquidade* se refere ao modo como Edom tirou vantagem do povo de Judá durante e depois a invasão dos babilônios (Ob 11-14).

**35.6-9** — Tendo declarado por que Edom merecia ser castigado, Ezequiel explica como a nação seria punida. Esse castigo incluiria execuções em massa e total destruição (Is 34.6-8; 63.1-6; Jr 49.7-13; Ob 18).

**35.10** — Um segundo motivo para a vingança de Deus contra Edom é apresentado, além do mencionado no versículo 5: Edom desejava assumir o controle de Judá e Israel após a destruição causada pelos babilônios. *Os dois povos* são Israel e Judá (Ez 37.15-28).

**36.1-7** — A mensagem é proclamada diretamente para a terra de Israel — *aos montes de Israel* —, porque as nações desejavam possuí-la, e, ao procurar assumir o controle, destruíram-na fisicamente e difamaram-na verbalmente. Israel foi denominada *as eternas alturas*, por causa do território montanhoso no centro.

Deus é glorificado e os exilados são consolados pelos seguintes motivos: (1) os crimes dos inimigos da nação são declarados publicamente; (2) a

terra do Senhor é isentada de falsas acusações (v. 13-15); e (3) o julgamento e a justiça contra as nações estrangeiras é executado. *Edom* foi especificamente citado por causa de seu histórico de animosidade contra Israel (Ez 35.5). O *resto das nações* era os outros povos que, de alguma maneira, haviam maltratado Israel e, portanto, receberam uma sentença de julgamento (capítulos 25—32).

**36.8,9** — *Estão prestes a vir*. Isso é declarado para a terra, que figurativamente esperava o retorno rápido de seus legítimos e respeitosos proprietários. Os primeiros retornaram do exílio sob ordens do imperador persa Ciro, cerca de 50 anos depois (538 a.C.).

**36.10,11** — Essa restauração envolveria *toda a casa de Israel*.

**36.12-14** — *Meu povo de Israel*. Apesar da pecaminosidade dos israelitas, que o profeta detalhou e descreveu com muita angústia, a nação ainda é chamada de povo de Deus. Os israelitas finalmente tomariam posse da terra para sempre, simbolizada pelas montanhas e pela cordilheira central da Palestina, chamada de *tu* nestes versículos.

**36.15,16** — As montanhas não mais *desfilhariam sua nação*, porque Deus garantiria a proteção dela contra exércitos estrangeiros. O próprio Senhor restauraria a nação e colocaria Seu príncipe no trono (Ez 34.24).

**36.17** — *Como a imundícia de uma mulher*. A impureza proveniente da menstruação (e não a própria mulher) era comparada ao comportamento anterior de Israel em Canaã (Ez 18.6; 22.10; Lv 12.2-5; 15.19-30).

**36.18** — Israel havia profanado de duas maneiras básicas a terra que lhe fora dada por Deus como dádiva: (1) *derramando sangue* inocente e (2) adorando *ídolos*, misturando a verdadeira adoração ao Senhor Deus com a idolatria e as práticas imorais de religiões pagãs.

**36.19** — Deus julgou os israelitas *conforme os seus caminhos*. Israel tinha sido hipócrita e profano, e não se separara do mundo pagão ao redor (v. 18). O Senhor havia entregado a Terra Prometida ao Seu povo para ser um território onde

os israelitas mostrariam ao mundo a diferença de seguir o Deus verdadeiro (Dt 7.1-11). Como fracassaram nessa tarefa, o Senhor os expulsou da terra. Por meio da obediência ou desobediência deles, Deus demonstraria ao mundo Sua personalidade, Seu poder e Seus planos.

**36.20,21** — O resultado mais trágico do pecado de Israel (v. 18,19) foi o fato de a nação ter *profanado* o *santo nome* de Deus. Derrota e dispersão, principalmente no mundo antigo, eram consideradas reflexos negativos do caráter (ou do nome, conforme Ez 20.9) do deus protetor de uma nação. A reputação do Senhor como um Deus santo e distinto de outras divindades em poder e propósito ficou comprometida pela recusa de Israel de confiar nele, tanto em sua própria terra como no exílio. Para resgatar Sua reputação santa e Seu povo rebelde, o Senhor permaneceu fiel às promessas declaradas na aliança mosaica.

**36.22-32** — Esta seção diz respeito ao restabelecimento do povo de Deus na Terra Prometida. As mesmas características apresentadas em Deuteronômio 29.1—30.10 constam aqui: (1) preservação/restauração (v. 22-24); (2) purificação (v. 25); (3) regeneração/capacitação (v. 26,27); e (4) provisão e produção abundantes (v. 28-30).

**36.22-24** — A previsão de retorno à terra na aliança mosaica está ligada à promessa de uma posse perpétua — mas não necessariamente ininterrupta — de Canaã na aliança abraâmica (Gn 12.1-3; 13.14-18; 15.12-21; Os 3.4).

**36.25** — A expressão *espalharei água pura sobre vós* simboliza a purificação do pecado (v. 17; 11.18; 37.23; Jr 33.8). Esse é o perdão de Deus baseado na expiação mediante o sangue (Êx 12.22; Lv 14.4-7,51; Nm 19.14-22; Sl 51.7; Zc 13.1; 1 Co 6.11; Hb 10.22).

**36.26,27** — A purificação do pecado seria vã e sem significado caso não houvesse arrependimento genuíno e a obra regeneradora do *Espírito Santo* no interior dos indivíduos. Deus não restauraria o povo apenas fisicamente, no retorno à terra, mas também espiritualmente, dando-lhe *coração novo* e *espírito novo* para que fosse capacitado a seguir o Senhor e realizar a Sua vontade (Ez 11.19,20; 18.31; 37.14; 39.29; Jr 31.31-34;

Jl 2.28,29; At 2.17,18; Rm 7.7—8.11; 2 Co 3.3-18; Hb 8.6—10.39).

**36.28-30** — *Vós me sereis por povo*. Veja os versículos 1-15; 34.29. O propósito da aliança mosaica finalmente seria cumprido (Dt 26.16-19; 29.13; 30.8). Os israelitas se tornariam um povo empenhado em seguir a Deus.

**36.31,32** — Estes versículos declaram novamente o motivo para a restauração e a renovação do povo de Deus. O retorno do exílio resgataria a reputação do Senhor entre as nações e anularia a culpa dos israelitas. Tudo isso seria resultado do favor de Deus para com os israelitas, embora não tivessem feito nada para merecer tal ato de misericórdia.

**36.33-35** — O *jardim do Éden* é mencionado para sugerir beleza, fertilidade e produtividade tão grandes que o povo se lembraria do *jardim no Éden, da banda do Oriente* (Gn 2.8; contraste com Ez 28.13).

**36.36-38** — *Multiplicar-lhes-ei os homens, como a um rebanho*. Animais oferecidos em sacrifício não podiam ter impurezas ou defeitos. O povo de Deus que retornava para a terra seria como um sacrifício vivo (Rm 12.1,2), puro e sem mácula. A declaração *eu sou o SENHOR* é uma constante nas mensagens de Ezequiel; Deus se faria conhecer como o Deus verdadeiro não só por meio de Seu julgamento, mas também da restauração de Seu povo.

**37.1-14** — Nessa visão dos ossos secos Deus apresenta novamente o método e os meios pelos quais irá restaurar e reconstituir a nação de Israel na terra. A visão ilustra a bênção e a segurança prometidas na aliança de paz e na nova aliança. Nos versículos 1-6, o Senhor apresenta a visão e instrui o profeta; nos versículos 7-10, Ezequiel interage com a visão; e nos versículos 11-14, Deus interpreta a visão.

**37.1,2** — Esse texto remete às experiências passadas de Ezequiel em suas visões (Ez 1.1,3; 2.2; 3.12,14; 8.1,3,7), embora a palavra *visões* não conste destes versículos. Esses ossos representam não apenas a morte, e com certeza muitas mortes, mas também o fato de serem deixados ao relento, que era um ato indecente e



## COMPARE

## AS VISÕES DE EZEQUIEL

Visão	Referência bíblica	Significado
Deus	Ez 1.1-28	Ezequiel é chamado e capacitado por meio de uma visão magnífica da glória divina.
Abominações no templo	Ez 8.1-18	Ezequiel é levado a Jerusalém, onde vê ídolos pagãos no templo e israelitas adorando esses falsos deuses. O Senhor revela ao profeta Sua ira por causa daquele comportamento pecaminoso.
Pessoas mortas em Jerusalém	Ez 9.1-11	Ezequiel recebe uma visão terrível na qual israelitas de várias faixas etárias são julgados e mortos por causa de sua rebeldia e idolatria.
O templo e os querubins	Ez 10.1-22	Ezequiel contempla a glória e o misterioso querubim deixando o templo por causa dos pecados do povo.
25 líderes ímpios	Ez 11.1-12	Ezequiel é levado até a Porta Oriental, onde vê 25 líderes de Israel planejando o mal. Ele os condena por seus atos malignos.
O vale dos ossos secos	Ez 37.1-14	Ezequiel é levado a um vale, onde vê ossos secos e esbranquiçados se juntarem, receberem nova carne e voltarem à vida. Essa visão ilustra o poder e a promessa de Deus de restaurar e avivar um povo morto.
O templo	Ez 40.1-43.10	Ezequiel tem uma visão detalhada de um novo templo e do retorno do Senhor. Essa visão estimula os israelitas com a promessa de que Deus irá voltar para abençoar Seu povo.

indigno de acordo com os costumes judaicos. Deixar cadáveres expostos sem serem enterrados até que os ossos ficassem à mostra era uma ideia inconcebível.

**37.3** — *Tu o sabes.* O profeta baseava sua fé completamente no Deus vivo. Normalmente qualquer pessoa diria “não” à pergunta que Deus havia feito. No entanto, Ezequiel não limitava o Senhor; ele sabia que o Todo-poderoso poderia dar vida àqueles ossos.

**37.4** — *Profetiza sobre estes ossos.* As profecias de Ezequiel muitas vezes haviam sido proclamadas a pessoas tão surdas como aqueles ossos velhos e secos.

**37.5** — A palavra traduzida como *espírito* aparece em outros trechos como *vento*. O *fôlego*, ou espírito, enviado por Deus aos corpos sem vida simboliza o Espírito Santo (v. 14), que traz renovação, regeneração e renascimento (v. 6,9; Jo 3.5-8;6.44;7.37-39;16.5-15; Rm 8.9-11).

**37.6** — *E viveréis.* Este trecho não fala a respeito da ressurreição da morte física, mas do renascimento da morte espiritual trazido pelo poder

divino. O Salmo 87 é outro texto nas Escrituras hebraicas que trata de renascimento espiritual. A ideia implícita nas palavras de Jesus a Nicodemos em João 3.1-16 era que aquele indivíduo deveria ter conhecido e compreendido o conceito de um segundo nascimento.

**37.7,8** — O forte *ruído* e em seguida o ajuntamento dos ossos com nova carne deve ter sido uma experiência emocionante para o profeta. Essa é uma ilustração profética do renascimento de Israel (Rm 9—11).

**37.9** — O vocábulo hebraico traduzido como *espírito* é o mesmo que, às vezes, aparece como *ventos*.

**37.10** — *Um exército grande em extremo.* Os ossos no vale (v. 1,2) provavelmente davam a impressão de uma terrível derrota militar da qual não houve sobreviventes sequer para enterrar os mortos. Entretanto, agora o exército *se pôs em pé*.

**37.11-15** — Os *ossos* simbolizam *toda a casa de Israel*. Essa identificação remete a ilustrações já citadas: (1) àqueles identificados como espiritualmente *secos* ou *mortos* (v. 2-5); (2) àqueles



identificados como sem *esperança* aparente de serem ressuscitados como o povo do Deus vivo; e, (3) àqueles descritos como dispersados antes de serem reunidos e edificados (v. 6-10).

A ideia central desta passagem é a chegada de um renascimento espiritual para o povo escolhido por Deus mediante a atuação de Seu Espírito (v. 15-28; 36.22-32). O renascimento espiritual avivaria e restauraria milagrosamente os seres humanos para se tornarem como o Senhor havia desejado que fossem desde o início. A mesma sequência ocorre na criação de Adão (Gn 2.7).

**37.16** — *Um pedaço de madeira*. Essa é a última encenação simbólica de Ezequiel utilizando um objeto (Ez 4.1,3,9;5.1).

**37.17-22** — Muitos cidadãos do Reino do Norte haviam sido levados para o exílio pelos assírios cerca de 150 anos antes. No entanto, alguns de seus descendentes também retornariam, quando as duas nações novamente se tornariam *uma só*.

**37.22** — A expressão *montes de Israel* representa a Terra Prometida (Ez 36.1-7,12). O *rei* se refere ao governante futuro, o Messias prometido, também chamado de Pastor, Servo e Príncipe (v. 24,25;7.27;34.11-31; Jo 10).

**37.23** — O vocábulo hebraico traduzido como *lugares de sua residência* aparece como *desviar* em alguns manuscritos antigos. Em hebraico, as duas palavras diferem uma da outra pela posição de apenas uma letra.

**37.24,25** — O título *meu servo Davi* se refere ao Messias e Rei que viria da linhagem de Davi para salvar Israel (v. 22; 2 Sm 7.8-16).

**37.26-28** — O Senhor havia feito um *concerto perpétuo* com Abraão, a nação de Israel e Davi (Ez 16.60,61; Gn 9.16;17.7; Nm 25.12,13; 2 Sm 7.13,16;23.5; Jr 32.40). O santuário ou lugar santo do Deus vivo era Sua habitação entre Seu povo (Sf 3.15-18), *meu santuário no meio deles*.

O termo *meu tabernáculo*, que significa *lugar de habitação*, é sinônimo de *santuário*. Ambos podem ser usados para descrever a habitação de Deus com Seu povo no deserto. No trecho em análise, aponta para a habitação futura do Deus vivo no meio de Seu povo *para sempre*. Também podemos

estabelecer uma comparação com o uso que Paulo fez destes dois versículos em 2 Coríntios 6.16.

**38.1,2** — *Filho do homem* é um título para Ezequiel que enfatiza sua humanidade, embora sua mensagem viesse de Deus. Os nomes próprios nessa profecia não precisam ser identificados especificamente para que se compreenda toda a mensagem. O termo *Gogue* aparece apenas em mais um trecho no Antigo Testamento (1 Cr 5.4), mas não em referência à mesma pessoa (compare Ap 20.8). Pode ser um nome ou um título.

*Magogue* (ou *terra de Gogue*; Gn 10.2; 1 Cr 1.5) geralmente é compreendido como sendo uma área próxima do mar Negro ou do mar Cáspio. Em Gênesis 10.2, *Magogue* é um dos filhos de Jafé, cujos descendentes ocuparam o território desde a Espanha até a Ásia Menor, das ilhas do Mediterrâneo até o sul da Rússia. Alguns relacionam *Magogue* com os cítios. Quanto a *Meseque* e *Tubal*, não se tem nenhum conhecimento. Geograficamente, talvez ficassem próximos de *Magogue*. Tudo que sabemos é que *Gogue*, derivado de *Magogue*, era líder de duas outras regiões ou países próximos dos mares Cáspio ou Negro.

**38.3,4** — Deus era o soberano sobre essa invasão (v. 14-17). Conforme a declaração do Senhor *porei anzóis nos teus queixos*, *Gogue* é descrito como um animal imenso, talvez um crocodilo, que seria



## EM FOCO

### GOGUE (HB. GOG)

(Ez 38.2; 39.1)

Ezequiel profetizou o julgamento de Deus contra *Gogue, da terra de Magogue, príncipe* (Ez 38.2, ARA). A terra de *Magogue* é citada juntamente com *Meseque* e *Tubal*, regiões próximas da Ásia Menor (Ez 38.2; Gn 10.2). No entanto, mais do que um indivíduo e um território específicos, Ezequiel usa *Gogue* e *Magogue* como metáfora de exércitos numerosos invadindo Israel, a partir do norte, no fim dos tempos (Ez 38.8). Esses exércitos se opõem a Deus e buscam destruir Israel. Mas o Senhor promete proteger Seu povo (Ez 38.14-23).

Em Apocalipse, *Gogue* e *Magogue* se tornam símbolos das nações malignas, enganadas por Satanás e contrárias a Deus e ao Reino de Cristo (Ap 20.8).

controlado por meio de ganchos. Quando os profetas bíblicos falam de batalhas em um futuro distante, referem-se a armas e táticas conhecidas na época em que viviam (*espada*, no v. 8; *arco e flechas*, em Ez 39.3), como *cavalos e cavaleiros*.

**38.5,6** — Nações se aliariam com Gogue vindas de todas as direções: do leste — *persas*; do sul — *etíopes*; do oeste — *os de Pute*; e do norte — *Gomer*. O povo de Gomer era os cimérios, oriundos da região da atual Rússia. *Togarma* ficava próximo do mar Negro (Gn 10.3; 1 Cr 1.6).

**38.7-9** — *Habitarão seguramente*. Esta expressão (v. 11,14) indica que o Israel mencionado nesta passagem está protegido; a nação não está livre de ataques, mas sim da derrota. O período da invasão de Gogue é sugerido por duas expressões temporais — *depois de muitos dias* [...] *no fim dos anos* — e com base no contexto geral.

A segunda expressão aparece apenas esta vez em todo o Antigo Testamento. A primeira geralmente descreve um período de tempo indefinido, às vezes estendendo-se a um futuro distante ou até ao fim dos tempos (Dn 8.26). Veja também o versículo 16, onde a expressão *fim dos dias* é utilizada, frequentemente em referência ao período messiânico ou ao tempo em que Israel será reunido.

Do ponto de vista de Ezequiel, ele estava predizendo um período num futuro bastante distante — o *fim dos tempos*. A menos que essa passagem esteja falando de batalha espiritual, a invasão de Israel e o período de confiança e paz descrevem eventos futuros.

**38.10-13** — O *mau desígnio* de Gogue consistia em atacar um povo despreparado e pacífico, que não suspeitava desse acontecimento, em *aldeias não muradas*. O verbo *subirei* demonstra que, embora Deus predissesse e controlasse as atitudes malignas de Gogue, este decidiria atacar Israel. A respeito de *Sabá*, *Dedã* e *Társis*, veja Ezequiel 25.13; 27.12, 15, 22. Os *leõesinhos* representam os governantes; no entanto, algumas versões antigas traduzem esse vocábulo hebraico como *vilarejos*.

**38.14-17** — A respeito das *bandas do Norte*, veja o comentário do versículo 2. Na história bíblica antiga, os cavalos não eram utilizados para combater os exércitos inimigos, como se verifica

no trecho *montados todos a cavalo*, mas sim para puxar carruagens (v. 4). As palavras *para que as nações me conheçam a mim, quando eu me houver santificado em ti os seus olhos, ó Gogue* demonstram que Deus estava determinado a trazer glória ao Seu nome nessa batalha incomum, ainda que por intermédio desse indivíduo maligno.

A pergunta *não és tu aquele...?* sugere que profetas já haviam falado da invasão de Gogue. As profecias poderiam ser referências gerais a um período em que os inimigos de Deus e de Seu povo seriam derrotados (v. 21; Dt 30.7; Is 26.20, 21; Jr 30.18-24; Ag 2.20-23; Zc 14.12-15).

**38.18-23** — Estes versículos falam a respeito de Deus defender Sua nação contra Gogue e seu exército com métodos sobrenaturais e tremores de terra. Uma linguagem incomum com relação à ira do Senhor é utilizada nesta passagem. Essas várias expressões bastante incisivas indicam mais do que uma simples batalha no futuro.

*Fogo e enxofre* é uma expressão rara, reservada apenas para as maiores catástrofes (Gn 19.24, em que uma expressão quase idêntica é usada para descrever a destruição de Sodoma). Esse julgamento seria semelhante em magnitude ao castigo que Sodoma experimentou, e revelaria ao mundo o poder de Deus e Seu apreço por Seu povo (Ez 39.6), por isso a afirmação *e saberão que eu sou o SENHOR*.

**39.1-3** — *Farei cair as tuas flechas*. Esta expressão descreve Deus lutando em favor de Seu povo (Ez 38.21).

**39.4,5** — *Nos montes de Israel, cairás* [...] *sobre a face do campo*. A derrota seria total; não haveria lugar para onde os inimigos de Deus pudessem fugir e encontrar abrigo.

**39.6,7** — *Fogo vindo do Senhor* geralmente diz respeito a relâmpagos (1 Rs 18.38). Há uma ênfase nos capítulos 38 e 39 sobre o propósito de Deus em demonstrar a verdade de que Ele é o SENHOR (v. 13, 21, 22, 28; 38.16, 23), por isso nestes versículos o Todo-poderoso diz que *as nações saberão*. A batalha do Altíssimo contra Gogue evidenciaria Sua soberania e majestade.

**39.8** — *Eis que é vindo* [...] *este é o dia*. A linguagem utilizada nessa seção parece bastante

incomum em sua gravidade, e o resultado dos acontecimentos é anunciado com um estilo solene e convicto.

**39.9,10** — Os sete anos podem ser igualados, porém não necessariamente, aos sete meses dos versículos 12 e 14. Caso seja uma bênção simbólica, o número sugere a totalidade e o encerramento da guerra. A ideia nestes versículos não é que armamentos modernos seriam usados como combustível para o fogo. A ênfase está na destruição completa operada por Deus contra os inimigos de Israel, apesar de terem soldados e armas em tão grande número que poderiam ser considerados invencíveis.

**39.11** — *Naquele dia* se refere ao período após a derrota de Gogue. Os enterros seriam necessários por questões de higiene e para evitar profanação ritual (Lv 5.2,3;21.1; Nm 6.6). A expressão *oriente do mar* não é clara, mas talvez o vale mencionado seja a área ao sul da Galiléia, que desce em direção ao mar Morto (chamado de vale de Jezreel em Js 17.16).

**39.12** — *Purificar a terra*. A Lei de Moisés prescrevia o sacrifício de um novilho para purificar a terra caso alguma pessoa assassinada fosse encontrada no território (Dt 21.1-9).

**39.13** — *Será para eles memorável*. Este versículo indica que o enterro de Gogue se tornaria um dia memorativo para glorificar a Deus. Considere o trecho paralelo em 1 Coríntios 15.24-28, que fala da inauguração dos novos céus e da nova terra depois que todos os inimigos de Cristo forem derrotados.

**39.14-16** — Este trecho destaca uma purificação completa (Lv 11.45). O termo *Hamoná* indica que haveria uma multidão de cadáveres.

**39.17-20** — Um poema ou cântico é designado aos pássaros e animais carnívoros que buscariam a multidão de cadáveres (v. 14-16). Linguagem figurada ou não, este trecho descreve de maneira marcante o controle de Deus sobre a conquista futura de Israel e sua vitória contra inimigos ferozes (Ap 19.11-21).

A refeição seria um sacrifício preparado pelo Senhor e servido em Sua mesa — a terra ou os montes de Israel. O prato principal seria os

governantes inimigos. Os bezerras [...] engordados em Basã descrevem o poder desses homens. Os rebanhos de Basã — carneiros, cordeiros, bodes, bezerras — eram os animais mais fortes e mais importantes do Israel antigo, tratados nas ricas pastagens a leste da Galiléia.

**39.21,22** — *Minha glória entre as nações*. O conhecimento universal do Deus de Israel finalmente seria baseado no resultado da batalha descrita nos capítulos 38 e 39. Ezequiel dá sequência ao tema teológico, iniciado em Gênesis 12.3, de que o propósito derradeiro de Deus ao escolher Abraão e Sara era revelar Suas bênçãos a todas as famílias da terra. O Senhor demonstraria Sua glória tanto entre as nações como entre Seu povo escolhido, Israel.

**39.23-29** — O vocábulo hebraico traduzido como *cativo* (Jr 30.3) também pode significar sorte (Dt 30.3 ARA).

**40.1** — Essa data é aproximadamente 573 a.C., um período de 12 anos desde que as seis mensagens de esperança foram proclamadas, 12 meses após a queda de Jerusalém (Ez 33.21—39.29), e 25 anos depois da deportação de Joaquim (Ez 1.2;33.21,22; capítulos 33—39).

**40.2** — Ezequiel foi levado em uma visão até um monte muito alto de onde podia ver uma cidade ao sul. Essa visão parece um tanto vaga, *um como edifício de cidade*. Uma vez que o templo estava localizado ali (v. 5), pode ser Jerusalém; todavia, nem o monte nem a cidade são nomeados. Não havia montes altos ao norte de Jerusalém naquela época, nem há nos dias de hoje. É possível que seja o monte Hermom, ao norte da Galiléia, caso os limites da terra fossem considerados até aquela distância.

**40.3-5** — As circunstâncias especiais dessas visões finais merecem destaque. Ezequiel viu um mensageiro cuja aparência era como a aparência do cobre (Ez 1.27,28) equipado com ferramentas de medição. Ezequiel foi escolhido para transmitir a revelação à casa de Israel. Um côvado tinha cerca de 45 cm, ou a distância da ponta do dedo médio até o cotovelo.

A medida de quatro dedos era a largura de uma mão, ou aproximadamente 7,5 cm. Tanto o côvado

longo (cerca de 53 cm) como o côvado curto (o padrão, 45 cm) eram usados na época. Com base nessas medidas, a *cama de medir* tinha seis côvados longos de comprimento, ou seja, cerca de 3,2 m, a altura e a largura dos muros ao redor do templo.

**40.6-16** — O *umbral* da porta oriental media 3,5 m de largura; cada câmara da porta ou salão da guarda tinha 3,5 m de lado, separados por um espaço com largura de 3 m. Os *degraus* aparentemente conduziam ao umbral externo, e as câmaras (três de cada lado) criavam uma passagem até o umbral interno que levava a um vestíbulo com aproximadamente 4,5 m de largura.

Os *pilares* mediam 1 m de largura, e a distância através da porta do umbral externo era 6 m. A distância do início da porta através do umbral

externo era aproximadamente 7,5 m, sendo que 3,5 m correspondiam ao umbral. O espaço na frente de cada câmara tinha 50 cm de largura. As dimensões gerais da porta leste e das duas portas idênticas no norte e no sul eram 15 m por 30 m. Os pilares tinham 35 m de altura. Essas portas têm certa semelhança com outras descobertas em Israel, datando dos dias de Salomão.

**40.17-27** — O pavimento inferior era igual em comprimento à porta de entrada, 30 m, e a distância entre a porta externa e a porta interna correspondente (ao longo do pavimento) era 60 m. As *câmaras* eram aposentos que ficavam alinhados dentro dos muros norte, sul e leste, provavelmente para estocagem ou acomodação dos sacerdotes.



## APROFUNDE-SE

### MEDINDO O FUTURO

Ezequiel pode ser considerado o mais visionário dos profetas. Deus lhe deu um discernimento espiritual que continua estimulando a imaginação das pessoas, 25 séculos depois. Semelhante ao de outros profetas, o ministério de Ezequiel entre seu povo teve duas fases bem distintas: condenação e consolo.

Os primeiros 32 capítulos de Ezequiel trazem um relato do julgamento divino futuro, porém garantido, sobre seu próprio povo e também sobre sete outras nações. O fato incrível é que, embora Jerusalém tivesse sido conquistada e muitos dos habitantes houvessem sido deportados, os exilados se agarravam à vã esperança de que Deus nunca permitiria que sua cidade e seu templo fossem destruídos. O povo não percebia que o compromisso derradeiro do Senhor era para com o povo, e não com localidades ou construções. Para purificar e preservar os israelitas, Deus permitiu a devastação da Terra Prometida e do templo. No entanto, Ele também exigiu prestação de contas das nações que se valeram de sua dominação temporária sobre Israel como uma oportunidade para ridicularizar o Deus vivo.

As primeiras mensagens de Ezequiel enfocavam a vinda do julgamento do Senhor e a necessidade urgente de arrependimento. A última parte do livro de Ezequiel traz uma mudança drástica de tom. Com a queda de Jerusalém, o terrível julgamento de Deus finalmente havia se consumado. Os exilados, cansados e desiludidos, perderam toda a esperança. Assim o Senhor concedeu a Ezequiel uma nova mensagem. Embora as evidências imediatas apontassem para o desespero, Deus estimulou o povo a converter-se novamente a Ele e a colocar sua confiança nele. Apesar das adversidades temporárias e do sofrimento, Deus ainda estava no controle. Seus propósitos seriam realizados, e Seus planos eram específicos. Na verdade, os planos divinos eram tão bem definidos que podiam ser medidos.

Ezequiel também teve uma visão das dimensões do novo templo (registrado em Ez 40.1—48.35) para demonstrar esse fato. Muitos teólogos já se esforçaram para tentar entender os detalhes da visão de Ezequiel de maneira a declarar que a profecia já se cumpriu. No entanto, todas as tentativas fracassaram. Os israelitas que retornaram do exílio não fizeram uso dos planos de Ezequiel para reconstruir Jerusalém. E é difícil interpretar essa profecia como sendo a descrição simbólica da Igreja em nossos dias. A declaração mais segura que podemos fazer a respeito da visão e das instruções que a acompanham é a de que diz respeito a uma profecia que ainda está para se cumprir. Ao mesmo tempo, podemos aplicar esses capítulos nos dias atuais como uma ilustração dos planos e propósitos de Deus, Sua precisão e Sua soberania. O Senhor mantém o controle sobre os eventos históricos. Mesmo quando tudo parece caótico, Deus nos chama a descansar em Sua capacidade de criar ordem.

A visão de Ezequiel a respeito de um novo templo, exatamente depois de o templo em Jerusalém ter sido destruído, era uma garantia para os exilados. O Senhor retiraria beleza das cinzas. O povo dos dias de Ezequiel precisava dessa visão de esperança, assim como nós atualmente.

**40.28-37** — Os *vestíbulos* tinham 15 m de comprimento e 3 m de largura (v. 8,9,14; aparentemente os *vestíbulos* das portas na câmara interna tinham dimensões diferentes, embora seja declarado que fossem idênticas às outras). Também em contraste com as portas externas, estas tinham seus *vestíbulos* no lado externo (entrada), com uma escada de sete degraus (v. 22,26).

**40.38-43** — Ezequiel viu um cômodo próximo da entrada da porta norte do salão interno onde animais eram mortos e lavados para a realização dos sacrifícios. Estes apontavam para o sacrifício definitivo: a morte do Filho unigênito de Deus na cruz. O sacrifício de Cristo ao entregar Sua própria vida pagou por nossos pecados e proporciona salvação a todos os que creem nele (Hb 7.20-28; 9.23-28).

**40.44-46** — No átrio interno das portas internas ao norte e ao sul estavam aposentados para os sacerdotes cuja tarefa principal era entoar cânticos (1 Cr 16.4-6; 2 Cr 29.25-30). Os que ficavam abrigados na porta norte serviam no altar do sacrifício. Esses *filhos de Zadoque* eram os únicos levitas com permissão para servir a Deus diretamente (Ez 44.15-31). Os sacerdotes da porta sul (interna) ministravam no templo.

**40.47-49** — O átrio interno era quadrado, com 60 m de lado. Para informações sobre o *altar* e o *templo*, veja os capítulos 41 a 43. A extensão da entrada — *vestíbulo* — para o santuário do templo pode ser determinada: 20 côvados (12 m) de comprimento e três côvados (1,5 m) de largura, com *pilares* de cinco côvados (3 m) de cada lado, deixando uma passagem com a extensão de 14 côvados (8 m).

**41.1-4** — O espaço externo, o lugar santo (Êx 26.33), e o espaço interno, a *Santidade das Santidades* (1 Rs 6.16-20), do templo são descritos. O primeiro media 24 m de comprimento por 12 m de largura, e possuía uma entrada com 6 m de largura. O segundo era um quadrado de 12 m de lado, cuja entrada tinha 3,5 m de largura. Os *pilares da entrada* para a câmara externa mediam 3,5 m, e para o santuário interno, 1 m. As paredes em cada lado de cada entrada se projetavam para fora das paredes laterais 3 m e 4 m. A altura da

entrada para a câmara interna media aproximadamente 3,5 m.

**41.5-11** — Em seguida são apresentadas as dimensões da *parede* ao redor do *templo*. Sua largura era 3,5 m. Ladeando os muros a oeste, norte e sul (porém não anexados a eles) existiam três níveis de dez câmaras cada (talvez servindo de cômodos de armazenagem), cada uma com aproximadamente 2,5 m de lado, com uma parede externa de 3 m de espessura. Estavam sobre uma fundação que media 3,5 m de altura. Aparentemente existia um espaço de 12 m entre esses cômodos e as *câmaras* dos sacerdotes ao norte e ao sul do templo (Ez 42.1-14). Existia um *lugar vazio* com 3 m de largura em todos os três lados.

**41.12** — Atrás do templo, entre a terminação ocidental deste e o muro ocidental do átrio externo, havia um *edifício* com 41 m de largura e 53 m de comprimento, sendo que cada parede media 3 m de espessura. O propósito da construção não é mencionado.

**41.13-26** — Semelhante ao templo, o edifício ocidental possuía 60 m de comprimento total (o comprimento interior mais a espessura das paredes de cada lado mais 3 m, multiplicado por 2; v. 12). A largura total do lado oriental do templo é a mesma, assim como o átrio interno e o átrio que separava o templo do edifício ocidental. Vários ornamentos são descritos nos versículos 16 a 20. Alguns provavelmente possuíam significado simbólico (Ez 28.13,14 com relação aos querubins), mas não há explicações específicas nesse trecho.

O *altar* de madeira (v. 22) é a única peça de mobília mencionada nessa passagem, com 1,8 m de altura e 70 cm de lado (as dimensões das mesas de pedra de Ez 40.42 e do altar do sacrifício em Ez 43.13-17). O propósito e a posição desse altar não são conhecidos; entretanto, é chamado de *a mesa que está perante a face do SENHOR*, ao qual alguns comparam o altar do incenso no tabernáculo (Êx 37.25-28).

**41.23,24** — Nestes versículos, o *templo* representa o lugar santo. O *santuário* representa o santíssimo. Cada porta possuía *dois batentes*, ou painéis, mas apenas um deles podia ser aberto para que se entrasse em cada cômodo.



## EM FOCO

GLÓRIA (HB. *KABOA*)

(Ez 43.2; Êx 24.16; 1Rs 8.11)

Esse vocábulo deriva de um verbo hebraico utilizado para descrever o peso ou a importância de algo, mas também pode referir-se a algo negativo. Por exemplo, a respeito de Sodoma, demonstra o grau de pecaminosidade da cidade. A iniquidade era tanta que fez com que ela fosse totalmente destruída (Gn 18.20). Contudo, essa palavra é mais comumente usada para descrever grandiosidade e esplendor (Gn 31.1).

A glória de Deus é descrita no Antigo Testamento como tendo a forma de uma nuvem (Êx 24.15-18) que encheu o templo (1Rs 8.11). A reação apropriada ao se contemplar a glória de Deus é de reverência para com Ele, curvando-se perante o Senhor, como fez Ezequiel (Ez 3.23; 43.3).

**42.1-14** — Ao norte e ao sul do átrio, separando o templo e o edifício oriental (Ez 41.12-14), havia uma construção para os sacerdotes com 60m de comprimento e 30 m de largura, com 3 andares (v. 5,6) e uma porta na parede mais comprida, de frente para o átrio externo. A entrada possuía um *caminho* medindo 6 m por 60 cm. Apenas o edifício norte é descrito, mas aparentemente o edifício sul era idêntico ou bastante parecido.

Paralela ao muro oriental (a largura) e à sua porta havia uma parede com 30 m de comprimento (v. 7-9). Esse local se destinava a alguns sacerdotes (*filhos de Zadoque* em Ez 40.46). Nele, alimentavam-se e trocavam de roupa. Isso indica que tais cômodos também possuíam espaço para armazenar as ofertas de alimentos santos e as vestes sacerdotais.

**42.15-20** — *Mediu em redor*. Ezequiel foi levado através das portas orientais para o lado de fora do templo e da estrutura dos átrios e viu o tamanho do território reservado para o complexo do templo. Muitos teólogos questionam se a medida de *canas* no versículo 16 está correta ou se deveria ser traduzida como *côvados*. Quinhentas canas de lado equivalem a pouco mais de 1.700 m para cada lado, o que para alguns parece uma distância muito grande.

O *côvado* é a medida usada com mais frequência até esse trecho, mas a cana foi introduzida como padrão de medida do templo (em Ez 40.5, a cana de medir é tida como equivalente a seis côvados). Parece fazer sentido que uma unidade maior seja empregada para grandes dimensões. A

grande área limítrofe ao redor do complexo do templo talvez se destinasse a separá-lo e dar destaque à santidade daquela construção (Ez 43.12).

**43.1,2** — *A glória do Deus de Israel vinha do caminho do oriente*. Em Ezequiel 11.23, a glória de Deus havia deixado o templo e seguido para o leste sobre o monte das Oliveiras, à medida que a presença do Senhor saía da cidade. Nestes versículos, a presença divina retorna para Jerusalém a partir do leste. Veja Ezequiel 1.24 e 10.4 (compare Ap 1.15; 14.2; 19.6; 21.11,23).

**43.3-6** — *Quando vim aparece como quando Ele veio* em alguns manuscritos hebraicos, referindo-se ao julgamento do Senhor com respeito a Jerusalém.

**43.7-9** — O templo era a habitação de Deus, de onde Ele reinaria e governaria sobre os *filhos de Israel para sempre* (Ez 37.26-28). A segunda parte do versículo 7 prediz o cancelamento das práticas idólatras e imorais da *casa de Israel*, que haviam ocorrido ao redor do templo (2 Rs 23.1-20). *Suas substituições* pode ser uma alusão ao adultério espiritual em geral, ou mais especificamente, e num sentido literal, à participação dos israelitas na substituição na adoração a Baal (Ez 16.15).

Quanto ao termo *cadáveres*, alguns teólogos o consideram como uma metáfora (Lv 26.30) por causa do contexto. No entanto, também pode referir-se a sepulturas memoriais de reis enterrados próximos ao monte do templo (2 Rs 23.30), talvez perto das residências reais externas ao muro sul (v. 8; 1 Rs 7.1-12). O vocábulo *altos*

passou a designar qualquer local de adoração idólatra, fosse no topo de uma montanha ou não.

**43.10-12** — Deus explica a Ezequiel o propósito de revelar aos israelitas a descrição detalhada do futuro *templo* (v. 8,9;42.15-20; Lv 20.7; Sl 11.4; Is 6.3).

**43.13-17** — O côvado descrito nesta passagem é o côvado longo — *um côvado e quatro dedos*, ou aproximadamente 53 cm. O altar tinha uma base medindo 60 cm na largura e na altura. Uma borda ao redor da base tinha *um palmo*, com cerca de 23 cm de largura. No topo da base havia uma seção mais baixa com 1,2 m de altura, tendo uma *listra* de 60 cm de largura. A distância entre a listra maior e a menor era 2,4 m.

O *Harel* (*lareira*, na ARA), a porção no topo do altar onde o sacrifício era oferecido, media 2,4 m de altura. Os *quatro chifres* ficavam um em cada canto (1 Rs 1.50,51). Ao todo, o harel media 7 m de lado. Aparentemente, a seção do meio era um quadrado de 8 m de lado com uma listra de aproximadamente 27 cm de largura; a seção inferior se estendia 1,2 m além da seção do meio, com o lado medindo 9,5 m (v. 14,16,17 onde — supondo-se a simetria do altar — a seção do meio se estendia dois côvados além do topo). Portanto a altura do altar era 11 côvados, ou 6,5 m.

Supondo-se um quadrado de 18 cúbitos (*harel* e seção média, nos v. 16,17) e uma base contendo um côvado de altura, a fundação era um quadrado com aproximadamente 10,5 m de lado. *Degraus*, antes proibidos na construção do altar (Êx 20.26), foram necessários neste por causa de seu tamanho. O imenso altar seria colocado no centro do átrio interno, diante da entrada do templo.

**43.18,19** — Esses *estatutos* estão relacionados com a purificação e a consagração do altar. Veja Êxodo 29.36,37 e Levítico 8.14-17 para obter mais informações sobre o altar do tabernáculo, e 2 Crônicas 7.9, sobre o altar do templo.

**43.20-27** — A expressão *expição do pecado* indica purificação. Por causa da ausência de pecado — *sem mancha* — do sacrifício, o povo em favor de quem ele era oferecido se tornava aceitável perante Deus (v. 27; Êx 29.14,16,36,37; Lv 3;4.12,21;5.9;8.14-17; Hb 13.10-13).

**44.1-3** — A *porta do santuário exterior* é a porta oriental do átrio externo (Ez 40.6-16;43.1) que deveria permanecer *fechada*. A porta oriental conhecida atualmente como Porta Dourada foi construída vários séculos antes de Cristo. Hoje, está encerrada numa parede, de acordo com uma tradição islâmica. A identidade do *príncipe* mencionado neste trecho é desconhecida. O termo em hebraico nem sempre diz respeito a um rei ou membro da realeza (Gn 23.6). Não é o Messias, porque Ezequiel 45.22 indica que esse líder deveria apresentar oferta pelo pecado em favor de si próprio. Pode ser um dos sacerdotes filhos de Zadoque (v. 15,16).

**44.4-9** — Ezequiel teve outra visão surpreendente da glória de Deus que o levou a curvar-se em adoração (Ez 1.28—2.1). Deus exigiu que Seu povo renovado seguisse Suas determinações com precisão. Ele enfatizou a necessidade de santidade e justiça, principalmente à luz das *abominações* passadas para com as regras que estabeleciam quem deveria entrar no *santuário* do templo.

De maneira específica, o povo havia permitido que *estranhos* que não davam provas de sua fidelidade a Deus servissem no santuário (Js 9.23-27; Ed 8.20): essas pessoas eram *incircuncisos de coração e incircuncisos de carne*. Isso consistia numa desobediência às ordenanças do Senhor (Êx 19.8; Lv 26.41; Nm 3.10; Dt 10.16;30.6; Ne 13.8; Jr 4.4;9.25), mas estava em conformidade com as práticas de religiões pagãs estrangeiras, que o povo de Deus tinha sido proibido de imitar (Êx 34.12; Dt 18.9; compare Rm 12.1,2).

**44.10** — Veja Levítico 21 e 22 para conferir uma descrição dos deveres dos *levitas*. Infelizmente, durante a história de Israel, eles não obedeceram às ordenanças que Moisés lhes havia entregue e até mesmo estimularam a idolatria (compare cap. 18;14.1-11; Dt 33.8-11; Jz 17—19).

**44.11-14** — Deus explica a Ezequiel por que os levitas seriam limitados a determinados tipos de serviço no templo. Eles (com exceção dos filhos de Zadoque, v. 15) não podiam ser sacerdotes, mas podiam atuar como *ministros* (servos ou auxiliares). Não podiam servir no átrio interno ou no templo, onde estavam as *coisas sagradas*,

mas podiam supervisionar as atividades gerais no complexo do templo.

**44.15,16** — Os sacerdotes levíticos, os filhos de Zadoque, eram descendentes do sacerdote Zadoque, da linhagem levítica, que permaneceram fiéis quando os demais se afastaram de Deus (1 Sm 2.27-36; 2 Sm 8.17; 15.24-29; 1 Rs 2.26-35; 1 Cr 6.7,8,50-53). Embora a salvação nunca possa ser alcançada pelas obras (Rm 3;4; Gl 2;3; Ef 2.8,9), Deus recompensa a fidelidade e a justiça. Ele recompensou os sacerdotes e levitas fiéis com a oportunidade de ministrarem perante Ele.

A responsabilidade e o reconhecimento têm de ser merecidos, mas nunca exigidos (1 Sm 26.23; Mt 5.12; 25.21-23; Ap 2.10). Novamente há uma ênfase sobre a santidade e a justiça. Os filhos de Zadoque foram honrados por sua obediência. A mesa não é identificada, mas pode ser semelhante ao altar de madeira de Ezequiel 41.22.

**44.17-19** — Estes versículos falam da santidade como *vestiduras de linho* (Ez 42.14; Êx 28.42; 29.37; 30.29; Lv 6.11,27; 16.4; 21.10; Ag 2.12). As coisas comuns deviam ser mantidas separadas das coisas consagradas.



## APLICAÇÃO

### A SANTIDADE NÃO FICA RESTRITA A UM LUGAR

Para muitas pessoas, a palavra *santo* traz à memória imagens tais como a de catedrais e templos. É muito fácil limitarmos nosso conceito de santidade a exemplos concretos como esses, principalmente quando vemos tantos casos parecidos no Antigo Testamento.

Em várias épocas ao longo da história, Deus instruiu os israelitas a consagrarem vários locais (e indivíduos), para que o povo se lembrasse de que pertencia ao Senhor. Determinados monumentos — o tabernáculo, o templo e até algumas montanhas —, assim como alguns líderes, os sacerdotes e os profetas eram chamados de *santos*, consagrados ou separados para o Senhor.

Esse padrão teve continuidade na visão de Ezequiel a respeito do novo templo, cujo acesso era extremamente restrito (Ez 44.1-19). De modo semelhante, um determinado *distrito santo* deveria ser criado na terra restaurada (45.1-5). Embora a santidade estivesse ligada a determinados locais, não devemos esquecer-nos de que o chamado para termos uma viver santo não se limita a um lugar. Toda nossa vida deve ser santa, não importando onde estejamos.

Ezequiel destaca algumas aplicações bastante práticas e até mesmo "mundanas" para a santidade:

- Dar fim à violência e opressão (Ez 45.9).
- Dar fim ao costume de despejar pessoas (Ez 45.9).
- Restaurar negociações honestas, utilizando padrões íntegros e confiáveis (Ez 45.10-12).
- Doar uma porcentagem de cada transação ao Senhor, fosse a pessoa um príncipe ou um súdito (Ez 45.13-17).
- Preservar festivais e celebrações mensais que incluíssem todos dentro o povo (Ez 45.8-25).
- Restaurar a semana de seis dias úteis, e proteger o descanso sabático, sendo que o príncipe faria uma grande contribuição para essa observância (Ez 46.1-15).
- Seguir diretrizes cuidadosas com relação a heranças e limites territoriais, mantendo um tratamento justo para com estrangeiros (Ez 46.16-18; 47.13-23).
- Garantir uma área para as pessoas comuns, para lares e espaços comuns (Ez 48.15-20).
- Dar nome a cada um dos centros comerciais — as saídas ou portas da cidade — com base em porções dos cidadãos (tribos) (Ez 48.30-35).
- Dar nome à cidade de *O SENHOR está ali*, refletindo uma visão inclusiva da santidade: tudo que acontece na cidade pertence ao Senhor (Ez 48.35).

Toda nossa vida deve ser santa. Às vezes, temos de demonstrar mais reverência em alguns lugares e em determinadas ocasiões, mas não nos tornamos mais ou menos santos por entrar ou sair de um local em particular. Cristo já nos convidou a entrar no lugar santíssimo, para que vivamos como Seu povo santo em tudo o que fazemos (Hb 9.11-15; 10.19-25).



44.20-22 — Estes versículos falam da santidade no comportamento. Essas determinações davam continuidade às práticas já prescritas na Lei de Moisés (Lv 10.6,9;21.1-6,7,10,14). Seu objetivo era auxiliar os sacerdotes a não se conformarem com os rituais religiosos imorais e idólatras, bem como com a conduta imprópria das nações pagãs.

Os sacerdotes, nessa época e posteriormente, tinham a responsabilidade de servir de modelo e preservar os padrões mais elevados de moral, autocontrole, autonegação, disciplina e obediência à vontade de Deus. Na cultura israelita, raspar a cabeça indicava luto (Ez 7.16-19), e deixar o cabelo crescer podia significar que a pessoa estava fazendo um voto especial (às vezes com a abstinência total ou parcial do vinho; Nm 6.3,4). O propósito desses procedimentos era a evidente separação do sacerdote do restante da sociedade.

44.23,24 — *A meu povo ensinarão.* Os sacerdotes deviam demonstrar verbal e visualmente ao povo como distinguir entre as coisas santas e as profanas. Além disso, tinham de atuar como juízes em disputas e discussões (Ez 22.26; Lv 10.10,11;11.47; Dt 17.9;19.7;21.5;33.10).

44.25-27 — Este trecho trata da santidade com relação à morte entre o povo (Lv 21.1-3; Nm 19.11-19; Ag 2.13). O contato com um cadáver era proibido, porém uma exceção parcial foi estabelecida para parentes de primeiro grau. O ato deixava a pessoa impura por certo tempo. A preocupação de Deus com a pureza na prática e nos procedimentos é demonstrada no fato de o sacerdote se submeter a um rito de purificação e, então, apresentar uma oferta pelo pecado por si mesmo. Ele deveria declarar publicamente sua impureza e purificar-se, embora o que houvesse feito não fosse proibido.

As circunstâncias que permitiam a uma pessoa tocar um cadáver não anulavam as consequências do ato de acordo com a Lei. Deus estava, assim, preservando a santidade de Seu templo e Seus estatutos.

44.28-31 — Estes versículos falam da santidade com respeito às provisões do sacerdote (Lv 17.5;22.8; Nm 18.10-13,20,23,24; Dt 10.9;14.21;

Ml 3.8-12). Ao declarar *eu serei a sua herança*, Deus estava afirmando que seria a possessão dos sacerdotes em todos os sentidos; eles não herdavam propriedades nem cidades.

A *coisa consagrada* (Lv 27.21,28; Nm 18.14; Jz 11.29-40) era algo santo e irrevogavelmente dedicado a Deus como uma oferta sacrificial. A pessoa que levava ao templo a oferta era abençoada por seu ato (At 20.35). As leis de Deus são governadas por Seu amor e Sua bondade, e nos foram entregues como diretrizes para uma vida santa e saudável (Jo 10.10). O Senhor é verdadeiro e digno de confiança; Seus códigos de conduta são bênçãos e não um fardo (Mt 1.28-30). Podemos segui-los com fé por causa do caráter de Deus, que nos foi revelado, embora os motivos específicos para Seus mandamentos não sejam descritos.

45.1-5 — Uma porção específica da terra — *um lugar santo* — seria destinada a Deus. Essa área seria dividida em duas partes idênticas. Uma seria concedida aos filhos de Zadoque — *os sacerdotes, ministros do santuário*. No centro dessa parte santificada ficaria a área santa para o templo — *o santuário e o lugar santíssimo*. A outra parte seria dada aos levitas. Tudo isso seria santo; Deus seria o proprietário. As *vinte câmaras* constam como *cidades para habitação* na Septuaginta.

45.6 — *A cidade não é mencionada*, mas provavelmente era Jerusalém. O território separado media 25.000 por 5.000 côvados. Essa área era *defronte* e ao sul (de acordo com Ez 48.18) do território dos filhos de Zadoque — *a oferta santa*. Veja Ezequiel 48.15-19,30-35.

45.7,8 — A identidade do *príncipe* é desconhecida (Ez 44.3). Todavia, essa área reservada para ele ficava de ambos os lados (leste e oeste) da *oferta santa*. Ele possuiria esse território que fazia fronteira com uma área tribal ao norte e ao sul, onde a *esquina ocidental* e a *esquina oriental* provavelmente fossem o mar Mediterrâneo e o mar Morto ou o rio Jordão.

O príncipe e os *príncipes* de Deus do período messiânico — em contraste com os líderes anteriores de Israel (Ez 11.1-13;14.1-11;20—22;34.1-10) — não seriam avarentos, gananciosos de riquezas e propriedades, mas entregariam a terra

restante ao povo (Ez 48.1-29; contraste com o comportamento maligno dos governantes de Israel em 1 Sm 8.10-18; 1 Rs 20;21; Is 3.13-23; Mq 3.1-4;7.3; Sf 3.3).

**45.9-11** — Os mercadores foram exortados a fazer uso de medidas precisas do *efa* (aproximadamente 35 litros) e do *bato* (estimado entre 23 e 34 litros), ambos definidos como *a décima parte do ômer* (175 a 350 litros). Os mercadores não deveriam mais enganar o povo quando pesassem os produtos (Lv 19.35,36; Am 8.5; Mq 6.10-12). O Senhor exigiu o fim da desonestidade e do engano; chegaria o tempo em que essas atividades não seriam mais praticadas (v. 16,17;37.15-28).

**45.12** — Ezequiel também exigiu pesos justos. O *siclo* pesava aproximadamente 11,5 g. Na Babilônia, 24 *geras* formavam um siclo, mas Ezequiel estabeleceu o padrão em 20 *geras*; todavia, 60 siclos formavam um *arrátel*, que está em conformidade com o descrito neste versículo. No sistema de Ezequiel, esse arrátel pesava em torno de 680 g.

**45.13-17** — Este trecho descreve uma *oferta* que deveria ser entregue ao príncipe (v. 7), que, diferente dos governantes anteriores, seria justo e verdadeiro (v. 8). O príncipe, por sua vez, apresentaria ofertas a Deus de modo a *fazer expiação pela casa de Israel* (v. 17), simbolizando a purificação do pecado (Ez 40.38-43). Instruções com relação aos sacrifícios no templo estão presentes em Êxodo 25.2-7;30.13-15;35.4-29;36.2-7; Levítico 1.4;9.7;10.17. A Lei de Moisés também continha orientações detalhadas sobre as *festas* (Lv 23.1-44; Nm 28;29).

**45.18-20** — Esse era o dia de purificação anual do santuário do templo. À luz da morte de Jesus na cruz, as atitudes do príncipe simbolizam e enfatizam o fato de que Deus fez expiação por todos nós por meio do sacrifício do Messias (v. 15-17,18-22). O perdão de pecados individuais é ilustrado pelas ofertas diárias pelo pecado (v. 23-25).

Em *tomarás um bezerro e purificarás o santuário*, os verbos se encontram na segunda pessoa do singular, enquanto em *expiaréis a casa*, na segunda pessoa do plural. O príncipe representaria o povo nessas atividades de adoração (Lv 16.15-17,

33,34;22.19-21; 2 Cr 7.1-7;29.20-24). A maneira como o *dia* está especificado sugere um ato realizado anualmente.

**45.21-25** — Nesta passagem, as festas da *Páscoa* e dos Tabernáculos são observadas (Êx 12.1-14; Lv 23.5-8,33-43; Nm 28.16-25;29.12-38). As datas são em relação ao calendário levítico, o ano religioso judaico. Os procedimentos também são semelhantes aos do sistema mosaico. Essas festas celebravam a fidelidade de Deus a Suas promessas.

**46.1-8** — *O príncipe entrará*. O Messias cumpriu o significado desses ritos de acordo com a Lei. Nos dias desse príncipe, determinadas promessas seriam cumpridas, e a aliança seria consumada na era messiânica (Ez 40.6-16,28-37; 43.18-27;44.1,2; Êx 20.8-11). Quanto ao *hîm*, era uma medida de líquidos equivalente a um sexto de um bato, cerca de 3,8 litros (Ez 4.11; Êx 30.24; Lv 19.36).

**46.9-11** — A expressão *o povo da terra* se refere aos cidadãos da Terra Prometida durante o período messiânico (v. 3;12.18,19;22.29;39.13;45.16,22). O protocolo prescrito provavelmente se destinava a garantir uma precissão e um serviço ordenados. Essas regras seriam necessárias nos dias especiais de festa devido à participação de um grande número de pessoas.

**46.12** — O preparo e a apresentação das ofertas são uma exceção a Ezequiel 44.1-3 (v. 1,2). A oferta *voluntária* ou espontânea era entregue além da quantidade determinada pela Lei (Lv 22.17-30).

**46.13** — *E prepararás [...] cada dia*. Esta é uma mudança das provisões prescritas na Lei (Nm 28.3-8; 2 Rs 16.15).

**46.14** — *Sexta parte de um efa [...] terça parte de um hîm*. Esta é uma mudança das provisões previstas na Lei (Nm 28.5). Por ser *estatuto perpétuo*, o povo de Deus não precisaria ser lembrado com frequência das bênçãos divinas em seu favor, nem poderia agradecer a Ele constantemente.

**46.16-18** — A linguagem deste trecho fala claramente a respeito de descendentes, servos e propriedades, portanto não há base para uma interpretação “espiritual” ou alegórica (Ez 44.3).

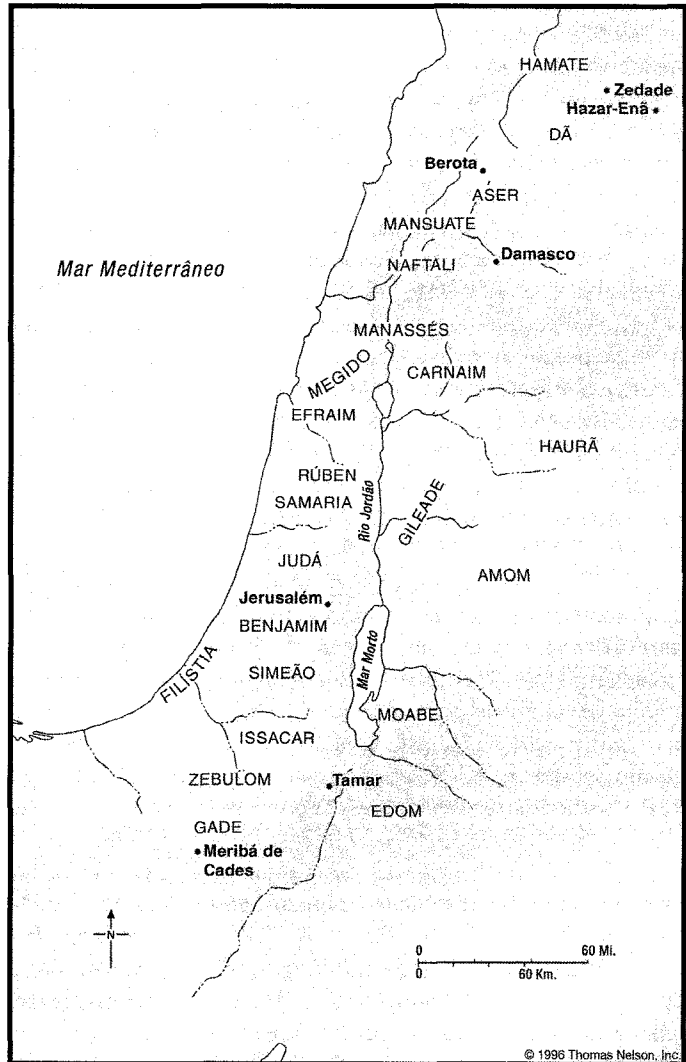


## LOCALIZE-SE

### A VISÃO DE EZEQUIEL SOBRE A RESTAURAÇÃO DA TERRA

Os limites da nação restaurada de Israel eram praticamente os mesmos da época em que Davi e Salomão reinaram. No entanto, a área a leste do Jordão — Gileade e a Transjordânia — não integrava essa nova herança. Esse território não fazia parte da terra que Deus havia prometido.

As tribos não foram distribuídas como ocorreu quando Josué era o líder (Js 13-19). O Senhor faria algo novo durante essa restauração. A porção central da terra seria separada como sede do governo e do templo. Ao norte do distrito central, ficavam sete tribos — Dã, Aser, Naftali, Manasses, Efraim, Rúben e Judá. Ao sul, ficaram as tribos restantes — Benjamim, Simeão, Issacar, Zebulom e Gade.



De modo semelhante, o *príncipe* possuía filhos e servos, portanto não poderia ser o Messias. As leis que tratavam de heranças e direitos familiares relacionados a propriedades permaneceram como um aspecto importante na vida do povo de Israel (Lv 25.8-15,23-34;27.24; Nm 27.1-11;33.54; 34.18; Js 14—21; Mq 2.1,2).

Novamente, o caráter do príncipe é apresentado em forte contraste com o de muitos dos antigos líderes de Israel (Ez 34.1-10). Esse líder civil seria justo tanto com seus filhos como com seus súditos; nenhum deles seria privado de sua herança. A justiça, e não o poder, seria o objetivo de todos que exercessem autoridade na terra.

**46.19,20** — Esse local era um dos dois edifícios para os sacerdotes no extremo oeste do complexo do templo (Ez 42.1-14). O lugar era semelhante a uma cozinha. O alimento para os sacrifícios, reservado para o uso dos sacerdotes, não deveria sequer chegar perto dos israelitas, *para santificarem o povo*, visto que eles não haviam sido consagrados para o serviço a Deus da maneira como acontecia com os sacerdotes.

**46.21-24** — O local agora é descrito como o *átio exterior* (Ez 40.17-19), onde em cada um dos quatro cantos havia um pátio cercado para preparo de alimentos. Essas “cozinhas” eram diferentes das reservadas aos sacerdotes (v. 19,20); pertenciam aos levitas, *ministros da casa*. Veja Ezequiel 44.11-14.

**47.1** — O indivíduo mencionado é o *homem* do versículo 3 (Ez 40.3;46.19).

**47.2-6** — *Mil côvados* são aproximadamente 600 m (Ez 40.3-5). Quatro vezes o homem fez uso do *cordel* de medição para marcar as distâncias ao longo da corrente de águas, que se aprofundava progressivamente dos tornozelos para os joelhos, depois para a cintura e, por fim, a uma profundidade tão grande que só podia ser vencida a nado. As águas fluíam na direção leste a partir do lado sul do templo.

**47.7-12** — As águas se transformariam num rio de cura e em fonte de vida abundante para tudo e todos (Gn 2.8-10; Zc 14.8; Jo 4.13,14;10.10; Ap 22.1,2). Elas fluíam pela região árida e rochosa entre Jerusalém e o mar Morto — ou seja, a *Arábá* ou *região oriental* — e para o sul, ao longo do vale do Jordão, até o mar Morto. Quando alcançassem o *mar* (Morto), este se tornaria potável e capaz de sustentar vida para que pescadores pudessem pescar ali: *sararão as águas*.

Essa é uma descrição surpreendente, pois o mar Morto é a porção de água com maior concentração salina no mundo (aproximadamente 25%) e atualmente não pode sustentar a vida de nenhuma espécie de animal aquático. Também é o ponto com altitude mais baixa no planeta, pois a superfície da água está a 450 m abaixo do nível do mar, e o mar atinge 450 m de profundidade.

A água viva que Deus forneceria tinha poder imensurável para renovar, restaurar e ressuscitar a vida. Esse mar, que estava morto, iria borbulhar com vida em todas as suas margens — *desde Engedi até En-Eglaim*. Grande quantidade e variedade de vegetação, perpetuamente produtiva, resultaria desse rio cujas águas saem do santuário (v. 1). Veja João 7.37-39 para observar o uso que Jesus fez da ilustração de águas vivas que Ele concede aos que creem nele.

**47.13** — A tribo sacerdotal de Levi já havia recebido um território especial (Ez 45.1-8;48.8-14). A tribo de *José* foi dividida em duas para substituir Levi e manter o total de 12 tribos.

**47.14** — A igualdade na herança é destacada. A expressão *sobre ela levantei a mão* remete a Ezequiel 20.5 e 36.28 (Gn 12.7;15.7,18-21;17.8). A natureza unilateral e incondicional da aliança abraâmica é sugerida; essa herança é uma dádiva concedida mediante a graça divina, ou seja, o povo de Deus não fez nem poderia fazer nada para merecê-la.

**47.15-17** — O limite norte da terra se estendia do mar Mediterrâneo — o *mar Grande* — até a fronteira norte de Damasco. As outras localidades não são conhecidas. *Damasco* era a capital de Harã (atual Síria). *Hamate* supostamente ficava ao norte de Damasco, a cerca de metade da distância até Carquemis. Acredita-se que *Zedad* se localizava a leste de Hamate e Hazer-Enom (o extremo oriental dessa fronteira). *Haurã* aparentemente era uma região israelita a leste do rio Jordão e a norte de Gileade.

**47.18** — A fronteira oriental ia da região de Damasco para o sudoeste até Haurã e ao longo do rio Jordão (Nm 34.10-12). O *mar do oriente* é o mar Morto.

**47.19** — A fronteira sul seguia pela margem oriental do mar Morto até *Tamar* (uma cidade a sudoeste), e dali até as *águas da contenda de Cades* (Nm 20.13,24;27.14), *junto ao ribeiro* (do Egito, o Wadi el-Arish), e então até o mar Mediterrâneo (Nm 34.3-5; 1 Rs 8.65). Esse limite ia desde o mar Morto, seguindo pelo sudoeste, ao longo do Neguebe, até o riacho do Egito, um leito de rio a oeste do Sinai.

**47.20** — A fronteira ocidental seguia ao longo da costa do *mar Grande* (Mediterrâneo) para o norte até um ponto diretamente a oeste de Hamate (Nm 34.6; Ap 21.1).

**47.21-23** — O tratamento do *estrangeiro* nessa terra deveria ser considerado. Os gentios que se casassem e se estabelecessem nas comunidades judaicas deviam ser aceitos como israelitas nativos, qualificados para partilhar da herança territorial da tribo que escolhessem (Lv 19.34; Is 56.1-8).

**48.1-7** — Do distrito norte até o sul dos territórios pertencentes aos sacerdotes, as tribos, na ordem, são *Dã*, *Aser*, *Naftali*, *Manassés*, *Efraim*, *Rúben* e *Judá*. Cada distrito fazia fronteira ao norte e ao sul com outra tribo. As fronteiras leste e oeste para cada um são as mesmas mencionadas em Ezequiel 47.18,20. As tribos descendentes dos filhos de Jacó com as servas de suas esposas receberam territórios distantes das porções mais santas (Ez 45.1-8), enquanto os descendentes das esposas de Jacó ocupavam a área central (Gn 35.23-26).

A tribo de Judá foi a mais favorecida, pois deu origem às linhagens davídica e messiânica (Ez 37.18-28; Gn 49.8-10; Is 11). Historicamente, a tribo de Dã havia ocupado o limite norte da terra (Jz 20.1). Sua idolatria era bastante conhecida — Jeroboão havia colocado um bezerro de ouro ali (2 Rs 10.29).

**48.8-15** — O distrito teria a *cidade* em seu *centro* cercada por territórios destinados a residências, fazendas e pastagens de uso geral.

**48.16-22** — *Será para o príncipe*. Veja Ezequiel 45.7,8. Os territórios tribais de Judá e Benjamim ficavam imediatamente ao norte e ao sul da

*santa oferta* (v. 1-7,20). *Benjamim*, assim como Judá, foi favorecida (Gn 35.24).

**48.23-29** — Continuando na direção sul, as tribos, em ordem de assentamento, são *Benjamim*, *Simeão*, *Issacar*, *Zebulom* e *Gade*. Esta última ocupava a fronteira sul da terra.

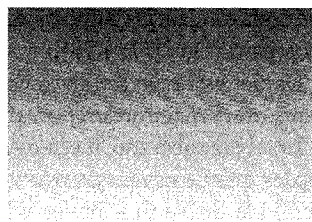
**48.30,31** — As portas seriam batizadas de acordo com essas doze tribos originais (Ap 21.12,13). A porta de José representaria as tribos de Manassés e Efraim (v. 32;47.13). As portas do norte seriam *Rúben* (o primogênito), *Judá* (a tribo da linhagem messiânica), e *Levi* (a tribo sacerdotal) — todos descendentes de Jacó e Léia (Gn 35.23).

**48.32** — No lado oriental as portas representariam *José*, *Benjamim* e *Dã*. Os dois primeiros eram filhos de Jacó e Raquel, e o terceiro, de Jacó com a serva de Raquel, Bila (Gn 35.24,25).

**48.33** — Ao sul da cidade, os três outros filhos de Jacó e Léia teriam portas com seus nomes: *Simeão*, *Issacar* e *Zebulom* (Gn 35.23).

**48.34** — As três portas ocidentais foram batizadas de *Gade* e *Aser*, os filhos de Jacó com a serva de Léia, Zilpa, e *Naftali*, filho de Jacó e Bila (Gn 35.25,26).

**48.35** — O nome dado a essa cidade *desde aquele dia* seria o SENHOR Está Ali (Is 60.14;62.2-4,12; Jr 3.17;33.15,16). O retorno do Senhor e a reunião de Seu povo foram preditos por Ezequiel em 11.17;20.33-44;37.15-28;39.21-29. Deus se viu compelido a deixar a cidade e o templo por causa da iniquidade dos israelitas (Ez 8.6;10.18). Todavia, no versículo em análise, Ezequiel prediz a volta do Senhor em toda a Sua glória para Seu povo, Seu templo e Sua terra.



O livro de

# Daniel

## INTRODUÇÃO

**E**m 626 a. C., Nabopolassar tornou-se rei da Babilônia e mudou o curso da história antiga. Rapidamente ele pôs fim ao domínio de seu antigo rival, a Assíria, e na época de sua morte, em 605 a.C., já havia eliminado o império assírio e o incorporado àquele que se tornou conhecido como o império neo-babilônico ou caldeu. Esses acontecimentos tiveram implicações significativas para Judá, o remanescente da nação de Israel. Judá havia sofrido com o domínio persa desde 670 a.C., mas agora servia a um novo senhor. No mesmo ano da morte de Nabopolassar, o rei Jeaquim, de Judá, tornou-se vassalo de Nabucodonosor, filho de Nabopolassar (2 Rs 24.1). Nabucodonosor levou o império iniciado por seu pai a alcançar domínio ainda maior, eventualmente deportando muitos judeus para a Babilônia.

Daniel viveu em meio a todos esses acontecimentos marcantes. Não sabemos exatamente que impacto ele causou na comunidade dos exilados, mas temos evidências de que foi uma grande influência em favor do bem, tanto aos exilados como aos babilônicos. Daniel tornou-se confidente de Nabucodonosor ao longo do reinado deste (605—562 a.C.). Mais tarde serviu com igual distinção na corte de Ciro, o governante persa que conquistou a Babilônia. Uma das primeiras políticas implementadas por Ciro após subjugar a Babilônia foi permitir que os judeus retornassem à sua terra e retomassem seu estilo de vida. É muito provável que Daniel tenha influenciado a decisão do monarca. O livro de Daniel serve como testemunho do modo como Deus opera Seus propósitos por meio de Seus servos, ainda

que estes estejam servindo na corte de governantes pagãos (Dn 2.21; 4.18).

Daniel escreveu seu livro com dois objetivos em mente. Primeiro, desejava afirmar que o Deus de Israel era soberano, mesmo sobre as poderosas nações que cercavam o povo israelita. A nação escolhida do Senhor havia sido conquistada e dispersada por um poderoso império que não cria em Deus. O que aconteceria então? O jugo babilônico permaneceria para sempre sobre os ombros de Israel? O povo de Deus nunca mais veria a Terra Prometida? Será que o Senhor havia se esquecido de Suas promessas? A resposta de Daniel foi que a Babilônia sucumbiria a outro império que, por sua vez, também seria derrotado por um grande reino. A história continuaria se desenvolvendo, seguindo esse padrão, até que Deus julgasse todas as nações gentílicas e estabelecesse Seu governo duradouro. A mensagem de Daniel obviamente tinha o intuito de estimular o coração cansado dos exilados judeus.

No entanto, Daniel também olhava para o futuro, para o dia em que o Senhor restauraria e recompensaria Israel. O povo de Deus estava sendo castigado por sua desobediência, mas quando essa punição chegaria ao fim? A mensagem de Daniel era ao mesmo tempo estimulante e desencorajadora. Ele predisse problemas; Israel sofreria sob governos gentios por muitos anos. No entanto, as boas notícias eram de que o período de prova também terminaria. Aproximava-se o dia em que o Senhor traria Seus filhos de volta para Ele. Estabeleceria Seu reinado messiânico, que duraria para sempre. O Deus que direciona os poderes da história não havia abandonado Seu povo. Os israelitas deveriam continuar confiando nele, pois as Suas promessas de preservação e restauração eram garantidas.

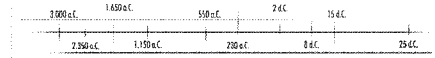
Daniel afirma ter escrito um livro que traz seu nome (Dn 12.4) e usa a primeira pessoa do singular a partir do capítulo 7, versículo 2, até o final do livro. O Talmude judaico abona o testemunho de Daniel. O próprio Deus menciona Daniel pelo nome em suas predições a respeito dos últimos dias (Mt 24.15). Não há motivo para duvidarmos que Daniel tenha existido e que tenha escrito o livro que leva seu nome. Por ser um judeu bastante culto, escolhido para receber treinamento especial no palácio da Babilônia, Daniel possuía as habilidades linguísticas necessárias e todo o conhecimento histórico e cultural para escrever um livro com tal complexidade e profundidade.

Como Daniel faz menção do reinado de Ciro (Dn 6.28), é razoável estabelecermos a data de 530 a.C. como o ano de registro do livro. Teólogos críticos, no entanto, negam que isso seja possível, principalmente porque o livro parece predizer eventos que só ocorreram no terceiro e segundo séculos a.C. Essas profecias são tão precisas e detalhadas que alguns acreditam que não sejam realmente profecias, mas registros posteriores dos eventos descritos. Portanto, de acordo com alguns, o livro de Daniel deve ter sido escrito no segundo século, pelo menos para estar de acordo com as passagens que falam a respeito de períodos posteriores.

Se aceitarmos a possibilidade de que Daniel foi inspirado para escrever profecias a respeito de determinados acontecimentos que se manifestariam 200 ou 300 anos no futuro, não há motivo para negarmos a autoria de Daniel e o registro do livro no sexto século a.C. A precisão das informações históricas, o formato e o estilo das passagens em hebraico e aramaico, e o testemunho unânime da tradição antiga confirmam tudo que está descrito no livro, com respeito ao seu autor e à data de registro.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM DANIEL



Ano 612 a.C. — Nínive é conquistada pelos medos e babilônios

Ano 605 a.C. — Nabucodonosor prende Daniel

Ano 603 a.C. — Daniel interpreta o sonho do rei

Ano 586 a.C. — Os babilônios destroem Jerusalém

Ano 580 a.C. — Os três amigos de Daniel sobrevivem à fornalha

Ano 550 a.C. — Belsazar assume o trono

Ano 539 a.C. — O reino de Belsazar cai nas mãos de Ciro da Pérsia

Ano 538 a.C. — Os judeus são liberados para retornar a Jerusalém

Ano 537 a.C. — Daniel é lançado na cova dos leões



## ESBOÇO

I. Introdução — 1.1-2.3

II. O julgamento de Deus sobre as nações gentílicas — 2.4—7.28

A. O sonho de Nabucodonosor — 2.4-49

B. A imagem de ouro — 3.1-30

1. A ordem para adoração da imagem — 3.1-7

2. A recusa de alguns em se curvar — 3.8-18

3. A libertação dos fiéis — 3.19-25

4. A reação do rei — 3.26-30

C. O segundo sonho de Nabucodonosor — 4.1-37

D. O banquete de Belsazar — 5.1-31

1. A escritura na parede — 5.1-12

2. A interpretação da mensagem — 5.13-29

3. A derrota da Babilônia — 5.30,31

E. A trama contra a vida de Daniel — 6.1-28

1. O decreto de Dario — 6.1-9

2. Daniel na cova dos leões — 6.10-23

3. A reação diante da libertação de Daniel — 6.24-28

F. A visão dos quatro animais — 7.1-28

III. A restauração derradeira de Israel realizada por Deus — 8.1—12.13

A. A visão do carneiro e do bode — 8.1-27

B. A visão das Setenta semanas — 9.1-27

C. A visão de um mensageiro celeste — 10.1-11.45

1. Aparição de um mensageiro celeste — 10.1-9

2. Mensagem sobre a Pérsia e a Grécia — 10.10 — 11.4

3. Mensagem sobre o Egito e a Síria — 11.5-35

4. Mensagem a respeito do anticristo — 11.36-45

D. O fim dos tempos — 12.1-13



## COMENTÁRIO

**1.1** — *Joaquim, rei de Judá* reinou de 608 até 598 a.C. O ano terceiro era 605 a.C., de acordo com o sistema cronológico utilizado por Daniel, no qual apenas anos inteiros eram contabilizados. Jeremias, em contrapartida, seguia um sistema no qual qualquer porção do ano era contada como um ano inteiro. Portanto, ele designou 605 a.C. como sendo o quarto ano de Joaquim (Jr 25.1; 36.1; 46.2). Joaquim era um rei ímpio que primeiramente se aliou aos egípcios e depois aos babilônios até 602 a.C., quando se rebelou. Sua independência durou pouco tempo, e permaneceu sob domínio babilônico até sua morte. O filho de Nabopolassar, fundador do império neo-babilônico (caldeu), era *Nabucodonosor*, que reinou de 605 a 562 a.C. No verão de 605 a.C., quando seu pai morreu, Nabucodonosor já liderava o exército babilônico. Ele retornou ao reino para garantir seu lugar no trono, mas não antes de derrotar Jerusalém e tomar despojos e prisioneiros, entre eles Daniel. Nabucodonosor expandiu grandemente o império iniciado por seu pai e estimulou a adoração dos antigos deuses babilônicos, principalmente Marduque.

**1.2** — *O Senhor entregou*. O livro de Daniel enfatiza a soberania de Deus em Seu trato com as nações. Jerusalém não sucumbiu simplesmente porque Nabucodonosor era poderoso, mas porque Deus havia julgado o povo de Judá por sua desobediência e idolatria. *Uma parte dos utensílios*. O restante dos utensílios foram removidos mais tarde quando Joaquim se rendeu (2 Rs 24.13; 2 Cr 36.18). *Sinar* — ou seja, a Babilônia — ficava localizada às margens do rio Eufrates, 80 km ao sul da atual Bagdá, no Iraque. *Na casa do tesouro do seu deus*. Os utensílios retirados da casa de Deus aparecem mais tarde, na noite do banquete de Belsazar (cap. 5). Eventualmente foram devolvidos por Zorobabel, que os levou de volta a Israel (Ed 1.7).

**1.3** — *Eunucos*. Nas monarquias do Oriente Médio antigo, os haréns reais geralmente eram supervisionados por homens castrados, considerados confiáveis para desempenhar tal tarefa. Um

eunuco geralmente era tido como um oficial privilegiado. Ele desfrutava de relacionamento pessoal com o rei, e o monarca geralmente buscava seus conselhos. Alguns especulam que Daniel e seus amigos se tornaram eunucos ou que pelo menos foram separados para aconselhar o rei (v. 9), mas não há nenhuma declaração específica no livro a esse respeito. A expressão *filhos de Israel* refere-se à população em geral da nação de Israel.

**1.4,5** — A informação *entendidos no conhecimento* diz respeito à educação prévia dos jovens. *Nas letras e na língua dos caldeus*. O idioma da maior parte da Mesopotâmia era o acadiano, um tipo de escrita cuneiforme, geralmente registrada em tabletes de argila. Ao longo dos séculos, os babilônicos e assírios produziram grande quantidade de literatura de todos os tipos. E, embora o aramaico já houvesse começado a substituir o acadiano por volta de 600 a.C., os estudiosos babilônios continuavam estudando e até mesmo registrando sua literatura no idioma clássico. Para Daniel e seus amigos serem considerados realmente letrados, tinham de estar familiarizados com essas tradições literárias. O termo *caldeus* era comumente aplicado aos babilônios como um todo, e também usado para designar o grupo de astrólogos, adivinhadores e outros ao qual Daniel foi incorporado (Dn 1.17; 2.2,4,5,10;3.8).

**1.6** — De acordo com o historiador judeu do primeiro século, Josefo, os quatro jovens eram membros da família real de Zedequias.

**1.7** — O nome *Daniel* significa *Deus é meu juiz*. O nome babilônico de Daniel, *Beltessazar*, significa *a senhora protege o rei*, uma referência à deusa Sarpanitu, esposa de Marduque. O nome *Hanania* significa *o Senhor é gracioso*. O nome babilônico de Hanania, *Sadraque*, significa *Eu tenho medo do deus*. O nome *Misael* significa *Quem é o que Deus é?* O nome babilônico de Misael, *Mesaque*, significa *Eu sou de pouca expressão*. O nome *Azarias* significa *O Senhor me ajudou*. O nome babilônico de Azarias, *Abede-Nego*, significa *Servo de (deus) Nebo*.

**1.8** — *Não se contaminar*. A recusa de Daniel em comer da *porção do manjar do rei* não estava relacionada com o consumo de comidas gordas

ou vinho. Havia dois problemas com o cardápio real: (1) certamente ele incluía alimentos proibidos pela lei judaica e alimentos que não eram preparados de acordo com as estipulações mosaicas (Lv 11); (2) Provavelmente a carne era dedicada a ídolos, como era costume na Babilônia. Participar da mesa real seria como reconhecer os ídolos como divindades.

**1.9** — *Ora, deu Deus a Daniel graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos.* Esse relato indica que o *chefe dos eunucos* tinha autoridade sobre Daniel, levando alguns teólogos a concluir que o próprio Daniel fizesse parte do grupo dos eunucos.

**1.10,11** — Os amigos de Daniel se uniram a ele na recusa de comer do cardápio real (v. 7,17, 19). A declaração *arriscarei a minha cabeça* sugere que o rei poderia ordenar a execução do chefe dos eunucos caso ele aceitasse as exigências de Daniel e seus amigos.

**1.12,13** — O termo *legumes* representa tudo que cresce a partir de uma semente e inclui vegetais e grãos. O pedido por *água* indica que Daniel e seus amigos não desejavam beber o vinho, provavelmente porque, como a comida, era dedicado aos ídolos (v. 8).

**1.14-16** — A descrição *semblantes melhores [...] mais gordos* indica que Daniel e seus amigos

estavam mais saudáveis do que *todos os jovens que comiam porção do manjar do rei*.

**1.17** — *Deus deu o conhecimento e a inteligência em todas as letras.* Assim como Moisés fora educado no conhecimento egípcio, Daniel e seus amigos também foram instruídos na educação dos caldeus. A *sabedoria* dos caldeus consistia de ciências existentes na época, incluindo a interpretação de agouros transmitidos por meio da astrologia, do exame de fígados, rins e entranhas de animais, e do exame de órgãos e do voo dos pássaros. *Daniel* tinha a vantagem adicional de compreender *toda visão e sonhos*. No antigo Oriente, os sonhos eram considerados fonte de revelação divina, e, portanto, sua interpretação era extremamente valorizada. O dom de Daniel, recebido de Deus, colocava-o muito além das habilidades dos intérpretes caldeus (Dn 4.5-9).

**1.18** — A expressão *fim dos dias* refere-se ao final de três anos (v. 5). O *chefe dos eunucos* era Aspenaz (v. 3).

**1.19-21** — Daniel serviu como conselheiro do rei durante o término de seu treinamento no reinado de Nabucodonosor (cerca 603 a.C., v. 5) até *ao primeiro ano do rei Ciro* (539 a.C.). O que significa que Daniel manteve seu cargo até o fim do império babilônico.



## APLICAÇÃO

### TOME A POSIÇÃO CERTA!

Talvez não haja melhor lugar para os cristãos influenciarem as pessoas hoje com sua ética e moral do que no trabalho. A maneira como nos comportamos em nosso emprego diz aos outros tudo que eles precisam saber sobre nossos valores e compromettimentos. A questão é: estamos tomando a posição certa?

Daniel e seus três companheiros decidiram posicionar-se de modo que os valores éticos e morais na Lei de Deus continuassem a ser observados por eles mesmo durante o exílio na Babilônia (Dn 1.8). Eles rejeitaram os manjares do rei. Eles se negaram a comê-la por medo de *contaminarem-se*.

Nisto está o verdadeiro desafio para os cristãos no ambiente de trabalho hoje em dia. Às vezes, lutamos intelectualmente para discernir o certo do errado. Porém, o que necessitamos é unir a convicção à coragem para fazer o que é certo.

Daniel e seus amigos estavam decididos desde o princípio acerca do que precisavam fazer e deixar de fazer, baseados em princípios bíblicos. Por isso conseguiram concretizar seu plano. Assim, eles mostraram do que eram feitos.

Quando você se deparar com escolhas éticas em seu trabalho, tem de tomar a posição certa. Isso pode custar-lhe muito, mas Deus lhe dará forças para lidar com toda e qualquer consequência dessa atitude. Além do mais, perder sua integridade tem um peso infinitamente maior do que perder qualquer outra coisa. Portanto, mostre sempre do que você é feito!

**2.1** — *No segundo ano do reinado.* O reinado de Nabucodonosor teve início em 605 a.C., portanto esse ano provavelmente é 603 a.C., datação esta decorrente da preferência de Daniel pelo sistema cronológico de anos inteiros (Dn 1.1). O rei estava *perturbado* porque não conseguia determinar o futuro de seu reinado (v. 29).

**2.2,3** — O vocábulo hebraico traduzido por *magos* refere-se àqueles que usavam a pena — muito provavelmente pessoas que conheciam os escritos babilônicos sagrados. Os *astrólogos* estudavam as estrelas. Os *encantadores* recebiam poder de espíritos malignos. A denominação *caldeus* provavelmente se refere a uma classe de homens sábios.

**2.4** — *Os caldeus disseram ao rei em siríaco* (aramaico - NVT). Daniel 2.4—7.28 está escrito em aramaico, o idioma comum daquela época.

**2.5,6** — A expressão *despedaçados* refere-se à prática antiga do esquartejamento (Dn 3.29; 1Sm 15.33).

**2.7-9** — *Se me não fazeis saber o sonho.* Nabucodonosor chegou à conclusão de que, se os sábios pudessem interpretar seu sonho de modo sobrenatural, primeiro deveriam ser capazes de dizer o que ele havia sonhado.

**2.10-12** — A especificação *Babilônia* provavelmente se refere à cidade, e não a toda a província.

**2.13, 14** — *Deviam ser mortos os sábios.* A punição de Nabucodonosor era excessiva e extrema (v. 15).

**2.15** — *Por que se apressa tanto o mandado da parte do rei?* A expressão *apressa* significa *afiado* ou *severo* (v. 13).

**2.16-18** — *Para que pedissem misericórdia ao Deus dos céus sobre este segredo.* A despeito de sua educação e de seu talento, Daniel sabia que a oração ao Deus onisciente era o primeiro passo diante de uma situação de crise. No entanto, ele não orou sozinho. Daniel buscou conselho com seus amigos, que apresentaram o caso ao Senhor com ele. *Deus dos céus* é um título muito usado para o Senhor na literatura do AT (v. 37,44; 2 Cr 36.23; Ed 1.2; 5.11,12; 6.9,10; 7.12,21,23; Ne 1.4,5; 2.4,20). O título enfatiza a universalidade do domínio de Deus sobre as nações.

**2.19,20** — *Visão de noite.* Normalmente as visões ocorriam durante o dia (Dn 8.1-14) e os sonhos, à noite.

**2.21** — O substantivo *horas* aqui se refere a eventos históricos.



## COMPARE

### SONHOS E VISÕES EM DANIEL

A habilidade dada por Deus a Daniel de interpretar *sonhos e visões* (Dn 1.17) foi importante para sua função como conselheiro do rei da Babilônia, Nabucodonosor, um homem de sonhos problemáticos e misteriosos.

A seguinte comparação de um sonho de Nabucodonosor com um sonho e com uma visão de Daniel revela um tema recorrente no livro de Daniel: a frequente sucessão de reinos.

No sonho de Nabucodonosor, havia uma *estátua* cuja *cabeça [era] de ouro fino; peito e braços, de prata; ventre e coxas, de cobre; pernas, de ferro e pés, em parte de ferro e em parte de barro* (Dn 2.32).

No sonho de Daniel, havia um animal semelhante a um *leão*, mas que *tinha asas de águia; um semelhante a um urso*, mas que *tinha na boca três costelas entre os seus dentes; um semelhante a um leopardo*, mas que *tinha quatro asas de ave nas suas costas*, e um, *diferente de todos os animais que apareceram antes dele*, cujos *dentes grandes eram de ferro* e que, além disso, possuía *dez pontas [hb., chifres]* (Dn 7.4-7).

Na visão de Daniel, havia *um carneiro, o qual tinha duas pontas, uma mais alta do que a outra* (Dn 8.3) e *um bode com uma ponta notável entre os olhos*. Em um dado momento, *o bode se engrandeceu e [...] a grande ponta foi quebrada, e subiram no seu lugar quatro [também] notáveis [...] e de uma delas saiu uma ponta mui pequena* (Dn 8.5-9).

Na interpretação dada por Deus a Daniel, a Babilônia se estabelecerá como o primeiro império mundial (Dn 2.38; 7.17); a Babilônia, como o segundo império (Dn 2.39; 7.17; 8.20); a Grécia derrubará o império medo-persa e se estabelecerá como o terceiro (Dn 2.39; 7.17; 8.21); e a Roma derrubará a Grécia e se estabelecerá como o quarto (Dn 2.40-43; 7.17).

2.22-27 — *Ele revela o profundo e o escondido e conhece o que está em trevas.* A expressão *profundo* diz respeito a algo inacessível (Sl 92.5,6). O que se encontra *em trevas* está oculto aos olhos.

2.28-30 — *Fim dos dias* é uma expressão utilizada frequentemente para se referir ao fim dos tempos, quando Deus intervirá na história humana para estabelecer Seu reino eterno (Is 2.2; Os 3.5; Mq 4.1-3).

2.31-33 — *Ouro [...] prata [...] cobre [...] ferro.* Os metais são citados em ordem decrescente de peso e valor. A resistência desses metais, no entanto, aumenta da cabeça para as pernas.

2.34 — *Quando uma pedra foi cortada, sem mão, a qual feriu a estátua.* O destaque *sem mão* descreve a atividade sobrenatural de Deus.

2.35,36 — *Mas a pedra que feriu a estátua se fez um grande monte e encheu toda a terra.* Nas ilustrações bíblicas, a palavra *monte* geralmente serve para compor metáforas do reino (Sl 48.2; Is 2.2; 11.9; Jr 51.25; Ez 20.40; Zc 8.3). O mesmo se aplica nesse caso, como fica claro na interpretação posterior (v. 44).

2.37 — *O Deus dos céus te tem dado o reino.* O Deus de Israel é o Deus de todas as nações. Embora os governantes desses povos não o reconhecessem como Senhor, isso não anulava a soberania de Deus e muito menos eximia tais governantes da responsabilidade deles para com o Senhor.

2.38 — *Tu és a cabeça de ouro.* A *cabeça* é uma referência ao império babilônico, personificado em Nabucodonosor.

2.39, 40 — A imagem que Nabucodonosor viu (v. 31-35) representava quatro reinos que teriam *domínio sobre toda a terra.* O primeiro império mundial — a *cabeça de ouro* (v. 32) — era a Babilônia (v. 38). O segundo império — o *peito e os braços de prata* (v. 32) — era o medo-persa (Dn 5.28; 8.20; 11.2). Como a prata é inferior ao ouro, assim também o império medo-persa seria inferior ao império babilônico, não em tamanho, mas na eficiência de governar o povo. O terceiro império — a *barriga e as pernas de cobre* (v. 32) — seria a Grécia (Dn 8.21). O *quarto* império — as *pernas de ferro* (v. 33) — é o único não identificado no livro de Daniel. Roma é a escolha mais provável,

porque sucedeu o domínio grego. *Forte como ferro.* O enfoque se desloca do valor dos metais para a sua força comparativa. O império romano se destacava por seu poderio, embora destrutivo. O ferro passou a substituir o cobre como o metal mais comum na fabricação de armas e ferramentas, a partir de 1200 a.C. Essa substituição levou certo tempo. Um dos motivos é o fato de o ferro necessitar de carbono em sua constituição, para só então conseguir ser endurecido pelo aquecimento e resfriamento imediato. Sabe-se que as armas antigas entortavam durante o uso, e que os soldados tinham de repará-las no campo de batalha. No entanto, por fim, o ferro passou a ser conhecido como o símbolo mais comum da guerra.

2.41-45 — A informação *será um reino dividido* pode ser uma referência ao quarto reino, o império romano (v. 40). As diferenças a respeito do significado dos dez dedos dos pés (v. 42) e do reino que encheu toda a terra (representado pela pedra - v. 45) resultam em interpretações muito variadas. Alguns acreditam que os versículos 41 a 45 dizem respeito a eventos que ainda se cumprirão. Diante disso, o império romano seria recriado (v. 41), governado por dez indivíduos (os dedos dos pés - v. 42), enfrentaria problemas internos (v. 43), testemunharia o retorno de Jesus Cristo (v. 44) e seria destruído por Cristo em sua segunda vinda (v. 45).

2.44 — *O reino que não será jamais destruído* é o reino de Deus. Existem pelo menos duas vertentes sobre a forma que esse reino irá assumir. Os milenaristas sugerem um reino espiritual iniciado por Jesus Cristo em sua primeira vinda. Os pré-milenaristas dizem ser um reino literal que ainda será estabelecido por Jesus Cristo em sua segunda vinda, quando Ele destruir os reinos deste mundo (Ap 19.15).

2.45-49 — *O vosso Deus é Deus dos deuses.* Não devemos concluir que Nabucodonosor tenha se convertido por causa dessa confissão. Como o Senhor havia capacitado Daniel a interpretar os sonhos do rei, Nabucodonosor estava disposto a admitir que o Deus de Daniel era supremo, pelo menos em conhecimento. Como resultado, o rei promoveu Daniel (v. 48).

3.1 — *Vinte e sete metros de altura e dois metros e setenta centímetros de largura* (NVI). A razão de dez para um entre a altura e a largura sugere que a imagem estava colocada em um pedestal para que as proporções da figura fossem mais próximas da proporção normal descrita em Daniel 3.1. O ídolo provavelmente servia como um símbolo da coesão e do caráter monolítico da Babilônia sob o governo de seu rei glorioso, Nabucodonosor. Como Estado e rei não podiam ser separados de seus deuses, curvar-se perante a imagem era o mesmo que adorá-la (v. 5,12,14,18,28). O *campo de Dura* provavelmente ficava cerca de 10 km a sudeste da Babilônia.

3.2,3 — Os oficiais do reino são citados em ordem decrescente de importância. Os *sátrapas* eram os chefes oficiais das províncias do império. Daniel era um dos *governadores* (Dn 2.48). Em um período posterior, Zorobabel (Ag 1.1) e Neemias (Ne 5.14) também foram designados *governadores*.

3.4,5 — *Harpa* [...] *saltério* [...] *toda sorte de música*. Os dois nomes de instrumentos e a expressão parecem ter origem grega. Palavras gregas de natureza cultural ou técnica já eram usadas em todo o Oriente Médio antigo muito antes de 600 a.C.

3.6-8 — *Se chegaram alguns homens caldeus e acusaram os judeus*. O verbo *acusar* aqui significa literalmente *comeu as partes de, devorou a refeição*. O termo sugere acusações maliciosas e calúnias, que *devoram* o acusado aos poucos.

3.9-12 — Nenhuma explicação é fornecida para justificar a ausência de Daniel.

3.13-16 — *Não necessitamos de te responder*. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não estavam sendo arrogantes, mas simplesmente admitindo a própria culpa.

3.17 — *Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar*. A resposta dos jovens judeus é um modelo de confiança no Senhor e de submissão à vontade dele. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego reconheceram a soberania e o poder de Deus.

3.18 — *E, se não* [...], *não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levanta-te*. Embora aqueles homens fiéis soubessem que

Deus podia livrá-los (v. 17), também estavam cientes de que o Senhor poderia escolher não fazê-lo. A fé em Deus nem sempre se traduz em vitória em todas as circunstâncias (Hb 11.32-39). Para aqueles rapazes, o resultado era irrelevante, porque o que estava em jogo não era o poder de Deus ou a vida deles, mas a fé e obediência em servir ao Senhor, não importando o preço a ser pago.

3.19,20 — *Os homens mais fortes que estavam no seu exército* eram os guarda-costas particulares de Nabucodonosor.

3.21 — *Atados com* [...] *suas vestes*. Os criminosos geralmente eram despidos antes da execução. O fato de os jovens judeus estarem com traje completo (*capas, calções, chapéus*) indica que a ordem do rei fora cumprida com muita pressa (v. 22).

3.22 — *A chama do fogo matou aqueles homens*. O preço da ira de Nabucodonosor foi a perda de auxiliares capazes.

3.23-25 — *Vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo*. As construções na Babilônia exigiam um grande número de tijolos, e portanto os fornos eram grandes o suficiente para que pessoas caminhassem dentro deles. O *fogo* queimou as cordas que prendiam os jovens judeus (v. 21), mas não causou *lesão* a nenhum deles.

3.26,27 — *O fogo não tinha tido poder algum*. O Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego os salvara totalmente, de modo a não existir em seus corpos a menor evidência de terem sido colocados em perigo. A salvação oferecida pelo Senhor é tão eficiente e completa que não preserva nada de nossa antiga condição.

3.28-30 — *Não há outro deus*. As culturas pagãs não negavam a existência de outros deuses, mesmo os deuses de outros povos. Nabucodonosor simplesmente declarou que o Deus dos judeus era uma divindade capaz de libertar pessoas; o rei proibiu que qualquer indivíduo desprezasse tal Deus.

4.1-3 — Esses versículos trazem uma proclamação real de Nabucodonosor com relação ao Deus de Israel, na qual o rei celebra o que o Senhor havia feito por ele, e elogia Seu poder e Seu domínio universal.



## APROFUNDE-SE

### A TRINDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

Quando o rei Nabucodonosor exclamou que o quarto homem na fornalha com Sadraque, Mesaque e Abede-Nego era *semelhante ao filho dos deuses* (Dn 3.25), pode ser um exagero dizer que ele reconheceu Jesus. Entretanto, embora Nabucodonosor adorasse outros deuses, ele sabia, de alguma forma, que essa quarta pessoa misteriosa era divina (Dn 3.28).

Apesar de a doutrina do Deus triuno só ter sido revelada plenamente nos dias de Jesus, há pistas que mostram que Deus estava preparando a humanidade para essa verdade. No Antigo Testamento, prenúncios de Deus ou do Cristo pré-encarnado em uma forma visível são chamados de *teofanias*, que significam *manifestações de Deus*.

Tais teofanias incluem o anjo que confortou Agar (Gn 16.7-13), o visitante que revelou a Abraão e a Sara que eles teriam um filho (Gn 18.1-15), a aparição do Senhor a Moisés na sarça ardente (Êx 3), as colunas de nuvem e de fogo que guiaram os israelitas (Êx 14.19,20), e a visão que Moisés teve de Deus no Sinai (Êx 33.11). Alguns consideram também uma teofania a aparição de Melquisedeque, sacerdote-rei de Salém, que deu vinho e pão a Abraão (Gn 14.18-20).

O Antigo Testamento contém quase 80 referências ao Espírito de Deus e antecipa a chegada do Filho de Deus, o Messias, que libertaria o Seu povo. Além disso, Daniel se refere a um ser celestial, que ele vê em suas visões, como *Filho do Homem* (Dn 7.13), um título atribuído a Cristo.

Contudo, essas teofanias foram temporárias. Foram dicas sobre a encarnação do Cristo, totalmente humano e totalmente divino, que viveria entre nós e nos redimiria.

**4.4** — *Estava sossegado em minha casa e florescente no meu palácio.* Nabucodonosor desfrutou de paz em sua família e prosperou em suas atividades.

**4.5,6** — *Esse sonho* de Nabucodonosor ocorreu 30 anos após o sonho descrito no capítulo 2. *Turbaram* significa *aterrorizaram*.

**4.7** — *Eu contei o sonho diante deles.* No capítulo 2, Nabucodonosor não contou aos sábios o que havia sonhado (Dn 2.5).

**4.8** — A expressão *meu deus* diz respeito a Marduque. Nabucodonosor ainda era pagão nessa época.

**4.9** — Daniel, também conhecido como *Beltesassar*, era *príncipe dos magos*, um cargo que lhe fora dado anos antes (Dn 2.48).

**4.10-17** — No capítulo 2, Nabucodonosor teve um sonho sobre uma grande imagem, da qual ele fazia parte. O segundo sonho dizia respeito a uma árvore, que representava o rei (v. 22). Árvores geralmente eram símbolos de grande força, que fornece sombra, alimento, combustível, beleza e matéria-prima para determinadas construções.

**4.15** — *O tronco, com as suas raízes, deixai na terra e, com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo; e seja molhado do orvalho do céu, e a sua*

*porção seja com os animais na grama da terra.* A árvore simboliza uma pessoa.

**4.16** — *Sete tempos* pode se referir a anos, meses, semanas, dias ou horas. A maioria dos teólogos acredita que sejam anos, baseado no uso de *tempos* em outros trechos de Daniel (Dn 2.8; 3.5,15; 7.25). O número sete na Bíblia representa plenitude.

**4.17** — A moral do sonho de Nabucodonosor era a de que *o Altíssimo tem domínio* supremo no mundo.

**4.18** — *Pois há em ti o espírito dos deuses santos.* A doutrina de um Deus triuno — Pai, Filho e Espírito Santo — está evidente no AT (Gn 1.26; 11.7; Is 48.16), porém não é desenvolvida (Dn 3.25). Nabucodonosor estava simplesmente afirmando que a capacidade de Daniel de interpretar sonhos era um dom concedido por Deus.

**4.19** — *Atônito [...] turbavam.* Tendo compreensão do sonho de Nabucodonosor, Daniel ficou tão abalado com o que descobrira que hesitou em divulgar o significado. *O sonho seja contra os que te têm ódio.* Daniel desejava que a terrível mensagem de julgamento fosse de alguma maneira destinada aos inimigos do rei e não ao próprio rei.

**4.20** — No AT, a *árvore* é um símbolo comum de um governante (Jz 9.7-15; Ez 31.2-14; Zc 11.1,



## EM FOCO

## INTERPRETAÇÃO (AR. PESHAR)

(Dn 2.4; 4.6; 5.12,16)

O sentido literal desta palavra de origem aramaica significa *desamarrar* ou *afrouxar*. Portanto, Daniel era capaz de desvendar os mistérios dos sonhos e das visões. Ele podia explicá-los e resolvê-los. Contudo, ele prontamente rendia todo o crédito a Deus por essa habilidade (Dn 2.28).

Nos dias de Jesus, o judaísmo rabínico havia interpretado a maior parte do Antigo Testamento alegoricamente. Devem ter sido a tais interpretações das Escrituras que Jesus se referiu quando disse: *ouvistes que foi dito* (Mt 5.21,27,31,38).

2). Como havia poucas árvores na Babilônia, uma árvore de proporções gigantescas como a descrita aqui teria sido impressionante e singular.

**4.21** — *Folhas eram formosas, e o seu fruto, abundante.* Daniel afirma que Nabucodonosor era uma fonte de bênçãos abundantes para todos. Os *animais* e as *aves* representavam os súditos que viviam satisfeitos no reino da Babilônia.

**4.22** — *A tua grandeza cresceu e chegou até ao céu, e o teu domínio, até à extremidade da terra.* Tal descrição transmite ideia de totalidade. Fazendo uso de um exagero deliberado, Daniel afirma que o reino de Nabucodonosor se estendia do céu até os confins da terra, e, portanto, era universal.

**4.23,24** — *Quando ao que viu o rei, um vigia, um santo, que descia do céu e que dizia.* O termo *vigia* significa *alguém que caminha*, um indivíduo constantemente em alerta. A expressão paralela *santo* sugere que o vigia é o Senhor ou um de seus anjos (Dn 3.28; 6.22; 8.16; 10.13; 12.1). *Tronco, com as suas raízes.* A árvore — Nabucodonosor — seria cortada, mas as raízes não seriam arrancadas. O tronco ainda poderia produzir brotos e as raízes trariam um novo crescimento que eventualmente fariam surgir uma nova árvore, tão grande quanto a árvore anterior (v. 26). *Sete tempos* são sete anos (Dn 7.12,25).

**4.25-28** — *E a tua morada será com os animais do campo.* A doença de Nabucodonosor é clinicamente conhecida como zoantropia, ou seja, a condição psíquica alterada que leva um ser humano a pensar que se transformou em um animal. Essa é uma doença bastante citada na literatura histórica e científica. Muitos teólogos entendem que esse relato seja uma fábula ou um conto sem

significado histórico, uma vez que não há nenhuma citação da doença de Nabucodonosor, a não ser pelo relato do livro de Daniel. Todavia é importante lembrar que não há informações históricas do reinado de Nabucodonosor entre 594 e 562 a.C., o ano de sua morte. Sua loucura pode muito bem ter ocorrido durante esse período.

**4.29-31** — *Doze meses.* A referência aqui é sobre um período de graça entre a predição da loucura de Nabucodonosor e a sua ocorrência. Talvez Deus tenha aguardado um ano na expectativa de que o monarca pudesse se arrepender e evitar o castigo.

**4.32,33** — *Até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens.* Nabucodonosor ficaria louco como um animal em seus hábitos e sentidos. Entretanto, naquela condição, aprenderia mais a respeito de Deus do que em toda sua vida. Na verdade, esse castigo serviria para que o rei pudesse saber quem Deus é e como Ele estabelece reinos de maneira soberana e os entrega a quem deseja. Nabucodonosor tinha de humilhar-se perante o Senhor antes de ser exaltado outra vez. O castigo divino sempre tem um propósito santo e útil.

**4.34-37** — Nabucodonosor louva o *Altíssimo*, reconhecendo que Deus *vive para sempre* e governa eternamente. O rei claramente reconhece o Deus de Daniel como o soberano eterno e onipotente sobre o universo.

**5.1,2** — *Belsazar é chamado de rei e filho de Nabucodonosor* (v. 22). Outros registros antigos, porém, parecem apresentar um conflito entre esses fatos. Eles indicam que Belsazar era filho de Nabonido, o último rei da Babilônia.

Duas explicações possíveis podem reconciliar a diferença entre tais registros: (1) Belsazar serviu como vice-regente durante as frequentes ausências de seu pai da capital. Portanto foi encarregado do governo quando a insanidade de Nabucodonosor teve início. Notemos que Dario, o medo, também era chamado de *rei* embora servisse a Ciro (Dn 5.31; 6.6); (2) Belsazar era neto de Nabucodonosor; o termo *pai* no versículo 2 indica que Nabucodonosor era ancestral de Belsazar.

**5.3,4** — *Utensílios de ouro, que foram tirados do templo.* A atitude de Belsazar em utilizar os utensílios sagrados em uma orgia constituiu uma blasfêmia e um sacrilégio (v. 23). *Deram louvores aos deuses.* As ações de Belsazar demonstravam afronta deliberada para com o Deus vivo (v. 23).

**5.5-7** — O rei Nabonido estava na Arábia. Belsazar era o vice-regente. O *terceiro dominador* seria o próximo na sequência para assumir o trono.

**5.8-10** — A *rainha* não era a esposa de Belsazar, mas sim a rainha mãe. Ela era esposa de Nabucodonosor ou filha dele, e se casara com Nabonido, o atual rei.

**5.11,12** — O *espírito dos deuses santos* é a mesma expressão utilizada por Nabucodonosor (Dn 4.8,9,18).

**5.13-16** — Esse evento aconteceu em 539 a.C. (v. 30). *Daniel* estava já com idade avançada, possivelmente com 80 anos de idade, ou até mais.

**5.17-24** — Quando Daniel recusou as *dádivas* e os *presentes* de Belsazar, ele não estava sendo ingrato ou desrespeitoso. Ele estava simplesmente dizendo que interpretaria a *escritura* sem cobrar nada por isso.

**5.25-28** — *MENE* significa *contou*. A repetição do termo é apenas enfática. Deus contara os dias de reinado de Belsazar, que estavam no fim. *TEQUEL* significa *pesado*. Deus havia pesado Belsazar, que não se adequava aos Seus padrões de retidão. *PARSIM*, que é o plural de *PERES* (v. 28), significa *dividido*. Naquela mesma noite (v. 30), a Babilônia seria dividida e derrotada pelos *medos* e pelos *persas*.

**5.29,30** — *Naquela mesma noite* (12 de outubro de 539 a.C.), a Babilônia foi derrotada pelo exército persa, sob o comando de Gubaru.

**5.31** — *Dario, o medo*, é mencionado pelo nome somente no livro de Daniel (Dn 6.1,6,9; 9.1). Ele não é o famoso Dario I Hystaspes (522—486 a.C.), pois Dario I não foi um medo nem foi contemporâneo de Daniel. Dario, o medo, pode ter sido: (1) Ciro, o rei da Pérsia. Entretanto, é improvável que Ciro tenha sido chamado de *medo*, pois ele era persa; (2) Gubaru, um governador nomeado por Ciro. Tanto o livro de Daniel como antigas fontes literárias indicam que um certo oficial (*Dario, o medo*, em Daniel; *Gubaru*, em textos persas) governou a Babilônia até a ocasião em que Ciro nomeou o seu próprio filho Cambises como vice-regente por volta de 538 a.C. Essa pessoa é a que mais se identifica com Dario. Porque ele era chamado de Dario, não se sabe, mas sabe-se que, antigamente, os governantes costumavam tomar para si outros nomes.

**6.1,2** — *Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte presidentes [...]* e sobre eles três *príncipes*, dos quais Daniel era um. Anteriormente, Daniel havia sido posto por governador da Babilônia por Nabucodonosor (Dn 2.48). Aqui, por governador do reino medo-persa. *Não sofresse dano* refere-se a danos tributários.

**6.3,4** — *Daniel se distinguiu desses príncipes e presidentes, porque nele havia um espírito excelente.* Provavelmente essa descrição diz respeito à surpreendente habilidade que Daniel tinha de exercer seu trabalho. Talvez incluía também suas atitudes louváveis.

**6.5-7** — *Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus.* Daniel obedecera às leis humanas prudentemente, mas seus inimigos sabiam que, quando a lei dos homens entrava em conflito com a *lei do seu Deus*, Daniel infringia a primeira em benefício da segunda.

**6.8,9** — *A lei dos medos e dos persas.* Uma vez imposto um decreto real, ninguém poderia revogá-lo — até mesmo o próprio rei. O decreto ficava vigente até seu prazo de expiração. A prática





## ENTENDENDO MELHOR

### OS MEDOS E OS PERSAS

A primeira menção do reino da Mídia se encontra em fontes assírias que descrevem a campanha do século 9 de Salmaneser III (858—824 a.C.), da Assíria, na terra dos medos. Aparentemente, a Mídia se situava na área do atual oeste-central do Irã e prosperou por mais dois séculos consecutivos, de acordo com as mesmas fontes.

Nos textos assírios, os medos são descritos nessa época como um conjunto de pequenas tribos autônomas. O historiador grego Heródoto (484—425 d.C.) sustenta uma lendária unificação de tribos medos ocorrida durante o século sétimo a.C. No final desse século, as tribos unificadas da Mídia, lideradas por Ciaxares (625—585 a.C.), aliaram-se aos caldeus contra a Assíria. Logo, os medos contribuíram para o declínio da capital assíria, Nínive, em 612 a.C.

O reino da Mídia seguiu, então, sob o governo de Astiages (585—550 a.C.), o sucessor de Ciaxares, até meados do século 6 a.C. Em 550 a.C., Ciro, da Pérsia, uniu com sucesso as tribos persas e médias, apesar de não se saber se os medos foram conquistados ou pacificamente incorporados ao império de Ciro. Aparentemente, este governante tinha algum tipo de relação tanto com a casa real da Mídia como da Pérsia. Por conseguinte, a união das duas nações deve ter se dado em função de uma reivindicação legal de Ciro ao trono.

A Mídia continuou a ser geograficamente distinta, até mesmo sob o governo persa, e, no império, os persas tinham preeminência sobre os medos. Por isso, mesmo depois de a Pérsia ter sobrepujado e capturado a Mídia em 550 a.C., os medos continuaram a ser reconhecidos como um povo distinto. Isso é evidente na frase *a lei dos medos e dos persas* (Dn 6.8,12,15).

de se criar uma lei imutável deve ter vindo do princípio de que mudar um decreto seria o mesmo que admitir a sua impropriedade.

**6.10-12** — Apesar do decreto real (v. 6-9), Daniel continuou a orar como de costume em seu quarto, com as *janelas abertas da banda de Jerusalém* — isto é, para o oeste. Os inimigos de Daniel estavam certos ao afirmarem que se ele tivesse de escolher entre seguir o decreto de um rei terreno e o rei celestial, ele escolheria este (v. 5).

**6.13-15** — *Daniel, que é dos transportados de Judá, não tem feito caso de ti, ó rei, nem do edito que assinaste.* Os acusadores de Daniel não o citavam como governante (v. 2), mas como um *dos transportados de Judá*, para o acusar de traição.

**6.16** — A palavra *cova*, que no aramaico também denomina *fossa*, indica que o lugar era subterrâneo.

**6.17-20** — *E o rei a selou [a cova] com o seu anel e com o anel dos seus grandes, para que se não mudasse a sentença acerca de Daniel.* Para garantir que a cova permanecesse fechada e que nem o rei nem os seus oficiais pudessem interferir na sentença acerca de Daniel, a tampa da cova foi selada com o anel do rei, bem como com o anel dos seus grandes. Desse modo, a tampa da cova não podia ser removida sem que os selos fossem quebrados.

**6.21,22** — *Então, Daniel falou ao rei: Ó rei, vive para sempre!* Apesar de ser o modo correto de saudar um rei naquela época (Dn 2.4; 3.9; 5.10; 6.6), o cumprimento revelou-se um tanto irônico para o momento, tendo-se em vista o fato de Daniel ter sido vivificado por Deus, a quem o próprio Dario confessara como *o Deus vivo* (v. 20).

**6.23** — *E nenhum dano se achou nele porque crera no seu Deus.* A fidelidade de Daniel o pôs em perigo (v. 10), mas foi ela mesma que o livrou dele (Hb 11.33).

**6.24,25** — *E ordenou o rei, e foram trazidos aqueles homens [...] seus filhos [...] suas mulheres [...] e ainda não tinham chegado ao fundo da cova quando os leões se apoderaram deles.* A família toda dos conspiradores foi exterminada porque os persas, assim como os hebreus e outros semitas, consideravam a culpa uma responsabilidade coletiva, sobretudo ao que tangia à família. Os exemplos de Corá (Nm 16.1-35) e de Acã (Js 7) ilustram muito bem esse princípio.

**6.26,27** — *Da minha parte é feito [um] decreto.* O decreto original de 30 dias de Dario (v. 6-9) provavelmente já havia se expirado.

**6.28** — *Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro.* Gubaru, ou Dario,

serviu a Ciro por cerca de um ano (539—538 a.C.), após o que Cambises foi nomeado vice-regente da Babilônia por Ciro. O próprio Ciro continuou como rei até 530 a.C.

**7.1—12.13** — Nesse trecho do livro de Daniel encontra-se uma série de visões que ensinam a mesma verdade explicitada nas experiências dos seis primeiros capítulos. Nos capítulos de 1 a 6, Deus é descrito como quem controla o presente. Já nos capítulos de 7 a 12, Ele é visto como aquele que controla o futuro também.

**7.1-28** — Daniel vê quatro bestas em sua visão. A visão se assemelha muito ao sonho registrado no capítulo 2, no qual Daniel tem a visão de quatro impérios que se sucedem no governo do mundo em que o povo de Deus vive.

**7.1** — *No primeiro ano de Belsazar*. O capítulo 5 relata a morte de Belsazar, indicando que o livro de Daniel não segue uma linha cronológica. Não se pode precisar o primeiro ano de Belsazar, mas, como Nabonido parece haver passado pelo menos dez anos na Arábia e Belsazar parece ter reinado para Nabonido na Babilônia durante esse tempo, o primeiro ano de Belsazar pode ter sido 550 a.C. Essa data coincide com o início do império medo-persa de Ciro, ocasião que deve ter estimulado a visão de Daniel.

**7.2** — *Quatro ventos* deve se referir a ventos por todos os lados e que cobriam toda a terra. Provavelmente, *no mar grande* é uma referência ao mar Mediterrâneo (Js 15.12; 23.4; Ez 47.10, 19), aqui usado figurativamente, representando as nações do mundo (Is 57.20; Ap 17.15).

**7.3** — Os *animais grandes* representam reis (v. 17) ou reinos (v. 18,23).

**7.4** — *O primeiro era como leão e tinha asas de águia*. Conhecidos, respectivamente, como o rei dos animais e a maior das aves, esses animais serviram para designar metaforicamente Nabucodonosor e o império babilônico (Jr 49.19, 22). Por séculos, acredita-se que essa besta possa representar a Babilônia. Acredita-se também que as visões tanto do capítulo 2 como do capítulo 7 falam dos mesmos quatro reinos. *Foram arrancadas as asas* é uma referência à humilhação pela qual passou Nabucodonosor (Dn 4.28-33).

**7.5** — *O segundo animal, semelhante a um urso*. Se o leão e as asas de águia representam a Babilônia (v. 4), o *urso* — de acordo com o primeiro sonho de Nabucodonosor — representa o império que sucedeu o babilônico, ou seja, o medo-persa (Dn 2.38,39). *Levantou-se de um lado* sugere que os persas eram maiores em número e em poderio que os medos. *As três costelas* representam os três reinos que os medos-persas devoraram: a Babilônia, a Lídia e o Egito.

**7.6** — Se a segunda besta do sonho de Daniel representava o império medo-persa (v. 5), o *leopardo* representava a Grécia (Dn 2.39). O número quatro simboliza a universalidade (veja *quatro ventos*, v. 2); *asas* é sinônimo de velocidade. Os gregos, sob a liderança de Alexandre, o Grande, rapidamente conquistaram o mundo da época. A descrição *quatro cabeças* descreve os chefes de Estado. Após a morte de Alexandre, o império grego dividiu-se entre os seus generais em quatro partes.

**7.7** — *O quarto animal* não se parecia com qualquer outro animal. Como essa besta sucede a Grécia (v. 6), ela pode representar o império romano (Dn 2.40).

**7.8** — Aqui *as pontas* (*chifres* – NVI) representam os governantes. Apesar de a *ponta pequena* começar de maneira modesta, ela se tornaria a maior de todas (v. 20).

**7.9** — *Um ancião de dias* é uma referência ao Deus Pai, certificada pela submissão de *um como o filho do homem* (v. 13, 14), e ao papel do Pai no julgamento (v. 22). *Chamas de fogo* simbolizam o próprio julgamento. A descrição *as rodas dele* refere-se à carruagem em que Deus cavalga na batalha para exercer a Sua soberania e para aparecer como Juiz (Ez 1.15-21; 10.1-22).

**7.10** — *Milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele*. Essa descrição indica um número incontável de servos. Os *livros* registram os nomes e os feitos daqueles que serão julgados (Ap 20.12).

**7.11** — A *ponta* aqui é a mesma descrita no versículo 8. *Queimado pelo fogo*. A ideia de que o fim dos ímpios será a destruição é recorrente no Antigo Testamento (Gn 19.24; Is 66.24; Ml 4.1,

3), mas alcança toda a sua expressão no Novo Testamento, com os ensinamentos acerca do inferno (Mt 5.22,29,30; 10.28; 2 Pe 2.4).

**7.12** — Os *outros animais* são as três bestas descritas nos versículos 3 a 6 — Babilônia, Medo-Persa e Grécia. *Foi-lhes tirado o domínio*. Apesar de essas nações já terem passado, o *domínio* exercido por elas foi herdado pelos seus sucessores. *Prolongação de vida até certo espaço de tempo* é uma expressão que designa um período de tempo indefinido.

**7.13** — *Filho do homem* é uma tradução semítica para *ser humano*. Daniel viu *um como o filho do homem*, o que significa que o que ele viu não era, na verdade, um homem, mas a representação perfeita da humanidade. Comentaristas judeus e cristãos identificam esse indivíduo como o Messias. O próprio Jesus munuiu-se desse nome para enfatizar a Sua humanidade na encarnação do Filho do Homem (Mt 9.6; 10.23; 11.19; 12.8,32, 40; Mc 8.31; 9.12; Lc 6.5; 9.22; Jo 3.13,14; 5.27). *Vinha nas nuvens do céu*. João usa a mesma expressão para falar da vinda de Jesus na ocasião do julgamento (Mt 24.30; Ap 1.7).

**7.14,15** — *E foi-lhe dado*. Foi dado ao *filho do homem* (v. 13), que reinará sobre todas as coisas como o regente do Deus todo-poderoso (1 Co 15.27,28; Ef 1.20-23; Fp 2.9-11; Ap 17.14; 19.16). Ao contrário da efêmera natureza dos impérios anteriores, *o seu domínio é um domínio eterno, que não passará*.

**7.16** — *Um dos que estavam perto* se refere a um anjo que se encontrava próximo ao trono de Deus (v. 10).

**7.17** — *Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra*. Esses reis representam reinos (Dn 8.21). Logo, cada animal representa tanto um rei como um reino.

**7.18-20** — *Santos do Altíssimo*. Esse termo pode referir-se a anjos (Jó 15.15; Sl 89.5,7; Zc 14.5) ou a homens e mulheres redimidos (Sl 16.3; 30.4; 31.23; 37.28; Pv 2.8; Rm 1.7; 12.13; Ap 5.8). O reino recebido e para sempre possuído pelos santos deve ser o mesmo reino do *filho do homem*, que também é eterno (v. 14). O filho do homem governa, então, por meio de Seus santos,

fato frequentemente proclamado no Novo Testamento (Ap 2.26,27; 20.4-6).

**7.21-23** — A visão de Daniel revela a hostilidade travada pela pequena ponta *contra os santos*. O caráter militarista da pequena ponta se vê também em Daniel 11.38,39 e, particularmente, em Apocalipse 13.1-10, em que, na forma de uma besta, esse inimigo blasfemo dos santos tem sucesso por 42 meses. A relação entre a *pequena ponta* que aparece em Daniel e a *besta do mar* que aparece em Apocalipse é irrefutável.

**7.24,25** — Há três interpretações para a descrição *dez reis que daquele mesmo reino se levantarão*: (1) a quarta besta seria a Grécia, e as dez pontas seriam as dez divisões do império grego; (2) a quarta besta seria Roma, e as dez pontas seriam fragmentos do império romano; (3) a quarta besta seria o império romano que estaria de volta, e os dez reis seriam membros de um reino futuro. *E depois deles se levantará outro*. O pronome *outro* se refere à pequena ponta do versículo 8 (v. 20,21). Esse rei *abaterá a outros três*, blasfemarà contra Deus (Dn 11.36; 2 Ts 2.4; Ap 13.5, 6), *destruirá os santos* (v. 21; Ap 13.7), tentará *mudar os tempos e a lei* e dominará os santos por um tempo. *Um tempo, e tempos, e metade de um tempo*. Um tempo pode designar um ano; tempos, dois anos; metade de um tempo, metade de um ano; o que totaliza três anos e meio. Sugere-se também que a expressão não indique um número específico de anos, mas um período de tempo que Deus, em Sua misericórdia, abreviaria.

**7.26** — *O domínio* da pequena ponta se desencadeará em um violento fim quando se submeter ao juízo de Deus (v. 10).

**7.27,28** — *O reino [...] ao povo dos santos do altíssimo*. O Reino de Deus, governado por Seus santos, exercerá domínio sobre toda a terra.

**8.1** — Após escrever em aramaico (Dn 2.4—Dn 7.28), Daniel volta a escrever em hebraico.

**8.2** — *Susã* ficava a cerca de 230 milhas a leste da Babilônia. *Ulai* era um canal artificial localizado a poucas milhas de distância de Susã.

**8.3** — O *carneiro* representa o império medo-persa (v. 20). As *duas pontas* simbolizam os povos da Média e da Pérsia.

8.4 — *Ciro e os seus sucessores conquistaram o ocidente, o que inclui a Babilônia, a Síria e a Ásia Menor, o norte, o que inclui a Armênia e a região do mar Cáspio, e o meio-dia, o que inclui o Egito e a Etiópia.*

8.5,6 — *O bode representa a Grécia (v. 21). A ponta notável simboliza Alexandre, o Grande (v. 21), que liderou o seu ataque contra a Pérsia em 334 a.C. Em 332 a.C., ele já tinha subjugado o império persa. Sem tocar no chão. A conquista de Alexandre foi tão rápida que deu a impressão de que ele voou pela terra.*

8.7 — *Os persas eram muito mais numerosos que os gregos. Porém, em duas batalhas decisivas, o império medo-persa foi que sofreu o colapso.*

8.8 — *A grande ponta foi quebrada. Alexandre, o Grande, morreu no auge de sua carreira, antes mesmo de completar 33 anos de idade. Quatro também notáveis. Após a morte de Alexandre, quatro de seus generais dividiram o império macedônio. Antígono governou o território que ia do norte da Síria à Ásia Central; Cassandro, a Macedônia; Ptolomeu, o Egito e o sul da Síria mais a Palestina; Lisímaco, a Trácia.*

8.9 — *A ponta mui pequena aqui não é a mesma que a pequena ponta do capítulo sete. A anterior é oriunda da quarta besta, Roma, enquanto que esta vem da Grécia. A pequena ponta aqui se refere a Antíoco Epifânio, o oitavo rei da dinastia síria, que reinou de 175 a 164 a.C. Portanto, essa profecia é, na verdade, para 175 a.C., quando Antíoco se torna rei, e não para 301 a.C., quando o império de Alexandre se divide. Para o meio-dia. Antíoco invadiu o Egito. A expressão*

*para o oriente* significa para Parthia, e a expressão *a terra Formosa* significa a Palestina.

8.10 — *O exército dos céus e as estrelas referem-se ao povo de Deus (Dn 12.3; Gn 15.5). A descrição os deitou por terra descreve a conquista de Antíoco.*

8.11 — *O príncipe do exército refere-se ao próprio Deus. A pequena ponta, assim como Lúcifer (Is 14.12), aspira ser como Deus. Santuário [...] lançado por terra. Antíoco profanou a casa de Deus erguendo uma estátua de Zeus sobre o altar de bronze.*

8.12 — *A verdade é uma referência à Lei Mosaica.*

8.13 — *Um santo e outro santo referem-se a anjos (Dn 4.13,23).*

8.14 — *A descrição duas mil e trezentas tardes e manhãs refere-se ao tempo entre a profanação do templo por Antíoco e a purificação dele realizada pelos macabeus.*

8.15 — *Se me apresentou diante uma [visão] como semelhança de homem. Não se pode precisar quem seria essa pessoa. Poderia ser uma representação de Deus, de Jesus ou de um anjo.*

8.16 — *Uma voz [...] a qual gritou e disse: Gabriel. Essa é a primeira menção do mensageiro Gabriel na Bíblia. O anjo é mencionado três outras vezes nas Escrituras (Dn 9.21; Lc 1.19,26).*

8.17,18 — *O fim do tempo é uma referência a um tempo que já pode estar a caminho (1 Jo 2.18), mas que não chegará até que ocorra a segunda vinda de Cristo ao mundo (Mt 24.14).*

8.19 — *Tempo da ira. Trata-se da ira do Senhor contra aqueles que se rebelaram contra o Seu*



## EM FOCO

### VISÃO (HB. CHAZON)

(Dn 8.1; Is 1.1; Pv 29.18)

A palavra hebraica para sonho ou visão deriva de um verbo hebraico que significa *ver*. Antigamente, os sonhos e as visões eram frequentemente tidos como revelações dos deuses ou, segundo os hebreus, do próprio Deus (Is 1.1). Daniel recebeu uma mensagem de Deus por meio de um sonho que tratou do futuro dos reinos persa e grego. O seu sonho foi codificado em símbolos que precisaram da ajuda do anjo Gabriel para serem decodificados (Dn 8.15-27). O autor de Provérbios insiste no fato de que as revelações de Deus são essenciais ao bem-estar de uma sociedade. Sem a Lei de Deus revelada nas Escrituras, a fundação de uma sociedade sucumbe (Pv 29.18).

domínio. O tempo do fim (veja o v. 17) indica que esse julgamento será contra todos os que se rebelarem contra Deus, especialmente os que estiverem em vida quando Jesus retornar.

**8.20** — As duas pontas representam os países da Média e da Pérsia, que significam um só império, representado pelo carneiro.

**8.21** — O rei primeiro da Grécia foi Alexandre, o Grande.

**8.22** — Não com a força dela. Nenhum dos quatro generais de Alexandre governou com a força que Alexandre governou (v. 8).

**8.23** — Quando os prevaricadores acabarem, ou seja, quando as ações pecaminosas dos judeus alcançarem o ponto em que Deus não permitirá que continuem em seus caminhos sem que haja punição (Gn 15.16; Mt 23.32; 1 Ts 2.16). Um rei refere-se a Antíoco IV Epifânio, o rei da Síria, que fez de Antioquia a sua capital.

**8.24** — A revelação mas não pelo seu próprio poder indica que Antíoco seria movido por Satanás, assim como o será o anticristo (2 Ts 2.9).

**8.25** — Sem mão. Antíoco morreu sem intervenção humana alguma. De acordo com o livro apócrifo Macabeus, Antíoco (v. 23) morreu de uma dolorosa doença.

**8.26** — Cerra a visão. Grande parte dos documentos da época de Daniel foram escritos em rolos que podiam ser enrolados e selados para que o seu conteúdo fosse protegido. Esse documento pertencia a uma época que só se cumpriria muito tempo depois daquela em que fora concedido.

**8.27** — Eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias. Daniel sofreu uma reação emocional muito forte em virtude da visão registrada no capítulo 8, aparentemente bem maior que a sofrida após a primeira visão (Dn 7.15,28).



## PERFIL

### RESPONDENDO À PROFECIA

Os atuais leitores da Bíblia reagem de diversas maneiras às passagens proféticas das Escrituras. Alguns as acham fascinantes e reveladoras, outros as consideram confusas e enigmáticas. Alguns acreditam que elas constituem um claro guia de acontecimentos futuros, outros leitores, ainda, acreditam que elas são escritas cujo significado geralmente se mantém secreto e misterioso. Para poucos, entretanto, a questão é: que diferença fazem essas passagens proféticas?

Ao refletir acerca de uma resposta apropriada à profecia bíblica, é preciso que se tenha em mente o fato de que os profetas se preocupavam muito mais com a revelação do que com a previsão das profecias. Isto é, sem levar em consideração se uma profecia diz respeito ao futuro ou não, ela se faz importante por revelar algo que o Senhor quer que o Seu povo saiba. Por essa razão é dito que uma profecia diz respeito não apenas à predição do futuro, mas à própria Palavra de Deus.

A resposta de Daniel às profecias de Jeremias é instrutiva. Quando o reino babilônico foi dominado pelos persas, Daniel reconheceu que as circunstâncias não eram apenas políticas; ele percebeu a mão do Senhor em todo aquele cenário. Aparentemente tudo indica que Daniel tinha acesso às profecias de Jeremias (Dn 9.2). Talvez ele até tivesse uma cópia da carta que Jeremias havia enviado aos exilados na Babilônia, na qual ele dizia ao povo que esperassem por um cativeiro de 70 anos (Jr 29.10).

Ao refletir cuidadosamente sobre essa informação, Daniel se arrependeu (Dn 9.3-7). Essa reação foi notável, haja vista que ele tinha motivos para outros tipos de reação. Ele podia, por exemplo, ter comandado a queda da Babilônia, sinalizando, assim, o fim do exílio judaico. Daniel também podia ter agido como Moisés, fazendo com que suas revelações chegassem a Dario e ordenando a libertação imediata do povo. Ou, ainda, ele poderia ter se conformado em suas funções, sabendo que estava prestes a voltar para casa.

Não obstante, a reação de Daniel foi de arrependimento. O seu foco não estava em datas e horas, mas em sua própria atitude com relação ao Senhor. Ele não se preocupou com *quando* o exílio acabaria, mas com o *porquê* de ele estar acontecendo. A questão para Daniel não era quando eles iriam retornar do exílio, mas se eles estavam prontos para retornar.

Vale a pena seguir o exemplo de Daniel hoje. Profecias podem ser fascinantes, mas o principal não é decifrá-las como charadas, mas sim ouvir o que Deus tem a dizer e responder de acordo com a vontade dele. Daniel mostra que uma das primeiras respostas a ser dadas a uma profecia deve ser o arrependimento por causa do pecado.

**9.1** — O ano primeiro de Dario foi 539 a.C., quando nomeado como administrador da Babilônia por Ciro.

**9.2,3** — *Entendi pelos livros.* Esses livros são, na verdade, as Escrituras, especialmente o livro de Jeremias, que sustenta que a desolação de Jerusalém seria cumprida em 70 anos (Jr 25.11,12; 29.10-14). O próprio exílio de Daniel ocorreu em 605 a.C. Essa passagem foi escrita em 538 a.C., cerca de 77 anos após a conquista. O período do exílio estava prestes a acabar. Zacarias refere-se ao período de 70 anos como o princípio da destruição do templo, o que se deu em 586 a.C. (Zc 7.5). O templo foi reerguido em 515 a.C. (Ed 6.15). Logo, os *setenta anos* têm inúmeros princípios e fins.

**9.4-14** — Essa é uma oração de arrependimento pelo passado pecaminoso de Israel. É também uma oração de esperança, pois Deus iria causar a queda da Babilônia e permitir que os judeus retornassem à terra natal para restaurá-la. Os 70 anos de exílio estavam prestes a acabar e coisas gloriosas estavam batendo à porta. Daniel confessou que Israel havia se distanciado da Palavra de Deus, desconsiderando os profetas de Deus e desprezando o próprio Deus.

**9.11-14** — *A maldição e o juramento.* Contratos e declarações normalmente continham assertivas concernentes a penalidades por violação. Na *Lei de Moisés*, tais sanções encontram-se particularmente no livro de Levítico (ver Lv 26.3-45; Dt 27; 28). Nessas passagens, a maldição mais temida e devastadora de todas é a deportação da terra prometida (Lv 26.33-39; Dt 28.36-68). Daniel aqui diz que a maldição predita havia acabado de acontecer.

**9.15,16** — *Tiraste o teu povo da terra do Egito.* Aqui, Daniel refletiu sobre o maior evento redentor da história de Israel, o êxodo do Egito, e orou pedindo que Deus repetisse o que fizera no passado.

**9.17** — *O teu santuário* é uma referência ao templo de Salomão, que se encontrava em ruínas desde 586 a.C.

**9.18** — *Tuas muitas misericórdias.* É importante notar que a única base para o apelo de Daniel era a graça de Deus.

**9.19** — *Sem tardar.* Essa expressão deve ser entendida à luz da referência de Daniel aos 70 anos (v. 2). Daniel sabia que todas as promessas de Deus, sem sombra de dúvida, não haviam ainda acontecido, tampouco as Suas bênçãos concedidas ao povo reunido e restaurado (Lv 26.40-45; Dt 4.29-31).

**9.20-23** — *Estando eu ainda falando.* O anjo foi mandado no início da oração de Daniel (v. 23). A expressão *o varão Gabriel* não nega a natureza angelical de Gabriel; o título simplesmente serve para identificar Gabriel com a visão registrada em Daniel 8.15,16. *Sacrifício da tarde.* Como o templo se encontrava em ruínas, era impossível a rotina dos sacrifícios diários. Todavia, Daniel não deixou de observar o ritual da adoração, orando na hora do sacrifício da tarde. A oração de Daniel era, portanto, o seu próprio sacrifício da tarde.

**9.24** — *Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, e expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e ungir o Santo dos santos.* *Setenta semanas* também pode ser traduzido por *setenta setes*. Muitos estudiosos sustentam que *setes* são anos, como se pode inferir dos 70 anos de exílio descritos no versículo 2. Levítico 25.8 trata das *sete semanas de anos*; em Levítico 26.18,21 vemos que a punição de Israel seria multiplicada por sete. Logo, um exílio de 70 *semanas* duraria sete vezes setenta anos. Segundo Crônicas 36.21 sugere, o exílio devia durar o suficiente para compensar 70 omissões de Anos Sabáticos, que ocorriam a cada sete anos. Isso somaria 490 anos para que o povo de Deus experimentasse reconciliação perfeita com Ele. Há inúmeras interpretações de como esses anos representariam eras da história mundial anteriores à segunda vinda do Messias. Alguns estudiosos sugerem que o uso do número sete nesse versículo representa simbolicamente a totalidade — isto é, toda a história.

**9.25** — A descrição *a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém* pode ser uma referência: (1) ao decreto de Ciro registrado em Esdras 1; (2) ao decreto de Dario registrado em Esdras 6; (3) ao decreto de Artaxerxes registrado em

Esdras 7; (4) ao decreto de Artaxerxes registra-  
do em Neemias 2.

**9.26** — *E, depois das sessenta e duas semanas, será tirado o Messias e não será mais; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações.* A interpretação mais comum sustenta que as sessenta e duas semanas poderiam ser adicionadas às sete semanas do versículo 25, resultando em um total de 79 semanas ou 483 anos. Se esses anos forem somados à data do decreto de Artaxerxes em Neemias 2, 445 a.C., e tendo-se o ano como o conjunto de 360 dias, o fim das 79 semanas coincide com a data da crucificação de Jesus. Várias outras interpretações desses períodos de tempo indicados pelas 72 semanas já surgiram, incluindo uma que se refere a Ciro como o Messias nesse versículo, em que também é chamado de o unguido do Senhor (Is 45.1). *Será tirado o Messias* pode ser uma referência à crucificação de Jesus Cristo. O verbo *tirar* significa *destruir, matar*. O fato de Jesus Cristo não ter morrido para si próprio, mas para os pecados do mundo, deve apoiar a interpretação que relaciona o Messias ao próprio Jesus. O *príncipe que há de vir* pode ser uma referência ao anticristo (v. 27).

**9.27** — *E ele firmará um concerto com muitos por uma semana.* O pronome *ele* pode referir-se ao anticristo, que *firmará um concerto* com Israel. *Na metade da semana* — isto é, três anos e meio depois — ele quebrará o concerto. *Abominações [...] assolador.* Antíoco cometeu a abominação da desolação ao erguer um altar ao deus Zeus no templo em Jerusalém (Dn 11.31). O anticristo, da mesma forma, vai cometer uma abominação desoladora contra o Deus vivo (Mt 24.15). *À consumação [...] será derramado sobre o assolador.* O fato dessa abominação só ocorrer na consumação dos tempos sugere que esse versículo está descrevendo a abominação do anticristo e não de Antíoco Epifânio.

**10.1** — *No ano terceiro de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel.* O ano terceiro do governo de Ciro sobre a Babilônia foi o de 536 a.C.

**10.2,3** — *Daniel estava triste* porque queria entender a visão (v. 12). A informação *por três semanas completas* refere-se à observância de Daniel da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos, que aconteceu durante o primeiro mês do ano (Êx 12.1-20). A Páscoa dava-se no décimo quarto dia do mês e a Festa dos Pães Asmos, nos oito dias seguintes. Toda a festividade terminava no vigésimo primeiro dia do mês.

**10.4** — *O dia vinte e quatro do primeiro mês* acontece três dias após a Festa dos Pães Asmos (v. 2).

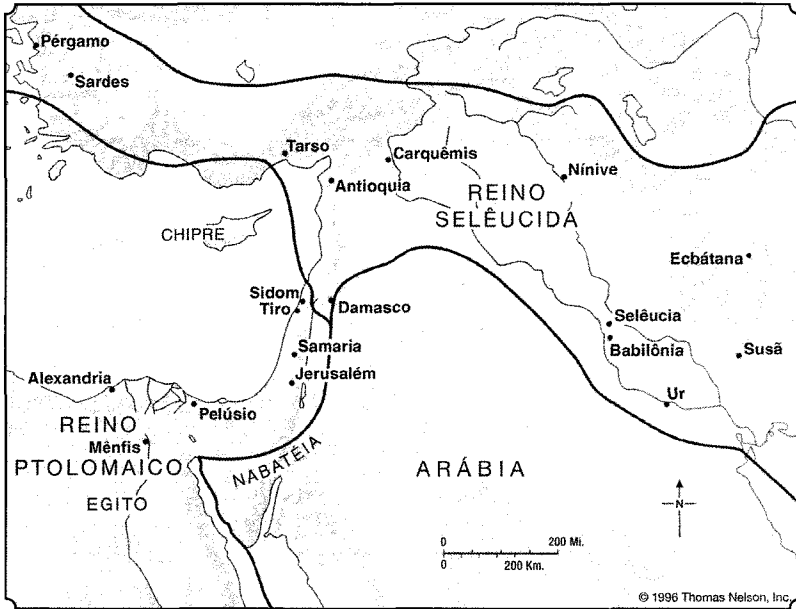
**10.5** — *Um homem*, aqui, pode ser tanto Jesus como um anjo. A descrição sugere tratar-se mesmo de Jesus Cristo (v. 6).

**10.6,7** — *E o seu corpo era como turquesa, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos, como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés, como cor de bronze açacalado; e a voz das suas palavras, como a voz de uma multidão.* A descrição do homem aqui é muito parecida com a de Ezequiel da glória de Deus (Ez 1.4-28) e com a de João do Cristo triunfante e ressurreto (Ap 1.9-20).

**10.8-10** — *Força* sugere majestade, esplendor ou beleza. *Transmudou-se em mim a minha formosura em desmaio, e não retive força alguma.* O ser humano é fraco e frágil na presença de Deus.

**10.11,12** — *Daniel, homem mui desejado.* Deus ama a todos (Jo 3.16), contudo, alguns, em função de seu especial relacionamento com Deus, são objeto de muito amor divino (1Sm 13.14; Jo 13.23; 14.21,23; At 13.22).

**10.13** — *O príncipe do reino da Pérsia* não pode ser um governante humano, pois o conflito a que esse versículo faz menção é espiritual. A alusão a Miguel garante isso. Logo, o príncipe deve ser entendido como uma figura satânica que supervisionaria os negócios da Pérsia, inspirando as suas estruturas religiosa, social e política para o mal. Paulo refere-se a principados, poderes, príncipes das trevas deste século, bem como a *hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais* (Ef 6.12). O *homem* aqui diz que foi retido por *vinte e um dias*, o mesmo tempo que Daniel levou em luto e jejum (v. 2,3). O ímpio príncipe da Pérsia buscou deter o *homem* para que Daniel não pudesse ouvir mais das revelações de Deus (v. 12,14).



Controle Ptolomaico na Palestina (270 a.C.)

A morte de Alexandre, o Grande, levou à divisão de seu império em reinos menores, controlados por seus generais. Dois desses generais, Ptolomeu e Selêucida, estabeleceram-se nas regiões que circundavam a Palestina. Por volta de 275 a.C., Ptolomeu controlava o Egito, a Palestina, Cirene, a Fenícia, Chipre e a costa da Ásia Menor. Os selêucidas controlavam a Mesopotâmia, a Síria e a maior parte da Ásia Menor e do Irã.

Miguel parece ser um dos anjos mais poderosos. Ele é mencionado três vezes no Antigo Testamento, todas as vezes em Daniel (v. 21; 12.1) e duas vezes no Novo Testamento (Jd 9; Ap 12.7).

**10.14,15** — *Derradeiros dias*. Esse termo é usado ao longo dos livros proféticos para se referir ao futuro (Is 2.2; Jr 23.20; 49.39; Ez 38.16; Mq 4.1). O mensageiro aqui se refere à revelação do capítulo 11.

**10.16,17** — *Uma como semelhança dos filhos dos homens* deve se referir à pré-encarnação de Cristo (v. 5) ou ao anjo descrito nos versículos 10 a 15.

**10.18,19** — Pela terceira vez neste capítulo, Daniel é sobrenaturalmente animado por aquele que o tocava (v. 10, 16). O primeiro toque possibilitou que ele se levantasse do chão, o segundo toque fez com que ele falasse, e o terceiro toque, com que continuasse a conversar.

**10.20** — *Eu tornarei a pelear contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da*

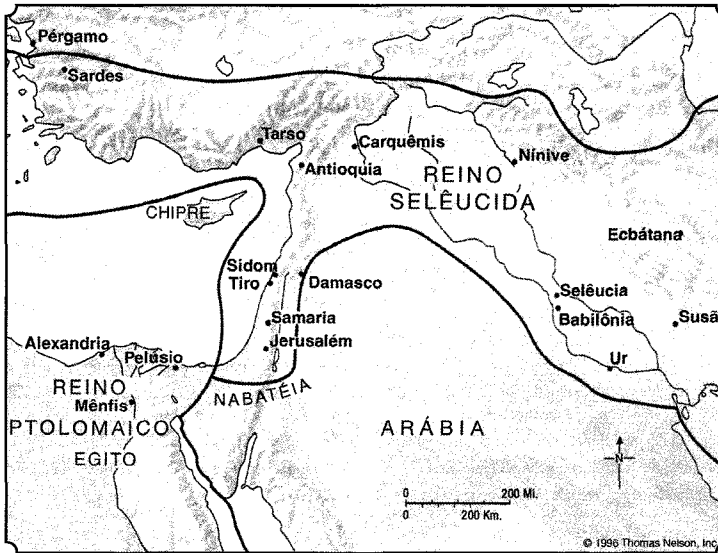
Grécia. Tanto a Pérsia como a Grécia se encontravam sob o domínio de espíritos malignos (v. 13, 14). Assim que o príncipe dos persas fosse derrotado, o mensageiro combateria o príncipe da Grécia. A sucessão dos poderes do mundo segue o padrão da segunda visão de Daniel (Dn 8.20-22).

**10.21** — *A não ser Miguel, vosso príncipe*. Deus escolheu o arcanjo Miguel para ser um príncipe do Seu Reino na terra.

**11.1** — *O primeiro ano de Dario*. Esse é o mesmo ano que o da revelação das setenta semanas, o ano de 539 a.C. (Dn 9.1). No início da administração persa, o mensageiro divino levantou-se para animar e fortalecer Dario. Isso sugere que, apesar de os reinos do mundo estarem sob domínio demoníaco, os seus governantes humanos podem ser libertos desse controle e usados em um propósito divino se Deus assim o quiser.

**11.2-35** — Essa passagem contém profecias para Pérsia (v. 2), Grécia (v. 3,4), Egito e Síria (v. 5-35).





Controle Selêucida na Palestina (190 a.C.)

*Antíoco III, rei da Síria, expandiu os limites do reino selêucida em várias batalhas contra os ptolomeus. Em 221 a.C., Antíoco invadiu parte da Palestina, apenas para perder a maior porção do território em 217 a.C. Retornando em 201 a.C., ele finalmente derrotou Ptolomeu em 198 a.C. com o auxílio e o apoio dos judeus. A Palestina desfrutou de liberdade do controle egípcio até 175 a.C., quando um novo líder, Antíoco IV, tornou-se rei da Síria. Sua opressão aos judeus levou à revolta dos macabeus em 167 a.C. e à eventual autonomia dos judeus, em 164 a.C.*

11.2 — Ainda três reis estarão na Pérsia, e o quarto [...] contra o reino da Grécia. Dario (sob Ciro) foi sucedido por Cambises (530—522 a.C.), Gaumata (522 a.C.), Dario I (522—486 a.C.) e Xerxes (486—465 a.C.), que foi o rei mais rico de todos, devido às suas conquistas e à severa carga de tributação.

11.3 — A cena agora se dá na Grécia (v. 2). Logo, o rei valente é Alexandre, o Grande (v. 4).

11.4 — O reino de Alexandre foi repartido em quatro partes (Dn 8.22), mas não para a sua posteridade — isto é, não para os seus herdeiros. Outros significa indivíduos não pertencentes à sua família — os generais de Alexandre foram os que governaram o império que ele havia conquistado (Dn 8.8, 22).

11.5 — Tendo predito que o reino grego se dividiria em quatro (v. 4), o anjo fala aqui sobre dois deles, o reino siro, ao norte da Palestina, e o egípcio, ao sul. O primeiro rei do Sul — isto é, o Egito — foi Ptolomeu I Sóter (323—285 a.C.).

A expressão *um de seus príncipes* refere-se a Selêuco Nicator (311—280 a.C.).

11.6 — Ao cabo de anos diz respeito ao ano de 252 a.C., aproximadamente. A filha refere-se à Berenice, a filha de Ptolomeu Filadelfo (285—246 a.C.) do Egito. O rei do Norte refere-se a Antíoco II Theos (261—246 a.C.) da Síria.

11.7-9 — O renovo das suas raízes refere-se ao irmão de Berenice (v. 6), Ptolomeu III Euergetes (246—221 a.C.), que conquistou o rei do Norte, Seleuco Calínico (246—226 a.C.) da Síria. Ptolomeu III retornou ao Egito com grande quantidade de espólio e viveu seis anos mais que Seleuco. Este tentou atacar o Egito, mas retornou à Assíria sem cumprir o seu propósito.

11.10 — Os filhos de Seleuco Calínico foram Seleuco III Cerauno (227—223 a.C.) e Antíoco III, o Grande (223—186 a.C.).

11.11,12 — O rei do Sul, Ptolomeu IV Filopator (221—204 a.C.) derrotou o rei do norte, Antíoco III, o Grande, em Ráfia, em 217 a.C.

11.13 — O rei do Norte, Antíoco III, reuniu um grande exército e atacou o Egito em 201 a.C.

11.14 — *Muitos se levantarão* indica que outros como Felipe V da Macedônia ajudou Antíoco na luta contra o rei do Sul, Ptolomeu V Epifânio (203—181 a.C.) do Egito. A expressão *os prevaricadores do teu povo* refere-se aos judeus que tentaram ajudar Antíoco a realizar o que foi predito na visão do capítulo oito, mas falharam.

11.15 — O rei do Norte, Antíoco, derrotou a cidade forte de Sidom em 198 a.C.

11.16 — A terra gloriosa diz respeito a Israel. O controle da Palestina passou do Egito para a Síria.

11.17 — A filha de Antíoco III, Cleópatra, foi dada em casamento a Ptolomeu V Epifânio do Egito para corromper ou minar o Egito, mas Cleópatra se posicionou ao lado de seu marido.

11.18,19 — Antíoco III foi responsável por uma vigorosa campanha na Ásia Menor, assim como na região do mar Egeu. Um príncipe, o romano Lúcio Cornélio Cipião, derrotou Antíoco. Tendo perdido tudo o que havia conquistado, Antíoco retornou a sua própria terra, onde foi derrotado e morto enquanto tentava saquear um templo.

11.20 — *Em seu lugar, se levantará*. Seleuco IV Filopator (187—176 a.C.), filho de Antíoco, tomou o lugar de seu pai. A glória real é a de Israel. *Em poucos dias*. Antíoco governou por 37 anos; Seleuco, por sua vez, por 11 anos.

11.21 — A descrição *um homem vil* refere-se a Antíoco IV Epifânio (175—164 a.C.), que tomou o trono traiçoeiramente.

11.22 — *Serão arrancados de diante dele* provavelmente é uma referência aos egípcios. O príncipe do concerto era o título de Onias III, o sumo sacerdote em Jerusalém.

11.23,24 — *E, depois do concerto com ele, usará de engano; e subirá e será fortalecido com pouca gente*. O pronome *ele* refere-se a Antíoco IV Epifânio (v. 21). *Usará de engano*. Antíoco tirava dos ricos e dava aos pobres.

11.25,26 — *E suscitará a sua força e o seu coração contra o rei do Sul*. O rei do Sul a que trata essa passagem é Ptolomeu Filometor (181—145 a.C.) do Egito. *Os que comerem os seus manjares*.

Os conselheiros de confiança de Ptolomeu Filometor que comiam à sua mesa o traíram.

11.27 — *Esses dois reis terão o coração atento para fazerem o mal*. Tanto Antíoco como Ptolomeu se muniram de engano e traição para obterem trégua.

11.28 — O *santo concerto* alude a Israel. *Fará o que lhe aprouver*. Antíoco, em seu caminho de volta à Síria, saqueou o templo em Jerusalém e matou a muitos.

11.29 — *Tornará a vir contra o Sul*. Após saber que Ptolomeu VI e Ptolomeu VII haviam se unido contra ele, Antíoco retornou ao Egito em 168 a.C.

11.30 — *Quitim*, no caso, é Roma. Quando os romanos forçaram Antíoco a deixar o Egito, ele se frustrou com o *santo concerto* — isto é, Israel (v. 28). A descrição *os que tiverem desamparado o santo concerto* refere-se aos apóstatas judeus (v. 32) que cooperaram com Antíoco.

11.31 — *Profanarão o santuário*. Antíoco maculou o altar oferecendo uma porca sobre ele. Também declarou ilegal o *contínuo sacrifício*, assim como outras cerimônias mosaicas e cometeu a *abominação desoladora* de erguer uma imagem de Zeus no santuário (Dn 9.27; 12.11). Jesus disse que algo semelhante há de acontecer antes de Seu retorno (Mt 24.15).

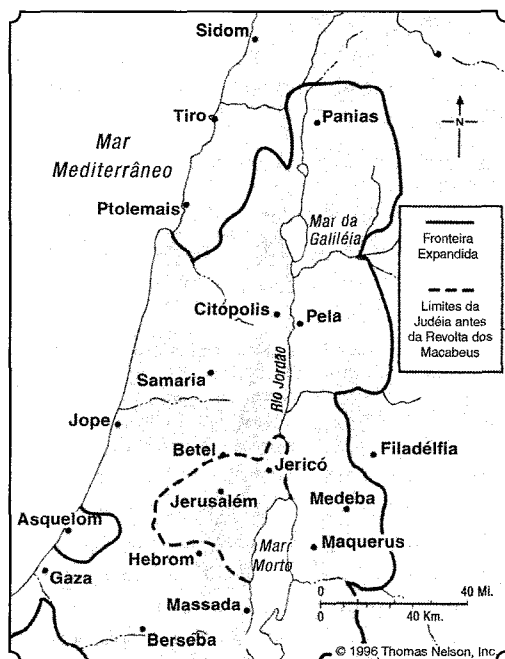
11.32 — *Mas o povo que conhece ao seu Deus se esforçará e fará proezas*. Matatias, pai de cinco filhos, recusou-se a oferecer sacrifícios de maneira profana e matou os agentes do rei. Ele e seus filhos, depois, fugiram para as montanhas e deram início à revolta dos macabeus.

11.33 — *Muitos* judeus devotos foram mortos na revolta dos macabeus (Hb 11.37,38).

11.34 — Como alguns judeus foram mortos na revolta dos macabeus, outros prestaram um *pequeno socorro*. *Muitos, com lisonjas* — isto é, sem sinceridade.

11.35 — A informação *alguns dos sábios* refere-se aos que entendiam a Palavra de Deus e se permitiam passar por problemas, a fim de serem refinados e purificados.

11.36 — *E esse rei fará conforme a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será*



Expansão da Palestina sob o controle dos macabeus (166 a.C.)

Israel enfrentou um período de intensa perseguição religiosa com a ascensão de Antioco IV ao trono do império selêucida em 175 a.C. Da circuncisão até a observância do Sábado, muitos costumes judaicos foram proibidos. O centro da oposição às políticas de Antioco se dava na residência de Matatias, em Modein, uma cidade cerca de 30 km a noroeste de Jerusalém. Em 167 a.C., Antioco profanou o templo judaico, ao introduzir nele uma estátua de Zeus e sacrificar um porco no altar consagrado ao Senhor. Assim tiveram início os combates. Em 164 a.C., o filho de Matatias, Judas Macabeus, conseguiu retomar o controle de Jerusalém e purificar o templo. Os irmãos de Judas, Simão e Jônatas, continuaram a luta contra a tirania síria até 142 a.C. Após essa data, Israel permaneceu praticamente independente até a invasão romana na Palestina, em 63 a.C.

próspero. Muitos estudiosos, antigos e contemporâneos, concluem que aqui é apresentado o anticristo. Esse rei distingue-se do rei do norte (v. 40); logo, ele não pode ser Antíoco Epifânio.

**11.37** — O rei descrito no versículo 36 irá rejeitar os deuses de seus pais, objeto de adoração das gerações anteriores. A frase *ao amor das mulheres* diz respeito a uma divindade feminina (deusa) ou ao desejo de toda mulher judia de ser a mãe do Messias.

**11.38,39** — *Mas ao Deus das fortalezas honrará em seu lugar.* O rei descrito no versículo 36 não

reconhecerá qualquer outro deus senão o deus do poder. *Um deus a quem seus pais não conheceram* provavelmente se refere à autoadoração (v. 37; 2Ts 2.4).

**11.40** — *E, no fim do tempo, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte o acometerá com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará, e passará.* O pano de fundo desse versículo e o restante do capítulo é o concerto que o rei relatado no versículo 36 fará com Israel. A expressão *no fim do tempo* diz respeito ao período anterior ao retorno de Cristo (Mt 24.14).

**11.41-43** — O rei (v. 36) *entrará também na terra gloriosa da Palestina. Edom, Moabe e Amom, os tradicionais inimigos de Israel, não serão invadidos. O rei conquistará, então, o Egito, a Líbia e a Etiópia.*

**11.44** — O Norte aqui pode ser uma referência à Palestina, o que parece estar em conformidade com o versículo 45.

**11.45** — O *mar grande* refere-se ao mar Mediterrâneo e ao mar Morto. O *monte santo e glorioso* refere-se ao monte de Sião, onde ficava o templo. O *fim do rei* (v. 36) está marcado para a ocasião da segunda vinda de Cristo (Ap 19.11-21).

**12.1** — A expressão *naquele tempo* diz respeito ao *fim do tempo* (Dn 11.40), o fim do rei ímpio (Dn 11.36) na segunda vinda do Cristo (Dn 11.45). A descrição *um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo* diz respeito ao período de tribulação anterior ao retorno de Jesus Cristo. Os que *livrar-se-ão* são os que tiverem os seus nomes escritos no livro da vida, o registro de Deus dos justificados pela fé (Êx 32.32; Sl 69.28; Lc 10.20; Ap 20.12).

**12.2** — *E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno.* O sono é um eufemismo para a morte. Logo, *dormir no pó da terra* é uma metáfora para a morte. Apesar de essa passagem parecer referir-se a uma ressurreição geral, outras passagens sugerem que há mais de uma ressurreição (veja Jo 5.25). Não é incomum uma profecia no Antigo Testamento apresentar eventos separados por um considerável intervalo de tempo como se concretizados um em seguida do outro



## EM FOCO

## SELADO (HB. CHATHAM)

(Dn 12.9; Is 29.11; Jr 32.10)

Essa palavra significa *selar*. Para autenticar um documento e certifi-cá-lo de sua integridade, um rei ou oficial o lacrava com uma aplicação de argila ou cera e estampava essa aplicação com a impressão de seu selo. O documento então carregava a autoridade dessa pessoa e não podia ser aberto sem que o lacre fosse quebrado. Antigamente, cartas (1Re 21.8), escrituras (Jr 32.10), acordos (Ne 10.1) e decretos reais (Et 3.12) eram autenticados com selos. Os anúncios proféticos de Daniel eram selados também, só que simbolicamente (Dn 12.9), indicando sua autoridade e imutabilidade, até que fossem cumpridos. Em Apocalipse, um selo de julgamento é quebrado, indicando que o cumprimento do que está escrito se fez (Ap 5.1-10).

(veja Is 61.1, 2). Daniel simplesmente está dizendo que após a tribulação, *muitos* — tanto justos como ímpios — serão ressuscitados. Essa ressurreição de muitos dos justos parece ser uma referência à ressurreição de Israel (*o teu povo*, v. 1).

**12.3** – Os *sábios* não somente entendem a salvação (2 Tm 3.15), mas também *ensinam* a muitos outros acerca do caminho da *justiça*.

**12.4** – *A ciência se multiplicará*. Nesse caso, o conhecimento é referente às profecias em questão.

**12.5,6** – Ao se aproximar do rio Tigre, Daniel avistou três pessoas, uma em cada lado do rio e uma acima do *rio*. A expressão *outros dois* refere-se a dois anjos, sendo que não eram os mesmos que Daniel já havia visto. *O homem vestido de linho* pode ser Jesus pré-encarnado (Dn 10.6). *Que tempo haverá* diz respeito à duração das *provações*. Ao que tange à época em que tais eventos começariam, Daniel não perguntou.

**12.7** – A expressão *um tempo, tempos e metade de um tempo*, que possivelmente totaliza três anos

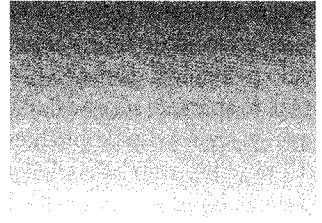
e meio (Dn 7.25), deve ser alusiva ao período imediatamente anterior à segunda vinda de Jesus Cristo (Dn 7.27). Sugere-se também que essa expressão não se refira a um determinado número de anos, mas a um período de tempo que o Senhor abreviaria pela Sua misericórdia.

**12.8,9** – Daniel *não entendeu* a sua própria revelação (v. 4).

**12.10** – *Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados* (Dn 11.35). O sofrimento provará os justos, *mas os ímpios procederão impiamente*.

**12.11,12** – *Mil duzentos e noventa dias*. Inúmeras interpretações existem para esse número de dias. Uma interpretação relevante é a de que esses dias dizem respeito à metade de um período de sete anos de tribulação que precederá a volta de Cristo, quando o anticristo abolirá os sacrifícios abomináveis e idólatras que ele mesmo há de estabelecer (Dn 9.27).

**12.13** – *Repousarás e estarás na tua sorte*. Daniel morreria e seria ressuscitado.



O livro de

---

# Oséias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**A**ssim como outros antes e depois dele, Oséias descobriu que ser um profeta não era fácil. O Senhor, às vezes, exigia que Seus profetas dessem lições práticas difíceis e, até mesmo, humilhantes, como complemento às suas mensagens. No início do ministério profético de Oséias, o Senhor o mandou casar-se, anunciando, de antemão, que sua esposa seria infiel aos votos matrimoniais. O adultério ilustraria de forma veemente a infidelidade de Israel ao concerto com seu Senhor.

Oséias escolheu Gomer, filha de Diblaim, como esposa e com ela teve três filhos. Cada um deles foi batizado com um nome simbólico pelo Senhor. O nome do primogênito foi *Jezreel*, um lembrete das atrocidades ocorridas na cidade homônima. Deus estava prestes a julgar Israel por seus pecados

mediante uma derrota militar nessa mesma cidade.

O nome da filha, *Lo-Ruama*, que significa *não amada*, anunciava que o Senhor não demonstraria temporariamente Seu amor a Israel. O nome do terceiro filho, *Lo-Ami*, que significa *povo estranho*, antecipava, da mesma forma, o severo rompimento do concerto por Seu povo.

Em função dos adultérios de Gomer, seu casamento com Oséias acabou, e ela se tornou uma escrava ou uma concubina de outro homem. Entretanto, o Senhor instruiu Oséias a comprar de volta sua esposa. O ato misericordioso do profeta para com ela foi uma verdadeira alegoria do grande amor de Deus por Israel.

Oséias começou a profetizar em tempos de fartura. Jeroboão estendera os limites de Israel por meio de inúmeras

operações militares (2 Rs 14.24-28). No sul, Uzias havia fortalecido as forças armadas de Judá e derrotado os inimigos da nação (2 Cr 26.1-15). Mas, apesar do aparente sucesso das duas nações, sinais de perigo eram avistados no horizonte.

Como o livro de Oséias deixa claro, a idolatria — especialmente a adoração ao deus cananeu Baal — era uma constante em todo o Reino do Norte. O assassinato de Zacarias, filho e sucessor de Jeroboão, em 753 a.C., pôs fim à dinastia de Jeú e deu início a uma nova era de desordem política.

Para piorar a situação, o poderoso império assírio, após muitas décadas de declínio, mais uma vez se preparava olhando para o oeste. Durante a segunda metade do século 8 a.C., a Assíria reduziu Israel a um reino vassalo (pagador de impostos regulares à Assíria por meio de um tratado), a um pseudo reino (governado por um rei eleito pela Assíria), e a uma província (dirigida por um governante assírio).

Judá também sofreu declínio espiritual e foi destruída por dissensões políticas. O rei Acaz rejeitou a oferta de proteção divina que Isaías anunciara e abraçou uma política pró-assíria que facilitava a posse de estados palestinos pela mesma, reduzia Judá ao estado de vassalo e drenava os cofres da nação.

O livro de Oséias se reveza entre julgamento e salvação. Cada uma das cinco maiores seções do livro é iniciada com uma amarga observação, mas termina com uma afirmação positiva do compromisso de Deus com Seu povo e com a expectativa da restauração que viria por Suas mãos.

Como profeta e poeta, Oséias se mune de um verdadeiro arsenal de técnicas retóricas e poéticas para transmitir sua mensagem da maneira mais memorável e persuasiva possível. Ele se utiliza de inúmeras metáforas sob a forma de vários temas, entre eles a ira, o julgamento, a lealdade e o amor de Deus, bem como a desobediência e a obstinação de Israel. Oséias emprega imagens que eram familiares aos seus contemporâneos, em sua maioria sobre a agricultura e a natureza. Oséias é o livro que contém as figuras de linguagem mais tocantes, aterradoras e divertidas de toda a Bíblia.

O objetivo de Oséias era denunciar o pecado, alertar o povo sobre o julgamento iminente e certificar os fiéis à aliança com o Senhor de que o amor de Deus prevaleceria no final. Israel, o Reino do Norte, é o foco da profecia de Oséias. Oséias acusou a nação de ser infiel aos seus votos, assim como sua própria esposa havia sido. Ao participar dos ritos de fertilidade pagãos a Baal, o povo violara seu concerto com o Altíssimo. O Senhor não tolerou isso e, por essa razão, encontrava-se preparado para exercer julgamento contra Israel (Dt 28.15-68).

O propósito de Deus, contudo, não era inteiramente punitivo; Ele pretendia que os severos julgamentos levassem a nação a refletir. Oséias proclamou que o Senhor restauraria Seu casamento com Seu povo e derramaria novamente Suas bênçãos sobre ele.

O concerto de Deus com Israel é a mensagem central de Oséias. Deus livrou Seu povo do exílio no Egito, transformou-o numa nação e teve grande prazer nele. *Yahweh* buscou, então, uma resposta favorável ao Seu amor, assim como obediência aos Seus mandamentos acerca da adoração e das atividades diárias do povo. Todavia, os israelitas foram ingratos ao ponto de voltar-se para outros deuses, violando, assim, os padrões religiosos e sociais do concerto com o Senhor e formando alianças com as nações vizinhas.

Quando Deus estabelece um relacionamento, Ele exige absoluta lealdade. Por intermédio de Oséias, o Todo-poderoso anunciou que aplicaria um severo julgamento para libertar Seu povo do torpor religioso e chamar sua atenção. Este julgamento tomaria a forma de secas, invasões e exílio. Apesar do rigor desse ato ter dado a impressão de que Israel seria abandonado para sempre, o Senhor pretendia restaurar Seu povo. Quando os israelitas se arrependessem de seus pecados, Deus os faria retornar à sua terra, reuniria Judá e Israel sob o governo do rei Davi e restauraria Suas ricas bênçãos.

O livro de Oséias fornece uma clara e equilibrada ideia de Deus. O Eterno ama Seu povo e com ele deseja ter um relacionamento profundo e apaixonado. Ele é ciumento de afeição e não

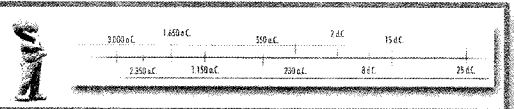
tolera concorrentes. Quando Seu povo peca, Ele o disciplina na medida certa.

O ciúme e a disciplina do Senhor podem parecer inapropriados, mas a resposta divina ao pecado de Israel é, na verdade, prova de Seu amor e comprometimento. Deus não admite que coisa alguma arruíne o relacionamento que Ele estabeleceu com os israelitas, e fará tudo para preservá-lo. Por fim, Sua fidelidade e misericórdia prevalecerão, e Seu povo voltará a si, dando-lhe o amor que Ele tanto deseja.

Oséias, filho de Beeri, profetizou durante o século 8 a.C. Seu ministério começou enquanto Uzias (Azarias) reinava em Judá (792—740 a.C.) e Jeroboão II, em Israel (792—753 a.C.). A carreira profética de Oséias abrangeu os reinados dos reis Jotão (752—736 a.C.) e Acaz (736—720 a.C.) e terminou durante o reinado de Ezequias (729—699 a.C.). Oséias também testemunhou o governo dos últimos seis monarcas de Israel, apesar de não mencioná-los em suas profecias.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM OSÉIAS



Ano 792 a.C. — Uzias se torna o rei de Judá

Ano 792 a.C. — Jeroboão II inicia seu reinado em Israel

Ano 785 a.C. — Oséias começa a profetizar

Ano 752 a.C. — Jotão inicia seu reinado em Judá

Ano 745 a.C. — O império assírio começa, sob o governo de Tiglate-Pileser

Ano 736 a.C. — Acaz assume o trono de Judá

Ano 732 a.C. — Os sírios perdem Damasco para a Assíria

Ano 729 a.C. — Ezequias se torna o rei de Judá

Ano 725 a.C. — O ministério de Oséias chega ao fim

Ano 722 a.C. — Os assírios escravizam os israelitas



## ESBOÇO

- I. Um casamento e uma família simbólicos — 1.1—3.5
  - A. Crianças como sinais — 1.1—2.1
  - B. A punição e a restauração da esposa de Deus — 2.2-23
    1. A remoção das bênçãos de Deus — 2.2-13
    2. A renovação do concerto de Deus — 2.14-23
  - C. A ilustração de Oséias do amor de Deus — 3.1-5
- II. A nação infiel e o Deus fiel — 4.1—14.9
  - A. As acusações formais de Deus a Israel — 4.1—6.3
    1. O concerto rompido — 4.1-3
    2. A causa declarada e os resultados descritos — 4.4-19
    3. Uma mensagem especial ao povo e aos líderes — 5.1-15
    4. Uma chamada ao arrependimento — 6.1-3
  - B. A punição de Israel — 6.4—10.15
    1. O relato do caso — 6.4—7.16
    2. O julgamento proferido — 8.1—9.17
    3. A sentença e o apelo — 10.1-15
  - C. O amor fiel do Senhor — 11.1—14.9
    1. O amor paterno de Deus — 11.1-11
    2. A punição de Israel por sua infidelidade — 11.12—13.16
    3. A restauração de Israel após seu arrependimento — 14.1-9

## COMENTÁRIO

**1.1-3** – *Mulher de prostituições*. Este termo indica que Gomer era uma prostituta quando Oséias se casou com ela, ou que ela participara de um ato sexual ritualístico num culto a Baal. Entretanto, o mais evidente nas palavras que a descrevem é que ela viria a tornar-se uma prostituta após se casar com Oséias.

Se Gomer já era uma prostituta quando se casou com Oséias, o termo *filhos de prostituição* pode estar referindo-se aos filhos que ela já tinha e que Oséias adotou com o casamento. Outra possibilidade é que o título antecipe os filhos de mães cuja reputação tornaria sua linhagem suspeita. A infidelidade de Gomer no casamento é uma demonstração da idolatria de Israel e de sua infidelidade ao concerto com Deus.

**1.4** – *Sangue de Jezreel*. Em 841 a.C., Jeú, com o aval de Deus, destruiu a perversa dinastia de Onri, matando Jezabel, os filhos de Acabe e os profetas e sacerdotes de Baal (2 Rs 9;10).

**1.5** – *Quebrar o arco* do inimigo significa destruir seu poderio militar (1 Sm 2.4; Sl 46.9; Jr 49.35).

**1.6** – *Lo-Ruama* significa *não amada*, que indica de antemão a rejeição do Senhor a Israel.

**1.7,8** – *Os salvarei pelo SENHOR*. Esta profecia aponta para o livramento do Senhor a Jerusalém em 701 a.C., quando Ele destruiria de forma miraculosa os exércitos assírios fora dos muros da cidade (2 Rs 19.32-36). Isto enfatizava que o fim digno de misericórdia seria apenas para o Reino do Norte. A profecia se cumpriu durante a invasão de Senaqueribe, também em 701 a.C.

**1.9** – *Lo-Ami* significa *povo estranho*, termo que traduz a ameaça de término do concerto do Senhor com Seu povo infiel (Lv 26.12).

**1.10** – O Senhor não rejeitaria Seu povo para sempre. Deus cumpriria Sua promessa a Abraão e faria os israelitas tão numerosos quanto *a areia do mar* (Gn 22.17;32.12).

**1.11** – *Uma única cabeça* se refere ao rei messiânico que viria (Os 3.5). *Jezreel* significa *Deus planta*, o que descreve Deus como o responsável

pelo plantio de uma semente que germinaria e cresceria em abundância (Os 2.23).

**2.1** – Deus, em Sua infinita misericórdia, restauraria o concerto com Seu povo, revertendo o julgamento simbolizado pelos nomes Lo-Ruama e Lo-Ami, ligados neste versículo aos termos *irmãos* e *irmãs*.

**2.2-17** – Os eventos destes versículos resumem o restante da profecia — o que Gomer fizera também o fizera Israel. Logo, o que acontecer a Gomer acontecerá a Israel. Três eventos merecem destaque: (1) sua reprovação (v. 2-5); (2) sua retribuição (v. 6-13); e (3) sua restituição (v. 14-17). Estes episódios constituem o pano de fundo das mensagens proféticas que se seguem às próximas grandes divisões: (1) a respeito da reprovação de Israel (Os 4.1—7.16); (2) da sua retribuição (Os 8.1—13.16); e (3) da sua restauração (Os 14.1-8).

**2.2** – *Contendei*. O Senhor formalmente acusou Israel de infidelidade ao concerto com Ele. *Vossa mãe* se refere à nação pecaminosa do tempo de Oséias, simbolizada por Gomer (Os 1.2,3). A declaração *ela não é minha mulher* pode ser um anúncio formal de divórcio ou uma confissão de que o relacionamento entre Deus e Israel havia perdido a vitalidade.

**2.3** – O Senhor avisou que humilharia publicamente Sua esposa infiel deixando-a *despida* (Ez 16.35-43). A comparação desta com uma *terra seca* denota a perda da fertilidade, uma punição apropriada para uma nação que havia buscado fertilidade na adoração a outro deus.

**2.4,5** – O termo *seus filhos* se refere aos israelitas que viveram na terra. Apesar de a *mãe* (a terra) e os filhos (os habitantes da terra) serem distintos na metáfora de Oséias, ambos, na verdade, referem-se à nação pecaminosa. O Senhor alertou que renegaria os filhos por trazerem à memória a infidelidade de sua mãe.

**2.6,7** – O verbo *cercarei* chama a atenção para a forte paixão que o povo de Israel sentiu por Baal. Estes versículos antecipam o exílio, quando Israel se separaria dos ídolos desse deus.

**2.8,9** – Como Israel se recusou a reconhecer o Senhor como a fonte da prosperidade na





## VOCE SABIA?

### NÃO HÁ COISA ALGUMA MENOR!

É lastimável o fato de os últimos doze livros do Antigo Testamento serem conhecidos hoje como os profetas menores. Essa denominação foi estabelecida apenas para distingui-los dos quatro "maiores" (isto é, os mais longos) livros proféticos: isaias, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Porém, como atualmente o que é maior é visto como melhor, tudo o que é chamado de "menor" é sutilmente tido como menos importante. Logo, os profetas menores são, por vezes, tratados como uma "segunda divisão" de profetas, como se quem os tenha escrito fosse dos "times de segunda divisão de Deus".

Isto é um grande erro. Não há coisa alguma *menor* acerca dos profetas menores. Pelo contrário, eles têm um papel fundamental na proclamação da Palavra de Deus, não só aos israelitas e às outras nações do mundo antigo, mas também a nós. Ao lê-los, adquirimos uma perspectiva mais ampla dos efeitos que causam o pecado e a fé, que Deus, respectivamente, odeia e honra.

agricultura, Deus *tiraria* Suas bênçãos e não mais supriria as necessidades da nação.

**2.10** – *Descobrirei a sua vileza*. O Senhor exporia publicamente a infidelidade de Israel por meio do julgamento. A afirmação *diante dos olhos dos seus namorados* indica que os ídolos de Baal seriam incapazes de ajudar Israel, provando, assim, o quão vão era adorá-los.

**2.11** – *Luas novas* eram celebrações mensais (Nm 10.10; 1 Sm 20.5,18,24). As festividades sabáticas eram semanais.

**2.12** – O povo de Israel cria que os ídolos de Baal lhe proporcionavam prosperidade agrícola em troca da adoração. Contudo, o Senhor acabaria com as defesas da nação e a tornaria um bosque cerrado habitado por animais selvagens.

**2.13** – A palavra *pendentes* deve referir-se a anéis usados nas orelhas (Gn 35.4; Êx 32.2,3) ou no nariz (Gn 24.47; Is 3.21; Ez 16.12).

**2.14** – Após separar Israel de "seus amantes", o Senhor buscaria reconquistá-la por meio de táticas e palavras românticas. O termo *deserto* foi empregado porque o exílio vindouro de Israel se compara à peregrinação no deserto do tempo de Moisés.

**2.15** – O *vale de Acor*, que significa *vale da aflição*, era um lembrete do pecado de Acã e da disciplina dada à nação de Israel por Deus pelo seu pecado (Js 7.24-26). Esse lugar seria transformado numa *porta de esperança* quando exilados passassem por ele ao retornar a terra.

**2.16,17** – Israel chamaria o Senhor de *marido*, não de *Baal*, pois *Yahweh* não admitiria ser chamado pelo nome de um deus pagão. A palavra *Baal* significa *mestre*.

**2.18** – A terra experimentaria paz. O Senhor protegeria as colheitas contra os animais famintos (v. 12) e evitaria que exércitos hostis invadissem o território israelita.

**2.19,20** – *Desposar-te-ei*. Desposar alguém era comprometer-se com alguém, o último passo para o casamento e a consumação do mesmo. O Senhor enfatiza que o novo casamento entre Ele e Israel seria perpétuo, *para sempre*. Quanto ao termo *benignidade*, significa *lealdade, compromisso*. Israel responderia positivamente ao amor do Senhor e reconheceria que Ele é o seu marido e benfeitor, conforme o verbo *conhecerás* (contraste com os v. 8,13; veja Jr 31.34).

**2.21-23** – Os céus dariam chuva a terra. Esta, portanto, produziria seu fruto. Israel é chamada de *Jezreel*, que significa *Deus planta*, pois o Senhor "replantaria" Israel na terra.

**3.1-3** – Esta seção se divide em duas partes: (1) a comissão do profeta por Deus (v. 1) e (2) sua obediência ao Senhor (v. 2,3).

**3.1,2** – Para ilustrar Sua intenção de redimir Israel, o Senhor instruiu Oséias a reconquistar Gomer, sua esposa infiel. O termo *bolos de uvas* indica que estes devem ter sido usados na adoração aos deuses da fertilidade dos cananeus. Gomer havia se tornado propriedade de outro



## PERFIL

### O AMOR É UMA ESCOLHA CONSCIENTE

Nossa cultura frequentemente descreve o amor em termos de paixão, sexualidade ou cega devoção. Por essas medidas, o amor é pouco mais do que uma atração incontrolável por alguém. Esse tipo de "amor" busca somente o próprio interesse e "acaba" quando não é correspondido ou satisfeito.

Contrariamente, Deus chamou Oséias para buscar um tipo de amor completamente diferente, baseado numa escolha consciente de comprometer-se com alguém para o benefício desse alguém, mesmo sem saber sua resposta a esse presente (Os 3.1-3). Foi assim que Deus se comprometeu com Israel. O casamento de Oséias foi uma demonstração do casamento de Deus com a adúltera nação de Israel.

homem, por isso o verbo *comprei-a*. O valor da prata e da cevada que Oséias pagou se aproximava de 30 siclos (o valor de uma escrava; Êx 21.32). A compra de Gomer por Oséias simbolizou o grande amor de Deus, que o move a buscar reconciliação até mesmo quando, para isso, Ele tem de humilhar-se (Fp 2.8).

**3.3,4** – O isolamento de Gomer simbolizava o exílio de Israel, quando a nação perderia sua independência política e não poderia mais adorar a seu bel-prazer (Os 2.6,7). *Estátuas* eram colunas de pedra usadas pelos cananeus em sua adoração a Baal e a outros deuses (2 Rs 3.2; 10.26,27; 17.10). Um *éfode* era uma vestimenta sacerdotal (Êx 28), e *terafins* eram ídolos (2 Rs 23.24). Ambos eram usados na prática da adivinhação.

**3.5** – O verbo *buscarão* enfatiza a mudança que ocorreria na atitude de Israel (Os 2.7). É provável que o nome *Davi* seja uma referência ao Filho de Davi, o Messias (Is 11.1-10; Jr 23.5; 33.15). Outros profetas também chamam o Messias de Davi (Jr 30.9; Ez 34.23,24; 37.24,25). O Reino do Norte de Israel rejeitou o reinado de Davi em sua rebeldia contra Roboão (1 Rs 12.16-19). O retorno de Israel para Deus envolveria a união entre Israel e Judá, com o reconhecimento da dinastia de Davi estabelecida pelo Senhor.

**4.1** – A palavra hebraica traduzida como *contenda* se refere à reclamação formal que acusa Israel de infringir o concerto com Deus. *Benignidade* significa *lealdade* ou *misericórdia*. Quanto ao vocábulo *conhecimento*, não alude ao conhecimento intelectual, mas ao reconhecimento da autoridade de Deus como o Senhor da aliança com Israel.

**4.2** – Esta acusação remete a cinco dos Dez Mandamentos. *Perjurar* se refere ao mau uso do nome do Senhor em juramentos e em blasfêmias (Êx 20.7).

**4.3** – Uma seca atingiria a terra e prejudicaria os seres das três esferas básicas da existência — a terra, o céu e o mar.

**4.4** – O povo era rebelde e desrespeitoso às autoridades (Dt 17.12).

**4.5,6** – A falha dos líderes religiosos de Israel, incluindo a maioria dos profetas, levaria à sua queda. Os sacerdotes haviam fracassado no ensino da Lei de Deus ao povo (Mt 2.7), por isso a afirmação *lhe faltou o conhecimento*. Como resultado, os sacerdotes seriam alvo especial do julgamento de Deus. Ele extingiria a linhagem sacerdotal.

**4.7,8** – *Eu mudarei a sua honra*. O sacerdócio era tido como grande honra. Contudo, os ímpios sacerdotes de Israel desprestigiaram a categoria. Eles gananciosamente aceitavam toda a carne dos sacrifícios hipócritas e vãos do povo, como se verifica na sentença *alimentam-se do pecado do meu povo* (Os 6.6; 8.11-13).

**4.9** – Os líderes do povo de Deus deviam ser exemplares e ensinar os justos padrões divinos, mas esses sacerdotes se encontravam no mesmo nível moral que os israelitas.

**4.10** – Os israelitas adoravam Baal buscando obter sucesso nas colheitas e um número abundante de filhos, porém não conseguiam o suficiente para a própria subsistência e não se multiplicavam em número. Neste versículo, a *luxúria* se refere à prostituição associada à adoração a Baal.

**4.11-14** – O *vinho* era empregado na adoração a Baal, assim como a adivinhação, os sacrifícios e os ritos sexuais. O termo *a sua vara* corresponde aos ídolos de *madeira*, que o povo consultava para obter direção. A religião de Canaã era praticada em inúmeros santuários localizados no alto dos montes e em bosques. Os ídolos consistiam em pilares de pedra e postes de madeira. Muitas jovens de Israel, *vossas filhas, que se prostituem*, haviam participado de ritos sexuais de adoração a Baal; logo, os homens são igualmente culpados.

**4.15,16** – Oséias instruiu o povo de *Judá* a não seguir os passos pecaminosos do Reino do Norte, *Israel*. *Gilgal* era um importante centro religioso no norte, conhecido nos tempos de Oséias por suas práticas religiosas hipócritas (Os 9.15; 12.11; Am 4.4). *Bete-Áven*, que significa *casa da iniquidade*, é uma referência sarcástica a Betel, importante centro religioso cujo nome significa *casa de Deus* (Am 5.5).

**4.17-19** – *Efraim*, uma das maiores tribos de Israel, é mencionada neste versículo para representar todo o Reino do Norte. O verbo *deixa-o*

traduz um tom de frustração e resignação, sugerindo que Israel estava rebelde e desesperançoso. O vento do julgamento divino varreria os israelitas e os vexaria por sua idolatria.

**5.1—6.3** – Nesta seção, a condenação de Deus resulta em três coisas: (1) repreensão (Os 5.1-7); (2) retribuição (Os 5.8-15); e (3) arrependimento (Os 6.1-3).

**5.1** – É provável que *Mispa* se refira à Mispa de Gileade, localizada em território israelita, a leste do Jordão. O monte *Tabor* se situava no Reino do Norte, a sudoeste do mar da Galiléia. Quanto aos termos *laço* e *rede*, os líderes de Israel, especialmente os *sacerdotes*, haviam promovido a adoração pagã tanto em Mispa como em Tabor, levando, assim, o povo à destruição.

**5.2** – Os *transviados* provavelmente eram os líderes e sacerdotes que haviam se rebelado contra a autoridade de Deus ao rejeitar Seus mandamentos. A *matança* talvez aluda a atos de violência ou a sacrifícios pagãos.

**5.3** – O povo de Deus não podia esconder que havia se *prostituído*, pois foi isso que o *contaminou*. De acordo com a Lei de Moisés, o adultério



## COMPARE

### A MÁGOA DE OSÉIAS E A TRISTEZA DE DEUS

O trágico casamento de Oséias com Gomer foi uma representação para os israelitas de como Deus via Seu relacionamento com eles.

Oséias e Gomer	Deus e Israel
Oséias se casa com Gomer (Os 1.3).	Deus se compromete com Israel (Os 2.19).
Oséias é um marido fiel (Os 3.3).	Deus é um marido fiel (Os 1.7).
O amor de Oséias não é correspondido (Os 3.1).	O amor de Deus não é correspondido (Os 3.1).
O relacionamento termina (Os 3.1).	O relacionamento entre Deus e Israel termina (Os 2.2).
Gomer busca outros homens (Os 3.1).	Israel busca outros deuses (Os 4.1).
Gomer é indiferente em relação ao que sente Oséias (Os 3.1).	Israel é indiferente em relação ao que sente Deus (Os 11.1).
Oséias tem uma filha, cujo nome, <i>Lo-Ruama</i> , significa <i>não amada</i> (Os 1.6).	Deus não terá compaixão de Seus filhos desobedientes em Israel (Os 5.6).
Oséias tem um filho cujo nome, <i>Lo-Ami</i> , significa <i>povo estranho</i> (Os 1.9).	Deus declara que Israel não é Seu povo (Os 1.9).
Oséias redime e restaura sua infiel esposa, Gomer (Os 3.2).	Deus redime e restaura a infiel nação, Israel (Os 14.4-8).



## EM FOCO

## CAIR (HB. KASHAL)

(Os 4.5;5.5; 1 Sm 2.4; Is 3.8)

Este verbo hebraico significa *cambalear, tropeçar* ou *tropeçar e cair*. Os profetas o usavam com frequência para descrever a vida espiritual dos hebreus. Oséias compara, por exemplo, os falsos profetas e seus seguidores aos que tropeçam no escuro, pois estão tropeçando no pecado da idolatria e indo à ruína (Os 4.5;5.5; Is 3.8). Isaías alerta de que aqueles que confiam em sua própria força tropeçarão e cairão (Is 40.30), mas os que são guiados pelo Senhor não tropeçarão (Is 63.13). Deus dará força aos que tropeçaram e que agora clamam por Ele (1 Sm 2.4).

tornava a pessoa espiritualmente impura (Lv 18.20,24; Nm 5.20,27,28).

**5.4** – O povo sentia um desejo incontrolável de adorar outros deuses, por isso o uso do termo *espírito da prostituição*.

**5.5** – A atitude arrogante de Israel foi autoincriminatória e autodestrutiva. *Judá*, o Reino do Sul, havia seguido o exemplo moral de Israel e experimentado as mesmas consequências.

**5.6,7** – Apesar de Israel ter se rebelado contra Deus, muitos israelitas ainda tentavam manter uma aparente consagração a Ele. Israel *aleivosamente* se houvera contra o Senhor ao adorar outros deuses e participar de ritos pagãos de fertilidade. Quanto ao termo *porções*, diz respeito às propriedades do povo, que Deus permitia que animais selvagens e exércitos invasores devorassem (Os 2.12;11.6).

**5.8-15** – É provável que esta passagem se referia ao período durante o qual houve a guerra siro-efraimita (2 Rs 16.5-9; Is 7.1-9), quando os esforços de Israel para se tornar independente do domínio sírio falharam.

**5.8,9** – *Tocar a buzina* era o que se fazia em casos de emergência para convocar os guerreiros para a defesa da terra. As cidades mencionadas nestes versículos se localizavam no norte de Jerusalém, dentro ou próximo do território de Benjamim. O exército inimigo já havia devastado o norte e agora buscava invadir Judá. Com as palavras *que certo está*, o Senhor afirmou que o julgamento anunciado seria um decreto inalterável.

**5.10,11** – Pedras eram usadas para demarcar fronteiras de propriedades. Um ladrão podia apoderar-se de parte da terra de alguém mudando

os *limites* de lugar. A Lei alertava que tal alteração de limites de propriedade acarretaria julgamento específico de Deus (Dt 19.14;27.17; Pv 22.28).

**5.12** – Assim como a *traça* lentamente destrói tecidos, o Senhor destruiria Israel (Jó 13.28; Is 50.9;51.8). A *podridão* se refere à putrefação de ossos e dentes (Pv 12.4;14.30; Hc 3.16).

**5.13** – Tanto Israel como *Judá* buscavam proteção por meio de alianças com a *Assíria*. Os assírios cruéis, por sua vez, tinham interesse em explorar o povo de Deus política e economicamente. É provável que o *rei Jarebe* fosse Tiglate-Pileser III, com quem Israel e Judá se aliaram (2 Rs 15.19,20;16.7-9).

**5.14,15** – Atacando como um *leão* feroz e invencível, Deus dispersaria Seu povo por causa de sua traição. Mas o propósito da disciplina do Senhor era levar os israelitas a, angustiados, buscar Sua face. O verbo hebraico traduzido como *me buscarão* sugere profundo desejo (Jó 24.5; Sl 63.1).

**6.1** – Após o povo ter sido despedaçado pelo divino leão (Os 5.14), ele caiu em si e buscou renovar a aliança com o Senhor.

**6.2** – *Depois de dois dias [...] ao terceiro dia*. Esta referência diz respeito a um curto período de tempo. Quando o povo de Deus verdadeiramente se arrepende, o Senhor restaura de imediato Seu relacionamento com ele. A esperança dos israelitas por um avivamento estava ligada às antigas promessas de Deus por intermédio de Moisés (Dt 30.1-3).

**6.3** – A presença e as bênçãos de Deus cairiam como a *chuva* que rega e renova a terra. A *chuva serôdia* em Israel caía na primavera e



## EM FOCO

## PROSTITUIR-SE (HB. ZANAH)

(Os 1.2;5.3; Jr 3.3; Ez 16.35)

O verbo hebraico *zanah* significa *ter relações sexuais ilícitas*, especialmente envolvendo prostituição. Duas formas de prostituição eram praticadas no mundo antigo: a profissional e a religiosa, que envolvia ritos de fertilidade pagãos. Ambas eram proibidas na Lei de Deus (Lv 19.29; Dt 23.17).

O Antigo Testamento frequentemente chama de prostituição o pecado da idolatria. Israel devia ter somente um Deus (Êx 20.3), por isso a idolatria era tida como uma infidelidade conjugal ao Senhor. Jeremias e Ezequiel desenvolvem essa ideia em detalhes (Jr 3; Ez 16;23), e Oséias chega a casar-se com uma prostituta para demonstrar a paciência de Deus para com a infidelidade de Israel (cap. 1).

proporcionava crescimento às plantas. Quando a chuva se adiantava, caía no outono, amaciando o solo para o plantio.

**6.4—11.11** – Esta seção contém mais uma menção aos pecados de Israel, com ênfase em seu amor pervertido. Mais uma vez, entretanto, a conclusão desse alerta traz uma nota de esperança. O amor de Israel podia ser instável, mas o de Deus é imutável.

**6.4** – O amor da geração de Oséias era de curta duração, desaparecia rapidamente, como a neblina ou o orvalho com a luz e o calor do sol.

**6.5** – *Pela palavra da minha boca*. Os profetas anunciaram o julgamento destrutivo de Deus, que recaiu, posteriormente, sobre o povo orgulhoso. A declaração *os meus juízos sairão como a luz* sugere que o julgamento do Senhor seria evidente e repentino como um raio.

**6.6,7** – *Misericórdia*, neste caso, significa *lealdade* ou *consagração* (Os 4.1). O conhecimento de Deus não se refere simplesmente à ciência, mas a um reconhecimento genuíno da autoridade do Senhor que gere obediência aos Seus mandamentos.

**6.8,9** – Até mesmo as cidades de refúgio *Gileade* e *Siquém*, onde assassinos podiam encontrar asilo, contaminaram-se com derramamento de sangue.

**6.10** – Um termo parecido com *uma coisa horrenda* se encontra em Jeremias 29.17 para descrever figos estragados.

**6.11** – A analogia do julgamento de Deus com uma *ceifa* indica que o julgamento era inevitável e que o Senhor não deixaria coisa alguma escapar.

**7.1-16** – Oséias 7.1-7 enumera os erros de Israel, e Oséias 7.8-16, a sua vergonha.

**7.1,2** – Pecadores convictos geralmente *não dizem no seu coração* que prestarão contas de seus atos a Deus (Sl 73.11).

**7.3** – Embora os reis devessem promover a justiça e ter ojeriza a toda e qualquer *malícia* (Sl 101), os reis de Israel aprovavam o pecado do povo.

**7.4-7** – O pano de fundo desta passagem é a instabilidade política do Reino do Norte. Durante um período de 20 anos (752—732 a.C.), quatro reis israelitas foram assassinados (2 Rs 15), e nestes versículos se encontram seus assassinos. Esses conspiradores foram como um grande *forno* de padaria que se havia esquentado por horas a fio para que a massa do pão fermentasse. Pela manhã, seu *fogo* foi destrutivo.

**7.8** – Em vez de depender do Senhor para obter estabilidade política, Israel formou alianças com nações vizinhas. O resultado destrutivo disso é comparado a um *pão que*, no forno, *não foi virado*.

**7.9,10** – Israel não reconhecia que seu poder estava em declínio e sua liberdade, em questão, como um ancião que, pouco a pouco, rende-se aos sinais da idade avançada, as *cãs*.

**7.11,12** – Israel foi subjugado por duas superpotências, *Egito* e *Assíria*. Tentou manter sua independência jogando uma potência contra a outra, mas essa política não teve sucesso. Israel foi *como uma pomba enganada*, voando de um lugar para outro. Quando o Senhor diz *castigá-los-ei*, significa que Ele puniria os israelitas por sua inconstância espiritual.



## APLICAÇÃO

### NUVEM DE FÉ

A neblina da manhã pode proporcionar uma bela vista quando se arrasta sobre o espelho d'água de um lago ou aconchega-se sobre uma calma campina. Muitos fotógrafos esperam o momento certo de capturar algo coberto por névoa até que a luz do sol permita. Entretanto, enquanto a neblina pode ser impressionante na natureza, na vida espiritual pode ser perigosa, como disse Oséias. Ele usou o exemplo da neblina como uma metáfora para designar a falta de fé de Israel (Os 6.4). O compromisso da nação para com o Senhor era tão vazio e passageiro quanto uma nuvem. Assim que o povo sentia o "calor" dos conflitos morais e espirituais, sua lealdade a Deus evaporava.

Essa mesma "nuvem de fé" caracteriza muitas pessoas hoje. Num momento de forte emoção elas impressionam, sustentando que amam e servem a Deus. Mas, assim que seus sentimentos fervorosos no que diz respeito à consagração passam, sua "fé" evapora. Como se pode constatar, o que importa para o Senhor não é a beleza da fé, mas sua consistência.

**7.13** – Como um pássaro que foge quando se assusta (Jr 4.25), os israelitas *fugiram* do Senhor e de Seus padrões, apesar da disponibilidade dele para ajudar.

**7.14** – Deus mandou uma seca que acabou com todo *trigo e vinho*. Porém, em vez de o povo se voltar para Ele e arrepender-se, os israelitas idólatras adoraram Baal. De acordo com crenças religiosas cananeias, a seca prolongada era um sinal de que Baal, o deus da tempestade, estava temporariamente subjugado pelo deus da morte e aprisionado no submundo. Os adoradores de Baal se enlutavam, crendo que suas lágrimas facilitariam a ressurreição desse deus e a restauração da colheita.

**7.15** – É provável que a declaração *fortaleci os seus braços* se refira à ajuda militar de outrora da parte de Deus, especialmente durante o reinado de Jeroboão II no século 8 a.C. (2 Rs 14.24,25).

**7.16** – *Um arco enganador* é um arco danificado ou com defeito de fabricação e que não atira de maneira precisa. Numa arma assim, um guerreiro ou um caçador não podia confiar. Apesar de o Senhor ter sido fiel a Israel, este não havia sido fiel a Ele (Sl 78.57). Em *escárnio na terra do Egito*, note a ironia no fato de que uma das nações de quem Israel havia procurado apoio (v. 11) zombaria de Israel quando o julgamento acontecesse.

**8.1-14** – Cinco razões são dadas para a trombeta soar pela punição: (1) as transgressões de Israel à aliança com Deus e à Sua Lei (v. 1-3); (2) a nomeação de governantes sem a direção do Senhor (v. 4a); (3) as suas práticas idólatras (v. 4b-7); (4)

a sua aliança com a Assíria (v. 8-10) e (5) a disseminação de altares sacrificiais em Israel (v. 11-14).

**8.1-3** – Assim como uma *águia* dá um voo rasante e captura sua presa, a Assíria invadiria Israel e tornaria seu povo escravo. *A casa do SENHOR* se refere a toda a terra de Israel. Apesar de os israelitas sustentarem que reconhecem a autoridade do Senhor, *te conhecemos*, eles violaram Sua aliança e rejeitaram os excelentes atributos de Deus, como justiça, lealdade e humildade (Am 5.14,15; Mq 6.8).

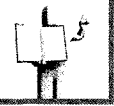
**8.4** – *Fizeram reis*. Este versículo alude à instabilidade política do Reino do Norte durante o século 8 a.C., quando quatro reis foram assassinados num período de 20 anos (Os 7.4-7).

**8.5,6** – Se a capital Samaria representava todo o Reino do Norte, a referência nestes versículos deve ser aos ídolos em forma de bezerros feitos por Jeroboão I (1 Rs 12.28-30).

**8.7** – No contexto original, este provérbio bem conhecido enfatiza a futilidade das alianças de Israel com falsos deuses e nações estrangeiras. Os israelitas haviam semeado *ventos*, que simbolizam sua ruína moral, e segariam *tormentas*, que simbolizam o julgamento vindouro.

**8.8** – *Devorado*. Esta metáfora ilustra o efeito das alianças entre Israel e as nações estrangeiras, que o abateram economicamente.

**8.9,10** – *Como um jumento montês*. Esta comparação chama atenção para a atitude voluntária e o desejo de Israel de viver sem ser reprimido pelos padrões de Deus. O termo *rei dos príncipes* diz respeito ao rei assírio vencedor.



## ENTENDENDO MELHOR

### CORROMPIDA E CRUA

Aqueles que discursam sobre o declínio moral e o espiritual na sociedade atual podem precisar de uma página do livro de Oséias. O profeta denunciou a antiga Israel empregando metáforas que usamos para retratar a cultura contemporânea. Ele descreveu Efraim (Israel) como:

- *Corrompida* (Os 7.8). Israel *se misturou* com as nações vizinhas, permitindo que sua vida espiritual fosse corrompida pelas religiões pagãs delas. Sendo assim, o povo de Deus violou o primeiro e o segundo mandamentos (Êx 20.3,4). Israel também formou alianças políticas para fortalecer suas defesas, em vez de confiar no Senhor (por exemplo, 2 Rs 16.5,6).
- *Crua* (Os 7.8). *Um bolo que não foi virado* queima de um lado e permanece cru do outro. Israel estava "crua", pois sua prosperidade sob o governo de Jeroboão II era puramente material, não espiritual. Sua cultura insípida não tinha coisa alguma significante para oferecer.
- *Enfraquecida* (Os 7.9). Os *estrangeiros* (hb. *zarim*) mencionados por Oséias eram "aliados", como a Assíria e o Egito, que pareciam ser amigos, mas eram, na verdade, inimigos (2 Rs 15.17-20; 17.3,4). Essas nações *devoraram* a força de Israel, demandando altos pagamentos e pesadas tributações. Contudo, esse *envelhecimento* da nação ocorria de modo imperceptível num período de cerca de 40 anos, para que os israelitas dificilmente notassem sua perda de poder.
- *Soberba* (Os 7.10). Apesar de muitos reveses entre o próspero reinado de Jeroboão II (entre 793—753 a.C.) e o tolo reinado de Oséias, o último rei de Israel (entre 732—722 a.C.), a nação viveu com uma ilusão de força e virilidade. O povo, em sua soberba, resistiu ao Senhor até o fim do reino (2 Rs 17.13-18).

Nenhuma nação pode existir por muito tempo quando decide dar as costas a Deus. A experiência de Israel mostra que prosperidade material não é suficiente para sustentar uma cultura. Sem a presença de Deus, uma sociedade tem de continuar escorando-se em muletas caras, mas frágeis. Mais cedo ou mais tarde, porém, a fraqueza moral a derrubará — orgulhosa e insensata até o fim.

**8.11-13** – *Altars para pecar*. O Senhor considerou os rituais religiosos de Israel pecaminosos, pois não eram respaldados por uma vida de obediência. Na verdade, Israel tratava a lei de Deus como se fosse uma *coisa estranha*. Como consequência desses atos, o Altíssimo declarou: *voltarão para o Egito*. O Egito simbolizava exílio e escravidão. O povo seria, na verdade, levado à Assíria (Os 9.3; 11.5).

**8.14** – Segurança verdadeira é a que vem do Criador. Infelizmente, o povo de Deus não cria nisso, mas apenas em seus próprios esforços. Por isso, edificava *palácios e cidades fortes*.

**9.1-17** – Há cinco razões pelas quais Israel não podia orgulhar-se: (1) sua imoralidade (v. 1,2); (2) o fato de ter sido preso (v. 3-6); (3) sua indiferença espiritual (v. 7-9); (4) sua esterilidade (v. 10-16) e (5) seu exílio vindouro (v. 17).

**9.1,2** – Em função de sua associação à colheita, as *eiras de trigo* eram onde as festas da agricultura aconteciam, ocasião em que Israel oferecia sacrifícios a Baal. Por isso, o Senhor estava prestes

a tirar a alegria da colheita, destruindo a produção e deixando as eiras e o *lagar* vazios.

**9.3** – *Terra do SENHOR*. Israel havia se esquecido de que sua terra pertencia ao Senhor. Somente Ele poderia decidir quem nela viveria ou não (Lv 25.23).

**9.4,5** – Por terem tocado um cadáver, os *pran-teadores* ficaram cerimonialmente impuros e contaminaram tudo que tocaram (Nm 19.14,15,22). Habitando numa terra estrangeira, o povo de Israel estaria cerimonialmente impuro, ou seja, inapto para adorar ao Senhor com holocaustos e ofertas.

**9.6** – *Mênfis*. Esta cidade egípcia, conhecida por seus vastos cemitérios, suas tumbas e pirâmides, simbolizava a terra impura do exílio (a Assíria) para a qual o povo de Deus seria levado cativo. A terra de Israel seria abandonada, e os bens dos israelitas seriam infestados por *urtigas e espinhos*.

**9.7** – Israel desdenhou os profetas de Deus, considerando-os loucos. Em 1 Samuel 21.15, é usada a palavra hebraica traduzida como *doidos*,

referindo-se a Davi, na ocasião em que ele se fingiu de louco diante do rei filisteu. Neste versículo, o *ódio* alude ao forte sentimento que pode dar lugar ao comportamento agressivo.

**9.8** – O papel de um *vigia* era avistar exércitos invasores e denunciá-los ao povo, para que a cidade pudesse preparar-se para a batalha (Ez 33.6) em tempo hábil e manter-se segura. Os profetas atuavam como vigias, pois eram enviados por Deus para alertar o povo acerca do julgamento e exortá-lo ao arrependimento (Ez 3.17).

**9.9** – *Como nos dias de Gibeá*. Esta expressão faz referência ao estupro e ao assassinato de uma jovem mulher por homens de Gibeá, o incidente que deu início a uma guerra civil (Jz 19). Os que testemunharam esse fato alegaram ter sido o crime mais violento de toda a história de Israel até então (Jz 19.30). Contudo, os pecados da geração de Oséias se equiparavam a esse infame assassinato.

**9.10** – No início da história de Israel, Deus se deleitava em Seu povo. *Uvas no deserto* representavam grande surpresa. *Fruta temporã da figueira no seu princípio* se tratava de um figo irresistível (Is 28.4; Jr 24.2; Mq 7.1). Entretanto, Israel caiu em pecado rapidamente. Em *Baal-Peor*, os israelitas participaram de ritos de fertilidade com mulheres moabitas, ocasionando, assim, o juízo de Deus sobre a nação (Nm 25).

**9.11** – *Sua glória* diz respeito à população de Efraim (Israel), especialmente às crianças. A população de Efraim diminuiria, sua fama voaria *como ave*, visto que as mulheres se tornariam estéreis. Tal punição seria apropriada, tendo em vista que essa geração de israelitas, assim como uma geração anterior em Baal-Peor, promovia a fertilidade adorando Baal.

**9.12,13** – Todos os *filhos* nascidos em Israel seriam mortos com a invasão. *Tiro* era um importante centro econômico localizado num local estratégico na costa do Mediterrâneo.

**9.14** – *Uma madre que aborte*. Algumas mulheres israelitas se tornariam estéreis (v. 11); outras teriam filhos, mas os perderiam para a espada dos invasores (v. 12,13). Outras, ainda, engravidariam, mas depois abortariam.

**9.15,16** – *Gilgal* havia se tornado um centro de idolatria (Os 12.11; Js 5). O casamento e o divórcio servem de pano de fundo para a linguagem desta passagem. O Senhor rejeitou (*os aborreci*) Sua esposa infiel (Dt 22.13;24.3), lançou-a *fora de Sua casa* (a terra) e deixou de cuidar dela (amá-la). Pode haver também neste trecho uma alusão a Gênesis 3.24 e 4.14, que descrevem como Deus afastou Adão e, depois, Caim de Seu cuidado.

**9.17** – O termo *desocupados* deve fazer alusão ao fim de Caim (Gn 4.12), que, assim como Israel (v. 9), era culpado por um assassinato.

**10.1—13.16** – Nesta seção, a punição de Israel é ilustrada por meio de seis imagens: (1) uma *frondosa* e exuberante *vide* (Os 10.1,2); (2) um estado de anarquia (v. 3-10); (3) uma *bezerra domada* (v. 11-15); (4) um *menino* (Os 11.1-11); (5) alguém que *se apascenta de vento* (Os 11.12—12.14); e (6) alguém que está morto espiritualmente (Os 13.1-16).

**10.1** – A frase *Israel é uma vide frondosa* se refere às bênçãos de Deus sobre a nação, que contrastam com a ingratidão e a idolatria desta.

**10.2** – *Dividido*. Este verbo diz respeito aos caminhos enganosos e hipócritas de Israel.

**10.3** – *Agora, dirão*. Este versículo antecipa a resposta do povo, quando o juízo de Deus viria para destruir a estabilidade e a independência políticas de Israel (v. 7,15).

**10.4** – *Como erva peçonhenta nos regos dos campos*. Esta analogia se refere a ervas daninhas que crescem num campo e sufocam a safra. Da mesma forma, o juízo de Deus substituiria Suas bênçãos.

**10.5,6** – Os assírios tinham o costume de tomar para si os ídolos dos povos que derrotavam. *Seu próprio conselho* provavelmente alude às alianças frustrantes que Israel tinha com povos estrangeiros.

**10.7** – A comparação que há neste versículo mostra o *rei* de Israel sendo levado como um pedaço de madeira o é numa correnteza.

**10.8** – *Espinhos e cardos*. Isto talvez se refira a Gênesis 3.18, a única outra passagem no Antigo Testamento onde esses substantivos aparecem.



**10.9** – Israel havia persistido em pecar desde o dia em que uma jovem mulher fora estuprada e assassinada por homens de Gibeá (Os 9.9).

**10.10** – A ideia que este versículo ilustra é o Senhor atando Seu povo a um jugo, tal qual se ata o gado. O termo *suas transgressões* trata do velho e famoso crime de Gibeá (v. 9) e do pecado coletivo da geração de Oséias. Em outras palavras, o povo não poderia escapar das consequências dos seus atos.

**10.11** – *Gosta de trilhar*. Israel gostava de sua “liberdade”. Gostava de ser como um bezerro em uma eira só para ele, onde podia alimentar-se do capim à vontade. O espírito rebelde dessa nação necessitava de um tratamento de choque. Como consta neste versículo, o fazendeiro precisava atar seu gado a um jugo e forçá-lo a trabalhar duro. *Trilhar*, neste contexto, diz respeito ao serviço de Israel ao Senhor. Já *lavarar*, à disciplina que Israel teria de desenvolver por meio de juízo e exílio.

**10.12** – Oséias convoca o povo ao arrependimento, lembrando-o de que sua decisão tinha de ser imediata e que ainda havia tempo para que as bênçãos de Deus voltassem a agraciar os israelitas. No caso de Israel, o povo tinha de restabelecer a *justiça* social e a *misericórdia* na terra. Quanto à instrução *lavrai o campo de lavoura*, arar e plantar são passos preliminares essenciais para se obter uma safra, que é gerada quando a chuva cai na estação certa. Da mesma forma, o arrependimento preparava o terreno para a restituição das bênçãos que Deus podia fazer chover sobre Seu povo.

**10.13** – O processo de arrependimento e restauração de bênçãos presente no versículo anterior contrasta muito com a realidade. Israel havia plantado sementes de pecado e colhido, assim, as consequências. *Fruto da mentira* provavelmente se refere à falta de lealdade do povo a Deus (v. 4).

**10.14** – A identidade do conquistador *Salmá* e a localização de *Bete-Arbel* não se podem precisar. No entanto, a *guerra* mencionada parece ter repercutido em grandes proporções no tempo de Oséias em função de sua extrema violência.

**10.15** – A derrota de Israel seria tão repentina que o *rei* da nação seria *totalmente destruído* antes mesmo de a guerra começar.

**11.1-12** – Nenhum capítulo do Antigo Testamento demonstra de tal forma o amor sofrido de Deus por Seu povo. Ele é um Pai gracioso, que ensina Seus filhos a caminharem com todo carinho (v. 3,4); um Marido que se entristece e queixa-se de Sua esposa perdida em sua descrença (v. 8); e o Salvador amoroso (v. 9-11), que não desiste de Seu povo (Sl 139.7-10).

**11.1** – O Senhor considerava Israel Seu *filho* e tratava a nação com todo o cuidado, livrando o povo do jugo do *Egito* (Mt 2.15).

**11.2** – *Como os chamavam*. O pronome no plural deve referir-se aos profetas de Deus (Os 12.10; Jr 7.25,26).

**11.3** – Assim como um pai pacientemente ensina seu filho a andar, o Senhor deu ao povo de Israel direção e cuidado toda vez que ele experimentou dor ou foi ferido.

**11.4** – A imagem do versículo 3 muda, visto que Deus é comparado a um fazendeiro e Israel, a um animal. O Senhor o atraiu com *cordas*, mas Seus mandamentos, em vez de pesados, refletiam Sua preocupação com o bem-estar do povo. Deus supriu as necessidades dos israelitas como um fazendeiro que regularmente retira o *jugo* do pescoço de seus animais para que estes possam alimentar-se.

**11.5** – Neste versículo, o verbo *converter-se* é a mesma palavra hebraica traduzida como *voltará*. Israel não poderia permanecer na condição em que estava, tinha de converter-se ao Senhor. Se não se voltasse para Deus, retornaria ao exílio.

**11.6,7** – *Devorará* é a mesma palavra hebraica traduzida como *lhes dei mantimento* no versículo 4. Os israelitas rejeitaram seu bom mestre, que os alimentava e supria suas necessidades. Por isso, o povo seria devorado pelas espadas da Assíria, que invadiria Israel.

**11.8,9** – Como o Senhor ponderou o julgamento de Israel, Seus *pesares* o moveram a deixar de aniquilar o povo. *Admá e Zeboim*, cidades irmãs de Sodoma e Gomorra, foram destruídas pelo juízo de Deus (Gn 10.19; 14.2,8; Dt 29.23).

**11.10,11** – No juízo, Deus despedaçaria Israel como um leão (Os 5.14); no futuro, Ele *bramaria* chamando Seu povo de volta do exílio. No



## APROFUNDE-SE

### DE VOLTA A BAAL

No tempo de Oséias, a adoração a Baal fazia parte da vida de boa parcela da nação israelita. Baal era a divindade mais importante no panteão cananeu. Seus seguidores criam que sua bênção garantia a continuação da vida humana, bem como a preservação da ordem social.

Consideravam-no um deus da fertilidade, responsável pelo nascimento de crianças, um bem de alto valor na cultura do antigo Oriente Médio. Também o tinham como o deus da tempestade, que fazia chover e, com isso, crescer as safras. Seus devotos acreditavam que, com os elementos da tempestade à sua disposição, Baal podia derrotar os inimigos de seu povo.

Visto como rei sob a autoridade do deus supremo El, Baal supostamente possuía mais poder do que os temidos deuses Yamm, o deus do mar caótico, e Mot, o deus da morte e do submundo.

Observando a ameaça que a adoração a Baal estava trazendo ao Seu povo, o Senhor ativamente se opôs a esse sistema religioso calcado em mentiras desde o princípio da história de Israel. Ele afirmou que era o único Deus vivo (Êx 15.11; Dt 33.26; 1 Sm 2.2) e o justo Rei de Israel (Êx 15.18; 20.2-6).

O Senhor era quem revelava Sua soberania nos elementos da tempestade (Êx 9.23,24; 19.16,18; Dt 33.26; 1 Sm 7.10; 12.17,18; 1 Rs 17.1; 18.1,45), demonstrava Sua autoridade sobre o mar caótico (Êx 15.8,10) e sobre a morte (Êx 15.12; 1 Sm 2.6; 1 Rs 17.17-23). O Todo-poderoso provava também que somente Ele pode gerar filhos a quem é estéril (1 Sm 2.5).

O ponto mais forte de Seu ataque à adoração a Baal foi no monte Carmelo, onde Ele fez cair fogo do céu (1 Rs 18.38,39) para não haver sombra de dúvidas de que Ele é o Deus vivo. Os profetas de Baal com seus ritos desvairados, por sua vez, obviamente não puderam obter resposta alguma de Baal (1 Rs 18.26-29).

Posteriormente, quando Jeú livrou o reino do culto a Baal (2 Rs 10.18-28), a vitória do Senhor parecia completa. Entretanto, pouco menos de um século depois, o culto a Baal ressurgiu como a religião oficial do povo, forçando o Senhor a confrontar Israel por meio do profeta Oséias.

Como se pode explicar a popularidade de Baal? O Senhor exigia obediência a rigorosos padrões morais e éticos para que o povo obtivesse bênçãos. Já Baal apelava para a sensualidade. O favor desse deus era concedido por meio de prostituição ritualística. Mediante esses ritos, jovens do sexo masculino e do feminino supostamente recebiam os benefícios de Baal e garantiam sua habilidade de gerar filhos (Os 4.12-14).

Como a sensualidade afeta a natureza humana, o baaiismo persistia em Israel. Ele prometia um caminho fácil e até mesmo prazeroso para a prosperidade, enquanto o caminho de Deus, o caminho para a verdadeira vida, demandava renúncia.

passado, os israelitas haviam, como uma pomba sem entendimento, invocado o Egito e ido para a Assíria (Os 7.11); no futuro, voltariam, *como um passarinho*, para sua terra natal.

**11.12** – *Efraim me cercou*. O Reino do Norte cercara Deus com mentira como se Ele fosse uma cidade sitiada.

**12.1** – O profeta enfoca neste versículo a injustiça social de Israel, bem como as alianças com nações estrangeiras. Porém, o comportamento ímpio desse povo não o levou a lugar algum. Quanto ao *azeite*, deve ter sido usado num ritual como ratificação de um tratado ou símbolo de lealdade.

**12.2** – *Segundo os seus caminhos*. Deus julga povos e nações de acordo com seus feitos.

**12.3,4** – Oséias tira uma lição da vida de Jacó, o pai da nação. O caráter ganancioso, autoconfiante e enganoso de Jacó se evidenciou desde seu nascimento, quando agarrou o *calcanhar de seu irmão*, Esaú (Gn 25.26). O maior evento da vida espiritual de Jacó foi sua luta com Deus uma noite antes de encontrar-se com seu irmão. Jacó então reconheceu sua dependência do Senhor, implorou por Seu favor e recebeu uma bênção (Gn 32.24-30).

Sem fazer menção de *anjo* algum, o relato de Gênesis se refere ao que lutou com Jacó como *um varão* (Gn 32.24 reflete a perspectiva inicial de Jacó), mas depois diz que Jacó lutou com o próprio Deus (Gn 32.28,30). Como os versículos 4 e 5 parecem traçar um paralelo entre Deus e um

Anjo, entende-se que essa pessoa seria o Anjo do Senhor. Esse Anjo é por vezes equiparado a Deus no Antigo Testamento (Gn 16.9-13; Jz 6.11-14; 13.20-22).

**12.5,6** – Assim como Jacó caiu em si e reconheceu sua dependência de Deus, Israel deveria converter-se, restabelecer a justiça na sociedade e esperar no Senhor.

**12.7** – Neste versículo, é provável que a palavra *mercador* faça alusão às desonestas atividades econômicas de Israel. Em violação à Lei do Antigo Testamento (Lv 19.36), mercadores fraudulentos às vezes alteravam suas balanças, para que seus clientes sássem no prejuízo quando compravam a peso, por isso o termo *balança enganadora* (Pv 11.1; 16.11; 20.23; Am 8.5; Mq 6.11).

**12.8** – A arrogante autossuficiência de Efraim, de certo modo, reflete a de seu ancestral Jacó, ignorando a capacitação e a provisão de Deus (v. 9,10,13).

**12.9-11** – O Senhor dera a Israel direção por intermédio dos *profetas*, mas o povo rejeitou a mensagem. Para ensinar o significado de dependência a Israel, Deus afastou o povo de seu lar e exilou-o, como na época em que se vivia em *tendas* durante a festa dos Tabernáculos, que celebrava a peregrinação no deserto (Lv 23.33-43). As cidades que praticaram o pecado de Israel, como *Gileade* (Os 6.8) e *Gilgal* (Os 4.15; 9.15), seriam destruídas. Os *altares* de Gilgal se tornariam *montões de pedras*.

**12.12-14** – Deus sempre cuidou de Seu povo. Ele protegeu Jacó quando teve de fugir para uma terra estrangeira a fim de salvar-se. O Senhor usou Moisés para fazer *subir a Israel do Egito* e preservar o povo até chegar à Terra Prometida. A ingratidão dos israelitas, que se evidencia pelo seu pecado, irou Deus e tornou o juízo inevitável.

**13.1** – A tribo de Efraim conquistara uma posição de preeminência no Reino do Norte, por isso foi temida pelas outras tribos. O verbo *tremia-se* provavelmente se refere ao efeito causado pelo discurso de Efraim nelas.

**13.2** – *Beijam os bezerras* alude à prática idólatra de beijar imagens como um sinal de honra (1 Rs 19.18).

**13.3** – O juízo de Deus devastaria Efraim subitamente, assim como o sol dispersa a neblina e seca o *orvalho da madrugada*, ou como o vento espalha o *folhelho* e a *fumaça*.

**13.4,5** – Esta passagem mostra o Senhor trazendo à memória de Israel quem Ele verdadeiramente é, o que Ele já havia proporcionado ao Seu povo e o que Ele esperava em troca. Por ser o único *Deus* e o *Salvador* de Israel, *Yahweh* esperava lealdade exclusiva do povo. Por Deus ter *conhecido* (cuidado de) Israel no *deserto*, Ele tinha todo o direito de exigir que os israelitas o *reconhecessem* (fossem leais a Ele).

**13.6-9** – Deus supriu as necessidades de Israel e abençoou o povo ricamente, como um pastor que leva seu rebanho a pastos abundantes. Contudo, Israel se esqueceu do Senhor. O relacionamento de Deus com os israelitas mudou drasticamente. De Pastor, Ele passou a ser Predador. Irônica e tragicamente, a revolta de Israel transformou o Ajudador em Destruidor.

**13.10,11** – Estes versículos lembram o episódio em que Israel exigiu de Samuel um rei como o tinham as nações vizinhas (1 Sm 8). Apesar de ofendido pelo pedido do povo, que acarretou a rejeição da autoridade divina (1 Sm 8.7), o Senhor concedeu o que os israelitas desejavam. Entretanto, o rei de Israel não podia proteger a nação do juízo divino. Na verdade, o próprio monarca seria destruído.

**13.12** – *Atada [...] armazenado*. Deus havia registrado ou armazenado todos os pecados de Israel cuidadosamente, de modo que servissem como prova no dia do juízo.

**13.13** – Esta metáfora do nascimento ilustra a indiferença espiritual dos israelitas. Quando o momento crucial de Israel chegou, a nação respondeu de maneira tola, o que resultou em morte. Sua falha em arrepende-se pode ser comparada a um parto em que o bebê não é adequadamente retirado, o que põe em risco tanto a mãe como a criança.

**13.14** – Deus anuncia a salvação a Efraim, proclamando à *morte* e ao *inferno* que Ele livraria Seu povo de suas garras. Paulo se apropriou de parte deste versículo para declarar que o cristão não poderá ser derrotado pela morte (1 Co 15.55).

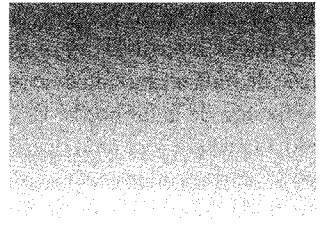
13.15,16 – Israel era como uma planta frutífera e bem regada, mas o juízo de Deus viria como um forte *vento leste* e traria seca. A realidade por trás da imagem do vento é o exército assírio, que *saquearia* as riquezas de Israel e, sem misericórdia alguma, mataria o povo, incluindo crianças e gestantes indefesas.

14.1-3 – A parte final da profecia de Oséias começa com uma convocação ao arrependimento que inclui um modelo de oração. O povo de Israel teria de orar pedindo o perdão gracioso de Deus e renovar o concerto com Ele, renunciando às alianças com nações estrangeiras, à sua própria força e aos seus falsos deuses.

14.4-8 – O Senhor prenuncia uma época em que Ele restauraria Israel arrependida. A

bênção renovada de Deus é comparada ao *orvalho*. A nação reavivada é comparada a um belo *lírio*, a um pomposo cedro do *Líbano*, a uma *oliveira* e a uma frutífera *vide*. O próprio Altíssimo seria como uma *faia verde*, que propicia sombra e abrigo. A afirmação *eu o tenho ouvido*, que demonstra o cuidado de Deus, contrasta com o Seu juízo severo, que fora comparado a um leopardo ao perseguir sua presa (Os 13.7).

14.9 – O livro de Oséias termina com um conselho aos leitores: *os caminhos do SENHOR*, Suas exigências e Seus princípios, são completamente verdadeiros. Quem for sábio escolherá obedecer-lhes; quem for tolo, os ignorará e enfrentará o juízo.



O livro de

---

# Joel

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O**s desastres naturais — de enchentes a terremotos violentos — provocam temor e tremor. Com todo o engenho que possuem, as pessoas são incapazes de controlar essas forças poderosas e destruidoras. Tudo o que podem fazer é assistir a tudo boquiabertas.

Joel começa o seu livro descrevendo esse gênero de desastre natural — uma praga de gafanhotos famintos. Nas mãos do profeta, o poder de destruição dessa praga torna-se um vívido alerta sobre a força do juízo vindouro de Deus e um claro apelo para apelar-mos para a misericórdia de Deus.

Crê-se que o livro de Joel está tão próximo, em tom e ideias, do livro de Sofonias, que é provável que os dois profetas tenham sido contemporâneos. O principal indício desse fato é que os dois livros dão destaque ao

conceito do *dia do SENHOR* que se aproxima (compare Joel 2.2 com Sofonias 1.14-16). Como o livro de Sofonias data de mais ou menos 627 a.C., diversos estudiosos assinalam a data aproximada de 600 a.C. para o livro de Joel.

Caso presumamos que Joel foi escrito no início do reinado de Joás, podemos reconhecer o momento correspondente da história judaica em 2 Reis 11.1—12.21. Joás herdou o trono de Judá quando ainda era uma criança. Ele sobreviveu à matança promovida por Atalia de todos os possíveis pretendentes ao trono, graças aos esforços heróicos de sua tia Jeoseba, que o escondeu no templo. Joás foi coroado rei aos sete anos por Jeoiada, o sumo sacerdote, que incumbira os capitães da guarda real de livrarem-se da perversa Atalia. Jeoiada

foi o conselheiro do jovem regente no início do seu reinado. É possível que, durante esses anos, a nação de Judá tenha sido devastada por um grande enxame de gafanhotos. Essa catástrofe teria dado ao profeta Joel uma ocasião para convocar o povo a arrepender-se, em vista de um juízo futuro ainda maior — o dia do SENHOR.

Mas não é implausível situar o ministério de Joel nos 25 anos anteriores à destruição de Jerusalém pelos babilônios, em 586 a.C. Se Joel fosse contemporâneo de Sofonias, sua mensagem de desastre nacional iminente, usando a calamidade natural recente da invasão de gafanhotos, seria um vigoroso alerta sobre os acontecimentos terríveis que logo se precipitariam sobre Jerusalém.

A profecia de Joel continha dois objetivos. Em primeiro lugar, Joel escreveu para conclamar a nação a arrepender-se (Jl 2.12) em vista de sua experiência recente com a praga de gafanhotos. O desastre recente era apenas uma amostra do juízo muito mais devastador que viria depois. Ainda assim, esse juízo poderia ser evitado por meio do arrependimento sincero e humilde (Jl 2.13,14). Nesse ponto, Joel partilha da mesma mensagem de outros profetas. Em vista do juízo iminente, sempre há uma mensagem de esperança para aqueles que se voltam para Deus com fé.

Em segundo lugar, a profecia objetivava confortar os justos com promessas de salvação e bênçãos futuras (Jl 2.28-32; 3.18-21). Se o desastre nacional viesse a ocorrer, Joel oferecia aos

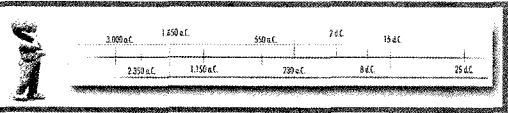
crentes verdadeiros a esperança de que aquele não era o fim de tudo. Deus manteria Sua promessa; um dia, o Salvador reinaria.

O autor desse livro é Joel, filho de Petuel (Jl 1.1). Não se sabe muito sobre a vida ou a origem do autor. Seu nome significa o SENHOR é Deus, sugerindo que ele cresceu numa casa onde se honrava a Deus. As referências a Sião, Judá e Jerusalém (Jl 2.15,23,32; 3.1) indicam que o profeta morou e profetizou em Judá e Jerusalém. Suas frequentes referências ao trabalho dos sacerdotes no templo (Jl 1.9,13,14; 2.17) levaram alguns a supor que ele era sacerdote. Mas Joel também demonstra grande interesse por todas as formas de agricultura. Como profeta do SENHOR, ele teria conhecimentos sobre o templo de Jerusalém, sem ter sido sacerdote.

Os especialistas têm proposto várias datas para a composição do livro de Joel, do início da época pré-exílio até 350 a.C. Há quem acredite que haja indícios internos que situem a composição deste livro durante o reinado de Joás, rei de Judá (835—796 a.C.), e na época do sumo sacerdote Jeoiada. Essa visão se baseia nas seguintes observações: (1) a posição do livro no cânone hebreu, entre Oséias e Amós, sugere uma data anterior ao exílio; (2) as alusões às nações vizinhas como inimigas de Judá, em vez da Assíria, da Babilônia ou da Pérsia, que sugerem uma datação mais antiga para o livro; (3) o livro não menciona rei algum no comando, o que pode significar uma época em que a responsabilidade do reinado pertencia aos sacerdotes e anciãos — como ocorreu durante o início do reinado do jovem rei Joás (2 Rs 11.4—12.21).

**LINHA DO TEMPO**

**CRONOLOGIA EM JOEL**



Ano 835 a.C. — Joás torna-se rei de Judá

Ano 830 a.C. — Uma opção precoce para o início do ministério de Joel

Ano 722 a.C. — Israel é capturado pelos assírios

Ano 600 a.C. — Uma opção tardia para o início do ministério de Joel

Ano 586 a.C. — Jerusalém é destruída pelos babilônios



## ESBOÇO

I - A devastação da praga de gafanhotos — 1.1-20

II - O vindouro dia do Senhor — 2.1-32

A - A desolação do dia do Senhor — 2.1-11

B - Exortação ao arrependimento sincero — 2.12-17

C - O livramento da terra — 2.18-27

D - A promessa do derramamento do Espírito — 2.28-32

III - O juízo das nações — 3.1-17

A - A época do juízo — 3.1

B - O local do juízo — 3.2

C - A base do juízo — 3.3-8

D - Os preparativos para o juízo — 3.9-12

E - A execução do juízo — 3.13-17

IV - A promessa de bênçãos futuras — 3.18-21

A - A prosperidade da terra — 3.18

B - A desolação das nações — 3.19

C - A habitação de Judá e Jerusalém — 3.20

D - A presença do Senhor em Sião — 3.21

## COMENTÁRIO

**1.1-20** — Essa parte trata dos resultados devastadores da praga de gafanhotos que assolou Judá. O profeta Joel sublinha a natureza inédita da calamidade. O relato serve como base para um apelo ao luto e ao arrependimento nacionais.

**1.1** — *Palavra do SENHOR que foi dirigida* atesta a origem divina da mensagem do profeta. A apresentação da mensagem foi obra do profeta. *Joel* significa *o SENHOR é Deus*.

**1.2,3** — *Aconteceu isto em vossos dias*. A calamidade recente não tinha precedentes na lembrança do povo.

**1.4** — Vários intérpretes têm lido esse enxame de *gafanhoto* como exércitos estrangeiros que atacaram Judá em ondas sucessivas — a Assíria, a Babilônia, a Grécia e Roma. Mas, na lei de Moisés se prometiam pragas de gafanhotos literais como juízo caso o povo desobedecesse a Deus e quebrasse sua aliança com Ele (Dt 28.38,39,42). Além disso, a descrição de Joel dos prejuízos deixados pelos gafanhotos se parece com os de testemunhas desse tipo de praga. A impressão é de uma devastação avassaladora.

**1.5** — *Despertaí, ébrios*. As vinícolas foram destruídas, e o vinho se perdera.

**1.6** — *Nação* pode referir-se a um enxame de gafanhotos literal ou figurado. Eles chegaram com número tal que pareciam mais um grande exército. As chuvas no final de um período de seca

podem acelerar o rompimento de ovos de gafanhoto adormecidos e estimular os gafanhotos adultos a procriarem. A origem desses enxames não é compreendida nem mesmo hoje em dia. Certos fatores que podem induzir os gafanhotos a atacarem em grupo são temperaturas altas, baixa umidade e excesso populacional. Os gafanhotos adultos, com suas mandíbulas serrilhadas de ponta a ponta, podem consumir diariamente seu peso em comida. Com isso, conseguem sobreviver por até quatro dias sem comer, vivendo de sua gordura armazenada. Um enxame de gafanhotos pode cobrir mais que 2,6 km quadrados, sendo que 30 milhões de insetos podem devastar cem toneladas de vegetação por dia. Já houve casos de enxames de gafanhotos cobrirem cinco mil quilômetros quadrados, depenando a vegetação, empesteando o ar com excremento, e originando epidemias ao morrerem e apodrecerem. Estima-se que um enxame de gafanhotos sozinho é capaz de comer em um dia o que 40 mil pessoas comem em um ano.

**1.7** — *Sarmentos* (ramos) de árvore, despidos da casca pelos dentes serrilhados dos gafanhotos, ficaram destroçados e embranquecidos.

**1.8** — A imagem é de uma jovem noiva que enviuvou no dia do seu casamento. *Cingida de saco* era o sinal de luto do antigo Israel.

**1.9** — A *libação* refere-se às ofertas de vinho que acompanhavam os sacrifícios matinais e vespertinos dos sacerdotes (Êx 29.38-41). A devastação da locusta significava que não se podia oferecer sacrifícios.

1.10 — Diz-se que a *terra* está triste porque as três principais colheitas que produzia – cereais, uvas e azeitonas – foram destruídas (Dt 7.13; Sl 104.15).

1.11,12 — O povo aguardava a alegria da colheita, mas devido ao desastre da praga de gafanhotos, sua *alegria se secou*.

1.13-20 — Joel lembra aos líderes da nação que voltar a ser abençoado requer arrependimento (Dt 30.1-5; 2 Cr 7.14). Deus não se fartará a favorecer e a abençoar aqueles que realmente se arrependerem.

1.14,15 — O *dia do SENHOR* se refere a uma época de juízo e libertação. Joel vê a praga de gafanhotos como um dia de juízo contemporâneo, que servia como amostra ou aviso prévio de um futuro *dia do SENHOR* ainda mais tremendo.

1.16 — O *mantimento não está cortado* [...] a *alegria e o regozijo*. Com a perda súbita de alimento, também se perdeu a alegria da colheita (Is 9.3).

1.17 — A *semente apodreceu* indica devastação mais profunda da terra e incapacidade de replantar no ano seguinte.

1.18-20 — Não foi somente o povo de Judá que sofreu com a seca, mas também os *animais*, as *vacas* e os *rebanhos*. Joel retrata poeticamente os animais, dizendo que se juntam à lamentação, gemendo de fome e aflição (Rm 8.22).

*Clamo*. O profeta acrescenta sua própria voz ao urro das feras, ao choro dos ébrios e ao luto dos sacerdotes. Ele fazia parte da comunidade sofredora; não era um observador imparcial, à distância.

2.1 — A *buzina*, ou chifre de cordeiro, era usada na antiguidade para sinalizar perigo ou avisar sobre um ataque militar (Jr 6.17; Am 3.6). Deus demonstrava Sua graça avisando o Seu povo com antecedência e dando oportunidade para se arrependerem antes que Ele executasse o Seu juízo sobre eles.

*Sião* se refere a Jerusalém (Sl 133.3).

*Porque o dia do SENHOR vem, ele está perto*. A Bíblia apresenta o *dia do SENHOR* como uma realidade iminente. Não é um acontecimento fixo, do qual nos aproximamos pouco a pouco, e sim algo que está sempre próximo de nos surpreender.

A qualquer momento, o dia que está *próximo* pode ser o de hoje.

2.2 — *Trevas* é usada como imagem da infelicidade, aflição e juízo (Is 8.22; 60.2; Jr 13.16).

2.3-11 — Joel descreve os gafanhotos e sua destruição da terra em termos vívidos e poéticos.

2.3-11 — A invasão que Joel divisou profeticamente era como um *fogo* avassalador que transformava tudo o que era belo em desolação. Joel comparou a velocidade e a força dos invasores com a de *cavalos* a galope.

2.6-9 — *Temerão*. Os exércitos invasores eram como gafanhotos, em quantidade e na capacidade de infiltrarem-se em qualquer defesa; mas, como homens de guerra que eram, traziam temor e morte consigo. A metáfora dos gafanhotos (cap. 1) é usada aqui para descrever o poder acachapante de uma invasão militar.

2.10,11 — As referências à diminuição do esplendor do *sol*, da *lua* e das *estrelas* aludem a um derramamento futuro de ira divina (Is 13.10; Mt 24.29; Ap 6.12,13).

*Quem o poderá sofrer*. Nada será capaz de resistir à ira de Deus (Mt 24.21,22).

2.12-17 — Tendo avisado aos judeus a respeito da proximidade de um dia do juízo maior do que o que acabaram de experimentar, agora Joel conclama a nação a arrepender-se.

2.12 — *Converti-vos*. Como em Sofonias (Sf 2.1-3), apresentava-se uma oportunidade de arrependimento, remorso e renovação ao povo.

2.13 — *Rasgai o vosso coração*. Deus não fica satisfeito com o arrependimento da boca para fora. Rasgar as próprias vestes era um costume que expressava grande luto ou remorso (Js 7.6; 1 Sm 4.12). Mas, como todo ato externamente visível, podia-se rasgar as vestes sem tristeza nem arrependimento verdadeiros. Deus queria mais do que simples palavras ou atos exteriores; Ele queria que o coração do povo mudasse e que se entristecesse ao pecar. Os atributos de Deus, em que se baseou o apelo de Joel, foram revelados inicialmente a Moisés em Êxodo 34.6.

*Tardio em irar-se*. Deus reluta em castigar. Julgar é uma tarefa inerente de Deus, mas Ele não





## APROFUNDE-SE

### O DIA DO SENHOR

Um dos temas centrais do livro de Joel é *o dia do SENHOR* (Jl 1.15; 2.1). Este termo se refere a um período em que Deus *virá* dramaticamente para trazer ira e juízo sobre os ímpios e salvação aos justos. Deus é o Senhor do tempo. Não há dia que não seja *o dia do SENHOR*, num sentido geral. Mas, às vezes, Deus entra na arena espaço-temporal para asseverar, firme e dramaticamente, que Ele está no controle de tudo.

*O dia do SENHOR* é um grande tema das profecias do Antigo Testamento. Treze dos dezesseis profetas trataram desse assunto. O conceito de *dia do SENHOR* originou-se, provavelmente, da conquista de Canaã; uma conquista que, na verdade, foi a *guerra do SENHOR* (Dt 1.30; 3.22; Js 5.13-15; 6.2); ou seja, um dia do juízo para os perversos cananitas (Lv 18.25; Dt 9.4.5).

*O dia do SENHOR* não é um fenômeno isolado nem uma única ocasião da história humana. Certos períodos da história inicial e da história recente de Israel, a vinda de Jesus e Sua segunda vinda, são todos chamados de *o dia do SENHOR* nas Escrituras. Contudo, as previsões de um *dia do SENHOR* vindouro podem concretizar-se por meio de inúmeros acontecimentos diferentes.

A invasão dos gafanhotos na época de Joel foi um *dia do SENHOR* (cap. 2). Mas o dia da ira e da libertação que logo se abateu sobre Judá, sob a forma da invasão babilônica, também foi outro *dia do SENHOR*.

Enquanto muitas referências falam sobre acontecimentos vindouros, cinco textos bíblicos descrevem *o dia do SENHOR* em termos de juízos passados (Is 22.1-14; Jr 46.2-12; Lm 1.1—2.22; Ez 13.1-9). Esses textos refletem circunstâncias de derrota, tragédia e juízo decorrentes da guerra. Acontecimentos assim podem ter estimulado o desenvolvimento do conceito profético de um futuro *dia* ou época de juízo decorrentes de guerras para os desobedientes tanto de Israel como de todas as nações (Jl 1.15; Is 13.6, 9; Sf 1.14-18).

No entanto, *o dia do SENHOR* não é apenas um dia de ira e juízo para os desobedientes. Em certos contextos, também inclui libertação e restauração para os justos. Assim, *o dia do SENHOR* não fala apenas de juízo futuro, mas também de esperança, prosperidade e bênçãos futuras (Is 4.2-6; Os 2.18-23; Am 9.11-15; Mq 4.6-8).

Joel revelou que esse dia será anunciado por fenômenos celestes (Jl 2.30,31), que farão a terra ficar escura e triste repentinamente (Jl 2.2). Será um dia de destruição divina (Jl 1.15) para as nações que perseguiram Israel (Jl 3.12-14) e para os rebeldes e desobedientes de Israel (Am 5.18-20). Ainda assim, será uma época de libertação e de bênção sem precedentes para o povo de Deus (Jl 2.32; 3.16, 18-21; 1 Ts 5.2-5).

gosta de punir ninguém; prefere que todos se arrependam (Is 28.21).

**2.14** — *Quem sabe.* Estas palavras sugerem que até mesmo no último minuto, o SENHOR retardaria a Sua ira e demonstraria a Sua graça, se o povo se arrependesse de verdade. O resultado disso seria a restauração da agricultura e da produtividade. Haveria comida e bebida, tanto para o povo como para oferecer ao SENHOR.

**2.15** — *Tocai a buzina em Sião.* A repetição das palavras encontradas em Joel 2.1 renova o apelo urgente por uma resposta apropriada a Deus.

**2.16** — A urgência da situação fica evidente, pois todas as faixas etárias e classes da população são convocadas. Segundo a tradição judaica codificada no *Mishná*, o *noivo* e a *noiva* poderiam ser liberados da recitação diária de

orações no dia do seu casamento. Mas Joel não liberava ninguém da oração nesse momento de emergência espiritual.

**2.17** — *Poupa o teu povo.* Caso os líderes e o povo se reunissem em oração, verdadeiramente arrependidos, e pedissem uma renovação verdadeira, os terríveis acontecimentos com que Deus os ameaçava poderiam ser evitados.

*Porque diriam entre os povos...?* Esta pergunta retórica foi feita para influenciar Deus a intervir. Não vir em socorro de Judá poderia fazer as outras nações zombarem do Deus de Judá.

**2.18,19** — *Terá zelo da sua terra.* O profundo amor de Deus pela terra de Israel anda de mãos dadas com Seu amor eterno (*compadecerá*) pelo Seu povo. Em cada ocasião em que Deus julgou a terra, houve a esperança de que, um dia, Seu zelo pela terra levaria a uma renovação da bênção. Arrepende-se genuinamente é pré-requisito

para a bênção de Deus. Ao ver o arrependimento, Deus recuperará e abençoará a pessoa.

**2.20** — O norte era visto como a direção de onde o infortúnio costumava sobrevir sobre Israel. O *mar oriental* refere-se ao mar Morto. O *mar ocidental* refere-se ao mar Mediterrâneo.

**2.21** — *Não temas*. Está chegando um dia (Sl 65) em que Deus recuperará completamente a terra.

**2.22** — *Pastos do deserto [...] o arvoredado dará o seu fruto*. O restabelecimento da agricultura seria um sinal de que Deus tinha restaurado a prosperidade e a paz em Sua terra.

**2.23,24** — *A chuva temporã* amaciava o solo para o plantio do trigo de inverno. *A serôdia* caía na primavera, fazendo os grãos incharem, garantindo assim uma bela colheita. Se não houvesse chuva, as plantações não cresciam.

**2.25,26** — O mesmo Deus que julga tem prazer em restaurar as bênçãos na vida dos que se arrependem. Isso não significa que o pecado não deixa marcas, mas, sim, que Deus pode reabilitar as pessoas, apesar de terem desobedecido aos seus mandamentos.

**2.27** — *Eu estou no meio de Israel*. No fim das contas, esta é a promessa da presença de Deus no meio do Seu povo, no reinado vindouro do rei Jesus (Sf 3.14-20). Mas Deus promete estar sempre presente junto à pessoa que estiver em paz com Ele.

**2.28-32** — Depois de descrever as bênçãos materiais que seriam derramadas sobre sua gera-

ção, caso ela se arrependesse, Joel fala das bênçãos espirituais que Deus derramaria depois sobre Seu povo. Esse trecho foi citado por Pedro no dia de Pentecostes (At 2.17-21) para explicar o milagre de terem falado em línguas.

Há três pontos de vista principais sobre como a profecia de Joel foi usada por Pedro em Atos 2.17-21: (1) Alguns intérpretes veem uma concretização plena da profecia de Joel na experiência dos primeiros cristãos no Dia de Pentecostes. O derramamento do Espírito inaugurou a era do Reino. (2) Outros intérpretes dizem que Pedro estava simplesmente usando a profecia de Joel para ilustrar o que estava acontecendo. Pedro estaria dizendo, na verdade, que este Espírito Santo é o mesmo do qual tratou o profeta Joel. Segundo este ponto de vista, a profecia de Joel ainda será cumprida futuramente, quando o remanescente de Israel crer em Jesus. (3) Há quem sugira que a profecia de Joel tenha se cumprido parcialmente no Dia de Pentecostes. O dom do Espírito Santo foi concedido, mas os sinais mencionados nos versículos 30-32 serão cumpridos depois, na volta de Cristo em grande glória.

**2.28,29** — *Depois* indica o futuro profético; esta palavra sinaliza que o texto tratava da era messiânica. Em *derramarei o meu Espírito sobre toda a carne*, o verbo derramar sugere a imagem das pesadas chuvas invernais de Israel; nesse trecho, ele se refere à fartura. *Toda a carne* renuncia a inclusão de judeus e gentios em um só corpo, o Corpo de Cristo (Ef 2.11—3.6). Os



## EM FOCO

### ESPÍRITO (HB. RUACH)

(Jl 2.28; Gn 6.3; 1 Rs 22.23; Sl 32.2; 146.4)

O substantivo *espírito* se relaciona a um verbo que significa *respirar* ou *soprar*. Pode significar *fôlego* (Jó 9.18; 19.17), vento (Gn 8.1; Êx 10.13), ar (Ec 1.14; Is 26.18), o sopro da vida (animal ou humano; Gn 6.17; 7.15), disposição ou humor (Gn 41.8; Ez 21.7), um espírito mau ou aflitivo (1 Sm 16.14-16), ou o Espírito de Deus (Gn 1.2; Sl 51.11).

O espírito da vida é a dádiva de Deus a toda criatura (Jó 12.10; 33.4; Ec 12.7). A concessão do Espírito Santo de Deus é uma dádiva especial aos crentes, que traz vida espiritual (Sl 51.10,11; 143.10), poder (Jz 6.34), sabedoria e entendimento (Is 11.2) e revelação divina, que levam a uma melhor compreensão da Palavra de Deus e de Seus caminhos perfeitos (Jl 2.28; Is 61.1,2).

ministérios do Espírito aqui mencionados foram vivenciados pela Igreja primitiva (At 11.28; 21.9; 2 Co 12.1-4; Ap 1.1-3). *Vossos filhos e vossas filhas* dizem respeito a uma era em que o derramamento do Espírito e os ministérios manifestariam o poder de Deus em todos, sem distinção de gênero, idade ou classe social.

**2.30,31** — Os prodígios celestes descritos nesse trecho acontecerão antes do *grande e terrível dia do SENHOR*, aparentemente uma referência ao fim dos tempos. *Sangue, e fogo* condizem com a revelação em Apocalipse 8.7,8; *fumaça*, com a em Apocalipse 9.18; *trevas*, com a em Apocalipse 8.12; *lua, em sangue*, com a Apocalipse 6.12.

**2.32** — Alguém que *invoca o nome do SENHOR* — ou seja, que se arrepende e crê — será *salvo* do juízo que recairá sobre os perversos e os descrentes. O juízo e a libertação mencionados são os que acontecerão quando Jesus Cristo voltar (Zc 14.1-3). Ao mesmo tempo, essas palavras também se aplicam à libertação espiritual de povos arrependidos em qualquer período da história humana. É com esse gracioso anúncio de libertação pelo poder de Deus que Joel encerra essa bela parte da sua profecia.

**3.1-16** — A partir desse ponto, Joel descreve o juízo de Deus sobre as nações à volta de Jerusalém (Zc 14.1-3), quando da volta de Cristo. É a contraparte da vivência que Judá terá do dia do SENHOR. As nações que perseguiram a Israel serão julgadas.

**3.1** — *Naqueles dias* indica uma época no futuro profético (Jl 2.28). O juízo acontecerá depois que o SENHOR tiver devolvido Seu povo à Terra Prometida (Mt 25.31-46).

**3.2-6** — As nações gentias devem prestar contas finais a Deus do que fizeram ao Seu povo. Baseando-se no que o povo da sua época tinha vivido, Joel lista os tipos de coisas pelas quais os gentios terão de responsabilizar-se: crimes contra a terra (v. 2), crueldade contra o povo (v. 3,6) e o saque dos tesouros do templo de Deus (v. 5).

**3.2,3** — *Vale de Josafá*. O nome Josafá significa o SENHOR julga. Não se conhece a localização desse vale. Talvez seja apenas um nome simbólico para o local da grande batalha no fim dos tempos.

**3.4,5** — *Tiro e Sidom* eram cidades fenícias do mar Mediterrâneo, ao norte da Galiléia. A *Filístia* ficava na costa do Mediterrâneo, ao sul de Jope.

**3.6,7** — A menção aos *gregos* foi usada como indício para datar o livro do período grego (332—363 a.C.). Mas os gregos eram conhecidos na Assíria já na época de Sargão II (722—705 a.C.) e são mencionados nas tabuletas de Tel-el Amarna, no Egito (por volta de 1300 a.C.).

**3.8** — Os *sabeus* eram um povo de origem semítica que vivia ao sudoeste da península arábica.

**3.9-12** — Com um toque de ironia, o SENHOR conclama as nações a se prepararem para o juízo que acontecerá na vinda do Messias (Ap 19.11-15).

**3.9,10** — As armas militares das nações gentias não seriam suficientes para protegê-las do juízo de Deus. Elas são exortadas, portanto, a forjar *espadas* das suas *enxadas* e *lanças* das suas *foices*. Leia profecias de reversão dessa situação em Isaías 2.4; Miquéias 4.3.

**3.11** — Joel viu dois exércitos se arregimentando para a batalha. Um era feito de *povos*; o outro era feito dos *fortes* do SENHOR (Mc 8.38; Ap 19.14).

**3.12,13** — O uso de metáforas relacionadas à colheita no livro de Joel é complexo. Começa pelos termos sobre a grande escassez que resulta da praga de gafanhotos (cap. 1). Depois, há uma promessa de renovação da agricultura, com o retorno da bênção de Deus ao Seu povo arrependido (Jl 2.18-27). Aqui, as riquezas da agricultura renovada servem como um irônico pano de fundo para um mundo em conflito. Em Joel 3.18-21, há uma renovação final da agricultura devido à bênção do Rei residente.

**3.14** — O *vale da decisão* pode ser outro nome simbólico para o vale de Josafá (Jl 3.2), ou pode referir-se à opção do povo de continuar em direção ao juízo certo ou de voltar-se para Deus com arrependimento (v. 12,13).

**3.15,16** — Estes versículos são paralelos aos versículos de Joel 2.30-32 e descrevem os mesmos fenômenos celestes (Mt 24.29). Em meio à calamidade, Deus estava oferecendo *refúgio* para o seu povo (Sf 2.1-3).

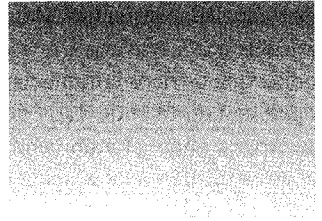
3.17 — Joel antevê um dia em que os estrangeiros não passariam mais por Jerusalém para saquear e destruir, e sim para louvar ao SENHOR (Zc 8.20-23).

3.18 — *Naquele dia* indica o futuro profético (Jl 2.28;3.1). Joel emprega metáforas poéticas para descrever a produtividade da terra na era messiânica. Os vinhedos frutificarão tanto que *os montes destilarão* vinho (Sl 65.11-13). Os pastos serão tão extensos e verdejantes que os úberes repletos das cabras manarão *leite*. A fartura de *mosto* representa a alegria a ser

vivenciada na era messiânica (Am 9.13,14). O *vale de Sitim* era o local do último acampamento antes de os israelitas entrarem em Canaã (Nm 25.1; Js 3.1).

3.19,20 — O *Egito* e *Edom* são mencionados como representantes das nações gentias que Deus julgará antes de estabelecer o reino do Messias. Observe o forte contraste com os destinos eternos de *Judá* e *Jerusalém*.

3.21 — O SENHOR *habitará em Sião*. A presença do SENHOR em Jerusalém significa a bênção sobre toda a terra.



O livro de

---

# Amós

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Amós talvez seja o mais familiar dentre os livros dos Profetas Menores, não pelos seus detalhes, mas por seu tema: a justiça, e por certas metáforas diretas que apresenta. A figura de Amós, um pastor de ovelhas judeu com uma mensagem forte para Israel apregoada à sombra do templo pagão de Jeroboão, em Betel, tanto nos atrai como demanda nosso respeito. Nesse livro podemos ler, assim como os antigos israelitas puderam ouvir, uma exímia criação literária concedida por Deus, por intermédio de um homem do povo. Mas, o mais importante é que, tendo se passado séculos, lemos e ouvimos a Palavra de Deus soar com a mesma clareza e força.

A contundente preocupação de Deus com a justiça é o principal tema do livro de Amós. Para Deus, a justiça

não é uma questão abstrata. Para Ele, a justiça é relacional; promove boas relações entre pessoas e entre grupos de pessoas. A injustiça rompe bons relacionamentos e gera ira, discórdia e violência. Deus criou os seres humanos para gozar de boas relações com Ele e uns com os outros; portanto, a injustiça, que gera todo tipo de estranhamento, parte o coração de Deus.

A nova prosperidade de Israel, após os êxitos de Jeroboão II, devolveu a riqueza às classes sociais mais elevadas. Elas usaram essa riqueza para aumentar seus latifúndios e construir mansões para uso pessoal. Violaram os direitos dos pobres e dos camponeses com propriedades, expulsando muitos deles de suas próprias terras. Segundo as disposições de Deus na aliança mosaica, a classe dos camponeses proprietários de terras fora a

base da sociedade israelita. Mas, durante o reinado de Jeroboão, essa classe quase desapareceu. À medida que os ricos enriqueciam cada vez mais, os pobres iam ficando cada vez mais pobres e numerosos; muitos foram vendidos como escravos. A estrutura social israelita estava completamente instável.

O objetivo imediato do ministério profético de Amós era conclamar os líderes do antigo Israel a arrependem-se e mudar. Amós alertou-os de que, se não ouvissem sua advertência, a injustiça deles contra os pobres e indefesos destruiria a nação. Deus não lhes permitiria continuar suas trajetórias perversas e injustas. A única alternativa era arrependem-se ou, então, pagar pelos erros. Não é por acaso que costumamos lembrar Amós mais pelo seu tocante chamado: *Corra, porém, o júzo como as águas, e a justiça, como o ribeiro impetuoso* (Am 5.24).

O livro de Amós recebeu o nome do profeta que proferiu os seus oráculos. Amós era de Tecoa, uma aldeia próxima ao deserto da Judéia, a cerca de oito quilômetros a sudeste de Belém. Devido à inconstância das chuvas, essa área era mais apropriada para a criação de ovelhas e cabras do que para a agricultura. Amós se intitula *pastor* (Am 1.1; 7.14,15). O termo hebraico utilizado indica que Amós não era um pastor contratado, e sim um proprietário de, pelo menos, um rebanho de ovelhas.

Amós também se descreve como *cultivador de sicômoros* (Am 7.14). A figueira de sicômoros dá centenas de figos muito parecidos com o comum, mas menores e com menos sabor. Para essa fruta amadurecer menores, devia-se perfurar ligeiramente o fundo de sua casca. A fruta devia ser perfurada à mão, uma tarefa tediosa e demorada. Por que Amós era obrigado a cuidar de sicômoros? Judá ocidental, o oásis de Jericó e a baixa Galiléia eram as regiões onde os sicômoros cresciam em maior abundância. Os pastores

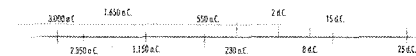
precisavam levar seus rebanhos a uma dessas regiões no fim do verão, depois que os pastos do deserto ficavam ressecados. Como era a época para espetar o fruto dos sicômoros, os proprietários da terra trocavam a permissão de pastoreio pela mão-de-obra. O pastor podia observar seu rebanho sentado nos fortes ramos do sicômoro, espetando seus frutos. Percebe-se que Amós não era um homem rico. Os pastores ricos contratavam outros pastores para cuidar de seus rebanhos. Amós seguia o seu rebanho pessoalmente (Am 7.15), e quando precisava espetar sicômoros, ele o fazia.

Amós profetizou durante os reinados de Uzias, rei de Judá, e Jeroboão, rei de Israel. Uzias foi rei de Judá de 792 a.C. a 740 a.C., embora, a partir de mais ou menos 752 a.C., ele tenha contraído lepra e partilhado o trono com seu filho Jotão. Jeroboão II foi rei de Israel de 792 a 753 a.C. Uzias e Jeroboão formaram uma aliança durante boa parte de seus reinados e, juntos, governaram brevemente uma área quase tão grande quanto o império de Davi e Salomão, mas por pouco tempo.

Quando foi escrita, a profecia de Amós foi datada de *dois anos antes do terremoto* (Am 1.1). É impossível saber de que terremoto se trata, porque não existem outras referências históricas a ele. Mas essa data, juntamente com o diálogo de Amós com Amazias, o sacerdote do templo de Jeroboão em Betel (Am 7.10-17), indica que o período de atividade profética de Amós foi curto, de muitos outros profetas. Amós partiu de Tecoa a Betel, proferiu seus oráculos proféticos e voltou para casa. Deve ter ficado em Betel somente alguns dias. Os oráculos que Amós proferiu devem datar de aproximadamente 755—754 a.C. De dois a três anos depois da aparição do profeta em Betel, Jeroboão II morreu, e Israel começou a declinar rapidamente. Dentro de trinta anos, a nação de Israel foi conquistada pelos assírios.

**LINHA DO TEMPO**

**CRONOLOGIA EM Amós**



Ano 792 a.C. — Começa o reinado de Uzias (Azarias) em Judá

Ano 792 a.C. — Jeroboão II é coroado rei em Israel

Ano 755 a.C. — Amós profetiza

Ano 753 a.C. — Termina o reinado de Jeroboão em Israel

Ano 752 a.C. — Jotão co-reina em Judá, com Uzias leproso

Ano 722 a.C. — A nação de Israel é conquistada pela Assíria



**ESBOÇO**

- I - Introdução — 1.1, 2
- II - Oráculos contra as nações — 1.3—2.16
  - A - Contra Damasco (Arã) — 1.3—5
  - B - Contra Gaza (Filístia) — 1.6-8
  - C - Contra Tiro (Fenícia) — 1.9,10
  - D - Contra Edom — 1.11,12
  - E - Contra Amom — 1.13-15
  - F - Contra Moabe — 2.1-3
  - G - Contra Judá — 2.4,5
  - H - Contra Israel — 2.6-16
- III - O juízo iminente de Israel — 3.1-15
- IV - A teimosia de Israel — 4.1—5.27
  - A - As mulheres privilegiadas de Israel — 4.1-3
  - B - Um convite sarcástico ao pecado — 4.4,5

- C - Cinco calamidades de Deus — 4.6-11
- D - A soberania de Deus sobre tudo — 4.12,13
- E - Uma lamentação sobre Israel — 5.1-3
- F - Um convite a buscar o Deus supremo 5.4-9
- G - Um apelo urgente ao arrependimento — 5.10-15
- H - O luto universal vindouro — 5.16,17
- I - O vindouro dia do Senhor — 5.18-20
- J - A adoração desonesta e infiel de Israel — 5.21-27
- V - Ai do frívolo e do injusto — 6.1-14
- VI - Três visões do desastre que viria sobre Israel — 7.1-9
- VII - Amós confronta Amazias, sacerdote de Betei — 7.10-17
- VIII - A visão de Amós do fim de Israel — 8.1-14
- IX - A visão do Deus soberano no altar — 9.1-10
- X - A promessa de restauração futura — 9.11-15

## COMENTÁRIO

1.1—2.16 — O SENHOR mandou Amós, que era de Judá, a Betel para profetizar o juízo que viria sobre Israel. Mas, em Betel, Amós se depa-rou com um público hostil. O primeiro rei de Is-rael, Jeroboão I, tornara a cidade um centro de adoração pagã. Como o templo de Jerusalém es-tava em Judá e não na nação de Israel, Jeroboão estimulara os israelitas a adorarem em Betel em vez de o fazerem em Jerusalém. Dessa forma, os israelitas que se agrupavam em Betel viam Amós, nativo de Judá, com suspeitas. Mesmo assim, Amós corajosamente condenou os pecados dos vizinhos de Israel – os sírios, os filisteus, os fení-cios, os edomeus, os amonitas e os moabitas. E prosseguiu apontando a iniquidade de Judá e de Israel: haviam rejeitado o Deus que fizera aliança com eles. Também estavam condenados perante Deus por suas próprias perversidades. Firmemen-te, Amós conclamou os israelitas a voltarem-se para o Deus vivo.

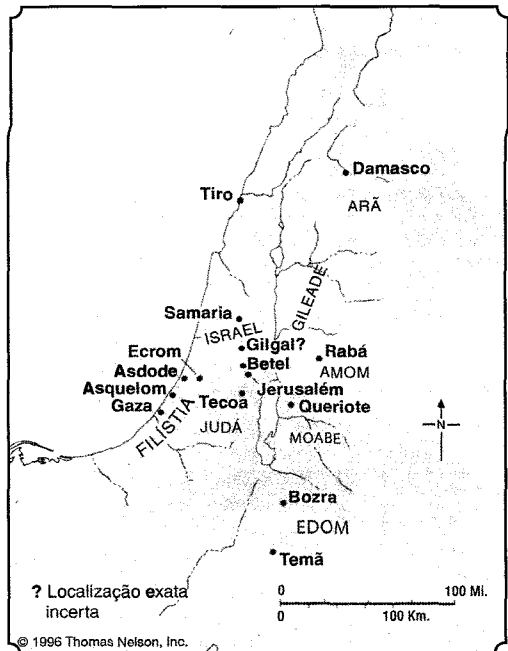
1.1 — *Tecoá* ficava a cerca de 15 km ao sul de Jerusalém, em uma região apropriada para a cria-ção de cordeiros e cabras. O terremoto, mencio-nado novamente em Zacarias 14.5, não pode ser datado com precisão.

1.2 — O templo ficava no monte Sião, a parte mais antiga de Jerusalém. Quando o Senhor bra-mia desse lugar, a nação ressecava ao calor da língua de fogo. O fato de o *cume* do monte Car-melo, na costa norte de Israel, *secar-se* indica um grande desastre. O Carmelo tinha jardins que normalmente mantinham sua exuberância e flo-rescimento o ano inteiro.

1.3 — *Assim diz o SENHOR*. Não havia quanto à autoridade que proferia estas mensagens. Era aprópria palavra de Deus.

*Por três... e por quatro*. Este recurso estilístico indicava como a paciência de Deus estava exau-rida – os sírios tinham persistido no pecado, sem cessar. Esse recurso é usado de novo quando Amós transmite as palavras de Deus contra uma nação pecadora após outra.

As *transgressões* dos vizinhos de Israel e Judá eram contra a revelação geral, ou “lei natural”,



### Amós – locais castigados por Deus

*Embora Amós fosse um simples pastor, Deus lhe dera conhecimento sobre territórios e nações além das pastagens da Judéia, onde ele cuidava de seus rebanhos. Pelo fato de o Senhor ter colocado mensagens proféticas em seus lábios, ele sabia a respeito do futuro trágico de cidades tão distantes quanto Damasco, na Síria (Am 1.5), e também das mais próximas, como Gaza, na Filistia (Am 1.6). Suas proclamações sobre o castigo iminente eram dirigidas aos fenícios, na cidade costeira de Tiro, e aos edomitas, nas terras áridas ao sul.*

que todas as pessoas reconhecem e obedecem. Como as nações vizinhas não tinham recebido a revelação específica de Deus, tal como Israel no monte Sinai, os oráculos de Amós não os chama-va à ordem por esse padrão, mas pelo padrão que *tinham* recebido.

*Damasco* era a capital da Síria (também cha-mada de Arã), um reino poderoso, que tinha sido adversário frequente de Israel durante toda a sua história. Os israelitas que foram à audiênci-a de Amós devem ter ficado felizes ao ouvirem que Deus castigaria Damasco. *Gileade* era a re-gião na margem leste do Jordão, do rio Jarmuque ao mar Morto. Pertencia a Israel desde que to-maram a terra, mas Arã tinha lutado muitas vezes com Israel pela posse do norte de Gileade,



conseguindo dominá-la quando Israel demonstrava fraqueza militar.

*Trilharam... com trilhos de ferro* indica extrema crueldade e desumanidade na guerra. Depois da ceifa, o trigo ou a cevada era disposto na eira, uma superfície plana e dura como a pedra ou terra batida. Um boi puxava um trenó de madeira pela eira. Os cascos do boi e as pedras afiadas engastadas no fundo do trenó separavam os grãos das cascas de trigo.

**1.4** — *Porei fogo... e ele consumirá os palácios.* Nas cidades da Antiguidade, incêndios eram grandes ameaças. As cidades tinham casas coladas umas às outras em ruas muito estreitas; havia muito pouca água para apagar efetivamente grandes incêndios.

*Hazael e Bene-Hadade* foram reis da Síria que trataram a Israel de forma particularmente cruel.

**1.5** — *E quebrarei.* Amós faz diversas referências à demolição de infraestruturas urbanas que ocorreriam no dia do juízo. Ele menciona especificamente as que pertencem à defesa das cidades. As antigas muralhas nas cidades costumavam conter pequenas fortalezas, ou cidadelas em pontos estratégicos ao longo de sua extensão, e

especialmente ao lado dos portões. Essas estruturas reforçadas serviam como posto de observação para os comandantes e como meio de defesa secundário caso as muralhas fossem penetradas. *Ferrolho* era o grande madeiro que, de dentro, barrava a entrada pelo portão da cidade. Se fosse quebrado, a cidade perderia sua segurança e poderia ser capturada facilmente.

*Biqueate-Áven... Bete-Éden.* Aqui, Amós talvez quis fazer um jogo de palavras. *Áven* significa “pecado”, em hebraico; Damasco era uma cidade-oásis verdejante à margem do deserto que podia ser comparado ao Éden. Mas, Amós também poderia estar referindo-se à região de Bete-Éden, na margem norte do rio Eufrates. *Quir* foi para onde o rei assírio Tiglate-Pileser III exilou os sírios de Damasco em 732 a.C. Depois, Amós fala de Quir como o local de onde originariamente provinham os sírios (Am 9.7).

**1.6,7** — *Gaza* era uma das cinco principais cidades dos filisteus, os tradicionais inimigos de Israel, que viviam na costa sudoeste de Canaã.

*Levarão em cativo... para os entregarem.* O principal método de aquisição de escravos estrangeiros no antigo Oriente Médio era capturá-los



## APLICAÇÃO

### DESVIADO POR MENTIRAS

Você já tentou minimizar a culpa por ter dito uma mentira com uma postura do tipo: “é claro que menti. Tudo mundo mente, não? O que tem de mais?” Parte do “de mais” é que, se você presumir que está juntando-se à maioria ao enganar, então, em quem você pode confiar, no fim das contas? Como você pode ter certeza de que está ouvindo a verdade, seja de quem for? Talvez todo mundo tenha adotado a mesma postura que você adotou: “todo mundo mente. O que tem de mais?”.

Amós alertou o povo de sua época que mentiras sempre os desviariam do caminho; a enganação sempre traria problemas. Na verdade, os problemas que enfrentavam naquele momento provinham, em grande parte, de terem seguido as mentiras de seus pais (Am 2.4). A afirmativa do profeta e a história de Israel demonstram que gerações internas podem sofrer tragicamente por causa de engano.

Ainda assim, as pessoas procuram enganar-se de muitas formas sobre a verdadeira natureza da mentira. Por exemplo, usamos eufemismos tais como, “mascarar a verdade”, “dizer uma mentirinha inofensiva” ou “tapar o sol com a peneira”. Também tentamos justificá-la dizendo que é normal, e até mesmo inevitável, como se mais cedo ou mais tarde fôssemos obrigados a mentir. Mas, a pior tragédia nessa forma de viver pode ser a de terminarmos por mentir e acreditar em mentiras a respeito de Deus (Rm 1.25) e a respeito de nós mesmos (1 Jo 1.10).

Mentir não é um fato inescapável da natureza humana. Deus não mente (Nm 23.19; Tt 1.2) e Ele nos manda não mentir nos Dez Mandamentos (Êx 20.16). Da mesma forma, Paulo exorta os crentes a não mentirem uns aos outros (Ef 4.25; Cl 3.9). Portanto, é possível falar e viver honestamente. Todavia praticar o engano é algo autodestrutivo. A longo prazo, não há integridade nesse hábito, porém, mais cedo ou mais tarde, a pessoa começa a desconfiar de todo mundo – inclusive de si própria.

na guerra. Havia muitas ocorrências de guerra aberta e invasões de pequena escala entre Filístia e Judá e entre Filístia e Israel, na longa história de sua inimizade. *Edom* controlava importantes rotas comerciais e mantinha relações comerciais com diversas nações; elas comercializavam escravos, dentre outros bens valiosos.

**1.8** — *Asdode* e *Asquelom*, cidades costeiras localizadas ao norte de Gaza, eram duas das cinco maiores cidades filistéias. *Ecrom*, também uma das cinco maiores cidades filistéias, situava-se no interior do continente.

**1.9,10** — *Tiro*, a principal cidade fenícia, ficava na costa noroeste de Canaã. Os fenícios eram mestres da navegação. *Tiro* e Israel tinham costurado juntos uma lucrativa aliança para ambos. Mas *Tiro* ignorou a antiquíssima *aliança dos irmãos*, e buscava lucro comercial vendendo escravos israelitas para *Edom*.

**1.11** — A nação de *Edom*, a sudeste do mar Morto, controlava importantes rotas de caravanas comerciais, estando assim muito envolvida com negócios.

*A seu irmão*. Os edomitas eram descendentes de Esaú, o irmão de Jacó. Mas, várias vezes durante o relacionamento complicado deles, *Edom* se aproveitou do infortúnio de Israel (ou de Judá) para ajudar outros a atacá-lo.

**1.12** — *Temã* e *Bozra* eram importantes cidades edomitas.

**1.13** — A nação de *Amom*, localizada a leste de Gileade, às margens do deserto, descendia de um dos filhos de Ló, o sobrinho de Abraão (Gn 19.36-38). Portanto, *Amom* se relacionava com Israel, embora não tão de perto como *Edom*.

*Fenderam... dilataram os seus termos*. Os amonitas matavam as grávidas para impedir o aumento da população israelita em Gileade, que estavam tentando sair do controle de Israel.

**1.14,15** — *Rabá* era a capital de *Amom*.

**2.1** Assim como *Amom* (Am 1.13), *Moabe* (localizada a sudeste de Israel) descendia de um dos filhos de Ló.

*Queimou os ossos*. Acreditava-se que esse ato profanaria os restos mortais de alguém que morreu em função de uma doença, um ato cruel na

Antiguidade e uma grande desonra para a memória da pessoa.

**2.2,3** — *Querioté* era uma grande cidade moabita. Era sede do templo de *Quemós*, o deus da nação de *Moabe*.

**2.4,5** — *Judá* era a vizinha de Israel, ao sul. Israel e Judá partilhavam de uma herança, uma língua, uma fé e uma aliança com o SENHOR.

*A lei do SENHOR... seus estatutos*. A base do juízo de Judá e de Israel era diferente da do juízo das nações que Amós chamara para prestar contas diante deles (Am 1.3—2.3). Judá e Israel tinham recebido a revelação específica de Deus no Sinai; tinham uma relação de aliança especial com Ele e eram um modelo de responsabilidade.

**2.6** — *Não retirarei o castigo*. Aqui, o foco muda para o público de Amós, Israel, o povo de Deus, que havia descumprido sua aliança com Ele. Deus estava chamando-os a responder por terem violado esse pacto.

*Vendem o justo por dinheiro*. Em Sua lei, Deus instruíra os israelitas a pagar seus débitos pelo trabalho escravo temporário – com condições humanas e por um tempo estritamente limitado (Lv 25.39-43; Dt 15.12). No tempo de Amós, os poderosos de Israel estavam aproveitando-se dos tribunais para vender devedores como escravos, aqui chamados de *justo*, porque eram vítimas inocentes da corrupção das cortes. *Por um par de sapatos* significa por pouco ou por nada.

**2.7** — *Suspirando pelo pó da terra*. Amós usou de exagero deliberado para retratar a ambição dos opressores de pobres. Insatisfeitos em tomar as fazendas de suas vítimas e vender o povo como escravo por dinheiro, os ricos gananciosos não deixavam os pobres irem embora até terem sacudido o pó de suas cabeças. Os *mansos*, aqueles que não tinham poder nem influência, deviam ter podido contar com a justiça para lhes amparar. Mas, a justiça lhes era negada. O resultado era que sua vida ficava cheia de pobreza, opressão e insegurança.

*Entram à* significa ter relações sexuais com alguém. *Mesma moça* sugere várias possibilidades: (1) pai e filho visitaram a mesma prostituta do templo, em adoração a deuses pagãos; (2) um



## APLICAÇÃO

### UMA NAÇÃO PERDE SUA CONSCIÊNCIA

A descrição que Amós faz de Israel é assustadora: *não sabem fazer o que é reto* (Am 3.10). A perversidade submerge a nação qual rio poderoso. O resultado é que o povo está afogando-se no pecado. Não sabem mais separar o certo do errado. Não há mais uma consciência nacional.

Uma nação está prestes a naufragar quando o bem e o mal se confundem para ela. Se as questões do certo e do errado nem mais passam pela cabeça das pessoas de uma nação, ela está em terríveis apuros. No caso de Israel, os inimigos estavam à espreita na próxima curva do caminho (Am 3.11,12).

E a sua nação, perdeu sua consciência? As pessoas chamam o bem de mal e o mal de bem? Ou pior: questionar a moralidade de seus atos nem lhes passa pela cabeça? Se for esse o caso, procure descobrir como você pode agir para aumentar essa consciência. Talvez você possa questionar as pessoas, pedindo-lhes para repensarem suas ações, e chamá-las à consciência de sua responsabilidade em temer a Deus. Talvez você não seja bem-recebido, mas Deus o honrará por ter ficado do lado do que é justo.

homem comprou uma escrava, fez dela sua concubina, e depois deu ao filho direitos sexuais sobre ela; (3) um homem casou com uma mulher, seu pai a seduziu, e tornaram-se amantes. Todas essas práticas eram ilícitas.

**2.8** — *Roupas empenhadas*, como garantia de um empréstimo, deviam ser devolvidas à noite, porque as roupas serviam de cama para os pobres (Êx 22.26,27). Os poderosos de Israel andavam espalhando as roupas como leitos para si próprios ao lado dos altares, procurando demonstrar uma devoção vazia e impiedosa.

**2.9,10** — *Não obstante eu*. Esta afirmativa enfática sublinha o fato de que Deus tinha destruído o inimigo de Israel; e o êxito da nação não tinha acontecido por mérito próprio. O *amorreu* se refere ao antigo povo habitante da terra de Canaã. Os *cedros* eram notáveis pela sua altura, e *carvalhos*, pela sua força. O *seu fruto por cima e as suas raízes por baixo* significa totalmente, completamente.

**2.11,12** — *Profetas* tinham um privilégio especial: Deus falava com eles e lhes entregava mensagens para o povo. Os *nazireus* se dedicavam a Deus com um voto que acarretava responsabilidades e proibições específicas, fosse pela vida inteira, fosse por um período determinado (Nm 6.1-21). A abstinência total de *vinho* era uma das características mais importantes do voto nazireu.

**2.13** — *Eu vos apertarei no vosso lugar* é uma forte metáfora do peso do pecado de Israel sobre o SENHOR. Esse é o mesmo Deus que, segundo o

profeta Isaías, mediu as águas da terra no câncavo de Sua mão, os céus com o palmo de Sua mão e que pesou as montanhas em Sua balança (Is 40.12).

**2.14-16** — Não existia força física, habilidade com armas de guerra, e nem mesmo os mais vigorosos cavalos de guerra que bastassem para os *valentes* militares se salvarem *naquele dia* em que Deus lançaria Seu juízo sobre eles. Se nem os fortes conseguiriam salvar-se, o que seria do resto do povo?

**3.1** — *Toda a geração que fiz da terra do Egito subir* enfatiza o relacionamento íntimo e pessoal que Deus tinha com Israel, a nação por Ele criada.

**3.2** — *A vós somente conheci*, neste contexto, significa *escolhi apenas você*. O relacionamento de Deus com Israel era não só íntimo como também exclusivo. Deus tinha sido fiel a Israel; mas Israel não tinha sido fiel a Deus. Por isso, a nação seria julgada.

**3.3-6** — Essa série de perguntas retóricas ilustra a seriedade, a certeza e a retidão da atitude que Deus estava por tomar contra Israel. Cada pergunta é formulada de modo a requisitar um sonoro *não* como resposta.

**3.7** — Essa declaração interrompe, ainda que realçando, a mensagem de Amós de que Deus é soberano e faz o que bem entende; o juízo contra Israel, portanto, era certo.

**3.8** — Mais duas perguntas retóricas concluem a série de nove (Am 3.3-6). Não faria bem a Israel

proibir o ato de profetizar (Am 2.12; 7.13,16); o verdadeiro profeta *deve* profetizar, tanto quanto o juízo de Deus *deve* acontecer.

**3.9,10** — *Asdode*, uma das cinco principais cidades filistéias, ficava no litoral mediterrâneo, a sudoeste de Israel. O fato de Deus convocar a Filístia e o *Egito* a testemunharem Seu juízo contra Israel significava que ambas as nações eram relativamente mais justas do que Israel. Não tinham recebido a revelação de Deus no Sinai; mas Israel, que a havia recebido, descumpria a Lei descarada e repetidamente.

**3.11** — Esse versículo ilustra uma sentença formal contra Israel, na presença de testemunhas convocadas por Deus (Am 3.9). Enfraquecer a *fortaleza* de Israel foi exatamente o que a Assíria fez nos anos seguintes à profecia de Amós, terminando por derrubar a nação em 722 a.C.

**3.12,13** — O *pastor* contratado era responsável pela segurança das ovelhas. Ele precisava compensar qualquer prejuízo, a não ser que conseguisse provar que fora inevitável. Um *leão* que pegasse uma ovelha traria um prejuízo inevitável, mas o pastor tinha que provar que um leão a levava. Alguns ossinhos ou um pedaço de *orelha* bastavam; o proprietário reconheceria o malfeito do leão. Tão completa quanto a destruição de uma ovelha por um leão seria a destruição de Israel que Deus levaria a cabo.

**3.14** — Os *altares de Betel*. Jeroboão I havia construído santuários em Betel e Dã para impedir os israelitas de viajarem a Jerusalém para adorar a Deus e, possivelmente, para impedir de voltarem a jurar fidelidade política à casa de Davi. Esses santuários de falsa adoração levaram muitos israelitas a ser infiéis a Deus. Os *chifres* representavam força. Se os chifres do altar fossem cortados, simbolizaria a fraqueza do altar e assinalaria a sua destruição.

**3.15** — As quatro casas aqui mencionadas eram todas símbolos de opressão. Muitas pequenas heranças tinham sido roubadas para formar as grandes propriedades dos ricos e poderosos, onde construíram suas casas opulentas.

**4.1,2** — *Basã*, a região a leste e nordeste do mar da Galiléia, era (e é) uma área de excelentes

pastos, famosa pelo seu gado. A expressão *vacas de Basã* refere-se às mulheres de pele macia, gordas e bem-alimentadas de *Samaria*. Amós não estava condenando a prosperidade em si, mas a forma como essas mulheres e seus homens tinham obtido sua prosperidade, por meio da opressão e do roubo dos pobres e indefesos. Eram mulheres de famílias poderosas, que não só estimulavam seus maridos a oprimirem mais, para poderem beber cada vez mais vinho em eventos sociais cada vez mais rebuscados, como também oprimiam elas próprias os *pobres* e eram cruéis com os *necessitados*. O registro bíblico é claro quanto ao fato de que as israelitas, pelo menos as da classe mais abastada, podiam participar de todo tipo de atividade econômica, por si mesmas, independente de seus maridos (Pv 31.10-31). Dada a opressão sistemática contra os pobres de Israel descrita por Amós, não é de espantar que ele acuse as mulheres das classes altas de participarem dela.

**4.3** — O termo *brechas* simbolizava a completa destruição da cidade e dos lares que o povo tanto prezava. Em uma cidade intacta, a forma comum de entrar e sair dela era pelo portão principal. Todavia, Samaria ficaria em escombros tais que os deportados seriam despachados diretamente pelas brechas nas paredes de suas casas e nas muralhas da cidade.

**4.4,5** — Este trecho é uma convocação amargamente sarcástica à adoração. *Betel*, cidade que ficava na estrada serrana central, dentro da fronteira de Israel com Judá, era a sede do santuário mais importante do sul de Israel. *Gilgal* se refere a um local no vale do Jordão em que Israel havia acampado antes e depois da tomada de Jericó (Js 5.10; 9.6). Portanto, Gilgal tinha conexões históricas com a origem da fé e o começo da vida de Israel na terra.

*Porque disso gostais*. Ignorando a vontade de Deus, os israelitas faziam conforme lhes aprazia. Adoravam o banquete que fazia parte dos festivais de sacrifício, mas não os apelos de Deus por justiça.

**4.6-11** — Esse trecho descreve cinco calamidades em série que Deus já mandara contra os israelitas para levá-los ao arrependimento. Uma

característica forte desta narrativa é a alegação enfática de Deus de que os israelitas tinham culpa desses desastres terem acontecido com eles. Cada estrofe termina com o trágico estribilho: *contudo, não vos convertestes a mim*.

4.6 — A primeira calamidade foi a fome. A antítese *limpeza de dentes... e falta de pão* indicava total falta de víveres.

4.7,8 — A segunda calamidade foi a seca. A ausência de chuvas *faltando ainda três meses para a colheita* significava que as plantações de cereais estavam totalmente destruídas.

4.9 — A terceira calamidade foi a praga na lavoura e gafanhotos.

4.10 — A quarta calamidade foi a peste e a guerra. À *maneira do Egito* sugere que Deus estava relembrando ao povo de Israel as dez pragas que tinham precedido o seu êxodo do Egito; dentre elas, havia doenças epidêmicas e outros desastres. O *fedor dos vossos exércitos* resultava da falta de higiene, da doença e, às vezes, de cadáveres de pessoas e animais que não podiam ser enterrados com a rapidez necessária.

4.11 — A quinta calamidade foi a destruição de cidades israelitas. A queda de *Sodoma e Gomorra* virou uma balança pela qual se mediram vários desastres posteriores. Significava destruição total, dispensada em juízo pela mão do próprio Deus (Gn 19.24,25).

*Como um tição arrebatado do incêndio* se refere a um graveto tirado de uma fogueira com uma ponta já em brasa. Aqui, é uma metáfora vívida para o resgate por Deus, na última hora, da maior parte de Israel do destino que Ele reservou para algumas de suas cidades e territórios.

4.12 — Como Israel não havia se voltado para Deus em meio a essas cinco calamidades, ele teria que se encontrar com o próprio Deus. Confrontar-se – inescapavelmente – com o Deus, a quem escarnecera e rejeitara, seria um destino bem pior do que Israel poderia imaginar.

4.13 — Amós fundamentava o direito de Deus de enviar juízo sobre Israel em Seu caráter como Criador e Mantenedor de toda a terra, uma base ainda mais sólida do que o fato de ter libertado os israelitas do Egito. Deus é soberano sobre toda a

terra; por causa disso, poderia chamar Israel, e qualquer outra nação, à prestar contas.

Em *forma os montes*, o verbo *forma* em hebraico deriva da palavra normalmente traduzida como *oleiro*. Com a facilidade com que um oleiro molda vasos de cerâmica, Deus molda montanhas.

*Vento* também significa *espírito*. A ambiguidade dessa palavra pode ser proposital. Deus cria tanto o vento como o espírito humano. Sendo assim, Ele tem soberania sobre ambos.

5.1,2 — O termo *virgem de Israel* retrata a nação como uma jovem cuja vida foi interrompida antes de ter começado. *Na sua terra é um lembrete* de que a terra fora presente de Deus a Israel. Sendo infiel, o povo havia transformado o presente de Deus em seu local de morte e enterro.

5.3,4 — A lamentação prossegue com uma imagem diferente da destruição de Israel: as tropas que Israel mandaria para defender o seu território. Em vez de salvar a nação, os próprios exércitos seriam dizimados.

5.5 — *Berseba*, localizada a cerca de 80 km a sudoeste de Betel, era a sede de um templo na época de Amós.

5.6 — *A casa de José*, aqui, refere-se a toda a nação.

5.7 — *Alosna*, planta da família dos ásteres, que tem um sabor amargo, é usada várias vezes na Bíblia como metáfora para tristeza e amargura.

5.8 — *Sete-estrela* refere-se a um grupo de estrelas dentro da constelação de Touro. *Órion* se refere a uma constelação bem destacada no céu sulino, que tem a forma de um caçador, e que contém duas estrelas de primeira grandeza. Uma das práticas idólatras de Israel era a adoração aos astros. Longe de serem deuses, assegurava o profeta Amós, as constelações também eram criações de Deus.

*Torna a sombra... como a noite*. Deus criou e conserva o ciclo diário de luz e treva usando seu servo, o sol, que não era divindade.

*Chama... a terra*. Deus, e não Baal, Dumuzi, ou qualquer outro deus de fertilidade, foi quem criou e conserva o ciclo atmosférico das águas, pelo qual a terra recebe a chuva necessária.



## EM FOCO

## BUSCAI (HB. DARASH)

(Am 5.4; Ed 6.21; 7.10; Sl 119.10; Is 34.16; 55.6)

Este verbo hebraico poderia ser traduzido corretamente como *perguntar de alguém, pedir buscar*. O termo transmite a ideia de *ir ver*, no sentido de verificar pessoalmente algo que foi dito, ou de *buscar*, no sentido de esforçar-se para conseguir a resposta a uma pergunta. Amós estimula o seu público a buscar a vida no Deus vivo, e não nos ídolos mortos de Betel e Gilgal (Am 5.4).

O salmista encontrou ajuda naquela época difícil, buscando o SENHOR (Sl 34.4; 77.2). Em diversas ocasiões, os israelitas foram incentivados a buscar Deus, preparando seu coração para Ele por meio do arrependimento com humildade (1 Cr 16.11; 2 Cr 30.19).

O SENHOR é o seu nome ressalta a singularidade do Deus de Israel. Ele não é apenas o Deus de uma nação; Ele é o único Deus.

**5.9** — O Deus que criou e conserva os processos de todo o universo obviamente pode fazer valer o Seu juízo, mesmo contra os fortes da terra e suas fortalezas.

**5.10** — A porta era o local do tribunal da cidade, onde a justiça devia ser defendida em todos os processos, fossem eles cíveis ou penais.

**5.11** — Os impostos eram recolhidos em espécie dos que tinham poucos recursos, em ouro e prata. Exigir um tributo de trigo dos pobres era fazê-los correr o risco de morrerem de fome se a colheita não tivesse sido generosa. Mas, os ricos e os poderosos tinham recursos para construir casas de pedra lavrada para si próprios. Deus prometeu que os ricos não desfrutariam de seus luxos obtidos à custa do ganha-pão dos pobres e indefesos.

**5.12** — São muitas... pecados. Os líderes de Israel não pecavam incidental nem furtivamente; pecavam à luz do dia e constantemente, como se Deus nunca tivesse se revelado e a Seus padrões de justiça e compaixão.

**5.13** — O que for prudente. Até os que tinham conhecimentos que podiam significar justiça para o pobre foram intimidados a manterem-se em silêncio, sabendo que poderiam sofrer violências caso se pronunciassem contra os ricos e poderosos.

**5.14,15** — Amai o bem. É como se o profeta interrompesse seu discurso para rogar a Israel que retornasse a Deus, evitando assim o juízo que lhe reservara, caso não o fizesse.

Como dizeis. Louvando o nome do SENHOR, os israelitas invocavam a presença do SENHOR em seu meio, com preces e bênçãos. Se começassem a viver como Deus lhes ensinara na Lei, de fato Ele estaria com eles.

**5.16,17** — A atitude que Deus pretendia tomar seria passar pelo meio da nação. Uma visita de Deus é um acontecimento abominado e lamentado por quem não está pronto para se encontrar com Ele.

Em todas as vinhas. Geralmente, a vinha era um lugar de alegria e felicidade.

**5.18** — A teologia popular da época de Amós parecia ansiar pelo dia do SENHOR como a época da restauração de Israel como potência militar, política e econômica; talvez, com a mesma grandeza da época de Davi e Salomão. Amós declarou que essas esperanças eram inúteis e, até mesmo, dignas de pena. O dia que as pessoas aguardavam como de luz e de triunfo seria, isso sim, um tempo de trevas e de ruína para elas.

**5.19,20** — As metáforas do urso e da cobra evocam o terror que se segue quando a pessoa escapa de um perigo terrível e sente-se exausta, mas aliviada; e então percebe outro perigo pior, e tão perto, do qual não se pode escapar.

**5.21-23** — Deus prometera que, se os israelitas o honrassem em sua vida, Ele teria prazer, agradar-se-ia e atentaria aos sacrifícios de Israel e ouviria suas palavras. Afirmando que não aceitaria nem ouviria mais os sacrifícios de Israel, Deus estava rejeitando a adoração hipócrita, desonesta e inexpressiva de Israel.



**COMPARE**

**DEUSES PAGÃOS ADORADOS NA ÉPOCA BÍBLICA**

Uma das principais responsabilidades de Amós como profeta de Deus era anunciar o *dia do SENHOR*, a época do juízo de Deus contra o perverso Israel. A idolatria, talvez mais que qualquer outro pecado, era o motivo desse castigo iminente. A história de Israel está repleta de apostasia, pois os filhos de Deus adoravam os falsos ídolos dos seus vizinhos cananitas.

Em Amós 5.26, no versículo original, o profeta identifica *Quium* como objeto da adoração de seu povo. A tabela a seguir lista alguns deuses pagãos mencionados no Antigo e no Novo Testamento.

Deus pagão	Descrição	Referência bíblica
<b>Antigo Testamento</b>		
Astarote	A esposa ou alma gêmea de Baal.	Jz 2.13
Bel	Um Deus identificado com Merodaque (Marduque), principal deus babilônico.	Is 46.1
Quemós	O Deus dos moabitas e amonitas.	Jr 48.7,13
Quium	Um deus-astro, identificado com Saturno.	Am 5.26
Dagom	O principal deus filisteu.	1 Sm 5.2-7
Merodaque	O principal deus babilônico, ligado à guerra. Também chamado de Marduque.	Jr 50.2
Moloque	O Deus amonita ligado ao sacrifício de crianças.	Lv 18.21
Nebo	O Deus babilônico da sabedoria e das artes.	Is 46.1
Remon	O Deus sírio da chuva.	2 Rs 5.18
Dumuzi	O Deus da fertilidade babilônico.	Ez 8.14
<b>Novo Testamento</b>		
Gêmeos	Castor e Pólux, filhos gêmeos de Zeus, principal deus grego.	At 28.11
Zeus	Principal deus grego.	At 14.12,13
Hermes	O Deus grego do comércio e da velocidade.	At 14.12,13

*Festas e assembléias solenes* se referem, em geral, à toda a adoração de Israel diante de Deus.

*Holocaustos... ofertas de manjares... ofertas pacíficas.* Para mais detalhes sobre o sistema de sacrifícios consulte Levítico 1—3.

**5.24** — Depois de rejeitar a adoração vazia de Israel, como barulhenta e tumultuosa, Deus invocou o tumulto honesto das águas do *juízo* e o *ribeiro* perene da *justiça*, a base do verdadeiro louvor e adoração ao SENHOR.

**5.25** — Este versículo é uma pergunta retórica cuja resposta esperada é *sim*; Israel *havia* adorado a Deus *no deserto*.

**5.26** — Israel não louvara somente ao SENHOR, nem mesmo nos primeiros dias no deserto. *Moloque* e *imagens* eram divindades pagãs; ao que

parece, Israel havia fabricado imagens de deuses estrangeiros. Aquele que realmente acreditava no SENHOR entendia sem questionar o fato de que qualquer deus feito pela mão humana não era realmente deus.

**5.27** — Como o povo de Israel insistira em adorar outros deuses, inclusive divindades astrais, Deus o mandaria ao exílio, para terras onde essas divindades parecessem reinar soberanas. Israel seria exilado *para além de Damasco*, a capital da Síria, em regiões da Assíria e além.

**6.1** — *Sião* se refere a Jerusalém, a capital de Judá (o Reino do Sul). *Samaria* era a capital de Israel (o reino do norte). Na época da profecia de Amós, Israel e Judá tinham desfrutado juntos de

quase uma geração de poder militar e prosperidade econômica. Tornou-se normal para os oficiais de Jerusalém e de Samaria considerarem-se como pessoas *que têm nome*.

**6.2** — A elite de Israel se gabava de que nenhuma outra nação era maior que a deles. Essa jactância se voltou contra eles, porque assim como Calné, Hamate e Gate estavam sujeitas à dominação dos assírios, Israel também seria subjugado por eles. *Calné*, cidade do norte da Síria, era a capital de um pequeno reino. *Hamate*, cidade importante da Síria central, ficava a norte de Damasco. *Gate*, uma das cinco principais cidades filistéias, ficava a sudoeste de Israel.

**6.3** — A frase *Vós, que dilatais o dia mau* refere-se aos que insistiam que Israel era forte demais para que a destruição acontecesse sem demora à nação.

**6.4-6** — Este trecho descreve a vida extravagante que os ricos levavam, estilo de vida pago com a riqueza roubada dos pobres. *Marfim* tinha sido importado por Israel do sul, desde pelo menos a época de Salomão, provavelmente da misteriosa terra de Ofir, via Sabá. Ele era muito usado na fabricação de ídolos. Em Samaria, os arqueólogos encontraram muitas placas em marfim e madeira marchetada, que retratam deuses e deusas egípcios e siro-fenícios.

*Cordeiros... bezerras*. A carne era um luxo para boa parte das famílias do antigo Oriente Médio, sendo consumida apenas em ocasiões especiais. Comer carne diariamente era privilégio exclusivo dos ricos e poderosos. As classes abastadas de Israel estavam tão acostumadas com seus privilégios e luxos que não ligavam para a aflição de seus irmãos israelitas, embora ela tenha sido causada por suas transgressões.

**6.7** — O juízo de Deus seria tanto apropriado como irônico. Quem se imaginava líder da nação guiaria sua nação para o exílio.

**6.8,9** — Se Deus faz um juramento, Ele jura *pela sua alma*, porque não há ninguém maior que Ele. Em seus oráculos contra as sete nações (caps. 1 e 2), Amós profetizara a destruição de seus palácios. Agora era a vez de Israel. As sólidas fortalezas dos palácios representavam tanto a

*soberba de Jacó*, confiando em sua própria força, como a opressão aos fracos, cuja riqueza roubada financiava a construção de tais palácios.

*Entregarei a cidade*. Deus cuidaria pessoalmente da destruição de Samaria e de seus orgulhosos habitantes.

**6.10,11** — Estes versículos ilustram o resultado do juízo de Deus, quando os parentes chegaram para levar os corpos embora. A frase *ao que estiver nos cantos da casa* pode estar referindo-se ao último sobrevivente, moribundo, mas ainda não morto. Nesse contexto, podia-se esperar que essa pessoa invocasse o nome de Deus e Sua ajuda, depois de ter respondido: *ninguém*. Antes que pudesse fazer isso, porém, o que perguntou o silenciaria, com medo de atrair mais ainda a atenção de Deus, pelo uso de Seu nome. As pessoas que não acreditavam que Deus viria julgá-las agora teriam medo dos novos desastres que Ele poderia infligir-lhes.

**6.12** — Citando dois atos, obviamente impossíveis de acontecerem, em áreas do dia-a-dia com que todos os israelitas tinham familiaridade, Amós esperava fazê-los enxergar a impossibilidade moral da perversão da justiça praticada por Israel. Tão absurda e impossível, à vista de Deus, quanto cavalos subindo em penhascos verticais ou bois arando o mar, era a perversão da justiça praticada por Israel – ou por qualquer outra nação. *Fel* é uma erva venenosa e amarga.

**6.13,14** — O orgulho de Israel por sua força militar seria sua derrocada. *De nada* na tradução da ARA corresponde ao nome de uma cidade a leste do Jordão, Lo-Debar, que Israel tomou de volta da Síria quando esta enfraqueceu Damasco. No texto original e na ARA também é citada Carnaim, cidade a leste do Jordão, próxima à fronteira mais distante dos domínios israelitas, que também foi recuperada quando a Assíria enfraqueceu a Síria. O castigo de Deus a Israel seria apropriado ao seu pecado: o orgulho. Como os israelitas pensavam ter expandido suas fronteiras por sua própria força militar, Deus permitiria que eles fossem assediados e derrotados de fronteira a fronteira. O *ribeiro da planície* (na ARA, o ribeiro da Arabá) refere-se ao vale desér-



tico que delimitava os domínios israelitas ao sul. De norte a sul, de fronteira a fronteira, Deus permitiria que Israel fosse derrotado nas batalhas; assim, eles perceberiam que sua própria força não valia de nada.

**7.1** — *Formava gafanhotos*. O texto bíblico de Joel 1.4—2.11 descreve a devastação que os gafanhotos levam à agricultura, atacando toda folha verde e raminho, e chegando a matar árvores. A *erva serôdia* refere-se aos últimos brotos das lavouras e pastos, evidentemente incluindo o feno, antes da parte seca do verão. *Da segada do rei* deixa implícito que o rei levava a primeira colheita de feno como imposto. Assim, se a colheita serôdia fosse devorada pelo enxame de gafanhotos, as pessoas ficariam sem nada para si mesmas, dando um forte golpe na economia.

**7.2,3** — *Como se levantará agora Jacó*. Se Deus realizasse o castigo prometido, Jacó (a nação de Israel) poderia ser destruído. Uma das funções do profeta era servir de intercessor pelo povo diante de Deus. Amós orou para que a visão decretada no céu fosse suspensa antes que acontecesse na terra. Amós se baseou, para fazer seu pedido, numa avaliação honesta da situação de Israel. Eles não eram grandes nem fortes como pensavam, mas sim pequenos e frágeis. Devido à intercessão de Amós, e pelo Seu próprio amor a Israel, Deus susteve o Seu decreto.

**7.4-6** — Convocar a *contender* significa levar ao tribunal ou abrir um processo contra Israel. Julgar *por meio do fogo* significa que, pelo fogo, teria julgado e castigado a Israel. O *grande abismo* significa as águas primordiais que ficavam sob o firmamento, depois que Deus o criou (Gn 1.6-8). Ele incluí os oceanos e mares, e as águas subterâneas que são os nascedouros das fontes e dos poços. Se as profundezas fossem ressecadas pelo fogo, significaria que a terra estaria numa devastação irremediável. A *terra* se refere ou à parte da terra que Deus atribuiu a Israel, ou a Israel como a porção de Deus entre as nações da terra.

**7.7-9** — *Um prumo* é um fio com um peso amarrado na ponta usado para estabelecer uma linha vertical, que servirá como base para se construir uma parede reta.

*Que vêes tu, Amós?* De modo diferente das duas primeiras visões de desastres naturais, as visões do prumo e da cesta de frutas de verão (Am 8.1) não eram auto-explicativas. Deus perguntou a Amós o que ele estava vendo, e depois explicou o que aquela visão significava. Também de forma diferente das duas primeiras visões, Deus não deu oportunidade a Amós para interceder, e nem se apiedou. Esses juízos seriam levados a cabo. O prumo da revelação de Deus pela lei tinha sido posto *no meio* de Israel havia muitas gerações. Agora Deus estenderia um prumo para demonstrar como o povo estava “torto” em sua observância dos mandamentos que Ele dera.

Os *altos* se referem a templos, sacrários e outros santuários geralmente dedicados a divindades pagãs. *Isaque*, o pai de Jacó, representa todo o Israel na época de Amós.

*Jeroboão* pode ser uma referência a Jeroboão I, primeiro rei de Israel, que instituiu a idolatria no reino do norte (1 Rs 12.25-33), ou a Jeroboão II, monarca na época dessas profecias. Se for a Jeroboão, então a *casa de Jeroboão* é uma metáfora para a nação. Se for a Jeroboão II, então a profecia fala especificamente sobre a casa real. No versículo 10, a profecia é interpretada por Amazias como se referindo ao rei em exercício. Jeroboão II não morreu pela *espada*, mas seu filho Zacarias foi assassinado, após reinar por apenas seis meses (2 Rs 15.8-10).

**7.10,11** — *Amazias*, o sacerdote encarregado do templo de Betel, informou ao rei que havia um profeta fazendo ameaças contra a casa do rei. Amazias reagia à terceira visão de Amós, que terminava com a promessa de Deus de levantar a espada contra a casa de Jeroboão. Amazias via as palavras de Amós como uma ameaça política, e relatou-as não como uma profecia de Deus, mas como uma convocação de Amós à revolta.

**7.12,13** — Depois de enviar seu relatório a Jeroboão, Amazias voltou sua atenção para o próprio Amós. Como Amazias era oficial do rei, sua ordem a Amós para voltar a Judá seria equivalente a tornar Amós oficialmente malquisto em Israel. Amazias não estava preocupado com o fato de Amós ter enunciado uma mensagem de Deus,

mas somente em proteger os interesses do rei desse profeta fomentador de rebeliões.

**7.14-17** — A resposta de Amós a Amazias teve duas partes. Primeiro, ele negou ter a profissão de profeta. A expressão *nem filho de profeta* indica não só que o pai de Amós não era profeta, mas também que Amós não tinha sido treinado para profetizar.

O *SENHOR me tirou*. Amós deixou claro que não desejara nem buscara a tarefa de profetizar. A segunda parte da resposta de Amós dirigia-se contra o próprio Amazias.

*Tua mulher se prostituirá*. A única maneira de a mulher de um oficial importante como Amazias ser reduzida a prostituir-se seria se toda a sua família e todos os seus recursos lhe faltassem e ela fosse deixada totalmente à própria sorte. O restante do oráculo de Amós previa que seria isso precisamente que aconteceria à família de Amazias.

A frase *a tua terra será repartida* indicava que ela seria repassada ou vendida a novos proprietários. Como alto oficial do rei, com certeza Amazias possuía grandes propriedades; não lhe restaria propriedade alguma. *Terra imunda* significava terra de pagãos.

**8.1-3** — *Frutos do verão*. As frutas que amadureciam no final da colheita, no final do verão, eram uvas, romãs e figos.

*Chegou o fim*. Amós não podia entender o sentido dessa visão até Deus ter se pronunciado. A perversidade de Israel estava prestes a resultar em uma colheita-juízo. A maioria das boas colheitas constitui-se em tempos de alegria. Mas, nessa colheita, *os cânticos do templo* – os cânticos de ação de graças – virariam choro, pois a ceifa seria a da morte.

**8.4** — O termo *destruís* implica deixar sem meio de sobrevivência.

**8.5** — A festa da *lua nova*, comemorada no primeiro dia do mês do calendário hebraico, era um dia de sacrifícios especiais, um festivo *sábado* (Nm 28.11-15; 1 Sm 20.5). Em vez de cumprir a lua nova e o *shabbat* semanal com adoração, agradecimentos e descanso, as pessoas estavam impacientes para continuar a fraudar e oprimir os pobres.

Em tempos bíblicos, o *efa* era a medida mais comum de volume seco. Diminuir o *efa*, portanto, era enganar o freguês, roubando no peso. O *siclo* era uma unidade monetária. Aumentar o *siclo*, portanto, era roubar no preço (peso da prata), em relação à mercadoria entregue.

**8.6** — O sistema de servidão temporária, usado em Israel, para membros da comunidade da aliança deveria ser humanizado e ter um tempo delimitado (Êx 21.2,3; Lv 25.39-55). Os ricos e poderosos da época de Amós estavam fazendo dos pobres de Israel escravos, depois de os despojarem de suas terras.

*As cascas do trigo*. As cascas e o refugo de eira, talvez até com fungos ou umidade, eram misturados ao trigo de qualidade para engrossá-lo e, assim, aumentar os lucros.

**8.7** — A fórmula do juramento hebreu ressalta a sua seriedade: Deus não se esquecerá. A expressão *as suas obras* se refere às injustiças econômicas que Amós atacou nos versículos 4-6, bem como outros pecados, inclusive a infidelidade a Deus.

**8.8** — As expressões *o grande rio* e *o rio do Egito* referem-se ao rio Nilo.

*E será arrojada, e se submergirá*. O Nilo sobe e desce vários metros em sua enchente anual. Amós pode ter tido a intenção de retratar um forte terremoto, em que as subidas e descidas da terra seriam tão trágicas quanto as vazantes e cheias do Nilo. Embora as enchentes do Nilo costumassem ser bem suaves no Egito, um terremoto que se parecesse com uma delas seria de fato violento.

**8.9,10** — O juízo de Deus reverteria tudo radicalmente – a luz à escuridão e a alegria ao luto. *Naquele dia* deve estar referindo-se ao *dia do SENHOR* (Am 5.18). *Saco*, um tecido áspero de pêlo de cabra ou camelo, era uma roupa desconfortável de se usar. Era, portanto, usado sobre a pele como sinal de luto ou de grande aflição. Raspar a cabeça para criar uma *calva* temporária era outro sinal de luto.

**8.11** — Em Amós 4.6, o profeta lembra ao povo de Israel que Deus enviara a fome à nação, e ainda assim o povo não havia se voltado para Ele. Agora, a fome seria não de comida, *mas de ouvir as palavras do SENHOR*.

**8.12,13** — *De um mar até outro mar* significa do mar Morto ao Mediterrâneo.

*Por toda parte.* Quem procurasse a palavra de Deus em Israel teria de percorrer todo o entorno do território israelita, mas sem resultados.

*As virgens formosas e os mancebos* referem-se àqueles que são os mais vigorosos e capacitados a sobreviver.

**8.14** — *Dã*, no extremo norte, e *Berseba*, no extremo sul, eram as fronteiras dos domínios significativos de Israel. No tempo de Amós, Berseba ficava no reino de Judá. Israel podia até fazer juramentos em nome do SENHOR, alegar que o adorava fielmente, do extremo norte ao extremo sul de sua terra, mas isso não aliviaria a fome da palavra de Deus.

**9.1** — O povo esperava que a visão de Deus sobre o altar fosse um bom sinal para eles, abençoando-os com Sua presença. Mas, na verdade, Deus estava lá para começar a destruir a nação a partir do altar.

*Todos eles... o último deles.* Aqui, refere-se aos israelitas sem fé.

**9.2** — *Inferno... céu.* Segundo essa metáfora, os israelitas fugitivos do juízo de Deus não poderiam escapar nem para cima, nem para baixo; Deus os encontraria, não obstante para onde fugissem.

**9.3** — Se nem o universo poderia esconder os fugitivos, tampouco a terra o conseguiria. *O cume do Carmelo* representava o ponto mais alto da terra. Estivessem eles nessa altura, ou *no fundo do mar*, a terra não os esconderia.

**9.4-6** — Nem mesmo o *cativo* em terras inimigas os protegeria do juízo de Deus sobre Israel. *Eu porei os meus olhos sobre eles* costuma ser uma fórmula que expressa a bênção de Deus sobre o povo de Israel; aqui, alude à concretização das maldições sobre eles por terem descumprido a aliança mosaica.

**9.7** — O termo *etíopes* refere-se à região próxima ao horizonte sul do conhecimento geográfico de Israel, o sul do Egito. A pergunta retórica de Deus dizia a Israel que não eram apenas eles que recebiam o zelo e a atenção de Deus. Deus ama todos os povos, até mesmo os *filisteus* e os

*sírios.* *Caftor* se refere à Creta, uma grande ilha do mar Mediterrâneo.

**9.8** — A expressão *este reino pecador* é Israel.

*Mas não destruirei de todo.* Trata-se de um raio de esperança em um longo trecho sobre juízo e destruição. O julgamento de Deus seria severo, mas haveria sobreviventes.

**9.9,10** — Peneirar cereais *no crivo* era a última parte da limpeza de cereais, antes de juntá-lo para armazená-lo. Ao abanar os cereais, toda a casca era retirada; só restavam pedras e grãos de terra misturados ao cereal. O crivo (peneira) tinha furos do tamanho certo para o cereal cair quando sacudido, retendo apenas pedras e outros detritos. Sendo assim, *um só grão* refere-se ao menor das pedras; ele não passaria na peneira junto aos cereais limpos.

**9.11,12** — *A tenda de Davi.* Amós retrata a casa real de Davi metaforicamente, como uma “tenda” maltratada e caída. Judá era um abrigo desabado, em ruínas, incapaz de proteger o seu povo de qualquer tempestade.

*Como nos dias da antiguidade* retrata a nostalgia do povo de Israel pelos dias de glória dos reinados de Davi e Salomão, quando viviam fortes, prósperos e seguros.

O termo *nações* refere-se aos povos à volta de Israel e Judá.

*Chamadas pelo meu nome* é uma atribuição de soberania e propriedade.

*Diz o SENHOR, que faz estas coisas.* Deus em pessoa realizaria a tarefa.

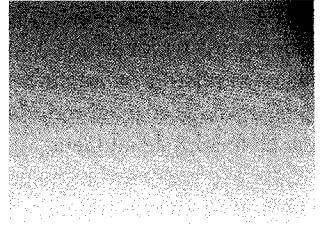
**9.13** — Os fazendeiros israelitas aravam a terra no início da temporada de chuvas, a partir da metade de outubro. Eles colhiam a lavoura de cereais – primeiro a cevada, depois o trigo – do final de março ao começo de junho. *O que lavra* alcançar *o que sega* significaria uma colheita tão abundante que duraria o verão inteiro e não estaria esgotada até a época de arar de novo. As uvas eram colhidas dos meados do verão até o princípio do outono. A plantação de cereais era semeada depois da aragem, no final do outono. *O que pisa as uvas* alcançar *o que lança a semente* significaria uma colheita de uvas tão abundante que duraria várias semanas. A colheita das uvas

seria tão boa que daria a impressão de que dos próprios *montes* e *outeiros* estariam fluindo rios de *vinho*.

9.14 — A recuperação prometida reverteria completamente o castigo que Deus planejava dar a Israel.

9.15 — Assim como Israel plantava vinhedos, campos e pomares, também Deus plantaria o Seu povo *na sua terra*, para nunca mais serem *arrancados* e levados ao exílio. As palavras *diz o SENHOR, teu Deus*, são as últimas da profecia de

Amós. Deus faria o que ameaçara fazer por intermédio de Amós – se Israel não se voltasse para Ele. Deus também faria aquilo que prometeu por intermédio de Amós nos últimos versículos desse livro. Deus não deixa de lado Suas promessas, nem Sua aliança, nem deixa o Seu povo sem esperança. O castigo de Deus é certo, mas Sua restauração é tão certa quanto. Essa palavra de esperança para o povo de Deus daquele período histórico é tão válida para o povo de Deus hoje quanto o foi naquela época.



O livro de

---

# Obadias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O**badias é um dos dois únicos profetas menores que se dirigem a outra nação, além de Israel ou Judá. O livro trata da antiga contenda entre a nação de Israel e a nação de Edom; entre os descendentes de Jacó e os descendentes de seu irmão, Esaú. Por meio do profeta Obadias, o SENHOR expressou Sua indignação contra a nação de Edom. Em vez de ajudarem seus parentes, os edomitas estavam aproveitando-se da situação dos israelitas e invadindo suas casas. Estava chegando o dia — *o dia do SENHOR* — em que tais ofensas seriam acertadas. O SENHOR julgaria o mundo.

Em 586 a.C., o exército de Nabucodonosor massacrrou Judá e destruiu Jerusalém e o templo de Salomão, pondo fim à existência de Judá como uma nação independente. Edom, que mantinha laços estreitos com Judá,

deveria ter ajudado seus refugiados. Entretanto, em vez de mostrar solidariedade, Edom entregou os que estavam na Judéia nas mãos dos conquistadores babilônios. Os edomitas foram capazes até mesmo de assassinar alguns dos refugiados. Tal traição não poderia ser ignorada. Deus deu a Obadias uma dura mensagem para entregar a Edom; um aviso acerca do juízo de Deus pela maneira desumana com que os edomitas haviam tratado os fugitivos da Judéia.

O orgulho e a autossuficiência assumida dos edomitas constituíram a causa de sua queda. Sela, sua capital e fortaleza, considerada inatingível pelos edomitas, tornou-se túmulo para eles. Os vizinhos árabes atacaram Edom, apossaram-se de sua terra e de todos os seus bens. Os edomitas foram forçados a ir para a região conhecida

como a Judá do sul. No século 2 a.C., o reino ressurgente dos judeus, sob o domínio dos macabeus, conquistou os edomitas e obrigou-os a converterem-se ao judaísmo. Naquela época, eles eram chamados de idumeus.

Embora a breve revelação profética [oráculo] de Obadias estivesse endereçada a Edom, não se sabe ao certo se os líderes edomitas a ouviram ou leram. Um dos objetivos de tal profecia era consolar e encorajar os sobreviventes da Judéia com a mensagem de que Deus não os havia abandonado. Judá teria restituída sua própria terra, depois que o juízo do exílio tivesse se cumprido e seus inimigos fossem punidos.

No grande plano da mensagem bíblica acerca da redenção de Deus para a humanidade caída, o livro de *Obadias* pode parecer ter pouca importância. Mas, no tocante à sua mensagem, é um livro vital. Deus é soberano sobre todas as nações,

quer elas reconheçam a Sua soberania, quer não. Deus deseja que usemos de misericórdia e compaixão para com nosso próximo nos tempos de angústia. A traição contra um parente é injustificável e será julgada pelo Deus de justiça.

O nome *Obadias* significa *servo do SENHOR*. Não se sabe se esse era o nome próprio do profeta ou se ele o usava como um título, preferindo permanecer no anonimato. Nada se sabe sobre a vida pessoal de Obadias ou sobre sua posição na sociedade da Judéia. Para alguns estudiosos, o livro data de meados do século 9, após invasões dos filisteus e de tribos árabes durante o período do rei Jeorão, de Judá (2 Cr 21.16,17), o que tornaria o livro de *Obadias* o mais antigo dos livros proféticos. No entanto, para a maioria dos estudiosos, ele foi escrito logo após a destruição de Jerusalém pelos babilônios, em 586 a.C.

**LINHA DO TEMPO**

**CRONOLOGIA EM OBADIAS**

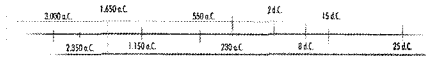
Ano 848 a.C. — Jeorão torna-se rei em Judá

Ano 845 a.C. — Edom revolta-se; data mais antiga para a atividade de Obadias

Ano 722 a.C. — Israel cai nas mãos dos assírios

Ano 586 a.C. — Os babilônios levam Judá em cativo

Ano 585 a.C. — Obadias repreende os edomitas por sua traição; segunda data posterior para a atividade de Obadias



**ESBOÇO**

- I. O juízo vindouro contra Edom — 1.1-9
  - A. Deus convoca as nações — 1.1
  - B. O orgulho e o infortúnio de Edom — 1.2-9

- II. O pecado de Edom: violência contra Judá — 1.10-14
- III. O juízo contra Edom e a restauração de Judá — 1.15-21
  - A. O dia do Senhor contra Edom — 1.15-18
  - B. A restauração de Judá por Deus — 1.19-21

## COMENTÁRIO

**1.1** — *Visão*, uma palavra comum no contexto profético (Is 1.1; Na 1.1), mostra que o profeta viu a revelação. O nome *Obadias* significa *servo do SENHOR*.

*Assim diz o Senhor Jeová*. Eis uma contundente afirmação de que a revelação profética não surgira no pensamento do profeta; foi Deus quem o inspirou a profetizar. Uma profecia é dirigida a *Edom*, território localizado ao leste do mar Morto e ao sul de Moabe.

*Nações* é o termo bíblico padrão para se referir a territórios maiores como nação da Ásia Ocidental e do Nordeste Africano. Veja em Jeremias 49.7-22 uma passagem com muitas similaridades com o livro de *Obadias*. O livro de *Ezequiel* também contém profecias contra Edom similares à mensagem de *Obadias* (Ez 25.12-14; 35.1-15).

**1.2** — *Te fiz pequeno*. Deus inverteria a importância exagerada que a nação de Edom dava a si mesma.

**1.3** — *Fendas das rochas*. Pode ser uma referência à lendária Petra (Sela), que, mais tarde, tornou-se a capital do reino posterior dos nabateus (com início em 312 a.C.). Durante a época de *Obadias*, só se chegava a Petra por uma fenda de 1,6 km de extensão esculpida na rocha. Trata-se de uma passagem tão estreita em determinados pontos que é possível abrir os braços e tocar as duas paredes da rocha ao mesmo tempo. As impressionantes ruínas vistas em Petra (hoje, território da Jordânia) são de um período posterior à antiga nação de Edom. Sem dúvida, os edomitas

tinham estruturas impressionantes semelhantes na superfície rochosa desse lugar durante sua época.

*Alta morada*. Alguns dos picos das montanhas de Edom chegavam a pouco mais de 1.800 m de altura; Jerusalém ficava a aproximadamente 700 m acima do nível do mar.

*Quem me derribará*. A aparente segurança física de Edom levou os edomitas a ficarem altivos, o que os conduziria à ruína.

**1.4** — *Elevares como águia... entre as estrelas*. A localização física de Edom tornou-se uma metáfora do espírito soberbo e altivo que a nação exibiu na época da aflição de Judá. Confiando em seus lugares altos e em suas enormes fortalezas, Edom imaginou que ninguém poderia levá-la a prestar contas por suas ações.

**1.5,6** — *Se viessem... ladrões*. A colocação hipotética alude ao despojamento total ao qual Edom seria submetida. Teria sido melhor para a nação o ataque de ladrões e roubadores.

*Buscados*. Em vez de ser roubada ao acaso, a nação seria sistematicamente saqueada (Jr 49.7-10).

**1.7** — A designação *teus confederados* refere-se às nações aliadas a Edom por meio de uma aliança, que lhes possibilitava gozar de paz e comer o pão com os edomitas.

**1.8** — Edom tinha a fama de ter muitos sábios entre seus cidadãos (Jr 49.7).

**1.9** — O nome *Tema* vem de um filho de Elifaz, o primogênito de Esaú (Gn 36.9-11). O nome muitas vezes é usado como sinônimo de Edom (Jr 49.7; Am 1.12). Acredita-se também que tenha sido o nome de uma de suas principais cidades.

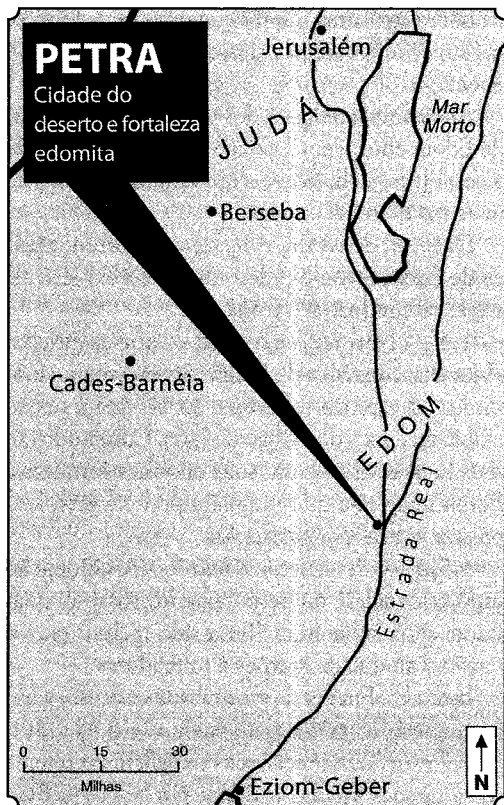


### EM FOCO

#### SOBERBA (HB. ZADON)

(Ob 1.3; Pv 11.2; 13.10; Jr 49.16 ARA)

O substantivo hebraico está relacionado a um verbo que significa *ferver*. No Antigo Testamento, o substantivo tem o significado de *agir de forma orgulhosa ou presunçosa* (Dt 18.22; 1 Sm 17.28). A característica que definia a nação de Edom era a soberba (Ob 1.3; Jr 49.16, ARA). O interessante é que Jeremias usa a palavra *soberbo*, de um modo simbólico, como sinônimo de Babilônia (Jr 50.31,32). A soberba incita à insolência e à rebelião contra Deus, e traz vergonha (Pv 11.2) e destruição (Ez 7.10-12). A *arrogância do teu coração* à qual Jeremias se refere é a *impiedade presunçosa*, a arrogância daqueles que pensam que podem prosperar sem seu Criador (Pv 11.2; 13.10; Jr 49.16).



*Petra, a capital de Edom, estava localizada a cerca de 1.500 m acima do nível do mar, em uma fortaleza na montanha. Essa fortaleza, praticamente inatingível, dava aos edomitas uma arrogante sensação de segurança.*

Um dos amigos de Jô, também chamado Elifaz, veio de Tema (Jô 2.11).

**1.10** — *Teu irmão Jacó.* Esaú e Jacó eram irmãos, filhos de Isaque e Rebeca (Gn 25.24-26). Edom descendia de Esaú; Judá descendia de Jacó.

**1.11** — A expressão *no dia* refere-se ao tempo de aflição de Judá.

*Forasteiros... estranhos.* Essas palavras, usadas para descrever os principais inimigos de Judá, contrastam com as palavras do versículo 10, *teu irmão*. Algo compreensível seria os babilônios atacarem Judá, mas era impensável uma nação como Edom juntar-se aos babilônios contra seus próprios irmãos.

**1.12** — *Mas tu não devias olhar para o dia de teu irmão.* A derrota e a destruição de Judá deveriam

ter causado aflição em seus vizinhos. Em vez disso, a nação irmã de Judá escarneceu em alto e bom som. Mais do que isso, Edom ajudou a completar a destruição de Judá, tomando os despojos, capturando os que tentavam escapar do ataque babilônio e entregando-os nas mãos dos soldados de Nabucodonosor.

*Nem alargar a tua boca.* A tradução literal seria: “Tu não deverias ter falado de boca cheia”.

**1.13** — A expressão *no dia da sua calamidade*, que aparece três vezes nesse versículo, refere-se ao dia do juízo de Deus contra Judá, executado pela mão de Nabucodonosor.

**1.14** — *Parar nas encruzilhadas.* A expressão sugere ações premeditadas da parte de Edom. *Dia da angústia.* Repetida no versículo 12, é sinônimo de *dia da sua calamidade*, no versículo 13.

*Entregar os que... restassem.* Os edomitas capturaram os que tentaram escapar do exército babilônio e depois os entregaram nas mãos de seus perseguidores.

**1.15** — *O dia do SENHOR* é um termo peculiar aos profetas para indicar o dia do juízo de Deus (Am 5.18-20). Aqui o termo provavelmente se refere ao momento em que Deus julgaria *todas as nações*, incluindo Edom, que haviam contribuído para a destruição de Judá.

*Como tu fizeste.* A natureza do juízo de Deus sempre reflete a natureza do pecado que está sendo julgado.

**1.16** — *Como vós bebestes.* Declaração alusiva ao *cálce da ira de Deus* que passou de Samaria para Judá e, por fim, para as nações — incluindo Edom (Jr 25.27,32,33). O Senhor ainda via Jerusalém como o *monte da Sua santidade* porque Ele pretendia restabelecer Sua presença lá (Zc 1.16).

**1.17** — *O monte Sião e o monte da minha santidade* (v. 16) são designações do mesmo lugar: Jerusalém. Embora Edom tivesse profanado Sião, bebendo nele, haveria um tempo em que o monte seria novamente o lugar do *livramento* de Deus.

*Santo.* Mais uma vez, essa seria a característica do monte e a *casa de Jacó* seria restaurada ao seu lugar por direito.

**1.18** — As referências à *casa de Jacó* e à *casa de José* são uma menção à unificação da nação de



Israel. Deus tem a intenção de unir novamente os reinos de Israel e de Judá como um só povo.

*Porque o SENHOR o disse.* Essas palavras dão uma espantosa certeza ao anúncio de juízo (Jr 49.13).

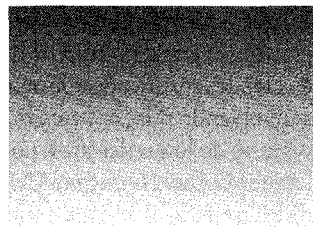
**1.19** — O *sul* refere-se a Neguebe, a região árida em torno de Berseba, no território de Simão e em Judá. Era propícia para lavoura e pastoreio. O mais importante dessa profecia é que Neguebe fazia fronteira com Edom ao leste. De acordo com esse versículo, Judá possuiria a terra dos edomitas. Os *das planícies*, ou Sefelá, são os das colinas mais baixas em Judá, entre a região montanhosa central ao leste e a planície costeira ao oeste. Judá e Filístia lutaram violentamente por essa região no início da história de Israel. Mas Judá, no final, prevaleceria contra as terras disputadas com a Filístia (Sf 2.4-7).

*Efraim... Samaria... Gileade* eram territórios de Israel durante o período dos judeus e o período monárquico. Efraim e Samaria foram o centro do Reino do Norte durante o período da monarquia dividida. Mas, na época da profecia de Obadias, as três regiões submeteram-se ao domínio estrangeiro e sofreram um influxo considerável de estrangeiros. No *dia do SENHOR* sobre o qual Obadias profetizou, essas regiões voltariam para as mãos dos israelitas. A terra de Israel seria restituída aos seus habitantes por direito.

**1.20** — *Zarefate* era uma cidade fenícia que ficava a pouco mais de 20 km ao norte de Tiro (1 Rs 17.8-24). *Sefarade* era uma cidade onde alguns da Judéia ficaram exilados. A restauração de Judá do exílio, prenunciada nesse versículo, era um sinal para Judá e para todas as nações de que o Deus de Israel não era somente um Deus local. Marduque, o deus babilônio, não derrotou o Senhor. O fato de Deus permitir que Seu povo fosse levado cativo para uma terra estrangeira e depois voltasse para sua própria terra era uma evidente prova do Seu poder e da Sua soberania sobre toda a terra.

**1.21** — A expressão *salvadores* significa *libertadores* ou *aqueles que trarão salvação* (Ne 9.27). Os da Judéia que foram levados cativos voltariam como libertadores e reinariam sobre o povo de Edom.

*O reino será do SENHOR.* Essas foram as últimas palavras de Obadias contra toda a arrogância, o orgulho e a rebelião humana. Edom achava-se indestrutível, mas o SENHOR humilhou aquela nação e restaurou Judá, que estava caída. Muitas pessoas são tentadas a achar que estão fora do alcance de Deus. Não obstante, Deus as humilhará, assim como exaltará aqueles que se humilharem diante dele. E, no grande dia, Ele estabelecerá Seu justo governo sobre todos.



O livro de

# Jonas

## INTRODUÇÃO

**O** livro de Jonas é descrito como uma parábola, uma alegoria e uma sátira. A famosa história do grande peixe (muitas vezes, equivocadamente, entendido como uma baleia) levou muitas pessoas a minimizarem a importância do livro, como se ele fosse uma simples história exagerada na Bíblia.

É um erro (fundamentado, em parte, na dificuldade que alguns leitores têm de aceitar o caráter miraculoso do enredo da narrativa) partir do princípio de que os eventos e as ações do livro não são históricos em essência. Embora seja incomum, a história é apresentada como uma história comum. Além disso, Jesus usou a narrativa de Jonas como uma analogia de Sua iminente morte e ressurreição (Mt 12.39-41). A analogia de Jesus depende do reconhecimento de duas realidades históricas: (1) a experiência

histórica de Jonas no ventre do grande peixe e (2) a experiência histórica do arrependimento do povo de Nínive com base na pregação de Jonas (Lc 11.29-32). Na verdade, a expressão *o sinal do profeta Jonas* deve ter sido recorrente no ensinamento de Cristo, pois é encontrada em mais de uma ocasião no registro de Mateus sobre o ministério terreno de Cristo (Mt 16.4). Portanto, qualquer visão sobre o livro de Jonas, a qual não admita que o livro descreve eventos históricos, é obrigada a esclarecer as palavras claras de Jesus que afirmam o contrário.

Na época do ministério de Jonas, a Assíria estava preocupada com as tribos nas montanhas de Urartu e não continuou suas campanhas no oeste antes de Tiglate-Pileser III chegar ao poder, em 745 a.C. Israel alegrou-se

com esta preocupação da Assíria e investiu agressivamente em uma política de defesa, reforçando suas cidades fortificadas, formando o exército e desenvolvendo relações com outras nações.

O livro de Jonas desafia o povo de Deus a não se erguer contra os outros. O Senhor, o grande Rei, é livre para abençoar, conceder Sua graça e ser paciente com todas as nações da terra. Mais do que isso, Ele pode mostrar compaixão até pelos ímpios. Na verdade, Sua misericórdia estende-se até os animais (Jn 4.11).

A visão que Jonas tinha de Deus era muito limitada, pois acreditava que o Senhor, Criador de todas as coisas, era compassivo somente com os eleitos de Israel. Jonas cria no fato de que, uma vez que o Altíssimo havia escolhido Israel dentre as nações ímpias, Ele tinha de ter piedade de Israel, ainda que o povo fosse rebelde. Jonas não conseguiu perceber que o Senhor podia ser igualmente tolerante com outras nações, assim como foi com Israel.

O livro de Jonas confirma a liberdade, a soberania e o poder do Altíssimo. Deus é soberano porque é o Criador de todas as coisas (Jn 1.9). Seu poder estende-se sobre toda a criação (a tempestade, os peixes, as vinhas, os vermes). Deus é livre e jamais pode ser limitado por concepções humanas equivocadas.

Os moralistas cometem o grave erro de alegrarem-se somente com o próprio livramento (Jn 2.9) e as respostas de Deus à oração (Jn 4.6). Eles pecam por reduzirem a graça e a misericórdia divinas a si mesmos. Como Jonas, eles não podem participar da alegria do Senhor em salvar os marinheiros e a cidade de Nínive, incluindo crianças e até animais (Jn 4.11). Eles confessam que Deus é Criador e Rei de todo o cosmos, mas restringem o envolvimento de Deus ao juízo, à justiça e à vingança. Desse modo, não veem os atos de compaixão, justiça e tolerância do Altíssimo.

A última declaração do Senhor a Jonas (Jn 4.10,11) resume a mensagem profética do livro: Deus é livre para conceder Sua misericórdia a qualquer pessoa e em qualquer lugar que quiser. Seu interesse e Sua compaixão estendem-se a toda a criação.

A história de Jonas contém uma advertência enérgica a todos os piedosos. Os eleitos, talvez, não vissem a bênção da graça divina estendida a todos os que não faziam parte de sua esfera de interesse por causa dos limites que impunham a Deus. Enquanto Jonas estava orando ansiosamente por seu livramento pessoal, os marinheiros já sentiam o amor de Deus há três dias. De igual modo, as pessoas de Nínive que se arrependeram de seus pecados se alegraram por ver que o juízo iminente não tinha vindo. Jonas, no entanto, estava angustiado. E nós, enquanto rimos dele, talvez, tenhamos de examinar a nós mesmos. O pecado tolo de Jonas não é motivo de risada. Estaremos condenados com ele se participarmos de sua tolice provinciana.

Como já foi observado, a forma literária do livro de Jonas é diferente da de outros livros proféticos. Ele não tem profecias. Em vez disso, o livro é basicamente narrativo. O capítulo 2 é um cântico de livramento, uma oração poética fascinante e vibrante como muitas no livro de Salmos.

É melhor entendermos o livro de Jonas como uma parábola profética. Os eventos são históricos, mas seu lugar entre os profetas leva-nos a interpretá-lo como um texto profético. Como uma obra profética, ela é única no sentido de que sua mensagem se centra na interação negativa entre o Senhor e Seu profeta. Como uma parábola, chama a atenção para a graça de Deus e a tolice de Jonas. A insensatez do profeta encoraja o leitor devoto a evitar o exemplo negativo de Jonas e a ser um mensageiro da misericórdia e do juízo de Deus para as nações.

O livro não afirma especificamente quem o escreveu, mas a tradição de que ele foi escrito por Jonas como relato de seu comportamento tolo e declaração final de que havia aceitado a vontade divina é uma possibilidade plausível.

O profeta Jonas viveu no século 8 a.C., mas pouco sabemos a seu respeito fora desta obra. Com exceção do livro que leva seu nome, o profeta é mencionado apenas em outra passagem no Antigo Testamento.

O segundo livro de Reis 14.25 anuncia o cumprimento de uma profecia do Deus vivo que veio

por meio do servo *Jonas, filho do profeta Amitai, o qual era de Gate-Hefer*. Essa passagem identifica o ministério de Jonas no Reino do Norte de Israel durante o reinado de Jeroboão II (792—753 a.C.). O texto sugere que, por meio do ministério desse profeta, o Senhor incentivou Israel e deu à nação um período de prosperidade durante o governo de Jeroboão. Contudo, também sabemos que, durante esse período de expansão política, geográfica e econômica, Israel se esqueceu de suas dificuldades no passado, não se voltou para o Senhor nem se preocupou com o poder da Assíria, o qual aumentava cada vez mais. É claro que a passagem histórica apresenta Jonas de uma maneira positiva. O livro de Jonas, no entanto,

apresenta o profeta por uma ótica negativa enquanto enfatiza sua desobediência ao Senhor, levando o leitor a rejeitar as atitudes e ações desse enviado de Deus.

O profeta Jonas era de Gate-Hefer, uma cidade na região de Zebulom (Js 19.10,13; 2 Rs 14.25), a muitos quilômetros ao nordeste de Nazaré. Nada se sabe sobre seu pai, Amitai. O nome *Jonas* significa *pomba*. Associamos a pomba à paz e à pureza; entretanto, esse significado positivo não é a única associação possível. Uma *pomba* também poderia ser um símbolo de estupidez (Os 7.11), uma descrição que, lamentavelmente, aplica-se a este profeta trágico e cômico ao mesmo tempo.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM JONAS

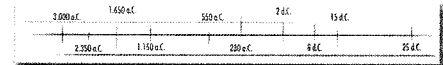
Ano 792 a.C. — Jeroboão II começa a reinar em Israel

Ano 770 a.C. — Época aproximada de Jonas

Ano 745 a.C. — O império assírio avança para o oeste sob o comando de Tiglate-Pileser

Ano 722 a.C. — Israel é levado cativo pela Assíria

Ano 612 a.C. — Nínive cai nas mãos dos medos e babilônios



## ESBOÇO

I. O profeta foge de seu encargo de ir a Nínive — 1.1—2.10

A. O encargo de ir a Nínive — 1.1,2

B. A fuga para Társis — 1.3

C. Jonas em uma tempestade — 1.4-8

D. Jonas declara sua fé no Senhor — 1.9

E. Jonas se lança no mar — 1.10-16

F. Jonas no grande peixe — 1.17—2.1

G. A oração de louvor de Jonas — 2.2-9

H. Jonas é libertado do grande peixe — 2.10

II. A obediência do profeta ao seu encargo de ir a Nínive — 3.1—4.11

A. Um novo encargo de ir a Nínive — 3.1,2

B. A declaração de Jonas em Nínive — 3.3,4

C. O livramento de Nínive — 3.5-10

D. A tristeza de Jonas por causa do livramento de Nínive — 4.1-8

E. Jonas discute com o Senhor — 4.9

F. A declaração do Senhor a Jonas — 4.10,11

## COMENTÁRIO

1.1—2.10 — O livro de Jonas contém duas seções centrais (caps. 1—2 e 3—4). A primeira seção central do livro (caps. 1 e 2) descreve como Jonas, um verdadeiro profeta do Senhor, tentou fugir do encargo que Deus lhe havia dado para levar a mensagem divina a Nínive. Essa seção é composta de oito pequenas unidades: (1) Jonas recebe o encargo de ir a Nínive (Jn 1.1,2); (2) Jonas foge em um navio para Târsis (v. 3); (3) Jonas e os marinheiros são surpreendidos por uma tempestade (v. 4-8); (4) Jonas declara sua identidade e sua fé no Senhor (v. 9); (5) O profeta é lançado ao mar para salvar a vida dos marinheiros (v. 10-16); (6) Jonas é engolido por um grande peixe (Jn 1.17—2.1); (7) O salmo de livramento desse profeta relata sua gratidão ao Senhor pelo maravilhoso ato de salvá-lo do mar (Jn 2.2-9); e (8) Jonas é libertado do grande peixe (v. 10).

1.1 — *Veio a palavra do SENHOR.* Essa expressão confirma a fonte divina da mensagem para Jonas (1 Rs 17.8; Jr 1.4; Os 1.1; Jl 1.1; Mq 1.1; Sf 1.1; Ag 1.3). O nome *Jonas* significa *pomba*.

1.2 — *Nínive*, localizada à margem do rio Tigre (Gn 10.11,12), foi à capital da antiga Assíria (2 Rs 19.36) por quase um século (Sf 2.13-15; veja

também o livro de Naum). Nínive ficava a mais de 800km de Gate-Hefer, cidade natal de Jonas, próxima a Nazaré, em Israel. *A sua malícia* refere-se ao orgulho, à ganância, violência e ao adultério de Nínive (Jn 3.8; Na 2.11,12; 3.1-4).

*Subiu até mim.* Essa linguagem figurada descreve o mal ganhando força para confrontar o Senhor (Gn 18.21; compare Lm 1.22).

1.3 — *Fugir [...] para Târsis.* A localização dessa cidade portuária é incerta, mas poderia ser Tartessos localizada na costa, a sudeste da Espanha. A cidade representa o lugar mais distante conhecido pelos israelitas.

*Joze*, uma cidade portuária não israelita, ficava ao oeste de Jerusalém e cerca de 80km a sudoeste de Gate-Hefer, terra natal de Jonas. Observe como a fé que Jonas possuía se contrasta nitidamente com a fé equivocada, porém sincera, dos marinheiros. Ao contrário do profeta, eles conheciam pouco o verdadeiro Deus, se é que o conheciam; apesar disso, mostraram ter uma sensibilidade espiritual mais visível. Também mostraram ter mais compaixão por Jonas do que o profeta parecia sentir pelo povo de Nínive.

1.4-16 — A experiência de Jonas no navio pode ser a primeira tentativa de Deus de convencê-lo a aceitar o ponto de vista divino. O Senhor



### LOCALIZE-SE

#### A CIDADE DE NÍNIVE

Nínive não era apenas a capital do império assírio, mas também um símbolo de poder e força. A cidade era odiada por todos os povos por causa de suas conquistas cruéis. Fundada por Ninrode, junto com Reobote-ir, Calá e Resém (Gn 10.11,12), a cidade era um enorme pátio quadrangular urbano de aproximadamente 95km de um lado ao outro. Nínive competia com a Babilônia por sua beleza e seu esplendor, com palácios reais, templos, ruas largas, jardins públicos e uma biblioteca impressionante, contendo mais de 26 mil tábuas de barro — uma das maiores do mundo antigo. Foi destruída em 612 a.C. por um cerco feito por babilônios, citas e medos, os quais penetraram suas defesas quando súbitas inundações destruíram os muros (compare Na 2.6-8).



usou Jonas para fazer os marinheiros pagãos tomarem conhecimento do Altíssimo.

**1.4,5** — *Mas o SENHOR mandou [...] um grande vento.* Ao longo do livro de Jonas, o Senhor se mostra soberano sobre todo aspecto da criação. Nesse caso, a tempestade no mar foi tão violenta, que até os *marinheiros experientes temeram*. Os fenícios foram os primeiros marinheiros do antigo Oriente Médio, por isso era provável que esse fosse um navio fenício. Jonas estava tão certo de que havia evitado a vontade de Deus que *dormia um profundo sono* no porão do navio.

**1.6** — *O teu Deus.* O capitão do navio, que era pagão, pediu a Jonas que orasse ao deus, em quem o profeta acreditava, seja lá quem fosse. Sem dúvida, o Deus de Jonas era o verdadeiro Deus, que provocou a tempestade em primeiro lugar (v. 4).

**1.7** — *Lancemos sortes.* Os marinheiros recorreram a práticas comuns entre eles na tentativa de descobrir a vontade dos deuses.

*A sorte caiu sobre Jonas.* O profeta, então, foi escolhido como o culpado (Js 7.12-18; 1 Sm 14.40-42).

**1.8** — Os marinheiros dispararam uma série de perguntas a Jonas, tentando entender a razão para a tempestade. Quanto à *ocupação* de Jonas, os marinheiros, talvez, quisessem saber a razão por que o profeta estava no navio.

**1.9** — *Eu sou hebreu.* Com essas palavras, Jonas se identificou com o povo que tinha aliança com o Senhor (Gn 14.13).

*Temo ao SENHOR. Temer*, neste contexto, indica uma constante atividade de reverência diante

do Senhor, devoção em Sua presença, obediência à Sua palavra e fé salvadora (Gn 22.12; Êx 20.20; Pv 1.7). Contudo, as ações de Jonas contradiziam suas palavras. Muitas pessoas dizem ter fé em Deus, mas vivem como se não a tivessem.

*O Deus do céu.* O Senhor não é simplesmente uma divindade local, adorada por um povo misterioso; Ele é o Soberano que reina sobre todas as pessoas e toda a criação (2 Cr 36.23; Ed 1.2; Ne 1.4,5; compare também Gn 24.3,7; Dt 10.14). É possível que Jonas quisesse distinguir Deus de Baal, o “deus do céu” dos cananeus que muitos israelitas adoravam (1 Rs 18.20-29; 2 Rs 21.3; 2 Cr 17.3).

*Que fez o mar e a terra seca.* Em meio à tempestade, Jonas proclamou que seu Deus é Senhor sobre o mar (Êx 15.1-8; Sl 89.9; 93.3,4; 95.5).

**1.10,11** — *Os homens se encheram de grande temor.* É o mesmo termo para *temo* que Jonas usou quando declarou sua fé (v. 9). Mas, neste trecho, a palavra significa *estar com pavor*, referindo-se a um medo terrível (v. 16). Deus, o Criador do Universo, estava perseguindo Jonas, e, uma vez no encalço do profeta, o Senhor estava no encalço dos marinheiros também. Eles tinham todo direito de estar com medo (Gn 12.18; Jz 15.11).

**1.12,13** — *Lançai-me ao mar.* Jonas sabia que a única maneira de acalmar a tempestade era pedir aos marinheiros que o jogassem para fora do navio. O profeta estava pronto para morrer (Jn 4.3,8; 1 Rs 19.4; Jó 3.1; 7.16). Suas palavras, *por minha causa*, são uma confissão de culpa e mostram um senso de submissão.



## EM FOCO

### DEPAROU (HB. *MANAH*)

(Jn 1.17)

Esse termo hebraico (com sentido de *fez nascer* em Jonas 4.6-8; no Salmo 147.4, encontramos *conta*) basicamente significa *contar* ou *designar*.

O salmista usa esse verbo para louvar a Deus por saber o número de estrelas e chamar cada uma pelo nome (Sl 147.4). No livro de Jonas, significa *nomear* ou *ordenar* e descreve a intervenção do Senhor em eventos naturais para cumprir Sua vontade.

Ao *deparar* o peixe, a planta e o verme, Deus cuidou para que a missão de Jonas não fosse deixada ao acaso. O Altíssimo exerceu Sua soberania não somente sobre o mundo vegetal e animal, mas também sobre a vida do profeta, usando animais tão pequenos, como um verme, para ensinar a ele coisas sobre a grande misericórdia do Senhor (Jn 4.6-8).



## PERFIL

### JONAS: UM MISSIONÁRIO RELUTANTE

Às vezes, os profetas do Senhor tentaram desafiar a sabedoria de Deus quando Ele os chamou para o serviço divino (Moisés em Êx 4; Jeremias em Jr 1). Entretanto, Jonas é o único caso no registro das Escrituras no qual um verdadeiro profeta do Senhor (2 Rs 14.25) se esforçou para frustrar a vontade divina ao fugir da tarefa que o Senhor lhe havia confiado (Jn 1.3). Em comparação à obediência de Elias ao Senhor (1 Rs 17.8-10), Jonas tentou ir o máximo possível na direção contrária daquela que Deus lhe havia ordenado. Jonas esperava que Nínive recebesse somente aquilo que merecia. Ele tinha medo de que, ao anunciar o juízo, o povo de Nínive respondesse de um modo que levasse o Senhor a mudar de ideia (Jn 4.2). Assim, em uma tentativa de impedir que o Altíssimo fosse misericordioso com os inimigos de Sua nação, Jonas fugiu.

Há algo cômico nesta história. Como um profeta de Deus poderia esconder-se do Criador do Universo? (A localização de Társis, talvez, ficasse na costa, a sudeste da Espanha. Em todo caso, representa o lugar mais distante que o povo do antigo Israel conhecia. É o mesmo que ir ao fim do mundo.) Contudo, também há algo assustador neste relato: se um profeta do Senhor desobedecesse ao Deus Soberano, ele poderia pôr em perigo não somente a si mesmo, mas também outros relacionados a ele. Infelizmente, Jonas não estava em uma missão de misericórdia, ainda que tenha alcançado seu objetivo. Ele era, de certo modo, um missionário contra sua missão, ou seja, um homem que resistia ao chamado divino para ir às nações. A repetição das palavras *da presença do Senhor* (ARA) enfatiza a tentativa de Jonas de afastar-se o máximo possível de seu serviço ao Senhor.

Quando lembramos que o povo de Israel não era um povo marítimo, mas, em vez disso, tinha um grande medo do mar (Sl 93), ficamos ainda mais impressionados com a ação arriscada de Jonas. A aversão natural do profeta ao mar foi superada por seu desgosto maior com a ideia de que Nínive poderia escapar da destruição anunciada por Deus. Felizmente, o Senhor não permitiu que o profeta tivesse êxito, por isso, há algo reconfortante nesta narrativa. Deus cumpriu sua obra a despeito da resistência de seu obreiro relutante.

**1.14** — *Clamaram ao SENHOR*. Ironicamente, os marinheiros pagãos oraram a Deus em nome do profeta rebelde. Jonas precisava da graça de Deus tanto quanto Nínive.

*Como te aprouve*. O narrador usa com habilidade as palavras dos marinheiros para expressar um dos temas do livro: o Senhor é livre para agir como bem entende.

**1.15** — Os marinheiros fizeram como Jonas havia dito (v. 12), mas só quando viram que não havia outra opção (v. 13,14). Com um senso de permissão do Deus do céu e Criador dos mares (v. 9), os marinheiros *lançaram* Jonas *ao mar*.

**1.16** — *Temeram, pois, estes homens ao SENHOR com grande temor*. No texto hebraico, as palavras dessa parte do versículo 16 são exatamente as mesmas do versículo 10, com uma exceção: o objeto do temor dos marinheiros. No versículo 10, tais palavras descreveram o medo terrível que os marinheiros sentiram do mar em fúria; já neste versículo, eles temeram o Senhor, indicando devoção e fé. Aqueles homens sentiram o mesmo

temor reverente de Deus, o qual Jonas alegou ter (v. 9). A despeito do fracasso do profeta, os marinheiros se converteram (Sl 103.11,13,17).

*Ofereceram sacrifícios*. O texto não diz onde isso aconteceu, mas pode ter sido depois que o navio chegou a terra firme. O importante é que seu sacrifício foi oferecido ao Deus de Israel.

**1.17—2.10** — Esta seção descreve a segunda vez em que Deus tenta converter Jonas ao propósito divino. Nem na morte, o profeta conseguirá escapar de Deus. O profeta torna-se um agente de evangelismo para os não hebreus, a despeito de sua má vontade nesse sentido.

**1.17** — *Deparou, pois, o SENHOR um grande peixe*. Deus enviou o peixe — não uma baleia, como normalmente se pensa — para impedir que Jonas se afogasse, não para puni-lo (cap. 2).

*Três dias e três noites* podem referir-se a um dia inteiro e a partes de outros dois dias (Jn 3.3; Gn 30.36; Êx 3.18; 1 Sm 30.12; Et 4.16; Lc 2.46; 24.21). Jesus disse que Sua morte e ressurreição foram prenunciadas pela experiência de Jonas (Mt 12.39,40; 16.4; Lc 11.29; 1 Co 15.4).

**2.1** — *Orou Jonas ao SENHOR, seu Deus.* Em seu salmo (v. 2-9), Jonas reconhece a ajuda de Deus e lhe agradece por ela. A expressão *ao Senhor, seu Deus* mostra que o profeta, mesmo sendo desobediente, realmente cria no Altíssimo.

**2.2-9** — O salmo de livramento de Jonas tem quatro partes: (1) uma declaração introdutória acerca do livramento do Senhor (v. 2); (2) um relato sobre sua aflição (v. 3-6); (3) uma descrição de seu clamor por ajuda (v. 7); e (4) um voto de louvor (v. 8,9).

**2.2** — *Clamei [...] gritei.* Esses termos vêm de dois verbos diferentes. O primeiro [*qara'*] é um termo mais geral que significa *chamar em voz alta*, sendo usado das mais variadas formas na Bíblia. O segundo [*shava'*] significa um *clamor por ajuda*, principalmente como um grito para Deus (Sl 5.2; 18.6,41; 22.24; 28.1; 30.2; 31.22; 88.13; 119.146). Jonas, naquela situação, estava apavorado.

*Do ventre do inferno.* Quando os marinheiros lançaram Jonas ao mar, ele parecia estar praticamente morto. Assim, para Jonas, o mar se tornou como o inferno, o lugar de morte (Gn 37.35; Sl 16.10; 88.4,5; Pv 9.18; Is 28.15).

**2.3** — Jonas não usa os pronomes *tu* e *tuas* neste versículo como acusações, mas como reconhecimento de que o Senhor tem controle soberano de sua vida (Sl 88.6-18).

**2.4** — *Tornarei a ver o templo da tua santidade.* O homem que fugiu da presença de Deus (Jn 1.3) estava sozinho, mas se apegou à esperança de que o Senhor não iria abandoná-lo. O templo, o santuário em Jerusalém (Jn 2.7; Dt 12.5-7; Sl 48; 79.1; 132; Hb 9.24), era o símbolo da presença divina.

**2.5** — O *abismo*. Esse é o mesmo termo usado em Gênesis 1.2 para descrever o mar misterioso e assustador. Na Bíblia, o mar é descrito como uma parte da criação de Deus (Gn 1.10), que lhe traz alegria (Sl 104.24-26), mas também aparece como um símbolo para forças hostis (Sl 74.12-15; Is 27.1), as quais o Senhor, contudo, tem sob seu rígido controle (Sl 93).

**2.6** — Jonas descreve-se como alguém que desceu tanto no mar, que é como se ele tivesse encontrado os *fundamentos dos montes*.

*Perdição.* Esse termo, junto com *inferno* (v. 2), é usado para descrever a esfera dos mortos (Jó 33.24; Sl 30.9; 49.9).

**2.7** — *Eu me lembrei.* Jonas reafirma sua fé no Senhor e renova o compromisso do salmista para com Deus (Sl 22.27; 63.6; 106.7).

**2.8** — *Ídolos inúteis* (NVI). Essa expressão (encontrada no Salmo 31.6 como *ídolos vãos*, na versão ARA) condena toda alternativa além de Deus. A palavra *ídolos* [*habel*] significa o *vapor* que desaparece rapidamente. Esses deuses passageiros (Sl 86.8-10; Jr 10.15; 51.18) não tinham valor.

*Misericórdia* (amor leal), termo que tantas vezes descreve a fidelidade de Deus à Sua aliança e ao Seu povo (Sl 13.5; 59.10, 17; 89.1-3), é usada como um dos nomes do Senhor (Jn 4.2).

**2.9** — *Eu te oferecerei sacrifício com a voz do agradecimento.* Esse voto de louvor é comum nos salmos (Sl 13.6; 142.7).

*O que votei pagarei.* Jonas declara que cumprirá sua promessa, a de oferecer sacrifício e reconhecer a ajuda de Deus (Jó 22.27; Sl 22.25; 50.14; 66.13; 116.14,17; veja também Rm 6.13,19; 12.1; 1 Pe 2.5).

*Salvação.* É o Senhor quem liberta Seu povo. Deus age em nome de Sua criação e da comunidade redimida para assegurar um relacionamento com ambas (Êx 15.2,17,18; Sl 88.1; 89.26; 140.7; Is 12.2). Os capítulos 1 e 2 terminam com votos de sacrifício e agradecimento.

**2.10** — *Falou, pois, o SENHOR ao peixe.* O foco na história de Jonas está no controle soberano do Senhor sobre a criação, a fim de cumprir Seu propósito. Há quem diga que a experiência de Jonas no ventre do peixe causou algum efeito em sua pele. Talvez, os ácidos do sistema digestivo do animal tenham provocado manchas. Nesse caso, é possível que suas características físicas tenham reforçado sua mensagem ao povo de Nínive.

**3.1-4.11** — A segunda parte do livro de Jonas (caps. 3-4) apresenta o profeta relutante em obedecer ao chamado divino de levar a mensagem do Senhor a Nínive. Esta seção tem oito pequenas unidades: (1) Jonas recebe um novo chamado para ir a Nínive (Jn 3.1,2); (2) Jonas obedece e faz uma declaração em Nínive (Jn 3.3,4); (3) a



declaração do profeta leva ao livramento de Nínive (Jn 3.5-10); (4) Jonas lamenta a misericórdia de Deus com relação a Nínive e deseja a morte (Jn 4.1-4); (5) Jonas fica desanimado debaixo de uma cabana (Jn 4.5,6); (6) Jonas padece e deseja novamente a morte (Jn 4.7,8); (7) O profeta discute com o Senhor (Jn 4.9) e (8) Jonas ouve a declaração do Senhor (Jn 4.10,11).

**3.1,2** — O novo encargo de Jonas era basicamente o mesmo que ele havia recebido no capítulo 1, versículos 1 e 2.

**3.3** — Em contrapartida a Jonas 1.3, Jonas obedeceu à ordem dada pelo Senhor pela segunda vez e viajou para Nínive.

*De três dias de caminho.* O muro da cidade de Nínive tinha uma circunferência que chegava a quase 13km, indicando que Nínive era uma cidade extremamente grande para a época. No entanto, os *três dias*, provavelmente, refiram-se ao distrito administrativo maior de Nínive, formado por várias cidades, com uma circunferência de quase 90km.

**3.4** — Jonas declarou que somente restavam *quarenta dias* para a destruição de Nínive. Tanto o anúncio como o espaço de tempo específico mostram a misericórdia de Deus. Era essa misericórdia que incomodava Jonas (Jn 4.1-3). É óbvio que o profeta queria que Nínive fosse destruída, em vez de arrepender-se e escapar do juízo divino. Há muito tempo, os assírios eram uma ameaça para Israel. Talvez, Jonas reconhecesse que, se os assírios se arrependessem, eles teriam chance de voltar ao poder, provavelmente, com prejuízo de Israel. Assim, é provável que o profeta tenha fugido para não fortalecer a mão de um possível inimigo. Além disso, como seu povo tê-lo-ia tratado se descobrisse que ele havia conseguido levar os piores inimigos de Israel ao arrependimento?

**3.5** — *Creram em Deus.* A expressão usada para Deus, neste contexto, é o termo geral utilizado para divindade. Em contrapartida, os marinheiros, no capítulo 1, declararam fé no Senhor, usando o Nome de Deus estabelecido na aliança (Jn 1.16). O fato de o escritor não mencionar o nome pessoal de Deus aqui pode sugerir que os ninivitas tinham uma compreensão passageira ou

imperfeita da mensagem divina. A história prova isso: não temos registro histórico de um período mais constante de crença em Nínive. Por fim, a cidade foi destruída, em 612 a.C.

**3.5-9** — *Jejum [...] panos de saco [...] cinza.* Essas são expressões de pranto e lamento (2 Rs 19.1; 2 Cr 20.3; Is 58.5-9; Jr 36.6-9; Jl 1.13,14; 2.12-18). O jejum por toda a nação decretado pelo rei de Nínive foi uma manifestação notável de humildade diante do Senhor. O decreto mostra que o rei entendia muito bem a natureza do verdadeiro arrependimento. Não somente homem, mulher e criança, inclusive seus animais, foram proibidos de comer ou mesmo beber (v. 7), mas também foram exortados a converter-se do mal e da violência (Jn 3.8). Portanto, o jejum não foi simplesmente uma demonstração externa de devoção, mas uma oportunidade para uma mudança sincera de atitude e comportamento.

**3.6,7** — *Fez uma proclamação, que se divulgou.* O decreto do rei chegou a toda a cidade de Nínive.

**3.8,9** — *Se voltará Deus, e se arrependerá.* A anulação da ameaça de destruir Nínive dependia somente da graça e misericórdia do Senhor. Às vezes, o juízo anunciado por Deus *não é* o que Ele realmente intenta (Jn 4.2; Jr 18.7,8; Am 7.3). Nesses anúncios, o Altíssimo, normalmente, oferece misericórdia e perdão (Sf 2.1-3).

**3.10** — *Deus se arrependeu.* O arrependimento dos ninivitas levou o Senhor a estender-lhes Sua graça e misericórdia.

**4.1** — *Jonas [...] ficou todo ressentido.* Ao contrário de Deus, Jonas não se compadecia do povo de Nínive.

*Desgostou-se.* A irritação do profeta não condizia com a boa notícia de que a cidade seria poupada. O próprio Jonas havia acabado de ser poupado do justo juízo de Deus, mas era incapaz de reconhecer algo no mesmo sentido.

**4.2** — *Sabia.* O próprio Jonas experimentou as excelências de Deus.

*Piedoso e misericordioso* podem ser reformulados como *admiravelmente piedoso*. *Benignidade* também pode significar *amor leal*. Essa é a mesma palavra que Jonas usou em seu louvor a Deus no capítulo 2, versículo 8.



## EM FOCO

## LONGÂNIMO (HB. 'AREK; 'APH)

(Jn 4.2; Nm 14.18; Pv 14.29)

A tradução literal da expressão idiomática para *ira* no Antigo Testamento é *o nariz queima* ou *o nariz fica quente* (Gn 30.2; Êx 4.14).

A expressão no hebraico para *longânimo* ou *tardio em irar-se* (ARA) é literalmente *nariz longo* (Sl 86.15; 103.8). O nariz simboliza a ira, porque uma pessoa irada respira com dificuldade ou faz barulho quando respira. A expressão idiomática no hebraico para *longânimo*, muitas vezes, é aplicada a Deus para descrever Sua grande misericórdia e bondade (Sl 145.8; Jl 2.13).

*Que te arrependes do mal.* Neste recital acerca do caráter bendito de Deus, Jonas fundamentou a revelação do Senhor a Moisés (Êx 34.6,7).

**4.3,4** — *Peço-te [...] tira-me a minha vida.* Compare Jonas e Elias: o desejo de morrer de Jonas era consequência de sua indignação com o arrependimento do povo. O desejo de Elias era consequência de uma ânsia pelo arrependimento do povo (1 Rs 19.4). Alguns dias antes, Jonas gritou pedindo a Deus que o mantivesse vivo.

**4.5** — *Até ver o que aconteceria à cidade.* Em sua constante teimosia e falta de compaixão, Jonas tinha a esperança de que Deus julgaria Nínive. Era essa a principal queixa do Senhor contra ele (Sl 58).

**4.6** — *Fez o SENHOR.* Esse é o mesmo verbo [*manah*] foi usado no capítulo 1, versículo 17, para descrever que Deus estava preparando o

grande peixe. O termo também é usado no versículo 7 com relação ao verme e, no versículo 8, referindo-se ao vento oriental. O uso frequente do mesmo verbo no original é uma referência sutil à soberania de Deus.

*Uma planta [qiyqayown, nas versões ARA e NVI].* Na versão ARC, afirma-se que seja uma *aboboreira*, no entanto, pode também ser um mamoneiro ou uma cabeceira. Talvez, fosse uma espécie que crescesse rapidamente.

*A fim de o livrar.* O Senhor impediu que Jonas se afogasse (Jn 1.17); agora, Ele queria livrar Seu profeta do desconforto do sol. A capacidade que a misericórdia divina tem de alcançar os que não a merecem é um tema que continuava a frustrar Jonas, mesmo quando ele a estava sentindo.

**4.7** — *Deus enviou um bicho.* O livro de Jonas descreve o Senhor como soberano e livre para agir na criação. Deus pôs um verme na planta para servir como Seu agente na vida de Jonas.

**4.8** — *Vento calmoso, oriental.* O vento muito quente que sopra do deserto tira a umidade das plantas, fazendo com que elas sequem (Is 40.7,8).

**4.9** — A expressão traduzida por *é acaso razoável* vem do verbo *yatab*, que significa *ser bom, fazer o bem* ou *ser agradável*. Neste contexto, como em Gênesis 4.4, o termo tem a ver com conduta ética (Lv 5.4; Sl 36.3; Is 1.17; Jr 4.22; 13.23). A ira de Jonas (Jn 4.1) não surgiu de um desejo de justiça, mas de seu próprio egoísmo. Ele continuou a justificar sua atitude rebelde, e, mais uma vez, Deus foi misericordioso.



## APROFUNDE-SE

## POR QUE NÍNIVE SE ARREPENDEU

Muitos fatores podem explicar a mudança repentina de atitude dos ninivitas. Contudo, sabemos que Deus tem uma maneira de atrair as pessoas e dispor os eventos para que elas se voltem para Ele com mais facilidade. Pressões financeiras, turbulência política, desastres naturais, doenças — tudo isso, muitas vezes, leva os indivíduos a examinarem seu relacionamento com o Todo-poderoso. O caso de Nínive mostra que isso acontece não apenas com as nações, mas também com os indivíduos.

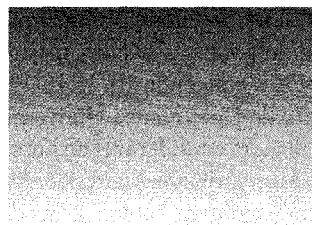
O arrependimento de Nínive serve de exemplo para os cristãos hoje. Como Jonas, recebemos o chamado para levar o Evangelho de arrependimento e salvação às nações (Mc 16.15,16). Ao fazermos isso, seria bom considerarmos uma estratégia de evangelismo dirigido. Parece que os esforços têm chances de ser mais eficazes em áreas onde caos político e desastres naturais geraram instabilidade e mais abertura à mensagem da graça. Se Deus já estava preparando os corações, é possível esperarmos resultados melhores sob essas circunstâncias.

4.10 — *Compaixão* descreve uma expressão de quem sente uma profunda pena (Sl 72.13; Ez 20.17; Jl 2.13,14). Entretanto, Jonas sentia mais pena de si mesmo do que da planta.

4.11 — *Compaixão*. A mesma palavra usada para descrever o sentimento de Jonas com relação à planta no versículo 10 é utilizada como referência ao sentimento de Deus em relação ao povo de Nínive. Pessoas têm mais valor do que animais, e animais têm mais valor do que plantas, mas o

Senhor tem um cuidado que se estende a toda a Sua criação. A piedade divina provém de Seu caráter (Jn 4.2; compare com Jl 2.13,14).

*Animais*. Se Jonas pôde sentir pena de uma planta, que é menos importante do que um animal, é perfeitamente compreensível que Deus se apiedasse de seres humanos, os quais são feitos à imagem dele. O livro de Jonas termina com esta nota de contraste entre o coração rude de Jonas e o coração bondoso do Senhor.



O livro de

---

# Miquéias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O**s profetas do Antigo Testamento muitas vezes são vistos como homens que não vão muito além de palavras de destruição e tristeza em seus prenúncios. O livro de Miquéias, porém, apresenta uma interação apaixonada e artística entre os oráculos do julgamento iminente e as promessas de bênção sobre Israel e Judá. Ambas as nações haviam quebrado a aliança com seu Senhor. Por meio de Seu mensageiro, Miquéias, o Senhor confrontou Seu povo, mas também prometeu trazer a bênção futura por meio do Messias que haveria de vir. Esse Enviado seria o verdadeiro Pastor do rebanho de Deus.

O ministério profético de Miquéias estendeu-se até o final do século 8 a.C., durante os reinados de Jotão (752—736 a.C.), de Acaz (736—720 a.C.) e de Ezequias (729—699 a.C.).

O livro de Miquéias é centrado na ameaça das invasões assírias que ocorreram durante todo esse período, começando por volta de 730 a.C. contra Israel e culminando em 701 a.C. contra Judá. Grande parte da pregação de Miquéias consiste na advertência a Judá sobre uma iminente desgraça que atingiria a nação. Contudo, os líderes religiosos de Jerusalém tinham a falsa confiança de que nenhum mal lhes aconteceria por causa da presença inviolável do templo santo no meio deles. Miquéias confrontou duramente a arrogância e as noções equivocadas desse povo em relação a Deus: nem mesmo o templo no monte Sião seria poupado do ataque provocado pela ira de Deus (Mq 3.12).

A longa demora no cumprimento das profecias de Miquéias contra Jerusalém pode ser atribuída a várias

causas. Primeiro, é possível que Deus tenha decidido poupar a cidade, mesmo tendo sido Ele quem a condenou (Jr 26.16-19; compare com o juízo de Deus contra Nínive no livro de Jonas). A demora considerável no juízo contra Jerusalém pode ser atribuída à misericórdia do Senhor, assim como aconteceu com o povo de Nínive, que experimentou essa mesma misericórdia por meio do profeta Jonas (Jn 4.1-3). Segundo, embora tenha sido postergado, o juízo de Jerusalém finalmente se cumpriu quando os babilônios destruíram a cidade em 586 a.C.

A interação de textos sobre a ira e a misericórdia no livro de Miquéias reflete o caráter de Deus, pois, mesmo em Sua ira, Ele manifesta a misericórdia. Nos dias mais sombrios do juízo iminente contra as nações de Israel e de Judá, sempre houve a possibilidade de um remanescente ser poupado. Embora estivesse determinado a preservar Sua santidade, o Senhor estava igualmente decidido a cumprir as ternas promessas que fez a Abraão (Gn 12; 15; 22). O Senhor equilibraria Seu julgamento com a misericórdia. Consequentemente, Miquéias também equilibra seus oráculos de julgamento com oráculos de promessas.

Ao fazer isso, o profeta remete-nos à aliança e também aponta para aquele que viria. O livro começa usando uma linguagem comum aos tribunais. Miquéias chama os povos da terra para que venham ouvir a causa do Senhor contra Israel, pois a nação havia quebrado a aliança (Mq 1.2; 3.1; 6.1-3).

A linguagem utilizada aqui lembra a da aliança ou do acordo que o Senhor firmou com Seu povo. O Senhor estava julgando Seu povo de acordo com os termos da aliança. Mas, em meio aos oráculos de julgamento, Miquéias revela as promessas maravilhosas do Senhor acerca de um futuro glorioso. Haveria um tempo em que o Rei esperado reuniria Seu povo (Mq 2.12,13), em que Ele estabeleceria a paz (Mq 4.3) e em que Ele traria justiça à terra (Mq 4.2,3). O que chama a atenção é que Miquéias profetiza que este Messias

esperado nasceria em Belém (Mq 5.2). O cumprimento dessa profecia sobre o nascimento de Jesus em Belém dá-nos a certeza de que as profecias acerca do futuro glorioso de Jesus também se cumprirão (Mt 2.1).

Além de seu nome, de seu local de nascimento e do tom pessoal de seu livro, pouco se sabe sobre o profeta Miquéias. Ele nasceu na vila rural de Moresete-Gate, nas planícies de Judá, perto da região da Filístia, que o separava de Isaías, seu contemporâneo mais ilustre, que era de Jerusalém.

O livro de Miquéias tem inúmeras semelhanças com o livro de Isaías. Na verdade, há passagens que praticamente se repetem em ambos os livros (compare Mq 4.1-3 com Is 2.2-4). Alguns atribuem esse fenômeno incomum ao empréstimo que um profeta fez do outro, mas é difícil afirmar, a partir dos textos, quem escreveu primeiro, se Miquéias ou Isaías. É muito provável que os dois profetas tenham feito uso da mesma fonte, talvez um salmo de confiança.

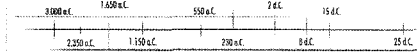
Afirma-se com frequência que o livro de Miquéias foi escrito por seus discípulos e seguidores muitos anos depois de seu ministério. No entanto, o tom das profecias de Miquéias contra Jerusalém indica que elas ainda não se cumpriram. Parece que Miquéias profetizou que os assírios destruiriam Jerusalém do mesmo modo que haviam destruído a cidade de Samaria (compare Mq 1.6 com Mq 3.12).

Embora tenham cercado Jerusalém na campanha de 701 a.C., sob as ordens de Senaqueribe, os assírios, por fim, não destruíram a cidade. Jerusalém foi destruída um século depois pelos babilônios (586 a.C.). É quase inconcebível que os discípulos de Miquéias tenham reunido, registrado e promovido as profecias dele tanto tempo depois dos fatos se tais profecias não tivessem acontecido conforme o previsto. É bem provável que as profecias de Miquéias tenham sido compiladas pelo profeta Isaías como uma antologia de seu longo ministério como pregador.

## LINHA DO TEMPO

## CRONOLOGIA EM MIQUÉIAS

- Ano 752 a.C. — Começa o reinado de Jotão em Judá
- Ano 740-710 a.C. — Anos aproximados do ministério de Miquéias
- Ano 736 a.C. — Acáz começa a reinar em Judá
- Ano 729 a.C. — Começa o reinado de Ezequias em Judá
- Ano 722 a.C. — A Assíria leva Israel cativo
- Ano 701 a.C. — A Assíria cerca Jerusalém



## ESBOÇO

- I. O primeiro ciclo de oráculos — 1.1—2.13
- A. A primeira série de oráculos de julgamento — 1.1—2.11
- B. A primeira promessa de bênção: o Senhor restaurará Seu remanescente — 2.12,13

- II. O segundo ciclo de oráculos — 3.1—5.15
- A. A segunda série de oráculos de julgamento — 3.1-12
- B. A segunda série de promessas de bênção — 4.1—5.15
- III. O terceiro ciclo de oráculos — 6.1—7.20
- A. A terceira série de oráculos de julgamento — 6.1—7.7
- B. A terceira série de promessas de bênção — 7.8-20

## COMENTÁRIO

**1.1** — O nome *Miquéias* significa *quem é como o Senhor*? Essa questão apresenta um importante tema bíblico: a ideia de que Deus é incomparável (Mq 7.18; Dt 4.32-40; Sl 113.4-6).

*Jotão, Acáz e Ezequias.* O reinado desses reis foi, em especial, conturbado devido à ameaça militar dos assírios. Em três campanhas sucessivas (734, 733 e 732 a.C.), o exército assírio, sob a liderança de Tiglate-Pileser III, assumiu o controle de grande parte da Fenícia, da Filístia, de Israel, da Síria e de grandes áreas de Judá. O ministério de Miquéias foi centrado na ameaça dos assírios a *Samaria*, a capital de Israel destruída em 722 a.C., e a *Jerusalém*, a capital de Judá.

**1.2—2.13** — O primeiro ciclo de oráculos está dividido em cinco partes: (1) o Senhor é testemunha e vem trazer juízo contra Seu povo, Israel (Mq 1.2-7); (2) o profeta lamenta a mensagem sobre

o juízo de Deus (Mq 1.8,9); (3) as cidades de Judá devem preparar-se para uma vergonhosa calamidade (Mq 1.10-16); (4) um oráculo sobre o infortúnio que virá contra os povos por causa de sua ganância e violência (Mq 2.1-5); e (5) os falsos profetas são julgados por causa de suas palavras mentirosas (Mq 2.6-11). Embora sejam basicamente críticos em sua natureza (Mq 1.2—2.11), os primeiros oráculos de julgamento terminam com uma promessa maravilhosa de restauração do remanescente do povo (Mq 2.12,13).

**1.2** — *Todos os povos.* Toda a terra deveria saber que Deus estava testemunhando *contra* o Seu povo. Este anúncio de juízo está baseado na violação da aliança pelo povo. Foi a infidelidade do povo que levou o *Senhor JEová* a entrar em uma contenda judicial contra ele.

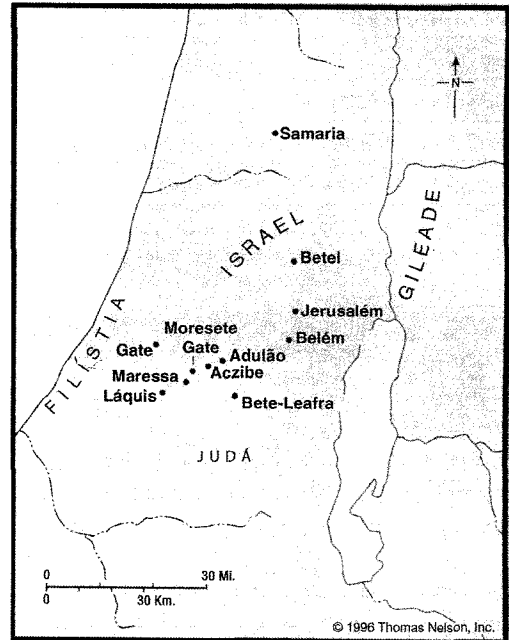
**1.3,4** — O *SENHOR* sai. Esta é a linguagem da epifania, a poderosa vinda de Deus à terra, em uma procissão solene de juízo. Em outros textos,



## LOCALIZE-SE

### TROCADILHOS GEOGRÁFICOS EM MIQUÉIAS

Sendo habilidoso nos jogos de palavras com os nomes das cidades de Judá, Miquéias profetizou sobre a destruição que viria sobre Judá (Mq 1.3-16). Ele mudou o significado de muitos nomes de cidades como uma forma de descrever o mundo em completa confusão. *Safir*, que significa *bela*, seria envergonhada (Mq 1.11); e *Jerusalém*, um termo que sugere "Paz", seria tumultuada (Mq 1.12). *Laquis* (Mq 1.13), um nome que traz à mente a palavra hebraica usada para *animais ligeiros*, fugiria em seus cavalos. A causa de todo esse alvoroço era o juízo de Deus contra Judá por adorar outros deuses nos lugares altos. Na verdade, a idolatria praticada pelo povo estava tão desenfreada que Miquéias descreve Jerusalém e Samaria, as capitais de Judá e de Israel, como *altos*, ou seja, o local onde os ídolos eram adorados (Mq 1.5).



a linguagem da epifania é usada para descrever os atos poderosos de livramento de Deus (Sl 18.7-19). A expressão *as alturas da terra*, que equivale a *lugares altos* (conforme NVI), é irônica. Jerusalém e Samaria eram os lugares altos, ou as capitais elevadas, de Judá e de Israel; mas *as alturas* também eram lugares de adoração a ídolos.

**1.5** — O termo *Jacó*, mencionado aqui, é usado para se referir ao Reino do Norte, cuja *prevaricação* concentrava-se em sua capital, Samaria. Os pecados de Judá tinham como centro sua capital, Jerusalém. Neste versículo, a ideia contida na expressão *as alturas* (v. 3) é elucidada. Jerusalém, que antes era *formoso de sítio* (Sl 48.2), agora nada mais era do que outro local de adoração pagã, como os *lugares altos* dos cananeus.

**1.6** — *Um montão de pedras do campo*. A decisão judicial de Deus era destruir completamente Samaria a ponto de ela ser um lugar adequado apenas para vinhas entre os escombros.

**1.7** — A idolatria muitas vezes é descrita na Bíblia hebraica como adultério espiritual (Jr 3.1; Os 4.15). Israel é descrita como a esposa que é infiel ao seu marido (Jr 2.20). No entanto, isso não é apenas uma metáfora; o sistema de adoração de Canaã era sexual em sua natureza. A palavra *ídolos* aqui tem o sentido de *imagens abomináveis*, provavelmente referindo-se à natureza sexual explícita desses ídolos. Mas há uma justiça no final do versículo que não deixa de ser cômica. Os símbolos pagãos da adoração de Israel seriam reutilizados pelos conquistadores (a Assíria) da nação em seus próprios templos degradantes.

**1.8,9** — *Lamentarei... andarei despojado*. A resposta imediata de Miquéias à mensagem de Deus foi uma insuportável sensação de medo (Mq 7.1).

*Nu*. As palavras de Miquéias descrevem ritos de lamentação nos quais os xales eram deixados de lado em sinal de profunda humildade. A pessoa

que lamentava não mais pensava em si mesma, mas somente na desgraça que havia dominado seus sentidos.

**1.10** — *Em Gate*. Faz-se referência aqui ao lamento de Davi em seu pranto pela morte de Saul e de Jônatas (2 Sm 1.20). Assim como era imprópria na época a má notícia de que o povo de Deus havia se prostituído em uma cidade estrangeira, o mesmo aconteceria na situação presente. O termo hebraico traduzido por *anuncieis* neste versículo lembra Gate, o nome hebraico do lugar.

*Revolve-te*. Os habitantes de *Bete-Leafra*, que significa *casa de pó*, conseqüentemente, se revolveriam *no pó*, um ato de extrema lamentação.

**1.11** — O nome *Safir* significa *bela*. Ironicamente, a nudez de seus habitantes iria deixá-los envergonhados. *Zaanã*. Este nome fala do *rebanho que sai sozinho*. No entanto, não seria mais assim com os cidadãos de *Zaanã*, que não mais sairiam por causa de seu medo.

**1.12** — *Marote* significa *amargura*. O nome *Jerusalém* sugere *paz*. Portanto, os habitantes da *cidade da amargura* adoeceriam de medo, e os habitantes da *cidade de paz* sofreriam o juízo de Deus.

**1.13** — *Laquis*. Uma famosa cidade-fortaleza para Jerusalém. Ela foi julgada como uma das que estavam entre os primeiros lugares em Judá a adotar os pecados da adoração a Baal. *Filha de Sião*: Jerusalém é a filha do Senhor.

**1.14** — *Moresete-Gate*, que significa *a posse de Gate*, era a cidade natal de Miquéias (v. 1). Os *presentes* eram os que se davam na despedida; a cidade logo estaria perdida.

**1.15** — As palavras *herdeiro* e *a glória de Israel* poderiam levar-nos a acreditar que este seja um versículo messiânico, uma promessa de esperança em meio ao desespero. Contudo, o contexto tem a ver com juízo (v. 16). A questão aqui pode ser a seguinte: a situação estava tão ruim que o devido *herdeiro* e a *glória* da nação



## COMPARE

### UM QUADRO DO EVANGELHO

A mensagem essencial da Bíblia ainda é a mesma, quer estejamos lendo sobre o patriarca Abraão ou sobre o apóstolo Paulo, sobre a juíza Débora ou sobre Maria, a mãe de Jesus. Como um holofote, as Escrituras revelam a mancha do pecado em nossa vida. A Bíblia, porém, não nos deixa expostos; ela oferece uma maneira de ficarmos limpos. Até Miquéias, um profeta que passou a maior parte de seu tempo advertindo os israelitas acerca do juízo que viria, falou da salvação de Deus.

#### Padrão de Deus

1 — *Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?* (Mq 6.8).

2 — *Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus* (Mt 5.48).

#### O pecado do povo

3 — *Idolatria* (Mq 1.7; 5.13,14); *planos maus* (Mq 2.1); *cobiça, violência, opressão* (Mq 2.2); *aborrecer o bem e amar o mal* (Mq 3.2); *sacerdotes e profetas gananciosos* (Mq 3.11); *engano* (Mq 6.11,12); *infidelidade* (Mq 7.2); *atritos familiares* (Mq 7.6).

4 — *Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus* (Rm 3.23).

#### A salvação de Deus

5 — *Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade e que te esqueces da rebelião do restante da tua herança? O SENHOR não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade. Tornará a apiedar-se de nós, subjugará as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar* (Mq 7.18,19).

6 — *Em quem [Cristo] temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça* (Ef 1.7).



— os membros da família real — teriam de fugir com medo para refúgios em lugares remotos. *Maressa* é outra forma de escrever *Moresete-Gate*, citada no v. 14.

**1.16** — *Tosquia-te*. Em uma cultura na qual o cabelo de um homem era muito valorizado, tosquiar o cabelo era o maior sinal de luto.

**2.1-5** — Este é um oráculo de sofrimento em que o Senhor julga Seu povo por causa da ganância e da violência. A injustiça social é apresentada como a razão para o juízo divino sobre a nação. Mas a preocupação de Miquéias vai além das questões econômicas; ela chega a considerações teológicas, pois a distribuição da terra, prevista na aliança, era irrevogável (Lv 25.23-34). A terra penhorada deveria ser devolvida, no final, ao legítimo proprietário, por meio do resgate ou pela isenção no Ano do Jubileu. No entanto, os ricos corrompiam a Lei de Deus para obterem para si próprios posse de terras maiores, criando uma distribuição desigual de riquezas, enquanto a provisão de Deus favorecia um equilíbrio de bens. Deus queria que todos tivessem recursos suficientes para uma qualidade de vida que sustentasse a dignidade e o respeito próprio.

**2.1,2** — *Intentam a iniquidade... cobiçam*. O ensino ético dos profetas normalmente incluía oráculos de julgamento contra a ganância, o roubo e a opressão, ações dos poderosos em seus ataques aos fracos.

*Cobiçam*. O termo não se refere a ter um pensamento apenas passageiro; é a determinação de tomar posse daquilo que não é seu.

**2.3** — *Projeto um mal*. Enquanto os perversos intentavam a iniquidade (v. 1), Deus arquitetava alguns de Seus próprios planos.

*Do qual não tirareis os vossos pescoços*. A ideia aqui é que não seria possível escapar do infortúnio intentado por Deus.

**2.4** — *Provérbio* era um cântico sarcástico.

*Aos rebeldes* (ARA). Deus tiraria os direitos de propriedade daqueles que haviam se apossado deles ilicitamente e os daria àqueles que eram ainda mais perversos do que os primeiros.

**2.5,6** — *Não terás... quem lance o cordel*. Os que se apossavam ilicitamente de terras não mais

teriam direito legal no meio do povo de Deus. Deus lhes tiraria a posse assim como eles haviam feito com outros.

*Não profetizeis*. Estas palavras podem ter sido uma advertência enérgica para que Miquéias não fosse como os profetas mentirosos, que diziam que tudo andava bem na terra.

**2.7-9** — *As palavras* de Deus eram diferentes das palavras dos profetas mentirosos (v. 6). As palavras de Deus fazem *bem* aos justos ainda que tragam condenação aos ímpios.

**2.10,11** — *Destrói grandemente*. Os profetas mentirosos (v. 6) falavam em *descanso* quando o Senhor havia decretado a destruição total. Eles falavam em *vinho e bebida forte* em uma época de calamidade. Também é possível que as palavras do versículo 11 se refiram a falsos profetas que estavam dispostos a profetizar “boas palavras” em troca de vinho e bebida alcoólica.

**2.12,13** — *Ajuntarei... congregarei... pô-los-ei todos juntos*. Os verbos são enfáticos e mostram o fato de que Deus estava decidido a fazer cumprir Sua boa vontade em Seu povo (Dt 30.1-6).

*O arroteador... romperão*. Estas expressões falam que, por onde quer que tenha sido espalhado, o povo de Israel voltará a reunir-se.

**3.1—5.15** — Neste ciclo de oráculos, o juízo é anunciado (Mq 3.1-12) e promessas de bênção são feitas (4.1—5.15), sendo essas promessas muito mais extensas que as mencionadas na primeira série (Mq 2.12,13).

**3.1-12** — Estes oráculos de julgamento têm três partes: (1) os príncipes do povo de Deus deveriam conhecer a justiça (v. 1-4); (2) os falsos profetas estavam equivocados quando falavam de paz (v. 4-7); e (3) Sião seria lavrado como um campo (v. 8-12).

**3.1** — *Não é a vós que pertence saber o direito*. A ideia aqui é que não se poderia esperar justiça de líderes pagãos em um lugar distante. Mas esperava-se que os *príncipes* do povo de Deus enfatizassem a justiça. A justiça é um dos conceitos fundamentais da Lei (Dt 10.18; 32.4; 33.21). Perverter a justiça era contundentemente proibido por Deus (Dt 16.19; 24.17). Contudo, era exatamente isso que os líderes de Judá estavam

fazendo. Eles usavam sua autoridade para destruir a justiça, em vez de estabelecê-la entre o povo.

**3.2,3** — Miquéias usou uma imagem de canibalismo para descrever as ações horrendas dos líderes contra o povo. Era como se os líderes estivessem comendo *a carne de cima dos ossos* do povo.

**3.4** — *Não os ouvirá*. A maldade do povo era tão grande que o arrependimento no último instante não seria suficiente (Jr 11.11).

**3.5-7** — Este oráculo de julgamento foi apresentado contra os falsos *profetas* que declaravam *paz*, levando o povo a estar despreparado para a tribulação. Esses profetas não tinham a verdadeira visão profética (*profecia*), nem contavam com a ajuda das artes proibidas da *adivinhação*. Por fim, eles não tinham nada a dizer, pois *não* haveria *resposta de Deus*.

**3.8-10** — *Cheio do poder do Espírito do SENHOR* (ARA). Ao contrário dos falsos profetas que foram silenciados (v. 5-7), Miquéias recebeu poder divino (1 Co 2.13; 2 Pe 1.21).

*Juízo e força* (ARA). Podem ser reformulados como *poderosa justiça*, contrastando com os líderes ineficientes de Israel (v. 1).

**3.11** — *Suborno... interesse... dinheiro* (ARA). Os líderes e profetas ímpios de Israel trabalhavam somente quando podiam ganhar algo com isso. É desnecessário dizer que, se fosse preciso pagar para ter justiça, isso não seria justiça.

*Não está o SENHOR no meio de nós*. Muitas pessoas de Jerusalém acreditavam que não seriam atingidas pelo juízo divino porque o próprio Deus habitava no santo templo existente nessa cidade. A despeito de suas maldades, elas pensavam que, enquanto Deus estivesse em Seu templo, elas estariam seguras — até do juízo divino. Elas se recusavam a acreditar que Deus pudesse deixar Seu templo por causa da pecaminosidade do povo. O livro de Ezequiel descreve uma visão da glória de Deus deixando o templo como um prelúdio ao Seu juízo contra a cidade (Ez 10).

**3.12** — Este versículo foi citado por Jeremias (Jr 26.18). Embora os falsos profetas e os governantes ímpios acreditassem que nada poderia atingi-los e que o monte Sião era inviolável, o

profeta Miquéias anunciou que *Sião* (Jerusalém) seria *lavrado como um campo*, indicando a total devastação da cidade.

**4.1—5.15** — Aqui encontramos quatro seções importantes de promessas de Deus acerca da bênção futura sobre Seu povo fiel e da destruição dos inimigos do povo: (1) a exaltação futura de Sião (Mq 4.1-5); (2) a restauração futura do povo (Mq 4.6—5.1); (3) a vinda futura do Messias em Belém (Mq 5.2-5a); e (4) o juízo futuro contra os inimigos do povo de Deus (v. 5b-15).

**4.1-5** — Esta passagem é uma das grandes profecias da Bíblia. É notável não só pelo que diz, mas pelo fato de que o mesmo texto é encontrado também em Isaías 2.2-4. Foram propostas várias teorias sobre quem copiou de quem, se Isaías de Miquéias ou vice-versa. É possível, no entanto, que Isaías e Miquéias, sob a direção do Espírito Santo, tenham recebido estas palavras de uma terceira fonte, talvez de um cântico espiritual.

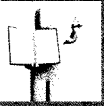
**4.1** — A expressão *nos últimos dias* é uma indicação de uma profecia do final dos tempos. O *monte da Casa do SENHOR* descreve o templo em Jerusalém. O texto projeta uma mudança futura na topografia de Jerusalém. Originalmente, o lugar do templo em Jerusalém ficava em uma das várias colinas que faziam parte da região. *Nos últimos dias* o lugar do templo será elevado *sobre os outeiros* (Zc 8.1-3; 14.1-11).

**4.2** — *E irão muitas nações*. Quando os não-israelitas conhecessem a verdadeira fé, eles criariam no *Deus de Jacó*.

*Ensine*. Assim como falou com Moisés no monte Sinai (Êx 19; 20), Deus falaria com todos os de Jerusalém. *E nós andemos pelas suas veredas*. Ao contrário das pessoas da geração de Miquéias, que não conheciam a justiça (Mq 3.1), as pessoas do reino vindouro seriam obedientes a Deus.

**4.3** — *E julgará... e castigariam*. Estas são ações do Rei Salvador, que governará com vara de ferro (Sl 2; 110).

*Espadas... lanças*. Todas as armas de destruição serão recicladas e usadas como ferramentas de produção. Finalmente, o conflito chegará ao fim. *A guerra* não mais será um tema de estudo.



## ENTENDENDO MELHOR

### A CIDADE NATAL DO REI

Quase dois anos depois do nascimento de Jesus, uma caravana majestosa entrou em Jerusalém. Os membros da caravana pararam para pedir informação. A pergunta simples que fizeram abalou a cidade: *Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?* (Mt 2.2). Uma estranha estrela havia anunciado o nascimento do Messias. O rei Herodes sabia que os magos não estavam interessados nele. Mas percebeu também que, se a busca deles fosse legítima, seu próprio reinado estava prestes a ser ofuscado pela chegada de outro Rei, o Messias há muito esperado. Herodes não abriria mão de seu trono sem antes lutar.

Nas profecias do Antigo Testamento, Deus havia claramente revelado o local de nascimento do Messias. Os líderes religiosos judeus, que Herodes reuniu para responder à pergunta dos forasteiros, recorreram imediatamente ao texto de Miquéias 5.2 para ver onde ficava Belém, a cidade natal do Salvador. Eles sabiam que Miquéias havia deixado orientações escritas centenas de anos atrás. Esses líderes estavam prontos para encontrar informações, mas não estavam preparados para crer. Curiosamente, ninguém se ofereceu como voluntário para acompanhar os magos na procura pelo Messias.

Deus fez um convite claro ao Seu povo por meio de Miquéias: *Veja, Belém!* O povo lembrou-se do convite, mas não o levou a sério. Dada a oportunidade de descobrir a verdade, o povo de Jerusalém deixou que outra pessoa corresse o risco de frustrar-se. Herodes chegou até a matar as crianças de Belém, na vã tentativa de eliminar seu rival.

Outras profecias de Miquéias giram em torno da passagem que aponta Belém como a cidade natal do Messias. Algumas das profecias se cumpriram com o retorno dos israelitas da Babilônia (Mq 4.10). Outras ainda estão para se cumprir (Mq 4.1-5). Mas Belém ainda é um símbolo do cumprimento dos propósitos de Deus na história.

O convite de Miquéias ainda parece verdadeiro. Mas nossa resposta deve ser diferente da do povo de Jerusalém. As pessoas na época de Jesus esperavam que algo acontecesse, mas não o perceberam por causa da descrença. Podemos olhar para a morte de Jesus e cometer o mesmo erro grave de ignorá-la por causa da incredulidade. Um capítulo fundamental na história de salvação de Deus começa em Belém. Em Miquéias, Deus deu mais do que um sinal daquela salvação.

**4.4,5** — A videira e a figueira são símbolos de paz e de prosperidade (Zc 3.10).

*Não haverá quem os espante.* O medo, como a guerra (v. 3), se tornará algo do passado.

**4.6,7** — *Naquele dia.* É a expressão que liga esta seção ao final dos tempos mencionado no versículo 1.

*Congregarei a que coxeava e recolherei a que eu tinha expulsado.* Os que sofreram abusos dos líderes ímpios de Israel seriam exaltados pelo Senhor.

*A que eu tinha maltratado.* As pessoas que Deus havia expulsado da terra seriam agora parte de Seu novo reino. Essa é uma grande surpresa — uma surpresa em termos de graça.

*A parte restante.* A maioria das pessoas de Israel não levava uma vida de fé e dedicação ao Senhor. No entanto, a verdadeira fé nunca morreu de fato em Israel, mesmo nos piores momentos.

**4.8** — A expressão *Torre do rebanho* é uma descrição de Jerusalém no sentido ideal. A *torre* era um ponto que favorecia a proteção de um rebanho de ovelhas. De igual modo, Jerusalém é

a *fortaleza* (ARA) ou lugar de proteção para o rebanho de Deus (Mq 2.12).

**4.9-12** — Miquéias dirigiu-se à cidade de *Sião* (Jerusalém) como se ela fosse uma mulher *que está de parto*. As aflições do presente levariam, finalmente, ao nascimento de um libertador.

*Virás até Babilônia.* Uma referência ao exílio.

**4.13** — *Levanta-te e trilha, ó filha de Sião.* As nações seriam reunidas pelo Senhor como gavelas em uma eira (v. 12). Esta é uma forma de falar da vitória final sobre todos os inimigos de Israel.

**5.1** — *Agora, ajunta-te em esquadrões.* Parece ser uma referência aos ataques dos inimigos de Judá contra o povo de Deus antes de sua derrota final. *Ferirão com a vara no queixo.* Um dia, os inimigos do Salvador iriam feri-lo (Mc 15.19); mas, em um dia ainda por vir, Ele ferirá todos os Seus inimigos (Ap 19).

**5.2** — O nome *Belém* significa *casa do pão* (Rt 1.1). *Efrata* situa a vila em uma região conhecida de Judá (Gn 35.16). Esta profecia figura expressivamente na história do Novo Testamento sobre

a visita dos magos ao menino Jesus (Mt 2.1-12). O detalhe específico desse oráculo sobre Belém é similar aos anúncios proféticos do Senhor sobre o nome de Josias para Jeroboão (1 Rs 13.2) e de Ciro para Isaías (Is 44.28—45.7).

*Origens.* O nascimento deste Rei-Salvador seria diferente do nascimento de qualquer outro, porque o Messias já existia antes de nascer. Ele é desde os dias da eternidade (veja também Jo 1.1,2).

**5.3,4** — O futuro de Israel é descrito aqui sob o aspecto do nascimento, da vida e do ministério do Rei-Salvador. Os dois adventos do Salvador são vistos como um único evento por Miquéias. Enquanto o versículo 2 fala sobre o nascimento do Salvador em Sua primeira vinda, os versículos 3 a 5 falam sobre o tempo do governo de Jesus na segunda vinda.

*A que está de parto* provavelmente se refere a Sião (Mq 4.10). A metáfora refere-se ao livramento, no final dos tempos, daqueles que poderão alegrar-se com a vinda do Reino de Deus (Mq 4.9—5.1).

O *resto*. A minoria nunca será esquecida pelo Senhor.

**5.5,6** — *E este será a nossa paz*. O texto em Isaías 9.6 refere-se a esta pessoa como o Príncipe da Paz.

*Quando a Assíria vier*. A principal ameaça contra Israel e Judá na época de Miquéias era a Assíria. O profeta usou a nação como um símbolo de todos os inimigos de Israel e da vitória final de Deus sobre cada um deles.

*Sete pastores e oito príncipes dentre os homens*. Estes contrastam com os governantes ímpios que Miquéias condenou no capítulo 3.

**5.7-9** — Esta seção trata da bênção de Deus sobre o *resto de Jacó*. A maldade do povo provocaria o juízo divino, mas Deus não iria exterminá-lo completamente. A expressão *No meio de muitos povos* descreve a dispersão do povo judeu por toda a terra na época do juízo de Deus. Imagens idênticas são usadas para descrever o efeito causado pelo povo judeu sobre as nações entre as quais viveu. O versículo 7 descreve o povo judeu como *orvalho* e *chuvisco* — ou seja, bênçãos de Deus sobre seus vizinhos. O versículo 8 descreve o povo judeu como um *leão* — ou seja, uma força poderosa que, no final, triunfaria.

**5.10,11** — *Eu exterminarei*. Era intenção de Deus destruir os males na sociedade de Israel. Os termos *cavalos* e *carros* representam o orgulho da força militar de Israel que, muitas vezes, confiava em seu poder militar, em vez de confiar no Senhor.

**5.12-14** — Tanto Israel como Judá foram assediadas, ao longo de sua história, para que praticassem ritos apóstatas e participassem de forma desafiante dos ritos de *feitçarias* de seus vizinhos e de todos os tipos de práticas idólatras brutais. A promessa de Deus aqui é erradicar do meio do povo qualquer vestígio dessas práticas perversas e rebeliões.

**5.12** — Feitiçaria e agouro foram veementemente condenados por Deus (Dt 18.10).

**5.13-15** — O segundo mandamento proibia o uso de *imagens de escultura* em Israel (Êx 20.4). A palavra *estátuas* refere-se às colunas fálicas usadas nos ritos sexuais de adoração dos cananeus.



## EM FOCO

### CONTENDA (HB. RIB)

(Mq 6.2; Jz 12.2; Pv 17.14; 18.6; Jr 11.20)

Esta palavra pode significar *disputa* ou *briga*, no sentido de uma rixa (Jz 12.2); *controvérsia* ou *conflito* instigados por um espírito rebelde (Nm 20.13; Pv 17.14; 18.6); ou até um *caso legal* ou *processo judicial* (Jó 31.13, 35; Jr 11.20).

Os profetas usavam esta palavra com frequência como um termo tecnicamente legal em contextos que diziam respeito ao relacionamento do Senhor, estabelecido na aliança, com Israel (Jr 25.31; Os 4.1; 12.2). Neste capítulo, Miquéias estava informando a Judá que Deus havia formalmente registrado uma queixa legal contra Seu povo. Deus estava ordenando que o povo fosse a julgamento por violar as condições da aliança que proibiam idolatria e exigiam justiça social (Mq 6.2-16).

*Postes-idolos* (ARA). O termo refere-se aos bosques de Aserá. Esses objetos foram energeticamente condenados na Lei (Dt 16.21,22).

**6.1,2** — *Defenda a sua causa* (NVI). Deus (o Juiz) pede ao povo (os acusados) que defenda a própria causa. Os montes e os outeiros estavam entre as testemunhas da aliança que Deus fez com Seu povo (Dt 4.26; 32.1; Is 1.2).

*Entrará em juízo*. Se o povo ficasse em silêncio diante dos montes, o Senhor falaria contra o pecado do povo.

**6.3** — *Que te tenho feito?* De forma alguma, o Senhor se comportou mal contra Seu povo (Jr 2.5).

**6.4,5** — O Senhor fez um resumo de Suas grandes demonstrações de misericórdias para com Israel, incluindo Suas obras de salvação ao tirar o povo do Egito no êxodo e libertar Israel dos males que Balaque e Balaão haviam planejado (Nm 22—24).

**6.6,7** — A expressão *virei perante ele* significa aproximar-se em verdadeira adoração (Sl 15).

*Holocaustos, com bezerras de um ano*. Estes estavam entre os sacrifícios prescritos por Deus para a verdadeira adoração bíblica (Lv 1.3; 9.3). As palavras do versículo 7 vão além de qualquer exigência da Lei e até *contra* a Lei quando sugerem que Deus pode não se agradar do sacrifício, a não ser que o próprio filho de uma pessoa seja ofertado. Miquéias usa a hipérbole (figura que consiste no exagero intencional) para enfatizar a

necessidade da atitude correta na verdadeira adoração a Deus.

*Agradar-se-á*. A ideia de agradar a Deus por meio do sacrifício é encontrada em outras passagens na Bíblia. Deus agrada-se daqueles que fazem o que Ele ordena (Gn 4.1-8).

**6.8** — Este versículo fala sobre as atitudes fundamentais que devem acompanhar toda verdadeira adoração.

*O que o SENHOR pede de ti*. A ideia aqui é que Deus busca certas características da verdadeira adoração em Seu povo.

*Pratiquês a justiça, e amês a beneficência, e andês humildemente*. Estas expressões resumem a devoção bíblica na verdadeira adoração. A maioria do povo de Israel frequentemente violava cada uma dessas especificações. Os governantes não conheciam a *justiça* (Mq 3.1; NVI), não tinham interesse na misericórdia (Mq 3.2,3) e não demonstravam humildade (Mq 3.11).

*Com o teu Deus*. É o Senhor que, no final, dá à pessoa força, coragem e capacidade para exercer as virtudes da vida cristã.

**6.9** — A *vara* é uma imagem messiânica. É possível que este versículo esteja baseado no Salmo 2.9,11,12.

**6.10-15** — O povo de Judá estava abusando dos outros com falsas medidas, com *violência* e com *mentiras*. Essas práticas há muito foram removidas da verdadeira adoração descrita no versículo 8. Esta é a justificação divina para a



## APLICAÇÃO

### MARCAS DA VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE

O que significa conhecer a Deus? Quais são as marcas da verdadeira espiritualidade? Miquéias oferece um resumo quando nos apresenta três atitudes importantes que devem ser características de cada pessoa que faz parte do povo de Deus: praticar a justiça, amar a benevolência e andar humildemente com Deus (Mq 6.8). Esta abordagem trilateral da vida é equilibrada, ao contrário de muitas das modas da espiritualidade moderna. Por exemplo:

- Agir com justiça é o que mantém o indivíduo no mundo real, em vez de mergulhar em abstrações teóricas que, na verdade, ignoram a opressão e a injustiça.
- Amar a benevolência é o que mantém o indivíduo em contato com a graça de um Deus fiel, em vez de sucumbir à tirania da espiritualidade voltada para a obtenção de resultados.
- Andar humildemente com Deus é o que mantém o indivíduo dependente dos recursos de Deus, em vez de confiar em meras soluções humanas, o que gera uma pressão irrealista em indivíduos e instituições.



## EM FOCO

## COMPAIXÃO (HB. RAHAM)

(Mq 7.19; Êx 33.19; Pv 28.13)

A palavra hebraica traduzida aqui por *apiedar-se* (v.19 ARC) ou *ter compaixão* (ARA) significa *amar desde o ventre* e frequentemente é traduzida por *compadecerá* (Is 14.1). A forma nominal deste verbo em hebraico significa *ventre* e, conseqüentemente, descreve o amor terno de uma mãe por seu filho indefeso (1 Rs 3.26). Em outras palavras, refere-se à emoção profunda associada a esta expressão de amor. Deus ama Seu povo com uma profunda compaixão e um amor que chegam a ser quase indescritíveis.

Deus usou uma forma desta palavra hebraica para revelar Seu caráter e Seu nome a Moisés: *JEová, o SENHOR, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade* (Êx 34.6).

decisão do Senhor de trazer juízo sobre Jerusalém, a despeito do fato de Seu santo templo estar ali (Mq 3.11,12). A adoração que estava sendo oferecida, embora obedecesse ao modelo da Lei, não procedia de verdadeiras atitudes bíblicas e práticas misericordiosas.

**6.16** — A história espiritual do Reino do Norte chegou ao nível mais baixo nos governos de Onri e de Acabe. Enquanto Jeroboão I havia associado a adoração a Deus à natureza e aos ritos sexuais da adoração a Baal (1 Rs 12.25-33), Acabe e sua esposa, Jezabel (em um casamento arranjado por Onri), promoviam a adoração pública de Baal e Aserá (1 Rs 16.21-34). Por essas razões, e a despeito da presença do templo, Deus estava para levar Seu povo à vergonha total.

**7.1,2** — Miquéias condeu-se por causa dos oráculos de julgamento que Deus entregou por seu intermédio (Mq 1.8).

*Não há cacho de uvas para comer.* Para Miquéias, acabou a colheita. Não havia nada à sua volta, senão frutos indesejáveis.

*Pereceu o benigno da terra.* As normas da sociedade falharam; todos saem para destruir uns aos outros.

**7.3-6** — *As suas mãos fazem diligentemente o mal.* As pessoas estavam procurando o mal com prazer. Os líderes da nação eram os que encabeçavam a prática de andar no caminho do mal (Mq 3.11).

*Veio o dia dos teus vigias.* Essa expressão refere-se a um tempo em que o povo precisava ficar

alerta por causa da aproximação de um exército inimigo. Neste contexto, o juízo era iminente.

**7.7** — *Eu, porém, esperarei no SENHOR.* Estas palavras fazem jogo com as palavras do versículo 4. Embora fosse necessário que *vigias* ficassem esperando a chegada de um exército inimigo, Miquéias seria um vigia à espera do advento do SENHOR.

**7.8,9** — Nestes versículos, quem fala é a nação de Israel depois de arrepender-se. *Pequei* é a confissão do povo com a fé que salva. *Até que julgue a minha causa.* Aqui o autor está falando *em nome* do povo (compare com o cap. 6). Assim como Deus livrou Israel no passado por causa de *sua justiça*, Deus livraria o povo israelita arrependido no futuro.

**7.10** — O povo de Israel sabia que sofreria afrontas nas mãos de seus inimigos durante o período do juízo divino. No entanto, o juízo que Deus traria sobre Seu povo tinha por objetivo levá-lo ao arrependimento.

**7.11-13** — *No dia.* Estas palavras chamam a atenção para o dia futuro, o tempo do fim.

*Virão a ti.* Aqui, o pronome oblíquo *ti* está no lugar de São (Jerusalém). Esta é a profecia do retorno do remanescente (Mq 2.12,13; 4.1-4,6-8; 5.3,7,8).

*Ao rio.* Isto é, o Eufrates. A ideia destes versículos é um novo ajuntamento universal do povo de Deus na terra do Senhor (Dt 30.1-6).

**7.14,15** — *Apascenta o teu povo.* Miquéias orou para que Deus, o Pastor, cuidasse de Seu rebanho. Miquéias pediu que as maravilhas provenientes do relacionamento entre Deus e Seu

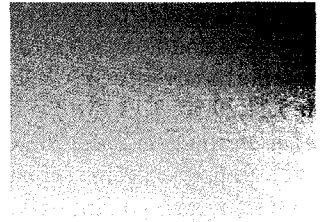
povo, ocorridas na época do êxodo, voltassem a acontecer.

**7.16,17** — A resposta das *nações* ímpias às misericórdias renovadas de Deus para com Seu povo seria de terror. As *nações* seriam humilhadas por terem zombado de Israel no dia de sua angústia (v. 8-10).

**7.18,19** — *Quem, ó Deus, é semelhante a ti.* Estas palavras afirmam que não há ninguém que se compare a Deus. Não há nada em toda

a criação que possa ser comparado a Deus (Is 40.25). *Que perdoas a iniquidade.* Estas palavras vêm da revelação de Deus a Moisés em Êxodo 34.6-9.

**7.20** — Este último versículo traz à mente a promessa de Deus a Abraão, em Gênesis 12; 15; 22, e Suas promessas a Jacó, em Gênesis 32. O Senhor jurou cumprir Suas promessas aos patriarcas. Ele não iria — nem poderia — deixar de cumpri-las (Sl 89.33).



O livro de

# Naum

## INTRODUÇÃO

**O** livro de Naum é um dos dois livros dos profetas menores que giram em torno de Nínive, a capital da Assíria. No livro de Jonas, escrito no século 8 a.C., observamos um homem de Deus que foi chamado a pregar para Nínive. Ele foi um dos poucos profetas que entraram em desespero quando seus ouvintes deram atenção a seu aviso. O povo de Nínive arrependeu-se, e Deus mostrou sua grande compaixão não trazendo juízo sobre a cidade. No livro de Naum, escrito no século 7 a.C., encontramos outro profeta chamado por Deus a pregar para Nínive. O mal novamente imperava na capital. Tragicamente, o povo de Nínive dessa vez ignorou o aviso de Naum.

O povo do Reino do Norte, Israel, estava cometendo pecados sérios contra Deus e ignorando os avisos de

castigo dados por Seus profetas. Por fim, Deus usou a nação da Assíria, com sua capital em Nínive, para destruir Israel e levar o povo cativo. Um século após a queda de Samaria, em 722 a.C., o livro de Naum foi escrito para expressar uma grande verdade conhecida pelos profetas: mesmo quando Deus usa uma nação para cumprir Seus propósitos voltados para o juízo, isso não a isenta de sua culpa diante do Senhor. Era a vez de Nínive sentir a ira de Deus. O último grande imperador da Assíria foi *Osnapar* [mais conhecido como Assurbanípal] (669—627 a.C.). Após sua morte, a nação não subsistiu por muito tempo, pois o Senhor estava contra ela (Na 2.13; 3.3).

Como a tônica do livro de Naum condiz com o sentimento expresso no Sermão do Monte? Embora o Senhor



Jesus obviamente tenha falado sobre a questão de amarmos os nossos inimigos (Mt 5.43-48), Ele foi veemente ao advertir que o juízo seria inevitável (Mt 5.21,29,30; 7.13,23). Ele disse que *todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão* (Mt 26.52). Se houve alguma vez em que as palavras de Jesus a respeito da inevitável destruição daqueles que vivem lançando mão da violência tiveram uma aplicação direta, essa ocasião foi com Nínive.

Na conquista do mundo antigo, os assírios foram impiedosos e cruéis. Suas atrocidades incluíam, desde decepar mãos até queimar crianças até a morte. Em muitos sentidos, o livro de Naum é um estudo teológico sobre a máxima da espada. A fama de Nínive por causa de seus atos sangüinários de repressão, de destruição e de leviandade ia além de suas fronteiras. Deus não poderia ser bom se não chamasse uma nação perversa como essa a prestar contas. O aspecto teológico do livro de Naum é o da bondade de Deus no sentido de levar à destruição aqueles que se opõem à Sua vontade e maltratam Seu povo.

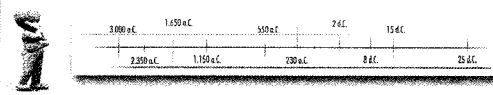
Nínive não foi apenas cidade no mundo antigo que recebeu o juízo prometido de Deus, mas também um protótipo do juízo vindouro de Deus contra todos os que praticam a maldade.

Aqueles que sabem que o Senhor é bom podem alegrar-se no fato de que Ele se vingará de atos perversos contra o Seu povo (Na 1.7,8).

O juízo vindouro é um chamado a que o povo de Deus também não seja complacente com o pecado. Implícitos em qualquer aviso de condenação estão o chamado a uma vida santa por parte do povo de Deus e um chamado urgente para que esse povo leve a mensagem de Deus àqueles que, sem salvação, sofrerão a ira do Criador. O juízo divino é um *estranho ato* (Is 28.21), mas, no final, é fruto da bondade e da justiça de Deus.

Não se sabe muito sobre Naum, o autor deste livro, a não ser o que está registrado nos três capítulos dessa profecia. Até seu local de nascimento, Elcós (Na 1.1), é incerto. No entanto, uma vez que Naum escreveu logo após a destruição de Israel, em 722 a.C., podemos partir do princípio de que Elcós ficava em Judá.

A queda de Tebas, em 663 a.C. (Nô-Amom, Na 3.8), estipula o limite para a data mais antiga do livro. A queda de Nínive, pronunciada pelo livro, aconteceu em 612 a.C., pouco antes da destruição final do império assírio, em 609 a.C. Isso significa que o livro de Naum foi escrito antes de 612 a.C., talvez tenha sido escrito durante a reforma de Josias, em 622 a.C.

<b>LINHA DO TEMPO</b>	
<b>CRONOLOGIA EM NAUM</b>	
Ano 722 a.C. — Israel é levado cativo pelos assírios	
Ano 669 a.C. — Começa o reinado de Assurbanípal (Osnapar) na Assíria	
Ano 663—654 a.C. — A Assíria ocupa Tebas (Nô-Amom), a capital do Egito	
Ano 622 a.C. — Restauração em Jerusalém sob o governo de Josias	
Ano 612 a.C. — Nínive cai nas mãos dos medos e babilônios	
Ano 605 a.C. — Começa o reinado de Nabucodonosor na Babilônia	



## ESBOÇO

I. Um salmo de louvor pela justa vingança do Senhor — 1.1—2.2

A. A vingança de Deus contra Seus inimigos como um sinal de Sua bondade para com Judá — 1.1-11

B. A restauração de Judá por Deus depende do juízo divino contra os inimigos da nação — 1.12—2.2

II. Profecias acerca do juízo vindouro de Nínive — 2.3—3.19

A. A cidade é sitiada — 2.3-13

B. Preâncio de tribulação acerca do sítio — 3.1-19

## COMENTÁRIO

1.1 — A maioria dos profetas da Bíblia profere palavras de juízo contra as pessoas que estavam em pecado, tanto em Israel quanto em Judá. *Naum*, no entanto, trouxe a palavra acerca do juízo de Deus contra *Nínive*.

O termo hebraico traduzido por *peso* às vezes era usado pelos profetas (Hc 1.1; Ml 1.1) para descrever o peso da mensagem do juízo que traziam.

1.2-8 — No hebraico, esse poema é um acróstico, ou seja, um texto em que a primeira letra de cada verso começa com a letra do alfabeto que vem em seguida. Por exemplo, o versículo 2 começa com a letra *aleph* do alfabeto hebraico; o versículo 8 conclui com a letra *kaph* do alfabeto hebraico. Os acrósticos possivelmente eram usados para facilitar a memorização e a recitação.

1.2 — O SENHOR *toma vingança e é cheio de furor*. A repetição de palavras e o uso de termos paralelos são recursos muito utilizados na poesia hebraica para intensificar a mensagem do poeta.

1.3 — A ratificar *tardio em irar-se* faz referência à paciência do Senhor (Êx 34.6,7). No entanto, a paciência de Deus não é motivo para não crermos em Seu juízo final (Sl 10).

As palavras *tempestade*, *tempestade* e *nuvens* são indicativas do fato de que os povos do antigo Oriente Médio adoravam deuses da natureza, principalmente divindades associadas a tempestades, nuvens e chuvas fortes. Em Canaã, esse grande interesse por tempestades girava em torno de Baal e de suas consortes, Anate e Aserá. As

Escrituras declaram que não há outros deuses, senão o Senhor; é Ele quem governa e está sobre toda a criação.

1.4 — *Ele repreende o mar [...] e esgota todos os rios*. O controle do Senhor estende-se a todos os corpos de água e a todos os lugares de vegetação exuberante — incluindo *Basã*, *Carmelo* e o *Libano*.

1.5,6 — *Os montes tremem [...], os outeiros se derretem [...] e a terra se levanta*. O povo de Deus vivenciou essas manifestações da presença de Deus nos pés do monte Sinai quando o Senhor desceu com Sua Lei (Êx 19).

O agrupamento destes três termos: *furor*, *ira* e *côlera* faz com que a força das palavras seja percebida de forma mais intensa. Em outras palavras, a ira de Deus se acendeu terrivelmente contra o povo pecaminoso de *Nínive*.

1.7 — O SENHOR *é bom*. Para os justos, essa é a melhor notícia de todas. Uma vez que sabemos que o Senhor é bom, podemos suportar as tribulações da vida.

1.8 — A verdade de que não se poderá escapar do juízo do Senhor está ratificada nas palavras *inundação*, *acabará* e *trevas*. O termo *inundação* é ao mesmo tempo poético, para a impressionante destruição de *Nínive*, é uma referência específica ao modo como a cidade realmente cairá. Acredita-se que os invasores de *Nínive* entraram na cidade por meio de seus canais inundados (Na 2.6).

1.9-13 — Nesta seção, o profeta é direto ao prenunciar a derrota dos assírios. Ele se dirige a eles e mostra que é inútil resistirem ao Senhor. Ao fazer isso, o profeta vai do aspecto geral para o específico.



## EM FOCO

## ZELOSO (HB. QANNO')

(Na 1.2; Js 24.19)

Esse termo hebraico está relacionado à raiz de uma palavra que pode significar *estar ansioso por, ter zelo por* (1 Rs 19.10,14), ou *estar indignado* (Zc 8.2).

Um dos codinomes de Deus é *Zeloso* (Êx 34.14). Assim, a expressão *o SENHOR, teu Deus, é um Deus zeloso* é usada no Antigo Testamento, normalmente associada a uma advertência contra a adoração de ídolos (Êx 20.5; Dt 4.24; 5.9; 6.15).

O zelo de Deus por Seu povo é uma reivindicação de lealdade exclusiva com base em Sua santidade (Js 24.19) e em suas prerrogativas como Criador e Redentor desse povo (Sl 95.6,7; 96.2-5). Muitas vezes associamos zelo a uma emoção egoísta que normalmente é fruto de sentimentos de imperfeição. O zelo de Deus, em contrapartida, procede de Sua santidade. Visto que é Santo (Is 6.3; 40.25), Ele não tolerará rival algum (Êx 20.5).

**1.9,10** — *Que pensais vós contra o SENHOR? Quem é sábio, experiente e forte o suficiente para lutar contra o poder de Deus? É claro que ninguém. Na melhor das hipóteses, os inimigos de Deus serão figuras tolas e cômicas. Seus melhores planos serão um simples emaranhado de espinhos; seus melhores movimentos serão apenas o andar descoordenado dos bêbados.*

**1.11** — *De Belial é um dos termos mais ásperos na linguagem bíblica, chegando a ser quase uma maldição. O termo se refere a alguém que não tem algum valor.*

**1.12,13** — *Assim diz o SENHOR. Aqui está uma promessa de livramento de Deus para Seu povo. A presente sensação de segurança e de poder que o inimigo tinha não persistiria; os juízos de Deus no passado contra Sua nação não continuariam.*

*Quebrarei o seu jugo.* O Senhor prometeu quebrar o jugo que o inimigo havia colocado sobre Seu povo (Is 9.4).

**1.14** — Aqui, Deus falou com o inimigo de Seu povo — a nação da Assíria representada por sua capital, Nínive (Na 1.1). Ao destruir o nome da nação, Deus removeria seu poder. Além disso, o Senhor prometeu destruir o falso sistema religioso da nação, com seus templos pagãos, ídolos e práticas abomináveis.

*Ali farei o teu sepulcro, porque és vil.* A única alternativa para Nínive era seu sepultamento. Essa profecia se cumpriu à risca — a cidade ficou tão destruída que sua existência foi questionada

até sua descoberta por arqueólogos no século 19 (Na 3.13-15).

**1.15** — *Eis sobre os montes os pés dos que trazem boas-novas.* A imagem é a de um mensageiro da paz (Is 52.7).

*Celebra as tuas festas, ó Judá.* Com a promessa de que a nação seria liberta da opressão no futuro, o profeta pediu ao povo para viver na justiça e com essa expectativa. Não há nada melhor para o povo de Deus, seja a época que for, do que viver em obediência a Ele e na expectativa de Seu livramento futuro.

**2.1** — *Guarda tu a fortaleza.* Essas foram palavras sarcásticas ditas ao povo de Nínive e seus líderes, como se eles pudessem proteger-se contra a ira do Senhor.

**2.2** — *Porque o SENHOR trará outra vez a excelência de Jacó.* A ira de Deus contra os inimigos de Seu povo significa que, um dia, os inimigos serão destruídos e o povo de Deus será restaurado. O termo *excelência* significa beleza, majestade ou admiração (Is 4.2). A ruína de Israel não duraria para sempre.

**2.3-13** — Essa passagem é uma descrição de Nínive sendo sitiada. A queda dessa nação prenunciada por Naum aconteceu apenas alguns anos depois dessa profecia, em 612 a.C., seguida pela destruição final do império assírio, em 609 a.C.

**2.3** — *As expressões vermelhos, escarlates e fogo de tochas* evocam sangue, violência e guerra. Isaías se refere à tradição que os assírios tinham de revolver os xales no sangue antes de uma batalha

(Is 9.5) para pôr medo no coração de seus adversários. Aqui a situação se inverteria. Enquanto outros teriam *escudos, carros e lanças*, o povo de Nínive seria banhado em seu próprio sangue. Ao contrário de grande parte da literatura antiga, a Bíblia não exalta a guerra. Ela faz uma descrição assustadoramente realista para mostrar que a guerra é consequência da rebelião da humanidade contra Deus. O Senhor não tem prazer em ver o confronto de exércitos humanos. No entanto, às vezes, no juízo, Deus deixa de usar Suas mãos para deter os homens, expondo pessoas e nações à sua própria destruição mútua desenfreada. Foi isso o que aconteceu com Nínive.

**2.4** — *Os carros se enfurecerão.* Os assírios usavam os carros como máquinas de guerra. A habilidade de quem os dirigia é o que sustenta as imagens deste versículo. Mas, como no caso dos escudos e das lanças de Naum 2.3, os carros de Nínive não venceriam, por mais rápido que fossem dirigidos.

**2.5** — *Eles, porém, tropeçarão na sua marcha.* As pessoas na cidade ficariam tão atordoadas por estarem sob ataque que ficariam sem ação. O termo *nobres* (ARA) talvez tenha sido com sarcasmo aqui, visto que essas pessoas não parecem impressionar muito.

**2.6** — *As portas do rio se abrirão.* Acredita-se que a destruição de Nínive tenha ocorrido quando os homens que a cercaram entraram na cidade por meio dos canais inundados. O ataque aconteceu na época da inundação, quando os rios minaram os muros e as defesas da cidade. Arqueólogos encontraram evidências de escombros deixados pela inundação que podem estar associados à destruição da cidade. Portanto, as palavras de Naum se cumpriram à risca.

**2.7,8** — *Huzabe está descoberta.* A nação que tanto havia feito para escravizar outros agora seria ela mesma levada cativa.

*Parai, parai, clamar-se-á.* Ninguém ouviria seus gritos de pavor.

**2.9,10** — *Saqueai.* A Assíria havia saqueado muitas nações, incluindo Samaria e outras cidades de Israel. Os despojos que podiam ser encontrados dentro de seus muros pareciam não ter fim.

Entretanto, os tesouros de Nínive se esgotaram. Finalmente, ela ficou *vazia*.

**2.11,12** — Nínive era uma cidade de *leões* (Na 2.13). Contudo, a despeito de todos os horrores que o *leão* de Nínive havia causado em outras nações, ninguém mais precisava temê-lo.

**2.13** — Embora os babilônios tenham conquistado a cidade, eles foram apenas instrumentos usados por Deus. O maior inimigo de Nínive era o *SENHOR dos Exércitos*.

**3.1-19** — O capítulo 3 de Naum é um prenúncio de tribulação que explica as razões por que Nínive é sitiada e destruída.

**3.1** — *Ai da cidade ensanguentada.* Nínive era conhecida por todo o Oriente Médio como uma cidade que se distinguiu pela violência e pelo derramamento de sangue.

**3.2,3** — *Cavalos e carros* eram instrumentos de guerra. O versículo 3 descreve os horrores causados pela máquina de guerra da nação, que resultaram em *corpos sem conta* (NVI).

**3.4** — O termo *pecados* refere-se ao paganismo. Qualquer adoração a deuses que não seja a adoração ao Deus das Escrituras é um ato de prostituição espiritual. Nínive era tão exímia em práticas pagãs que a cidade recebeu o título descritivo de *mestra das feitiçarias*. Desse modo, os assírios “seduziram” inúmeros governantes para que dependessem de sua ajuda militar. Além disso, Nínive era um centro da adoração a ídolos. A cidade abrigava os templos de Istar, deusa do sexo e da guerra, e de Nabu, deus da sabedoria. Artes mágicas como presságios, adivinhações, leituras de entranhas de animais e o uso de feitiços e encantamentos faziam parte da religião dos assírios — práticas contundentemente condenadas em outra passagem das Escrituras (Dt 18.9-14).

**3.5** — *Eis que estou contra ti, diz o SENHOR dos Exércitos.* A repetição dessa expressão encontrada em Naum 2.13 fica mais assustadora cada vez que é ouvida. Quem poderia sobreviver à oposição do Senhor?

*E te descobrirei na tua face.* O Senhor humilharia Nínive em público.

**3.6,7** — O Senhor descreveu o destino de Nínive como algo comparável a uma pessoa sobre

a qual foi lançada uma *imundície* (NVI) indescritível. Quando Nínive estivesse em ruínas, ninguém teria *compaixão dela*. As nações se alegrariam com o desaparecimento de Nínive.

**3.8** — *Nô-Amom, que está situada entre rios*. A destruição da cidade de Tebas, próxima ao rio Nilo, em 663 a.C., seria um prenúncio da destruição de Nínive. Nô-Amom é o nome hebraico de Tebas, derivado do nome egípcio que significa *Cidade de* [do deus] *Amom*. O argumento parece sugerir que, antes de sua destruição, ninguém teria imaginado a queda de Tebas. Mas a destruição aconteceu — pouco antes de ser escrito o livro de Naum. A cidade de Tebas foi reconstruída somente para ser destruída mais tarde, durante o período romano (29 a.C.). Nínive, no entanto, nunca seria reconstruída.

**3.9,10** — A cidade de Nô-Amom tinha muitos aliados poderosos, mas eles não foram suficientes para protegê-la no momento de necessidade. Quem se aliaria a Nínive para rechaçar o ataque do Senhor?

**3.11** — *Serás embriagada e te esconderás; também buscarás força*. Nínive seria como um bêbado

incapaz na esperança de encontrar refúgio, mas sem ter como encontrá-lo.

**3.12,13** — Naum é satírico ao descrever que as *fortalezas* de Nínive seriam derrotadas com tanta facilidade que elas seriam como árvores frutíferas que deixam seus *figos* caírem na boca de quem espera para comê-los.

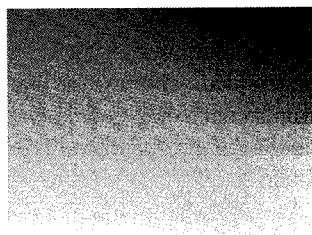
**3.14,15** — Naum zombou de Nínive quando disse ao povo que se preparasse para ser sitiado. O verdadeiro cerco de Nínive continuou por mais de dois anos.

**3.16,17** — A despeito da grande força econômica e militar de Nínive, nada restava em poder da cidade.

*Em subindo o sol*. O povo de Nínive seria como insetos noturnos que desaparecem à luz do dia.

**3.18** — *Os teus pastores dormirão*. Quando os pastores não estão atentos, o rebanho não pode ser protegido do perigo.

**3.19** — *Todos os que ouvirem a tua fama baterão as palmas sobre ti*. Todos os povos e nações que sofreram nas mãos do poder abusivo de Nínive gritariam e bateriam *palmas* ao ouvir sobre a destruição da cidade. Não haveria lamentação por Nínive.



O livro de

---

# Habacuque

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**A** *té quando, SENHOR, clamarei eu, e tu não me escutarás?* (Hc 1.2). Habacuque tinha o hábito, único entre os profetas, de fazer perguntas a Deus. A maioria dos profetas surgia entre o povo apregoando mensagens do tipo: *Ouçá a Palavra de Deus*. Mesmo que todos duvidassem da palavra de Deus, o profeta acreditava nela. E, se o profeta tivesse alguma dúvida, ele a guardava para si.

Mas, conforme dizíamos, Habacuque era diferente. Fazer essas perguntas era — ainda bem — parte da sua mensagem. Suas perguntas eram: *Por que o mal em Judá ainda não foi castigado? e como um Deus justo pode usar uma nação perversa como a Babilônia para castigar Seu povo escolhido?* Habacuque queria saber, assim como nós, o que Deus estava fazendo e o porquê. Parecia haver muita maldade

grassando entre os *justos* e muito espaço de manobra para os ímpios.

Deus não lançou um raio sobre Habacuque por ele ter feito essas perguntas; em vez disso, Ele respondeu a todas. O SENHOR em pessoa estabelecerá o Seu Reino. Ele fará todas as pessoas e nações responderem por seus atos. O presente pode estar cheio de perversidade e caos, mas o futuro pertence aos justos — aos verdadeiramente justos. Deus trará o Seu Reino, concederá repouso e salvação aos Seus filhos, e julgará os adversários do Seu povo.

O livro de Habacuque contém dois lamentos proféticos (Hc 1.2-4, 12-17), nos quais Habacuque questiona a retidão de Deus. O SENHOR responde explicando Seus planos de julgamento (Hc 1.5-11; 2.1-4). A isso, seguem-se cinco *ais* que ameaçam aqueles que

cometeram o mal, com sua destruição certa (Hc 2.6-20), como se dissessem: “não se preocupe, Habacuque, Deus é justo; Ele julgará”. O livro termina com a oração de louvor do profeta e seu reconhecimento da soberania de Deus sobre toda tribulação.

As nações se inclinam à cobiça, ao poder, à idolatria e à imoralidade. As pessoas tratam umas às outras de forma desumana. Às vezes, parece que todo sucesso e poder afluem para aqueles que descumprem a Lei de Deus e rejeitam Sua legítima reivindicação sobre a criação. Mas, segundo Habacuque, o SENHOR continua soberano; Ele está sentado em Seu santo templo, observando a terra. No fim, Ele julgará todas as pessoas pela vida que tiveram (Hc 2.20).

Se as pessoas podem ser seduzidas à impiedade pela aura do poder e do sucesso (Hc 2.6-20), um futuro glorioso aguarda aqueles que se submetem a Deus (Hc 2.4). A visão profética (Hc 2.4) e a oração (Hc 3.1) de Habacuque dão uma boa perspectiva para enxergarmos as injustiças deste mundo. O Todo-poderoso está no comando. Ele estabelecerá Seu Reino de justiça no final. Nesse dia, tudo o que estiver torto será endireitado: o

ímpio será julgado por seu pecado, e o justo será salvo. Os cristãos anseiam com grande alegria por esse dia (Hc 3.18,19).

Sabemos pouco sobre o profeta Habacuque. A referência à música (Hc 3.1,19; 1 Cr 25.1-8) pode significar que ele tenha sido um levita ligado aos cantores do templo. A alcunha o *profeta* é um título oficial, demonstrando que os outros o reconheciam como profeta do SENHOR. Seu nome, *Habacuque*, aparece duas vezes no livro (Hc 1.1; 3.1). Alguns especialistas associam o nome à palavra hebraica que significa *abraçado*. Seu nome, portanto, pode querer dizer *abraçado por Deus*.

Habacuque profetizou durante a queda de Nínive, em 612 a.C., e a ascensão da Babilônia como o império neobabilônico. Em 605 a.C., a Assíria e o Egito já tinham sido derrotados pela Babilônia, em Carquemis. Os dias de Judá estavam contados, e o poder da Babilônia se expandia rapidamente. Além disso, a morte do rei Josias, em 609 a.C., encerrou uma era de reforma religiosa em Judá. Os ímpios pareciam estar prevalecendo, tanto dentro quanto fora de Judá. Habacuque soltou um brado contra a violência, a falta de lei, e a injustiça que via ao seu redor.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM HABACUQUE

- Ano 612 a.C. — Nínive é tomada pelos médios e babilônios

---

- Ano 609 a.C. — Falece Josias, rei de Judá

---

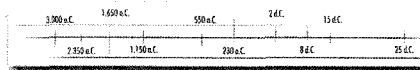
- Ano 605 a.C. — Começa o reinado de Nabucodonosor

---

- Ano 605 a.C. — Alguns judeus são levados cativos para a Babilônia

---

- Ano 586 a.C. — Jerusalém é tomada pelos babilônios



### ESBOÇO

I - Primeira lamentação de Habacuque — 1.1-4

- II - Primeira resposta de Deus — 1.5-11
- III - Segunda lamentação de Habacuque — 1.12—2.1
- IV - Segunda resposta de Deus — 2.2-20
- V - Oração de Habacuque — 3.1-19

## COMENTÁRIO

1.1 — *O peso que viu...* Um peso refere-se a uma profecia específica, geralmente dirigida a uma nação estrangeira (Is 13.1).

1.2-11 — O profeta percebeu o quanto a sociedade judaica se havia corrompido e o quanto o seu povo estava afastado do SENHOR. Os judeus oprimiam uns aos outros e refletiam uma sociedade em que os ricos e famosos tinham poder e sucesso, além de não serem punidos quando descumpriam a lei. Habacuque se perguntava por quanto tempo o SENHOR toleraria aquele mal. A resposta de Deus foi clara. Ele declarou que mandaria os babilônios para tratar a apostasia do Seu povo. Essa seção possui duas partes: (1) queixa do profeta (v. 2-4) e (2) resposta de Deus ao Seu profeta (v. 5-11).

1.2-4 — Nesses versículos, o profeta acusou o seu povo de cometer pecados graves e perguntou a Deus por que Ele tinha tanta paciência, enquanto os justos sofriam.

1.2 — Habacuque se dirigiu a Deus utilizando o Seu nome de aliança: SENHOR (Êx 3.14,15). *Até quando?* Esta pergunta foi formulada como uma queixa formal (Sl 13.1,2).

1.3 — *Iniquidade... a vexação.* A deterioração da sociedade tornara-se fonte de frustração e decepção para os justos.

*A destruição e a violência.* O abuso de poder, os atos injustos e a opressão eram comuns em Judá.

*A contenda e o litígio.* O povo de Judá discutia entre si e envolvia-se em litígios destrutivos.

1.4 — *A lei se afrouxa.* A revelação de Deus concedida no monte Sinai possuía pouco impacto no coração das pessoas cujas vidas estavam voltadas para o sucesso material. Essas pessoas não se interessavam por viver segundo a definição de Deus do que é justo e humano.

*Ímpio.* O povo escolhido de Deus cometia e tolerava atos odiosos por meio da corrupção dos tribunais.

*Justo.* Sempre havia gente fiel ao SENHOR, um remanescente virtuoso. Naquele momento, os justos estavam restritos em seus atos e palavras devido a todo o mal que os cercava.

*Juízo pervertido.* As pessoas influentes de Israel corrompiam a justiça.

1.5-11 — Nesses versículos, o SENHOR respondeu às perguntas de Habacuque, revelando-lhe que o juízo era iminente. A surpresa, porém, não por conta da revelação de que os babilônios seriam os instrumentos da justiça de Deus.

1.5 — *Vede entre as nações.* O cenário internacional, durante a vida de Habacuque, era de grande agitação, com a Assíria em decadência e a Babilônia em ascensão.

*Porque realizo ... uma obra.* As palavras em hebraico sugerem algo portentoso e impressionante, prestes a ocorrer.

1.6 — *Por que eis que suscito.* Deus controla as nações para os Seus próprios fins (Dn 2.21), algumas vezes indireta, outras vezes diretamente.

A palavra *caldeus* é sinônimo de babilônios. *Amarga:* os babilônios exerciam seu poderio de forma bruta e opressiva.

*Apressada.* Sob o governo de Nabucodonosor, a Babilônia rapidamente se tornou a principal potência mundial da época.

1.7 — *Horriível e terrível é.* Longe de demonstrarem humanidade, os babilônios se orgulhavam do seu uso arrogante da força bruta.

*Dela mesma sairá o seu juízo e a sua grandeza.* O sistema babilônico de lei e ordem não tinha consideração pelos outros sistemas legislativos.

1.8 — O emprego de *cavalos* e carruagens pelos babilônios tornou-os temidos na Antiguidade.

*Perspicazes... lobos.* Os babilônios eram poderosos e tirânicos.

*Águias.* A águia palestina é uma ave de rapina, uma predadora. Essas imagens do reino animal dão uma ideia clara da ferocidade dessa potência mundial.

1.9 — Habacuque observara *violência* em Judá (v. 2), mas a Babilônia se comprazia na violência.

*Congregarão os cativos como areia.* Os babilônios fizeram inúmeros povos capturados mudar do local onde moravam, sem qualquer respeito por eles.

1.10,11 — *Escarnecerão... farão zombarias.* Os babilônios só respeitavam o poder e a autoridade deles próprios, e os de mais ninguém.





## APLICAÇÃO

### QUESTIONAR DEUS

Certas pessoas acreditam que os seres humanos nunca devem questionar os caminhos de Deus. Há até quem pense que perguntar *por que* a Deus seja quase um pecado. Mas o livro de Habacuque contraria essa ideia. Está cheio das perguntas perplexas do profeta — e das respostas sábias de Deus.

Habacuque não era tão diferente de tantas pessoas que, hoje, andam atormentadas pelo mundo que as rodeia. Elas também pensam, às vezes: “por onde estará Deus? Por que Ele não faz algo a respeito de todas as dores, sofrimentos, injustiças, opressões, guerras e doenças que afligem a humanidade? Se Ele está presente, por que não se pronuncia? Se Ele tem poder, por que não o usa? Se Ele é amor, por que não intervém?” Habacuque nos mostra que este tipo de pergunta já existia desde o século 7 a.C.

As respostas também. Se, por um lado, Deus não pode explicar tudo de forma satisfatória — e nem nós somos capazes de compreender tudo o que Ele nos disse —, por outro, Ele nos garante, assim como garantiu a Habacuque, que Seus caminhos são justos e virtuosos, e que, além disso, *o justo pela sua fé viverá* (Hb 2.4). Esta verdade vale universalmente, como perceberam Paulo e outros autores do NT (Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38). No fim, a resposta às nossas dúvidas é confiar em Deus.

*Eles se rirão de todas as fortalezas.* Os babilônios zombavam dos sistemas de fortificação humanos, derrubando quaisquer defesas que encontravam pela frente.

**1.12—2.5** — Habacuque continuou seus primeiros questionamentos (v. 2) com uma pergunta sobre o reinado justo de Deus sobre as nações, e ficou esperando a resposta do SENHOR. Deus respondeu à sua pergunta, sem reservas. Essa seção possui duas partes: (1) a queixa do profeta (Hc 1.12—2.1) e (2) a resposta do SENHOR ao Seu profeta (2.2-5).

**1.12—2.1** — Habacuque questionou a justiça de Deus por enviar os babilônios perversos e cruéis como Seus instrumentos de juízo à iníqua Judá. As acusações eram: (1) como a balança da justiça pode estar equilibrada quando uma nação mais iníqua destrói uma nação iníqua (Hc 1.13)? (2) Como o SENHOR pode rebaixar os seres humanos ao nível dos peixes ou répteis (v. 14)? (3) Como Deus pode permitir aos babilônios tratarem tão cruelmente a humanidade (v. 15-17)? Após as acusações, Habacuque fica aguardando a resposta do SENHOR (Hc 2.1).

**1.12** — *Não és tu... meu Santo.* O que Habacuque parece querer dizer é que a santidade de Deus deveria tê-lo impedido de usar um instrumento sujo como a Babilônia para cumprir Seus propósitos de julgar e repreender o Seu povo.

**1.13** — *Tão puro de olhos.* Habacuque imaginava como Deus podia manter a cabeça erguida enquanto os babilônios iníquos pervertiam a justiça.

*Aquele que é mais justo do que ele.* Eis o dilema ético que Habacuque enfrentava: os judeus eram menos corruptos e idólatras que os babilônios, que estavam sendo usados para julgar os pecados deles.

**1.14,15** — As acusações de Habacuque contra o SENHOR tornavam-se ainda mais graves. O profeta acusou o SENHOR de rebaixar os seres humanos ao nível dos peixes ou insetos e de causar o caos em meio às nações.

**1.16** — *Sacrifica à sua rede.* Esta expressão trata do orgulho desdenhoso que os babilônios tinham de seus dispositivos destruidores.

**1.17** — Habacuque queria saber como Deus permitia que a atividade vergonhosa dos babilônios seguisse adiante, sem ser refreada. O profeta argumenta que Deus devia ter algum desejo de castigar os babilônios por seu orgulho.

**2.1** — *Minha guarda... sobre a fortaleza.* Habacuque colocava-se como um vigilante que observava as nações, conforme Deus lhe havia ordenado (Hc 1.5). O profeta também esperava com ansiedade pela resposta de Deus às suas três acusações em Habacuque 1.12-17.

*O que fala comigo.* Vê-se a fé de Habacuque pela sua expectativa da resposta de Deus.

*Quando eu for argüido.* Esta expressão indica a sujeição do profeta a Deus.

**2.2** — A ordem para escrever a revelação é incomum. Geralmente, os profetas primeiro *falavam* a palavra de Deus. O termo *visão*, nesse contexto, está ligado ao verbo traduzido como *viu* em Habacuque 1.1. O substantivo trata de uma revelação profética (Is 1.1).

*Para que a possa ler o que correndo passa.* O oráculo divino seria proclamado por mensageiros.

**2.3** — O tempo *determinado* trata de uma determinada época aos olhos de Deus.

*Se tardar, espera-o.* Deus conhece Seu plano e o desfecho de todas as coisas, segundo os Seus propósitos. Os justos têm a responsabilidade de estudar e proclamar a Sua revelação enquanto esperam que ela se cumpra.

*Certamente virá.* A garantia de cumprimento é o próprio Deus.

*Não tardará.* O cumprimento da visão não demorará mais que o planejado por Deus.

**2.4** — *Eis que a sua alma se incha:* essa pessoa arrogante e fanfarrona personifica a Babilônia (v. 4).

*Mas o justo, pela sua fé, viverá.* A pessoa orgulhosa confia em si mesma, no seu poder, na sua posição social, e nas suas companhias; mas o justo confia no SENHOR.

**2.5** — O termo *sepulcro*, usado nessa passagem, é como uma personificação da morte, que, assim como a pessoa ambiciosa, nunca está satisfeita (Pv 30.15,16).

*Todas as nações... todos os povos.* Estes povos da terra deveriam ter sido reunidos perante o SENHOR, para uma santa adoração (Sl 117.1); em vez disso, tornaram-se porções de comida para o feroz apetite da Babilônia.

**2.6-20** — Essa provocação profética (uso de sarcasmo na fala profética) está na forma de cinco *oráculos com ais*. Seu objetivo é garantir aos ouvintes dessa *visão* (v. 2,3) que Deus julgará a cobiça e a opressão, que Ele intervirá em favor dos justos (v. 20), e que Ele estabelecerá Seu glorioso Reino (v. 14). Se, por um lado, o centro da visão é a queda da Babilônia (539 a.C.), a mensagem estende-se à queda de todos os reinos

humanos. A Grande Babilônia cairá e **nunca mais** se levantará (Ap 17.1—19.4). A visão **tem cinco** partes. Cada uma começa com a **palavra hebraica** traduzida como *ai* ou a contém. Eis as cinco partes: (1) a insensatez da extorsão e do saque (v. 6-8); (2) a insensatez da exploração e da injustiça (v. 9,10); (3) a insensatez do assassinato (v. 11-14); (4) a insensatez da bebedeira e da imoralidade (v. 15-17); e (5) a insensatez da idolatria (v. 18-20).

**2.6** — O oráculo contendo *ai* é um oráculo de juízo que consiste de duas partes: a declaração do mal feito e a notificação do juízo iminente. O juízo costuma aplicar o princípio da lei de retaliação: o ato errado voltaria para assombrar o malfeitor.

*Multiplica o que não é seu.* A Lei proibia conceder empréstimos com o objetivo de cobrar juros (Dt 23.19).

*Dívidas.* A prática de penhorar algum objeto, como garantia de devolução do dinheiro, era permitida na Lei, mas tinha limitações, para garantir ao povo um tratamento humano (Êx 22.26,27; Dt 24.10-13).

**2.7,8** — O termo hebraico para a frase *que te hão de morder* também é traduzido como *credores*, e sugere ataques repentinos e dolorosos (Mq 3.5).

**2.9,10** — *Ajunta... bens mal adquiridos.* Obter bens pela extorsão e pelo abuso de poder era estritamente proibido pela Lei de Moisés (Dt 16.19).

*Seu ninho.* Assim como o pássaro faz o seu ninho longe das pessoas e dos animais selvagens, os ricos também trabalham duro para evitar ameaças à sua fortuna.

**2.11** — *A pedra clamará... a trave lhe responderá.* Toda a estrutura da sociedade israelita clamava por justiça; todas as suas partes reverberavam com a necessidade de corrigir os erros.

**2.12** — Miquéias também falou contra os líderes de Judá, que estavam desenvolvendo a *cidade* e o reino às custas do tratamento desumano dado aos outros, e da injustiça (Mq 3.10).

**2.13** — O *SENHOR dos Exércitos* é um título que se refere a Deus como o Comandante dos exércitos dos céus (Ag 1.5).



## APLICAÇÃO

### VIVENDO PELA FÉ

Poucas expressões na Escritura tiveram impacto tão duradouro quanto a declaração do SENHOR a Habacuque de que *o justo, pela sua fé, viverá* (Hc 2.4). Se você é protestante nos dias de hoje, este versículo tem um papel importante em sua herança espiritual: Martinho Lutero o adotou como seu lema durante a Reforma Protestante, no começo do século 16.

Mas, provavelmente Habacuque não compreendia toda a dimensão da verdade explosiva contida na declaração de Deus. Ela aparece como parte de um prelúdio a um cântico de provocação que o profeta foi instruído a cantar contra a Babilônia (Hc 2.1-6). O SENHOR estava explicando por que os babilônios seriam julgados. Basicamente, eles eram um povo *orgulhoso*, no sentido de que não temiam a Deus. Por sua vez, a pessoa *justa* — aquela que merecia a aprovação e a bênção de Deus — cairia nas graças de Deus, por causa da sua *fé* no SENHOR.

Na verdade, a palavra hebraica traduzida como *fé*, *emuná*, significa *firmeza* ou *fidelidade*. O israelita que seguia o pacto com fidelidade, cumprindo a Lei de Deus, era considerado uma pessoa *justa* ou *santa* (Sl 15). O que estava em questão não era a etnia judaica da pessoa, e sim a obediência a Deus. O problema dos babilônios, portanto, não era um problema de etnia, eles serem gentios, e sim o fato de viverem uma vida cheia de perversidade e idolatria. Viviam arrogantemente, como se seus interesses pessoais fossem tudo o que importasse. Por isso, o SENHOR os humilharia de acordo com os cinco *ais* proclamados por Habacuque (Hc 2.6-20).

No Novo Testamento, Paulo destacou a ideia de a pessoa viver somente pela fé (Rm 1.17; Gl 3.10-12). Com a vinda de Cristo, ele nos deu uma compreensão mais aprofundada dessa frase. *Viver pela fé* não significa obedecer à Lei apenas para os outros verem, como muitos líderes judeus daquela época presumiam, e sim comprometer-se de todo o coração com o SENHOR, e com o reconhecimento de que apenas Cristo é capaz de tornar alguém justo perante Deus. Isto não elimina a necessidade de viver com *fidelidade*, segundo Deus, e sim estabelece uma boa base para fazê-lo.

**2.14,15** — O futuro Reino de Deus na terra terá como característica ser um reino de justiça (Is 2.1-4; Mq 4.1-5). Toda a humanidade da terra renovada conhecerá o SENHOR e viverá segundo a Sua vontade. As estruturas do sistema humano, ainda que sejam adequadas no tempo presente, tombarão após o juízo de Deus, porque estimulam um espírito de independência em relação ao SENHOR.

*Conhecimento.* Aquilo que Satanás prometeu em falso em Gênesis 3.5 Deus entregará.

*Glória do Senhor* trata da total manifestação do Seu ser, da Sua importância, da Sua presença e do Seu poder. O verdadeiro conhecimento de Deus, na época do Seu reinado na terra, será como *as águas* — inescapáveis —, que tudo abarcam e tudo envolvem.

**2.16,17** — Só o Reino de Deus é glorioso. A *glória* dos reinos humanos, tais como a Babilônia, será transformada em desgraça.

*Sê como.* Em sua nudez, os babilônios estariam expostos como um *incircunciso*; nem seriam parte do povo de Deus, nem merecedores da Sua misericórdia.

O *cálice da mão direita do SENHOR* representa a ira divina (Is 51.17,22; Ap 14.10; 16.19).

**2.18,19** — *Que ensina a mentira... para que o artifice confie na obra.* A idolatria começa com a enganação, estimula a enganação, e pede um compromisso com a enganação (Is 44.20).

**2.20** — O SENHOR está no seu santo templo. Estas palavras não pertencem a um contexto de adoração a Deus pelo Seu povo. O SENHOR é soberano e santo. Ele olha para as nações e as responsabiliza por seus atos.

*Cale-se diante dele.* O chamado ao silêncio não é um convite a adorá-lo, e sim um chamado a refletir sobre a terrível situação de todos os que caem nas mãos do Deus irado (Sf 1.7).

**3.1-19** — Esse capítulo é um salmo em forma de um chamado profético. Habacuque conclama os justos (2.4) a fortalecerem-se enquanto esperam o Reino de glória (2.14), fazendo o seguinte: (1) meditando sobre os atos passados de Deus; (2) orando nas crises atuais; (3) mantendo a fé no SENHOR; e (4) alegrando-se pela libertação vindoura. Depois do sobrescrito (v. 1), o salmo possui duas partes: (1) oração pela intervenção



## EM FOCO

## IMAGEM (HB. PESEL)

(Hc 2.18; Lv 26.1; Dt 5.8; 2 Rs 21.7; Is 42.17)

Este termo está ligado a uma raiz verbal que significa *esculpir pedras*, ou *cortar* ou *esculpir madeira* (Êx 34.4). Um *pesel* é uma imagem, ou ídolo à imagem, de um ser humano ou animal feita de pedra, madeira ou metal. Deus proibiu os hebreus de fabricarem esses ídolos no monte Sinai (Êx 20.4). Deus queria que a ausência de imagens entre os hebreus fosse uma marca de distinção da sua religião verdadeira. Infelizmente, Israel seguiu o exemplo de seus vizinhos pagãos e adorou as imagens de escultura (Jz 18.30; 2 Cr 33.7). O salmista descreve essas imagens como imprestáveis, e aqueles que as adoram como desonrosos (Sl 97.7). Tanto Isaías (Is 40.19,20; 44.9-20) como Habacuque (Hc 2.18,19) zombam daqueles que confiam em imagens feitas por mãos humanas. Elas não têm capacidade de ver, escutar, falar nem de fazer nada pelos seus devotos.

do SENHOR (v. 2-15); e (2) o triunfo da fé e da esperança (v. 16-19).

**3.1,2** — *Owi*. Habacuque conhecia as histórias dos atos passados de Deus, conforme celebrados em músicas e nas festas de Israel. Dentre esses feitos poderosos estavam o êxodo do Egito, os milagres do mar Vermelho, e a conquista da terra. Aqui, a *palavra* significa a mensagem dos maiores feitos de Deus, e não o processo comunicativo.

*Tem*. Enquanto meditava sobre a obra de Deus em meio aos humanos, Habacuque teve uma sensação da grandeza do SENHOR, que o enchia de reverência.

*Aviva... no meio dos anos a notifica*. Habacuque orava para que Deus se envolvesse renovadamente com Israel.

*No meio dos anos*. Era uma forma de invocar uma resposta rápida.

**3.3** — *Temã* é uma referência poética à aparição de Deus no Sinai (Dt 33.2). Provavelmente, *Selá* é alguma notação musical, mas não se conhece seu significado exato. Pode ser que indique um brado repentino de *amém*, um momento de silêncio, ou um acorde musical.

**3.4** — Habacuque comparou a manifestação de Deus no Sinai (v. 3) a uma tempestade de raios, com sua escuridão e seu relampejo (Sl 18.9-14).

*O esconderijo da sua força*. Enquanto Deus revela a realidade do Seu poder, a totalidade e a grandeza do mesmo permanecem ocultas.

**3.5** — *Peste... raios de fogo*. Estas pragas estão personificadas como mensageiros do juízo (Dt 28.21,22).

**3.6** — *Montes perpétuos... outeiros eternos*. Muitas vezes os profetas falaram de tremores na natureza, terremotos nas montanhas e a criação toda alvoroçada pela chegada de Deus (Is 24.1-3; Jr 4.24-26; Mq 1.3, 4; Na 1.5).

**3.7** — *Cusã... Midiã*. Estas tribos representavam as nações que tremiam.

**3.8-10** — *Rios... mar*. O SENHOR dividiu o mar Vermelho e o rio Jordão para o Seu povo atravessá-los (Êx 14.26—15.5; Js 3.14-17).

*Carros de salvação*. A revelação do SENHOR tinha o objetivo de trazer libertação ao Seu povo.

**3.11,12** — *O sol e a lua pararam*. Isto alude à batalha de Gibeão (Js 10.12,13). Habacuque retratou Deus como um Guerreiro armado com arco, flechas e uma lança (Êx 15.3; Sl 18.14; 77.17).

**3.13-15** — Os atos de vingança do SENHOR contra as nações consolariam o Seu povo, pois tais atos levariam à *salvação* de Israel (2 Ts 1.7). O povo de Deus como nação estava *ungido* (Êx 19.6; Sl 114.2). A expressão *casa do ímpio* alude à redenção de Israel do Egito.

**3.16-19** — Habacuque finalmente se voltava para a libertação futura, enquanto aguardava com esperança e alegria os novos juízos e a salvação de Deus.

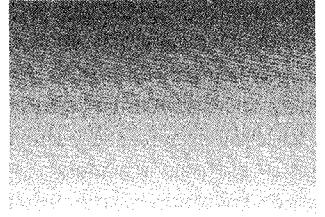
**3.16-18** — O profeta estava repleto da sensação de admiração por Deus, bem como da sensação de sua própria fragilidade.

*Descanse eu no dia da angústia*. O profeta estava estimulando os justos a não temerem na adversidade.

3.19 — *Jeová, o SENHOR.* O título divino *Yahweh*, nesse trecho, junta-se ao título *Adonai*, que significa *Senhor*.

*Minha força.* Deus fortalecerá aqueles que nele confiam (Sl 18.32,39). Ele dará aos que

vivem pela fé a mesma confiança que as *cervas*, que conhecem o solo onde pisam, têm ao subir montanhas (Ml 4.2). Como um exército vitorioso, o justo com a força de Deus ocupará as *alturas*.



O livro de

---

# Sofonias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**H**á uma palavra na língua inglesa que designa a pessoa que prenuncia o mal no futuro: *doomsayer* [agoureiro]. É um termo depreciativo, comumente utilizado para se zombar da pessoa portadora de más previsões. A verdade é que ninguém, em sã consciência, deseja crer em predições negativas. Por isso, e para se dar por encerrado o assunto, tal pessoa é quase sempre, desse modo, desacreditada. O ideal, todavia, seria que a pessoa que traz o anúncio negativo trouxesse também uma indicação da solução para a situação prevista.

A mensagem do profeta Sofonias se apresenta como uma equação contendo tanto a má como a boa previsão. Suas primeiras predições eram constituídas de más notícias. Declarava que o Dia do Senhor estava próximo e que isso significaria terrível juízo

divino. Os israelitas estavam agindo tal qual seus vizinhos pagãos — escarnecendo da Lei de Deus, adorando falsos deuses e pecando sem qualquer remorso. Havia chegado, portanto, o tempo do arrependimento: o povo teria de voltar-se para Deus ou enfrentar as consequências. Essa parte da mensagem de Sofonias aos israelitas, conclamando-os a voltarem para Deus, foi o que lhes ofereceu, então, um raio de esperança. Os que responderam a esse chamado tomaram posse da boa notícia, e Deus restaurou os que o buscaram.

Segundo a história, a missão do profeta obteve, de fato, o sucesso desejado. O livro de Sofonias descreve eventos ocorridos em Jerusalém no final do século 7 a.C., quando Josias era rei de Judá. O reino dissidente do Norte, Israel, havia sido destruído

quase cem anos atrás pelos assírios. O Reino do Sul, Judá, por sua vez, havia sofrido com os terríveis governos de Manassés (697—642 a.C.) e Amom (642—640 a.C.). O mal desses dois reinados levou a parecer ser certo, então, o fim. Mas o justo rei Josias iria liderar significativo avivamento espiritual em todo o Judá. As Escrituras indicam que esse avivamento, embora breve, adiou o juízo de Deus, que, no caso, somente se manifestaria na posterior invasão babilônica (2 Cr 34.27,28). A mensagem de Sofonias anunciava o Dia do Senhor — um dia vindouro de juízo de Deus — no pior dos termos, mas prometia também as bênçãos de uma glória futura tão resplandecente quão tenebroso fora o juízo.

Diversos livros proféticos da Bíblia falam do Dia do Senhor (particularmente, o livro de Joel). Esse dia de juízo diz respeito ao povo de Deus (Israel e Judá), mas também às nações vizinhas. O profeta Sofonias repreende os líderes de Judá por seus muitos atos de maldade (Sf 3.1-7), mas suas profecias incluem outras nações, como Filístia (Sf 2.4-7), Moabe e Amom (Sf 2.8-11), Etiópia (Sf 2.12) e Assíria (Sf 2.13-15). Tais nações seriam julgadas por causa de seu orgulho e sua arrogância contra o povo de Deus, assim como por sua constante idolatria.

Contudo, a última parte da profecia de Sofonias contém palavras de esperança (Sf 3.8-20):

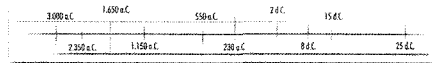
promessas de proteção aos remanescentes, assim como promessas para o futuro daqueles que viessem a conhecer o Senhor verdadeiramente. Em um dia vindouro, os povos de todas as nações irão adorar o Senhor (Sf 2.11; 3.9). Seu próprio povo se renovará em justiça (Sf 3.11-13), e o próprio Rei dos reis governará no meio dele (Sf 3.15; Ap 21.1-6). Esse dia da volta do Senhor será um dia de cântico e de júbilo. Até mesmo Deus se deleitará em alegria (Sf 3.16,17). A ira do Senhor (Sf 1.1,2) dará lugar a Seu regozijo, pois Sua salvação, finalmente, terá vindo ao encontro de Seu povo.

O livro de Sofonias retrocede a ancestralidade do profeta por quatro gerações, até Ezequias, possivelmente o rei mais famoso que Judá, o Reino do Sul, já teve. Após o mau e longo reino de Manassés e o de seu filho Amom, Josias começa a governar. Sofonias inicia seu ministério como profeta em Jerusalém no mesmo ano que o grande vidente Jeremias (627 a.C.). Juntamente com a profetisa Hulda (2 Cr 34.14-28), irão testemunhar a reforma religiosa que Josias havia começado, reforma que, infelizmente, dura pouco tempo. Com a morte de Josias, o povo volta a seguir os seus próprios e maus caminhos, e menos de 50 anos depois (por volta de 586 a.C.), Deus já usa Babilônia para discipliná-lo.

## LINHA DO TEMPO

### CRONOLOGIA EM SOFONIAS

- Ano 540—609 a.C. — Josias reina em Jerusalém
- Ano 627 a.C. — Começa o ministério de Sofonias
- Ano 612 a.C. — Nínive cai nas mãos dos medos e babilônios
- Ano 605 a.C. — Tem início o reinado de Nabucodonosor em Babilônia
- Ano 586 a.C. — Os babilônios destroem Jerusalém



## ESBOÇO

- I. Aviso acerca de juízo iminente — 1.1-18
  - A. O juízo é anunciado — 1.2-6
  - B. O juízo é definido — 1.7-13
  - C. O juízo é descrito — 1.14-18
- II. Chamada ao arrependimento — 2.1—3.8
  - A. Convite ao arrependimento — 2.1-3
  - B. Aviso detalhado sobre o julgamento — 2.4—3.8
- III. Promessa de futura bênção — 3.9-20
  - A. Promessa de conversão — 3.9-13
  - B. Promessa de restauração — 3.14-20

## COMENTÁRIO

**1.1** — *Palavra do SENHOR vinda.* As mensagens dos profetas do Antigo Testamento não vêm deles mesmos, mas do próprio Deus (2 Pe 1.20,21).

*Sofonias* significa *escondido no Senhor*, nome que se relaciona à principal mensagem que o profeta apresentava (Sf 2.3). Os nomes dos profetas frequentemente se associavam de modo significativo à mensagem que Deus lhes dava para proclamarem ao povo.

*Ezequias* certamente se refere ao notável rei de Judá (2 Re 18—20). Logo, o profeta Sofonias era parente do rei Josias, descendente de Ezequias.

**1.2,3** — *Inteiramente consumirei.* A mensagem de Sofonias começa com um pronunciamento sobre o juízo universal (Gn 6—8). Estas palavras não somente revelam o juízo que virá então especificamente sobre Judá (v. 4), mas falam também do juízo final, que irá introduzir solenemente o Reino de Deus na terra (Ap 19).

*Tropeços*, aqui, refere-se a falsos deuses ou outros substitutos de Deus na vida e na afeição das pessoas. Por não haver coisa alguma no universo que se possa comparar ao Criador (Is 40.25), Deus abomina qualquer forma de idolatria.

*Diz o SENHOR.* Esta expressão conferia maior seriedade ao oráculo profético e garantia legitimidade da fonte da mensagem ao ouvinte.

**1.4-6** — A mensagem do juízo iminente de Deus sobre a nação de Judá e sua capital, Jerusalém, deve ter sido estupefacente para os que criam que Deus jamais destruiria o lugar onde se encontrava Seu santo templo (v. 12).

*O resto de Baal.* A adoração a Baal e seus conseqüentes males haviam levado à destruição de Israel e sua capital, Samaria, em 722 a.C. Da mesma forma, levaram à destruição de Judá e Jerusalém em 586 a.C.

*Malcã* é uma referência à divindade amonita cuja adoração incluía atos de sacrifício de crianças (2 Rs 23.10; Jr 32.35).

*Deixam de andar em seguimento:* O povo havia conhecido a Deus e depois lhe dera as costas.

**1.7** — *Cala-te.* Esta chamada profética por silêncio era para uma solene preparação ao horror da ira divina iminente (Hc 2.20; Zc 2.13).

*Q dia do Senhor JEOVÁ* refere-se a um período de ação incomum da parte de Deus nas relações com Seu povo.

*Sacrifício.* O povo de Deus tinha o dever de preparar sacrifício ao Senhor como um ato de contrição e celebração. Mas, tendo se feito rebelde, fora da lei, idólatra, apóstata, viria a constituir-se o próprio sacrifício de Deus.

*Seus convidados* podem ser aves dos céus — abutres que se alimentam de cadáveres (Ap 19.21).

**1.8,9** — *Vestidura estranha* sugere duas coisas: (1) atos de ganância e extorsão contra a população, acumulando imensa quantia de fundos para uso em vestes exóticas; (2) participação em ritos religiosos estrangeiros associados a trajes exóticos.

*Saltam sobre o umbral* deve se referir a uma prática pagã como a mencionada em 1 Samuel 5.5: os sacerdotes do deus filisteu Dagom não pisavam na entrada do templo desse ídolo porque as mãos e a cabeça da estátua de Dagom haviam caído bem ali.



### EM FOCO

#### MANSO (HB. 'ANAV)

(Sf 2.3; Sl 22.26; Is 11.4).

Esta palavra hebraica pode ser traduzida por *humilde* ou *manso* (Sl 34.2; 37.11; Mt 5.5), derivando de um verbo que significa *curvar-se* ou *aflijir-se* (Sl 116.10). Formas variadas da palavra ocorrem duas vezes em Sofonias 2.3: traduzida inicialmente por *mansos*, depois por *mansidão*. A palavra diz respeito frequentemente aos pobres e oprimidos (Pv 14.21; Am 2.7). Mas significa também força de caráter para enfrentar o sofrimento sem guardar rancor. Esse tipo de caráter é enraizado em uma forte fé em Deus e Sua bondade e em uma inteira submissão à Sua vontade.



**1.10,11** — *Naquele dia* é expressão comumente usada para designar o dia do juízo (ou da bênção), o Dia do Senhor.

**Mactés.** Sofonias mostra sua familiaridade com várias partes de Jerusalém, ao mencionar determinadas portas, seções e partes ou distritos da cidade. **Mactés** se refere a um distrito comercial. Todas e cada área da cidade seriam alcançadas pelo juízo de Deus.

**1.12,13** — O SENHOR não faz bem nem faz mal. A complacência dos ímpios os leva a crer que Deus é, do mesmo modo, complacente para com o mal. Erroneamente, muitos em Judá acreditavam que o Senhor não seria capaz de agir nem como bênção nem como maldição, nem beneficiando nem punindo Seu povo.

**1.14-16** — A linguagem desta passagem se assemelha muito à de Joel 2.1-11, na qual deve certamente, em parte, basear-se.

*Está perto, está perto* significa claramente a urgente iminência do juízo de Deus. A referência a *nuvens e densas trevas* lembra a poesia cananeia, na qual nuvens e trovões estavam associados ao falso deus Baal. Os poetas da Bíblia usam da mesma linguagem para descrever a ação do verdadeiro Deus, que enviaria Seu juízo ou castigo como raios desde uma densa massa de nuvens (Sl 97.2-6). A referência a *idades fortes e torres altas* trata da extensão do juízo: não haveria defesa adequada contra o abrasador ato de punição de Deus.

**1.17,18** — *Como cegos.* O juízo seria tão repentino e terrível que seus sobreviventes ficariam em verdadeiro estado de choque, tropeçando no escuro.

**2.1-3** — Tendo entregue o aviso acerca do julgamento contra Judá, que se aproxima (Sf 1.2-18), o profeta, agora, exorta a nação a que se arrependa, comunitariamente (Sf 2.1,2) e individualmente (v. 3). Antes de virem a sofrer o terrível juízo previsto, no Dia do Senhor (Sf 1.14-18), devem as pessoas se *congregar* em arrependimento.

*Buscai o SENHOR.* É esta a linguagem do genuíno arrependimento, da real renovação, da verdadeira regeneração.

*Sereis escondidos.* Sofonias se utiliza aqui de um jogo de palavras, que representa o significado do seu próprio nome, *escondido no Senhor*. Mesmo em meio a toda a calamidade predita, a misericórdia e a graça do Senhor estariam disponíveis àqueles que se arrependessem.

**2.4,5** — O enfoque do livro muda, da abordagem do julgamento de Judá e Jerusalém pelo Senhor para o Seu juízo das nações vizinhas. O juízo tem início pelas nações ocidentais, particularmente pela Filístia e suas principais cidades e postos de comércio marítimo. As cinco principais cidades dos filisteus eram: *Gaza, Asquelom, Asdode, Ecom e Gate*. Somente esta última não é mencionada aqui. *Quereteus* é outro nome dos filisteus. *Canaã* é o antigo nome da terra do povo de Israel, que deriva do patronímico de seus primeiros habitantes. Mais tarde, a terra passou a chamar-se Palestina, ou Filístia, termo derivado do nome *filisteu*.

**2.6,7** — *A borda do mar será de pastagens.* As cidades litorâneas da Filístia, bem como a planície costeira, que os filisteus dominaram por longo tempo, um dia se tornariam possessão dos



## APLICAÇÃO

### O AVISO DE DEUS

Nos dias de Sofonias, o povo de Judá ensurdecera aos avisos periódicos do Senhor quanto a uma iminente catástrofe do país. De tempos em tempos, o Senhor tomava medidas extremas para tirar Seu povo do estado de negligência, mas de nada adiantava. Deus exterminou assim, por exemplo, nações e cidades inteiras (Sf 3.6), inclusive o reino de Israel, para mostrar o juízo que esperava Judá. Talvez isso fizesse o povo *aceitar a correção* (Sf 3.7) antes que fosse tarde demais. Apesar de todo o empenho do Senhor, Judá permaneceu teimosamente *rebelde e manchada*, recusando-se a receber correção (Sf 3.1,2). Príncipes, juizes, profetas e sacerdotes persistiam em seus próprios maus caminhos (Sf 3.3, 4), indiferentes aos urgentes avisos de Deus de perigo à vista.

hebreus. O mesmo Deus que levou destruição ao povo de Judá (Sf 1.14-18) restauraria sua sorte.

**2.8,9** — Os povos de *Moabe* e *Amom*, a leste de Judá, eram hostis aos hebreus desde os tempos antigos. *Moabe será como Sodoma*. Eis aqui uma séria ameaça de castigo de Deus (Gn 19.12-29).

**2.10,11** — O SENHOR *será terrível para eles*. Pode haver um duplo sentido nestas palavras. Os justos de Judá e Jerusalém teriam certamente uma reação de assombro e admiração diante de Deus, que havia respondido à oração de Seus servos; mas aos maus reservava-se reação um tanto diversa, de temor e terror.

*Todos virão adorá-lo*. Haveria não somente remanescentes justos em Judá, mas também viriam ao Deus de Israel pessoas de todas as nações da terra.

**2.12** — *Etiópes*. Somente um versículo neste capítulo é dedicado à mensagem do Senhor aos povos do sul, os etiópes. É uma mensagem bem áspera e, como é Deus quem está falando, Seu julgamento será inevitável.

**2.13-15** — A Assíria ficava a leste de Judá. Como os exércitos antigos não podiam marchar

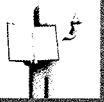
pelo deserto, eles o contornavam, entrando na terra dos hebreus pelo norte.

O *pelicano como o ouriço* eram animais geralmente encontrados em áreas remotas (Is 34.11); sua presença nas ruínas de Nínive comprovam a severidade da destruição anunciada para aquele povo.

A *cidade alegre e descuidada* é uma expressão irônica, significando a transigência dessa cidade para com o pecado. O juízo de Deus recairia ali de maneira repentina, tornando toda aquela região útil apenas como pastagem.

**3.1-4** — O destinatário da palavra profética aqui é Jerusalém, cidade de Davi, que se tornara *cidade opressora*, centro da rebeldia e apostasia. Seria marcada brevemente, portanto, pela destruição. A expressão de pesar reflete o próprio coração de Deus.

*Príncipes, juizes, profetas, sacerdotes*, que Deus havia designado especialmente para trabalharem em prol da justiça, eram mais pecadores que os cidadãos comuns de Jerusalém. Esses líderes estavam defraudando, roubando e destruindo os fracos, necessitados e desamparados.



## ENTENDENDO MELHOR

### DALÉM DOS RIOS DA ETIÓPIA

Considerando-se o mapa-múndi nos dias de Sofonias, é notável a promessa feita por intermédio do profeta de que o Senhor restauraria Sua dispersão *dalém dos rios da Etiópi*a (Sf 3.10). Pelo que se sabe, a Etiópia representava o limite, a sudoeste, do conhecimento de mundo que possuía Judá. O interior da África além dos rios da Etiópia significava literalmente, para os antigos israelitas, algo fora do mapa, ou seja, um mundo completamente desconhecido. Tratava-se, enfim, de território inteiramente obscuro para eles.

A que estava então Sofonias se referindo? O contexto mostra que o profeta antecipava o dia em que o Senhor iria trazer a si pessoas desde os confins da terra, para formar um povo santo que o adoraria e o serviria com coração sincero (Sf 3.9,12,13). Entre esses povos, estariam os *dalém dos rios da Etiópi*a. O profeta chama o novo povo santo de Deus de *a filha da minha dispersão* (Sf 3.10) e *o remanescente de Israel* (Sf 3.13). A visão de Sofonias parece estar associada, assim, às predições de Jeremias de uma dispersão dos judeus por todo o mundo, seguida de restauração (Jr 30.10,11,18-22; 31.1-40).

Começando no século 6, muitas colônias judaicas se estabeleceram ao longo do Nilo e da costa africana do Mediterrâneo. É de supor que a profecia de Sofonias diga respeito, particularmente, à comunidade judaica no norte da Abissínia. A profecia, no entanto, pode representar mais do que simplesmente uma restauração judaica. Parece corresponder à predição davídica de que a Etiópia, um dia, *estenderá para Deus as suas mãos* (Sl 68.31). Isaías vislumbrara também o dia em que terras distantes, que nunca haviam ouvido antes de Deus, seriam convocadas a mandar representantes seus ao Senhor em Jerusalém — uma visão que parece corresponder à missão da Igreja (Is 66.18-21).

Sofonias provavelmente não fazia a menor ideia das vastas tribos que habitavam *dalém dos rios da Etiópi*a. Mas toda vez que um descendente dessas antigas comunidades venha a ter fé em Cristo, a África estará ganhando mais um membro integrante dos novos povos de *lábios puros*, chamados a servir ao Senhor *com um mesmo espírito* (Sf 3.9).

3.5-7 — Por ser Deus absolutamente *justo*, não poderia ficar inerte quanto a pessoas tão más.

*Exterminei as nações.* A punição divina dos vizinhos de Judá deveria servir de alerta e lição para o povo de Deus.

3.8 — *Pelo fogo do meu zelo.* A declaração de Seu juízo é a resposta de Deus à maldade de Jerusalém. Deus usa do castigo a outras nações ímpias como exemplo da punição que reserva à cidade má e rebelde.

3.9-13 — O enfoque do texto muda agora para uma época de regeneração e restauração de Judá. *Lábios puros* se refere à linguagem a ser usada na pura adoração a Deus. Um dia, a linguagem humana há de tornar-se elemento de união na verdadeira adoração a Deus.

*Meus zelosos adoradores.* O povo de Deus virá de todas as nações para adorá-lo.

3.14-17 — O povo de Deus é convocado a *cantar alegremente* em celebração ao seu livramento.

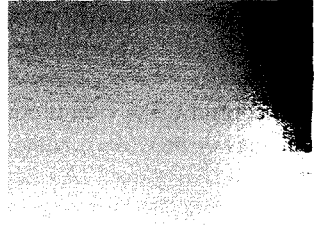
*Filha de Sião* é um título carinhoso para a cidade de Jerusalém.

*Naquele dia.* Conclama-se o povo a não ter medo nem se colocar em posição de culpa e resignação; deverá, pelo contrário, encorajar-se e fortalecer-se, em face da nova realidade de ter agora o próprio Deus habitando em seu meio.

3.18-20 — *Os que em ti se entristeceram.* Deus irá consertar toda e qualquer situação. Os que forem inimigos da verdade de Deus serão descartados; aos que tiverem perdido seus bens e direitos, Deus irá restaurar.

*Vos darei um nome e um louvor.* As Escrituras falam normalmente do louvor que se deve a Deus. Nesta passagem, está um louvor que o próprio Deus dará a Seu povo. Assim como no início de Seu relacionamento com Abraão e Sara (Gn 12.1-3) Deus lhes prometeu bênção, honra e um nome reconhecido, assim também o Senhor promete aqui *um nome e um louvor* a cada membro de toda a Sua família.

*Diz o SENHOR.* É este um voto solene da parte de Deus. Ele faz o que promete. Sofonias começa e termina sua profecia com a forte convicção de que é o Senhor quem está falando. A implicação disso é bastante clara: ouçam e vivam!



O livro de

---

# Ageu

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**A**geu profetizou para os judeus que haviam voltado do exílio de Babilônia. Sua primeira missão foi levá-los a observar onde realmente se achavam seu coração e suas prioridades. Encorajou-os a fazer o que deveriam ter feito desde o começo: reconstruir o templo de Jerusalém com ânimo forte e voluntário. A estas admoestações, acrescentou a promessa de que Deus estaria com eles. Deste modo, podia o povo retornar ao seu entusiasmo de outrora e cumprir os propósitos que Deus tinha para ele. Sua adoração seria alegre e sincera.

Quando alguns israelitas retornaram do exílio babilônico, iniciado em 538 a.C., determinaram restabelecer a adoração a Deus em seu devido lugar: no centro de sua vida. Planejarão, então, construir um novo templo

em Jerusalém (Ed 1). Infelizmente, porém, logo após, essa sua decisão era enfraquecida. Chegaram a construir um altar onde ficava o templo antigo, que fora arrasado, e, mais tarde, a erguer as fundações do novo templo. Mas quando seus inimigos, que viviam em torno, os pressionaram, o rei persa que governava então Babilônia ordenou que a construção do templo fosse suspensa e esperasse. Mais tarde, o imperador persa Dario I liberaria a reconstrução, determinando que a obra prosseguisse. No entanto, embora já sem barreiras, o povo havia caído em letargia espiritual. As pessoas, na verdade, não eram os mesmos ídólatras que seus ancestrais de antes do exílio; simplesmente haviam perdido a paixão e o entusiasmo pela adoração ao Deus vivo. Justificavam esse seu comportamento com a desculpa da

procrastinação, alegando constantemente não ser ainda a hora adequada de pôr mãos à obra (Ag 1.2).

Ao confrontar-se com o povo, Ageu aborda problemas de seus dias, como infertilidade da terra e crise econômica (Ag 1.6). Não põe a culpa desses problemas, no entanto, no fraco planejamento governamental ou particular. Em vez disso, exorta o povo a voltar-se para sua condição espiritual. O povo estava interessado, então, em questões insignificantes, como a decoração de suas casas, ignorando o templo de Deus, em ruínas. O templo era mais que um prédio. Era o lugar de encontro do povo com o Deus vivo, símbolo da presença permanente do Criador do universo. O povo ignorava, assim, tanto a ruína física do templo como a ruína espiritual de sua alma.

Juntamente com o povo de Deus, o governador Zorobabel e o sumo sacerdote Josué responderam rapidamente à mensagem de Ageu (Ag 1.12). Três semanas após o profeta haver proclamado a sua primeira mensagem, deram início à obra no templo (520 a.C.). Antecipando uma resposta positiva, Ageu apresentou outra mensagem — simples, mas de implicações profundas: o profeta os certificou de que o Senhor era com eles (Ag 1.13). Fora esta a mesma mensagem que Moisés havia levado aos israelitas no Egito (Êx 3.8). Na verdade, este seria o próprio nome do Messias — Emanuel, *Deus conosco* (Is 7.14). Quando o povo escolheu fazer de Deus o centro de sua vida, o Senhor pôde permanecer em seu meio, mesmo sem ter um templo.

Para enfatizar os pontos principais acerca da atitude do povo com relação a Deus, Ageu faz algumas perguntas. Uma delas é sobre as leis concernentes ao que era puro e o que era impuro (Ag 2.10-14). Essas leis tinham propósitos diversos: (1) protegiam o povo contra doenças; (2) ensinavam lições espirituais; (3) geravam no

povo um senso “instintivo” do que era certo ou errado; ou seja, ressaltavam a mensagem de que somente o Senhor e mais ninguém pode determinar o que é certo ou não.

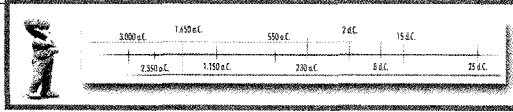
Ageu indagou dos sacerdotes se a pureza ou a santidade poderia ser passada por meio do toque. Eles responderam que não. Então, o profeta perguntou se a impureza poderia. A resposta foi afirmativa. Ageu aplicou este princípio à nação. Uma atitude indiferente para com a construção do templo estava poluindo tudo aquilo em que o povo tocava. Sua atitude havia tornado a obra de suas mãos inaceitável a Deus. Apesar de a obra do templo já haver começado, o coração das pessoas as deixou impuras aos olhos do Senhor. Mesmo assim, Deus, por Sua imensa graça, abençoou Seu povo.

Também por meio de perguntas e respostas (Ag 2.15-19), Ageu levou o povo a pensar sobre as circunstâncias em que se encontrava antes de trabalhar na obra do templo. Nada do que os judeus faziam tinha sucesso: *Há ainda semente no celeiro?* (Ag 2.19). Contudo, uma vez que restabeleceram suas prioridades, daquele dia em diante Deus os abençoaria. Tinham, enfim, colocado a adoração ao Senhor até mesmo acima do seu próprio bem-estar (Ag 1.4,14). Graças à generosidade do Senhor, os israelitas podiam agora ser capazes de oferecer sacrifícios adequados de verdadeira adoração no novo templo.

Pouco se sabe sobre o profeta Ageu, salvo o que é dito nesse livro com seu nome. Esdras o mencionou brevemente, associando-o ao profeta Zacarias (Ed 5.1; 6.14) e à reconstrução do templo. O nome *Ageu* significa *festejo*, significado apropriado, dado o empenho do profeta na restauração da adoração no templo. O mais notável acerca do ministério de Ageu, no entanto, é a sua brevidade; todas as suas mensagens foram proclamadas no tempo de apenas quatro meses, em 520 a.C.

**LINHA DO TEMPO**

**CRONOLOGIA EM AGEU**



Ano 586 a.C. — Jerusalém cai nas mãos dos babilônios

Ano 539 a.C. — Ciro da Pérsia conquista Babilônia

Ano 538 a.C. — A volta dos hebreus à Judéia

Ano 536—534 a.C. — A reconstrução do templo tem início e para

Ano 520 a.C. — Ageu prega, e a reconstrução do templo recomeça

Ano 515 a.C. — O novo templo fica pronto



**ESBOÇO**

I. Chamada à reconstrução do templo — 1.1-15

A - A indiferença do povo — 1.1-11

- B - O arrependimento do povo — 1.12-15
- II. Um templo maior e as bênçãos de Deus — 2.1-23
  - A - Encorajamento promovido por Deus — Ageu 2.1-9
  - B - Santidade e adoração a Deus — Ageu 2.10-19
  - C - A bênção de Deus sobre Zorobabel — Ageu 2.20-23

**COMENTÁRIO**

**1.1-15** — O livro de Ageu pode ser dividido em duas partes, como indicam seus dois capítulos. A primeira seção (cap. 1) aborda a necessidade do povo judeu, que retornara do exílio babilônico para Jerusalém, de completar a reconstrução do templo de Deus, iniciada logo após seu retorno. A segunda parte (cap. 2) centraliza-se na necessidade de restaurar o próprio povo e sua adoração a Deus no novo templo. A primeira parte é constituída de duas divisões menores, cada qual representando uma mensagem diferente do profeta (Ag 1.1-15).

**1.1** — *Ano segundo... sexto mês... primeiro dia do mês.* A data desta primeira mensagem de Deus mediante Ageu é de 29 de agosto de 520 a.C. As profecias de Ageu estão entre aquelas de que se pode ter maior certeza da data, no Antigo Testamento. *Zorobabel* era o governante de Jerusalém nos dias do ministério de Ageu e *príncipe* do primeiro grupo de exilados que retornara da Babilônia (Ed 3.2; Ne 7.7).

**1.2** — *Não veio ainda o tempo.* O povo achava que a reconstrução da casa do Senhor em seu meio não era importante.

**1.3,4** — O principal material de construção em Jerusalém era a pedra. Para construir uma casa estucada, utilizava-se também madeira. Nessa ocasião, a população de Judá estava erguendo para si casas tão elegantes que chegavam a rivalizar com a residência real e o próprio santuário. Mesmo assim, era opinião geral que ainda não era a hora de recomeçar a trabalhar na construção do novo templo. Esta passagem não condena propriamente o povo de Deus por viver em casas confortáveis, mas, sim, chama a atenção para a necessidade de uma reavaliação de suas prioridades.

**1.5** — *Aplicai o vosso coração aos vossos caminhos.* O povo é chamado a refletir sobre seus hábitos e suas atividades e a questionar se sua atitude é sensata diante do Senhor.

**1.6** — Deus pede ao Seu povo que avalie sua vida. Eles comiam e bebiam, mas não se sentiam satisfeitos; vestiam-se, mas nunca se sentiam



## APLICAÇÃO

### AS PRIORIDADES EM PRIMEIRO LUGAR

“Vou dar mais atenção às coisas de Deus assim que eu tiver mais tempo...”; “vou voltar a passar mais tempo em oração e na leitura da Bíblia assim que eu terminar esse projeto em que eu estou envolvido”; “qualquer dia desses vou ver se ajudo aquela missão da minha igreja junto às comunidades carentes” — quem já disse ou pensou isso, ou coisa semelhante, pode ter uma ideia da situação do Judá pós-exílico.

O povo de Deus, após haver começado a reconstruir o templo, parou a obra com um ou dois anos de trabalho. Voltou a envolver-se mais com seus próprios interesses e compromissos e, quando percebeu, 16 anos já se haviam passado. O templo continuava incompleto. *Não veio ainda o tempo*, significando *não é hora ainda para isso*, alegava o povo (Ag 1.2). Deus puniu os judeus por causa dessa atitude. Suas prioridades estavam, de fato, distorcidas. Havia colocado Deus em segundo plano, em vez de honrá-lo como Senhor de sua vida. A rejeição ao templo era, na verdade, uma rejeição a Deus.

A palavra de Deus aos que haviam retornado do exílio trata, sobretudo, de prioridades. Não pode haver pendências em nossa vida espiritual. É tempo de priorizar o que precisa ser priorizado, de colocar Deus de volta no centro dos nossos compromissos.

bastante *aquecidos*; e os assalariados constantemente sentiam como se tivessem o bolso *furado*, por onde o dinheiro se perdia.

**1.7,8** — O povo é instruído a ir a determinados locais buscar *madeira* para estucar o templo do Senhor (v. 4).

*Dela me alegrarei*. A alegria do Senhor pela construção de Sua casa está relacionada a Seu prazer no povo que Lá o adora.

*Serei glorificado*. Claro que Deus não precisa receber mais glória do que a que possui (Sl 24.7-10); mas recebe com a maior alegria a adoração e glorificação de Seu povo.

**1.9** — *Corre à sua própria casa*. Devido à sua preocupação altamente prioritária ou exclusiva com o próprio conforto, o povo estava ignorando a preocupação mais importante de sua vida, a espiritual. Esse seu errôneo princípio de vida estava sendo abalado pelo Senhor. O salvador Jesus, mais tarde, iria proclamar o verdadeiro princípio para a vida de fé: *Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas* (Mt 6.33).

**1.10,11** — É apresentada aqui a fórmula de bênção e maldição do concerto do Senhor com Seu povo (Dt 28). *Orvalho* é uma maneira poética de chamar a chuva torrencial de bênção costumeiramente dada por Deus.

**1.12** — *Todo o resto do povo* significa aqui, literalmente, todos aqueles que haviam retornado

a Judá após o exílio babilônico; particularmente, porém, refere-se mais àqueles que eram fiéis ao Senhor.

**1.13** — *Eu sou convosco*. A promessa de Deus a Moisés fora: *Certamente eu serei contigo* (Êx 3.12). E esta promessa de Deus ao povo de Judá seria, afinal, confirmada no nome do Messias esperado: Emanuel, *Deus Conosco* (Is 7.14). Deus repete aqui, portanto, Sua constante e mesma mensagem de amor, conforto e encorajamento ao Seu povo.

**1.14,15** — Esta passagem testifica da obra do Espírito de Deus com o *espírito* humano de Seus líderes terrenos e do Seu povo no cumprimento de Sua comissão. Foi assim que Deus moveu o povo a construir o tabernáculo original (Êx 35.29; 36.2).

*Resto*. Sempre existiu em Israel um resto, um remanescente, fiel a Deus, do povo. Paulo lembra ter havido, por exemplo, um remanescente fiel a Deus nos dias de Elias (Rm 11.2-5; compare com 1 Rs 19.18).

**2.1-23** — A segunda parte do livro de Ageu centraliza seu foco no povo de Judá. O povo é aqui preparado para a verdadeira adoração ao Deus vivo. Este capítulo 2 tem três divisões: (1) a promessa de um templo futuro (v. 1-9); (2) a santidade na vida do povo (v. 10-19); (3) a bênção sobre Zorobabel (v. 20-23).

**2.1** — *Vigésimo primeiro do mês*. Pelo nosso atual calendário, esse vigésimo primeiro dia do



## APLICAÇÃO

### LEMBRAR-SE DO PASSADO, MAS ENCARAR O PRESENTE

Assim que o novo templo começou a ser erguido em lugar do antigo, destruído, algumas pessoas, em sua nostalgia, lembravam-se da *primeira glória* (Ag 2.3). Recordavam-se, certamente, das lindas paredes estucadas com cedro, do revestimento de ouro e dos exuberantes mobiliário e acessórios que lá se encontravam. O novo templo *nada* representava (Ag 2.3) aos seus olhcs.

O Senhor, porém, não desencorajou o povo de honrar os anos dourados do passado, mas, sim, o exortou a voltar os olhos para o presente. Desafiou os líderes e o povo, dizendo: *esforçai-vos [...] e trabalhai; porque eu sou convosco* (Ag 2.4). O novo prédio não traria, naturalmente, de volta os dias de Salomão, mas haveria ali, sem dúvida, um novo templo de que o povo poderia também se orgulhar.

Frequentemente, as Escrituras nos levam a honrar ao passado ao mesmo tempo que nos conclamam a enfrentar a realidade do presente. Deus trabalha hoje tal como trabalhou ontem. Seu Espírito permanece sempre conosco (Ag 2.5; Jo 14.16,17) do mesmo modo que permaneceu com os crentes do passado. Se houver cooperação entre nós e a obra que o Espírito esteja realizando, poderemos glorificar mais ainda a Deus e exercer um ministério ainda maior do que tudo o que até aqui já fizemos.

mês seria 17 de outubro (de 520 a.C.). No antigo calendário judaico, era este o último dia da Festa dos Tabernáculos, ou Sucote (Lv 23.33-44). Durante esse feriado, o povo de Israel se abrigava em cabanas temporárias para celebrar sua partida do Egito, ocasião em que passou a morar em abrigos provisórios no deserto.

**2.2 — Fala agora.** Ageu estava recebendo um novo chamado, para levar uma mensagem aos líderes Zorobabel e Josué (Ag 1.1) e ao verdadeiro e fiel povo de Deus (Ag 1.12).

**2.3 —** O templo de Salomão era uma das maravilhas do mundo antigo (1 Rs 6). Tão magnífico que a ele não se podia comparar o novo templo. Pode ser, assim, que, concluída a obra, muitos achassem realmente o novo templo como *nada*, se comparado ao anterior.

**2.4 — Eu sou convosco.** Mais uma vez é enfatizada esta maravilhosa observação do Senhor ao Seu povo (Ag 1.13), que, como já dito, foi a mesma endereçada a Moisés (Êx 3.12). As palavras deste versículo incitam uma comparação entre os eventos deste período e os do primeiro êxodo. Deus trouxera Seu povo liberto da Babilônia tal como o havia levado até ali liberto do Egito. A mensagem de Deus aos primeiros líderes, Moisés e Arão, e aos atuais, Zorobabel e Josué, era a mesma: Deus estaria sempre presente junto a eles. E a missão dos líderes na Terra Prometida era também a mesma: construir ali um lugar para a verdadeira adoração a Deus.

**2.5 — Segundo a palavra.** O mesmo concerto, ou pacto, que ligou os israelitas a Deus ao deixarem o Egito ainda os mantinha conectados a Ele. Os eventos que haviam causado o declínio da nação e o exílio do povo em Babilônia não haviam rescindido de modo algum seu relacionamento, com base no concerto, que assegurava a presença de Deus junto ao Seu povo (Êx 29.42-46).

**2.6 — Farei tremar.** Esta é outra maneira de se falar do Dia do Senhor. O propósito desse dia será o de preparar a terra para o glorioso, definitivo e eterno reinado de Jesus Cristo (Mt 24.29; Ap 6.12-17).

**2.7 — Desejado de todas as nações.** Há quem interprete estas palavras como um título messiânico, que fala da alegria dos redimidos pelo advento do reinado de Jesus Cristo. A palavra hebraica para *desejado* é usada nas Escrituras mais para objetos (como em 2 Cr 32.27; Os 13.15; Na 2.9), mas não deixa de ser usada também, ocasionalmente, para pessoas (1 Sm 9.20).

**2.8 — Prata... ouro.** É de Deus o gado de mil montes, o ouro de todos os cofres e a riqueza de todas as nações.

**2.9 — Paz** inclui boa saúde, bem-estar geral e vida abundante. O termo se refere ao que todos deveriam ter.

**2.10-19 —** Nestes versículos, o profeta fala sobre a maneira com que a santidade na vida das pessoas se relaciona à sua adoração a Deus. Esta





## EM FOCO

## ANEL DE SELAR (HB. CHOTHAM)

(Ag 2.23; Gn 38.18; 1 Rs 21.8; Jr 22.24).

A palavra hebraica traduzida como *anel de selar* deriva de uma raiz verbal que significa *afixar um selo, selar* ou *firmar por selagem*.

Nos tempos do Antigo Testamento, o selo era gravado em pedra e passava a ser parte integrante de um anel, de um bracelete ou de uma tarja usada em volta do braço, de prata ou de ouro (Ct 8.6). Quando pressionado sobre cera ou barro, o anel deixava impresso o selo com a insígnia pessoal de seu portador (Êx 28.11,21,36; 39.6,14,30).

O anel de selar era como uma carteira de identidade ou um distintivo, no mundo antigo (Gn 38.18). Simbolizava a condição ou posição e a natureza de comando da autoridade, ligadas a outros itens, impressos pelo anel (1 Rs 21.8; Jó 38.14).

A comparação de Zorobabel com um anel de selar (Ag 2.23) tem implicações messiânicas, pois Zorobabel iria reverter a maldição lançada sobre a dinastia do rei Joaquim contida na profecia de Jeremias, restaurando a autoridade real da linhagem do rei Davi (Jr 22.24-30).

seção é subdividida em duas unidades: (1) assuntos concernentes a puro e impuro (v. 10-14); (2) questões relativas a bênção e maldição (v. 15-19).

**2.10** — *Vigésimo quarto dia do mês nono* corresponde em nosso calendário a 18 de dezembro (de 520 a.C.).

**2.11** — As responsabilidades dos *sacerdotes* incluíam a liderança da adoração pública e instrução do povo sobre a natureza e o significado da *lei* de Deus.

**2.12** — *Ficará este santificado?* Como o papel dos sacerdotes era interpretar a lei de Deus, naturalmente que este questionamento sobre santidade teria de ser feito a eles. Ageu lhes pergunta se a santidade pode ser transferida por contato. Sua resposta é negativa.

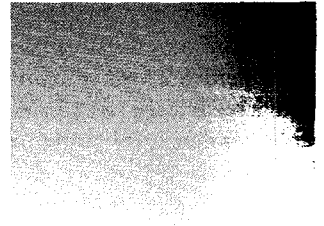
**2.13-15** — *Ficará isso imundo?* Pergunta Ageu aos sacerdotes se uma pessoa religiosamente impura, alguém que haja tocado um cadáver, pode contaminar outra pelo toque. A resposta é afirmativa (Nm 19.11-13). Saber que a adoração do povo não estava sendo aceita no novo templo, mesmo após todo o esforço na reconstrução deste, deve ter sido um tanto frustrante. Mas a existência do templo em si não garantia coisa alguma. O coração do povo deveria estar, e não estava, em sintonia com os sacrifícios que ali eram oferecidos.

**2.16,17** — *Não houve entre vós quem voltasse para mim.* Apesar dos atos de Deus que retinham Sua bênção, o povo não havia se voltado para Ele como deveria.

**2.18-21** — *Desde este dia:* Deus determinou que abençoaria o Seu povo, mas este deveria reconhecer que o Senhor era sua fonte de prosperidade.

**2.22** — *Derribarei.* Ageu enfoca o poder de Deus para fazer Sua vontade prevalecer entre as nações (Dn 2.21). Estas palavras abrangem tanto a soberania de Deus sobre as nações, de maneira genérica, ao longo da história, quanto, de maneira específica, o juízo final das nações ímpias, quando o Pai passar o trono para o Filho como Rei dos reis (Sl 2; 110; Ap 19).

**2.23** — *Anel de selar* era um item de grande valor no mundo antigo. Significava a assinatura pessoal do portador, uma alta autoridade, em documentos da maior importância. Deus faz uso desse simbolismo para indicar que *Zorobabel* era um anel de selar em Sua própria mão, e que tinha real valor, representando, em sua liderança do povo, a autoridade de Deus. Mesmo sabendo ser o povo ainda impuro aos olhos de Deus (Ag 2.10-14), seu líder, Zorobabel, estava sendo encorajado a guiá-lo nesses tempos de provação espiritual.



O livro de

---

# Zacarias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**M**otivação e esperança são os temas principais da profecia de Zacarias. Com Ageu e Malaquias, Zacarias foi um dos profetas que exerceram seu ministério junto aos ex-exilados da Babilônia, regressos a Jerusalém. Esses ex-exilados passaram a conviver com a ruína daquela que fora um dia uma esplêndida cidade, dotada de um templo glorioso. Muito havia com o que se entristecer, mas Zacarias encorajaria os israelitas com visões do juízo sobre os inimigos de Israel e a restauração total da cidade de Jerusalém. Sua visão mais extraordinária de todas, no entanto, foi a que se encontra em sua profecia sobre a futura vinda de um rei — o Messias —, que traria a salvação e o Reino eternos que haviam sido prometidos ao povo de Deus.

Zacarias viveu justamente durante a época que se seguiu ao cativeiro babilônico, o qual durou de 597 a 538

a.C. Jeremias havia profetizado que os israelitas voltariam à Terra Prometida depois de setenta anos de disciplina no exílio. Deus começou a cumprir essa promessa ao levantar Ciro, rei da Pérsia, que, com ação militar, conquistou a Babilônia em 539 a.C. Logo após sua vitória, Ciro promulgou um decreto permitindo a todos os povos ali exilados voltarem à sua terra natal. O povo judeu foi um dos beneficiados com essa medida, bem oposta à política babilônica. O primeiro grupo de exilados judeus retornou a Jerusalém sob a liderança de Sesbazar (Ed 1.8) em 537 a.C. O altar do templo foi restaurado no outono daquele ano, mas a reconstrução do templo arrastado, propriamente dita, só iria começar na primavera de 536 a.C.

A pressão da oposição à reconstrução do templo por parte dos inimigos dos judeus que viviam em Judá e a seu

redor fez com que a obra fosse abandonada até 520 a.C. Durante esses 16 anos de apatia, o povo de Judá perdeu a visão e o propósito espiritual ligados à reedificação da casa de Deus. Sua indiferença resultaria em castigo divino (Ag 1.11; 2.17). Todavia, embora a colheita agrícola houvesse chegado a ser praticamente nula e o povo tivesse padecido muito, ainda assim não se arrependeram os judeus até o Senhor vir a levantar dois profetas para clamar que todo o povo voltasse para Ele. Em 520 a.C., Ageu exortava os israelitas a redefinir suas prioridades espirituais e reconstruir o templo. O ministério profético de Zacarias teria início dois meses depois, apenas, do de Ageu (compare Zacarias 1.1 com Ageu 1.1).

O ministério de Ageu e Zacarias não cessou ao começarem as obras de reconstrução do templo, mas continuaram os dois profetas motivando o povo. As mensagens de Ageu foram entregues em 520 a.C.; a última profecia de Zacarias data de 518 a.C. (Zc 7.1). Desde que o povo se comprometeu em restaurar a adoração ao Senhor e o templo, Deus derramou Suas bênçãos, já que os israelitas se achavam novamente arrependidos e espiritualmente avivados. A reconstrução do templo terminou em 515 a.C., sendo de novo dedicado ao Senhor, com grande júbilo.

A profecia de Zacarias tinha dois objetivos. Em primeiro lugar, desafiar os exilados que retornavam a Judá a voltar para o Senhor, purificar-se de seus pecados e experimentar novamente as bênçãos de Deus (Zc 1.3). Em segundo lugar, confortar e motivar o povo quanto à reconstrução do templo e à futura obra que Deus faria entre os israelitas (Zc 1.16,17; 2.12; 3.2; 4.9; 6.14,15).

Na maior parte dos primeiros capítulos, Zacarias encoraja o povo, mostrando que Deus escolheu Jerusalém como Sua cidade (Zc 1.17; 2.12; 3.2). O Senhor não rejeitou o povo de Sua antiga aliança. Usando Zacarias, Deus não somente reafirma a divina eleição de Jerusalém, como também promete estar no meio do povo que retornou e viver entre ele (Zc 2.10,11; 8.3,23). Mediante Sua presença viva no meio de Seu povo Deus realiza Sua maravilhosa obra.

Na segunda metade de seu livro, Zacarias dá detalhes de como Deus se relacionaria no futuro

com Seu povo escolhido, revelando a derrota dos inimigos de Israel, a futura glória de Sião e o Reino universal do Messias. É este o tema que engloba todo o livro: a total restauração do povo de Deus, que acontecerá quando vier o Messias e realizar Sua obra de libertação e redenção.

O livro de Zacarias contém muitas profecias sobre a primeira e a segunda vindas de Jesus. Refere-se ao Messias como o *Renovo*, como o *meu servo* (Zc 3.8) e o *Pastor* de Deus (Zc 13.7). Faz referência ao ministério do Messias como Rei-Sacerdote (Zc 6.13; Hb 6.20—7.1). Além disso, profetiza a entrada de Jesus em Jerusalém montado em um jumentinho (Zc 9.9; Mt 21.4,5; Jo 12.14-16); a traição que Ele sofreria por 30 moedas de prata (Zc 11.12,13; Mt 27.9-10); os cravos em Suas mãos e em Seus pés (Zc 12.10; Jo 19.37); e a purificação dos pecados, que viria por meio de Sua morte (Zc 13.1; Jo 1.29; Tt 3.5). Na verdade, os capítulos 9 a 14 de Zacarias são os mais citados, de todos os profetas, nos evangelhos. No que diz respeito à segunda vinda do Messias, Zacarias profetiza eventos futuros como a conversão de Israel (Zc 12.10—13.1,9; Rm 11.26), a destruição dos inimigos de Israel (Zc 14.3,12-15; Ap 19.11-16) e o reinado de Cristo na Nova Jerusalém (Zc 14.9,16; Ap 20.4-6).

Além de dar ênfase ao Messias, Zacarias nos traz ainda, de forma muito apropriada, importante mensagem acerca do plano da salvação de Deus. Já no início de sua profecia, enfatiza a importância do arrependimento e de nos voltarmos para Deus (Zc 1.3-6). Depois, em Zacarias 3.1-5, é oferecida impactante ilustração sobre a expiação do pecado e o cumprimento da justiça. A substituição das vestes imundas do sumo sacerdote por vestes cerimoniais fazem, ali, notável alusão à obra de Cristo. Mediante Sua morte expiatória, Jesus retira nossas vestes sujas e reveste-nos de Sua própria justiça. Eis por que podemos, então, chegar-nos a um Deus justo e santo.

A verdadeira religião, segundo Zacarias, não se encontra apenas em atitudes externas de santidade ritual, mas sim em um relacionamento pessoal com Deus (Zc 7.5-7). Tal relacionamento com Deus leva à mudança de motivação e de atitude das pessoas em relação ao próximo. Tal como os profetas que o antecederam, Zacarias

condena a opressão à viúva, ao estrangeiro e ao órfão (Zc 7.10). Como pregador da justiça, conchama o povo a voltar a agir com retidão, piedade, misericórdia e verdade (Zc 7.9; 8.16).

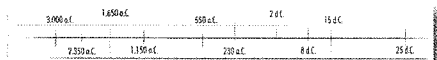
O nome Zacarias significa *Yahweh se lembra*. Estas palavras poderosas trazem consigo uma mensagem de esperança: o Deus de Israel terá misericórdia e há de lembrar-se sempre de Seu povo. O profeta é identificado como *filho de Baraquiás, filho de Ido*. Ido estava entre os cabeças das famílias sacerdotais que voltaram de Babilônia para Judá. Zacarias, portanto, fazia parte da tribo de Levi, tendo servido, provavelmente, além de profeta, como sacerdote. Ele começou seu ministério profético somente depois que seu contemporâneo Ageu concluiu os primeiros escritos.

Há quem questione a legitimidade da autoria de Zacarias do livro que leva seu nome, afirmando,

em geral, que os capítulos 9 a 14 datam de período helênico (331-167 a.C.) ou do período dos macabeus (167-73 a.C.) da história israelita. A referência à Grécia em Zacarias 9.13 geralmente tem sido usada como prova da data tardia, depois das conquistas de Alexandre (cerca de 330 a.C.). Todavia, o Oriente Médio já sofria influência grega muito forte no início do século 7 a.C. A Grécia é citada, além disso, por Isaías, profeta do século 8 a.C. (Is 66.19, onde é chamada Javã), assim como pelo profeta Ezequiel, do século 6 a.C. (Ez 27.13,19, onde a Grécia é também referida como Javã). Os que creem que Zacarias é o único autor do livro afirmam que ele terminou de escrevê-lo entre 500 e 470 a.C. Zacarias começou seu ministério profético em 520 a.C., no segundo ano do rei persa Dario (522—486 a.C.), e entregou sua última profecia dois anos depois, em 518 a.C.

**LINHA DO TEMPO**

**CRONOLOGIA EM ZACARIAS**



- Ano 605 a.C. — Nabucodonosor começa a reinar na Babilônia
- Ano 605 a.C. — Alguns judeus são levados cativos
- Ano 586 a.C. — A queda de Jerusalém com a invasão babilônica
- Ano 539 a.C. — O rei Ciro, da Pérsia, conquista a Babilônia
- Ano 538 a.C. — Começa o retorno para a Judéia dos judeus exilados na Babilônia
- Ano 520 a.C. — A reconstrução do templo recomeça após 14 anos de interrupção
- Ano 515 a.C. — A obra do templo é completada



**ESBOÇO**

- I - Chamado ao arrependimento — 1.1-6
- II - As visões de Zacarias — 1.7—6.15
  - A - Visão dos cavalos — 1.7-17
  - B - Visão dos chifres — 1.18-21
  - C - Visão de uma medição — 2.1-13
  - D - Visão do sumo sacerdote — 3.1-10
  - E - Visão de um castiçal e duas oliveiras — 4.1-14
  - F - Visão de um rolo voador — 5.1-4
  - G - Visão de uma mulher e um efa — 5.5-11
  - H - Visão de quatro carros — 6.1-8
  - I - Coroação de Josué — 7.9-15
- III - Questão sobre o jejum — 7.1—8.23
  - A - Inquirição por parte de uma delegação de Betel — 7.1-3

- B - Repreensão do Senhor ao ritualismo vazio — 7.4-14
- C - A futura restauração de Sião — 8.1-23
- IV - Profecia sobre Israel e as nações — 9.1—11.17
  - A - Hino de um guerreiro celestial — 9.1-17
  - B - Plano de restauração — 10.1-12
  - C - A rejeição do bom Pastor — 11.1-17
- V - Profecia sobre o futuro de Israel — 12.1—14.21
  - A - Redenção física de Israel — 12.1-9
  - B - Renovação espiritual de Israel — 12.10—13.6
  - C - O destino do Pastor e do rebanho — 13.7-9
  - D - A segunda vinda do Messias — 14.1-7
  - E - O reino do Messias — 14.8-11
  - F - O juízo sobre os inimigos de Israel — 14.12-15
  - G - Adoração no reino do Messias — 14.16-21

## COMENTÁRIO

**1.1-6** — A primeira seção do livro apresenta o profeta (Zacarias) e sua mensagem (conclamação para que o povo se volte para o Senhor dos Exércitos).

**1.1** — O *oitavo* mês judaico corresponde a meados de outubro e meados de novembro, em nosso calendário. *Dario* governou a Pérsia de 522 a 486 a.C. Assim, seu *segundo ano* de reinado foi em 520 a.C. O nome Zacarias quer dizer *Yahweh se lembra*, significando que Deus é fiel às promessas de Sua aliança com o Seu povo.

**1.2** — *Vossos pais*, aqui, refere-se aos ancestrais dos judeus pertencentes à geração que havia desobedecido a Deus e sido julgada por Ele (2 Cr 36.15,16); à geração que havia levado Jerusalém a ser destruída pelos babilônios, por se ter afastado do Senhor dos Exércitos. Nas palavras de Zacarias, encontra-se implícita uma advertência: Deus pode fazer no presente o que fez no passado. Tal como havia mostrado a triste experiência da geração do deserto (Nm 13; 14), Deus está para levantar um povo que seja fiel a Ele!

**1.3** — *Tornai para mim* são palavras que nos fazem lembrar a profundidade do amor incondicional de Deus.

*Diz o SENHOR dos Exércitos*. O nome pessoal de Deus, aqui traduzido por *SENHOR*, fala do gracioso modo natural de Deus em relacionar-se com o Seu povo (Êx 3.15); os *Exércitos* são os batalhões angelicais, que obedecem a todas as Suas ordens.

**1.4** — Os *primeiros profetas* diz respeito a homens como Habacuque, Sofonias e Jeremias, que viveram durante os últimos anos do reino de Judá e advertiram sobre o juízo que viria.

**1.5-6** — Seus *pais*, os ancestrais a que se refere a profecia, haviam morrido ou sido exilados; até mesmo os profetas referidos não mais viviam. A citada geração passada sofrera o juízo de Deus (Dt 28.15-68).

**1.7—6.15** — Esta seção traz uma sequência de oito visões noturnas sobre o futuro de Israel, seguida pela coroação simbólica do sumo sacerdote Josué. A profecia de Zacarias, aqui, visa ao

mesmo objetivo da profecia de Ageu: a reconstrução do templo, tornando-o novamente centro de adoração e de domínio mundial, lugar de peregrinação de todas as nações (Zc 8.20-23; Ag 2.7-9). As visões noturnas seguem um padrão. Zacarias descreve o que vê e pergunta o que significa aquilo. Então, um anjo que está junto a ele lhe dá a devida explicação.

**1.7-17** — Este texto pode ser dividido em três partes: (1) ocasião da visão (v.7); (2) detalhes da visão (v.8-12); (3) promessa contida na visão (v.13-17).

**1.7** — Este *mês undécimo* (*sebate* é seu nome babilônico) corresponde aos dias entre janeiro e fevereiro do ano 519 a.C. A *palavra do SENHOR*, aqui, refere-se a uma visão profética.

**1.8,9** — A *murta* é um arbusto esverdeado e perene, naquela época muito encontrado nos arredores de Jerusalém (Ne 8.15).

**1.10** — O rei Dario, por exemplo, contava com uma rede muito bem organizada de agentes do governo, que percorriam todo o império persa investigando denúncias e infidelidade para com o trono. Do mesmo modo, o Senhor sempre contou com Seus mensageiros e observadores fiéis, que lhe reportam tudo.

**1.11** — Quando Dario assumiu o trono da Pérsia, o império estava passando por um período de grande agitação. Muitas províncias haviam se rebelado. Durante os dois primeiros anos de seu reinado, ele teve de enfrentar e derrotar nove reis, em 19 batalhas, para poder manter-se no trono. Neste lugar, porém, tudo se achava tranquilo e em paz.

**1.12,13** — O profeta ouviu uma conversa entre o *anjo do SENHOR* e Deus. Esta pode ter sido uma conversa entre Deus Filho pré-encarnado e Deus Pai (Sl 110). Na verdade, faz alusão ao papel de Jesus como nosso Intercessor. Como afirma Hebreus, o Senhor Jesus está constantemente intercedendo por nós (Hb 7.25), à direita do Pai. *Setenta anos* se refere ao período do exílio babilônico, durante o qual o templo de Jerusalém, arrasado, permaneceu em ruínas (586-515 a.C.; Jr 25.7-14).

**1.14** — O *anjo que falava comigo*. Era o anjo que tudo interpretava das visões magníficas que



## ENTENDENDO MELHOR

### AS PARÁBOLAS EM ZACARIAS

Uma parábola é uma verdade apresentada por meio de uma história marcante ou destacada figura de linguagem. Pode ser uma fantasia, um drama ou resultado de uma visão. Muito do ensino de Jesus se desenvolveu mediante parábolas. Não poucos profetas do Antigo Testamento usaram do mesmo recurso, inclusive Zacarias. As oito visões noturnas que ele teve e descreve em seu livro podem ser melhor entendidas como parábolas:

- O homem e os cavalos entre as murtas (Zc 1.8-17) — mostra que o Senhor teria misericórdia de Jerusalém novamente.
- Os quatro chifres e os quatro ferreiros (Zc 1.18-20) — revela que os babilônios e outros povos que dispersaram Judá seriam também espalhados.
- O homem com um cordel de medir (Zc 2.1-2) — traz a promessa de que Deus seria um muro de fogo ao redor de Jerusalém para protegê-la.
- A purificação das vestes de Josué (Zc 3.1-10) — revela a obra redentora que Deus iria realizar no meio do Seu povo.
- O castiçal de ouro e as oliveiras (Zc 4.1-14) — funciona como um símbolo de como o Senhor iria conferir poder ao Seu povo mediante o Espírito Santo.
- O rolo voante (Zc 5.1-4) — mostra que a desonestidade é uma maldição.
- A mulher no efa (Zc 5.5-11) — significa que a maldade será extirpada do mundo.
- Os quatro carros (Zc 6.1-8) — revela que seres celestiais executarão o juízo de Deus em toda a terra.

Zacarias estava tendo, mas não, no caso, o anjo do Senhor (v.11).

*Com grande zelo estou zelando.* Podemos ver aqui o verdadeiro amor que revela o Senhor em Sua relação especial com Israel e Jerusalém.

**1.15** — *Com grandíssima ira, estou irado.* O Senhor revela aqui estar irado contra as nações que Ele havia usado para castigar Seu impenitente povo.

**1.16** — Deus prometeu que teria misericórdia do povo e reconstruiria o templo em Jerusalém (a minha casa). *Cordel* era o recurso utilizado para calcular as medidas necessárias às construções. Deus estendê-lo, aqui, era a promessa de que teria início a reconstrução do templo e de Jerusalém, que com toda a certeza seria completada.

**1.17** — *Ainda escolherá a Jerusalém.* A eleição de Jerusalém mostra ser algo a que Deus, por Zacarias, dá muita importância (Zc 2.12; 3.2). O nome *Sião* fala de Jerusalém de maneira afetiva (Sf 3.14).

**1.18-21** — Em sua segunda visão noturna, Zacarias divisa quatro cornos, ou chifres (v.18,9), e quatro ferreiros (v.20,21). Aqui, Deus promete destruir os inimigos que levaram Seu povo para o exílio.

**1.18,19** — Os poetas e profetas geralmente usavam *chifres* de animais como símbolos das nações poderosas e de seus reis (Dn 7.7,8,24). Os *chifres* que perseguiam Israel e Judá eram Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia.

**1.20,21** — *Quatro ferreiros.* Os ferreiros ou artesãos iriam destruir os *chifres* (v.19,21). Historicamente, a Babilônia destruiu a Assíria; a Pérsia conquistou a Babilônia; a Grécia dominou o império medo-persa; e Roma submeteu a Grécia. Este é o enfoque de uma das mais notáveis profecias de Daniel (Dn 2.31-43).

**2.1-3** — Tomar medidas e fazer marcações era o primeiro passo para reconstruir Jerusalém. O Senhor iria retomar a cidade que lhe pertencia.

**2.4,5** — *A este jovem* refere-se a Zacarias. Essas palavras mostram que ele era ainda jovem ao iniciar seu ministério profético (Jr 1.6).

*Aldeias sem muros.* Jerusalém não mais precisaria de fortificações para se defender, porque a presença do Senhor lhe garantiria paz e segurança. Aqui se refere, particularmente, à futura nova Jerusalém, a ser governada por seu glorioso rei (Sf 3.15-19).

*Serei, no meio dela, a sua glória.* Palavras que confirmam ser esta visão da nova Jerusalém (Ap 21.1-3,10,11,22,23).

2.6 — Embora a Babilônia estivesse situada a leste de Israel, os viajantes geralmente seguiam o rio Eufrates e chegavam a Jerusalém vindos pelo norte.

2.7 — O nome *Sião* provavelmente foi usado pela primeira vez para a fortaleza tomada por Davi dos jebuseus (2 Sm 5.7) e somente depois para o monte da cidade e do templo (Sl 78.68,69), tornando-se então sinônimo de Jerusalém (Is 40.9; Mq 3.12). *Filha de Babilônia* se refere certamente aos babilônios, à população local da cidade.

2.8,9 — O verbo *tocar*, aqui, diz respeito a um toque que fere. *Menina do [...] olho* significa pupila. É uma conhecida expressão afetuosa, que mostra quanto o povo de Deus é muito amado e importante para Ele: assim como protegemos nossos olhos das mínimas partículas trazidas pelo vento, Deus também protege e cuida zelosamente do Seu povo.

*Sabereis vós.* O cumprimento dessa profecia confirmaria o papel de Zacarias como arauto de Deus (Dt 18.21,22).

2.10 — *Filha de Sião.* Como em outras passagens, confirma-se nesta frase uma maneira carinhosa e peculiar de referência a Jerusalém e às pessoas ali residentes como sendo filhas do Senhor (Sf 3.14).

2.11 — *Muitas nações* diz respeito aos muitos gentios que teriam comunhão com Deus e se tornariam também Seu povo (Gn 12.3; Jl 2.28; Am 9.12; Ap 21.24). As palavras *meu povo* são usadas em outras passagens para mostrar a renovação da aliança de Deus com o Seu povo crente e fiel (Jr 31.33; 32.38; Os 2.23; Êx 3.7; Dt 4.20; 14.2; 26.19).

2.12 — Estas palavras tão comuns para nós, *terra santa*, só aparecem aqui, em todo o Antigo Testamento. A terra só é *santa* por causa da presença de Deus no meio de Seu povo fiel.

2.13 — Deus como que *despertou* em Seu santuário celestial para intervir em favor de Seu povo. *Cale-se*, então, não é, aqui, uma advertência ou ordem para que se assuma uma atitude de respeito e adoração, mas, sim, uma séria advertência a *toda a carne*, a toda a humanidade, sobre o terrível juízo que está vindo junto com a glória de Deus (Sf 1.7).

3.1-10 — A quarta visão — a purificação do sumo sacerdote Josué — mostra como a nação de Israel seria purificada espiritualmente pela obra do Messias.

3.1 — Zacarias viu a sala de audiência celestial onde *Josué*, representante do povo de Judá, estava diante do anjo do Senhor sendo acusado por *Satanás*. Este Josué não é o que sucedeu a Moisés, mas, sim, o sumo sacerdote que voltou a Jerusalém junto com os ex-exilados (Ed 3.2).

*Satanás.* Esta palavra hebraica tem, literalmente, o significado de *o acusador*. Esta cena não é diferente da que vemos em Jó 1, onde Satanás se apresenta diante do Senhor fazendo acusações contra o povo que cultua a Deus.

3.2 — O *SENHOR te repreende, ó Satanás*. Estas palavras pressupõem uma conversa que já vinha ocorrendo, em que Satanás havia feito acusações contra o povo de Deus e seus sacerdotes. Somos lembrados, aqui, de que Satanás não é, de modo algum, soberano; pelo contrário, está sujeito à soberania do Senhor, que o controla.

*Um tição tirado do fogo* se refere a Judá, retirado do fogo do cativoiro babilônico. Josué, seu sacerdote, representava a nação israelita, um povo que contava com o favor de Deus.

3.3 — Sendo o sumo sacerdote representante do povo perante Deus (Êx 28.29), de modo algum poderia permanecer imundo ou impuro (Êx 28.2; Lv 21.10-15). As *vestes sujas* de Josué significam, literalmente, *sujas de fezes*.

3.4,5 — A purificação de Josué não terminou com a retirada de suas roupas sujas de pecado. Deus as trocou por vestes limpas, simbolizando os dons de Sua justiça. Assim também o cristão tem seus pecados purificados pela obra de Jesus e lhe é concedida a justiça de Deus (Rm 5.18,19; 2 Co 5.21). Somos revestidos com as vestes da justiça de Cristo. O fato de Josué não ter tomado parte em sua purificação indica que foi obra, como nos acontece, inteiramente realizada pela graça de Deus.

3.6-10 — Josué recebeu novamente a função de sumo sacerdote de Israel. Por sua fidelidade, foi-lhe conferido o privilégio de exercer autoridade no templo de Deus — *minha casa* —, em todas as suas dependências.

3.8 — O Messias que estava por vir é aqui retratado como *servo* de Deus (Is 53.11) e chamado de *Renovo*. Isaías usou esta palavra e outras parecidas para descrever o Messias, que sairia da raiz de Jessé como um novo rebento brotando da terra (Zc 6.12; Is 4.2; 11.1; 53.2). Josué e seus companheiros são considerados *homens portentosos* porque simbolizam a reinstalação do sacerdócio, tornando notório o desejo de Deus de continuar cumprindo Suas promessas junto a Seu povo.

3.9 — *A pedra*. Assim como o sumo sacerdote Arão, que usava um éfode de pedras preciosas (Êx 25.7; 35.9), o novo sumo sacerdote recebe uma pedra única, símbolo da sua posição de autoridade. Os *sete olhos* na pedra seriam um símbolo de sabedoria e poder concedidos pelo Espírito Santo (4.10; Is 11.2).

3.10 — Sentar *debaixo da videira e da figueira* é um retrato de tranquilidade e paz características do reino messiânico (Mq 4.4).

4.1-14 — A quinta visão noturna é a de um castiçal de ouro entre duas oliveiras. O significado do castiçal é mostrar que a obra de reconstrução do templo seria realizada não pela engenhosidade humana, mas pelo poder divino.

4.1 — *Me despertou*. Ao que parece, essas visões noturnas aconteceram numa mesma noite.

4.2,3 — *Um castiçal todo de ouro* trazia à memória do povo o candelabro do tabernáculo e do templo.

4.4-6 — A reconstrução do templo, que já havia de fato começado (Ed 5.1,2; Ag 1.14), não seria realizada por esforço ou recurso humano, mas, sim, pelo poder do *Espírito* de Deus.

4.7 — O *monte grande* é a figura dos *grandes* obstáculos que o povo teria de transpor *para* reconstruir o templo (Ed 5.3-17). A *primeira pedra* seria colocada para sinalizar o término do *projeto*. As palavras *graça, graça a ela* podem ser entendidas como uma oração pelo favor de Deus ou *como* um brado de admiração pela *graça e beleza do* templo recém-construído.

4.8,9 — *As suas mãos*. A promessa referente a Zorobabel é muito importante; a obra que *iria* começar, ele completaria.

4.10 — *O dia das coisas pequenas*. Nada há de errado nas pequenas obras. O pouco pode, de fato, ser muito, se Deus estiver nele presente. *Sete*, número usado simbolicamente nas Escrituras para dar ideia de plenitude, é dado aqui *como* sendo o número infinito dos *olhos do SENHOR* (tal como *olhos* em Zc 3.9). Porque esses olhos *se* alegrarão vendo o prumo na mão de Zorobabel, isso nos mostra a grande felicidade do Senhor *pela* reconstrução do templo.

4.11-14 — Os *dois raminhos de oliveira*, que são *dois ungidos*, representam os setores político e religioso do governo de Israel, o setor dos sacerdotes e o do rei. Muitos reconhecem esses dois ramos como sendo o sumo sacerdote Josué e o governador Zorobabel.

5.1-4 — A sexta visão noturna, de um rolo voante, indica que o juízo seria severo para aqueles que não obedecessem aos preceitos da Lei do Senhor.

5.2 — O *rolo* era feito de pergaminho ou couro curtido, sendo nos tempos antigos o mesmo que o livro nos dias de hoje (Jr 36.1-8). Um *côvado* mede cerca de 45cm.



## EM FOCO

## ANJO (HB. MAL'AK)

(Zc 4.1; 2 Sm 2.5; 24.16; Sl 34.7; Is 37.9)

Esta palavra pode referir-se a seres angelicais (Zc 4.1; Gn 19.1; Sl 91.11), a mensageiros humanos (Gn 32.3; Dt 2.26) ou a embaixadores (Is 30.4; Ez 17.15). É também usada de modo especial no Antigo Testamento para a manifestação divina chamada anjo de Deus (Zc 2.6; Gn 21.17; Êx 14.19). No Antigo Testamento, os profetas (Ag 1.13) e os sacerdotes (Mt 2.7) agiam como mensageiros de Deus. Em Zacarias, anjos trazem revelações de Deus sobre o futuro e interpretam o significado de sonhos e visões (Zc 1.14; 6.4,5). Jesus identifica o mensageiro que prepara o caminho para o dia do Senhor profetizado em Malaquias 3.1 como sendo João Batista (Mt 11.10,11).



5.3 — O rolo trazia escrita uma mensagem de juízo divino. *Maldição* significa toda condenação ou juízo presente na aliança mosaica (Dt 30.7). A mensagem é uma advertência de que as maldições descritas no pacto, resultantes da desobediência do povo, seriam executadas em toda a terra.

5.4 — *E a consumirá*. O grande amor de Deus não o impede de exercer Seu juízo sobre aqueles que desrespeitam Sua vontade. O juízo sobre os desobedientes é certo e rigoroso.

5.5-11 — A sétima visão mostra uma mulher lançada em um efa. O profeta aprende com essa visão que o pecado e a maldade serão extirpados de Israel, mas serão abundantes em seu inimigo, Babilônia.

5.6 — A palavra traduzida literalmente por *efa*, unidade de medida que vale cerca de 37 litros, também significa *cesto*. A palavra traduzida aqui por *semelhança* também é traduzida por *iniquidade* em algumas versões antigas.

5.7,8 — A mulher sentada no efa é, como aqui está, a *impiedade*, uma personificação do pecado.

5.9 — Zacarias vê agora *duas mulheres*, agentes de Deus, levando para longe o efa com a mulher maligna. *Asas como as de cegonha*. A cegonha, sendo ave migratória, é vista frequentemente voando, na direção norte, ao longo do vale do Jordão, na primavera.

5.10,11 — *Sinar* era o antigo nome de uma região onde estavam localizadas as cidades de Babilônia (Babel), Ereque, Acade e Calné (Gn 10.10; 11.2). Babilônia foi local do cativo de Judá. O fato de uma *casa* ser ali construída para a mulher indica que a impiedade (v. 8) seria tirada para sempre de Israel.

6.1-8 — A oitava visão noturna descreve quatro carros saindo dentre dois montes de metal. O que essa visão sugere é o juízo divino vindo sobre as nações gentias.

6.1 — *Carros*. Nos tempos antigos, carruagens de duas ou quatro rodas puxadas por cavalos eram usadas tanto como veículos de transporte quanto como carros de guerra. Os carros de guerra geralmente levavam dois ou três homens, o condutor, um arqueiro e um soldado, que protegia os outros dois com um escudo.

6.2-4 — Alguns têm tentado descobrir um significado simbólico para as cores dos cavalos. Na verdade, porém, como em Zacarias 1.8-11, as cores dos cavalos, aqui, somente nos dão uma ideia melhor do que o profeta realmente viu.

6.5 — *Os quatro ventos dos céus*, que os carros com seus ocupantes representam, podem ser traduzidos também por *quatro espíritos dos céus* — provavelmente, anjos.

6.6,7 — Os cavalos *procuravam ir adiante* para levar os carros e os ocupantes em missão de executar o juízo divino sobre povos de toda parte.

6.8 — O ato dos condutores dos carros faria *repousar o Espírito* de Deus aonde fossem, pois executariam o Seu juízo sobre nações que haviam hostilizado Israel. Ciro derrotando Babilônia, em 539 a.C., deve ter feito parte, certamente, desse juízo (Is 13.1-22; 45.1-6).

6.9-15 — A oitava visão noturna de Zacarias foi seguida de um coroamento simbólico do sumo sacerdote Josué. Tal visão é o ponto alto desta seção do livro (1.7— 6.15).

6.10,11 — *Os que foram levados cativos* se refere, naturalmente, aos recém-chegados da Babilônia, que traziam consigo prata e ouro para ajudar na reconstrução do templo. *As coroas* que deveriam ser postas na cabeça do sumo sacerdote Josué eram, provavelmente, diademas.

6.12 — Segundo esta profecia, quem *edificará o templo do SENHOR* será o próprio Messias. Todavia, como a edificação do segundo templo já havia começado a ser feita e deveria ser completada por Zorobabel (Zc 4.9), o templo aqui referido pode ser o futuro tabernáculo, do reino messiânico (Is 2.2-4; Ez 40—42; Mq 4.1-5; Ag 2.7-9). O templo de Zorobabel era, na verdade, um símbolo profético do templo ainda por vir.

6.13 — *E assentar-se-á, e dominará [...] e será sacerdote*. O Messias reúne em si mesmo as funções de rei e sacerdote (Jo 1.49; Hb 3.1).

6.14 — *As coroas* deveriam ser mantidas no templo como um memorial daqueles que trouxeram contribuições da Babilônia, assim como para lembrar que o Messias que viria no futuro seria rei e sacerdote de Israel.



## EM FOCO

## RENOVO (HB. TSEMACH)

(Zc 3.8; 6.12; Is 4.2; Jr 23.5)

A palavra hebraica traduzida por *renovo* significa *ramo* ou *galho*. É um dos títulos do futuro Messias, o Renovo que restabeleceria a linhagem real de Davi, dinastia que fora interrompida com o cativo babilônico (Is 11.1). Muitos dos profetas profetizaram que um Rei da linhagem de Davi reinaria com justiça (Jr 23.5,6) e que restabeleceria, como sacerdote, a verdadeira adoração ao Senhor (Zc 6.12,13). Jesus Cristo cumpriu plenamente tal profecia, ao exercer em Seu ministério uma função real (Jo 12.13-15; 1 Tm 6.13-16) e sacerdotal (Hb 4.14).

**6.15** — *Aqueles que estão longe* inclui os povos gentios (Zc 8.22; Ag 2.7-9; Ef 2.13). Vemos aqui mais uma vez a intenção de Deus de levar Sua bênção e salvação aos povos estrangeiros (Zc 2.11); aqueles que viviam nas regiões mais remotas da terra iriam unir-se ao fiel povo da aliança para, juntos, prestarem a verdadeira adoração a Deus. A eleição por Deus de Abraão foi também, afinal de contas, para que nele fossem abençoadas todas as famílias da terra (Gn 12.3).

**7.1—8.23** — Esta seção trata de uma questão de suma importância para os judeus que viviam na Babilônia — a observância dos jejuns religiosos. Este assunto é tratado com prioridade em Zacarias 7.1-7 e 8.18,19. O texto nos traz muitas respostas sobre a natureza da verdadeira religião.

**7.1** — O ano quarto do rei Dario, ou seja, de seu reinado, foi 518 a.C. Quanto ao nono mês, chamado *quisleu* em idioma babilônico, corresponde a um período mensal entre os atuais novembro e dezembro.

**7.2** — *Betel* dista uns 20 quilômetros de Jerusalém. Mais de 200 judeus dessa cidade voltaram da Babilônia em 538 a.C. (Ed 2.28; Ne 7.32), sendo a cidade repovoada durante o período da reconstrução de Judá e Jerusalém (Ne 11.31). Ao que parece, os habitantes de Betel enviaram uma delegação para inquirir os sacerdotes em Jerusalém sobre algo do seu maior interesse quanto ao jejum.

**7.3,4** — *Casa do SENHOR dos Exércitos* se refere ao templo de Jerusalém. O jejum (*chorar*) no quinto mês (julho-agosto) era uma prática de lembrança da destruição do templo em 586 a.C.

(2 Rs 25.8). A delegação de Betel queria saber se era preciso manter esse jejum anual, que tinha sido observado durante o cativo babilônico.

**7.5,6** — *Jejuastes vós para mim, mesmo para mim?* Esta pergunta enfática foi feita por Deus para confrontar o povo e os sacerdotes, que jejuavam por motivos egoísticos. O jejum bíblico significa suspendermos por algum tempo nossas rotinas diárias abstendo-nos de alimento, para demonstrarmos nossa humildade e dependência de Deus, durante determinado período de oração. Só havia, na verdade, um jejum que a Lei de Moisés requeria: o jejum no Dia da Expição (Lv 16.29). O jejum no sétimo mês era para rememorar e prantear o assassinato de Gedalias (2 Rs 25.25). Os setenta anos (Zc 1.12; Jr 25.11; 29.10) se referem ao tempo em que o povo viveu no exílio e o templo de Jerusalém permaneceu em ruínas.

*Para vós mesmos.* Povo e sacerdotes jejuavam e celebravam buscando seus próprios interesses, não honrando a Deus.

**7.7** — *Profetas precedentes* tinham sido aqueles que haviam exercido seu ministério antes do exílio (Zc 1.4; 2 Cr 36.15,16). *Sul* é o Neguebe, região árida de Judá ao redor de Berseba. *Campina* refere-se à região de transição geográfica entre a parte montanhosa de Judá e a planície costeira.

**7.8-10** — As quatro advertências de Zacarias demonstram a mesma preocupação que outros profetas também tiveram com a obra social (Is 1.11-17; Os 6.6; Mq 6.6-8).

*Executai juízo verdadeiro.* As decisões judiciais tinham de ser tomadas com imparcialidade e sem preconceito.



## APLICAÇÃO

### JEJUM PARA OS EMERGENTES

Podemos imaginar que o jejum seja uma prática a ser exercida, de preferência, ou quase sempre, por pessoas religiosas que hajam feito, por exemplo, voto de pobreza, ou talvez por crentes mais consagrados. Zacarias, no entanto, falando pela voz de Deus, convoca um jejum a ser praticado por cristãos que estivessem prosperando financeiramente (Zc 7.5), e que estavam prosperando justamente porque passavam por uma fase de crescimento econômico pessoal. Usando de um termo atual, aqueles que poderiam ser chamados perfeitamente de novos ricos, ou emergentes.

É interessante como Zacarias desafia essas pessoas a jejuar e buscar a justiça social em meio ao seu crescimento financeiro (Zc 7.6-10). Isso nos leva a alinhar pelo menos três motivos pelos quais o jejum pode e deve ser uma prática muito edificante na vida daqueles que estejam prosperando ou sendo bem-sucedidos neste mundo: a) O jejum pode ajudar-nos a lembrar como é triste passar necessidade e ter fome; b) pode ajudar-nos a olhar somente para o Senhor e para os recursos espirituais que Ele usa para nos sustentar quando nada temos ou não temos muito; c) o jejum pode ajudar-nos a abrir o coração e compadecer-nos dos pobres e famintos deste mundo.

*Mostrai piedade e misericórdia.* O que deve guiar o relacionamento com os outros é um compromisso de respeito e amor.

*Não oprimis.* Não tirar vantagem alguma dos pobres e indefesos.

*Nem intente o mal cada um.* É vedado intentar o mal contra quem quer que seja; sacrifícios e adoração não têm significado para Deus se não acompanhados de uma prática amorosa.

**7.11-14** — Zacarias lembra qual foi a resposta rebelde e desobediente dos judeus antes do cativo babilônico e que resultou naquele juízo de Deus — quando então foram *espalhados*.

**8.1-17** — Enquanto Zacarias 7.8-14 relembra as consequências da desobediência no passado, esta seção aponta para o futuro, mostrando a restauração e as bênçãos de Sião.

**8.1-3** — O Senhor reafirma, mais uma vez, que *zela por Jerusalém* (Zc 1.14; Na 1.2). Este tema no livro de Zacarias dá ênfase à paixão imensa que o Senhor tem pelo Seu povo. Seu desejo é abençoá-lo com Sua presença e ser adorado por ele. *Sião* é, como já vimos, um nome poético de *Jerusalém* (Zc 2.7). O título *cidade da verdade* será efetivado ao trazer o Messias para ali Seu Reino de retidão. Aí, então, a terra será de fato santa (Zc 2.12).

**8.4,5** — Zacarias prediz que Jerusalém será habitada e se tornará um lugar seguro na futura era messiânica. A presença das crianças brincando nas *ruas da cidade* e a longevidade de seus

habitantes nos mostram sua futura prosperidade e bênção divina.

**8.6** — Esta pergunta retórica indica que nada é tão *maravilhoso* ou difícil para Deus.

**8.7,8** — *Oriente e ocidente* representam, aqui, todos os cantos da terra. As palavras *meu povo* e *seu Deus* (Zc 2.11) são usadas para descrever como o Deus da aliança se relaciona com Seu povo (Êx 19.5; 29.45; Lv 26.12; Os 2.23). Com estas palavras, Zacarias prevê a renovação do concerto de Deus com Seu povo fiel (Jr 31.31-34).

**8.9** — *O fundamento* do segundo templo foi lançado em 536 a.C. (Ed 3.8-13).

**8.10** — *Nem aluguel... nem paz.* Zacarias relembra a situação desesperadora em Judá antes de a obra no templo ser reiniciada, em 520 a.C. (Ag 1.1,6,10,11; 2.16,17).

**8.11-13** — No passado, o povo estava sujeito à disciplina de Deus. Mas, como voltou a obedecer e estava reconstruindo o templo, pôde receber as bênçãos de Deus.

*Esforcem-se as vossas mãos.* Dados os propósitos cheios de graça e os planos futuros de Deus para Seu povo, é este encorajado a continuar esforçando-se para servir ao Senhor com sinceridade de coração (1 Co 15.58).

**8.14,15** — Estes versículos mostram as diferentes formas de Deus se relacionar com o povo de Judá no presente e no passado; são uma retrospectiva do início da profecia (Zc 1.3-6).

8.16,17 — São descritas aqui as obrigações éticas de uma vida de fé. Exaltam-se os valores positivos do *juízo de verdade e de paz* e condenam-se os planos malignos e falsos juramentos. A recomendação *falai a verdade cada um com o seu companheiro* é repetida por Paulo em Efésios 4.25.

8.18,19 — Como resultado das bênçãos de Deus a Seu obediente povo, os jejuns do passado se tornariam motivo de alegria e festas solenes. O *jejum do quarto mês* relembra a brecha nos muros e a invasão de Jerusalém (Jr 39.2). O *jejum do quinto mês* recordava a destruição do templo (2 Rs 25.8). O *jejum do sétimo* rememorava o assassinato de Gedalias (2 Rs 25.25), e o *jejum do décimo mês*, o início do cerco a Jerusalém por Nabucodonosor (2 Rs 25.1,2).

8.20-23 — Zacarias anuncia aqui que muitos povos procurarão Deus. Durante a era messiânica, multidão de várias nações irá a Jerusalém *buscar o Senhor*. Esses gentios serão incluídos entre o povo de Deus pela fé (Ef 2.13-19).

9.1—14.21 — Nesta seção, Zacarias descreve profecias do final dos tempos concernentes a Israel e demais nações. Alguns eruditos creem que estes capítulos não pertenciam originariamente ao livro, sendo profecias anônimas datadas de período posterior. Esses argumentos se baseiam em supostas diferenças de estilo e vocabulário. Todavia, essas diferenças podem ser devido ao deslocamento brusco, nesta seção, para o final dos tempos. Jamais foi encontrado um manuscrito hebraico do livro de Zacarias sem a presente seção.

9.1-8 — O debate crítico sobre estes versículos diz respeito ao cumprimento histórico da profecia. Muitos comentaristas associam esta seção à campanha de Alexandre o Grande, na Palestina (332—331 a.C.), enquanto outros defendem que se trata de ação bélica ligada a Josias, ou Tiglate-Pileser III, ou Sargão ou aos macabeus. Não há evidência histórica, no entanto, que possa confirmar os acontecimentos descritos nestes versículos. Mais recentemente, tem-se cogitado que foram escritos sob a forma literária de um *hino de guerra celestial*, ou seja, um poema que descreve a batalha de um *guerreiro divino* e o

estabelecimento da paz. Assim, segundo esse ponto de vista, o pano de fundo do poema não tem relação com nenhum evento histórico específico; o profeta prevê poeticamente a intervenção de Deus junto às nações com base tão-somente no cumprimento das bênçãos que prometeu a Israel. O uso de nomes e lugares não diz respeito propriamente ao desenvolvimento da batalha, mas sugere apenas batalhões que se formam para combate.

9.1 — A palavra *peso* indica que um juízo *pesado* foi declarado. *Hadraque* ficava ao norte de Hamate, próxima ao rio Oronte, a sudoeste de Aleppo. *Damasco*, que fica a cerca de 100 quilômetros a nordeste do mar da Galiléia, era a capital de Aram, antiga Síria.

9.2 — *Hamate* é mencionada em vários lugares como limite ao norte da Terra Prometida (Nm 13.21; Js 13.5). *Tiro e Sidom* eram cidades portuárias situadas ao norte de Israel, na costa fenícia.

9.3,4 — A total destruição de *Tiro* por Alexandre, o Grande, em 332 a.C. nos mostra como até mesmo uma cidade poderosa pode vir abaixo sob o juízo de Deus.

9.5,6 — *Asquelom, Gaza, Ecrom e Asdode* eram cidades filisteias localizadas na planície costeira de Israel, ao sul de Jope (1 Sm 6.17). A cidade de Gate completava as cinco principais cidades dos filisteus. Zacarias profetizou que o maior de todos os temores dos filisteus aconteceria mediante o juízo do Senhor, que varreria essas suas cidades do mapa.

9.7 — O fato de Deus *de sua boca* tirar o seu sangue e dentre os seus dentes as suas abominações mostra o fim da impiedade e das práticas idólatras dos filisteus (Lv 17.14; Is 65.4; 66.17).

*Ecrom, como um jebuseu*. Os jebuseus eram os antigos habitantes de Jebus, cidadela que mais tarde veio a tornar-se Jerusalém (2 Sm 5.6,7).

9.8 — Deus retornará ao templo — *minha casa* — como um guerreiro vitorioso e ali *montará* guarda contra todo aquele que tentar entrar em território de Judá.

9.9,10 — A primeira vinda do Messias **tem** como pano de fundo a marcha vitoriosa de Deus (v. 1-8).



## APROFUNDE-SE

### O REI QUE ESTÁ CHEGANDO

Lucas nos relata que, depois que Jesus ascendeu aos céus, os discípulos regressaram a Jerusalém (Lc 24.52). Mas voltaram também para as Escrituras. De repente, as boas-novas começaram a brotar do Antigo Testamento. Onde quer que fosse a passagem que lessem, encontravam evidências da vida e do ministério de Jesus. Quando haviam pensado que nada mais fazia sentido, eles se lembraram da promessa de Jesus: *Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade* (Jo 16.13).

Ao registrar detalhes da vida de Jesus, os escritores dos evangelhos usam de referências do Antigo Testamento para demonstrar de modo claro como Jesus tinha todo o caráter do Salvador prometido e como cumpriu plenamente as profecias concernentes a Seu ministério. Mostram interesse particular em citar passagens do Antigo Testamento que predizem o sofrimento do Messias e circunstâncias envolvendo Sua rejeição. Para eles, o motivo principal que afastou o povo judeu de Jesus foi a ideia errada dos israelitas de que o Messias deveria ser um poderoso político e conquistador.

Zacarias 9.9,10 apresenta uma profecia cujo cumprimento está claramente em andamento (embora não completado), com a entrada de Jesus em Jerusalém montado em um jumentinho, conhecida como a entrada triunfal de Jesus. Mateus e João relatam essa passagem. João observa, inclusive, que os discípulos, a princípio, não viram nenhuma ligação entre o fato de Jesus montar um jumentinho e a descrição do Messias profetizada em Zacarias. Só depois que Jesus foi glorificado é que, *então, se lembraram de que isso estava escrito dele* (Jo 12.16).

Esses versículos em Zacarias representam uma transição importante. A chegada do Rei Salvador é seguida imediatamente de uma descrição do que aconteceria em Seu Reino a longo prazo. É um exemplo de *lacuna profética*. Visto do contexto mais amplo da profecia como um todo, Zacarias está mencionando dois estágios do plano de Deus ao mesmo tempo, mas que na realidade acontecem em tempos separados. A vinda do Rei, na verdade, se daria em duas etapas. Jesus viria inicialmente como Rei humilde, para trazer paz e salvação, o que se cumpriria em Seu ministério terreno e Sua morte na cruz. Depois, há de vir como vitorioso governante, para reinar em toda a terra, e trará paz às nações. Temos de regozijar-nos pela primeira vinda de Cristo e esperar pelo total cumprimento da profecia de Zacarias, quando o Senhor então voltará em glória.

**9.9** — Esta profecia se cumpriu literalmente no dia da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, montando um jumentinho (Mt 21.2-7; Jo 12.12-15). O *jumento* era montaria dos príncipes (Jz 5.10; 10.4; 12.14) e dos reis (2 Sm 16.1,2).

**9.10** — *Os carros [...]* e o *arco de guerra* — instrumentos de batalha que serão destruídos e a paz mundial será estabelecida. *Efraim* se refere às tribos do norte de Israel. O *rio* diz respeito ao rio Eufrates, limite nordeste da Terra Prometida (Gn 15.18).

**9.11,12** — A libertação de *presos* anunciada deve ter sido de grande motivação para o povo judeu que ainda estava no exílio. Embora os presos estivessem vivendo num lugar de águas abundantes na Pérsia (Ez 1.1), no que se refere ao alimento espiritual aquele lugar para eles era como uma *cova em que não havia água*. Eles são exortados a voltar à *fortaleza* de Jerusalém.

**9.13** — O profeta usa de uma metáfora ousada, comparando Judá e Efraim a um *arco* e uma

flecha, que seriam usados pelo Senhor contra a Grécia, literalmente Javã (Is 66.19).

**9.14** — *Redemoinhos*. Essa descrição, padronizada desde a aparição de Deus no Sinai (Êx 19), ilustra Sua soberania e Seu poder para proteger os Seus.

**9.15** — É descrito aqui o banquete de comemoração do povo de Deus por Sua vitória sobre as nações e segurança de Jerusalém. As pessoas *encher-se-ão* de bebidas como as bacias do altar do templo se enchem de sangue e se saciarão de carne como as abundantemente oferecidas em sacrifício no altar (Sl 110).

**9.16** — Assim como um pastor cuida de suas ovelhas, o Senhor salvará o Seu povo e cuidará dele. Seu povo salvo será como joias brilhantes, como um estandarte de Sua nação. Vemos aqui a alegria do Senhor em prover salvação a Seu povo.

**9.17** — A abundância de *trigo* e *mosto* aponta para a prosperidade e a bênção dos dias futuros (Zc 3.10; 8.4,5; Am 9.13).

**10.1-12** — Zacarias descreve como o Senhor há de restaurar Seu povo em sua terra. O tema particular desta seção é o restabelecimento do povo judeu pelo poder divino.

**10.1** — *Chuva serôdia* (Dt 11.14) é a chuva que cai naquela região no fim da primavera, essencial para uma colheita abundante.

**10.2** — Os *terafins* eram os ídolos de uma família (Gn 31.19). *Adivinhos*, como Balaão, faziam a interpretação de sinais ou presságios como meio de prever o futuro (Js 13.22; 1 Sm 6.2).

*Não há pastor.* A metáfora do *pastor* era muito usada no antigo Oriente Médio como a figura do rei ou governador (Ez 34.6-8,23,24). A ênfase dada aqui, porém, é da falta de uma liderança espiritual.

**10.3** — Ao mesmo tempo que faltava uma liderança espiritual em Israel, não faltavam tiranos para dominar o povo. São esses os *bodes* que serão julgados. Por outro lado, Deus fortalecerá *a casa de Judá* e há de torná-la instrumento de derrota dos opressores.

**10.4,5** — A metáfora poética contida nestes versículos reflete a força, a estabilidade e a vitória que Deus trará a Seu povo (v.3,6). *Pedra de esquina* é um exemplo de inabalável força e estabilidade, aliadas a beleza e honra (Is 28.16; Sl 118.22). A *estaca* colocada firmemente indica perseverança e paciência (Is 22.23). O *arco de guerra* alude à força necessária para a conquista (2 Rs 13.17).

**10.5** — Alguns comentaristas interpretam este versículo como uma referência à vitória dos macabeus sobre os sírios; mas seu contexto é mais amplo e escatológico. Nada há aqui que fale de uma batalha dos macabeus. Fala-se apenas, de modo poético, de uma série de vitórias como as que os macabeus alcançaram.

**10.6** — *Casa de Judá* indica o território ao sul de Israel. *Casa de José* refere-se ao território ao norte de Israel, dominado por Efraim (v. 7) e Manassés, tribos que receberam os nomes dos filhos de José (Gn 41.51,52). *Tornarei a plantá-los* é uma promessa de restauração. Os remanescentes dispersos de Israel voltariam à Terra Prometida (Mt 24.31).

**10.7** — O que foi prometido a Judá no versículo 5 é prometido aqui a *Efraim*.

*Como pelo vinho.* O vinho é aqui usado como símbolo de alegria abundante (Sl 104.15; Am 9.13; Jo 2.1-11).

**10.8-12** — Expande-se a promessa de Deus, reunindo Seu povo que fora disperso por todo o mundo (Mt 24.15-20). Alguns comentaristas supõem que estes versículos falam apenas do ajuntamento do povo do Reino do Norte, representado pela tribo de Efraim (10.7). O texto, no entanto, não parece limitar a promessa. Na verdade, Deus trará tanto Judá quanto José — tanto as tribos do Sul quanto as do Norte — de volta à Terra Prometida (Zc 10.6).

**10.8** — Tal como o pastor chama suas ovelhas, o Senhor *assobiará* para que os Seus voltem à sua terra.

*Porque os tenho remido.* Deus livrará Seu povo do pecado (Zc 3.4-9) e do cativeiro (Mt 24.31).

**10.9** — Ser semeado *entre as nações* foi o castigo que Deus usou para punir Seu povo, exilando-o, por causa de sua desobediência (Dt 28.62,63). As palavras *lembrar-se-ão de mim* predizem, porém, que o povo voltará para o Senhor, arrependido. *E viverão* significa muito mais do que simplesmente sobreviver. Deus promete uma vida espiritual abençoada àqueles que se arrependerem.

**10.10** — *Assíria* representa aqui a região situada ao norte da Mesopotâmia. *Egito* e *Assíria* (Babilônia) foram os lugares onde Israel ficou cativo. *Gileade* é um território situado a leste do Jordão e sudoeste do mar da Galiléia. O *Libano*, aqui, é a região localizada ao norte da Galiléia. A restauração futura de Israel seria tão completa que a terra se encheria de habitantes.

**10.11** — Deus removerá todo impedimento para o retorno de Israel. Zacarias usa imagens inspiradas no êxodo — *mar* e *rios* — para dar exemplo do tipo de obstáculos que Deus iria mais uma vez transpor (Êx 14.21-31; Js 3.14-17).

**10.12** — *E eu os fortalecerei.* Deus fortalecerá Seu povo em si mesmo, para que possa reunir-se novamente. *E andarão no seu nome.* Nos últimos dias, Israel voltará para sua terra como um povo de inabalável fé no seu Senhor (Zc 8; 12.10—13.1; Rm 11.26).



## APLICAÇÃO

### ADIVINHAÇÃO, UMA ILUSÃO PERIGOSA

É bem provável que tenha havido secas em Israel depois do exílio (Zc 10.1) e que algumas pessoas buscassem ajuda em adivinhos e falsos deuses, em vez de no Senhor (Zc 10.2). Mas esta foi sem dúvida uma atitude insensata, já que o exílio de Judá fora justamente um castigo por causa desse tipo de prática (compare com Jeremias 14.1-10).

O Senhor condena todas as formas de adivinhação, encantamento e feitiçaria (Dt 18.9-14). Práticas como dança da chuva, consultar as estrelas, sessões espíritas, bruxarias e feitiços e o uso de objetos como varinha mágica, cartas de tarô, patuá, cristais e outros estão longe de serem inocentes. Essas artes e objetos invocam demônios, inimigos do único e verdadeiro Deus. Seu líder é um mentiroso (Jo 8.44) e sua estratégia é enganar as pessoas (2 Co 11.3-4). O único caminho para alcançar a verdadeira sabedoria está no relacionamento com Deus, não mexendo com ocultismos de qualquer espécie.

**11.1-17** — Zacarias escreve profeticamente sobre a rejeição do Bom Pastor e a aceitação de pastores indignos, que trarão ruína ao Seu povo.

**11.1-3** — Estes versículos introduzem o capítulo 11 já descrevendo de forma bem clara, embora poética, a devastação da terra de Israel por causa de sua rejeição ao Messias, o Bom Pastor (Zc 11.4-14; Mt 23.37-39). O juízo aqui previsto provavelmente se cumpriu ao destruírem os romanos Jerusalém, em 70 d.C.

**11.1** — O *Líbano* era conhecido pelos seus belos e aromáticos cedros, árvores usadas por Salomão para construir seu palácio e o templo.

**11.2,3** — As *faias* lamentarão pelos cedros do Líbano. Os *pastores* também lamentarão porque os pastos serão arruinados. Os *leões* rugirão porque a *soberba do Jordão*, a floresta forte que era o seu abrigo, será destruída.

**11.4-14** — Estes versículos são considerados dos mais enigmáticos em toda a Escritura hebraica. A passagem fala de um pastor que cuida de ovelhas destinadas à matança. As ovelhas representam Israel, e o pastor representa um líder escolhido pelo poder divino, mas rejeitado pelo seu povo.

**11.4** — Zacarias recebe a ordem de *apascentar* e alimentar o *rebanho* de Israel, o povo de Deus, sabendo que está destinado à *matança*.

**11.5** — Israel, o povo de Deus, sofre a opressão de dirigentes só interessados em enriquecer à sua custa (Ez 34.1-10).

**11.6** — O pequeno grupo de tiranos e opressores (v. 5) será vítima de reis estrangeiros, que *ferirão a terra*.

**11.7** — Em obediência à ordem de Deus (v. 7), Zacarias pastoreou o rebanho condenado à matança. Tal como os pastores, que carregavam os devidos instrumentos destinados a guiar e proteger as ovelhas (Sl 23.4), Zacarias trazia consigo *duas varas*. O nome delas, *Suavidade* e *Laços*, indica ser o seu desejo que, desfrutando do favor de Deus, pudessem elas promover a unidade da nação. Segundo uma lenda cananeia, o deus Baal recebeu dois porretes, cujos nomes eram Condutor e Perseguidor, para lutar contra os deuses das trevas do mar. É natural que o pastor designado por Deus tenha recebido varas de pastoreio para guiar o povo, em vez de porretes para lutar.

**11.8** — *Três pastores*. Alguns sugerem que os três pastores aqui citados representam as classes dos líderes do povo de Israel: reis, profetas e sacerdotes. Outros acham que a expressão se refere aos três últimos reis de Judá ou a alguns sumos sacerdotes da época dos macabeus.

**11.9** — *O que morrer morra*. O juízo decretado por Deus jamais deveria ser contestado, mas, sim, aceito.

*Comam cada uma a carne*. O canibalismo foi uma das práticas mais horrendas que aconteceram, como resultado da fome que o povo israelita passou quando sitiado, em tempos de guerra atroz (Dt 28.54-57; Lm 4.10).

**11.10** — O fato de a vara *Suavidade* ter sido quebrada simboliza o fim da proteção de Deus a Seu povo. *Para desfazer o meu concerto*. A promessa incondicional de Deus a Abraão (Gn 12.1-3) ou a Davi (2 Sm 7.12-16) jamais seria desfeita.

Tal como o concerto de paz de Ezequiel (Ez 34.25), o concerto, aqui, pode estar referindo-se a um acordo com as nações gentias em favor de Israel.

**11.11** — Os que viram Zacarias quebrar sua vara, como ato simbólico (Zc 11.10), no mesmo instante perceberam ter aquilo um significado profético. Sabiam ser algo do Senhor.

**11.12** — Assumindo a função de pastor messiânico, Zacarias exigiu seu salário por serviços prestados. Seu salário foi o de *trinta moedas de prata*, o preço de um escravo (Êx 21.32). Foi este exatamente o mesmo preço pago a Judas para trair Jesus (Mt 27.6-10).

**11.13** — A ordem de Deus, *arroja isso ao oleiro*, torna-se mais concreta com a atitude de Zacarias. Ele as arrojou *ao oleiro, na casa do SENHOR*. O oleiro estaria certamente ligado ao templo, onde sempre se precisava de vasos consagrados (Lv 6.28).

**11.14** — A rejeição do pastor messiânico retratada por Zacarias significava que a esperança de unificação nacional dos israelitas não aconteceria naquela época. Mas um dia as duas nações, Judá e Israel, seriam novamente reunidas (Ez 37.16-18).

**11.15-17** — A rejeição do bom pastor levaria a uma liderança vazia de muitos pastores, que acabariam por destruir o rebanho.

**11.15,16** — Tomar *o instrumento de um pastor insensato* significa agir como ele. *Comerá a carne e lhe despedaçará as unhas* demonstra a crueldade dos pastores insensatos para com o povo.

**11.17** — *O pastor inútil* será julgado. *Seu braço*, que deveria ser usado para proteger as ovelhas, cairá. *Seu olho direito*, que deveria vigiar as ovelhas, ficará cego.

**12.1-9** — Zacarias prevê o dia futuro em que Israel será liberto de seus inimigos, quando as nações gentias ímpias serão então destruídas. O profeta está sugerindo que o estabelecimento final do Reino de Deus deverá ser precedido de uma oposição concentrada, mas sem sucesso, contra o povo de Deus.

**12.1** — Como em Zacarias 9.1, o *peso*, aqui, é um juízo pesado, do qual o profeta tem de desfazer-se. Três expressões descrevem a grandeza de

Deus como o Criador do céu, da terra e do homem.

**12.2** — *Jerusalém* é representada como *um copo de vinho*, ou uma bebida forte, que *causa tremor*. O copo, ou cálice, é muito usado nas Escrituras como metáfora da ira de Deus (Is 51.17; Jr 25.15; Ez 23.33; Ap 14.10; 16.19). O *cercos* na guerra significava rodear a cidade para impedir que seus habitantes fugissem e, ao mesmo tempo, recebessem suprimento de água e comida, forçando-os a render-se.

**12.3** — *Jerusalém* é comparada a uma *pedra pesada* que ferirá todos os que tentem removê-la.

**12.4** — Deus confundirá tanto cavalos quanto cavaleiros do exército inimigo. O juízo triplo — espanto, loucura e cegueira — é citado nas maldições do pacto de Deus (Dt 28.28).

**12.5** — Os *chefes* ou líderes de Judá reconheceriam o poder de Deus para livrar Seu povo. A *força* do povo estava no *Senhor* (Fp 4.13).

**12.6** — *Judá* é comparado a uma *brasa ardente* colocada em meio à lenha para atear uma fogueira e a *um facho entre as gavelas* (uma tocha entre feixes de galhos secos), podendo incendiar rapidamente um campo ou uma floresta.

**12.7** — *As tendas de Judá* é uma alusão aos judeus que viviam fora de Jerusalém, nas áreas rurais. *A casa de Davi* se refere à sua descendência.

**12.8** — Usando de ousada analogia, Zacarias compara os descendentes de Davi com Deus. O *anjo do SENHOR* aqui é o próprio Ser de Deus (Êx 23.20; Nm 22.22; Jz 2.1; 13.15-22).

**12.9** — *Todas as nações* que atacarem Israel (v. 2) serão julgadas e destruídas (Mt 25.31-46).

**12.10—13.6** — Zacarias continua descrevendo o futuro livramento do povo de Deus mediante arrependimento e renovação espiritual. Os eventos descritos aqui terão sua ocorrência, de natureza escatológica, durante a segunda vinda do Messias.

**12.10** — *Derramarei*. Esta metáfora é certamente tirada das abundantes chuvas do inverno naquela região, significando provisão abundante (Jó 36.28; Is 44.3; Lm 2.19).

*Espírito de graça* diz respeito à ação graciosa do Espírito Santo, que leva à confissão e ao arrependimento (Jo 16.8-11).



*Súplicas.* O Espírito há de levar as pessoas a uma atitude de arrependimento e de oração em busca da misericórdia de Deus. O Espírito de Deus exerceu ministérios importantes durante o período dos reinados judaicos.

*Olharão para mim, a quem traspasaram.* Os comentaristas judeus associam esta passagem aos judeus mortos defendendo Jerusalém (Zc 12.1-9). Já o Talmude judaico vê nesse texto uma referência ao Messias, que seria traspassado em batalha. O conceito messiânico cristão é o mais favorecido: Jesus foi traspassado por uma lança depois de morrer na cruz (Jo 19.34).

12.11 — *Hadade-Rimom* deve ter sido local de alguma tragédia cuja dor ainda estava viva na memória. É possível que o lugar também fosse associado a alguma seita religiosa que envolvia sofrimento.

12.12-14 — Todo o Israel pranteará pelo Messias, inclusive os membros da família real e os sacerdotes, *a linhagem da casa de Davi* e *a da casa de Levi*.

*As mulheres, à parte.* Estas palavras são usadas no Talmude como motivo de homens e mulheres serem separados na adoração. Mas, ao que parece, este versículo está dizendo que cada um lamentará à sua própria maneira, sem ter alguém ao seu lado para consolá-lo. *Simei* era neto de Levi (Nm 3.18,21).

13.1 — *A fonte* é um símbolo de provisão abundante e inesgotável. Jesus nos purificou de toda impureza do pecado na cruz. Quando de Sua segunda vinda, o remanescente fiel de Israel que se arrepender tomará posse dessa provisão e receberá as bênçãos do novo concerto (Jr 31.31-34; Ez 36.25-28). Paulo fala em Romanos 11.26 sobre esse grande dia.

13.2-6 — Zacarias declara que haverá um dia em que Deus tirará da terra todos os falsos profetas, assim como a idolatria e a influência demoníaca.

13.2 — *Tirarei da terra o nome dos ídolos.* Nos tempos antigos, o nome de alguém expressava sua própria personalidade. Zacarias prevê que

---

*Zacarias conclui sua  
magnífica profecia  
descrevendo como será  
a adoração no Reino  
do Messias.*

---

a memória dos falsos deuses e sua influência serão totalmente extirpadas.

13.3 — Segundo a Lei de Moisés (Dt 13.5; 18.20), todo falso profeta deveria morrer. E o mais penoso é que os pais do falso profeta é que tinham de confrontá-lo e aplicar a sentença.

13.4-6 — Estes versículos expressam a vergonha e o constrangimento dos que pronunciaram falsas profecias. Eles deixarão todo o seu passado para trás.

13.4 — Os falsos profetas negarão que são profetas com medo da punição e se recusarão a vestir o *manto de pelos*, traje tradicional dos profetas (2 Rs 1.8; Mt 3.4).

13.5 — Em vez de valorizarem-se por causa de sua função de profeta, eles dirão que são lavradores desde a sua *mocidade*. Esse texto parece ser uma paródia de Amós 7.14.

13.6 — *As feridas* parecem revelar que o próprio profeta, em um momento de êxtase, feriu suas próprias costas e seu peito. As palavras *nas tuas mãos* se referem, na verdade, ao *corpo*, tanto às costas quanto ao peito. O autoflagelo era uma forma de chamar a atenção dos deuses para receber suas bênçãos (1 Rs 18.18). Sem hesitar, o profeta declara que suas feridas foram feitas em casa de *amigos*, para não ser considerado um falso profeta e levado à morte (v. 3).

13.7-9 — Zacarias resume a exortação aos pastores (Zc 11.4-14) e volta ao tema da rejeição do Messias.

13.7 — *A espada*, instrumento mortal, é como um guerreiro que se levanta para lutar. O próprio Deus diz que a espada fira o Messias, *meu Pastor*. Isso indica profeticamente que a morte de Jesus não seria por acaso, mas por determinação divina.

*Meu companheiro.* Termo usado também em outras passagens para se referir ao próximo ou a alguém muito chegado (Lv 6.2; 18.20; 19.15). Sugere uma relação de igualdade.

Os *pequenos* podem ser os primeiros discípulos, ou os judeus incrédulos de todas as idades, ou o futuro remanescente fiel. Já que os judeus

sofreram muito ao longo da história (escravidão, exílio, domínio romano, Inquisição, Holocausto nazista etc.), esta passagem pode ser entendida com uma profecia que, de modo geral, fala da perseguição e do sofrimento do povo de Deus, para o qual Deus aqui se volta.

**13.8** — Zacarias revela as consequências devastadoras que terão ocorrido quando Deus se voltar para o rebanho espalhado. As ovelhas dispersas terão enfrentado um grande juízo do qual somente a *terceira parte* terá sobrevivido.

**13.9** — O remanescente será, porém, remido, purificado e restabelecido em um relacionamento de nova aliança com Deus.

*Purificarei.* Para sua fundição, o ouro é exposto a um calor intenso, a fim de se separar as impurezas do metal puro.

*Provarei.* Uma vez refinado, o metal precioso é analisado para que seu real valor seja estipulado.

As expressões *é meu povo* e o *SENHOR é meu Deus* reafirmam o concerto de Deus com Seu povo escolhido (Lv 26.12) e falam de renovação da aliança, com que Israel seria espiritualmente restaurado (Ez 36.28; Os 2.23; Rm 11.26,27).

**14.1-5** — Zacarias descreve os eventos relacionados à segunda vinda de Jesus, o Messias, e o final da batalha de Armagedom (Ap 16.16).

**14.1** — Alguns supõem que esses *despojos* se referem ao que será tomado dos inimigos de Israel, já prevendo, ao que parece, a vitória mencionada no versículo 14. No entanto, o que é dito logo após nos mostra que, ao contrário, os despojos são de Jerusalém, daquilo que lhe será tomado por seus inimigos (v. 2).

**14.2** — O *resto do povo* que sobreviver ao ataque com certeza é a já citada terceira parte que será purificada por fogo espiritual (Zc 13.8,9).

**14.3** — O *Senhor* tornará em vitória a derrota de Jerusalém. Deus, *varão de guerra* (Êx 15.3), irá intervir a favor de Israel quando atacado pelas nações.

**14.4** — Zacarias nos dá detalhes futuros sobre como acontecerá a libertação de Jerusalém. O *monte das Oliveiras*, que mede aproximadamente 800 metros de altura, fica localizado a leste de Jerusalém e do vale de Cedrom, apontando para

o norte e para o sul. O Messias voltará ao monte das Oliveiras, o mesmo monte em que ascendeu após Sua morte (At 1.10-11). No dia da volta do Messias, esse monte será fendido, formando um vale para o oriente e para o ocidente.

**14.5** — A divisão do monte das Oliveiras criará uma rota de fuga para o então derrotado e perseguido povo de Jerusalém. A localização de *Azel*, aqui mencionado, não é conhecida, supondo-se ser algum lugar a leste de Jerusalém. A fuga dos remanescentes de Israel será como os que sobreviveram depois do *terremoto nos dias de Uzias*. Os *santos* são literalmente os *santificados*, os anjos que virão com Jesus quando Ele voltar (Mc 8.38; 2 Ts 1.7).

**14.6,7** — Eventos cósmicos estarão associados à segunda vinda. A glória do Reino do Messias será precedida por dias sombrios de juízo.

*Não haverá preciosa luz.* A figura das trevas como um presságio do juízo é bem comum nas profecias (Is 5.30; 8.22; 13.9,10; Ez 32.7-8; Am 5.18,20; Sf 1.14,15).

**14.8-11** — Zacarias descreve o clímax da grande promessa profética de um Reino no qual o Messias de Israel há de governar no trono de Davi (2 Sm 7.12-16; Lc 1.31-33).

**14.8** — O termo *águas vivas* representa as águas correntes de uma fonte ou de um rio, em contraste com as águas paradas e sujas de uma cisterna (Jr 3.13). As águas fluirão de Jerusalém para o mar oriental (o mar Morto) e o mar ocidental (o Mediterrâneo). Ao contrário das correntes sazonais, que fluem somente durante a estação chuvosa, essas correntes irrigarão a terra tanto no *estio* quanto no *inverno*.

**14.9** — O profeta prevê o dia glorioso em que o *SENHOR* confirmará Seu Reino nessa terra, onde Satanás antes imperava (Ap 20.1-3; Sl 93.1; 97.1; 99.1). Será esta a resposta a todos que fazem a oração do Senhor: *Venha o teu reino* (Mt 6.10). A palavra *SENHOR* revela Sua unidade e unicidade (Dt 6.4).

**14.10** — *Geba* ficava a cerca de dez quilômetros a nordeste de Jerusalém. *Rimom* estava situada a cerca de 55 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. A *Porta de Benjamim* ficava no lado

norte do muro da cidade. A *primeira porta* não foi até hoje identificada. A *Porta da Esquina* provavelmente assinalava o limite a noroeste de Jerusalém. A *Torre de Hananel* devia ser uma fortificação defensiva no lado norte do muro da cidade.

**14.11** — *E habitarão nela.* Ao contrário do que acontecia nos dias de Neemias, quando a população de Jerusalém tornara-se escassa (Ne 7.4; 11.1). No Reino vindouro do Senhor, a cidade será plenamente habitada, e seus cidadãos viverão em segurança.

**14.12-15** — Esses versículos esclarecem Zacarias 12.4-9 e 14.3, dando detalhes de como Deus lutará contra as nações que atacarem Jerusalém e as destruirá.

**14.12,13** — *Praga.* Essa foi a palavra usada para descrever o juízo de Deus sobre os egípcios (Êx 7.17—12.30).

**14.14,15** — Quando seus inimigos forem destruídos, o povo de *Judá* se unirá aos moradores de *Jerusalém* na recuperação dos despojos levados por eles (v. 1) e tomará tudo o mais que tiverem (Ag 2.7,8).

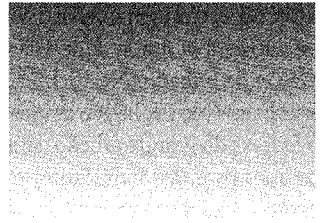
**14.16-21** — Zacarias conclui sua magnífica profecia descrevendo como será a adoração no Reino do Messias.

**14.16** — Os habitantes das nações que atacaram Israel (v. 1,2), que creem e se arrependem,

*adorarão o Rei* (Jesus, o Messias) e celebrarão a *Festa das Cabanas* [Tabernáculos], festividade da colheita no outono, comemorativa da experiência de Israel no deserto (Lv 23.33-43). Essa festa de ação de graças será a única das festas de origem judaica que deverá ser celebrada no novo Reino — as outras terão sido encerradas, mas a ação de graças há de ser um tema constante no reinado do Messias.

**14.17-19** — As nações que se recusarem a ir a Jerusalém para adorar o Rei Messias e celebrar a festa estarão sujeitas ao juízo divino. O *Egito* é usado como exemplo por ser um adversário tradicional de Israel.

**14.20,21** — No Reino do Messias, o povo de Judá e Jerusalém cumprirá seu destino como nação santa e sacerdotal (Êx 19.6). As palavras *SANTIDADE AO SENHOR* serão gravadas na lâmina de ouro puro usada pelo sumo sacerdote (Êx 28.36). A santidade dominará de tal modo o Reino do Messias que as panelas serão puras e consagradas. O termo *cananeus* aqui se refere aos comerciantes que vendiam suas mercadorias em Jerusalém e no templo (Ne 13.19-22; Mt 21.12; Jo 2.14). Ninguém obterá lucro com a adoração ao Senhor na era vindoura. A busca de Deus por verdadeiros adoradores será realizada por meio de pessoas santas e consagradas.



O livro de

---

# Malaquias

---

---

## INTRODUÇÃO

---

**O** livro de Malaquias fala do grande erro que é nos esquecermos do amor de Deus. Quando alguém se esquece do amor de Deus, isso afeta seu comportamento, sua vida familiar e sua adoração. Quando o amor de Deus e sua fidelidade são postos em dúvida, os compromissos sagrados deixam de ser sagrados. Deus enviou Malaquias para despertar o povo de seu sono espiritual e exortá-lo a voltar-se para o Deus vivo. O livro também nos mostra um povo que questiona a realidade de seu pecado e de sua infidelidade a Deus, um povo cada vez mais duro de coração. Por isso, o livro caminha para o final com um texto muito sério, um confronto entre um Deus desapontado e um povo decepcionado.

De certa forma, o livro de Malaquias nos revela que, de todo modo,

o Antigo Testamento encontra-se em um abismo, com a voz indignada do povo de um lado e as duras exortações de Deus do outro. Somente o Senhor poderia oferecer uma forma de acabar com esse impasse. Malaquias vislumbra esse livramento, falando daquele que iria preparar o caminho para o Messias. O prometido, era o único que poderia transpor esse abismo e reunir o povo ao seu Deus.

Há um grande consenso de que o livro de Malaquias foi escrito na segunda metade do século 5 a.C. Alguns até especificam essa data como sendo entre 420 e 415 a.C. Isso data o livro de Malaquias de cem anos após o ministério de Ageu e Zacarias. Há muitas referências no livro relacionadas a questões tratadas por Neemias, que foi governador de Judá por volta de 440 a.C. Entre elas, estão: o casamento de judeus com

mulheres estrangeiras (Ne 13.23-27); o dízimo, que não estava sendo dado (Ne 13.10-14); a profanação do Sábado (Ne 13.15-22); a corrupção do sacerdócio (Ne 13.7-9); e a injustiça (Ne 5.1-13).

Depois da grande aflição causada pelas guerras dos assírios e dos babilônios, e dos medos e dos Persas, Israel teve um período de relativa paz ainda nos tempos antigos. Os livros dos profetas pré-exílicos foram escritos em meio a violentas tribulações de guerra e catástrofes, mas sob o domínio persa o povo pôde voltar em paz à sua terra. Não havia mais sobre ele a constante ameaça de um conflito internacional. É bem verdade que os persas lhes cobravam tributos, mas deixaram os judeus em paz, embora com dificuldades econômicas, algo muito comum naquele período.

A história do povo judeu é uma história de recorrente escravidão, êxodo e restauração, da qual Malaquias também fez parte. Há dois cativos na história do Antigo Testamento e dois relatos de saída do povo judeu desses cativos. A primeira servidão e o grande êxodo que Israel viveu foram os da experiência no Egito, logo no início de sua história; a segunda submissão e livramento foram os do exílio na Babilônia.

No relato do primeiro êxodo, Moisés e Arão ocupam destacado papel no que se refere à verdadeira adoração ao Deus vivo, centralizada no tabernáculo. Uma parte significativa do livro de Êxodo, todo o livro de Levítico e parte dos de Números e Deuteronômio compõem um guia para adoração no tabernáculo. O assunto principal de Êxodo é a criação do povo de Israel como uma comunidade de adoração a Deus (Êx 5.1).

Assim também, dois livros sobre o segundo êxodo, ou seja, sobre a volta do povo de Deus de Babilônia, tratam da genuína adoração a Deus. Estes dois livros, Ageu e Malaquias, abordam especificamente a adoração centralizada no templo reconstruído. Ageu exorta o povo a reconstruir o templo de Jerusalém em 520 a.C. Eis por que esse livro se assemelha ao de Êxodo, no qual Deus dá as instruções para a construção do tabernáculo. Malaquias, por sua vez, é semelhante a Levítico, fala de como o povo e os sacerdotes devem portar-se no templo. Contudo, suas diferenças são

bem expressivas. Levítico dá ênfase ao que o povo deveria doar, que ofertas deveria levar e que calendário seguir para adorar a Deus. Já Malaquias dá ênfase à atitude daqueles que fossem adorar a Deus. Enquanto em Levítico podemos ver *como* adorar a Deus, em Malaquias o foco está na motivação daqueles que adoram.

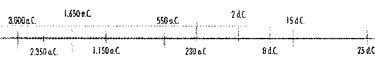
Os sacerdotes dos dias de Malaquias não davam muita importância às regras para adoração (Ml 1.6-4), e o povo tornara-se displicente quanto às ofertas que deveria dar a Deus (Ml 3.6-12). Mas de onde teriam vindo essas atitudes? Deus diz ao povo como uma crítica na introdução do livro: *Eu vos amei*. E o povo retruca: *Em que nos amaste?* (Ml 1.2). O povo deu essa resposta dúbia a Deus porque duvidava do amor que o Senhor sentia por ele. Sua apatia em relação a Deus se refletia em sua relação com o próximo — sobretudo entre os cônjuges. Tornara-se algo muito comum naquela época os maridos se divorciarem das esposas. Os homens ignoravam o fato de que Deus era testemunha de seu casamento e, por isso, desprezava suas ofertas. A profecia de Malaquias é a resposta de Deus a essa situação, em que o amor não mais existia.

Nada se sabe sobre o profeta Malaquias a não ser o que é revelado neste livro. Não se tem nem mesmo a certeza de que esse era o seu verdadeiro nome. *Malaquias* significa *meu mensageiro*, e o primeiro versículo do livro poderia ser traduzido assim: “Peso da Palavra do Senhor contra Israel, pelo ministério do Meu mensageiro”. De todo modo, o nome que o identifica como mensageiro de Deus ressalta também o assunto principal de seu livro. Deus, por Malaquias, prediz que enviará um mensageiro — *o meu anjo, que preparará o caminho*, uma profecia sobre João Batista — e outro mensageiro — *o anjo do concerto, a quem vós desejais*, profecia sobre o próprio Messias, Jesus (Ml 3.1).

Em Malaquias 2.7, o sacerdote é chamado de *o anjo do Senhor dos Exércitos*. Com base nessa designação, um profeta-sacerdote poderia aplicar a si mesmo o título de *mensageiro de Deus*. E do próprio escritor do livro poderíamos então dizer que, na verdade, ele era um sacerdote, a quem Deus deu uma mensagem profética a entregar.

## LINHA DO TEMPO

## CRONOLOGIA EM MALAQUIAS



Ano 536—515 a.C. — O templo é reconstruído em Jerusalém

Ano 464—424 a.C. — Artaxerxes Longímanso reina na Pérsia

Ano 458 a.C. — Esdras lidera um grupo de ex-exilados de volta a Jerusalém

Ano 444 a.C. — Neemias lidera outro grupo de ex-exilados de volta a Jerusalém

Ano 443 a.C. — O muro de Jerusalém é reconstruído

Ano 420 a.C. — Ministério de Malaquias



## ESBOÇO

I - Discussão sobre o amor de Deus — 1.1-5

II - Discussão sobre os sacerdotes honrarem a Deus — 1.6—2.9

III - Discussão sobre a infidelidade do povo — 2.10-16

IV - Discussão sobre o juízo de Deus — 2.17—3.6

V - Discussão sobre a volta para Deus — 3.7-12

VI - Discussão sobre a revolta contra Deus — 3.13-18

VII - Advertências sobre a vinda do grande Dia do Senhor — 4.1-6

A - A certeza daquele dia vindouro — 4.1-3

B - A promessa da vinda de Elias antes daquele dia — 4.4-6

## COMENTÁRIO

1.1 — Como no caso de Naum (Na 1.1), a mensagem profética de Malaquias era como um peso que tinha de ser descarregado por ele (Is 13.1; Jr 23.33-38; Hc 1.1).

*Contra Israel.* No pós-exílio, o uso da palavra Israel referindo-se ao povo judeu expressava a esperança de que o Senhor logo cumpriria plenamente as promessas que havia feito a Seu povo. O nome *Malaquias* significa *meu mensageiro*.

1.2-5 — Uma discussão sobre o amor de Deus. O livro de Malaquias aborda uma série de discussões entre o Senhor e o Seu povo. Esta seção forma a primeira de seis dessas polêmicas.

1.2 — *Eu vos amei.* Deus é como um pai amoroso, que fala com carinho. No entanto, Seu povo escolhido mostra-se como filhos rebeldes, que se voltam contra as palavras de amor ditas a eles.

1.3 — *E aborreci a Esaú.* O contraste entre os verbos *amar* e *aborrecer* aqui e no versículo 2

parece ser muito forte. Todavia, em muitas ocasiões no Antigo Testamento, o verbo *aborrecer* significa basicamente *não ser escolhido*. O amor de Deus por Jacó foi expresso em Sua graça eletiva, ao estender Sua aliança a ele e seus descendentes (Gn 25.21-26; Is 44.1-5). Em Seu propósito soberano, Deus quis mostrar seu amor a Jacó, não a Esaú. O termo *aborrecer* também dá ideia de indiferença.

1.4-5 — *Ainda que Edom diga [...] porém tornaremos.* Edom era a nação descendente de Esaú, e tão incrédula e autoconfiante como ele. A destruição de Israel fez com que esta nação reavaliasse seu relacionamento com Deus; mas para Edom a destruição só fez que seu orgulho e teimosia aumentassem.

*SENHOR dos Exércitos.* Esta expressão descreve Deus como o supremo comandante do universo. Os *Exércitos* são os Seus batalhões celestiais.

1.6 — *o filho honrará o pai.* O Senhor expressa aqui uma verdade evidente: nada mais natural



## APROFUNDE-SE

### SACRIFÍCIOS SEM VALOR

Por que era importante para Deus o estado de um animal a ser sacrificado? Já que é o próprio Deus o Criador de todas as coisas, tanto dos animais saudáveis quanto dos defeituosos, por que não aceitar como oferta os com defeito? E por que se ocuparia tanto disso, a ponto de fazer que o profeta Malaquias falasse enfaticamente a esse respeito? É que o sacrifício imperfeito dos sacerdotes e do povo demonstrava, na verdade, o que havia em seu coração. Não estavam sendo sinceros. Para eles, sacrificar um animal saudável, perfeito, lhes pareceria um desperdício, além de considerarem, certamente, total perda de tempo e energia o trabalho que tinham para preparar corretamente os animais para oferecê-los como sacrifício.

Malaquias confronta essa atitude de negligência, rebeldia e desobediência com a lei de Deus, que exigia claramente sacrifício sem mancha e feito de boa vontade (Lv 1.3; 3.1; Dt 17.1). O profeta confronta esse povo insubmisso com o juízo de Deus que viria sobre seus atos. Deus sabia muito bem o que faziam e o que se passava em seu coração. Não haveria sacrifício pior do que o de segunda mão e oferecido por obrigação. O povo judeu não estava, na verdade, oferecendo propriamente sacrifícios; estava apenas fazendo o que lhe era conveniente: o suficiente para fingir que obedecia a Deus. Eles tinham de voltar atrás e andar novamente por um caminho de justiça.

Todavia, muito embora o povo de Deus houvesse rompido o pacto para com Ele, Deus continuaria fiel às Suas promessas (Is 53). Não hesitaria em enviar seu único Filho para ter uma morte cruel na cruz. Jesus foi o sacrifício definitivo, verdadeiro e sem mancha para o qual apontavam as profecias do Antigo Testamento (Hb 7.26-28). Ele, de fato, não tinha pecado. Mas mediante Sua morte sacrificial, Deus nos salvou de todas as nossas iniquidades. Ao fazer isso, demonstrou Seu verdadeiro amor por nós, pois sacrificou o que tinha de melhor para nos salvar (Jo 3.16).

do que um pai ou um senhor ser honrado ou pelos filhos ou por aqueles que lhe devem respeito e obediência, mas o Senhor não estava recebendo a honra que lhe era devida. *Eu sou Pai*. A imagem de Deus como um pai é comum no Novo Testamento, mas isso raramente ocorria no Antigo Testamento (Is 63.16; 64.8).

*Que desprezais o meu nome*. Nos tempos antigos em Israel, o nome simbolizava o caráter, as obras e a reputação de uma pessoa. Por isso, essa declaração é algo muito sério. Ainda assim, o povo tem a ousadia de perguntar: *Em que desprezamos nós o teu nome?*

1.7 — A resposta de Deus à pergunta feita no versículo 6 fala de *pão imundo*. Trata-se de pão não preparado corretamente para o culto a Deus. O pão (Êx 25.23-30) e a *mesa* sobre a qual ele era colocado eram símbolos sagrados, mas os sacerdotes os estavam tratando como coisa comum, sem valor algum.

1.8 — *Cego... coxo... enfermo*. A lei deixava de modo bem claro as exigências para adoração santa a Deus. Somente o melhor deveria ser apresentado como oferta ao Senhor (Lv 1.3); ninguém deveria trazer uma oferta imunda, ou seja, com doença, mancha ou defeito (Lv 7.19-21).

1.9 — Neste versículo, é vista a misericórdia do Senhor. Apesar da indiferença do povo em relação aos mandamentos de Deus, Ele continua oferecendo Sua graça misericordiosa àqueles que desejem recebê-la. Não haja dúvida, porém, de que era necessária uma mudança nas obras e atitudes das pessoas. Isso nos lembra a misericórdia que Deus oferece a Caim depois que seu sacrifício também não foi aceito (Gn 4.6,7).

1.10 — *Feche as portas*. Entre aceitar as obras do seu povo, mesmo sem gratidão, ou não aceitar obra alguma, Deus escolhe a segunda opção. *Prazer*. Essa palavra descreve o desejo que Deus tem de se deleitar com a verdadeira adoração de um povo verdadeiramente santo (Sl 40.6-8; 147.10,11).

1.11 — *Grande entre as nações*. Deus um dia será adorado por todas as nações. Embora o próprio povo de Deus estivesse profanando seu nome (Sl 87; 117), ele seria adorado até mesmo pelos então desprezados gentios.

1.12 — *Vós o profanais*. O povo estava tratando Deus com menosprezo mediante sua atitude negligente em relação às ofertas.

1.13 — O povo não entendeu nem gostou das exigências de Deus; parecia estar simplesmente

muito ocupado com seu trabalho para dar atenção a isso.

*Roubado... coxo... enfermo.* As ofertas dos sacerdotes não eram aceitáveis; algumas eram até de coisas roubadas e outras de animais impróprios. Sacrificar algo que não tem valor não pode ser considerado de maneira alguma um sacrifício.

**1.14** — Será que alguém consegue mesmo enganar o Senhor? Na verdade, só há engano aos olhos do *ganador*.

*Porque eu sou grande rei.* O nome do Senhor deveria ser de tal modo engrandecido por Seu povo que todas as nações fossem levadas a adorá-lo.

**2.1-16** — O profeta explora de modo mais profundo a razão pela qual a nação estava tratando Deus dessa forma. Chega à conclusão de que

Deus estava sendo tratado assim porque três grupos de pessoas haviam quebrado o concerto: os sacerdotes (v.1-9), o povo em geral (v.10-12) e entre o povo, particularmente, os homens que se divorciavam, com o maior cinismo, de suas esposas (v.13-16). A palavra *concerto* tem muita importância nestes versículos.

**2.1** — O fato de os *sacerdotes* serem mencionados aqui nos mostra que a seção que começa em Malaquias 1.8 continua neste capítulo.

**2.2** — *Se não [...] dar honra.* A atitude dos sacerdotes estava denegrindo o nome de Deus.

*Enviarei a maldição.* Quando o povo estava para entrar na Terra Prometida, os levitas pronunciaram diante deles bênçãos de obediência e maldições de desobediência (Dt 27—28). Aqui, no entanto, eram os próprios sacerdotes que não



**COMPARE**

**MALAQUIAS: UM RETRATO DE INDIFERENÇA ESPIRITUAL**

Quando o profeta Malaquias começou a pregar aos israelitas, constatou que o povo detinha um coração frio. Mantinha-se apático e indiferente quanto a Deus. Quando o Senhor os confronta, então, com os seus pecados, eles fazem uma série de perguntas que revelam muito a respeito de sua condição espiritual

Pergunta	Significado	Aplicação
<i>Em que nos amaste?</i> (MI 1.2)	Esta pergunta revela uma falta de confiança em Deus muito preocupante. Os israelitas estavam alegando que Deus não havia sido fiel à Sua aliança. Como se dissessem: "Se tu nos amas realmente, por que ainda estamos sendo oprimidos pelos estrangeiros, à espera do reino prometido?"	E Deus, por acaso, tem ainda de provar (mais do que tem provado) o Seu amor a nós?
<i>Em que desprezamos nós o teu nome?</i> (MI 1.6); <i>Em que te havemos profanado?</i> (MI 1.7)	Estas perguntas mostram o coração ambíguo e a falta de espiritualidade dos líderes religiosos de Israel. Na verdade, o que eles estavam querendo dizer era: "Já estamos oferecendo os sacrifícios que nos são exigidos. O que mais queres, então?". Mas como mostra Malaquias, seus sacrifícios oferecidos a Deus eram animais impróprios (MI 1.8-10).	Devemos adorar a Deus com o nosso melhor ou apenas oferecer a Ele o que bem entendermos?
<i>Em que havemos de tornar?</i> (MI 3.7)	Essa pergunta revela total e terrível cegueira diante do pecado e uma tentativa arrogante de justificar seus erros. Ou seja: "Nós não sabemos o que tu queres que façamos, pois não sabemos, nem podemos ver, o que fizemos de errado".	É muito comum arrumarmos desculpas quando nos deparamos com os nossos pecados.
<i>Em que te roubamos?</i> (MI 3.8)	Esta pergunta revela a ganância do povo. Não viam seus bens como algo dado por Deus e que deveriam ser usados para Sua glória.	Doamos a Deus com a devida gratidão e liberalidade?
<i>Que temos falado contra ti?</i> (MI 3.13)	Esta pergunta mostra sua dureza de coração. Alegam que <i>inútil é servir a Deus</i> (3.14), achando que basta continuar observando superficialmente e como simples obrigação os cerimoniais religiosos que isso satisfará a vontade de Deus para sua vida.	Servirmos a Deus de todo o nosso coração?



estavam obedecendo à Lei que deveriam guardar. Por isso, seriam eles os amaldiçoados.

**2.3** — O esterco a que se refere é o do animal a ser sacrificado, que tinha de ser retirado antes de preparado para oferta ao Senhor.

**2.4** — *Meu concerto seja com Levi*. Os levitas receberam o privilégio de servir no tabernáculo (Dt 33.8-11).

**2.5** — O concerto de Deus foi feito com Finéias, descendente da tribo de Levi (Nm 25.1-4).

*De vida e de paz*. O significado mais simples da palavra *paz* é plenitude, inteireza, algo que é de fato como deveria ser.

*Para que me temesse*. O contexto aqui nos transmite a ideia de honrar a Deus com temor e reverência, considerando de modo correto as maravilhas feitas por Ele e adorando-o sempre em espírito e em verdade (Mt 3,5-16; 4,2).

**2.6** — *A lei da verdade*. Os sacerdotes do Antigo Testamento tinham dupla função — representar o povo na adoração santa perante o Deus vivo e ensinar e aplicar a lei de Deus junto ao povo.

*Em paz e em retidão*. Assumir uma virtude moral completa perante o Senhor em relação a todas as coisas.

**2.7** — No Antigo Testamento, o profeta era comumente chamado de *anjo*, no sentido de

*mensageiro*, do Senhor. Contudo, ao que parece, essa é a única vez em que o sacerdote é assim chamado no Antigo Testamento (Mt 3.1).

**2.8** — *Desviastes [...] a muitos fizestes tropeçar*. O juízo sobre os líderes religiosos que se haviam desviado seria mais rigoroso ainda, porque sua atitude insensata e pecaminosa levava também o povo a pecar.

*O concerto de Levi*. Deus fez esse concerto com a tribo de Levi, especialmente com Finéias (v. 4). Outras passagens fazem alusão a esse concerto (Ne 13.29; Jr 33.20,21).

**2.9** — Os sacerdotes conheciam a verdade, mas não mais a *guardavam* nem praticavam. Como juízes, não eram imparciais, o que tornava seu pecado ainda pior (Dt 17.9-11; 19.17).

**2.10** — *Nos criou um mesmo Deus*. O verbo *criar* nos traz à memória a grande criação descrita em Gênesis 1.26-28. *Seremos desleais*: Já que Deus é o Criador de toda a humanidade (Mt 1.27), Ele exige que todos os seres humanos ajam com lealdade uns com os outros.

**2.11** — O termo *abominação* é bastante forte, indicando até algo que dá ânsia e vômito; o povo fez algo tão terrível a ponto de poder levar uma pessoa a um mal-estar.

*A santidade do SENHOR, a qual ele ama*. A palavra *santidade* foi aqui muito bem traduzida,



## APLICAÇÃO

### DESLEALDADE NO CASAMENTO

Quanto mais o número de divórcios aumenta em um país, mais isso se torna um escândalo para essa nação aos olhos de Deus. Este deve ser o significado das palavras de Malaquias sobre o divórcio (Mt 2.14-16). Ao que parece, um número considerável de maridos na Judá pós-exílio estava sendo desleal e se divorciando facilmente de suas esposas. Essa deslealdade consistia não apenas em descon sideração dos votos matrimoniais, mas também representava deslealdade ao Senhor.

O que provocara esse número absurdo de divórcios? Os livros de Esdras e Neemias relatam haver esses dois líderes desafiado os homens de Judá a *despedir* as esposas que eles haviam tomado entre os cananeus e outros povos da terra (Ed 9—10; Ne 13.23-27). Esses divórcios deveriam acontecer para que houvesse purificação na nação e Deus restaurasse seu concerto com o povo. Teria essa política de dissolver os casamentos com mulheres estrangeiras levado a se adotar uma posição mais favorável ao divórcio? Terá isso contribuído para que o divórcio se tornasse uma opção mais fácil, mesmo quando ambos os cônjuges eram judeus, situação que ainda persistia nos dias de Jesus (Mt 19.3-9)?

Malaquias, contemporâneo de Esdras e Neemias, mostra claramente a posição de Deus sobre o divórcio: *O Senhor Deus de Israel diz que aborrece o repúdio* (Mt 2.16). O profeta exorta o povo a se *guardar em seu espírito e não serem desleais*. Aceitar o divórcio como algo natural era, afinal, um sintoma de grave problema no coração das pessoas em relação ao Senhor. O mais importante, portanto, era ser leal a *Ele*.

significando *as coisas santas de Deus, que ele ama*. O texto nos dá uma ideia de afeição e indignação ao mesmo tempo, algo que geralmente associamos aos verbos *amar* e *aborrecer*. O casamento é algo que Deus ama; o divórcio é algo que ele aborrece (v.16). O povo do Senhor maculou algo em que Deus tem grande prazer.

*Com a filha de deus estranho*. A questão do casamento inter-racial em Israel não era, de fato, ética ou étnica, mas, sim, espiritual: infidelidade ao próprio Deus.

**2.12** — *Extirpará*. Esse verbo alude à expulsão ou até mesmo à morte.

*O que vela, e o que responde*. A interpretação dessa frase é um pouco difícil, mas ela pode estar se referindo a uma ofensa direta ao Senhor (Lv 10.1-3).

**2.13** — *Ainda fazeis isto*. Os profetas em várias ocasiões se levantaram para falar dos inúmeros pecados do povo (Jr 2.13). As *lágrimas* aqui parecem ser uma atitude hipócrita do povo, que não se arrependia com sinceridade (Is 1.10-15).

*Ele não olha mais para a oferta*. Quando a coisa certa é feita por motivo ou intenção errada, Deus de modo algum pode aceitá-la (Sl 40.6-8).

*Com prazer*. Esse termo em hebraico denota o prazer e a alegria de Deus. O prazer de Deus está nos sacrifícios oferecidos como gesto de humildade, fé e alegria.

**2.14** — *Por quê?* O povo quis mostrar que estava surpreso, mas não conseguiu enganar pessoa alguma com isso, muito menos a Deus.

*Testemunha*. Há pessoas cujo testemunho pode ser contestado, mas o Senhor não se encontra entre elas (Mt 3.5).

*A mulher da tua mocidade*. Esses homens não apenas se casaram com mulheres pagãs, mas também se divorciaram de suas esposas para viver com elas. *Companheira* exprime um relacionamento est[avel]. *Do teu concerto*: A união em um casamento é formal, pública, legal e sagrada, um contrato obrigatório.

**2.15** — *Fez ele somente um*. O profeta aqui traz à memória as palavras de Gênesis 2.24: *uma só carne*.

*Sobejando-lhe espírito*. Essa frase um pouco difícil de entender pode estar referindo-se à obra do Espírito Santo de Deus na vida de um casal. Deus uniu os cônjuges e trabalha para fortalecê-los por meio do Espírito Santo.

*Uma semente de piedosos*. Deus busca filhos piedosos assim como verdadeiros adoradores (Jo 4.23,24).

*Guardai-vos em vosso Espírito*. Temos de controlar nossas atitudes para que elas estejam de acordo com as do Espírito de Deus.

**2.16** — *Desleais*. Para o Senhor, tratar os votos e obrigações do casamento com indiferença é a atitude de um traidor.



## APLICAÇÃO

### ROUBANDO A DEUS, ROUBANDO AOS POBRES

Enquanto as igrejas de hoje têm um orçamento e buscam reunir recursos financeiros, é interessante notar que, nos tempos do Antigo Testamento, os israelitas tinham de dar o dízimo (a décima parte) de sua renda ou de tudo que produziam por três motivos: para celebrar a abundância da provisão do Senhor (Dt 14.22-26), para sustentar os levitas (Mt 14.27; Nm 18.20-24) e para suprir as necessidades dos pobres (Dt 14.28,29).

Nos dias de Malaquias, os israelitas que haviam voltado do exílio não estavam dando devidamente seus dízimos e ofertas (Mt 3.8-10). Ao que parece, preferiam guardar mais para si mesmos a dar o que Deus requeria. Ao fazerem isso, estavam não só roubando a Deus, mas, na verdade, roubando também aos levitas e aos pobres.

Será que não é isso que acontece com alguns cristãos hoje em dia? Malaquias tenta despertar um senso de responsabilidade coletiva em relação aos pobres e à adoração pública. A adoração a Deus é mais que uma religião particular; nossa relação com o Senhor envolve responsabilidades comunitárias. É uma dessas responsabilidades é dar uma parte de nossa renda para ajudar os necessitados.



## EM FOCO

## FAZER PROVA (HB. BACHAN)

(Ml 3.10; Gn 42.15,16; Sl 26.2; Jr 9.7).

Este verbo hebraico significa *provar*, *fazer prova* (Jó 23.10; Sl 139.23; Zc 13.9). Pode significar *provar*, inclusive, no sentido de discernir, discriminar, separar uma coisa da outra (Jó 34.3). Quando usado para mostrar Deus provando Seu povo, refere-se a alguém sendo *testado* para que sua fé se torne mais firme (Sl 66.10-12; Jr 17.10; 20.12). O desafio de Deus aos israelitas em Malaquias para que façam prova dele é um exemplo raro de ser o povo encorajado a provar a fidelidade do Senhor (Ml 3.10).

Mas essa palavra não pode ser confundida com outro verbo para *provar* em hebraico, *nasah*, que significa *tentar*. Este é geralmente usado em sentido negativo, para descrever, por exemplo, como Israel tentava Deus com sua infidelidade (Êx 17.7; Sl 78.18; 95.9). A lei de Moisés já advertia os israelitas de não tentarem a Deus (Dt 6.16; Sl 95.9); isso era sinal de adultério espiritual (Mt 12.38,39). Segundo Tiago, Deus prova seu povo para lhe dar a coroa da vida —mas Ele não tenta ninguém (Tg 1.12-14).

**2.17** — Deus se enfada daqueles que não se submetem a Ele, mas, sim, querem impor a opinião própria à Sua revelação. Quando vier o juízo, estes se arrependerão de o terem feito (Ml 3.5).

**3.1** — *Preparará o caminho*. Aqui está uma das maiores e mais claras profecias sobre a era messiânica. Com detalhes específicos, esse versículo se assemelha à profecia de Miquéias 5.2, que fala do local de nascimento do Messias. Em Mateus e Marcos, o anjo ou mensageiro deste versículo é revelado como sendo João Batista (Ml 4.5; Mt 11.10; Mc 1.2,3). O primeiro Senhor aqui referido diz respeito a Jesus Cristo, tal como acontece em Salmos 110.1. Três pessoas são mencionadas aqui: Deus Pai, que fala sobre o envio de um mensageiro, João Batista, que prepararia o caminho para a vinda do Senhor (Jesus).

*De repente [...] ao seu tempo*. Tanto os justos quanto os ímpios ficariam surpresos quando viesse o Messias.

*O anjo do concerto* é um título messiânico, referente Àquele que iniciaria a nova aliança (Jr 31.33,34; Mt 26.28; Hb 12.24).

*Eis que vem*. Como em Salmos 96.13, esta decisiva e marcante frase indica algo iminente por acontecer; e, no entanto, ainda demorariam 400 anos para que viesse a se cumprir.

**3.2** — Neste versículo, Malaquias fala da segunda vinda do Messias. Essa segunda vinda será para juízo e purificação (Jl 2.11; Am 5.18; Lc 21.36; Ap 19.11-21).

*Fogo do ouwires [...] sabão dos lavandeiros*. Essas duas ilustrações nos trazem imagens muito claras de um processo de purificação. O Rei Salvador irá como que peneirar Seu povo, a fim de prepará-lo para entrar em seu Reino.

**3.3** — *Purificará os filhos de Levi*. Como os sacerdotes são muito criticados neste livro (Ml 1.6—2.9), e é bem provável que o próprio profeta também fosse um deles, essas palavras têm certamente um significado muito especial.

**3.4** — A palavra hebraica traduzida aqui por *suave* se refere a coisas doces e agradáveis. Toda obra de Deus acaba resultando em prazer e alegria.

**3.5** — *Juízo*. Essa palavra também pode ser traduzida por *justiça* (Ml 2.17). O povo se perguntava onde estava o Deus de justiça; agora saberá. *Feticeiros* eram geralmente aqueles que faziam poções supostamente mágicas.

*Não me temem*. Honrar e conhecer o Senhor significa obedecer-lhe (Ml 2.5; 3.16; 4.2).

**3.6** — *Eu [...] não mudo*. Poderíamos até pensar que a intenção dessas palavras fosse a punição de Israel; todavia, muito pelo contrário, aqui nos dão certeza da eterna misericórdia de Deus.

**3.7** — A história de Israel não é um relato de obediência cada vez maior do povo ao Senhor. É, pelo contrário, uma longa e triste história das muitas vezes em que o povo se afastou de seu Deus.

*Tornai*. Eis a palavra-chave que os profetas usavam exaustivamente para chamar o povo de



## EM FOCO

DIA (HB. *YOM*)

(Mt 4.5; Gn 7.11; Pv 25.13; Am 5.8,18).

O substantivo hebraico *yom* é usado de várias maneiras no Antigo Testamento. Pode se referir às horas em que há luz durante o dia, em contraste com a noite (Am 5.8), ou a um dia de 24 horas, ou ainda a determinado dia específico do mês (Gn 7.11). Também pode se referir a um período de tempo, como, por exemplo, o tempo da sega (Pv 25.13) ou até mesmo a um ano (2 Sm 13.23). A palavra é usada também numa expressão muito importante: o dia do Senhor (Is 2.12; Ez 13.5; Jl 1.15; Sf 1.14). Para os profetas, o dia do Senhor é um dia futuro em que Deus triunfará definitivamente sobre todos os Seus inimigos. Este também será um dia de grande alegria e bênçãos para os servos fiéis de Deus (Is 2), enquanto para os ímpios e inimigos de Deus será um dia de trevas (Am 5.18).

volta ao arrependimento, à renovação e à restauração em Deus (Is 55.11; Jr 4.1; Zc 1.3).

**3.8** — Os *dízimos* eram dádivas ao Senhor, da décima parte de todos os produtos obtidos da terra, que a lei requeria. Havia três: duas ocasiões anuais e uma a cada três anos de dar os *dízimos*. Eram destinados ao sustento dos sacerdotes e levitas, assim como para ajuda às viúvas, aos órfãos e aos estrangeiros e pobres (Dt 14.28,29).

**3.12** — Uma das formas em que *todas as nações* seriam levadas a adorar o Senhor era vendo como o povo de Israel relacionava-se com seu Deus.

*Uma terra deleitosa.* O adjetivo aqui significa alegria, vida plenamente agradável (Mt 1.10). A fidelidade a Deus traria frutificação à terra.

**3.13** — Neste versículo, Deus se refere não apenas às *palavras* que o povo disse, mas também aos seus pensamentos.

**3.14** — *Que nos aproveitou?* O povo tinha suas dúvidas sobre se valia mesmo a pena servir e agradar ao Senhor. Na verdade, falhou em *guardar os seus preceitos*. A atitude correta é encorajada em, em Malaquias 4.4.

**3.15** — *Soberbos*: Essa palavra diz respeito aos ímpios rebeldes (Mt 4.1; compare com Sl 119.21; Pv 21.24; Jr 43.2).

**3.16** — Havia outros que levantavam sua voz, aqueles dentre o povo que viviam segundo a lei, os que *temiam ao SENHOR*.

*Um memorial.* Deus nunca se esquece de Suas promessas. Ele nos ensina a lembrar e valorizar

tudo de bom que as pessoas façam (Fp 4.8); diz que façamos isso porque Ele faz o mesmo. Aqueles que temem ao Senhor *se lembram do seu nome*, o honram e sabem da máxima importância dele em sua vida.

**3.17** — Estas palavras nos trazem grande alegria, pois podemos ver como Deus deseja e se orgulha em chamar cada um de nós de *filho*. A palavra hebraica traduzida por *tesouro* pode bem significar um tesouro especial. É um termo muito carinhoso, usado no Antigo Testamento somente para o povo de Israel, considerado muito precioso por Deus (Êx 19.5; Dt 7.6; Sl 135.4).

**3.18** — *O que serve a Deus.* Servir a Deus significa colocá-lo em primeiro lugar, obedecer aos Seus mandamentos e descobrir que a verdadeira alegria vem ao se glorificar o Seu nome.

**4.1-6** — O último capítulo do livro de Malaquias deixa de lado a discussão dos outros capítulos. Encontramos aqui a voz solene do Deus vivo advertindo Seu povo da certeza da vinda do dia do Senhor.

**4.1-3** — As primeiras advertências falam da certeza da vinda do dia do Senhor, enquanto outras (Mt 4.4-6) falam especificamente sobre a vinda de Elias antes daquele dia.

**4.1** — As Escrituras afirmam de modo consistente que *aquele dia vem*, o dia em que Deus virá como Juiz e confrontará os ímpios (v.5; compare com Is 13.6-10; Jl 1.15; 2.1-11; Sf 1.2—2.3; Zc 14). Os *soberbos*: O conceito de alguns, que consideravam bem-aventurados os soberbos, é exposto como um grande erro (Mt 3.15).

**4.2** — *Vós, que temeis o meu nome.* Esse é o remanescente dos justos que conhece e teme o Senhor, sujeitando-se a Ele em obediência e vivendo para Ele com fé inabalável.

*Salvação trará debaixo das suas asas.* O profeta compara o Salvador com um grande pássaro, cujas asas protetoras trazem salvação aos filhotes que buscam abrigo debaixo delas (Sl 91.1-4).

**4.3** — *Pisareis os ímpios.* A vitória dos justos sobre os ímpios é uma promessa do Deus vivo que transcende os dois Testamentos (Sl 110.4-6; compare com Ap 19.11-21).

*Naquele dia que farei,* todos nós sabemos Quem será o grande Vitorioso.

**4.4** — *Lembraís-vos.* O significado desta palavra vai além da simples recordação. Temos de entender que a Lei nos veio diretamente do Deus vivo.

*A lei de Moisés.* Tendo a Lei sua origem no Senhor, Moisés foi divinamente designado como aquele que deveria transmitir a vontade e a Palavra de Deus ao Seu povo (Jo 1.17).

**4.5** — *O profeta Elias.* A história do profeta Elias se encontra em 1 Reis 17—2 Reis 2. O Novo Testamento mostra que João Batista seria

o *Elias* que haveria de vir (Mt 11.14; 17.10; Mc 9.11-13; Lc 1.17). Essa profecia poderia vir a ser cumprida de três formas: (1) Com João Batista, sobre quem Malaquias já antes profetizara (Ml 3.1), o qual foi o primeiro a cumprir a promessa sobre o *Elias* que viria — assim como Elias, João Batista era um ministro de Deus, que chamou o povo ao arrependimento e preparou o caminho para a vinda do Messias (Mt 11.14); (2) com o próprio profeta Elias, que, junto com Moisés, apareceu pessoalmente na transfiguração de Jesus, prova irrefutável do papel messiânico do Mestre (Mt 16.28—17.8); (3) com alguém que irá aparecer no papel de Elias no final dos tempos e, tal como Elias, fará cair fogo do céu (1 Rs 18.36-40; Ap 11.1-7).

**4.6** — Malaquias encerra seu livro com uma promessa e uma advertência.

*Dos pais aos filhos... dos filhos a seus pais.* Como em todo ato de Deus que anuncia Seu juízo, Ele também oferece Sua misericórdia (Jo 4.2).

*Com maldição.* A palavra hebraica aqui sugere uma total aniquilação. É o mesmo substantivo traduzido por *anátema* no relato sobre a destruição de Jericó (Js 6.17).

# O NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO ANTIGO TESTAMENTO com recursos adicionais

O *Novo Comentário Bíblico Antigo Testamento com recursos adicionais* foge ao padrão convencional, pois foi desenvolvido para os leitores de todos os níveis, tanto os leigos que querem enriquecer seus conhecimentos bíblicos e culturais, como estudantes da Bíblia, professores de escola dominical, pastores e líderes eclesiásticos.

Como resultado de pesquisas confiáveis e consistentes de mais de 40 renomados estudiosos da Bíblia, este comentário contém um estudo conciso da Bíblia, com considerações importantes sobre cada versículo, os personagens principais das histórias narradas, questões e temas relevantes, atuais e contextualizados. Tudo isto escrito em linguagem clara e direta. É a Palavra de Deus ao alcance de todos!

## Recursos:

- Apresentação e esboço de cada livro da Bíblia.
- Mais de 500 notas comentando cada versículo ou grupos de versículos.
- Mais de 600 boxes, com estudos extras sobre a origem e o significado de palavras-chave em hebraico ou grego; cronologia; informações teológicas e históricas; princípios espirituais aplicáveis à vida cristã; tabelas e quadros relacionando personagens bíblicos, eventos narrados e fatores culturais; estudos sobre personalidade e caráter dos protagonistas bíblicos.
- Mais de 50 mapas das rotas percorridas na antiguidade pelos personagens bíblicos.
- *Artigos essenciais*, com uma rica visão do AT e esclarecimentos sobre os principais temas e doutrinas bíblicas.



Pedidos: (21) 2187-7000  
[www.editoracentralgospel.com](http://www.editoracentralgospel.com)

ISBN 857689127-1



9 788576 891277